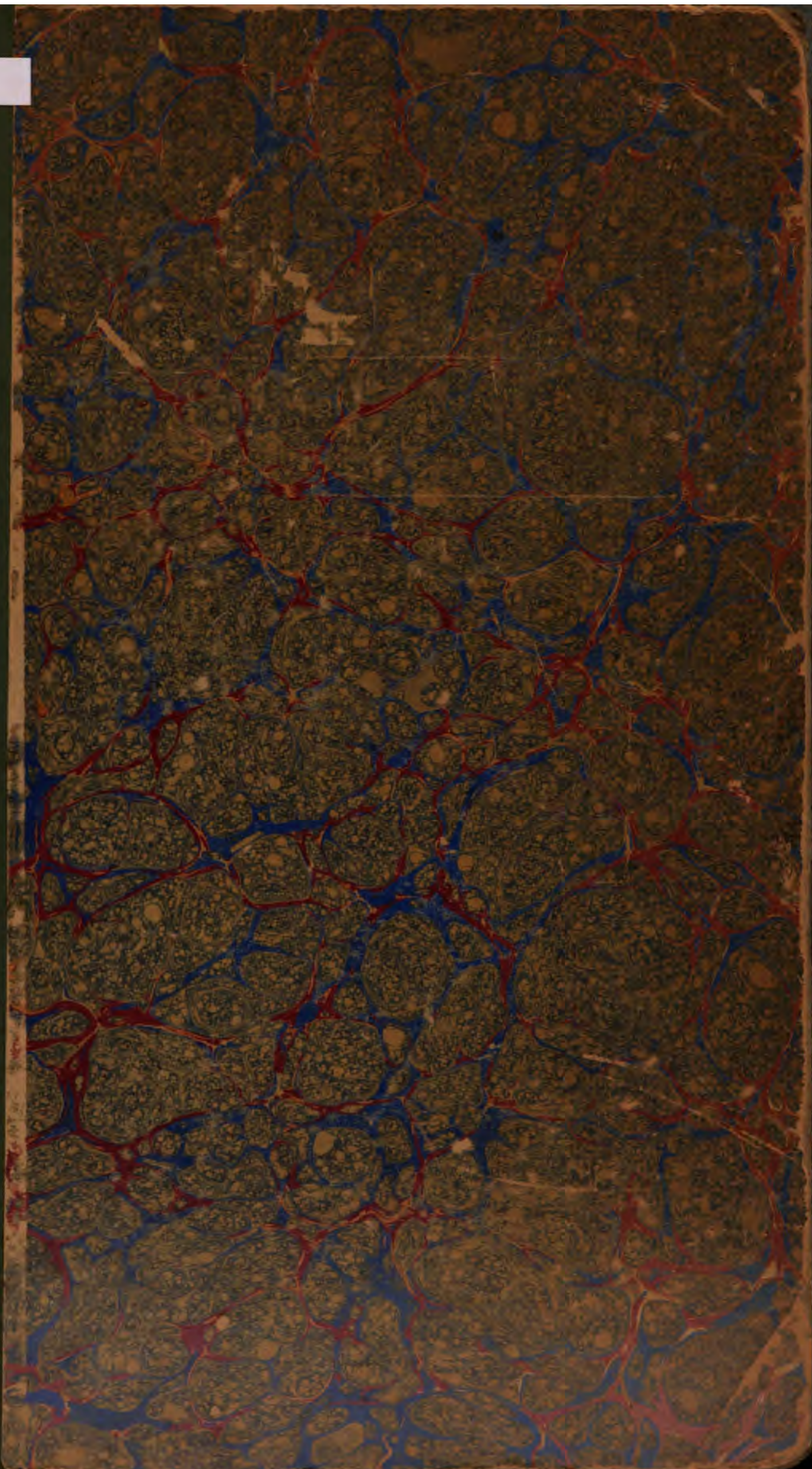





SE TAIRE ET FAIRE



ARCHIVO HERALDICO-GENEALOGICO

ARCHIVO
HERALDICO-GENEALOGICO

CONTENDO

NOTICIAS HISTORICO-HERALDICAS, GENEALOGIAS E DUAS MIL QUATROCENTAS
CINCOENTA E DUAS CARTAS DE BRASÃO D'ARMAS, DAS FAMILIAS QUE EM PORTUGAL AS REQUERERAM
E OBTIVERAM
E A EXPLICAÇÃO DAS MESMAS FAMILIAS EM UM INDICE HERALDICO

COM UM APPENDICE

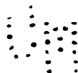
DE CARTAS DE BRAZÃO PASSADAS NO BRAZIL DEPOIS DO ACTO
DA INDEPENDENCIA DO IMPERIO

PELO

VISCONDE DE SANCHES DE BAENA, Augusto Romano Sanches de Baena e Farinha, [illegible]

É a nobreza um resplendor e claridade, que se communica áquelle que descende de pessoas que fizeram assignaladas façanhas.
Aos que se jactam de nobres, não o sendo nos costumes, pouco lhes aproveita a nobreza herdada.

ALVARO FERREIRA DE VERA, *Origem da Nobreza politica.*





LISBOA
TYPOGRAPHIA UNIVERSAL
DE THOMAZ QUINTINO ANTUNES, IMPRESSOR DA CASA REAL
Rua dos Calafates, 110

1872



Ao meu Am.º e coll.ª
Julio Roberto Dunlop.
Offerece
O Autor
[illegible]

A QUEM LÊR

Tarefa bem difficil e fastidiosa é sem duvida a do escriptor heraldico-genealogico, principalmente em Portugal, onde este ramo de estudos tem sido pouco menos que completamente descurado.

Em todos os paizes da Europa, e sobretudo na Hespanha, escriptores distinctissimos se teem occupado quasi sem interrupção d'esta materia, e dado á estampa obras monumentaes, como por exemplo as que em annos recentissimos se devem á illustrada penna do sr. D. Francisco Piferrer [1].

No entretanto é para admirar que entre nós só e unicamente possamos contar um homem, que deveras se esmerasse com inimitavel affinco a celebrar as glorias e grandezas da nossa inclita nobreza, emprehendendo e terminando no seculo passado a *Historia genealogica da Casa real portugueza*, e as *Memorias historicas e genealogicas dos Grandes de Portugal!*

Tudo quanto até aquelle tempo se escrevêra e publicára merece pouca attenção, pela deficiencia, incorrecções e falta de verdadeiro conhecimento com que a maxima parte dos escriptores tractou este variadissimo e intrincado assumpto; uns por esquivarem-se ao custoso trabalho de compulsar documentos com que, apurando a verdade, auctorisassem as suas asserções: outros por não saberem nem ainda copiar, transtornaram e inverteram não só esses documentos, mas as memorias parciaes, que nos archivos publicos e em cartorios de varias familias acharam em preciosos manuscriptos.

1 *Nobiliario de los reinos y señorios de España. Contiene las armas y blasones de los reinos, provincias, ciudades, villas y principales pueblos de España, con todos los apelidos que se encuentran en los tratados de heraldica y nobiliarios mas autorisados, etc. etc. Ilustrado con un Diccionario de Heraldica, adornado con mas de dos mil escudos de armas en cromo-litografia, etc., etc.* Madrid, 1860. Seis tomos in 4.° fr.

Archivo Heraldico, armas, timbres y blasones, etc. Adornado con preciosas laminas al cromo. Madrid, 1863. 4.° fr., dois tomos.

Armorial Español, etc., etc. Adornado con laminas finas en negro y algunas iluminadas. Madrid, 1868.

Ha ainda uma outra parte, quiçá limitadissima, dos já citados escriptores, que, receiosos de incorrer nas faltas e censuras d'aquelles, houveram por mais assisado circumscrever os seus trabalhos heraldico-genealogicos, tratando apenas de um certo numero de familias, a respeito das quaes tinham, a seu parecer, elementos sufficientes para dar como certas taes noticias [1].

Para prova do que avançamos em referencia aos primeiros escriptores, citaremos além de outras obras, o *Nobiliario do conde D. Pedro,* e o *Theatro genealogico que contém as arvores de costados das principaes familias do reino de Portugal,* pelo prior D. Tivisco de Nasão Zarco y Colona (pseudonymo). Os curiosos poderão ver o que largamente diz o sr. Alexandre Herculano ácerca da primeira [2]; e o que pondera o sr. Innocencio Francisco da Silva no que respeita á segunda [3].

Foi n'este estado de escuridão e de erros, que D. Antonio Caetano de Sousa compoz e deu á luz as duas obras que já citámos, e que bem merecem o epitheto de grandiosas e monumentaes no seu genero.

Desde então é decorrido um periodo de mais de um seculo, sem que n'este largo intervallo alguma publicação notavel heraldico-genealogica viesse enriquecer na litteratura patria este ramo dos conhecimentos humanos.

Por excepção, e em graça da verdade, não devemos deixar em silencio os valiosos, posto que limitados subsidios, que n'estes ultimos annos o distincto e laborioso genealogista João Carlos Feo Cardoso de Castello-branco e Torres nos deixou publicados em algumas das suas obras [4]; trabalhos em verdade incompletos, mas ainda assim de grande merito, por serem elaborados á vista de documentos que escrupulosamente compulsou e soube apreciar.

[1] As obras e auctores que passam por mais acreditados, e a que nos referimos são: *Benedictina Lusitana,* pelo padre mestre Frei Leão de S. Thomaz. — *Noticias de Portugal,* por Manuel Severim de Faria. — *Elementos da Historia,* pelo abbade Vallemont. — Francisco Coelho — *Historia genealogica de Casa Real (Provas da),* tom. VI, pag. 670 e seguintes. — Varias chronicas dos reis de Portugal, etc.

[2] Na *Memoria sobre a origem provavel dos livros de linhagens.* Mem. da Acad. (2.ª classe), tom. I, p. 1.ª, pag. 35.

[3] No *Diccionario bibliographico portuguez,* tom. V, pag. 388, e v. tambem o tom. III, pag. 307.

[4] *Resenha das familias titulares do reino de Portugal.* Lisboa, 1838. 8.° gr., de LXX — 301 pag. — Esta obra, comquanto noticiosa, não satisfaz a necessidade que todos reconhecem, por tractar apenas de uma parte da nobreza, e ainda assim succintamente.

Diccionario aristocratico : contendo os alvarás dos fóros de fidalgos da casa real, etc., etc. Tom I, 1840. — Ficou incompleto, parando a sua publicação na letra E; e além disso é deficiente por não terem sido n'elle contemplados os agraciados que durante o periodo dos treze annos de residencia da côrte portugueza no Rio de Janeiro foram despachados; o que o proprio auctor faz sentir na segunda pagina da introducção a esta sua obra. Quanto a esta parte, ficou supprida a falta pelo trabalho que em 1867 publicámos debaixo do mesmo titulo.

Resenha das casas titulares de Portugal. — Esta obra attingiria de certo dimensões colossaes, so pouco

Levado pois pelos bons desejos de concorrer tambem por nossa parte para aplanar estes tão difficeis quão escabrosos estudos, emprehendemos e entregamos á publicidade o presente trabalho, que outra coisa não é mais que o extracto de documentos até hoje ineditos, e sem cujo conhecimento e auxilio nos parece difficil, para não dizer impossivel, descrever com o criterio devido as genealogias da nobreza de Portugal e seus brazões de armas.

depois do começo da impressão d'ella, e antes de terminado o tomo I, não viesse a morte do auctor interromper a sua publicação. Incompleta por tão grande fatalidade, existe a parte impressa (pag. 1 até 736) na typographia da Academia Real das Sciencias de Lisboa, que resolvera publical-a a expensas proprias. Consta-nos que se trata de completar o tomo I, para ser dado á luz, tão depressa como o permittirem outros encargos do socio a quem foi commettido esse trabalho.

ALGUMAS PALAVRAS

ÁCERCA DA PRESENTE PUBLICAÇÃO

E DA SUA UTILIDADE

I

Tem havido até hoje notavel divergencia de opiniões sobre a origem das armas ou brazões de familias; e a que conta maior numero de proselytos é aquella que estabelece essa origem nos torneos da edade media; por não ser então permittido a pessoa alguma usal-as, posto que muito nobre fosse, sem se ter achado em alguns d'esses combates.

Como os torneos foram regulados em Alemanha, onde triennalmente eram solemnisados, parece dever concluir-se que alli teve principio o invento de escudos de armas, passando de lá a outras nações.

Entretanto, o estudo d'esta sciencia é, no parecer de muitos e mui graves auctores, um abysmo; e segundo diz Scohier, «quem se tiver applicado trinta ou quarenta annos a esta curiosidade achará sempre novas doutrinas.» Á vista pois de opinião de tamanho peso, e não estar ao alcance das nossas forças aprofundar esta materia com a pericia, que o padre Menestrier e (como elle diz nas suas obras) trezentos auctores antes d'elle, o fizeram; entendemos dever restringir este nosso preambulo tão sómente aos limites precisos para demonstrar com a clareza necessaria quando teve começo em Portugal o uso das armas de familia sob autorisação legal, e algumas considerações mais, que a proposito nos for suggerindo o assumpto.

II

A carta de brazão de armas mais antiga que se encontra hoje nas chancellarias dos reis de Portugal é a que foi mandada passar a Gil Simões por el-rei D. Duarte, trinta dias antes da morte d'este monarcha [1]: o que não obsta a que, cincoenta annos

[1] Vai copiada na integra — v. nos documentos appensos o n.° 1.

antes, o uso legal das armas de familia fosse instituido e determinado por sancção regia. Na segunda edição da obra de Manuel Severim de Faria, que tem por titulo *Noticias de Portugal*, a pag. 109, § 18, lê-se o seguinte : «Na conservação das «armas da nobreza pozeram os reis muito cuidado, entendendo que foram ganhadas «pelo valor dos fidalgos d'este reino, na recuperação d'elle. E como a grandeza e «segurança de seus estados consistia no valor dos nobres, por galardão e agradeci-«mento de tantos serviços, procuraram conservar as armas de cada familia. Foi «este intento tão antigo nos reis de Portugal, que se conta na *Chronica de el-rei* «*D. Fernando*, cap. 30, que mandou fazer um rico paramento todo bordado de al-«jofres, com as armas dos fidalgos de Portugal, de modo que não tiveram menos «cuidado da conservação de seus brazões, que dos appellidos; querendo que só «aquelles, a quem de direito tocavam, fossem honrados com ellas. Para isto orde-«naram os reis de armas, em cujos livros mandaram pintar as insignias de todas «as linhagens do reino. Começaram estes officios em tempo de el-rei D. João I, por-«que até então pelas poucas mudanças que houve em Portugal eram todos os no-«bres conhecidos; e pacificamente possuia cada um as heranças e honras que de «seus passados alcançára. Porém como por morte de el-rei D. Fernando se segui-«ram tão largas e continuadas guerras, sobre a successão d'esta coróa, sustentando «uns as partes da rainha D. Brites, filha do morto rei D. Fernando e mulher de «el-rei D. João de Castella, e outros as do mestre de Aviz e rei D. João I de Por-«tugal, foi tanta a variedade e alteração das coisas, que com razão diz o chronista, «que começou então n'este reino, em certo modo, a setima edade do mundo; por-«que gran parte das familias nobres que seguiram a opinião de Castella ficaram «extinctas e acabadas de todo, e algumas que sustentaram as partes de el-rei «D. João I foram de novo levantadas a grande logar. Estas não eram d'antes co-«nhecidas; para se acreditarem com o povo tomaram em muitas partes os appel-«lidos e armas d'outras familias antigas, que lhes não pertenciam. E assim diz o «mesmo autor que no dia da batalha de Aljubarrota estavam as bandeiras dos «aventureiros cheias de varias armas e insignias, que a muitos não competiam. Pelo «que considerando el-rei D. João I depois de ter o reino pacifico, como a confusão «d'esta materia era de grão prejuizo á nobreza, movido do exemplo dos reis de In-«glaterra com quem estava aparentado, introduziu o officio dos reis de armas, e de «então para cá os ha em Portugal. Prova-se isto porque Fernão Lopes, na se-«gunda parte, cap. 38 [1] da Chronica d'este rei, dá a entender claramente, que até o

[1] Eis aqui as palavras textuaes do chronista :

«Destas gẽtes que os Reys consigo tinham ordenou cada hum sua batalha, segundo costume de Espanha, e digamos logo Del-Rey de Portugal, que a poz primeiro, e esperou a praça, o qual em hum

«tempo da batalha de Aljubarrota os não houve; e o mesmo parece das historias dos «outros reis até então, nas quaes se não acha feita menção alguma de reis de armas; «e comtudo de então para cá se tracta d'elles nas chronicas dos reis, ordinariamente «nos logares que lhes cabe.»

Ora, além do que acabamos de referir e concordam todos os auctores antigos de melhor nota, accrescem ainda outras provas tanto ou mais evidentes, que são as que vão incorporadas no texto d'esta mesma obra, á similhança dos brazões passados em 20 de dezembro de 1567 [1] e em 25 de abril de 1864, para a obtenção dos quaes os impetrantes justificaram que seus avós em tempo de el-rei D. João I tiveram brazão de armas : o primeiro apresentou uma carta de brazão mandada passar pelo dito monarcha em 1427 a seu terceiro avô Pedro Gil; o segundo do mesmo modo, a que foi dada a Christovão da Fonseca da Silva. É portanto fóra de duvida que foi no reinado de D. João I, e depois da batalha de Aljubarrota, que teve principio em Portugal a arte heraldica; a qual era exercida exclusivamente pelos reis de armas, arautos e passavantes, sob a denominação de officiaes de armas [2].

campo cham cuberto de verdes vrzes, no meo da estrada, por hú os Castellaõs auiaõ de vir, ordenou dessa pouca gẽte : que tinha, duas pequenas azes, ca nom auia ahi para mais; e na primeira, que se chama a vãguarda, era o Condestabre cõ sua bandeira tendida, e dobrados escudeiros consigo, jũto com elle, por guarda della, e de seu corpo, e nesta az auia seiscentas lanças, e mais nom. Na ala direita, que nacia da põta desta az, hia Mẽ Rodriguez, e Ruy Mendez de Vascogoncelos, e doutros boõs fidalgos hũa leda cõpanhia, que por suas honras, e defensom do Reyno, entendiaõ defender o lugar, hú eraõ postos, e chamauaõ-lhe a ala dos namorados e seriom por todos duzentas lanças, e auiaõ hũa grande bandeira, ordenada á võtade de todos.

«Na outra parte na ala esquerda erom de mistura, com Antom Vazquez, e com outros Portugueses alguns estrangeiros, assi como Micer Johaõ de Monferrara, e Martim Paulo, e Bernardom Sola, e doutros Ingreses frecheiros, e outros homens darmas, que erom por todos outros duzẽtos: assi que mingoauam a estas alas da sua direita ordenança duzentos homens darmas, porque tãto auia dauer em ambalas alas, como na direita az da vanguarda : e estes tinhaõ hũa alta bandeira de Saõ Jorge, e outros balsoens de mistura : assi que a az da vanguarda com suas alas, era semeada de bandeiras, e pendoens, como a cada hum prazia de ter : ca hi nom auia entom Rey darmas, nem outro Arauto, que o a ninguem desdissesse : deshi trombetas em algũs logares, segundo se requeria, detraz os homens darmas, que erom, em ambalas alas avia bésteria, e homens de pé postos em tal ordenança que lhe podessem fazer ajuda, e empécer a seus imigos; e a az dianteira nom auia nenhũs, ca nom compriam em tal logar : alli nom auia cotas darmas, perque o Conde, nem outros fidalgos fossem conhecidos : ca inda estonce nõ era em vzo mas o Conde trazia hũa jaqueta de laam verde toda bordada de rozeiras, deshi cota, peito, e bracaes, e arnes de pernas, e guantes, segundo de cote costumaua : e sempre espada cinta, e adaga, saluo quando ouuia missa, etc., etc.»

[1] V. a carta passada a Gaspar Gil Carrilho — documento n.º 2.

[2] «Ha grande differença entre os feciaes dos romanos, e os reis d'armas portuguezes, segundo o regimento que o senhor rei D. Manuel fez para os officiaes de armaria; e mais proprio será applical-os aos nossos arautos, que são os segundos entre os reis de armas e os passavantes, dos quaes arautos

Não se encontram hoje registradas as cartas dos ditos officios, mas não admira, porque em identicas circumstancias nos achamos na actualidade [1].

Nas cartas de brazão passadas a Gil Simões e a seu irmão Vicente Simões em 1438; na carta de perdão ao Extremoz arauto, em 1439 [2], e na de doação de certos bens ao rei de armas Algarve, em 1442 [3], se reconhece pela leitura d'ellas, que existiam desde muito preenchidos esses logares, e que não foi, como erradamente affirmam varios escriptores, el-rei D. Manuel quem os instituiu, nem tão pouco o seu primeiro reformador; porque já anteriormente, em 1476, el-rei D. Affonso v fizera varias reformas e reparou alguns abusos, como se vê do seguinte documento:

« Dom Affonso, etc. A quantos esta minha carta virem, faço saber que a mim praz « movido por alguns justos e bons respeitos que nenhum rei de armas, arauto, nem « passavante, nem outra alguma pessoa possa ordenar nenhumas armas por mim no« vamente dadas, nem por outra maneira alguma confirmadas, senão Portugal meu « rei de armas, que me praz e quero que em sua vida este carrego tenha e não ou« tra alguma pessoa, posto que lhe em algum tempo seja mudado o nome de Portu« gal por qualquer maneira que seja. E assim tenha como agora tem o livro dos re« gistros e tombo das ditas armas por mim novamente dadas e por elle ordenadas. « E das armas de todos os fidalgos antigos e de linha direita. E quero que haja de « cada uma pessoa a que assim as ditas armas ordenar por meu mandado e por « qualquer outra maneira, um marco de prata de seu fôro, assim como o haviam « os outros reis de armas que ante elle foram. E porém mando aos meus chancel« leres e escrivães da chancellaria, e a quaesquer outros que seus carregos tiverem, « que acontecendo que alguma carta de armas á sua mão vá, não sendo certificadas « que por elle dito Portugal foram ordenadas e em seu livro ficam registradas « e assentadas e pintadas, tal carta não a sellem nem passem em maneira alguma.

logo faremos menção. Ora os reis de armas foram entre nós introduzidos pelo sr. rei D. João I, como se mostra na sua chronica, escripta por Fernão Lopes, *part.* 2.ª *cap.* 38, depois da batalha de Aljubarrota: porque divisando nas bandeiras dos aventureiros armas e insignias que lhes não competiam, e querendo evitar o prejuizo que recebia n'isto a nobreza dos seus reinos, creou á imitação dos reis de Inglaterra o officio de rei de armas. Mas como no tempo do sr. rei D. Manuel não estava este officio ainda n'aquella perfeição que requeria, mandou Antonio Ribeiro, seu rei de armas, ás côrtes estrangeiras para se informar do methodo que se usava na distincção e conservação das armas e brazões da nobreza. » — *Historia do Povo romano*, por José Thomaz de Aquino Barradas, tom. I pag. 110.

[1] Não admira que então houvesse taes omissões; mas o que deve admirar é o que ao mesmo respeito se está passando hoje! Existem altos funccionarios, que percebem pelo thesouro pingues ordenados, e cujos nomes se não encontram nas chancellarias dos reis contemporaneos!...

[2] Chancellaria de el-rei D. Affonso v, liv. XVIII, fl. 20. — V. adiante o documento n.° 3.

[3] Chancellaria do mesmo rei, liv. XXIII, fl. 59, e liv. X da Extremadura, fl. 24.— Vai na integra copiada: documento n.° 4.

«E em caso que passem não sendo lembrados d'esta minha carta ou em outra «qualquer maneira, quero que as ditas armas não sejam valiosas, e o dito rei de «armas as possa ordenar a outro qualquer que eu novamente der armas. E assim «o mando a todos os escrivães da minha côrte, assim da puridade como da camara «e fazenda, e quaesquer outros que ahi houver, que nenhum d'elles seja tão ousado «que nenhuma carta de armas por mim novamente dadas nem confirmadas, façam «nem mandem fazer, salvo por mandado e portaria do dito rei de armas. E por «esta mando e defendo que nenhum plebeu nem outra alguma pessoa tragam ne- «nhumas armas, em escudo, salvo se fôr fidalgo de cota de armas, sob pena de «pagar um marco de prata para o dito rei de armas. Porque assim é minha mercê «e o sinto por meu serviço: e mando a todas as justiças de todos os meus reinos e «senhorios que cumpram e guardem, e façam cumprir e guardar e dar execução «a esta minha carta como em ella é conteudo sem outro nenhum embargo nem du- «vida. Dada em Toro a 21 de maio. Henrique Ribeiro a fez, de 1476. etc. etc.» [1]

III

Vê-se pois, como el-rei D. Affonso v entendeu dever reformar certos abusos, a respeito do modo porque se davam brazões e armas, commettendo esse mister unica e exclusivamente ao seu Portugal rei de armas.

Estabelecidas assim as coisas continuaram sem interrupção até ao começo do reinado de D. Manuel, e ainda em 1504 foi passada uma carta de brazão de armas em conformidade d'aquella auctorisação. (V. no fim d'estas considerações e advertencias preambulares o documento n.° 5.)

Mais tarde porém, chegando ao conhecimento d'este monarcha o estado pouco lisongeiro em que a arte heraldica se achava entre nós, resolveu mandar aos reinos estrangeiros pessoa idonea, para estudar esta sciencia, a fim de tratar com acerto da sua reorganisação.

Recaiu a escolha para tão honroso cargo no bacharel em leis Antonio Rodrigues, que pelos annos aproximadamente de 1509 partiu para o seu destino, acompanhado do arauto Martim Vaz [2]. Em seguida creou o mesmo soberano uma commissão composta do principal rei de armas, do mestre Arriet (pintor alemão), e de Antonio Godinho, escrivão da sua camara, e ordenou-lhes que compozessem dois livros com

[1] Acha-se esta carta registrada no Real Archivo, na Chancellaria d'el-rei D. Affonso v, liv. vi fl. 91, e liv. d'Extras fl. 152 e 183.

[2] Parece que Antonio Rodrigues ao recolher-se a Portugal trouxera comsigo o francez Jean du Cros. V. no I. H. artigo *Cros*.

as armas illuminadas de todas as familias do reino, um que se guardaria na Torre do Tombo, o outro que ficaria em poder do armeiro-mór. O primeiro, que ainda existe na Torre do Tombo (Real Archivo) com um prologo do dito Antonio Godinho, tem por titulo ou epigraphe : LIVRO DA NOBREZA, PERFEIÇÃO DAS ARMAS [1] DOS REIS CHRISTÃOS, E NOBRES LINHAGENS DOS REINOS E SENHORIOS DE PORTUGAL.

O mesmo rei mandou em uma das salas dos seus paços de Cintra pintar em roda das armas reaes e das da sua familia, setenta e quatro escudos com as armas das familias seguintes : Abreus, Aboins, Aguiares, Albergarias, Albuquerques, Almadas, Almeidas, Andrades, Arcos, Azevedos, Ataides, Barretos, Bittencourts, Borges, Britos, Cabraes, Carvalhos, Castellos-brancos, Castros de seis arruelas, Castros de treze arruelas, Coelhos, Cortes-reaes, Costas, Coutinhos, Cunhas, Eças, Farias, Ferreiras, Gamas, Goes, Gouveas, Goyas, Henriques, Lemos, Limas, Lobatos, Lobeiras, Lobos, Malafaias, Manueis, Mascarenhas, Meiras, Mellos, Mendonças, Menezes, Mirandas, Monizes, Mottas, Mouras, Nogueiras, Noronhas, Pessanhas, Pachecos, Pereiras, Pimenteis, Pintos, Queirozes, Ribafrias, Ribeiros, Sás, Sampaios, Sequeiras, Serpas, Serveiras, Silvas, Silveiras, Souto-maiores, Sousas, Tavares, Tavoras, Teixeiras, Valentes, Vasconcellos, e Vieiras.

Na chronica do mesmo monarcha escripta por Damião de Goes, p. 604 (edição de 1749) lê-se o seguinte : « Que el-rei mandou ver todas as sepulturas do reino para « d'ellas se notarem as armas e insignias, letreiros que n'ellas havia, das quaes ar« mas mandou nos paços de Cintra pintar todos os escudos com suas côres e tim« bres, etc., etc. » Este auctor não reparou que, só no archivo da repartição de que era guarda-mór, existiam (e existem ainda hoje) registrados trinta e dois brazões de armas até ao anno de 1509, anno que nos parece anterior ao em que el-rei D. Manuel mandou fazer a alludida pintura; e que d'essas trinta e duas armas de que deveria ter conhecimento o chronista e guarda-mór da Torre do Tombo, sómente tres figuram na sala de Cintra, a saber : as dos Goes, Lobos, e Mascarenhas. E nenhumas outras.

Como concordar tão dispendiosas e difficeis buscas feitas por todo reino, segundo affirma e encarece o chronista, com a facilidade que este havia, de examinar no proprio archivo, commettido á sua guarda, onde em poucas horas depararia com aquelles brazões de armas?

É mister acrescentar que os vinte e nove brazões de armas ignorados por Damião de Goes, não eram tão pouco de familias desconhecidas, pois entre ellas figuravam

[1] D. Antonio Caetano de Sousa trata d'este livro na sua *Historia genealogica*, tomo I, appar. pag. CXCIV; mas não o viu ao que parece, pois traz a epigraphe acima alterada pelo modo seguinte : *Livro da Nobreza per Fernão das Minas*, etc.

as dos Alcaçovas, Amaraes, Azambujas, Arcos, Bandeiras, Bottos, Caceres, Camaras, Campos, Caãos, Chaves, Correas, Esteves, Gantes, Garcezes, Lemes, Perestrellos e outros, como largamente se vê no texto d'este nosso livro.

Devemos tambem notar que nos livros do cartorio da nobreza, que desde muitos annos existiam, como está provado, deveriam achar-se registrados muitos brazões de armas de successão, além dos registrados na Torre do Tombo: e é de crer que sómente esses ultrapassassem muito além o numero dos setenta e quatro que el-rei D. Manuel mandou pintar na sala de Cintra.

O que nos parece mais plausivel e certo é, que os setenta e quatro escudos de armas que se pintaram na referida sala representavam as familias das pessoas dos officiaes-móres, e outros empregados de elevada categoria da côrte d'aquelle monarcha. D. Luiz Caetano de Lima na sua *Geographia historica*, D. Antonio Caetano de Sousa na *Historia genealogica da Casa Real*, e outros mais escriptores, nos auctorisam a pensar assim.

Em resumo, o que podemos inferir sem incorrer na pecha de exagerado, é que el-rei D. Manuel foi o primeiro monarcha que fez surgir do cahos em que jazia, a arte heraldica de Portugal [1].

IV

D. João III, a exemplo de seu pae, continuou a attender escrupulosamente a tudo quanto poderia tornar effectiva a ordenação de 18 de julho de 1512, como se evidencia pela carta passada em 1535 ao bacharel Antonio Rodrigues (documento n.º 7).

Desde então até ao principio do seculo decimo-oitavo nada poderemos notar que por extraordinario valha a pena de mencionar-se.

D. João V, por motivos que nos não foi possivel averiguar, mas que não poderiam ser outros que a existencia de alguns abusos praticados pelos reis de armas no exercicio das suas funcções, nomeou na qualidade de reformador do Cartorio da Nobreza o padre frei José da Cruz [2], tendo esse officio por encargo não sómente syndicar a verdade das allegações dos impetrantes, mas tambem a factura dos brazões de armas.

Por morte d'este, foi provido no dito logar frei Manuel de Santo Antonio, como se prova pelo documento n.º 9.

Estes dois empregados corresponderam sem duvida á confiança que n'elles depositou o rei. Para o demonstrar basta ler os valiosos manuscriptos que o ultimo (frei

[1] Vej. a sua ordenação de 18 de julho de 1512 adiante transcripta. — Documento n.º 6.

[2] Prova-se entre muitos pelo documento que adiante vai transcripto sob n.º 8.

Manuel de Santo Antonio) nos deixou em heraldica, e se conservam ao presente na Bibliotheca Nacional de Lisboa.

Os serviços prestados por estes dois estrenuos reformadores elevaram esta sciencia a um grau de adiantamento e perfeição, a que ainda não tinha chegado em Portugal. Mas como não só esta senão todas as coisas humanas se acham sujeitas ás vicissitudes dos tempos, e sobrevem á grandeza o abatimento, foi assim que lhe aconteceu, no nefasto dia 1.º de novembro de 1755, que enlutou toda a cidade de Lisboa! A par de muitas outras preciosidades serviu conjuntamente de pasto ás chammas todo o Cartorio da Nobreza! Além dos immensos documentos n'elle existentes, que serviram de base á concessão dos brazões de armas desde longa data, perderam-se na fatal catastrophe de envolta com elles os treze valiosissimos livros *in-folio* em que estavam registradas cerca de tres mil cartas de brazões de armas; d'estas apenas cento e cincoenta foram salvas, por se acharem copiadas em um livro particular que estava fóra do cartorio, e que pertencia ao reformador de então, frei Manuel de Santo Antonio.

Este livro continuou a servir depois, até ao anno de 1764, e foram n'elle registradas além das cento e cincoenta de que já fallamos mais cento e nove, até que em 1765 se começou nova escripturação de taes registros; e desde então para cá existem nove livros designados numericamente de n.º 1 a 9.

É depois da morte do ultimo reformador, que a arte heraldica se tornou de novo estacionaria entre nós; e muito teria retrogradado, se de algum tempo a esta parte se não tivessem a isso opposto o zêlo e illustração do actual escrivão da nobreza o sr. Henrique Carlos de Campos.

V

Foi grande e irreparavel a perda que n'esta parte (além de outras muitas) nos causou o terremoto de 1755!

A não ser ella, poderiamos ver hoje figurar n'esta obra, a par de simples indicações genealogicas, um numero mui mais crescido de homens notaveis por acções e feitos em que o historiador, e até o bibliographo teriam que aproveitar. Como é sabido, foi uso antigo e continuou a sel-o ainda por muito tempo, descreverem os impetrantes em seus requerimentos e allegações (auctorisadas com os indispensaveis documentos) não só a parte genealogica, mas ainda a narração ás vezes minuciosa de todos os factos honrosos da sua, e da vida publica de seus paes e avós, como se deduz de um avultado numero de exemplos que vão no corpo d'esta obra.

Ora d'essa grande massa de biographias que se perderam, restam-nos as poucas que se salvaram; e as que subsequentemente foram registradas: entre as quaes bom

será que consignemos aqui por amostra a resenha de uma parte das que figuram n'este nosso trabalho. Comprehende elle as de dezeseis abbades, um adail-mór, um ajudante general, sete alcaides-móres, um aposentador-mór, um arcediago, um arcipreste, cento quarenta e seis bachareis formados em differentes faculdades, vinte barões, dois bispos, seis brigadeiros, tres capellães fidalgos, duzentos e dois capitães de primeira e segunda linha, capitães tenentes e de mar e guerra, sessenta e sete capitães-móres, um capitão general, trezentos noventa e quatro cavalleiros de differentes ordens militares, um chanceller-mór, tres chantres, cinco chefes de esquadra e de divisão, cento e onze commendadores de varias ordens militares, quatro condes, sete conegos, quarenta e cinco coroneis, quarenta e seis conselheiros, dois consules geraes, oito contractadores do tabaco, trinta e sete desembargadores, noventa e nove doutores, sete embaixadores e encarregados de negocios, sessenta e tres familiares do Santo Officio, trezentos sessenta e um fidalgos da casa real, dezeseis governadores, dois grã-cruzes, treze lentes, tres majores, dois marechaes de campo, onze mestres de campo, oito ministros de estado, quinze monteiros-móres, um mordomo-mór, seis ouvidores, seis pares do reino, quatro physicos-móres, quarenta e cinco presbyteros, sete priores, oito provedores de saúde, das armas e da real fazenda, oitenta e um sargentos móres, trinta e cinco tenentes coroneis, dois tenentes generaes, sete vigarios e dezesete viscondes.

Esta relação convida-nos a abrir um parenthesis para observar quão immenso é o numero de pessoas, que na actualidade se pavoneiam com brazão de armas, na portinhola de suas carruagens, em anneis, e nos differentes logares em que elles se podem collocar, isto em flagrante contravenção de todas as leis antigas e modernas, e a despeito das penas n'ellas cominadas [1].

E note-se que sobre todos são os titulares os que com mais ostentação incorrem n'essas penas!

Existiam até o anno de 1856 não menos de trezentos e quinze titulares; desde então para cá tem crescido prodigiosamente esse já crescido numero, que no *Almanach* d'aquelle anno a pag. 103 e seguintes vem do seguinte modo relacionado: duques sete, marquezes vinte e um, condes setenta e nove, viscondes com grandeza trinta e trés, barões com grandeza treze, viscondes sessenta e nove, barões noventa e tres (devendo contar-se além d'estes os bispos, os pares do reino, conselheiros de estado, etc.). Pois de todos estes apenas vinte e seis tiraram cartas de brazão de armas, usando-os todos os mais independentemente d'essa indispensavel auctorisação,

[1] Ha uma lei que determina que dentro do praso de dois mezes todas as graças e mercês regias sejam registradas no Real Archivo, sob pena de ficarem de nenhum effeito: mas não obstante esta disposição poucos são os brazões, tanto de mercê nova como de successão, que vão ao registro competente.

sendo aliás expresso na lei que «os descendentes não poderão usar das ditas armas sem cada um d'elles haver diploma em que se lhes concedam, etc.»

Ha trinta annos a esta parte, isto é, desde 1841 teem-se passado cento trinta e quatro cartas de successão, e de mercês novas quarenta e uma (pertencendo dezeseis d'estas aos annos decorridos de 1865 para cá). São mais as mercês novas n'este periodo que todas as concedidas em todo o tempo anterior da monarchia, a contar de 1438! Assim o demonstra claramente o mappa resumido que ajuntámos a este trabalho. Causa espanto e admiração como se teem dado tantas mercês novas ultimamente a pessoas, que pela maior parte nem ao menos allegaram haver prestado alguns serviços ao paiz, quando similhantes graças só podem ser conferidas por virtude de relevantissimos serviços authenticamente provados. Por um lado impõe o governo um direito quasi prohibitivo a quem quer fazer uso legal de suas armas; pois de cada carta de brazão passada hoje entram nos cofres publicos 242$000 réis — e por outro concede-as de um modo pouco decoroso, porque as facilita ao primeiro bem-vindo que póde e quer pagar as despezas — e até consente, tolera e apoia que todo o mundo as traga sem pagar nada!... Apoia, dizemos; porque em repartições publicas, tanto ecclesiasticas como civis, ha chefes que usam de sellos e signetes com armas que, ou não são suas, ou se o são não pagaram para as usar os competentes direitos.

Ainda não ha muito tempo que um ministro portuguez em certa côrte estrangeira mandou pedir a um gravador que lhe arranjasse um signete com as armas de tal familia, *porque lhe constava descender d'ella, etc.* — sem se lembrar, ou ignorando talvez que tal pedido implicava com o disposto na Ord. do liv. v, tit. 92!!

Eis aqui porque julgamos a publicação d'esta obra não sómente util á heraldica, á historia e á bibliographia, mas ainda um bom serviço prestado aos interesses da fazenda publica nas difficeis circumstancias do thesouro. Lance o governo os olhos para os abusos que existem, e que devem merecer-lhe attenção. Faça observar a lei, e punir de conformidade com ella os seus infractores. Não serão elles menos de cinco mil, por um calculo approximado, em todo o continente de Portugal, ilhas adjacentes e dominios ultramarinos. Por este modo tornar-se-ha a coisa mais appetecida, e lucrará a receita do estado uma quantiosa somma, que não é de desprezar.

VI

Pareceu-nos que seria além de superfluo excessivamente monotono descrever repetidas vezes as armas de uma mesma familia. Para evitar esse inconveniente, consignámos em um *Indice Heraldico*, que vai em seguida a este *Archivo*, a descripção

completa das armas de todas as familias de que havemos noticia que em Portugal tiveram e registraram cartas de brazão de armas.

Emquanto ás que primitivamente foram lançadas desde 1438 até 1683 nos livros das chancellarias dos nossos reis, entendemos que seria de interesse para curiosos não eliminar aquella parte; porque hoje vemos que algumas armas ha alli exactas, que se deram alteradas; e outras ha alli irregulares, que depois se emendaram arbitrariamente [1], como verá o leitor em algumas notadas em logar competente para servirem de exemplo.

A causa de similhantes faltas e abusos não é facil perscrutar.

Á primeira vista parece que taes culpas só podem recair sobre duas classes de funccionarios : nos officiaes de armas, a quem competia redigir as referidas cartas, e nos que na Torre do Tombo as registravam. Os primeiros por absoluta falta de conhecimentos na materia; os segundos pela pouca attenção com que talvez as transcreviam. Tambem póde mui bem ser que a prepotencia da fidalguia de então tivesse maior ou menor parte n'essas transgressões. Seja como for, o facto existe, e cumprimos um dever em apontal-o.

Tambem para não tornar esta obra mais volumosa assentámos em descrever a maior parte dos brazões de mercê no dito *Indice*, com referencia n'este á pagina em que se achar o agraciado no *Archivo,* e vice-versa.

Da mesma sorte não nos parece que seja ocioso dar aqui a seguinte explicação : as cartas que concediam antigamente o uso de armas de nobreza a quem não as havia por successão, chamadas de *mercê nova,* ou ainda aquellas que confirmavam as de algum estrangeiro que vinha definitivamente residir em Portugal, e provava havel-as no seu paiz, eram assignadas pelo regio punho [2]. Egualmente o eram as de confirmação a portuguezes que as tinham adquirido em paiz estranho, ou queriam accrescentar estas ás que já possuiam. Depois passou esta expedição a ser do mesmo modo feita por alvarás em logar de cartas, e ainda hoje assim se procede.

As cartas de successão de armas foram porém sempre, e são ainda agora assignadas pelo rei de armas, e as de algum tempo a esta parte teem a rubrica do mordomo-mór da casa real.

Houve em varios reinados (e por assim dizer até á epoca em que foram creados os reformadores do Cartorio da Nobreza) reis de armas que passavam cartas de successão em forma de certidão, ou certidões em forma de cartas [3], como se verá nas

[1] Além de outras, vejam-se as de mercê nova a Fernão Gil. — Documento n.° 10.

[2] V. por exemplo entre outros o documento n.° 11. — E como illustração do assumpto v. tambem os n.os 12 e 13.

[3] Posto que assim fosse em geral, vê-se que ás vezes havia escrupulo da parte de pessoas mais gra-

que vão em supplemento a este *Archivo,* encontradas entre os manuscriptos da Bibliotheca Eborense no codice $\frac{CXVII}{2-16}$ em numero de setenta e cinco, e em mais algumas que achámos em cartorios particulares.

As cartas que encontrámos registradas no Real Archivo são em numero de quinhentas vinte e seis, em que se incluem tanto as de successão, como as de mercê nova. As registradas no Cartorio Privativo da Nobreza sobem em uma e outra especie a mil oitocentas cincoenta e tres. Das primeiras todo o trabalho e extracto foi feito debaixo da nossa immediata inspecção. Quanto ás segundas foi confiado a pessoa da eleição do actual escrivão privativo, e levam o *confere* do mesmo, com a sua rubrica.

Não obstante os cuidados e attenção que votámos a este trabalho, sem nos poupamos até mesmo ás maiores despezas para leval-o a cabo, nem por isso temos a veleidade de o considerar tão perfeito que não mereça os reparos dos mais competentes que nós n'este intrincadissimo assumpto. Acolheremos pois de bom grado quaesquer observações que benevolamente nos forem communicadas, concernentes a emendar as faltas ou descuidos em que por acaso e bem apezar nosso tivermos incorrido.

ves e sisudas, que não se contentavam de aceitar taes certidões em fórma de cartas, e recorriam por isso aos meios legaes para obterem seus brazões na devida fórma. Sirva como prova o documento n.º 14.

DOCUMENTOS

DOCUMENTO N.º 1

Carta passada a Gil Simões, pela qual lhe foram dadas armas, e havido elle e os que d'elle descenderem por fidalgos (1438).

DOM DUARTE etc. A quantos esta carta virem fazemos saber, que Gil Simões cavalleiro nosso criado nos disse como bem sabiamos a gram criação per longo tempo que em elle fizemos e seu irmão Vicente Simões escudeiro da nossa caza. E esso mesmo os muitos e boons serviços que delles tinhamos recebidos em a guerra dos Mouros que ora com elles ouvemos. E como outrosim foram com o Iffamte dom amrrique. E com o Iffamte dom fernando meus irmãos sobre Tamger cercados com elles em o pallamque do infimdo poderio dos mouros que sobre elles veo seemdo elles por nosso serviço em muitas e booas cousas e feridos per muitas vezes postos em grandes trabalhos e perigos guerreamdo comtra elles per terra e per mar aguisa de boons em navios e em fustas nossos e seus seemdo delles capitães damdo sempre de si comto de boons. E que pero que assi sejam homens de boa geração e tenhão divido com alguns bons cavalleiros fidalgos dos nossos reinos de que elles poderiam trazer suas armas ou signaes direitamente a elles prazia mais de lhas nós darmos per seus bons merecimentos que as averem per outra maneira. E que porem nos pediam por mercee que em galardam de seus bons costumes e serviços e trabalhos nos prouvesse de lhe dar armas que elles e todos de sua linhagem possam trazer e se refertar por fidalgos e gemtiis homens e gouvir de todos os privilegios e liberdades de fidalgos e gentiis homens. E nós vemdo seu justo pedir seemdo em verdadeiro conhecimento de todos seus bons feitos e serviços que delles temos recebidos e emtemdemos de receber E queremdolhe fazer graça e merce como áquelles que por nosso serviço e seu bom acrecemtamento sempre se trabalharom de acrecemtar de louvor darmas presemte os nobres do nosso comselho e fidalgos cavalleiros e gentiis homens da nossa corte e officiaes darmas segundo se per direito requer lhe damos e outorgamos que elles sejam e possam trazer daqui em diante por armas pera elles e todos de sua linhagem que delles vierem e descenderem hum escudo branco com uma pimta verde e em elle um lião negro rompente gretado douro com unhas e lingua vermelhas as quaes armas lhe nos damos e outorgamos pera elles e todolos que delles vierem e descemderem e os avemos por fidalgos e gemtiis homens. E queremos e mandamos que ajam todos privilegios e liberdades e honras que os fidalgos ham e de direito devem aver como aquelles que per seus merecimentos o merecem. E em testemunho dello lhe mandamos dar esta nossa carta assignada per

nos e assellada do nosso seelo do chumbo. Damte em a villa daviz dez dias de julho Adartim gill a fez era de mil quatrocentos trinta e oito annos.

(Registrada no Real Archivo da Torre do Tombo, na *Chancellaria de el-rei D. Duarte*, livro I, folhas 236, e livro IV *de Misticos*, folhas 45.)

DOCUMENTO N.º 2

Carta de brazão de armas passada a Gaspar Gil Carrilho em 1567.

DOM SEBASTIÃO etc. Aos que esta minha carta de fidalguia e nobreza de brazão d'armas virem faço saber que a mim me fez petição o capitão de cavállos Gaspar Gil Carrilho natural da villa de Castello da Vide na qual me enviou dizer que elle era filho de Catharina Carrilho da Serra e do capitão Manuel Gil Velho fidalgo muito estimado do Senhor Rei D. João meu avô que santa gloria haja, neto por sua mai de Catharina da Serra e de Gonçallo Fernandes Carrilho fidalgo castelhano que servio bem a esta casa filho de D. Maria Servantes e do coronel Gonçallo Carrilho que foi irmão do 1.º conde de Cabra, e por seu pai Manuel Gil Velho, neto de Beatriz Gonçalves Paredes e do capitão de cavallos Fernão Gil d'Albuquerque filho de Gil Aff.º Fernandes, neto de Pedro Gil e bisneto de D. João Aff.º Senhor d'Albuquerque, e tresneto de D. Aff.º Sanches, e por quanto por via dos ditos seus avós e mais ascendentes era fidalgo de solares conhecidos, descendentes de senhores de vaçalos e grandes principes que a este reino fizerão bons serviços e para a memoria dos ditos seus passados se não perder cuja nobreza elle concervava lhe mandasse passar carta de fidalguia e brazão d'armas dos Alboquerques Carrilhos Serras e Velhos como d'ellas uzavão os ditos seus passados avós a qual sendo vista por mim mandei sobre ella tirar inquirição de testemunhas pelo doutor Paulo Aff.º do meu conselho e meu dezembargador do paço, e pela larga prova de testemunhas verdadeira informação que se tirou papeis antigos e brazões que se juntárão fui certificado descender o dito capitão Gaspar Gil por seu pai e baronia de D. João Aff.º filho de D. Aff.º Sanches, e por sua mai do coronel Gonçallo Carrilho filho de D. Pedro Fernandes de Cordova e dos mais nomeados em sua petição que aos Senhores Reis meus antepassados servirão bem e como bons fidalgos os estimárão e lhe mandei dar esta carta de fidalguia e brazão d'armas que me pedia illuminadas em escudo esquartellado com uma cruz de prata por differença que uzava em seu escudo D. Aff.º Sanches 5.º avô do supplicante e n'ella e no 1.º quartel as armas dos Albuquerques, a saber : sobre cruz de prata que atravessa todo o escudo os 5 escudos de Portugal azues com quinas de prata e no 1.º quartel em campo vermelho 5 flores de liz d'ouro postas em aspa, no 2.º as dos Carrilhos da casa de Cabra que uzão castello d'ouro em campo de sangue, no 3.º as dos Serras que são em campo vermelho castello de prata sobre um monte verde 2 cabeças de serpe ver-

des salpicadas d'ouro, no 4.º quartel as dos Velhos que são em campo vermelho 5 vieidas d'ouro em aspa empequetadas de preto, por timbre castello vermelho com flor de liz d'ouro e por secção de uma carta de fidalguia que o Senhor Rei D. João de boa memoria dera no anno de 1427 a Pedro Gil 3.º avô do dito capitão Gaspar Gil e lembrança da honra que a elle e a seus descendentes desejo fazer em satisfação de seus serviços lhe mandei accrescentar n'esta carta de fidalguia e brazão d'armas o coronel posto ao pé do timbre assim como uzárão seus avós D. Aff.º Sanches e D. João Aff.º do qual escudo pela maneira assima declarada e estampado poderá uzar o dito capitão Gaspar Gil e seus descendentes em todas as ocaziões e logares q̃ d'elle quizerem uzar sem embargo ou contradição que a elle seja posto por que assim é minha mercê. Dada em a cidade de Lisboa aos vinte de Dezembro. ElRei o mandou por Gaspar Velho seu Portugal principal Rei d'Armas, Jeronimo de Mattos escrivão da nobreza a fez e subscreveu, anno do nascimt.º de Nosso Senhor Jezus Christo de 1567 annos, Jeronimo de Mattos a fiz escrever e subscrevi.

(Registrada no Real Archivo, na *Chancellaria de el-rei D. Sebastião*, livro XVII, folhas 530.)

DOCUMENTO N.º 3

Carta de perdão passada ao Arauto Estremoz, por haver matado sua mulher (1439).

DOM AFFONÇO etc. A todolos Juizes e Justiças de nossos Regnos a que esta carta for mostrada sabede que Estremoz nosso Arauto nos disse que elle fora culpado na morte de Catelina Anes sua mulher e que depois da sua morte elle se fora a nossa cidade de Ceuta com Dom Sancho de Loronha meu primo e estivera em ella um anno cumprido e que depois por ter desejo e vontade de servir se fora com o Iffante Dom Fernando meu tio em armada de Tanger que El-Rei meu Sênhor e Padre cuja alma Deus haja mandara sobre ella fazer esteve no cerco de Palanque ate o reconhecimento *até* do Iffante Dom Henrique meu Tio a frota e da vinda que viera estivera na dita cidade ceis mezes pela qual morte suplicara ao dito Senhor e meu Padre que em galardam do serviço e trabalho que levara lhe perdoasse a nossa justiça se a ella por a dita morte era tudo E o dito Senhor por razão do dito serviço que fizera se assim era que elle servira em a dita cidade de Ceuta o dito tempo estivera no cerco e Palanque até o reconhecimento do Iffante Dom Henrique afora lhe perdoava a sua justiça se a ella por a dita morte era tudo contanto que elle fosse ainda servir e estar em a dita cidade de Ceuta nove mezes cumpridos segundo todo esto e outros melhores e mais compridamente som conteudas em uma carta de perdão que do dito Senhor Rei tinha e ora dizia o dito Estremoz Arauto que por quanto em conselho e hordenação que se foi no dito Palanque ate o reconhecimento do Iffante

lhe fosse relevada ametade do tempo que havia de servir nos pedia por merce que em galardão do dito serviço que assim fizera o relevassemos d'ametade do dito tempo. E nós vendo o que nos assim dizia e pedia e querendo-lhe fazer graça e merce relevamos o dito Estremoz d'ametade do dito tempo de nove mezes que assim havia de servir e mandamos que va servir e estar em a dita cidade de Ceuta quatro mezes e meio cumpridos e se aprezente na dita cidade perante os de Dom Fernando da data d'esta nossa carta ate dois mezes em o qual tempo elle não entre no lugar onde o dito maleficio foi feito. E esto por determinação do conselho sobre esto feita. E porem vos mandamos que o não prendaes nem o mandeis prender nem lhe façaes nem consintaes fazer mal nem outro algum dezaguizado quanto he por a dita razão morte que nossa merce e vontade he. E o relevamos do dito tempo pela guiza que dito he. E al nom façades. Dante em Lisboa treze dias do mez d'Abril ElRei o mandou por Affonço Giraldes e Luiz Martinz seus vassalos e do seu dezembarguo. Francisco Botelho a fez anno de mil quatrocentos trinta e nove annos.

(Registrada no Real Archivo, na *Chancellaria de el-rei D. Affonso* v, livro XVIII, folhas 20 verso.)

DOCUMENTO N.º 4

Carta de doação de bens em Cintra, passada ao Rei de armas Algarve (1442).

DOM AFFONSO etc. A quantos esta carta virem fazemos saber que sendo Gonçallo de Penhoranda Almoxarife em a Villa de Sintra se partiu d'estes nossos Regnos pera os de Castella tratando e fazendo couzas em nosso desserviço e contra os nossos ditos Regnos. E depois de sua partida foi tomado conta per Alvaro Annes nosso contador em a dita commarca d'aquillo que recebeu e dispendeu em o dito officio. E segundo o que se mostra he achado que nos he devedor em grande somma de dinheiro por as quaes razões lhe foram tomados todos seus bens moveis e de raiz por a nossa parte por a nós pertencerem. E os podemos dar de direito a quem nossa merce fôr. E ora querendo nós fazer graça e mercê a Algarve nosso Rei d'Armas de nosso moto propio livre vontade certa cremça poder absoluto sem nol-o elle pedir nem outrem por elle Temos por bem e fazemos-lhe mercee livre e pura irrevogavel doação antre os vivos valledoira d'este dia pera todo o sempre pera elle e pera todos seus herdeiros ascendentes e descendentes que depois d'elle vierem d'ametade de todos os bens moveis e de raiz que o dito Gonçallo de Penhoranda havia na dita villa de Sintra e seu termo. E em outros quaes quer lugares de nossos Regnos. E da outra metade temos hordenado o que se sobre ello aja de fazer. E porem mandamos ao dito Alvaro Annes nosso contador e aos Juizes da dita villa de Sintra. E a todolos outros Juizes Justiças &c. que metam logo em posse da metade dos ditos bens

moveis e de raiz o dito Rei d'Armas ou seu certo procurador e lhos leixem teer haver lograr e possuir. Dada em Santarem primeiro dia de Dezembro per autoridade do Senhor Iffante Dom Pedro &c. Martim Gil a fez anno de mil quatrocentos corenta e dois.

(Registada no Real Archivo, na *Chancellaria de el-rei D. Affonso* v, livro xxiii, folhas 59, e livro x da *Extremadura*, folhas 24 verso.)

DOCUMENTO N.º 5

Carta de brazão de armas passada a Diogo Borges Pacheco em 1504.

Portugal rei de armas do muito alto, mui excelso e mui poderoso rei D. Manuel, por graça de Deus rei de Portugal e dos Algarves, etc. Faço saber a quantos esta minha carta de certidão virem, que Diogo Borges, morador no julgado de Santo Estevão, termo de Ponte de Lima, me requereu que porquanto elle é da linhagem e tronco dos Borges verdadeiros d'estes reinos, vindo e descendendo d'elles por linha direita sem nenhuma bastardia, por cuja verdadeira legitimação ha de gosar de todos os privilegios, liberdades e franquezas, que hão, e de que gosaram todos os seus antecessores por respeito de sua nobreza e fidalguia que tem de cavalleiros fidalgos de cota de armas e solar conhecido; me requereu de suas verdadeiras armas como lhe de direito pertence lhe desse minha carta de certidão para cada e quando lhe fosse necessario usar d'ellas como os ditos seus antecessores, e visto por mim seu requerimento e a obrigação que tenho para com o meu officio prover a similhantes necessidades e requerimentos, antes de satisfazer a petição do dito Diogo Borges lhe pedi prova de como era da dita linhagem e fidalguia, e de que parte e sem bastardia; e elle me apresentou dois instrumentos publicos, um d'elles feito por mandado de Ruy Velho, escudeiro e juiz ordinario por el-rei nosso senhor em o julgado de Valdevez, terra do visconde de Villa-nova da Cerveira, em o qual instrumento se continha que o dito juiz dera juramento segundo costume a dois homens bons, moradores no dito logar de Valdevez, os quaes pelo dito juramento que fizeram dos Santos Evangelhos, que lhes pelo dito juiz foram dados, disseram que o dito Diogo Borges era filho de Lopo Nunes, cavalleiro fidalgo, e de Isabel Pacheco, sua mulher, e que a dita Isabel Pacheco era filha de Diogo Alvares Pacheco, fidalgo, e de Leonor Lopes, sua mulher, e que o dito Diogo Alvares Pacheco era filho de Luiz Alvares de Grade, e de Ignez Vaz Borges, sua mulher, e que o dito Luiz Alvares de Grade era filho de Alvaro Paes de Grade, e de Branca Lopes Pacheca, sua mulher, e que a dita Ignez Vaz Borges era irmã de Pedro Borges o velho, de Lopo Borges e de Garcia Borges, fidalgos, como mais largamente se contém pelo instrumento. E outro instrumento foi tirado em esta cidade de Lisboa por mandado de Francisco Pestana, fidalgo da casa de el-rei nosso senhor, juiz do civel em a dita cidade e termo, em o qual instrumento se continha como D. Isabel da Silva, mulher de João Fernandes de Sousa, fôra perguntada que era o que

sabia da linhagem do dito Diogo Borges, e disse que elle era filho de Lopo Nunes, de nobre linhagem, e de Isabel Pacheca, sua mulher, e que o dito Lopo Nunes era filho de Nuno Gonçalves, outro sim fidalgo de linhagem, cavalleiro do duque de Bragança e ouvidor que foi das terras de Luiz Alvares de Sousa : e assim mesmo disse que a dita Isabel Pacheca, mãe do dito Diogo Borges, era filha de Diogo Alvares Pacheco, cavalleiro fidalgo, e de Leonor Lopes, sua mulher, a qual era de muito boa geração : e que o dito Diogo Alvares Pacheco era filho de Luiz Alvares de Grade, e de Ignez Vaz Borges, sua mulher, fidalga de boa geração : e que dos Borges mais não sabia, mas quanto á parte dos Pachecos ella sabia mais largamente, e disse que o dito Luiz Alvares, marido da dita Ignez Vaz Borges, era filho de Alvaro Paes de Grade, fidalgo de cota de armas, e de Branca Lopes Pacheco, sua mulher, a qual era sobrinha de um João Fernandes Pacheco, senhor que foi da Guarda, filho de Lopo Fernandes Pacheco, senhor que foi de Giela e Valdevez, e de Monção, seu irmão, como mais claramente se contém no instrumento em que se mostra ser o dito Diogo Borges nobre, e descendente do tronco dos verdadeiros Borges, sem erro nem bastardia : e eu vendo sua prova ser boa e valiosa pelos ditos instrumentos lhe dou de meu publico officio as armas conteudas e assentadas no meio d'esta minha carta, assim como estão assentadas nos livros antigos, que em meu poder são, as quaes a elle de direito pertence trazer com sua differença dos referidos Borges, e portanto mando como juiz da nobreza que sou, e requeiro assim da parte do dito senhor rei nosso senhor, pelo poder e autoridade que sua tenho, a todos os cavalleiros fidalgos de cota de armas e titulos, corregedores, juizes e seus officiaes, e pessoas a que esta carta fôr mostrada e o conhecimento d'ella pertencer por qualquer guiza que seja, que d'aqui em diante virem ao dito Diogo Borges trazer as ditas armas e com ellas entrar em qualquer trance de batalhas, desafios, que elle houver com seus inimigos, assim elle como todos os que d'elle descenderem por linha direita, lhe deixem gosar de todos os privilegios, franquezas e liberdades que hão, e de que gosam e gosaram seus antecessores, e todos os outros cavalleiros fidalgos de solar de armas conhecido por razão das armas como elle por direito melhor podér fazer e houver, e lhe cumpram e guardem, e façam mui bem guardar e cumprir esta minha carta como n'ella é conteudo, porquanto o dito Diogo Borges é do tronco e linhagem dos verdadeiros Borges e de direito lhe pertence trazer as ditas armas com sua differença do chefe dos Borges como dito é, e não seja a dita carta valiosa senão ao dito Diogo Borges, e aos que d'elle descenderem por linha direita masculina. Feita em Lisboa aos 5 de janeiro de 1504.—Rei de armas Portugal.

DOCUMENTO N.° 6

Ordenação da pena que averão os que trazem as Armas erradas ou as não podem trazer (1512).

DOM MANOEL por Graça de Deos Rey de Portugal e dos Algarves daquem e dalem mar em Africa Senhor de Guiné, e da Conquista navegação Comercio da Etiopia Arabia

Percia, e da India &. Aquantos esta nossa Carta de Ordenação virem fazemos saber que aguardando nos como as cousas das Armas dos nobres Fidalgos de nossos Reynos devem andar em toda certidão por serem sinaes de Nobreza e linhagem de cada hum, e por onde os merecimentos e servissos dos nobres são temporalmente galardoados e quanto pocivel e entre os homens pelas demonstrações e sinaes das Armas são os Louvores de seus servisses, e trabalho perpetuados não somente a elles mas aos que delles descendem; e sabendo nós que em alguã maneira as cousas das ditas Armas andão sem a sertidão que devem, e fora da regra, e ordem do que a cada um pertense, querendo prover acerca de algumas coisas que agora nos oferecerão para deverem ser corregidas e emmendadas detriminamos e mandamos que qualquer pessoa de qualquer calidade e condição que seja, que novamente tomar Armas que de direito lhe não pertenção encorrão em pena de dois annos de degredo para cada hũ dos nossos Lugares dafrica, e mais pague sincoenta cruzados doiro para o Rey darmas ou official outro darmas que o acuzar: e mais pelo mesmo caso fique incapas de mais poder haver Armas suas nem dellas uzar. E quem quer que tiver Armas suas e as leixar em todo tomando outras asim novamente que lhe não pertenção haja a mesma pena de degredo dinheiro na maneira que dito he, e pelo mesmo caso perca suas Armas proprias sem mais as poder ter nem dellas uzar. E quem as der acrecentar ou deminuir nas suas Armas assim novamente e lhe não pertencendo aquellas que lhe não pertencem encorra na mesma pena de degredo e dinheiro como em sima he declarado, e não uzara d'outras Armas salvo daquellas que propria, e direitamente forem suas. E esta mesma pena averá quem tiver tomadas as ditas Armas ou acrecentandoas na dita maneira, e não as leixar athe por todo omes de Janeiro do anno que vem de quinhentos e treze. E por que se possa dar a execução o que por esta nóssa Ley e Ordenação mandamos, queremos que os que nas couzas sobreditas ou cada huã dellas encorrerem sejão demandados pellos nossos Reys darmas ou por qualquer outro official dellas perante o nosso Corregedor da Corte ao qual mandamos que ousa aos ditos Reys darmas ou officiaes dellas com as pessoas que por bem das ditas couzas os quizerem demandar, e ouvidos despache os taes feitos na Meza da Relação. E querendo os ditos Reys darmas ou officiaes dellas demandar os sobreditos que nas ditas coizas encorrerem contra o que por esta ordenação mandamos na terra onde viverem podeloam fazer e demandar perante os Juizes da terra os quaes conhecerão dos taes casos e feitos e darão nelles despacho como com direito lhe parecer dando Apelação, e agravo, que inviarão ao nosso Corregedor da Corte pera as taes Apelações, e Agravos ver e despachar em Relação. E mandamos que aos Reys darmas ou officiaes dellas a que for provado que sabendo deixão passar as coizas sobreditas contra a detriminação que nellas damos por esta nossa ordenação encorra pelo mesmo feito em pena de sincoenta cruzados douro ametade para quem o acuzar, e a outra ametade para nossa Camera e mais seja degradado dois annos para hum dos nossos Lugares dalem porem o noteficamos asim aos ditos nossos Reys darmas e officiaes dellas, e a todos nossos Corregedores, Juizes, e Justiças officiaes, e pessoas a quem esta Carta de Ordenação for mostrada e lhe mandamos que em todo a cumpram e guardem, e fação guardar e cumprir como nella se contem. E mandamos ao nosso Chanceler Mor que a publique na nossa Chancelaria, e sobre seu sinal, e nosso sello mande o treslado della por todas as Comarcas do Reyno, e ilhas aos Corregedores que as publiquem,

e o notefiquem p.ª que a todos seja notorio e se não possa alegar ignorancia. Dada em esta nossa cidade de Lixboa a dezoito dias de julho anno de nosso Senhor Jezu Christo de mil quinhentos e doze.

DOCUMENTO N.º 7

Carta passada a pedido do bacharel Antonio Rodrigues, rei de armas Portugal em 1535.

DOM JOHAM etc. Faço saber a quantos esta minha carta virem que o bacharel Antonio Rodrigues meu Rei d'Armas Portugal me aprezentou um meu alvará de que o theor de verbo a verbo he o seguinte = Eu El-Rei faço saber a quantos este meu alvará virem que eu sou emformado que algumas pessoas me pedirão por mercê que lhe mandasse dar carta de suas armas fazendo as serto por inquirição como he de custume as quaes forão despachadas por as ditas inquirições pelos meus Dezembargadores do Paço com meu passe em que lhes concedi a dita mercê e havião de tirar suas cartas d'armas pelo meu Rei d'Armas Portugal segundo meu Regimento para as haverem de uzar e gozar d'ellas e lhe serem dadas como de direito lhes vem e que as ditas pessoas teem em seu poder as ditas inquirições e despachos sem as darem ao dito Rei d'Armas nem quererem tirar suas cartas mas antes por virtude do dito despacho querem uzar e gozar das liberdades d'ellas que nos ditos despachos lhe tenho mandado dar o que não hei por bem nem meu serviço pelo que mando a todas minhas justiças officiaes e pessoas a quem este for mostrado e o conhecimento pertemcer que d'aqui em diante não guardem os sobreditos taes despachos nem elles se aproveitem nem gozem d'elles em parte nem em todo mas antes lhe sejam tomados e os entreguem ao dito Rei d'Armas e tendo elle Rei d'Armas parte d'alguma pessoa ou pessoas que teem os taes despachos querendo as demandar perante vós vos mando que o ouçais com elles e lhe fareis logo entregar as taes inquirições e despachos para que os rompão não querendo as partes tirar suas cartas por que assim hei por meu serviço e por este mando aos Dezembargadores do Paço por evitar que tal mais se não faça que d'aqui em diante tanto que despacharem as ditas inquirições com meu passe as entreguem logo ao dito Portugal Rei d'Armas e não á parte o que huns e outro assim cumprão sem outra duvida nem embargo que a ello seja posto. Duarte Velho o fez em Lisboa aos 10 dias de Fevereiro de mil quinhentos e trinta annos. Pedindo-me o dito Portugal Rei d'Armas que lhe mandasse passar o dito alvará em Carta e porque elle me pediu lhe mandei passar a prezente carta a qual mando que em todo se cumpra e guarde como no dito alvará se conthem por que assim he minha mercê, Dada em a Cidade d'Evora aos douze dias do mez d'Abril, Henrique da Mota a fez anno do Nascimento de Nosso Senhor Jezus Christo de mil quinhentos trinta e cinco annos.

(Registada no Real Archivo da Torre do Tombo, *Chancellaria de el-rei D. João* III, livro X, folhas 60.)

DOCUMENTO N.º 8

Carta de brazão de armas passada a José Alvares da Costa, feita pelo reformador do Cartorio da Nobreza Frei José da Cruz, em 1727.

DOM JOÃO, por graça de Deus rei de Portugal e dos Algarves, d'áquem e d'além mar em Africa, senhor de Guiné, e da conquista, navegação e commercio da Ethiopia, Arabia, Persia e India, etc. A quantos esta nossa carta virem fazemos saber que José Alvares da Costa nos fez petição em como elle descendia da geração e linhagem dos Mouras, Costas, Castros e Manueis, e suas armas lhe pertenciam de direito, pedindo-nos por mercê, que para a memoria de seus antecessores se não perder, e elle poder usar da honra das armas, que pelos merecimentos de seus serviços ganharam e lhes foram dadas, e assim dos privilegios, honras, graças e mercês, que por direito e por bem d'ellas lhe pertencem, lhe mandassemos dar nossa carta das ditas armas, que estão registadas em os livros dos registos das armas dos nobres e fidalgos de nossos reinos, que tem Portugal nosso principal rei de armas. A qual petição sendo vista por nós, mandámos sobre ella tirar inquição de testemunhas, a qual foi tirada e sentenciada pelo doutor Antonio de Magalhães Velho, do meu desembargo, e meu desembargador em esta minha côrte e casa da supplicação, corregedor do civel em ella, e por Simão da Silva Lamberte, escrivão do juizo da correição do civel da côrte e casa da supplicação; pela qual fomos certos que elle procede e vem da geração e linhagem dos Mouras, Costas, Castros e Manueis, e que de direito as suas armas lhe pertencem como filho legitimo de Lopo Alvares de Moura, e de sua mulher D. Maria de Castro, moradores na provincia do Minho; neto de João Alvares de Moura, e de D. Helena da Silveira; bisneto de Lopo de Moura, e de D. Catharina de Mello; terceiro neto de João Alves de Moura, e de D. Aldonça Correa; quarto neto de Lopo Alves de Moura, e de D. Catharina de Menezes; e por parte materna neto de D. Rodrigo Manuel, e de D. Filippa de Castro; bisneto de D. Christovão Manuel de Vilhena, e de D. Francisca de Castro; e que toda a sua ascendencia eram pessoas nobres e aparentadas com as mais principaes, sem nota, nem rumor de judeu, mouro ou mulato, nem de outra infecta nação : pela qual fomos certos que elle procede e vem da geração e linhagem dos Mouras, Costas, Castros e Manueis, e que de direito as suas armas lhe pertencem, as quaes lhe mandamos dar em esta nossa carta com seu brazão, elmo e timbre, como aqui são devisas; e assim como fiel e devidamente se acharam devisadas e registadas nos livros dos registos do dito Portugal nosso rei de armas principal. A saber : escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Mouras, no segundo as dos Costas, no terceiro as dos Castros, e no quarto as dos Manueis; elmo de prata aberto guarnecido de oiro com seu paquife, timbre o dos Mouras, e por differença uma brica de oiro com um — M — preto. *(Logar das armas.)* O qual escudo, armas e signaes possa trazer e traga o dito José Alvares da Costa, assim como as trouxeram e d'ellas usaram seus antecessores, e nobres e antigos fidalgos sempre costumaram trazer

em tempos dos mui esclarecidos reis nossos antecessores, e com ellas possa entrar em batalhas, campos, rectos e escaramuças, e exercitar com ellas todos os outros actos licitos da guerra e paz, e assim as possa trazer em seus firmaes, aneis, sinetes e divisas, e as pôr em suas casas e edificios, e deixal-as sobre sua propria sepultura, e finalmente se servir, e honrar, e aproveitar d'ellas, em tudo, e por tudo como a sua nobreza convém; com a qual queremos e nos praz que haja elle, e todos os seus descendentes, todas as honras, privilegios, liberdades, graças, mercês, isenções e franquezas que hão, e devem haver os fidalgos e nobres de antiga linhagem, e como sempre de tudo usaram e possuiram seus antecessores. Por isso mando a todos os nossos corregedores, desembargadores, juizes, justiças, alcaides, e em especial aos nossos reis de armas, arautos e passavantes, e a quaesquer outros officiaes e pessoas a quem esta nossa carta fôr mostrada e o conhecimento d'ella pertencer, que em tudo lh'a cumpram e guardem, e façam cumprir e guardar como n'ella se contém, sem duvida nem embargo algum que em ella lhe seja posto, porque assim é nossa mercé.

El-rei nosso senhor o mandou por Manuel Leal, seu rei de armas Portugal e principal. Frei José da Cruz, da ordem de S. Paulo, reformador do Cartorio da Nobreza, a fez por especial provisão do dito senhor, aos 18 dias do mez de Fevereiro do anno do nascimento de nosso senhor Jesus Christo de 1727.

E vão subscriptas pelo doutor Agostinho Duarte Salvado, cavalleiro fidalgo da casa de Sua Magestade, escrivão da nobreza n'estes reinos e senhorios de Portugal e suas conquistas. — E eu Agostinho Duarte Salvado a subscrevi. — Rei de armas principal.

Fica registado este brazão no livro VIII do registo dos brazões da nobreza de Portugal, a folhas 35. Lisboa Occidental, 19 de Fevereiro de 1727.

Declaro que vai este brazão escripto em duas meias folhas de pergaminho por mim rubricadas, excepto a do titulo e a do subscripto. — Agostinho Duarte Salvado.

DOCUMENTO N.º 9

Provisão passada a Frei Manuel de Santo Antonio para continuar na factura dos brazões de armas (1745).

DOM JOÃO etc. Faço saber que o Padre Frei Manuel de St.º Antonio Religioso da Ordem de S. Paulo me reprezentou por sua petição que elle acompanhára o Padre Frei Joze da Cruz Religioso que fora da mesma Ordem na factura dos Brazões da Nobreza d'este Reino por especial concessão minha, e por morte do dito Padre ficara o Supplicante com a mesma occupação, e para continuar nésta pedira pela meza do meu Dezembargo do Paço provizão, cujo requerimento se me consultara, e como na dita occupação estavão

muitos Nobres requerendo os ditos brazões, e o Supplicante os não podia fazer sem licença minha me pedia que emquanto não baixava a dita consulta lhe fizesse mercê de que podesse continuar em fazer os ditos Brazões para expedir os pertendentes que na demora padecião perjuizo, e tendo consideração ao referido Hei por bem fazer mercê ao supplicante de que possa continuar em fazer os Brazões que os Reis d'Armas mandarem passar na forma da provizão para este mesmo effeito passada ao supplicante, e isto emquanto eu não mandar o contrario, e esta provizão se cumprirá como n'ella se contem e valerá posto que seu effeito haja de durar mais de hum anno, sem embargo da Ordenação do Livro segundo Titulo quarto em contrario e pagou de novos direitos quinhentos e quarenta reis que se carregárão ao thezoureiro da meza folhas 131 v.° do Livro 1.° de sua receita e se registou o conhecimento em forma no Livro 9.° do Registo geral a folhas 362 v.° El-Rei Nosso Senhor o mandou pelos Doutores Joze Vaz de Carvalho e Manuel Gomes de Carvalho ambos do seu Concelho e seus Dezembargadores do Paço. Joze Anastacio Guerreiro a fez em Lisboa a 29 de Março de 1745, de feitio d'esta 200 reis Antonio Pedro Virgulino a fez escrever. = Manuel d'Almeida e Carvalho = Manuel Gomes de Carvalho = Por despacho do Dezembargo do Paço de 22 de Março de 1745 = Joze Vaz de Carvalho = Pagou 540 reis e aos Officiaes 314 reis. Lisboa 1 d'Abril de 1745 = Dom Sebastião Maldonado.

(Registrada no Real Archivo, na *Chancellaria de el-rei D. João* v, livro cvii, folhas 265 verso.)

DOCUMENTO N.° 10

Carta passada a fernam gill thesoureyro per que lhe foram dadas e outorgadas armas pera elle e sseus filhos e todollos outros, etc. (1450).

DOM AFFONSO per graça de deos Rey de portugall e do algarve e senhor de cepta. A quamtos esta carta virem fazemos saber que segumdo a doutrina dos sabedores conhecida per evidemcia de feito e pratica husada jeerallmente amtre todollos principes e rrazom naturall nos costramge amar todollos nossos subditos e naturaaes E muyto em espiciall aquelles que per criaçom amor e bõos serviços a nós o tem merecido por que quamto a rrazom he mays chegada per lomga criaçom e serviços ou per outra alguua maneyra tanto o amor deve seer mays firme e imtensso pera francamente obrar nas cousas pera que naturallmente he hordenado. E porem comsyramdo nós a grande criaçom que por muy lomgo tempo ho muy excellemte e muy poderoso principe e comprido de muytas virtudes elRey meu senhor e padre cuja alma deos aja e nós fezemos em fernam gill seu

criado e nosso thesoureiro e os muytos grandes serviços que ao dito senhor e a nós tem feitos e ao diamte emtemdemos delle receber. E desy como servio o muito poderoso e muyto virtuoso e de gramde memoria elRey dom Joham meu avoo cuja alma deos aja em a tomada de cepta. E como em todallas outras cousas em que pollos ditos senhores e per nós foy emcarregado deu sempre de ssy boom comto como homem leall e boom e digno de todo bem e homrra. E bem assy comsyramdo ho singullar amor que lhe por sua lealdade e serviços os ditos senhores teverom e nós esso meesmo teemos todo jumtamente nos obrigou e obriga de o acrecemtarmos em honrra a elle comrrespondemte. Comfiamdo delle e de sua bomdade como foy e ao diamte nos seria sempre leall e verdadeyro vassallo queremdo lho rreconhecer como todo primcipe he theudo a sseus bõos servidores e naturallmente pollas sobreditas rrazõoes ssomos obrigado a fazer. O fezemos cavalleyro. E nom embargamte nós seermos certo elle seer de booa jeeraçom e aver divydo com algũns gramdes cavalleyros e fidallgos de que elle poderia trazer suas armas ou sinaaes dereytamente por que nos elle disse que seria mais comtemte per memoria de sua criaçom e serviços de lhe nós darmos armas que elle e os filhos que ora tem e todollos outros de sseu linhagem podessem trazer que de as aver per outra maneyra pera sse poderem rrefertar por fidallgos e gemtys homẽes e gouvyrem dos privillegios e liberdades e framquezas exeyçooes de fidallgos. E desy por que elle foy o primeyro cavalleiro que fezemos despoys que per graça de deos fomos em estado de Rey. Nós com deliberada vomtade por lhe fazermos mercee presemte os nobres do nosso comsselho e fidallgos cavalleyros e gemtys homẽes da nossa corte e officiaes darmas segundo sse per direito e tall auto rrequerem lhe damos e outorgamos que elle e os ditos sseus filhos que ora tem e ouver e todollos outros de sseu linhagem que delles vierem e decemderem ajam e possam trazer daquy em diamte por armas hũu escudo douro com hũu crecemte bramco. E sobre as pomtas delle hũua aguia vermelha de cabeça partida e de bycos e pees brancos com senhas chapelletas dera nas cabeças. As quaaes armas lhe nós assy damos e outorgamos pera elle e pera os dytos sseus filhos e pera todollos outros que delles vierem e descemderem. E os avemos daquy em diamte por fidallgos e gemtys homẽes e que por taaes sse possam chamar e rrefertar em qualquer cousa auta e lugar que compridoyro for. E damos a elle e a todos aquelles que delle descemderem por titollo e apellido monterroyo. E queremos que se possam daquy em diamte delle chamar por louvor de sua memoria em todo tempo e caso que lhes aprouver assy e pella guysa que os fidallgos e nobres homẽes jeerallmente custumarom de sse chamar segundo a linhagem de que ssom e naturallmente decendem. E tambem queremos e outorgamos e mandamos que ajam e gouvam e lhe sejam guardadas compridamente todallas homrras privillegios e liberdades e framquezas e eyxepçõoes que per direito lex e custumes dos nossos rregnos os fidallgos delles ham e devem daver como aquelles que per sseus bõos merecimentos o merecem. E em testemunho desto por sua guarda e segurança lhe mandamos dar esta nossa carta assynada per nós e asellada com ho nosso seelo do chumbo. Damte em a nossa muy nobre e sempre muy leall cidade de lixboa vinte e um do mes doutubro diego gomçallvez a fez anno do nacimento de nosso senhor Jeshu Christo de mill e quatro centos cincoenta annos.

(Registrada no Real Archivo, livro III *de Misticos,* folhas 105 verso.)

DOCUMENTO N.º 11

Carta passada a Alvaro Affonso Frade pela qual lhe foi dado hum escudo de armas novas para elle e seus descendentes (1471).

DOM AFFONÇO etc. A quantos esta carta virem fazemos saber que consirando nós nos muitos continuados e estremados serviços que recebidos temos de Alvaro Affonço Frade escudeiro nosso vassalo morador na nossa villa de Olivença assy nos nossos regnos daquem mar como alem do mar nas partes dafrica a saber nas tomadas da nossa villa dalcacer e da nossa villa d'arzila e da nossa cidade de Tanjer que com a graça de nosso senhor filhamos aos mouros sendo sempre com nosco per pessoa e com homens darmas beesteiros e outra gente honde mui bem e lealmente nos servio. E consirando em sua bomdade imdustria e descrição e no bom desejo e vomtade com que sempre comtinuou em nosso serviço assim nos feitos das guerras como em todos os outros a nosso serviço tocantes. E querendo-lhe esto gualardoar como a nos cabe fazer aaquelles que bem e fielmente nos servem e por lhe fazermos graça e merce temos por bem e de nosso propio moto querer vomtade e poder absoluto queremos e nos praz lhe darmos hum escudo darmas novas a saber o escudo em quarteyroões do qual o campo do primeiro quartel he de celester ou de çafira a um pesamte bramco ou dargamte e do segundo quartel ho campo he do pesamte em celle e nelle uma estrella de purpura ou amatista sobre tudo uma cruz de gollas ou de robí sobre huma pomta homdada do primeiro quartel segundo aqui n'esta nossa carta patemte sam pintadas e blasonadas as quaes estabelecemos e queremos que desde agora e sempre que o dito Alvaro Affonço possa trazer e ter e dellas per custume dos outros que as tem husar e gouvir em batalhas torneos cercos de villas combates de castellos arroidos bamdos escaramuças. E em firmaes aneis e sinetes e em quaesquer outros logares assim de guerra como de paz como per qualquer outro modo que lhe aprouver sem outro embargo que lhe sobre ello seja posto. E isso mesmo queremos que seus filhos e descemdemtes que delle descemderem per legitimo matrimonio ajam as ditas armas e dellas possam gouvir como sobre dito he. E porem mandamos ao nosso primeiro Rei d'Armas e officiaes dellas que assim o proviquem em seus livros registem porque assim he nossa merce e vontade. E em testemunho desto lhe mandamos dar esta nossa carta patente por lembrança e memoria dello assinada por nos e assellada do nosso seello do chumbo. dada em a nossa villa de simtra oito dias de novembro Amtam Gonçalves a fez anno de Nosso Senhor Jesus Christo de mil quatrocentos setenta e hum.

(Registrada no Real Archivo, na *Chancellaria de el-rei D. Affonso* v, livro XXI, folhas 14, e livro III *de Misticos*, folhas 12.)

DOCUMENTO N.º 12

Carta de brazão de armas, dada pelo imperador Carlos VI a Jacques André Van Praet, em 1734.

CHARLES par la Grace de Dieu Empereur des Romains toujours Auguste, Roy d'Allemagne, de Castille, de Leon, d'Aragon, des deux Siciles, de Jerusalem, de Hongrie, de Boheme, de Dalmatie, de Croatie, d'Esclavonie, de Servie, de Navarre, de Grenade, de Tolede, de Valence, de Galice, de Majorque, de Seville, de Sardaigne, de Cordoue, de Corsique, de Murcie, de Jaen, des Algarbes, d'Algecire, de Gibraltar, des Isles de Canarie, et des Indes, tant orientales qu'occidentales, des Isles, terre ferme de la Mer Oceane, Archiduc d'Autriche, Duc de Bourgogne, de Lotheer, de Brabant, de Limbourg, de Luxembourg, de Gueldres, de Milan, de Stirie, de Wirtemberg, de la haute, et basse Silesie, d'Athenes, de Neopatrie, Prince de Suabe, Marquis de St. Empire, de Rome, de Bourgovie, de Moravie, de la haute, et basse Lusace, Comte d'Habsbourg, de Flandres, d'Artois, de Tyrol, de Haynau, de Namur, de Barcelone, de Ferrette, de Kybourg, de Gorice, de Roussillon, et de Cerdagne, Landgrave d'Alsace, Marquis d'Oristan, et Comte de Goceano, Seigneur de la Marche d'Esclavonie, du Port Naon, de Biscaie, de Moline, de Salins, de Tripoli, et de Malines, etc. A tous ceux qui ces presentes verront, ou lire ouiront, salut. De la part de notre cher et bien aimé Jacques André Van Praet natif et habitant de la ville d'Anvers nous à été rencontré en deux respet; Qu'il seroit issu d'une famille ancienne et noble de notre comté de Flandres. Que ses ancetres y auroint été revetús des principales charges et nommement de celles de Bourguemaitres, et Echevins des villes de Brúges, et Dermonde, jusqu'au tems des troubles des Pays Bas, durant les quels etant rester fidelement attaches tant à la foy catholique, qu'au service de nos augustes Predecesseurs, et etant perdu la meilleure partie de leurs biens, ils se seroient mis dans le negoce à l'exemple d'autres familles nobles pour prevenir leur ruine entiere; Que pour cet effet ils se seroient etablis au dit Anvers, où ils auroient toujours vecú avec lustre jusqu'a present, et occupé des charges honorables, et entre autres celle de Grand Aúmonier que le suppliant auroit aussy remplie avec honneur, et au contentement du Public : Et comme il ne desireroit rien avec plus d'ardeur que de marcher sur les traces de les dits ancêtres, et de se distinguer de plus en plus par son attachement, et son zele inviolable pour le service de notre auguste Maison, et de la Patrie, comme aussi d'animer ses enfans, descendans, parents et alliés à souivre son exemple, au moyen de quelque grace de notre munificence Royale : Il nous à très humblement supplié, que notre bon plaisir soit de l'ennoblir avec ses enfans, e descendans, tant males, que femelles nés et à naitre de mariage legitime, au port des armes de sa famille, qui seroient : Un ecu d'argent chargé de trois trefles de sinople, deux en chef, et une en pointe, heaume d'argent, grillé, et liseré d'or, hachemens et bourlet d'argent, et de sinople; et pour cimier une trefle de l'ecu : Sçavoir faisons, que nous ce qúe dessus consideré, et

aiant favorable egard à sa tres humble supplication, avons de notre certaine science, grace, liberalité, plaine puissance, et authorité souveraine accordé et outroié, comme nous accordons et octroions par ces presentes au dit Jacques André Van Praet, de même qu'a ses enfans, et descendans, mâles, et femelles, nés, et á naitre de mariage legitime, le titre et degré de noblesse; voulons, et entendons, que luy, et iceux jouissent, et usent dores en avant comme gens nobles en tous leurs faits et actes des honneurs, franchises, prerogatives, preeminences, privileges, libertés, et exemptions de noblesse, tout ainsi comme en usent et son accoutumer d'user les autres nobles par toutes nos terres et seigneuries notamment en nos Pays Bas, et qu'ils soient tenus et reputes pour nobles en toutes places et lieux, soit en jugement, ou hors d'iceluy, et qu'ils soient capables d'avoir etats, et dignités tant de chevalerie, qu'autres, et qu'ils puissent aussi entout tems avoir, acquerir, et posseder terres, et seigneuries, rentes, revenus, possessions, et autres choses mouvantes de nos fiefs, et tous autres nobles tenemens, et les reprendre de nous ou d'autres seigneurs feodaux de qui ils seront dependants, et s'ils en oue deja acquis [1], les tenir, et posseder, sans être contraints de les mêttre hors de leurs mains : à quel effect nous les habilitons, et rendons suffisans et idoines, faisant en autre vers nous, et nos hoirs, et successeurs les devoirs pertinens selon la nature et condition d'iceux fiefs et biens acquis, ou á acquerir, et sa coutume du pays ou ils sont situés. Et a fin que l'etat de noblesse du dit Jacques André Van Praet, de ses enfans et descendans soit dautant plus notoire, nous leur avons accordé et permis, acordons et permetons le port des armoiries blasonnées ci dessus ainsi qu'il les á demandées, et qu'elles vont peintes et figurées au milieu de ces presentes : si donnons en mandement à notre tres chere, et tres aimée soeur la Serenissime Archiduchesse Marie Elisabeth, notre lieutenante, et notre gouvernante génèrale de nos Pays Bas, et ordonnons à nos tres et feaux ceux de nos Conseils d'Etat Privé, et de nos domaines et finances, President et Gens de notre grand Conseil, Chancelier, et Gens de notre Chambre des comptes, et à tous autres nos justiciers et officiers presens et à venir, leurs lieutenans et chacun d'eux en droit soi, et si avant qu'a luy appartiendra, qu'etant par les dits de nos comptes bien, et deúment procedè (comme leur mandons de faire) à l'enterinement, verification et enregistrement de ces presentes selon leur forme et teneur, ils fassent, souffrent, et laissent le dit Jacques André Van Praet, ses enfans, et descendans mâles et femelles, nes, et à naitre de mariage legitime, de cette nòtre presente grace octroy, ennoblissement et de tout le contenu en ces dites presentes pleinement, paisiblement, et perpetuellement jouir et user, sans leur faire mettre ou donner, ni souffrir etre fait, mis ou donné aucun trouble, ou empechement au contraire, car ainsi nous plait il : pourvu que dans l'an après la date de cettes icelles soient presentées à notre dite Chambre des comptes à Bruxelles, à l'effect de la dite verification et enterinement, comme aussi dans le meme terme à notre premier Roy d'Armes, ou autre qu'il appartiendra en nos dits Pays Bas en conformité, et aux fins portez par le 15.[me] article de l'Ordonnance decretée par les Archiducs Albert, et Isabelle le 14 Decembre 1616, touchant les port des Armoiries, Timbres, Titres, et autres marques d'honneur, et de noblesse, l'un et l'autre à peine de nullité de cette notre presente grace; ordonnant à notre dite premier Roy

[1] Lieu du blason d'armoirie, avec toutes ses couleurs.

d'Armes, ou à celuy qui exercera son etat en nos dits Pays Bas, ensemble au Roy ou Heraút d'armes de la province à qui il appartiendra, de souivre en ce regard ce que contient le Reglement fait par ceux de notre dit Conseil Privé le 2.e Octobre 1637 au suget de l'enregistrement de nos lettres patentes touchant les dites marques d'honneur, en tenant par nos dits officiers d'armes respectivement notice au dos de cettes : et a fin que ce soit chose ferme et stable à toujours, nous avons signé ces presentes de notre main et a icelles fait mettre notre grand seel. Donné en notre ville et Residence Imperiale de Vienne en Autriche le dixneuvieme jour du mois de May l'an de grace mille sept cent trente quattre, et de l'Empire Romain le xxiii.me, d'Espagne le xxxi.me, et de Hongrie, et de Boheme le xxiiii paraphé Roc.ti v.t signé CHARLES. *Et plus bas* : Par ordonnance de la Majesté contresigné A. F. Baron de Kúzz.

Plus bas etoit encore ecrit :

Pago por derecho de real sello novienta florines, moneda Alemana. *Signé* Peres de las Agúas secret.s In Titul.m quarto fol. clvij.

Pago por el derecho de mediannata ciento cinquenta y seis fl. Por el de recepta del Consejo ciento y ocho fl. Por el de tassa extraordinaria trecientos y quarenta fl. Por el de expedicion y formacion cinquenta y quatro fl. Y por el de hospital ocho fl. 30 x.s Todo moneda de Alemania. *Signé*. Legaspi Th.r R.r

Folio ũso tout au pied etoit encore ecrit :

Pago a los Porteros del Consejo y Secretaria ocho f.s por caxa y cordon quatro f.s por pintura de armas quatro f.s y medio. Escritura y pergamino dies f.s y por el recivo de media annata un e medio f.s

Pago por derecho de registro y portero quatro fl. e medio.

Et etoient ces lettres patentes seellées des grand et contreséel de Sa Magesté imprimé en cire rouge, y pendant d'un double cordon de soye jaune noire blanche et rouge, en une caisse de fer blanc separé par le milieu d'un anneau de cuivre.

Folio seq. etoit encore ecrit :

Ce jourd'huy septieme de Juin mil sept cent trente quattre ont ces Lettres patentes d'Annoblissement été vues et leues au Bureau de la Chambre des Comptes de l'Empereur et Roy en Brabant, et illec selon leur forme et teneus interinées et enregistrées au Registre des Chartres octroyes, et autres affaires du dit Brabant commençant avec l'année 1732 marque de la lettre 2 quotée n.o xx fol. xlij recto et seqti.bus etoient signe M. B. Courcol — J. F. H. Schocckaert — F. A. Fraula.

Plus bas etoit encore ecrit :

Nous soussignés Messire Joseph Vanden Leene, Conseiller de l'Empereur et Roy, exerçant l'Etat de premier Roy d'Armes dit Toison d'or, en ses Pays Bas et de Bourgogne; et Richard de Grer, Ecuyer Roy et Heraut d'Armes ordinair de Sa Magesté Imperiale et Catholique en ses dits Pays Bas, à titre de la Province et Duché de Lothier et de Brabant : Certefions et declarons d'avoir vú et examiné ces presentes Lettres patentes d'Annoblissement et Armoirie, et den avoir tenu notice et memoire és livres et registres de nos offices, chacun de nous en particulier, conformement que Sa Magesté le veut et mande ètre fait au dispositiff d'icelles Lettres patentes. En têmoin de ce Nous avons signé cete fete à Bruxelles Ville de cour au Duché de Brabant, le huitieme jour du mois de Juin le l'an mil sept cent trante quattre : *Etoient signés* Joseph Vanden Leene, et R. De Grer. Regrẽ.

Je soussigné André François Jaerens, Ecuyer Chevalier Roy et Heraút d'Armes ordinaire de Sa Magesté Imperiale Catholique en les Pays Bas et de Bourgogne; à titre de la Province et Duché de Luxembourg, et Comté de Chiny certefie, et declare que la copie des Lettres Patentes d'Annoblissement que ci dessus acorde de mot à mot tout à l'ecriture qu'aux armoiries à celle du Registre du Conseiller et premier Roy d'armes de l'empereur et Roy dit Toison d'or en ses dits Pays Bas reposant en son office. Temoin ma signeture et mon seel, ci mis à Bruxelles Ville de Cour au Duché de Brabant le 8.e jour du mois de Jeuillet de l'an 1734. A. F. Jaerens.

= Lieu du seel =

DOCUMENTO N.º 13

Carta de brazão de armas passada a Pedro Pacheco em 1535.

DOM FILIPPE por graça de Deus rei de Portugal e dos Algarves, d'áquem e d'álem mar em Africa, senhor de Guiné, etc. Faço saber que por parte de João Pacheco me foi apresentada uma minha provisão, feita em meu nome, e por mim assignada e passada pela minha Chancellaria com uma petição inserta, de que o traslado verbo ad verbum é do teor seguinte : Dom Filippe por graça de Deus rei de Portugal e dos Algarves, d'aquem e d'além mar em Africa, senhor de Guiné, etc. Faço saber a vós Luiz Ferreira de Azevedo, do meu Desembargo, guarda-mór da Torre do Tombo, que João Pacheco, morador na villa de Monchique, me fez a petição seguinte : Diz João Pacheco, morador na villa de Monchique do reino do Algarve, que para bem de sua justiça lhe é necessario o traslado do brazão que tirou seu tio Pedro Pacheco, morador na ilha de S. Miguel. Pede a Vossa Magestade lhe faça mercê mandar passar provisão pelo guarda-mór da Torre do Tombo, e mandar dar na forma costumada. — E receberá mercê. E visto seu requerimento, hei por bem, e vos mando lhe deis o traslado do brazão, de que na dita petição faz menção,

a qual lhe dareis na forma costumada, conforme a provisão que mandei passar da ordem porque da dita Torre se haviam de dar ás partes os traslados das coisas que pedem. El-rei nosso senhor o mandou pelos doutores Antonio da Cunha e Luiz Machado de Gouvea, ambos do seu Conselho e seus desembargadores do Paço. Sebastião Pereira a fez em Lisboa aos 19 de dezembro de 1607. João da Costa a fez escrever. — Antonio da Cunha — Luiz Machado de Gouvea. E em cumprimento da mesma provisão buscaram os livros da dita Torre do Tombo, e em um livro de privilegios, que serviu na Chancellaria no anno de 35, folhas d'elle 79, está registada uma carta, de que o traslado verbo ad verbum é o seguinte: Dom João por graça de Deus rei de Portugal e Algarves, d'áquem e d'álem mar em Africa, senhor de Guiné, da conquista, navegação, commercio da Ethiopia, Arabia, Persia, e da India, etc. A quantos esta minha carta virem faço saber, que Pedro Pacheco, morador na ilha de S. Miguel, me fez petição, como elle descendia por linha recta e masculina da geração e linhagem dos Pachecos, que n'estes reinos são fidalgos de cota de armas, e que de direito as suas armas lhe pertencem, e pedindo-me por merce, que por memoria de seus antecessores senão perder, e elle vir a usar da honra das armas, que pelos merecimentos de seus serviços ganharão, e foram dadas, assim como dos privilegios, honras, graças e mercês, que por direito e por bem d'ellas lhe pertencem, lhe mandasse dar minha carta das ditas armas, que estavam registadas em os livros dos registos das armas dos nobres e fidalgos de meus reinos, que tem Portugal, meu principal rei de Armas: a qual petição por mim vista mandei sobre ella tirar inquirição de testemunhas, a qual foi tirada pelo doutor Christovão Estevens da Espragosa, do meu conselho e desembargador das minhas petições, e por Braz Fernandes, escrivão em minha côrte, pelo qual provou elle supplicante, descendia por linha directa e masculina da dita geração dos Pachecos, como filho legitimo de Antonio Pacheco, e neto de Pedro Pacheco, que mataram os mouros em Ceuta, que foi do tronco d'esta geração, fidalgo honrado, que por direito as suas armas lhe pertencem: ao qual lhe mandei dar esta minha carta com seu brazão, elmo e timbre, como aqui são divisadas, e assim como fiel e verdadeiramente se acharão registadas nos livros dos registos do dito Portugal, meu rei de armas, as quaes são as seguintes, a saber: O campo de oiro, e duas tinas caldeiras, e pala do mesmo com tres faxas, e azas viradas e contraviradas de vermelho e preto, e quatro cabeças de serpente, tambem de oiro, e nos cabos das azas, duas para fora das caldeiras e duas para dentro, e por differença uma flor de liz vermelha; elmo de prata aberto guarnecido de oiro, paquife de oiro e vermelho, e por timbre um pescoço de serpe de oiro com duas cabeças, uma contra outra: o qual escudo, armas e signaes possa trazer e traga o dito Pedro Pacheco, assim como as trouxeram e d'ellas usaram os seus antecessores em todos os logares de honra, em que os ditos seus antecessores, nobres e antigos fidalgos sempre costumaram trazer em tempo dos mui esclarecidos reis, meus antecessores, e com ellas possa entrar em batalhas, campos, rectos, escaramuças, desafios, e exercitar com ellas todos os outros actos licitos de paz e guerra, e as possa trazer em seus firmaes, anneis, divisas, e as pôr em suas casas, edificios, e deixal-as sobre suas sepulturas, e finalmente servir, e honrar, usar, e aproveitar d'ellas em tudo e por tudo, como a sua nobreza convier. Porem mando a todos os meus corregedores, desembargadores, juizes, justiças e alcaides, em especial aos meus reis de armas, arautos, passavantes, e quaesquer outros of-

ficiaes e pessoas a quem esta minha carta for mostrada, e o conhecimento d'ella pertencer, que em tudo lha cumpram, guardem, façam cumprir, e guardar como n'ella é contido, sem duvida nem embargo algum, que em ella seja posto, porque assim é minha mercê. Dada em minha muito nobre e sempre leal cidade de Evora aos 22 de maio. El-rei nosso senhor o mandou pelo bacharel Antonio Rodrigues, Portugal seu rei de armas principal provedor de vara; Rei de armas Algarve, escrivão da nobreza, a fez em 1535 annos. E não dizia mais a dita carta, e nem se achou outra coisa em contrario na dita Torre, e mandei se désse esta á qual se dará tão inteira fé e credito como á propria do dito livro, com o qual foi concertada. El-rei nosso senhor o mandou por Luiz Ferreira de Azevedo, do seu Desembargo, guarda-mór da Torre do Tombo, aos 5 de janeiro de 1608.—Pedro de Moraes a fez. Luiz Ferreira de Azevedo. Pagou com busca 600 réis, de sêllo 30 réis, e de assignar 370 réis. — Antonio do Amaral — Belchior Velloso Ramalho.

DOCUMENTO N.º 14

Carta de antiga fidalguia e brazão de armas passada a Manuel Godinho de Castello-branco em 1588.

DOM MIGUEL por graça de Deos Rei de Portugal, e dos Algarves, d'aquem e d'alem Mar, em Africa Senhor de Guiné, e da Conquista, Navegação, e Commercio de Ethiopia, Arabia, Persia, e da India, &c.ª Faço saber, que havendo requerido João Carlos Feo Cardozo de Castello-Branco e Torres, que do Real Archivo da Torre do Tombo se lhe passasse por certidão o theor da carta de brazão de armas passada no reinado de Dom Filippe Primeiro a Manoel Godinho de Castello-Branco, e obtendo despacho do Guarda Mór do dito Archivo, em seu cumprimento se buscárão os livros delle, e no livro dois de Privilegios de Dom João Terceiro a folhas duzentas sessenta e huma foi achada a carta pedida, e he do theor seguinte:

Dom Philippe per graça de Deos Rey de Portugal e dos Algarves daquem, e dalem mar, em Africa senhor de Guine, e da conquista navegaçam e commercio de Ethiopia, Arabia, Persia e da India, &c.ª Faço saber aos que esta minha carta de antiga fidalguia virem, que por frey Manoel Godinho de Castello-branco, fidalgo de linhagem, e cavalleiro professo da ordem de nosso senhor Jezus Christo, me foi apresentado hum meu aluara per mim assinado e passado pella chancellaria, e huma carta emforma delRey Dom Henrique meu tio que deos tem, feita em seu nome e passada pella chancellaria com seu passe, pella qual houve por bem de mandar reformar outra carta em forma nella incorporada, que el-Rey Dom Sebastiam meu sobrinho, que sancta gloria haja, mandou passar ao dito Manoel godinho da nobreza das armas de sua geração de todos os seus quatro costados, percedendo primeiro a larga prova da verdadeira inquirição que sobre ello o dito senhor Rey

mandou tirar pello doutor Paulo Afonso do meu conselho do estado, e assi hum alvará delRey meu tio por elle assinado, per que lhe mandou declarar na dita carta que os Cabraes e castellos brancos são fidalgos de solares conhecidos. E outro si me apresentou huma minha provisão passada pella chancellaria, pella qual lhe mandey tambem fazer nesta carta algumas declaraçoes necessarias e de sustancia que nella faltavão pera mais clareza da fidalguia e nobreza delle Manoel godinho e de seus antepassados, de que me constou per documentos antigos publicos, e autenticos, e Certidoẽs autenticas da minha torre do tombo, por se não declararem quomo era necessario na dita carta delRey Dom Henrique, e em outra minha que lhe mandey reformar antes desta, da qual carta delRey meu tio e provisoẽs o theor de verbo ad verbum he o que se segue = Eu ElRey faço saber a vos Gaspar velho meu portugal principal Rey darmas, que Manoel godinho de Castelbranco me envíou dizer que no brazão que lhe fora passado da nobreza das armas que lhe pertencem as da geração dos godinhos não erão declaradas nem illuminadas quomo direitamente na verdade deviam ser: Pedindo-me mandasse que lhe fosse reformado o dito brazão e concertadas as ditas armas. E visto seu requerimento, e vossa resposta ey por bem e vos mando que lhe reformeis o dito brazão, e lhe façaes n'elle escrever e illuminar as ditas armas dos Godinhos quomo direitamente sam e as elle deve trazer, e lhe pertencem, e assi as fareis emmendar no livro do registo da chancellaria onde o dito brazão estiver registado. Compri-o assi. Joãm da costa o fez em Lisboa a quinze de julho de mil quinhentos oytenta e sete «Rey» = Dom Henrique per graça de deos Rey de Portugal e dos Algarves daquem, e dalem mar em Africa senhor de guine, e da conquista navegação e commercio de Ethiopia Arabia Persia e da India &c.ª A quantos esta minha carta virem faço saber, que por parte de Manoel godinho cabral de Castelbranco fidalgo e cavaleiro, filho de Antonio godinho cabral, me foi apresentada huma carta de sua fidalguia que o senhor Rey Dom Sebastião meu sobrinho que sancta gloria haja, lhe mandou passar da nobreza de suas armas : Pedindome que por estar maltratada e de maneira que mal se podia ler, e pois a memoria della havia de passar a seus descendentes, lha mandasse reformar, e satisfazendo a seu requerimento o treslado della he o seguinte. = Dom Sebastiam per graça de Deos Rey de Portugal e dos Algarves daquem e dalem mar em Africa senhor de guine e da conquista navegação e commercio de Ethiopia Arabia Persia e da India &c.ª A quantos esta minha carta virem faço saber, que Manoel godinho Cabral de castelbranco, fidalgo e morador na cidade de Lisboa, me fez petição em quomo elle descendia por linha direita por parte de seu pai e avós das geraçoes e linhageens dos godinhos e cabraes, e pella de sua may e avós dos Ribeiros e castelbrancos, que todos nestes Reynos sam fidalgos notorios dantigua linhagem, cota darmas, solares conhecidos, e que por direito as suas armas lhe pertencem : Pedindome por merce que por a memoria de seus antecessores se não perder, e elle gouvir e usar da honra das armas que pellos merecimentos de seus serviços ganharão e lhes foram dadas, e assi dos privillegios, honras graças e merces, que por direito e por bem dellas lhe pertencem, lhe mandasse passar minha carta das ditas armas que estavão registadas nos Livros dos Registos das armas dos nobres fidalgos de meus Reynos, que tem Portugal meu principal Rey darmas, a qual pitiçam vista per mym mandei sobre ello tirar inquiriçam de testemunhas pello doutor Paulo Afonso, do meu conselho e meu desembargador do paço, e por gaspar velho

meu Rey darmas Portugal por ser escrivam do meu desembargo do Paço, e pella larga prova de testemunhas, e verdadeira informaçam que se tirou fui certeficado o dito Manoel godinho descender das ditas linhageens dos Godinhos, Cabraes, Ribeiros, e castelbrancos como filho legitimo que he de Antonio Godinho Cabral que foi dos vinte quatro da guarda da camara delRey Dom Manoel, e delRey Dom João o terceiro meus bisavô e avô que sancta gloria hajão, e de Anna fea de Castelbranco Ribeira, e neto pella parte do dito seu pai de fernão Pires Cabral e de Briolanja Godinha doliveira, e bisneto de Pero vaz Cabral protonotario da sancta sée apostolica, e conego prebendado na sée da dita cidade de Lisboa, e Governador deste arcebispado pello Cardeal Dom Jorge quando esteve em Roma, e do doutor João fernandes godinho que foi corregedor da corte e desembargador dos agravos da caza da suplicaçam, e neto pella parte de sua may de Antonio Mendez Ribeiro, e de lianor fea de Castelbranco, e bizneto de vasco Paez de Castelbranco, e tresneto de vasco paez de Castelbranco, e quarto neto de vasco paez de Castelbranco, e quinto neto de Isabel vasquez de Castelbranco, e sexto neto de Martim vasquez de Castelbranco que foi monteiro mor destes Reynos, e alcaide mór das villas de Covilhãa e moura, os quaes todos foram huns homees fidalgos muito honrados, christãos velhos legitimos, sem raça alguma de judeu, mouro, ou gentio, e do verdadeiro tronco destas geraçoẽs dos godinhos, Cabraes, Ribeiros, Castelbrancos, e por taes tidos e conhecidos, e por taes os declaro, e que de dereito as suas armas lhe pertencem, as quaes lhe mandei dar nesta minha carta com seu brazão, elmo e timbre, como aqui vão figuradas e illuminadas, assi como fiel e verdadeiramente se acharão divisadas e registadas nos livros dos registos do dito Portugal meu Rey darmas, as quaes armas são as seguintes,, a saber,, o escudo esquartelado ao primeiro dos godinhos que descendem dos godos, e trazem o campo partido em palla a primeira esquaquetada douro e vermelho de dez peças de duas em faxa, e ao segundo esquaquetado douro e azul doutras tantas peças, e ao contrario dos Cabraes que trazem o campo de prata e duas cabras de purpura passantes, e sobre ellas hum meo filete preto em contrabanda, e ao segundo dos Ribeiros que he esquartelado, ao primeiro douro e quatro pallas vermelhas daragam, e ao segundo dos vasconcellos que trazem o campo de preto, e tres faixas veiradas e contra veiradas de prata e vermelho e assi os contrarios, e ao contrario do segundo dos castelbrancos que trazem o campo azul e hum lião douro rompemte armado de vermelho, elmo de prata aberto guarnido douro, paquife douro e vermelho, ouro e azul, prata e vermelho, prata e purpura, e o timbre dos godinhos que é uma hidra douro com sete cabeças de serpes armada de vermelho, e a do meo mayor e as outras resguardando, e por deferença hum crecente de lúa de prata sobre o segundo esquaque vermelho : o qual escudo armas e sinaes possa trazer e traga o dito Manoel godinho Cabral assi como as trouxerão e dellas vsarão os seus antecessores em todos os logares de honra em que os ditos seus antecessores e os nobres antigos fidalgos sempre as costumarão trazer em tempo dos mui exclarecidos Reys meus antecessores, e com ellas possa entrar em batalhas, campos, duelos, retos, escaramuças, e desafios, e exercitar com ellas todos os outros actos de guerra e de paz, e as possa trazer em seus firmaes, aneis, sinetes, e devisas, e as poer em suas casas e edefficios, e deixalas sobre sua propria sepultura, finalmente se servir, honrar, gouvir e aproueitar d'ellas em todo e por todo como a sua nobreza convem, porque quero e me praz que

elle e todos seus descendentes ajão e gozem de todas as honras, privilegios, liberdades, graças, merces, isenções e franquezas, que ham e devem aver os fidalgos nobres de antigua linhagem, e como sempre de todo gozarão e gouviram seus antecessores : e mando a todos meus desembargadores, corregedores, ouvidores, juizes e justiças, alcaides, meirinhos, em especial aos meus Reys darmas, arautos e passavantes e a quaesquer outras justiças officiaes e pessoas a que esta minha carta ou o trelado della em publica forma for mostrada, e o conhecimento della pertencer, que em todo a cumpram e guardem, e fação muito inteiramente comprir e guardar como nella se contem, sem duvida nem embargo algum que lhe a ello seja posto porque assi he minha merce. Dada na villa Dalmeirim aos doze dias de Março. ElRey nosso senhor o mandou por Gaspar velho seu Portugal e principal Rey darmas, Antonio fernandes a fez por Jeronimo de matos escrivão da nobreza. Anno do nacimento de nosso senhor Jezus Christo de mil quinhentos sessenta e oyto. Jeronymo de matos a soescrevi. = Pello que mando que a carta nesta incorporada se cumpra e guarde muito inteiramente, assi e da maneira que nella he contheudo e declarado, sem duvida nem embargo algum, posto que nella vam mais palavras as quaes por huma minha provisão mandei ao meu Rey darmas portugal lhe acrecentasse por serem necessarias pera declaração della, porque assim he minha merce, e onde a dita carta estiver registada se fará declaração quomo se não ha de usar senão desta a qual setornará a registar no Livro da chancellaria do mesmo tempo que hora está na torre do tombo, de que os officiaes a que pertencer passarão disso suas certidões nas costas desta carta que por firmeza de tudo lhe mandei dar, assellada do meu sello de chumbo pendente. Dada na cidade de lisboa a vinte seis dabril. ElRey nosso senhor o mandou por Gaspar velho seu portugal principal Rey darmas. Antonio Leitão a fez por Jeronimo de Matos escrivão da nobreza Anno do nacimento de nosso senhor Jezus Christo de mil quinhentos setenta e nove, e a carta nesta incorporada foi rota ao assinar desta. Jeronimo de Matos a fiz escrever e suescrivi — Passe = Portugal principal Rey darmas. = Eu ElRey faço saber a vos Gaspar velho meu portugal e principal Rey darmas, que havendo respeito ao que diz na pitiçam atraz escripta Manoel godinho de Castelbranco meu escrivão da camara : Ey por bem e vos mando que façaes declaração no seu brazão de que na dita pitição faz menção, que os Cabraes e Castelbrancos são de solares conhecidos, o que assi me praz vista vossa resposta em que dizeis que o são, e este comprireis posto que não seja passado pella Chancellaria sem embargo da ordenação em contrario. João da Costa o fez em lisboa a seis dabril de mil quinhentos setenta e nove = Rey = Dom Philippe per graça de Deos Rey de Portugal e dos Algarves daquem e dalem mar em Africa senhor de guine, &c.ª faço saber, que havendo respeito ao que diz na pitição atraz escripta Manoel Godinho de Castelbranco fidalgo de linhagem, Ey porbem e me praz que Portugal meu principal Rey darmas, faça no brazão de suas armas as declarações que por papeis e certidoes autenticas lhe constar que pera mais clareza da nobreza do dito Manoel godinho se hão de fazer no dito brazão, por nelle não estarem declaradas como convem, o que o dito Rey darmas assi fará comforme a obrigação de seu officio, e comprirá inteiramente esta provisão como se nella contem. ElRey nosso senhor o mandou pellos doutores Damiam daguiar e Jeronimo Pereira de Saa ambos do seu conselho e seus desembargadores do paço. João da costa a fez em lixboa a nove dagosto de mil quinhentos oytenta e oyto. Damiam

Daguiar. Jeronimo Pereira de Sá. E as declarações que por virtude das ditas minhas provisoes lhe mandei fazer são as seguintes, a saber : que na dita carta delRey Dom Anrique meu tio por virtude do dito meu alvará forão concertadas as armas e timbre dos godinhos como nella vam declaradas em seu logar, e nesta illuminadas por serem as verdadeiras que pertencem á dita linhagem como me constou pela informação que a cerca disso por meu mandado me deu o meu Rey darmas Portugal. Pello que por esta presente carta as declaro por taes, e serem as que o dito Manuel godinho de direito deve trazer e lhe pertencem, como *descente* que he do verdadeiro tronco da dita linhagem, e que o doutor João fernandes Godinho seu bisavô acima nomeado foi fidalgo de muito nobre e antiga linhagem, e se tinha por parente de Dom Afonso Bispo Devora e filho do Marques de Valença, neto delRey Dom João o primeiro, e nas cartas que lhe escrivia o nomeava por parente e se dava por parente da condessa de Loulé Dona Guiomar, filha do Duque de Bragança Dom fernando irmão do dito Marques, a qual nas cartas que lhe escrevia lhe chamava tio, e que quando casou o dito João fernandes com a bisavó do dito Manoel Godinho, que foi molher fidalga donzella da Raynha Dona Izabel, o Iffante Dom Pedro que depois foi Rey daragam a levou no dia do recebimento nas anquas de huma faqua sua a casa delle João fernandes, como me constou pellas ditas cartas assinadas pollos ditos Bispo e condessa, selladas de suas armas justificadas, e por juridica inquirição que sobre o caso se tirou, e por sentença se julgou por autentica e verdadeira, daqual se mostra que estando hum dia hum fidalgo per nome Alvaro de faria falando com elRey Dom Afonso quinto lhe dissera elRey que o dito João fernandes se dezia tinha rezão com seu pai, e que se parecia muito com elle, e que servio e foi encarregado pello dito senhor Rey e por elRey Dom João seu filho de grandes cargos de justiça, como chanceler mor e desembargador do paço, e de grandes supremas alçadas : dandolhe todo seu poder alçada soperioridade como se fossem em pessoa sem mais appellação nem agravo, e que fosse acatado e obedecido como suas propias pessoas : que se fizesse o que o dito João fernandes mandasse da parte dos ditos senhores Reys como se por elles em pessoa fosse mandado, como me constou da patente da dita alçada, e de uma certidam autentica da minha torre do tombo, e que elRey Dom Manoel meu avô sendo Duque de Beja em hum padrão de dez mil réis de tença brancos de que então fez merce ao dito João fernandes diz nelle, que lha fazia pella rezão que com elle tinha segundo se conthem no dito padrão, e finalmente que a geração dos godinhos de que o dito Manuel godinho descende são fidalgos de antiquissima linhagem, e o primeiro de que descenderão n'estes Reynos foi Dom Godinho fafez o velho, que edeficou o mosteiro de fonte arcada, filho do Conde Dom fafez çarracins que foi Rico homem e morreo com muitos cavaleiros seus vassalos na batalha que teve elRey Dom Garcia de Portugal com elRey Dom Sancho de Castella seu irmão em augoa de mayas junto de Coimbra, e de Dona Oruana Mendez de Bragança, Irmaã de Dom fernão Mendez de Bragança, que casou com a Iffante Dona Tareja afonso filha delRey Dom Afonso o primeiro, e os da dita linhagem se chamarão antigamente de Dom, como outro si me constou doutra certidam autentica da dita torre do tombo que lhe mandei passar da chronica das linhageens dos fidalgos antigos, que nella está na casa da coroa, a qual fez o Conde Dom Pedro de Barcellos filho delRey Dom Diniz. Pello que mando a todos os desembargadores, corregedores, ouvidores, juizes, justiças, alcaides, meirinhos, em especial aos meus Reys

darmas, arautos e passavantes e a quaesquer outros officiaes e pessoas que hora são e pello tempo em diante forem, a que esta minha carta ou o trelado della em publica forma fôr mostrada e o conhecimento della per qualquer maneira que seja pertencer, que em todo a cumprão e guardem, e fação muito inteiramente comprir e guardar, e as cartas aqui encorporadas assi e tam compridamente como nellas e nesta he contheudo e declarado, e guardem e fação guardar ao dito Manoel godinho de castelbranco e a seus descendentes todos os privilegios, liberdades, honras, graças e merçês, isençoes, franquesas, prerrogativas e preminencias que se guardão e devem guardar, assi de costume como de direito aos fidalgos nobres de antiga linhagem, e como sempre de todo gozarão e gouvirão seus antepassados, e como por bem da nobreza de sua linhagem lhes pertence, e lhes deixem trazer e possuir e usar das ditas armas como de cousa sua propia que são, na forma acima declarada, sem de nenhuma maneira porem nem consentirem poer em todo duvida nem embargo, impedimento nem contradiçam alguma, por que todo ey assi por bem e he minha merce, e esta se registará nos livros da dita torre do tombo adperpetuam Rey memoriam, e os da outra que em meu nome tinha mandado passar ao dito Manoel godinho, se riscarão pondo lhe nelles verbas, e que os mandei riscar e a mandei romper pera nunca mais se usar della por lhe mandar dar esta com as ditas declaraçoes de que quero somente se use. E mando ao dito meu Rey darmas que a rompa, e faça riscar os ditos registos, e poer nelles as ditas verbas que elle assinará e nellas declarará que o fez por meu mandado, de que os officiaes a que pertencer passarão disso suas certidões nas costas desta carta, e assi declararão como se riscárão por meu mandado os registos da del-Rey Dom Anrique, e da que nella vay emcorporada delRey Dom Sebastiam por hirem erradas e não serem necessarias, e irem na verdade encorporadas em esta pera em todo tempo se ver e saber que se fez tudo por meu mandado e autoridade, e por certidam e firmeza de tudo lhe mandei dar esta minha carta assellada do meu sello de chumbo pendente. Dada em Lixboa aos dez dias do mez de setembro. ElRey nosso senhor o mandou por guaspar velho seu portugal principal Rey darmas e cavaleiro professo do habito de santiago. Diogo de Sam Romão a fez por francisco Nunez de pavia escrivão da camara de sua Magestade. Anno do nascimento de nosso Senhor Jezus Christo de mil quinhentos oytenta e oyto. E eu francisco nunes de Pavia a fiz escrever e soescrevi por especial provisão de sua Magestade = E Eu Christovão de benavente, mestre em artes, cavaleiro proffesso da ordem e cavalaria de santiago e escrivão da Torre do tombo ha fiz escrever e sobescrevi e neste registo asinou antonio de castilho guarda mor da Terre do tombo. Antonio de Castilho. Concertada — Christovão de Benavente.

E não se dizia mais na dita carta, que vai aqui trasladada a pedimento do supplicante, e lha mandei dar nesta com o sello das Armas Reaes, a que se dará tanta fe, e credito, como ao proprio livro de que foi extrahida, e vai com o mesmo concertada. Dada nesta Corte muito nobre, e sempre leal Cidade de Lisboa, aos vinte e hum dias do mez de Maio. El-Rey Nosso Senhor o Mandou pelo Visconde de Santarem, Conselheiro de Estado, Ministro, e Secretario de Estado dos Negocios Estrangeiros, Alcaide Mor de Santarem, e de Almeirim, Donatario de Pontevel, Ereira, Lapa, e Fogaças de Dona Bellida Gran-Cruz da ordem de Nossa Senbora da Conceição de Villa Viçoza, e da Real e Distincta Ordem Hespanhola de Carlos Terceiro, Commendador dos Fornos da Ordem de

São Thiago em Setubal, e da Ordem da Torre, e Espada, e Guarda Mor do Real Archivo da Torre do Tombo. Anno do Nascimento de Nosso Senhor Jezus Christo de mil oito centos trinta e hum. Esta vai escrita em vinte nove laudas de papel. Antonio José Rodrigues a fez. E eu Gaspar Feliciano de Moraes, do Conselho de sua Magestade, Escrivão do mesmo Real Archivo, a fiz escrever, e sobscrevi — Gaspar Feliciano de Moraes. Visconde de Santarem. gr. Logar do sello.

De feitio, seis mil nove centos sessenta reis	6960
De busca, e papel, sette centos e outenta.............	780
De assignatura, seis centos reis......................	600
	8340

SERIE DOS REIS DE ARMAS PORTUGAL

OU

CATALOGO DE TODOS OS DE QUE SE APURARAM NOTICIAS

POSTERIORMENTE Á REFORMAÇÃO FEITA POR EL-REI D. MANUEL

1. ANTONIO RODRIGUES (Bacharel) ...	O brazão de armas mais antigo em que apparece o seu nome é de 25 de fevereiro de 1513; e ainda figura como tal em 1535.
2. GASPAR VELHO, sobrinho do antecedente, cavalleiro da ordem de Sant'-Iago	Servia ainda em 1583.
3. JOÃO DE PERADA	Figura o seu nome como Portugal rei de armas em um brazão passado a Luiz de Carvalho em 1576.
4. ANTONIO DE CARVALHO	Serviu no reinado de D. Filippe I, e ainda se encontra o seu nome figurando em 1599.
5. MANUEL TEIXEIRA...............	Existe um brazão por elle passado a 15 de maio de 1599.
6. BALTHASAR DO VALLE	Ainda no mesmo reinado, ou no de D. Filippe II.
7. MARTIM AFFONSO	É do reinado de D. Filippe III.
8. ANTONIO COELHO................	Idem de D. João IV.
9. FRANCISCO GONÇALVES CARRASCO.	Acham-se brazões por elle passados até 1683.
10. MANUEL LEAL..................	O primeiro brazão que apparece com o seu nome é de 1709, e o ultimo de 1728.
11. MANUEL PEREIRA DA SILVA.......	Ha brazões passados em seu nome desde 17 de julho de 1730 até 22 de março de 1755.
12. PEDRO DE SOUSA	Idem de 30 de junho de 1755 até 25 de junho de 1760.

13. Luiz Rodrigues Cardoso	Idem de 4 de março de 1765 até 16 de outubro de 1775.
14. Antonio Rodrigues de Leão....	Idem de 22 de abril de 1776 até 25 de agosto de 1785.
15. José Brabo....................	Idem de 5 de setembro de 1785 até 20 de dezembro de 1790.
16. Joaquim Pereira Carosso	Idem de 29 de março de 1791 até 11 de outubro de 1794.
17. Manuel José Gonçalves.........	Idem de 18 de fevereiro de 1795 até 3 de agosto de 1804.
18. Antonio da Silva Rodrigues ...	Idem de 26 de julho de 1805 até 23 de agosto de 1809.
19. José Theodoro de Seixas	Idem de 24 de julho de 1811 até 3 de dezembro de 1817.
20. José da Cunha Madeira	Sendo rei de armas India serviu interinamente de rei de armas Portugal desde 23 de dezembro de 1817 até 20 de outubro de 1823.
21. Isidoro da Costa e Oliveira ...	Apparece o seu nome em brazões desde 1 de dezembro de 1823 até 14 de fevereiro de 1834.
22. Antonio Gomes da Silva........	Idem de 19 de setembro de 1831 até 16 de novembro de 1852.
23. Manuel Francisco de Freitas..	Idem de 11 de abril de 1853 até 6 de fevereiro de 1856.
24. João Cardoso de Freitas.......	Idem de 20 de outubro de 1856 até 3 de abril de 1859.
25. Joaquim José Valentim.........	Idem de 25 de março de 1860 até á data actual.

DECLARAÇÃO DAS ABREVIATURAS USADAS N'ESTA OBRA

Alv.	Alvará
Br.	Brazão
Br. p.	Brazão passado
Cart. da N.	Cartorio da Nobreza
Chanc.	Chancellaria
(C. C.)	Conferido — Campos
I. H.	Indice heraldico
M. N.	Mercê nova
Reg.	Registrado
R. Arch.	Real Archivo
V.	Vidè ou veja

A

1. Adrião Ribeiro Neves, natural de Lisboa, filho de Ambrosio Ribeiro Neves, negociante de grosso tracto, e de sua mulher D. Anna Joaquina de Castro, neto paterno de José Ribeiro e de sua mulher D. Domingas da Silva de Macedo, e materno de José de Castro Guimarães e de sua mulher D. Josepha Maria.

Escudo partido em pala, na primeira as armas dos Ribeiros, e na segunda as dos Castros. — Br. p. aos 10 de agosto de 1836. Reg. no Cart. da N., liv. viii, fl. 284 v.

(C. C.)

2. Affonso Bembo, filho de Fabricio Bembo, morador em Lisboa.

Carta pela qual el-rei D. Filippe i lhe concede e a seus descendentes o seguinte brazão de seus antecessores: — Escudo de campo azul atravessado de uma asna de oiro entre tres rosas do mesmo em roquete, com um paquife e elmo; e por timbre um cavallo hyppogripho alado, com azas de oiro, e dois rotulos em campo de oiro, que dizem: *Virtus et honor;* com todas as honras e privilegios de fidalgo por descender da geração dos Bembos, que foram fidalgos em Veneza. — Dada em Lisboa a 28 de janeiro de 1583. Reg. na Chanc. de D. Filippe i, liv. i, fl. 23 v.

3. Affonso Chanoca, filho de Violante Chanoca, e neto de Affonso Chanoca, que foi fidalgo muito honrado e do tronco d'esta geração.

Carta pela qual el-rei D. João iii lhe concede o seguinte brazão de seus antecessores: — Escudo de campo partido em duas palas, a primeira de oiro e a segunda de azul, e dois braços de leão um junto ao outro, sendo um vermelho sobre o oiro, e o outro de oiro sobre o azul, e sobre elles no campo duas estrellas, uma vermelha outra de oiro, e por differença uma brica verde; elmo de prata aberto guarnecido de oiro, paquife de oiro, azul e vermelho, e por timbre os mesmos braços com uma estrella no vermelho; com todas as honras e privilegios de nobre fidalgo por descender da geração e linhagem dos Chanocas. — Dada em Lisboa a 28 de março de 1549. Reg. na Chanc. de D. João iii, liv. ii de privilegios, fl. 303 v.

4. Affonso Cordovil, cavalleiro da casa real e da ordem de Christo, filho de Antonio Cordovil, cavalleiro fidalgo, neto de Francisco Cordovil, e bisneto de Lourenço Cordovil, que foi fidalgo e do tronco d'esta geração.

Carta pela qual el-rei D. João iii lhe concede o seguinte brazão de seus antecessores: — Escudo de campo vermelho com uma oliveira verde, com raizes de prata e fructo de oiro, e ao pé d'ella presa uma lebre de prata com uma coleira azul guarnecida de oiro, elmo de prata aberto guarnecido de oiro, paquife de prata, vermelho e verde; e por timbre a mesma lebre, com todas as honras e privilegios de fidalgo por descender da geração dos de Cordovil. — Dada em Lisboa a 2 de setembro de 1553. Reg. na Chanc. de D. João iii, liv. i de privilegios, fl. 52.

5. Affonso Correia, fidalgo da casa real, filho de Jorge Correia, neto de Pedro Correia, que foi capitão da ilha Graciosa, bisneto de Gonçalo Correia, que foi do tronco d'esta geração dos Correias; bem assim era filho de Leonor de Mello, neto de Gaspar Dias de Ayres, e de D. Beatriz de Mello, bisneto de Vasco Martins de Mello, que foi fidalgo muito honrado e do tronco da geração dos Mellos, e irmão do conde D. Pedro Vaz de Mello da Atalaya.

Carta pela qual el-rei D. João III lhe concede o seguinte brazão de seus antecessóres: — Escudo de campo esquartelado, o primeiro dos Correias, vermelho e uma aguia de preto armada de prata, estendida, tendo nos peitos um escudo de oiro fretado de vermelho de grossas cotiças; o segundo dos Mellos, vermelho e seis besantes de prata em duas palas, entre uma dobre cruz e uma bordadura de oiro, e por differença uma flor de liz de prata; elmo de prata aberto guarnecido de oiro, paquife de oiro e vermelho, e por timbre a mesma aguia com uma correia no bico; com todas as honras de nobre e fidalgo por descender da geração e linhagem dos Correias e Mellos. — Dada em Almeirim a 23 de abril de 1544. Reg. na Chanc. de D. João III, liv. XLI, fl. 15.

6. Affonso da Cunha, fidalgo da casa real, morador em Coimbra, filho de João Lourenço Coelho, que foi pagem do infante D. Pedro, neto de D. Guise, fidalgo francez, e da parte de sua mãe era neto de Affonso Fernandes da Cunha, e todos foram fidalgos.

Carta pela qual el-rei D. João III lhe concede o seguinte brazão de seus antecessores: — Escudo de campo esquartelado, o primeiro de oiro e um leão de purpura com tres faxas exaquetadas do primeiro e de azul, e uma bordadura do mesmo, cheia de coelhos de prata malhados de preto, e o segundo de oiro com nove cunhas de azul em tres palas e a seu direito, e por differença uma flôr de liz verde; elmo de prata aberto, paquife de oiro e purpura, e por timbre o mesmo leão; com todas as honras e privilegios de fidalgo por descender da geração e linhagem dos Cunhas e Coelhos. — Dada em Lisboa a 12 de outubro de 1523. Reg. na Chanc. de D. João III, liv. IV, fl. 1 v.

7. Affonso Gonçalves de Figueiredo, escudeiro da casa do Cardeal infante, filho natural de Pedro Borges, que foi fidalgo muito honrado, neto de D. Diogo Borges, abbade que foi do mosteiro de Refoios de Basto, e bisneto de D. Gonçalo Borges, os quaes todos foram fidalgos muito honrados e do tronco da casa dos Borges.

Carta pela qual el-rei D. João III lhe concede o seguinte brazão de seus antecessores: — Escudo de campo vermelho e um leão de oiro, e uma bordadura de azul semeada de flores de liz de oiro, elmo de prata aberto guarnecido de oiro, paquife de oiro e vermelho; e por timbre um meio leão com uma flor de liz sobre a cabeça, e por differença um filete preto em contrabanda; com todas as honras e privilegios de nobre e fidalgo por descender da geração e linhagem dos Borges. — Dada em Evora a 20 de junho de 1545. Reg. na Chanc. de D. João III, liv. XXXV, fl. 76.

8. Affonso de Mira de la Corona Carvalho e Silva, morador na villa do Torrão, provedor-mór da Saude, e familiar do Santo Officio, administrador do morgado das Silvas, da villa de Alcaçova; filho de João de Mira Valadão e de sua mulher Maria de la Corona Carreiro, neto paterno de Affonso de Mira Valadão; bisneto de João de Mira Valadão, irmão de Gaspar da Silva, cidadão e fidalgo da cidade de Evora : neto materno de Antonio Carreiro e de sua mulher Luiza de la Corona, bisneto de Paulo Carreiro, que era filho de Pedro Carreiro, ambos com os foros de moços da camara e de cavalleiros.

As armas dos Silvas, Carreiros, Coronas, Miras, e Valadão. — Br. p. aos 21 de janeiro de 1752. Reg. no Cart. da N., liv. particular, fl. 28.

(C. C.)

9. Affonso de Ponte Maciel, beneficiado na ilha Terceira e ahi morador, filho de

Gonçalo de Ponte Maciel e neto de Gonçalo Martins Maciel, quarto neto de João Maciel, alcaide-mór que foi de Villa nova de Cerveira, e fidalgo muito honrado e do tronco d'esta geração.

Carta pela qual el-rei D. João III lhe concede o seguinte brazão de seus antecessores: — Escudo de campo partido em pala, a primeira de prata com duas flores de liz de azul e a segunda de preto com meia aguia de vermelho armada de oiro, e por differença um trifolio de azul picado de oiro; elmo de prata aberto guarnecido de oiro, paquife de prata e azul, e por timbre meia aguia de oiro dos peitos para cima estendida; com todas as honras e privilegios de fidalgo por descender da geração e linhagem dos Macieis. — Dada em Lisboa a 10 de abril de 1540. Reg. na Chanc. de D. João III, liv. L, fl. 157 v.

10. Affonso de Proença, cavalleiro da casa do Cardeal infante e seu mordomo e aposentador, filho de Catharina de Proença, a qual bem como seus avós foram do tronco da geração dos Proenças.

Carta pela qual el-rei D. João III lhe concede o seguinte brazão de seus antecessores: — Escudo de campo partido em pala, a primeira de verde com uma aguia preta de duas cabeças com os pés e bico de oiro, a segunda de azul com cinco flores de liz de oiro, em aspa, e por differença uma brica de prata, elmo de prata aberto guarnecido de oiro, paquife de oiro, verde e azul; e por timbre uma meia aguia de uma cabeça preta dos peitos para cima; com todas as honras e privilegios de fidalgo de antiga linhagem por descender da geração e linhagem dos Proenças. — Dada em Evora a 20 de setembro de 1536. Reg. na Chanc. de D. João III, liv. XXII, fl. 120 v.

11. Affonso de Torres, o Velho, fidalgo da casa real, morador em Lisboa.

Carta pela qual el-rei D. Sebastião lhe confirma o seguinte brazão de seus antecessores: — Escudo de campo vermelho e cinco torres de oiro quadradas e lavradas de preto assentadas em aspas, elmo de prata aberto guarnecido de oiro, paquife de oiro e vermelho; e por timbre uma das torres das armas com uma estrella vermelha firmada sobre ella; com todas às honras e privilegios de nobre e fidalgo pelos muitos serviços que prestou a el-rei D. Sebastião e a el-rei D. João III, e por descender da geração dos Torres dos reinos de Castella. Acha-se junta a carta de sua nobreza passada em Valhadolid. — Dada em 13 de fevereiro de 1560. Reg. na Chanc. de el-rei D. Sebastião, liv. II, fl. 175.

12. Affonso de Torres, o Moço, fidalgo da casa real, morador em Lisboa.

Carta pela qual el-rei D. Sebastião lhe concede o seguinte brazão de seus antecessores: — Escudo de campo vermelho e cinco torres de oiro quadradas e lavradas de preto, elmo de prata aberto guarnecido de oiro; paquife de oiro e vermelho, e por timbre uma das torres das armas com uma estrella vermelha assentada sobre ella; com todas as honras e privilegios de nobre e fidalgo por descender dos Torres que eram fidalgos no reino de Castella. — Dada em Lisboa a 3 de fevereiro de 1560. Reg. na Chanc. de D. Sebastião, liv. II, fl. 266 v.

13. Affonso Vieira, cavalleiro da casa real, morador em Aldeia-gallega, filho de Maria Vieira.

Carta pela qual el-rei D. João III lhe concede o seguinte brazão de seus antecessores: — Escudo de campo vermelho com seis vieiras de oiro riscadas de preto, em duas palas, e por differença uma brica de oiro e n'ella um — A — preto; elmo de prata aberto guarnecido de oiro, paquife de oiro e vermelho e por timbre dois bordões vermelhos ferrados, em aspa, e n'elles uma vieira; com todas as honras e privilegios de fidalgo por descender da geração dos Vieiras. — Dada em Lisboa a 14 de novembro de 1537. Reg. na Chanc. de D. João III, liv. XXIII, fl. 92.

14. Agostinho de Abreu Coutinho, bacharel formado em canones pela Universidade de Coimbra, cavalleiro fidalgo da casa real, natural da villa da Moita, filho do tenente de cavallos Manuel de Abreu Coutinho tambem cavalleiro fidalgo da casa real, e de sua mulher D. Antonia Luiza da Silva, neto pela parte paterna de Agostinho de Abreu Coutinho, cavalleiro da ordem de Christo, capitão de cavallos, e alcaide-mór da praça de Mazagão com o foro de cavalleiro fidalgo da casa real, e de sua mulher D. Maria da Cruz da Silveira; bisneto de Pedro de Abreu de Paiva Coutinho, que tambem teve o dito foro, e foi capitão de infanteria na côrte, ao tempo que n'ella se acclamou o senhor rei D. João iv onde rendeu o forte da Vedoria, junto ao paço : o qual era descendente de Pedro Gomes de Abreu, donatario da villa de Regalados, couto e casa de Abreu, e Merufe, e do paço e torre de S. João de Cosiereiro, onde viveu.

Um escudo partido em pala, na primeira as armas dos Abreus, e na segunda as dos Coutinhos. — Br. p. a 27 de agosto de 1788. Reg. no Cart. da N., liv. iv, fl. 70.

(C. C.)

15. Agostinho Antonio de Sousa Brito Rezende Souto-mayor e Silva, de Villa nova de Passos, filho de José Mathias da Silva Rezende Souto-mayor, monteiro-mór da dita villa, e capitão da de Alvaes, e de D. Maria Magdalena Joaquina de Brito e Sousa; neto pela parte paterna do capitão Simão Luiz da Silva, cavalleiro professo da ordem de Christo, familiar do Santo Officio do numero, e de D. Francisca Rezende Souto-mayor, e pela materna de Luiz de Brito, e de D. Maria de Brito.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Silvas, no segundo as dos Rezendes, no terceiro as dos Souto-mayores, e no quarto as dos Britos. — Br. p. a 30 de maio de 1787. Reg. no Cart. da N., liv. iv, fl. 11.

(C. C.)

16. Agostinho do Couto de Magalhães Gameiro, mestre de campo dos auxiliares, e commandante dos Rios de Senna, estados de Moçambique, filho de Antonio do Couto de Magalhães, capitão-mór, e juiz das terras de Bardez, na India, e de sua mulher D. Beatriz Felicia Gameiro Rollim; neto pela parte paterna de João do Couto de Aragão e Magalhães, natural da comarca de Santarem, como tambem o foi o pae do supplicante, todos pessoas muito nobres das familias dos appellidos de Coutos, e Magalhães d'este reino.

Um escudo partido em pala; na primeira as armas dos Coutos, e na segunda as dos Magalhães. — Br. p. a 18 de março de 1788. Reg. no Cart. da N., liv. iv, fl. 53.

(C. C.)

17. Agostinho Imperial, fidalgo janoez, morador na ilha de S. Miguel, filho de Fedrião Imperial.

Carta pela qual el-rei D. João iii lhe concede o seguinte brazão de seus antecessores: — Escudo de campo de prata com uma pala de oiro e n'ella uma aguia preta, elmo de prata aberto guarnecido de oiro, paquife de oiro, prata e preto; e por timbre um meio anjo vestido de branco e semeado de roxo, com um lirio verde florido na mão esquerda e a direita levantada, com todas as honras de fidalgo, por descender da geração e linhagem dos Imperiaes. — Dada em Lisboa a 17 de junho de 1529. Reg. na Chanc. de D. João iii, liv. xvii, fl. 75 v.

18. Agostinho de Sousa Pinto de Barros, negociante da cidade do Porto, filho de José Joaquim de Barros, negociante da villa de Chaves, e de D. Thereza Maria de Sousa e Barros; neto paterno de Torquato Pinto de Sousa e Barros, e materno do capitão-mór Antonio Pinto de Sousa a quem se passou brazão de armas a 27 de outubro de 1731, e bisneto por este mesmo lado do sargento-mór Antonio Pinto Ribeiro.

Um escudo esquartelado; no primeiro e quarto quarteis as armas dos Sousas, no

segundo as dos Pintos, e no terceiro as dos Ribeiros. — Br. p. a 24 de março de 1812. Reg. no Cart. da N., liv. VII, fl. 246.

(C. C.)

19. ALBERTO DE ABREU PESSOA DE AMORIM, morador na sua quinta de Orão, termo e freguezia da villa da Redinha, filho de Francisco Antonio de Amorim Pessoa Abreu e Gouveia, e de sua mulher D. Catharina Joaquina Mauricia de Macedo; neto pela parte paterna de Francisco Mendes de Abreu, e de sua mulher D. Antonia de Amorim Pessoa e Gouveia, e neto pela parte materna de Rodrigo Pacheco Pimentel, e de sua mulher D. Marianna de Macedo Baracho de Alvayazere; bisneto de Jorge Pessoa de Amorim, e de sua mulher D. Marianna de Gouveia; terceiro neto de João de Amorim Pessoa de Aragão e Faria, e de sua mulher D. Helena de Brito, de cujo matrimonio nasceu Gaspar Pessoa, pae de Luiz Pessoa de Amorim, que foi casado na villa do Rabaçal; quarto neto de Gaspar Pessoa de Amorim e Faria, e de sua mulher D. Maria Nunes Cardoso e Gama; quinto neto de João de Amorim e Faria.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Amorins, no segundo as dos Pessoas, no terceiro as dos Abreus, e no quarto as dos Gouveias. — Br. p. a 21 de julho de 1797. Reg. no Cart. da N., liv. V, fl. 201.

(C. C.)

20. ALBERTO ANTONIO DE MENDONÇA BARROS, capitão de uma das companhias da ordenança da comarca de Tavira, e cavalleiro da ordem de Sant'Iago da Espada, filho de Manuel Domingues Pereira de Barros, sargento-mór do regimento de milicias da referida comarca, cavalleiro da ordem de Sant'Iago da Espada, e familiar do numero do Santo Officio, e de sua mulher D. Ignez Josepha de Mendonça; neto por parte paterna do alferes Manuel Domingues Pereira de Barros, e de sua mulher D. Maria Viegas de Barros, e por parte materna do capitão Domingos Lourenço de Mendonça, e de sua mulher D. Clara Dias Guerreiro.

Um escudo partido em pala; na primeira as armas dos Barros, e na segunda as dos Mendonças. — Br. p. a 20 de maio de 1799. Reg. no Cart. da N., liv. VI, fl. 81 v.

(C. C.)

21. ALBINO DE ABRANCHES FREIRE DE FIGUEIREDO, do conselho de Sua Magestade, fidalgo cavalleiro da casa real, commendador da ordem de Nossa Senhora da Conceição de Villa-viçosa, bacharel formado em direito, e presidente da Junta do deposito publico, filho de Bernardo de Figueiredo Ferrão Freire de Abreu Castello-branco, proprietario, e de sua mulher D. Anna das Neves Castello-branco; neto paterno de Francisco de Abranches Freire de Figueiredo, proprietario, e de sua mulher D. Josepha Maria de Abreu Nogueira, e materno de Caetano Alves das Neves, e de sua mulher D. Agueda Quaresma das Neves; segundo neto de Manuel de Figueiredo Ferrão Castello-branco; terceiro neto de Francisco de Abranches Ferrão, aos quaes foram concedidos brazões de armas.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Figueiredos, no segundo as dos Freires, no terceiro as dos Abranches, e no quarto as dos Ferrões. — Br. p. a 31 de janeiro de 1866. Reg. no Cart. da N., liv. IX, fl. 92.

(C. C.)

22. ALBINO DOS SANTOS PEREIRA, capitão de caçadores do primeiro regimento de infanteria da cidade do Rio de Janeiro, filho do sargento-mór Albino dos Santos Pereira, e de D. Luiza Maria de Jesus; neto por parte paterna do sargento-mór Antonio de Carvalho de Medeiros, e de D. Maria Pereira dos Santos; neto por parte materna do capitão João Pereira da Silva, e de D. Anna Jacinta de Moraes.

Um escudo, e n'elle as armas dos Pereiras. — Br. p. a 5 de novembro de 1800. Reg. no Cart. da N., liv. VI, fl. 148 v.

(C. C.)

23. Aleixo da Fonseca, filho de Gaspar da Fonseca, neto de João da Fonseca e bisneto de Gonçalo Vaz da Fonseca Coutinho, que foi fidalgo muito honrado e do verdadeiro tronco d'esta geração.

Carta pela qual el-rei D. João III lhe concede o seguinte brazão de seus antecessores: — Escudo de campo de oiro com cinco estrellas vermelhas em aspa, e por differença um trifolio verde picado de oiro; elmo de prata aberto guarnecido de oiro, paquife de oiro e vermelho, e por timbre meio toiro de vermelho com uma estrella de oiro na testa: com todas as honras e privilegios de fidalgo, por descender da geração dos Fonsecas. — Dada em Lisboa a 11 de maio de 1549. Reg. na Chanc. de D. João III, liv. II de privilegios, fl. 216.

24. Alexandre Alves Duarte, familiar do Santo Officio, sargento-mór da villa de Maceió, comarca do Rio de Janeiro, filho de Domingos Alves, e de sua mulher Maria Duarte; neto paterno de Leonardo Alves, e de sua mulher Francisca de Magalhães, e neto materno de Gregorio Duarte, e de sua mulher Apollonia Borges de Azevedo e Amaral.

As armas dos Magalhães, Borges, Azevedos e Amaraes. — Br. p. a 3 de novembro de 1761. Reg. no Cart. da N., liv. particular, fl. 133 v.

(C. C.)

25. Alexandre Ignacio Ribeiro da Silva, senhor do morgado da capella de Nossa Senhora do Desterro, Banhos-seccos, e valle de Figueira, natural do logar de Requeixo, termo da villa de Eixo, filho do doutor Jacinto Xavier Ribeiro da Silva, oppositor ás cadeiras da Universidade de Coimbra, juiz de fóra da villa de S. João da Pesqueira, e de sua mulher D. Maria Victoria Isabel de Sá, da cidade de Coimbra; neto pela parte paterna do doutor Jacinto Ribeiro da Silva, oppositor ás cadeiras que tambem foi da Universidade, o qual era filho de D. Geralda da Silva Ribeiro, neto de Agostinho Ribeiro da Silva, e bisneto de Agostinho Ribeiro, natural do logar da Alançada, e de sua mulher D. Maria Carneiro da Silva, natural de Lordello, seus quartos avós d'elle supplicante; e pela materna neto do doutor Francisco Manuel Castanheira, oppositor que tambem foi ás cadeiras da dita Universidade, envidor da mesma, e de sua mulher D. Antonia Maria Clara de Sá, da cidade de Coimbra.

Um escudo partido em pala; na primeira as armas dos Ribeiros que são esquarteladas, e na segunda as dos Silvas. — Br. p. a 9 de junho de 1768. Reg. no Cart. da N., liv. I, fl. 79 v.

(C. C.)

26. Alexandre José Catella Vidigal de Bulhões e Miranda, morador n'esta cidade de Lisboa, filho do capitão José Catella de Miranda, e de sua mulher D. Marianna da Penha de França de Bulhões; neto paterno de Antonio de Miranda Catella, que serviu no posto de capitão de mar e guerra muitos annos, e depois aposentado com o de sargento-mór das ordenanças d'esta côrte, a quem se passou brazão com as armas dos Catellas em 13 de março de 1653, e de sua mulher D. Maria de Mattos, filha do capitão Gaspar de Mattos; bisneto de Christovão Alves de Miranda, e de sua mulher D. Marianna Ximenes Catella, filha de Manuel Rodrigues Ximenes, e de sua mulher D. Maria Catella; terceiro neto do licenceado Manuel Alvares de Miranda, e de sua mulher D. Marqueza Lopes Lamego; neto materno de João Barregoso Vidigal Salgado, natural do termo da cidade de Evora, que teve as mercês de alcaide-mór, vedor das obras, feitor, e juiz da alfandega de Mombaça, e juntamente a de juiz da alfandega de Gôa, que estão verificadas no supplicante, e de sua mulher D. Maria Bonine da Penha de França e Bulhões, filha de

Bartholomeu Paes de Bulhões, commendador da ordem de Christo, e governador do reino de Angola, neto de João Paes de Bulhões, e pelo dito seu avô João Barregoso Vidigal Salgado é bisneto de Miguel Alvares Ravasqueiro do Valle, e de sua mulher D. Anna Vidigal Salgado.

As armas dos Mirandas, Catellas, Salgados e Bulhões. — Mirandas, Ximenes, Lamegos, Barregosos, Vidigaes, Bonines, Ravasqueiros. — Br. p. a 3 de julho de 1751. Reg. no Cart. da N., liv. particular a fl. 18 v.

(C. C.)

27. Alexandre José de Gouvêa Tovar e Mello, natural e assistente na villa de Fonte-arcada, comarca de Trancoso, filho de Manuel José de Gouvêa Coutinho e Mello, e de sua mulher D. Josepha Thereza de Tovar Beja e Noronha; neto paterno de Antonio de Gouvêa Coutinho, e de sua mulher D. Thomazia Maria Rosaria de Menezes, e materno de Affonso Botelho de Sousa Pinto, e de sua mulher D. Thereza de Tovar Beja e Noronha, e por uma dilatada serie de avós é o supplicante descendente de João de Gouvêa, fidalgo da casa real, a quem o senhor rei D. Affonso v se dignou confirmar a carta de doação, que os senhores reis D. João i e D. Duarte haviam feito a seu pae Vasco Fernando de Gouvêa, do senhorio de Castello-melhor e Almendra, com todos os direitos e rendas de juri e herdade para elle e seus descendentes.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Gouvêas, no segundo as dos Coutinhos, no terceiro as dos Tovares, e no quarto as dos Bejas. — Br. p. a 19 de março de 1804. Reg. no Cart. da N., liv. iv, fl. 70.

(C. C.)

28. Alexandre José de Lemos, cavalleiro professo da ordem de Christo, sargento-mór do concelho de Vieira, filho de Domingos Martins Fagundes, e de Margarida Vieira de Lemos; neto pela parte paterna de Francisco Soares, e de Maria Martins, e pela materna de Custodio Garcia, e de Brigida Vieira de Lemos.

Um escudo partido em pala; na primeira as armas dos Lemos, e na segunda as dos Vieiras. — Br. p. a 19 de outubro de 1779. Reg. no Cart. da N., liv. ii, fl. 204 v.

(C. C.)

29. Alexandre Luiz Cardozo de Menezes Barreto e Sousa, natural da villa de Marialva, cavalleiro da ordem de Christo, capitão de dragões, filho de Luiz de Sousa de Menezes Cardozo Barreto, capitão-mór que foi da villa de Marialva, onde foi morador, e de sua mulher D. Maria Jacinta de Sousa e Sampaio, pessoa de nobilissima qualidade; neto de D. Maria Antonia de Menezes Barreto, e de seu marido Christovão Ferreira de Sousa, capitão-mór que foi da mesma villa de Marialva, e da principal nobreza d'aquelle districto; bisneto de Diogo Barreto de Menezes Cardozo, e de sua mulher e parenta D. Paula de Loureiro, filha de Clemente de Menezes Barreto, d'esta mesma familia dos Cardozos; terceiro neto de Francisco Barreto de Menezes Cardozo, que viveu na sua quinta de Gonçalo, termo da villa de S. Martinho de Mouros, e de sua segunda mulher e parenta D. Brites Cardozo, d'esta propria familia; quarto neto de Luiz Vaz Cardozo de Menezes, senhor da honra e quinta de Cardozo, onde viveu com sua legitima mulher D. Brites Cardozo, filha de Pedro Cardozo, cavalleiro da ordem de Christo, a quem se passou brazão no anno de 1538, com as armas dos Cardozos e Amaraes, e de sua mulher D. Isabel de Carvalho, filha de Gonçalo Rodrigues de Abreu, e de sua mulher Brites Lopes de Carvalho, que são os mesmos ascendentes de Thadeu Luiz Antonio Lopes de Carvalho, senhor dos coutos de Abadim e Negrellos, sogro de D. Antonio de Lencastre; quinto neto de Vasco Cardozo de Vasconcellos, senhor da honra, casa e solar de Cardozo, cujos criados e caseiros eram privilegiados pelos reis antigos, e de sua mulher D. Catharina de Menezes, filha de Gil de Magalhães, senhor da Ponte da Barca, terra do Nobrega, e quinta de Magalhães, e

de sua segunda mulher D. Isabel de Menezes, filha de Gonçalo Nunes Barreto de Menezes, alcaide-mór de Faro, e de sua mulher D. Isabel Pereira, filha de D. Diogo Pereira, commendador-mór da ordem de Sant'Iago, e governador da casa do infante D. João, e de sua mulher D. Mecia de Rezende, neta de outro Gonçalo Nunes Barreto, tambem alcaide-mór de Faro, do conselho do rei D. João I, fronteiro-mór do reino do Algarve, e senhor do morgado da Quarteira, chefe da familia dos Barretos, de quem tambem são descendentes a sr.ª condessa do Rio Grande, e os condes de Val de Reis, que hoje logram a sua casa, e de sua mulher D. Ignez de Menezes, irmã da duqueza de Bragança D. Leonor de Menezes, e da condessa de Villa-real D. Brites de Menezes, de quem procederam as excellentissimas casas dos duques de Caminha, marquezes de Cascaes, e condes de Valladares, todas tres filhas de D. Pedro de Menezes, um dos maiores senhores de Portugal, conde de Vianna, alferes-mór do rei D. Duarte, capitão da cidade de Ceuta, sexto neto de Zoylo (que outros nomeiam Azoil) Cardozo de Vasconcellos, senhor da casa, e honra de Cardozo, e de sua segunda mulher D. Joanna de Moura, filha de Fernão Gaspar de Moura, alcaide-mór de Lamego, senhor dos coutos de Alvões, Ferreiras, Canellas e Cambres, e de sua mulher Brites da Fonseca, filha de Affonso Vaz da Fonseca Coutinho, alcaide-mór das villas de Marialva e Moreira, filho de Vasco Fernandes Coutinho, senhor do couto de Leomil, de quem tambem descenderam os marquezes de Marialva, e os condes de Vianna, Borba e Redondo, e por linhas femininas outras illustrissimas casas d'este reino; setimo neto de Luiz Vaz Cardozo de Vasconcellos, senhor da casa, honra e solar de Cardozo, e de sua mulher D. Isabel Giraldes Frazão, filha de Giraldo Dias Frazão, chamado pela sua grande prudencia o Machucho, filho de Diogo Gil Frazão, que tinha com seus irmãos comedorias no mosteiro de Grijó, como descendente dos seus fundadores e padroeiros, neto de Gil Martins Frazão, bisneto de Martim Frazão, terceiro neto de Garcia Pires Frazão, que viveu no reinado do rei D. Affonso III, e era senhor da honra de Frazão, no concelho de Refoios, do qual como solar da sua familia tomou o appellido; oitavo neto de Alvaro Vasques Cardozo, senhor da casa e honra de Cardozo, vassallo do rei D. João I a quem serviu, e de quem teve por mercê a quinta de Sant'Iago, no termo de Cea, e de sua mulher D. Maria Rodrigues de Vasconcellos, filha de Mem Rodrigues de Vasconcellos, alcaide-mór de Chaves conforme alguns escrevem, e segundo outros se chamou sua mulher Isabel Vaz de Castello-branco, filha de Martim Vaz de Castello-branco, alcaide-mór de Moura e da Covilhã, fronteiro-mór da Beira, e poderá ser que fosse casado com ambas, mas qualquer d'ellas era das primeiras qualidades do reino; nono neto de Vasco Lourenço Cardozo, senhor da honra e casa de Cardozo, que tinha comedoria no mosteiro de Mancellos no titulo dos cavalleiros, e foi alcaide-mór da villa de Trancoso, por mercê do rei D. Affonso IV; decimo neto de Lourenço Vasques Cardozo, que foi senhor da casa e honra de Cardozo, reinando o rei D. Diniz; decimo primeiro neto de D. Vasco Hermiges, que ficou herdado na quinta de Cardozo, e a teve por honra, e fez solar n'ella para os seus descendentes que d'ella tomaram o appellido, e em allusão a elle as suas armas, o qual D. Vasco era irmão de D. Affonso Hermiges, senhor da quinta do Amaral, chefe da familia d'este appellido, e de D. Payo Hermiges, senhor da quinta de Mattos, e progenitor da linhagem d'este nome, como consta das inquirições que mandou fazer das honras do reino o rei D. Affonso III, nas quaes se lhes dá o titulo de Miles, que corresponde hoje ao de fidalgo; decimo segundo neto de D. Hermigio Paes de Mattos, senhor das quintas de Mattos, Cardozo e Amaral que repartiu entre seus filhos, e tão devoto da religião dos conegos regrantes de Santa Cruz de Coimbra, que a sua instancia lhe deram carta de seu familiar para poder lograr todas as indulgencias concedidas pelos summos pontifices aos familiares dos mesmos conegos, e se faz memoria d'elle nos livros da Kalenda, e obitos do dito mosteiro; decimo terceiro neto de D. Paulo Viegas que foi herdado por seu pae no concelho de Aregas, onde elle fez a quinta chamada de Mattos, que consta de uma casa de campo, e de um lagar, situado na freguezia de S. Cibram, na comarca de Lamego, o qual D. Payo foi irmão de D. Vienda Viegas, mulher de D. Egas Gozendes, senhor do

concelho de Bayam, de quem procedem os senhores de Azevedo e Mazarefes, os de S. João de rei, e o almirante do reino, hoje conde de Rezende; decimo quarto neto de D. Egas Hermiges, chamado pelo seu grande esforço o Bravo, fundador do mosteiro de Freixo, e de sua mulher D. Gontinha Eris, filha de D. Ero, conde de Lugo, que foi um dos maiores senhores do seu tempo; decimo quinto neto de D. Hermigio Alboazar, e de sua mulher D. Dordia Osores, filha de D. Osorio, conde de Cabreira e Ribeira, e da condessa D. Sancha Moniz, filha de D. Moninho Fernandes, senhor da cidade de Touro, o qual era filho bastardo do rei D. Fernando I de Leão, Castella, Galliza, chamado o Magno, e pae do imperador, que tambem foi avô da rainha D. Thereza, mãe do grande e santo rei D. Affonso Henriques; decimo sexto neto de D. Antonio Ramires, a quem o vulgo chamou D. Alboazar Ramires, que foi um principe mui valoroso, que não só conquistou muita parte da provincia do Minho, e da de Traz-os-Montes, mas ainda d'áquem do Douro, e na comarca de Lamego, S. Martinho, lançando de todas estas terras aos mouros que as dominavam, e de sua mulher D. Helena Ordonhes, filha de D. Ordonho o cego, infante de Leão, fundador da casa dos condes de Nava no principado das Asturias, e filho do rei D. Fruela II de Leão, e do mesmo D. Antonio Ramires procede tambem por varonia a excellentissima casa dos marquezes de Tavora, e as de Alvor, e S. Vicente, e hoje a dos condes de Villa-nova e outras, por linha feminina muitas; e finalmente decimo setimo neto de D. Ramiro II rei de Leão e Galliza, e parte de Portugal, o qual era filho do rei D. Ordonho II, e descendente de uma serie de reis.

As armas dos Sousas, Cardozos, Menezes e Barretos. — Br. p. a 30 de agosto de 1754. Reg. no Cart. da N., liv. particular, fl. 77.

(C. C.)

30. Alexandre José Malheiro, capitão de infanteria auxiliar do terço da comarca da Torre de Moncorvo, natural da freguezia de Santa Eugenia da mesma comarca, filho de Luiz Alvares Malheiro, almoxarife da dita comarca, e capitão reformado do dito terço, e de sua mulher e prima D. Maria Josepha Joaquina, da casa da Ponte; neto pela parte paterna de Pedro Martins Malheiro, almoxarife da sobredita comarca, e de sua mulher D. Maria Gonçalves da Cruz.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Malheiros, no segundo as dos Guedes, no terceiro as dos Mesquitas, e no quarto as dos Araujos. — Br. p. a 5 de maio de 1788. Reg. no Cart. da N., liv. IV, fl. 56 v.

(C. C.)

31. Alexandre José da Silva de Almeida Garrett, natural da cidade do Porto, cavalleiro professo na ordem de Christo, e sellador-mór da Alfandega da mesma cidade, filho de Antonio Bernardo da Silva de Almeida Garrett, professo na ordem de Christo, e sellador-mór da referida alfandega, e de sua mulher D. Anna Augusta Leitão da Silva Garrett; neto materno de José Bento Leitão, cavalleiro professo na ordem de Christo, e deputado da illustrissima Junta da companhia dos vinhos do Alto-Douro, e de sua mulher D. Maria do Nascimento de Almeida Leitão. O supplicante é sobrinho de D. Frei Alexandre da Sagrada Familia, bispo de Malaca, e depois de Angra; do arcediago Manuel Ignacio da Silva de Almeida Garrett, e do conego Ignacio da Silva de Almeida Garrett, ambos d'esta ultima Sé, por serem todos irmãos inteiros do referido seu pae, Antonio Bernardo da Silva de Almeida Garrett, que é egualmente sobrinho do desembargador João Carlos Leitão, provedor do Rio de S. Francisco, por ser este irmão inteiro da dita sua mãe, D. Anna Augusta Leitão da Silva Garrett.

Um escudo esquartelado; no primeiro e quarto quarteis as armas dos Silvas, no segundo as dos Almeidas, e no terceiro as dos Leitões. — Br. p. a 7 de janeiro de 1825. Reg. no Cart. da N., liv. VIII, fl. 126 v.

(C. C.)

32. ALEXANDRE LUCIANO SOARES DE ALBERGARIA TAVARES, natural do logar de Refoios, freguezia de Villa-cham, bispado de Aveiro, filho de Manuel Bernardo Soares de Albergaria, monteiro-mór do concelho de Cambra e senhor da quinta de Refoios, e de sua mulher D. Luiza Clara Soares de Albergaria; neto paterno do capitão-mór Alexandre Bernardo Soares de Albergaria, e de Thereza, solteira; e neto materno do capitão Manuel Soares Homem, e de sua mulher D. Maria Tavares.

Um escudo partido em pala; na primeira as armas dos Soares de Albergaria, e na segunda as dos Tavares. — Br. p. a 10 de setembro de 1827. Reg. no Cart. da N., liv. VIII, fl. 207 v.

(C. C.)

33. ALEXANDRE MACHADO PAES DE ARAUJO GAYO, alferes de granadeiros de infanteria do regimento de Valença do Minho, filho de Belchior Machado Paes de Araujo Gayo, e do D. Antonia Maria Gonçalves de Paiva; neto pela parte paterna de Diogo Paes de Araujo, bisneto de Mathias Paes de Araujo; e pela materna neto de D. Anna Maria da Silva Gayo, e bisneto de D. Filippa do Amaral e Figueiredo, todas pessoas distinctas pelos seus ascendentes, que foram fidalgos da casa real, alcaides-móres e commendadores, descendentes das familias dos appellidos de Machados, Paes, Araujos e Gayos d'este reino, e aparentados com os da provincia do Minho.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Machados, no segundo as dos Paes, no terceiro as dos Araujos, e no quarto as dos Gayos. — Br. p. a 19 de novembro de 1787. Reg. no Cart. da N., liv. IV, fl. 35.

(C. C.)

34. ALEXANDRE DE MESQUITA CARDOZO, alferes da ordenança da villa de Pernagoha, capitania de S. Paulo, natural da villa de Rio de Moinhos, comarca e bispado de Vizeu, filho de Bernardo Cardozo de Almeida Amado, e de sua mulher D. Maria da Conceição Coelho; neto pela parte paterna de Manuel de Almeida Amado, e de sua mulher D. Marianna Cardozo, e pela materna de Bernardo Dias Coelho, e de sua mulher D. Isabel João.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Almeidas, no segundo as dos Amados, no terceiro as dos Cardozos, e no quarto as dos Coelhos. — Br. p. a 16 de setembro de 1789. Reg. no Cart. da N., liv. IV, fl. 124 v.

(C. C.)

35. ALEXANDRE THEOTONIO DE SOUSA E MELLO, cavalleiro fidalgo da casa real, sargento-mór do segundo regimento da guarnição da cidade da Bahia, filho do capitão Ignacio Gomes de Sousa, cavalleiro fidalgo da casa real, e de D. Thereza Maria de Sousa e Mello; neto pela parte paterna de Pedro Gomes e de D. Luzia Fernandes, e pela materna do capitão de mar e guerra Alvaro de Sousa, e de D. Jacinta Maria de Araujo.

Um escudo partido em pala: na primeira as armas dos Sousas, e na segunda as dos Mellos. — Br. p. a 21 de janeiro de 1790. Reg. no Cart. da N., liv. IV, fl. 145 v.

(C. C.)

36. ALEXANDRINO ANTONIO DE MELLO, barão do Cercal, commendador da ordem de Christo, filho de Antonio Maria Gotero de Mello e de sua mulher D. Thomazia do Rosario Pereira de Mello, neto paterno de Agostinho Gotero de Mello, e materno de José Francisco Pereira, e de sua mulher D. Filippa Francisca Pereira.

Um escudo partido em pala; na primeira as armas dos Mellos, e na segunda as dos Pereiras. — Br. p. a 23 de agosto de 1853. Reg. no Cart. da N., liv. VIII, fl. 369.

(C. C.)

37. D. ALONSO SANCHES DELGADO TRIANNO, natural da cidade de Xerez de la

Frontera, reino de Andaluzia, dos dominios de Castella, filho de D. Sebastião Sanches Delgado, e de sua mulher D. Isabel Trianno Camacho; neto pela parte paterna de D. Pedro Sanches Delgado, e de sua mulher D. Agostinha Franco, prima co-irmã de D. Pedro de Roxas Calbaxe, vinte e quatro da mesma cidade, e filha de D. Pedro Garcia Valesteros, e de sua mulher D. Maria de Roxas, esta filha de D. João Dias Heredero e Cevada, e de D. Anna de Roxas; bisneto de D. Sebastião Sanches Delgado, e de sua mulher D. Mecia Ramos Delgado; terceiro neto de D. Pedro Sanches, e de sua mulher D. Joanna Delgado e Cevada, filha de Bartholomeu Delgado; quarto neto de D. Francisco Sanches, e de D. Isabel Fernandes.

Um escudo com as armas dos Sanches.—Br. p. a 11 de maio de 1775. Reg. no Cart. da N., liv. II, fl. 62.

(C. C.)

38. Alvaro Affonso Frade, escudeiro, criado da casa real.

Carta pela qual el-rei D. Affonso V lhe concede e a seus descendentes o seguinte brazão de armas:—Escudo em quarteirões, do qual o campo do primeiro quartel é de celeste ou saphira a um pesante branco ou dargante, e no segundo quartel o campo é de pesante em celle, e n'elle uma estrella de purpura ou amatista, sobre tudo uma cruz de golas ou de rubi sobre uma ponta ondada do primeiro quartel, pelos seus serviços na tomada de Alcacer, da villa de Arzilla e da cidade de Tanger aos mouros.—Dada em Cintra a 8 de novembro de 1471. (M. N.) Reg. na Chanc. de D. Affonso V, liv. XXI, fl. 14, e L. de Mist. III, fl. 12.

39. Alvaro Barradas, cavalleiro fidalgo da casa real, filho de Luiz Barradas.

Carta pela qual el-rei D. João III lhe concede o seguinte brazão de seus antecessores:—Escudo de campo azul com uma cruz de prata fechada, e em cada um dos quatro cantos do escudo cinco vieiras de vermelho, em aspa, riscadas de oiro, e por differença um crescente de oiro; elmo de prata aberto guarnecido de oiro, paquife de prata e azul, e por timbre uma aspa de oiro esgualhada, com as cinco vieiras das armas penduradas n'ella; com todas as honras e privilegios de fidalgo por descender da geração e linhagem dos Barradas.—Dada em Evora a 31 de julho de 1537. Reg. na Chanc. de D. João III, liv. XXIII, fl. 64 v.

40. Alvaro Botelho, fidalgo da casa real.

Carta pela qual el-rei D. João III lhe concede o seguinte brazão de seus antecessores:—Escudo de campo esquartelado; o primeiro de azul com uma banda de prata e n'ella tres caldeiras de preto entre duas flores de liz de oiro, o segundo de oiro com quatro bandas de vermelho, e por differença uma merleta vermelha, elmo de prata aberto guarnecido de oiro, paquife de oiro e azul; e por timbre dois braços vestidos de azul com uma das caldeiras nas mãos; com todas as honras e privilegios de fidalgo por descender da geração e linhagem dos Caldeiras por parte de seu pae, e dos Botelhos por parte de sua mãe.—Dada em Lisboa a 30 de outubro de 1532. Reg. na Chanc. de D. João III, liv. XVIII, fl. 106 v.

41. Alvaro de Brito Vieira, morador em Faro, filho de Maria Vieira, neto de Fernão Vieira, que foi fidalgo e do verdadeiro tronco d'esta geração.

Carta pela qual el-rei D. João III lhe concede o seguinte brazão de seus antecessores:—Escudo de campo vermelho com seis vieiras de oiro perfiladas de preto em duas palas, e por differença uma brica de arminhos, elmo de prata aberto guarnecido de oiro, paquife de oiro e vermelho, e por timbre dois bordões vermelhos ferrados de oiro, em aspa, com uma das vieiras das armas entre elles; com todas as honras e privilegios de fidalgo por descender da geração e linhagem dos Vieiras.—Dada em Lisboa a 7 de setembro de 1557. Reg. na Chanc. de D. João III, liv. V de privilegios, fl. 49.

42. Alvaro Cardoso, desembargador dos aggravos da Casa do civel, filho de Diogo Cardoso, neto de Nuno Alvares Cardoso, que foi irmão de Luiz Vaz Cardoso, chefe e morgado d'esta geração.

Carta pela qual el-rei D. Sebastião lhe concede o seguinte brazão de seus antecessores: — Escudo de campo vermelho e dois cardos verdes, em pala, floridos e com as raizes de prata entre dois leões de oiro batalhantes, e por differença uma merleta de prata; elmo de prata aberto guarnecido de oiro, paquife de oiro, vermelho e prata, e por timbre uma cabeça de leão de oiro com um dos cardos saindo-lhe da boca; com todas as honras de nobre fidalgo por descender da geração dos Cardosos. — Dada em Lisboa a 31 de janeiro de 1561. Reg. na Chanc. de D. Sebastião, liv. II, fl. 47.

43. Alvaro de Carvalho Mattoso, cavalleiro professo na ordem de Christo, capitão de granadeiros do regimento de infanteria paga da cidade de S. Paulo da Assumpção, reino de Angola, filho de Pedro Mattoso de Andrade, capitão-mór dos presidios de Ambaça, Muxima, e da villa de Massagano, no dito reino, e de sua mulher D. Anna Maria de S. Miguel; neto pela parte paterna do coronel Francisco Mattoso de Andrade, cavalleiro da ordem de Christo, e de sua mulher D. Josepha Maria de Lima Pinto Feyo, e pela materna do capitão de cavallos Alvaro de Carvalho e Menezes, e de D. Maria Bonine e Cerveira.

Escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Andrades, no segundo as dos Limas, no terceiro as dos Menezes, e no quarto as dos Mendonças. — Br. p. a 2 de novembro de 1781. Reg. no Cart. da N., liv. III, fl. 30.

(C. C.)

44. Alvaro de Castro, morador em Lisboa, filho de Pedro de Castro.

Carta pela qual el-rei D. João III lhe concede o seguinte brazão de seus antecessores: — Escudo de campo de prata com seis arruellas de azul em duas palas, e por differença uma flôr de liz verde, elmo de prata aberto guarnecido de oiro, paquife de prata e azul, e por timbre um leão de prata com seis arruellas de azul; com todas as honras e privilegios de fidalgo por descender da geração e linhagem dos Castros. — Dada em Lisboa a 27 de fevereiro de 1529. Reg. na Chanc. de D. João III, liv. XVII, fl. 41 v.

45. Alvaro do Couto, cavallero fidalgo da casa real.

Carta pela qual el-rei D. João III lhe concede e a seus descendentes o seguinte brazão de armas: — Escudo de campo vermelho com um castello de prata guarnecido de preto, e as portas e frestas de verde, e o pé do escudo ondado de prata e azul, elmo de prata cerrado guarnecido de oiro, paquife de prata e vermelho, e por timbre o mesmo castello; com todas as honras e privilegios de fidalgo pelos valiosos serviços que prestou contra os mouros, e por ter tomado uma grande nau de corsarios francezes sendo capitão de uma caravella, etc. — Dada em Evora a 28 de março de 1536. (M. N.) Reg. na Chanc. de D. João III, liv. XXII, fl. 85.

46. Alvaro de Figueiredo, morador em Coimbra, neto de Ruy Dias de Bivar.

Carta pela qual el-rei D. João III lhe concede o seguinte brazão de armas de seus antecessores: — Escudo de campo partido em faxa; o primeiro partido em palas, a primeira esquartelada de Castella e Leão, a segunda de vermelho com quatro palas de oiro, o segundo de vermelho com uma azinheira verde com as raizes de prata e um leão de oiro, e por differença uma brica verde e n'ella um anel de prata, elmo de prata aberto, paquife de oiro e vermelho, e por timbre o leão de oiro; com todas honras e privilegios de fidalgo por descender da geração e linhagem dos Bivares. — Dada em Lisboa a 29 de maio de 1528. Reg. na Chanc. de D. João III, liv. XI, fl. 59 v.

47. Alvaro Gonçalves de Caceres, servidor da casa real e leitor das chronicas e livros de Castella.

Carta pela qual el-rei D. Affonso v o armou cavalleiro e lhe concede e a seus descendentes o seguinte brazão de armas : — Escudo de campo de oiro com uma palma verde com seu fructo, em cima d'ella uma estrella vermelha; pelos serviços que prestou em Africa na tomada de Alcacer-ceguer. — Dada em Lisboa a 23 de junho de 1459. (M. N.) Reg. na Chanc. de D. Affonso v, liv. iv de Mist., fl. 1.

48. Alvaro Lopes, cavalleiro da ordem de S. Tiago e secretario da casa real. O pae era nobre e tinha o seguinte brazão : — Um escudo de campo vermelho com cinco chaves azues [1].

Carta por que el-rei D. Affonso v lhe concede e a seus descendentes o uso do appellido de Chaves, e o seguinte accrescentamento no brazão de seu pae : — No escudo das ditas armas na cabeça d'elle um castello e um leão da propria feição e côres que as armas reaes de Castella, pelos serviços por elle prestados nos reinos de Castella. — Dada em Touro a 4 de abril de 1477. (M. N.) Reg. na Chanc. de D. Affonso v, liv. ii de Mist., fl. 57.

49. Alvaro Manuel Freire Zuzarte de Sousa, natural da villa de Abrantes, filho primogenito do capitão-mór das ordenanças da mesma villa, Rodrigo de Castro de Sousa Freire, irmão de D. Frei Antonio de Castro, bispo de Malaca, e de sua mulher D. Brites Temuda da Silveira. Neto pela parte paterna de Alvaro Freire de Castro e Sousa, filho do desembargador Ruy Dias de Castro, o qual por linha masculina descendia dos Freires illustres d'estes reinos, que tiveram o senhorio da villa de Bobadella, e a commenda hereditaria de Sousa, como filho que era de Diogo Freire de Sousa. Neto de Alvaro Gil Freire de Sousa, bisneto de Affonso Freire de Sousa, que era neto de João Freire de Andrade, e de sua mulher D. Catharina de Sousa, filha de Martim Affonso de Sousa, bem conhecido nos nobiliarios, como progenitor de muita e grande fidalguia d'este reino, e o mesmo desembargador Ruy Dias de Castro, bisavô do supplicante pela linha de sua mãe D. Brites de Castro, irmã do inquisidor Alvaro Soares de Castro, bispo eleito do Brazil, se mostrava que descendera dos Castros que foram alcaides-móres de Melgaço, de que procederam os condes das Galvêas, e outras illustres casas actualmente existentes, por ser filha de Ruy Dias de Castro e Freitas, neta de Alvaro Soares de Castro, bisneta de Christovão de Castro e Araujo, terceira neta de Affonso de Castro, filho de Fernão de Castro, alcaide-mór de Melgaço, e Castro-Laboreiro, irmão de D. João de Mello, arcebispo de Evora : e pela parte materna se mostrava tambem que o supplicante é neto de Manuel Freire de Mendonça Caldeira, que foi um dos mais ricos, nobres e distinctos morgados da villa de Abrantes, com ascendencia dos ditos Freires, e dos Temudos, e Caldeiras da mesma villa, e dos Zuzartes que foram alcaides-móres de Arrayollos, um dos quaes fôra Pedro Zuzarte seu sexto avô. Todos pessoas nobres das familias dos Sousas, Freires, Castros, e Ferreiras.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Sousas, no segundo as dos Freires, no terceiro as dos Castros, e no quarto as dos Ferreiras. — Br. p. a 23 de julho de 1787. Reg. no Cart. da N., liv. iv, fl. 17.

(C. C.)

50. Alvaro da Matta Leitão, filho de Ruy Leitão da Fonseca, neto de Martim Gonçalves da Fonseca e de Maria Leitoa, que foi fidalgo muito honrado e da casa do infante D. Henrique e seu escrivão da puridade, procurador e contador-mór de todas as suas terras, e foi do verdadeiro tronco e geração dos Affonsecas.

Carta pela qual el-rei D. João iii lhe concede o seguinte brazão de armas de seus antecessores : — Escudo de campo esquartelado; o primeiro dos Affonsecas de oiro com

[1] Estas são as armas chamadas — Inquiridas.

cinco estrellas vermelhas de seis pernas, em aspa, e o segundo dos Leitões, de prata com tres faxas de vermelho, elmo de prata aberto, guarnecido de oiro, paquife de ouro, vermelho e prata, timbre um touro vermelho com os paus de oiro, e uma estrella de oiro nas ancas; com todas as honras e privilegios de fidalgo, por descender da geração dos Fonsecas e dos Leitões. — Dada em Lisboa a 8 de junho de 1538. Reg. na Chanc. de D. João III, liv. XLIV, fl. 74 v.

51. ALVARO NUNES GUANTE, fidalgo.
Carta pela qual el-rei D. João III lhe concede o seguinte brazão de seus antecessores: — Escudo de campo esquartelado, o primeiro dos Guantes, de vermelho com dois guantes de prata em pala e entre elles um arco *tortisco* verde com a corda de prata de redor tambem em pala, o segundo dos Sardinhas, verde com um rio ondado, em banda, com cinco sardinhas, e por differença uma moleta de oiro, elmo de prata aberto guarnecido de oiro, paquife de prata e vermelho, e por timbre um braço que sae do elmo vestido de vermelho picado de oiro com o arco das armas na mão; com todas as honras e privilegios de fidalgo, por descender por parte de seu pae dos Guantes, e por parte de sua mãe e avós dos Sardinhas. — Dada em Lisboa a 24 de maio de 1529. Reg. na Chanc. de D. João III, liv. XVII, fl. 70 v.

52. ALVARO DE ORNELLAS, morador na ilha da Madeira, filho de Lopo Esteves de Ornellas que foi chefe d'esta linhagem, cujo pae e avós foram fidalgos, muito honrados e ricos.
Carta pela qual el-rei D. Manuel lhe concede e a seus descendentes o seguinte brazão de seus antecessores : — Escudo de campo azul e uma banda vermelha com tres flores de liz de oiro entre duas sereias da sua côr, com espelho e pente nas mãos; elmo de prata aberto, timbre uma sereia das armas, paquife de oiro e azul; com todas as honras de nobre e fidalgo, por descender da nobre linhagem e geração dos Ornellas. — Dada em 1513. Reg. na Chanc. de D. Manuel, liv. XI, fl. 43 v. e liv. VI de Mist. fl. 128.

53. ALVARO PIRES DE ARAUJO, fidalgo da casa real, filho de Francisco de Araujo, neto de Pedro Gonçalves de Araujo, e bisneto de Pedro Annes de Araujo, vassallo e alcaide mór do castello de Lindoso, que foi fidalgo e do tronco d'esta geração.
Carta pela qual el-rei D. João III lhe concedeu o seguinte brazão de seus antecessores : — Escudo de campo branco com uma aspa azul com cinco bezantes de oiro tambem em aspa, elmo de prata aberto guarnecido de oiro, paquife de oiro e azul, e por timbre meio mouro sem braços vestido de azul com um capellar de oiro; com todas as honras e privilegios de fidalgo por descender da geração e linhagem dos Araujos. — Dada em Evora a 16 de novembro de 1535. Reg. na Chanc. de D. João III, liv. X, fl. 177 v.

54. ALVARO DA SILVEIRA, morador em Borba, filho de Francisco da Silveira e de Beatriz da Silveira, e neto de João Alvares da Silveira, que foi fidalgo e do tronco d'esta geração.
Carta pela qual el-rei D. João III lhe concede o seguinte brazão de seus antecessores : — Escudo de campo de prata com tres faxas de vermelho, e por differença uma flor de liz de azul com o pé de oiro, elmo de prata aberto guarnecido de oiro, paquife de prata e vermelho; e por timbre meio urso preto cortado em sangue sobre uma capella de silvas florida de prata, com todas as honras e privilegios de fidalgo por descender da nobre linhagem dos Silveiras. — Dada em Evora a 23 de dezembro de 1534. Reg. na Chanc. de D. João III, liv. X, fl. 26.

54. ALVARO VELHO, morador na Atalaia, filho de Nuno Velho, neto de Ruy Velho, de Tancos, e bisneto de Alvaro Velho, que foi do tronco d'esta geração.
Carta pela qual el-rei D. João III lhe concede o seguinte brazão de seus antecessores:

—Escudo de campo vermelho com cinco vieiras de oiro, em aspa, com uma flor de liz de prata por differença, elmo de prata aberto guarnecido de oiro, paquife de oiro e vermelho; e por timbre uma aspa vermelha e no meio d'ella uma vieira das armas, com todas as honras e privilegios de fidalgo, por descender da geração e linhagem dos Velhos.— Dada em Lisboa a 16 de agosto de 1530. Reg. na Chanc. de D. João III, liv. LII, fl. 184 v.

56. AMADOR D'ALMEIDA, natural da ilha de S. Miguel, filho de Simão Lopes d'Almeida, cavalleiro da ordem de Christo, fidalgo do tronco d'esta geração.

Carta pela qual el-rei D. João III lhe concede o seguinte brazão de seus antecessores : — Escudo de campo vermelho com seis arruelas, entre uma dobre cruz e bordadura de oiro, e por differença uma meia brica de prata com um — A — de verde, paquife de oiro e de vermelho, e por timbre uma aguia de vermelho besentada de oiro sobre o elmo de prata aberto guarnecido de oiro, com todas as honras e privilegios de fidalgo, por descender da geração dos Almeidas. — Dada em Lisboa a 9 de abril de 1538. Reg. na Chanc. de D. João III, liv. XLIV, fl. 46 v.

57. AMADOR D'ALPOEM, morador na ilha de S. Miguel, filho de Estevão Rodrigues d'Alpoem, neto de Ruy Fernandes d'Alpoem, que foi fidalgo muito honrado, bisneto de João Rodrigues d'Alpoem, que foi do tronco d'esta geração.

Carta pela qual el-rei D. João III lhe concede o seguinte brazão de seus antecessores : — Escudo de campo azul com uma lua de prata de pontas para baixo e uma bordadura de vermelho, e por differença um trifolio de oiro, elmo de prata aberto guarnecido de oiro, paquife de prata e azul, e por timbre uma *edem* de sua côr, com os pés vermelhos e o bico de oiro, com todas as houras e privilegios de fidalgo, por descender da geração e linhagem dos Alpoens. — Dada em Lisboa a 13 de setembro de 1539. Reg. na Chanc. de D. João III, liv. XXVII, fl. 85 v.

58. AMADOR PINTO, natural do concelho de Villa-marim, filho de Alvaro Pinto e neto de João Martins Pinto e de Briatiz de Rabello, que foram fidalgos muito honrados, e do tronco da geração dos Pintos e dos Rabellos.

Carta pela qual el-rei D. João III lhe concede o seguinte brazão de armas dos seus antecessores : — Escudo de campo esquartelado; o primeiro de prata com cinco crescentes de vermelho em aspa, e assim o seu contrario; o segundo de azul com tres faxas de oiro e em cada uma uma flor de liz vermelha em banda, e assim ao seu contrario, e por differença um quarto folio de azul picado de oiro, elmo de prata aberto guarnecido de oiro, paquife de prata vermelho, oiro e azul; por timbre um leão pardo de prata com a lingua e unhas vermelhas, com um dos crescentes na espadua, por descender da nobre geração e linhagem dos Pintos e Rabellos. — Dada em Lisboa a 22 de janeiro de 1538. Reg. na Chanc. de D. João III, liv. XLIV, fl. 6.

59. AMANCIO THOMAZ DA COSTA SILVA REIS, natural da villa de Ançã, comarca de Coimbra, filho de Thomaz dos Reis e Silva, capitão-mór da dita villa, e de sua mulher D. Anna Maria Josepha da Costa Freire, neto pela parte paterna de Manuel dos Reis Simões e Lacerda, e de sua mulher D. Maria da Silva, e bisneto de João Francisco dos Reis e Lacerda, e de sua mulher D. Benta Simões da Conceição; e pela parte materna neto do Onofre da Costa, ouvidor da dita villa, e de sua mulher D. Maria da Nazareth, e bisneto de João Freire, que teve o dito logar de ouvidor da referida villa, e de sua mulher D. Maria da Costa.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Lacerdas, no segundo as dos Silvas, no terceiro as dos Freires, e no quarto as dos Costas. — Br. p. a 14 de setembro de 1787. Reg. no Cart. da N., liv. IV, fl. 26 v.

(C. C.)

60. Amandio José de Oliveira Pantoja (Capitão), morador na cidade de Belem do Grão-Pará, filho de Manuel de Oliveira Pantoja, e de D. Thereza Maria de Athaide, neto pela parte paterna de José de Oliveira Pantoja, e de D. Luiza Maria de Betencourt, e por parte materna do sargento-mór Sebastião de Sousa, e de D. Thomazia Mendes de Sousa, filha de Pedro Mendes Thomaz, capitão-mór, e governador que foi d'aquelle estado, e de sua mulher D. Maria; bisneto por parte paterna de Luiz de Oliveira Pantoja, e de D. Catharina de Sequeira, e por parte materna de Antonio Ferreira Ribeiro, cavalleiro professo na ordem de Christo, capitão-mór, e ouvidor geral que foi da capitania do Pará, e de D. Agueda Maria de Betencourt; terceiro neto por parte paterna de Jeronymo Fernandes de Oliveira Pantoja, e de D. Clara da Silva, e por parte materna de Feliciano Corrêa, cavalleiro professo na ordem de Christo, e governador que foi do mesmo estado, e de D. Maria Teixeira; quarto neto por parte paterna de Pedro de Villa-nova, physicomór que foi do senhor rei D. João III, fidalgo da casa real, e por parte materna de Pedro Teixeira, moço fidalgo da casa real, capitão-mór e governador que foi do mesmo estado, restaurador e descobridor d'elle até á cidade de Quito, e de Catharina de Betencourt: sendo o mesmo supplicante irmão germano de Lourenço Antonio de Oliveira Pantoja, a quem se passou brazão de armas com as dos appellidos de Oliveiras e Pantojas, aos 27 dias do mez de novembro de 1797.

Um escudo partido em pala; na primeira as armas dos Oliveiras, e na segunda as dos Pantojas. — Brazão p. a 18 de janeiro de 1799. Reg. no Cart. da N., liv. VI, fl. 62.

(C. C.)

61. Amante Fernandes de Lordello, morador na ilha da Madeira.

Carta pela qual el-rei D. Manuel lhe concede e a seus descendentes o seguinte brazão de seus antecessores: — Escudo de campo verde e uma banda de prata, e n'ella quatro folhas vermelhas entre seis cordeiros do segundo, elmo de prata aberto e por timbre um cordeiro das armas com uma das quatro folhas na bôca, paquife de prata e verde, e por differença na ponta da banda uma merleta preta; com todas as honras e privilegios de fidalgo por descender da nobre geração e linhagem dos de Lordello. — Dada em 1514. Reg. na Chanc. de D. Manuel, liv. XI, fl. 54, e liv. VI de Mist., fl. 129.

62. Amaro de Carvalho Salazar, natural da villa de Vimioso, filho de Francisco Fernandes Salazar, e de sua mulher Thereza de Carvalho Quaresma, neto paterno de Manuel de Salazar, e de sua mulher Maria Fernandes, neto materno de Affonso Fernandes, e de sua mulher Filippa de Carvalho Quaresma.

As armas dos Salazares, e Carvalhos. — Br. p. a 5 de maio de 1753. Reg. no liv. particular, fl. 55 v.

(C. C.)

63. Ambrosio Henriques (Capitão), natural da freguezia de Santa Maria do Couto, bispado de Orense, reino de Galliza, filho de D. Bento Lorem, e de sua mulher D. Paula Henriques, sobrinho e legitimo herdeiro de D. João e D. Rozendo, que do reino de Galliza se passaram para a cidade de Belem do Grão-Pará, e n'ella se estabeleceram com tanta grandeza que chamando ao supplicante para a sua companhia, é hoje a sua casa uma das mais opulentas e nobres d'aquelle estado, assim em bens como em qualidade, porque os ditos seus tios foram filhos de Ambrosio Henriques, e de sua mulher D. Angela Gordoa, netos de D. João Henriques, e de sua mulher D. Maria Cabrera, e bisnetos de D. Miguel Henriques, e de sua mulher D. Filippa Peres Feyo, cujos ascendentes foram tidos por fidalgos do appellido de Henriques.

Um escudo com as armas dos Henriques. — Br. p. a 30 de março de 1789. Reg. no Cart. da N., liv. IV, fl. 103.

64. Ambrosio José Ribeiro Godinho, cavalleiro professo na ordem de Christo, capitão de infanteria nos estados da India, natural da cidade de Lisboa, filho do doutor Ambrosio Ribeiro Godinho, e de sua mulher D. Caetana Maria de Jesus, neto pela parte paterna de Pedro Ribeiro, e de sua mulher Catharina Josepha, e pela materna de Domingos Pires, e de sua mulher Marianna da Conceição.

Um escudo com as armas dos Ribeiros. — Br. p. a 8 de fevereiro de 1773. Reg. no Cart. da N., liv. I, fl. 192 v.

(C. C.)

65. Ambrosio de Landim, filho de André Dias, escrivão da Camara real e procurador dos Contos do reino.

Carta pela qual el-rei D. João III lhe concede o seguinte brazão de seus antecessores: — Escudo de campo de prata e uma faxa de vermelho, e uma cabeça de leão em cima do mesmo, e por differença uma brica azul com uma flor de liz de oiro, elmo de prata aberto guarnecido de oiro, paquife de prata e vermelho, e por timbre uma cabeça de leão entre duas azas de oiro; com todas as honras e privilegios de fidalgo por descender da geração e linhagem dos Landins. — Dada em Lisboa a 2 de maio de 1539. Reg. na Chanc. de D. João III, liv. XXVII, fl. 58.

66. Ambrosio Mendes Negreiros, morador na villa de Estremoz, filho de Ruy Mendes Negreiros e de Guiomar de Villa-lobos de Sande, neto paterno de Christovão Mendes de Negreiros, bisneto de Ruy Mendes de Negreiros; e neto materno de Guiomar Lopes de Sande, bisneto de Luiz Lopes de Sande, os quaes todos foram fidalgos e da geração dos Negreiros e Sandes.

Carta pela qual el-rei D. Sebastião lhe concede o seguinte brazão de seus antecessores: — Escudo de campo esquartelado; o primeiro dos Negreiros, que trazem o campo esquartelado o primeiro de oiro e azul de seis peças em pala, o segundo enxaquetado de oiro e azul de seis peças em faxa, e assim os contrarios; o segundo dos Sandes, em campo vermelho um leão de oiro rompente armado entre quatro flores de liz de oiro, postas em cruz; e assim os contrarios, e por differença um trifolio verde, elmo de prata aberto guarnecido de oiro, paquife de oiro, azul e vermelho, e por timbre um meio leopardo de azul com tres palas de oiro sobre elle; com todas as honras de fidalgo por descender da geração dos Negreiros e dos Sandes. — Dada em Lisboa a 15 de outubro de 1565. Reg. na Chanc. de D. Sebastião, liv. IV, fl. 241.

67. Anacleto José de Macedo Portugal, bacharel formado na faculdade dos sagrados canones, filho legitimo de Estevão de Macedo Portugal, natural da villa de Guimarães, e de Florinda Maria do Nascimento e Almeida; neto pela parte paterna de Domingos Gomes de Macedo, e de sua mulher Domingas da Silva, filha de Domingos da Silva, e de sua mulher Maria Antunes; e pela parte materna neto de André Pereira de Almeida, e de sua mulher Michaela Maria, os quaes todos os ascendentes foram pessoas nobres, e se trataram á lei da nobreza.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Macedos, no segundo as dos Silvas, no terceiro as dos Almeidas, e no quarto as dos Macedos. — Br. p. a 30 de janeiro de 1767. Reg. no Cart. da N., liv. I, fl. 45.

(C. C.)

68. André de Almeida, morador em Setubal, filho de Violante Ruy de Almeida, neto de Ruy Lopes de Almeida, que foi veador da casa da rainha D. Joanna, mulher de el-rei D. Henrique de Castella, irmã de el-rei D. Affonso V, o qual Ruy Lopes de Almeida era irmão de Affonso Lopes de Almeida, que era o tronco d'esta linhagem.

Carta pela qual el-rei D. João III lhe concede o seguinte brazão de seus antecesso-

res: — Escudo de campo vermelho com seis besantes em duas palas fechadas de uma dobre cruz e bordadura, tudo de oiro, e por differença uma brica de prata e n'ella uma merleta preta, elmo de prata aberto guarnecido de oiro, paquife de oiro e vermelho, e por timbre uma aguia vermelha besantada de oiro; com todas as honras e privilegios de fidalgo por descender da geração dos Almeidas. — Dada em Lisboa a 31 de outubro de 1532. Reg. na Chanc. de D. João III, liv. XVIII, fl. 116.

69. ANDRÉ ALVES PEREIRA VIANNA (Capitão), natural do logar de Carreiras, freguezia de Santo André de Victorino dos Piões, termo da villa de Barcellos, filho legitimo de Alexandre Rodrigues Airão e de sua mulher Thereza Alves; neto pela parte paterna de Manuel Rodrigues e de sua mulher Maria Gonçalves, e pela materna neto de Damião de Araujo e de sua mulher Rosalia Alvares Pereira, irmã legitima do sargento-mór da fortaleza de Santa Cruz da barra do Rio de Janeiro, Miguel Alvares Pereira.

Um escudo com as armas dos Pereiras. — Br. p. a 30 de agosto de 1766. Reg. no Cart. da N., liv. I, fl. 35.

(C. C.)

70. ANDRÉ DO AMARAL, conselheiro e chanceller-mór da casa real, embaixador de Rhodes, commendador de Vera-Cruz, filho de Martim Gonçalves do Amaral e de Mecia Dias Homem, neto de Catharina Vicente (que foi trineta de Domingos Joannes), filha de Vicente Annes Corream e de Senhorinha Martins, bisneta do dito Domingos Joannes, de Oliveira do Hospital, o qual instituiu morgado e uma capella na egreja de Santa Cruz da dita villa, que é da ordem de S. João, na qual está a sua sepultura com suas armas esculpidas.

Carta pela qual el-rei D. Manuel lhe concede e a seus descendentes o seguinte brazão de seus antecessores : — Escudo de campo azul e uma aspa de prata entre quatro flores de liz de oiro, elmo de prata aberto, paquife de oiro e de azul, e por timbre aspa de prata com uma flor de liz das armas no meio; com todas as honras e privilegios de fidalgo, por descender da nobre linhagem dos Amaraes. — Dada em Lisboa a 3 de abril de 1515. Reg. na Chanc. de D. Manuel, liv. XI, fl. 99, e liv. VI de Mist., fl. 137.

71. ANDRÉ BOGALHO SOBRINHO, natural da Guarda, filho de Fernão Sobrinho, neto de João Sobrinho e bisneto de Fernão Sobrinho; todos foram fidalgos e do verdadeiro tronco d'esta geração.

Carta pela qual el-rei D. Sebastião lhe concede o seguinte brazão de seus antecessores : — Escudo esquartelado; o primeiro de vermelho e uma torre de prata com portas, frestas, e lavrado de preto; e o segundo de verde, um casco de prata e em cima d'elle uma flor de liz de oiro; e assim os seus contrarios, sem differença; elmo aberto de prata guarnecido de oiro, paquife de prata, vermelho, oiro e verde, e por timbre um leão vermelho com o casco das armas na cabeça e a flor de liz nas espaduas; com todas as honras e privilegios de nobre fidalgo, por descender da geração dos Sobrinhos. — Dada em 12 de setembro de 1561. Reg. na Chanc. de D. Sebastião, liv. II, fl. 228 v.

72. ANDRÉ CALDEIRA, fidalgo da casa real, casado com D. Catharina da Silva, filho de Manuel Caldeira.

Carta pela qual el-rei D. Filippe II lhe concede e a seus descendentes o seguinte brazão d'armas : — Escudo de campo de prata com tres estrellas azues postas em banda, elmo de prata cerrado guarnecido de oiro, paquife de prata e azul, e por timbre meio cavallo marinho de azul; com todas as honras e privilegios de fidalgo, pelos seus relevantes serviços. — (M. N.) Dada em Almada a 20 de julho de 1599. Reg. na Chanc. de D. Filippe II, liv. III, fl. 10.

73. ANDRÉ CHIXORRO DA GAMA LOBO E ABREU, natural da villa de Monforte do

Alemtejo, fidalgo cavalleiro da casa real e coronel reformado do regimento de milicias de Portalegre, filho de Thomé José Chixorro Pinheiro da Gama Lobo, coronel de infanteria, fidalgo cavalleiro da casa real, e de sua mulher D. Guiomar Joaquina de Castro; neto paterno de André Chixorro da Gama Lobo, tambem fidalgo cavalleiro da casa real, e de D. Catharina Zuzarte Barreto da Silva; bisneto de Thomé Chixorro Pinheiro, e de D. Maria de Abreu Figueiredo; terceiro neto de Manuel Chixorro Pinheiro, e de D. Violante de Andrade, filha de Leoniz de Abreu Carvalho, e neta de Fernão da Gama Lobo.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Sousas, no segundo as dos Gamas, no terceiro as dos Lobos, e no quarto as dos Abreus.—Br. p. a 29 de Novembro de 1825. Reg. no Cart. da N., liv. VIII, fl. 166 v.

(C. C.)

74. André Dias de Oliveira da Costa, cavalleiro professo na ordem de Christo, capitão de infanteria de um dos regimentos da cidade de Bragança, e d'ella natural; filho de André Dias de Oliveira, natural do logar de Melhe, termo da dita cidade, tenente coronel que foi do regimento de infanteria da praça de Chaves, e de sua mulher D. Maria da Costa, da cidade de Bragança; neto pela parte paterna de Francisco Dias de Oliveira. natural do dito logar, e de sua mulher D. Maria Pires do de Soutello de Penna Maurifea, e pela materna de Domingos da Costa, e de sua mulher D. Thereza de Moraes, ambos da dita cidade.

Um escudo partido em pala; na primeira as armas dos Oliveiras e na segunda as dos Costas.—Br. p. a 30 de dezembro de 1771. Reg. no Cart. da N., liv. I, fl. 167.

(C. C.)

75. André Soares de Madureira, fidalgo do solar da casa de Parada, da provincia de Traz-os-Montes, familiar do Santo Officio, cidadão da cidade de Bragança, e natural da villa de Riborda; filho legitimo e unico de Pedro Soares do Rego e Sousa, capitão que foi fronteiro da provincia de Traz-os-Montes, e de sua mulher D. Benedicta de Moraes Madureira Feijó; neto paterno de André Soares Ayres, capitão de um terço de infanteria volante, e de sua mulher D. Anna de Moraes e Sousa; bisneto de Pedro Ayres Soares, capitão de um terço de infanteria volante, governador de Monforte do Rio Libre, e de sua mulher D. Maria de Sá de Moraes e Sousa; terceiro neto de Pedro Ayres Soares, governador que foi de Monforte, mestre de campo de um terço de infanteria volante, progenitor tambem do coronel de infanteria Pedro Soares, cavalleiro da ordem de Christo, fidalgo da casa real, e de Antonio de Sá Pereira do Lago, coronel de cavallaria, tios do supplicante, e descendentes todos dos moradores da casa real, como senhorios de terras, alcaidarias-móres, e commendas nas tres ordens militares : neto materno de Antonio de Moraes Madureira Feijó, fidalgo de solar, capitão de um terço de infanteria volante, cavalleiro da ordem de Christo, e de sua mulher D. Anna de Lobam Mascarenhas, que era quarta neta de Ruy de Mascarenhas, commendador da commenda de S. Miguel de Bambres, e de D. Anna de Macedo, filha de Affonso Gomes Mascarenhas, que serviu em Africa; bisneto de outro Antonio de Moraes Madureira, fidalgo de solar, senhor da casa e solar de Parada e mais senhorios d'ella, e de sua mulher D. Anastasia Pereira, filha de Gonçalo Borges Rebello, nono senhor dos morgados do Corpo-santo e Quintella de Lampeças; era tambem quinta neta de Alvaro Pires de Meirelles, verdadeiro descendente de D. Nuno de Aguilar de Chacim, e de D. Maria Borges, filha de Diogo Gonçalves Borges, senhor da Torre de Moncorvo; terceiro neto de Alvaro Annes de Moraes Madureira, fidalgo de solar, senhor da casa e solar de Parada, e das jugadas de Parada, Paredes, S. Pedro, Grijó, e Coelhoso, e de D. Anna de Moraes, sua prima, filha de Manuel de Moraes Pimentel, e de D. Isabel de Moraes, filha de Francisco de Moraes o Palmeirim, commendador da ordem de Christo, e thesoureiro do thesouro particular que n'aquelle tempo tinham os senhores reis d'este reino, de quem tambem descende D. Miguel Pereira; quarto

neto de Antonio de Moraes Pimentel, irmão de Jayme de Moraes Pimentel, que foi avô de Gregorio de Castro Moraes, general de batalha, governador das armas de Traz-os-Montes, e commendador de S. Miguel de Bogalhal, e de sua mulher D. Isabel de Madureira, filha herdeira de Alvaro Annes de Madureira, fidalgo de solar, senhor da casa de Parada, e das jugadas e mais senhorios sobreditos, e de D. Branca de Sousa, neta paterna de Luiz Annes de Madureira, fidalgo de solar, senhor da casa de Parada, e mais jugadas dos ditos logares e senhorios referidos, e de D. Isabel de Barros, bisneta de Alvaro Annes de Madureira, senhor de Villa-franca de Sesulfra, Val de Prados, Briloedo, Froeira, Arufe, aldeia de Corda-real, e outras mais em Traz-os-Montes, fidalgo da casa do senhor rei D. Affonso v (a quem serviu nas guerras do seu tempo, e acompanhou na batalha de Touro, e na conquista de Africa foi este fidalgo o primeiro senhor das vódas ou jugadas de Parada, Paredes, S. Pedro, Grijó, e Coelhoso, por bulla do papa Urbano vi expedida no anno de 1417, com consentimento do arcebispo primaz D. Lourenço da Cunha, seu primo co-irmão, a cuja mesa archiepiscopal pertenciam as ditas rendas, e foi esta casa de Parada sempre tão attendida dos senhores reis d'este reino, como testemunham as magnificas doações que lhe fizeram os senhores D. Diniz, D. Pedro i, D. João i, e D. Affonso v, como testemunham os instrumentos juridicos e authenticos que conservam os interessados n'esta ascendencia, existem originaes na Torre do Tombo; sendo uma d'ellas que os senhores d'ella pudessem levantar torres nos paços de sua residencia) e de sua mulher D. Anna Fajardo, filha de D. João Fajardo, senhor de Carvajales, em Castella, que depois foram marquezes de los Valles; quinto neto de Aleixo de Moraes Pimentel, fidalgo da casa do senhor rei D. João iii, veador da senhora infanta D. Maria, commendador na ordem de Christo, e padroeiro do capitulo do convento de S. Francisco de Bragança, o qual era irmão do secretario de estado Nuno Alvares Pereira de Moraes, pae de Pedro Alvares Pereira, senhor de Serra-Leôa, que teve a mercê do titulo de conde de Muje; o qual casando com D. Mexia de Faro foi pae de D. Francisco Pereira, bispo de Miranda e Lamego, e de D. Maria, mãe do grande Nuno Alvaro Botelho, governador da India, de quem descendem os condes de S. Miguel, e de sua mulher D. Isabel Gomes de Macedo, filha de Ruy Gomes Mascarenhas, commendador da commenda de S. Miguel de Bambres, cuja egreja edificou, e de D. Anna de Macedo, neta de Affonso Gomes Mascarenhas, já acima mencionado; sexto neto de Pedro Alvares de Moraes Pimentel, padroeiro do dito capitulo do convento de S. Francisco de Bragança, de cuja ascendencia trata o *Nobiliario* de Affonso Lopes de Haro, na casa dos senhores da Serra-Leôa, e D. Maria Pereira, filha de Gonçalo Vaz Guedes, terceiro senhor de Murça, e de D. Maria Pereira, filha de Nuno Alvares Pereira, irmão de Ruy Vaz Pinto, senhor das villas de Ferreiros e Tendaes; setimo neto de Alvaro Pires de Moraes Pimentel, padroeiro do referido capitulo, e de D. Isabel de Valcaceres, irmã de D. Mayor de Valcaceres, mãe de D. Rodrigo Osorio, conde de Lemos, e filhas ambas de D. João Rodrigues de Valcaceres; oitavo neto de Gil Affonso Pimentel, que voltando de Castella para Portugal com seu primo D. Affonso Pimentel, conde de Benavente, que se retirava ás persecuções de D. Alvaro de Luna, casou na cidade de Bragança, d'onde era oriundo, com sua prima D. Leonor de Moraes, filha herdeira de Gonçalo Rodrigues de Moraes, oitavo padroeiro do referido capitulo, vassallo de el-rei D. Affonso v, e chefe d'esta familia dos Moraes, e de D. Maria de Sousa, neta paterna de Rodrigo de Moraes, setimo padroeiro do dito capitulo, e de D. Leonor de Tavora, bisneta de Gonçalo Rodrigues de Moraes, sexto padroeiro do mesmo capitulo, e de Ginebra de Macedo, terceira neta de Martim Gonçalo de Moraes, quinto padroeiro do referido capitulo, e de D. Lourença Pires de Tavora, filha de Lourenço Pires de Tavora, senhor da grande casa de Tavora, quarta neta de Gonçalo Rodrigues de Moraes, quarto padroeiro do mesmo capitulo, e de Estephania Soares, paes tambem de Alda Gonçalves de Moraes, mulher do segundo Lourenço Pires de Tavora, senhor d'esta casa, quinta neta de Ruy Martins de Moraes, terceiro padroeiro do dito capitulo, alcaide-mór de Bragança, senhor de Moraes e outras terras, e de sua segunda mulher Urraca Gonçal-

ves de Leiria, sexta neta de Martim Gonçalves de Moraes, segundo padroeiro da egreja de S. Francisco, senhor de Moraes e outros logares, que viveu no tempo dos senhores reis D. Sancho, o Capello, e D. Affonso III a quem fez grandes serviços, e de sua mulher Elvira Pires, setima neta de Gonçalo Rodrigues de Moraes, que viveu em Bragança, pelos annos de 1210 a 1217, e foi o que doou ao patriarcha S. Francisco a sua ermida de Santa Catharina e cerca em que o mesmo santo fundou o seu convento, que é o primeiro que houve em Portugal d'esta ordem, como attesta o cardeal Gonzaga na *Historia Seraphica*, e o padre mestre Esperança na *Historia da provincia de Portugal*, primeira parte, no convento de Bragança; nono neto de João Affonso Pimentel, que passou para Castella com seu tio João Affonso Pimentel, primeiro conde de Benavente, e lá casou com D. Thereza Pacheco, filha de Serralvo, que depois foram marquezes e grandes; decimo neto de Martim Affonso Pimentel, que era irmão de Affonso Pimentel, senhor de Bragança, Vinhaes e Outeiro, passando para Castella foi lá o primeiro conde de Benavente, e de D. Ignez de Mello, filha de Vasco Martins de Mello, senhor da Castanheira, Povos e Cheleiros, alcaide-mór de Evora; decimo primeiro neto de João Affonso Pimentel, commendador-mór de Sant'Iago, e de D. Lourença da Fonseca; decimo segundo neto de João Affonso Pimentel, e D. Constança Rodrigues de Mello, filha de Ruy Martins de Moraes, terceiro padroeiro da egreja de S. Francisco, alcaide-mór de Bragança, e senhor do solar de Moraes; decimo terceiro neto de D. Affonso Vasques Pimentel, rico homem, e de D. Sancha Fernandes de Maceira; decimo quarto neto de Vasco Martins Pimentel, que foi avô materno do arcebispo primaz D. Gonçalo Pereira, e de D. Maria Annes de Fornellos; decimo quinto neto de Martim Fernandes Pimentel, senhor da quinta e honra da Torre.

As armas dos Moraes, e Madureiras. — Br. p. a 9 de julho de 1755. Reg. no Cart. da N., liv. particular, fl. 87 v.

(C. C.)

76. André Soares de Paiva Coronel, morador em Lisboa, filho de Manuel Soares Coronel e neto de Diogo de Lisboa Coronel e de Antonia Saraiva, e neto pela parte materna de Francisco Nunes e Beatriz Gomes.

Carta pela qual el-rei D. João IV lhe concedeu o seguinte brazão de seus antecessores : — Escudo de campo azul com cinco aguias de oiro estendidas postas em santor e a do meio coroada de oiro, elmo de prata aberto guarnecido de oiro, paquife dos metaes e côres das armas; e por timbre a mesma aguia de oiro coroada, e por differença um trifolio de prata; com todas as honras e privilegios de fidalgo, por descender da geração dos Coroneis. — Dada em Lisboa a 3 de agosto de 1644. Reg. na Chanc. d'el-rei D. João IV, liv. XVIII, fl. 64 v.

77. André de Quadros, provedor das vallas e das lezirias e paúes, commendador da ordem e cavallaria de nosso senhor Jesus Christo, filho de Ayres Gomes de Quadros, neto de outro Ayres Gomes de Quadros, bisneto de Affonso de Quadros, que era herdeiro de uma das quatro alcaidarias móres de Sevilha; bem assim o dito André de Quadros era neto de Beatriz Gil Barreto, bisneto de André Gil Barreto do tronco da linhagem dos Barretos.

Carta pela qual el-rei D. João III lhe concede o seguinte brazão de seus antecessores: — Escudo de campo esquartelado; o primeiro dos Quadros, que é enxaquetado de prata e azul, o segundo dos Barretos que é arminhado, elmo de prata aberto guarnecido de oiro, paquife de prata, azul e de arminho, e por timbre meio leão de azul tendo na mão um xadrez das mesmas armas; com todas as honras e privilegios de fidalgo por descender da geração e linhagem dos Quadros e Barretos. — Dada em Lisboa a 11 de julho de 1541. Reg. na Chanc. de D. João III, liv. XXXIV, fl. 43 v.

78. André da Silveira do Pó, cavalleiro fidalgo da casa real, filho de Christovão

Alvares do Pó, e neto de Gil Alvares do Pó, o qual foi neto de João Annes do Pó, que foi fidalgo e muito honrado alcaide-mór de Obidos, e chefe d'esta geração.

Carta pela qual el-rei D. João III lhe concede o seguinte brazão de seus antecessores: —Escudo de campo de prata com um leão de purpura com o rabo entre as pernas agachado para assaltar, e uma bordadura vermelha com oito aspas de prata, elmo de prata aberto guarnecido de oiro, paquife de prata e purpura, e por timbre o mesmo leão; com todas as honras e privilegios de fidalgo por descender da geração e linhagem dos do Pó. —Dada em Setubal a 11 de abril de 1532. Reg. na Chanc. de D. João III, liv. XVIII, fl. 19 v.

79. André Silverio Rosa, cavalleiro professo na ordem de Christo, e tenente coronel do segundo regimento de milicias do termo de Lisboa, filho de João Gomes Silverio Rosa e de D. Bernarda Thereza Joaquina Rosa, neto paterno de José Barbosa Rosa e de D. Maria Gomes Rosa, e materno de Antonio Silverio Gonçalves e de D. Thereza Mauricia.

Escudo com as armas dos Gomes. — Br. p. a 27 de julho de 1816. Reg. no Cart. da N., liv. VII, fl. 350 v.

(C. C.)

80. D. Angela Cadena de Villasante, irmã de Gregorio Cadena Bandeira de Mello, filha de Pero de Cadena, moço fidalgo, e de Brites Bandeira de Mello, neta materna de Filippe Bandeira de Mello, bisneta de Sebastião Pires de Louredo e de Brites Bandeira de Mello; trineta de João Rodrigues Malheiro de Mello e de Filippe Bandeira; quarta neta de Gonçalo Pires Bandeira, o primeiro d'este appellido, o qual João Rodrigues Malheiro de Mello foi filho de João Malheiro de Ponte de Lima e de Guiomar de Mello, que foi filha de Fernão de Mello, filho de D. Rodrigo de Mello, outro sim filho de D. Lionel de Lima, setimo avô da dita D. Angela Cadena de Villasante, e que foi o primeiro visconde de Villa-nova da Cerveira, e era casado com D. Filippa da Cunha filha de Alvaro da Cunha, senhor de Pombeiro, e de D. Brites de Mello, que era filha de Martim Affonso de Mello.

Carta pela qual el-rei D. Filippe III lhe concede e a seus descendentes o seguinte brazão de seus antecessores: — Escudo de campo esquartelado; o primeiro dos Bandeiras de vermelho com uma bandeira quadrada de prata com a haste e franja de oiro, carregada de um leão de purpura rompente armado de vermelho; o segundo dos Mellos, de vermelho e seis besantes de prata entre uma dobre cruz e bordadura de oiro; o terceiro dos Limas, um escudo partido em tres palas a primeira de Aragão e as outras duas esquarteladas dos Silvas e Souto-maior; o quarto dos Cunhas, de oiro com nove cunhas de azul formadas em tres palas, e por differença uma brica com seu coxim, por timbre o leão da bandeira, elmo de prata aberto guarnecido de oiro, e o paquife dos metaes e côres das armas; com todas as honras e privilegios de fidalgo, por descender das ditas gerações. — Dada em Lisboa a 16 de junho de 1633. Reg. na Chanc. de D. Filippe III, liv. I, fl. 306.

81. Angelo Rodrigues, cavalleiro professo na ordem de Christo, filho de José Rodrigues Frade e de sua mulher D. Thereza de Jesus do Sacramento, neto paterno de Antonio Rodrigues Frade e de sua mulher D. Paula Maria, e materno de Miguel de Sousa Rego e de sua mulher D. Antonia do Sacramento.

Um escudo partido em pala; na primeira as armas dos Frades, e na segunda as dos Regos. — Br. p. a 12 de setembro de 1817. Reg. no Cart. da N., liv. VII, fl. 385 v.

(C. C.)

82. D. Anna Avelina Pinto Leão de Carvalho Pereira, filha de José Pinto Leão de Carvalho Pereira, a quem se passou brazão de armas a 25 de agosto de 1806, e de sua mulher D. Anna Avelina Pinto Leão de Carvalho Pereira, neto paterno de João Pinto Leão Rodrigues de Carvalho e de sua mulher D. Francisca Pinto Pereira de Carvalho; bisneto pelo mesmo lado de Leão Rodrigues Pinto de Carvalho e de sua mulher D. Jeronyma

Teixeira Pinto, neto materno de Manuel Teixeira e de sua mulher D. Francisca Teixeira.

Uma lisonja partida em pala, a primeira de prata lisa, a segunda esquartelada; no primeiro quartel as armas dos Leões, no segundo as dos Pintos, no terceiro as dos Pereiras, e no quarto as dos Teixeiras. — Br. p. a 23 de junho de 1807. Reg. no Cart. da N., liv. VII, fl. 189 v.

(C. C.)

83. D. Anna de Castello-branco, irmã de Manuel de Figueiroa de Castello-branco, filha do doutor Pedro de Mendanha Figueiroa, e de Leonor Moreira de Castello-branco; neta paterna de Simão de Figueiroa, e de Branca Mendanha; bisneta de Galaor de Mendanha, alcaide-mór de Castro-minho, no reino de Castella a velha, e de D. Ignez de Benevides, todos fidalgos : neta materna de Simão de Seixas, e de Anna Moreira de Castello-branco; bisneta de Henrique de Seixas, e tresneta de Fernam de Seixas, do verdadeiro tronco da geração dos Seixas.

Carta pela qual el-rei D. Filippe III lhe concede o seguinte brazão de seus antecessores: — Escudo de campo partido em pala; a primeira dos Mendanhas de campo azul com uma cota de armas de prata, passada com tres settas com os cabos e hastes vermelhas, e as pennas de oiro gotadas de sangue; a segunda dos Seixas de verde com cinco seixas de prata, em aspa, armadas de vermelho, voando, tendo a mais alta e a mais baixa de contra-banda, por timbre as tres settas das armas postas em roquete, atadas com um troçal de prata, elmo de prata aberto guarnecido de oiro, paquife dos metaes e côres das armas; com todas as honras e privilegios de fidalga por descender da geração dos Mendanhas e dos Seixas. — Dada em Lisboa a 6 de agosto de 1630. Reg. na Chanc. de D. Filippe III, liv. II, fl. 149.

84. D. Anna Constança Marinho e Castro, natural da Bahia de todos os Santos, filha de Antonio Cardoso dos Santos, professo na ordem de Christo, coronel de infanteria auxiliar, thesoureiro-mór da bulla da Santa Cruzada, deputado e thesoureiro geral da Junta da real fazenda, e de sua mulher D. Anna Joaquina de S. Miguel Cardoso; neta pela parte paterna de Pedro Domingues, e de sua mulher D. Antonia Francisca, e pela materna do mestre de campo Francisco Barbosa Marinho e Castro, e de sua mulher D. Anna Quiteria do Nascimento.

Um escudo em lisonja partido em pala, a primeira de prata lisa, e a segunda esquartelada; no primeiro quartel as armas dos Cardosos, no segundo as dos Barbosas, no terceiro as dos Marinhos, e no quarto as dos Castros. — Br. p. a 20 de junho de 1790. Reg. no Cart. da N., liv. IV, fl. 172.

(C. C.)

85. D. Anna Julia Hyppolita Limpo Pimentel, casada com seu parente o tenente coronel Joaquim Anacleto Rosado Alvares Esquivel de Logronho, ambos naturaes da villa de Mourão, filha de Antonio José Sancas Limpo Pimentel, tenente de granadeiros do regimento de Serpa, e de sua mulher e prima D. Joaquina Gertrudes Limpo Pimentel; neta paterna do capitão Sebastião Gonçalves Mendes Salvado, e de sua mulher e prima D. Maria das Candêas Mendes Pimenta, filha de Lopo Mendes Sancas; bisneta de Belchior Mendes Pimenta Limpo, e de sua mulher e sobrinha D. Maria Pimenta Limpo; terceira neta de Antonio Mendes Pimenta Limpo, e de sua mulher e prima D. Isabel Mendes Pimenta, filha do valoroso capitão-mór Martim Carrasco Pimenta, descendendo egualmente do patriarcha Affonso Mendes Sancas; neta materna de João Limpo Pimentel, cavalleiro da ordem de Christo, e de sua mulher e prima D. Thereza Bernarda Machado de Brito, a qual foi neta paterna do tenente general commendador Pedro Machado de Brito, fidalgo da casa real, e materna de Manuel da Rosa de Azevedo, commendador da ordem de S. Tiago da Espada, bisneta de André Limpo de Oliveira, e de sua mulher e

prima D. Ignacia Juliana Pimentel, neta de Jeronymo Pimentel, fidalgo cavalleiro da casa real; terceira neta de Diogo de Oliveira Limpo, que foi neto de Alvaro Limpo, fidalgo da casa real, e de sua mulher e prima D. Leonor Alvares Pimentel, filha de Domingos de Paiva, tambem fidalgo da casa real; sendo a mesma supplicante irmã legitima do desembargador João Limpo Pimentel, cavalleiro da ordem de Christo, prelado domestico de Sua Santidade, ministro do Santo Officio, prior de S. Pedro da cidade de Evora, provisor e vigario geral do isento de Montouto da sagrada ordem de Malta, a quem se passou brazão de armas a 26 de março do corrente anno.

Um escudo em lisonja partido em pala, a primeira de prata lisa, a segunda esquartelada; no primeiro quartel as armas dos Mendes, no segundo as dos Pimentas, no terceiro as dos Limpos, e no quarto as dos Pimenteis. — Br. p. a 5 de agosto de 1817. Reg. no Cart. da N., liv. VII, fl. 383 v.

(C. C.)

86. D. ANNA QUITERIA DO NASCIMENTO E CASTRO, viuva do mestre de campo Francisco Barbosa Marinho e Castro, negociante de grosso trato da praça da cidade da Bahia, e na mesma lavradora, natural da referida cidade, filha de José de Sousa de Menezes, e de sua mulher D. Antonia Maria de Jesus.

Uma lisonja partida em pala; a primeira de prata lisa, e a segunda partida em pala, na primeira as armas dos Sousas, e na segunda as dos Menezes. — Br. p. a 13 de outubro de 1802. Reg. no Cart. da N., liv. VII, fl. 16.

(C. C.)

87. D. ANNA DE SOUSA DE QUEIROZ E SILVA, mulher do mestre de campo Theodosio Gonçalves Silva, filha do capitão Simão Pinto de Queiroz, e de sua mulher D. Anna de Sousa de Jesus Machado; neta pela parte paterna de Romão Teixeira, e de sua mulher D. Luiza Pinheiro de Queiroz, e pela materna de Manuel Gonçalves Machado, e de D. Margarida de Sousa.

Uma lisonja partida em pala; a primeira cortada em face, na de cima as armas dos Gonçalves, e na debaixo as dos Silvas do dito seu marido; na segunda pala as armas que lhe pertenciam por seus paes, que é tambem cortada em faxa; na de cima as dos Pintos, e na debaixo as dos Queiroz. — Br. p. a 28 de agosto de 1784. Reg. no Cart. da N., liv. III, fl. 156.

(C. C.)

88. ANTÃO BARBOSA DA CUNHA, filho de Alvaro Barbosa e de Clara Ferreira, que foram fidalgos muito honrados, e do tronco d'esta geração dos Barbosas, e bem assim Clara Ferreira foi do tronco dos Ferreiras.

Carta pela qual el-rei D. João III lhe concede o seguinte brazão de armas de seus antecessores : — Escudo de campo esquartelado ao primeiro de prata com uma banda azul, e n'ella tres crescentes de oiro entre dois leões de vermelho pegando na banda, e ao segundo de vermelho com tres faxas de oiro, e por differença uma flor de liz de prata, elmo de prata aberto guarnecido de oiro, paquife de prata, azul, oiro e vermelho, e por timbre um dos leões; com todas as honras e privilegios dos fidalgos da antiga geração, por descender da nobre linhagem dos Barbosas e Ferreiras. — Dada em Evora a 12 de março de 1535. Reg. na Chanc. de D. João III, liv. x, fl. 74 v.

89. ANTÃO NUNES DE ABREU, natural de Portel, filho de Manuel Nunes Chanoquo, cavalleiro da casa real, e de Isabel do Rego; neto de Ruy Collaço do Rego, que foi do tronco d'esta geração dos do Rego, e fidalgo muito honrado, e de Briolanja Gomes de Abreu, que foi filha de Garcia Gomes de Abreu, que foi bisavô do dito Antão, e era fidalgo e do tronco da linhagem dos de Abreu.

Carta pela qual el-rei D. João III lhe concede o seguinte brazão de seus antecessores: — Escudo de campo esquartelado; ao primeiro de verde e uma banda ondada de prata e n'ella tres vieiras de oiro riscadas de preto e perfiladas de azul; ao segundo de vermelho e cinco cotos de oiro em aspa, e por differença uma brica de prata e n'ella uma de preto, elmo de prata aberto guarnecido de oiro, paquife de oiro, verde e vermelho, e por timbre um dos cotos; com todas as honras de fidalgo por descender da nobre linhagem dos Regos e Abreus. — Dada em Eovora a 28 de agosto de 1535. Reg. na Chanc. de D. João III, liv. X, fl. 136.

90. Antão do Rego, cavalleiro da ordem de Christo, morador em Elvas, filho de Bartholomeu Dias Freire e de Maria do Rego; neto de João do Rego, fidalgo muito honrado e do tronco da geração dos do Rego.

Carta pela qual el-rei D. João III lhe concede o seguinte brazão de armas de seus antecessores: — Escudo de campo verde com uma banda ondada de prata e n'ella tres vieiras de oiro riscadas de preto e perfiladas de azul, e por differença uma brica de vermelho e n'ella um — A — de oiro, elmo de prata aberto guarnecido de oiro, paquife de oiro e verde, e por timbre uma vieira de oiro entre dois penachos de verde; com todas as honras de fidalgo por descender da geração e linhagem dos Regos. — Dada em Evora a 7 de abril de 1536. Reg. na Chanc. de D. João III, liv. XXII, fl. 152.

91. D. Antonia Josepha Paula Malpica Bahamonde, natural da cidade de Badajoz, reino de Castella, casada com o bacharel Guilherme Antonio Apolinario Anderson, juiz de fora da cidade de Beja, moradores na villa de Moura; filha de D. João Domingues Malpica e de D. Thereza Amador; neta pela parte materna de D. Alonso Sanches Amador e de D. Maria Grian Bahamonde.

Uma lisonja partida em pala; na primeira as armas de Anderson, que pertencem a seu marido; na segunda as armas de Bahamonde que lhe pertencem por seus ascendentes.— Br. p. a 3 de fevereiro de 1779. Reg. no Cart. da N., liv. II, fl. 176.

(C. C.)

92. Antonio Affonso Vellado, natural do Porto, commendador da ordem de Nossa Senhora da Conceição de Villa-viçosa, e negociante matriculado; filho de Caetano Affonso Vellado, proprietario, e de sua mulher D. Maria Rosa de Jesus Vellado; neto paterno de Manuel Affonso Vellado, negociante, e de sua mulher D. Anna Martins Vellado, e materno de Ignacio José da Cunha, proprietario, e de sua mulher D. Joanna Maria de Jesus Cunha.

Um escudo partido em pala; na primeira as armas dos Affonsos e na segunda as dos Cunhas. — Br. p. a 10 de fevereiro de 1857. Reg. no Cart. da N., liv. VII, fl. 16.

(C. C.)

93. Antonio Alberto de Andrade Perdigão, sargento-mór de infanteria da ilha da Madeira, filho do dr. Bernardo José de Oliveira Perdigão, capitão-mór da villa de Amarante, e de sua mulher D. Quiteria Joaquina de Andrade; neto pela parte paterna de José Monteiro Perdigão, cavalleiro da ordem de Christo, e tenente de cavallos do regimento de Alcantara da guarnição d'esta côrte, e de sua mulher D. Antonia Josepha do Sacramento, filha de Pedro Nunes e de sua mulher D. Joanna de Oliveira, neta paterna de Francisco Marques de Oliveira e de sua mulher D. Catharina Coelho de Oliveira, e materna de Luiz Gonçalves e de sua mulher D. Antonia de Oliveira, da principal nobreza de Santarem; bisneto o supplicante pela sua baronia de Antonio Ferreira Perdigão, descendente dos Perdigões, que teem seu solar em Benavente, e de sua mulher D. Barbara da Conceição Cardoso; terceiro neto de Lourenço Jorge Perdigão, da villa de Alverca, e de sua mulher D. Antonia Ferreira, filha de João Vicente de Magalhães, natural da provincia de Traz-os-Montes, e de sua mulher D. Andreza Monteiro Barreiro Perdigão, natural da dita villa de

Alverca; quarto neto de Jeronymo de Brito Caldeira, fidalgo da casa real, e de sua mulher D. Catharina de Magalhães Perdigão: e pela parte paterna se mostrava que é neto de Simão Antunes de Andrade e de sua mulher D. Anna Maria Cardoso de Andrade, neta paterna de João Antunes da Costa Homem e de sua mulher D. Maria da Costa e Andrade, e materna de Gregorio Bernardes de Andrade, fidalgo da casa real, cavalleiro professo na ordem de Christo, capitão-mór de Loures, e de sua mulher D. Catharina Homem de Sousa.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Perdigões; no segundo as dos Oliveiras; no terceiro as dos Andrades, e no quarto as dos Caldeiras. — Br. p. a 15 de junho de 1790. Reg. no Cart. da N., liv. IV, fl. 170.

(C. C.)

94. Antonio Alexandre Barbosa de Azevedo, da freguezia de S. Felix de Candemil, termo de Villa-nova da Cerveira, filho do capitão Francisco José de Azevedo e de D. Maria Barbosa da Silva; neto pela parte paterna de Francisco Affonso Nogueira de Azevedo e de D. Maria de Azevedo, e pela parte materna de Alexandre Rodrigues e de D. Ventura Barbosa da Silva.

Um escudo com as armas dos Azevedos. — Br. p. a 11 de maio de 1784. Reg. no Cart. da N., liv. III, fl. 132.

(C. C.)

95. Antonio de Almeida, licenceado, morador na villa de Trancoso, filho de Ruy Lopes de Almeida, bisneto de Ruy Lopes de Almeida, que foi fidalgo de solar conhecido e do tronco d'esta geração.

Carta pela qual el-rei D. João III lhe concede o seguinte brazão de seus antecessores: — Escudo de campo vermelho e seis arruelas entre uma dobre cruz e uma bordadura de oiro, e por differença uma flor de liz metade de prata e metade verde, elmo de prata aberto guarnecido de oiro, paquife de oiro e vermelho, e por timbre uma aguia vermelha besantada de oiro; com todas as honras de nobre fidalgo por descender da geração e linhagem dos Almeidas. — Dada em Evora a 1 de outubro de 1533. Reg. na Chanc. de D. João III, liv. XLVI, fl. 72 v.

96. Antonio de Almeida Caldas de Moraes e Andrade (Doutor), cavalleiro professo na ordem de Christo, lente da faculdade de medicina na Universidade de Coimbra, deputado physico-mór do exercito com a graduação de tenente coronel, filho primogenito de Antonio de Almeida de Moraes, e de sua mulher D. Branca Luiza de Andrade; neto pela parte paterna de Silvestre Rodrigues das Neves Almeida Moraes, e de D. Brites Josepha Caldas; e pela parte materna de Antonio de Campos Lopes Henriques, e de D. Violante Luiza de Andrade.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Almeidas, no segundo as dos Moraes, no terceiro as dos Caldas, e no quarto as dos Andrades. — Br. p. a 12 de dezembro de 1818. Reg. no Cart. da N., liv. VIII, fl. 22.

(C. C.)

97. Antonio de Almeida Campos, natural da cidade do Porto, commendador da ordem de Christo, cavalleiro da ordem da Torre e Espada, e consul geral de Portugal em Liverpool; filho de Antonio José de Almeida Campos, e de sua mulher D. Anna Joaquina Campos; neto paterno de João de Almeida, e de sua mulher D. Luiza Maria da Costa Campos, e materno de Manuel Antonio Fernandes, e de sua mulher D. Joaquina Fernandes.

Um escudo esquartelado; no primeiro e quarto quarteis as armas dos Almeidas, no segundo as dos Campos, e no terceiro as dos Fernandes. — Br. p. a 22 de junho de 1855. Reg. no Cart. da N., liv. IX, fl. 2.

(C. C.)

98. Antonio de Almeida Pinto Soares de Carvalho Ribeiro Leme, filho de Antonio de Almeida Pinto, e de sua mulher Custodia Luiza Leme; neto por parte paterna de Pedro de Almeida Pinto, e de sua mulher Maria Pinto, e por parte materna de Manuel Ribeiro Leme, e de sua mulher Andreza Pinto de Carvalho, senhores de sua casa e quinta da Lama.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Almeidas, no segundo as dos Pintos, no terceiro as dos Lemes, e no quarto as dos Carvalhos. — Br. p. aos 16 de julho de 1800. Reg. no Cart. do N., liv. vi, fl. 129.

(C. C.)

99. Antonio Alves Guedes Vaz (Presbytero), natural de Moimenta da Beira, filho de Manuel Guedes Vaz, e de sua mulher D. Maria Rita Vaz; neto paterno de Manuel Alves Guedes Vaz, a quem se passou brazão de armas a 18 de novembro de 1815, e de sua mulher D. Maria de Assumpção; neto materno de Manuel Baptista da Fonseca, e de sua mulher D. Maria Rita da Fonseca.

Um escudo oval esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Guedes, no segundo as dos Vazes, no terceiro as dos Costas, e no quarto as dos Carvalhos. — Br. p. a 28 de maio de 1866. Reg. no Cart. da N., liv. ix, fl. 100.

(C. C.)

100. Antonio Alves Heitor de Figueiredo e Mattos, capitão-mór, natural da villa de Belver, priorado do Crato, filho de Antonio Alves Heitor e Mattos, formado em leis pela Universidade de Coimbra, habilitado pelo Desembargo do Paço para os logares de letras, e capitão-mór da mesma villa, e de sua mulher D. Ignez Maria Mansa Leitão de Figueiredo; neto pela parte paterna do capitão-mór da dita villa Antonio Alves Heitor e Mattos, cavalleiro fidalgo da casa real, familiar do Santo Officio do numero, e de D. Maria Teixeira e Mattos, e pela materna de Simão Martins de Figueiredo, e de D. Luiza Maria Mansa e França.

Um escudo partido em pala; na primeira as armas dos Mattos, e na segunda as dos Figueiredos. — Br. p. a 14 de dezembro de 1787. Reg. no Cart. da N., liv. iv, fl. 41.

(C. C.)

101. Antonio Alves de Sousa Guimarães, commendador da ordem de Christo, vereador da Camara municipal da cidade do Porto, e negociante de grosso tracto; filho de João Antonio de Sousa Guimarães, negociante de grosso tracto, e capitão de milicias da cidade do Porto, e de sua mulher D. Maria do Carmo Alves Guimarães; neto paterno de João de Sousa Guimarães, negociante, e major de milicias da mesma cidade, e de sua mulher D. Francisca Josepha de Sousa Guimarães; e materno de Antonio José dos Santos Alves, capitão de milicias da mesma cidade, e de sua mulher D. Josepha Maria dos Santos Alves.

Um escudo partido em pala; na primeira as armas dos Guimarães, e na segunda as dos Sousas. — Br. p. a 23 de setembro de 1848. Reg. no Cart. da N., liv. viii, fl. 335 v.

(C. C.)

102. Antonio Aniceto de Brito Lima, natural de Villa-nova da Cerveira, filho de Manuel Furtado de Mendonça e Lima, cavalleiro fidalgo da casa real, professo na ordem de Christo, e de sua mulher D. Luiza Varella Pereira; neto pela parte paterna de João de Brito Lima, cavalleiro fidalgo da casa real, e de sua mulher D. Margarida Furtado de Mendonça; bisneto de Cosme Cação de Brito, e terceiro neto de Francisco de Brito Cação, tambem cavalleiro fidalgo da casa real; e pela materna neto de Cypriano Alvares Varella, cavalleiro da ordem de Christo, fidalgo da casa real, governador que foi da praça de Villa-nova da Cerveira, e de sua mulher D. Leonor Pereira.

Um escudo partido em pala; na primeira as armas dos Britos, e na segunda as dos Limas. — Br. p. a 18 de agosto de 1772. Reg. no Cart. da N., liv. I, fl. 183.

(C. C.)

103. ANTONIO APOLINAR ANDREZON (Bacharel), cavalleiro professo na ordem de Christo, juiz de fora que foi na villa de Serpa, natural de Villa-viçosa, filho de Antonio Ziandro Andrezon, e de sua mulher D. Anna Thereza da Silveira; neto pela parte paterna de Guilherme Andrezon, e de sua segunda mulher D. Joanna Ferreira, e bisneto de Renandre Andrezon e de Helena Andrezon, descendentes da illustre casa e familia de Andrezon.

Um escudo com as armas da familia Andrezon. — Br. p. a 15 de setembro de 1773. Reg. no Cart. da N., liv. I, fl. 208 v.

(C. C.)

104. ANTONIO DE AZAMBUJA, fidalgo da casa real, filho de Diogo de Azambuja.

Carta pela qual el-rei D. João III lhe concede o seguinte brazão de seus antecessores: — Escudo de campo esquartelado; o primeiro de vermelho e um castello de oiro com tres torres e as portas d'estas e frestas garnidas de azul; o segundo de oiro com quatro bandas de vermelho, elmo de prata aberto garnido de oiro, paquife de oiro e vermelho, e por timbre o mesmo castello; com todas as honras de fidalgo de antiga linhagem por descender da geração dos Azambujas. — Dada em Evora a 12 de fevereiro de 1535. Reg. na Chanc. de D. João III, liv. X, fl. 43.

105. ANTONIO DE AZEVEDO DE ALMEIDA ANDRADE DE CARVALHO E SILVA, presbytero do habito de S. Pedro, bacharel formado nos sagrados canones, commissario do Santo Officio da Inquisição de Coimbra, habilitado para poder receber os habitos de alguma das tres ordens militares, e abbade da freguezia de Simodaens, comarca de Lamego, filho de Antonio Martins da Silva, e de sua mulher Domingas de Azevedo; neto pela parte paterna de Antonio Martins, e de sua mulher Maria da Natividade; neto por parte materna de Domingos de Azevedo, e de sua mulher D. Joanna de Andrade; bisneto por parte paterna de Antonio Gonçalves, e de sua mulher Maria Martins; bisneto por parte materna de João Thomé, e de sua mulher Maria de Azevedo.

Um escudo ovado e esquartelado; no primeiro e quarto quarteis as armas dos Silvas, no segundo as dos Azevedos, e no terceiro as dos Andrades. — Br. p. a 6 de julho de 1799. Reg. no Cart. da N., liv. VI, fl. 93.

(C. C.)

106. ANTONIO BAPTISTA DA PONTE COELHO, natural de Lisboa, filho de Bernardo Baptista de Andrade e Silva, familiar do Santo Officio, e de sua mulher D. Josepha Matheura da Ponte; neto pela parte paterna de Lourenço Baptista de Andrade e Sousa, tenente coronel de infanteria dos estados da India, e de sua mulher D. Maria de S. José; bisneto de Thomé Gonçalves de Andrade e Silva, pagador geral das tropas do reino do Algarve, escudeiro fidalgo da casa real, e de sua mulher D. Maria da Trindade : neto pela parte materna de Garcia da Ponte Coelho, capitão-mór do districto dos engenhos do Espirito Santo, e capitania da Parahyba, professo na ordem de Christo, cavalleiro fidalgo da casa real, familiar do Santo Officio, e de sua mulher Catharina Matheura; bisneto de Manuel Fernandes da Ponte Coelho, professo na ordem de Christo, cavalleiro fidalgo da casa real, familiar do Santo Officio, e de sua mulher Beatriz Coelho; terceiro neto de Thomé Martins Fernandes da Ponte Coelho, capitão em Mazagão, professo na ordem de Sant'Iago, e escudeiro fidalgo da casa real, e de sua mulher D. Isabel Fernandes da Rosa; quarto neto de Miguel Vicente da Ponte Coelho, professo na ordem de Christo, familiar do Santo Officio, e sargento-mór das ordenanças da villa de Loulé, e de sua mulher D. Thereza Coelho Francisca; quinto neto de Francisco Martins Francisco da Ponte Coe-

lho, escudeiro fidalgo da casa real e governador de Cabo-verde, e de sua mulher D. Maria de Faria e Albuquerque; sexto neto de Martim Affonso Francisco da Ponte Coelho, professo na ordem de Sant'Iago, tambem escudeiro fidalgo da casa real e capitão em Mazagão, e de sua mulher D. Simoa Guerreiro; setimo neto de Francisco Martins Francisco da Ponte Coelho, escudeiro fidalgo da casa real, e de sua mulher Guiomar Affonso.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Andrades, no segundo as dos Silvas, no terceiro as dos Pontes. e no quarto as dos Coelhos.— Br. p. a 27 de abril de 1795. Reg. no Cart. da N., liv. v, fl. 46.

(C. C.)

107. Antonio Barbosa de Albuquerque (Bacharel), cavalleiro professo na ordem de Christo, cidadão da cidade do Porto, onde é morador; filho do capitão Christovão Barbosa de Albuquerque, e de D. Magdalena da Conceição; neto pela parte paterna de Jeronymo Barbosa de Albuquerque, e de D. Apollonia da Ribeira, e pela materna de Francisco da Costa de Vasconcellos, e de D. Maria da Costa, naturaes todos da dita cidade do Porto.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Barbosas, no segundo as dos Albuquerques, no terceiro as dos Costas, e no quarto as dos Vasconcellos.— Br. p. a 25 de julho de 1768. Reg. no Cart. da N., liv. i, fl. 86 v.

(C. C.)

108. Antonio Barbosa de Almeida, natural da freguezia do Salvador do Campo, termo da cidade do Porto, cavalleiro professo na ordem de Christo, e secretario da real Junta da directoria geral dos estudos e escolas d'estes reinos, filho de Manuel Barbosa da Silva, e de sua mulher Josepha Maria Machado de Almeida; neto paterno de João Barbosa da Silva, bisneto de Antonio Barbosa da Silva, terceiro neto de Manuel Barbosa, quarto neto de Balthasar Barbosa Rangel, cavalleiro fidalgo da casa real, que serviu com distincção em Africa, e foi vereador da camara do Porto, ao qual se passou brazão de armas com as dos Barbosas em 10 de fevereiro de 1625; quinto neto de Jorge Barbosa, cavalleiro fidalgo da casa real; sexto neto de Gregorio Barbosa, que egualmente foi escudeiro fidalgo da casa real.

Um escudo, e n'elle as armas dos Barbosas.— Br. p. a 26 de maio de 1820. Reg. no Cart. da N., liv. viii, fl. 59 v.

(C. C.)

109. Antonio Basilio de Carvalho (Capitão), formado na faculdade dos sagrados canones pela Universidade de Coimbra, cavalleiro professo na ordem de Christo, cidadão da cidade do Porto e natural da freguezia de S. Mamede de Gondoris, concelho de Regalados, couto de Negrellos e Abadim, filho de Raphael de Carvalho, capitão dos privilegiados da Ribeira do Ouro, feitor geral da real fabrica dos armazens da mesma Ribeira, e de sua mulher D. Antonia Maria de Aguiar; neto pela parte paterna de Bento Francisco de Carvalho, que era neto de Gonçalo Lopes de Carvalho, senhor que foi dos coutos de Negrellos e Abadim, e fidalgo da casa real.

Um escudo com as armas dos Carvalhos.— Br. p. a 4 de julho de 1781. Reg. no Cart. da N., liv. iii, fl. 15 v.

(C. C.)

110. D. Miguel, por graça de Deus, etc. Faço saber a todos os que esta minha carta virem, que tendo consideração ao zelo, prestimo e fidelidade nunca assaz louvada com que se tem empregado no meu real serviço, não só durante as viagens de mar e terra que fiz, mas egualmente em todo o tempo que me demorei nas côrtes de Paris, de Vienna d'Austria, e de Londres, concorrendo sempre para a minha conservação, dignidade e decoro:

Antonio Bartholomeu Pires, barão de Queluz, do meu conselho, e meu moço fidalgo com exercicio, e accrescentado a fidalgo escudeiro, commendador das ordens de nosso senhor Jesus Christo, de Nossa Senhora da Conceição, da Torre e Espada, do Leão de Zaringe, cavalleiro da Legião de Honra e da Corôa de Ferro : querendo mostrar-lhe quanto me foram agradaveis seus distinctos e assignalados serviços, e dar-lhe um publico e perpetuo testemunho do apreço que me mereceu : hei por bem conferir-lhe a mercê do escudo de armas da forma seguinte : — Escudo esquartelado; no primeiro quartel em campo de prata o escudo das armas reaes com a differença pertencente aos primeiros infantes; no segundo quartel em campo vermelho uma espada de prata com as guarnições de oiro, posta em pala com a ponta para cima; no terceiro quartel em campo azul um cão de prata sentado, tendo na boca uma chave de oiro, e no quarto quartel em campo de prata uma corôa de loiro verde. Orla azul com o moto seguinte em letras de oiro: — *In perpetuam memoriam honoris, fidelitatis, et constantiœ;* — sobre o escudo uma corôa de oiro de cinco perolas, e por timbre um braço armado, de prata, tendo na mão a espada das armas em acção de descarregar o golpe, e n'ella enrolada uma fita vermelha com o moto seguinte em letras de oiro: — *Pro defentione Regis.* — De cujas armas e nobreza d'ellas, quero, hei por bem que o dito Antonio Bartholomeu Pires, barão de Queluz, e todos os seus filhos, netos, e descendentes possam usar e usem em tudo o que das armas lhes pertence, usam e podem usar os fidalgos de cota de armas de meus reinos, e ainda melhor, se elles com direito melhor o poderem fazer e d'ellas usar. E mando a vós Isidoro da Costa e Oliveira, meu rei de armas Portugal, que assenteis e façaes debuxar as ditas no livro do registo das armas da nobreza e fidalguia d'estes reinos, fazendo outro sim trasladar esta minha carta no livro competente para em todo o tempo se ver e saber como lhe fiz mercê das ditas armas, das quaes lhe passareis carta de brazão em forma. E por firmeza de tudo lhe mandei dar esta por mim assignada, e sellada com o sêllo pendente de minhas reaes armas. — Dada no palacio de Nossa Senhora das Necessidades a 6 de novembro de 1828. — El-rei com guarda. — (M. N.) Reg. no Cart. da N., liv. VIII, fl. 238.

111. Antonio Bernardes de Abreu e Lima, proprietario, natural de Lisboa, filho de Antonio Bernardes de Abreu, proprietario, e de sua mulher D. Anna Joaquina de Lima; neto paterno de Antonio Bernardes Coelho, proprietario, e de sua mulher D. Thereza Maria dos Santos, e materno de Guilherme José de Sousa, proprietario, e de sua mulher D. Anna Rosa de Lima; segundo neto paterno de João Bernardes Duque, proprietario, e de sua mulher D. Isabel Bernardes; segundo neto por parte de sua avó paterna, de Francisco de Abreu e de sua mulher D. Maria dos Anjos; terceiro neto pelo mesmo lado, do capitão Leonel de Abreu e Lima; e quarto neto de Thomé de Abreu de Lima, sargento-mór do concelho de Regalados, legitimo descendente dos Abreus da casa de Regalados de que eram senhores donatarios.

Um escudo partido em pala; na primeira as armas dos Abreus, e na segunda as dos Limas. — Br. p. a 2 de dezembro de 1863. Reg. no Cart. da N., liv. IX, fl. 61.

(C. C.)

112. Antonio Bernardo Cardoso Pessanha e Vilhegas Castello-branco, natural da cidade de Vizeu, morador n'esta côrte de Lisboa, filho de Antonio José Cardoso Pessanha e de sua mulher D. Euphemia Maria, da dita cidade; neto pela parte paterna de Manuel Cardoso Pessanha de Castello-branco e de sua mulher D. Josepha de Jesus Coelho; bisneto de Amaro Pessanha de Castello-branco, filho de Antonio Pessanha de Vilhegas; neto de Miguel Pessanha de Castello-branco, e bisneto de Julio de Vilhegas Castello-branco.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Vilhegas; no segundo as dos Castellos-brancos; no terceiro as dos Cardosos, e no quarto as dos Pessanhas. — Br. p. a 22 de março de 1781. Reg. no Cart. da N., liv. II, fl. 269.

(C. C.)

113. Antonio Bernardo Ferreira, fidalgo cavalleiro da casa real, commendador da ordem de Nossa Senhora da Conceição de Villa-viçosa, cavalleiro da ordem militar de S. João de Jerusalem, e do Santo Sepulchro, e addido honorario á legação de Paris.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Ferreiras; no segundo as dos Pereiras; no terceiro as dos Silvas, e no quarto as dos Avellares. — Br. p. a 24 de maio de 1861. Reg. no Cart. da N., liv ix, fl. 42.

(C. C.)

114. Antonio Bernardo da Fonseca Moniz, presbytero secular, natural da villa de Moncorvo, bacharel na faculdade de leis pela universidade de Coimbra, cavalleiro professo na ordem de Christo, arcediago de Neiva, abbade de Santa Eulalia de Beiriz, desembargador da Relação metropolitana de Braga, e secretario do reverendo arcebispo da mesma diocese primaz das Hespanhas, filho do bacharel Francisco José Nunes da Fonseca Moniz e de sua mulher D. Maria de Madureira Ferreira de Castro; neto paterno do bacharel José Nunes da Fonseca Moniz e de sua mulher D. Rosalia Maria Rita da Assumpção Torres, e materno de João de Torres Portocarrero e de sua mulher D. Luiza Ferreira de Castro.

Um escudo ovado e esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Fonsecas; no segundo as dos Monizes; no terceiro as dos Ferreiras, e no quarto as dos Castros. — Br. p. a 19 de abril de 1826. Reg. no Cart. da N., liv. viii, fl. 200.

(C. C.)

115. Antonio Bernardo Pamplona, natural da cidade de Angra da ilha Terceira, filho de Antonio Xavier Pamplona e de sua mulher D. Catharina Felicia; neto pela parte paterna de Mathias Pamplona Terena e de sua mulher D. Josepha Maria de Mello; bisneto de D. Antonia Moniz Alves Pamplona, filha de Mathias Pamplona que foi terceiro neto por linha legitima de Gonçalo Alves Pamplona, natural da cidade do Porto, e um dos povoadores da dita ilha.

Um escudo com as armas dos Pamplonas. — Br. p. a 7 de fevereiro de 1770. Reg. no Cart. da N., liv. i, fl. 118.

(C. C.)

116. Antonio Bernardo da Silva e Sousa, cavalleiro professo na ordem de Christo, natural da villa de Amarante, filho de Francisco Xavier da Silva, e de D. Josepha Maria; neto pela parte paterna de Manuel da Silva Braga, e de sua mulher D. Maria de Sousa, e pela materna de João Teixeira e de D. Joanna da Cunha.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Silvas, no segundo as dos Sousas do Prado, no terceiro as dos Teixeiras, e no quarto as dos Cunhas. — Br. p. a 22 de abril de 1786. Reg. no Cart. da N., liv. iii, fl. 215 v.

(C. C.)

117. Antonio Bernardo Tavares da Fonseca, prior arcipreste da collegiada de S. Miguel de Penella, natural da cidade de Portalegre, filho de Gaspar Fernandes da Fonseca, cavalleiro da ordem de Christo, e sargento-mór de cavallaria no Alemtejo, e de sua mulher D. Maria Magdalena Tavares da Santa; neto pela parte paterna de Antonio Fernandes Ribeiro e Cuba, capitão de cavallos em Chaves, e de D. Maria Pires da Fonseca Pedamasso, filha e herdeira de Lourenço Pires da Fonseca Pedamasso, capitão-mór de Cochim; bisneto de Gaspar Fernandes Ribeiro da Fonseca, tenente coronel de infanteria em Bragança, e de D. Joanna Pimentel Sarmento, filha do mestre de campo Antonio Sarmento Pimentel; terceiro neto de Balthazar Fernandes Sarmento da Fonseca, capitão-mór de Algoes, e de D. Francisca Tavares de Sampaio, filha de Manuel de Sampaio Tavares da Gama, coronel de dragões em Chaves; pela parte materna neto de Pedro Tavares, bisneto de Manuel Tavares, terceiro neto de Pedro Tavares, e quarto neto de Sebastião Tavares.

Rosa; neto paterno de Francisco Fernandes de Macedo, professo na ordem de Christo. cavalleiro fidalgo da casa real, e anadel de cavallaria da extincta praça de Mazagão, e de sua mulher D. Maria Caetana Gil, filha de João Tavares da Silva, cavalleiro fidalgo da casa real, professo na ordem de Christo, e capitão de cavallaria da dita extincta praça de Mazagão; bisneto pelo mesmo lado paterno de Belchior Vieira de Macedo, cavalleiro fidalgo da casa real, professo na ordem de Christo e anadel de cavallaria da dita praça, e de sua mulher D. Maria Josepha; neto materno de Antonio Diniz do Couto, cavalleiro fidalgo da casa real, professo na ordem de Christo, capitão de infanteria da dita praça, e de sua mulher D. Margarida Josepha da Fonseca, filha do sargento-mór de artilheria Luiz da Fonseca Zuzarte, cavalleiro professo na ordem de Christo e cavalleiro fidalgo da casa real, e de sua mulher D. Francisca Cotta; bisneto materno de Mattheus Valente do Couto, cavalleiro fidalgo da casa real e professo na ordem de Christo, sargento-mór e adail de cavallaria da dita extincta praça, e mestre de campo da cidade do Pará, e de sua mulher D. Catharina Rosa da Assumpção, filha do adail João Valente do Couto, cavalleiro fidalgo da casa real, e cavalleiro professo na ordem de Christo.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Macedos, no segundo as dos Silvas, no terceiro as dos Coutos, e no quarto as dos Valentes. — Br. p. a 25 de junho de 1807. Reg. no Cart. da N., liv. VII, fl. 190 v.

(C. C.)

148. Antonio Diniz de Figueiroa, commendador de Santa-Cruz de Campo de Ourique, filho de Luiz Gonçalves de Figueiroa e de Violante Affonso Pereira, neto de Gonçalo Dias de Figueiroa, e bisneto de Gonçalo de Figueiroa, todos naturaes do Porto, e fidalgos muito honrados e do tronco d'esta geração.

Carta pela qual el-rei D. João III lhe concede o seguinte brazão de seus antecessores: — Escudo de campo de oiro e cinco folhas de figueira verdes riscadas de oiro, em aspa, e por differença uma lua de vermelho, elmo de prata aberto guarnecido de oiro, paquife de oiro e verde, e por timbre um braço vestido de azul com um ramo de oiro na mão com as cinco folhas verdes; com todas as honras de nobre fidalgo, por descender da geração e linhagem dos Figueiroas. — Dada em Lisboa a 25 de agosto de 1543. Reg. na Chanc. de D. João III, liv. XXVIII, fl. 44.

149. Antonio Diogo Pedroso Barreto, da freguezia de S. Miguel de Fontoura, filho de Manuel José Pedroso Barreto, alferes de infanteria da praça de Valença, e de D. Esperança Maria Barbosa; neto por parte paterna de Bento Lopes Pedroso, e de D. Joanna Thereza Pereira Barreto; bisneto de Manuel Pereira Barreto, e de D. Francisca Dadine Blanco, filha de Agostinho Dadine Blanco, e de D. Jacinta Garcia de Valinhos; terceiro neto de Gonçalo da Rocha Barreto, e de D. Marianna Pereira da Silva, filha de Balthasar Fernandes de Faria, instituidor da capella de Santo Christo na Misericordia de Vianna, e de Susana Pereira da Silva; quarto neto de João Velloso de Miranda, professo na ordem de Christo, fidalgo da casa real, e governador que foi de Miranda, filho de outro João Velloso de Miranda, tambem fidalgo da casa real, e de D. Ignez Barbosa Botto, e de sua mulher D. Rabil Barreto da Rocha; quinto neto de Filippe Barreto Barbosa, fidalgo da casa real, e de D. Garcia da Rocha Botto, filha de João da Rocha Botto, e de Ignez Guisado; sexto neto de Pedro Velho Barreto, fidalgo da casa real, e de D. Isabel Barbosa, filha de Lourenço Annes Maciel, e de Ignez Barbosa; setimo neto de João Velho Barreto, e de D. Violante Nunes Botto, filha do commendador Gonçalo Esteves Botto; oitavo neto do commendador Vasco Velho Barreto, e de D. Ignez Nunes; nono neto de João Velho, escudeiro do duque de Bragança, e de D. Leonor Gomes Barreto, filha de Pedro Gomes Barreto, commendador de Castro-verde, e de D. Maria de Castro : neto o supplicante por parte materna do bacharel Francisco Barbosa Marinho, e de Juliana Fernandes Barbosa.

Um escudo partido em pala; na primeira as armas dos Pedrosos, na segunda as dos Barretos. — Br. p. a 20 de janeiro de 1802. Reg. no Cart. da N., liv. VI, fl. 187 v.

(C. C.)

150. ANTONIO DORIA TEIXEIRA, natural da ilha da Madeira, filho de Antonio Teixeira Doria de Atouguia, e de D. Anna Isabel Bernarda Bettencourt e Brito, filha de Francisco de Vasconcellos Heredia, e de sua mulher D. Isabel Bernarda Heredia; neto pela sua varonia de Iroão Teixeira Doria, e de sua mulher D. Maria Manuela de Vasconcellos; bisneto de Antonio Teixeira Doria, e de sua mulher D. Isabel de Castel-branco e Andrade, filha de João de Bettencourt de Atouguia, e de sua mulher D. Angela de Andrade; terceiro neto de Iroão Teixeira Doria, e de sua mulher D. Isabel de Castel-branco, filha de Diogo Pereira de Menezes, e de sua mulher D. Catharina Leme; quarto neto de Antonio Teixeira Doria, e de sua mulher D. Mecia Espinola, filha de Antonio de Paiva, e de sua mulher D. Francisca Espinola; quinto neto de Iroão Teixeira de Vasconcellos, e de sua mulher D. Maria Velloso, filha de João Velloso Tavares, e de sua mulher D. Maria Fernandes; sexto neto de Tristão Teixeira de Mendonça, e de sua mulher D. Joanna Doria de Paiva, elle filho de Iroão Teixeira de Mendonça, e de sua mulher Iria de Goes, filha de Lançarote Teixeira, ambos fidalgos da casa real, e ella filha de Luiz Doria, fidalgo tambem da casa real, cavalleiro da ordem de Christo, filho de D. Leonor Doria, da casa dos principes da casa Doria, da republica de Genova, d'onde seu pae veiu para a dita ilha, e de seu marido Ruy Gonçalves de Velloso, filho de Gonçalo Annes de Velloso, fidalgo escudeiro da casa do infante D. Fernando.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Teixeiras, no segundo as dos Dorias, no terceiro as dos Castel-brancos, no quarto as dos Andrades. — Br. p. a 13 de novembro de 1788. Reg. no Cart. da N., liv. IV, fl. 89.

(C. C.)

151. ANTONIO DUARTE DA FONSECA LOBO, natural da cidade de Lamego, e n'ella juiz de fóra, filho do doutor Manuel Duarte da Fonseca, desembargador da Relação do Porto, e de sua mulher D. Luiza Bernarda Pinheiro da Fonseca; neto paterno de Francisco Duarte, e de sua mulher D. Joanna Maria da Fonseca, e materno de José Mendes da Fonseca, e de sua mulher D. Angela Pinheiro da Fonseca; bisneto paterno de Antonio da Fonseca Lobo, e de sua mulher D. Anna da Costa Azevedo, e materno de Antonio da Fonseca; terceiro neto de Antonio da Fonseca.

Um escudo partido em pala; na primeira as armas dos Fonsecas, e na segunda as dos Lobos. — Br. p. a 30 de julho de 1804. Reg. no Cart. da N., liv. VII, fl. 88 v.

(C. C.)

152. ANTONIO DUARTE GONÇALVES PARADIS, capitão das ordenanças da villa de S. Bartholomeu de Maragogipe, na capitania da Bahia, filho do capitão Nicolau Tolentino Paradis, e de D. Manuela Maria de Sant'Anna; neto paterno de João Gonçalves, e de D. Francisca Thereza de Sousa, e materno de Constantino de Oliveira Ribeiro, e de D. Maria Duarte da Costa.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Gonçalves, no segundo as dos Sousas, no terceiro as dos Oliveiras, e no quarto as dos Costas. — Br. p. a 6 de agosto de 1804. Reg. no Cart. da N., liv. VII, fl. 90 v.

(C. C.)

153. ANTONIO ELIAS DA FONSECA GALVÃO, capitão da cavallaria auxiliar da capitania de Pernambuco, filho do capitão de infanteria Cypriano Lopes da Fonseca Galvão, e de sua mulher D. Maria de Vasconcellos Viveiros; neto pela parte paterna de Manuel da Fonseca Jayme, capitão-mór, e governador que foi da capitania do Ceará-grande, e de

dos Soutellos, no terceiro as dos Madureiras, e no quarto as dos Sás. — Br. p. a 16 de maio de 1777. Reg. no Cart. da N., liv. II, fl. 136.

(C. C.)

124. Antonio Camello de Castello-branco, natural e morador em Castello-branco.

Carta pela qual el-rei D. João III lhe concede o seguinte brazão d'armas de seus antecessores: — Escudo de campo esquartelado; o primeiro de prata com tres vieiras de azul em roquete, e o segundo de azul com um leão de oiro com as unhas e lingua de vermelho, e por differença uma brica de vermelho; elmo de prata aberto guarnecido de oiro, paquife de oiro e azul, e por timbre um meio leão, dos de Castello-branco, que é de oiro; com todas as honras e privilegios de fidalgo por descender da geração e linhagem dos Camellos e Castello-brancos. — Dada em Evora a 20 de março de 1536. Reg. na Chanc. de D. João III, liv. 22, fl. 29.

125. Antonio Cardoso Osorio, bacharel formado na faculdade de direito canonico pela Universidade de Coimbra, natural do logar do Prado, concelho de Caria, comarca e bispado de Lamego; filho do bacharel Paulo Correia Botelho Osorio, irmão do bacharel Carlos Botelho Osorio, juiz de fóra da villa de Trancoso, e de sua mulher Seraphina Cardoso; neto paterno do bacharel Manuel Botelho da Fonseca Osorio, e de sua mulher Domingas de Aguiar; bisneto de D. Violante de Barros, e terceiro neto de Jorge Botelho Osorio, natural da villa da Rua, que por serviços que fez á corôa no militar se lhe deu em premio a serventia de cinco officios no dito concelho: neto materno de Gregorio Cardoso Pereira, irmão do padre Manuel Cardoso Pereira, cavalleiro da ordem de Christo e prior da egreja de Samora Correia, e de sua mulher Isabel Fernandes.

As armas dos Botelhos, Osorios, Correias, e Cardosos. — Br. p. a 3 de julho de 1761. Reg. no Cart. da N., liv. particular, fl. 133.

(C, C.)

126. Antonio Cardoso dos Santos Marinho e Castro, natural da cidade da Bahia de Todos os Santos, professo na ordem de Christo, coronel de infanteria auxiliar, thesoureiro-mór da bulla da Santa Cruzada, deputado e thesoureiro geral da Junta da real fazenda, e de sua mulher D. Anna Joaquina de S. Miguel Cardoso; neto pela parte paterna de Pedro Domingues, e de sua mulher D. Antonia Francisca, e pela materna do mestre de campo Francisco Barbosa Marinho e Castro, e de sua mulher D. Anna Quiteria do Nascimento.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Cardosos, no segundo as dos Barbosas, no terceiro as dos Marinhos, e no quarto as dos Castros. — Br. p. a 16 de julho de 1790. Reg. no Cart. da N., liv. IV, fl. 173 v.

(C. C.)

127. Antonio Carlos de Bettencourt de Freitas Esmeraldo Henriques, natural da villa de Santa-Cruz, da ilha da Madeira, e residente na cidade de Paris, reino de França, filho do capitão-mór do districto da mesma ilha José Carlos de Bettencourt de Freitas, e de sua mulher D. Rosa Jacinta Esmeralda Henriques; neto pela parte paterna do capitão-cabo Simeão de Freitas de Bettencourt, tenente coronel da dita ilha, e de sua mulher D. Maria Sebastiana de Carvalho Dromondo, e pela materna de João de Esmeraldo e Atouguia, fidalgo cavalleiro da casa real, e de sua mulher D. Maria Thereza de Menezes Henriques e Castro.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Noronhas, no segundo as dos Bettencourts, no terceiro as dos Dromondos, e no quarto as dos Esmeraldos. — Br. p. a 23 de julho de 1782. Reg. no Cart. da N., liv. III, fl. 60.

(C. C.)

157. Antonio Esteves de Carvalho, barão de Santa Engracia, commendador da ordem de Christo, e da de S. Mauricio e S. Lazaro de Italia, cavalleiro da antiga e muito nobre ordem da Torre e Espada do Valor, Lealdade e Merito, presidente da Camara municipal de Lisboa, e proprietario, filho de João Esteves de Carvalho, proprietario e negociante, e de sua mulher D. Anna Ferreira Vaz; neto paterno de João Esteves de Carvalho, proprietario e negociante, e de sua mulher D. Maria da Assumpção Carvalho : neto materno de José Martins, proprietario, e de sua mulher D. Maria Josepha Martins.

Um escudo partido em pala; na primeira as armas dos Carvalhos, e na segunda as dos Martins. — Br. p. a 17 de julho de 1863. Reg. no Cart. da N., liv. IX, fl. 58.

(C. C.)

158. Antonio Eulalio da Rocha Brandão, capitão de milicias da capitania de Sabará, e d'ella natural, filho de Manuel da Rocha Brandão, sargento-mór da cavallaria auxiliar da comarca de Sabará, ao qual se passou brazão de armas a 13 de janeiro de 1775, e de sua mulher D. Joanna Rosa Marcellina de Seixas; neto paterno do capitão Francisco da Rocha Brandão e de D. Maria da Silva de Figueiredo; bisneto por este mesmo lado do capitão Francisco Sanches Brandão e de D. Maria da Rocha Vieira, e por parte de sua avó paterna é bisneto de Antonio José da Silva e de D. Maria de Avila da Silva de Figueiredo, esta filha de outra do mesmo nome, prima do coronel Garcia de Avila de Figueiredo, senhor da illustre casa da Torre da cidade da Bahia, e o dito Antonio José da Silva filho de D. Francisco Antonio e de D. Maria da Silva, filha do conde de Aveiras Luiz da Silva Telles de Menezes; neto materno do tenente general Bernardo da Silva Ferrão e de sua mulher D. Francisca de Seixas.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Brandões; no segundo as dos Silvas; no terceiro as dos Avilas, e no quarto as dos Ferrões. — Br. p. a 7 de outubro de 1805. Reg. no Cart. do N., liv. VII, fl. 101.

(C. C.)

159. Antonio de Faria Cardoso do Amaral, filho de Leandro de Faria Cardoso e de sua mulher D. Rosa Maria do Couto do Amaral; neto pela parte paterna de Manuel da Cunha Cardoso de Faria, e de sua mulher Maria Pessoa de Andrade, filha de Antonio Pessoa de Andrade e de sua mulher Agueda Cardoso; bisneto de Dionysio Cardoso de Faria e de sua mulher Euphemia da Cunha Manuel, filha de Simão Manuel Monteiro, cavalleiro fidalgo da casa real, da ordem de Christo e de D. Maria da Cunha, irmã do dr. Manuel da Cunha, desembargador da Casa da supplicação; terceiro neto de Antonio Cardoso de Faria e de sua mulher Maria do Amaral, filha de Amador do Amaral; quarto neto de Nuno Vaz Cardoso e de sua mulher Eva Bello de Faria, irmã de Pedro Velho de Faria, abbade da egreja de Fornos, hoje vigario; quinto neto de Balthasar Vaz Cardoso; e pela parte materna neto de João do Couto do Amaral e de sua mulher Anna Marques Lobo, filha de Ignacio da Costa Faro e de Maria Marques Lobo; bisneto de outro João do Couto do Amaral e de sua mulher Damiana de Mattos e Almeida; e terceiro neto de Gaspar do Couto do Amaral e de sua mulher Isabel da Costa Faro.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Cardosos, no segundo as dos Farias, no terceiro as dos Amaraes, e no quarto as dos Coutos. — Br. p. a 11 de novembro de 1766. Reg. no Cart. da N., liv. I, fl. 40.

(C. C.)

160. Antonio de Faria Pimentel, presbytero do habito de S. Pedro e prior de Macinhata de Vouga no bispado de Coimbra; filho de Bruno de Faria Pimentel e de sua mulher D. Cecilia de Andrade Freire; neto paterno de D. Juliana Maria de Faria, e de seu marido Francisco de Caminha; bisneto de D. Simôa de Faria Pimentel e de seu marido Luiz de Mattos Camões, moço da camara do senhor rei D. João IV.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Cerqueiras; no segundo as dos Carvalhos; no terceiro as dos Cunhas, e no quarto as dos Pintos. — Br. p. a 29 de abril de 1820. Reg. no Cart. da N., liv. VIII, fl. 58 v.

(C. C.)

133. ANTONIO CEZARIO DE SOUSA DA GUERRA QUARESMA, fidalgo cavalleiro da casa real, do real Desembargo, e superintendente do subsidio militar da decima no termo de Lisboa; filho do desembargador Bernardo Jose de Sousa da Guerra, cavalleiro professo da ordem de Christo, do Conselho de sua magestade e da real fazenda, e fidalgo cavalleiro da casa real, e de D. Delfina Barbara Quaresma da Fonseca e Costa; neto paterno de Manuel de Sousa e de D. Rosa Maria Coelho da Guerra, e materno de Manuel Quaresma e de D. Leonor Maria de S. Pedro da Fonseca e Costa.

Um escudo esquartelado; no primeiro e quarto quartel as armas dos Sousas; no segundo as dos Guerras, e no terceiro a dos Quaresmas. — Br. p. a 10 de janeiro de 1815. Reg. no Cart. da N., liv. VII, fl. 335 v.

(C. C.)

134. ANTONIO COELHO PEDROSA (Padre), da villa de Murça, comarca de Villa-real, arcebispado de Braga; filho de Domingos Coelho Pedrosa e de sua mulher Anna Ferreira; neto pela parte paterna de Pedro Coelho e de sua mulher D. Francisca Pedrosa; bisneto de D. Luiza Teixeira Coelho, que era príma direita de Martim Teixeira Coelho de Villa-real.

Um escudo ovado espuartelado; no primeiro quartel as armas dos Teixeiras; no segundo as dos Coelhos; no terceiro as dos Pedrosas, e no quarto as dos Ferreiras. — Br, p. a 19 de novembro de 1768. Reg. no Cart. da N., liv. I, fl. 89 v.

(C. C.)

135. ANTONIO CORDEIRO BARACHO DE SOUSA NETO, natural da villa da Lourinhã, filho de José Cordeiro Garcia Gomes, capitão-mór da mesma villa, e de sua mulher D. Leonarda Thereza Baracho de Almeida Josepha Neto; neto pela parte paterna de Manuel Cordeiro Garcia e de sua mulher Anna Gomes, do logar de Bombarral, termo da villa de Obidos, e pela materna do capitão-mór que foi da sobredita villa da Lourinhã, Antonio Baracho de Sousa Neto, cavalleiro fidalgo da casa real, e de sua mulher D. Maria Isidora de Jesus; bisneto de Filippe de Sousa Baracho, descendente de Affonso de Sousa Neto, a quem já se passou brazão de suas armas.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Sousas; no segundo as dos Cordeiros; no terceiro as dos Netos; no quarto as dos Barachos. — Br. p. a 16 de março de 1771. Reg. no Cart. da N., liv. I, fl. 147.

(C. C.)

136. ANTONIO CORREIA, fidalgo da casa real.

Carta pela qual el-rei D. João III lhe concede e a seus doscendentes o seguinte acrescentamento no brazão de seus antecessores: — Escudo de campo esquartelado; o primeiro de vermelho com a cabeça do rei cortada em sangue, foteada de prata com sua corôa de oiro, e o quarto esquartelado, o primeiro de azul com uma cruz *patra* e vazia, e o segundo de verde com cinco flores de liz de oiro em aspa, e assim os seus contrarios; o segundo de vermelho com uma aguia de preto estendida com as mãos e bicos de oiro com um escudo de oiro fretado de vermelho que lhe cobre todo o corpo, á excepção da cabeça, mãos, as pontas das azas e o rabo, e assim o seu contrario; elmo de prata aberto guarnecido de oiro, paquife de oiro, vermelho e azul, e por timbre um braço armado com a cabeça na mão pela fita; com todas as honras e privilegios de fidalgo, por descendencia e pelos serviços que prestou indo n'uma frota como capitão contra os mouros, que derrotou, cortando n'esta occasião ao rei mouro de Badem a cabeça, cuja apparece como ac-

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Fernandes, no segundo as dos Alvares, no terceiro as dos Carvalhos, e no quarto as dos Pereiras. — Br. p. a 10 de junho de 1797. Reg. no Cart. da N., liv. v, fl. 192.

(C. C.)

165. Antonio Fernandes Correia Jarvis de Atouguia, natural da cidade do Funchal, da ilha da Madeira, filho do capitão Antonio Richarte Jarvis de Faria, e de sua mulher D. Maria Correia Bettencourt e Atouguia; neto pela parte paterna de Ignacio Jarvis de Faria, e de sua mulher Antonia Vieira de França, filha de Luiz de França, e de sua mulher Maria Pereira Machado; bisneto pela sua varonia de Richarte Jarvis, cavalleiro inglez, que passando áquella ilha n'ella se estabeleceu, e foi o chefe d'este appellido de Jarvis; e pela materna é o supplicante neto do bacharel Antonio Correia Barbosa, e de sua mulher D. Gandiosa Francisca de Atouguia Bettencourt, filha do capitão Amaro de Atouguia, e de sua mulher D. Maria de Atouguia Bettencourt, e bisneto de José Barbosa, e de sna mulher D. Maria Correia.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Jarvis, no segundo as dos Farias, no terceiro as dos Correias, e no quarto as dos Barbosas. — Br. p. a 30 de setembro de 1780. Reg. no Cart. da N., liv. II, fl. 252.

(C. C.)

166. Antonio Fernandes Correia Jarvis de Atouguia, natural da cidade do Funchal, da ilha da Madeira, filho do capitão Antonio Richarte Jarvis de Faria, e de sua mulher D. Maria Correia Bettencourt e Atouguia; neto pela parte paterna de Ignacio Jarvis de Faria, e de sua mulher Antonia Vieira de França, filha de Luiz de França, e de sua mulher Maria Pereira Machado; bisneto pela sua varonia de Richarte Jarvis, cavalleiro inglez, que passando áquella ilha n'ella se estabeleceu, e foi o chefe d'este appellido de Jarvis; e pela materna é o supplicante neto do bacharel Antonio Correia Barbosa, e de sua mulher D. Gandiosa Francisca de Atouguia Bettencourt, filha do capitão Amaro de Atouguia, e de sua mulher D. Maria de Atouguia Bettencourt, e bisneto de José Barbosa, e de sua mulher D. Maria Correia.

Um escudo partido em pala; na primeira as armas dos Jarvis, e na segunda as dos Atouguias. — Br. p. a 5 de maio de 1781. Reg. no Cart. da N., liv. III, fl. 7 v.

(C. C.)

167. Antonio Fernando Gil (Capitão), da villa de Candosa, comarca da cidade de Viseu, filho de Manuel Fernandes Gil, e de sua mulher Maria Jorge; neto pela parte paterna de Manuel Francisco Gil, e de sua mulher Luiza Nunes; e pela materna de Belchior Rodrigues, e de sua mulher Maria Jorge.

Um escudo com as armas do appellido de Gil. — Br. p. a 14 de dezembro de 1776. Reg. no Cart. da N., liv. II, fl. 122.

(C. C.)

168. Antonio Fernandes de Quadros, adail de Azamor, commendador da ordem e cavallaria de nosso senhor Jesus Christo, filho de Fernão Gomes de Quadros, neto de Ayres Gomes de Quadros, bisneto de Affonso de Quadros, que era herdeiro de uma das quatro alcaidarias-móres de Sevilha; bem assim o dito Antonio Fernandes de Quadros era neto de Beatriz Gil Barreto, e bisneto de André Gil Barreto, do tronco da linhagem dos Barretos.

Carta pela qual el-rei D. João III lhe concede o seguinte brazão de seus antecessores: — Escudo de campo esquartelado; o primeiro dos Quadros, que é enxaquetado de prata e azul, o segundo dos Barretos, que é arminhado, elmo de prata aberto guarnecido de oiro, paquife de prata, azul e arminho, e por timbre meio leão de azul, tendo na mão um

do Maranhão, mestre de campo de auxiliares, filho de Constantino Correia de Araujo, cidadão do dito estado, e de D. Leonarda Mendes de Amorim; neto de Ignacio Correia Coutinho de Cerveira, cidadão e secretario do estado, e de D. Simeanna Furtado de Mendonça; bisneto de Manuel de Araujo Cerveira, que serviu na tropa paga varios postos, foi cidadão e juiz presidente do Senado d'aquelle estado, ouvidor da capitania do Cumá, e de sua mulher D. Margarida Correia de Lucena; terceiro neto de Domingos de Cerqueira Baião, natural da villa dos Arcos de Valdevez, da provincia do Minho, filho de Antonio de Cerveira da Camara, e de sua mulher D. Anna Fernandes de Araujo, que foi primeiro restaurador d'aquelle estado do Maranhão do poder dos hollandezes, e senhor das Torres de Tamaracû e Canavieiras, d'aquella capitania do Cumá; e sua avó D. Simeanna Furtado de Mendonça foi bisneta de Diogo de Campos Moreno, sargento-mór de todo o estado do Brazil, primeiro conquistador do Maranhão do poder dos francezes, commandante general d'elle em 1614, sendo general do Brazil Gaspar de Sousa, devendo-se-lhe toda a felicidade d'aquelle estado, como escreveu Bernardo Pereira de Berredo, liv. II, pag. 78; e D. Margarida Correia, sua segunda avó, mulher de Manuel de Araujo Cerveira, era filha de Agostinho de Menezes, capitão de infanteria, governador da fortaleza de Santa-Cruz da barra do Rio de Janeiro, e senhor da ribeira do Meari; neta de Sebastião de Lucena de Azevedo, capitão-mór e governador do Grão-Pará em 1645, cavalleiro da ordem de Christo, e capitão governador da torre de Cascaes, filho de Mattheus de Freitas de Azevedo, fidalgo da casa real, alcaide-mór de Pernambuco, filho de Sebastião de Lucena de Azevedo, commendador da Matta dos Lobos, da ordem de Christo, e guarda-mór da cidade de Lisboa, e de sua mulher D. Jeronyma de Mesquita, filha de Thomé Borges de Mesquita, neto de D. Pedro Alves de Mesquita, fidalgo castelhano, e senhor do morgado de Meoes, bisneto de Vasco Gil Moniz; Sebastião Lucena de Azevedo, commendador da Matta dos Lobos, foi filho de Vasco Fernandes de Azevedo Lucena, fidalgo da casa real, um dos primeiros descobridores e povoadores de Pernambuco, que pelos grandes serviços que fez n'aquelle estado para fazer estender a sua povoação, que toda se deveu ao seu valor e actividade (como faz memoria o padre Fr. Agostinho de Santa Maria, *Sanctuario Marianno*, t. IX, pag. 306) se lhe fez mercê da alcaidaria-mór de Pernambuco. Vasco Fernandes era nobilissimo por ser filho de matrimonio de Sebastião de Lucena, e de sua mulher D. Maria de Vilhena, filha de Diogo de Azevedo, quarto senhor da villa de S. João de Rei e terras de Bouro na provincia do Minho, casado com D. Brites Dias Correia, filha de João Correia, o Portuguez, e de sua mulher D. Leonor Annes, filha de João Correia, senhor da torre de Ladrão Baião, na comarca de Thomar, todos fidalgos valorosos e bem conhecidos, de quem faz memoria o *Theatro Genealogico*, arvore 123, cuja familia é bem conhecida n'este reino por ser das mais antigas d'elle, e ter o seu principio em D. Arnaldo de Baião, fidalgo francez que acompanhou o conde D. Henrique, e tem por descendentes os senhores de S. João de Rei, e outras casas de fidalgos, os condes de Fontes, e de Monte-Rei.

Um escudo esquartelado; no primeiro e quarto quarteis as armas dos Correias, no segundo as dos Azevedos, e no terceiro as dos Furtados de Mendonça. — Br. p. a 4 de maio de 1790. Reg. no Cart. da N., liv. IV, fl. 158 v.

(C. C.)

142. Antonio da Costa Godinho, natural de Beja, filho de Manuel Godinho e neto de Luiz Godinho, que foi fidalgo muito honrado e do tronco d'esta geração dos Godinhos.

Carta pela qual el-rei D. João III lhe concede o seguinte brazão de seus antecessores: — Escudo de campo partido em pala; a primeira parte enxaquetada de oiro e vermelho de grossos pontes, a segunda de oiro e azul, e por differença uma flor de liz de prata, elmo de prata aberto guarnecido de oiro, paquife de oiro e vermelho, e por timbre uma meia hydra de oiro com sete cabeças de serpe com as linguas de vermelho, com todas as honras e privilegios de fidalgo por descender da geração dos Godinhos. — Dada em Evora a 14 de de agosto de 1536. Reg. na Chanc. de D. João III, liv. XXII, fl. 84.

D. Esperança Maria de Campos; neto por parte materna de Luiz Fradique da Cunha e Mello, fidalgo escudeiro da casa real, e de sua mulher D. Maria Feliciana da Rocha; bisneto de Braz da Cunha de Figueiredo e Mello, fidalgo escudeiro da casa real, e de sua mulher D. Antonia Thereza de Mesquita e Loureiro.

Um escudo esquartelado; no primeiro e quarto quarteis as armas dos Figueiredos, no segundo as dos Cunhas, e no terceiro as dos Mellos. — Br. p. a 6 de setembro de 1800. Reg. no Cart. da N., liv. vi, fl. 135.

(C. C.)

174. Antonio da Fonseca e Moura, do logar dos Carvalhos, concelho de Gaya, comarca do Porto, filho de Nuno da Fonseca e Moura, e de Clara da Fonseca; neto paterno de Domingos Fernandes, e de Brites da Fonseca; e materno de José de Carvalho da Fonseca e Moura, e de Joanna da Fonseca.

Um escudo partido em pala; na primeira as armas dos Fonsecas, e na segunda as dos Mouras. — Br. p. a 29 de março de 1815. Reg. no Cart. da N., liv. viii, fl. 311.

(C. C.)

175. Antonio Fournier Tavares Lemos Borges Cabral, cadete do regimento de Peniche, filho de Hugo de Fournier Leclair, capitão de engenheiros no real serviço, e natural da provincia de Guienne, reino de França, e de sua mulher D. Clara Joaquina de Tavares Borges Cabral; neto paterno de Antonio Fournier de Choisi e de D. Catharina de Marillac, os quaes são descendentes das familias mais distinctas e nobres da referida provincia de Guienne, e materno de Jacinto Borges Leal e de sua mulher D. Joanna Juliana Eugenia de Tavares da Costa Lobo; bisneto materno do capitão Francisco Borges Leal, o qual serviu o cargo de vereador na cidade de Angra em 1747, e de sua mulher D. Antonia Eugenia de Lemos Cabral; terceiro neto pelo mesmo lado de Silvestre Pereira Cabral de Lemos e de sua mulher D. Catharina Pereira da Cunha, filha de João Rodrigues Pereira, conselheiro do regio tribunal do Conselho da fazenda e fidalgo da casa real; quarto neto pelo mesmo lado de João de Lemos Cabral, vereador da cidade de Angra em 1747, e de sua mulher D. Antonia Faria da Fonseca, filha de Roque Fernandes da Fonseca, proprietario de um dos officios de secretario do Desembargo do paço, e de sua mulher D. Martha de Faria, filha de Belchior Alvares de Faria, e de sua mulher D. Martha de Sousa Andrade, irmã de Gaspar de Sousa, todos fidalgos da casa real; quinto neto pelo mesmo lado de Belchior Pereira de Lemos; sexto neto pelo mesmo lado de Fernão Cabral, desembargador do regio tribunal do Desembargo do paço, chanceller-mór do reino, moço fidalgo da casa real e commendador de Penedão, e de sua mulher D. Isabel de Gouvea; setimo neto pelo mesmo lado de Simão Cabral, do real Desembargo e conselho, vereador fidalgo do Senado de Lisboa; oitavo neto pelo mesmo lado de Luiz Cabral, moço fidalgo da casa real; nono neto pelo mesmo lado de Fernão Cabral, senhor e alcaide-mór de Belmonte, Manteigas, Dapás de Gouvea e Quinta de Santo André; decimo neto pelo mesmo lado de João Fernandes Cabral, fidalgo da casa real, alcaide-mór de Belmonte, Azurara, Manteigas, Moimenta, Dapás de Gouvea, e Quinta de Santo André; undecimo neto de Fernão Alvares Cabral, fidalgo da casa real, alcaide-mór de Belmonte, Azurara, Manteigas, Moimenta, Dapás de Gouvea, e Quinta de Santo André, regedor das justiças da Relação de Goa; duodecimo neto pelo mesmo lado de Luiz Alvares Cabral, alcaide-mór de juro e herdade de Azurara, Dapás de Gouvea, e Quinta de Santo André; decimo terceiro neto pelo mesmo lado de Alvaro Gil Cabral, alcaide-mór da Guarda, senhor de juro e herdade de Azurara, Vilhelhas e terras de Tavares por doação feita aos seus ascendentes, sendo o seu bisavô Francisco Borges Leal, filho de Thomaz Borges Leal e de sua mulher D. Catharina de Castro Machado; neto de João Borges Leal e de D. Joanna Rodrigues; bisneto do capitão José Leal, cavalleiro professo na ordem de Aviz e presidente da Camara da ilha Terceira em 1670, e de sua mulher D. Maria de Castro; terceiro neto

de Manuel Leal e de D. Barbara Borges; quarto neto de Diogo Leal; quinto neto de Dionysio Leal, todos fidalgos da casa real: sendo a referida sua avó materna D. Joanna Juliana de Tavares da Costa Lobo, filha de José Caetano de Tavares da Costa Lobo e de sua mulher D. Marianna Antonia Josepha Freire da Cunha Castel-branco, neta de Luiz Tavares da Costa Lobo, capitão-mór da villa da Covilhã, e de sua mulher D. Josepha Maria de Brito Castel-branco, bisneto de Luiz Tavares da Costa Lobo, capitão-mór da villa da Covilhã, e de sua mulher D. Maria Antonia de Albuquerque; terceira neta de Gregorio Tavares, capitão-mór da villa da Covilhã, e de sua mulher D. Catharina Lobo; quarta neta de Luiz Tavares, moço fidalgo da casa real, e de sua mulher D. Maria de Mendonça; quinta neta de Luiz de Tavares, moço fidalgo da casa real, e de sua mulher D. Jeronyma de Tavares; sexta neta de Antonio de Tavares, moço fidalgo da casa real, commendador de S. Vicente da Beira, Alpedrinha e Ouriz; setima neta de João de Tavares, moço fidalgo da casa real, tambem commendador de S. Vicente da Beira, Alpedrinha, e Ouriz; oitava neta de Lopo Dias de Tavares, commendador de S. Vicente da Beira, Alpedrinha, e Ouriz, moço fidalgo da casa real; nona neta de Gonçalo de Tavares, moço fidalgo da casa real e senhor de Mira; decima neta de Pedro de Tavares, alcaide-mór de juro e herdade de Portalegre, Assumar, Alegrete, e cidade de Faro, e senhor de Mira; undecima neta de Gonçalo Tavares, senhor de Tavares e Mira, moço fidalgo da casa real; duodecima neta de Diogo Gonçalves de Tavares, alcaide-mór da villa da Covilhã, vassallo e camareiro-mór do senhor rei D. Fernando; decima-terceira neta de Pedro Esteves de Tavares, alcaide-mór da Guarda; decima-quarta neta de D. Esteves de Tavares, alcaide-mór da Guarda e Covilhã.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Cabraes; no segundo as dos Tavares; no terceiro as dos Sousas, e no quarto as dos Farias.—Br. p. a 27 de julho de 1804. Reg. no Cart. da N., liv VII, fl. 86 v.

(C. C.)

178. Antonio Frade de Faria, fidalgo da casa real, filho de Alvaro Fernandes de Faria; neto de Fernão Dias de Faria; bisneto de Affonso Annes de Faria, que foi fidalgo muito honrado e do verdadeiro tronco d'esta geração.

Carta pela qual el-rei D. João III lhe concede o seguinte brazão de seus antecessores: —Escudo de campo vermelho e uma torre de prata com as portas e frestas de preto, entre cinco flores de liz de prata, tres em chefe e duas em faxa, e por differença um crescente de oiro, elmo de prata aberto guarnecido de oiro, paquife de prata e vermelho, e por timbre a mesma torre com uma das flores de liz em cima; com todas as honras e privilegios de fidalgo por descender da geração e linhagem dos Farias.—Dada em Lisboa a 2 de abril de 1539. Reg. na Chanc. de João III, liv. XXVII, fl. 53 v.

179. Antonio da França e Horta, natural da villa de Torres-vedras, filho de Miguel Gomes de Lemos e de sua mulher D. Arcangela da França e Horta, neto de Paschoal Teixeira e de sua mulher D. Luiza França, irmã legitima de Ambrosio da França e Horta, avô de Antonio da França e Horta, a quem no anno de 1725 se passou brazão de armas das familias dos appellidos; bisneto de Luiz Alvares de Horta e de sua mulher D. Isabel França, filha de D. Maria Farta França; terceiro neto de André Alvares de Horta, e quarto neto de Fernando Alvares de Horta.

Um escudo partido em pala; na primeira as armas dos Franças e na segunda as dos Hortas.—Br. p. a 16 de outubro de 1775. Reg. no Cart. da N., liv. II, fl. 84.

(C. C.)

180. Antonio Francisco Gazo, natural e morador na praça de Extremoz, sargento-mór do regimento de artilheria da mesma praça; filho de João André Gazo, natural da cidade de Genova, d'onde veiu a este reino servir na guerra do anno de

1704, com armas e cavallos á sua custa, e n'elle occupou os postos de capitão de bombardeiros, sargento-mór da artilheria, tenente coronel, coronel, e ultimamente é general de batalha, e de sua mulher D. Magdalena Santa Hugues Gazo; neto paterno de Francisco Maria Gazo, capitão de bombardeiros que foi da republica, senhor da casa e quinta dos Gazos, sita no suburbio da dita cidade, freguezia de S. Cyro, e de sua mulher D. Maria Magdalena Gazo; neto paterno de Antonio Hugues, fidalgo genovez, natural de Araci, freguezia de Santo Antonio, e de sua mulher D. Anna Hugues, natural da cidade de Genova.

As armas dos Gazos.—Br. p. a 2 de janeiro de 1759. Reg. no Cart. da N., liv. particular, fl. 119 v.

(C. C.)

181. ANTONIO FRANCISCO MACHADO, fidalgo cavalleiro da casa real, coronel do regimento de infanteria de voluntarios reaes do commercio da cidade de Lisboa, inspector da Junta dos reaes emprestimos, deputado da real Junta do commercio, e da administração da companhia de Pernambuco e Parahiba; filho de Polycarpo José Machado, fidalgo cavalleiro da casa real, negociante da praça da dita cidade, deputado das companhias do Pará e Maranhão, e de Pernambuco e Parahiba, e de sua mulher D. Maria Luiza Machado; neto paterno de Antonio Francisco Machado e de D. Valentina Francisca da Matta, e materno de Ambrosio Lopes Coelho e de D. Joanna Joaquina.

Um escudo com as armas dos Machados.—Br. p. a 18 de março de 1814. Reg. no Cart. da N., liv. VII, fl. 289.

(C. C.)

182. ANTONIO FRANCISCO MACIEL MONTEIRO, tenente coronel de cavallaria auxiliar da capitania de Pernambuco, d'onde é natural: filho de Antonio Francisco Monteiro, professo na ordem de Christo, capitão commandante dos auxiliares da capitania de Pernambuco, thesoureiro e deputado de duas direcções da Companhia geral e da Alfandega da mesma cidade, e de sua mulher D. Joanna Ferreira Maciel; neto pela parte paterna de Simão Luiz Monteiro de Paiva e de sua mulher D. Maria Francisca de Araujo; neto pela parte materna de Braz Ferreira Maciel, capitão das ordenanças da mesma cidade, onde tambem serviu de juiz vereador da Camara da mesma cidade, e de sua mulher D. Catharina Bernarda de Oliveira Govim: sendo egualmente o mesmo supplicante irmão de Manuel Francisco Maciel Monteiro, a quem se passou brazão de armas a 19 de julho de 1796.

Um escudo partido em pala; na primeira as armas dos Monteiros; na segunda as dos Macieis.—Br. p. a 20 de março de 1798. Reg. no Cart. da N., liv. VI, fl. 13 v.

(C. C.)

183. ANTONIO FREIRE DE ANDRADE, cavalleiro professo na ordem de Christo, familiar do Santo Officio, e cidadão n'esta cidade de Lisboa, d'onde é natural; filho de Roque Durão Freire e de sua mulher D. Jeronyma Maria da Conceição; neto paterno de Manuel Jorge Durão e de sua mulher D. Isabel Mestra Freire de Andrade, filha de Antonio Mestre e de sua mulher Maria Mendes; bisneto paterno de Roque Jorge e de sua mulher Maria Luiza de Medeiros; neto materno de Giraldo Ferreira e de sua mulher D. Antonia Ferreira, filha de Manuel Gonçalves e de sua mulher Maria Gonçalves; e bisneto de Filippe Bayam e de sua mulher Margarida de Freitas.

As armas dos Freires de Andrade.—Br. p. a 10 de dezembro de 1758. Reg. no Cart. da N., liv. particular, fl. 65.

(C. C.)

184. ANTONIO GIL SEVERIM, natural de Lisboa, filho de João Gil Severim, natural de Lisboa e morador na sua quinta de Soo Aseca termo de Alhandra, e neto de Maria Annes

sua mulher D. Maria de Proença; bisneto de Manuel Lopes Galvão, mestre de campo do regimento da cidade de Olinda, e um dos restauradores d'aquella capitania, na expulsão dos hollandezes, em cuja guerra serviu com o posto de capitão de infanteria; e pela materna neto do capitão João Nunes Baião, e de sua mulher D. Felicia de Vasconcellos.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Galvões, no segundo as dos Fonsecas, no terceiro as dos Vasconcellos, e no quarto as dos Viveiros. — Br. p. a 6 de abril de 1768. Reg. no Cart. da N., liv. I, fl. 72.

(C. C.)

154. Antonio de Espindola, genovez, morador na ilha da Madeira, filho de Micer Cliam de Espindola, e de Madona Pereta de Espindola, que foram do tronco d'esta linhagem.

Carta pela qual el-rei D. Manuel lhe concede o brazão de seus antecessores: — Escudo com campo de oiro e uma faxa de escaques de prata e vermelho, com uma merleta de negro, elmo de prata aberto, e por timbre um ramo de espinhas vermelhas que está sobre a face do escudo, e por differença das de seu irmão uma estrella azul no escudo, paquife de oiro e vermelho, por descender da geração e linhagem dos Espindolas, que foram fidalgos e dos principaes da senhoria de Genoa. — Dada em 1513. Reg. na Chanc. de D. Manuel, liv., XLII, fl. 48, e liv. das Ilhas, fl. 136.

155. Antonio de Espindola, morador na ilha da Madeira, filho de Leonardo de Espindola, e neto de ...... de Espindola, genovez, que foi fidalgo muito honrado em Genova, e do tronco d'esta linhagem.

Carta pela qual el-rei D. João III lhe concede o seguinte brazão de seus antecessores: — Escudo de campo de oiro e uma faxa de escaques de prata e de vermelho, e no chefe do escudo um ramo de espinhas vermelhas, e por differença uma merleta azul, elmo de prata aberto garnido de oiro, paquife de oiro e vermelho, e por timbre o mesmo ramo de espinhas vermelhas; com todas as honras de fidalgo de antiga linhagem por descender da geração dos Espindolas. — Dada em Evora a 27 de fevereiro de 1535. Reg. na Chanc. de D. João III, liv. X, fl. 43 v.

156. Antonio de Essa Lobo de Almada e Castro, filho de D. Francisco Essa e Castro, governador nomeado do Piauhy, fallecido na viagem, indo da cidade do Maranhão para o seu governo, e de sua mulher D. Catharina de Almada; neto por parte paterna de D. Antonio de Essa, governador que foi na ilha de Cabo-verde, e de sua mulher D. Quiteria Bernardina da Gama e Freitas; bisneto de D. Manoel de Essa e Faria, e de sua mulher Isabel Antonia de Macedo; terceiro neto de D. Duarte de Essa, e de sua mulher D. Maria de Oliveira; quarto neto de D. Antonio de Essa, e de sua mulher D. Clara de Villas-boas; quinto neto de D. João de Essa, e de sua mulher D. Catharina Bernardes, filha de Antonio Vaz Bernardes, senhor da quinta de Fós, junto a Obidos; sexto neto de D. Duarte de Essa, que serviu na India, e de sua mulher D. Leonor de Faria: neto pela parte materna de Antonio Lobo da Gama, fallecido na côrte de Madrid, onde foi ministro de Portugal, senhor do morgado de Val de Guizo, e de sua mulher D. Marianna Angelica de Arez Wandume; bisneto de Miguel Diogo da Gama Lobo, guarda-roupa do senhor rei D. Affonso VI, e de sua mulher D. Guiomar de Almada, herdeira e senhora do dito morgado Val de Guizo; terceiro neto de Manuel da Gama Lobo, e de sua mulher D. Catharina Lobo da Silva; quarto neto de Miguel de Torres da Silva, fidalgo da casa real.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Essas, no segundo as dos Castros, no terceiro as dos Lobos, e no quarto as dos Almadas. — Br. p. a 31 de março de 1797. Reg. no Cart. da N., liv. V, fl. 182.

(C. C.)

189. ANTONIO HOMEM ESPINOLA DA SILVA SODRÉ (Alferes), natural da villa das Vellas na ilha de S. Jorge, filho do sargento-mór Antonio Sebastião Espinola, e de sua mulher D. Ignacia Aurelia Felizarda Espinola da Silva; neto paterno de Sebastião Espinola Homem, e de sua mulher D. Luiza Rosa Ornellas e Camara, e materno de José Ignacio da Silva, e de sua mulher D. Felicia de Jesus Espinola da Silva.

Um escudo e n'elle as armas dos Espinolas. — Br. p. a 30 de agosto de 1821. Reg. no Cart. da N., liv. VIII, fl. 87 v.

(C. C.)

190. ANTONIO HYPPOLITO DA COSTA, natural da villa de Alhos-vedros, fidalgo cavalleiro da casa real, commendador das ordens de S. Bento de Aviz e da Torre-Espada, marechal de campo dos reaes exercitos e governador da praça de Peniche, filho do doutor José Apolinario da Costa, corregedor da cidade de Lamego, e de D. Rita Maria do Espirito Santo; neto paterno de João Gonçalves da Costa, e de sua mulher D. Violante Luiza da Costa, e materno de João Machado, e de sua mulher D. Maria de Azevedo.

Um escudo partido em pala: na primeira as armas dos Costas, e na segunda as dos Machados. — Br. p. a 7 de março de 1817. Reg. no Cart. da N., liv. VII, fl. 371 v.

(C. C.)

191. ANTONIO INFANTE DA CAMARA E ORNELLAS, natural da freguezia de S. Vicente de Paulo, termo da villa de Santarem, filho de Braz de Ornellas da Camara e de D. Quiteria Maria; neto pela parte paterna de Thomaz de Villa-nova Infante e de D. Thereza Josepha Paim da Camara, filha de Braz de Ornellas da Camara Paim e de D. Isabel Maria, e neta de Francisco de Ornellas da Camara Paim, fidalgo da casa real e do real conselho, e governador do castello de S. João Baptista da ilha Terceira; bisneto o supplicante pela parte paterna de Tristão Nunes Infante e de D. Maria Antonia Lobo de Sequeira, filha de Gregorio Alves Bandeira e de D. Catharina Lobo de Sequeira.

Um escudo partido em pala; na primeira as armas dos Ornellas, e na segunda as dos Bandeiras. — Br. p. a 30 de janeiro de 1792. Reg. no Cart. da N., liv. IV, fl. 244 v.

(C. C.)

192. ANTONIO JANUARIO DO VALLE PONTE, cavalleiro professo na ordem de Christo, capitão de mar e guerra da real armada, graduado em coronel de infanteria, natural da cidade de Lisboa, filho do capitão de mar e guerra João Pinheiro do Valle, e de sua mulher D. Brigida Maria de Santa Anna da Ponte; neto pela parte paterna de João Pinheiro do Valle, e de sua mulher D. Maria de Bastos, e pela materna do capitão de infanteria João da Ponte Ferreira, e de sua mulher D. Vicencia Maria Ferreira.

Um escudo partido em pala; na primeira as armas dos Valles, e na segunda as dos Pontes. — Br. p. a 29 de outubro de 1773. Reg. no Cart. da N., liv. I, fl. 210 v.

(C. C.)

193. ANTONIO JOAQUIM COELHO COUTINHO, cavalleiro professo na ordem de Christo, filho de Antonio Francisco Coelho Coutinho e de D. Margarida Ursula Wanzeller; neto por parte paterna de Pedro Alvares Coelho e de D. Rosa de Sequeira Coutinho; neto por parte materna de Affonso Dias Wanzeller e de D. Leonor Rita de Sequeira.

Um escudo esquartelado; no primeiro e quarto quarteis as armas dos Coelhos, no segundo as dos Coutinhos, e no terceiro as dos Sequeiras. — Br. p. a 27 de setembro de 1800. Reg. no Cart. da N., liv. VI, fl. 139.

(C. C.)

194. ANTONIO JOAQUIM CORREA DE PROENÇA E OLIVEIRA COELHO, do logar de Lopares, termo de Coja, filho do capitão-mór da villa de Pombeiro José Luiz Correia de

Proença, e de sua mulher D. Joanna Maria de Sousa Coelho; neto pela parte paterna de Manuel Marques de Proença, cavalleiro da ordem de Christo, e de sua mulher D. Maria Ignacia de Oliveira; bisneto do sargento-mór Manuel Antunes Secco, e de sua mulher D. Anna Marques de Proença, e pela materna neto de Pedro de Sousa Coelho, e de D. Ignez Maria Michaela.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Correias, no segundo as dos Proenças, no terceiro as dos Oliveiras, e no quarto as dos Coelhos. — Br. p. a 5 de setembro de 1783. Reg. no Cart. da N., liv. III, fl. 100 v.

(C. C.)

195. Antonio Joaquim Coutinho Mendes de Carvalho, doutor na faculdade de canones pela Universidade de Coimbra, filho do doutor José Mendes de Carvalho, cavalleiro professo na ordem de Christo, e de D. Anna Ignacia Joaquina; neto paterno de Antonio Mendes Caldeira, e de D. Bernarda Mendes, e materno de José Ferreira Coutinho, e de D. Maria Rosa.

Um escudo e n'elle as armas dos Mendes. — Br. p. a 28 de fevereiro de 1807. Reg. no Cart. da N., liv. VII, fl. 163 v.

(C. C.)

196. Antonio Joaquim Dias de Azevedo, tenente coronel do regimento de milicias de Soure, filho de Sebastião Dias de Azevedo, e de sua mulher D. Maria Joanna Gonçalves Henriques da Costa; neto paterno de Manuel Dias da Piedade e Azevedo, e de sua mulher D. Maria Rodrigues Perdigão, e materno de Antonio Duarte Gonçalves, e de sua mulher D. Joanna Maria Gonçalves.

Um escudo partido em pala; na primeira as armas dos Azevedos, e na segunda as dos Gonçalves. — Br. p. a 4 de setembro de 1815. Reg. no Cart. da N., liv. VII, fl. 321.

(C. C.)

197. Antonio Joaquim de Gouvea Pinto (Bacharel), natural de Anceris, comarca de Arganil, cavalleiro professo na ordem de Christo, e cavalleiro fidalgo da casa real, filho do bacharel Grozigano Nunes Castanheira, e de sua mulher D. Gregoria de Jesus Esteves de Gouvea Pinto; neto materno do doutor Silvestre da Fonseca, e de Luiza de Gouvea Pinto; bisneto de Luiz de Gouvea, e de Isabel Cardoso; terceiro neto de Francisco de Gouvea, e de Francisca Pinto.

Um escudo partido em pala; na primeira as armas dos Gouveas, e na segunda as dos Pintos. — Br. p. a 28 de abril de 1825. Reg. no Cart. da N., liv. VIII, fl. 142 v.

(C. C.)

198. Antonio Joaquim de Moraes, professo na ordem de Christo, cavalleiro fidalgo da casa real, e official da Secretaria de estado dos negocios estrangeiros e da guerra, natural de Lisboa, filho de Manoel de Moraes Soares, professo na ordem de Christo, cavalleiro fidalgo da casa real e medico da real camara, e de sua mulher D. Margarida Josepha Rosa da Silva e Sousa; neto pela parte paterna de José de Moraes Soares, e de sua mulher D. Josepha Maria de S. Bernardo; bisneto de Antonio Soares, e de sua mulher D. Maria de Moraes, filha de Antonio de Moraes Mesquita Pimentel, segundo morgado da casa de S. Moures, o qual andando nos estudos da Universidade de Coimbra, casou em Monte-agua com D. Luiza Delfina; neto o supplicante por parte de seu terceiro avô Antonio de Moraes Mesquita Pimentel, de outro Antonio de Moraes Mesquita Pimentel, capitão-mór de Anciaens, e primeiro successor do morgado de Sellores, que instituiram seus tios, o bispo do Porto D. Gonçalo de Moraes, e Antonio de Moraes, e de sua mulher D. Josepha de Mesquita e Castro; neto por parte de sua mãe de D. Margarida Josepha

da Silva e Sousa, filha de Francisco da Silva e Sousa, almoxarife das reaes ferrarias de Thomar, e de sua mulher D. Nataria Maria.

Um escudo partido em pala; na primeira as armas dos Moraes, que são partidas em pala, a primeira em campo vermelho uma torre de prata, lavrada de negro, a segunda uma moreira com raizes de verde; na segunda as dos Soares de Tamgil; e por timbre uma moreira das armas. —Br. p. a 18 de junho de 1795. Reg. no Cart. da N., liv. v, fl. 58 v.

(C. C.)

199. Antonio Joaquim de Oliveira, tenente coronel do regimento de artilheria da cidade do Rio de Janeiro, e na mesma lente de engenheria, natural de Lisboa, filho de José de Oliveira, e de sua mulher D. Maria Joaquina de Miranda; neto pela parte paterna de Braz de Oliveira, e de sua mulher D. Maria Magdalena, e pela materna de Antonio de Miranda, e de sua mulher D. Anna Joaquina.

Um escudo partido em pala; na primeira as armas dos Oliveiras, e na segunda as dos Mirandas. — Br. p. a 12 de dezembro de 1783. Reg. no Cart. da N., liv. III, fl. 116.

(C. C.)

200. Antonio Joaquim de Oliveira Peres Osorio (Capitão), cavalleiro fidalgo da casa real, e professo na ordem de Christo, natural e morador na cidade de Lisboa, filho do capitão Domingos Cardoso de Oliveira de Almada, e de sua mulher D. Maria Magdalena Thereza da Silva Peres Osorio; neto paterno de Martinho de Almada, e de sua mulher D. Maria Cardoso da Silva; neto materno de Domingos Antunes de Almada, e de sua mulher D. Maria Peres Osorio, elle filho do sargento-mór João Antunes de Almada, ella filha de D. João Peres Osorio, fidalgo hespanhol.

As armas dos Oliveiras, Cardosos, Silvas e Osorios. — Br. p. a 9 de dezembro de 1761. Reg. no Cart. da N., liv. particular, fl. 133 v.

(C. C.)

201. Antonio Joaquim de Sá Romeu Castel-branco, presbytero secular do habito de S. Pedro, da villa de Cantanhede, comarca de Coimbra, filho do doutor Antonio José de Almeida Sá Romeu, e de sua mulher D. Violante de Almeida Sá Romeu Castel-branco; neto pela parte paterna de Antonio Pereira Caetano, e de sua mulher Escolastica de Almeida Sá Romeu; neto pela parte materna do doutor Antonio Rodrigues de Aguiar, professo na ordem de Christo, e de sua mulher D. Feliciana de Almeida Sá Romeu de Magalhães.

Um escudo esquartelado; no primeiro e quarto quarteis as armas dos Almeidas, no segundo as dos Sás, e no terceiro as dos Castel-brancos. — Br. p. a 10 de junho de 1795. Reg. no Cart. da N., liv. v, fl. 57.

(C. C.)

202. Antonio Joaquim da Silva Marques Pereira do Couto, da villa de Estarreja, comarca de Aveiro, filho de Agostinho Marques Pereira do Couto, cavalleiro professo na ordem de Christo, sargento-mór do terço auxiliar da dita comarca de Aveiro, e de D. Maria Caetana da Silva Soares; neto pela parte paterna do capitão Victorino Pereira da Cruz, e de sua mulher D. Antonia Marques do Couto, e pela materna do capitão Antonio Soares da Silva.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Pereiras, no segundo as dos Coutos, no terceiro as dos Soares, e no quarto as dos Silvas. — Br. p. a 20 de maio de 1790. Reg. no Cart. da N., liv. IV, fl. 168 v.

(C. C.)

203. Antonio Joaquim Soares, natural da cidade do Porto, filho de Joaquim José Soares, e de D. Maria Margarida da Purificação e Silva; neto paterno de José Soares, e de sua mulher D. Maria Soares, e materno de Antonio José da Silva, e de sua mulher D. Maria Thereza do Rosario.

Um escudo partido em pala; na primeira as armas dos Soares, e na segunda as dos Silvas. — Br. p. a 26 de novembro de 1819. Reg. no Cart. da N., liv. VIII, fl. 47 v.

(C. C.)

204. Antonio Joaquim Teixeira de Oliveira Ribeiro Nogueira, bacharel formado na faculdade de leis pela Universidade de Coimbra, e natural de Travanca do Monte, concelho de Gestaço, comarca de Penafiel, arcebispado de Braga, filho de Manuel Teixeira Nogueira, e de sua mulher D. Anna Maria Ribeiro de Oliveira; neto paterno de Domingos Nogueira, e de D. Maria Teixeira; neto materno de João Gonçalves, e de D. Luiza Ribeiro.

Um escudo esquartelado; no primeiro e quárto quarteis as armas dos Nogueiras, no segundo as dos Teixeiras, e no terceiro as dos Ribeiros. — Br. p. a 20 de julho de 1819. Reg. no Cart. da N., liv. VIII, fl. 41 v.

(C. C.)

205. Antonio Joaquim Vieira Rebello, familiar do Santo Officio, monteiro-mór do concelho de Vieira, senhor da capella de Nossa Senhora da Conceição, e morador na sua quinta da Lage; filho de João Simões Dias, familiar do Santo Officio, e de sua mulher D. Thomazia Luiza Vieira Rebello de Araujo; neto por parte paterna de José Simões, e de sua mulher Domingas Dias; neto por parte materna de João Vieira de Araujo, e de sua mulher D. Jacinta Rebello de Bouro, filha do capitão Jeronymo Vieira Rebello.

Um escudo partido em pala; na primeira as armas dos Vieiras, e na segunda as dos Rebellos. — Br. p. a 21 de abril de 1802. Reg. no Cart. da N., liv. VI, fl. 201 v.

(C. C.)

206. Antonio João de Araujo Valle, capitão-mór do concelho da Ribeira de Soares, e morador na sua quinta de Sant'Anna, freguezia de S. Julião de Parada; filho de Domingos do Valle e Araujo, e de sua mulher D. Maria Angelica; neto paterno de Ignacio do Valle, e de sua mulher D. Garcia de Araujo; neto materno de Fructuoso Gonçalves, e de sua mulher Maria Fernandes.

As armas dos Valles, e Araujos. — Br. p. a 20 de outubro de 1756. Reg. no Cart. da N., liv. particular, fl. 101 v.

(C. C.)

207. Antonio João de Freitas de Carvalho Dromondo, guarda-môr das terras e aguas mineraes da freguezia de S. Miguel de Antonio Dias, comarca do rio das Velhas, onde é morador, e natural da cidade do Funchal da ilha da Madeira; filho do capitão Antonio de Carvalho Dromondo e de sua mulher D. Ignacia Michaela de Freitas Henriques; neto pela parte paterna de Sebastião de Carvalho Dromondo e de sua mulher D. Joanna da Costa, e pela materna de Mathias de Freitas e de sua mulher D. Andreza Henriques.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Carvalhos, no segundo as dos Costas, no terceiro as dos Freitas, e no quarto as dos Henriques. — Br. p. a 22 de maio de 1782. Reg. no Cart. da N., liv. III, fl. 52 v.

(C. C.)

208. Antonio João Pinto, familiar do Santo Officio, natural da aldea de Condolim, provincia de Brades, estado da India; filho de João Baptista Pinto e de sua mulher Luiza

de Sequeira, todos naturaes da mesma aldea; e pela parte materna neto de Agostinho de Sousa e de sua mulher Lucrecia Maciel, naturaes da aldea de Calangute.

Um escudo esquartelado; no primeiro e quarto as armas dos Pintos, no segundo as dos Sequeiras, no terceiro as dos Macieis. — Br. p. a 7 de abril de 1770. Reg. no Cart. da N., liv. I, fl. 123.

(C. C.)

209. Antonio José de Affonseca Mimoso, natural da villa de Linhares, filho de Gregorio de Affonseca Mimoso e de sua mulher Helena Caetana Pereira; neto pela parte paterna de Antonio de Affonseca Mimoso, capitão que foi da dita villa, e de sua mulher Isabel Mimoso da Guerra; e pela materna de Manuel de Paiva e de sua mulher Maria Pereira Saraiva.

Um escudo esquartelado; no primeiro e quarto quarteis as armas dos Fonsecas, no segundo as dos Guerras, e no terceiro as dos Pereiras. — Br. p. a 6 de abril de 1775. Reg. no Cart. da N., liv. II, fl. 57.

(C. C.)

210. Antonio José de Almeida Beça, official da Vedoria geral e contadoria da cidade do Porto, d'onde é natural; filho de Manuel de Almeida Beça, vedor geral da cidade do Porto, e de sua mulher D. Anna Maria de Araujo; neto paterno de Silvestre de Almeida e de sua mulher Thereza Moreira; neto materno de Manuel de Magalhães Lopes e de sua mulher Antonia Maria de Araujo, filha de Leonardo Manuel da Costa Ferreira.

As armas dos Almeidas, Beças, Araujos, e Magalhães. — Br. p. a 13 de abril de 1753. Reg. no Cart. da N., liv. particular, fl. 53 v.

(C. C.)

211. Antonio José de Almeida Coutinho, da freguezia de Medrões, concelho de Penaguião, filho de José Rodrigues Ferreira Barbuda e de sua mulher D. Josepha Caetana de Almeida; neto pela parte paterna de Pedro Rodrigues Ferreira, que foi alferes de infanteria na praça de Chaves, e de sua mulher Maria Fernandes Correa; bisneto de Pedro Rodrigues Ferreira e de sua mulher Leonor Ferreira; terceiro neto de João da Rocha, e de sua mulher Catharina Ferreira de Barbuda; quarto neto de outro João da Rocha.

Um escudo esquartelado; no primeiro e quarto quarteis as armas dos Rochas, no segundo as dos Vieiras, e no terceiro as dos Barbudas. — Br. p. a 30 de julho de 1774. Reg. no Cart. da N., liv. II, fl. 28.

(C. C.)

212. Antonio José de Antas Magalhães e Puga (Bacharel), natural da villa de Monte-alegre da provincia de Traz-os-Montes; filho de Francisco de Antas Magalhães e Puga, tenente de cavallaria, e de sua mulher D. Anna Maria de Macedo; neto paterno do doutor Francisco de Antas Lima; bisneto de Antonio Affonso de Antas e Puga e de sua mulher Ignez Maria de Passos; terceiro neto de Bento Affonso e de sua mulher Ignez Gonçalves de Antas e Puga, filha de Gaspar Rodrigues de Antas, e este filho de Rodrigo Alvares de Antas, fidalgo muito conhecido da geração dos Antas, da qual foi chefe Garcia Gonçalves de Antas, senhor de Frazão.

As armas dos Antas, Pugas, Magalhães, e Macedos. — Br. p. a 20 de julho de 1755. Reg. no Cart. da N., liv. particular, fl. 90 v.

(C. C.)

213. Antonio José Antunes Navarro, visconde da Lagoaça, fidalgo cavalleiro da casa real, commendador da ordem de Nossa Senhora da Conceição de Villa-viçosa, presidente da camara municipal do concelho do Porto, negociante de grosso tracto e proprieta-

rio; filho de Manuel José Antunes, negociante de grosso tracto e proprietario, e de sua mulher D. Helena Thereza Antunes; neto paterno de José Antunes, proprietario e negociante de grosso tracto, e de sua mulher D. Luiza Lopes Antunes, e materno de José Bernardo Lopes, proprietario, e de sua mulher D. Francisca Lopes Navarro.

Um escudo partido em pala; na primeira as armas dos Antunes, e na segunda as dos Navarros. — Br. p. no mez de agosto de 1862. Reg. no Cart. da N., liv IX, fl. 45 v.

(C. C.)

214. ANTONIO JOSÉ DE ARAUJO GOMES, doutor em canones pela Universidade de Coimbra, familiar do Santo Officio; filho de Antonio de Araujo Gomes, natural do logar de Quintão, freguezia de Cambres, bispado de Lamego, cavalleiro professo na ordem de Christo, e de D. Francisca Thereza de Jesus, natural de Gaia freguezia de Villa-nova do Porto; neto paterno de André Fernandes e de Maria de Araujo, e materno de Manuel Gonçalves da Cruz e de Catharina de Sá.

Um escudo partido em pala; na primeira as armas dos Araujos, e na segunda as dos Sás. — Br. p. a 15 de fevereiro de 1771. Reg. no Cart. da N., liv. I, fl. 143.

(C. C.)

215. ANTONIO JOSÉ DE AVILA, do Conselho de Sua Magestade, conselheiro de estado effectivo, ministro secretario de Estado dos negocios da fazenda e estrangeiros, commendador das ordens de Christo e de Nossa Senhora da Conceição de Villa-viçosa, cavalleiro da antiga e muito nobre ordem da Torre e Espada do valor, lealdade, e merito.

Um escudo partido em pala, com as armas que lhe foram concedidas por alvará de 9 de outubro de 1860. (M. N.) — Br. p. a 19 de novembro de 1860. Reg. no Cart. da N., liv. IX. fl. 37. — V. no I. H. *Avila e Bolama.*

(C. C.)

216. ANTONIO JOSÉ CAVALCANTE LINS, presbytero secular do habito de S. Pedro, natural da capitania de Pernambuco, filho do bacharel Manuel de Araujo Cavalcante, procurador da real corôa e fazenda na dita capitania, e de sua mulher D. Isabel Thereza de Moraes Lins; neto pela parte paterna do capitão Pedro Coelho Pinto e de D. Romualda Cavalcante de Albuquerque; elle filho de Braz Pinto Lobo da Silva e de sua mulher D. Maria Coelho, ella filha do capitão João Luiz da Serra Pereira e de sua mulher D. Brazia Cavalcante de Albuquerque: e pela parte materna neto do mestre de campo Manuel Alvares de Moraes e Navarro e de D. Thereza de Jesus Lins.

Um escudo ovado e esquartelado; no primeiro quartel as armas do reino com a sua quebra de bastardia, no segundo as dos Cavalcantes. — Br. p. a 19 de setembro de 1788. Reg. no Cart. da N., liv. IV, fl. 71.

(C. C.)

217. ANTONIO JOSÉ CERQUEIRA DA GAMA ARAUJO E AZEVEDO, proprietario dos officios de chanceller e escrivão do Juizo da correição da villa de Valença do Minho; filho de José Luiz Cerqueira da Gama Araujo e Azevedo e de sua mulher D. Maria Rosa Vaz; neto paterno de Manuel Cerqueira Thomé e de sua mulher D. Jeronyma da Gama Araujo e Azevedo, filha de Miguel de Araujo e Azevedo, senhor da casa das Lages e da de solar do Paço da Ponte de Lima, governador da dita villa de Valença, e ultimamente procurador de Côrtes da mesma villa e provincia, e de sua mulher D. Antonia de Sousa.

Um escudo esquartelado; no primeiro e quarto quarteis as armas dos Gamas, no segundo as dos Araujos, e no terceiro a dos Azevedos. — Br. p. a 20 de janeiro de 1802. Reg. no Cart. da N., liv. VII, fl. 27.

(C. C.)

218. Antonio José Correa de Azevedo Coutinho (Tenente), natural da cidade do Maranhão, filho de Theodoro Correa de Azevedo Coutinho, capitão de cavallaria auxiliar, a quem se passou brazão de armas a 6 de maio de 1790, e de sua mulher D. Antonia de Araujo Cerveira; neto paterno de Constantino Correa de Araujo, e de sua mulher D. Leonarda Mendes de Amorim; bisneto de Ignacio Correa Coutinho de Cerveira, secretario do estado do Maranhão, e de sua mulher D. Simeanna Furtado de Mendonça; terceiro neto de Manuel de Araujo Cerveira, que serviu varios postos na tropa paga, foi cidadão e juiz presidente do Senado d'aquelle estado, e ouvidor da capitania de Cumá, e de sua mulher D. Margarida Correa de Lucena; quarto neto de Domingos de Cerveira Bayão, filho de Antonio Cerveira da Camara e de D. Anna Fernandes de Araujo, e foi o primeiro restaurador d'aquelle estado do Maranhão do poder dos hollandezes, e senhor das Torres de Tamanacú e Canavieiras d'aquella capitania de Cumá; e sua bisavó D. Simeanna Furtado de Mendonça era bisneta de Diogo de Campos Moreno, sargento-mór de todo o estado do Brazil, primeiro conquistador do Maranhão do poder dos francezes, e commandante general d'elle em 1614, sendo general do Brazil Gaspar de Sousa, devendo-se-lhe toda a felicidade d'aquelle estado : e D. Margarida Correa de Lucena, sua terceira avó era filha de Agostinho de Menezes, capitão de infanteria e governador da fortaleza de Santa-Cruz da barra do Rio de Janeiro, e senhor da ribeira do Meari; neta de Sebastião de Lucena de Azevedo, capitão-mór e governador do Grão-Pará em 1645, cavalleiro da ordem de Christo e capitão governador da torre de Cascaes, filho de Mattheus de Freitas de Azevedo, fidalgo da casa real e alcaide-mór de Pernambuco, filho de Sebastião de Lucena de Azevedo, commendador da Matta de Lobos, da ordem de Christo, e guarda-mór da cidade de Lisboa, e de sua mulher D. Jeronyma de Mesquita, filha de Thomé Borges de Mesquita, neta de D. Pedro Alves de Mesquita, fidalgo castelhano e senhor do morgado de Meoes; bisneta de Vasco Gil de Moniz. O dito Sebastião Lucena de Azevedo, commendador da Matta de Lobos, era filho de Vasques Fernandes Lucena de Azevedo, fidalgo da casa real, um dos primeiros descobridores e povoadores de Pernambuco, a quem se fez mercê da alcaidaria-mór de Pernambuco.

Um escudo esquartelado; no primeiro e quarto quarteis as armas dos Correas, no segundo as dos Azevedos, e no terceiro as dos Furtados de Mendonça.—Br. p. a 10 de março de 1806. Reg. no Cart. da N., liv. VII, fl. 121.

(C. C.)

219. Antonio José Correa da Silva, coronel do regimento de milicias e regente da casa da polvora, no estado da India, filho de Pedro Correa da Cunha, capitão e mestre da casa da polvora no estado da India, e de sua mulher D. Maria Antonia Ferreira de Abreu Castello-branco; neto por parte paterna de Domingos Correa da Silva, capitão e mestre da referida casa da polvora, e de sua mulher D. Catharina Falcão da Cunha.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Correas, no segundo as dos Silvas, no terceiro as dos Ferreiras, e no quarto as dos Abreus.—Br. p. a 12 de abril de 1799. Reg. no Cart. da N., liv. VI, fl. 73 v.

(C. C.)

220. Antonio José da Costa Pisco, cavalleiro fidalgo da casa real, e natural da cidade de Braga, filho de Jeronymo Ribeiro Machado, e de sua mulher D. Maria Thereza da Costa Pisco; neto paterno de Bento Ribeiro, e de sua mulher D. Maria Machado; bisneto de Lourenço Ribeiro, e de sua mulher D. Isabel Ferreira. A referida sua avó D. Maria Machado foi filha de Manuel da Costa, e de sua mulher D. Maria Machado; neto materno de Dionysio da Costa, e de sua mulher D. Luiza do Couto Ribeiro; bisneto de João da Costa, e de sua mulher D. Maria de Magalhães; sendo a referida sua avó D. Luiza do Couto Ribeiro, filha de Miguel Ribeiro, e de sua mulher D. Maria do Couto.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Ribeiros, no segundo as

dos Machados, no terceiro as dos Costas, e no quarto as dos Coutos. — Br. p. a 15 de fevereiro de 1821. Reg. no Cart. da N., liv. VIII, fl. 74 v.

(C. C.)

221. Antonio José da Cunha Reis da Motta Godinho, do concelho de Lanhoso, comarca de Guimarães, filho de Lucas da Motta da Cunha Reis, e de D. Maria Josepha Godinho da Cunha; neto paterno de João da Motta da Cunha, e de D. Francisca Fernandes, e materno de João Martins Godinho e Freitas, e de D. Marianna da Cunha.

Um escudo esquartelado; no primeiro e quarto quarteis as armas dos Mottas, no segundo as dos Cunhas, e no terceiro as dos Godinhos. — Br. p. a 6 de dezembro de 1815. Reg. no Cart. da N., liv. VII, fl. 333.

(C. C.)

222. Antonio José Dias Coelho, sargento-mór do regimento de cavallaria de Villarica, em Minas-geraes, filho de José Dias Coelho, e de sua mulher Marianna Carvalho; neto por parte paterna de Sebastião Dias da Costa, e de sua mulher Maria Coelho; neto por parte materna de Balthasar Gonçalves, e de sua mulher Jeronyma Carvalho.

Um escudo partido em pala; na primeira as armas dos Dias, e na segunda as dos Coelhos. — Br. p. a 27 de março de 1797. Reg. no Cart. da N., liv. V, fl. 180 v.

(C. C.)

223. Antonio José Ferreira de Carvalho, cavalleiro professo na ordem de Christo, doutor de capello pela Universidade de Coimbra na faculdade dos sagrados canones, natural e morador na cidade do Porto; filho de Antonio Ferreira de Carvalho, cidadão da cidade do Porto, e de sua mulher D. Ignacia Clara Rosa de Almeida; neto paterno de Balthasar Pires Ferreira de Carvalho, e de sua mulher D. Josepha Maria de Lima; neto materno de Antonio de Almeida Saraiva, e de sua mulher D. Maria do Couto.

As armas dos Ferreiras, e Carvalhos. — Br. p. a 13 de dezembro de 1753. Reg. no Cart. da N., liv. particular, fl. 65 v.

(C. C.)

224. Antonio José de Figueiredo e Carvalho, capitão das ordenanças do logar de Canellos, termo da villa da Bemposta, filho de Manuel João de Figueiredo, e de sua mulher D. Maria Esteves de Carvalho; neto paterno de João Manuel de Figueiredo e de sua mulher D. Maria João Dias, e materno de Domingos Fernandes de Carvalho, e de sua mulher D. Maria Esteves de Carvalho.

Um escudo partido em pala; na primeira as armas dos Figueiredos, e na segunda as dos Carvalhos. — Br. p. a 27 de janeiro de 1807. Reg. no Cart. da N., liv. VII, fl. 156 v.

(C. C.)

225. Antonio José da Fonseca, cavalleiro professo na ordem de Christo, e seus irmãos o doutor Francisco Marcellino de Gouvea, desembargador na Relação do Porto, e cavalleiro professo na mesma ordem de Christo, e José Ignacio da Fonseca, tenente de dragões na provincia das Minas, naturaes d'esta cidade de Lisboa, filhos de Manuel da Fonseca da Cruz, familiar do Santo Officio, escrivão das terras, fazenda e estado da rainha nossa senhora, e de sua mulher D. Thereza Maria Antonia de Gouvea; netos paternos de Manuel da Fonseca da Cruz, que foi guarda-mór do sal; bisnetos de Pedro Fernandes da Fonseca; terceiros netos de Francisco Fernandes da Fonseca, capitão-mór no concelho da Bemposta; quartos netos de Fernão Martins da Fonseca; quintos netos de Francisco Fernandes da Fonseca; sextos netos de Fernão Martins Coutinho; setimos netos de Fernão Martins Coutinho da Fonseca, que foi senhor de Aregos, Mafra, Enxara, Ericeira, e outras terras; oitavos netos de Vasco Fernandes Coutinho, senhor do

Couto de Leomil, o qual era descendente por varonia de Gonçalo Viegas, que viveu no logar de Fonseca, concelho de S. Martinho de Mouros, comarca de Lamego, progenitor d'esta familia dos Fonsecas e d'outras muitas, e d'elle procedem tambem ricos homens, fidalgos de solar e linhagem n'este reino.

As armas dos Fonsecas. — Br. p. a 10 de novembro de 1757. Reg. no Cart. da N., liv. particular, fl. 111 v.

(C. C.)

226. Antonio José da Fonseca Pimentel (Desembargador), cavalleiro professo na ordem de Christo, ministro da Relação e Curia patriarchal, juiz de genere em todo este patriarchado, protonotario apostolico de Sua Santidade com beneplacito regio, commissario do Santo Officio, secretario do real padroado e do do cardeal patriarcha, natural do logar de Villa-longa, concelho de Gulfar, comarca de Viseu, filho de Antonio Gonçalves Pimentel, e de sua mulher D. Anna da Fonseca, ambos do dito logar; neto pela parte paterna de Simão Gonçalves Pimentel, e de sua mulher D. Maria da Fonseca; bisneto do capitão Antonio Lourenço Pimentel, e pela parte materna neto de Manuel Fernandes da Fonseca, e de sua mulher D. Maria da Fonseca.

Um escudo ovado e partido em pala; na primeira as armas dos Pimenteis, e na segunda as dos Fonsecas. — Br. p. a 20 de setembro de 1783. Reg. no Cart. da N., liv. III, fl. 104.

(C. C.)

227. Antonio José Gomes de Aguiar, monteiro-mór do termo de Aguiar da Beira, comarca de Linhares, filho de José Gomes de Aguiar, e de sua mulher D. Luiza Antunes Guerra; neto pela parte paterna de Antonio Gonçalves de Aguiar, e de sua mulher D. Anna de Aguiar, e pela materna de Domingos Antunes, e de sua mulher D. Maria da Guerra.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Aguiares, no segundo as dos Gonçalves, no terceiro as dos Antunes, e no quarto as dos Guerras. — Br. p. a 13 de outubro de 1789. Reg. no Cart. da N., liv. IV, fl. 131 v.

(C. C.)

228. Antonio José Gomes de Azevedo Cunha e Rego, filho do doutor Pedro Gomes de Azevedo da Cunha e Rego, e de sua mulher D. Thereza Isidora Maria de Oliveira e Rego; neto paterno do capitão Manuel Gonçalves Gomes da Cunha e Rego, e de sua mulher D. Esperança Ribeiro de Azevedo; neto materno do capitão André Alvares de Oliveira e Rego, e de sua mulher D. Thereza Seixas Pereira.

As armas dos Cunhas, Regos, e Azevedos. — Br. p. a 2 de agosto de 1754. Reg. no Cart. da N., liv. particular, fl. 76.

(C. C.)

229. Antonio José Gonçalves Braga, commendador da ordem de Christo, proprietario e negociante de grosso tracto da cidade do Porto, filho de João Manuel Gonçalves, e de sua mulher D. Josepha Maria Lopes Gonçalves; neto paterno de Pedro Gonçalves, e de sua mulher D. Angela Soares Gonçalves, e materno de Constantino Lopes, e de sua mulher D. Thereza Domingas Lopes.

Um escudo partido em pala; na primeira as armas dos Gonçalves, e na segunda as dos Lopes. — Br. p. a 2 de dezembro de 1853. Reg. no Cart. da N., liv. VIII, fl. 374 v.

(C. C.)

230. Antonió José Guilherme Soares da Silva Rocha, escripturario com predicamento do real Erario da mesa dos vinhos, na contadoria da superintendencia geral dos contrabandos e descaminho dos reaes direitos, e mais sete casas, filho de Francisco

José Soares da Silva, escrivão que foi do registo da Chancellaria da côrte e reino, e de D. Joanna Rita da Silva Soares; neto pela parte paterna de Simão dos Santos, que foi ajudante do mestre de campo general da provincia do Minho, e de D. Josepha Maria da Rocha, filha do sargento-mór do terço da infanteria auxiliar do Porto José Fernandes da Luz, e de D. Antonia Maria Rocha; neto pela parte materna de Ambrosio Soares da Silva, cavalleiro fidalgo, e escrivão do registo da Chancelaria, e de D. Maria dos Santos Valle, filha de João Affonso, capitão de auxiliares, e de D. Maria dos Santos; bisneto por parte paterna de Francisco Gomes, sargento-mór de ordenanças da comarca de Elvas, e de D. Marianna da Costa, filha de Manuel Alves, capitão de infanteria do regimento da armada, e de D. Isabel Luiz; bisneto pela parte materna de Francisco Soares da Silva, que foi mestre de campo de infanteria auxiliar, e de D. Luiza Vieira de Andrade, filha de Antonio Francisco Pereira, capitão de infanteria, e de D. Leonor Luiza de Andrade.

Um escudo esquartelado; no primeiro e quarto quarteis as armas dos Soares, no segundo as dos Silvas, e no terceiro as dos Rochas. — Br. p. a 22 de outubro de 1796. Reg. no Cart. da N., liv. v, fl. 151 v.

(C. C.)

231. Antonio José de Guimarães, cavalleiro professo da ordem de Christo, cidadão, e natural da cidade do Porto, filho de Domingos Francisco de Guimarães, cavalleiro tambem professo da ordem de Christo, e de sua mulher D. Rosa Clara; neto pela parte paterna de outro Domingos Francisco Guimarães, e de sua mulher D. Catharina Vieira, e pela materna de Antonio Goncalves da Silva, e de sua mulher D. Francisca da Silva.

Um escudo com as armas dos Guimarães. — Br. p. a 12 de agosto de 1782. Reg. no Cart. da N., liv. III, fl. 64 v.

(C. C.)

232. Antonio José de Macedo Pina Patalim Sentido Reydono, natural da villa de Portel, morador na da Vidigueira, filho do capitão José Ignacio de Torres Palha de Almeida Reydono, e de sua mulher D. Rita Josepha Maria de Macedo; neto pela parte paterna do capitão André Vaz de Torres Palha e Almeida, cavalleiro da ordem de Christo, e de sua mulher D. Brites Nunes Perdigoa; bisneto de Domingos Velho de Torres, e de sua mulher D. Anna Palha de Almeida, e pela parte materna é neto do sargento-mór Francisco de Macedo Pina Patalim Sentido, e de sua mulher D. Ursula Maria de Novaes da Silvã; bisneto de José de Chaves de Macedo Pina Patalim.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Torres, no segundo as dos Macedos, no terceiro as dos Pinas, e no quarto as dos Chaves. — Br. p. a 2 de junho de 1786. Reg. no Cart. da N., liv. III, fl. 225 v.

(C. C.)

233. Antonio José da Maia Colaço, fidalgo da casa real, natural e morador na villa do Recife de Pernambuco, filho de Francisco Xavier da Maia, cavalleiro da ordem de Christo, fidalgo da casa real, familiar do Santo Officio, e de sua mulher D. Anna Thereza Mauricia Campello; neto paterno de Antonio da Maia, cavalleiro fidalgo da casa real, official-maior do Conselho da fazenda n'esta côrte, e de sua mulher D. Paschoa Maria da Conceição; neto materno do capitão José Rodrigues Colaço, familiar do Santo Officio, e de sua mulher D. Florencia Rodrigues Campello, irmã do desembargador João Rodrigues Campello, professo na ordem de Christo, de Manuel Rodrigues Campello, capitão de infanteria com o exercicio das ordens do governo de Pernambuco, professo na ordem de Christo e fidalgo da casa real, e do reverendo Filippe Rodrigues Campello, clerigo do habito de S. Pedro, professo na ordem de Christo, commissario do Santo Officio, e protonotario apostolico de Sua Santidade, aos quaes todos se passaram já seus brazões de armas, filhos todos do sargento-mór Antonio Rodrigues Campello, familiar do Santo Officio,

e de sua mulher D. Ignacia de Barros Rego; bisneto de João Rodrigues Colaço, e de sua mulher Isabel Antunes.

As armas dos Maias, Callados, Campellos, e Barros. — Br. p. a 14 de agosto de 1761. Reg. no Cart. da N., liv. particular, fl. 132.

(C. C.)

234. ANTONIO JOSÉ MARQUES BACALHAU, bacharel formado em philosophia pela Universidade de Coimbra, e capitão de infanteria das ordenanças da villa de Igarassú, da capitania de Pernambuco, filho do capitão-mór João Marques Bacalhau, e de sua mulher D. Juliana de Oliveira Gondim; neto paterno do capitão João Marques Bacalhau, e de sua mulher D. Maria de Oliveira Goes, e materno do capitão-mór José Ignacio de Oliveira Gondim, e de sua mulher D. Placida Mauricia de Aguiar.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Oliveiras, no segundo as dos Goes, no terceiro as dos Gondins, e no quarto as dos Aguiares. — Br. p. a 3 de maio de 1807. Reg. no Cart. da N., liv. VII, fl. 176 v.

(C. C.)

235. ANTONIO JOSÉ DE MORAES PIMENTEL (Bacharel), juiz de fóra da Torre de Moncorvo, filho do capitão-mór e monteiro-mór da villa de Mogadouro Manuel Ignacio de Moraes, e de sua mulher D. Maria José Antonia Pimentel; neto pela parte paterna de Luiz Ignacio de Figueiredo, e de sua mulher D. Rosa Maria de Moraes; neto pela parte materna de Antonio Rodrigues Pimentel, e de sua mulher D. Maria Ferreira.

Um escudo partido em pala; na primeira as armas dos Moraes, e na segunda as dos Pimenteis. — Br. p. a 22 de junho de 1795. Reg. no Cart. da N., liv. V, fl. 62.

(C. C.)

236. ANTONIO JOSÉ OSORIO, bacharel formado pela Universidade de Coimbra, e juiz de fóra da villa de Alfandega da Fé, natural do logar de Manigeto, termo da cidade de Pinhel; filho de Venancio José da Gama de Pina Leitão e de D. Maria José da Conceição Osorio da Fonseca; neto paterno de Antonio Dias de Pina Leitão e de D. Maria Joaquina Simões dos Santos, e materno de Fr. Antonio José Osorio da Fonseca, cavalleiro professo na sagrada religião de Malta, e de D. Paschoa Maria Joaquina de Mattos; bisneto pela parte paterna de Antonio Dias de Pina Leitão, monteiro-mór da villa de Lamegal, filho este de João Gomes Leitão de Pina, cavalleiro professo na ordem de Christo, e fidalgo da casa real.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Pinas, no segundo as dos Leitões, no terceiro as dos Osorios, e no quarto as dos Fonsecas. — Br. p. a 19 de fevereiro de 1793. Reg. no Cart. da N., liv. IV, fl. 272 v.

(C. C.)

237. ANTONIO JOSÉ PEREIRA DA CUNHA E GUEDES, natural de Lisboa; filho de Manuel José Pereira da Cunha e de sua mulher D. Justiniana Francisca de Paula; neto paterno de Domingos Gomes Pereira e de sua mulher D. Maria Joaquina Filippa da Cunha, sendo esta irmã germana de D. Antonia Michaela Filippa da Cunha casada com João Guedes Pereira, fidalgo da casa real, dos quaes foi filho Manuel Guedes Pereira, fidalgo da casa real, e commendador da ordem de Christo.

Um escudo partido em pala; na primeira as armas dos Pereiras, e na segunda as dos Guedes. — Br. p. a 8 de fevereiro de 1817. Reg. no Cart. da N., liv. VII, fl. 368 v.

(C. C.)

238. ANTONIO JOSÉ PEREIRA PINTO DE FIGUEIREDO CASTELLO-BRANCO, natural e morador no logar do Copinho, termo da villa de Fundão, comarca da Guarda, filho de

Antonio Mendes de Castello-branco, familiar do Santo Officio, capitão de infanteria auxiliar da comarca da Guarda, e de D. Catharina Thereza de Figueiredo; neto pela parte paterna de outro Antonio Mendes de Castello-branco, professo na ordem de Christo a quem se passou brazão com as armas dos Castellos-brancos em 1656, e de D. Maria Mendes Paes; bisneto de Domingos Mendes de Castello-branco; terceiro neto de Antonio Mendes de Castello-branco, e de Maria Pereira Pinto; quarto neto de Sebastião Mendes de Castello-branco, filho de Miguel Mendes de Castello-branco, e neto de Mendes Rodrigues Castello-branco; quarto neto de Vasco Paes de Castello-branco, undecimo avô do supplicante e o primeiro que teve este appellido de Castello-branco; e pela materna neto de Manuel José da Costa, e de Maria Nunes de Figueiredo.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Castello-brancos, no segundo as dos Pintos, no terceiro as dos Pereiras, e no quarto as dos Figueiredos.— Br. p. a 15 de setembro 1769. Reg. no Cart. da N., liv. I, fl. 111.

(C. C.)

239. ANTONIO JOSÉ PINHEIRO DE FIGUEIREDO SARMENTO (Bacharel), professo na ordem de Christo, natural do logar de Rabal, termo da cidade de Bragança, filho do capitão Miguel Pires Pinheiro, e de sua mulher D. Luiza Esteves de Figueiredo; neto pela parte paterna de Francisco Pires Pinheiro, e de sua mulher D. Isabel Rodrigues; neto pela parte materna de Antonio Esteves Pinheiro, e de sua mulher D. Domingas de Figueiredo Sarmento.

Um escudo esquartelado; no primeiro e quarto quarteis as armas dos Pinheiros, no segundo as dos Figueiredos, e no terceiro as dos Sarmentos.—Br. p. a 4 de março de 1796. Reg. no Cart. da N., liv. V, fl. 118 v.

(C. C.)

240. ANTONIO JOSÉ PINTO DA CUNHA E SOUSA, natural da freguezia de Nossa Senhora da Candelaria da cidade do Rio de Janeiro, filho de Manuel Pinto da Cunha, e de sna mulher Maria Thereza dos Santos e Sousa; neto pela parte paterna de Manuel Pinto, e de sua mulher Seraphina Fernandes da Cunha; e pela materna neto do capitão Antonio Pinto dos Santos, e de sua mulher Antonia de Sousa e Oliveira.

Um escudo esquartelado; no primeiro e quarto quarteis as armas dos Pintos, no segundo as dos Cunhas, e no terceiro as dos Sousas.—Br. p. a 7 de julho de 1774. Reg. no Cart. da N., liv. II, fl. 21 v.

(C. C.)

241. ANTONIO JOSÉ PINTO DE FIGUEIREDO E FONSECA, natural do Pezo da Regoa, concelho de Penaguião, comarca de Lamego, provincia de Traz-os-Montes; filho de Antonio Pinto de Figueiredo, e de sua mulher Luiza Maria Pinto; neto paterno de Gonçalo Pinto de Figueiredo, e de sua mulher Maria da Fonseca; neto materno de Luiz Pinto da Fonseca, e de sua mulher Maria Monteiro.

As armas dos Pintos, Figueiredos, Fonsecas, e Monteiros.—Br. p. a 13 de dezembro de 1757. Reg. no Cart. da N., liv. particular, fl. 112.

(C. C.)

242. ANTONIO JOSÉ DO REGO, capitão de dragões da praça de Chaves, e natural de Villa-flor, comarca da Torre de Moncorvo; filho de Manuel Lopes do Rego, e de sua mulher D. Maria Thereza; neto pela parte paterna de Bartholomeu Lopes do Rego, e de sua mulher D. Maria Esteves, e pela materna de Doutel da Silva, e de sua mulher D. Maria Thereza.

Um escudo partido em pala; na primeira as armas dos Lopes, e na segunda as dos Regos.—Br. p. a 18 de dezembro de 1787. Reg. no Cart. da N., liv. IV, fl. 40.

(C. C.)

243. ANTONIO JOSÉ DA ROCHA SOUSA DROMUNDO, escrivão da Camara da cidade da Bahia, e natural da mesma, filho do capitão Antonio Xavier da Costa, e de sua mulher D. Leonor Maria de Araujo da Encarnação; neto pela parte paterna de Manuel da Costa Rocha, e de sua mulher D. Luiza de Mello, e pela parte materna se mostra que é neto de Eugenio Soares Falcão, e de sua mulher D. Antonia de Araujo da Conceição; bisneto de Manuel Soares Falcão, e de sua mulher D. Andreza Dromundo Pimentel, filha de Antonio Dromundo Pimentel, fidalgo da casa real, e de sua mulher D. Maria Camello, e neta de Belchior Sanches de Pina, fidalgo da casa real, natural da ilha da Madeira, d'onde passou para a cidade da Bahia, e de sua mulher D. Andreza Dromundo, filha de João Gonçalves Dromundo, dos Dromundos da dita ilha, e de sua mulher D. Martha de Sousa, fidalgo illustre dos mesmos Sousas de que procedem os condes do Prado, marquezes das Minas, e outras muitas casas illustres d'este reino.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Sousas do Prado, no segundo as dos Rochas, no terceiro as dos Costas, e no quarto as dos Dromundos. — Br. p. a 29 de novembro de 1784. Reg. no Cart. da N., liv. III, fl. 180.

(C. C.)

244. ANTONIO JOSÉ DOS SANTOS, fidalgo cavalleiro da casa real, commendador da ordem de Nossa Senhora da Conceição de Villa-viçosa, e proprietario.

Um escudo com as armas dos Gomes. — Br. p. a 30 de janeiro de 1871. Reg. no Cart. da N., liv. IX, fl. 130 v.

(C. C.)

245. ANTONIO JOSÉ SOARES, capitão do segundo regimento do arraial de Trejano, comarca de Serro do Frio, cavalleiro professo na ordem de Christo, e fidalgo cavalleiro da casa real; filho de José Francisco Soares, coronel do regimento de infanteria do terço de S. José do Rio de Janeiro; neto paterno de Custodio José Soares Albuquerque, cavalleiro professo na ordem de Christo, e capitão de um dos regimentos de linha da dita cidade do Rio de Janeiro.

Um escudo com as armas dos Soares. — Br. p. a 10 de janeiro de 1804. Reg. no Cart. da N., liv. VII, fl. 59.

(C. C.)

246. ANTONIO JOSÉ DE SOUSA, cavalleiro professo na ordem de S. Tiago da Espada, escudeiro e cavalleiro fidalgo da casa real, e sargento-mór das ordenanças da corte; filho de Domingos de Sousa e de sua mulher D. Margarida de Sousa; neto paterno de Manuel de Sousa e de sua mulher D. Maria Pereira, e materno de Sebastião Duarte e de sua mulher D. Maria da Luz.

Um escudo com as armas dos Sousas. — Br. p. a 27 de março de 1806. Reg. no Cart. da N., liv. VII, fl. 125.

(C. C.)

247. ANTONIO JOSÉ DE SOUSA DA CUNHA, alferes de milicias do regimento de Braga, natural da freguezia de Santa Maria da Palmeira, termo da dita cidade; filho de José Antonio de Sousa de Carvalho, cavalleiro professo na ordem de Christo, e de D. Marianna Antonia Barbosa da Cunha; neto paterno de Francisco Fernandes de Sousa, capitão de ordenanças, e de sua mulher D. Catharina Maria de Carvalho, e materno de Antonio da Cunha e de Feliciana Barbosa.

Um escudo partido em pala; na primeira as armas dos Sousas, e na segunda as dos Cunhas. — Br. p. a 16 de maio de 1812. Reg. no Cart. da N., liv. VII, fl. 252.

(C. C.)

rio; filho de Manuel José Antunes, negociante de grosso tracto e proprietario, e de sua mulher D. Helena Thereza Antunes; neto paterno de José Antunes, proprietario e negociante de grosso tracto, e de sua mulher D. Luiza Lopes Antunes, e materno de José Bernardo Lopes, proprietario, e de sua mulher D. Francisca Lopes Navarro.

Um escudo partido em pala; na primeira as armas dos Antunes, e na segunda as dos Navarros. — Br. p. no mez de agosto de 1862. Reg. no Cart. da N., liv IX, fl. 45 v.

(C. C.)

214. ANTONIO JOSÉ DE ARAUJO GOMES, doutor em canones pela Universidade de Coimbra, familiar do Santo Officio; filho de Antonio de Araujo Gomes, natural do logar de Quintão, freguezia de Cambres, bispado de Lamego, cavalleiro professo na ordem de Christo, e de D. Francisca Thereza de Jesus, natural de Gaia freguezia de Villa-nova do Porto; neto paterno de André Fernandes e de Maria de Araujo, e materno de Manuel Gonçalves da Cruz e de Catharina de Sá.

Um escudo partido em pala; na primeira as armas dos Araujos, e na segunda as dos Sás. — Br. p. a 15 de fevereiro de 1771. Reg. no Cart. da N., liv. I, fl. 143.

(C. C.)

215. ANTONIO JOSÉ DE AVILA, do Conselho de Sua Magestade, conselheiro de estado effectivo, ministro secretario de Estado dos negocios da fazenda e estrangeiros, commendador das ordens de Christo e de Nossa Senhora da Conceição de Villa-viçosa, cavalleiro da antiga e muito nobre ordem da Torre e Espada do valor, lealdade, e merito.

Um escudo partido em pala, com as armas que lhe foram concedidas por alvará de 9 de outubro de 1860. (M. N.) — Br. p. a 19 de novembro de 1860. Reg. no Cart. da N., liv. IX. fl. 37. — V. no I. H. *Avila e Bolama.*

(C. C.)

216. ANTONIO JOSÉ CAVALCANTE LINS, presbytero secular do habito de S. Pedro, natural da capitania de Pernambuco, filho do bacharel Manuel de Araujo Cavalcante, procurador da real corôa e fazenda na dita capitania, e de sua mulher D. Isabel Thereza de Moraes Lins; neto pela parte paterna do capitão Pedro Coelho Pinto e de D. Romualda Cavalcante de Albuquerque; elle filho de Braz Pinto Lobo da Silva e de sua mulher D. Maria Coelho, ella filha do capitão João Luiz da Serra Pereira e de sua mulher D. Brazia Cavalcante de Albuquerque: e pela parte materna neto do mestre de campo Manuel Alvares de Moraes e Navarro e de D. Thereza de Jesus Lins.

Um escudo ovado e esquartelado; no primeiro quartel as armas do reino com a sua quebra de bastardia, no segundo as dos Cavalcantes. — Br. p. a 19 de setembro de 1788. Reg. no Cart. da N., liv. IV, fl. 71.

(C. C.)

217. ANTONIO JOSÉ CERQUEIRA DA GAMA ARAUJO E AZEVEDO, proprietario dos officios de chanceller e escrivão do Juizo da correição da villa de Valença do Minho; filho de José Luiz Cerqueira da Gama Araujo e Azevedo e de sua mulher D. Maria Rosa Vaz; neto paterno de Manuel Cerqueira Thomé e de sua mulher D. Jeronyma da Gama Araujo e Azevedo, filha de Miguel de Araujo e Azevedo, senhor da casa das Lages e da de solar do Paço da Ponte de Lima, governador da dita villa de Valença, e ultimamente procurador de Côrtes da mesma villa e provincia, e de sua mulher D. Antonia de Sousa.

Um escudo esquartelado; no primeiro e quarto quarteis as armas dos Gamas, no segundo as dos Araujos, e no terceiro a dos Azevedos. — Br. p. a 20 de janeiro de 1802. Reg. no Cart. da N., liv. VII, fl. 27.

(C. C.)

quita Pimentel; bisneto materno de Manuel Ferreira de Macedo, e de sua mulher D. Maria José Gouvea; bisneto pelo mesmo lado de Manuel de Gouvea Pinto, e de sua mulher D. Anna de Mesquita Pimentel Souto-maior Castro.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Mesquitas, no segundo as dos Castros, no terceiro as dos Pimenteis, e no quarto as dos Gouveas. — Br. p. a 28 de agosto de 1860. Reg. no Cart. da N., liv. IX, fl. 35.

(C. C.)

252. ANTONIO JUSTINO DE BRITO LIMA, cavalleiro fidalgo da casa real, e natural da cidade de S. Sebastião do Rio de Janeiro, filho de Antonio Aniceto de Brito e Lima, cavalleiro fidalgo da casa real, a quem se passou brazão de armas a 18 de agosto de 1772, e de D. Anastasia Isabel de Campos Esteves da Camara, irmã do doutor Antonio de Novaes de Campos Esteves da Camara, familiar do Santo Officio, que serviu nos logares de letras, e a quem se passou brazão de armas a 13 de maio de 1778; neto paterno de Manuel Furtado de Mendonça e Lima, professo na ordem de Christo, e cavalleiro fidalgo da casa real, e de D. Luzia Varella Pereira, filha de Cypriano Alvares Varella, professo na ordem de Christo, cavalleiro fidalgo da casa real, e governador de Villa-nova da Cerveira, e de D. Leonor Pereira; bisneto de João de Brito e Lima, professo na ordem de Christo, cavalleiro fidalgo da casa real, e de D. Margarida Furtado de Mendonça; terceiro neto de Cosme Cassão de Brito e Lima; quarto neto de Francisco de Brito Cassão, cavalleiro fidalgo da casa real : neto materno de Antonio de Novaes de Campos, e de D. Francisca de Sousa Esteves da Camara; bisneto de Cosme de Novaes de Campos, e de D. Anna Velloso da Silva Paes; terceiro neto de Francisco de Novaes de Campos; quarto neto de João de Novaes de Campos, governador interino do reino de Angola.

Um escudo partido em pala; na primeira as armas dos Britos, e na segunda as dos Limas. — Br. p. a 3 de setembro de 1792. Reg. no Cart. da N., liv. IV, fl. 260.

(C. C.)

253. ANTONIO DE LANDIM, cavalleiro da guarda real, morador em Estremoz, filho de João de Landim, e neto de João de Landim, fidalgos muito honrados e do tronco d'esta geração.

Carta pela qual el-rei D. João III lhe concede o seguinte brazão de seus antecessores : — Escudo de campo de prata e uma faxa de vermelho, e em cima d'ella no meio uma cabeça de leão de vermelho, e por differença uma merleta de azul, elmo de prata aberto guarnecido de oiro, paquife de prata e vermelho, e por timbre a cabeça do leão entre duas azas de oiro; com todas as honras e privilegios de fidalgo por descender da geração e linhagem dos Landins. — Dada em Evora a 20 de junho de 1536. Reg. na Chanc. de D. João III, liv. XXIII, fl. 7 v.

254. ANTONIO LEITE, natural do Porto, filho de João Dias Leite, neto de Diogo Luiz Leite, e bisneto de Alvaro Annes Leite, os quaes foram todos fidalgos muito honrados e do tronco d'esta geração.

Carta pela qual el-rei D. João III lhe concede o seguinte brazão de seus antecessores : — Escudo de campo esquartelado; o primeiro de verde e tres flores de liz de oiro, em roquete, o segundo de vermelho com uma cruz de prata florida vazia, e por differença uma merleta de prata, elmo de prata aberto guarnecido de oiro, paquife de oiro e verde, e por timbre a mesma cruz; com todas as honras e privilegios de fidalgo por descender da geração e linhagem dos Leites. — Dada em Lisboa a 8 de março de 1542. Reg. na Chanc. de D. João III, liv. XXXII, fl. 35 v.

255. ANTONIO LEITE DE ARAUJO FERREIRA BRAVO (Doutor), oppositor aos logares de letras, filho de Antonio Leite Pinheiro, e de sua mulher D. Luiza Thereza de Araujo

Ferreira Bravo; neto pela parte paterna de João Pinheiro, e de sua mulher D. Josepha Leite, da casa da Quintando, concelho de Felgueiras, comarca de Guimarães; neto pela parte materna de Barnabé de Araujo Pereira, e de sua mulher D. Benta Maria Ferreira Bravo; bisneto de Antonio de Araujo Pereira, alferes de infanteria na praça de Mazagão, e de sua mulher D. Maria Loureiro : sendo egualmente o mesmo supplicante sobrinho de Bento de Araujo Pereira, capitão de cavallaria, e cavalleiro fidalgo da casa real, a quem se passou brazão de armas no anno de 1748, o qual era irmão de seu avô materno Barnabé de Araujo Pereira.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Leites, no segundo as dos Araujos, no terceiro as dos Ferreiras, e no quarto as dos Bravos. — Br. p. a 23 de janeiro de 1798. Reg. no Cart. da N., liv. VI, fl. 4.

(C. C.)

256. ANTONIO LEITE PITA DA ROCHA, cavalleiro professo na ordem de Christo, natural da villa de Caminha, comarca de Valença, filho do capitão Luiz da Rocha Marinho, e de sua mulher D. Luiza Leite Pita; neto por parte paterna de José da Rocha, e de sua mulher D. Thereza Marinho; neto por parte materna de Fernando Leite Pita, fidalgo da casa real, e de sua mulher D. Paschoa Affonso, sendo o supplicante irmão germano do capitão José Leite Pita Falcão Marinho, a quem se passou brazão de armas a 5 de junho de 1779.

Um escudo partido em pala; na primeira as armas dos Marinhos, e na segunda as dos Pitas. — Br. p. a 2 de setembro de 1800. Reg. no Cart. da N., liv. VI, fl. 133 v.

(C. C.)

257. ANTONIO LEME, cavalleiro da casa real, filho de Martim Leme, fidalgo da casa real, que tambem usava de brazão de armas.

Carta pela qual el-rei D. Affonso V lhe concede e a seus descendentes o seguinte brazão de armas: — Um escudo de oiro com cinco merletas de sable em santoir, pelos serviços prestados na tomada da villa de Arzilla e cidade de Tangere, com certos espingardeiros e homens em uma urca na qual seu pae o mandou para servir na dita guerra. — (M. N.) Dada em Lisboa a 12 de novembro de 1471. Reg. na Chanc. de D. Affonso V, liv. XXI, fl. 90, e liv. III de Mist., fl. 13 v.

258. ANTONIO DE LEMOS COELHO FERRAZ DE SOUSA REBELLO E VASCONCELLOS, filho de José Luiz Coelho de Lemos Ferraz de Sousa Rebello e Vasconcellos, e de sua mulher D. Clara Maria Moreira Pacheco da Cunha; neto paterno de Luiz Coelho de Lemos Ferraz de Sousa Rebello e Vasconcellos, e de sua mulher D. Clara Maria de Sousa Coelho Delgado; bisneto de João Coelho Ferraz Rebello, cavalleiro fidalgo da casa real, e de sua mulher D. Paula de Lemos Silva e Vasconcellos, filha de Luiz Coelho de Bessa, fidalgo da casa real, e de D. Magdalena da Silva Lemos e Vasconcellos, filha de Diogo Gomes de Lemos, senhor das villas de Trofa e Mourisca, fidalgo da casa real; terceiro neto de João Coelho Ferraz Rebello, cavalleiro fidalgo da casa real, e de D. Angela Damiana do Couto; quarto neto de Pedro Coelho, cavalleiro fidalgo da casa real, e de D. Joanna Ferraz Rebello, filha de Francisco Ferraz, a quem por distinctos e relevantes serviços que fez á corôa real se lhe fez mercê dos officios do publico judicial e notas do concelho de Aguiar e Sousa, e do da honra de Baltar no dito concelho.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Sousas, no segundo as dos Coelhos, no terceiro as dos Lemos, e no quarto as dos Ferrazes. — Br. p. a 16 de setembro de 1802. Reg. no Cart. da N., liv. VII, fl. 6 v.

(C. C.)

259. ANTONIO THEODORO BETTENCOURT E FRANÇA (Capitão), da cidade do Funchal, ilha da Madeira, filho do capitão Diogo de França da Costa, e de sua mulher D. Angela

de Sequeira, ambos da mesma ilha; neto pela parte paterna de Leandro Martins da Costa, e de sua mulher D. Maria de França Sá e Andrade, filha de Antonio de França e Andrade, e de sua mulher D. Ignez, e neta de Manuel de França Camacho seu terceiro avô d'elle supplicante.

Um escudo partido em pala; na primeira as armas dos Franças, e na segunda as dos Andrades. — Br. p. a 10 de julho de 1772. Reg. no Cart. da N., liv. i, fl. 178.

(C. C.)

260. Antonio de Lima Brito, natural da freguezia de Villela, termo da villa dos Arcos, filho de Manuel de Lima Brito, e de sua mulher D. Laura de Sousa Rodrigues; neto paterno do doutor Antonio de Brito Lima, e materno de Domingos Rodrigues.

Um escudo partido em pala; na primeira as armas dos Britos, e na segunda as dos Limas. — Br. p. a 7 de outubro de 1805. Reg. no Cart. da N., liv. vii, fl. 102.

(C. C.)

261. Antonio de Lima Freire, natural do termo da villa de Santo Amaro da Purificação, comarca da Bahia, filho do alferes Francisco Affonso de Lima, da villa de Vianna, e de sua mulher Maria de Almeida Freire; neto pela parte paterna de Manuel Velho Freire, que no estado da India e nas guerras de Pernambuco, onde militou, fez acções mui heroicas e distinctas, e de sua mulher Catharina das Neves, que foi neta de Simão de Almeida, filho de Fernando Vaz Cernache, natural da cidade do Porto, governador da capitania do Espirito-Santo, com patente de capitão-mór, e senhor de uma legoa de terra, que lhe foi dada de sesmaria.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Limas, no segundo as dos Freires, no terceiro as dos Cernaches, e no quarto as dos Almeidas. — Br. p. a 25 de setembro de 1771. Reg. no Cart. da N., liv. i, fl. 158 v.

(C. C.)

262. Antonio Lobo da Costa Borges e Abranches, fidalgo da casa real, administrador do morgado de S. Miguel do Outeiro, da comarca de Viseu, onde é morador, e do de Costas Borges da villa de Oliveira do Conde; filho de João Lobo da Costa Borges e Abranches, fidalgo da casa real, cavalleiro da ordem de Christo, familiar do Santo Officio, e administrador do dito morgado de S. Miguel do Outeiro, e de sua mulher D. Helena Maria de Mello e Mendonça, filha de Christovão de Sá de Albuquerque, fidalgo da casa real, familiar do Santo Officio, e de sua mulher D. Luiza de Mello; neto paterno de Antonio Lobo Abranches, administrador do dito morgado, e administrador geral pelo rei das minas de estanho das provincias da Beira e Traz-os-montes, e de sua mulher e prima D. Maria Luiza de Castro, filha de João da Costa Leitão, cavalleiro da ordem de Christo, e de sua mulher D. Anna Borges de Castro, filha herdeira de Alvaro Borges de Castro; bisneto de Gil de Castro, fidalgo da casa real, contador da real fazenda nas comarcas de Viseu e Lamego, senhor dos logares de Cernadella e outros, com toda a sua jurisdicção, e de sua mulher Genebra Borges, que era dos mesmos Borges, de Gomes, Borges, fidalgo da casa real, no tempo do rei D. Affonso v, escrivão ou vedor de sua chancellaria, e senhor dos ditos logares de Cernadella; bisneto de Antonio de Abranches Lobo, administrador do dito morgado de S. Miguel do Outeiro, e de sua mulher D. Maria da Costa Côrte-real, filha de Gonçalo Aranha da Costa Leitão, e de sua mulher D. Anna da Costa Côrte-real; neta de João da Costa Côrte-real, fidalgo da casa real, alcaide-mór de Linhares, filho de Gomes da Costa Côrte-real, neto de João Vaz da Costa Côrte-real, fronteiro do reino do Algarve dos Costas Côrtes-reaes, progenitores dos marquezes de Castello-Rodrigo, e de quem procedem muitas casas illustres d'esta côrte e reino; terceiro neto de Antonio Fernandes de Abranches Lobo, morador na villa de Moura, de cujo concelho foi capitão livre, sem dependencia de algum capitão-mór, e de sua mulher D. Anna Lobo de Figuei-

redo, da antiquissima familia dos Lobos, pela qual entrou n'esta casa o morgado dos Lobos, situado no logar de S. Miguel do Outeiro, sendo senhor do dos Fernandes na dita villa, instituido por seu tio o doutor Francisco Fernandes do Amaral, collegial do collegiò de S. Pedro na Universidade de Coimbra, onde foi tambem lente e conego doutoral da Sé da mesma cidade, a favor de sua irmã Branca Fernandes do Amaral e Abranches, mulher de Domingos João Paes da Costa, escudeiro fidalgo da casa da infanta D. Maria, de cujo ascendente herdaram, com a obrigação de se appellidarem Fernandes de Abranches, cuja clausula se observa ainda hoje nos que possuem, pela memoria de D. Fernando de Almada, chefe do appellido de Abranches, por ser segundo conde d'esta terra em França, por mercê de Carlos VIII, rei d'aquelle reino; filho de D. Alvaro Vaz de Almada, primeiro conde da dita terra, que, seguindo as partes do infante D. Pedro, foi morto na batalha de Alfarrobeira, motivo porque o dito D. Fernando de Almada se refugiou na Beira ao resentimento de el-rei D. Affonso V, e d'elle descendem estes Abranches, o que fez certo por uma sentença tirada na correição do Civel da côrte de que foi juiz o desembargador Antonio José da Fonseca Lemos, e escripta por Antonio Soares Guerreiro, escrivão do dito juizo, e o rei de armas Portugal Manuel Pereira da Silva, cavalleiro professo na ordem de Christo, lhe passou brazão com as armas das ditas familias. Feito em Lisboa em 1752.

As armas dos Cunhas, e Nogueiras.—Br. p. em 1751. Reg. no Cart. da N., liv. particular, fl. 26.

(C. C.)

263. Antonio Lopes de Calheiros, natural de Ponte de Lima.

Carta pela qual el-rei D. João III lhe concede o seguinte brazão de seus antecessores: —Escudo de campo azul com cinco vieiras de prata riscadas de preto, em aspa, e tres estrellas do mesmo, em faxa, ao pé, e por differença uma brica de oiro, com um —A— grego de preto; elmo de prata aberto guarnecido de oiro, paquife de prata e azul, e por timbre dois bordões de S. Tiago de prata, em aspa, com uma das vieiras no meio; com todas as honras e privilegios de fidalgo por descender da geração e linhagem dos Calheiros.—Dada em Evora a 20 de agosto de 1534. Reg. na Chanc. de D. João III, liv. XX, fl. 194.

264. Antonio Lopes Carneiro (Doutor), formado em leis pela Universidade de Coimbra, oppositor ás cadeiras da mesma Universidade, filho de Francisco Lopes Carneiro, e de sua mulher Helena da Cruz; neto paterno de Pedro Fernandes Carneiro, e de sua mulher Luiza Lopes, e materno de Antonio Borges Teixeira, e de sua mulher Helena da Cruz.

As armas dos Carneiros, Lopes, Borges, e Teixeiras.—Br. p. a 20 de fevereiro de 1759. Reg. no Cart. da N., liv. particular, fl. 120.

(C. C.)

265. Antonio Lopes da Cunha, filho de Francisco José Lopes, cavalleiro professo na ordem de Christo, deputado da Junta do commercio d'estes reinos e seus dominios, e da do Grão-Pará e Maranhão, e de sua mulher D. Anna Angelica Severina de Sousa; neto paterno de Bernardo Lopes, e de sua mulher D. Antonia Gomes; bisneto de Jeronymo Dias da Cunha, e de sua mulher D. Brites Lopes; neto materno de Antonio de Sousa Barbosa Guimarães, e de D. Caetana Rosa Angelica Collaço.

Um escudo partido em pala; na primeira as armas dos Cunhas, e na segunda as dos Lopes.—Br. p. a 5 de março de 1807. Reg. no Cart. da N., liv. VII, fl. 168.

(C. C.)

266. Antonio Lopes Galhardo. filho de D. Diogo Lopes Galhardo, neto de Antonio Lopes Galhardo, que no reino de Castella foi governador da praça de Salvaterra, e ficando

prisioneiro quando os portuguezes a tomaram, entrou a servir em Portugal com patente de tenente general de cavallaria na provincia da Beira, e de sua mulher D. Francisca Abarca, filha de D. Affonso Abarca, e de sua mulher D. Theodora de Andrade; o qual Affonso Abarca era descendente de D. Pedro de Guevarra, que creou D. Sancho Abarca, de quem tomou appellido, que tem seu solar no reino de Aragão; bisneto de Diogo Lopes Galhardo, fidalgo castelhano, e governador que foi da praça de Larache pelos annos de 1682, em cuja defensa falleceu quando a tomaram os mouros de Maquinés.

As armas dos Galhardos e Abarcas. — Br. p. a 3 de setembro de 1750. Reg. no Cart. da N., liv. particular, fl. 4.

(C. C.)

267. Antonio Lopes de Vasconcellos, filho de Lopo Rodrigues de Vasconcellos e neto de Ruy Gonçalves de Vasconcellos.

Carta pela qual el-rei D. Manuel lhe concede e a seus descendentes o seguinte brazão de armas de seus antecessores : — Escudo de campo preto e tres faxas veiradas de prata e preto, e por differença uma merleta de oiro, elmo de prata aberto, timbre um leão de oiro assentado com as faxas das armas, paquife de prata e preto; com todas as honras e privilegios de fidalgo nobre da antiga linhagem, por descender da geração dos Vasconcellos. — Dada em Lisboa a 25 de outubro de 1514. Reg. na Chanc. de D. Manuel, liv. xi, fl. 65 e liv. vi de Mist., fl. 129.

(C. C.)

268. Antonio Lopes Velloso de Sequeira, filho de Gregorio Lopes Bastos e de D. Maria Engracia Velloso de Sequeira; neto materno de André Rodrigues, e de D. Felicidade Maria Velloso de Sequeira; bisneto de Sebastião Velloso de Sequeira, e de D. Maria Alvares Pereira; terceiro neto de José Velloso de Sequeira, e de D. Isabel Francisca; quarto neto de João da Fonseca, cavalleiro fidalgo da casa real, e capitão de mar e guerra da real armada, e de D. Maria da Fonseca.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Rodrigues, no segundo as dos Vellosos, no terceiro as dos Sequeiras, e no quarto as dos Pereiras. — Br. p. a 30 de junho de 1807. Reg. no Cart. da N., liv. vii, fl. 185.

(C. C.)

269. Antonio Luiz Cabral de Queiroz (Capitão), filho de Manuel Cabral de Azevedo, e de sua mulher D. Francisca Cabral; neto pela parte materna do capitão Silvestre Cabral, e bisneto do sargento-mór Antonio Cabral de Sequeira.

Um escudo com as armas dos Cabraes. — Br. p. a 17 de agosto de 1786. Reg. no Cart. da N., liv. iii, fl. 232 v.

(C. C.)

270. Antonio Luiz Cardoso de Menezes Barreto, filho de Francisco Cardoso de Menezes Barreto, e de sua mulher D. Maria Caetana Osorio de Magalhães Coutinho; neto pela parte paterna de João Ribeiro Bernardes, e de sua mulher D. Cecilia Cardoso de Menezes Barreto, esta filha de Antonio Cardoso de Menezes Barreto, e de sua mulher D. Marianna da Silva e Menezes, administradores que foram do morgado de Nespereira.

Um escudo esquartelado; no primeiro e quarto quarteis as armas dos Cardosos, no segundo as dos Menezes, e no terceiro as dos Barretos. — Br. p. a 28 de outubro de 1793. Reg. no Cart. da N., liv. v, fl. 3.

(C. C.)

271. Antonio Luiz Ferreira Vaz, do logar de Alvações do Corgo, termo de Villareal, filho de Manuel Luiz Pereira, e de sua mulher Anna Maria Vaz de Carvalho; neto

Antonio Mendes de Castello-branco, familiar do Santo Officio, capitão de infanteria auxiliar da comarca da Guarda, e de D. Catharina Thereza de Figueiredo; neto pela parte paterna de outro Antonio Mendes de Castello-branco, professo na ordem de Christo a quem se passou brazão com as armas dos Castellos-brancos em 1656, e de D. Maria Mendes Paes; bisneto de Domingos Mendes de Castello-branco; terceiro neto de Antonio Mendes de Castello-branco, e de Maria Pereira Pinto; quarto neto de Sebastião Mendes de Castello-branco, filho de Miguel Mendes de Castello-branco, e neto de Mendes Rodrigues Castello-branco; quarto neto de Vasco Paes de Castello-branco, undecimo avô do supplicante e o primeiro que teve este appellido de Castello-branco; e pela materna neto de Manuel José da Costa, e de Maria Nunes de Figueiredo.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Castello-brancos, no segundo as dos Pintos, no terceiro as dos Pereiras, e no quarto as dos Figueiredos.— Br. p. a 15 de setembro 1769. Reg. no Cart. da N., liv. I, fl. 111.

(C. C.)

239. Antonio José Pinheiro de Figueiredo Sarmento (Bacharel), professo na ordem de Christo, natural do logar de Rabal, termo da cidade de Bragança, filho do capitão Miguel Pires Pinheiro, e de sua mulher D. Luiza Esteves de Figueiredo; neto pela parte paterna de Francisco Pires Pinheiro, e de sua mulher D. Isabel Rodrigues; neto pela parte materna de Antonio Esteves Pinheiro, e de sua mulher D. Domingas de Figueiredo Sarmento.

Um escudo esquartelado; no primeiro e quarto quarteis as armas dos Pinheiros, no segundo as dos Figueiredos, e no terceiro as dos Sarmentos.—Br. p. a 4 de março de 1796. Reg. no Cart. da N., liv. V, fl. 118 v.

(C. C.)

240. Antonio José Pinto da Cunha e Sousa, natural da freguezia de Nossa Senhora da Candelaria da cidade do Rio de Janeiro, filho de Manuel Pinto da Cunha, e de sna mulher Maria Thereza dos Santos e Sousa; neto pela parte paterna de Manuel Pinto, e de sua mulher Seraphina Fernandes da Cunha; e pela materna neto do capitão Antonio Pinto dos Santos, e de sua mulher Antonia de Sousa e Oliveira.

Um escudo esquartelado; no primeiro e quarto quarteis as armas dos Pintos, no segundo as dos Cunhas, e no terceiro as dos Sousas.—Br. p. a 7 de julho de 1774. Reg. no Cart. da N., liv. II, fl. 21 v.

(C. C.)

241. Antonio José Pinto de Figueiredo e Fonseca, natural do Pezo da Regoa, concelho de Penaguião, comarca de Lamego, provincia de Traz-os-Montes; filho de Antonio Pinto de Figueiredo, e de sua mulher Luiza Maria Pinto; neto paterno de Gonçalo Pinto de Figueiredo, e de sua mulher Maria da Fonseca; neto materno de Luiz Pinto da Fonseca, e de sua mulher Maria Monteiro.

As armas dos Pintos, Figueiredos, Fonsecas, e Monteiros.—Br. p. a 13 de dezembro de 1757. Reg. no Cart. da N., liv. particular, fl. 112.

(C. C.)

242. Antonio José do Rego, capitão de dragões da praça de Chaves, e natural de Villa-flor, comarca da Torre de Moncorvo; filho de Manuel Lopes do Rego, e de sua mulher D. Maria Thereza; neto pela parte paterna de Bartholomeu Lopes do Rego, e de sua mulher D. Maria Esteves, e pela materna de Doutel da Silva, e de sua mulher D. Maria Thereza.

Um escudo partido em pala; na primeira as armas dos Lopes, e na segunda as dos Regos.—Br. p. a 18 de dezembro de 1787. Reg. no Cart. da N., liv. IV, fl. 40.

(C. C.)

Maia, cidadão da mesma, e de sua mulher Thereza de Jesus e Sousa, irmã do doutor Manuel dos Reis e Sousa, lente que foi de prima, jubilado em vespera na faculdade de medicina na Universidade da mesma cidade, cavalleiro da ordem de Christo, e familiar do Santo Officio.

Um escudo partido em pala; na primeira as armas dos Maias, e na segunda as dos Sousas. — Br. p. a 12 de junho de 1775. Reg. no Cart. da N., liv. II, fl. 67.

(C. C.)

276. ANTONIO LUIZ TAVEIRA PINTO DE MACEDO, do logar de Quintella, freguezia de Villa-marim, termo e comarca de Villa-real, filho de Manuel Correa de Macedo, e de sua mulher D. Luiza Pereira, filha de Domingos Alves, e de sua mulher D. Maria Pereira, da quinta de Machados; neto o supplicante pela sua varonia de Pedro de Carvalho de Macedo, e de sua mulher D. Francisca Correa de Mesquita, filha de Gonçalo de Mesquita Pinto, fidalgo da casa real, senhor do morgado de Abaças; bisneto pela mesma varonia do capitão Pedro de Carvalho de Macedo, e de sua mulher D. Florencia de Macedo, filha de Gonçalo Taveira de Macedo, e de sua mulher D. Filippa Alcaforado, filha de Luiz Teixeira Alcaforado, e de D. Catharina de Monterroyo.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Carvalhos, no segundo as dos Macedos, no terceiro as dos Pintos, e no quarto as dos Taveiras. — Br. p. a 22 de novembro de 1784. Reg. no Cart. da N., liv. III, fl. 179.

(C. C.)

277. ANTONIO MACHADO, morador em Barcellos, filho de Pedro Machado e neto de Lopo Machado, os quaes foram do tronco d'estas gerações.

Carta pela qual el-rei D. João III lhe concede o seguinte brazão de seus antecessores: — Escudo esquartelado; o primeiro de vermelho, com cinco machados de prata com os cabos de oiro, em aspa, e o segundo de vermelho com uma aguia preta estendida, com os pés e membrada de oiro, e por differença uma flor de liz de prata; elmo de prata aberto guarnecido de oiro, paquife de prata, oiro e vermelho, e por timbre dois dos machados em aspa; com as honras de fidalgo por descender da geração e linhagem dos Machados e dos da Maia. — Dada em Evora a 21 de julho de 1537. Reg. na Chanc. de D. João III, liv. XLIV, fl. 82.

278. ANTONIO MACHADO FRAZÃO, fidalgo da casa de D. Maria, princeza de Parma, filho de Sebastião Machado Nogueira, e de Constança Frazoa; neto paterno de Affonso Martins Nogueira, e neto materno de Pedro Frazão, os quaes foram fidalgos e do tronco d'estas gerações.

Carta pela qual el-rei D. Sebastião lhe concede o seguinte brazão de seus antecessores: — Escudo de campo esquartelado; o primeiro dos Nogueiras, de oiro, e uma banda enxaquetada de prata e verde e cinco pontas em faxa e sobre as do meio uma cotiça vermelha; o segundo dos Frazões, de vermelho, e uma asna de prata entre tres flores de liz de oiro em roquete, e assim os contrarios, e por differença uma merleta azul, elmo de prata aberto guarnecido de oiro, paquife de oiro, verde, prata e vermelho, e por timbre um pescoço de serpe de oiro enxaquetado de verde, com um ramo de nogueira na boca, que tem ouriços de nozes; com todas as honras e privilegios de fidalgo por descender da geração dos Frazões e Nogueiras. — Dada em Lisboa a 10 de novembro de 1568. Reg. na Chanc. de D. Sebastião, liv. VII, fl. 33.

279. ANTONIO MAIA, natural do Porto, cavalleiro professo na ordem de Christo, e fidalgo cavalleiro da casa real, filho de Antonio de Oliveira Maia, fidalgo cavalleiro da casa real, e de sua mulher D. Luiza Bernardina de Moura; neto paterno de Hyppolito de Oliveira Maia, e de sua mulher D. Theodosia da Silva; e materno de José Rodrigues Pereira, e de sua mulher D. Anna Maria de S. José.

248. Antonio José Taveira Vaz de Carvalho e Sousa (Capitão), natural do logar e freguezia de Santa Maria de Guiães, termo de Villa-real, arcebispado primaz de Braga; filho de Manuel Taveira de Macedo e de sua mulher D. Joanna Maria de Carvalho Vaz Camara de Sousa; neto pela parte paterna de Manuel Taveira de Macedo, de Villamarim, e de sua mulher D. Luiza Pereira da Conceição, e pela materna de Manuel de Sousa, e de D. Maria de Carvalho Vaz Alvares da Camara.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Taveiras; no segundo as dos Macedos, no terceiro as dos Carvalhos, e no quarto as dos Camaras.—Br. p. a 11 de outubro de 1788. Reg. no Cart. da N., liv. iv, fl. 77.

(C. C.)

249. Antonio José de Vasconcellos Correa de Lacerda, cidadão da cidade do Porto, filho de Pantaleão da Silva Vasconcellos Correa de Lacerda, cidadão da dita cidade, e de sua mulher D. Antonia Maria Clara de Brito Coelho Coutinho; neto paterno de Manuel Taveira Correa Pereira de Lacerda, e de sua mulher D. Anna dos Martyres; bisneto de Manuel Taveira Correa Pereira, e de sua mulher Maria Pinheiro Aranha; terceiro neto de João Pinheiro Aranha Correa Pereira de Lacerda, e de sua mulher D. Domingas Pereira; quarto neto de Miguel Gonçalves Correa Pereira, e de sua mulher D. Isabel Affonso; quinto neto de Gaspar Correa Pereira de Lacerda, e de sua mulher D. Maria de Lacerda; sexto neto de Diogo Correa Pereira, fidalgo da casa real, senhor do couto de Farelães, possuidor da casa e solar dos Correas, e de sua mulher Isabel Pinheiro, filha de Alvaro Pinheiro Lobo, alcaide-mór de Barcellos, e de sua mulher D. Joanna de Lacerda : neto materno do licenceado Antonio Rodrigues de Moraes, advogado do numero da Relação do Porto, cidadão e juiz das Sisas da mesma cidade, e de sua mulher D. Marianna de Brito Coelho Coutinho, filha de Gaspar Fernandes de Brito, e de sua mulher D. Marianna de Brito; neta de Miguel de Brito, e de sua mulher D. Josepha Maria de Castro; bisneta de D. Thomaz de Lima Vasconcellos e Brito, visconde de Villa-nova da Cerveira, e Ponte de Lima; bisneto o supplicante de Belchior Fernandes Osorio Coutinho, e de sua mulher D. Joanna do Valle; terceiro neto de Diogo Osorio Coutinho, e de sua mulher Catharina Carvalho Lucena; quarto neto do morgado de Trancoso.

As armas dos Correas, Lacerdas, Britos, e Coutinhos.—Coelhos, Taveiras Pereiras, Pinheiros, Aranhas, Lobos, Moraes, Castros, Limas, Vasconcellos, Valles, Lucenas.—Br. p. a 29 de outubro de 1751. Reg. no liv. particular, fl. 20 v.

(C. C.)

250. Antonio José Vaz Velho, provedor cosmographo da comarca de Tavira, e sargento-mór do real corpo de engenheiros, filho de Verissimo José dos Santos, e de D. Marianna de Jesus Thereza; neto paterno de José dos Santos, e de D. Theodora Maria do Espirito Santo, e materno de Manuel Vaz Velho, cavalleiro professo na ordem de Christo, e de D. Rita Maria Pereira.

Um escudo partido em pala; na primeira as armas dos Velhos, e na segunda as dos Vazes.—Br. p. a 1 de junho de 1816. Reg. no Cart. da N., liv. vii, fl. 346.

(C. C.)

251. Antonio Julio de Castro Pinto de Magalhães, bacharel formado na faculdade de philosophia pela Universidade de Coimbra, coronel de milicias do ultramar, primeiro official chefe da primeira repartição da secretaria do Conselho ultramarino, filho de Joaquim Pinto de Magalhães, proprietario, e de sua mulher D. Barbara Emilia de Castro de Mesquita Pimentel, a quem foi concedido brazão de armas a 14 de novembro de 1855; neto paterno de José Pinto de Magalhães, cavalleiro da ordem de S. Tiago da Espada, e proprietario, e de sua mulher D. Sancha Teixeira de Magalhães, e neto materno de José Ferreira de Macedo, e de sua mulher D. Leonor Violante Castro de Mes-

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Machados, no segundo as dos Falcões, no terceiro as dos Sás, e no quarto as dos Moraes. — Br. p. a 2 de outubro de 1787. Reg. no Cart. da N., liv. IV, fl. 28.

(C. C.)

284. ANTONIO MANUEL DE MELLO E CASTRO, filho natural e legitimado de Antonio de Mello e Castro, fidalgo cavalleiro da casa real, governador e capitão general que foi de Moçambique e Rios de Senna; neto pela parte paterna de Francisco de Mello e Castro, moço fidalgo da casa real; bisneto de André de Mello e Castro, embaixador que foi na côrte de Roma; terceiro neto de Diniz de Mello e Castro, conde das Galveias.

Um escudo partido em pala; na primeira as armas dos Mellos, e na segunda as dos Castros. — Br. p. a 3 de julho de 1797. Reg. no Cart. da N., liv. V, fl. 196.

(C. C.)

285. ANTONIO MANUEL TEIXEIRA LOMELINO DE VASCONCELLOS CAIADO, natural da ilha da Madeira, e n'ella capitão de uma das companhias da ordenança do districto da villa de Santa Cruz; filho de Manuel Lomelino de Vasconcellos Teixeira, e de sua mulher D. Antonia Faustina Quiteria de Moura Leal; neto pela parte paterna de Simão Teixeira Vasconcellos, e de sua mulher Catharina de Almeida e Mattos; bisneto de Francisco Lomelino Teixeira, e de Beatriz Favilla de Vasconcellos; terceiro neto de Manuel Ferreira Teixeira, e de D. Maria de Vasconcellos; quarto neto de outro Manuel Ferreira Teixeira, e de Maria da Silva; quinto neto de Fernão Teixeira de Ferreira, e de Catharina de Gouvea; sexto neto de João Gonçalves Caiado, e de Beatriz Ferreira; setimo neto de Antonio Gonçalves Caiado, fidalgo da casa real, sendo o dito Antonio Gonçalves Caiado, setimo avô do supplicante, casado com Isabel Rodrigues Teixeira, que era filha de João Rodrigues Teixeira, oitavo avô do supplicante, que foi fidalgo da casa real, e do tronco dos Teixeiras; sendo outro sim, D. Maria de Vasconcellos, mulher de seu terceiro avô, Manuel Ferreira Teixeira, filha de Estevão Lomelino, e de Catharina Ferreira de Vasconcellos; neto por parte paterna de Francisco Lomelino, e de Anna Ferreira de Castro; bisneto de Estevão Calaça, sexto avô do supplicante, que foi fidalgo da casa real, sendo este casado com Anna Lomelina, filha de José Lomelino, setimo avô do supplicante, que foi tambem fidalgo cavalleiro da casa real.

Um escudo com as armas dos Caiados. — Br. p. a 3 de agosto de 1796. Reg. no Cart. da N., liv. V, fl. 131.

(C. C.)

286. ANTONIO MANUEL XAVIER DO VALLE, natural da cidade de Lisboa; filho de Antonio Xavier do Valle, negociante matriculado da praça de Lisboa, e de sua mulher D. Helena Margarida Moreira; neto paterno de Francisco Xavier do Valle, e de sua mulher D. Anna Joaquina Monteiro; bisneto de Antonio da Costa Valle, cavalleiro da ordem de Sant'Iago, e de sua mulher D. Rosa Monteiro; bisneto egualmente por sua referida avô D. Anna Joaquina Monteiro, de Joaquim Manuel Monteiro, negociante da praça de Lisboa, e de sua mulher D. Francisca Rosa Monteiro.

Um escudo partido em pala; na primeira as armas dos Valles, e na segunda as dos Monteiros. — Br. p. a 23 de fevereiro de 1826. Reg. no Cart. da N., liv. VIII, fl. 196 v.

(C. C.)

287. ANTONIO MARCELLINO BORGES UCHOA, natural do Recife de Pernambuco, filho de Antonio Borges Uchoa, professo na ordem de Christo, e de sua mulher D. Caetana Maria Joaquina da Fonseca Galvão; neto pela parte paterna do capitão-mór Manuel Tavares de Brito, e de sua mulher D. Rita Thereza de Jesus, esta filha do capitão-mór Antonio Borges Uchoa, fidalgo cavalleiro da casa real, e senhor do engenho intitulado Uchoa

Ferreira Bravo; neto pela parte paterna de João Pinheiro, e de sua mulher D. Josepha Leite, da casa da Quintando, concelho de Felgueiras, comarca de Guimarães; neto pela parte materna de Barnabé de Araujo Pereira, e de sua mulher D. Benta Maria Ferreira Bravo; bisneto de Antonio de Araujo Pereira, alferes de infanteria na praça de Mazagão, e de sua mulher D. Maria Loureiro : sendo egualmente o mesmo supplicante sobrinho de Bento de Araujo Pereira, capitão de cavallaria, e cavalleiro fidalgo da casa real, a quem se passou brazão de armas no anno de 1748, o qual era irmão de seu avô materno Barnabé de Araujo Pereira.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Leites, no segundo as dos Araujos, no terceiro as dos Ferreiras, e no quarto as dos Bravos. — Br. p. a 23 de janeiro de 1798. Reg. no Cart. da N., liv. VI, fl. 4.

(C. C.)

256. ANTONIO LEITE PITA DA ROCHA, cavalleiro professo na ordem de Christo, natural da villa de Caminha, comarca de Valença, filho do capitão Luiz da Rocha Marinho, e de sua mulher D. Luiza Leite Pita; neto por parte paterna de José da Rocha, e de sua mulher D. Thereza Marinho; neto por parte materna de Fernando Leite Pita, fidalgo da casa real, e de sua mulher D. Paschoa Affonso, sendo o supplicante irmão germano do capitão José Leite Pita Falcão Marinho, a quem se passou brazão de armas a 5 de junho de 1779.

Um escudo partido em pala; na primeira as armas dos Marinhos, e na segunda as dos Pitas. — Br. p. a 2 de setembro de 1800. Reg. no Cart. da N., liv. VI, fl. 133 v.

(C. C.)

257. ANTONIO LEME, cavalleiro da casa real, filho de Martim Leme, fidalgo da casa real, que tambem usava de brazão de armas.

Carta pela qual el-rei D. Affonso V lhe concede e a seus descendentes o seguinte brazão de armas: — Um escudo de oiro com cinco merletas de sable em santoir, pelos serviços prestados na tomada da villa de Arzilla e cidade de Tangere, com certos espingardeiros e homens em uma urca na qual seu pae o mandou para servir na dita guerra. — (M. N.) Dada em Lisboa a 12 de novembro de 1471. Reg. na Chanc. de D. Affonso V, liv. XXI, fl. 90, e liv. III de Mist., fl. 13 v.

258. ANTONIO DE LEMOS COELHO FERRAZ DE SOUSA REBELLO E VASCONCELLOS, filho de José Luiz Coelho de Lemos Ferraz de Sousa Rebello e Vasconcellos, e de sua mulher D. Clara Maria Moreira Pacheco da Cunha; neto paterno de Luiz Coelho de Lemos Ferraz de Sousa Rebello e Vasconcellos, e de sua mulher D. Clara Maria de Sousa Coelho Delgado; bisneto de João Coelho Ferraz Rebello, cavalleiro fidalgo da casa real, e de sua mulher D. Paula de Lemos Silva e Vasconcellos, filha de Luiz Coelho de Bessa, fidalgo da casa real, e de D. Magdalena da Silva Lemos e Vasconcellos, filha de Diogo Gomes de Lemos, senhor das villas de Trofa e Mourisca, fidalgo da casa real; terceiro neto de João Coelho Ferraz Rebello, cavalleiro fidalgo da casa real, e de D. Angela Damiana do Couto; quarto neto de Pedro Coelho, cavalleiro fidalgo da casa real, e de D. Joanna Ferraz Rebello, filha de Francisco Ferraz, a quem por distinctos e relevantes serviços que fez á corôa real se lhe fez mercê dos officios do publico judicial e notas do concelho de Aguiar e Sousa, e do da honra de Baltar no dito concelho.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Sousas, no segundo as dos Coelhos, no terceiro as dos Lemos, e no quarto as dos Ferrazes. — Br. p. a 16 de setembro de 1802. Reg. no Cart. da N., liv. VII, fl. 6 v.

(C. C.)

259. ANTONIO THEODORO BETTENCOURT E FRANÇA (Capitão), da cidade do Funchal, ilha da Madeira, filho do capitão Diogo de França da Costa, e de sua mulher D. Angela

José Homem da Costa; bisneto de Miguel Homem da Costa; terceiro neto de Miguel Homem da Costa; quarto neto de Miguel Homem da Costa; quinto neto de Sebastião Homem da Costa.

Um escudo partido em pala; na primeira as armas dos Homens, na segunda as dos Costas. — Br. p. a 2 de julho de 1798. Reg. no Cart. da N., liv. 6, fl. 29 v.

(C. C.)

293. Antonio de Mendonça Barbosa (Bacharel), familiar do Santo Officio, natural e morador na quinta de Legade, freguezia de S. Miguel de Bustello; filho de Manuel Gomes Barbosa de Mendonça, e de sua mulher D. Esperança Maria Pereira; neto de João de Mendonça Barbosa, e de sua mulher Maria Pinto dos Reis da Fonseca.

Um escudo partido em pala; na primeira as armas dos Barbosas, na segunda as dos Mendonças. — Br. p. a 20 de setembro de 1775. Reg. no Cart. da N., liv. II, fl. 73 v.

(C. C.)

294. Antonio Mexia, natural de Campo-maior, filho de Diogo Mexia, e de Isabel Affonso; neto de Lopo Vaz Mexia, e bisneto de Gonçalo Vaz Mexia, que foi do verdadeiro tronco dos Mexias.

Carta pela qual el-rei D. João III lhe concede o seguinte brazão de seus antecessores: — Escudo de campo de oiro com tres faxas azues, e por differença uma merleta preta, elmo de prata aberto guarnecido de oiro, paquife de oiro e azul, e por timbre meia onça com uma faxa azul; com todas as honras e privilegios de fidalgo, por descender da geração dos Mexias. — Dada em Lisboa a 21 de outubro de 1551. Reg. na Chanc. de D. João III, liv. IV dos Privilegios, fl. 174.

295. Antonio Mexia Fouto Galvão Pereira, natural e morador na villla de Campo-maior, provincia do Alemtejo; filho do dr. Manuel Mexia Fouto, e de D. Anna Pereira de Sequeira; neto pela parte paterna de Antonio Mexia Fouto, e de sua mulher Maria da Conceição do Couto Mexia, e pela materna do capitão Fernando do Rego Pereira Galvão Mexia, e de sua mulher D. Catharina Vaz de Sequeira.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Mexias, no segundo as dos Galvões, no terceiro as dos Pereiras, e no quarto as dos Sequeiras. — Br. p. a 15 de outubro de 1770. Reg. no Cart. da N., liv. I, fl. 137.

(C. C.)

296. Antonio de Miranda e Almeida (Doutor), bacharel em todas as sciencias naturaes, e oppositor ás cadeiras da Universidade de Coimbra, natural da villa de Olivença, filho de Thomaz José de Miranda e Almeida, capitão de cavallos, e lente de mathematica na praça de Olivença, e de sua mulher D. Anna Antonia Pereira de Lemos; neto pela parte paterna de José de Miranda e Almeida Castro, tenente de cavallaria, e de sua mulher D. Thereza Marcellina; bisneto de Antonio de Miranda e Mendonça, sargento-mór de cavallaria e commendador da ordem de Christo, e de sua mulher D. Luiza Francisca de Almeida Castro; terceiro neto de Luiz de Miranda Henriques, coronel da armada geral de batalha, e commendador de Santo André de Sevér, Santa Eulalia de Balzar, S. Julião de Lobão, e Santa Maria de Penna d'Aguia, da ordem de Christo, e de sua mulher D. Magdalena Luiza de Bourbon; quarto neto de Fernando de Miranda Henriques, commendador das mesmas commendas, e de sua mulher D. Helena de Miranda.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Mirandas, no segundo as dos Almeidas, no terceiro as dos Pereiras, e no quarto as dos Lemos. — Br. p. a 25 de outubro de 1793. Reg. no Cart. da N., liv. V, fl. 1.

(C. C.)

297. ANTONIO MONTEIRO, morador em Villa-maior, do concelho de Baiam, filho de Ruy Monteiro Homem, fidalgo, e de Leonor de Alvarenga; neto de Gonçalo Monteiro, que foi fidalgo muito honrado e do tronco da geração dos Monteiros; bisneto de Lopo Martins Monteiro, que foi o verdadeiro tronco d'esta geração.

Carta pela qual el-rei D. João III lhe concede o seguinte brazão de seus antecessores: — Escudo de campo de prata e tres bozinas de preto, em roquete, guarnecidas de cordões vermelhos, e por differença uma flor de liz verde, elmo de prata aberto guarnecido de oiro, e por timbre duas das bozinas em aspa; com todas as honras e privilegios de fidalgo. por descender da geração e linhagem dos Monteiros. — Dada em Lisboa a 30 de dezembro de 1540. Reg. na Chanc. de D. João III, liv. XXVII, fl. 111 v.

298. ANTONIO MONTEIRO BORGES DE ARAUJO, natural de Fonte-arcada, comarca de Penafiel, filho de Manuel Monteiro Borges de Araujo, escrivão proprietario dos officios do publico judicial e notas, crime e orphãos do concelho do Porto-carreiro, Canavezes e Finas, e do das sisas e direitos reaes de Canavezes, Finas, e Soalhães, e de sua mulher D. Anna Maximiana Vaz de Carvalho, neto paterno de Antonio Ribeiro Monteiro, e de sua mulher D. Thereza Angelica Borges, e neto materno de João Pereira, e de sua mulher D. Maria de Carvalho.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Monteiros, no segundo as dos Borges, no terceiro as dos Araujos, e no quarto as dos Carvalhos. — Br. p. a 19 de setembro de 1831. Reg. no Cart. da N., liv. VIII, fl. 258 v.

(C. C.)

299. ANTONIO DE MORAES BORGES DE CARVALHO MONTEIRO (Doutor), professo na ordem de Christo, morador na villa e couto de Provezende, filho do doutor José Borges de Carvalho Monteiro, e de sua mulher D. Maria de Moraes de Carvalho, neto pela parte paterna de Gaspar Borges Rebello, e de sua mulher D. Sabina de Carvalho Monteiro; bisneto de Gaspar Lopes Rebello, e de sua mulher D. Magdalena Borges de Mansilha, e pela materna neto de Manuel de Moraes de Carvalho, e de sua mulher D. Maria Lopes Pereira; bisneto de Antonio Gaspar de Moraes, e de sua mulher D. Isabel de Carvalho.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Borges, no segundo as dos Carvalhos, no terceiro as dos Monteiros, e no quarto as dos Moraes. — Br. p. a 13 de maio de 1786. Reg. no Cart. da N., liv. III, fl. 219.

(C. C.)

300. ANTONIO DE MORAES SILVA, presbytero secular do habito de S. Pedro, e professor regio de grammatica latina na villa de Vinhaes, filho de Luiz de Moraes, tenente de infanteria, e de sua mulher Maria da Silva; neto pela parte paterna do capitão Sebastião Fernandes de Moraes, e de sua mulher Maria Martins; neto pela parte materna de Pedro Gonçalves de Moraes, e de sua mulher Maria da Silva, filha de Antonio da Silva, e de sua mulher Catharina Rodrigues, sendo o dito segundo avô do supplicante Antonio da Silva, filho de Belchior Martins, e de sua mulher Maria da Silva, filha de Gaspar da Silva, e de sua mulher Isabel de Moraes: sendo egualmente o dito Gaspar da Silva filho de Christovão da Silva, e de sua mulher Francisca do Rego, irmã germana de Antonio de Moraes, a quem se passou brazão de armas em 6 de janeiro de 1628, com as de Sousas, Moraes, Silvas e Regos, as quaes justificou o supplicante pertencerem-lhe por ser legitimo descendente das familias que n'este reino são fidalgos de linhagem, cota de armas, e de solar conhecido, e como taes se trataram com cavallos, criados, e toda a mais ostentação propria da nobreza.

Um escudo ovado e esquartelado; no primeiro quartel as armas das Sousas, no segundo as dos Moraes, no terceiro as dos Silvas, e no quarto as dos Regos. — Br. p. a 15 de fevereiro de 1796. Reg. no Cart. da N., liv. V, fl. 115 v.

(C. C.)

301. ANTONIO MOREIRA DIAS, cavalleiro professo na ordem de Christo, filho de Antonio Moreira Dias, cavalleiro professo na ordem de Christo, e de sua mulher D. Maria Moreira, neto paterno de João Moreira, e de sua mulher D. Maria Moreira, e materno de Antonio Moreira, e de sua mulher D. Domingas Dias.

Um escudo partido em pala; na primeira as armas dos Moreiras, e na segunda as dos Dias. — Br. p. a 18 de dezembro de 1819. Reg. no Cart. da N., liv. VIII, fl. 49 v.

(C. C.)

302. ANTONIO MOREIRA PEGAS FREIRE (Doutor), natural da cidade de Miranda, provincia de Traz-os-montes, filho de Mathias Moreira, e de sua mulher Isabel Pires, neto pela parte paterna de Nicolau Moreira, e de sua mulher Maria Gonçalves; bisneto de Bento Moreira, e de sua mulher Isabel Pegas; terceiro neto de João Lopes Freire, fidalgo da casa real, todos naturaes, e cidadãos da cidade de Miranda do Douro.

Um escudo esquartelado; no primeiro e quarto quarteis as armas dos Moreiras, no segundo as dos Pegas, e no terceiro as dos Freires. — Br. p. a 2 de dezembro de 1774. Reg. no Cart. da N., liv. I, fl. 213 v.

(C. C.)

303. ANTONIO DE NEIVE DE CHAVES, cavalleiro da casa real, morador em Azamor, filho de João de Neive de Guimarães, e de Catharina Freire de Chaves, neto de Isabel Gonçalves de Chaves, bisneto de Lopo Gonçalves de Chaves, que foi fidalgo muito honrado e do tronco d'esta geração.

Carta pela qual el-rei D. João III lhe concede o seguinte brazão de seus antecessores: — Escudo de campo vermelho com cinco chaves grandes de oiro [1], em aspa, e por differença uma brica de prata, elmo de prata aberto guarnecido de oiro, paquife de oiro e vermelho, e por timbre duas das chaves em aspa, com todas as honras de fidalgo por descender dos Chaves. — Dada em Evora a 10 de abril de 1537. Chanc. de D. João III, liv. XXIII, fl. 30 v.

304. ANTONIO DE NOVAES DE CAMPOS ESTEVES DA CAMARA (Bacharel), familiar do Santo Officio, natural da cidade de S. Sebastião do Rio de Janeiro, filho de Antonio de Novaes de Campos, e de sua mulher D. Francisca de Sousa da Camara; neto pela parte paterna de Cosme de Novaes de Campos, e de sua mulher D. Anna Velloso da Silva Paes, e pela materna de Manuel Alvares de Sousa, e de sua mulher D. Agueda Esteves da Camara.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Campos, no segundo as dos Novaes, no terceiro as dos Silvas, e no quarto as dos Camaras. — Br. p. a 13 de maio de 1778. Reg. no Cart. da N., liv. II, fl. 158.

(C. C.)

305. ANTONIO DE OLIVA E SOUSA, do logar de Aldea-nova, concelho de Ferreira de Aves, d'onde é capitão-mór e monteiro-mór, comarca de Viseu, filho de Feliciano de Oliva e Sousa, e de sua mulher Luzia de Almeida; neto paterno de Pedro de Oliva e Sousa, e de sua mulher D. Maria Monteiro de Gouvea; bisneto de outro Pedro de Oliva e Sousa, e de sua mulher D. Beatriz Cabral de Amaral.

As armas dos Olivas, Cabraes e Amaraes. — Br. p. a 4 de setembro de 1753. Reg. no Cart. da N., liv. particular, fl. 63.

(C. C.)

306. ANTONIO DE OLIVEIRA E CASTRO, sargento-mór das ordenanças das companhias das villas de Môens, Alva, Roriz e Molledo, na comarca de Viseu, natural e morador na

[1] Estas armas dos Chaves acham-se aqui arbitrariamente emendadas (Vid. *Alvaro Lopes*).

dita villa de Môens, filho do ajudante Antonio de Oliveira, e de D. Margarida Lourenço; neto pela parte paterna de José de Oliveira, juiz dos orphãos, e administrador do vinculo e capella de Nossa Senhora dos Remedios, e de Cacilda da Silva; bisneto de João Lourenço, administrador do mesmo vinculo, e de D. Maria de Oliveira; terceiro neto de Pedro Lourenço e Castro, e de D. Maria Lourenço; neto pela parte materna de Manuel Lourenço Antunes, e de Catharina Ferreira; bisneto de André Lourenço Antunes, irmão de João Lourenço, bisavô paterno do supplicante.

Um escudo partido em pala; na primeira as armas dos Oliveiras, e na segunda as dos Castros. — Br. p. a 9 de agosto de 1793. Reg. no Cart. da N., liv. IV, fl. 284 v.

(C. C.)

307. ANTONIO DE PAIVA BRANDÃO, da freguezia de S. Martinho de Ferreira, concelho da villa da Povoa, comarca de Guimarães, filho de Manuel de Paiva Brandão, e de sua mulher D. Ignez de Azevedo; neto pela parte paterna de Alexandre de Paiva Brandão, cidadão da cidade de Braga, e uma das pessoas de maior nobreza d'ella, e pela materna de Domingos de Azevedo, e de sua mulher D. Maria Alves.

Um escudo esquartelado; no primeiro e quarto quarteis as armas dos Paivas, no segundo as dos Brandões, e no terceiro as dos Azevedos. — Br. p. a 29 de novembro de 1787. Reg. no Cart. da N., liv. IV, fl. 37 v.

(C. C.)

308. ANTONIO PAMPLONA, natural da ilha Terceira, filho de Antonio Bernardo Pamplona Rodovalho, administrador de um vinculo estabelecido na mesma cidade, tenente do forte do Bom Jesus da dita ilha, a quem se passou brazão de armas a 7 de fevereiro de 1770, e de D. Anna Francisca Rosa; neto pela parte paterna do alferes Antonio Xavier Pamplona, e de D. Catharina Felicia; bisneto de Mathias Pamplona Merens, e de D. Josepha Maria; terceiro neto de Mattheus de Figueiredo, e de D. Antonia Moniz Merens Pamplona, filha de Mathias Pamplona, terceiro neto de Gonçalo Alvares Pamplona, um dos primeiros povoadores da referida ilha.

Um escudo com as armas dos Pamplonas. — Br. p. a 2 de agosto de 1792. Reg. no Cart. da N., liv. IV, fl. 259.

(C. C.)

309. ANTONIO PEDRO DE FIGUEIREDO, cavalleiro professo da ordem de Christo, capitão-mór da villa de Torres-novas, comarca de Santarem, filho do doutor Manuel da Silva Antunes, e de sua mulher D. Antonia Paula de Figueiredo; neto pela parte paterna de Valentim Antunes, e de sua mulher D. Isabel da Silva, e pela materna neto de Pedro Craveiro de Figueiredo, e de sua mulher D. Luiza Maria.

Um escudo partido em pala; na primeira as armas dos Silvas, e na segunda as dos Figueiredos. — Br. p. a 17 de outubro de 1784. Reg. no Cart. da N., liv. III, fl. 175 v.

(C. C.)

310. ANTONIO PEREIRA BASTOS LIMA VARELLA BARCA, formado na Universidade de Coimbra, habilitado pela Mesa do Desembargo do paço para os logares de letras, natural da villa da Carreira, comarca da cidade da Bahia, filho do capitão José Pereira Lima, e de sua mulher D. Maria Josepha Varella e Barca; neto pela parte paterna de Vicente Pereira Lima, e de sua mulher D. Thereza da Encarnação, e pela materna de Antonio de Bastos Varella, e de sua mulher D. Luiza Maria Varella e Barca, naturaes do cidade do Porto.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Pereiras; no segundo as dos Limas, no terceiro as dos Bastos, e no quarto as dos Varellas. — Br. p. a 11 de dezembro de 1770. Reg. no Cart. da N., liv. I, fl. 140 v.

(C. C.)

311. Antonio Pereira de Brito Campello, primeiro tenente do regimento de cavallaria de Miranda, natural da villa de Vianna do Minho, filho de Antonio Pires Campello, cavalleiro da ordem de Christo, e de sna mulher D. Anna Maria Luiza Pereira de Brito; neto pela parte paterna de Manuel Rodrigues Campello, e de D. Rosa Michaela Thereza, e pela materna do doutor Bernardo Pereira do Valle, e de D. Maria Madris de Brito.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Campellos, no segundo as dos Moraes, no terceiro as dos Pereiras, e no quarto as dos Britos. — Br. p. a 24 de outubro de 1774. Reg. no Cart. da N., liv. II, fl. 38 v.

(C. C.)

312. Antonio Pereira da Costa Cabral, filho do doutor Manuel Pereira Cabral, juiz de fora em Villa-real, e provedor da comarca da Torre de Moncorvo, e de sua mulher D. Maria da Costa; neto paterno de Domingos Diniz Pereira Cabral, e de sua mulher D. Isabel André; bisneto de Pedro Diniz, e de sua mulher D. Maria Martins Lopes.

Um escudo partido em pala; na primeira as armas dos Pereiras, e na segunda as dos Cabraes. — Br. p. a 31 de maio de 1793. Reg. no Cart. da N., liv. IV, fl. 277 v.

(C. C.)

313. Antonio Pereira de Miranda, cavalleiro fidalgo da casa real, moço da camara do senhor rei D. José, professo na ordem de Christo, escrivão impediente da casa das obras do paço da Ribeira d'esta côrte, e dos contratos de todos os paços reaes; filho de Antonio Pereira de Miranda, cavalleiro fidalgo da casa real, professo na ordem de Christo, escrivão proprietario da dita casa das obras do paço da Ribeira d'esta côrte, e dos contratos de todos os paços reaes, ajudante de um dos regimentos da ordenança da guarnição da côrte, e de D, Helena Mauricia Falcão de Jesus; neto paterno de Manuel Pereira de Miranda, cavalleiro professo na ordem de Christo e da casa real, proprietario do dito officio, capitão de infanteria, e de D. Theodosia Correa Padilha; bisneto de Sebastião Pereira de Miranda, cavalleiro fidalgo da casa real, professo na ordem de Christo, moço da camara dos do numero, proprietario do dito officio, e de D, Margarida Rodrigues.

As armas dos Pereiras, Mirandas, Correas, e Padilhas. — Br. p. a 27 de janeiro de 1753. Reg. no Cart. da N., liv. particular, fl. 48 v.

(C. C.)

314. Antonio Pereira de Miranda, da freguezia de S. Miguel de Nogueira da Montanha, termo da villa de Chaves, filho de Jeão Barroso Pereira, o qual seu pae e os mais ascendentes foram pessoas muito nobres, legitimos descendentes das illustres familias dos appellidos de Pereiras, Barrosos, Mirandas, e Gonçalves d'este reino.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Pereiras, no segundo as dos Barrosos, no terceiro as dos Mirandas, e no quarto as dos Gonçalves. — Br. p. a 29 de dezembro de 1781. Reg. no Cart. da N., liv. III, fl. 40 v.

(C. C.)

315. Antonio de Pinho Seixas da Gama (Doutor), natural da villa de Sabugosa, comarca de Viseu, filho do doutor Antonio de Pinho Rebello e Seixas da Gama, cavalleiro da ordem de Christo, juiz de fora que foi da villa de Celorico, e ouvidor de Villa-real, e de sua mulher D. Maria Thereza de Seixas; neto pela parte paterna de Pedro de Pinho Pessoa da Gama, e de sua mulher D. Francisca Rebello, elle descendente de D. Francisco da Gama, e de sua mulher D. Maria da Gama, fundadores que foram da casa da Fonte na villa do Outeiro, onde viveram, tendo o padroado da egreja da mesma, e procediam da illustre casa dos condes da Vidigueira; e pela materna neto do doutor José Rodrigues Pereira, e de sua mulher D. Eugenia Maria.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Pinhos, no segundo as

dos Seixas, no terceiro as dos Gamas, e no quarto as dos Pereiras. — Br. p. a 14 de maio de 1774. Reg. no Cart. da N., liv. II, fl. 10.

(C. C.)

316. Antonio Pinto da Assumpção (Ajudante), cavalleiro fidalgo da casa real, natural da praça de Mazagão, filho de Manuel Gonçalves Martins de Macedo e de D. Antonia de Macedo e Pinho; neto pela parte paterna de Luiz Ferro de Pina e de D. Leonor de Pinho, e pela materna de Diogo Pereira de Macedo e de D. Leonor de Pinho, todos naturaes da dita praça, aonde serviram com cavallos e armas, e eram pessoas nobres das familias dos appellidos de Macedos, Pinas, Pereiras, e Pinhos d'este reino.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Macedos, no segundo as dos Pinas, no terceiro as dos Pereiras, e no quarto as dos Pinhos. — Br. p. a 20 de abril de 1789. Reg. no Cart. da N., liv. IV, fl. 104 v.

(C. C.)

317. Antonio Pires de Calheiros, morador na villa de Caminha.

Carta pela qual el-rei D. João III lhe concede o seguinte brazão de seus antecessores: — Escudo de campo azul com cinco vieiras de prata, em aspa, riscadas de preto, e tres estrellas de cinco pontas de prata, em faxa, ao pé do escudo, e por differença uma brica de oiro com uma merleta preta; elmo de prata aberto guarnecido de oiro, paquife de prata e azul, e por timbre dois bordões de S. Tiago de prata, em aspa, com uma vieira das armas no meio; com todas as honras e privilegios de fidalgo, por descender da geracão e linhagem dos Calheiros. — Dada em Lisboa a 20 de agosto de 1529. Reg. na Chanc. de D. João III, liv. XVII, fl. 109.

318. Antonio Pires da Silva Pontes Leme, cavalleiro professo na ordem de S. Bento de Aviz, capitão da real armada, e governador da capitania do Espirito-Santo; filho de José da Silva Pontes de Carvalho, professo na ordem de Christo, capitão-mór da cidade de Marianna, guarda-mór das minas do Inficionado, e Cota Altes, e senhor de muitas lavras de mineral na capitania de Minas-geraes, e de sua mulher D. Marianna Dias Paes Leme, irmã do desembargador José Pires Monteiro, que falleceu em conservador da Universidade de Coimbra, e do doutor Francisco Paes de Oliveira Leite, guarda-mór que foi das minas de Villa-rica; neto por parte paterna do capitão Francisco da Silva de Carvalho e Costa, irmão dos capitães Diogo da Silva, e Thomé da Silva, com os quaes acompanhou Antonio de Albuquerque Coelho de Carvalho, capitão general de S. Paulo, e Minas, quando foi em soccorro da cidade do Rio de Janeiro invadida pelos francezes, e de sua mulher D. Ignez Domingues de Pontes, filha de Antonio Domingues de Pontes, irmão do padre Belchior de Pontes, e do doutor João de Pontes, vigario geral que foi de S. Paulo, e de sua mulher D. Susana Rodrigues Borba, irmã de Manuel de Borba Gato, natural de S. Paulo, que mereceu a distincta honra de receber algumas cartas firmadas pelo real punho do senhor rei D. Pedro II: e por este mesmo lado bisneto de Diogo da Silva de Carvalho, descendente da illustre casa dos senhores de Veiros, d'este reino, e de sua mulher D. Paula da Costa, irmã do conego João Gonçalves da Costa, e descendente da nobre familia dos Sequeiras, da mesma capitania; neto por parte materna de Maximiano de Oliveira Leite Leme, cavalleiro professo na ordem de Christo, senhor de lavra de mineral, guarda-mór das minas da cidade de Marianna, e de sua mulher D. Ignacia Pires de Arruda; bisneto pelo mesmo lado do capitão Francisco Paes de Oliveira, nobre cidadão de S. Paulo, que foi com seu sogro o governador Fernão Dias Paes Leme ao descobrimento das esmeraldas do sertão do Sabará Buçú, hoje Minas-geraes, e de sua mulher D. Marianna Paes Leme, irmã de Garcia Rodrigues Paes, fidalgo da casa real, e guarda-mór geral das minas; terceiro neto por este lado do capitão Salvador de Oliveira, e de sua mulher D. Antonia Paes, irmã do guarda-mór Estevão Raposo Bocarro; quarto neto pelo mesmo

lado de Raphaél de Oliveira, fundador da villa de Jundiaes, da sobredita capitania de S. Paulo; e pela dita sua bisavó D. Marianna Paes Leme, terceiro neto de Fernão Dias Paes, governador que foi do descobrimento das esmeraldas, por ordem do senhor rei D. Pedro II, que o honrou com muitas cartas firmadas pelo seu real punho; e por elle setimo neto com quebra de bastardia de Pedro Leme, fidalgo da casa real, e tronco da illustre familia do seu appellido n'aquella capitania, e em outras do Brazil; e pela referida sua avó D. Ignacia Pires de Arruda, mulher de Maximiano de Oliveira Leite, neto do capitão Francisco Pires, que acompanhou a seu tio materno o dito Fernão Dias Paes ao descobrimento das esmeraldas; era por varonia quarto neto de João Pires, tronco da nobre familia dos Pires, e de sua mulher D. Maria de Arruda, e por esta terceiro neto de Arruda Sá, natural da Ribeira-grande, da ilha de S. Miguel, e tronco da nobre familia do seu appellido, o qual era quarto neto sem quebra de bastardia de Gonçalo Vaz Botelho, e de sua mulher D. Maria de Quadros, descendentes das nobres familias de Quadros, Bicudos, e Mendonças, da mencionada capitania de S. Paulo.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Silvas, no segundo as dos Pontes, no terceiro as dos Lemes, e no quarto as dos Botelhos. — Br. p. a 24 de setembro de 1799. Reg. no Cart. da N., liv. VI, fl. 42 v.

(C. C.)

319. Antonio Rebello de Santiago (Padre), bacharel em canones e philosophia, e commissario do Santo Officio; filho de Bernardo Rebello, e de sua mulher D. Antonia Clara; neto paterno de João Vaz Rebello, e de sua mulher D. Maria Antonia; e materno de Paschoal Manuel, e de sua mulher D. Maria Jorge.

Um escudo ovado com as armas dos Rebellos. — Br. p. a 26 de abril de 1804. Reg. no Cart. da N., liv. VII, fl. 76 v.

(C. C.)

320. Antonio Rego de Albuquerque e Castro, cavalleiro professo na ordem de Christo, natural da cidade de Lisboa; filho do capitão de mar e guerra Francisco Dias Rego, cavalleiro professo na ordem de Christo, e de sua mulher D. Joanna Margarida Albuquerque e Castro; neto paterno do capitão de mar e guerra Antonio Dias Rego; neto materno de Francisco de Albuquerque e Castro, cavalleiro professo na ordem de Christo, governador da fortaleza de Santo Antonio da Barra, criado e fidalgo da casa real; bisneto de Francisco de Albuquerque e Castro, tenente general da cavallaria na Beira, commendador na ordem de Christo, e fidalgo da casa real.

As armas dos Albuquerques, Regos, e Castros. — Br. p. a 24 de janeiro de 1752. Reg. no Cart. da N., liv. particular, fl. 27 v.

(C. C.)

321. Antonio do Rego Castello-branco, ajudante do regimento de cavallaria da guarnição de Oeiras, capitania de S. José de Piauhy, estado do Brazil, bispado do Maranhão; filho do tenente coronel João do Rego Castello-branco, e de sua mulher D. Perpetua Gomes dos Santos; neto pela parte paterna do capitão-mór da villa de Pernahiba João Gomes do Rego Barra, e de sua mulher D. Anna de Castello-branco, filha legitima de D. Francisco de Castello-branco, irmão do conde de Pombeiro; e pela materna neto do capitão-mór da dita cidade, Gonçalo de Barros Taveira, e de sua mulher D. Antonia Gomes Travassos.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Regos, no segundo as dos Castellos-brancos, no terceiro as dos Barros, e no quarto as dos Travassos. — Br. p. a 2 de março de 1782. Reg. no Cart. da N., liv. III, fl. 46 v.

(C. C.)

322. ANTONIO RIBEIRO DE CARVALHO ABREU PESSOA E AMORIM, bacharel formado em direito, cavalleiro da ordem da Torre e Espada, juiz de fóra da cidade de Elvas, e actual juiz substituto de direito da comarca de Arganil, e administrador dos vinculos de Sarzedo e Algaça; filho do doutor José Antonio Ribeiro de Carvalho, juiz de fóra da villa de Odemira, e capitão-mór de ordenanças de Arganil, e de sua mulher D. Anna de Abreu Pessoa de Amorim; neto paterno de Manuel Ribeiro da Fonseca, capitão de ordenanças de Arganil, e de sua mulher D. Agueda de Carvalho; e materno de Alberto de Abreu Pessoa de Amorim, e de sua mulher D. Luiza Maria Felizarda da Luz Coutinho; bisneto de Francisco Antonio de Abreu Pessoa de Amorim, e de sua mulher D. Catharina Joaquina Mauricia de Macedo; terceiro neto de Francisco Mendes de Abreu, e de sua mulher D. Antonia de Amorim Pessoa e Gouvea, esta filha de Jorge de Amorim Pessoa e Gouvea, a quem se passsou brazão de armas a 17 de dezembro de 1701.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Carvalhos, no segundo as dos Abreus, no terceiro as dos Pessoas, e no quarto as dos Amorins. — Br. p. a 11 de junho de 1859. Reg. no Cart. da N., liv. IX, fl. 25 v.

(C. C.)

323. ANTONIO RIBEIRO DA COSTA GUIMARÃES, cavalleiro professo na ordem de Christo, natural da villa de Guimarães, filho legitimo de Antonio Ribeiro da Silva, e de sua mulher D. Magdalena Lopes de Menezes; neto pela parte paterna de Antonio Francisco da Silva, e de sua mulher Angela Ribeiro de Vasconcellos; e pela materna neto de Antonio Francisco da Silva de Menezes, e de sua mulher Maria Manuel de Menezes do Amaral.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Silvas, no segundo as dos Ribeiros, no terceiro as dos Menezes, e no quarto as dos Amaraes. — Br. p. a 23 de setembro de 1765. Reg. no Cart. da N., liv. I, fl. 15.

(C. C.)

324. ANTONIO RIBEIRO DA COSTA HENRIQUES, cavalleiro professo na ordem de Sant'Iago da Espada; filho de Pedro Balthazar Ribeiro, e de D. Genoveva Thereza; neto paterno de João Ribeiro, e de D. Maria Henriques; e materno de Antonio da Costa Ramos, e de D. Maria do Espirito Santo Ledo.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Ribeiros, no segundo as dos Henriques, no terceiro as dos Costas, e no quarto as dos Ledos. — Br. p. a 26 de julho de 1804. Reg. no Cart. da N., liv. VII, fl. 82 v.

(C. C.)

325. ANTONIO ROBERTO DE OLIVEIRA LOPES BRANCO, do conselho de Sua Magestade, fidalgo cavalleiro da casa real, commendador da ordem de Nossa Senhora da Conceição de Villa-viçosa, e ministro e secretario de Estado honorario.

Um escudo esquartelado, com as armas que lhe foram concedidas por alvará de 9 de janeiro de 1862. (M. N.) — Br. p. a 2 de julho de 1862. Reg. no Cart. da N., liv. IX, fl. 49. — V. no I. H. *Lopes Branco.*

(C. C.)

326. ANTONIO ROBERTO DOS REIS TAVARES, natural de Lisboa, cavalleiro professo na ordem de Christo, condecorado com a medalha de oiro da restauração dos direitos da realeza, e official do Thesouro publico, filho de Antonio Roberto dos Reis Tavares, cavalleiro professo na ordem de Christo, contador das contas da serenissima Casa e estado do infantado, e do grão priorado do Crato, escrivão do thesouro, e guarda joias da mesma serenissima Casa e estado, e official-maior do Terreiro publico, e de sua mulher D. Germana Ignacia Rita Tavares; neto paterno de João Chrysostomo dos Reis Tavares, official dos Contos do reino, e da referida serenissima Casa e estado do infantado, e de sua

mulher D. Maria Rosa da Natividade e Silva; neto materno de Joaquim José da Silva, official-maior do Correio geral, e de sua mulher D. Anna Rita Ludovina.

Um escudo partido em pala; na primeira as armas dos Tavares, e na segunda as dos Silvas. — Br. p. a 1 de agosto de 1827. Reg. no Cart. da N., liv. VIII, fl. 205 v.

(C. C.)

327. Antonio Rodrigues Botelho, cavalleiro professo na ordem de Christo, capitão de cavallos do regimento de que é coronel Henrique Garcez Palha d'Almeida, filho legitimo de Manuel Rodrigues Botelho, familiar do Santo Officio, e de sua mulher Rosa Maria do Espirito Santo; neto pela parte paterna de outro Manuel Rodrigues Botelho, e de sua mulher Maria Rodrigues, e pela materna neto de Antonio João, e de sua mulher Leonor Vieira.

Um escudo com as armas dos Botelhos. — Br. p. a 15 de julho de 1765. Reg. no Cart. da N., liv. I, fl. 9 v.

(C. C.)

328. Antonio Rodrigues Bravo, capitão do regimento de milicias da comarca de Ourique, cavalleiro professo na ordem de Sant'Iago da Espada, correio-mór da villa de Mertola, onde é morador, e natural de Castro-verde; filho de Carlos Rodrigues Bravo, e de Christina Maria Rosa; neto pela parte paterna de Antonio Rodrigues Bravo, e de D. Laura Guiomar de Arnedo; neto pela parte materna de Francisco Alvares, e de Maria Catharina Rosa.

Um escudo partido em pala; na primeira as armas dos Rodrigues, e na segunda as dos Bravos. — Br. p. a 20 de setembro de 1798. Reg. no Cart. da N., liv. VI, fl. 41.

(C. C.)

329. Antonio Rodrigues Pereira de Noronha e Menezes, filho do capitão-mór Antonio Rodrigues Pereira, e de D. Anna Maria de Noronha e Menezes; neto pela parte materna de Sebastião Mendes, e de Bernarda da Conceição, do logar dos Anacos; e por esta sua avó bisneto de Manuel Rodrigues, e de Maria Freire, irmã legitima do reverendo Domingos Alvares da Paz Noronha e Menezes, a quem já se passára brazão com as armas das familias d'estes appellidos em 5 de junho de 1728.

Um escudo partido em pala; na primeira as armas dos Noronhas Menezes de Villa-real, e na segunda as dos Mendes. — Br. p. a 20 de fevereiro de 1779. Reg. no Cart. da N., liv. II, fl. 183.

(C. C.)

330. Antonio de Sá Rebello Osorio de Sampaio, cavalleiro professo na ordem de Sant'Iago, natural da villa de Britiande, comarca de Lamego, filho de Manuel Francisco de Sá e Sampaio, e de sua mulher D. Maria Osorio de Carvalho e Almeida; neto pela parte paterna de Antonio Francisco de Sá Pereira de Sampaio, e de sua mulher e prima D. Jeronyma Francisca de Sá e Mello; e pela materna de Manuel Carvalho e Almeida, e de sua mulher D. Clara Osorio da Fonseca Pinto, filha de Manuel Rebello Osorio, da antiga casa de Val de Oleiros, junto a Lamego, e de sua mulher e prima D. Maria da Fonseca Pinto Osorio.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Sás, no segundo as dos Pereiras, no terceiro as dos Sampaios, e no quarto as dos Osorios. — Br. p. a 1 de julho de 1775. Reg. no Cart. da N., liv. II, fl. 70 v.

(C. C.)

331. Antonio de Sá Souto-maior, natural de Freixo de Espada á cinta, filho de Francisco de Sá Souto-maior, que foi fidalgo e do tronco d'esta geração.

Carta pela qual el-rei D. Henrique lhe concede o seguinte brazão de seus antecesso-

res: — Escudo de campo esquartelado; o primeiro dos Sás de campo enxaquetado de prata e azul de seis peças em faxa; o segundo dos de Souto-maior de campo de prata e tres faxas enxaquetadas de oiro e vermelho de tres peças em pala, e assim os contrarios, e por differença uma merleta de oiro, elmo de prata aberto guarnecido de oiro, paquife de prata, azul, oiro e vermelho, e por timbre um bufalo de sua côr enxaquetado de prata com uma manilha de prata nas ventas; com todas as honras de fidalgo por descender das gerações dos Soutos-maiores e Sás. — Dada em Lisboa a 10 de abril de 1579. Reg. na Chanc. de D. Henrique, liv. XI, fl 211 v.

332. ANTONIO SEBASTIÃO SALGADO, filho do bacharel Antonio Vaz Salgado, cavalleiro professo na ordem de Christo, que serviu em varios logares de letras na occupação de ministro, e de D. Francisca Xavier Josepha Leonor; neto pela parte paterna do capitão de mar e guerra Antonio Vaz Salgado, e de sua mulher D. Francisca Maria Josepha, e pela materna de Francisco de Oliveira, e de sua mulher Francisca Estaça Metello.

Um escudo esquartelado; no primeiro e quarto quarteis as armas dos Salgados, no segundo as dos Oliveiras, e no terceiro as dos Metellos. — Br. p. a 20 de junho de 1769. Reg. no Cart. da N., liv. I, fl. 102.

(C. C.)

333. ANTONIO DE SEIXAS PINTO, Manuel de Seixas Pinto, João de Seixas Pinto, e Custodio Vieira de Seixas, filhos de Antonio Monteiro Alves, e de sua mulher Anna de Seixas Vieira; netos paternos de Francisco Monteiro Alves, filho de Manuel Monteiro, e de Margarida Francisca; neto de Antonio Monteiro Alves, e de sua mulher Isabel Alves; bisneto de Manuel Monteiro, que casou na familia dos Mouras; terceiro neto de Alvaro Annes, e de sua mulher Maria Monteiro; e o dito Alvaro Annes, filho de João Alves, cavalleiro fidalgo que serviu os reis d'este reino nas guerras de Castella, e com armas e cavallos encobertados, e de sua mulher Beatriz Alves Bravo, dos Bravos da cidade de Braga apparentados na casa da Barca, e irmã do commendatario de Mansilhos, moradores que foram no assento da egreja de Fervença de que eram administradores, e na mesma sua quinta de Vinhal; o qual João Alves era dos cavalleiros fidalgos d'aquelle tempo, parente de Pedro da Cunha, senhor de Basto; neto materno de Marçal Vieira de Seixas, e de sua mulher Maria de Seixas da Fonseca; os supplicantes são bisnetos de Ambrosio Vieira, e de sua mulher Maria da Silveira dos Silveiras, senhores de villa Cains; terceiros netos de Braz Gonçalves, e de sua mulher Isabel Ribeiro: e a dita Maria de Seixas da Fonseca, avó dos supplicantes, filha de João Pinto Soares, e de Helena Velloso; neta de Domingos Pinto, e de sua mulher Maria Soares; bisneta de Balthasar Gonçalves, e de sua mulher Beatriz Vaz: e a dita Maria Soares mulher de Domingos Pinto, filha de Fernão Soares, e de Catharina Antonia moradora na sua quinta e solar do Paço, casa de torres com ameias que procede de Henrique Teixeira, fidalgo da casa real, porteiro da camara do infante D. Duarte, e do senhor rei D. João II; e a dita Helena Velloso, bisavô dos supplicantes, filha de Pedro de Seixas Pinto, e de sua mulher Helena Velloso; neto de Belchior Pinto da Fonseca, e de sua mulher Maria Vieira, descendentes dos Seixas de Fonte-arcada da Beira, Pintos e Fonsecas, morgados de Balsemão, por onde os mesmos supplicantes apparentam com o morgado no quarto grau, e com o grão-mestre de Malta Fr. Manuel Pinto da Fonseca, e seu irmão Balio de Lessa.

As armas dos Pintos, Fonsecas, Seixas e Ribeiros. — Br. p. a 5 de dezembro de 1750. Reg. no Cart. da N., liv. particular, fl. 5 v.

(C. C.)

344. ANTONIO DE SEQUEIRA, natural de Lisboa, filho de Pedro de Sequeira, cavalleiro fidalgo da casa real, e da ordem de Christo, e de Maria Pacheca; neto paterno de João Gonçalves Sequeira, bisneto de Gonçalo de Sequeira; neto materno de Joanna Pacheca, e

bisneto de Antão Pacheco, e trineto de João Fernandes Pacheco, o moço, os quaes eram fidalgos e das ditas gerações.

Carta pela qual el-rei D. Sebastião lhe concede o seguinte brazão de seus antecessores: — Escudo de campo esquartelado; o primeiro dos Sequeiras, que é de campo azul e cinco vieiras de oiro em aspa, e o segundo dos Pachecos, que é de campo de oiro e duas caldeiras de preto com tres faxas cada uma, veiradas e contraveiradas de oiro e vermelho, e assim as azas, e em cada caldeira quatro cabeças de serpe de oiro, rasfeigadas das azas, duas para fora e duas para dentro, com as linguas vermelhas, e por differença uma estrella de prata; elmo de prata aberto guarnecido de oiro, paquife de oiro, azul, vermelho e preto, e por timbre um pescoço de serpe de oiro com duas cabeças, uma contra a outra batalhantes; com todas as honras de fidalgo, por descender da geração dos Sequeiras e Pachecos. — Dada em Almeirim a 20 de março de 1565. Reg. na Chanc. de D. Sebastião, liv. IV, fl. 286.

335. ANTONIO DA SILVEIRA PEIXOTO, natural da ilha do Faial, filho do capitão Manuel de Avila Peixoto, e de sua mulher D. Margarida Josepha; neto pela parte paterna do capitão Jorge Gularte da Silveira, e de sua mulher D. Maria de Faria, e pela materna do alferes Lourenço Pereira, e de sua mulher Maria de Bettencourt.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Avilas, no segundo as dos Peixotos, no terceiro as dos Silveiras, e no quarto as dos Bettencourts. — Br. p. a 3 de agosto de 1781. Reg. no Cart. da N., liv. III, fl. 18.

(C. C.)

336. ANTONIO SIMÕES RESURGIDO (Sargento-mór), natural da cidade de Lisboa, filho de Luiz Simões Resurgido, almoxarife geral das fortalezas da marinha d'esta cidade, e de sua mulher D. Maria Joaquina do Nascimento; neto pela parte paterna de Manuel Simões, sargento-mór de auxiliares da cidade de Aveiro, e de sua mulher D. Helena Maria Soares, e pela materna neto de Domingos Simões, e de sua mulher D. Domingas da Silva, todos descendentes da nobre familia do appellido de Simões d'este reino.

Um escudo com as armas dos Simões. — Br. p. a 14 de julho de 1788. Reg. no Cart. dá N., llv. IV, fl. 60 v.

(C. C.)

337. ANTONIO SOARES BRANDÃO (Coronel), cavalleiro professo na ordem de Christo, fidalgo da casa real, e cirurgião-mór d'estes reinos, filho de Antonio Soares Brandão, e de sua mulher Anna da Rocha.

Um escudo esquartelado; no primeiro e quarto quarteis as armas dos Soares de Tangil, no segundo as dos Brandões, e no terceiro as dos Dantas. — Br. p. a 24 de julho de 1776. Reg. no Cart. da N., liv. II, fl. 103.

(C. C.)

338. ANTONIO SOARES HOMEM, chantre da Sé de Lamego, filho de Manuel Soares, de Santarem, fidalgo, neto de Lopo Alvares Soares, fidalgo, bisneto de Alvaro Soares, que foi tambem fidalgo muito honrado, bem assim era filho de Beatriz da Costa Homem, que foi da geração dos Costas Homens.

Carta pela qual el-rei D. João III lhe concede o seguinte brazão de seus antecessores: — Escudo de campo esquartelado; o primeiro e quarto quarteis dos Soares, de prata, com uma cruz florida de vermelho, vasia do primeiro, e uma bordadura do mesmo cheia de escudinhos de azul, e em cada um cinco besantes de prata; o segundo dos Homens, de azul, com seis crescentes de oiro em duas palas, e o terceiro de vermelho, com seis costas de prata em faxa e em duas palas; elmo de prata aberto guarnecido de oiro, paquife de prata e azul, e de oiro e vermelho, e por timbre um dragão de verme-

lho; com todas as honras e privilegios de fidalgo por descender das gerações e linhagens dos Soares de Albergaria, Homens e Costas. — Dada em Lisboa a 30 da outubro de 1541. Reg. na Chanc. de D. João III, liv. XXXII, fl. 10.

339. ANTONIO SOARES DOS RIOS (Doutor), desembargador da Casa da supplicação, filho de João Alvares Aires, cavalleiro da casa real, e de Maria Calada; neto de João Martinez dos Rios, que foi fidalgo e do tronco d'esta geração.

Carta pela qual el-rei D. João III lhe concede o seguinte brazão de seus antecessores : — Escudo de campo de oiro e duas faxas de azul bordadas de branco, e uma bordadura de prata com cinco cabeças de serpe verdes, cortadas e com as linguas de vermelho, e por differença uma brica de purpura e n'ella um — A — de oiro; elmo de prata aberto guarnecido de oiro, paquife de oiro. azul, prata e verde, e por timbre uma das cabeças de serpe; com todas as honras e privilegios de fidalgo, por descender da geração e linhagem dos Rios. — Dada em Lisboa a 19 de setembro de 1540. Reg. na Chanc. de D. João III, liv. L, fl. 209 v.

340. ANTONIO SOBRINHO, cavalleiro fidalgo da casa real, filho de Fernão Sobrinho, neto de João Sobrinho, e bisneto de Fernão Sobrinho, que foram fidalgos e do tronco d'esta geração.

Carta pela qual el-rei D. Sebastião lhe concede o seguinte brazão de seus antecessores : — Escudo de campo esquartelado; o primeiro de vermelho com uma torre de prata com as portas e frestas, e lavrada de preto; o segundo de verde com um casco de prata, e em cima d'elle uma flor de liz de oiro, e assim os contrarios, e por differença uma lua de oiro; elmo de prata aberto guarnecido de oiro, paquife de oiro, vermelho, prata e verde, e por timbre um leão vermelho rompente, com o casco das armas na cabeça e a flor de liz na espadoa; com todas as honras de fidalgo por descender da nobre geração dos Sobrinhos. — Dada em Almeirim a 20 de março de 1569. Reg. na Chanc. de D. Sebastião, liv. VIII, fl. 58 v.

341. ANTONIO DE SOUSA CASTRO MENEZES, professo na ordem de Christo, natural da villa de Melgaço, provedor da saude e vereador do Senado da camara da cidade da Bahia, filho de Antonio de Castro Soares, tenente de cavallos que foi na guerra de 1714, e de sua mulher Maria Thereza Domingues da Costa; neto por parte paterna de Antonio Felgueiras Soares de Castro, cavalleiro da ordem de Christo, capitão de infanteria que foi na dita guerra, e de D. Francisca Rosa de Araujo; bisneto de Antonio de Castro e Sousa e Azevedo, cavalleiro da ordem de Christo e fidalgo da casa real.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Castros, no segundo as dos Menezes, no terceiro as dos Felgueiras, e no quarto as dos Azevedos. — Br. p. a 25 de novembro de 1774. Reg. no Cart. da N., liv. II, fl. 41 v.

(C, C.)

342. ANTONIO DE SOUSA PINTO DE MAGALHÃES, do conselho de Sua Magestade, fidalgo cavalleiro da casa real, commendador da ordem de Nossa Senhora da Conceição de Villa-viçosa, escrivão da mesa grande da alfandega grande de Lisboa, filho do doutor João de Sant'Anna Neves e Sousa, advogado do numero da Relação do Porto, e de sua mulher D. Maria Benedicta de Magalhães Pinto de Sousa; neto paterno de Thomaz de Sousa, proprietario da cidade do Porto, e de sua mulher D. Antonia Thereza Pinto de Magalhães.

Um escudo partido em pala; na primeira as armas dos Sousas, e na segunda as dos Magalhães. — Br. p. a 17 de outubro de 1861. Reg. no Cart. da N., liv. IX, fl. 44.

(C. C.)

343. Antonio de Sousa e Silva, natural da villa da Horta, ilha do Faial, filho do Domingos de Sousa e Silva, e de sua mulher Barbara da Trindade; neto paterno de João de Mendonça, e de sua mulher Agueda de Sousa e Mello, filha de Manuel de Sousa e Mello, e de sua mulher Agueda Rodrigues; bisneto de João de Aviz, e de sua mulher Catharina Furtado; neto materno de André Furtado de Mendonça, e de sua mulher Maria da Rocha, filha de Salvador Gonçalves, e de sua mulher Isabel Fernandes; bisneto de Francisco Nunes, e de sua mulher Maria Albornos.

As armas dos Mendonças, Furtados, Rochas, e Albornos. — Br. p. a 4 de dezembro de 1756. Reg. no Cart. da N., liv. particular, fl. 103 v.

(C. C.)

344. Antonio de Sousa Telles de Menezes, formado em canones pela Universidade de Coimbra, professo na ordem de Christo e capitão-mór de Villa-boa, comarca de Goyazes, estado do Brazil, filho de Antonio de Sousa Telles de Menezes, e de sua mulher D. Maria Leite Ferreira; neto paterno de Bernardo de Sousa Telles, e de sua mulher D. Jeronyma da Silva, e materno de Manuel Fernandes, e de sua mulher D. Marianna Leite.

Um escudo partido em pala; na primeira as armas dos Sousas, e na segunda as dos Telles e Menezes. — Br. p. a 3 de julho de 1788. Reg. no Cart. da N., liv. iv, fl. 59.

(C. C.)

345. Antonio Tavares Castanheira, capitão-mór do districto de Poiares, bispado de Coimbra, filho do capitão-mór que foi do mesmo districto João Francisco, e de sua mulher D. Thereza Tavares; neto pela parte paterna de João Francisco Fructuoso, e de sua mulher Maria Francisca, e pela materna de Domingos Fernandes Secco, e de sua mulher Margarida Tavares.

Um escudo esquartelado; no primeiro e quarto quarteis as armas dos Fernandes, no segundo as dos Seccos, e no terceiro as dos Tavares. — Br. p. a 23 de julho de 1774. Reg. no Cart. da N., liv. ii, fl. 26 v.

(C. C.)

346. Antonio Teixeira Bezerra, natural da casa e quinta do Sobrado de Muxoens, freguezia de Santa Maria de Viada, concelho de Celorico de Basto, comarca de Guimarães, e morador na cidade do Grão-Pará, filho de Domingos de Andrade Teixeira, e de sua mulher Maria Thereza; neto pela parte paterna de Manuel de Andrade, e de sua mulher Favianna Alvares de Araujo, e pela materna de Manuel Francisco de Carvalho, e de sua mulher Catharina Jorge.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Andrades, no segundo as dos Teixeiras, no terceiro as dos Bezerras, e no quarto as dos Carvalhos. — Br. p. a 10 de abril de 1797. Reg. no Cart. da N., liv. v, fl. 184.

(C. C.)

347. Antonio Teixeira Castro Sá e Mello (capitão), filho do doutor Antonio Teixeira Castro e Sá, e de sua mulher D. Thereza de Jesus; neto pela parte paterna do capitão Balthasar Teixeira, e de sua mulher D. Anna de Sá, neto pela parte materna de João Esteves, e de sua mulher Maria José Rodrigues.

Um escudo esquartelado; no primeiro e quarto quarteis as armas dos Teixeiras, no segundo as dos Castros, e no terceiro as dos Sás. — Br. p. a 20 de julho de 1797. Reg. no Cart. da N., liv. v, fl. 199.

(C. C.)

348. Antonio Teixeira de Mello, thesoureiro geral do papel sellado da repartição da cidade do Porto, filho de Antanio Pinto Ribeiro, e de sua mulher D. Raymunda Maria

Teixeira de Mello; neto por parte paterna de João Pinto, e de sua mulher D. Marianna Ribeiro; neto por parte materna de João Teixeira, e de sua mulher D. Maria Correa de Mello.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Pintos, no segundo as dos Ribeiros, no terceiro as dos Teixeiras, e no quarto as dos Mellos. — Br. p. a 20 de dezembro de 1800. Reg. no Cart. da N., liv. VI, fl. 154 v.

(C. C.)

349. ANTONIO TEIXEIRA DE QUEIROZ, cavalleiro da ordem de Christo, filho de Joaquim Teixeira de Queiroz, tenente de milicias da cidade de Penafiel, condecorado com a cruz de campanha, e de sua mulher D. Maria Luiza de Almeida; neto paterno de João Baptista de Queiroz, proprietario, e de sua mulher D. Anna Rita Teixeira, e materno de João Pedro de Madureira, e de sua mulher D. Luiza de Almeida.

Um escudo partido em pala; na primeira as armas dos Queirozes, e na segunda as dos Madureiras. — Br. p. a 21 de abril de 1860. Reg. no Cart. da N., liv. IX, fl. 33.

(C. C.)

350. ANTONIO TEIXEIRA DE VASCONCELLOS (Capitão), natural da ilha da Madeira, filho de Manuel Teixeira de Vasconcellos, e de sua mulher Isabel da Nobrega; neto pela parte paterna de Manuel Teixeira de Vasconcellos, e de sua mulher Maria da Nobrega; elle filho de João Teixeira de Vasconcellos, e de sua mulher Antonia Jorge, e ella filha de Ignacio da Nobrega, e de sua mulher Maria de Freitas; neto o supplicante pela parte materna de Ignacio de Coiros, e de sua mulher Maria da Nobrega, elle filho de Gabriel de Coiros, e de sua mulher Maria de Sá, e ella filha de Francisco Dias da Nobrega, e de sua mulher Beatriz de Burgos.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Teixeiras, no segundo as dos Vasconcellos, no terceiro as dos Nobregas, e no quarto as dos Sás. — Br. p. a 17 de novembro de 1779. Reg. no Cart. da N., liv. II, fl. 212 v.

(C. C.)

351. ANTONIO THEODORO FERREIRA TABORDA DE AZEVEDO FREIRE, capitão-mór da praça e villa de Monsanto; filho de José Manuel de Azevedo Freire, sargento-mór da referida villa e praça, e de D. Antonia Maria Xavier Taborda Grande, irmã de João Xavier Taborda Pinhateli, coronel de milicias, do tenente coronel Miguel Antonio Ferreira Taborda, e de Francisco Xavier Ferreira Taborda, sargento-mór de infanteria reformado, todos tres fidalgos de solar conhecido; neto por parte paterna de Estevão Vaz de Azevedo Freire, e de D. Ignez Freire Roballo; bisneto de Lourenço Vaz Freire, e de D. Maria de Azevedo, todos naturaes da villa de Penamacôr, e das familias mais nobres e distinctas d'ella : sendo o dito supplicante parente do capitão-mór da dita praça Antonio Carlos de Gouvea Osorio, assim como de outras pessoas illustres da comarca de Castello-branco, como o desembargador do Porto, commendador e alcaide-mór Fernando Affonso Giraldes, José da Silva de Castel-branco, e de Antonio Bonifacio Coelho, que morreu arcebispo de Lacedemonia; neto por parte materna de Antonio Theodoro Ferreira Taborda, fidalgo de solar conhecido, capitão de infanteria, administrador dos morgados do Alcaide, Lomba, Atalaya, e do do Nome de Jesus; bisneto de João Ferreira Taborda, fidalgo de solar conhecido, sargento-mór e governador da praça de Penamacôr, administrador dos ditos morgados, e de sua mulher e prima D. Brites Maria Taborda, filha de Francisco Taborda, que serviu distinctamente na guerra da acclamação e em Mazagão, e morreu governador da praça de Almeida, sendo legitimo descendente de Vasco Paes Cardoso, alcaide-mór de Trancoso, senhor de Moreira, e de Avilhão, assim como do mordomo-mór do senhor rei D. Affonso Henriques, primeiro senhor da quinta de solar e casa forte de Abreu, em Regalados, assim como de Payo Soares de Paiva Castel-branco, senhor da honra de Sobrado,

e concelho de Paiva, ascendente dos condes de Pombeiro, chefe da familia de Castel-branco, commendadores do Rosmaninhal; terceiro neto de Antonio Ferreira Taborda, moço fidalgo com exercicio no reinado do senhor rei D. Affonso VI, nono senhor da sua quinta de solar, e casa forte de Antão Alves, e quinto administrador dos morgados do Alcaide, e de Lomba, e de sua mulher D. Isabel Leitão da Cunha de Aguiar, legitima descendente de Pedro Leitão, e de Fernão Annes de Carvalho, commendador de S. Vicente da Beira, e de Pero Feyo, senhores da villa de Alcaide, e alcaides-móres de Sortelha, assim como de Martim Vasques de Castel-branco, alcaide-mór da Covilhã, irmão de Gonçalo Vasques de Castel-branco, ascendentes dos condes do Sabugal, e de Pombeiro, e de D. Isabel da Costa, meia irmã do cardeal de Alpedrinha D. Jorge, e irmã inteira do arcebispo de Lisboa D. Martinho da Costa, e de D. Margarida Vaz da Costa, ascendente da casa de Pancas; quarto neto de D. Maria Taborda, chefe d'este appellido por ser filha primogenita de Salvador Taborda, e de sua mulher D. Isabel Lopes de Elvas, filha de Gaspar de Elvas de Campos, alferes-mór de Penamacor, cujo castello defendeu á sua custa na guerra da acclamação, foi fidalgo da casa real, e por uma dilatada serie de illustres avós descendente por varonia de Gil Fernandes de Elvas, o bom alcaide-mór, e de Ruy Fernandes de Elvas, alcaide-mór d'esta cidade, decimo quarto avô do supplicante, que é decimo quinto neto de Thomé de Elvas de Campos, alcaide-mór de Elvas; o qual Salvador Taborda foi quem mandou edificar a casa que as tropas francezas queimarão em Penamacor no anno de 1810, em vingança do actual senhor d'ella Francisco Xavier Ferreira Taborda ter feito a acclamação em 1808. O referido Salvador Taborda, filho primogenito de Estevão Gonçalves Taborda, que casou em Alpedrinha com sua parenta Ignez Gonçalves Taborda, senhora das casas e quintas que possuiu seu pae Simão Taborda, em Alpedrinha e Valle de Prazeres, por ser unica herdeira de seu terceiro avô Alvaro Gonçalves Taborda, filho segundo da illustre casa de Taborda, que em Castella chamam Taboada, que por ser leal a seu legitimo rei D. Pedro de Castella, quando este perdeu o seu reino, passou para Portugal com seu primo Garcia Rodrigues Taborda, conde de Taboada, e o senhor D. Fernando, rei de Portugal, lhe deu grandes mercês, e o fez escudeiro de sangue. O dito Estevão Gonçalves Taborda, filho primogenito de Bento Taborda de Negreiros, e ambos foram senhores de Porto de Moz, Nespreira, e Povolide, alcaides-móres de Obidos, e commendadores de duas commendas, que tudo lhes foi confiscado por ordem de el-rei D. Filippe II de Castella por ter sido tão leal que acclamou o senhor infante D. Antonio em Santarem, servindo contra o exercito hespanhol na fatal batalha principiada em Barcarena pelo leal povo de Lisboa, e perdida na ribeira de Alcantara. O qual Bento Taborda de Nogueira casou com D. Helena de Aguiar e Sequeira, neta de Francisco Annes de Torres, veador e amo da senhora rainha D. Isabel, e filha de Pedro Affonso de Aguiar, do conselho do senhor rei D. Manuel, e amo da infanta D. Joanna, finalmente terceira neta dos primeiros viscondes de Ponte de Lima, dos condes de Sarzedas, dos senhores de Villa-nova de Portimão, dos da Castanheira, dos de Mello, dos de Farelães, e dos descobridores da ilha de S. Miguel. O referido Bento Taborda de Negreiros foi filho primogenito de Ruy Gonçalo Taborda, fidalgo de solar em Castella, assim como seus ascendentes e descendentes primogenitos, foi commendador de Arruda, e de S. Miguel de Lobão na ordem de Christo, alcaide-mór de Obidos, e senhor de tres villas, assim como seus avós, e morreu em Africa pelejando ao lado do senhor rei D. Sebastião, e foi casado com D. Mecia de Negreiros, filha de José Vidal de Negreiros, fidalgo de el-rei, e irmãos do famoso André Vidal de Negreiros, um dos restauradores de Pernambuco. O dito Ruy Gonçalo Taborda foi filho primogenito de Garcia Rodrigues Taborda, fidalgo da casa do senhor rei D. João III, e do senhor rei D. Manuel, alcaide-mór de Obidos, senhor das ditas tres villas, casou com D. Maria Peixoto da Silva, filha do senhor de Penafiel de Sousa, e de D. Maria Coelho, filha de Martim Coelho, senhor de Felgueiras e Vieira, descendente por varonia legitima de D. Egas Moniz, o Bemaventurado. O dito Garcia Rodrigues Taborda foi filho primogenito de Ruy Taborda, fidalgo de solar em Gal-

liza, com exercicio na casa real, onde foi monteiro-mór, e doado pelo senhor infante D. Fernando em seu testamento, foi senhor da honra de Canellas, e dos mais senhorios de seu avô, commendador da ordem de Sant'Iago, o qual morreu gloriosamente em Africa, foi casado com D. Eufemia de Casfro, da illustre familia dos Castros de Galliza, d'onde era natural. O dito Ruy Taborda foi filho primogenito de João Rodrigues Taborda, fidalgo de grande solar em Galliza, cavalleiro da casa do primeiro duque de Bragança D. Affonso, senhor da honra de Canellas, foi capitão de uma nau a Ceuta com gente sua em 1415, e casou com D. Thereza de Ayala, filha legitima de Pedro Lopes de Ayala, rico homem em Galliza, e de D. Leonor de Gusmão Ponce de Leão, prima dos duques dos Arcos, e Maqueda. O dito João Rodrigues Taborda foi filho primogenito de Garcia Rodrigues Taborda, fidalgo de grande solar em Galliza e Asturias, conde de Taboada, senhor de S. Miguel de Taborda, e do castello de Piconha, e de muitas villas, rico homem no principado de Asturias, chefe da familia de Tabordas, ou Taboadas, cuja illustre ascendencia decorre sempre em grande lustre, até ao capitão general de el-rei D. Pelayo, que em paga dos seus grandes serviços contra os moiros lhe deu em casamento sua filha legitima a infanta D. Falquile Pelae (e da rainha D. Guadiosa), e os quaes fundaram a casa e o condado de Taboada, para seu filho e toda a sua legitima descendencia, e o referido Garcia Rodrigues Taborda, que pela lealdade com que seguiu o seu legitimo rei D. Pedro de Castella contra o partido de seu irmão Henrique, conde de Trastamara, quando este tirou a vida e o reino ao dito seu rei e irmao, elle chefe dos Tabordas, fugiu para Portugal, onde o senhor rei D. Fernando o fez seu mordomo-mór, meirinho-mór do reino, alcaide-mór de Leiria, senhor de Porto de Moz, e outras villas. Que a referida D. Maria Taborda, quarta avó do supplicante, que foi irmã primogenita de D. Isabel Taborda, mãe do grande politico Salvador Taborda, enviado de Portugal na côrte de França, e depois embaixador em Roma, foi casada com o quarto avô do supplicante Antão Alves Ferreira Taborda, fidalgo da casa real, e de solar conhecido, por ser oitavo senhor da sua quinta de solar e casa forte de Antão Alves, terceiro administrador dos morgados do Alcaide-mór e da Lomba, e foi dos que acclamaram o senhor rei D. João IV, em cuja guerra fez grandes proezas, defendendo por vezes a sua quinta e o castello de Atalaya da Vigia, com gente paga á sua custa, por cujos serviços cedeu a seu sobredito filho Antonio Ferreira Taborda o exercicio de moço fidalgo no paço do senhor rei D. Affonso VI; quinto neto por esta varonia de Antonio Ferreira, fidalgo da casa real, e de solar conhecido, setimo senhor da dita quinta de solar, e casa forte, segundo administrador dos referidos morgados, e de sua mulher D. Catharina Lopes Roballo, legitima descendente dos fidalgos Roballos, que vieram de Biscaia, e ajudaram a conquistar do dominio dos moiros a villa de Penamacor, de cujos Roballos é hoje chefe Francisco Xavier Roballo Pinhateli, morgado em Freixo de Espada á cinta; sexto neto de Antão Alves Ferreira, fidalgo de el-rei, e de solar conhecido, sexto senhor da dita quinta de solar, e casa forte, primeiro administrador dos ditos morgados, procurador em Côrtes pela villa de Penamacor em 1579, e de sua mulher D. Catharina Lopes Botelho, neta de Martim Faria Botelho, alcaide-mór de Sortelha; setimo neto de Rodrigo de Ferreira, professo na ordem de Christo, e n'ella commendador, fidalgo de el-rei, e de solar conhecido, quinto senhor da dita quinta de solar, e casa forte, e de sua mulher D. Catharina Freire, filha de Simão Freire, fidalgo da casa real, o primeiro capitão-mór de Castello-novo em 1573, e neta dos antigos castellanos do castello e villa de Pena-Garcia, e dos senhores de Aldea-nova das Donas; oitavo neto de Antão Alves Ferreira, quarto senhor da dita quinta, fidalgo de solar conhecido, cavalleiro fidalgo do senhor rei D. João III, com moradia, e de sua mulher D. Francisca Tavares, filha de João Tavares, commendador de Alpedrinha, irmã do commendador de Ouris Antonio Tavares, e quarta neta por illustre varonia de Pedro Tavares, irmão da fundadora da egreja de Santa Maria Magdalena, da villa da Covilhã, todos dos legitimos Tavares dos senhores de Mira; novo neto de Alvaro de Ferreira, terceiro senhor da dita quinta, fidalgo da casa do senhor rei D. Manuel, e de solar conhecido, e de sua mulher D. Beatriz Rebello, filha

de Lopo Rebello, vassallo do senhor rei D. Affonso v, neto dos Rebellos, e Azevedos, fundadores do convento da Graça, de Castello-branco, e senhores de S. Felizes el Grande, em Castella; decimo neto de Fernão de Alvares de Ferreira, fidalgo de solar conhecido, segundo senhor da dita quinta de solar, e torre dos Namorados, antigo solar de seus avós, fidalgo escudeiro da *Excellente senhora,* que serviu com muita distincção em Africa e n'este reino; decimo primeiro neto de Antão Alves Ferreira, fundador da dita quinta de seu nome por provisão do senhor rei D. Pedro i, por ter privilegio de fidalgo de solar conhecido, sendo já fidalgo de el-rei, e de sua mulher D. Francisca de Souto-maior, filha de D. Pedro de Souto-maior, senhor da Torre dos Namorados, antiquissimo solar de seus avós desde o principio d'esta monarchia; decimo segundo neto de Gomes Martins de Ferreira, quinto senhor da illustre casa de Cavalleiros, no Minho; decimo terceiro neto de Martim de Ferreira, fidalgo de el-rei, senhor da casa de Cavalleiros, a quem chamaram Martim Narizes, pela cutilada que levou no Porto na batalha das Favas em Guimarães, foi tambem procurador da corôa, e de D. Brites Annes de Sandim, legitima descendente por varonia legitima de Martim Moniz, que morreu esmagado no castello de Lisboa, assim como do conde D. Mendo, o Sousão; decimo quarto neto de Estevão de Ferreira, fidalgo de el-rei, terceiro senhor da dita casa e morgado de Cavalleiros, e de D. Maior Martins; decimo quinto neto de Pedro Ferreira, o moço, fidalgo de el-rei, e segundo senhor do dito morgado; decimo sexto neto de Estevão Pires Ferreira, o velho, fidalgo de el-rei e instituidor do dito morgado, de que hoje é senhor D. Gregorio Ferreira de Eça, conde de Cavalleiros; decimo setimo neto de Pedro Ferreira, fidalgo de el-rei, senhor do paço de Ferreira, e de Ferreira de Aves; decimo oitavo neto de D. Fernão de Alvares de Ferreira, fidalgo de el-rei, e senhor do dito paço; decimo nono neto de D. Rodrigo Alves de Ferreira, rico homem no reino de Leão, e fidalgo muito poderoso, irmão do conde D. Fernando de Alvares de Ferreira; vigesimo neto de D. Alvaro de Ferreira, meirinho-mór do reino de Leão, senhor de Maciella de la Sierra, e outras villas, o qual tinha uma illustre varonia na casa de Lara, em Castella; neto tambem por parte materna de D. Violante Xavier Felicia Taborda Nogueira; bisneto de Francisco Taborda Nogueira, e de D. Filippa Roballo Pinhateli, a qual foi filha de Manuel Roballo Pinhateli, e de D. Isabel da Gama, ambos instituidores do morgado de Santa Luzia, e do seu altar na freguezia de Sant'Iago da villa e praça de Penamacor, o qual Manuel Roballo Pinhateli, tendo tido o valor e a fortuna de aprisionar no choque de Santo Albim em 1670, a D. Antonio Pinhateli, capitão de cavallaria do exercito hespanhol, onde commandava a cavallaria catalã, e que era irmão do marquez de S. Vicente, capitão general da Estremadura, e principe de Pinhateli, foi reconhecido pelo dito seu prisioneiro por seu parente, e por isso o senhor rei D. Affonso vi lhe mandou que usasse das armas de Pinhateli, elle e todos os seus descendentes, pelo que ficou sendo chefe d'esta familia em Portugal, e hoje é seu bisneto pela linha primogenita Francisco Xavier Roballo Pinhatelli, administrador do morgado de Freixo de Espada á cinta, e do de Santa Luzia; o dito Manuel Roballo Pinhateli serviu com toda a distincção nas guerras da acclamação, e na da grande liga conquistou a praça de Moraleja, em Castella, e a cidade de Coria, morreu mestre de campo de infanteria e governador de Penamacor, e por este lado vem a ser o supplicante descendente tambem dos antigos Roballos, fidalgos que vieram de Biscaya ajudar a conquista de Penamacor, no reinado do senhor rei D. Affonso Henriques, e dos Mascarenhas de Valezim, cavalleiros muito nobres e descendentes do duque de Burgos. O referido seu bisavô Francisco Taborda Nogueira, capitão-mór de S. Vicente da Beira, e juiz de fóra da mesma villa, e da de Arronches, administrador do morgado de Nogueiras, em que lhe succedeu sua filha a sobredita sua avó; terceiro neto de Domingos Nogueira Perez, que depois de servir muito na guerra da acclamação defendendo a praça de Segura, e entrando com a sua tropa em Castella, capitão-mór da villa de S. Vicente da Beira, e de sua mulher D. Isabel Taborda Grande, filha do doutor Gaspar Mendes Grande de Castello-branco, auditor geral da provincia da Beira, descendente dos illustres Castellos-brancos, já mencionados, e de sua mulher

D. Brites Taborda, irmã de D. Isabel Taborda, mãe do já referido embaixador Salvador Taborda, e de seu irmão João Antunes Taborda Portugal, que foi embaixador ao Gran-Mogol, e governador da India, aos quaes por falta de successão representa hoje o referido tio carnal do supplicante, o coronel João Xavier Taborda de Pinhateli, assim como o seu decimo segundo avô Garcia Rodrigues Taborda, mordomo-mór do senhor rei D. Fernando; quarto neto de Antonio Nogueira Tavares, capitão-mór de Sarzedas, que na justificação que fez da sua nobreza e fidalguia mostrou ser por illustre ascendencia legitimo descendente dos Tavares, senhores de Mira, e dos Nogueiras, de quem é hoje chefe o marquez de Ponte de Lima; e finalmente que os referidas seus paes, avós, e mais ascendentes são pessoas muito nobres, legitimos descendentes das illustres familias dos Azevedos, Freires, Ferreiras, e Tabordas.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Azevedos, no segundo as dos Freires, no terceiro as dos Ferreiras, e no quarto as dos Tabordas.—Br. p. a 16 de outubro de 1818. Reg. no Cart. da N., liv. VIII, fl. 12 v.

(C. C.)

352. Antonio Theodoro de Gamboa e Liz, cavalleiro fidalgo da casa real, natural e capitão-mór da villa da Arruda; filho de Bartholomeu de Gamboa e Liz, cavalleiro fidalgo da casa real, e de sua mulher D. Caetana Maria Ignacia de Figueiredo; neto pela parte paterna de Antonio de Gamboa e Liz, tambem cavalleiro fidalgo da casa real, e de sua mulher D. Clara de Azevedo, e pela parte materna de Domingos Teixeira, e de D. Maria do Espirito Santo.

Um escudo partido em pala; na primeira as armas dos Gamboas, na segunda as dos Lizes. — Br. p. a 10 de fevereiro de 1778. Reg. no Cart. da N., liv. II, fl. 142 v.

(C. C.)

353. Antonio Theophilo de Araujo, visconde dos Olivaes, fidalgo cavalleiro e moço fidalgo com exercicio na casa real, commendador da ordem de Christo, e proprietario; filho de Francisco José de Araujo, e de sua mulher D. Marianna Rosa do Carmo Araujo; neto paterno de Francisco José de Araujo, e de sua mulher D. Helena Luiza de Araujo, e materno de Filippe Lopes, e de sua mulher D. Maria Brigida Lopes.

Um escudo com as armas dos Araujos.—Br. p. a 30 de julho de 1864. Reg. no Cart. da N., liv. IX, fl. 68 v.

(C. C.)

354. Antonio Thomaz de Almeida e Silva, natural da freguezia de Cedofeita, fidalgo cavalleiro da casa real, cavalleiro professo na ordem de Christo, e de Nossa Senhora da Conceição de Villa-viçosa, condecorado com a medalha da campanha peninsular, e thesoureiro geral das tropas graduado; filho de Antonio Thomaz de Almeida e Silva, fidalgo cavalleiro da casa real, cavalleiro professo na ordem de Christo, e thesoureiro geral das tropas das tres provincias do norte, e partido do Porto, e de sua mulher D. Anna Margarida Vieira da Cunha; neto paterno de Mauricio de Almeida, escrivão da conservatoria da real Junta do commercio de Lisboa, e de sua mulher D. Anna Thereza Rosa Xavier; bisneto de Diogo de Almeida e Silva, e de sua mulher D. Thereza Maria da Cunha; neto materno de Jacinto Gomes de Carvalho, cavalleiro professo na ordem de S. Tiago da Espada, e monteiro-mór da villa de Melres, e de sua mulher D. Maria Pereira da Cunha; bisneto de João de Carvalho, e de sua mulher D. Joanna de Oliveira.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Almeidas, no segundo as dos Silvas, no terceiro as dos Cunhas, e no quarto as dos Carvalhos. — Br. p. a 27 de outubro de 1827. Reg. no Cart. da N., liv. VIII, fl. 210 v.

(C. C.)

355. Antonio Valerio de Lemos e Almeida (Bacharel), familiar do Santo Officio, natural da villa de Vousella, comarca da cidade de Viseu; filho de Francisco de Lemos e Barros, e de sua mulher D. Antonio Thereza de Almeida; neto pela parte paterna de Gabriel de Lemos e Barros, e de Catharina Pereira, e bisneto de Antonio de Lemos, fidalgo da casa real, e de cotta de armas; e pela materna neto de Gonçalo Correa Rebello, e de Antonia de Almeida, parenta muito chegada de Braz de Almeida e Vasconcellos, fidalgo da casa real, e de cotta de armas, capitão-mór que foi do concelho de Lafões; e bisneto de Antonio Correa Rebello, todos do dito concelho.

Um escudo partido em pala; na primeira as armas dos Lemos, na segunda as dos Almeidas. — Br. p. a 28 de agosto de 1768. Reg. no Cart. da N., liv. I, fl. 88.

(C. C.)

356. Antonio Vaz de Araujo, cavalleiro professo na ordem de Christo, sargento-mór de infanteria, filho de Antonio Vaz de Araujo, e de sua mulher D. Domingas Vaz de Araujo; neto pela parte paterna de Antonio Gonçalves, e de sua mulher D. Maria Vaz de Araujo, e pela parte materna de Francisco Vaz, e de sua mulher D. Catharina Alves, todos do termo da villa de Chaves.

Um escudo partido em pala; na primeira as armas dos Vazes, e na segunda as dos Araujos. — Br. p. a 29 de abril de 1784. Reg. no Cart. da N., liv. III, fl. 128.

(C. C.)

357. Antonio Vaz Cardeira, capitão de cavallos do regimento de cavallaria da praça de Olivença, natural da cidade de Beja; filho de Luiz Vaz Correa, ajudante da comarca da cidade de Beja, e de sua mulher D. Maria Josepha Franco Pimentel da Fonseca; neto pela parte paterna de Domingos Vaz, e de sua mulher D. Ignez Mendes, e pela materna de José Gonçalves Franco, e de sua mulher D. Ignacia Maria da Fonseca.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Vazes; no segundo as dos Correas, no terceiro as dos Pimenteis, e no quarto as dos Fonsecas. — Br. p. a 21 de março de 1785. Reg. no Cart. da N., liv. III, fl. 189.

(C. C.)

358. Antonio Velloso de Miranda, coronel do regimento de cavallaria de milicias do districto de Villa-rica; filho de Francisco Velloso de Miranda, cavalleiro professo na ordem de Christo, e de sua mulher D. Thereza da Nazareth; neto paterno do dr. Jeronymo da Silva Guimarães, e de sua mulher D. Angelica de Miranda da Fonseca, e materno de Paulo Rodrigues Durão, sargento-mór do districto de Matto-dentro, comarca da cidade de Marianna, e de sua mulher D. Anna Garcez de Moraes.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Vellosos, no segundo as dos Mirandas, no terceiro as dos Durões, e no quarto as dos Garcezes. — Br. p. a 3 de outubro de 1807. Reg. no Cart. da N., liv. VII, fl. 209.

(C. C.)

359. Antonio Vicente de Carvalho e Sousa (Bacharel), filho de Antonio Vicente de Sousa, desembargador dos aggravos da Casa da supplicação; neto do tenente coronel Bento Dias de Carvalho Landim, e descendente legitimo da familia dos Landins, sendo por esta razão possuidor da quinta do mesmo nome.

Um escudo com as armas dos Landins. — Br. p. a 6 de outubro de 1823. Reg. no Cart. da N., liv. VIII, fl. 98 v.

(C. C.)

360. Antonio Vicente Teixeira de Sampaio, administrador das munições de boca na provincia de Traz-os-Montes; filho de Jacinto Teixeira Leite, capitão de orde-

nanças do concelho de Felgueira, e de sua mulher D. Josepha Caetana de Castro e Sampaio; neto paterno de Domingos Teixeira, e de sua mulher D. Maria Leite, e materno de Domingos Fernandes Pimenta, fidalgo da casa real, e de sua mulher D. Maria de Castro e Sampaio.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Teixeiras, no segundo as dos Leites, no terceiro as dos Castros, e no quarto as dos Sampaios. — Br. p. a 19 de julho de 1809. Reg. no Cart. da N., liv. VII, fl. 222 v.

(C. C.)

361. ANTONIO VIEIRA BARBOSA CORREA PINTO CALHEIROS, filho do capitão Antonio Vieira Barbosa de Araujo, e de sua mulher D. Maria Thereza de Campos Correa Pinto Calheiros; neto pela parte paterna do alferes Constantino Vieira, e de sua mulher D. Senhorinha Barbosa, e pela materna de Bento Correa Pinto Calheiros, e de sua mulher D. Maria de Campos.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Veiras, no segundo as dos Barbosas, no terceiro as dos Correas, e no quarto as dos Pintos. — Br. p. a 7 de janeiro de 1782. Reg. no Cart. da N., liv. III, fl. 42.

(C. C.)

362. ANTONIO VIEIRA DE MELLO PEREIRA E VASCONCELLOS, monteiro-mór do concelho de Bemviver, e assistente na sua quinta do Pinheiro, da freguezia de S. Lourenço de Bouro, filho de Domingos Vieira de Mello, e de D. Thereza Clara Brandão de Mello; neto pela parte paterna de Manuel de Mello, e de D. Marianna Xavier, e pela materna de João Pereira de Vasconcellos, e de D. Raimunda Clara Brandão de Mello.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Vieiras, no segundo as dos Mellos, no terceiro as dos Pereiras, e no quarto as dos Vasconcellos. — Br. p. a 5 de abril de 1788. Reg. no Cart. da N., liv. IV., fl. 55 v.

(C. C.)

363. ANTONIO VILHEGAS DE VILLA-NOVA, filho de Pedro de Villa-nova, que foi physico e cirurgião da casa real, e irmão de Jorge Fernandes de Villa-nova.

Carta pela qual el-rei D. Sebastião lhe concede o seguinte brazão de seus antecessores : — Escudo de campo verde e uma bicha de oiro, por nome tiro, picada de preto com a lingua vermelha e o rabo retornado para cima e os pés picados do mesmo, e por differença um flor de liz de prata, elmo de prata serrado abaulado na vista e guarnecido de oiro, paquife de oiro, verde e preto, e por timbre metade da bicha; com todas as honras e privilegios de fidalgo por descender da geração dos Villa-novas. — Dada em Lisboa a 16 de janeiro de 1562. Reg. na Chanc. de D. Sebastião, liv. III, fl. 121 v.

364. ANTONIO XAVIER MACHADO E CERVEIRA, natural do Couto de Aguiar, bispado do Porto, filho de Manuel Machado Teixeira, e de sua mulher D. Josepha Luiza Cerveira; neto pela parte paterna de Gonçalo Teixeira, e de sua mulher D. Marianna Machado de Miranda, e pela materna de Francisco Cerveira Velho, e de sua mulher D. Maria Cerveira.

Um escudo partido em pala; na primeira as armas dos Machados, e na segunda as dos Cerveiras. — Br. p. a 19 de dezembro de 1787. Reg. no Cart. da N., liv. IV, fl. 39.

(C. C.)

365. ANTONIO XAVIER DE REZENDE, professo na ordem de Christo e capitão de cavallaria do regimento do Caes, natural da cidade de Lisboa; filho de Eusebio Xavier de Rezende, e de sua mulher D. Josepha Maria Xavier da Silva; neto pela parte paterna de Antonio Rezende Paiva, capitão de mar e guerra, e de sua mulher D. Maria de Rezende; neto pela parte materna de Guilherme Duk, e de sua mulher D. Maria Antonia.

Um escudo partido em pala; na primeira as armas dos Rezendes, na segunda as dos Paivas. — Br. p. a 10 de julho de 1795. Reg. no Cart. da N., liv. v, fl. 67.

(C. C.)

366. Antonio Zagalo Freire do Amaral, bacharel formado na Universidade de Coimbra, filho do capitão José Cardoso Tavares, e de D. Catharina Maria Freire; neto materno de Antonio Zagalo Freire, e de D. Maria Gonçalves Secca, e bisneto de Manuel Zagalo, da dita villa.

As armas dos Zagalos. — Br. p. a 3 de julho de 1755. Reg. no Cart. da N., liv. particular, fl. 90.

(C. C.)

367. Arnaldo Ribeiro Barbosa, moço fidalgo com exercicio na casa real, negociante matriculado da praça do Porto e proprietario, filho de Marcellino Ribeiro Barbosa, e de sua mulher D. Anna Rosa do Sacramento; neto paterno de Custodio Ribeiro de Bessa, e de sua mulher D. Maria de Oliveira Barbosa, e materno de José da Silva, e de sua mulher D. Anna do Sacramento.

Um escudo com as armas dos Barbosas. — Br. p. a 13 de julho de 1864. Reg. no Cart. da N., liv. ix, fl. 67 v.

(C. C.)

368. Ascenso Severim, morador em Lisboa, filho de Maria Annes Severim, e neto de Pero Severim.

Carta pela qual el-rei D. João iii lhe concede o seguinte brazão de seus antecessores : — Escudo meio partido em pala; a primeira de prata com uma bordadura composta de prata e vermelho, e a segunda pallada de vermelho e de prata de seis peças, começando primeiro em vermelho, e por differença a primeira casinha da bordadura azul; elmo de prata aberto guarnecido de oiro, paquife de prata e vermelho, e por timbre um leão de prata com tres barras de vermelho; com todas as honras e privilegios de fidalgo, por descendar da nobre geração dos Severins, que foram fidalgos em França. — Dada em Lisboa a 10 de janeiro de 1530. Reg. na Chanc. de D. João iii, liv. l, fl. 90.

369. Augusto Cesar Falcão da Fonseca, empregado da secretaria da serenissima Casa de Bragança, filho de José Gonçalves da Fonseca, escrivão da Alfandega de Chaves, e de sua mulher D. Maria Gertrudes do Cabo Fonseca; neto paterno de Antonio Gonçalves da Fonseca, e de sua mulher D. Escolastica Diniz Chaves, e materno de João Alberto de Abreu, e de sua mulher D. Francisca Rita de Abreu.

Um escudo com as armas dos Fonsecas. — Br. p. a 13 de abril de 1859. Reg. no Cart. da N., liv. ix, fl. 23 v.

(C. C.)

370. Augusto Francisco Carneiro, visconde de Loures, commendador da ordem de Christo, negociante de grosso tracto e proprietario, filho de André João Carneiro, proprietario, e de sua mulher D. Gertrudes Rosa Carneiro; neto paterno de André João Carneiro, proprietario e negociante de grosso tracto, e de sua mulher D. Maria Francisca da Silva, e materno de Antonio Gomes da Costa, proprietario, e de sua mulher D. Leonarda Maria da Costa.

Um escudo esquartelado; no primeiro e quarto quarteis as armas dos Carneiros, no segundo as dos Silvas, e no terceiro as dos Costas. — Br. p. a 28 de agosto de 1851. Reg. no Cart. da N., liv. viii, fl. 351.

(C. C.)

371. Augusto Pinto de Moraes Sarmento, natural d'esta cidade, cavalleiro da ordem de Christo, moço da real camara, e coronel de infanteria do estado maior do exercito do Brazil, filho do doutor João Gualberto Pinto de Moraes Sarmento, e de sua mulher D. Isabel de Good; neto paterno de Estevão Pinto de Moraes Sarmento, cavalleiro professo na ordem de Christo, cavalleiro fidalgo da casa real, guarda-roupa e secretario da repartição das justiças no regio tribunal do Desembargo do paço, e de sua mulher D. Thereza Mongiardino, e materno de Guilherme de Good, e de sua mulher D. Margarida Hiaef de Good.

Um escudo esquartelado; no primeiro e quarto quarteis as armas dos Pintos, no segundo as dos Moraes, e no terceiro as dos Sarmentos. — Br. p. a 29 de novembro de 1820. Reg. no Cart. da N., liv. VIII, fl. 70 v.

(C. C.)

372. Augusto Romano Sanches de Baena e Farinha, natural de S. Salvador de Varzião, bispado do Porto, negociante de grosso tracto, filho de José de Sousa Costa, vice-consul de Hespanha na cidade do Porto, inspector das obras publicas em Miragaia, e de sua mulher D. Maria do Carmo Baena Coimbra Portugal; neto paterno de João da Costa Santos, e de sua mulher D. Maria da Assumpção Santos, e materno de Francisco da Silva Coimbra de Carvalho, cavalleiro professo da ordem de Christo, e de sua mulher D. Maria Fortunata Agostinha de Portugal; bisneto por parte de seu avô materno de Manuel da Silva Coimbra de Carvalho, bacharel formado em direito, moço fidalgo da casa real, e cavalleiro professo da ordem de Christo, e de sua mulher D. Joaquina Thereza Froes de Brito; bisneto por parte de sua avó materna de Antonio Sanches de Baena e Farinha, doutor em direito, moço fidalgo com exercicio e commendador da ordem de Christo, e de D. Anna Joaquina de Lemos.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Carvalhos, no segundo as dos Sanches, no terceiro as dos Baenas, e no quarto as dos Farinhas. — Br. p. a 28 de maio de 1860. — Reg. no Cart. da N., liv. IX, fl. 34.

(C. C.)

373. Augusto Romano Sanches de Baena e Farinha, cavalleiro da ordem de Malta, commendador da do Santo Sepulcro de Jerusalem, e negociante matriculado da praça do Rio de Janeiro, filho de José de Sousa Costa, vice-consul de Hespanha na cidade do Porto, inspector das obras publicas em Miragaia, e de sua mulher D. Maria do Carmo Baena Coimbra de Portugal: neto paterno de João da Costa Santos, cavalleiro fidalgo da casa real e cavalleiro professo da ordem de Christo, a quem se passou brazão de armas a 27 de novembro de 1752, e de sua mulher D. Maria da Assumpção Santos; neto materno de Francisco da Silva Coimbra de Carvalho, cavalleiro professo na ordem de Christo, e de sua mulher D. Maria Fortunata Agostinha de Portugal; bisneto de Manuel da Silva Coimbra de Carvalho, bacharel formado em direito, moço fidalgo da casa real e cavalleiro professo na ordem de Christo, e de sua mulher D. Joaquina Thereza Froes de Brito; bisneto por parte de sua avó materna de Antonio Sanches Baena e Farinha, doutor em direito, moço fidalgo com exercicio e commendador da ordem de Christo, e de sua mulher D. Anna Joaquina de Lemos.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Sousas, no segundo as dos Costas, no terceiro as dos Sanches, e no quarto as dos Baenas. — Br. p. a 24 de maio de 1867. Reg. no Cart. da N., liv. IX, fl. 105.

(C. C.)

374. Augusto Xavier da Silva, fidalgo cavalleiro da casa real, bacharel formado em leis, advogado n'esta côrte, e socio da Academia real das sciencias, filho do doutor Joaquim Xavier da Silva, fidalgo cavalleiro da casa real, cavalleiro professo na ordem de

Christo, medico da real camara, e socio da Academia real das sciencias, e de sua mulher D. Joanna Helena Xavier da Silva; neto paterno de André Xavier da Silva, negociante e proprietario, e de sua mulher D. Margarida Rosa Angelica Xavier da Silva; bisneto de Bernardo Lopes da Silva, negociante, e de sua mulher D. Leonor Maria Rosa da Silva; neto materno de Fernando da Silva Correa, negociante e proprietario, e de sua mulher D. Paula Rosa Ximenes de Aragão Correa; bisneto de Francisco da Silva Correa, negociante, e de sua mulher D. Leonor Maria Rosa da Silva.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Silvas, no segundo as dos Lopes, no terceiro as dos Ximenes, e no quarto as dos Aragões. — Br. p. a 20 de junho de 1839. Reg. no Cart. da N., liv. VIII, fl. 296.

(C. C.)

375. Ayres Antonio Pereira Pinto Rebello Podroza, da casa de Rebello Riba Paiva, concelho de Alafões, filho de Manuel Fernandes Podroza, cavalleiro professo na ordem de Christo, e de sua mulher D. Angela Antonia Pinto Rebello; neto paterno de Manuel Fernandes Podroza, criado particular do senhor rei D. João V, a qnem o mesmo senhor fez mercê em sua vida de thesoureiro-mór da Bulla no bispado de Viseu, e de sua mulher D. Isabel Maria da Conceição; neto materno de Silvestre Rodrigues de Almeida, e de sua mulher D. Marianna Ignacia Pereira Pinto Rebello.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Podrozas, no segundo as dos Pereiras, no terceiro as dos Pintos, e no quarto as dos Rebellos. — Br. p. a 21 de março de 1802. Reg. no Cart. da N., liv. VII, fl. 32 v.

(C. C.)

376. Ayres Carneiro Homem Souto-maior, mestre de campo, natural da cidade de Lisboa, filho de Antonio Carneiro Homem Souto-maior, cavalleiro professo da ordem de Christo, e de sua mulher D. Josepha Margarida da Conceição; neto pela parte paterna do doutor João Gomes Homem, e de sua mulher D. Thereza Aurelia Joaquina Souto-maior; bisneto de Antonio Gomes Homem, e de sua mulher D. Marianna Henriques; terceiro neto de Gabriel Gomes Homem, e de sua mulher D. Brites Gomes de Moura; quarto neto de Balthasar Gomes Homem, descendente legitimo e por varonia do barão de Solino, no reino de Napoles, e pela sua avó D. Thereza Aurelia Joaquina Souto-maior se mostrava tambem que elle era bisneto do doutor Gaspar Carneiro Leitão, cavalleiro professo da ordem de Christo, e de sua mulher D. Brigida Maria Thereza; terceiro neto de Francisco Carneiro Souto-maior, e de sua mulher D. Marianna Monteiro da Silva; quarto neto de Martim Carneiro Leitão, que era legitimo descendente da familia de Carneiros da villa da Gollegã, uma das mais esclarecidas d'ella, que procede dos Carneiros de Coimbra, e estes dos do Porto, que tiveram a sua origem em João de Montous, fidalgo francez, parente dos reis de França, de cuja familia procedem tambem os condes de Lumiares, como largamente se mostrava na sentença.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Gomes, no segundo as dos Homens, no terceiro as dos Carneiros, e no quarto as dos Souto-maiores. — Br. p. a 22 de agosto de 1787. Reg. no Cart. da N., liv. IV, fl. 20 v.

(C. C.)

377. Ayres de Magalhães, cavalleiro da casa real.

Carta pela qual el-rei D. João III lhe concede o seguinte brazão de seus antecessores: — Escudo de campo de prata com tres faxas enxaquetadas de prata e vermelho, e por differença uma merleta preta; elmo de prata aberto guarnecido de oiro, paquife de prata e vermelho, e por timbre um abutre de sua côr com o bico e pés de oiro; com todas as honras e privilegios de fidalgo por descender da geração e linhagem dos Magalhães, por parte de seu pae e avós. — Dada em Lisboa a 21 de janeiro de 1530. Reg. na Chanc. de D. João III, liv. LII, fl. 9.

378. AYRES PINTO, commendador de S. Salvador de Anciães, filho de Francisco Pinto e neto de Pedro Pinto, que foi fidalgo muito honrado e do tronco d'esta geração.

Carta pela qual el-rei D. João III lhe concede o seguinte brazão de seus antecessores: —Escudo de campo de prata com cinco crescentes de vermelho em aspa; e por differença uma flor de liz verde; elmo de prata aberto guarnecido de oiro, paquife de prata e vermelho, e por timbre um meio leão de prata com um crescente das armas na espadoa; com todas as honras e privilegios de fidalgo por descender da geração dos Pintos. — Dada em Evora a 12 de agosto de 1533. Reg. na Chanc. de D. João III, liv. XLV, fl. 59.

B

379. BALTHAZAR DE ALMEIDA CARDOSO, fidalgo da casa real, e natural de Viseu, filho natural de João de Almeida Cardoso, neto de Antão Martins Cardoso e de Aldonça de Almeida, bisneto de Martim Annes Cardoso, que foi fidalgo muito honrado e do tronco da geração dos Cardosos, bem assim a dita Aldonça de Almeida era filha de Pedro de Almeida que tambem foi fidalgo e do tronco dos Almeidas.

Carta pela qual el-rei D. João III lhe concede o seguinte brazão de seus antecessores: — Escudo de campo esquartelado; o primeiro de vermelho com dois cardos verdes com as raizes e floridos de prata, um sobre o outro, entre dois leões de oiro com as mãos postas n'elles e os rabos tornados para cima; o segundo tambem de vermelho com seis besantes entre dobre cruz e bordadura de oiro, e um filete preto e uma estrella azul, elmo de prata aberto guarnecido de oiro, paquife de oiro e vermelho, e por timbre uma cabeça de leão de oiro e um dos cardos saindo d'ella; com todas as honras e privilegios de fidalgo por descender da geracão e linhagem dos Almeidas e dos Cardosos. — Dada em Lisboa a 24 de setembro de 1539. Reg. na Chanc. de D. João III, liv. XXVII, fl. 100 v.

380. BALTHAZAR DE AZEVEDO, filho de Alvaro Martins Azevedo, que foi do tronco d'esta linhagem.

Carta pela qual el-rei D. João III lhe concede o seguinte brazão de seus antecessores: — Escudo de campo azul com oito contrabandas de oiro, e por differença uma meia brica de vermelho, e n'ella um annel de prata; elmo de prata aberto guarnecido de oiro, paquife de oiro e azul, e por timbre um meio leão de azul contrabandado de oiro; com todas as honras e privilegios de fidalgo por descender da geração e linhagem dos Avezedos. — Dada em Lisboa a 13 de dezembro de 1530. Reg. na Chanc. de D. João III, liv. XVIII, fl. 24.

381. BALTHAZAR DA COSTA, morador na ilha de S. Miguel, filho de Luiz Fernandes da Costa, neto de Diogo Fernandes da Costa Homem, e bisneto de João Rodrigues da Costa, que foi fidalgo muito honrado e do tronco d'esta geração dos da Costa, e irmão de D. João da Costa, bispo que foi de Lamego e prior de Santa Cruz de Coimbra, que foi casado com Filippa Nunes Homem, bisavó do dito Balthazar da Costa, mulher muito honrada e fidalga, filha de Nuno Gonçalves Homem que foi o tronco d'esta geração e fidalgo muito honrado, senhor que foi da Lagoisa, de Paços e de Sergueiros.

Carta pela qual el-rei D. João III lhe concede o seguinte brazão de armas de seus antecessores: — Escudo de campo esquartelado; o primeiro dos Costas, de vermelho com seis costas de prata postas em faxa em duas palas; o segundo dos Homens, de azul com

seis crescentes de oiro em duas palas, elmo de prata aberto, paquife de oiro, vermelho e azul, e por timbre um leão de azul com uma faxa de armas nas mãos com o cabo de oiro, e por differença uma merleta de prata; com todas as honras de fidalgo por descender da nobre linhagem dos Costas e Homens. — Dada em Lisboa a 16 de maio de 1538. Reg. na Chanc. de D. João III, liv. XLIV, fl. 61.

382. Balthazar da Fonseca do Amaral Gurgel, natural da cidade de Loanda, reino de Angola, filho do capitão Fernando Martins do Amaral Gurgel, e de sua mulher D. Vicencia Rodrigues da Silva, irmã legitima do sargento-mór Manuel Rodrigues da Silva, a quem se passou brazão com as armas dos Silvas no anno de 67; neto pela parte paterna do capitão Balthazar da Fonseca Homem, e de sua mulher D. Helena do Amaral, e pela materna neto do capitão Francisco Rodrigues da Silva, e de Ignez Carvalho, naturaes que foram do logar da Gesteira, n'este reino, da villa de Monte-mór o velho.

Um escudo partido em pala; na primeira as armas dos Fonsecas, e na segunda as dos Silvas. — Br. p. a 2 de fevereiro de 1769. Reg. no Cart. da N., liv. I, fl. 93.

(C. C.)

383. Balthazar Gonçalves Pereira de Drumond, morador na ilha da Madeira, filho de Pedro Gonçalves Pereira de Drumond, cavalleiro, neto de Catharina Annes de Drumond, bisneto de João Drumond, trineto de D. João Drumond, senhor de Escobar, na Escocia, irmão de Anna Bella, rainha de Escocia, o qual descendia de todos os senhores de Escocia da nobre casa dos Drumondes; e por parte de sua mãe Catharina Vases Pereira neto de Vasco Gonçalves Pereira, bisneto de Gonçalo Rodrigues Pereira, que foi fidalgo muito honrado e do tronco d'esta geração, e sobrinho do conde Ruy Pereira.

Carta pela qual el-rei D. João III lhe concede o seguinte brazão de armas de seus antecessores: — Escudo esquartelado; o primeiro de oiro com tres faxas ondadas de vermelho; o segundo de vermelho com uma cruz de prata florida e vasia, e por differença um trifolio de azul picado de oiro, elmo de prata aberto guarnecido de oiro, paquife de oiro e vermelho, timbre meia lebre de vermelho com sua colleira de oiro; com todas as honras e privilegios de fidalgo de nobre linhagem por descender da geração dos Drumond e Pereiras. — Dada em Lisboa a 12 de março de 1538. Reg. na Chanc. de D. João III, liv. XLIV, fl. 33.

384. Balthazar Jorge de Valdez, filho de Ruy Jorge de Valdez e neto de João Jorge de Valdez, que foi fidalgo muito honrado e do tronco d'esta geração; bem assim o dito Balthazar Jorge de Valdez descende por parte de sua mãe e avós das linhagens dos Abreus e Costas.

Carta pela qual el-rei D. João III lhe concede o seguinte brazão de seus antecessores: — Escudo de campo esquartelado; o primeiro e quarto de vermelho e um elefante de sua côr com os pés, mãos e dentes de prata e sobre elle uma torre de madeira de sua côr, com as silhas de prata; o segundo tambem de vermelho com seis costas de prata em faxa de tres em tres, e por differença uma flor de liz de oiro, elmo de prata aberto guarnecido de oiro, paquife de prata e vermelho, e por timbre dois dentes de elefante de prata em aspa, com todas as honras e privilegios de fidalgo por descender das ditas gerações. — Dada em Evora a 3 de dezembro de 1535. Reg. na Chanc. de D. João III, liv. X, fl. 179.

385. Balthazar de Sampaio, cavalleiro, morador em Cintra, filho de Affonso Fernandes de Sampaio, neto de Ruy de Sampaio, fidalgo da casa real, bisneto de Ruy Lopes de Sampaio, outrosim fidalgo da casa real e do verdadeiro tronco d'esta geração.

Carta pela qual el-rei D. João III lhe concede o seguinte brazão de seus antecessores: — Escudo de campo esquartelado; o primeiro de oiro e uma aguia de purpura es-

tendida; o segundo enxaquetado de oiro e preto e uma bordadura de vermelho cheia de —SS—de prata, e por differença uma flor de liz de oiro na bordadura e dois terços de filete preto em contrabanda, elmo de prata aberto guarnecido de oiro, paquife de oiro e de purpura, e por timbre a aguia enxaquetada no corpo de oiro; com todas as honras de fidalgo por descender da geração e linhagem dos de Sampaio. — Dada em Almeirim a 8 de março de 1541. Reg. na Chanc. de D. João III, liv. XXXIV, fl. 20.

386. D. BARBARA MARIA DO CASTELLO DELAAGE, filha de Francisco Delaage, cavalleiro professo na ordem de Christo, cavalleiro fidalgo da casa real, familiar do Santo Officio, official da Secretaria de estado dos negocios da marinha e dominios ultramarinos, e de sua mulher D. Felicia Rosa do Castello Nogueira, irmã de João de Mello Nogueira, sargento-mór, governador da ilha de S. Filippe do Fogo, a quem se passou brazão de armas aos 18 de novembro de 1789, com as de Nogueiras, Figueiredos, Castellos e Mellos; neta por parte paterna de Manuel Paulo Delaage, e de sua mulher D. Thereza Josepha Delaage, e por parte materna de Antonio José Nogueira, cavalleiro professo na ordem de Christo, e familiar do Santo Officio, e de sua mulher D. Isabel Jacinta do Castello; bisneta por seu avô materno de Domingos Nogueira Cardoso, e de sua mulher D. Joanna Baptista Pontes, e por sua avó tambem materna bisneta de Pedro Barbosa e Figueiredo, e de sua mulher D. Anna Michaela Archangela da Fonseca.

Uma lisonja partida em pala; a primeira de prata lisa, e a segunda esquartelada; no primeiro quartel as armas dos Nogueiras, no segundo as dos Figueiredos, no terceiro as dos Castellos, e no quarto as dos Mellos. — Br. p. a 29 de outubro de 1800. Reg. no Cart. da N., liv. VI, fl. 141 v.

(C. C.)

387. BARTHOLOMEU FERNANDES DE PADILHA, escudeiro da casa real.

Carta pela qual el-rei D. João III lhe concede o seguinte brazão de seus antecessores: — Escudo de campo de prata com tres pás de preto, em pala, e por differença uma brica azul, elmo de prata aberto guarnecido de oiro, paquife de prata e preto e por timbre uma meia aguia preta, estendida; com todas as honras e privilegios de fidalgo por descender da geração dos Padilhas do reino de Castella. — Dada em Lisboa a 30 de abril de 1530. Reg. na Chanc. de D. João III, liv. LII, fl. 66.

388. BARTHOLOMEU FERRAZ.

Carta pela qual el-rei D. João III lhe concede o seguinte brazão de seus antecessores: — Escudo de campo esquartelado; o primeiro de vermelho com cinco vieiras de oiro, em quina, e assim o contrario; o segundo de azul semeado de flores de liz de oiro, o por timbre um chapeo preto com uma vieira de oiro, elmo de prata aberto, paquife de oiro e vermelho; com todas as honras e privilegios de fidalgo por descender dos Velhos e do infante Richarte que foi filho de el-rei de França, pae de D. Froreca, que foi casada com Affonso Lourenço de Lacões, vice-rei de Galliza e d'Entre Douro e Minho. — Dada em Lisboa a 10 de dezembro de 1516 (?). Reg. na Chanc. de D. João III, liv. L, fl. 66 v.

389. BARTHOLOMEU DE GAMBOA E LIZ, professo na ordem de Christo, cavalleiro fidalgo da casa real, capitão-mór da villa da Arruda, e coronel aggregado ao regimento de milicias de Soure; filho do capitão-mór Antonio Theodoro de Gamboa e Liz, professo na ordem de Christo, e cavalleiro fidalgo da casa real, a quem se passou brazão de armas a 10 de fevereiro de 1778, e de sua mulher D. Maria Rita do Quintal Souto-maior; neto paterno de Bartholomeu de Gamboa e Liz, cavalleiro fidalgo da casa real, e de sua mulher D. Caetana Maria Ignacia de Figueiredo; segundo neto de Antonio de Gamboa e Liz, cavalleiro fidalgo da casa real, e de sua mulher D. Clara de Azevedo; segundo neto tam-

bem por parte da referida sua avó D. Caetana Maria Ignacia de Figueiredo, de Domingos Teixeira, e de D. Maria do Espirito-Santo.

Um escudo partido em pala; na primeira as armas dos Liz, e na segunda as dos Gamboas. — Br. p. a 8 de agosto de 1816. Reg. no Cart. da N., liv. VII, fl. 352.

(C. C.)

390. Bartholomeu Juge, natural da villa de Torres-novas, filho de Bartholomeu Juge, e de sua mulher D. Maria Juge, a quem se passou brazão de armas aos 29 de abril de 1795, com as armas de Cabreiras; neto pela parte paterna de Joaquim Juge, e de sua mulher Maria Guedes Trante; neto pela parte materna de José Rossó, e de sua mulher D. Maria Garcia; bisneto de José Garcia, e de sua mulher Sebastiana Cabreira.

Um escudo partido em pala; na primeira as armas dos Guedes, e na segunda as dos Cabreiras. — Br. p. a 18 de maio de 1795. Reg. no Cart. da N., liv. V, fl. 54.

(C. C.)

391. Bartholomeu dos Martyres Dias e Sousa, do conselho de sua magestade, bacharel formado na faculdade de Canones, director e secretario geral aposentado do Ministerio dos negocios ecclesiasticos e de justiça, commendador da ordem de Nossa Senhora da Conceição de Villa-viçosa, e da de Sant'Iago da Espada, cavalleiro da antiga e muito nobre ordem da Torre e Espada do valor, lealdade e merito, e fidalgo cavalleiro da casa real.

(M. N.)—Por alv. de 2 de julho de 1870. V. no I. H. *Bartholomeu dos Martyres.*

392. Basilio José Marinho Machado, filho do capitão Francisco Marinho Machado, e de sua mulher D. Anna Angelica do Desterro; neto paterno de Manuel Moreira, e de sua mulher D. Maria Marinho, e materno de João Duarte do Couto, e de sua mulher D. Maria Ferreira, sendo o supplicante irmão germano do capitão-mór Francisco Marinho Machado, cavalleiro professo na ordem de Christo, a quem se passou brazão de armas a 20 de setembro de 1805.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Machados, no segundo as dos Marinhos, no terceiro as dos Moreiras, e no quarto as dos Ferreiras. — Br. p. a 3 de outubro de 1806. Reg. no Cart. da N., liv. VII, fl. 151.

(C. C.)

393. Bastião Mendes de Azevedo [1], cavalleiro fidalgo da casa real, filho de Manuel Mendes de Tanger, e de Joanna de Azevedo.

Carta pela qual el-rei D. João III lhe concede a mesma graça que el-rei D. Manuel fez a seu pae, não só do appellido de Tanger, mas do seguinte brazão de armas: — Escudo de campo azul e uma porta com duas torres de prata lavradas e com as frestas de preto e o pé do escudo de vermelho, e n'elle uma cabeça de moiro toucada de prata cortada em sangue, e tres lanças em pala com roquete, e por differença uma flor de liz de oiro, elmo de prata serrado guarnecido de oiro, paquife de prata e vermelho, timbre a mesma cabeça; com todas as honras e privilegios de fidalgo por descender da linhagem dos de Tanger. — Dada em Lisboa a 8 de fevereiro de 1538. Reg. na Chanc. de D. João III, liv. XLIV, fl. 13 v.

394. Belchior Borges, natural de Carvalhaes, termo da villa de Oliveira, filho de Gaspar Borges.

Carta pela qual el-rei D. João III lhe concede o seguinte brazão de armas dos seus antecessores: — Escudo de campo vermelho com um leão de oiro com uma bordadura

[1] Só tem *Bastiam;* e fazem estas armas alguma differença d'aquellas que foram dadas a seu pae.

de azul semeada de flores de liz de oiro, e por differença uma meia brica de prata com um — B — preto, elmo de prata aberto guarnecido de oiro, paquife de oiro e vermelho, e por timbre o mesmo leão com uma das flores de liz sobre a cabeça; com todas as honras de fidalgo por descender da linhagem e geração dos Borges, que eram fidalgos. — Dada em Evora a 20 de fevereiro de 1535. Reg. na Chanc. de D. João III, liv. x, fl. 27.

395. Belchiqr de Proença, escudeiro fidalgo do cardeal D. Henrique, e guarda-roupa do principe de Piamonte, filho de Luiz de Proença, natural da Guarda, neto de Antão Luiz de Proença, bisneto de Alvaro de Proença, todos fidalgos do tronco d'esta geração.
Carta pela qual el-rei D. João III lhe concede o seguinte brazão de seus antecessores : — Escudo de campo partido em pala; a primeira de verde com uma aguia de preto de duas cabeças armada de oiro; a segunda de azul com cinco flores de liz de oiro, em aspa, e por differença um trifolio de oiro picado de vermelho, elmo de prata aberto guarnecido de oiro, paquife de oiro e azul, e por timbre meia aguia dos peitos para cima, de uma cabeça; com todas as honras e privilegios de fidalgo por descender da geração e linhagem dos Proenças. — Dada em Lisboa a 19 de julho de 1542. Reg. na Chanc. de D. João III, liv. XXXII, fl. 64.

396. Belchior de Soveral da Barbuda, morador em Lisboa, filho de Fernão da Barbuda, neto de Diogo Gonçalves da Barbuda, e bisneto de Lourenço Esteves da Barbuda que foi fidalgo da casa de el-rei D. Duarte, e do tronco d'esta geração.
Carta pela qual el-rei D. João III lhe concede o seguinte brazão de seus antecessores : — Escudo de campo de oiro com nove lisonjas de veiros em tres palas, e por differença um crescente vermelho, elmo de prata aberto guarnecido de oiro, paquife de oiro, azul e preto, e por timbre meio galgo preto entre duas pennas de pavão; com todas as honras e privilegios de fidalgo por descender da geração dos de Barbuda. — Dada em Lisboa a 4 de junho de 1550. Reg. na Chanc. de D. João III, liv. IV de Privilegios, fl. 4.

397. Belchior Vieira, cavalleiro da ordem de Christo, morador nas partes da India.
Carta pela qual el-rei D. Filippe I o armou cavalleiro e lhe concede e a seus descendentes o appellido de Tarnate, e o seguinte brazão de armas : — Escudo de campo vermelho com um baluarte de prata, sem portas, lavrado de preto, apparecendo dentro d'elle um braço vestido de malha com uma espada nua na mão com o cabo de oiro, e ao pé do baluarte uma cabeça de moiro foteada de prata; elmo de prata serrado guarnecido de oiro, paquife de prata e vermelho, e por timbre o dito braço com a cabeça pela fota, pelos serviços por elle prestados em guerra com os moiros. — Dada em Lisboa a 2 de março de 1584. (M. N.) Reg. na Chanc. de D. Filippe I, liv. IV, fl. 169.

398. Belchior Vieira Arnao, natural de Miranda, bispado de Coimbra, filho de Balthasar Vieira Arnao, neto de Diogo Arnao, e bisneto de Lançarote Arnao.
Carta pela qual el-rei D. João III lhe concede o seguinte brazão de seus antecessores : — Escudo de campo de prata com seis leões pretos rompentes em duas palas, e por differença uma flor de liz azul, elmo de prata aberto guarnecido de oiro, paquife de prata e preto, e por timbre um dos leões das armas; com todas as honras e privilegios de fidalgo por descender da geração dos Arnaos. — Dada em Lisboa a 13 de dezembro de 1554. Reg. na Chanc. de D. João III, liv. III de Privilegios, fl. 128.

399. Benoco Amador, filho de Nicolau Amador, e neto de Amonto Amador, fidalgos e dos mais honrados da cidade de Florença, que governavam a dita cidade.
Carta pela qual el-rei D. Manuel lhe concede e a seus descendentes o seguinte brazão de seus antecessores : — Escudo tralado, o campo azul, e uma banda do mesmo entre duas cotiças de prata e a banda veirada do primeiro e o veirado repartido de um fio

de oiro, e a banda entre duas estrellas de oiro cada uma de oito pontas; com todas as honras e privilegios de fidalgo por descender da geração e linhagem dos Amadores. — Dada em Lisboa a 25 de abril de 1514. Reg. na Chanc. de D. Manuel, liv. XI, fl. 62, e liv. VI de Mist., fl. 129.

400. Bento Alvares Ferreira, cavalleiro da ordem de Christo, bacharel formado na faculdade de canones, major da praça de Chaves, condecorado com a cruz de campanha peninsular, e medalha transmontana; filho de Antonio José Ferreira, e de sua mulher D. Maria José Gomes Garcia; neto paterno de Manuel Alvares Ferreira, e de D. Maria Alvares Ferreira, e materno de João Gomes Garcia, e de sua mulher D. Maria Gomes Garcia.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Alvares, no segundo as dos Ferreiras, no terceiro as dos Gomes, e no quarto as dos Garcias. — Br. p. a 1 de dezembro de 1823. Reg. no Cart. da N., liv. VIII, fl. 101 v.

401. Bento Bandeira de Mello, professo na ordem de Christo, cavalleiro fidalgo da casa real, capitão-mór, e escrivão proprietario da real fazenda e Alfandega da cidade da Parahiba do norte, d'onde é natural e morador; filho de Hyppolito Bandeira de Mello, que teve o mesmo fôro, e de sua mulher D. Antonia da Conceição Velloso; neto pela parte paterna de Bento Bandeira de Mello, que teve o dito fôro e de sua mulher e sobrinha D. Isabel Bandeira de Mello; bisneto do capitão-mór Hyppolito Bandeira de Mello, que tambem teve o mesmo fôro; e de sua mulher D. Maria da Conceição; terceiro neto do capitão Bento Bandeira de Mello, fidalgo da casa real, a quem pelos serviços na guerra de Pernambuco contra os hollandezes, foi dada por premio a propriedade do officio de escrivão da real fazenda, e da Alfandega da dita capitania, e de sua mulher D. Antonia Barbosa; quarto neto de Antonio Malheiro de Mello, tambem fidalgo da casa real, e de sua mulher D. Clara de Azevedo, filha de Mattheus de Freitas de Azevedo, fidalgo da casa real, e alcaide-mór da cidade de Olinda; quinto neto de Pedro Bandeira de Mello, irmão de Filippe Bandeira de Mello, e ambos foram para Pernambuco em companhia de seu donatario Duarte Pereira; sexto neto de Sebastião Pires de Louredo, fidalgo da casa real, e de sua mulher D. Brites Bandeira de Mello; setimo neto de João Rodrigues Malheiro, fidalgo da casa real, e de sua mulher D. Filippa Bandeira, filha de Gonçalo Pires Bandeira, que foi o primeiro a quem foi dado o appellido de Bandeira, pela grande façanha que obrou na batalha de Toro, recuperando o estandarte que se achava em poder do inimigo, sendo o dito genro, fidalgo muito illustre, por ser filho de João Malheiro de Ponte de Lima, e de sua mulher Guiomar de Mello, filha de Fernando de Mello, filho de D. Rodrigo de Mello, commendador de Pombeiro; e por parte materna neto de Antonio Borges da Fonseca, que foi do regimento de infanteria de Olinda, e governador da capitania da Parahiba, e de sua mulher D. Joanna Cypriana de Miranda Henriques; bisneto de Francisco Coelho da Fonseca, almoxarife da real casa de Bragança, e de sua mulher D. Maria da Fonseca Velloso; terceiro neto de Francisco Coelho, e de sua mulher Isabel da Fonseca Pinheiro, irmãos de Manuel Pinheiro da Fonseca, instituidor do morgado de Nossa Senhora do Pilar de Arneiros, sendo a referida D. Joanna Cypriana de Miranda Henriques, avó do supplicante, filha de Luiz Lobo de Albertin, fidalgo da casa real, e professo na ordem do Christo, e de sua mulher D. Violante de Miranda Henriques; neto por parte paterna de Pedro Lelon de Lence, fidalgo de Anvers, professo na ordem de Christo, e mestre de campo de infanteria do terço de Olinda, e de sua mulher D. Joanna de Albertin; e por parte materna neta de João Valsien, fidalgo alemão, e de sua mulher D. Antonia de Miranda Henriques, filha de Henrique Henriques de Miranda, tenente general da artilheria do reino, e provedor dos armazens, irmã de D. Frei Aleixo de Miranda Henriques, bispo de Miranda, e depois do Porto.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Bandeiras, no segundo

as dos Mattos, no terceiro as dos Limas, e no quarto as dos Cunhas. — Br. p. a 28 de julho de 1797. Reg. no Cart. da N., liv. v, fl. 207.

(C. C.)

402. Bento Carneiro de Mendonça Lobo, morador na villa de Barcellos; filho legitimo de Antonio Carneiro de Mesquita, e de sua mulher Marianna Carneiro de Barros; neto pela parte paterna de João Carneiro do Amaral, e de sua mulher Maria Gomes Leitão; e por esta, bisneto de Antonio de Campos Coelho; terceiro neto de Jeronymo de Mesquita e Mendonça; quarto neto de Antonio de Campos Coelho; quinto neto de Luiz Coelho de Campos; e sexto neto de Luiz Lourenço Coelho, senhor que foi da casa e prazo de Barbeita; e pela materna neto de Francisco Carneiro de Barros, e de sua mulher Maria Pinbeiro de Faria, filha de Antonio Lobo de Faria.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Carneiros, no segundo as dos Mendonças, no terceiro as dos Mesquitas, e no quarto as dos Barros. — Br. p. a 28 de janeiro de 1768. Reg. no Cart. da N., liv. I, fl. 66.

(C. C.)

403. Bento Coelho Ferraz, filho de Bento Coelho Ferraz, e de sua mulher Marianna Theresa de Oliveira; neto pela parte paterna de Pedro Coelho Ferraz, e de sua mulher Ignacia Pinto, bisneto de outro Pedro Coelho Ferraz, e de sua mulher Engracia Lopes; e pela materna neto de Francisco de Oliveira, e de sua mulher Marianna de Araujo Pereira.

Um escudo partido em pala; na primeira as armas dos Coelhos, e na segunda as dos Ferrazes. — Br. p. a 27 de julho de 1773. Reg. no Cart. da N., liv. I, fl. 203 v.

(C. C.)

404. Bento da Costa Peixoto Soares Coelho, morador na sua quinta de Cortes, freguezia de S. Martinho de Armil, concelho de Monte-longo, comarca de Guimarães; filho de Manuel da Costa Peixoto, e de sua mulher D. Marianna Soares Coelho.

As armas dos Costas, Peixotos, Soares, e Coelhos. — Br. p. a 5 de maio de 1753. Reg. no Cart. da N., liv. particluar, fl. 55 v.

(C. C.)

405. Bento Ferreira Castel-branco Velles e Brito, natural do logar de Almalagues; filho de José Ferreira Velles e Brito, e de sua mulher D. Maria Teixeira de Moraes da Fonseca; neto paterno de Manuel Ferreira de Brito, e de sua mulher D. Maria Josepha de Castel-branco Neto Velles, filha de Antonio Neto Velles, e de sua mulher D. Marianna Caldeira de Campos e Castel-branco; bisneto do doutor Manuel Ferreira de Brito, natural da cidade de Coimbra, descendente dos morgados de Santo Estevão, de Beja, e de sua mulher D. Marianna da Cruz Monteiro; neto materno de Manuel Luiz Pereira, e de sua mulher Catharina Teixeira de Moraes, filha do capitão Christovão de Moraes Gonzaga da Fonseca, e de sua mulher Catharina Teixeira.

As armas dos Ferreiras, Britos, Pereiras e Teixeiras. — Br. p. a 25 de junho de 1760. Reg. no Cart. da N., liv. particular, fl. 127 v.

(C. C.)

406. Bento Freire de Carvalho e Figueiredo, cavalleiro da ordem de S. Bento de Aviz, capitão tenente da real armada, e delegado da superintendencia geral dos contrabandos e reaes direitos no porto da villa da Ericeira; filho de Ayres Antonio Antunes Freire de Figueiredo, bacharel formado em canones pela Universidade de Coimbra, e mordomo de Freixede pela mesma Universidade, e de sua mulher D. Maria Joaquina Sequeira de Carvalho; neto paterno do doutor Luiz Antunes de Figueiredo, e de sua mu-

lher D. Catharina Maria Freire; bisneto do doutor Bento da Cruz Freire, cavalheiro da ordem de Christo e lente de prima, da faculdade de medicina na referida Universidade; neto materno de Manuel Luiz Sequeira, e de sua mulher D. Rosa Joaquina Sequeira de Carvalho.

Um escudo partido em pala; na primeira as armas dos Freires, e na segunda as dos Carvalhos. — Br. p. a 10 de maio de 1819. Reg. no Cart. da N., liv. VIII, fl. 37.

(C. C.)

407. Bento Garcia Galvão de Haro Farinha (Tenente), natural da cidade de Santa Maria de Belem, do Grão-Pará; filho do capitão José Garcia Galvão de Haro Farinha, a quem se passou brazão de armas aos 17 de julho de 1778, e de sua mulher D. Anna Joaquina do Porto Freire; neto por parte paterna de Diogo Garcia Galvão, e de D. Francisca Josepha Michaela de Haro Farinha, e por esta bisneto de Rodrigo de Haro Farinha, fidalgo da casa real, terceiro neto de Pedro Sanches Farinha.

Um escudo esquartelado; no primeiro e quarto quarteis as armas dos Sanches, no segundo as dos Haros, e no terceiro as dos Farinhas. — Br. p. a 12 de outubro de 1798. Reg. no Cart. da N., liv. VI, fl. 51 v.

(C. C.)

408. Bento José de Almeida Lobo, cavalleiro professo na ordem de Christo, morador na cidade de Loanda, reino de Angola, e n'ella capitão da fortaleza de S. Pedro Gonçalves, da Marinha; filho do capitão Caetano da Silva Pereira, e de D. Theodosia de Sousa de Almeida Lobo, natural da villa de Basto, arcebispado da cidade de Braga.

Um escudo esquartelado; no primeiro e quarto quarteis as armas dos Silvas, no segundo as dos Pereiras, e no terceiro as dos Almeidas. — Br. p. a 10 de junho de 1769. Reg. no Cart. da N., liv I, fl. 98 v.

(C. C.)

409. Bento José do Amaral, cavalleiro professo na ordem de Christo, corregedor actual da comarca de Viseu, com predicamento de primeiro banco, natural da villa de Mangualde; filho de Melchior do Amaral, desembargador da Relação do Porto, e de D. Agueda Maria Saraiva; neto pela parte paterna de Manuel do Amaral, e de sua mulher D. Antonia do Amaral; bisneto de Paulo Osorio do Amaral, e de D. Maria Paes, e de Domingos Lopes, e de Maria do Amaral; e pela parte materna neto do doutor Lourenço Saraiva da Silveira, e de D. Maria da Costa; bisneto de José Saraiva da Silveira, e sobrinho do inquisidor Manuel Saraiva da Silveira, irmão do seu avô materno.

Um escudo partido em pala; na primeira as armas dos Amaraes, e na segunda as dos Saraivas. — Br. p. a 7 de novembro de 1783. Reg. no Cart. da N., liv III, fl. 111 v.

(C. C.)

410. Bento José Correa de Mello, natural da capitania de Pernambuco, e familiar do Santo Officio da inquisição d'esta côrte; filho de José Fernandes de Araujo, senhor do engenho de Jagouré, e de D. Anna Correa de Mello; neto paterno do capitão Agostinho de Aguiar de Castro, e de sua mulher D. Antonia Correa de Almeida, e materno do capitão Antonio de Sousa Valle, e de sua mulher D. Josepha de Sousa e Mello.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Castros, no segundo as dos Correas, no terceiro as dos Valles, e no quarto as dos Mellos. — Br. p. a 5 de abril de 1806. Reg. no Cart. da N., liv. VII, fl. 126 v.

(C. C.)

411. Bento José Freire de Faria Sequeira Giada, capitão-mór, e morador em Villa-cova de Sub-âvô, da ouvidoria de Arganil; filho de Luiz Marques de Sequeira,

tambem capitão-mór da dita villa, e de D. Engracia Freire de Faria Giada; neto pela parte paterna de Simão Marques, e de D. Agueda Nunes, parentes muito proximos do desembargador Luiz da Costa e Faria, e Manuel Homem Freire, pessoas nobres e qualificadas; e pela parte materna neto do dr. Simão Marques da Costa Coelho, ouvidor na villa de Arganil, e de sua mulher D. Maria Michaela Freire de Faria Giada, descendente de João Alves Freire de Faria Giada, provedor em Castello-branco.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Sequeiras, no segundo as dos Costas, no terceiro as dos Coelhos, e no quarto as dos Freires. — Br. p. a 8 de janeiro de 1785. Reg. no Cart. da N., liv. III, fl. 183.

(C. C.)

412. BENTO JOSÉ VELLOSO TEIXEIRA (Doutor), natural da cidade de Coimbra; filho do doutor Miguel Teixeira Rebello, e de sua mulher Escolastica de S. Bento Velloso; neto paterno de Domingos Teixeira Rebello, e de sua mulher Anna Francisca Teixeira; bisneto do licenciado Domingos Teixeira Rebello, filho de Domingos Rebello, e de sua mulher Maria Teixeira Rebello.

As armas dos Teixeiras, Vellosos, e Rebellos. — Br. p. a 17 de março de 1751. Reg. no Cart. da N., liv. particular, fl. 15.

(C. C.)

413. BENTO MANUEL DOMINGUES DUARTE, filho de Antonio Domingues Duarte, e de sua mulher D. Rosa Maria Domingues Duarte; neto paterno de Antonio Domingues Duarte, e de sua mulher D. Margarida Domingues Duarte, e materno de Manuel José Mendes, e de sua mulher D. Domingas Francisca Mendes.

Um escudo com as armas dos Mendes. — Br. p. a 20 de junho de 1853. Reg. no Cart. da N., liv. VII, fl. 364.

(C. C.)

414. BENTO MARIA DE BRITO HOMEM FERREIRA TABORDA, moço fidalgo da casa real.

Um escudo esquartelado com as armas que lhe foram concedidas por alvará de 28 de abril de 1865, e a seu irmão Nuno Augusto de Brito Homem Ferreira Taborda. — (M. N.) Br. p. a 13 de abril de 1866. Reg. no Cart. da N., liv. IX, fl. 99. V. no I. H. *Ferreira Taborda.*

(C. C.)

415. BENTO MARTINS LIMA, capitão de milicias da Marinha de Pirajá, na cidade da Bahia, e senhor dos engenhos de Santa Cruz de Torres, e dos Arcos de T....; filho de Bento Martins Lima, e de sua mulher D. Maria Thereza de Jesus e Brito, senhores do engenho de Sant'Anna da casa de Rio Cutigipe; neto paterno de José Martins Lima, e de sua mulher D. Agueda Maria de Sousa, e materno de Amaro dos Santos e Vasconçellos, e de sua mulher D. Luiza de Brito; bisneto paterno de Francisco Alves Lima, natural de Ponte de Lima, e de sua mulher D. Leonor Francisca de Azevedo, e materno de Francisco dos Santos e Vasconcellos, e de sua mulher D. Eugenia Maria de Brito.

Um escudo esquartelado; no primeiro e quarto quarteis as armas dos Martins, no segundo as dos Limas, e no terceiro as dos Vasconcellos. — Br. p. a 3 de dezembro de 1803. Reg. no Cart. da N., liv. VII, fl. 54 v.

(C. C.)

416. BENTO PEREIRA DA SILVA E MENEZES SOUTO-MAIOR, tenente de infanteria que foi na guerra proxima passada, morador na sua quinta do Carvalhal, freguezia de S. Mamede de Recezinhos, concelho da villa de Santa Cruz de Riba-Tamega; filho natural

de outro Bento Pereira da Silva e Menezes, alcaide-mór que foi da villa de Caminha, fidalgo da casa real; neto de Rodrigo Pereira Souto-maior, alcaide-mór, e governador que foi da dita villa, coronel de um regimento da provincia do Minho, senhor do conhecido solar da Torre e Casa-branca do Paço de Barbeita, commendador de S. Pedro Damião de Azere, na ordem de Christo, e fidalgo da casa real.

As armas dos Pereiras, Silvas, Menezes, e Souto-maiores. — Br. p. a 22 de março de 1758. Reg. no Cart. da N., liv. particular, fl. 114.

(C. C.)

417. Bento Ribeiro Maciel, filho de Manuel Ribeiro Moreira, e de sua mulher Antonia Gomes Maciel; neto paterno de José Moreira, neto materno de Martinho Affonso Villarinho, e de sua mulher Maria Gomes Maciel.

As armas dos Ribeiros e Macieis. — Br. p. a 16 de fevereiro de 1754. Reg. no Cart. da N., liv. particular, fl. 68.

(C. C.)

418. Bento da Rocha Pimentel, filho de André Martins da Rocha e de Maria de Araujo; neto paterno de Diogo Martins e de Ignez da Rocha; bisneto de Martinho Gonçalves e de Maria Pimentel; tresneto de João Pimentel Pereira, fidalgo da casa real, e de D. Joanna da Rocha; quarto neto de D. Gomes da Rocha, commendatario que foi de Pombeiro; neto materno do licenciado Bartholomeu Affonso (que era irmão do doutor Gonçalo Affonso, conego da Sé de Braga), e de Martha Fernandes de Araujo; bisneto de Fernão Velho de Araujo e de Maria Fernandes; e o dito Bartholomeu Affonso foi filho de Affonso Annes e de Isabel Carvalha, os quaes foram todos muito nobres.

Carta pela qual el-rei D. João IV lhe concede o seguinte brazão de seus antecessores: — Escudo esquartelado; o primeiro e quarto quarteis dos Pimenteis, que são esquartelados o primeiro de oiro, com tres faxas sanguineas; o segundo de verde, com cinco vieiras de prata, em aspa, riscadas de preto, e uma pala de prata com oito aspas vermelhas, e assim os contrarios; o segundo e terceiro dos Araujos, de campo de prata atravessado com uma aspa azul, e n'ella cinco besantes de oiro, e por differença um trifolio verde; elmo de prata aberto guarnecido de oiro, paquife dos proprios metaes e côres das armas, e por timbre meio touro sanguineo com os paus de oiro, e uma das vieiras das armas na testa; com todas as honras e privilegios de fidalgo por descender das ditas gerações. — Dada em Lisboa a 27 de maio de 1649. Reg. na Chanc. de D. João IV, liv. XV, fl. 207.

419. Bento Soares Camello Ribeiro Coutinho de Brito, natural da freguezia de Santa Maria do couto de Pombeiro, e morador na sua quinta da Ribeira, freguezia de Santa Eulalia de Barrosos, termo da villa de Guimarães; descendente por linha legitima da geração dos Camellos, que procedem de Lopo Rodrigues Camello, escrivão da camara do senhor rei D. Sebastião, e da camara do mestrado da ordem de Christo, a quem o mesmo senhor deu armas novas para si e seus descendentes, e dos Soares, Ribeiros, Coutinhos, e Britos; filho de Antonio Camello Ribeiro, e neto de Fernando Camello de Brito, descendente do dito Lopo Rodrigues Camello.

As armas dos Camellos, e Soares. — Br. p. a 1 de março de 1754. Reg. no Cart. da N., liv. particular, fl. 68 v.

(C. C.)

420. Bento Sodré Pereira, natural do Rio de Janeiro, sargento-mór reformado das ordenanças da cidade de Ponta-delgada da ilha de S. Miguel, filho de Francisco Tavares França, alferes de cavallaria no regimento de Minas, e de D. Isabel Narcisa Sodré; neto paterno do capitão João de Sousa Cabral, e de sua mulher D. Maria Tavares França, e materno de Agostinho de Lemos Rangel, sargento-mór de milicias da cidade do Rio de

Janeiro, e de sua mulher D. Isabel Sodré Pereira, filha unica de Duarte Sodré Pereira, que teve o fôro de moço fidalgo.

Um escudo partido em pala; na primeira as armas dos Sodrés, e na segunda as dos Pereiras. — Br. p. a 12 de outubro de 1802. Reg. no Cart. da N., liv. VII, fl. 35 v.

(C. C.)

421. Bento Teixeira Alvares (Bacharel), filho de Gervasio Teixeira Alvares, e de sua mulher Feliciana Alvares; neto paterno de Antonio Teixeira Alvares, e de sua mulher Ignacia Teixeira, e materno de Gonçalo João, e de sua mulher Benta Pinheiro.

As armas dos Teixeiras, e Pinheiros. — Br. p. a 10 de março de 1753. Reg. no Cart. da N., liv. particular, fl. 49 v.

(C. C.)

422. Bento de Vasconcellos Parada e Sousa, natural do logar do Beco, termo da villa de Dornes, comarca de Thomar, filho de Antonio de Vasconcellos Parada e Sousa Cotrim, e de sua mulher D. Maria Josepha de Miranda; neto pela parte paterna do capitão Manuel Esteves de Goes, e de sua mulher D. Catharina de Sousa Vasconcellos Cotrim; bisneto de Luiz Mendes de Vasconcellos, e de sua mulher D. Marianna de Sousa e Vasconcellos; terceiro neto do doutor Manuel Mendes de Vasconcellos, e de sua mulher D. Luiza Barroso de Sá; e quarto neto de Payo Mendes de Vasconcellos, e de sua mulher D. Brites de Sousa, senhores que foram do castello chamado de Payo Mendes, na comarca de Thomar.

Um escudo esquartelado; no primeiro e quarto quarteis as armas dos Sousas do Prado, no segundo as dos Vasconcellos, e no terceiro as dos Cotrins. — Br. p. a 19 de fevereiro de 1783. Reg. no Cart. da N., liv. III, fl. 86 v.

(C. C.)

423. Bento Xavier de Vellasco, cavalleiro professo na ordem de Christo, e secretario do exercito e governo das armas da côrte e provincia da Extremadura; filho de Francisco Xavier de Vellasco, e de sua mulher D. Anna Luiza de Seixas e Vellasco; neto paterno de Bento Xavier de Vellasco, e de D, Catharina Maria Dique, e materno de Roque de Seixas da Fonseca Borges, fidalgo da casa real, e de sua mulher D. Thomasia Francisca Xavier de Vellasco e Vasconcellos.

Um escudo partido em pala; na primeira as armas dos Vellascos, e na segunda as dos Seixas. — Br. p. a 10 de fevereiro de 1820. Reg. no Cart. da N., liv. VIII, fl. 53 v.

(C. C.)

424. Bento Xuzir de Oliveira (Bacharel), cavalleiro professo na ordem de Christo, juiz de fora das villas de Castello-novo e Alpedrinha, natural da villa de Maçam, comarca de Thomar; filho de Marcos de Oliveira, e de sua mulher Catharina Guifoa; neto paterno de José Correa de Fontes, e de sua mulher Margarida Pereira de Oliveira, todos naturaes e moradores na dita villa.

As armas dos Correas, e Oliveiras. — Br. p. a 12 de fevereiro de 1760. Reg. no Cart. da N., liv. particular, fl. 125 v.

(C. C.)

425. Bernardino Antonio de Faria e Barros (Doutor), cavalleiro professo na ordem de Christo, corregedor de Setubal; filho de Antonio Dias Barros e de D. Francisca Caetana das Chagas e Faria; neto pela parte materna de Manuel de Faria Santos, e de sua mulher D. Ignacia Maria; o qual seu avô era legitimo descendente da nobre familia dos Farias da Castanheira, e Salvaterra de Magos, onde viveram os seus ascendentes dos

quaes procedera tambem Francisco Simões Monteiro de Faria, a quem se passára brazão com as armas da dita familia em 18 de dezembro de 1745.

Um escudo com as armas dos Farias. — Br. p. a 22 de agosto de 1780. Reg. no Cart. da N., liv. II, fl. 248.

(C. C.)

426. **Bernardino Antonio Teixeira Vaz Pinto**, capitão-mór das ordenanças do concelho de Arouca; filho do doutor Gaspar José Teixeira Pinto, e de sua mulher D. Luiza Thereza Angelica Brandão; neto paterno de Manuel Teixeira José, e de sua mulher D. Maria Thereza Clara, e materno do doutor Domingos Ferreira Brandão, e de sua mulher Antonia de Pinho.

Um escudo partido em pala; na primeira as armas dos Teixeiras, na segunda as dos Pintos. — Br. p. a 19 de junho de 1819. Reg. no Cart. da N., liv. VIII, fl. 40.

(C. C.)

427. **Bernardino Antonio Teixeira Vaz Pinto**, capitão-mór das ordenanças do concelho de Arouca; filho do doutor Gaspar José Teixeira Pinto, e de sua mulher D. Luiza Thereza Angelica Brandão; neto paterno de Manuel Teixeira, e de sua mulher D. Maria Thereza Clara; bisneto do capitão Manuel Teixeira Barbosa de Escovar, e de sua mulher D. Maria Barbosa de Ataide; bisneto por sua avó a referida D. Maria Thereza Clara, de Manuel Pinto da Fonseca, e de sua mulher D. Jeronyma Vaz; terceiro neto de Luiz Pinto da Fonseca, e de sua mulher D. Maria de Miranda; neto materno do doutor Domingos Fernandes Ferreira, e de sua mulher D. Antonia de Pinho Brandão; bisneto de João Brandão, e de sua mulher D. Luiza Ferreira; bisneto tambem por sua avó D. Antonia de Pinho Brandão, de Manuel Brandão, e de sua mulher D. Maria de Pinho.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Barbosas, no segundo as dos Teixeiras, no terceiro as dos Pintos, e no quarto as dos Fonsecas. — Br. p. a 21 de janeiro de 1825. Reg. no Cart. da N., liv. VIII, fl. 128 v.

(C, C.)

428. **Bernardino Falcão de Gouvea Vieira Machado**, tenente coronel da capitania do Espirito Santo; filho do capitão Diogo de Almeida Silva, e de sua mulher D. Maria da Penha; neto por parte materna do capitão João Gomes de Aguiar, e de sua mulher D. Isabel de Barcellos Pereira, irmã de Pedro Gomes Pereira, cavalleiro fidalgo da casa real, a quem se passou brazão de armas a 30 de setembro de 1723, com as armas dos appellidos de Machados e Vieiras, de quem foi filho o doutor José de Barcellos Machado.

Um escudo partido em pala; na primeira as armas dos Machados, na segunda as dos Vieiras. — Br. p. a 27 de agosto de 1801. Reg. no Cart. da N., liv. VI, fl. 175.

(C. C.)

429. **Bernardino Henriques de Ornellas Vasconcellos** (Capitão), natural da cidade do Funchal, na ilha da Madeira; filho primogenito do capitão Manuel Henriques de Oliveira, familiar do Santo Officio, e de sua mulher D. Maria Antonia Galhardo de Ornellas e Vasconcellos, administradora do morgado instituido por D. Catharina Galhardo no anno de 1538; neto pela parte paterna de Antonio de Oliveira, e de sua mulher D. Clara Oytana, e pela materna de Antonio Gomes da Costa Leal, e de sua mulher D. Maria Ornellas de Vasconcellos, esta filha de Diogo Ferreira de Novaes Dormundo, e de sua mulher D. Maria de Ornellas e Vasconcellos; neto pela parte paterna de Francisco Dormundo de Novaes, que era terceiro neto de Belchior Gonçalves Ferreira, e de sua mulher D. Branca Affonso Dormundo, elle descendente dos Ferreiras, porteiros-móres, que foram n'este reino, e ella dos senhores de Escobar, no reino de Escocia; e pela parte materna era neta a

mesma D. Maria de Ornellas e Vasconcellos de Gaspar de Abreu, bisneto de Alvaro de Ornellas Saavedra, a quem se passou brazão de armas no anno de 1513.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Ornellas, no segundo as dos Vasconcellos, no terceiro as dos Dormundos, e no quarto as dos Ferreiras.—Br. p. a 29 de outubro de 1790. Reg. no Cart. da N., liv. IV, fl. 191 v.

(C. C.)

430. Bernardino José do Amaral Sousa e Navas de Figueiredo, do logar de Mizarella, termo e comarca de Linhares; filho de Alexandre de Sousa do Amaral, e de sua mulher D. Anna Rodrigues; neto pela parte paterna de Gaspar de Sousa do Amaral, e de sua mulher D. Catharina Navas de Figueiredo, e pela materna de Balthazar Fernandes, e de sua mulher D. Maria Rodrigues.

Um escuda esquartelado; no primeiro qoartel as armas dos Sousas do Prado, no segundo as dos Amaraes, no terceiro as dos Navas, e no quarto as dos Figueiredos.—Br. p. a 22 de abril de 1784. Reg. no Cart. da N., liv. III, fl. 129.

(C. C.)

431. Bernardino José de Castro, cavalleiro professo na ordem de S. Bento de Aviz, chefe de divisão da real armada com patente de brigadeiro, e intendente da marinha da cidade da Bahia; filho de Francisco José de Castro, e de D. Joaquina Bernarda de Santa Anna; neto paterno de José Simões Barbosa, e materno de Joaquim José do Couto Quevedo e Castro, governador de Cabo-verde com patente de coronel.

Um escudo com as armas dos Castros.—Br. p. a 30 de janeiro de 1807. Reg. no Cart. da N., liv. VII, fl. 158.

(C. C.)

432. D. Bernardino Madeira, natural da cidade de Cadiz, reino de Castella; filho de Miguel Lopes Madeira, e de sua mulher D. Catharina Durante; neto pela parte paterna de Belchior Alvares Madeira, e de sua mulher Catharina de Moraes, e pela materna neto de Pedro Durante, e de sua mulher D. Catharina Melgarejo.

Um escudo partido em pala; na primeira as armas dos Madeiras, na segunda as dos Moraes.—Br. p. a 6 de dezembro de 1774. Reg. no Cart. da N., liv. II, fl. 43.

(C. C.)

433. Bernardino de Senna Fernandes.—(M. N.) Alvará de 11 de maio de 1871. V. no I. H. *Senna Fernandes.*

434. Bernardino Xavier de Quadros, filho de Sebastião Xavier, official maior da Secretaria do estado da India, e no mesmo varias vezes encarregado dos negocios do mesmo estado nas côrtes circumvisinhas, e de sua mulher D. Justina de Quadros Pinto; neto paterno de Ignacio Caetano Xavier Pereira, secretario que foi da capitania general de Moçambique, e de sua mulher D. Leonor Collaço; e materno de Manuel Antonio de Quadros Pinto, que foi das ordenanças de Goa, e de sua mulher D. Francisca Pereira Collaço.

Um escudo esquartelado; no primeiro e quarto quarteis as armas dos Collaços, no segundo as dos Quadros, e no terceiro as dos Pintos.—Br. p. a 28 de dezembro de 1820. Reg. no Cart. da N., liv. VIII, fl. 71 v.

(C. C.)

435. Bernardo de Abreu Castel-branco (Bacharel), corregedor da comarca de Guimarães, e natural da cidade de Viseu; filho do doutor Carlos Antonio de Almeida, e de sua mulher D. Genoveva Feliciana Guedes de Abreu Castel-branco; neto pela parte

paterna do doutor Antonio de Almeida, e de sua mulher D. Anna Maria da Esperança; neto pela parte materna do doutor Jacinto Lopes Pinheiro, e de sua mulher D. Michaela Eugenia de Castel-branco; bisneto de José Rebello de Castel-branco; este filho de Francisco Rebello Castel-branco, que militando na campanha de 1642 se distinguiu pelo seu valor; o qual era neto de Domingos Nunes Castel-branco, que serviu o logar de corregedor da comarca da villa de Vianna; sendo egualmente bisneto do doutor Miguel Rebello Castel-branco, que foi provedor da comarca de Lamego.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Almeidas, no segundo as dos Pinheiros, no terceiro as dos Abreus, e no quarto as dos Castel-brancos. — Br. p. a 22 de outubro de 1795. Reg. no Cart. da N., liv. v, fl. 105.

(C. C.)

436. Bernardo Antonio de Albuquerque da Silva Amaral, natural da villa de Mangualde, concelho de Azurara da Beira, bispado e comarca de Viseu; filho de Bernardo de Amaral Paes de Figueiredo, e de sua mulher D. Eugenia Maria de Albuquerque da Silva Cabral; neto pela parte paterna de Manuel de Amaral e Albuquerque, e de sua mulher D. Catharina da Fonseca Cabral; esta filha de Simão da Fonseca Paes de Figueiredo, fidalgo da casa real, e de sua mulher D. Domingas Lopes Cabral; e pela materna neto de Pedro da Fonseca Cabral, capitão-mór do dito concelho, e de sua mulher D. Maria de Albuquerque da Silva; elle filho de Manuel da Fonseca Paes de Figueiredo, e de sua mulher D. Antonia Simões de Figueiredo; e ella filha de Manuel Lopes Cabral, e de sua mulher D. Isabel da Costa e Albuquerque.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Amaraes, no segundo as dos Albuquerques, no terceiro as dos Silvas, e no quarto as dos Fonsecas. — Br. p. a 20 de maio de 1789. Reg. no Cart. da N., liv. iv, fl. 109.

(C. C.)

437. Bernardo Baptista de Affonseca e Sousa, cavalleiro professo na ordem de Christo, graduado em direito pela Universidade de Coimbra, familiar do Santo Officio, natural e cidadão da cidade de Bragança, juiz dos orphãos na mesma, e seu termo; filho de Domingos Pires Ayres, capitão de fronteira em Traz-os-montes, e de sua mulher D. Francisca de Sousa; neto paterno de Domingos Pires das Neves, o qual governou a villa e castello de Outeiro, onde foi capitão de fronteira, e de sua mulher D. Maria Ayres; bisneto de Mattheus Pires de Fontes, que nas guerras da feliz acclamação foi capitão de um terço volante de infanteria, e de sua mulher D. Theresa de Moraes; terceiro neto de Francisco Pires Machado, que foi capitão-mór da villa de Outeiro, e na guerra da acclamação governador do castilho d'aquella praça, e de sua mulher D. Joanna de Abreu; quarto neto de Joaquim Pires Machado, que foi sargento-mór das ordenanças da villa de Outeiro, e de sua mulher D. Francisca de Moraes; quinto neto de Ignacio Pires Machado de Araujo, natural de Outeiro, onde foi sargento-mór de infanteria, e governador do castello, e de sua mulher D. Seraphina de Sousa; neto materno de Bernardo de Affonseca, capitão de fronteira do districto de Penna-junta, e de sua mulher D. Maria de Sant'Iago Vidal, neta de Domingos Vidal de Moraes, mestre de campo de infanteria do mar, commandante de varias esquadras navaes, e um dos heroes da acclamação; bisneto de Antonio de Affonseca, alferes de infanteria, e de sua mulher D. Maria de Sousa; terceiro neto de outro Antonio de Affonseca, natural de Amarante, onde foi capitão-mór, cavalleiro professo na ordem de Christo, e de sua mulher D. Joanna de Sousa e Mesquita; quarto neto de Joaquim Antonio de Affonseca Lemos, fidalgo da casa real e mestre de campo do terço de infanteria da cidade do Porto, e de sua mulher D. Eugenia Maria de Brito; quinto neto de Belchior da Fonseca e Araujo, fidalgo da casa real, desembargador dos aggravos, e juiz da coroa na relação do Porto, e de sua mulher D. Luiza de Sá.

As armas dos Machados, Fonsecas, Sousas, e Moraes. — Br. p. a 19 de junho de 1756. Reg. no Cart. da N., liv. particular, fl. 97 v.

(C. C.)

438. Bernardo Clamouse, cavalleiro da ordem de Christo, natural da cidade do Porto; irmão legitimo de Manuel Clamouse, consul da nação franceza na dita cidade do Porto, a quem o rei de armas de França, Antonio Maria de Hosier de Serigny, cavalleiro da grande cruz honorario da ordem de S. Mauricio de Sardenha, passou brazão de armas na côrte de Paris da familia de Clamouse em 4 de dezembro do anno proximo passado de 1775, e na mesma côrte foi reconhecido, certificado e legalisado por D. Vicente de Sousa Coutinho, embaixador do reino de Portugal junto a sua magestade christianissima, aos nove do dito mez e anno, como n'elle se via que estava junto á dita sentença, na qual se mostrava que ambos são filhos legitimos de outro Bernardo Clamouse, consul que tambem foi da nação franceza na dita cidade do Porto, natural da de Tolosa no dito reino de França, e de sua mulher D. Genoveva Clamouse.

Um escudo com as armas da familia Clamouse. — Br. p. a 16 de setembro de 1776. Reg. no Cart. da N., liv. II, fl. 114.

(C. C.)

439. Bernardo Felix de Almeida Vieira de Moura, sargento-mór das ordenanças da villa de Serpa, e natural da mesma villa; filho de João Valente Metello de Almeida, e de D. Margarida Bernarda Lamprea; neto por parte paterna de Affonso Annes Metello Valente, e de D. Isabel Vieira de Almeida de Moura; esta filha de Bento de Almeida, moço fidalgo da casa real, e de D. Brites Pimenta Vieira de Moura; sendo o dito Bento de Almeida neto do doutor Cid de Almeida, que foi desembargador do Paço, moço fidalgo da casa real, e conselheiro de estado do conselho supra no tempo do senhor rei D. Filippe IV de Castella, sendo egualmente reitor da Universidade de Coimbra nos annos de 1610, 1613 e 1614, conservando o mesmo foro na pessoa do coronel de cavallaria Damião Borges de Almeida, primo co-irmão do pae do justificante, por serem ambos netos do dito Bento de Almeida.

Um escudo esquartelado; no primeiro e quarto quarteis as armas dos Almeidas, no segundo as dos Vieiras, e no terceio as dos Mouras — Br. p. a 27 de março de 1801. Reg. no Cart. da N., liv. VI, fl. 167 v.

(C. C.)

440. Bernardo Ferreira de Sousa e Lacerda Madeira, natural do logar e freguezia de S. Martinho do Chão, concelho de Lumiares; filho de Simão Ferreira da Costa, e de sua mulher D. Luiza Carneiro de Sousa e Lacerda; neto pela parte paterna do capitão Antonio Ferreira da Costa Madeira, e de sua mulher D. Maria da Fonseca; bisneto de Diogo Ferreira Cardoso, filho de outro Diogo Ferreira Cardoso; e pela materna, é elle supplicante neto de Luiz Carneiro de Sousa e Lacerda, e de sua mulher D. Angela Maria de Sampayo; bisneto de outro Luiz Carneiro de Sousa, filho de Luiz de Figueiredo; neto de João de Sequeira e Lacerda; bisneto de Balthazar de Sequeira Pinto e Sousa, fidalgo da casa real; e terceiro neto de Balthazar Cardoso, moço da camara do senhor cardeal rei D. Henrique.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Ferreiras, no segundo as dos Madeiras, no terceiro as dos Sousas, e no quarto as dos Lacerdas. — Br. p. a 8 de fevereiro de 1782. Reg. no Cart. da N., liv. III, fl. 42 v.

(C. C.)

441. Bernardo de Figueiredo Maio e Lima, filho de João de Figueiredo Maio e Lima, administrador dos morgados instituidos pelo padre Damião Franco Ferreira, e

Manuel Rodrigues Maio, e de sua mulher D. Anna Maria Angelica Vidigal; neto pela parte paterna de Bernardo de Figueiredo Maio e Lima, capitão-mór da villa de Borba; e de sua mulher D. Luiza Bernarda Barreto Lima; neto pela parte materna de Christovão Martins, e de sua mulher D. Josepha Maria Vidigal.

Um escudo partido em pala; na primeira as armas dos Figueiredos, e na segunda as dos Limas. — Br. p. a 8 de agosto de 1795. Reg. no Cart. da N., liv. v, fl. 79.

(C. C.)

442. BERNARDO JOSÉ DE AZEVEDO BORGES MOURÃO, da villa e concelho de Mondim de Basto, comarca de Guimarães; filho de Francisco Borges de Azevedo, e de sua mulher Prudencia Borges Mourão; neto por parte paterna de José Gonçalves, e de sua mulher Paula Loureiro; neto por parte materna de João Ferreira Mourão, e de sua mulher Maria Borges.

Um escudo esquartelado; no primeiro e quarto quarteis as armas dos Borges, no segundo as dos Azevedos, no terceiro as dos Mourões. — Br. p. a 24 de abril de 1765. Reg. no Cart. da N., liv. I, fl. 4.

(C. C.)

443. BERNARDO JOSÉ DO COUTO DA COSTA FARO (Doutor), filho do capitão Lourenço do Couto da Costa e Sampaio, e de sua mulher D. Angela Maria da Annunciação; neto paterno do capitão Antonio do Couto da Costa e Faro, e de sua mulher D. Maria de Sampaio; bisneto de Domingos da Costa e Faro, e de sua mulher Maria do Couto da Costa; o qual Domingos da Costa e Faro era terceiro neto de Henrique da Costa e Faro, fidalgo da casa real, que, segundo a tradição, vivia nobremente em Lisboa, no reinado do senhor rei D. Sebastião, d'onde foi degradado para o sobredito concelho de Azurara por ordem de Filippe I, em razão de não seguir o seu partido, onde viveu o resto de sua vida, e jaz sepultado na egreja de Povolide, tendo n'ella sepultura com as armas de sua familia.

As armas dos Costas, Sampaios e Coutos. — Br. p. a 26 de janeiro de 1756. Reg. no Cart. da N., liv. particular, fl. 94.

(C. C.)

444. BERNARDO JOSÉ DE MELLO DA SILVA PEIXOTO, morador na sua casa de Castendo, comarca de Viseu, provincia da Beira; filho de Bernardo da Silva e Mello Peixoto, e de sua mulher D. Luiza Cardoso de Almeida Souto-maior; neto por parte paterna de João da Silva Mello Peixoto, senhor da dita casa de Castendo, morgado do Salgueiral, e grande prazo denominado das Medas na villa de Guimarães, de cuja casa está o dito supplicante de posse; bisneto de Valerio da Silva Pessoa; terceiro neto de João Peixoto da Silva e Mello, fidalgo cavalleiro da casa real; sendo o referido supplicante em terceiro grau de consanguinidade parente de João de Mello de Abreu Pereira, fidalgo da casa real, coronel reformado do regimento de infanteria de milicias da dita comarca; o qual é sobrinho de Francisco de Albuquerque e Castro, fidalgo, commendador da ordem de Christo, coronel reformado no dito regimento, de quem foram filhos Luiz de Albuquerque de Mello e Castro, e João de Albuquerque e Castro, que foram capitães generaes de Matto-grosso; neto por parte materna de Francisco Cardoso de Almeida Souto-maior, fidalgo de geração, senhor donatario das jugadas, do Pinheiro e Praguzelos, termo da cidade de Viseu; sendo este filho de João de Almeida da Cunha Souto-maior, fidalgo da casa real, senhor donatario das mesmas jugadas, e de sua mulher Maria de Albuquerque Castel-branco, senhora da casa Roris.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Silvas, no segundo as dos Mellos, no terceiro as dos Peixotos, e no quarto as dos Cardosos. — Br. p. a 11 de dezembro de 1800. — Reg. no Cart. da N., liv. VI, fl. 151.

(C. C.)

445. Bernardo José Trigueiros Pereira, morador na freguezia de S. Pedro de dois portos, capitão de auxiliares no termo d'esta cidade; filho do alferes José Pinheiro de Oliveira, e de sua mulher D. Marianna Antonia Souto-maior; neto paterno de Pedro Francisco Pinheiro, e de sua mulher Lourença de Oliveira; bisneto de João Dias, e de sua mulher Maria dos Santos; neto materno de João Trigueiros Souto-maior administrador da capella dos Trigueiros e Semedos, capitão que foi de auxiliares, e de sua mulher D. Leonor França da Silva; segundo neto de Francisco de Cabreira Semedo, e de sua mulher D. Luiza Lobo de Lemos e Souto-maior; terceiro neto de João Trigueiros Pereira, e de sua mulher e prima D. Isabel Trigueiros; quarto neto de Francisco Pereira Semedo que tirou brazão em 14 de abril de 1592, primo co-irmão de Sebastião Semedo Trigueiros a quem se passou brazão em 1597, e de sua mulher D. Isabel Cabreira; quinto neto de Ruy Pereira, e de sua mulher Francisca Trigueiros; sexto neto de Francisco Pereira Semedo, e de sua mulher Beatriz Trigueiros, todos descendentes de familias nobres e de fidalgos conhecidos n'este reino pelo appellido de Trigueiros, procedem de Antonio Trigueiros, cavalleiro castelhano, que veiu a este reino com a rainha D. Maria, segunda mulher do rei D. Manuel, por seu trinchante; a quem o mesmo rei fez fidalgo, e a seus filhos, e d'elle procedem n'este reino todos os d'este appellido.

As armas dos Pinheiros, Oliveiras, Pereiras e Trigueiros. — Br. p. a 2 de dezembro de 1758. Reg. no Cart. da N., liv. particular, fl. 119.

(C. C.)

446. Bernardo José Vieira da Motta, do conselho de sua magestade, fidalgo cavalleiro da casa real, commendador da ordem de Nossa Senhora da Conceição de Villaviçosa, e presidente da Relação do Porto; filho de Bernardo José Vieira da Motta, cavalleiro professo na ordem de Sant'Iago, e de sua mulher D. Maria Joanna Nogueira; neto paterno de Nicolau Vieira da Motta, e de sua mulher D. Marianna Nogueira, e materno de Gabriel Nogueira, e de sua mulher D. Thereza do Couto.

Um escudo partido em pala; na primeira as armas dos Mottas, e na segunda as dos Nogueiras. — Br. p. a 30 de julho de 1851. Reg. no Cart. da N., liv. viii, fl. 348 v.

(C. C.)

447. Bernardo dos Santos Nogueira, cavalleiro professo na ordem de Christo, moço da camara do numero, cavalleiro fidalgo da casa real, provedor dos registos das Contadorias, thesoureiro da Casa da moeda; filho de Manuel Gonçalves Nogueira, capitão de mar e guerra que foi das fragatas da corôa, e de sua mulher D. Maria Gonçalves Pires; neto paterno de Manuel Gonçalves, e de Paula Nogueira; bisneto de Simão Gonçalves, e de Maria Gaspar, filha de Pedro Jorge de Figueiredo, de quem o supplicante é terceiro neto, como tambem de Gaspar Gonçalves, e de Domingas Fernandes; neto materno de Manuel Gonçalves, e de Maria Gonçalves; bisneto de Gonçalo Pires, e de Isabel Gonçalves.

As armas dos Gonçalves e Nogueiras. — Br. p. a 17 de junho de 1754. Reg. no Cart. da N., liv. particular, fl. 73.

(C. C.)

448. Bernardo Teixeira Coutinho Alvares de Carvalho (Doutor), natural da freguezia de S. Romão do Corgo, villa de Frexeiro de Basto; filho de Manuel Teixeira da Cunha e Andrade de Carvalho, e de sua mulher D. Luiza Bernarda Teixeira de Carvalho e Sousa; neto pela parte paterna de José Teixeira da Cunha de Carvalho Coutinho, que depois de viuvo se ordenou, e de sua mulher D. Maria de Andrade Meirelles; neto pela parte materna de Manuel Peres Marvão de Carvalho, e de sua mulher D. Maria Angelica Teixeira Machado de Sousa, e por uma longa serie de avós se mostrava ser quarto neto de Francisco Carvalho da Cunha Teixeira, a quem se passou brazão de armas em 4 de janeiro de 1643, com as armas dos Carvalhos, Cunhas, Teixeiras e Coutinhos em reforma

do de seu bisavô Francisco Carvalho Coutinho, que se passou no anno de 1564, tambem em reforma dos de seus antecessores, sendo todos senhores da mesma casa, que o sobredito supplicante conserva.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Teixeiras, no segundo as dos Coutinhos, no terceiro as dos Alvares, e no quarto as dos Carvalhos. — Br. p. a 28 de setembro de 1790. Reg. no Cart. da N., liv. IV, fl. 181.

(C. C.)

449. Bernardo Teixeira Pinto, alferes de cavallaria na guarnição da praça de Chaves, e natural de Villa-real; filho de Sebastiana Teixeira Pinto, e de seu marido Manuel Correa de Carvalho, filho de Diniz Lourenço, e de Isabel de Carvalho; neto de Gonçalo Teixeira Pinto, e de sua mulher D. Maria Taveira; bisneto o mesmo supplicante de Luiz Teixeira Pinto, e de sua mulher D. Magdalena; terceiro neto de Marcos Pinto, e de sua mulher Ignez Dias; quarto neto de Beatriz Teixeira, e de seu marido Ruy Vaz de Meirelles, escudeiro fidalgo, irmã legitima a dita Beatriz Teixeira de Ayres Pinto Ferreira, commendador de Anciães, a quem se passou brazão com as armas dos Teixeiras e Pintos, em 12 de agosto de 1533, e eram ambos filhos de Francisco Pinto, acclamado o *velho*, pessoa nobre d'esta familia.

As armas dos Pintos, Teixeiras, Correas, Taveiras e Meirelles. — Br. p. a 23 de fevereiro de 1752. Reg. no Cart. da N., liv. particular, fl. 34.

(C. C.)

450. Bernardo Telles de Mattos, natural da villa de Souzel, negociante de grosso tracto da praça de Estremoz, e sargento-mór de ordenanças da sagrada religião de Malta; filho do capitão José Telles Xavier de Mattos, e de sua mulher D. Maria Rosa da Conceição; neto paterno de Francisco Xavier Gonçalves, e de sua mulher D. Francisca Maria de Mattos, e materno de Antonio Mendes de Abreu, e de sua mulher D. Guiomar Maria Rita.

Um escudo partido em pala; na primeira as armas dos Telles, e na segunda as dos Mattos. — Br. p. a 22 de maio de 1827. Reg. no Cart. da N., liv. VIII, fl. 202.

(C. C.)

451. Boaventura Gonçalves Roque, fidalgo cavalleiro da casa real, commendador da ordem de Christo, e proprietario; filho de Francisco Gonçalves Roque, e de sua mulher D. Marianna Gonçalves Roque; neto paterno de Domingos Gonçalves, e de sua mulher D. Marianna Gonçalves, e materno de Francisco Gonçalves, e de sua mulher D. Marianna Affonso.

Um escudo com as armas dos Gonçalves. — Br. p. a 19 de fevereiro de 1869. Reg. no Cart. da N., liv. IX, fl. 117.

(C. C.)

452. Boaventura Pedro de Carvalho Prostes, natural de Setubal, cavalleiro fidalgo da casa real, moço da real camara, commendador da ordem de Christo, e cavalleiro da de nossa Senhora da Conceição de Villa-viçosa; filho de Theotonio Pedro de Carvalho, e de sua mulher D. Escolastica Peregrina Soares; neto paterno de Manuel Rodrigues de Carvalho, e de sua mulher D. Anna Maria de Carvalho, e materno de Valentim Estanislau Soares, e de sua mulher D. Josepha da Esperança Soares.

Um escudo partido em pala; na primeira as armas dos Carvalhos, e na segunda as dos Soares. — Br. p. a 26 de abril de 1828. Reg. no Cart. da N., liv. VIII, fl. 225.

(C. C.)

453. Bonifacio Antonio de Moura Curto e Gouvea, da freguezia de Cambres, termo e comarca de Lamego; filho de Antonio de Moura Curto e Gouvea, e de sua mu-

lher D. Maria Bernarda de S. José e Fonseca; neto paterno de Santos de Moura Curto, e de sua mulher D. Luiza Maria de S. José e Gouvea; bisneto pelo mesmo lado de José Rodrigues Curto, e de sua mulher D. Marinha de Moura.

Um escudo partido em pala; na primeira as armas dos Mouras, e na segunda as dos Gouveas. — Br. p. a 14 de agosto de 1804. Reg. no Cart. da N., liv. VII, fl. 93.

(C. C.)

454. Braz Carneiro Leão, professo na ordem de Christo, fidalgo cavalleiro da casa real, coronel do primeiro regimento de milicias da cidade do Rio de Janeiro, negociante de grosso tracto da praça da dita cidade, e natural do bispado do Porto; filho do capitão Manuel Martins Carneiro, e de D. Raphaela Carneiro; neto paterno de João Martins, e de D. Catharina Carneiro, e materno de Francisco Carneiro, e de D. Luiza Barbosa.

Um escudo com as armas dos Carneiros. — Br. p. a 16 de dezembro de 1802. Reg. no Cart. da N., liv. VII, fl. 28.

(C. C.)

455. Braz Correa, morador em Mata-mouros, termo de Badajoz, e natural de Portugal, filho de Tristão Rodrigues Correa, neto de Ruy Vaz de Penaboa, bisneto de Duarte Vaz Correa de Castro, os quaes foram fidalgos e do tronco d'esta geração.

Carta pela qual el-rei D. João III lhe concede o seguinte brazão de seus antecessores: — Escudo de campo fretado de vermelho de grossas cotiças, e por differença uma flor de liz verde, elmo de prata aberto guarnecido de oiro, paquife de oiro e vermelho, e por timbre dois braços armados que saem do elmo com as mãos atadas com uma correia vermelha; com todas as honras e privilegios de fidalgo por descender da geração e linhagem dos Correas. — Dada em Lisboa a 22 de maio de 1542. Reg. na Chanc. de D. João III, liv. XXXII, fl. 48.

456. Braz de Espindola, morador na ilha da Madeira, filho de Leonardo de Espindola, neto de Quirijo de Espindola e de D. Violante Catanha, e bisneto de Quirijo de Espindola e de D. Pereta Catanha, os quaes todos foram fidalgos e do tronco d'esta geração.

Carta pela qual el-rei D. Sebastião lhe concede o seguinte brazão de seus antecessores: — Escudo de campo de oiro e uma faxa enxaquetada de vermelho e prata de tres peças em pala, e em chefe um ramo de espinhas vermelho florido de verde, e por differença uma estrella azul, elmo de prata aberto guarnecido de oiro, paquife de oiro, vermelho e prata, e por timbre o mesmo ramo de espinhas das armas; com todas as honras e privilegios de fidalgo por descender da geração dos Espindolas. — Dada em Almeirim a 29 de janeiro de 1572. Reg. na Chanc. de D. Sebastião, liv. IX, fl. 287 v.

457. Braz Luiz de Freitas Dormond de Aragão (Capitão), natural da ilha da Madeira, filho de Antonio de Aragão e Teive, e de sua mulher D. Marianna Vieira de Sousa; neto paterno de André de Freitas Dormond, e de sua mulher Archangela Cordeiro de Sampaio, filha de Jeronymo Cordeiro de Sampaio, e de sua mulher Simoa de Almeida Pereira; bisneto de Manuel de Freitas Dormond, e de sua mulher Maria de Aragão; terceiro neto de André Affonso Dormond, instituidor da capella de Nossa Senhora da Piedade do convento de S. Bernardino no logar da Camara de Lobos da dita ilha, o qual militou com o dito seu filho na India, e de sua mulher Branca de Atouguia, filha de Antonio de Aragão e Teive, e de sua mulher Helena de Atouguia; quarto neto de Gonçalo de Freitas Dormond, e de sua mulher Beatriz Lopes, filha de Pedro Lopes Teixeira; quinto neto de João Escorcio Dormond, e de sua mulher e sobrinha Guiomar de Lordelho, filha de João de Freitas Correa, fidalgo cavalleiro da casa real, fundador da egreja e collegiada da villa de Santa-Cruz, e de sua mulher Guiomar de Lordelho, filha de Henrique de Lordelho, e de sua mulher e tia Guiomar Escorcio; filha de João Escorcio Dormond, e de sua mulher

Guiomar de Lordelho : e o dito Henrique de Lordelho, filho de João de Lordelho, e de sua mulher Isabel Teixeira, filha de Tristão Vaz Teixeira, primeiro capitão donatario de Machico, e de sua mulher Branca Teixeira : e o dito João de Freitas Correa, filho de Gonçalo de Freitas, monteiro-mór do infante D. Fernando, e de sua mulher Maria de Vao lois; sexto neto pela dita varonia de João Dormond, natural do reino de Escocia, o qual vindo á ilha da Madeira, n'ella casou na villa de Santa-Cruz com Branca Affonso, irmã d primeiro vigario da mesma villa, e foi tronco commum das familias de Escorcios e Dormonds, do qual era filho; quarto neto de João Dormond, senhor de Escobar no dito reino de Escocia, e irmão da rainha Anna Bella, mulher de el-rei Jacob de Escocia, de quem descendem os reis de Inglaterra, e na melhor opinião todos os mais reis e principes da Europa.

As armas dos Dormonds, e Aragões. — Br. p. a 10 de fevereiro de 1751. Reg. no Cart. da N., liv. particular, fl. 11.

(C. C.)

458. Braz Moutinho, fidalgo da casa real, filho de João Moutinho, e neto de Martim Annes Moutinho, ambos fidalgos e do tronco d'esta geração.

Carta pela qual el-rei D. João III lhe concede o seguinte brazão de seus antecessores : — Escudo de campo azul com uma flor de liz entre quatro cabeças de serpe, tambem azues, cortadas em vermelho, duas em chefe e duas no pé; elmo de prata aberto guarnecido de oiro, paquife de oiro e azul, e por timbre uma das cabeças do escudo; com todas as honras e privilegios de fidalgo por descender da geração dos Moutinhos. — Dada em Lisboa a 21 de agosto de 1548. Reg. na Chanc. de D. João III, liv. IV de Privilegios, fl. 211 v.

459. Braz Neto (Doutor), desembargador da Casa da supplicação.

Carta pela qual el-rei D. Manuel lhe concede e a seus descendentes o seguinte brazão de armas dos seus antecessores : — Escudo partido em pala, de vermelho e azul, sobretudo um leão de oiro armado de preto e uma bordadura de oiro com quatro flores de liz de prata perfiladas de azul, e quatro folhas de figueira antecambadas; elmo de prata aberto, paquife de oiro e vermelho, e por timbre o mesmo leão com uma folha de figueira na cabeça; com todas as honras de fidalgo de antiga linhagem, por descender da nobre geração dos Netos de Salamanca, que nos reinos de Castella são fidalgos. — Dada em Lisboa a 12 de setembro de 1515. Reg. na Chanc. de D. Manuel, liv. XI, fl. 124, e liv. VI de Mist., fl. 142.

460. D. Brites Maria Felizarda de Castro, natural da villa de Valença do Minho, arcebispado de Braga, viuva de Luiz de Almeida Moraes, negociante de grosso tracto na praça da cidade do Porto, filha de Luiz de Miranda de Castro, administrador de tabacos, e de sua mulher D. Marianna de Alvim; neta por parte materna de Francisco Gabriel Ferreira de Castro, e de sua mulher D. Clara da Fonseca.

Uma lisonja partida em pala; na primeira um campo de prato liso, e na segunda as armas dos Castros. — Br. p. a 29 de março de 1800. Reg. no Cart. da N., liv. VI, fl. 121 v.

(C. C.)

461. Bruno Antonio Cardoso e Menezes, professo na ordem de Christo, desembargador, e corregedor da cidade do Porto e sua comarca, natural da freguezia de S. Tiago de Arcuzello, filho de Pedro Cardoso e de D. Luiza de Araujo e Menezes, filha de Francisco de Araujo e Menezes e de D. Marianna Alvares Barbosa; neto o supplicante pela sua varonia de Domingos Cardoso de Abreu, e de Seraphina de Barros Portuguez; bisneto de Pedro Cardoso e de Isabel de Abreu; terceiro neto de Manuel Cardoso e de

D. Luiza Pereira; quarto neto de Alvaro Cardoso Borges e de D. Maria Rebello da Fonseca; quinto neto de Fernão Cardoso de Menezes e de D. Anna Borges.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Cardosos, no segundo as dos Menezes, no terceiro as dos Araujos, e no quarto as dos Barros. — Br. p. a 8 de maio de 1775. Reg. no Cart. da N., liv. II, fl. 60.

(C. C.)

462. BRUNO GRANATE CURVO SEMMEDO, natural d'esta cidade de Lisboa, filho de Antonio Felix Curvo Semmedo e de D. Luiza Bernarda Josepha de Faria; neto pela parte paterna de Pedro Joaquim Curvo Semmedo e de D. Maria Josepha Granate, e pela materna de Maria de Faria.

Um escudo partido em pala; na primeira as armas dos Curvos, e na segunda as dos Farias. — Br. p. a 3 de julho de 1784. Reg. no Cart. da N., liv. III, fl. 145.

(C. C.)

C

463. CAETANO DE ABREU SOARES DE NOBOA, morador na villa de Melgaço, filho de Antonio Soares de Noboa, e de sua mulher D. Margarida Gomes de Abreu, irmã do capitão Domingos Gomes de Abreu, professo na ordem de Christo, que tirou brazão com as armas dos Gomes, Abreus, Coelhos, e Novaes no anno de 1701, por ser descendente d'estas familias; neto paterno de João Soares de Noboa, e de sua mulher D. Maria Durães, filha de Sebastião Durães, e de sua mulher Maria Rodrigues de Abreu; bisneto de Filippe Soares, e de sua mulher D. Maria Gonçalves de Noboa; e pela materna neto de Domingues Gomes de Abreu, e de sua mulher D. Francisca Coelho, filha de Gonçalo Affonso Coelho, e de sua mulher Violante de Novaes; bisneto de Domingos de Azureira, e de sua mulher Maria Gomes, filha de Pedro Gonçalves Besteiros, e de sua mulher Cecilia Gomes de Abreu.

As armas dos Soares, Noboas, Abreus, e Novaes; Durães, Coelhos, Azureiras, e Besteiros. — Br. p. em abril de 1751. Reg. no Cart. da N., liv. particular, fl. 15 v.

(C. C.)

464. CAETANO ALBERTO DE SEIXAS, professo na ordem de Christo e primeiro contador da Junta da real fazenda da cidade da Bahia de todos os Santos, natural e baptisado na freguezia de S. Julião d'esta cidade, filho de João Lourenço de Seixas, e de sua mulher Isidora Caetana de Jesus; neto por parte paterna de João Lourenço, e de sua mulher Maria Gonçalves; neto por parte materna de Mathias Jorge, e de sua mulher Francisca de Jesus.

Um escudo com as armas dos Seixas. — Br. p. a 21 de junho de 1802. Reg. no Cart. da N., liv. VI, fl. 208 v.

(C. C.)

465. CAETANO DA COSTA BRANDÃO, natural da cidade da Bahia de todos os Santos, filho de Francisco da Costa Brandão, e de sua mulher D. Leonor Maria do Nascimento e Andrade; neto pela parte paterna de Domingos Francisco, e de D. Isabel João, e pela materna de Pedro Ferreira de Andrade e de D. Ursula Maria de S. José.

Um escudo partido em pala; na primeira as armas dos Costas, e na segunda as dos Brandões. — Br. p. a 26 de outubro de 1773. Reg. no Cart. da N., liv. I, fl. 211 v.

(C. C.)

466. Caetano Diogo Parreiras da Silva Correa Coutinho, cavalleiro professo na ordem de Christo, secretario dos reaes exercitos na provincia do Minho, natural d'esta cidade de Lisboa.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Silvas, no segundo as dos Coutinhos, no terceiro as dos Correas, e no quarto as dos Silvas. — Br. p. a 10 de março de 1769. Reg. no Cart. da N., liv. I, fl. 94.

(C. C.)

467. Caetano Francisco Lumache de Mello Barroso de Albuquerque, cavalleiro professo na ordem de S. Tiago da Espada, cadete do regimento de Lisboa, e proprietario do officio de escrivão da mesa grande da Alfandega da cidade de Pernambuco; filho de Jacome Lumache, capitão do regimento de cavallaria auxiliar da cidade de Pernambuco, e de sua mulher D. Maria da Conceição de Mello Barroso de Albuquerque; neto paterno de Caetano Lumache, que occupou os distinctos logares de conselheiro e de gonfalonier na cidade de Liorne, e de sua mulher D. Catharina Franciali, e materno de Antonio Gonçalves Barroso, de sua mulher D. Maria da Conceição de Mello e Albuquerque.

Um escudo esquartelado; no primeiro e quarto quarteis as armas dos Barrosos, no segundo as dos Mellos, e no terceiro as dos Albuquerques. — Br. p. a 14 de outubro de 1802. Reg. no Cart. da N., liv. VII, fl. 38 v.

(C. C.)

468. Caetano Francisco Sanches, capitão da companhia dos nobres e privilegiados da cidade de Faro e seu termo, morador na dita cidade, filho do capitão Damião Francisco Domingues Grillo, e de sua mulher D. Feliciana Maria Sanches; neto por parte materna do capitão Manuel Sanches Maia, e de sua mulher D. Apollonia Rita Domingues; bisneto por parte paterna do tenente Antonio Rodrigues Grillo, e de sua mulher D. Jacinta Sanches Maia; bisneto por parte materna do capitão Francisco Lima da Silva, o de sua mulher D. Antonia da Silveira Grillo.

Um escudo, e n'elle as armas dos Sanches. — Br. p. a 25 de outubro de 1799. Reg. no Cart. da N., liv. VI, fl, 104.

(C. C.)

469. Caetano Gomes da Costa, cavalleiro professo na ordem de Christo, capitão tenente de mar e guerra da armada da corôa no estado da India, natural da praça de Damão do mesmo estado; filho de João Gomes da Costa, capitão de mar e guerra, e chefe da marinha da cidade de Goa, e de sua mulher D. Josepha Maria Caetana de Freitas; neto pela parte paterna de Manuel Gomes da Costa, e pela materna de José Brandão de Sousa, que muitos annos foi almoxarife da praça de Diu.

Um escudo esquartelado; no primeiro e quarto quarteis as armas dos Gomes, no segundo as dos Costas, e no terceiro as dos Freitas. — Br. p. a 4 de janeiro de 1781. Reg. no Cart. da N., liv. II, fl. 257.

(C. C.)

470. Caetano José de Almeida (Capitão), natural da villa de S. João d'El-Rei do rio das Mortes, bispado de Marianna; filho de Manuel Gomes de Villas-boas, e de D. Ignacia Quiteria de Almeida e Gama; neto por parte paterna de Antonio Villas-boas, e de D. Domingas Gomes; neto por parte materna do capitão Luiz de Almeida Ramos, e de D. Helena Josepha da Gama; sendo o supplicante irmão germano de D. Anna Joaquina de

Almeida e Gama, mãe de Manuel Jacinto Nogueira da Gama, professo na ordem de S. Bento de Aviz, capitão de fragata da real armada, e lente da real Academia da marinha, a quem se passou brazão de armas com as dos appellidos de Nogueiras e Gamas, a 28 de agosto de 1798.

Um escudo partido em pala; na primeira as dos Villas-boas, na segunda as dos Gamas. — Br. p. a 2 de fevereiro de 1799. Reg. no Cart. da N., liv. VI, fl. 64.

(C. C.)

471. CAETANO JOSÉ DOS SANTOS FERREIRA, commerciante de grosso tracto da praça do Porto; filho do capitão João dos Santos Ferreira, e de D. Isabel Francisca; neto pela parte paterna do sargento-mór Domingos Francisco dos Santos Ferreira, e de D. Isabel João Mariz Sarmento; neto pela parte materna do ajudante de auxiliares João Francisco de Sousa, e de D. Maria Francisca; bisneto por parte paterna do capitão-mór que foi de Ilhavo, João Gonçalves Ferreira, e de D. Maria Francisca de Almeida; bisneto pela parte materna de Antonio Francisco de Sousa, e de D. Catharina Ferreira.

Um escudo partido em pala; na primeira as armas dos Sousas, na segunda as dos Ferreiras. — Br. p. a 22 de outubro de 1796. Reg. no Cart. da N., liv. V, fl. 149.

(C. C.)

472. CAETANO MANUEL DE MAGALHÃES COUTINHO AZEVEDO PINTO MACEDO E VASCONCELLOS, natural da quinta do Pereiro-novo, da villa e concelho de S. Martinho de Mouros, comarca de Lamego; filho de Manuel de Magalhães Coutinho, e de D. Feliciana Maria de Vasconcellos; neto pela parte paterna de Manuel Cardoso Pinto, e de sua mulher D. Maria de Magalhães Pinto Macedo, e pela materna de Gaspar Teixeira Cabral e Vasconcellos, e de sua mulher D. Leonor Monteiro da Rocha.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Coutinhos, no segundo as dos Pintos, no terceiro as dos Magalhães, e no quarto as dos Teixeiras. — Br. p. a 31 de agosto de 1769. Reg. no Cart. da N., liv. I, fl. 109 v.

(C. C.)

473. CAETANO MANUEL DE SOUSA MESQUITA COELHO PINTO PEREIRA, natural da quinta da Soalheira, freguezia de S. José de Godim, comarca de Sobre-Tamega, bispado do Porto; filho de Domingos de Sousa Diniz, familiar do Santo Officio do numero, e de sua mulher D. Joanna Thereza de Mesquita Coelho Pinto Pereira; neto pela parte paterna de Alexandre de Sousa, e de sua mulher D. Luiza Diniz; neto pela parte materna de Manuel Rodrigues Coelho, e de sua mulher D. Maria de Mesquita Pinto Pereira.

Um escudo esquartelado; no primeiro e quarto quarteis as armas dos Sousas, no segundo as dos Coelhos, e no terceiro as dos Mesquitas. — Br. p. a 20 de julho de 1791. Reg. no Cart. da N., liv. IV, 223 v.

(C. C.)

474. CAETANO MAURICIO MACHADO, cavalleiro professo na ordem de Christo, sargento-mór de infanteria com exercicio de ajudante de ordens do governo da cidade da Bahia de todos os Santos; filho de Francisco Machado de Lobão, ajudante da praça de Arronches, e de sua mulher D. Joaquina Thereza da Cunha; neto pela parte paterna de Luiz Machado, sargento-mór do regimento de dragões da praça de Chaves, criado particular do senhor rei D. Pedro, e de D. Maria Thereza da Cunha; bisneto de Antonio Machado de Aguirre, e de D. Anna de Lobão; terceiro neto de Miguel Rodrigues Machado, e pela materna neto de Feliciano José da Cunha, e de sua mulher D. Thereza Lina Caetana; bisneto de Manuel Soares da Cunha, e de sua mulher D. Joanna Theodora de Loredo; terceiro neto de Antonio da Costa Guedes, e de sua mulher D. Maria da Encarnação.

Um escudo esquartelado ; no primeiro quartel as armas dos Machados, no segundo as dos Cunhas, no terceiro as dos Soares, e no quarto as dos Costas. — Br. p. a 3 de agôsto de 1776. Reg. no Cart. da N., liv. II, fl. 105.

(C. C.)

475. CAETANO DE OLIVEIRA DA MATTA, cavalleiro professo na ordem de Christo, filho de José de Oliveira da Matta, alferes de uma companhia da ordenança d'ella, e familiar do Santo Officio; irmão do reverendo Manuel de Oliveira da Matta, conego na santa Sé de Lisboa, e de sua mulher D. Luiza de Pontes da Rocha, irmã inteira de D. Francisca Antonia da Rocha, mulher de Feliciano Velho de Oldemberg, fidalgo da casa real, secretario da ordem de Christo, na Mesa da Consciencia e ordens, filhas ambas de Silvestre Gonçalves da Rocha, que foi capitão de mar e guerra n'este reino, e de sua mulher D. Luiza Dias de Pontes; netas de Domingos Gonçalves da Rocha, e de sua mulher D. Francisca Antonia de Sousa; bisnetas de Sebastião Gonçalves da Rocha, e de sua mulher Anna Gonçalves Cirne; terceiras netas de Belchior Alvares Villarinho da Rocha, e de sua mulher Catharina Soares, que viveram na sua quinta de S. Mamede de Perafita, no termo da cidade do Porto; quartas netas de Balthazar Gonçalves da Rocha Villarinho, e de sua mulher, que foram moradores na villa de Vianna do Lima; quintas netas de Diogo da Rocha Villarinho, e de sua mulher D. Catharina Soares: o qual Diogo da Rocha era irmão terceiro de Rodrigo da Rocha Villarinho, que foi pessoa de grande auctoridade na villa de Vianna, muito rico e senhor das terras da banda do mar de Afife, junto da mesma villa: jaz sepultado na sua collegiada em sepultura alta e nobre, onde tem gravadas as armas da familia dos Rochas: casou illustremente na familia dos Peixotos, e foi bisavô do padre Peixoto, da companhia de Jesus, qualificador do Santo Officio, do reverendo Domingos Ribeiro Cirne, prior da collegiada de Santarem, deputado da Mesa da Consciencia, conservador das ordens militares, e arcipreste da Sé de Braga, e de Manuel Peixoto Cirne, fidalgo da casa real, administrador do morgado de Caparica, e das casas da costa do Castello, annexas a elle, em que hoje vive seu parente Sebastião Pereira de Castro, do real conselho, e do geral do Santo Officio, commissario geral da Bulla da Santa Cruzada, desembargador do Paço, e ambos eram filhos de Duarte Alvares Villarinho, que os nobiliarios dizem ser um dos bons cavalleiros da sua linhagem, que viveu com grande nobreza, e de sua mulher D. Ignez da Rocha; netos paternos de Rodrigo Alvares Villarinho, senhor da torre de villa de Martins, e da torre de Villa-bôa, do termo de Monção, e padroeiro de Sampayo de Seguede, onde jaz sepultado com as armas dos Villarinhos, e de sua mulher D. Constança Soares Pereira, filha do Pedro Soares, senhor do castello de Tangil, e de sua mulher D. Senhorinha Gomes do Lago; e pela materna de D. Affonso da Rocha, senhor do Ameichedo, filho de D. João da Rocha, commendatario de S. Salvador da Torre; e neto de D. Gomes da Rocha, commendatario do convento de Pombeiro, e bisneto do cavalheiro Martins da Rocha, que serviu n'este reino ao senhor rei D. Affonso III, o qual em remuneração dos seus serviços lhe deu o senhorio da villa de Torres-novas; e este cavalheiro de quem se procedem todos os Rochas em Portugal, era irlandez, e descendente dos antigos condes de Kinsalhe; neto de João de Oliveira da Matta, natural da villa de Torres-vedras, e morador n'esta cidade, onde se tratou nobremente, e de sua mulher D. Josepha Maria da Silva, filha de Antonio Dias da Silva, e de sua mulher Maria Cardoso, pessoas honradas, e christãs velhas; bisneto de Maria da Matta, e de seu marido Francisco de Oliveira, natural da Lourinhã, e morador em Torres-vedras, onde viveu nobremente, e occupou os empregos honrosos da republica, o qual se entende ser dos Oliveiras de Torres-novas, e que serviram a ex.ma casa de Aveiro no emprego de estribeiros-mores, e tiveram commendas, e alcaidarias-mores; terceiro neto de João da Matta, que foi pessoa muito nobre, que viveu na villa de Torres-novas, e de sua mulher Catharina Vicente; quarto neto de outro João da Matta, e de sua mulher Catharina Fernandes; quinto neto de Manuel da Matta, irmão de outro João da Matta, que foram ambos cavalleiros de cotta

de armas, e vivia ainda no anno de 1570; sexto neto de Gaspar Nunes da Matta, que viveu nobremente na villa da Certã, sempre continuadamente com cavallos na estrebaria, e era dos principaes da mesma villa, onde foi varias vezes juiz, vereador da camara, irmão nobre da misericordia, e escrivão da mesa da mesma irmandade; emprego para que eram só eleitas as pessoas da primeira distincção; e de sua mulher Maria Fernandes, mulher nobre, e bem aparentada, como consta de um instrumento de justificação de nobreza que fez seu filho Lopo da Matta, irmão mais velho dos ditos Manuel, e João da Matta, nomeados, em que se prova que seus paes e avós eram todos de nobreza mui qualificada, e aparentados com fidalgos, e que este Gaspar Nunes da Matta, seu pae, era primo co-irmão de D. Frey Gonçalo Pimenta, grão-prior do Crato, e fidalgo de grande estimação n'este reino; setimo neto de Nuno Gonçalves da Matta, que viveu na villa da Certã, onde foi juiz, e vereador, e se tratou sempre com criados, e cavallos, como pessoa principal que era, e de sua mulher D. Mexia Froes, filha de D. Frey Lourenço Froes, commendador da ordem de S. João de Malta; neta de Estevão Gonçalves Froes, bisneta de Gonçalo Gonçalves Froes, administrador da capella de D. Garcia, e de sua mulher Leonor Vasques; terceira neta de Gonçalo Annes Froes, administrador da mesma capella, em que succedeu a seu irmão Estevão Annes Froes, conego na Sé de Lisboa; quarta neta de Joanna Annes Froes, irmã de D. Garcia Froes, instituidora da capella referida, que foi muito rica, e mãe do conde de Barcellos D. Pedro, que o houve do senhor rei D. Diniz; quinta neta de João Froes, que viveu na villa de Torres-vedras, e de sua mulher Catharina Domingues, filha de Domingos Gonçalves Franco, neta de Gonçalo Annes Franco, senhor e alcaide-mór da villa de Atouguia; sexta neta de D. Rodrigo Froes, senhor das villas de Fundão e Felgueiras, de metade da ribeira de Varga de Areias, e de varias fazendas, e de sua mulher D. Chama; setima neta de Martim Froes, que era irmão de Alvaro Froes, pae de D. João Froes, bispo de Bezançon, em Borgonha, e cardeal da santa egreja romana do titulo de Santa Sabina, e legado apostolico do papa Gregorio IX, e irmão tambem de outro D. João Froes, quinto prior-mór do convento de Santa Cruz de Coimbra; e finalmente oitava neta de D. Froile Paes, que foi senhor das villas de Maiorga e Alhadas, no campo de Coimbra, em tempo do conde D. Henrique, pae do primeiro rei de Portugal, e de sua mulher D. Godinha Cidiz; oitavo neto de Gonçalo Annes da Matta, e de sua mulher D. Mecia Telles, filha de Nuno Telles; nono neto de João Gonçalves da Matta, de cuja mulher ignoramos o nome, os paes, e a familia; decimo neto de Gonçalo Gomes da Matta, que foi alcaide-mór do castello de Celorico de Basto, por mercê do senhor rei D. Fernando, feita a 20 de fevereiro de 1405 da era de Cesar, que corresponde ao anno de 1377 do nascimento de Christo; undecimo neto de Gomes Fernandes da Matta, que foi a primeira pessoa d'este appellido, e de sua mulher D. Maria Annes de Sandim, filha de João Fernandes de Sandim, e de sua mulher D. Leonor Rodrigues; neta paterna de D. Fernando Paes de Riba de Vizella, que era da illustre familia dos Mellos, e de sua mulher D. Urraca Esteves da Cunha, e pela materna de Rodrigo Alvello, que era um fidalgo da preclara linhagem dos Vasconcellos, e de sua mulher D. Mafalda Affonso, que era bisneta do conde D. Mendo de Sousa, alcaide-mór de Lisboa, e um dos maiores senhores do reino, porque era bisneto do santo rei D. Affonso Henriques, que foi o primeiro rei de Portugal, como se vê no nobiliario do conde D. Pedro de Barcellos.

As armas dos Oliveiras, Mattas, Rochas, e Villarinhos. — Br. p. a 20 de fevereiro de 1754. Reg. no Cart. da N., liv. particular, fl. 70.

(C. C.)

476. Caetano Pereira Bravo de Vasconcellos Osorio, da quinta da Povoa, freguezia de Poyaes, concelho de Sanfins, filho de José Carlos Pereira Bravo, e de sua mulher D. Marianna Leonarda de Sousa Carneiro de Azevedo; bisneto de José Soares Pereira Bravo, e de sua mulher D. Helena Soares Pinto da Cunha; terceiro neto de Thomé Bravo Pereira, e de sua mulher D. Catharina Mendes de Vasconcellos; quarto neto de Gil

Pereira Pinto, primeiro instituidor da casa da Povoa, o qual era filho de Diogo Alvares Pereira, capitão-mór que foi do dito concelho, a quem se passou brazão com as armas dos Pereiras em 1543, e por ser filho de Alvaro Pereira de Vasconcellos Osorio, dos legitimos Pereiras d'este reino, e pela dita sua avó D. Marianna Leonarda de Sousa Carneiro de Azevedo, que era bisneto de Gaspar Vieira de Sousa, juiz dos orphãos do concelho de Bem-viver, e de sua mulher D. Marinha de Sequeira de Azevedo; terceiro neto de Francisco Ferraz de Azevedo.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Pereiras, no segundo as dos Bravos, no terceiro as dos Vasconcellos, e no quarto as dos Osorios. — Br. p. a 7 de fevereiro de 1778. Reg. no Cart. da N., liv. II, fl. 141.

(C. C.)

477. Camillo da Silva e Vasconcellos, capitão reformado do regimento de cavallaria n.º 2, da divisão do sul, natural da villa de Moura; filho de Verissimo da Silva e Vasconcellos, e de D. Rosa Maria de Jesus; neto paterno de Manuel da Silva e Vasconcellos, e de D. Antonia Thereza Monteiro, e materno de João Rodrigues Gago, e de D. Domingas Rodrigues Correa.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Silvas, no segundo as dos Vasconcellos, no terceiro as dos Monteiros, e no quarto as dos Rodrigues. — Br. p. a 4 de agosto de 1813. Reg. no Cart. da N., liv. VII, fl. 277.

(C. C.)

478. Candido Antonio da Silva Carvalho, natural da freguezia de S. João Baptista do Lumiar, termo d'esta cidade de Lisboa, cavalleiro fidalgo da casa real, e commandante do primeiro batalhão da legião nacional do Campo de Sant'Anna; filho de João Antonio da Silva Carvalho, cidadão da cidade de Lisboa, cavalleiro fidalgo da casa real, e capitão-mór das ordenanças da terceira capitania-mór do primeiro districto de Lisboa e termo oriental, a quem se passou brazão de armas a 2 de maio de 1795, e de sua mulher D. Maria Isabel Nogueira da Silva; neto paterno de Antonio Vicente da Silva, familiar do Santo Officio, cavalleiro fidalgo da casa real, e de sua mulher D. Michaela Caetana de Carvalho; bisneto de Francisco da Silva, cavalleiro fidalgo da casa real, e de sua mulher D. Apollonia Maria; terceiro neto de Sebastião Pires da Silva, cavalleiro fidalgo da casa real, e de sua mulher D. Catharina Dias; sendo o dito seu terceiro avô Sebastião Pires da Silva, irmão inteiro de Fernando Alvares da Silva Leite, tenente coronel de cavallaria; bisneto egualmente por parte de sua referida avô D. Michaela Caetana de Carvalho, de José Maria de Carvalho, e de sua mulher D. Maria Thereza; terceiro neto por este mesmo lado de Estevão Fernandes, e de sua mulher D. Francisca de Carvalho, irmã de D. Fr. Fabião dos Reis, bispo de Cabo-verde; neto materno do doutor Francisco Nogueira, e de sua mulher D. Michaela Archangela Martins; bisneto do sargento-mór Gabriel Nogueira, cavalleiro da ordem de Christo, e de sua mulher D. Maria Gomes; bisneto egualmente por sua referida avó D. Michaela Archangela Martins, do bacharel Manuel Martins, e de sua mulher D. Maria do Cabo.

Um escudo esquartelado; no primeiro e quarto quarteis as armas dos Silvas, no segundo as dos Carvalhos, e no terceiro as dos Nogueiras. — Br. p. a 3 de março de 1828. Reg. no Cart. da N., liv. VIII, fl. 221.

(C. C.)

479. Carlos Antonio Ferreira Monte, cavalleiro professo da ordem de Christo, sargento-mór de cavallaria, aggregado á primeira plana da côrte, mestre da real picaria e superintendente das caudelarias do termo da cidade de Lisboa; filho de Manuel Ferreira Monte, tenente de cavallaria dos regimentos do Caes e Alcantara, e de sua mulher D. Maria do Ó de Sousa; neto pela parte paterna de Gaspar Simões; e de sua mulher

D. Josepha Pereira; elle filho de Thomé Simões, e de sua mulher D. Isabel João; e ella filha de Manuel Ferreira, e de sua mulher D. Isabel Correa; e pela parte materna neto de Luiz Dias, e de D. Luiza de Sousa.

Um escudo com as armas dos Ferreiras. — Br. p. a 13 de fevereiro de 1789. Reg. no Cart. da N., liv. IV, fl. 97 v.

(C. C.)

480. Carlos Augusto de Mascarenhas Relvas de Campos, natural da villa da Gollegã, fidalgo cavalleiro da casa real e commendador da ordem de nossa Senhora da Conceição de Villa-viçosa; filho de José Farinha Relvas de Campos, proprietario, e de sua mulher D. Clementina Amalia Mascarenhas Pimenta; neto paterno de Manuel Ferreira Relvas, proprietario, e de sua mulher D. Maria Antonia Relvas; e materno de José de Mascarenhas Leitão, e de sua mulher D. Barbara Benedicta Leitão.

Um escudo partido em pala; na primeira as armas dos Campos, e na segunda as dos Leitões. — Br. p. a 14 de setembro de 1855. Reg. no Cart. da N., liv. IX, fl. 4.

(C. C.)

481. Carlos José Felix da Costa e Sousa, natural e cidadão d'esta cidade; filho de Domingos da Costa Fortunato, professo na ordem de Christo, e cidadão d'esta cidade, e de sua mulher D. Isabel Jacinta de Sousa; neto pela parte paterna de Francisco da Costa, e de sua mulher Maria da Luz; filha de José Rodrigues da Costa, capitão de granadeiros do segundo regimento de infanteria da armada real; neto pela parte materna de Chrisogno de Freitas Sousa e Araujo, e de sua mulher D. Magdalena de Sousa, filha de Luiz Beltrão de Sousa, fidalgo cavalleiro da casa real, e sobrinho de Carlos de Sousa Pessanha, sargento-mór de infanteria, primo da mãe do supplicante.

Um escudo partido em pala; na primeira as armas dos Sousas, e na segunda as dos Costas. — Br. p. a 11 de outubro de 1794. Reg. no Cart. da N., liv. V, fl. 34 v.

(C. C.)

482. Carlos de Magalhães de Menezes Jacome de Sousa, filho de Gregorio Carlos de Magalhães e Menezes, e de D. Marianna Luiza de Villas-boas Jacome da Sousa; neto paterno de Carlos de Magalhães e Menezes, e de sua mulher D. Theresa Josepha da Silva e Vasconcellos; e materno de Francisco Jacome de Sousa, e de sua mulher D. Ignacia Theresa de Villas-boas.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Magalhães, no segundo as dos Menezes, no terceiro as dos Jacomes, e no quarto as dos Sousas. — Br. p. a 12 de julho de 1816. Reg. no Cart. da N., liv. VII, fl. 349.

(C. C.)

483. Carlos Mathias Pereira, natural de Lisboa, e commendador da ordem de Christo, e de nossa Senhora da Conceição de Villa-viçosa; filho do capitão Mathias José da Silva Pereira, cavalheiro da ordem de Christo, e de sua mulher e prima D. Thereza Angelica de Jesus Pereira; neto paterno de Mathias José da Silva Pereira, e de D. Maria Barbara Pereira; bisneto de José Antonio Pereira, e de D. Anna de Jesus Pereira; neto materno de João Henriques Pereira Farto e Tavora, e de D. Maria Umbelina Pereira Tavora; bisneto de Manuel dos Santos Pereira Tavora, e de sua mulher D. Anna de Jesus Maria Tavora.

Um escudo esquartelado; no primeiro e quarto quarteis as armas dos Pereiras, no segundo as dos Silvas, e no terceiro as dos Henriques. — Br. p. a 16 de julho de 1828. Reg. no Cart. da N., liv. VIII, fl. 232.

(C. C.)

484. D. Carlota Joaquina Freire, filha de Manuel Gomes Gaspar, sargento-mór das ordenanças da villa de Santarem, a quem Sua Magestade fez a mercê do habito da ordem de Christo, e a quem se passou brazão de armas a 12 de outubro de 1802; e de sua segunda prima e mulher D. Rita Marianna Giralda Freire, neta paterna de José Nunes Rodrigues, e de sua mulher D. Maria de Jesus Freire; bisneta de Bento de Azevedo, e de sua mulher D. Maria Duarte; neta materna de Manuel Marques Neves, tenente coronel de milicias da cidade de Tavira, reino do Algarve, e de sua mulher D. Theresa de Jesus Freire.

Uma lisonja partida em pala; a primeira de prata lisa, e a segunda com armas dos Freires.—Br. p. a 14 de outubro de 1802. Reg. no Cart. da N., liv. VII, fl. 34.

(C. C.)

485. D. Carolina Vicencia de Carvalho Prostes, casada com Joaquim Elyseu da Fonseca Rosado, fidalgo cavalleiro da casa real, cavalleiro da ordem de Cristo, vice-presidente da Camara municipal da villa de Estremoz, a quem se passou brazão de armas a 26 de outubro de 1862; filha de Henrique Jeronymo de Carvalho Prostes, cavalleiro fidalgo da casa real, moço supranumerario da real camara, cavalleiro das ordens de Christo, e de nossa Senhora da Conceição de Villa-viçosa, official de primeira classe da repartição de contabilidade do ministerio da guerra, chefe de secção reformado com a graduação de tenente coronel addido ao primeiro batalhão de veteranos; e de sua mulher D. Maria Barbara da Conceição Prostes, neta paterna de Boaventura Pedro de Carvalho Prostes, cavalleiro fidalgo da casa real, moço fidalgo da real camara, commendador da ordem de Christo, cavalleiro da ordem da Conceição de Villa-viçosa, a quem se passou brazão de armas a 26 de abril da 1828; e de sua mulher D. Maria Euphrasia Ferreira: neta materna de João Pedro Soares, e de sua mulher D. Maria Justina.

Uma lisonja partida em palas; na primeira as armas de seu marido que são do appellido de Fonsecas, na segunda as da familia de seu pae, que são partidas em palla, na primeira as armas dos Carvalhos, e na segunda as dos Soares—Br. p. a 24 de abril de de 1865. Reg. no Cart. da N., liv. IX, fl. 80.

(C. C.)

486. Charles Henriques, fidalgo da casa real, camareiro que foi do infante D. Fernando; filho de Duarte Vaz de Freitas, e neto de Gil Vaz de Freitas; bisneto de Pedro Vaz de Freitas, os quaes todos foram fidalgos e da geração d'esta linhagem.

Carta pela qual el-rei D. João III lhe concede o seguinte brazão de seus antecessores:—Escudo de campo vermelho, com cinco estrellas de oiro em aspa, e por differença uma flor de liz de prata, elmo de prata aberto guarnecido de oiro, paquife de oiro e vermelho, e por timbre um leão vermelho com uma das estrellas na espadoa; com todas as honras e privilegios de fidalgo por descender da geração e linhagem dos Freitas.—Dada em Lisboa a 15 de março de 1542. Reg. na Chanc. de D. João III, liv. XXXII fl. 39.

487. Christovão de Alpoem, morador em a villa de Vianna de foz de Lima; filho de João Martins de Alpoem, e de Isabel Gomes de Freitas; neto de João Collaço de Faria e de Mecia Gomes de Freitas; bisneto de João Gomes de Freitas, que foi fidalgo muito honrado e do tronco da geração dos Freitas.

Carta pela qual el-rei D. João III lhe concede o seguinte brazão de seus antecessores. Escudo de campo esquartelado, o primeiro e quarto de azul com uma lua de prata e uma bordadura de vermelho, o segundo de vermelho e uma torre de prata com as portas e frestas, e lavrada de preto entre cinco flores de liz de prata, tres em chefe e duas nas ilhargas, e o terceiro de vermelho e cinco estrellas de oiro, em aspa, e por differença um trifolio de prata na primeira ponta do escudo; elmo de prata aberto, guarnecido de

oiro, paquife de oiro, vermelho, prata e azul, e por timbre um *adem* de sua côr com os pés vermelhos e o bico de oiro; com todas as honras e privilegios de nobre e fidalgo por descender da geração e linhagem dos Alpoens, Farias e Freitas. — Dada em Evora a 30 de outubro de 1536. Reg. na Chanc. de D. João III, liv. XXIII, fl. 14.

488. CHRISTOVÃO DE ANDRADE, criado do marquez de Villa-real, morador em Almeida.

Carta pela qual el-rei D. João III lhe concede o seguinte brazão de seus antecessores. Escudo de campo esquartelado; o primeiro dos Andrades de verde com uma banda vermelha, perfilada de oiro entre duas cabeças de serpe de oiro; o segundo dos Britos, de vermelho com nove lisonjas de prata em tres palas, e em cada lisonja um leão de purpura, e por differença uma lua vermelha sobre a cabeça da serpe; elmo de prata aberto, paquife de oiro e verde, e por timbre dois pescoços de serpe, de oiro, com os rostos um contra o outro; com todas as honras e privilegios de fidalgo por descender da geração e linhagem dos Andrades por parte de seu pae, e dos Britos por parte de sua mãe. — Dada em Lisboa a 11 de junho de 1529. Reg. na Chanc. de D. João III, liv. XVII, fl. 139.

489. CHRISTOVÃO DE AZEVEDO E VASCONCELLOS, mestre de campo dos auxiliares, e morador nos Rios de Senna, estado de Moçambique; filho de Martinho Mendes e Vasconcellos, natural da cidade de Elvas, d'onde passou a servir na India, onde foi tenente coronel, e general dos Rios de Senna, e de sua mulher D. Anna Pereira de Gusmão; neto de Christovão de Azevedo e Vasconcellos, capitão de cavallos na guerra da liga; bisneto de Martim Mendes de Vasconcellos, moço fidalgo e capitão de infanteria; terceiro neto de Luiz Mendes de Vasconcellos, que teve o mesmo foro, e foi capitão de cavallos na guerra da acclamação, e governador na ilha de S. Miguel; quarto neto de André de Azevedo e Vasconcellos; quinto neto de Luiz Mendes de Vasconcellos; sexto neto de Andre de Azevedo e Vasconcellos; setimo neto de Luiz Mendes de Vasconcellos, filho do mestre da ordem de S. Tiago no reinado do senhor rei D. João I, chamado tambem Mem Rodrigues de Vasconcellos, tronco d'esta illustre familia.

Um escudo partido em pala; na primeira as armas dos Vasconcellos, e na segunda as dos Azevedos. — Br. p. a 19 de março de 1788. Reg. no Cart. da N., liv. IV, fl. 51.
(C. C.)

490. CHRISTOVÃO BORGES DE CHAVES, filho de Duarte Borges, natural do Porto, fidalgo, neto de Pedro Borges, que foi fidalgo muito honrado e do tronco d'esta geração dos Borges, sobrinho de Pedro Borges, veador de D. João II; outro sim filho de Senhorinha Dias de Chaves, neto de Isabel de Chaves, bisneto de Lopo Gonçalves de Chaves, que foi pae de D. Alvaro de Chaves, bispo da Guarda, e irmão do cardeal D. Antão de Chaves.

Carta pela qual el-rei D. João III lhe concede o seguinte brazão de seus antecessores. Escudo de campo esquartelado; o primeiro de vermelho com um leão de oiro e uma bordadura azul semeada de flores de liz de oiro, o segundo de vermelho com cinco chaves de oiro grandes, em aspa, e por differença um crescente de prata; elmo de prata aberto guarnecido de oiro, paquife de oiro, azul e vermelho, e por timbre um meio leão de oiro com uma das flores de liz sobre a cabeça: com todas as honras e privilegios de fidalgo, por descender da geração e linhagem dos Borges e dos Chaves. — Dada em Lisboa a 13 de maio de 1539. Reg. na Chanc. de D. João III, liv. XXVII, fl. 47:

471. CHRISTOVÃO CARREIRO DE VASCONCELLOS, natural de Lisboa; filho de Manuel Carreiro e de Joanna Rodrigues Valente; neto paterno de Francisco Carreiro, e Alda Rodrigues Salema; e bisneto de Catharina Carreira, e de Christina Gil Salema; neto materno de João Rodrigues Ribeiro, e Leanor Valente; e bisneto de Fernão Valente, e Isabel Gonçalves Ribeiro, que foram fidalgos e do tronco d'estas gerações.

Carta pela qual el-rei D. Sebastião lhe concede o seguinte brazão de seus antecessores: — Escudo de campo esquartelado; o primeiro dos Carreiros, de campo de prata e uma banda azul com um leão de oiro entre dois pinheiros de verde, floridos de oiro, o contrario dos Salemas de verde e um castello de oiro, coberto com portas, frestas, e lavrado de preto, e uma bordadura azul com sete peixes salemas de prata, e o segundo dos Ribeiros de campo esquartelado, o primeiro de Aragão que é de oiro com quatro palas vermelhas, o segundo dos Vasconcellos, de preto e tres faxas veiradas e contraveiradas de vermelho e prata, e assim os contrarios, o contrario dos Valentes, de vermelho, e um leão de oiro rompente com tres faxas azues amalinhadas, e por differença uma merleta azul; elmo de prata aberto guarnecido de oiro, azul, prata e vermelho, e por timbre um leão de oiro com um ramo de pinheiro nas mãos; com todas as honras e privilegios de fidalgo, por descender das ditas gerações. — Dada em Lisboa a 25 de outubro de 1568. Reg. na Chanc. de D. Sebastião, liv. VIII, fl. 200 v.

492. Christovão Homem de Figueiredo e Magalhães (Capitão), filho de Pedro Homem de Figueiredo, e de sua mulher D. Rosa Eugenia Clara; neto pela parte paterna de Manuel Homem de Figueiredo e Magalhães, e de Rosalia de Figueiredo; e bisneto de Pedro Homem de Figueiredo Magalhães; e pela materna neto de Manuel da Fonseca Pestana, e de D. Isabel Manuel, moradores que foram na villa de Ilhavo, comarca de Aveiro.

Um escudo esquartelado; no primeiro e quarto quarteis as armas das familias Homens, no segundo as dos Figueiredos, e no terceiro as dos Magalhães. — Br. p. a 13 de março de 1779. Reg. no Cart. da N., liv. II, fl. 186 v.

(C. C.)

493. Christovão Dias de Gouvea, morador em Lisboa; filho de João Affonso de Figueiredo, que era do tronco d'esta linhagem, e de Maria Gonçalves de Gouvea; neto de Gonçalo Dias de Gouvea, que foi do tronco d'esta linhagem.

Carta pela qual el-rei D. João III lhe concede o seguinte brazão de seus antecessores: — Escudo de campo esquartelado; o primeiro de vermelho com cinco folhas de figueira perfiladas e guarnecidas de oiro, em aspa; o segundo meio partido em palas, a primeira de vermelho com seis besantes de prata entre uma dobre cruz e bordadura de oiro, a segunda de prata com seis *torteux* de azul, em duas palas, e por differença uma merleta de oiro; elmo de prata aberto guarnecido de oiro, paquife de oiro e vermelho, e por timbre uma aguia vermelha besantada de prata; com todas as honras e privilegios de fidalgo, por descender das linhagens dos Figueiredos e Gouveas. — Dada em Lisboa a 17 de maio de 1530. Reg. na Chanc. de D. João III, liv. LII, fl. 86.

494. Christovão Esteves de Espargosa, licenciado, conselheiro e desembargador do Paço.

Carta pela qual el-rei D. João III o fez fidalgo de cota d'armas, lhe concedeu e a seus descendentes o seguinte brazão: — Escudo de campo azul e n'elle um castello de prata, guarnecido de preto com portas verdes fechadas, e um leão de oiro com a mão nas ditas portas; elmo de prata aberto guarnecido de oiro, e por timbre o mesmo castello com um ramo de purgueira de oiro florido, na torre de menagem; attendendo aos seus muitos merecimentos. — Dada em Evora a 3 de novembro de 1533. (M. N.) Reg. na Chanc. de D. João III, liv. XLVI fl. 104.

495. Christovão da Fonseca, cavalleiro da ordem de Christo.

Carta pela qual el-rei D. João III lhe concede o seguinte brazão de armas: — Escudo de campo de oiro com cinco estrellas vermelhas em aspa, e por differença uma flor de liz de prata em uma brica azul; elmo de prata aberto guarnecido de oiro, paquife de oiro e vermelho, e por timbre um meio toiro vermelho com uma estrella de oiro na testa;

com todas as honras e privilegios de fidalgo por descender da nobre geração dos Affonsecas. — Dada em Lisboa a 12 de setembro de 1528. Reg. na Chanc. de D. João III, liv. XI, fl. 116 v.

496. CHRISTOVÃO JOSÉ FRANCO BRAVO, cavalleiro professo na ordem de Christo, moço da real camara, e natural d'esta cidade de Lisboa, aonde é procurador da Cidade; filho de José Franco Bravo, professo na ordem de Christo, natural da freguezia de Santo Quintino, termo d'esta cidade, e neto de Christovão Franco Bravo, cavalleiro da ordem de Christo, natural de Cascaes.

Um escudo partido em pala; na primeira as armas dos Francos, e na segunda as dos Bravos. — Br. p. a 25 de setembro de 1769. Reg. no Cart. da N., liv. I, fl. 112.

(C. C.)

497. CHRISTOVÃO LEITÃO, cavalleiro fidalgo da casa real, coronel e capitão de alabardeiros.

Carta pelo qual el-rei D. João III o armou cavalleiro e lhe concedeu e a seus descendentes o seguinte brazão de armas: — Escudo esquartelado; o primeiro e o quarto de campo vermelho com uma torre de prata cheia de setas de oiro e duas bandeiras de prata e na cabeça um sino azul, com janellas de preto; o terceiro de vermelho com duas bombardas da sua cor sobre dois caretoes de oiro, e o contrario de prata com tres faxas de vermelho; elmo de prata aberto guarnecido de oiro, paquife de oiro e vermelho, e por timbre a mesma torre das armas; com todas as honras e privilegios de fidalgo pelos serviços pelo mesmo prestados contra os moiros, sendo mandado n'uma armada sobre Azamor e depois sobre Arzila. — Dada em Lisboa a 30 de junho de 1528 [1]. (M. N.) Reg. na Chanc. de D. João III, liv. XI, fl. 81.

498. CHRISTOVÃO LOBO, natural de Olivença, filho de Ruy Lobo, neto de João Lobo, que foi fidalgo muito honrado e do tronco da geração dos Lobos, bem assim era filho de Leonor de Ilhoa, neto de João Gonçalves de Goes da geração dos de Goes.

Carta pela qual el-rei D. João III lhe concede o seguinte brazão de armas de seus antecessores: — Escudo de campo esquartelado; o primeiro de prata com cinco lobos de preto em aspa com as linguas e unhas vermelhas; o seguudo de azul com seis *cadenos* de crescentes de prata em duas palas, e por differença uma flor de liz vermelha, elmo de prata aberto guarnecido de oiro, paquife de prata, vermelho e azul, e por timbre um dos lobos; com todas as honras e privilegios de nobre fidalgo por descender da geração dos Lobos e Goes. — Dada em Evora a 23 de junho de 1535. Reg. na Chanc. de D. João III, liv. XXII, fl. 50.

499. CHRISTOVÃO PINTO DE PAIM, morador na cidade de Lisboa, filho de Ruy Lopes Paim, neto de Isabel Paim, bisneto de Valentim Paim, fidalgo, quarto neto de *Chonaly* Paim, fidalgo da casa de el-rei D. João I, que veiu de Inglaterra com a rainha D. Filippa de Alencastro.

Carta pela qual el-rei D. João III lhe concede o seguinte brazão de seus antecessores: — Escudo de campo franchado de prata e preto, e um leão antrecambado do mesmo com a lingua e unhas vermelhas, e por differença meia brica de oiro, elmo de prata aberto guarnecido de oiro, paquife de prata e preto, e por timbre o mesmo leão; com todas as honras e privilegios de fidalgo por descender da geração dos Pains. — Reg. na Chanc. de D. João III, liv. XLV, fl. 19 v.

[1] Existe outra carta de brazão dada ao mesmo em Evora a 21 de abril de 1524. Reg. na Chanc. de D. João III, liv. II, fl. 78 v., que faz alguma differença d'esta.

500. CHRISTOVÃO RANGEL, natural de Britiande, ao pé de Lamego, filho de Pedro Rangel, neto de Pedro Affonso Rangel, e bisneto de Ayres Gomes Rangel, que foram fidalgos e do verdadeiro tronco d'esta geração.

Carta pela qual el-rei D. João III lhe concede o seguinte brazão de seus antecessores : — Escudo de campo azul com uma flor de liz de prata e uma bordadura de oiro com sete romãs de sua cor; elmo de prata aberto, paquife de oiro, azul e prata, e por timbre um escudinho azul com a flor de liz de prata; com todas as honras e privilegios de fidalgo por descender da geração e linhagem dos Rangeis. — Dada em Lisboa a 2 de outubro de 1540. Reg. na Chanc. de D. João III, liv. L, fl. 214.

501. CHRYSOSTOMO DIAS DE GOUVEA, morador em Lisboa, filho de João Affonso de Figueiredo e de Maria Gonçalves de Gouvea, e neto de Gonçalo Dias de Gouvea.

Carta pela qual el-rei D. João III lhe concede o seguinte brazão de seus antecessores : — Escudo de campo esquartelado; o primeiro vermelho com cinco folhas de figueira perfilhadas e guarnecidas de oiro, em aspa; o segundo meio partido em pala; a primeira vermelha com seis besantes de prata entre uma dobre cruz e bordadura de oiro; a segunda de prata com seis alveloas azues em seis palas, e por differença uma merleta de oiro; elmo de prata aberto guarnecido de oiro, paquife de oiro e vermelho, e por timbre uma aguia vermelha besantada de preto; com todas as honras e privilegios de fidalgo por descender das gerações e linhagens dos Figueiredos e dos Gouveas. — Dada em Lisboa a 17 de maio de 1530. Reg. na Chanc. de D. João III, liv. LII, fl. 86.

502. CLAUDIO JOSÉ BARRADAS NETO, natural da aldea de Vayamonte, termo da villa de Monforte, casado com D. Francisca Joaquina Rosa de Almeida; filho de Joaquim Ferreira Neto, e de sua mulher D. Archangela Michaela; neto pela parte paterna de Francisco Fernandes Neto, e de sua mulher D. Domingas Antunes, e pela materna de Manuel Lopes, e de sua mulher D. Isabel Maria, dita filha de João Barradas, e de sua mulher D. Anna Gonçalves, e neto de Francisco Barradas, e de sua mulher D. Maria Ayres.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Ferreiras, no segundo as dos Netos, no terceiro as dos Barradas, e no quarto as dos Ayres. — Br. p. a 1 de fevereiro de 1790. Reg. no Cart. da N., liv. IV, fl. 143 v.

(C. C.)

503. CLAUDIO JOSÉ PEREIRA DA SILVA, cavalleiro professo na ordem de Christo, familiar do Santo Officio, natural e morador na cidade do Rio de Janeiro, filho de José Pereira da Silva, cavalleiro professo na ordem de Christo, familiar do Santo Officio, fidalgo de cotta de armas, por carta de brazão d'ellas, que se lhe passou em 11 de janeiro de 1729, e de sua mulher D. Maria Bernarda Pacheco; neto pela parte paterna de Antonio Pereira da Silva, e de sua mulher D. Anna Maria dos Martyres, filha de Antonio João, e de Maria Vaz Pereira; bisneto de Domingos Manuel, e de D. Antonia Pereira; terceiro neto de outro Domingos Manuel, e de Anna da Silva.

Um escudo esquartelado; no primeiro e quarto quarteis as armas dos Pereiras, no segundo as dos Silvas, no terceiro as dos Manueis. — Br. p. a 21 de julho de 1774. Reg. no Cart. da N., liv. II, fl. 25 v.

(C. C.)

504. CLEMENTE DA CUNHA DE ATAYDE BARAHONA, natural da cidade de Lisboa, filho de José da Cunha de Atayde Barahona, e de sua mulher D. Faustina Rosa da Conceição; neto pela parte paterna de Luiz da Cunha de Atayde Barahona, e de sua mulher Maria Magdalena Cabral de Avellar, e pela materna de Vicente Rodrigues Monteiro, e de sua mulher D. Antonia d'Assumpção.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Barahonas, no segundo

as dos Cunhas, no terceiro as dos Ataydes, e no quarto as dos Monteiros. — Br. p. a 13 de fevereiro de 1787. Reg. no Cart. da N., liv. III, fl. 260 v.

(C. C.)

505. Clemente Henriques da Fonseca Pimentel, natural da cidade de Beja, filho legitimo de Jeronymo Pimentel da Fonseca, e de D. Anna Maria Henriques; neto pela parte paterna de Fernando da Fonseca Chaves, e D. Maria; bisneto de Jeronymo Pimentel da Fonseca, e D. Catharina Pimentel, e tambem do capitão Luiz Gago Valente, e pela materna neto de Sebastião Dias da Silva, e D. Maria Henriques.

Um escudo partido em pala; na primeira as armas dos Pimenteis, e na segunda as dos Chaves. — Br. p. a 17 de agosto de 1767. Reg. no Cart. da N., liv. I, fl. 56.

(C. C.)

506. Cleto Marcellino Camello de Magalhães e Sousa, filho de Dionysio Gonçalves de Magalhães, familiar do Santo Officio, e de sua mulher Rosalia Camello de Sousa; neto paterno de Antonio Gonçalves, e de sua mulher Anna Pires; neto materno de Lourenço Pires Ribeiro, e de sua mulher Maria Camello de Sousa, elle filho de Domingos Pires da Costa, que foi tres vezes juiz em Basto, e de sua mulher Catharina Gonçalves, e ella filha de Pedro Garcez, e de sua mulher Maria Camello de Sousa; todos quatro bisavós do supplicante, e por esta parte terceiro neto de João Gaspar Camello, e de sua mulher Isabel Gaspar; quarto neto de Balthazar Gaspar, irmão de Domingos Gaspar, capitão-mór que foi do concelho da Louzada; quinto neto do licenciado Antonio Camello, e de sua mulher Isabel Martins; sexto neto de Nuno Vaz Correa, e de sua mulher Beatriz Camello Vieira; setimo neto de João Camello de Brito, o qual foi da casa de Bayão casar á de Villela, que está no concelho de Santa-Cruz de Riba-Tamega, comarca de Guimarães, com Beatriz Vieira, filha do escudeiro Lopo Dias, e de sua mulher Maria Vieira, oitavos avós do supplicante.

As armas dos Sousas, Camellos, e Britos. — Br. p. a 13 de setembro de 1754. Reg. no Cart. da N., liv. particular fl. 80.

(C. C.)

507. Cogombreiro da Costa, morador na ilha de S. Miguel, filho de Affonso Eannes Cogombreiro da Costa; neto de Rodrigo Eannes Cogombreiro da Costa, que foi fidalgo muito honrado e do tronco da geração dos Costas.

Carta pela qual el-rei D. João III lhe concede o seguinte brazão de seus antecessores: — Escudo de campo vermelho com seis costas de prata em faxa em duas palas, e por differença um trifolio de oiro; elmo de prata aberto guarnecido de oiro, paquife de prata e vermelho, e por timbre duas costas das armas em aspa; com todas as honras e privilegios de fidalgo, por descender da nobre geração dos Costas. — Dada em Evora a 2 de dezembro de 1536. Reg. na Chanc. de D. João III, liv. XXII, fl. 129.

508. Constantino Antonio do Valle Pereira Cabral, bacharel formado em direito, fidalgo cavalleiro da casa real, e commendador da ordem de Christo, filho de Constantino Antonio do Valle, e de sua mulher D. Francisca Thomazia do Sacramento Pereira Cabral; neto paterno de José Alves do Valle, e de sua mulher D. Maria da Purificação, e materno de Manuel José Pereira Cabral, e de sua mulher D. Maria Rosa das Neves Madeira.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Valles, no segundo as dos Pereiras, no terceiro as dos Cabraes, e no quarto as dos Madeiras — Br. p. a 3 de de abril de 1859. Reg. no Cart. da N., liv. VII, fl. 30.

(C. C.)

509. Constantino de Sá Felgueiras Benevides (Bacharel), natural da villa de Barcellos, e juiz de fóra da cidade de Braga; filho de Fructuoso de Sá Felgueiras, e de D. Anna Maria de Almeida; neto pela parte paterna de Manuel da Silva Felgueiras, e de D. Maria Cerqueira de Sá; e pela materna de Gaspar de Almeida Benevides.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Sás, no segundo as dos Felgueiras, no terceiro as dos Almeidas, e no quarto as dos Cerqueiras. — Br. p. a 15 de abril de 1791. Reg. no Cart. da N., liv. iv, fl. 209 v.

(C. C.)

510. Cosme Damião da Costa Medeiros, presbytero do habito de S. Pedro, natural de Villa-rica, capitania de Minas-geraes; filho de Manuel da Costa Sousa de Medeiros, e de D. Ignacia da Costa; neto pela parte paterna de Manuel da Costa Medeiros e Albuquerque, e de D. Antonia de Faria; e pela materna do sargento-mór Pantaleão da Costa de Antas, e de D. Marianna de Jesus Lane.

Um escudo ovado e partido em pala; na primeira as armas dos Albuquerques, e na segunda as dos Medeiros. — Br. p. a 30 de agosto de 1788. Reg. no Cart. da N., liv. iv, fl. 68 v.

(C. C.)

511. Crispim Xavier de Faria e Aguiar, professo na ordem de Christo, cavalleiro fidalgo da casa real; filho de Innocencio de Faria e Aguiar, tambem professo na ordem de Christo, cavalleiro fidalgo da casa real, e official maior do Conselho da real fazenda, e de sua mulher D. Francisca Xavier de Faria; neto pela parte paterna de José de Faria, escudeiro fidalgo da casa real, e de sua mulher D. Andreza Maria de Aguiar; e pela parte materna de Francisco Xavier de Faria, thesoureiro que foi do real rendimento da Obra Pia, e de sua mulher D. Joanna Maria Moreira.

Um escudo partido em pala; na primeira as armas dos Farias, e na segunda as dos Aguiares. — Br. p. a 27 de outubro de 1786. Reg. no Cart. da N., liv. iii, fl. 245.

(C. C.)

512. Custodio Antonio de Moura Alverez de Magalhães Machado (Bacharel), juiz de fóra da villa de Azurara da Beira, actualmente provido no logar de ouvidor da comarca de Linhares, natural da casa e quinta de Arosa de Gandarela, freguezia de S. Clemente, termo da villa de Basto, comarca de Guimarães; filho de David de Oliveira Ribeiro de Moura, e de sua mulher D. Antonia Quiteria Alverez de Araujo Magalhães Machado, da dita casa e quinta; neto pela parte paterna de João Ribeiro de Oliveira, e de D. Sabina de Moura; e pela materna de Antonio Machado, e de sua mulher D. Thereza Maria Alverez de Araujo Magalhães; bisneto de Francisco Alverez de Araujo, e de sua mulher D. Benta de Macedo; terceiro neto de outro Francisco Alverez de Araujo, capitão-mór da villa e concelho de Basto, e de sua mulher D. Maria de Magalhães.

Uu escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Oliveiras, no segundo as dos Mouras, no terceiro as dos Machados, e no quarto as dos Magalhães. — Br. p. a 7 de novembro de 1782. Reg. no Cart. da N., liv. iii, fl. 76.

(C. C.)

513. Custodio Fernando Gil (Doutor), provisor e vigario geral que foi da cidade de Macau, natural da villa de Candosa, comarca da cidade de Viseu; filho de Manuel Fernandes Gil, e de sua mulher Maria Jorge; neto pela parte paterna de outro Manuel Fernandes Gil, e de sua mulher Luiza Nunes; e pela materna neto de Belchior Rodrigues, e de sua mulher Maria Jorge.

Um escudo ovado com as armas da familia de Gil. — Br. p. a 18 de junho de 1776. Reg. no Cart. da N., liv. ii, fl. 101.

(C. C.)

514. Custodio José Camello de Magalhães e Sousa, da freguezia de S. Nicolau, concelho de Cabeceiras de Basto; filho de Manuel Gonçalves, e de sua mulher D. Maria Camello de Magalhães e Sousa; neto pela parte paterna de João Gonçalves, e de sua mulher D. Domingas Alves; e sua mãe D. Maria Camello de Magalhães e Sousa era irmã legitima de Anacleto Marcellino Camello de Magalhães e Sousa, a quem se passou brazão de armas; ambos filhos legitimos de Dionysio Gonçalves de Magalhães, e de sua mulher D. Rosaria Camello de Sousa.

Um escudo partido em pala; na primeira as armas dos Sousas, e na segunda as dos Magalhães. — Br. p. a 11 de dezembro de 1784. Reg. no Cart. da N., liv. iii, fl. 181.

(C. C.)

515. Custodio José de Carvalho e Sousa Borges Pinto Medeiros de Gouvea e Frias, morador na villa de Mangualde, filho de D. Josepha de Carvalho e Sousa Borges, e de seu marido Manuel da Costa Marim; neto de Antonio Cerqueira de Carvalho Borges, senhor da quinta de Reymonde, concelho de Mesão-frio, e de sua mulher D. Catharina de Gouvea, filha de João do Valle Frias e de sua mulher D. Francisca Vaz de Gouvea; bisneto de D. Maria Pinto, e de seu marido Antonio de Barros Reymonde; terceiro neto de D. Apollonia de Carvalho, e de seu marido Domingos de Medeiros Pinto o Velho, filho de Antonio de Medeiros Pinto, e de Maria Pinto, da casa de Cermenha; quarto neto de Francisco Borges de Cerqueira, e de sua mulher Isabel de Carvalho, filha de Belchior Monteiro, e de sua mulher D. Apollonia de Carvalho; quinto neto de Belchior Borges de Sousa de Louzada, professo na ordem de Sant'Iago, e de sua mulher D. Felicita Cerqueira Moniz, filha de Francisco de Cerqueira Moniz; sexto neto de Gaspar Borges de Sousa, e de sua mulher e parenta D. Thereza Gomes Rebello, filha de João de Louzada de Ledesma; setimo neto de Antonio Borges de Sousa, e de sua mulher D. Antonia Pereira de Mello; oitavo neto de João Rodrigues Borges, alcaide-mór de Santarem, senhor de Mouta-santa, e da casa de Alva, e de sua mulher D. Leonor de Castro, filha de Diogo Affonso de Castro; nono neto de Ruy Borges, senhor da villa de Alva, alcaide-mór de Santarem, e outras terras, e de sua mulher D. Antonia Telles de Menezes, irmã de Diogo Lopes de Sousa, filhos ambos do mestre da ordem de Christo, D. Lopo Dias de Sousa, senhor de Mafra, e de D. Maria Ribeiro.

As armas dos Pintos, Sousas, Borges e Carvalhos. — Br. p. a 6 de abril de 1753. Reg. no Cart. da N., liv. particular, fl. 54 v.

(C. C.)

516. Custodio José da Cunha Osorio, da freguezia de Paço de Sousa, filho de Manuel da Cunha Osorio, e de Maria de Jesus Moreira; neto pela parte paterna do doutor Mattheus Dias, e de D. Maria de Araujo, esta filha legitima de Miguel de Araujo, e de Escolastica Osorio, filha legitima de Pedro da Cunha Coutinho; neto de Jeronymo Osorio Coutinho, filho legitimo de D. João Osorio Coutinho, commendatario do mosteiro de Paço Sousa, fidalgo de geração, e cotta de armas.

Um escudo esquartelado; no primeiro e quarto quarteis as armas dos Cunhas, no segundo as dos Osorios, e no terceiro as dos Coutinhos. — Br. p. a 9 de setembro de 1783. Reg. no Cart. da N., liv. iii, fl. 102 v.

(C. C.)

517. Custodio José Soares de Pinho da Silva Gomes, natural e morador na sua quinta de Macinhata de Seissa, termo da villa de Oliveira de Azemeis; filho de Antonio Soares de Pinho, e de sua mulher D. Rosa Euphrasia da Silva Gomes; neto paterno de Manuel Gil Soares, e de sua mulher D. Maria de Pinho, e materno de Manuel da Silva, e de sua mulher D. Isabel Gomes.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Soares, no segundo as

dos Pinhos, no terceiro as dos Silvas, e no quarto as dos Gomes. — Br. p. a 14 de agosto de 1805. Reg. no Cart. da N., liv. VII, fl. 94.

(C. C.)

518. Custodio José de Sousa de Carvalho, natural do logar de Villela, termo da cidade de Viseu, filho de Rodrigo de Sousa de Carvalho, e de sua mulher D. Michaela de S. Bento; neto paterno de José de Carvalho, sargento-mór do termo da cidade de Lamego, e de sua mulher D. Maria Francisca Vidigal; bisneto de Miguel de Carvalho e Sousa, e quarto neto de Amador Pinto Rebello de Sousa, morgado da antiquissima casa da Rede, fidalgo da casa real, e que por todos estes illustres ascendentes era o supplicante legitimo descendente das nobres familias dos appellidos de Sousas e Carvalhos d'este reino.

Um escudo partido em pala; na primeira as armas dos Sousas, e na segunda as dos Carvalhos. — Br. p. a 25 de agosto de 1788. Reg. no Cart. da N., liv. IV, fl. 67.

(C. C.)

519. Custodio Luiz Ribeiro de Queiroz e Vasconcellos, filho do capitão Rodrigo Pinto de Queiroz, e de sua mulher D. Marianna Ribeiro Bernarda da Fonseca; neto pela parte paterna do capitão José de Castro Peixoto, e de D. Joanna de Queiroz, filha de Ruy Mendes de Vasconcellos e Queiroz, e de Maria Martins; e bisneto de Lourenço Gonçalves, e de Margarida de Castro; e pela parte materna neto de Thomé Ribeiro, e de Catharina Ribeiro, filha de Estevão Ribeiro e de Maria Dias; bisneto de Francisco Ribeiro, e de Domingas Ribeiro.

Um escudo partido em pala; na primeira as armas dos Queirozes, na segunda as dos Ribeiros. — Br. p. a 16 de fevereiro de 1780. Reg. no Cart. da N., liv. II, fl. 227 v.

(C. C.)

520. Custodio Vieira de Seixas.

Teve brazão de suas armas em 5 de dezembro de 1750. V. seu irmão *Antonio de Seixas Pinto.*

521. Cypriano Lopes da Fonseca Galvão (Conego), natural da capitania de Pernambuco, filho do capitão de infanteria Cypriano Lopes da Fonseca Galvão, e de sua mulher D. Maria de Vasconcellos Viveiros; neto pela parte paterna de Manuel da Fonseca Jayme, capitão-mór e governador que foi da capitania do Ceará-grande, e de sua mulher D. Maria de Proença; bisneto de Manuel Lopes Galvão, mestre de campo do regimento da cidade de Olinda, e um dos restauradores d'aquella capitania, na expulsão dos hollandezes, em cuja guerra serviu com o posto de capitão de infanteria; e pela materna neto do capitão João Nunes Baião, e de sua mulher D. Felicia de Vasconcellos.

Um escudo ovado e esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Galvões, que são partidas em pala, no segundo as dos Fonsecas, no terceiro as dos Vasconcellos, e no quarto as dos Viveiros. — Br. p. a 28 de abril de 1768. Reg. no Cart. da N., liv. I, fl. 75 v.

(C. C.)

522. Cypriano Ribeiro Freire, fidalgo da casa real, cavalleiro da ordem de S. Tiago da Espada, official da Secretaria de estado dos Negocios estrangeiros e da guerra, secretario encarregado dos negocios na côrte de Londres, filho de Antonio Ribeiro Freire, natural da freguezia de S. João da Cova, arcebispado de Braga, e de D. Thereza Maria Rosa; neto pela parte paterna de João Ribeiro, e de D. Josepha Ribeiro; bisneto de Thomé Ribeiro, e de D. Catharina Freire; e pela materna neto de Antonio Velho, e de D. Maria Ribeiro.

Um escudo partido em pala; na primeira as armas dos Ribeiros, e na segunda as dos Freires. — Br. p. a 26 de agosto de 1788. Reg. no Cart. da N., liv. IV, fl. 65 v.

(C. C.)

D

523. Damião de Araujo Pimentel (Doutor), conego prebendado da Sé de Braga, filho de André Martins da Rocha, e de Maria de Araujo; neto paterno de Diogo Martins, e Ignez da Rocha; bisneto de Martinho Gonçalves, e de Maria Pimentel; trineto de João Pimentel Pereira, fidalgo da casa real, e de D. Joanna da Rocha; e quarto neto de D. Gomes da Rocha, commendatario que foi de Pombeiro; neto materno do licenceado Bartholomeu Affonso (que era irmão do doutor Gonçalo Affonso, conego da Sé de Braga), e de Martha Fernandes de Araujo; bisneto de Fernão Velho de Araujo, e de Maria Fernandes: e o dito Bartholomeu Affonso foi filho de Affonso Annes, e de Isabel Carvalho, os quaes todos foram muito nobres.

Carta pela qual el-rei D. João IV lhe concede o seguinte brazão de seus antecessores: — Escudo esquartelado; o primeiro dos Pimenteis que é esquartelado; o primeiro e o quarto de oiro com tres faxas sanguineas; o segundo e o terceiro verdes com cinco vieiras de prata, em santer, riscadas de preto e uma orla de prata com oito aspas vermelhas; o segundo dos Araujos, de prata, com uma aspa azul e cinco alveloas de oiro, e assim os contrarios, e por differença uma flor de liz azul, e em logar de timbre um chapão preto com o ferro e cordões do mesmo deitados por ambos os lados, cercando o escudo e servindo de paquife; com todas as honras e privilegios de nobre fidalgo por descender das gerações dos Pimenteis e Araujos. — Dada em Lisboa a 20 de maio de 1649. Reg. na Chanc. de D. João IV, liv. III, fl. 352.

524. Damião de Goes, fidalgo da casa real.

Carta pela qual el-rei D. Sebastião lhe concede e a seus descendentes o seguinte brazão de seus antecessores: — Escudo de campo azul com cinco cadernas de crescentes de prata, em aspa; elmo de prata aberto guarnecido de oiro, paquife de prata e azul, e por timbre um meio leão de prata armado de oiro, com um coronel do mesmo entre duas azas de azul sobre as quaes estão as mesmas cadernas das armas semeadas; com todas as honras e privilegios de fidalgo pelos seus serviços, e por descender da geração dos de Goes. — Dada em Lisboa a 15 de agosto de 1567. Reg. na Chanc. de D. Sebastião, liv. VI, fl. 252.

525. Damião Nogueira, da cidade do Porto, filho de Manuel Francisco, e de Maria Nogueira; neto paterno de Antonio Francisco, e de sua mulher Maria da Cunha; neto materno de Damião Domingues, e de sua mulher Cecilia Nogueira.

As armas dos Cunhas e Nogueiras. — Br. p. a 30 de janeiro de 1751. Reg. no Cart. da N., liv. particular, fl. 27 v.

(C. C.)

526. Damião Pereira, morador na villa de Ponte de Lima.

Carta pela qual el-rei D. João III lhe concede o seguinte brazão de seus antecessores: — Escudo de campo vermelho com uma cruz de prata vasia e florida, cheia do primeiro, e por differença uma brica de oiro; elmo de prata aberto guarnecido de oiro, paquife de prata e vermelho, e por timbre a mesma cruz entre duas azas de prata; com todas as honras e privilegios de fidalgo por descender da geração e linhagem dos Pereiras, por parte de sua mãe e avós. — Dada em Lisboa a 21 de outubro de 1532. Reg. na Chanc. de D. João III, liv. XVIII, fl. 113 v.

527. **Daniel Botelho de Mesquita Pimentel**, morador na sua quinta do logar de Paços, termo de Villa-real; filho de Pedro de Niza Pimentel, e de sua mulher Jacinta Botelho de Abreu Castel-branco; neto paterno de Jeronymo de Mesquita Pimentel, e de sua mulher D. Juliana Correa de Mesquita; bisneto de Mauricio de Mesquita Pimentel, e de sua mulher Anna Antonia de Carvalho; terceiro neto de Antonio Borges de Mesquita Pimentel, e de sua mulher Maria Borges de Mesquita : neto materno de Vicente de Abreu Castel-branco, e de sua mulher Isabel Botelho.

As armas dos Mesquitas, e dos Pimenteis. — Br. p. a 18 de junho de 1761. Reg. no Cart. da N., liv. particular, fl. 129.

(C. C.)

528. **Daniel Botelho de Sampaio Sousa e Araujo**, natural da villa de Setubal, filho do capitão de mar e guerra Daniel Sirgado Victorio, e de sua mulher D. Margarida Botelho Sampaio Sousa e Araujo; neto paterno de Paschoal Sirgado de Figueiredo, e de D. Isabel Marques de Araujo; neto materno de Christovão de Araujo e Mendonça, e de D. Maria da Costa Camara; bisneto de outro Christovão de Araujo, e de D. Maria Furtado de Mendonça, e de Isabel Ferreira, que foi casada com Manuel Botelho de Sousa, cavalleiro fidalgo da casa real, filho de Francisco Nunes Botelho, tambem cavalleiro fidalgo.

As armas dos Sousas, Araujos, Botelhos, e Sampaios. — Br. p. a 17 de maio de 1752. Reg. no Cart. da N., liv. particular, fl. 36.

(C. C.)

529. **Daniel José Dias de Castro Pereira**, natural da cidade de Bragança, filho de Gabriel Dias Mendes, e de sua mulher D. Josepha Maria de Castro; neto paterno de Antonio Dias Pereira, e de sua mulher D. Anna Luiza; e materno de Antonio de S. Tiago Pereira do Lago; bisneto de Manuel de São; terceiro neto de João de Castro.

Um escudo esquartelado; no primeiro e quarto quarteis as armas dos Dias, no segundo as dos Castros, e no terceiro as dos Pereiras. — Br. p. a 16 de fevereiro de 1828. Reg. no Cart. da N., liv. viii, fl. 217 v.

(C. C.)

530. **David Bandeira de Mello**, da villa de Monte-argil, filho de João Soares Freire Galhardo, a quem se passou brazão de armas a 20 de junho de 1757, e de sua mulher D. Theodora Ludovina Barbara de Freitas e Macedo; neto paterno de Manoel Soares Freire, e de sua mulher D. Anna Antonia de Vasconcellos, e materno do bacharel José Paulo de Macedo Themudo, e de D. Margarida Rosa de Freitas e Macedo.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Galhardos, no segundo as dos Soares, no terceiro as dos Bandeiras, e no quarto as dos Mellos. — Br. p. a 19 de outubro de 1815. Reg. no Cart. da N., liv. vii, fl. 324.

(C. C.)

531. **Diniz de Samuel** (Barão), official da ordem da Rosa, do imperio do Brazil, subdito britannico.

Um escudo esquartelado, com as armas que lhe foram concedidas por alvará de 22 de agosto de 1856. (M. N.) — Br. p. a 20 de outubro de 1856. Reg. no Cart. da N., liv. ix, fl. 11 v. V. no I. H. *Samuel.*

(C. C.)

532. **Diogo de Abreu**, natural de Valença do Minho, filho de Ignez Affonso de Abreu; seus avós foram fidalgos e do tronco d'esta geração.

Carta pela qual el-rei D. João iii lhe concede o seguinte brazão de armas de seus antecessores : — Escudo de campo vermelho com cinco cotos de azas de oiro, em aspa,

e por differença uma dobre brica de prata e azul; elmo de prata aberto guarnecido de oiro, paquife de oiro e vermelho, e por timbre um dos cotos das armas; com todas as honras e privilegios de fidalgo por descender da geração e linhagem dos Abreus.—Dada em Evora a 12 de dezembro de 1535. Reg. na Chanc. de D. João III, liv. XXII, fl. 148 v.

533. DIOGO ALFARO, licenceado, physico e cirurgião do Hospital de todos os Santos, em Lisboa, filho do doutor Fernando de Alfaro, neto de João de Alfaro, natural de Aragão, que foi fidalgo muito honrado e do tronco d'esta geração.

Carta pela qual el-rei D. João III lhe concede o seguinte brazão de seus antecessores: — Escudo de campo vermelho e tres pescoços e cabeças de serpe de prata atados com uma corda de oiro, uma das cabeças olhando para a direita, outra para a esquerda, e a outra para cima; elmo de prata aberto guarnecido de oiro, paquife de oiro, prata e vermelho, e por timbre os tres pescoços com as cabeças saindo do elmo; com todas as honras e privilegios de fidalgo por descender da geração e linhagem dos Alfaros.—Dada em Evora a 14 de outubro de 1535. Reg. na Chanc. de D. João III, liv. XLVII, fl. 26.

534. DIOGO DE AFFONSECA, cavalleiro fidalgo da casa real, morador na Alhandra, filho de Gaspar da Fonseca, neto de Diogo da Fonseca, bisneto de Affonso Vaz da Fonseca, fidalgo muito honrado e alcaide-mór de Marialva, e de Moreira, e de Sabugal, e foi do tronco d'esta geração.

Carta pela qual el-rei D. João III lhe concede o seguinte brazão de seus antecessores: — Escudo de campo de oiro e cinco estrellas de vermelho de sete pontas, em aspa, e por differença uma flor de liz verde; elmo de prata aberto guarnecido de oiro, paquife de oiro e vermelho, e por timbre meio touro vermelho com uma estrella de oiro na testa e os paus de prata; com todas as honras e privilegios de fidalgo por descender da geração dos Fonsecas.—Dada em Lisboa a 4 de julho de 1547. Reg. na Chanc. de D. João III, liv. XXIX, fl. 40.

535. DIOGO ALVARES PEREIRA, filho de Alvaro Pereira; neto de Pedro Gonçalves Monteiro; bisneto de Martim Pereira, que foi fidalgo muito honrado e nobre, e do verdadeiro tronco d'esta geração.

Carta pela qual el-rei D. João III lhe concede o seguinte brazão de seus antecessores: Escudo de campo vermelho e uma cruz de prata florida e vazia do primeiro, e por differença um trifolio de oiro picado de verde; elmo de prata aberto guarnecido de oiro, paquife de prata e vermelho, e por timbre a mesma cruz entre duas azas de oiro; com todas as honras e privilegios de fidalgo, por descender da geração dos Pereiras.—Dada em Lisboa a 11 de outubro de 1543. Reg. na Chanc. de D. João III, liv. XXVIII, fl. 55 v.

536. DIOGO DE ANDRADE, cavalleiro da casa real.

Carta pela qual el-rei D. João III lhe concede o seguinte brazão de seus antecessores: — Escudo de campo verde e n'elle uma banda vermelha perfilada e semeada de duas cabeças de serpe de oiro, e por differença um flor de liz de prata; elmo de prata aberto, paquife de verde e oiro, e por timbre um pescoço com duas cabeças de serpe de oiro; com todas as honras de nobre fidalgo, por descender da geração e linhagem dos Andrades.—Dada em Lisboa a 12 de agosto de 1522. Reg. na Chanc. de D. João III, liv. I, fl. 46.

537. DIOGO DE AZAMBUJA, cavalleiro da ordem de Aviz, conselheiro, commendador da Cabeça da Vide, Rio-maior, Montados de Pedroso, alcaide-mór na villa de Monsaraz, assim nas guerras passadas como no fazimento do castello de S. Jorge, que é nas partes de Guiné.

Carta pela qual el-rei D. João II lhe concede licença para poder metter no escudo

de suas armas um castello, além das outras armas que já tem [1], pelos serviços por elle prestados. — Dada em Beja a 17 de março de 1485. (M. N.) Reg. na Chanc. de D. João II, liv. III de Mist., fl. 241.

538. DIOGO DE BARCELLOS MACHADO, morador na ilha Terceira.

Carta pela qual el-rei D. João III lhe concede o seguinte brazão de seus antecessores : — Escudo de campo vermelho e cinco machados de prata com os cabos de oiro, em aspa, e por differença um brica de prata; elmo de prata aberto guarnecido de oiro, paquife de oiro, prata e vermelho, e por timbre dois machados das armas em aspa; com todas as honras e privilegios de fidalgo por descender da geração e linhagem dos Machados, por parte de sua mãe e avós. — Dada em Evora a 20 de novembro de 1533. Reg. na Chanc. de D. João III, liv. XLVI, fl. 89.

539. DIOGO BARRADAS (Doutor), filho de Luiz Barradas.

Carta pela qual el-rei D. João III lhe concede o seguinte brazão de seus antecessores: — Escudo de campo de azul com uma cruz de prata fechada e em cada um dos quatro cantos do escudo cinco vieiras vermelhas riscadas de oiro, em aspa, e por differença uma estrella de oiro; elmo de prata aberto guarnecido de oiro, paquife de prata e azul, e por timbre uma aspa de oiro esgalhada com as cinco vieiras das armas penduradas n'ella; com todas as honras e privilegios de fidalgo por descender da geração e linhagem dos Barradas. — Dada em Lisboa a 8 de julho de 1532. Reg. na Chanc. de D. João III, liv. XVIII, fl. 105.

540. DIOGO BARRADAS JUZARTE (Doutor), natural e morador na villa de Monforte, comarca de Villa-viçosa; filho de Pedro Barradas Pesqueira, natural e capitão-mór da villa de Monforte, e de sua mulher Maria Juzarte da Silva; neto paterno de Manuel Barradas Pesqueira, e de sua mulher Maria Delicada Tavares; bisneto de Pedro Barradas Pesqueira, e de sua mulher Catharina Mendes, filha de Pedro Mendes Barradas, e de sua mulher Filippa da Costa Mures; neto materno de Miguel Barradas Juzarte, e de sua mulher Maria Juzarte da Silva : o qual Miguel Barradas Juzarte, filho de Brites Juzarte da Costa, e de seu primeiro marido Francisco Barradas Montozo; e da dita Brites Juzarte da Costa, e de seu segundo marido Manuel Rodrigues Alemão, filho do doutor Rodrigues Juzarte, a quem se passou brazão com as armas d'esta familia dos Juzartes em 12 de fevereiro de 1700; terceiro neto o supplicante de Maria Martins Juzarte, e de seu marido Antonio Garcia da Costa; quarto neto de Salvador Juzarte; quinto neto de Isabel Juzarte; sexto neto de Nicolau Juzarte; setimo neto de Gaspar Juzarte, alcaide-mór, que foi das villas de Aviz e Setubal, commendador de Azeitão, e capitão-mór da armada que o senhor rei D. João II mandou á costa de Barbaria fazer uma fortaleza; oitavo neto de João Juzarte, alcaide-mór que foi da sobredita villa de Monforte.

As armas dos Juzartes e Barradas. — Br. p. a 28 de julho de 1753. Reg. no Cart. da N., liv. particular, fl. 61.

(C. C.)

541. DIOGO BARROSO, veador da marqueza de Villa-real.

Carta pela qual el-rei D. João III lhe concede o seguinte brazão de armas de seus antepassados : — Escudo esquartelado; o primeiro de vermelho com cinco leões de purpura em aspa com duas faxas de oiro cada uma, as unhas de oiro; o segundo partido em faxa, a primeira partida em palas, a primeira esquartelada de Castella e de Leão, e a segunda de vermelho com quatro palas de oiro; a segunda parte de vermelho com uma

[1] As armas que ficou tendo, são : — Escudo de campo esquartelado; o primeiro de vermelho com um castello de oiro com tres torres, e as portas d'estas e frestas guarnecidas de azul, o segundo de oiro com quatro bandas de vermelho, e assim os contrarios; elmo de prata aberto guarnecido de oiro, paquife de oiro e vermelho, e por timbre o mesmo castello.

azinheira verde, e as raizes de prata e um leão de oiro, paquife de oiro e vermelho, por timbre um dos cinco leões, e por differença uma merleta de prata; com todas as honras e privilegios de fidalgo por descender por parte de seu pae e avós dos Barrosos, e por parte de sua mãe e avós dos de Bivar. — Dada em Lisboa a 4 de outubro de 1537. Reg. na Chanc. de D. João III, liv. XLIV, fl. 16.

542. Diogo Botelho, cavalleiro fidalgo da casa real.

Carta pela qual el-rei D. João III lhe concede o seguinte brazão de seus antecessores: — Escudo de campo de oiro e quatro bandas de vermelho, e por differença uma flor de liz de prata; elmo de prata aberto guarnecido de oiro, paquife de oiro e vermelho, e por timbre um meio leão de oiro faxado de vermelho; com todas as honras e privilegios de fidalgo por descender da geração e linhagem dos Botelhos e Callados. — Dada em Lisboa a 12 de julho de 1533. Reg. na Chanc. de D. João III, liv. XLV, fl. 43 v.

543. Diogo Caão, neto de Gonçalo Caão, cavalleiro da casa real.

Carta pela qual el-rei D. João II lhe concede e a seus descendentes o titulo de nobre de cota de armas, podendo usar do seu elmo e escudo (não o descreve) pelos serviços prestados por seu avô a el-rei D. João I nas guerras de Castella, e pelos seus serviços em Guiné, aonde foi mandado á descoberta para augmento da santa fé, e accrescentamento do reino. — Dada em Santarem a 14 de abril de 1484. (M. N.) Reg. na Chanc. de D. João II, liv. II de Mist., fl. 294. V. no I. H.

544. Diogo de Castilho, filho de João de Castilho, que foi morador na villa de Thomar, e natural das montanhas do reino de Biscaia.

Carta pela qual el-rei D. Sebastião lhe concede e a seus descendentes o seguinte brazão de seus antecessores: — Escudo de campo verde com um castello de prata com as portas e frestas e lavrado de preto, e em cima da torre do meio uma flor de liz de oiro, e á porta do castello duas lebres de prata olhando uma para a outra, com coleiras vermelhas, e presas por umas cadeias de oiro que saem das bombardeiras; elmo de prata aberto guarnecido de oiro, paquife de oiro, prata e verde, por timbre uma das lebres das armas, e por differença uma merleta de oiro; com todas as honras e privilegios de nobre fidalgo por descender da geração dos Castilhos do reino de Biscaia. — Dada em Lisboa a 16 de fevereiro de 1561. Reg. na Chanc. de D. Sebastião, liv. II, fl. 44 v.

545. Diogo de Castro do Rio.

Carta pela qual el-rei D. Sebastião o fez fidalgo de cota de armas, dando-lhe por solar a sua quinta do Rio, e o mesmo appellido, egualmente o seguinte brazão para elle e seus descendentes: — Escudo de campo de prata e duas faxas de agua ondadas entre nove alveloas de purpura, elmo de prata aberto guarnecido de oiro, paquife de prata, purpura e azul, e por timbre um cavallo marinho da sua cor, saindo metade d'este do elmo cercado de uma onda de agua; com todas as honras e privilegios de nobre fidalgo pelos seus serviços e merecimentos. — Dada em Lisboa a 15 de julho de 1561. (M. N.) Reg. na Chanc. de D. Sebastião, liv. II, fl. 304 v.

546. Diogo Dias Preto da Cunha Osorio Velloso Cabral, do logar de Proviseu, termo da villa do Fundão, comarca da Guarda, filho de José de Sousa Preto da Cunha Osorio Velloso Cabral, e de D. Antonia Margarida de Vilhena Soares Machado; neto pela parte paterna de Diogo Dias Preto da Cunha, monteiro-mór da comarca da Guarda, e de D. Catharina Maria de Sousa Velloso Cabral; bisneto de Diogo Dias Preto Machado da Cunha, alferes do regimento de cavallaria de Castel-branco, e de D. Michaela Maria da Motta Godinho; terceiro neto de Diogo Dias Preto da Cunha, cavalleiro professo na ordem de Christo, e de Maria Machado Freire; quarto neto de Diogo Dias Preto Ma-

chado da Cunha, cavalleiro professo na ordem de Christo, coronel de um regimento de infanteria, e governador interino das armas da provincia da Beira, todos senhores in solidum do padroado, e casa de Proviseu, e de D. Isabel da Cunha Machado; neto pela parte materna de Francisco Xavier Osorio Soares Machuca, fidalgo da casa real, e de D. Luiza Margarida de Vilhena Soares; bisneto de Luiz Soares de Aragão, fidalgo da casa real, e de D. Maria Magdalena Coutinho; terceiro neto de Manuel de Aragão Soares, e de D. Maria Salvada; quarto neto de Pedro Soares de Aragão e Pina, e de D. Antonia de Pina.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Pretos, no segundo as dos Cunhas, no terceiro as dos Cabraes, e no quarto as dos Osorios. — Br. p. a 3 de agosto de 1791. Reg. no Cart. da N., liv. IV, fl. 228.

(C. C.)

547. DIOGO FERNANDES, cavalleiro da ordem de Sant'Iago, filho de Gomes Ayres, e de Isabel Fernandes Lobo, neto de Fernão Vaz Lobo, fidalgo morador em Evora e do tronco da geração dos Lobos.

Carta pela qual el-rei D. João III lhe concede o seguinte brazão de seus antecessores: — Escudo de campo de prata e cinco lobos de preto com as linguas de vermelho, em aspa, e por differença uma brica azul; elmo de prata aberto guarnecido de oiro, paquife de prata, preto e vermelho, e por timbre um dos lobos; com todas as honras e privilegios de fidalgo por descender da geração e linhagem dos Lobos. — Dada em Lisboa a 13 de maio de 1533. Reg. na Chanc. de D. João III, liv. XLV, fl. 23.

548. DIOGO FERNANDES DE CARVALHAL BEMFEITO, cavalleiro da ordem de Christo.

Carta pela qual el-rei D. João III lhe concede não só o titulo de nobre e fidalgo, mas tambem o seguinte brazão de armas: — Escudo de campo vermelho com um baluarte de prata, com as portas e frestas lavradas de preto; elmo de prata cerrado guarnecido de oiro, paquife de prata e vermelho, e por timbre um meio moiro vestido de malha, com a cabeça foteada e a barba ruiva, e uma lança quebrada que lhe passa por baixo do braço esquerdo, com o ferro ensanguentado, todo inclinado para diante; com todas as honras e privilegios de nobre fidalgo pelos grandes e valiosos serviços que prestou no cerco de Arzilla, contra os moiros. — Dada em Evora a 27 de setembro de 1537. (M. N.) Reg. na Chanc. de D. João III, liv. XLIV, fl. 14.

549. DIOGO FERNANDES CORREA.

Carta pela qual o imperador Maximiliano I, rei dos romanos, o fez cavalleiro do paço e côrte, e lhe concedeu um escudo com parte das armas d'elle imperador, e augmentado com outras proprias; com muitos enobrecimentos, graças e privilegios para elle e seus filhos, pelos seus muitos merecimentos. (Não descreve o brazão.) — Dada em 15 de junho de 1509. (M. N.) Gaveta 18, maço 7, n.° 22. V. no I. H. *Fernandes*.

550. DIOGO FERNANDES DAS POVOAS PRIVADO, cavalleiro fidalgo da casa real.

Carta pela qual el-rei D. João III lhe concede o seguinte brazão de seus antecessores: — Escudo de campo de oiro com quatro bandas de vermelho, elmo de prata aberto guarnecido de oiro, paquife de oiro e vermelho, e por timbre um gripho vermelho com as azas, bico e unhas de oiro; com todas as honras e privilegios de fidalgo por descender da geração e linhagem dos Privados. — Dada em Lisboa a 26 de junho de 1529. Reg. na Chanc. de D. João III, liv. XVII, fl. 91.

551. DIOGO FERREIRA, fidalgo da casa do infante D. Henrique, e escrivão da sua fazenda, filho de Ayres Ferreira, morador em Coimbra; neto de Diogo Ferreira, que foi fidalgo muito honrado; bisneto de Gonçalo Ferreira, fidalgo e do tronco d'esta geração.

Carta pela qual el-rei D. João III lhe concede o seguinte brazão de seus antecessores:

— Escudo de campo vermelho com quatro faxas de oiro, e sobre a primeira faxa um cardo verde de tres folhas por differença; elmo de prata aberto guarnecido de oiro, paquife de oiro e vermelho, e por timbre uma ema da sua côr com uma ferradura de oiro no bico; com todas as honras e privilegios de fidalgo por descender da geração e linhagem dos Ferreiras. — Dada em Lisboa a 21 de janeiro de 1542. Reg. na Chanc. de D. João III, liv. XXXII, fl. 6 v.

552. DIOGO FERREIRA DA SILVA INFANTE, professo na ordem de Christo, cavalleiro fidalgo da casa real, capitão das ordenanças da villa de Setubal, e na mesma morador, filho de Vicente Ferreira da Silva, tenente de infanteria do regimento da dita villa, e de sua mulher D. Thereza Theodora Xavier; neto pela parte paterna de Diogo Ferreira da Silva, cavalleiro da ordem de Christo, e de sua mulher D. Bernarda Francisca Xavier; bisneto de Theodoro Ferreira da Silva, cavalleiro fidalgo da casa real, professo na ordem de Christo, guarda-joias do fidelissimo senhor rei D. João V, e de sua mulher D. Francisca Maria Xavier.

Um escudo partido em pala; na primeira as armas dos Ferreiras, e na segunda as dos Silvas. — Br. p. a 13 de agosto de 1787. Reg. no Cart. da N., liv. IV, fl. 23.

(C. C.)

553. DIOGO FIGUEIRA, morador em Alhos-vedros, filho de Pedro Gonçalves Figueira, neto de Gonçalo Annes Figueira, que foram fidalgos e d'esta geração.

Carta pela qual el-rei D. João III lhe concede o seguinte brazão de seus antecessores: — Escudo de campo de oiro com cinco folhas de figueira verdes, em aspa, e por differença uma flor de liz azul; elmo de prata aberto guarnecido de oiro, paquife de oiro e verde, e por timbre um braço vestido de azul com um ramo de oiro na mão com cinco folhas de figueira verdes; com todas as honras e privilegios de fidalgo por descender da geração e linhagem dos Figueiras. — Dada em Setubal a 2 de maio de 1532. Reg. na Chanc. de D. João III, liv. XVIII, fl. 41 v.

554. DIOGO GALVÃO DE BRITO, natural de Evora, filho de Antonio de Oliveira, e de Isabel Fallim de Brito; bisneto paterno de Luiz de Oliveira e Ignez de Almeida, e de Mecia Rodrigues de Brito, que todos foram fidalgos e do tronco d'estas gerações.

Carta pela qual el-rei D. Sebastião lhe concede o seguinte brazão de seus antecessores: — Escudo de campo esquartelado; o primeiro dos Oliveiras, de vermelho, com uma oliveira verde com azeitonas de oiro e as raizes de prata; o seu contrario dos Britos, de vermelho, com nove lisonjas de prata em tres palas, e em cada uma um leão de purpura; o segundo dos Galvões, de campo partido em pala, a primeira de prata e uma aguia de preto estendida, e sobre o peito d'esta um crescente de oiro, e a segunda de vermelho com seis costas de prata firmadas nos cabos, postas em tres faxas, e o contrario dos Marizes, de azul, e cinco vieiras de oiro em cruz entre quatro rosas de prata riscadas de preto, e por differença uma merleta de oiro; elmo de prata aberto guarnecido de oiro, paquife de oiro, vermelho, prata, purpura e azul, e por timbre um leão de purpura rompente; com todas as honras e privilegios de fidalgo por descender da geração dos Britos, Oliveiras, Marizes, e Galvões. — Dada em Lisboa a 23 de fevereiro de 1571. Reg. na Chanc. de D. Sebastião, liv. VIII, fl. 106 v.

555. DIOGO GIL DE VASCONCELLOS, natural de Monte-mór o novo, filho de André Carvalho, neto de João Gonçalves de Carvalho, que foi do tronco d'esta geração; bem assim era filho de Lianor Mendes de Vasconcellos, neto de João Mendes de Vasconcellos, irmão de Alvaro Mendes de Vasconcellos, que foram fidalgos muito honrados e dó tronco d'esta geração.

Carta pela qual el-rei D. João III lhe concede o seguinte brazão de seus antecessores:

— Escudo de campo esquartelado; o primeiro de azul e uma estrella de oiro entre quatro crescentes de prata apontados, o segundo de preto e tres faxas veiradas e contraveiradas de prata e vermelho, e por differença uma flor de liz de oiro; elmo de prata aberto guarnecido de oiro, paquife de prata vermelho e preto, e por timbre um meio leão preto com as tres faxas; com todas as honras de nobre fidalgo por descender das gerações dos Carvalhos e dos Vasconcellos. — Dada em Lisboa a 3 de abril de 1533. Reg. na Chanc. de D. João III, liv. XLV, fl. 63.

556. Diogo Gomes Zagalo, filho mais velho de Ruy Dias Zagalo, neto de Diogo Gomes Zagalo, bisneto de Diogo Gomes Martins Zagalo, que foi o tronco d'esta geração, e todos foram fidalgos.

Cárta pela qual el-rei D. João III lhe concede o seguinte brazão de seus antecessores: — Escudo de campo de oiro, com dois crescentes, duas estrellas e dois *torteaulx*, tudo de vermelho, em duas palas, sendo um crescente, uma estrella e um *torteau* em uma pala, e a outra pala egual; elmo de prata aberto guarnecido de oiro, paquife de oiro e vermelho, e por timbre um leopardo de oiro com uma das estrellas na testa; com todas as honras e privilegios de fidalgo por descender da geração e linhagem dos Zagalos. — Dada em Evora a 28 de fevereiro de 1534. Reg. na Chanc. de D. João III, liv. XX, fl. 77.

557. Diogo Gonçalves de Figueiroa, cavalleiro da ordem de Sant'Iago, filho de Gonçalo dias de Figueiroa, natural do Porto, e bisneto de Gonçalo de Figueiroa, que foram fidalgos e nobres.

Carta pela qual el-rei D. João III lhe concede o seguinte brazão de seus antecessores: — Escudo de campo de oiro com cinco folhas de figueira verdes, em aspa, e por differença uma flor de liz vermelha, elmo de prata aberto guarnecido de oiro, paquife de oiro e verde, e por timbre um braço vestido de azul com um ramo de oiro na mão com cinco folhas de figueira verdes; com todas as honras e privilegios de fidalgo por descender da geração e linhagem dos Figueiroas. — Dada em Alvito a 22 de dezembro de 1531. Reg. na Chanc. de D. João III, liv. XVIII, fl. 5 v.

558. Diogo Ignacio de Pina Manique, moço fidalgo da casa real, bacharel formado em direito, e proprietario; filho de Paulo Nogueira de Andrada Antonio Pina Manique, moço fidalgo da casa real, cavalleiro da ordem de Malta, doutor na faculdade de leis, e coronel de milicias, e de sua mulher D. Antonia Herculana de Figueiredo; neto paterno do doutor Diogo Ignacio de Pina Manique, fidalgo cavalleiro da casa real, commendador da ordem de Christo, senhor donatario da villa de Manique do intendente, e do morgado de S. Joaquim da villa de Coina, alcaide-mór de Portalegre, chanceller-mór do reino, desembargador do paço, intendente geral da Policia da côrte e reino, administrador geral da Alfandega grande de Lisboa, e feitor-mór das mais do reino, administrador da Casa pia do castello de S. Jorge, padroeiro da egreja matriz de S. Pedro da villa de Manique, e das collegiadas da dita egreja, e das do Espirito Santo de Castello de Vide, e de sua mulher D. Ignacia Margarida Umbelina de Brito Nogueira Mattos e Andrada; bisneto de Pedro Damião de Pina Manique, cavalleiro fidalgo da casa real, e cavalleiro da ordem de Christo, e de sua mulher D. Helena Ignacia de Faria; sobrinho por parte paterna de Pedro Antonio de Pina Manique Nogueira Mattos de Andrada, primeiro visconde e primeiro barão de Manique do Intendente, quinto senhor do morgado de S. Joaquim da villa de Coina, alcaide-mór de Portalegre, do conselho de Sua Magestade, commendador da ordem de Christo, deputado da Mesa da consciencia e ordens, conselheiro do Ultramar, e desembargador da Relação do Porto; neto materno de João Baptista Comtilé, e de sua mulher D. Maria Isabel de Figueiredo; bisneto de Francisco Monteiro da Silva, cavalleiro da ordem de Christo, official-maior da secretaria do Conselho ultramarino, e de sua mulher D. Marianna Rosa Teixeira de Figueiredo.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Pinas, no segundo as dos Nogueiras, no terceiro as dos Figueiredos, e no quarto as dos Maniques.—Br. p. a 15 de abril de 1862. Reg. no Cart. da N., liv. IX, fl. 47 v.

(C. C.)

559. DIOGO JACOME GRAMACHO, morador em Alcacer do Sal, filho de Pedro Gramacho, neto de Ruy Gramacho, e bisneto de Fernão Gramacho, os quaes todos foram fidalgos e do tronco d'esta geração.

Carta pela qual el-rei D. João III lhe concedeu o seguinte brazão de seus antecessores: — Escudo de campo vermelho com um leão de oiro rompente armado de prata, entre quatro merletas tambem de oiro, e por differença um trifolio de prata picado de azul; elmo de prata aberto guarnecido de oiro, paquife de oiro e vermelho, e por timbre o mesmo leão com uma merleta vermelha nas unhas; com todas as honras e privilegios de fidalgo por descender da geração e linhagem dos Gramachos.—Dada em Lisboa a 16 de fevereiro de 1554. Reg. na Chanc. de D. João III, liv. III de Privilegios, fl. 165 v.

560. DIOGO JOSÉ MARTINS DA COSTA, cavalleiro da ordem de Christo, natural de Peso da Regoa, filho de Manuel Martins da Costa, familiar do numero do Santo Officio, e de sua mulher D. Maria Caetana Vieira; neto pela parte paterna de Manuel Fernandes Pereira, e de sua mulher Maria Martins da Costa; bisneto de Antonio Rebello, e de sua mulher Anna Martins; e pela materna neto de Manuel Vieira Cardoso, e de sua mulher Bernarda Marques; bisneto de Domingos Vieira, capitão de Malta, e de sua mulher Maria Marques.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Pereiras, no segundo as dos Costas, no terceiro as dos Vieiras, e no quarto as dos Cardosos.—Br. p. a 18 de fevereiro de 1775. Reg. no Cart. da N., liv. II, fl. 52 v.

(C. C.)

561. DIOGO JOSÉ DE PAIVA E SILVA, professo na ordem de S. Bento de Aviz, e capitão de mar e guerra das reaes fragatas, natural da villa de Vimieiro; filho de José de Paiva e Silva, e de Theodora Maria Vidigal; neto pela parte paterna de José de Paiva, sargento-mór da praça de Extremoz, e de D. Maria Rosa de Froes; neto pela parte materna de Simão Pinto, e de D. Luiza Vidigal.

Um escudo partido em pala; na primeira as armas dos Paivas, e na segunda as dos Silvas.—Br. p. a 9 de setembro de 1796. Reg. no Cart. da N., liv. V, fl. 140.

(C. C.)

562. DIOGO JOSÉ DA SILVA CAMPOS, natural da villa de Murça, comarca de Villa-real, cavalleiro professo na ordem de Christo, fidalgo cavalleiro da casa de Sua Magestade, e capitão-mór das ordenanças da mesma villa; filho de Henrique José da Silva, e de sua mulher D. Antonia Luiza de Campos; neto paterno de João Garcia da Fonseca, e de D. Catharina Lopes, e materno de Antonio José de Campos, e de sua mulher D. Anna Maria.

Um escudo partido em pala; na primeira as armas dos Silvas, e na segunda as dos Campos.—Br. p. a 15 de novembro de 1826. Reg. no Cart. da N., liv. VIII, fl. 195.

(C. C.)

563. DIOGO LEITÃO, morador na villa de Certã.

Carta pela qual el-rei D. João III lhe concede o seguinte brazão de seus antecessores: — Escudo de campo de prata com tres faxas vermelhas, e por differença uma brica de azul e n'ella um *X* de oiro; elmo de prata aberto guarnecido de oiro, paquife de prata e vermelho, e por timbre um leitão de prata; com todas as honras de nobre fidalgo por descender da nobre linhagem e geração dos Leitões.—Dada em Evora a 15 de julho de 1535. Reg. na Chanc. de D. João III, liv. X, fl. 97.

564. Diogo Lopes de Calheiros, fidalgo de cota de armas, filho de Gonçalo Lopes de Calheiros, e neto de Diogo Lopes de Calheiros; bisneto de Garcia Lopes de Calheiros, chefe do dito tronco, que foram do tronco d'esta geração.

Carta pela qual el-rei D. João III lhe concede o seguinte brazão de seus antecessores: — Escudo de campo azul com cinco vieiras de prata riscadas de preto, em aspa, e tres estrellas de prata de cinco pontas cada uma, em faxa ao pé do escudo, e por differença um crescente de oiro, elmo de prata aberto, paquife de prata e azul, e por timbre dois bordões de Sant'Iago de prata, em aspa, e no meio d'elles uma das vieiras das armas; com todas as honras e privilegios de fidalgo por descender da geração e linhagem dos Calheiros. — Dada em Lisboa a 3 de agosto de 1528. Reg. na Chanc. de D. João III, liv. XVII, fl. 116 v.

565. Diogo Luiz de Caceres Noitel de Amorim Dantas, natural da cidade de Lisboa, filho de Ricardo Antonio Morato de Caceres de Amorim Dantas, e de sua mulher Leonor Euphrazia Rita; neto pela parte paterna de Luiz da Silva Noitel Caceres, e de sua mulher D. Rosa de Amorim Dantas, filha de Manuel da Silva e Sousa, e de sua mulher D. Maria de Amorim Dantas.

Um escudo esquartelado; no primeiro e quarto quarteis as armas dos Caceres, no segundo as dos Amorins, e no terceiro as dos Dantas. — Br. p. a 6 de novembro de 1786. Reg. no Cart. da N., liv. III, fl. 250 v.

(C. C.)

566. Diogo Machado, morador em Guimarães, filho de Pedro Machado, e neto de Lopo Machado, os quaes foram do tronco d'estas gerações.

Carta pela qual el-rei D. João III lhe concede o seguinte brazão de seus antecessores: — Escudo esquartelado; o primeiro de vermelho com cinco machados de prata com os cabos de oiro, em aspa, e o segundo de vermelho com uma aguia preta estendida com os pés e membrada de oiro, e por differença um trifolio de prata; elmo de prata aberto guarnecido de oiro, paquife de prata, oiro e vermelho, e por timbre dois dos mesmos machados em aspa, por descender da nobre linhagem dos Machados e dos da Maia. — Dada em Evora a 23 de julho de 1537. Reg. na Chanc. de D. João III, liv. LXIV, fl. 82.

567. Diogo Martins, cavalleiro fidalgo.

Carta pela qual el-rei D. Sebastião o armou cavalleiro e lhe concede e a seus descendentes o seguinte brazão de armas: — Escudo partido em faxa; o primeiro de preto com duas barras de oiro; o segundo com tres flores de liz de purpura, em pala; elmo de prata serrado guarnecido de oiro, paquife de oiro, preto e purpura, e por timbre uma das flores de liz das armas; com todas as honras e privilegios de fidalgo pelos relevantes serviços que prestou. — Dada em Lisboa a 1 de abril de 1560. (M. N.) Reg. na Chanc. de D. Sebastião, liv. II, fl. 275 v.

568. Diogo Mendes de la Penha, neto de Thomaz de la Penha, morador na cidade de Salamanca.

Carta pela qual el-rei D. João III o fez fidalgo de cota de armas, e lhe concedeu e a seus descendentes a faculdade de poder usar do brazão que el-rei D. Fernando concedêra ao dito seu avô; com todas as honras e privilegios de fidalgo, não só pela sua descendencia, mas tambem pelos serviços por elle prestados *(Não descreve a forma do brazão)*. — Dada em Almeirim a 27 de maio de 1527. Reg. na Chanc. de D. João III, liv. II, fl. 45. V. no I. H. *Penha (de la)*.

569. Diogo Mexia, natural de Campo-maior, filho de Affonso Mexia, morador na dita villa; neto de Diogo Gonçalves Mexia, que foi fidalgo muito honrado e do tronco da geração dos Mexias.

Carta pela qual el-rei D. João III lhe concede o seguinte brazão de seus antecessores: — Escudo de campo de oiro com tres faxas de azul, e por differença uma flor de liz vermelha; elmo de prata aberto guarnecido de oiro, paquife de oiro e azul, e por timbre meia onça de oiro rompente faxada com as tres faxas azues; com todas as honras e privilegios de fidalgo por descender da geração e linhagem dos Mexias. — Dada em Lisboa a 4 de dezembro de 1542. Reg. na Chanc. de D. João III, liv. XXXII, fl. 91 v.

569. Diogo Miguel Frary da Silva Maia e Moreira (Bacharel), juiz de fora e orphãos da villa de Extremoz, e actual ouvidor da capitania de Goyazes na America, natural da dita villa, com a sua casa e familia na de Borba; filho de Francisco Frary, natural da cidade de Cutance da baixa Normandia, provincia do reino de França, e de sua mulher D. Antonia Joaquina França da Silva, irmã legitima do doutor Manuel Dias Nó, juiz de fora da villa de Monforte, e ouvidor de Barbacena, a quem já se passou brazão de armas das familias dos appellidos Dias, Moreiras, Maias, e Silvas no anno 1750; neto pela parte materna de outro doutor Manuel Dias Nó, tambem juiz de fora da mencionada villa de Monforte, e depois ouvidor da comarca de Villa-viçosa, cujo logar exerceu no tempo das reaes passagens no anno de 1729 com muito explendor e credito, e ultimamente fallecêra com o de auditor geral da provincia do Alemtejo, e com a beca, e de sua mulher D. Cecilia França da Silva, filha de Sebastião Rodrigues Moreira Maia, e de sua mulher D. Maria Martins Proxoa; bisneto de Antonio Dias Nó, natural da villa do Crato, d'onde veiu para a de Borba a casar com D. Maria Rodrigues; terceiro neto de Pedro Dias Nó, o qual era filho de Affonso Dias Nó, naturaes da dita villa do Crato, pessoas da mais esclarecida nobreza d'ella.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Dias, no segundo as dos Moreiras, no terceiro as dos Maias, e no quarto as dos Silvas. — Br. p. a 26 de abril de 1782. Reg. no Cart. da N., liv. III, fl. 49.

(C. C.)

570. Diogo Nunes de Abreu, natural de Portel, filho de Manuel Nunes Chanoquo, cavalleiro da casa real, e de Isabel do Rego; neto de Ruy Collaço do Rego, que foi do tronco da geração dos do Rego e fidalgo muito honrado, e de Briolante Gomes de Abreu, que foi filha de Gracia Gomes de Abreu, bisavô do dito Antão, que era fidalgo e do tronco da linhagem dos de Abreu.

Carta pela qual el-rei D. João III lhe concede o seguinte brazão de seus antecessores: — Escudo de campo esquartelado; o primeiro de verde com uma banda bordada de prata e n'ella tres vieiras de oiro riscadas de preto e perfiladas de azul; o segundo de vermelho com cinco cotos de oiro em aspa, e por differença uma brica de prata e n'ella um — G — de preto; elmo de prata aberto guarnecido de oiro, paquife de oiro, verde e vermelho, e por timbre um dos cotos; com todas as honras e privilegios de fidalgo por descender da geração e linhagem dos Regos, e Abreus. — Dada em Evora a 30 de agosto de 1535. Reg. na Chanc. de D. João III, liv. X, fl. 136 v.

571. Diogo Nunes da Costa Ribeiro, filho de João Nunes da Costa Homem; neto de Luiz Gonçalves Ribeiro, fidalgo muito honrado, e de Branca Nunes da Costa Homem; bisneto de Nuno Gonçalves Ribeiro, fidalgo muito honrado e do tronco da linhagem dos Ribeiros: bem assim era bisneto de João Fernandes da Costa e de Filippe Nunes Homem, fidalgos muito honrados, e do verdadeiro tronco dos Costas e Homens.

Carta pela qual el-rei D. João III lhe concede o seguinte brazão de seus antecessores: — Escudo de campo esquartelado; o primeiro dos Ribeiros, que é esquartelado, o primeiro de oiro com tres palas de vermelho, o segundo de preto com tres faxas veiradas e contraveiradas de prata e vermelho, e assim o contrario; o segundo dos Costas, que de vermelho e seis costas de prata em tres faxas, e o contrario dos Homens, que é de

azul e seis crescentes de oiro em duas palas, e por differença uma flor de liz, metade verde e metade prata, na primeira ponta do escudo; elmo de prata aberto guarnecido de oiro, paquife de oiro, azul e vermelho, e por timbre um leão azul com uma faxa de armas nas mãos com o cabo de oiro; com todas as honras e privilegios de fidalgo por descender da geração e linhagem dos Ribeiros, Costas, e Homens. — Dada em Evora a 4 de dezembro de 1544. Reg. na Chanc. de D. João III, liv. XLI, fl. 56.

573. Diogo Nunes Ferreira, cavalleiro fidalgo da casa real, filho de Gonçalo do Rego, neto de Gonçalo Nunes do Rego Ribeiro, bisneto de Alvaro Fernandes do Rego, os quaes foram todos fidalgos e do verdadeiro tronco d'estas gerações.

Carta pela qual el-rei D. João III lhe concede o seguinte brazão de seus antecessores: — Escudo de campo esquartelado; o primeiro dos do Rego, verde, com uma banda de prata ondada, e n'ella tres vieiras de oiro riscadas e perfiladas de preto; o segundo de preto com tres faxas veiradas e contraveiradas de prata e vermelho; elmo de prata aberto guarnecido de oiro, paquife de prata, verde, oiro e vermelho, e por timbre dois penachos verdes guarnecidos de oiro, com uma das vieiras no meio d'elles, e por differença um crescente de prata; com todas as honras de nobre fidalgo por descender da geração e linhagem dos Regos e dos Ribeiros. — Dada em Lisboa a 8 de outubro de 1543. Reg. na Chanc. de D. João III, liv. XXVIII, fl. 50.

574. Diogo Okelis, capitão de cavallos no regimento de Moura, filho de Guilherme Okelis, tenente de cavallaria do dito regimento, e de sua mulher D. Marianna Josepha; neto pela parte paterna de Bernardo Okelis, natural do reino de Irlanda, o qual servindo nos exercitos de França chegou a ser governador de uma praça com patente de coronel, e pela parte materna neto de Sebastião Vaz Mayorga, com posto tambem no militar, por cujos serviços feitos em campanha, obtiveram sua mulher, avó, e um filho, tio do supplicante, uma tença; e era sobrinho de Guilherme Okelis, e de Hugo Okelis, primeiro coronel do regimento de cavallaria de Moura, e segundo brigadeiro de infanteria do regimento de Chaves, todos parentes do conde Okelis, tenente general de infanteria nos exercitos do imperador, em Alemanha.

Um escudo com as armas de Okelis. — Br. p. a 14 de abril de 1785. Reg. no Cart. da N., liv. III, fl. 194 v.

(C. C.)

575. Diogo Pimentel, escudeiro fidalgo, filho de Alvaro Pimentel e de Branca Lopes (este Alvaro era homem fidalgo e parente do conde de Benavente); neto de João de Lousada, que era homem fidalgo do tronco dos Lousadas, e de Thereza Pimentel, filha de João Affonso Pimentel, bisavô do conde de Benavente d'esta era.

Carta pela qual el-rei D. Manuel lhe concede e a seus descendentes o brazão de armas de seus antecessores: — Um escudo de campo vermelho com cinco vieiras de prata e no campo por differença uma estrella de oiro; elmo de prata aberto, e por timbre um meio leão de oiro, e paquife de prata e vermelho, por descender da nobre linhagem dos Pimenteis. — Dada em Lisboa a 27 de abril de 1514. Reg. na Chanc. de D. Manuel, liv. XV, fl. 58, e liv. V de Mist., fl. 117.

576. Diogo Pires de Drumond, morador na ilha da Madeira, filho de Andreza Gonçalves de Drumond; neto de Joanna Escorcia de Drumond; bisneto de João de Escorcio de Drumond; trineto de João Drumond, senhor de Escobar, em Escossia, que foi irmão de Anna Bella, rainha de Escossia, o qual descendia dos principaes senhores de Escossia da nobre casa dos Drumond.

Carta pela qual el-rei D. João III lhe concede o seguinte brazão de seus antecessores: — Escudo de campo de oiro com tres faxas ondadas de vermelho, e por differença uma

brica de verde com um *dez* de oiro; elmo de prata aberto garnido de oiro, paquife de oiro e vermelho, e por timbre uma meia lebre de vermelho com sua colleira de oiro; com todas as honras de nobre fidalgo por descender da geração dos Drumond. — Dada em Lisboa a 19 de março de 1538. Reg. na Chanc. de D. João III, liv. XLIV, fl. 39 v.

577. DIOGO RATTON DE CLAMOUSE, morador na cidade de Lisboa, filho de Jacome Ratton, cavalleiro professo da ordem de Christo, e de sua mulher D. Anna de Clamouse Ratton; neto pela parte paterna de Jacome Ratton, cavalleiro professo da ordem de Christo, e de sua mulher D. Francisca Bellon; e pela materna de Bernardo de Clamouse, que foi consul geral da nação franceza na cidade do Porto, e de sua mulher D. Genoveva Martefocher.

Um escudo partido em pala; na primeira as armas dos Rattons, e na segunda as dos Clamouses. — Br. p. a 13 de fevereiro de 1788. Reg. no Cart. da N., liv. IV, fl. 47.
(C. C.)

578. DIOGO DE SISNEIROS, natural de Beja, filho de João de Sisneiros, cavalleiro da ordem de S. Tiago, que foi do tronco d'esta geração.

Carta pela qual el-rei D. João III lhe concede o seguinte brazão de seus antecessores: — Escudo de campo meio partido em pala; a primeira parte de vermelho partida em faxa, na primeira d'estas tres cisnes de prata em roquete e uma argola de oiro no pescoço de cada um, na segunda cinco flores de liz de prata, em aspa; a segunda parte do escudo de prata com tres barras de vermelho, e por differença uma merleta de oiro; elmo de prata aberto guarnecido de oiro, paquife de prata e vermelho, e por timbre um dos cisnes; com todas as honras e privilegios de nobre fidalgo por descender da geração dos Sisneiros. — Dada em Evora a 24 de outubro de 1533. Reg. na Chanc. de D. João III, liv. XX, fl. 5 v.

579. DIOGO SOARES, morador na cidade de Goa, neto de Gomes Soares de Toledo.

Carta pela qual el-rei D. João III lhe concede o seguinte brazão de seus antecessores: — Escudo de campo vermelho com duas albarradas de oiro de duas azas cada uma, cheias de cebollas cecem da sua côr entre uma banda que retem pelos cabos duas cabeças de serpes, tambem de oiro, armadas de azul; elmo de prata aberto guarnecido de oiro, paquife de oiro, vermelho e prata, e por timbre uma das albarradas; com todas as honras e privilegios de fidalgo por descender da geração dos Soares de Toledo, que são fidalgos no reino de Castella. — Dada em Lisboa a 23 de fevereiro de 1556. Reg. no liv. V de Privilegios, fl. 262 v.

580. DIOGO SOARES DE VILLA-BOA, natural de Beja, filho de Martim Manuel de Villa-boa.

Carta pela qual el-rei D. Sebastião lhe concede o seguinte brazão de seus antecessores: — Escudo de campo verde e uma bicha por nome *tiro* de prata picada de preto com a lingua vermelha faxada, e o rabo retornado, e por differença uma estrella de oiro; elmo de prata atrolhado guarnecido de oiro, paquife de prata e verde, e por timbre metade do tiro; com todas as honras e privilegios de fidalgo, por descender da geração dos Villas-boas. — Dada em Lisboa a 29 de maio de 1571. Reg. na Chanc. de D. Sebastião, liv. VIII, fl. 260.

581. DIOGO DE SOURO DE AFFONSECA, cavalleiro fidalgo da casa real, morador na cidade da Guarda.

Carta pela qual el-rei D. João III lhe concede o seguinte brazão de seus antecessores: — Escudo de campo de oiro com cinco estrellas de vermelho, em aspa, e por differença uma merleta de vermelho; elmo de prata aberto guarnecido de oiro, paquife de oiro e vermelho, e por timbre um meio touro vermelho com os paus de oiro e uma estrella tambem de oiro na testa; com todas as honras e privilegios de fidalgo por descender da

geração e linhagem dos Affonsecas.—Dada em Lisboa a 16 de janeiro de 1529. Reg. na Chanc. de D. João III, liv. XVII, fl. 9.

582. DIOGO VAZ, cavalleiro fidalgo, filho de Vasco da Fonseca e de Lianor Osores, que foram moradores em Pinhel, e neto de Diogo da Fonseca, que foi aio do conde D. Vasco (que foi primeiro conde de Marialva) e bisneto de Gonçalo da Fonseca e de D. Becaca, a qual foi herdeira do morgado de S. Romão.

Carta pela qual el-rei D. Manuel lhe concede e a seus descendentes o brazão de seus antecessores: —Escudo de campo de oiro com cinco estrellas vermelhas em aspa, e elmo de prata fechado, e por timbre um meio corpo de homem com uma maça nas mãos, armado de branco, paquife de oiro e vermelho; com todas as honras de fidalgo por descender da geração e linhagem dos Affonsecas.—Dada em Lisboa a 11 de julho de 1514. Reg. na Chanc. de D. Manuel, liv. XI, fl. 42, e liv. VI de Mist., fl. 127.

583. DIOGO VAZ CARREIRO, morador na ilha de S. Miguel, filho de Pero Gonçalves Carreiro e neto de Gonçalo Vaz Carreiro, que foi fidalgo muito honrado e do tronco d'esta linhagem.

Carta pela qual el-rei D. João III lhe concede o seguinte brazão de armas de seus antecessores: —Escudo de campo vermelho com uma banda de azul, e n'ella um leão de oiro entre dois pinheiros verdes com as raizes de prata e o fruto de oiro, e por differença uma flor de liz de prata na banda; elmo de prata aberto guarnecido de oiro, paquife de oiro e vermelho, e por timbre um meio leão de oiro; com todas as honras de fidalgo por descender da nobre linhagem dos Carreiros.—Dada em Evora a 23 de outubro de 1534. Reg. na Chanc. de D. João III, liv. X, fl. 1.

584. DIOGO VAZ DA TORRE, filho de Bastiam Vaz da Torre, cavalleiro, e neto de Vasco Pires da Torre, cavalleiro fidalgo, bisneto de Pedro Vicente da Torre, que foi fidalgo muito honrado e o principal do tronco d'esta geração dos da Torre.

Carta pela qual el-rei D. João III lhe concede o seguinte brazão de armas de seus antecessores: —Escudo de campo vermelho com uma torre de prata lavrada de preto entre duas cabeças de leões de oiro postas sobre o pé do escudo de agua ondado; elmo de prata aberto, paquife de oiro, prata e vermelho, e por timbre a mesma torre; com todas as honras e privilegios de fidalgo por descender da nobre geração dos da Torre.—Dada em Lisboa a 7 de outubro de 1538.—Reg. na Chanc. de D. João III, liv. XLIV, fl. 113 v.

585. DIONYSIO COTRIM DE SOUSA, natural d'esta cidade de Lisboa; filho de Luiz Rodrigues Manuel e Lemos, que era irmão de Manuel Rebello de Lemos, moço da camara que foi do senhor rei D. Pedro II; neto paterno do capitão Antonio Rodrigues de Lemos e de sua mulher D. Francisca Cotrim de Abreu, dona da camara que foi da augustissima senhora D. Maria de Austria; elle irmão de João Rebello, filhos ambos de João Rebello, a quem se passou brazão com as armas dos Rebellos, Meirelles e Macedos, em 20 de fevereiro de 1650, o qual era filho de Miguel Rebello, e de sua mulher Antonia de Lemos e Carvalho; neto paterno de João Jorge, e de Camilla Rebello; neto materno de Antonio Carvalho, e de Antonia de Lemos.

As armas dos Rebellos, Cotrins, Lemos, e Meirelles.—Br. p. a 8 de junho de 1758. Reg. no Cart. da N., liv. particular, fl. 116.

(C. C.)

586. DIONYSIO GONÇALVES BRANCO (Doutor), ouvidor geral da cidade da Bahia e sua comarca, natural de Lisboa; filho de Pedro Gonçalves Branco, e de sua mulher D. Maria Magdalena; neto paterno de Antonio Dias, e de Maria Gonçalves Branco; bisneto de Domingos Pires, e de Maria Dias; terceiro neto de João Dias, e de Maria Dias;

neto materno de Gaspar Dias, e de Feliciana Dias; bisneto de Domingos Pires, e Domingas Dias.

As armas dos Dias, Gonçalves Brancos. — Br. p. a 18 de março de 1751. Reg. no Cart. da N., liv. particular, fl. 14, v.

C. C.

587. Dionysio José Xavier da França e Oliveira Horta, natural de Villa-verde dos Francos; filho de Francisco Nunes Xavier, e de Isabel Maria da França; neto paterno de João Nunes da Horta; neto materno de Luiz da França.

As armas dos Hortas, e Franças. — Br. p. a 29 de julho de 1754. Reg. no Cart. da N., liv. particular, fl. 76.

C. C.

588. Dionysio Pedro Lopes, cavalleiro professo na ordem de Christo, e natural de Villa-franca de Xira; filho de Manuel Lopes da Silva, e de sua mulher D. Maria Theresa; neto paterno de Bartholomeu da Silva, e de sua mulher D. Anna Lopes; e materno de Manuel Martins, e de sua mulher D. Maria da Conceição.

Um escudo partido em pala; na primeira as armas dos Silvas, e na segunda as dos Lopes. — Br. p. a 10 de fevereiro de 1820. Reg. no Cart. da N., liv. VIII fl. 52, v.

C. C.

589. Domingos de Almeida Magalhães, capitão de infanteria auxiliar, e ouvidor da villa de Arouca; filho de Francisco Moreira de Magalhães; neto de Luiz Pinto de Magalhães; bisneto de Bernardo de Almeida de Magalhães, descendente da casa de Covo e Trofa, o que fez certo por uma sentença tirada na Correição do civel da corte, de que foi juiz o desembargador Bento da Costa de Oliveira Sampaio, e escripta por Antonio Soares Guerreiro, escrivão do dito juizo, e o rei de armas Portugal Manuel Pereira da Silva, cavalheiro professo na ordem de Christo.

As armas dos Moreiras, Almeidas, Magalhães, e Pintos. — Br. p. a 23 de novembro de 1750. Reg. no Cart. da N., liv. particular, fl. 5, v.

C. C.

590. Domingos Alvares Leite de Chaves, natural de Chaves, filho legitimado de Domingos Alvares Leite de Chaves, abbade da egreja de S. Thomé de Parada; neto de Alvaro Annes Leite de Chaves; e bisneto de outro Alvaro Annes Leite de Chaves, alcaide da villa de Monforte e Rio-livre; e tresneto de Pedro Esteves Leite de Chaves, os quaes todos foram fidalgos muito honrados e do verdadeiro tronco d'esta geração.

Carta pela qual el-rei D. João III lhe concede o seguinte brazão de seus antecessores: Escudo de campo esquartelado: o primeiro dos Chaves, que são cinco chaves de oiro em campo vermelho, em aspa, e assim o contrario, o segundo dos Leites, que é esquartelado o primeiro de verde com tres flores de liz de oiro em roquete, o segundo de vermelho com uma cruz de prata florida e vazia, e assim os contrarios, e por differença um filete preto posto em contrabanda; elmo de prata aberto guarnecido de oiro, paquife de oiro, vermelho, prata e verde, e por timbre duas chaves em aspa; com todas as honras e privilegios de fidalgo, por descender da geração dos Leites e Chaves. — Dada em Almeirim a 16 de setembro de 1551. Reg. no liv. IV de Privilegios, fl. 84.

591. Domingos Alves Telles, e Domingos Alvares Telles Bandeira (Doutores), e seu irmão João Telles Bandeira, todos naturaes d'esta côrte e cidade de Lisboa, cavalleiros professos na ordem de Christo, filhos do capitão Estevão Alves Bandeira, cavalleiro fidalgo, e professo na ordem de Christo, familiar do Santo Officio, e de sua mulher D. Thereza da Fonseca Telles, o qual tirou brazão em 12 de março de 1704; netos paternos de João Al-

vares Bandeira, pae de José Alvares Bandeira, que viveu na Bahia onde foi coronel de infanteria; bisnetos de Gaspar Alvares Bandeira; terceiros netos de outro João Alvares Bandeira, que viveu no concelho de Besteiros onde teve solar dos Bandeiras; quartos netos de Gaspar Alvares Bandeira, irmão de Pedro Alvares Bandeira, neto do capitão de cavallaria Simão Nunes Infante de Sequeira; quintos netos de Anna Bandeira, e de seu marido Diogo Fidalgo, filho de Gaspar Alvares Fidalgo; sextos netos de Gonçalo Pires Bandeira, que foi aquelle famoso e esforçado cavalleiro, que chamando-se Gonçalo Pires Zuzarte lhe deu o rei D. João II o appellido de Bandeira por haver restaurado a bandeira real d'este reino, que os castelhanos tinham ganhado na batalha de Touro, dando-lhe tambem por armas a mesma bandeira, e n'ella um leão; e de sua mulher Violante Nunes Barreto, filha de Fernando Nunes Cardozo, filho de Francisco Nunes Barreto, commendador de Castellães, e Sant'Iago de Besteiros, ouvidor da casa da rainha D. Leonor, e de sua mulher D. Bertholeza de Figueiredo; netos maternos de D. Maria Lopes da Fonseca Telles, e de seu marido Antonio Dias da Silva; bisnetos de Francisco Telles de Menezes, que do districto de Alemquer, onde nasceu, se ausentou por um crime, e viveu escondido na terra da Feira, onde casou na familia dos Lopes Fonsecas, aparentados com os morgados de Fontellas; terceiros netos de Fernando Telles de Menezes, primeiro conde de Unhão, e de D. Maria Garcez, mulher nobre da villa de Alemquer, como provou no anno de 1710 sua neta D. Thereza da Fonseca Telles no civel da côrte; quartos netos de Ruy Telles de Menezes, oitavo senhor de Unhão, commendador de Arguim, e de sua mulher D. Marianna da Silveira, filha de Vasco da Silveira, commendador de Arguim, e de sua mulher D. Ignez de Noronha; quintos netos de Fernando Telles de Menezes, setimo senhor de Unhão, commendador das commendas de Ourique, e de sua mulher D. Maria de Castro, dama da rainha D. Catharina, e filha de D. Jeronymo de Noronha, neto do marquez de Villa Real; sextos netos de Manuel Telles de Menezes, sexto senhor de Unhão, Supoens, Gestaes, Meinedo, e Ribeira de Sons, commendador de Ourique na ordem de Sant'Iago, e de sua mulher D. Margarida de Castro, filha de D. Fernando de Castro, capitão-mór de Evora, avô paterno do primeiro conde de Basto, e de sua mulher D. Marianna de Vilhena; setimos netos de Ruy Telles de Menezes, quinto senhor de Unhão, mordomo-mór da infanta D. Isabel, que foi imperatriz, mulher do imperador Carlos V, e de sua mulher D. Guiomar de Noronha, filha de D. Pedro de Noronha, commendador-mór da ordem de Sant'Iago, e mordomo-mór de el-rei D. João o II, progenitor da casa dos condes dos Arcos, Villaverde, marquezes de Angeja e Marialva; oitavos netos de Fernão Telles de Menezes, quarto senhor de Unhão, mordomo-mór da rainha D. Leonor, e de sua mulher D. Maria de Vilhena, filha de Martim Affonso de Mello, guarda-mór do rei D. Duarte, alcaide-mór de Olivença; nonos netos de Ayres Gomes da Silva, segundo senhor de Vagos, progenitor da casa de Aveiras, e de sua segunda mulher D. Brites de Menezes, filha de D. Martinho de Menezes, primeiro senhor de Cantanhede, ascendente dos condes de Unhão.

As armas dos Bandeiras, Menezes, e Telles. — Br. p. em julho de 1752. Reg. no Cart. da N., liv. particular, fl. 38 v.

(C. C.)

592. Domingos de Araujo Soares, e seu irmão João de Araujo Soares Costa, naturaes da villa de Valladares, na provincia de entre Douro e Minho, arcebispado de Braga, e moradores n'esta côrte, filhos de Sebastião de Araujo Costa, e de Isabel Soares Rodrigues; netos paternos de Domingos Vieytes, e de Antonia Fernandes de Araujo; bisnetos de Sebastião Fernandes de Araujo, e de sua mulher Maria Alvares de Ceybaes; terceiros netos de Bartholomeu Fernandes de Araujo, e de Isabel Rodrigues da Costa; quartos netos de Damião Fernandes de Araujo.

As armas dos Araujos, Soares, e Costas. — Br. p. a 25 de outubro de 1754. Reg. no Cart. da N.. liv. particular, fl. 81.

(C. C.)

593. Domingos Cabaço Cortez, cavalleiro professo na ordem de Christo, familiar do Santo Officio, natural e morador na cidade de Portalegre; filho do capitão José Cabaço Cortez, e de D. Magdalena Rodrigues; neto paterno de Manuel Cabaço Cortez, e de Anna Gonçalves; neto materno de Antonio Rodrigues Galego, e de Catharina Rodrigues.

As armas dos Gonçalves, Rodrigues, e Galegos. — Br. p. a 9 de setembro de 1752. Reg. no Cart. da N., liv. particular, fl. 43 v.

(C. C.)

594. Domingos Duarte Rodrigues Guimarães, cavalleiro professo na ordem de Christo, familiar do Santo Officio, natural de S. João da Ponte, termo de Guimarães; filho de Antonio Duarte Rodrigues, e de Domingas Machado; neto paterno de Antonio Francisco Machado, e de Isabel de Oliveira.

As armas dos Machados, e Oliveiras. — Br. p. a 21 de abril de 1756. Reg. no Cart. da N., liv. particular, fl. 95 v.

(C. C.)

595. Domingos Fernandes Jules, do lugar de Quintan, sargento-mór de ordenanças da villa de Alfarela, comarca de Villa-real; filho de André Rodrigues, e de sua mulher D. Anna Ribeiro de Carvalho; neto paterno de Lourenço Affonso, e de sua mulher Isabel Rodrigues, e materno de Domingos Ribeiro, e de sua mulher Maria Fernandes.

Um escudo partido em pala; na primeira as armas dos Affonsos, e na segunda as dos Ribeiros. — Br. p. a 26 de agosto de 1811. Reg. no Cart. da N., liv. vii, fl. 233.

(C. C.)

596. Domingos Francisco Pena de Carvalho, natural de Ribeira da Pena; filho de Miguel Francisco de Carvalho, e de sua mulher Catharina Gonçalves; neto paterno de João Gonçalves de Carvalho, e de sua mulher Catharina Gonçalves; bisneto de Antonio João, e de sua mulher Maria Sanches; neto materno de Antonio de Gonçalves, e de sua mulher Maria Botelho; bisneto de Antonio Gonçalves, e de sua mulher Catharina Gonçalves.

As armas dos Carvalhos, Botelhos, Gonçalves, e Sanches. — Br. p. a 25 de setembro de 1756. Reg. no Cart. da N., liv. particular, fl. 100.

(C. C.)

597. Domingos de Gambôa e Liz, cavalleiro fidalgo da casa real, primeiro deputado da Junta da administração de todas as fabricas do reino e obras das aguas livres; natural da villa da Arruda; filho de Bartholomeu de Gambôa e Liz, cavalleiro fidalgo da casa real, e de sua mulher Maria Ignacia de Figueiredo; neto pela parte paterna de Antonio de Gambôa e Liz, tambem cavalleiro fidalgo da casa real, e de sua mulher D. Clara de Azevedo, e pela parte materna de Domingos Teixeira, e de D. Maria do Espirito Santo.

Um escudo partido em pala; na primeira as armas dos Gambôas, na segunda as dos Lizes. — Br. p. a 11 de fevereiro de 1778. Reg. no Cart. da N., liv. ii, fl. 143 v.

(C. C.)

598. Domingos Gonçalves Lopes, capitão-mór da baliagem de Lessa, da sagrada Religião de Malta, e administrador do morgado de S. Tiago; filho de José Gonçalves Lopes, capitão-mór da mesma baliagem, e administrador do mesmo morgado, e de sua mulher D. Anna Maria da Silva; neto paterno de Domingos Gonçalves Lopes, instituidor do mencionado morgado, e de sua mulher D. Anna Maria Dias, e materno do capitão Manuel da Silva Guimarães, e de sua mulher D. Antonia Maria Martins.

Um escudo partido em pala; na primeira as armas dos Lopes, e na segunda as dos Silvas. — Br. p. a 7 de outubro de 1807. Reg. no Cart. da N., liv. VII, fl. 212 v.

(C. C.)

599. Domingos Gonçalves Pinto Camello Cotta, cavalleiro fidalgo da casa real; filho de Simão Camello da Rosa, e de D. Mexia Rodrigues; neto pela parte paterna de João Neto da Rosa, e de D. Catharina de Sena, e pela materna de Domingos Gonçalves Pinto, e de D. Guiomar Botelho, todos com os ditos fóros de cavalleiros fidalgos da casa real, e descendentes das nobres familias dos appellidos de Camellos, Cottas, Gonçalves, e Pintos d'este reino.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Camellos, no segundo as dos Cottas, no terceiro as dos Gonçalves, no quarto as dos Pintos. — Br. p. a 3 de fevereiro de 1789. Reg. no Cart. da N., liv. IV, fl. 93.

(C. C.)

600. Domingos José de Carvalho Queixado e Costa, professo na ordem de Christo, filho do sargento-mór Estevão da Costa Borges, e de D. Maria da Costa Queixado; neto pela parte paterna de Antonio Nunes, e de D. Maria da Costa, e pela materna de Antonio Gomes de Carvalho, e de D. Maria da Costa Palmo.

Um escudo partido em pala; na primeira as armas dos Costas, e na segunda as dos Carvalhos. — Br. p. a 18 de abril de 1791. Reg. no Cart. da N., liv. IV, fl. 210 v.

(C. C.)

601. Domingos José de Carvalho Pimenta, do logar e freguezia de Santo Aleixo, do concelho de Ribeira de Pena, comarca de Guimarães, arcebispado de Braga; filho de Antonio Sanches de Carvalho Pimenta, e de sua mulher D. Maria Carvalho da Guerra; neto pela parte paterna de Francisco Pires Pimenta, e de sua mulher D. Domingas Dias; bisneto de Francisco Pires Pimenta, e de sua mulher D. Catharina Marques; e pela materna neto de Pedro Borges de Mariz, e de sua mulher D. Domingas de Carvalho; bisneto de Gaspar Mariz, e de D. Isabel Gonçalves.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Carvalhos, no segundo as dos Pimentas, no terceiro as dos Guerras, e no quarto as dos Machados. — Br. p. a 16 de setembro de 1789. Reg. no Cart. da N., liv. IV, fl. 123.

(C. C.)

602. Domingos José Leite, commendador da ordem de Nossa Senhora da Conceição de Villa-viçosa, e negociante de grosso tracto; filho de Francisco José Barroso, proprietario, e de sua mulher D. Maria Leite Alves Pereira; neto paterno de Domingos José Barroso, proprietario, e de sua mulher D. Luiza João Barroso; e materno de Francisco Gonçalves Leite, proprietario, e de sua mulher D. Damiana Thereza Alves Pereira; bisneto pelo mesmo lado, de João Gonçalves Leite, proprietario, e de sua mulher D. Ignacia Leite de Magalhães; bisneto tambem por parte materna de Manuel Alves Pereira, e de sua mulher D. Maria dos Prazeres Alves Pereira.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Barrosos, no segundo as dos Gonçalves, no terceiro as dos Leites, e no quarto as dos Pereiras. — Br. p. em novembro de 1856. Reg. no Cart. da N., liv. IX, fl. 14.

(C. C.)

603. Domingos José de Sousa, cavalleiro professo na ordem de S. Bento de Aviz, cavalleiro fidalgo da casa real, sargento-mór de infanteria, e governador do forte do Bomsuccesso; filho de Bento José de Sousa, e de D. Catharina de Lima; neto paterno de João

Rodrigues de Sousa, e de sua mulher D. Francisca de Sousa Lima; e materno de Antonio Francisco de Sousa, e de sua mulher D. Ventura de Lima.

Um escudo com as armas dos Sousas. — Br. p. a 12 de outubro de 1805. Reg. no Cart. da N., liv. VII, fl. 103.

(C. C.)

604. Domingos Lopes Machado, bacharel formado pela Universidade de Coimbra, juiz de fóra que foi na villa de Monte-alegre, natural e morador no logar de Cermilho, concelho de Golfar, comarca de Viseu; filho de Domingos Lopes Machado, capitão que foi no dito concelho, e de sua mulher Marianna Josepha, instituidores de uma capella das almas nas suas mesmas casas, em que viveram; neto paterno de outro Domingos Lopes Machado; bisneto de Gaspar Lopes Machado.

As armas dos Machados, e Lopes. — Br. p. a 3 de junho de 1751. Reg. no Cart. da N., liv. particular, fl. 17 v.

(C. C.)

605. Domingos Manuel Pereira de Albuquerque Sá e Rezende, filho de Sebastião Pereira Borges de Azevedo, e de sua mulher D. Isabel Jacinta Josepha Pinta; neto paterno de Miguel Borges de Azevedo, e de sua mulher D. Marianna de Sá, moradores e administradores do seu morgado de Barcellos; bisneto de João de Rezende Moraes Sarmento, e de sua mulher D. Paula de Azevedo, moradores na sua quinta e solar da Boavista; terceiro neto de Gaspar de Rezende de Albuquerque, senhor donatario de Rezende, commendador de Santa Maria de Monforte, e governador da mesma praça, e de sua mulher D. Maria de Azevedo; neto materno de Bernardo Pita Calheiros, gentil homem que foi da curia romana do cardeal Pauluei Negrão, e de sua mulher D. Anna Margarida Generque.

As armas dos Pereiras, Rezendes, Albuquerques, e Borges. — Br. p. a 2 de fevereiro de 1751. Reg. no Cart. da N., liv. particular, fl. 13.

(C. C.)

606. Domingos Manuel Pereira de Miranda Machado Peixoto, filho legitimo de Domingos Antonio Pereira de Carvalho Peixoto, e de sua mulher D. Maria Rosa de Miranda Machado; neto pela parte paterna de Verissimo Peixoto de Carvalho, e de sua mulher Antonia Maria Pereira da Silva; e pela materna neto de Manuel Fonseca de Azevedo, official da Secretaria de estado n'estes reinos, e secretario de estado no governo das Minas, cavalleiro da ordem de Christo, a quem se passou brazão de armas no anno de 1735, e de sua mulher D. Rosa Branca de Miranda e Saldanha; bisneto de Gaspar da Fonseca, filho de João Affonso Gonçalves, e de Anna Gonçalves, filha de João Gonçalves, possuidor que foi da antiga casa de Tilhada de Alfarela, e juiz ordinario no concelho de Celorico de Basto nove annos por especial ordem dos senhores reis d'estes reinos, os quaes todos foram pessoas nobres, e se tractaram á lei da nobreza.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Peixotos, no segundo as dos Pereiras, no terceiro as dos Fonsecas, e no quarto as dos Mirandas. — Br. p. a 22 de junho de 1767. Reg. no Cart. da N., liv. I, fl. 50.

(C. C.)

607. Domingos Mendes, cavalleiro da ordem de Christo, natural do logar de Medeiros; filho de Domingos Mendes, e de sua mulher Maria Dias; neto pela parte paterna de outro Domingos Mendes, e de sua mulher Maria Francisca, e pela materna de Alexandre Dias, e de sua mulher Ignez Affonso.

Um escudo partido em pala; na primeira as armas dos Mendes, e na segunda as dos Dias. — Br. p. a 20 de agosto de 1773. Reg. no Cart. da N., liv. I, fl. 206 v.

(C. C.)

608. Domingos Nunes de Oliveira (Bacharel), actual juiz de fóra da villa da Covilhã, natural do logar de Pedrogão, e morador no de Santa Margarida, ambos da comarca de Castello-branco; filho de Domingos Nunes Christovão, e de sua mulher D. Isabel de Oliveira; neto pelá parte materna do capitão de cavallos Gaspar Fernandes de Oliveira, filho de Francisco Christovão, administrador da capella que instituiu seu tio Domingos Fernandes, e de sua mulher D. Maria Carrasca, filha de Jacome Ferreira.

Um escudo partido em pala; na primeira as armas dos Oliveiras, e na segunda as dos Ferreiras. — Br. p. a 7 de setembro de 1782. Reg. no Cart. da N., liv. III, fl. 68.

(C. C.)

609. Domingos Pinheiro Lobo, natural da cidade do Pará, filho de Thomé Pinheiro Lobo, e de D. Quiteria Maria dos Anjos; neto pela parte paterna de Domingos Pinheiro Lobo, e de D. Antonia Maria de Betencourt, e por parte materna do capitão Domingos Monteiro de Noronha, e de D. Catharina da Silva Franca, filha de Manuel de Barros da Silva, e de D. Natalia da Silva Franca; neta de João Duarte Franco, capitão-mór, e governador que foi por vezes da cidade de S. Luiz do Maranhão e do Pará, cavalleiro professo na ordem de Christo, e de D. Antonia Pestana Franca; bisneto por parte paterna de Antonio Moniz Pinheiro, e de D. Catharina Pinheiro, os quaes são filhos e netos dos restauradores da cidade de S. Luiz do Maranhão, do poder dos hollandezes, e por parte materna de Alexandre de Alfaya e Vasconcellos, e de D. Maria Theresa de Vasconcellos; terceiro neto por parte paterna de Antonio Ferreira Ribeiro, ouvidor geral que foi da cidade do Pará, e capitão-mór da mesma, cavalleiro professo na ordem de Christo, e de D. Agueda Maria de Betencourt, e por parte materna de Domingos Monteiro de Noronha, e de D. Maria de Alfaya e Vasconcellos; quarto neto por parte paterna do capitão-mór Feliciano Correa, e de D. Maria Teixeira, que era neta de Pedro Teixeira, capitão-mór, e governador que foi da cidade do Pará, e de D. Catharina de Betencourt; e por parte materna de Antonio Furtado de Mendonça, professo na ordem de Christo.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Noronhas, no segundo as dos Pinheiros, no terceiro as dos Lobos, e no quarto as dos Silvas. — Br. p. a 23 de janeiro de 1797. Reg. no Cart. da N., liv. v, fl. 170 v.

(C. C.)

610. Domingos Rodrigues de Queiroz, cavalleiro professo na ordem de Christo, bacharel formado pela Universidade de Coimbra, oppositor aos logares de letras, natural da cidade de Marianna, estado do Brazil; filho de Bento Rodrigues Coelho, e de sua mulher D. Maria de Queiroz Seixas; neto pela parte paterna de Amaro Rodrigues Coelho, e pela materna neto de João de Queiroz de Seixas, e de sua mulher D. Feliciana de Araujo Dantas; bisneto de Jacinto de Queiroz, e de sua mulher Maria Coelho; terceiro neto de Antonio Francisco Marinho, e de sua mulher D. Maria de Queiroz Seixas, descendentes de Antonio de Queiroz Mascarenhas, bem conhecido n'este reino pela sua distincta qualidade, e conhecido valor.

Um escudo esquartelado; no primeiro e quarto quarteis as armas dos Coelhos, no segundo as dos Queiroz, e no terceiro as dos Seixas. — Br. p. a 2 de agosto de 1773. Reg. no Cart. da N., liv. I, fl. 204 v.

(C. C.)

611. Domingos Taveira de Moraes, da cidade de Lamego, filho de Antonio Pereira Taveira, e de sua mulher D. Lourença Laureana de Moraes Pinto; neto pela parte paterna do capitão Manuel Taveira da Fonseca, e de Clara Maria Baptista da Fonseca; bisneto do doutor Antonio Pereira Taveira, e de sua mulher Marianna Carneiro da Fonseca; terceiro neto de José Taveira, e de Helena Rodrigues Pereira; e pela parte materna neto

do capitão José de Moraes Pinto, e de D. Francisca Xavier de Passos; bisneto de Sebastião de Moraes, e de Anna Maria Pinto.

Um escudo partido em pala; na primeira as armas dos Taveiras, e na segunda as dos Moreiras. — Br. p. a 12 de fevereiro de 1774. Reg. no Cart. da N., liv. II, fl. 4 v.
(C. C.)

612. DOMINGOS DE VILLAS-BOAS TRUÃO, da freguezia da Magdalena de Villar, filho de Antonio Lopes, e de sua mulher Joanna de Villas-boas, da dita freguezia; neto pela parte paterna de Paulo Lopes, e de sua mulher Maria Francisca; e pela materna neto de Domingos Gonçalves, e de sua mulher Marianna de Villas-boas, filha de outro Domingos Gonçalves, e de sua mulher Francisca de Villas-boas, neta do reverendo vigario da freguezia de Santo André de Barcellinhos, João de Villas-boas Truão, pessoas da principal nobreza da villa de Barcellos.

Um escudo partido em pala; na primeira as armas dos Lopes, e na segunda as dos Villas-boas. — Br. p. a 23 de agosto de 1769. Reg. no Cart. da N., liv. I, fl. 108.
(C. C.)

613. DUARTE BORGES, morador na ilha da Madeira, filho de Fabião Borges, neto de Fernão Carrilho Albernaz, pagem da duqueza de Bragança, e de Maria Borges, que foi do tronco d'esta geração dos Borges, e o dito Fernão Carrilho foi fidalgo muito honrado e do tronco d'estas gerações dos Carrilhos e Albernazes.

Carta pela qual el-rei D. João III lhe concede o seguinte brazão de seus antecessores: — Escudo esquartelado; o primeiro dos Carrilhos, de campo azul, com cinco flores de liz de oiro, em aspa, e o seu contrario dos Albernazes, de campo esquartelado, o primeiro de azul com um carapeteiro de prata de sete ramos e o segundo de prata com um carapeteiro de azul, e na segunda parte o escudo dos Borges, e seu contrario, que é campo de vermelho com um leão de oiro e uma bordadura de azul semeada de flores de liz de oiro, e por differença uma merleta de prata; elmo de prata aberto guarnecido de oiro, paquife de oiro, azul e vermelho, timbre um meio leão de azul com uma flor de liz de oiro na cabeça; com todas as honras de nobre fidalgo por descender da geração e linhagem dos Carrilhos, Albernazes e Borges. — Dada em Lisboa a 13 de março de 1538. Reg. na Chanc. de D. João III, liv. XLIV, fl. 37.

614. DUARTE COELHO, fidalgo da casa real.

Carta pela qual el-rei D. João III lhe concede e a seus descendentes o seguinte brazão de armas: — Escudo de campo de oiro, e um leão de purpura passante, e uma cruz de sua côr firmada em um pé de verde, e um chefe de prata com cinco estrellas de vermelho afogueadas de oiro, e uma bordadura azul com cinco castellos de prata cobertos com as portas e frestas lavradas de preto; elmo de prata aberto guarnecido de oiro, paquife de oiro e purpura, e por timbre o mesmo leão; com todas as honras e privilegios de fidalgo pelos relevantes serviços que prestou nas partes da India em guerra contra os moiros. — Dada em Evora a 6 de julho de 1545. (M. N.) Reg. na Chanc. de D. João III, liv. XXXV, fl. 75 v.

615. DUARTE DINIZ DE CARVOEIROS, cavalleiro, natural de Evora, filho de Diniz Martins de Carvoeiros, neto de Diniz Martins e de Beatriz Eannes de Regueira de Carvoeiros de Vasconcellos, a qual foi mulher muito honrada e fidalga, e do tronco da geração dos Carvoeiros.

Carta pela qual el-rei D. João III lhe concede o seguinte brazão de seus antecessores: — Escudo de campo de prata com tres barras de vermelho entre doze oliveiras verdes em quatro palas, sem differença; elmo de prata aberto guarnecido de oiro, paquife de prata, vermelho e verde, timbre uma das azinheiras, por descender da geração e linhagem

dos Carvoeiros. — Dada em Lisboa a 17 de março de 1538. Reg. na Chanc. de D. João III, liv. XLIV, fl. 35 v.

616. DUARTE GOMES SERRÃO, morador na villa de Angra da ilha Terceira, bisneto de João Serrão.

Carta pela qual el-rei D. João III lhe concede o seguinte brazão de armas de seus antecessores: — Escudo de campo de prata com um leão vermelho com um pé em cima de uma serra verde ondado, e por differença uma dobre brica de azul e de cima de oiro, elmo de prata aberto guarnecido de oiro, paquife de vermelho, e por timbre o mesmo leão das armas; com todas as honras e privilegios de fidalgo por descender da geração dos Serrões. — Dada em Santarem a 11 de abril de 1528. Reg. na Chanc. de D. João III, liv. XI, fl. 44 v.

617. DUARTE GUILHERME FERRERI, coronel do 4.º regimento de artilheria, filho de Francisco Ferreri, coronel do regimento de infanteria n.º 1, e de D. Josepha Maria Paes; neto paterno de Fernando Conde Ferreri, e de sua mulher D. Marianna de Gusmão.

Um escudo, e n'elle as armas dos Gusmões. — Br. p. a 9 de maio de 1825. Reg. no Cart. da N., liv. VIII, fl. 144.

(C. C.)

618. DUARTE LOPES DE VASCONCELLOS, filho de Lopo Fernandes de Vasconcellos, primo coirmão de João Rodrigues Ribeiro de Vasconcellos, pae de D. Diogo de Sousa, arcebispo de Braga, e assim é filho de Isabel Alvares; neto paterno de Ruy Gonçalves de Vasconcellos, que foi de outro filho do tronco d'esta linhagem.

Carta pela qual el-rei D. Manuel lhe concede e a seus descendentes o seguinte brazão de seus antecessores: — Escudo de campo preto com tres faxas veiradas de prata e vermelho, e por differença uma flor de liz de oiro, elmo de prata aberto, e por timbre um leão de oiro com as tres faxas das armas, paquife de prata e preto; com todas as honras e privilegios dos nobres e fidalgos, por descender da dita linhagem. — Dada em 1513. Reg. na Chanc. de D. Manuel, liv. XI, fl. 71, e liv. V de Mist., fl. 105, e liv. VI de Mist., fl. 131 v.

619. DUARTE TAVEIRA, fidalgo da casa real.

Carta pela qual el-rei D. João III lhe concede o seguinte brazão de seus antecessores: — Escudo de campo de oiro com nove aroelas e tres palas de vermelho, e por differença uma merleta de azul; elmo de prata aberto guarnecido de oiro, paquife de oiro e vermelho, e por timbre meio leão de oiro; com todas as honras e privilegios de fidalgo, por descender da geração e linhagem dos Taveiras. — Dada em Lisboa a 13 de abril de 1527. Reg. na Chanc. de D. João III, liv. II, fl. 57 v.

620. DUARTE VELHO, cavalleiro da ordem de Aviz, e escrivão da camara real.

Carta pela qual el-rei D. João III lhe concede o seguinte brazão de seus antecessores: — Escudo de campo vermelho com cinco vieiras de oiro, em aspa, riscadas de preto, e por differença um crescente de prata; elmo de prata aberto guarnecido de oiro, paquife de oiro e vermelho, e por timbre um chapeo preto com uma vieira das armas na testa; com todas as honras e privilegios de fidalgo por descender da geração e linhagem dos Velhos, por parte de seu pae e avós. — Dada em Lisboa a 13 de agosto de 1532. — Reg. na Chanc. de D. João III, liv. XVIII, fl. 107.

E

621. Eduardo de Faria, fidalgo cavalleiro, e moço fidalgo da casa real com exercicio, commendador da ordem de Christo, e negociante da praça do Rio de Janeiro; filho de Ricardo Pereira de Faria, negociante, e de sua mulher D. Angelica Pulcheria Pita; neto paterno de José Pereira de Faria, negociante, e de sua mulher D. Thomazia Rosa de Faria, e materno de Manuel da Cunha Valle, proprietario, e de sua mulher D. Felisberta Theodora da Cunha Valle.

Um escudo partido em pala; na primeira as armas dos Farias, e na segunda as dos Valles. — Br. p. em janeiro de 1861. Reg. no Cart. da N., liv. IX, fl. 37 v.

(C. C.)

622. Eduardo Pereira, proprietario, natural da cidade de Macau; filho de Antonio Pereira, fidalgo cavalleiro da casa de Sua Magestade Imperial do Brazil, e de sua mulher D. Aurelia Suzanna Pereira; neto por parte paterna do conselheiro Manuel Pereira, fidalgo cavalleiro da mesma imperial casa, e de sua mulher D. Rosa Vianna Pereira; neto por parte materna de Mattheus Mendes, e de sua mulher D. Monica Mendes.

Um escudo partido em pala; na primeira as armas dos Pereiras, e na segunda as dos Viannas. — Br. p. a 20 de maio de 1859. Reg. no Cart. da N., liv. IX, fl. 25.

(C. C.)

623. Eduardo Ventura da Paz, capitão das ordenanças de Palmella, e negociante da praça da cidade de Lisboa; filho de Manuel Ventura da Paz, negociante da praça da dita cidade, e de sua mulher D. Maria Joaquina Pereira de Sousa Cordova; neto paterno de Raymundo da Paz, e de D. Francisca Theresa Rosa, descendente de Manuel da Paz, e de João da Paz, fidalgos cavalleiros da casa real; e materno de Lourenço Antonio Pereira de Sousa Cordova, a quem se passou brazão de armas a 4 de abril de 1762.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Pazes, no segundo as dos Pereiras, no terceiro as dos Cordeiros, e no quarto as dos Sequeiras. — Br. p. a 30 de abril de 1814. Reg. no Cart. da N., liv. VII, fl. 290 v.

(C. C.)

624. Eliziario Manuel de Carvalho, sargento-mór do terço da ordenança da villa de Torres-vedras, natural da cidade de Lisboa; filho de Manuel Dias de Carvalho, sargento-mór que tambem foi do dito terço, e de sua mulher D. Rita Severa Correa Salgado; neto pela parte paterna do capitão Domingos Dias de Carvalho, e de sua mulher D. Catharina Simoa da Silva, e pela materna do capitão Bento Correa Salgado, e de sua mulher D. Clara da Cunha do Sacramento Pereira.

Um escudo com as armas dos Carvalhos. — Br. p. a 16 de novembro de 1778. Reg. no Cart. da N., liv. II, fl. 170 v.

(C. C.)

625. D. Esperança Angelica de Sá Pereira Barros de Bulhões, natural da villa de Tondella, filha de Antonio Ferreira Sant'Iago, e de sua mulher D. Marianna Theresa da Cunha; neta pela parte paterna de Manuel Ferreira Sant'Iago, e de sua mulher

Maria de Oliveira Barros; neto pela parte materna de Miguel do Valle de Bulhões, e de sua mulher Placida Maria; bisneta por bastardia de outro Miguel do Valle de Bulhões, filho de Manuel de Sá Pereira, da casa de Condeixa.

Uma lisonja partida em pala; a primeira de prata lisa, e a segunda esquartelada; no primeiro quartel as armas dos Valles, no segundo as dos Bulhões, no terceiro as dos Sás, e no quarto as dos Pereiras. — Br. p. a 15 de janeiro de 1794. Reg. no Cart. da N., liv. v, fl. 9.

(C. C.)

626. Estevão de Betancourt Perestrello, fidalgo da casa real, governador e capitão donatario da ilha do Porto-santo; filho de Victorianno de Betancourt e Vasconcellos, governador e capitão donatario da dita ilha, e de sua mulher D. Violante Theodora de Betancourt; neto paterno de Estevão de Betancourt Perestrello, governador e capitão donatario da mesma ilha, e de sua mulher D. Jacinta Dormond e Vasconcellos; neto materno do capitão Antonio da Silva Favella, e de sua mulher D. Angela Betancourt de Atouguia e Menezes.

As armas dos Betancourts, Sousas, Perestrellos e Homens. — Br. p. a 18 de julho de 1754. Reg. no Cart. da N., liv. particular, fl. 75 v.

(C. C.)

627. Estevão de Carvalhal, camareiro do conde de Faro, natural de Odemira, filho de Antonio de Carvalhal, neto de Fernão Lopes, bisneto de Lopo Gonçalves de Carvalhal, que foi fidalgo muito honrado e do tronco d'esta geração.

Carta pela qual el-rei D. João III lhe concede o seguinte brazão de seus antecessores: — Escudo de campo vermelho partido em pala; no primeiro uma arvore verde, e no segundo uma torre de prata frestada e guarnecida de preto, e o pé do escudo ondado de azul e prata, e por differença uma flor de liz de oiro, elmo de prata aberto guarnecido de oiro, paquife de prata, vermelho e verde, e por timbre a mesma torre com um ramo verde nas ameias; com todas as honras e privilegios de fidalgo por descender da geração e linhagem dos Carvalhaes. — Dada em Lisboa a 28 de abril de 1533. Reg. na Chanc. de D. João III, liv. XLV, fl. 30.

628. Estevão João Pereira Palha, formado em direito civil pela Universidade de Coimbra, e natural da villa da Vidigueira; filho de João Pereira Palha, alcaide-mór e capitão-mór da dita villa, cavalleiro da ordem de Christo, e de sua mulher D. Domingas Theresa Coelho; neto paterno de Estevão Pereira, e de sua mulher Luiza Maria Palha; neto materno de Domingos Coelho, e de sua mulher Margarida Dias.

As armas dos Pereiras. — Br. p. a 7 de dezembro de 1759. Reg. no Cart. da N., liv. particular, fl. 125 v.

(C. C.)

629. Estevão Perestrello Dantas, natural de Coimbra, filho de Diogo Rodrigues Dantas, morador em Coimbra, e neto de Rodrigo Eannes Dantas, que foi morador em Soure, e fidalgo muito honrado; bisneto de João Rodrigues Dantas, que foi secretario de D. Affonso V, e do verdadeiro tronco d'esta geração.

Carta pela qual el-rei D. João III lhe concede o seguinte brazão de seus antecessores: — Escudo de campo vermelho com uma cruz de seis lisonjas de azul perfiladas de oiro, quatro em pala e duas em faxa, e por differença uma flor de liz de prata; elmo de prata aberto guarnecido de oiro, paquife de oiro, azul e vermelho, e por timbre uma anta; com todas as honras e privilegios de fidalgo por descender da geração e linhagem dos Dantas. — Dada em Lisboa a 5 de janeiro de 1540. Reg. na Chanc. de D. João III, liv. L, fl. 25.

630. Estevão Rebello, moço da camara do infante D. Luiz, filho de Ruy Vicente Cardoso, neto de Vicente Annes Cardoso, bisneto de Luiz Vaz Cardoso, que foram fidalgos e do tronco d'esta linhagem.

Carta pela qual el-rei D. João III lhe concede o seguinte brazão de seus antecessores: — Escudo de vermelho com dois cardos verdes, um sobre o outro, com as raizes de prata e floridos, entre dois leões de oiro batalhantes, por differença uma flor de liz de prata; elmo de prata aberto guarnecido de oiro, paquife de oiro e vermelho, e por timbre uma cabeça de leão de oiro com a boca para cima e um dos cardos a sair d'ella; com todas as honras de fidalgo por descender da nobre linhagem dos Cardosos. — Dada em Evora a 13 de janeiro de 1535. Reg. na Chanc. de D. João III, liv. X, fl. 61.

631. Estevão Ribeiro de Almeida, filho de João Ribeiro de Andrade e neto de Alvaro Ribeiro de Almeida, que foi fidalgo muito honrado da casa do infante D. Henrique e do tronco d'estas gerações.

Carta pela qual el-rei D. João III lhe concede o seguinte brazão de seus antecessores: — Escudo de campo esquartelado; o primeiro de vermelho, com seis besantes de oiro em duas palas, entre uma dobre cruz, e bordadura de oiro; o segundo esquartelado, o primeiro de oiro com tres palas de vermelho, o segundo de preto com tres faxas veiradas de prata e vermelho, e por differença uma flor de liz, metade verde e metade de prata; elmo de prata aberto guarnecido de oiro, paquife de oiro e vermelho, e por timbre uma aguia preta besantada de oiro; com todas as honras e privilegios de fidalgo por descender da geração e linhagem dos Ribeiros e Almeidas. — Dada em Evora a 13 de novembro de 1536. Reg. na Chanc. de D. João III, liv. XXIII, fl. 69 v.

632. Estevão Salema, morador em Lisboa, filho de João Salema, morador em Aldea-gallega; neto de Estevão Salema, fidalgo; bisneto de outro Estevão Salema, que tambem foi fidalgo e do tronco d'esta geração.

Carta pela qual el-rei D. João III lhe concede o seguinte brazão de seus antecessores: — Escudo de campo verde com um castello de oiro, com as portas e guarnecido de preto, e uma bordadura azul com sete salemas de prata; elmo de prata aberto guarnecido de oiro, paquife de oiro, verde e azul, e por timbre o mesmo castello; com todas as honras e privilegios de fidalgo por descender da geração e linhagem dos Salemas. — Dada em Lisboa a 3 de dezembro de 1542. Reg. na Chanc. de D. João III, liv. XXXII, fl. 91.

633. Estolano Ignacio de Oliveira Pereira (Alferes), natural da ilha do Fayal, filho do alferes João Ignacio de Oliveira Pereira, e de sua mulher D. Clara Thomasia Pereira; neto pela parte paterna de Manuel de Oliveira, e de D. Victoria da Luz, instituidores de um vinculo na dita ilha, e na do Pico; e pela parte materna do capitão Domingos Terra, e de sua mulher D. Thereza Pereira de Jesus.

Um escudo partido em pala; na primeira as armas dos Oliveiras, e na segunda as dos Pereiras. — Br. p. a 30 de julho de 1788. Reg. no Cart. da N., liv. IV, fl. 61 v.

(C. C.)

634. D. Eufrazia Maria Pacheco Gomes de Arede Vidal, casada com José Baptista Pimenta Corrêa, moradores na sua quinta de Villar, termo da villa de Tondella, comarca de Viseu; filha de João Gomes Martins, e de sua mulher D. Maria Eufrazia Pacheco Telles de Arede Vidal; neta pela parte paterna de Manuel Martins Viegas, e de sua mulher D. Isabel Martins Gomes, e pela materna de Mathias Gomes Pacheco, e de sua mulher D. Francisca Gomes de Arede Vidal Pacheco.

Um escudo de lisonja partido em pala; na primeira as armas dos Pimentas e Corrêas de seu marido, que ella deve usar segundo o regimento da armaria, e na segunda as que lhe pertencem por seus paes, que é cortada em faxa, na superior as dos Pachecos, e

na inferior as dos Telles. — Br. p. a 9 de junho de 1787. Reg. no Cart. da N., liv. IV, fl. 7 v.

(C. C.)

635. D. Eugenia Candida da Fonseca, natural da villa de Canas de Senhorim, e moradora na cidade de Viseu; filha de José Antonio da Fonseca, e de sua mulher D. Perpetua Maria da Costa; neta paterna de Francisco Mendes Furtado, e de sua mulher D. Brites Lopes da Fonseca; neta materna de Luiz Novaes da Costa, e de sua mulher D. Francisca Xavier. A supplicante é viuva de João da Silva Mendes, natural da villa de Figueiró dos Vinhos, pessoa nobre das illustres familias dos Silvas e Mendes, o que tendo sido justificado por seu filho Francisco Antonio da Silva Mendes, se passou a este o seu brazão de armas a 3 de dezembro de 1818.

Uma lisonja partida em pala; na primeira as armas dos Silvas e Mendes, na segunda as dos Costas. — Br. p. a 17 de junho de 1825. Reg. no Cart. da N., liv. VIII, fl. 149.

(C. C.)

636. Eugenio Dionysio Mascarenhas Grade, visconde de Lagôa, do conselho de sua magestade, e conselheiro do supremo Tribunal de justiça.

Um escudo esquartelado, com as armas que lhe foram concedidas por alvará de 20 de agosto de 1861. (M. N.) — Br. p. a 2 de abril de 1862. Reg. no Cart. da N., liv. IX, fl. 46 v. V. no I. H. *Grade.*

(C. C.)

637. Ezequiel de Paula Sá Prego, natural de Lisboa, cavalleiro fidalgo da casa real, e proprietario; filho de Ezequiel Epiphanio da Fonseca Prego, negociante de grosso tracto, e de sua mulher D. Henriqueta Angelina de Oliveira Banha e Sá; neto paterno de Henrique da Fonseca Sousa Prego, cavalleiro fidalgo da casa real, do conselho de sua magestade, commendador das ordens de S. Bento de Aviz e de Leopoldo da Austria, vice-almirante da armada, e de sua mulher D. Maria do Carmo Prego; bisneto de José Joaquim da Fonseca, proprietario, e de sua mulher D. Joaquina Ignacia da Fonseca; e neto materno de João José da Costa e Sá, proprietario, e de sua mulher D. Anna Marinha Julia de Oliveira e Banha; bisneto de Antonio de Oliveira Banha, e de sua mulher D. Placida Julia de Santa Anna e Banha.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Fonsecas, no segundo as dos Sousas, no terceiro as dos Pregos, e no quarto as dos Sás. — Br. p. a 25 de março de 1861. Reg. no Cart. da N., liv. IX, fl. 40.

(C. C.)

F

638. Faustino José Lopes Nogueira de Figueiredo e Silva (Bacharel), filho de Bernardo José Lopes Nogueira, sargento-mór, e juiz das aposentadorias, e direitos reaes das imposições da villa de Santarem, e de sua mulher D. Brigida Thereza Pereira da Silva; neto pela parte paterna do bacharel Manuel Simões Martins Nogueira, juiz dos orphãos da villa de Goes, e de sua mulher D. Rosa Maria de Figueiredo, filha de José Lopes de Carvalho, e de D. Maria da Cruz Nogueira de Figueiredo; bisneto pela sua varonia de

Manuel Simões Nogueira, e de D. Maria Antonia da Silveira, filha de Domingos Martins da Silveira, cavalleiro da ordem de Christo, e de sua mulher D. Maria da Silva.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Nogueiras, no segundo as dos Silveiras, no terceiro as dos Carvalhos, e no quarto as dos Figueiredos. — Br. p. a 23 de novembro de 1787. Reg. no Cart. da N., liv. IV, fl. 36.

(C. C.)

639. Faustino José Lopes Nogueira de Figueiredo e Silva (Bacharel), filho de Bernardo José Lopes Nogueira, sargento-mór, e juiz das aposentadorias, e direitos reaes das imposições da villa de Santarem, e de D. Brigida Thereza Pereira da Silva; neto pela parte paterna do bacharel Manuel Simões Martins Nogueira, juiz dos orphãos da villa de Goes, e de D. Rosa Maria de Figueiredo, filha de José Lopes de Carvalho, e de D. Marianna da Cruz Nogueira de Figueiredo; bisneto pela sua varonia de Manuel Simões Nogueira, e de D. Maria Antão da Silveira, filha de Domingos Martins da Silveira, cavalleiro da ordem de Christo, e de sua terceira mulher D. Maria da Silva; terceiro neto pela mesma varonia do capitão-mór Manuel Fernandes Nogueira, do couto de Fermozelle, e de D. Anna Rodrigues de Oliveira.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Nogueiras, no segundo as dos Silveiras, no terceiro as dos Carvalhos, e no quarto as dos Figueiredos. — Br. p. a 21 de outubro de 1788. Reg. no Cart. da N., liv. IV, fl. 80 v.

(C. C.)

640. Felicia Maria de Mesquita Borges, natural do logar do Souto-maior, freguezia e concelho de Atayde, irmã de José de Oliveira de Andrade Borges de Mesquita, a quem se passou brazão de armas a 17 do corrente mez e anno, e ambos filhos de Mattheus de Oliveira, e de sua mulher Maria Francisca, filha de Antonio Francisco, e de sua mulher Maria Borges; neta a supplicante pela sua varonia de Fructuoso de Oliveira Borges, e de sua mulher Seraphina Monteiro; bisneta de Francisco Ferreira, e de sua mulher Margarida de Mesquita Borges, esta filha de Antonio Borges, e de sua mulher Margarida de Mesquita, terceiros avós da supplicante; e por esta parte quarta neta de Antonio Paes do Amaral, capitão-mór da villa de Celorico de Basto, e de sua mulher Marinha Borges, e por esta quinta neta de Balthazar Borges Lousada, e de sua mulher D. Isabel Gomes de Abreu e Brito; sexta neta de Fernando Gonçalves de Faria, ouvidor que foi de Mezão-frio, e de sua mulher D. Isabel Borges de Azevedo, esta filha de Belchior Borges, fidalgo da casa real, cavalleiro da ordem de Sant'Iago, e de sua mulher D. Felicita Cerqueira, e neta de Gaspar Borges de Sousa, e de sua mulher e parenta D. Thereza Gomes, e neta de D. Senhorinha do Rego Borges, e de seu marido João de Lousada de Ledesma; bisneta de D. Catharina do Rego Borges, e de seu marido Affonso de Mancilhas: a qual D. Catharina do Rego Borges, filha de João Borges, fidalgo da casa real, senhor da terra de Alva, e do padroado das tres egrejas S. Miguel de Mamoras, S. Martinho de Alva, Santa Maria de Pipião, alcaide-mór de Santarem, decimo avô da supplicante; e por esta parte decima primeira neta de Ruy Borges, fidalgo da casa real, senhor das terras de Carvalhaes, do couto de Avellãs de cima, e de Ferreiros do reguengo de Quintella e de Arcos, logares de Ilhavo, villa de Milho e casaes de Sá, com o padroado das referidas egrejas, mero e mixto imperio nas terras d'ellas; e finalmente decima segunda neta de Diogo Borges, commendador do Torrão, e senhor donatario das referidas terras e outras mais.

As armas dos Borges, Oliveiras, Mesquitas e Monteiros. — Br. p. a 20 de janeiro de 1758. Reg. no Cart. da N., liv. particular, fl. 113.

(C. C.)

641. Feliciano José Gonçalves Reinaut (Capitão), natural da cidade de Lisboa, filho do capitão Bernardo Gonçalves Reinaut, e de sua mulher D. Anna Joaquina; neto

pela parte paterna do capitão Manuel Gonçalves Reinaut, e de sua mulher D. Lourença Caetana; e pela materna de André Moreira, e de sua mulher D. Thereza Josepha.

Um escudo partido em pala; na primeira as armas dos Gonçalves, e na segunda as dos Moreiras.—Br. p. a 13 de maio de 1789. Reg. no Cart. da N., liv. IV, fl. 106.

(C. C.)

642. FELICIANO JOSÉ PINTO RIBEIRO, natural da cidade de Pernambuco, filho do doutor Francisco Antunes Tavares, e de sua mulher D. Maria Barbosa da Silva e Vasconcellos; neto pela parte paterna de Antonio Telles Pimentel Coelho, fidalgo da casa real, e de sua mulher D. Leonor Josepha da Silva e Vasconcellos, sendo a mãe do supplicante irmã germana de Antonio José Pinto Ribeiro e Vasconcellos, cavalleiro commendador de S. Gens, e Miranda, fidalgo da casa real; bisneto de João Pinto Ribeiro, cavalleiro commendador da referida commenda, e fidalgo da casa real, e de sua mulher D. Maria Clara Sayvote.

Um escudo partido em pala; na primeira as armas dos Pintos, e na segunda as dos Ribeiros.—Br. p. a 27 de maio de 1799. Reg. no Cart. da N., liv. VI, fl. 86.

(C. C.)

643. D. FELICISSIMA CONSTANÇA SALGADO DE BAENA E FARINHA, casada com D. Augusto Romano Sanches Baena e Farinha, moço fidalgo com exercicio na casa real, commendador da ordem do Santo Sepulcro, e cavalleiro da ordem de Malta, a quem se passou brazão de armas a 24 de maio de 1867; filha de Luiz Antonio Salgado, negociante matriculado da cidade do Porto, capitão do regimento de milicias da mesma cidade, e condecorado com a medalha das campanhas da liberdade, e de sua mulher D. Maria José Salgado; neta paterna de Luiz Antonio Salgado Guimarães, negociante matriculado da dita cidade, e de sua mulher D. Joaquina Rosa Salgado Guimarães; bisneta de Manuel Salgado do Canto, e de sua mulher D. Francisca Rosa do Canto; neta materna de Antonio Manuel dos Santos, negociante matriculado da cidade do Porto, e consul do Brazil na mesma cidade, e de sua mulher D. Antonia Angelica Manuel dos Santos; o qual era irmão de Francisco das Chagas Santos, formado em mathematica, marechal do exercito brazileiro, fidalgo cavalleiro da casa imperial, commendador da ordem de Aviz e da imperial ordem da Rosa, official da imperial ordem do Cruzeiro, e condecorado com as medalhas de campanha do sul do imperio; bisneta de Antonio Manuel dos Santos, e de sua mulher D. Joaquina Maria de Jesus; terceira neta emfim de D. Francisco Manuel, e de sua mulher D. Luiza Velloso.

Uma lisonja partida em pala; na primeira as armas de seu marido, que são esquarteladas, no primeiro quartel as armas dos Sousas, no segundo as dos Costas, no terceiro as dos Sanches, e no quarto as dos Baenas; na segunda pala as armas da sua familia, que são partidas em pala, na primeira as armas dos Salgados de Guimarães, e na segunda as dos Manueis de Castella.—Br. p. a 3 de fevereiro de 1869. Reg. no Cart. da N., liv. IX, fl. 114 v.

(C, C.)

644. FELISBERTO CALDEIRA BRANT PONTES OLIVEIRA E ORTA, tenente coronel aggregado a um dos regimentos de infanteria da cidade da Bahia, e natural de Minas-geraes, filho de Gregorio Caldeira Brant, e de sua mulher D. Anna Francisca Joaquina de Oliveira e Orta; neto por parte paterna de Felisberto Caldeira Brant, capitão de cavallaria de Minas-geraes, onde fez algumas diligencias do real serviço á sua custa, e de sua mulher D. Branca de Oliveira e Orta; neto por parte materna de José Caetano Rodrigues Orta, coronel de milicias do regimento da cidade de Marianna, professo na ordem de Christo, e fidalgo da casa real, e de sua mulher D. Ignacia Maria Peres de Oliveira.

Um escudo esquartelado; no primeiro e quarto quarteis as armas dos Caldeiras, no

segundo as dos Oliveiras, e no terceiro as dos Ortas.—Br. p. a 12 de fevereiro de 1801. Reg. no Cart. da N., liv. vi, fl. 164 v.

(C. C.)

645. Felix Antonio de Valois Cardoso, cavalleiro professo na ordem de Christo, familiar do Santo Officio, bacharel formado na Universidade de Coimbra, natural e morador na cidade de Lisboa; filho de Antonio Rodrigues dos Santos, familiar do Santo Officio, e de sua mulher D. Anna Maria de Jesus; neto paterno de Antonio Dias, e de sua mulher D. Simoa Rodrigues, que era descendente legitima dos Vazes da Certã, que são pessoas muito nobres, os quaes possuiam no anno de 1584 uma capella que havia instituido muitos annos antes Fernando Alvares, e a possuiu no dito anno Jorge Vaz, filho de João Vaz, e apparentavam com os Leitões, que é ali familia muito principal, e com os Mendonças, Pereiras e Casaes, e no Crato com os Ribeiros, e com os Mottas da Fonseca, cuja noticia temos em genealogia particular d'esta familia; neto materno o supplicante de Francisco Jorge, e de sua mulher Luiza Cardoso, da familia tambem d'este appellido.

As armas dos Vazes e Cardosos.—Br. p. a 9 de julho de 1755. Reg. no Cart. da N., liv. particular, fl. 90.

(C. C.)

646. Felix Duarte, ajudante de infanteria, com exercicio de engenheiro na praça de Valença do Minho; filho de Estevão Mendes de Araujo, e de sua mulher D. Ignez Maria Duarte, o qual seu pae era natural do reino de Galliza, da freguezia de S. João de Alves, d'onde se passou para este de Portugal, e se estabeleceu na freguezia de S. Paio de Arcos; filho de D. Leonardo Mendes de Araujo; neto de D. Filippe Mendes de Gundar e Souto-maior; bisneto de D. Tristão Mendes de Gundar e Souto-maior; terceiro neto de D. Gregorio Mendes de Gundar Souto-maior, e de sua mulher D. Beatriz Alvares de Araujo, quartos avós do supplicante, e que todos foram descendentes das esclarecidas familias e solares dos Mendes, Gundares, Araujos, e Souto-maiores do dito reino, senhores da torre de Sande, e das casas de Pombeiros e Souto-maior.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Mendes, no segundo as dos Gundares, no terceiro as dos Araujos, e no quarto as dos Souto-maiores.—Br. p. a 28 de setembro de 1770. Reg. no Cart. da N., liv. i, fl. 134 v.

(C. C.)

647. Felix José Coimbra, da cidade da Bahia, filho de Bento Coimbra Porto-alegre e Andrade, e de Antonia Luiza Pereira, da cidade de Braga; neto pela parte paterna de Lourenço José Coimbra, e de D. Clara da Silva, e pela materna de Francisco Pereira Velho, e de Domingas Pereira.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Andrades, no segundo as dos Silvas, no terceiro as dos Pereiras, e no quarto as dos Velhos.—Br. p. a 11 de outubro de 1781. Reg. no Cart. da N., liv. iii, fl. 26 v.

(C. C.)

648. D. Felix Moreno Monroy e Rós de Medrano, cadete de infanteria de Granada, natural de S. Roque, campo da cidade de Gibraltar, reino de Hespanha; filho de D. Pedro Moreno Monroy, regedor perpetuo que foi da dita cidade de Gibraltar, e de sua mulher D. Manuela de Rós; neto pela parte paterna de outro D. Pedro Moreno Monroy, regedor perpetuo que tambem foi da cidade de Gibraltar, sorteado para alcaide dos fidalgos; bisneto de D. Antonio Moreno Monroy, tenente general que foi nas Indias de Castella, onde serviu aquella corôa com grande distincção; terceiro neto de D. Fernando de Monroy, cavalleiro tão esclarecido, que o senhor imperador Carlos v o honrou com gran-

des mercês, fóros e privilegios, que hoje gozam seus descendentes : e pela materna neto de D. João de Rós, e de D. Lourença Ponte; bisneto de D. Francisco de Rós e Medrano, cavalleiro da ordem de Alcantara, regedor que foi da cidade de Alcalá de Enares; terceiro neto de D. João de Rós e Medrano, e de D. Maria Molina.

Um escudo esquartelado; no primeiro e quarto quarteis as armas dos Morenos, no segundo as dos Monroys, e no terceiro as dos Medranos. — Br. p. a 15 de agosto de 1776. Reg. no Cart. da N., liv. II, fl. 107.

(C. C.)

649. Felix Pereira de Medeiros, natural da villa de Lamas de Orelhão, comarca da Torre de Moncorvo, arcebispado de Braga, e capitão-mór da mesma villa; filho de Pedro Pereira de Medeiros Teixeira Padrão, sargento-mór da referida villa, e de sua mulher D. Anna Maria de Moraes Teixeira Coelho; neto pela parte paterna de Leonardo Pereira de Medeiros, e de sua mulher D. Ursula de Medeiros Teixeira, e pela materna de Balthazar Teixeira Coelho, e de sua mulher D. Angela Teixeira de Moraes.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Pereiras, no segundo as dos Medeiros, no terceiro as dos Teixeiras, e no quarto as dos Moraes. — Br. p. a 9 de dezembro de 1790. Reg. no Cart. da N., liv. IV, fl. 199 v.

(C. C.)

650. Felix Pereira da Piedade, sargento-mór da cavallaria da cidade da Bahia, d'onde é natural; filho do capitão Gregorio Pereira, e de sua mulher Ursula dos Birgens; neto pela parte paterna de Manuel Rodrigues, e de sua mulher D. Josepha Maria, e pela materna neto de Carlos Martins da Silva, e de Filippa Machado.

Um escudo partido em pala; na primeira as armas dos Pereiras, e na segunda as dos Silvas. — Br. p. a 17 de outubro de 1769. Reg. no Cart. da N., liv. I, fl. 114 v.

(C. C.)

651. Felizardo Antonio da Silva Miranda, natural da freguezia de Nossa Senhora, suburdios d'esta cidade, commendador honorario da ordem de S. Bento de Aviz, cavalleiro fidalgo da casa real, e capitão tenente da real armada; filho de Antonio José de Sousa Miranda, cavalleiro da ordem de S. Bento de Aviz, cavalleiro fidalgo da casa real, e capitão de fragata graduado da real armada, e de sua mulher D. Jeronyma Thereza da Silva Miranda; neto paterno de Felizardo José de Miranda, cavalleiro da ordem de Christo, cavalleiro fidalgo da casa real, capitão de infanteria da guarnição da praça de Mazagão, e na mesma escrivão proprietario da vedoria geral, e depois escrivão das mercearias da senhora rainha D. Catharina, e do infante D. Luiz, e de sua mulher D. Catharina Maria de Sousa; bisneto de Antonio da Silva Chagas de Miranda, e de sua mulher D. Maria Thereza Caetana, dos quaes foram egualmente filhos D. Rosalia Barbara Isabel de Miranda, e Antonio Silverio de Miranda, cavalleiro da ordem de Christo, provedor da Casa da moeda, e thesoureiro geral das tenças, do qual foram tambem filhos o desembargador da Relação do Porto, José Guilherme de Miranda, e o actual thesoureiro geral das tenças, Joaquim Marcellino de Miranda; bisneto egualmente por sua referida avó D. Catharina Maria de Sousa do coronel do mar Salvador Nunes de Abreu, e de sua mulher D. Thereza Maria de Sousa, os quaes foram egualmente paes de D. Anna Maria Euphemia de Sousa, e d'esta foi filha D. Maria Clementina Gonzaga das Mercês, que casando com Antonio Raphael Damaso de Sousa, tiveram por filhos Paulo Maria de Campos e Sousa, moço da real camara, e as açafatas com exercicio, D. Anna Maria de Campos e Sousa, D. Maria Joanna de Campos e Sousa, e D. Joaquina Emilia de Campos e Sousa; neto materno do sargento-mór Alberto Nunes da Silva.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Mirandas, no segundo

as dos Abreus, no terceiro as dos Sousas, e no quarto as dos Silvas. — Br. p. a 17 de abril de 1826. Reg. no Cart. da N., liv. VIII, fl. 186.

(C. C.)

652. Fernão de Andrade Velho, filho de Pedro Fernandes Velho, neto de Fernão Vicente Velho, e bisneto de Vicente Annes Velho, que foram homens nobres e fidalgos, e do tronco d'esta geração.

Carta pela qual el-rei D. João III lhe concede o seguinte brazão de seus antecessores: — Escudo de campo vermelho com cinco vieiras de oiro, em aspa, e por differença uma flor de liz de prata; elmo de prata aberto guarnecido de oiro, paquife de oiro e vermelho, e por timbre um chapéo preto com uma das vieiras; com todas as honras e privilegios de nobre e fidalgo por descender da geração e linhagem dos Velhos. — Dada em Evora a 24 de julho de 1536. Reg. na Chanc. de D. João III, liv. XXII, fl. 62 v.

653. Fernão Borges, moço da camara escusado do duque de Bragança, filho de Garcia Borges, cavalleiro da casa do infante D. Pedro, e de Leonor Rodrigues de Almeida; neto de Lopo Borges, que foi do tronco d'esta geração, e viveu sempre em lei de fidalgo.

Carta pela qual el-rei D. Manuel lhe concede e a seus descendentes o brazão de armas seguinte, dos seus antepassados, que lhe pertence por descender da geração e linhagem dos Borges: — Um escudo de campo vermelho com leão de oiro, com uma bordadura azul cheia de flores de liz de oiro, e por differença uma manilha de prata; elmo de prata, paquife de oiro e de vermelho, e por timbre um leão de oiro, com a lingua e unhas azues e os dentes de prata, e na cabeça uma flor de liz vermelha. — Dada em 1513. Reg. na Chanc. de D. Manuel, liv. XLII, fl. 69 v., e liv. V de Mist., fl. 98, v.

654. Fernão de Campos, criado do cardeal infante.

Carta pela qual el-rei D. João III lhe concede o seguinte brazão de seus antecessores: — Escudo de campo esquartelado; o primeiro de azul com tres cabeças de leão de oiro, em roquete, com as linguas encortadas de vermelho; o segundo partido em pala, a primeira de oiro com meia aguia de preto, e a segunda de azul com uma faxa de vermelho e n'ella uma lua de prata e duas abaixo da faxa, e por differença uma dobre brica de prata e verde; elmo de prata aberto guarnecido de oiro, paquife de oiro e azul, e por timbre meia aguia de preto estendida, dos peitos para cima; com todas as honras e privilegios de fidalgo por descender da geração e linhagem dos Campos, e d'Abul por parte de sua mãe e avós. — Dada em Lisboa a 30 de agosto de 1529. Reg. na Chanc. de D. João III, liv. XVII, fl. 116.

655. Fernão Cardoso, fidalgo da casa real.

Carta pela qual el-rei D. João III lhe concede o seguinte brazão de seus antecessores: — Escudo de campo esquartelado; o primeiro dos Leitões, que é de prata com tres faxas de vermelho; o quarto dos Cardosos, que é de vermelho, com um cardo verde com duas alcachofras, florido de oiro e as raizes de prata, entre dois leões de oiro rompentes; o segundo dos Homens, é de azul com seis crescentes de oiro em pala de tres em tres; o terceiro dos Camellos, que é de azul com uma estrella de oiro entre quatro crescentes de prata apontados, e por differença uma flor de liz verde; elmo de prata aberto, paquife de oiro e vermelho, e por timbre um leão dos Cardosos com um cardo saindo-lhe de entre as mãos; com todas as honras e privilegios de fidalgo por descender da geração e linhagem dos Leitões, Cardosos, Homens e Camellos. — Dada em Evora a 27 de outubro de 1524. Reg. na Chanc. de D. João III, liv. IV, fl. 81 v.

656. Fernão Gil, cavalleiro, criado e thesoureiro da casa real.

Carta pela qual el-rei D. Affonso V lhe concede e a seus filhos e descendentes o se-

guinte brazão de armas com o appellido de Monterroyo por titulo: — Escudo de oiro com um crescente branco [1], e sobre as pontas d'elle uma aguia vermelha de cabeça partida, e de bicos e pés brancos com senhas, chapeletas de hera nas cabeças. — Dada em Lisboa a 21 de outubro de 1450. (M. N.) Reg. na Chanc. de D. Affonso v, liv. III de Mist., fl. 105 v.

657. Fernão de Landim, cavalleiro da casa real, morador em Extremoz, filho de Alvaro de Landim, e neto de João de Landim, que foi fidalgo e do tronco d'esta geração.

Carta pela qual el-rei D. João III lhe concede o seguinte brazão de seus antecessores: — Escudo de campo de prata com uma faxa de vermelho e no meio do chefe do escudo uma cabeça de leão vermelha com sua lingua, e por differença uma merleta preta; elmo de prata aberto guarnecido de oiro, paquife de prata e vermelho, e por timbre a mesma cabeça de leão entre duas azas de oiro; com todas as honras de nobre fidalgo por descender da linhagem e geração dos Landins. — Dada em Evora a 8 de julho de 1535. Reg. na Chanc. de D. João III, liv. x, fl. 96.

658. Fernão de Loronha, cavalleiro da casa real.

Tendo requerido em 1506 a el-rei D. Manuel que lhe permittisse usar de uma carta de brazão que el-rei de Inglaterra lhe havia concedido, dando-lhe uma meia rosa das suas, el-rei não lh'o permittiu, mas houve por bem dar-lhe uma nova carta de brazão, o qual era ornado com a dita meia rosa. El-rei D. João III lhe confirmou esta carta em 1524, e o fez fidalgo de cota de armas, concedendo-lhe e a todos os seus descendentes o accrescentamento do referido brazão, que ficou sendo da forma seguinte: — Escudo de campo partido em duas palas; a primeira de prata com uma meia flor de liz de oiro pegada com meia rosa vermelha, na cabeça; a segunda de verde com a mesma meia flor de liz de oiro e meia rosa vermelha, no pé, e uma pomba de prata, voando, na cabeça; elmo de prata cerrado, paquife de prata e verde, e por timbre a mesma pomba; com todas as honras e privilegios de fidalgo pelos muitos serviços que prestou a el-rei D. Manuel. — Dada em Lisboa a 23 de setembro de 1532. (M. N., confirmação e accrescentamento.) Reg. na Chanc. de D. João III, liv. XVIII, fl. 35 v., e liv. XXXVII, fl. 126.

659. Fernando de Almeida, morador na cidade do Porto, filho de Diogo de Almeida, fidalgo da casa real, e de Maria da Fonseca; neto de Affonso Annes da Fonseca, o qual Diogo de Almeida foi filho de Alvaro Pires da Silveira, que foi fidalgo da casa real e conselheiro, e de D. Isabel de Almeida, do tronco da linhagem dos Almeidas; bem assim o dito Alvaro Pires da Silveira foi do verdadeiro tronco da linhagem dos Silveiras.

Carta pela qual el-rei D. João III lhe concede o seguinte brazão de seus antecessores: — Escudo de campo esquartelado; o primeiro de prata com tres faxas de vermelho, e o segundo de vermelho com seis arvelas de oiro entre uma dobre cruz e bordadura do mesmo, e por differença um filete preto; elmo de prata aberto guarnecido de oiro, paquife de prata e vermelho e oiro, e por timbre um meio *huso* cortado de vermelho, sobre uma capella de silvas perluzidas de prata; com todas as honras e privilegios de fidalgo por descender da geração e linhagem dos Silveiras e Almeidas. — Dada em Lisboa a 25 de novembro de 1540. Reg. na Chanc. de D. João III, liv. L, fl. 231.

660. Fernando Alvares de Rebello, cavalleiro fidalgo da casa real, filho de Rodrigo de Rebello, e de Catharina da Maia; neto de Fernando Alvares de Rebello, e bisneto de Alvaro Annes de Rebello, bem assim era neto de Antonio Fernandes Privado, e bisneto

[1] Isto é, metal sobre metal; ao que os heraldicos chamam armas *inquiridas* ou a *inquirir*. Para maior esclarecimento vai no supplemento a carta acima, na sua integra, e no Indice, appellido *Monterroyo*, fazemos varias considerações a respeito.

de Aldonça Rodrigues Privada, terceiro neto de João Privado, que foi fidalgo da casa de el-rei D. Duarte, e chefe d'esta geração dos Privados.

Carta pela qual el-rei D. João III lhe concede o seguinte brazão de seus antecessores: — Escudo de campo esquartelado; o primeiro dos Rebellos, de azul com tres faxas de oiro, e em cada faxa uma flor de liz vermelha, em contrabanda, o segundo de oiro com quatro bandas de vermelho; elmo de prata aberto guarnecido de oiro, paquife de oiro, azul e vermelho, e por timbre um leopardo de oiro com uma flor de liz na testa; com todas as honras e privilegios de nobre fidalgo por descender da geração e linhagem dos Rebellos e dos Privados. — Dada em Lisboa a 6 de outubro de 1543. Reg. na Chanc. de D. João III, liv. XXVIII, fl. 54.

661. Fernando Antonio Pinto da Silva Novaes, filho de Antonio Pinto de Almeida Novaes, e de sua mulher D. Maria Delphina Rosa da Silva; neto paterno de Fernando Antonio de Almeida Novaes, e de sua mulher D. Engracia Emilia Pereira Pinto Rebello Novaes; e materno de Antonio Rodrigues da Silva, capitão das extinctas ordenanças de besteiros, e de sua mulher D. Michaela Joaquina da Silva; bisneto paterno de Valentim de Almeida Novaes, bacharel formado em direito, e de sua mulher D. Maria Marianna Joaquina Pereira Coutinho e Almeida.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Novaes, no segundo as dos Silvas, no terceiro as dos Almeidas, e no quarto as dos Pintos. — Br. p. a 30 de outubro de 1859. Reg. no Cart. da N., liv. IX, fl. 27 v.

(C. C.)

662. Fernando Cardoso Maia, negociante da praça de Lisboa, filho de Isidoro Cardoso Maia, e de sua mulher D. Catharina de Sena; neto paterno de Domingos Cardoso Maia, e de sua mulher D. Thereza Maria de Jesus, e materno de Manuel Antunes de Carvalho, e de sua mulher D. Feliciana Rosa de S. José.

Um escudo partido em pala; na primeira as armas dos Cardosos, e na segunda as dos Maias. — Br. p. a 16 de outubro de 1815. Reg. no Cart. da N., liv. VII, fl. 325 v.

(C. C.)

663. Fernando Carneiro Leão, professo na ordem de Christo, fidalgo cavalleiro da casa real, capitão do 1.º regimento de milicias da cidade do Rio de Janeiro, negociante de grosso tracto da praça da mesma cidade, e da mesma natural; filho de Braz Carneiro Leão, professo na ordem de Christo, fidalgo cavalleiro da casa real, coronel do referido regimento de milicias da dita cidade, e negociante de grosso tracto da praça da mesma cidade, a quem se passou brazão de armas a 16 de dezembro de 1802, e de sua mulher D. Anna Francisca Rosa Maciel da Costa; neto paterno do capitão Manuel Martins Carneiro, e de sua mulher D. Raphaela Carneiro; bisneto de João Martins, e de sua mulher D. Catharina Carneiro; neto materno do sargento-mór Antonio Lopes da Costa, e de sua mulher D. Francisca Antunes Maciel da Costa.

Um escudo com as armas dos Carneiros. — Br. p. a 20 de dezembro de 1802. Reg. no Cart. da N., liv. VII, fl. 29 v.

(C. C.)

664. Fernando Dias, morador na ilha da Madeira, filho de Diogo Fernandes, sobrinho de João Fernandes do Arco, ao qual el-rei D. João II ennobreceu e deu armas.

Carta pela qual el-rei D. João III lhe concede e a seus descendentes o seguinte brazão de armas de seus antecessores: — Escudo de campo de oiro e n'elle um sagitario, metade homem, metade cavallo, o homem de sua côr e o cavallo entre *morezelo* e castanho escuro, com o arco armado nas mãos de vermelho e a corda de prata, e a flecha empenada de verde, e por differença um *compas* azul na primeira ponta; elmo de prata

cerrado, paquife de oiro e verde, e por timbre meio sagitario com seu arco; com todas as honras e privilegios de fidalgo, por descendencia e pelos serviços prestados por elle e por seu pae. — Dada em Santarem a 17 de abril de 1528. Reg. na Chanc. de D. João III, liv. XI, fl. 52.

665. FERNANDO DE LANDIM, cavalleiro da ordem de Aviz, filho de Alvaro de Landim, e neto de Fernando Eannes de Landim, que foi fidalgo muito honrado, e do tronco d'esta geração.

Carta pela qual el-rei D. João III lhe concede o seguinte brazão de seus antecessores: — Escudo de campo de prata com uma faxa vermelha e n'esta uma cabeça de leão tambem vermelha, e por differença uma flor de liz verde; elmo de prata aberto guarnecido de oiro, paquife de prata e vermelho, e por timbre a mesma cabeça de leão com duas azas de oiro; com todas as honras e privilegios de fidalgo, por descender da geração dos de Landim. — Dada em Lisboa a 18 de setembro de 1537. Reg. na Chanc. de D. João III, liv. XLIV, fl. 10.

666. FERNANDO LOURENÇO DOS BUZIOS, cavalleiro fidalgo da casa real, filho de Lourenço Vaz dos Buzios, e neto de Fernão Lourenço dos Buzios, outro sim filho de Beatriz Pegada, e neto de Mem Pegado, os quaes foram fidalgos honrados, e dos troncos d'estas gerações, e dos principaes da cidade de Elvas.

Carta pela qual el-rei D. João III lhe concede o seguinte brazão de seus antecessores: — Escudo de campo esquartelado; o primeiro de azul xaquetado de oiro de treze pontos, e sobre tudo tres palas de vermelho; o segundo de oiro com quatro faxas de vermelho, e por differença uma flor de liz de prata; elmo de prata aberto guarnecido de oiro, paquife de oiro, azul e vermelho, e por timbre duas cornetas de preto guarnecidas de oiro, em aspa; com todas as honras e privilegios de fidalgo por descender da geração e linhagem dos Buzios e Pegados. — Dada em Evora a 27 de julho de 1537. Reg. na Chanc. de D. João III, liv. XXIII, fl. 82 v.

667. FERNANDO LUIZ, cavalleiro, morador na cidade do Porto.

Carta pela qual el-rei D. Affonso V lhe concede e a seus descendentes o seguinte brazão de armas: — Um escudo em campo azul e uma torre branca com suas portas e janellas, e um canario verde dentro n'ella, e um leão rompente com a lingua, dentes e unhas doiradas subinte á torre; pelos seus feitos de armas nas tomadas de Arzilla e cidade de Tanger aos infieis. — Dada em Samora a 13 de novembro de 1475. (M. N.) Reg. na Chanc. de D. Affonso V, liv. II de Mist., fl. 62 v.

668. FERNANDO MALDONADO, morador em Alegrete, filho de João Maldonado, neto de Gonçalo Maldonado, e bisneto de Alvaro Maldonado, que foi fidalgo muito honrado e da geração dos Maldonados de Salamanca.

Carta pela qual el-rei D. João III lhe concede o seguinte brazão de seus antecessores: — Escudo de campo vermelho com cinco flores de liz de oiro, em aspa, e por differença um crescente de prata, paquife de oiro e vermelho, e por timbre um leão de oiro rompente com uma flor de liz vermelha na espadoa; com todas as honras de fidalgo por descender da geração dos Maldonados de Salamanca. — Dada em Lisboa a 18 de novembro de 1548. Reg. no liv. II de Privilegios, fl. 61.

669. FERNANDO MARIA DE MENDONÇA PESSANHA MASCARENHAS, tenente coronel do regimento de milicias da comarca de Faro, filho de Joaquim Thomaz de Mendonça Pessanha Mascarenhas, cadete do regimento de infanteria de linha n.º 14, e agente dos negocios de Portugal junto ao Conselho supremo de Sevilha, e consul geral da nação portugueza na cidade de Cadiz e portos adjacentes, a quem se passou brazão de armas a 30 de

julho de 1806, e de sua mulher D. Gertrudes Gomes Gonçala Ramos del Barco; neto paterno de Francisco de Mendonçá Pessanha Mascarenhas, coronel de infanteria e governador de Villa-real de Santo Antonio, e de sua mulher D. Feliciana Thomazia de Aquino da Silva; bisneto de Diogo de Mendonça Pessanha, capitão do indicado regimento n.º 14, e de sua mulher D. Anna Thereza de Faria Mascarenhas; terceiro neto de Domingos Coelho Vieira Pessanha, coronel do regimento de milicias da cidade de Lagos, e de sua mulher D. Anna Maria de Gouvea Mendonça Pessanha, filha de Manuel Correa Mascarenhas, fidalgo cavalleiro da casa real; bisneto por parte de sua avó paterna D. Feliciana Thomazia de Aquino da Silva, de Francisco Nunes da Silva, vedor geral das munições das tropas do Algarve, e de sua mulher D. Maria Antonia Augusta Ubal Montener, natural da cidade de Valença, reino de Hespanha, filha de D. Salvador Agostinho Ubal Montener, alcaide-mór de Murviedro, no mesmo reino, e de sua mulher D. Maria Suribio; neto materno de D. Fernando Gomes Gonzales Ramos del Barco, cavalleiro fidalgo, e de sua mulher D. Francisca Gomes, estes egualmente naturaes do reino de Hespanha.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Pessanhas, no segundo as dos Mascarenhas, no terceiro as dos Mendonças, e no quarto as dos Silvas.—Br. p. a 12 de agosto de 1811. Reg. no Cart. da N., liv. VII, fl. 231.

(C. C.)

670. Fernando Maria Pereira dos Santos, fidalgo cavalleiro, moço fidalgo com exercicio na casa real, e guarda roupa da real camara.

Um escudo esquartelado com as armas que lhe foram concedidas por alvará de 6 de junho de 1863.—Br. p. a 28 de junho de 1863. (M. N.) Reg. no Cart. da N., liv. IX, fl. 57 v. V. no I. H. *Pereira dos Santos.*

(C. C.)

671. Fernando de Mesquita, fidalgo da casa real, natural de Elvas, filho de Alvaro de Mesquita Pimentel.

Carta pela qual el-rei D. João III lhe concede o seguinte brazão de seus antecessores: —Escudo esquartelado; o primeiro dos Pimenteis, que é esquartelado, o primeiro de oiro com tres faxas de vermelho, o segundo de verde com tres vieiras de prata, em roquete, riscadas de preto, e uma bordadura de prata com oito cruzes *patras* de vermelho, e o segundo dos Mesquitas, de oiro, com cinco cintas de vermelho com suas fivelas e biqueiras em tres tachoes cada cinta de prata, esmaltadas de azul e uma bordadura azul com sete flores de liz de prata, e por differença uma merleta preta; elmo de prata aberto guarnecido de oiro, paquife de oiro e vermelho, e por timbre um meio moiro vestido de azul e toucado de prata, com uma azagaia na mão de côr natural; com todas as honras e privilegios de fidalgo por descender da geração e linhagem dos Pimenteis e Mesquitas.—Dada em Lisboa a 24 de abril de 1529. Reg. na Chanc. de D. João III, liv. XVII, fl. 80 v.

672. Fernando de Mesquita Moutinho, cavalleiro fidalgo da casa real, filho de João Moutinho, e neto de Martim Annes Moutinho, ambos fidalgos, e do tronco d'esta geração.

Carta pela qual el-rei D. João III lhe concede o seguinte brazão de seus antecessores: —Escudo de campo azul com uma flor de liz entre quatro cabeças de serpe tambem azues [1], duas em chefe e duas no pé, cortadas em vermelho; elmo de prata aberto guarnecido de oiro, paquife de oiro e azul, e por timbre uma das cabeças de serpe do escudo; com todas as honras e privilegios de fidalgo por descender da geração dos Moutinhos.—Dada em Lisboa a 21 de agosto de 1548. Reg. no liv. IV de Privilegios, fl. 211 v.

[1] Estas armas deram-se erradas: não póde ser côr sobre côr.

673. Fernando Moreira Parangual, cavalleiro fidalgo da casa real, natural da cidade de Lagos.

Carta pela qual el-rei D. Filippe i lhe concede e a seus descendentes o appellido de Parangual e o arma cavalleiro, dando-lhe o seguinte brazão de armas:—Escudo de campo azul e uma faxa de prata endentada entre uma estrella de oiro e a cabeça do moiro, que matou, cortada em sangue e fretada de prata; elmo de prata cerrado guarnecido de oiro, paquife de vermelho, azul e prata, e por timbre meio leão azul rompente armado de vermelho com a estrella das armas na espadua; com todas as honras e privilegios de fidalgo pelos seus revelantes serviços, que prestou em guerra contra os moiros na Africa. — Dada em Lisboa a 23 de março de 1585. (M. N.) Reg. na Chanc. de D. Filippe i, liv. v, fl. 92 v.

674. Fernando Pinto, morador em Lisboa, filho de Duarte Teixeira Pinto, neto natural de Ayres Pinto, e bisneto legitimo de Gonçalo Pinto, que foi alferes-mór do duque de Bragança, os quaes todos foram fidalgos e do tronco d'esta geração.

Carta pela qual el-rei D. Sebastião lhe concede o seguinte brazão de seus antecessores: — Escudo de campo de prata e cinco crescentes vermelhos, em aspa, e por differença meia cotiça verde; elmo de prata aberto guarnecido de oiro, paquife de prata e vermelho, e por timbre um leopardo de prata armado de vermelho com um crescente das armas na espadua; com todas as honras e privilegios de nobre fidalgo por descender da geração dos Pintos.—Dada em Lisboa a 15 de junho de 1571. Reg. na Chanc. de D. Sebastião, liv. vii, fl. 279 v.

675. Fernando de Ponce de Vasconcellos de Barbuda, filho de Luiz de Barbuda de Vasconcellos, neto de Pedro de Barbuda de Vasconcellos, e bisneto de Pedro Mendes de Barbuda de Vasconcellos, os quaes todos foram fidalgos e do tronco d'esta geração.

Carta pela qual el-rei D. João iii lhe concede o seguinte brazão de seus antecessores: —Escudo de campo esquartelado; o primeiro de oiro com nove lisonjas de veiros em tres palas, o segundo de preto com tres faxas veiradas e contraveiradas de preto e vermelho, e assim os contrarios, e por differença uma flor de liz verde; elmo de prata aberto guarnecido de oiro, paquife de oiro, azul, prata e vermelho, e por timbre um leão preto faxado com as tres faxas das armas; com todas as honras e privilegios de fidalgo por descender da geração dos Barbudas e Vasconcellos.—Dada em Lisboa a 28 de agosto de 1552. Reg. no liv. i de Privilegios, fl. 2.

676. Fernando do Porto de Pedroso, morador em Vianna da Foz do Lima, filho de Affonso do Porto de Pedroso, neto de João do Porto de Pedroso, e bisneto de Ruy Boroa de Pedroso, que foi fidalgo muito honrado e do tronco d'esta geração.

Carta pela qual el-rei D. João iii lhe concede o seguinte brazão de seus antecessores: —Escudo de campo de oiro e duas faxas de vermelho, e sobre o campo sete leões de purpura, tres em cada faxa e um no pé, e por differença uma flor de liz azul; elmo de prata aberto guarnecido de oiro, paquife de oiro, vermelho e purpura, e por timbre um dos leões; com todas as honras e privilegios de fidalgo por descender da geração dos Pedrosos.—Dada em Lisboa a 12 de novembro de 1548. Reg. no liv. ii de Privilegios, fl. 57.

677. Fernando da Veiga, morador em Villa-viçosa, filho de Diogo da Veiga, neto de Fernão da Veiga, e bisneto de Diogo da Veiga, os quaes foram fidalgos e do tronco d'esta geração.

Carta pela qual el-rei D. Sebastião lhe concede o seguinte brazão de seus antecessores: — Escudo de campo esquartelado; o primeiro de prata e uma aguia azul, estendida, o contrario do primeiro com tres flores de liz azues, em roquete, o segundo de vermelho e uma cruz de prata entre quatro flores de liz de oiro, e assim o seu contrario, e por differença uma merleta preta; elmo de prata aberto guarnecido de oiro, paquife de prata,

azul, oiro e vermelho, e por timbre a mesma aguia das armas; com todas as honras e privilegios de fidalgo por descender da geração dos Veigas.—Dada em Lisboa a 27 de maio de 1561. Reg. na Chanc. de D. Sebastião, liv. VI, fl. 25.

678. FILIPPE ALISTAM TELLES MONIZ CORTE-REAL, alferes de cavallos do regimento de Moura, natural da cidade de Silves, reino do Algarve; filho do capitão Manuel Telles Moniz, e de sua mulher D. Jacinta de Almeida Castello-branco; neto pela parte paterna do capitão Filippe Alistam Raposo, e de sua mulher D. Francisca Telles; bisneto de André de Atayde Mascarenhas, e de sua mulher Isabel Toscana Raposo e Almeida; terceiro neto de Manuel da Costa Corte-real, e de sua mulher Isabel Mascarenhas; e pela materna neto do capitão Francisco Bentes Vieira, e de sua mulher D. Maria de Sousa e Almeida Castello-branco; bisneto do capitão João Bentes Raposo, e de sua mulher Maria Adains.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Cortes-reaes, no segundo as dos Monizes, no terceiro as dos Telles, e no quarto as dos Almeidas.—Br. p. a 20 de janeiro de 1773. Reg. no Cart. da N., liv. I, fl. 191 v.

(C. C.)

679. FILIPPE ANTONIO BRUN BOTELHO, tenente que foi do forte de S. João Baptista, da cidade de Ponta-delgada, da ilha de S. Miguel, natural e morador na mesma; filho de Filippe Antonio, consul que foi da nação britannica na mesma ilha, e tenente do forte do corpo da guarda do Porto, e de sua mulher D. Francisca Marianna Ignacia de Mello e Cunha; neto por parte materna de Christovão da Cunha, e de sua mulher D. Isabel Botelho de Mello, filha do capitão Antonio Botelho Zagalo, em cujo posto se portou com distincto valor em quatro batalhas navaes contra os hollandezes, na America, e n'este reino na defeza da praça de Valença, no sitio de Badajoz, e na batalha das linhas de Elvas, pelo qual serviço lhe fez o senhor rei D. Affonso VI a mercê do posto de capitão, e de sua mulher D. Maria Barbosa, e neta de João da Costa, e de sua mulher Cecilia da Cruz.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Cunhas, no segundo as dos Botelhos, no terceiro as dos Mellos, e no quarto as dos Costas.—Br. p. a 5 de fevereiro de 1781. Reg. no Cart. da N., liv. II, fl. 265 v.

(C. C.)

680. FILIPPE DE BRITO DE NICOTE, fidalgo da casa real, e cavalleiro da ordem de Christo.

Carta pela qual el-rei D. Filippe II lhe concede e a seus descendentes o seguinte brazão de armas:—Escudo de campo partido em faxa; o primeiro de vermelho com um castello de oiro, com a porta azul, e as frestas e pintas de preto, acompanhado de seis roelas de prata de tres em pala; o segundo do mesmo, ondado de azul, e por timbre o mesmo castello com uma roela ao alto; elmo de prata aberto guarnecido de oiro, paquife dos metaes e cores das armas; e egualmente lhe concede o appellido de Brito de Nicote; pelos serviços por elle prestados.—Dada em Lisboa a 26 de março de 1608. (M. N.) Reg. na Chanc. de D. Filippe II, liv. III, fl. 181 v.

681. FILIPPE DA COSTA RIBEIRO HENRIQUES DE AVELLAR, juiz dos orphãos proprietario da villa de Alcanede, filho de João Duarte Henriques, proprietario que foi do dito officio, e de sua mulher D. Anna Maria Xavier Bernarda de Avellar e Costa; neto pela parte paterna de Sebastião Duarte Henriques, sargento-mór da referida villa, e de sua mulher D. Maria Duarte Pereira; bisneto de João Duarte Henriques, tenente de cavallaria que foi n'este reino, e de sua mulher D. Francisca Duarte; e pela materna neto de Filippe da Costa Ribeiro, juiz dos orphãos da dita villa, e de sua mulher D. Apollonia

Maria de Almeida; bisneto de Pacheco Mendes de Cerqueira, que teve o dito officio, e de sua mulher D. Maria Francisca e Lemos.

Um escudo esquartelado; no primeiro as armas dos Henriques, no segundo as dos Pereiras, no terceiro as dos Costas, e no quarto as dos Ribeiros. — Br. p. a 28 de outubro de 1769. Reg. no Cart. da N., liv. I, fl. 116.

(C. C.)

682. Filippe Fialho, natural de Lisboa, filho de João Fialho, cavalleiro da casa real e contador d'ella, e de Mecia Froes Borges; bisneto de João Borges, de Basto, fidalgo e do tronco d'esta geração.

Carta pela qual el-rei D. João III lhe concede o seguinte brazão de seus antecessores: — Escudo de campo vermelho e um leão de oiro com uma bordadura de azul semeada de flores de liz de oiro, e por differença uma brica de prata e n'ella uma merleta de preto; elmo de prata aberto guarnecido de oiro, paquife de oiro e vermelho, e por timbre o mesmo leão das armas; com todos as honras e privilegios de fidalgo por descender da nobre geração e linhagem dos Borges. — Dada em Evora a 20 de outubro de 1533. Reg. na Chanc. de D. João III, liv. XX, fl. 35.

683. Filippe José do Couto Vieira Sanchez de Barbosa e Sá Secco, senhor do morgado de Fundo, villa no concelho de Porto-carrero, pensionario in quocumque statu da santa Sé cathedral da cidade do Porto, senhor da antiga casa e solar de Sanchez, junto á ponte de Canavezes; filho de Manuel Barbosa de Meirelles, cidadão da mesma cidade, e de sua mulher D. Anna Clara de Jesus do Couto Vieira Sanchez e Sá; neto pela parte paterna de Estevão Barbosa e Sá, e de sua mulher D. Anna Luiza de Meirelles; bisneto de João Barbosa e Silva, e de sua mulher D. Maria da Silva; e pela parte materna neto do capitão João do Couto Vieira, cidadão da cidade do Porto, e de sua mulher D. Helena Thereza de Jesus Sanchez Monteiro e Sá Secco; bisneto de Francisco Vieira Branco, e de sua mulher D. Domingas Luiza do Couto, e pela dita sua avó D. Helena Thereza de Jesus Sanchez Monteiro e Sá Secco, bisneto de Faustino da Costa Monteiro e Sá Secco, cidadão da dita cidade do Porto, e de sua mulher D. Angela Thereza Sanchez de Sousa Monteiro, senhora do dito morgado, filha de André de Sousa, e de sua mulher D. Maria Rebello, filha esta de Francisco Sanchez, e de sua mulher D. Maria Rebello, e neta paterna de Francisco Sanchez, cavalleiro hespanhol, natural do logar da Povoa, da cidade de Soria de Almazan, priorado de Vellez, que era dos Sanchez da villa de Brocas, o qual passando a Portugal no tempo de Filippe II, e fazendo assento junto á ponte de Canavezes, casou ahi com D. Catharina André Gonçalves Vaz, filha de André Gonçalves, e de sua mulher D. Beatriz Vaz, senhora de uma grande casa, que seus descendentes fizeram illustre solar d'esta sua familia e appellido de Sanchez de Castella.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Barbosas, no segundo as dos Coutos, no terceiro as dos Vieiras, e no quarto as dos Sanchez de Castella. — Br. p. a 24 de janeiro de 1789. Reg. no Cart. da N., liv. IV, fl. 91 v.

(C. C.)

684. Filippe José de Sousa, cavalleiro professo na ordem de Sant'Iago da Espada, morador e cidadão da cidade do Porto; filho de Manuel de Sousa Coelho Caldas, e de D. Custodia dos Santos Sequeira; neto por parte paterna do capitão de infanteria do regimento destacado em Vianna, Francisco de Sousa Caldas, e de sua mulher D. Joanna Francisca Coelho, e por parte materna de Pedro de Moura Sequeira, capitão que tambem foi de infanteria do regimento do Porto, e de sua mulher D. Thereza Maria do Couto; bisneto por parte paterna do capitão de cavallos João de Sousa Caldas, e de sua mulher D. Theodora de Amorim, senhores que foram do morgado do Pinheiro em Monção.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Sousas, no segundo as

dos Caldas, no terceiro as dos Coelhos, e no quarto as dos Mouras. — Br. p. a 26 de junho de 1800. Reg. no Cart. da N., liv. VI, fl. 124.

(C. C.)

685. Filippe Nery de Abreu e Lima, natural da cidade de Lisboa, filho de José Bernardino de Lima e Abreu, cavalleiro professo na ordem de Christo, guarda-mór do Consulado n'esta dita cidade, e de D. Josepha Caetana Gertrudes, filha de Manuel Rodrigues Godinho, e de D. Michaela dos Anjos; neto o supplicante do alferes Jacinto da Costa Lima, e de D. Maria Josepha da Motta, filha de Manuel Vieira da Fonseca, e de D. Marianna da Motta Rego; bisneto de Luiz da Costa e Silva, e de D. Cecilia Josepha Maria de Lima, elle filho de Pedro Lopes Ribeiro, e de D. Maria da Costa; terceiro neto do sargento-mór Estevão de Abreu e Lima, a quem se passou brazão com as armas dos Limas e Abreus em 1673, e de D. Margarida de Mendonça; quarto neto de João Gomes de Lima; quinto neto de Balthazar Gomes de Lima, e de D. Angela Marques; sexto neto de D. Leonel de Lima, e de D. Isabel de Sousa, filha de Leonel de Abreu e Lima, e de D. Maria de Sousa, e o dito D. Leonel de Lima era irmão de D. Pedro de Mello, commendatario do mosteiro de Refoios, e primo de D. João de Lima, commendador de Andufe na ordem de Christo, e de Diogo de Anhaja Coutinho.

Um escudo partido em pala; na primeira as armas dos Abreus, e na segunda as dos Limas. — Br. p. a 5 de julho de 1791. Reg. no Cart. da N., liv. IV, fl. 219 v.

(C. C.)

686. Filippe Pinto da Cunha (Conego), natural da freguezia de Nossa Senhora da Candelaria do Rio de Janeiro; filho de Manuel Pinto da Cunha, e de sua mulher Maria Thereza dos Santos e Sousa; neto pela parte paterna de Manuel Pinto, e de sua mulher Seraphina Fernandes da Cunha, e pela materna neto do capitão Antonio Pires dos Santos, e de sua mulher Antonia de Sousa e Oliveira.

Um escudo ovado e esquartelado; no primeiro e quarto quarteis as armas dos Pintos, no segundo as dos Cunhas, e no terceiro as dos Sousas. — Br. p. a 9 de julho de 1774. Reg. no Cart. da N., liv. II, fl. 20.

(C. C.)

687. Filippe Rodrigues Campello (Sargento-mór), cavalleiro fidalgo da casa real, natural e morador na villa de Recife de Pernambuco; filho de Manuel Rodrigues Campello, capitão de infanteria com exercicio das ordens do governo de Pernambuco, professo na ordem de Christo, e fidalgo da casa real; irmão legitimo de João Rodrigues Campello, desembargador da Relação do Porto, cavalleiro da ordem de Christo, e do reverendo Filippe Rodrigues Campello, clerigo do habito de S. Pedro, cavalleiro da ordem de Christo, commissario do Santo Officio, protonotario apostolico de Sua Santidade, e de sua mulher D. Innocencia de Brito Falcão; neto paterno do sargento-mór Antonio Rodrigues Campello, familiar do Santo Officio, e de sua mulher D. Engracia de Barros Rego; neto materno de Luiz Braz Bezerra, capitão de infanteria em Pernambuco, e de sua mulher D. Francisca Sanches del Passo.

As armas dos Campellos, Barros, Regos e Bezerras. — Br. p. a 8 de agosto de 1762. Reg. no Cart. da N., liv. particular, fl. 131 v.

(C. C.)

688. Florencio José de Sousa Moraes Sarmento Alpoim Serrão, natural de Lisboa, cavalleiro professo na ordem de Christo, e cavalleiro fidalgo da casa real; filho de Antonio Joaquim Alpoim Serrão, cavalleiro professo na ordem de Christo, e na de Nossa Senhora da Conceição de Villa-viçosa, cavalleiro fidalgo da casa real, thesoureiro geral dos Juros reaes do reino e official do registo dos contos da serenissima Casa e estado do

infantado, e de sua mulher e prima D. Maria Gerardo de Moraes Falcão Sarmento; neto por parte paterna de José de Alpoim de Miranda, que foi superintendente e provedor dos contos da serenissima Casa e estado do infantado, e grão-priorado do Crato, e contador da extincta Contadoria geral da guerra e reino, e dos extinctos contos da serenissima Casa de Bragança, e de sua mulher D. Gertrudes Margarida Antonia do Carmo Serrão; bisneto de José Ferreira de Miranda, escrivão proprietario da Casa da moeda, e de sua mulher D. Catharina de Alpoim; bisneto egualmente de Manuel Ferreira Serrão, cavalleiro professo na ordem de Christo e official maior do Desembargo do paço, na Secretaria da justiça, e de sua mulher D. Thereza Antonia Joaquina Perseval; terceiro neto de Paulo de Alpoim, guarda-roupa do senhor rei D. João IV, e de João Perseval, cavalleiro professo na ordem de Christo; neto por parte materna de Manuel de Sousa Machado de Moraes Falcão Sarmento, familiar do Santo Officio, fidalgo de cota de armas e de linhagem, a quem se passou brazão de armas aos 27 de março de 1784, e de sua mulher D. Luiza Maria Anna Thomazia Xavier de Aguiar; bisneto de Luiz de Sousa Machado de Moraes Sarmento, capitão de cavallaria ligeira da praça de Bragança, e de sua mulher D. Maria Hedwiges de Lacerda, filha do capitão Bento Correa de Mattos, e de sua mulher D. Josepha de Miranda; terceiro neto de Manuel de Sousa Falcão de Moraes Sarmento, capitão-mór da villa da Torre de D. Chama, na provincia de Traz-os-Montes, d'onde esta familia é natural, e de sua mulher D. Anna de Araujo de Moraes, das familias dos Marizes, Madureiras e Feijós; quarto neto de Manuel de Sousa Teixeira, capitão do regimento de infanteria de Bragança, e de sua mulher D. Maria Machado; bisneto egualmente pela referida sua avó D. Luiza Maria Anna Thomazia Xavier de Aguiar, de José da Silva e Aguiar, cavalleiro professo na ordem de Christo, moço da real camara, familiar do Santo Officio, fidalgo de cota de armas e de linhagem, a quem se passou brazão de armas aos 10 de fevereiro de 1729, e de sua mulher D. Leonarda Thomazia Monteiro e Vasconcellos, filha de Bartholomeu Monteiro de Sequeira, cavalleiro fidalgo e moço da real camara, sendo o supplicante egualmente sobrinho de Luiz José de Sousa Machado de Moraes Sarmento, chefe de divisão da real armada de Goa, cavalleiro da ordem de S. Bento de Aviz, familiar do Santo Officio, e fidalgo de cota de armas e de linhagem, a quem se passou brazão de armas aos 27 de fevereiro de 1783, e do capitão de mar e guerra Florencio José de Moraes Sarmento, cavalleiro professo na ordem de Christo, familiar do Santo Officio, e fidalgo de cota de armas e de linhagem, a quem egualmente se passou brazão de armas aos 3 de abril de 1784.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Alpoins, no segundo as dos Serrões, no terceiro as dos Sousas, e no quarto as dos Sarmentos. — Br. p. a 27 de março de 1825. Reg. no Cart. da N., liv. VIII, fl. 138.

(C. C.)

689. Florencio Torcato Andreson Malpica e Baamonde, natural da villa de Moura, provincia do Alemtejo, cadete de um dos regimentos da cidade de Goa; filho do bacharel Guilherme Antonio Apollinario Andreson, cavalleiro professo na ordem de Christo, e provedor da comarca de Beja, e de sua mulher D. Antonia Josepha Paula Malpica Baamonde, natural da cidade de Badajoz, raia de Castella; neto pela parte paterna de Antonio Leandro Andreson, e de sua mulher D. Thereza da Silveira; bisneto de Guilherme Andreson, natural da côrte de Dublin do reino de Irlanda, d'onde veiu para Portugal, e de sua segunda mulher D. Joanna Ferreira; e terceiro neto de Alexandre Andreson, e de D. Helena Andreson, descendentes legitimos da illustre casa e familia de Andreson, uma das mais principaes, e esclarecidas da dita côrte e reino, que teve por seu ascendente a Henrique Andreson, criado baronete por Carlos I em 1643; neto o supplicante pela parte materna de João Domingos Malpica, e de D. Thereza Amador; bisneto de D. Affonso Sanches Amador, e de D. Maria Graçam Baamonde, cuja familia de Baamonde tem seu solar na villa de Santa Martha de Ortigueira do reino de Galliza, e procede do conde D. Ro-

drigo de Romaes, e de sua mulher D. Milia, infanta de Inglaterra, em contemplação de quem puzeram seus descendentes um — *M* — por armas.

Um escudo partido em pala; na primeira as armas dos Andresons, e na segunda as dos Baamondes. — Br. p. a 16 de abril de 1790. Reg. no Cart. da N., liv. IV, fl. 153 v.

(C. C.)

690. D. FRANCISCA DE BRITO, casada com D. Evaristo Peres de Castro, actual ministro de Sua Magestade Catholica n'esta côrte; filha de Luiz José de Brito Correa de Azevedo, cavalleiro professo na ordem de Christo, contador geral do extincto Erario, a quem se passou brazão de armas em 30 de junho de 1769, e de sua mulher D. Helena Victoria Antonia de Moraes Sarmento; neta paterna de José Correa de Andrade, e de sua mulher D. Marianna Josepha Dorothea da Cunha, e materna de Estevão Pinto de Moraes Sarmento, e de sua mulher D. Thereza Monjardin, prima de Augusto Pinto de Moraes Sarmento, a quem se passou brazão de armas a 29 de novembro de 1820, por ser este filho de João Gualberto Pinto de Moraes Sarmento, irmão de sua mãe.

Uma lisonja partida em pala; a primeira de prata lisa, e a segunda esquartelada; no primeiro quartel as armas dos Britos, no segundo as dos Correas, no terceiro as dos Moraes, e no quarto as dos Sarmentos. — Br. p. a 7 de abril de 1838. Reg. no Cart. da N., liv. VIII, fl. 288.

(C. C.)

691. D. FRANCISCA LEITE DE MATTOS E VASCONCELLOS, casada com o sargento-mór Manuel Soares de Albergaria e Oliveira; filha de João Leite, e de sua mulher Rosa Maria de Mattos; neta pela parte paterna de Salvador Henrique, e de sua mulher Margarida Leite, e pela materna de José Affonso, e de sua mulher Ignacia de Mattos; bisneta pela parte paterna de Manuel Gaspar, e de sua mulher Domingas Leite, o qual Manuel Gaspar era filho de Gonçalo de Sousa Menezes, fidalgo da casa real, e pela materna de João de Mattos, e de sua mulher Agueda de Bastos; terceira neta pela parte paterna de Nicolau Leite de Azevedo, e de sua mulher Maria Carvalho, e pela materna de Manuel Leite Correa; quarta neta pela parte paterna de Manuel Brandão de Vasconcellos, e de sua mulher Joanna Figueira, e pela materna de Mattheus Correa de Vasconcellos, e de sua mulher D. Anna de Mattos Soares; quinta neta pela parte materna de Manuel Leite de Vasconcellos, e de sua mulher D. Anna de Vasconcellos, sendo o referido Manuel Leite de Vasconcellos legitimo descendente de Diogo Leite de Azevedo, senhor da quinta de Azevedo, sita na freguezia de S. Vicente de Pereira, da terra de Santa Maria, concelho da Feira, e d'ella fez cabeça de morgado Affonso Fernandes, como consta da instituição que se fez n'esta cidade no anno de 1275.

Uma lisonja partida em pala; na primeira as armas do seu marido, que são as de Soares de Albergaria e Oliveira, e na segunda as que lhe pertencem por seus paes, as dos Leites. — Br. p. a 12 de maio de 1794. Reg. no Cart. da N., liv. V, fl. 22 v.

(C. C.)

692. FRANCISCO DE ABREU, morador no Assumar, filho de Alvaro de Abreu, neto de Gonçalo Alvares de Abreu, que foi fidalgo muito honrado, e alcaide-mór de Assumar, e do verdadeiro tronco d'esta geração, bisneto de Alvaro de Abreu, que foi filho do senhor de Regalados e de Lapelas, e alcaide-mór de Monção.

Carta pela qual el-rei D. João III lhe concede o seguinte brazão de seus antecessores: — Escudo de campo vermelho com cinco cotos de azas de oiro, em aspa, e por differença uma flor de liz de prata; elmo de prata aberto guarnecido de oiro, paquife de oiro e vermelho, e por timbre um dos cotos; com todas as honras e privilegios de fidalgo por descender da geração e linhagem dos Abreus. — Dada em Lisboa a 10 de março de 1542. Reg. na Chanc. de D. João III, liv. XXXII, fl. 26 v.

693. Francisco Affonso Lima, morador na villa de Thomar, filho de Manuel Lopes da Silva, e de sua mulher D. Maria de Araujo Lima; neto pela parte paterna de Manuel Lopes da Silva, e de D. Maria Ignez de Castro; bisneto de Ignacio Lopes da Silva, sargento-mór de cavallaria, e fidalgo da casa real, e pela parte materna neto de Francisco Affonso Lima, e de sua mulher D. Magdalena de Araujo; bisneto de Francisco Affonso Lima, fidalgo da casa real, com os mesmos ascendentes mencionados na sentença.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Silvas, no segundo as dos Castros, no terceiro as dos Limas, e no quarto as dos Araujos. — Br. p. a 6 de novembro de 1787. Reg. no Cart. da N., liv. iv, fl. 31 v.

(C. C.)

694. Francisco Affonso Pires de Miranda, natural da freguezia de Almofala, bispado de Pinhel; filho de Antonio Affonso Pires, e de sua mulher D. Maria Balthazar; neto paterno de Affonso Pires, e de sua mulher D. Isabel de Brito, e materno de D. Maria Balthazar.

Um escudo partido em pala; na primeira as armas dos Affonsos, e na segunda as dos Britos. — Br. p. a 22 de junho de 1826. Reg. no Cart. da N., liv. viii, fl. 190.

(C. C.)

695. Francisco Agostinho Gomes (Padre), negociante de grosso tracto na cidade da Bahia de Todos os Santos, com legitima dispensa; filho de Agostinho Gomes, cavalleiro professo na ordem de Christo, e familiar do Santo Officio, negociante de grosso tracto da referida cidade da Bahia, e de sua mulher D. Isabel Maria Maciel Teixeira; neto pela parte materna de Bento Maciel Teixeira, e de sua mulher Maria da Silva, sendo o supplicante, e o dito seu pae descendentes das familias de Fontouras e Carneiros que n'este reino são fidalgos de linhagem, cota de armas, e solar conhecido.

Um escudo ovado e partido em pala; na primeira as armas dos Fontouras, e na segunda as dos Carneiros. — Br. p. a 24 de outubro de 1799. Reg. no Cart. da N., liv. vi, fl. 101.

(C. C.)

696. Francisco de Almeida Cabral, natural e morador na cidade de Lisboa, filho de Antonio José Cabral, e de sua mulher D. Marcellina da Conceição de Almeida, filha de José de Almeida, e de sua mulher Garcia Maria, esta filha de Domingos Gonçalves, e de sua mulher Maria da Costa; neto paterno de Francisco Vicente, e de sua mulher Isabel Simoa Cabral; bisneto por parte da dita sua avó paterna de João Dias Cabral, e de sua mulher Isabel Simoa; terceiro neto de Jorge Dias Cabral, e de sua mulher e tia Leonor Cabral, filha de Jorge Dias Cabral, e de sua mulher D. Violante de Sousa; quarto neto de João Dias Cabral, e de sua mulher D. Guiomar de Sousa, filha de Diogo de Sousa, e de sua mulher e sobrinha D. Filippa de Sousa, dos de Montijo; quinto neto pela sua varonia dos ditos Jorges Dias Cabral, e de sua mulher e parenta D. Violante de Sousa, filha de Manuel de Sousa, e de sua mulher D. Branca Cabral, tambem dos de Montijo; sexto neto pela mesma varonia de João Dias Cabral, e de sua mulher D. Joanna de Vasconcellos, filha de Manuel Cotrim, e de sua mulher Maria Mendes de Vasconcellos; setimo neto de Jorge Dias Cabral, que serviu ao imperador Carlos v nas guerras de Napoles, na companhia do grã-capitão Gonçalo Fernandes de Cordova, que o escolheu por muita valentia com mais dez companheiros hespanhoes para um combate contra outros tantos francezes, e pelas valentias que obrou n'este conflicto lhe deu o dito imperador armas proprias, as quaes, vindo elle para este reino, el-rei D. João iii lh'as confirmou e mandou assentar no livro da Armaria da Torre do Tombo, e de sua mulher D. Leonor Moniz, filha de Vasco Moniz, bacharel em leis; oitavo neto de Fernão Cabral, o velho, alcaide-mór de Belmonte, adiantado da Beira, e de sua mulher D. Isabel de Gouvea, filha de João Dias

de Gouvea, senhor de Almendra e alcaide-mór de Castello-Rodrigo; nono neto de Fernão Alvares Cabral, alcaide-mór de Belmonte, guarda-mór do infante D. Henrique, e de sua mulher D. Thereza de Andrade, filha de Ruy Francisco de Andrade, e de sua mulher D. Maria Fernandes de Meyra; decimo neto de Luiz Alvares Cabral, alcaide-mór de Belmonte, guarda-mór e vedor da casa do dito infante D. Henrique, e de sua prima e mulher D. Constança Annes; decimo primeiro neto de Alvaro Gil de Cabral, senhor de Azurara, alcaide-mór da Guarda e de Belmonte, e de uma filha de Diogo Affonso de Figueiredo, e de sua mulher D. Constança Rodrigues Pereira; decimo segundo neto de Ayres Pires Cabral, e de sua mulher Catharina de Loureiro; decimo terceiro neto de Pedro Annes de Cabral, reposteiro-mór de el-rei D. Affonso III, e finalmente, decimo quarto neto de Gil Alves de Cabral, e de sua mulher e prima co-irmã Maria Gil de Cabral.

Um escudo partido em pala; na primeira as armas dos Cabraes de Jorge Dias, e na segunda as dos Gouveas. — Br. p. a 21 de agosto de 1751. Reg. no Cart. da N., liv. particular, fl. 24.

(C. C.)

697. Francisco de Alva Brandão (Coronel), natural da ilha de S. Thomé, filho do coronel Francisco de Alva Brandão, e de sua mulher D. Maria Correa de Almeida; neto paterno do capitão José Soares de Noronha, e de D. Catharina de Alva Brandão; neto materno do capitão Francisco Correa da Silva, e de D. Simoa Fernandes de Aguiar.

As armas dos Noronhas, Alvas, Brandões, e Correas. — Br. p. a 8 de outubro de 1756. Reg. no Cart. da N., liv. particular, fl. 100 v.

(C. C.)

698. Francisco Alvares Camello, fidalgo, morador na ilha da Madeira.

Carta pela qual el-rei D. João III lhe concede o seguinte brazão de seus antecessores: -- Escudo de campo de prata com tres vieiras de azul riscadas de oiro, em triangulo, e por differença uma merleta vermelha; elmo de prata aberto guarnecido de oiro, paquife de prata e azul, e por timbre um pescoço e cabeça de camello de côr natural; com todas as honras e privilegios de fidalgo por descender da geração e linhagem dos Camellos. — Dada em Lisboa a 2 de abril de 1529. Reg. na Chanc. de D. João III, liv. XVII, fl. 56 v.

699. Francisco Alvares da Costa (Capitão), natural do logar de Quintão, freguezia de Sanfins, comarca do villa da Feira, bispado do Porto; filho de Simão Alvares, e de sua mulher Maria da Costa; neto pela parte paterna de Simão Manuel, e de sua mulher Maria Alvares; neto pela parte materna de Dionysio da Costa, e de sua mulher Maria de Rezende.

Um escudo partido em pala; na primeira as armas dos Alvares, e na segunda as dos Costas. — Br. p. a 27 de junho de 1795. Reg. no Cart. da N., liv. v, fl. 63 v.

(C. C.)

700. Francisco Alvares da Silva, cavalleiro da ordem de Christo, juiz de fóra da cidade de Leiria, natural da Bahia; filho de José Alves da Silva, familiar do Santo Officio, natural da villa de Vianna, e de sua mulher D. Agueda Maria do Sacramento, natural da villa da Cachoeira, arcebispado da cidade da Bahia; neto pela parte paterna de Francisco Alvares de Carvalho, e de sua mulher D. Maria Alvares da Silva; e pela materna do tenente coronel Lourenço Correa Lisboa, e de sua mulher D. Maria de Magalhães.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Carvalhos, no segundo as dos Silvas, no terceiro as dos Correas, e no quarto as dos Magalhães. — Br. p. a 29 de outubro de 1771. Reg. no Cart. da N., liv. I, fl. 161.

(C. C.)

701. **Francisco André Ochoa** (Bacharel), juiz de fóra da villa de Monforte de Rio-livre, familiar do Santo Officio, natural do logar de Iseda, jurisdicção da cidade de Bragança; filho de Gonçalo Ochoa, e de sua mulher Maria André Rodrigues, filha de Francisco André Rodrigues, e de sua mulher Catharina Leonardes; neto o supplicante pela sua varonia de Francisco Ochoa, e de sua mulher Catharina Leonardes; bisneto de Gonçalo Ochoa, e de sua mulher Maria Leonardes; terceiro neto de outro Gonçalo Ochoa, e de sua mulher Maria Rodrigues; quarto neto de Francisco Ochoa, filho de Pedro Ochoa, escudeiro fidalgo da casa do senhor rei D. João III, neto de Lopo Affonso Ochoa, que teve o mesmo foro, e bisneto de Affonso Vaz Ochoa, moço fidalgo da casa do senhor rei D. Affonso V, o qual fôra quarto neto de Pedro Affonso Ochoa, rico homem em tempo do senhor rei D. Diniz, irmão do padre Simão Ochoa, abbade da egreja de S. Lourenço de Rebordello, ambos quartos netos de Martim Henriques Ochoa, cavalleiro de Navarra, da casa, solar e palacio de Ochoa, d'aquelle reino, d'onde veiu á conquista de Portugal na companhia do conde D. Henrique.

Um escudo com as armas dos Ochoas. — Rr. p. a 20 de fevereiro de 1773. Reg. no Cart. da N., liv. I, fl. 194.

(C. C.)

702. **Francisco do Amaral Gurgel**, morador no seu engenho de Santo Antonio de Rio-fundo, termo da villa de Santo Amaro da Purificação; filho do doutor José Correa do Amaral Gurgel, ouvidor geral que foi da comarca de Sergipe de El-Rei, e de sua mulher D. Michaela Caetana de Almeida; neto do sargento-mór Miguel Monteiro de Sá, e de sua mulher D. Maria, que era irmã legitima de Manuel Lobo de Sousa, pessoa principal da dita comarca.

Um escudo partido em pala; na primeira as armas dos Amaraes, e na segunda as dos Gurgeis. — Br. p. a 9 de junho de 1769. Reg. no Cart. da N., liv. I, fl. 99 v.

(C. C.)

703. **Francisco Annes Gago**, cavalleiro fidalgo da casa real, filho de João Rodrigues Gago, e de Mecia Pestana; neto de Ruy Gago; bisneto de Lourenço Annes Gago, os quaes foram fidalgos e do tronco d'esta geração.

Carta pela qual el-rei D. João III lhe concede o seguinte brazão de seus antecessores: — Escudo de campo vermelho com uma aspa de prata entre tres crescentes tambem de prata, dois nos lados com as pontas para a aspa e um no pé, e uma estrella de oiro de oito pontas na cabeça do escudo; elmo de prata aberto guarnecido de oiro, paquife de prata e vermelho, e por timbre um leopardo vermelho com a estrella de oiro na testa; com todas as honras e privilegios de fidalgo por descender da geração e linhagem dos Gagos. — Dada em 20 de setembro de 1533. Reg. no liv. I de Privilegios, fl. 35.

704. **Francisco Antonio de Andrade**, cavalleiro da ordem de Nossa Senhora da Conceição de Villa-viçosa, negociante de grosso tracto, contractador do contracto do tabaco, sabão e polvora, proprietario, e major graduado; filho de Bento Antonio de Andrade, negociante de grosso tracto, e proprietario, e de sua mulher D. Marianna Ignacia do Espirito Santo Andrade; neto paterno de Antonio João de Andrade, e de sua mulher D. Josepha Martins Bernardes de Andrade, e materno de Antonio da Silva Monteiro, e de sua mulher D. Luiza Leonor de Carvalho Monteiro.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Andrades, no segundo as dos Martins, no terceiro as dos Carvalhos, e no quarto as dos Monteiros. — Br. p. a 17 de abril de 1850. Reg. no Cart. da N., liv. VIII, fl. 344.

(C. C.)

705. Francisco Antonio de Andrade Moura Mello e Silva, bacharel formado na faculdade de leis pela Universidade de Coimbra, e natural da villa da Feira; filho de Luiz Antonio de Andrade, e de D. Brigida Maria da Silva Moura Mello e Andrade; neto paterno do doutor Antonio Luiz de Andrade, e de D. Luiza Rita de Andrade, e materno de Bernardo da Silva e Moura, sargento-mór de Malta, e de D. Anna Luiza de Mello.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Andrades, no segundo as dos Mouras, no terceiro as dos Silvas, e no quarto as dos Mellos. — Br. p. a 16 de novembro de 1815. Reg. no Cart. da N., liv. VII, fl. 328 v.

(C. C.)

706. Francisco Antonio de Andrade Pina Tavares, filho de Antonio de Andrade Pina Tavares, e de Anna Maria Neves Reyna; neto paterno de Manuel de Pina Tavares, e materno de Manuel Domingos Teixeira.

Um escudo partido em pala; na primeira as armas dos Pinas, e na segunda as dos Tavares. — Br. p. a 3 de novembro de 1815. Reg. no Cart. da N., liv. VII, fl. 330.

(C. C.)

707. Francisco Antonio de Campos (Bacharel), natural de Villa-nova de Fozcoa, cavalleiro professo na ordem de Christo, caixa e contador geral do Tabaco d'estes reinos, ilhas adjacentes, Macau, e das reaes saboarias; filho de Luiz de Campos Henriques, e de sua mulher D. Angelica Maria da Silva; neto por parte paterna de João de Campos Henriques, e de sua mulher D. Maria Thereza de Campos, e por parte materna de Gabriel Mendes da Silva, e de sua mulher D. Josepha Lopes Navarro.

Um escudo partido em pala; na primeira as armas dos Campos, e na segunda as dos Henriques. — Br. p. a 28 de agosto de 1818. Reg. no Cart. da N., liv. VIII, fl. 7 v.

(C. C.)

708. Francisco Antonio de Campos, barão de Villa-nova de Fozcoa, do conselho de Sua Magestade, commendador da ordem de Nossa Senhora da Conceição de Villa-viçosa, cavalleiro professo na ordem de Christo, ministro e secretario de Estado honorario, e par do reino; filho de Luiz de Campos Henriques, e de sua mulher D. Angelica Maria da Silva; neto paterno de João de Campos Henriques, e de sua mulher D. Maria Thereza de Campos, e materno de Gabriel Mendes da Silva, e de sua mulher D. Josepha Lopes Navarro.

Um escudo partido em pala; na primeira as armas dos Campos, e na segunda as dos Henriques. — Br. p. a 15 de setembro de 1861. Reg. no Cart. da N., liv. IX, fl. 43 v.

(C. C.)

709. Francisco Antonio de Carvalho Lobo (Capitão), familiar do Santo Officio, natural da villa de Extremoz; filho de Nicolau Martins Lobo, e de sua mulher Francisca Maria Xavier de Carvalho, irmã legitima de Antonio Gomes de Carvalho, capitão nas partes da India, onde serviu com grande distincção, e do capitão Manuel Gomes de Carvalho, que viveu em Extremoz, onde foi das pessoas distinctas d'aquella villa; neto paterno de João Martins Lobo, e de sua mulher Catharina Rodrigues, filha de Antonio Jorge, e de sua mulher Margarida Fernandes; bisneto de Manuel Martins Lobo, e de sua mulher Maria Martins; neto materno de Miguel Gomes de Carvalho, e de sua mulher Maria Nunes, filha de João Fernandes Dias, e de sua mulher Catharina Nunes; bisneto de Lourenço Gomes de Carvalho, e de sua mulher Maria Rodrigues da Veiga.

As armas dos Lobos, Martins, Carvalhos, e Gomes. — Br. p. a 9 de abril de 1753. Reg. no Cart. da N., liv. particular, fl. 52.

(C. C.)

710. FRANCISCO ANTONIO DUARTE FONSECA MONTANHA (Doutor), cavalleiro professo na ordem de Christo, e lente cathedratico de leis da Universidade de Coimbra, filho do doutor João Duarte da Fonseca, lente da mesma Universidade, e de sua mulher D. Maria Magdalena da Costa Montanha; neto pela parte paterna de Miguel Duarte da Fonseca, e de sua mulher D. Jacinta de Oliveira, irmã legitima do capitão Antonio de Oliveira, que na guerra do anno de 1704 obrou voluntario valorosas acções com cavallos e armas á sua custa, filhos ambos de Luiz de Oliveira Fonseca, e de sua mulher D. Maria Gomes, e pela parte paterna se mostrava tambem que elle era neto do doutor Domingos da Costa Montanha, e de sua mulher D. Maria da Silva.

Um escudo partido em pala; na primeira as armas dos Fonsecas, e na segunda as dos Oliveiras. — Br. p. a 20 de outubro de 1788. Reg. no Cart. da N., liv. IV, fl. 82 v.

(C. C.)

711. FRANCISCO ANTONIO DE FIGUEIREDO BARROS CARNEIRO, morador na sua quinta de S. Jorge, cabeça do morgado do mesmo nome, sita no termo de Villa-real; filho de Bernardo de Figueiredo, juiz de fóra que foi da villa de Souzel, e ouvidor da dita Villa-real, e de sua mulher D. Luiza Teixeira de Barros Taveira; neto pela parte paterna de Pedro Fernandes Vassallo, e de D. Isabel de Figueiredo; e pela materna de Pedro Teixeira de Barros Carneiro, e de D. Maria Gonçalves Cardoso.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Figueiredos, no segundo as dos Barros, no terceiro as dos Carneiros, e no quarto as dos Taveiras. — Br. p. a 11 de maio de 1778. Reg. no Cart. da N., liv. II, fl. 157.

(C. C.)

712. FRANCISCO ANTONIO JACOME DE GOUVEA FREIRE E VASCONCELLOS (Bacharel), habilitado para o real serviço nos logares de letras, vereador actual da villa de Cea, natural do logar de Paranhos; filho de Francisco Jacome de Gouvea Freire e Vasconcellos, e de sua mulher D. Antonia Caetana de Abranches Quaresma; neto pela parte paterna de Francisco Jacome de Gouvea e Vasconcellos, e de sua mulher D. Clara de Gouvea Freire, e pela materna neto de Sebastião de Abranches Ferrão, e de sua mulher Antonia Quaresma.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Gouveas, no segundo as dos Vasconcellos, no terceiro as dos Jacomes, e no quarto as dos Freires. — Br. p. a 28 de agosto de 1772. Reg. no Cart. da N., liv. I, fl. 185 v.

(C. C.)

713. FRANCISCO ANTONIO MENDES DE NOVAES, filho de Francisco Mendes Novaes, e de sua mulher Seraphina Lopes e Freitas; neto pela parte paterna de Francisco Mendes, e de sua mulher Maria de Novaes de Oliveira, e pela materna de Antonio Lopes, e de sua mulher Maria de Freitas.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Mendes, no segundo as dos Novaes, no terceiro as dos Oliveiras, e no quarto as dos Freitas. — Br. p. a 26 de janeiro de 1773. Reg. no Cart. da N., liv. I, fl. 219 v.

(C. C.)

714. FRANCISCO ANTONIO DE PAULA NOGUEIRA DA GAMA, cavalleiro da ordem de Christo, e tenente de uma das companhias do regimento de cavallaria de dragões da capitania de Minas-geraes, natural da freguezia de Nossa Senhora do Pilar, da villa de S. João de El-rei, comarca do Rio das Mortes, bispado de Marianna; filho do alferes Nicolau Antonio Nogueira, e de sua mulher D. Anna Joaquina de Almeida e Gama; neto por parte paterna do capitão-mór Thomé Rodrigues Nogueira, e de sua mulher D. Maria Leme do Prado, filha de Antonio da Rocha Leme, capitão commandante que foi do districto e ca-

pitania de S. Paulo, e por parte materna de Manuel Gomes Villas-boas, e de sua mulher D. Ignacia Quiteria de Almeida e Gama; bisneto por parte paterna de Antonio Nogueira, e de sua mulher Francisca Fernandes, e por parte materna do capitão Luiz de Almeida, e de sua mulher D. Helena Josepha da Gama; sendo o supplicante irmão germano de Manuel Jacinto Nogueira da Gama, cavalleiro professo na ordem de S. Bento de Aviz, capitão-tenente, e lente da Real Academia da marinha, a quem se passou brazão de armas com as dos appellidos de Nogueiras e Gamas aos 28 de agosto de 1798.

Um escudo partido em pala; na primeira as armas dos Nogueiras, e na segunda as dos Gamas.—Br. p. a 8 de janeiro de 1799. Reg. no Cart. da N., liv. VI, fl. 60.

(C. C.)

715. Francisco Antonio Pereira da Silva, natural d'esta côrte e cidade de Lisboa, filho de Manuel Monteiro de Almeida e Mello, e de sua mulher D. Isabel Maria Thereza Pereira da Silva; neto pela parte materna de Francisco Pereira da Silva, e de sua mulher D. Clara Thereza da Silva, filha de Antonio da Silva Borges, e de sua mulher D. Joanna Senhorinha de Oliveira, irmã do doutor José Ferraz de Araujo, conego da Sé de Coimbra, a quem se passou brazão de armas das familias de Ferrazes, Araujos, Castros e Sousas em 1720; neta do capitão Francisco Pereira de Araujo, filho de Francisco Ferraz da Motta, e de sua mulher D. Maria de Araujo Sousa e Castro, filha de Antonio de Castro e Sousa, fidalgo de entre Douro e Minho, senhor das freguezias de Arrentella e Pedras-rubias em Galliza, com a jurisdicção de pôr e tirar justiças d'ellas, cuja regalia se conserva em seus descendentes.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Ferrazes, no segundo as dos Araujos, no terceiro as dos Castros, e no quarto as dos Sousas.—Br. p. a 31 de julho de 1782. Reg. no Cart. da N., liv. III, fl. 62 v.

(C. C.)

716. Francisco Antonio Pita Bezerra de Alpoim e Castro, capitão da setima companhia do regimento de infanteria de Loanda, natural da freguezia de S. Sebastião de Darque, arcebispado de Braga; filho de Thomaz Pita Bezerra de Alpoim, e de sua mulher D. Apolonia Maciel de Faria; neto paterno de Diogo Pita Bezerra, e de sua mulher D. Josepha de Castro, e materno de Sebastião Maciel de Faria, e de sua mulher D. Marianna Alvares Leitão.

Um escudo esquartelado; no primeiro e quarto quarteis as armas dos Pitas, no segundo as dos Bezerras, e no terceiro as dos Alpoins.—Br. p. a 15 de outubro de 1793. Reg. no Cart. da N., liv. IV, fl. 291.

(C. C.)

717. Francisco Antonio Pinto da Fonseca (Capitão), da quinta de Villa-nova, concelho de Sinfaes, comarca de Lamego; filho do capitão Antonio Pinto da Fonseca, e de sua mulher D. Euphemia Luiza de Gouvea: neto pela parte paterna de Antonio Pinto da Fonseca, e de sua mulher D. Maria da Costa, e pela materna de Antonio da Cunha e Gouvea, e de sua mulher D. Euphemia Maria de Gouvea.

Um escudo partido em pala; na primeira as armas dos Pintos, e na segunda as dos Fonsecas.—Br. p. a 26 de abril de 1792. Reg. no Cart. da N., liv. IV, fl. 248.

(C. C.)

718. Francisco Antonio Rebello de Sousa e Silva Araujo, cavalleiro professo na ordem de Christo, capitão de cavallos no regimento de Minas-geraes, de Villa-rica, e ajudante de ordens do governo d'aquella capitania, natural da freguezia de S. Martinho de Travassos, concelho da Povoa de Lanhoso, comarca de Guimarães, e baptisado na de Santa Maria do Bouro, ambas do arcebispado de Braga; filho natural e legitimado de

Francisco Rebello de Araujo, e de Michaela da Rocha e Silva, pessoas nobres das familias dos appellidos de Sousas, Rebellos, Araujos, e Silvas da casa de Fafe d'este reino.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Sousas, no segundo as dos Rebellos, no terceiro as dos Araujos, e no quarto as dos Silvas.—Br. p. a 25 de outubro de 1786. Reg. no Cart. da N., liv. III, fl. 248.

(C. C.)

719. Francisco Antonio Ribeiro de Sampaio, natural da villa de Mirandella, comarca da Torre de Moncorvo, cavalleiro professo na ordem de Christo, e desembargador graduado da Relação e casa do Porto; filho de Francisco Xavier Ribeiro de Sampaio, cavalleiro professo na ordem de Christo, e conselheiro aposentado da Meza da consciencia e ordens, e de sua mulher D. Antonia Thereza Teixeira Galvão; neto paterno de Luiz Ribeiro de Sampaio, e de sua mulher D. Leonor da Costa; neto materno de João Teixeira Galvão, capitão do regimento de milicias de Chaves, e de sua mulher D. Maria Pires Ferreira, sendo egualmente aparentado com as pessoas mais distinctas da sua provincia.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Ribeiros, no segundo as dos Sampaios, no terceiro as dos Teixeiras, e no quarto as dos Galvões.—Br. p. a 22 de dezembro de 1825. Reg. no Cart. da N., liv. VIII, fl. 170.

(C. C.)

720. Francisco Antonio dos Reis Sousa e Maia, natural da cidade de Coimbra, filho de Francisco dos Reis e Sousa, familiar do Santo Officio da Inquisição da dita cidade, e cidadão da mesma; neto de Antonio Gomes da Maia, tambem cidadão da dita cidade, e de sua mulher Thereza de Jesus e Sousa, irmã do doutor Manuel dos Reis e Sousa, lente que foi de prima jubilado em vespera na faculdade de medicina da Universidade da mesma cidade, cavalleiro da ordem de Christo, familiar do Santo Officio.

Um escudo partido em pala; na primeira as armas dos Maias, e na segunda as dos Sousas.—Br. p. a 5 de maio de 1778. Reg. no Cart. da N., liv. II, fl. 166 v.

(C. C.)

721. Francisco Antonio da Silva Mendes, natural da cidade de Viseu, cavalleiro professo na ordem de Christo, e um dos contractadores geraes do Tabaco d'estes reinos, ilhas adjacentes, Macau, e das reaes saboarias; filho de João da Silva Mendes, e de sua mulher D. Eugenia Candida da Fonseca; neto por parte paterna de Francisco Mendes Furtado, e de sua mulher D. Brites da Silva, e por parte materna de José Antonio da Fonseca, e de sua mulher D. Perpetua Maria Xavier.

Um escudo esquartelado; no primeiro e quarto quarteis as armas dos Mendes, no segundo as dos Silvas, e no terceiro as dos Fonsecas.—Br. p. a 3 de dezembro de 1818. Reg. no Cart. da N., liv. VIII, fl. 20 v.

(C. C.)

722. Francisco Antonio Soares de Figueirôa e Castro, capitão-mór das ordenanças do concelho de Ceira, filho do doutor Manuel Antonio Pinheiro de Figueirôa e Castro, e de sua mulher D. Maria Josepha Soares de Figueiredo; neto paterno de Gaspar Pereira de Castro e Sousa, e de sua mulher D. Juliana Pereira, e materno de Domingos de Figueiredo, e de sua mulher D. Filippa Soares da Costa.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Figueirôas, no segundo as dos Castros, no terceiro as dos Pereiras, e no quarto as dos Sousas.—Br. p. a 23 de maio de 1806. Reg. no Cart. da N., liv. VII, fl. 134.

(C. C.)

723. Francisco Antonio Soares de Figueirôa e Castro, filho do doutor Manuel Antonio Pinheiro de Figueirôa e Castro, e de sua mulher D. Maria Josepha Soares de Figueiredo; neto pela parte paterna de Gaspar de Castro e Sousa, e de sua mulher D. Juliana Pereira; neto pela parte materna de Domingos de Figueiredo, e de sua mulher D. Filippa Soares da Costa.

Um escudo esquartelado; no primeiro e quarto quarteis as armas dos Figueirôas, no segundo as dos Castros, e no terceiro as dos Pinheiros. — Br. p. a 29 de abril ne 1795. Reg. no Cart. da N., liv. v, fl. 49.

(C. C.)

724. Francisco Antonio de Sousa Macedo e Queiroz, cavalleiro professo na ordem militar de Sant'Iago da Espada, coronel do regimento de milicias da cidade de S. Paulo no Brazil; filho de José Luiz de Sousa, e de Anna Maria de Macedo; neto paterno de Manuel de Sousa, e de Maria de Sampaio, e materno de Manuel Teixeira, e de Luiza de Sousa de Queiroz.

Um escudo esquartelado; no primeiro e quarto quarteis as armas dos Sousas, no segundo as dos Macedos, e no terceiro as dos Queirozes. — Br. p. a 9 de agosto de 1820. Reg. no Cart. da N., liv. viii, fl. 64.

(C. C.)

725. Francisco de Araujo, moço da camara real, filho de Lopo Rodrigues de Araujo, neto de João Rodrigues de Araujo, e bisneto de outro João Rodrigues de Araujo, os quaes todos foram fidalgos.

Carta pela qual el-rei D. João iii lhe concede o seguinte brazão de seus antecessores: — Escudo de campo de prata com uma aspa azul e cinco arruelas de oiro, uma no meio e as outras nas pontas, e por differença uma merleta verde; elmo de prata aberto guarnecido de oiro, paquife de oiro, prata e azul, e por timbre a mesma aspa do escudo; com todas as honras e privilegios de fidalgo por descender da geração dos Araujos. — Dada em Lisboa a 8 de setembro de 1548. Reg. no liv. ii de Privilegios, fl. 41 v.

726. Francisco de Araujo Carvalho, cavalleiro fidalgo da casa real, filho de Francisco Lopes de Carvalho, e neto de Diogo Lopes de Carvalho, que foram fidalgos e do tronco d'esta geração.

Carta pela qual el-rei D. Sebastião lhe concede o seguinte brazão de seus antecessores: — Escudo de campo azul e uma estrella de oiro entre uma cadeia de crescentes de prata apontados, e por differença uma merleta de oiro; elmo de prata aberto guarnecido de oiro, paquife de oiro, azul e prata, e por timbre um cisne da sua côr com uma estrella de oiro no peito; com todas as honras e privilegios de fidalgo por descender da geração e linhagem dos Carvalhos. — Dada em Lisboa a 25 de outubro de 1561. Reg na Chanc. de D. Sebastião, liv. ii, fl. 238 v.

727. Francisco de Araujo Lage, natural da cidade de Lisboa, cavalleiro da ordem de Christo, e condecorado com a medalha de oiro da Restauração dos direitos da realeza; filho de José Joaquim Braga Lage, cavalleiro da ordem de Christo, contador geral do Real Erario, e vice-presidente da Junta dos donativos para o exercito da guerra peninsular, e de sua mulher D. Francisca Victoria de Araujo Lage; neto paterno de Francisco Gomes Braga, e de sua mulher D. Maria Thereza Joaquina de Oliveira Rodrigues Lage; bisneto de Gregorio Martins Braga, e de sua mulher D. Anna Gomes da Mina; neto materno de Francisco de Araujo Leitão, cavalleiro professo na ordem de S. Bento de Aviz, capitão de mar e guerra da Armada real, e ajudante do vice-almirante, inspector do Real Arsenal da marinha, e de sua mulher D. Anna Joaquina de Sousa e Araujo; bisneto de Antonio de

Araujo Leitão, criado particular do infante D. Antonio, filho do senhor rei D. Pedro II, e de sua mulher D. Victoria Maria Michaela Girão.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Gomes, no segundo as dos Martins, no terceiro as dos Araujos, e no quartò as dos Leitões. — Br. p. a 4 de novembro de 1825. Reg. no Cart. da N., liv. VIII, fl. 163 v.

(C. C.)

728. Francisco Arnau, cavalleiro da ordem de Sant'Iago.

Carta pela qual el-rei D. João III lhe concede o seguinte brazão de seus antecessores: — Escudo de campo esquartelado; o primeiro dos Arnaus, que é de campo de prata com seis leões de preto postos em duas palas, e assim o contrario, e o segundo dos Leitões, que é tambem de campo de prata com tres faxas vermelhas, e assim o contrario, e por differença um trifolio verde picado de oiro; elmo de prata aberto guarnecido de oiro, paquife de prata, preto e vermelho, e por timbre um leão das armas rompente; com todas as honras e privilegios de fidalgo por descender das gerações dos Arnaus e Leitões. — Dada em Lisboa a 14 de outubro de 1550. Reg. no liv. IV de Privilegios, fl. 285.

729. Francisco Barradas, cavalleiro da ordem de Christo, filho de Luiz Barradas.

Carta pela qual el-rei D. João III lhe concede o seguinte brazão de seus antecessores: — Escudo de campo azul com uma cruz de prata fechada, e em cada um dos quatro cantos do escudo cinco vieiras de vermelho riscadas de oiro, em aspa, e por differença uma flor de liz de oiro; elmo de prata aberto guarnecido de oiro, paquife de prata e azul, e por timbre uma aspa de oiro esgalhada com as cinco vieiras das armas penduradas n'ella; com todas as honras e privilegios de fidalgo por descender da geração e linhagem dos Barradas. — Dada em Lisboa a 6 de julho de 1532. Reg. na Chanc. de D. João III, liv. XVIII, fl. 104 v.

730. Francisco Baptista Guedes Pinto Monteiro de Vasconcellos, filho de José Manuel Guedes Pinto da Fonseca, professo na ordem de Christo, e de sua mulher D. Marianna Victoria de Vasconcellos Azevedo; neto pela parte paterna do capitão Manuel Guedes Pinto da Fonseca, e de sua mulher D. Escolastica Guedes Salgado; neto pela parte materna de João Monteiro de Vasconcellos Mourão, fidalgo da casa real, e de sua mulher D. Clara Rosa de Magalhães Pinto Moura; bisneto de Jeronymo Monteiro de Vasconcellos Azevedo, fidalgo da casa real, e professo na ordem de Christo, e de sua mulher D. Anna Mourão.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Guedes, no segundo as dos Pintos, no terceiro as dos Vasconcellos, e no quarto as dos Azevedos. — Br. p. a 26 de setembro de 1795. Reg. no Cart. da N., liv. V, fl. 82.

(C. C.)

731. Francisco de Barros Falcão, natural do logar de Paradica de Celeirós, freguezia de S. Romão, comarca de Villa-real; filho de Vicente Moutinho Correa de Barros, e de sua mulher D. Luiza Maria Ribeiro Falcão; neto paterno de Francisco Moutinho de Barros, e de sua mulher D. Helena Correa, e materno de Manuel Ribeiro Falcão, e de sua mulher D. Maria Lopes Correa.

Um escudo partido em pala; na primeira as armas dos Barros, e na segunda as dos Falcões. — Br. p. a 4 de setembro de 1823. Reg. no Cart. da N., liv. VIII, fl. 94 v.

(C. C.)

732. Francisco Barroso Pereira, moço da camara real, natural da villa de Arruda, filho de Christovão Rodrigues Barroso Pereira, neto de Martim Rodrigues Pereira, e de Clara Fernandes Barroso, e bisneto de Gonçalo Rodrigues Pereira, e de Ayres Fernandes Barroso, os quaes todos foram fidalgos e do tronco d'estas gerações.

Carta pela qual el-rei D. Sebastião lhe concede o seguinte brazão de seus antecessores: — Escudo de campo esquartelado; o primeiro de vermelho e uma cruz de prata florida e vasia; o segundo tambem de vermelho com cinco leões de prata, em aspa, fachados com duas faxas de purpura enxaquetadas de oiro e armados do mesmo, e assim os contrarios, e por differença uma flor de liz de oiro; elmo de prata aberto guarnecido de oiro, paquife de oiro, vermelho e prata, e por timbre uma cruz florida vermelha entre dois cotos de aguia de oiro; com todas as honras de fidalgo por descender da geração dos Pereiras e Barrosos. — Dada em Lisboa a 20 de setembro de 1563. Reg. na Chanc. de D. Sebastião, liv. III, fl. 233 v.

733. Francisco Botelho Chacon, morador em Lisboa, fidalgo da casa real; filho de Thomé Ribeiro Chacon, o qual justificou ser descendente de Hernalte Chacon, seu terceiro avô, a quem el-rei de Castella D. Fernando fizera fidalgo, e a todos os seus descendentes.

Carta pela qual el-rei D. João IV lhe concede o seguinte brazão de seus antecessores: — Escudo de campo esquartelado; o primeiro dos Botelhos, de campo sanguineo com tres bandas de oiro; o segundo dos Chacões, que é esquartelado, o primeiro de prata com um lobo negro armado de vermelho, passante, o segundo de azul com uma flor de liz de oiro, e assim os contrarios, e por timbre um leão de oiro rompente armado de vermelho e tres frechas com hastes vermelhas, e os ferros de oiro postas em roquete nas mãos do leão, e por differença uma quadricola de azul; com todas as honras e privilegios de fidalgo por descender das gerações dos Chacões e Botelhos. — Dada em Lisboa a 10 de abril de 1643. Reg. na Chanc. de D. João IV, liv. XV, fl. 35.

734. Francisco Branco de Barros Barriga, morador em Villa-rica do Oiro-preto, e natural da cidade de Lisboa; filho do capitão Martinho Branco Perelhal, e de D. Leonor de Barros; neto paterno de Bento Francisco da Fonseca, e de sua mulher Martha Martins Ferraz; bisneto de Sebastião Pires da Fonseca, e de sua mulher Catharina Francisca; terceiro neto de Gonçalo Martins Ferraz, e de sua mulher Helena Domingues Lopes; neto materno do capitão João Rodrigues Barriga, e de sua mulher Maria de Barros; bisneto de Manuel Jorge, e de sua mulher Susana Volante; terceiro neto de Domingos Rodrigues Barriga, e de sua mulher Leonor de Barros; o spplicante é sobrinho do capitão de mar e guerra Simão Preto, e de João Rodrigues Barriga, commandante das armadas das Indias e das Hespanhas.

As armas dos Fonsecas, Ferrazes, Barrigas, e Barros. — Br. p. a 28 de novembro de 1750. Reg. no Cart. da N., liv. particular, fl. 5.

(C. C.)

735. Francisco Brandão Coelho, morador em Vianna da Foz do Lima.

Carta pela qual el-rei D. João III lhe concede o seguinte brazão de seus antecessores: — Escudo de campo esquartelado; o primeiro de oiro com um leão de purpura com tres faxas enxaquetadas de oiro e azul e com a lingua e unhas vermelhas, e uma bordadura de azul cheia de coelhos de prata, malhados de preto; o segundo de prata, com uma aspa de azul com cinco besantes de oiro, e por differença um crescente vermelho; elmo de prata aberto guarnecido de oiro, paquife de oiro e purpura, e por timbre um meio leão das armas; com todas as honras e privilegios de fidalgo por descender da geração e linhagem dos Coelhos e Araujos. — Dada em Evora a 8 de fevereiro de 1536. — Reg. na Chanc. de D. João III, liv. XXII, fl. 153 v.

736. Francisco de Brito Bezerra Calvacante e Albuquerque, bacharel formado nos sagrados canones pela Universidade de Coimbra, natural e morador na villa de Santo Antonio do Arrecife, capitania de Pernambuco; filho do capitão de cavallaria auxi-

liar da villa de Iguarassu, Salvador Coelho de Durmont, e de sua mulher D. Leonarda Bezerra Cavalcante e Albuquerque; neto pela parte paterna de Francisco de Brito Lira, tenente de cavallaria auxiliar da villa de Goianna, e de sua mulher D. Juliana Durmont; e pela materna de Antonio da Costa Leitão Arnoso, capitão de cavallaria auxiliar da villa de Aguarassu, e de sua mulher D. Maria Bezerra Cavalcante de Albuquerque, filha de Leonardo Bezerra Cavalcante de Albuquerque, coronel de cavallaria auxiliar da dita villa, e de sua mulher D. Joanna Pereira da Silva; neta paterna do capitão Cosme Bezerra Monteiro, e de sua mulher D. Leonarda Cavalcante de Albuquerque, filha de Antonio Cavalcante de Albuquerque, fidalgo cavalleiro da casa real, um dos restauradores da dita capitania, e materna de Antonio da Silva, capitão chefe de cavallaria na guerra da mesma restauração; e assim elle, supplicante, como os ditos seus paes, avós e mais ascendentes foram pessoas muito nobres da esclarecida familia de Cavalcantes e Albuquerques na dita capitania, onde serviram com tanto valor e honra, que a custo do proprio sangue, vidas, e fazendas a restauraram do poder dos hollandezes e a submetteram á obediencia da real corôa de Portugal.

Um escudo com as armas dos Cavalcantes, e Albuquerques. —Br. p. a 8 de janeiro de 1787. Reg. no Cart. da N., liv. III, fl. 254 v.

(C. C.)

737. Francisco do Cabo de Arce Lopes, cavalleiro professo na ordem de Christo, familiar do Santo Officio, sargento-mór das ordenanças no logar da Cuba, cidadão da cidade de Beja, e n'ella deputado actual do celleiro commum por Sua Alteza Real; filho de Manuel do Cabo de Arce, cidadão que foi da mesma cidade, e de sua mulher Antonia Lopes; neto pela parte paterna de Belchior do Cabo de Arce, e de sua mulher Ignez de Mira e Goes; e pela parte materna neto de Francisco do Monte Godinho, e de sua mulher Catharina Lopes.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Arces, no segundo as dos Goes, no terceiro as dos Godinhos, e no quarto as dos Lopes.—Br. p. a 21 de maio de 1768. Reg. no Cart. da N., liv. I, fl. 76 v.

(C. C.)

738. Francisco Caetano de Andrade Machado (Padre), filho de Domingos de Andrade Machado, natural da quinta de Linhares, e de sua mulher Luiza Teixeira da Cunha, da quinta da Cruz; neto pela parte paterna de Antonio Alves Cerqueira Broxado, e de sua mulher Thereza Machado de Andrade; bisneto pela sua varonia de Gonçalo Alvares, e de sua mulher Margarida Broxado, filha de Fernão Annes, e de sua mulher Margarida Broxado, neta de Henrique Alves, e de sua mulher Maria Broxado, e bisneta de Simão Broxado, fidalgo da casa real, e de sua mulher Isabel Pires; e pela dita sua avó paterna, bisneto de Antonio Cerqueira, e de sua mulher Policianna Machado de Andrade, elle filho de Domingos Cerqueira, e de sua mulher Isabel Ribeira, filha de Gaspar de Carvalho da Cunha, e de sua mulher Anna Machado; e pela parte materna neto de Francisco Thomaz Cerqueira, e de sua mulher Francisca Teixeira da Cunha; bisneto de Domingos Thomaz do Rego, e de sua mulher Maria Cerqueira, filha de Francisco Cerqueira, e de sua mulher Senhorinha Francisca, e neta de Manuel Cerqueira, c de sua mulher Catharina Gonçalves; e pela dita sua avó materna bisneto de Gaspar Teixeira da Cunha, e de sua mulher Jeronyma de Basto.

Um escudo ovado e esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Cerqueiras, no segundo as dos Machados, no terceiro as dos Andrades, e no quarto as dos Teixeiras.—Br. p. a 12 de abril de 1769. Reg. no Cart. da N., liv. I, fl. 95 v.

(C. C.)

739. Francisco Caetano de Quevedo Homem de Magalhães e Araujo, natural d'esta cidade de Lisboa, filho legitimo de Manuel Correa de Quevedo Homem de Ma-

galhães, moço da camara que foi do fidelissimo rei D. João v, porteiro da camara da fidelissima rainha D. Marianna de Austria, e de sua mulher D. Thereza Josepha da Silva; neto pela parte paterna do capitão Domingos Correa da Fonseca, e de sua mulher D. Theodora Maria de Quevedo, filha de Vital Homem de Magalhães, fidalgo da casa real, e de sua mulher D. Maria Josepha de Quevedo; bisneto de Manuel Correa da Fonseca, capitão de mar e guerra da real armada, e de sua mulher D. Maria Antonia de Araujo; terceiro neto de Domingos Correa, provedor que foi da real fazenda no Rio de Janeiro, e de sua mulher D. Maria da Fonseca.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Quevedos, no segundo as dos Homens, no terceiro as dos Magalhães, e no quarto as dos Araujos. — Br. p. a 12 de dezembro de 1767. Reg. no Cart. da N., liv. I, fl. 62 v.

(C. C.)

740. **Francisco Caldeira Coutinho da Cunha**, cavalleiro fidalgo da casa real, e professo na ordem de Sant'Iago, natural da extincta praça de Mazagão; filho de Fernando Valente da Cunha, cavalleiro fidalgo da casa real, professo na ordem de Christo, e escrivão da vedoria geral da mesma praça de Mazagão, e de sua mulher D. Francisca Cotta; neto pela parte paterna de Francisco Fernandes Giraldes, que tambem teve o mesmo fôro de cavalleiro fidalgo da casa real, e professo na ordem de Christo, e de sua mulher D. Francisca da Cunha; bisneto de Fernando Valente da Cunha, com o referido fôro de cavalleiro fidalgo, professo na ordem de Christo, capitão de uma das guardas de cavallaria da referida praça, e de sua mulher D. Catharina de Pinho; terceiro neto de Francisco Fernandes Giraldes, que casou na dita praça com D. Isabel Valente Coutinho, filha de João Barreto Coutinho, fidalgo cavalleiro da casa real, professo na ordem de Christo, e capitão de infanteria da guarnição da mesma praça; neto pela parte materna de Manuel Alvares Romeiro, cavalleiro fidalgo da casa real, professo na ordem de Christo e vedor geral da sobredita praça, e de sua mulher D. Catharina Rodrigues; bisneto de Gaspar Alves Romeiro, cavalleiro fidalgo da casa real, professo na ordem de Christo, e de sua mulher D. Maria Neta.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Cunhas; no segundo as dos Giraldes, no terceiro as dos Coutinhos, e no quarto as dos Cottas. — Br. p. a 13 de novembro de 1795. Reg. no Cart. da N., liv. v, fl. 103 v.

(C. C.)

741. **Francisco Caldeira Coutinho Cunha da Costa**, cavalleiro fidalgo da casa real, natural da Praça de Mazagão; filho de Fernando Valente Cunha da Costa Coutinho Caldeira, e de sua mulher D. Francisca Cotta; neto pela parte paterna de Francisco da Cunha Caldeira Coutinho da Costa, e de sua mulher D. Francisca Cunha da Costa Coutinho Caldeira; e pela materna neto de Manuel Alves Romeiro, e de D. Catharina Rodrigues; bisneto de Francisco Fernandes Giraldes, e de D. Isabel Alves.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Caldeiras, no segundo as dos Cunhas, no terceiro as dos Coutinhos, e no quarto as dos Costas. — Br. p. a 12 de agosto de 1784. Reg. no Cart. da N., liv. III, fl. 150 v.

(C. C.)

742. **Francisco Camello**, fidalgo, morador na ilha da Madeira.

Carta pela qual el-rei D. João III lhe concede o seguinte brazão de seus antecessores: — Escudo de campo de prata com tres vieiras de azul riscadas de oiro, em triangulo, e por difierença uma lua de vermelho; elmo de prata aberto guarnecido de oiro, paquife de prata e azul, e por timbre um pescoço e cabeça de camello; com todas as honras e privilegios de fidalgo por descender da nobre geração e tronco dos Camellos. — Dada em Lisboa a 23 de fevereiro de 1529. Reg. na Chanc. de D. João III, liv. XVII, fl. 24.

743. Francisco Camillo Giraldes Leitão de Mello Caiado, natural da villa da Idanha-nova, comarca de Castello-branco; filho de Bartholomeu José Caiado, sargento-mór das ordenanças da dita villa, e de sua mulher D. Isabel Giraldes Angelica Leitão de Mello; neto pela parte materna do doutor Manuel Correa Soares, juiz de fóra que foi da villa de Penamacor, e de sua mulher D. Isabel Joaquina Giraldes de Mello Leitão, filha do sargento-mór Manuel Giraldes Leitão, e de sua mulher D. Maria Marques da Cruz e Mello, filha de Bartholomeu Affonso da Cruz, e de sua mulher D. Isabel de Mello Coutinho e Eça; esta filha de Balthazar de Mello Eça, fidalgo da casa real, e de sua mulher D. Catharina Marques: o qual Balthazar de Mello Eça era filho de Luiz de Mello Coutinho; neto de Manuel de Mello Coutinho, e bisneto de Diogo Soares de Mello, todos fidalgos da casa real.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Giraldes, no segundo as dos Leitões, no terceiro as dos Mellos, e no quarto as dos Coutinhos. — Br. p. a 27 de setembro de 1786. Reg. no Cart. da N., liv. III, fl. 239.

(C. C.)

744. Francisco Cardoso, cortezão, fidalgo da casa real e capellão, filho de Diogo Cardoso, que foi neto de Alvaro Vaz Cardoso, irmão de Luiz Vaz Cardoso, que foi chefe e herdeiro do morgado dos Cardosos.

Carta pela qual el-rei D. João III lhe concede o seguinte brazão de seus antecessores: — Escudo de campo vermelho e um cardo verde com duas alcachofras e florido de oiro e as raizes de prata, entre dois leões de oiro rompentes, e por differença um filete preto em contrabanda; elmo de prata aberto, paquife de oiro e vermelho, e por timbre um dos leões saindo-lhe de entre as mãos um cardo; com todas as honras de nobre fidalgo por descender da geração e linhagem dos Cardosos. — Dada em Lisboa a 25 de janeiro de 1523. Reg. na Chanc. de D. João III, liv. XLV, fl. 98 v.

745. Francisco Cardoso, licenceado, desembargador do cardeal infante, filho de Diogo Cardoso e neto de Nuno Alvares Cardoso, que foi irmão de Luiz Vaz Cardoso, chefe e morgado d'esta geração.

Carta pela qual el-rei D. João III lhe concede o seguinte brazão de seus antecessores: — Escudo de campo vermelho com dois cardos verdes floridos um em cima do outro em pala, com as raizes de prata, entre dois leões de oiro peleijantes, e por differença um crescente de prata; elmo de prata aberto guarnecido de oiro, paquife de oiro e vermelho, e por timbre uma cabeça de leão de oiro com um dos cardos na boca; com todas as honras e privilegios de fidalgo por descender da geração e linhagem dos Cardosos. — Dada em Lisboa a 20 de novembro de 1529. Reg. na Chanc. de D. João III, liv. XVII, fl. 137.

746. Francisco Cardoso Pereira de Mello e Vasconcellos, filho de Joaquim Victorio Pereira, e de D. Francisca de Mello e Vasconcellos de Aguiar Baltar; neto paterno de Francisco Cardoso Pereira, e de D. Angela da Encarnação de Vasconcellos, e pela parte materna de Francisco de Mello e Vasconcellos, e de D. Ignacia Telles de Araujo Goes; bisneto paterno de José Cardoso Pereira, e de D. Ursula da Fonseca, e materno de Vasco de Mello e Vasconcellos, e de D. Isabel Telles de Menezes; terceiro neto paterno de Manuel de Carvalhal e Vasconcellos, e de D. Angela de Menezes de Vasconcellos, e materno de Luiz de Mello e Vasconcellos, e de D. Margarida Telles de Menezes; quarto neto paterno de João de Carvalhal e Vasconcellos, e de D. Joanna Soares, e materno de Luiz de Mello e Vasconcellos, e de D. Antonia Garcez de Oliveira; quinto neto paterno de Francisco de Carvalhal e Vasconcellos, e de D. Maria de Menezes, e materno de Manuel de Mello e Vasconcellos, e de D. Francisca Parada; sexto neto paterno de Paulo de Carvalhal, e de D. Francisca de Aguiar, e materno de Antonio de Oliveira de Carvalhal, e de

D. Luiza de Mello e Vasconcellos; setimo neto paterno de Antonio de Oliveira de Carvalhal, e de D. Luiza de Mello e Vasconcellos.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Cardosos, no segundo as dos Pereiras, no terceiro as dos Mellos, e no quarto as dos Vasconcellos. — Br. p. a 26 de julho de 1804. Reg. no Cart. da N., liv. VII, fl. 83 v.

(C. C.)

747. FRANCISCO CARNEIRO FONTOURA TEIXEIRA TAVEIRA DE MAGALHÃES, de Villa-real, provincia de Traz-os-montes; filho do doutor Antonio Pereira Tarefa de Oliveira, e de sua mulhér D. Isabel Joanna Botelho Cardoso de Fontoura Teixeira de Magalhães; neto paterno de Domingos Pereira Tarefa, e de sua mulher Domingas Nunes; neto materno de Francisco Carneiro de Fontoura de Azevedo Teixeira Taveira de Magalhães, e de sua mulher D. Brites Botelho Cardoso de Lousada.

As armas dos Carneiros, Fontouras, Botelhos, e Cardosos. — Br. p. a 12 de setembro de 1755. Reg. no Cart. da N., liv. particular, fl. 91 v.

(C. C.)

748. FRANCISCO CARNEIRO HOMEM SOUTO-MAIOR, alferes de cavallaria, aggregado á primeira plana da côrte, natural da cidade de Lisboa; filho de Antonio Carneiro Homem Souto-maior, cavalleiro professo da ordem de Christo, e de sua mulher D. Josepha Margarida da Conceição; neto pela parte paterna do doutor João Gomes Homem, e de sua mulher D. Thereza Aurelia Joaquina Souto-maior; bisneto de Antonio Gomes Homem, e de sua mulher D. Marianna Henriques; terceiro neto de Gabriel Gomes Homem, e de sua mulher D. Brites Gomes de Moura; quarto neto de Balthasar Gomes Homem, descendente legitimo e por varonia do barão de Solino, no reino de Napoles; e pela sua avó D. Thereza Aurelia Joaquina Souto-maior se mostrava tambem que elle é bisneto do doutor Gaspar Carneiro Leitão, cavalleiro professo da ordem de Christo, e de sua mulher D. Brigida Maria Thereza; terceiro neto de Francisco Carneiro Souto-maior, e de sua mulher D. Marianna Monteiro da Silva; quarto neto de Martim Carneiro Leitão, e de sua mulher D. Francisca de Faria; o qual Martim Carneiro Leitão era descendente da familia dos Carneiros, da villa da Gollegã, uma das mais esclarecidas d'ella, que procedeu dos Carneiros de Coimbra, e estes dos do Porto, que tiveram a sua origem em João de Montou, fidalgo francez, parente dos reis de França, de cuja familia procedem tambem os condes de Lumiares, como largamente se mostrava na sentença.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Gomes, no segundo as dos Homens, no terceiro as dos Carneiros, e no quarto as dos Souto-maiores. — Br. p. 24 de agosto de 1787. Reg. no Cart. da N., liv. IV, fl. 21 v.

(C. C.)

749. FRANCISCO CARVALHO DA CUNHA E AMARAL, cavalleiro da ordem de Christo, capitão-mór da villa de Paraty, natural da cidade de S. Sebastião do Rio de Janeiro; filho do coronel Lourenço Carvalho da Cunha, cavalleiro da ordem de Christo, e de sua mulher D. Marcelina do Amaral Gurgel, filha do capitão Francisco do Amaral Gurgel.

As armas dos Amaraes. — Br. p. a 9 de agosto de 1760. Reg. no Cart. da N., liv. particular, fl. 127 v.

(C. C.)

750. FRANCISCO DO CASAL, cavalleiro da ordem de Christo.

Carta pela qual el-rei D. João III lhe concede o seguinte brazão de seus antecessores: — Escudo de campo esquartelado: o primeiro de azul com tres flores de liz de prata em banda, o segundo de oiro com cinco flores de liz de vermelho em aspa, e por differença uma merleta de oiro; elmo de prata aberto guarnecido de oiro, paquife de prata e azul, e por timbre uma aspa de oiro com duas flores de liz de vermelho nas pontas de cima;

com todas as honras e privilegios de fidalgo por descender por parte de seu pae dos Paivas, e por parte de sua mãe e avós dos do Casal. — Dada em Lisboa a 20 de maio de 1529. Reg. na Chanc. de D. João III, liv. XVII, fl. 68 v.

751. Francisco Claudio Pinto da Cunha e Sousa (Tenente), natural da freguezia de Nossa Senhora da Candelaria do Rio de Janeiro, filho de Manuel Pinto da Cunha, e de sua mulher D. Maria Thereza dos Santos e Sousa; neto pela parte paterna de Manuel Pinto e Sousa, e de sua mulher Seraphina Fernandes da Cunha, e pela materna neto do capitão Antonio Pires dos Santos, e de sua mulher Antonia de Sousa e Oliveira.

Um escudo esquartelado; no primeiro e quarto quarteis as armas dos Pintos, no segundo as dos Cunhas, e no terceiro as dos Sousas. — Br. p. a 7 de julho de 1774. Reg. no Cart. da N., liv. II, fl. 17 v.

(C. C.)

752. Francisco Coelho, escrivão da camara do Mestre de Sant'Iago, filho de Pedro Cardoso, cavalleiro e natural de Viseu, e de Anna Coelha; neto de João Coelho, que foi fidalgo muito honrado e do tronco d'esta geração.

Carta pela qual el-rei D. João III lhe concede o seguinte brazão de seus antecessores: — Escudo de campo de oiro, com um leão de purpura com tres faxas enxaquetadas de oiro e de azul, e uma bordadura azul com cinco coelhos de prata malhados de preto, e por differença uma brica vermelha com uma estrella de oiro; elmo de prata aberto guarnecido de oiro, paquife de oiro e purpura, e por timbre um meio leão das armas com a lingua e unhas vermelhas; com todas as honras e privilegios de fidalgo por descender da geração e linhagem dos Coelhos. — Dada em Lisboa a 22 de julho de 1533. Reg. na Chanc. de D. João III, liv. XLV, fl. 57 v.

753. Francisco Coelho Brandão, natural do termo de Villa-rica do Ouro-preto, estado da America; filho do alferes de cavallos Manuel Coelho Rodrigues, e de sua mulher D. Josepha de Avila e Figueiredo, neta do capitão João de Seabra de Guimarães; neto o supplicante pela sua varonia do ajudante de infanteria Antonio Coelho, filho de Belchior Coelho, irmão do senhor de Felgueiras e Vieira.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Coelhos, no segundo as dos Seabras, no terceiro as dos Brandões, e no quarto as dos Avilas. — Br. p. a 23 de novembro de 1782. Reg. no Cart. da N., liv. III, fl. 77 v.

(C. C.)

754. Francisco Coelho de Magalhães, morador na sua casa de Rendufe, concelho de Cabeceiras de Basto; filho do capitão João Felix Falcão, e de sua mulher D. Rosa Maria de Magalhães; neto paterno do doutor João Carneiro da Silva Falcão; bisneto de Domingos Ribeiro Falcão, e de sua mulher Jeronyma da Silva, senhores que foram da casa de Alvação; terceiro neto de Gerardo Falcão, e de sua mulher Domingas Ribeiro, senhores da casa do Souto; neto materno de Mannel Alves Magalhães e Araujo, mestre de campo de infanteria auxiliar na provincia do Minho, fidalgo cavalleiro; bisneto de Francisco Alves de Araujo, capitão-mór da villa de Basto, e de sua mulher D. Maria de Magalhães; terceiro neto de Antonio Francisco Alves de Araujo, familiar do Santo Officio, sargento-mór da dita villa.

As armas dos Falcões, Silvas, Araujos, e Magalhães. — Br. p. a 7 de maio de 1762. Reg. no Cart. da N., liv. particular, fl. 136.

(C. C.)

755. Francisco Corelha de Ornellas, cavalleiro da casa real, escrivão da fazenda real, da comarca de Beja, filho de João Affonso Tavares e de Victoria de Ornellas,

neto de Affonso Corelha de Ornellas, que foi fidalgo muito honrado e do tronco d'estas gerações; bem assim foi neto de Ruy de Ornellas Corelha, que tambem foi fidalgo e do mesmo tronco.

Carta pela qual el-rei D. João III lhe concede o seguinte brazão de seus antecessores: — Escudo de campo esquartelado; o primeiro de azul e uma banda de vermelho com tres flores de liz de oiro entre duas sereias de oiro com um espelho e um pente de oiro nas mãos de cada lado; o segundo de vermelho com uma meia donzella dos peitos para cima e uma torre de prata entre dois *libres* tambem de prata com suas colleiras vermelhas guarnecidas de oiro, alevantados e com os rabos retornados para cima como leões, e por differença uma brica de prata com um — *F* — de preto; elmo de prata aberto guarnecido de oiro, paquife de azul, oiro, prata e vermelho, e por timbre uma das sereias; com todas as honras e privilegios de fidalgo por descender da geração e linhagem dos Corelhas e Ornellas. — Dada em Evora a 7 de agosto de 1537. Reg. na Chanc. de D. João III, liv. XXIII, fl. 95 v.

756. Francisco Correa de Araujo, cavalleiro da ordem de Christo, e capitão das ordenanças do reino da villa de Serinhaem na capitania de Pernambuco; filho de José Fernandes de Araujo, e de sua mulher D. Anna Correa de Mello; neto paterno do capitão Agostinho de Aguiar e Castro, e de sua mulher D. Antonia Correa de Almeida, e materno do capitão Antonio de Sousa Valle, e de sua mulher D. Josepha de Sousa e Mello.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Castros, no segundo as dos Correas, no terceiro as dos Valles, e no quarto as dos Mellos. — Br. p. a 15 de janeiro de 1808. Reg. no Cart. da N., liv. VII, fl. 220.

(C. C.)

757. Francisco Correa Lopes Freitas e Sousa, natural da freguezia de Santo Ildefonso da cidade do Porto, e n'ella morador; filho de Manuel Correa Lopes, professo na ordem de Christo, e de sua mulher D. Anna Felicia de Sousa Delicado; neto pela parte paterna de Manuel Correa Lopes, e de D. Marianna Moreira Correa da Silva; bisneto de Miguel de Freitas Correa, professo na ordem de Christo, e provedor que foi dos Contos da côrte, e de D. Cecilia Pereira; neto pela parte materna de Anacleto de Sousa Delicado, e de D. Rosa de Sousa; bisneto de Antonio Pires Delicado, capitão de mar e guerra, cidadão da cidade do Porto, e de D. Francisca dos Santos e Sousa.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Sousas, no segundo as dos Correas, no terceiro as dos Lopes, e no quarto as dos Freitas. — Br. p. a 28 de outubro de 1795. Reg. no Cart. da N., liv. V, fl. 99 v.

(C. C.)

758. Francisco Correa da Silva, cavalleiro da ordem de Christo, guarda-mór da Saude da cidade de Lagos, d'onde é natural, e monteiro-mór, commissario de mostras; filho de Manuel Correa da Silva, e de sua mulher D. Leonor de Sousa Basen; neto paterno de Francisco Correa da Silva, natural da praça de Tangere, da principal nobreza da mesma praça, capitão de infanteria em Lisboa, escrivão proprietario dos cavalleiros e das commendas de Riba-tejo, thesoureiro das Ordens militares, e de sua mulher D. Catharina Baeman; neto materno de Gregorio Aranha Freire, e de sua mulher D. Isabel de Sousa Basen.

As armas dos Correas, Silvas, Aranhas, e Freires. — Br. p. a 6 de maio de 1758. Reg. no Cart. da N., liv. particular, fl. 115.

(C. C.)

759. Francisco Cosme Varella Cardoso da Gama Lobo, superintendente das caudelarias da comarca da villa de Aviz, e d'ella natural; filho de Jeronymo José da Gama

Lobo, capitão-mór da dita villa, e de sua mulher D. Jeronyma Josepha Rita Braga; neto pela parte paterna de Francisco Cosme Varella Pereira, capitão-mór da dita villa, e de sua mulher D. Angela Isabel Caetana Pacheco de Sá, elle filho de Jeronymo José da Gama Pereira, e de sua mulher D. Antonia Dourado Villela, e ella filha de Thomé Manso de Sá Pimentel, e de sua mulher D. Cecilia de Mesquita e Abreu; e pela parte materna é neto de João de Lemos Zagalo Carvalhal, e de sua mulher D. Luiza Zagalo de Carvalho, e bisneto de Francisco de Lemos de Carvalho, e de sua mulher D. Jeronyma de Braga.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Villelas, no segundo as dos Lobos, no terceiro as dos Gamas, e no quarto as dos Cardosos.—Br. p. a 16 de agosto de 1787. Reg. no Cart. da N., liv. IV, fl. 24.

(C. C.)

760. Francisco da Costa, morador em Santarem, filho de Francisco da Costa, neto de Nuno Vaz da Costa, e bisneto de Vasco Vicente da Costa, os quaes todos foram fidalgos e do tronco d'esta geração.

Carta pela qual el-rei D. Sebastião lhe concede o seguinte brazão de seus antecessores: — Escudo de campo vermelho e seis costas de prata, e firmadas nos cabos do escudo postas em tres faxas, e por differença um cardo de oiro florido de azul; elmo de prata aberto guarnecido de oiro, paquife de prata e vermelho, e por timbre duas costas das armas em aspa atadas com uma fita vermelha; com todas as honras e privilegios de fidalgo por descender da geração dos Costas.—Dada em Lisboa a 10 de maio de 1571. Reg. na Chanc. de D. Sebastião, liv. VII, fl. 275 v.

761. Francisco da Costa Rebello, coronel de milicias, morador no termo da villa de S. João da Pernaiba, comarca da cidade de Oeiras, capitania de S. José de Piauhi, natural da villa de Campo-maior, comarca da dita cidade de Oeiras, da mesma capitania; filho do capitão das ordenanças João Rebello Cardoso, e de sua mulher D. Maria da Costa e Oliveira; neto por parte paterna de Manuel Rebello Portella, e de sua mulher Anna Maria de Jesus; neto por parte materna do sargento-mór das ordenanças, Sebastião da Costa e Oliveira, e de sua mulher D. Engracia da Costa Ferreira.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Rebellos, no segundo as dos Cardosos, no terceiro as dos Costas, e no quarto as dos Oliveiras.—Br. p. a 16 de março de 1802. Reg. no Cart. da N., liv. VI, fl. 199 v.

(C. C.)

762. Francisco da Cunha Silva Castello-branco, capitão do regimento de cavallaria da cidade de Oeiras, capitania de S. José de Piauhi, bispado do Maranhão; filho de Manuel Carvalho e Almeida, commissario de cavallaria, e de sua mulher D. Clara de Castello-branco; neto paterno de Belchior Gomes, e de sua mulher D. Isabel Rodrigues Correa, e materno de D. Francisco de Castello-branco, e de sua primeira mulher D. Maria Eugenia de Mesquita.

Um escudo esquartelado; no primeiro e quarto quarteis as armas dos Carvalhos, no segundo as dos Almeidas, e no terceiro as dos Castellos-brancos.—Br. p. a 5 de março de 1793. Reg. no Cart. da N., liv. IV, fl. 274.

(C. C.)

763. Francisco Diniz de Carvoeiros, cavalleiro, natural de Evora, filho de Diniz Martins de Carvoeiros, neto de Diniz Martins e de Beatriz Eanes da Regueira de Carvoeiros de Vasconcellos, a qual foi fidalga e muito honrada e do tronco d'esta geração.

Carta pela qual el-rei D. João III lhe concede o seguinte brazão de seus antecessores: —Escudo de campo de prata com tres barras de vermelho entre doze azinheiras verdes, em quatro palas, e por differença uma flor de liz azul; elmo de prata aberto guarnecido

de oiro; paquife de prata, vermelho e verde, e por timbre uma das azinheiras; com todas as honras e privilegios de fidalgo por descender da geração e linhagem dos Carvoeiros. — Dada em Lisboa a 23 de setembro de 1538. Reg. na Chanc. de D. João III, liv. XXVII, fl. 9.

764. Francisco Eduardo da Silva Fragoso, natural da villa da Covilhã, comarca da Guarda, filho de Manuel Joaquim da Silva Botelho de Queiroz, e de sua mulher D. Maria Leonarda da Silva Fragoso, irmã legitima de João Manuel da Silva de Figueiredo Fragoso, a quem se passou brazão de armas a 24 de agosto de 1774; neto pela parte paterna do capitão Eduardo da Silva Proença, e de sua mulher D. Agueda Margarida Michaela Nogueira de Moura, e pela materna neto de João da Silva de Figueiredo Fragoso, cavalleiro da ordem de Christo, e de sua mulher D. Brigida Joaquina de Pina Fragoso, filha de Luiz Fragoso Homem, e de sua mulher D. Francisca da Fonseca; bisneto de Manuel da Silva Fragoso, e de sua mulher D. Luiza de Sousa Correa, que foi filha de Romão Sinel, neta de Filippe Romão, e de sua mulher Guiomar de Sousa, e bisneta de Luiz Romão; terceiro neto o mesmo supplicante pela sua varonia materna de Francisco Vaz Fragoso, e de sua mulher Isabel da Silva Figueiredo; e quarto neto de Pedro Vaz Fragoso, filho de Manuel Fragoso de Aguiar.

Um escudo partido em pala; na primeira as armas dos Fragosos, e na segunda as dos Silvas. — Br. p. a 29 de agosto de 1785. Reg. no Cart. da N. liv. III, fl. 205 v.

(C. C.)

765. Francisco Falcão, cavalleiro da ordem de Christo, filho de Fernão Falcão, cavalleiro da ordem de Christo, neto de Alvaro Fernandes de Brito e de Isabel Falcoa, bisneto de Vicente Annes Falcão, que foi fidalgo muito honrado e do tronco d'esta geração.

Carta pela qual el-rei D. João III lhe concede o seguinte brazão de seus antecessores: — Escudo de campo azul e tres bordões de prata ferrados e fincados de vermelho, e uma meia brica de oiro, e n'ella um — F — de preto; elmo de prata aberto guarnecido de oiro, paquife de prata e azul, e por timbre um falcão de sua cor com um dos bordões no bico e com uma das mãos no mesmo; com todas as honras e privilegios de fidalgo por descender da geração e linhagem dos Falcões. — Dada em Lisboa a 23 de janeiro de 1539. Reg. na Chanc. de D. João III, liv. XXVII, fl. 2.

766. Francisco Fernandes de Padilha, morador em Lisboa, irmão legitimo de Bartholomeu Fernandes de Padilha.

Carta pela qual el-rei D. João III lhe concede o seguinte brazão de seus antecessores: — Escudo de campo azul com tres pás de prata, em pala, em cada uma sua *nacaneta* no cabo, e no meio, em cada uma, seu *estromento* de dois cabos, e seis crescentes do mesmo, tres sobre aspas em chefe, dois nas ilhargas das pás do cabo, e outro ao pé da do meio, e por differença uma brica de prata; elmo de prata aberto guarnecido de oiro, paquife de prata e azul, e por timbre uma aguia azul; com todas as honras e privilegios de fidalgo por descender dos Padilhas do reino de Castella, que eram fidalgos. — Dada em Lisboa a 23 de agosto de 1532, Reg. na Chanc. de D. João III, liv. XVIII, fl, 71 v.

767. Francisco Ferrão de Castello-branco, fidalgo, filho de Diogo Ferrão de Castello-branco, e neto de João Ferrão de Castello-branco.

Carta pela qual el-rei D. João III lhe concede o seguinte brazão de armas de seus antecessores: — Escudo de campo azul com um leão de oiro em cima rompente, com as unhas e lingua vermelhas, e por differença uma flor de liz de prata no escudo; elmo de prata aberto guarnecido de oiro; paquife de oiro e azul, e por timbre o mesmo leão das armas; com todas as honras e privilegios de fidalgo por descender da nobre linhagem dos Castellos-brancos. — Dada em Santarem a 29 de janeiro de 1528. Reg. na Chanc. de D. João III, liv. XI, fl. 11.

768. **Francisco Ferreira**, morador em villa do Conde.

Carta pela qual el-rei D. João III lhe concede o seguinte brazão de seus antecessores: — Escudo de campo vermelho com quatro faxas de oiro, e por differença uma brica de prata com um — F — de preto; elmo de prata aberto guarnecido de oiro, paquife de oiro e vermelho, e por timbre uma emma de prata com uma ferradura de oiro no bico; com todas as honras e privilegios de fidalgo por descender da nobre linhagem e geração dos Ferreiras, que eram fidalgos e nobres. — Dada em Evora a 28 de fevereiro de 1536. Reg. na Chanc. de D. João III, liv. XXII, fl. 138 v.

769. **Francisco Ferreira**, natural de Coimbra, e morador no termo de Alemquer, filho de Ayres Ferreira, neto de Diogo Ferreira, bisneto de Gonçalo Ferreira, o qual foi sobrinho de D. Alvaro Ferreira, bispo de Coimbra.

Carta pela qual el-rei D. Sebastião lhe concede o seguinte brazão de seus antecessores: — Escudo de campo vermelho com quatro faxas de oiro, e por differença um crescente de prata; elmo de prata aberto guarnecido de oiro, paquife de oiro e vermelho, e por timbre uma emma da sua côr com uma ferradura de oiro no bico; com todas as honras e privilegios de fidalgo por descender da geração dos Ferreiras. — Dada em Lisboa a 4 de dezembro de 1561. Reg. na Chanc. de D. Sebastião, liv. II, fl. 85 v.

770. D. **Francisco Franco Feijó**, senhor de Contiq Helmont, filho de D. Gaspar Franco, e de sua mulher D. Isabel Franco; neto pela parte paterna de D. Gaspar Porcel Franco, e de sua mulher D. Guiomar de Campos, e pela materna de D. Sebastião Franco, e de sua mulher D. Catharina de Morales, todos naturaes do reino de Portugal.

Um escudo esquartelado; no primeiro e quarto quarteis as armas dos Francos, no segundo as dos Campos, e no terceiro as dos Morales. — Br. p. a 27 de março de 1775. Reg. no Cart. da N., liv. II, fl. 55 v.

(C. C.)

771. **Francisco Frazão**, cavalleiro da ordem de Christo.

Carta pela qual el-rei D. João III lhe concede o seguinte brazão de seus antecessores: — Escudo de campo vermelho e n'elle um *chaveron* de prata entre tres flores de liz de oiro, em roquete; elmo de prata aberto, paquife de oiro e vermelho, e por timbre o *chaveron* das armas de vermelho com uma flor de liz de oiro no meio d'elle; com todas as honras e privilegios de fidalgo por descender da geração e linhagem dos Frazões. — Dada em Evora a 15 de dezembro de 1524. Reg. na Chanc. de D. João III, liv. IV, fl. 104 v.

772. **Francisco Frazão**, morador na cidade de Azamor, neto de Constança Vaz Frazoa.

Carta pela qual el-rei D. João III lhe concede o seguinte brazão de seus antecessores: — Escudo de campo vermelho e n'elle um *chabeiram* de prata entre tres flores de liz de oiro, em roquete, e por differença no canto do escudo uma meia brica de prata com um — L — de preto no meio d'ella; elmo de prata aberto guarnecido de oiro, paquife de oiro, prata e vermelho, e por timbre o *chabeiram* das armas vermelho com uma flor de liz de oiro no meio; com todas as honras e privilegios de fidalgo por descender da geração dos Frazões. — Dada em Evora a 10 de março de 1537. Reg. na Chanc. de D. João III, liv. XXIII, fl. 18 v.

773. **Francisco Gomes de Sousa**, natural da cidade da Bahia de Todos os Santos, e n'ella contador geral da real fazenda; filho de Bernardo José de Sousa, cavalleiro fidalgo da casa real, e de D. Luiza Caetana da Silveira; neto pela parte paterna de Ignacio Gomes de Sousa, cavalleiro fidalgo da casa real, e de D. Thereza Maria de Sousa e Mello, e pela materna de Filippe Gomes da Cruz, e de D. Maria Antonia da Silveira.

Um escudo esquartelado; no primeiro e quarto quarteis as armas dos Sousas, no se-

gundo as dos Mellos, e no terceiro as dos Silveiras. — Br. p. a 8 de novembro de 1788. Reg. no Cart. da N., liv. IV, fl. 85 v.

(C. C.)

774. FRANCISCO GONÇALVES PEREIRA, cavalleiro da ordem de Christo, capitão de um dos regimentos da praça de Olivença; filho do capitão de infanteria Pedro Gonçalves Beirão, e de sua mulher D. Brites Pereira; neto paterno de João Beirão, e de sua mulher Maria Gonçalves.

As armas dos Gonçalves e dos Pereiras. — Br. p. a 29 de maio de 1760. Reg. no Cart. da N., liv. particular, fl. 128.

(C. C.)

775. FRANCISCO DE GOUVEA, fidalgo da casa do infante D. Fernando, filho de Luiz de Gouvea, fidalgo, morador que foi em Castello-Rodrigo, e do tronco d'esta geração.

Carta pela qual el-rei D. João III lhe concede o seguinte brazão de seus antecessores: — Escudo de campo meio partido em pala, o primeiro de vermelho e seis besantes de prata, em pala, fechados de uma dobre cruz e uma bordadura de oiro, o segundo de prata com seis *torteos* de azul em duas palas, e por differença uma meia brica verde com uma merleta de prata; elmo de prata aberto guarnecido de oiro, paquife de oiro, vermelho, prata e azul, e por timbre uma aguia vermelha besantada de prata; com todas as honras e privilegios de fidalgo por descender da geração e linhagem dos Gouveas. — Dada em Montemór-o-novo a 15 de maio de 1531. Reg. na Chanc. de D. João III, liv. XVIII, fl. 3 v.

776. FRANCISCO HOMEM, morador na ilha da Madeira, na villa da Calheta, filho de Francisco Homem, neto de Pero Homem, que foi morador em Genua, e era fidalgo muito honrado e do verdadeiro tronco d'esta linhagem.

Carta pela qual el-rei D. João III lhe concede o seguinte brazão de seus antecessores: — Escudo de campo azul com seis crescentes de oiro em duas palas, e por differença uma merleta de prata; elmo de prata aberto guarnecido de oiro, paquife de oiro e azul, e por timbre um leão azul com uma facha de armas nas mãos com o cabo de oiro; com todas as honras de fidalgo por descender da nobre linhagem e geração dos Homens. — Dada em Evora a 23 de abril de 1535. Reg. na Chanc. de D. João III, liv. 10, fl. 71.

777. FRANCISCO IGNACIO DE CARVALHO, tenente do regimento de milicias, de que é coronel o marquez de Soidos; filho de José Rodrigues de Carvalho, e de D. Joanna Maria Delgado; neto por parte paterna de Amaro Rodrigues de Carvalho, e de D. Maria Josepha, e por parte materna do capitão João da Costa Machado, e de D. Theodosia Delgado; bisneto por parte paterna de Antonio Fernandes, e de D. Maria Rodrigues de Carvalho, e por parte materna do capitão João Machado, e de D. Maria Delgado; e por parte de sua avó paterna bisneto de João Lopes, e de D. Catharina Lopes, assim como por parte de sua avó materna, bisneto do capitão Manuel Pires, e de D. Luiza Delgado.

Um escudo partido em pala; na primeira as armas dos Rodrigues, e na segunda as dos Carvalhos. — Br. p. a 6 de fevereiro de 1799. Reg. no Cart. da N., liv. 6, fl. 65 v.

(C. C.)

778. FRANCISCO IGNACIO SILVERIO DA CUNHA E BRITO (Capitão), natural da villa de Messejana, filho de Alexandre Correa da Cunha, e de sua mulher D. Margarida Constança Perpetua de Brito e Abreu; neto pela parte paterna de Manuel Martins Silverio, cavalleiro da ordem de Christo, e de sua mulher D. Antonia Helena de Mendonça Castello-Branco, elle filho do doutor Manuel Martins Silverio, juiz de fóra que foi de Setubal, e da cidade de Tavira, corregedor da comarca de Thomar, e de Coimbra, o qual foi morto no real serviço, e de sua mulher D. Catharina Correa, e ella filha de Estevão Correa da

Cunha, com uma serie de avós todos fidalgos da casa real, e de sua mulher D. Isabel Magdalena de Almeida; e pela materna neto de Ignacio de Brito, e de sua mulher D. Maria Lamego Mendanha e Abreu, elle filho de Pedro Gomes de Brito, e ella filha de João Coelho de Abreu, e de sua mulher Margarida Correa.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Correas, no segundo as dos Cunhas, no terceiro as dos Britos, e no quarto as dos Raposos. — Br. p. a 15 de novembro de 1780. Reg. no Cart. da N., liv. II, fl. 254 v.

(C. C.)

779. FRANCISCO JACOME, morador em Lisboa.

Carta pela qual el-rei D. Sebastião lhe concede o seguinte brazão de seus antecessores: — Escudo partido em pala; o primeiro de oiro com tres — III — pretos, em roquete, o segundo de prata com quatro asnas vermelhas e uma brica verde e n'ella um cisne de prata; elmo de prata aberto guarnecido de oiro, paquife de oiro, preto, prata e vermelho, e por timbre o mesmo cisne; com todas as honras e privilegios de nobre fidalgo pelos serviços por elle prestados e por descender da geração do condado de Hollanda na villa de Dorte. — Dada em Lisboa a 5 de setembro de 1561. Reg. na Chanc. de D. Sebastião, liv. II, fl. 128 v.

780. FRANCISCO JOÃO ESCORCIO DROMOND MONIZ E MENEZES DA CAMARA (Capitão), familiar do Santo Officio, natural da villa do Funchal da ilha da Madeira; filho do capitão Francisco Luiz de Vasconcellos e Menezes, familiar do Santo Officio, e de sua mulher D. Joanna Maria Henriques Telles de Menezes, senhora do morgado dos Escorcios; neto pela parte paterna de Antonio Escorcio Dromond e Menezes; bisneto de Manuel Escorcio da Fonseca, e de sua mulher D. Antonia Telles de Menezes; terceiro neto de Luiz de Goes de Vasconcellos, e de sua mulher D. Maria de Menezes, filha de João Rodrigues Escorcio, que foi terceiro neto de João Arães de Mendonça, e de sua mulher Leonor Escorcio, e esta bisneta de D. João Dromond, senhor de Escobal, e duque de Dromond em Escocia, tronco da familia e appellido de Dromond n'este reino de Portugal; e pela parte materna é neto o supplicante de Filippe Moniz Dromond, e de sua mulher D. Maria Escorcio Dromond, filha dos referidos Manuel Escorcio da Fonseca, e de sua mulher D. Antonia Tello de Menezes; bisneto de Raphael Dromond de Vasconcellos, e de sua mulher D. Luiza Manuel Moniz, senhora do Caniçal, a qual foi filha de Antonio Tavares de Menezes, fidalgo escudeiro da casa real, e de sua mulher D. Maria de Menezes, senhora tambem do Caniçal, e neta de Pedro Moniz, que teve o mesmo foro; terceiro neto o supplicante do capitão Manuel Ferreira Dromond, e de sua mulher D. Maria de Vasconcellos.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Dromonds, no segundo as dos Menezes, no terceiro as dos Monizes, e no quarto as dos Camaras. — Br. p. a 12 de novembro de 1778. Reg. no Cart. da N., liv. II, fl. 169.

(C. C.)

781. FRANCISCO JOÃO MONIZ BARRETO CABRAL DE ORNELLAS, natural e morador na freguezia do Caniço, jurisdicção da villa de Santa-Cruz, capitania de Machico da ilha da Madeira; filho do capitão Pedro Henrique Moniz Barreto Cabral, e de D. Marianna Jacinta de Linhares e Vasconcellos; neto pela parte paterna de Henrique Felix de Menezes, e de D. Isabel Castanho, o qual Henrique Felix de Menezes foi sexto neto de Garcia Moniz Barreto, filho de Vasco Martins Moniz, o primeiro d'esta familia, que d'este reino passou á dita ilha: e pela parte materna neto do capitão Leandro Maia de Linhares, e de D. Maria Josepha de Ornellas e Vasconcellos, elle bisneto de Antonio Cabral Castanho, descendente de Fernando Alvares Cabral, senhor de Belmonte, e ella quinta neta de Alvaro de Ornellas, o primeiro d'esta familia que passou á referida ilha.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Monizes, no segundo as

dos Barretos, no terceiro as dos Cabraes, e no quarto as dos Ornellas. — Br. p. a 5 de junho de 1780. Reg. no Cart. da N., liv. II, fl. 243.

(C. C.)

782. Francisco Joaquim Pereira de Rezende (Alferes), natural da freguezia de Santa Marinha de Avanca, filho do capitão Antonio Tavares de Rezende, e de D. Joanna Maria de Pinho Valente da Fonseca; neto paterno do capitão Diogo Tavares de Rezende, e de D. Maria Joanna da Silva Godinho; bisneto do capitão Manuel de Rezende Fragoso, e de D. Thereza Valente, e pela parte materna neto de Manuel Valente da Fonseca, e de Marianna de Pinho; bisneto de Carlos da Silva, e de Maria Valente.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Tavares, no segundo as dos Rezendes, no terceiro as dos Valentes, e no quarto as dos Fonsecas. — Br. p. a 2 de janeiro de 1780. Reg. no Cart. da N., liv. II, fl. 216.

(C. C.)

783. Francisco Joaquim da Silva Campos de Mello, barão de Corescada, fidalgo cavalleiro da casa real.

Brazão concedido por alvará do 1.º de junho de 1871. V. no I. H. *Corescada.*

784. Francisco Joaquim Tavares Roldão, bacharel formado nos sagrados canones, natural da villa de Santarem, filho do doutor José Tavares Ferreira, e de sua mulher D. Anna Joaquina Teixeira de Mendonça; neto pela parte paterna de Manuel Tavares Ferreira, filho de Sebastião Tavares Ferreira Roldão, que na guerra de feliz acclamação com tres irmãos seus serviram todos quatro voluntariamente com muito valor, assim n'este reino como no Brazil, onde um d'elles chamado João Tavares Roldão foi tenente general e governador do Rio de Janeiro, e outro por nome o capitão Manuel Tavares Roldão fez proezas no ataque da fortaleza de S. Bartholomeu na cidade de Evora.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Tavares, no segundo as dos Ferreiras, no terceiro as dos Teixeiras, e no quarto as dos Mendonças. — Br. p. a 8 de agosto de 1788. Reg. no Cart. da N., liv. IV, fl. 64.

(C. C.)

785. Francisco José de Almeida Alcaforado, filho do sargento-mór João Bernardo Pimentel Alcaforado, e de sua mulher D. Antonia Xavier de Macedo; neto pela parte paterna do sargento-mór Mauricio de Mesquita Pimentel Alcaforado, e de sua mulher D. Seraphina de Affonseca, e bisneto de Gonçalo Pereira Alcaforado.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Pereiras, no segundo as dos Alcaforados, no terceiro as dos Pimenteis, e no quarto as dos Almeidas. — Br. p. a 11 de março de 1782. Reg. no Cart. da N., liv. III, fl. 48.

(C. C.)

786. Francisco José de Almeida Coelho, cavalleiro professo na ordem de Christo, juiz de fóra actual da cidade de Tavira, reino do Algarve, e natural da villa de Monchique do mesmo reino; filho de José de Almeida Coelho, tambem cavalleiro professo na ordem de Christo, e sargento-mór das ordenanças da comarca de Lagos, director das companhias das reaes pescarias do dito reino, e de sua mulher D. Maria Martins de Almeida; neto pela parte paterna de João de Almeida Coelho, e pela materna de Pedro Rodrigues.

Um escudo partido em pala; na primeira as armas dos Almeidas, e na segunda as dos Coelhos. — Br. p. a 14 de junho de 1784. Reg. no Cart. da N., liv. III, fl. 137 v.

(C. C.)

787. Francisco José Alvares Gomes das Neves, natural do logar de Sapiães, concelho da villa de Monte-alegre, comarca de Bragança; filho de Domingos Vaz do Rio, e de sua mulher D. Domingas Gomes das Neves; neto paterno do capitão Manuel Vaz, e de sua mulher D. Domingas Alvares, e materno do capitão Domingos Gonçalves das Neves, e de sua mulher D. Maria Gomes das Neves, filha do capitão José Gomes, cuja antiga e nobre casa é situada entre as villas de Chaves e Monte-alegre, junto ao logar de Ordãos no sitio chamado as Freitas, do sobredito concelho.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Rios, no segundo as dos Vazes, no terceiro as dos Alvares, e no quarto as dos Gomes. — Br. p. a 21 de dezembro de 1811. Reg. no Cart. da N., liv. VII, fl. 238 v.

(C. C.)

788. Francisco José de Fontes e Sampaio, do logar e freguezia de S. João Baptista de Capeludos, comarca de Villa-real; filho de Domingos de Fontes e Sampaio, e de D. Anna Mauricia Annes; neto pela parte paterna de Francisco Vaz de Fontes e Sampaio, e de D. Luiza Adão; bisneto de Francisco Vaz de Fontes, e de D. Maria Gonçalves; neto materno de Gonçalo Annes, e de D. Maria Dias; bisneto de Estevão Annes, e de D. Maria Gonçalves.

Um escudo partido em pala; na primeira as armas dos Fontes, e na segunda as dos Sampaios. — Br. p. a 7 de setembro de 1792. Reg. no Cart. da N., liv. IV, fl. 261.

(C. C.)

789. Francisco José de Freitas Henriques e Costa (Capitão), filho do tenente Braz Francisco da Costa, e de sua mulher D. Anna Ursula da Encarnação de Mendonça; neto paterno do sargento-mór Manuel de Freitas e Costa, que serviu de ouvidor da vara, e de sua mulher D. Marianna Furtado de Freitas; segundo neto de Francisco de Freitas e Costa, que egualmente serviu de ouvidor da vara, e de sua mulher D. Maria de Freitas Pimentel; neto materno do capitão Mattheus Furtado de Mendonça, e de sua mulher D. Maria Furtado de Mendonça; segundo neto por esta mesma linha do capitão Francisco Furtado de Mendonça Pimentel, e de sua mulher D. Maria Pimentel; que egualmente é o referido supplicante parente em grau de sanguinidade do capitão João Peixoto da Silveira, a quem se passou carta de brazão de armas.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Costas, no segundo as dos Freitas, no terceiro as dos Silveiras, e no quarto as dos Mendonças. — Br. p. a 27 de março de 1819. Reg. no Cart. da N., liv. VIII, fl. 33 v.

(C. C.)

790. Francisco José Gonçalves Agra, fidalgo cavalleiro da casa real, commendador da ordem de Nossa Senhora da Conceição de Villa-viçosa.

Carta pela qual el-rei D. Luiz I lhe concede, e a seus descendentes que para esse fim legalmente se habilitarem, o seguinte brazão de armas: — Um escudo esquartelado; no primeiro quartel em campo de oiro um rochedo agreste da sua côr, no segundo em campo verde uma banda de negro fimbrada de oiro, e assim os contrarios; elmo de prata aberto guarnecido de oiro, com o forro de purpura e o virol de oiro e verde; com todas as honras e privilegios de fidalgo como prerogativa da sua nobreza. — Dada em Lisboa a 25 de maio de 1868. (M. N.) Reg. na Chanc. de D. Luiz I, liv. XVIII, fl. 86, e no Cart. da N., liv. IX, fl. 111.

791. Francisco José Guedes de Fontes Correa de Mello, natural e morador na cidade de Evora, filho de Joaquim da Costa Guedes, cidadão da mesma cidade, e de D. Cecilia Antonia de Fontes Correa de Mello; neto materno de Francisco de Fontes Alfar e Mello, cavalleiro professó na ordem de Christo, e de D. Sebastiana de Carvalho

Furtado; bisneto pela mesma parte de Manuel Martins Alfar, e de Damiana de Fontes e Mello; terceiro neto de Antonio Rodrigues Grande, e de Maria Jorge de Fontes Correa, irmã de Anna de Fontes e Mello, que era mãe de Antonio de Fontes e Mello, a quem se passou brazão das armas dos Correas e Mellos, no anno de 1665; quarto neto de João da Cunha de Mello; quinto neto de Jorge Mendes, e de Filippa da Cunha Correa, e por esta sexto neto de João da Cunha de Mello; setimo neto de Tristão da Cunha de Mello Correa, capitão da ilha Graciosa, irmão de Affonso Correa, a quem se passou brazão de armas dos Correas e Mellos, no tempo de el-rei D. João III; oitavo neto de Jorge Correa, e de sua mulher Leonor de Mello; nono neto de Pedro Correa, capitão da dita ilha; decimo neto de Gonçalo Correa, senhor de Farelões, que era do tronco d'esta familia, e a dita sua oitava avó Leonor de Mello, filha de D. Brites de Mello, e de seu marido Gaspar Dias Darce; neta de Vasco Martins de Mello, irmão do conde D. Pedro Vaz de Mello da Atalaya.

As armas dos Correas e Mellos, Costas, Guedes, Fontes, Carvalhos, Furtados, Alfar, e Cunhas. — Br. p. a 4 de fevereiro de 1752. Reg. no Cart. da N., liv. particular, fl. 28 v.

(C. C.)

792. Francisco José Martins Hilario Mendes, natural da villa de Safra, reino de Castella, filho de Hilario Martins, fidalgo, natural d'este reino de Portugal, da freguezia de Cardichos, termo da villa de Vianna, foz do Lima; neto pela parte paterna de Domingos Martins, fidalgo, e de sua mulher D. Anna Martins; bisneto de Domingos Martins da Torre, e de sua mulher D. Maria Gonçalves; terceiro neto de Pedro Martins Mendes, irmão de Domingos Martins, a quem se passou já brazão de armas dos Mendes e Aranhas, em 1636, e de sua mulher D. Maria Rodrigues, filhos ambos de Antonio Martins, e de sua mulher D. Anna Martins Mendes; neto de Affonso Mendes, e de sua mulher D. Catharina Martins Lopes.

Um escudo partido em pala; na primeira as armas dos Mendes, e na segunda as dos Aranhas. — Br. p. a 4 de maio de 1789. Reg. no Cart. da N., liv. IV, fl. 107 v.

(C. C.)

793. Francisco José Monteiro Cabral, filho de Domingos Monteiro Cabral, e de sua mulher D. Jacinta Clara Pimentel; neto paterno de Gaspar de Sequeira, e de sua mulher D. Maria Monteiro, e materno de Domingos Dias, e de sua mulher D. Maria Pimentel.

Um escudo partido em pala; na primeira as armas dos Monteiros, e na segunda as dos Cabraes. — Br. p. a 13 de setembro de 1806. Reg. no Cart. da N., liv. VII, fl. 144.

(C. C.)

794. Francisco José Monteiro Pinto e Lacerda, tenente coronel de cavallaria, cavalleiro das ordens de S. Bento de Aviz, e da Conceição, condecorado com a cruz n.º 3 da campanha peninsular, e com a medalha de Fidelidade; filho de Bento José Pinto de Lacerda Lopes, e de sua mulher D. Thereza de Jesus Monteiro e Vasconcellos; neto paterno de José da Fonseca Lacerda Lopes, cavalleiro da ordem de Christo, e de sua mulher D. Rosa Maria; neto materno de José Monteiro de Vasconcellos, sargento-mór de ordenanças, e de sua mulher D. Thereza Monteiro de Vasconcellos; bisneto de João Lopes, cavalleiro fidalgo da casa real.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Pintos, no segundo as dos Lacerdas, no terceiro as dos Lopes, e no quarto as dos Monteiros. — Br. p. a 29 de novembro de 1824. Reg. no Cart. da N., liv. VIII, fl. 118 v.

(C. C.)

795. Francisco José de Moraes Antas Madureira, filho de Francisco Ribeiro de Moraes, e de sua mulher D. Rosa de Moraes; neto paterno de Bento Machado de Mo-

raes Madureira, e de sua mulher D. Agostinha Fragoso de Antas; bisneto de Diogo Machado de Moraes, e de sua mulher D. Anna de Sousa Pimentel; terceiro neto de Manuel Machado de Antas, e de sua mulher D. Angela Madureira Pimentel.

As arms dos Moraes, Antas, Ribeiros, e Machados.—Br. p. a 31 de julho de 1751. Reg. no Cart. da N., liv. particular, fl. 23 v.

(C. C.)

796. Francisco José Moreira de Brito Pereira e Vasconcellos, natural da cidade de Tavira, reino do Algarve; filho do mestre de campo Fernando José de Seabra Neto, e de sua mulher D. Marianna Victoria de Brito e Castanheda; neto pela parte materna de Balthasar Moreira de Brito e Castanheda, e de sua mulher D. Helena Maria Pereira de Vasconcellos, filha de Antonio Moreira de Barbuda Batavias, que foi coronel de infanteria e governador da praça de Portimão, e neta de Simão Rodrigues Moreira, governador de Sagres, e de sua mulher D. Helena de Vasconcellos; e esta que foi neta de Nuno Pereira de Vasconcellos, cavalleiro fidalgo da casa real, filho de outro do mesmo nome, e neto de Heitor de Carvalhal Pereira, tambem cavalleiro fidalgo da casa real.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Pereiras, no segundo as dos Vasconcellos, no terceiro as dos Carvalhaes, e no quarto as dos Osorios.—Br. p. a 27 de julho de 1779. Reg. no Cart. da N., liv. II, fl. 200 v.

(C. C.)

797. Francisco José de Oliveira, professo na ordem de Christo, cavalleiro fidalgo da casa real, e official da Secretaria de estado dos negocio do reino; filho de Feliciano de Oliveira, e de sua mulher D. Anna Victoria Joaquina de Andrade; neto pela parte paterna de Pedro de Oliveira, e de sua mulher D. Ramires de Oliveira; neto pela parte materna de Francisco Lopes de Andrade, e de sua mulher D. Daria de Andrade.

Um escudo partido em pala; na primeira as armas dos Oliveiras, na segunda as dos Andrades.—Br. p. a 13 de março de 1795. Reg. no Cart. da N., liv. V, fl. 41 v.

(C. C.)

798. Francisco José Pacheco, commendador da ordem de Christo, e da ordem da Rosa no imperio do Brazil; filho de José dos Santos Pacheco, negociante de grosso tracto, e de sua mulher D. Maria Josepha Pacheco; neto paterno de Francisco José Pacheco, proprietario, e de sua mulher D. Anna Rita Pacheco, e materno de Bernardino Antonio, e de sua mulher D. Maria Josepha.

Um escudo com as armas dos Pachecos.—Br. p. a 22 de outubro de 1862. Reg. no Cart. da N., liv. IX, fl. 50 v.

(C. C.)

799. Francisco José Pacheco, negociante, filho de Francisco José Pacheco, commendador da ordem de Christo, e da ordem da Rosa no imperio do Brazil, a quem se passou brazão de armas a 22 de outubro de 1862, e de sua mulher D. Marianna Henriqueta Pacheco; neto paterno de José dos Santos Pacheco, negociante, e de sua mulher D. Maria Joaquina dos Santos, e materno de João José de Mello, e de sua mulher D. Anna Joaquina de Mello.

Um escudo com as armas dos Pachecos.—Br. p. a 27 de junho de 1864. Reg. no Cart. da N., liv. IX, fl. 66 v.

(C. C.)

800. Francisco José Rodrigues Barata Freire, alferes do regimento de Macajá, cidade do Grão-Pará, natural da villa de Alvaro, comarca de Thomar; filho de João Rodrigues Vaz, e de sua mulher Luiza Maria da Conceição Freire; neto por parte paterna

de Jacinto Rodrigues Vaz, e de sua mulher D. Isabel Antunes; neto por parte materna de Manuel Mendes, e de sua mulher D. Maria Barata Freire.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Rodrigues, no segundo as dos Vazes, no terceiro as dos Baratas, e no quarto as dos Freires. — Br. p. a 29 de dezembro de 1800. Reg. no Cart. da N., liv. VI, fl. 156 v.

(C. C.)

801. **Francisco José Salgado Cardoso**, natural do logar de Travanca, freguezia de Macedo de Cavalleiros, termo da cidade de Bragança; filho legitimo de Francisco de Freitas, natural da freguezia de Santo Thyrso de Prazins, e de sua mulher Anastacia Gomes Pedroso Barreto Salgado; neto pela parte paterna de Jeronymo de Freitas, e de sua mulher Maria Francisca, naturaes da freguezia de Santo Thyrso de Prazins, e pela parte materna neto de Bento Gomes Pedroso, e de sua mulher Catharina Salgado, filha de D. Manuel Salgado Barreto, irmão de D. Antonio Salgado, general de batalha, governador de Chaves, e das armas da provincia de Traz-os-Montes, pae dos bispos de Pernambuco e Rio de Janeiro, D. Francisco Luiz Salgado, e D. Francisco da Cruz Salgado, primos co-irmãos de Catharina Salgado, avó do supplicante, e de seus irmãos Francisco Antonio Gomes Salgado, reitor actual da egreja de S. Bartholomeu de Rabal do padroado da serenissima Casa de Bragança, e Manuel Caetano Salgado, os quaes seus ascendentes foram pessoas nobres.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Cardosos, no segundo as dos Salgados, no terceiro as dos Barretos, e no quarto as dos Peixotos. — Br. p. a 14 de maio de 1766. Reg. no Cart. da N., liv. I, fl. 29 v.

(C. C.)

802. **Francisco José Taveira da Fonseca**, filho legitimo de José Taveira de Mesquita, e de Sebastiana Teixeira da Fonseca; neto pela parte paterna de Francisco Taveira Pinto de Mesquita, bisneto de Antonio Francisco Taveira, e terceiro neto de Pedro Taveira de Mesquita, fidalgo da casa real; e pela materna neto de Pedro da Fonseca Teixeira, capitão-mór da villa de Canellas, e bisneto de Manuel Teixeira da Fonseca da mesma villa.

Um escudo partido em pala; na primeira as armas dos Taveiras, e na segunda as dos Teixeiras. — Br. p. a 20 de agosto de 1767. Reg. no Cart. da N., liv. I, fl. 57 v.

(C. C.)

803. **Francisco José Teixeira de Sampaio**, natural da cidade de Lamego, filho de Pedro Teixeira de Sampaio, que em outro tempo se denominou de Tavora, e de D. Bernarda Luiza Thereza do Amaral Guedes; neto pela parte paterna de Manuel de Tavora Ferreira, e de D. Magdalena Teixeira de Sampaio, e pela materna de Antonio de Almeida Coelho, e de D. Isabel Maria da Silva, da quinta da Portella em Cambra, termo da cidade de Lamego.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Teixeiras, no segundo as dos Sampaios, no terceiro as dos Amaraes, e no quarto as dos Guedes. — Br. p. a 2 de setembro de 1789. Reg. no Cart. da N., liv. IV, fl. 121 v.

(C. C.)

804. **Francisco de Lacerda Pereira de Vasconcellos**, sargento-mór do concelho de Sinfães, comarca de Lamego, assistente na quinta da Boa-vista, e natural da freguezia de S. Christovão de Nogueira; filho de Manuel de Lacerda Pereira de Vasconcellos, e de sua mulher D. Maria da Silva de Vasconcellos; neto pela parte paterna de Manuel Ferreira Osorio, e de sua mulher Maria da Fonseca Osorio; neto pela parte materna de Manuel Barbosa Coutinho, e de sua mulher D. Juliana da Silva e Vasconcellos.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Lacerdas, no segundo as dos Pereiras, no terceiro as dos Vasconcellos, e no quarto as dos Silvas. — Br. p. a 4 de dezembro de 1793. Reg. no Cart. da N., liv. v, fl. 7 v.

(C. C.)

805. Francisco Leandro de Toledo Rendon, ouvidor da villa de Pernagúa, e natural da cidade de S. Paulo da America; filho de Agostinho Delgado Arouche, cidadão da dita cidade, e guarda-mór das terras e aguas mineraes da villa de Pernaiba, e de sua mulher D. Maria Thereza de Araujo Rendon; neto pela parte paterna do sargento-mór Francisco Nabo Freire, e de sua mulher D. Anna Pires de Barros, e pela materna de Diogo de Toledo Lara, capitão-mór, e regente de Paranam-panema, que descobriu á sua custa, e de sua mulher D. Angela de Sequeira Rendon de Quevedo; bisneto de João de Toledo Castelhano, e de sua mulher D. Maria de Lara, filha de Lourenço Castanho Taques, governador da leva do descobrimento das Minas-geraes, de que recebeu honradissimas cartas do senhor rei D. Pedro II, e de sua mulher D. Maria de Lara; terceiro neto de D. Simão de Toledo Piza, natural da cidade de Angra, d'onde depois de militar nas armadas e presidios de Castella se passou para S. Paulo, e foi n'aquella capitania o tronco e chefe da familia de seu appellido, e de sua mulher D. Maria Pedrosa; quarto neto de D. Simão de Toledo Piza, governador do castello de S. Filippe, da cidade de Angra, e de sua mulher D. Garcia da Fonseca Rodovalho; quinto neto de D. João de Toledo Piza, fidalgo illustre da illustrissima casa de Alva de Tormes, que são duques de Alva, e condes de Oropeza, e de sua mulher D. Anna de Castelhanos: e pela dita D. Angela de Sequeira Rendon de Quevedo, mulher de Diogo de Toledo Lara, seus avós maternos, bisneto de D. Francisco Mattheus Rendon, e de sua mulher D. Maria de Araujo, filha de D. Pedro Taques de Almeida, fidalgo da casa real, capitão-mór, governador, e alcaide-mór da capitania de S. Vicente e S. Paulo, e administrador geral das aldeas do real padroado da mesma capitania, e de sua mulher D. Angela de Sequeira; terceiro neto de D. Pedro Mattheus Rendon, e de sua mulher D. Maria Moreira Cabral; quarto neto de D. João Mattheus Rendon, illustre fidalgo da cidade de Coria, no reino de Leão, d'onde passou com mais dois irmãos para o Brazil, militando na armada de Castella, que com a de Portugal foram restaurar a cidade da Bahia do poder dos hollandezes, todos em praça de soldados, vencendo tres escudos de mais, além da sua praça, e passaram para S. Paulo, onde já estabelecido levantou á sua custa uma companhia de infanteria para a restauração de Pernambuco, e de sua mulher D. Maria Bueno da Ribeira, filha de Amador Bueno da Ribeira, capitão-mór e governador d'aquella capitania de S. Vicente e S. Paulo, e na mesma ouvidor e provedor da fazenda real; quinto neto de D. Pedro Mattheus Rendon, fidalgo de vingar quinhentos soldos segundo o fôro de Hespanha, e regedor das justiças, pelo estado de fidalgo da villa de Ocanha, e de sua mulher D. Magdalena Clemente de Alarcão Cabeça de Vacca.

Um escudo partido em pala; na primeira as armas dos Toledos, e na segunda as dos Rendons. — Br. p. a 20 de fevereiro de 1789. Reg. no Cart. da N., liv. IV, fl. 100.

(C. C.)

806. Francisco Leonardo Carneiro da Rocha de Sousa Menezes, natural da cidade da Bahia, soldado distincto de infanteria auxiliar da mesma cidade, tendo já servido na infanteria paga; filho de Carlos Carneiro da Rocha de Sousa e Menezes, e de D. Thereza Maria de Jesus Bittencourt e Atouguia; neto pela parte paterna do capitão de cavallos Bernardo Carneiro da Rocha, e de D. Guiomar de Sousa Zorrilha Castel-branco; bisneto por parte paterna do capitão de mar e guerra Luiz Carneiro da Rocha, fidalgo escudeiro da casa real, e primo do segundo conde da ilha do Principe, Francisco Carneiro de Sousa; terceiro neto de Antonio Carneiro, senhor da ilha do Principe, e de D. Brites de Alcaçova, filha de Pedro de Alcaçova Carneiro, primeiro conde das Idanhas, e de

D. Jeronyma da Silva; neto pela parte materna de Gonçalo de Brito Bittencourt e Atouguia, moço fidalgo da casa real, e de D. Anna Maria de Jesus Leite dos Santos; bisneto por parte materna de Antonio de Brito e Oliveira, que foi tambem moço fidalgo da casa real, e morgado da ilha da Madeira, e de D. Isabel de Atouguia; terceiro neto por parte de sua avó paterna de Jacome Caldeira da Silva, moço fidalgo da casa real, e de D. Marianna da Rocha Zorrilha Castel-branco, filha de Antonio Cardoso de Mattos Adorno, descendente por varonia dos Adornos, fidalgos venezianos; segundo neto por parte de sua avó materna do doutor Bartholomeu Fernandes Repado, e de D. Helena Leite dos Santos.

Um escudo com as armas dos Carneiros. — Br. p. a 20 de setembro de 1796. Reg. no Cart. da N., liv. v, fl. 142.

(C. C.)

807. Francisco Lobo, cavalleiro da casa real, filho de Lopo Rodrigues Lobo, e neto de Ruy Lobo, que foi fidalgo e do tronco d'esta geração.

Carta pela qual el-rei D. João iii lhe concede o seguinte brazão de seus antecessores: — Escudo de campo de prata com cinco lobos de preto com as linguas e unhas de vermelho, em aspa, e por differença uma flor de liz verde; elmo de prata aberto guarnecido de oiro, paquife de prata e preto, e por timbre um dos lobos das armas; com todas as honras e privilegios de fidalgo por descender da geração e linhagem dos Lobos. — Dada em Evora a 8 de julho de 1534. Reg. na Chanc. de D. João iii, liv. xx, fl. 149 v.

808. Francisco Lopes de Faria (Doutor), juiz de fóra da villa de Loulé, actual provedor da comarca de Alemquer, natural da freguezia de Aguas-santas, concelho da Povoa de Lanhoso, comarca de Guimarães; filho de Custodio Lopes Tinoco, e de sua mulher D. Faustina Maria Faria; neto pela parte paterna de Antonio Lopes, e de sua mulher D. Custodia Tinoco, e pela materna do doutor Manuel Giraldes Pessoa, e de sua mulher D. Sebastiana de Faria e Silva, filha de Francisco da Silva Tinoco, filho de Manuel Gonçalves, e de sua mulher D. Caetana da Silva Tinoco, neto de Pedro Gonçalves, e de sua mulher D. Clara Vieira da Silva, filha de Pedro Annes, escudeiro e senhor da quinta de Patos, e de sua mulher D. Maria Vieira.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Tinocos, no segundo as dos Silvas, no terceiro as Machados, e no quarto as dos Farias. — Br. p. a 19 de agosto de 1782. Reg. no Cart. da N., liv. iii, fl. 66.

(C. C.)

809. Francisco Luiz Ferreira Tavares Pereira e Silva, capitão-mór da villa de Sovaes, filho de Manuel Ferreira Luiz, e de D. Helena Rodrigues da Silva; neto paterno de Manuel Ferreira Luiz, e de D. Joanna Tavares, e materno de Domingos Rodrigues, e de D. Maria da Silva.

Um escudo partido em pala; na primeira as armas dos Ferreiras, e na segunda as dos Rodrigues. — Br. p. a 12 de agosto de 1807. Reg. no Cart. da N., liv. vii, fl. 198.

(C. C.)

810. Francisco de Macedo Mesquita da Fonseca Osorio de Oliveira, natural de Teixoso, termo da Covilhã, comarca da Guarda; filho de Francisco de Macedo e Mesquita, e de sua mulher e prima D. Ignez Mesquita Oliveira da Fonseca Osorio; neto paterno do alferes José Rodrigues de Macedo, e de sua mulher D. Jacinta Maria, e materno do capitão João da Fonseca de Mesquita, e de sua mulher D. Rita Maria dos Santos; bisneto de outro João da Fonseca de Mesquita, e de sua mulher D. Luiza Ferreira de Macedo; terceiro neto de João da Fonseca Pacheco, e de sua mulher D. Anna de Mesquita Velasco, natural de Castello-branco, a qual era descendente de Francisco de Mesquita

e Oliveira, da dita cidade, a quem no anno de 1669 se passou brazão de armas com as dos Mesquitas, e Oliveiras.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Macedos, no segundo as dos Mesquitas, no terceiro as dos Oliveiras, e no quarto as dos Fonsecas. — Br. p. a 21 de junho de 1824. Reg. no Cart. da N., liv. VIII, fl. 107.

(C. C.)

811. Francisco Machado da Cunha Lobo (Doutor), abbade da egreja de S. Miguel de Bairro, natural da freguezia de Santa Eulalia de Barrozas, comarca de Guimarães; filho do capitão Thomé Machado Rebello; bisneto de Pedro de Faria Machado; terceiro neto de João Mendes de Vasconcellos, e quarto neto de Cosme Machado de Miranda.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Machados, no segundo as dos Rebellos, no terceiro as dos Farias, e no quarto as dos Vasconcellos. — Br. p. a 12 de setembro de 1780. Reg. no Cart. da N., liv. II, fl. 250.

(C. C.)

812. Francisco Manuel de Mesquita Pimentel Furtado de Mendonça, capitão-mór da ilha das Flores, e natural da mesma; filho de Roberto Pimentel de Mesquita, capitão-mór da dita ilha, e de D. Delfina Furtado de Mendonça; neto pela parte paterna do capitão Gaspar Furtado de Mendonça, e de D. Sebastiana Pimentel de Mesquita, e bisneto do capitão-mór Balthasar Velho, e de D. Branca Furtado de Mendonça; pela parte materna neto do capitão-mór Diogo Pimentel de Mesquita, e de D. Branca Furtado de Mendonça; bisneto de Thomé Furtado de Mendonça, e de D. Susana Pimentel.

Um escudo esquartelado; no primeiro e quarto quarteis as armas dos Pimenteis, no segundo as dos Mesquitas, e no terceiro as dos Furtados. — Br. p. a 30 de maio de 1791. Reg. no Cart. da N., liv. IV, fl. 213 v.

(C. C.)

813. Francisco Manuel Pimentel Monteiro e Frias, da villa de Meda, filho de Manuel Pimentel de Abreu, capitão-mór do concelho de Ranhados, e de sua mulher D. Anna Maria de S. José; neto pela parte paterna de João Pimentel, e de sua mulher D. Maria da Abrunhosa, e pela materna de Domingos Jorge, e de sua mulher D. Anna Fernandes.

Um escudo esquartelado; no primeiro e quarto quarteis as armas dos Pimenteis, no segundo as dos Monteiros, e no terceiro as dos Frias. — Br. p. a 23 de janeiro de 1788. Reg. no Cart. da N., liv. IV, fl. 45 v.

(C. C.)

814 Francisco Manuel Raposo Bicudo Correa, natural, e morador na cidade de Ponta-Delgada, ilha de S. Miguel; filho de Pedro da Ponte Raposo Bicudo Correa, e de sua mulher D. Maria Ursula Bettencourt Corte-Real; neto paterno de Manuel Raposo Correa Bicudo, e de sua mulher D. Maria da Camara de Medeiros, filha de Gaspar Medeiros, fidalgo cavalleiro da casa real; neto materno de Antonio Brum da Silveira, fidalgo da casa real, e de sua mulher D. Catharina Bettencourt, filha de Vital de Bettencourt, fidalgo da casa real.

As armas dos Correas, Raposos, Bruns, e Bettencourt. — Br. p. a 23 de maio de 1760. Reg. no Cart. da N., liv. particular, fl. 126 v.

(C. C.)

815. Francisco Maria Gordilho Velloso de Barbuda, fidalgo cavalleiro da casa real, guarda-roupa, e coronel de cavallaria com exercicio de ajudante de ordens do governo das armas do Rio de Janeiro; filho do doutor José Julio Henriques Gordilho Ca-

bral, desembargador da relação da Bahia, e ouvidor geral do Serro do Frio, e de sua mulher D. Maria Barbara Benedicta Cabral de Barbuda, dona da camara do infante D. Sebastião; neto paterno de Elias Xavier Gordilho, e de sua mulher D. Quiteria Leocadia Henriques Cabral, e materno de Ladislau José Monteiro de Barbuda, e de sua mulher D. Genoveva Ignacia Peregrina Xavier Cabral.

Um escudo partido em pala; na primeira as armas dos Vellosos, e na segunda as dos Barbudas. — Br. p. a 10 de março de 1819. Reg. no Cart. da N., liv. VIII, fl. 32.

(C. C.)

816. **Francisco Marinho Machado**, cavalleiro professo na ordem de Christo, e capitão-mór da villa de Santo Antonio de Sá na capitania do Rio de Janeiro, e d'ella natural; filho do capitão Francisco Marinho Machado, e de sua mulher D. Anna Angelica do Desterro; neto paterno de Manuel Moreira, e de sua mulher D. Maria Marinho, e materno de João Duarte do Couto, e de sua mulher D. Maria Ferreira.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Machados, no segundo as dos Marinhos, no terceiro as dos Moreiras, e no quarto as dos Ferreiras — Br. p. a 20 de setembro de 1805. Reg. no Cart. da N., liv. VIII, fl. 98 v.

(C. C.)

817. **Francisco Marinho de S. Payo** (doutor), presbytero secular do habito de S. Pedro, professo na ordem de Sant'Iago, natural da cidade da Bahia; filho de Manuel de S. Payo e Freitas, e de sua mulher D. Anna de S. Miguel de Mello; neto pela parte paterna do capitão de infanteria Antonio de S. Payo e Freitas, e de sua mulher D. Catharina da Silva, e pela materna de Gonçalo Marinho de Figueirôa, e de sua mulher D. Maria de Araujo do Lago.

Um escudo ovado com as armas dos Marinhos, — Br. p. a 26 de março de 1781. Reg. no Cart. da N., liv. III, fl. 2 v.

(C. C.)

818. **Francisco Martins de Cerqueira**, conego da Sé de Lamego; filho de Braz Martins Cerqueira e neto de Martim Rodrigues de Cerqueira.

Carta pela qual el-rei D. João III lhe concede o seguinte brazão de seus antecessores: — Escudo de campo vermelho com um leão de oiro com uma coleira vermelha guarnecida de oiro, elmo de prata aberto guarnecido de oiro, paquife de oiro e vermelho, e por timbre o mesmo leão das armas, com todas as honras e privilegios de fidalgo por descender da geração dos Cerqueiras. — Dada em Lisboa a 30 de março de 1530. Reg. na Chanc. de D. João III, liv. LII fl. 55.

819. **Francisco Martins de Gouvea Moraes Sarmento**, natural da cidade de Guimarães, bacharel formado em direito pela Universidade de Coimbra; filho de Francisco Joaquim de Gouvea Sarmento, e de sua mulher D. Joaquina Candida de Araujo; neto paterno de José Antonio de Gouvea Moraes Sarmento, e de sua mulher D. Maria Theresa de Barros, e materno de Jeronymo Ribeiro Bernardes, e de sua mulher D. Joanna Maria de Araujo.

As armas dos Martins, Gouveas, Moraes e Sarmentos. — Br. p. a 4 de dezembro de 1854. Reg. no Cart. da N., liv. VIII, fl. 390 v.

(C. C.)

820. **Francisco Mascarenhas Villa-lobos**, alferes de infanteria do regimento da guarnição da cidade do Pará; filho de Gabriel José Mascarenhas Villa-lobos, e de sua mulher D. Catharina Correa de Miranda; neto por parte paterna de Francisco Mascarenhas Villa-lobos, cavalleiro professo na ordem de Christo, e de sua mulher D. Thereza da Silva

França; e por parte materna de Jacob Correa de Miranda, e de sua mulher D. Isabel Pestana dos Anjos; bisneto por parte de seu avô paterno do doutor Luiz Rebello de Carvalho Mascarenhas, corregedor que foi do bairro-alto, e de sua mulher D. Leonarda Magdalena Villa-lobos, filha do doutor André da Costa Villa-lobos, e de sua mulher D. Juliana Bequiman; e por parte de sua avó tambem paterna bisneto do capitão Domingos Monteiro de Noronha, e de sua mulher D. Catharina da Silva França; bisneto por parte de seu avô materno de José de Sousa Ferreira, e de sua mulher D. Maria Correa de Miranda, e por parte de sua avó materna bisneto de Isidoro Pestana Travassos, e de sua mulher D. Angela Ferreira de Mello; terceiro neto por parte de seu bisavó paterno do doutor João Rebello de Carvalho, e de sua mulher D. Maria Lacerda, e por parte de sua bisavó tambem paterna, terceiro neto do capitão-mór que foi do dito estado do Pará Manoel de Barros e Silva, e de sua mulher D. Natalia da Silva França; e por parte de seu bisavô materno terceiro neto de José da Veiga Tenorio, e de sua mulher D. Isabel Pestana Travassos, e por este mesmo lado descendente do capitão-mór da cidade de S. Luiz do Maranhão, Antonio Moniz Barreto; quarto neto por parte de sua terceira avó paterna do capitão-mór e governador que foi da dita cidade de S. Luiz do Maranhão, João Duarte Franco, cavalleiro professo na ordem de Christo, e de sua mulher D. Antonia Pestana França, sendo o dito seu bisavô, o capitão Domingos Monteiro de Noronha, filho de Alexandre de Alfaia Monteiro de Noronha, e de sua mulher D. Maria Thereza de Vasconcellos; neto de Domingos Monteiro de Noronha, e de sua mulher D. Maria de Alfaia Vasconcellos, filha do capitão Antonio Furtado de Mendonça, cavalleiro professo na ordem de Christo, e de sua mulher D. Isabel Pestana Perestello, descendente das illustres familias de Mascarenhas Villa-lobos.

Um escudo partido em pala; na primeira as armas dos Mascarenhas, e na segunda as dos Villa-lobos.—B. p. a 12 de janeiro de 1801. Reg. no Cart. da N., liv. VI, fl. 158.

(C. C.)

821. Francisco de Mattos Ferrão Castel-branco, sargento-mór das ordenanças da villa de Pena-cova e Carvalho, natural de Villa-chan de Poyares, filho de Ambrosio de Mattos Ferreira, e de sua mulher D. Anna Joaquina Maria Ferrão Castel-branco, Figueiredo Tavares Affonso e Brito; neto pela parte paterna de Luiz de Mattos, e de sua mulher D. Maria Ferrão; neto pela parte materna de Manoel Ferrão Castel-branco, e de sua mulher D. Maria Nunes.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Mattos, no segundo as dos Ferreiras, no terceiro as dos Ferrões, e no quarto as dos Castel-brancos. —Br. p. a 19 de abril de 1796. Reg. no Cart. da N., liv. v, fl. 124.

(C. C.)

822. Francisco de Mattos Terrinho, sargento-mór da comarca de Elvas, natural de Villa-viçosa; filho de José de Mattos, e de sua mulher Maria Gomes Terrinho; neto paterno de Belchior de Mattos, e de Isabel Martins; neto materno do sargento-mór dos auxiliares de Villa-viçosa, Manoel Gomes, e de sua mulher Brites Rodrigues.

As armas dos Mattos, Martins, Gomes, Rodrigues, e Terrinhos. —Br. p. a 27 de março de 1752. Reg. no Cart. da N., liv. particular, fl. 30 v.

(C. C.)

823. Francisco Maximiano Alves de Mello e Albuquerque (Capitão), filho de Francisco José Alves, professo na ordem de Christo, e capitão-mór da villa de Barbacena, comarca do Rio das Mortes, capitania das Minas-geraes, e de sua mulher D. Anna Leonarda Ludovina de Mello e Albuquerque; neto paterno de Braz Alves Antunes, sargento-mór de um dos regimentos de milicias da dita capitania, e de sua mulher D. Luciana Clara de Santa Rosa, e materno de Antonio José de Mello Pinto da Silva, e de sua mulher D. Joanna Felix da Silva.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Alvares, no segundo as dos Mellos, no terceiro as dos Albuquerques, e no quarto as dos Silvas.—B. p. a 30 de outubro de 1805. Reg. no Cart. da N., liv. VII, fl. 104 v.

(C. C.)

824. Francisco de Medeiros, cavalleiro fidalgo da casa real e escrivão da Casa da India, filho de Antonio de Medeiros, fidalgo, morador em Mezão-frio; neto de Fernão de Medeiros, fidalgo muito honrado e alcaide-mór de Montalegre e de Piconha, e era do verdadeiro tronco da geração dos Medeiros; outro sim era filho de Isabel Rebella Pinta, que foi do tronco da linhagem dos Pintos.

Carta pela qual el-rei D. João III lhe concede o seguinte brazão de seus antecessores: —Escudo de campo esquartelado; o primeiro de vermelho com cinco cabeças de aguia de oiro, em aspa, o segundo de prata com cinco crescentes de vermelho, em aspa; elmo de prata aberto guarnecido de oiro, paquife de oiro, vermelho e prata, e por timbre meia aguia de vermelho; com todas as honras de nobre fidalgo por descender da geração e linhagem dos Medeiros e dos Pintos.—Dada em Almeirim a 6 de abril de 1543. Reg. na Chanc. de D. João III, liv. XXVIII, fl. 44 v.

825. Francisco de Mello Nogueira Castello, professo na ordem de Christo, natural d'esta cidade; filho de Antonio José Nogueira, professo na ordem de Christo, familiar do Santo Officio, e escrivão proprietario da Provedoria dos residuos, e de sua mulher Isabel Jacinta do Castello; neto pela parte paterna de Domingos Nogueira Cardoso, e de sua mulher D. Joanna Baptista, e pela materna de Pedro Barbosa de Figueiredo, e de sua mulher D. Michaela Archangela da Fonseca Castello: irmão o supplicante de João de Mello Nogueira, sargento-mór e governador da ilha do Fogo, a quem se passou brazão de armas a 18 de novembro de 1789.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Nogueiras, no segundo as dos Figueiredos, no terceiro as dos Castellos, e no quarto as dos Mellos.—Br. p. a 22 de setembro de 1790. Reg. no Cart. da N., liv. IV, fl. 184.

(C. C.)

826. Francisco de Mello e Vasconcellos (Doutor), natural da cidade de S. Salvador da Bahia de todos os Santos, filho de Caetano de Mello e Vasconcellos, e de sua mulher D. Leandra Bezerra de Alpoim, filha de José Bezerra, e de sua mulher D. Apolonia da Cruz; neto pela parte paterna do coronel Luiz de Mello e Vasconcellos, e de sua mulher D. Margarida Telles de Menezes Bittencourt, filha do sargento-mór Marcos de Bittencourt, senhor do engenho de Cotigipe, e de sua mulher D. Angela de Menezes, irmã de Francisco Telles de Menezes, alcaide-mór da dita cidade; bisneto pela mesma parte paterna de outro coronel Luiz de Mello e Vasconcellos, e de sua mulher D. Antonia Garcez de Oliva, filha de João Garcez de Oliva, e de sua mulher D. Victoria de Oliva; terceiro neto de Manuel de Mello e Vasconcellos, professo na ordem de Christo, cavalleiro fidalgo da casa real, apontador dos fidalgos da mesma real casa, o qual ficando captivo na batalha de Alcacer onde acompanhou o senhor rei D. Sebastião, e vindo depois para Portugal, o rei D. Filippe I lhe fez mercê de 20$000 réis de tença, dos quaes ficaram depois da sua morte 15 a sua mulher D. Francisca de Parada, que era filha de Henrique de Parada, tambem cavalleiro fidalgo da casa real e apontador dos fidalgos, e de sua mulher D. Francisca de Sequeira Cabral, todos fidalgos muito illustres, legitimos descendentes das preclarissimas familias dos appellidos de Mellos e Vasconcellos d'este reino, das quaes a primeira que tem o seu solar na villa de Mello, e a segunda na torre de Vasconcellos, ambas da maior grandeza e mais alta qualidade d'elle, como se verifica pelos elevados titulos que gosam, como são os duques de Cadaval, os marquezes de Castello-melhor, os condes de S. Lourenço, os monteiros-móres do reino de Portugal, os porteiros-móres, ou Mellos da

Amoreira, e outras muitas casas illustres, assim n'este reino como nas ilhas, America, e mais conquistas, das quaes illustres familias procedia tambem elle supplicante pelos ditos seus paes, avós, e mais ascendentes.

Um escudo partido em pala; na primeira as armas dos Mellos, e na segunda as dos Vasconcellos. — Br. p. a 7 de dezembro de 1782. Reg. no Cart. da N., liv. III, fl. 81.

(C. C.)

827. Francisco de Mello e Vasconcellos (Doutor), cavalleiro fidalgo da casa real, natural da cidade de S. Salvador da Bahia de todos os Santos, filho de Caetano de Mello Vasconcellos, e de sua mulher D. Leandra Bezerra de Alpoim, filha de José Bezerra, e de sua mulher D. Apolonia da Cruz; neto pela parte paterna do coronel Luiz de Mello Vasconcellos, e de sua mulher D. Margarida Telles de Menezes e Bittencourt, filha do sargento-mór Marcos de Bittencourt, senhor do engenho de Cotigipe, e de sua mulher D. Angela de Menezes, irmã de Francisco Telles de Menezes, alcaide-mór que foi da dita cidade; bisneto pela mesma parte paterna, de outro coronel Luiz de Mello Vasconcellos, e de sua mulher D. Antonia Garcez de Oliva, filha de João Garcez de Oliva, e de sua mulher D. Victoria de Oliva, o qual coronel era filho segundo, e primo segundo de Bartholomeu de Vasconcellos da Cunha, que foi commendador da ordem de Christo, governador da ilha da Madeira, e capitão general de Murmugão, e outras terras; terceiro neto de Manoel de Mello e Vasconcellos, cavalleiro professo na ordem de Christo, cavalleiro fidalgo da casa real, e apontador dos fidalgos da mesma real casa, o qual ficando captivo na batalha de Alcacer, quando acompanhou o senhor rei D. Sebastião á Africa, e vindo depois para Portugal, o rei D. Filippe primeiro lhe fez mercê de vinte mil réis de tença, com o habito da ordem de Christo, e de sua mulher D. Francisca de Parada, que era filha de Henrique de Parada, tambem cavalleiro fidalgo da casa real, e apontador dos fidalgos, e de sua mulher D. Francisca Sequeira Cabral, com tença em sua vida; todos fidalgos muito nobres em geração, e procedimento, legitimos e verdadeiros descendentes das illustres familias dos appellidos de Vssconcellos e Mellos d'este reino: e o dito Manoel de Mello e Vasconcellos, terceiro avô do supplicante, o doutor Francisco de Mello e Vasconcellos, primo-irmão de Francisco de Vasconcellos da Cunha, commendador da ordem de Christo, governador de Cabo-verde e Angola, e despachado conde do Porto Santo em Madrid em 1641; e não sómente era elle dito Manoel de Mello e Vasconcellos filho legitimo do capitão Antonio de Oliveira do Carvalhal, cavalleiro fidalgo da casa real, cujo foro teve antes da reformação do senhor rei D. Sebastião, e alcaide-mór de Pereira no Brazil, e irmão de Francisco de Oliveira do Carvalhal, a quem se passou brazão de armas aos 23 de dezembro de 1541, com as dos Carvalhaes, ambos filhos legitimos de Simão de Oliveira, e descendente por linha direita, e masculina da geração, e linhagem dos Carvalhaes, como bisneto de Lopo Gonçalves do Carvalhal, fidalgo muito honrado, e o verdadeiro tronco da dita linhagem de Carvalhaes, que são fidalgos de conhecido solar, e cotta de armas, sendo o mesmo Manoel de Mello e Vasconcellos filho de D. Luiza de Mello e Vasconcellos, irmã de Bartholomeu de Vasconcellos, fidalgo da casa real, commendador e alcaide-mór do Seixo amarello do Ervedal, na ordem de Aviz, e capitão-mór das armadas d'estes reinos; neto pela parte materna de Froylos de Vasconcellos, e de sua mulher D. Iria de Mello, o qual Froylos de Vasconcellos por sua tia a rainha D. Leonor Telles, mulher do senhor rei D. Fernando, era primo-terceiro da rainha D. Brites, herdeira de Portugal, e mulher do senhor rei D. João o primeiro de Hespanha; bisneto pela mesma parte materna de Heitor Mendes de Vasconcellos, e de sua mulher D. Constança Correa da Cunha, filha legitima de Pedro Correa da Cunha, capitão da ilha Graciosa; terceiro neto de Mem Rodrigues de Vasconcellos, e de sua mulher D. Margarida Furtado de Mendonça, filha de Bartholomeu Pires Perestrello, capitão, e senhor da ilha do Porto Santo; quarto neto de D. Martins Mendes de Vasconcellos, e de sua mulher D. Ignez Martins, senhora de Alvarenga; quinto neto de D. Mem Rodrigues de Vasconcellos, rico-homem,

privado do senhor rei D. Diniz, seu meirinho-mór, alcaide-mór de Guimarães, e senhor de muitas terras, e de sua mulher D. Constança Affonso de Brito; sexto neto de D. Rodrigo Annes de Vasconcellos, rico-homem, e de sua mulher D. Mecia Rodrigues, senhora das honras de Penella, e Penagate; setimo neto de D. João Pires de Vasconcellos, o primeiro do appellido de Vasconcellos, rico-homem, e senhor do solar de Vasconcellos, e egualmente por parte da dita sua avó D. Iria de Mello, foi o mesmo Manoel de Mello e Vasconcellos bisneto de Diogo de Mello da Cunha, irmão de D. Leonor de Mello, ambos filhos de Gaspar Dias de Arce, fidalgo hespanhol, e de sua mulher D. Brites de Mello, filha de Vasco Martins de Mello, irmão de D. Pedro Vaz de Mello, conde de Atalaia e de Tancos, governador da Casa do civel de Lisboa, ambos filhos de Gonçalo Vaz de Mello o moço, senhor de Povos, e da Castanheira, alcaide-mór de Evora e Santarem, e de sua mulher D. Isabel d'Albuquerque, filho de Vasco Martins da Cunha, senhor da Taboa, e Angeja, e de sua mulher D. Thereza de Albuquerque, que descendia do senhor rei D. Diniz; o qual Gonçalo Vaz de Mello, foi fidalgo muito honrado, e o tronco verdadeiro da geração e linhagem dos Mellos.

Um escudo esquartelado; no primeiro e quarto as armas dos Carvalhaes, no segundo as dos Vasconcellos, e no terceiro as dos Mellos. — Br. p. a 24 de fevereiro de 1795. Reg. no Cart. da N., liv. v, fl. 89.

(C. C.)

828. Francisco de Mello e Vasconcellos Lima, natural da cidade da Bahia, filho do doutor Francisco de Mello e Vasconcellos, e de sua mulher D. Isabel Maria de Lima; neto pela parte paterna do coronel Vasco de Mello e Vasconcellos, e de sua mulher D. Isabel Telles de Menezes, todos naturaes da cidade da Bahia; e pela materna neto de Francisco de Lima Pinto, e de sua mulher D. Brites Clara da Silva, naturaes d'este reino.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Mellos, no segundo as dos Vasconcellos, no terceiro as dos Limas, e no quarto as dos Pintos. — Br. p. a 4 de maio de 1779. Reg. no Cart. da N., liv. II, fl. 188.

(C. C.)

829. Francisco Monteiro de Palle, cavalleiro fidalgo da casa real.

Carta pela qual el-rei D. João III o faz fidalgo de cota de armas, e lhe concede o seguinte brazão: — Escudo de campo vermelho com uma serra alta e verde com seus rochedos, e no pé d'esta dois baluartes de prata, tendo o primeiro d'estes uma porta e frestas lavradas de preto, e entre os dois baluartes um muro preto rompido pelo meio, e duas bombardas da sua côr com seus carretões de oiro ao pé da dita serra, e de dentro do muro um homem armado de armas brancas sobre um turco vestido de vermelho, o qual está matando com um punhal; elmo de prata aberto guarnecido de oiro, paquife de prata, vermelho, oiro e verde, e por timbre um braço armado com um punhal ensanguentado; com todas as honras e privilegios de fidalgo pelos relevantes serviços por elle prestados, principalmente na tomada da fortaleza de Palle, onde fez prodigios contra os turcos. — Dada em Lisboa a 12 de março de 1548. (M. N.) Reg. no liv. II de Privilegios, fl. 176.

830. Francisco de Moura Palha Salgado, natural da villa de Palmella, filho de Luiz de Moura Palha, e de sua mulher D. Magdalena Caetana Salgado, irmã de Verissimo Manuel Salgado, cavalleiro fidalgo da casa real, de José Salgado de Araujo, e de Antonio Salgado, ambos freires professos da ordem de Sant'Iago; neto pela parte paterna de Miguel Botelho de Moura Palha; bisneto de Fernando Carvalho de Moura; terceiro neto de Luiz de Moura Ribeiro, filho de Fradique Ribeiro, e de sua mulher Catharina de Moura, filha de Beatriz de Moura, irmã de Jeronymo de Moura Tavares, a quem se passou brazão com as armas dos Mouras e Tavares em o anno de 1610; e pela parte materna neto de D. Francisco Salgado de Araujo, cavalleiro professo na ordem de Christo, e de sua

mulher D. Thereza Josepha de Miranda, elle irmão do mestre de campo D. João Manuel Salgado, e de D. Antonio Salgado, governador da praça de Chaves, com patente de sargento-mór de batalha, pae de D. Frei Luiz de Santa Thereza, bispo de Pernambuco, e de D. Francisco João da Cruz, bispo do Rio de Janeiro, e depois de Miranda; bisneto de D. Feliciano Salgado, sargento-mór que foi de batalha n'este reino, e de sua mulher D. Luiza Serrano Bravo; terceiro neto de Roque Salgado, e de sua mulhar Catharina de Bacellar; quarto neto de Fernando de Santa Vahia, e de sua mulher Beatriz Salgado.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Mouras, no segundo as dos Tavares, no terceiro as dos Palhas, e no quarto as dos Salgados. — Br. p. a 8 de fevereiro de 1772. Reg. no Cart. da N., liv. I, fl. 170 v.

(C. C.)

831. Francisco de Oliveira Barreto (Doutor), familiar do Santo Officio; filho de Manoel Antonio da Cruz, e de sua mulher Anna de Oliveira; neto paterno de Domingos Lourenço, e de sua mulher Isabel Antonia, elle filho de João Lourenço, ella filha de Antonio Domingues; neto materno de Francisco de Oliveira, e de sua mulher Isabel Antonia, naturaes de Penella, ella filha de Antonio Pires, o Regalão de alcunha, e de sua mulher Catharina Marques, neta paterna de Gaspar Coelho, o primeiro, por distincção de outros que houve do mesmo nome, e de sua mulher Anna de Magalhães, filha de Alvaro Pires, e de sua mulher Maria de Magalhães; bisneto o supplicante de Manoel Lopes, e de sua mulher Maria de Oliveira, elle filho de Fernão Lopes, e de sua mulher Isabel Domingues, e ella filha de Manoel de Oliveira Ferreira, e de sua mulher Maria Matheus, filha de Manoel Matheus, e de sua mulher Brites Lopes : e o dito Manoel de Oliveira Ferreira, filho de Balthazar de Oliveira Ferreira, e de sua mulher Catharina Fernandes; neto de Francisco de Oliveira Ferreira, alcaide-mór da dita villa de Penella, cavalleiro da ordem de Sant'Iago, fidalgo da casa real, e de sua mulher Ignez da Silveira, filha de Manoel da Silveira; bisneto de João de Oliveira, alcaide-mór que tambem foi da dita villa, cavalleiro da casa real, e de sua mulher Isabel Ferreira, e finalmente terceiro neto de Fernão de Oliveira, e de sua mulher Violante Lopes.

As armas dos Oliveiras, Ferreiras, Coelhos, e Magalhães.—Br. p. a 12 de julho de 1761. Reg. no Cart. da N., liv. particular, fl. 129 v.

(C. C.)

832. Francisco de Oliveira Carvalhal, natural de Extremoz, filho de Simão de Oliveira, neto de Fernão Lopes de Oliveira, bisneto de Lopo Gonçalves de Carvalhal, que foi fidalgo muito honrado e do tronco d'esta geração.

Carta pela qual el-rei D. João III lhe concede o seguinte brazão de seus antecessores: — Escudo de campo vermelho partido em pala, *e um pé* d'agua, na primeira parte um carvalho verde, e na outra uma torre de prata com as portas e frestas e lavrada de preto, e por differença uma flor de liz d'ouro; elmo de prata aberto guarnecido d'ouro, paquife de prata e vermelho e por timbre a mesma torre com um ramo de carvalho pendente da dita; com todas as honras e privilegios de fidalgo por descender da geração e linhagem dos Carvalhaes. — Dada em Lisboa a 23 de dezembro de 1541. Reg. na Chanc. de D. João III, liv. XXXII, fl. 15.

(C. C.)

833. Francisco de Oliveira Villa-nova, doutor physico, filho do mestre Pedro de Villa-nova.

Carta pela qual el-rei D. Sebastião lhe concede o seguinte brazão de seu pae: — Escudo de campo verde com uma bicha d'ouro, por nome tiro, picada de preto tendo a lingua vermelha e o rabo retornado para cima, e os pés igualmente picados de preto, e por differença uma estrella de prata; elmo de prata cerrado e abrolhado na vista guarnecido

d'ouro, paquife d'ouro, verde e preto, e por timbre metade da bicha, com todas as honras e privilegios correspondentes, por descender de Pedro de Villa-nova, a quem havia sido concedido o referido brazão de armas. — Dada em Lisboa a 22 de novembro de 1561. Reg. no liv. II de privilegios, fl. 83 v.

(C. C.)

834. Francisco de Paula de Brito Villar, cavalleiro professo na ordem de Christo, e actual provedor da comarca de Castello-branco; filho de João Rodrigues Villar, professo na ordem de Christo, desembargador dos aggravos da Casa da supplicação, superintendente dos foros de Nossa Senhora da Ajuda, e administrador da Casa do infantado, thesoureiro da real Ucharia e criado particular de sua magestade; e de sua mulher D. Josepha Sancha Paula da Madre de Deus de Brito e Barros; neto paterno de Antonio Rodrigues Villar, e de D. Domingas Villar; e materno de Francisco de Magalhães de Brito e Barros, fidalgo da casa real, e de sua mulher D. Maria Thereza Michaela.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Rodrigues, no segundo as dos Magalhães, no terceiro as dos Britos, e no quarto as dos Barros. — Br. p. a 15 de junho de 1819. Reg. no Cart. da N., liv. VIII, fl. 38 v.

(C. C.)

835. Francisco de Paula da Cunha Maldonado Ataide Barahona, administrador do morgado dos Barahonas, natural d'esta cidade de Lisboa; filho de Pedro Nolasco da Cunha Ataide Barahona, alferes do regimento da armada da guarnição da côrte, e de sua mulher D. Catharina Rosa Maldonado Espinosa; neto pela parte paterna de Luiz da Cunha de Ataide de Barahona, e de sua mulher D. Maria Magdalena Cabral de Mesquita, naturaes todos da cidade de Florença, e de sua mulher D. Maria Eugenia Solano Maldonado, filha de D. Francisco Solano, neto de outro do mesmo nome. e ella filha de D. Francisco Maldonado Espinosa.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Barahonas, no segundo as dos Cunhas, no terceiro as dos Ataides, e no quarto as dos Maldonados. — Br. p. a 16 de julho de 1774. Reg. no Cart. da N., liv. II, fl. 22.

(C. C.)

836. Francisco de Paula Durão Padilha, major do regimento de milicias de Alcacer do Sal, filho de Manoel José Durão Padilha, cavalleiro da ordem de S. Bento de Aviz, e capitão do regimento de artilheria n.° 3, e de D. Jeronyma Thereza Nogueira Rebello; neto paterno de João Antonio José Durão Padilha, e de D. Theodora Maria de Castro, e materno de Manoel Francisco da Cruz, e de sua mulher D. Maria Rebello; bisneto de Manoel Antonio de Sousa, fidalgo escudeiro da casa real.

Um escudo partido em pala, na primeira as armas dos Padilhas, e na segunda as dos Durões. Br. p. a 31 de janeiro de 1816. — Reg. no Cart. da N., liv. VII, fl. 337 v.

(C. C.)

837. Francisco de Paula Frayão Metello, immediato successor do morgado das Parxanas, filho do doutor Antonio Luiz da Costa Metello, monteiro-mór da villa de Grandola, e seu termo, e de sua mulher D. Maria Magdalena Xavier Frayão; neto pela parte paterna de Luiz da Costa, e de Barbara Sovreira, senhores que foram da herdade das Ferrarias no termo da mesma villa; bisneto de Manoel Nunes, e de Jeronyma da Costa, senhores que foram tambem da dita herdade; terceiro neto de Bartholomeu Rodrigues Metello, e de Domingas Sovreira; quarto neto de Francisco Sobral, e de Catharina Mattheus; quinto neto do capitão Antonio Sobral da Corte dos Medeiros, e pela materna neto de Antonio Rodrigues de Carvalho, e de sua mulher Francisca Luiza Frayão, elle filho de José Carvalho Ferrão, e ella filha de Belchior Rodrigues Frayão; neta de Bartho-

lomeu Vaz Frayão, capitão-mór que foi da dita villa de Grandola, instituidor do dito morgado das Parxanas.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Metellos, no segundo as dos Costas, no terceiro as dos Carvalhos, e no quarto as dos Sobraes. — Br. p. a 17 de janeiro de 1780. Reg. no Cart. da N., liv. II, fl. 221.

(C. C.)

838. Francisco de Paula Leitão Ferreira de Figueiredo Nogueira, natural da villa da Covilhã, comarca da Guarda; filho de Francisco de Paula Duarte Leitão, e de sua mulher D. Maria Barbosa Ferreira de Figueiredo Nogueira; neto paterno de Gregorio Duarte Leitão, e de sua mulher D. Joanna da Silva Nunes, e materno de Vicente Ferreira de Figueiredo Nogueira, e de sua mulher D. Jacinta Ferreira de Figueiredo Nogueira.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Leitões, no segundo as dos Ferreiras, no terceiro as dos Figueiredos, e no quarto as dos Nogueiras. — Br. p. a 21 de junho de 1824. Reg. no Cart. da N., liv. VIII, fl. 108.

(C. C.)

839. Francisco de Paula Miranda Pinto de Magalhães, cavalleiro professo na ordem de Christo; filho de Antonio Machado de Miranda, da freguezia de Airaens, concelho de Felgueiras, e de sua mulher D. Catharina Ignacia de Proença; neto por parte paterna de Manoel Machado, e de sua mulher Maria Ribeiro; bisneto de Gregorio de Magalhães e de sua mulher Anna Coelho; terceiro neto de João Pinto de Magalhães, e de sua mulher Rita de Magalhães, moradores que foram na sua casa e quinta de Milhões, da freguezia de S. João de Airão do dito concelho e comarca : o qual seu terceiro avô veiu da casa grande da freguezia da Avelada, concelho de Santa Cruz, comarca de Penafiel, casára na dita casa de Milhões, e pela mesma descendente da illustre casa de Magalhães da villa da Ponte da Barca.

Um escudo com as armas dos Magalhães. — Br. p. a 15 de julho de 1800. Reg. no Cart. da N., liv. VI, fl. 127 v.

(C. C.)

840. Francisco de Paula Pimentel de Almeida Ramalho, do Couto de Formozelha, comarca de Coimbra, filho do desembargador João Pimentel de Almeida, e de sua mulher D. Maria Michaela da Fonseca Lemos Ramalho; neto paterno do capitão José Pimentel Gomes, e de sua mulher D. Thereza Maria de Almeida; neto materno de João Ramalho de Oliveira Catana, e de sua mulher D. Antonia Luiza da Fonseca.

Um escudo com as armas dos Pimenteis. — Br. p. a 23 de agosto de 1809. Reg. no Cart. da N., liv. VII, fl. 226.

(C. C.)

841. Francisco Pedro Sobrinho de Sousa, alferes de uma companhia do terço das ordenanças da villa e termo de Monçaraz, filho de José Antonio Sobrinho de Sousa, e de sua mulher D. Michaela Thereza Ignacia Gallega, filha de José de Pina, e de sua mulher Maria Gomes; neto pela sua varonia do sargento-mór Gaspar Dias Caeyro, e de sua mulher D. Maria Josepha Pombinho; bisneto de Gonçalves Caeyro, e de sua mulher Angela da Rosa, irmã legitima do capitão Manoel Sobrinho de Sousa, a quem se passou brazão de suas armas em 1678, filhos ambos de Francisco Sobrinho de Sousa, e de sua mulher Anna Martins; netos de Belchior Alvares, e de sua mulher Angela de Sousa, que foi filha de Manoel Sobrinho, a quem se passou outro similhante brazão em 1503, por ser filho de João Sobrinho, e neto de Francisco Sobrinho, setimo avô do supplicante.

Um escudo esquartelado; no primeiro e quarto quarteis as armas dos Sousas, no

segundo as dos Sobrinhos, e no terceiro as dos Pinas. — Br. p. a 3 de fevereiro de 1781. Reg. no Cart. da N., liv. II, fl. 262.

(C. C.)

842. Francisco Peixoto Bettencourt da Silveira, natural e morador na villa de Horta da ilha do Faial, filho de Antonio Rodrigues Rocha, e de sua mulher Victoria Maria Peixoto da Silveira; neto pela parte paterna de João Rodrigues da Rocha, neto do capitão Amaro Rodrigues da Rocha; bisneto de Ambrosio da Rocha; e ella filha de Mathias da Costa, e de Maria Rodrigues; e pela materna neto de Manoel de Avila Peixoto, e de Beatriz da Conceição; bisneto de Francisco Dutra de Faria e de Catharina de Avila, filha de Francisco da Silveira Bettencourt, neta de Manoel de Brum Peixoto, e bisneta de Antonio da Silveira de Brum, e de Beatriz Evangelho, filha de Ruy Dias Evangelho, ouvidor da ilha do Pico, e de Isabel Carvalho.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Peixotos, no segundo as dos Pereiras, no terceiro as dos Bettencourts, e no quarto as dos Silveiras. — Br. p. a 20 de abril de 1781. Reg. no Cart. da N., liv. III, fl. 5 v.

(C. C.)

843. Francisco Pereira de Bittencourt Lopes, natural da cidade de Pontadelgada, na ilha de S. Miguel; filho de Francisco José de Ataide de Bittencourt, capitão do regimento de milicias da dita cidade, e de sua mulher D. Anna Ursula Bicudo da Camara; neto paterno de Gonçalo Raposo da Camara Bittencourt e Sá, e de sua mulher D. Joanna Clara de Ataïde Moniz Côrte-real; e materno de Pedro Borges Bicudo da Camara, e de sua mulher D. Maria Magdalena Ignacia da Camara e Silva; bisneto paterno de Francisco Pereira de Bittencourt, capitão do castello da referida cidade.

Um escudo e n'elle as armas dos Pereiras. — Br. p. a 29 de maio de 1820. Reg. no liv. VIII, fl. 60 v.

(C. C.)

844. Francisco Pereira Henriques (Bacharel), filho legitimo de Manuel Pereira, capitão-mór de Villa-velha e seu districto, e de sua mulher Anna Ribeiro; neto pela parte paterna do capitão João Pereira, e de sua mulher Isabel Fernandes, filha do capitão João Dias, que foi filho de outro João Dias, mestre de campo dos auxiliares da comarca de Castello-branco; bisneto do capitão Domingos Pereira; terceiro neto de Antonio Pereira; quarto neto de Simão Pereira, que foi commandante da villa da Sobreira-formosa; e pela parte materna neto do capitão Miguel Dias, e de sua mulher Marianna Henriques, filha de Antonio Henriques, que era filho de André Henriques, bisneto tambem por esta parte do referido mestre de campo João Dias, os quaes todos seus ascendentes foram pessoas nobres, e se trataram além da nobreza.

Um escudo partido em pala; na primeira as armas dos Pereiras, e na segunda as dos Henriques. — Br. p. a 8 de janeiro de 1767. Reg. no Cart. da N., liv. I, fl. 43.

(C. C.)

845. Francisco Pereira Lobo Pinto de Figueiredo, administrador do morgado de Nossa Senhora da Nazareth, filho de Timotheo Pereira Lobo da Silva, sargento-mór das ordenanças da comarca de Lamego, administrador do dito morgado, e de sua mulher D. Euphrasia Joaquina Cardoso de Figueiredo, irmã legitima de Tiberio Cardoso Borges de Carvalho Soares, a quem se passou já brazão de armas das familias de seus appellidos em 1727; neto pela parte paterna de Francisco Pereira de Almeida, sargento-mór da dita comarca, e de sua mulher D. Anna Luiza da Silva Lobo, senhora do dito morgado, elle filho de Antonio Pereira Carneiro, e de sua mulher D. Maria Francisca de Almeida, e ella filha de Luiz de Castro Lobo, administrador do referido morgado, e de sua mulher

D. Ursula da Silva Alvares; pela parte materna neto o supplicante de Caetano José Cardoso Coelho, e de sua mulher D. Maria Caetana Luiza Borges de Figueiredo; elle filho de Gaspar Francisco de Oliveira, e de sua mulher D. Maria Soares Cardoso, e ella filha de Figueiredo, e de sua mulher D. Maria Luiza de Carvalho Cerqueira.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Pereiras, no segundo as dos Castros, no terceiro as dos Lobos, e no quarto as dos Borges. — Br. p. a 22 de abril de 1790. Reg. no Cart. da N., liv. IV, fl. 157.

(C. C.)

846. Francisco Pereira Rebello da Fonseca Novaes (Doutor), actual juiz de fóra da villa de Santa Martha, filho do doutor Antonio Pereira Rebello, natural de Villareal, e de sua mulher D. Michaela Mariâ Caetana de Novaes; neto pela parte paterna de Domingos Pereira Bicudo, e de sua mulher D. Bernarda Rodrigues Rebello; e pela materna de José Alves de Novaes, e de sua mulher D. Joanna Maria da Fonseca.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Bicudos, no segundo as dos Pereiras, no terceiro as dos Rebellos, e no quarto as dos Novaes. — Br. p. a 17 de julho de 1784. Reg. no Cart. da N., liv. III, fl. 144.

(C. C.)

847. Francisco Pereira da Silva Leal, e o doutor Joaquim Pereira da Silva Leal, ambos irmãos e professos na ordem de Christo; filhos de Manuel Pereira da Silva, cavalleiro professo na ordem de Christo, familiar do Santo Officio, rei de armas Portugal, que acclamou o senhor rei D. José, cuja occupação tinha já quando foi acclamado o senhor rei D. João V, supposto não era então o mais antigo; e de sua mulher D. Filippa Baptista da Silva, filha de Manuel Leal; netos paternos de Manuel Pereira da Silva, e de sua mulher Sebastiana Carvalho; bisnetos de Gaspar Rodrigues Pereira, e de sua mulher Maria Pereira da Silva.

As armas dos Pereiras, Silvas, Pimentas, e Avelares. — Br. p. a 15 de março de 1752. Reg. no Cart. da N., liv. particular, fl. 41 v.

(C. C.)

848. Francisco Pereira Sodré, filho de Bento Sodré Pereira, sargento-mór da cidade de Ponta-delgada, na ilha de S. Miguel, a quem se passou brazão de armas a 12 de outubro do corrente anno, e de sua mulher D. Antonia Joaquina Sodré; neto paterno de Francisco Tavares França, alferes de cavallaria do regimento de Minas, e de sua mulher D. Isabel Narcisa Sodré; neto materno de Manuel de Sousa Cordeiro Camello, e de sua mulher D. Francisca do Espirito Santo Cordeiro Camello.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Sodrés, no segundo as dos Pereiras, no terceiro as dos Cordeiros, e no quarto as dos Camellos. — Br. p. a 25 de dezembro de 1803. Reg. no Cart. da N., liv. VII, fl. 56.

(C. C.)

849. Francisco Perestrello, cavalleiro da ordem de Christo, alcaide da villa de Avoo, neto de Isabel Perestrello, bisneto de Micer Filippe Perestrello, que foi o chefe d'esta geração.

Carta pela qual el-rei D. João III lhe concede o seguinte brazão de seus antecessores: — Escudo de campo meio partido em pala; a primeira de oiro com um leão de purpura com o rabo tornado por cima da cabeça, com a lingua e unhas vermelhas, e a segunda de prata com uma banda de azul com tres estrellas de oiro, entre seis rosas de vermelho de tres em tres; elmo de prata aberto guarnecido de oiro, paquife de oiro e purpura, e por timbre o mesmo leão das armas, e por differença uma brica de prata sobre outra de azul na primeira ponta do escudo; com todas as honras e privilegios de fidalgo por des-

cender da geração e linhagem dos Perestrellos. — Dada em Almeirim a 6 de fevereiro de 1500 (?...) Reg. na Chanc. de D. João III, liv. XI, fl. 13 v.

850. **Francisco Picanço**, moço da camara real, filho de Fernão Lopes Picanço, neto de Lopo Picanço, e bisneto de Gonçalo Annes Picanço, fidalgo do tronco d'esta geração.

Carta pela qual el-rei D. João III lhe concede o seguinte brazão de seus antecessores: — Escudo de campo de prata com uma amoreira verde, tendo as raizes cortadas á ponta, e por differença uma merleta de azul picada de oiro; elmo de prata aberto guarnecido de oiro, paquife de prata e verde, e por timbre um picanço da sua côr (negral); com todas as honras de fidalgo por descender da geração dos Picanços. — Dada em Lisboa a 5 de junho de 1548. Reg. no liv. II de Privilegios, fl. 30 v.

851. **Francisco de Pina**, morador em Evora.

Carta pela qual el-rei D. João III lhe concede o seguinte brazão de seus antecessores: — Escudo de campo esquartelado; o primeiro de vermelho com uma torre de prata lavrada de azul, o segundo de prata com cinco pinheiros verdes, em aspa, paquife de prata e vermelho, e por differença uma merleta de oiro, e por timbre a mesma torre; com todas as honras, privilegios e liberdades de fidalgo por descender da nobre geração e linhagem dos Pinas e Pinheiros. — Dada em Evora a 2 de setembro de 1524. Reg. na Chanc. de D. João III, liv. IV, fl. 61.

852. **Francisco de Pinho e Castilho** (Capitão), professo na ordem de Christo, cavalleiro fidalgo da casa real; filho de Affonso Leitão de Pinho e Castilho, professo na ordem de Christo, cavalleiro fidalgo da casa real, e de sua mulher D. Joanna de Sousa; neto pela parte paterna de Francisco de Pinho e Castilho, e de sua mulher D. Brites Gonçalves, e bisneto de João Gonçalves de Castilho, todos professos na ordem de Christo, e cavalleiros fidalgos da casa real; e pela parte materna neto de Valentim Camello, e de sua mulher D. Isabel Rodrigues; bisneto de Bartholomeu de Macedo, e de sua mulher D. Anna Rodrigues, todos tambem professos na ordem de Christo, e cavalleiros fidalgos da casa real.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Pinhos, no segundo as dos Castilhos, no terceiro as dos Camellos, e no quarto as dos Macedos. — Br. p. a 19 de outubro de 1787. Reg. no Cart. da N., liv. IV, fl. 34.

(C. C.)

853. **Francisco Rabello**, abbade de Cedain, e vigario da Conceição d'esta cidade de Lisboa; filho de Pedro Lopes Teixeira, e de Ignez Dias de Rabello; neto de Lopo Dias de Rabello, que foi fidalgo muito honrado e do tronco d'esta geração.

Carta pela qual el-rei D. João III lhe concede o seguinte brazão de seus antecessores: — Escudo de campo azul com tres faxas de oiro, e em cada uma d'ellas uma flor de liz em contrabanda, e por differença uma brica de prata e n'ella um — R — de preto; elmo de prata aberto, paquife de oiro e azul, e por timbre um leão pardo de oiro com uma das flores de liz na testa; com todas as honras de fidalgo por descender da geração dos Rabellos. — Dada em Lisboa a 13 de abril de 1538. Reg. na Chanc. de D. João III, liv. XLIV, fl. 47 v.

854. **Francisco do Rego**, natural de Vianna da Foz do Lima, filho de Luiz do Rego, fidalgo; neto de Fernando Eannes do Rego, que foi do verdadeiro tronco d'esta geração.

Carta pela qual el-rei D. João III lhe concede o seguinte brazão de seus antecessores: — Escudo de campo verde com uma banda de agua ondada, e n'ella tres vieiras de oiro, e por differença uma merleta de oiro; elmo de prata aberto guarnecido de oiro, paquife de prata e verde, e por timbre dois pennachos verdes com uma das vieiras de oiro; com

todas as honras e privilegios de fidalgo por descender da geração e linhagem dos do Rego. — Dada em Lisboa a 9 de janeiro de 1542. Reg. na Chanc. de D. João III, liv. XXXII, fl. 4.

855. **Francisco Ribeiro de Carvalho de Mesquita Pimentel** (Doutor), presbytero do habito de S. Pedro, natural e morador em Villa-real; filho de João Ribeiro de Carvalho Mesquita e Pimentel, e de D. Marianna Pereira Pinto da Silva; neto pela parte paterna de Manuel Ribeiro de Carvalho, e de Paula de Mesquita Pimentel; bisneto de Antonio de Mesquita Pinto, fidalgo da casa real, e de D. Paula Coronel; e pela materna neto de Nicolau Ferreira Pinto da Silva, e de Josepha Pereira Jorges.

Um escudo ovado e esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Ribeiros, no segundo as dos Carvalhos, no terceiro as dos Mesquitas, e no quarto as dos Pimenteis. — Br. p. a 31 de outubro de 1780. Reg. no Cart. da N., liv. II, fl. 253 v.

(C. C.)

856. **Francisco Rodrigues Pinheiro de Aguiar**, do logar de Val de Telhas, termo da villa de Mirandella, comarca da Torre de Moncorvo, provincia de Traz-os-montes; filho de João Rodrigues Pinheiro, e de sua mulher Luiza Lopes Cardoso; neto paterdo de Belchior Rodrigues Pinheiro, e de sua mulher Comba Pires; neto materno de Gonçalo de Aguiar Cardoso, e de sua mulher Maria Braz.

As armas dos Pinheiros, e Cardosos. — Br. p. a 23 de maio de 1753. Reg. no Cart. da N., liv. particular, fl. 58.

(C. C.)

857. **Francisco Rufino de Carvalho Prostes**, natural de Lisboa, cavalleiro fidalgo da casa real, moço honorario da real camara, cavalleiro da ordem de Nossa Senhora da Conceição de Villa-viçosa, e empregado na segunda direcção do Ministerio da guerra, com graduação de tenente; filho de Henrique Jeronymo de Carvalho Prostes, cavalleiro fidalgo da casa real, moço supranumerario da real camara, cavalleiro das ordens de Christo e de Nossa Senhora da Conceição de Villa-viçosa, official de primeira classe da repartição de contabilidade do Ministerio da guerra, chefe de secção reformado, com a graduação de tenente coronel, addido ao primeiro batalhão de veteranos, e de sua mulher D. Maria Barbara da Conceição Prostes; neto paterno de Boaventura Pedro de Carvalho Prostes, cavalleiro fidalgo da casa real, moço supranumerario da real camara, commendador da ordem de Christo, cavalleiro da de Nossa Senhora da Conceição de Villa-viçosa, e escrivão dos aggravos da extincta Casa da supplicação, a quem se passou brazão de armas a 26 de abril de 1828, e de sua mulher D. Maria Euphrasia Ferreira; neto materno de João Pedro Soares, e de sua mulher D. Maria Justina.

Um escudo partido em pala; na primeira as armas dos Carvalhos, e na segunda as dos Soares. — Br. p. a 29 de outubro de 1862. Reg. no Cart. da N., liv. IX, fl. 51.

(C. C.)

858. **Francisco Sabino Alvares da Costa Pinto de Moraes Leite** (Bacharel), natural da cidade de Lisboa, e juiz de fóra da villa de Torres-novas; filho do doutor Feliciano José Alvares da Costa Pinto, professo na ordem de Christo, e de sua mulher D. Maria Barbara de Sousa; neto pela parte paterna de Manuel Alvares de Moraes Leite, capitão do terço da cidade de Bragança, e serviu os cargos honrosos do governo da mesma cidade, e de sua mulher D. Marianna Antonia Pinto, filha de Francisco da Costa, capitão de infanteria do regimento de Bragança, e falleceu na batalha de 15 de maio de 1711; neto pela parte materna de Luiz Antonio Monteiro, que servindo sempre nos reaes exercitos, falleceu no posto de capitão do regimento de Bessa.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Alvares, no segundo as

dos Costas, no terceiro as dos Pintos, e no quarto as dos Leites. — Br. p. a 3 de novembro de 1791. Reg. no Cart. da N., liv. IV, fl. 237.

(C. C.)

859. Francisco Sanches Brandão, capitão de dragões da guarnição das Minas-geraes, filho do capitão Francisco da Rocha Brandão, e de D. Maria da Silva de Figueiredo; neto pela parte paterna do capitão-mór Francisco Sanches Brandão, e de D. Maria da Rocha Vieira; e pela materna de Antonio José da Silva, e de D. Maria de Avila da Silva de Figueiredo, filha de outra do mesmo nome, prima do coronel Garcia de Avila de Figueiredo, senhor da illustre casa da Torre, da cidade da Bahia: e o dito Antonio José da Silva, filho de D. Francisco Antonio, e de D. Maria da Silva, filha do conde de Aveiras, Luiz da Silva Telles de Menezes.

Um escudo esquartelado; no primeiro e quarto quarteis as armas dos Brandões, no segundo as dos Silvas, e no terceiro as dos Avilas. — Br. p. a 12 de janeiro de 1775. Reg. no Cart. da N., liv. II, fl. 48.

(C. C.)

860. Francisco de Sande, fidalgo, filho mais velho de Fernão Lopes de Sande, neto de Lopo Fernandes de Sande, bisneto de Estevão Lopes de Sande, e trineto de Lopo Affonso de Sande, que viveu com el-rei D. João I, e todos eram nobres.

Carta pela qual el-rei D. Manuel lhe concede e a todos os seus descendentes o seguinte brazão de seus antecessores: — Escudo de campo vermelho e um leão entre quatro flores de liz de oiro, uma na cabeça, outra aos pés e as outras duas das ilhargas; o elmo de vermelho, e por timbre um meio leão vermelho com uma flor de liz de oiro na cabeça; com as honras, privilegios, liberdades, etc., que teem todos os nobres fidalgos por descender da dita linhagem. — Dada a 22 de fevereiro de 1513. Reg. na Chanc. de D. Manuel, liv. XLII, fl. 29, e liv. V de Mist., fl. 84 v.

861. Francisco de Sequeira, cavalleiro fidalgo da casa real, filho de Simão de Sequeira, e de Catharina de Affonseca; neto de Vasco Annes de Sequeira, e de Diogo de Affonseca, os quaes foram fidalgos muito honrados e do tronco d'estas gerações.

Carta pela qual el-rei D. João III lhe concede o seguinte brazão de seus antecessores: — Escudo de campo esquartelado; o primeiro de azul com cinco vieiras de oiro e cinco estrellas de vermelho, em aspa, e por differença uma flor de liz de oiro; elmo de prata aberto guarnecido de oiro, paquife de oiro e azul, e por timbre uma aspa azul com as mesmas vieiras, quatro nas pontas e uma no centro; com todas as honras e privilegios de fidalgo por descender das gerações dos Sequeiras e dos Fonsecas. — Dada em Lisboa a 14 de abril de 1541. Reg. na Chanc. de D. João III, liv. XXXIV, fl. 64.

862. Francisco Sernige, morador em Lisboa.

Carta pela qual el-rei D. João III lhe concede o seguinte brazão de seus antecessores: — Escudo de campo de prata com seis montes de terra e no mais alto monte e nos dos cabos tres ramos verdes picados de oiro, e em cada ramo uma flor vermelha de cinco folhas e um chefe azul com tres flores de liz de oiro, e um *labeo* vermelho com quatro pendentes perfilados de oiro, e por differença um annel de prata; elmo de prata aberto guarnecido de oiro, paquife de prata, vermelho e verde, e por timbre um pescoço de serpe verde picado de oiro, e na boca um coração vermelho; com todas as honras e privilegios de fidalgo por descender da geração dos Serniges. — Dada em Lisboa a 23 de abril de 1529. Reg. na Chanc. de D. João III, liv. XVII, fl. 120.

863. Francisco Severo Vieira de Moura, filho natural do tenente de cavallaria João Severo Vieira de Moura, e de D. Catharina da Assumpção; neto por parte paterna

do capitão-mór Bento Gonçalves Vieira Camello, e de sua mulher D. Francisca Marianna Cavalcante; neto por parte materna do coronel Felix da Fonseca Jayme, e de sua mulher D. Anna Maria de Vasconcellos; bisneto do capitão-mór e governador que foi da capitania do Ceará-grande, Manuel da Fonseca Jayme, e de sua mulher D. Maria de Proença; terceiro neto do mestre de campo de infanteria paga da cidade de Olinda, Manuel Lopes Galvão, e de sua mulher D. Margarida Francisca.

Um escudo partido em pala: na primeira as armas dos Vieiras, e na segunda as dos Mouras. — Br. p. a 6 de setembro de 1801. Reg. no Cart. da N., liv. VI, fl. 178.

(C. C.)

864. **Francisco da Silva Campos**, presbytero secular do habito de S. Pedro, natural e baptisado na freguezia de S. José da Barra-longa, bispado de Marianna; filho de Pedro Romeiro de Campos, e de D. Luiza da Silva e Castro; neto por parte paterna de Amaro Romeiro da Costa, e de D. Agueda da Conceição, filha de Manuel Vaz da Costa, e de D. Maria Sant'Iago; e por parte paterna neto de Bartholomeu Vaz da Costa, e de Maria Santa; e por parte materna de Bartholomeu Gonçalves Castanho, e de Barbara da Costa; bisneto pela sua varonia do alferes Vicente Romeiro Velho, e de Joanna Dias, filha de Pedro de Campos, e de Anna Dias; terceiro neto de Thomé da Costa, e de Catharina Vaz Velho; quarto neto de Vicente Romeiro Velho, e de D. Maria Cotta Cabral; quinto neto do capitão Sebastião de Fontes Velho, pae de Gaspar de Andrade Columbeiro, a quem se passou brazão de armas com as dos Mellos, Romeiros, Cabraes, e Travassos, sendo o supplicante tambem neto do capitão Leonardo de Azevedo e Castro, filho de Manuel de Azevedo e Castro, e de D. Branca Furtado de Mendonça; e pela varonia d'esta bisneto o supplicante de Feliciano Cardoso, e de sua mulher D. Maria Rodrigues de Sequeira; terceiro neto do coronel Salvador Fernandes Furtado de Mendonça, e de D. Maria Cardoso; quarto neto do capitão Manuel Fernandes Hedre, e de D. Marqueza Cubas.

Um escudo ovado e esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Velhos, no segundo as dos Mellos, no terceiro as dos Cabraes, e no quarto as dos Travassos. — Br. p. a 8 de novembro de 1799. Reg. no Cart. da N., liv, VI, fl. 105 v.

(C. C.)

865. **Francisco da Silva Mello Soares de Freitas**, do conselho de Sua Magestade, fidalgo cavalleiro da casa real, e commendador da ordem de Nossa Senhora da Conceição de Villa-viçosa; filho de Joaquim José de Mello, e de sua mulher D. Luiza Angelica de Freitas Soares; neto paterno de Antonio da Silva Mello, e de sua mulher D. Marianna Rita do Rosario Mello, e materno de Antonio Pinheiro de Freitas Soares, e de sua mulher D. Josepha Luiza de Jesus.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Silvas, no segundo as dos Mellos, no terceiro as dos Soares, e no quarto as dos Freitas. — Br. p. a 9 de março de 1864. Reg. no Cart. da N., liv. IX, fl. 64.

(C. C.)

866. **Francisco da Silva e Oliveira**, fidalgo cavalleiro da casa real, e commendador da ordem de Christo.

Um escudo esquartelado com as armas que lhe foram concedidas por alv. de 4 de outubro de 1864. (M. N.) Br. p. a 4 de novembro de 1869. — Reg. no Cart. da N., liv. IX, fl. 70. V. no I. H. *Silva e Oliveira.*

(C. C.)

867. **Francisco de Sisneiros**, moço do infante D. Luiz, filho de Fernão de Sisneiros, neto de Francisco Rodrigues Sisneiros, e bisneto de Diogo Fernandes de Sisneiros, que foi do tronco d'esta geração, dos vinte e quatro de Sevilha.

Carta pela qual el-rei D. João III lhe concede o seguinte brazão de seus antecessores: — Escudo de campo meio partido em pala, a primeira de vermelho partido em faxa, na primeira tres cisnes de prata, em roquete, e uma argola de oiro no pescoço de cada um, e na segunda cinco flores de liz de prata, em aspa; a segunda parte tambem de prata com tres barras de vermelho, e por differença uma merleta de oiro; elmo de prata aberto guarnecido de oiro, paquife de prata e vermelho, e por timbre um dos cisnes; com todas as honras e privilegios de fidalgo por descender da geração dos Sisneiros. — Dada em Setubal a 23 de maio de 1532. Reg. na Chanc. de D. João III, liv. XVIII, fl. 71.

868. Francisco de Sousa, morador no Porto, filho de Heitor de Sousa; neto de Fernão de Sousa, commendador que foi das Galveas; bisneto de Affonso Vaz de Sousa, cavalleiro da ordem de Christo, que foi neto de Lopo Dias de Sousa, mestre de Christo, os quaes todos foram fidalgos e do tronco d'esta geração.

Carta pela qual el-rei D. Sebastião lhe concede o seguinte brazão de seus antecessores: — Escudo de campo esquartelado; o primeiro das armas do reino, com um filete preto em contrabanda, o segundo de vermelho e uma cadeia de crescentes de prata apontados, e assim os contrarios, e por differença uma merleta de prata; elmo de prata aberto guarnecido de oiro, paquife de oiro, azul, prata e vermelho, e por timbre um dos castellos das armas; com todas as honras e privilegios de fidalgo por descender da geração dos Sousas. — Dada em Lisboa a 25 de julho de 1566. Reg. na Chanc. de D. Sebastião, liv. VI, fl. 35 v.

869. Francisco de Sousa Pinto de Barros, natural da villa de Chaves, e primeiro proprietario e negociante da dita villa; filho de João de Sousa Pinto de Barros, e de sua mulher D. Maria da Conceição de Barros; neto paterno de José Joaquim de Barros, negociante, e de sua mulher D. Thereza Maria da Conceição Sousa e Barros; bisneto do capitão-mór Antonio Pinto de Sousa, a quem se passou brazão de armas a 27 de outubro de 1731; terceiro neto, pelo mesmo lado, do sargento-mór Antonio Pinto Ribeiro, e sobrinho de Agostinho de Sousa Pinto de Barros, irmão de seu pae, a quem tambem se passou brazão de armas a 24 de março de 1812; neto materno de Francisco Joaquim da Silva Bravo, e de sua mulher D. Maria da Conceição Bravo.

Um escudo esquartelado; no primeiro e quarto quarteis as armas dos Sousas, no segundo as dos Pintos, e no terceiro as dos Ribeiros. — Br. p. a... de abril de 1865. Reg. no Cart. da N., liv. IX, fl. 79 v.

(C. C.)

870. Francisco de Sousa Pinto Massuellos, cavalleiro professo na ordem de Sant'Iago, e thesoureiro da Chancellaria das tres ordens militares; filho de Guilherme de Sousa Pinto, e de sua mulher D. Damiana Espinosa Massuellos; neto pela parte paterna de Raphael de Sousa Pinto, e de sua mulher D. Maria Josepha de Madureira Falcato; neto pela parte materna de D. Pedro de Torres e Massuellos, e de sua mulher D. Damiana Maria Teixeira.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Sousas, no segundo as dos Pintos, no terceiro as dos Massuellos, e no quarto as dos Sousas. — Br. p. a 6 de agosto de 1795. Reg. no Cart. da N., liv. V, fl. 77.

(C. C.)

871. Francisco Taborda Roballo Ferreira de Azevedo, natural da villa de Penamacor, comarca de Castello-branco, cavalleiro da ordem de Christo, e condecorado com a medalha de oiro da restauração da Realeza, e alferes do regimento de infanteria n.º 23; filho de João Martins de Azevedo Taborda Grande, capitão-mór reformado da villa de Penamacor, e de sua mulher D. Ignez Antonia Roballo Branco Ferreira de Azevedo;

neto paterno de Francisco Martins de Azevedo, familiar do Santo Officio, e major das ordenanças da referida villa, e de sua mulher D. Maria Thereza Taborda Ferreira Roballo; bisneto de Antonio Martins Carrasco, e de sua mulher D. Guiomar Garcia; terceiro neto do capitão Antonio Martins Carrasco de Azevedo; a referida sua avó D. Maria Thereza Taborda Ferreira Roballo era filha de João Ferreira Taborda, fidalgo de solar conhecido, major e governador da praça de Penamacor, administrador dos morgados do Alcaide, Lomba, Atalaya, e Nome de Jesus, e de sua mulher e prima D. Brites Maria Taborda, os quaes sendo bisavós do supplicante, o são egualmente de Antonio Theodoro Ferreira Taborda de Azevedo Freire, capitão-mór da praça de Monsanto, a quem se passou brazão de armas com as dos Azevedos, Freires, Ferreiras e Tabordas aos 16 de outubro de 1818; o dito João Ferreira Taborda, bisavô do snpplicante, filho de Antonio Ferreira Taborda, moço fidalgo com exercicio no reinado do senhor rei D. Affonso VI, nono senhor da quinta de solar e casa forte de Antão Alves, quinto administrador dos morgados do Alcaide e da Lomba, e de sua mulher D. Isabel Leitão da Cunha e Aguiar; a referida D. Brites Maria Taborda, bisavó do supplicante, era filha de Francisco Taborda Grande, que serviu distinctamente na guerra da acclamação e em Mazagão, e morreu em governador da praça de Almeida, e de sua mulher D. Maria Thereza Roballo e Branco, sendo esta filha do major Manuel Gonçalves Branco, e de sua mulher D. Maria Thereza Roballo, e esta filha do capitão-mór Christovão Vaz Roballo; o supplicante é sobrinho do coronel de milicias João Xavier Ferreira Taborda Pinhateli, do tenente coronel Miguel Antonio Ferreira Taborda, e do major Francisco Xavier Ferreira Taborda, fidalgos de solar conhecido, os quaes foram filhos de Antonio Theodoro Ferreira Taborda, e este irmão da dita avó paterna do supplicante, o qual é egualmente parente por parte paterna das familias mais distinctas da sua comarca e provincia, como são o capitão-mór de Fundão, Lourenço José Taborda Tavares de Negreiros Feio Falcão, dos Tabordas, Roballos Pinhateis de Freixo, e dos de Cea, dos Cunhas, Pereiras Pintos, Gouveas, Osorios e outros: neto materno de João Roballo, e de sua mulher D. Ignez Maria Pimenta Ferreira; bisneto do capitão Antonio Lourenço Roballo de Azevedo, e de sua mulher D. Isabel Gomes; a referida sua avó materna era filha de Sebastião Fernandes Branco Ferreira, e de sua mulher D. Maria Lopes, parenta de Estevão Leitão, que foi governador das armas da provincia da Beira; o supplicante é da mesma forma parente pela linhagem materna dos capitães Domingos Ramos Toscano e Gil, e Manuel Pires Branco, e estes descendentes do licenceado João Gonçalves Branco, do doutor Miguel Monteiro Branco, que foi juiz de fóra de Penamacor, e de D. Maria Thereza Roballo e Branco, filha do já mencionado major Manuel Gonçalves Branco, sendo o supplicante egualmente parente do abbade José Ferreira das Neves, descendente dos Tabordas pela linhagem dos Ferreiras.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Tabordas, no segundo as dos Roballos, no terceiro as dos Ferreiras, e no quarto as dos Azevedos. — Br. p. a 28 de julho de 1824. Reg. no Cart. da N., liv. VIII, fl. 109 v.

(C. C.)

872. Francisco Tavares de Almeida, desembargador da Relação e casa do Porto com exercicio no logar de corregedor da comarca de Setubal, natural d'esta cidade; filho do doutor João Tavares de Almeida, e de sua mulher D. Gertrudes Dorothea Rosa da Silveira; neto paterno de Gaspar Mendes Castanho, e de sua mulher D. Catharina Henriques, e materno de João Rodrigues Pereira, e de sua mulher D. Catharina Henriques Pereira.

Um escudo partido em pala; na primeira as armas dos Tavares, e na segunda as dos Almeidas. — Br. p. a 20 de novembro de 1802. Reg. no Cart, da N., liv. VII, fl. 17.

(C. C.)

873. Francisco Tavares de Almeida Proença (Doutor), natural de Tortozendo, termo da Covilhã, comarca da Guarda, oppositor da faculdade de leis na Universidade de

Coimbra; filho do doutor Manuel Tavares de Proença Capinhão, e de sua mulher D. Barbara Maria Joaquina Rombo; neto paterno do bacharel Manuel Tavares de Proença, e de sua mulher D. Luiza de Brito; e materno de João Ferreira Rombo e Almeida, e de sua mulher D. Maria Thereza Barata.

Um escudo esquartelado; no primeiro e quarto quarteis as armas dos Tavares, no segundo as dos Proenças, e no terceiro as dos Almeidas.—Br. p. a 19 de agosto de 1825. Reg. no Cart. da N., liv. VIII, fl. 158 v.

(C. C.)

874. Francisco Teixeira de Carvalho Pinto, senhor e possuidor da casa de Eyras, natural da freguezia de Santa Maria de Viade, concelho de Basto, comarca de Guimarães; filho de Antonio de Carvalho Pinto, e de sua mulher Vicencia Teixeira Alvares; neto pela parte paterna de Gonçalo de Carvalho, a quem se passou brazão de armas de Teixeiras, Carvalhos e Pintos em 20 de março de 1684, e de sua mulher Luiza Pinto, que era bisneta de Manuel Pinto Ribeiro, a quem se passou tambem brazão de suas armas em 10 de novembro de 1610; e pela parte materna neto de Gervasio Teixeira Alvares, e de sua mulher Sebastiana Joanna Teixeira Ribeiro.

Um escudo esquartelado; no primeiro e quarto quarteis as armas dos Carvalhos, no segundo as dos Teixeiras, e no terceiro as dos Pintos.—Br. p. a 10 de fevereiro de 1779. Reg. no Cart. da N., liv. II, fl. 179.

(C. C.)

875. Francisco Teixeira Sampaio, encarregado dos negocios da Junta da Companhia geral do Alto-Douro no reino unido da Grã-Bretanha, Escocia e Irlanda; filho de Francisco José Teixeira de Sampaio, a quem se passou brazão de armas a 2 de setembro de 1789, e de sua mulher D. Eulalia Floriana Gualberto de Sampaio; neto paterno de Pedro Teixeira de Sampaio, e de D. Bernarda Luiza do Amaral Guedes; bisneto de Manuel de Tavora Ferreira, e de D. Magdalena Teixeira de Sampaio.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Teixeiras, no segundo as dos Sampaios, no terceiro as dos Amaraes, e no quarto as dos Guedes.—Br. p. a 7 de abril de 1819. Reg. no Cart. da N., liv. VIII, fl. 35.

(C. C.)

876. Francisco Toscano, moço fidalgo, filho de Diogo Toscano, neto de Gomes Toscano, e bisneto de Diogo Toscano.

Carta pela qual el-rei D. Sebastião lhe concede o seguinte brazão de seus antecessores:—Escudo de campo vermelho e um leão de prata rompente armado de azul, elmo de prata aberto guarnecido de oiro, paquife de prata e vermelho, e por timbre um meio leão das armas, e por differença uma flor de liz de oiro; com todas as honras e privilegios de fidalgo por descender da geração dos Toscanos.—Dada em Lisboa a 6 de julho de 1558. Reg. na Chanc. de D. Sebastião, liv. I, fl. 291.

877. Fr. Francisco de Vasconcellos e Sande Corte-real (Doutor), freire professo na ordem de S. Bento de Aviz, doutor de capello em theologia, e beneficiado em Santa Maria de Alcaçova, da cidade de Elvas; filho de Domingos Rodrigues Coelho Falcão, vereador e juiz que foi na villa de Mecejana, e de sua mulher D. Antonia Luiza da Silveira e Sande; neto materno de Francisco Pereira Falcão, e de sua mulher Marianna da Silva Duarte, naturaes de Sant'Iago de Cacem, onde elle foi vereador mais velho; bisneto de João Falcão Murzelo, e de sua mulher Maria Branca da Silva; neto materno de Francisco de Sousa da Fonseca e Cunha, capitão-mór e governador que foi de Benguela, e de sua mulher D. Isabel Euphrasia de Sande e Vasconcellos, filha de D. Catharina de Sande Villa-lobos; bisneto de João de Sousa da Fonseca, que foi capitão de mar e guerra.

As armas dos Falcões, Sandes, Vasconcellos, e Fonsecas. — Br. p. a 13 de janeiro de 1759. Reg. no Cart. da N., liv. particular, fl. 120.

(C. C.)

878. Francisco de Vasconcellos Monteiro Lima, natural de Villa do Conde, filho de Paulo José de Lima, cavalleiro da ordem de Christo, e de sua mulher D. Monica Escolastica de Vasconcellos Monteiro e Barros; neto pela parte paterna de Paulo Lourenço de Lima, e de sua mulher D. Luiza Francisca Correa; e pela materna de Verissimo Pereira, e de sua mulher Benta Escolastica de Vasconcellos.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Limas, no segundo as dos Vasconcellos, no terceiro as dos Monteiros, e no quarto as dos Barros. — Br. p. a 15 de junho de 1779. Reg. no Cart. da N., liv. II, fl. 192.

(C. C.)

879. Francisco Vaz de Quina, governador, provisor, vigario geral do bispado de Miranda, commissario do Santo Officio, e oppositor que foi aos logares de letras, natural do logar de Argozello, da provedoria de Miranda; filho do capitão André Martins, e de sua mulher Isabel Vaz Torrão; neto pela parte paterna de outro André Martins, e de sua mulher Anna de Quina; e pela materna neto de Francisco Vaz, e de sua mulher Isabel Torrão, filha de outro Francisco Vaz, e de sua mulher Francisca de Quina.

Um escudo ovado partido em pala; na primeira as armas dos Martins, na segunda as dos Vazes. — Br. p. a 24 de março de 1781. Reg. no Cart. da N., liv. III, fl. 1.

(C. C.)

880. Francisco Ventura Maciel Aranha, natural da freguezia de S. João de Souto, da cidade de Braga, bacharel nos sagrados canones, e formado na faculdade de leis, professo na ordem de Christo, cavalleiro fidalgo da casa real, secretario da casa do despacho da dita cidade, e superintendente geral das visitas do arcebispado primaz; filho de Boaventura Maciel Aranha, proprietario dos ditos officios; neto paterno de Lourenço Manuel Aranha, e de sua mulher D. Isabel Rodrigues; e materno de Mathias Gonçalves, e de sua mulher D. Thereza Maciel.

Um escudo partido em pala; na primeira as armas dos Macieis, e na segunda as dos Aranhas. — Br. p. a 9 de agosto de 1791. Reg. no Cart. da N., liv. IV, fl. 230 v.

(C. C.)

881. Francisco de Villas-boas Palmeiro, natural da villa de Barcellos, filho de Manuel Francisco Palmeiro, e de sua mulher D. Andreza Maria de Villas-boas; neto pela parte paterna de Pedro Francisco Palmeiro; neto pela parte materna de Antonio de Villas-boas, sendo o mesmo supplicante irmão do doutor Gabriel de Villas-boas Palmeiro, lente de vespera de canones, na Universidade de Coimbra, e desembargador dos aggravos da Casa da supplicação, em cujo emprego fallecera.

Um escudo, e n'elle as armas dos Villas-boas. — Br. p. a 5 de fevereiro de 1794. Reg. no Cart. da N., liv. V, fl. 13.

(C. C.)

882. Francisco Xavier de Barros, capitão de uma das companhias do terço auxiliar da ilha de Itaparica, natural da freguezia do Santissimo Sacramento do Pilar, da cidade da Bahia de todos os Santos; filho de Damião de Barros Galvão, familiar do Santo Officio, e de sua mulher D. Catharina da Conceição; neto pela parte paterna de João de Barros, e de sua mulher Isabel Velloso; bisneto de Pedro de Barros, e de sua mulher Joanna Rodrigues; terceiro neto de João de Amorim, e de sua mulher Isabel de Barros; bisneto o supplicante por parte de sua avó Isabel Velloso, de Domingos Velloso, e de sua

mulher Maria Dias; terceiro neto de Antonio Velloso, e de sua mulher Domingas Gonçalves.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Barros, no segundo as dos Amorins, no terceiro as dos Vellosos, e no quarto as dos Gonçalves.—Br. p. a 9 de dezembro de 1797. Reg. no Cart. da N., liv. v, fl. 218 v.

(C. C.)

883. Francisco Xavier Barroso de Sousa, morador no logar de Val de Madeiro, termo da villa de Mirandella, sexto administrador da casa e morgado de Santo Antonio, do logar de Mascarenhas; filho de Manuel Mendes Alvares Moreno e Sousa, quinto administrador do dito morgado, e de sua mulher D. Isabel Barroso de Sousa; neto paterno de João Alves Moreno de Sousa, capitão de auxiliares, quarto administrador do referido morgado; bisneto de Francisco Alves de Sousa Sarmento, cavalleiro da ordem de Christo, tenente de cavallos na guerra da acclamação, terceiro administrador do dito morgado; terceiro neto de Joaquim de Sousa Sarmento, governador que foi do castello de Outeiro; neto materno de Sebastião Barroso, capitão de infanteria da ordenança de Mirandella, e de sua mulher D. Maria Teixeira, que era filha de Alvaro Annes de Sousa, capitão de infanteria em Bragança, e de sua mulher D. Joaquina Teixeira de Mendonça, filha de Francisco Pinto Teixeira, cavalleiro da ordem de Christo; e o dito Alvaro Annes de Sousa, filho de Antonio Barroso de Sousa, governador que foi de Cabo-verde, terceiros avós do supplicante.

As armas dos Sousas, Chichorros, Sarmentos, Barrosos, e Teixeiras.—Br. p. a 6 de outubro de 1758. Reg. no Cart. da N., liv. particular, fl. 118.

(C. C.)

884. Francisco Xavier Carneiro da Cunha, natural da villa de Santo Antonio do Recife, capitania de Pernambuco, filho de outro Francisco Xavier Carneiro da Cunha, familiar do Santo Officio, e capitão-mór da villa de Iguarassu, e este filho de João Carneiro da Cunha, tambem familiar do Santo Officio, capitão-mór da dita villa, e de sua mulher D. Antonia da Cunha Souto-maior, esta filha de Gonçalo Novo de Brito, e de sua mulher D. Cosma da Cunha de Andrade, neta paterna de Antonio de Bulhões, cavalleiro da ordem de Christo, e materna de Pedro da Cunha de Andrade, moço fidalgo da casa real, filho de Ruy Gonçalves de Andrade, que teve o dito foro, e o dito seu avô João Carneiro da Cunha, coronel das ordenanças da cidade de Olinda, e de sua mulher D. Sebastiana de Carvalho, filha de Sebastião de Carvalho, fidalgo da casa real, e de sua mulher D. Francisca Monteiro, neta paterna de João Alvares de Carvalho, tambem fidalgo da casa real, desembargador da Relação do Porto, filho de Manuel Alvares de Carvalho, do real conselho, desembargador do Paço, e enviado que foi a Inglaterra; e pela parte materna era o supplicante neto de Roque Antunes Correa, tambem familiar do Santo Officio, cavalleiro da ordem de Christo, capitão-mór da villa de Recife, almoxarife da real fazenda, e de sua mulher D. Ignacia Rosa Tenorio, filha do sargento-mór João Baptista Jorge, e de sua mulher D. Fernandina Lourença Rosa Tenorio; e o dito Roque Antunes Correa, filho de Manuel Antunes Correa, que teve o dito officio, e neto de Roque Antunes Correa, cavalleiro da ordem de Christo, tenente de infanteria paga n'esta cidade.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Carneiros, no segundo as dos Cunhas, no terceiro as dos Andrades, e no quarto as dos Correas.—Br. p. a 5 de setembro de 1783. Reg. no Cart. da N., liv. III, fl. 105 v.

(C. C.)

885. Fracisco Xavier Correa de Mesquita Pinto Teixeira, filho de Salvador Lopes Pinto, e de sua mulher Maria Pereira Correa Pinto Teixeira; neto materno de Manuel Correa de Carvalho, e de sua mulher Sebastiana Teixeira Pinto; bisneto de Diniz Lourenço, e de sua mulher Isabel de Carvalho; terceiro neto de Luiz Teixeira Pinto, e de sua mulher D. Magdalena; quarto neto de Marcos Pinto, e de sua mulher Ignez Dias;

quinto neto de Beatriz Teixeira, irmã legitima de Ayres Pinto Teixeira, commendador de Anciães, a quem se passou brazão com as armas dos Teixeiras, e Pintos, em 12 de agosto de 1533, e de seu marido Ruy Vaz de Meirelles; sexto neto de Francisco Pinto Teixeira, o Velho.

As armas dos Pintos, Teixeiras, Mesquitas, e Correas.—Br. p. a 24 de dezembro de 1753. Reg. no Cart. da N., liv. particular, fl. 66.

(C. C.)

886. Francisco Xavier da Costa Godilha, vigario da parochial egreja da villa de Iguarasú, filho de Manuel da Costa Godilha, e de sua mulher D. Manuela Isabel de Barros Pacheco; neto pela parte paterna de Jorge da Costa Godilha, coronel de cavallaria na villa de Icó, na comarca do Ceará-grande, e de sua mulher D. Marianna Teixeira da Silva e Albuquerque; neto por parte materna de Antonio Gomes Pacheco, professo na ordem de Christo, e capitão-mór vitalicio da villa de Itamaracá, a quem se passou brazão de armas a 20 de novembro de 1696, com as de Gomes, e Pachecos, e de sua mulher D. Maria Coelho de Roboredo.

Um escudo ovado e esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Albuquerques, no segundo as dos Costas, no terceiro as dos Gomes, e no quarto as dos Pachecos.—Br. p. a 12 de abril de 1797. Reg. no Cart. da N., liv. v, fl. 185 v.

(C. C.)

887. Francisco Xavier Lobo da Gama e Almada, capitão de mar e guerra, natural d'esta cidade, filho de Antonio Lobo da Gama, enviado na corte de Madrid, e de sua mulher D. Marianna Angelica de Arez; neto pela parte paterna de Miguel Diogo da Gama Lobo, guarda-roupa do senhor rei D. Affonso vi, e de sua mulher D. Guiomar de Almada da Cunha; bisneto de Manuel da Gama Ferreira, e de D. Catharina Lobo da Silva; e pela materna neto de Manuel Monteiro da Rocha, e de sua mulher D. Catharina de Arez Vandune.

Um escudo esquartelado; no primeiro as armas dos Gamas, no segundo as dos Lobos, no terceiro as dos Silvas, e no quarto as dos Almadas.—Br. p. 30 de março de 1783. Reg. no Cart. da N., liv. iii, fl. 92 v.

(C. C.)

888. Francisco Xavier de Miranda, tenente da setima companhia do regimento de infanteria da linha da cidade de S. Luiz do Maranhão, e natural da dita cidade; filho do capitão-mór José Machado de Miranda, cidadão da mesma cidade, onde occupou por muitos annos o cargo de procurador da real corôa e fazenda, e de D. Anna Correa de Montrozo e Sequeira; a qual era filha de Affonso de Montrozo e Sequeira, cidadão da mesma cidade, e de D. Flora Correa, sendo o dito Affonso de Montrozo e Sequeira filho de outro do mesmo nome; neto de Ruy Vaz de Sequeira, fidalgo da casa real, commendador da commenda de S. Vicente da Beira, governador, e capitão general de S. Luiz do Maranhão: sendo egualmente o dito Affonso de Montrozo e Sequeira, em primeiro logar nomeado, filho de D. Maria Rita da Veiga e Ortigueira, filha de Manuel de Pitta da Veiga, que depois de occupar na dita capitania o cargo de provedor da real fazenda, passou a servir o posto de capitão-mór e governador da praça da mesma capitania: e a referida D. Flora Josepha Correa, mulher do referido Affonso de Montrozo e Sequeira era filha do capitão de infanteria Filippe de Faria, e neta de Agostinho Correa, governador e capitão general que foi do dito estado do Maranhão.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Machados, no segundo as dos Mirandas, no terceiro as dos Vazes, e no quarto as dos Sequeiras.—Br. p. a 20 de julho de 1801. Reg. no Cart. da N., liv. vi, fl. 172.

(C. C.)

889. Francisco Xavier Lopes de Moraes Garrido, cavalleiro professo na ordem de Christo, monteiro-mór das villas de Carecedo, Tailde e seus districtos, natural e morador na cidade de Bragança, filho primogenito de Antonio Lopes Alves de Moraes, capitão de infanteria das ordenanças, e fronteira de Traz-os-montes no districto da dita cidade, e de sua mulher D. Isabel dos Santos de Vasconcellos Garrido; neto paterno de Francisco Lopes de Moraes, capitão de fronteira que foi do mesmo districto, e de sua mulher D. Maria Fernandes da Silva; bisneto de Simão de Sá Sarmento, cavalleiro da ordem de Christo, fidalgo escudeiro da casa real, capitão de cavallos na guerra da feliz acclamação, e de sua mulher D. Guiomar Thereza de Andrade, de quem era consanguineo o general de batalha Domingos Teixeira de Andrade, que governou aquella provincia; neto materno de Bartholomeu Pires de Vasconcellos, cavalleiro da ordem de Sant'Iago, capitão de infanteria do partido de Traz-os-montes, e de sua mulher D. Maria Lopes Marques de Moraes Garrido: bisneto de D. José Marques de Castel-branco, fidalgo gallego, filho segundo de D. Diogo Marques Osorio, senhor de Picosacro no reino de Galliza, e de sua mulher D. Joanna Rosa do Carmo e Mendonça.

As armas dos Sás, Lopes, Garridos, e Moraes. — Br. p. a 2 de junho de 1760. Reg. no Cart. da N., liv. particular, fl. 127.

(C. C.)

890. Francisco Xavier Machado e Cerveira, natural do couto de Aguiar, comarca de Coimbra; filho de Manuel Machado Teixeira, e de sua mulher D. Josepha Luiza Cerveira; neto pela parte paterna de Gonçalo Teixeira, e de sua mulher D. Marianna Machado de Miranda, e pela materna de Francisco Cerveira Velho, e de sua mulher D. Maria Cerveira.

Um escudo partido em pala; na primeira as armas dos Machados, e na segunda as dos Cerveiras. — Br. p. a 24 de outubro de 1787. Reg. no Cart. da N., liv. IV, fl. 30.

(C. C.)

891. Francisco Xavier da Maia, cavalleiro fidalgo da casa real, professo na ordem de Christo, tenente da cavallaria de Alcantara d'esta côrte, proprietario dos officios de juiz da Alfandega-mór, e reaes direitos da ilha de S. Miguel, natural da villa de Cintra; filho de Diogo Alvares da Maia, cavalleiro da ordem de Christo, fidalgo da casa real, capitão de cavallaria que foi n'esta côrte, proprietario dos ditos officios, e de sua mulher D. Ursula Ignez de S. Bernardo; neto pela parte paterna de Lourenço Gaspar Faleiro, cavalleiro da ordem de Christo, fidalgo da casa real, e de sua mulher D. Isabel Rodrigues da Maia, filha de Francisco da Maia, e de sua mulher D. Maior Mendes; bisneto de Antonio Vieira, commendador que foi de uma das quatro commendas obrigatorias do reino, fidalgo da casa real, e de sua mulher D. Maria Faleira; e pela materna neto de Manuel de Oliveira Furtado, cavalleiro fidalgo da casa real, o qual serviu, com distincto valor na praça de Mazagão, com cavallos e armas á sua custa, e de sua mulher D. Maria Manuel da Fonseca; bisneto de outro Manuel de Oliveira Furtado, e de sua mulher D. Maria de Santo Antonio.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Vieiras, no segundo as dos Maias, no terceiro as dos Oliveiras, e no quarto as dos Fonsecas. — Br. p. a 17 de junho de 1768. Reg. no Cart. da N., liv. I, fl. 81.

(C. C.)

892. Francisco Xavier de Moura Carvalhaes, natural de Travanca, termo de Bragança, tenente coronel de milicias d'aquelle districto; filho do capitão Caetano José Dias Carvalhaes, e de D. Maria de Moura; neto paterno de Pedro Dias Carvalhaes, tenente de infanteria de Bragança; e materno de D. Luiza Pinto.

Um escudo partido em pala; na primeira as armas dos Carvalhaes, e na segunda as dos Mouras. — Br. p. a 21 de agosto de 1807. Reg. no Cart. da N., liv. VII, fl. 199 v.

(C. C.)

893. Francisco Xavier de Moraes e Figueiredo, cavalleiro professo na ordem de Christo, corregedor actual da comarca de Pinhel, natural da villa de Cernancelhe; filho de Francisco de Moraes e Figueiredo, e de sua mulher Brites Thereza do Salvador; neto pela parte paterna de Manuel Gomes de Figueiredo, e de sua mulher Catharina de Moraes; e pela materna de Bernardo João de Figueiredo, e de sua mulher Anna da Fonseca.

Um escudo partido em pala; na primeira as armas dos Moraes, e na segunda as dos Figueiredos. — Br. p. a 3 de fevereiro de 1777. Reg. no Cart. da N., liv. II, fl. 129 v.

(C. C.)

894. Francisco Xavier Pereira de Magalhães, morador na quinta da Covilhã, freguezia de Sant'Iago da Faya, concelho de Cabeceiras de Basto, comarca de Guimarães; filho do capitão-mór João de Magalhães Pereira, e de sua mulher D. Maria da Cunha; neto paterno de José de Magalhães Pereira, e de sua mulher Senhorinha de Andrade; neto materno de Manuel Lopes, e de sua mulher Anna Carvalho da Cunha.

As armas dos Magalhães, Pereiras, Lopes, e Cunhas. — Br. p. a 14 de novembro de 1754. Reg. no Cart. da N., liv. particular, fl. 83.

(C. C.)

895. Francisco Xavier Pinheiro de Almeida (Capitão), filho do capitão Seraphim Pinheiro de Almeida, e de sua mulher Anna Antunes; neto pela parte paterna do capitão Sebastião Pinheiro Leitão, e de sua mulher Maria de Almeida; bisneto de João Martins, e de sua mulher Magdalena Antunes, e de João de Almeida, e de sua mulher Angela Antunes; e pela materna neto de Antonio Lopes, e de sua mulher Jeronyma Antunes, da quinta de Bouças.

Um escudo partido em pala; na primeira as armas dos Pinheiros, e na segunda as dos Almeidas. — Br. p. a 30 de setembro de 1772. Reg. no Cart. da N., liv. I, fl. 187.

(C. C.)

896. Francisco Xavier Ribeiro, cavalleiro professo na ordem de Christo, desembargador da relação de Goa, natural da villa de Ferreira; filho de Manuel Ribeiro, e de D. Francisca Ferreira; neto pela parte paterna de Thomaz Ribeiro, e de Isabel Dias; e pela materna de Manuel Gonçalves, e Catharina Ferreira da Motta.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Ribeiros, no segundo as dos Dias, no terceiro as dos Gonçalves, no quarto as dos Ferreiras. — Br. p. a 18 de fevereiro de 1779. Reg. no Cart. da N., liv. II, fl. 180 v.

(C. C.)

897. Francisco Xavier da Rua, bacharel formado em canones, prior encommendado da freguezia da villa de Roge, natural de Alverca, da villa de Trancoso; filho de Antonio da Rua, natural do dito logar de Alverca, e de sua mulher Maria da Fonseca, natural de Boca-cova; neto pela parte paterna de Manuel Fernandes da Rua, e de sua mulher Isabel Gomes; e pela materna de Francisco Fernandes Pinheiro, e de sua mulher Isabel Gomes.

Um escudo ovado e esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Ruas, no segundo as dos Fonsecas, no terceiro as dos Pinheiros, e no quarto as dos Gomes. — Br. p. a 12 de julho de 1771. Reg. no Cart. da N., liv. I, fl. 156 v.

(C. C.)

898. Francisco Xavier dos Santos, cavalleiro professo na ordem de Christo, capitão de cavallaria auxiliar da cidade de S. Paulo no Brazil, d'onde é natural; filho de Lopo dos Santos Serra, sargento-mór das ordenanças da dita cidade, e de D. Ignacia Maria Rodrigues Villares; neto pela parte paterna de Pedro Gomes Ferreira, e de sua mulher D. Antonia Maria Pinto Ferreira; e pela materna de Luiz Rodrigues Villares, capitão povoador da villa de Cuyabá, e de sua mulher D. Angela Vieira.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Serras, no segundo as dos Gomes, no terceiro as dos Pintos, e no quarto as dos Vieiras. — Br. p. a 20 de dezembro de 1781. Reg. no Cart. da N., liv. III, fl. 39.

(C. C.)

899. Francisco Xavier da Silva Rego, capitão do regimento de cavallaria de Miranda, natural da freguezia de Tojo-coval, concelho de Albergaria, comarca de Vianna; filho de Antonio Dantas Barbosa, professo na ordem de Christo, e de D. Rosa Maria da Silva Rego; neto pela parte paterna de Gonçalo Dantas Barbosa, capitão de auxiliares, fallecido na guerra da Catalunha; e neto pela parte materna de José da Silva Rego.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Antas, no segundo as dos Barbosas, no terceiro as dos Silvas, e no quarto as dos Regos. — Br. p. a 6 de fevereiro de 1793. Reg. no Cart. da N., liv. IV, fl. 271 v.

(C. C.)

900. Francisco Xavier de Sousa Cabral, natural da cidade de Lisboa, filho de outro Francisco Xavier de Sousa Cabral, cavalleiro da ordem de Christo, e de D. Rosa Maria Thereza Bottado Galvão; neto pela parte paterna de João Ribeiro Cabral, cavalleiro da ordem de Christo, o qual vindo para esta côrte foi n'ella procurador nas Côrtes que o senhor rei D. Pedro II celebrou em 1698, pela cidade da Bahia, ficando servindo ao mesmo senhor em negocios de estado, foi depois mandado a Castella, onde fez grandes serviços á corôa, e compoz o livro intitulado *Memorias do conde-duque de Olivares;* e de sua mulher D. Margarida Estacia de Sousa Barreto; bisneto de Manuel Jorge Cabral, capitão de infanteria que foi na guerra da acclamação; e pela parte materna neto de João Rodrigues de Alencastre, e de sua mulher D. Thereza Bottado Galvão.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Cabraes, no segundo as dos Ribeiros, no terceiro as dos Sousas, e no quarto as dos Barretos. — Br. p. a 22 de fevereiro de 1780. Reg. no Cart. da N., liv. II, fl. 229.

(C. C.)

901. Francisco Xavier Taveira de Macedo, filho de Bernardo Taveira de Macedo, e de sua primeira mulher D. Josepha Teixeira; neto pela parte paterna de José Leitão Pinheiro, e de sua mulher D. Anna Maria de Macedo; bisneto de Luiz Taveira de Macedo, e de sua mulher D. Anna Pinto Guedes; terceiro neto de Antonio Taveira de Macedo, e de sua mulher D. Maria de Andrade Monterroyo; quarto neto de Duarte Taveira, commendador de Santa Maria de Belmonte na ordem de Christo, cavalleiro fidalgo da casa real, de que teve provisão dos privilegios para seus criados e caseiros; general da armada que o senhor rei D. João III mandou visitar as costas d'este reino, e todas as conquistas até á India com auctoridade para que se achasse alguns navios sem licença do dito senhor fizesse autos, confiscações, e condemnasse a morte natural, sem ficar obrigado a dar-lhe conta.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Taveiras, no segundo as dos Macedos, no terceiro as dos Andrades, e no quarto as dos Monterroyos. — Br. p. a 17 de março de 1784. Reg. no Cart. da N., liv. III, fl. 122.

(C. C.)

902. Francisco Xavier Teixeira de Macedo, natural da casa e quinta do Outeiro do meio, freguezia de Viade, concelho de Celorico de Basto, filho de Julião Teixeira de Carvalho, e de sua mulher D. Josepha Teixeira de Barros; neto pela parte paterna de Miguel Teixeira, e de sua mulher D. Catharina de Carvalho, e bisneto de Gonçalo Miguel Pires, e de sua mulher D. Margarida Teixeira de Macedo; descendente por largas series de avós de João Gonçalves Teixeira, sexto senhor da honra, e couto de Teixeira, e de Martim Gonçalves de Macedo, camareiro-mór do senhor rei D. João I, ambos chefes d'estas illustres familias : e pela parte materna se mostrava tambem ser neto de Bento Teixeira de Macedo, e de sua mulher D. Marianna de Barros; bisneto de Gaspar Francisco de Barros de Carvalho, e de sua mulher D. Anna de Macedo, descendente tambem por outras largas series de avós dos chefes das illustres familias de Barros e Carvalhos, senhores do morgado d'estes appellidos na provincia da Beira, tendo muitos d'elles, assim da parte paterna, como da materna, os fóros de fidalgos da casa real, sendo commendadores da ordem de Christo, e tendo servido a real corôa n'estes reinos, e na India, nos logares e postos de maior graduação, até o de vice-rei d'aquelle estado, que no tempo do senhor rei D. Manuel teve em vagancia Fernando Carvalho da Cunha, sexto avó do supplicante, o qual era bisneto de Alvaro Gil de Carvalho, senhor do dito morgado, e de sua mulher D. Estephania Pereira, irmã do condestavel D. Nuno Alvares Pereira, como largamente constava da sentença; e que todos os referidos, e os mais expressados n'ella foram pessoas nobres das ditas familias de Teixeiras, Macedos, Barros, e Carvalhos das que tiveram já seus brazões de armas, e se trataram com ellas, e com cavallos, creados, e toda a mais ostentação propria da nobreza, cujo tratamento conservava o supplicante.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Teixeiras, no segundo as dos Macedos, no terceiro as dos Barros, e no quarto as dos Carvalhos. — Br. p. a 9 de julho de 1787. Reg. no Cart. da N., liv. IV, fl. 15 v.

(C. C.)

903. Francisco Xavier Teixeira de Barros e Macedo, natural da casa e quinta do Outeiro do meio, freguezia de Santa Maria de Viade, concelho de Celorico de Basto; filho de Ignacio Teixeira de Barros, e de sua mulher e prima D. Maria José Teixeira de Barros; neto paterno de Manuel Antonio Teixeira de Carvalho, a quem se passou brazão de armas a 12 de julho de 1787, e de sua mulher D. Rosa Maria Alves; bisneto de Julião Teixeira de Carvalho, e de sua mulher D. Josepha Teixeira de Barros; terceiro neto de Miguel Teixeira, e de sua mulher D. Catharina de Carvalho; quarto neto de Gonçalo Miguel Pires, e de sua mulher D. Margarida Teixeira de Macedo, descendente por larga serie de avós de João Gonçalves Teixeira, sexto senhor da honra, e couto de Teixeira, e de Martim Gonçalves de Macedo, camareiro-mór do senhor rei D. João I, ambos chefes de illustres familias; terceiro neto egualmente por sua referida bisavó D. Josepha Teixeira de Barros, de Bento Teixeira de Macedo, e de sua mulher D. Marianna de Barros; quarto neto por este mesmo lado de Gaspar Francisco de Barros de Carvalho, e de sua mulher D. Anna de Macedo, descendente tambem por outras largas series de avós dos chefes das illustres familias de Barros e Carvalhos, senhores do morgado d'estes appellidos na provincia da Beira, tendo muitos d'elles assim da parte paterna como da materna, o fôro de fidalgo da casa real, commendador da ordem de Christo, e servindo outros distinctamente, tanto n'este reino, como na India, nos logares e postos de maior graduação, até o de vice-rei d'aquelle estado que no tempo do senhor rei D. Manuel teve em vagancia Fernando Carvalho da Cunha, oitavo avô do supplicante, o qual era bisneto de Alvaro Gil de Carvalho, senhor que foi do dito morgado, e de sua mulher D. Estephania Pereira, irmã do condestavel D. Nuno Alvares Pereira; neto materno de Francisco Xavier Teixeira de Macedo, a quem se passou brazão de armas a 9 de julho de 1787, e de sua mulher D. Anna Maria de Castro, o qual era irmão do já mencionado Manuel Antonio Teixeira de Carvalho, avô paterno do supplicante.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Teixeiras, no segundo as dos Macedos, no terceiro as dos Barros, e no quarto as dos Carvalhos.—Br. p. a 31 de maio de 1825. Reg. no Cart. da N., liv. VIII, fl. 145.

(C. C.)

904. FRANCISCO XAVIER VIEIRA VAZ DE ANDRADE (Doutor), natural da villa de Cezimbra, advogado n'esta côrte onde é morador; filho de Manuel Vieira, e de sua mulher Maria do Ó Ribeira; neto paterno de Paschoal Vieira, e de sua mulher Anna dos Santos, filha de Domingos Francisco, e de sua mulher Francisca dos Santos; bisneto de Domingos Dias Ferro, e de sua mulher Domingas Dias; neto materno de Raphael Jorge, irmão do coronel Francisco Vaz Vieira, e de sua mulher Maria Ribeira, filha de Simão Lopes, e de sua mulher Anna Ribeira; neta do tenente coronel Manuel Lopes Bernardes de Menezes; bisneto o supplicante do brigadeiro Antonio Correa Vaz de Andrade, e de sua mulher D. Maria Francisca; terceiro neto do governador Antonio Pereira Correa, e de sua mulher D. Antonia Correa Vaz.

As armas dos Vieiras, e Ribeiras.—Br. p. a 9 de maio de 1759. Reg. no Cart. da N., liv. particular, fl. 122 v.

(C. C.)

G

905. GABRIEL DE ALMEIDA, escudeiro fidalgo da casa real, filho de Gonçalo de Almeida; neto de Gonçalo do Rego, e de Beatriz de Almeida; bisneto de Vicente Pires de Almeida, que foi fidalgo muito honrado e do tronco da geração dos Almeidas; bem assim o dito Gonçalo do Rego era filho de Gonçalo Nunes do Rego, que tambem foi fidalgo muito honrado e do tronco das gerações dos Regos e Ribeiros.

Carta pela qual el-rei D. João III lhe concede o seguinte brazão de seus antecessores: —Escudo de campo esquartelado; o primeiro de verde com uma banda de prata ondada e n'ella tres vieiras de oiro lavradas e riscadas de preto, o contrario tambem esquartelado, o primeiro de oiro e tres vieiras de vermelho, o segundo de preto com tres faxas veiradas contraveiradas de prata e vermelho, e assim os seus contrarios, o segundo e terceiro quarteis do escudo são de vermelho com seis besantes de oiro, em pala, firmados de uma dobre cruz e bordadura de oiro, e por differença uma flor de liz de oiro; elmo de prata aberto guarnecido de oiro, paquife de prata, verde, oiro e vermelho, e por timbre uma aguia vermelha besantada de oiro, com o bico e armada tambem de oiro; com todas as honras e privilegios de fidalgo por descender das gerações dos Regos, Almeidas e Ribeiros.—Dada em Lisboa a 15 de julho de 1542. Reg. na Chanc. de D. João III, liv. XXXII, fl. 76.

906. GABRIEL ANTONIO FRANCO DE CASTRO, cavalleiro professo na ordem militar de S. Bento de Aviz, e brigadeiro dos reaes exercitos; filho de João Franco, e de sua mulher D. Joanna Alvares de Castro; neto por parte paterna de Fructuoso Franco, e de sua mulher D. Maria Domingues; e por parte materna de Mattheus Alvares de Castro, e de D. Maria Alvares.

Um escudo partido em pala; na primeira as armas dos Francos, na segunda as dos Castros.—Br. p. a 30 de dezembro de 1818. Reg. no Cart. da N., liv. VIII, fl. 25.

(C. C.)

907. GABRIEL DA FONSECA E SOUSA, sargento-mór das ordenanças da villa de Jundiahi da capitania de S. Paulo, natural da mesma villa; filho de Gabriel Antunes da Fonseca, cidadão da cidade de S. Paulo, e de sua mulher D. Maria da Conceição e Silva Fragoso; neto pela parte paterna de Gabriel Antunes, e de sua mulher Sebastiana Maria da Fonseca, esta filha de Francisco Rodrigues, e de sua mulher Maria Fernandes; bisneto de Domingos Antunes, e de sua mulher Maria Francisca; neto pela parte materna de Francisco de Sousa Murça, e de sua mulher Isabel da Silva Fragoso, e por esta bisneto de Domingos Fragoso de Abreu, e de sua mulher Maria Rebello; terceiro neto de Gaspar de Campos Fragoso, e de sua mulher Isabel de Freitas, e pela dita sua bisavó Maria Rebello é terceiro neto de Jeronymo Rebello, e de sua mulher Anna Cabral.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Fonsecas, no segundo as dos Rodrigues, no terceiro as dos Fragosos, e no quarto as dos Abreus.—Br. p. a 26 de agosto de 1794. Reg. no Cart. da N., liv. v, fl. 32 v.

(C. C.)

908. GABRIEL GONÇALVES, cavalleiro da casa real, morador na cidade do Porto.

Carta pela qual el-rei D. Affonso v lhe concede, e a seus descendentes, o seguinte brazão de armas: — Um escudo em campo azul com um cordão de S. Francisco por bordadura, e uma aguia doirada com duas cabeças em meio d'elle, com as mãos postas sobre a cabeça de um moiro; pelos muitos serviços prestados nos tempos de el-rei D. João, seu avô, e de el-rei D. Duarte, seu pae (de quem foi creado) nas guerras da Africa contra os infieis.— Dada na villa de Arevol a 11 de outubro de 1475. (M. N.) Reg. na Chanc. de D. Affonso v, liv. xxx, fl. 20, v., e liv. II de Mist., fl. 63.

909. GABRIEL SALGADO ARAUJO CARNEIRO CHAVES, natural da cidade de Braga, filho de Manuel Felix Salgado de Araujo Chaves, a quem se passou brazão de armas a 1 de março de 1766, e de sua mulher D. Antonia Joanna da Encarnação Carneiro; neto pela parte paterna de Francisco Xavier Salgado Chaves, e de sua mulher D. Eugenia Maria de Araujo Saa Tinoco, senhores da casa e morgado de Esporões; pela parte materna neto do capitão André Francisco Requião, e de sua mulher D. Marianna Luiza Carneiro, senhores da casa de Fassão.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Salgados, no segundo as dos Araujos, no terceiro as dos Chaves, e no quarto as dos Carneiros.—Br. p. a 5 de agosto de 1791. Reg. no Cart. da N., liv. IV, fl. 229 v.

(C. C.)

910. GARCIA LOPES DE CALHEIROS, morador em Ponte de Lima, fidalgo de cota de armas; filho de Gonçalo Lopes; neto de Diogo Lopes; bisneto de Garcia Lopes de Calheiros, que foi chefe e tronco d'esta geração.

Carta pela qual el-rei D. João III lhe concede o seguinte brazão de seus antecessores: — Escudo de campo azul com cinco vieiras de prata, em aspa, riscadas de preto, e tres estrellas de prata de cinco pontas cada uma, em faxa, ao pé do escudo; elmo de prata aberto, paquife de prata e azul, e por timbre dois bordões de Sant'Iago, de prata, em aspa, e no meio d'elles uma das vieiras das armas; com todas as honras e privilegios de fidalgo por descender da geração e linhagem dos Calheiros.—Dada em Lisboa a 4 de agosto de 1528. Reg. na Chanc. de D. João III, liv. XVII, fl. 115 v.

911. GARCIA LOPES DE CALHEIROS, fidalgo de cota de armas, morador em Ponte de Lima, filho de Diogo Lopes de Calheiros, e neto de Garcia Lopes de Calheiros, que foram do tronco d'esta geração.

Carta pela qual el-rei D. João III lhe concede o seguinte brazão de seus antecessores: — Escudo de campo azul com cinco vieiras de prata, em aspa, riscadas de preto, e

tres estrellas de prata de cinco pontas cada uma, em faxa, ao pé do escudo, e por differença uma flôr de liz de oiro; elmo de prata aberto, paquife de oiro e azul, e por timbre dois bordões de Sant'Iago, de prata, em aspa, e no meio d'elles uma das vieiras das armas; com todas as honras e privilegios de fidalgo por descender da geração e linhagem dos Calheiros. — Dada em Lisboa a 11 de agosto de 1529. Reg. na Chanc. de D. João III, liv. XVII, fl. 115 v.

912. GARCIA MANUEL DURÃO PADILHA, major da praça de Peniche, filho de Manuel José Durão Padilha, cavalleiro da ordem de S. Bento de Aviz, e capitão do regimento de artilheria n.º 3, e de D. Jeronyma Thereza Nogueira Rebello; neto paterno de João Antonio José Durão Padilha, e de D. Theodora Maria de Castro, e materno de Manuel Francisco da Cruz, e de sua mulher D. Maria Rebello; bisneto de Manuel Antonio, fidalgo escudeiro da casa real, sendo o referido supplicante irmão do major Francisco de Paula Durão Padilha, a quem se passou brazão de armas a 31 de janeiro de 1816.

Um escudo partido em pala; na primeira as armas dos Padilhas, e na segunda as dos Durões. — Br. p. a 20 de abril de 1816. Reg. no Cart. da N., liv. VII, fl. 343.

(C. C.)

913. GASPAR ALVARES BARBOSA CARNEIRO (Capitão), morador na sua quinta e casa da Praça, da freguezia, e honra de Frazão, termo, comarca e bispado do Porto; filho de Manuel Alvares da Praça, e de sua mulher D. Catharina Barbosa; neto pela parte paterna de outro Manuel Alvares da Praça, e de sua mulher D. Senhorinha Francisca Carneiro; neto pela parte materna de Manuel Barbosa, e de sua mulher D. Maria João Moreira de Meirelles; bisneto de Thomaz Barbosa, e de sua mulher D. Maria Catharina Duarte Moreira de Meirelles, sendo o supplicante tambem possuidor da quinta e casa de seu proximo parente o doutor Francisco Teixeira da Motta Moreira de Meirelles, primeiro juiz de fora da cidade de Penafiel.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Leitões, no segundo as dos Barbosas, no terceiro a dos Moreiras, e no quarto as dos Meirelles. — Br. p. a 24 de maio de 1799. Reg. no Cart. da N., liv. VI, fl. 83 v.

(C. C.)

914. GASPAR BERENGUER CESAR BITTENCOURT, familiar do Santo Officio, natural e morador na cidade do Funchal da ilha da Madeira, filho legitimo de Agostinho Cesar Berenguer, e de sua mulher D. Helena Josepha Marianna de Bittencourt; neto pela parte paterna de José de França Berenguer, e de sua mulher D. Maria de Castello-branco; bisneto de Gaspar Berenguer de Andrade, e de sua mulher D. Isabel de França; terceiro neto de Heitor Nunes Berenguer, e de sua mulher D. Maria de Lira; quarto neto de Christovão Berenguer, e de sua mulher D. Maria Cesar; quinto neto de outro Heitor Nunes Berenguer, e de sua mulher D. Maria Giralte, e finalmente sexto neto do doutor Pedro Berenguer de Liminhana, fidalgo da casa real, natural da cidade de Valença em Catalunha, d'onde passou a este reino de Portugal, e foi n'elle o chefe da familia Berenguer de Liminhana, e se lhe passou brazão de suas armas em 5 de novembro de 1524; casou na ilha da Madeira com Isabel Rodrigues de Andrade, filha de Rodrigo Annes, criado do infante D. Henrique.

Um escudo com as armas dos Berengueis de Liminhana. — Br. p. a 23 de abril de 1768. Reg. no Cart. da N., liv. I, fl. 69.

(C. C.)

915. GASPAR BERENGUER CESAR BITTENCOURT, familiar do Santo Officio, padroeiro do mosteiro de freiras de Nossa Senhora das Mercês da cidade do Funchal da ilha da Madeira; filho do capitão Agostinho Cesar Berenguer, e de sua mulher D. Helena Josepha

Maria Bittencourt; neto pela parte paterna de José de França Berenguer, cavalleiro professo na ordem de Christo, capitão de infanteria que foi em Angola, fundador com seu pae e padroeiro do dito mosteiro de Nossa Senhora das Mercês, da cidade do Funchal, e de sua mulher D. Maria de Castello-branco, filha de João de Bittencourt e Atouguia, e de sua mulher D. Angela de Atouguia; bisneto de Gaspar Berenguer de Andrade, cavalleiro professo na ordem de Christo, fidalgo da casa real, o qual nas guerras do Brazil serviu a real corôa, e na dita ilha com o referido seu filho foi o fundador e padroeiro do dito mosteiro por provisão real; e de sua mulher D. Isabel de França, filha de Belchior de França, e de D. Maria Pereira; terceiro neto de Heitor Nunes Berenguer, e de sua mulher D. Maria de Lira, filha de Pedro Pinto Tristão, e de D. Antonia Dias de Lira; quarto neto de Christovão Berenguer, e de sua mulher D. Maria Cesar, filha de Agostinho Cesar, e de Isabel de Abreu, neta paterna João Antão Cesar, fidalgo genovez, irmão de André Cesar, que foi sogro de um dos doges ou duques da republica de Genova; e pela materna neto de Pedro Giralte, instituidor da santa Casa da Misericordia da villa da Calheta, da mesma ilha; quinto neto de Heitor Nunes Berenguer, fidalgo da casa real, e de sua mulher D. Maria Giralte, filha de Pedro Giralte, fidalgo florentino que vindo a este reino passou a morar na dita ilha, onde foi um dos illustres povoadores d'ella, e de sua mulher D. Brites de Abreu, filha de Antonio de Abreu, e de D. Branca de França; sexto neto do doutor Pedro Berenguer de Liminhana, natural de Valença, em Catalunha, fidalgo da casa real, cavalleiro da ordem de Christo, tronco n'este reino da nobre familia dos Berengueis de Liminhana, que procede de Berengario, senhor absoluto da Catalunha, e se lhe passou brazão de suas armas em 5 de novembro de 1524, e de sua mulher Isabel Luiza de Andrade, filha herdeira de Rodrigo Annes, criado do infante D. Henrique; e pela materna é neto o supplicante do capitão Antonio de Bittencourt Heredia, e de sua mulher D. Maria de Aragão, filha de Domingos Pereira Camacho, e de D. Catharina de Aragão; bisneto de Manuel de Araujo, e de sua mulher D. Bernarda de Atouguia Clara, filha de João Rodrigues de Teive, e de sua mulher D. Francisca de Heredia, neta paterna de João Rodrigues Neto, e de D. Magdalena de Atouguia, e materna de D. Antonio de Heredia, governador que foi da dita ilha, no tempo da sujeição a Castella, e de D. Anna de Cuba, illustre senhora das ilhas Canarias; terceiro neto de Antonio Gonçalves de Araujo; quarto neto de Manuel Affonso de Araujo, e de sua mulher Simoa Gonçalves; quinto neto de Gonçalo Alvares de Araujo, o primeiro d'este appellido que foi para a dita ilha pelos annos de 1500, e finalmente sexto neto de Gonçalo Alvares de Araujo, filho de Alvaro de Araujo, que dizem ser filho de Payo Rodrigues de Araujo, e neto de outro Payo Rodrigues de Araujo, chamado o cavalleiro commendador de Rio-frio, senhor da terra de Villar, de Vaças do logar de Cidraes, e do casal das Donas, no termo de Barroso e terras de Lindoso, por mercê do rei D. Fernando.

Um escudo com as armas dos Berengueis. — Br. p. a 8 de julho de 1768. Reg. no Cart. da N., liv. I, fl. 84.

(C. C.)

916. Gaspar Cardoso, cavalleiro fidalgo da casa real, filho natural e legitimado de João de Almeida Cardoso; neto de Antão Martins Cardoso, e de Aldonça de Almeida; bisneto de Martim Annes Cardoso, por alcunha o Pequeninho, que foi fidalgo muito honrado e do tronco da geração dos Cardosos, bem assim a dita Aldonça de Almeida foi filha de Pedro de Almeida, que tambem foi fidalgo e do verdadeiro tronco dos Almeidas.

Carta pela qual el-rei D. João III lhe concede o seguinte brazão de seus antecessores: — Escudo de campo esquartelado; o primeiro de vermelho e dois cardos verdes com as raizes e floridos de prata, um sobre o outro, entre dois leões de oiro com as mãos postas n'elles e os rabos tornados para cima; o segundo tambem de vermelho com seis besantes entre uma dobre cruz e uma bordadura de oiro, e um quatro folio de verde picado de oiro com o pé de prata; elmo de prata aberto guarnecido de oiro, paquife de oiro e

vermelho, e por timbre uma cabeça de leão de oiro saindo d'ella um dos cardos; com todas as honras e privilegios de fidalgo por descender da geração e linhagem dos Cardosos e Almeidas. — Dada em Lisboa a 10 de novembro de 1540. Reg. na Chanc. de D. João III, liv. XXXIV, fl. 28 v.

917. Gaspar da Costa Homem, morador na ilha Terceira, filho de Gonçalo Vaz Homem; neto de João Vaz Homem que foi fidalgo e do tronco d'esta geração.

Carta pela qual el-rei D. João III lhe concede o seguinte brazão de seus antecessores: — Escudo de campo azul com seis crescentes de oiro em duas palas e por differença um trifolio de prata; elmo de prata aberto guarnecido de oiro; paquife de oiro e azul, e por timbre um leão azul com uma facha de armas nas mãos, e com o rabo de oiro; com todas as honras e privilegios de fidalgo por descender da geração e linhagem dos Homens. — Dada em Evora a 7 de janeiro de 1536. Reg. na Chanc. de D. João III, liv. L, fl. 39 v.

918. Gaspar de Couros Carneiro, natural da villa do Conde, filho de Pedro Affonso Carneiro de Leça, e de Filippa Martins Gaia; neto paterno de João Affonso de Leça Carneiro, e de Beatriz de Couros; bisneto de Martim Affonso Carneiro, e de D. Aldonsa, e de Alvaro Rodrigues Couros, e Ignez Eannes Carneira; trineto de João Domingues Couros, e Catharina de Madureira, e de Lourenço Annes Carneiro; neto materno de João Martins Gaio, e de Maria Affonsa da Maia; bisneto de João Gomes Gaio Vieira, e D. Constança de Godim, e de Sebastião Affonso Ribeiro, e de Maria Dias da Maia; trineto de Gomes da Maia, e de Maria Ferreira, os quaes todos foram fidalgos e do tronco d'estas gerações.

Carta pela qual el-rei D. Sebastião lhe concede o seguinte brazão de seus antecessores; — Escudo de campo esquartelado; o primeiro dos Carneiros, de campo vermelho e uma banda azul acotiçada de oiro, com tres flores de liz do mesmo, entre dois carneiros de prata passantes armados de oiro; o contrario dos Couros, de campo de prata gretado de sangue e uma serpe de sua côr ferida nos peitos, envolta em duas grevas e coxetes de azul postas em aspa, mordendo em uma d'ellas; o segundo dos Gaios, de campo de prata com tres arminhos postos em faxa e um chefe partido em pala, a primeira de vermelho e um castello de oiro, a segunda de oiro e quatro palas vermelhas; o contrario dos Maias de campo vermelho e uma aguia preta estendida, armada e gretada de oiro, e por differença uma merleta de oiro; elmo de prata aberto guarnecido de oiro, paquife de oiro, vermelho, prata, preto e azul, e por timbre um meio braço vestido de azul e na mão com sua manopla; um pescoço de serpe com cabeça de sua côr cortada em vermelho; com todas as honras e privilegios de nobre fidalgo por descender das ditas gerações. — Dada em Lisboa a 5 de novembro de 1571. Reg. na Chanc. de D. Sebastião, liv. VII, fl. 128 v.

919. Gaspar Dias de Landim, filho de André Dias, escrivão da camara real e provedor dos Contos do reino.

Carta pela qual el-rei D. João III lhe concede o seguinte brazão de seus antecessores: — Escudo de campo de prata com uma faxa de vermelho e uma cabeça de leão em cima do mesmo, e por differença uma brica verde e n'ella uma flor de liz de oiro; elmo de prata aberto guarnecido de oiro. paquife de prata e vermelho, e por timbre uma cabeça de leão entre duas azas de oiro; com todas as honras e privilegios de fidalgo por descender da geração e linhagem dos Landins. — Dada em Lisboa a 16 de abril de 1539. Reg. na Chanc. de D. João III, liv. XXVII, fl. 40 v.

920. Gaspar Feliciano de Moraes, do real Conselho, commendador da ordem de Christo, cavalleiro da ordem de Nossa Senhora da Conceição de Villa-viçosa, e official-maior da Secretaria de estado dos negocios do reino; filho de Gaspar José de Moraes, cavalleiro da ordem de Christo, e official da Secretaria de estado dos negocios estrangeiros e da guerra, e de sua mulher D. Maria Margarida de Moraes e Mesquita Castel-branco;

neto paterno de Antonio Fernandes de Moraes, cavalleiro da ordem de Sant'Iago da Espada, e de sua mulher D. Joanna Luiza Rosa Schultz; neto materno de Antonio Baduem da Serra, e de sua mulher D. Paula Maria Antonia de Mesquita Castel-branco.

Um escudo esquartelado; no primeiro e quarto quarteis as armas dos Moraes, no segundo as dos Mesquitas, e no terceiro as dos Castel-brancos. — Br. p. a 14 de fevereiro de 1825. Reg. no Cart. da N., liv. VIII, fl. 131 v.

(C. C.)

921. Gaspar Ferreira, morador em Evora, natural de Foz de Lima, filho de Maria Ferreira, e neto de João Ferreira que foi d'esta linhagem.

Carta pela qual el-rei D. João III lhe concede o seguinte brazão de seus antecessores: — Escudo de campo de vermelho com quatro faxas de oiro, e por differença uma brica azul e n'ella um annel de prata; elmo de prata aberto guarnecido de oiro, paquife de oiro e vermelho, e por timbre uma emma com uma ferradura de oiro no bico; com todas as honras e privilegios de fidalgo por descender da geração e linhagem dos Ferreiras. — Dada em Lisboa a 3 de junho de 1530. Reg. na Chanc. de D. João III, liv. LII, fl. 115.

922. Gaspar Froes, cavalleiro fidalgo da casa real, filho de Francisco Froes, e neto de Alvaro Annes Froes, ambos fidalgos e do tronco d'esta geração.

Carta pela qual el-rei D. João III lhe concede o seguinte brazão de seus antecessores: — Escudo de campo azul e tres luas de oiro, com as pontas umas para as outras, em roquete; elmo de prata aberto guarnecido de oiro, paquife de oiro e azul, e por timbre uma pomba de prata com o bico e os pés de oiro, tendo no bico um raminho de flores azues, e por differença uma flor de liz; com todas as honras e privilegios de fidalgo por descender da geração dos Froes. — Dada em Lisboa a 17 de agosto de 1548. Reg. no liv. II de Privilegios, fl. 35.

923. Gaspar Gil Carrilho, capitão de cavallos, natural da villa de Castello de Vide, filho de Catharina Carrilho da Serra, e do capitão Manuel Gil Velho, fidalgo muito estimado do senhor rei D, João; neto materno de Gonçalo Fernandes de Carrilho, fidalgo castelhano, filho de D. Maria Cervantes, e do coronel Gonçalo Carrilho, que era filho de D. Pedro Fernandes de Cordova, e irmão do primeiro conde de Cabra; neto paterno de Beatriz Gonçalves Paredes, e do capitão de cavallos Fernão Gil de Albuquerque, filho de Gil Affonso Fernandes, neto de Pedro Gil, bisneto de D. João Affonso, senhor de Albuquerque, e trineto de D. Affonso Sanches.

Carta pela qual el-rei D. Sebastião lhe concede o seguinte brazão de seus antecessores: — Escudo esquartelado com uma cruz de prata por differença, a qual usava D. Affonso Sanches, quinto avô do dito Gaspar Gil Carrilho, tendo no primeiro quartel as armas dos Albuquerques, a saber: sobre cruz de prata, que atravessa todo o escudo, os cinco escudos de Portugal azues com quinas de prata, e no primeiro quartel em campo vermelho cinco flores de liz de oiro postas em aspa, no segundo as dos Carrilhos da casa de Cabra, que usam castello de oiro em campo de sangue, no terceiro as dos Serras, que são em campo vermelho castello de prata sobre um monte verde, duas cabeças de serpe verdes salpicadas de oiro; no quarto as dos Velhos, que são em campo vermelho cinco vieiras de oiro, em aspa, empaquetadas de preto; por timbre um castello vermelho com uma flor de liz de oiro, e ao pé do timbre um coronel, por ser fidalgo de solares conhecidos e descendente de senhores de vassallos, e grandes principes que a estes reinos fizeram grandes serviços. — Dada em Lisboa a 20 de dezembro de 1567. Reg. na Chanc. de D. Sebastião, liv. XVII, fl. 530.

924. Gaspar de Goes, filho de João Lopes, e de Leonor de Goes, moradores em Leiria; neto de Nuno Alvares de Goes, alcaide-mór que foi de Coimbra e do tronco d'esta linhagem.

Carta pela qual el-rei D. João III lhe concede o seguinte brazão de seus antecessores: — Escudo de campo azul com seis cadimos de crescentes de prata, em duas palas, e por differença uma brica de oiro; elmo de prata aberto guarnecido de oiro, paquife de prata e azul, e por timbre um dragão verde com um crescente das armas nos peitos; com todas as honras e privilegios de fidalgo por descender da geração e linhagem dos Goes. — Dada em Evora a 3 de fevereiro de 1534. Reg. na Chanc. de D. João III, liv. XX, fl. 91.

925. GASPAR GONÇALVES, cavalleiro da ordem de Christo.

Carta pela qual el-rei D. João III lhe concede e a seus descendentes o appellido de —Riba-fria — e o faz fidalgo de cota de armas, com o seguinte brazão: — Escudo verde com o pé de agua e n'elle uma torre de prata lavrada de preto, e o coberto enxaquetado de oiro e azul, entre duas estrellas de oiro; elmo de prata aberto guarnecido de oiro, paquife de prata e verde, e por timbre um leopardo de azul com uma das estrellas na espadoa; com todas as honras e privilegios de nobre e fidalgo pelos serviços por elle prestados. — Dada em Lisboa a 16 de setembro de 1541. (M. N.) Reg. na Chanc. de D. João III, liv. XXXIV, fl. 55.

926. GASPAR HOMEM, morador na ilha da Madeira, filho de Francisco Homem, e neto de Pedro Homem que foi fidalgo e do verdadeiro tronco d'esta geração.

Carta pela qual el-rei D. João III lhe concede o seguinte brazão de seus antecessores: — Escudo de campo azul com seis crescentes de oiro em duas palas, e por differença uma flor de liz de oiro; elmo de prata aberto guarnecido de oiro, paquife de oiro e azul, e por timbre um leão azul com uma faxa de armas nas mãos, com o cabo de oiro; com todas as honras e privilegios de fidalgo por descender da geração dos Homens. — Dada em Evora a 26 de abril de 1535. Reg. na Chanc. de D. João III, liv. X, fl. 71 v.

927. GASPAR JOAQUIM DE FARIA TELLES LIOTE, natural da cidade de Lagos, filho de Francisco Liote Tavares, professo na ordem de Christo, governador de Villa-nova, e de sua mulher D. Joanna Tavares da Silva Falcão; neto pela parte paterna de Antonio Tavares Liote, professo na ordem de Christo, fidalgo de solar e mestre de campo do terço auxiliar da comarca de Lagos, e de sua mulher D. Maria de Sousa; neto pela parte materna de Gaspar Simões de Faria Telles, professo na ordem de Christo, e de sua mulher D. Marianna Tavares da Silva Falcão, herdeira da casa e morgados dos Costas Tavares, bisneta pela parte paterna de João de Reprezo e Mattos, professo na ordem de Christo, o qual serviu officios da republica e real fazenda, e de sua mulher D. Brites de Sousa e Bassem; neto pela parte materna de Manuel da Costa Tavares, professo na ordem de Christo, e de sua mulher D. Joanna de Lemos e Faria; terceiro neto pela parte paterna de Antonio Tavares Liote, professo na ordem de Christo, fidalgo da casa real e capitão de infanteria, e de sua mulher D. Margarida de Sousa e Mattos; neto pela parte materna de José da Costa Tavares, governador de Portimão e Silves; quarto neto pela parte paterna de Francisco Liote Tavares, professo na ordem de Christo, fidalgo da casa real, general da provincia do Alemtejo, e grande capitão, titulo que lhe foi dado pelo senhor rei D. Filippe III, e de sua mulher D. Isabel Alvares Banha; e pela parte materna de Pedro da Costa Tavares, capitão mór de Cabeço de Vide, e capitão da guarda real, e de sua mulher D. Catharina Mexia.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Liotes, no segundo as dos Tavares, no terceiro as dos Costas, e no quarto as dos Falcões. — Br. p. a 9 de outubro de 1795. Reg. no Cart. da N., liv. V, fl. 101.

(C. C.)

928. GASPAR MACHADO, morador na ilha do Fayal.

Carta pela qual el-rei D. João III lhe concede o seguinte brazão de seus antecessores: — Escudo de campo vermelho com cinco machados de prata com os cabos de oiro, em

aspa, e por differença uma *lua* de preto; elmo de prata aberto guarnecido de oiro, paquife de oiro e vermelho, e por timbre dois machados em aspa; com todas as honras e privilegios de fidalgo por descender da geração e linhagem dos Machados. — Dada em Lisboa a 12 de março de 1533. Reg. na Chanc. de D. João III, liv. L, fl. 56 v.

929. Gaspar Monteiro, filho de Lopo Monteiro, natural do Porto; neto de Gonçalo Monteiro, fidalgo que foi da casa do infante D. Fernando; bisneto de Lopo Martins Monteiro, que foi fidalgo muito honrado e do verdadeiro tronco da geração dos Monteiros.

Carta pela qual el-rei D. João III lhe concede o seguinte brazão de seus antecessores: — Escudo de campo de prata com tres buzinas de preto douradas nos cabos e guarnecidas de vermelho, em roquete, e por differença uma flor de liz verde; elmo de prata aberto guarnecido de oiro, paquife de prata e vermelho, e por timbre duas das buzinas em aspa; com todas as honras e privilegios de fidalgo por descender da geração dos Monteiros. — Dada em Lisboa a 8 de outubro de 1543. Reg. na Chanc, de D. João III, liv. XXVIII, fl. 54 v.

930. Gaspar Moreira de Altero, cavalleiro da ordem de Christo.

Carta pela qual el-rei D. João III lhe concede o seguinte brazão de seus antecessores: — Escudo esquartelado; o primeiro dos Moreiras, de vermelho, com nove escudinhos de prata, em tres palas, e em cada escudinho uma cruz verde florida; o segundo dos de Altero, enxaquetado de oiro e vermelho, de dezeseis pontes, e por differença uma moleta de oiro; elmo de prata aberto guarnecido de oiro, paquife de oiro e vermelho, e por timbre meio leão vermelho enxaquetado de oiro; com todas as honras e privilegios de fidalgo por descender da geração e linhagem dos Moreiras e de Altero. — Dada em Lisboa a 3 de julho de 1529. Reg. na Chanc. de D. João III, liv. XVII, fl. 95.

931. Gaspar de Negreiros Bravo, natural da villa de Bellas, termo d'esta cidade, filho de Gaspar de Negreiros Bravo, a quem se passou brazão de armas a 8 de março de 1723, e de sua mulher D. Maria Pires Cançado de Lima; neto pela parte paterna do sargento-mór Manuel Bravo de Negreiros, e de sua mulher D. Margarida Ribeiro, e pela materna de Luiz Cançado de Lima, e de sua mulher D. Maria Palma de Vargas.

Um escudo partido em pala; na primeira as armas dos Negreiros, e na segunda as dos Bravos. — Br. p. a 20 de dezembro de 1790. Reg. no Cart. da N., liv. IV, fl. 203.

(C. C.)

932. Gaspar da Nobrega (Doutor), filho de Pedro Alvares da Nobrega. que foi fidalgo muito honrado e do tronco d'esta geração.

Carta pela qual el-rei D. João III lhe concede o seguinte brazão de seus antecessores: — Escudo de campo de oiro e quatro palas de vermelho, e por differença uma flor de liz, ametade de azul e ametade de prata; elmo de prata aberto guarnecido de oiro, paquife de oiro e vermelho, e por timbre um leão pardo de oiro com uma pala de vermelho ao longo; com todas as honras e privilegios de fidalgo por descender da geração e linhagem dos Nobregas. — Dada em Evora a 13 de fevereiro de 1537. Reg. na Chanc. de D. João III, liv. XXIII, fl. 44 v.

933. Gaspar Pacheco, cavalleiro da ordem de Christo.

Carta pela qual el-rei D. João III o fez cavalleiro de cota de armas, e lhe concedeu o seguinte brazão de armas: — Escudo de campo de prata com um azambujeiro de sua cor firmado em um pé azul, tendo pendurada no tronco uma adaga de oiro guarnecida de vermelho; elmo de prata serrado guarnecido de oiro, paquife de prata verde, oiro e azul, e por timbre um ramo do mesmo azambujeiro; com todas as honras e privilegios de fidalgo pelos relevantes serviços por elle prestados, principalmente em Africa, onde

D. Duarte de Menezes o armou cavalleiro. — Dada em 28 de julho de 1554. (M. N.) Reg. no liv. III de Privilegios, fl. 29.

934. GASPAR PACHECO DE LIMA, morador na cidade de Lamego, filho do licenceado João Pacheco de Lima, neto de Isabel Pacheca de Lima, bisneto de João Pacheco e de Branca Gomes de Lima, e trineto de Manuel Pacheco e de Gomes Fernandes de Lima, os quaes todos foram fidalgos e do tronco d'estas gerações.

Carta pela qual el-rei D. Sebastião lhe concede o seguinte brazão de seus antecessores: — Escudo de campo esquartelado; o primeiro dos Pachecos, de campo de oiro, com duas caldeiras de preto em pala, e tres faxas veiradas e contraveiradas de oiro e vermelho em cada uma, e assim tambem as azas, tendo cada caldeira quatro cabeças de serpe de oiro, duas para fora e duas para dentro, nos cabos das azas, e com as linguas vermelhas; o segundo dos Limas, que são de campo partido em tres palas, a primeira de oiro e quatro palas vermelhas e as duas esquarteladas, a primeira de prata e um leão de purpura armado de azul, a segunda de prata e tres faxas enxaquetadas de oiro e vermelho de tres peças em pala, e assim os contrarios, e por differença uma meia brica verde e sobre ella um trifolio de prata; elmo de prata aberto guarnecido de oiro, paquife de oiro, vermelho, prata e purpura, e por timbre um pescoço de serpe de oiro com duas cabeças batalhantes, uma contra a outra; com todas as honras e privilegios de fidalgo, por descender da geração dos Limas e Pachecos. — Dada em Lisboa a 7 de outubro de 1572. Reg. na Chanc. de D. Sebastião, liv. IX, fl. 336 v.

935. GASPAR PEGADO (Doutor), alcaide-mór das saccas de entre Tejo e Odiana e Campo de Ourique.

Carta pela qual el-rei D. João III lhe concede o seguinte brazão de seus antecessores: — Escudo de campo esquartelado; o primeiro enxaquetado de oiro e azul e sobre tudo quatro palas de vermelho, que são as armas dos Buzios, e o segundo de oiro com quatro bandas de vermelho, que são as armas dos Pegados; elmo de prata aberto, paquife de oiro e azul, e por timbre duas buzinas de preto guarnecidas de oiro; com todas as honras e privilegios de fidalgo, por descender da geração e linhagem dos Buzios e Pegados. — Dada em Lisboa a 3 de julho de 1528. Reg. na Chanc. de D. João III, liv. XI, fl. 65.

936. GASPAR PESSOA TAVARES DE AMORIM, cavalleiro professo na ordem de Christo, negociante da praça de Lisboa, instituidor de um vinculo de sessenta contos de réis de capital, em um padrão que a real fazenda lhe paga a juro de tres e meio por cento, assentado no rendimento da Alfandega do assucar d'esta cidade, e tambem de uma propriedade de casas no cimo da rua Augusta; natural da villa de Fundão, filho de Gabriel Tavares Pessoa, negociante da praça de Lisboa, e de sua mulher D. Leonor Pereira da Silva; neto pela parte paterna de Sancho Pessoa da Cunha e Amorim, cadete do regimento dos dragões de Aveiro, e de sua mulher D. Franca Nunes.

Um escudo partido em pala; na primeira as armas dos Pessoas, e na segunda as dos Amorins. — Br. p. a 26 de junho de 1795. Reg. no Cart. da N., liv. V, fl. 65.

(C. C.)

937. GASPAR PINTO, fidalgo e escudeiro da casa real, filho de Gaspar Pinto e neto de Frei Gonçalo Pinto, commendador da ordem de S. João de Rhodes, que foi fidalgo e do tronco d'esta linhagem.

Carta pela qual el-rei D. João III lhe concede o seguinte brazão de seus antecessores: — Escudo de campo de prata com cinco crescentes de vermelho em aspa, e por differença dois terços de um filete preto; elmo de prata aberto guarnecido de oiro, paquife de prata e vermelho, e por timbre um leão pardo de prata com a lingua e unhas de vermelho, com um dos crescentes na espadoa; com todas as honras de fidalgo de antiga linhagem, por

descender da geração dos Pintos. — Dada em Evora a 13 de novembro de 1535. Reg. na Chanc. de D. João III, liv. x, fl. 178.

938. GASPAR DO REGO, fidalgo, morador na ilha de S. Miguel, filho de Gonçalo do Rego, fidalgo, e cidadão da cidade do Porto, e neto de João Vaz do Rego, fidalgo que foi da geração dos do Rego.

Carta pela qual el-rei D. João III lhe concede o seguinte brazão de seus antecessores: — Escudo de campo verde com uma banda ondada de prata e n'ella tres vieiras de oiro perfiladas de azul; elmo de prata aberto guarnecido de oiro, paquife de oiro e verde, por differença uma merleta de oiro, e por timbre uma vieira de oiro entre dois penachos verdes; com todas as honras e privilegios de fidalgo, por descender da nobre geração e linhagem dos do Rego. — Dada em Lisboa a 6 de março de 1529. Reg. na Chanc. de D. III, liv. XVII, fl. 45 v.

939. GASPAR RODRIGUES DE GONDIM, natural de Vianna de Foz de Lima, filho de Bartholomeu Rodrigues de Gondim, neto de Ruy Garcia de Gondim, bisneto de Gonçalo Garcia de Gondim, que foram fidalgos muito honrados e do verdadeiro tronco d'esta geração.

Carta pela qual el-rei D. João III lhe concede o seguinte brazão de seus antecessores: — Escudo de campo de prata e tres leopardos de vermelho passantes armados de azul, e por differença um trifolio de verde picado de oiro; elmo de prata aberto guarnecido de oiro, paquife de prata e vermelho, e por timbre um dos leopardos; com todas as honras de nobre fidalgo, por descender da geração e linhagem dos Garcias de Gondim. — Dada em Almeirim a 26 de janeiro de 1543. Reg. na Chanc. de D. João III, liv. XXVIII, fl. 7 v.

940. GASPAR RODRIGUES TEIXEIRA, filho de Lucas Fernandes e de Lianor Lourenço Teixeira; neto de Lourenço Rodrigues Teixeira, e bisneto de João Rodrigues Teixeira, que foi fidalgo muito honrado e do tronco d'esta geração.

Carta pela qual el-rei D. João III lhe concede o seguinte brazão de seus antecessores: — Escudo de campo azul e uma cruz de oiro potencia e vasia do primeiro, e por differença uma brica de prata e n'ella um — X — de preto; elmo de prata aberto guarnecido de oiro, paquife de oiro e azul, e por timbre uma aspa de azul perfilada de oiro; com todas as honras dos fidalgos de antiga linhagem, por descender da nobre geração dos Teixeiras. — Dada em Evora a 7 de setembro de 1535. Reg. na Chanc. de D. João III, liv. x, fl. 136 v.

941. GASPAR DE SISNEIROS, natural de Beja, filho de João de Sisneiros, cavalleiro da ordem de Sant'Iago, que foi do tronco d'esta geração.

Carta pela qual el-rei D. João III lhe concede o seguinte brazão de seus antecessores: — Escudo de campo meio partido em pala; a primeira parte de vermelho partida em faxa, na primeira tres cisnes de prata, em roquete, e uma argola de oiro no pescoço de cada um, e na segunda cinco flores de liz de prata, em aspa; a segunda parte de prata com tres barras de vermelho, não tendo coisa alguma por differença, por ser filho mais velho d'esta linhagem; elmo de prata aberto guarnecido de oiro, paquife de prata e vermelho, e por timbre um dos cisnes; com todas as honras e privilegios de fidalgo por descender da geração e linhagem dos Sisneiros. — Dada em Evora a 22 de outubro de 1533. Reg. na Chanc. de D. João III, liv. XX, fl. 37.

942. GASPAR DE TEIVE, contador da casa e terras da rainha, filho de Diogo de Teive, neto de Diogo Vaz de Teive, bisneto de Alvaro Gonçalves da Maia, que foi veador da fazenda da cidade do Porto e todos foram fidalgos.

Carta pela qual el-rei D. João III lhe concede o seguinte brazão de seus antecessores:

— Escudo de campo esquartelado; o primeiro tambem esquartelado, o primeiro de oiro com seis *torteaux* de vermelho em duas palas, o segundo de prata com tres arminhos em faxas; o segundo de vermelho com uma aguia preta estendida, membrada de oiro, e por differença uma merleta preta; elmo de prata aberto guarnecido de oiro, paquife de oiro e vermelho, e por timbre um leopardo de oiro até á cinta e d'ahi para traz arminhado; com todas as honras e privilegios de fidalgo por descender da geração dos Teives e Maias. — Dada em Evora a 23 de setembro de 1534. Reg. na Chanc. de D. João III, liv. XX, fl. 173.

943. Genipro da Cunha de Eça e Costa, filho de Luiz da Cunha de Eça, fidalgo escudeiro da casa real, e de D. Thereza Bernarda; neto de Genipro da Cunha de Eça, fidalgo cavalleiro da casa real armado em acto de guerra, e de sua mulher D. Francisca Serram; bisneto de Luiz da Cunha de Eça; terceiro neto de Simão da Cunha de Eça; quarto neto de Martim da Cunha de Eça; quinto neto de Mattheus Homem da Cunha; sexto neto de João Rodrigues Homem, que foi filho do desembargador Rodrigo Homem, todos fidalgos da casa real.

Um escudo esquartelado; no primeiro e quarto quarteis as armas dos Cunhas, no segundo as dos Eças, e no terceiro as dos Costas. — Br. p. a 27 de setembro de 1774. Reg. no Cart. da N., liv. II, fl. 37.

(C. C.)

944. Gerardo Wenceslau Braamcamp de Almeida Castello-branco, commendador na ordem de Christo, fidalgo da casa real, natural da freguezia de S. Lourenço de Carnide, suburbio da cidade de Lisboa; filho de Hermano José Braamcamp, cavalleiro professo na dita ordem, ministro residente de el-rei da Prussia n'esta côrte, e de sua mulher D. Maria Ignacia de Almeida Castello-branco; neto pela parte paterna de João Braamcamp, e de sua mulher Henriqueta Vanhek, da cidade de Amsterdam; e pela materna do brigadeiro Manuel de Almeida Castello-branco, e de sua mulher D. Helena da Cruz Pinto; bisneto de João da Costa Rebello, e de sua mulher D. Maria de Almeida Castello-branco, irmã legitima do sargento-mór João Freire de Almeida Castello-branco, a quem já se passou brazão com as armas dos Almeidas e Castellos-brancos, e por esta parte terceiro neto de Luiz Freire de Andrade, e de sua mulher D. Maria de Almeida Castello-branco; quarto neto de Marcos de Almeida Castello-branco, e de sua mulher D. Lucrecia Ribeiro de Cosgaya; quinto neto de Antonio de Almeida; sexto neto de outro do mesmo nome; setimo neto de Fernando de Almeida, filho de Martim de Almeida Castello-branco, irmão de Pedro Lourenço de Almeida, primeiro almotacé-mór d'este reino em tempo do senhor rei D. Affonso V, filhos de Martim Lourenço de Almeida, reposteiro-mór d'este reino, e alcaide-mór da Covilhã.

Um escudo esquartelado; no primeiro e quarto quarteis as armas dos Braamcamps, no segundo as dos Almeidas, e no terceiro as dos Castellos-brancos. — Br. p. a 17 de agosto de 1775. Reg. no Cart. da N., liv. II, fl. 77.

(C. C.)

945. Gil Fernandes Segurado, cantor da capella real e contador dos feitos e custas da côrte e casa da supplicação, filho de Martim Fernandes Segurado, neto de Lopo Fernandes Segurado, e bisneto de Fernão Martins Segurado, que foram do tronco d'esta geração.

Carta pela qual el-rei D. João III lhe concede o seguinte brazão de seus antecessores: — Escudo de campo azul com cinco *seguras* de prata e os cabos de oiro, em cruz, e uma bordadura verde; elmo de prata aberto guarnecido de oiro, paquife de oiro e azul, e por timbre duas seguras em aspa; com todas as honras e privilegios de fidalgo por descender da geração e linhagem dos Segurados. — Dada em Setubal a 12 de junho de 1532. Reg. na Chanc. de D. João III, liv. XVIII, fl. 62 v.

946. Gil de Goes, cavalleiro da casa real.
Carta pela qual el-rei D. Manuel lhe concede e a seus descendentes o seguinte brazão de seus antecessores : — Escudo de campo azul e seis cadimos de crescentes de prata em duas palas; elmo de prata aberto, paquife de prata e de azul, e por timbre uma serpe verde; com todas as honras, privilegios, liberdades e franquezas que gozam os fidalgos de solar conhecido, por descender de geração nobre, e pelos serviços que prestou, tanto na Africa como no continente, gastando muito de sua fazenda. — Dada em Lisboa a 6 de setembro de 1504. Reg. na Chanc. de D. Manuel, liv. vi de Mist., fl. 194.

947. Gil Homem, filho de Gil Homem, cavalleiro fidalgo da casa real; neto de Gonçalo Homem, fidalgo; bisneto de Diogo da Costa Homem, que foi o tronco e chefe d'esta geração.
Carta pela qual el-rei D. João iii lhe concede o seguinte brazão de armas de seus antecessores : — Escudo de campo azul, com seis crescentes de oiro, em duas palas, e por differença um trifolio de prata, com o pé de verde picado de oiro; elmo de prata aberto guarnecido de oiro, paquife de oiro e azul, e por timbre um leão de azul com sua faxa de armas nas mãos com o cabo de oiro; com todas as honras e privilegios de fidalgo, por descender da geração dos Homens. — Dada em Lisboa a 4 de julho de 1539. Reg. na Chanc. de D. João iii, liv. xliv, fl. 137 v.

948. Gil de Rebello Cardoso.
Carta pela qual el-rei D. João iii lhe concede o seguinte brazão de armas de seus antecessores : — Escudo de campo esquartelado; o primeiro de azul com tres faxas de oiro e em cada faxa uma flor de liz vermelha, postas em contrabanda; o segundo de vermelho com dois cardos verdes, floridos de prata, um sobre o outro, entre dois leões batalhantes, com as linguas de prata, e por differença um trifolio de prata; elmo de prata aberto guarnecido de oiro, paquife de oiro, vermelho e azul, e por timbre uma cabeça de leão e um dos cardos saindo-lhe da boca; com todas as honras e privilegios de fidalgo, por descender da geração e linhagem dos Rebellos e Cardosos, que n'estes reinos foram fidalgos. — Dada em Evora a 18 de junho de 1535. Reg. na Chanc. de D. João iii, liv. xxii, fl. 135 v.

949. Gil Simões, cavalleiro e criado da casa real.
Carta pela qual el-rei D. Duarte lhe concede e a seus descendentes o seguinte brazão de armas : — Escudo branco com uma pinta verde, e n'elle um leão negro rompente, gretado de oiro, com unhas e lingua vermelhas; pelos importantes serviços e viagem que fez a Tanger com D. Henrique e D. Fernando contra os mouros. — Dada em Aviz a 10 de julho de 1438. (M. N.) Reg. na Chanc. de D. Duarte, liv. i, fl. 236, e liv. iv de Mist., fl. 45.

950. Gomes de Amorim, moço da camara do infante D. Henrique.
Carta pela qual el-rei D. João iii lhe concede o seguinte brazão de seus antecessores : — Escudo de campo azul com cinco vieiras de prata, em aspa, e tres estrellas de prata tambem (de cinco pontas) no pé do escudo, e por differença uma brica de oiro e n'ella um — G — de preto; elmo de prata aberto guarnecido de oiro, paquife de prata e azul, e por timbre dois bordões de Sant'Iago de prata, em aspa, com uma das vieiras no meio; com todas as honras e privilegios de fidalgo, por descender da geração e linhagem dos Calheiros. — Dada em Evora a 28 de outubro de 1536. Reg. na Chanc. de D. João iii, liv. l, fl. 43.

951. Gomes Godinho, escudeiro fidalgo da casa real, filho de Pedro Godinho, e neto de Gomes Godinho, que foi fidalgo muito honrado e do verdadeiro tronco dos Godinhos.
Carta pela qual el-rei D. João iii lhe concede o seguinte brazão de seus antecessores : — Escudo de campo partido em quatro palas; a primeira de vermelho, a segunda de oiro,

a terceira de azul, e a quarta tambem de oiro, e por cima de tudo quatro filetes de preto, em faxa, que fazem todo o escudo enxaquetado, e uma flor de liz azul na segunda ponta do escudo; elmo de prata aberto guarnecido de oiro, paquife de oiro, vermelho e azul, e por timbre meio urso de sua cor; com todas as honras de nobre fidalgo, por descender da geração e linhagem dos Godinhos. — Dada em Evora a 9 de novembro de 1543. Reg. na Chanc. de D. João III, liv. XXXV. fl. 24.

952. GOMES PACHECO, cavalleiro da casa real, morador na ilha Terceira, filho de João Pacheco, e neto de Manuel Pacheco, que foi fidalgo muito honrado e do tronco d'esta geração.

Carta pela qual el-rei D. João III lhe concede o seguinte brazão de seus antecessores: — Escudo de campo de oiro, com duas caldeiras em pala tambem de oiro, com tres faxas e as azas veiradas e contraveiradas de vermelho e preto, e quatro cabeças de serpe de oiro nos cabos das azas, duas para fora e duas para dentro, e por differença uma estrella azul; elmo de prata aberto guarnecido de oiro, paquife de oiro e vermelho, e por timbre um pescoço de serpe de oiro com duas cabeças uma contra a outra; com todas as honras e privilegios de fidalgo por descender da geração e linhagem dos Pachecos. — Dada em Evora a 22 de agosto de 1534. Reg. na Chanc. de D. João III, liv. XX, fl. 144 v.

953. GOMES PACHECO, cavalleiro fidalgo da casa real, filho de João Pacheco, que foi fidalgo muito honrado e do tronco d'esta geração, e egualmente filho de Branca Gomes de Lima, e neto de Gomes Fernandes de Lima, que foi fidalgo muito honrado e do tronco da geração dos Limas.

Carta pela qual el-rei D. João III lhe concede e a seus descendentes o seguinte brazão de armas de seus antecessores: — Escudo de campo esquartelado; o primeiro de oiro com duas caldeiras do mesmo, em pala, com tres faxas em cada uma, as azas veiradas e contraveiradas de vermelho e preto, com quatro cabeças de serpe de oiro, duas para fora e duas para dentro; o segundo partido em pala em tres partes, a primeira de aragão e as outras duas esquarteladas: o primeiro de prata com um leão de purpura com as unhas e lingua de azul, e o segundo de prata com tres faxas enxaquetadas de oiro e de vermelho, e por differença uma flor de liz verde; elmo de prata aberto guarnecido de oiro, paquife de oiro, preto, prata e vermelho, e por timbre um pescoço de oiro com duas cabeças de serpe; com todas as honras e privilegios de fidalgo de antiga linhagem, por descender da nobre linhagem des Pachecos e Limas. — Dada em Lisboa a 12 de janeiro de 1538. Reg. na Chanc. de D. João III, liv. XLIV, fl. 6 v, e liv. XX, fl. 144 v.

954. GONÇALO DE BARROS, cavalleiro da casa real, filho de Alvaro Affonso de Araujo, neto de Affonso Gonçalves de Araujo, fidalgo de geração e do tronco da linhagem dos Araujos; bem assim era filho de Ignez de Barros, que foi o tronco da geração dos Barros.

Carta pela qual el-rei D. João III lhe concede o seguinte brazão de seus antecessores: — Escudo de campo esquartelado; o primeiro de prata e uma aspa de azul besantada de oiro, e o segundo de vermelho com tres bandas de prata, e sobre a ponta vermelha do chefe uma estrella de oiro, sobre a segunda vermelha tres estrellas, sobre a terceira vermelha outras tres, e sobre a quarta duas estrellas, todas de oiro, e por differença uma merleta preta; elmo de prata aberto guarnecido de oiro, paquife de prata, azul, oiro e vermelho, e por timbre a mesma aspa; com todas as honras e privilegios de fidalgo, por descender da geração e linhagem dos Araujos e Barros. — Dada em Lisboa a 4 de novembro de 1523. Reg. na Chanc. de D. João III, liv. XLV, fl. 58.

955. GONÇALO CARDOSO, morador na ilha de Sant'Iago de Cabo-verde, filho de André Cardoso, neto de Gonçalo Martins Cardoso, alcaide-mór que foi da villa de Fronteira, que foi fidalgo muito honrado e do tronco d'esta geração.

Carta pela qual el-rei D. João III lhe concede o seguinte brazão de seus antecessores: — Escudo de campo vermelho com dois cardos verdes, um sobre o outro, floridos e com as raizes de prata, entre dois leões de oiro batalhantes, e por differença uma flor de liz de oiro; elmo de prata aberto guarnecido de oiro, paquife de oiro e vermelho, e por timbre uma cabeça de leão de oiro com a boca para cima, saindo d'ella um dos cardos; com todas as honras e privilegios de fidalgo por descender da geração e linhagem dos Cardosos. — Dada em Evora a 27 de setembro de 1533. Reg. na Chanc. de D. João III, liv. XLVI, fl. 74.

956. GONÇALO CARDOSO.

Carta pela qual el-rei D. Manuel lhe concede o seguinte brazão de seus antecessores: — Um escudo de campo esquartelado; o primeiro quartel de azul com seis crescentes de oiro, em duas palas, com as pontas para cima, e no pé uma rodeta de prata por differença; o segundo de vermelho com um cardo verde florido e as raizes de prata entre dois leões, com as mãos direitas n'elle; o terceiro de campo azul com tres faxas de oiro, e sobre elle tres flores de liz de vermelho postas em banda; o quarto de azul com uma estrella de oiro entre quatro crescentes de prata, com as pontas umas para as outras; elmo aberto, e por timbre um leão azul com uma faxa de armas nas mãos, a haste de oiro, o paquife de oiro e azul; por descender da linhagem dos Homens e Carvalhos por parte de seu pae, e dos Cardosos e Rebellos por parte de sua mãe, os quaes eram nobres e fidalgos. — Dada em 1512. Reg. na Chanc. de D. Manuel, liv. XLII, fl. 4, e liv. V de Mist., fl. 82.

957. GONÇALO CARNEIRO DE COUROS, natural do Porto, filho de Gaspar Carneiro de Couros, e de Maria Alvares de Medeiros; neto paterno de João Affonso de Leça Carneiro, e de Beatriz de Couros; bisneto de Martim Affonso Carneiro, de Alvaro Rodrigues Couros, e de Ignez Eanes Carneira; trineto de João Domingues Couros, e de Lourenço Eanes Carneiro; neto materno de Gonçalo Fernandes de Castro, e de Maria Alvares Bordim de Medeiros; bisneto de Ignez Fernandes de Castro, e de Alvaro Vaz de Medeiros, os quaes foram todos fidalgos e do tronco d'estas gerações.

Carta pela qual el-rei D. Sebastião lhe concede o seguinte brazão de seus antecessores: — Escudo de campo esquartelado; o primeiro dos Carneiros, de campo vermelho com uma banda azul acotizada de oiro, com tres flores de liz do mesmo entre dois carneiros de prata, passantes, armados de oiro; o contrario dos Couros, de prata, gretado de sangue, e uma serpente de sua côr ferida nos peitos, envolta em duas grevas em coxetes de azul, postos em aspa, mordendo em uma d'ellas; o segundo dos Castros, de prata, com seis *torteaux* de azul, em duas palas; o contrario dos Medeiros, de vermelho, com cinco cabeças de aguia de oiro, em aspa, e por differença um alcachofre de oiro; elmo de prata aberto guarnecido de oiro, paquife de oiro, vermelho, prata e azul, e por timbre um carneiro das armas; com todas as honras e privilegios de fidalgo por descender das ditas gerações. — Dada em Lisboa a 13 de novembro de 1571. Reg. na Chanc. de D. Sebastião, liv. VII, fl. 128 v.

958. GONÇALO DA COSTA DE GOUVEA, morador no termo de Gouvea.

Carta pela qual el-rei D. João III lhe concede o seguinte brazão de seus antecessores: — Escudo de campo partido em pala; a primeira de vermelho com seis besantes de prata em pala, firmados de uma doble cruz e bordadura de oiro; a segunda de prata com seis *tortraux* de azul, em pala, e por differença uma merleta preta; elmo de prata aberto guarnecido de oiro, paquife de oiro, prata e vermelho, e por timbre uma aguia vermelha com besantes de prata; com todas as honras e privilegios de fidalgo por descender da geração e linhagem dos Gouveas. — Dada em Lisboa a 6 de agosto de 1529. Reg. na Chanc. de D. João III, liv. XVII, fl. 108 v.

959. Gonçalo Ferreira de Teive, morador na ilha Graciosa, filho de Duarte Ferreira de Teive, e neto de Gonçalo Ferreira de Teive, que foi fidalgo muito honrado e do tronco d'estas gerações.

Carta pela qual el-rei D. João III lhe concede o seguinte brazão de seus antecessores: — Escudo de campo esquartelado; o primeiro dos Ferreiras, que é de vermelho com quatro faxas de oiro; o segundo esquartelado, o primeiro d'este de oiro com seis *torteaux* de vermelho, em dnas palas, a segunda de prata com tres arminhos em faxa, e por differença um trifolio de azul; elmo de prata aberto guarnecido de oiro, paquife de oiro e vermelho, e por timbre uma emma de prata com uma ferradura de oiro no bico; com todas as honras e privilegios de fidalgo por descender da geração dos Ferreiras e Teives. Dada em Evora a 20 de julho de 1534. Reg. na Chanc. de D. João III, liv. XX, fl. 126 v.

960. Gonçalo de Gouvea Leite (Padre), conego encommendado da sé da cidade de S. Paulo da Assumpção, do reino de Angola; filho de Thomaz de Gouvea Leite, e de sua mulher D. Leonarda Ferreira da Fonseca; neto pela parte paterna do capitão João Mendes de Gouvea Leite, e de sua mulher D. Guiomar de Sá e Miranda; bisneto do capitão Pedro de Gouvea Leite, e de sua mulher D. Antonia Borges.

Um escudo ovado com as armas dos Gouveas. — Br. p. a 28 de junho de 1769. Reg. no Cart. da N., liv. I, fl. 103.

(C. C.)

961. Gonçalo Lourenço Botelho de Lemos Rego e Castro, brigadeiro de infanteria, engenheiro-mór d'este reino, professo na ordem de Christo, e fidalgo da casa real; filho de José Lourenço Botelho de Lemos, cavalleiro professo na ordem de Christo, e de sua mulher D. Joanna Luiza de Castro Castello-branco, filha e herdeira de Antonio de Abreu Rego Castello-branco, fidalgo da casa real, e de sua mulher D. Antonia Caetana de Sousa Coutinho e Castro, e neta de Luiz de Sousa Falcão Coutinho, moço fidalgo da casa real, capitão de mar e guerra das naus da India; neto o supplicante pela sua varonia de Antonio de Lemos Botelho Zuzarte da Fonseca, cavalleiro professo na ordem de Christo, capitão de infanteria, e de sua mulher D. Luiza de Mattos Franco, filha de Belchior de Mattos de Carvalho e Goes, fidalgo da casa real, e de sua mulher D. Isabel Henriques da Costa; bisneto pela mesma varonia de Antonio Botelho de Lemos e Moura, professo na ordem de Christo, e de sua mulher D. Isabel Zuzarte da Fonseca, filha de Francisco da Fonseca Zuzarte, familiar do Santo Officio, e de sua mulher D. Antonia do Casal Pereira, que era legitima parenta de D. Bartholomeu do Casal, bispo de Coimbra, e conde de Arganil; terceiro neto pela dita sua varonia de Arthur Botelho de Lemos, cavalleiro fidalgo da casa real, professo na ordem de Christo, senhor da quinta da Chouriceira, no termo de Alemquer, e de sua mulher D. Isabel Pedroso de Moura, filha de Bartholomeu Gil de Moura, cavalleiro fidalgo da casa real, e de sua mulher D. Brites Pedrosa, cunhada de Antonio Borges Landim, com fôro de moço da camara real; quarto neto de Francisco Botelho de Lemos Galhardo, cavalleiro fidalgo da casa do senhor rei D. Sebastião, de quem foi muito acceito, e com elle passou á Africa, onde morreu na batalha de Alcacer.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Botelhos, no segundo as dos Lemos, no terceiro as dos Regos, e no quarto as dos Castros. — Br. p. a 29 de janeiro de 1790. Reg. no Cart. da N., liv. IV, fl. 141 v.

(C. C.)

962. Gonçalo Marinho de Castro, cavalleiro professo na ordem de S. Bento de Aviz, e coronel de artilheria do novo regimento da capitania de Pernambuco; filho de Victorino José Marinho Brandão, alferes de infanteria de tropa paga, e de sua mulher D. Feliciana Angelica; neto por parte paterna de Pedro José Marinho Brandão, cavalleiro professo na ordem de Christo, e de sua mulher D. Luiza Josepha Pereira; neto por parte

materna de João Parente Pinheiro, ajudante de infanteria de tropa paga, e de sua mulher D. Domingas Francisca Velho.

Um escudo partido em pala; na primeira as armas dos Marinhos, na segunda as dos Brandões. — Br. p. a 14 de janeiro de 1801. Reg. no Cart. da N., liv. VI, fl. 160.

(C. C.)

963. Gonçalo Mendes Sacoto, fidalgo da casa real, alcaide-mór do reino, e capitão da cidade de Azamor.

Carta pela qual el-rei D. João III lhe concede o seguinte brazão de seus antecessores, com accrescentamento: — Escudo de campo esquartelado; o primeiro de prata com uma arvore verde; o segundo de oiro com cinco estrellas de vermelho, em cruz, e um chefe de oiro com quatro cabeças de moiros cortadas em vermelho e toucadas de prata e azul; elmo de prata aberto guarnecido de oiro, paquife de oiro, azul e vermelho, e por timbre um braço armado de oiro, com uma das cabeças pela *rota;* com todas as honras e privilegios de fidalgo por descender da geração e linhagem dos Sacotos, e pelos serviços que prestou em Azamor, onde em guerra derrotou os moiros, ficando mortos quatro alcaides d'estes. — Dada em Lisboa a 19 de julho de 1538. Reg. na Chanc. de D. João III, liv. XXVII, fl. XVII.

964. Gonçalo Nunes Barreto, cavalleiro fidalgo da casa real, morador na cidade do Porto, filho de Fernão Nunes Barreto, cavalleiro fidalgo; neto de João Nunes Cardoso, e de Leonor Gomes Barreta; bisneto de Fernão Nunes Cardoso, os quaes todos foram nobres e fidalgos e dos verdadeiros troncos d'estas gerações.

Carta pela qual el-rei D. João III lhe concede o seguinte brazão de seus antecessores: — Escudo de campo esquartelado; o primeiro dos Cardosos, vermelho e dois cardos verdes, em pala, floridos e com as raizes de prata, entre dois leões de oiro batalhantes; o segundo dos Barretos, arminhado, e por differença uma flor de liz de oiro; elmo de prata aberto guarnecido de oiro, paquife de oiro, vermelho e arminhado, e por timbre uma meia donzella sem braços, vestida de arminhos, em cabello; com todas as honras de nobre e fidalgo por descender das gerações dos Barretos e Cardosos. — Dada em Almeirim a 20 de abril de 1544. Reg. na Chanc. de D. João III, liv. XLI, fl. 13 v.

965. Gonçalo Pimenta (Frei), commendador da ordem de Rhodes.

Carta pela qual el-rei D. Manuel lhe concede e a seus descendentes o seguinte brazão de seus antecessores: — Escudo de campo de oiro e tres faxas de vermelho, e em cada uma tres estrellas de prata, por timbre tres espadas com os cabos e maças de oiro e os punhos vermelhos, paquife de oiro e vermelho, e por differença uma brica azul; com todas as honras e privilegios de fidalgo por descender da muito nobre geração e linhagem dos de Avelar. — Dada em Lisboa a 25 de novembro de 1517. Reg. na Chanc. de D. Manuel, liv. VI de Mist., fl. 155 v.

966. Gonçalo Pinto, natural da terra da Feira, filho de Ayres Pinto, cavalleiro fidalgo da casa do duque de Bragança; neto de Gonçalo Pinto, que foi alferes-mór do duque de Bragança, fidalgo muito honrado e do tronco d'esta geração.

Carta pela qual el-rei D. João III lhe concede o seguinte brazão de seus antecessores: — Escudo de campo de prata com cinco crescentes de vermelho, em aspa, e por differença uma merleta preta; elmo de prata aberto guarnecido de oiro, paquife de prata e vermelho, e por timbre um leopardo de prata, com a lingua e unhas vermelhas e um crescente das armas na espadoa; com todas as honras e privilegios de fidalgo por descender da geração e linhagem dos Pintos. — Dada em Evora a 2 de março de 1534. Reg. na Chanc. de D. João III, liv. XX, fl. 94 v.

967. Gonçalo Pires, escudeiro da casa real.

Carta pela qual el-rei D. João ii lhe faz e a seus descendentes a mercê de nobre de cota de armas e do appellido de — Bandeira — com o brazão de armas seguinte: — Um escudo vermelho com uma bandeira quadrada de oiro, e n'ella um leão rompente azul, com a lingua, dentes e unhas vermelhas, a haste da bandeira de oiro, e a bandeira com um filete de prata em quadra, paquife de prata e azul; elmo de prata cerrado guarnecido de oiro, e por timbre a mesma bandeira; pelos muitos serviços por elle prestados a seu pae tanto nas partes da Africa como nos reinos de Castella. — Dada em Evora a 4 de julho de 1483. (M. N.) Reg. na Chanc. de D. Manuel, liv. vi, fl. 68, e liv. i de Mist., fl. 234 v.

968. Gonçalo Rebello, cavalleiro fidalgo, filho de Francisco Rebello, e de Maria Alvares; neto de Luiz Eanes, e de Violante Vaz Rebella; bisneto de Martim Vaz Rebello, que foi fidalgo e do tronco d'esta geração.

Carta pela qual el-rei D. Manuel lhe concede e a seus descendentes o brazão de seus antecessores: — Escudo de campo azul com tres faxas de oiro, e n'ellas tres flores de liz vermelhas, e por differença a primeira ponta do escudo vermelha e n'ella uma merleta de prata; elmo aberto, e por timbre duas flores de liz vermelhas, paquife de oiro e vermelho; por descender da nobre geração e linhagem dos Rebellos. — Dada a 6 de junho de 1513. Reg. na Chanc. de D. Manuel, liv. xlii, fl. 46, e liv. v de Mist., fl. 91.

969. Gonçalo Rodrigues de Araujo, natural de Ponte do Lima, filho de Rodrigo Alvares de Araujo, cavalleiro da ordem de Sant'Iago; neto de Alvaro Rodrigues de Araujo, que foi fidalgo e do tronco d'esta geração.

Carta pela qual el-rei D. João iii lhe concede o seguinte brazão de seus antecessores: — Escudo de campo de prata com uma aspa de azul besantada de oiro, e por differença uma merleta preta; elmo de prata aberto guarnecido de oiro, paquife de prata e azul, e por timbre a mesma aspa: com todas as honras e privilegios de fidalgo por descender da geração dos Araujos. — Dada em Lisboa a 20 de fevereiro de 1531. Reg. na Chanc. de D. João iii, liv. l, fl. 110.

970. Gonçalo Tavares, morador na ilha de S. Miguel, filho de Fernando Eanes Tavares e neto de Fernão Tavares, de Portalegre, que foi fidalgo e do tronco d'esta geração.

Carta pela qual el-rei D. João iii lhe concede o seguinte brazão de seus antecessores: — Escudo de campo de oiro com cinco estrellas vermelhas, em aspa, e por differença uma lua azul; elmo de prata aberto guarnecido de oiro, paquife de oiro e vermelho, e por timbre um pescoço de cavallo vermelho *com a brida* e guarnecido de oiro, com falsas redeas; com todas as honras e privilegios de fidalgo por descender da geração e linhagem dos Tavares. — Dada em Evora a 5 de dezembro de 1534. Reg. na Chanc. de D. João iii, liv. xx, fl. 195.

971. Gonçalo Vaz de Campos, escudeiro e criado de D. Fr. Vasco de Ataide, alcaide da villa do Crato.

Carta pela qual el-rei D. Affonso v lhe concede e a seus descendentes o seguinte brazão de armas: — Um escudo todo de campo azul e dentro tres cabeças de leão de oiro, com as linguas vermelhas e arrancamentos vermelhos; pelos serviços que prestou na tomada da villa de Alcacer, nas partes da Africa, com um navio e homens seus e outros especiaes. — Dada em Portalegre a 11 de maio de 1465. (M. N.) Reg. na Chanc. de D. Affonso v, liv. iii de Mist., fl. 45 v.

972. Gonçalo Vaz da Motta, morador em Vianna de Caminha.

Carta pela qual el-rei D. João iii lhe concede o seguinte brazão de seus antecessores: — Escudo de campo verde com cinco flores de liz de oiro, em aspa, e por differença uma brica de prata com uma lua vermelha dentro; elmo de prata aberto guarnecido de oiro,

paquife de oiro e verde, e por timbre uma aspa verde com tres flores de liz das armas, duas nos cabos de cima e uma no centro; com todas as honras e privilegios de fidalgo por descender por parte de sua mãe e avós da geração dos Mottas. — Dada em Lisboa a 22 de dezembro de 1529. Reg. na Chanc. de D. João III, liv. LII, fl. 5.

973. Gonçalo Vieira, morador em Lisboa, filho de João Vieira, neto de Gonçalo Vieira, contador que foi de Entre-Douro e Minho e Traz-os-montes, e foi do tronco d'esta geração, bem assim era filho de Mecia Braz da Maia; neto de Braz Affonso da Maia, que foi do tronco da geração dos da Maia.

Carta pela qual el-rei D. João III lhe concede o seguinte brazão de seus antecessores: — Escudo de campo esquartelado; o primeiro de vermelho com seis vieiras de prata, em duas palas; o segundo tambem de vermelho com uma aguia de preto, estendida, com os pés e bico e picada de oiro, e por differença uma flor de liz de oiro; elmo de prata aberto guarnecido de oiro, paquife de oiro e vermelho, e por timbre a mesma aguia das armas; com todas as honras e privilegios de fidalgo por descender da geração e linhagem dos Vieiras e Maias. — Dada em Lisboa a 8 de março de 1530. Reg. na Chanc. de D. João III, liv. LII, fl. 32.

974. Gregorio Alexandre de Vasconcellos e Sousa, do logar do Beco, termo da villa de Bornes, comarca de Thomar; filho do doutor Gregorio Heitor de Sousa, provedor da comarca de Miranda do Douro, e de D. Simpliciana Thereza de Vasconcellos; neto pela parte paterna de Roque de Brito e de D. Maria de Sousa, e pela parte materna de Miguel de Sousa Caldeira e de D. Marianna Cotrim de Vasconcellos.

Um escudo partido em pala; na primeira as armas dos Sousas, e na segunda as dos Vasconcellos. — Br. p. a 20 de junho de 1792. Reg. no Cart. da N., liv. IV, fl. 253.

(C. C.)

975. Gregorio Borges, morador na ilha Terceira, na villa da Praia, filho de Pedro Borges, e neto de Lopo Borges, que foi do tronco d'esta geração.

Carta pela qual el-rei D. João III lhe concede o seguinte brazão de seus antecessores: — Escudo de campo vermelho, com um leão de oiro e uma bordadura de azul semeada de flores de liz de oiro; elmo de prata aberto guarnecido de oiro, paquife de oiro, vermelho e azul, e por timbre o mesmo leão com uma flor de liz de azul na cabeça, e por differença um crescente de prata; com todas as honras e privilegios de fidalgo, por descender da geração e linhagem dos Borges. — Dada em Lisboa a 23 de junho de 1536. Reg. na Chanc. de D. João III, liv. LII, fl. 119 v. e 137 v.

976. Gregorio Cadena Bandeira de Mello, moço fidalgo, filho de Pero de Cadena, moço fidalgo, e de D. Beatriz Bandeira de Mello; neto materno de Filippe Bandeira de Mello; bisneto de Sebastião Pires de Louredo, e de Brites Bandeira de Mello; tresneto de João Rodrigues Malheiro de Mello e de Filippa Bandeira; quarto neto de Gonçalo Pires Bandeira, o primeiro d'este appellido; o qual João Rodrigues Malheiro de Mello foi filho de João Malheiro de Ponte de Lima, e de Guiomar de Mello, que foi filha de Fernão de Mello, filho de D. Rodrigo de Mello, filho de D. Leonel de Lima, setimo avô do dito Gregorio Cadena Bandeira de Mello, e que foi o primeiro visconde de Villa-nova da Cerveira, e era casado com D. Filippa da Cunha, filha de Alvaro da Cunha, senhor de Pombeiro, e de D. Brites de Mello, filha de Martim Affonso de Mello.

Carta pela qual el-rei D. Filippe III lhe concede e a seus descendentes o seguinte brazão de seus antecessores: — Escudo de campo esquartelado; o primeiro dos Bandeiras, de vermelho, com uma bandeira quadrada de prata com a haste e franja de oiro, carregada de um leão de purpura rompente armado de vermelho; o segundo dos Mellos, de vermelho, e seis besantes de prata entre uma dobre cruz e bordadura de oiro; o terceiro

dos Limas, um escudo partido em tres palas : a primeira de aragão e as duas esquarteladas dos Silvas e Souto-maior; o quarto dos Cunhas, de oiro, com nove cunhas de azul formadas em tres palas, e por differença uma brica com um coxim, por timbre o leão da bandeira; elmo de prata aberto guarnecido de oiro, e o paquife dos metaes e cores das armas; com todas as honras e privilegios de fidalgo, por descender das ditas gerações. —Dada em Lisboa a 16 de junho de 1633. Reg. na Chanc. de D. Filippe III, liv. I, fl. 306.

977. Gregorio Francisco de Miranda, cavalleiro professo na ordem de Christo, cavalleiro fidalgo da casa real, e sargento-mór das ordenanças da villa de S. Salvador dos Campos das Goitacazes, Parahiba do sul, capitania do Rio de Janeiro, natural e baptisado na freguezia de S. Salvador de Joannes, arcebispado de Braga; filho de João Francisco de Miranda, e de sua mulher D. Maria Lopes. Tanto o supplicante como os referidos seus paes foram pessoas muito nobres da illustre familia de Miranda.

Um escudo com as armas dos Mirandas. —Br. p. a 19 de junho de 1802. Reg. no Cart. da N., liv. VI, fl. 206.

(C. C.)

978. Gregorio Francisco de Miranda, cavalleiro fidalgo da casa real, filho de Gregorio Francisco de Miranda, cavalleiro professo na ordem de Christo, cavalleiro fidalgo da casa real, e sargento-mór das ordenanças da villa de S. Salvador dos Campos de Goitacazes, Parahiba do sul, capitania do Rio de Janeiro, a quem se passou brazão de armas a 19 de junho de 1802, e de sua mulher D. Maria Francisca da Assumpção; neto paterno de João Francisco de Miranda, e de sua mulher D. Maria Lopes, e materno do alferes Agostinho Francisco da Cruz, e de sua mulher D. Maria das Neves Penetto.

Um escudo e n'elle as armas dos Mirandas. —Br. p. a 10 de agosto de 1807. Reg. no Cart. da N., liv. VII, fl. 160.

(C. C.)

979. Gregorio José Nunes Duarte Machado Guerreiro, sargento-mór da cidade de Silves, e cavalleiro professo da ordem de S. Tiago da Espada, filho do alferes Aleixo Duarte Machado Guerreiro, e de sua mulher D. Catharina Guerreiro; neto paterno de André Machado Guerreiro, e de sua mulher D. Maria Aguas; neto materno do capitão João Rodrigues Guerreiro, e de sua mulher D. Catharina Guerreiro.

Um escudo partido em pala; na primeira as armas dos Machados, e na segunda as dos Guerreiros. —Br. p. a 8 de fevereiro de 1804. Reg. no Cart. da N., liv. VII, fl. 65.

(C. C.)

980. Gregorio Pinto de Barros, cavalleiro fidalgo da casa real, filho de João Affonso de Souto e de Suzanna Luiz, o qual foi padroeiro da egreja de Santa Senhorinha, sita no concelho de Cabeceiras de Bastos, onde foi morador; tresneto paterno de Francisco Fernandes de Barros, e tresneto materno de Affonso Pinto e de Maria Cardosa.

Carta pela qual el-rei D. Filippe III lhe concede e a seus descendentes o seguinte brazão de seus antecessores : —Escudo de campo esquartelado; o primeiro dos Barros, de campo sanguineo e tres bandas de prata, e no campo nove estrellas de oiro, uma no alto, tres nas partes do meio, e duas na parte de baixo; o segundo dos Pintos, de prata, com cinco crescentes sanguineos postos em santer; o terceiro dos Cardosos, de campo sanguineo, e um cardo de prata com duas alcachofras verdes perfiladas de prata, uma no meio do tronco do cardo e a outra no cimo do dito cardo, posto em pala, e dos lados doic leões de oiro batalhantes, tendo cada um um pé na alcachofra do meio, e uma das mãos na alcachofra de cima; o quarto egual ao primeiro; com todas as honras e privilegios de fidalgo, por descender das ditas gerações. —Dada em Lisboa a 18 de setembro de 1637. Reg. na Chanc. de D. Filippe III, liv. IV, fl. 140 v.

981. Gregorio Tavares Pessoa de Amorim, monteiro-mór e capitão-mór das ordenanças da villa de Torres-novas, natural da villa de Fundão; filho de Gabriel Tavares Pessoa, negociante da praça d'esta cidade, e de sua mulher D. Leonor Pereira da Silva; neto pela parte paterna de Sancho Pessoa da Cunha e Amorim, cadete que foi no regimento dos dragões de Aveiro, e de sua mulher D. Branca Nunes; neto pela parte materna de Gaspar Mendes Pereira, e de sua mulher D. Filippa Nunes; sendo o mesmo supplicante irmão germano de Gaspar Pessoa Tavares de Amorim, cavalleiro professo na ordem de Christo, negociante da praça de Lisboa, e instituidor de um vinculo de 60:000$000 réis de capital, em um padrão de juro, com uma propriedade de casas nobres, a quem se passou brazão de armas a 26 de junho de 1795, com as de Pessoas, e Amorins, egualmente pertencem ao supplicante, que mostrou tratar-se com cavallos, criados, e toda a mais ostentação propria da nobreza.

Um escudo partido em pala; na primeira as armas dos Pessoas, e na segunda as dos Amorins. — Br. p. a 30 de janeiro de 1796. Reg. no Cart. da N., liv. v, fl. 112.

(C. C.)

982. Guilherme Augusto Machado Pereira, fidalgo cavalleiro da casa real, cavalleiro da ordem de Nossa Senhora da Conceição de Villa-viçosa, e commendador da imperial ordem da Rosa; filho de João Pereira da Cruz Lima, e de sua mulher D. Rosa Gertrudes Bernardes Machado de Lima; neto paterno de Manuel Pereira da Cruz Lima, e de sua mulher D. Rosa da Cruz Lima; e materno de Manuel José Bernardes Machado, e de sue mulher D. Quiteria Alves da Cunha.

Um escudo partido em pala; na primeira as armas dos Pereiras, e na segunda as dos Machados. — Br. p. a 14 de janeiro de 1854. Reg. no Cart. do N., liv. viii, fl. 376.

(C. C.)

983. Guilherme Rouze, flamengo, morador em Lisboa e familiar da Inquisição.

Carta pela qual el-rei D. Filippe iii lhe concede e a seus descendentes o seguinte brazão de seus antecessores: — Escudo de campo de prata com tres faxas sanguineas e tres barras do mesmo sobre-postas; elmo de prata aberto guarnecido de oiro, paquife das proprias córes e metaes das armas (o escudo é sustentado pelas mãos de dois libreos ou mastins pardos, que estão postos em pé como batalhantes), e por timbre um pescoço e cabeça de mastim da mesma cór; com todas as honras e privilegios de fidalgo por descender da geração dos Campos, que eram nobres em Flandres. — Dada em Lisboa a 20 de setembro de 1638. Reg. na Chanc. de D. Filippe iii, liv. ii, fl. 215 v.

H

984. Heitor de Mattos, filho de João Cardoso Leitão, e de Catharina de Mattos.

Carta pela qual el-rei D. João iii lhe concede o seguinte brazão de armas de seus antecessores: — Escudo de campo esquartelado; o primeiro e quarto de prata com tres faxas de vermelho, o segundo de vermelho com dois cardos floridos um em cima do outro entre dois leões de oiro peleijantes, e o terceiro tambem de vermelho com uma arvore verde, e as raizes d'esta de prata entre dois leões de oiro peleijantes, e por differença uma merleta preta; elmo de prata aberto, paquife de oiro e vermelho, e por timbre um leão com um cardo na boca; com todas as honras e privilegios de fidalgo, por descender

da geração dos Leitões, Cardosos e Mattos. — Dada em Lisboa a 20 de outubro de 1528. Reg. na Chanc. de D. João III, liv. XI, fl. 138 v.

985. Heitor Nunes Palha de Almeida, morador na villa de Cajada de Castella, filho de Diogo Nunes Palha de Almeida, e neto de Nuno Gonçalves Palha de Almeida, que foi fidalgo muito honrado e do tronco d'esta geração.

Carta pela qual el-rei D. João III lhe concede o seguinte brazão de armas de seus antecessores : — Escudo de campo vermelho com seis crescentes de oiro, em duas palas, fechadas de uma sobrecruz e bordadura de oiro, e por differença uma flor de liz de azul; elmo de prata aberto guarnecido de oiro, paquife de oiro e vermelho, e por timbre uma aguia preta besantada de oiro; com todas as honras e privilegios de fidalgo por descender da nobre geração dos Almeidas. — Dada em Evora a 17 de julho de 1536. Reg. na Chanc. de D. João III, liv. XXII, fl. 59 v.

986. Heitor da Silva, morador em Borba, filho de Francisco da Silveira, e de Beatriz da Silveira, e neto de João Alvares da Silveira, os quaes foram fidalgos e do tronco d'estas gerações.

Carta pela qual el-rei D. Sebastião lhe concede o seguinte brazão de seus antecessores: — Escudo de campo de prata e tres faxas de vermelho, e por differença uma lua de azul; elmo de prata aberto guarnecido de oiro, paquife de prata e vermelho, e por timbre meio urso preto cortado em sangue sobre uma capella de silvas da sua côr, floridas de prata; com todas as honras de fidalgo por descender da geração dos Silveiras. — Dada em Lisboa a 6 de julho de 1561. Reg. na Chanc. de D. Sebastião, liv. VII, fl. 100.

987. Henrique Carlos de Mesquita Guerner, natural da cidade do Porto, e alferes do regimento de cavallaria n.° 6; filho de Manuel Guerner, cavalleiro professo na ordem do Christo, e deputado da illustrissima Companhia geral dos vinhos do Alto-Douro, e de sua mulher D. Francisca Margarida Guerner; neto materno de João Barbosa Rodrigues de Mesquita, e de sua mulher D. Maria Angelica de Mesquita.

Um escudo esquartelado; no primeiro e quarto quarteis as armas dos Barbosas, no segundo as dos Rodrigues, e no terceiro as dos Mesquitas. — Br. p. a 14 de abril de 1824. Reg. no Cart. da N., liv. VIII, fl. 104.

(C. C.)

988. Henrique da Costa, morador em Lisboa, filho de Pedro da Costa.

Carta pela qual el-rei D. João III lhe concede o seguinte brazão de seus antecessores: — Escudo de campo vermelho com seis costas de prata, em faxa, em duas palas, e por differença uma flor de liz de oiro; elmo de prata aberto guarnecido de oiro, paquife de prata e vermelho, e por timbre duas das costas em aspa; com todas as honras e privilegios de fidalgo por descender da geração e linhagem dos Costas. — Dada em Lisboa a 11 de setembro de 1532. Reg. na Chanc. de D. João III, liv. XVIII, fl. 86.

989. Henrique Freire de Andrade, cavalleiro professo na ordem de Christo, natural de Villa-viçosa, provincia do Alemtejo; filho do ajudante de cavallaria Manuel da Rosa Bernardes Freire de Andrade, e de sua mulher D. Mecia Lopes Telles; neto pela parte paterna do sargento-mór de infanteria Manuel Freire de Andrade, e de sua mulher D. Catharina Bernardes; e pela materna de Fernando Rodrigues de Moura, e de sua mulher D. Anna Telles Monteiro.

Um escudo partido em pala; na primeira as armas dos Freires de Andrade, e na segunda as dos Mouras. — Br. p. a 29 de maio de 1770. Reg. no Cart. da N., liv. I, fl. 129 v.

(C. C.)

990. Henrique Homem, cavalleiro da ordem de Christo, filho de André Dias, e de Guiomar Nunes Homem; neto de Arthur Homem, pae da dita sua mãe, que foi do tronco d'esta linhagem.

Carta pela qual el-rei D. Manuel lhe concede e a seus descendentes o seguinte brazão de seus antecessores: — Escudo de campo azul e seis crescentes de oiro em duas palas, e a primeira ponta do escudo é de prata e n'ella uma merleta negra por differença; elmo de prata aberto, paquife de oiro e azul, e por timbre um leão azul com uma faxa de armas nas mãos, com o cabo de oiro; por descender da linhagem e geração dos Homens, que foram nobres de cota de armas. — Dada em 1513. Reg. na Chanc. de D. Manuel, liv. xlii, fl. 85, e liv. v. de Mist., fl. 103.

991. Henrique José Bouchart, natural da cidade de Lisboa, tenente do segundo regimento de infanteria da armada real; filho de Nicolau Vicente Bouchart, capitão do dito regimento, a quem se passou brazão com as armas dos Boucharts a 6 de setembro de 1751, e de sua mulher D. Quiteria Maria Joaquina Rosa; neto pela parte paterna de Henrique José Bouchart, professo na ordem de Christo, a quem tambem se passou brazão com as ditas armas dos Boucharts no anno de 1718; bisneto de Nicolau Bouchart, professo na ordem de Christo, e familiar do Santo Officio na cidade de Avinhão, d'onde era natural, e morador n'esta côrte, onde foi reconhecido por fidalgo pelo senhor rei D. Pedro ii no anno de 1698, cujo reconhecimento lhe foi confirmado pelo senhor rei D. João v no anno de 1713, e de sua mulher D. Francisca Clara; terceiro neto de Henrique de Bouchart; quarto neto de Luiz de Bouchart; quinto neto do conde Henrique de Bouchart; sexto neto do conde Luiz de Bouchart, oriundo de Richeirol, no ducado de Saboya, e descendente do grande condestavel Bouchart, no reino de França, reinando o imperador Carlos Magno.

Um escudo com as armas dos Boucharts. — Br. p. a 17 de novembro de 1791. Reg. no Cart. da N., liv. iv, fl. 239.

(C. C.)

992. Henrique José Camacho Guerreiro Brito, morador na Parragosa, freguezia de S. Miguel do Pinheiro, termo da villa de Mertola; filho de João Camacho Guerreiro e Brito, e de sua mulher D. Violante Perpetua Maxima de Mira e Brito; neto pela parte paterna de João Camacho de Brito Guerreiro, e de sua mulher D. Isabel Varella; e pela parte materna de Manuel de Mira e Brito, e de sua mulher Francisca Nobre de Jesus.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Camachos, no segundo as dos Guerreiros, no terceiro as dos Britos, e no quarto as dos Nobres. — Br. p. a 2 de maio de 1771. Reg. no Cart. da N., liv. i, fl. 150.

(C. C.)

993. Henrique José Caminha, natural da cidade do Porto, condecorado com o titulo de official da ordem da Rosa, do imperio do Brazil, negociante de grossso tracto da praça do Rio de Janeiro; filho de José Antonio Caminha, e de sua mulher D. Custodia Maria Alves Caminha; neto paterno de Pedro Antonio Caminha, e de sua mulher D. Thereza de Sousa Andrade Caminha; e materno de Manuel Alves, e de sua mulher D. Custodia Sousa Cardosa Alves.

Um escudo esquartelado; no primeiro e quarto quarteis as armas dos Caminhas, no segundo as dos Andrades, e no terceiro as dos Cardosos. — Br. p. a 14 de dezembro de 1855. Reg. no Cart. da N., liv. ix, fl. 6.

(C. C.)

994. Henrique José Gabriel Rodrigues Pissarro (Capitão), natural da cidade de Bragança, filho de Raphael Rodrigues Gabriel, e de sua mulher Maria Nunes da Con-

ceição; neto pela parte paterna de Antonio Rodrigues Gabriel, e de Isabel Rodrigues; e pela materna de Lourenço Rodrigues Alvares Pissarro, e de Brites Nunes.

Um escudo partido em pala; na primeira as armas dos Rodrigues, e na segunda as dos Pissarros. — Br. p. a 25 de abril de 1776. Reg. no Cart. da N., liv. II, fl. 89.

(C. C.)

995. Henrique José da Silva, negociante de grosso tracto, filho de Luiz Antonio da Silva, e de sua mulher D. Maria Porphyria; neto paterno de Antonio José, e de sua mulher D. Barbara Ignacia; e materno de Nicolau José, e de sua mulher D. Marianna Barbara.

Um escudo com as armas dos Silvas. — Br. p. a 5 de abril de 1834. Reg. no Cart. da N., liv. VIII, fl. 270 v.

(C. C.)

996. Henrique José da Silva, barão de Lagos, filho de Luiz Antonio da Silva, e de sua mulher D. Maria Porphyria da Silva; neto paterno de Antonio José da Silva, e de sua mulher D. Barbara Ignacia da Silva; e materno de Nicolau José de Oliveira, e de sua mulher D. Marianna Barbara de Oliveira.

Um escudo com as armas dos Silvas. — Br. p. a 18 de fevereiro de 1836. Reg. no Cart. da N., liv. VIII, fl. 280.

(C. C.)

997. Henrique de Macedo, cavalleiro fidalgo da casa real, filho de Francisco de Macedo, e neto de Jorge de Macedo, que foi fidalgo muito honrado e do tronco da linhagem dos Macedos; outro sim filho de Guiomar de Freitas, neto de João Vaz de Freitas, e bisneto de Vicente Vaz de Freitas, que foi fidalgo muito honrado e do tronco d'esta geração dos Freitas.

Carta pela qual el-rei D. João III lhe concede o seguinte brazão de seus antecessores: — Escudo de campo esquartelado; o primeiro de azul com cinco estrellas de oiro de seis pernas, em aspa; o segundo de vermelho com cinco estrellas de oiro, em aspa, e por differença um annel de prata; elmo de prata aberto guarnecido de oiro, paquife de oiro, azul e vermelho, e por timbre um braço vestido de azul e uma faxa de armas na mão, com o cabo de oiro; com todas as honras e privilegios de fidalgo por descender da geração e linhagem dos Macedos e Freitas. — Dada em Lisboa a 21 de março de 1539. Reg. na Chanc. de D. João III, liv. XXVII, fl. 41 v.

998. Henrique Ribeiro Neves, filho legitimo de José Ribeiro, e de sua mulher Domingas da Silva de Macedo; neto pela parte paterna de Antonio Francisco Ribeiro, e de sua mulher Antonia Antunes, filha legitima de Domingos Antunes, e de sua mulher Maria Fernandes; bisneto de Antonio Francisco Ribeiro, e de sua mulher Margarida Gaspar Neves; e pela materna neto de Domingos Gomes de Macedo, e de sua mulher Domingas da Silva, filha de Domingos da Silva, e de sua mulher Maria Antunes; bisneto de Antonio Gomes, e de sua mulher Maria de Macedo, todos os seus ascendentes foram pessoas nobres e se trataram á lei da nobreza.

Um escudo esquartelado; no primeiro e quarto quarteis as armas dos Ribeiros, no segundo as dos Macedos, e no terceiro as dos Silvas. — Br. p. a 12 de fevereiro de 1767. Reg. no Cart. da N., liv. I, fl. 46.

(C. C.)

999. Henrique Tavares, morador na ilha de S. Miguel, filho de Fernando Eannes Tavares, e neto de Fernão Tavares, de Portalegre, que foi fidalgo e do tronco d'esta geração.

Carta pela qual el-rei D. João III lhe concede o seguinte brazão de seus antecessores: — Escudo de campo de oiro com cinco estrellas vermelhas, em aspa, e por differença uma

merleta preta; elmo de prata aberto guarnecido de oiro, paquife de oiro e vermelho, e por timbre um pescoço de cavallo vermelho *com a brida* e guarnecido de oiro, e falsas redeas; com todas as honras e privilegios de fidalgo por descender da geração e linhagem dos Tavares. — Dada em Evora a 3 de dezembro de 1534. Reg. na Chanc. de D. João III, liv. XX, fl. 195.

1000. Henrique Teixeira de Sampaio, do conselho de Sua Magestade, senhor da villa de Sampaio, commendador das ordens de Christo, e da Torre e Espada, e barão de Teixeira; filho de Francisco José Teixeira de Sampaio, a quem se passou brazão de armas a 2 de setembro de 1789, e de sua mulher D. Eulalia Floriana Gualberta de Sampaio; neto paterno de Pedro Teixeira de Sampaio, e de D. Bernarda Thereza do Amaral Guedes; bisneto de Manuel de Tavora Ferreira, e de D. Magdalena Teixeira de Sampaio.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Teixeiras, no segundo as dos Sampaios, no terceiro as dos Amaraes, e no quarto as dos Guedes. — Br. p. a 6 de março de 1819. Reg. no Cart. da N., liv. VIII, fl. 30 v.

(C. C.)

1001. Henrique da Veiga, cavalleiro fidalgo da casa real, natural de Besteiros, filho de Henrique Esteves, neto de João Esteves, bisneto de Leonardo Esteves, os quaes todos foram fidalgos e do tronco d'esta geração.

Carta pela qual el-rei D. João III lhe concede o seguinte brazão de seus antecessores: — Escudo de campo de prata com uma flor de liz vermelha com dois florões, e por differença uma merleta preta; elmo de prata aberto guarnecido de oiro, paquife de prata e vermelho, e por timbre a mesma flor de liz com os florões; com todas as honras e privilegios de fidalgo por descender da geração e linhagem dos Esteves. — Dada em Lisboa a 31 de agosto de 1542. Reg. na Chanc. de D. João III, liv. XXXII, fl. 74 v.

1002. Hermann Stern, barão de Stern.

Um escudo com as armas que lhe foram concedidas por alvará de 4 de março de 1865. (M. N.) — Br. p. a 15 de maio de 1865. Reg. no Cart. da N., liv. IX, fl. 82.

(C. C.)

1003. Hygino Otho de Queiroz e Mello, commendador da ordem de Christo, e proprietario; filho de Antonio Leitão Queiroz de Andrade, bacharel formado em direito, capitão-mór de ordenanças da villa de Alvaro, e de sua mulher D. Maria do Carmo Caldeira Aboim; neto paterno de Domingos José de Queiroz, proprietario, e de sua mulher D. Maria Magdalena Leitão Sequeira Pereira de Queiroz, e materno de Gregorio Alexandre Caldeira Vasconcellos e Sousa, a quem se passou brazão de armas a 20 de junho de 1792, e de sua mulher D. Isabel Candida Antonia de Mello e Aboim.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Queirozes, no segundo as dos Mellos, no terceiro as dos Sousas, e no quarto as dos Vasconcellos. — Br. p. a 4 de julho de 1859. Reg. no Cart. da N., liv. IX, fl. 26 v.

(C. C.)

1004. Hypolito José da Costa Pereira, natural da praça da nova colonia do Sacramento, filho de Felix da Costa Furtado de Mendonça, e de D. Anna Josepha Pereira; neto por parte paterna de Jorge Antonio da Costa Soares, e de D. Anna Maria Furtado de Mendonça; neto por parte materna de Vicente Pereira. e de D. Magdalena Martins Pinto de Mesquita.

Um escudo partido em pala; na primeira as armas dos Costas, e na segunda as dos Pereiras. — Br. p. a 18 de fevereiro de 1797. Reg. no Cart. da N., liv. V, fl. 174.

(C. C.)

I

1005. Ignacio Baptista Cortella Sousa e Albuquerque, cavalleiro professo na ordem de Christo, natural da cidade do Nome de Deus, de Macau; filho de Lourenço Baptista Cortella e Albuquerque, e de sua mulher D. Esmeralda Soares; neto paterno de João Baptista Cortella e Albuquerque, e de D. Coleta de Sousa, e materno de Manuel Soares, e de D. Antonia Pereira.

Um escudo partido em pala; na primeira as armas dos Albuquerques, e na segunda as dos Soares. — Br. p. a 20 de agosto de 1821. Reg. no Cart. da N., liv. viii, fl. 84 v.

(C. C.)

1006. Ignacio de Bulhões, cavalleiro fidalgo da casa real, filho de Pedro de Bulhões, e de Filippa Gomes de Abreu; neto de Alvaro Vaz de Bulhão, e de Maria Soares; bisneto de Vasco Lourenço de Bulhão, que foi do tronco da geração dos Bulhões, e de D. Maria Varella.

Carta pela qual el-rei D. João iii lhe concede o seguinte brazão de seus antecessores: — Escudo de campo esquartelado; o primeiro de prata e uma cruz de vermelho com doze boletas de oiro de casulos verdes, tres em cada ponta, o contrario tambem de prata e uma cruz de vermelho florida e vazia, e uma bordadura do primeiro cheia de escudinhos de azul e em cada um cinco besantes de prata, e por differença uma flor de liz verde; elmo de prata aberto guarnecido de oiro, paquife de prata, oiro, azul e vermelho, e por timbre uma aspa vermelha com seis boletas nas pontas de cima; com todas as honras e privilegios de fidalgo por descender da geração e linhagem dos Bulhões, Soares de Albergaria e Varellas. — Dada em Lisboa a 20 de novembro de 1532. Reg. na Chanc. de D. João iii, liv. xviii, fl. 119.

1007. Ignacio da Cunha e Barros, alferes de cavallaria da guarnição da praça de Campo-maior, filho de Theodoro de Barros e Magalhães, e de sua mulher Adriana de Abreu, filha do doutor Luiz Alvares da Cunha; neto paterno de Maria de Magalhães Taveira, e de seu marido Manuel de Gouvea; bisneto de Paulo de Sousa de Magalhães, e de sua mulher Marcellina Taveira de Barros.

As armas dos Sousas, Barros, Magalhães, e Taveiras. — Br. p. a 8 de novembro de 1753. Reg. no Cart. da N., liv. particular, fl. 64 v.

(C. C.)

1008. Ignacio Ferreira da Rocha Pinto Vaz, do logar de Paredes de Areans, termo da villa de Santa Martha de Penaguião, comarca de Lamego; filho de Manuel Ferreira da Rocha, e de sua mulher Bernarda Pinto, sobrinha do commendador de Fontes, Frei André Pinto; neto pela parte paterna de João Ferreira da Rocha, ajudante em um dos terços de infanteria auxiliar do provincia de Traz-os-montes, e de sua mulher D. Rosa da Fonseca, filha do mestre de campo Gaspar da Fonseca; neto pela parte materna de Bento da Costa, e de sua mulher Leonor da Fonseca.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Ferreiras, no segundo as dos Rochas, no terceiro as dos Vaz, e no quarto as dos Pintos. — Br. p. a 13 de novembro de 1797. Reg. no Cart. da N., liv. v, fl. 211 v.

(C. C.)

1009. IGNACIO FRANCISCO DA NOBREGA SOUSA COUTINHO, capitão commandante que foi da fortaleza da villa de Angra dos Reis, na capitania do Rio de Janeiro, e actualmente governador das ilhas de S. Thomé e Principe, com patente de sargento-mór aggregado á primeira plana do Porto, cavalleiro professo na ordem militar de S. Bento de Aviz; filho de João Francisco da Silva, e de D. Josepha Maria Coutinho: neto pela parte paterna de Bento Francisco da Silva, e de Maria Pereira da Cruz; terceiro neto de João Pereira Machado; neto pela parte materna do sargento-mór Salvador da Nobrega e Silva, e de D. Archangela de Quevedo Coutinho; bisneto do capitão Roberto Nunes de Sousa Coutinho, e por este mesmo lado descendente de Vasco Fernandes Coutinho, seu quinto avô, senhor donatario da capitania do Espirito Santo.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Sousas, no segundo as dos Coutinhos, no terceiro as dos Pereiras, e no quarto as dos Nobregas. — Br. p. a 12 de novembro de 1796. Reg. no Cart. da N., liv. v, fl. 158 v.

(C. C.)

1010. IGNACIO FREIRE DE ALMEIDA LIMA, natural do termo da villa de Santo Amaro da Purificação, comarca da Bahia, filho do alferes Francisco Affonso de Lima, da villa de Vianna, e de sua mulher Maria de Almeida Freire; neto pela parte paterna de Manuel Velho Freire, que no estado da India e nas guerras de Pernambuco, onde militou, fez acções muito heroicas e distinctas, e de sua mulher Catharina das Neves, neta de Simeão de Almeida, filho de Fernando Vaz Cernache, governador da capitania do Espirito Santo, com patente de capitão-mór, e senhor de uma legua de terra, que lhe foi dada de sesmaria.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Limas, no segundo as dos Freires, no terceiro as dos Cernaches, e no quarto as dos Almeidas. — Br. p. a 2 de outubro de 1771. Reg. no Cart. da N., liv. I, fl. 159 v.

(C. C.)

1011. IGNACIO DE GOUVEA CASTELLO-BRANCO (Bacharel), cavalleiro professo na ordem de Christo, familiar do Santo Officio, corregedor actual da cidade e comarca de Viseu, natural do logar de Mós, freguezia de Santa Maria Magdalena, bispado de Lamego; filho de Manuel de Gouvea de Carvalho, e de sua mulher Thereza de Lima de Gouvea Castello-branco; neto pela parte paterna de Antonio Pereira Freire, e de sua mulher Luiza de Gouvea Castello-branco, naturaes do logar de Villa-meã, freguezia de S. Pedro de Tarouca, e pela materna do doutor Manuel Ferreira de Lima, e de Marianna de Gouvea de Castello-branco; bisneto de João Ferreira de Sampaio; terceiro neto de Balthasar Ferreira de Gouvea.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Gouveas, no segundo as dos Castellos-brancos, no terceiro as dos Ferreiras, e no quarto as dos Limas. — Br. p. a 6 de julho de 1771. Reg. no Cart. da N., liv. I, fl. 154.

(C. C.)

1012. IGNACIO JOAQUIM FERREIRA DE AVELLAR, natural d'esta cidade de Lisboa, filho do capitão Vicente Ferreira de Avellar, natural da villa da Lourinhã, e de sua mulher D. Antonia Thereza de Lima, d'esta cidade; neto pela parte paterna de Domingos João Ferreira, e de sua mulher D. Maria da Assumpção de Avellar, da dita villa; e pela materna de Manuel Ferreira, e de D. Josepha Maria de Lima d'esta mesma cidade.

Um escudo esquartelado; no primeiro e quarto quarteis as armas dos Ferreiras, no segundo as dos Avellares, e no terceiro as dos Limas. — Br. p. a 2 de julho de 1771. Reg. no Cart. da N., liv. I, fl. 153 v.

(C. C.)

1013. Ignacio José Pinheiro, natural d'esta cidade, e capitão-mór das ordenanças da villa de Alcantara na capitania do Maranhão, filho de José Antonio Pinheiro, e de sua mulher D. Feliciana Joaquina da Piedade; neto por parte paterna de Manuel Gomes Pinheiro, e de sua mulher D. Maria Thereza, e por parte materna de Manuel Rodrigues, e de sua mulher D. Rosa Maria Ferreira. E os referidos seus paes e avós são pessoas nobres das familias de Pinheiros, Rodrigues, e Ferreiras.

Um escudo esquartelado; no primeiro e quarto quarteis as armas dos Pinheiros, no segundo as dos Rodrigues, e no terceiro as dos Ferreiras. — Br. p. a 20 de agosto de 1818. Reg. no Cart. da N., liv. viii, fl. 6.

(C. C.)

1014. Ignacio José de Sousa Meirelles, morador na villa de Guimarães, filho de Francisco Ferreira, e de sua mulher Maria de Sousa; neto pela parte materna de Domingos Lopes, e de sua mulher Maria de Sousa, sendo o mesmo supplicante irmão de José Antonio de Sousa Meirelles, a quem se passou brazão aos 28 de setembro de 1795.

Um escudo partido em pala; na primeira as armas dos Sousas, e na segunda as dos Meirelles. — Br. p. a 15 de novembro de 1797. Reg. no Cart. da N., liv. v, fl. 213 v.

(C. C.)

1015. Ignacio Luiz Pereira do Lago Machado e Carvalho, senhor da casa da Rua Franca de S. Torquato, termo de Guimarães; filho de Antonio Luiz Pereira, da casa da Foz de Viade, termo da villa de Basto, e de sua mulher Francisca Maria, senhora da dita casa da Rua Franca; neto paterno de Luiz Geraldo Pereira do Lago, senhor da casa da Foz de Basto, e de sua mulher Helena Machado Carvalho, da casa de egreja de Ganedo de Basto, e materno de João Martins, senhor da casa da Rua Franca, e de sua mulher Joanna Mendes; bisneto paterno de Domingos Pereira do Lago, senhor da casa da Foz, e de sua mulher Antonia Baptista da Silva, e materno de Francisco Martins, senhor da casa da Rua Franca, e de sua mulher Jeronyma de Macedo, da casa da Lage do Souto; terceiro neto paterno de Domingos Teixeira, e de sua mulher Magdalena Pereira do Lago, e materno de Mathias da Costa, e de sua mulher Luiza de Macedo, da casa da Lage do Souto.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Pereiras, no segundo as dos Lagos, no terceiro as dos Martins, e no quarto as dos Macedos. — Br. p. a 8 de maio de 1817. Reg. no Cart. da N., liv. vii, fl. 376 v.

(C. C.)

1016. Inacio Luiz Pinheiro de Castro, commissario do Santo Officio, e reitor da egreja de S. Pedro de Riba de Mouro; filho de Manuel Gomes Pinheiro, e de sua mulher D. Andreza Luiza da Cunha; neto paterno de Gregorio Gomes, e de sua mulher D. Maria Pinheiro, e materno de Manuel Rodrigues, e de sua mulher D. Luiza Gomes da Cunha.

Um escudo de tarja dentro de um ovado de hera, e esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Gomes, no segundo as dos Castros, no terceiro as dos Pinheiros, e no quarto as dos Cunhas. — Br. p. a 20 de setembro de 1790. Reg. no Cart. da N., liv. iv. fl. 185 v.

(C. C.)

1017. Ignacio Mattoso de Andrade, cavalleiro professo na ordem de Christo, capitão de infanteria paga do regimento da guarnição da cidade de S. Paulo da Assumpção, reino de Angola, e natural do mesmo reino; filho do capitão-mór Pedro Mattoso de Andrade, e de D. Josepha Maria de Lima, e pela materna do capitão de cavallos Alvaro de Carvalho e Menezes, e de sua mulher D. Maria Bonini.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Andrades, no segundo as

dos Limas, no terceiro as dos Menezes, e no quarto as dos Mendonças. — Br. p. a 18 de setembro de 1788. Reg. no Cart. da N., liv. IV, fl. 72 v.

(C. C.)

1018. IGNACIO DE MATTOS TELLES DE MENEZES, tenente de infanteria da praça da Bahia, filho de Ignacio de Mattos Pinto de Carvalho, capitão de infanteria de um dos regimentos da dita praça da Bahia, cavalleiro professo da ordem de Christo, e de sua mulher D. Anna de Sá e Menezes; neto paterno de Manuel Pinto de Carvalho, familiar do Santo Officio, e de sua mulher Ursula de Mattos, irmã legitima de monsenhor Mattos, prelado da santa Egreja de Lisboa, deputado do Santo Officio, cavalleiro professo na ordem de Christo, e do Conselho de estado; neto materno de Antonio Rebello de Macedo, e de sua mulher D. Marianna Telles de Menezes.

As armas dos Mattos, Carvalhos, Pintos, Menezes, e Telles, Sás e Rebellos. — Br. p. a 6 de junho de 1751. Reg. no Cart. da N., liv. particular, fl. 18.

(C. C.)

1019. IGNACIO MONTEIRO DE QUEIROZ PINTO BRAZÃO E VASCONCELLOS, filho de Domingos Monteiro de Queiroz Pinto Brazão e Vasconcellos; neto paterno de D. Antonia Basilia Monteiro de Queiroz; bisneto de Pedro Monteiro de Queiroz, e de sua mulher D. Marianna Xavier Monteiro, legitima descendente das illustres familias de Aragão, no termo de Penafiel.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Monteiros, no segundo as dos Queirozes, no terceiro as dos Pintos, e no quarto as dos Vasconcellos. — Br. p. a 21 de fevereiro de 1833. Reg. no Cart. da N., liv. VIII, fl. 267 v.

(C. C.)

1020. IGNACIO PEDRO QUINTELLA EMAUZ, desembargador da Relação e casa do Porto, com exercicio de corregedor da comarca de Torres-vedras; filho de Antonio Luiz Quintella Emauz, e de sua mulher D. Maria Brigida Bandeira; neto paterno do conselheiro José Joaquim Emauz e de sua mulher D. Maria Violante Quintella; e materno do desembargador Manuel Joaquim Bandeira, e de sua mulher D. Caetana Joaquina de Santo Alberto Andrade.

Um escudo partido em pala; na primeira as armas dos Emauzes, e na segunda as dos Bandeiras. — Br. p. a 29 de junho de 1830. Reg. no Cart. da N., liv. VIII, fl. 252 v.

(C. C.)

1021. IGNACIO PINTO, familiar do Santo Officio, natural da aldea de Condolim, provincia de Bardez, estado da India; filho de João Baptista Pinto, e de sua mulher Joanna de Sousa; neto por parte paterna de Paschoal Pinto, e de sua mulher Luiza de Sequeira; e pela materna de Agostinho de Sousa, e de sua mulher Lucrecia Maciel.

Um escudo esquartelado; no primeiro e quarto quarteis as armas dos Pintos, no segundo as dos Sequeiras, e no terceiro as dos Macieis.—Br. p. a 6 de abril de 1770. Reg. no Cart. da N., liv. I, fl. 122 v.

(C. C.)

1022. IGNACIO RODRIGUES VIEIRA MASCARENHAS (Doutor), cavalleiro professo na ordem de Christo, formado nos sagrados canones pela Universidade de Coimbra, natural da cidade de S. Sebastião do Rio de Janeiro; filho do doutor Francisco Luiz Porto, e de sua mulher D. Cecilia Vieira do Bom-successo; neto paterno de Maria da Rocha Mascarenhas, e de seu marido Francisco Luiz Porto, natural da cidade do Porto n'este reino, d'onde passou para a dita de S. Sebastião do Rio de Janeiro; bisneto de Francisco Rodri-

gues Mascarenhas, e de sua mulher Barbara Vieira : o qual Francisco Rodrigues Mascarenhas foi filho de D. Anna Mascarenhas, que era da casa dos condes de Palma.

As armas dos Mascarenhas.—Br. p. a 2 de julho de 1754. Reg. no Cart. da N., liv. particular, fl. 74.

(C. C.)

1023. Ignacio Teixeira da Cunha (Doutor), presbytero, senhor abbade da parochial de S. João da Cova e da sua annexa de Santo Antonio do Villar da Veiga, do arcebispado de Braga, natural da freguezia de S. Gonçalo dos Campos da Canheira, arcebispado da Bahia; filho legitimo de Simão de Abreu Teixeira, natural da freguezia de Santo André, termo da villa de Celorico de Basto, n'este reino, e morador na freguezia de S. Gonçalo dos Campos, na America, e de sua mulher Antonia Luiza de Barros, natural da mesma freguezia de S. Gonçalo, filha de Manuel Luiz Cordeiro, e de sua mulher Thereza de Barros da Silva; neto do capitão Jacinto Teixeira de Carvalho, e de sua mulher e parenta Anna de Abreu da Cunha; bisneto de João Carvalho, que era filho de Catharina Carvalho, e neto de Anna Carvalho; pela dita Anna de Abreu da Cunha é o supplicante bisneto de Manuel Carvalho Coutinho, e de sua mulher Maria Vilella; terceiro neto de Balthasar Carvalho Coutinho, e de sua mulher e parenta Maria da Cunha; quarto neto de Manuel Carvalho Coutinho, que viveu pelos annos de 1572, em que justificou a sua nobreza e ascendencia, e de sua mulher Margarida Ribeiro; quinto neto de Lemos Carvalho, que viveu pelos annos de 15..., em que seu irmão Pedro Coelho fez outra similhante justificação, e de seu marido João Gonçalves; sexto neto de D. Anna Carvalho, e de seu marido Martins Ribeiro, filho de Ruy Dias, e de sua mulher Leonor Affonso; setimo neto de Fernando Carvalho Coutinho, que foi alcaide-mór de Basto e senhor de Reguengos, e de sua mulher D. Ignez de Goes; oitavo neto de Rodrigo Alves de Carvalho, e de sua mulher D. Branca Diniz, parentes muito chegados de Pedro da Cunha Coutinho, senhor do concelho de Monte-longo, que era filho de Fernando Coutinho, irmão de José Fernandes Coutinho, primeiro conde de Marialva : o qual Fernando Coutinho por sua mulher D. Maria da Cunha e Vilhena foi senhor dos ditos concelhos, e ella era filha herdeira de Fernando Vaz da Cunha, e de sua mulher D. Branca de Vilhena, que foi filha de D. Henrique Manuel de Vilhena, conde de Cea, e elle filho de Gil Vasques da Cunha, primeiro senhor dos ditos concelhos de Basto e Montelongo, e de sua mulher D. Isabel Pereira, irmã do condestavel D. Nuno Alvares Pereira, todos ascendentes da primeira e mais illustre fidalguia e nobreza d'estes reinos.

Um escudo ovado e esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Carvalhos, no segundo as dos Coutinhos, no terceiro as dos Abreus, e no quarto as dos Cunhas.—Br. p. a 30 de setembro de 1765. Reg. no Cart. da N., liv. i, fl. 19.

(C. C.)

1024. Ignacio Xavier de Campos Magro, da villa de Ruivães, comarca de Braga, assistente na cidade de Belem do Grã-Pará, filho legitimo de Fructuoso Magro de Campos, e de sua mulher D. Isabel Pereira Barroso; neto pela parte paterna de Ignacio Magro de Campos, e de sua mulher D. Domingas Gonçalves Pereira; e pela materna de Bartholomeu Pereira, e de sua mulher Ignez Barroso Pereira; bisneto de Antonio Magro de Campos, e de sua mulher D. Isabel de Pena e Miranda; terceiro neto de Mattheus de Pena e Miranda, e de sua mulher D. Anna Machado; quarto neto de Sebastião de Pena e Miranda, e de sua mulher D. Magdalena de Macedo, moços fidalgos da casa de Sua Magestade, e todos moradores na dita villa e termo, que são sobrinhos de Ignacio Magro de Campos, sargento-mór do districto da dita villa, e do capitão-mór Antonio José de Mago Raêz Laborão e Mendonça, cavalleiro professo na ordem de Christo, e familiar do Santo Officio, como tambem de Domingos de Carvalho e Verás, sargento-mór do districto da villa de Monte-alegre, da mesma comarca de Bragança; segundo sobrinho de João Baptista Laborão de

Mendonça, capitão na praça de Chaves, e de Ignacio de Macedo Pereira, capitão-mór que foi da dita villa de Ruivães, e de Gaspar de Macedo Pereira, sargento-mór que foi da mesma villa.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Magros, no segundo as dos Campos, no terceiro as dos Barrosos, e no quarto as dos Pereiras. — Br. p. a 22 de julho de 1767. Reg. no Cart. da N., liv. I, fl. 54.

(C. C.)

1025. Ignacio Xavier de Figueiredo, cavalleiro professo na ordem de Christo, natural da villa de Porto de Moz, morador n'esta côrte e cidade de Lisboa; filho de José Vieira, e de sua mulher D. Joanna de Figueiredo, da mesma villa de Porto de Moz; neto pela parte materna de João de Figueiredo de Abrantes, natural da Abrunhosa, concelho de Tavares, e de sua mulher D. Antonia Pereira de Azevedo; bisneto de Domingos de Abrantes de Figueiredo, e de sua mulher D. Isabel Antunes de Mello, filha de Pedro Fernandes de Mello, neta de Jorge de Mello de Figueiredo, fidalgo da casa real, filho de Antonio de Mello de Figueiredo, senhor da casa e morgado do Ramirão e Casainho, tambem fidalgo da casa real.

Um escudo partido em pala; na primeira as armas dos Mellos, e na segunda as dos Figueiredos. — Br. p. a 21 de fevereiro de 1778. Reg. no Cart. da N., liv. II, fl. 147 v.

(C. C.)

1026. Ignacio Xavier de Mendonça Furtado (Doutor), presbytero do habito de S. Pedro, conego da Sé de Angra, da ilha Terceira, e commissario do Santo Officio; filho de Francisco Furtado de Mendonça, natural do logar de Castello-branco, da ilha do Fayal, e de sua mulher Margarida de Santo Ignacio, natural da Terceira; neto pela parte paterna de Domingos Furtado de Mendonça, e de sua mulher Maria do Espirito Santo; e pela materna de Miguel Pereira, e de sua mulher Michaela dos Anjos.

Um escudo ovado partido em pala; na primeira as armas dos Mendonças, e na segunda as dos Pereiras. — Br. p. a 15 de outubro de 1771. Reg. no Cart. da N., liv. I, fl. 160 v.

(C. C.)

1027. Infante Soares Galhardo, cavalleiro da casa real.

Carta pela qual el-rei D. João III lhe concede o seguinte brazão de seus antecessores: — Escudo de campo vermelho e um leão pardo de oiro, e uma flor de liz de oiro sobre as costas, sem chegar ao leão, com o rabo arrevezado, e por differença uma lua de prata; elmo de prata aberto guarnecido de oiro, paquife de oiro e vermelho, e por timbre o mesmo leão pardo das armas; com todas as honras e privilegios de fidalgo por descender da nobre linhagem e geração dos Galhardos. — Dada em Lisboa a 6 de abril de 1529. Reg. na Chanc. de D. João III, liv. XVII, fl. 36 v.

1028. Innocencio Freire de Andrade Lança, natural e morador na cidade de Beja, filho do capitão Theodosio Freire de Andrade Coimbra, e de sua mulher D. Eusebia da Lança; neto pela parte paterna de Silvestre Gonçalves Branco, e de sua mulher D. Maria Freire de Andrade, filha de Sebastião Bacias, e de sua mulher D. Maria das Neves Freire de Andrade, neta de Gomes Freire de Andrade, e de Isabel Fernandes, terceiros avôs d'elle supplicante; e pela parte materna se mostrava que era neto de Manuel Fernandes, e de sua mulher D. Isabel da Lança, filha de João Peixoto, e de sua mulher D. Maria Lança.

Um escudo partido em pala; na primeira as armas dos Freires de Andrade, e na segunda as dos Lanças. — Br. p. 22 de julho de 1786. Reg. no Cart. da N., liv. III, fl. 228.

(C. C.)

1029. INNOCENCIO JOSÉ DA COSTA, cavalleiro professo da ordem de Christo, capitão do regimento dos Reis, da cidade da Bahia de Todos os Santos, deputado da Mesa da inspecção da mesma cidade, natural de Lisboa; filho de João Gomes da Costa, e de sua mulher D. Margarida Maria da Caridade; neto pela parte paterna de Manuel Gomes da Costa, e de sua mulher D. Maria Antunes; bisneto de Francisco Gomes, e de sua mulher D. Ignez Martins; e pela materna neto de Paulo Simões, e de sua mulher Brites Antunes.

Um escudo partido em pala; na primeira as armas dos Gomes, e na segunda as dos Costas. — Br. p. a 6 de fevereiro de 1779. Reg. no liv. II, fl. 177 v.

(C. C.)

1030. INNOCENCIO MATTOSO DE ANDRADE CAMARA, natural da cidade de Loanda, reino de Angola, filho de Francisco Mattoso de Andrade Camara, primeiro coronel de milicias que havia na dita cidade de Loanda, e de sua mulher D. Marianna Simões da Silveira; neto paterno de Manuel Mattoso de Andrade, cavalleiro professo na ordem de Christo, e primeiro coronel de linha que houve no reino de Angola, e de sua mulher D. Anna Gago da Camara; bisneto de Francisco Mattoso de Andrade, cavalleiro professo na ordem de Christo, e coronel dos moradores na mesma cidade de Loanda, e de sua mulher D. Josepha Maria de Lima Carvalho Feijó; bisneto pelo mesmo lado de João Gago da Camara, tenente general de artilheria, que passou para a dita cidade para a defender no tempo da guerra com os hollandezes, e de sua mulher D. Luiza de Medeiros Bettencourt; neto materno de Antonio Simões da Silveira, e de sua mulher D. Maria das Candeas.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Andrades, no segundo as dos Camaras, no terceiro as dos Simões, e no quarto as dos Silveiras. — Br. p. a 25 de Novembro de 1830. Reg. no Cart. da N., liv. VIII, fl. 255 v.

(C. C.)

1031. ISAAC LYON GOLDSMID, subdito britannico. Foi-lhe conferido o seguinte:

« Eu a Rainha faço saber aos que este meu alvará virem, que attendendo ao que me representou sir Isaac Lyon Goldsmid, baronet do reino unido da Grã-bretanha e Irlanda, barão de Goldsmid e da Palmeira, commendador da antiga, muito nobre e real ordem da Torre e Espada, do valor, lealdade, e merito, e official da ordem da Rosa do imperio do Brazil, e em consideração ás distinctas qualidades e mais partes que concorrem na sua pessoa: Hei por bem fazer-lhe mercê de um brazão de armas, para que d'elle possa usar, o qual será da fórma seguinte: — Um escudo esquartelado, em aspa; o primeiro quartel de cima em campo de prata, o segundo em campo de oiro, e assim os contrarios, todos semeados de arminhos negros, e sobreposto um escudete sanguineo carregado com uma torre de oiro, corôa de barão; chefe em campo sanguineo, uma ave de prata com as azas amarellas e as pontas verdes, entre duas rosas de oiro; brica de prata com uma mão vermelha; sobre o escudo a corôa de barão, e por timbre um dragão de oiro com as azas levantadas, segurando em uma rosa vermelha com pedunculo e folhagem de côr propria, e a par d'ella o timbre das armas de Goldsmid, que é um leão de prata rompente, segurando nas garras um rolo de oiro interlaçado de fita azul clara, e por *supporters* do lado direito um leão de prata rompente, ducalmente coroado, carregado na espadoa com uma rosa vermelha, e do lado esquerdo um dragão de oiro com as azas levantadas, tambem carregado na espadoa com uma rosa vermelha; por baixo do escudo uma fita com a legenda seguinte: *Concordia et selilitate,* etc., etc. » — Alv. datado de 3 de abril de 1846. (M. N.) Reg. no Cart. da N., liv. VIII, fl. 323.

(C. C.)

1:032. ISIDORO CORREA PEREIRA, cavalleiro da ordem de Christo, coronel de milicias, e commandante militar de Rios de Senna, no districto de Quilimane, provincia de

Moçambique; filho de José Correa Pereira, tenente coronel de milicias, e de sua mulher D. Josepha Natalia Pinto; neto paterno do Manuel José Correa, coronel de milicias, e de sua mulher D. Josepha Maria Pereira; e materno de Ignacio Francisco Pinto, e de sua mulher D. Maria Carrilhão.

Um escudo partido em pala; na primeira as armas dos Pereiras, e na segunda as dos Pintos. — Br. p. em setembro de 1858. Reg. no Cart. da N., liv. IX, fl. 21.

(C. C.)

1033. Isidoro Freire de Almeida Lima, natural do termo da villa de Santo Amaro da Purificação, comarca da Bahia; filho do alferes Francisco Affonso de Lima, da villa de Vianna, e de sua mulher Maria de Almeida Freire; neto pela parte paterna de Manuel Velho Freire, que no estado da India e nas guerras de Pernambuco, onde militou, fez acções mui heroicas e distinctas, e de sua mulher Catharina das Neves, que foi neta de Simão de Almeida, filho de Fernando Vaz Cernache, natural da cidade do Porto, governador da capitania do Espirito Santo, com patente de capitão-mór, e senhor de uma legua de terra que lhe foi dada de sesmaria.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Limas, no segundo as dos Freires, no terceiro as dos Cernaches, e no quarto as dos Almeidas. — Br. p. a 2 de outubro de 1771. Reg. no Cart. da N., liv. I, fl. 159.

(C. C.)

J

1034. Jacinto Dias Damasio, cavalleiro professo na ordem de Christo, e negociante matriculado na real Junta do commercio; filho do doutor Manuel Dias Damasio, e de sua mulher D. Josepha Maria de Jesus Bastos; neto paterno de Domingos Lopes Dias, e de sua mulher D. Maria Dias; e materno do doutor Gabriel de Bastos, e de sua mulher D. Isabel Rodrigues.

Um escudo partido em pala; na primeira as armas dos Dias, e na segunda as dos Bastos. — Br. p. a 20 de novembro de 1803. Reg. no Cart. da N., liv. VII, fl. 49.

(C. C.)

1035. Jacinto Homem da Cunha Corte-real, morador na villa de Linhares, cabeça de comarca, e terra da Serenissima Casa do infantado; filho de Heitor Felix da Cunha Corte-real, morador que foi na mesma villa e capitão-mór d'ella, e de sua mulher D. Maria Caetana de Sequeira Coutinho, filha de Manuel de Sequeira Ferreira, e de sua mulher D. Ignez Pacheco da Costa Corte-real, neta paterna de Gregorio de Sequeira Ferreira, neta materna de Antonio Botelho de Carvalho, e de D. Barbara da Costa de Carvalho Maldonado e Mattos, todos pessoas principaes e de distincta nobreza; neto o supplicante de Jeronymo Pacheco da Cunha Corte-real, capitão-mór que foi da dita villa de Linhares, e de sua mulher D. Maria Pacheco da Costa, filha de Antonio Botelho Correa, que havia sido capitão-mór da mesma villa, e de sua mulher D. Isabel Pacheco da Costa Corte-real, neta paterna de Antonio Botelho Correa, e de sua mulher D. Maria de Almeida, neta materna de Antonio Pacheco da Costa Corte-real, descendente da familia dos Cortes-reaes, illustrissima n'este reino, e de sua mulher D. Brites da Costa; bisneto de Heitor Homem da Cunha, e de sua mulher D. Eusebia Cardoso da Costa, filha de Belchior Rodrigues da Costa Pacheco, e de sua mulher D. Sabina Cardoso da Costa Neto, neta de outro Belchior da Costa Pacheco, filho de Antonio Rodrigues da Guerra, capitão-mór da villa de Celorico

da Beira, e neto de Sebastião Rodrigues da Guerra, fidalgo illustre do reino de Galliza, que por crimes viveu refugiado na villa de Celorico, onde casou : e o dito capitão-mór Antonio Rodrigues da Guerra foi casado com D. Isabel Pacheco da Costa, que era dos Pachecos do grande Duarte Pacheco Pereira, tão conhecido pelas grandes acções de valor que obrou na India, e dos Costas Corte-reaes, do reino do Algarve, por seu avô João da Costa Corte-real, fidalgo da casa real, cavalleiro da ordem de Christo, e alcaide-mór da villa de Linhares; terceiro neto de Jacinto Botelho Homem, e de sua mulher D. Brites de Proença da Cunha, natural da cidade da Guarda, dos Proenças de Antão de Proença da Fonseca, do morgado de Bem-espero, de quem tambem foi terceiro neto Martinho de Mendonça de Pina de Proença, fidalgo da casa real, superintendente-geral das Minas, conselheiro ultramarino, bibliothecario de el-rei, e guarda-mór da Torre do Tombo do Reino; quarto neto de Heitor Homem Botelho, que applicando-se ás lettras serviu varios logares e foi ultimamente provedor da comarca de Guimarães, e de sua mulher Antonia do Rego da Fonseca, filha de Pedro Lopes do Rego, e neta de Affonso do Rego, da antiga familia d'este appellido, que desde o principio do reino floresceu n'elle com grande nobreza; quinto neto de Rodrigo Homem, fidalgo da casa do senhor rei D. João III por alvará feito no anno de 1547, e de sua mulher D. Maria Botelho, filha de Ayres Botelho, contador da fazenda real na provincia da Beira, no tempo em que não havia vedores da fazenda; sexto neto de Pedro Homem de Castro, fidalgo da casa real por alvará do anno de 1525 (irmão de D. Maria de Castro, mulher de Pedro Gomes de Abreu, filho de Diogo Gomes de Abreu, senhor da casa de Regalados), e de sua mulher D. Filippa da Cunha, filha de Alvaro Mendes de Figueirôa, e de sua mulher segunda Jeronyma da Cunha Barreto; setimo neto de João Homem, pessoa que viveu algum tempo na villa de Cea, e outro na Covilhã, e de sua mulher D. Anna de Mello, filha de Pedro Feyo, senhor de Monte-redondo, alcaide-mór da villa de Botam, e estribeiro-mór do senhor rei D. Manuel, e de sua mulher D. Ignez de Mello, filha de João de Mello, e de sua mulher D. Joanna de Bulhões, descendente de um irmão dó glorioso Santo Antonio de Lisboa, neta de Gonçalo Vaz de Mello, mestre-sala do senhor rei D. Affonso V, e de sua mulher D. Ignez de Brito, filha de Mem de Brito, tambem ascendente do actual visconde de Villa-nova da Cerveira, estribeiro-mór da rainha nossa senhora; oitavo neto de Pedro Homem, que serviu com valor na India, onde foi governador da fortaleza de Sofala, e de sua mulher D. Maria Pessoa, filha de Balthasar Pessoa, cavalleiro da ordem de Sant'Iago, governador da cidade de Ormuz, e embaixador ao rei da Persia Sekoch Ismael, como consta das historias da India; nono neto de Fernão Rodrigues Homem, fidalgo da casa real, e contador da fazenda do senhor rei D. Affonso V na comarca de Coimbra, e irmão de João Rodrigues Homem, moço fidalgo da casa real, e pagem da campainha; decimo neto de Rodrigo Homem, que viveu na villa de Cea, e serviu ao senhor rei D. João I na guerra contra Castella, e se achou nas Côrtes de Coimbra, em que se lhe deu a corôa d'este reino, como consta da sua chronica; decimo primeiro neto de Vasco Martins Homem, que foi um fidalgo muito honrado no tempo do senhor rei D. Fernando, e de sua mulher D. Constança Gonçalves de Tavares, irmã de Martim Gonçalves de Tavares, alcaide-mór de Portalegre e Assumar, e filha de Gonçalo Esteves de Tavares, embaixador que foi do senhor rei D. Affonso IV ao rei de Castella, de quem procedeu e foi herdeira a casa dos marquezes de Arronches, que hoje possue o duque de Lafões; decimo segundo neto de Martim Annes Homem, e de sua mulher D. Guiomar Gonçalves da Nobrega, filha de Gonçalo Martins da Nobrega, e de sua mulher D. Maria Annes, filha de João Nunes de Cardoso, e de sua mulher D. Sancha Annes, terceira neta de Fafes Luz, rico homem e alferes-mór do conde D. Henrique de Borgonha; decimo terceiro neto de João Homem, que tinha comedoria com seus irmãos no mosteiro de Mansellos, no foro de cavalleiro, que era o primeiro depois dos ricos homens, e de sua mulher D. Mayor Mafalda, que era filha de Martim Mendes, e neta paterna de Silvestre Migueis de Guimarães, sobre-juiz, cargo que correspondia ao de desembargador dos aggravos, e era irmã de Maria Migueis, que foi ama de leite do senhor rei D. Diniz, em

cujo tempo se não admittiam para amas senão pessoas de distincta qualidade; decimo quarto neto de D. Pedro Homem, que viveu na Beira, e de sua mulher D. Mayor Martins, filha de Martim Lourenço de Abreu, senhor de Murufe, da familia dos Abreus, antiga e nobilissima n'este reino; decimo quinto neto de D. Martinho Peres Frazão, que foi senhor da Lagiosa e Gestosa, e de sua mulher D. Maria Gomes de Alvarenga, filha de Gomes Peres de Alvarenga, e de sua mulher D. Sancha Gonçalves Correa, e descendente por seu pae do grande D. Egas Moniz, aio do senhor rei D. Affonso Henriques; decimo sexto neto de D. Pedro Peres Pereira, senhor da Lagiosa e Gestosa, e de outras muitas terras e fazendas na Beira, em Touro, Alfayates, Villa-boa, Nespereira, e outras partes, e foi o que pelo seu valor ganhou o epitheto de Homem, que ficou por appellido aos seus descendentes, e de sua mulher D. Thereza Annes de Mello, que era por sua mãe da illustrissima familia dos Mellos : e este D. Pedro Peres Pereira, a que vulgarmente chamaram D. Pedro Homem, era por uma longa serie de avós da preclara familia dos Pereiras, como filho de D. Pedro Rodrigues Pereira, um dos maiores senhores em Portugal, e descendente dos reis da Lombardia.

As armas dos Homens.—Br. p. a 30 de junho de 1755. Reg. no Cart. da N., liv. particular, fl. 85 v.

(C. C.)

1036. Jacinto Ignacio Rodrigues Silveira, barão de Fonte-bella, do conselho de Sua Magestade, commendador da ordem de Christo, e natural da cidade de Ponta-delgada; filho de Jacinto Ignacio Silveira, proprietario e negociante de grosso tracto, e de sua mulher D. Jacinta Rosa Silveira; neto paterno de Simão José da Silveira, proprietario e negociante de grosso tracto, e de sua mulher D. Ignacia Michaela da Silveira; e materno de Antonio de Miranda, proprietario e negociante de grosso tracto, e de sua mulher D. Francisca Xavier de Medeiros e Miranda.

Um escudo partido em pala; na primeira as armas dos Silveiras, e na segunda as dos Mirandas.—Br. p. a 12 de março de 1838. Reg. no Cart. da N., liv. viii, fl. 286.

(C. C.)

1037. Jacinto José de Castro, natural de Beja, cavalleiro professo na ordem de Christo, fidalgo cavalleiro da casa real; filho de Antonio de Castro Henriques, e de sua mulher D. Isabel Antonia de Barros; neto paterno de Francisco José Henriques, e de sua mulher D. Maria Antonia de Castro; e materno de Simão Soares, e de sua mulher D. Catharina de Barros; sendo o mesmo supplicante sobrinho de Antonio de Castro Ribeiro, instituidor do morgado que hoje administra.

Um escudo partido em pala; na primeira as armas dos Castros, e na segunda as dos Ribeiros.—Br. p. a 18 de junho de 1818. Reg. no Cart. da N., liv. vii, fl. 398 v.

(C. C.)

1038. Jacinto de Lemos Monteiro Ferrão e Azevedo, da villa de Gouvães, comarca de Villa-real; filho do doutor João de Lemos, e de sua mulher D. Joanna Maria de S. José Monteiro; neto paterno de Antonio de Lemos, e de sua mulher D. Maria de Azevedo; e materno de Francisco da Costa, e de sua mulher D. Luiza Monteiro.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Lemos, no segundo as dos Ferrões, no terceiro as dos Azevedos, e no quarto as dos Monteiros.—Br. p. a 17 de maio de 1824. Reg. no Cart. da N., liv. viii, fl. 105 v.

(C. C.)

1039. Jacinto de Lobam Tello, natural de Carvalho de Egas, comarca da Torre de Moncorvo; filho de João de Lobam e Almendra, e de sua mulher Maria José de Magalhães; neto pela parte paterna de Domingos Rodrigues, e de sua mulher Maria de Almen-

dra, irmã legitima de Clemente de Lobam Tello, a quem já se passou brazão de suas armas em 18 de março de 1725; e pela parte materna neto do capitão Domingos Gonçalves Vassallo, e de sua mulher Catharina Triga de Magalhães, todos do referido logar.

Um escudo partido em pala; na primeira as armas de Lobam, e na segunda as dos Tellos Silvas. — Br. p. a 20 de julho de 1779. Reg. no Cart. da N., liv. II, fl. 196 v.

(C. C.)

1040. Jacinto de Pina de Loureiro, cavalleiro fidalgo da casa real, professo na ordem de Christo, sargento-mór commandante do regimento de infanteria da cidade de Faro, reino do Algarve, natural d'esta cidade de Lisboa; filho de Francisco Gonçalves Cacis, cavalleiro fidalgo da casa real, professo na ordem de Christo, e de sua mulher D. Sebastiana das Neves; neto pela parte paterna de Diogo Gil de Pinho, tambem cavalleiro fidalgo e professo na ordem de Christo, natural da praça de Mazagão, onde serviu com distincto valor nos postos de tenente e capitão de cavallos, e ultimamente no de anadel, e de sua mulher D. Isabel Gonçalves : o qual seu avô era bisneto de Francisco Gonçalves Cacis, que na companhia do capitão-mór da mesma praça, Luiz de Loureiro, na entrada que fizeram na cidade de Azamor, encontrando-se só com tres cacises moiros, elle os sujeitou e fez ir á presença do capitão-mór, por cuja acção foi d'ahi por diante conhecido alcunho de Cacis, e que seus descendentes continuaram por appellido; e pela materna neto de Jacinto de Pina de Loureiro, cavalleiro fidalgo da casa real, professo na ordem de Christo, capitão de infanteria na dita praça, e de sua mulher D. Catharina das Neves; e seu avô era dos Loureiros do dito capitão-mór da referida praça, o grande Luiz de Loureiro, de cujas façanhas fazem honrosa memoria as chronicas d'este reino.

Um escudo esquartelado; no primeiro e quarto quarteis as armas dos Pinheiros, no segundo as dos Loureiros, e no terceiro as dos Pinas.—Br. p. a 3 de novembro de 1772. Reg. no Cart. da N., liv. I, fl. 188 v.

(C. C.)

1041. Jacinto de Sousa de Gusmão, capitão de infanteria do regimento da praça de Olivença, e d'ella natural; filho de Sebastião de Sousa de Gusmão, sargento-mór que foi da dita praça, e de sua mulher D. Thereza Maria de Barros; neto pela parte paterna do capitão Lourenço de Sousa da Fonseca, e de sua mulher D. Felicia de Gusmão; e pela materna de João Rodrigues, e de sua mulher D. Maria Mexia.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Sousas, no segundo as dos Fonsecas, no terceiro as dos Gusmões, e no quarto as dos Mexias. — Br. p. a 9 de novembro de 1779. Reg. no Cart. da N., liv. II, fl. 209 v.

(C. C.)

1042. Jacinto Teixeira de Carvalho Coutinho, alferes de infanteria auxiliar, natural da quinta de Sobre-telões, freguezia de Telões, termo de Basto, comarca de Guimarães; filho de Jacinto Teixeira de Carvalho, capitão de infanteria auxiliar; neto do capitão Manuel Teixeira de Carvalho; bisneto do capitão Jacinto Teixeira de Carvalho, e de sua mulher Anna de Abreu da Cunha. E os ditos seus paes e avós, e mais antepassados, são pessoas muito nobres e descendentes das familias dos Carvalhos, Coutinhos, Abreus, e Cunhas, como tambem das dos Pereiras, e Teixeiras, por descendencia legitima de Fernando Carvalho Coutinho, alcaide-mór de Basto, de Gil Vasques da Cunha, senhor de Basto e Monte-longo, e de sua mulher D. Isabel Pereira, irmã inteira do condestavel D. Nuno Alvares Pereira, e de Diogo de Abreu, filho de Fernando Vasques de Abreu, senhor de Sernache dos Alhos e do couto de Arvins.

As armas dos Carvalhos, Coutinhos, Abreus, e Cunhas. — Br. p. a 4 de dezembro de 1752. Reg. no Cart. da N., liv. particular, fl. 48 v.

(C. C.)

1043. Jacob Frederico Torlade Pereira de Azambuja, natural da villa de Setubal, cavalleiro professo na ordem de Christo, e official da Secretaria de Estado dos negocios da marinha e dominios ultramarinos; filho de João Ignacio Pereira da Azambuja, natural da cidade de Lisboa, cavalleiro professo na ordem de Christo, e guarda-mór da alfandega do tabaco da repartição do mar, da dita cidade, ao qual se passou brazão de armas das mesmas familias em 26 de fevereiro de 1770, e de sua mulher D. Elisabeth Luiza Torlade, natural de Setubal; neto paterno de José Joaquim Pereira da Azambuja, cavalleiro professo na ordem de Christo, e guarda-mór da dita alfandega, e de sua mulher D. Luiza Ignacia Caetana Macklark; e materno de Jacob Frederico Torlade, consul de sua magestade imperial e apostolica o Imperador da Allemanha no porto de Setubal, e de sua mulher D. Maria Ignacia Torlade; bisneto paterno de João Pereira da Costa da Azambuja, cavalleiro professo na ordem de Christo, e de sua mulher D. Thereza Isabel Archangela de Lara, irmã do desembargador José Simões de Barbosa e Azambuja, deputado da Mesa da consciencia e ordens, pae de Francisco de Sales de Barbosa Pereira de Azambuja, moço fidalgo da casa real; terceiro neto de José Pereira de Azambuja, moço fidalgo da casa real, com 1$000 réis de moradia por mez e alqueire de cevada por dia na fórma do alvará de 2 de setembro de 1654, e de sua mulher D. Ignacia da Costa; quarto neto de João Pereira de Azambuja, moço fidalgo da casa real, e de sua mulher D. Margarida Pereira, que viveram em Aljubarrota; quinto neto de Mattheus de Azambuja, moço fidalgo da casa real, e de sua mulher D. Simoa Pereira, ambos naturaes de Aljubarrota, onde viveram; sexto neto de Onofre Fernandes de Azambuja, e de sua mulher D. Apollonia Francisca Ferreira; setimo neto do desembargador Fernão Rodrigues de Azambuja, que morreu em França, e de sua mulher D. Ignez da Cerveira; oitavo neto do doutor Fernão Rodrigues de Azambuja, senhor do morgadò de Nossa Senhora da Assumpção, e de sua mulher D. Isabel Pires de Tavora; nono neto de João Rodrigues de Azambuja, alcaide-mór do Barreiro e commendador da ordem de Sant'Iago, e de sua mulher D. Caetana Fernandes; decimo neto de Lopo Alvares de Azambuja, oitavo senhor da villa de Azambuja, e de sua mulher D. Maria de Freitas, que viveram em 1420, e foram paes de Lopo Alvares de Azambuja, e de Fernão Rodrigues de Azambuja, que serviram e morreram em Africa, e de Lourenço Rodrigues de Azambuja, o Crespo, e sua mulher D. Brites Gil de Tavora, irmã de Vasco Gil de Tavora, dos quaes descende Luiz Pires de Azambuja, que instituiu morgado em 1582, e sua mulher D. Isabel de Tavora; decimo primeiro neto de Alvaro Rodrigues de Azambuja, senhor da herdade de S. Romão; decimo segundo neto de João Rodrigues de Azambuja, senhor da dita herdade, e de sua mulher D. Thereza, que foram paes de D. Ignez Rodrigues de Azambuja, mulher de Pedro Affonso Rodrigues, dos quaes foi filha D. Ignez Alvares de Azambuja, dama da rainha D. Filippa, mulher de el-rei D. João I; decimo terceiro neto de Ruy Fernandes de Azambuja, terceiro senhor e alcaide-mór da Azambuja, e de sua mulher D. Elvira Estevens, e tambem foram paes de Pedro Rodrigues de Azambuja, quarto senhor da dita villa, que casou com D. Thereza Rodrigues de Noruega, de quem descendem os marquezes de Castel-Rodrigo, de Tarifa, de Valença, Aguiar, os duques de Nocera, e de Alcalá, os principes de S. Gregorio, os condes de Vimioso, de Azambuja, de Lumiar, e de Prum, e de Estevão Rodrigues de Azambuja, de quem foi filho João Esteves de Azambuja, o Privado, alcaide-mór de Lisboa, que casou com D. Violante Lopes de Albergaria, de quem nasceu D. Brites Annes de Azambuja, que casou com Pedro Lourenço de Tavora, e Lourenço Esteves de Azambuja, alcaide-mór de Salvaterra e embaixador em Roma, e Affonso Esteves de Azambuja, reposteiro-mór e embaixador em Roma, e que casou com D. Branca Domingues, e foram seus filhos D. João Affonso de Azambuja, bispo do Porto, de Coimbra, arcebispo de Lisboa e cardeal, e João Esteves de Azambuja, grande cavalleiro que se achou no cerco de Alemquer, onde morreu, e outros; decimo quarto neto de Fernão Gonçalves de Azambuja, segundo senhor e alcaide-mór da dita villa, e de D. Oriana Godins; decimo quinto neto de Gonçalo Pires de Tavares, que morreu na tomada de Silves, e de D. Maria Rolim; decimo sexto neto

de D. Pedro Viegas de Tavares, senhor da cidade da Guarda e Tavares, e de D. Maria Gonçalves, e tambem decimo sexto neto de D. Rolim, primeiro senhor da villa de Azambuja, que viveu no anno de 1200, e foi pae da dita D. Maria Rolim; decimo setimo neto de D. Egas Garcia, o Buso, rico homem, senhor de Leonil, e de D. Maria Paes, e decimo setimo neto de D. Rogerio Childe Rolim; decimo oitavo neto de D. Garcia Rodrigues, rico homem, senhor do couto de Leonil, e de D. Dordia Ramires; e decimo oitavo neto de Roland, conde de Cestia, ou Chester, que era por varonia neto da casa real de Inglaterra, principe de sangue; decimo nono neto de D. Rodrigo Garcia, rico homem; vigesimo neto de D. Garcia Moniz, senhor do couto de Leonil; vigesimo primeiro neto de D. Marinho Viegas, que fundou e dotou Villa-boa do Bispo no anno de 1020; vigesimo segundo neto do conde Egas Gundesindes, rico homem de sangue, que viveu em Cima do Douro; vigesimo terceiro neto do conde D. Godesindo Eris, e da condessa D. Endorquina Perla; vigesimo quarto neto do conde D. Ero, e da condessa D. Adosinda; vigesimo quinto neto do conde D. Gundesindo, rico homem, conde de Lugo e das terras entre Douro até ao Mondego nos annos 650 a 700.

Um escudo partido em pala; na primeira as armas dos Pereiras, e na segunda as dos Azambujas. — Br. p. a 6 de fevereiro de 1826. Reg. no Cart. da N., liv. VIII, fl. 173.

(C. C.)

1044. JACOME CARNEIRO BARBOSA SÁ, da villa do Conde; filho do doutor Antonio de Faria e Gusmão, ministro que foi de Sua Magestade, e de sua mulher D. Angela Barbosa Carneiro de Sá; neto paterno do capitão de mar e guerra Manuel de Faria de Mattos, e de D. Anna de Gusmão; neto materno de Jacome Carneiro Barbosa de Sá, senhor do morgado e capella de S. Bento, da dita villa, e de D. Brites de Sá, filha de Antonio de Sá.

As armas dos Carneiros, Sás, Barbosas, e Farias.—Br. p. a 6 de fevereiro de 1761. Reg. no Cart. da N., liv. particular, fl. 11 v.

(C. C.)

1045. JACQUES RATTON, escudeiro fidalgo, assisteute em Lisboa; filho de Jacques Ratton, escudeiro fidalgo, condecorado com o officio de conselheiro secretario de El-rei da casa e corôa de França, e das suas rendas reaes, e de D. Francisca Bellon, sua esposa, que nasceu aos 7 de julho de 1736, e baptisado no mesmo dia na freguezia de Manitier da cidade de Briacou, no Delfinado.

Um escudo de azul com um mar de prata passante da ponta do escudo, sobre o qual está um atum de sua propria côr, e um chefe tambem de prata, carregado de um rato passante, tambem de sua côr; este escudo é timbrado de um casco em perfil, ornado com paquife de prata, azul e preto. — Br. p. a 16 de março de 1787. Reg. no Cart. da N., liv. IV, fl. 42 v.

(C. C.)

1046. JANUARIO ANTONIO LOPES DA SILVA, do real conselho, commendador da ordem de Christo, e fidalgo cavalleiro da casa real; filho de Antonio Lopes da Silva, e de sua mulher D. Maria Joaquina Rita de Castro; neto paterno de Antonio Lopes da Silva, e de D. Maria José Leitão; e materno de João Antonio de Castro, e de D. Josepha Maria da Conceição.

Um escudo esquartelado; no primeiro e quarto quarteis as armas dos Lopes, no segundo as dos Silvas, e no terceiro as dos Castros. — Br. p. a 2 de maio de 1807. Reg. no Cart. da N., liv. VII, fl. 175.

(C. C.)

1047. JERONYMA PEREGRINA DE GOUVEA LEITE, casada com o sargento-mór Antonio Gomes Leite; filha de Pedro da Matta Farinha, e de D. Joanna de Gouvea Leite; neta

pela parte paterna de José Farinha Mina, e de D. Francisca Mina Xavier Caetana da Matta; neta pela parte materna de Antonio de Gouvea Leite, e de D. Antonia Josephina; bisneta do sargento-mór Constantino Mendes de Gouvea, e de D. Maria Josepha de Aguiar; terceira neta de Manuel de Gouvea, e de Maria de Serpa; quarta neta de Jayme de Gouvea Leite, e de D. Marianna de Pavia; quinta neta de Constantino Mendes de Gouvea, e de Luiza de Medeiros; sexta neta de Antonio Mendes de Gouvea, e de Maria Neta, dos quaes foi filho Gonçalo Mendes de Gouvea, alcaide-mór de Samora, e cavalleiro professo na ordem de Sant'Iago da Espada.

Uma lisonja partida em pala; a primeira de prata lisa; a segunda cortada em faxa, na primeira as armas dos Gouveas, e na segunda as dos Leites.—Br. p. a 2 de janeiro de 1798. Reg. no Cart. da N., liv. vi, fl. 1.

(C. C.)

1048. Jeronymo de Carvalhal, filho de Lourenço de Carvalhal, neto de Ruy de Carvalhal, bisneto de Lourenço Vaz de Carvalhal, e trineto de Vasco Fernandes de Carvalhal, que foi alcaide-mór de Beja.

Carta pela qual el-rei D. João iii lhe concede o seguinte brazão de seus antecessores: — Escudo de campo vermelho partido em pala, com um colar preto, na primeira um carvalho verde, na segunda uma torre de prata guarnecida de preto, e o pé de todo o escudo ondado de azul, e por differença uma merleta de prata; elmo de prata aberto, paquife de prata e vermelho, e por timbre a mesma torre com um ramo de carvalho nas ameias; com todas as honras de nobre e fidalgo por descender da geração e linhagem dos de Carvalhal.—Dada em Lisboa a 20 de outubro de 1522. Reg. na Chanc. de D. João iii, liv. i, fl. 106.

1049. Jeronymo Cernige.

Carta pela qual el-rei D. Manuel lhe concede o seguinte brazão de seus antecessores: — Um escudo de prata com seis montes de terra, e no maior monte e nos dois cabos tres hervas verdes picadas de oiro, e em cada herva uma flor vermelha de cinco folhas e um chefe azul com tres flores de liz de oiro com quatro pendentes; elmo de prata aberto, paquife de prata, vermelho e verde, e como timbre o pescoço de uma serpe verde picado de oiro, e na boca um coração vermelho; por descender da geração e linhagem dos Cerniges, que foram fidalgos e nobres de cota de armas.—Dada em Lisboa a 4 de julho de 1515. Reg. na Chanc. de D. Manuel, liv. xxiv, fl. 134 v., e liv. v de Mist., fl. 179.

1050. Jeronymo Corte-real, fidalgo da casa real, filho de Vasco Annes Corte-real.

Carta pela qual el-rei D. João iii lhe concede o seguinte brazão de seus antecessores: — Escudo de campo vermelho com seis costas de prata em faxa e em duas palas, e uma lança de oiro no meio do escudo com o ferro de prata, e uma bandeira tambem de prata, de duas faxas, com uma cruz vermelha n'ella, e um chefe de prata com outra cruz vermelha; elmo de prata aberto guarnecido de oiro, paquife de oiro, prata e vermelho, e por timbre um braço armado guarnecido de oiro, que sae do elmo com a lança e bandeira na mão; com todas as honras e privilegios de fidalgo por descender da geração e linhagem dos Cortes-reaes.—Dada em Lisboa a 17 de outubro de 1541. Reg. na Chanc. de D. João iii, liv. xxxii, fl. 69 v.

1051. Jeronymo Dias de Azevedo, visconde de Podentes, do conselho de Sua Magestade, par do reino, e governador civil do districto do Porto; filho de João Pedro Dias de Azevedo, proprietario, e de sua mulher D. Theodora Joaquina de Azevedo; neto paterno de Jordão Dias Vasques de Almeida, proprietario, e de sua mulher D. Nazareth da Silva Furtado; e materno de Sebastião Dias de Azevedo, e de sua mulher D. Maria Jo-

quina Gonçalves Henriques da Costa; sobrinho por parte materna de Antonio Joaquim Dias de Azevedo, coronel do regimento de milicias de Soure, por ser este irmão de sua mulher, a quem se passou brazão de armas a 4 de março de 1815.

Um escudo partido em pala; na primeira as armas dos Dias, e na segunda as dos Azevedos. — Br. p. a 23 de abril de 1852. Reg. no Cart. da N., liv. VIII, fl. 354 v.

(C. C.)

1052. Jeronymo Franqui Conestagio, natural de Genova.

Carta pela qual el-rei D. Filippe I lhe concede o gozo de todos os privilegios e liberdades que gozam todos os nobres e fidalgos, de cota de armas, e egualmente lhe concede licença para usar em Portugal o brazão que lhe pertence como descendente das casas de Conestagio e Franqui, em Genova. (Não descreve o brazão.) — Dada em Lisboa a 7 de março de 1584. Reg. na Chanc. de D. Filippe I, liv. I de Privilegios, fl. 37. V. no I. H. *Franqui e Conestagio.*

1053. Jeronymo José Daniel Nogueira de Andrade, natural da villa de Melgaço, arcebispado de Braga, capitão commandante, e chefe do corpo de artilheria da praça de Moçambique, com assento do mesmo posto de capitão da primeira plana da côrte; filho do doutor Francisco Daniel Nogueira, medico dos reaes exercitos, e de sua mulher D. Marianna Joaquina Velloso de Campos; neto pela parte paterna de Pedro Lopes Nogueira, e de sua mulher D. Placida Thereza Xavier; e pela materna de Theodosio Velloso de Campos, e de sua mulher D. Josepha Maria Fernandes.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Nogueiras, no segundo as dos Vellosos, no terceiro as dos Campos, e no quarto as dos Andrades. — Br. p. a 13 de outubro de 1790. Reg. no Cart. da N., liv. IV, fl. 190.

(C. C.)

1054. Jeronymo José Ribeiro Codeço Soares de Figueiredo e Costa, filho do capitão Manuel Antonio Codeço Soares da Costa, e de sua mulher D. Anna Maria Ribeiro Neves de Figueiredo; neto por parte paterna de João Fernandes Codeço, e de sua mulher D. Domingas Soares da Costa; neto por parte materna do capitão Jeronymo Ribeiro, professo na ordem de Christo, fidalgo da casa real, e de sua mulher D. Guiomar Nunes de Figueiredo.

Um escudo esquartelado; no primeiro e quarto quarteis as armas dos Soares, no segundo as dos Costas, e no terceiro as dos Figueiredos. — Br. p. a 8 de março de 1802. Reg. no Cart. da N., liv. VI, fl. 195.

(C. C.)

1055. Jeronymo José Ribeiro de Gouvea, natural da cidade de Lisboa, filho de Leandro Ribeiro de Gouvea, e de sua mulher Maria da Silva; neto pela parte paterna de Bento Ribeiro, e de Jeronymo Ribeiro de Gouvea; e pela materna de Luiz Nunes, e de Sebastiana da Silva.

Um escudo esquartelado; no primeiro e quarto quarteis as armas dos Ribeiros, no segundo as dos Gouveas, e no terceiro as dos Silvas. — Br. p. a 23 de fevereiro de 1787. Reg. no Cart. da N., liv. III, fl. 259 v.

(C. C.)

1056. Jeronymo Lourenço Dias, capitão e monteiro-mór da villa de Lomba, cavalleiro da ordem de Christo, filho de Luiz Dias Alão, e de sua mulher D. Francisca Lourença; neto paterno de José Dias Alão, cavalleiro fidalgo da casa real, e de sua mulher D. Leonor Amorim Dias; e materno de Francisco Duarte de Vasconcellos, e de sua mulher D. Maria Luiza Dias.

Um escudo partido em pala; na primeira as armas dos Alões, e na segunda as dos Dias. — Br. p. a 26 de março de 1813. Reg. no Cart. da N., liv. VII, fl. 270.

(C. C.)

1057. Jeronymo Martins Fernandes, cavalleiro professo na ordem de Christo, e assistente na cidade de S. Paulo da America; filho de João Gomes, e de sua mulher D. Maria Fernandes; neto pela parte paterna de Francisco Gomes, e de sua mulher D. Maria Martins de Macedo; e pela materna de Domingos Martins, e de sua mulher D. Anna Pires.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Gomes, no segundo as dos Martins, no terceiro as dos Macedos, e no quarto as dos Fernandes. — Br. p. a 21 de outubro de 1789. Reg. no Cart. da N., liv. IV, fl. 135 v.

(C. C.)

1058. Jeronymo de Mello Carneiro Terras de Azevedo, filho de José Carneiro de Mello Terras e Azevedo, e de sua mulher D. Marianna Luiza Soares de Almeida, paes tambem de D. Thomazia Angelica de Mello Terras de Azevedo, irmã do supplicante; neto paterno de Jeronymo de Mello Carneiro Terras e Azevedo, e de sua mulher D. Clara Maria Soares da Fonseca e Motta; neto materno de Pedro Soares da Motta, e de sua mulher Luiza Maria de Almeida.

As armas dos Mellos, Carneiros, Terras, e Almeidas. — Br. p. a 15 de janeiro de 1757. Reg. no Cart. da N., liv. particular, fl. 104.

(C. C.)

1059. Jeronymo da Motta, desembargador.

Carta pela qual el-rei D. João III lhe concede o seguinte brazão de seus antecessores: — Escudo de campo esquartelado; o primeiro de vermelho com um leão de prata, rompente, armado de oiro, o segundo de oiro com cinco flores de liz verdes, em aspa, e assim os contrarios; elmo de prata aberto guarnecido de oiro, paquife de prata, vermelho, oiro e verde, e por timbre meio leão das armas; com todas as honras e privilegios de fidalgo por descender da geração dos Mottas, e pelos serviços por elle prestados. — Dada em Almeirim a 2 de janeiro de 1552. Reg. no liv. III de Privilegios, fl. 119.

1060. Jeronymo Pamplona (Alferes), natural da ilha Terceira, cidade de Angra, filho de Antonio Bernardo Pamplona Redovalho, administrador de um vinculo estabelecido na mesma cidade, tenente que foi do forte do Bom-Jesus da dita ilha, a quem se passou brazão de armas a 7 de fevereiro de 1770, e de sua mulher D. Anna Francisca Rosa; neto por parte paterna do alferes Antonio Xavier Pamplona, e de sua mulher D. Catharina Felicia; bisneto de Mattheus Pamplona Merens, e de sua mulher D. Josepha Maria; terceiro neto de Mathias de Figueiredo, e de sua mulher D. Antonia Moniz Merens Pamplona, filha de Mathias Pamplona, que foi terceiro neto por linha legitima de Gonçalo Alvares Pamplona, natural da cidade do Porto, um dos primeiros povoadores da referida ilha.

Um escudo, e n'elle as armas dos Pamplonas. — Br. p. a 22 de junho de 1802. Reg. no liv. VI, fl. 209 v.

(C. C.)

1061. Jeronymo Ribeiro Guimarães (Capitão), natural da villa do mesmo nome, e morador na cidade de Nossa Senhora de Belem, estado do Grã-Pará; filho de Bento Ribeiro, e de sua mulher D. Francisca Ribeiro de Abreu; neto pela parte paterna de Jeronymo Ribeiro, e de sua mulher D. Anna Ribeiro; e pela materna de Paulo Gomes de Abreu, e de sua mulher D. Angela Ribeiro do Valle, todos naturaes da villa de Guimarães.

Um escudo partido em pala; na primeira as armas dos Ribeiros, e na segunda as dos Abreus. — Br. p. a 8 de outubro de 1788. Reg. no Cart. da N., liv. IV, fl. 75 v.

(C. C.)

1062. Jeronymo Ribeiro Neves, homem de negocio da praça do Rio de Janeiro, natural da villa de Guimarães; filho de José Ribeiro, e de sua mulher Domingas da Silva de Macedo; neto pela parte paterna de Antonio Francisco Ribeiro, e de sua mulher Antonia Antunes, filha de Domingos Antunes, e de sua mulher Maria Fernandes; bisneto de Antonio Francisco Ribeiro, e de sua mulher Margarida Gaspar Neves; e pela materna neto de Domingos Gomes de Macedo, e de sua mulher Domingas da Silva, filha de Domingos da Silva, e de sua mulher Maria Antunes; bisneto de Antonio Gomes, e de sua mulher Maria de Macedo.

Um escudo esquartelado; no primeiro e quarto quarteis as armas dos Ribeiros, no segundo as dos Macedos, e no terceiro as dos Silvas. — Br. p. a 30 de março de 1774. Reg. no Cart. da N., liv. II, fl. 7.

(C. C.)

1063. Jeronymo Ribeiro Neves, negociante da praça do Rio de Janeiro, natural do termo da villa de Guimarães; filho de José Ribeiro, e de sua mulher Domingas da Silva de Macedo; neto pela parte paterna de Antonio Francisco Ribeiro, e de sua mulher Antonia Antunes, filha de Domingos Antunes, e de sua mulher Maria Fernandes; bisneto de Antonio Francisco Ribeiro, e de sua mulher Margarida Gaspar Neves; e pela materna neto de Domingos Gomes de Macedo, e de sua mulher Domingas da Silva, filha de Domingos da Silva, e de sua mulher Maria Antunes; bisneto de Antonio Gomes, e de sua mulher Maria de Macedo, todos natures da villa de Guimarães.

Um escudo esquartelado; no primeiro e quarto quarteis as armas dos Ribeiros, no segundo as dos Macedos, e no terceiro as dos Silvas. — Br. p. a 21 de janeiro de 1779. Reg. no Cart. da N., liv. II, fl. 173.

(C. C.)

1064. D. João, bispo de Tanger.

Carta pela qual el-rei D. Manuel lhe concede e a seus descendentes o seguinte accrescentamento nas suas armas (brazão dos Lobos): — Em logar do primeiro lobo dos cinco das ditas armas, tragam como timbre um castello dos da orla e bordadura do escudo das armas reaes, que é de oiro em campo vermelho, para differença de mais nobreza e fidalguia; pelos serviços por elle prestados em Africa e á rainha D. Leonor, e por descender da nobre linhagem dos Lobos, os quaes tinham por armas um escudo de prata com cinco lobos pardos vivos, postos em quina. — Dada em Thomar a 24 de junho de 1506. Reg. na Chanc. de D. Manuel, liv. XX, fl. 34, e liv. V de Mist., fl. 8.

1065. João Affonso Freire (Doutor), desembargador da Mesa do despacho episcopal, provisor e vigario geral nas vacantes do bispado de Miranda; filho de Francisco Affonso, e de sua mulher Anna Affonsa Freire; neto paterno de Bartholomeu Affonso, e de sua mulher Martha Cordeiro, esta filha de Affonso Cordeiro, e de sua mulher Maria Martins; bisneto de Francisco Affonso, e de sua mulher Catharina Martins; neto materno de Francisco Affonso, e de sua mulher Maria Fernandes, esta filha de João Affonso, e de sua mulher Catharina.

As armas dos Affonsos, Freires, Cordeiros, e Martins.—Br. p. a 24 de maio de 1756. Reg. no Cart. da N., liv. particular, fl. 97 v.

(C. C.)

1066. João Anastasio de Carvalhosa Henriques (Bacharel), cavalleiro professo na ordem de Christo, natural de Cortegana, termo de Aldea-gallega da Merciana, comarca de Alemquer; filho do bacharel Filippe Monteiro Henriques, formado na faculdade de leis pela Universidade de Coimbra, e de sua mulher D. Maria Rita Carvalhosa e Silva; neto paterno de João Monteiro Henriques Delgado, e materno de Francisco da Costa Carvalhosa e Silva, ambos capitães de milicias; bisneto paterno de Manuel Monteiro Henriques Del-

gado, e materno de Anntonio da Costa Carvalhosa e Silva; o supplicante tendo já servido em diversos logares da magistratura, se acha habilitado para um logar ordinario da Relação do Porto.

Um escudo partido em pala; na primeira as armas dos Henriques, e na segunda as dos Carvalhosas.—Br. p. a 10 de junho de 1825. Reg. no Cart. da N., liv. VIII, fl. 147.

(C. C.)

1067. João Anastasio Ferreira Raposo (Doutor), professo na ordem de Christo, desembargador da Casa da supplicação, superintendente de Mafra, e natural da mesma villa; filho do capitão José Ferreira Raposo, e de sua mulher D. Josepha dos Anjos; neto paterno de João Dias Raposo, e de sua mulher D. Escholastica Francisca; e materno de Antonio Fernandes, e de sua mulher D. Antonia João.

Um escudo com as armas dos Raposos.—Br. p. a 20 de junho de 1793. Reg. no Cart. da N., liv. IV, fl. 279 v.

(C. C.)

1068. João Antonio de Almeida, fidalgo cavalleiro da casa real, commendador da ordem de Christo, cavalleiro da de Nossa Senhora da Conceição de Villa-viçosa, coronel commandante do primeiro batalhão nacional provisorio de Lisboa, e empregado na Alfandega da mesma cidade; filho de José Joaquim de Almeida, e de sua mulher D. Victoria Maria do Nascimento e Almeida; neto paterno de João Baptista de Almeida, e de sua mulher D. Maria Caetana de Almeida; e materno de Miguel Martins, e de sua mulher D. Maria Thereza Martins.

Um escudo com as armas dos Almeidas.—Br. p. a 20 de maio de 1836. Reg. no Cart. da N., liv. VIII, fl. 281 v.

(C. C.)

1069. João Antonio de Barbuda Cabral, natural da villa de Setubal, moço honorario da real camara; filho de Ladislau José Monteiro de Barbuda, cavalleiro professo da ordem de Christo, e de sua mulher D. Genoveva Ignacia Peregrina Xavier Cabral; neto paterno de José Monteiro Nayo, e de sua mulher D. Quiteria Michaela Velloso Voxeiro de Barbuda.

Um escudo partido em pala; na primeira as armas dos Barbudas, e na segunda as dos Cabraes.—Br. p. a 8 de novembro de 1831. Reg. no Cart. da N., liv. VIII, fl. 260.

(C. C.)

1070. João Antonio Brandão Pereira de Mello, bacharel formado em leis, filho do capitão José Ribeiro de Mello, e de sua mulher D. Anna Maria Pereira; neto pela parte paterna de Gaspar Ribeiro de Mello, e de sua mulher Sebastiana de Pinho Brandão, filha de Antonio Brandão Caridonio, e de sua mulher Maria Pinheiro da Silva; neto por parte materna de Manuel Pereira Rebello, e de sua mulher Maria Pinto.

Um escudo esquartelado; no primeiro as armas dos Mellos, no segundo as dos Brandões, no terceiro as dos Silvas, e no quarto as dos Pereiras.—Br. p. a 21 de outubro de 1766. Reg. no Cart. da N., liv. I, fl. 38.

(C. C.)

1071. João Antonio das Chagas Guerra, ajudante da cidade de Elvas, filho de José Gomes de Aguiar, e de sua mulher D. Luiza Antunes Guerra; neto pela parte paterna de Antonio Gonçalves de Aguiar, e de sua mulher D. Anna Aguiar; e pela materna de Domingos Antunes, e de sua mulher D. Maria da Guerra.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Aguiares, no segundo as dos Gonçalves, no terceiro as dos Antunes, e no quarto as dos Guerras. — Br. p. a 30 de setembro de 1789. Reg. no Cart. da N., liv. IV, fl. 125 v.

(C. C.)

1072. João Antonio Coimbra de Andrade Pimentel, familiar do Santo Officio, filho natural, perfilhado e legitimado pelo Pontifice e por Sua Magestade, do doutor João Coimbra de Andrade Pimentel, fidalgo cavalleiro da casa real; neto de Simão de Paiva Pimentel, professo na ordem de Christo, fidalgo cavalleiro da casa real, e de sua mulher D. Josepha Maria Coimbra e Andrade, filha de José de Coimbra e Andrade, professo na ordem de Christo, moço fidalgo da casa real, e de sua mulher D. Anna de Mello; bisneto de outro Simão de Paiva Pimentel, e de sua mulher D. Isabel Cabral.

As armas dos Pimenteis, Andrades, Mellos, e Paivas. — Br. p. a 3 de março de 1751. Reg. no Cart. da N., liv. particular, fl. 14.

(C. C.)

1073. João Antonio da Fonseca, fidalgo da casa real, professo na ordem de Christo, e negociante de grosso tracto da praça da cidade de Lisboa, e d'ella natural; filho de Bernardino Senna da Fonseca, familiar do numero do Santo Officio d'esta côrte, e de sua mulher D. Clara Maria da Fonseca; neto por parte paterna de André João de Aguiar, e de sua mulher D. Clara da Fonseca; neto por parte materna do doutor Manuel da Costa Silva, e de sua mulher D. Maria Ferreira.

Um escudo com as armas dos Fonsecas. — Br. p. a 6 de novembro de 1801. Reg. no Cart. da N., liv. VI, fl. 181 v.

(C. C.)

1074. João Antonio Pacheco de Eça Aragão Cabral, do logar do Peixoso, termo da villa da Covilhã, comarca da cidade da Guarda; filho de João Alberto de Aragão Cabral Pacheco, e de sua mulher D. Maria Barbara de Eça Telles; neto pela parte paterna de João Correa de Aragão Cabral, e de sua mulher D. Josepha Bernarda Xavier Coelho; bisneto de Braz da Costa Cabral, e de sua mulher D. Maria Mendes Botelho; terceiro neto de Diogo Fernandes Botelho, que serviu de superintendente da caudelaria e capitão de cavallaria auxiliar nos partidos da Beira e Cima-Côa, e de sua mulher Guiomar Correa de Figueiredo; quarto neto de Lourenço da Costa Cabral, descendente por linha legitima da casa de Belmonte, e de sua mulher Cecilia Pacheco de Aragão, descendente de Pedro Lopes Pacheco, cavalleiro fidalgo da casa real, e fundador da capella de Nossa Senhora do Rosario, onde instituiu morgado e jaz enterrado; e pela parte materna neto do doutor João de Eça Telles, e de sua mulher Maria Esteves Cardoso; bisneto de Manuel de Eça Telles.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Cabraes, no segundo as dos Pachecos, no terceiro as dos Aragões, e no quarto as dos Eças. — Br. p. a 5 de novembro de 1781. Reg. no Cart. da N., liv. III, fl. 32.

(C. C.)

1075. João Antonio Robalo da Cunha Pignatelli de Figueiredo, filho legitimo do capitão Silvestre de Figueiredo, e de sua mulher D. Maria Xavier da Cunha Pignatelli; neto pela parte materna do capitão João Baptista da Cunha e Fonseca, cavalleiro professo na ordem de Christo, e bisneto de Baptista da Cunha e Fonseca; os quaes todos seus paes e avós se trataram como pessoas nobres e a lei da nobreza.

Um escudo com as armas dos Cunhas. — Br. p. a 11 de dezembro de 1765. Reg. no Cart. da N., liv. I, fl. 42.

(C. C.)

1076. João Antonio Rodrigues Martins, cavalleiro fidalgo da casa real, capitão da primeira companhia do primeiro regimento de milicias da cidade de Belem do Grão-Pará, a quem Sua Magestade fez mercê do habito da ordem de Christo, e natural da mesma cidade; filho do mestre de campo João Manuel Rodrigues, e de sua mulher D. Maria Josepha Rodrigues; neto paterno de Francisco Antonio Rodrigues, e de sua mulher D. Maria Rodrigues, e materno do mestre de campo Antonio Rodrigues Martins, e de D. Thereza de Jesus Rodrigues.

Um escudo partido em pala; na primeira as armas dos Rodrigues, e na segunda as dos Martins. — Br. p. a 4 de outubro de 1802. Reg. no Cart. da N., liv. vii, fl. 10.

(C. C.)

1077. João Antonio de Sequeira e Vasconcellos, natural e morador na villa de S. João da Pesqueira, comarca de Trancoso; filho de José Maria de Sequeira Beça e Almeida, e de sua mulher D. Thereza Pereira e Vasconcellos; neto paterno de José Miguel de Sequeira Beça e Almeida, e bisneto de José de Sequeira Beça; neto materno de Manuel Moutinho do Amaral, e de sua mulher D. Brites Pereira de Magalhães e Vasconcellos.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Sequeiras, no segundo as dos Beças, no terceiro as dos Amaraes, e no quarto as dos Vasconcellos. — Br. p. a 18 de fevereiro de 1813. Reg. no Cart. da N., liv. vii, fl. 268 v.

(C. C.)

1078. João Antonio da Silveira Linhares Carvalhal Costa Falcão e Noronha, padroeiro do convento dos religiosos de Santo Antonio da ilha do Fayal, administrador dos morgados e vinculos de sua nobre casa, e natural da dita ilha; filho do capitão Antonio da Silveira Linhares Carvalhal Costa Falcão, administrador ditos morgados e padroado, e de sua mulher D. Francisca Luiza da Silveira Soares de Noronha Bittencourt; neto pela parte paterna de João Antonio da Silveira Linhares, capitão-mór da villa de S. Roque na ilha do Pico, administrador dos ditos vinculos, e padroado, e de sua mulher D. Maria Margarida Sebastiana de Bittencourt, filha do capitão Sebastião Homem da Costa, e de sua mulher D. Margarida Vieira; bisneto do capitão Antonio da Silveira Linhares de Bittencourt, e de sua mulher D. Antonia Luiza Joanna do Carvalhal, senhora dos ditos vinculos, e irmã do capitão Antonio da Silveira Linhares Peixoto, fundador e primeiro padroeiro do dito convento, filhos ambos de João de Barcellos Machado, e de sua mulher D. Sebastiana Falcão; terceiro neto do capitão João da Silveira Peixoto, juiz dos orphãos da dita ilha do Fayal, e de sua segunda mulher D. Anna de Santo Antonio Brum, filha de Francisco da Silveira Peixoto, e de sua mulher D. Maria Dutra de Medeiros; quarto neto do capitão Gregorio da Silveira Evangelho, e de sua mulher D. Luiza Duarte Linhares, filha de Duarte Fernandes de Linhares, instituidor de um dos vinculos de que o supplicante é administrador : e pela parte materna é o supplicante neto de Bernardo Soares de Sousa, cavalleiro fidalgo da casa real, e de sua mulher D. Maria Lauriana da Silveira Bittencourt, filha do capitão José Pereira de Bittencourt, e de sua mulher D. Maria Francisca Peixoto; bisneto do capitão Ignacio Soares de Sousa, cavalleiro fidalgo da casa real, e de sua mulher D. Ignez Antonia da Silveira, filha do alferes Gregorio Dutra da Silveira, e de sua mulher D. Ignez da Silveira; terceiro neto de Bernardo Soares de Sousa, que teve o dito foro de cavalleiro fidalgo, e de sua mulher D. Maria da Silveira; quarto neto do sargento-mór Amaro Soares, tambem cavalleiro fidalgo da casa real, e de sua mulher D. Suzana Teixeira de Sousa.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Silveiras, no segundo as dos Bittencourts, no terceiro as dos Carvalhaes, e no quarto as dos Soares. — Br. p. a 24 de maio de 1784. Reg. no Cart. da N., liv. iii, fl. 135.

(C. C.)

1079. João Antonio da Silva Carvalho, cavalleiro fidalgo da casa real, natural da cidade de Lisboa; filho de Antonio Vicente da Silva, familiar do Santo Officio, cidadão d'esta cidade, e cavalleiro fidalgo da casa real, e de sua mulher D. Michaela Caetana de Carvalho; neto pela parte paterna de Francisco da Silva, tambem cavalleiro fidalgo da casa real, e de sua mulher D. Apolonia Maria; bisneto de Sebastião Pires da Silva que tambem teve o mesmo foro, e de sua mulher D. Catharina Dias, sendo o dito Sebastião Pires da Silva irmão de Fernando Alvares da Silva Leite, tenente coronel de cavallaria; neto pela parte materna de José Moreira de Carvalho, e de sua mulher D. Maria Thereza; bisneto de Estevão Fernandes, e de sua mulher Francisca Carvalho, que foram paes de sua avó, e do irmão d'esta D. Frei Fabião dos Reis, bispo de Cabo-verde.

Um escudo partido em pala; na primeira as armas dos Silvas, na segunda as dos Carvalhos. — Br. p. a 2 de maio de 1795. Reg. no Cart. da N., liv. v, fl. 51.

(C. C.)

1080. João Antonio de Sousa Leite (Alferes), natural do logar de Lago-bom, concelho de Villa-pouca de Aguiar, comarca de Villa-real; filho de João Borges, e de sua mulher D. Maria José de Sousa Leite; neto paterno de Manuel Gonçalves Borges, e de sua mulher D. Maria Gonçalves, e materno de Roque Teixeira Leite, e de sua mulher D. Sebastiana Maria.

Um escudo partido em pala; na primeira as armas dos Borges, e na segunda as dos Leites. — Br. p. a 25 de outubro de 1793. Reg. no Cart. da N., liv. iv, fl. 292.

(C. C.)

1781. João Aatonio Vasques de Araujo Neto, natural e morador na cidade do Funchal da ilha da Madeira, filho de João Correa Vasques de Araujo, e de sua mulher D. Joanna Sabina Rosa Evangelista; neto pela sua varonia de Felix Filippe de Oliveira, e de sua mulher D. Anna Correa Salvago de Brito, e por esta bisneto de João Correa Vasques de Araujo, e de sua mulher D. Catharina Salvago de Brito; terceiro neto de Manuel Correa de Araujo, e de sua mulher D. Helena de Andrade, filha de João Rodrigues Pestana, que foi filho de Manuel Pestana, e de sua mulher D. Catharina Salvago de Brito; elle filho de Jorge Pestana, neto de Pedro Rodrigues Neto, e bisneto de João Rodrigues Neto, o primeiro d'esta familia que passou á dita ilha, e ella filha de João Martins Salvago, a quem se passou brazão de armas da familia d'este appellido em 1589, neto de Lucas Salvago, cavalleiro genovez.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Netos, no segundo as dos Homens, no terceiro as dos Britos, e no quarto as dos Salvagos. — Br. p. a 6 de julho de 1780. Reg. no Cart. da N., liv. ii, fl. 246 v.

(C. C.)

1082. João de Araujo da Rocha Bocarro, filho de Manuel Ferreira de Brito, e de sua mulher D. Catharina Theodora da Rocha Bocarro; neto paterno de João de Araujo da Rocha, e de sua mulher D. Maria Josepha de Lacerda; neto materno de Luiz da Rocha Bocarro, fidalgo da casa real, professo na ordem de Christo, mestre de campo de auxiliares da comarca de Beja, e de sua mulher D. Vicencia Josepha de Lacerda e Mello; o supplicante é sargento-mór com actual exercicio na villa de Serpa.

As armas dos Araujos, Lacerdas, Rochas e Bocarros. — Br. p. a 12 de dezembro de 1752. Reg. no Cart. da N., liv. particular, fl. 48 v.

(C. C.)

1083. João de Argumedo, natural da villa de Gamano, nas montanhas de Burgos, casado com Ignez de Pareda, natural de Espinoza, nos montes de Castella a Velha.

Alvará pelo qual el-rei D. Filippe ii lhe concedeu licença para usar das armas que

directamente lhe pertencem (Não descreve a forma do brazão). Dada em Lisboa a 17 de de maio de 1619. Reg. no liv. v de Privilegios, fl. 139.

1084. João Aureliano Gomes Barbosa, natural e morador na villa de Salvaterra de Magos, filho do doutor Pedro Gomes Barbosa, formado em leis pela Universidade de Coimbra, e de sua mulher Helena Michaela Barbosa; neto paterno do capiião João Gomes Barbosa, e de sua mulher Maria Quaresma Barbosa; neto materno de Manuel Gomes Barbosa, e de Francisca da Conceição; bisneto pelas duas varonias, paterna e materna, de outro João Gomes Barbosa, e de Ignez Gonçalves.

As armas dos Barbosas. — Br. p. a 13 de abril de 1758. Reg. no Cart. da N., liv. particular, fl. 114 v.

(C. C.)

1085. João Baptista Corraud Cloots Vanzeller, cavalleiro da ordem de Christo, filho de Ambrosio Thomaz Corraud, natural da cidade de Marselha, reino de França, d'onde veio para esta de Lisboa, e de sua mulher D. Maria Catharina Cloots, natural d'esta mesma cidade; neto pela parte paterna de Ambrosio Corraud, e de D. Clara Beaumont, e pela materna neto de Paulo Cloots, natural da cidade de Amsterdam, morador que foi n'esta de Lisboa, e de sua mulher D. Luiza Maria Vanzeller, natural d'esta mesma cidade.

Um escudo partido em pala; na primeira as armas das familias Cloots, e na segunda as de Vanzelleres. — Br. p. a 15 de janeiro de 1783. Reg. no Cart. da N., liv. III, fl. 83.

(C. C.)

1086. João Baptista da Fonseca Coelho Cardoso, da cidade de Lamego, filho de Agostinho Teixeira de Almeida, professo na ordem de Christo, familiar do Santo Officio, e de sua mulher D. Francisca Thereza da Fonseca Coelho; neto paterno de João Teixeira de Almeida, e de sua mulher D. Maria Carneiro Correa, filha de Manuel Correa Cardoso, neta de outro Manuel Correa Cardoso, e bisneta de Balthasar Correa da Fonseca e de sua mulher Francisca Cardoso, filha de Luiz Cardoso, e de sua mulher e parenta Guiomar Teixeira; neta paterna de Francisco Cardoso, capitão-mór de S. Martinho de Mouros, descendente da casa de Cardoso; neta materna de Luiz Vaz Cardoso, senhor do solar e honra de Cardoso, fidalgo da casa real; e o dito Balthasar Correa da Fonseca, filho de Francisco da Fonseca, e de sua mulher Lucrecia Correa; neto paterno de Gaspar da Fonseca, descendente de Ruy Lopes Homem, muito cavalheiro; neto materno de Gaspar Dias Correa, e de sua mulher Margarida Correa; bisneto de Gonçalo Dias Correa, moço fidalgo da casa do senhor rei D. Manuel; neto materno de João Baptista da Fonseca Coelho, e de sua mulher D. Maria Luiza; bisneto de Antonio da Fonseca Coelho, sobrinho de Marcos da Fonseca Coelho, commendador da ordem de S. Bento de Aviz, e capitão de infanteria que foi nas guerras da Acclamação.

As armas dos Cardosos, Correas, Coelhos, e Fonsecas. — Br. p. a 17 de maio de 1753. — Reg. no Cart. da N., liv. particular, fl. 57 v.

(C. C.)

1087. João Baptista Pereira da Rocha, natural da cidade de Lamego, filho de Diogo José Soares, e de sua mulher D. Maria Joaquina Pereira da Rocha; neto de João Pereira da Rocha, e de sua mulher D. Anna Pereira da Rocha; e bisneto de outro João Pereira da Rocha.

Um escudo partido em pala; na primeira as armas dos Pereiras, e na segunda as dos Rochas. — Br. p. a 18 de fevereiro de 1807. Reg. no Cart. da N., liv. VII, fl. 162.

(C. C.)

1088. **João Baptista Sant'Iago Roballo Pacheco da Silva**, morador na villa de S. Francisco, arcebispado da Bahia; filho do doutor João Baptista Sant'Iago Roballo Pacheco da Silva, e de sua mulher D. Michaela Rosa da Silva; neto pela parte paterna de João Baptista Sant'Iago, e de sua mulher D. Maria Rosa Baptista da Silva; neto pela parte materna de Manuel Mendes Bordalo, e de sua mulher Joanna Maria.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Pachecos, no segundo as dos Sant'Iagos, no terceiro as dos Roballos, e no quarto as dos Silvas. — Br. p. a 3 de outubro de 1795. Reg. no Cart. da N., liv. v, fl. 98.

(C. C.)

1089. **João Baptista dos Santos Vaz Ribeiro**, filho de João Alvares Vaz Fernandes, e de D. Maria Ribeiro dos Santos; neto paterno de Manuel Alvares Vaz Fernandes, e de D. Luiza Vieira; e materno de Santos Ribeiro, e de D. Isabel de Seixas Alvares.

Um escudo esquartelado; no primeiro e quarto quarteis as armas dos Vazes, no segundo as dos Fernandes, e no terceiro as dos Ribeiros.—Br. p. a 17 de outubro de 1807. Reg. no Cart. da N., liv. vii, fl. 216.

(C. C.)

1090. **João Baptista da Silva Barros**, da villa de Guimarães, filho de Theotonio da Silva Barros, e de sua mulher D. Custodia Maria Vieira; neto paterno de André da Silva Barros, e de sua mulher D. Isabel da Silva; e materno de João Antonio Vieira, e de sua mulher D. Josepha Rodrigues.

Um escudo esquartelado; no primeiro e quarto quarteis as armas dos Silvas, no segundo as dos Barros, e no terceiro as dos Vieiras.—Br. p. a 25 de setembro de 1815. Reg. no Cart. da N., liv. vii, fl. 322 v.

(C. C.)

1091. **João Baptista da Silva Coutinho e Abreu**, graduado em direito canonico pela Universidade de Coimbra, superintendente das caudelarias da comarca de Leiria, e natural da mesma cidade; filho do doutor Manuel da Silva Ferreira, e de D. Luiza de Abreu Coutinho; neto pela parte paterna do capitão Paschoal da Silva, e de D. Isabel Ferreira; e pela materna de João Rodrigues da Silva, e de D. Maria de Abreu Coutinho.

Um escudo esquartelado; no primeiro e quarto quarteis as armas dos Silvas, no segundo as dos Coutinhos, e no terceiro as dos Abreus.—Br. p. a 2 de agosto de 1792. Reg. no Cart. da N., liv. iv, fl. 257 v.

(C. C.)

1092. **João Baptista de Sousa**, administrador do antigo morgado denominado Gondomil, no couto de Moure, e capitão-mór do mesmo couto, e de Feitosa; filho de João Gomes de Sousa Lanhos, que foi capitão-mór dos ditos coutos, e de D. Antonia de Lemos da Cunha, da casa dos Bouças. illustre familia da provincia do Minho; neto pela parte paterna de Alexandre Gomes Loureiro Peixoto, e de sua mulher D. Marianna; neto pela parte materna de Miguel de Carvalho e Sousa, e de sua mulher D. Martha de Sousa da Cunha.

Um escudo partido em pala; na primeira as armas dos Sousas, e na segunda as dos Gomes.—Br. p. a 29 de novembro de 1796. Reg. no Cart. da N., liv. v, fl. 162.

(C. C.)

1093. **João Barata da Guerra Costa e Cunha** (Capitão), familiar do Santo Officio do numero, natural do logar de Monforte da Beira, termo e comarca da cidade de Castello-branco; filho do capitão João Barata da Guerra, tambem familiar do Santo Officio do numero, natural do dito logar de Monforte da Beira, e de sua mulher D. Maria Vaz da

Costa Padilhas, filha de Pedro Padilhas, e de D. Maria de Sequeira, neta paterna do capitão do referido logar Diogo Padilhas, o qual na guerra de Castella no anno de 1672 sendo cercado no forte do mesmo logar que estava governando, com mais de seis mil homens de tropa castelhana, por muitas vezes lhes tomou as presas de gados que elles vinham fazer na dita provincia, o que tudo obrou com tão distincto valor, que a mesma mogestade se dignou escrever-lhe uma carta de louvor; neto pela sua varonia de Pedro da Costa Cunha da Guerra, e de sua mulher D. Maria de Carvalho; bisneto do capitão Bartholomeu da Costa Cunha da Guerra, e de sua mulher D. Maria Martins Barrantes, da esclarecida familia d'este appellido, da praça de Alcantara, do reino de Castella, instituidora da capella de que o supplicante é administrador na villa da Zibreira; terceiro neto de Belchior da Costa Pacheco Cunha da Guerra, e de sua mulher D. Thereza de Almeida; quarto neto de Antonio Rodrigues Cunha da Guerra, capitão-mór da villa de Celorico da Beira, e de D. Isabel Pacheco da Costa, filha de D. Maria Pacheco, descendente do grande Duarte Pacheco Pereira, bem conhecido pelas egregias acções que obrou na India, e dos Costas Corte-reaes, por seu avô João da Costa Corte-real, fidalgo da casa real, cavalleiro na ordem de Christo, e alcaide-mór de Linhares; quinto neto de Sebastião Rodrigues da Guerra, fidalgo illustre do reino de Galliza, que passando a Portugal se estabeleceu na dita villa de Celorico da Beira, onde cason com D. Isabel Rodrigues, cuja descendencia se derivou a Linhares e d'ahi a Monforte da Beira; a qual se acha actualmente restricta na casa do supplicante, e na de Jacinto Homem da Cunha Corte-real, capitão-mór da dita villa de Linhares, com quem o supplicante se trata por parente, e trataram os progenitores do supplicante, de uma e outra casa.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Costas, no segundo as dos Cunhas, no terceiro as dos Guerras, e no quarto as dos Paehecos, descendentes do referido Duarte Pacheco Pereira.—Br. p. a 14 de novembro de 1782. Reg. no Cart. da N., liv. III, fl. 73 v.

(C. C.)

1094. João Barata da Guerra Costa da Cunha, familiar do Santo Officio do numero, senhor do morgado de Monforte da Beira, e natural do mesmo logar, termo e comarca da cidade de Castello-branco; filho de João Barata da Guerra Costa e Cunha, capitão de infanteria auxiliar, familiar do Santo Officio do numero, e de sua prima e mulher D. Maria Vaz da Costa Padilha, instituidores do dito morgado, filha legitima de Pedro Padilha, e de D. Maria de Sequeira, e neta pela parte paterna de Diogo Padilha, capitão do dito logar, o qual no anno de 1654, na guerra da feliz acclamação, sendo cercado no forte que elle estava governando com mais de seis mil homens de tropas castelhanas, os fez levantar o cerco e os desbaratou inteiramente com perda total de sitiadores, e por muitas vezes lhes tomou as presas de gados, que elles vinham fazer n'aquella provincia, o que tudo obrou com tão distincto valor, que a mesma magestade se dignou escrever-lhe uma carta de louvor além das honradas e authenticas certidões que de tudo lhes passaram os generaes da provincia da Beira e mais officiaes de milicia e justiça; neto o supplicante pela sua varonia de Pedro da Costa Cunha da Guerra, e de sua mulher D. Maria de Carvalho; bisneto do capitão Bartholomeu da Costa Cunha da Guerra, e de sua mulher D. Maria Martins Barrantes, da esclarecida familia d'este appellido da praça de Alcantara, do reino de Castella, da qual foi tambem descendente o glorioso S. Pedro de Alcantara, e instituidores da capella de que o supplicante é administrador na villa da Zibreira; terceiro neto de Belchior da Costa Pacheco Cunha da Guerra, capitão-mór da villa de Celorico da Beira, e de D. Isabel Pacheco da Costa, filha de D. Maria Pacheco, que era descendente do grande Duarte Pacheco Pereira, bem conhecido pelas egregias acções que obrou na India, e dos Costas Corte-reaes, por seu avô João da Costa Corte-real, fidalgo da casa real, cavalleiro da ordem de Christo, e alcaide-mór de Linhares; quinto neto de Sebastião Rodrigues da Guerra, fidalgo illustre do reino de Galliza, que passando a Portugal se estabeleceu na

villa de Celorico da Beira, onde casou com D. Isabel Rodrigues, cuja descendencia se derivou a Linhares, e d'ahi a Monforte da Beira, a qual se acha actualmente restricta na casa do supplicante, e na de Jacinto Homem da Cunha Corte-real, capitão-mór da villa de Linhares, com quem o supplicante se trata por parente, e trataram os progenitores de uma e outra casa.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Guerras, no segundo as dos Baratas, no terceiro as dos Costas, e no quarto as dos Pachecos. — Br. p. a 16 de junho de 1784. Reg. no Cart. da N., liv. III, fl. 139.

(C. C.)

1095. João Barbudo, morador na Raposeira, termo de Lagos, filho de Filippe Gonçalves Barbudo, e neto de Gonçalo Barbudo Vassallo, que foi do tronco d'esta geração.

Carta pela qual el-rei D. João III lhe concede o seguinte brazão de seus antecessores: — Escudo de campo de oiro com cinco estrellas de vermelho, em aspa, e uma bordadura de azul, e por differença uma merleta de prata; elmo de prata aberto guarnecido de oiro, paquife de oiro e vermelho, e por timbre uma aspa de oiro com cinco estrellas de oiro; com todas as honras e privilegios de fidalgo por descender da geração e linhagem dos Barbudos. — Dada em Evora a 13 de julho de 1534. Reg. na Chanc. de D. João III, liv. XX, fl. 139.

1096. João Barreto de Sá e Menezes, capitão-mór das ordenanças da villa de S. Francisco das Chagas da Barra do Rio-grande do Sul, filho do capitão João de Menezes Barreto, e de sua mulher D. Rita Barreto de Menezes; neto paterno de João Rodrigues Barreto, capitão do regimento de infanteria de linha da cidade da Bahia, e de sua mulher D. Anna de Sá; e materno do sargento-mór Sebastião Alves da Fonseca, professo na ordem de Christo, e de sua mulher D. Maria de Sousa.

Um escudo partido em pala; na primeira as armas dos Barretos, e na segunda as dos Menezes. — Br. p. a 11 de fevereiro de 1807. Reg. no Cart. da N., liv. VII, fl. 159.

(C. C.)

1097. João de Barros, doutor e desembargador, filho do doutor Diogo Gonçalves, e de Briolanja de Barros; neto de João de Barros, que foi fidalgo muito honrado e do tronco d'esta geração.

Carta pela qual el-rei D. João III lhe concede o seguinte brazão de seus antecessores: — Escudo de campo vermelho com tres bandas de prata e nove estrellas de oiro sobre o campo, sendo uma na ponta mais alta, tres em cada uma das do meio, e duas na mais baixa, e por differença uma brica azul com um — Y — de prata: elmo de prata aberto guarnecido de oiro, paquife de oiro, vermelho e prata, e por timbre uma aspa vermelha e sobre ella cinco estrellas de oiro; com todas as honras e privilegios de fidalgo por descender da geração dos Barros. — Dada em Lisboa a 23 de junho de 1553. Reg. no liv. I de Privilegios, fl. 341 v.

1098. João de Basto Maia Pereira, cavalleiro professo na ordem de Christo, natural da freguezia de S. João da Foz, comarca da cidade do Porto; filho de João de Basto Maia, e de D. Josepha Francisca Pereira; neto paterno do capitão José Fernandes Maia, e de sua mulher Isabel de Basto; neto materno do capitão Bento Pereira Pederneira, e de sua mulher Antonia Francisca Pereira.

As armas dos Maias, Bastos, e Pereiras. — Br. p. a 7 de novembro de 1764. Reg. no Cart. da N., liv. particular, fl. 138.

(C. C.)

1099. João Bernardo Borralho, sargento-mór da primeira plana militar, e ajudante de ordens do governador e capitão general da cidade do Pará, cavalleiro da ordem

militar de S. Bento de Aviz; filho do capitão Manuel Henriques Borralho, e de sua mulher D. Catharina Maria da Silva; neto paterno de Domingos Correa de Azevedo, governador de Ouguella, com patente de tenente coronel, e de sua mulher D. Maria Benedicta; neto materno de Domingos Sebastião, lavrador da Penha do Gato, de terras suas, e de sua mulher D. Maria Francisca Ephigenia; sendo o mesmo supplicante irmão de Francisco Rodrigues Borralho, que falleceu em Gôa com a patente de coronel, de Joaquim Pedro Borralho, capitão de infanteria paga da dita cidade do Pará, e de Silvestre Joaquim Pedro Borralho, primeiro tenente commandante da terceira companhia do primeiro regimento da real armada.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Correas, no segundo as dos Azevedos, no terceiro as dos Borralhos, e no quarto as dos Silvas.—Br. p. a 29 de julho de 1797. Reg. no Cart. da N., liv. v, fl. 197.

(C. C.)

1100. João Bernardo Malafaya Mascarenhas, filho de José Bernardo da Costa, e de D. Anna Malafaya Mascarenhas; neto materno de Francisco da Silva, e de D. Maria da Silva Malafaya Mascarenhas; bisneto de Narciso Malafaya Mascarenhas, e de D. Antonia da Silva; terceiro neto de Manuel Alvares da Silva, e de D. Paschoa do Couto Malafaya Mascarenhas; quarto neto de Balthasar do Couto, e de D. Christina Malafaya Mascarenhas; quinto neto de Pedro Rodrigues Malafaya, e de D. Anna Jorge; sexto neto de Belchior de Malafaya, commendador da ordem de Christo; setimo neto de Pantaleão Rodrigues Malafaya, commendador de S. Salvador de Brazia, em Arouca.

Um escudo partido em pala; na primeira as armas dos Malafayas, e na segunda as dos Mascarenhas.—Br. p. a 13 de dezembro de 1792. Reg. no Cart. da N., liv. iv, fl. 270.

(C. C.)

1101. João Borges, morador em Alemquer, filho de Alvaro Borges, e neto de João Borges, fidalgo muito honrado e do tronco d'esta geração dos Borges.

Carta pela qual el-rei D. João iii lhe concede o seguinte brazão de seus antecessores: — Escudo de campo vermelho com um leão de oiro com o rabo retornado contra a cabeça, com uma bordadura de azul semeada de flores de liz de oiro, e por differença uma merleta de prata; elmo de prata aberto guarnecido de oiro, paquife de oiro e vermelho, e por timbre o mesmo leão com uma flor de liz de oiro na cabeça; com todas as honras de fidalgo por descender da nobre geração e linhagem dos Borges.—Dada em Evora a 18 de janeiro de 1536. Reg. na Chanc. de D. João iii, liv. xxii, fl. 6.

1102. João Borges de Goes (Doutor), natural da cidade de Santa Maria de Belem do Grã-Pará, filho de Lazaro Fernandes Borges, familiar do Santo Officio, e de sua mulher D. Antonia Maria Ferreira de Goes; neto pela parte paterna de Marcos Fernandes Borges, familiar do Santo Officio, e de sua mulher D. Joanna Gonçalves da Silva, elle filho de Antonio Fernandes Borges, e de sua mulher D. Isabel Gonçalves de Araujo, e ella filha de Filippe Fernandes Borges, e de sua mulher D. Isabel Gonçalves da Silva; e pela parte materna se mostrava tambem que elle é neto do capitão Manuel de Goes, familiar do Santo Officio, e de sua mulher D. Thomazia Ferreira de Mello; bisneto de Amaro Simões de Carvalho, e de sua mulher D. Maria Francisca Rita de Goes, elle filho de Manuel Francisco de Carvalho, e de sua mulher D. Isabel Simões, e ella filha de Antonio Francisco, e de sua mulher D. Maria Francisca de Goes, e a dita D. Thomazia Ferreira de Mello, filha do capitão João Monteiro de Azevedo, e de sua mulher D. Thomazia de Sousa, e ella filha de José Ferreira Pacheco, e de sua mulher D. Maria de Gusmão.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Borges, no segundo as dos Goes, no terceiro as dos Pachecos, e no quarto as dos Gusmãos.—Br. p. a 2 de setembro de 1784. Reg. no Cart. da N., liv. iii, fl. 157 v.

(C. C.)

1103. João Botelho de Carvalho (Capitão), cavalleiro da ordem de Sant'Iago, familiar do Santo Officio, natural da ilha de S. Miguel, da cidade de Ponta-delgada, e morador na cidade de Lisboa; filho de Thomé Botelho de Sampaio, e de sua mulher Maria Ferreira do Couto, filha de Domingos de Carvalho, e de sua mulher Isabel Ferreira; neto paterno de Thomé Botelho de Sampaio, e de sua mulher Anna Moniz, dos Bons-Monizes da dita ilha; bisneto de Jeronymo Botelho de Sampaio, e de sua mulher Victoria de Azevedo, o qual Jeronymo Botelho foi irmão do licenceado André Gonçalves de Sampaio, que tirou brazão com as armas dos Botelhos no mez de agosto de 1645; terceiro neto de Jeronymo Botelho de Macedo, e de sua mulher Guiomar Faleyra Cabral; quarto neto de Nuno Gonçalves Botelho, que foi juiz dos Residuos da ilha de S. Miguel, e de sua mulher e prima segunda Isabel de Macedo; quinto neto de Jorge Nunes Botelho, que tirou brazão com as armas dos Botelhos no reinado do senhor rei D. João III, e de sua mulher Margarida Travassos Cabral, filha de Gonçalo Velho Cabral, da antiga e nobilissima familia dos Velhos, que foram capitães e donatarios da ilha de Santa Maria; sexto neto de Nuno Gonçalves Botelho, que foi o primeiro homem que nasceu na ilha de S. Miguel depois do seu descobrimento, e de sua mulher Ignez Rodrigues, que outros chamam Catharina Rodrigues, e dizem ser mulher muito nobre; setimo neto de Gonçalo Vaz Botelho, chamado o Grande, que por ordem do infante D. Henrique foi povoar a ilha de S. Miguel, onde teve muitas terras, e para onde levou sua mulher e os mais filhos que já tinha; oitavo neto de Pedro Botelho, que foi cavalleiro e depois commendador-mór na ordem de Christo, e é o que na batalha de Aljubarrota deu o seu cavallo ao condestavel D. Nuno Alvares Pereira para ir soccorrer a retaguarda do exercito; nono neto de Diogo Botelho, que se criou no paço e teve grande valimento com o senhor rei D. João I, e de sua mulher D. Leonor Affonso Valente, filha de Martim Affonso Valente, alcaide-mór de Lisboa, e senhor do morgado da Povoa; decimo neto de Fernão Dias Botelho, que foi alcaide-mór de Almeida por morte do senhor rei D. Fernando, de cuja mulher, a rainha D. Leonor Telles de Menezes, elle era primo terceiro pela linha dos Vasconcellos; decimo primeiro neto de Diogo Affonso Botelho, e de sua mulher D. Maria Fernandes de Carvalho, filha de Fernão Gomes de Carvalho, senhor do morgado de Carvalho, que hoje possue seu descendente do conde de Atouguia; decimo segundo neto de Affonso Botelho, que no anno de 1339 tinha comedoria como infanção no mosteiro de Mansellos, e de sua mulher D. Mecia Vasques de Azevedo, filha de Vasco Paes de Azevedo, senhor da antiga casa de Azevedo e do couto d'este nome, e de sua mulher D. Maria Rodrigues de Vasconcellos, da esclarecida familia d'este appellido; decimo terceiro neto de Martim Pires Botelho, que foi senhor da quinta e honra de Botelho e da mais casa de seu pae, e alcaide-mór de Castello-Rodrigo pelos annos de 1279, reinando o senhor rei D. Diniz, e de sua mulher D. Joanna Martins de Parada, filha de D. Durão Martins de Parada, rico homem, e mordomo-mór do senhor rei D. Diniz; decimo quarto neto de Pedro Martins Botelho, o primeiro que usou d'este appellido, e era filho de Martim Vasques Barba, rico homem, e descendente por varonia de D. Payo Mogudo, senhor de Sandim e rico homem do senhor rei D. Affonso VI de Leão, avô do primeiro rei de Portugal.

As armas dos Botelhos, e Cabraes. — Br. p. a 16 de julho de 1754. Reg. no Cart. da N., liv. particular, fl. 74 v.

(C. C.)

1104. João Brandão da Silva Pinheiro Pereira, bacharel formado na faculdade de canones, administrador do morgado que instituiu o reverendo doutor Christovão Fernandes de Oliveira, e senhor de Payalvo, natural da villa de Oliveira do Bairro, comarca de Aveiro; filho do doutor Manuel Brandão da Silva, administrador do dito morgado, e de sua mulher D. Marianna Rosa, senhora de Payalvo; neto pela parte paterna do doutor João Brandão da Silva, e de sua mulher D. Maria Thereza de Oliveira, irmã do reverendo doutor Christovão Fernandes de Oliveira, instituidor do dito morgado; neto pela

parte materna do capitão Sebastião Pereira de Pinho, e de sua mulher D. Maria Ferreira.
Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Brandões, no segundo as dos Silvas, no terceiro as dos Pereiras, e no quarto as dos Pinhos. — Br. p. a 9 de novembro de 1792. Reg. no Cart. da N., liv. IV, fl. 268 v.

(C. C.)

1105. João Cabral de Mello (Bacharel), natural da cidade de Angra, da ilha Terceira; filho de Manuel Cabral de Mello, e de sua mulher D. Rosa Francisca Marianna; neto pela parte paterna de outro Manuel Cabral de Mello, e de sua mulher Margarida Felicia dos Cherubins, e por esta sua avó bisneto de Manuel Machado de Sousa, e de sua mulher Barbara de Oliveira e Quadros.
Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Cabraes, no segundo as dos Mellos, no terceiro as dos Sousas, e no quarto as dos Machados. — Br. p. 15 de julho de 1779. Reg. no Cart. da N., liv. II, fl. 195 v.

(C. C.)

1106. João Caetano Pereira Valente (Doutor), presbytero secular do habito de S. Pedro, da freguezia de Santa Marinha de Aranca; filho do capitão Manuel Pereira Antão, e de sua mulher Brigida Joanna Tavares de Resende; neto pela parte paterna de Manuel Pereira, e de sua mulher Domingas de Oliveira; bisneto do capitão Manuel Antão Pereira; e pela materna neto do capitão Manuel de Resende Fragoso, e de sua mulher Thereza Valente.
Um escudo ovado e esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Pereiras, no segundo as dos Oliveiras, no terceiro as dos Tavares, e no quarto as dos Valentes. — Br. p. a 26 de abril de 1776. Reg. no Cart. da N., liv. II, fl. 91.

(C. C.)

1107. João Caetano de Sampaio Peixoto, natural da cidade de Braga, filho do doutor Caetano José de Sampaio Peixoto, e de sua mnlher D. Anna Maria Soares; neto pela parte paterna de Manuel de Sampaio, e de D. Joanna da Silva e Almeida; bisneto de Mathias de Sampaio, e de D. Angela Peixoto; terceiro neto de Manuel de Sampaio, e de D. Paula Carvalho.
Um escudo com as armas dos Sampaios. — Br. p. a 22 de maio de 1787. Reg. no Cart. da N., liv. IV, fl. 6.

(C. C.)

1108. João Camacho de Brito, filho de Bartholomeu Gomes de Brito, alferes de infanteria do regimento de Serpa, e de sua mulher Angela Gonçalves Monteza, filha do capitão Estevão Guisado Raposo, e de sua mulher Maria Gonçalves Janeira; neto pela sua varonia de Domingos Coelho de Brito, e de sua mulher Joanna Louzã; bisneto de João Camacho Guerreiro, e de sua mulher Margarida Coelho; terceiro neto de outro João Camacho Guerreiro, que foi sargento-mór da villa de Almodovar, e de sua mulher Isabel Guerreiro de Brito, filha de Diogo Mestre de Brito, e de sua mulher Maria Guerreiro Boim.
Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Britos, no segundo as dos Camachos, no terceiro as dos Guerreiros, e no quarto as dos Raposos. — Br. p. a 5 de abril de 1780. Reg. no Cart. da N., liv. II, fl. 237 v.

(C. C.)

1109. João Camacho Rebello, morador em Lisboa.
Carta pela qual el-rei D. João III lhe concede o seguinte brazão de seus antecessores: — Escudo de campo azul com tres faxas de oiro e em cada uma uma flor de liz vermelha, postas em banda, e por differença uma *luma* de prata; elmo de prata aberto guarnecido de oiro, e por timbre duas flores de liz vermelhas; com todas as honras e privi-

legios de fidalgo por descender da nobre geração e linhagem dos Rebellos. — Dada em Lisboa a 9 de setembro de 1532. Reg. na Chanc. de D. João III, liv. XVIII, fl. 90 v.

1110. João Camillo da Silva Sousa e Basto, cavalleiro professo na ordem de Sant'Iago da Espada, filho de Clemente da Silva Neves, e de D. Joanna Maria Margarida de Sousa; neto paterno de Manuel Fernandes da Silva, e de D. Maria da Silva; e materno de João Villela Basto, e de D. Thereza Maria de Jesus Leitão e Sousa.

Um escudo partido em pala; na primeira as armas dos Sousas, e na segunda as dos Silvas. — Br. p. a 12 de outubro de 1802. Reg. no Cart. da N., liv. VII, fl. 13 v.

(C. C.)

1111. João Candido da Costa e Campos, natural de Lisboa, cavalleiro professo na ordem de Sant'Iago da Espada, e escrivão da Correição do civel da côrte e casa da supplicação; filho de Mattheus Gonçalves da Costa, cavalleiro professo na ordem de Christo, e egualmente escrivão do civel da côrte, e de sua mulher D. Isabel Joaquina Maria de Campos; neto paterno de João Gonçalves da Costa, tambem escrivão do referido juizo, e de sua mulher D. Maria Bernarda; neto materno de Manuel Francisco de Campos, cavalleiro professo na ordem de Christo, escudeiro cavalleiro da casa real, e negociante de grosso tracto da praça d'esta cidade, e de D. Luiza da Luz e Sousa.

Um escudo partido em pala; na primeira as armas dos Costas, e na segunda as dos Campos. — Br. p. a 9 de novembro de 1825. Reg. no Cart. da N., liv. VIII, fl. 165.

(C. C.)

1112. João Cardoso de Almeida Coelho Ribeiro, do logar da Cortiçada, concelho de Aguiar; filho do doutor João Carvalho de Almeida Coelho; neto de Theodosio Ribeiro de Almeida Coelho; bisneto de Manuel Ribeiro Cardoso de Almeida Coelho de Carvalho; terceiro neto de Francisco Coelho de Carvalho, moço fidalgo da casa real, e sargento-mór que foi na America, o qual era filho tambem de Antonio Coelho de Carvalho, fidalgo da casa do senhor rei D. João IV, do seu conselho, e seu desembargador do Paço.

Um escudo esquartelado; no primeiro as armas dos Coelhos, no segundo as dos Carvalhos, no terceiro as dos Almeidas, e no quarto as dos Cardosos. — Br. p. a 18 de dezembro de 1774. Reg. no Cart. da N., liv. II, fl. 45 v.

(C. C.)

1113. João Cardoso de Lemos, sargento-mór, cavalleiro do Esporão de Oiro de Roma, notario publico apostolico, morador no bispado de Marianna, estado da America, e natural da villa da Covilhã; filho de Manuel Cardoso, e de sua mulher D. Seraphina da Fonseca de Lemos; neto paterno de Filippe de Carvalho, e de sua mulher D. Isabel Cardoso; neto materno de Antonio de Lemos, e de sua mulher D. Francisca Monteiro.

As armas dos Carvalhos, Lemos, Cardosos, e Monteiros. — Br. p. a 24 de janeiro de 1758. Reg. no Cart. da N., liv. particular, fl. 113 v.

(C. C.)

1114. João Carlos de Mello e Araujo, presbytero secular, bacharel formado na faculdade dos sagrados canones, vigario da egreja de Nossa Senhora do Rosario da villa de Goyana; filho de Manuel de Mello e Araujo, e de sua mulher D. Quiteria Bernardina Bezerra; neto pela parte paterna de João Fernandes de Araujo, e de sua mulher D. Anna Maria Ferreira de Azevedo; e por parte materna de Pedro Coelho Pinto, capitão de infanteria paga da cidade de Olinda, capitania de Pernambuco, e de sua mulher D. Ignez Pessoa Bezerra; bisneto por parte materna de Antonio da Silva Pereira, capitão-mór que foi da villa de Igarasú, filho de João Dourado de Azevedo, professo na ordem de Christo, este filho de Antonio da Silva, o qual tendo exercicio de capitão de cavallaria na mesma

capitania de Pernambuco, na guerra que houve com os hollandezes foi um dos restauradores d'ella, e houve-se com tanto valor, e fez tão relevantes serviços á corôa, que foi promovido em um dos governos do reino de Angola.

Um escudo ovado e esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Mellos, no segundo as dos Araujos, no terceiro as dos Pessoas, e no quarto as dos Bezerras.—Br. p. a 28 de março de 1798. Reg. no Cart. da N., liv. VI, fl. 15.

(C. C.)

1115. João Carvalho de Araujo, cavalleiro professo na ordem de Christo, filho de Simão de Araujo, e de sua mulher Maria Carvalho; neto paterno de Manuel de Araujo, e de sua mulher Anna Francisca; e pela parte materna neto de Manuel Fernandes, e de sua mulher Domingas Carvalho, todos naturaes da freguezia de Sant'Iago de Lanhoso.

As armas dos Araujos, e Carvalhos.—Br. p. a 25 de agosto de 1759. Reg. no Cart. da N., liv. particular, fl. 123 v.

(C. C.)

1116. João Carvalho de Magalhães (bacharel), filho legitimo do capitão João Carvalho de Magalhães, e de sua mulher D. Luiza de Mattos e Figueiredo; neto pela parte paterna de Manuel de Carvalho e Magalhães, e de sua mulher D. Bernarda de Sousa Magalhães; e pela materna neto de Jeronymo de Mattos, e de sua mulher D. Isabel Francisca de Figueiredo.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Carvalhos, no segundo as dos Magalhães, no terceiro as dos Mattos, e no quarto as dos Figueiredos. —Br. p. a 30 de novembro de 1767. Reg. no Cart. da N., liv. I, fl. 61.

(C. C.)

1117. João de Castilho, escrivão da camara real, filho de João de Castilho, que foi morador na villa de Thomar e natural das montanhas do reino de Biscaia.

Carta pela qual el-rei D. Sebastião lhe concede e a seus descendentes o seguinte brazão de seus antecessores: — Escudo de campo verde com um castello de prata com as portas e frestas e lavrado de preto, e em cima da torre do meio uma flor de liz de oiro, e á porta do castello duas lebres de prata, olhando uma para a outra, com colleiras vermelhas e presas por umas cadeias de oiro que saem das bombardeiras; elmo de prata aberto guarnecido de oiro, paquife de oiro, prata e verde, e por timbre uma das lebres das armas, e por differença uma muleta de oiro; com todas as honras e privilegios de nobre fidalgo por descender da geração dos Castilhos do reino de Biscaia.—Dada em Lisboa a 16 de fevereiro de 1561. Reg. na Chanc. de D. Sebastião, liv. II, fl. 44 v.

1118. João de Castro, morador em Evora.

Carta pela qual el-rei D. João III lhe concede o seguinte brazão de seus antecessores: — Escudo de campo de prata com seis arruelas de azul, em duas palas, e por differença uma lua vermelha; elmo de prata aberto guarnecido de oiro, paquife de prata e azul, e por timbre um leão de prata com seis arruelas de azul; com todas as honras e privilegios de fidalgo por descender da geração e linhagem dos Castros. — Dada em Lisboa a 22 de junho de 1529. Reg. na Chanc. de D. João III, liv. XVII, fl. 81.

1119. João de Castro da Rocha Tavares Junior (Bacharel), filho de João de Castro da Rocha Tavares Pereira Corte-real, senhor da casa de Feijó, juiz dos direitos reaes, e capitão-mór da villa da Feira; e de sua mulher D. Antonia de Castro Corte-real; neto paterno do sargento-mór Francisco Joaquim da Rocha Tavares Pereira Corte-real, cavalleiro professo na ordem de Christo, e juiz dos direitos reaes, que foi de propriedade no condado da Feira, e de sua mulher D. Violante Luiza Pereira de Castro, filha de Ma-

nuel Pereira de Castro, senhor da dita casa de Feijó e morgado de Sernadello, e de D. Leonor Queiroz Monteiro e Azevedo; bisneto de Salvador da Rocha Tavares Pereira Corte-real, senhor dos morgados de Castelons de S. Martinho de Arguncelhe, e de Pegueiros, e padroeiro *in solidum* da egreja da dita freguezia de Santa Maria de Pegueiros, e de sua mulher D. Anna Maria de Sousa Vieira de Avila; terceiro neto de Manuel Tavares da Rocha Pereira, morgado e padroeiro de Santa Maria de Pegueiros, e de D. Maria de Mattos Soares da Fonseca; quarto neto de Francisco Tavares da Rocha Pereira Corte-real, morgado e padroeiro da egreja de Santa Maria de Pegueiros, e de D. Maria Lobato Godinho; quinto neto de Manuel Tavares da Rocha Pereira Pinto Corte-real, morgado e padroeiro de Santa Maria de Pegueiros, e de D. Martha da Cunha; sexto neto de Francisco Tavares Pinto, e de D. Margarida da Rocha, herdeira do morgado e padroado de Santa Maria de Pegueiros; setimo neto de Jeronymo Tavares Pereira, e de D. Maria Pinto, filha dos senhores da honra de Paramos; oitavo neto de Francisco Tavares, instituidor do vinculo de Castelons, filho dos senhores de Mira, e dos Pescados de Aveiro, e de sua mulher D. Maria Perèira, filha de D. Manuel Pereira, conde da Feira.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Corte-reaes, no segundo as dos Tavares, no terceiro as dos Pereiras, e no quarto as dos Castros. — Br. p. a 20 de fevereiro de 1825. Reg. no Cart. da N., liv. VIII, fl. 133.

(C. C.)

1120. João de Castro da Rocha Tavares Pereira Corte-real, senhor da casa de Feijó, juiz dos direitos reaes, e capitão-mór da villa da Feira; filho do sargento-mór Francisco Joaquim da Rocha Tavares Pereira Corte-real, cavalleiro professo na ordem de Christo, e juiz dos direitos reaes que foi de propriedade no condado da Feira, e de sua mulher D. Violante Luiza Pereira de Castro, a qual era filha de Manuel Pereira de Castro, senhor da dita casa de Feijó, e morgado de Sernadello, e de D. Leonor Queiroz Monteiro e Azevedo; neto paterno de Salvador da Rocha Tavares Pereira Corte-real, senhor dos morgados de Castellões, de S. Martinho de Arguncilhe, e de Pegueiros, e padroeiro *in solidum* da egreja da dita freguezia de Santa Maria de Pegueiros, e de sua mulher D. Anna Maria de Sousa Vieira de Avila; bisneto de Manuel Tavares da Rocha Pereira, morgado e padroeiro de Santa Maria de Pegueiros, e de D. Maria de Mattos Soares da Fonseca; terceiro neto de Francisco Tavares da Rocha Pereira Corte-real, morgado e padroeiro da egreja de Santa Maria de Pegueiros, e de D. Maria Lobato Godinho; quarto neto de Manuel Tavares da Rocha Pereira Pinto Corte-real, morgado e padroeiro de Santa Maria de Pegueiros, e de D. Martha da Cunha; quinto neto de Francisco Tavares Pinto, e de D. Margarida da Rocha, herdeira do morgado e padroado de Santa Maria de Pegueiros; sexto neto de Jeronymo Tavares Pereira, e de D. Maria Pinto, filha dos senhores da honra de Paramo; setimo neto de Francisco Tavares, instituidor do vinculo de Castelloens, que foi filho dos senhores de Mira e Pescados de Aveiro, e de sua mulher D. Maria Pereira, filha de D. Manuel Pereira, conde da Feira.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Rochas, no segundo as dos Tavares, no terceiro as dos Pereiras, e no quarto as dos Castros. — Br. p. a 2 de abril de 1813. Reg. no Cart. da N., liv. VII, fl. 271 v.

(C. C.)

1121. João Chanoco, natural de Beja, filho de Lopes Chanoco, cavalleiro, fidalgo muito honrado e do tronco da geração dos Chanocos, e o principal d'elles; e bem assim era filho de Joanna de Sequeira, e bisneto de Lopo de Sequeira, que foi fidalgo muito honrado e do tronco da geração dos Sequeiras.

Carta pela qual el-rei D. João III lhe concede o seguinte brazão de seus antecessores: — Escudo de campo esquartelado; o primeiro partido em pala, de oiro e azul, com dois braços de leão, rompentes, armados um de vermelho sobre o oiro e o outro de oiro so-

bre o azul, e duas estrellas em chefe uma de vermelho e outra de oiro, e o contrario de azul com cinco vieiras de oiro riscadas de preto, em aspa, e por differença um trifolio de verde; elmo de prata aberto guarnecido de oiro, paquife de oiro, vermelho e azul, e por timbre os dois braços com uma estrella de oiro na mão do braço vermelho; com todas as honras e privilegios de fidalgo por descender da geração e linhagem dos Chanocos e Sequeiras. — Dada em Evora a 27 de setembro de 1536. Reg. na Chanc. de D. João III, liv. XXII, fl. 92.

1122. João Chrysostomo da Silva Valle Lobo, cavalleiro professo na ordem de Christo, bacharel formado nos sagrados canones pela Universidade de Coimbra, e natural da cidade de Lisboa; filho de José Antonio da Silva Valle, e de sua mulher D. Joanna Antonia Margarida da Silva Lobo; neto pela parte paterna do sargento-mór aggregado á plana da côrte Roberto Soares da Silva, e de sua mulher D. Maria Josepha Lobato; neto pela parte materna de Polycarpo Paes de Sousa, e de sua mulher D. Antonia da Silva Lobo.

Um escudo esquartelado; no primeiro e quarto quarteis as armas dos Silvas, no segundo as dos Valles, e no terceiro as dos Lobos. — Br. p. a 13 de novembro de 1793. Reg. no Cart. da N., liv. V, fl. 6.

(C. C.)

1123. João Claudio Ferreira Calado de Oliveira, juiz de fóra da villa de Alandroal, natural da de Punhete; filho de José Caetano de Oliveira, e de D. Maria Thomazia de Jesus Ferreira da Silva; neto pela parte paterna de Manuel Rodrigues de Oliveira, e de Maria Vicente; e pela materna neto de Lucas Ferreira Calado, e de D. Joanna Paula Maria da Silva.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Oliveiras, no segundo as dos Silvas, no terceiro as dos Ferreiras, e no quarto as dos Calados. — Br. p. a 8 de março de 1778. Reg. no Cart. da N., liv. II, fl. 151.

(C. C.)

1124. João Coelho. natural de Villa-franca, filho de Martim Coelho, morador na dita villa, neto de João Coelho, que foi fidalgo muito honrado e do tronco d'esta geração, e sobrinho de Gonçalo Coelho.

Carta pela qual el-rei D. João III lhe concede o seguinte brazão de seus antecessores: — Escudo de campo de oiro com um leão de purpura e faxado em tres faxas xaquetadas de oiro e azul, e uma bordadura de azul cheia de coelhos de prata malhados de preto, e por differença uma merleta de oiro; elmo de prata aberto guarnecido de oiro, paquife de purpura e oiro, e por timbre o mesmo leão com um dos coelhos nas unhas; com todas as honras e privilegios de fidalgo por descender da geração e linhagem dos Coelhos. — Dada em Lisboa a 1 de fevereiro de 1542. Reg. na Chanc. de D. João III, liv. XXXII, fl. 12.

1125. João da Costa Barros Rocha do Amaral, capitão de milicias da cidade do Rio de Janeiro, d'onde é natural; filho do sargento-mór Alexandre da Costa Barros, cidadão da referida cidade, e de sua mulher D. Catharina Vianna de Freitas; neto paterno de Alexandre da Costa, descendente da casa do morgado do Peso da Regoa, familiar do Santo Officio, e de sua mulher D. Antonia Nunes de Barros; neto materno do tenente coronel Salvador Vianna da Rocha, e de sua mulher D. Antonia Correa do Amaral.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Costas, no segundo as dos Barros, no terceiro as dos Rochas, e no quarto as dos Amaraes. — Br. p. a 29 de dezembro de 1802. Reg. no Cart. da N., liv. VII, fl. 22 v.

(C. C.)

1126. João da Costa Brandão, natural da cidade da Bahia de todos os Santos, filho de Francisco da Costa Brandão, e de sua mulher D. Leonor Maria do Nascimento e Andrade; neto pela parte paterna de Domingos Francisco, e de D. Isabel João; e pela materna de Pedro Ferreira de Andrade, e de D. Cordula Maria de S. José.

Um escudo partido em pala; na primeira as armas dos Costas, e na segunda as dos Brandões. — Br. p. a 10 de dezembro de 1773. Reg. no Cart. da N., liv. I, fl. 216.

(C. C.)

1127. João da Costa Santos, cavalleiro fidalgo da casa real, professo na ordem de Christo e assistente na provincia do Minho, onde serve no regimento de milicias da Maia; filho de Manuel da Costa Santos, e de sua mulher D. Maria da Assumpção; neto pela parte paterna de Domingos da Costa, e de sua mulher D. Catharina de Abreu de Figueiredo; bisneto de Manuel da Costa; e pela materna neto de Manuel Dias de Sousa, e de sua mulher D. Maria Anna da Encarnação.

Um escudo esquartelado; no primeiro as armas dos Costas, no segundo as dos Sousas, no terceiro as dos Tavares, e no quarto as dos Abreus. — Br. p. a 27 de novembro de 1752. Reg. no R. Arch. da T. do T., liv. XVIII das Mercês, fl. 281.

1128. João Couceiro da Silva, tenente da companhia de granadeiros do segundo regimento da real armada, e administrador do vinculo que instituiram o reverendo Simão Pereira e seu irmão Antonio Fernandes Pereira; filho de Antonio Pinheiro Pimentel, capitão de uma das companhias das ordenanças da villa de Pereira, comarca de Coimbra, e de sua mulher D. Maria Josepha Couceiro, administradora do dito vinculo; neto pela parte paterna de Manuel Gonçalves Floriado, e de sua mulher D. Isabel Pinheiro Pimentel; e pela parte materna de Antonio Couceiro da Silva, administrador do referido vinculo, e de sua mulher D. Isabel Tavares; bisneto de Pedro Fernandes da Silva, e de sua mulher D. Dionysia Couceiro, da qual consta serem avós Domingos João, e sua mulher D. Catharina Couceiro, sendo o dito Domingos irmão dos referidos instituidores do mencionado vinculo.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Pinheiros, no segundo as dos Pimenteis, no terceiro as dos Couceiros, e no quarto as dos Pereiras. — Br. p. a 15 de março de 1796. Reg. no Cart. da N., liv. V, fl. 122.

(C. C.)

1129. João da Cunha Coutinho Osorio Pinto da Fonseca, filho de Manuel da Cunha Osorio Pinto da Fonseca, capitão-mór que foi do concelho de Unhão, e de D. Josepha Maria Brochado; neto paterno de Paulo da Cunha Coutinho, capitão-mór que tambem foi do mesmo concelho; neto materno de João da Paz Monteiro, capitão de mar e guerra, occupação que por muitos annos serviu com distincto valor, sendo assim descendente o dito João da Cunha Coutinho Osorio Pinto da Fonseca por ambas as linhas de sujeitos que serviram esta corôa em varios empregos auctorisados na ordem da milicia, e em muitos honorificos logares do governo da republica, singularisando-se entre elles seu quarto avô paterno Gonçalo Coelho de Sequeira, capitão de infanteria que acompanhou o senhor rei D. Sebastião na jornada de Africa, descendente tambem de D. João Osorio, seu antigo avô, oriundo da casa e solar dos marquezes de Astorga, em Galliza.

As armas dos Cunhas, Coutinhos, Osorios, e Pintos. — Br. p. a 24 de outubro de 1753. Reg. no Cart. da N., liv. particular, fl. 64.

(C. C.)

1130. João Diogo Francisco Hortega Solorzano Costa e Cavalleri. Foi-lhe conferido o seguinte:

«Eu a Rainha faço saber aos que este meu alvará virem, que attendendo ao que me representou João Diogo Francisco Hortega Solorzano Costa e Cavalleri, natural de Hespanha, e naturalisado em Portugal, fidalgo cavalleiro da minha real casa, commendador da ordem militar portugueza de Nossa Senhora da Conceição de Villa-viçosa, e da ordem de Isabel a Catholica em Hespanha, consul geral de Portugal nas provincias do norte d'aquelle reino; filho de Claudio Hortega Solorzano e Castro, e de sua mulher D. Maria das Dores Jacoba Florentina Costa e Cavalleri; neto paterno de Lazaro Hortega Solorzano, e de sua mulher D. Maria Manuela Garcia; e materno de Eustachio Mathias Costa, e de sua mulher D. Josepha Moldes de Cavalleri, descendentes das familias Drago e Cavalleri, e tomando em consideração as suas qualidades e das illustres familias de que descende, e os muitos e bons serviços que tem prestado a este paiz, não só no exercicio das funcções consulares que exerce ha quinze annos, mas tambem cooperando a favor da causa do meu throno, e da constituição d'este paiz em differentes epocas, e principalmente durante as ultimas perturbações politicas: Querendo por estes respeitos dar-lhe um novo testemunho da minha real munificencia: hei por bem, em vista dos documentos que apresentou e das informações havidas, e em plena remuneração de todos os seus serviços, fazer-lhe mercê de um brazão de armas, para que d'elle possa usar, o qual será da fórma seguinte: — Um escudo esquartelado, tendo no primeiro quartel as armas da familia Cavalleri; no segundo, em allusão aos serviços do supplicante, em campo azul um castello de prata com bandeira portugueza, assente na margem de um rio de prata e azul; no terceiro, tambem em allusão aos mesmos serviços, em campo azul uma embarcação de guerra, de prata, com tres mastros e bandeira portugueza, e em mar de prata e azul; e no quarto as armas da familia Drago.» — Em data de 18 de dezembro de 1848. (M. N.) Reg. no Cart. da N., liv. VIII, fl. 338.

(C. C.)

1131. João Duarte de Faria e Silva, cavalleiro professo na ordem de Christo, familiar do Santo Officio, natural da villa de Guimarães, e cidadão na cidade de Braga; filho de Manuel Duarte de Faria, e de sua mulher D. Jeronyma de Faria e Silva; neto paterno de Francisco Duarte, e de sua mulher Antonia da Silva; neto materno de Manuel de Faria, e de sua mulher Jeronyma Rebello.

As armas dos Farias, Silvas e Rebellos. — Br. p. a 4 de julho de 1753. Reg. no Cart. da N., liv. particular, fl. 59 v.

(C. C.)

1132. João Duarte do Valle, filho do ajudante-tenente João do Valle Peixoto, e de sua mulher D. Quiteria Duarte de Meirelles: neto materno de João Duarte do Valle, e de sua mulher Maria de Jesus: elle alferes de milicias da freguezia de Santo Antonio do Bom-retiro da Roça-grande, e irmão de Francisco Duarte de Meirelles, e de Dionysio Duarte aos quaes se passaram já seus brazões de armas, filhos todos de João Duarte do Valle, e de sua mulher Catharina de Meirelles.

As armas dos Valles, Meirelles, e Peixotos. — Br. p. a 14 de agosto de 1762. Reg. no Cart. da N., liv. particular, fl. 131.

(C. C.)

1133. João Egas Moniz, cavalleiro, natural de Lisboa.

Carta pela qual el-rei D. Manuel lhe concede o seguinte brazão de seus antecessores: — Escudo de campo azul com cinco estrellas de oiro, em aspa, e por differença uma muleta de prata; elmo de prata aberto, paquife de oiro e azul, e por timbre um leão pardo azul com uma estrella das armas na testa; com todas as honras e privilegios de fidalgo de antiga linhagem por descender da nobre geração dos Monizes. — Dada em Lisboa a 13 de agosto de 1517. Reg. na Chanc. de D. Manuel, liv. IX, fl. 38, e liv. VI de Mist., fl. 150.

1134. João Esmeraldo, fidalgo da casa real, morador na ilha da Madeira.
Carta pela qual el-rei D. Manuel lhe concede e a seus descendentes o seguinte brazão de armas dos seus antecessores : —Escudo de campo esquartelado; o primeiro de prata com uma banda preta, o segundo de azul com uma faxa de oiro carnelea, o terceiro de prata com um leão preto, e por cima d'elle um filete vermelho em banda, e em redor vinhetas pretas, e o quarto de azul e uma banda de prata fimbrada de vermelho; elmo de prata aberto guarnecido de oiro, paquife de oiro e azul, e por timbre um leão preto; com todas as honras, graças e privilegios dos fidalgos nobres de antiga linhagem, por descender da geração e linhagem dos Esmeraldos. — Dada em Evora a 16 de maio de 1520. Reg. na Chanc. de D. Manuel, liv. vi de Mist., fl. 174 v.

1135. João Esteves da Fonseca Martins, familiar do Santo Officio, natural da freguezia de S. Paio de Agua-longa, filho de Domingos Esteves, e de sua mulher D. Rufina Martins; neto pela parte paterna de outro Domingos Esteves, e de sua mulher D. Domingas Gonçalves, e pela materna de Domingos Martins, e de sua mulher D. Francisca Fernandes.
Um escudo esquartelado; no primeiro e quarto quarteis as armas dos Esteves, no segundo as dos Fonsecas, e no terceiro as dos Martins. — Br. p. a 16 de fevereiro de 1773. Reg. no Cart. da N., liv. i, fl. 193.

(C. C.)

1136. João Evangelista Villa-real, cavalleiro professo na ordem de Christo, capitão de milicias da provincia de Moçambique; filho de Antonio Alves, negociante, e de sua mulher D. Maria Florencia Alves; neto paterno de Manuel Alves, proprietario, e materno de José Caetano Gonçalves, proprietario, e de sua mulher D. Maria Gonçalves.
Um escudo com as armas dos Gonçalves. — Br. p. a 2 de junho de 1861. Reg. no Cart. da N., liv. ix, fl. 42 v.

(C. C.)

1137. João de Faria Guimarães Freitas e Castro, natural da freguezia de S. Vicente de Oleiros, termo da villa de Guimarães, arcebispado de Braga; filho de Manuel Luiz de Faria Guimarães, cavalleiro professo na ordem de Christo, e de sua mulher D. Maria Thereza Vieira de Mattos; neto paterno de Manuel Luiz do Valle, e de sua mulher D. Dionysia de Faria; bisneto de João de Faria Guimarães e Castro; neto materno de João de Freitas, e de sua mulher D. Joanna Vieira de Mattos.
Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Farias, no segundo as dos Guimarães, no terceiro as dos Freitas, e no quarto as dos Castros. — Br. p. a 17 de dezembro de 1791. Reg. no Cart. da N., liv. iv, fl. 242 v.

(C. C.)

1138. João Farinha, morador em Almada, filho de Gomes Fernandes Farinha.
Carta pela qual el-rei D. Manuel lhe concede e a seus descendentes o seguinte brazão de seus antecessores : —Escudo de campo azul e nove montes de farinha em aspa, entre quatro cruzes de oiro floridas, e vasias e cheias do primeiro; elmo de prata aberto, paquife do mesmo elmo forrado de azul, e uma grinalda de azul perfilada de oiro, e por timbre dois molhos de espigas em aspa; com todas as honras de nobre e fidalgo, por descender da geração e linhagem dos Farinhas, que eram nobres e fidalgos. — Dada em 1512. Reg. na Chanc. de D. Manuel, liv. xlii, fl. 2 v, e liv. vii de Guadiana, fl. 53.

1139. João Fernandes do Arco, fidalgo de cota de armas.
Carta pela qual el-rei D. João ii lhe concede e a seus descendentes o seguinte brazão de armas : —Um escudo com campo de oiro, e n'elle um saggitario, metade que é ho-

mem branco, e metade cavallo preto, e o arco de metades, a costa de prata, e o de dentro d'este vermelho com as empolgueiras negras e a corda de prata, a frecha verde e branca, e o ferro preto; pelos serviços por elle prestados a D. Affonso v nas tomadas de Arzilla e Tanger, na Africa. — Dada em Vianna d'a par de Alvito, a 28 de fevereiro de 1485. Reg. na Chanc. de D. João II, liv. II de Mist., fl. 120.

1140. João Fernandes de Carvalho Valente do Couto, cavalleiro fidalgo da casa real, e natural da extincta praça de Mazagão; filho de Francisco Rodrigues do Couto Valente, cavalleiro fidalgo da casa real, professo na ordem de Christo, e capitão de uma das companhias de infanteria da cidade do Pará, e de sua mulher D. Antonia Veiga da Fonseca; neto pela parte paterna de Mattheus Valente do Couto, cavalleiro fidalgo da casa real, professo na ordem de Christo, e que passou de sargento-mór de infanteria da extincta praça de Mazagão para mestre de campo do terço auxiliar da nova villa de Mazagão no estado do Grão-Pará, e de sua mulher D. Catharina Rosa e Ascenção, filha do adair João Valente da Costa, cavalleiro fidalgo da casa real, e professo na ordem de Christo; e por parte materna de Bernardino da Fonseca, e de sua mulher D. Anna Fernandes de Carvalho, filha de João Fernandes de Carvalho, tambem com o mesmo fôro, professo na ordem de Christo, vedor geral que foi da dita praça de Mazagão, e de sua mulher D. Antonia Veiga da Fonseca; bisneto por parte paterna de Antonio Diniz do Couto, cavalleiro fidalgo da casa real, professo na ordem de Christo, o qual foi por muitos annos adair da cavallaria, e vedor geral da referida extincta praça, e de sua mulher D. Maria Valente, filha do adair Lazaro Valente Marreiros, com o dito fôro, e professo na ordem de Christo, e de sua mulher D. Catharina Dias, e por parte materna de Ignacio Freire da Fonseca, capitão que foi de engenheiros da mencionada praça, cavalleiro fidalgo da casa real, professo na ordem de Christo, e de sua mulher D. Maria da Fonseca, filha de Luiz da Fonseca Juzarte, e de sua mulher D. Isabel da Ascenção.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Valentes, no segundo as dos Coutos, no terceiro as dos Fernandes, e no quarto as dos Carvalhos. — Br. p. a 9 de abril de 1799. Reg. no Cart. da N., liv. VI, fl. 71.

(C. C.)

1141. João Ferrão de Castello-branco, protonotario e commendatario do mosteiro de Santa Maria de Aguiar, filho legitimado natural de D. João Ferrão de Castello-branco, que foi abbade do dito mosteiro, e que foi do tronco d'esta geração.

Carta pela qual el-rei D. João III lhe concede o seguinte brazão de armas de seus antecessores : — Escudo de campo azul com um leão de oiro com a lingua e unhas de vermelho, e por differença uma *luma* de prata; elmo de prata aberto guarnecido de oiro, paquife de oiro e azul, e por timbre o mesmo leão; com todas as honras e privilegios de fidalgo por descender da geração dos Castellos-brancos. — Dada em Evora a 8 de agosto de 1536. Reg. na Chanc. de D. João III, liv. XXII, fl. 76.

1142. João Ferrão de Castello-branco, filho de Alvaro Ferrão de Castello-branco, neto de Diogo Ferrão, morador no Tojal, e fidalgo de cota de armas.

Carta pela qual el-rei D. João III lhe concede o seguinte brazão de seus antecessores : — Escudo de campo azul com um leão de oiro rompente, com as unhas e lingua vermelhas, e por differença uma *luma* de prata e tres quartos d'um filete preto; elmo de prata aberto guarnecido de oiro, paquife de oiro e azul, e por timbre o mesmo leão; com todas as honras e privilegios de fidalgo por descender da geração e linhagem dos de Castello-branco. — Dada em Lisboa a 12 de janeiro de 1529. Reg. na Chanc. de D. João III, liv. XVII, fl. 9 v.

1143. João Ferreira de Frias e Gouvea (Bacharel), do logar do Barril, termo de Mortagoa, comarca de Viseu, e capitão-mór do mesmo termo; filho do bacharel Manuel

Ferreira de Frias, capitão-mór do dito termo, e de D. Paula Maria de S. Pedro e Gouvea; neto pela parte paterna de Manuel Ferreira, e de D. Anna Ferreira de Frias, e pela materna de João Vaz Monteiro, e de D. Theodora de Gouvea.

Um escudo partido em pala; na primeira as armas dos Frias, e na segunda as dos Gouveas. — Br. p. a 3 de junho de 1792. Reg. no Cart. da N., liv. IV, fl. 252.

(C. C.)

1144. João Ferreira Machado Lopes, morador em Volinha, freguezia da Graça do couto de S. Martinho de Tibães; filho de Manuel Ferreira Machado, e de Custodia Lopes; neto pela parte paterna de Manuel Ferreira, e de Luiza Machado; neto pela parte materna de Thomé Lopes, e de Maria Antonia.

Um escudo esquartelado; no primeiro e quarto quarteis as armas dos Ferreiras, no segundo as dos Machados, e no terceiro as dos Lopes. — Br. p. a 25 de outubro de 1796. Reg. no Cart. da N., liv. V, fl. 156 v.

(C. C.)

1145. João Ferreira de Mello, cavalleiro professo na ordem de Christo, e capitão reformado do regimento de infanteria auxiliar de Viseu, natural da freguezia de S. Martinho de Pinho, da mesma comarca, filho de Manuel Ferreira Ribeiro de Lemos, e de D. Maria Rosa de Mello; neto paterno de Manuel Ribeiro de Carvalho, e de D. Maria Ferreira de Sousa e Lemos, filha de Antonio de Lemos e Sousa, fidalgo da casa real, e de D. Maria dos Santos e Abreu, e neto materno de Francisco André de Pina, e de D. Rosa do Amaral e Mello.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Ribeiros, no segundo as dos Ferreiras, no terceiro as dos Lemos, e no quarto as dos Mellos. — Br. p. a 23 de junho de 1806. Reg. no Cart. da N., liv. VII, fl. 136.

(C. C.)

1146. João Ferreira de Oliveira Bueno, presbytero do habito de S. Pedro, bacharel formado nos sagrados canones pela Universidade de Coimbra, conego da Sé da cidade de S. Paulo, e natural da villa e praça de Santos; filho do sargento-mór João Ferreira de Oliveira, e de sua mulher D. Maria Bueno da Conceição; neto pela parte paterna de Manuel Ferreira de Oliveira, e de sua mulher D. Maria de Oliveira; e pela materna de Manuel Gomes Palheiros, e de sua mulher D. Rosa Maria Bueno, filha de Manuel Lobo Franco, e de sua mulher D. Maria Bueno, esta filha de Sebastião Preto Moreira, e de sua mulher D. Marianna Bueno, filha de Amador Bueno, capitão-mór e governador da capitania de S. Paulo, e de sua mulher D. Bernarda Luiz, filha de Domingos Luiz, cavalleiro da ordem de Christo, e de sua mulher D. Anna Camacho.

Um escudo ovado e n'elle as armas dos Lobos. — Br. p. a 26 de junho de 1789. Reg. no Cart. da N., liv. IV, fl. 115.

(C. C.)

1147. João Ferreira Pinto Basto, natural da cidade do Porto, um dos contratadores geraes do tabaco d'estes reinos, ilhas adjacentes e Macau, e das reaes saboarias; filho de Domingos Ferreira Pinto Basto, negociante de grosso tracto da praça da cidade do Porto, e de sua mulher D. Maria do Amor Divino; neto por parte paterna de Manuel Ferreira Pinto, e de sua mulher D. Jeronyma Alves; e por parte materna de José Pereira da Costa, e de sua mulher D. Thereza Maria de Sousa.

Um escudo partido em pala; na primeira as armas dos Ferreiras, e na segunda as dos Pintos. — Br. p. a 2 de outubro de 1818. Reg. no Cart. da N., liv. VIII, fl. 10.

(C. C.)

1148. João Ferreira Ribeiro Pinto Rangel Dias de Sampaio, escrivão proprietario da provedoria e correição da comarca e cidade do Porto, d'onde é natural; filho de José Ferreira Pinto Ribeiro Rangel, cavalleiro professo na ordem de Sant'Iago da Espada, e fidalgo da casa real, e de sua mulher D. Maria Joaquina Ferreira Dias de Sampaio; neto paterno de Constantino Ferreira Ribeiro Pinto Rangel, e de sua mulher D. Maria Thereza Josepha Ribeiro de Aguiar Rangel; e materno de Damião Alvares Martins, e de sua mulher D. Marianna Dias de Sampaio.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Ferreiras, no segundo as dos Ribeiros, no terceiro as dos Dias, e no quarto as dos Sampaios. — Br. p. a 18 de novembro de 1820. Reg. no Cart. da N., liv. viii, fl. 69.

(C. C.)

1149. João Ferreira dos Santos e Silva, do conselho de Sua Magestade, commendador da ordem de Christo, cavalleiro da de Nossa Senhora da Conceição, e commendador da ordem de Hespanha de Isabel a Catholica; filho do capitão João Ferreira dos Santos, e de sua mulher D. Maria Thomazia Narcisa; neto paterno de Manuel José dos Santos, e de sua mulher D. Josepha Maria Sant'Anna; e materno do capitão José Pereira dos Reis, e de sua mulher D. Maria Lidora da Conceição.

Um escudo partido em pala; na primeira as armas dos Silvas, e na segunda as dos Ferreiras. — Br. p. a 14 de julho de 1845. Reg. no Cart. da N., liv. viii, fl. 317 v.

(C. C.)

1150. João Ferreira de Teive, morador na ilha Graciosa, filho de Duarte Ferreira de Teive, e neto de Gonçalo Ferreira de Teive, que foi fidalgo muito honrado e do verdadeiro tronco d'esta geração.

Carta pela qual el-rei D. João iii lhe concede o seguinte brazão de seus antecessores: — Escudo de campo esquartelado; o primeiro dos Ferreiras, que é vermelho com quatro faxas de oiro; o segundo esquartelado, sendo o primeiro de oiro com seis arruelas vermelhas, em duas palas, o segundo de prata com tres arminhos, em faxa, e por differença uma flor de liz de prata; elmo de prata aberto guarnecido de oiro, paquife de oiro e vermelho, e por timbre uma emma de prata com uma ferradura de oiro no bico; com todas as honras e privilegios de fidalgo por descender das gerações dos Ferreiras e Teives. — Dada em Evora a 23 de julho de 1534. Reg. na Chanc. de D. João iii, liv. xx, fl. 126 v.

1151. João de Figueiredo.

Carta pela qual el-rei D. João iii lhe concede o seguinte brazão de seus antecessores: — Escudo de campo meio partido em pala; a primeira de azul com uma torre de prata, com as portas e frestas lançadas de vermelho, e com quatro bandeiras de Christo com as varas de oiro, em cada canto sua; a segunda de vermelho com cinco folhas de figueira verdes, perfiladas de oiro, em aspa; elmo de prata aberto, paquife de prata, azul, oiro e vermelho, e por timbre a mesma torre com as bandeiras; com todas as honras e privilegios de fidalgo por descender da geração dos Figueiredos, e pelos serviços que fez na tomada de Arzilla aos moiros, onde perdeu um olho. — Dada em Lisboa a 8 de outubro de 1528. Reg. na Chanc. de D. João iii, liv. xi, fl. 133.

1152. João Filippe de Sequeira, cavalleiro professo na ordem de Christo, e capitão-mór das ordenanças da villa de S. Francisco da Barra de Sergipe do Conde, do estado da Bahia; filho de Ignacio Sequeira Villas-boas, capitão-mór que foi da villa de Sergipe do Conde, e de sua mulher D. Joanna Caetana de Menezes e Aragão; neto pela parte paterna de José Goes de Sequeira, cavalleiro professo na ordem de Christo, e o primeiro capitão dos familiares do Santo Officio na dita cidade da Bahia, e de sua mulher D. Maria Debra; bisneto do capitão João de Aguiar Villas-boas de Andrade, e de sua mulher

D. Catharina de Goes de Sequeira; neto pela parte materna de D. Felix de Bittencourt e Sá, moço fidalgo da casa real, e de sua mulher D. Catharina de Aragão e Ayala; bisneto de D. Francisco de Bittencourt e Sá, moço fidalgo da casa real, e de sua mulher D. Joanna de Menezes.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Sequeiras, no segundo as dos Villas-boas, no terceiro as dos Goes, e no quarto as dos Aragões. — Br. p. a 12 de outubro de 1796. Reg. no Cart. da N., liv. v, fl. 144 v.

(C. C.)

1153. João Florencio Henriques (Tenente coronel), filho do coronel Ambrosio Henriques, a quem se passou brazão de armas a 30 de março de 1789, e de sua mulher D. Antonia Joaquina de Oliveira e Silva; neto paterno de D. Bento Lourem, e de sua mulher D. Paula Henriques; e materno de Manuel da Silva, e de D. Isabel Ferreira.

Um escudo partido em pala; na primeira as armas dos Henriques, e na segunda as dos Silvas. — Br. p. a 15 de setembro de 1807. Reg. no Cart. da N., liv. vii, fl. 204.

(C. C.)

1254. João Francisco de Almeida, natural da cidade de Lisboa, capitão de infanteria, tenente general, juiz ordinario e ouvidor geral muitas vezes da ilha de S. Thomé; filho de João Francisco de Almeida, criado particular do senhor rei D. Pedro ii, e de sua mulher D. Maria Francisca Pereira de Barreto; neto paterno de Francisco de Almeida; bisneto de D. João de Almeida, chamado o Sabio, commendador de Andraes, na ordem de Christo; terceiro neto de D. Francisco de Almeida, commendador de Penella e de Andraes, na dita ordem, governador que foi de Diu, na India, e depois de Tanger, e do reino de Angola, em Africa, e presidente da Camara de Lisboa, e de sua mulher D. Isabel Brandão, filha herdeira de Diogo Brandão Pereira, com o qual entrou n'esta casa dos Almeidas o senhorio do couto de Avintes, que hoje logram com o titulo de condes os seus descendentes; quarto neto de outro D. João de Almeida, e de sua mulher D. Luiza Dornellas, filha de Francisco Dias da Ribeira, e de sua mulher D. Luiza Dornellas; quinto neto de D. Bernardino de Almeida, e de sua mulher D. Guiomar Freire, filha de Nuno Fernandes Freire, commendador das Entradas, irmã de João Fernandes de Andrade, senhor da casa de Bobadella, ascendente dos marquezes de Villa-real, e dos duques de Caminha; sexto neto de D. João de Almeida, segundo conde de Abrantes, vedor da fazenda do senhor rei D. João ii, e de sua mulher D. Ignez Maria de Noronha, filha de D. Pedro de Noronha, arcebispo de Lisboa, progenitor dos marquezes de Angeja e Marialva, e de outros muitos titulos, que era filho de D. Affonso, conde de Noronha e Gijon, filho bastardo do rei D. Henrique ii de Castella; setimo neto de D. Lopo de Almeida, primeiro conde de Abrantes, senhor das villas do Sardoal, Maçã, alcaide-mór de Punhete, embaixador do rei D. Affonso v ao imperador Frederico iii, e conductor da imperatriz D. Leonor, filha do senhor rei D. Duarte, á Alemanha, chefe de todos os Almeidas d'este reino; neto materno o supplicante de D. Catharina Constantina Pereira de Berredo, senhora do reguengo de Tavira e dos morgados de seus avós, e de uma pessoa da mais alta qualidade d'este reino, como se justificou judicialmente; bisneto de Diogo Pessanha de Abranches, e de sua mulher D. Sebastiana Pessanha Falcão, filha de Antonio de Abreu Pessanha; terceiro neto de João Pereira de Berredo, e de sua mulher D. Catharina Ravasco, filha de Ruy Lourenço Ravasco; quarto neto de Francisco Pereira de Berredo, senhor do morgado dos Carvalhaes, e de sua mulher D. Isabel de Abranches, filha de Diogo Pessanha, este filho de Alvaro Pessanha, e de sua mulher D. Isabel de Abranches, dama da infanta D. Joanna, filha de D. Alvaro Vaz de Almada, primeiro conde de Abranches; quarto neto de misser Carlos Pessanha, almirante que foi de Portugal; quinto neto de Diogo Pereira, chamado o Bochim, senhor do reguengo de Tavira, e de sua mulher D. Isabel de Mello, filha de Pedro Lourenço Ferreira, chamado o Mata-judeus, senhor dos direitos da judiaria de Trancoso e da

villa de Povolide, e de sua mulher D. Isabel de Mello, filha de Martim Affonso de Mello, guarda-mór da pessoa do rei, senhor da villa de Barbacena, de cujos avós são tambem descendentes os condes de Povolide, e o foi o cardeal Cunha; sexto neto de Fernão Martins do Carvalhal, alcaide-mór de Tavira, senhor do seu reguengo, e das villas Formosa, Chancellaria, e Assumar, e de sua mulher D. Oruana Pereira, filha de Alvaro Gonçalves de Figueiredo; setimo neto de Martim Gonçalves do Carvalhal, tio do condestavel D. Nuno Alvares Pereira, irmão de sua mãe Iria Gonçalves do Carvalhal, e de sua mulher D. Violante Pereira, irmã do mesmo condestavel, filhos ambos de D. Alvaro Gonçalves Pereira, dom prior do Crato, e bisnetos do grande conde D. Gonçalo Pereira.

As armas dos Almeidas, Pereiras de Berredo, Noronhas, e Abranches. — Br. p. a 29 de novembro de 1752. Reg. no Cart. da N., liv, particular, fl. 46 v.

(C. C.)

1155. João Francisco Guimarães, sargento-mór de milicias, residente na cidade do Porto; filho do capitão João Francisco Guimarães, cavalleiro professo na ordem de Christo, e de sua mulher D. Benta Bernardina Barbosa; neto por parte paterna de Domingos Francisco Guimarães, e de sua mulher D. Catharina Vieira, e por parte materna de Manuel Alvares, e de sua mulher D. Catharina de Barbosa; bisneto por parte paterna de Agostinho Francisco Guimarães, e de sua mulher D. Isabel Correa, e por parte materna de Manuel Alvares, e de sua mulher D. Senhorinha Antonia Ataïde; terceiro neto por parte paterna de D. José dos Anjos de Carvalho e Noronha, e de sua mulher D. Maria da Silva e Lencastre; e por parte materna de Manuel Barbosa Carneiro, e de sua mulher D. Maria João de Mello.

Um escudo e n'elle as armas dos Guimarães. — Br. p. a 16 de janeiro de 1801. Reg. no Cart. da N,, jiv. vi, fl. 161 v.

(C. C.)

1156. João Francisco de Oliveira Alvares (Doutor), graduado em medicina pela Universidade de Coimbra, e n'ella lente substituto da mesma faculdade, natural da cidade do Funchal; filho de Domingos de Oliveira Alvares, negociante da mesma cidade do Funchal, e de sua mulher D. Lourença Rosa Justiniana; neto pela parte paterna de Domingos de Oliveira Alvares, e de sua mulher D. Marianna Gonçalves; bisneto de Domingos Gonçalves, e de sua mulher D. Catharina Gonçalves; neto pela parte materna de José dos Reis de Oliveira, e de sua mulher D. Maria do Espirito Santo; bisneto de Domingos de Figueiredo Calheiros, a quem se passou brazão de armas a 27 de fevereiro de 1672.

Um escudo partido em pala; na primeira as armas dos Oliveiras, e na segunda as dos Calheiros. — Br. p. a 26 de julho de 1791. Reg. no Cart. da N., liv. iv, fl. 226 v.

(C. C.)

1157. João Francisco Pacheco de Bittencourt, capitão-mór de Villa-franca do Campo, da ilha de S. Miguel; filho legitimo do tenente Antonio Pacheco Manuel de Mello, e de D. Maria Francisca de Bittencourt; neto pela parte paterna de João Pacheco de Mello, sargento-mór que foi da mesma villa, e de Maria Margarida Soares de Bulhões, e pela parte materna do capitão Sebastião Furtado de Bittencourt, e de Maria Caldeira, os quaes todos foram pessoas nobres, e se trataram como taes á lei da nobreza.

O escudo das armas é esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Pachecos, no segundo as dos Mellos, no terceiro as dos Bittencourt, e no quarto as dos Cabraes. — Br. p. a 11 de setembro de 1766. Reg. no Cart. da N., liv. i, fl. 36.

(C. C.)

1158. João Freire Gameiro (Bacharel), ex-juiz de fóra da villa da Chamusca, e oppositor aos logares de lettras, e natural da dita villa; filho de Francisco Freire Ga-

meiro, e de sua mulher D. Anna Rosa de Jesus do Valle; neto paterno de Francisco Freire Gameiro, e de D. Maria Theodora Freire, e materno de Bernardo Nunes Garcia, e de D. Anna Maria do Valle.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Freires, no segundo as dos Nunes, no terceiro as dos Garcias, e no quarto as dos Valles. — Br. p. a 20 de agosto de 1811. Reg. no Cart. da N., liv. VII, fl. 237.

(C. C.)

1159. João Gameiro de Mello Freire, da ordem de S. Tiago, prior da matriz de Cabrela, e natural da villa da Gollegã; filho legitimo de Sebastião Carrillas Gameiro e Silva, e de sua mulher D. Maria Soares de Mello; neto pela parte paterna de Sebastião Carrillas Gameiro e Silva, e de sua mulher D. Anna da Silva, filha do capitão de infanteria Francisco Lopes da Silva, e de sua mulher D. Antonia Gameiro, filha de Sebastião de Carvalho, e de sua mulher Antonia Gameiro, que era filha de Sebastião Luiz Feio, e de sua mulher Antonia Gameiro, que foi filha de Alvaro Gameiro; bisneto do alferes de infanteria João Dias da Silva Gago, e de sua mulher e parenta Branca Carrillas Gameiro, filha de Sebastião Gameiro, e de sua mulher Leonor Carrillas, e elle filho de Alvaro Gameiro, terceiro neto de Jeronymo Dias Gago, e de sua mulher Isabel da Silva, filha de Francisco Lopes da Silva, e de sua mulher Guiomar Rodrigues; quarto neto de João Dias Gago, descendente de Rodrigo Annes Gago, chefe da familia d'este appellido, e de sua mulher D. Maria Ayres de Cerveira; e pela materna é neto de Francisco Soares de Mello, bisneto de Manuel Soares de Mello; terceiro neto de Francisco Soares de Mello e Silva, e de sua mulher Maria Massa Velloso, que era filha de Lopo Velloso: e finalmente quarto neto de João Soares de Mello, e de sua mulher Leonor Lima, elle descendente legitimo por linha de varão de Estevão Soares de Mello, senhor que foi da villa de Mello, solar da familia d'este illustre appellido, o qual Estevão Soares de Mello foi chefe de todos os Mellos d'este reino.

O escudo das armas ovado, e esquartelado; no primeiro e quarto quarteis as armas dos Gagos, no segundo as dos Silvas, e no terceiro as dos Mellos. — Br. p. a 5 de maio de 1765. Reg. no Cart. da N., liv. I, fl. 6.

(C. C.)

1160. João Garcez, cavalleiro da casa real, e escrivão da fazenda real.

Carta pela qual el-rei D. João II lhe concede e a seus descendentes o seguinte brazão de armas: — Uma garça de oiro em campo azul, e esta recatando-se posta direita ao longo do escudo que se chama noblazam, em pala entre quatro estrellas de oiro que ficam atravéz do escudo como faxa, e ao longo tambem em pala; pelos serviços por elle prestados na tomada da villa de Alcacer, em Africa, e bem assim de Arzilla e Tanger. — Dada em Evora a 6 de novembro de 1481. (M. N.) Reg. na Chanc. de D. João II, liv. II de Mist., fl. 143.

1161. João Garcia Galvão de Haro Farinha, filho de Diogo Garcia Galvão, e de D. Francisca Josepha Michaela de Haro Farinha; neto pela parte materna de Rodrigo de Haro Farinha, fidalgo da casa real; e bisneto de Pedro Sanches Farinha.

Um escudo esquartelado; no primeiro e quarto quarteis as armas dos Sanches, no segundo as dos Haros, e no terceiro as dos Farinhas. — Br. p. a 18 de julho de 1778. Reg. no Cart. da N., liv. II, fl. 165 v.

(C. C.)

1162. João Gil Lamadeita Rodrigues Salgado Louzada, natural do logar de Moimenta, administrador de um opulento morgado; filho de Francisco Gil Lamadeita, administrador do dito morgado, e de sua mulher D. Maria Josepha Salgado Louzada, na-

tural de Villa-nova da Serra, jurisdicção de la Puebla de Senabria, reino de Castella; neto pela parte paterna de Domingos Gil Lamadeita; bisneto de Estevão Lamadeita, filho de Bartholomeu Lamadeita, natural de Requeixo, jurisdicção de la Puebla no dito reino, de onde passou para este de Portugal; o qual era filho de Estevão Lamadeita, natural do dito logar: e pela materna neto de D. Francisco Rodrigues de Louzada, e de sua mulher D. Maria Josepha Salgado; bisneto de outro Francisco Rodrigues de Louzada, filho de outro do mesmo nome, e de sua mulher D. Catharina Louzada.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Lamadeitas, no segundo as dos Louzadas, no terceiro as dos Salgados, e no quarto as dos Castros. —Br. p. a 5 de fevereiro de 1771. Reg. no Cart. da N., liv. I, fl. 144.

(C. C.)

1163. João Gomes de Oliveira Silva Bandeira de Mello, visconde de Rilvas, conselheiro e secretario da Legação real na côrte de Londres, cavalleiro da ordem do capitulo de Malta, commendador das ordens de Nossa Senhora da Conceição de Villa-viçosa, e Sant'Iago da Espada, cavalleiro da ordem de Christo, commendador de primeira classe da ordem dos Guelphos da Hanover, commendador da ordem de Leopoldo da Belgica, cavalleiro de segunda classe em brilhantes da ordem de Hohenzollern, cavalleiro da ordem da Aguia vermelha da Prussia.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Bandeiras, no segundo as dos Mellos, no terceiro as dos Limas, e no quarto as dos Cunhas. — Br. p. a 22 de março de 1865. (M. N. por Alv. de 7 de dezembro de 1864 do acrescentamento ás armas acima. V. no I. H. *Rilvas*.) Reg. no Cart. da N., liv. IX, fl. 77 v.

(C. C.)

1164. João Gonçalves de Camara de Lobos, cavalleiro, creado do infante D. Henrique.

Carta pela qual el-rei D. Affonso V lhe concede e a seus descendentes o seguinte brazão de armas: — Um escudo preto e ao pé uma montanha verde, sobre a qual está edificada uma torre de prata entre dois lobos de oiro; pelos feitos de armas por elle praticados não só em Ceuta, mas tambem em Tanger, contra os infieis. —Dada em Santarem a 4 de julho de 1460. (M. N.) Reg. na Chanc. de D. Affonso V, liv. III de Mist. fl. 56 v.

1165. João Gualberto Pinto, coronel graduado do regimento de milicias da ilha da Madeira, filho de Paschoal Pestana Annes, e de sua mulher D. Thereza Maria Pinto; neto paterno de Francisco Pestana, e de sua mulher D. Marianna de Faria; neto materno de Gaspar Pinto da Silva, e de sua mulher D. Antonia Gonçalves.

Um escudo partido em pala; na primeira as armas dos Pestanas, e na segunda as dos Pintos. — Br. p. a 11 de julho de 1825. Reg. no Cart. do N., liv. VIII, fl. 154.

(C. C.)

1166. João Henrique Ulrich, fidalgo cavalleiro da casa real, commendador da ordem de Nossa Senhora da Conceição de Villa-viçosa, cavalleiro da ordem da Rosa do imperio do Brazil, e addido honorario á Legação real na côrte do Rio de Janeiro.

Um escudo partido em pala com as armas que lhe foram concedidas por alvará de 12 de fevereiro de 1867. — (M. N.) V. no I. H. *Ulrich*. —Br. p. a 14 de março de 1867. Reg. no Cart. da N., liv. IX, fl. 103 v.

(C. C.)

1167. João Homem, cavalleiro da casa real, e vedor das obras do mosteiro da Batalha; filho de Ruy Fernandes Homem, e neto de Fernão Rodrigues Homem, que foi fidalgo e do tronco d'esta geração.

Carta pela qual el-rei D. João III lhe concede o seguinte brazão de seus antecessores: —Escudo de campo azul com seis crescentes de oiro, em duas palas, e por differença uma flor de liz de prata; elmo de prata aberto guarnecido de oiro, paquife de oiro e azul, e por timbre um leão de oiro com uma faxa de armas nas mãos com o cabo de oiro; com todas as honras e privilegios de fidalgo por descender da geração e linhagem dos Homens. —Dada em Evora a 12 de junho de 1534. Reg. na Chanc. de D. João III, liv. XX, fl. 155 v.

1168. JOÃO HOMEM, morador na ilha Terceira, filho de Heitor Alvares Homem, que foi fidalgo muito honrado e do tronco d'esta geração.

Carta pela qual el-rei D. João III lhe concede o seguinte brazão de seus antecessores: —Escudo de campo azul com seis cresceutes de oiro, em duas palas, e por differença uma merleta de prata; elmo de prata aberto guarnecido de oiro, paquife de oiro e azul, e por timbre um leão azul com uma faxa de armas com o cabo de oiro; com todas as honras e privilegios de fidalgo por descender da geração e linhagem dos Homens. — Dada em Lisboa a 15 de setembro de 1542. Reg. na Chanc. de D. João III, liv. XXXII, fl. 78.

1169. JOÃO HOMEM CARDOSO.

Carta pela qual el-rei D. Manuel lhe concede o brazão de seus antepassados: —Um escudo de campo esquartelado; o primeiro quartel de azul com seis crescentes de oiro, em duas palas, com as pontas para cima, e ao pé uma rodeta de prata por differença; o segundo de vermelho com um cardo verde florido e as raizes de prata entre dois leões de oiro com as mãos direitas n'elle; o terceiro de campo azul com tres faxas de oiro, e sobre elle tres flores de liz de vermelho postas em banda; o quarto de azul com uma estrella de oiro entre quatro crescentes de prata com as pontas umas para as outras; elmo de prata aberto, e por timbre um leão azul com uma faxa de armas nas mãos, e a cota de oiro; paquife de oiro e azul; por descender da linhagem dos Homens e Carvalhos por parte de seu pae, e dos Cardosos e Rebellos por parte de sua mãe, os quaes foram nobres e fidalgos. — Dada a 2 de abril de 1513. Reg. na Chanc. de D. Manuel, liv. XLII, fl. 66, e liv. V de Mist., fl. 90 v.

1170. JOÃO IGNACIO DE ALMEIDA E SOUSA (Doutor), cavalleiro professo na ordem de Christo, juiz de fora que foi das villas da Souzel e Barcellos, natural da praça de Almeida, filho legitimo de José Ferreira Laborão, sargento-mór que foi no regimento de infanteria da praça de Almeida, e de sua mulher D. Thereza de Sousa; neto pela parte paterna de Manuel Gonçalves, official que foi da vedoria da mesma praça, e de sua mulher D. Catharina Pereira Laborão; bisneto do capitão de cavallos João Ferreira Laborão, e de sua mulher D. Maria Mendes Bandeira de Sá; terceiro neto de Domingos Ferreira Laborão, tenente general da cavallaria de Almeida, o capitão que se reduziu a tenente coronel, e de sua mulher D. Bernarda da Silveira e Gama: e pela materna neto de João de Almeida e Sousa, sargento-mór da comarca de Coimbra, cavalleiro da ordem de Christo, e de Maria Martins; bisneto do capitão de infanteria João de Almeida e Sousa, e de sua mulher D. Catharina Lopes de Sousa; terceiro neto de Sebastião de Almeida e Sousa, natural da cidade da Guarda.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Ferreiras, no segundo as dos Bandeiras, no terceiro as dos Sás, e no quarto as dos Almeidas. — Br. p. a 24 de outubro de 1767. Reg. no Cart. da N., liv. I, fl. 58 v.

(C. C.)

1171. JOÃO IGNACIO PEREIRA DE AZAMBUJA, cavalleiro professo na ordem de Christo, natural d'esta cidade e côrte de Lisboa; filho de José Joaquim Pereira de Azambuja, cavalleiro professo na ordem de Christo, e de sua mulher D. Luiza Ignacia Caetana; neto pela parte paterna de João Pereira da Costa, e de sua mulher D. Thereza Isabel Ar-

changela de Lara, e pela materna neto de Francisco de Azevedo, e de sua mulher D. Anna Maria do Sacramento.

Um escudo partido em pala; na primeira as armas dos Pereiras, e na segunda as dos Azambujas. — Br. p. a 26 de fevereiro de 1770. Reg. no Cart. da N., liv. I, fl. 119.

(C. C.)

1172. João Jeronymo de Almeida Correa Pimenta e Vasconcellos, senhor de um vinculo formado em bens sitos no povo de Parada, concelho de Barroso, comarca de Viseu, e de uma casa de nove para dez mil cruzados de rendimento annual, bacharel formado na Universidade de Coimbra, na faculdade de leis, onde foi premiado; natural do mesmo povo de Parada; filho de Francisco José de Almeida Correa Pimenta e Vasconcellos, capitão de granadeiros do regimento de Viseu, e de sua mulher D. Anna Angelica de Figueiredo Correa, filha de José Antunes de Figueiredo, e de sua mulher D. Jacinta Correa; neto por parte paterna de Francisco José Correa de Almeida Pimenta e Vasconcellos, cavalleiro professo na ordem de S. Bento de Aviz; bisneto de Francisco Martins Correa de Almeida e Vasconcellos, licenciado na faculdade de canones pela Universidade de Coimbra; terceiro neto do coronel Manuel Correa Pimenta de Almeida.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Almeidas, no segundo as dos Correas, no terceiro as dos Pimentas, e no quarto as dos Vasconcellos. — Br. p. a 26 de julho de 1802. Reg. no Cart. da N., liv. VI, fl. 211.

(C. C.)

1173. João Jeronymo de Castro Sousa Abreu e Vasconcellos, bacharel formado nos sagrados canones pela Universidade de Coimbra, natural da freguezia do Salvador de Frandeiras, arcebispado de Braga; filho do capitão José do Couto Ribeiro e Castro, e de sua mulher D. Anna Maria da Maia Sousa Abreu e Vasconcellos; neto pela parte paterna de Manuel do Couto Ribeiro Veiga, capitão-mór da cidade de S. Paulo nos estados do Brazil, e de sua mulher D. Maria Rosa Alvares de Castro; bisneto de Manuel Rodrigues Veiga, e de sua mulher D. Catharina do Couto. O pae do supplicante era neto pela parte materna de José Alvares de Castro, sargento-mór da comarca de Guimarães em toda a provincia do Minho, thesoureiro geral dos captivos, e de sua mulher D. Francisca Ribeiro, senhores da quinta de Sendello; neto o supplicante pela parte materna de Custodio Duarte Villas-boas, e de sua mulher D. Rosa Maria da Maia Sousa Abreu e Vasconcellos.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Sousas, no segundo as dos Castros, no terceiro as dos Abreus, e no quarto as dos Vasconcellos. — Br. p. a 13 de maio de 1793. Reg. no Cart. da N., liv. IV. fl. 277.

(C. C.)

1174. João Joaquim Pereira do Lago, natural da freguezia de Guilhufe, termo da cidade de Penafiel, cavalleiro das ordens de S. Bento de Aviz e Torre e Espada, condecorado com a cruz de oiro de seis campanhas da guerra peninsular, e com a das campanhas da margem oriental do Rio da Prata, e coronel do regimento de infanteria n.º 12; filho de Manuel José Ribeiro Moreira e Queiroz, e de sua mulher D. Eugenia Maria Pereira do Lago; neto paterno de João Ribeiro Moreira, e de sua mulher D. Josepha Maria Moreira; neto materno de Hypolito Pereira do Lago, e de D. Quiteria Jacinta de Queiroz.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Moreiras, no segundo as dos Lagos, no terceiro as dos Pereiras, e no quarto as dos Queirozes. — Br. p. a 14 de março de 1825. Reg. no Cart. da N., liv. VIII, fl. 135.

(C. C.)

1175. João José de Abreu e Silva (Desembargador), da villa de Pico de Regalados, comarca de Vianna, filho do doutor Joaquim de Abreu e Silva, e de D. Innocencia da

Silva Rezende, senhores da quinta da Ribeira; neto por parte paterna de Alexandre de Abreu e Silva, e de D. Antonia de Araujo Meirelles; bisneto de Francisco de Abreu, e de D. Isabel da Silva, senhores da dita quinta; neto por parte materna de Balthasar Lopes da Silva Mourão, senhor da quinta de Farinhela, e de D. Isabel da Silva de Rezende; bisneto de Alexandre Lopes da Silva, e de Thereza de Rezende, senhores da mencionada quinta da Farinhela.

Um escudo partido em pala; na primeira as armas dos Abreus, e na segunda as dos Silvas. — Br. p. a 13 de fevereiro de 1798. Reg. no Cart. da N., liv. vi, fl. 10 v.

(C. C.)

1176. João José de Almeida Magalhães, cavalleiro professo na ordem de Christo, morador na cidade do Porto, filho de João de Almeida Guimarães, e de sua mulher D. Custodia da Encarnação de Almeida Magalhães; neto pela parte materna de Custodio Vieira de Mattos, e de sua mulher D. Bernarda do Espirito Santo; bisneto de Pedro de Barros, e de sua mulher D. Anna da Assumpção, filha de Manuel Dias, e de sua mulher D. Bernarda Teixeira de Magalhães Villela, esta filha de Bernardo Teixeira de Magalhães, descendente legitimo de Rodrigo de Magalhães e Menezes, e de sua mulher D. Leonor Freire, senhores que foram da casa illustre e antiquissima dos senhores da villa da Barca, fidalgos nobilissimos de geração, solar e cota de armas.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Magalhães, no segundo as dos Coutos, no terceiro as dos Menezes, e no quarto as dos Bastos. — Br. p. a 21 de janeiro de 1784. Reg. no Cart. da N., liv. ii, fl. 118 v.

(C. C.)

1177. João José Coelho Fragoso, da freguezia de Santa Maria de Freixaró, comarca de Sobre-Tamega, bispado do Porto; filho de Alexandre Coelho Fragoso, capitão das ordenanças privilegiadas da sagrada religião de S. João do Hospital de Jerusalem, e de D. Maria da Conceição; neto paterno de Manuel dos Santos Coelho, e de sua mulher D. Luiza Joaquina; e materno do alferes José Rodrigues Coelho, e de D. Josepha Thereza.

Um escudo partido em pala; na primeira as armas dos Coelhos, e na segunda as dos Fragosos. — Br. p. a 1 de julho de 1819. Reg. no Cart. da N., liv. viii, fl. 43.

(C. C.)

1178. João José Jacome Correa de Atouguia, natural de Ponta-delgada, na ilha de S. Miguel; filho de Pedro Jacome Correa, e de sua mulher D. Maria Josepha Thereza de Andrade; neto pela parte paterna de Manuel Raposo Pimentel, e de sua mulher Maria Soares do Canto; bisneto de outro Manuel Raposo Pimentel, e de sua mulher Maria Furtado; terceiro neto de Antonio Jacome Raposo, e de sua mulher Isabel da Ponte; quarto neto de Anna Jacome Raposo. e de seu marido Gaspar Manuel Pimentel, ella filha de Sebastião Jacome, e neta de Jordão Jacome Raposo, irmão legitimo do barão Jacome Correa, que foi pae de Ayres Jacome Correa, instituidor do primeiro morgado, e filhos ambos de Beatriz Rodrigues Raposo, e de seu marido Jacome Dias Correa, fidalgo da casa real; e ella irmã tambem legitima de Mecia Raposo, mãe de Nuno de Atouguia, instituidor do segundo morgado, e filhos ambos de Ruy Vaz Gago, e de sua mulher Catharina Gomes Raposo, oitavos avós do supplicante.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Jacomes, no segundo as dos Correas, no terceiro as dos Atouguias, e no quarto as dos Raposos. — Br. p. a 8 de outubro de 1781. Reg. no Cart. da N., liv. iii, fl. 24 v.

(C. C.)

1179. João José de Lima Vianna, filho legitimo de João de Lima Calheiros, e de sua mulher Benta Fernandes; neto pela parte paterna de Francisco de Lima, e de sua mu-

lher Maria Affonso do Rego; bisneto de João Francisco de Lima, e de sua mulher Ignez Gonçalves de Malheiros; os quaes todos seus ascendentes foram pessoas nobres, e se trataram á lei da nobreza.

Um escudo partido em pala; na primeira as armas des Calheiros, e na segunda as dos Limas.—Br. p. a 27 de janeiro de 1767. Reg. no Cart. da N., liv. I, fl. 44.

(C. C.)

1180. João José de Macedo Feio da Costa de Castello-branco, natural da villa da Covilhã, comarca da Guarda; filho de João Barata da Guerra, familiar do Santo Officio, e de sua mulher D. Rita de Macedo Castello-branco Pereira Coutinho Forjaz; neto pela parte materna de João de Macedo Feio de Castello-branco, e de sua mulher D. Anna Ignacia Pereira Coutinho Forjaz; bisneto de Bernardo de Macedo de Castello-branco Feio, e de sua mulher D. Thereza da Costa de Castello-branco.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Macedos, no segundo as dos Castello-brancos, no terceiro as dos Feios, e no quarto as dos Costas.—Br. p. a 22 de dezembro de 1767. Reg. no Cart. da N., liv. I, fl. 63 v.

(C. C.)

1181. João José Martins Pereira do Rego Gondão, filho de José Martins Pereira Gondão, capitão-mór das ordenanças de Castello-branco, e de sua mulher D. Joanna Bernarda do Rego Telles Carmona; neto paterno de Manuel Fernandes de Sousa Branco, sargento-mór das ordenanças; e materno de Antonio Fernandes Carmona, e de D. Maria Custodia.

Um escudo partido em pala; na primeira as armas dos Pereiras, e na segunda as dos Regos.—Br. p. a 20 de março de 1821. Reg. no Cart. da N., liv. VIII, fl. 76.

(C. C.)

1182. João José dos Reis, cavalleiro da ordem de Nossa Senhora da Conceição de Villa-viçosa, e da da Rosa do imperio do Brazil, e negociante da praça do Rio de Janeiro; filho de Francisco José dos Reis, negociante, e de sua mulher D. Rita Maria da Silva; neto paterno de Joaquim José dos Reis, e de sua mulher D. Francisca Rosa Coelho; e materno de Domingos da Rocha, e de sua mulher D. Maria Rosa da Silva.

Um escudo com as armas dos Rochas.—Br. p. a 29 de novembro de 1862. Reg. no Cart. da N., liv. IX, fl. 52.

(C. C.)

1183. João José Vaz Pereira, reitor do seminario archiepiscopal de Braga, chantre da santa sé da mesma cidade, e desembargador provisor d'aquelle arcebispado; filho do capitão João Vaz, e de sua mulher D. Comba Alvares Dias Pereira; neto paterno de Pedro Vaz, e de sua mulher D. Maria Vaz; e materno de Pedro Alvares, e de sua mulher D. Thereza Dias Pereira; e egualmente é irmão inteiro do sargento-mór Pedro José Vaz Pereira, a quem se passou brazão de armas a 21 de março de 1815.

Um escudo ovado e esquartelado; no primeiro e quarto quarteis as armas dos Vazes, no segundo as dos Dias, e no terceiro as dos Pereiras.—Br. p. a 7 de março de 1817. Reg. no Cart. da N., liv. VII, fl. 370.

(C. C.)

1184. João Leitão de Aguiar Guerreiro, capitão-mór de Almodovar, cavalleiro da ordem de Christo, familiar do Santo Officio; filho de Francisco Guerreiro Leitão de Aguiar, capitão-mór de Almodovar, e mestre de campo dos auxiliares da comarca do Campo de Ourique, e de sua mulher D. Angela Francisca de Cordes; neto paterno de João Leitão de Aguiar Guerreiro, capitão de cavallos, capitão-mór de Almodovar, ouvidor

proprietario dos verdes e montados da comarca de Ourique, familiar do Santo Officio, e de sua mulher D. Josepha Maria de Brito e Castanheda; bisneto de Affonso Guerreiro de Aboim, e de sua mulher D. Francisca de Aguiar Leitão; terceiro neto de Bartholomeu Gomes de Aboim Guerreiro, e de sua mulher D. Brites Fernandes Correa; quarto neto de Affonso Guerreiro, chefe da familia dos Guerreiros, e de sua mulher e parenta D. Maria Mestra Guerreiro; neto materno de Antonio Luiz de Cordes, fidalgo da casa real, cavalleiro da ordem de Christo, familiar do Santo Officio, secretario da Camara de Sua Magestade, e do expediente das suas reaes audiencias, e de sua mulher D. Joanna Maria Ribeiro, filha herdeira de Antonio Alves Ribeiro, cavalleiro da ordem de Christo, familiar do Santo Officio; bisneto de Balthasar Telles Seguel, e de sua mulher D. Maria Antonia de Cordes; terceiro neto de outro Balthasar Telles Seguel, e tambem terceiro neto de João Baptista de Cordes, cavalleiro da ordem de Christo, que foi n'este reino, e de sua mulher D. Cecilia Uvel, elle filho de Simão de Cordes, e neto de Jaques de Cordes, da familia d'este appellido que é illustre e antiga no reino de França e no condado de Flandres, onde tem o senhorio dos logares de Cordes, Vlater-pont, Trevel, e Quesnel, e do castello Uves, nos dominios da cidade de Tornay, quarto e quinto avô do supplicante.

As armas dos Guerreiros, Leitões, Aguiares, e Cordes. — Br. p. aos 9 de agosto de 1759. Reg. no Cart. da N., liv. particular, fl. 123.

(C. C.)

1185. João Leitão Frazão Castello-branco e Oliveira, do logar do Salgueiro, termo da villa do Fundão; filho de João de Figueiredo Frazão Castello-branco, e de sua mulher D. Rosa Magdalena Leitão, filha do capitão Manuel Pires Vaz, e de sua mulher Isabel Leitão; neto o supplicante pela sua varonia de Sebastião de Figueiredo Ferrão Castello-branco Leitão, e de sua mulher D. Maria Michaela de Oliveira, filha de Miguel Antunes de Oliveira, e neta do capitão de cavallos Gaspar Fernandes de Oliveira; bisneto ô supplicante pela dita varonia de José de Figueiredo Frazão Castello-branco, e de sua mulher D. Maria de Oliveira Feio, filha de João Feio; terceiro neto de João Leitão Frazão de Castello-branco, e de sua mulher D. Maria Nunes Testa Aquilles.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Leitões, no segundo as dos Frazões, no terceiro as dos Castello-brancos, e no quarto as dos Oliveiras. — Br. p. a 3 de novembro de 1781. Reg. no Cart. da N., liv. III, fl. 34.

(C. C.)

1186. João de Lemos Caldeira, capitão de artilheria, e lente da Academia militar de Angra; filho de João de Lemos e Sousa Castel-branco, cavalleiro professo na ordem de Christo, fidalgo cavalleiro da casa real, e de sua mulher D. Isabel Joanna Moniz Freire de Brito Caldeira; neto por parte paterna de Henrique de Lemos e Sousa Castel-branco, e de sua mulher D. Antonia Maria de Figueiredo, e por parte materna de Gonçalo Rodrigues Caldeira, e de sua mulher D. Maria Thereza Freire de Albuquerque.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Lemos, no segundo as dos Sousas, no terceiro as dos Freires, e no quarto as dos Caldeiras. — Br. p. a 22 de dezembro de 1818. Reg. no Cart. da N., liv. VIII, fl. 23 v.

(C. C.)

1187. João Limpo Pimentel (Desembargador), natural da villa de Mourão, cavalleiro professo na ordem de Christo, prelado domestico de Sua Santidade, ministro do Santo Officio, prior de S. Pedro da cidade de Evora, provisor, e vigario geral do isempto de Montouto da sagrada Ordem de Malta; filho de Antonio José Sancas Limpo Pimenta, tenente de granadeiros do regimento de Serpa, e de sua mulher e prima D. Joaquina Gertrudes Limpo Pimentel; neto paterno do capitão Sebastião Gonçalves Mendes Salvado, e de sua mulher e prima D. Maria das Candeas Mendes Pimenta, filha de Lopo Mendes

Sancas; bisneto de Belchior Mendes Pimenta Limpo, e de sua mulher e sobrinha D. Maria Pimenta Limpo; terceiro neto de Antonio Mendes Pimenta Limpo, e de sua mulher e prima D. Isabel Mendes Pimenta, filha do valoroso capitão-mór Martim Carrasco Pimenta; descendendo egualmente do patriarcha Affonso Mendes Sancas; neto materno de João Limpo Pimentel, cavalleiro da ordem de Christo, e de sua mulher e prima D. Thereza Bernarda Machado de Brito, a qual foi neta paterna do tenente general commendador Pedro Machado de Brito, fidalgo da casa real, e materna de Manuel da Rosa de Azevedo, commendador da ordem de S. Tiago da Espada; bisneto de André Limpo de Oliveira, e de sua mulher e prima D. Ignacia Julianna Pimentel, neta de Jeronymo Pimentel, fidalgo cavalleiro da casa real; terceiro neto de Diogo de Oliveira Limpo, neto de Alvaro Limpo, fidalgo da casa real, e de sua mulher e prima D. Leonor Alvares Pimentel, sendo esta filha de Domingos de Paiva, tambem fidalgo da casa real, e de sua mulher e prima D. Leonor Alvares Pimentel, filha de Domingos de Paiva, fidalgo da casa real.

Um escudo ovado e esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Mendes, no segundo as dos Pimentas, no terceiro as dos Limpos, e no quarto os dos Pimenteis. — Br. p. a 26 de março de 1817. Reg. no Cart. da N., liv. VII, fl. 373.

(C. C.)

1188. João de Lobão Tello, da villa de Serpa, provincia do Alemtejo, cavalleiro fidalgo da casa real; filho de Clemente de Lobão Tello, e de sua mulher D. Isabel da Conceição; neto pela parte paterna de Manuel de Lobão, e de sua mulher Maria de Almendra, e pela materna de Manuel Rodrigues Sezudo, e de Maria Martins.

Um escudo partido em pala; na primeira as armas de Lobão, na segunda as dos Tellos. — Br. p. a 18 de julho de 1779. Reg. no Cart. da N., liv. II, fl. 194 v.

(C. C.)

1189. João Lombardo, natural da Picardia, e morador na ilha da Madeira.

Carta pela qual el-rei D. Manuel confirma ao dito, e a seus descendentes, o brazão de nobreza que o imperador Maximiliano lhe concedeu em attenção a seus serviços: — Um escudo em campo de oiro e de prata, dividido de uma aspa no meio de Sanstandre (Santo André) vermelha, e na cabeça do escudo uma aguia vermelha com as azas estendidas, coroada e membrada de oiro, e no pé uma estrella negra reluzente; elmo de prata cerrado, e por timbre as duas azas da aguia, paquife de prata e negro, e a outra metade de oiro e vermelho; por ser morador n'este reino onde tenciona morrer. (Egual mercê fez o imperador a seus irmãos Filippe Lombardo e Gil Lombardo.) — Dada em 1513. Reg. na Chanc. de D. Manuel, liv. XLII, fl. 83 v., liv. das Ilhas, fl. 136, e liv. VI de Mist., fl. 16.

1190. João Lopes, cavalleiro da infante D. Joanna.

Carta pela qual el-rei D. Affonso V lhe concede e a seus descendentes o seguinte brazão de armas: — Um escudo azul e uma palmeira de oiro n'elle, com um corvo pousante na dita palmeira com as azas tendidas; pelos muitos serviços por elle prestados na tomada de Arzilla e Tanger, e na guerra com el-rei de Cezillia, e em outras muitas. — Dada na cidade de Tours a 6 de junho de 1477. (M. N.) Reg. na Chanc. de D. Affonso V, liv. II de Mist., fl. 53.

1191. João Lopes de Pina, cavalleiro fidalgo da casa real, natural da cidade da Guarda; filho de Antonio de Pina, e de Beatriz Borges, os quaes viviam a lei da nobreza, e eram do tronco d'estas gerações.

Carta pela qual el-rei D. João III lhe concede o seguinte brazão de seus antecessores; — Escudo de campo esquartelado, o primeiro dos Pinas, que é de campo vermelho com uma banda de oiro e n'ella um leão azul, entre dois pinheiros verdes com raizes de prata; o segundo dos Borges, que é de campo vermelho com um leão de oiro, e uma bor-

dadura azul semeado de flores de liz de oiro, e assim os contrarios, e por differença uma merleta de prata; elmo de prata aberto guarnecido de oiro, paquife de oiro, azul, prata e vermelho, e por timbre meio leopardo de oiro com uma flor de liz vermelha sobre a cabeça; com todas as honras e privilegios de nobre fidalgo por descender das gerações dos Pinas e dos Borges. — Dada em Lisboa a 16 de dezembro de 1554.

1192. João Lourenço, amo do conde de Faro.

Carta pela qual el-rei D. Affonso v lhe concede o seguinte brazão de seus antecessores : — Um escudo de campo azul com tres estrellas de oiro, e o chefe de oiro adiante; pelos muitos serviços prestados pelo dito na Africa, em mar e terra. — Dada na villa de Arevol a 5 de setembro de 1475. (M. N.) Reg. na Chanc. de D. Affonso v, liv. II de Mist. fl. 64.

1193. João Luiz de Couto Alam, natural da freguezia de Santo Ildefonso da cidade do Porto; filho de Domingos Luiz, e de sua mulher D. Maria da Natividade de Couto; neto pela parte paterna de Luiz Coelho, e de sua mulher D. Maria Duarte, e pela materna do doutor Agostinho Marques de Couto Alam, e de D. Anna solteira.

Um escudo partido em pala; na primeira as armas dos Coutos, e na segunda as dos Alões. — Br. p. a 18 de maio de 1790. Reg. no Cart. da N., liv. IV, fl. 163 v.

(C. C.)

1194. João Luiz Ferreira Dromundo de Menezes da Camara, natural da cidade de Leiria, filho do doutor João Luiz Dromundo e Menezes, e de sua mulher D. Joanna Theodora Leite da Cunha, filha de José Leite Guterres, e de sua mulher D. Anna Thereza; neto o supplicante pela sua varonia do capitão Mathias Ferreira Dromundo, e de sua mulher D. Margarida Antonia de Meirelles; bisneto do capitão João Dromundo de Vasconcellos; terceiro neto de Manuel Ferreira Dromundo, que era filho legitimo de Manuel Gonçalves de Braga, e de sua mulher Anna Ferreira Dromundo, elle neto de João Gonçalves da Camara, quarto capitão donatario da cidade do Funchal, descendente por linha masculina e legitima do grande João Gonçalves Zarco, primeiro capitão donatario da mesma cidade, e ella terceira neta de D. João Dromundo, senhor de Escobal, duque de Dromundo, irmão da rainha Anna Bella, mulher de Jacob, quarto rei da Escocia, e bisneto tambem por outra linha de Gonçalo Ayres Ferreira, um dos primeiros povoadores da dita ilha.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Camaras, no segundo as dos Dromundos, no terceiro as dos Ferreiras, e no quarto as dos Menezes. — Br. p. a 2 de fevereiro de 1780. — Reg. no Cart. da N., liv. II, fl. 225 v.

(C. C.)

1195. João Luiz Gavião Peixoto (Bacharel), natural da villa de Serpa, comarca de Beja, juiz de fóra que foi da villa de Aljuster; filho de Manuel Luiz Gavião, e de D. Maria Joanna Cançada da Costa; neto pela parte paterna de Estevão Luiz Peixoto, e de D. Brites Joanna Gavião; e pela materna de André da Costa Torres Francez, e de D. Joanna Martins Cançada da Costa.

Um escudo partido em pala; na primeira as armas dos Peixotos, e na segunda as dos Gaviões. — Br. p. a 23 de abril de 1776. Reg. no Cart. da N., liv. II, fl. 87 v.

(C. C.)

1196. João Luiz de Medeiros da Costa Almeida Ponte, bacharel formado em leis pela Universidade de Coimbra; filho natural legitimado de Luiz José de Medeiros da Costa Almeida Ponte, chanceller e advogado na camara de Ponta-delgada, ilha de S. Miguel, e de Isabel Maria Lauriana, solteira; neto paterno de Caetano José de Medeiros da Costa e Almeida Ponte, e de D. Antonia Rita de Medeiros e Arruda.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Medeiros, no segundo as dos Costas, no terceiro as dos Almeidas, e no quarto as dos Pontes. — Br. p. a 23 de setembro de 1820. Reg. no Cart. da N., liv. VIII, fl. 66 v.

(C. C.)

1197. João Luiz Monteiro de Carvalho e Oliveira, provedor da comarca de Ourique, e corregedor do mestrado da ordem de Sant'Iago da Espada, na dita comarca; filho do doutor José Monteiro de Carvalho e Oliveira, cavalleiro professo na ordem de Christo, e de D. Anna Joaquina Rosa de Viterbo Caldeira Gorjão; neto paterno de Antonio Carvalho Correa de Barros, e de D. Thereza Monteiro de Oliveira; e materno de João Francisco Caldeira Gorjão, e de sua mulher D. Francisca das Chagas e Sousa.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Carvalhos, no segundo as dos Oliveiras, no terceiro as dos Caldeiras, e no quarto as dos Gorjões. — Br. p. a 4 de junho de 1807. Reg, no Cart. da N., liv. VII, fl. 180.

(C. C.)

1198. João Luiz Pimenta, natural de Poiares, arcebispado de Braga, fidalgo cavalleiro da casa real, e commendador da ordem de Nossa Senhora da Conceição de Villaviçosa; filho de Manuel Bernardo Pimenta, proprietario, e de sua mulher D. Anna Maria Pimenta; neto paterno de José Bernardo Teixeira, proprietario, e de sua mulher D. Maria Teixeira; e materno de Manuel Luiz Pimenta, proprietario, e de sua mulher D. Maria Pereira Pimenta.

Um escudo esquartelado..... — Br. p. a 11 de fevereiro de 1863. Reg. no Cart. da N., liv. IX, fl. 54 v.

(C. C.)

1199. João Luiz da Serra Cavalcanti de Albuquerque (Doutor), natural da capitania de Pernambuco; filho legitimo de Pedro Coelho Pinto, e de sua prima e mulher D. Romualda Cavalcanti de Albuquerque; neto pela parte paterna de Braz Pinto Lobo da Silva, e de sua mulher Maria Coelho; e pela materna neto do capitão João Luiz da Serra Pereira, e de sua mulher D. Brazia Cavalcanti de Albuquerque; todos estes foram pessoas nobres, e descendentes da familia Cavalcanti e Albuquerque, e se trataram á lei da nobreza.

Um escudo partido em pala; na primeira as armas dos Albuquerques, e na segunda as dos Cavalcantis. — Br. p. a 23 de 1766. Reg. no Cart. da N., liv. I, fl. 27 v.

(C. C.)

1200. João de Macedo, fidalgo da casa real, filho de Gonçalo de Macedo, e neto de Fernão Esteves de Macedo, que foi o chefe d'esta linhagem.

Carta pela qual el-rei D. Manuel lhe concede e a seus descendentes o seguinte brazão de armas de seus antecessores: — Escudo de campo azul e cinco estrellas de oiro de seis pernas; elmo de prata aberto, e por timbre um braço vestido de azul com uma maça de ferro com o cabo de oiro, paquife de oiro e azul; com todas as honras e privilegios de nobre e fidalgo por descender da nobre linhagem dos Macedos. — Dada em Lisboa a 15 de abril de 1518. Reg. na Chanc. de D. Manuel, liv. IX, fl. 65, e liv. VI de Mist., fl. 158.

1201. João de Macedo de Andrade Sousa, d'esta cidade de Lisboa; filho de João de Macedo de Andrade e Sousa, e de D. Ignacia da Silva Nobrega; neto paterno de Domingos Gonçalves, e de Seraphina de Andrade de Macedo, filha de Gaspar Fernandes Meirelles, e de Isabel de Macedo Sousa e Andrade.

As armas dos Gonçalves, Macedos, Andrades, e Meirelles. — Br. p. a 15 de outubro de 1756. Reg. no Cart. da N., liv. particular, fl. 101.

(C. C.)

1202. João de Macedo Pereira Coutinho da Guerra Frojas, natural da villa da Covilhã, comarca da Guarda; filho de João Barata da Guerra Costa da Cunha, familiar do Santo Officio do numero, senhor do morgado de Monforte da Beira, natural do mesmo logar, e de sua mulher legitima D. Rita de Macedo Pereira Coutinho Frojas de Vilhena; neto pela sua varonia de João Barata da Guerra Costa e Cunha, capitão de infanteria auxiliar, familiar do Santo Officio do numero, e de sua prima e mulher D. Maria Vaz da Costa Padilha, instituidores do dito morgado, filha legitima de Pedro Padilha, e de D. Maria de Sequeira, e neta paterna de Diogo Padilha, capitão do dito logar, o qual no anno de 1654, na guerra da feliz acclamação, sendo cercado no forte do mesmo logar que elle estava governando, com mais de seis mil homens de tropas castelhanas, os fez levantar o cerco, e os desbaratou inteiramente com perda total dos sitiadores, e por muitas vezes lhes tomou as presas de gados, que elles vinham fazer n'aquella provincia, o que tudo obrou com tão distincto valor que a mesma Magestade se dignou escrever-lhe uma carta de louvor, além das honradas e authenticas certidões que de tudo lhes passaram os generaes da provincia da Beira e mais officiaes de milicia e justiça; bisneto o supplicante pela sua varonia de Pedro da Costa Cunha da Guerra, e de sua mulher D. Maria de Carvalho; terceiro neto do capitão Bartholomeu da Costa Cunha da Guerra, e de sua mulher D. Maria Martins Barrantes, da esclarecida familia d'este appellido, da praça de Alcantara, do reino de Castella, de cuja familia foi o glorioso S. Pedro de Alcantara, e instituidores da capella de que o pae do supplicante é administrador na villa da Zibreira; quarto neto de Belchior da Costa Pacheco Cunha da Guerra, e de sua mulher D. Thereza de Almeida; quinto neto de Antonio Rodrigues da Cunha da Guerra, capitão-mór da villa de Celorico da Beira, e de D. Isabel Pacheco da Costa, filha de D. Maria Pacheco, que era descendente do grande Duarte Pacheco Pereira, bem conhecido pelas egregias acções que obrou na India, e dos Costas Côrte-reaes por seu avô João da Costa Côrte-real, fidalgo da casa real, cavalleiro da ordem de Christo, e alcaide-mór de Linhares; sexto neto de Sebastião Rodrigues da Guerra, fidalgo illustre do reino de Galliza, que passando a Portugal se estabeleceu na villa de Celorico da Beira, onde casou com D. Isabel Rodrigues, cuja descendencia se derivou a Linhares, e d'ahi a Monforte da Beira, a qual se acha actualmente restricta na casa do supplicante, e na de Jacinto Homem da Cunha Côrte-real, capitão-mór da villa de Linhares com quem se trata por parente, e se trataram os progenitores de uma e outra casa; e pela parte materna se mostrava que o supplicante é neto de José de Macedo Castello-branco Feio, natural da villa da Covilhã, senhor do morgado da Carrapata, padroeiro do priorado de S. Lourenço da mesma villa, pagador geral da gente de guerra da provincia da Beira, e de sua mulher D. Anna Ignacia Pereira Coutinho Frojas de Vilhena; bisneto de Bernardo de Macedo Castello-branco Feio, senhor do morgado da Carrapata, e de sua mulher D. Thereza da Costa Castello-branco, filha de Antonio Ferreira Ferrão Castello-branco, fidalgo, cavalleiro da ordem de Christo, mestre de campo da comarca de Castello-branco, governador da praça de Castello-Rodrigo, que defendeu do cerco que lhe pôz o duque de Ossuna, general hespanhol na mencionada guerra da acclamação, e de sua mulher D. Maria da Costa Castello-branco; terceiro neto de Filippe de Macedo Castello-branco Feio, tambem senhor do dito morgado, e procurador em Côrtes pela mesma villa em 1697 quando foi jurado principe herdeiro o fidelissimo senhor rei D. João v, e de sua mulher D. Maria Telles de Eça, dos Eças descendentes de D. Fernando de Eça, filho do infante D. João, e neto do senhor rei D. Pedro i e da rainha D. Ignez de Castro; quarto neto de Diogo de Macedo Feio de Castello-branco, segundo senhor do mencionado morgado, e de sua mulher D. Maria de Almeida Souto-maior; quinto neto de Filippe de Macedo Castello-branco Feio, primeiro senhor e administrador do morgado da Carrapata, instituido por seu irmão Antonio da Costa Feio de Castello-branco, ao qual se uniram depois pela lei do fidelissimo senhor rei D. José i todos os mais vinculos da sua nobre casa; filhos ambos de João Gomes de Macedo, fidalgo cavalleiro da casa real, e de sua mulher D. Brites Feio de Castello-branco, elle descendente d'esta nobre familia de Macedos, parentes muito chegados

dos condes de Vimioso, e ella dos Feios e Castello-brancos, alcaides-móres da villa da Covilhã, e de quem procedem as illustres casas que ha n'este reino d'esta illustre familia; e pela sua avó materna D. Anna Ignacia Pereira Coutinho Frojas de Vilhena se mostrava mais que o supplicante é bisneto de Ruy Pereira Coutinho Freire Frojas, fidalgo cavalleiro da casa real, capitão de infanteria auxiliar, e de sua mulher D. Maria de Tovar, filha de Gaspar Fernandes Gago, cavalleiro da ordem de Sant'Iago, vedor geral da provincia da Beira, e de sua mulher D. Maria Martins de Tovar, legitima descendente da nobilissima familia dos Tovares da villa de Broças, do reino de Castella; terceiro neto de José Pereira Coutinho Freire Frojas, fidalgo cavalleiro da casa real, e de sua mulher D. Maria Branca Roballos Freire, da familia dos Roballos da praça de Penamacor: o qual José Pereira Coutinho Freire Frojas era irmão legitimo de D. Anna Pereira Coutinho, que casando com seu segundo primo Alvaro Pinto da Fonseca, fidalgo cavalleiro da casa real, alcaide-mór de Ranhados, foram paes de Miguel Alvaro Pinto da Fonseca, fidalgo cavalleiro da casa real, alcaide-mór de Ranhados, e capitão-mór de Lamego, que de sua mulher D. Anna Pinto Teixeira, filha legitima e herdeira de Gonçalo Teixeira Pinto, senhor dos morgados de Calvilhe, Sedros, e Penedo, teve entre outros filhos a D. Frei Manuel Pinto da Fonseca, grã-mestre da sagrada e militar religião de Malta, parente em quinto grau do supplicante; quarto neto de Belchior Pereira Frojas que teve o foro de fidalgo cavalleiro, e foi capitão de mar e guerra, almirante da armada, e commendador de Regis, da ordem de Christo, e de sua mulher D. Leonor Coutinho de Vilhena, filha legitima de Manuel Pinto da Fonseca, senhor da illustre casa e morgado de Balsemão; quinto neto do doutor Luiz Pereira Frojas, desembargador e conselheiro da real fazenda, provedor das capellas, juiz das justificações do paço, cavalleiro da ordem de Christo, e de sua mulher D. Anna Botelho, senhora do morgado de Penedono; e finalmente sexto neto de João Pereira Frojas, fidalgo da casa real, filho de Annes Pereira, e neto de Diogo Dias Alves Pereira, tronco dos Pereiras da villa de Penedono, que seus descendentes dizem fôra irmão do grande condestavel D. Nuno Alvares Pereira, glorioso ascendente de todos os monarchas christãos da Europa.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Guerras, no segundo as dos Costas, no terceiro as dos Macedos, e no quarto as dos Pereiras. — Br. p. a 23 de julho de 1784. Reg. no Cart. da N., liv. III, fl. 164 v.

(C. C.)

1203. João Machado, morador em Villa-viçosa.

Carta pela qual el-rei D. João III lhe concede o seguinte brazão de seus antecessores: — Escudo de campo esquartelado, o primeiro de vermelho com cinco machados de prata, em aspa, o segundo tambem de vermelho com uma aguia preta estendida armada de oiro, e por differença uma flor de liz de prata; elmo de prata aberto guarnecido de oiro, paquife de oiro e vermelho, e por timbre dois machados das armas em aspa; com todas as honras e privilegios de fidalgo por descender da geração e linhagem dos Machados e Maias. — Dada em Evora a 17 de abril de 1534. Reg. na Chanc. de D. João III, liv. XX, fl. 92 v.

1204. João de Magalhães Taborda de Negreiros Caldeira da Costa Leitão, natural da villa da Certã, filho de Luiz Antonio da Motta Freire, e de sua mulher D. Faustina Caldeira Taborda; neto pela parte paterna de Antonio da Motta Freire, cavalleiro da ordem de Christo, e de sua mulher D. Desideria de Magalhães; bisneto de outro Antonio da Motta Freire, e de sua mulher D. Anna Maria Leitoa; terceiro neto de Antonio de Abreu Monteiro, e de sua mulher D. Marianna Leitoa; e quarto neto de Manuel Leitão, fidalgo da casa real, e de sua mulher D. Feliciana dos Reis; e pela parte materna é o supplicante neto de Faustino Taborda de Negreiros Franco da Costa Leitão, e de sua mulher Maria Antonia Caldeira Freire de Meirelles, filha de Manuel de Proença Campos, e de sua mulher D. Maria Michaela, filha de Pedro Salvado Pissarro, e de sua mulher D. Marianna Caldeira, filha de Bartholomeu Caldeira, capitão-mór da villa de Proença a nova; neta do sargento-mór Antonio Mendes Caldeira, fidalgo da casa real;

bisneto o supplicante pela varonia materna do doutor Pedro Franco Marques, e de sua mulher D. Maria das Neves Taborda, e por esta terceiro neto de Manuel Simões Sarafana, e de sua mulher D. Violante Rodrigues Taborda, filha do capitão Pedro Salvado Leitão, e de sua mulher D. Catharina Esteves Taborda de Negreiros, elle filho do capitão Pedro Salvado da Costa Leitão, descendente por linha direita de Estevão Gonçalves o velho, alcaide-mór, e commendador de Segura, embaixador de el-rei D. João II a Roma com titulo de conde de Castello-branco, e de sua mulher D. Margarida Vaz da Costa, irmã do cardeal D. Jorge da Costa, e de D. Martinho, arcebispo de Lisboa, e de D. Pedro, arcebispo de Braga, e ella filha de Estevão Rodrigues Taborda, fidalgo da casa real, e neta de Bento Taborda de Negreiros, cavalleiro da ordem de Christo, fidalgo tambem da casa real, e descendente de Garcia Rodrigues Taborda, fidalgo gallego, senhor que foi do solar dos Tabordas d'aquelle reino.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Leitões, no segundo as dos Costas, no terceiro as dos Tabordas, e no quarto as dos Caldeiras. — Br. p. a 28 de agosto de 1781. Reg. no Cart. da N., liv. III, fl. 22 v.

(C. C.)

1205. D. João Maldonado de Azevedo da Gama Lobo, natural da cidade de Evora, filho de D. José Maldonado de Azevedo da Gama Lobo, e de sua mulher D. Josepha Umbelina do Carmo de Mendonça Furtado; neto paterno de D. João Maldonado de Azevedo da Gama Lobo, e de sua mulher D. Maria Boaventura Magdalena Chichorro da Gama Lobo; bisneto de D. Affonso Thomaz Maldonado da Gama Lobo, e de sua mulher D. Violante Michaela Leitão de Aboim; bisneto egualmente por sua referida avó D. Maria Boaventura Magdalena Chichorro da Gama Lobo, de André Chichorro da Gama Lobo, fidalgo cavalleiro da casa real, e de sua mulher D. Catharina Jeronyma Juzarte Barreto; terceiro neto de D. João Maldonado de Azevedo, e de sua mulher D. Brites da Gama Lobo; quarto neto de D. Francisco Maldonado e Azevedo, estribeiro do cardeal infante D. Fernando, irmão de el-rei D. Filippe IV de Hespanha, e n'esta qualidade o acompanhou a Flandres, e de sua mulher D. Olaya da Silva; quarto neto egualmente por parte de sua terceira avó D. Brites da Gama Lobo, de Affonso Mendes Lobo, cavalleiro da ordem de Christo, e o primeiro governador da praça de Olivença, depois da acclamação do senhor rei D. João IV; quinto neto de D. Antonio Maldonado Hontiveras, descendente do tronco e antigo solar de Aldana, que foi gentilhomem do imperador Carlos V, e o acompanhou a Alemanha na guerra contra os rebeldes, e passando depois a este reino tomou o appellido de Azevedo, e se casou com D. Isabel da Silva; neto materno de D. João Pessanha de Mendonça Furtado e Carcome, e de sua mulher D. Brites Josepha Pereira de Lacerda.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Maldonados, no segundo as dos Azevedos, no terceiro as dos Gamas, e no quarto as dos Lobos. — Br. p. a 12 de dezembro de 1827. Reg. no Cart. da N., liv. VIII, fl. 212 v.

(C. C.)

1206. João Manuel Barbosa da França Corte-real, filho de João Manuel Barbosa, e de sua mulher D. Ursula Isabel da França Côrte-real; neto paterno de Antonio Manuel Barbosa, e de sua mulher D. Maria Cavalcante, e materno de João Pires Garcia, e de sua mulher D. Maria Magdalena do Nascimento da França Corte-real.

Um escudo esquartelado; no primeiro e quarto quarteis as armas dos Barbosas, no segundo as dos Franças, e no terceiro as dos Corte-reaes. — Br. p. a 11 de agosto de 1807. Reg. no Cart. da N., liv. VII, fl. 194 v.

(C. C.)

1207. João Manuel Borges Sá Moraes e Castro, natural de Villa-flor, comarca de Moncorvo, filho legitimo de Luiz Antonio de Moraes Castro, natural da dita villa, onde

foi sargento-mór, e de sua mulher D. Antonia Maria de Sá; neto pela parte paterna de João Borges de Moraes Castro, natural da mesma villa, onde foi capitão-mór, e de sua mulher D. Thereza Josepha Botelho de Villa-real; bisneto de João Borges de Moraes, capitão-mór e natural da referida Villa-flor, e de sua mulher D. Isabel de Moraes; terceiro neto de Christovão de Seixas e Moraes, e de sua mulher D. Isabel de Moraes; quarto neto de Antonio de Seixas Moraes; quinto neto de Lopo Borges Pinto de Moraes, fidalgo da casa real; e pela materna neto de Alexandre Borges Sá, natural de Val-bemfeito, termo de Bragança, capitão de granadeiros do regimento de cavallaria de dragões de Chaves.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Moraes, no segundo as dos Castros, no terceiro as dos Sás, e no quarto as dos Borges. — Br. p. a 16 de agosto de 1769. Reg. no Cart. da N., liv. I, fl. 106 v.

(C. C.)

1208. João Manuel de Carvalho Peres, da villa de Mondim de Basto, comarca de Villa-real, provincia do Minho; filho de Manuel de Carvalho Peres, e de sua mulher Emerenciana Teixeira; neto de outro Manuel de Carvalho Peres.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Carvalhos, no segundo as dos Peres, no terceiro as dos Teixeiras, e no quarto as dos Borges. — Br. p. a 24 de abril de 1781. Reg. no Cart. da N., liv. III, fl. 4.

(C. C.)

1209. João Manuel Fernandes Feitosa, fidalgo cavalleiro da casa real, commendador da ordem de Nossa Senhora da Conceição de Villa-viçosa, e negociante de grosso tracto, actualmente residente no Rio de Janeiro; filho de João Fernandes, e de sua mulher D. Marianna das Dores Fernandes; neto paterno de Francisco Fernandes, e de sua mulher D. Custodia Rosa Fernandes; neto materno de Luiz Barca, e de sua mulher D. Luiza Maria Barca.

Um escudo com as armas dos Fernandes. — Br. p. a 19 de março de 1870. Reg. no Cart. da N., liv. IX, fl. 127.

(C. C.)

1210. João Manuel Gomes de Abreu Cunha de Araujo, bacharel formado nos sagrados canones pela Universidade de Coimbra; filho do doutor João Antonio de Araujo, e de sua mulher D. Marianna Gomes de Abreu; neto paterno de Bento da Cunha Araujo, e de sua mulher D. Catharina Esteves; e materno de João Gomes de Abreu, e de sua mulher D. Maria Gomes Figueiró; bisneto de Manuel Gomes de Abreu, e de sua mulher D. Jeronyma de Castro.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Cunhas, no segundo as dos Araujos, no terceiro as dos Gomes, e no quarto as dos Abreus. — Br. p. a 12 de setembro de 1793. Reg. no Cart. da N., liv. IV, fl. 288 v.

(C. C.)

1211. João Manuel Guerreiro de Amorim, do conselho de Sua Magestade, e do da real fazenda, e fidalgo cavalleiro da casa real; filho do desembargador João de Amorim Pereira, e de D. Anna Maria Guerreiro; neto paterno de Francisco de Amorim Pereira, e de D. Monica Quaresma; e materno de Diogo Lourenço França, e de D. Maria Rosa Guerreiro.

Um escudo partido em pala; na primeira as armas dos Pereiras, e na segunda as dos Guerreiros. — Br. p. a 22 de outubro de 1828. Reg. no Cart. da N., liv. VIII, fl. 236 v.

(C. C.)

1212. João Manuel Homem de Macedo (Doutor), capitão de auxiliares de um dos terços da cidade de Aveiro, filho do bacharel Manuel Caetano Homem de Macedo, que foi

juiz de fóra da villa de Outeiro, e depois provedor e intendente da real fazenda nas minas dos Goyazes, e de sua mulher D. Josepha Luiza; neto paterno de Manuel Homem da Matta, e de sua mulher D. Luiza Thereza da Camara, e por esta bisneto de Manuel de Macedo de Perada, cavalleiro fidalgo da casa real, e terceiro neto de Francisco de Macedo Coelho; neto materno de Gregorio Ferreira, e de sua mulher D. Maria Francisca.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Homens, no segundo as dos Macedos, no terceiro as dos Mattas, e no quarto as dos Camaras. — Br. p. a 8 de julho de 1773. Reg. do Cart. da N., liv. I, fl. 200 v.

(C. C.)

1213. João Manuel do Rego Botelho de Faria, sargento-mór do terço de infanteria da cidade de Angra, da ilha Terceira, capital das dos Açores, natural da mesma cidade; filho de Antonio Francisco do Rego Botelho de Faria, natural da cidade de Ponta-delgada, da ilha de S. Miguel, e de sua mulher D. Marianna de Bittencourt Corte-real do Canto; neto pela parte paterna de João do Rego Botelho do Canto, e de sua mulher D. Antonia Faustina Leite Correa de Medeiros; bisneto de Antonio do Rego de Faria, e de sua mulher D. Catharina Botelho do Canto; terceiro neto de Francisco do Rego e Sá, e de sua mulher D. Maria Pimenta de Barros; quarto neto de Manuel do Rego Cabral, e de sua mulher D. Maria da Ponte; e pela materna neto de José de Bittencourt de Vasconcellos da Silveira, capitão da cidade de Angra, fidalgo da casa real, professo na ordem de Christo, e de sua mulher D. Magdalena Maria Corte-real do Canto; bisneto de João dos Santos de Vasconcellos e Camara, moço fidalgo da casa real, e de D. Maria Pamplona Corte-real.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Regos, no segundo as dos Botelhos, no terceiro as dos Bittencourts, e no quarto as dos Corte-reaes. — Br. p. a 21 de junho de 1783. Reg. no Cart. da N., liv. III, fl. 97 v.

(C. C.)

1214. João Manuel da Silva Figueiredo Fragoso, da villa da Covilhã, filho de João da Silva de Figueiredo Fragoso, cavalleiro professo na ordem de Christo, e de sua mulher D. Brigida Joaquina de Pina Fragoso, filha do capitão Luiz Fragoso Homem, e de sua mulher D. Francisca da Fonseca; neto pela parte paterna de Manuel da Silva Fragoso, e de sua mulher D. Luiza de Sousa Correa, filha de Luiz Romão Sinel, cavalleiro fidalgo da casa real, e logar-tenente do alcaide-mór da mesma villa da Covilhã, o qual era filho de Filippe Romão, tambem cavalleiro fidalgo da casa real, e de sua mulher Guiomar de Sousa, e neto de Luiz Romão; bisneto o supplicante pela sua varonia de Francisco Vaz Fragoso, capitão pago dos auxiliares da comarca de Coimbra, e de sua mulher Isabel da Silva de Figueiredo; terceiro neto de Pedro Vaz Fragoso; e quarto neto de Manuel Fragoso de Aguiar, tambem cavalleiro fidalgo da casa real.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Fragosos, no segundo as dos Silvas, no terceiro as dos Figueiredos, e no quarto as dos Sousas. — Br. p. a 25 de agosto de 1774. Reg. no Cart. da N., liv. II, fl. 29 v.

(C. C.)

1215. João Manuel de Sousa Aragão, ajudante das ordenanças do concelho de Villa-pouca de Aguiar, comarca de Villa-real, e natural do logar de Villa-meã; filho de João de Sousa Machado, e de sua mulher Francisca Maria de Moraes Pinto; neto pela parte paterna de João Correa Machado, e de sua mulher Francisca de Sousa; neto pela parte materna do capitão José de Moraes Pinto, e de sua mulher Francisca Xavier de Passos.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Sousas, no segundo as dos Machados, no terceiro as dos Moraes, e no quarto as dos Pintos. — Br. p. a 20 de junho de 1795. Reg. no Cart. da N., liv. V, fl.

(C. C.)

1216. João Manuel de Sousa Caldas de Menezes, natural do termo de Monção, e senhor da casa e torre de Montelains; filho de Francisco José de Sousa Caldas, e de sua mulher D. Antonia Velloso de Carvalho; neto paterno do capitão Alexandre de Sousa Caldas, e de sua mulher D. Maria José de Castro e Souto-maior; bisneto de Antonio de Caldas Barbosa, e de sua mulher D. Juliana de Brito e Abreu; terceiro neto de Francisco de Caldas Barbosa, e de sua mulher D. Maria Correa; quarto neto de Bartholomeu de Araujo, fidalgo da casa real, e de sua mulher D. Margarida Marinho; quinto neto de Fabio de Araujo, fidalgo da casa real, e de sua mulher D. Genebra de Caldas Barbosa e Sousa; sexto neto de outro Bartholomeu de Araujo, que fundou o morgado dos Araujos na villa de Monção, e de sua mulher D. Catharina Fernandes de Araujo; egualmente sexto neto por parte de D. Genebra de Caldas Barbosa e Sousa, de Henrique de Caldas, senhor da torre de Montelains, e de sua mulher D. Francisca Barbosa, filha de João Fernandes, e de sua mulher D. Brites de Barbosa, senhores da casa de Briamonte, neta paterna de Estevão Gonçalves Justeiro, e de sua mulher D. Brites de Barbosa, senhores da casa de Eborim; setimo neto de Diogo de Caldas, senhor da casa e solar do paço de Vasçoins, e de sua mulher D. Isabel Rodrigues de Faria, filha de Gonçalo Nunes de Faria, senhor de terras, e alcaide-mór do castello de Faria, em cuja defeza obrou grandes acções; oitavo neto do rico homem D. Garcia Rodrigues de Caldas, o primeiro d'este appellido, que das Asturias passou a este reino, e serviu ao senhor rei D. Fernando, e de sua mulher D. Leonor de Sousa Magalhães Menezes, filha do rico homem Ruy Gonçalves de Sousa, que foi nono avô do supplicante, do conselho do senhor rei D. Affonso v; decimo neto de João de Magalhães, senhor das terras de Nobuga, e da villa de Ponte da Barca, e de sua mulher D. Isabel de Sousa e Menezes, filha de Ruy Vaz Ribeiro, senhor de Pedregão, e de sua mulher D. Violante de Sousa e Menezes, decimos avós do supplicante; decimo segundo neto de D. Lopo de Sousa Menezes, mestre da ordem de Christo, e de sua mulher D. Maria Ribeiro; decimo terceiro neto de D. Alvaro Dias de Sousa, e de sua mulher D. Maria Telles de Menezes; decimo quarto neto de D. Diogo Affonso de Sousa, senhor de Mafra e Ericeira, e de sua mulher D. Violante Lopes Pacheco, filha de Lopo Fernandes Pacheco, senhor das terras das Avas, e de sua mulher D. Maria Gomes Taveira; decimo quinto neto do infante D. Affonso Diniz, filho do senhor rei D. Affonso III, o qual infante casou com uma das duas netas de Mem Garcia de Sousa, de quem houve o dito D. Diogo Affonso de Sousa, sendo o mencionado Mem Garcia de Sousa neto do conde D. Mendo Souzam; decimo quarto neto por parte de D. Maria Telles, decima terceira avó do supplicante, de D. Martim Telles de Menezes, mordomo-mór da rainha de Castella D. Maria, filha do senhor rei D. Affonso IV, e de sua mulher D. Aldonsa de Vasconcellos, filha do rico homem do senhor rei D. Diniz, João Mendes de Vasconcellos, sendo por este lado o supplicante descendente, além dos muitos illustres avós acima mencionados, do alferes-mór, o conde de Ourem D. Affonso Telles de Menezes, do senhor rei D. Sancho I, do rei D. Ordonho, como se vê na varonia dos senhores de Melres de que trata a *Chorographia de Portugal*, tomo I, tratado VI, capitulo X; quarto neto por parte de D. Maria Correa, terceira avó paterna do supplicante, de Gaspar de Almeida, e de sua mulher D. Susana de Magalhães, da casa da Torre de Moreira, no termo de Monção; quinto neto de D. Isabel de Almeida Correa Manuel e Aragão, herdeira da mesma casa de Monlains, e de seu marido D. Osorio Marinho, paes de D. Margarida Marinho, quarta avó do supplicante; sexto neto de Lançarote Falcão, fidalgo da casa real, primeiro commendador de Monção, na ordem de Christo, e de sua mulher D. Margarida Marinho, filha de D. Vasco Marinho, que fundou o morgado dos Marinhos, na capella de S. Sebastião, na matriz de Monção, foi protonotario apostolico e commendador do mosteiro de S. João de Longosvalles, do qual descendem muitas familias illustres da provincia do Minho; D. Juliana de Brito e Abreu, segunda avó do supplicante, filha de Francisco Palhares no Paço de Frute, e de sua mulher D. Anna de Brito, filha de Diogo Soares de Brito, por alcunha o Pé de Ferro, que era dos Soares de Tangil, e foi senhor das casas da Borjoeira e Bornaria,

e de sua mulher D. Ignacia de Araujo Lobato, filha de Ignacio de Araujo, e de sua mulher D. Isabel Soares Lobato, neta paterna de Bartholomeu de Araujo, que egualmente foi sexto avô do supplicante, neta materna de João Lobato de Castro. D. Maria José de Castro e Souto-maior, avó paterna do supplicante, foi filha legitima de Antonio Soares de Castro, e de sua mulher D. Magdalena de Sousa e Castro, elle filho de Domingos Gomes de Abreu, descendente dos Abreus de Regalados, e de sua mulher D. Maria Soares Pereira de Castro, e todos viveram na sua casa e quinta da Fontainha, no termo de Melgaço, esta filha de Manuel Soares, senhor da casa e morgado de Brei, no termo de Monção, e de sua mulher D. Catharina Pereira, filha de Sebastião Vaz Bacellar de Golains, por ser senhor do paço d'este nome, na freguezia de Paderne; o referido Manuel Soares, da casa de Brei, foi filho de outro do mesmo nome, e da mesma casa, e de sua mulher D. Magdalena de Castro, dos quaes nasceu outra D. Maria Soares Pereira de Castro, que casou com o capitão Martinho Mendes de Araujo e Souto-maior, que era da casa e solar de Pombeiro, no reino de Galliza, chefe dos Araujos Gundares, Souto-maiores, e Sarmentos, e viveram na sua casa e antiga quinta do Souto, que por elle lhe pertenceu; dos quaes foi filha D. Angela Soares de Castro, que casou com Domingos de Cea Pereira de Castro, da casa solar dos Ceas, na freguezia de Arute, no termo de Monção, e d'estes nasceu D. Magdalena de Sousa de Castro, que casou com seu primo Antonio Soares de Castro, e foram segundos avós do supplicante, por serem paes da referida D. Maria José de Castro e Souto-maior. Manuel Soares de Brei, duas vezes quinto avô do supplicante, foi filho de Gregorio Soares, neto paterno de Antonio Soares, e de sua mulher D. Belizarda Soares, segundo neto de Gregorio Soares, alcaide-mór da cidade de Braga, terceiro neto de Diogo Soares, chamado o Beja, e de sua mulher D. Ignez de Brito, quarto neto de Heitor Soares de Tangil, senhor da fortaleza e solar d'este nome, no termo de Valladares, e de sua mulher D. Senhorinha Gomes Pereira de Lago, filha de Payo Gomes de Lago, e de sua mulher D. Maria Pereira, filha dos senhores das torres e villa da Feira, que depois foram condes, e foi o dito Heitor Soares, alcaide-mór de Castro-laboreiro, primeiro neto de D. Affonso Soares de Valladares, filho de D. Lourenço Soares de Valladares, e casou com a filha herdeira de D. Soeiro Affonso de Tangil, e são ambos por este lado undecimos avós do supplicante. D. Magdalena de Castro, quinta avó do supplicante, e mulher de Manuel Soares de Brei, filha de Lopo de Castro Azevedo Silva Coutinho, senhor da illustre casa do Fecho, no termo de Melgaço, e de sua mulher D. Leonor Velloso Bacellar de Sousa Magalhães, filha de Gonçalo Esteves Lobato, que teve o foro de escudeiro fidalgo, e foi senhor da antiga e illustre casa da Carvalheira, em S. Martinho de Alvoredo, no termo de Valladares, e de sua mulher D. Guiomar Velloso de Sousa Bacellar, setimos avós do supplicante; a referida D. Guiomar Velloso de Sousa Bacellar, filha de Gonçalo Esteves Bacellar, é neta materna de Antonio Rodrigues de Caldas, filho de Gomes Rodrigues de Caldas, e de sua mulher D. Brites Alvares Lobato, filha de Ruy Lobato o Velho, de quem descendem outras muitas casas illustres, e neto o dito Antonio Rodrigues de Caldas do rico homem D. Garcia Rodrigues de Caldas, e de sua mulher D. Leonor de Sousa, que sendo por este lado decimos primeiros avós do supplicante, são egualmente por outro oitavos, e de sua mulher D. Leonor Velloso Bacellar de Sousa, nona avó do supplicante, e filha de Payo Velloso, fidalgo da casa real, regedor perpetuo de Bayona, e senhor de Monte-real, e de sua mulher a celebrada D. Clara Genebra Fernandes, filha, e o supplicante decimo neto de Ruy Bacellar, e de sua mulher D. Leonor Pereira de Castro, filha de Affonso Pereira do Lago, fidalgo e veador da fazenda do senhor rei D. Affonso v, senhor da casa do Supegal, no termo de Monção, chefe dos bons Pereiras. Ruy Bacellar, decimo primeiro avô do supplicante, foi por sua mãe senhor do solar de Bacellar, da honra de Mira, e padroado do Serdal, por ser filho, neto e descendente dos senhores da mesma torre, solar e honra, que pela descendencia de Senhorinha Vasques succederam nos paços de Lara, como procedida do conde D. Alvaro Nunes de Lara, que andando na expulsão dos moiros fez alli novo solar, sendo tambem do dos senhores de Lara, procedido de um que foi

fronteiro-mór de Tuy, e de Marianna de Chantos, filha de João de Chantos, condestavel de Inglaterra, duque de Leforsia, e senhor de Coria, em Hespanha. Payo Velloso, decimo avô do supplicante, filho de D. Alvaro Velloso, regedor perpetuo de Bayona, e senhor de Monte-real, e de sua mulher D. Violante de Benevides, da casa de Souto-maior, que com seu primo D. Pedro Alvaro Alvares de Souto-maior, primeiro conde de Caminha, seguiram o partido do senhor rei D. Affonso v contra Castella e passaram a este reino, perdendo em Galliza os seus bens, sendo a dita D. Violante de Benevides undecima avó do supplicante, filha de D. Vasco de Uja, senhor de Moldes e costa de Moja. Alvaro Velloso, undecimo avô do supplicante, filho de D. Fernando Velloso, conde nos confins de Galliza e Leão, senhor de Cabrera e Reberes, de quem procede a maior parte dos titulos de Galliza, e este filho de D. Aldora Paes, senhora de Rebera, e de seu marido o conde D. Rodrigo Velloso, que em primeiras nupcias tinha casado com Ainbes, irmã de um rei de França, d'onde vem os Araujos, o qual conde D. Rodrigo Velloso era filho do infante D. Velloso, filho de el-rei D. Ramiro III de Leão, havido em sua irmã D. Erminda, e de sua mulher D. Marinha Forjaz, filha do conde de Forjaz Vermûes, e de sua mulher D. Sancha, e são decimos segundos, decimos terceiros, decimos quartos e decimos quintos avós do supplicante. Lopo de Castro Azevedo e Silva Coutinho, sexto avô do supplicante, filho de Antonio de Castro Azevedo Mello e Silva Coutinho, senhor da mesma casa e morgado do Fecho, e de sua mulher D. Isabel Soares Teixeira, filha de Ruy Soares, senhor de Bentrans, neto de Lopo de Castro Azevedo Mello e Silva Coutinho, o primeiro do nome da dita casa, e de sua mulher D. Isabel Soares Pereira, filha de Diogo Soares Beja, e de sua mulher D. Ignez de Brito, que por outro lado são tambem oitavos avós do supplicante. Lopo de Castro, oitavo avô do supplicante, filho de Fernando de Castro, alcaide-mór de Melgaço, senhor de Sanguinhedo e coutos de Parada, de quem existe illustre descendencia nos titulos d'este reino e provincias, e de sua mulher D. Joanna de Azevedo Silva Mello e Coutinho, filha de Lopo de Azevedo Silva Mello e Coutinho, senhor de Azevedo, e de sua mulher D. Brites Gomes de Aragão, dama da infanta D. Isabel, mulher do infante D. Pedro, com quem veiu a este reino. Fernando de Castro, nono avô do supplicante, filho de Martinho de Castro, senhor de Sanguinhedo e Parada, alcaide-mór de Melgaço, e Castro-laboreiro, e de sua mulher D. Leonor Gomes Pinheiro, filha de Martim Gomes Pinheiro, e de sua mulher Mor Esteves, e neta de Tristão Gomes Pinheiro, fidalgo gallego, que por ordem do primeiro duque de Bragança fez fazer os muros de Barcellos, e foi alcaide-mór d'esta villa. Martinho de Castro, decimo avô do supplicante, filho de Diogo Gonçalves de Castro, que teve os mesmos senhorios e alcaidarias-móres, e de sua mulher D. Aldonça Coelho, filha de João Coelho, senhor de Terras de Bouro, e descendente por varonia de Martinho Viegas, o Gasco, o qual teve ração no mosteiro de Grijó. Diogo Gonçalves, undecimo avô do supplicante, filho de Gonçalo de Castro, e neto paterno de Affonso Peres de Castro, a quem o senhor rei D. João I fez mercê dos senhorios de Sanguinhedo e coutos de Parada, e foi filho, e o supplicante decimo quarto neto, de Pedro Fernandes de Castro, senhor da fortaleza e torre de Fornellos, em Galliza, e de sua mulher D. Maria Dade, filha de Martim Dade, alcaide-mór de Santarem, e de sua mulher D. Maria Raymundes; o dito Pedro Fernandes de Castro, foi filho de D. Fernando Annes de Castro, e de sua mulher D. Elvira Rodrigues de Valladares, mordomo-mór do senhor rei D. Sancho I, do seu conselho e alcaide-mór de Coimbra, e irmão do rico homem D. Lourenço Soares de Valladares. O dito D. Fernando Annes de Castro, decimo quinto avô do supplicante, filho de D. João Fernandes de Castro, que foi senhor da mesma torre de Fornellos, e filho de D. Fernando Peres de Castro, que o foi de D. Pedro Fernandes de Castro, o Castelhano, por alcunha, rico homem de Castella, e alcaide-mór de Toledo, e vem a ser decimo oitavo avô do supplicante, e filho de D. Fernando Rodrigues de Castro, que teve a alcunha, titulo e alcaidaria-mór que depois passou ao dito seu filho, e de sua mulher D. Estephania, filha de D. Affonso IV, chamado o imperador de Castella, que vem a ser vigesimo avô do supplicante. O dito D. Fernando Rodrigues de Castro, filho de D. Ro-

drigo Fernandes de Castro, tambem rico homem de Castella, e alcaide-mór de Toledo, e de sua mulher D. Estephania Peres, filha do conde D. Pedro de Trava, e da condessa D. Elvira, e foi D. Rodrigo Fernandes de Castro, filho de D. Fernando Sanches, chamado o infante de Navarra, por ser filho bastardo de el-rei D. Sancho de Aragão e Navarra, e de sua mulher D. Maria Alvares de Castro, que são o tronco de todos os Castros de Hespanha e Portugal, e vigesimos primeiros avós do supplicante, sem bastardia ou quebra, excepto as familias reaes.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Sousas de Arronches, no segundo as dos Manueis, no terceiro as dos Aragões, e no quarto as dos Castros. — Br. p. a 19 de setembro de 1812. Reg. no Cart. da N., liv. VII, fl. 256.

(C. C.)

1217. João Manuel de Sousa e Menezes Sarmento, natural e morador na freguezia de Paderne, termo de Valladares, comarca de Valença do Minho; filho de João Manuel de Sousa Caldas de Menezes, e de sua mulher D. Maria Luiza Alvares de Araujo Sarmento.

Um escudo esquartelado; no primeiro as armas dos Araujos, no segundo as dos Sarmentos, no terceiro as dos Menezes, e no quarto as dos Fajardos. — Br. p. a 12 de outubro de 1812. Reg. no Cart. da N., liv. VII, fl. 262.

(C. C.)

1218. João Manuel Vaz da Costa Carvalho e Silva, natural da freguezia de S. Vicente, da villa de Ervedosa do Douro, comarca de Trancoso; filho de Francisco da Silva, e de sua mulher D. Rosa Maria de Carvalho Vaz da Costa Fernandes; neto paterno do alferes Domingos da Silva, e de sua mulher D. Anna Carvalho; bisneto de Domingos Vaz Negocio, e de sua mulher D. Maria da Silva; neto materno de Antonio Rodrigues da Silva, e de sua mulher D. Maria Vaz Fernandes; bisneto de Lourenço Fernandes, e de sua mulher D. Maria da Costa.

Um escudo esquartelado; no primeiro e quarto quarteis as armas dos Silvas, no segundo as dos Carvalhos, e no terceiro as dos Costas. — Br. p. a 18 de outubro de 1791. Reg. no Cart. da N., liv. IV, fl. 236.

(C. C.)

1219. João Marcellino de Mesquita Pimentel, sargento-mór das ordenanças das ilhas das Flores e Corvo, natural e morador na primeira d'ellas; filho do capitão João Pimentel da Silveira, e de sua mulher D. Maria Ursula do Sacramento; neto paterno do capitão Antonio da Silveira Pimentel de Mesquita, e de sua mulher D. Susana Pimentel Furtado de Mendonça, esta filha do ouvidor das justiças Gaspar Furtado de Mendonça, e de sua mulher Isenda de Praga, e neta de Thomé Furtado de Mendonça; segundo neto do capitão-mór Alexandre Pimentel de Mesquita, e de sua mulher D. Francisca dos Santos, o qual Alexandre Pimentel de Mesquita era irmão legitimo de D. Sebastiana Pimentel de Mesquita, que foi mãe do capitão-mór Roberto Pimentel de Mesquita, e este pae do coronel de milicias Francisco Manuel de Mesquita Pimentel, que é legitimo tio do supplicante; terceiro neto de Nicolau da Costa Pimentel : o sobredito Gaspar Furtado de Mendonça foi irmão legitimo do capitão-mór da villa das Lages Diogo Pimentel de Mesquita, de quem foi filha D. Delphina Pimentel de Mesquita, e d'esta nasceu o coronel de milicias Francisco Manuel de Mesquita Pimentel, tio do supplicante : o referido Thomé Furtado de Mendonça fez relevantes serviços no reinado do senhor D. João IV durante o sitio do castello de S. João Baptista, da ilha Terceira, e teve por legitimos irmãos a Antonio de Mendonça, e Manuel Furtado de Mendonça, que egualmente militaram e morreram no serviço de Sua Magestade debaixo do commando do mestre de campo general D. Francisco de Mascarenhas.

Um escudo esquartelado; no primeiro e quarto quarteis as armas dos Pimenteis, no

segundo as dos Mesquitas, e no terceiro as dos Furtados de Mendonça. — Br. p. a 8 de março de 1815. Reg. no Cart. da N., liv. VII, fl. 307 v.

(C. C.)

1220. João Maria Soares Machado, escrivão da Intendencia da marinha da cidade da Bahia; filho de José Soares Machado, cavalleiro fidalgo da casa real, e de D. Maria Josepha Angelica; neto paterno de Francisco Soares Machado, cavalleiro da ordem de Sant'Iago, e de D. Luiza Gonçalves; neto materno de José Felix dos Santos, cavalleiro da ordem de Christo, e de D. Maria de Jesus Santos; bisneto de João Lopes, cavalleiro fidalgo da casa real.

Um escudo esquartelado; no primeiro e quarto quarteis as armas dos Soares, no segundo as dos Machados, e no terceiro as dos Lopes. — Br. p. a 20 de agosto de 1824. Reg. no Cart. da N., liv. VIII, fl. 113 v.

(C. C.)

1221. João Maria do Valle, natural de Lisboa, fidalgo cavalleiro da casa real, e commendador da ordem de Nossa Senhora da Conceição de Villa-viçosa; filho de José Antonio do Valle, cavalleiro das ordens de Christo e de Nossa Senhora da Conceição, chefe de repartição da Secretaria de Estado dos negocios do reino, e de sua mulher D. Maria do Carmo do Valle; neto paterno de José Antonio do Valle, proprietario, e de sua mulher D. Anna Theodora do Valle; e materno de José da Cunha Leite, proprietario, e de sua mulher D. Ignez Maria da Cunha Leite.

Um escudo partido em pala; na primeira as armas dos Valles, e na segunda as dos Leites. — Br. p. a 5 de março de 1860. Reg. no Cart. da N., liv. IX, fl. 31.

(C. C.)

1222. João Marinho de Moraes Falcão e Castro (Capitão), filho de Manuel Marinho Falcão e Castro, e de sua mulher D. Rosa Maria de Moraes; neto pela parte paterna de Manuel Marinho Falcão e Castro, e de D. Paschoa Simões; e pela materna do capitão João de Moraes, e de sua mulher D. Luiza Simões.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Marinhos, no segundo as dos Falcões, no terceiro as dos Castros, e no quarto as dos Moraes. — Br. p. a 20 de junho de 1782. Reg. no Cart. da N., liv. III, fl. 57.

(C. C.)

1223. João Marques Falcão, familiar do Santo Officio, alferes da ordenança, e morador na villa de Idanha a nova, comarca de Castello-branco, bispado da Guarda; filho de Simão Peres Falcão, alferes da ordenança, vereador e juiz ordinario na dita villa de Idanha a nova, e de sua mulher Maria Gonçalves Lucas; neto paterno de Francisco Peres, e de sua mulher Isabel Alves, esta filha de... Falcão, segundo avô do supplicante, e por esta parte terceiro neto de Manuel Gomes Falcão; quarto neto de Gaspar Gomes Falcão; neto materno de Marcos Dias, e de sua mulher Catharina Marques.

As armas dos Falcões. — Br. p. a 20 de junho de 1758. Reg. no Cart. da N., liv. particular, fl. 116 v.

(C. C.)

1224. João de Mello Nogueira, cadete do regimento de Lippe, depois sargento-mór, e governador da ilha do Fogo; filho de Antonio José Nogueira, e de sua mulher D. Isabel Jacinta do Castello; neto pela parte paterna de Domingos Nogueira Cardoso, e de sua mulher D. Joanna Baptista Pontes, e pela materna de Pedro Barbosa de Figueiredo, e de sua mulher D. Michaela Archangela da Fonseca do Castello.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Nogueiras, no segundo

as dos Figueiredos, no terceiro as dos Castellos, no quarto as dos Mellos. — Br. p. a 18 de novembro de 1789. Reg. no Cart. da N., liv. IV, fl. 138 v.

(C. C.)

1225. João de Mello e Sousa da Cunha Souto-maior, da cidade do Porto, filho de João Joaquim Cardoso de Sousa e Mello, sargento-mór de cavallaria, governador do castello de Mattosinhos, e doutor em leis pela Universidade de Coimbra, e de sua mulher e prima D. Bernarda Rita José da Cunha Souto-maior; neto paterno de Manuel de Sousa e Mello, cavalleiro professo na ordem de Christo, e de sua mulher D. Anna Marcellina Cardoso, o qual era irmão de José de Sousa e Mello, fidalgo cavalleiro da casa real, commendador de Serra Leoa na ordem de Christo; bisneto do sargento-mór João de Sousa e Mello, cavalleiro da ordem de Christo, e deputado da Companhia geral dos vinhos do Alto Douro; terceiro neto de Manuel de Sousa e Mello; quarto neto de João de Mello e Sousa; quinto neto de Francisco de Mello e Sousa, moço fidalgo da casa real; sexto neto de Roque de Mello e Sousa, moço fidalgo da casa real; setimo neto de Martim de Mello e Sousa, moço fidalgo da casa real; neto materno do sargento-mór Agostinho da Cunha Souto-maior, e de sua mulher D. Francisca Ludovina de Mello, filha do referido sargento-mór João de Sousa e Mello.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Mellos, no segundo as dos Sousas, no terceiro as dos Cunhas, e no quarto as dos Soutos-maiores. — Br. p. a 3 de julho de 1815. Reg. no Cart. da N., liv. VII, fl. 316 v.

(C. C.)

1226. João de Mendonça Pacheco e Mello Ribeira (Alferes), da ilha Graciosa, cavalleiro fidalgo da casa real; filho do sargento-mór José Correa de Mello, e de sua mulher D. Hora Joaquina de Mendonça Pacheco e Mello; neto paterno do capitão-mór Antonio Correa de Mendonça, e de D. Ursula Espinola; neto materno do capitão José Thomaz da Cunha, e de D. Anna Baptista da Cunha, e bisneto de Manuel Antonio Correa de Mendonça, cavalleiro fidalgo da casa real.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Correas, no segundo as dos Mellos, no terceiro as dos Mendonças, e no quarto as dos Cunhas. — Br. p. a 10 de maio de 1826. Reg. no Cart. da N., liv. VIII, fl. 188.

(C. C.)

1227. João de Menelau, cavalleiro fidalgo da casa real, morador na cidade de Lisboa, filho de João de Menelau.

Carta pela qual el-rei D. Filippe I lhe concede o seguinte brazão de seus antecessores : — Escudo de campo vermelho e uma serpe de prata picada de verde amedrontada de uma aguia de oiro armada de azul que está sobre ella, elmo de prata aberto guarnecido de oiro, paquife de oiro, vermelho, e prata, e por timbre uma meia aguia de oiro voando; com todas as honras e privilegios de fidalgo por descender da geração dos Menelaus. — Dada em Lisboa a 10 de dezembro de 1582. Reg. na Chanc. de D. Filippe I, liv. XIII de D. Sebastião, fl. 327.

1228. João de Mira Pitta Barbosa, alferes cadete do regimento de cavallaria da praça de Moura, morador na villa de Cuba, provincia de Alemtejo; filho de Francisco Xavier Barbosa Pitta, filho legitimo de Francisco Barbosa Pitta, e neto de Sebastião Barbosa Pitta, filho de Francisco Nunes Barbosa, e de sua mulher D. Ignez Pitta da Rocha; neto paterno de Agostinho Nunes Barbosa, e de sua mulher D. Antonia Barbosa, e neto materno de Pedro Ferreira, e de sua mulher D. Ignez Pitta da Rocha, quartos avós do supplicante por legitima varonia; todos pessoas nobres, filhados nos livros de el-rei, que procediam das casas de solar, de Aboim, Tangil, e Meixedo, descendentes das nobres fa-

milias dos appellidos de Barbosas, Pittas, Ferreiras e Rochas d'este reino, e se tractaram como taes á lei da nobreza, cujo tractamento conserva o supplicante.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Barbosas, no segundo as dos Pittas, no terceiro as dos Ferreiras, e no quarto as dos Rochas. — Br. p. a 18 de março de 1785. Reg. no Cart. da N., liv. III, fl. 188.

(C. C.)

1229. João de Miranda Esteves, monteiro-mór da villa de Cabra, filho de João de Miranda Esteves, e neto paterno de João de Miranda.

Um escudo partido em pala; na primeira as armas dos Mirandas, e na segunda as dos Esteves. — Br. p. a 14 de agosto de 1813. Reg. no Cart. da N., liv. VII, fl. 282.

(C. C.)

1230. João Moniz Pereira Camello Bittencourt, natural da cidade de Ponta-delgada, na ilha de S. Miguel, onde foi capitão da ordenança; filho do capitão Braz Moniz Pereira Bittencourt Camello, e de sua mulher D. Natalia Thereza da Silva; neto paterno de João Camello Pereira Moniz, e de sua mulher D. Barbara de Bittencourt; neto materno de Belchior Cordeiro, e de sua mulher Anna da Silva.

As armas dos Monizes, Camellos, Pereiras, e Bittencourts. — Br. p. a 13 de março de 1758. Reg. no Cart. da N., liv. particular, fl. 114.

(C. C.)

1231. João Moniz da Silva Botto (Bacharel), oppositor aos logares de letras, filho de Estevão Moniz da Silva Botto, secretario e fiscal da Delegação geral do physico-mór do reino, e advogado n'esta cidade, e de sua mulher D. Luiza Maria Isabel; neto por parte paterna do doutor João Lourenço Moniz, e de D. Joanna Maria de Menezes Pimentel Botto; e por parte materna de José Rodrigues Costa. capitão do regimento de infanteria n.º 16, e de sua mulher D. Catharina da Conceição Costa; e os referidos seus paes e avós são pessoas nobres das familias dos Monizes, Bottos, Pimenteis, e Menezes.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Monizes, no segundo as dos Bottos, no terceiro as dos Pimenteis, e no quarto as dos Menezes. — Br. p. a 28 de julho de 1818. Reg. no Cart. da N., liv. VIII, fl. 4 v.

(C. C.)

1232. João de Moraes Leite, natural da freguezia de Telões e Fervença, termo da villa de Basto, e assistente nas partes do Brazil; filho de João Monteiro Leite, e de sua mulher Anna Gomes; neto paterno de Antonio Monteiro, e de sua mulher Joanna Leite; bisneto de Manuel Monteiro, e de Margarida Francisca; terceiro neto de Antonio Monteiro Alvares, e de sua mulher Isabel Alves; quarto neto de Manuel Monteiro, que casou na familia dos Mouras; quinto neto de Alvaro Annes, e de sua mulher Maria Monteiro; sexto neto de João Alvares, cavalleiro fidalgo, que serviu os reis d'este reino nas guerras de Castella e Azamor com armas e cavallos encobertados, e de sua mulher Beatriz Alvares Bravo, dos Bravos da cidade de Braga, irmã do commendatario de Mansellos, moradores no assento da egreja de Fervença, de que foram administradores, e parentes de Pedro da Cunha, senhor de Basto.

As armas dos Bravos, Monteiros, Mouras, e Pereiras. — Br. p. a 5 de dezembro de 1750. Reg, no Cart. da N., liv. particular, fl. 7.

(C. C.)

1233. João da Motta e Silva, morador na sua quinta e morgado do Hospital, freguezia de S. Miguel do Prado, concelho de Regalados, comarca de Vianna do Minho; filho de Manuel da Silva, e de sua mulher Maria da Motta; neto paterno de João de Almeida

Pereira, e de Anna da Silva; neto materno de Antonio Rodrigues, e de Margarida da Motta e Azevedo, da casa e morgado do Hospital, descendentes da dita casa e morgado do Hospital.

As armas dos Mottas, Azevedos, Almeidas, e Pereiras. — Br. p. a 10 de junho de 1752. Reg. no Cart. da N., liv. particular, fl. 36 v.

(C. C.)

1234. JOÃO NEPOMUCENO PEREIRA DA FONSECA SILVA VELLOSO (Bacharel), juiz de fora actual da villa de Mecejana, e suas annexas, natural da freguezia de Santa Marinha de Remelhe, termo e comarca da villa de Barcellos, filho de José Pereira da Fonseca, senhor da casa da Torre de Moldes, na dita freguezia, cavalleiro professo na ordem de Christo, que serviu muitos annos os postos de capitão de auxiliares e de sargento-mór da dita comarca, e de sua mulher D. Josepha Maria do Sacramento Silva e Oliveira, paes tambem de José Valerio Pereira da Fonseca Velloso e Silva, oppositor aos logares de letras; neto pela parte paterna do capitão João Gonçalves Pereira, senhor da casa de Adens, e de sua mulher D. Maria da Fonseca; bisneto pela mesma varonia de outro João Gonçalves Pereira, filho de Fernando Martim Pereira; neto de outro do mesmo nome; bisneto de Martim Fernandes Pereira, e terceiro neto de Fernando Martim Pereira, o Velho, sexto avó d'elle supplicante, todos senhores da dita casa de Adens, tão nobre, rica e antiga, que no inventario que d'ella se fez no anno de 1607, por morte do dito Fernando Martim Pereira, o Velho, se acharam descriptos cavallos e moveis preciosos que bem denotavam a grandeza e qualidade da dita casa: e pela dita sua avó D. Maria da Fonseca se mostrava que era elle supplicante bisneto de Pedro Lourenço, morgado e senhor da casa de Real na freguezia de Moure, e de sua mulher D. Isabel da Fonseca; terceiro neto por esta sua bisavó de João Thomé da Silva, da casa do Paço de Santa Eulalia do Rio Covo, e de sua mulher D. Helena Thomé da Fonseca, irmã legitima de Bento da Fonseca, abbade de Santa Maria, do abbade de quem foram filhos o doutor Bento da Fonseca, fidalgo da casa real, do conselho do senhor rei D. Pedro II, seu desembargador do Paço e enviado na Curia de Roma, e Manuel da Fonseca Coelho, fidalgo tambem da casa real; quarto neto de Domingos Thomé da Fonseca, senhor da quinta da Conega, situada junto aos muros da cidade de Braga, fidalgo tão principal que era irmão legitimo de D. Lourença da Fonseca, mulher de Rodrigo Affonso Pimentel, paes do primeiro conde de Benavente, de quem procedem tantas casas grandes em Hespanha: o qual Vasco Lourenço era filho de Lourenço Vasques da Fonseca, e de sua mulher D. Sancha Vasques de Moura, ella parente da rainha D. Brites, mulher do senhor rei D. Affonso III, e elle irmão de Ruy Vasques da Fonseca, bisavô de Pedro Rodrigues da Fonseca, alcaide-mór de Olivença e senhor das mesmas terras no termo de Villa-real, pae de João Rodrigues da Fonseca, guarda-mór do rei D. João I de Castella, de quem procedeu por varonia D. Pedro da Fonseca, cardeal da Santa Egreja de Roma, e descendem os marquezes de Orelhana, condes de Monte-rei, grandes de Hespanha, os condes de Villa-nova de Canedo, os senhores de Coca, e Alaejos, e outros muitos cavalleiros illustres d'aquelle reino; neto de Vasco Mendes da Fonseca, e bisneto de Mem Gonçalves da Fonseca, chefe da nobilissima familia dos Fonsecas, o qual fôra filho de Gonçalo Viegas, rico homem, irmão de Vicente Viegas, senhor de Leomil, tronco da familia dos Coutinhos, e de D. Pedro Viegas, progenitor dos Tavares, filhos todos tres de D. Egas Garcia, e netos de D. Garcia Rodrigues, rico homem do conde D. Henrique, senhor do solar dos Fonsecas e do couto de Leomil, ascendente tambem das casas de Arronches, Marialva, Redondo, e de outras muitas illustres d'este reino. E pela parte materna se mostrava que era elle supplicante neto de Bernardo da Silva, senhor da casa da Torre de Moldes, e de sua mulher D. Bernarda de Oliveira; bisneto de Manuel da Silva, que serviu honradamente nas guerras do senhor D. Pedro II, e depois creou de novo uma companhia de auxiliares, de que foi capitão, servindo nas fronteiras; irmão de Francisco da Fonseca, casado com D. Jeronyma Bernardes, neta dos fidalgos da

casa de Balsemão, e foram paes do reverendissimo doutor frei João Baptista, duas vezes prelado geral da religião de S. Bento, e de esclarecido nome; terceiro neto de João Thomé da Silva, senhor da casa do Paço de Santa Eulalia de Rio Covo, e quarto neto de Manuel Affonso da Silva, senhor que foi da mesma casa, da qual procedem muitos varões illustres, que hoje são da governança da villa de Barcellos : que era elle mesmo supplicante bisneto de Antonio de Oliveira Couto, senhor da quinta da Anta, e de sua mulher D. Margarida Velloso, que era descendente da casa do Paço de Villa-nova de Famalicão, e prima co-irmã de D. Anna Velloso da Fonseca, casada com Adrião de Miranda na Torre de Baçar, freguezia de Chustello, dos quaes ê neto João Velloso de Miranda, cavalleiro e commissario das tres ordens militares, pessoas das principaes e da governança de Barcellos, parente d'elle supplicante.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Pereiras, no segundo as dos Fonsecas, no terceiro as dos Silvas, e no quarto as dos Vellosos. — Br. p. a 8 de março de 1783. Reg. no Cart. da N., liv. III, fl. 89.

(C. C.)

1235. João Nunes de Gouvea, alcaide de Lisboa, filho de Francisco Nunes de Gouvea e de Isabel Cardosa, e neto de Nuno Cardoso.

Carta pela qual el-rei D. João III lhe concede o seguinte brazão de seus antecessores : — Escudo de campo esquartelado; o primeiro meio partido em pala, a primeira de vermelho com seis besantes de prata fechados de uma dobre cruz e bordadura de oiro, a segunda de prata com seis aruelas de azul, o contrario de vermelho com dois cardos verdes, um sobre o outro, com as alcachofras floridas e as raizes de prata entre dois leões de oiro batalhantes, e por differença uma merleta de prata; elmo de prata aberto guarnecido de oiro, paquife de oiro, prata e vermelho, e por timbre uma cabeça de leão de oiro voltada para cima, tendo na boca um dos cardos; com todas as honras e privilegios de fidalgo por descender da geração e linhagem dos Gouveas e Cardosos. — Dada em Lisboa a 29 de novembro de 1530. Reg. na Chanc. de D. João III, liv. LII, fl. 209 v.

1236. João de Oliveira Barbosa, capitão de infanteria paga da praça do Rio de Janeiro, filho legitimo de Bento Barbosa Soares, e de sua mulher Catharina de Oliveira; neto pela parte paterna de José da Costa Soares, alcaide-mór na cidade da Bahia, e pela materna neto de Braz Pereira Sarmento, e bisneto de Antonio Pereira, os quaes todos seus ascendentes foram pessoas nobres, e se trataram á lei da nobreza.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Barbosas, no segundo as dos Soares, no terceiro as dos Pereiras, e no quarto as dos Sarmentos. — Br. p. a 2 de junho de 1767. Reg. no Cart. da N., liv. I, fl. 49.

(C. C.)

1237. João Paes Barreto, natural da capitania de Pernambuco, morador nos suburbios da cidade de Olinda, filho de Estevão José Paes Barreto, e de D. Manuela Luiza de Mello; neto paterno de João Paes Barreto, e de D. Manuela Luiza de Mello, e materno do mestre de campo João Marinho Falcão, morgado do Cayara, e de D. Maria José da Rocha.

Um escudo partido em pala; na primeira as armas dos Paes, e na segunda as dos Barretos. — Br. p. a 30 de outubro de 1783. Reg. no Cart. da N., liv. III, fl. 113.

(C. C.)

1238. João Paes Barreto, natural da capitania de Pernambuco, e morador nos suburbios da cidade de Olinda, filho de Estevão José Paes Barreto, e de D. Manuela Luiza de Mello; neto pela parte paterna de João Paes Barreto, e de D. Manuela Luiza de Mello, e pela materna do mestre de campo João Marinho Falcão, morgado do Cayara, e de D. Maria José da Rocha.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Paes, no segundo as dos Barretos, no terceiro as dos Marinhos, e no quarto as dos Falcões. — Br. p. a 12 de junho de 1786. Reg. no Cart. da N., liv. IV, fl. 58.

(C. C.)

1239. João Pedro Borges de Goes, presbytero do habito de S. Pedro, natural da cidade do Grão-Pará, filho de Lazaro Fernandes Borges, familiar do Santo Officio, e de sua mulher D. Antonia Maria Ferreira de Goes; neto pela parte paterna de Marcos Fernandes Borges, e de sua mulher D. Joanna Gonçalves da Silva, elle filho de Antonio Fernandes Borges, e de sua mulher D. Isabel Gonçalves de Araujo, e ella filha de Filippe Fernandes Borges, e de sua mulher D. Isabel Gonçalves da Silva; pela parte materna é neto o supplicante do capitão Manuel de Goes, tambem familiar do Santo Officio, e de sua mulher D. Thomazia Ferreira e Mello; bisneto de Amaro Simões de Carvalho, e de sua mulher D. Maria Francisca Rita Goes, elle filho de Manuel Francisco de Carvalho, e de sua mulher D. Isabel Simões, e ella filha de Antonio Francisco, e de sua mulher D. Maria Francisca de Goes : e a dita D. Thomazia Ferreira de Mello era filha do capitão João Monteiro de Azevedo, e de sua mulher D. Catharina Ferreira de Mello, elle filho de Bernardo Monteiro de Azevedo, e de sua mulher D. Thomazia de Sousa, e ella filha de José Ferreira Pacheco, e de sua mulher D. Maria de Gusmão.

Um escudo ovado e esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Borges, no segundo as dos Goes, no terceiro as dos Pachecos, e no quarto os dos Gusmões. — Br. p. a 13 de março de 1793. Reg. no Cart. da N., liv. IV, fl. 275 v.

(C. C.)

1240. João Pedro Ferreira Tavares de Gouvea (Presbytero), natural da freguezia de Guaripiranga, bispado de Marianna, estado da America, filho de Luiz José Ferreira de Gouvea, coronel do regimento de cavallaria da dita cidade de Marianna, e de sua mulher D. Rita Maria Josepha Tavares, da freguezia de Guaripiranga; neto pela parte paterna do mestre de campo João Ferreira Feio, a quem se passou ja brazão de armas das familias dos Ferreiras, Gouveas, Tavares e Feios em 22 de março de 1684, e de sua mulher D. Maria Teixeira Tavares; e pela materna do alferes de cavallos Simão Tavares dos Santos, e de sua mulher Francisca da Fonseca, da cidade da Bahia.

Um escudo ovado e esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Ferreiras, no segundo as dos Gouveas, no terceiro as dos Tavares, e no quarto as dos Feios. — Br. p. a 20 de julho de 1785. Reg. no Cart. da N., liv. III, fl. 201.

(C. C.)

1241. João Pedro Migueis de Carvalho de Brito, do conselho de Sua Magestade, cavalleiro da ordem de Nossa Senhora da Conceição de Villa-viçosa, e encarregado de negocios na côrte de Roma; filho de João Pedro Migueis, cavalleiro professo na ordem de Christo, capitão do corpo de engenheiros, e de sua mulher D. Barbara Liberia Magdalena de Carvalho de Brito; neto paterno de Antonio Pedro Migueis, e de sua mulher D. Anna Joaquina Migueis, e materno de João Gonçalves de Carvalho de Brito, capitão de ordenanças, e de sua mulher D. Maria Magdalena de Carvalho de Brito, pertencendo-lhe brazão de armas em razão de sua nobreza, e por serem os seus ascendentes pessoas nobres.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Migueis, no segundo as dos Gonçalves, no terceiro as dos Carvalhos, e no quarto as dos Britos. — Br. p. a 10 de julho de 1838. Reg. no Cart. da N., liv. VIII, fl. 292.

(C. C.)

1242. João Pedro Teixeira de Carvalho e Silveira, guarda-marinha da armada real, filho de João Teixeira de Carvalho, e de sua mulher D. Dionysia Theodora da Sil-

veira; neto pela parte paterna de Manuel Teixeira de Carvalho, e de sua mulher D. Maria do Vencimento; e pela materna do sargento-mór Pedro da Silveira, e de sua mulher D. Isabel Maria.

Um escudo esquartelado; no primeiro e quarto quarteis as armas dos Teixeiras, no segundo as dos Carvalhos, e no terceiro as dos Silveiras. — Br. p. a 27 de março de 1786. Reg. no Cart. da N., liv. III, fl. 211.

(C. C.)

1243. João Pedro Tello da Fonseca, da villa de Alegrete, filho de Antonio Freire Tello da Fonseca, e de sua mulher D. Anna Eugenia Zuzarte Mergulhão de Campos; neto pela parte paterna de Manuel Cabreira de Sousa Galiano, sargento-mór da villa de Alegrete, e de sua mulher D. Bernarda Maria Euphrasia Caldeira da Fonseca, filha do doutor Manuel Freire da Fonseca, fidalgo da casa real, professo na ordem de Christo, e provedor que foi da villa de Torres-vedras, e de sua mulher Isabel Caldeira da Fonseca; neta do doutor Antonio Freire da Fonseca, fidalgo da casa real, professo na ordem de Christo, deputado da Mesa da consciencia e ordens, e de sua mulher D. Maria Sueiro de Madureira, e por parte materna neto de José Pedro Mergulhão de Campos Rodrigues Ramanho; bisneto por parte paterna de Manuel Cabreira de Sousa, e de sua mulher D. Maria Mouzinho Galiano, e por parte materna de Manuel Zuzarte de Campos, e de sua mulher Violante Barradas.

Um escudo partido em pala; na primeira as armas dos Cabreiras, na segunda as dos Fonsecas. — Br. p. a 14 de julho de 1798. Reg. no Cart. da N., liv. VI, fl. 32.

(C. C.)

1244. João Peixoto da Silva Menezes Alarcão, bacharel formado em leis, filho de Luiz Peixoto da Silva Menezes Alarcão, e de sua mulher D. Maria Delfina Pinto de Menezes Castello-branco; neto paterno de Luiz Peixoto Menezes Alarcão, e materno de José Filippe de Almeida Castello-branco, e de sua mulher D. Antonia de Oliveira Peixoto.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Peixotos, no segundo as dos Silvas, no terceiro as dos Menezes, e no quarto as dos Alarcões. — Br. p. a 29 de julho de 1830. Reg. no Cart. da N., liv. VIII, fl. 254.

(C. C.)

1245. João Peixoto da Silveira Bittencourt e Lacerda (Capitão), filho do capitão-mór Antonio Vicente Pimentel de Mesquita, e de sua mulher D. Rita Thomazia Peixoto de Bittencourt; neto paterno do capitão João Pimentel da Silveira, e de D. Maria Pimentel de Freitas; neto materno de Antonio Rodrigues Rocha, e de D. Victoria Maria Peixoto Bittencourt da Silveira. D. Rita Thomazia Peixoto de Bittencourt, mãe do supplicante, era irmã germana de Francisco Peixoto Bittencourt da Silveira, a quem se passou brazão de armas a 20 de abril de 1781.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Pimenteis, no segundo as dos Silveiras, no terceiro as dos Peixotos, e no quarto as dos Bittencourts. — Br. p. a 11 de janeiro de 1804. Reg. no Cart. da N., liv. VII, fl. 60 v.

(C. C.)

1246. João Pereira, morador em Alter do chão, filho de Ignez Dias Pereira, e neto de Diogo Dias Pereira, fidalgo muito honrado e do tronco d'esta geração.

Carta pela qual el-rei D. João III lhe concede o seguinte brazão de seus antecessores: — Escudo de campo vermelho e uma cruz de prata florida e vazia, do primeiro, e por differença uma brica de oiro; elmo de prata aberto guarnecido de oiro, paquife de prata e vermelho, e por timbre a mesma cruz entre duas azas de vermelho; com todas

as honras e privilegios de fidalgo, por descender da geração e linhagem dos Pereiras. — Dada em Evora a 30 de agosto de 1536. Reg. na Chanc. de D. João III, liv. XXIII, fl. 5.

1247. João Pereira Baptista Vieira Soares, bacharel na faculdade de leis pela Universidade de Coimbra, natural e morador na cidade do Porto; filho de Manuel Pereira Baptista, e de sua mulher Anna Vieira; neto paterno de Antonio Pereira, e de sua mulher Anna Pereira, e materno de João Soares, e de sua mulher Anna Vieira.

Um escudo partido em pala; na primeira as armas dos Pereiras, e na segunda as dos Vieiras. — Br. p. a 6 de maio de 1815. Reg. no Cart. da N., liv. VII, fl. 312.

(C. C.)

1248. João Pereira Barreto, sargento-mór da praça de Cacheu, e d'ella natural; filho de João Pereira Barreto, e de Maria das Neves da Conceição; neto paterno de Henrique da Costa Alvarenga, graduado em commissario geral das tropas da capitania de Cabo-verde, sendo o referido seu pae irmão legitimo de Pascoal Pereira da Silveira, cavalleiro professo na ordem de S. Bento de Aviz, e sargento-mór da praça de Farim, e de Manuel de Carvalho Alvarenga, sargento-mor commandante da praça de Zeguichor.

Um escudo partido em pala; na primeira as armas dos Pereiras, e na segunda as dos Barretos. — Br. p. a 14 de fevereiro de 1814. Reg. no Cart. da N., liv. VII, fl. 286.

(C. C.)

1249. João Pereira Machado da Luz, provedor dos Residuos, e capellas do Fayal e suas annexas, e guarda-mór e provedor da Saude da dita ilha; filho de João Pereira da Luz, e de sua mulher D. Josepha Clara Rosa Machado; neto paterno de José Pereira da Luz, e de sua mulher D. Maria de Medeiros, e materno de Manuel Machado Pereira, e de sua mulher D. Catharina do Espirito Santo.

Um escudo partido em pala; na primeira as armas dos Pereiras, e na segunda as dos Machados. — Br. p. a 20 de outubro de 1807. Reg. no Cart. da N., liv. VII, fl. 211.

(C. C.)

1250. João Pereira de Mello Pacheco e Sousa, capitão do regimento de milicias da ilha Graciosa; filho do alferes André Francisco de Mello Correa Pacheco e Sousa, e de D. Luiza Francisca da Silva e Sousa; neto paterno do alferes Francisco de Mello Correa Pacheco e Sousa, e de D. Maria do Rozario da Cunha e Silveira, e materno do alferes Timotheo Espinola de Sousa, e de D. Luiza Francisca da Silva Bacamarte.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Correas, no segundo as dos Mellos, no terceiro as dos Sousas, e no quarto as dos Silvas. — Br. p. a 19 de junho de 1820. Reg. no Cart. da N., liv. VIII, fl. 61 v.

(C. C.)

1251. João Pereira Vaz de Carvalho, do logar de Alvações do Corgo, termo de Villa-real; filho de João Pereira, e de sua mulher Maria Vaz de Carvalho; neto pela parte paterna de Domingos Francisco, e de sua mulher Anna Pereira; neto pela parte materna de Luiz de Carvalho, e de sua mulher Marianna de Carvalho Vaz; bisneto de Mathias Rodrigues Vaz, e de sua mulher Anna de Carvalho.

Um escudo esquartelado; no primeiro e quarto quarteis as armas dos Pereiras, no segundo as dos Vazes, e no terceiro as dos Carvalhos. — Br. p. a 16 de dezembro de 1799. Reg. no Cart. da N., liv. VI, fl. 113.

(C. C.)

1252. João Pessanha de Mendonça, morador na cidade de Beja, filho de Bartholomeu de Aboim Pessanha Moreno, e de sua mulher D. Joanna Barbara de Mendonça Fur-

tado; neto materno de D. João Carcomo Lobo de Figueirô, commendador de Santo André da villa de Pinhel, e senhor de Barra a barra, e de sua mulher D. Filippa Manuel de Mendonça Furtado; bisneto de Pedro de Mello, senhor de Ficalho, mestre de campo, governador de Serpa e do Rio de Janeiro, mestre de campo general da provincia da Beira, do conselho de guerra, e commendador da referida commenda, e da de S. Pedro, e de sua mulher D. Thereza de Mendonça; e por esta sua bisavó terceiro neto de Tristão de Mendonça Furtado, commendador de Mourão, embaixador a Hollanda, e general de uma armada, e de sua mulher D. Helena Manuel; quarto neto de Pedro de Mendonça Furtado e Albuquerque, chamado o Larim de alcunha, capitão de Chaul, e commendador de Mourão, do conselho de estado da India, e vereador de Lisboa, e de sua mulher D. Marianna de Mendonça, filha de João de Mendonça, chamado o Cação; quinto neto de Tristão de Mendonça, que serviu o senhor D. Jorge, e de sua mulher D. Maria de Albuquerque, filha de Lopo de Albuquerque, o Bode de alcunha, e de sua mulher D. Joanna de Bulhão.

As armas dos Mendonças, Furtados, e Albuquerques.—Br. p. a 17 de julho de 1761. Reg. no Cart. da N., liv. particular, fl. 130.

(C. C.)

1253. João Pinto, morador na quinta da Lagariça, do concelho da Regoa, filho de Gonçalo Martins Cochofel, escudeiro de linhagem, e de Briolanja Pinto; neto de Ayres Pinto, que foi fidalgo muito honrado e do tronco da geração dos Pintos.

Carta pela qual el-rei D. João III lhe concede o seguinte brazão de seus antecessores: — Escudo de campo de prata com cinco crescentes de vermelho, em aspa, e por differença uma brica de verde com um — I — de oiro; elmo de prata guarnecido de oiro, paquife de prata e vermelho, e por timbre um leão pardo de prata armado de vermelho com um dos crescentes na espadoa; com todas as honras de fidalgo por descender da geração e linhagem dos Pintos. — Dada em Lisboa a 27 de julho de 1538. Reg. na Chanc. de D. João III, liv. XLIV, fl. 86.

1254. João Pinto da Cunha e Sousa (Capitão), natural da freguezia de Nossa Senhora da Candelaria, da cidade do Rio de Janeiro; filho de Manuel Pinto da Cunha, e de Maria Thereza dos Santos e Sousa; neto paterno de Manuel Pinto, e de Seraphina Fernandes da Cunha; neto materno do capitão Antonio Pires dos Santos, e de Antonia de Sousa.

Um escudo esquartelado; no primeiro e quarto quarteis as armas dos Pintos, no segundo as dos Cunhas, e no terceiro as dos Sousas. — Br. p. a 6 de julho de 1774. Reg. no Cart. da N., liv. II, fl. 19.

(C. C.)

1255. João Pinto de Sousa e Silva, morador na villa de Gouvea, da comarca da Guarda, onde é monteiro-mór; filho do doutor Manuel Pinto da Silva, e de sua mulher D. Luiza Josepha de Sousa; neto paterno de Manuel Alves da Silva de Almeida, e de sua mulher D. Maria Pinto de Almeida, filha de Francisco Pires de Almeida Pinto, e de sua mulher D. Maria André; bisneto de Domingos de Almeida de Sequeira Machado, e de sua mulher D. Antonia de Cerqueira Pinto, e justificou na cidade de Lamego em 4 de abril de 1629 a sua ascendencia e fidalguia; terceiro neto de Domingos de Almeida de Sequeira, e de sua mulher D. Maria Machado, irmã de Gaspar Carneiro Machado, pessoas nobres e principaes; quarto neto de outro Domingos de Almeida de Sequeira, fidalgo de geração dos appellidos de Almeidas, Sequeiras da villa de Ferreira, d'onde foi casar no logar de Penço, do concelho de Caria, com Brigida Rebello de Vasconcellos, da illustre casa dos Rebellos d'aquelle logar.

As armas dos Almeidas, Sequeiras, Pintos, e Cerqueiras. — Br. p. a 21 de março de 1757. Reg. no Cart. da N., liv. particular, fl. 106.

(C. C.)

1256. João Pinto Teixeira de Carvalho de Sousa da Silva, natural da villa de Guimarães, filho de Francisco Pinto de Carvalho Bezerra de Sousa da Silva, e de sua mulher D. Luiza Joanna de Barbosa de Lima; neto paterno do sargento-mór Manuel Pinto Alves de Carvalho, e de sua mulher D. Maria Gertrudes Teixeira Bezerra do Rego; segundo neto de Gaspar Alves de Carvalho de Sousa da Silva, e de sua mulher D. Senhorinha Francisca Bezerra do Rego; terceiro neto de Antonio Teixeira do Rego de Sousa da Silva, e de sua mulher D. Maria Francisca Teixeira da Cunha; quarto neto de Antonio Rodrigues Pinto Teixeira da Cunha, e de sua mulher D. Maria do Rego; quinto neto de Gaspar João de Sousa da Silva, e de sua mulher D. Maria Bezerra do Rego; sexto neto de Jorge Teixeira Bezerra do Rego; setimo neto de Antonio Teixeira Bezerra do Rego, e de sua mulher D. Catharina do Rego; oitavo neto de Jorge Lopes Teixeira Bezerra do Rego; nono neto de Lopo Dias Teixeira Bezerra do Rego.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Sousas, no segundo as dos Carvalhos, no terceiro as dos Pintos, e no quarto as dos Silvas.—Br. p. a 28 de janeiro de 1817. Reg. no Cart. da N., liv. vii, fl. 364.

(C. C.)

1257. João Pires dos Rios, cavalleiro fidalgo da casa real, commendador da ordem de Christo.

Carta pela qual el-rei D. João iii lhe concede o seguinte brazão de seus antecessores: —Escudo de campo de oiro, com duas faxas ondadas de azul picadas de prata, e uma bordadura de prata com cinco cabeças de serpes verdes, cortadas em vermelho e armadas com as linguas saidas; elmo de prata aberto guarnecido de oiro, paquife de oiro, azul e verde, e por timbre uma cabeça de serpe; com todas as honras e privilegios de fidalgo por descender da geração e linhagem dos Rios das Asturias.—Dada em Lisboa a 14 de julho de 1530. Reg. na Chanc. de D. João iii, liv. lii, fl. 170 v.

1258. João do Quintal Lobo.

Carta pela qual el-rei D. João iii lhe concede o seguinte brazão de seus antecessores: —Escudo de campo esquartelado; o primeiro de prata com cinco lobos de preto com as linguas vermelhas, o segundo de prata com uma banda enxaquetada do primeiro e de vermelho, e uma cotiça de preto pelo meio, e por differença uma flor de liz verde; elmo de prata aberto, paquife de prata e vermelho, e por timbre um dos lobos; com todas as honras e privilegios de fidalgo por descender por parte de seu pae e avós dos Lobos, e por parte de sua avó dos do Quintal.—Dada em Lisboa a 21 de julho de 1528. Reg. na Chanc. de D. João iii, liv. xi, fl. 85 v.

1259. João Rabello, fidalgo da casa real, filho de Pedro Rabello, da dita linhagem.

Carta pela qual el-rei D. João iii lhe concede o seguinte brazão de seus antecessores: —Escudo de campo azul com tres faxas de oiro e em cada uma d'ellas uma flor de liz de vermelho, postas em maneira de contrabanda, e por differença uma merleta de prata; elmo de prata aberto guarnecido de oiro, paquife de oiro e vermelho, e por timbre duas flores de liz de vermelho; com todas as honras e privilegios de fidalgo por descender da geração e linhagem dos Rabellos.—Dada em Lisboa a 22 de abril de 1530. Reg. na Chanc. de D. João iii, liv. lii, fl. 215 v.

1260. João Rabello de Calheiros, morador na villa de Caminha.

Carta pela qual el-rei D. João iii lhe concede o seguinte brazão de seus antecessores: —Escudo de campo azul com cinco vieiras de prata, em aspa, riscadas de preto, e tres estrellas de cinco pontas de prata, em faxa ao pé do escudo, e por differença uma brica de oiro com um annel de vermelho; elmo de prata aberto guarnecido de oiro, paquife de prata e azul, e por timbre dois bordões de Sant'Iago, de prata, em aspa, com uma vieira

das armas no meio; com todas as honras e privilegios de fidalgo por descender da geração e linhagem dos Calheiros. — Dada em Lisboa a 11 de agosto de 1526. Reg. na Chanc. de D. João III, liv. XVII, fl. 109.

1261. JOÃO DO REGO, morador em Viseu, filho de João do Rego, e neto de Gonçalo Gil do Rego, que foi do tronco d'esta geração.

Carta pela qual el-rei D. João III lhe concede o seguinte brazão de seus antecessores: — Escudo de campo verde com uma banda ondada de prata, e sobre ella tres vieiras de oiro perfiladas de azul, e por differença uma flor de liz de prata; elmo de prata aberto guarnecido de oiro, paquife de oiro e verde, e por timbre uma vieira de oiro entre dois pennachos verdes; com todas as honras e privilegios de fidalgo por descender da geração e linhagem dos Regos. — Dada em Lisboa a 5 de setembro de 1530. Reg. na Chanc. de D. João III, liv. LII, fl. 186 v.

1262. JOÃO DO REGO, natural de Vianna da Foz do Lima, filho de Luiz do Rego, fidalgo, e neto de Fernando Eannes do Rego, que foi do verdadeiro tronco d'esta geração.

Carta pela qual el-rei D. João III lhe concede o seguinte brazão de seus antecessores: — Escudo de campo verde com uma banda de agua ondada, e n'ella tres vieiras de oiro, e por differença um crescente de oiro; elmo de prata aberto guarnecido de oiro, paquife de prata e verde, e por timbre dois pennachos verdes com uma das vieiras de oiro; com todas as honras e privilegios de fidalgo por descender da geração e linhagem dos Regos. — Dada em Lisboa a 5 de agosto de 1542. Reg. na Chanc. de D. João III, liv. XXXII, fl. 4 v.

1263. JOÃO DO REGO BALDAYA, natural da cidade de Lisboa, filho de João do Rego Baldaya, e de sua mulher D. Antonia Francisca Cabral; neto pela parte paterna de Manuel Alvares de Aguiar, e de sua mulher D. Agatha do Rego Baldaya; e pela materna de João Velho Cabral de Mello, e de sua mulher D. Apollonia Josepha.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Regos, no segundo as dos Baldayas, no terceiro as dos Cabraes, e no quarto as dos Mellos. — Br. p. a 15 de março de 1775. Reg. no Cart. da N., liv. II, fl. 54.

(C. C.)

1264. JOÃO RIBEIRO, cavalleiro fidalgo da casa real, commendador da ordem de Christo, filho de Fernão Ribeiro, e neto de João Ribeiro, que foi do tronco d'esta geração.

Carta pela qual el-rei D. João III lhe concede o seguinte brazão de seus antecessores: — Escudo de campo esquartelado; o primeiro e quarto de oiro com tres palas de vermelho, o segundo de preto com tres faxas veiradas e contraveiradas de prata e vermelho, e por differença na primeira ponta do escudo uma flor de liz metade azul e metade de prata; elmo de prata aberto guarnecido de oiro, paquife de oiro e vermelho, e por timbre uns lyrios verdes floridos de oiro; com todas as honras e privilegios de fidalgo por descender da geração e linhagem dos Ribeiros. — Dada em Lisboa a 20 de maio de 1530. Reg. na Chanc. de D. João III, liv. LII, fl. 112.

1265. JOÃO RODRIGUES, morador em Villa-franca, filho de Ruy Fernandes, e neto de Fernão Rodrigues, que foi do tronco d'esta geração.

Carta pela qual el-rei D. João III lhe concede o seguinte brazão de seus antecessores: — Escudo de campo de prata com uma cruz de vermelho com tres boletas de oiro e os casulos de verde em cada cabo, e por differença uma moleta preta; elmo de prata aberto guarnecido de oiro, paquife de vermelho, e por timbre uma aspa vermelha com seis boletas das armas nas pontas de cima; com todas as honras e privilegios de fidalgo por descender da geração e linhagem dos Bulhões. — Dada em Lisboa a 23 de dezembro de 1530. Reg. na Chanc. de D. João III, liv. L, fl. 66.

1266. João Rodrigues Antunes Esteves de Carvalho, capitão de infanteria miliciana do primeiro regimento da comarca da Guarda, e monteiro-mór da villa de Sarzedo, da mesma comarca, natural do logar de Tortozendo, termo da villa da Covilhã; filho do capitão Manuel Rodrigues Antunes, e de sua mulher D. Custodia Maria de Mattos e Carvalho; neto pela parte paterna de Francisco Rodrigues Antunes, e de sua mulher Isabel Antunes; neto pela parte materna de Manuel Esteves de Mattos, governador que foi da praça de Pena-Garcia, e de sua mulher D. Maria Lourença.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Rodrigues, no segundo as dos Antunes, no terceiro as dos Esteves, e no quarto as dos Mattos.—Br. p. a 26 de julho de 1797. Reg. no Cart. da N., liv. v, fl. 205.

(C. C.)

1267. João Rodrigues Camello, morador na ilha de S. Miguel, filho de Garcia Rodrigues Camello, da linhagem da dita geração.

Carta pela qual el-rei D. João III lhe concede o seguinte brazão de seus antecessores: —Escudo de campo de prata com tres vieiras de azul em triangulo riscadas de oiro, e por differença uma flor de liz vermelha; elmo de prata aberto guarnecido de oiro, paquife de prata e azul, e por timbre um pescoço e cabeça de camello, de côr natural, com uma manilha de oiro no beiço; com todas as honras e privilegios de fidalgo por descender da geração e linhagem dos Camellos.—Dada em Evora a 30 de junho de 1536. Reg. na Chanc. de D. João III, liv. XXIII, fl. 41.

1268. João Rodrigues Carreiro de Vasconcellos, natural de Monte-mór o novo, filho de Manuel Carreiro, e de Joanna Rodrigues Valente; neto paterno de Francisco Carreiro, e de Alda Rodrigues Salema; bisneto de Catharina Carreira, e de Christovão Gonçalves Salema; neto materno de João Rodrigues Ribeiro, e de Leonor Valente; bisneto de Fernão Valente, e de Isabel Gonçalves Ribeiro; os quaes todos foram fidalgos e dos verdadeiros troncos das gerações dos Carreiros, Salemas, Ribeiros, Vasconcellos e Valentes.

Carta pela qual el-rei D. Sebastião lhe concede o seguinte brazão de seus antecessores:—Escudo de campo esquartelado; o primeiro dos Carreiros, em campo de prata uma banda azul com um leão de oiro entre dois pinheiros verdes floridos de oiro; o quarto dos Salemas, em campo verde um castello de oiro coberto com portas e janellas lavradas de preto e uma bordadura azul com sete peixes salemas de prata; o segundo dos Ribeiros, que é esquartelado, o primeiro de Aragão em campo de oiro quatro palas de vermelho, o segundo dos Vasconcellos em campo preto tres faxas veiradas e contraveiradas de vermelho e prata, e assim os contrarios; o terceiro dos Valentes, em campo vermelho um leão de oiro rompente com tres faxas azues amanilhadas, e por differença uma flor de liz vermelha; elmo de prata aberto guarnecido de oiro, paquife de oiro, azul, prata e vermelho, e por timbre um leão de oiro com um ramo de pinheiro nas mãos; com todas as honras e privilegios de fidalgo por descender das ditas gerações.—Dada em Lisboa a 25 de março de 1569. Reg. na Chanc. de D. Sebastião, liv. VII de Privilegios, fl. 38.

1269. João Rodrigues de Vasconcellos, amo do principe D. Filippe, filho de Diogo Rodrigues, cavalleiro da casa real, e de Filippa Domingas de Vasconcellos; neto de Bastião Dias de Vasconcellos; bisneto de Diogo Gomes, que foram fidalgos e do tronco d'esta geração.

Carta pela qual el-rei D. João III lhe concede o seguinte brazão de seus antecessores: —Escudo de campo negro e tres faxas veiradas e contraveiradas de prata e vermelho, e por differença uma brica de oiro com um—J—verde; elmo de prata aberto, paquife de prata, preto e vermelho, e por timbre um leão preto faxado como as mesmas tres faxas; com todas as honras e privilegios de fidalgo por descender por parte de sua mãe da ge-

ração dos Vasconcellos.—Dada em Lisboa a 20 de outubro de 1540. Reg. na Chanc. de D. João III, liv. XXXIV, fl. 48.

1270. João de Sá, escrivão da especiaria da Casa real na India.

Carta pela qual el-rei D. João III lhe concede o seguinte brazão de seus antecessores: —Escudo de campo enxaquetado de prata e azul, e por differença meia brica de vermelho e quarta parte de um filete preto; elmo de prata aberto guarnecido de oiro, paquife de prata e azul, e por timbre um pescoço de *bufero* preto com os paus gretados de oiro; com todas as honras e privilegios de fidalgo por descender da geração e linhagem dos de Sá. —Dada em Lisboa a 12 de maio de 1529. Reg. na Chanc. de D. João III, liv. XVII, fl. 69.

1271. João de Sá Machado, natural e capitão-mór da villa de Freixo de Espada á cinta, comarca de Moncorvo; filho de Diogo Meirelles de Sá Machado, que foi furriel de dragões, e de D. Antonia de Sá Mesquita; neto por parte paterna de Valentim de Sá Machado, que serviu em soldado, alferes e capitão de infanteria, e ultimamente em sargento-mór da comarca de Moncorvo, e superintendente da cavallaria d'ella, cavalleiro professo na ordem de Christo, administrador da capella de Comba-madre, na villa de Chazim, e de D. Maria de Gouvea; neto por parte materna de Lopo de Albuquerque Lamego, que foi almoxarife do castello da referida villa de Freixo, e de Anna de Sá; sobrinho de Valentim de Sá, irmão do referido seu pae, o qual foi capitão de cavallaria na provincia do Alemtejo.

Um escudo partido em pala; na primeira as armas dos Sás, e na segunda as dos Machados. —Br. p. a 5 de janeiro de 1797. Reg. no Cart. da N., liv. V, fl. 169.

(C. C.)

1272. João de Saldanha da Silva (Bacharel), professo na ordem de Christo, provedor do paul da Trava da villa da Chamusca, monteiro-mór das coutadas e mattas da mesma villa, natural e morador na villa da Gollegã; filho de Manuel de Saldanha e Sousa, capitão-mór da villa da Gollegã, superintendente das coudelarias da Serra, de Villa-nova, de Torres-novas, a quem se passou brazão de armas com as dos Saldanhas, a 2 do presente mez e anno, e de sua mulher D. Luiza Maria Joaquina; neto pela parte paterna de João de Saldanha, e de sua mulher D. Francisca de Sousa; bisneto de Manuel Gonçalves, e de sua mulher D. Gregoria de Saldanha; neto pela parte materna de Francisco Gomes, e de sua mulher Maria da Silva.

Um escudo partido em pala; na primeira as armas dos Saldanhas, e na segunda as dos Silvas.—Br. p. a 12 de abril de 1795. Reg. no Cart. da N., liv. V, fl. 108.

(C. C.)

1273. D. João Sanches de Baena, as armas de seu bisavô D. Hernando de Baena.

Um escudo partido com as armas dos Baenas—Br. p. a 2 de julho de 1613. Reg. no R. Arch. da T. do Tombo, liv. XVIII do Reg. de Mercês, fl. 278.

1274. João dos Santos Pereira Caldas, filho de José Caldas e Castro, e de sua mulher Paschoa Pereira de Araujo; neto paterno de João de Caldas, e de sua mulher Luiza de Castro; bisneto de Sebastião de Caldas.

As armas dos Caldas, Castros, Pereiras e Araujos.—Br. p. a 10 de julho de 1755. Reg. no Cart. da N., liv. particular, fl. 91.

(C. C.)

1275. João de S. Boaventura Soares de Moraes Alão Sarmento Vasconcellos, natural da villa de Guimarães, filho de José Soares Pereira, e de sua mulher D. Josepha Clara de Moraes Alão Sarmento Vasconcellos; neto paterno de Manuel Soares, e

materno de Martinho Lopes de Moraes Alão Sarmento Vasconcellos, por ser este pae, ainda que natural, da mãe do supplicante a quem reconheceu.

Um escudo esquartelado; no primeiro as armas dos Soares, no segundo as dos Moraes, no terceiro as dos Sarmentos, e no quarto as dos Vasconcellos. — Br. p. a 12 de setembro de 1807. Reg. no Cart. da N., liv. VII, fl. 205 v.

(C. C.)

1276. João de Seixas, licenciado, filho natural legitimado do conego da sé de Lisboa João de Avelar de Seixas; neto do licenciado Alvaro de Seixas, e de Branca de Avellar, que foi filha de João de Avelar, que foi fidalgo muito honrado e do tronco da geração dos Avelares, bem como seu avô Alvaro de Seixas, que tambem foi fidalgo muito honrado e do tronco da geração dos Seixas.

Carta pela qual el-rei D. João III lhe concede o seguinte brazão de seus antecessores: — Escudo de campo esquartelado; o primeiro de verde com cinco seixas de prata, com os bicos e pés de vermelho, em aspa, e duas d'ellas voando que estão em contrabanda; o segundo de oiro com tres faxas de vermelho e em cada uma d'ellas tres estrellas de prata, e por differença um filete preto por cima de todo o escudo em contrabanda; elmo de prata aberto guarnecido de oiro, paquife de prata, verde, oiro e vermelho, e por timbre uma das seixas voando; com todas as honras de nobre fidalgo por descender da nobre linhagem dos Seixas e Avelares. — Dada em Lisboa a 4 de janeiro do 1538. Reg. na Chanc. de D. João III, liv. XLIV, fl. 7 v.

1277. João de Seixas Pinto, irmão de Antonio de Seixas Pinto, teve o mesmo brazão de armas que este em 2 de novembro de 1750. — V. *Antonio de Seixas Pinto.*

1278. João Severino Freire de Brito e Silva, escrivão da Alfandega da villa de Olivença, filho de José Jorge da Silva, e de sua mulher D. Thereza Ludovina Clara Freire de Brito; neto pela parte paterna de André da Silva, e de sua mulher Ursula Sophia; neto pela parte materna de Manuel Freire de Brito, brigadeiro do real exercito, e de sua mulher D. Thereza Maria Ferreira da Fonseca.

Um escudo esquartelado; no primeiro e quarto quarteis as armas dos Silvas, no segundo as dos Freires, e no terceiro as dos Britos. — Br. p. a 18 de março de 1795. Reg. no Cart. da N., liv. V, fl. 43.

(C. C.)

1279. João da Silveira da Costa Panasco, moço fidalgo da casa real e proprietario; filho de João da Silveira Couto Panasco, proprietario, e de sua mulher D. Joanna Theotonia Subtil de Magalhães; neto paterno de Bento Martins Panasco, proprietario, e de sua mulher D. Isabel Antonia da Silveira, e materno de Antonio Subtil do Rego, proprietario, e de sua mulher D. Barbara Angelica Caldeira.

Um escudo partido em pala; na primeira as armas dos Coutos, e na segunda as dos Silveiras. — Br. p. a 8 de fevereiro de 1866. Reg. no Cart. da N., liv. IX, fl. 93.

(C. C.)

1280. João de Sisneiros, morador em Lisboa, filho de Fernão de Sisneiros, neto de Francisco Rodrigues de Sisneiros, bisneto de Diogo Fernandes de Sisneiros, que foi do tronco d'esta geração e dos vinte e quatro de Sevilha.

Carta pela qual el-rei D. João III lhe concede o seguinte brazão de seus antecessores: — Escudo de campo meio partido em pala; a primeira parte de vermelho, partida em faxa, na primeira tres cisnes de prata, em roquete, e uma argola de oiro no pescoço de cada um, na segunda cinco flores de liz de prata em aspa; a segunda parte de prata com tres barras ou palas de vermelho; elmo de prata aberto guarnecido de oiro, paquife de

prata e vermelho, e por timbre um dos cisnes: com todas as honras e privilegios de fidalgo por descender da geração e linhagem dos Sisneiros.—Dada em Lisboa a 8 de outubro de 1530. Reg. na Chanc. de D. João III, liv. LII, fl. 199.

1281. João Soares Freire Galhardo, familiar do Santo Officio, e natural da villa de Monteargil, filho de Manuel Soares Freire Galhardo, e de sua mulher D. Anna Antonia de Vasconcellos; neto paterno de João Soares Freire, capitão-mór da villa de Aviz, e de sua mulher Maria Nunes; segundo neto de Ruy Mendes Freire, juiz ordinario de Monteargil, e de sua mulher D. Ignez da Silva e Moura, filha de Sebastião de Moura e Sousa, filho de Antonio de Moura e de D. Francisca de Sousa, filha de Ruy Peres Marmeleiro; terceiro neto pela sua varonia de João Soares Galhardo, cavalleiro da ordem de Aviz, capitão da dita ordem, e procurador em Côrtes, e de D. Maria Freire de Mendonça, filha de Antonio Nabo Garcez, vereador em Santarem; quarto neto de André Mouro Galhardo, irmão de Fernão Soares Galhardo, alcaide-mor de Seda; neto materno de Gonçalo Bandeira de Mello; bisneto de José Alves Bandeira de Mello, capitão-mór da villa de Eiras, e de D. Maria Mascarenhas de Vasconcellos e Albuquerque, filha do desembargador Braz Nunes Vasconcellos; terceiro neto de Gaspar Alves Bandeira, thesoureiro-mór do Erario, e de D. Anna Coelho da Lomba; quarto neto de Pedro Alves Bandeira, bisneto do grande Gonçalo Pires Bandeira, a quem se deram primeiro as armas dos Bandeiras.

As armas dos Galhardos, Peres, Soares, e Bandeiras.—Br. p. a 20 de junho de 1757. Reg. no Cart. da N., liv. particular, fl. 107.

(C. C.)

1282. João de Sousa de Aguiar, natural de Villa-pouca de Aguiar, filho de Antonio de Sousa, e de sua mulher D. Isabel Pereira Guedes; neto paterno de Jeronymo Pereira, natural das Boticas, concelho de Monte-alegre, onde serviu os cargos principaes da governança, e de sua mulher D. Bernarda Martins; bisneto por parte de sua avó paterna de Manuel Guedes Pinto, senhor do morgado e capella de Santo Antonio de Sanranhe na comarca de Villa-real; terceiro neto pelo mesmo lado de Antonio Guedes Pinto, tambem senhor do dito morgado e capella; quarto neto de outro Antonio Guedes Pinto, cavalleiro professo na ordem de Christo, fidalgo da casa real, e tambem senhor do dito morgado e capella.

Um escudo esquartelado; no primeiro e quarto quarteis as armas dos Sousas, no segundo as dos Pintos, e no terceiro as dos Guedes.—Br. p. a 30 de março de 1832. Reg. no Cart. da N., liv. VIII, fl. 261.

(C. C.)

1283. João de Sousa Lobato (Capitão), filho do capitão João de Sousa Lobato, e de sua mulher D. Anna de Castro Soares; neto paterno de Pedro de Sousa Lobato, e de sua mulher Mecia Rodrigues; bisneto de Antonio Vaz do Rego, e de sua mulher Brites Borges Rodrigues de Sousa Lobato, filha de Antonio Rodrigues de Caldas, e de sua mulher Mecia Borges; neta de Payo Rodrigues de Caldas; neto materno de Manuel de Castro e Figueiredo, e de sua mulher Anna Soares de Brito, filha de Gregorio Soares de Brito, bisneto de Alberto de Castro e Figueiredo; terceiro neto de Affonso Lourenço, e de sua mulher D. Luiza de Sousa e Castro.

As armas dos Sousas do Prado, Lobatos, e Soares de Tangil.—Br. p. a 4 de abril de 1762. Reg. no Cart. da N., liv. particular, fl. 135 v.

(C. C.)

1284. João de Sousa Vasconcellos e Brito, filho de Antonio de Almeida e Brito, e de sua mulher D. Anna de Vasconcellos e Guevarra, naturaes d'esta cidade de Lisboa; neto paterno de José de Almeida Pereira, e de sua mulher D. Luiza de Brito, filha de

Manuel de Freitas de Brito, tenente que foi da torre de Belem n'esta dita cidade, e de sua mulher D. Maria de Goes, e neta de Francisco de Freitas, capitão de infanteria, e de sua mulher D. Antonia de Brito; bisneto o supplicante pela sua varonia de Gaspar Pereira da Silva, e de sua mulher D. Maria da Silva; terceiro neto de Domingos Fernandes, e de sua mulher D. Maria Nunes; neto materno o supplicante de Duarte de Sousa de Vasconcellos, e de sua mulher D. Francisca Maria Brandão, filha de João Alvares Brandão, capitão das naus de guerra da India, e de D. Maria de Mattos, e neta de Fernando Alvares Brandão, cavalleiro professo do habito de Sant'Iago, e de D. Brites Brandão; bisneto o supplicante de Manuel de Sousa, cidadão, e fidalgo da casa real, ouvidor que foi da casa de Aveiro, e de sua mulher D. Maria de Vasconcellos e Guevarra Haneman; terceiro neto de Ventura Lopes de Sousa, e de D. Luiza da Silva.

As armas dos Almeidas, Britos, Sousas, e Vasconcellos. — Br. p. a 21 de fevereiro de 1755. Reg. no Cart. da N., liv. particular, fl. 83 v.

(C. C.)

1285. João Teixeira de Barros, professo na ordem de Christo, familiar do Santo Officio do numero, capitão das ordenanças da sagrada religião de S. João do Hospital de Jerusalem, natural da casa e quinta do Outeiro do Meio, freguezia de Viade, concelho de Celorico de Basto, filho de Julião Teixeira de Carvalho, e de sua mulher D. Josepha Teixeira de Barros; neto pela parte paterna de Miguel Teixeira, e de sua mulher D. Catharina de Carvalho, e bisneto de Gonçalo Miguel Pires, e de sua mulher D. Margarida Teixeira de Macedo, descendente por largas series de avós de João Gonçalves Teixeira, sexto senhor da honra e couto de Teixeira, e de Martim Gonçalves de Macedo, camareiro-mór do senhor rei D. João I, ambos chefes d'estas illustres familias, e pela parte materna se mostrava tambem ser elle neto de Bento Teixeira de Macedo, e de sua mulher D. Marianna de Barros; bisneto de Gaspar Francisco de Barros de Carvalho, e de sua mulher D. Anna de Macedo, descendentes tambem por outras largas series de avós dos chefes das illustres familias de Barros e Carvalhos, senhores do morgado d'estes appellidos na provincia da Beira, tendo muitos d'elles, assim da parte materna, como da paterna, os foros de fidalgos da casa real, sendo commendadores da ordem de Christo, e tendo servido a real corôa n'estes reinos e na India nos logares e postos de maior graduação, até o de vice-rei d'aquelle estado, que no tempo do senhor rei D. Manuel teve em vagancia Fernando Carvalho da Cunha, sexto avô do supplicante, o qual era bisneto de Alvaro Gil de Carvalho, senhor do dito morgado, e de sua mulher D. Estephania Pereira, irmã do condestavel D. Nuno Alvares Pereira, como largamente constava da sentença, e que todos os referidos e os mais expressados n'ella foram pessoas nobres das ditas familias de Teixeiras, Macedos, Barros, e Carvalhos, das que tiveram já seus brazões de armas, e se trataram com ellas, e com cavallos, criados, e toda a mais ostentação propria da nobreza, cujo tratamento conservava o supplicante.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Teixeiras, no segundo as dos Macedos, no terceiro as dos Barros, e no quarto as dos Carvalhos. — Br. p. a 2 de julho de 1787. Reg. no Cart. da N., liv. IV, fl. 13 v.

(C. C.)

1286. João Teixeira de Carvalho Brandão e Brito, natural da casa e quinta da capella de Viade, termo da villa de Basto, filho de João Teixeira de Carvalho da Cunha Coutinho, e de D. Joanna Leonor Brandão da Rocha e Brito; neto paterno de João Teixeira de Carvalho da Cunha Coutinho, cavalleiro professo na ordem de Christo, e de D. Thereza de Magalhães Magro; bisneto de João Gonçalves Carneiro, e de D. Maria de Carvalho da Cunha, todos senhores da mesma casa de Viade, sendo seus progenitores de mui preclara nobreza, e entre outros seu setimo avô Pedro da Cunha e Castro, fidalgo da casa real; seu decimo avô Gonçalo Vaz Teixeira, setimo senhor da honra e couto de Teixeira,

filho de João Gonçalves Teixeira, senhor da mesma honra, neto de Martim Gonçalves de Macedo, camareiro-mór do senhor rei D. João I, e assim seu setimo avô Fernão Carvalho da Cunha, fidalgo da casa real, e que serviu na India os postos de maior graduação no tempo do senhor rei D. Manuel, e era filho de Sebastião Alves de Carvalho, senhor do morgado de Carvalho na provincia da Beira, e bisneto de Alvaro Gil de Carvalho, senhor do mesmo morgado, e de D. Estephania Pereira, irmã do condestavel de Portugal D. Nuno Alvares Pereira, da qual D. Estephania é o supplicante decimo neto, e por parte materna é neto de Jacome Brandão Carneiro Gaio, e de D. Francisca Clara da Rocha Teixeira e Brito; bisneto de Braz Brandão Carneiro Gaio Souto-maior, e de D. Joanna de Meira Galvão; terceiro neto de Jacome Brandão Carneiro, e de D. Jeronyma de Sousa, todos senhores da mesma quinta, casa e torre; sendo por parte da referida sua avó D. Francisca Clara da Rocha Teixeira e Brito bisneto de Simão Antonio da Rocha e Brito, cavalleiro da ordem de Christo, fidalgo da casa real e alcaide-mór da villa da Barca, e de D. Antonia Thereza Teixeira da Costa Soares, senhores da casa e torre de Aguião, termo da dita villa da Barca; terceiro neto de João da Rocha e Brito de Aguião, cavalleiro da ordem de Christo e fidalgo da casa real; quarto neto de Jacome da Rocha e Brito, cavalleiro da ordem de Christo, fidalgo da casa real, sargento-mór de infanteria, governador de Valença, e commissario geral das tropas na provincia do Minho na guerra da acclamação, tendo sido todos senhores da casa e torre de Aguião.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Carvalhos, no segundo as dos Cunhas, no terceiro as dos Brandões, e no quarto as dos Rochas.—Br. p. a 10 de março de 1814. Reg. no Cart. da N., liv. VII, fl. 287.

(C. C.)

1287. JOÃO DE TEIVE, fidalgo da casa real, morador na ilha Terceira, filho de Diogo de Teive, e neto de Lopo Affonso de Teive, que foram fidalgos e do tronco d'esta geração.

Carta pela qual el-rei D. João III lhe concede o seguinte brazão de seus antecessores:—Escudo de campo de prata com nove *torteuses* arvelas de vermelho, em tres palas; elmo de prata aberto guarnecido de oiro, paquife de prata e vermelho, e por timbre um leão pardo de prata, com as mesmas arvelas; com todas as honras e privilegios de fidalgo por descender da geração e linhagem dos Teives.—Dada em Lisboa a 5 de outubro de 1530. Reg. na Chanc. de D. João III, liv. LII, fl. 215.

1288. JOÃO THEODORO SARAIVA FRAGOSO DE VASCONCELLOS CARDOSO, bacharel formado pela Universidade de Coimbra, habilitado para os logares de letras, natural e capitão-mór da villa de Manteigas; filho do doutor Fernando José Saraiva, capitão-mór da mesma villa, a quem os generaes, o conde dos Arcos e o conde de la Lippe especialmente commetteram o governo, e commandante das guardas que com soldo e pão foram postas na serra da Estrella na guerra do anno de 1762, e de sua mulher D. Anna Maria Soares de Oliveira e Vasconcellos; neto pela parte paterna de João Saraiva, capitão-mór que foi da dita villa, e de sua mulher D. Maria Josepha Cardoso de Gouvea, elle irmão do padre mestre D. Frei Manuel de S. Thomaz, eremita calçado de Santo Agostinho, graduado em theologia, provincial que foi na sua religião, academico da Real Academia da Historia portugueza, bispo eleito de uma diocese ultramarina, e irmão tambem do doutor Lourenço Saraiva; e ella filha do capitão Francisco Rodrigues Cardoso, e de Bernarda Tinoco de Gouvea, prima com irmã do doutor Domingos Marques Cardoso, desembargador da Relação do Porto, e corregedor do Civel da côrte; bisneto de Fernando Saraiva; terceiro neto de Domingos Saraiva, e de sua mulher Brites Alves de Paiva, irmã do reverendo Fernando Alves de Paiva, prior da villa de Mello; e pela parte materna é o supplicante neto de Martinho Fragoso de Vasconcellos, sargento-mór da villa de Monsanto, e de D. Anna Maria Soares de Oliveira, filha de Sebastião Carração, e neta de Pedro de Marrocos, governador

da praça de Salvaterra, irmão de Frei Manuel de Marrocos, religioso de Nossa Senhora das Mercês, em Castella, bispo eleito de uma diocese d'aquelle reino; bisneto do capitão Bernardo Fragoso de Vasconcellos, e de D. Paula Maria de Figueiredo, irmã do coronel José Delgado Freire; terceiro neto de Antonio Ribeiro Fragoso, a quem se passou brazão com as armas dos Ribeiros, Cardosos, Fragosos e Costas no anno de 1629, por ter provado com muitos instrumentos, certidões e alvarás proceder d'estas familias, como neto que era além de todos os outros seus nobres ascendentes, de Antonio Ribeiro Cardoso, moço da camara do infante D. Luiz, o qual era filho de Ruy Gonçalves Ribeiro, e de sua mulher Ignez Eannes, filha de João Affonso, primo com irmão de D. João da Costa, bispo de Viseu, e neto de Gonçalo Annes Cardoso, cavalleiro fidalgo da casa real, alcaide-mór da cidade de Beja, e de sua mulher Branca Ayres Fragoso, filha de Ayres Affonso, que teve o dito foro, alcaide-mór de Arronches, como largamente se declara no referido brazão que está incorporado na dita sentença.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Saraivas, no segundo as dos Cardosos, no terceiro as dos Fragosos, e no quarto as dos Soares. — Br. p. a 7 de de outubro de 1773. Reg. no Cart. da N., liv. I. fl. 209.

(C. C.)

1289. João Theodosio de Araujo Leão, cavalleiro da ordem de Christo, e abbade de Santa Maria do Telhado, natural da casa do Sobrado, da dita freguezia, comarca de Barcellos; filho do major João de Araujo Leão, cavalleiro da ordem de Christo, e de D. Anna Eusebia Marcellina; neto paterno de Pedro Affonso Marques, e de Custodia Francisca de Araujo; e materno de Manuel Rodrigues de Figueiredo.

Um escudo ovado e esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Leões, no segundo as dos Freitas, no terceiro as dos Araujos, e no quarto as dos Figueiredos. — Br. p. a 9 de dezembro de 1812. Reg. no Cart. da N., liv. VII, fl. 263 v.

(C. C.)

1290. João Theodosio de Araujo Leão, abbade de Santa Maria do Telhado, natural da Casa de Sobrado, da dita freguezia de Santa Maria, comarca de Barcellos; filho do major João de Araujo Leão, cavalleiro da ordem de Christo, e de D. Anna Eusebia Marcellina; neto paterno de Pedro Affonso Marques, e de Custodia Francisca de Araujo; e materno de Manuel Rodrigues de Figueiredo, e de Maria do Espirito Santo.

Um escudo ovado e esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Leões, no segundo as dos Marques, no terceiro as dos Araujos, e no quarto as dos Figueiredos. — Br. p. a 18 de abril de 1812. Reg. no Cart. da N., liv. VII, fl. 247 v.

(C. C.)

1291. João Verissimo Lopes Fagundes, capitão da bateria de Santa Catharina, na ilha da Madeira; filho de Domingos Lopes Fagundes, e de sua mulher D. Anna Luiza Maciel; neto paterno do capitão João Pereira Maciel Fagundes, e de sua mulher D. Anna Luiza Maciel; e materno de Paulino Terra Lopes, e de sua mulher D. Anna Isabel Clara; bisneto do alferes Caetano José Homem da Costa Corte-real.

Um escudo partido em pala; na primeira as armas dos Fagundes, e na segunda as dos Lopes. — Br. p. a 18 de outubro de 1820. Reg. no Cart. da N., liv. VIII, fl. 67 v.

(C. C.)

1292. João Xavier de Mello Pimentel Coelho Caldeira, natural de Lisboa, filho de Francisco Apolinario Pereira de Mello, cavalleiro professo na ordem de Christo, e juiz dos direitos reaes da Mesa da portagem, e de sua mulher D. Archangela Jeronyma da Silva Pimentel; neto paterno de José Caldeira de Abreu, cavalleiro fidalgo da casa real,

e alferes de um dos regimentos da marinha, e de sua mulher D. Joanna Maria de Almeida; bisneto pelo mesmo lado de Diogo Caldeira de Abreu, cavalleiro fidalgo da casa real, e proprietario do officio de almoxarife, e juiz dos direitos reaes da Mesa da portagem, e de sua mulher D. Maria; terceiro neto de Duarte Caldeira de Abreu, professo na ordem de Aviz, cavalleiro fidalgo da casa real, almoxarife e juiz proprietario dos direitos reaes da Mesa das tres casas, e de sua mulher D. Garcia de Sequeira; quarto neto de Diogo Caldeira, moço da camara do senhor rei D. Filippe II.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Caldeiras, no segundo as dos Abreus, no terceiro as dos Coelhos, e no quarto as dos Pimenteis.—Br. p. 17 de maio de 1806. Reg. no Cart. da N., liv. VII, fl. 128.

(C. C.)

1293. Joaquim Antonio de Aguiar, natural da cidade de Lisboa, filho de João do Espirito Santo e Aguiar, official da secretaria da Mesa do Desembargo do paço, e de sua mulher D. Paula Joaquina Rosa da Matta Brito; neto pela parte paterna de José dos Santos e Aguiar, e de sua mulher Anna Marianna; neto pela parte materna de Antonio da Matta e Brito, e de sua mulher Maria de Barros e Brito.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Aguiares, no segundo as dos Mattas, no terceiro as dos Britos, e no quarto as dos Barros. — Br. p. a 20 de julho de 1795. Reg. no Cart. da N., liv. V, fl. 72.

(C. C.)

1294. Joaquim Antonio Calça de Pina Barreiros Godinho (Doutor), habilitado e approvado para os logares de lettras, natural da villa de Sousel, provincia do Alemtejo, arcebispado de Evora; filho do doutor João de Pina Ravasco, natural da cidade de Evora, e de D. Thereza Antonia Barreiros Godinho; neto pela parte paterna de Manuel Botelho de Albuquerque, e de sua mulher Catharina Soares Xara, filha de Antonio Alves Pato, e de sua mulher Brites Xara Ravasco, filha do capitão de cavallos Gaspar de Pina Ravasco; e pela materna neto de Manuel da Serra de Carvalho, e de sua mulher Maria Barreiros Godinho, filha de Antonio Calça Godinho Barreiros, filho de João Farinha Ravasco Godinho, da villa de Sousel.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Pinas, no segundo as dos Calças, no terceiro as dos Godinhos, e no quarto as dos Barreiros.—Br. p. a 30 de maio de 1770. Reg. no Cart. da N., liv. I, fl. 128 v.

(C. C.)

1295. Joaquim Antonio Clementino Maciel, capitão do regimento de milicias da Covilhã, filho de Joaquim José Gregorio Maciel, e de sua mulher D. Maria Josepha Caetana; neto paterno de João Lopes Maciel, e de D. Eustachia Maria de Sales Monteiro; e materno de Carlos Pinto da Costa, e de D. Thereza Maria Rosa.

Um escudo esquartelado; no primeiro e quarto quarteis as armas dos Macieis, no segundo as dos Monteiros, e no terceiro as dos Costas. — Br. p. a 9 de fevereiro de 1815. Reg. no Cart. da N., liv. VII, fl. 305.

(C. C.)

1296. Joaquim Antonio Duarte da Silva Velloso, natural da villa de Abrantes, filho de Antonio Duarte da Silva Velloso, e de sua mulher Catharina Thereza Velloso; neto pela parte paterna de José Luiz da Silva Velloso, e de Maria Duarte Velloso; e pela materna de Manuel da Silva Serrão, e de Joanna Maria Velloso.

Um escudo partido em pala; na primeira as armas dos Vellosos, e na segunda as dos Serrões.—Br. p. a 3 de junho de 1774. Reg. no Cart. da N., liv. II, fl. 11 v.

(C. C.)

1297. **Joaquim Antonio de Eça Figueiró da Gama Lobo**, filho de Carlos Antonio de Figueiró, capitão do regimento de cavallaria de Olivença, e de sua mulher D. Anna Josepha de Eça da Gama Lobo; neto paterno de Joaquim Antonio de Figueiró, tenente do regimento de cavallaria de Alcantara, e de sua mulher D. Joaquina Venancia da Costa Pereira; neto materno de Duarte de Eça Faria Henriques, sargento-mór do regimento de infanteria da praça da colonia do Sacramento, e de sua mulher D. Catharina Lobo da Gama; bisneto paterno de Carlos de Figueiró e Almeida, e de sua mulher D. Thereza Maria de de Sousa, filha de Luiz dos Santos Fragoso, coronel do regimento de infanteria de Vianna; bisneto materno de D. Bernardo Sebastião de Eça Faria Henriques, e de sua mulher D. Francisca Josepha de Mello Marihone: terceiro neto paterno do capitão-mór Antonio da Costa Lisboa, e de sua mulher D. Anna Josepha Pereira, e materno de D. Manuel de Eça e Faria, e de sua mulher D. Isabel Antonia de Macedo; quarto neto pela mesma linha de D. Duarte de Eça, e de sua mulher D. Maria de Oliveira; quinto neto pela mesma linha de D. Antonio de Eça, moço fidalgo da casa real, e de sua mulher D. Clara Bernarda de Villas-boas; sexto neto pela mesma linha materna de D. João de Eça, irmão germano de D. Francisco de Eça, moço fidalgo da casa real com acrescentamento de escudeiro fidalgo, e de sua mulher D. Catharina Bernardes de Medeiros, filha de Antonio Vaz Bernardes de Medeiros, instituidor do morgado da quinta da Foz, em Obidos; setimo neto pela mesma linha de D. Duarte de Eça Faria, fidalgo da casa real e capitão de Maluco, e de sua mulher D. Leonor de Faria, filha de Pedro de Faria, fidalgo da casa real e governador de Malaca, nos estados da India; oitavo neto pela mesma linha materna de D. João de Eça, fidalgo da casa real e do conselho do senhor rei D. João III, e alcaide-mór de Villa-viçosa, e de sua mulher D. Maria de Oliveira de Eça; nono neto de D. Fernando de Eça, alcaide-mór de Villa-viçosa, e de sua mulher D. Joanna de Saldanha, filha de Fernão Lopes de Saldanha, contador-mór de Castella, e camareiro de el-rei D. João II d'aquelle reino; decimo neto de D. Fernando, o primeiro que se appellidou de Eça, por ser senhor da villa d'este nome no reino de Galliza, por doação que lhe fez o seu parente D. Fradique de Castro, duque de Argalla; undecimo neto do infante D. João e da infanta D. Maria Telles de Menezes; duodecimo neto do senhor rei D. Pedro I, e de sua segunda mulher a senhora rainha D. Ignez de Castro.

Um escudo com as armas dos Eças. — Br. p. a 20 de outubro de 1812. Reg. no Cart. da N., liv. VII, fl. 265.

(C. C.)

1298. **Joaquim Antonio da Fonseca**, cavalleiro professo da ordem de Christo, thesoureiro geral da Bulla nos bispados de Elvas e Portalegre, actual vereador na cidade de Portalegre, filho do capitão João Baptista da Fonseca, cavalleiro professo na ordem de Christo, e de sua mulher D. Luiza Maria do Pilar; neto pela parte paterna de Manuel da Fonseca, e de sua mulher Isabel Maria Michaela; e pela materna de Salvador Pereira Borges, e de sua mulher D. Isabel Maria do Pilar.

Um escudo esquartelado; no primeiro e quarto quarteis as armas dos Fonsecas, no segundo as dos Pereiras, e no terceiro as dos Borges. — Br. p. a 21 de abril de 1777. Reg. no Cart. da N., liv. II, fl. 133.

(C. C.)

1299. **Joaquim Antonio de Lemos Seixas e Castel-branco**, filho natural reconhecido do reverendo Antonio de Lemos Seixas de Castel-branco, fidalgo capellão da casa real, e abbade da egreja de S. Martinho de Sande, e de Rosa Luiza, havido antes que se ordenasse; neto paterno de Francisco Xavier de Lemos Seixas e Castel-branco, fidalgo cavalleiro da casa real, e commendador da ordem de S. Tiago da Espada, sendo este irmão de D. Joanna Rita de Lacerda Castel-branco, primeira viscondessa do Real Agrado, e baroneza do mesmo titulo, e o referido Antonio de Lemos Seixas de Castel-branco, pae do

supplicante, irmão de Ignacio Xavier de Seixas Lemos de Lacerda Castel-branco, segundo visconde do Real Agrado.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Lacerdas, no segundo as dos Lemos, no terceiro as dos Seixas, e no quarto as dos Castel-brancos. — Br. p. a 3 de dezembro de 1817. Reg. no Cart. da N., liv. VII, fl. 389 v.

(C. C.)

1300. Joaquim Antonio de Mendonça e Menezes, natural da ilha Terceira, filho de Francisco Vieira de Mendonça e Menezes, e de sua mulher D. Maria Leonor Telles de Menezes Pamplona.

Um escudo partido em pala; na primeira as armas dos Menezes, e na segunda as dos Pamplonas. — Br. p. a 29 de abril de 1854. Reg. no Cart. da N., liv. VIII, fl. 380.

(C. C.)

1301. Joaquim Antonio Moraes Sequeira (Capitão), cavalleiro professo na ordem de Christo, fidalgo da casa real, natural da cidade de Coimbra, filho de Miguel Rodrigues de Sequeira, e de sua mulher Maria Simões de Moraes; neto pela parte paterna de Domingos Rodrigues, e de sua mulher Ursula da Costa, e pela materna de Antonio Simões, e de sua mulher Benta Francisca.

Um escudo partido em pala; na primeira as armas dos Sequeiras, e na segunda as dos Moraes. — Br. p. a 3 de janeiro de 1780. Reg. no Cart. da N., liv. II, fl. 218.

(C. C.)

1302. Joaquim Antonio Pereira da Serra, cavalleiro professo na ordem de Christo, cavalleiro fidalgo da casa real, capitão-mór e governador da cidade de Sergipe de El-rei no estado da America; filho do capitão Manuel Nunes da Serra, cavalleiro fidalgo da casa real, e de sua mulher D. Anna Maria Marcellina; neto paterno de Antonio Luiz da Serra, e de sua mulher Domingas Nunes da Serra; neto materno de Francisco Gomes Correa, e de sua mulher Maria Monteiro.

As armas dos Pereiras, Correas, Serras, e Monteiros. — Br. p. a 8 de fevereiro de 1758. Reg. no Cart. da N., liv. particular, fl. 113 v.

(C. C.)

1303. Joaquim Antonio da Silva Carvalho, natural de Lisboa, cavalleiro fidalgo da casa real, e capitão da companhia de granadeiros do regimento de voluntarios reaes de milicias a pé de Lisboa oriental; filho de João Antonio da Silva Carvalho, cidadão d'esta cidade de Lisboa, cavalleiro fidalgo da casa real, e capitão-mór das ordenanças da terceira capitania-mór do primeiro districto de Lisboa e termo oriental, a quem se passou brazão de armas a 2 de maio de 1795, e de sua mulher D. Maria Isabel Nogueira da Silva; neto paterno de Antonio Vicente da Silva, familiar do Santo Officio, cidadão da cidade de Lisboa, cavalleiro fidalgo da casa real, e de sua mulher D. Michaela Caetana de Carvalho; bisneto de Francisco da Silva, cavalleiro fidalgo da casa real, e de sua mulher D. Apollonia Maria; terceiro neto de Sebastião Pires da Silva, cavalleiro fidalgo da casa real, e de sua mulher D. Catharina Dias, sendo o dito terceiro avô Sebastião Pires da Silva irmão inteiro de Fernando Alvares da Silva Leite, tenente coronel de cavallaria; bisneto egualmente por parte de sua referida avó D. Michaela Caetana de Carvalho, de José Maria de Carvalho, e de sua mulher D. Maria Thereza; terceiro neto por este mesmo lado de Estevão Fernandes, e de sua mulher D. Francisca de Carvalho, irmã de D. Frei Fabião dos Reis, que foi bispo de Cabo-verde; neto materno do doutor Francisco Nogueira, e de sua mulher D. Michaela Archangela Martins; bisneto do sargento-mór Gabriel Nogueira, cavalleiro da ordem de Christo, e de D. Maria Gomes; bisneto egualmente por sua referida avó D. Michaela Archangela Martins do bacharel Manuel Martins, e de D. Maria do Cabo.

Um escudo esquartelado; no primeiro e quarto quarteis as armas dos Silvas, no segundo as dos Carvalhos, e no terceiro as dos Nogueiras. — Br. p. a 18 de fevereiro de 1828. Reg. no Cart. da N., liv. VIII, fl. 219.

(C. C.)

1304. JOAQUIM DE ARAUJO JUZARTE, bacharel formado em direito, fidalgo cavalleiro da casa real e proprietario; filho do capitão Francisco Xavier de Araujo, e de sua mulher D. Anna Eugenia Juzarte de Campos; neto paterno de Domingos de Araujo, e de sua mulher D. Antonia da Matta, e materno de Francisco Xavier Pacheco, e de sua mulher D. Joanna Candida Juzarte de Campos.

Um escudo esquartelado; no primeiro e quarto quarteis as armas dos Araujos, no segundo as dos Juzartes, e no terceiro as dos Campos. — Br. p. a 14 de junho de 1867. Reg. no Cart. da N., liv. IX, fl. 106.

(C. C.)

1305. JOAQUIM CARDOSO PESSANHA DE CASTELLO-BRANCO, natural da cidade de Viseu, filho de Antonio José Cardoso Pessanha, e de sua mulher D. Euphemia Maria; neto pela parte paterna de Manuel Cardoso Pessanha de Castello-branco, e de sua mulher D. Josepha de Jesus Coelho; bisneto de Amaro Pessanha de Castello-branco, filho de Antonio Pessanha de Vilhegas, neto de Miguel Pessanha de Castello-branco, e bisneto de Julio de Vilhegas Castello-branco.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Vilhegas, no segundo as dos Castello-brancos, no terceiro as dos Cardosos, e no quarto as dos Pessanhas. — Br. p. a 10 de fevereiro de 1785. — Reg. no Cart. da N., liv. III, fl. 184.

(C. C.)

1306. JOAQUIM CARNEIRO MACHADO, capitão de mar e guerra, professo na ordem de Christo, filho de Manuel Carneiro Machado Castello-branco, e de D. Clara Thereza Correa de Barros; neto pela parte paterna do sargento-mór Amador Carneiro Barroso de Carvalho e Menezes, fidalgo cavalleiro da casa real, e de D. Brigida Machado de Araujo Castello-branco; bisneto de Duarte Carneiro de Carvalho, fidalgo cavalleiro, commendador da ordem de Christo, e senhor de Villa-boa, e de D. Maria Ferreira Sarmento; e pela parte de sua avó D. Brigida Machado de Araujo Castello-branco se mostrava tambem que elle é bisneto do capitão-mór José de Araujo Machado Castello-branco, moço fidalgo da casa real, professo na ordem de Christo, e de D. Antonia Jacinta Leite de Magalhães Noronha; terceiro neto de Francisco de Abreu Castello-branco, professo na ordem de Christo, casado com D. Anna de Araujo Machado, filha de Antonio Machado de Araujo, neta de D. Pedro Machado, fidalgo do conselho de el-rei, e senhor de Entre-Homem e Cavado, legitimo descendente do conde D. Osorio de Cabreira; e pela parte materna se mostrava que elle supplicante é neto de José Correa de Barros Sousa Monte-negro, e de sua mulher D. Maria Thereza de Mello.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Carneiros, no segundo as dos Machados, no terceiro as dos Barrosos, e no quarto as dos Castello-brancos. — Br. p. a 23 de março de 1786. Reg. no Cart. da N., liv. III, fl. 209.

(C. C.)

1307. JOAQUIM CASIMIRO DA COSTA, cavalleiro professo da ordem de Christo, ouvidor do Serro do frio, e natural da cidade de Lisboa; filho de João Gomes da Costa, e de sua mulher D. Margarida Maria da Caridade; neto pela parte paterna de Manuel Gomes da Costa, e de sua mulher D. Maria Antunes; bisneto de Francisco Gomes, e de sua mulher D. Ignez Martins; e pela materna neto de Paulo Simões, e de sua mulher Brites Antunes.

Um escudo partido em pala; na primeira as armas dos Gomes, e na segunda as dos Costas. — Br. p. a 10 de novembro de 1779. Reg. no Cart. da N., liv. II, fl. 211.
(C. C.)

1308. Joaquim Clemente da Silva Pombo (Desembargador), ouvidor da cidade do Pará, filho de Gregorio da Silva Pombo, e de sua mulher D. Maria Joaquina Pombo; neto paterno de João da Silva Pombo, e de sua mulher D. Josepha Maria; e materno de José Luiz de Almeida, e de D. Joanna Euphrasia.

Um escudo com as armas dos Silvas. — Br. p. a 27 de agosto de 1807. Reg. no Cart. da N., liv. VII, fl. 201.
(C. C.)

1309. Joaquim da Costa Bandeira, commendador honorario da ordem de Christo e barão de Porto-covo da Bandeira; filho de João da Costa Bandeira, e de D. Maria Josepha Christina Bandeira; neto paterno de Luiz Fernandes Bandeira, e de D. Domingas Bandeira.

Um escudo e n'elle as armas dos Bandeiras. — Br. p. a 6 de abril de 1821. Reg. no Cart. da N., liv. VIII, fl. 81 v.
(C. C.)

1310. Joaquim da Costa Lima Cunha, natural de Villa-nova de Gaia, cavalleiro professo na ordem de Christo, e negociante matriculado; filho de André da Costa Lima, e de sua mulher D. Anna Angelica da Cunha; neto paterno de André da Costa Lima, e de sua mulher D. Catharina Gomes; e materno de Christovão da Cunha e Silva, e de sua mulher D. Apollonia Maria do Sacramento; bisneto por este mesmo lado de José Guedes da Silva Pinto, e de sua mulher D. Isabel da Piedade Cunha; terceiro neto de Simão Pinto Cardoso, e de sua mulher D. Maria Rebello; terceiro neto egualmente por parte de sua referida bisavó D. Isabel da Piedade Cunha de Manuel Gonçalves, e de sua mulher D. Francisca da Piedade; quarto neto de João Nunes Ferreira, e de sua mulher D. Marinha da Cunha; quinto neto de Pantaleão da Cunha, e de sua mulher D. Francisca da Silva; sexto neto de Manuel da Cunha, e de sua mulher D. Helena de Jesus.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Costas, no segundo as dos Limas, no terceiro as dos Silvas, e no quarto as dos Cunhas. — Br. p. a 19 de maio de 1828. Reg. no Cart. da N., liv. VIII, fl. 226 v.
(C. C.)

1311. Joaquim da Costa Sequeira, natural e cidadão da cidade de S. Paulo, capitão de cavallaria auxiliar das Minas do Cuiabá, e nas mesmas juiz das medições e demarcações das Sesmarias; filho de Ignacio da Costa Sequeira, cidadão da cidade de S. Paulo, e de sua mulher D. Maria Josepha Velloso; neto pela parte paterna de João da Costa de Sequeira, e de sua mulher Isabel da Costa; neto pela parte materna de Manuel Velloso de Carvalho, capitão das ordenanças da dita cidade, e de sua mulher D. Ignacia Vieira, e por esta bisneto de Francisco Vieira, que passando á cidade de S. Paulo foi o tronco da familia do seu appellido, e de sua mulher Isabel Manuel de Sousa, filha de Manuel Alvares de Sousa, e de sua mulher Maria Carneiro, filha de Sebastião Coelho Barradas, e de sua mulher D. Catharina de Barros, filha de Jorge de Barros Fajardo, cavalleiro hespanhol, e de sua mulher D. Anna Maciel.

Um escudo partido em pala; na primeira as armas dos Sequeiras, e na segunda as dos Vieiras. — Br. p. a 18 de fevereiro de 1795. Reg. no Cart. da N., liv. V, fl. 38 v.
(C. C.)

1312. Joaquim da Cunha Lima, natural de Villa-nova de Gaia, filho de Theodoro de Oliveira Leal, e de sua mulher D. Anna da Cunha Lima; neto paterno de José de Oliveira

Leal, e de sua mulher D. Rosa Maria de Jesus Ferreira; bisneto de João Simões Leal, e de sua mulher D. Luiza de Oliveira; bisneto egualmente por sua referida avó D. Rosa Maria de Jesus Ferreira, de Manuel Ferreira, e de sua mulher D. Isabel da Silva; neto materno do capitão André da Costa, e de sua mulher D. Anna Angelica da Cunha; bisneto por este mesmo lado de André da Costa Lima, e de sua mulher D. Catharina Gomes dos Reis; bisneto egualmente por sua referida avó D. Anna Angelica da Cunha, de Christovão da Cunha, e de sua mulher D. Apollonia Maria do Sacramento.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Leaes, no segundo as dos Oliveiras, no terceiro as dos Limas, e no quarto as dos Cunhas. — Br. p. a 28 de maio de 1828. — Reg. no Cart. da N., liv. VIII, fl. 228 v.

(C. C.)

1313. Joaquim da Cunha Lima, natural de Villa-nova de Gaia, do conselho de Sua Magestade, fidalgo cavalleiro da casa real, commendador da ordem de Christo, cavalleiro da de Nossa Senhora da Conceição de Villa-viçosa, e da da Torre e Espada, coronel commandante do extincto batalhão de caçadores nacionaes da serra do Pilar; filho de Theodoro de Oliveira Leal, e de sua mulher D. Anna da Cunha Lima; neto paterno de José de Oliveira Leal, e de sua mulher D. Rosa Maria de Jesus Ferreira; bisneto de João Simões Leal, e de sua mulher D. Luiza de Oliveira; bisneto egualmente por sua referida avó D. Rosa Maria de Jesus Ferreira, de Manuel Ferreira, e de sua mulher D. Isabel da Silva; neto materno do capitão André da Costa Lima, e de sua mulher D. Anna Angelica da Cunha; bisneto por este mesmo lado de André da Costa Lima, e de sua mulher D. Catharina Gomes dos Reis; bisneto egualmente por sua referida avó D. Anna Angelica da Cunha, de Christovão da Cunha, e de sua mulher D. Apollonia Maria do Sacramento.

Um escudo partido em pala; na primeira as armas dos Cunhas, e na segunda as dos Limas. — Br. p. a 30 de agosto de 1847. — Reg. no Cart. da N., liv. VIII, fl. 329.

(C. C.)

1314. Joaquim Duarte Coelho do Rego Cerqueira e Silva, natural da freguezia de S. Martinho de Dume, termo da cidade de Braga, e morador na sua quinta do Rego, capitão-mór das ordenanças de Chavão; filho de Domingos Duarte Cerqueira Coelho, e de sua mulher D. Anna Joaquina Duarte da Silva; neto paterno de Antonio Duarte Cerqueira, e de sua mulher D. Antonia Duarte; e materno de José Alves da Silva Ferraz, e de sua mulher D. Francisca da Silva.

Um escudo partido em pala; na primeira as armas dos Cerqueiras, e na segunda as dos Silvas. — Br. p. a 17 de março de 1826. Reg. no Cart. da N., liv. VIII, fl. 198 v.

(C. C.)

1315. Joaquim Duarte Coelho do Rego Cerqueira e Silva, natural da freguezia de S. Martinho de Dume, termo da cidade de Braga, e capitão-mór das ordenanças de Chavão; filho de Domingos Duarte Cerqueira Coelho, e de sua mulher D. Anna Joaquina Duarte da Silva; neto paterno de Antonio Duarte Cerqueira, e de sua mulher D. Antonia Duarte; e materno de José Alves da Silva Ferraz, e de sua mulher D. Francisca da Silva.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Cerqueiras, no segundo as dos Coelhos, no terceiro as dos Regos, e no quarto as dos Silvas. — Br. p. a 30 de janeiro de 1828. Reg. no Cart. da N., liv. VIII, fl. 216.

(C. C.)

1316. Joaquim Eliseu da Fonseca Rosado, natural de Estremoz, fidalgo cavalleiro da casa real, vereador da Camara municipal de Estremoz, e proprietario; filho de Joaquim Manuel da Fonseca Rosado, proprietario, e de sua mulher D. Candida Perpetua Arruda; neto paterno de João Rosado Maio, e de sua mulher D. Maria Rita da Fonseca;

e materno de João Ignacio da Arruda, sargento-mór de cavallaria, e de sua mulher D. Placida Xavier.

Um escudo com as armas dos Fonsecas.—Br. p. a 26 de setembro de 1862. Reg. no Cart. da N., liv. IX, fl. 50.

(C. C.)

1317. JOAQUIM FERREIRA PINTO, capitão-mór das ordenanças de Penaguião, filho de José Ferreira Pinto, cavalleiro da ordem de Christo, cavalleiro fidalgo da casa real, mestre de campo do terço de infanteria de Villa-real, e depois coronel do regimento de milicias do dito districto, e de sua mulher D. Maria Delphina Osorio de Almeida e Figueiredo; neto paterno de Manuel Gomes, e de sua mulher D. Josepha Ferreira, e materno de Antonio Pinto de Figueiredo, e de sua mulher D. Thereza Luiza de Almeida Osorio.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Gomes, no segundo as dos Pintos, no terceiro as dos Ferreiras, e no quarto as dos Almeidas.—Br. p. a 22 de abril de 1818. Reg. no Cart. da N., liv. VII, fl. 394.

(C. C.)

1318. JOAQUIM DE FIGUEIREDO BARRETO PERDIGÃO DE VILLAS-BOAS, natural e morador na villa de Arganil, e capitão de ordenanças da mesma villa; filho do doutor Manuel Coelho Pereira e Seixas do Amaral, e de sua mulher D. Joaquina Luiza de Figueiredo Barreto Perdigão de Villas-boas; neto paterno do capitão José Coelho do Amaral, e materno de José de Figueiredo Barreto Perdigão de Villas-boas. O supplicante é legitimo descendente de Jeronymo de Figueiredo e Cunha, morador que foi na villa de Goes, a quem se passou brazão de armas aos 12 de março de 1685.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Amaraes, no segundo as dos Figueiredos, no terceiro as dos Perdigões, e no quarto as dos Villas-boas.—Br. p. a 27 de setembro de 1823. Reg. no Cart. da N., liv. VIII, fl. 97.

(C. C.)

1319. JOAQUIM DA FONSECA PINTO, alferes-mór da comarca da villa do Fundão, e natural da mesma; filho de Manuel da Fonseca Pinto, alferes de cavallaria nos estados da America, e depois alferes-mór da comarca da dita villa, e de sua mulher D. Rosa Jacinta Vaz Correa; neto pela parte paterna de Domingos Lourenço da Fonseca Pinto, e de D. Maria Lopes, e pela materna de Manuel Correa de Figueiredo, e de D. Jacinta Branca, todos da dita villa.

Um escudo partido em pala; na primeira as armas dos Fonsecas, e na segunda as dos Pintos.—Br. p. a 23 de junho de 1783. Reg. no Cart. da N., liv. III, fl. 99 v.

(C. C.)

1320. JOAQUIM FREIRE DE ANDRADE PINTO SOARES DE ALBERGARIA, executor da Contadoria Geral de Guerra e reino, natural e morador n'esta cidade de Lisboa; filho de Manuel Soares Freire de Andrade Pinto, alferes de cavallaria que foi de um dos regimentos da guarnição da côrte, e de sua mulher D. Josepha Maria Theodora de Gouvea, filha de Gonçalo de Gouvea Pereira, official maior da Junta dos tres Estados, e familiar do Santo Officio; neto paterno de Antonio de Almeida Pinto, e de sua mulher Jacinta de Mattos Soares, filha de Agostinho do Couto, e de sua mulher Filippa Soares de Mattos; a qual Filippa Soares de Mattos, filha de Pedro Soares, e de sua mulher Violante Godinho, esta filha de Lopo de Andrade, e de sua mulher Cecilia de Oliveira Soares; bisneto pela sua varonia do capitão Miguel Ferreira de Carvalho, e de sua mulher Maria de Almeida.

As armas dos Freires de Andrade, Pintos, Almeidas, Soares e Albergarias.—Br. p. a 26 de janeiro de 1754. Reg. no Cart. da N., liv. particular, fl. 67.

(C. C.)

1321. Joaquim Gomes da Cruz Coelho de Quadros, tenente-coronel commandante de voluntarios realistas da margem esquerda do Guadiana; filho do capitão-tenente José Gomes da Cruz Coelho, a quem se passou brazão de armas a 30 de maio de 1761, e de D. Gertrudes Rosa de Froes e Quadros; neto paterno de Luiz Gomes da Cruz, e de D. Helena Coelho, e materno de Leandro Gomes de Quadros, e de D. Dionysia Thereza de Froes.

Um escudo esquartelado; no primeiro e quarto quarteis as armas dos Gomes, no segundo as dos Coelhos, e no terceiro as dos Quadros. — Br. p. a 24 de setembro de 1828. Reg. no Cart. da N., liv. viii, fl. 235.

(C. C.)

1322. Joaquim Gomes da Silva Belfort, cavalleiro fidalgo da casa real, e cavalleiro da ordem de Sant'Iago da Espada, formado em leis, e habilitado para os logares de letras, natural da cidade de S. Luiz do Maranhão; filho de Filippe Marques da Silva, cavalleiro fidalgo da casa real, irmão do coronel do regimento de milicias José Antonio Gomes de Sousa, a quem se passou brazão de armas a 28 de setembro de 1786, e de sua mulher D. Ignacia Maria Freire Belfort da Silva; neto o supplicante por parte paterna do sargento-mór Antonio Gomes de Sousa, e de sua mulher D. Marianna das Neves; bisneto de Filippe Marques da Silva, almoxarife que foi da Real Fazenda na dita cidade de S. Luiz do Maranhão, e de sua mulher D. Rosa Maria de Jesus.

Um escudo partido em pala; na primeira as armas dos Sousas, e na segunda as dos Gomes. — Br. p. a 14 de fevereiro de 1802. Reg. no Cart. da N., liv. vi, fl. 191.

(C. C.)

1323. Joaquim Guilherme da Costa Posser, professo na ordem de Christo, cavalleiro fidalgo da casa real, e official da Secretaria de Estado dos negocios do reino, filho de Gaspar da Costa Posser, e de sua mulher D. Isabel Espinosa Massuellos; neto pela parte paterna do capitão José da Costa, e de sua mulher D. Maria Posser; neto pela parte materna de D. Pedro de Torres Massuellos, e de sua mulher D. Damiana Maria Teixeira.

Um escudo partido em pala; na primeira as armas dos Costas, e na segunda as dos Massuellos. — Br. p. a 27 de julho de 1795. Reg. no Cart. da N., liv. v, fl. 73 v.

(C. C.)

1324. Joaquim Guilherme da Costa Posser, cavalleiro fidalgo da casa real, cavalleiro da ordem de Christo, e official da Secretaria de Estado dos negocios da marinha e dominios ultramarinos; filho de José Theotonio da Costa Posser, cavalleiro fidalgo da casa real, cavalleiro professo na ordem de Christo, e official maior graduado da Secretaria de Estado dos negocios da marinha e dominios ultramarinos, e de sua mulher D. Joaquina Romana de Mendonça Escarlati; neto paterno de Gaspar da Costa Posser, cavalleiro fidalgo da casa real, cavalleiro professo na ordem de Christo, e official da Secretaria de Estado dos negocios do reino, e de sua mulher D. Isabel Espinosa de Massuellos; e materno de Caetano Escarlati, cavalleiro professo na ordem de Christo, e de sua mulher D. Maria Diniz Thereza.

Um escudo partido em pala; na primeira as armas dos Costas, e na segunda as dos Massuellos. — Br. p. a 25 de outubro de 1817. Reg. no Cart. da N., liv. vii, fl. 386 v.

(C. C.)

1325. Joaqim Ignacio de Carvalho, freire conventual e professo na ordem militar de S. Bento de Aviz, e prior do Juizo do Hervidal, egreja da dita ordem; filho de José Rodrigues de Carvalho, e de D. Joanna Maria Delgado; neto pela parte paterna de Amaro Rodrigues de Carvalho, e de D. Maria Josepha; e pela parte materna do capitão João da Costa Machado, e de D. Theodosia Delgado; bisneto por parte paterna de Antonio Fer-

nandes, e de D. Maria Rodrigues de Carvalho; e por parte materna do capitão João Machado, e de D. Maria Delgado; e por parte de sua avó paterna bisneto de João Lopes, e de D. Catharina Lopes, assim como por parte de sua avó materna bisneto do capitão Manuel Pires, e de D. Luiza Delgado.

Um escudo ovado e partido em pala; na primeira as armas dos Rodrigues, e na segunda as dos Carvalhos. — Br. p. a 11 de fevereiro de 1799. Reg. no Cart. da N., liv. vi, fl. 67.

(C. C.)

1326. JOAQUIM IGNACIO DA CRUZ SOBRAL, fidalgo da casa real, do conselho de Sua Magestade, e da Fazenda real, e thesoureiro-mór do real Erario, a quem se instituiu e creou morgado do Sobral do Monte-agraço.

Um escudo cortado em faxa; na primeira, em campo azul, cinco estrellas de oiro de seis raios, postas em cruz; na segunda uma alagôa de prata; orlado este escudo de uma orla vermelha, carregada de uma letra que diga *Nomen que meis;* elmo de prata aberto guarnecido de oiro, paquife de oiro, prata e azul, e por timbre um cão de prata com coleira vermelha, e uma chave de oiro na boca. — Br. p. a 17 de dezembro de 1776. (M. N.) Reg. no Cart. da N., liv. ii, fl. 123 v.

(C. C.)

1327. JOAQUIM IGNACIO MOREIRA DIAS, cavalleiro da ordem da Torre e Espada, e brigadeiro dos reaes exercitos; filho de Antonio Moreira Dias, cavalleiro professo na ordem de Christo, e de sua mulher D. Maria Moreira; neto paterno de João Moreira, e de sua mulher D. Maria Moreira; e materno de Antonio Moreira, e de sua mulher D. Domingas Dias.

Um escudo partido em pala; na primeira as armas dos Moreiras, e na segunda as dos Dias. — Br. p. a 17 de abril de 1820. Reg. no Cart. da N., liv. viii, fl. 63.

(C. C.)

1328. JOAQUIM IGNACIO PACHECO DE SARRIA, natural de Villa-nova de Portimão, filho de Manuel José de Sarria Tavares, professo na ordem de Christo, e capitão-mór da mesma villa, e de sua mulher D. Marianna Victoria de Garfias Torres; neto pela parte paterna do capitão Gaspar Simões de Sarria Pacheco, professo na ordem de Christo, e de D. Marianna Tavares da Silva Falcão; bisneto do capitão Manuel de Sarria Telles Pacheco, professo na ordem de Christo, e de D. Maria Tavares.

Um escudo partido em pala; na primeira as armas dos Pachecos, e na segunda as dos Tavares. — Br. p. a 9 de julho de 1793. Reg. no Cart. da N., liv. iv, fl. 282.

(C. C.)

1329. JOAQUIM IGNACIO DE SÁ, tenente de cavallaria do Rio-grande do Sul, natural da praça da nova colonia do Sacramento; filho de Gabriel Theodoro de Sá, e de sua mulher Ignacia da Silva; neto pela parte paterna de Manuel João Lourenço de Sá, e de sua mulher Justa da Fonseca; neto pela parte materna de Eusebio da Silva Carvalho, e de sua mulher Maria Ferreira da Fonseca.

Um escudo partido em pala; na primeira as armas dos Sás, e na segunda as dos Silvas. — Br. p. a 14 de outubro de 1796. Reg. no Cart. da N., liv. v, fl. 147.

(C. C.)

1330. JOAQUIM IGNACIO DE SEQUEIRA BULCÃO, filho de Balthasar da Costa Bulcão, e de sua mulher D. Maria Joanna de Aragão; neto pela parte paterna de José da Costa Bulcão, e de sua mulher D. Maria de Sousa e Aragão, filha de Francisco de Araujo e Aragão, alcaide-mór da cidade da Bahia, e neta de Francisco de Araujo e Aragão, que na

guerra da expulsão dos hollandezes de Pernambuco serviu com sua pessoa e fazenda a corôa real com muita distincção; bisneto de Balthasar de Aragão e Sousa, capitão-mór e governador interino de toda aquella capitania pela ausencia do governador D. Diogo de Menezes; pela parte materna é neto o supplicante de Ignacio de Sequeira Villas-boas, capitão-mór da ordenança da villa de S. Francisco da Barra de Sergipe do Conde, e de sua mulher D. Joanna Catharina de Menezes e Aragão; bisneto de José de Goes de Sequeira, cavalleiro da ordem de Christo, e de sua mulher D. Maria de Brãe, filha do sargento-mór Francisco de Brãe, tambem cavalleiro da dita ordem; e pela dita sua avó D. Joanna Catharina de Menezes e Aragão é bisneto o supplicante de Felix de Bittencourt, moço fidalgo da casa real, e de sua mulher D. Catharina de Aragão e Ayala, filha de Diogo de Aragão Teixeira, e neta do capitão Diogo de Aragão Pereira o velho, ambos com o dito foro, e de sua mulher D. Isabel de Aragão, filha do mencionado Balthasar de Aragão e Sousa, seu quarto avô paterno, sendo egualmente o supplicante irmão de José da Costa Bulcão, a quem se passou brazão de armas a 9 de dezembro de 1788.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Araujos, no segundo as dos Aragões, no terceiro as dos Sequeiras, e no quarto as dos Bittencourts.—Br. p. a 17 de março de 1792. Reg. no Cart. da N., liv. IV, fl. 246.

(C. C.)

1331. Joaquim Ignacio da Silva de Antas Rebello e Sampaio, cavalleiro professo na ordem militar de S. Bento de Aviz, tenente coronel da brigada real da marinha, e natural da villa de Borba; filho do tenente Joaquim Mendes da Silva de Antas Rebello, e de sua mulher D. Isabel Thereza Bernarda; neto paterno de Manuel Mendes da Silva de Antas Rebello Guimarães, e de sua mulher D. Guiomar da Conceição; e materno de Luiz Ribeiro de Sampaio, e de sua mulher D. Maria Josepha Antonia.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Silvas, no segundo as dos Antas, no terceiro as dos Rebellos, e no quarto as dos Sampaios.—Br. p. a 28 de fevereiro de 1815. Reg. no Cart. da N., liv. VII, fl. 306.

(C. C.)

1332. Joaquim José Cavalcante de Albuquerque Lino (Bacharel), secretario da capitania de Matto-grosso, filho do bacharel Manuel de Araujo Cavalcante, procurador da real Corôa e Fazenda de Pernambuco, e de sua mulher D. Isabel Thereza de Moraes Lino; neto pela parte paterna do capitão Pedro Coelho Pinto, e de D. Romualda Cavalcante de Albuquerque, elle filho de Braz Pinto Lobo da Silva, e de sua mulher D. Maria Coelho, e ella filha do capitão João Luiz da Serra Pereira, e de sua mulher D. Brazia Cavalcante de Albuquerque; e pela parte materna neto do mestre de campo Manuel Alvares de Moraes Navarro, e de D. Thereza de Jesus Lino.

Um escudo partido em pala; na primeira as armas dos Albuquerques, e na segunda as dos Cavalcantes.—Br. p. a 17 de janeiro de 1782. Reg. no Cart. da N., liv. III, fl. 43 v.

(C. C.)

1333. Joaquim José Cordeiro Zagalo e Mattos, natural da praça de Estremoz, da provincia do Alemtejo, filho do doutor Rodrigo Zagalo, cavalleiro professo na ordem de Christo, familiar do Santo Officio, e de D. Anna Victoria de Mattos; neto pela parte paterna de Rodrigo Zagalo, e de Filippa Zagalo da Silva; bisneto de Antonio Zagalo, e de Beatriz França; e pela materna neto de Manuel Alvares Cordeiro, e de D. Rosa Michaela; bisneto de Francisco Rodrigues de Mattos, e de D. Brites Cordeiro.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Zagalos, no segundo as dos Silvas, no terceiro as dos Mattos, e no quarto as dos Cordeiros.—Br. p. a 28 de maio de 1775. Reg. no Cart. da N., liv. II, fl. 65 v.

(C. C.)

1334. Joaquim José da Costa de Macedo, natural de Lisboa, do conselho de Sua Magestade, fidalgo cavalleiro da casa real, e vice-presidente da Junta dos juros dos reaes emprestimos; filho de Agostinho José da Costa de Macedo, e de sua mulher D. Caetana Maria de Azevedo; neto paterno de Manuel José da Costa, e de sua mulher D. Catharina Thereza de Macedo; e materno de Manuel Ferreira de Azevedo Saraiva, e de sua mulher D. Angela Maria Saraiva.

Um escudo partido em pala; na primeira as armas dos Costas, e na segunda as dos Saraivas. — Br. a 7 de junho de 1828. Reg. no Cart. da N., liv. viii, fl. 230.

(C. C.)

1335. Joaquim José Ferreira de Leiva, filho de Francisco Ferreira de Leiva, e de sua mulher D. Anna Leonor; neto por parte paterna do reverendo Pedro Ferreira de Leiva, conego prebendado da real Collegiada de Nossa Senhora da Oliveira da villa de Guimarães, e de Maria Ferreira de Eça, filha bastarda de Manuel Ferreira de Eça, fidalgo da casa real, e senhor que foi do morgado, casa e quinta de Cavalleiros, termo da cidade do Porto, e da casa do Arco, da mesma villa de Guimarães, que a teve de Catharina da Silva Loureiro, sendo o referido supplicante descendente por bastardia das illustres familias de Ferreiras e Eças.

Um escudo partido em pala; na primeira as armas dos Ferreiras, e na segunda as dos Eças. — Br. p. a 10 de novembro de 1800. Reg. no Cart. da N., liv. vi, fl. 147.

(C. C.)

1336. Joaquim José Ferreira dos Santos, cavalleiro professo da ordem de Christo, thesoureiro geral dos Ordenados, natural da cidade de Lisboa, filho de Theotonio Ferreira dos Santos, official-maior que foi do Conselho da fazenda real, e de sua mulher D. Josepha Bernarda de Vasconcellos; neto pela parte paterna do sargento-mór José Ferreira, e de sua mulher D. Anna da Conceição; e pela materna do capitão João Rodrigues de Araujo, e de D. Magdalena da Conceição e Vasconcellos.

Um escudo partido em pala; na primeira as armas dos Ferreiras, e na segunda as dos Vasconcellos. — Br. p. a 18 de outubro de 1779. Reg. no Cart. da N., liv. ii, fl. 203.

(C. C.)

1337. Joaquim José Furtado de Mesquita Paiva Pinto, filho de Mattheus Antonio de Paiva Pinto, e de D. Maria Angelica Furtado de Mesquita; neto materno de Manuel Furtado de Mesquita, e de sua mulher D. Gregoria Pereira Furtado de Mesquita; bisneto de Sancho Furtado de Mesquita, cavalleiro da ordem de Christo, juiz dos orphãos de propriedade da villa de Louzã, e de sua mulher D. Maria Monteiro Rezende e Mesquita; terceiro neto de Manuel Furtado de Mesquita, capitão de cavallos na praça de Penamacor no tempo da feliz acclamação, e de sua mulher D. Maria Perdigão de Mesquita; quarto neto de Christovão Furtado de Mesquita, moço fidalgo da camara de Sua Magestade, e de sua mulher D. Gregoria de Mesquita; quinto neto de Gaspar Furtado de Mesquita Botelho, e de sua mulher D. Domingas de Azevedo e Mesquita.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Paivas, no segundo as dos Pintos, no terceiro as dos Furtados, e no quarto as dos Mesquitas. — Br. p. a 12 de dezembro de 1816. Reg. no Cart. da N., liv. vii, fl. 362 v.

(C. C.)

1338. Joaquim José Furtado de Mesquita Paiva Pinto, filho legitimo de Mattheus Antonio de Paiva Pinto, e de D. Maria Angelica Furtado de Mesquita; neto pela parte materna de Manuel Furtado de Mesquita, e de sua mulher Gregoria Pereira Furtado de Mesquita; bisneto de Sancho Furtado de Mesquita, cavalleiro da ordem de Christo, juiz dos orphãos de propriedade da villa de Louzã, e de sua mulher D. Maria Monteiro

Rezende e Mesquita; terceiro neto de Manuel Furtado de Mesquita, capitão de cavallaria na praça de Penamacor no tempo da feliz acclamação, e de sua mulher D. Maria Perdigão de Mesquita; quarto neto de Christovão Furtado de Mesquita, moço fidalgo da camara de Sua Magestade, e de sua mulher D. Gregoria de Mesquita; quinto neto de Gaspar Furtado de Mesquita Botelho, e de sua mulher D. Domingas de Azevedo e Mesquita.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Paivas, em eampo azul tres flores de liz de oiro postas em banda; no segundo as dos Pintos, no terceiro as dos Furtados, e no quarto as dos Mesquitas. — Br. p. a 5 de agosto de 1769. Reg. no Cart. da N., liv. I, fl. 105.

(C. C.)

1339. Joaquim José Garcia Gomes Freire da Silveira, capitão de uma das companhias da ordenança da cidade de Elvas; filho de Luiz Garcia Gomes Freire, cavalleiro professo na ordem de Christo, e capitão das ordenanças, e de sua mulher D. Maria Barbara da Silveira; neto por parte paterna de Manuel Gomes Freire, negociante da referida cidade, e de sua mulher Rosa Maria Gomes Freire; neto por parte materna de Manuel Mendes Leal, capitão das ordenanças da villa de Borba, e de sua mulher D. Antonia Maria, sendo egualmente o mesmo supplicante por parte paterna sobrinho de Frei João da Conceição, ex-provincial da ordem de S. João de Deus; e pela parte materna tambem sobrinho do desembargador José Ignacio da Silveira Leal, cavalleiro professo na ordem de Christo, e morgado na villa de Borba.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Gomes, no segundo as dos Freires, no terceiro as dos Silveiras, e no quarto as dos Leaes. — Br. p. a 26 de junho de 1798. Reg. no Cart. da N., liv. VI, fl. 26 v.

(C. C.)

1340. Joaquim José de Mello Pedroso de Lima, capitão de infanteria e auditor do regimento de Diu, capitania de Goa; juiz da Alfandega, de Feitos da Corôa e da fazenda da mesma, e natural da cidade do Porto; filho do sargento-mór Manuel Pedroso de Lima, e de sua mulher D. Margarida Rosa de Lima e Mello; neto pela parte paterna de Antonio Pedroso, e de sua mulher D. Maria Antonia Pereira, e pela materna de Manuel de Lima, e de sua mulher D. Luiza de Mello, descendente por larga serie de avós de Diogo Pedroso, veador da serenissima infanta imperatriz D. Leonor, filha do senhor rei D. Duarte; e Diogo Pedroso era filho de Ruy Gonçalves Pedroso, irmão de Paio Rodrigues de Araujo, senhor do solar dos Araujos das villas de Lobeos, Esdroes e outras mais, no tempo do senhor rei D. João I.

Um escudo partido em pala; na primeira as armas dos Pedrosos, e na segunda as dos Limas. — Br. p. a 3 de agosto de 1790. Reg. no Cart. da N., liv, IV, fl. 176 v.

(C. C.)

1341. Joaquim José Mendes da Cunha (Bacharel), juiz de fora da provincia de Bardez no estado da India, natural d'esta cidade de Lisboa, filho de Manuel da Cunha, e de sua mulher D. Leonor Maria Barbara; neto pela parte paterna de João da Cunha, e de sua mulher Luzia Gomes; bisneto de Antonio da Cunha, cavalleiro fidalgo da casa real; e pela materna neto de José Mendes, e de sua mulher D. Maria Francisca, o qual José Mendes foi bisneto de Luiz Mendes, que tambem foi cavalleiro fidalgo da casa real, e o mesmo José Mendes serviu no posto de ajudante de sargento-mór da camara de Pinhel com muita distincção.

Um escudo partido em pala; na primeira as armas dos Cunhas, e na segunda as dos Mendes. — Br. p. a 22 de abril de 1776. Reg. no Cart. da N., liv. II, fl. 86.

(C. C.)

1342. Joaquim José de Miranda Rebello, natural de Lisboa, cavalleiro professo na ordem de Sant'Iago da Espada, official da Secretaria de estado dos Negocios estrangeiros e da guerra, consul geral em Liorne e em todos os portos do imperio de Austria, e actualmente encarregado de negocios junto da côrte de Vienna; filho de Manuel de Miranda Rebello, e de D. Thereza Joaquina Rogada; neto de Jacinto Rebello, e bisneto de Francisco Fernandes e de D. Margarida Rebello.

Um escudo com as armas dos Rebellos. — Br. p. a 19 de novembro de 1817. Reg. no Cart. da N., liv. vii, fl. 388 v.

(C. C.)

1343. Joaquim José de Miranda Coutinho, cavalleiro professo na ordem de Christo, do real Conselho, lente de prima na faculdade de Theologia, vice-reitor da Universidade de Coimbra, conego magistral da Cathedral da mesma cidade, deputado do Santo Officio, ex-collegial de S. Pedro, e bispo eleito de Castello-branco; filho de Manuel de Miranda Coutinho, doutor com honras e privilegios de lente na faculdade de Medicina, e de sua mulher D. Maria Rosa Joaquina da Silva; neto paterno de Jeronymo de Miranda, e de sua mulher D. Maria de Goes Coutinho, e materno de Geraldo Affonso, e de sua mulher D. Maria Josepha da Silva.

Um escudo ovado e partido em pala; na primeira as armas dos Mirandas, e na segunda as dos Coutinhos. — Br. p. a 7 de fevereiro de 1820. Reg. no Cart. da N., liv. viii, fl. 51.

(C. C.)

1344. Joaquim José Monteiro Torres, chefe de divisão da real armada, natural d'esta cidade; filho de José Monteiro Torres, e de sua mulher D. Luiza Maria do Espirito Santo; neto pela parte paterna de Manuel Monteiro Torres, e de sua mulher D. Marianna de Jesus de Mendonça, e por parte materna de Domingos Francisco Gonçalves Lage, irmão do coronel de mar Antonio Gonçalves Lage, e de sua mulher D. Dorothea Maria; bisneto por parte paterna de José Monteiro Torres, que falleceu no serviço da Asia em sargento-mór de infanteria, e de sua mulher D. Joanna Rita de Azevedo Coutinho, e por parte materna de José Gonçalves da Silva, e de sua mulher D. Francisca Maria Lage.

Um escudo partido em pala; na primeira as armas dos Monteiros, e na segunda as dos Torres. — Br. p. a 2 de outubro de 1798. Beg. no Cart. da N., liv. vi, fl. 46 v.

(C. C.)

1345. Joaquim José Nunes Rebello Velloso, da cidade de Coimbra, filho do doutor Bento José Velloso Teixeira, da dita cidade, a quem já se passou brazão com as armas dos Teixeiras, Vellosos, e Rebellos, em 1751, e de Joanna Josepha Caetana, filha de Filippe Rodrigues Velho, cidadão da dita cidade, e de sua mulher Sebastiana Maria; neto pela parte paterna do doutor Miguel Teixeira Rebello, e de sua mulher Escolastica de S. Bento Velloso; bisneto de Domingos Teixeira Rebello, e de sua mulher Anna Francisca Teixeira; terceiro neto do licenciado Domingos Teixeira Rebello; quarto neto de Domingos Rebello, e de sua mulher Maria Teixeira Rebello.

Um escudo esquartelado; no primeiro e quarto quarteis as armas dos Teixeiras, no segundo as dos Vellosos, no terceiro as dos Rebellos. — Br. p. a 13 de outubro de 1769. Reg. no Cart. da N., liv. i, fl. 113.

(C. C.)

1346. Joaquim José de Oliva, natural e morador n'esta cidade de Lisboa, filho do sargento-mór Rodrigo José de Oliva, e de D. Anastasia Thereza Lauriana da Silva; neto pela parte paterna do ajudante Manuel de Oliva de Pontes, e de sua mulher D. Ignacia

Maria de S. José; bisneto de Luiz de Pontes e Aragão, e de D. Ignez de Oliva Serrão; e pela materna neto do doutor Manuel Ferreira da Silva, e de sua mulher D. Vicencia Maria; bisneto de outro Manuel Ferreira da Silva, e de sua mulher D. Maria Thereza.

Um escudo com as armas dos Olivas. — Br. p. a 20 de dezembro de 1781. Reg. no Cart. da N., liv. III, fl. 36 v.

(C. C.)

1347. Joaquim José de Queiroz e Almeida, do conselho de Sua Magestade, fidalgo cavalleiro da casa real, cavalleiro professo na ordem de Christo, com exercicio de presidente da Relação de Lisboa, natural do logar das Quintans, termo e freguezia de Eixo, comarca de Aveiro; filho de José Marcellino Prospero de Queiroz, e de sua mulher D. Joanna Leonor de Almeida; neto paterno de Custodio de Queiroz Pessanha de Sampaio, e de sua mulher D. Luiza Maria Teixeira, e materno de Gabriel de Sousa, e de sua mulher D. Josepha Bernarda de Almeida; bisneto pelo mesmo lado de André de Almeida Pinho, e de sua mulher D. Maria da Graça.

Um escudo partido em pala; na primeira as armas dos Queirozes, e na segunda as dos Almeidas. — Br. p. a 30 de julho de 1836. Reg. no Cart. da N., liv. VIII, fl. 276.

(C. C.)

1348. Joaquim José Ribeiro da Costa, cavalleiro professo na ordem de Christo, coronel pago do regimento de cavallaria da cidade do Rio de Janeiro, d'onde é natural, filho de Jacome Ribeiro da Costa, e de sua mulher D. Helena da Conceição; neto pela parte paterna de Gabriel de Sequeira e de sua mulher Justa Ribeiro da Costa.

Um escudo esquartelado; no primeiro e quarto quarteis as armas dos Sequeiras, no segundo as dos Ribeiros, e no terceiro as dos Costas. — Br. p. a 19 de maio de 1781. Reg. no Cart. da N., liv. III, fl. 9.

(C. C.)

1349. Joaquim José dos Santos (Capitão-mór), natural da cidade de S. Paulo, filho de Lopo dos Santos Serra, sargento-mór das ordenanças da dita cidade, e de sua mulher D. Ignacia Rodrigues Villares; neto pela parte paterna de Pedro Gomes Ferreira, e de sua mulher D. Antonia Maria Pinto, e pela materna de Luiz Rodrigues Villares, capitão povoador da villa de Cuyabá, e de sua mulher D. Angela Vieira.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Serras, no segundo as dos Gomes, no terceiro as dos Pintos, e no quarto as dos Vieiras. — Br. p. a 7 de fevereiro de 1790. Reg. no Cart. da N., liv. IV, fl. 147 v.

(C. C.)

1350. Joaquim José dos Santos Cação, professo na ordem de S. Bento de Aviz, fidalgo cavalleiro da casa real, e chefe de esquadra das reaes armadas; filho do capitão tenente Antonio dos Santos Cação de Carvalho, e de sua mulher D. Catharina de Lima e Vilhena; neto por parte paterna de Francisco de Carvalho, e de sua mulher D. Antonia Maria; neto por parte materna de José Gomes Manuel de Vilhena, e de sua mulher D. Jeronyma Francisca.

Um escudo partido em pala; na primeira as armas dos Carvalhos, na segunda as dos Vilhenas. — Br. p. a 7 de setembro de 1799. Reg. no Cart. da N., liv. VI, fl. 99 v.

(C. C.)

1351. Joaquim José de Sequeira, filho de Luiz Antonio de Sequeira, e de sua mulher D. Catharina Maria; neto paterno de Antonio José de Sequeira; bisneto de Bernardo da Silva de Sequeira; terceiro neto do capitão Manuel da Silva Casqueiro, e de D. Catharina Saraiva de Sequeira, esta filha de Manuel Fernandes de Sequeira; neta de João Fer-

nandes de Vasconcellos, e de D. Catharina de Sequeira; bisneta de Diogo de Sequeira, a quem se passou brazão de armas a 4 de maio de 1599.

Um escudo partido em pala; na primeira as armas dos Sequeiras, e na segunda as dos Casqueiros. — Br. p. a 28 de novembro de 1805. Reg. no Cart. da N., liv. VII, fl. 111.

(C. C.)

1352. Joaquim José Teixeira Villaça Bacellar (Bacharel), habilitado para os logares de letras, natural de Villa-real; filho de João de Araujo Ferreira Villaça, e de D. Luiza Maria Teixeira de Carvalho; neto pela parte paterna de Custodio de Araujo, e de D. Catharina Ferreira; neto pela parte materna de João Teixeira Bacellar, e de D. Maria Rebello de Carvalho, que foi viuva do capitão Felix Botelho Pimentel.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Araujos, no segundo as dos Teixeiras, no terceiro as dos Bacellares, e no quarto as dos Carvalhos. — Br. p. a 15 de novembro de 1796. Reg. no Cart. da N., liv. V, fl. 160 v.

(C. C.)

1353. Joaquim José Torcato de Barros Sousa e Vasconcellos, capitão-mór de um dos fortes das ilhas de Cabo-verde, com patente de capitão de infanteria; filho de Antonio José de Sousa e Vasconcellos, e de sua mulher D. Maria de Sousa; neto paterno de João de Sousa e Vasconcellos, professo na ordem de Christo, criado particular da casa real, a quem se passou brazão de armas a 21 de fevereiro de 1755; e de sua mulher D. Marianna de Sousa e Vasconcellos; neto materno de Antonio de Sousa, capitão de infanteria da cidade da Bahia, e de sua mulher D. Luiza de Sousa.

Um escudo partido em pala; na primeira as armas dos Sousas, e na segunda as dos Vasconcellos. — Br. p. a 30 de novembro de 1802. Reg. no Cart. da N., liv. VII, fl. 18 v.

(C. C.)

1354. Joaquim José de Valladares Souto-maior, cavalleiro professo na ordem de Christo, alferes de infanteria na cidade de Goa do estado da India, natural da freguezia de Santo Eustaquio do logar de Alpiaça, termo da villa de Santarem; filho de José de Valladares Souto-maior, cavalleiro fidalgo da casa real, irmão de Filippe de Valladares Souto-maior, a quem já se passou brazão de suas armas em 1746, e de sua mulher Thereza Ignacia de Jesus; neto pela parte paterna de João de Freitas Amado, e de sua mulher D. Isabel de Sequeira Souto-maior, e pela materna de Manuel Caetano da Silva, e de sua mulher D. Maria da Conceição.

Um escudo partido em pala; na primeira as armas dos Souto-maiores, e na segunda as dos Valladares. — Br. p. a 22 de abril de 1775. Reg. no Cart. da N., liv. II, fl. 58 v.

(C. C.)

1355. Joaquim Luiz Furtado de Mendonça, filho legitimo do sargento-mór José Furtado de Mendonça, cavalleiro professo na ordem de Christo, e de sua mulher D. Rosa Maria de Araujo Coutinho; neto pela parte paterna do ajudante Anastasio Furtado de Mendonça, e de D. Maria de Barcellos, e pela materna neto do capitão João de Araujo Caldeira, e de D. Maria Pereira.

Um escudo partido em pala; na primeira as armas dos Mendonças Furtados, e na segunda as dos Caldeiras. — Br. p. a 28 de novembro de 1767. Reg. no Cart. da N., liv. I, fl. 59 v.

(C. C.)

1356. Joaquim Malaquias Antonio Garção de Carvalho, cavalleiro fidalgo e official da casa real no exercicio de escrivão proprietario das moradias dos moradores d'ella, natural da villa de Torquel, comarca de Alcobaça; filho de Francisco do Valle Gar-

ção de Carvalho, cavalleiro fidalgo, e official da casa real no exercicio de escrivão proprietario das moradias dos moradores d'ella, e de sua mulher D. Margarida Rosa Thereza Joaquina Dorgier Garção; neto paterno de Ruy Garção de Carvalho, que teve o mesmo foro no referido exercicio de escrivão das moradias, thesoureiro-mór do Reino, thesoureiro-mór da Junta dos tres estados, thesoureiro geral dos Portos-seccos, e escrivão da Sevadaria, e de sua mulher D. Margarida Thereza Gertrudes Dorgier Campello de Andrade; bisneto de Antonio Garção, e de sua mulher D. Catharina Barreto de Simas; terceiro neto de Manuel Garção de Carvalho, cavalleiro fidalgo e escrivão das moradias, e de sua mulher D. Filippa Pessoa Barbuda do Quintal; quarto neto de Luiz Garção de Carvalho, moço da camara do senhor rei D. Affonso VI, e cavalleiro fidalgo da casa real, e de sua mulher D. Guiomar Toscano.

Um escudo esquartelado; no primeiro e quarto quarteis as armas dos Carvalhos, no segundo as dos Campellos, e no terceiro as dos Andrades. — Br. p. a 16 de dezembro de 1791. Reg.no Cart. da N., liv. IV, fl. 241.

(C. C.)

1357. JOAQUIM MANUEL BOTELHO, capitão da companhia de caçadores no regimento de milicias de Castello-branco, do logar de Lordosa; filho de Manuel Fernandes Carrilho, e de sua mulher D. Isabel Maria; neto pela parte paterna de outro Manuel Fernandes Carrilho, e de sua mulher Catharina Gonçalves Loura; neto pela parte materna de Pedro Fernandes Botelho, e de sua mulher Isabel da Visitação.

Um escudo com as armas dos Botelhos. — Br. p. a 24 de julho de 1797. Reg. no Cart. da N., liv. V, fl. 203.

(C. C.)

1358. JOAQUIM MANUEL BOTELHO, capitão da companhia de caçadores do regimento de milicias de Castello-branco, do logar de Lordosa; filho de Manuel Fernandes Carrilho, e de sua mulher D. Isabel Maria; neto paterno de outro Manuel Fernandes Carrilho, e de sua mulher Catharina Gonçalves Loura; e materno de Pedro Fernandes Botelho, e de sua mulher Isabel da Visitação.

Um escudo com as armas dos Botelhos. — Br. p. a 26 de setembro de 1814. Reg. no Cart. da N., liv. VII, fl. 297 v.

(C. C.)

1359. JOAQUIM MANUEL MONTEIRO, visconde da Estrella, fidalgo cavalleiro da casa real, e commendador da ordem de Nossa Senhora da Conceição de Villa-viçosa; filho de José Bento Rodrigues, proprietario, e de sua mulher D. Rosa Maria Lourença; neto paterno de Manuel Rodrigues, e de sua mulher D. Anna Gonçalves; e materno de Antonio Lourenço, e de sua mulher D. Maria Manuel.

Um escudo partido em pala; na primeira as armas dos Monteiros, e na segunda as dos Rodrigues. — Br. p. a 19 de fevereiro de 1855. Reg. no Cart. da N., liv. VIII, fl. 397.

(C. C.)

1360. JOAQUIM MANUEL DE MORAES DE MESQUITA PIMENTEL, licenciado na faculdade de leis pela Universidade de Coimbra, filho de Antonio José de Moraes de Mesquita, tenente do regimento de artilheria da côrte, e de D. Anna Joaquina Rosa de Moraes e Menezes; neto por parte paterna de Antonio de Moraes de Mesquita Pimentel, capitão-mór na villa de Anciães, e de D. Maria de Moraes; bisneto de Antonio Moraes de Mesquita Pimentel, capitão-mór da dita villa de Anciães, e de D. Maria de Menezes Pinto; terceiro neto de Antonio de Moraes de Mesquita Pimentel, capitão-mór na mesma villa de Anciães, e de D. Francisca de Moraes da Silva; quarto neto de Antonio de Moraes de Mesquita Pimentel, tambem capitão-mór da villa de Anciães, e de D. Isabel de Mesquita Pimentel;

quinto neto de Gaspar de Moraes de Mesquita Pimentel, capitão-mór da mencionada villa de Anciães, e de D. Luiza de Meirelles Pinto de Mesquita; neto por parte materna de Antonio dos Santos e Silva, guarda bandeira da saude do porto de Belem, e de D. Maria Catharina de Moraes e Menezes; bisneto de Gonçalo de Moraes de Mesquita, cavalleiro fidalgo da casa real, e moço da real camara do numero dos quarenta, e de D. Bernarda Maria de Menezes; terceiro neto de Antonio de Moraes de Mesquita, cavalleiro fidalgo da casa real, e de D. Catharina Telles; quarto neto de João de Mesquita de Moraes, e de D. Margarida de Azevedo; quinto neto de Luiz de Mesquita Cabral, e de Joanna Baptista de Azevedo.

Um escudo partido em pala; na primeira as armas dos Moraes, e na segunda as dos Mesquitas.—Br. p. a 30 de abril de 1802. Reg. no Cart. da N., liv. vi, fl. 203.

(C. C.)

1361. Joaquim Manuel de Seixas Abranches e Gouvea, professo na ordem de Christo, e natural de Villa nova de Foscôa, comarca de Trancoso; filho de Manuel de Abranches e Gouvea, e de D. Maria de Seixas da Fonseca; neto pela parte paterna de Antonio de Abranches e Gouvea, e de D. Flora Nunes da Fonseca; bisneto pela mesma linha de Pedro de Gouvea, e de D. Maria de Abranches, e pelo dito Pedro de Gouvea legitimo descendente por linha direita e varonil do chefe da familia de Gouvea, por ser terceiro neto de Bartholomeu Francisco de Gouvea; quarto neto de Pedro de Gouvea e Figueiredo; quinto neto de Francisco de Gouvea; sexto neto de Miguel Vaz de Gouvea; setimo neto de Martim Vaz de Gouvea; oitavo neto de Pedro Gouvea, desembargador do Paço, e chanceller-mór do reino; nono neto de Gonçalo Dias de Gouvea; decimo neto de João de Gouvea, alcaide-mór de Gouvea e Castello-Rodrigo, e senhor de Almendra e Castello-melhor; e pela dita D. Maria de Abranches, sua bisavó, é legitimo descendente do chefe da familia de Abranches por ser terceiro neto D. Catharina de Abranches, e quarto neto de Mattheus de Abranches.

Um escudo partido em pala; na primeira as armas dos Gouveas, e na segunda as dos Abranches.—Br. p. a 2 de outubro de 1790. Reg. no Cart. da N., liv. iv, fl. 187.

(C. C.)

1362. Joaquim Manuel de Seixas Abranches e Gouvea, professo na ordem de Christo, e natural de Villa nova de Foscôa, comarca de Trancoso; filho de Manuel Abranches e Gouvea, e de D. Maria de Seixas da Fonseca; neto pela parte paterna de Antonio de Abranches e Gouvea, e de D. Flora Nunes da Fonseca; bisneto de Pedro de Gouvea, e de D. Maria de Abranches: Pedro de Gouvea era por uma serie de avós oitavo neto de Vasco Fernandes de Gouvea, alcaide-mór de Gouvea e Castello-Rodrigo, e senhor de Almendra e Castello-melhor, chefe da familia de Gouvea; a dita D. Maria de Abranches bisavó do supplicante era neta de Mattheus de Abranches.

Um escudo partido em pala; na primeira as armas dos Gouveas, e na segunda as dos Abranches.—Br. p. a 21 de maio de 1790.—Reg. no Cart. da N., liv. iv, fl. 166 v.

(C. C.)

1362. Joaquim Maria da Cunha Lima, natural de Villa nova de Gaia, comarca do Porto; filho de Gaspar de Miranda Outeiro, e de sua mulher D. Anna da Cunha Lima; neto paterno de Manuel de Miranda, e de sua mulher D. Anna Thereza Ferrão; e materno do capitão André da Costa Lima, e de sua mulher D. Anna Angelica da Cunha; bisneto por seu avô materno de André da Costa Lima, e de sua mulher D. Catharina Gomes, e por sua avó materna de Christovão da Cunha Silva, e de sua mulher D. Apollonia Maria Sarmento; terceiro neto por parte de seu bisavô Christovão da Cunha Silva, de José Guedes da Silva Pinto, e de sua mulher D. Isabel da Piedade Cunha; e quarto neto pelo mesmo lado de Simão Pinto Cardoso, e de sua mulher D. Maria Rebello; sendo o dito Joa-

quim Maria da Cunha Lima, irmão de Joaquim da Cunha Lima, e sobrinho de Joaquim da Costa Lima, irmão da sobredita sua mãe, aos quaes já se passou brazão de armas.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Cunhas, no segundo as dos Limas, no terceiro as dos Costas, e no quarto as dos Silvas. — Br. p. a 10 de maio de 1839. — Reg. no Cart. da N., liv. VIII, fl. 293 v.

(C. C.)

1364. **Joaquim Pedro Borralho**, capitão de infanteria paga da cidade de Belem, do Grão-Pará, natural da villa de Olivença; filho do capitão Manuel Henrique Borralho, e de sua mulher D. Catharina Maria da Silva; neto pela parte paterna de Domingos Correa de Azevedo, governador de Ouguella, com patente de tenente coronel, e de sua mulher D. Maria Benedicta; neto pela parte materna de Domingos Sebastião, lavrador da Penha do Gato, de terras suas, e de sua mulher D. Maria Francisca Ephigenia; sendo o mesmo supplicante irmão de Francisco Rodrigues Borralho, que falleceu em Goa, com a patente de coronel, e de João Borralho de Andrade, capitão de granadeiros na referida cidade do Grão-Pará, e de Silvestre Joaquim Pedro Borralho, primeiro tenente commandante da terceira companhia do primeiro regimento da real armada.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Correas, no segundo as dos Azevedos, no terceiro as dos Borralhos, e no quarto as dos Silvas. — Br. p. a 12 de outubro de 1795. Reg. no Cart. da N., liv. V, fl. 96.

(C. C.)

1365. **Joaquim Pedro de Castel-branco**, filho do doutor Mauricio José de Castel-branco Manuel, e de sua mulher D. Maria Dionysia do Freitas Mendonça; neto paterno do doutor José Fernando da Costa Manuel, e de sua mulher D. Maria Josepha Mendes de Castel-branco; e materno do capitão Francisco de Abreu e Freitas, e de sua mulher D. Joaquina de Freitas; sexto neto pela mesma linha de Leonardo de Miranda Espinola. a quem se passou brazão de armas a 20 de maio de 1651; este neto de Leão Espinola, moço fidalgo da casa real, terceiro neto de Antonio Espinola, a quem tambem se passou brazão de armas no anno de 1519; setimo neto pela mesma linha materna de Gaspar Rodrigues Teixeira, a quem egualmente se passou brazão de armas em 1535.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Castel-brancos, no segundo as dos Freitas, no terceiro as dos Teixeiras, e no quarto as dos Espinolas. — Br. p. a 15 de junho de 1857. Reg. no Cart. da N., liv. IX, fl. 17.

(C. C.)

1366. **Joaquim Pedro Ferreira**, fidalgo cavalleiro da casa real, commendador da ordem de Christo, e negociante matriculado; filho de José Gomes Ferreira, negociante, e de sua mulher D. Francisca Rosa Baptista Benedicta Maya Ferreira; neto paterno de Manuel Duarte Ferreira, proprietario, e de sua mulher D. Antonia de S. Bernardo Ferreira; e materno de João Fernandes Prego, e de sua mulher D. Anna Baptista Prego.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Ferreiras, no segundo as dos Gomes, no terceiro as dos Pregos, e no quarto as dos Fernandes. — Br. p. em novembro de 1856. Reg. no Cart. da N., liv. IX, fl. 12 v.

(C. C.)

1367. **Joaquim Pereira Marinho**, natural de Villa-nova de Lixa, do arcebispado de Braga, proprietario e negociante de grosso tracto; filho de Antonio Teixeira Marinho, negociante de grosso tracto, e de sua mulher D. Anna Joaquina de Queiroz Marinho; neto paterno de Manuel Teixeira Marinho, negociante de grosso tracto, e de sua mulher D. Jacinta de Magalhães Teixeira Marinho, e materno de Lourenço Pinto de Magalhães, proprietario, e de sua mulher D. Thomasia Joaquina de Queiroz Magalhães.

Um escudo com as armas dos Marinhos. — Br. p. a 4 de dezembro de 1851. Reg. no Cart. da N., liv. VIII, fl. 353.

(C. C.)

1368. Joaquim Pedro Quintella, cavalleiro professo na ordem de Christo, fidalgo cavalleiro da casa real, do real conselho, commendador do termo de Palhavã, morgado do Farrobo, alcaide-mór da villa de Sortelha, senhor da villa do Prestimo, e barão de Quintella; filho de Valerio José Duarte Pereira, professo na ordem de Christo e cavalleiro fidalgo da casa real, e de sua mulher D. Anna Joaquina Quintella; neto paterno de Felix Pereira, professo na ordem de Christo e cavalleiro fidalgo da casa real, e de sua mulher D. Anna Josepha dos Reis, e materno de João Gomes Rebello, e de sua mulher D. Thereza de Jesus Quintella.

Um escudo partido em pala; na primeira as armas dos Pereiras, e na segunda as dos Rebellos. — Br. p. a 12 de outubro de 1806. Reg. no Cart. da N., liv. VII, fl. 145 v.

(C. C.)

1369. Joaquim Pedro Quintella do Farrobo, conde do Farrobo, do conselho de Sua Magestade Fidelissima, gran-cruz da ordem de Nossa Senhora da Conceição de Villa-viçosa, commendador da ordem de Christo, alcaide-mór da villa de Sortelha, senhor donatario da villa do Prestimo, e coronel dos esquadrões de voluntarios nacionaes a cavallo; filho do barão de Quintella Joaquim Pedro Quintella, cavalleiro professo na ordem de Christo, fidalgo cavalleiro da casa de Sua Magestade e do seu conselho, commendador do termo de Palhavã, morgado do Farrobo, alcaide-mór da villa de Sortelha, senhor da villa do Prestimo, a quem se passou brazão de armas a 12 de outubro de 1806, e de sua mulher D. Maria Joaquina Xavier de Saldanha; neto paterno de Valerio José Duarte Pereira, cavalleiro professo na ordem de Christo e cavalleiro fidalgo da casa de Sua Magestade, e de sua mulher D. Anna Joaquina Quintella; bisneto paterno de Felix Pereira, cavalleiro professo na ordem de Christo e cavalleiro fidalgo da casa de Sua Magestade, e de sua mulher D. Josepha dos Reis; bisneto pelo mesmo lado de João Gomes Rebello, e de sua mulher D. Thereza de Jesus Quintella.

Um escudo partido em pala; na primeira as armas dos Pereiras, e na segunda as dos Rebellos. — Br. p. a 18 de novembro de 1833. Reg. no Cart. da N., liv. VIII, fl. 269.

(C. C.)

1370. Joaquim Rebello Trigueiros Martel Leite, natural de Idanha-a-nova, filho de Jeronymo Trigueiros Martel Rebello Leite, capitão do terço auxiliar da comarca de Castello-branco, e de sua mulher D. Maria Angelica Marques Gouloa; neto pela parte paterna do sargento-mór de cavallaria Simão Rebello Martel Leite, e de sua mulher D. Isabel Trigueiros da Costa, e pela materna neto do sargento-mór Domingos Ambrosio, e de sua mulher D. Maria Marques Gouloa.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Rebellos, no segundo as dos Marteles, no terceiro as dos Trigueiros, e no quarto as dos Costas. — Br. p. 8 de agosto de 1786. Reg. no Cart. da N., liv. III, fl. 231 v.

(C. C.)

1371. Joaquim de Reboredo, visconde de Reboredo, commendador das ordens de Christo e de Nossa Senhora da Conceição de Villa-viçosa, gran-cruz das ordens de Alberto o Valoroso da Saxonia e da Aguia Vermelha da Prussia, e commendador de diversas ordens estrangeiras, ministro plenipotenciario em disponibilidade; filho de José Miguel de Reboredo, proprietario e negociante matriculado da praça de Lisboa, e de sua mulher D. Jeronyma Maria de Reboredo; neto paterno de Miguel José de Reboredo, proprietario

e de sua mulher D. Marianna Josepha Rosa de Reboredo, e materno de Antonio Dionysio Travega, e de sua mulher D. Josepha Maria Travega.

Um escudo com as armas dos Reboredos. — Br. p. a 26 de março de 1860. Reg. no Cart. da N,, liv. IX, fl. 32.

(C. C.)

1372. Joaquim Sanchery Xavier de Miranda Sousa e Silva, natural da villa da Louzã, comarca de Coimbra, cavalleiro da ordem de Christo, e superintendente das Alfandegas e tabacos da provincia do Alemtejo; filho do bacharel Francisco Xavier de Miranda, que serviu diversos logares de magistratura, e de sua mulher D. Thereza Jacinta de Sousa Quaresma; neto paterno do doutor Francisco Rodrigues da Silva, e de sua mulher D. Josepha Maria de Miranda, e materno do doutor Ambrosio Quaresma Sanchery da Silva, que egualmente serviu alguns logares de magistratura, e de sua mulher D. Bernarda Jacinta de Oliveira; bisneto de João Quaresma da Silva e Sousa, e de sua mulher D. Anna Sanchery de Sousa.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Mirandas, no segundo as dos Silvas, no terceiro as dos Sanchery, e no quarto as dos Sousas. — Br. p. a 30 de agosto de 1825. Reg. no Cart. da N., liv. VIII, fl. 161 v.

(C. C.)

1373. Joaquim Segurado Silveira e Menezes, natural da villa de Borba, filho de Fabricio José Limpo Segurado de Vasconcellos, e de D. Rita Gertrudes da Silveira e Menezes; neto pela parte paterna de Luiz Tinoco Morzello Segurado, e de D. Catharina Antonia Bocarro Soares, e pela materna de Sebastião da Silveira Villa-lobos, e de D. Luiza Julia de Menezes.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Tinocos, no segundo as dos Segurados, no terceiro as dos Silveiras, e no quarto as dos Menezes. — Br. p. a 7 de junho de 1791. Reg. no Cart. da N., liv. IV. fl. 215.

(C. C.)

1374. Joaquim de Sequeira Seixas e Barros, natural da freguezia de Carvalhaes, couto de Arcozelo, comarca de Viseu; filho do bacharel Antonio de Barros Seixas Cardoso, capitão-mór dos coutos de Arcemil e almoxarife do concelho de Ferreira de Aves, e de sua mulher D. Bernarda Felicia de Almeida e Proença; neto pela parte paterna do bacharel Domingos de S. Joaquim de Sequeira, sargento-mêr do dito concelho, e governador que foi algum tempo da praça de Almeida, e de sua mulher D. Antonia de Barros Seixas; bisneto de João Rodrigues de Sequeira e Loureiro, capitão-mór dos ditos coutos, e de sua mulher D. Isabel da Rocha e Montanha, e pela materna neto de Pedro de Almeida Ferreira, e de sua mulher D. Michaela Maria Correa de Proença.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Sequeiras, no segundo as dos Loureiros, no terceiro as dos Seixas, e quarto as dos Barros. — Br. p. a 18 de julho de 1770. Reg. no Cart. da N., liv. I, fl. 132.

(C. C.)

1375. Joaquim de Sousa Caldas, sargento-mór do terço da guarnição da praça da cidade da Bahia, natural da freguezia de Santa Marinha de Verdoejo, couto de S. Fins, termo de Monção, arcebispado de Braga; filho de Antonio Velloso Caldas, e de sua mulher D. Esperança de Sousa; neto paterno de Alvaro Velloso Caldas, e de sua mulher D. Brites Gomes; bisneto de Domingos Pereira, e de sua mulher D. Maria de Sousa.

As armas dos Sousas, e Caldas. — Br. p. a 16 de fevereiro de 1751. Reg. no Cart. da N., liv. particular, fl. 12.

(C. C.)

1376. Joaquim de Sousa Ribeiro (Doutor), natural da freguezia de Santa Anna, da cidade e arcebispado da Bahia, deão da Sé de Angola, delegado vigario capitular, geral e provisor do bispado do Maranhão; filho de Manuel de Sousa Ribeiro, e de sua mulher D. Maria de Jesus de Oliveira; neto paterno de João de Sousa, e de sua mulher D. Catharina de Sousa, e neto materno de José de Oliveira Bessa, e de sua mulher D. Rosa Maria.

Um escudo ovado e esquartelado; no primeiro e quarto quarteis as armas dos Sousas, no segundo as dos Ribeiros, e no terceiro as dos Oliveiras. — Br. p. a 2 de outubro de 1793. Reg. no Cart. da N., liv. iv, fl. 289 v.

(C. C.)

1377. Joaquim Telles Jordão, commendador da ordem de Christo, cavalleiro da da Torre e Espada, e brigadeiro dos reaes exercitos; filho de Bernardo Telles Jordão, e de D. Catharina da Conceição de Azevedo Barreto; neto paterno de Bernardo Joaquim Telles Jordão, fidalgo da casa real, e de D. Thereza Gomes Duarte, e materno de Luiz Antonio de Azevedo, cavalleiro da ordem de Christo, e de D. Luiza de Azevedo Barreto, e bisneto de Miguel Rodrigues, fidalgo da casa real.

Um escudo com as armas dos Telles. — Br. p. a 11 de setembro de 1828. Reg. no Cart. da N., liv. viii, fl. 233 v.

(C. C.)

1378. Joaquim Thomaz de Mendonça Pessanha, cadete do regimento de infanteria da cidade de Tavira; filho de Francisco de Mendonça Pessanha Mascarenhas, coronel de infanteria e governador de Villa-real de Santo Antonio, e de sua mulher D. Feliciana Thomazia de Aquino da Silva; neto paterno de Diogo de Mendonça Pessanha, capitão do indicado regimento, e de sua mulher D. Anna Thereza de Faria Mascarenhas, e materno de Francisco Nunes da Silva, vedor geral das munições das tropas do Algarve, e de sua mulher D. Maria Antonia Augusta Ubal Montener, natural de Valença, reino de Hespanha; bisneto paterno de Domingos Coelho Vieira Pessanha, coronel do regimento de milicias da cidade de Lagos, e de sua mulher D. Maria de Gouvea Mendonça Pessanha, filha de Manuel Correa Mascarenhas, fidalgo cavalleiro da casa real, e materno de D. Salvador Agostinho Ubal Montener, alcaide-mór de Molviedro, reino de Hespanha, e de sua mulher D. Maria Suribio.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Pessanhas, no segundo as dos Mascarenhas, no terceiro as dos Mendonças, e no quarto as dos Silvas. — Br. p. a 30 de julho de 1806. Reg. no Cart. da N., liv. vii, fl. 138.

(C. C.)

1379. Joaquim Tiburcio de Campos Ribeiro, bacharel formado pela Universidade de Coimbra, cavalleiro professo na ordem de Christo, natural da cidade de Leiria; filho do doutor José Gregorio Ribeiro, desembargador da Casa da supplicação, cavalleiro da ordem de Christo, e de sua mulher D. Marianna Joaquina de Campos; neto pela parte paterna de José Ribeiro, e de sua mulher D. Isabel Pereira, filha de João Carreira, e de sua mulher Francisca Gomes; e pela materna neto de Mattheus de Campos, e de sua mulher D. Margarida Thereza da Trindade de Carvalho, filha de Manuel Carvalho, tenente de infanteria, e de sua mulher Maria Ferreira; bisneto de Manuel Pinheiro, e de sua mulher Rosa Maria; terceiro neto de José Francisco Pinheiro, capitão de infanteria, e de sua mulher Isabel de Campos, ella filha de João Lopes de Campos, cavalleiro fidalgo da casa real, e de Maria Cardoso.

Um escudo partido em pala; na primeira as armas dos Ribeiros, na segunda as dos Campos. — Br. p. a 29 de agosto de 1775. Reg. no Cart. da N., liv. ii, fl. 79.

(C. C.)

1380. Joaquim Torquato Alvares Ribeiro, do conselho de Sua Magestade, fidalgo cavalleiro da casa real, e lente de mathematica da Academia Polytechnica do Porto.

Um escudo esquartelado com as armas que lhe foram concedidas por alvará de 17 de fevereiro de 1866. (M. N.)—Br. p. a 14 de abril de 1866. Reg. no Cart. da N., liv. IX, fl. 97 v. V. no I. II. *Alvares Ribeiro.*

(C. C.)

1381. Joaquim Vicente Barradas, cavalleiro professo na ordem de Christo, juiz de fóra da cidade de Elvas, natural da villa de Castello de Vide; filho do sargento-mór da dita villa Francisco Barradas Manso, familiar do Santo Officio, e de sua mulher D. Catharina Maria Vidal de Borda, filha de Francisco Nunes Vidal, e de sua mulher D. Anna de Borda; neto pela sua varonia de Francisco Fernandes Manso, e de sua mulher Maria Mendes Brava Barradas; bisneto por esta sua avó de Manuel Carrilho Barradas Muito-pão, e de sua mulher Maria Mendes Brava; terceiro neto de Antonio Barradas, e de sua mulher Maria Fernandes; quarto neto de João Barradas Muito-pão, e de sua mulher Leonor Vaz; quinto neto de outro João Barradas Muito-pão, a quem pela sua nobreza se passou brazão com as armas dos Barradas em 1584, por ser filho de Gaspar Fernandes Barradas Muito-pão, escudeiro do senhor rei D. Manuel, e de sua mulher Maria Mourata, que era neta de Miguel Gonçalves Mourato, meirinho-mór do reino de Leão, que se passou a Portugal no tempo do senhor rei D. Affonso V; e elle filho de Fernando Barradas; neto de Lopo Barradas, descendente dos Barradas do reino de Navarra, d'onde esta familia passou a Portugal.

Um escudo esquartelado; no primeiro e quarto quarteis as armas dos Mansos, no segundo e terceiro as dos Barradas.—Br. p. a 2 de maio de 1778. Reg. no Cart. da N., liv. II, fl. 156.

(C. C.)

1382. Joaquim Vicente Godinho de Mira, coronel da segunda legião de voluntarios reaes, e ajudante general do estado da India em Goa, natural da praça de Olivença; filho de Manuel Godinho de Mira, sargento-mór de infanteria reformado com praça no regimento de Minas, e de sua mulher D. Francisca Josepha, escudeira; neto pela parte paterna de José Rodrigues Godinho, e de sua mulher D. Isabel Maria, e pela materna de Antonio do Monte Cançado, e de sua mulher D. Maria Josepha Monterroyo.

Um escudo com as armas dos Godinhos.—Br. p. a 30 de março de 1791. Reg. no Cart. da N., liv. IV, fl. 206.

(C. C.)

1383. Joaquim Xavier Pereira da Silva Rua, presbytero do habito de S. Pedro, mestre-escola da Sé da cidade da Guarda, natural do logar de Alverca, termo da villa de Trancoso; filho do capitão Manuel Jacinto da Silva Pereira, e de sua mulher D. Maria Josepha Xavier Rua; neto pela parte paterna de Jacinto Pereira da Silva, e de sua mulher D. Maria Nunes, e pela materna de João da Rua, irmão legitimo de Antonio Rua, pae do reverendo doutor Francisco Xavier Rua, a quem se passou brazão de armas das familias dos seus appellidos em 1671, e de sua mulher D. Isabel Gomes.

Um escudo ovado e esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Pereiras, no segundo as dos Silvas, no terceiro as dos Ruas, e no quarto as dos Fonsecas.—Br. p. a 10 de setembro de 1784. Reg. no Cart. da N., liv. III, fl. 169.

(C. C.)

1384. Joel Joaquim Collaço de Albuquerque, natural da villa de Margão Salcete, nos estados da India; filho de Antonio Vicente da Silva Albuquerque, e de sua mulher D. Rosaura Maria Collaço de Albuquerque; bisneto paterno de José Collaço, escudeiro fi-

dalgo da casa real, accrescentado a cavalleiro fidalgo, que é sobrinho pelo mesmo lado de José Francisco Hercules Collaço, escudeiro fidalgo da casa real, accrescentado a cavalleiro fidalgo.

Um escudo partido em pala; na primeira as armas dos Albuquerques, e na segunda as dos Collaços. — Br. p. a 24 de outubro de 1832. Reg. no Cart. da N., liv. VIII, fl. 264.

(C. C.)

1385. Jorge Annes de Sá, fidalgo de cota de armas.

Carta pela qual el-rei D. João III lhe concede o seguinte brazão de armas de seus antecessores: — Escudo de campo enxaquetado de prata e azul, e por differença uma merleta preta; elmo de prata aberto guarnecido de oiro, paquife de prata e azul, e por timbre um pescoço e cabeça de bufaro preto com os paus e gretado de oiro; com todas as honras e privilegios de fidalgo por descender da geração e linhagem dos Sás. — Dada em Lisboa a 20 de dezembro de 1526. Reg. na Chanc. de D. João III, liv. XVII, fl. 121.

1386. Jorge Camello, fidalgo da casa real.

Carta pela qual el-rei D. Manuel lhe concede e a seus descendentes o seguinte brazão de armas de seus antecessores: — Escudo de campo de prata e tres vieiras de azul riscadas de oiro, e um triangulo, e por differença uma merleta preta, elmo de prata aberto, paquife de prata e azul, e por timbre um pescoço de camello com cabeça de sua côr; com todas as honras e privilegios de nobres e fidalgos, por descender da nobre linhagem dos Camellos. — Dada a 28 de janeiro de 1515. Reg. na Chanc. de D. Manuel, liv. XXXV, fl. 121 v., e liv. VI de Mist., fl. 180.

1387. Jorge Coelho de Vasconcellos Lobo Botelho e Sousa, da villa do Pombal, administrador dos morgados das Ferrarias no termo da cidade de Leiria, dos Botelhos da dita villa, e das capellas de Penella, Pouzos, e quinta do Arneiro; filho do sargento-mór Manuel Coelho de Vasconcellos e Sousa, e de sua mulher D. Joaquina Lobo de Sousa; neto pela parte paterna do capitão Manuel Coelho da Silva, e de sua mulher D. Verissima de Vasconcellos e Sousa; bisneto do doutor José Coelho da Silva, e de sua mulher D. Maria Mendes, e do capitão Manuel Esteves de Goes, e de sua mulher D. Catharina de Sousa e Vasconcellos; e pela parte materna se mostrava tambem que é neto de Pedro de Sousa Henriques, e de sua mulher D. Thereza Lobo de Sousa; e por esta sua avó, bisneto de Jorge Lobo Botelho, e de sua mulher D. Thereza Correa Maia; terceiro neto de Dionysio Lobo Arnaut, e de sua mulher D. Jeronyma de Mello, filha de Francisco Bravo Botelho, e de sua mulher D. Filippa de Sousa Castello-branco, e neta paterna de Diogo Bravo, veador da casa da India, e de sua mulher D. Jeronyma da Silva e Mello, filha de Balthazar de Barros, irmão de D. Braz de Barros, primeiro bispo de Leiria, e de sua mulher D. Jeronyma de Mello, filha do grande capitão Jorge Botelho, da dita villa do Pombal, instituidor do morgado e capella da Senhora da Piedade, que hoje administra o supplicante: e a dita D. Filippa de Sousa Castello-branco, mulher do dito Francisco Bravo Botelho, que era filha de Manuel Esteves Serrão, e de sua mulher D. Anna de Valladares, filha de Heitor Vaz Castello-branco, senhor do Guardão, e de sua mulher D. Filippa de Valladares.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Coelhos, no segundo as dos Sousas, no terceiro as dos Botelhos, e no quarto as dos Barros. — Br. p. a 28 de julho de 1784. Reg. no Cart. da N., liv. III, fl. 148.

(C. C.)

1388. Jorge Correa, prior da egreja de S. Martinho de Argomil; filho de Gonçalo Annes de Azevedo, e de Isabel Correa; neto de D. Alvaro Affonso Correa, camareiro que foi do duque de Bragança, o velho, o qual era fidalgo muito honrado e do tronco d'esta geração.

Carta pela qual el-rei D. João III lhe concede o seguinte brazão de seus antecessores:

— Escudo de campo vermelho com uma aguia preta estendida, com os pés e bico de oiro, que sustem um escudinho fretado de oiro e vermelho, que lhe cobre todo o corpo á excepção da cabeça, pés, as pontas das azas e o rabo; elmo de prata aberto guarnecido de oiro, paquife de oiro, preto e vermelho, e por timbre meia aguia de preto que sae do elmo com uma correa no bico, e por differença uma brica de prata; com todas as honras e privilegios de fidalgo por descender da geração dos Correas. — Dada em Lisboa a 18 de fevereiro de 1540. Reg. na Chanc. de D. João III, liv. L, fl. 17 v.

1389. Jorge Fernandes de Badajoz, morador em Lisboa, filho de Fernão de Badajoz.
Carta pela qual el-rei D. João III lhe concede o seguinte brazão de sues antecessores : — Escudo de campo de oiro com um S. João Baptista com capa vermelha, tendo na mão um castello de prata com as portas e frestas pretas; elmo de prata guarnecido de oiro, paquife de oiro e vermelho, e por timbre o mesmo castello; com todas as honras e privilegios de fidalgo, por descender de Fernão de Badajoz. — Dada em Lisboa a 15 de outubro de 1530. Reg. na Chanc. de D. João III, liv. LII, fl. 205.

1390. Jorge Fernandes de Villa-nova, moço da camara real, e cavalleiro da ordem de S. Tiago, filho de Pedro de Villa-nova, que foi physico e cirurgião da casa real.
Carta pela qual el-rei D. Sebastião lhe concede o seguinte brazão de seus antecessores : — Escudo de campo verde e uma bicha de oiro, por nome tiro, picada de preto, com a lingua vermelha e o rabo retornado para cima, e os pés picados do mesmo, e por differença um crescente de prata; elmo de prata cerrado abaulado na vista e guarnecido de oiro, paquife de oiro, verde e preto, e por timbre ametade da bicha; com todas as honras e privilegios de fidalgo por descender da geração dos Villa-novas. — Dada em Lisboa a 16 de janeiro de 1562. Reg. na Chanc. de D. Sebastião, liv. III, fl. 121.

1391. Jorge Froes (Frei), morador em Rhodes.
Carta pela qual el-rei D. Manuel lhe concede e a seus descendentes o seguinte brazão de seus antepassados : — Escudo em campo azul com tres crescentes de oiro apontados, elmo de prata aberto, paquife de oiro e azul, e por timbre uma pomba de prata com umas flôres azues no bico; com todas as honras e privilegios de fidalgo por descender da nobre linhagem dos Froes. — Dada em Lisboa a 30 de setembro de 1517. Reg. na Chanc. de D. Manuel, liv. VI de Mist., fl. 155.

1392. Jorge Garcia Maldonado, natural da barca da Regoa, filho de Gonçalo Garcia Maldonado, e neto de João Alvares Maldonado, que foi do tronco d'esta geração e fidalgo muito honrado.
Carta pela qual el-rei D. João III lhe concede o seguinte brazão de seus antecessores: — Escudo de campo vermelho com cinco flores de liz de oiro em aspa, e por differença uma estrella de prata; elmo de prata aberto guarnecido de oiro, paquife de oiro e vermelho, e por timbre meia lebre de prata com um colar de oiro ao pescoço; com todas as honras de nobre e fidalgo por descender da geração e linhagem dos Maldonados. — Dada em Evora a 7 de outubro de 1535. Reg. na Chanc. de D. João III, liv. X, fl. 179 v.

1393. Jorge Gomes de Carvalhosa Palhavã, cavalleiro fidalgo da casa real, filho de Ruy Gomes de Carvalhosa Palhavã, e neto de Ruy Gomes de Carvalho Palhavã, e bisneto de Gomes Lourenço Palhavã, que foi fidalgo muito honrado e chefe d'esta geração.
Carta pela qual el-rei D. João III lhe concede o seguinte brazão de seus antecessores : — Escudo de campo azul e quatro torres de prata lavradas, com as portas e frestas de preto, duas em chefe e duas ao pé, e no meio d'ellas um molho de palha com as espigas de oiro atado de vermelho; elmo de prata aberto guarnecido de oiro, paquife de oiro,

azul, prata e vermelho, e por timbre dois braços armados que saem do elmo, com o mesmo mólho nas mãos; com todas as honras e privilegios de fidalgo por descender da geração e linhagem dos Palhavãs.—Dada em Lisboa a 31 de julho de 1540. Reg. na Chanc. de D. João III, liv. L, fl. 201 v.

1394. JORGE DE PAVIA, fidalgo da casa real, filho de Vasco Martins de Pavia, e neto de Martim Affonso de Pavia, que foi fidalgo muito honrado, e o chefe e morgado d'esta geração.

Carta pela qual el-rei D. João III lhe concede o seguinte brazão de seus antecessores: — Escudo de campo de prata com sete escaques de preto; elmo de prata aberto guarnecido de oiro, paquife de prata e preto, e por timbre um leão, da cinta para cima de prata enxaquetado de preto; com todas as honras e privilegios de fidalgo por descender da geração e linhagem dos Pavias. — Dada em Evora a 30 de janeiro de 1537. Reg. na Chanc. de D. João III, liv. XXIII, fl. 14 v.

1395. JORGE DO REGO, cavalleiro fidalgo da casa real, filho de Francisco do Rego, cavalleiro fidalgo da casa real; neto de Ruy Colaço do Rego, e de Briolanja de Abreu, que foram fidalgos muito honrados e do tronco d'estas gerações.

Carta pela qual el-rei D. João III lhe concede o seguinte brazão de seus antecessores: — Escudo de campo esquartelado; o primeiro de verde com uma banda ondada de agua, e n'ella tres vieiras de oiro, o segundo de vermelho com cinco cotos de aguia de oiro, em aspa, e por differença um trifolio de oiro picado de azul; elmo de prata aberto guarnecido de oiro, paquife de oiro, vermelho e verde, e por timbre um dos cotos; com todos as honras e privilegios de fidalgo por descender da geração e linhagem dos Regos e Abreus. — Dada em Lisboa a 21 de fevereiro de 1539. Reg. na Chanc. de D. João III, liv. XXVII, fl. 16

1396. JORGE DO REGO LOBO, filho do doutor João do Rego, e neto de Gonçalves do Rego, que foi do tronco da dita llnhagem dos do Rego; pela parte de sua mãe é filho de Catharina Mendes Lobo, e neto de Maria Gomes Lobo, que foi do tronco da linhagem dos Lobos.

Carta pela qual el-rei D. Manuel lhe concede e a seus descendentes o seguinte brazão de seus antepassados: — Escudo de campo esquartelado; o primeiro e o terceiro de verde com uma banda ondada, e n'ella tres vieiras de oiro; o segundo e o quarto de prata com cinco lobos negros com as linguas vermelhas, em aspa, e por differença um crescente de prata no primeiro quartel; elmo de prata aberto, e por timbre uma das vieiras entre dois pennachos verdes, picados de oiro, paquife de oiro e verde; com todas as honras e privilegios de fidalgo por descender da nobre linhagem dos do Rego e Lobos, que eram fidalgos e nobres. — Dada em 1513. Reg. na Chanc. de D. Manuel, liv. XV, fl. 52 e liv. V de Mist., fl. 115.

1397. JORGE RODRIGUES DE BADAJOZ, filho de Fernão de Badajoz, morador em Lisboa, que era cavalleiro de esporas de prata.

Carta pela qual el-rei D. João III lhe concede o seguinte brazão de seus antecessores: — Escudo de campo de oiro, e n'elle um S. João Baptista com a capa vermelha e um castello de prata na mão com as portas e frestas de preto: elmo de prata guarnecido de oiro, paquife de oiro e vermelho, e por timbre o mesmo castello; com todas as honras e privilegios de fidalgo por descender da geração dos de Badajoz. — Dada em Lisboa a 15 de outubro de 1530. Reg. na Chanc. de D. João III, liv. LII, fl. 205.

1398. JOSÉ DE ABRANCHES MAGALHÃES (Bacharel), natural do logar da Masseira, termo da villa de Cea, comarca da cidade da Guarda; filho de Francisco Mendes de Abranches, e de sua mulher Maria Abranches Magalhães; neto pela parte paterna de Antonio

Mendes, e de sua mulher Maria de Abranches, filha de João de Abranches, e neta de Antonio de Abranches; e pela materna neto de Lourenço de Magalhães, e de sua mulher Joanna de Abranches.

Um escudo partido em pala; na primeira as armas dos Abranches, e na segunda as dos Magalhães. — Br. p. a 31 de janeiro de 1781. Reg. no Cart. da N., liv. II, fl. 260 v.

(C. C.)

1399. José de Abreu Lima, natural da villa de Montemór o velho, filho de Luiz de Abreu Lima, e de sua mulher Isabel dos Santos Seiara; neto pela parte paterna de Ayres de Abreu Lima, capitão de infanteria que foi n'este reino, o qual posto lhe foi dado pelos especiaes serviços que fez, e pelo distincto valor com que se houve na occasião da batalha de Corfú, contra os turcos, e na guerra de Castella, e de sua mulher D. Josepha Maria do Nascimento, filha de Valentim Paes de Oliveira, e de sua mulher Violante de Jesus; bisneto de Antonio de Abreu Lima, e de sua mulher D. Magdalena Barreto; terceiro neto de Pedro Gomes de Abreu Lima; quarto neto de Paulo Gomes de Abreu, cavalleiro da ordem de Christo, e commendador, descendente legitimo dos senhores da antiga casa de Regalados; quinto neto de Pedro Gomes de Abreu. e de sua mulher D. Catharina Cogominho; sexto neto de Lourenço Mendes de Abreu; setimo neto de Antão Mendes de Abreu; oitavo neto de outro Lourenço Mendes de Abreu; nono neto de Luiz Mendes de Abreu; decimo neto de Pedro Gomes de Abreu, senhor da casa e senhorio de Regalados.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Abreus, no segundo as dos Limas, no terceiro as dos Barretos, e no quarto as dos Oliveiras. — Br. p. a 19 de janeiro de 1774. Reg. no Cart. da N., liv. I, fl. 217.

(C. C.)

1400. José Affonso Pereira, natural da villa de Ponte de Lima, filho de Manuel Affonso Pereira, cavalleiro professo na ordem de Sant'Iago da Espada, e de sua mulher D. Maria Joaquina de Sousa; neto pela parte paterna de Manuel Affonso Pereira, e de sua mulher D. Maria Gonçalves Pereira; bisneto por parte paterna de André Affonso, e de sua mulher D. Natalia Pereira; e por parte materna de Lazaro Gonçalves, e de sua mulher Apolonia de Araujo; terceiro neto por parte paterna de Diogo Peres Pereira; e por parte materna de João Gonçalves Gil, e de sua mulher Maria de Araujo.

Um escudo, e n'elle as armas dos Pereiras. — Br. p. a 21 de julho de 1798. Reg. no Cart. da N., liv. VI, fl. 36.

(C. C.)

1401. José Alemão de Mendonça Cisneiros de Faria, cavalleiro fidalgo da casa real, e natural do logar da Vermelha, termo da villa do Cadaval; filho de Nuno de Faria Franco Pimentel, cavalleiro fidalgo da casa do senhor rei D. Pedro II, professo na ordem de Christo, e de sua mulher D. Marianna de Mendonça e Abreu Gomes de Cisneiros; neto paterno de Ascenço Lopes Franco, sargento-mór que foi do castello da villa de Ferreira d'Aves, e de sua mulher D. Juliana Maria de Faria; bisneto de Luiz de Mattos Camões, moço da camara, e de sua mulher D. Simôa de Faria Pimentel; neto materno de Manuel Gomes Alemão de Cisneiros, e de sua mulher Maria de Abreu França; bisneto de Sebastião Pereira Pacheco, e de sua mulher Catharina Alemão de Mendonça e Cisneiros; terceiro neto do capitão João Gomes Martins, e de sua mulher Joanna Alemão de Cisneiros; quarto neto de Braz Alemão de Cisneiros, cavalleiro fidalgo, professo na ordem de Christo, sargento-mór da villa da Pederneira e coutos de Alcobaça, e governador do forte de Nossa Senhora da Nazareth, a quem se passou brazão com as armas dos Cisneiros aos 5 de março de 1575, do qual consta foi moço da camara, e armado cavalleiro nos campos de Tanger; quinto neto de Diogo Alemão de Cisneiros; sexto neto de Affonso de Cisnei-

ros; setimo neto de Francisco Rodrigues de Cisneiros; oitavo neto de João de Cisneiros, descendente legitimo por linha masculina do conde D. Rodrigo Gonçalves, senhor da villa de Cisneiros, pagem da lança do senhor rei D. Affonso VI de Leão, e que procedia por linha legitima do infante D...... o Cego, e de sua mulher a infanta D. Christina, esta filha do rei D. Bermudo, e da rainha D. Velasquida, elle filho do rei D. Ramiro II do dito reino de Leão, e da rainha D. Thereza.

As armas dos Farias e Cisneiros.—Br. p. a 24 de janeiro de 1753. Reg. no Cart. da N., liv. particular, fl. 60.

(C. C.)

1402. José Alexandre da Costa, natural da cidade de Lamego, do real Desembargo, cavalleiro da ordem de Christo, e corregedor do civel d'esta cidade; filho de Alexandre José da Costa, e de sua mulher D. Anna Bernarda de Magalhães; neto paterno de José Ferreira de Magalhães, e de sua mulher D. Maria Thereza da Costa; bisneto de Simão da Costa e Couto.

Um escudo partido em pala; na primeira as armas dos Costas, e na segunda as dos Coutos.—Br. p. a 11 de agosto de 1824. Reg. no Cart. da N., liv. VIII, fl. 112.

(C. C.)

1403. José Alipio de Sousa Guedes da Gama, da villa de Soutello, comarca de Trancoso; filho de Manuel Monteiro Guedes da Gama, monteiro-mór da mesma villa, e de sua mulher D. Iria Thereza de Sousa, e sobrinho do padre Francisco Guedes da Gama, presbytero do habito de S. Pedro, formado pela Universidade de Coimbra, e abbade da egreja de Sant'Iago das Pesqueiras; neto pela parte paterna de Luiz Fernandes Guedes da Gama, e de sua mulher D. Luiza Monteiro; e pela materna de Pedro José de Sousa Lobo, e de sua mulher D. Josepha Maria Guedes da Gama.

Um escudo partido em pala; na primeira as armas dos Guedes, e na segunda as dos Gamas.—Br. p. a 3 de setembro de 1791. Reg. no Cart. da N., liv. IV, fl. 232.

(C. C.)

1404. José de Almeida Campos Junior, cavalleiro fidalgo da casa real, negociante matriculado da praça do Porto; filho de José de Almeida Campos, e de sua mulher D. Conceição Maria de Jesus Campos; neto paterno de Carlos Francisco de Campos, e de sua mulher D. Jeronyma Francisca de Campos; e materno de Roberto José Xavier, e de sua mulher D. Maria de Jesus Xavier.

Um escudo partido em pala; na primeira as armas dos Almeidas, e na segunda as dos Campos.—Br. p. a 6 de novembro de 1854. Reg. no Cart. da N., liv. VIII, fl. 387 v.

(C. C.)

1405. José de Almeida Cardoso, cavalleiro da ordem de Christo, e proprietario; filho de João José de Almeida, e de sua mulher D. Rosa Violante de Almeida; neto paterno de Antonio José de Almeida, e de sua mulher D. Clara Maria de Almeida; e materno de Manuel Teixeira, e de sua mulher D. Maria Francisca Teixeira.

Um escudo partido em pala; na primeira as armas dos Almeidas, e na segunda as dos Teixeiras.—Br. p. a 4 de abril de 1854. Reg. no Cart. da N., liv. VIII, fl. 378.

(C. C.)

1406. José de Almeida Moreira Coutinho, cavalleiro professo na ordem de Christo, natural da freguezia de Santa Maria de Guardisela, termo de Barcellos; filho de Francisco Alvares Moreira, e de sua mulher D. Joanna Maria de Almeida Coutinho; neto de Francisco Alvares; e bisneto de João de Almeida Coutinho, irmão inteiro de Bernardo da Fonseca Coutinho, fidalgo de cota de armas.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Almeidas, no segundo as dos Correas, no terceiro as dos Fonsecas, e no quarto as dos Coutinhos.—Br. p. a 31 de agosto de 1774. Reg. no Cart. da N., liv. II, fl. 31.

(C. C.)

1407. JOSÉ DE ALMEIDA SOUSA MENEZES GIRÃO MELLO E VASCONCELLOS, filho de Fradique José da Motta, cavalleiro professo na ordem de Christo, e de D. Maria de Sousa Menezes Mello e Vasconcellos; neto pela parte paterna de Antonio de Almeida Ferreira, e de sua mulher D. Euphemia Thereza da Motta e Almeida, filha do capitão José Marques da Motta, e de sua mulher D. Maria de Almeida; e pela materna neto de José de Sousa Menezes Girão Mello e Vasconcellos, e de D. Maria da Conceição Baptista e Seixas; bisneto de Paulo de Mello Girão e Vasconcellos, e de D. Maria Ignez de Sousa Menezes e Vasconcellos.

Um escudo partido em pala; na primeira as armas dos Sousas, e na segunda as dos Vasconcellos.—Br. p. a 16 de janeiro de 1775. Reg. no Cart. da N., liv. II, fl. 51.

(C. C.)

1408. JOSÉ ALVARES PEREIRA, presbytero secular e abbade da egreja de S. Martinho de Mattheus, na comarca de Villa-real; filho de Domingos Alvares Pereira, e de D. Mauricia Joaquina; neto pela parte paterna de Balthasar Alvares Pereira, e de D. Catharina Alvares Pereira, senhores da casa e quinta de Vras, da dita freguezia de Mattheus; neto pela parte materna de Mauricio Pereira, e de D. Maria Joaquina Lopes.

Um escudo ovado e partido em pala; na primeira as armas dos Alvares, e na segunda as dos Pereiras.—Br. p. a 21 de julho de 1798. Reg. no Cart. da N., liv. VI, fl. 24 v.

(C. C.)

1409. JOSÉ ALVES DE CARVALHO MIRANDA E LIMA PEDROSA, natural da cidade do Porto, filho de Manuel Alves de Carvalho e Miranda, e de D. Josepha Joaquina Rosa de Lima e Pedrosa; neto pela parte paterna de João Alves de Carvalho e Miranda; e bisneto de João Alves de Carvalho e Miranda; e pela materna neto de Domingos Gonçalves Pereira, e de sua mulher D. Maria Lima, esta filha de João de Lima Pedrosa, filho de Gaspar Gonçalves de Barros, que tendo sido capitão de cavallos falleceu no posto de coronel.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Carvalhos, no segundo as dos Mirandas, no terceiro as dos Limas, e no quarto as dos Pedrosas.—Br. p. a 12 de fevereiro de 1786. Reg. no Cart. da N., liv. IV, fl. 48.

(C. C.)

1410. JOSÉ ALVES DA SILVA, natural da Bahia, no Brazil, filho de José Alves da Silva, familiar do Santo Officio, natural da villa de Vianna, e de sua mulher D. Agueda Maria do Sacramento, natural da villa da Cachoeira, arcebispado da cidade da Bahia; neto pela parte paterna de Francisco Alvares de Carvalho, e de sua mulher D. Maria Alvares da Silva; e pela materna do tenente coronel Lourenço Correa Lisboa, e de sua mulher D. Maria de Magalhães.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Carvalhos, no segundo as dos Silvas, no terceiro as dos Correas, e no quarto as dos Magalhães.—Br. p. a 5 de novembro de 1771. Reg. no Cart. da N., ltv. I, fl. 162 v.

(C. C.)

1411. JOSÉ ANICETO DE SOUSA (Doutor), official da ordem da Rosa no imperio do Brazil, filho do capitão-mór Antonio José de Sousa, e de sua mulher D. Jesuina de Brandão Velloso; neto paterno do capitão Antonio José de Sousa, a quem se passou brazão

de armas a 27 de março de 1806; e materno do tenente José Aniceto de Sousa, e de sua mulher D. Maria Joaquina Brandão.

Um escudo partido em pala; na primeira as armas dos Sousas, e na segunda as dos Brandões. — Br. p. a 20 de agosto de 1857. Reg. no Cart. da N., liv. IX, fl. 18.

(C. C.)

1412. José Antonio de Alvarenga Barros Freire (Doutor), cavalleiro professo na ordem de Christo, juiz de fóra da cidade de Olinda, bispado de Pernambuco, natural da de Marianna em Minas-geraes; filho de João Gonçalves da Costa, e de sua mulher D. Thereza Ribeiro de Alvarenga; neto pela parte materna do sargento-mór Francisco de Barros Freire, filho de Estevão Ribeiro de Alvarenga, capitão de milicias da cidade de S. Paulo.

Um escudo esquartelado; no primeiro e quarto quarteis as armas dos Alvarengas, no segundo as dos Barros, e no terceiro as dos Freires. — Br. p. a 21 de fevereirro de 1771. Reg. no Cart. da N., liv. I, fl. 145.

(C. C.)

1413. José Antonio de Alvarenga Barros Freire Gonçalves da Costa (Doutor), cavalleiro professo na ordem de Christo, natural da cidade de Marianna, capitania de Minas-geraes; filho de João Gonçalves da Costa, e de sua mulher D. Thereza Ribeiro de Alvarenga; neto pela parte paterna de Antonio Gonçalves da Costa, e de sua mulher D. Antonia Fernandes: e pela materna do capitão Francisco de Barros Freire, e de sua mulher D. Isabel Rodrigues de Alvarenga; bisneto de Estevão Ribeiro de Alvarenga, capitão que foi das milicias da cidade de S. Paulo.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Costas, no segundo as dos Gonçalves, no terceiro as dos Alvarengas, e no quarto as dos Freires. — Br. p. a 24 de fevereiro de 1778. Reg. no Cart. da N., liv. II, fl. 149.

(C. C.)

1414. José Antonio Alvares Pimentel Teixeira, capitão-mór da comarca das Cinco-villas, e da de Figueiró dos Vinhos, filho legitimo de Domingos Alvares Simões Pimentel, e de sua mulher Luzia de Nazareth Teixeira, irmã do reverendo doutor Manuel Rodrigues Teixeira, thesoureiro-mór da cathedral de Coimbra, e provedor da mesma cidade e bispado; neto pela parte paterna de Antonio Pimentel de Abreu, e de sua mulher Joanna Simões Biguina; e pela materna neto de Domingos Rodrigues, e de sua mulher Maria Martins Teixeira, todos do mesmo bispado de Coimbra.

Um escudo partido em pala; na primeira as armas dos Pimenteis, e na segunda as dos Teixeiras. — Br. p. a 4 de agosto de 1767. Reg. no Cart. da N., liv. I, fl. 55.

(C. C.)

1415. José Antonio de Araujo, natural da cidade da Bahia de todos os Santos, e negociante de grosso tracto matriculado na Junta do Commercio; filho de José Antonio de Araujo, e de sua mulher D. Maria Filippa de S. José Araujo; neto paterno de Manuel Gonçalves de Araujo, e de sua mulher D. Maria de Araujo; neto materno de André Peixoto de Campos, e de sua mulher D. Jeronyma Maria da Nazareth; bisneto de Gonçalo Thomaz Peixoto, descendente dos fidalgos da Rua Escura de Guimarães; e egualmente descendente por parte paterna da casa dos Pintos, e Peixotos de Guimarães, senhores de Felgueiras, Fermedor e Vieira.

Um escudo esquartelado; no primeiro e quarto quarteis as armas dos Araujos, no segundo as dos Pintos, e no terceiro as dos Peixotos. — Br. p. a 16 de setembro de 1824. Reg. no Cart. da N., liv. VIII, fl. 115.

(C. C.)

1416. José Antonio Borges Peixoto Pereira Ribeiro, do logar e freguezia de Santa Eulalia da Cumieira, termo da villa de Santa Martha de Penaguião; filho do bacharel Feliciano José Borges, e de sua mulher D. Joanna Rita Peixoto; neto por parte paterna de Bento Alvaro Ribeiro, e de sua mulher D. Rosa Borges de Seixas; e por parte materna de José Luiz Peixoto da Costa, e de D. Maria da Assumpção Pereirada Silva.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Borges, no segundo as dos Ribeiros, no terceiro as dos Peixotos, e no quarto as dos Pereiras. —Br. p. a 20 de agosto de 1800. Reg. no Cart. da N., liv. vi, fl. 132.

(C. C.)

1417. José Antonio de Carvalho, administrador dos tabacos na cidade da Guarda, e capitão de uma das companhias da ordenança da mesma cidade, e natural da villa da Covilhã; filho de Raphael José de Carvalho, administrador tambem dos tabacos da referida cidade, e de sua mulher D. Rosa Maria de Carvalho, a quem se passou brazão de armas a 26 de agosto de 1790; neto pela parte paterna de Antonio Carvalho Pontes, administrador dos tabacos da mencionada cidade, e vedor dos fardamentos das tropas da dita cidade, e de sua mulher D. Clara Pereira; neto pela parte materna de Raphael Mendes de Carvalho, e de sua mulher D. Perpetua Maria.

Um escudo com as armas dos Carvalhos.—Br. p. a 20 de junho de 1791. Reg. no Cart. da N., liv. iv, fl. 218 v.

(C. C.)

1418. José Antonio de Castro Pereira, negociante matriculado da cidade do Porto, e commendador da ordem de Christo; filho de Salvador Mendes Pereira, e de sua mulher D. Joaquina de Castro Pereira; neto paterno de Antonio Dias da Paz, e de D. Anna Luiza Pereira da Paz; e materno de Antonio de Sant'Iago, e de sua mulher D. Luiza Maria de Sant'Iago.

Um escudo partido em pala; na primeira as armas dos Pereiras, e na segunda as dos Castros.—Br. p. a 9 de março de 1843. Reg. no Cart. da N., liv. viii, fl. 308.

(C. C.)

1419. José Antonio Coelho Sousa Menezes Leite, cidadão d'esta cidade, filho de Antonio dos Santos Coelho, e de sua mulher D. Feliciana Thereza de Sousa Menezes Leite; neto por parte paterna de Amaro dos Santos Coelho, e de sua mulher D. Joanna Thereza; neto por parte materna de João Leite de Sousa Menezes, e de sua mulher D. Brigida Maria Leite.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Sousas, no segundo as dos Coelhos, no terceiro as dos Leites, e no quarto as dos Menezes.—Br. p. a 20 de fevereiro de 1802. Reg. no Cart. da N., liv. vi, fl. 192.

(C. C.)

1420. José Antonio da Costa Araujo, cavalleiro da ordem de Nossa Senhora da Conceição de Villa-viçosa; filho do capitão Manuel da Costa Araujo, e de sua mulher D. Maria Margarida Policena d'Affonseca Escovar e Araujo; neto paterno do capitão Francisco da Costa Araujo, e de sua mulher D. Maria da Costa Araujo; e materno de José d'Affonseca Escovar, e de sua mulher D. Anna Joaquina de Oliveira Escovar.

Um escudo partido em pala; na primeira as armas dos Araujos, e na segunda as dos Escovares. —Br. p. a 2 de dezembro de 1853. Reg. no Cart. da N., liv. viii, fl. 372 v.

(C. C.)

1421. José Antonio Fernandes Lima, natural do Peso da Regoa, cavalleiro da ordem de Nossa Senhora da Conceição de Villa-viçosa, e proprietario; filho de Pedro Fer-

nandes, proprietario, e de sna mulher D. Rosa Angelica Fernandes; neto paterno de Bonifacio Fernandes, negociante, e de sua mulher D. Florencia Garcia Fernandes; e materno de João de Carvalho, proprietario, e de sua mulher D. Perpetua de Carvalho.

Um escudo partido em pala; na primeira as armas dos Fernandes, e na segunda as dos Carvalhos. — Br. p. a 6 de setembro de 1858. Reg. no Cart. da N., liv. IX, fl. 21 v.

(C. C.)

1422. **José Antonio Ferreira Vieira**, cavalleiro da ordem de Christo, e segundo tenente da armada nacional; filho do capitão Manuel Ferreira Vieira, e de D. Francisca Maria de Jesus Madeira; neto paterno do capitão Manuel Ferreira Vieira, e de D. Maria de Freitas; e materno do mestre de campo Antonio da Silva Madeira, e de D. Joanna Ferreira.

Um escudo esquartelado; no primeiro e quarto quarteis as armas dos Ferreiras, no segundo as dos Vieiras, e no terceiro as dos Madeiras. — Br. p. a 23 de agosto de 1821. Reg. no Cart. da N., liv. VIII, fl. 80 v.

(C. C.)

1423. **José Antonio da Fonseca**, natural da cidade de Viseu, filho de José Antonio da Fonseca, e de sua mulher D. Perpetua Maria da Costa; neto paterno de Francisco Mendes Furtado, e de sua mulher D. Brites Lopes da Fonseca; e materno de Luiz Novaes da Costa, e de sua mulher D. Francisca Xavier.

Um escudo partido em pala; na primeira as armas dos Fonsecas, e na segunda as dos Costas. — Br. p. a 30 de julho de 1825. Reg. no Cart. da N., liv. VIII, fl. 155 v.

(C. C.)

1424. **José Antonio Freitas de Sampaio Guimarães** (Bacharel), natural de Mourizos, freguezia de Santiago de Rebordãos, termo da cidade do Porto, arcebispado de Braga; filho de Manuel Corrêa da Silva, e de sua mulher Marianna de Freitas de Sampaio Guimarães; neto materno de Pedro Freitas de Sampaio Guimarães, e de sua mulher Helena de Oliveira; bisneto de Balthasar Freitas de Sampaio Guimarães, fidalgo da casa real, aparentado com muitas das principaes familias d'este reino, e de Isabel de Carvalho; terceiro neto de Antonio de Azevedo de Magalhães, e de sua mulher Martha Freitas de Sampaio Guimarães.

As armas dos Freitas, e Sampaios. — Br. p. a 30 de abril de 1759. Reg. no Cart. da N., liv. particular, fl. 121.

(C. C.)

1425. **José Antonio Gomes de Moura**, bacharel em leis pela Universidade de Coimbra, filho de Antonio Gonçalves, e de sua mulher Maria Gomes; neto paterno de Bertholo Gonçalves, e de sua mulher Catharina Gomes, e materno de Filippe Teixeira, e de sua mulher Maria Gomes.

Um escudo esquartelado; no primeiro e quarto quarteis as armas dos Mouras, no segundo as dos Gomes, e no terceiro as dos Borges. — Br. p. a 12 de agosto de 1815. Reg. no Cart. da N., liv. VII, fl. 319 v.

(C. C.)

1426. **José Antonio Gomes de Sousa**, cavalleiro professo na ordem de Christo, coronel do regimento de milicias de Itapicurú, da capitania do Maranhão, d'onde é natural; filho do sargento-mór Antonio Gomes de Sousa, e de sua mulher D. Marianna das Neves; neto de Filippe Marques da Silva, almoxarife que foi da real fazenda na cidade do Maranhão, e de sua mulher D. Rosa Maria de Jesus.

Um escudo partido em pala; na primeira as armas dos Sousas, e na segunda as dos Gomes. — Br. p. a 28 de setembro de 1798. Reg. no Cart. da N., liv. VI, fl. 45.

(C. C.)

1427. José Antonio Leite Ribeiro, natural de Coimbra, fidalgo cavalleiro da casa real, commendador da ordem de Nossa Senhora da Conceição de Villa-viçosa, e proprietario; filho de Fructuoso José da Silva, proprietario, e de D. Clara Candida Leite Ribeiro; neto paterno de Francisco José da Silva, e de D. Josepha Dias da Silva, e materno de José Antonio Leite Ribeiro, proprietario, e de D. Quiteria Leite Ribeiro.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Silvas, no segundo as dos Leites, no terceiro as dos Ribeiros, e no quarto as dos Silvas.—Br. p. a 23 de março de 1866. Reg. no Cart. da N., liv. IX, fl. 96.

(C. C.)

1428. José Antonio de Miranda Vieira, natural de Eiró, arcebispado de Braga, fidalgo cavalleiro da casa real, commendador da ordem de Nossa Senhora da Conceição de Villa-viçosa, filho de Francisco de Miranda Vieira, e de sua mulher D. Luiza Thereza Vieira; neto paterno de Alexandre Miranda, e de sua mulher D. Felicia Maria de Miranda, e materno de Bernardo Antonio Luiz, e de sua mulher D. Maria Vieira.

Um escudo partido em pala; na primeira as armas dos Mirandas, e na segunda as dos Vieiras. — Br. p. a 31 de março de 1842. Reg. no Cart. da N., liv. VIII, fl. 300.

(C. C.)

1429. José Antonio de Oliveira Couto, capitão-mór da villa de Boim e villa Fernando, natural de Villa-viçosa, provincia do Alemtejo; filho de Paulo Gomes da Silveira, e de sua mulher D. Thereza Maior da Silveira; neto paterno do doutor João Gomes da Silveira, procurador que foi da real Casa de Bragança, e de sua mulher D. Isabel Gomes Freire, e bisneto de Francisco Pires, escudeiro fidalgo que foi da dita real Casa de Bragança.

Um escudo esquartelado; no primeiro e quarto quarteis as armas dos Silveiras, no segundo as dos Gomes, e no terceiro as dos Coutos. — Br. p. a 25 de junho de 1778. Reg. no Cart. da N., liv. II, fl. 162 v.

(C. C.)

1430. José Antonio de Oliveira Damasio de Sousa e Lima (Bacharel), do Desembargo de El-rei, e ouvidor da cidade de Beja e sua comarca, natural da cidade de Lisboa; filho de José Damasio de Sousa e Lima, cavalleiro da ordem de Christo, e de sua mulher D. Maria Magdalena da Silva Sousa e Vasconcellos, filha de Manuel de Sousa e Vasconcellos, cavalleiro da ordem de S. Tiago, fidalgo da casa real, senhor do morgado dc Guaria, junto a Cintra, e de sua mulher D. Luiza da Silva : e o dito Manuel de Sousa e Vasconcellos, filho de Ventura Lopes de Sousa, e de sua mulher D. Luiza da Silva; bisneto de João Vicente de Lima, e de sua mulher D. Maria Joanna de Mesquita; neto materno o supplicante do capitão Domingos Cardoso de Oliveira de Almada, e de sua mulher D. María Magdalena Thereza da Silva Peres Osorio, filha de Domingos Antunes de Almada, e de sua mulher D. Maria Peres Osorio, elle filho do sargento-mór João Antunes de Almada, e ella filha de D. João Peres Osorio, fidalgo hespanhol; bisneto de Martinho de Oliveira de Almada, e de sua mulher D. Maria Cardoso da Silva.

As armas dos Sousas do Prado, Limas, Oliveiras, e Osorios. — Br. p. a 8 de janeiro de 1762. Reg. no Cart. da N., liv. particular, fl. 134.

(C. C.)

1431. José Antonio de Oliveira Machado, cavalleiro professo na ordem de Christo, fidalgo da casa real, do Conselho de Sua Magestade e da Fazenda real; filho legi-

timo de Diogo Machado, e de sua mulher D. Maria da Silveira, naturaes da cidade de Evora, onde foram pessoas nobres, e se trataram á lei da nobreza.

Um escudo partido em pala; na primeira as armas dos Machados, e na segunda as dos Oliveiras. — Br. p. a 27 de outubro de 1766. Reg. no Cart. da N., liv. I, fl. 39.

(C. C.)

1432. José Antonio Pereira de Araujo e Sousa, capitão do regimento de artilheria do Algarve, natural da villa de Fermedo; filho do capitão-mór Lazaro Moreira Landeiro Camisão, e de sua mulher D. Francisca Xavier de Araujo e Sousa; neto por parte paterna do sargento-mór Roque Landeiro Pereira, e de D. Maria Martins Camisão, filha de Antonio Martins Camisão, neta de Christovão Gomes Camisão, a quem se passou brazão de armas em Madrid a 14 de agosto de 1612; bisneto do capitão de milicias Lazaro Moreira Landeiro; terceiro neto de Rodrigo Landeiro, capitão do baluarte de Santa Barbara de Lagos, e de mar e guerra, de guarda-costa do Algarve, e de sua mulher D. Leonor do Espirito Santo, filha de Jorge Fernandes Pereira, procurador dos Feitos e fidalgo da casa real, juiz feitor do Penedo de Lagos, irmão de Domingos Pereira e Martim Pereira, cavalleiros fidalgos da casa real, e ambos passaram á Africa com o senhor rei D. Sebastião, e sendo um captivo o resgatou á sua custa; passando ambos á India fizeram muitos serviços á corôa; neta a dita D. Leonor do Espirito Santo por parte paterna de Alvaro Dias Pereira, cavalleiro fidalgo da casa real, feitor do Lotte de Lagos, e criado do dito senhor rei D. Sebastiãa, a quem serviu no cerco de Mazagão no anno de 1562, levando comsigo dois homens á sua custa, sendo o primeiro de todos que deitou ao mar e poz em terra com as suas armas sem ser pago de coisa alguma pelo dito senhor, e de sua mulher D. Leonor Fernandes, filha de Jorge Fernandes, cavalleiro fidalgo da casa real, irmão do doutor Duarte Fernandes, professo na ordem de Christo, cavalleiro fidalgo da casa real, e de Manuel Fernandes, feitor da cidade de Lagos, o qual foi á India por capitão de uma nau sua, mandado pelo senhor rei D. João III, tio de Ruy Dias de Aragão, executor da real Fazenda no Algarve, e de D. Ignez, casada com Ruy de Pina Falcão, e do padre Jorge Fernandes da Rosa Martins, que foi á India, e de D. Barbara, mulher de Balthasar de Mello da Cunha, fidalgo da casa real, e de Fernando Gomes Caminha, tambem fidalgo da casa real; prima de Luiz Fernandes Duarte, capitão de infanteria, commendador de duas commendas da ordem de Christo, e companheiro do embaixador D. José Francisco da Costa, que foi a Marrocos resgatar os setenta fidalgos, onde por morte do dito embaixador ficou fazendo as suas vezes até que falleceu; quarto neto de Lazaro Moreira Landeiro, e de D. Maria Landeiro; neto o supplicante por seu avô materno de João de Sá da Fonseca, filho de Manuel de Sá, e de D. Marla de Araujo e Sousa; bisneto do capitão-mór Baptista de Araujo e Sousa, e de D. Leonor Francisca Coelho de Ataide, filha e irmã dos senhores de Fermedo, Felgueiras, Vieiras e Prestina da Cadinha, uma das familias mais illustres d'este reino, por serem descendentes de D. Egas Moniz, aio do senhor rei D. Affonso Henriques, a quem acompanhou na jornada de Ourique, na qual morreu; e seu neto D. Pedro Affonso casou com D. Varuco, filha do mesmo senhor rei : o dito D. Egas Moniz foi quinto e sexto neto do senhor rei D. Ramiro III, bisneto do senhor rei D. Ramiro II de Leão : sendo tambem descendentes da condessa D. Leonor de Alvim, mulher do condestavel D. Nuno Alvares Pereira, neta de Estevão Coelho, e sobrinha de Pedro Coelho, vindo por este lado a pertencer ao supplicante as armas de Araujos, e Sousas, as quaes se acham no portico das casas e fonte de S. João da sua quinta do Castello, onde viveram os paes, avós e bisavós do mesmo supplicante : sendo terceiro neto de D. Helena de Araujo e Sousa, e de Baptista Lopes Rebello; quarto neto por setimo matrimonio do padre Francisco de Araujo e Sousa, irmão de Gonçalo de Araujo e Sousa, parentes em segundo grau do marquez de Montebello, conde de Amares, e muito proximo de D. Anna de Brito, mulher D. Pedro Gomes de Abreu, donatario de Regalados, e de Pedro de Araujo de Vasconcellos, senhor do couto de Gnandive, de Bal-

thasar de Araujo e Sousa, senhor do castello de Lindoso, de Pedro de Araujo e Sousa, commendador de Ansemil, da ordem de Malta; quinto neto de Sebastião Rodrigues de Araujo, e de D. Joanna Dias Rebello; sexto neto de Rodrigo Alves de Araujo, fidalgo da casa real; setimo neto de Alvaro Rodrigues de Araujo, commendador que foi de Rio-frio, da ordem de Christo, fidalgo da casa real; oitavo neto de Paio Rodrigues de Araujo, senhor de Araujo e Lobios, do concelho de Guindive, Goncide e Valle de Poldres.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Pereiras, no segundo as dos Camisões, no terceiro as dos Sousas, e no quarto as dos Araujos.—Br. p. a 2 de dezembro de 1799. Reg. no Cart. da N., liv. VI, fl. 108 v.

(C. C.)

1433. José Antonio Pinto de Gouvea, cavalleiro professo na ordem de S. Bento de Aviz, tenente coronel de infanteria, e governador da praça de Cacheu; filho de Antonio José de Gouvea, ajudante de infanteria auxiliar do terço de Pinhel, e de sua mulher D. Margarida Thereza Pinto; neto pela parte paterna de Manuel de Gouvea, tenente de infanteria paga do regimento de Almeida, e de sua mulher D. Francisca de Gouvea; e pela materna de Manuel Pinto Ferreira, tenente do dito regimento, e de sua mulher D. Catharina Pinto.

Um escudo esquartelado; no primeiro e quarto quarteis as armas dos Gouveas, no segundo as dos Pintos, e no terceiro as dos Ferreiras.—Br. p. a 22 de outubro de 1802. Reg. no Cart. da N., liv. VII, fl. 40.

(C. C.)

1434. José Antonio Quaresma, monteiro-mór e juiz dos orphãos proprietario da villa da Louzã; filho de Manuel Lopes Quaresma, e de sua mulher Sebastiana Nunes Pereira; neto paterno de Antonio Lopes, e de Maria Quaresma Ferreira; bisneto de Antonio Ferreira, e de outra Maria Quaresma, e por esta terceiro neto de Antonio Quaresma, e de sua mulher Antonia Dias da Costa; quarto neto de Pedro Quaresma, cavalleiro fidalgo da casa real, e de sua mulher Maria Cortes; quinto neto de João Quaresma, que teve o mesmo foro, os quaes foram legitimos descendentes de João Lopes, criado da princeza D. Joanna, a quem foram concedidas as armas d'esta familia dos Lopes, e dos Quaresmas, tambem muito distincta.

As armas dos Lopes e Quaresmas.—Br. p. a 17 de junho de 1761. Reg. no Cart. da N., liv. particular, fl. 128 v.

(C. C.)

1435. José Antonio Rebello da Silva e Oliveira, bacharel formado na faculdade de leis pela Universidade de Coimbra, e cavalleiro professo na ordem de Sant'Iago da Espada; filho de José Rebello da Silva, e de D. Maria Thereza de Oliveira; neto paterno de Manuel Rebello, e de D. Michaela Francisca da Silva; e materno de Custodio de Oliveira, e de D. Thereza de Araujo, todos da cidade de Braga.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Rebellos, no segundo as dos Silvas, no terceiro as dos Oliveiras, e no quarto as dos Araujos.—Br. p. a 7 de dezembro de 1805. Reg. no Cart. da N., liv. VII, fl. 108.

(C. C.)

1436. José Antonio Ribeiro da Motta, presbytero do habito de S. Pedro, capellão fidalgo da casa real, professo na ordem de Christo, inquisidor apostolico da Inquisição de Coimbra, desembargador da Relação do Porto, arcediago da Sé primacial de Goa, no estado da India, natural da villa de Ferreira, comarca de Thomar; filho de Manuel Ribeiro, e de D. Francisca Ferreira; neto pela parte paterna de Thomaz Ribeiro, e de Isabel Dias; e pela materna de Manuel Gonçalves, e de D. Catharina Ferreira da Motta.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Ribeiros, no segundo as dos Dias, no terceiro as dos Gonçalves, e no quarto as dos Ferreiras. — Br. p. a 20 de agosto de 1776. Reg. no Cart. da N., liv. II, fl. 110.

(C. C.)

1437. José Antonio Rodrigues Villarinho da Cruz Gondim, natural e morador na cidade de Lisboa, filho de Pedro Antonio Rodrigues, procurador proprietario do juizo das Capellas da corôa, e de sua mulher D. Josepha Thereza Rosa Villarinho da Cruz; neto pela parte paterna de Julião Rodrigues, e de sua mulher D. Olaia Pires; e pela materna de Sebastião de Villarinho da Cruz, e de sua mulher D. Maria Josepha Pinto.

Um escudo partido em pala; na primeira as armas dos Rodrigues, e na segunda as dos Gondins. — Br. p. a 5 de março de 1785. Reg. no Cart. da N., liv. III, fl. 186 v.

(C. C.)

1438. José Antonio de Sá (Doutor), oppositor ás cadeiras da Universidade de Coimbra, socio correspondente da real Academia das Sciencias, juiz de fóra da villa de Moncorvo, e natural da cidade de Bragança; filho de Luiz Francisco de Sá, e de sua mulher D. Catharina Rosa de Castro; neto pela parte paterna de Francisco de Sá, e de sua mulher D. Anna da Paz; e pela materna de Manuel de Passos Furtado, e de sua mulher D. Isabel de Castro.

Um escudo partido em pala; na primeira as armas dos Sás, e na segunda as dos Castros. — Br. p. a 18 de agosto de 1784. Reg. no Cart. da N., liv. III, fl. 153.

(C. C.)

1439. José Antonio Sanches Brandão de Barbosa e Silva, da cidade do Porto, filho do doutor Manuel Brandão da Silva, cavalleiro da ordem de Christo, juiz de fóra que foi de Villa-real, ouvidor na terra da Feira, e actualmente superintendente das Decimas no concelho de Refoios, e de sua mulher D. Maria de Barbosa Leam; neto pela parte paterna de Simeão Ribeiro da Silva, e de sua mulher Maria da Ascenção Brandão; e pela materna de Gervasio Ferreira de Leam, e de sua mulher Maria Barbosa.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Silvas, no segundo as dos Brandões, no terceiro as dos Ferreiras, e no quarto as dos Barbosas. — Br. p. no 1.º de julho de 1775. Reg. no Cart. da N., liv. II, fl. 69.

(C. C.)

1440. José Antonio Saraiva Cotrim de Carvalho e Vasconcellos, natural da quinta da Eira, freguezia de Payo Mendes, termo da villa de Dornes, comarca de Thomar, capitão-mór da mesma villa; filho de Manuel Camello de Carvalho, capitão-mór da dita villa, e de sua mulher D. Maria Josepha Perpetua Cotrim Saraiva de Carvalho; neto paterno de Manuel Camello Gueifão, e de Gerarda Camello de Carvalho; neto materno de Antonio Saraiva de Mattos, e de sua mulher Maria Carvalho.

As armas dos Camellos, Carvalhos, Cotrins, e Vasconcellos. — Br. p. a 6 de agosto de 1753. Reg. no Cart. da N., liv. particular, fl. 62.

(C. C.)

1441. José Antonio da Silva Brandão de Abreu Freire, da freguezia de Santa Marinha de Avanca, comarca da Feira, bispado do Porto; filho de Manuel da Silva Brandão, e de sua mulher D. Joanna Angelica de Abreu Freire; neto pela parte paterna de Manuel da Silva Brandão, e de sua mulher D. Maria Vaz; bisneto de Salvador da Silva Brandão, e de sua mulher D. Adriana André; e pela materna neto do doutor Custodio Paes Valente, e de sua mulher D. Jeronyma Bernarda de Abreu Freire; e bisneto de Antonio Lourenço de Abreu Freire, e de sua mulher D. Bernarda Maria Freire da Rocha.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Silvas, no segundo as dos Brandões, no terceiro as dos Abreus, e no quarto as dos Freires. — Br. p. a 17 de maio de 1790. Reg. no Cart. da N., liv. IV, fl. 165.

(C. C.)

1442. José Antonio de Sousa, morador na villa de Barcellos, filho de Francisco Ferreira, e de sua mulher Maria de Sousa; neto pela parte materna de Domingos Lopes, e de sua mulher Maria de Sousa.

Um escudo partido em pala; na primeira as armas dos Sousas, e na segunda as dos Meirelles. — Br. p. a 28 de setembro de 1795. Beg. no Cart. da N., liv. v, fl. 86.

(C. C.)

1443. José Antonio de Sousa Basto, visconde da Trindade, commendador das ordens de Christo, e de Isabel a Catholica, cavalleiro da muito nobre ordem da Torre e Espado do valor, lealdade e merito, e presidente da Camara municipal do Porto; filho de Joaquim de Oliveira e Sousa, e de sua mulher D. Thereza Maria e Sousa; neto materno de Francisco José Basto, e de sua mulher D. Maria José Basto.

Um escudo com as armas dos Sousas. — Br. p. a 21 de agosto de 1853. Reg. no Cart. da N., liv. VIII, fl. 367 v.

(C. C.)

1444. José Antonio Tavares de Carvalho, natural do logar da Maruja, termo de Cea, comarca da Guarda, capitão do segundo regimento de milicias da referida comarca; filho de Antonio de Fontes Madeira, e de sua mulher Engracia Maria Tavares de Carvalho; neto pela parte materna do capitão Manuel Tavares de Carvalho, e de sua mulher D. Marianna Bernardes; bisneto pelo mesmo lado de Antonio Tavares de Carvalho, e de sua mulher Magdalena Alvares; terceiro neto de Affonso Tavares de Carvalho, e de sua mulher D. Maria Antunes; quarto neto de Antonio Tavares de Carvalho, e de sua mulher D. Maria Pinheiro Soares.

Um escudo partido em pala; na primeira as armas dos Tavares, na segunda as dos Carvalhos. — Br. p. a 4 de janeiro de 1798. Reg. no Cart. da N., liv. VI, fl. 56 v.

(C. C.)

1445. José Antonio Taveira de Magalhães, morador na sua quinta da Boa-vista, freguezia de S. José de Godi, termo da villa de Santa Martha, comarca de Villa-real; filho de José Taveira de Magalhães, e de sua mulher D. Angelica Theodora Delphina Pinto de Azevedo; neto por parte paterna de José Rebello da Costa, e de sua mulher D. Luzia Correa de Sousa Taveira de Magalhães; e materno de Alexandre Guedes Caetano, e de sua mulher D. Thereza Josepha Caetana Pinto de Azevedo.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Taveiras, no segundo as dos Magalhães, no terceiro as dos Pintos, e no quarto as dos Azevedos. — Br. p. a 29 de outubro de 1800. Reg, no Cart. da N., liv. VI, fl. 143 v.

(C. C.)

1446. José Antonio Teixeira Pinto, capitão de infanteria do regimento da praça de Setubal, e n'ella morador, fidalgo cavalleiro da casa real; filho do capitão de cavallos Bernardo Teixeira Pinto, a quem se passou brazão das armas d'estas familias a 23 de fevereiro de 1752, e de sua mulher D. Isabel Joanna; neto paterno de Manuel Cardoso de Carvalho, e de sua mulher Sebastiana Teixeira Pinto; bisneto de Diniz Lourenço, e de sua mulher Isabel de Carvalho, e pela dita Sebastiana Teixeira Pinto é tambem bisneto de Gonçalo Teixeira Pinto; terceiro neto de Luiz Teixeira Pinto; quarto neto de Marcos Pinto, e quinto neto de Beatriz Teixeira, irmã legitima de Ayres Pinto Teixeira, com-

mendador de Anciães, a quem se passou brazão de armas das familias de seus appellidos; neto materno de Antonio de Araujo Carneiro, e de sua mulher Anna Ferreira, filha de Gaspar Ferreira, e de sua mulher Isabel Fernandes; bisneto de Ignacio da Costa, e de sua mulher Marianna Carneiro.

As armas dos Pintos, e Teixeiras.—Br. p. a 22 de julho de 1758. Reg. no Cart. da N., liv. particular, fl. 117 v.

(C. C.)

1447. José Antonio Teixeira Vaz Sousa, natural da villa de Fontes, bispado do Porto, proprietario, filho de Manuel Teixeira, proprietario, e de sua mulher D. Dionysia Maria de Sousa; neto paterno de José Manuel de Almeida, proprietario, e de sua mulher D. Anna da Cunha e Almeida, e materno de Antonio Alves Vaz, e de sua mulher D. Maria Alves de Sousa.

Um escudo partido em pala; na primeira as armas dos Teixeiras, e na segunda as dos Sousas. — Br. p. a 18 de janeiro de 1856. Reg. no Cart. da N., liv, IX, fl. 7.

(C. C.)

1448. José Antonio Telles Pamplona Coronel, segundo tenente do real corpo de engenheiros, e lente do primeiro anno de mathematica da cidade de Angra na ilha Terceira, filho de Antonio Telles Pamplona Coronel, e de sua mulher D. Innocencia Jordão; neto por parte paterna de Lourenço Antonio Telles Pamplona Coronel, e de sua mulher D. Thereza de Jesus Pamplona, e por parte materna de Manuel Antonio de Sousa, fidalgo escudeiro da casa real, e de sua mulher D. Maria de Sousa.

Um escudo, e n'elle as armas dos Coroneis.—Br. p. a 21 de novembro de 1818. Reg. no Cart. da N., liv. VIII, fl. 18.

(C. C.)

1449. José Antonio da Veiga (Bacharel), natural da freguezia de S. Sebastião da villa de Maceira, bispado de Viseu, juiz de fora que foi da villa de Recardaes, filho de José Luiz da Veiga, e de D. Francisca Maria; neto pela parte paterna de Manuel da Veiga, e de D. Maria Nunes, e pela materna de Francisco João, e de D. Maria Domingues.

Um escudo com as armas dos Veigas.—Br. p. a 19 de dezembro de 1774. Reg. no Cart. da N., liv. II, fl. 47.

(C. C.)

1450. José de Araujo Rozo, cavalleiro professo na ordem de Christo, e tenente coronel do regimento de milicias da cidade do Pará; filho do coronel João de Araujo Rozo, e de sua mulher D. Jacinta Thereza da Costa; neto paterno de Manuel de Araujo Rozo, e de sua mulher D. Marianna Francisca; neto materno de José da Costa, cavalleiro da ordem de S. Tiago, e de sua mulher D. Isabel Maria Pinto; bisneto paterno de Custodio de Araujo, e de sua mulher D. Maria de Araujo.

Um escudo partido em pala; na primeira as armas dos Araujos, e na segunda as dos Costas. — Br. p. a 8 de setembro de 1819. Reg. no Cart. da N., liv. VIII, fl. 46 v.

(C. C.)

1451. José Arnau de Almeida Serra, cavalleiro professo na ordem de Christo, filho de Simão Thomaz da Serra, tio de Manuel da Serra, tenente general que foi n'esta côrte, pae de José da Serra, governador do Grão-Pará e Maranhão; e pela materna neto de Belchior Henriques Arnau, e de Barbara da Cunha e Brito, filha de Simão da Cunha de Brito; bisneto de João Negrão Arnau, irmão de Salvador Neto Arnau, capitão-mór da mesma villa, e de Belchior Henriques Arnau, alcaide-mór de Cezimbra; terceiro neto de Belchior Henriques, e terceiro neto tambem de Antonio de Oliveira, irmão do padre Gas-

par Carneiro, instituidor do vinculo que possuiu o mesmo supplicante, que na egreja de Miranda do Corvo tem sua sepultura.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Almeidas, no segundo as dos Serras, no terceiro as dos Arnaus, e no quarto as dos Carneiros. — Br. p. a 20 de dezembro de 1771. Reg. no Cart. da N., liv. I, fl. 165 v.

(*C. C.*)

1452. José Arouche de Toledo Rendon (Bacharel), mestre de campo do segundo terço auxiliar de Serra-acima, da capitania de S. Paulo, d'onde é natural; filho de Agostinho Delgado Arouche, cidadão da mesma cidade, guarda-mór das terras e aguas mineraes da villa de Pernaiba, e mestre de campo do terço auxiliar da villa de Pernagua, da mesma capitania, e de D. Maria Thereza de Araujo Rendon; neto por parte paterna do sargento-mór Francisco Nabo Freire, e de D. Anna Pires de Barros; neto pela parte materna de Diogo de Toledo Lara, capitão-mór que foi e regente das minas de Paranampanema, que descobriu á sua custa, e de D. Angela de Sequeira Rendon Quevedo; bisneto por parte paterna de João de Toledo Castelhanos, e de D. Maria de Lara, filha de Lourenço Castanho Taques, governador que foi da leva do descobrimento das Minas-geraes, pelo que recebeu honrosissimas cartas do senhor rei D. Pedro II, e de D. Maria de Lara; terceiro neto pelo mesmo lado de D. Simão de Toledo Piza, natural da cidade de Angra, d'onde depois de militar nas armadas e presidios de Castella se passou para a referida cidade de S. Paulo, onde foi o tronco e chefe da familia do seu appellido, e de D. Maria Pedrosa; quarto neto pelo mesmo lado de outro D. Simão de Toledo Piza, governador que foi do castello de S. Filippe da cidade de Angra, e de D. Garcia da Fonseca Rodovalho; quinto neto pelo mesmo lado de D. João de Toledo Piza, fidalgo da illustrissima casa de Silva de Tormes, duques de Alva e condes de Orepeza, e de D. Anna Castelhanos; bisneto por parte materna de D. Francisco Mattheus Rendon, e de D. Maria de Araujo, filha de D. Pedro Taques de Almeida, fidalgo da casa real, capitão-mór, governador e alcaide-mór da capitania de S. Vicente e S. Paulo, e administrador geral das aldeias do real padroado da mesma capitania, e de D. Angela de Sequeira; terceiro neto de D. Pedro Mattheus Rendon, e de D. Maria Moreira Cabral; quarto neto de D. João Mattheus Rendon, illustre fidalgo da cidade de Coria no reino de Leão, d'onde se passou com dois irmãos para o Brazil, militando na armada de Castella, que com a de Portugal foi restaurar a cidade da Bahia do poder dos hollandezes, em praça de soldados, vencendo tres escudos, além do soldo, e d'alli se passou á mencionada cidade de S. Paulo, onde depois de estabelecido levantou á sua custa uma companhia de infanteria para a restauração de Pernambuco, e de D. Maria Bueno da Ribeira, filha de Amador Bueno da Ribeira, capitão-mór e governador da capitania de S. Vicente e S. Paulo, e na mesma ouvidor, e provedor da Fazenda real; quinto neto de D. Pedro Mattheus Rendon, fidalgo de vingar quinhentos soldos, segundo o foro de Hespanha, e regedor que foi das Justiças pelo estado de fidalgo da villa de Ocanha, e de D. Magdalena Clemente de Alarcão Cabeça de Vacca.

Um escudo partido em pala; na primeira as armas dos Toledos, e na segunda as dos Rendons. — Br. p. a 22 de outubro de 1796. Reg. no Cart. da N., liv. V, fl. 154.

(*C. C.*)

1453. José de Assis Portugal Taveira de Sousa Guedes Pinto Mourão Leitão de Almeida, filho do capitão José Manuel de Taveira, e de sua mulher D. Maria de S. Bento Teixeira de Sousa; neto materno de Lourenço Guedes de Sousa Pinto Mourão, capitão-mandante do regimento de infanteria da guarnição da praça de Chaves, e administrador do morgado de Nossa Senhora da Conceição de Villa-pouca de Aguiar da Penha, provincia de Traz-os-montes; bisneto de Lucas Guedes Pinto, e de sua mulher D. Maria de Sousa Chaves, instituidores do dito morgado; terceiro neto de Manuel Guedes Pinto, senhor do antigo morgado e capella de Santo Antonio de Senha-ana, e familiar do Santo

Officio do numero, e de D. Isabel Affonso; e a sua bisavó materna D. Maria de Sousa Chaves foi filha de Balthasar Alvares Mourão, familiar do Santo Officio, e de D. Maria de Sousa Chaves, da antiga casa de Buxeiro.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Sousas, no segundo as dos Taveiras, no terceiro as dos Guedes, e no quarto as dos Pintos. — Br. p. 15 de julho de 1807. Reg. no Cart. da N., liv. VII, fl. 188 v.

(C. C.)

1454. José Baião Barahona, filho de Antonio Pereira de Vilhena, e de sua mulher D. Margarida Martins Januaria de Barahona; neto paterno de Francisco Pereira de Vilhena, e de sua mulher D. Caetana das Neves; neto materno de Manuel Baião de Barahona, e de Caetana Januaria; e a dita sua mãe era irmã de Domingos Martins Januario de Barahona, pae de Manuel Martins Cebolinho, a quem se passou brazão em 21 de julho de 1710.

As armas dos Barahonas. — Br. p. a 9 de agosto de 1754. Reg. no Cart. da N., liv. particular, fl. 76 v.

(C. C.)

1455. José Baptista Pimenta Correa, morador na sua quinta de Villar, termo da villa de Tondella, comarca de Viseu; filho do doutor Thomaz Marques Pimenta, natural do logar de Villar, um dos principaes moradores d'elle, filho de Antonio Marques Pimenta, administrador de um antigo vinculo que lhe proveiu de seus ascendentes, e de sua mulher D. Maria Baptista; e a mãe d'elle supplicante mulher do doutor Thomaz Marques Pimenta, foi D. Agueda Maria Pimenta Correa, filha de Miguel João Pimenta, fidalgo da casa real, e de sua mulher D. Esperança Correa.

Um escudo partido em pala; na primeira as armas dos Pimentas, e na segunda as dos Correas. — Br. p. a 6 de junho de 1787. Reg. no Cart. da N., liv. IV, fl. 8 v.

(C. C.)

1456. José Barbosa de Oliveira (Bacharel), natural da cidade de S. Salvador da Bahia de todos os Santos, filho do capitão Antonio Barbosa de Oliveira, e de sua mulher D. Anna Maria Barbosa; neto pela parte paterna do capitão de mar e guerra João Barbosa de Oliveira, e de sua mulher D. Anna Ignacia de Oliveira, e pela materna de Manuel de Sousa e Castro, e de sua mulher D. Maria da Silva Costa.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Barbosas, no segundo as dos Oliveiras, no terceiro as dos Sousas, e no quarto as dos Castros. — Br. p. a 12 de dezembro de 1776. Reg. no Cart. da N., liv. II, fl. 119.

(C. C.)

1457. José Basilio da Gama, natural da freguezia de Santo Antonio da villa de S. José do rio das Mortes, estado do Brazil; filho do capitão-mór Manuel da Costa Villasboas, e de sua mulher D. Quiteria Ignacia da Gama, filha do capitão Luiz de Almeida, e de sua mulher D. Helena Josepha da Gama, a qual era legitima descendente da familia do appellido de Gamas d'este reino, por seu pae, que pela sua distincta qualidade e nobreza, e ser das principaes pessoas da villa da Colonia, chegara a ser n'ella governador.

Um escudo com as armas dos Gamas — Br. p. a 10 de julho de 1771. Reg. no Cart. da N., liv. I, fl. 155 v.

(C. C.)

1458. José Bento Bernardes Machado de Lima, filho de João Machado de Lima, e de sua mulher Josepha Maria Bernardes; neto pela parte paterna de Antonio Machado de Lima, e de sua mulher D. Maria de Oliveira; neto pela parte materna de José de Menezes Bernardes, e de sua mulher D. Maria Luiza.

Um escudo esquartelado; no primeiro e quarto quarteis as armas dos Machados, no segundo as dos Limas, e no terceiro as dos Menezes. — Br. p. a 5 de setembro de 1795. Reg. no Cart. da N., liv. v, fl. 80 v.

(C. C.)

1459. José Bento Rodrigues de Abreu Magalhães Sousa e Vasconcellos, filho de Francisco Rodrigues de Abreu, familiar do Santo Officio, e de sua mulher Senhorinha Bernarda da Silva; neto de Manuel Rodrigues, e de sua mulher Paula Gonçalves; bisneto de Cosme Rodrigues de Abreu, e de sua mulher Maria Mendes.

As armas dos Abreus, Magalhães, Sousas, e Vasconcellos. — Br. p. a 22 de março de 1755. Reg. no Cart. da N., liv. particular, fl. 85.

(C. C.)

1460. José Bento de Sequeira Henriques de Ayala-mór, filho de Rodrigo de Sequeira Henriques, senhor do dito morgado, e de sua mulher D. Jacinta Caetana Sarmento; neto pela sua varonia de Gomes Henriques de Sequeira, senhor do dito morgado, capitão-mór da dita villa, e cavalleiro da ordem de Christo, e de sua mulher D. Lourença Josepha Coelho da Silva; bisneto de Antonio de Sequeira Henriques, senhor do dito morgado, e de sua mulher D. Bernarda de Azevedo Osorio; terceiro neto de Ruy Gomes Henriques, capitão das ordenanças da dita villa, senhor do mesmo morgado, e de sua mulher D. Magdalena de Sequeira; quarto neto de Gomes Henriques, fidalgo cavalleiro que serviu na India, e em Malaca, e voltando ao reino fundou o dito morgado e casa, em que mandou pôr sobre a porta do pateo as armas dos Henriques no anno de 1567; quinto neto de João Henriques, fidalgo cavalleiro da casa real, e de sua mulher Francisca Leitão, que jazem ambos em Santo Antonio da Carnola, em sepultura propria; sexto neto de Garcia Henriques, que teve o mesmo foro, e jaz com sua mulher na dita sepultura; setimo neto de João Henriques, que teve o foro de seus paes e avós, e de sua mulher Branca Nunes; oitavo neto de Luiz Henriques, senhor do morgado dos Mingoas, no Bombarral, que teve o foro de fidalgo escudeiro, e de sua mulher Ignez Martins; nono neto de Gomes Henriques, senhor do dito morgado, e de sua mulher Catharina Affonso Correa, elle filho de Luiz Henriques, escudeiro e vassallo do senhor rei D. João i, e um dos vinte de cavallo que defenderam Lisboa no cerco que lhe pôz o rei D. João i de Castella, e ella filha de Affonso Vasques Correa, reposteiro-mór da infanta D. Isabel, e de sua mulher Maria Mingoa.

Um escudo com as armas dos Henriques. — Br. p. a 7 de maio de 1769. Reg. no Cart. da N., liv. i, fl. 97.

(C. C.)

1461. José Bernardes Branco Ribeiro de Carvalho, cavalleiro da ordem de Christo, filho de Salvador Fernandes Branco, e de sua mulher Maria Ribeiro Bernardes; neto pela parte paterna de Domingos Gonçalves Branco, e de sua mulher Isabel Fernandes; e pela materna neto de Antonio Ribeiro Bernardes, e de sua mulher Antonia de Sousa de Carvalho de Cavalleiros.

As armas dos Ribeiros, e Carvalhos. — Br. p. a 18 de maio de 1763. Reg. no Cart. da N., liv. particular, fl. 136.

(C. C.)

1462. José Bernardo de Almeida de Barros, da villa de Vouzella, concelho de Lafões, comarca de Viseu; filho de João de Almeida Ferreira, e de sua mulher D. Maria Engracia de Barros e Seixas; neto pela parte paterna de Manuel Thomé Homem, e de sua mulher Joanna de Almeida; e pela materna do bacharel Domingos de S. Joaquim de Sequeira Homem e Loureiro, sargento-mór que foi do concelho de Ferreira de Aves, governador interino da praça de Almeida, no tempo da guerra da liga, e de sua mulher D. An-

tonia de Barros e Seixas; bisneto do capitão-mór da villa de Ancemil João Rodrigues de Sequeira e Loureiro, e de sua mulher D. Isabel da Rocha e Montanha.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Sequeiras, no segundo as dos Barros, no terceiro as dos Loureiros, e no quarto as dos Seixas.—Br. p. a 29 de abril de 1776. Reg. no Cart. da N., liv. II, fl. 93.

(C. C.)

1463. José Bernardo da Fonseca Galvão (Presbytero), natural da capitania de Pernambuco, filho do capitão de infanteria Cypriano Lopes da Fonseca Galvão, e de sua mulher D. Maria de Vasconcellos Viveiros; neto pela parte paterna de Manuel da Fonseca Jayme, capitão-mór e governador que foi da capitania do Ceará-grande, e de sua mulher D. Maria de Proença; bisneto de Manuel Lopes Galvão, mestre de campo do regimento da cidade de Olinda, e um dos restauradores d'aquella capitania na expulsão dos hollandezes, em cuja guerra serviu com o posto de capitão de infanteria; e pela materna neto do capitão João Nunes Baião, e de sua mulher D. Felicia de Vasconcellos.

Um escudo ovado e esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Galvões, partidas em pala, no segundo as dos Fonsecas, no terceiro as dos Vasconcellos, e no quarto as dos Viveiros.—Br. p. a 29 de abril de 1768. Reg. no Cart. da N., liv. I, fl. 73 v.

(C. C.)

1464. José Bernardo da Fonseca e Sousa, sargento-mór das ordenanças da villa e concelho de Longroiva, filho do capitão das ordenanças do dito concelho, Caetano da Fonseca e Sousa, pessoa das principaes e da governança da mesma villa e concelho; filho de Antonio da Fonseca Escovar, capitão-mór das ordenanças do dito concelho, e de sua mulher Joanna da Costa; neto paterno de Estevão da Fonseca de Escovar, e de sua mulher Maria de Deus e Gamboa; neto materno do doutor Domingos Martins Raposo, e de sua mulher Maria da Costa.

Um escudo partido em pala; na primeira as armas dos Sousas, e na segunda as dos Fonsecas.—Br. p. a 8 de abril de 1786. Reg. no Cart. da N., liv. III, fl. 214 v.

(C. C.)

1465. José Bernardo Freixo de Miranda Leite, natural da cidade de Lisboa, filho de José Antonio Freixo de Miranda, e de sua mulher D. Joaquina Thereza da Costa; neto pela parte paterna do capitão João Fernandes Freixo, irmão legitimo do sargento-mór de cavallaria Simão Rebello Martel Leite, avô paterno de Joaquim Rebello Trigueiros Martel da Silva Leite, primo do supplicante, a quem se passou já brazão de armas, e de sua mulher D. Maria da Assumpção Ovelheira; e pela parte materna neto de José da Costa Vermelinho, e de sua mulher Luiza Maria Rouboa, todos pessoas nobres das familias dos appellidos de Rebellos, Mirandas, Trigueiros, e Costas d'este reino, e como taes se tractaram com cavallos, criados, carruagens, e todo o mais tractamento proprio da nobreza, servindo no politico e no militar os logares e postos mais distinctos do governo, sem que em tempo algum commettessem crime de lesa-magestade divina ou humana, com cujo tractamento, gravidade e mais distincções se conservava elle supplicante.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Rebellos, no segundo as dos Mirandas, no terceiro as dos Trigueiros, e no quarto as dos Costas.—Br. p. a 20 de janeiro de 1787. Reg. no Cart. da N., liv. III, fl. 256 v.

(C. C.)

1466. José Bernardo de Macedo Parada, natural do logar da Porcariça, termo da villa de Cantanhede, comarca da cidade de Coimbra; filho legitimo de João Filippe de Macedo, cavalleiro fidalgo da casa real, e de D. Antonia Maria de Sá Pereira, do referido logar da Porcariça; neto pela parte paterna de Bernardo de Macedo, e de Maria Monteiro;

bisneto de Manuel de Macedo Parada, natural de Caparica, termo de Almada, com o mesmo foro de cavalleiro fidalgo; terceiro neto de Francisco de Macedo Coelho.

Um escudo com as armas dos Macedos. — Br. p. a 28 de setembro de 1765. Reg. no Cart. da N., liv. I, fl. 16.

(C. C.)

1467. JOSÉ BORGES LOUSADA SÁ, filho de Domingos de Sá Pinto, senhor e administrador da sua quinta de solar do concelho de Bayão, e de sua mulher Maria Borges Lousada; neto paterno de Manuel Pereira Ribeiro, administrador e senhor que tambem foi da dita quinta, morgado e solar do dito concelho, e de sua mulher Maria de Sá; bisneto de Manuel Simões, senhor da casa de Basto do Outeiro; neto materno de Nuno Pereira, senhor do morgado de Moura-morta; bisneto de Pedro Borges Lousada, senhor e administrador do mesmo morgado de Moura-morta.

As armas dos Sás Pereiras, Borges, e Lousadas. — Br. p. a 30 de março de 1751. Reg. no Cart. da N., liv. particular, fl. 13 v.

(C. C.)

1468. JOSÉ BORGES PINTO DE CARVALHO, fidalgo cavalleiro da casa real, e proprietario; filho de Felix Manuel Borges Pinto de Carvalho e Affonseca, fidalgo cavalleiro da casa real, e de sua mulher D. Rita Ricardina Pereira Pinto; neto paterno de João de Carvalho Pinto d'Affonseca Borges, e de sua mulher D. Anna da Purificação Branco; bisneto de Felix Manuel Borges de Carvalho Pinto d'Affonseca; oitavo neto pelo mesmo lado de Christovão da Fonseca da Silva, cavalleiro fidalgo da casa real, cavalleiro professo da ordem de Christo, a quem se passou brazão de armas a 20 de fevereiro de 1409.

Um escudo partido em pala; na primeira as armas dos Affonsecas, e na segunda as dos Borges. — Br. p. a 25 de abril de 1864. Reg. no Cart. da N., liv. IX, fl. 65.

(C. C.)

1469. JOSÉ DE BRITO ALVELLOS VIEIRA DE ARAUJO, capitão de infanteria do regimento de Vianna, natural da freguezia de Fonte-arcada, concelho de Lanhoso, comarca de Guimarães; filho de Verissimo Antonio Vieira de Araujo Sousa Pedrosa, cavalleiro professo na ordem de Christo, natural da cidade de Braga, e de sua mulher D. Constança de Brito Alvellos; neto paterno de Miguel Vieira de Araujo e Sousa, e de sua mulher D. Cypriana Pedrosa; e materno de José de Brito Alvellos, tenente de infanteria do regimento de Valença, e de sua mulher D. Monica Alvellos Vieira.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Vieiras, no segundo as dos Araujos, no terceiro as dos Sousas, e no quarto as dos Alvellos. — Br. p. a 15 de janeiro de 1804. Reg. no Cart. da N., liv. VII, fl. 62.

(C. C.)

1470. JOSÉ DE BRITO GUERREIRO MASCARENHAS E ABOIM, cavalleiro professo na ordem de Sant'Iago da Espada, e capitão da companhia de cavallaria das ordenanças da villa de Alagoa; filho de Antonio de Brito Correa Mascarenhas de Aboim, sargento-mór de milicias, e de sua mulher D. Maria Michaela de Brito e Costa; neto por parte paterna de José de Brito Guerreiro Correa Mascarenhas de Aboim, alferes que foi do regimento de cavallaria de Olivença, e de sua mulher D. Antonia Correa Mascarenhas; bisneto de Bruno Gomes de Brito Guerreiro Correa Mascarenhas de Aboim, capitão que foi do dito regimento de cavallaria de Olivença, fidalgo da casa real, e de sua mulher D. Isabel Gomes; terceiro neto de Rodrigo de Brito Guerreiro Correa Mascarenhas e Aboim, tambem cavalleiro e instituidor de dois morgados, dos quaes administra um o referido pae do supplicante, e o outro seu tio Alberto Antonio, capitão-mór da cidade de Tavira, no qual deve succeder o mesmo supplicante, e de sua mulher D. Maria Guerra Correa.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Britos, no segundo as dos Correas, no terceiro as dos Mascarenhas, e no quarto as dos Aboins.—Br. p. a 9 de dezembro de 1801. Reg. no Cart. da N., liv. VI, fl. 184 v.

(C. C.)

1471. José Caetano Carneiro, cavalleiro professo na ordem de S. Bento de Aviz, capitão do regimento de artilheria do reino de Angola; filho de Antonio dos Santos Carneiro, e de sua mulher D. Thereza Isabel; neto pela parte paterna de Domingos Carneiro, e de sua mulher D. Domingas dos Santos; neto pela parte materna de João Manuel, e de sua mulher D. Lourença Jorge.

Um escudo e n'elle as armas do appellido de Carneiro.—Br. p. a 26 de maio de 1798. Reg. no Cart. da N., liv. VI, fl. 20 v.

(C. C.)

1472. José Caetano da Fonseca Cabral de Mesquita, cavalleiro da ordem de Christo, morgado da Ribeira dos Moinhos, no termo da villa de Montemór o velho, administrador da capella da Portella, no termo d'esta cidade de Lisboa, e natural da freguezia de S. Bartholomeu da Charneca; filho de José Caetano da Fonseca Cabral de Mesquita, e de sua mulher D. Brigida Maria Thereza Rasa, administradores que foram do dito morgado e capella; neto pela parte paterna de Francisco Cabral de Mesquita, cavalleiro fidalgo da casa real, e de sua mulher D. Thereza Luiza de Castro; e pela materna neto de Francisco Alvares Pereira, e de sua mulher D. Marianna Thereza do Espirito Santo.

Um escudo esquartelado; no primeiro as armas dos Cabraes, no segundo as dos Mesquitas, no terceiro as dos Fonsecas, e no quarto as dos Castros.—Br. p. a 13 de julho de 1772. Reg. no Cart. da N., liv. I, fl. 179.

(C. C.)

1473. José Caetano de Lima, cavalleiro professo na ordem de S. Bento de Aviz, fidalgo da casa real, e chefe de esquadra da real armada; filho do capitão José de Araujo Lima, e de sua mulher D. Francisca das Chagas da Conceição; neto pela parte paterna de João de Araujo Lima, e de sua mulher Antonia do Espirito Santo; neto pela parte materna de Nicolau da Silva e de sua mulher D. Antonia Gonçalves.

Um escudo e n'elle as armas do appellido dos Limas.—Br. p. a 13 de janeiro de 1798. Reg. no Cart. da N., liv. VI, fl. 2 v

(C. C.)

1474. José Caetano Magalhães Sousa Borges Bravo Cabral, alferes de infanteria auxiliar, morador na sua quinta da Cocanha, freguezia de S. Pedro de Croca, termo e comarca de Penafiel; filho de Custodio Luiz de Magalhães, e de sua mulher D. Maria da Ascenção Sousa Borges Bravo Cabral: neto pela parte paterna de João de Sousa Magalhães, e de sua mulher Esperança Luiza; bisneto de Antonio de Sousa Magalhães, e de sua mulher Catharina Vaz; e pela parte materna neto de José da Rocha, e de sua mulher Anna Delgada de Sousa Borges Bravo Cabral, filha de Antonio de Sousa Borges Cabral, e de sua mulher Maria Delgada Pedroso.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Sousas, no segundo as dos Magalhães, no terceiro as dos Borges, e no quarto as dos Bravos.—Br. p. a 25 de agosto de 1785. Reg. no Cart. da N., liv. III, fl. 206 v.

(C. C.)

1475. José Caetano de Paiva Pereira, do conselho de Sua Magestade, fidalgo cavalleiro da casa real, membro do supremo Tribunal de justiça; filho de Francisco José Pereira, medico da camara de Sua Magestade, e de sua mulher D. Antonia Caetana de Paiva;

neto paterno de Daniel Pereira, negociante e proprietario, e de sua mulher D. Brites da Silva; e materno de Antonio José de Paiva, negociante matriculado da praça de Lisboa, e de sua mulher D. Rosa Maria da Silva.

Um escudo partido em pala; na primeira as armas dos Pereiras, e na segunda as dos Paivas. — Br. p. a 17 de setembro de 1834. Reg. no Cart. da N., liv. VIII, fl. 273 v.

(C. C.)

1476. José Caetano Peixoto Lobato (Capitão), natural de Montemór o velho, comarca de Coimbra; filho de José Luiz Gomes Lobato, natural da dita villa, senhor e possuidor do morgado e prazo de Albergaria, e de sua mulher D. Maria Clara Nogueira Galvão Peixoto; neto pela parte paterna de João Gomes Lobato, senhor e possuidor dos mesmos bens, e de D. Maria João Gomes; e pela materna neto de Bernardo Peixoto Godinho, cavalleiro da ordem de Christo, e de D. Isabel Nogueira.

Um escudo esquartelado; no primeiro e quarto quarteis as armas dos Lobatos, no segundo as dos Galvões, no terceiro as dos Peixotos. — Br. p. a 16 de março de 1787. Reg. no Cart. da N., liv. IV, fl. 1.

(C. C.)

1477. José Caetano de Sá Tinoco, capitão de infanteria auxiliar, cavalleiro professo na ordem de Christo, e morador na sua quinta da Neta, extramuros da cidade do Porto; filho de Manuel de Sá Tinoco, e de sua mulher D. Maria Clara de Aguiar; neto pela parte paterna de Manuel de Almeida Paredes, e de sua mulher D. Clara de Sá Tinoco, todos naturaes da dita cidade; neto pela parte materna de Manuel de Oliveira de Aguiar, e de sua mulher D. Marianna Vieira.

Um escudo com as armas dos Tinocos. — Br. p. a 23 de novembro de 1783. Reg. no Cart. da N,, liv. III, fl. 114 v.

(C. C.)

1478. José Cardoso da Fonseca Velloso de Vasconcellos Teixeira da Rocha, natural do logar dos Fornos de Penajoya, termo da cidade de Lamego; filho de Manuel Cardoso da Fonseca Velloso Soeiro de Vasconcellos, cavalleiro professo na ordem de Christo, e de sua mulher D. Joaquina Teixeira da Rocha Sousa e Barbuda; neto pela parte paterna de Antonio Cardoso da Fonseca, e de sua mulher D. Josepha Maria Velloso Soeiro; e pela materna de Antonio Rodrigues, e de sua mulher D. Josepha Maria Teixeira da Rocha Sousa e Barbuda.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Cardosos, no segundo as dos Fonsecas, no terceiro as dos Teixeiras, e no quarto as dos Rochas. — Br. p. a 12 de dezembro de 1786. Reg. no Cart. da N., liv. III, fl. 252.

(C. C.)

1479. José Cardoso Martins de Faria, filho de Domingos Cardoso, neto de Maria Cardoso, e bisneto de outra Maria Cardoso, descendendo todos de Diogo Cardoso, a quem se passou brazão de armas a 2 de dezembro de 1582.

Um escudo com as armas dos Cardosos. — Br. p. a 2 de novembro de 1805. Reg. no Cart. da N., liv. VII, fl. 114.

(G. C.)

1480. José Cardoso de Menezes, tenente do regimento de milicias de Basto, filho natural de Antonio Luiz Cardoso de Menezes Barreto, a quem se passou brazão de armas a 28 de outubro de 1793, e de Maria de Oliveira; neto paterno de Francisco Cardoso de Menezes Barreto, e de sua mulher D. Maria Caetana Osorio de Magalhães Coutinho; bisneto de João Ribeiro Bernardes, e de sua mulher D. Cecilia Cardoso de Menezes Barreto,

filha de Antonio Cardoso de Menezes Barreto, e de sua mulher D. Marianna da Silva, administradores do morgado de Nupreira, junto á villa de Guimarães.

Um escudo esquartelado; no primeiro e quarto quarteis as armas dos Cardosos, no segundo as dos Menezes, e no quarto as dos Barretos. — Br. p. a 1 de agosto de 1809. Reg. no Cart. da N., liv. VII, fl. 224.

(C. C.)

1781. José Cardoso Pinto de Madureira Garcez, cavalleiro professo na ordem de Christo, capitão-mór da cidade de Penafiel; filho do sargento-mór José Pereira Pinto Garcez, cavalleiro da ordem de Christo, cidadão da cidade de Penafiel, e de sua mulher D. Thereza Luiza Cardoso, irmã do desembargador da Relação e casa do Porto o doutor João Luiz Cardoso Pinheiro; neto pela sua varonia de Francisco Garcez da Motta, sargento-mór que tambem foi da mesma cidade de Penafiel, e de sua mulher D. Angela de Meirelles Pereira Pinto; bisneto de Manuel Garcez da Motta, ajudante de infanteria, e cabo commandante de cento e cincoenta homens, que levou da provincia do Minho para a do Alemtejo á sua custa, no tempo da feliz acclamação do senhor rei D. João IV, e depois gentilhomem da embaixada que o mesmo senhor mandou á Rainha da Suecia, em cuja côrte residiu á sua custa no congresso da paz geral que n'ella se celebrou, e de sua mulher D. Maria Luiza Ferreira; terceiro neto de Francisco Garcez da Motta, irmão do doutor Santos Garcez da Motta, enviado pelo dito senhor rei á rainha Christina da Suecia, a quem foi tão afeito que lhe deu um collar de oiro com o seu retrato, e de sua mulher D. Martha Alvares da Silva; quarto neto de Cosme Garcez, fidalgo da casa real, e legitimo descendente de João Garcez, escrivão da fazenda do senhor rei D. João II, a quem deu armas novas e fez fidalgo, em remuneração dos grandes e continuados serviços que lhe tinha feito e a seu pae o senhor rei D. Affonso V nas guerras de Africa, nas tomadas de Tanger, Arzilla e Anafi, e n'este reino na batalha de Touro e mais guerras de Castella.

Um escudo com as armas dos Garcezes. — Br. p. a 16 de outubro de 1782. Reg. no Cart. da N., liv. III, fl. 70.

(C. C.)

1482. José Cardoso Pires de Tavora, natural da cidade do Porto, filho do doutor João Alvares Cardoso, e de sua mulher D. Clara Angelica Leal; neto paterno de João Rodeiro Cardoso de Moura, e de sua mulher Paschoa Alvares; bisneto de Gonçalo Francisco Gomes, e de sua mulher Maria Guiomar de Moura; terceiro neto de Gaspar Rodeiro Cardoso, e de sua mulher Maria Rodeiro; quarto neto de Aleixo Cardoso, morador que foi na sua quinta de Cardoso, solar d'esta familia; neto materno do doutor João Pires Leal, e de sua mulher D, Catharina Maria Rosa; bisneto de Gaspar Pires, e de sua mulher Comba Fernandes; terceiro neto de Gaspar Pires de Tavora, e de sua mulher Comba de Vilhena, moradores que foram em Vilhena, em Traz os montes; quarto neto de Luiz Alvares de Tavora.

As armas dos Cardosos, e Tavoras. — Br. p. a 27 de julho de 1752. Reg. no Cart. da N., liv. particular, fl. 40 v.

(C. C.)

1483. José Carneiro Machado Castello-branco (Doutor), fidalgo cavalleiro da casa real, e cidadão dos da governança do Senado da camara da cidade do Porto; filho de Manuel Carneiro Machado Castello-branco, e de D. Clara Thereza Correa de Barros, filha de José Correa de Barros Sousa Montenegro, e de D. Maria Thereza de Mello; neto pela sua varonia do sargento-mór Amador Carneiro Barroso de Carvalho e Menezes, fidalgo cavalleiro da casa real, e de D. Brigida Machado de Araujo Castello-branco; bisneto do mestre de campo Duarte Carneiro Machado de Carvalho e Menezes, tambem fidalgo cavalleiro da casa real, commendador da ordem de Christo, e senhor de Villa-boa, e de D. Clara

Luiza de Vilhena e Castro; e a dita sua avó D. Brigida Machado de Araujo Castello-branco se mostrava que fôra filha legitima do capitão-mór José Machado de Araujo Castello-branco, professo na ordem de Christo, com o mesmo foro de fidalgo cavalleiro da casa real, e neta de Manuel de Abreu Castello-branco, que casou com D. Anna Machado, filha de Francisco Machado, segundo senhor de Entre-Homem e Cavado e da Louzã, e de D. Anna de Azevedo, filho e nora de Pedro Machado, primeiro senhor de Entre-Homem e Cavado, legitimo descendente do conde D. Osorio de Cabreira e Ribeira, solar da nobre familia de Machados; e pela parte paterna do dito seu avô Carneiro Barroso, era elle supplicante legitimo descendente da casa da torre de Pedraça, sita em Refoios de Basto, solar da serenissima casa de Bragança, por via da senhora D. Leonor de Alvim, e de sua filha a senhora D. Isabel, primeira duqueza, e do condestavel D. Nuno Alvares Pereira; e assim nobilissimo por si e seus passados, que todos foram fidalgos de esclarecida nobreza, e lhe pertencem os mesmos appellidos e armas de que usaram, como são : Carneiros, Machados, Barrosos, Castellos-brancos, Mellos, Abreus, Sousas, Correas, Montenegros, Araujos, Castros e outros.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Carneiros, no segundo as dos Machados, no terceiro as dos Barrosos, e no quarto as dos Castellos-brancos. — Br. p. a 11 de abril de 1786. Reg. no Cart. da N., liv. III, fl. 221 v.

(C. C.)

1484. José Carneiro Pinto de Sampaio de Vasconcellos Tavares, capitão-mór do concelho de Sanfins, filho de José Carneiro Pinto Tavares de Sampaio, e de sua mulher D. Catharina Josepha de Menezes e Vasconcellos; neto pela parte paterna de Luiz Pinto de Sampaio, e de sua mulher D. Anna Correa da Motta; e pela materna de Manuel Barbosa Coutinho, e de sua mulher D. Juliana da Silva.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Carneiros, no segundo as dos Pintos, no terceiro as dos Sampaios, e no quarto as dos Vasconcellos. — Br. p. a 4 de fevereiro de 1785. Reg. no Cart. da N., liv. III, fl. 185 v.

(C. C.)

1485. José Carneiro da Silva Braga, natural do logar do Porto, comarca de Barcellos, commendador da ordem de Christo, tenente coronel aggregado ao regimento de artilheria de milicias na provincia de S. Paulo, e actualmente residente na cidade do Porto, onde se acha estabelecido negociante de grosso tracto; filho de José Carneiro da Silva Braga, e de sua mulher D. Anna Maria; neto paterno de Caetano da Silva, e de sua mulher D. Josepha Carneiro; bisneto de Ignacio da Silva, e de sua mulher D. Maria Francisca; neto materno de Manuel Pereira Machado, e de sua mulher D. Maria Josepha; bisneto de André Pereira Machado, e de sua mulher D. Maria da Silva.

Um escudo partido em pala; na primeira as armas dos Carneiros, e na segunda as dos Silvas. — Br. p. a 23 de junho de 1832. Reg. no Cart. da N., liv. VIII, fl. 262 v.

(C. C.)

1486. José de Chastinete (Bacharel), natural da cidade da Bahia, filho de Pedro de Chastinete, e de D. Maria de Brito Freire; neto pela parte paterna de Fronton de Chastinete, e de Anna Leicille de Pompor; e pela materna neto de Victorino Soares Bezerra, e de D. Francisca Xavier de Brito Freire, esta neta de Estevão de Brito Freire, bem conhecido n'esta côrte, que foi pae do coronel de marinha Antonio de Brito Freire; e o dito seu avô Victorino Soares Bezerra foi tambem neto de José Soares Grillo, filho de Alvaro Garcez de Mello, fidalgo da casa real, e um dos principaes restauradores da capitania do Maranhão, na expulsão dos hollandezes.

Um escudo esquartelado; no primeiro e quarto quarteis as armas dos Mellos, no se-

gundo as dos Britos, e no terceiro as dos Freires. — Br. p. a 26 de março de 1778. Reg. no Cart. da N., liv. II, fl. 155.

(C. C.)

1487. José Coelho Borges, abbade de Lobrigos, natural do logar do Nogal, freguezia de S. Vicente do Pinheiro, comarca de Penafiel; filho de Francisco Coelho, e de sua mulher D. Joanna Maria Borges; neto paterno de José Coelho de Sá, e de sua mulher D. Catharina Luiza; e materno de Antonio Vieira da Silva, e de sua mulher D. Joanna Borges.

Um escudo ovado e esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Coelhos, no segundo as dos Sás, no terceiro as dos Pintos, e no quarto as dos Borges. — Br. p. a 11 de junho de 1785. Reg. no Cart. da N., liv. III, fl. 197.

(C. C.)

1488. José Coelho Roleem Wan-Dute de Sousa e Lacerda, capitão do terceiro regimento de milicias da cidade de S. Sebastião do Rio de Janeiro, natural e baptisado na sé cathedral da dita cidade; filho do coronel do mar José Roleem Wan-Dute, enviado extraordinario e ministro plenipotenciario na côrte de Marrocos, natural de Alemanha, cidade de Vienna de Austria, e de sua mulher D. Escolastica Joaquina de Sousa Coelho e Lacerda; neto pela parte materna de Lourenço Antunes Coelho de Lacerda, e de sua mulher D. Ignacia Joaquina de Sousa e Lacerda.

Um escudo esquartelado; no primeiro e quarto quarteis as armas dos Sousas, no segundo as dos Coelhos, e no terceiro as dos Lacerdas. — Br. p. 16 de junho de 1802. Reg. no Cart. da N., liv. VI, fl. 205.

(C. C.)

1489. José Constantino Gomes de Castro (Presbytero), beneficiado da cathedral do Maranhão e commissario do Santo Officio, natural da villa de Alcantara da mesma capitania; filho de Manuel Antonio Gomes de Castro, tenente coronel de milicias da referida villa, a quem se passou brazão de armas a 15 de outubro de 1792, e de sua mulher D. Francisca Maria Correa, irmã legitima de Antonio Correa Furtado de Mendonça, coronel de milicias da mesma villa, a quem tambem se passou brazão de armas a 4 de maio de 1790; neto paterno de Manuel Francisco de Castro, e de sua mulher D. Maria Gomes, e materno de Constantino Correa, e de sua mulher D. Leonarda Mendes de Amorim; bisneto paterno de Domingos Francisco, e de sua mulher D. Luiza Gomes, e materno de Ignacio Correa Coutinho de Cerveira, secretario do estado do Maranhão, e de sua mulher D. Simiana Furtado de Mendonça; terceiro neto paterno de Paulo Rodrigues, e de sua mulher D. Anna Gonçalves, e materno de Manuel de Araujo Correa, que serviu varios postos na tropa paga, foi cidadão e juiz presidente da Camara do referido estado, e ouvidor da capitania de Cumá, e de sua mulher D. Margarida Correa de Lucena; e por este mesmo lado descendente de Domingos de Araujo Cerveira Bayão, filho de Antonio de Cerveira da Camara, primeiro restaurador do Maranhão do poder dos hollandezes, e do valoroso Diogo de Campos Moreno, sargento-mór de todo o estado do Brazil, primeiro conquistador do poder dos francezes, e commandante general do mesmo no anno de 1614 : e bem assim de Agostinho de Menezes, capitão de infanteria e governador da fortaleza de Santa Cruz da barra do Rio de Janeiro, e de Sebastião de Lucena de Azevedo, capitão-mór e governador do Grã-Pará no anno de 1645, cavalleiro da ordem de Christo, filho de Mathias de Freitas de Azevedo, fidalgo da casa real, e alcaide-mór de Pernambuco, o qual era filho de Sebastião de Lucena de Azevedo, commendador da Matta de Lobos da ordem de Christo, e que todos descendem por linha recta de D. Arnaldo Bayão, fidalgo francez que acompanhou o conde D. Henrique, e descende dos senhores de S. João de Rei, vulgarmente conhecidos pela casa da Tapada, e de outras muitas casas de fidalgos, e em Castella dos condes de Fontes, e de Monte-rei.

Um escudo ovado e esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Gomes, no segundo as dos Azevedos, no terceiro as dos Cerveiras, e no quarto as dos Corrêas. — Br. p. a 28 de julho de 1804. Reg. no Cart. da N., liv. VII, fl. 79,

(C. C.)

1490. José Cordeiro Feyo, visconde das Fontainhas, do conselho de Sua Magestade, fidalgo cavalleiro da casa real, commendador das ordens de Nossa Senhora da Conceição de Villa-viçosa, e de S. Bento de Aviz, marechal de campo reformado, lente da Escola polytechnica de Lisboa, e socio emerito da Academia real das Sciencias.

Um escudo esquartelado com as armas que lhe foram concedidas por alvará de 20 de novembro de 1865. — Br. p. a 29 de dezembro de 1865. (M. N.) Reg. no Cart. da N., liv. IX, fl. 88 v. — V. no I. H. *Fontainhas.*

(C. C.)

1491. José Correa de Abreu da Fonseca, da villa de Barcellos, filho de Antonio Correa de Abreu, e de Senhorinha Ferreira Diniz; neto paterno de Manuel Correa de Abreu, e de Jeronyma da Fonseca; e materno de João Ferreira, e de Antonia Francisca.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Correas, no segundo as dos Abreus, no terceiro as dos Fonsecas, e no quarto as dos Ferreiras. — Br. p. a 18 de maio de 1816. Reg. no Cart. da N., liv. VII, fl. 344 v.

(C. C.)

1492. José Correa de Mesquita Pimentel Pereira e Mello, filho de Diogo Pereira de Miranda e Mello, e de sua mulher D. Marianna Correa de Mesquita Pimentel; neto pela parte paterna de João Pereira de Miranda e Mello, e de Isabel Mourão Martins; e pela materna de Manuel Mendes Ribeiro de Vasconcellos, e de D. Anna Correa de Mesquita Pimentel.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Pereiras, no segundo as dos Correas, no terceiro as dos Mesquitas, e no quarto as dos Pimenteis. — Br. p. a 10 de dezembro de 1781. Reg. no Cart. da N., liv. III, fl. 37 v.

(C. C.)

1493. José da Costa Barreiros, capitão-mór da villa de Santo Antonio de Sá e seu districto, comarca do Rio de Janeiro, proprietario do officio de escrivão da Nobreza d'estes reinos e senhorios de Portugal, natural d'esta cidade de Lisboa; filho de Hilario da Costa Barreiros Telles, proprietario que tambem foi do dito officio de escrivão da Nobreza, e de sua mulher D. Maria Josepha da Gloria; neto pela parte paterna de João Rodrigues Barreiros, e de sua mulher D. Antonia Pacheco de Aguiar; e pela materna de Antonio Ribeiro Salvago, e de sua mulher D. Barbara Ferreira, todos d'este patriarchado.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Barreiros, no segundo as dos Telles, no terceiro as dos Ribeiros, e no quarto as dos Salvagos. — Br. p. a 20 de dezembro de 1768. Reg. no Cart. da N., liv. I, fl. 90 v.

(C. C.)

1494. José da Costa Bulção, filho de Balthasar da Costa Bulção, e de sua mulher D. Maria Joanna de Aragão; neto pela parte paterna de José da Costa Bulção, e de sua mulher D. Maria de Sousa de Aragão, filha legitima de Francisco de Araujo e Aragão, alcaide-mór da cidade da Bahia, neto de Francisco de Araujo e Aragão, que na guerra da expulsão dos hollandezes de Pernambuco serviu com a sua pessoa e fazenda a real corôa com muita distincção; e bisneto de Balthasar de Aragão e Sousa, capitão-mór e governador interino de toda aquella capitania, por ausencia do governador D. Diogo de Menezes; e pela parte materna neto de Ignacio de Sequeira Villas-boas, capitão-mór das ordenan-

ças da villa de S. Francisco da Barra de Sergipe do Conde, e de sua mulher D. Joanna Catharina de Menezes e Aragão; bisneto de José de Goes de Sequeira, cavalleiro da ordem de Christo, e de sua mulher D. Maria Braé, filha do sargento-mór Francisco de Braé, cavalleiro da dita ordem; e pela sua avó D. Joanna Catharina de Menezes e Aragão bisneto de D. Felix de Bittencourt, moço fidalgo da casa real, e de sua mulher D. Catharina de Aragão e Ayala, filha legitima de Diogo de Aragão Teixeira, e neta do capitão Diogo de Aragão Pereira, o Velho, ambos com o dito foro, e de sua mulher D. Isabel de Aragão, filha do mencionado Balthasar de Aragão e Sousa, seu quarto avô paterno.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Araujos, no segundo as dos Aragões, no terceiro as dos Sequeiras, e no quarto as dos Bittencourts. — Br. p. a 9 de dezembro de 1788. Reg. no Cart. da N., liv. IV, fl. 86 v.

(C. C.)

1495. José da Costa e Sousa, filho de Felix da Costa, e de D. Maria Barbara e Sousa; neto pela parte materna de Manuel de Sousa, e de sua mulher D. Anna Maria de Sousa.

Um escudo partido em pala; na primeira as armas dos Costas, e na segunda as dos Sousas. — Br. p. a 22 de junho de 1816. Reg. no Cart. da N., liv. VII, fl. 247 v.

(C. C.)

1496. José Couceiro de Oliveira, soldado de cavallo do regimento do Principe, natural e morador na villa de Monte-mór o novo; filho legitimo de Manuel Couceiro de Oliveira, natural d'esta cidade de Lisboa, e de sua mulher Jeronyma Maria da Fonseca, natural da villa de Monte-mór o novo; neto pela parte paterna de José Couceiro da Silveira, e de sua mulher Maria Thereza do Amparo, naturaes d'esta cidade; bisneto de Basilio Couceiro de Oliveira; e pela materna neto de Manuel do Carmo da Fonseca, e de sua mulher Filippa Maria Vidigal, natural da cidade de Evora.

Um escudo partido em pala; na primeira as armas dos Oliveiras, e na segunda as dos Fonsecas. — Br. p. a 16 de julho de 1767. Reg. no Cart. da N., liv. I, fl. 53.

(C. C.)

1497. José Damasio Ferreira, natural de Lisboa, fidalgo cavalleiro da casa imperial e real, commendador da ordem de Christo, cavalleiro da ordem de Nossa Senhora da Conceição de Villa-viçosa, condecorado com a medalha de oiro da restauração dos Direitos da realeza, official menor e thesoureiro geral da casa imperial e real, e official maior effectivo da Contadoria de marinha; filho de Joaquim Eugenio Ferreira, escrivão da Mesa grande dos armazens de Guiné, India e armadas, e inspector do Hospital real da Marinha, e de sua mulher D. Aurelia Joaquina da Guerra e Sousa; neto paterno de outro José Damasio Ferreira, tambem escrivão da Mesa grande dos mesmos armazens, e de sua mulher D. Catharina Helena Maquene; bisneto de Domingos Mendes Ferreira, e de sua mulher D. Anna Ferreira; neto materno de Simplicio da Guerra e Sousa, negociante de grosso tracto da praça de Lisboa, e de sua mulher D. Maria Joaquina Telles; bisneto de Francisco de Freitas e Almeida Telles, tambem negociante de grosso tracto de Lisboa, e de sua mulher D. Francisca Joaquina Telles de Moura.

Um escudo esquartelado; no primeiro e quarto quarteis as armas dos Ferreiras, no segundo as dos Sousas, e no terceiro as dos Telles. — Br. p. a 29 de novembro de 1825. Reg. no Cart. da N., liv. VIII, fl. 168.

(C. C.)

1498. José Dias Leite Sampaio, commendador da ordem de Nossa Senhora da Conceição, caixa geral do contracto do tabaco; filho de Manuel de Sampaio, negociante e proprietario, e de sua mulher D. Luiza Leite de Sampaio; neto paterno de Antonio de

Sampaio, negociante e proprietario, e de sua mulher D. Thereza Velloso de Sampaio; e materno de Manuel Dias, proprietario, e de sua mulher D. Maria Leite Dias.

Um escudo partido em pala; na primeira as armas dos Sampaios, e na segunda as dos Leites.—Br. p. a 16 de julho de 1842. Reg. no Cart. da N., liv. VIII, fl. 304.

(C. C.)

1499. José Diogo de Bastos, natural do logar de Tabosa, concelho de Caria, comarca de Lamego, cavalleiro professo na ordem de Christo, e coronel do regimento de cavallaria de Voluntarios reaes do commercio; filho do doutor Manuel Dias Damasio, e de sua mulher D. Josepha Maria de Jesus Bastos; neto paterno de Domingos Lopes Dias, e de D. Maria Dias; e materno do doutor Gabriel de Bastos, e de D. Isabel Rodrigues; sendo o supplicante irmão inteiro e unico de Jacinto Dias Damasio, cavalleiro professo na ordem de Christo, a quem se passou brazão de armas a 20 de novembro de 1803.

Um escudo partido em pala; na primeira as armas dos Dias, e na segunda as dos Bastos. — Br. p. a 27 de março de 1828. Reg. no Cart. da N., liv. VIII, fl. 223 v.

(C. C.)

1500. José Diogo Pereira da Serra, cavalleiro professo na ordem de Christo, capitão de infanteria em um dos regimentos do estado do Grã-Pará, natural d'esta cidade de Lisboa; filho de José Pereira da Cruz, tenente coronel que foi da fortaleza de S. Lourenço da Barra, e de sua mulher Archangela Michaela de Castello-branco; neto pela parte paterna de Manuel Pereira, e de sua mulher D. Joanna Pereira; e pela materna de Francisco Nunes da Serra, e de sua mulher D. Christina Maria da Fonseca.

Um escudo esquartelado; no primeiro e quarto quarteis as armas dos Pereiras, no segundo as dos Vasconcellos, e no terceiro as dos Serras.—Br. p. a 28 de abril de 1770. Reg. no Cart. da N., liv. I, fl. 124.

(C. C.)

1501. José Dionysio Telles de Castro Apparicio, administrador da Companhia dos vinhos do Alto-Douro, natural d'esta cidade; filho de Dionysio José Telles de Castro Apparicio, e de D. Maria Clara Rosa Wandeck; neto pela parte paterna de Francisco Xavier Telles de Castro Apparicio, e de D. Josepha Maria de Mendonça; e pela materna de Cornelio Wandeck, e de D. Baraba Wandeck.

Um escudo partido em pala; na primeira as armas dos Telles, e na segunda as dos Castros.—Br. p. a 15 de junho de 1791. Reg. no Cart. da N., liv. IV, fl. 216.

(C. C.)

1502. José Eduardo Cordeiro Vinagre, natural da villa de Estremoz, filho de Miguel Cordeiro Vinagre, e de sua mulher D. Barbara Catharina Luiza Xavier Falleiro; neto pela parte paterna de Domingos Cordeiro Vinagre, e de sua mulher D. Thereza Maria Michaela; e pela materna do capitão João Alberto da Silveira, e de sua mulher D. Joanna Thereza Xavier Falleiro.

Um escudo partido em pala; na primeira as armas dos Cordeiros, e na segunda as dos Silveiras.—Br. p. a 7 de agosto de 1784. Reg. no Cart. da N., liv. III, fl. 154 v.

(C. C.)

1503. José Eduardo de Figueiredo, cavalleiro professo na ordem de S. Bento de Aviz, sargento-mór de infanteria aggregado á praça de Cascaes; filho de João Luiz de Figueiredo Girão, alferes do regimento de infanteria de Cascaes, e de sua mulher D. Anna Joaquina Perdigão; neto paterno do capitão João Rodrigues de Figueiredo Girão, e de sua mulher D. Esperança Marques Figueira; e materno de Luiz dos Santos Perdigão, e de sua mulher D. Thereza de Jesus de Sousa.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Figueiredos, no segundo as dos Girões, no terceiro as dos Perdigões, e no quarto as dos Sousas.—Br. p. a 31 de janeiro de 1814. Reg. no Cart. da N., liv. VII, fl. 284.

(C. C.)

1504. JOSÉ DE FARIA PEREIRA, tenente coronel commandante do regimento de milicias de Santarem, administrador do morgado de Santa Maria de Almonda, na egreja da Azinhaga: filho de José de Faria Pereira, administrador do dito morgado, e de sua mulher D. Antonia Ignacia Jacinta de Barbudo; neto paterno do capitão Manuel de Faria Pereira, e de sua mulher D. Ignacia de Vasconcellos; e materno do capitão Manuel Pinheiro Barbudo e Arnaud, e de sua mulher D. Maria Frazão.

Um escudo partido em pala; na primeira as armas dos Farias, e na segunda as dos Pereiras.—Br. p. a 19 de agosto de 1814. Reg. no Cart. da N., liv. VII, fl. 301.

(C. C.)

1505. JOSÉ FELICIANO DA SILVA COSTA, do conselho de Sua Magestade, fidalgo cavalleiro da casa real, commendador da antiga e muito nobre ordem da Torre e Espada do valor, lealdade e merito, e da de Nossa Senhora da Conceição de Villa-viçosa, cavalleiro da ordem militar de S. Bento de Aviz, coronel do real corpo de engenheiros, inspector geral dos quarteis e obras militares, e director da Escola polytechnica; filho de Antonio José da Silva Costa, tenente e secretario da inspecção geral de infanteria, e de sua mulher D. Genoveva Angelica de Faria Carneiro Costa; neto paterno do capitão José da Silva Costa, e de sua mulher D. Maria Xavier da Conceição Nogueira e Costa; e materno de Francisco Vieira de Faria, e de sua mulher D. Maria Quiteria da Costa Carneiro Faria.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Silvas, no segundo as dos Costas, no terceiro as dos Vieiras, e no quarto as dos Farias.—Br. p. a 16 de junho de 1842. Reg. no Cart. da N., liv. VIII, fl. 302.

(C. C.)

1506. JOSÉ FELIX DE NORONHA E MENEZES, morador na sua quinta das Lagoas de Sarzadella, freguezia de Nossa Senhora da Conceição, da villa de Ancião, termo e bispado de Coimbra; filho do capitão-mór Antonio Rodrigues Pereira, e de sua mulher D. Anna Maria de Noronha e Menezes; neto pela parte materna de Sebastião Mendes, e de Bernarda da Conceição, e por esta bisneto de Manuel Rodrigues, e de Maria Freire, irmã do reverendo Domingos Alvares da Paz Noronha e Menezes, a quem já se passou brazão com as armas das familias d'estes appellidos em 5 de junho de 1728.

Um escudo partido em pala; na primeira as armas dos Noronhas de Villa-real, na segunda as dos Mendes.—Br. p. a 5 de julho de 1779. Reg. no Cart. da N., liv. II, fl. 193 v.

(C. C.)

1507. JOSÉ FERREIRA PINTO BASTO, natural da cidade do Porto, cavalleiro professo na ordem de Christo, caixa e contractador geral do tabaco d'estes reinos, ilhas adjacentes e Macau, e das reaes saboarias; filho de Domingos Ferreira Pinto Basto, negociante de grosso tracto da praça da cidade do Porto, e de sua mulher D. Maria do Amor Divino; neto por parte paterna de Manuel Ferreira Pinto, e de sua mulher D. Jeronyma Alves; e pela parte materna de José Ferreira da Costa, e de sua mulher D. Thereza Maria de Sousa.

Um escudo partido em pala; na primeira as armas dos Ferreiras, e na segunda as dos Pintos.—Br. p. a 12 de setembro de 1818. Reg. no Cart. da N., liv. VIII, fl. 9.

(C. C.)

1508. JOSÉ FERREIRA DA SILVA, capitão-mór da villa de Aviz, superintendente das caudelarias da comarca de Santarem, almoxarife das jugadas da dita villa, juiz executor

dos reaes direitos e das coutadas reaes da villa de Almeirim, natural da freguezia de S. Vicente de Paulo, termo da villa de Santarem; filho de Simão Ferreira da Silva, e de sua mulher D. Bernarda Caetana de S. José Coelho; neto pela parte paterna de João Peres, e de D. Filippa Ferreira; e pela materna de Manuel Coelho da Silva, e de sua mulher D. Antonia Maria Pereira.

Um escudo partido em pala; na primeira as armas dos Ferreiras, e na segunda as dos Silvas.—Br. p. a 15 de dezembro de 1791. Reg. no Cart. da N., liv. IV, fl. 240.

(C. C.)

1509. José de Figueiredo Frazão de Castello-branco Cardoso, natural e morador na villa da Covilhã, filho de José de Figueiredo Frazão de Castello-branco, e de sua mulher Maria de Oliveira, filha de João Feio, e de sua mulher Maria de Oliveira; neto paterno de João Leitão Frazão de Castello-branco; bisneto de Manuel Gil Frazão; terceiro neto de Marcos Gil Frazão, e de sua mulher Isabel Ferrão de Castello-branco, filha de Roque Ferrão de Castello-branco, e de Catharina Cardoso, neta paterna de Pedro de Figueiredo de Castello-branco, bisneta de Diogo Paes de Castello-branco, terceira neta de outro Diogo Paes de Castello-branco, a quem o senhor rei D. João II escreveu uma carta que está junta aos ditos documentos; neta materna de Isabel Ferrão de Castello-branco, neta de Alvaro Cardoso, descendente tambem d'esta familia dos Cardosos; quarto neto o supplicante pela sua varonia de Manuel Gil Frazão; quinto neto de Marcos Gil, cavalleiro fidalgo da casa real, e de sua mulher Leonor Lopes Frazão; sexto neto de Brites Frazão; setimo neto de Diogo Nunes Frazão; oitavo neto de Simão Martins Frazão; nono neto de Martim Frazão; decimo neto de Ruy Frazão, cavalleiro fidalgo da casa real, alcaide-mór do castello de Alcanede, e de sua mulher Branca Dias de Sousa, sobrinha do mestre de Aviz, filha de Martinho de Sousa, fidalgo muito illustre d'esta familia.

As armas dos Frazões, Castellos-brancos, Cardosos, e Figueiredos.—Br. p. a 6 de abril de 1753. Reg. no Cart. da N., liv. particular, fl. 52 v.

(C. C.)

1510. José de Figueiredo e Lacerda Castel-branco, senhor da quinta de Anciães, couto do Banho, e natural da villa de S. Pedro do Sul, concelho de Lafões, comarca de Viseu; filho de Manuel de Figueiredo e Lacerda, e de sua mulher D. Maria Engracia de Chaves Castel-branco; neto paterno de Manuel de Azevedo, e de D. Maria Antonia; e materno de Alvaro Correa Cardoso, e de D. Maria Thereza de Chaves Castel-branco.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Figueiredos, no segundo as dos Lacerdas, no terceiro as dos Azevedos, e no quarto as dos Castel-brancos.—Br. p. a 16 de setembro de 1805. Reg, no Cart. da N., liv. VII, fl. 97 v.

(C. C.)

1511. José Filippe de Magalhães Taveira Mourão Mosqueira, natural de Villa-real, filho do doutor Antonio José Dias Mourão Mosqueira, ouvidor e corregedor de Villa-real, e de sua mulher D. Marianna Thereza Bernarda de Magalhães Taveira; neto pela parte paterna do capitão José Dias Mourão, e de sua mulher D. Maria Engracia Mosqueira; e pela materna de Domingos da Costa de Magalhães, e de sua mulher D. Quiteria Luiza, com os mesmos ascendentes paternos e maternos que constavam da sentença.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Mourões, no segundo as dos Mosqueiras, no terceiro as dos Magalhães, e no quarto as dos Taveiras.—Br. p. a 11 de outubro de 1787. Reg. no Cart. da N., liv. IV, fl. 29.

(C. C.)

1512. José da Fonseca e Silva, bacharel formado na faculdade de leis pela Universidade de Coimbra, advogado nos auditorios d'esta côrte, e do numero da Casa da supplica-

ção e da Legacia, proprietario do officio de escrivão dos orphãos da villa de Monte-mór o velho, natural do couto de Verride, termo, no Crime, da mesma villa de Monte-mór o velho, comarca de Coimbra; filho do capitão Balthasar da Fonseca Marques da Silva, proprietario do dito officio de escrivão dos Orphãos da villa de Monte-mór o velho; neto do doutor Antonio Cardoso Seara, advogado que foi na referida villa, e de Josepha da Fonseca, elle filho de João Cardoso, e ella filha natural de Antonio Marques da Silva, paes tambem de D. Antonia da Cunha, mulher de Simão Carvalho Soares, cavalleiro da ordem de Christo e governador que foi da praça de Buarcos.

Um escudo partido em pala; na primeira as armas dos Cardosos, e na segunda as dos Silvas. — Br. p. a 7 de dezembro de 1778. Reg. no Cart. da N., liv. II, fl. 171 v.

(C. C.)

1513. José Francisco de Assis Barros Gorjão de Carvalho, tenente coronel do regimento de milicias da villa de Torres-vedras, natural da quinta dos Chãos, freguezia de Santo Isidoro, termo da villa de Mafra; filho do doutor José Antonio de Barros Gorjão, e de D. Anna Gertrudes Rita de Carvalho; neto paterno do ajudante Nicolau de Barros Costa, e de D. Thereza Josepha Gorjão; e materno do sargento-mór Manuel Dias de Carvalho, e de D. Rita Severa Correa Salgado.

Um escudo partido em pala; na primeira as armas dos Barros, e na segunda as dos Carvalhos. — Br. p. a 24 de junho de 1811. Reg. no Cart. da N., liv. VII, fl. 228.

(C. C.)

1514. José Francisco Barradas Zuzarte, familiar do Santo Officio, sargento-mór da villa de Monforte, d'onde é natural e morador; filho de Antonio Pereira Sousa, e de sua mulher Isabel Zuzarte; neto paterno de Manuel Martins Pereira, e de sua mulher Brites Nunes Dortealla; bisneto de Jacinto Pereira, e de Maria Ayres Barradas, bisavós que tambem foram de Manuel Barradas de Jesus, que no anno de 1753 tirou brazão com as armas dos Barradas e Pereiras; neto materno de Diogo Barradas de Almeida, e de sua mulher Catharina Zuzarte; bisneto de Gaspar Barradas Pesqueira, e de sua mulher Brites de Almeida; terceiro neto de Diogo Affonso Pesqueira, e de sua mulher Maior Gil Barradas, terceiros avós que tambem foram do doutor Diogo Barradas Zuzarte, que no dito anno de 1753 tirou brazão com as armas dos Barradas e Zuzartes; quarto neto de Catharina Barradas, e de seu marido Sebastião Rodrigues do Valle, avós de Pedro Barradas Alvares, capitão-mór e governador que foi da mesma villa, o qual na sua sepultura, que tem na capella-mór do convento das religiosas da dita villa, tem esculpidas as armas d'esta familia dos Barradas; quinto neto de André Barradas, e de sua mulher Maria Fernandes; e pela dita sua avó materna Catharina Zuzarte é bisneto de Braz Alvares Zuzarte, e de sua mulher Anna Rodrigues; terceiro neto de Maria Teixeira Zuzarte, e de seu marido Pedro Annes Alvares Cabreira; quarto neto de Filippa Zuzarte, e de seu marido Gaspar Teixeira; quinto neto de Isabel Zuzarte, e de seu segundo marido Estevão Luiz David; sexto neto de Nicolau Zuzarte, que casou segundo uns com Dorothea de Mattos, filha de João de Mattos, de Cabeço de Vide, e segundo outros com D. Leonor Soares, filha de João da Silva, senhores que foram da quinta da Azinhaga; setimo neto de Gaspar Zuzarte, commendador de Azeitão na ordem de Sant'Iago, fidalgo da casa do senhor rei D. João II, alcaide-mór das villas de Aviz e Setubal, senhor da quinta de Amarellos, e capitão-mór da armada que o dito rei mandou a primeira vez fazer a fortaleza da Graciosa; oitavo neto de João Zuzarte, fidalgo muito honrado e criado dos duques de Bragança, alcaide-mór de Monforte, e de sua mulher Isabel Fernandes, filha ou neta de Gil Fernandes, capitão que foi de Elvas no reinado do senhor rei D. João I, cuja praça defendeu valorosamente, o qual parece ser filho de Gaspar Zuzarte, irmão de Rodrigo Zuzarte, progenitor dos Zuzartes de Coimbra, e filhos ambos do conde Lizuarte, fidalgo in-

glez que passou a Portugal com a rainha D. Filippa, mulher de el-rei D. João I, e n'este reino fez assento, onde foi o progenitor d'esta familia.

As armas dos Pereiras, Barradas, e Almeidas. — Br. p. a 6 de abril de 1756. Reg. no Cart. da N., liv. particular, fl. 95 v.

(C. C.)

1515. José Francisco da Cruz Alagôa, fidalgo da casa real, do conselho de Sua Magestade, e do da Fazenda real, e thesoureiro-mór do real Erario, o qual fôra instituido e creado morgado da Alagôa.

O escudo das armas cortado em faxa; na primeira, em campo azul, cinco estrellas de oiro de seis raios, postas em cruz; na segunda, uma alagôa de prata; orla vermelha carregada de uma legenda : *Nomen honor que meis.* — Br. p. a 25 de março de 1765. (M. N.) Reg. no Cart. da N., liv. I, fl. 3.

(C. C.)

1516. José Francisco Maciel Monteiro, bacharel formado na faculdade de leis, oppositor aos logares de letras, natural da capitania de Pernambuco; filho de Antonio Francisco Monteiro, professo na ordem de Christo, capitão-commandante dos auxiliares da capitania de Pernambuco, thesoureiro deputado de duas direcções, da Companhia geral, e da Alfandega da mesma cidade, e de sua mulher D. Joanna Ferreira Maciel; neto pela parte paterna de Simão Luiz Monteiro de Paiva, e de sua mulher D. Maria Francisca de Araujo; e pela materna de Braz Ferreira Maciel, capitão das ordenanças da mesma cidade, onde tambem serviu de juiz vereador da camara, e de sua mulher D. Catharina Bernarda de Oliveira Govin.

Um escudo partido em pala; na primeira as armas dos Monteiros, e na segunda as dos Macieis. — Br. p. a 2 de setembro de 1802. Reg. no Cart. da N., liv. VII, fl. 1.

(C. C.)

1517. José Francisco de Moura Pacheco, vigario collado da parochial egreja do Divino Espirito Santo do Pau d'Alho, bispado de Pernambuco; filho do presbytero secular Antonio Gomes Pacheco, e de D. Maria de Brito de Faria; neto paterno do capitão Manuel da Costa Gadelha, e de sua mulher D. Manuela Isabel de Barros Pacheco; sobrinho pelo mesmo lado do reverendo Francisco Xavier da Costa Gadelha, a quem se passou brazão de armas a 12 de abril de 1797.

Um escudo ovado e esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Albuquerques, no segundo as dos Costas, no terceiro as dos Gomes, e no quarto as dos Pachecos. — Br. p. a 9 de maio de 1807. Reg. no Cart. da N., liv. VII, fl. 178.

(C. C.)

1518. José Francisco de Paula Serra Correa, assistente na côrte de Roma, natural da villa de Serpa, provincia do Alemtejo; filho do doutor Luiz Dias Correa, medico formado em Coimbra, e de sua mulher D. Francisca de Paula Serra; neto paterno de Manuel Rodrigues Mendes, e de sua mulher Marianna Luiza Correa; neto materno do doutor Manuel Rodrigues Serra Porto, e de sua mulher Antonia Ferreira.

As armas dos Correas e Serras. — Br. p. a 26 de fevereiro de 1760. Reg. no Cart. da N., liv. particular, fl. 126.

(C. C.)

1519. José Francisco Pernet, professo na ordem de S. Bento de Aviz, capitão de mar e guerra das reaes armadas; filho de Francisco Nicolau de Pernet, e de sua mulher D. Apolonia Maria; neto por parte paterna de Paulo Sauvage, e de sua mulher Benta Pernet; e por parte materna de Francisco Guilherme Pernet, e de sua mulher Antonia

Maria da Natividade; irmão germano de João Pedro de Pernet, e sobrinho legitimo de João Jacques Sauvage de Pernet, escudeiro, que foi consul de França e da republica de Genova na cidade de Faro, e bem assim primo legitimo de Geraldo Pernet, consul que foi da serenissima Republica de Veneza na indicada cidade.

Um escudo, e n'elle as armas do appellido de Pernet.—Br. p. a 2 de março de 1797. Reg. no Cart. da N., liv. v, fl. 178.

(C. C.)

1520. José Frederico Elerpek de Lacerda, morador na cidade do Porto, filho de João Frederico Gerardo Elerpek Butel, e de D. Maria Victorina de Lacerda e Sousa Machado; neto por parte paterna de Antonio Francisco Elerpek, e de D. Catharina Maria Butel; e por parte materna de Thomaz de Sousa Machado, cavalleiro professo na ordem de Christo, caudel-mór do concelho da Maia, Bouças e Leça, superintendente das fabricas das commendas da ordem de Christo, na provincia de Entre-Douro e Minho, pagador-geral das tropas da gente de guerra, e de D. Francisca Clara de Lacerda; bisneto por parte paterna de João Frederico Elerpek, commandante que foi de um batalhão alemão do serviço do grão-duque da Toscana, e de D. Francisca Maria Cai; e por parte materna de Manuel de Sousa Machado, e de D. Marianna Moreira; terceiro neto por parte paterna de Bartholomeu Rodrigues de Sousa, e de D. Maria da Conceição Butel, e por parte materna de Pedro Dutre de Lacerda, filho de Antonio Pires Albernaz, e de sua mulher D. Barbara Sarmento Dutre, neta de José Dutre, fidalgo flamengo que povoou a ilha do Fayal, e foi criada da senhora infanta D. Beatriz, mãe do senhor rei D. Manuel.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Sousas, no segundo as dos Machados, no terceiro as dos Dutres, e no quarto as dos Lacerdas.—Br. p. a 7 de fevereiro de 1798. Reg. no Cart. da N., liv. i, fl. 7 v.

(C. C.)

1521. José de Freitas Godinho de Aguiar e Almeida, professo na ordem de Christo, cavalleiro fidalgo da casa real, e administrador das capellas de S. José e de S. Nicolau da villa da Feira; filho de Francisco Xavier de Freitas e Almeida; neto de Luiz de Almeida Godinho, bisneto de Sebastião Godinho de Aguiar; terceiro neto de outro Sebastião Godinho de Aguiar, o qual seu bisavô e seus ascendentes procediam por linha varonil, e sem bastardia, dos mais antigos possuidores da quinta de Estorninho e casa da Boa-vista, aos quaes tratou o conde da Feira D. Diogo Pereira, no seu tempo, por seus parentes e com distincta estimação, o que se verificava por documentos authenticos; constando de outros ser das pessoas principaes da villa da Feira, além de ter a honra de andar matriculado nos livros dos moradores da casa real, onde servira seu pae e avô materno José de Freitas de Aguilar, repetidas vezes os honrosos cargos de vereador, juiz pela ordenação e ouvidor de commissão : e outro sim por parte de sua avó paterna era bisneto de Domingos de Freitas de Aguilar, neto de Gonçalo de Freitas, pessoa muito nobre e honrada da familia d'este appellido que procede de Diogo Gonçalves, além de ser descendente da familia dos Nogueiras, por sua bisavó paterna; irmão de Thomaz de Freitas e Almeida, que esteve pencionista no collegio militar, e freire no convento de Aviz, no qual só costumam ser admittidos para conventuaes pessoas distinctas, o que tudo constava da sentença que apresentou.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Godinhos, no segundo as dos Aguiares, no terceiro as dos Almeidas, e no quarto as dos Freitas.—Br. p. a 18 de julho de 1766. Reg. no Cart. da N., liv. i, fl. 32.

(C. C.)

1522. José de Freitas Guimarães, official maior da contadoria do Terreiro publico d'esta côrte de Lisboa, natural do concelho de Felgueiras, comarca de Guimarães; filho

de Francisco de Freitas Guimarães, e de D. Anna Mendes de Vasconcellos; neto pela parte paterna de Pedro de Freitas Pacheco, e de D. Angela Francisca de Moraes; e pela materna de Bento Francisco de Vasconcellos, e de D. Anna Francisca de Mello.

Um escudo esquartelado; no primeiro e quarto quarteis as armas dos Freitas, no segnndo as dos Guimarães, e no terceiro as dos Vasconcellos.—Br. p. a 25 de agosto de 1784. Reg. no Cart. da N., liv. III, fl. 161 v.

(C. C.)

1523. José de Freitas Teixeira Espinola Castel-branco, filho do doutor Mauricio José de Castel-branco Manuel, e de sua mulher D. Maria Dionysia de Freitas e Mendonça; neto pela parte paterna do doutor José Fernando da Costa Manuel, e de sua mulher D. Maria Josepha Mendes de Castel-branco; e pela parte materna neto do capitão Francisco de Abreu e Freitas, e de sua mulher D. Anna Joaquina de Freitas; sexto neto pela mesma linha de Leonardo de Miranda Espinola a quem se passou brazão de armas a 20 de maio de 1651; neto de Leão Espinola, moço fidalgo da casa real; terceiro neto de Antonio Espinola a quem se passou brazão de armas em 1519; setimo neto pela mesma linha materna de Gaspar Rodrigues Teixeira a quem tambem se passou brazão de armas em 1535.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Castel-brancos, no segundo as dos Freitas, no terceiro as dos Teixeiras, e no quarto as dos Espinolas.—Br. p. a 3 de abril de 1807. Reg. no Cart. da N., liv. VII, fl. 165.

(C. C.)

1524. José Furtado de Mendonça Parada e Reboredo, natural d'esta cidade, e morador na villa de Alcantara, provincia do Maranhão; filho de Manuel Furtado de Mendonça, administrador dos morgados do Rego nos suburbios d'esta cidade, e dos de Monte-mór, na provincia do Alemtejo, e de sua mulher D. Anna Ignez de Azevedo Barros; neto por parte paterna de Antonio Furtado de Mendonça, tambem administrador dos ditos morgados do Rego, cavalleiro da ordem de Christo, capitão de cavallaria, e governador das ilhas de S. Thomé, e de sua mulher D. Josepha Catharina de Reboredo Souto-maior; bisneto de Manuel Bicudo de Mendonça, professo na ordem de Christo, desembargador dos Aggravos e do Senado de Lisboa; terceiro neto de Matthias Bicudo de Mendonça, e de sua mulher D. Maria de Medeiros; quarto neto de Diogo Nunes de Parada e Reboredo, capitão de infanteria, e commendador da ordem de Sant'Iago, a quem se passou brazão de armas a 15 de maio de 1599, que é neto materno de João de Azevedo Barros, cavalleiro da ordem de Christo, e desembargador da Casa da supplicação, e de sua mulher D. Maria Eugenia de Sousa; bisneto de outro João de Azevedo Barros, cavalleiro da ordem de Christo, e official da Secretaria de Estado, e de sua mulher D. Maria Raposo.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Furtados de Mendonça, no segundo as dos Reboredos, no terceiro as dos Azevedos, e no quarto as dos Barros. — Br. p. a 30 de outubro de 1822. Reg. no Cart. da N., liv. VIII, fl. 92.

(C. C.)

1525. José Gabriel Fernandes, do conselho de Sua Magestade, cavalleiro da ordem de Nossa Senhora da Conceição de Villa-viçosa, e fidalgo cavalleiro da casa real.

Br. p. por alvará de 4 de janeiro de 1871. (M. N.) Reg. no Cart. da N., liv. IX, fl. 132.—V. no I. H. *Bartholomeu dos Martyres.*

1526. José Garcia Galvão de Haro Farinha, filho de Diogo Garcia Galvão, e de D. Francisca Josepha Michaela de Haro Farinha; neto pela parte materna de Rodrigo de Haro Farinha, fidalgo da casa real; e bisneto de Pedro Sanches Farinha.

Um escudo esquartelado; no primeiro e quarto quarteis as armas dos Sanches, no

segundo as dos Haros, e no terceiro as dos Farinhas.—Br. p. a 17 de julho de 1778. Reg. no Cart. da N., liv. II, fl. 164.

(C. C.)

1527. José Gomes Pires, negociante da praça de Lisboa, monteiro-mór e natural da villa de Couto do Monteiro, comarca de Viseu; filho de Manuel Pires, e de sua mulher Joanna Gomes; neto por parte paterna de Simão Pires, e de sua mulher Maria Vaz; e pela materna do capitão João, e de sua mulher D. Maria da Assumpção.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Ferreiras, no segundo as dos Ferrazes, no terceiro as dos Gomes, e no quarto as dos Pereiras.—Br. p. a 5 de março de 1774. Reg. no Cart. da N., liv. II, fl. 6.

(C. C.)

1528. José Gonçalves (D.), filho de D. Affonso Gonçalves, e de D. Francisca Bazan; neto pela parte paterna de D. João Gonçalves Donelfo, e de D. Joanna Ramires; bisneto de D. Francisco Gonçalves Donelfo, e de D. Isabel Ximenes; terceiro neto de Francisco Gonçalves, e de Joanna de Valenzuela, naturaes que foram do logar da Alagoa de Moraes, n'este reino de Portugal, d'onde passaram para o de Castella; o qual Francisco Gonçalves era filho de Domingos Gonçalves, e de Isabel Fernandes.

Um escudo com as armas dos Gonçalves.—Br. p. a 15 de março de 1773. Reg. no Cart. da N., liv. I, fl. 196.

(C. C.)

1529. José Gonçalves da Silva, cavalleiro professo na ordem de Christo, fidalgo da casa real, e coronel de milicias da cidade de S. Luiz do Maranhão, negociante de grosso tracto da mesma cidade, e natural do Rio-mau, comarca de Villa-real; filho de Gonçalo Fernandes, e de sua mulher D. Paula Ribeiro; neto por parte paterna de Antonio Fernandes, e de sua mulher D. Maria Gonçalves; neto por parte materna de Antonio Gonçalves, e de sua mulher D. Maria Ramalho, distinguindo-se no real serviço com tanto zelo, que no primeiro emprestimo que se abriu no Real Erario para precisões do Estado, entrou no mesmo Real Erario com 20:000$000 rêis, em dinheiro metalico, offerecendo mais para as ditas urgencias emquanto a guerra durasse mil e oitenta saccas de arroz postas á sua custa n'esta cidade: e desejando dar ao referido José Gonçalves da Silva uma prova de quanto este zelo patriotico era grato, Sua Magestade lhe mandou expedir pela secretaria de Estado dos negocios ultramarinos em real nome a carta seguinte, assignada pelo secretario de Estado D. Rodrigo de Sousa Coutinho, fazendo-lhe logo a mercê do referido habito da ordem de Christo, e ultimamente a do foro de fidalgo da casa real:—Carta regia—Levando á real presença de Sua Magestade a carta que vossa mercê dirigiu á mesma senhora com data de 26 de maio, foi Sua Magestade servida ordenar-me que assegurasse a vossa mercê, que se dignara acceitar o generoso dom gratuito de mil e oitenta saccas de arroz que vossa mercê offereceu annualmente durante a guerra, e um emprestimo de 20:000$000 rêis participado pelo seu correspondente n'esta côrte, e querendo esta augusta soberana tão disvelada em reconhecer a fidelidade e amor dos seus vassallos, que por este acto de acceitar os offerecimentos de vossa mercê, e por esta carta fique perpetuada na sua familia para exemplo dos seus vindoiros e memoria de uma tão illustre acção, tão propria de um vassallo portuguez, prova bem distincta da sua fidelidade e patriotismo, e não limitando aqui a sua real magnanimidade para dar a vossa mercê uma demonstração do seu beneplacito, ordenou Sua Magestade que pela secretaria de Estado dos negocios do reino se mande a vossa mercê o habito da ordem de Christo, de que a mesma senhora houve por bem fazer-lhe mercê, mandando além do referido assegurar-lhe em seu real nome que ficará sempre na sua lembrança um vassallo tão enobrecido por acção tão distincta. Deus guarde a vossa mercê. Palacio de Queluz em 5 de agosto de 1797.—*D. Rodrigo de Sousa Coutinho.*

Um escudo partido em pala; na primeira as armas dos Gonçalves, e na segunda as dos Silvas. — Br. p. a 20 de julho de 1802. Reg. no Cart. da N., liv. VI, fl. 212.

(C. C.)

1530. JOSÉ GREGORIO DE MORAES NAVARRO LEME, despachado para ir crear o logar de juiz de fóra da villa de Paracatú do Principe, na capitania de Minas-geraes, natural da villa de Pitangui da dita capitania; filho do capitão-commandante João de Moraes Navarro, senhor das lavras de oiro da Gameleira, do Campinho do Vieiro, e do Engenho da Cachoeira do Pará, e de D. Angela Cordeiro Soares de Oliveira; neto pela parte paterna do capitão Manuel Preto Rodrigues, um dos primeiros povoadores de Pitangui, descobridor das minas de oiro nas margens do rio de S. João, termo da mesma villa, primeiro senhor e possuidor das ditas lavras da Gameleira, do Campinho, e do Vieiro, e de sua mulher D. Francisca Sequeira de Moraes; neto pela parte materna do capitão Gonçalo Ribeiro Nilo, o qual foi tambem um dos primeiros povoadores de Pitangui, senhor do engenho da Cachoeira do Pará, e de D. Anna Moreira Cordeiro; bisneto por parte paterna de Manuel Dias Rodrigues, e de D. Anna Maria de Oliveira; terceiro neto de Manuel Preto, fundador da egreja de Nossa Senhora do Ó, no bispado de S. Paulo; quarto neto de Antonio Preto, o qual passando d'este reino para a capitania de S. Vicente em 1652, foi um dos seus primeiros povoadores, fazendo serviços nas guerras contra os gentios e corsarios com gente armada á sua custa, sendo chefe da familia do seu appellido n'aquella capitania; sendo o supplicante por sua avó paterna D. Francisca de Sequeira Moraes, bisneto de Antonio Leme do Prado, e por esta legitimo descendente de Pedro Leme, fidalgo da casa real, e de D. Francisca de Sequeira Barruel de Moraes, pela qual era o supplicante descendente de Balthasar de Moraes Antas, fidalgo da casa real, na villa do Mogadouro da provincia de Traz-os-montes, e de Pedro de Moraes Ignez Navarro de Antas, que pelo dito Gonçalo Ribeiro Nilo, avô materno do supplicante, era bisneto de Francisco Ribeiro Gonçalves, e de D. Maria Gonçalves de Sousa; e pela dita D. Anna Maria Cordeiro, sua avó materna, era bisneto de Raphael de Oliveira Galhardo, capitão-mór da villa de Jundialy da capitania de S. Paulo, e quarto neto de Jorge Moreira, que foi d'este reino para a capitania de S. Vicente em 1531, e alli occupou os cargos de capitão-mór, governador e ouvidor da mesma capitania, e foi tronco da familia dos Moreiras de S. Paulo.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Pretos, no segundo as dos Mendes, no terceiro as dos Lemes, e no quarto as dos Oliveiras. — Br. p. a 30 de abril de 1799. Reg. no Cart. da N., liv. VI, fl. 77.

(C. C.)

1531. JOSÉ GUILHERME D'ANTAS E ARAUJO, monteiro-mór da villa dos Arcos de Val de vez, comarca de Vianna, morador nas suas casas das Pedrosas; filho do bacharel José Antonio de Azevedo Pereira d'Antas Monteiro, ex-corregedor da comarca de Valença do Minho, e corregedor eleito do Civel da cidade, e de sua mulher D. Marianna Angelica Pereira da Silva e Oliveira, da dita casa das Pedrosas; neto paterno do doutor José Luiz de Azevedo Pereira, que serviu de juiz dos Orphãos da dita villa, e de sua mulher D. Maria Victoria da Conceição Pereira d'Antas Monteiro e Araujo; neto materno de Joaquim José Pereira da Silva, monteiro-mór que foi da mesma villa, e de sua mulher D. Maxima Julia de Oliveira e Silva; a referida avó paterna do supplicante D. Maria Victoria da Conceição Pereira d'Antas Monteiro e Araujo, e seus irmãos o reverendo Francisco Luiz d'Antas Monteiro, abbade de S. Cypriano de Senhor Rey, e o reverendo Frei João da Nazareth foram filhos do capitão João d'Antas Monteiro, e de sua mulher D. Perpetua Joaquina Pereira de Araujo; o capitão João d'Antas Monteiro serviu com muita distincção no reino de Angola; o supplicante é egualmente descendente de Pedro Alvares d'Antas, e de sua mulher D. Violante Rodrigues de Araujo, senhores e moradores que foram na sua antiga casa da Torre, da freguezia de Rio-frio; o qual Pedro Alvares d'Antas era filho da casa-solar

chamada o Paço d'Antas, na freguezia de Rubiaem, concelho de Coura, e descendente de Mendo Affonso d'Antas, senhor do Vimieiro e da dita casa do Paço d'Antas, e sua mulher D. Violante Rodrigues de Araujo, era filha de Alvaro Rodrigues de Araujo, commendador de Rio-frio; neta de Payo Rodrigues de Araujo, senhor de Sanfins e Panoyas, e da antiga casa-solar de Araujo, e possuiu a mesma commenda.

Um escudo partido em pala; na primeira as armas dos Antas, e na segunda as dos Araujos.—Br. p. a 27 de março de 1820. Reg. no Cart. da N., liv. VIII, fl. 56 v.

(C. C.)

1532. José Guilherme de Lima, do conselho de Sua Magestade, commendador das ordens de Christo, e de Carlos III de Hespanha, e enviado extraordinario e ministro plenipotenciario junto da côrte de Londres; filho de Guilherme Francisco Lima, cavalleiro professo na ordem de Christo, official-maior da contadoria da Junta dos juros dos reaes emprestimos, e ajudante do contador geral da Contadoria do real Erario da repartição da cidade, e de sua mulher D. Maria do Carmo Peregrina; neto paterno de Antonio Francisco Lima, e de sua mulher D. Helena da Cruz Rodrigues; e materno de Leandro Gomes Vieira, e de sua mulher D. Antonia Maria dos Anjos.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Limas, no segundo as dos Gomes, no terceiro as dos Vieiras, e no quarto as dos Cruzes.—Br. p. a 18 de junho de 1838. Reg. no Cart. da N., liv. VIII, fl. 290.

(C. C.)

1533. José Henriques Soares, cavalleiro da ordem de Christo, e sargento-mór da brigada de campo das ordenanças da cidade do Porto, natural da freguezia de S. Martinho de Soalhaens; filho do monteiro-mór Joaquim José Soares, e de D. Maria Margarida Soares; neto paterno de José Soares da Matta, e de sua mulher D. Maria Soares; e materno de Antonio da Silva Araujo, e de D. Maria Thereza do Rosario.

Um escudo partido em pala; na primeira as armas dos Soares, e na segunda as dos Araujos.—Br. p. a 16 de junho de 1813. Reg. no Cart. da N., liv. VII, fl. 276.

(C. C.)

1534. José Hyppolito Cotrim de Carvalho e Moura, natural da villa de Azambuja, filho de José de Moura e Azevedo, capitão da ordenança de Villa-franca de Xira, e de sua mulher Felicia Josepha Cotrim de Carvalho; neto pela parte paterna de Simão de Moura e Azevedo, e de sua mulher Maria da Conceição; neto pela parte materna de Manuel Carvalho Leitão Cotrim, a quem se passou brazão de armas a 12 de fevereiro de 1727, e de sua mulher Jacinta Correa Cotrim.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Mouras, no segundo as dos Azevedos, no terceiro as dos Cotrins, e no quarto as dos Carvalhos.—Br. p. a 22 de abril de 1797. Reg. no Cart. da N., liv. V, fl. 190 v.

(C. C.)

1535. José Ignacio de Almeida Monjardino, commendador da ordem de Christo, e secretario do Governo civil de Angra do Heroismo; filho de Ignacio de Almeida Andrade Monjardino, cadete do regimento de Lisboa, e de sua mulher D. Anna Claudina Maria do Carmo Monjardino; neto pela parte paterna de João Gualberto Pinto de Moraes Sarmento; e pela materna neto de José da Costa Xavier, e de sua mulher D. Quiteria Rosa de Sant'Anna.

Um escudo partido em pala; na primeira as armas dos Almeidas, e na segunda as dos Andrades.—Br. p. a 23 de dezembro de 1865. Reg. no Cart. da N., liv. IX, fl. 90 v.

(C. C.)

1536. José Ignacio de Barbosa Costa e Silva de Heredia (Doutor), cavalleiro professo da ordem de Christo, oppositor aos logares da magistratura, natural da cidade de Evora; filho de Lourenço Francisco Barbosa, e de D. Luiza Thereza Angelica da Costa e Silva; neto pela parte paterna de Manuel Francisco de Barbosa Heredia, e de D. Maria da Encarnação Rodrigues; e pela materna de Alexandre da Costa, e de D. Maria Josepha do Carmo Martins Mendes e Silva.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Barbosas, no segundo as dos Heredias, no terceiro as dos Costas, e no quarto as dos Silvas. — Br. p. a 31 de janeiro de 1780. Reg. no Cart. da N., liv. II, fl. 223 v.

(C. C.)

1537. José Ignacio de Brito, fidalgo cavalleiro da casa real, cavalleiro da ordem militar de S. Bento de Aviz, tenente coronel do exercito do estado da India, e vogal do supremo Conselho de justiça militar do dito estado; filho de Constantino José de Brito, capitão dos voluntarios reaes de Pondá, e de sua mulher D. Luiza Maria Rosa de Mello Sampaio; neto paterno de José Ignacio de Brito, marechal de campo dos reaes exercitos, e de sua mulher D. Rita Ignacia de Sousa e Brito, e materno de José Maria de Sampaio; sobrinho, por ser irmão de seu pae, de Luiz José de Brito e Sousa, fidalgo cavalleiro da casa real, cavalleiro da ordem de S. Bento de Aviz, sargento-mór de infanteria e governador da Bahia de Lourenço Marques, a quem se passou brazão de armas a 24 de dezembro de 1815.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Britos, no segundo as dos Sousas, no terceiro as dos Mellos, e no quarto as dos Sampaios. — Br. p. a 20 de novembro de 1868. Reg. no Cart. da N., liv. IX, fl. 113 v.

(C. C.)

1538. José Ignacio da Cunha, bacharel formado pela Universidade de Coimbra, professo na ordem de Christo, familiar do Santo Officio, e procurador fiscal do mesmo tribunal na cidade de Olinda da capitania de Pernambuco; filho do capitão Luiz da Cunha, e de sua mulher D. Joanna Gomes de Moura, neto pela parte paterna de Gerardo Martins da Cunha, e de sua mulher Anna Martins, e pela materna de Gonçalo de Cerqueira Villaça, e de sua mulher D. Martha Gomes de Moura e Queiroz.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Cunhas, no segundo as dos Villaças, no terceiro as dos Mouras, e no quarto as dos Queiroz. — Br. p. a 10 de julho de 1773. Reg. no Cart. da N., liv. I, fl. 199.

(C. C.)

1539. José Ignacio de Lemos e Castro, cavalleiro da ordem de Christo, bacharel formado na Universidade de Coimbra, e natural d'esta cidade; filho do doutor Manuel Antonio de Lemos e Castro, cavalleiro professo na ordem de Christo, corregedor do Crime do Bairro-alto de Lisboa, e de sua mulher D. Paula Caetana Josepha de Caminha; neto paterno de Antonio de Lemos de Figueiredo Castel-branco Zagalo, cavalleiro da ordem de Christo, guarda-roupa do senhor rei D. Affonso VI, vereador de Fronteira, e de sua mulher D. Luiza Ignez de Brito Pimentel, filha de André Furtado de Mendonça; bisneto de Balthasar de Lemos e Castro, alferes-mór de Estremoz, e de sua mulher D. Luiza de Figueiredo, filha de Luiz de Faria Godinho, e de Isabel de Figueiredo de Castel-branco, filha de Antonio de Figueiredo, que foi vereador em Estremoz; terceiro neto de Gaspar de Lemos Zagalo, vereador e procurador em Côrtes que foi da villa de Estremoz, e de sua mulher segunda D. Antonia da Costa; quarto neto de Leão de Lemos de Landim, e de sua mulher D. Sebastiana Zagalo, filha de Gaspar Dias Zagalo, cavalleiro de el-rei D. Manuel, filha de Ruy Dias Zagalo; neto de Diogo Gomes Zagalo, senhor de villa Fernando; e bisneto de Gomes Martins Zagalo; quinto neto de Lopo Fernandes de Lemos,

filho de Pedro de Lemos, senhor da villa de Chancellaria, alcaide-mór de Souzel e Monforte, sexto avô do supplicante; neto materno do desembargador José de Caminha Falcão, cavalleiro da ordem de Christo, e de sua mulher D. Catharina Thereza Paris; bisneto do doutor Bartholomeu de Caminha, procurador fiscal da Junta do commercio, que tirou brazão de suas armas em 1664, e de sua mulher D. Catharina de Leão; terceiro neto do doutor Francisco de Caminha da Costa, e de sua mulher Antonia de Miranda, filha de Francisco Gomes, e de sua mulher Guiomar de Miranda; neto paterno de Diogo Gomes, e de Anna Fernandes; neto materno de Diogo de Miranda, e de Violante Falcão; quarto neto de Bento Garcia da Costa, e de sua mulher Guiomar de Caminha, filha de Francisco de Caminha, e de Francisca da Costa, e neta de Alvaro de Caminha, sexto avó do supplicante.

As armas dos Lemos, Zagalos, Figueiredos, e Caminhas. — Br. p. a 26 de agosto de 1757. Reg. no Cart. da N., liv. particular, fl. 109.

(C. C.)

1540. José Ignacio de Oliveira Rebello, proprietario, filho de José Antonio de Oliveira Rebello, e de D. Luiza Josepha Lopes de Oliveira Rebello; neto paterno de Manuel Dias de Oliveira Rebello, e de sua mulher D. Sebastiana de Oliveira Rebello, e materno de Manuel Lopes de Oliveira, e de sua mulher D. Josepha Maria de Oliveira, e legitimo descendente do padre José Teixeira, vigario de Nogoza, a quem se concedeu brazão de armas a 20 de abril de 1745, assim como do instituidor da capella de Nossa Senhora da villa de Granja do Thedo, concelho de S. Cosmado, da comarca de Taboaço, que elle hoje administra.

Um escudo partido em pala; na primeira as armas dos Rebellos, e na segunda as dos Oliveiras. — Br. p. a 7 de junho de 1843. Reg. no Cart. da N., liv. VIII, fl. 311 v.

(C. C.)

1541. José Ignacio da Silveira Leal, professo na ordem de Christo, desembargador da Relação, e Casa do Porto, natural da villa de Borba, comarca de Villa-viçosa; filho do capitão Manuel Mendes Leal, e de sua mulher D. Antonia Maria de Almeida da Silveira; neto pela parte paterna de Manuel Lopes Leal, e de sua mulher D. Maria Mendes de Sequeira; neto pela parte materna de João Gomes de Almeida, e de sua mulher D. Ignez Rodrigues da Silveira, sendo o pae da supplicante, primo em segundo grau de consanguinidade de D. Vicente Leal da Gama, bispo deão que foi da real capella de Villa-viçosa, sendo egualmente a mãe do supplicante prima em terceiro grau de consanguinidade de Filippe Lobo da Silveira, fidalgo da casa real.

Um escudo esquartelado; no primeiro e quarto quarteis as armas dos Mendes, no segundo as dos Leaes, e no terceiro as dos Silveiras. — Br. p. a 13 de maio de 1795. Reg. no Cart. da N., liv. v, fl. 52.

(C. C.)

1542. José Isidoro Guedes, do conselho de Sua Magestade, fidalgo cavalleiro da casa real, par do reino, commendador da ordem de Christo, e da de Nossa Senhora da Conceição de Villa-viçosa, provedor do Asylo da mendicidade, e caixa geral da Companhia do tabaco e sabão; filho de José Bernardo Guedes, proprietario, e de sua mulher D. Maria Luiza do Patrocinio Guedes; neto paterno de Manuel Guedes, e de sua mulher D. Maria Joaquina de Oliveira Guedes, e materno de Luiz Pereira Ramalho, e de sua mulher D. Maria Luiza Ramalho.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Guedes, no segundo as dos Pereiras, no terceiro as dos Oliveiras, e no quarto as dos Ramalhos. — Br. p. a 28 de agosto de 1855. Reg. no Cart. da N., liv. IX, fl. 3.

(C. C.)

1543. José Jacinto Pereira, alferes de dragões do Rio-grande; filho do tenente de dragões Manuel Pereira Roris, e de sua mulher D. Brigida Antonia de Oliveira; neto paterno de Domingos Pereira Roris, e de sua mulher D. Maria Dias; neto materno de Antonio de Sousa Fernando, e de sua mulher D. Apolonia de Oliveira, sendo o mesmo supplicante por parte materna primo irmão do fallecido brigadeiro Raphael Pinto Bandeira, primo segundo do actual coronel do regimento da legião do Rio-grande Manuel Marques de Sousa.

Um escudo partido em pala; na primeira as armas dos Pereiras, na segunda as dos Oliveiras. — Br. p. a 15 de janeiro de 1800. Reg. no Cart. N., liv. vi, fl. 116.

(C. C.)

1544. José Januario do Rego Aranha (Capitão), familiar do Santo Officio, filho de Domingos Vaz Rego de Leão, natural da villa de Campo-maior, e de sua mulher Isabel Maria Aranha, irmã do bispo de Pernambuco D. Francisco Xavier Aranha; neto pela parte paterna de João Baptista, e de Beatriz Gonçalves, e pela materna de Francisco Fernandes Aranha, e de sua mulher Maria Martins.

Um escudo partido em pala; na primeira as armas dos Regos, na segunda as dos Aranhas. — Br. p. a 21 de janeiro de 1772. Reg. no Cart. da N., liv. i, fl. 168.

(C. C.)

1545. José Jeronymo da Gama Lobo Pimentel, tenente coronel do regimento de milicias de Villa-viçosa, filho de Francisco Cosme Varella Cardoso da Gama Lobo, superintendente das caudelarias da comarca de Aviz, e de sua mulher D. Thereza Joaquina Alves Botelho; neto paterno de Jeronymo José da Gama Lobo, capitão-mór da villa de Aviz, e de sua mulher D. Jeronyma Josepha Rita de Braga Caldeira; bisneto de Francisco Cosme da Gama Lobo, e de sua mulher D. Angela Isabel Caetana Pacheco e Sá, sendo a referida sua avó paterna filha de João de Lemos Zagal de Carvalhal, e de sua mulher D. Luiza Zagal de Carvalhal, filha de João de Lemos Zagal de Carvalhal, e de sua mulher Isabel Cabeça; neto materno de Manuel Rozado Alves, e de D. Catharina Maria Botelho.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Varellas, no segundo as dos Lobos, no terceiro as dos Gamas, e no quarto as dos Cardosos. — Br. p. a 6 de agosto de 1814. Reg. no Cart. da N., liv. vii, fl. 294 v.

(C. C.)

1546. José João Cardoso de Vasconcellos, natural da ilha da Madeira, filho do capitão Manuel da Camara Cardoso, administrador do morgado de S. João de Latrão, d'aquella ilha, que instituiu Nuno Ferraz Cardoso, chefe dos Cardosos da mesma, e de sua mulher D. Maria Michaela de Vasconcellos e Menezes, filha de Leandro Moniz de Menezes, e de sua mulher D. Branca de Vasconcellos Durmondo; neto pela sua varonia de Manuel Teixeira de Almada Cardoso, e de sua mulher D. Maria de Mendonça e Vasconcellos, filha do capitão Mattheus de Mendonça, e de sua mulher D. Branca de Vasconcellos; bisneto pela mesma varonia de Simão Teixeira Cardoso, administrador que foi do dito morgado, e de sua mulher Catharina Durmondo; terceiro neto de Francisco de Goes Cardoso, e de sua mulher D. Maria Jeronyma; quarto neto de Antonio Teixeira de Goes Cardoso, e de sua mulher Catharina Braz; quinto neto de Francisco de Goes Cardoso, e de sua mulher Joanna Dias; sexto neto de Antonio Teixeira Cardoso; setimo neto de Fernando Nunes Cardoso, e de sua mulher Beatriz de Goes; e oitavo neto do dito Nuno Fernandes Cardoso, fidalgo de cota de armas, chefe dos Cardosos d'aquella ilha, onde instituiu com sua mulher Leonor Dias o dito morgado de S. João de Latrão, com a clausula de rigorosa masculinidade para solar de sua casa, e nobreza d'ella.

Um escudo com as armas dos Cardosos. — Br. p. a 29 de julho de 1772. Reg. no Cart. da N., liv. i, fl. 180 v.

(C. C.)

1547. José João da Cunha e Vasconcellos, capitão das ordenanças da villa de Santa Cruz, na ilha Graciosa; filho de José João da Cunha, e de sua mulher D. Maria Rosa de Jesus; neto paterno do capitão Manuel da Cunha, e de D. Filippa Ignez de Jesus; neto materno de Estacio Correa Picanço, fidalgo da casa real e alcaide-mór da villa de S. José do Rio das Contas, e de D. Filippa Ignez do Rosario.

Um escudo com as armas dos Cunhas. — Br. p. a 2 de setembro de 1820. Reg. no Cart. da N., liv. VIII, fl. 65.

(C. C.)

1548. José João Monteiro, natural e morador na aldea de Candalim, provincia de Bardes, nos estados da India; filho de Diogo Monteiro, e de sua mulher Anna Senhorinha; neto por parte paterna de Simão Monteiro, e de sua mulher Thomazia de Sá; bisneto de Diogo Monteiro de Sousa, e de sua mulher Catharina de Noronha; neto por parte materna de Antonio Nicolau Gomes, e de sua mulher Joanna Mendes Monteiro; bisneto de Pedro Gomes, e de sua mulher Aurelia Correa.

Um escudo, e n'elle as armas dos Monteiros. — Br. p. a 27 de fevereiro de 1802. Reg. no Cart. da N., liv. VI, fl. 193 v.

(C. C.)

1549. José João Monteiro, natural da aldea de Candolim, provincia de Bardes, nos estados da India; filho de Diogo Monteiro, e de sua mulher D. Anna Senhorinha; neto paterno de Simão Monteiro, e de sua mulher D. Thomazia de Sá; bisneto de Diogo Monteiro de Sousa, e de sua mulher D. Catharina de Noronha; neto materno de Antonio Nicolau Gomes, e de sua mulher D. Joanna Mendes Monteiro; bisneto de Pedro Gomes, e de sua mulher D. Aurelia Correa.

Um escudo com as armas dos Monteiros — Br. p. a 9 de dezembro de 1803. Reg. no Cart. da N., liv. VII, fl. 46.

(C. C.)

1550. José João Teixeira (Doutor), juiz de fóra da villa do Conde, e intendente do oiro nas minas de Oiro-preto, natural da villa de Monção, comarca de Vianna; filho do doutor Pedro Esteves Teixeira, e de sua mulher D. Francisca dos Santos Teixeira, moradores que foram na sua quinta da Lavadeira, freguezia e termo da villa de Monção; neto pela parte paterna de Lourenço Esteves, e de sua mulher Magdalena Teixeira; e por esta parte bisneto de Antonio Coelho Teixeira, fidalgo da casa real, senhor do morgado de Falperra, em Braga, o qual era filho de Luiz Teixeira Coelho, fidalgo da casa real, e de sua mulher D. Joanna Pereira, senhora do dito morgado, que era filha de Antonio Pereira do Lago, tambem fidalgo da casa real, e de sua mulher D. Luiza de Mello, e do dito Luiz Teixeira Coelho, que foi filho de Gonçalo Teixeira Coelho, senhor de Teixeira.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Teixeiras, no segundo as dos Coelhos, no terceiro as dos Felgueiras, no quarto as dos Mellos. — Br. p. a 19 de maio de 1770. Reg. no Cart. da N., liv. I, fl. 126.

(C. C.)

1551. José Joaquim de Abreu Lemos (Capitão), filho de Pantaleão da Fonseca Lopes de Vasconcellos, e de sua mulher Anna Joaquina de Abreu Lemos; neto paterno de Pantaleão Lopes de Vasconcellos, e de sua mulher Anna da Fonseca Pinto; e materno de Jeronymo Fernandes de Lemos, e de sua mulher Antonia Maria de Abreu.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Lopes, no segundo as dos Fonsecas, no terceiro as dos Lemos, e no quarto as dos Abreus. — Br. p. a 26 de janeiro de 1821. Reg. no Cart. da N., liv. VIII, fl. 73.

(C. C.)

1552. José Joaquim de Almeida e Araujo, natural da cidade de Lisboa, filho de Antonio de Almeida Roris, e de sua mulher D. Anna Thereza de Araujo; neto pela parte paterna de Antonio de Almeida, e de D. Joanna Martins; e pela materna do capitão de mar e guerra Antonio Martins de Araujo, e de D. Maria Magdalena Soares.

Um escudo com as armas dos Almeidas.—Br. p. a 11 de outubro de 1786. Reg. no Cart. da N., liv. III, fl. 242.

(C. C.)

1553. José Joaquim de Almeida Moura Coutinho, natural da cidade do Porto, do conselho de Sua Magestade, fidalgo cavalleiro da casa real, cavalleiro da antiga e muito nobre ordem da Torre e Espada do valor, lealdade e merito, juiz da Relação da cidade de Lisboa, e deputado ás Côrtes; filho de José Joaquim de Almeida Coutinho, guarda-mór do Senado da camara da cidade do Porto, e de sua mulher D. Rosa Joaquina de Lima Xavier; neto paterno de Francisco Diogo de Moura Coutinho, senhor da casa de Borba da Lixa, uma das mais distinctas da provincia do Minho, e de sua mulher D. Thereza Rosa de Almeida; e materno de Antonio José Xavier Monteiro, procurador da Casa do infantado, e de D. Maria Joaquina Xavier.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Coutinhos, no segundo as dos Limas, no terceiro as dos Mouras, e no quarto as dos Monteiros.—Br. p. a 8 de janeiro de 1845. Reg. no Cart. da N., liv. VIII, fl. 321.

(C. C.)

1554. José Joaquim Antunes Leal Castello-branco, morador no logar do Telhado, termo da villa do Fundão; filho do capitão José dos Santos Leal, e de sua mulher D. Rosalia Mendes Barata Castello-branco; neto pela parte paterna do alferes José dos Santos Leal, e de sua mulher D. Maria Antunes; e pela materna de Domingos Barata Preto, e de sua mulher D. Isabel Mendes Castello-branco.

Um escudo partido em pala; na primeira as armas dos Leaes, e na segunda as dos Castello-brancos.—Br. p. a 5 de janeiro de 1781. Reg. no Cart. da N., liv. II, fl. 258 v.

(C. C.)

1555. José Joaquim de Azevedo Reynaud de Sampaio, natural da cidade de Lisboa, filho de José Luiz Reynaud, cavalleiro professo na ordem de Christo, e de sua mulher D. Ignacia Caetana de Sampaio; neto de Manuel de Azevedo de Sampaio, e de sua mulher Thereza Maria da Guerra; bisneto de Francisco de Azevedo de Sampaio, furriel-mór que foi do castello de S. Jorge d'esta cidade, e de sua mulher Domingas Ferreira; terceiro neto de Francisco de Sampaio e Azevedo, que teve o mesmo posto.

Um escudo partido em pala; na primeira as armas dos Sampaios, e na segunda as dos Azevedos.—Br. p. a 22 de julho de 1773. Reg. no Cart. da N., liv. I, fl. 202 v.

(C. C.)

1556. José Joaquim Curvo Semmedo, natural d'esta cidade de Lisboa, filho de Antonio Felix Curvo Semmedo, e de D. Luiza Bernarda Josepha de Faria; neto pela parte paterna de Pedro Joaquim Curvo Semmedo, e de D. Maria Josepha Granate; e pela materna de Manuel de Faria, e de D. Josepha Maria.

Um escudo partido em pala; na primeira as armas dos Curvos, e na segunda as dos Farias.—Br. p. a 21 de setembro de 1778. Reg. no Cart. da N., liv. II, fl. 168.

(C. C.)

1557. José Joaquim Ferreira Soares de Araujo, cavalleiro da ordem de Santiago, natural da cidade de Braga; filho de Bento Luiz Ferreira, e de sua mulher D. Josepha de Araujo; neto pela parte paterna de Domingos Fernandes Ferreira, e de sua mu-

lher D. Anna Ferreira; e pela materna neto de Custodio de Araujo, e D. Marianna Soares.

Um escudo esquartelado; no primeiro e quarto quarteis as armas dos Ferreiras, no segundo as dos Araujos, e no terceiro as dos Soares de Albergaria. —Br. p. a 8 de fevereiro de 1783. Reg. no Cart. da N., liv. III, fl. 85.

(C. C.)

1558. José Joaquim da Gama Machado, fidalgo cavalleiro da casa real, filho de Polycarpo José Machado, fidalgo cavalleiro da casa real, negociante da praça de Lisboa, deputado das companhias do Pará e Maranhão, e de Pernambuco e Parahiba, e um dos contractadores geraes do tabaco, e de sua mulher D. Maria Luiza Machado; neto paterno de Antonio Francisco Machado, e de D. Valentina Francisca da Motta; e materno de Ambrosio Lopes Coelho, e de D. Joanna Joaquina.

Um escudo com as armas dos Machados.—Br. p. a 7 de maio de 1813. Reg. no Cart. da N., liv. VII, fl. 273 v,

(C. C.)

1558. José Joaquim Gomes de Castro, do conselho de Sua Magestade, fidalgo cavalleiro da casa real, commendador da ordem de Christo, cavalleiro das ordens da Torre e Espada, e de numero da de Carlos III de Hespanha, e ministro e secretario de estado dos Negocios estrangeiros; filho de João Antonio Gomes de Castro, sargento-mór das ordenanças, e de sua mulher D. Catharina Gomes da Silva; neto paterno de Custodio Gomes de Castro, e de sua mulher D. Maria Gomes de Castro, e materno de Domingos Gomes da Silva, e de sua mulher D. Anna Gomes da Silva.

Um escudo partido em pala; na primeira as armas dos Gomes, e na segunda as dos Castros. — Br. p. a 6 de fevereiro de 1843. Reg. no Cart. da N., liv. VIII, fl. 306.

(C. C.)

1559. José Joaquim Gomes de Castro, do concelho de Sua Magestade, fidalgo cavalleiro da casa real, par do reino, commendador da ordem de Christo, cavalleiro da antiga e muito nobre ordem da Torre e Espada do valor lealdade e merito, grã-cruz da real e distincta ordem hespanhola de Carlos III, da da Aguia vermelha, da Prussia, da de Leopoldo da Belgica, da do Merito da Saxonia, da de Luiz de Hesse, da do Falcão branco de Saxe-Weimar, e condecorado com a ordem imperial ottomana do Nichan Iftihar da 1.ª classe, vice-presidente do Tribunal do thesouro, conselheiro de estado extraordinario, ministro secretario de estado dos Negocios estrangeiros, e inspector dos Correios e postas do reino; filho de João Antonio Gomes de Castro, sargento-mór de ordenanças, e de sua mulher D. Catharina Gomes da Silva; neto paterno de Custodio Gomes de Castro, proprietario, e de sua mulher D. Clemencia Ribeiro.

Um escudo partido em pala; na primeira as armas dos Gomes, e na segunda as dos Castros. — Br. p. a 2 de setembro de 1845. Reg. no Cart. da N., liv. VIII, fl. 319.

(C. C.)

1560. José Joaquim Pereira Jordão, natural da Granja, termo da villa de Alijó, comarca de Villa-real: filho de Antonio Rodrigues Jordão, e de D. Marianna Marques Pereira; neto paterno de Manuel Rodrigues Jordão, e de D. Engracia Coutinho, e materno de João Marques Pereira, e de D. Brigida Alvares.

Um escudo esquartelado; no primeiro e quarto quarteis as armas dos Rodrigues, no segundo as dos Marques, e no terceiro as dos Pereiras. — Br. p. a 24 de janeiro de 1826. Reg. no Cart. da N., liv. VIII, fl. 177 v.

(C. C.)

1561. JOSÉ JOAQUIM PEREIRA DA SILVA, monteiro-mór do concelho de Freixedo, comarca de Viseu, morador no logar de Mandufe, concelho de Besteiros da dita comarca; filho de João Rodrigues Pereira da Silva, capitão de infanteria auxiliar no terço da comarca de Aveiro, e de sua mulher D. Francisca Maria da Silva; neto pela parte paterna de Christovão Rodrigues Pereira, e de sua mulher D. Francisca Pereira da Silva; e pela materna de Manuel Antonio de Jesus Gomes, e de sua mulher D. Josepha Maria Pereira.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Rodrigues, no segundo as dos Pereiras, no terceiro as dos Silvas, e no quarto as dos Rodrigues. — Br. p. a 7 de agosto de 1786. Reg. no Cart. da N., liv. III, fl. 230.

(C. C.)

1562. JOSÉ JOAQUIM DE PONTES, filho de Alberto de Pontes, e de sua mulher D. Quiteria Maria; neto paterno de André da Ponte, e de D. Anna da Ponte, e materno de Francisco Xavier, e de D. Maria Francisca.

Um escudo, e n'elle as armas dos Pontes. — Br. p. a 13 de março de 1807. Reg. no Cart. da N., liv. VII, fl. 167.

(C. C.)

1563. JOSÉ JOAQUIM DE QUEIROZ ARGOLO, alferes cadete do regimento da guarnição da cidade da Bahia, filho de Paulo de Argolo, cavalleiro fidalgo da casa real, e de sua mulher D. Leonor Antonia de Queiroz; neto pela parte paterna de outro Paulo de Argolo tambem cavalleiro fidalgo da casa real, e de sua mulher D. Ignez de Gusmão; e pela materna neto de Antonio Gonçalves da Rocha, cavalleiro professo na ordem de Christo, capitão que foi da fortaleza de Itaparica, a qual reedificou á sua custa, e de sua mulher D. Luiza de Queiroz.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Argolos, no segundo as dos Queirozes, no terceiro as dos Gusmões, e no quarto as dos Rochas. — Br. p. a 21 de fevereiro de 1780. Reg. no Cart. da N., liv. II, fl. 231.

(C. C.)

1564. JOSÉ JOAQUIM SALEMA DE ANDRADE GUERREIRO DE ABOIM, natural e morador na villa de Sant'Iago do Cassem, comarca de Campo de Ourique, cavalleiro professo na ordem de Christo, e ex-capitão-mór das ordenanças da dita villa, senhor e administrador da antiga casa de Espargoza, e dos morgados d'ella; filho de José Joaquim Salema de Andrade, capitão-mór das ordenanças da dita villa, e de sua mulher D. Maria Perpetua de Aboim Guerreiro; neto paterno de André Ascenso Salema, tambem capitão-mór das ordenanças da mesma villa, e de sua mulher D. Luiza Angelica Villa Lobos e Vasconcellos; bisneto de André Ascenso Raposo, egualmente capitão-mór da referida villa; neto materno de João Camacho Guerreiro de Aboim, capitão-mór e governador que foi da praça de Mertola, senhor e administrador da referida casa de Espargoza, e de seus morgados; terneiro neto de Affonso Guerreiro de Aboim, capitão-mór das ordenanças de Campo de Ourique, a quem se passou brazão de armas a 30 de julho de 1665, no reinado do senhor rei D. Affonso VI.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Salemas, no segundo as dos Camachos, no terceiro as dos Guerreiros, e no quarto as dos Aboins. — Br. p. a 13 de outubro de 1824. Reg. no Cart. da N., liv. VIII, fl. 116 v.

(C. C.)

1565. JOSÉ JOAQUIM DA SILVA, secretario do governo das ilhas dos Açores, e commandante do forte do Bom Jesus do districto da villa de S. Sebastião da ilha Terceira, natural de Lisboa; filho de Manuel da Silva, e de sua mulher D. Luiza Paulina; neto pela parte paterna de Fernando da Silva, e de sua mulher D. Ignacia de Oliveira; neto pela

parte materna de Antonio Mendes Cardoso, e de sua mulher D. Agueda Luiza Pereira.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Silvas, no segundo as dos Cardosos, no terceiro as dos Oliveiras, e no quarto as dos Pereiras. — Br. p. a 10 de abril de 1795. Reg. no Cart. da N., liv. v, fl. 44 v.

(C. C.)

1566. José Joaquim Taborda de Negreiros Giraldes, natural de Valle de Prazeres, filho de Thomé Taborda de Negreiros, cavalleiro da ordem de Christo, e de sua mulher D. Maria Ricacha Giraldes; neto pela parte paterna do sargento-mór João Rodrigues Taborda de Negreiros, e de sua mulher D. Margarida Luiza Zarafana; bisneto do capitão João Rodrigues Taborda de Negreiros, e de sua mulher Catharina Vaz Zarafana, e terceiro neto de Estevão Rodrigues Taborda, filho de Estevão Gonçalves Taborda Negreiros, fidalgo da casa real, e neto de Bento Taborda de Negreiros, cavalleiro da ordem de Christo, que teve o mesmo foro, descendente de Garcia Rodrigues Taborda, fidalgo gallego, senhor que foi do solar dos Tabordas, n'aquelle reino, e de quem procedem todos os Tabordas de Portugal: e pela parte materna neto de Leão Rodrigues Cinza, e de sua mulher D. Porcia de Oliveira Ricacha Giraldes, filha de Antonio de Oliveira, cavalleiro da ordem de Christo, sargento-mór da infanteria.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Tabordas, no segundo as Negreiros, no terceiro as dos Giraldes, e no quarto as dos Oliveiras. — Br. p. a 4 de maio de 1776. Reg. no Cart. da N., liv. ii, fl. 95.

(C. C.)

1567. José Joaquim Thomaz Pinto de Sequeira, do logar de Lobrigos, concelho de Penaguião, comarca de Lamego; filho do doutor Antonio Ferreira Henriques, e de sua mulher D. Thereza Margarida Clara de Sequeira e Vasconcellos; neto pela parte paterna de Antonio Pereira, e de sua mulher D. Anna Vaz Henriques; e pela materna de Thomaz Pinto Guedes, e de sua mulher D. Margarida Clara de Vasconcellos.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Ferreiras, no segundo as dos Henriques, no terceiro as dos Pintos, e no quarto as dos Sequeiras. — Br. p. a 22 de abril de 1785. Reg. no Cart. da N., liv. iii, fl. 196.

(C. C.)

1568. José Joaquim Vaz Pinto, natural de Villa-marim, termo de Villa-real, filho de José Luiz Pinto de Mattos, e de sua mulher D. Maria Thereza; neto paterno de João Pinto Rebello, e de sua mulher D. Marianna de Mattos; e materno de Caetano Guedes, e de sua mulher D. Veronica da Conceição; sendo tambem descendente de Gonçalo Vaz de Carvalho, o moço.

Um escudo partido em pala; na primeira as armas dos Pintos, e na segunda as dos Vazes. — Br. p. a 14 de março de 1818. Reg. no Cart. da N., liv. vii, fl. 392.

(C. C.)

1569. José Joaquim de Viamonte, barão de Viamonte da Boa-vista, coronel das extinctas milicias; filho de José Dias de Oliveira Viamonte, e de sua mulher D. Thereza Fernandes de Menezes; neto paterno de Pedro Dias de Oliveira, e de sua mulher D. Joanna Maria Alves; e materno de Manuel Joaquim da Cunha Menezes, e de sua mulher D. Luiza Fernandes de Menezes.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Dias, no segundo as dos Oliveiras, no terceiro as dos Cunhas, e no quarto as dos Fernandes. — Br. p. a 17 de fevereiro de 1849. Reg. no Cart. da N., liv. viii, fl. 342.

(C. C.)

1570. José Joaquim Vieira, bacharel formado em direito, moço fidalgo com exercicio na casa real, commendador da ordem de Christo, cavalleiro da ordem de Nossa Senhora da Conceição de Villa-viçosa, e secretario do Governo civil do districto de Braga; filho de José Joaquim Vieira, e de sua mulher D. Maria Emilia Vieira Coelho; neto paterno de José Joaquim Vieira, e de sua mulher D. Agueda de Barreiros Vieira; e materno de João José Coelho, e de sua mulher D. Custodia Maria Vieira.
Um escudo partido em pala; na primeira as armas dos Vieiras, e na segunda as dos Coelhos.—Br. p. em janeiro de 1864. Reg. no Cart. da N., liv. vii, fl. 62 v.
(C. C.)

1571. José Justino de Oliveira Gondim (Doutor), natural da cidade de Leiria, filho de Antonio de Oliveira, e de sua mulher Maria Thereza Gondim; neto pela parte paterna de Antonio de Oliveira, e de sua mulher Martha Pereira, filha de Luiz Pereira, mestre de campo auxiliar do terço de Alemquer; bisneto de Antonio Mendes de Oliveira; terceiro neto de Luiz Francisco de Oliveira, senhor dos morgados de Oliveira e Patameira; pela parte materna neto do padre Antonio Neto de Sousa, e de Maria Gracia Gondim, filha de Antonio Gracia Gondim, e de Maria Ribeiro, elle filho de Leonardo Antonio Rodrigues Gondim, a quem se passou brazão de armas em 1645, e ella filha de Francisco Ribeiro, cavalleiro fidalgo da casa real, e neta de Manuel Pinto Ribeiro, que teve o mesmo foro, a quem tambem se passou brazão de armas em 1610; bisneto de Pedro Teixeira de Azevedo, que foi filho de José Teixeira Cabral, e de D. Antonia Salema de Vasconcellos, filha de Antonio Salema de Carvalho, alferes-mór que foi de Lamego e cavalleiro fidalgo da casa real.
Um escudo ovado e esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Oliveiras, no segundo as dos Carvalhos, no terceiro as de Gondim, e no quarto as dos Ribeiros.—Br. p. a 26 de julho de 1779. Reg. no Cart. da N., liv. ii, fl. 198.
(C. C.)

1572. José Leão Durmondo e Vasconcellos, natural da cidade do Funchal, ilha da Madeira; filho de José Rodrigues Martins, e de sua mulher D. Maria Francisca Durmondo, filha de Gregorio Ferreira Durmondo Novaes, filho de Diogo Ferreira de Novaes Durmondo, e de sua mulher D. Maria de Ornellas e Vasconcellos; neto pela parte paterna de Francisco Durmondo de Novaes, que era terceiro neto de Belchior Gonçalves Ferreira, e de sua mulher Branca Affonso Durmondo, elle descendente dos Ferreiras, porteiros-móres que foram n'este reino, e ella dos senhores de Escobar, no reino de Escocia; e pela materna era o mesmo Gregorio Ferreira Durmondo Novaes neto de Gaspar de Abreu, bisneto de Diogo de Ornellas e Vasconcellos, bisneto este tambem de Alvaro de Ornellas Sávedra, a quem se passou brazão de armas no rnno de 1513.
Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Ferreiras, no segundo as dos Durmondos, no terceiro as dos Ornellas, e no quarto as dos Vasconcellos.—Br. p. a 18 de julho de 1770. Reg. no Cart. da N., liv. i, fl. 133.
(C. C.)

1573. José Leandro da Silva e Sousa, do conselho de Sua Magestade, cavalleiro professo na ordem de Christo, fidalgo cavalleiro da casa real, membro do Supremo Tribunal de justiça; filho de Camillo José da Silva, desembargador da extincta Casa da Supplicação, e de sua mulher D. Thereza Ignacia de Sousa; neto paterno de José Pereira da Silva, e de sua mulher D. Josepha da Silva; e materno de Antonio Gonçalves Ferreira, e de sua mulher D. Maria Joanna de Sousa.
Um escudo partido em pala; na primeira as armas dos Silvas, e na segunda as dos Sousas.—Br. p. a 19 de julho de 1834. Reg. no Cart. da N., liv. viii, fl. 272.
(C. C.)

1574. José Leite Pitta Falcão Marinho (Capitão), da villa de Caminha, comarca de Valença; filho do capitão Luiz da Rocha Marinho, e de sua mulher D. Luiza Leite Pitta; neto pela parte paterna de José da Rocha, e de sua mulher D. Thereza Marinho; e pela materna neto de Fernando Leite Pitta, fidalgo da casa real, e de Paschoa Affonso.

Um escudo partido em pala; na primeira as armas dos Marinhos, e na segunda as dos Pittas. — Br. p. a 5 de junho de 1779. Reg. no Cart. da N., liv. II, fl. 190 v.

(C. C.)

1575. José Lobo de Macedo Pereira, fidalgo da casa real por alvará de 24 de setembro de 1721, natural da villa de Arruda; filho de José Lobo Pereira, fidalgo da casa real, e de sua mulher D. Bernarda de Macedo: neto paterno de João de Macedo Pereira Leitão, capitão-mór da dita villa; bisneto de Lucas Lobo, a quem se passou brazão dos Lobos em 1 de setembro de 1616; terceiro neto de Antonio Lobo; quarto neto de Francisco Dias Lobo, descendente legitimo por varonia de Ruy Dias Lobo, senhor das villas de Alvito, Villa-nova e Mira.

As armas dos Lobos, e Macedos. — Br. p. a 9 de março de 1759. Reg. no Cart. da N., liv. particular, fl. 120 v.

(C. C.)

1576. José Lopes Vaz de Almeida, sargento-mór reformado, filho de Manuel Vaz, e de sua mulher D. Joanna Lopes; neto por parte paterna de José Vaz, e de D. Innocencia de Almeida; e pela materna neto de Thomé Rodrigues, e de sua mulher D. Maria Lopes.

Um escudo partido em pala; na primeira as armas dos Vazes, e na segunda as dos Almeidas. — Br. p. a 3 de fevereiro de 1819. Reg. no Cart. da N., liv. VIII, fl. 29 v.

(C. C.)

1577. José Lourenço de Queiroz Pimentel e Vasconcellos, natural do logar de Oliveira, concelho de Mesão-frio, comarca de Lamego; filho de Luiz Guedes Queiroz, e de sua mulher D. Maria Josepha da Cunha; neto pela parte paterna de Francisco Guedes de Mesquita Pimentel, e de sua mulher D. Brigida Guedes Queiroz; bisneto de Pedro de Mesquita Pimentel, fidalgo da casa real, tenente de cavallos na praça de Vianna, que descendia por linha legitima de Nuno Vaz Pinto de Mancilha, tambem fidalgo da casa real, e que teve por seus ascendentes a Ruy Vaz Affonso de Mancilha, João Rodrigues Borges, senhor dos padroados de tres egrejas, a saber : S. Miguel de Mamouro, S. Martinho de Alva e Santa Maria de Pipião, foi alcaide-mór de Santarem e senhor da terra de Alva, a Gonçalo Vaz Guedes, e a Gonçalo Borges Lousada.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Mesquitas, no segundo dos Pimenteis, no terceiro as dos Guedes, e no quarto as dos Queirozes. — Br. p. a 9 de dezembro de 1771. Reg. no Cart. da N., liv. I, fl. 163.

(C. C.)

1578. José Lourenço de Sequeira, filho de Joaquim José de Sequeira, professo na ordem de Christo, e de D. Anna Barbara da Silveira Macedo; neto pela parte paterna de Antonio José de Sequeira, e de D. Luiza Thereza Fiuza; bisneto de Bernardino da Silva Sequeira, e de D. Josepha Maria de Miranda.

Um escudo partido em pala; na primeira as armas dos Silvas, e na segunda as dos Sequeiras. — Br. p. a 3 de junho de 1799. Reg. no Cart. da N., liv. VI, fl. 88.

(C. C.)

1579. José Lourenço da Silva, sargento-mór commandante da ilha do Fogo, filho de Domingos da Silva Guimarães, e de sua mulher D. Clara Magdalena de Jesus e Sousa; neto pela parte paterna de Domingos Fernandes da Silva, e de D. Maria da Silva Bitten-

court; e pela parte materna neto de João Gonçalves, e de D. Francisca Thereza de Sousa.
Um escudo esquartelado; no primeiro e quarto quarteis as armas dos Silvas, no segundo as dos Gonçalves, e no terceiro as dos Bittencourts. — Br. p. a 9 de fevereiro de 1801. Reg. no Cart. da N., liv. VI, fl. 162.

(C. C.)

1580. José Luiz Cerqueira de Lemos, natural da villa de Barcellos, filho de Manuel Francisco Cerqueira, e de sua mulher Josepha Thereza Pereira; neto paterno de Lourenço Francisco, e de sua mulher Maria Alves; bisneto de outro Lourenço Francisco, e de sua mulher Maria Rodrigues; bisneto egualmente por sua avó Maria Alves de Mathias Alves, e de sua mulher Domingas Rodrigues; terceiro neto de Domingos Alves, e de sua mulher Ignez Peres; neto materno de Domingos Pereira, e de sua mulher Maria Correa, filha de Francisco Carvalho, e de sua mulher Maria de Lemos, da casa e familia dos Lemos, da freguezia de Barcellinhos; bisneto de Manuel Pereira, e de sua mulher Maria Francisca.
Um escudo esquartelado; no primeiro e quarto quarteis as armas dos Rodrigues, no segundo as dos Pereiras, e no terceiro as dos Lemos. — Br. p. a 23 de julho de 1825. Reg. no Cart. da N., liv. VIII, fl. 152 v.

(C. C.)

1581. José Luiz de Magalhães e Menezes de Carvalho (Desembargador), cavalleiro professo na ordem de Christo, natural de Villa-real; filho de Antonio José de Magalhães Correa Pimentel, e de sua mulher D. Francisca de Magalhães Correa; bisneto pela sua varonia de Thomé de Magalhães e Menezes; terceiro neto de Gaspar de Magalhães, que era quarto neto por legitima varonia de Ruy de Magalhães, alcaide-mór de Aveiro, dos Magalhães, senhores da villa de Ponte de Barca e de Nobrega, e de sua mulher D. Alda de Mesquita, que era neta de João Affonso Pimentel, conde de Benavente, em Castella; e pela sua avó D. Francisca de Magalhães Correa se mostrava ser o supplicante bisneto de Francisco de Mesquita Pimentel, e de sua mulher D. Catharina Correa de Magalhães, filha de Antonio de Magalhães Barbosa, morgado de Sabroso, que era neto de Antonio de Magalhães e Sousa, instituidor do dito morgado; terceiro neto o mesmo supplicante de Pedro de Niza Mesquita Pimentel; quarto neto de outro do mesmo nome, senhor da casa de Lordello, o qual foi filho de Ruy de Niza de Mesquita, e de sua mulher D. Anna Coronel, elle filho de Pedro de Niza, escudeiro da casa do senhor rei D. João II, e neto de Fernão de Niza, almoxarife de Villa-real do senhor rei D. Affonso V, que teve a investitidura do prazo de Lordello, e de sua mulher D. Isabel de Mesquita Pimentel, descendente por outra linha do referido João Affonso Pimentel, conde de Benavente, e ella filha de D. Francisco Coronel, fidalgo aragonez, irmão do Protonotario D. Pedro de Castro, fundador das egrejas de S. Pedro o velho, e da Misericordia da mesma Villa-real.
Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Magalhães, no segundo as dos Sousas, no terceiro as dos Mesquitas, e no quarto as dos Pimenteis. — Br. p. a 12 março de 1790. Reg. no Cart. da N., liv. IV, fl. 150.

(C. C.)

1582. José Luiz Nogueira, commendador da ordem de Christo, proprietario, e juiz ordinario do julgado de Coura; filho de Manuel Antonio Nogueira, proprietario, e de sua mulher D. Maria Joaquina Moreira; neto paterno de Antonio Nogueira, e de sua mulher D. Rosa Gomes Nogueira; e materno de Manuel Moreira, e de sua mulher D. Quiteria Maria Ribeiro.
Um escudo partido em pala; na primeira as armas dos Nogueiras, e na segunda as dos Moreiras. — Br. p. a 1 de março de 1858. Reg. no Cart. da N., liv. IX, fl. 20.

(C. C.)

1583. José Luiz da Rocha, capitão de infanteria do terço auxiliar da cidade de S. Luiz do Maranhão; filho natural de João de Araujo da Camara, e de Silvana dos Santos Martins; neto pela parte paterna de Manuel de Araujo Cerveira, e pelo mesmo lado bisneto de Domingos Cerveira Bayão.

Um escudo partido em pala; na primeira as armas dos Araujos, e na segunda as dos Cerveiras. — Br. p. a 20 de março de 1798. Reg. no Cart. da N., liv. vi, fl. 12.

(C. C.)

1584. José Machado Godinho de Almeida e Cunha, natural do couto de Francemil, termo da cidade do Porto; filho de Manuel Machado Godinho, e de sua mulher D. Senhorinha Josepha Machado, da freguezia de S. Martinho de Campo, do logar de Arcozelo; neto pela parte paterna de Francisco de Faria e Almeida, e de Jeronyma Machado; e pela materna de Cypriano Machado da Cunha, e de D. Maria da Cunha.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Almeidas, no segundo as dos Machados, no terceiro as dos Farias, e no quarto as dos Cunhas. — Br. p. a 11 de junho de 1771. Reg. no Cart. da N., liv. i, fl. 152.

(C. C.)

1585. José de Magalhães Ribeiro, familiar do Santo Officio, e seu irmão Antonio de Magalhães Basto, naturaes de Cabeceiras de Basto, freguezia de Sant'Iago da Faya; filhos de José de Magalhães, e de sua mulher Maria de Magalhães; netos paternos de João de Magalhães, e de sua mulher Joanna Ribeiro; bisnetos de Simão Gonçalves, e de sua mulher Maria de Magalhães; netos maternos de Antonio Ribeiro de Barros, e de sua mulher Senhorinha de Magalhães; bisnetos de Gregorio Francisco de Barros, e de sua mulher Catharina Martins.

As armas dos Magalhães, Gonçalves, Ribeiros, e Barros.—Br. p. a 15 de março de 1753. Reg. no Cart. da N., liv. particular, fl. 50 v.

(C. C.)

1586. José Manuel do Amaral e Campos, familiar do Santo Officio, e natural da Prova, concelho de Penedono, comarca de Pinhel; filho de Miguel do Amaral, alferes de granadeiros da guarnição da praça de Almeida, e de Marianna de Campos.

As armas dos Amaraes, Campos, Cabraes, e Pintos. — Br. p. a 9 de maio de 1754. Reg. no Cart. da N., liv. particular, fl. 73 v.

(C. C.)

1587. José Manuel de Amorim Pimentel, cavalleiro professo na ordem de Sant'Iago, commissario de mostras do exercito da provincia de Traz-os-montes; filho do capitão João de Araujo e Amorim de Moraes, e de sua mulher D. Luiza Pereira Rocho; neto pela parte paterna de Pedro de Moraes Pimentel, e de D. Maria de Araujo; bisneto de Domingos de Moraes, e de D. Rita de Araujo; e pela materna neto de Gaspar Rodrigues de Amorim, e de D. Domingas de Gamboa; bisneto de Antonio da Silva de Gamboa, e de D. Joanna da Rosa Camello.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Moraes, no segundo as dos Pimenteis, no terceiro as dos Araujos, e no quarto as dos Amorins. — Br. p. a 12 de março de 1778. Reg. no Cart. da N., liv. ii, fl. 153.

(C. C.)

1588. José Manuel Barbosa da França Corte-real, filho de João Manuel Barbosa, e de sua mulher D. Ursula Isabel da França Corte-real; neto paterno de Antonio Manuel Barbosa, e de sua mulher D. Maria Cavalcante; e materno de João Pires Garcia, e de sua mulher D. Maria Magdalena do Nascimento da França Corte-real.

Um escudo esquartelado; no primeiro e quarto quarteis as armas dos Barbosas, no segundo as dos Françás, e no terceiro as dos Cortes-reaes. — Br. p. a 8 de julho de 1807. Reg. no Cart. da N., liv. VII, fl. 187.

(G. C.)

1589. JOSÉ MANUEL DE CARVALHO NEGREIROS, capitão de infanteria com exercicio de engenheiro, natural d'esta cidade de Lisboa; filho de Eugenio dos Santos de Carvalho, cavalleiro da ordem de Christo, capitão de infanteria com exercicio de engenheiro, cidadão d'esta cidade, e de sua mulher D. Francisca Thereza de Jesus Negreiros; neto pela parte paterna de Antonio dos Santos de Carvalho, e de sua mulher D. Francisca Maria de Carvalho, filha legitima de Bernardo de Carvalho, e de D. Maria Ramos, da villa de Aljubarrota; bisneto de Antonio de Carvalho, alferes de cavallos, descendente das nobres familias dos Carvalhos, Ferreiras, Sás, e Negreiros, d'este reino, de que se passou brazão de armas em 1684; e pela parte materna se mostrava tambem que é neto do sargento-mór de infanteria Manuel da Costa Negreiros, e de sua mulher D. Thereza Maria de Jesus; e bisneto de José da Costa Negreiros, d'este reino.

Um escudo esquartelado; no primeiro e quarto quarteis as armas dos Carvalhos, no segundo as dos Ferreiras, no terceiro as dos Sás. — Br. p. a 5 de abril de 1784. Reg. no Cart. da N., liv. III, fl. 126 v.

(C. C.)

1590. JOSÉ MANUEL SEABRA (Mestre de campo), cavalleiro professo na ordem de Christo, e cavalleiro da casa real, natural da cidade do Pará; filho de Caetano Rufino Seabra, cidadão da mesma cidade, natural de Lisboa, e de sua mulher D. Maria da Encarnação; neto paterno de Manuel Lopes Seabra, e de sua mulher D. Simoa Ursula Maria; e materno de José da Costa Jordão, e de sua mulher D. Domingas do Evangelho.

Um escudo com as armas dos Seabras. — Br. p. a 17 de janeiro de 1804. Reg. no Cart. da N., liv. VII, fl. 63.

(C. C.)

1591. JOSÉ MARCELINO DA COSTA E SÁ, visconde de S. Christovão, fidalgo cavalleiro da casa real, commendador da ordem de Christo.

Um escudo esquartelado com as armas que lhe foram concedidas por alvará de 19 de maio de 1869. — Br. p. a 17 de junho de 1869. (M. N.) Reg. no Cart. da N., liv. IX, fl. 122. — V. no I. H. *S. Christovão.*

(C. C.)

1592. JOSÉ MARIA DE AGUILAR, morador na côrte de Lisboa, filho de João Antonio de Aguilar, e de sua mulher D. Joaquina Thereza da Costa e Silva; neto pela parte paterna de D. Antonio José Christovão de Aguilar, e de D. Maria Magdalena Rodrigues de Castro; bisneto de D. Lourenço de Aguilar; e pela materna neto de Manuel da Costa, e de D. Josepha da Silva.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Aguilares, no segundo as dos Castros, no terceiro as dos Costas, e no quarto as dos Silvas. — Br. p. a 11 de maio de 1786. Reg. no Cart. da N., liv. III, fl. 224.

(C. C.)

1593. JOSÉ MARIA DE AGUILAR E CORDOVA, cidadão da cidade de Lisboa, com carta passada pelo regio tribunal do Desembargo do Paço; filho de D. João Antonio de Aguilar e Cordova, e de D. Joaquina Thereza da Costa; neto paterno de D. José Antonio Christoval de Aguilar e Cordova, e de D. Maria Magdalena Rodrigues de Castro; bisneto de D. Lourenço de Aguilar e Cordova Soares e Figueiroa, e de D. Catharina de Aguaio; ter-

ceiro neto de D. Alonso Fernandes de Cordova e Aguilar, marquez de Villa-franca, e de D. Catharina Fernandes de Cordova e Aguilar, terceira marqueza de Priego, paes de D. Pedro, quarto marquez do seu titulo, de D. Alonso, marquez de Zellada, e de D. Lourenço; quarto neto de D. Lourenço Soares e Figueroa, terceiro conde de Feria, e de D. Catharina Fernandes de Cordova e Aguilar, segunda marqueza de Priego, grande de Hespanha da primeira classe de grandeza, a qual lhe foi concedida pelo emperador Carlos v a 22 de outubro de 1520, e foram paes de D. Pedro, quarto conde de Feria, de D. Gomes, quinto conde de successão, de D. Alonso Fernandes de Cordova e Aguilar, marquez de Villa-franca, e de D. Maria, duqueza de Arcos; quinto neto de D. Pedro Fernandes de Cordova e Aguilar, primeiro marquez de Priego, grande de Hespanha de primeira classe, decimo senhor da casa de Cordova, setimo da de Aguilar, e primeiro dos estados de Montalvão, Montilha e outros, e de D. Elvira Henriques de Lima, filho de D. Henrique Henriques, almirante de Sicilia, e de sua mulher D. Maria de Lima, paes de D. Catharina Fernandes de Cordova e Aguilar, segunda marqueza de seu titulo, de D. Maria, mulher de D. Pedro de Avila, marquez de las Navas e conde del Risco, e de D. Elvira, mulher de D. Pedro Fernandes Henrique, quarto conde de Offorno; sexto neto de D. Alonso Fernandes de Cordova e Aguilar, sexto senhor de Aguilar, nono da casa de Cordova, do conselho dos reis catholicos, alcaide de Alcalá la Real, de Antiquera, alcaide-mór de Cordova, vice-rei de Andaluzia, e rico-homem de Castella, e de D. Catharina Pacheco, filha do mestre de Sant'Iago D. João Pacheco, marquez de Vilhena, duque de Escalona, e de sua mulher D. Maria Portocarrero; e foram paes de D. Pedro, primeiro marquez de Priego, D. Elvira, mulher de D. Fradique Henriques de Rivera, primeiro marquez de Tarifa, e de D. Luiza, mulher de D. Luiz Mendes de Haro, senhor del Carpio; setimo neto de D. Pedro Fernandes de Cordova e Aguilar, oitavo senhor da casa de Cordova e quinto da casa de Aguilar, do conselho de el-rei, seu estribeiro-mór, alcaide-mór de Cordova, alcaide de Alcalá la Real e rico-homem de Castella, e de D. Elvira de Ferreira, filha de D. Pedro Nunes de Ferreira, senhor de Pedrosa, e de sua mulher D. Branca Henriques, paes de D. Alonso, de D. Gonçalo, e de D. Leonor, mulher de D. Martim Fernandes de Cordova, senhor de Espejo; oitavo neto de D. Pedro Fernandes de Cordova e Aguilar, sexto senhor da casa e estados de Cordova, terceiro da de Aguilar, senhor de Montilha, Priego e outros estados, do conselho de el-rei, e de D. Leonor de Arrelano, filha de Carlos de Arrelano, segundo senhor de los Cameros, e de D. Constancia Sarmiento, sua mulher; e foram paes de D. Alonso Fernandes de Cordova e Aguilar, que succedeu na casa de Cordova, e como primogenito foi setimo senhor da casa de Cordova e quarto da de Aguilar, rico-homem de Castella, e falleceu sem casar em o anno de 1441; de D. Pedro, que succedeu na casa de Cordova, de D. Leonor, mulher de D. Martim Fernandes de Cordova, quarto alcaide de los Donzeles, e de D. Thereza, que casou com D. Perafem de Rivera, adelantado-maior de Andaluzia; nono neto de D. Alonso Fernandes de Cordova e Aguilar, quinto senhor da casa de Cordova, segundo da de Aguilar, rico-homem de Castella, do conselho de el-rei D. João I, alcaide-mór de Alcalá la Real, e de D. Thereza Venegas, irmã de D. Pedro Venegas, senhor de Luque, filha de D. Egas Venegas de Cordova, e de D. Beatriz Tolosam, e foram paes de D. Gonçalo Fernandes de Cordova, e de D. Pedro; decimo neto de D. Gonçalo Fernandes de Cordova e Aguilar, quarto senhor da casa de Cordova, meirinho-mór de Cordova, marechal de Castella, rico-homem dos reis D. Pedro e D. Henrique II, o qual lhe fez mercê do senhorio e estado de Aguilar, de que foi primeiro senhor em 1369 para succeder em seus descendentes, por cuja razão juntou por orla ao escudo das armas de Cordova a aguia de côr preta coroada de oiro, antiga divisa da casa de Aguilar, e de D. Maria Garcia Carrilho, filha de D. Pedro Rueier Carrilho, senhor dos estados de Villaquiram, alferes-mór de el-rei D. Affonso, e de D. Urraca Lasso de la Vega, sua mulher, paes de D. Pedro que falleceu sem successão, de D. Alonso Fernandes de Cordova e Aguilar, que segue o tronco, de D. Diogo Fernandes de Cordova, marechal de Castella, primeiro senhor de Baena, de D. Garcia Fernandes de Cordova, commendador maior de Castella, e

mestre de Sant'Iago, de D. Urraca Fernandes de Cordova, mulher de Misser Affonso Bocanegra, terceiro senhor de Palma, de D. Leonor de Cordova, que casou com Ruy Gonçalves Mexia, senhor de la Guardia, e de D. Mencia de Cordova, que casou com D. Pedro Venegas, segundo senhor de Luque; decimo primeiro neto de D. Fernão Affonso de Cordova, terceiro senhor da casa de Cordova, e segundo de Canente, alcaide-mór de Cordova, rico-homem de Castella, primeiro alcaide de los Donzeles, dignidade que conserva a casa de Cordova, e de D. Urraca Gonçalves de Aguilar, filha de D. Gonçalo de Aguilar, rico-homem e senhor de Aguilar e outros estados, e de sua mulher D. Maria de Menezes, paes de D. Alonso Fernandes de Cordova, que falleceu sem successão, e de D. Gonçalo Fernandes de Cordova, que succedeu na casa e tronco de varonia; decimo segundo neto de D. Alonso Fernandes de Cordova, segundo senhor da casa de Cordova, e primeiro de Canente e outros senhorios e estados, alcaide de Alcalá la Real, alcaide-mór de Cordova, rico-homem e adelantado maior de la Frontera em 1307, e de D. Thereza Ximenes de Gongora, filha de Luiz Bandoma de Gongora, senhor de Zarza e Canaveral, e rico-homem, e de D. Ximena Yniguez, sua mulher, paes de D. Fernão Alfonso de Cordova, que segue o tronco da casa, de D. Martim Alfonso de Cordova, quinto senhor de Dos-hermanos, de D. Lopo Alfonso Fernandes de Cordova, mestre da ordem de Alcantara, de D. Urraca de Cordova, que casou com Garcia Melendes de Sotto-maior, senhor del Carpio e Iodar, de D. Maria de Cordova que casou com Ruy Gonçalves Mexia, commendador maior de Leão, e de D. Constança de Cordova, que casou com João Martins de Argote, senhor da casa do seu appellido; decimo terceiro neto de Nuno Fernandes de Cordova, primeiro senhor da casa de Cordova, e terceiro de Dos-hermanos, alcaide-mór de Cordova, e de D. Maria de Formozilha, filha de João Martins de Formozilha, paes de D. Alonso Fernandes de Cordova, que segue o tronco da varonia, de D. Joanna de Cordova, que casou com Fernão Yniguez de Carcomo, de D. Maria de Cordova, que casou com D. Antonio de Sousa, senhor de la Vega, e de D. Leonor de Cordova, que casou com D. Alonso Peres de Savedra, alcaide de Baena; decimo quarto neto de D. Fernão Nunes de Temes, que pela conquista de Cordova tomou o appellido de Cordova que tem seguido e usado os seus descendentes e por tal lhe foram dados por armas tres fachos saguinhos em campo de oiro, como ganhadores e vencedores na conquista de Cordova, fazendo certo, segundo os escriptores da casa de Cordova e outros chronologistas, que da familia de Temes, senhores da Coutada, procede a varonia de Fernão Nunes de Temes, que pela conquista de Cordova tomou o appellido de Cordova, sendo uma das casas das de maior antiguidade que tem gozado senhorios em Andaluzia, havendo para mais de 1080 annos que se acham em sua possessão. Serviu D. Fernão Nunes de Temes a el-rei D. Fernando o Santo, em especial na conquista de Cordova, e lhe tocou como rico-homem, e no repartimento de Sevilha em 1236 os castellos de Canente, Paterna, Loeches, e o logar que povoou de Fernão Nunes e as casas principaes na collegiada de S. Nicolau em Cordova, da casa e familia de Cordova; foi armado cavalleiro por el-rei D. Alonso o Sabio, no dia da sua coroação, e o fez alcaide-mór de Cordova, officios que os seus descendentes possuem, foi casado com D. Ora Munhos, de quem foi filho Nuno Fernandes de Cordova, que seguiu o tronco e varonia.

Um escudo com as armas dos Cordovas. — Br. p. a 15 de abril de 1806. Reg. no Cart. da N., liv. vii, fl. 130.

(C. C.)

1594. José Maria do Amaral, fidalgo cavalleiro da casa real, commendador da ordem de Nossa Senhora da Conceição de Villa-viçosa, e negociante de grosso tracto; filho de Manuel José Carneiro do Amaral, proprietario, e de sua mulher D. Violante Gertrudes Rosa de Azevedo e Amaral; neto paterno de Manuel José Carneiro, e de sua mulher D. Maria Pinheiro Carneiro, e materno de José Antonio Ribeiro Paes de Faria, e de sua mulher D. Luiza Maria de Sousa Novaes de Faria.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Amaraes, no segundo as dos Carneiros, no terceiro as dos Farias, e no quarto as dos Azevedos. — Br. p. a 28 de junho de 1854. Reg. no Cart. da N., liv. VIII, fl. 382.

(C. C.)

1595. **José Maria Arsenio de Lacerda**, capitão de infanteria, filho de Miguel Rodrigues de Macedo e Leão, e de sua mulher D. Isabel Rosa de Lacerda; neto paterno de Manuel Pinto de Sousa, e de sua mulher D. Thereza de Macedo, e materno de Nuno Affonso de Lacerda, e de sua mulher D. Leonor Thomazia Coutinho.

Um escudo com as armas dos Lacerdas. — Br. p. a 5 de outubro de 1802. Reg. no Cart. da N., liv. VII, fl. 11 v.

(C. C.)

1596. **José Maria de Barahona Fragoso Cordovil da Gama Lobo**, visconde da Esperança, commendador da ordem de Nossa Senhora da Conceição de Villa-viçosa, e fidalgo cavalleiro da casa real; filho de Francisco Cordovil de Barahona Fragoso da Gama Lobo, e de sua mulher D. Marianna Lucia Olympia Sardinheiro; neto paterno de José Joaquim de Barahona Cordovil da Gama Lobo, e de sua mulher D. Josepha Marianna Cordovil de Brito Lobo, e materno de Estevão José de Mira Sardinheiro, e de sua mulher D. Maria Montez Pitta.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Barahonas, no segundo as dos Fragosos, no terceiro as dos Cordovis, e no quarto as dos Gamas. — Br. p. a 12 de abril de 1853. Reg. no Cart. da N., liv. VIII, fl. 362.

(C. C.)

1597. **José Maria Camillo de Mendonça**, fidalgo cavalleiro da casa real, commendador da ordem de Nossa Senhora da Conceição de Villa-viçosa, e proprietario; filho de José Camillo de Lellis Vieira de Mendonça, e de sua mulher D. Maria Delphina da Cunha; neto paterno de José Pereira de Mendonça, e de sua mulher D. Maria Rita Mascarenhas, e materno de Joaquim da Cunha, e de sua mulher D. Josepha Clara da Cunha.

Um escudo partido em pala; na primeira as armas dos Mendonças, e na segunda as dos Cunhas. — Br. p. a 11 de fevereiro de 1868. Reg. no Cart. da N., liv. IX, fl. 108.

(C. C.)

1598. **José Maria Carvalho Junior**, fidalgo cavalleiro da casa real, commendador da ordem de Nossa Senhora da Conceição de Villa-viçosa.

Um escudo esquartelado com as armas que lhe foram concedidas por alvará de 25 de maio de 1868. — Br. p. a 5 de novembro de 1868. (M. N.) Reg. no Cart. da N., liv. IX, fl. 112 v. — V. no I. H. *Carvalho Junior*.

(C. C.)

1599. **José Maria da Costa Bueno e Nieto Cevalhos de Villa-lobos Hydalgo e Moscoso**, natural de Portalegre, fidalgo cavalleiro da casa real, filho do capitão-mór de Portalegre João Baptista da Costa, e de sua mulher D. Gregoria Antonia Bueno e Nieto Cevalhos de Villa-lobos Hydalgo e Moscoso; neto paterno do capitão-mór Manuel da Costa Carneiro, e de sua mulher D. Catharina Antunes da Costa Carneiro, e materno de D. Francisco Manuel Bueno e Nieto de Villa-lobos e Moscoso, e de sua mulher D. Maria Manuel Cevalhos Ortiz Hydalgo.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Villa-lobos, no segundo as dos Buenos, no terceiro as dos Netos, e no quarto as dos Moscosos. — Br. p. a 6 de fevereiro de 1856. — Reg. no Cart. da N., liv. IX, fl. 9.

(C. C.)

1600. José Maria do Couto Pestana de Brito Casco Mesquita e Saldanha, natural da villa de Estremoz, filho do desembargador Lourenço Ribeiro do Couto. e de sua mulher D. Rosa Pestana de Brito e Casco Mesquita Saldanha; neto materno de Diogo Pestana de Brito Casco, fidalgo da casa real; bisneto de Garcia Pestana de Brito e Casco, tambem fidalgo cavalleiro da casa real; terceiro neto de Manuel Pestana de Brito e Casco.

Um escudo e n'elle as armas dos Pestanas. — Br. p. a 30 de setembro de 1821. Reg. no Cart. da N., liv. viii, fl. 91.

(C. C.)

1601. José Maria de Eça Figueiró da Gama Lobo, filho de Carlos Antonio de Figueiró, capitão do regimento de cavallaria de Olivença, e de sua mulher D. Anna Josepha de Eça da Gama Lobo; neto paterno de Joaquim Antonio de Figueiró, tenente do regimento de cavallaria de Alcantara, e de sua mulher D. Joaquina Venancia da Costa Pereira; neto materno de D. Duarte de Eça Faria Henriques, e de sua mulher D. Catharina Lobo da Gama; bisneto paterno de Carlos de Figueiró e Almeida, e de sua mulher D. Thereza Maria de Sousa, filha de Luiz dos Santos Fragoso, que morreu coronel do regimento de infanteria de Vianna; bisneto materno de D. Bernardo Sebastião de Eça Faria Henriques. e de sua mulher D. Francisca Josepha de Mello Marione; terceiro neto paterno do capitão-mór Antonio da Costa Lisboa, e de sua mulher D. Anna Josepha Pereira, e materno de D. Manuel de Eça e Faria, e de sua mulher D. Isabel Antonia de Macedo; quarto neto pela mesma linha de D. Duarte de Eça, e de sua mulher D. Maria de Oliveira; quinto neto pela mesma linha de D. Antonio de Eça, moço fidalgo da casa real, e de sua mulher D. Clara Bernarda de Villas-boas; sexto neto pela mesma linha materna de D. João de Eça, irmão germano de D. Francisco de Eça, moço fidalgo da casa real com accrescentamento de escudeiro fidalgo, e de sua mulher D. Catharina Bernardes de Medeiros, filha de Antonio Vaz Bernardes de Medeiros, instituidor do morgado da quinta da Foz em Obidos; setimo neto pela mesma linha de D. Duarte de Eça Faria, fidalgo da casa real e capitão de Moluco, e de sua mulher D. Leonor de Faria, filha de Pedro de Faria, fidalgo da casa real, e governador de Malaca, nos estados da India; oitavo neto pela mesma linha materna de D. João de Eça, fidalgo da casa real, do conselho do senhor rei D. João iii, e alcaide-mór de Villa-viçosa, e de sua mulher D. Maria de Oliveira de Eça; nono neto de D. Fernando de Eça, alcaide-mór de Villa-viçosa, e de sua mulher D. Joanna de Saldanha, filha de Fernão Lopes de Saldanha, contador-mór de Castella, e camareiro de el-rei D. João ii d'aquelle reino; decimo neto de D. Fernando (o primeiro que tomou o appellido de Eça, por ser senhor da villa d'este nome no reino de Galliza, por doação de seu parente o duque de Aryjona, D. Fradique de Castro), filho legitimo do infante D. João, filho do senhor rei D. Pedro i e da rainha D. Ignez de Castro.

Um escudo, e n'elle as armas dos Eças.—Br. p. a 20 de dezembro de 1806. Reg. no Cart. da N., liv. vii, fl. 155.

(C. C.)

1602. José Maria Possidonio Cordeiro (Capitão-mór), cavalleiro da ordem de Christo, e cavalleiro fidalgo da casa real; filho de Manuel José Fortis, e de D. Angelica da Encarnação; neto paterno do capitão-mór Bento Soeiro Fortis, e de sua mulher D. Maria Gil, e materno de Manuel Luiz Cordeiro, e de sua mulher D. Maria de Silva.

Um escudo com as armas dos Cordeiros. — Br. p. a 17 de fevereiro de 1816. Reg. no Cart. da N., liv. vii, fl. 340 v.

(C. C.)

1603. José Maria Salema Garção, cavalleiro fidalgo da casa real, e escrivão proprietario da mesa do Consulado geral da saida e entrada na Casa da India, natural da ci-

dade de Lisboa; filho de Pedro Antonio Joaquim Correa Garção, cavalleiro fidalgo da casa real, professo na ordem de Christo, e escrivão do dito Officio, e de sua mulher D. Maria Anna Xavier Froes Mascarenhas de Sande e Salema; neto paterno de Filippe Correa da Silva, que teve o mesmo foro, e professo na mesma ordem, e official-maior da Secretaria de estado dos Negocios estrangeiros, e da guerra, e de sua mulher D. Luiza Maria da Visitação Dorgier, filha de Ruy Garção de Carvalho, que teve o referido fôro, official da casa real, com a propriedade do officio de escrivão das Moradias, e thesoureiro-mór do reino, e de sua mulher D. Margarida Thereza Gertrudes Dorgier Campello de Andrade; terceiro neto de Antonio Garção de Carvalho, e de sua mulher D. Catharina Lima; quarto neto de Manuel Garção de Carvalho, que teve o referido fôro, e o mesmo officio de escrivão das Moradias, e de sua mulher D. Filippa Pessoa Barbuda do Quintal; quinto neto de Luiz Garção de Carvalho, que teve o referido fôro, e foi moço da camara do senhor rei D. Affonso VI, e de sua mulher D. Guiomar Toscana; neto pela parte materna de Manuel Froes de Azevedo, cavalleiro fidalgo da casa real, professo na ordem de Christo, e proprietario do mencionado officio de escrivão do Consulado, e de sua mulher D. Anna Clara Mascarenhas de Sande e Salema; bisneto de João Froes de Azevedo, e de sua mulher D. Joanna Thereza de Miranda Salgado; terceiro neto de Miguel da Silva de Abreu, moço da camara do senhor rei D. João IV, seu cavalleiro fidalgo, e proprietario do dito officio de escrivão do Consulado, e de sua mulher D. Martha Froes de Azevedo.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Carvalhos, no segundo as dos Campellos, no terceiro as dos Froes, e no quarto as dos Salemas. — Br. p. a 19 de outubro de 1792. Reg. no Cart. da N., liv. IV, fl. 267.

(C. C.)

1604. José Maria de Sampaio Bacellar Pinto de Mello, natural e morador na villa de Algoso, comarca de Miranda do Douro; filho de Bernardo Pinto Bacellar de Sampaio, e de sua mulher D. Anna da Fonseca Pacheco; neto paterno de Manuel Pinto Bacellar, e de sua mulher D. Maria de Sampaio Borges de Mello, filha de Affonso Martins Preto, e de sua mulher D. Maria Geraldes de Sampaio e Mello, filha de Diogo Geraldes de Sampaio, filho de Francisco Geraldes de Sampaio, e de sua mulher Maria de Barrientos; neto paterno de Affonso Geraldes de Sampaio, e de sua mulher Engracia Gonçalves; bisneto de Jeronymo Fernandes de Sampaio, irmão de Fernão Vaz de Sampaio, quarto senhor de Villa-flor, Cachim, e outras terras, alcaide-mór da Torre de Moncorvo, e de Castello de Vide, filhos ambos de Vasco Fernandes de Sampaio, terceiro senhor da dita villa, e mais terras, e de sua mulher D. Mecia de Mello, filha de Vasco Martins de Mello, e de sua mulher D. Isabel de Azevedo; bisneto pela sua varonia de Francisco Pinto Bacellar, irmão de Fernão Pinto Bacellar de Villa Dossas, cuja casa usa das armas dos Pintos e Bacellares, ambos filhos de Francisco Pinto Bacellar, e de D. Maria das Neves Pinheiro; netos de Fernão Pinto, e de sua mulher D. Catharina Bacellar.

As armas dos Sampaios, Mellos, Pintos, e Bacellares. — Br. p. a 9 de novembro de 1752. Reg. no Cart. da N., liv. particular, fl. 45.

(C. C.)

1605. José Maria de Sousa e Almeida, natural da ilha do Principe, commendador da ordem de Christo, e cavalleiro da de Nossa Senhora da Conceição de Villa-viçosa, tenente coronel de voluntarios da cidade de S. Filippe de Benguella, negociante de grosso trato, e grande proprietario em Benguella, na ilha do Principe, e em Mossamedes; filho do coronel Manuel de Vera Cruz e Almeida, e de sua mulher D. Pascoella de Sousa Leitão; neto paterno de Antonio de Almeida Vianna, negociante da Bahia, e de sua mulher D. Anna Maria da Assumpção; neto materno do capitão João Mathias de Sousa, e de sua mulher D. Antonia Gomes dos Santos.

Um escudo partido em pala; na primeira as armas dos Almeidas, e na segunda as dos Leitões. — Br. p. a 2 de julho de 1845. Reg. no Cart. da N., liv. VIII, fl. 315 v.

(C. C.)

1606. José Maria Vaz Pinto de Almeida e Sousa Donas Botto, da villa de Moimenta da Beira, tenente coronel do regimento de milicias de Lamego; filho de Sebastião de Almeida Vaz Pinto e Sousa, cavalleiro professo na ordem de Christo, e de D. Joanna Clara Cardoso; neto paterno de José Vaz Pinto de Almeida, e de D. Isabel da Fonseca Donas Botto, e materno de João Cardoso da Silva, e de D. Anna Angelica Thereza da Silva e Carvalho, sendo a referida sua avó paterna D. Isabel da Fonseca Donas Botto, prima do conselheiro José Antonio Pinto da Fonseca Donas Botto; segundo neto de Sebastião Vaz Pinto; terceiro neto de José Vaz Pinto de Almeida, sobrinho de D. Frei Gabriel de Almeida, bispo do Funchal, o qual era irmão do quarto avô do supplicante.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Almeidas, no segundo as dos Vazes, no terceiro as dos Pintos, e no quarto as dos Sousas. — Br. p. a 31 de janeiro de 1816. Reg. no Cart. da N., liv. VII, fl. 339.

(C. C.)

1607. José Marianno de Albuquerque Cavalcante, filho de Antonio Coelho de Albuquerque, capitão de granadeiros de infanteria auxiliar das marinhas do Acaracú, e de sua mulher D. Maria da Conceição; neto paterno do capitão Pedro Coelho Pinto, e de sua mulher D. Romualda Cavalcante de Albuquerque, e neto materno de Gabriel Leitão Pacheco, e de D. Marianna Maria de Menezes, sendo o supplicante primo com irmão do bacharel Joaquim José Cavalcante de Albuquerque Lins, a quem se passou brazão de armas a 17 de janeiro de 1782.

Um escudo partido em pala; na primeira as armas dos Albuquerques, e na segunda as dos Cavalcantes. — Br. p. a 15 de novembro de 1806. Reg. no Cart. da N., liv. VII, fl. 147 v.

(C. C.)

1608. José Martins da Camara Zarco (Padre), filho do capitão José Martins Zarco, e de sua mulher D. Thereza Bernarda Beirão Correa Gato; neto por parte paterna de José Martins da Camara Zarco, e de sua mulher Francisca Gomes Forjás Colaço de Almeida; e por parte materna de José Fialho Perdigão, e de sua mulher Maria da Conceição Beirão Correa Gato; descendente o supplicante de João Gonçalves Zarco, cavalleiro da casa do senhor infante D. Henrique, filho do senhor rei D. João I, por cuja ordem descobriu a ilha da Madeira.

Um escudo partido em pala; na primeira as armas dos Martins, na segunda as dos Camaras. — Br. p. a 15 de dezembro ds 1800. Reg. no Cart. da N., liv. VI, fl. 153.

(C. C.)

1609. José Martins de Sousa, capitão tenente da corôa e feitor da fortaleza de Diu, natural da cidade de Goa, e morador na de Damão do estado da India; filho do licenceado Manuel Martins, e de sua mulher Francisca de Sousa; neto paterno de Antonio Martins, e de sua mulher Isabel da Costa; neto materno de Simão de Sousa, e de sua mulher Maria Prieta.

As armas dos Sousas, Martins, e Costas. — Br. p. a 24 de dezembro de 1757. Reg. no Cart. da N., liv. particular, fl. 112 v.

(C. C.)

1610. D. José de Medeiros (Doutor), tenente governador e accessor geral da provincia da Paz na America Meridional, dominio de Hespanha; filho de Antonio de Medeiros,

e de sua mulher D. Antonia de Jesus e Silva; neto paterno de João de Medeiros, e de sua mulher D. Thereza da Costa; e materno de Antonio Francisco da Silva, e de sua mulher D. Antonia Rodrigues da Silva.

Um escudo partido em pala; na primeira as armas dos Medeiros, e na segunda as dos Silvas. — Br. p. a 29 de março de 1804. Reg. no Cart. da N., liv. VII, fl. 72.

(C. C.)

1611. José de Mello Coutinho da Silva Pinto, filho de José de Mello Coutinho, e de sua mulher D. Angelica Maria da Silva Pinto; neto por parte paterna de Vicente de Mello Coutinho, e de sua mulher D. Thereza Maria da Encarnação; e por parte materna de Carlos José da Silva Pinto, e de sua mulher D. Maria da França e Vasconcellos; e por este mesmo lado bisneto do doutor Manuel da Silva Leitão, sargento-mór que foi da villa do Casal e Seixo, e de sua mulher D. Maria Thereza Bernardes, neta do capitão de infanteria paga Manuel Gomes Pinto, descendente da antiquissima casa de Balsemão; e por parte do dito seu avô Vicente de Mello Coutinho é o supplicante descendente de Christovão de Mello Coutinho, moço fidalgo da casa real, e seu sexto avô.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Mellos, no segundo as dos Coutinhos, no terceiro as dos Silvas, e no quarto as dos Pintos. — Br. p. a 7 de julho de 1800. Reg. no Cart. da N., liv. VI, fl. 125 v.

(C. C.)

1612. José de Mendonça de Mattos Moreira, juiz de fóra da villa de Odemira, natural da de Albufeira, reino do Algarve; filho do sargento-mór José de Mendonça Vieira, e de sua mulher D. Barbara Francisca Xavier de Mattos Moreira; neto paterno de Francisco Dias Vieira e Sousa; e materno do sargento-mór Jacinto Paes de Mattos Moreira.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Mendonças, no segundo as dos Vieiras, no terceiro as dos Mattos, e no quarto as dos Moreiras. — Br. p. a 5 de agosto de 1773. Reg. no Cart. da N., liv. I, fl. 205 v.

(C. C.)

1613. José de Menezes Bandeira de Mello, filho legitimo de Estevão Rangel Bandeira de Mello, e de sua mulher D. Maria Magdalena de Seabra e Almeida; neto pela parte paterna de Gonçalo Bandeira de Mello, e de sua mulher D. Anna Josepha de Araujo, filha de Pedro Rodrigues de Araujo, e de sua mulher D. Joanna Baptista de Seabra; bisneto de José Bandeira de Mello, e de sua mulher D. Maria Mascarenhas; pela parte materna neto de André Pires Seabra e Carvalho, e de sua mulher D. Sebastiana Maria de Almeida, irmã de Gonçalo de Almeida Cavalleiro, capitão de cavallos que foi n'esta côrte, filhos ambos de Henrique de Almeida Cavalleiro, e de sua mulher D. Maria Magdalena de Menezes; bisneto de Luiz Pires de Seabra, e de sua mulher e parenta D. Isabel de Seabra, os quaes todos foram pessoas nobres e se trataram á lei da nobreza.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Bandeiras, no segundo as dos Mellos, no terceiro as dos Seabras, e no quarto as dos Almeidas. — Br. p. a 25 de dezembro de 1766. Reg. no Cart. da N., liv. I, fl. 41.

(C. C.)

1614. José de Mesquita Pimentel e Mello, natural da cidade do Porto, morador na villa de Huelba, reino de Hespanha, advogado dos reaes conselhos de Sua Magestade Catholica; filho de Leão de Mesquita Pimentel e Mello, e de D. Francisca Thereza da Gram e Vasconcellos; neto paterno de João de Mello de Mesquita Pimentel, e de D. Rosa Thereza da Silveira; bisneto de Manuel de Mesquita Pimentel e Mello, capitão-mór dos privilegiados da sagrada Religião de S. João do Hospital de Jerusalem, e cavalleiro da ordem de Christo.

Um escudo partido em pala; na primeira as armas dos Mesquitas, e na segunda as dos Pimenteis. — Br. p. a 31 de outubro de 1815. Reg. no Cart. da N., liv. vii, fl. 327.

(C. C.)

1615. José Miguel Ayres, capitão-mór da cidade do Grã-Pará, estado do Maranhão, e seu irmão André Miguel Ayres, naturaes de Lisboa; filhos de Pedro Miguel, cavalleiro professo na ordem de Christo, e de sua mulher D. Maria Antonia d'Assumpção; netos paternos de André Michel, e de sua mulher Catharina Michel; netos maternos do capitão de mar e guerra Antonio Fernandes Pereira Ayres, cavalleiro professo na ordem de Sant'Iago, e de sua mulher D. Maria Francisca.

As armas dos Fernandes, Pereiras, e Ayres, Lormes e Micheis. — Br. p. a 30 de abril de 1751. Reg. no Cart. da N., liv. particular, fl. 16 v.

(C. C.)

1616. José Monteiro de Macedo Ramos, capitão de granadeiros na praça de Nova-colonia, natural da freguezia de Almoster, termo da villa de Santarem; filho do capitão Manuel Ramos Madeira, e de sua mulher D. Helena da Cruz Monteiro; neto paterno de Francisco Jorge Madeira, e de sua mulher Maria Madeira Ramos; e materno do capitão Antonio Monteiro Furtado, e de D. Magdalena Vicente, da dita freguezia de Almoster.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Madeiras, no segundo as dos Ramos, no terceiro as dos Monteiros, e no quarto as dos Furtados. — Br. p. a 21 de janeiro de 1772. Reg. no Cart. da N., liv. i, fl. 169.

(C. C.)

1617. José Monteiro da Veiga, presbytero do habito de S. Pedro, da villa de Provezende, comarca de Villa-real; filho de Domingos da Costa Monteiro, e de D. Antonia Correa da Veiga; neto paterno de Manuel Monteiro, e de D. Anna da Costa; e materno de Antonio da Veiga Coelho, e de D. Maria Esteves.

Um escudo ovado e esquartelado; no primeiro e quarto quarteis as armas dos Costas, no segundo as dos Monteiros, e no terceiro as dos Veigas. — Br. p. a 26 de setembro de 1792. Reg. no Cart. da N., liv. iv, fl. 264 v.

(C. C.)

1618. José Moreira de Pinho (Sargento-mór), filho do doutor Thomé Moreira de Pinho, e de D. Maria Rosa de Lima; neto pela parte paterna de Thomé Moreira de Pinho, e de Joanna da Fonseca; neto pela parte materna de Leonel Ferreira Leite, e de D. Rosa Maria de Lima, filha do sargento-mór Manuel Coelho de Abreu, e de Maria de Lima.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Moreiras, no segundo as dos Pinhos, no terceiro as dos Mascarenhas, e no quarto as dos Leites. — Br. p. a 9 de dezembro de 1796. Reg. no Cart. da N., liv. v, fl. 163.

(C. C.)

1619. José da Motta Cerveira (Bacharel), cavalleiro fidalgo da casa real, official-maior da repartição das Justiças e do despacho da mesa do Desembargo do Paço; filho de Estevão da Motta Cerveira, e de D. Josepha Maria de Almeida, os quaes seus paes e avós foram legitimos descendentes de Fernando Cerveira e Martins, moços da camara, e tiveram outros empregos honrados dos senhores reis, principes e infantes d'estes reinos, e assistiram na villa da Azinhaga, onde teem sepulturas e jazigos proprios com epitaphios da sua nobreza.

Um escudo com as armas dos Cerveiras. — Br. p. a 20 de janeiro de 1777. Reg. no Cart. da N., liv. ii, fl. 124 v.

(C. C.)

1620. José Narciso de Almeida Amaral Cordeiro de Carvalho e Silva, bacharel na faculdade de leis, natural de Ois do Bairro, comarca de Aveiro; filho de José Gomes Cordeiro de Almeida, capitão-mór das ordenanças dos coutos de Aguim, e de D. Joaquina Rita do Amaral de Sampaio Carvalho e Silva; neto paterno de Francisco Gomes de Almeida, cavalleiro professo na ordem de Christo, doutor em canones, e oppositor ás cadeiras da Universidade de Coimbra, e de sua mulher D. Benta Cordeiro de Almeida; neto materno de Anacleto Diniz do Amaral, e de sua mulher D. Rosa Joaquina de Sampaio Carvalho e Silva, da casa e quinta de Sampaio, em Tavarede, comarca de Coimbra.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Almeidas, no segundo as dos Amaraes, no terceiro as dos Carvalhos, e no quarto as dos Silvas. — Br. p. a 6 de julho de 1815. Reg. no Cart. da N., liv. VII, fl. 315.

(C. C.)

1621. José das Neves Leão, capitão tenente das reaes armadas, governador da praça de S. José de Bissau, professo na ordem de Sant'Iago; filho de Antonio José Leão, e de sua mulher Anna Victoria; neto por parte paterna de Sebastião da Costa, e de sua mulher Maria Josepha; neto por parte materna de Manuel Rodrigues Ramalho, e de sua mulher Maria Gomes.

Um escudo e n'elle as armas do appellido de Leão. — Br. p. a 25 de fevereiro de 1797. Reg. no Cart. da N., liv. V, fl. 175 v.

(C. C.)

1622. José Nogueira Marchão Barradas (Capitão), da villa de Castello de Vide, filho de Simão Fernandes Formoso, e de sua mulher Joanna Rodrigues Barradas; neto materno de João Nogueira, e de sua mulher Leonor Rodrigues Barradas; bisneto de João Barradas Muito-pão, e de sua mulher Joanna Rodrigues; terceiro neto de Francisco Barradas, e de sua mulher Violante Gonçalves; quarto neto de João Barradas, e de sua mulher Francisca Gonçalves.

As armas dos Barradas. — Br. p. a 24 de maio de 1756. Reg. no Cart. da N., liv. particular, fl. 97.

(C. C.)

1623. José de Oliveira de Andrade Borges de Mesquita, natural do logar de Souto-maior, freguezia e concelho de Ataide, irmão de Miguel de Oliveira de Andrade Borges de Mesquita a quem se passou brazão de armas em 1757, e ambos filhos de Mattheus de Oliveira, e de sua mulher Maria Francisca, filha de Antonio Francisco, e de sua mulher Maria Borges; neto o supplicante pela sua varonia de Fructuoso de Oliveira Borges, e de sua mulher Seraphina Monteiro; bisneto de Francisco Ferreira, e de sua mulher Margarida de Mesquita Borges, esta filha de Antonio Borges, e de sua mulher Margarida de Mesquita, terceiros avós do supplicante, e por esta parte quarto neto de Antonio Paes do Amaral, capitão-mór da villa de Celorico de Basto, e de sua mulher Marinha Borges; e por esta quinto neto de Balthasar Borges Lousada, e de sua mulher D. Isabel Gomes de Abreu e Brito; sexto neto de Fernando Gonçalves de Faria, ouvidor que foi de Mesão-frio, e de sua mulher D. Isabel Borges de Azevedo, esta filha de Belchior Borges, fidalgo da casa real, cavalleiro da ordem de Sant'Iago, e de sua mulher D. Felicita Cerqueira, e neta de Gaspar Borges de Sousa, e de sua mulher e segunda prima D. Thereza Gomes Rebello, filha esta de D. Senhorinha do Rego Borges, e de seu marido João de Lousada de Ledesma, bisneta de D. Catharina do Rego Borges, e de seu marido Domingos Affonso de Mancilhas, a qual D. Catharina do Rego Borges era filha de João Borges, fidalgo da casa real, senhor da terra de Alva, e do padroado das tres egrejas de S. Miguel de Marmoras, S. Martinho de Alva e Santa Maria de Pipião, alcaide-mór de Santarem, decimo avô do supplicante; e por esta parte decimo primeiro neto de Ruy Borges, fidalgo da casa real,

senhor das terras de Carvalhaes, do couto de Avelãs de cima, e de Ferreiros do Reguengo de Quintella, e de Arcos, logares de Ilhalvo-verde, Milho, e casaes de Sá com o padroado das referidas egrejas, mero e mixto imperio nas terras d'ellas, e finalmente decimo segundo neto de Diogo Borges, commendador do Torrão, e senhor donatario das referidas terras e outras mais.

As armas dos Borges, Oliveiras, Mesquitas e Monteiros. — Br. p. a 17 de janeiro de 1758. Reg. no Cart. da N., liv. particular, fl. 113.

(C. C.)

1624. José de Oliveira Barbosa, tenente coronel effectivo do regimento de artilheria da cidade do Rio de Janeiro, e da mesma natural; filho de João de Oliveira Barbosa, sargento-mór pago do terço de infanteria auxiliar de S. Gonçalo, districto da referida cidade, e de sua mulher D. Brites Joaquina de Andrade; neto paterno de Bento Barbosa, e de sua mulher D. Seraphina de Oliveira, e materno do sargento-mór Francisco Pereira Leal, e de sua mulher D. Marianna de Andrade.

Um escudo partido em pala; na primeira as armas dos Barbosas, e na segunda as dos Oliveiras.—Br. p. a 27 de setembro de 1802. Reg. no Cart. da N., liv. VII, fl. 21.

(C. C.)

1625. José de Oliveira Maia, natural do Porto, cavalleiro professo na ordem de Christo, e fidalgo cavalleiro da casa real; filho de Antonio de Oliveira Maia, fidalgo cavalleiro da casa real, e de sua mulher D. Maria Joaquina da Silva Maia; neto paterno de Hypolito de Oliveira Maia, e de sua mulher D. Theodosia da Silva; e materno do capitão Caetano da Silva Maia, e de sua mulher D. Rosa Maria de Moura Coutinho.

Um escudo partido em pala; na primeira as armas dos Oliveiras, e na segunda as dos Maias. — Br. p. a 2 de junho de 1818. Reg. no Cart. da N., liv. VII, fl. 397.

(C. C.)

1626. José de Oliveira Pinto Botelho da Silva Mosqueira (Bacharel), juiz de fora da villa de Sertão, natural da cidade de Marianna das Minas-geraes, filho do sargento-mór da dita cidade Antonio de Oliveira Pinto, e de sua mulher D. Paula Felicia Rosa de Sousa Botelho, naturaes da mesma villa; neto pela parte paterna de Antonio de Oliveira Pinto, e de sua mulher D. Domingas Rodrigues de Carvalho, e pela materna do capitão-mór da mesma cidade Manuel Botelho de Sousa Mosqueira, e de sua mulher D. Anna Felicia de Sousa, filho do mestre de campo André de Sousa e Silva; e bisneto do desembargador Manuel Mosqueira da Rosa, e de sua mulher D. Paschoa Maria Botelho.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Pintos, no segundo as dos Mosqueiras, no terceiro as dos Botelhos, e no quarto as dos Silvas. — Br. p. a 24 de abril de 1771. Reg. no Cart. da N., liv. I, fl. 149.

(C. C.)

1627. José de Oliveira Torres, barão de S. Roque, commendador da ordem de Christo, e presidente da camara municipal da villa e concelho de Caminha; filho de José Pereira Torres; neto paterno de João Pereira Rosa, e de sua mulher D. Lourenciana Maria Gonçalves Torres, e materno de José Rodrigues de Oliveira, e de sua mulher D. Joanna Maria Torres.

Um escudo partido em pala; na primeira as armas dos Oliveiras, e na segunda as dos Torres. — Br. p. a 11 de abril de 1853. Reg. no Cart. da N., liv. VIII, fl. 360.

(C. C.)

1628. José Paes Falção das Neves, sargento-mór das ordenanças, e guarda-mór das terras mineraes da capitania do Cuiabá, e natural da mesma; senhor do arraial dos

Cocaes, e administrador da egreja de S. José do dito arraial; filho de José Paes Falção, que foi o primeiro capitão das minas do Cuiabá, na sua origem, senhor do mesmo arraial e riquissimas lavras de Cocaes, fundador da egreja de S. José do mesmo logar, e a pessoa mais opulenta e respeitada nas mesmas minas, onde fez grandes serviços, sendo um d'elles o enviar á sua custa, com grande despeza, um soccorro de trinta homens armados vinte dos quaes eram escravos seus, para servirem nas fronteiras de Matto-grosso contra os hespanhoes em 1763, e de sua mulher D. Antonia Rodrigues das Neves Leme; neto pela parte paterna de Fernando Dias Falção, capitão de infanteria, sargento-mór, e depois capitão-môr da villa de Sorucaba da capitania de S. Paulo, e juiz ordinario de orphãos da mesma, sendo creador da villa de Pitangui nas Minas-geraes, provedor da fazenda e dos defuntos e ausentes, e depois capitão-mór, governador das ditas minas do Cuiabá, e de sua mulher D. Lucrecia Pedroso de Barros; bisneto de Antonio de Almeida Cabral, e de sua mulher D. Maria da Fonseca Falção; terceiro neto de Luiz Leme, e de sua mulher D. Anna Cabral, o qual foi legitimo descendente de Pedro Leme, da ilha da Madeira. tronco e origem dos Lemes da capitania de S. Paulo, que em 1564 foram julgados por sentença fidalgos de linhagem; sendo pela parte da mesma avó D. Lucrecia Pedroso de Barros bisneto de Thomé de Lara e Almeida, capitão-mór da villa de Sorucaba e capitania de Itanhaēm, e de sua mulher D. Maria de Almeida Pimentel; terceiro neto do capitão Lourenço Castanho Taques, e de sua mulher D. Maria de Lara, e por esta quarto neto de D. Diogo de Lara, da cidade de Samora em Castella, tronco da familia dos Laras da capitania de S. Paulo, sendo o mesmo filho de D. Diogo Ordonhes de Lara, cavalleiro da primeira nobreza da cidade de Samora, e de sua mulher D. Magdalena Fernandes Feijó de Moraes; e por parte de sua bisavó D. Maria da Fonseca Falção é terceiro neto de Francisco da Fonseca Falção, professo na ordem de Christo, capitão-mor, governador e alcaide-mór da capitania de S. Vicente e S. Paulo, onde foi tronco do seu appellido, e de sua mulher D. Maria da Silva; sendo tambem por parte da sua bisavó D. Maria de Almeida Pimentel, terceiro neto de Antonio de Almeida Pimentel, e de sua mulher D. Lucrecia Pedroso de Barros, filha de Pedro Vaz de Barros, capitão-mór, governador da referida capitania de S. Vicente e S. Paulo, onde foi tronco da familia de Barros, e de sua mulher Luzia Leme.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Paes, no segundo as dos Falções, no terceiro as dos Laras, e no quarto as dos Barros. — Br. p. a 18 de fevereiro de 1795. Reg. no Cart. da N., liv. v, fl. 36 v.

(C. C.)

1629. José Paulo de Carvalho, desembargador da Casa da Supplicação, com exercicio de corregedor da comarca de Evora; filho de Vicente Luiz de Carvalho e Oliveira, cavalleiro professo na ordem de Christo, e de D. Joanna Maria Teixeira da Conceição; neto paterno de Luiz Rodrigues Carvalho Monteiro, e de D. Maria Pereira de Carvalho, e materno de José Alves Teixeira, e de D. Anna Maria da Conceição.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Carvalhos, no segundo as dos Monteiros, no terceiro as dos Pereiras, e no quarto as dos Teixeiras. — Br. p. a 20 de junho de 1807. Reg. no Cart. da N., liv. vii, fl. 182.

(C. C.)

1630. José Pedro de Avellar Salgado e Ayala, filho de Thomaz João de Avellar, e de sua mulher D. Feliciana Thereza Margarida Rosa Salgado; neto pela parte paterna do doutor José Gomes de Avellar, e de sua mulher D. Josepha Maria de Ayala, e por parte materna de Vasco Correa Salgado, e de sua mulher D. Luiza Serrana; bisneto por parte paterna de Manuel dos Santos Gomes, e de sua mulher D. Antonia de Avellar, e por parte materna do mestre de campo D. João Manuel Salgado, e de sua mulher D. Sebastiana de Oliveira; irmão o supplicante do capitão Manuel José Graudio Salgado,

filho do primeiro matrimonio da mãe do supplicante; primo em terceiro e quarto grau de Antonio de Moura Palha Salgado, filhos de D. Magdalena Caetana Salgado de Araujo, filha de D. Francisco Salgado de Araujo, irmão de D. João Manuel Salgado, bisavô do supplicante, e de D. Antonio Salgado de Araujo, governador que foi da praça de Chaves, com patente de sargento-mór de batalhas, pae de D. Frei Luiz de Santa Thereza, bispo de Pernambuco, e de D. Frei João da Cruz, bispo do Rio de Janeiro, e depois de Miranda, os quaes eram netos de D. Feliciano Salgado de Araujo, e de D. Luiza Serrano Bravo.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Gomes, no segundo as dos Salgados, no terceiro as dos Araujos, e no quarto as dos Avellares. — Br. p. a 18 de setembro de 1798. Reg. no Cart. da N., liv. VI, fl. 39.

(C. C.)

1631. José Pedro Celestino Velho, cavalleiro professo na ordem de Christo, actual consul d'este reino na côrte de S. Petersburgo, por mercê e carta regia, natural da cidade do Porto; filho de Manuel Ferreira Velho, e de sua mulher D. Anna Josepha da Apresentação; neto pela parte paterna de Manuel Velho Quintella, e de D. Catharina Ferreira; e pela materna neto de Antonio Duarte Ribeiro, e de sua mulher D. Josepha Francisca dos Banhos.

Um escudo partido em pala; na primeira as armas dos Velhos, e na segunda as dos Ferreiras. — Br. p. a 6 de maio de 1782. Reg. no Cart. da N., liv. III, fl. 51 v.

(C. C.)

1632. D. José Pedro Galhardo da Silva Abarca, filho de Maximo da Silva, e de sua mulher D. Josepha Manuela Galhardo e Abarca; neto materno de Antonio Lopes Galhardo, fidalgo castelhano e governador de Salvaterra do dito reino, o qual ficando prisioneiro quando os portuguezes tomaram esta praça, entrou a servir em Portugal com patente de tenente general da cavallaria na provincia da Beira, e de sua mulher D. Francisca Abarca, filha de D. Affonso Abarca, e de sua mulher D. Theodora de Andrade; D. Affonso Abarca era descendente de D. Pedro de Guevarra, que creou D. Sancho Abarca de quem tomou o appellido que tem seu solar no reino de Aragão; bisneto de Diogo Lopes Galhardo, fidalgo castelhano e governador da praça de Larache, em cuja defensa morreu pelos annos de 1682 quando os mouros de Mequinez a tomaram, o que fez certo por uma sentença tirada na correição do civel da côrte, de que foi juiz o desembargador Bento da Costa de Oliveira e Sampaio, e escripta por Antonio Soares Guerreiro, escrivão do dito juizo, e o rei de armas Portugal Manuel Pereira da Silva, cavalleiro professo na ordem de Christo, lhe passou brazão com as armas das ditas familias.

As armas dos Galhardos, e Abarcas. — Br. p. a 13 de setembro de 1750. Reg. no Cart. da N., liv. particular, fl. 4 v.

(C. C.)

1633. José Pedro Henriques de Vasconcellos da Costa e Silva, bacharel formado pela Universidade de Coimbra na faculdade de leis, habilitado para os logares de lettras do real serviço, natural de Oliveira de Azemeis; filho de João Cardoso dos Reis e Vasconcellos, bacharel formado nos sagrados canones pela dita Universidade, e de sua mulher D. Florencia Maria Soares da Silva; neto pela parte paterna de Manuel Vaz Pacheco Henriques, e de sua mulher D. Jeronyma dos Reis e Vasconcellos, e pela materna de André Alves da Costa, cavalleiro professo na ordem de Christo, e de sua mulher D. Anna Soares da Silva.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Henriques, no segundo as dos Vasconcellos, no terceiro as dos Costas, e no quarto as dos Silvas. — Br. p. a 29 de janeiro de 1774. Reg. no Cart. da N., liv. II, fl. 1.

(C. C.)

1634. José Pedro Lourenço de Andrade, cavalleiro professo na ordem de Christo, criado particular de sua magestade, e official da secretaria militar, encarregado do gabinete do infante D. Miguel, commandante em chefe do exercito; filho de João Lourenço de Andrade, cavalleiro da ordem da Conceição, e thesoureiro geral da casa real, e de sua mulher D. Rosa Joaquina Soares de Ataide e Andrade; neto paterno do capitão João Lourenço de Andrade, e de sua mulher D. Ignacia Theodora de Andrade, e materno de Isidoro Soares de Ataide, official-maior da Secretaria de estado dos Negocios do reino, e de D. Dionysia Manuela Soares de Ataide.

Um escudo partido em pala; na primeira as armas dos Andrades, e na segunda as dos Ataides. — Br. p. a 20 de janeiro de 1824. Reg. no Cart. da N., liv. VIII, fl. 103.

(C. C.)

1635. José Pedro da Silveira, filho de Florido Jacinto da Silveira, e de D. Brigida Angelica da Silveira; neto paterno de Paulo Vaz da Silveira, e de D. Thomazia Maria da Silveira; neto materno de Manuel Teixeira Mendes, e de D. Joanna Maria Carneiro; bisneto paterno de João Vaz de Silveira, e de D. Catharina de Sequeira; bisneto materno de Paulo Teixeira, e de D. Maria Mendes.

Um escudo partido em pala; na primeira as armas dos Silveiras, e na segunda as dos Teixeiras. — Br. p. a 11 de maio de 1804. Reg. no Cart. da N., liv. VII, fl. 77 v.

(C. C.)

1636. José Pedro da Silveira Castello-branco e Mello, assistente na villa de Sandomil, comarca de Viseu; filho de Manuel José Mendes Castello-branco, e de sua mulher D. Angela Josepha da Silveira e Mello: neto pela parte paterna de Pedro Fernandes Castello-branco, professo na ordem de Christo, a quem se passou já brazão de armas em 1721, e de sua mulher D. Angela de Novaes; bisneto de Francisco Fernandes da Costa, capitão das ordenanças da villa de Valozim, e de D. Isabel Mendes de Castello-branco; terceiro neto de André Martins de Figueiredo, e de sua mulher D. Agueda Mendes Castello-branco; quarto neto de Domingos Mendes Castello-branco, ouvidor, e capitão-mór de Loriga, Alvoço, Sandomil, e Villa-pouca, o qual era filho legitimo de Antonio Mendes Castello-branco, fidalgo da casa real, que serviu em Ceuta, com armas e cavallos á sua custa, e pela materna neto do doutor José Cortes de Figueiredo e Mello, e de sua mulher D. Apolonia de Tavora da Silveira; bisneto do doutor Martinho Cortes de Carvalho, ouvidor da villa de Arganil, e de sua mulher D. Maria de Figueiredo e Mello; terceiro neto de Antonio de Figueiredo e Mello, e de sua mulher D. Anna Bernardes; quarto neto de Constantino Borges de Figueiredo, professo na ordem de Christo, e desembargador da Relação do Porto.

Um escudo esquartelado; no primeiro e quarto quarteis as armas dos Castellos-brancos, no segundo as dos Mellos, e no terceiro a dos Silveiras. — Br. p. a 7 de agosto de 1788. Reg. no Cart. da N., liv. IV, fl. 79.

(C. C.)

1637. José Pedro de Vasconcellos Pinto, natural e morador na sua casa e quinta do Souto, freguezia de Sant'Iago de Pinheiro, concelho de Felgueiras, comarca de Guimarães; filho de Theodosio Pinto, e de sua mulher Francisca Pinto de Vasconcellos; neto pela parte paterna de Pedro Gonçalves, e de sua mulher Ignacia Pinto de Lemos; neto pela parte materna de Luiz Teixeira de Vasconcellos, e de sua mulher Isabel Pinto de Sousa.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Sousas; no segundo as dos Pintos, no terceiro as dos Vasconcellos, e no quarto as dos Teixeiras. — Br. p. a 2 de outubro de 1795. Reg. no Cart. da N., liv. V, fl. 84.

(C. C.)

1638. José Pereira da Costa Guerra, da cidade de Leiria, filho de Theodosio Pereira da Costa Guerra, e de D. Clemencia Maria Antonia; neto paterno de Mathias da Costa Guerra, e de D. Joanna Pereira.

As armas dos Costas, Guerras, e Pereiras. — Br. p. a 15 de setembro de 1755. Reg. no Cart. da N., liv. particular, fl. 92.

(C. C.)

1639. José Pereira Ferraz, professo na ordem de Christo, e natural da cidade do Porto, filho de Frutuoso Pereira Guimarães, professo na ordem de Christo, e de sua mulher D. Quiteria Rosa de Jesus Ferraz Ribeiro; neto pela parte paterna de João Fernandes Pereira, e de sua mulher D. Isabel de Araujo, e pela materna de João Pereira de Araujo, e de sua mulher D. Joanna Ferraz Ribeiro.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Pereiras, no segundo as dos Ferrazes, no terceiro as dos Araujos, e no quarto as dos Ribeiros. — Br. p. a 10 de abril de 1788. Reg. no Cart. da N., liv. iv, fl. 54.

(C. C.)

1640. José Pereira Godinho Freire de Andrade, abbade colado na freguezia de Retorna, bispado do Porto; filho de Bernardo Correa Pereira da Silva, e de sua mulher D. Josepha Caetana Freire de Andrade; neto paterno de Manuel de Oliveira, e de sua mulher D. Marianna Correa Pereira, e materno de Aurelio Ferreira Valente, e de sua mulher D. Maria Godinho Freire de Andrade, prima com irmão de Antonio Freire de Andrade, capitão de cavallaria, que serviu na guerra de 1710, no reinado do senhor rei D. João v; bisneto o supplicante pela parte paterna de João Correa Pereira, cavalleiro professo na ordem de Christo, e pela parte materna bisneto de Raphael da Silva Mouran, administrador do vinculo e capella na villa de Arouca; terceiro neto paterno de Pantaleão Pereira do Lago, cavalleiro da ordem de S. Tiago da Espada; terceiro neto materno de Manuel Godinho Freire de Andrade, major de cavallaria de um dos regimentos do Alemtejo; quarto neto paterno de Francisco Pereira Tavares, cavalleiro da ordem de Christo, capitão de infanteria nos estados de Goa; quinto neto de Braz Saraiva, desembargador da Relação e casa do Porto.

Um escudo ovado e esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Pereiras, no segundo as dos Correas, no terceiro as dos Godinhos, e no quarto as dos Freires de Andrade. — Br. p. a 9 de outubro de 1803. Reg. no Cart. da N., liv. vii, fl. 41 v.

(C. C.)

1641. José Pereira Pinto, ajudante do regimento de artilheria da cidade do Porto, natural da praça de Sagres, reino do Algarve; filho de Antonio Pereira Pinto, tenente coronel de infanteria, e governador da fortaleza de Cacela no dito reino, e de sua mulher D. Antonia Maria do Espirito Santo, ambos naturaes d'esta côrte; neto pela parte paterna de Manuel Pereira Pinto, capitão do regimento de artilheria do Algarve, e de sua mulher D. Antonia da Conceição; bisneto de Luiz Pereira, que foi capitão na guerra da acclamação, descendentes dos morgados da Senhora do Cardal, da villa do Pombal, e de sua mulher D. Maria Pinto Taboa, irmã de Amador Vaz Pinto.

Um escudo partido em pala; na primeira as armas dos Pereiras, e na segunda as dos Pintos. — Br. p. a 17 de dezembro de 1769. Reg. no Cart. da N., liv. i, fl. 117 v.

(C. C.)

1642. José Pereira dos Santos, cavalleiro professo na ordem de Christo, capitão da ordenança da cidade da Bahia; filho do capitão Domingos dos Santos Pereira, e de sua mulher D. Florencia da Encarnação; neto pela parte paterna de Paulo Pereira, e de sua

mulher D. Benta Trigo, e pela materna de José Gomes Pereira, e de sua mulher D. Bernarda da Silva.

Um escudo partido em pala; na primeira as armas dos Pereiras, na segunda as dos Silvas. — Br. p. a 2 de outubro de 1779. Reg. no Cart. da N., liv. II, fl. 202.

(C. C.)

1643. José Pereira Sarmento (Doutor), cavalleiro da ordem de Christo, juiz de fora e dos orphãos da villa de Arrayolos, ouvidor geral, intendente do oiro, provedor dos defuntos e ausentes da villa do Principe, do Serro do Frio e Minas-novas; filho legitimo de Francisco Xavier de Maris Sarmento, neto de Manuel Maris Sarmento, bisneto de Rodrigo Dourado de Maris, terceiro neto de Francisco Dourado de Maris, quarto neto de Estevão Dourado, os quaes todos foram pessoas nobres, e se trataram á lei da nobreza.

Um escudo partido em pala; na primeira as armas dos Marizes, e na segunda as dos Sarmentos. — Br. p. a 17 de outubro de 1766. Reg. no Cart. da N., liv. I, fl. 37.

(C. C.)

1644. José Pereira da Silva Negreiros, cavalleiro fidalgo da casa real, professo na ordem de Christo, commissario das tres ordens militares, e capitão da ordenança dos privilegiados da côrte; filho de Theodosio Pereira de Negreiros, escudeiro cavalleiro fidalgo da casa real, e de sua mulher D. Ignacia Jacinta da Rosa; neto paterno de Francisco Pereira de Negreiros, é de sua mulher D. Andreza Nunes; neto materno de Manuel da Silva, e de sua mulher D. Marianna da Conceição, todos naturaes da cidade de Lisboa.

As armas dos Pereiras, e Negreiros. — Br. p. a 30 de junho de 1755. Reg. no Cart. da N., liv. particular, fl. 85.

(C. C.)

1645. José Pereira Soares, fidalgo cavalleiro da casa real, commendador da ordem de Christo, e proprietario; filho de José Pereira Soares, proprietario, e de sua mulher D. Benta Maria de Jesus Soares; neto paterno de Amaro Pereira Soares, negociante, e de sua mulher D. Joanna Soares; e materno de Manuel de Jesus, e de sua mulher D. Catharina Rosa de Jesus.

Um escudo partido em pala; na primeira as armas dos Pereiras, e na segunda as dos Soares. — Br. p. a 19 de fevereiro de 1869. Reg. no Cart. da N., liv. IX, fl. 116.

(C. C)

1646. José Pessoa Tavares de Amorim, capitão de uma das companhias de ordenanças da cidade de Castel-branco, irmão germano de Gaspar Pessoa Tavares e Amorim, e de Gregorio Tavares Pessoa, aos quaes se passaram por este juizo os competentes brazões de armas de sua nobreza; filho de Gabriel Tavares Pessoa, negociante da praça d'esta cidade, e de sua mulher D. Leonor Pereira da Silva; neto por parte paterna de Sancho Pessoa da Cunha e Amorim, que foi cadete do regimento de dragões de Aveiro, e de sua mulher Branca Nunes; e pela materna de Gaspar Mendes Pereira, negociante muito abastado em bens e lavouras na villa de Penamacor, e de sua mulher D. Filippa Nunes.

Um escudo partido em pala; na primeira as armas dos Pessoas, e na segunda as dos Amorins. — Br. p. a 27 de fevereiro de 1797. Reg. no Cart. da N., liv. V, fl. 177.

(C. C.)

1647. José Pinheiro de Azevedo e Silva, juiz de fóra da villa de Idanha, filho de Leonardo Alves da Silva, e de D. Magdalena José de Azevedo Pinheiro; neto pela parte paterna de Gaspar, e de D. Luiza da Silva; e pela materna de Luiz Lopes Pinheiro, e de D. Catharina Lopes Ribeiro, todos do termo e comarca de Villa-real.

Um escudo esquartelado; no primeiro e quarto quarteis as armas dos Silvas, no

segundo as dos Azevedos, e no terceiro as dos Pinheiros.—Br. p. a 6 de maio de 1786. Reg. no Cart. da N., liv. III, fl. 224 v.

(C. C.)

1648. José Pinheiro de Fontoura, natural e morador na capitania de Pernambuco, filho de Manuel Pinheiro, sargento-mór nas minas do Serro do frio, e de sua mulher Ignez Rodrigues de Oliveira Fontoura; neto paterno de Amaro Pinheiro, e de sua mulher Maria da Silva; bisneto de Manuel Pinheiro de Villas-boas; terceiro neto de Gonçalo Pires de Maris, e de sua mulher D. Anna de Villas-boas; quarto neto de Pedro Pinheiro Lobo, da verdadeira familia dos Pinheiros, alcaides-móres de Barcellos; neto materno de Manuel Rodrigues de Fontoura, mestre de campo nas minas do Serro do frio, e de sua mulher D. Violante de Oliveira, natural de Pernambuco, dos Oliveiras de Pernambuco; bisneto de Francisco de Moraes, cavalleiro da ordem de Christo, mestre de campo da praça de Chaves, e de sua mulher D. Eugenia Carneiro de Fontoura, filha de Pedro de Fontoura, morador em Chaves, da verdadeira familia dos Fontouras da mesma praça; terceiro neto de Francisco Rodrigues de Moraes, senhor do morgado de Freizello, dos verdadeiros Moraes d'este reino.

As armas dos Pinheiros de Barcellos, Fontouras, Moraes e Oliveiras.—Br. p. a 20 de 1757. Reg. no Cart. da N., liv. particular, fl. 112 v.

(C. C.)

1649. José Pinheiro de Moraes Fontoura, natural da praça do Recife de Pernambuco e morador na cidade de Loanda, reino de Angola; filho de Manuel Pinheiro, sargento-mór que foi nas minas do Serro do frio, e de sua mulher D. Ignez de Oliveira Fontoura; neto pela parte paterna de Amaro Pinheiro, e de sua mulher Maria da Silva; bisneto de Manuel Pinheiro de Villas-boas; terceiro neto de Gonçalo Pinheiro de Maris, e de sua mulher D. Anna de Villas-boas, filha de Miguel Annes de Villas-boas, e de sua mulher Maria de Faria; quarto neto de Pedro Pinheiro Lobo, e de sua mulher D. Anna de Maris, filha de Antonio de Maris, que tirou brazão com as armas dos Marizes no anno de 1534; quinto neto de Henrique Pinheiro Lobo, fidalgo da casa real, alcaide-mór da villa de Barcellos, e capitão-mór da mesma villa, segundo senhor do morgado de Pouve, e quarto padroeiro da egreja de Castello; sexto neto de Alvaro Pires Pinheiro Lobo, fidalgo da casa do duque de Bragança D. Fernando, alcaide-mór da villa de Barcellos, senhor do dito morgado, e de sua mulher D. Joanna de Lacerda, dama da infanta D. Isabel, irmã do senhor rei D. Manuel, e filha de Reymam Pereira de Lacerda, que era primo terceiro do mesmo duque D. Fernando, e descendente pela varonia do infante D. Fernando de Lacerda, filho do rei de Castella D. Affonso o Sabio; e pela parte materna é o supplicante neto de Manuel Rodrigues de Fontoura, natural da villa de Chaves, que passando ao Brazil foi mestre de campo nas minas do Serro do frio, e de sua mulher D. Violante de Oliveira, da capitania de Pernambuco; bisneto de Francisco de Moraes, cavalleiro da ordem de Christo, mestre de campo na praça de Chaves, e de sua mulher D. Eugenia Carneiro de Fontoura; terceiro neto de Francisco Rodrigues de Moraes, fidalgo da casa real, senhor do morgado de Luizelo, e de sua mulher Violante de Sá, filha de Francisco Ferreira, commendador de Lamas na ordem de Christo; quarto neto de Duarte Rodrigues de Moraes, que viveu em Luizelo, do termo da villa de Vinhaes, na qual fundou a casa da Misericordia, e foi senhor por doação real de Villarinho, Carvalhaes, Santa Cruz, Quadra, Casares, e Candella; quinto neto de Gonçalo Rodrigues Calvo, fidalgo gallego, e primeiro senhor do castello de Pico-sacro junto a Sant'Iago de Galliza, e de sua mulher Leonor de Moraes, que era senhora de Luizelo, Villar de Ossos, Lagarelhos, Quintella, Rio de Fornos e outros logares circumvizinhos, e aparentada com as melhores familias de Moraes da provincia de Traz-os-montes, como Moraes de Castro, Moraes Pimenteis, e Moraes Sarmentos, que são das principaes d'aquella provincia; e pela bisavó D. Eugenia Carneiro de

Fontoura, é o mesmo supplicante terceiro neto de Pedro de Fontoura, e de sua mulher D. Violante Teixeira de Queiroga, filha de Gonçalo Teixeira Homem, pessoa nobre da familia dos Teixeiras, e de sua mulher D. Isabel Mendes de Queiroga, que descendia por sua mãe do senhor de Queiroga, e casa de Betancos em Galliza, por ser filho de um sobrinho do em.mo D. Gaspar de Queiroga, arcebispo de Toledo e cardeal da santa Egreja de Roma; quarto neto de Francisco Carneiro de Fontoura, e de sua mulher D. Guiomar da Costa e Oliveira, o qual Francisco Carneiro era irmão inteiro de Diogo Carneiro de Fontoura, de quem descendem por sua mãe D. João de Lancastro, e seu irmão monsenhor de Lancastro; quinto neto de Manuel de Fontoura, mordomo do duque D. Theodosio de Bragança, e de sua mulher D. Maria Vieira de Martins Carneiro, da cidade do Porto, dos mesmos d'este appellido de quem procedeu o conde de Lumiares; sexto neto de João de Fontoura, fidalgo asturiano muito principal, que veiu para este reino e se estabeleceu na provincia de Traz-os-montes, chefe de todas as pessoas d'este appellido.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Pinheiros, no segundo as dos Fontouras, no terceiro as dos Moraes, e no quarto as dos Oliveiras.—Br. p. a 11 de agosto de 1772. Reg. no Cart. da N., liv. I, fl. 183 v.

(C. C.)

1650. José Pinto de Almeida e Azevedo (Doutor), cavalleiro da ordem de Christo, familiar do Santo Officio, natural da quinta da Semeda, junto á villa de Vouzella, concelho de Lafões, comarca da cidade de Viseu; filho de Maria Pinto, neto de Maria Pinto de Azevedo, bisneto de Antonio Alcoforado de Azevedo, terceiro neto de Antonio Pinto de Azevedo, quarto neto de Luiz Pinto, e quinto neto de Thomé Pinto, commendador que foi da dita villa de Vouzella.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Pintos, no segundo as dos Azevedos, no terceiro as dos Alcoforados, e no quarto as dos Mellos.—Br. p. a 16 de junho de 1769. Reg. no Cart. da N., liv. I, fl. 101.

(C. C.)

1651. José Pinto Leão de Carvalho Pereira, cavalleiro professo na ordem de Christo, e sargento-mór reformado no regimento de milicias da cidade de Lamego; filho de João Pinto Leão Rodrigues de Carvalho, e de sua mulher D. Francisca Pinto Pereira de Carvalho; neto paterno de Leão Rodrigues Pinto de Carvalho, e de sua mulher D. Jeronyma Teixeira Pinto; e materno de Domingos Rodrigues Pereira Pinto.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Leões, no segundo as dos Pintos, no terceiro as dos Carvalhos, e no quarto as dos Pereiras.—Br. p. a 25 de agosto de 1806. Reg. no Cart. da N., liv. VII, fl. 142.

(C. C.)

1652. José Pinto Leite, commendador da ordem de Nossa Senhora da Conceição de Villa-viçosa, e negociante de grosso tracto; filho de Antonio Pinto Leite, e de sua mulher D. Thereza Angelica Leite; neto paterno de Manuel Pinto, e de sua mulher D. Rosa Maria Pinto; e materno de Antonio Correa, e de sua mulher D. Maria Bernarda Correa.

Um escudo partido em pala; na primeira as armas dos Pintos, e na segunda as dos Leites.—Br. p. a 22 de junho de 1855. Reg. no Cart. da N., liv. IX, fl. 1.

(C. C.)

1653. José Pinto Pereira, filho de Lourenço Pinto Pereira, e de sua mulher D. Sebastiana Fernandes Dias; neto de Gaspar de Andrade, e de sua mulher D. Maria Pinto Pereira Monteiro, esta filha de Domingos Pereira Monteiro, e de sua mulher D. Domingas Dias; e Domingos Pereira Monteiro era filho de Gaspar Monteiro Pereira, capitão-mór de S. Martinho de Mouros, e de sua mulher D. Francisca de Azevedo Vasconcellos, filha e

herdeira da casa de seu pae Balthasar Vieira Monteiro, senhor da casa de Picão em Villaboa do Bispo; e o mesmo Balthasar Vieira Monteiro era filho de Francisco Monteiro Pereira, fidalgo da casa real e capitão-mór da villa de S. Martinho de Mouros, e de sua mulher D. Francisca Coelho Cardoso de Mello.

Um escudo partido em pala; na primeira as armas dos Pintos, e na segunda as dos Pereiras. — Br. p. a 10 de janeiro de 1792. Reg. no Cart. da N., liv. IV, fl. 243 v.

(C. C.)

1654. José Pinto Pereira Borges, do logar de Lodeiro, termo da villa de Santa Martha de Penaguião, comarca de Villa-real; filho de José Pinto Pereira Borges, e de sua mulher D. Maria Thereza de Meirelles; neto paterno de Manuel Pinto Pereira, e de sua mulher D. Cecilia Pereira Borges, filha de André Borges de Mesquita, e de sua mulher D. Cecilia Pereira.

Um escudo com as armas dos Borges. — Br. p. a 17 de janeiro de 1806. Reg. no Cart. da N., liv. VII, fl. 115 v.

(C. C.)

1655. José Ribeiro de Alvarenga, natural da cidade de Lagos, filho de Eleutherio José Ribeiro Alvarenga; neto de José Ribeiro Alvarenga; bisneto de Diogo Ribeiro Alvarenga, cavalleiro fidalgo da casa real; terceiro neto de Nicolau de Sousa Marinho, cavalleiro da ordem de Christo, e de D. Jeronyma de Alvarenga; quarto neto de outro Diogo Ribeiro de Alvarenga, e de Catharina Pereira; quinto neto de Antonio Pereira Sobrinho, cavalleiro fidalgo da casa real, a quem se passou brazão de armas a 5 de novembro de 1619.

Um escudo partido em pala; na primeira as armas dos Pereiras, e na segunda as dos Sobrinhos. — Br. p. a 19 de junho de 1815. Reg. no Cart. da N., liv. VII, fl. 313 v.

(C. C.)

1656. José Ribeiro do Valle, capitão das ordenanças, e segundo commandante do segundo batalhão da quarta brigada do mesmo corpo da provincia de Traz-os-montes; filho de José Correa do Valle, e de Maria Ribeiro; neto paterno de Antonio Correa do Valle, capitão de ordenanças da villa de Alfarella,; e neto materno de Manuel Ribeiro, e de Maria Martins.

Um escudo partido em pala; na primeira as armas dos Valles, e na segunda as dos Ribeiros. — Br. p. a 29 de abril de 1812. Reg. no Cart. da N., liv. VII, fl. 249.

(C. C.)

1657. José Ribeiro Vaz de Carvalho e Camara, natural e morador no logar de Bresegue, do termo de Villa-real; filho de Silvestre de Carvalho, e de sua mulher D. Anna Maria de Carvalho Ribeiro Vaz e Camara; neto pela parte paterna de Manuel de Carvalho, e de sua mulher D. Rosa Maria Varella; e pela materna de Jeronymo de Carvalho, e de sua mulher D. Esperança Rodrigues de Carvalho Ribeiro Vaz e Camara, todos do dito logar.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Carvalhos, no segundo as dos Ribeiros, no terceiro as dos Vazes, e no quarto as dos Camaras. — Br. p. a 3 de outubro de 1782. Reg. no Cart. da N., liv. III, fl. 72.

(C. C.)

1658. José Roberto Callado de Oliveira e Silva, administrador do morgado instituido por André da Silva Ferreira, natural da villa de Punhete; filho de José Caetano de Oliveira, e de D. Maria Thomazia de Jesus Ferreira da Silva; neto pela parte paterna de Manuel Rodrigues de Oliveira, e de Maria Vicente; e pela materna de Lucas Ferreira Callado, e de D. Joanna Paula Maria da Silva.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Silvas, no segundo as

dos Oliveiras, no terceiro as dos Ferreiras, e no quarto as dos Callados. — Br. p. a 10 de março de 1778. Reg. no Cart. da N., liv. II, fl. 152.

(C. C.)

1659. José Roberto Pires Alvares de Miranda, cavalleiro da ordem de S. Bento de Aviz, tenente coronel de infanteria, e governador das ilhas do Faial e Pico; filho de Antonio Pires Alvares de Miranda, cavalleiro professo na ordem de Christo, secretario do conselho do Almirantado, e de sua mulher D. Anna Dorothea de Sá; neto por parte paterna de Antonio Ribeiro de Miranda, e de sua mulher D. Antonia de Sousa; e por parte materna de Luiz de Sá Alvares, e de sua mulher D. Maria Nogueira.

Um escudo partido em pala; na primeira as armas dos Mirandas, na segunda as dos Alvares.— Br. p. a 5 de janeiro de 1818. Reg. no Cart. da N., liv. VIII, fl. 26 v.

(C. C.)

1660. José Roberto Vidal da Gama, cavalleiro professo na ordem de Christo, desembargador da casa da Supplicação d'esta côrte; filho de D. José Jorge Moura Luiz Carlos Paschoal Vidal, cavalleiro da ordem de Christo, capitão de cavallos que foi no regimento de Moura, e hoje sargento-mór reformado de cavallaria, natural da cidade de Valença, reino de Aragão, d'onde passou a este de Portugal, e de sua mulher D. Antonia Joaquina Ignacia da Gama, natural de Estremoz, filha do doutor Manuel Pires Cabeça, e de sua mulher D. Andreza Martins de Gouvea; neto pela sua varonia de Marcos Jorge Vidal, e de sua mulher D. Maria Manuel Bendriz, naturaes da dita cidade; bisneto de D. Francisco Vidal, e de sua mulher D. Josepha Anna Ortis; terceiro neto de D. Francisco José Simão Vidal, e de sua mulher D. Anna Maria Ortis; quarto neto de D. Jeronymo Vidal, e de sua mulher D. Jeronyma Martins, naturaes todos da mesma cidade, onde esta familia tem illustres casas.

Um escudo partido em pala; na primeira as armas dos Vidaes, e na segunda as dos Bendrizes. — Br. p. a 7 de março de 1770. Reg. no Cart. da N., liv. I, fl. 120.

(C. C.)

1661. José Rodrigo Cardoso da Rocha (Doutor), abbade eleito da freguezia de S. Miguel de Fontellas, natural da de Canellas, termo da cidade do Porto; filho de Gonçalo da Rocha, e de sua mulher D. Thereza Alvares; neto pela parte paterna de outro Gonçalo da Rocha, e de sua mulher Antonia Cerva, e pela materna de João Rodrigues Cardoso de Moura, e de sua mulher D. Paschoa Alvares.

Um escudo ovado partido em pala; na primeira as armas dos Rochas, e na segunda as dos Cardosos. — Br. p. a 14 de julho de 1781. Reg. no Cart. da N., liv. III, fl. 16 v.

(C. C.)

1662. José Rodrigues Carneiro Borges Pereira, capitão-mór das ordenanças da comarca de Moura-morta, filho de Manuel Pereira Borges, e de sua mulher D. Maria Josepha Rodrigues Carneiro; neto pela parte paterna de Antonio Pereira, e de sua mulher D. Maria Borges, e pela materna de Manuel Rodrigues Borges, e de sua mulher D. Maria Borges Carneiro.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Pereiras, no segundo as dos Borges, no terceiro as dos Carneiros, e no quarto as dos Rodrigues. — Br. p. a 6 de julho de 1793. Reg. no Cart. da N., liv. IV, fl. 280 v.

(C. C.)

1663. José Rodrigues de Faria, fidalgo cavalleiro da casa real, commendador das ordens de Christo e de Nossa Senhora da Conceição de Villa-viçosa, condecorado com a medalha das campanhas da Liberdade n.º 3, capitão da extincto regimento de artilheria

da corte, primeiro official do Thesouro publico e seu delegado no districto do Porto; filho de Domingos Rodrigues Chaves de Faria, e de sua mulher D. Rosa Angelica Pereira da Fonseca; neto paterno de Manuel Rodrigues Chaves de Faria, e de sua mulher D. Joanna Pinho de Faria, e materno de Manuel Pereira da Fonseca, e de sua mulher D. Anna Angelica Rosa da Fonseca.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Farias, no segundo as dos Rodrigues, no terceiro as dos Pereiras, e no quarto as dos Fonsecas. — Br. p. a 30 de junho de 1869. Reg. no Cart. da N., liv. IX, fl. 123.

(C. C.)

1664. José Rodrigues Golarte Vhitton, natural e morador na villa da Horta da ilha do Faial; filho de Francisco Rodrigues Golarte, e de sua mulher D. Anna Josepha Vhitton; neto paterno de José Rodrigues Golarte, e de sua mulher D. Maria Antonia das Candeias; neto materno de João Vhitton, e de sua mulher D. Apollonia Sabat, naturaes do reino de Inglaterra, que por serem catholicos romanos se passaram para a ilha do Faial, onde viveram; bisneto de Nicolau Blorent Vhitton, gentilhomem do dito reino de Inglaterra, e de sua mulher Anna, filha de Guiminé Irumbalh de Hastampstead, do condado de Buelhe; terceiro neto de João Vhitton, e de sua mulher Esther, filha de Nicolau Blorent; quarto neto de Jorge Vhitton de Hensinglon.

As armas dos Vhitton. — Br. p. a 23 de fevereiro de 1752. Reg. no Cart. da N., liv. particular, fl. 31.

(C. C.)

1665. José Rodrigues Golarte Vhitton, natural e morador na villa da Horta da ilha do Faial; filho de Francisco Rodrigues Golarte, e de sua mulher D. Anna Josepha Vhitton; neto paterno de José Rodrigues Golarte, e de sua mulher Maria Dutra; neto materno de João Vhitton, e de sua mulher D. Apollonia Sabat, naturaes do reino de Inglaterra, que por serem catholicos romanos se passaram para a ilha do Faial, onde viveram nobremente e com estimação dos senhores reis d'este reino; bisneto de Nicolau Blorent Vhitton, gentilhomem do dito reino de Inglaterra, e de sua mulher Anna, filha de Guiminé Irumbalh de Hastampstead, do condado de Bueles; terceiro neto de João Vhitton, natural do condado de Uxonia, e de sua mulher Esther, filha de Nicolau Blorent, natural de Londres; quarto neto de Jorge Vhitton de Hensinglon, natural do condado de Uxonia.

As armas dos Vhittons. — Br. p. a 15 de outubro de 1754. Reg. no Cart. da N., liv. particular, fl. 83.

(C. C.)

1666. José de Sá Brandão Freire Carmona, fidalgo da casa real, filho de José de Sá Brandão Freire, e de sua mulher D. Thereza Luiza Rosa de Sá Brandão; neto paterno de Luiz Antonio de Sá Brandão Freire, fidalgo da casa real, e de D. Maria Coelho Machado Carmona, e materno de Manuel Borges de Azevedo, e de D. Joanna Maria Peixoto.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Freires, no segundo as dos Sás, no terceiro as dos Brandões, e no quarto as dos Carmonas. — Br. p. a 15 de fevereiro de 1806. Reg. no Cart. da N., liv. VII, fl. 119.

(C. C.)

1667. José de Sá Carneiro Vargas, segundo commandante do primeiro batalhão da primeira brigada de ordenanças da provincia de Traz-os-montes; filho de Alvaro Carneiro Henriques de Sá Vargas, e de sua mulher D. Luiza Angelica da Costa; neto paterno de José de Sá Vargas, e de D. Leonor Nunes Josepha, e materno de Jeronymo Alves da Costa Henriques, e de sua mulher D. Isabel Maria da Costa.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Sás, no segundo as dos Vargas, no terceiro as dos Henriques, e no quarto as dos Costas. — Br. p. a 9 de setem- de 1814. Reg. no Cart. da N., liv. VII, fl. 296.

(C. C.)

1668. José de Sampaio Bacellar Pinto de Moraes Sarmento, natural da villa de Algoso, comarca de Miranda do Douro; filho de José Maria de Sampaio Bacellar Pinto de Mello, e de sua mulher D. Ignacia do Campo da Gama; neto materno de Manuel de Moraes de Vasconcellos, fidalgo da casa real, cavalleiro da ordem de Christo e capitão-mór da dita villa de Algoso, e de sua mulher D. Jeronyma do Campo, filha de Paulo Machado; bisneto de Julião de Moraes Sarmento, capitão-mór da dita villa, e de sua mulher D. Maria de Sousa Pimentel; terceiro neto de Valentim de Sá Sarmento, e de D. Maria de Novaes, filha de Aleixo de Noboa de Goes, que procedia da casa de Noboa e dos senhores de Machedo em Galliza; quarto neto de Francisco Sarmento de Moraes, que por via legitima procedia de Jacome Luiz Sarmento, alcaide-mór de Bragança, e de Gonçalo Rodrigues o Calvo, senhor de Thiosello, Villar de Ossos e outras terras, de quem descendem muitas familias illustres d'aquella provincia.

As armas dos Moraes, Sarmentos, Gamas, e Vasconcellos.—Br. p. a 7 de novembro de 1752. Reg. no Cart. da N., liv. particular, fl. 46.

(C. C.)

1669. José dos Santos Rebello Henriques e Sousa, natural da villa de Cascaes, filho de Manuel de Sousa Henriques, e de sua mulher D. Rosalia Thereza; neto paterno do capitão Antonio Carreira de Oliveira, e de sua mulher D. Maria Henriques de Sousa, filha de Bernardo de Caria, capitão de infanteria auxiliar, e pagador geral de Traz-os-montes; neta de Antonio Simões, professo na ordem de Christo e governador de uma das fortalezas de Africa; neto o supplicante pela parte materna de Luiz dos Santos Coelho, capitão de infanteria auxiliar, e governador que foi da fortaleza de S. Miguel em Nossa Senhora da Nazareth, superintendente das madeiras da fabrica real, juiz dos direitos reaes, sisas e orphãos da dita villa, e de sua mulher D. Joanna Soares de Gouvea; bisneto de Agostinho Coelho Soudo, capitão de infanteria auxiliar, e de sua mulher D. Filippa dos Santos Rebello, filha de João dos Santos Rebello, neta do Pedro Dias Rebello, e bisneta de Lopo Dias Rebello, descendente dos legitimos Rebellos, cujo solar é em Rebello de Riba de Paiva.

As armas dos Rebellos. — Br. p. a 12 de maio de 1753. Reg. no Cart. da N., liv. particular, fl. 56 v.

(C. C.)

1670. José Sebastião Rodrigues de Brito, bacharel formado pela Universidade de Coimbra, capitão que foi de infanteria auxiliar do terço da comarca de Viseu, e morador na sua quinta de S. Sebastião, do concelho de Sinde; filho do doutor João Rodrigues de Brito, e neto do capitão João Rodrigues de Brito.

Um escudo partido em pala; na primeira as armas dos Rodrigues, e na segunda as dos Britos. — Br. p. a 30 de outubro de 1786. Reg. no Cart. da N., liv. III, fl. 246 v.

(C. C.)

1671. José de Sequeira Seixas Cardoso (Bacharel), do couto de Estevão, comarca de Aveiro, filho de Pedro de Almeida Seixas Barros, e de sua mulher D. Francisca Joaquina de Carvalho e Almeida, sendo o referido seu pae irmão germano e legitimo de José Bernardo de Almeida Barros, sargento-mór de Ancemil, e cavalleiro professo na ordem de Christo, a quem se passou brazão de armas a 29 de abril de 1766.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Sequeiras, no segundo

as dos Loureiros, no terceiro as dos Cardosos, e no quarto as dos Barros.—Br. p. a 24 de agosto de 1811. Reg. no Cart. da N., liv. VII, fl. 234 v.

(C. C.)

1672. José da Silva Maldonado e Erra, governador das ilhas de Cabo-verde, natural da villa de Estremoz; filho do sargento-mór Antonio José de Sousa, e de sua mulher D. Antonia Thereza da Silva Maldonado; neto pela parte paterna de José de Sousa, e de sua mulher Maria Josepha da Natividade; bisneto de João dos Santos Ribeiro, e de sua mulher Antonia de Sousa; neto pela parte materna de João da Silva Maldonado, o qual houve a mãe do supplicante de Leonor da Silva, sendo viuva e elle solteiro; sendo por provisão real legitimada, o qual João da Silva Maldonado foi moço fidalgo da casa real, e administrador do vinculo que na mesma villa instituiu Manuel Gomes Pernes, cujo vinculo actualmente administra João da Silva Maldonado e Erra, irmão do supplicante: e pelo seu avô materno é da illustre familia de Maldonados, que n'este reino são fidalgos de linhagem, cota de armas e de solar conhecido, e como taes se tractaram com cavallos, criados e toda a mais ostentação propria da nobreza.

Um escudo, e n'elle as armas dos Maldonados.—Br. p. a 4 de fevereiro de 1794. Reg. no Cart. da N., liv. V, fl. 11.

(C. C.)

1673. José Soares Barbosa Queiroz e Azevedo, professo na ordem de Christo, e desembargador da Relação e casa do Porto, natural do concelho de Baião; filho de Manuel Soares Barbosa, e de sua mulher D. Maria Thomazia de Queiroz e Azevedo; neto por parte paterna de Jorge Soares Barbosa, e de sua mulher D. Marianna de Azevedo; neto por parte materna do capitão Dionysio Pinto de Azevedo, e de sua mulher D. Maria Clara de Azevedo.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Soares, no segundo as dos Barbosas, no terceiro as dos Queirozes, e no quarto as dos Azevedos.—Br. p. a 20 de março de 1802. Reg. no Cart. da N., liv. VI, fl. 198.

(C. C.)

1674. José Soares de Sousa, natural da villa das Vellas, na ilha de S. Jorge, e na mesma sargento-mór das ordenanças; filho de Miguel Teixeira de Bettencourt, e de sua mulher D. Martha Maria Pereira de Lemos; neto paterno do capitão Manuel Teixeira de Bettencourt, e de sua mulher D. Maria Catharina da Silveira e Mello.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Sousas, no segundo as dos Teixeiras, no terceiro as dos Pereiras, e no quarto as dos Soares.—Br. p. a 2 de outubro de 1816. Reg. no Cart. da N., liv. VII, fl. 358.

(C. C.)

1675. José de Sousa e Abreu, cavalleiro da ordem de Christo, familiar do Santo Officio; filho de Gonçalo Lopes Ferreira, e de D. Rosa de Sousa e Abreu; neto paterno de Antonio Pinto e de D. Maria Lopes Ferreira; neto materno de João de Sousa de Magalhães, e de D. Maria de Abreu de Mesquita.

As armas dos Sousas do Prado, Pintos, Lopes, e Abreus.—Br. p. a 16 de janeiro de 1762. Reg. no Cart. da N., liv. particular, fl. 134 v.

(C. C.)

1676. José de Sousa Baracho Couceiro (Bacharel), natural de Cabeço de Vide, procurador da real fazenda do serenissimo Estado de Bragança; filho do alferes Domingos Vellez Serrão, e de sua mulher Maria Thereza de Sousa Baracho Couceiro; neto de Manuel de Sousa Baracho Couceiro, e de Margarida Gomes; bisneto de Thomé de Sousa, fi-

dalgo que foi da casa de Sua Magestade, e do conselho de el-rei D. João IV, e vedor de sua real Fazenda, e de D. Ambrosia Couceiro Baracho, mulher do dito seu bisavô, e terceiro neto de João Rodrigues de Vasconcellos e Sousa.

As armas dos Barachos, Couceiros, Sousas, e Vasconcellos.—Br. p. a 7 de setembro de 1753. Reg. no Cart. da N., liv. particular, fl. 63 v.

(C. C.)

1677. José de Sousa Lobo, negociante de grosso tracto, e proprietario; filho de Manuel José Teixeira da Cunha, e de sua mulher D. Anna de Sousa Lobo; neto paterno de Manuel Monteiro da Cunha, e de sua mulher D. Anna Maria Teixeira; e materno de Manuel da Cunha, e de sua mulher D. Ignacia de Sousa Lobo.

Um escudo partido em pala; na primeira as armas dos Lobos, e na segunda as dos Sousas.—Br. p. a 12 de março de 1855. Reg. no Cart. da N., liv. VIII, fl. 398 v.

(C. C.)

1678. José de Sousa Machado de Moraes Sarmento, assistente de guarnição na praça de Diu, estado da India, filho de Manuel de Sousa Machado de Moraes Falcão Sarmento, a quem tambem se passou outro similhante brazão n'este presente anno de 1784, e de sua mulher D. Luiza Maria Thomazia de Aguiar; neto pela parte materna de Luiz de Sousa Machado de Moraes Sarmento, capitão de cavallaria ligeira da praça e cidade de Bragança, e de sua mulher D. Maria Hedwiges de Lacerda, natural de Lisboa, filha do capitão Bento Correa de Mattos, e de sua mulher D. Josepha de Miranda; bisneto de Manuel de Sousa Falcão de Moraes Sarmento, capitão-mór da villa da Torre de D. Chama, e de sua mulher D. Anna de Araujo de Moraes; terceiro neto de Manuel de Sousa Teixeira, capitão de infanteria do regimento da cidade de Bragança, e de sua mulher D. Maria Machado; e pela materna neto de José da Silva de Aguiar, cavalleiro da ordem de Christo, e da casa real, a quem tambem se passou seu brazão de armas em 1729, e de sua mulher D. Leonarda Thomazia Monteiro.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Sousas, no segundo as dos Machados, no terceiro as dos Silvas, e no quarto as dos Aguiares.—Br. p. a 3 de abril de 1784. Reg. no Cart. da N., liv. III, fl. 123 v.

(C. C.)

1679. José Tavares Barreto, commendador da ordem de Christo; filho de José Tavares Barreto, proprietario, e de sua mulher D. Josepha Pereira Tavares; neto paterno de Estevão José Tavares, proprietario, e de sua mulher D. Leonor Tavares; e materno de Antonio Pereira Mendes, e de sua mulher D. Maria Jacinta Mendes.

Um escudo partido em pala; na primeira as armas dos Barretos, na segunda as dos Mendes.—Br. p. a 22 de junho de 1853. Reg. no Cart. da N., liv. VIII, fl. 365 v.

(C. C.)

1680. José Tavares Esteves (Doutor), oppositor canonista na Universidade de Coimbra, d'onde é natural, e chantre da collegiada de S. Pedro da mesma cidade; filho de Manuel Tavares Esteves, capitão de uma companhia da ordenança da villa de Pereira, familiar do Santo Officio, e de sua mulher Maria Soares Neto; paterno de Antonio Tavares Esteves, e de sua mulher Marianna de Sousa; bisneto de Jeronymo Tavares, e de sua mulher Maria Esteves; neto materno de Manuel Mathias de Medina, e de sua mulher Maria Soares.

As armas dos Tavares, Esteves, Sousas, e Soares.—Br. p. a 9 de julho de 1755. Reg. no Cart. da N., liv. particular, fl. 90.

(C. C.)

1681. José Tavares da Gama, cavalleiro professo na ordem de Christo, e sargento-mór dos privilegiados da sagrada Religião de Malta; filho de José Antonio do Amaral Tavares da Gama, capitão-mór da ilha do Faial, e de sua mulher D. Luiza Maria de Ataide; neto paterno de Jeronymo Dutra Tavares da Gama, e de sua mulher D. Josepha do Amaral; e materno de Manuel dos Santos de Ataide, e de sua mulher D. Francisca de Campos.

Um escudo partido em pala; na primeira as armas dos Tavares, na segunda as dos Gamas. — Br. p. a 20 de fevereiro de 1804. Reg. no Cart. N., liv. vii, fl. 66.

(C. C.)

1682. José Teixeira Pinto Chaves Cabral, natural da Granja, freguezia de S. Christovão de Parada de Cunhos, termo de Villa-real, escrivão proprietario do Juizo da correição do civel da corte; filho de Francisco Teixeira Pinto, e de sua mulher D. Francisca Alvares Ribeiro; neto paterno de Antonio Teixeira, e de sua mulher D. Angelica Alvares; neto materno de João Alvares, e de sua mulher D. Engracia Alvares Pereira Cabral.

Um escudo esquartelado; no primeiro e quarto quartel as armas dos Teixeiras, no segundo as dos Alvares, no terceiro as dos Cabraes. — Br. p. a 14 de janeiro de 1826. Reg. no Cart. da N., liv. viii, fl. 176.

(C. C.)

1683. José Timotheo de Miranda Soares, cavalleiro da ordem de Christo, morador na praça de Elvas, natural da villa de Setubal; filho do doutor Timotheo José de Miranda Soares, e de sua mulher D. Anna Josepha da Cunha Correa, moradores na dita villa; neto pela parte paterna de Manuel Mendes Soares de Miranda, e de sua mulher D. Angela Maria de Miranda; e pela materna de Manuel Antonio Vieira, e de sua mulher D. Marianna Josepha da Cunha Correa.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Soares de Tangil, no segundo as dos Mirandas, no terceiro as dos Vieiras, e no quarto as dos Cunhas. — Br. p. a 11 de março de 1771. Reg. no Cart. da N., liv. i, fl. 146.

(C. C.)

1684. José Timotheo Pereira de Bastos, natural da villa de Oeiras d'este reino; filho de Francisco José de Moura e Bastos, e de sua mulher D. Joanna Maria Joaquina de Castello-branco; neto pela parte paterna de Francisco Ribeiro de Bastos, e de sua mulher D. Thereza Maxima Margarida; e pela materna do tenente coronel que foi de S. Lourenço da Barra, José Pereira de Braz, e de sua mulher D. Archangela Michaela de Castello-branco.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Bastos, no segundo as dos Mouras, no terceiro as dos Pereiras, e no quarto as dos Castellos-brancos. — Br. p. a 13 de setembro de 1770. Reg. no Cart. da N., liv. i, fl. 134.

(C. C.)

1685. José Themudo de Mendanha Pinto de Vasconcellos, filho do capitão José Teixeira, cidadão da cidade de Lisboa, com o foro de criado do serenissimo senhor D. José, arcebispo primaz, e procurador geral da sua mitra, familiar do Santo Officio, e proprietario do officio de carcereiro da Cadeia do castello, e de sua segunda mulher D. Maria Joaquina de Bulhões e Vasconcellos; neto paterno de Francisco Teixeira, e de sua mulher Maria dos Santos Rebello, filha de José dos Santos, que foi depois presbytero, e de Guiomar Rebello; bisneto de Francisco Rodrigues, e de sua mulher Domingas Teixeira; neto materno do capitão Alexandre Mattheus de Carvalho, cavalleiro da ordem de Christo, e de sua mulher D. Filippa Thereza Baracha de Bulhões e Vasconcellos, filha de Manuel Pinto

de Almeida e Vasconcellos, cavalleiro da ordem de Christo, e de sua mulher D. Thereza Baracha de Bulhões, filha de João Serrão Baracha de Bulhões, e de sua segunda mulher D. Seraphina do Espirito Santo de Barros, filha de Francisco Alberto, e de sua mulher D. Luiza de Barros, filha de Affonso Sanches, e de sua mulher Ignez de Barros, instituidores da capella das suas casas da rua Direita, adiante de Nossa Senhora dos Remedios; bisneto materno do capitão Sebastião Mattheus, e de sua mulher D. Maria Francisca de Carvalho; terceiro neto de Bartholomeu Jorge, e de sua mulher Domingas Jorge : e a dita D. Maria Francisca de Carvalho, filha de Manuel Carvalho, e de sua mulher Maria Francisca : e o dito Manuel Pinto de Almeida filho do doutor Antonio Pinto de Almeida, e de sua mulher D. Filippa de Mendanha e Vasconcellos; neto paterno de Francisco Pinto de Almeida, cidadão de Coimbra, e de sua mulher Maria Toscana Reymão, filha de Antonio Reymão Toscano, cidadão de Coimbra, e de sua mulher Anna Francisca Reymão; e pela parte materna é o dito Manuel Pinto de Almeida e Vasconcellos neto de Jeronymo Velloso de Vasconcellos, que foi senhor do morgado e quinta da Cortezia, uma das mais nobres e antigas no termo da villa de Alemquer, e de sua mulher Garcia Malheira de Mendanha e Carvalho, filha de Francisco Leitão de Carvalho, e de sua mulher Filippa de Mendanha Caldeira, filha de João Themudo de Mendanha, e de sua mulher Garcia Malheira, filha de Gaspar Ferreira Malheira, da villa de Alhandra : e o dito João Themudo de Mendanha foi cavalleiro armado em Africa, onde serviu sem soldo, com cavallos e armas á sua custa, nas praças de Ceuta e Tanger, e acompanhou el-rei D. Sebastião na batalha de Alcacer, onde ficou captivo por ser homem fidalgo das illustres familias dos Mendanhas e Almeidas, aparentado com os Condes senhores de Abrantes, como filho que era de Gonçalo Baixo de Mendanha, e de sua mulher Brites Themudo Caldeira, filha de João Themudo, e de sua mulher Catharina Caldeira; neto paterno de Christovão Baixo de Mendanha, e de sua mulher Margarida Nunes Caldeira, filha de Christovão Mendes Caldeira; bisneto pela mesma parte de Alvaro Affonso de Almeida, primo segundo de D. Lopo de Almeida, primeire conde de Abrantes; terceiro neto de Affonso Nunes de Almeida, primo co-irmão de Diogo Fernandes de Almeida, pae do dito conde; quarto neto de João Fernandes de Almeida; quinto neto de Alvaro Francisco de Almeida, senhor de Roriz e Verdelhos, troneo commum dos condes de Abrantes, Assumar, Avintes e Lavradio : e o dito Francisco Leitão de Carvalho, quinto avô materno do supplicante. filho de Raphael Leitão, cavalleiro fidalgo da casa real, e de sua mulher Filippa de Quental, filha de Jeronymo de Quental, e de sua mulher Isabel Lopes, da nobre familia dos Quentaes e Gagos, da villa de Arruda; neto paterno de João Rodrigues da Quinta, e de sua mulher Beatriz Leitão de Carvalho, filha de Miguel Leitão de Andrade, e de sua mulher Leonor de Carvalho das Sarzedas, filha de Jorge Alvares de Carvalho; neta a dita Beatriz Leitão pela parte paterna de Diogo Leitão, commendador na ordem de Sant'Iago, e senhor do antiquissimo morgado de Valle-bom, na villa da Certã, e de sua mulher Isabel de Andrade; e de Pedro de Andrade, alcaide-mór de Penamacor; bisneta de Antonio Gonçalves Leitão, o das forças, e de sua mulher Catharina Leitão de Andrade; terceira neta de Christovão Leitão, mestre da ordem de Sant'Iago : e o dito João Serrão Baracha de Bulhões, seu terceiro avô materno, filho de Francisco Serrão Tisnado Encerra-bodes, cavalleiro fidalgo da casa real, e de sua mulher D. Joanna Cotella de Bulhões Baracha, filha de Christovão Baracho Encerra-bodes, e de sua mulber D. Brites de Almeida de Bulhões; neto paterno de João Alvares Baracho, e de sua mulher Violante Rodrigues Encerra-bodes, da familia dos Barachos e Encerra-bodes; neta materna de Duarte Rodrigues Bulhões, e de sua mulher D. Francisca de Almeida, filha de Jorge Barroso de Almeida, parente do conde de Abrantes, o qual Duarte Rodrigues de Bulhões foi filho de Brites de Bulhões, mulher fidalga, e da familia do glorioso Santo Antonio, e de casa tão opulenta que n'ella se aposentavam os senhores reis d'este reino quando iam para Almeirim, e viveu n'ella algum tempo a senhora rainha D. Catharina quando se retirou de Lisboa por causa da peste : e o dito Francisco Serrão Tisnado Encerra-bodes foi filho de Sebastião Serrão Tisnado, moço da ca-

mara de el-rei D. Sebastião, neto de Francisco Tisnado Baracho Encerra-bodes, cavalleiro fidalgo da casa real.

As armas dos Almeidas, Bulhões, Leitões, e Vasconcellos. — Br. p. a 29 de dezembro de 1750. Reg. no Cart. da N., liv. particular, fl. 8 v.

(C. C.)

1686. José de Vasconcellos da Fonseca Pinto de Albuquerque, fidalgo cavalleiro da casa real, e negociante de grosso tracto da praça de Lisboa; filho de Antonio Alexandre Monteiro, proprietario, e de sua mulher D. Anna Peregrina de Vasconcellos; neto paterno de Francisco Fernandes Monteiro, proprietario, e de sua mulher D. Maria Gonçalves; neto materno de Joaquim José de Vasconcellos da Fonseca Pinto, fidalgo ca; valleiro da casa real, capitão de cavallaria do exercito, e de D. Rosa Caetana Marques - bisneto pelo mesmo lado de Diogo da Fonseca Pinto, fidalgo cavalleiro da casa real, e administrador do morgado de Lougrouva; terceiro neto de Caetano Alexandre Pinto de Albuquerque, fidalgo cavalleiro da casa real, administrador do dito morgado, e de cuja casa é actual representante a condessa de Tavarede D. Maria Emilia da Fonseca Pinto de Albuquerque Araujo e Menezes.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Vasconcellos, no segundo as dos Fonsecas, no terceiro as dos Pintos, e no quarto as dos Albuquerques. — Br. p. a 31 de dezembro de 1862. Reg. no Cart. da N., liv. IX, fl. 52 v.

(C. C.)

1687. José Vasques da Cunha e Pinho, cavalleiro fidalgo da casa real, e natural da praça de Mazagão; filho do tenente coronel Francisco de Pinho de Castilho, professo na ordem de Christo, e cavalleiro fidalgo da casa real, e de sua mulher D. Joanna de Malafaia; neto por parte paterna de Affonso Leitão de Pinho e Castilho, professo na ordem de Christo, e cavalleiro fidalgo da casa real, e de sua mulher D. Joanna de Sousa; bisneto de Francisco Pinho de Castilho, professo na ordem de Christo, e cavalleiro fidalgo da casa real, e de sua mulher D. Brites Gonçalves; neto por parte materna de Salvador Rodrigues do Couto e Loureiro, professo na ordem de Christo, e cavalleiro fidalgo da casa real, e de sua mulher D. Isabel Rodrigues; bisneto de Luiz Loureiro de Abreu, professo na ordem de Christo, cavalleiro fidalgo da casa real, e alcaide-mór da referida praça de Mazagão, e de sua mulher D. Paschoa de Flores.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Pinhos, no segundo as dos Castilhos, no terceiro as dos Loureiros, e no quarto as dos Abreus. — Br. p. a 2 de dezembro de 1801. Reg. no Cart. da N., liv. VI, fl. 183.

(C. C.)

1688. José da Veiga Sampaio (Sargento-mór), filho do capitão Antonio da Veiga Sampaio, e de sua mulher D. Joanna Rodrigues Ayres; neto paterno de João da Veiga Sampaio, e de sua mulher D. Joanna do Espirito Santo; bisneto de Francisco da Veiga Sampaio, e de sua mulher D. Domingas Francisca; terceiro neto pelo mesmo lado do sargento-mór João Fernandes de Vasconcellos, e de sua mulher D. Maria de Castro, e este procede de João Fernandes de Vasconcellos, descendente de Garcilasso da Veiga e Vasconcellos, e do illustre capitão Martim Moniz, que morreu na entrada da porta de Lisboa; neto materno de D. João Ayres, natural de Alforga, reino de Castella, e de D. Maria Rodrigues; bisneto de D. João Ayres, e de D. Margarida Villas-boas, cuja familia procede de Diogo Feraandes Villas-boas, que passou a Castella no reinado do senhor rei D. Pedro I.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Veigas, no segundo as dos Vasconcellos, no terceiro as dos Ayres, e no quarto as dos Villas-boas. — Br. p. a 27 de julho de 1804. Reg. no Cart. da N., liv. VII, fl. 85 v.

(C. C.)

1689. José Velloso da Cruz, cavalleiro da antiga e muito nobre ordem da Torre e Espada do valor, lealdade e merito, e thesoureiro da Alfandega do Porto.

Um escudo com as armas que lhe foram concedidas por alvará de 8 de agosto de 1863.—Br. p. a 25 de setembro de 1863. (M. N.) Reg. no Cart. da N., liv. IX, fl. 59 v. V. no I. H. *Velloso da Cruz.*

(C. C.)

1690. José Vianna do Amaral Rocha, cavalleiro professo na ordem de Christo, natural da cidade do Rio de Janeiro; filho de Sebastião Gurgel do Amaral, familiar do Santo Officio, e de sua mulher D. Isabel Vianna do Amaral; neto paterno do capitão Francisco Correa Leitão, e de sua mulher D. Angela do Amaral, filha do capitão João Baptista Jordão, e de sua mulher Angela de Arão do Amaral, filha de Touvem Gurgel, natural do reino de França, e de sua mulher Domingas de Arão do Amaral; bisneto de Braz Correa Leitão, e de sua mulher Maria de Mattos; neto materno do tenente coronel Salvador Vianna da Rocha, cavalleiro da ordem de Christo, familiar do Santo Officio, e de sua mulher D. Antonia Correa do Amaral, filha do tenente coronel Felix Correa Pinto Bragança, cavalleiro da ordem de Christo, e de sua mulher D. Maria do Amaral, filha de João de Azevedo Rocha, e de sua mulher Antonia do Amaral, filha do referido Toussem Gurgel, e de sua mulher Domingas de Arão do Amaral; e o dito João de Azevedo Rocha, filho de Affonso João, e de sua mulher Antonia de Azevedo, e o dito tenente coronel Felix Correa de Castro Pinho Bragança, filho de Antonio Correa Pinho Bragança, e de sua mulher Joanna de Freitas; bisneto do capitão Domingos Vianna, que tambem se chamou algum tempo Domingos Gonçalves Rocha, e de sua mulher D. Francisca Antonia de Sousa, filha de Thomé Gonçalves de Azevedo, e de sua mulher Maria Manuel, elle filho de Manuel Gonçalves de Passos; terceiro neto de Sebastião Gonçalves Rocha, e de sua mulher Anna Gonçalves Cirne, filha de Pedro Dias Cirne; quarto neto de Belchior Martins, e de sua mulher D. Leonor Soares, elle filho de Balthasar Gonçalves, e de sua mulher Catharina Alves, e ella filha de Diogo da Rocha Villarinho, e de sua mulher Catharina Soares, filha de Duarte Alvares Villarinho, e de sua mulher Ignez da Rocha, filha de D. Affonso da Rocha, abbade commendatario de S. Salvador da Torre, e este filho de monsieur de la Rocha, fidalgo francez, que passando a Portugal a servir nas guerras que n'aquelle tempo tinha este reino, n'elle se intitulou conde de Quinzal e estabeleceu a sua casa na villa de Vianna, onde viveu, e d'onde foram naturaes os referidos seus descendentes.

As armas dos Amaraes, e Rochas.—Br. p. a 19 de outubro de 1764. Reg. no Cart. da N., liv. particular, fl. 137.

(C. C.)

1691. José Vieira Vaz de Andrade (Doutor), presbytero do habito de S. Pedro, formado na faculdade dos sagrados canones, protonotario apostolico, natural da villa de Cezimbra, e morador na cidade de Lisboa; filho de Manuel Vieira, e de Maria do Ó Ribeiro; neto paterno de Paschoal Vieira, e de Anna dos Santos, filha de Domingos Francisco, e de Francisca dos Santos; bisneto de Domingos Dias Ferro, e de Domingas Dias; neto materno de Raphael Jorge, irmão do coronel Francisco Vaz Vieira, e de Maria Ribeiro, filha de Simão Lopes, e de Anna Ribeiro, neta do tenente coronel Manuel Lopes Bernardes de Menezes; bisneto o supplicante do brigadeiro Antonio Correa Vaz de Andrade, e de D. Maria Francisca; terceiro neto do governador Antonio Pedro Correa, e de D. Antonia Catharina Vaz.

As armas dos Vieiras, Ribeiros de Damião Dias, e Lopes.—Br. p. a 14 de setembro de 1759. Reg. no Cart. da N., liv. particular, fl. 124.

(C. C.)

1692. José Xavier de Azevedo Ximenes de Aragão, cavalleiro professo na ordem de Christo, e tenente do segundo regimento de infanteria da praça de Elvas; filho

de Francisco Xavier de Azevedo, e de D. Anna Joaquina Rosa; neto paterno de Pedro Paulo de Azevedo, e de D. Thereza Ximenes de Aragão, filha de Manuel Lopes de Araujo, e de sua mulher D. Leonor Ximenes de Aragão.

Um escudo esquartelado; no primeiro e quarto quarteis as armas dos Azevedos, no segundo as dos Ximenes, e no terceiro as dos Aragões.—Br. p. a 3 de agosto de 1807. Reg. no Cart. da N., liv. VII, fl. 196.

(C. C.)

1693. José Xavier Cardoso Coelho Nobre, moço fidalgo da casa real, desembargador da Relação e casa do Porto, filho de Feliciano Ramos Nobre, do conselho e desembargador do Paço, e de sua mulher D. Rosa Joaquina Teixeira Coelho Cardoso; neto por parte paterna do capitão Francisco Ramos Nobre, que serviu na governança da cidade de Beja, e de sua mulher D. Maria Martins Mourão; bisneto de Manuel Nunes Pinheiro Nobre, e de sua mulher D. Beatriz Rodrigues Nobre; neto por parte materna de João Teixeira Coelho Cardoso, capitão do concelho de Lafões, e de sua mulher D. Joanna Thereza do Amaral; bisneto de Manuel Teixeira de Brito, capitão do mesmo concelho, e de sua mulher D. Maria de Menezes e Almeida.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Nobres, no segundo as dos Teixeiras, no terceiro as dos Coelhos, e no quarto as dos Cardosos.—Br. p. a 2 de setembro de 1805. Reg. no Cart. da N., liv. VI, fl. 216 v.

(C. C.)

1694. José Xavier da Cunha de Eça Telles Menezes Carvalho e Silva, fidalgo cavalleiro da casa real, do real conselho, e da real Fazenda do ultramar, commendador da commenda de Sant'Iago de Grilhofrei, da ordem de Christo; filho de Manuel Gomes de Carvalho e Silva, fidalgo cavalleiro da casa real, alcaide-mór de Aveiro, cavalleiro da ordem de Christo, marechal de campo dos reaes exercitos, e tenente general de artilheria do reino, e de sua mulher D. Anna José Rita da Cunha de Eça Telles de Menezes; neto materno de João Xavier da Cunha de Eça Telles de Menezes, fidalgo da casa real, senhor do morgado dos Olivaes, e de sua mulher D. Luiza Coutinho Reboredo Salema, filha de Filippe de Reboredo Salema, fidalgo da casa real e administrador de varios morgados; bisneto de Luiz Alvares da Cunha de Eça, fidalgo da casa real, cavalleiro da ordem de Christo, e senhor do morgado dos Olivaes, e de sua mulher D. Francisca Thomazia de Menezes, neta paterna de Antonio Telles de Menezes, conde de Villa-pouca, e neta materna de D. Braz de Castro, governador da India; terceiro neto de Francisco da Cunha Azevedo e Eça, que succedeu ao morgado dos Olivaes, e de sua mulher D. Isabel Vicencia de Mello, filha de Luiz Godinho de Sousa, quinto neto de D. Isabel de Sousa, mulher de Pedro Tavares, alcaide-mór de Portalegre em 1470, quinta neta do senhor D. Affonso Diniz, filho illegitimo do senhor rei D. Affonso III; casou Luiz Godinho de Sousa com D. Catharina de Mello, filha de João de Brito de Mello, e de D. Isabel Rebello Bravo, bisneto de André de Brito, fidalgo que viveu no sitio dos Olivaes, e foi casado com D. Maria de Mello, filha de Alvaro Nogueira de Brito; quarto neto de Luiz Alvaro da Cunha de Eça, senhor do morgado dos Olivaes, e de sua mulher D. Maria de Sousa Ataide, filha de Luiz Botelho de Andrade; quinto neto de Duarte da Cunha de Azevedo de Eça, senhor do morgado dos Olivaes, e de sua mulher D. Luiza da Silva, filha de Gomes da Silva, e de D. Catharina Botelho; sexto neto de D. Jeronyma de Eça, que foi dama da senhora infanta D. Isabel, e casou com Luiz Alvares da Cunha; setimo neto de Ruy Dias de Azevedo, e de sua mulher D. Joanna de Lima, filha de D. Fernando de Lima, que falleceu na India, havendo casado com D. Leonor Botto, filha de Ruy Botto, chanceller-mór do reino, e de sua mulher D. Mecia Machado, e neta de D. Duarte da Cunha, e de sua mulher D. Leonor de Abreu, filha de Vasco Gomes de Abreu, e bisneta de Leonel de Lima, primeiro visconde de Villa-nova da Cerveira, e de sua mulher D. Filippa da Cunha,

filha de Alvaro da Cunha, senhor de Pombeiro; oitavo neto de Duarte de Azevedo, senhor do morgado dos Olivaes, e de sua mulher D. Maria da Silva, filha de Pedro da Silva, e de sua mulher D. Isabel Paes; nono neto de D. Branca de Eça, que casou com João Rodrigues de Azevedo, senhor do morgado dos Olivaes que chamam a Fonte do Louro; decimo neto de D. Fernando, senhor de Eça, e de sua mulher D. Isabel de Avallos, filha de D. Pedro Lopes de Avallos, adiantado maior de Murcia, e neta de Ruy Lopes de Avallos, segundo condestavel de Castella; decimo primeiro neto do infante D. João, e de sua mulher a infanta D. Maria Telles de Menezes, irmã da rainha D. Leonor Telles; decimo segundo neto do senhor rei D. Pedro I, e da rainha D. Ignez de Castro. Luiz Alvares da Cunha, marido de D. Jeronyma de Eça, foi filho de Xisto da Cunha, e neto de Simão da Cunha, bisneto de João Alvares da Cunha, senhor de Pombeiro, terceiro neto de Arthur da Cunha, quarto neto de João Alvares da Cunha, quinto neto de Alvaro da Cunha, sexto neto de João Lourenço da Cunha, e setimo neto de Martim Lourenço da Cunha, filho de Lourenço Martins da Cunha, e foi casado com D. Maria Gonçalves de Briteiros, filha de Gonçalo Annes de Briteiros, e de D. Maria Affonso de Sousa, filha de Martim Affonso Chichorro, filho bastardo do senhor rei D. Affonso III; foi Lourenço Martins da Cunha filho de Fernão Pelaes da Cunha, senhor de Cunha-alta: neto de D. Pelayo Guterres; bisneto de D. Guterre Pelaes, senhor da quinta da Silva; terceiro neto de D. Pelayo Pelaes; quarto neto de D. Pelayo Fruella, o Diacono; quinto neto do infante D. Asuar Fruella, filho de D. Fruella II, rei de Leão e Asturias.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Eças, no segundo as dos Cunhas, no terceiro as dos Menezes, e no quarto as dos Castros. — Br. p. a 2 de dezembro de 1811. Reg. no Cart. da N., liv. VII, fl. 240 v.

(C. C.)

1695. José Xavier Diniz Pereira de Almeida Serra, natural do logar de Alfucheira, filho do bacharel João Xavier de Almeida Serra, e de sua mulher D. Maria Rosa Diniz Pereira; neto pela parte paterna de Francisco Lopes, e de sua mulher Catharina Theresa da Serra; filha de Manuel Simão de Almeida, e de sua mulher Maria Dias da Serra; e neta de Simão Thomaz da Serra, tio de Manuel da Serra, tenente general que foi n'esta corte, pae de José da Serra, governador do Grã-Pará e Maranhão; e pela materna neto do capitão Dionysio João Pereira, e de sua segunda mulher Natalia Nunes Pereira.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Almeidas, no segundo as dos Serras, no terceiro as dos Pereiras, e no quarto as dos Simões. — Br. p. a 6 de março de 1733. Reg. no Cart. da N., liv. I, fl. 195.

(C. C.)

1696. José Xavier Gonzaga de Sá, natural da cidade de Santo Antonio, na ilha do Principe, e tenente coronel de milicias da dita ilha; filho de Christovão Xavier de Sá, governador das ilhas de S. Thomé e Principe, e de sua mulher D. Maria Luiza da Cruz; neto paterno de Jeronymo Domingos de Sá, major do regimento de infanteria n.º 23; bisneto de Pedro Gonçalves de Sá e Simas Castello-branco, capitão-mór da villa de Arronches, e cavalleiro fidalgo da casa real.

Um escudo, e n'elle as armas dos Sás. — Br. p. a 31 de julho de 1821. Reg. no Cart. da N., liv. VIII, fl. 83.

(C. C.)

1697. José Xavier de Oliveira, cirurgião-mór do quarto regimento de artilheria auxiliar da cidade da Bahia; filho de Manuel de Oliveira de Antas, que morreu no posto de alferes de um dos regimentos pagos do reino de Angola, e de sua mulher D. Leonor Maria de Santa Rita; neto pela parte paterna de Domingos de Oliveira, e de sua mulher

Maria de Antas; e pela parte materna do sargento-mór Pedro do Carmo Heredia, e de sua mulher D. Marianna de Sousa Teixeira; bisneto do capitão Pedro de Sousa, e sobrinho do capitão-mór Francisco Xavier Correa.

Um escudo partido em pala; na primeira as armas dos Oliveiras, e na segunda as dos Antas. — Br. p. a 5 de janeiro de 1799. Reg. no Cart. da N., liv. vi, fl. 58.

(C. C.)

1698. D. Josepha Maria de Ataide de Bettencourt, filha legitima de Sebastião Viegas, e de D. Maria de Ataide Bettencourt; pela parte materna neta de João da Costa de Ataide, fidalgo da casa real, e governador que foi da ilha da Madeira, e de sua mulher D. Magdalena Pereira Bettencourt.

Uma lisonja partida em pala; a primeira de prata lisa, a segunda a dos Ataides. — Br. p. a 5 de abril de 1765. Reg. no Cart. da N., liv. i, fl. 25.

(C. C.)

1699. D. Josepha Maria Joaquina Alvares Pereira de Carvalho, natural do logar de Vinhaes o velho, termo da villa da Covilhã, filha de Manuel Fernandes, irmão de Antonio Fernandes de Carvalho, capitão de uma das companhias do terço auxiliar da cidade do Pará, e de D. Maria Marques; neta por parte paterna de outro Manuel Fernandes, e de D. Maria Ribeiro; bisneta de Miguel Alvares, primo de Domingos Alvares Pereira, que militou nos reinados dos senhores reis D. João iv, D. Affonso vi e D. Pedro ii, em cujo tempo foi nomeado sargento-mór para os estados da India, com mercê do habito de Christo, e de D. Maria Ribeiro; terceira neta de Manuel Alvares Pereira, e de D. Maria Fernandes; quarta neta de Alvaro Domingues Pereira, e de D. Julia Peres; quinta neta de Domingos Alvares Pereira, e de D. Clara Pereira; neta por parte materna de Antonio Martins, e de D. Catharina Marques.

Uma lisonja partida em pala; a primeira de prata lisa, a segunda esquartelada; no primeiro quartel as armas dos Fernandes, no segundo as dos Alvares, no terceiro as dos Carvalhos, e no quarto as dos Pereiras. — Br. p. a 29 de junho de 1799. Reg. no Cart. da N. liv. vi, fl. 91.

(C. C.)

1700. D. Josepha Maria de Sá Delgada, natural da quinta do Vimieiro, freguezia de Nossa Senhora da Annunciação, do logar de Romeu, filha de José de Sá, e de sua mulher D. Maria Delgada; neta pela parte paterna de Domingos Rodrigues; e pela materna de Miguel Delgado.

Uma lisonja partida em pala; a primeira de prata lisa, a segunda cortada em faxa; na primeira as armas dos Sás, e na segunda as dos Delgados. — Br. p. a 28 de maio de 1781. Reg. no Cart. da N. liv. iii, fl. 12 v.

(C. C.)

1701. Julião Francisco Xavier, natural do Rio de Janeiro; filho de André Francisco Xavier, e de D. Rosa Maria de Jesus; neto pela parte paterna de Manuel da Silva Pereira, e de Isabel de Sequeira, e pela materna de Manuel Leitão e de D. Anna Maria de Jesus.

Um escudo partido em pala; na primeira as armas dos Silvas, e na segunda as dos Sequeiras. — Br. p. a 18 de outubro de 1769. Reg. no Cart. da N., liv. i, fl. 115 v.

(C. C.)

1702. Julião Pinheiro.

Carta pela qual el-rei D. João iii lhe concede o seguinte brazão de seus antecessores: — Escudo de campo esquartelado; o primeiro de vermelho com uma torre de prata la-

vrada de azul, o segundo de prata com cinco pinheiros verdes, em aspa; elmo de prata aberto, paquife de prata e vermelho, por timbre a mesma torre, e por differença uma flor de liz de oiro; com todas as honras e privilegios de fidalgo por descender da nobre linhagem e geração dos Pinas e Pinheiros. — Dada em Evora a 15 de junho de 1524. Reg. na Chanc. de D. João III, liv. IV, fl. 66 v.

1703. Julio Candido Ferreira, natural da ilha da Boa-vista, filho de Aniceto Antonio Ferreira Alvares Mendes, cavalleiro professo na ordem de Christo, feitor da real fazenda na ilha da Boa-vista, brigadeiro do real exercito, e governador da referida ilha, a quem se passou brazão de armas a 14 de outubro de 1803, e de sua mulher D. Filippa Ignez da Graça; neto paterno do bacharel Antonio Manuel Alvares, e de sua mulher D. Maria Josepha Mendes; bisneto de João Gomes Alvares, e de sua mulher D. Maria Rodrigues; bisneto egualmente por parte de sua referida avó D. Maria Josepha Mendes, de Francisco Ferreira, e de sua mulher D. Josepha Rodrigues Mendes; neto materno de João da Silva Soares, capitão de milicias da dita ilha da Boa-vista, e de sua mulher D. Ignez da Graça e Silva.

Um escudo partido em pala; na primeira as armas dos Alvares, e na segunda as dos Mendes. — Br. p. a 13 de março de 1830. Reg. no Cart. da N., liv. VIII, fl. 249.

(C. C.)

1704. Julio Gomes da Silva Sanches Machado da Rocha, do conselho de Sua Magestade, conselheiro de Estado effectivo, par do reino, ministro e secretario de estado dos Negocios do reino, e interinamente dos Negocios ecclesiasticos e de justiça, presidente da Relação de Lisboa, grã-cruz e commendador da ordem de Nossa Senhora da Conceição de Villa-viçosa, e cavalleiro da antiga e muito nobre ordem da Torre Espada, do valor, lealdade e merito.

Um escudo esquartelado com as armas que lhe foram concedidas por alvará de 20 de maio de 1865. — Br. p. a ... de junho de 1865. (M. N.) Reg. no Cart. da N., liv. IX, fl. 85. — V. no I. H. *Machado da Rocha.*

(C. C.)

1705. Justiniano José dos Reis, natural de Minas-geraes, cavalleiro professo na ordem de Christo, negociante matriculado na praça de Benguella, tenente coronel das extinctas milicias de Loanda, actual sub-prefeito, e governador civil e militar da comarca de Benguella; filho de Justiniano José dos Reis, e de sua mulher D. Maria Joaquina da Cunha e Brito; neto paterno de Antonio Joaquim dos Reis, e de sua mulher D. Catharina Xavier de Brito; e materno de Joaquim Ignacio da Cunha e Brito, e de sua mulher D. Maria Guiomar de Andrade.

Um escudo partido em pala; na primeira as armas dos Britos, e na segunda as dos Cunhas. — Br. p. a 26 de setembro de 1836. Reg. no Cart. da N., liv. VIII, fl. 278 v.

(C. C.)

1706. Juzarte Soares Galhardo, cavalleiro da casa real.

Carta pela qual el-rei D. João III lhe concede o seguinte brazão de seus antecessores: — Escudo de campo vermelho com um leopardo de oiro, tendo sobre as costas (sem chegar a estas) uma flor de liz de oiro, e o rabo arrevezado, e por differença uma lua de prata; elmo de prata aberto guarnecido de oiro, paquife de oiro e vermelho, e por timbre o mesmo leopardo das armas; com todas as honras e privilegios de fidalgo por descender da geração e linhagem dos Galhardos. — Dada em Lisboa a 6 de abril de 1529. Reg. na Chanc. de D. João III, liv. XVII, fl. 36 v.

L

1707. Ladislau de Abranches Freire de Figueiredo, proprietario, filho de Ladislau Caetano da Cunha Botelho, capitão reformado do extincto regimento de milicias da Guarda, condecorado com a medalha das campanhas da guerra da peninsula, presidente da Camara municipal da cidade de Pinhel, e de sua mulher D. Helena Maxima de Gouvea Freire; neto paterno de Manuel Caetano da Cunha Botelho, monteiro-mór da cidade de Pinhel, e de sua mulher D. Maria Michaela Joaquina Vaz Pato, e materno de Bernardo de Figueiredo Ferrão Freire de Abreu Castello-branco, representante da casa dos Figueiredos do adro da villa de Avô, e de sua mulher D. Anna das Neves Castello-branco; sobrinho por parte materna de Albino Abranches Freire de Figueiredo, do conselho de Sua Magestade, fidalgo cavalleiro da casa real, commendador da ordem de Nossa Senhora da Conceição de Villa-viçosa, bacharel formado em direito, e presidente da Junta do deposito publico, a quem se passou brazão de armas.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Figueiredos, no segundo as dos Freires, no terceiro as dos Abranches, e no quarto as dos Ferrões.—Br. p. a 28 de fevereiro de 1866. Reg. no Cart. da N., liv. IX, fl. 94.

(C. C.)

1708. Lançarote Pereira Borges, cavalleiro fidalgo, filho do licenceado Gomes Borges, e neto de João Borges de Basto, que foi do verdadeiro tronco d'esta geração.

Carta pela qual el-rei D. João III lhe concede o seguinte brazão de seus antecessores; —Escudo de campo vermelho, e um leão de oiro com uma bordadura azul, semeada de flores de liz de oiro, e por differença um crescente de prata; elmo de prata aberto guarnecido de oiro, paquife de oiro, vermelho e azul, e por timbre meio leão de oiro com uma das flores de liz sobre a cabeça; com todas as honras e privilegios de fidalgo por descender da nobre geração dos Borges.—Dada em Lisboa a 3 de março de 1539. Reg. na Chanc. de D. João III, liv. XXVII, fl. 20 v.

1709. Lançarote Vieira, moço da camara do Cardeal infante, filho de João Affonso, escudeiro, e de Joanna Vieira, neto de Lançarote Gonçalves Vieira, e bisneto de Gonçalo Affonso Vieira, que foi fidalgo muito honrado e do tronco da geração dos Vieiras.

Carta pela qual el-rei D. João III lhe concede o seguinte brazão de armas de seus antecessores: —Escudo de campo vermelho com seis vieiras de prata lavradas, em duas palas, e por differença uma brica de oiro e n'ella um —L— de preto; elmo de prata aberto guarnecido de oiro, paquife de prata e vermelho, e por timbre uma aspa de vermelho com tres vieiras de prata; com todas as honras de nobre fidalgo por descender da geração dos Vieiras.—Dada em Evora a 12 de outubro de 1536. Reg. na Chanc. de D. João III, liv. XXII, fl. 121.

1710. Lazaro Cardoso Amado, coronel do terço dos auxiliares da cidade de S. Paulo da Assumpção, reino de Angola, natural da villa de Rio de Moinhos, comarca e bispado de Viseu; filho de Bernardo Cardoso de Almeida Amado, e de sua mulher D. Maria da Conceição Coelho; neto pela parte paterna de Manuel de Almeida Amado, e de sua mulher D. Marianna Cardoso; e pela materna de Bernardo Dias Coelho, e de sua mulher D. Isabel João.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Almeidas, no segundo as dos Amados, no terceiro as dos Cardosos, e no quarto as dos Coelhos. — Br. p. a 23 de outubro de 1787. Reg. no Cart. da N., liv. IV, fl. 32 v.

(C. C.)

1711. LAZARO DA SILVA TORRES, cavalleiro fidalgo da casa real, professo na ordem de Christo, natural e morador na villa de Santarem; filho de José da Silva Torres, cavalleiro fidalgo da casa real, e de D. Luiza Antonia Josepha; neto pela parte paterna de Manuel Dias Torres, e de D. Felicia Maria da Silva; e pela parte materna de D. Fernando Ponce de Leão, e de D. Maria da Conceição.

Um escudo esquartelado; no primeiro e quarto quarteis as armas dos Torres, no segundo as dos Silvas, e no terceiro as dos Ponces de Leão. — Br. p. a 30 de março de 1785. Reg. no Cart. da N., liv. III, fl. 191 v.

(C. C.)

1712. LEANDRO DA COSTA DE FARO, morador na villa de Santa Marinha, comarca da Guarda, filho de Bartholomeu da Costa, e de sua mulher D. Maria Lopes Delgado Pessanha; neto paterno de Manuel da Costa de Faro, e de sua mulher D. Brites Fernandes da Cruz; bisneto de Ignacio da Costa e Faro, e de sua mulher D. Catharina João Lobo; terceiro neto de Cosme da Costa, e de sua mulher D. Engracia Martins do Amaral; quarto neto de Leandro da Costa de Faro; quinto neto de Henrique da Costa de Faro, que segundo a tradição viveu nobremente em Lisboa no reinado do senhor rei D. Sebastião, de quem parece teve o foro de cavalleiro fidalgo : e da mesma tradição consta que foi desterrado da côrte, o que devia ser por Filippe I, e viveu o resto da sua vida no concelho de Azurára, onde está sepultado na egrela de Povolide com as armas dos Costas, e Faros na campa da mesma.

As armas dos Faros e Costas, Delgados, Pessanhas, Lobos, Amaraes. — Br. p. a 10 de maio de 1751. Reg. no Cart. da N., liv. particular, fl. 19.

(C. C.)

1713. LEANDRO DIAS DE ORNELLAS E VASCONCELLOS, da cidade do Funchal, ilha da Madeira, filho de Miguel Manuel Dias de Ornellas e Vasconcellos, e de D. Maria Josepha de Menezes e Vasconcellos; neto de Antonio de Ornellas e Vasconcellos, e de D. Valentina Heredia de Vasconcellos; bisneto de Manuel de Ornellas e Vasconcellos, e de D. Francisca da Côrte; terceiro neto de Manuel de Ornellas Spinola, e de D. Isabel Teixeira de Lordello; neto por parte materna do capitão Nicolau Lobo de Mattos, e de D. Antonia Maria de Menezes e Vasconcellos; bisneto de Bartholomeu Lobo de Mattos, e de D. Antonia Telles Reis; terceiro neto de João Lobo de Mattos, e de D. Isabel da Camara.

Um escudo partido em pala; na primeira as armas dos Ornellas, e na segunda as dos Vasconcellos. — Br. p. a 27 de julho de 1801. Reg. no Cart. da N., liv. VI, fl. 174.

(C. C.)

1714. LEANDRO JOSÉ DA COSTA PEREIRA DE ALMEIDA NORONHA E ABRANCHES, natural da ilha de S. Thomé, filho do coronel Thomaz José da Costa Noronha, e de D. Antonia Luiza Mascarenhas de Almeida Pereira Noronha e Abranches; neto paterno do coronel Leandro José da Costa e Noronha, e materno do coronel Gregorio Alves Pereira, e de D. Maria Francisca Constantina; bisneto pelo mesmo lado do coronel João Francisco de Almeida, a quem se passou brazão de armas a 29 de novembro de 1703.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Almeidas, no segundo as dos Pereiras, no terceiro as dos Noronhas, e no quarto as dos Abranches. — Br. p. a 3 de março de 1806. Reg. no Cart. da N., liv. VII, fl. 117.

(C. C.)

1715. Leandro Severo Vaz Pinto de Sá, natural e morador na cidade de Lisboa, filho de Manuel Correa Vaz Pinto, capitão de infanteria, auxiliar do terço da comarca de Setubal, proprietario do officio de vendedor e recebedor dos direitos reaes do pescado secco, e cidadão da cidade de Lisboa, d'onde é natural, e de sua mulher D. Lucina Maria de Jesus; neto paterno de João Ferreira de Carvalho, proprietario do dito officio, e de sua mulher D. Joanna de Sá, natural d'està côrte, que levou em dote o dito officio, filha de Balthazar de Sá, proprietario do dito officio, e de sua mulher D. Luiza Moreira, filha de Francisco Jorge, e de sua mulher D. Maria Moreira: e o dito Balthazar de Sá era filho de Garcia Vaz Pinto de Sá, abbade que foi de Vinhaes, que, antes de ser clerigo, se chamava Filippe Teixeira de Magalhães, fidalgo escudeiro da casa real, e de D. Maria de Sá; neto de Ruy Vaz Pinto de Sá, governador do Rio de Janeiro, e provedor da Fazenda do Brazil, e de sua mulher D. Francisca de Magalhães, filha do doutor Fernando de Magalhães, desembargador do Paço, e chanceller-mór do reino; bisneto de Antonio Teixeira Pinto, senhor do morgado de Calville, e de sua mulher D. Joanna de Sá, filha de João Rebello de Sá; terceiro neto de Gonçalo Vaz Pinto, e de sua mulher D. Isabel Leite, filha de Alvaro Leite, senhor do morgado de Quebrantões; quarto neto de Mannel Pinto de Goes, senhor do dito morgado de Calville, da honra da Pardilha, e da quinta de Algares, e de sua mulher D. Francisca Teixeira, filha de João Teixeira de Macedo, e de Violante de Barros, o qual Manuel Pinto de Goes era filho de Gonçalo Vaz Pinto, segundo senhor de Terras e Tendaes, alcaide-mór de Chaves, e de sua segunda mulher D. Ignez Rodrigues de Goes; neto de outro Gonçalo Vaz Pinto, primeiro senhor das ditas terras, e de sua mulher D. Catharina de Mello, filha de Martim Affonso de Mello, setimo senhor da villa de Mello; bisneto de Ayres Pinto, filho de Vasco Garcez Pinto, e este de Garcia Soares Pinto, neto de D. João Garcia de Sousa Pinto, progenitor d'este nobilissimo appellido; bisneto o supplicante pela sua varonia de Domingos Ferreira de Carvalho, e de sua mulher D. Isabel da Mouta, filha de Domingos Preto Mattoso, e de sua mulher D. Francisca da Mouta; terceiro neto de Marcos Ferreira, e de sua mulher Catharina Fernandes; neto materno do capitão de mar e guerra Domingos Gomes Cubellos, e de sua mulher D. Helena Maria Monteiro, filha de João de Mattos, e de sua mulher D. Clara Monteiro, filha de Simão Fernandes, e de sua mulher Maria Themuda; o dito João de Mattos foi filho de outro João de Mattos, e de sua mulher Isabel Rodrigues; bisneto materno do capitão José Gomes Gago, e de sua mulher Iria Martins, filha de Paulo Gomes, e de Maria Manuel, e elle de Domingos Braz, e de Domingas Gomes, todos naturaes da villa de Cascaes.

As armas dos Ferreiras, Pintos, Sás, e Mellos. — Br. p. a 5 de setembro de 1750. Reg. no Cart. da N., liv. particular, fl. 2 v.

(C. C.)

1716. Leandro Cardoso Azevedo do Valle (Bacharel), capitão de ordenanças da villa do Rabaçal, filho de Manuel Cardoso do Valle, e de sua mulher Catharina Christovão, filha de Pedro Christovão, e de sua mulher Cecilia Francisca; neto pela parte paterna de outro Manuel Cardoso do Valle, e de Josepha Mattheus, o qual Manuel Cardoso do Valle fôra quarto neto de Manuel Sueiro de Albergaria, natural da cidade de Aveiro.

Um escudo partido em pala; na primeira as armas dos Cardosos, na segunda as dos Albergarias. — Br. p. a 2 de fevereiro de 1769. Reg. no Cart. da N., liv. i, fl. 92.

(C. C.)

1717. Leonardo José Vieira, capitão das ordenanças do logar de Vassal, termo de Chaves, comarca de Bragança, filho de Francisco Teixeira, e de Maria Gonçalves; neto materno de Miguel Fernandes, e de D. Catharina Gonçalves.

Um escudo partido em pala; na primeira as armas dos Teixeiras e na segunda as dos Vieiras. — Br. p. a 4 de setembro de 1802. Reg. no Cart. da N., liv. vii, fl. 4.

(C. C.)

1718. Leonardo Pinheiro de Vasconcellos, cavalleiro fidalgo da casa real, filho de Filippe Nery de Vasconcellos, capitão de infanteria do regimento do marquez das Minas, e de sua mulher D. Antonia Francisca Garcia; neto pela parte paterna de Leonardo Pereira de Vasconcellos, cavalleiro fidalgo da casa real, professo na ordem de Christo, familiar do Santo Officio, e administrador do morgado de Catta-Sol, no logar de Barcarena, e de sua mulher D. Violante Maria Luiza Xavier Monteiro de Vasconcellos; bisneto pela parte paterna de Francisco Xavier Monteiro de Vasconcellos, cavalleiro fidalgo da casa real, professo na ordem de Christo, e familiar do Santo Officio, e de sua mulher D. Maria Leonarda de Góes Pinheiro, administradora que foi do dito morgado, filha de Roque de Góes Pinheiro, cavalleiro professo na ordem de Christo, administrador que foi do dito morgado, e de sua mulher D. Anna Maria Pinheiro de Faria, filha de Antonio Pinheiro de Faria, tenente general que foi no reino de Angola, fidalgo cavalleiro da casa real, e de sua mulher D. Catharina de Oliveira; e o dito Roque de Góes Pinheiro era filho de Pedro de Góes Pinheiro, professo na ordem de Christo, secretario que foi da casa de Bragança, e administrador do dito morgado, e de sua mulher D. Monica Rebello de Carvalho, filha de Manuel Rebello de Carvalho, e de sua mulher Isabel Ferreira, instituidores que foram do mesmo morgado; e Pedro de Góes Pinheiro foi filho de Roque de Góes Pinheiro, e de sua mulher D. Jeronyma Pinheiro; neto de Diogo de Góes, e de sua mulher Catharina Pinheiro; terceiro neto o supplicante pela sua varonia de Bartholomeu Monteiro de Sequeira, cavalleiro fidalgo da casa real, professo na ordem de Sant'Iago, moço da camara do senhor rei D. Pedro II, e de sua mulher D. Angela Garcez de Vasconcellos, filha de Manuel Ribeiro de Vasconcellos, e de sua mulher D. Maria Garcez Soares; quarto neto do doutor Antonio Monteiro de Miranda, juiz de fóra que foi do Torrão, e de sua mulher D. Violante de Torres de Andrade; quinto neto de Francisco Monteiro de Miranda, e de sua mulher D. Maria Nunes; sexto neto de Belchior Metello, e de sua mulher Guiomar Nunes; setimo neto de Gaspar Nogueira; sendo o mesmos upplicante sobrinho de Antonio José Pinheiro de Vasconcellos, cavalleiro fidalgo da casa real, professo na ordem de Christo, e familiar do Santo Officio, a quem se passou brazão de armas aos 15 de julho de 1752.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Rebellos, no segundo as dos Carvalhos, no terceiro as dos Pinheiros, e no quarto as dos Vasconcellos. — Br. p. a 27 de junho de 1794. Reg. no Cart. da N., liv. v, fl. 26 v.

(C. C.)

1719. D. Leonor Violante Rosa Pessoa de Amorim, viuva de Manuel Vaz, filha de Miguel Pessoa da Cunha e Amorim, e de sua mulher D. Antonia Bernarda Pereira da Silva; neta pela parte paterna de Sancho Pessoa de Amorim, cadete que foi dos dragões de Aveiro, e de sua mulher D. Branca Nunes; neta pela parte materna de Simão Pereira Mendes, e de sua mulher D. Branca Maria; sendo a mesma supplicante prima de Gaspar Pessoa Tavares de Amorim, e de Gregorio Tavares Pessoa de Amorim, aos quaes já se passou brazão de armas.

Uma lisonja partida em pala; a primeira de prata lisa, a segunda partida tambem em pala, na primeira as armas dos Pessoas, e na segunda as dos Amorins. — Br. p. a 9 de julho de 1799. Reg. no Cart. da N., liv. VI, fl. 94 v.

(C. C.)

1720. Leonel de Queiroz de Gouvea, cavalleiro da ordem de Christo, filho de Leonel de Queiroz de Gouvea, e de Maria Vaz de Castello-branco, que foram fidalgos muito honrados e do tronco d'estas gerações.

Carta pela qual el-rei D. João III lhe concede o seguinte brazão de seus antecessores: — Escudo de campo esquartelado; o primeiro partido em pala e na primeira parte de vermelho com uma dobre cruz e bordadura de oiro entre seis arvelas de prata, e na se-

gunda parte de prata com seis arvelas de azul; o segundo azul com um leão de oiro armado de vermelho, e por differença uma lua de azul; elmo de prata aberto guarnecido de oiro, paquife de oiro, vermelho e azul, e por timbre o mesmo leão; com todas as honras de fidalgo por descender das gerações dos Gouveas e Castellos-brancos. — Dada em Evora a 10 de março de 1537. Reg. na Chanc. de D. João III, liv. XXIII, fl. 19.

1721. Lopo de Araujo, filho de Lopo Rodrigues de Araujo, e de Catharina Pimentel; neto de João Rodrigues de Araujo; bisneto de João Rodrigues de Araujo; todos fidalgos muito honrados.

Carta pela qual el-rei D. João III lhe concede o seguinte brazão de seus antecessores: — Escudo de campo de prata e uma aspa azul com cinco besantes de oiro, uma no meio e as outras nas pontas, e por differença uma merleta vermelha; elmo de prata aberto guarnecido de oiro, paquife de oiro e azul, e por timbre a mesma aspa com cinco besantes de oiro; com todas as honras e privilegios de fidalgo por descender da linhagem dos Araujos. — Dada em Lisboa a 4 de abril de 1541. Reg. na Chanc. de D. João III, liv. XXXIV, fl. 10.

1722. Lopo de Carvalhal, morador em Penella, filho de Pero de Carvalhal, e de Aldonça Canella, moradores em Monte-mór o novo; neto de João Fontes de Carvalhal, e de Leonor Lopes Loba, os quaes foram fidalgos muito honrados.

Carta pela qual el-rei D. Manuel lhe concede e a todos os seus descendentes o seguinte brazão de seus antecessores: — Escudo de campo vermelho partido em pala com um filete preto, na primeira parte um carvalho verde, na outra uma torre de prata guarnecida de preto, e ao pé escudo ondado de azul, e uma flor de liz de oiro por differença; elmo de prata aberto, e por timbre a mesma torre com seu ramo de carvalho nas ameas, paquife de prata e vermelho; com todas as honras de nobre e fidalgo por descender da geração e linhagem dos Carvalhaes. — Dada no anno de 1513. Reg. na Chanc. de D. Manuel, liv. XLII, fl. 79, e liv. XIII da Estremadura, fl. 67.

1723. Lopo Esteves, cavalleiro, morador na villa de Olivença.

Carta pela qual el-rei D. Affonso V lhe concede e a seus descendentes o seguinte brazão de armas: — Um escudo de côr de purpura ou de matista e uma aguia estendida, branca ou de prata, com o bico e pernas pretas; pelos muitos serviços pelo mesmo prestados nas tomadas da villa de Alcacer, de Arzilla e da cidade de Tanger aos mouros. — Dada em em Lisboa a 8 de novembro de 1741. (M. N.) Reg. na Chanc. de D. Affonso V, liv. XXI, fl. 14 v., e liv. III de Mist., fl. 12 v.

1724. Lopo José Barbosa Collaço de Vasconcellos e Castro, filho do capitão Agostinho Luiz Barbosa Costa de Vasconcellos e Castro, e de sua mulher D. Thereza Maria Barbosa de Lima; neto paterno do capitão João Collaço de Vasconcellos e Castro, e de sua mulher D. Maria Barbosa, filha do capitão Torquato Barbosa, e de sua mulher D. Domingas de Araujo, neta paterna de João Soares, e de sua mulher D. Senhorinha Barbosa, filha de Torquato Barbosa, este filho de Francisco Barbosa; bisneto o supplicante de João Rodrigues Vieira, e de sua mulher D. Anna Maria Collaço de Vasconcellos, filha de Luiz Ribeiro de Castro e Vasconcellos, e de sua mulher D. Catharina Manuela, neta paterna de Sebastião Ribeiro de Castro, e de sua mulher D. Maria Collaço de Vasconcellos, filha de D. Maria Saldanha de Vasconcellos, e este filho tambem de Simão Ribeiro; neto materno de Francisco Fernandes de Castro, e de sua mulher D. Monica Barbosa.

As armas dos Barbosas, Castros, e Vasconcellos. — Br. p. a 16 de agosto de 1755. Reg. no Cart. da N., liv. particular, fl. 91.

(C. C.)

1725. Lopo Machado, morador na ilha da Madeira, filho de Pedro Machado e neto de Lopo Machado, os quaes foram do tronco d'estas gerações.

Carta pela qual el-rei D. João III lhe concede o seguinte brazão de seus antecessores: — Escudo de campo esquartelado; o primeiro de vermelho com cinco machados de prata com os cabos de oiro, em aspa, o segundo de vermelho e uma aguia preta, estendida, com os pés e membrada de oiro, e por differença um crescente de prata; elmo de prata aberto guarnecido de oiro, paquife de prata, oiro e vermelho, e por timbre dois dos machados em aspa; com todas as honras e privilegios de fidalgo por descender da geração e linhagem dos Machados e Maias. — Dada em Evora em 1537. Reg. na Chanc. de D. João III, liv. XXIII, fl. 70.

1726. Lopo Mexia, natural de Campo-maior, filho de Diogo Mexia, e de Isabel Affonso; neto de Lopo Vaz Mexia; bisneto de Gonçalo Vaz Mexia, que foi do verdadeiro tronco dos Mexias.

Carta pela qual el-rei D. João III lhe concede o seguinte brazão de seus antecessores: — Escudo de campo de oiro com tres faxas azues, e por differença uma merleta preta; elmo de prata aberto guarnecido de oiro, paquife de oiro e azul, e por timbre meia onça com uma faxa azul; com todas as honras e privilegios de fidalgo por descender da geração dos Mexias. — Dada em Lisboa a 21 de outubro de 1551. Reg. no liv. IV de Privilegios, fl. 174 v.

1727. Lopo Rodrigues Canello, escrivão da Camara real, e da Camara do mestrado da ordem de Christo.

Carta pela qual el-rei D. Sebastião lhe concede e a todos os seus descendentes o seguinte brazão de armas: — Escudo de campo verde, e uma ribeira em faxa entre uma estrella de oiro e uma flor de liz de oiro, e de um dos lados da dita ribeira um braço vestido de brocado com umas letras que dizem — Rei — cujo braço tira com a mão da dita ribeira outro braço vestido de azul, e tem no campo do escudo uma bordadura de prata; elmo de prata cerrado guarnecido de oiro, paquife de oiro, verde, prata e azul, e por timbre o braço azul com uma estrella na mão; com todas as honras e privilegios de fidalgo pelos serviços por elle prestados, e por ter livrado o rei quando caiu em uma ribeira. — Dada em Almeirim a 10 de janeiro de 1576. (M. N.) Reg. na Chanc. de D. Sebastião, liv. IX, fl. 76 e liv. XI, fl. 71.

1728. Lopo Soares, filho de Pedro de Santarem Soares, e neto de Lopo Vaz Soares, que era fidalgo muito honrado e do tronco d'esta geração.

Carta pela qual el-rei D. João III lhe concede o seguinte brazão de seus antecessores: — Escudo de campo de prata com uma cruz vermelha florida e vasia do primeiro, e uma bordadura de prata cheia de escudinhos azues, e em cada um cinco besantes da bordadura, e por differença um crescente verde; elmo de prata aberto guarnecido de oiro, paquife de prata, vermelho e azul, e por timbre um dragão volante de vermelho com os pés sobre o elmo; com todas as honras e privilegios de fidalgo por descender da geração dos Soares de Albergaria. — Dada em Lisboa a 9 de julho de 1549. Reg. no liv. II de Privilegios, fl. 222.

1729. D. Lourença de Mello e Lima, irmã de Gregorio Cadena Bandeira de Mello; filha de Pero de Cadena, moço fidalgo, e de Brites Bandeira de Mello; neta materna de Filippe Bandeira de Mello; bisneta de Sebastião Pires de Louredo e de Brites Bandeira de Mello; trineta de João Rodrigues Malheiro de Mello, e de Filippa Bandeira; quarta neta de Gonçalo Pires Bandeira, o primeiro d'este appellido; o qual João Rodrigues Malheiro de Mello foi filho de João Malheiro, de Ponte de Lima, e de Guiomar de Mello que foi filha de Fernão de Mello, filho de D. Rodrigo de Mello, filho de D. Leonel de Lima,

setimo avô da dita D. Lourença de Mello e Lima, e que foi o primeiro visconde de Villanova de Cerveira e era casado com D. Filippa da Cunha, filha de Alvaro da Cunha, senhor de Pombeiro, e de D. Brites de Mello, que era filha de Martim Affonso de Mello.

Carta pela qual el-rei D. Filippe III lhe concede e a seus descendentes o seguinte brazão de seus antecessores : — Escudo de campo esquartelado; o primeiro dos Bandeiras, de vermelho, com uma bandeira de prata com a haste e franja de oiro, carregada de um leão de purpura rompente armado de vermelho, o segundo dos Mellos, de vermelho e seis besantes de prata entre uma dobre cruz e bordadura de oiro, o terceiro dos Limas, um escudo partido em tres palas; a primeira de Aragão, e as outras duas esquarteladadas dos Silvas e Souto-maior; o quarto dos Cunhas, de oiro com nove cunhas de azul formadas em tres palas, e por differença uma brica com seu coxim; por timbre o leão da bandeira; elmo de prata aberto guarnecido de oiro, e o paquife dos metaes e cores das armas; com todas as honras e privilegios de fidalga, por descender das ditas gerações.— Dada em Lisboa a 16 de junho de 1633. Reg. na Chanc. de D. Filippe III, liv. I, fl. 306.

1730. LOURENÇO ANNES MACIEL, morador em Vianna de Caminha; filho de João Maciel, fidalgo, alcaide-mór que foi de Villa-nova de Cerveira.

Carta pela qual el-rei D. João III lhe concede o seguinte brazão de seus antecessores : — Escudo de campo meio partido em pala; o primeiro de prata com duas flores de liz de azul, em pala, o segundo de preto com uma meia aguia de vermelho armada de oiro, e por differença uma brica vermelha; elmo de prata aberto guarnecido de oiro, paquife de prata e azul, e por timbre uma aguia de oiro estendida; com todas as honras de nobre e fidalgo por descender da geração e linhagem dos Macieis.— Dada em Monte-mór o novo a 20 de maio de 1531. Reg. na Chanc. de D. João III, liv. LV, fl. 94 v.

1731. LOURENÇO ANTONIO DE OLIVEIRA PANTOJA, do estado do Pará; filho de Manuel de Oliveira Pantoja, e de D. Thereza Maria de Ataide; neto por parte paterna de José de Oliveira Pantoja, e de D. Luiza Maria de Bittencourt, e por parte materna do sargento-mór Sebastião de Sousa, e de D. Thomazia Mendes de Sousa, filha de Pedro Mendes Thomaz, capitão-mór e governador que foi d'aquelle estado, e de sua mulher D. Maria; bisneto por parte paterna de Luiz de Oliveira Pantoja, e de D. Catharina de Sequeira, e por parte materna de Antonio Ferreira Ribeiro, cavalleiro professo na ordem de Christo, capitão-mór e ouvidor geral que foi da capitania do Pará, e de D. Agueda Maria de Bittencourt; terceiro neto por parte paterna de Jeronymo Fernandes de Oliveira Pantoja, e de D. Clara da Silva; e por parte materna de Feliciano Correa, cavalleiro professo na ordem de Christo, e governador que foi do mesmo estado, e de D. Maria Teixeira; quarto neto por parte paterna de Pedro de Villa-nova, physico-mór que foi do senhor rei D. João III, e fidalgo da casa real; e por parte materna de Pedro Teixeira, cavalleiro professo na ordem de Christo, moço fidalgo da casa real, capitão-mór e governador que foi do mesmo estado, restaurador e descobridor d'elle até á cidade de Quito, e de Catharina de Bittencourt.

Um escudo partido em pala; na primeira as armas dos Oliveiras, e na segunda as dos Pantojas. — Br. p. a 20 de novembro de 1797. Reg. no Cart. da N., liv. V, fl. 215.
(C. C.)

1733. LOURENÇO ANTONIO DE SOUSA PEREIRA, natural da villa de Palmella; filho de Manuel de Sousa Pereira, e de sua mulher Isabel Caetana e Azevedo; neto pela parte paterna de João de Sousa Pereira, e de sua mulher D. Jeronyma Romba Cardosa, filha do capitão Manuel Cordeiro Cacho, e de sua mulher D. Anna Maria Romba; bisneto de Manuel Barrocas Aguio, cavalleiro da ordem de Christo, capitão de infanteria que foi na capitania de Pernambuco, onde ajudou a expulsar d'ella os hollandezes, e vindo para este

reino, serviu com muita distincção nas guerras da feliz acclamação, e foi governador da praça de Ouguella, e de sua mulher D. Catharina Luiza Pereira; e pela parte materna neto de Pedro de Sequeira Godinho, e de sua mulher D. Anna Maria da Silva.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Pereiras, no segundo as dos Cordeiros, no terceiro as dos Sequeiras, e no quarto as dos Silvas. — Br. p. a 4 de abril de 1772. Reg. no Cart. da N., liv. I, fl. 173.

(C. C.)

1733. Lourenço Arraes de Mendonça da Cunha, cavalleiro fidalgo da casa real, natural da cidade do Pará; filho de João da Silva da Cunha Arraes de Mendonça, cavalleiro fidalgo da casa real, e de sua mulher D. Catharina de Abreu Amora; neto por parte paterna de Lourenço Arraes de Mendonça, cavalleiro fidalgo da casa real, professo na ordem de Christo e alferes de infanteria da extincta praça de Mazagão, e de sua mulher D. Catharina de Abreu, a qual era filha do alcaide-mór da dita praça de Mazagão, Luiz Lourenço de Abreu, professo na ordem de Christo, fidalgo da casa real, e capitão de infanteria na dita praça; bisneto de Jorge do Rego Arraes de Brito, professo na ordem de Christo, cavalleiro da casa real, adail e cabo-maior de cavallaria da mencionada praça, e de sua mulher D. Catharina Maria de Brito, a qual era filha de Antonio de Azevedo Coutinho, professo na ordem de Christo, e fidalgo da casa real; terceiro neto de outro Lourenço Arraes de Mendonça, professo na ordem de Christo, cavalleiro fidalgo da casa real e capitão de infanteria da dita praça, e de sua mulher D. Maria de Brito; neto por parte materna de Antonio Gonçalves Amora, professo na ordem de Christo, e cavalleiro fidalgo da casa real, e de sua mulher D. Joanna Cotta; bisneto de outro Antonio Gonçalves Amora, professo na ordem de Christo e cavalleiro fidalgo da casa real, e de sua mulher D. Joanna Domingues; terceiro neto de Bartholomeu Amora, professo na ordem de Christo e cavalleiro fidalgo da casa real, e de sua mulher D. Catharina Rodrigues Cotta.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Arraes, no segundo as dos Mendonças, no terceiro as dos Loureiros, e no quarto as dos Abreus. — Br. p. a 10 de junho de 1801. Reg. no Cart. da N., liv. VI, fl. 170.

(C. C.)

1734. Lourenço Correa da Silva, natural da Bahia; filho de José Alves da Silva, familiar do Santo Officio, natural da villa de Vianna, e de sua mulher D. Agueda Maria do Sacramento, natural da villa da Cachoeira, arcebispado da cidade da Bahia; neto pela parte paterna de Francisco Alvares de Carvalho, e de sua mulher D. Maria Alvares da Silva; e pela materna do tenente coronel Lourenço Correa Lisboa, e de sua mulher D. Maria de Magalhães.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Carvalhos, no segundo as dos Silvas, no terceiro as dos Correas, e no quarto as dos Magalhães. — Br. p. a 31 de outubro de 1771. — Reg. no Cart. da N., liv. I, fl. 162.

(C. C.)

1735. Lourenço da Fonseca, licenceado.

Carta pela qual el-rei D. Manuel lhe concede e a seus successores o seguinte brazão de seus antepassados : — Escudo esquartelado, o primeiro dos Affonsecas, que é de oiro com cinco estrellas vermelhas em aspa, o segundo dos Cerveiras, que é esquartelado, o primeiro de vermelho com uma cruz de oiro florida e vasia, com uma bordadura de prata cheia de escudinhos de Portugal, alemcontre de prata com duas sereias de purpura, e por differença nas armas dos da Fonseca uma merleta preta; elmo de prata aberto, e o paquife de oiro e vermelho; timbre um meio touro vermelho com os paus de oiro; com todas as honras e privilegios de fidalgo de antiga linhagem por descender da geração dos da Fonseca. — Dada em Lisboa

a 2 de abril de 1517. Reg. na Chanc. de D. Manuel, liv. IX, fl. 7 v, e liv. VI de Mist., fl. 144.

1736. Lourenço José de Moura Magalhães Pinto (Capitão), da casa de Ollela, freguezia de Santa Senhorinha, concelho de Cabeceiras de Basto, comarca de Guimarães; filho do capitão Estevão Antonio de Moura Magalhães Pinto, e de sua mulher D. Josepha Thereza Ferreira da Silva; neto paterno do capitão Manuel de Moura de Magalhães Pinto, e de sua mulher D. Joanna de Moura; bisneto do capitão Antonio de Magalhães, e de sua mulher D. Marianna de Moura Magalhães, e materno de João Carneiro da Silva, e de sua mulher D. Senhorinha Ferreira; bisneto pelo mesmo lado de Antonio Pires Affonso Ferreira, e de sua mulher D. Maria Ferreira da Silva.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Mouras, no segundo as dos Magalhães, no terceiro as dos Silvas, e no quarto as dos Ferreiras.—Br. p. a 27 de setembro de 1821. Reg. no Cart. da N., liv. VIII, fl. 89.

(C. C.)

1737. Lourenço José Taborda Tavares de Negreiros Feijó Falcão, natural do logar de Tabella, termo da villa de Fundão, provincia da Beira; filho de Lourenço José Taborda Delvas de Negreiros Feijó, e de sua mulher D. Maria Barbara Falcão de Aguiar Leitão; neto pela parte paterna do bacharel Verissimo Ignacio Taborda Delvas de Negreiros, e de sua mulher D. Antonia Maria Ignacia Feijó, elle filho do desembargador da Relação do Porto Isidoro Mendes Delvas Taborda de Negreiros, descendente de Garcia Rodrigues Taborda, fidalgo gallego, e senhor n'aquelle reino do solar dos Tabordas, e n'este reino de Portugal, para onde se passou, chefe d'esta illustre familia; e ella filha de João do Valle de Almeida, e de sua mulher D. Maria Rodrigues Feijó, descendente de Pedro Feijó, alcaide-mór da villa de Portella, de quem procedem todos os Feijós d'aquella provincia; e pela parte materna neto de Antonio Felix Falcão Tavares, e de sua mulher D. Maria Rosa Ribeiro, e bisneto de Manuel Antunes Falcão Tavares, dos Falcões Tavares da villa de Fundão, descendente de Francisco Mendes Falcão Tavares, padroeiro da egreja da Magdalena da villa da Covilhã, e senhores do pescado de Aveiro, que procederam da Casa quebrada, e foram fidalgos de antiquissima geração.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Tabordas, no segundo as dos Feijós, no terceiro as dos Falcões, e no quarto as dos Tavares.—Br. p. a 21 de janeiro de 1788. Reg. no Cart. da N., liv. IV, fl. 44 v.

(C. C.)

1738. Lourenço Maciel Parente, da cidade do Maranhão, filho de Antonio Maciel Parente, e de D. Marianna Cotrim; neto pela parte paterna de Bento Maciel Parente, capitão-mór que foi da Ribeira de Mearim, e de D. Marianna de Araujo Catanede; bisneto de Vital Maciel Parente, sargento-mór que foi do estado da dita cidade, e ultimamente capitão-mór e governador das armas d'aquella capitania, o qual foi filho de Bento Maciel Parente, fidalgo da casa real, cavalleiro professo na ordem de Christo, senhor donatario da capitania do Cabo do Norte, e governador general d'aquelle estado.

Um escudo, e n'elle as armas dos Pantojas.—Br. p. a 29 de novembro de 1797. Reg. no Cart. da N., liv. V, fl. 217.

(C. C.)

1739. Lourenço de Oliva, cavalleiro da casa real e da ordem de Christo, morador na cidade de Tanger.

Carta pela qual el-rei D. Sebastião lhe concede e a seus descendentes o seguinte brazão de armas: — Escudo de campo verde e um leão de oiro rompente, atravessado com uma metade de lança de sua côr por entre as espadoas, saindo-lhe o ferro pela barriga,

armado de preto e ensanguentado, junto de uma ribeira, que vai pelo pé do escudo; elmo de prata cerrado guarnecido de oiro, paquife de oiro e verde, e por timbre um meio homem vestido de vermelho, com a outra metade da lança enrestada na mão; com todas as honras de nobre fidalgo pelos seus relevantes serviços. (As armas alludem a uma luta que teve em Tanger com um leão, deixando-o morto). — Dada em Lisboa a 12 de novembro de 1564. (M. N.) Reg. na Chanc. de D. Sebastião, liv. IV, fl. 69.

1740. Lourenço Thomaz Ferreira de Carvalho, natural do concelho de Cabeceiras de Basto, filho de Lourenço José de Carvalho, e de sua mulher Francisca Felicia; neto pela parte paterna do capitão Manuel Thomaz de Carvalho, e de sua mulher Benta Martins, elle filho de André Francisco, e de sua mulher Senhorinha Antunes, e ella filha de João Martins, e de sua mulher Domingas Gonçalves; e pela materna se mostrava tambem que elle é neto de Domingos Carvalho dos Santos, e de sua mulher Maria Carvalho; bisneto de Domingos Carvalho, e de sua mulher Maria Vaz, e de Antonio Carvalho dos Santos, e de sua mulher Maria Antunes do Valle; terceiro neto de Sebastião Carvalho dos Santos, e de sua mulher Domingas Vaz; e quarto neto de Manuel Thomaz de Carvalho, capitão de volantes na guerra da acclamação, e teve patente de sargento-mór de um terço; o supplicante é descendente tambem de outro Domingos Carvalho dos Santos, que foi moço da camara dos senhores reis d'este reino.

Um escudo partido em pala; na primeira as armas dos Carvalhos, e na segunda as dos Valles. — Br. p. a 17 de agosto de 1786. Reg. no Cart. da N., liv. III, fl. 233 v.

(C. C.)

1741. Lucano de Espindola, genovez, morador na ilha da Madeira. filho de Misser Cliam de Espindola, e de Madona Pereta de Espindola, que foram do tronco d'esta linhagem.

Carta pela qual el-rei D. Manuel lhe concede o seguinte brazão de seus antecessores: —Um escudo com campo de oiro e uma faxa de escaces de prata e vermelho; elmo de prata aberto, e por timbre um ramo de espinhas vermelho, que está sobre a face do escudo, e por differença uma merleta de negro; paquife de oiro e vermelho; por descender da geração e linhagem dos Espindolas, que foram fidalgos e dos principaes da senhoria de Genova. — Dada em 1513. Reg. na Chanc. de D. Manuel, liv. XLII, fl. 48 e liv. das Ilhas, fl. 135.

1742. Lucas de Cacenas, genovez, morador na ilha Terceira, em Angra, filho de Bartholomeu de Cacena, e neto de Antonio de Cacena, que foi fidalgo e do tronco d'esta geração.

Carta pela qual el-rei D. João III lhe concede o seguinte brazão de seus antecessores: —Escudo de campo de oiro com um crescente de vermelho no meio do chefe do escudo, e em baixo tres faxas de preto; elmo de prata aberto guarnecido de oiro, paquife de oiro, vermelho e preto, e por timbre um meio leopardo de oiro com um crescente vermelho nos peitos; com todas as honras e privilegios de fidalgo por descender da geração e linhagem dos Cacenas, que na senhoria de Genova são fidalgos. — Dada em Lisboa a 22 de julho de 1530. Reg. na Chanc. de D. João III, liv. LII, fl. 141.

1743. Lucas Giraldes, morador em Lisboa, filho de Nicolau Giraldes, e de D. Margarida.

Carta pela qual el-rei D. Sebastião lhe concede e a seus descendentes o seguinte brazão de seus antecessores; — Escudo de campo branco (segundo parece) com um leão e um coronel de oiro; com todas as honras e privilegios de nobre fidalgo, por descender da geração dos Giraldes, que eram nobres em Florença.—Dada em Lisboa a 21 de junho de 1559. Reg. na Chanc. de D. Sebastião, liv. I, fl. 251.

1744. Lucas José de Araujo Lobato de Abreu e Lima, cadete reconhecido do regimento de cavallaria de Evora, filho de Belchior de Araujo Costa, e de sua mulher D. Anna Josepha de Araujo; neto pela parte paterna do capitão Pedro Lobato de Abreu e Lima, moço fidalgo da casa real, accrescentado a fidalgo escudeiro e a fidalgo cavalleiro, o qual teve o pae do supplicante de Clemencia Velloso, sendo ambos solteiros; bisneto de Pedro da Cunha de Abreu e Lima; terceiro neto de Leonel de Abreu e Lima, ambos com o mesmo fôro; neto por parte materna de Roque de Araujo Costa, cavalleiro professo na ordem de Christo, e executor geral da Contadoria de guerra e reino, e de sua mulher D. Maria Josepha da Purificação.

Um escudo partido em pala; na primeira as armas dos Abreus, e na segunda as dos Limas.—Br. p. a 8 de maio de 1799. Reg. no Cart. da N., liv. vi, fl. 79 v.

(C. C.)

1745. Luiz Alvares Nunes da Silva, filho de Pedro Alvares da Silva, e de sua mulher D. Catharina Pereira Lobo; neto paterno de Luiz Alvares Nunes da Silva, e de sua mulher D. Maria Lopes da Costa; e materno de José Rodrigues Lobo, e de sua mulher D. Maria Fernandes Pereira.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Alvares, no segundo as dos Nunes, no terceiro as dos Silvas, e no quarto as dos Lobos.—Br. p. a 6 de dezembro de 1806. Reg. no Cart. da N., liv. ii. fl. 153.

(C. C.)

1746. Luiz Alvellos Spinola (Beneficiado), cavalleiro professo na ordem de Christo, cavalleiro fidalgo da casa real, natural e morador n'esta cidade de Lisboa; filho de Pedro Alvellos Spinola, tambem professo na ordem de Christo, cavalleiro fidalgo da casa real, familiar do Santo Officio, e de D. Thereza de Jesus de Figueiredo; neto pela parte paterna de João Alvellos Spinola, e de D. Thereza Maria de Jesus.

Um escudo ovado e partido em pala; na primeira as armas dos Alvellos, e na segunda as dos Spinolas.—Br. p. a 20 de janeiro de 1784. Reg. no Cart. da N., liv. iii, fl. 117 v.

(C. C.)

1747. Luiz Antonio de Aragão, tenente coronel de infanteria nas tropas de Sua Magestade Catholica, natural d'esta côrte de Lisboa; filho de José Duarte de Aragão, e de sua mulher D. Catharina Josepha Clara da Fonseca; neto pela parte paterna de Domingos Luiz Soares de Aragão, e de sua mulher D. Andreza Duarte de Santa Rosa Seixas; bisneto de Miguel Dias da Costa, de quem tambem é neto D. Francisco Antonio da Costa, armeiro-mór de Sua Magestade Catholica, tio do supplicante, e de sua mulher D. Anna Luiz da Silva Pereira.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Aragões, no segundo as dos Costas, no terceiro as dos Silvas, e no quarto as dos Fonsecas.—Br. p. a 11 de novembro de 1789. Reg. no Cart. da N., liv. iv, fl. 134.

(C. C.)

1748. Luiz Antonio de Araujo e Amorim de Azevedo Coutinho, actual juiz de fóra de Azurara da Beira, natural da villa dos Arcos, comarca de Vianna; filho do doutor Agostinho Antonio de Araujo, e de sua mulher D. Joanna Maria de Azevedo Coutinho; neto por parte paterna de Antonio de Barros e Araujo, e de sua mulher D. Antonia Maria de Araujo; neto por parte materna de José Rodrigues de Amorim, e de sua mulher D. Rosa Maria de Sá Azevedo Coutinho, filha de Vasco de Azevedo Coutinho descendente da antiga casa da Tapada, sendo o pae do supplicante primo legitimo de Francisco Xavier de Araujo, conselheiro que foi do Conselho da real fazenda.

. Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Araujos, no segundo as dos Amorins, no terceiro as dos Azevedos, e no quarto as dos Coutinhos.—Br. p. a 27 de fevereiro de 1800. Reg. no Cart. da N., liv. VI, fl. 119.

(C. C.)

1749. LUIZ ANTONIO BOTELHO CORREA DE MESQUITA SILVA E MORAES, presbytero do habito de S. Pedro, natural do lugar de Pimpeiro, suburbio de Villa Real; filho de José Botelho Correa de Mesquita, e de sua mulher D. Marianna Oigia Sarmento Eça e Mesquita; neto paterno do capitão João Correa Botelho, e de sua mulher D. Maria Botelho; e materno de Antonio da Silva Penebras, e de sua mulher D. Thereza de Mesquita Moraes e Silva.

Um escudo ovado e esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Botelhos, no segundo as dos Correas, no terceiro as dos Mesquitas, e no quarto as dos Silvas.—Br. p. a 4 de dezembro de 1790. Reg. no Cart. da N., liv. IV, fl. 197 v.

(C. C.)

1750. LUIZ ANTONIO ESTEVES FREIRE, natural de Lisboa, commendador da ordem de Christo, e sargento-mór reformado; filho de João Esteves, cavalleiro da ordem de Christo, e de D. Leonarda Freire Esteves; neto paterno de Domingos Esteves, fidalgo da casa real, e de D. Marianna Esteves; e materno de Antonio Ribeiro Freire, e de D. Thereza Maria Rosa; sua referida mãe D. Fernanda Freire Esteves era irmã de Cypriano Ribeiro Freire, que foi do conselho de el-rei o senhor D. João VI, o qual depois de haver servido muitos annos na qualidade de seu ministro junto dos Estados Unidos da America, e das côrtes de Dinamarca e Madrid, foi depois presidente do real Erario, ministro de estado dos Negocios estrangeiros, e finalmente passou no anno de 1810, a presidente da real Junta do commercio, em cujo logar falleceu, e se lhe passou brazão de armas a 26 de agosto de 1788.

Um escudo partido em pala; na primeira as armas dos Ribeiros, e na segunda as dos Freires.—Br. p. a 16 de fevereiro de 1829. Reg. no Cart. da N., liv. VIII, fl. 243.

(C. C.)

1751. LUIZ ANTONIO FERREIRA SILVA FARIA E ARAGÃO, feitor da real Fazenda nos armazens da casa da India da cidade de Lisboa; filho de José Antonio da Silva, rico lavrador de terras proprias na villa do Castello de Ferreira de Aves, e de D. Euphrazia Caetana da Silva; neto paterno de Antonio Ferreira, egualmente rico lavrador de terras proprias, e de D. Maria Gomes Ferreira; e materno de Caetano de Faria e Aragão, capitão do regimento de cavallaria de Almeida, o qual foi filho de Caetano Paes de Carvalho e Aragão.

Um escudo partido em pala; na primeira as armas dos Ferreiras, e na segunda as dos Silvas.—Br. p. a 13 de fevereiro de 1817. Reg. no Cart. da N., liv. VII, fl. 117 v.

(C. C.)

1752. LUIZ ANTONIO DE FIGUEIREDO PEREIRA, capitão-mór da villa da Vidigueira; filho do doutor Francisco de Figueiredo Botelho, ouvidor que foi da dita villa, e de sua mulher D. Thereza Josepha de Mira, filha de Aleixo Rodrigues Salgado, e de sua mulher Anna Maria Vermelha; neto pela sua varonia do doutor Pedro Botelho de Pina, e de sua mulher D. Josepha de Figueiredo Pereira; bisneto de Domingos Botelho de Vilhena, moço da real camara, juiz da aposentadoria e direitos reaes da cidade de Evora, e de sua mulher D. Joanna Lopes Pinta; terceiro neto de Pedro Botelho de Aragão, cavalleiro fidalgo da casa real, o qual era filho de Ayres Botelho, e neto de Pedro Botelho de Pina, contador-mór que foi da ordem de Christo.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Botelhos, no segundo

as dos Pinas, no terceiro as dos Figueiredos, e no quarto as dos Pereiras. — Br. p. a 27 de fevereiro de 1778. Reg. no Cart. da N., liv. II, fl. 150.

(C. C.)

1753. Luiz Antonio Margalho Correa, cavalleiro fidalgo da casa real; filho de Manuel Martins Margalho, e de sua mulher Maria Vaz; neto paterno de Domingos Martins Correa, e de sua mulher Maria Lopes Margalho; neto materno de Manuel Luiz, e de sua mulher Maria Vaz.

As armas dos Martins, Correas, Lopes, e Vazes. — Br. p. a 20 de março de 1753. Reg. no Cart. da N., liv. particular fl. 51.

(C. C.)

1754. Luiz Antonio Pinto de Azevedo (Capitão), natural e morador na sua quinta de Pez de Pontes, freguezia de Cambra; filho do capitão Pedro da Silva e Almeida, e de sua mulher Antonia Pinto de Azevedo, elle filho do capitão Manuel André Ribeiro, e ella filha do capitão José da Costa, e de sua mulher Maria Pinto de Azevedo, filha de Antonio de Alcoforado Cyram, moço fidalgo da casa real; neto de Antonio Pinto, que teve o mesmo foro; bisneto de Luiz Pinto, que tambem foi moço fidalgo, filho de Thomé Pinto commendador que foi de Vouzella.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Pintos, no segundo as dos Azevedos, no terceiro as dos Alcoforados, e no quarto as dos Cyrões. — Br. p. a 12 de junho de 1776. Reg. no Cart. da N., liv. II, fl. 97.

(C. C.)

1755. Luiz Antonio Rebello e Almeida, tenente coronel do regimento de artilheiros nacionaes, e negociante matriculado na praça de Lisboa; filho de Luiz Cypriano Rebello e Almeida, e de sua mulher D. Bernarda Joaquina da Cunha Lima; neto paterno de Cypriano Francisco, cavalleiro da ordem de Christo, e de sua mulher D. Theodora Maria; e materno de Antonio Luiz Ferreira Braga, e de sua mulher D. Ursula da Cunha; bisneto de Antonio de Almeida, moço da camara e escudeiro fidalgo da casa real.

Um escudo partido em pala; na primeira as armas dos Rebellos, e na segunda as dos Almeidas. — Br. p. a 2 de março de 1812. Reg. no Cart. da N., liv. VII, fl. 243 v.

(C. C.)

1756. Luiz Antonio Sarmento da Maia, capitão de infanteria com exercicio de ajudante de ordens do governo da capitania de S. Luiz do Maranhão; filho de Vicente Theodosio da Maia, capitão de granadeiros e governador da fortaleza de Santa Catharina da barra de Villa-nova de Portimão do reino do Algarve, e de sua mulher D. Maria Barbara Nunes; neto pela parte paterna de Thomé da Maia Pereira, e de sua mulher D. Antonia Maria da Cunha, filha de Antonio Sarmento da Cunha, cavalleiro fidalgo da casa real, e de sua mulher D. Archangela Maria Fontes; neto pela parte materna de Paschoal Gomes do Paço, capitão de infanteria do regimento de Peniche, e de sua mulher D. Catharina Nunes de Horta; bisneto por parte paterna de Vicente Pereira de Sousa, cavalleiro professo na ordem de Christo, e de sua mulher D. Antonia da Maia França; e por parte materna de José Nunes, capitão de mar e guerra, e de D. Maria Josepha.

Um escudo partido em pala; na primeira as armas dos Maias, e na segunda as dos Sarmentos. — Br. p. a 29 de outubro de 1798. Reg. no Cart. da N., liv. VI, fl. 53.

(C. C.)

1757. Luiz Antonio Seixo de Brito, alferes de cavallaria auxiliar de Villa-boa de Sant'Anna, minas de Goyazes; filho de Braz Seixo de Brito, professo da ordem de Christo, cavalleiro fidalgo da casa real, sargento-mór das ordenanças da dita villa, e de sua mu-

lher D. Anna Maria Joaquina, filha de Joaquim Rodrigues da Serra, capitão das ordenanças de Villa-boa de Sant'Anna, e de sua mulher D. Quiteria Maria do Nascimento; neto pela parte paterna de Raymundo de Brito Themudo, cavalleiro fidalgo da casa real, e de sua mulher D. Luiza Joaquina Souto-maior; bisneto de João Seixo Gaio, e de sua mulher e prima D. Maria de Brito e Faria; terceiro neto de Manuel Seixo Gaio, natural de Santarem, onde foi mamposteiro-mór dos captivos, e de sua mulher e prima D. Anna Maria Tavares; quarto neto de João Seixo Gaio, e de sua mulher D. Guiomar Falarda; quinto neto de Manuel Seixo Gaio, cavalleiro fidalgo da casa real, e de sua mulher Simoa Correa; sexto neto de Duarte Dias Seixo Gaio, e de sua mulher Anna Paes da Cunha.

Um escudo partido em pala; na primeira as armas dos Gaios, e na segunda as dos Themudos. — Br. p. a 22 de março de 1786. Reg. no Cart. da N., liv. III, fl. 213 v.

(C. C.)

1758. Luiz Antonio da Silva Guimarães, negociante portuguez na praça do Rio de Janeiro, commendador da ordem de Christo e fidalgo cavalleiro da casa real.

Carta pela qual el-rei D. Luiz I lhe concede o seguinte brazão de armas: — Escudo esquartelado, tendo o superior da direita carregado com um leão rompente de vermelho e armado de azul sobre campo de prata, e assim o seu contrario: o superior da esquerda partido em tres palas, sendo a da direita e a da esquerda enfrestadas de dez fimbretas negras em banda contra outras tantas da mesma cor em barra sobre campo de prata, e a centrica carregada com a vara de Mercurio doirada, e decorada com duas serpentes batalhantes de prata e aladas da mesma sobre campo vermelho, e assim o seu contrario; elmo de prata lisa decorada de oiro lavrado e forrado de azul; virol de oiro e vermelho; timbre um leão rompente de prata, com uma faxa negra e armado da mesma cor; por lhe querer dar com o referido brazão mais um testemunho da sua regia munificencia. N'esta mesma carta manda el-rei, que o rei de armas de Portugal faça expedir a respectiva carta de brazão. — Dada em Lisboa a 25 de fevereiro de 1869. (M. N.) Reg. no Archivo a 15 de março de 1867. Registro de mercês de el-rei D. Luiz I, liv. XX, fl. 91. Reg. no Cart. da N., liv. IX, fl. 118.

1759. Luiz Antonio da Silva Torres (Beneficiado), secretario do Santo Officio da inquisição da cidade de Coimbra, e na mesma beneficiado nas collegiadas de Santa Justa e S. Bartholomeu, presbytero do habito de S. Pedro, natural da freguezia de Arcozelo da Torre, bispado de Lamego; filho de Manuel da Silva Torres, e de sua mulher Maria de S. Francisco, ambos da dita freguezia; neto pela parte paterna de Manuel Antunes Montanha, e materno de Antonio Martins Ferreira, naturaes da villa de Leomil.

Um escudo ovado e esquartelado; no primeiro e quarto quarteis as armas dos Silvas, no segundo as dos Torres, e no terceiro as dos Ferreiras. — Br. p. a 6 de setembro de 1785. Reg. no Cart. da N., liv. III, fl. 208.

(C. C.)

1760. Luiz Antonio Souto, cavalleiro professo na ordem de Christo, feitor e commissario geral das reaes fabricas dos armazens da ribeira do Oiro, da cidade do Porto, capitão dos privilegiados da mesma cidade; filho de Luiz Antonio Souto, e de Maria Francisca; neto paterno de Antonio Luiz Souto, e de Domingas de Freitas; neto materno de Diogo Vaz, e de Catharina Francisca.

As armas dos Soutos, e Freitas. — Br. p. a 10 de outubro de 1755. Reg. no Cart. da N., liv. particular, fl. 92 v.

(C. C.)

1761. Luiz Antonio Vieira da Silva, capitão de infanteria de milicias da ribeira do Itapecuru, e natural da cidade de Lisboa; filho do capitão José Vieira da Silva, e de

sua mulher D. Anna Maria da Assumpção Vieira; neto paterno de Antonio Vieira da Silva, e de sua mulher D. Josepha Maria da Silva; e materno de Francisco Pires Monção.
Um escudo partido em pala; na primeira as armas dos Vieiras, e na segunda as dos Silvas.—Br. p. a 30 de julho de 1804. Reg. no Cart. da N., liv. VII, fl. 89 v.

(C. C.)

1762. Luiz Antonio Xavier de Azevedo Coutinho, sargento-mór do regimento de infanteria da cidade de Faro, fidalgo cavalleiro da casa real; filho de Rodrigo Xavier de Azevedo Coutinho, sargento-mór da comarca de Lagos, tambem fidalgo cavalleiro da casa real, e de D. Maria da Cunha; neto de Manuel de Azevedo Coutinho, que teve tambem o dito foro, e de D. Francisca da Cunha; bisneto do capitão Antonio de Azevedo Coutinho, e de D. Maria Manuel da Cunha; terceiro neto do adail Manuel de Azevedo Coutinho, e de D. Filippa do Rego; quarto neto do muito valeroso adail Francisco de Azevedo Coutinho, que com armas e cavallos á sua custa fez relevantes serviços á real corôa na praça de Mazagão, e de D. Martha da Fonseca; quinto neto de Antonio de Azevedo, senhor da illustrissima casa de S. João de Rey, Bouro, Aguiar, e Pena, uma das illustres que ha n'este reino, da familia de Azevedos Coutinhos.
Um escudo com as armas dos Azevedos Coutinhos.—Br. p. a 18 de junho de 1787. Reg. no Cart. da N., liv. IV, fl. 12 v.

(C. C.)

1763. Luiz Augusto Ferreira de Almeida, commendador da ordem de Nossa Senhora da Conceição de Villa-viçosa, e cavalleiro da ordem da Torre e Espada; filho de Antonio José Ferreira de Almeida, e de sua mulher D. Anna Alexandrina de Almeida; neto paterno de Antonio José Ferreira Lisboa, e de sua mulher D. Anna Joaquina Lisboa; neto materno de José Lopes Ferreira, e de sua mulher D. Rita Margarida do Valle e Silva.
Um escudo partido em pala; na primeira as armas dos Almeidas, e na segunda as dos Ferreiras.—Br. p. a 8 de fevereiro de 1855. Reg. no Cart. da N., liv. VIII, fl. 303.

(C. C.)

1764. Luiz Barbuda de Vasconcellos, morador em Monte-mór o velho, filho de Pedro Barbuda de Vasconcellos, e neto de Pedro Mendes de Vasconcellos da Barbuda.
Carta pela qual el-rei D. João III lhe concede o seguinte brazão de seus antecessores: —Escudo de campo esquartelado; o primeiro de oiro com nove lisonjas de *veiro*, contraveiradas de prata e azul, o segundo de preto com tres faxas veiradas e contraveiradas de prata e vermelho, e por differença uma flor de liz de oiro; elmo de prata aberto guarnecido de oiro, paquife de oiro, prata e vermelho, e por timbre um leão preto com as tres faxas das armas; com todas as honras e privilegios de fidalgo por descender da geração e linhagem dos Barbudas e Vasconcellos.—Dada em Lisboa a 26 de fevereiro de 1530. Reg. no Chanc. de D. João III, liv. XVIII, fl. 110 v.

1765. Luiz Bento de Bittencourt e Sousa, presbytero do habito de S. Pedro, e natural da ilha de S. Miguel; filho de João Borges de Medeiros Bittencourt e Sousa, e de sua mulher D. Josepha Francisca do Rego; neto pela parte paterna de Manuel de Medeiros Bittencourt e Sousa, e de sua mulher D. Isabel do Quintal; e pela materna neto de João Velho Cabral de Mello, e de sua mulher D. Antonia do Rego Cabral.
Um escudo ovado e esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Sousas do Prado, no segundo as dos Bittencourts, no terceiro as dos Cabraes, e no quarto as dos Regos. — Br. p. a 30 de maio de 1777. Reg. no Cart. da N., liv. II, fl. 139.

(C. C.)

1766. Lliz Bernardo de Almeida e Sousa, morador no logar de Santa Comba, termo de Villa-flor, filho de João de Almeida de Sousa, e de sua mulher D. Catharina de Azevedo; neto paterno de João de Almeida e Sousa de Mesquita, irmão inteiro de Francisco da Costa Monteiro de Mesquita e Sousa, e de sua mulher D. Isabel de Figueiredo. E os ditos seus paes e avós foram pessoas muito nobres, e legitimos descendentes das ditas familias, e da arvore dos ditos seus passados consta procederem tanto o mesmo supplicante como os ditos seus passados de Lopo Martins de Mesquita, o primeiro a quem foram dadas as armas, e appellidos de Mesquita, pelo senhor rei D. Affonso v, de Pedro Lourenço de Castro, irmão da mãe do senhor rei D. João i, e de João de Almeida de Mesquita, fidalgo escudeiro da casa do infante D. Duarte, por alvará de 14 de agosto de 1540, do qual consta que seu pae, e avô eram tambem fidalgos descendentes de casas e familias muito nobres da provincia de Traz-as-montes.

As armas dos Sousas, Almeidas, Mesquitas, e Monteiros. — Br. p. a 23 de agosto de 1753. Reg. no Cart. da N., liv. particular, fl. 62 v.

(C. C.)

1767. Luiz Bernardo de Sousa Estrella, cavalleiro fidalgo da casa real, e tenente coronel commandante do regimento de milicias da villa da Ribeira-grande, na ilha de S. Miguel, filho do capitão Bernardo Manuel da Silveira Estrella, e de sua mulher D. Joanna Eulalia de Medeiros Castello-branco; neto paterno do capitão Luiz Manuel da Silveira Estrella, e de sua mulher D. Francisca Thomazia da Camara; bisneto pelo mesmo lado do capitão-mór Manuel de Sousa Correa Estrella, e de sua mulher D. Clara Maria da Silveira Botelho, filha do capitão André Botelho de Sampaio, e de sua mulher D. Isabel Pacheco, neta do sargento-mór Antonio Botelho de Sampaio, e de sua mulher D. Guiomar de Arruda; bisneta do licenciado André Gonçalves de Sampaio, a quem se passou brazão de armas a 1 de agosto de 1645, e de sua mulher D. Maria Pacheco.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Correas, no segundo as dos Silveiras, no terceiro as dos Botelhos, e no quarto as dos Sampaios. — Br. p. a 24 de julho de 1806. Reg. no Cart. da N., liv. vii, fl. 140.

(C. C.)

1768. Luiz Caetano Pereira, o Bicho, morador no logar de Villarinho dos Freires, comarca de Villa-real, filho de Domingos Pereira, o Bicho, e de sua mulher Anna Maria Francisca; neto por parte paterna de Antonio Dias, e de Maria Pereira; neto por parte materna de João Francisco, e de Joanna Ferreira.

Um escudo, e n'elle as armas dos Pereiras.—Br. p. a 4 de dezembro de 1800. Reg. no Cart. da N., liv. vi, fl. 149 v.

(C. C.)

1769. Luiz Cardoso, moço da camara, filho de Ruy Vicente Cardoso, neto de Vicente Annes Cardoso, e bisneto de Luiz Vaz Cardoso.

Carta pela qual el-rei D. João iii lhe concede o seguinte brazão de seus antecessores: — Escudo de campo vermelho com dois cardos verdes, um sobre o outro, com as raizes de prata e floridos entre dois leões de oiro batalhantes, e por differença um crescente de prata; elmo de prata aberto, guarnecido de oiro, paquife de oiro e vermelho, e por timbre uma cabeça de leão de oiro com a bôca para cima, e um dos cardos caidos d'ella; com todas as honras de fidalgo por descender da geração dos Cordeiros que foram fidalgos. —Dada em Evora a 18 de janeiro de 1535. Reg. na Chanc. de D. João iii, liv. x, fl. 61.

1770. Luiz Cardoso de Menezes e Silva, natural da freguezia de Fontellas, concelho de Penaguião; filho de Manuel da Silva Menezes, e de sua mulher D. Anna Maria

de Gouvea; neto paterno de Luiz da Silva de Menezes, e de D. Maria Cardoso de Azevedo; bisneto de Gaspar Lopes Cardoso e Azevedo, e de D. Luiza de Menezes; terceiro neto de Christovão Coelho Leitão, e de D. Brites; quarto neto de João da Silva de Menezes, fidalgo da casa real, o qual foi filho de Luiz Vaz Cardoso, que teve o mesmo fôro, e era senhor da antiga e nobilissima casa de Cardoso, sita no concelho de S. Martinho de Honras.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Cardosos, no segundo as dos Silvas, no terceiro as dos Menezes, e no quarto as dos Azevedos. — Br. p. a 4 de julho de 1772. Reg. no Cart. da N., liv. i, fl. 176.

(C. C.)

1771. Luiz Carlos Pereira de Abreu Bacellar Castello Branco, commendador da ordem de Christo, moço fidalgo com exercicio no paço, e deputado da real Junta do tabaco; filho de Luiz Carlos Pereira de Abreu Bacellar, cavalleiro da ordem de Christo, e coronel de milicias de Piauhi, e de sua mulher D. Luzia Perpetua Carneiro Souto-maior; neto paterno de Luiz Carlos Pereira de Abreu Bacellar, capitão mór de ordenanças na cidade do Maranhão, onde foi senhor da casa de Serra-negra, e a quem se passou brazão de armas, e de sua mulher D. Antonia de Castello-branco; neto materno de Ayres Carneiro Homem de Souto-maior, cavalleiro da ordem de Christo e coronel de milicias do Maranhão, e de sua mulher D. Maria Joaquina Belford.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Abreus; no segundo as dos Bacellares, no terceiro as dos Castellos-brancos, e no quarto as dos Souto-maiores. — Br. p. a 24 de maio de 1830. Reg. no Cart. da N., liv. viii, fl. 251..

(C. C.)

1772. Luiz de Castro Guimarães, natural de Lisboa, commendador da ordem de Christo, negociante de grosso tracto, filho de Vicente de Castro Guimarães, negociante de grosso tracto, e de sua mulher D. Luiza Maria do Carmo Guimarães; neto paterno de Francisco de Castro Guimarães, negociante, e de sua mulher D. Anna Josepha Guimarães, e materno de Lucio da Silva e Abreu, tambem negociante, e de sua mulher D. Marianna Victoria e Abreu.

Um escudo partido em pala; na primeira as armas dos Guimarães, e na segunda as dos Abreus. — Br. p. a 5 de maio de 1846. Reg. no Cart. da N., liv. viii, fl. 327 v.

(C. C.)

1773. Luiz de Castro do Rio, irmão de Diogo de Castro do Rio.

Carta pela qual el-rei D. Sebastião o faz fidalgo de cota de armas dando-lhe por solar a sua quinta do Rio e o mesmo appellido, e lhe concede o seguinte brazão para elle e seus descendentes: — Escudo de prata e duas faxas de agua e ondadas entre nove arruelas de purpura; elmo de prata aberto guarnecido de oiro, paquife de prata, purpura e azul, e por timbre um cavallo marinho da sua cor, saindo metade d'este do elmo cercado de uma onda de agua, e por differença uma flor de liz verde assentada entre as primeiras arruelas; com todas as honras e privilegios de nobre fidalgo, pelos seus serviços e merecimentos. — Dada em Lisboa a 9 de julho de 1561. (M. N.) Reg. na Chanc. de D. Sebastião, liv. ii de Privilegios, fl. 124.

1774. Luiz Coelho Borges de Sá, cavalleiro da ordem de S. Tiago da Espada, natural de S. Vicente do Pinheiro, comarca de Penafiel, bispado do Porto; filho de Francisco Coelho, e de sua mulher Joanna Maria Borges; neto paterno de José Coelho de Sá, e de sua mulher Catharina Luiz, e materno de Antonio Vieira da Silva, e de sua mulher Joanna Borges, sendo o supplicante irmão legitimo de José Coelho Borges, abbade da egreja de Lobrigos, a quem se passou brazão de armas a 11 de junho de 1785.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Coelhos, no segundo as

dos Sás, no terceiro as dos Pintos, e no quarto as dos Borges. — Br. p. a 11 de setembro de 1813. Reg. no Cart. da N., liv. vii, fl. 279.

(C. C.)

1775. Luiz Coelho Teixeira (Doutor), natural da cidade da Bahia de todos os Santos, estado do Brazil; filho de João Machado de Miranda, e de D. Catharina Maria; neto pela parte paterna de Antonio Fernandes Machado de Miranda, e de D. Maria Fernandes Teixeira, e pela materna de Domingos Fernandes Arouca, e de Domingas Pereira Teixeira.

Um escudo esquartelado; no primeiro e quarto quarteis as armas dos Machados, no segundo as dos Mirandas, e no terceiro as dos Teixeiras.—Br. p. a 16 de novembro de 1773. Reg. no Cart. da N., liv. i, fl. 212 v.

(C. C.)

1776. Luiz Correa de Almeida Carvalhaes, filho de Luiz Correa de Almeida de Mendonça Furtado, e de sua mulher D. Angelica Margarida Borges de S. Miguel; neto pela parte paterna de Rodrigo Correa de Almeida Carvalhaes de S. Miguel, e de sua mulher D. Angelica de Mendonça e Sequeira de Lobrigos, e pela materna do morgado de Santa Comba, e de sua mulher D. Marianna Helena de Almeida.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Correas, no segundo as dos Carvalhaes, no terceiro as dos Almeidas, e no quarto as dos Mendonças.—Br. p. a 7 de fevereiro de 1789. Reg. no Cart. da N., liv. iv, fl. 94 v.

(C. C.)

1777. Luiz Correa Guedes, coronel de infanteria do regimento da guarnição da praça de Olivença, da provincia do Alemtejo, natural do logar do Valle, concelho de Penaguião, da provincia de Traz-os-montes; filho do capitão Balthasar Guedes Correa, e de sua mulher Joanna dos Santos de Carvalho; neto paterno de Antonio Pinto Guedes Alcanforado Seabra, juiz ordinario que foi no dito concelho, e de sua mulher Angela Guedes Correa, ambos do referido logar do Valle; neto materno de André Fernandes da Costa, e de sua mulher Isabel Rebello de Carvalho Botelho.

As armas dos Guedes, Correas, Costas, e Botelhos. — Br. p. a 22 de março de 1760. Reg. no Cart. da N., do liv. particular, fl. 126.

(C. C.)

1778. Luiz Figueira Machado Alemam, sargento-mór da villa da Lourinhã, e seu termo, na comarca de Torres-vedras, superintendente geral das caudelarias; filho legitimo do capitão Bernardo Figueira Alemam, e de sua mulher D. Maria Magdalena do Nascimento; neto pela parte paterna de Jeronymo Figueira Machado, e de sua mulher D. Margarida Palhana Delgado Figueira.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Figueiras, no segundo as dos Machados, no terceiro as dos Carvalhos, e no quarto as dos Figueiras.—Br. p. a 6 de julho de 1767. Reg. no Cart. da N., liv. i, fl. 52.

(C. C.)

1779. Luiz da Fonseca Cabral Telles Cerqueira Pinto, natural do logar de Villa-franca, termo e comarca da cidade da Guarda; filho do doutor Francisco José da Fonseca Henriques Pinto, juiz de fóra que foi da villa de Vianna do Alemtejo e auditor do regimento de cavallaria de Miranda, e de sua mulher D. Josepha Ignacia da Cunha Cerveira; neto pela parte paterna de João dos Santos da Fonseca Pinto Tavares e de sua mulher D. Joanna Maria de S. José, e pela materna do doutor José de Gouvea Cabral e de sua mulher D. Helena da Cunha Cerveira e Figueiredo.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Pintos, no segundo as

dos Henriques, no terceiro as dos Cabraes, e no quarto as dos Cerveiras. — Br. p. a 24 de julho de 1779. Reg. no Cart. da N., liv. II, fl. 199.

(C. C.)

1780. Luiz Francisco Maciel Monteiro, cadete de infanteria paga do regimento de Olinda, da capitania de Pernambuco, d'onde era natural: filho de Antonio Francisco Monteiro, professo na ordem de Christo, capitão commandante dos auxiliares da capitania de Pernambuco, thesoureiro deputado de duas direcções, da Companhia geral e da Alfandega da mesma cidade, e de sua mulher D. Joanna Ferreira Maciel; neto paterno de Simão Luiz Monteiro de Paiva, e de sua mulher D. Maria Francisca de Araujo, e materno de Braz Ferreira Maciel, capitão das ordenanças da mesma cidade, onde tambem serviu de juiz vereador da Camara, e de sua mulher D. Catharina Bernarda de Oliveira Govim.

Um escudo partido em pala; na primeira as armas dos Monteiros, e na segunda as dos Macieis. — Br. p. a 5 de setembro de 1802. Reg. no Cart. da N., liv. VII, fl. 5.

(C. C.)

1781. Luiz Galvão Peixoto Lobato (Capitão), natural da villa de Montemór o velho, comarca de Coimbra; filho de José Luiz Gomes Lobato, natural da dita villa, senhor e possuidor do morgado e praso de Albergaria, e de sua mulher D. Maria Clara Nogueira Galvão Peixoto; neto pela parte paterna de João Gomes Lobato, senhor e possuidor dos mesmos bens, e de D. Maria João Gomes, e pela materna de Bernardo Peixoto Godinho, cavalleiro da ordem de Christo, e de D. Isabel Nogueira.

Um escudo esquartelado; no primeiro e quarto quarteis as armas dos Lobatos, no segundo as dos Galvões, no terceiro as dos Peixotos. — Br. p. a 20 de março de 1787. Reg. no Cart. da N., liv. IV, fl. 2.

(C. C.)

1782. Luiz Gomes de Elvas.

Carta pela qual El-Rei D. Filippe II lhe concede e a seus descendentes o appellido de Matta e o seguinte brazão de armas: — Escudo de campo de oiro e tres mattas verdes, floridas, elmo de prata aberto guarnecido de oiro, paquife de oiro e verde, e por timbre outra matta florida; dando-lhe por solar a sua quinta da Matta, que está no termo de Lisboa junto á egreja de Loures; com todas as honras e privilegios de fidalgo, pelos serviços por elle prestados. — Dada em Valhadolid a 18 de fevereiro de 1600. (M. N.) Reg. na Chanc. de D. Filippe II, liv. III, fl. 137.

1783. Luiz Gomes Pires, cavalleiro professo na ordem de Christo, familiar do Santo Officio, natural na villa do Couto do Mosteiro, comarca da cidade de Viseu; filho de Manuel Pires, e de sua mulher Joanna Gomes; neto pela parte paterna de Simão Pires, e de sua mulher Maria Vaz, e pela materna neto do capitão João Gomes e de sua mulher D. Maria d'Assumpção.

Um escudo esquartelado; no primeiro e quarto quarteis as armas dos Ferreiras, no segundo as dos Ferrares, no terceiro as dos Gomes. — Br. p. a 8 de julho de 1868. Reg. no Cart. da N., liv. I, fl. 82.

(C. C.)

1784. Luiz Ignacio Xavier Palmeirim — foi-lhe passado o seguinte:

« D. João por graça de Deus, etc. Faço saber que Luiz Ignacio Xavier Palmeirim, tenente general dos meus reaes exercitos, me representou por sua petição, que elle tinha a honra de haver-me servido nos regimentos de artilheria n.º 1, extincto da marinha, na brigada real da marinha, e no batalhão de artilheria da ilha Terceira, tendo feito cinco campanhas navaes, servindo no primeiro e terceiro d'estes corpos, depois do que passára a servir nos regimentos de infanteria do exercito n.º 10, 7, e 19, commandando

este ultimo em coronel na batalha do Bussaco, assim como na de Fuentes de Honor commandára interinamente a brigada dos regimentos 7 e 19, e batalhão de caçadores n.º 2, e sendo promovido a brigadeiro, continuára no commando da referida brigada, com a qual se achára no segundo assedio da praça de Badajoz; e passando a commandar a brigada dos regimentos n.º 9 e 21, com esta entrára na acção de Elbodon; no mesmo posto de brigadeiro, fóra sub-inspector e instructor, dos quatorze corpos de infanteria de milicias da provincia da Estremadura, e depois da paz geral de 1814 passára por determinação minha, a servir na provincia do Rio de Janeiro, na qualidade de inspector e instructor de infanteria, da primeira e segunda linha, exercendo estes empregos nos postos de marechal de campo e tenente general, até que eu por minha espontanea e real lembrança fôra servido nomeal-o governador e capitão general das ilhas de Cabo-verde, por um honroso decreto datado em 25 de abril de 1821, de que tinha carta regia, contando agora quarenta e cinco annos de serviço. E porque lhe poderia ser necessario no governo para que estava nomeado, ou em outro qualquer emprego, sellar alguns papeis, o que não podia fazer por não ter brazão de armas, não obstante ter o tratamento de excellencia, fôro grande e carta do meu conselho, como tem os bispos, arcebispos e grandes d'este reino; achando-se além d'isso commendador das ordens de Christo e Torre e Espada, e condecorado com as medalhas da restauração dos direitos da realeza, a de tres campanhas da peninsula, e a de dois commandos de corpos na referida guerra; Era por todas estas razões, que respeitosamente me pedia, que me dignasse conceder-lhe o brazão de armas que tinha a honra de offerecer a minha real contemplação. E visto seu requerimento que me foi presente em consulta da Mesa do Paço, precedendo informação do corregedor do civel da Corte da segunda vara, e audiencia do procurador da minha real Corôa, e em attenção aos dilatados, assiduos e relevantes serviços do supplicante, e a serem as armas por elle designadas conformes ás leis da armaria, e preceitos da arte heraldica, como declarou o escrivão da Nobreza, que tambem foi ouvido: Hei por bem conceder ao mesmo supplicante a graça do pretendido brazão de armas que será: Um escudo mantelado, tendo no primeiro em campo azul, uma peça de artilheria de oiro, e uma espingarda de prata postas em aspa; no segundo, tambem em campo azul, uma peça de artilheria de prata, e uma ancora de oiro, postas egulmente em aspa; no terceiro em campo vermelho um leão de oiro rompente, com uma chave de prata na garra direita; chefe de prata carregado de uma palmeira: orla de oiro com a legenda em letras vermelhas—Valor, fidelidade, honra: elmo de prata aberto guarnecido de oiro, e forrado de verde, tendo o paquife dos metaes e côres do escudo, e por timbre tres ramos de palmeira atados com um troçal de prata. Pelo que mando ao meu rei de armas Portugal, que n'esta conformidade faça expedir ao supplicante o mencionado brazão de armas, etc.»—Datado de 26 de dezembro de 1824. (M. N.) Reg. no Cart. da N., liv. VIII, fl. 123 v.

1785. Luiz José de Brito Correa de Azevedo, cavalleiro professo na ordem de Christo, contador do real Erario; filho de José Correa de Andrade, e de sua mulher D. Marianna Josepha Dorothea da Cunha; neto pela parte paterna de Luiz da Silva, e de D. Anna de Sousa e Brito; bisneto de Manuel Correa de Brito, e de D. Maria Gomes; terceiro neto de Damião de Brito Toscano, casado com D. Maria de Barros, elle filho de outro Damião de Brito Toscano, e de sua mulher D. Susana de Azevedo, senhores que foram dos direitos reaes da villa de Fontes; neto do doutor Manuel Dias Pimenta, que foi ouvidor em Villa-real, e de D. Francisca de Brito Toscano, filha de Fernando de Brito Toscano, primo direito do duque de Caminha.

Um escudo esquartelado; no primeiro e quarto quarteis as armas dos Britos, no segundo as dos Correas, e no terceiro as dos Azevedos.—Br. p. a 30 de junho de 1807. Reg. no Cart. da N., liv. I, fl. 104.

(C. C.)

1786. Luiz José de Mesquita Villas-boas, ajudante de infanteria do terço da praça de Miranda, natural de Val-fruxoso, freguezia de S. Lourenço, comarca de Moncorvo; filho de João Mendes Villas-boas, e de sua mulher D. Sebastiana de Mesquita Villas-boas; neto pela parte paterna de João Mendes, cavalleiro da ordem de Christo, tenente de cavallos, e familiar do santo Officio, e de sua mulher D. Potenciana de Villas-boas; filha de João Lopes, e de sua mulher D. Maria de Villas-boas; bisneto de outro João Mendes, e de sua mulher D. Maria de Castro: e pela materna neto de João de Mesquita Villas-boas, e de sua mulher D. Domingas Thomazia de Villas-boas, elle filho de Manuel de Mesquita, e de sua mulher D. Joanna de Villas-boas, e ella filha de Nicolau Rodrigues, e de sua mulher Antonia Villa-boas, prima com irmã de D. Balthazar de Faria Villas-boas, e de seu irmão D. Pedro de Villas-boas, bispos que foram do bispado de Elvas.

Um escudo partido em pala; na primeira as armas dos Villas-boas, na segunda as dos Mesquitas. — Br. p. a 2 de março de 1779. Reg. no Cart. N., liv. II, fl. 185.

(C. C.)

1787. Luiz José Monteiro Olival e Andrade de Telles, natural da villa da Sortelha, comarca de Castello-branco; filho de Antonio José Rebello de Olival Telles, e de sua mulher D. Jacinta Maria de Pina; neto pela parte paterna de Manuel de Moraes Telles de Olival, e de D. Josepha de Araujo Botelho, descendentes legitimos de Antonio de Olival Telles, moço da camara do senhor rei D. Filippe, e de Pedro de Andrade Telles, alcaide mór da villa de Monsanto; neto pela parte materna de Manuel Martins Tinoco, e de D. Isabel Monteiro, e por esta parte materna descendente legitimo de João Gonçalves Monteiro, capitão de cavallos com companhia levantada á sua custa.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Olivaes de Tangil, no segundo as dos Telles, no terceiro as dos Andrades, e no quarto as dos Monteiros. — Br. p. a 16 de agosto de 1788. Reg. no Cart. da N., liv. IV, fl. 62 v.

(C. C.)

1788. Luiz José de Oliveira Vaz Mexia Cayola, capitão de cavallaria com exercicio de ajudante do regimento de Alcantara; filho de José Antonio Mexia Cayola, que foi furriel do regimento de cavallaria de Castello-branco, e de sua mulher D. Rita Joaquina da Silva Vaz; neto por parte paterna de Thomé Antonio Mexia Cayola, e de sua mulher D. Maria Thereza; neto por parte materna de Antonio de Oliveira, e de sua mulher D. Maria Josepha da Silva Vaz, a qual era irmã da mãe de Luiz Antonio Margalho Correa, fidalgo da casa real, a quem se passou brazão de armas aos 20 de março de 1753.

Um escudo esquartelado; no primeiro e quarto quarteis as armas dos Mexias, no segundo as dos Silvas, no terceiro as dos Vazes, e no quarto as dos Mellos. — Br. p. a 13 de janeiro de 1800. Reg. no Cart. da N., liv. VI, fl. 114.

(C. C.)

1789. Luiz José Ribeiro, do conselho de Sua Magestade, fidalgo cavalleiro da casa real, cavalleiro professo na ordem de Christo, e na de Nossa Senhora da Conceição de Villa-viçosa, brigadeiro graduado, e commissario em chefe do exercito; filho de Antonio José Ribeiro, e de sua mulher D. Isabel Maria Ribeiro; neto paterno de Luiz Ribeiro de Mattos, e de sua mnlher D. Luiza Maria Ribeiro de Mattos; e materno de João Lopes, negociante da cidade do Porto, e de sua mulher D. Anna Maria da Fonseca.

Um escudo partido em pala; na primeira as armas dos Ribeiros, na segunda as dos Mattos. — Br. p. a 15 de junho de 1836. Reg. no Cart. da N., liv. VIII, fl. 283.

(C. C.)

1790. Luiz José de Sousa Machado de Moraes Sarmento, capitão de mar e guerra nos estados da India, natural da villa da Torre de D. Chama, comarca da Torre

de Moncorvo, provincia de Traz-os-montes; filho de Luiz de Sousa Machado de Moraes Sarmento, capitão de cavallaria ligeira da praça da cidade de Bragança, e de sua mulher D. Maria Hedwiges de Lacerda, natural da cidade de Lisboa; neto pela parte paterna de Manuel de Sousa Falcão de Moraes Sarmento, capitão-mór da dita villa de D. Chama, e de sua mulher D. Anna de Araujo Moraes; bisneto de Manuel de Sousa Teixeira, capitão de infanteria do regimento da dita cidade de Bragança, e de sua mulher D. Maria Machado; e pela materna neto do capitão Bento Correa de Mattos, e de sua mulher D. Josepha de Miranda.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Sousas, no segundo as dos Machados, no terceiro as dos Moraes, e no quarto as dos Sarmentos.—Br. p. a 27 de fevereiro de 1783. Reg. no Cart. da N., liv. III, fl. 88.

(C. C.)

1791. Luiz de Loureiro, fidalgo da casa real, e adail-mór do reino.

Carta pela qual el-rei D. João III o fez cavalleiro de cota de armas e lhe concedeu e a seus descendentes o seguinte brazão de armas:—Escudo de campo esquartelado; o primeiro de vermelho com um castello de prata com portas e frestas lavradas de preto, e uma escada de oiro arrumada a elle, e o contrario partido em pala, a primeira de oiro com uma bandeira verde, em pala, com haste de vermelho e o ferro de prata, e a segunda de vermelho com uma bandeira de prata com haste de oiro e o ferro da sua côr; o segundo de vermelho com cinco folhas de figueira verdes, em aspa, perfiladas e com o tronco de oiro, e assim os contrarios; elmo de prata aberto guarnecido de oiro, paquife de prata, vermelho, oiro e verde, e por timbre dois braços de leão vermelhos, em aspa, tendo cada um na mão uma folha egual ás das armas, e no meio d'estas o alcaide de Azamor da cintura para cima vivo e com as mãos atadas com um cordão de oiro; com todas as honras e privilegios de fidalgo pelos grandes serviços por elle prestados, principalmente na cidade de Azamor, desbaratando os alcaides e tomando-lhes as bandeiras.—Dada em Almeirim a 26 de julho de 1551. (M. N.) Reg. no liv. IV de Privilegios, fl. 80.

1792. Luiz Machado Coelho (Licenceado), morador na villa de Arrifana de Sousa, filho de João Machado Coelho; neto do licenceado João Coelho Machado, e de Domingas, mulher solteira; bisneto de João Coelho Machado, que viveu na quinta da Herdade sita na freguezia de Sant'Iago da Faya, concelho de Cabeceiras de Basto, e de sua mulher Isabel Quiteria de Araujo Henriques; bisneto de Ruy Coelho de Madureira, e de sua mulher D. Antonia Machado.

As armas dos Coelhos, e Machados, Madureiras, Araujos, e Henriques.—Br. p. a 20 de abril de 1751. Reg. no Cart. da N., liv. particular, fl. 15 v.

(C. C.)

1793. Luiz Manuel de Azevedo Carneiro e Cunha, natural da cidade de Lisboa, sargento-mór de um dos regimentos da praça do Rio de Janeiro; filho de Felix de Azevedo Carneiro e Cunha, mestre de campo das Minas-geraes com exercicio ás ordens do governo, e de D. Magdalena Maria de Andrade; neto paterno de Pedro de Azevedo Carneiro, capitão da praça de Peniche, e de D. Isabel da Cunha; neto materno de João de Mattos Cardoso, e de sua mulher D. Magdalena Maria de Andrade.

As armas dos Carneiros, Cunhas, Azevedos, e Andrades.—Br. p. a 23 de março de 1752. Reg. no Cart. da N., liv. particular, fl. 30 v.

(C. C.)

1794. Luiz Manuel Ferreira da Veiga e Castro, natural da freguezia do Espinho, termo de Guimarães, arcebispado de Braga; filho de Miguel José Esteves Ferreira, e de sua mulher D. Custodia Maria Esteves da Veiga; neto paterno de Antonio Esteves

Ferreira, e de sua mulher D. Custodia Antunes Ferreira da Veiga; e materno de Manuel Esteves Ferreira, e de sua mulher D. Maria Antonia da Costa e Castro.

Um escudo esquartelado; no primeiro e quarto quarteis as armas dos Ferreiras, no segundo as dos Veigas, e no terceiro as dos Castros. — Br. p. a 26 de julho de 1815. Reg. no Cart. da N., liv. VII, fl. 318.

(C. C.)

1795. Luiz Manuel Ferreira da Veiga e Castro, natural da freguezia de Espinho, termo de Guimarães, arcebispado de Braga; filho de Miguel José Esteves Ferreira, e de sua mulher D. Custodia Maria Esteves da Veiga; neto pela parte paterna de Antonio Esteves Ferreira, e de sua mulher D. Custodia Antunes Ferreira da Veiga; e pela materna de Manuel Esteves Ferreira, e de sua mulher D. Maria Antonia da Costa e Castro.

Um escudo esquartelado; no primeiro e quarto quarteis as armas dos Ferreiras, no segundo as dos Veigas, e no terceiro a dos Costas. — Br. p. a 20 de abril de 1787. Reg. Cart. da N., liv. IV, fl. 3 v.

(C. C.)

1796. Luiz Manuel de Macedo do Amaral, filho do capitão João da Silva Terra Macedo, e de sua mulher D. Rosa Maria Caetana do Amaral; neto paterno de José da Silva Terra, e de sua mulher D. Thereza de Jesus; neto materno de Manuel Pereira Pelayo, e de D. Maria Thereza do Amaral; bisneto de Manuel da Fonseca Brandão, e de sua mulher D. Domingas Fernandes de Alpendes.

As armas dos Amaraes e Macedos. — Br. p. a 6 de agosto de 1761. Reg. no Cart. da N., liv. particular, fl. 130 v.

(C. C.)

1797. Luiz Manuel de Oliveira Mendes (Capitão-mór), natural da cidade da Bahia, filho do capitão Manuel de Oliveira Mendes, e de sua mulher D. Maria do Rosario do Monte do Carmo; neto paterno de Filippe de Oliveira Mendes, e de sua mulher D. Maria Pereira de Jesus; e materno do sargento-mór Antonio Lobato Mendes, e de sua mulher D. Marianna Dias de Jesus; bisneto de Manuel Lobato Mendes, e de sua mulher D. Catharina Lopes Delgado.

Um escudo partido em pala; na primeira as armas dos Oliveiras, e na segunda as dos Mendes. — Br. p. a 3 de outubro de 1802. Reg. no Cart. da N., liv. VII, fl. 9.

(C. C.)

1798. Luiz Manuel da Silveira Correa de Freitas e Costa, fidalgo da casa real, natural da villa de Moura, filho de Antonio Correa de Freitas Corte-real, e de sua mulher D. Isabel Antonia da Silveira Costa Pimentel; neto pela parte paterna do capitão Luiz Mendes Correa, tambem fidalgo da casa real, governador da barra da cidade de Faro, e de sua prima e mulher D. Maria de Magalhães: o qual capitão foi neto de Pedro Martins de Lordello, que teve o mesmo fôro e era cavalleiro da ordem de Christo, natural de Tanger, com quem se communicou a feliz acclamação do senhor rei D. João IV, que era bisneto de Lançarote de Freitas, alcaide-mór de Arzilla, e de Thereza Freire, filha de Affonso Costa, alcaide-mór de Lagos.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Correas Aguiares, no segundo as dos Costas, no terceiro as dos Freitas, e no quarto as dos Lordellos. — Br. p. a 21 de maio de 1777. Reg. no Cart. da N., liv. II, fl. 138.

(C. C.)

1799. Luiz de Orta Velloso, morador na ilha da Madeira, filho de Luiz Dias Velloso, e de Anna de Paiva de Barros.

Carta pela qual el-rei D. João III lhe concede o seguinte brazão de seus antecessores: — Escudo de campo esquartelado; o primeiro dos Vellosos partido em pala, na primeira um castello de prata com tres torres, portas e frestas lavradas de preto, e sobre cada torre uma flor de liz de oiro, perfilada de preto, na segunda um açor de sua côr com uma perdiz nas mãos, e assim o contrario; o segundo dos Barros, que é bandado de sete peças de vermelho e oiro, tendo sobre as vermelhas nove estrellas de oiro, a saber, uma na ponta, duas no pé e as do meio cada uma com tres, e por differença um crescente de oiro; elmo de prata aberto guarnecido de oiro, paquife de prata, vermelho e oiro, e por timbre o mesmo açor; com todas as honras de fidalgo por descender da geração dos Vellosos e Barros. — Dada em Lisboa a 22 de novembro de 1547. Reg. na Chanc. de D. João III, liv. XXIX, fl. 71 v.

1800. LUIZ PAULINO DE OLIVEIRA PINTO DA FRANÇA, morador na cidade do Porto, filho de Bento José de Oliveira, cavalleiro professo na ordem de Christo, e de sua mulher D. Maria Francisca de Jesus Ferreira e Erra; neto pela parte paterna de João Pereira de Oliveira, e de sua mulher D. Rosa Caetana da França; bisneto de Domingos Pereira de Oliveira, e de sua mulher D. Anna de Freitas; neto pela parte materna de Antonio Francisco de Pina, e de sua mulher D. Sebastiana Ferreira; bisneto do sargento-mór André Ferreira de Erra, e de sua mulher D. Maria Pereira; bisneto o supplicante pela parte de sua avó paterda D. Rosa Caetana da França, de Manuel da Fonseca Pinto, e de sua mulher D. Catharina Fernandes; terceiro neto de Domingos da Fonseca Pinto, e de sua mulher D. Antonia da França; quarto neto de Domingos Ribeiro da Fonseca Pinto, que voluntariamente militou nas guerras da acclamação.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Oliveiras, no segundo as dos Erras, no terceiro as dos Pintos, e no quarto as dos Franças. — Br. p. a 8 de abril de 1794. Reg. no Cart. da N., liv. V, fl. 18.

(C. C.)

1801. LUIZ PINTO, filho de Alvaro Gonçalves Pinto, neto de Lianor Pinto, e bisneto de Pero Vaz Pinto, todos fidalgos.

Carta pela qual el-rei D. Manuel lhe concede e a seus descendentes o seguinte brazão de armas de seus antecessores: — Escudo de prata, e em cima cinco crescentes vermelhos em aspa; elmo de prata aberto; timbre um leão pardo de prata com a lingua e unhas vermelhas, e na espadoa do leão um crescente; paquife de prata forrado de vermelho, e por differença uma barra vermelha; com todas as honras de nobre fidalgo de antiga linhagem, por descender da geração dos Pintos. — Dada em Lisboa a 3 de junho de 1514. Reg. na Chanc. de D. Manuel, liv. XI, fl. 40, e liv. VI de Mist., fl. 126.

1802. LUIZ PINTO FRAGOSO FREIRE DE AGUILAR, do logar de Bendada, termo da villa de Sortelha, comarca de Castello-branco, provincia da Beira; filho do doutor Sebastião Pinto Fragoso, cavalleiro fidalgo da casa real, e de sua mulher D. Maria Paula da Costa; neto pela parte paterna de Manuel Fragoso Freire de Aguilar, tambem cavalleiro fidalgo da casa real; e pela materna de Manuel Gonçalves da Costa.

Um escudo esquartelado; no primeiro e quarto quarteis as armas dos Fragosos, no segundo as dos Pintos, e no terceiro as dos Freires. — Br. p. a 25 de junho de 1781. Reg. no Cart. da N., liv. III, fl. 14.

(C. C.)

1803. LUIZ DO REGO DE ABREU, natural de Portel, filho de Manuel Nunes Chanoco, cavalleiro da casa real, e de Isabel do Rego; neto de Ruy Calado do Rego, que foi do tronco da geração dos Regos, e de Briolanja Gomes de Abreu; bisneto de Garcia Gomes de Abreu, fidalgo muito honrado e do tronco da geração dos de Abreu.

Carta pela qual el-rei D. João III lhe concede o seguinte brazão de seus antecessores: —Escudo de campo esquartelado; o primeiro de verde com uma banda ondada de prata, e n'ella tres vieiras de oiro riscadas de preto e perfiladas de azul; o segundo de vermelho e cinco cotos de oiro, em aspa, e por differença uma brica de oiro e n'ella um—L—preto; elmo de prata aberto guarnecido de oiro, paquife de oiro, verde e vermelho, e por timbre um dos cotos; com todas as honras e privilegios de fidalgo por descender da geração dos Regos e Abreus.—Dada em Evora a 23 de dezembro de 1535. Reg. na Chanc. de D, João III, liv. L, fl. 51 v.

1804. LUIZ RODRIGUES CALDAS, familiar do Santo Officio, e natural da freguezia de S. Julião de Badim, termo de Valladares; filho de Antonio Soares Villarinho, e de sua mulher Anna de Caldas; neto paterno de João Rodrigues Villarinho. e de sua mulher Francisca Soares de Brito, filha de Gregorio Soares de Brito.

As armas dos Costas, Peixotos, Soares, e Coelhos.—Br. p. a 5 de maio de 1753. Reg. no Cart. da N., liv. particular, fl. 56.

(C. C.)

1805. LUIZ RODRIGUES PACHECO DE GODOIS E ALVARENGA DE MORAES, natural da villa de Guarapiranga, termo da capitania da cidade de S. Paulo, estado do Brazil; filho do capitão de ordenanças Luiz Rodrigues Pacheco, e de sua mulher D. Maria de Moraes de Godois e Alvarenga; neto paterno de Antonio Fernandes Pacheco; bisneto de Luiz Rodrigues Pacheco; terceiro neto de Bernardo Pacheco; neto materno de Gaspar de Godois Alvarenga, e de sua mulher D. Anna Pedroso de Moraes, ambos naturaes da dita cidade de S. Paulo, cuja familia de Godois passou das Indias de Hespanha para a dita cidade.

As armas dos Pachecos, Godois, Alvarengas, e Moraes.—Br. p. a 2 de junho de 1758. Reg. no Cart. da N., liv. particular, fl. 115 v.

(C. C.)

1806. LUIZ DE SEIXAS, criado do bispo de Coimbra, e d'alli natural, filho de Henrique de Seixas, criado do dito bispo, e de Lucrecia de Sampaio; neto de João de Seixas, conego da Sé da mesma cidade, legitimado; bisneto de Fernão de Seixas e de Ignez de Moraes, que foi fidalgo muito honrado e do tronco d'esta linhagem.

Carta pela qual el-rei D. João III lhe concede o seguinte brazão de seus antecessores: —Escudo de campo verde e cinco seixas de prata com os pés e bicos vermelhos, em aspa, e duas de contrabanda dos cabos voando, e por differença meio filete preto da bastardia; elmo de prata aberto guarnecido de oiro, paquife de prata e azul, e por timbre uma das seixas voando; com todas as honras e privilegios de fidalgo, por descender da geração e linhagem dos Seixas.—Dada em Lisboa a 10 de setembro de 1539. Reg. na Chanc. de D. João III, liv. XXVII, fl. 91 v.

(C. C.)

1807. LUIZ DA SILVA PEREIRA E OLIVEIRA, cavalleiro professo na ordem de Christo, monteiro-mór do concelho de Moura-morta, juiz de fora e dos orphãos da villa de Santa Martha de Penaguião, natural do termo do dito concelho, comarca de Lamego; filho de Manuel de Oliveira, e de sua mulher D. Isabel Maria Pereira da Silva; neto pela parte paterna de outro Manuel Machado de Oliveira, e de sua mulher D. Maria Rodrigues, e pela materna de Antonio Pereira da Silva, e de sua mulher D. Maria Alvares de Passos.

Um escudo esquartelado; no primeiro e quarto quarteis as armas dos Oliveiras, no segundo as dos Pereiras, e no terceiro as dos Silvas.—Br. p. a 20 de setembro de 1780. Reg. no Cart. da N., liv. II, fl. 251.

(C. C.)

1808. Luiz Teixeira da Cunha Coutinho Carvalho e Abreu, natural de S. Gonçalo dos Campos, termo da villa da Cachoeira, arcebispado da Bahia; filho de Simão de Abreu Teixeira, e de sua mulher Antonia Luiza de Barros, filha de Miguel Luiz Cordeiro, e de sua mulher Thereza de Barros da Silva; neto do capitão Jacinto Teixeira de Carvalho, e de sua mulher e parenta Anna de Abreu da Cunha; bisneto de João Carvalho, que foi filho de Catharina Carvalho e neto de Anna Carvalho : e pela dita Anna de Abreu da Cunha, sua avó, é bisneto de Manuel Carvalho Coutinho, e de sua mulher Maria Villela; terceiro neto de Balthasar Carvalho Coutinho, e de sua mulher e parenta Maria da Cunha; quarto neto de Manuel Carvalho Coutinho, e de sua mulher Margarida Ribeiro; quinto neto de Leonor Carvalho, que viveu pelos annos de 1544, em que seu irmão Pedro Coelho fez outra similhante justificação, e de seu marido João Gonçalves; sexto neto de D. Anna Carvalho, e de seu marido Martins Ribeiro, filho de Ruy Dias, e de sua mulher Leonor Affonso; setimo neto de Fernão Carvalho Coutinho, alcaide-mór de Basto, senhor de Reguengos, e de sua mulher D. Ignez de Goes; oitavo neto de Rodrigo Alves de Carvalho, e de sua mulher Branca Diniz, parentes de Pedro da Cunha Coutinho, senhor dos concelhos de Basto e Monte-longo, que era filho de Fernão Coutinho, irmão de Vasco Fernandes Coutinho, primeiro conde de Marialva, o qual por sua mulher D. Maria da Cunha e Vilhena foi senhor dos ditos concelhos, e ella era filha herdeira de Fernão Vaz da Cunha, e de sua mulher D. Branca de Vilhena, filha de D. Henrique Manuel de Vilhena, conde de Cea, e elle filho de Gil Vasques da Cunha, primeiro senhor dos ditos concelhos de Basto e Monte-longo, e de sua mulher D. Isabel Pereira, irmã do condestavel D. Nuno Alvares Pereira.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Carvalhos, no segundo as dos Coutinhos, no terceiro as dos Abreus, e no quarto as dos Cunhas. — Br. p. a 30 de setembro de 1765. Reg. no Cart. da N., liv. I, fl. 17.

(C. C.)

1809. Luiz Teixeira Lobo Freire (Presbytero), professo na ordem militar de S. Bento de Aviz, natural da freguezia de Nossa Senhora da Candelaria da cidade do Rio de Janeiro; filho do capitão Jeronymo Teixeira Lobo, e de sua mulher D. Ignacia Maria de Jesus; neto por parte paterna do capitão João Pereira Lobo, e de sua mulher D. Bernarda Josepha Teixeira; neto por parte materna de Luiz Pitta Loureiro de Sousa, e de sua mulher D. Maria das Neves de Faria.

Um escudo ovado e partido em pala; na primeira as armas dos Teixeiras, e na segunda as dos Lobos. — Br. p. a 10 de março de 1802. Reg. no Cart. da N., liv. VI, fl. 196 v.

(C. C.)

1810. Luiz Velloso de Miranda de Sousa da Fonseca, natural da villa de S. Pedro de Mattes: filho do doutor Antonio Velloso de Miranda de Sousa, e de sua mulher D. Maria Thomasia Velloso de Miranda; neto paterno do desembargador Luiz Velloso de Miranda e Sousa, e de sua mulher D. Francisca Moreira: o qual Luiz Velloso de Miranda e Sousa era primo de João Velloso de Miranda, a quem se passou brazão de armas a 7 de agosto de 1736.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Sousas, no segundo as dos Mirandas, no terceiro as dos Vellosos, e no quarto as dos Fonsecas. — Br. p. a 14 de outubro de 1816. Reg. no Cart. da N., liv. VII, fl. 359 v.

(C. C.)

1811. Luiz Venancio Carneiro de Vasconcellos, bacharel formado em leis, commendador da ordem de Christo, e administrador do concelho de Penafiel; filho de Antonio de Andrade Carneiro de Vasconcellos, e de sua mulher D. Joaquina Genoveva de

Abreu; neto paterno de Ignacio Xavier Dias Costa Carneiro Rangel, e de sua mulher D. Anna Ignacia Xavier de Mello; neto materno do capitão Domingos de Abreu, e de sua mulher D. Ignez Angelica Maria de Abreu; segundo neto paterno de Manuel Dias Costa, e de sua mulher D. Rosa Maria de Sequeira; segundo neto egualmente por parte de sua avó paterna de Domingos Vieira de Mello, e de sua mulher D. Thereza Clara de Mello; terceiro neto paterno de Diogo Dias de Moura, e de sua mulher D. Anna da Costa; tambem terceiro neto paterno de Antonio Carneiro de Sequeira Rangel, e de sua mulher D. Marianna da Costa; primo em quarto grau de Antonio Luiz Rangel de Sequeira Carneiro, cavalleiro da ordem de Christo, e capitão-mór dos privilegiados de Malta, do couto e balliado de Leça, a quem se passou brazão de armas das familias dos Sequeiras, Rangeis, e Carneiros a 20 de novembro de 1729.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Vasconcellos, no segundo as dos Abreus, no terceiro as dos Rangeis, e no quarto as dos Mellos. — Br. p. a 1 de julho de 1848. Reg. no Cart. da N., liv. VIII, fl. 333 v.

(C. C.)

M

1812. Macario de Castro Sousa Pinto Cardoso, filho de Joaquim de Sousa Pinto Cardoso, coronel do exercito, e de D. Maria Angelica Rosa da Piedade; neto paterno de José Ignacio Pinto de Azevedo, e de sua mulher D. Maria Victoria Sousa Cardoso; bisneto pelo mesmo lado de Nuno Alves Pinto de Azevedo, e de sua mulher D. Violante da Silva Pereira; neto por parte de sua avó paterna de Manuel Antonio de Sousa Cardoso, e de sua mulher D. Maria Ignacia Lima Cardoso.

Um escudo partido em pala; na primeira as armas dos Pintos, e na segunda as dos Cardosos. — Br. p. a 20 de setembro de 1854. Reg. no Cart. da N., liv. VIII, fl. 384.

(C. C.)

1813. Manuel Affonso Ferreira de Drumond, morador na ilha da Madeira, filho de Branca Affonso de Drumond; neto de João Drumond; bisneto de D. João Drumond, senhor de Escobar em Escocia, irmão de Anna Bella, rainha de Escocia, o qual procedia e descendia de todos os senhores de Escocia, da nobre casa de Drumond.

Carta pela qual el-rei D. João III lhe concede o seguinte brazão de armas: — Escudo de campo de oiro com tres faxas ondadas de vermelho, e por differença uma brica azul e n'ella um M de prata; elmo de prata aberto guarnecido de oiro, paquife de oiro e vermelho, e por timbre meio libreo de vermelho com sua coleira de oiro; com todas as honras e privilegios de fidalgo, por descender da nobre geração dos Drumond, que foram fidalgos em Escocia.—Dada em Evora a 2 de agosto de 1536. (M. N.) Reg. na Chanc. de D. João III, liv. XXII, fl. 79 v.

1814. Manuel Agostinho de Magalhães Coutinho Azevedo Pinto Macedo Vasconcellos, abbade da egreja de S. Mamede de Perafita, natural da quinta do Pereiro-novo, da villa e concelho de S. Martinho de Moiros, comarca de Lamego; filho de Manuel de Magalhães Coutinho, e de D. Feliciana Maria de Vasconcellos e Azevedo; neto pela parte paterna de Manuel Cardoso Pinto, e de sua mulher D. Maria de Magalhães Pinto e Macedo; e pela materna de Gaspar Teixeira Cabral Vasconcellos, e de sua mulher D. Leonor Monteiro da Rocha.

Um escudo ovado e esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Coutinhos, no segundo as dos Pintos, no terceiro as dos Magalhães, e no quarto as dos Teixeiras.—Br. p. a 30 de agosto de 1769. Reg. no Cart. da N., liv. I, fl. 109.

(C. C.)

1815. Manuel de Almeida Barreto de Faria e Carvalho, natural da freguezia e couto de S. Jorge de Abadim; filho de Manuel de Almeida, e de sua mulher D. Jeronyma de Faria Carvalho Lobo; neto pela parte paterna de Paulo de Almeida, descendente legitimo da casa do Outeiro de Ranhados, e de sua mulher Domingas Gonçalves; e pela materna neto de Manuel Carlos Barreto de Faria, e de sua mulher D. Luzia de Sousa Lobo, filha do doutor Miguel Ferreira Felgueiras, e de sua mulher Senhorinha de Sousa Lobo, bisneta de João de Rodes Lobo, senhor da quinta da Faya, capitão-mór do concelho de Celorico de Basto, o qual foi filho de Diogo Lobo de Sousa, commendador da Faya-verde e Moura-morta; bisneto o supplicante pela mesma parte materna de Antonio de Faria de Carvalho, fidalgo da casa real, filho de Diogo Lopes de Carvalho, que teve o mesmo foro e senhorio dos coutos de Abadim e Negrellos, e de sua mulher D. Antonia de Faria, filha de Antonio de Faria, corregedor que foi de Vianna, o qual descendia por uma serie de avós dos morgados da Barreta que outros chamam de Agrella; e o dito Diogo Lopes de Carvalho, filho de Luiz Lopes de Carvalho, que teve o dito foro e senhorios, e de sua mulher D. Mecia de Eça, dos Eças, descendentes do senhor rei D. Pedro I, neto de Gaspar de Carvalho, senhor dos ditos coutos e chanceller-mór que foi do reino.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Almeidas, no segundo as dos Carvalhos, no terceiro as dos Farias, e no quarto as dos Lobos. —Br. p. a 20 de abril de 1774. Reg. no Cart. da N., liv. II, fl. 8 v.

(C. C.)

1816. Manuel Alvares Calvão, familiar do numero do Santo Officio, capitão de infanteria auxiliar e juiz almoxarife da commenda de Moreiras, natural e morador no logar das Casas-novas, termo de Chaves; filho de Sebastião Alvares Calvão.

As armas dos Gonçalves e Calvões.—Br. p. a 23 de junho de 1752. Reg. no Cart. da N., liv. particular, fl. 42 v.

(C. C.)

1817. Manuel Alvares da Fonseca Costa (Capitão), governador da fortaleza de S. Clemente da cidade do Rio de Janeiro; filho do sargento-mór José Alvares da Costa, e de sua mulher D. Ursula da Fonseca e Costa; neto pela parte paterna de Antonio Alvares da Costa, e de sua mulher D. Josepha Vieira; e pela materna do sargento-mór João Francisco da Costa, e de sua mulher D. Ursula da Fonseca Dias.

Um escudo esquartelado; no primeiro e quarto quarteis as armas dos Costas, no segundo as dos Vieiras, e no terceiro as dos Fonsecas. —Br. p. a 13 de janeiro de 1789. Reg. no Cart. da N., liv. IV, fl. 90 v.

(C. C.)

1818. Manuel Alvares do Sobral e Albuquerque, natural da Gouveas, termo da cidade de Pinhel; filho do capitão Manuel Alvares do Sobral, cavalleiro professo na ordem de Christo, e de sua mulher D. Maria Pinto de Lemos; neto pela parte paterna de João Alvares do Sobral, tambem cavalleiro professo na ordem de Christo e capitão de infanteria na praça de Almeida, que ao tempo do seu fallecimento se achava já com patente de sargento-mór da comarca de Coimbra, e de sua mulher D. Marianna de Albuquerque; e pela materna neto de Domingos de Lemos Vieira, e de sua mulher D. Theodora Pinto Cardoso.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Sobraes, no segundo as

dos Albuquerques, no terceiro as dos Lemos, e no quarto as dos Pintos. —Br. p. a 4 de dezembro de 1773. Reg. no Cart. da N., liv. I, fl. 214 v.

(C. C.)

1819. Manuel Alves Guedes Vaz, filho de Hypolito Alves Guedes Vaz, e de D. Maria Clara de Carvalho e Menezes; neto paterno de Manuel Alves Guedes Vaz, e de sua mulher Domingas da Costa Ribeiro; e materno de João Coelho de Oliveira, e de sua mulher D. Maria de Carvalho e Menezes; sendo o supplicante descendente de Gonçalo Vaz, o moço.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Guedes, no segundo as dos Vazes, no terceiro as dos Costas, e no quarto as dos Carvalhos.—Br. p. a 18 de novembro de 1815. Reg. no Cart. da N., liv. VII, fl. 331 v.

(C. C.)

1820. Manuel Alves Guerra, bacharel formado em direito, fidalgo cavalleiro da casa real, cavalleiro das ordens de Nossa Senhora da Conceição de Villa-viçosa, da de Leopoldo da Belgica e da Coroa de Carvalho dos Paizes-baixos, addido ás legações de Portugal nas cortes de Bruxellas e da Haya, e deputado da nação.

Um escudo partido em pala com as armas que lhe foram concedidas por alvará de 23 de junho de 1862.— Br. p. a 16 de junho de 1863. (M. N.) Reg. no Cart. da N., liv. IX, fl. 56.—V. no I. H. *Alves Guerra.*

(C. C.)

1821. Manuel Alves Souto Guedes da Silva, barão do Corvo, moço honorario da real camara, commendador da ordem de Christo, e natural da freguezia de Villa-nova de Gaia, bispado do Porto; filho do capitão Thomaz Alves Souto, e de sua mulher D. Anna Angelica Rosa; neto paterno do capitão Manuel Alves Souto, e de sua mulher D. Emilia de Jesus; e materno do alferes Manuel Guedes Vicente, e de sua mulher D. Jeronyma da Silva.

Um escudo partido em pala; na primeira as armas dos Soutos, e na segunda as dos Guedes. — Br. p. em janeiro de 1857. Reg. no Cart. da N., liv. IX, fl. 14.

(C. C.)

1822. Manuel Anselmo de Almeida Sande, presbytero do habito de S. Pedro, professo na ordem de Christo, familiar do Santo Officio, natural da cidade da Bahia; filho de Manuel de Almeida Sande, professo na ordem de Christo, familiar do Santo Officio, e de sua mulher D. Ricarda Maria da Encarnação; neto pela parte paterna de outro Manuel de Almeida Sande, e de sua mulher Isabel da Nazareth; bisneto de Lourenço Ribeiro de Almeida, e de sua mulher D. Isabel; e pela materna neto do sargento-mór Manuel Monteiro Porto, e de sua mulher D. Marianna de Freitas e Sá; bisneto de Manuel Antonio, e de sua mulher D. Anna de Sousa Monteiro.

Um escudo ovado e partido em pala; na primeira as armas dos Almeidas, e na segunda as dos Sandes. — Br. p. a 14 de março de 1770. Reg. no Cart. da N., liv. I, fl. 121 v.

(C. C.)

1823. Manuel Antonio Alves Vaz da Rua, do logar e freguezia de S. Pedro de Nogueira, termo de Villa-real; filho de Manuel Rodrigues Rebello, e de sua mulher D. Rosa Maria Vaz da Costa; neto paterno de Pedro Alves, e de sua mulher Isabel Catharina Rodrigues, e materno de Manuel Rodrigues Rua, e de sua mulher D. Anna Maria da Costa Guedes, sendo o supplicante descendente de Gonçalo Vaz, o moço.

Um escudo esquartelado; no primeiro e quarto quarteis as armas dos Costas, no

segundo as dos Vazes, no terceiro as dos Guedes. — Br. p. a 30 de maio de 1821. Reg. no Cart. da N., liv. VIII, fl. 77 v.

(C. C.)

1824. Manuel Antonio de Carvalho (Bacharel), natural de Carvalhaes, termo da villa de Mirandella, comarca da Torre de Moncorvo, desembargador da Relação e Casa do Porto, e deputado da Junta dos juros dos reaes emprestimos; filho de Sebastião de Carvalho, e de sua mulher D. Josepha Maria de Carvalho; neto paterno de Pedro de Carvalho, e de sua mulher D. Leonor do Espinhoso; e materno de Manuel Rodrigues de Carvalho, e de sua mulher D. Victoria Nunes: sendo egualmente o supplicante irmão inteiro de Sebastião José de Carvalho, do real conselho, ministro e secretario de estado honorario, e fidalgo cavalleiro da casa real.

Um escudo com as armas dos Carvalhos. — Br. p. a 30 de junho de 1826. Reg. no Cart. da N., liv. VIII, fl. 191 v.

(C. C.)

1825. Manuel Antonio de Carvalho Machado, capitão reformado de milicias de Basto, morador na sua casa e quinta da Covilhã, freguezia de Santo André de Tolões, termo da villa de Basto, comarca de Guimarães; filho de Manuel Antonio de Carvalho Machado, e de sua mulher D. Maria Joaquina Alves Vieira; neto paterno de Antonio Peixoto de Carvalho, e de sua mulher D. Eugenia de Andrade; bisneto pelo mesmo lado de Manuel Peixoto de Carvalho, e de sua mulher D. Maria Peixoto; neto materno de Manuel Alves Vieira, e de sua mulher D. Marianna Thereza da Cunha; bisneto de Manuel Alves Vieira Peixoto, e de sua mulher D. Joanna Thereza da Cunha.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Carvalhos, no segundo as dos Machados, no terceiro as dos Peixotos, e no quarto as dos Vieiras. — Br. p. a 10 de janeiro de 1826. Reg. no Cart. da N., liv. VIII, fl. 171 v.

(C. C.)

1826. Manuel Antonio Correa de Carvalho (Bacharel), commissario do Santo Officio, beneficiado na parochial de Sacavem, abbade collado na egreja de S. Miguel de Cora, natural da villa de Sernancelhe, comarca de Pinhel, principado da Beira; filho de Manuel Lopes Correa de Carvalho, juiz dos orphãos do concelho de Sernancelhe, e no mesmo monteiro-mór, e de sua mulher D. Anna do Espirito Santo Correa; neto paterno de Manuel Francisco Lopes, e de sua mulher Maria Francisca de Carvalho; neto materno de Manuel Dias de Carvalho, e de sua mulher Bernarda Gomes Correa.

As armas dos Correas, Carvalhos, Dias, e Lopes. — Br. p. em março de 1752. Reg. no Cart. da N., liv. particular, fl. 31 v.

(C. C.)

1827. Manuel Antonio Ferreira Campelo, natural do logar da Bermaria, freguezia de Santa Maria de Ferreira, concelho de Entre-homem e Cavado, e morador na cidade da Bahia; filho legitimo de Antonio Gonçalves Campelo, e de sua mulher Marianna Vaz; neto pela parte paterna de Manuel Gonçalves, e de sua mulher Angela Antonia, e pela materna neto de Antonio Vaz de Carvalho, e de sua mulher Maria da Silva, filha de João Ferreira, e de sua mulher Joanna da Silva, que era filha de Domingos Ribeiro, e de sua mulher Maria da Silva, filha de Gaspar da Silva, e de sua mulher Catharina Gonçalves, neta de Francisco Affonso, e de sua mulher Ignacia da Silva, filha de Tristão Feio da Cunha, e de sua mulher Constança Ferraz, que foi filha de Gaspar da Silva, escudeiro da casa real, e setimo avô do supplicante; e que todos os ditos seus antepassados foram pessoas muito nobres, e legitimos descendentes das familias dos appellidos dos Campelos, Carvalhos, Ferreiras, e Silvas, e como taes se tractaram a lei da nobreza.

Um escudo esquartelado; no primeiro as armas dos Campelos, no segundo as dos Carvalhos, no terceiro as dos Ferreiras, e no quarto as dos Silvas. — Br. p. a 24 de outubro de 1765. Reg. no Cart. da N., liv. I, fl. 21.

(C. C.)

1828. Manuel Antonio da Fonseca Pinto Sousa Coelho de Vasconcellos, filho de Manuel da Fonseca Coelho, sargento-mór de S. João da Pesqueira, morgado de Val de Figueira, e de sua mulher D. Rocra (?) Maria Moutinho de Vasconcellos; neto paterno de Antonio da Fonseca Coelho, capitão de auxiliares, e de sua mulher D. Isabel de Braga; bisneto de Belchior Borges, e de sua mulher Isabel de Braga; terceiro neto de Antonio Vaz Pinto, e de sua mulher Catharina de Braga; quarto neto de Affonso Vaz Pessoa, que vivia no anno de 1516 em S. João da Pesqueira, e de sua mulher Maria Annes Pinto de Sousa, filha de Gaspar de Braga, filho de Alvaro de Braga, quinto e sexto avô do supplicante; e o dito Gaspar de Braga foi casado com Maria Fernandes de Vasconcellos, filha de D. Fernando de Vasconcellos, bispo de Lamego; neto materno de Manuel Moutinho de Vasconcellos, que foi provedor da Misericordia em Freixo de Numão; filho de Maria Moutinho.

As armas dos Fonsecas, Coelhos, Vasconcellos, e Moutinhos.—Br. p. a 7 de outubro de 1755. Reg. no Cart. da N., liv. particular, fl. 93 v.

(C. C.)

1829. Manuel Antonio da Fonseca Pinto Sousa Coelho e Vasconcellos, natural do logar de Val de Figueira, e morador no de Villaroco, conselho de S. João da Pesqueira; filho de Manuel da Fonseca Coelho, sargento-mór do dito concelho, morgado de Val de Figueira, e de sua mulher D. Thereza Maria Monteiro de Vasconcellos; neto paterno de Antonio da Fonseca Coelho, capitão de auxiliares, e de sua mulher D. Isabel de Braga, filha de Belchior Borges, e de sua mulher Joanna de Braga, filha de Antonio Vaz Pinto que viveu pelos annos de 1660, e de sua mulher Catharina de Braga, filha de Gaspar de Braga, neta de Alvaro de Braga, e de sua mulher Maria Fernandes de Vasconcellos, filha de D. Fernando de Vasconcellos, bispo de Lamego, sexto avô do supplicante; e o dito Antonio Vaz Pinto, filho de Affonso Vaz Pessoa, que viveu em S. João da Pesqueira pelos annos de 1516; neto materno de Manuel Monteiro de Vasconcellos, morador na villa de Freixo de Numão, onde foi provedor da Misericordia, e de Maria Monteiro.

As armas dos Fonsecas, Coelhos, Vasconcellos, e Monteiros. — Br. p. a 28 de outubro de 1757. Reg. no Cart. da N., liv. particular, fl. 111.

(C. C.)

1830. Manuel Antonio Francisco Cerdeira, natural de S. José de Gandim, comarca do Pezo da Regoa, commendador da ordem de Christo, cavalleiro da de Nossa Senhora da Conceição de Villa-viçosa, tenente coronel do batalhão nacional do Pezo da Regoa, deputado ás Côrtes, e proprietario; filho de Antonio Francisco Cerdeira Pinto Guedes, proprietario e negociante de grosso tracto, e de sua mulher D. Maria Ignacia da Fonseca; neto paterno de José da Fonseca Pinto Guedes, proprietario e negociante, e de sua mulher D. Catharina Martins, e materno de José Ignacio da Fonseca, negociante, e de sua mulher D. Anna Guedes Jugueiros da Fonseca.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Pintos, no segundo as dos Guedes, no terceiro as dos Fonsecas, e no quarto as dos Martins.—Br. p. a 11 de julho de 1850. Reg. no Cart. da N., liv. VIII, fl. 346.

(C. C.)

1831. Manuel Antonio Gomes de Brito, natural da villa do Crato, doutor na faculdade de leis pela Universidade de Coimbra, e ex-provedor da comarca de Portalegre;

filho de José Antonio Marinho, capitão das ordenanças da dita villa do Crato, e familiar do Santo Officio, e de sua mulher D. Gertrudes Maria Gomes de Brito; neto materno de Manuel Gomes da Assumpção, cavalleiro professo na ordem de Christo, e capitão das ordenanças da mesma villa, e de D. Maria Rosa de Brito; bisneto pelo mesmo lado de Carlos de Brito, que foi familiar do Santo Officio, e que serviu o mui distincto emprego de alferes dos cazeiros de Malta, e de sua mulher D. Thereza Leitão.

Um escudo com as armas dos Britos. — Br. p. a 12 de julho de 1825. Reg. no Cart. da N., liv. VIII, fl. 150 v.

(C. C.)

1832. MANUEL ANTONIO GOMES DE CASTRO, capitão de infanteria auxiliar do estado do Maranhão, e natural da villa de Villarinho do Castanheiro; filho de Manuel Francisco, e de sua mulher D. Maria Gomes; neto paterno de Domingos Francisco, e de sua mulher D. Luiza Gomes; bisneto de Mattheus Francisco, e de sua mulher D. Isabel Maria, e materno de Francisco Rodrigues, e de sua mulher D. Anna Gomes; bisneto de Paulo Rodrigues, e de sua mulher D. Anna Gonçalves.

Um escudo, e n'elle as armas dos Gomes. — Br. p. a 15 de outubro de 1792. Reg. no Cart. da N., liv. IV, fl. 265 v.

(C. C.)

1833. MANUEL ANTONIO DE MADUREIRA E SOUSA, abbade da egreja de Carrazedo; filho do capitão Antonio Peres de Sousa, correio-mór, e cidadão da cidade de Bragança, e de sua mulher D. Francisca Dorothea de Madureira; neto pela parte paterna de Domingos Pires de Sousa, e de D. Comba Gonçalves Sarmento; e pela materna de Antonio Mendes de Madureira, e de sua mulher D. Joanna Maria de Mattos; e bisneto de Pedro Mendes de Madureira, a quem se passou já seu brazão de armas a 23 de março de 1699.

Um escudo ovado partido em pala; na primeira as armas dos Sousas, e na segunda as dos Madureiras. — Br. p. a 29 de maio de 1782. Reg. no Cart. da N., liv. III, fl. 54.

(C. C.)

1834. MANUEL ANTONIO DE MIRA CABO COELHO PERDIGÃO, natural da villa de Alva, comarca de Beja; filho do doutor Antonio Affonso de Mira Cabo, que serviu de juiz de fóra da villa de Moura, e de sua mulher D. Josepha Coelho Perdigão; neto pela parte paterna do capitão-mandante das ordenanças, Antonio Lopes Cabo, e de sua mulher D. Maria do Ó; neto pela parte materna de Manuel Coelho Guião, e de sua mulher D. Maria Perdigão.

Um escudo partido em pala; na primeira as armas dos Coelhos, e na segunda as dos Perdigões. — Br. p. a 20 de fevereiro de 1794. Reg. no Cart. da N., liv. v, fl. 14 v.

(C. C.)

1835. MANUEL ANTONIO DE MIRA CABO COELHO PERDIGÃO, cavalleiro fidalgo da casa real, e natural da villa de Alva, comarca de Beja; filho do doutor Antonio Affonso de Mira Cabo, que serviu de juiz de fóra da Villa de Mourão, e de sua mulher D. Josepha Coelho Perdigão; neto paterno do capitão-mandante das ordenanças, Antonio Lopes Cabo, e de sua mulher D. Maria do Ó; e materno de Manuel Coelho Guião, e de sua mulher D. Maria Perdigão, mostrando egualmente por documentos ser sobrinho de Francisco do Cabo de Aru Lopes, professo na ordem de Christo, a quem se passou brazão de armas a 21 de maio de 1768.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Arus, no segundo as dos Coelhos, no terceiro as dos Perdigões, e no quarto as dos Lopes. — Br. p. a 9 de setembro de 1816. Reg. no Cart. da N., liv. VII, fl. 353 v.

(C. C.)

1836. Manuel Antonio Paixão Botto de Sousa, da villa do Castanheiro, comarca de Trancoso, tenente coronel reformado do regimento de infanteria n.º 11; filho de Manuel Antonio da Paixão, coronel de infanteria, e governador da praça de Castello-Rodrigo, e de sua mulher Maria Ferreira; neto paterno de Manuel de Tavora, e de sua mulher Maria Luiz; e materno de Francisco Ferreira, e de sua mulher Theodora da Costa.

Um escudo partido em pala; na primeira as armas dos Bottos, e na segunda as dos Sousas. — Br. p. a 11 de janeiro de 1814. Reg. no Cart. da N., liv. vii, fl. 283.

(C. C.)

1837. Manuel Antonio Pinto de Soveral Vassallo e Sousa, capitão do regimento de milicias de Trancoso; filho de Antonio José de Soveral Vassallo e Sousa, sargento-mór das ordenanças da villa de S. João da Pesqueira, e de D. Luiza Bernarda Pinto; neto paterno de Manuel de Soveral e Sousa, e de sua mulher D. Helena Maria Vassallo e Sousa; segundo neto de Domingos da Costa do Soveral, capitão-mór de Sernancelhe, e de sua mulher D. Margarida Clemencia de Magalhães; terceiro neto de Theotonio de Soveral e Almeida, cavalleiro professo na ordem de Christo, mestre de campo de Viseu, e senhor do couto de Vieira, e reguengo da Alagoa do Algarve; de quem são filhos Fernando José Maltez, coronel do mar, e embaixador em diversas côrtes, Fernando Antonio Maltez, commendador de Sernancelhe, e D. Marianna, a qual casou com José Manuel de Almeida, e d'estes é filho José de Almeida, barão de Mossamedes, alcaide-mór e senhor da Lapa; neto materno de Manuel Pinto da Veiga, capitão de milicias, e de sua mulher D. Maria da Silva; segundo neto de Paulo Pinto, e de sua mulher D. Maria da Silva Pimentel; terceiro neto do capitão Belchior da Silva.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Soveraes, no segundo as dos Sousas, no terceiro as dos Almeidas, e no quarto as dos Pintos. — Br. p. a 21 de outubro de 1814. Reg. no Cart. da N., liv. vii, fl. 299.

(C. C.)

1838. Manuel Antonio Ribeiro da Matta, presbytero do habito de S. Pedro, fidalgo capelão da casa real, cavalleiro professo na ordem de Christo, inquisidor e commissario geral, sub-delegado da Bulla da santa crusada, que foi no estado da India, thesoureiro-mór da Sé primacial da cidade de Gôa no mesmo estado, e actualmente inquisidor apostolico da Inquisição de Coimbra, e desembargador na Relação do Porto, natural da villa de Ferreira, comarca de Thomar; filho de Manuel Ribeiro, e de D. Francisca Ferreira; neto pela parte paterna de Thomaz Ribeiro, e de Isabel Dias; e pela materna de Manuel Gonçalves, e de Catharina Ferreira da Matta.

Um escudo ovado e esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Ribeiros, no segundo as dos Dias, no terceiro as dos Gonçalves, e no quarto as dos Ferreiras. — Br. p. a 12 de agosto de 1776. Reg. no Cart. da N., liv. ii, fl. 108.

(C. C.)

1839. Manuel Antonio Teixeira de Carvalho, natural da casa e quinta do Outeiro do meio, freguezia de Viade, concelho de Celorico de Basto; filho de Julião Teixeira de Carvalho, e de sua mulher D. Josepha Teixeira de Barros; neto pela parte paterna de Miguel Teixeira, e de sua mulher D. Catharina de Carvalho; e bisneto de Gonçalo Miguel Pires, e de sua mulher D. Margarida Teixeira de Macedo, descendente por largas series de avós de João Gonçalves Teixeira, sexto senhor da honra, e couto de Teixeira, e de Martim Gonçalves de Macedo, camareiro-mór do senhor rei D. João i, ambos chefes d'estas illustres familias; e pela parte materna se mostrava tambem que elle é neto de Bento Teixeira de Macedo, e de sua mulher D. Marianna de Barros; bisneto de Gaspar Francisco de Barros de Carvalho, e de sua mulher D. Anna de Macedo, descendente tambem por outras largas series de avós dos chefes das illustres familias dos Barros e Carvalhos,

senhores do morgado d'este appellido na provincia da Beira, tendo muitos d'elles, assim da parte paterna como da materna, os fóros de fidalgos da casa real, sendo commendadores da ordem de Christo, e tendo servido a real corôa n'este reino, e na India nos logares e postos de maior graduação, até o de vice-rei d'aquelle estado, que no tempo do senhor rei D. Manuel teve em vagancia Fernando Carvalho da Cunha sexto avô do supplicante, o qual era bisneto de Alvaro Gil de Carvalho, senhor do dito morgado, e de sua mulher D. Estephania Pereira, irmã do condestavel D. Nuno Alvares Pereira.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Teixeiras, no segundo as dos Macedos, no terceiro as dos Barros, e no quarto as dos Carvalhos. — Br. p. a 12 de julho de 1787. Reg. no Cart. da N., liv. IV, fl. 19.

(C. C.)

1840. MANOEL ANTONIO VIEIRA DE ARAUJO, da cidade de Braga, filho de Antonio Vieira de Araujo, sargento-mór das ordenanças no Rio vermelho, estado da America, e de sua mulher D. Anna dos Reis; neto de Francisco Vaz Vieira, e de sua mulher D. Angela Martins, senhores da casa de Balinhas, freguezia de S. Martinho de Ferreiros, concelho de Lanhoso; bisneto de Antonio Vaz Vieira de Araujo, capitão de infanteria auxiliar de um dos terços do Minho, e de sua mulher D. Catharina Vieira, senhores da quinta do Real de Lima da freguezia de Ferreiros; terceiro neto de Domingos Vaz Vieira de Araujo, e de sua mulher D. Maria de Araujo, filha de Pedro de Araujo e Vasconcellos, capitão-mór do concelho de Lanhoso, senhor da casa de Sinde, e donatario de Lobeos ou Intremez, no reino de Galliza, onde é chefe dos Araujos, e de D. Anna, solteira, da Serra-velha da freguezia de Lanhoso.

Um escudo partido em pala; na primeira as armas dos Vieiras, e na segunda as dos Araujos. — Br. p. a 12 de outubro de 1802. Reg. no Cart. da N., liv. VII, fl. 12 v.

(C. C.)

1841. MANUEL DE ARAUJO GOES, natural da freguezia de Santo Antonio, além do Carmo, da cidade da Bahia; filho de Dionysio Lourenço Marques, capitão de infanteria, commandante do presidio de S. Paulo de Moura, e de sua mulher D. Lourença de Araujo de Goes; neto pela parte paterna de Lucas Machado de Mello, e de sua mulher D. Antonia Ximenes de Almeida; neto pela parte materna de Antonio de Araujo Goes, e de sua mulher D. Anna Ursula de Sousa.

Um escudo partido em pala; na primeira as armas dos Araujos, e na segunda as dos Goes. — Br. p. a 20 de maio de 1794. Reg. no Cart. da N., liv. V, fl. 24 v.

(C. C.)

1842. MANUEL ARNAU, natural de Miranda, morador em Almada, filho de Lançarote Arnau, e neto de Guilherme Arnau que foi o tronco da geração dos Arnaus; bem assim por parte de sua mãe e avós descende da geração dos Leitões.

Carta pela qual El-Rei D. João III lhe concede o seguinte brazão de seus antecessores: — Escudo esquartelado; o primeiro e quarto de campo de prata com seis leões de preto e o segundo e terceiro de prata com tres faxas de vermelho, e por differença uma lua vermelha; elmo de prata aberto, guarnecido de oiro, paquife de prata vermelho e preto, e por timbre um dos leões das armas; com todas as honras e privilegios de fidalgo por descender da geração e linhagem dos Arnaus e Leitões. — Dada em Lisboa a 21 de setembro de 1529. Reg. na Chanc. de D. João III, liv XVII, fl. 97 v.

1843. MANUEL DE AZEVEDO VIDAL, cavalleiro professo na ordem de Christo, do logar da Povoação, freguezia de Santa Comba da Ermida, termo de Villa-real; filho de Domingos de Azevedo, e de Maria Fernandes; neto paterno de Balthasar Dias de Azevedo; neto materno de Domingos Gonçalves.

As armas dos Azevedos, e Vidaes.—Br. p. a 28 de fevereiro de 1753. Reg. no Cart. da N., liv. particular, fl. 49 v.

(C. C.)

1844. Manuel Barbosa, morador na ilha Graciosa.

Carta pela qual el-rei D. João iii lhe concede o seguinte brazão de seus antecessores:—Escudo de campo de prata, e uma banda azul com tres crescentes de oiro, entre dois leões de purpura pegados n'ella, e por differença uma brica verde e n'ella outra de oiro; elmo de prata aberto guarnecido de oiro, paquife de prata, oiro e azul, e por timbre um dos leões com um crescente de oiro nos peitos; com todos as honras e privilegios de fidalgo por descender da nobre geração dos Barbosas.—Dada em Evora a 3 de julho de 1531. Reg. na Chanc. de D. João iii, liv. l, fl. 95 v.

1845. Manuel Barbosa Pereira Monis Coelho da Silva, natural da villa de Guimarães; filho de Marcos José Coelho Monis Pereira, e de sua mulher Josepha Maria Barbosa; neto paterno de Domingos da Silva Monis Coelho, e de sua mulher Joanna Pereira da Silva; e a dita sua mãe Josepha Maria Barbosa filha de João Barbosa, e de Maria da Costa, avós maternos do supplicante, e por esta parte é bisneto de Francisco Mendes, e de sua mulher Marianna de Araujo; terceiro neto de Miguel Barbosa, e de sua mulher Paula de Araujo; quarto neto de Pedro Martins, e de sua mulher Isabel Alves Barbosa; quinto neto de Domingos Alves, juiz ordinario que foi no couto de Cabaças, e de sua mulher Maria Francisca Barbosa, filha de Francisco Annes Souto, capitão e guarda-mór da saude, e de sua mulher Helena Barbosa.

As armas dos Coelhos, Barbosas, Pereiras, e Monizes.—Br. p. a 3 de julho de 1759. Reg. no Cart. da N., liv. particular, fl. 122 v.

(C. C.)

1846. Manuel de Barcellos Machado, morador na ilha Terceira, filho de Gonçalo Eannes de Barcellos Machado, que foi fidalgo muito honrado e do tronco d'esta geração.

Carta pela qual el-rei D. João iii lhe concede o seguinte brazão de seus antecessores:—Escudo de campo vermelho, e cinco machados de prata com os cabos de oiro, em aspa; elmo de prata aberto, paquife de prata, vermelho e oiro, por timbre dois machados em aspa, e por differença um quatro folio de verde picado de oiro, e egualmente o pé do mesmo; com todas as honras de nobre e fidalgo por descender da geração e linhagem dos Machados.»—Dada em Almeirim a 22 de fevereiro de 1541. Reg. na Chanc. de D. João iii, liv. xxxiv, fl. 10 v.

(C. C.)

1847. Manuel Barradas de Jesus, da freguezia de Santo Antonio de Ayamonte de Monforte, comarca de Villa-viçosa, familiar do Santo Officio; filho de Domingos Barradas, e de sua mulher Maria Ayres; neto paterno de Francisco Barradas, e de sua mulher Maria Ayres; neto materno de Jacinto Pereira, e de sua mulher Maria Ayres.

As armas dos Barradas, Pereiras, e Ayres.—Br. p. a 26 de março de 1753. Reg. no Cart. da N., liv. particular, fl. 51 v.

(C. C.)

1848. Manuel de Bastos de Figueiredo Frazão Castello-branco, da cidade de Evora; filho do doutor João de Bastos da Lança Bayão, e de sua mulher D. Ignez Faustina de Figueiredo Frazão Castello-branco; neto por parte paterna do capitão Francisco Martins Bastos, e de sua mulher D. Crispina da Lança Bayão; neto por parte materna do doutor Filippe Pedroso da Cruz, e de sua mulher D. Isabel Joaquina de Figueiredo Frazão de Castello-branco, irmã de José de Figueiredo Frazão de Castello-branco Cardoso, a quem se passou brazão de armas com as dos Frazões, Castello-brancos, e Fi-

gueiredos, aos 6 de abril de 1753; bisneto por parte paterna de João Pedroso da Cruz, instituidor do morgado que actualmente administra o doutor Gregorio José Pedroso Frazão Castello-branco, irmão germano da sua referida mãe; bisneto por parte de sua avó materna de José de Figueiredo Frazão Castello-branco, e de D. Maria de Oliveira Feio.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Frazões, no segundo as dos Castellos-brancos, no terceiro as dos Cardosos, e no quarto as dos Figueiredos. — Br. p. a 26 de setembro de 1799. Reg. no Cart. da N., liv. VI, fl. 98.

(C. C.)

1849. MANUEL DE BASTOS VARELLA PINTO PACHECO, capitão de infanteria da cidade da Bahia, natural de Minas do rio das Contas; filho de Antonio de Bastos Varella, e de sua mulher D. Custodia Maria do Sacramento Varella; neto por parte paterna de Antonio de Bastos Varella, primo co-irmão de Domingos Varella Barca, escudeiro fidalgo, cavalleiro professo na ordem de Christo e piloto-mór da barra do Porto; casado com D. Luiza Maria Varella Barca, tambem escudeiro fidalgo e piloto-mór da dita barra *(sic)*; bisneto de Manuel Pinto, escudeiro fidalgo, moço da camara e piloto da dita barra, e de D. Beatriz Varella, terceiro neto de outro Manuel Pinto, e de D. Maria Cardoso; quarto neto de Balthasar Varella; escudeiro fidalgo, moço da camara e piloto da dita barra.

Um escudo esquartelado; no primeiro e quarto quarteis as armas dos Bastos, no segundo as dos Varellas, e no terceiro as dos Pintos. — Br. p. a 20 de janeiro de 1802. Reg. no Cart. da N., liv. VI, fl. 189 v.

(C. C.)

1850. MANUEL DE BEÇA, fidalgo, morador em Vianna de Foz do Lima, filho de Isabel de Beça.

Carta pela qual el-rei D. João III lhe concede o seguinte brazão de seus antecessores: — Escudo de campo faxado de oiro e vermelho em seis peças, e uma bordadura de vermelho cheia de crescentes de prata, e por differença uma dobre brica de azul e oiro; elmo de prata aberto guarnecido de oiro; paquife de oiro e vermelho, e por timbre um meio lobo da sua cor com um crescente de prata nas costas; com todas as honras e privilegios de fidalgo, por descender da geração e linhagem dos Beças. — Dada em Lisboa a 23 de julho de 1529. Reg. na Chanc. de D. João III, liv. LII, fl. 7 v.

1851. MANUEL BEZERRA SEIXAS, natural e morador n'esta cidade de Lisboa; filho de José Bezerra Seixas, cavalleiro da ordem de Christo, e de sua mulher D. Isabel Florencia do Espirito Santo e Fonseca; neto paterno de Manuel Bezerra Seixas, procurador que foi da Mesa do Bem commum, e de sua mulher D. Josepha Maria; neto materno de Fructuoso Pires da Fonseca, e de sua mulher D. Ignez Josepha de Barros.

As armas dos Bezerras, Seixas, Fonsecas, e Barros. — Br. p. a 12 de outubro de 1761. Reg. no Cart. da N., liv. particular, fl. 132 v.

(C. C.)

1852. MANUEL BRANDÃO PEREIRA DA SILVA (Doutor), juiz de fora da villa de Taboaço, natural da de Oliveira do Bairro, comarca de Aveiro; filho do doutor Manuel Brandão da Silva, administrador do vinculo instituido pelo reverendo doutor Christovão Fernandes de Oliveira, e senhor de sua quinta e casal de Oliveira do Bairro, e casa de S. Martinho de Salreu, e de sua mulher D. Marianna Rosa de Pinho, senhora de Payalvo; neto pela parte paterna do doutor João Brandão da Silva, e de sua mulher D. Maria Thereza de Oliveira, irmã do dito reverendo doutor Christovão Fernandes de Oliveira, instituidor do dito vinculo; e pela parte materna neto do capitão Sebastião Pereira do Pinho, senhor da dita terra, e de sua mulher D. Maria Ferreira, filha do capitão Sebastião Ferreira, da sua quinta de Villa-verde.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Brandões, no segundo as dos Silvas, no terceiro as dos Pereiras, e no quarto as dos Pinhos. — Br. p. a 23 de fevereiro de 1789. Reg. no Cart. da N., liv. IV, fl. 110 v.

(C. C.)

1853. MANUEL DO CABO APPARICIO DE CARDENAS, filho de João do Cabo Apparicio, e de D. Mecia Antonia Pimenta de Cardenas; neto pela parte paterna de Domingos Esteves Sardinheiro Cabo, e de Isabel Maria da Visitação Barrosa; e pela parte materna de Manuel Fialho Pimenta, familiar do Santo Officio, e de D. Maria Thereza de Cardenas; bisneto por parte de seu avô paterno de Gregorio Esteves Sardinheiro, e de Helena da Cruz Penilha e Cabo; e por parte de sua avó paterna de Francisco Esteves Sardinheiro, familiar do Santo Officio, e de Maria Luiza Barroso; e por parte de seu avô materno de Luiz Fialho Ferro, e de Catharina Martins Jarca, e por parte materna de Francisco de Cardenas Souto-maior, e de D. Francisca Thereza Xavier; sendo egualmente o dito Francisco de Cardenas Souto-maior filho de Antonio Fialho Penilha, familiar do Santo Officio, e de D. Joanna de Cardenas Souto-maior, irmã de Pedro de Cardenas Souto-maior, a quem se passou brazão de armas aos 6 de abril de 1695.

Um escudo com as armas dos Cardenas. — Br. p. a 20 de agosto de 1796. Reg. no Cart. da N., liv. V, fl. 136.

(C. C.)

1854. MANUEL CAETANO ALVARES DE SOUSA, natural da cidade do Porto, filho de Manuel Caetano de Sousa, e de sua mulher D. Maria Rosa de Jesus; neto pela parte paterna de João Alvares de Sousa, e de sua mulher D. Luiza Teixeira; neto pela parte materna de Antonio Francisco Ribeiro, e de sua mulher Margarida de Sousa.

Um escudo partido em pala; na primeira as armas dos Sousas, e na segunda as dos Ribeiros. — Br. p. a 15 de março de 1794. Reg. no Cart. da N., liv. V, fl. 16 v.

(C. C.)

1855. MANUEL CAETANO MACHADO RIBEIRO PACHECO E SILVA, da quinta de Barrimão, concelho de Aguiar e Sousa, comarca da cidade do Porto; filho do bacharel Manuel José Ribeiro Machado, e de sua mulher Thereza Rosa da Silva; neto pela parte paterna de João Francisco Ribeiro, e de sua mulher Marianna Josepha Machado; bisneto de Francisco Machado, e de sua mulher Maria Nunes; e pela parte paterna neto de Domingos Pacheco, e de sua mulher Maria da Silva, elle filho de Luiz Pacheco, e de sua mulher Maria Gaspar, e ella filha de Manuel Rodrigues, e de sua mulher Anna da Silva, com os mais ascendentes expressados na sentença que apresentou.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Ribeiros, no segundo as dos Machados, no terceiro as dos Pachecos, e no quarto as dos Silvas. — Br. p. a 20 de outubro de 1786. — Reg. no Cart. da N., liv. III, fl. 243 v.

(C. C.)

1856. MANUEL CAETANO SALAZAR, do logar de S. Martinho do Peso, termo da villa de Penasjoias, comarca de Miranda; filho de outro Manuel Caetano de Carvalho Salazar, sargento-mór das ordenanças da dita villa, e de D. Maria Caetana de Moraes; neto pela parte paterna de Manuel de Carvalho Salazar, capitão de infanteria auxiliar e monteiro-mór d'aquelle districto, e de D. Maria Martins; e pela materna de Simão Pedro de Moraes, sargento-mór das ordenanças da villa de Vimieiro, e de D. Joanna Rosa de Carvalho Salazar.

Um escudo esquartelado; no primeiro e quarto quarteis as armas dos Carvalhos, no segundo as dos Salazares, e no terceiro as dos Moraes. — Br. p. a 22 de maio de 1784. Reg. no Cart. da N., liv. III, fl. 133 v.

(C. C.)

1857. Manuel Cardoso, morador na ilha de S. Tiago de Cabo-verde; filho de Fernam Cardoso; e bisneto de Gonçalo Martins Cardoso, alcaide-mór que foi da villa de Fronteira, e do tronco d'esta linhagem.

Carta pela qual el-rei D. João III lhe concede o seguinte brazão de seus antecessores: — Escudo de campo vermelho com dois cardos verdes um sobre o outro, floridos e com as raizes de prata, entre dois leões de oiro batalhantes, e por differença uma meia brica de prata; elmo de prata aberto guarnecido de oiro, paquife de oiro e vermelho, e por timbre uma cabeça de leão de oiro, com a boca para cima, e n'ella um dos cardos, com todas as honras e privilegios de fidalgo por descender da geração e linhagem dos Cardosos. — Dada em Lisboa a 6 de setembro de 1530. Reg. na Chanc. de D. João III, liv. LII, fl. 185.

1858. Manuel Cardoso da Fonseca Velloso Soeiro de Vasconcellos, cavalleiro professo na ordem de Christo, natural do logar dos Fornos de Penajoia, termo da cidade de Lamego; filho de Antonio Cardoso da Fonseca, e de D. Anna da Fonseca Azevedo; neto pela parte materna de José Velloso de Vasconcellos, e de D. Isabel Soeiro de Almeida.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Cardosos, no segundo as dos Fonsecas, no terceiro as dos Vellosos, e no quarto as dos Soeiros. — Br. p. a 14 de dezembro de 1786. Reg. no Cart. da N., liv. III, fl. 253 v.

(C. C.)

1859. Manuel Carlos de Abreu e Lima, natural da villa do Recife, bispado e capitania de Pernambuco; filho do sargento-mór Mathias Lopes de Medina, e de sua mulher D. Rosa Maria de Abreu e Lima, irmã legitima do coronel de infanteria Lourenço Gomes de Abreu e Lima, a quem já se passou brazão de armas das familias de Abreus e Limas da casa de Regalados no anno de 1740; neto pela parte materna do capitão Jacinto Coelho de Alvarenga, e de sua mulher D. Maria de Abreu e Lima, e por esta sua avó bisneto de Francisco de Abreu e Lima, capitão de infanteria na cidade da Bahia, e governador da fortaleza de Santa Cruz da barra de Itamaracá; tão attendido do senhor rei D. Pedro II, sendo principe regente d'estes reinos, que em seu favor escreveu ao governador da Bahia Affonso Furtado de Mendonça, uma carta muito honrosa; terceiro neto de Antonio Gomes de Abreu, e quarto neto de Pedro Gomes de Lima, conde de Regalados e de Lindoso.

Um escudo partido em pala; na primeira as armas dos Abreus e na segunda as dos Limas. — Br. p. a 9 de setembro de 1784. Reg. no Cart. da N., liv. III, fl. 163.

(C. C.)

1860. Manuel Carvalho Nogueira, cavalleiro professo na ordem de S. Tiago da Espada, e capitão de milicias do termo de Santarem; filho de Luiz Carvalho, e de sua mulher D. Theodora Maria do Nascimento; neto pela parte paterna de José Carvalho de Sá, e de sua mulher D. Garcia Maria; e pela materna de Antonio Nogueira, e de sua mulher D. Anna Maria.

Um escudo partido em pala; na primeira as armas dos Carvalhos, na segunda as dos Nogueiras. — Br. p. a 4 de setembro de 1802. Reg. no Cart. da N., liv. VII, fl. 2 v.

(C. C.)

1861. Manuel de Castilho, filho de João de Castilho, que foi morador na villa de Thomar, e natural das montanhas do reino de Biscaia.

Carta pela qual el-rei D. Sebastião lhe concede e a seus descendentes o seguinte brazão de seus antecessores: — Escudo de campo verde com um castello de prata, com as portas e frestas lavrado de preto, e em cima da torre do meio uma flor de liz de oiro,

e á porta do castello duas lebres de prata olhando uma para a outra, com coleiras vermelhas, e presas por umas cadeias de oiro, que sáem das bombardeiras; elmo de prata aberto guarnecido de oiro, paquife de oiro, prata e verde, por timbre uma das lebres das armas, e por differença uma muleta de oiro; com todas as honras e privilegios de nobre fidalgo, por descender da geração dos Castilhos do reino de Biscaia.—Dada em Lisboa a 16 de fevereiro de 1561. Reg. na Chanc. de D. Sebastião, liv. II, fl. 44 v.

1862. MANUEL CAVALCANTE DE ALBUQUERQUE LACERDA (Capitão), natural da villa de Goyana, capitania de Itamaracá, bispado de Pernambuco; filho do capitão Manuel Carneiro de Lacerda, fidalgo cavalleiro da casa real, e de sua mulher D. Magdalena Pacheco, filha do sargento-mór Jorge Camello Valcaser, e de sua mulher D. Maria Pereira; neto o supplicante pela sua varonia de Manuel Cavalcante de Albuquerque e Lacerda, fidalgo cavalleiro da casa real, professo na ordem de Christo, alcaide-mór da villa de Goyana, e proprietario do logar de juiz dos orphãos da mesma, e de sua mulher D. Sebastiana da Cunha; bisneto de Jeronymo Cavalcante de Albuquerque, fidalgo cavalleiro da casa real, professo na ordem de Christo, e capitão-mór da dita capitania, e de sua mulher D. Catharina de Vasconcellos, elle filho de Filippe Cavalcante de Albuquerque com o mesmo foro, e da mesma qualidade dos referidos, e ella filha de Francisco Camello Valcaser, professo na ordem de Christo, e senhor de engenhos.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Albuquerques, no segundo as dos Cavalcantes, no terceiro as dos Camellos, e no quarto as dos Pereiras. — Br. p. a 11 de abril de 1785. Reg. no Cart. da N., liv. III, fl. 193.

(C. C.)

1863. MANUEL DE CLAMOUSE BROWNE, fidalgo cavalleiro da casa real, commendador das ordens de Christo, e de Nossa Senhora da Conceição de Villa-viçosa, proprietario e negociante de grosso tracto; filho de Domingos Browne, cavalleiro professo na ordem de Christo, consul da nação franceza no cidade do Porto, e de sua mulher D. Maria Custodia Browne; neto paterno do doutor Pedro Browne, e de sua mulher D. Francisca Xavier de Clamouse; bisneto pelo mesmo lado de André Browne, descendente da familia dos Browns do condado de Korrgna, na Irlanda, que sempre usaram de armas; segundo sobrinho de Bernardo Clamouse, irmão de sua avó paterna, cavalleiro da ordem de Christo a quem se passou brazão de armas a 16 de setembro de 1776; neto por parte materna de Domingos Fernandes Sada, e de sua mulher D. Maria da Cruz.

Um escudo partido em pala; na primeira as armas dos Brownes, e na segunda as dos Clamouses. — Br. p. a 13 de fevereiro de 1850. Reg. no Cart. da N., liv. VIII, fl. 174 v.

(C. C.)

1864. MANUEL CORREA BOTELHO (Capitão), criado da casa real, natural da cidade de Lisboa, ajudante do superintendente das Caudelarias do termo da dita cidade; filho de Victoriano Correa Botelho, professo na ordem de Christo, e de sua mulher D. Thereza Rosa Joaquina Teixeira, ambos criados da casa real; neto pela parte paterna de Manuel Villela, e de sua mulher D. Maria Correa, filha de Simão Correa, e de sua mulher D. Luiza Correa, neta paterna de Simão Correa, e de sua mulher D. Cecilia Gonçalves, e materna de João Lourenço Monteiro, e de sua mulher D. Magdalena Correa; bisneto o supplicante pela sua varonia de Martim Affonso, e de sua mulher D. Beatriz Villela; neto pela parte materna de José Francisco Pereira, e de sua mulher D. Domingas Maria Teixeira, que teve o dito nobilissimo emprego de criada da casa real, filha de Mathias Francisco, e de sua mulher D. Natalia Teixeira; neta paterna de Paulo Coelho, e de sua mulher D. Margarida Jorge, e materna de Antonio Teixeira, e de sua mulher D. Isabel Gomes; bisneto o supplicante de Manuel Vaz, e de sua mulher D. Maria Francisca, elle filho de Domingos Go-

mes, e de sua mulher D. Leonor Jorge, e ella filha de Antonio Fernandes, e de sua mulher D. Maria Francisca.

Um escudo partido em pala; na primeira as armas dos Correas, e na segunda as dos Teixeiras.— Br. p. a 15 de junho de 1789. Reg. no Cart. da N., liv. IV, fl. 113 v.

(C. C.)

1865. MANUEL CORREA BRANCO, professo na ordem de Christo, sargento-mór da praça da fortaleza de S. João Baptista, da cidade de Angra na ilha Terceira; filho de Manuel Correa, e de sua mulher D. Maria dos Santos; neto pela parte paterna de Manuel Rodrigues Branco, e de sua mulher D. Isabel Correa; e pela materna neto de Manuel Rodrigues dos Santos, irmão do mestre de campo João Rodrigues do Valle, e de sua mulher D. Maria Rodrigues Nogueira.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Correas, no segundo as dos Rodrigues, no terceiro as dos Valles, e no quarto as dos Nogueiras.—Br. p. a 24 de julho de 1789. Reg. no Cart. da N., liv. IV, fl. 119.

(C. C.)

1866. MANUEL CORREA DE FARIA, cadete que foi do regimento da cidade de S. Luiz do Maranhão, e dando baixa serviu o officio de escrivão do Senado da camara da dita cidade; filho de Francisco Xavier de Faria, que falleceu no exercicio de escrivão da Camara da villa de Alcantara, e de sua mulher D. Maria Thereza da Costa; neto pela parte paterna do capitão-mandante da dita praça Severino de Faria, que foi governador da capitania da mesma cidade por fallecimento do governador Luiz de Vasconcellos Lobo, e de sua mulher D. Josepha Correa de Cerveira, a qual era irmã de Ignacio Correa Coutinho de Cerveira, secretario que foi do mesmo estado, por serem filhos do capitão Manuel de Araujo Cerveira, cidadão e juiz presidente que foi da Camara da referida cidade, e ouvidor interino da capitania do Cumá, tendo servido na tropa regular varios postos, e de sua mulher D. Margarida Correa de Lucena; o qual Ignacio Correa Coutinho de Cerveira, irmão da avó do supplicante, foi casado com D. Simiana Furtado de Mendonça, de quem foi filho Constantino Correa de Araujo, pae do mestre de campo Antonio Correa Furtado de Mendonça, vindo pelo expendido acima a ser o pae do supplicante primo do dito Constantino Correa de Araujo, e o supplicante primo segundo do mencionado mestre de campo Antonio Correa Furtado de Mendonça.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Farias, no segundo as dos Correas, no terceiro as dos Cerveiras, e no quarto as dos Lucenas.—Br. p. a 20 de julho de 1796. Reg. no Cart. da N., liv. V, fl. 129.

(C. C.)

1867. MANUEL CORREA DE FARIA, cidadão da governança e escrivão do Senado da camara da cidade de S. Luiz do Maranhão, onde tambem serviu nas praças de soldado e cadete na tropa paga da guarnição da mesma cidade; filho de Francisco Xavier de Faria, natural e cidadão da referida cidade do Maranhão, e morreu sendo escrivão da Camara da villa de Alcantara, e de sua mulher D. Maria Thereza da Costa; neto por parte paterna de Severino de Faria, o qual foi capitão de infanteria paga, mandante e governador da mesma cidade, por morte de Luiz de Vasconcellos Lobo, e de sua mulher D. Josepha Correa de Cerveira; e por parte materna neto de Manuel Gonçalves da Costa, filho de Pedro Gonçalves da Costa, e de Thereza Pestana, e de sua mulher Lourença Correa de Brito, e de Maria de Aguiar de Sá, todos da primeira nobreza e governança da villa de Santa Cruz de Cometá, na capitania do Pará, onde occuparam os cargos mais honrosos da mesma; bisneto por parte paterna de Manuel de Araujo Cerveira, o qual serviu na tropa paga varios postos, e na governança de juiz presidente do Senado da camara e ouvidor da comarca, o que tambem foi na capitania de Cumá, e de sua mulher D. Marga-

rida Correa de Lucena: e por parte materna dos referidos Pedro Gonçalves da Costa, e de sua mulher Thereza Pestana; terceiro neto por parte paterna de Domingos Cerveira Bayão, um dos primeiros restauradores do estado do Maranhão do poder dos hollandezes, e primeiro ouvidor da capitania de Cumá, onde foi senhor de muitas terras por doação real, sendo natural da villa dos Arcos de Val de vez, d'onde se passou ao referido estado; e por parte da referida sua avó paterna D. Josepha Correa de Cerveira terceiro neto de Pedro Lopes de Lucena de Azevedo, capitão que foi de infanteria paga na mencionada cidade e praça do Maranhão; quarto neto pelo lado paterno de Antonio Cerveira da Camara, e de sua mulher D. Anna Gonçalves de Araujo, da quinta do Picoto, e pelo lado materno de Sebastião de Lucena de Azevedo, cavalleiro da ordem de Christo, capitão-mór governador do Grão-Pará com patente expedida em 1646, tendo antes sido n'este reino capitão e governador do forte de Cascaes; quinto neto de Mattheus de Freitas de Azevedo, fidalgo da casa real e alcaide-mór de Pernambuco; sexto neto de Sebastião de Lucena de Azevedo, commendador da Matta de Lobos, na ordem de Christo, e guarda-mór da cidade de Lisboa no tempo da peste de 1569, e de sua mulher D. Jeronyma de Mesquita; setimo neto de Vasco Fernandes de Lucena e Azevedo, primeiro alcaide-mór e povoador do estado de Pernambuco, o qual era filho de outro Sebastião de Lucena, e de sua mulher D. Maria de Vilhena, filha de Diogo de Azevedo, senhor donatario da villa de S. João de Rey, no arcebispado de Braga, chamados vulgarmente fidalgos da Tapada: o qual Vasco Fernandes de Lucena foi casado com D. Brites Dias Correa, filha de João Correa, o Portuguez, e de D. Leonarda Ignez, filha de outro João Correa, senhor da Torre do Ladrão Gaião, no bispado de Leiria, todos fidalgos da casa real, como se verifica pelo *Theatro Genealogico* nas arvores LIII, LIV e CXXIII, bem como no *Santuario Marianno,* tomo IX, paginas 306, se trata do muito que trabalhou o sobredito alcaide-mór Vasco Fernandes de Lucena na povoação e conquista de Pernambuco.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Farias, no segundo as dos Correas, no terceiro as dos Cerveiras, e no quarto as dos Lucenas. — Br. p. a 20 de setembro de 1800. Reg. no Cart. da N., liv. VI, fl. 136 v.

(C. C.)

1868. MANUEL CORREA DE MELLO PACHECO, da ilha de S. Jorge, filho do alferes José Antonio de Mello Pacheco, e de D. Maria de S. José; neto paterno de Antonio da Costa de Sousa. e de sua mulher D. Antonia de Mello Correa; e materno de Manuel Machado, e de sua mulher D. Antonia de Jesus Maciel.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Sousas, no segundo as dos Costas, no terceiro as dos Mellos, e no quarto as dos Correas. — Br. p. a 24 de julho de 1812. Reg. no Cart. da N., liv. VII, fl. 254 v.

(C. C.)

1869. MANUEL CORREA DE MOURA SAMPAIO CABRAL, natural do logar de Bejos, freguezia de S. João Baptista; filho de Manuel de Moura Sampaio Cabral, e de D. Maria Thereza Figueiredo Soares da Costa, da dita freguezia; neto pela parte paterna de Gabriel Correa Cabral, e de sua mulher Joanna Trigueiro de Araujo, filha de Paschoal de Moura de Araujo, das familias d'estes appellidos; bisneto de Christovão Correa Cabral, que era filho de outro do mesmo nome, descendente das familias de Correas, e Cabraes; e pela materna neto de Christovão de Figueiredo, e de sua mulher Francisca de Loureiro, que foi filha de Miguel Ramos, e de sua mulher Francisca da Costa de Loureiro, dos Costas-Homens, de que tambem procede a casa de Lagiosa.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Correas, no segundo as dos Cabraes, no terceiro as dos Mouras, e no quarto as dos Costas. — Br. p. a 23 de maio de 1770. Reg. no Cart. da N., liv. I, fl. 127 v.

(C. C.)

1870. MANUEL CORREA DE SÁ PINTO FIGUEIREDO MACHADO REZENDE REGO, bacharel formado na faculdade de leis pela Universidade de Coimbra, sargento-mór das ordenanças do concelho de Tendaes, comarca de Barcellos, natural da freguezia de Santa Christina de Tendaes; filho de José Correa Peixoto de Sá Pinto Rodrigues Vaz, capitão-mór do concelho, e de sua mulher D. Maria Pinto de Rezende Figueiredo Machado Rodrigues Vaz Rego; neto pela parte paterna de Bernardo Correa Peixoto de Sá Pinto Rodrigues, e de sua mulher D. Maria Vaz Pinto Fernandes; bisneto de Manuel Correa Pinto Rodrigues, e de sua mulher D. Brazia Peixoto de Sá Pinto Rodrigues; neto pela parte materna de Antonio de Rezende Figueiredo Pinto Rodrigues Rego, e de sua mulher D. Maria Machado Pinto Vaz Jorge Gonçalves; bisneto de Manuel Rezende de Figueiredo Rodrigues Rego, e de sua mulher D. Isabel de Rezende Pinto.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Correas, no segundo as dos Peixotos, no terceiro as dos Sás, e no quarto as dos Pintos.— Br. p. a 31 de julho de 1794. Reg. no Cart. da N., liv. v, fl. 30 v.

(C. C.)

1871. MANUEL CORREA DA SILVA GAMA, capitão de mar e guerra, e thesoureiro geral da Junta da real Fazenda da cidade de Góa; filho de Domingos Correa da Silva, e de sua mulher D. Maria Rosa Barbosa Gama; neto pela parte paterna de Manuel Correa da Paixão, e de sua mulher D. Jeronyma da Silva Netto; e pela materna de Francisco de Miranda da Gama, fidalgo cavalleiro da casa real, e de sua mulher D. Simôa Peralta Borges.

Um escudo esquartelado; no primeiro e quarto quarteis as armas dos Correas, no segundo as dos Silvas, e no terceiro as dos Gamas. – Br. p. a 30 de março de 1791. Reg. no Cart. da N., liv. IV, fl. 207 v.

(C. C.)

1872. MANUEL CORTE-REAL, filho de Vasco Annes Corte-Real e irmão de Jeronymo Corte-Real.

Carta pela qual el-rei D. João III lhe concede o seguinte brazão de seu pae: — Escudo de campo vermelho com seis costas de prata em faxa, em duas palas, e um chefe de prata com uma cruz vermelha; elmo de prata aberto guarnecido de ouro, paquife de prata vermelho e ouro, e por timbre um braço armado guarnecido de ouro, que sae do elmo, tendo na mão uma lança de ouro com o ferro de prata e uma bandeira tambem de prata de duas faxas, e n'esta uma cruz vermelha; com todas as honras e privilegios de fidalgo por descender da geração dos Corte-Reaes. — Dada em Almeirim a 10 de março de 1544. Reg. na Chanc. de D. João III, liv. XLI, fl. 16.

1873. MANUEL DA COSTA CABRAL DE MOURA (Presbytero), doutor na sagrada theologia pela Universidade de Coimbra, deputado do Santo Officio, lente de liturgia, collegial do real collegio de S. Paulo, e conego magistral na sé da mesma cidade; filho de Manuel Francisco da Costa e Moura, e de sua mulher D. Antonia Cabral; neto pela parte paterna de Miguel Gonçalves Affonso de Moura, e de sua mulher D. Maria Francisca Magro; bisneto de Antonio Affonso de Moura e de sua mulher D. Catharina Balthazar; terceiro neto de Antonio Gonçalves de Moura: e pela sua avó D. Maria Francisca Magro se mostrava que elle era bisneto de Francisco Magro da Costa; terceiro neto de Antonio Gonçalves Magro; quarto neto de outro do mesmo nome; quinto neto de Gonçalo Annes Magro, e sexto neto de Diogo Annes Magro; todos pessoas nobres descendentes das familias dos appellidos de Mouras da quinta de Barreiro de Athey, e dos Magros da illustre e antiguissima casa de Sergude, e aparentados com os Gonçalves, e os Affonsos e Costas da casa de traz da capella do Sacramento da villa de Mondim de Basto, cuja nobreza e antiguidade de ambas foi sempre reconhecida n'aquelles concelhos, e preferidos para os logares, e postos do governo politico e militar.

Um escudo ovado e partido em pala; na primeira as armas dos Mouras, e na segunda as dos Magros. — Br. p. a 16 de maio de 1787. Reg. no Cart. da N., liv. IV, fl. 5.
(C. C.)

1874. Manuel da Costa Homem, morador na ilha de S. Miguel; filho de Luiz Fernandes da Costa: neto de Diogo Fernandes da Costa Homem; e bisneto de João Fernandes da Costa, que foi fidalgo, e do verdadeiro tronco d'esta geração.

Carta pela qual el-rei D. João III lhe concedeu o seguinte brazão de seus antecessores: — Escudo de campo esquartelado; o primeiro dos Costas, que é vermelho com seis costas de prata, em tres faxas, firmadas nos cabos do escudo; o segundo dos Homens, que é azul com seis crescentes de lua de ouro, com duas palas, e assim os contrarios, e por differença uma flôr de liz de ouro; elmo de prata aberto guarnecido de ouro, paquife de prata, vermelho, oiro e azul, e por timbre um leão azul com uma faxa de armas nas mãos tendo o cabo de ouro e o ferro da sua côr; com todas as honras e privilegios de fidalgo por descender da geração dos Costas e Homens. — Dada em Lisboa a 7 de abril de 1552. Reg. no liv. I de Privilegios, fl. 81.

1875. Manuel de Couros Carneiro, natural de villa do Conde, filho de Pedro Affonso Carneiro de Leça, e de Filippa Martins Gaia; neto paterno de João Affonso de Leça Carneiro, e de Beatriz de Couros; bisneto de Martim Affonso Carneiro, e de D. Aldonça, e de Alvaro Rodrigues Couros, e de Ignez Eannes Carneiro; tresneto de João Domingues Couros, e de Catharina de Madureira, e de Lourenço Annes Carneiro; neto materno de João Martins Gaio, e de Maria Affonso da Maia, e bisneto de João Gomes Gaio Vieira, e de D. Constança de Gondim, e de Sebastião Affonso Ribeiro, e Maria Dias da Maia, e tresneto de Gomes da Maia, e de Maria Ferreira, os quaes todos foram fidalgos e do tronco d'estas gerações.

Carta pela qual el-rei D. Sebastião lhe concede o seguinte brazão de seus antecessores: — Escudo de campo esquartelado, o primeiro dos Carneiros de campo vermelho e uma banda azul acotiçada de oiro com tres flores de liz do mesmo, entre dois carneiros de prata passantes armados de oiro; o contrario dos Couros de campo de prata gretado de sangue, e uma serpe de sua côr ferida nos peitos em voltas em duas grevas e coxotes de azul postas em aspa mordendo em uma dellas; o segundo dos Gaios de campo de prata com tres arminhos postos em faxa, e um chefe partido em pala ao primeiro de vermelho e um castello de oiro, e ao segundo de oiro e quatro palas vermelhas, e o contrario dos Maias de campo vermelho e uma aguia preta estendida armada e gretada de oiro, e por differença uma merleta de oiro; elmo de prata aberto guarnecido de oiro, paquife de oiro, vermelho, prata, preto e azul, e por timbre um meio braço vestido de azul e na mão com sua manopla um pescoço de serpe com cabeça de sua côr cortada em vermelho; com todas as honras e privilegios de nobre fidalgo por descender das ditas gerações. — Dada em Lisboa a 31 de outubro de 1571. Reg. na Chanc. de D. Sebastião, liv. VII, fl. 123 v.

1876. Manuel do Couto Cardoso, moço fidalgo, natural da ilha da Madeira, filho de Francisco do Couto Cardoso, neto de João Eannes do Couto Cardoso, bisneto de João do Couto Cardoso, e todos foram fidalgos muito honrados e do tronco d'esta geração.

Carta pela qual el-rei D. Sebastião lhe concede o seguinte brazão de seus antecessores: — Escudo de campo vermelho com dois cardos verdes floridos e com as raizes de prata, em pala, entre dois leões de oiro batalhantes armados de preto, e por differença uma estrella de prata; elmo de prata aberto guarnecido de oiro, paquife de oiro, vermelho, prata e verde, e por timbre uma cabeça de leão de oiro saindo-lhe da boca um dos cardos das armas; com todas as honras de nobre fidalgo por descender da geração dos Cardosos. — Dada em Lisboa a 12 de junho de 1561. Reg. na Chanc. de D. Sebastião, liv. II, fl. 119 v.

1877. Manuel do Couto Cardoso Teixeira, moço fidalgo, natural da villa da Calheta, na ilha da Madeira; filho de Francisco do Couto, e de Joanna de Liminhana Bringel; neto paterno de João Eannes do Couto, e bisneto de João do Couto Cardoso; neto materno de Pedro Bringel de Liminhana, e de Isabel Rodrigues de Andrade, os quaes todos foram fidalgos e do tronco d'estas gerações.

Carta pela qual el-rei D. Sebastião lhe concede o seguinte brazão de seus antecessores: — Escudo de campo esquartelado; o primeiro dos Teixeiras de campo azul e uma cruz de oiro potencia vazia, o contrario dos Cardosos de vermelho e dois cardos verdes floridos, e as raizes de prata entre dois leões de oiro batalhantes, armados de preto; o segundo dos Bringeis de vermelho com uma banda azul perfilada de oiro e tres flores de liz de prata, o contrario dos Andrades de verde com uma banda vermelha acotiada de oiro, que contêm duas cabeças de serpe do mesmo, e por differença uma estrella de prata; elmo de prata aberto guarnecido de oiro, paquife de oiro, azul, prata e vermelho, e por timbre um meio alicornio da sua côr com o chifre e unhas de oiro; com todas as honras e privilegios de fidalgo por descender da geração e linhagem dos Teixeiras, Cardosos, Andrades, e Bringeis. — Dada em Lisboa a 20 de fevereiro de 1568. Reg. na Chanc. de D. Sebastião, liv. VIII, fl. 37 v.

1878. Manuel Cypriano da Costa, cavalleiro professo na ordem de Christo, escrivão da camara da Junta da serenissima casa e estado de Bragança, escrivão da camara da Mesa do Senado, secretario da Junta de saude publica, monteiro-mór honorario, escudeiro, e monteiro de cavallo do numero da casa real; filho de Jeronymo Martins da Costa, official maior da secretaria do Senado, ajudante do escrivão da Camara, e cidadão, e de sua mulher D. Theodora Maria da Conceição; neto por parte paterna do desembargador Manuel Martins de Sousa, procurador da fazenda da serenissima Casa, e estado de Bragança, e de sua mulher D. Joanna Magdalena da Costa; bisneto do capitão Pedro Rodrigues da Costa, primo do desembargador do Paço Ignacio da Costa Quintella; sendo o referido supplicante primo em segundo grau de seu sogro Ceslau Joaquim Freire Coelho de Paiva, cavalleiro da ordem de Sant'Iago, guarda-mór, provedor da Saude de Cascaes, e um dos administradores na mesa da Alfandega do Ver-o-peso; filho e neto dos distinctos guardas-móres da villa de Setubal; e foi casado com D. Maria Julia Xavier da Cunha, filha de Theotonio José de Miranda, cavalleiro professo na ordem de Christo, e provedor que foi em Povos, e Castanheira; neto por parte materna de Simão Antonio Freire, filho de João Freire Coelho, cavalleiro fidalgo da casa real; neto o mesmo supplicante por parte materna de Theotonio Soares Freire, cidadão d'esta cidade.

Um escudo partido em pala; na primeira as armas dos Costas, na segunda as dos Freires. — Br. p. a 28 de janeiro de 1818. Reg. no Cart. da N., liv. VIII, fl. 28.

(C. C.)

1879. Manuel Dias Barata de Carvalho, capitão da terceira companhia do terceiro terço de infanteria auxiliar da comarca da Guarda, cavalleiro professo na ordem de Christo, e commissario das habilitações das tres Ordens militares, natural do logar de Bogas debaixo, termo da villa de Fundão; filho de Gaspar Dias, e de sua mulher Maria Antunes; neto por parte paterna de José Dias, e de sua mulher Maria Barata; neto por parte materna de Antonio Domingues, e de sua mulher Isabel Antunes; bisneto por parte paterna de José Dias, e de sua mulher Maria Barata, esta filha de Antonio Mendes, e de sua mulher Isabel Gil.

Um escudo partido em pala; na primeira as armas dos Dias, e na segunda as dos Baratas. — Br. p. a 21 de junho de 1802. Reg. no Cart. da N., liv. VI, fl. 207 v.

(C. C.)

1880. MANUEL DIAS DELGADO (Doutor), filho de Luiz Delgado, e de D. Maria Dias; neto paterno de Marcos Fernandes da Silva, e de D. Victoria Fernão Delgado, e materno de Manuel Dias Campos, e de D. Maria Manuela.

Um escudo com as armas dos Delgados.—Br. p. a 20 de julho de 1807. Reg. no Cart. da N., liv. VII, fl. 193.

(C. C.)

1881. MANUEL DUARTE DE AMORIM COELHO (Doutor), filho de Manuel Coelho Duarte, e de sua mulher Francisca Michaela de Jesus; neto pela parte paterna de Manuel Coelho, e de sua mulher Maria Duarte, parentes de Caetano José Coelho da Silva Rocha e Barbosa, fidalgo da casa real.

Um escudo com as armas dos Coelhos.—Br. p. a 17 de setembro de 1774. Reg. no Cart. da N., liv. II, fl. 33 v.

(C. C.)

1882. MANUEL FELIX SALGADO DE ARAUJO CHAVES, filho legitimo de Francisco Xavier Salgado Chaves, e de sua mulher D. Eugenia Maria de Araujo São Tinses, senhores que foram da casa e morgado de Esporões, que hoje possue o mesmo supplicante; neto pela parte paterna de Gaspar Salgado Chaves, e de Antonia Luiza; e pela materna neto de Alvaro de Araujo Barbosa, e de D. Eugenia Pereira Pinto, todos da dita cidade de Braga.

Um escudo esquartelado; no primeiro e quarto quarteis as armas dos Salgados, no segundo as dos Araujos, e no terceiro as dos Chaves. — Br. p. a 3 de março 1766. Reg. no Cart. da N., liv. I, fl. 24.

(C. C.)

1883. MANUEL FERNANDES CAMPOS DA GAMA, cavalleiro professo na ordem de Christo, familiar do Santo Officio, e capitão de uma das companhias do terço auxiliar da villa de Paraty, suburbio do Rio de Janeiro, estado do Brazil, e natural da freguezia de Santo Antonio da cidade do Funchal, na ilha da Madeira; filho de Lourenço da Gama, e de D. Maria Gomes; neto pela parte paterna de Manuel da Gama, e de D. Maria Jorge; bisneto de André da Gama, e de D. Filippa Nunes; terceiro neto de Manuel da Gama, e de D. Maria Nunes; quarto neto de André Affonso, moço da camara do senhor rei D. João III, e de D. Garcia da Gama.

Um escudo com as armas dos Gamas.—Br. p. a 20 de junho de 1791. Reg. no Cart. da N., liv. IV, fl. 217.

(C. C.)

1884. MANUEL FERNANDES DA SILVA CAMPOS, barão da Povoa de Varzim, filho de João Fernandes da Silva Campos, e de sua mulher D. Joanna Alves de Sousa; neto paterno de Manuel Fernandes da Silva Campos, e de sua mulher D. Custodia de Sousa; e materno de Miguel Alves de Sousa, e de sua mulher D. Maria Alves de Sousa.

Um escudo partido em pala; na primeira as armas dos Campos, e na segunda as dos Silvas.—Br. p. a 8 de novembro de 1869. Reg. no Cart. da N., liv. IX, fl. 126.

(C. C.)

1885. MANUEL FERREIRA BOTELHO, natural e morador em Lisboa, thesoureiro e executor dos Novos direitos; filho do capitão Aleixo Ferreira Botelho, cavalleiro fidalgo da casa real, e de D. Marianna de Sousa, filha de Antonio Pires de Sousa, e neta de Bartholomeu Pires de Sousa, capitão da fortaleza de Chaul; o dito Manuel Ferreira Botelho era neto por parte de seu pae de Manuel Ferreira Botelho, cavalleiro fidalgo, e de Catharina de Mattos Camello; bisneto de Aleixo Ferreira Botelho, cavalleiro fidalgo, e de

D. Branca Vicencia de Villa-lobos; trineto de Antonio Ferreira Botelho, e de D. Andréa Botelho de Sequeira, primos de Pedro Botelho, porteiro-mór do infante D. Luiz, cavalleiro da ordem de Sant'Iago, e de D. Feliciana de Heredia Ribafria; quinto neto de Aleixo Botelho Ferreira, natural de Castella, e de D. Pelaya de Gusmão, filha de D. Pelayo de Gusmão, alcaide-mór de la Corte; sexto neto de Fernão Botelho de Ferreira, natural de Coimbra, commendador da ordem de Christo, e senhor dos morgados dos Botelhos e Ferreiras, que casou em Madrid com D. Ignez de Castilho, filha de D. Aleixo de Menezes, e de D. Maria Manuel de Castilho, os quaes todos foram fidalgos.

Carta pela qual el-rei D. Pedro II lhe concede o seguinte brazão de seus antecessores: —Escudo posto ao balom partido em pala; a primeira dos Ferreiras, em campo sanguineo quatro faxas de oiro; a segunda dos Botelhos, em campo de oiro quatro bandas vermelhas, e por differença um trifolio de oiro; elmo de prata aberto guarnecido de oiro, paquife dos metaes e côres das armas, e por timbre uma emma de sua côr com uma ferradura de oiro no bico; com todas as honras e privilegios de nobre fidalgo por descender das ditas gerações.—Dada em Lisboa a 4 de janeiro de 1683. Reg. na Chanc. de D. Affonso VI, fl. 52 v.

1886. Manuel Ferreira de Carvalho, capitão-mór das honras de Sabrosa e Passos de Ferreira, filho de Bernardo de Carvalho, e de Maria Ferreira; neto paterno de Domingos Gonçalves Ferreira, e de Maria Gonçalves; neto materno de Antonio Ferreira, e de Maria Gomes.

As armas dos Carvalhos, e Ferreiras.—Br. p. a 6 de novembro de 1764. Reg. no Cart. da N., liv. particular, fl. 137 v.

(C. C.)

1887. Manuel Ferreira Rodrigues Alvares Salgado, capitão-mór de Sangalhos, na comarca de Aveiro, natural da villa de Oliveira do Bairro, da dita comarca; filho do capitão Francisco Ferreira Rodrigues, e de D. Maria Ferreira Salgado; neto paterno de Manuel Ferreira Rodrigues, que serviu o logar de juiz de fóra da referida villa, e de sua mulher D. Maria Francisca de Jesus; e materno de José Alvares Salgado, que serviu o mesmo logar de juiz de fóra, e de D. Magdalena Francisca.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Ferreiras, no segundo as dos Rodrigues, no terceiro as dos Alvares, e no quarto as dos Salgados.—Br. p. a 24 de maio de 1814. Reg. no Cart. da N., liv. VII, fl. 293.

(C. C.)

1888. Manuel Fialho, cavalleiro da casa real, filho de João Fialho, cavalleiro da casa real e contador d'ella, e de Mecia Froes Borges; bisneto de João Borges, fidalgo e do tronco d'esta geração.

Carta pela qual el-rei D. João III lhe concede o seguinte brazão de seus antecessores: —Escudo de campo vermelho e um leão de oiro com uma bordadura de azul semeada de flores de liz de oiro, e por differença uma brica de prata e n'ella um—M—de preto; elmo de prata aberto guarnecido de oiro, paquife de oiro e vermelho, e por timbre o mesmo leão das armas; com todas as honras e privilegio de nobre e fidalgo por descender da geração e linhagem dos Borges.—Reg. na Chanc. de D. João III, liv. L, fl. 152.

1889. Manuel Figueira, morador na villa de Ferreira, filho de Catharina Pires Ferreira, e neto de Pedro Gonçalves Ferreira, que foi fidalgo e do tronco d'esta geração.

Carta pela qual el-rei D. João III lhe concede o seguinte brazão de seus antecessores: —Escudo de campo vermelho com cinco folhas de figueira verdes perfiladas de oiro, em aspa, e por differença uma meia brica de prata e n'ella um—M—de preto; elmo de prata aberto guarnecido de oiro, paquife de oiro e vermelho, e por timbre um braço ves-

tido de azul com um ramo de oiro na mão com as cinco folhas de figueira verde; com todas as honras e privilegios de fidalgo por descender da geração e linhagem dos Figueiras. —Dada em Evora a 18 de janeiro de 1536. Reg. na Chanc. de D. João III, liv. L, fl. 48.

1890. Manuel de Figueiroa Castello-branco, filho do doutor Pedro de Mendanha Figueiroa, e de Leonor Moreira Castello-branco; neto paterno de Simão de Figueiroa, e de Branca Mendanha; bisneto de Galaor de Mendanha, alcaide-mór de Crastominho, no reino de Castella a velha, e de D. Ignez de Benavides, todos fidalgos; neto materno de Simão de Seixas, e de Anna Moreira de Castello-branco; bisneto de Henrique de Seixas; trineto de Fernão de Seixas, do verdadeiro tronco da geração dos Seixas.

Carta pela qual el-rei D. Filippe III lhe concede o seguinte brazão de seus antecessores: — Escudo de campo partido em pala; a primeira dos Mendanhas de campo azul com uma cota de armas de prata passada com tres settas, com os cabos e hastes vermelhas e as pennas de oiro, gotadas de sangue; a segunda dos Seixas de verde com cinco seixas de prata, em aspa, armadas de vermelho, voando, tenho a mais alta e a mais baixa de contrabanda, por timbre as tres settas das armas postas em roquete, atadas com um torçal de prata; elmo de prata aberto guarnecido de oiro, paquife dos metaes e cores das armas; com todas as honras e privilegios de fidalgo por descender da geração dos Mendanhas e dos Seixas. — Dada a Lisboa a 6 de agosto de 1630. Reg. na Chanc. de D. Filippe III, liv. II, fl. 149.

1891. Manuel da Fonseca, filho de Alvaro de Caceres, e neto de Manuel de Caceres, e é filho de Joanna Mendes da Fonseca, e neto de Diogo da Fonseca, fidalgo da casa real, e que foi do tronco d'esta geração dos Fonsecas.

Carta pela qual el-rei D. João III lhe concede o seguinte brazão de seus antecessores: — Escudo de campo esquartelado; o primeiro de oiro com uma palmeira verde com seu fructo vermelho, o segundo de oiro tambem com cinco estrellas de vermelho, em aspa, sem differença; elmo de prata aberto guarnecido de oiro, paquife de oiro, verde e vermelho, e por timbre a mesma palmeira; com todos os privilegios de fidalgo por descender da nobre linhagem dos Caceres e Affonsecas. — Dada em Evora a 15 de julho de 1535. Reg. na Chanc. de D. João III, liv. X, fl. 116.

1892. Manuel da Fonseca Jayme (Doutor), filho do capitão de infanteria Cypriano Lopes da Fonseca Galvão, e de sua mulher D. Maria de Vasconcellos Viveiros; neto pela parte paterna de Manuel da Fonseca Jayme, capitão-mór e governador que foi da capitania do Ceará-grande, e de sua mulher D. Maria de Proença; bisneto de Manuel Lopes Galvão, mestre de campo do regimento da cidade de Olinda, e um dos restauradores d'aquella capitania na expulsão dos hollandezes, em cuja guerra serviu com o posto de capitão de infanteria; e pela materna neto do capitão João Nunes Baião, e de sua mulher D. Felicia de Vasconcellos.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Galvões, no segundo as dos Fonsecas, no terceiro as dos Vasconcellos, e no quarto as dos Viveiros. — Br. p. a 5 de outubro de 1770. Reg. no Cart. da N., liv. I, fl. 136.

(C. C.)

1893. Manuel Francisco Maciel Monteiro, bacharel formado nos sagrados canones pela Universidade de Coimbra e capitão commandante aggregado dos auxiliares da capitania de Pernambuco, d'onde é natural; filho de Antonio Francisco Monteiro, professo na ordem de Christo, capitão commandante dos auxiliares da capitania de Pernambuco, thesoureiro e deputado de duas direcções, da Companhia geral e da Alfandega da mesma cidade, e de sua mulher D. Joanna Ferreira Maciel; neto pela parte paterna de Simão Luiz Monteiro de Paiva, e de sua mulher D. Maria Francisca de Araujo; neto pela parte

materna de Braz Ferreira Maciel, capitão das ordenanças da mesma cidade, onde tambem serviu de juiz vereador da Camara da referida cidade, e de sua mulher D. Catharina Bernarda de Oliveira Govim.

Um escudo partido em pala; na primeira as armas dos Monteiros, e na segunda as dos Macieis. — Br. p. a 19 de julho de 1794. Reg. no Cart. da N., liv. v, fl. 29.

(C. C.)

1894. MANUEL FREIRE, filho de Luiz Freire, de Montemór-o-novo.

Carta pela qual el-rei D. João III lhe concede o seguinte brazão de seus antecessores : —Escudo de campo verde com uma banda de vermelho perfilada e mettida em duas bocas de serpes de oiro, e por differença uma merleta de oiro; elmo de prata aberto guarnecido de oiro, paquife de oiro e verde, e por timbre dois pescoços de serpes de oiro com os rostos um contra o outro; com todas as honras e privilegios de fidalgo por descender da geração dos Freires de Andrade. —Dada em Lisboa a 21 de julho de 1530. Reg. na Chanc. de D. João III, liv. LII, fl. 128.

1895. MANUEL DE FREITAS HENRIQUES DA MOTTA (Capitão), cavalleiro professo na ordem de Christo, natural da villa de Alemquer; filho de Vicente da Motta Henriques, cavalleiro fidalgo da casa real, juiz dos orphãos proprietario da dita villa, e de sua mulher Maria Michaela de Jesus de Sequeira; neto materno de Manuel Henriques da Silva, e de sua mulher Catharina da Motta Pereira; neto materno de Manuel de Freitas, e de sua mulher Anna Maria de Sequeira.

As armas dos Henriques, Silvas, Mottas, e Freitas. — Br. p. a 26 de janeiro de 1762. Reg. no Cart. da N., liv. particular, fl. 134 v.

(C. C.)

1896. MANUEL GODINHO, cavalleiro, morador na villa de Torres-vedras, filho natural e legitimado de Gomes Godinho, cavalleiro, commendador da ordem de S. Tiago, e de Constança Jorge, moça solteira.

Carta pela qual el-rei D. João III lhe concede o seguinte brazão de seus antecessores : — Escudo de campo partido em pala, a primeira chaquetada de vermelho e oiro, a segunda de azul e oiro, e por differença um filete preto, em contrabanda; elmo de prata aberto guarnecido de oiro, paquife de oiro e vermelho e azul, e por timbre umas chammas de fogo que saem do elmo; com todas as honras de nobre e fidalgo por descender da geração dos Godinhos. — Dada em Lisboa a 16 de janeiro de 1540. Reg. na Chanc. de D. João III, liv. L, fl. 26.

1897. MANUEL GODINHO CABRAL DE CASTELLO-BRANCO, fidalgo de linhagem, cavalleiro da ordem de Christo, morador em Lisboa, filho de Antonio Godinho Cabral, que foi dos vinte e quatro da guarda da camara de el-rei D. Manuel, e de Anna Feia de Castello-branco; neto paterno de Fernão Pires Cabral, e de Briolanja Godinha de Oliveira; bisneto de Pedro Vaz Cabral, protonotario da Santa Sé Apostolica e Conego prebendado na Sé de Lisboa, e governador d'este bispado pelo cardeal D. Jorge quando esteve em Roma; e do doutor João Fernandes Godinho, que foi corregedor da Côrte e desembargador dos aggravos da Casa da supplicação, tronco d'esta linhagem, que foi nomeado fidalgo muito nobre, e se tinha por parente de D. Affonso, bispo de Evora, e era filho do marquez de Valença e neto de el-rei D. João I, que na sua correspondencia o nomeava por parente, egualmente era parente da condessa de Loulé D. Guiomar, filha do duque de Bragança D. Fernando, irmão do dito marquez, a qual quando lhe escrevia lhe chamava tio.

Carta pela qual el-rei D. Filippe I lhe concede e a seus descendentes o mesmo brazão de armas que D. Sebastião havia dado a seu pae, e é o seguinte : — Escudo esquartelado; o primeiro dos Godinhos que descendem dos Godos e trazem o campo partido

em pala, a primeira escaque toda de oiro e vermelho de dez peças de duas em faxa, e o segundo escaquetado de oiro e azul de outras tantas peças, e ao contrario dos Cabraes, que trazem o campo de prata, e duas cabras de purpura passantes, e sobre ellas um meio filete preto em contrabanda, e ao segundo dos Ribeiros que é esquartelado ao primeiro de oiro e quatro palas vermelhas daregão, e ao segundo dos Vasconcellos que trazem o campo de preto e tres faxas veiradas e contraveiradas de prata e vermelho e assim os contrarios, e ao contrario do segundo dos Castel-brancos, que trazem o campo azul e um leão de oiro rompente armado de vermelho; elmo de prata aberto guarnecido de oiro, paquife de oiro e vermelho, oiro e azul, prata e vermelho, prata e purpura, e o timbre dos Godinhos, que é uma hydra de oiro com sete cabeças de serpes armada de vermelho, e a do meio maior, e por differença um crescente de lua de prata sobre o segundo escaque vermelho. — Dada em Lisboa a 1 de junho de 1593. Reg. na Chanc. de D. Filippe I, liv. III de Mist., fl. 300, e liv. V de Mist., fl. 231.

1898. Manuel de Goes de Lacerda, fidalgo.

Carta pela qual el-rei D. Manuel lhe concede o seguinte brazão de armas de seus antecessores: — Escudo partido em faxa, o primeiro esquartelado; no primeiro quartel e no ultimo um castello de oiro em campo vermelho, no segundo e terceiro um leão vermelho em campo de prata, e na outra parte do escudo tres flores de liz de oiro em campo azul, e por timbre um leão vermelho; com todas as honras e privilegios de fidalgo por descender da nobre geração dos Lacerdas. — Dada em Lisboa a 15 de junho de 1508. Reg. na Chanc. de D. Manuel, liv. VI, fl. 28.

1899. Manuel Gomes de Albuquerque Maranhão (Capitão), filho do coronel João Francisco Regis de Albuquerque Maranhão, e de D. Adriana de Albuquerque e Mello; neto por parte paterna do capitão-mór Gaspar de Albuquerque Maranhão, e de D. Luiza Vieira de Sá, e pela materna do capitão-mór Pedro de Albuquerque e Mello, e de D. Maria Correa de Paiva.

Um escudo, e n'elle as armas dos Albuquerques. — Br. p. a 30 de outubro de 1800. Reg. no Cart. da N., liv. VI, fl. 145 v.

(C. C.)

1900. Manuel Gomes de Carvalho, natural, e morador na cidade de Lisboa, proprietario de um dos officios de tabellião de notas d'esta mesma cidade, e seu termo; filho de Dionysio Gomes de Carvalho, e de sua mulher D. Luiza da Encarnação Barreto Diniz Gamboa; neto pela parte paterna de Manuel Gomes de Carvalho, e de sua mulher D. Antonia Ayres Pessanha, e neto pela parte materna de José de Caldas Velloso, e de sua mulher D. Marianna Barreto Diniz Gamboa; bisneto de Diogo de Araujo, e de sua mulher Luiza Velloso Caldas, elle filho de Diogo Alvares, e de sua mulher Anna Gil.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Vellosos, no segundo as dos Caldas, no terceiro as dos Barretos, e no quarto as dos Gamboas. — Br. p. a 16 de novembro de 1780. Reg. no Cart. da N., liv. II, fl. 256.

(C. C.)

1901. Manuel Gomes da Guerra, abbade de Santa Eulalia, commissario do Santo Officio; filho de José Gomes de Aguiar, e de sua mulher D. Luiza Antunes Guerra; neto pela parte paterna de Antonio Gonçalves de Aguiar, e de sua mulher D. Anna de Aguiar, e pela materna de Domingos Antunes, e de sua mulher D. Maria da Guerra.

Um escudo ovado e esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Aguiares, no segundo as dos Gonçalves, no terceiro as dos Antunes, e no quarto as dos Guerras. — Br. p. a 12 de outubro de 1789. Reg. no Cart. da N., liv. IV, fl. 130.

(C. C.)

1902. Manuel Gomes Pinheiro de Castro, tenente coronel e governador da Furna de Caminha, natural do logar de Eiro, freguezia de Santa Marinha de Roussas, termo de Melgaço, arcebispado de Braga; filho de Gregorio Gomes, e de sua mulher D. Maria Pinheiro; neto pela parte paterna de Bartholomeu Alvares Vesteiro, e de sua mulher D. Maria Gomes, e pela materna de Francisco Pinho, e de sua mulher D. Marinha Esteves.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Gomes, no segundo as dos Pinheiros, no terceiro as dos Castros, e no quarto as mesmas do primeiro. — Br. p. a 24 de setembro de 1790. Reg. no Cart. da N., liv. iv, fl. 183.

(C. C.)

1903. Manel Gomes dos Santos, sargento-mór da comarca de Pernambuco, onde é morador, e cavalleiro professo na ordem de Christo, fidalgo da casa real, natural da freguezia de S. Pedro de Barcarena, termo d'esta cidade de Lisboa; filho de João Gomes, e de sua mulher D. Catharina dos Santos; neto pela parte paterna de João Antunes, e de D. Maria Gomes, e bisneto de Domingos da Costa, e de sua mulher Domingas Antunes.

Um escudo partido em pala; na primeira as armas dos Gomes, e na segunda as dos Antunes. — Br. p. a 28 de março de 1786. Reg. no Cart. da N., liv. iii, fl. 212.

(C. C.)

1904. Manuel Gomes Teixeira, da villa e couto de S. Mamede de Ribatua, filho de Felix Gomes Vinagre, e de sua mulher D. Jacinta Teixeira de Sá; neto pela parte materna de Domingos Teixeira de Moraes, e de sua mulher D. Luiza Teixeira de Sá; bisneto de Francisco Taveira da Rocha, capitão de infanteria que foi na guerra da feliz acclamação, que depois de viuvo se ordenou e seguiu a vida ecclesiastica, e de sua mulher D. Jacinta Teixeira de Sá; terceiro neto de Balthasar Fernandes Pimentel, e de sua mulher Esperança Taveira; quarto neto de Vasco Fernandes Pimentel, e de sua mulher Maria de Andrade; e pela dita sua bisavó D. Jacinta Teixeira de Sá é terceiro neto de João Taveira de Sá, e de sua mulher Paula da Nobrega; quarto neto de Pedro Francisco Taveira, e de sua mulher Senhorinha da Nobrega, filha de Gaspar da Nobrega, que era filho de Pedro da Nobrega, e este o foi de Garcia Fernandes, cavalleiro fidalgo da casa do marquez de Villa-real, e de sua mulher Briolanja Cam, filha de Gonçalo Cam, alferes da bandeira real do primeiro vice-rei da India, e neta de Diogo Cam, cavalleiro da casa do infante D. Henrique, e descobridor do reino do Congo, a quem o rei D. Affonso v deu as armas d'este appellido de Cam em 14 de abril de 1474.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Taveiras, no segundo as dos Teixeiras, no terceiro as dos Nobregas, e no quarto as dos de Cam. — Br. p. a 25 de maio de 1768. Reg. no Cart. da N., liv. i, fl. 78.

(C. C.)

1905. Manuel Gonçalves de Carvalho e Barros, natural do logar da Egreja, freguezia de S. Paio, termo de Melgaço, comarca de Barcellos, arcebispado de Braga; filho de Mauuel Gonçalves de Carvalho, e de sua mulher Florencia Lopes de Barros; neto pela parte paterna de Bernardo Gonçalves de Carvalho, a quem se passou já brazão de armas da familia dos Carvalhos em 1710, e de sua mulher Angelica Dias; e pela materna se mostrava que era neto de Antonio Lopes, juiz ordinario e alferes da ordenança que foi no couto de Paderne, e de sua mulher D. Sebastiana de Barros, todos naturaes do mencionado logar da Egreja, e ella filha reconhecida e legitimada do reverendo conego Francisco de Barros, chantre na collegiada da villa de Valença, e de Anna Fernandes : á qual Sebastiana de Barros se passou tambem brazão de armas da familia de Barros em 1711.

Um escudo partido em pala; na primeira as armas dos Carvalhos, e na segunda as dos Barros. — Br. p. a 20 de julho de 1786. Reg. no Cart. da N., liv. iii, fl. 229.

(C. C.)

1906. Manuel Gonçalves Meninea, cavalleiro fidalgo da casa real, professo na ordem de Christo, sargento-mór e governador da praça de S. José de Macapá; filho de Domingos Cardoso, professo na ordem de Christo, capitão de infanteria da extincta praça de Mazagão, e de sua mulher D. Clara Rodrigues; neto pela parte paterna de João de Bastos Baracho, fidalgo da casa real, e de sua mulher D. Isabel Gonçalves Pinto; e por parte materna de Gaspar Rodrigues de Abreu, tambem fidalgo da casa real, professo na ordem de Christo, que serviu de capitão de cavallaria na referida extincta praça de Mazagão, e de sua mulher D. Apollonia Rodrigues; bisneto por parte paterna de Antonio Rodrigues Baracho, fidalgo da casa real, e de sua mulher D. Brites de Lemos; e por parte materna de Francisco Rodrigues de Abreu, fidalgo da casa real, e de sua mulher D. Antonia Rodrigues.

Um escudo esquartelado; no primeiro e quarto quarteis as armas dos Gonçalves, no segundo as dos Rodrigues, e no terceiro as dos Abreus. — Br. p. a 26 de fevereiro de 1799. Reg. no Cart. da N., liv. VI, fl. 69.

(C. C.)

1907. Manuel Henriques Barreto, fidalgo, natural de Aveiro, filho de Vasco Henriques Esteves, neto de Henrique Esteves, bisneto de João Esteves, que foi fidalgo muito honrado, e o verdadeiro tronco da geração dos Esteves; bem assim era filho de Thereza Gomes Barreto, neto de Beatriz Gomes Barreto, bisneto de André Gil Barreto, veador-mór das obras e monteiro-mór do infante D. Pedro, e foi do verdadeiro tronco da geração dos Barretos.

Carta pela qual el-rei D. João III lhe concede o seguinte brazão de seus antecessores: — Escudo de campo esquartelado; o primeiro de prata com uma flor de liz de vermelho com duas flores de liz saindo d'ella para cima, o segundo de campo arminhado, e por differença uma estrella de azul; elmo de prata aberto guarnecido de oiro, paquife de prata, vermelho e arminhado, e por timbre a mesma flor de liz; com todas as honras e privilegios de fidalgo por descender da geração e linhagem dos Esteves e Barretos. — Dada em Lisboa a 13 de fevereiro de 1540. Reg. na Chanc. de D. João III, liv. L, fl. 22 v.

1908. Manuel Henriques de Carvalho, capitão de artilheria, commandante do presidio de Geba, na costa de Africa, e natural da cidade da Bahia; filho natural de Manuel Henriques de Carvalho, capitão de infanteria do segundo regimento pago da cidade da Bahia, e de D. Leonor da Silva Ribeiro; neto materno do capitão João Gomes Ribeiro, familiar do Santo Officio, e de D. Rosa da Silva.

Um escudo partido em pala; na primeira as armas dos Ribeiros, e na segunda as dos Silvas. — Br. p. a 10 de março de 1804. Reg. no Cart. da N., liv. VII, fl. 69.

(C. C.)

1909. Manuel Homem, cavalleiro da ordem de Christo, natural de Beja, filho de Pedro Homem, cavalleiro fidalgo da casa real; neto de Gonçalo Homem, fidalgo; bisneto de Diogo da Costa Homem, que foi do tronco d'esta geração.

Carta pela qual el-rei D. João III lhe concede o seguinte brazão de seus antecessores: — Escudo de campo azul e seis crescentes de oiro em duas palas, e por differença uma merleta de prata; elmo de prata aberto guarnecido de oiro, paquife de oiro e azul, e por timbre um leão azul com uma faxa de armas nas mãos, com o cabo de oiro; com todas as honras e privilegios de fidalgo por descender da geração e linhagem dos Homens. — Dada em Lisboa a 17 de abril de 1539. Reg. na Chanc. de D. João III, liv. XXVII, fl. 41.

(C. C.)

1910. Manuel Ignacio Ferreira de Sousa e Abreu, cavalleiro professo na ordem de Christo, familiar do Santo Officio, capitão da companhia dos privilegiados da ci-

dade da Bahia, natural da villa da Torre de Moncorvo, provincia de Traz-os-montes; filho do capitão Manuel Ferreira de Andrade, e de sua mulher D. Maria Magdalena de Sousa e Abreu; neto paterno de Domingos Ferreira de Andrade, e de D. Antonia Gonçalves Ferreira; neto materno de João de Sousa de Magalhães, e de D. Maria de Abreu de Mesquita.

As armas dos Sousas do Prado, Ferreiras, Andrades, e Abreus. — Br. p. a 8 de fevereiro de 1765. Reg. no Cart. da N., liv. particular, fl. 135.

(C. C.)

1911. Manuel Ignacio Pamplona, natural da ilha Terceira, cidade de Angra, filho de Antonio Bernardo Pamplona Redovalho, administrador de um vinculo estabelecido na mesma cidade, tenente que foi do forte do Bom Jesus, da dita ilha, a quem se passou brazão de armas a 7 de fevereiro de 1770, e de D. Anna Francisca Rosa; neto pela parte paterna do alferes Antonio Xavier Pamplona, e de D. Catharina Felicia; bisneto de Mattheus Pamplona Merens, e de D. Josepha Maria; terceiro neto de Mattheus de Figueiredo, e de D. Antonia Moniz Merens Pamplona, filho de Mathias Pamplona, terceiro neto de Gonçalo Alvares Pamplona, um dos primeiros povoadores da referida ilha.

Um escudo com as armas dos Pamplonas — Br. p. a 10 de outubro de 1798. Reg. no Cart. da N., liv. vi, fl. 48 v.

(C. C.)

1912. Manuel Ignacio Pereira Cabral (Doutor), juiz de fóra e orphãos da villa de Vimioso, filho do doutor Manuel Pereira Cabral, juiz de fóra em Villa-real, e provedor da comarca da Torre de Moncorvo, e de sua mulher D. Maria da Costa; neto pela parte paterna de Domingos Diniz Pereira Cabral, e de sua mulher D. Isabel André; bisneto de Pedro Diniz, e de sua mulher D. Maria Martins Lopes.

Um escudo partido em pala; na primeira as armas dos Pereiras, e na segunda as dos Cabraes. — Br. p. a 26 de agosto de 1793. Reg. no Cart. da N., liv. iv, fl. 285 v.

(C. C.)

1913. Manuel Ignacio Pimenta de Carvalho (Doutor), da casa de Miradouro, natural da freguezia de Villa-marim, concelho da villa de Mezão-frio, comarca de Lamego; filho de Sebastião Ayres Pimenta de Carvalho, e de D. Maria de Carvalho; neto pela parte paterna de Sebastião de Oliveira de Carvalho, e de D. Maria Ayres Pimenta; e pela parte materna de Manuel Teixeira de Carvalho, e de D. Maria Teixeira de Carvalho.

Um escudo com as armas dos Carvalhos, — Br. p. a 13 de julho de 1793. Reg. no Cart. da N., liv. iv, fl. 283 v.

(C. C.)

1914. Manuel Jacinto Nogueira da Gama, cavalleiro professo na ordem de S. Bento de Aviz, capitão-tenente da real armada, e lente da real Academia de marinha; natural da freguezia de Nossa Senhora do Pilar da villa de S. João de el-Rei, comarca do Rio das Mortes, bispado de Marianna; filho do alferes Nicolau Antonio Nogueira, e de sua mulher D. Anna Joaquina de Almeida da Gama; neto por parte paterna do capitão-mór Thomé Rodrigues Nogueira, e de sua mulher D. Marianna Leme do Prado, filha de Antonio da Rocha Leme, capitão commandante que foi do districto e companhia da capitania de S. Paulo : e por parte materna de Manuel Gomes Villas-boas, primo legitimo de Manuel da Costa Villas-boas, pae de José Basilio da Gama, official da Secretaria de estado, e de sua mulher D. Ignacia Quiteria de Almeida e Gama; bisneto por parte paterna de Antonio Nogueira, e de Francisca Fernandes do Valle, e por parte materna do capitão Luiz de Almeida, e de sua mulher D. Helena Josepha da Gama, os quaes foram paes de D. Quiteria Ignacia da Gama, mãe do referido José Basilio da Gama, a quem se passou brazão de armas com as do appellido de Gama a 10 de julho de 1771.

Um escudo partido em pala; na primeira as armas dos Nogueiras, e na segunda as dos Gamas. — Br. p. a 28 de agosto de 1798. Reg. no Cart. da N., liv. vi, fl. 37 v.

(C. C.)

1915. Manuel Joaquim de Almeida, natural da cidade de Lamego; filho de Manuel Joaquim de Almeida, e de sua mulher D. Anna Joaquina do Carmo; neto paterno de João de Cerqueira Moreira, e de sua mulher D. Maria Clara de Santa Rosa e Almeida; neto materno de José Lopes de Almeida, e de sua mulher D. Antonia Josepha Paes Cardoso.

Um escudo ovado e esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Cerqueiras, no segundo as dos Moreiras, no terceiro as dos Almeidas, e no quarto as dos Cardosos. — Br. p. a 23 de dezembro de 1824. Reg. no Cart. da N., liv. viii, fl. 122.

(C. C.)

1916. Manuel Joaquim de Almeida Valente, filho do doutor Antonio José de Almeida e de sua mulher D. Josepha Maria de S. José; neto pela parte paterna de Matheus de Almeida, e de sua mulher D. Maria Josepha de Almeida, e por parte materna de José Valente, e de D. Rosa Maria de S. José; bisneto por parte paterna de Antonio de Almeida, irmão do doutor José Gomes de Almeida, pae do doutor Bento José de Almeida, o qual casou com D. Bernarda, irmã do doutor José da Fonseca, inquisidor do Santo Officio da cidade de Coimbra; e por parte materna de João Antonio de Figueiredo e Cunha, filho do capitão João Rodrigues, o qual teve mais tres filhos a saber: o conego Ventura Simões, Antonio Simões de Figueiredo e Cunha, tenente coronel do regimento de Traz-os-montes, e José Simões de Figueiredo e Cunha, pae do doutor Antonio Simões de Figueiredo e Cunha, juiz de fóra que foi da villa de Oliveira do Bairro.

Um escudo partido em pala; na primeira as armas dos Almeidas, e na segunda as dos Valentes. — Br. p. a 14 de junho de 1798. Reg. no Cart. da N., liv. vii, fl. 28.

(C. C.)

1917. Manuel Joaquim Barbosa de Castro Bacellar, sargento-mór e lente do regimento de artilheria da capitania de Pernambuco; filho de Antonio Pereira Bacellar, morgado de Cuvos, e de sua mulher D. Luiza Josepha Pereira de Castro; neto por parte paterna de Gaspar Soares Pereira Bacellar, e de sua mulher D. Maria Bacellar; e por parte materna de Victorino José Marinho Brandão, e de sua mulher D. Feliciana Angelica Barbosa.

Um escudo esquartelado; no primeiro e quarto quarteis as armas dos Pereiras, no segundo as dos Bacellares, e no terceiro as dos Castros. — Br. p. a 20 de março de 1801. Reg. no Cart. da N., liv. vi, fl. 166.

(C. C.)

1918. Manuel Joaquim Lobo de Moraes Sarmento, proprietario dos officios de almoxarife, e juiz dos direitos reaes do reguengo real da cidade de Beja, escrivão da Camara da mesma, e n'ella morador; filho do doutor Pedro Xavier Lobo Lisboa, proprietario do dito officio de almoxarife, e juiz dos direitos reaes do reguengo real da dita cidade, e de sua mulher D. Isabel Margarida de Moraes Sarmento; neto pela parte paterna de Manuel Rodrigues Lobo, que tambem foi proprietario do dito officio, e de sua mulher D. Joanna de Lemos; esta filha de Francisco de Mesa, e de sua mulher D. Leonor de Lemos, e elle filho de João Baptista Figueira Lobo, que teve a dita propriedade, e de sua mulher D. Francisca Gomes, bisavós d'elle supplicante; e pela parte materna se mostrava tambem ser neto de Miguel Pinheiro da Silveira, moço da camara do senhor rei D. João v, e guarda-roupa do senhor infante D. Francisco, proprietario do officio de escrivão da Ca-

mara da cidade de Beja, e de sua mulher D. Luiza Eugenia Catharina de Mello e Moraes, elle filho de Fernando Pineiro da Silveira, moço da camara dos senhores reis D. João v e D. Pedro II, e de sua mulher D. Isabel de Caminha; e ella filha de Antonio de Moraes da Silva, cavalleiro fidalgo da casa real, professo na ordem de Christo, morador na cidade de Tanger, a quem se passou brazão de armas em 3 de janeiro de 1628, e de sua mulher D. Francisca do Rego; neto paterno de Antonio de Moraes, e de sua mulher D. Maria da Silva, elle filho de Henrique de Moraes, e de sua mulher Catharina de Moraes, filha de Gonçalo de Moraes, e de sua mulher D. Briolanja de Sousa, filha de João de Sousa, alcaide-mór de Bragança; e ella filha de Manuel da Silva Barrocas, parente de Francisco da Silva, senhor da villa da Chamusca, e de sua mulher D. Leonor de Castro, filha de Gonçalo Vaz de Castro, alcaide-mór de Melgaço; e pela materna o dito Antonio Moraes da Silva neto de João de Moraes o velho, e de sua mulher D. Francisca do Rego; bisneto de Ruy de Moraes, irmão de Affonso Pimentel, primeiro conde de Benavente.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Lobos, no segundo as dos Lemos, no terceiro as dos Silveiras, e no quarto as dos Moraes. — Br. p. a 15 de março de 1784. Reg. no Cart. da N., liv. III, fl. 121.

(C. C.)

1919. MANUEL JOAQUIM LOPES PEREIRA NEGRÃO (Bacharel), juiz de fora da villa de Loulé, reino do Algarve; natural de Azurara, termo da cidade do Porto; filho do doutor José João da Cruz Lopes Pereira Negrão, cavalleiro professo na ordem de Christo, e de sua mulher D. Maria Josepha Guiomar do Nascimento Pereira; neto pela parte paterna do capitão João da Cruz Neves Negrão, tambem cavalleiro professo na ordem de Christo, e de sua mulher D. Maria Pereira Negrão; e pela materna do capitão de mar e guerra Martins dos Santos Pereira, e de sua mulher D. Antonia Maria do Nascimento Pereira.

Um escudo esquartelado; no primeiro e quarto quarteis as armas dos Negrões, no segundo as dos Lopes, e no terceiro as dos Pereiras. — Br. p. 12 de fevereiro de 1778. Reg. no Cart. da N., liv. II, fl. 145 v.

(C. C.)

1920. MANUEL JOAQUIM SOARES, natural da cidade do Porto, filho de Joaquim José Soares, e de D. Maria Margarida da Purificação e Silva; neto paterno de José Soares, e de sua mulher D. Maria Soares; e materno de Antonio José da Silva, e de sua mulher D. Maria Thereza do Rosario.

Um escudo partido em pala; na primeira as armas dos Soares, e na segunda as dos Silvas. — Br. p. a 29 de novembro de 1819. Reg. no Cart. da N., liv. VIII, fl. 48 v.

(C. C.)

1921. MANUEL JOAQUIM TAVARES PAES DE SOUSA E ANDRADE, natural da cidade de Tavira, reino do Algarve; filho de Pedro Manuel Tavares Paes de Sousa, e de sua mulher D. Catharina Placida de Mendonça Lacerda; neto paterno do doutor Manuel Duarte Tavares, e de D. Maria Thereza de Aragão; e materno de Lourenço de Mendonça do Valle, e de D. Isabel Francisca Xavier.

Um escudo com as armas dos Tavares. — Br. p. a 16 de janeiro de 1828. Reg. no Cart. da N., liv. VIII, fl. 214 v.

(C. C.)

1922. MANUEL JOSÉ ANTUNES RODRIGUES DA COSTA REIS, do logar de Nasse, freguezia de S. Gens de Calvos, concelho da Ribeira de Soas; filho de José Antunes, e de sua mulher D. Maria José Rodrigues da Costa Reis; neto pela parte materna de Gaspar Antunes da Costa Reis, e de sua mulher D. Joanna Rodrigues; bisneto de Francisco Antunes Reis, e de sua mulher D. Maria Francisca da Costa; terceiro neto de Miguel Fran-

cisco da Costa, tão zeloso do real serviço que sendo juiz ordinario do dito concelho não consentiu que das casas da Camara se tirassem as armas reaes e se puzessem as do conde de Unhão como donatario do mesmo concelho, cuja acção lhe foi muito louvada, e de sua mulher D. Maria Francisca.

Um escudo esquartelado; no primeiro e quarto quarteis as armas dos Antunes, no segundo as dos Costas, e no terceiro as dos Rodrigues. — Br. p. a 8 de junho de 1789. Reg. no Cart. da N., liv. IV, fl. 116.

(C. C.)

1923. MANUEL JOSÉ DE CARVALHO PEREIRA DA SILVA COELHO, cavalleiro da ordem de Christo, natural e morador na sua quinta da Povoa, da freguezia da Carregosa, termo e comarca da villa da Feira; filho de Constantino de Carvalho Pereira, bacharel formado pela Universidade de Coimbra na faculdade de canones, e habilitado para os logares de letras, e de sua mulher D. Josepha Thereza de Jesus e Silva; neto pela parte paterna de Paschoal da Silva de Carvalho, e de sua mulher D. Susana Valente Pereira; e pela materna do capitão Manuel da Silva Grillo, e de sua mulher D. Isabel Gomes Coelho.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Carvalhos, no segundo as dos Pereiras, no terceiro as dos Silvas, e no quarto as dos Coelhos. — Br. p. a 13 de setembro de 1774. Reg. no Cart. da N., liv. II, fl. 32.

(C. C.)

1924. MANUEL JOSÉ DA CUNHA, cavalleiro fidalgo da casa real, natural do logar da Estrada, freguezia de Sant'Iago de Aldreu, arcebispado de Braga, e morador na cidade de Belem do Grão-Pará; filho de Manuel Gonçalves, e de Ventura Rodrigues; neto pela parte paterna de Francisco Gonçalves, e de Isabel Fernandes; neto pela parte materna de João Rodrigues, e de Maria Martins.

Um escudo partido em pala; na primeira as armas dos Gonçalves, e na segunda as dos Rodrigues. — Br. p. a 2 de maio de 1797. Reg. no Cart. da N., liv. V, fl. 189.

(C. C.)

1925. MANUEL JOSÉ DA CUNHA MOURÃO SOUTO-MAIOR, da freguezia de Sant'Iago dos Gagos, termo da villa de Celorico de Basto, comarca de Guimarães; filho de Martinho de Carvalho da Cunha, e de Esperança Luiza Rebello da Maia; neto pela parte paterna de Mathias da Cunha e Carvalho, e de sua mulher Theodosia da Cunha Souto-maior; bisneto de Francisco Carvalho, e de sua mulher Maria da Cunha; terceiro neto de Gaspar Carvalho, e de sua mulher Maria Gonçalves; quarto neto de Balthasar Carvalho, descendente legitimo de Fernando Carvalho da Cunha, fidalgo da casa real, tronco commum de todos os Carvalhos d'aquella comarca; e pela dita sua avó Theodosia da Cunha Souto-maior bisneto de Jeronymo da Cunha Souto-maior, e de sua mulher Marianna de Sousa; terceiro neto de Pedro da Cunha Souto-maior, alcaide-mór que foi da cidade de Braga.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Carvalhos, no segundo as dos Cunhas, no terceiro as dos Soutos-maiores, e no quarto as dos Mourões. — Br. p. a 8 de maio de 1770. Reg. no Cart. da N., liv. I, fl. 125.

(C. C.)

1926. MANUEL JOSÉ DA CUNHA MOURÃO SOUTO-MAIOR, da freguezia de Sant'Iago de Gagos, termo da villa de Celorico de Basto, comarca de Guimarães; filho de Martinho de Carvalho da Cunha, e de D. Esperança Luiza Rebello de Maia; neto pela parte paterna de Mathias da Cunha e Carvalho, e de sua mulher D. Theodosia da Cunha Souto-maior; bisneto de Francisco Carvalho, e de sua mulher D. Maria da Cunha; terceiro neto de Gaspar Carvalho, e de sua mulher D. Maria Gonçalves; quarto neto de Balthasar Carvalho, descendente de Fernando Carvalho da Cunha, fidalgo da casa real, tronco commum de to-

dos os Carvalhos d'aquella comarca; e pela dita sua avó D. Theodosia da Cunha Souto-maior se mostrava que é bisneto de Jeronymo da Cunha Souto-maior, e de sua mulher D. Marianna de Sousa; terceiro neto de Pedro da Cunha Souto-maior, alcaide-mór da cidade de Braga.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Carvalhos, no segundo as dos Cunhas, no terceiro as dos Souto-maiores, e no quarto as dos Mourões.—Br. a 29 de março de 1790. Reg. no Cart. da N., liv. IV, fl. 152.

(C. C.)

1927. MANUEL JOSÉ FERREIRA, cavalleiro professo na ordem de Christo, e natural da cidade do Porto; filho de Manuel Vaz Camello, cavalleiro professo da ordem de Christo, e sargento-mór de infanteria, e de sua mulher D. Maria Rosa Angelica Camello de Lemos; neto paterno de Manuel Vaz Ferreira Camello, capitão de infanteria, e de sua mulher D. Maria Ferreira Camello; e materno de Luiz Gomes Ferreira, capitão de infanteria, e de sua mulher D. Anna Maria Thereza.

Um escudo partido em pala; na primeira as armas dos Ferreiras, e na segunda as dos Camellos.—Br. p. a 4 de novembro de 1803. Reg. no Cart. da N., liv. VII, fl. 44 v.

(C. C.)

1928. MANUEL JOSÉ DA FONSECA BARATA, fidalgo cavalleiro da casa real, professo na ordem de Christo, morador na quinta de Nossa Senhora da Memoria de Padrões, termo da villa de Alvares, comarca de Thomar; filho de Manuel da Fonseca Barata, e de sua mulher D. Rufina Henriques da Fonseca; neto pela parte paterna de Manuel da Fonseca, e de sua mulher D. Maria Barata; e pela materna neto de João Barata, e de sua mulher D. Rufina Henriques da Fonseca; e elle supplicante sobrinho de Luiz Barata de Lima, que foi n'esta corte do conselho geral do Santo Officio, e secretario do estado do serenissimo Infantado no serviço do fidelissimo senhor rei D. Pedro III.

Um escudo esquartelado; no primeiro e quarto quarteis as armas dos Fonsecas, no segundo as dos Baratas, e no terceiro a dos Henriques.—Br. p. a 18 de fevereiro de 1787. Reg. no Cart. da N., liv. III, fl. 258.

(C. C.)

1929. MANUEL JOSÉ DE GOUVEA, capitão de cavallaria auxiliar de um dos regimentos da cidade de Pernambuco, e natural da ilha de S. Miguel; filho de Manuel da Costa Cruz, e de sua mulher D. Josepha dos Santos Feijó; neto pela parte paterna de Manuel José Feijó, morgado do logar do Rabo do Peixe, na ilha de S. Miguel, e de sua mulher D. Maria de Gouvea e Medeiros; bisneto de Mattheus de Gouvea Feijó, e de D. Ursula Helena de Medeiros.

Um escudo esquartelado; no primeiro e quarto quarteis as armas dos Feijós, no segundo as dos Gouveas, e no terceiro as dos Medeiros.—Br. p. a 20 de agosto de 1796. Reg. no Cart. da N., liv. V, fl. 138.

(C. C.)

1930. MANUEL JOSÉ MACHADO TEIXEIRA LEITE PEREIRA DE SOUSA LOBO, filho de Luiz Teixeira Lousada, e de sua mulher D. Maria Leite Pereira, senhores da quinta da Granja; neto pela parte paterna de Simão Lousada, e de sua mulher D. Isabel Teixeira, senhores da quinta do Valle; bisneto de Antonio Francisco, e de sua mulher D. Anna Teixeira, senhores da dita quinta do Valle; neto pela parte materna de Manuel Leite Pereira Machado, e de sua mulher D. Monica Ferreira Teixeira, senhores da referida quinta da Granja e da de Morouços; bisneto de André Leite Pereira, e de sua mulher D. Anna Carvalho.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Teixeiras, no segundo as dos Leites, no terceiro as dos Pereiras, e no quarto as dos Machados. — Br. p. a 15 de julho de 1791. Reg. no Cart. da N., liv. IV, fl. 222.

(C. C.)

1931. MANUEL JOSÉ MACHADO TEIXEIRA LEITE PEREIRA DE SOUSA LOBO, morador na sua quinta da Granja, freguezia de Santo André de Villa-nune, concelho de Cabeceiras de Basto, comarca de Guimarães; filho de Luiz Teixeira Lousada, e de sua mulher Maria Leite Pereira Soares, senhores que foram da mesma quinta da Granja; neto pela parte paterna de Simão Lousada, e de sua mulher Isabel Teixeira, senhores da quinta do Valle; bisneto de Antonio Francisco, e de sua mulher Anna Teixeira, senhores da dita quinta do Valle; neto pela parte materna de Manuel Leite Pereira Machado, e de sua mulher Monica Ferreira Teixeira, senhores que foram da referida quinta da Granja e da de Mourossa; bisneto de André Leite Pereira, e de sua mulher Anna Carvalho, senhores e moradores que foram na sua quinta de Mourossas; terceiro neto de Gaspar Leite Pereira, e de sua mulher Paula Machado; quarto neto de João Leite Pereira, e de sua mulher Catharina Garcia de Campos; quinto neto de Affonso Leite Pereira; sexto neto de João Leite Pereira, fidalgo da casa real, e de sua mulher Violante Nunes de Meirelles, senhores da quinta de Santo Antonio e do couto de Badim; sendo a terceira avó do supplicante Paula Machado filha de Pedro Machado de Sousa Brandão, e de sua mulher Senhorinha Pinheiro, senhores que foram da quinta da Granja; o qual Pedro Machado era filho de Manuel Machado Brandão, e de sua mulher Maria de Sousa Lobo, filha de João de Rhodes Lobo, fidalgo da casa real e capitão-mór do dito concelho; sendo egualmente o referido Manuel Machado Brandão filho de outro Pedro Machado, e de sua mulher Catharina Rebello Brandão, neto de Antonio Machado, e bisneto de Pedro Machado, fidalgo da casa real, e senhor de Entre-Homem e Cavado, todos senhores da mencionada quinta da Granja, e descendentes legitimos de Machados, Teixeiras, Leites, e Lobos, que n'este reino são fidalgos de linhagem, cota de armas e de solar conhecido, e como taes se tractaram com cavallos, criados e toda a mais ostentação propria da nobreza.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Machados, no segundo as dos Teixeiras, no terceiro as dos Leites, e no quarto as dos Lobos. — Br. p. a 13 de janeiro de 1796. Reg. no Cart. da N., liv. V, fl. 109.

(C. C.)

1932. MANUEL JOSÉ MARIA DA COSTA E SÁ, do real conselho, commendador da ordem de Christo, cavalleiro da ordem de Nossa Senhora da Conceição de Villa-viçosa, fidalgo da casa real, official-maior da Secretaria de Estado dos negocios da marinha, deputado da real Junta do commercio, e secretario da Academia real das sciencias de Lisboa; filho de Joaquim José da Costa e Sá, fidalgo da casa real, e de sua mulher D. Anna Maria do Nascimento Rosa de Oliveira Villas-boas; neto paterno de Santos da Costa, e de sua mulher D. Maria Leocadia; e materno de Joaquim de Oliveira, tenente coronel do real corpo de engenheiros, e de sua mulher D. Maria Wengarden.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Costas, no segundo as dos Sás, no terceiro as dos Oliveiras, e no quarto as dos Villas-boas. — Br. p. a 5 de fevereiro de 1833. Reg. no Cart. da N., liv. VIII, fl. 266.

(C. C.)

1933. MANUEL JOSÉ MONTEIRO DE MORAES OLIVAL ANDRADE TELLES, natural da freguezia da villa de Sortelha, bispado da Guarda; filho de Antonio José Rebello de Olival, e de sua mulher D. Jacinta Maria de Pina e Aragão; neto pela parte paterna de Manuel de Moraes Telles, e de sua mulher Josepha de Araujo Botelho; neto pela parte materna de Manuel Martins Tinoco, e de sua mulher D. Isabel Monteiro; sendo o mesmo

supplicante irmão de Luiz José Monteiro Olival e Andrade Telles, a quem se passou brazão de armas a 16 de agosto de 1788.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Olivaes, no segundo as dos Telles, no terceiro as dos Andrades, e no quarto as dos Monteiros. — Br. p. a 15 de julho de 1795. Reg. no Cart. da N., liv. v, fl. 70.

(C. C.)

1934. MANUEL JOSÉ DE MORAES CORREA, coronel do regimento de milicias de Ourique, filho de Gaspar de Moraes Correa, sargento-mór das ordenanças da villa de Cuba, e correio-mór da cidade de Beja, e de sua mulher D. Maria Thomazia Rosa do Monte-alfar Coutinho; neto paterno de Bento de Moraes Correa, e de sua mulher Maria de Santo Antonio; e materno de João Godinho Ferro, ajudante do regimento de milicias de Beja, e de sua mulher Antonia Josepha do Sacramento.

Um escudo partido em pala; na primeira as armas dos Moraes, na segunda as dos Correas. — Br. p. a 29 de agosto de 1814. Reg. no Cart. N., liv. vii, fl. 302 v.

(C. C.)

1935. MANUEL JOSÉ DE OLIVEIRA, barão de Barcellinhos, filho de Manuel José de Oliveira, e de sua mulher D. Francisca Thereza Ribeiro e Oliveira; neto paterno de Luiz de Oliveira, e de sua mulher D. Thereza de Oliveira; e materno de José Francisco Ribeiro, e de sua mulher D. Maria da Alegria Ribeiro.

Um escudo partido em pala; na primeira as armas dos Oliveiras, e na segunda as dos Ribeiros. — Br. p. a 19 de dezembro de 1841. Reg. no Cart. da N., liv. viii, fl. 298.

(C. C.)

1936. MANUEL JOSÉ PEREIRA, natural da cidade do Porto, cavalleiro da ordem de Christo; filho de José Pereira da Cruz, sargento-mór da comarca de Rezende, e de sua mulher D. Thereza Maria; neto paterno de Domingos Pereira Dias, e de sua mulher D. Maria da Cruz; neto materno de Manuel Alvares, e de sua mulher D. Garcia de Santo Antonio.

As armas dos Pereiras. — Br. p. a 29 de dezembro de 1753. Reg. no Cart. da N., liv. particular, fl. 66 v.

(C. C.)

1937. MANUEL JOSÉ RIBEIRO, proprietario e negociante de grosso tracto, filho de José Francisco Ribeiro, proprietario, e de sua mulher D. Anna Maria Ribeiro; neto paterno de Antonio Francisco Ribeiro, negociante, e de sua mulher D. Maria Francisca Ribeiro, e materno de João Diniz, proprietario, e de sua mulher D. Anna Maria Diniz.

Um escudo com as armas dos Ribeiros. — Br. p. a 11 de junho de 1852. Reg. no Cart. da N., liv. viii, fl. 356.

(C. C.)

1938. MANUEL JOSÉ RIBEIRO DE AGUIAR DA SILVA SANCHES, abbade de S. Christovão de Espanedo, natural da casa e quinta do Bairro, freguezia de Gallegos; filho de Manuel Teixeira Sanches Monteiro, e de sua mulher D. Rosa Maria Ribeiro de Aguiar; neto pela parte paterna de Manuel Teixeira Ribeiro, e de sua mulher D. Escolastica Bernarda da Silva Sanches Monteiro; bisneto de Manuel Sanches Monteiro, e de sua mulher D. Catharina da Silva; neto pela parte materna de Manuel Ribeiro de Aguiar, e de sua mulher D. Maria de Oliveira; bisneto de Christovão Ribeiro, e de sua mulher D. Maria de Aguiar; mostrando egualmente o mesmo supplicante ser descendente das illustres familias de Sanches de Castella, cuja familia tem a sua casa e solar n'este reino junto á Ponte da villa de Canavezes, como tambem das de Ribeiros, Silvas, Aguiares, sendo os chefes das

referidas familias fidalgos de linhagem, cota de armas, e de solar conhecido, e como taes se tractaram com cavallos, criados, e toda a mais ostentação propria da nobreza.

Um escudo ovado e esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Sanches, no segundo as dos Ribeiros, no terceiro as dos Silvas, e no quarto as dos Aguiares.—Br. p. a 23 de fevereiro de 1796. Reg. no Cart. da N., liv. v, fl. 117.

(C. C.)

1939. Manuel José da Rocha Cardoso e Macedo, natural de Castedo, termo da villa de Alijó, comarca de Villa-real; filho do capitão Antonio de Macedo Romão; neto de João de Macedo, e neto materno do capitão Francisco da Rocha Cardoso.

As armas dos Macedos, Rochas, e Cardosos.—Br. p. a 20 de fevereiro de 1757. Reg. no Cart. da N., liv. particular, fl. 104 v.

(C. C.)

1940. Manuel José de Sá Pereira de Mello Leitão (Capitão), morador na sua quinta do Pinheiro da villa da Bemposta, comarca da cidade de Aveiro; filho do capitão-mór da dita villa João Pereira de Mello Leitão, e de sua mulher D. Maria Caetana de Sá Pereira de Mello; neto pela parte paterna de Manuel Leitão Coelho, e de sua mulher Isabel Vaz; bisneto do doutor Francisco Pereira de Mello, e de sua mulher D. Helena do Amaral; terceiro neto de Francisco Pereira de Mello, filho de Francisco de Mello Pereira Tavares, e de sua mulher D. Guiomar de Mello Pereira, irmã de Jeronymo Pereira e Sá, presidente do Desembargo do paço, de D. Simão de Sá Pereira, bispo que foi de Lamego, e depois do Porto, e de Mattheus Pereira de Sá, inquisidor da Inquisição de Coimbra, filhos todos de Ruy de Sá Pereira, de Coimbra; e pela parte materna neto do doutor Manuel Valente de Oliveira, e de sua mulher D. Luiza Josepha Tavares de Mello, filha de Ignacio Tavares Valente, e de sua mulher D. Maria Pereira de Mello, filha do capitão Raphael Valente Pereira, que era terceiro neto por outra linha do referido Ruy de Sá Pereira de Coimbra; bisneto do alferes Custodio Valente, filho de Simão de Almeida, e de sua mulher Maria da Costa, que era quinta neta de João Alvares Pereira, senhor da Feira e das terras de Santa Maria, progenitor tambem dos condes da Feira.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Sás, no segundo as dos Pereiras, no terceiro as dos Mellos, e no quarto as dos Leitões.—Br. p. a 12 de setembro de 1776. Reg. no Cart. da N., liv. ii, fl. 112.

(C. C.)

1941. Manuel José Salgado de Araujo, natural, e morador na villa de Palmella, filho de Bartholomeu José Salgado de Araujo, e de D. Maria Magdalena Rosa; neto pela parte paterna de D. Francisco Salgado de Araujo, professo na ordem de Christo, e de D. Thereza Josepha Miranda; bisneto de D. Feliciano Salgado, sargento-mór que foi de batalha n'este reino, e de sua mulher D. Luiza Serrano Bravo; terceiro neto de Roque Salgado, e de D. Catharina de Bacellar, e quarto neto de Fernando de Santa Vaya, e de sua mulher Beatriz Salgado.

Um escudo partido em pala; na primeira as armas dos Salgados, e na segunda as dos Araujos. — Br. p. a 9 de agosto de 1781. Reg. no Cart. da N., liv. iii, fl. 19 v.

(C. C.)

1942. Manuel José Soares de Lobão (Bacharel), filho de João Soares de Lobão, e de sua mulher Clara Luiza Martins Fajardo; neto por parte paterna do alferes Manuel Soares de Lobão, e de sua mulher Bernarda Fernandes da Guerra; neto por parte materna de José Luiz, e de sua mulher Maria Martins Fajardo.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Soares, no segundo as

dos Lobões, no terceiro as dos Martins, e no quarto as dos Fajardos. — Br. p. a 20 de março de 1797. Reg. no Cart. da N., liv. v, fl. 197.

(C. C.)

1943. Manuel José Teixeira da Rocha e Rosa, do logar do Vão da Ermida, concelho de Santa Martha de Penaguião, comarca de Villa-real; filho de André Teixeira da Rosa, e de sua mulher D. Isabel Teixeira de Azevedo; neto paterno de Manuel Moreira da Rosa, e de D. Luzia Teixeira da Rocha, filha de Francisco Teixeira da Rocha; segundo neto de D. Joanna Affonso; terceiro neto de Bernardo Affonso; quarto neto de Fernando Affonso.

Um escudo com as armas dos Affonsos. — Br. p. a 26 de março de 1816. Reg. no Cart. da N., liv. vii, fl. 341 v.

(C. C.)

1944. Manuel Leitão da Cunha Taborda e Cruz, natural e morador na villa de Castello-novo, comarca de Castello-branco; filho de Manuel Leitão da Cunha, e de D. Maria de Beja Taborda e Cruz; neto pela parte paterna de Francisco Cordeiro Leitão da Cunha e Vasconcellos, e de D. Maria Leitão da Cunha, esta filha de Manuel Leitão, e de D. Brites Domingues, e neta de Fernando Leitão; bisneto o supplicante pela sua varonia do doutor Sebastião Leitão da Cunha e Vasconcellos, provedor que foi de Vianna, e de D. Maria Fernandes; terceiro neto de Pedro Leitão, e de D. Filippa de Cea; quarto neto de Martim Leitão, filho de Pedro Leitão que serviu em Africa no reinado do senhor rei D. João ii, e foi commendador de S. Vicente da Beira, o qual era filho de Gonçalo Affonso Leitão, e neto de Affonso Vaz Leitão; e pela parte materna é o supplicante neto de João Rodrigues Taborda, e de D. Maria de Beja; bisneto de outro João Rodrigues Taborda, e de D. Marianna da Cruz, filha de Pedro Fernandes da Cruz, cavalleiro da ordem de Christo, capitão-mór das villas de Castello-novo e Alpedrinha.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Leitões, no segundo as dos Cunhas, no terceiro as dos Tabordas, e no quarto as dos Bejas. — Br. p. a 29 de abril de 1780. Reg. no Cart. da N., liv. ii, fl. 239 v.

(C. C.)

1945. Manuel Leite de Sousa, capitão de infanteria auxiliar da cidade do Grão-Pará, filho de José Leite de Sousa Pacheco, e de sua mulher D. Joanna Thereza de Macedo, da villa de Torres-novas: neto pela parte paterna de Antonio de Oliveira e Silva, e de D. Maria Leite Cesar; e pela materna de José de Araujo Velho, e de sua mulher Clara Correa, da villa de Santarem.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Silvas, no segundo as dos Leites, no terceiro as dos Araujos, e no quarto as dos Velhos. — Br. p. a 27 de setembro de 1786. Reg. no Cart. da N., liv. iii, fl. 237 v.

(C. C.)

1946. Manuel Lopes Caetano Cortes Serra, capitão-mór das villas da Louzã, Serpins e couto de Semide; filho de Thomé Lopes Serra, e de sua mulher Thereza Cortes de Jesus; neto pela parte paterna de Luiz Simões da Serra, e de sua mulher Maria Lopes, e elle sobrinho de Balthasar Simões, pae de Manuel da Serra, tenente general que foi n'esta corte, e avô de José da Serra, governador do Grão-Pará e Maranhão; e pela materna neto de Manuel Cortes de Macedo, e de Maria Antonia; bisneto de Manuel Gonçalves.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Limas, no segundo as dos Serras, no terceiro as dos Gonçalves, e no quarto as dos Cortes. — Br. p. a 14 de dezembro de 1771. Reg. no Cart. da N., liv. i, fl. 164.

(C. C.)

1947. MANUEL LOPES CIDE, capitão-mór da villa de Assumar, comarca de Portalegre; filho do capitão-mór Gregorio Martins Broa Cide, e de sua mulher D. Angela Thereza de Almeida; neto paterno de Manuel Lopes Cide, e de D. Maria Alvares Broa; e materno de Manuel Dias Cegonha, e de D. Angela Mendes.

Um escudo com as armas dos Cides.—Br. p. a 3 de agosto de 1804. Reg. no Cart. da N., liv. VII, fl. 81.

(C. C.)

1948. MANUEL LOPES DE FIGUEIREDO, natural da villa de Soitosa, comarca de Lamego, cavalleiro professo na ordem de Christo e desembargador da Relação e Casa do Porto; filho de Bernardo Lopes de Figueiredo, e de sua mulher D. Maria da Assumpção; neto paterno de Domingos Lopes de Figueiredo, e de sua mulher D. Anna Gomes; e materno de Manuel Gomes, e de sua mulher D. Thereza Maria.

Um escudo e n'elle as armas dos Figueiredos.—Br. p. a 5 de agosto de 1822. Reg. no Cart. da N., liv. VIII, fl. 93 v.

(C. C.)

1949. MANUEL LOPES MORGADO, capitão que foi de infanteria auxiliar, e depois sargento-mór das ordenanças das villas de Certã e Pedrogão, com exercicio de capitão-mór, natural e morador no logar do Tojal, termo da villa de Certã, priorado do Crato; filho de Manuel Lopes Morgado, e de sua mulher Ignez da Matta; neto pela parte paterna de Manuel Fernandes, e de sua mulher Maria Lopes, morgada da Ameixieira, filha de Francisco Fernandes, e de sua mulher Francisca Lopes, morgada da Ameixieira; e pela parte materna neto de Domingos Lopes, e de sua mulher Anna da Matta.

Um escudo partido em pala; na primeira as armas dos Lopes, na segunda as dos Mattas.—Br. p. a 29 de agosto de 1785. Reg. no Cart. da N., liv. III, fl. 204.

(C. C.)

1950. MANUEL LOURENÇO MENDES, cavalleiro professo na ordem de Christo, familiar do Santo Officio, thesoureiro geral das fortificações da cidade do Porto, e d'ella natural; filho de Antonio Lourenço Mendes, e de sua mulher D. Maria Thereza da Silva; neto pela parte paterna de Francisco Fernandes Mendes, e de sua mulher D. Barbara da Conceição; e pela materna de Manuel da Silva Fernandes, e de sua mulher D. Luiza Tavares da Silva.

Um escudo partido em pala; na primeira as armas dos Mendes, e na segunda as dos Silvas.—Br. p. a 5 de agosto de 1785. Reg. no Cart. da N., liv. III, fl. 202 v.

(C. C.)

1951. MANUEL LOURENÇO OLHUDO BACALHÃO, natural da villa de Tancos, filho de Manuel Vicente Gameiro, e de sua mulher Anna Maria do Sacramento; neto paterno de Manuel Fernandes Franco, e de sua mulher Maria Vicente; neto materno de Manuel Dias Tavora, e de sua mulher Maria Vicente da Matta, irmã inteira do desembargador João Marques Bacalhão, filhos ambos de Francisco Lourenço Olhudo, e de sua mulher Catharina Vicente, elle filho de outro Francisco Lourenço Olhudo, e de sua mulher Maria Nunes, e ella filha de João da Matta, e de sua mulher Catharina Vicente.

As armas dos Francos, Tavoras, Mattas, e Dias.—Br. p. a 7 de outubro de 1752. Reg. no Cart. da N., liv. particular, fl. 44.

(C. C.)

1952. MANUEL LOURENÇO DE SÁ PEREIRA DE MELLO VALENTE (Doutor), cavalleiro da ordem de Christo e familiar do Santo Officio; filho legitimo do doutor Manuel Valente da Silveira, e de sua mulher D. Luiza Josepha Tavares de Mello, neta pela parte

paterna do alferes Custodio Valente, e de sua mulher Maria da Silveira de Biduido, bisneta de Simão de Almeida, e de sua mulher Maria da Costa, que era quinta neta por legitima descendencia de João Alvares Pereira, senhor da Feira e das terras de Santa Maria, progenitor tambem dos condes da Feira; e pela parte materna neto do capitão Ignacio Tavares Valente, e de sua mulher D. Maria Pereira de Mello, filha do capitão Raphael Valente Pereira, e de sua mulher Isabel Pereira; neta de Raphael Valente Camara, e de sua mulher D. Maria Pereira, que era filha de Francisco de Mello Pereira, e de sua mulher D. Antonia de Araujo Soares, filha de Francisco Gomes da Fonseca, e de sua mulher Maria de Araujo Soares; e o dito Francisco de Mello Pereira, que era filho de Francisco Pereira Tavares, e de sua mulher D. Guiomar de Mello, irmã de Jeronymo Pereira de Sá, presidente do Desembargo do paço, e de Simão de Sá Pereira, bispo que foi do Porto e de Lamego, e de Mattheus Pereira de Sá, inquisidor da Inquisição de Coimbra, filhos todos de Ruy de Sá Pereira, de Coimbra; bisneto do capitão João Tavares, e de sua mulher D. Bernarda Valente, filha do capitão Diogo Valente, e de sua mulher Leonor Tavares de Arouca.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Valentes, no segundo as dos Pereiras, no terceiro as dos Tavares, e no quarto as dos Sás.—Br. p. a 16 de abril de 1765. Reg. no Cart. da N., liv. I, fl. 26.

(C. C.)

1953. Manuel Luiz de Araujo Ayres Vaz Bravo, porta-estandarte do regimento de cavallaria de Miranda, filho de Antonio Lourenço de Araujo, e de sua mulher D. Guiomar Ayres, do dito logar; neto pela parte paterna de Domingos Lourenço Portella, e de D. Esperança de Araujo Rodrigues de Carvalho Ribeiro Vaz e Camara; e pela materna de Domingos Ayres Bravo, e de D. Maria Rodrigues Vaz, todos do dito logar de Alfolões.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Araujos, no segundo as dos Carvalhos, no terceiro as dos Vazes, e no quarto as dos Camaras.—Br. p. a 9 de maio de 1786. Reg. no Cart. da N., liv. III, fl. 222 v.

(C. C.)

1954. Manuel Luiz de Brito Lima Varella (Bacharel), natural de Villa-nova da Cerveira, concelho de Vianna, arcebispado de Braga, e morador na villa de S. João de Rei, comarca e minas do Rio das Mortes, capitania do Rio de Janeiro; filho de Manuel Furtado de Mendonça e Lima, cavalleiro fidalgo da casa real, professo na ordem de Christo, e de sua mulher D. Luiza Varella Pereira; neto pela parte paterna de João de Brito Lima, cavalleiro fidalgo da casa real, e de sua mulher D. Margarida Furtado de Mendonça; bisneto de Cosme Cação de Brito; terceiro neto de Francisco de Brito Cação, tambem cavalleiro fidalgo da casa real; e pela materna neto de Cypriano Alvares Varella, cavalleiro da ordem de Christo, fidalgo da casa real, governador que foi da praça de Villa-nova da Cerveira, e de sua mulher D. Leonor Pereira.

Um escudo partido em pala; na primeira as armas dos Britos, e na segunda as dos Limas.—Br. p. a 16 de agosto de 1772. Reg. no Cart. da N., liv. I, fl. 182.

(C. C.)

1955. Manuel Luiz de Carvalho da Cunha Pinto, filho do capitão Luiz Teixeira de Carvalho, e de sua mulher D. Vicencia Gertrudes Teixeira Alvares de Sousa Pinto de Carvalho; neto pela parte paterna de Gaspar dos Reis Teixeira de Macedo, e de sua mulher D. Antonia Teixeira de Carvalho da Cunha e Coutinho: bisneto de Gaspar Teixeira de Macedo, e de sua mulher D. Maria Gonçalves Teixeira; neto de Gonçalo Dias de Macedo, e de sua mulher D. Antonia Teixeira de Macedo; neto materno de Raphael Pinto de Mesquita e Sousa, e de sua mulher D. Luiza Teixeira Alvares de Carvalho e Cunha; bisneto de Pedro Alvares de Sousa Teixeira de Abreu, e de sua mulher D. Maria Pinto de Mes-

quita e Sousa, senhores da casa do Prado de cima, freguezia de S. Romão de Corvo; terceiro neto de Francisco Gonçalves de Sousa Teixeira de Abreu, e de sua mulher D. Catharina Gonçalves de Sousa Teixeira.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Teixeiras, no segundo as dos Carvalhos, no terceiro as dos Pintos, e no quarto as dos Mesquitas. — Br. p. a 6 de setembro de 1761. Reg. no Cart. da N., liv. IV, fl. 233.

(C. C.)

1956. MANUEL LUIZ FERREIRA, natural da cidade de Bragança, filho de Pedro Manuel Ferreira, e de sua mulher D. Marianna Thereza Cordeiro de Carvalho; neto paterno de Pedro Manuel Ferreira, e de sua mulher D. Barbara Nunes Leite; bisneto de Manuel Pires Salgado Ferreira, professo na ordem de Christo, e sargento-mór das ordenanças de Villa-nova de Foscoa, a quem se passou brazão de armas a 10 de setembro de 1697; neto materno de Antonio Cordeiro de Carvalho, e de sua mulher D. Jeronyma Vieira de Carvalho.

Um escudo partido em pala; na primeira as armas dos Ferreiras, e na segunda as dos Carvalhos. — Br. p. a 27 de outubro de 1805. Reg. no Cart. da N., liv. VII, fl. 99 v.

(C. C.)

1957. MANUEL LUIZ PEREIRA, formado pela Universidade de Coimbra na faculdade dos sagrados canones, capitão do districto de S. Miguel de Poiares; filho do alferes Antonio Luiz Pereira, e de sua mulher D. Maria Simões; neto pela parte paterna de João Luiz, e de sua mulher Luiza Pereira; e pela materna de Sebastião Simões, todos do logar da Povoa, que foram pessoas muito nobres, légitimos descendentes da familia do appellido de Pereiras, que n'este reino de Portugal são fidalgos de linhagem, cota de armas, e de solar conhecido.

Um escudo com as armas dos Pereiras. — Br. p. a 21 de julho de 1774. Reg. no Cart. da N., liv. II, fl. 24.

(C. C.)

1958. MANUEL LUIZ DA SILVA REGADAS, tenente de milicias da cidade do Rio de Janeiro, a quem Sua Magestade fez mercê do habito de Christo; natural da dita cidade; filho de Luiz da Silva Regadas, que serviu de escripturario do real Erario da dita cidade do Rio de Janeiro; neto de Manuel da Silva Gaya, e de sua mulher D. Martha da Silva Regadas.

Um escudo com as armas dos Silvas. — Br. p. a 15 de dezembro de 1802. Reg. no Cart. da N., liv. VII, fl. 20.

(C. C.)

1959. MANUEL LUIZ TAVARES COUTINHO RIBEIRO, filho de Antonio Luiz Tavares Ribeiro, e de sua mulher D. Thereza Maria; neto paterno de Antonio Luiz Tavares, e de sua mulher D. Maria Ribeiro; neto materno de Francisco Luiz Coutinho, e de sua mulher D. Domingas Antunes.

As armas dos Tavares, e Ribeiros. — Br. p. a 3 de fevereiro de 1755. Reg. no Cart. da N., liv. particular, fl. 84.

(C. C.)

1960. MANUEL MADEIRA CAMELLO DE VASCONCELLOS PASTANA (Doutor), cavalleiro da ordem de Christo, oppositor ás cadeiras da Universidade de Coimbra, natural da villa de Obidos; filho do capitão Antonio José Madeira, e de sua mulher D. Maria Theodora da Encarnação Camello Pastana de Vasconcellos; neto pela parte materna do doutor Thomaz Pereira Camello, e de sua mulher D. Euphrasia Theodora Pastana de Vasconcel-

los, filha de Agostinho Pastana de Vasconcellos, e neta de Luiz Pastana de Vasconcellos, ambos cavalleiros fidalgos da casa real; bisneto o supplicante de Francisco Camello Pereira, e de sua mulher D. Maria Caiada de Gamboa; terceiro neto de D. Marianna Camello, e de seu marido Jacinto do Rego; quarto neto de Luiz Camello, e de sua mulher D. Jacinta de Veiros; quinto neto de Filippe Camello, e de sua mulher D. Francisca da Encarnação Pereira; e finalmente sexto neto de Lopo Rodrigues Camello, escrivão da Camara do mestrado da ordem de Christo do senhor rei D. Sebastião, a quem fôra acceito pelos especiaes serviços que lhe fez, entre os quaes fôra muito memoravel o que, indo com o mesmo senhor em dia de S. Simão do anno de 1570 de Odemira para Coimbra, chegando a uma ribeira que ia muito caudalosa, e haviam de atravessar, elle se mettera n'ella a buscar sitio para o dito senhor a passar, e caindo em um pego em que estivera para se afogar, o mesmo senhor pedindo-lhe a mão, puxando-o por ella para fora, o livrára do perigo: e em attenção a este serviço lhe dera o mesmo caso por armas para elle e seus descendentes, como largamente se mostrava da copia authentica da carta d'esta mercê, que estava incorporada no requerimento.

Um escudo de verde, e n'elle uma ribeira da faxa de prata, saindo d'ella um braço vestido de azul, dando a mão a outro que sae do chefe vestido de brocado, e n'este uma letra de preto que diz — Rei —; na parte esquerda do chefe uma estrella de oiro de oito pontas; na direita do contra-chefe uma flor de liz do mesmo metal; timbre, um braço vestido de azul com a estrella do escudo, e entre os dois dedos mais altos. — Br. p. a 21 de março de 1773. Reg. no Cart. da N., liv. I, fl. 197.

(C. C.)

1961. Manuel da Maia, fidalgo da casa real.

Carta pela qual el-rei D. João III lhe concede o seguinte brazão de seus antecessores: — Escudo de campo vermelho com uma aguia de preto, com os pés e bico, e picada de oiro, estendida, e por differença uma flor de liz de oiro; elmo de prata aberto guarnecido de oiro, paquife de oiro e vermelho, e por timbre a mesma aguia; com todas as honras e privilegios de fidalgo por descender da geração e linhagem dos Maias. — Dada em Lisboa a 29 de abril de 1529. Reg. na Chanc. de D. João III, liv. XVII, fl. 79 v.

1962. Manuel da Maia Vieira, sargento-mór das ordenanças da villa de Ilhavo, comarca de Aveiro; filho de João da Maia Vieira, capitão das ordenanças da dita villa, e de sua mulher D. Agueda Maria Pinho; neto pela parte paterna de João da Maia Vieira, e de D. Maria André; e pela materna de Manuel Simões Mansos, capitão das ordenanças de S. Romão, termo da cidade de Aveiro, e de D. Francisca Pereira de Pinho.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Maias, no segundo as dos Vieiras, no terceiro as dos Pinhos, e no quarto as dos Pereiras. — Br. p. a 31 de março de 1785. Reg. no Cart. da N., liv. III, fl. 190 v.

(C. C.)

1963. Manuel Maria da Costa Leite, natural de Barcellos, cavalleiro da ordem de Nossa Senhora da Conceição de Villa-viçosa, cirurgião honorario da real camara, lente cathedratico da Escola medico-cirurgica da cidade do Porto; filho de Luiz José da Costa Leite, e de sua mulher D. Anna Emilia Teixeira Leite; neto paterno de José Luiz da Costa, e de sua mulher D. Margarida da Costa; e materno de José Teixeira Leite, e de sua mulher D. Josepha Luiza Leite.

Um escudo partido em pala; na primeira as armas dos Leites, e na segunda as dos Teixeiras. — Br. p. a 14 de setembro de 1857. Reg. no Cart. da N., liv. IX, fl. 19.

(C. C.)

1964. Manuel Maria da Fonseca Ferreira de Abreu Castel-branco, cavalleiro professo na ordem de Christo; filho de Manuel da Fonseca Ferreira, cavalleiro pro-

honras e privilegios de nobre fidalgo, pelos serviços que prestou nas guerras contra os infieis, tanto em tempo de el-rei D. Affonso e D. João, como actualmente, nas quaes ficou ferido por vezes. Dada em Evora a 8 de junho de 1520. (M. N.) — Reg. na Chanc. de D. Manuel, liv. XLIV, fl. 55, e liv. VI de Mist., fl. 171.

1975. MANUEL MENDES DE MORAES E CASTRO, negociante de grosso tracto da praça da cidade do Porto, e natural da dita cidade; filho de Luiz de Almeida de Moraes, negociante de grosso tracto da praça da cidade do Porto, e de sua mulher D. Brites Maria Felizarda de Castro; neto por parte paterna de Antonio de Almeida de Moraes, e de sua mulher D. Maria Nunes; neto por parte materna de Luiz de Miranda e Castro, administrador dos tabacos, e de sua mulher D. Marianna de Alvim; bisneto por parte paterna de Manuel Rodrigues de Moraes, e de sua mulher D. Anna de Moraes; bisneto por parte de sua mãe de Francisco Gabriel Ferreira de Castro, e de sua mulher D. Clara da Fonseca.

Um escudo partido em pala; na primeira as armas dos Moraes, e na segunda as dos Castros. — Br. p. a 28 de março de 1800. Reg. no Cart. da N., liv. VI, fl. 120 v.

(C. C.)

1976. MANUEL MENDES PEREIRA, morador na ilha da Madeira.

Carta pela qual el-rei D. João III lhe concede o seguinte brazão de armas dos seus antecessores: — Escudo de campo vermelho, com uma cruz de prata florida e vazia do primeiro, e por differença uma brica de oiro com um — M — de azul; elmo de prata aberto guarnecido de oiro, paquife de prata e vermelho, e por timbre duas azas de prata e uma cruz vermelha entre ellas; com todas as honras e privilegios de fidalgo, por descender por parte de sua mãe e avós da linhagem dos Pereiras. Dada em Lisboa a 18 de março de 1538. — Reg. na Chanc. de D. João III, liv. XLIV, fl. 40 v.

1977. MANUEL DE MESQUITA ALVES FERREIRA DE CARVALHO, da quinta da Portella, freguezia de Canedo, termo de villa de Basto, comarca de Guimarães; filho de Caetrno Ferreira de Mesquita, e de sua mulher D. Maria Carvalho; neto pela parte paterna de Miguel Ferreira Sobrinho de Mesquita, e de D. Catharina Francisca de Carvalho, da casa e quinta de S. Mamede da dita freguezia; bisneto de Melchior Alves Ferreira, e de sua mulher D. Marianna de Mesquita Sobrinho; terceiro neto de Miguel Sobrinho de Mesquita, e de sua mulher D. Joanna da Silva de Almeida; quarto neto de outro Miguel Sobrinho de Mesquita; e pela parte materna neto de Francisco Gonçalves, e de sua mulher D. Paula Carvalho; bisneto de outro Francisco Gonçalves, e de sua mulher D. Domingas Gonçalves de Bairro; terceiro neto de Domingos de Carvalho, e de D. Margarida Gonçalves.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Mesquitas, no segundo as dos Sobrinhos, no terceiro as dos Ferreiras, e no quarto as dos Carvalhos. — Br. p. a 12 de março de 1784. Reg. no Cart. da N., liv. III, fl. 120.

(C. C.)

1978. MANUEL MOGO DE MELLO CARRILHO, natural e morador na villa de Torres-novas; filho de João de Mello Carrilho, e de D. Maria Joaquina Josepha de Vasconcellos e Sousa; neto de Manuel Mogo de Mello, e de D. Ignez de Castanheda e Brito; bisneto de João de Mello Mogo, e de D. Isabel Froes; terceiro neto de Manuel Mogo de Mello, e de Maria Caldeira; quarto neto de Antão Mogo de Mello, e de Angela de Velasco; ao qual Antão Mogo de Mello se passara seu brazão das armas das referidas familias dos Mellos, e Carrilhos, no anno de 1560, que estava na sentença que apresentou.

As armas dos Mellos, e Carrilhos. — Br. p. a 10 de novembro de 1764. Reg. no Cart. da N., liv. particular, fl. 138.

(C. C.)

1979. MANUEL MOGO DE MELLO CARRILHO, filho de João de Mello Carrilho, e de D. Maria Joaquina Josepha de Vasconcellos e Sousa; neto de Manuel Mogo de Mello, e de D. Ignez de Castanheda e Brito; bisneto de João de Mello Mogo, e de D. Isabel Froes, terceiro neto de Manuel Mogo de Mello, e de Maria Caldeira; quarto neto de Antão Mogo de Mello, e de Angela de Velasco; ao qual Antão Mogo de Mello se passou brazão com as armas das referidas familias dos Mellos, e Carrilhos em 1560.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Mellos, no segundo as dos Carrilhos, e assim as contrarias.—Br. p. a 22 de junho de 1766. Reg. no Cart. da N., liv. I, fl. 31.

(C. C.)

1980. MANUEL MOREIRA ARANHA DE LEÃO BEÇA FREIRE E SILVA, do logar da Povoa, freguezia de Pedourido, concelho de Paiva, e ex-capitão do regimento de milicias da villa da Feira; filho de Manuel Moreira Aranha, e de sua mulher Maria Clara Moreira; neto paterno de Manuel de Moreira Aranha, e de sua mulher D. Anna da Silva; e materno de Domingos Moreira de Beça Freire, e de sua mulher D. Angelica Maria Clara Moreira; e o referido supplicante descende de Gaspar Gonçalves Moreira, e de D. Brites Duarte da Camara, o qual Gaspar Gonçalves Moreira era filho de Affonso Furtado, senhor de Medon, e de sua mulher D. Brites Gonçalves Vaderagude Baleveronce; descendendo egualmente por parte paterna de D. Ignez Aranha de Leão, neta de Cosme Aranha Chaves, escudeiro fidalgo, senhor da casa e morgado de Covillo; e por parte materna da casa do marquez d'Asturia.

Um escudo esquartelado; no primeiro e quarto quarteis as armas dos Moreiras, no segundo as dos Furtados, e no terceiro as dos Aranhas.—Br. p. a 12 de junho de 1827. Reg. no Cart. da N., liv. VIII, fl. 203 v.

(C. C.)

1981. MANUEL MOREIRA DIAS, filho de João Moreira, e de sua mulher Maria Ferreira; neto pela parte paterna de Estevão Moreira, e de sua mulher Maria de Sousa; bisneto de Catharina Moreira, irmã do desembargador da Relação e Casa do Porto Damião Moreira, parente muito chegado do doutor Roque Jacinto Moreira de Barbosa e Sousa, da cidade de Penafiel, de D. Jacinta Moreira da Silva, e de Manuel Eleutherio Monteiro Moreira, capitão de infanteria na cidade do Porto.

Um escudo com as armas dos Moreiras.—Br. p. a 11 de fevereiro de 1777. Reg. no Cart. da N., liv. II, fl. 141.

(C. C.)

1982. MANUEL DA MOTTA E SILVA, filho legitimo de Manuel da Silva, e de sua mulher Maria da Motta, morgado do Hospital, freguezia de S. Miguel do Prado concelho de Regalados, comarca de Vianna do Minho; neto pela parte paterna de João de Almeida Pereira, da casa e quinta da Landeira do couto de Moura, e de Anna da Silva; e pela materna neto de Antonio Rodrigues, e de Maria da Motta e Azevedo, da casa e morgado do Hospital; os quaes todos foram pessoas nobres, e se tractaram á lei da nobreza.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Mottas, no segundo as dos Azevedos, no terceiro as dos Almeidas, e no quarto as dos Pereiras.—Br. p. a 14 de julho de 1767. Reg. no Cart. da N., liv. I, fl. 51.

(C. C.)

1983. MANUEL DE MOURA, cavalleiro fidalgo da casa real e escrivão da camara real, filho de João de Moura e de Isabel de Sampaio; neto de Affonso Rodrigues de Sampaio; bisneto de Ruy Lopes de Sampaio, senhor que foi das villas de Anciães, de Villarinho, da Castanheira, das Lazuas e de Linhares, e foi do tronco d'esta geração.

Carta pela qual el-rei D. João III lhe concede o seguinte brazão de seus antecessores : — Escudo de campo esquartelado; o primeiro de oiro e uma aguia de purpura estendida com a lingua vermelha, o segundo enxequetado de oiro e preto, e uma bordadura de vermelho cheia de — SS — de prata, e por differença uma brica de prata; elmo de prata aberto guarnecido de oiro; paquife de oiro e purpura, e por timbre uma aguia; com todas as honras e privilegios de fidalgo por descender da geração e linhagem dos Sampaios. — Dada em Lisboa a 7 de julho de 1533. Reg. na Chanc. de D. João III, liv. XLVI, fl. 75.

1984. Manuel de Moura, familiar do Santo Officio, natural e morador no termo da villa de Monte-alegre, comarca de Bragança; filho de Manuel de Moura, e de sua mulher Maria Gonçalves; neto paterno de outro Manuel de Moura, e de sua mulher Maria Gonçalves; bisneto de Marcos de Moura, e de sua mulher Maria Alvares; neto materno de João Gonçalves, e de sua mulher Isabel Barroso.

As armas dos Mouras e Barrosos. — Br. p. a 3 de julho de 1758. Reg. no Cart. da N., liv. particular, fl. 117.

(C. C.)

1985. Manuel do Nascimento Costa, chefe de divisão da real armada, e intendencia geral da ilha Terceira, natural da villa de Setubal; filho de Francisco da Costa, e de D. Maria da Encarnação; neto pela parte paterna de João da Costa, e de D. Maria da Ascensão; neto pela parte materna de Manuel Antunes, e de D. Paschoa da Resurreição.

Um escudo com as armas dos Costas. — Br. p. a 8 de fevereiro de 1798. Reg. no Cart. da N., liv. VI, fl. 9 v.

(C. C.)

1986. Manuel Nazianzeno Sutil Franco da Silva e Sande, protonotario apostolico, graduado na sagrada theologia, prior da egreja matriz de Nossa Senhora do Sobral da villa de Borba, natural da villa de Assumar, comarca de Portalegre; filho do doutor João Franco da Silva, e de D. Maria Magdalena da Morgada Rocha; neto paterno de Manuel Sutil Franco da Silva e Sande, e de D. Maria Magdalena Vargas; e materno de José Dias Rocha, e de D. Isabel Vaz Rocha; bisneto paterno de Manuel Sutil Franco da Silva e Sande, e de Maria Galvão Pereira.

Um escudo ovado e partido em pala; na primeira as armas dos Francos, e na segunda as dos Silvas. — Br. p. a 29 de dezembro de 1802. Reg. no Cart. da N., liv. VII, fl. 25 v.

(C. C.)

1987. Manuel Nicolau Cardoso Homem de Abreu Magalhães, natural da cidade de Viseu, filho do capitão Francisco de Paula Cardoso Homem de Abreu, e de D. Maria Rita de Abreu Soares de Mello; neto paterno de Manuel de Almeida Cardoso, monteiro-mór do concelho de S. João de Areias, e de D. Rosa Maria de Abreu Pessoa, filha de João Pessoa de Abreu, e de D. Anna da Costa, esta da casa dos morgados de Marpicellos; bisneto de Manuel de Almeida Cardoso, escrivão da Camara da mesma cidade de Viseu, e de D. Antonia da Silva, esta da casa denominada dos Bispos; neto paterno de Nicolau de Mello Soares de Abreu, moço fidalgo da casa real, e capitão-mór do concelho de Tavares, e de D. Francisca Bernarda Antonia de Magalhães Coutinho, filha de Bernardo Caetano de Magalhães Coutinho da Motta, professo na ordem de Christo, senhor e administrador do morgado de Lamas, e de D. Catharina Bernarda Osorio da Cunha; bisneto de Lourenço de Mello Soares, moço fidalgo da casa real, senhor e administrador do morgado do Espirito Santo, e de D. Catharina de Castel-branco Figueiredo, herdeira da casa de Travanca.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Cardosos, no segundo

as dos Homens, no terceiro as dos Abreus, e no quarto as dos Magalhães. — Br. p. a 3 de julho de 1792. Reg. no Cart. da N., liv. IV, fl. 254 v.

(C. C.)

1988. Manuel Nunes Gaspar, sargento-mór das ordenanças da villa de Santarem, a quem Sua Magestade fez a mercê do habito da ordem de Christo, natural do logar do Pombal, freguezia de Santa Cruz; filho de José Nunes Rodrigues, e de sua mulher D. Maria de Jesus Freire; neto paterno de Bento de Azevedo, e de sua mulher D. Maria Duarte; e materno de Pedro Nunes Gaspar, e de sua mulher D. Joaquina Josepha Freire.

Um escudo com as armas dos Freires. — Br. p. a 12 de outubro de 1802. Reg. no Cart. da N., liv. VII, fl. 31.

(C. C.)

1989. Manuel Pacheco de Lima, contador e juiz da Alfandega da cidade de Angra na ilha Terceira; filho de José Alvares, e de Isabel Pacheca; neto de João Pacheco, e bisneto de Manuel Pacheco, os quaes todos foram fidalgos e do tronco d'esta geração.

Carta pela qual el-rei D. Sebastião lhe concede o seguinte brazão de seus antecessores: — Escudo de campo de oiro, e duas caldeiras de preto em pala, e tres faxas em cada uma d'ellas, e as azas veiradas e contraveiradas de oiro e vermelho, e em cada caldeira quatro cabeças de serpe de oiro, duas para fora e duas para dentro, nos cabos das azas com as linguas vermelhas, e por differença uma brica verde, e n'ella um — M — de prata; elmo de prata aberto guarnecido de oiro, paquife de oiro, vermelho e preto, e por timbre um pescoço de serpe de oiro com duas cabeças uma contra a outra batalhantes; com todas as honras de fidalgo por descender da geração dos Pachecos. — Dada em Lisboa a 24 de junho de 1563. Reg. na Chanc. de D. Sebastião, liv. III, fl. 168.

1990. Manuel Paes Ferreira (Doutor), presbytero do habito de S. Pedro, formado na faculdade dos sagrados canones, protonotario apostolico, juiz synodal, e advogado na cidade do Porto; filho de Antonio Paes, e de sua mulher Catharina Manuel; neto paterno de Thomé Roma Paes, e de sua mulher Maria Ferreira; bisneto de Francisco Paes, e de sua mulher Ignez Manuel.

As armas dos Paes, e Ferreiras. — Br. p. a 26 de maio de 1760. Reg. no Cart. da N., liv. particular fl. 128.

(C. C.)

1991. Manuel de Passos Dias, cavalleiro professo na ordem de Christo, thesoureiro geral da santa Egreja patriarchal de Lisboa; filho de Antonio de Passos Figueiroa, ajudante de infanteria na villa de Vianna de Lima, e de sua mulher Natalia Dias; netos paternos de Joanna de Passos de Figueiroa, e de seu marido Domingos Peres, filho de Domingos Peres; bisneto de Pedro Passos, irmão de Diogo de Passos de Avila, progenitor dos morgados de Agrelho e dos Lobatos de Sapegal; terceiros netos de Vasco de Passos, que passou de Galliza a Portugal, cavalleiro da ordem de Christo, e de sua mulher D. Grimaneca de Avila, filha de Pedro de Avila, da villa de Caminha; quartos netos de Gomes Ayres de Passos, senhor da casa, paço, castello e solar de Probem e do de Tenorio, reino de Galliza, dos quaes descendeu, até morrer no serviço dos reis catholicos, e de sua mulher e parenta D. Leonor Alvares de Barduviedo, filha de Antonio de Passos, e de sua mulher Aldonça Annes de Cabreira, senhora de Barduviedo; quintos netos de Diogo de Passos, senhor do dito castello, solar e passo de Probem, donzel ou moço fidalgo do rei D. João II de Castella, e de sua mulher D. Thereza Nunes de Gusmão, filha de João Nunes de Gusmão, e de sua mulher D. Maria de Castella; sextos netos de Jacome de Passos, senhor da dita casa e solar de Probem, que serviu ao dito rei no posto de mestre de campo nas guerras contra os mouros granadinos, e de sua mulher D. Velasquida Ayres

Maldonado, filha de Gomes Ayres da Ribeira, e de D. Constança de Barrantes; setimos netos de Gaspar de Passos, senhor da dita casa e solar no reinado de el-rei D. Pedro o *Crú*, a quem serviu contra seu irmão D. Henrique, e de sua mulher D. Sancha Tenorio de Godoi, filha de Cosme Tenorio de Godoi, senhor de Tenorio, junto a Ponte-vedra; oitavos netos de Antonio de Passos, senhor do dito castello e casa de Probem em Galliza, pelos annos de 1309 do reinado de el-rei D. Fernando IV, a quem serviu na tomada de Gibraltar, e de sua mulher D. Rufina Inigues de Parada, elle descendente de Alvaro de Passos, senhor da dita casa, castello e solar de Probem, chefe da familia d'este appellido de Passos.

As armas dos Passos de Probem, Dias, Figueiroas, Rochas e Avilas. — Br. p. a 4 de março de 1752. Reg. no Cart. da N., liv. particular, fl. 32.

(C. C.)

1992. Manuel Pedro de Menezes e Sousa Correa de Mello, natural e morador na cidade de Evora, filho de Francisco de Menezes e Sousa, e de D. Marianna Maria de Fontes Correa de Alfar; neto paterno de Sebastião da Costa e Sousa, cidadão da dita cidade, e de Maria de Menezes; neto materno de Francisco de Fontes Alfar e Mello, professo na ordem de Christo, avô materno de Francisco José Guedes de Fontes, cujo brazão fica registado n'este livro a fl. 28, e ambos por esta parte com a mesma ascendencia.

As armas dos Correas, Mellos, Menezes, Sousas, Fontes, Alfar, e Costas. — Br. p. a 28 de abril de 1752. Reg. no Cart. da N., liv. particular, fl. 35 v.

(C. C.)

1993. Manuel Pedro Nunes Ferreira (Capitão), morador na sua quinta chamada da Rainha, conjunta á villa de Torres-novas, filho do capitão Pedro Nunes Ferreira, e de sua mulher D. Marianna Josepha de Moura, e assim elle como os ditos seus paes e mais ascendentes foram pessoas muito nobres das familias dos appellidos de Ferreiras, Mouras e Silvas d'este reino.

Um escudo esquartelado; no primeiro e quarto quarteis as armas dos Ferreiras, no segundo as dos Mouras, e no terceiro as dos Silvas. — Br. p. a 31 de maio de 1787. Reg. no Cart. da N., liv. IV, fl. 9 v.

(C. C.)

1994. Manuel Pereira, filho de Pedro Alvares Pereira, neto de João de Chaves, bisneto de Pedro Alvares Pereira, os quaes todos foram fidalgos.

Carta pela qual el-rei D. João IV lhe concede o seguinte brazão de seus antecessores : — Escudo de campo sanguineo com uma cruz de prata floretada e aberta do campo, e por timbre dois cotos de azas de anjos de oiro, e entre ellas uma cruz sanguinea, como a das armas, e por differença um — P — de oiro; elmo de prata aberto guarnecido de oiro, e paquife dos metaes e cores das armas; com todas as honras e privilegios de fidalgo por descender da geração dos Pereiras. — Dada em Lisboa a 11 de agosto de 1641. Reg. na Chanc. de D. Filippe III, liv. II, fl. 239 v.

1995. Manuel Pereira Borges de Mesquita, do logar de Sergude, termo da villa de Santa Martha de Penaguião, comarca de Villa-real, sargento-mór das ordenanças da villa de Bertiandos; filho de Manuel Pereira Borges, cavalleiro professo na ordem de S. Tiago da Espada, e de sua mulher D. Engracia Maria Borges; neto paterno de Domingos Pereira Borges, e de sua mulher D. Paula de Oliveira; bisneto de André Borges de Mesquita, e de sua mulher D. Cecilia Pereira.

Um escudo com as armas dos Borges. — Br. p. a 20 de novembro de 1805. Reg. no Cart. da N., liv. VII, fl. 106.

(C. C.)

1996. Manuel Pereira Chaves de Moraes Campello e Castro, natural do logar das Caras dos Montes, freguezia e termo da villa de Chaves; filho do capitão de infanteria auxiliar Manuel Pereira Campello Barroso, e de sua mulher D. Joanna Maria de Moraes Leite Campello e Castro; neto pela parte paterna do alferes Antonio Affonso de Miranda, e de sua mulher D. Antonia Barroso de Negreiros, e pela materna do capitão Francisco Gonçalves Teixeira Chaves Carneiro, e de D. Maria de Moraes Leite Campello e Castro.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Pereiras, no segundo as dos Mirandas, no terceiro as dos Moraes, e no quarto as dos Castros. — Br. p. a 25 de junho de 1784. Reg. no Cart. da N., liv. III, fl. 141 v.

(C. C.)

1997. Manuel Pereira de Faria Peixoto, natural da villa de Setubal; filho de José Joaquim Peixoto da Silveira, cavalleiro professo na ordem de Christo, e capitão das ordenanças da dita villa, e de sua mulher D. Anna Isabel Pereira de Faria; neto por parte paterna de Francisco Xavier Peixoto da Silva, administrador do morgado que hoje administra o irmão do supplicante Sebastião Antonio de Faria Peixoto, e de sua mulher D. Thereza da Silveira da Frota, filha de João da Fonseca Cliz, capitão que foi dos exercitos de Sua Magestade Catholica Carlos III, e de sua mulher D. Francisca da Silveira da Frota; segundo neto de Manuel de Arouche Roubão, alferes que foi do regimento de infanteria de linha, n.º 7, e de sua mulher D. Francisca Peixoto da Silva, filha de Manuel Peixoto da Silva, e de sua mulher Catharina Diniz, irmã de Pedro Alves da Silva, instituidor do mencionado morgado; terceiro neto de Miguel da Silveira da Frota, capitão das ordenanças de Setubal, e de sua mulher Catharina de Arouche; neto por parte materna de Manuel Pereira de Faria, cavalleiro professo na ordem de Christo, e thesoureiro-mór do real Erario, e de sua mulher D. Francisca Antonia Margarida da Silveira Palmeiro, filha de Diogo José Palmeiro, capitão-mór da villa de Alhandra, e de sua mulher D. Maria Caetana da Silveira; segundo neto pelo mesmo lado materno de outro Manuel Pereira de Faria, capitão das ordenanças da villa de Barcellos, e da sua mulher D. Maria de Faria, sendo os referidos seus paes e avós pessoas nobres das familias de Peixotos, Silveiras, Pereiras, e Farias.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Peixotos, no segundo as dos Silveiras, no terceiro as dos Pereiras, e no quarto as dos Farias. — Br. p. a 8 de julho de 1818. Reg. no Cart. da N., liv. VIII, fl. 2 v.

(C. C.)

1998. Manuel Pereira da Silva, cavalleiro fidalgo da casa real, filho de Antonio Pereira da Silva, cavalleiro fidalgo da casa real, contador dos Contos do reino e casa, e de sua mulher e prima D. Marianna Thereza da Silva Cesar; neto paterno de João Pereira da Silva, cavalleiro fidalgo da casa real, e de sua prima e mulher D. Helena Maria Cesar; bisneto de Antonio Pereira da Silva, cavalleiro fidalgo da casa real, e escrivão proprietario da Almotaçaria n'esta cidade de Lisboa, e de sua mulher D. Lucrecia da Costa Côrte-real; neto materno de Manuel Pereira da Silva, cavalleiro fidalgo da casa real, escrivão proprietario n'esta cidade, irmão de João Pereira da Silva, seu avô paterno acima referido, e de sua mulher D. Thereza da Silva Cesar.

As armas dos Pereiras, e Silvas. — Br. p. a 17 de outubro de 1755. Reg. no Cart. da N., liv. particular, fl. 92 v.

(C. C.)

1999. Manuel Pimentel, cavalleiro da Espora, natural da cidade de Lisboa; filho de Henrique José Pimentel, e de sua mulher D. Genoveva Maria; neto de José Moniz Barreto Pimentel, e de D. Helena Rosa Maria; bisneto de Rodrigo Moniz da Silva Pimentel, capitão de mar e guerra, e cavalleiro da ordem de Christo.

Um escudo com as armas dos Pimenteis. — Br. p. a 10 de maio de 1814. Reg. no Cart. da N., liv. VII, fl. 291 v.

(C. C.)

2000. MANUEL PINTO, natural do Porto, filho de Ayres Pinto, fidalgo, morador em Miragaia do Porto, e neto de Fernão Pinto, morador na terra de Basto, fidalgo muito honrado e do tronco d'esta geração, e sobrinho de Gonçalo Vaz Pinto, do conselho de el-rei D. Affonso, e alcaide-mór de Chaves, que foi o morgado e chefe d'esta geração.

Carta pela qual el-rei D. João III lhe concede o seguinte brazão de seus antecessores : — Escudo de campo de prata com cinco crescentes vermelhos em aspa, e por differença um quatro-folio de azul picado de oiro; elmo de prata aberto guarnecido de oiro, paquife de prata e vermelho, e por timbre um leão pardo de prata com a lingua e unhas vermelhas, e um dos crescentes nas espadoas; com todas as honras e privilegios de fidalgo por descender da geração e linhagem dos Pintos. — Dada em Lisboa a 12 de dezembro de 1537. Reg. na Chanc. de el-rei D. João III, liv. XXIII, fl. 90.

2001. MANUEL PINTO DE ARAUJO CARDOSO DE MENDONÇA, filho de Vicente José de Araujo Meirelles e Almada, e de sua mulher D. Joaquina Cardoso Pinto de Mendonça; neto paterno do doutor Antonio José de Araujo, advogado da Relação da cidade do Porto, e de sua mulher D. Antonia Maria; e materno de Antonio Duarte Cardoso, capitão tenente da armada real, e de sua mulher D. Maria Cardoso.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Araujos, no segundo as dos Cardosos, no terceiro as dos Pintos, e no quarto as dos Mendonças.—Br. p. a 8 de abril de 1835. Reg. no Cart. da N., liv. VIII, fl. 275.

(C. C.)

2002. MANUEL PINTO DA CUNHA E SOUSA, cavalleiro professo na ordem de Christo, natural da freguezia de Nossa Senhora da Candelaria da cidade do Rio de Janeiro; filho de Manuel Pinto da Cunha, e de sua mulher Maria Thereza dos Santos e Sousa; neto pela parte paterna de Manuel Pinto, e de sua mulher Seraphina Fernandes da Cunha, e pela materna do capitão Antonio Pires dos Santos, e de Antonia de Sousa e Oliveira.

Um escudo esquartelado; no primeiro e quarto quarteis as armas dos Pintos, no segundo as dos Cunhas, e no terceiro as dos Sousas.—Br. p. a 30 de junho de 1774. Reg. no Cart. da N., liv. II, fl. 16 v.

(C. C.)

2003. MANUEL PINTO DE GOUVEA, capitão de infanteria da companhia regular das ilhas de Cabo-verde, e n'ellas morador, natural da praça de Almeida; filho de Antonio José de Gouvea, ajudante de infanteria do terço auxiliar da cidade de Pinhel, e de sua mulher D. Margarida Thereza Pinto; neto pela parte paterna de Manuel de Gouvea, tenente de infanteria paga do regimento de Almeida, e de sua mulher D. Francisca de Gouvea; neto pela parte materna de Manuel Pinto Ferreira, tenente que foi do dito regimento, e de sua mulher D. Catharina Pinto.

Um escudo esquartelado; no primeiro e quarto quarteis as armas dos Gouveas, no segundo as dos Pintos, no terceiro as dos Ferreiras. — Br. p. a 11 março de 1796. Reg. no Cart. da N., liv. V, fl. 120 v.

(C. C.)

2004. MANUEL PINTO MONTEIRO DE ALMEIDA, major graduado do regimento de milicias de Penafiel, filho de Manuel Pinto de Azevedo, e de Maria Monteiro de Almeida; neto paterno de Manuel de Azevedo e Mello, e de Catharina Maria; e materno de Domingos Monteiro de Almeida, e de Maria Josepha Madureira.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Azevedos, no segundo as dos Pintos, no terceiro as dos Monteiros, e no quarto as dos Almeidas.—Br. p. a 1 de abril de 1817. Reg. no Cart. da N., liv. vii, fl. 375.

(C. C.)

2005. Manuel Pinto Rebello Bandeira, morador na villa de Anciães, comarca e bispado de Coimbra; filho de Gonçalo Pinto Rebello Bandeira, e de sua mulher Isabel França; neto paterno de Antonio Pinto, e de sua mulher Maria Rebello Bandeira, a qual justificou no anno de 1684 ser descendente de Gonçalo Pires Bandeira, o primeiro d'este appellido e familia, por ser filha de outra Maria Rebello Bandeira, e esta neta do dito Gonçalo Pires Bandeira, a quem o senhor rei D. João ii fez fidalgo, e deu armas novas; neto materno de Antonio Francisco, e de sua mulher Maria França.

As armas dos Pintos, Rebellos, e Bandeiras.—Br. p. a 29 de maio de 1758. Reg. no Cart. da N., liv. particular, fl. 115.

(C. C.)

2006. Manuel Pinto Velloso, official da Vedoria e Contadoria geral da guerra da provincia de Traz-os-montes, e natural da villa de Chaves; filho de Antonio Coelho de Mello, commissario de mostras que foi na dita vedoria, e de sua mulher D. Maria Velloso Pinto; neto paterno de Domingos Coelho de Mello, e de sua mulher D. Isabel Gomes; neto materno de Francisco Alves Velloso, sargento-mór que foi de infanteria na dita praça de Chaves, e de sua mulher D. Antonia Pinto.

As armas dos Coelhos, Vellosos, Pintos, e Mellos.—Br. p. a 16 de outubro de 1758. Reg. no Cart. da N., liv. particular, fl. 118.

(C. C.)

2007. Manuel Polycarpo de Sousa da Guerra Quaresma, do real Desembargo, superintendente do Subsidio militar da decima e mais impostos do termo de Lisboa, cavalleiro professo na ordem de Christo e fidalgo cavalleiro da casa real; filho do desembargador Bernardo José de Sousa da Guerra, cavalleiro da ordem de Christo, do conselho do Sua Magestade e do da real Fazenda, e fidalgo cavalleiro da casa real, e de D. Delfina Barbara Quaresma da Fonseca e Costa; neto paterno de Manuel de Sousa, e de D. Rosa Maria Coelho da Guerra; e materno de Manuel Quaresma, e de D. Joanna Maria de S. Pedro da Fonseca e Costa.

Um escudo esquartelado; no primeiro e quarto quarteis as armas dos Sousas, no segundo as dos Guerras, e no terceiro as dos Quaresmas.—Br. p. a 20 de dezembro de 1815. Reg. no Cart. da N., liv. vii, fl. 334.

(C. C.)

2008. Manuel do Rego de Moraes, filho de Antonio de Moraes Rego, sargento-mór da comarca de Santarem, e official-maior da Secretaria da Guerra, e de sua mulher D. Antonia Maria Michaela de Mello; neto paterno de Manuel do Rego de Moraes, official-maior da dita Secretaria, e de sua mulher D. Bernardina do Espirito Santo; e materno do doutor João Coelho Pereira, advogado da Casa da Supplicação, e de sua mulher D. Maria Magdalena.

Um escudo partido em pala; na primeira as armas dos Moraes, e na segunda as dos Regos.—Br. p. a 30 de dezembro de 1803. Reg. no Cart. da N., liv. vii, fl. 57 v.

(C. C.)

2009. Manuel Ribeiro de Faria (Capitão), cavalleiro professo na ordem de Christo, natural da freguezia de Santa Eulalia de Barrosas, termo da villa de Guimarães; filho de Domingos Francisco Ribeiro, e de sua mulher Domingas Ribeiro de Faria; neto pela parte

paterna de Innocencio Ribeiro, e de sua mulher Maria Francisca; bisneto de Diogo Martins, e de sua mulher Maria Ribeiro, filha de Mathias de Lemos Ribeiro, morgado da sua casa de Oleiros, no concelho de Felgueiras; e pela materna neto de Domingos Ribeiro, e de sua mulher Maria de Faria, filha de Domingos Fernandes, e de sua mulher Catharina de Faria, que foi filha de Antonio Francisco de Faria, e de sua mulher Maria Alvares.

Um escudo partido em pala; na primeira as armas dos Ribeiros, e na segunda as dos Farias.—Br. p. a 10 de dezembro de 1776. Reg. no Cart. da N., liv. II, fl. 117 v.

(C. C.)

2010. Manuel Ribeiro Guimarães, negociante da praça de Londres, filho de Antonio Ribeiro Guimarães, e de D. Rosa Maria de Jesus; neto paterno de João Ribeiro Guimarães, e de sua mulher D. Maria Coelho.

Um escudo partido em pala; na primeira as armas dos Ribeiros, e na segunda as dos Guimarães.—Br. p. a 8 de julho de 1812. Reg. no Cart. da N., liv. VII, fl. 253.

(C. C.)

2011. Manuel da Rocha Brandão, sargento-mór da cavallaria auxiliar da comarca do Sabará, filho do capitão Francisco da Rocha Brandão, e de D. Maria da Silva de Figueiredo; neto pela parte paterna do capitão-mór Francisco Sanches Brandão, e de D. Maria da Rocha Vieira; e pela materna de Antonio José da Silva, e de D. Maria de Avila de Figueiredo, filha de outra do mesmo nome, prima do coronel Garcia de Avila de Figueiredo, senhor da illustre casa da Torre da cidade da Bahia; e o dito Antonio José da Silva, filho de D. Francisco Antonio, e de D. Maria da Silva, filha do conde de Aveiras, Luiz da da Silva Telles de Menezes.

Um escudo esquartelado; no primeiro e quarto quarteis as armas dos Brandões, no segundo as dos Silvas, e no terceiro as dos Avilas.—Br. p. a 13 de janeiro de 1775. Reg. no Cart. da N., liv. II, fl. 49 v.

(C. C.)

2012. Manuel Rodrigues Barreto, capitão de uma das companhias do distincto regimento dos Uteis da cidade da Bahia, e negociante da praça da mesma cidade; filho de Barnabé Rodrigues Lobarinhos, e de sua mulher D. Maria Anna de Sousa Barreto; neto pela parte paterna de Francisco Rodrigues Lobarinhos, e de sua mulher D. Benta Esteves Pereira; e pela materna neto de Barnabé Velloso Barreto, e de sua mulher D. Anna Maria de Sousa.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Sousas, no segundo as dos Rodrigues, no terceiro as dos Barretos, e no quarto as dos Pereiras.—Br. p. a 6 de outubro de 1795. Reg. no Cart. da N., liv. V, fl. 94 v.

(C. C.)

2013. Manuel Rodrigues de Freitas (Sargento-mór), cavalleiro da ordem de Christo, familiar do Santo Officio, commissario da Mesa da Consciencia, natural da freguezia de Santa Eulalia de Frementaes, e morador em Freixomil, termo da villa de Guimarães; filho de Antonio de Freitas, e de sua mulher Margarida Dias; neto paterno de Francisco Fernandes, e de sua mulher Magdalena de Freitas; neto materno de João Dias, e de sua mulher Anna Rodrigues.

As armas dos Freitas.—Br. p. a 5 de outubro de 1757. Reg. no Cart. da N., liv. particular, fl. 111.

(C. C.)

2014. Manuel Rodrigues Jordão (Capitão), natural da cidade de S. Paulo, filho do alferes Manuel Rodrigues Jordão, e de sua mulher D. Anna Euphrasia da Cunha; neto

paterno de Manuel Rodrigues Jordão, e de sua mulher D. Maria de Mendonça; e materno de Manuel José da Cunha, e de sua mulher D. Maria Lima de Camargo; bisneto paterno de Manuel Simões Jordão, e de sua mulher D. Antonia Rodrigues.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Rodrigues, no segundo as dos Mendonças, no terceiro as dos Cunhas, e no quarto as dos Limas. — Br. p. a 14 de maio de 1807. Reg. no Cart. da N., liv. VII, fl. 173.

(C. C.)

2015. **Manuel Rodrigues Pereira Lima** (Capitão), professo na ordem de Christo, natural da villa de Ponte de Lima, filho de Manuel Rodrigues Pereira, e de sua mulher D. Maria Luiza de Abreu e Lima; neto pela parte paterna de João Rodrigues de Lima, e de sua mulher D. Marianna Gomes; bisneto de Gaspar Rodrigues de Lima; e pela parte materna neto de Tristão Gomes de Abreu e Lima, moço fidalgo da casa real, e de sua mulher D. Catharina de Sousa Gomes; bisneto de João Gomes de Abreu e Lima, que teve o mesmo foro, e de sua mulher D. Marianna de Vasconcellos, senhores do paço de Refoyos de Lima; terceiro neto de Ruy Gomes de Abreu e Lima, com o mesmo foro e senhorio, filho de Antonio de Abreu e Lima, tambem com o mesmo foro, e de sua mulher D. Anna de Magalhães e Menezes, senhores do paço de Anquiam; neto de Diogo Gomes de Abreu e Lima, e de sua mulher D. Ignacia Pereira; e bisneto de João Gomes de Abreu, fidalgo da casa real, e de sua mulher D. Joanna de Mello, esta filha de D. Rodrigo de Mello e Lima, neta de D. Leonel de Lima, e de Filippa da Cunha e Mello, visconde de Villa-nova da Cerveira, e o dito João Gomes de Abreu, filho de Pedro Gomes de Abreu, senhor de Regalados, e de D. Aldonça de Sousa.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Pereiras, no segundo as dos Limas, no terceiro as dos Abreus, e no quarto as dos Mellos. — Br. p. a 21 de março de 1780. Reg. no Cart. da N., liv. II, fl. 233.

(C. C.)

2016. **Manuel Rodrigues da Silva**, sargento-mór do regimento da ordenança da cidade de S. Paulo da Assumpção de Loanda, governador das praças de Massangano e Angoche; filho legitimo do capitão Francisco Rodrigues da Silva, e de sua mulher D. Maria de Andrade; neto pela parte paterna de Francisco da Silva; os quaes todos seus ascendentes foram nobres, e se tractaram á lei da nobreza.

Um escudo com as armas dos Silvas. — Br. p. a 8 de abril de 1767. Reg. no Cart. da N., liv. I, fl. 48.

(C. C.)

2017. **Manuel Rodrigues Villarinho e Castro**, morador na freguezia de S. Salvador de Tangil, termo da villa de Valladares; filho de João Rodrigues Villarinho, e de sua mulher Antonia de Castro e Araujo; neto paterno de outro João Rodrigues Villarinho, e de sua mulher Isabel Rodrigues; neto materno de Antonio de Castro Araujo, e de sua mulher Francisca Gomes Bacellar; o qual Antonio de Castro Araujo foi irmão de Francisco Lobato de Araujo; filhos ambos de João Gomes de Araujo Bacellar, e de sua mulher Paula de Caldas Lobato, netos de João Gomes Besteiro, e de sua mulher Margarida Nunes de Azevedo, e de Gaspar Gomes Bacellar, e de sua mulher Melicia Borges de Sousa.

As armas dos Villarinhos, Araujos, Bacellares, e Lobatos.—Br. p. a 11 de maio de 1754. Reg. no Cart. da N., liv. particular, fl. 72 v.

(C. C.)

2018. **Manuel Sacoto**, morador em Tavilla, filho de João Sacoto; e neto de Paio Lourenço Sacoto, que foi fidalgo honrado e do tronco d'esta geração.

Carta pela qual el-rei D. João III lhe concede o seguinte brazão de seus antecessores : — Escudo de campo de oiro com cinco estrellas vermelhas de oito pernas, em cruz, e por differença uma flor de liz verde; elmo de prata aberto guarnecido de oiro, paquife de oiro e vermelho, e por timbre meia onça da sua cor, com uma estrella vermelha na espadoa; com todas as honras e privilegios de fidalgo por descender da geração e linhagem dos Sacotos.— Dada em Lisboa a 10 de outubro de 1537. Reg. na Chanc. de D. João III, liv. XXIII, fl. 74.

2019. **Manuel de Saldanha e Sousa**, capitão-mór da villa da Gollegã, e superintendente das caudelarias da serra de Villa-nova, de Torres-novas, natural da villa da Gollegã; filho de João de Saldanha, e de sua mulher D. Francisca de Sousa; neto pela parte paterna de Manuel Gonçalves, e de sua mulher D. Gregoria de Saldanha.

Um escudo, e n'elle as armas dos Saldanhas. — Br. p. a 2 de dezembro de 1795. Reg. no Cart. da N., liv. V, fl. 107.

(C. C.)

2020. **Manuel dos Santos Vaz Ribeiro**, filho de João Alvares Vaz Fernandes, e de D. Maria Ribeiro dos Santos; neto paterno de Manuel Alvares Vaz Fernandes, e de D. Luiza Vieira, e materno de Santos Ribeiro, e de D. Isabel Seixas Alvares.

Um escudo esquartelado; no primeiro e quarto quarteis as armas dos Vazes, no segundo as dos Fernandes, e no terceiro as dos Ribeiros.—Br. p. a 11 de outubro de 1807. Reg. no Cart. da N., liv. VII, fl. 217.

(C. C.)

2021. **Manuel Sardinha**, criado do duque de Bragança.

Carta pela qual el-rei D. João III lhe concede o seguinte brazão de seus antecessores : — Escudo de campo verde com uma banda ondada de prata e azul com cinco sardinhas da sua cór, e por differença meia brica de prata com um — F — preto; elmo de prata aberto guarnecido de oiro, paquife de prata e verde, e por timbre uma cabeça de balea com tres sardinhas na boca; com todas as honras e privilegios de fidalgo por descender da geração e linhagem dos Sardinhas. — Dada em Evora a 23 de janeiro de 1534. Reg. na Chanc. de D. João III, liv. XX, fl. 36 v.

2022. **Manuel de Seixas Moutinho**, do logar dos Cancellos, termo da villa de Ranhados, comarca de Villa-real, filho do capitão Manuel de Seixas Moutinho, e de sua mulher D. Thereza Maria de Vasconcellos; neto pela parte paterna de outro capitão Manuel de Seixas Moutinho; bisneto de outro do mesmo nome e com o mesmo posto; e pela parte materna neto de Damião Rebello de Vasconcellos; bisneto de Manuel de Andrade, e terceiro neto de Francisco Rebello de Vasconcellos, sargento-mór de Freixo de Numão.

Um escudo esquartelado; no primeiro e quarto quarteis as armas dos Seixas, no segundo as dos Moutinhos, e no terceiro as dos Vasconcellos. — Br. p. a 30 de abril de 1784. Reg. no Cart. da N., liv. III, fl. 130 v.

(C. C.)

2023. **Manuel de Seixas Pinto.**

Teve brazão de suas armas em 4 de dezembro de 1750.—V. seu irmão *Antonio de Seixas Pinto.*

2024. **Manuel da Silva Borges**, natural da cidade de Lisboa, filho de Antonio da Silva Borges, da ordem de Christo, e de sua mulher D. Joanna Senhoriuha de Oliveira, irmã inteira do doutor José Ferraz de Araujo, conego da Sé de Coimbra, a quem se passou brazão de suas armas no anno de 1720; neto paterno do capitão Francisco Ferraz de Araujo, e de sua mulher D. Apollonia; bisneto de Francisco Ferraz da Motta, e de sua mulher D. Maria de Araujo de Sousa e Castro; terceiro neto de Antonio de Castro de

Sousa, morador na sua quinta do Peso, termo de Melgaço, senhor de vassallos, com jurisdicção de justiças nas freguezias de Arenthia e Pedras-rubias, no reino de Galliza.

As armas dos Sousas, Ferrazes, Castros (de treze arruellas), e Araujos. — Br. p. a 12 de julho de 1758. Reg. no Cart. da N., liv. particular, fl. 117.

(C. C.)

2025. Manuel da Silva Coimbra de Carvalho (Desembargador), moço fidalgo, e cavalleiro da ordem de Christo; filho do desembargador da Supplicação Francisco da Silva Coimbra, fidalgo da casa real, cavalleiro professo na ordem de Christo e familiar do Santo Officio, e de sua mulher D. Maria Helena de Carvalho Borges; neto do doutor Manuel da Silva Coimbra, professo na ordem de Christo e fidalgo da casa real, que serviu na cidade do Porto os officios de almotacé, e de procurador da corôa por provisão de el-rei D. Affonso vi, e de sua mulher D. Maria de Sousa; bisneto de André da Silva, e de sua mulher D. Maria Rodrigues Coimbra; neto materno de D. Filippa de Carvalho Borges, e de seu marido Manuel Pereira Monteiro; bisneto de D. Apollonia de Carvalho Borges de Cerqueira, e de seu marido Domingos de Medeiros Pinto, filho de Antonio de Medeiros Pinto, neto de Nuno Vaz Rebello Pinto, e este filho do licenceado Francisco Vaz, da casa de Santa Cruz do Douro, e de sua mulher D. Violante Pinto, filha de Beatriz Rebello, e neta de Lopo Rebello Cardoso, commendador da ordem de Christo, e fidalgo principal na cidade do Porto; continuando pelo lado materno vem a ser o supplicante quarto neto de Francisco Borges de Cerqueira, irmão de Gonçalo Borges de Cerqueira, a quem se passou brazão de armas das familias Borges, Sousas, Lousadas e Cerqueiras; quinto neto de Belchior Borges de Sousa, que foi fidalgo da casa real e cavalleiro de S. Tiago, a quem tambem se passou brazão de suas armas, e de sua mulher D. Felicita de Cerqueira Martins, filha legitimada de Francisco Martins de Cerqueira, abbade de Freixeda e conego da Sé de Lamego, a quem em 1530 se lhe passou brazão de suas armas; sexto neto emfim de Gaspar Borges de Sousa, senhor de Carvalhal e fidalgo da casa real, e de sua primeira mulher e segunda prima D. Thereza Gomes Rebello, filha de João de Lousada de Ledesma, fidalgo hespanhol.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Borges, no segundo as dos Carvalhos, no terceiro as dos Cardosos, no quarto as dos Pintos, e no centro um pequeno escudo com as armas dos Silvas. — Br. p. a 30 de maio de 1749. Reg. no Cart. da N., liv. xii, fl. 125 v.

(C. C.)

2026. Manuel da Silva Garcez (Presbytero), natural da cidade de Leiria, freire professo na ordem militar de S. Bento de Aviz, e prior da egreja matriz da villa de Sousel; filho de Joaquim Antonio da Fonseca Leal e Silva, e de sua mulher D. Maria Theodora Garcez; neto paterno de Manuel Lopes da Fonseca Leal e Silva, e de D. Damasia Maria; e materno de Manuel da Silva Garcez, e de D. Theodosia Martins da Rosa.

Um escudo ovado e partido em pala; na primeira as armas dos Silvas, e na segunda as dos Garcezes. — Br. p. a 20 de novembro de 1832. Reg. no Cart. da N., liv. viii, fl. 265.

(C. C.)

2027. Manuel da Silva Pereira Coelho, filho do alferes Bernardo da Silva Coelho, e de sua mulher D. Maria Clara; neto paterno de Manuel da Silva, e de sua mulher D. Josepha Coelho; e materno de David Pereira, e de sua mulher D. Luiza Maria; bisneto pelo mesmo lado de João Pereira dos Santos, e de sua mulher D. Magdalena Ribeiro.

Um escudo esquartelado; no primeiro e quarto quarteis as armas dos Silvas, no segundo as dos Coelhos, no terceiro as dos Pereiras. — Br. p. a 28 de abril de 1807. Reg. no Cart. da N., liv. vii, fl. 171 v.

(C. C.)

2028. Manuel da Silva Santos, proprietario, filho de Manuel da Silva Santos, negociante, e de sua mulher D. Anna Maria da Silva; neto paterno de Pedro da Silva, negociante, e de sua mulher D. Anna Maria da Silva; e materno de João Gonçalves Maia, proprietario, e de sua mulher D. Francisca Luiza da Silva.
Um escudo com as armas dos Silvas. — Br. p. a 4 de abril de 1863. Reg. no Cart. da N., liv. ix, fl. 53 v.

(C. C.)

2029. Manuel da Silva Sousa Barbosa, senhor do morgado e quinta de Soengas, filho de Manuel de Sousa Neves, e de sua mulher D. Angela da Silva Barbosa; neto pela parte paterna de Antonio de Sousa, e de sua mulher Senhorinha Francisca; e pela materna neto do sargento-mór Manuel Barbosa, e de sua mulher D. Catharina da Silva; bisneto de João Soares, e de sua mulher D. Senhorinha Barbosa, senhores que foram da sobredita quinta e morgado de Soengas: a qual D. Senhorinha Barbosa era filha do capitão Torquato Barbosa, neta do doutor Francisco Barbosa, capitão de infanteria no dito concelho, e de sua mulher Cecilia Gonçalves, senhores que foram do referido morgado.
Um escudo com as armas dos Barbosas. — Br. p. a 27 de abril de 1777. Reg. no Cart. da N., liv. ii, fl. 134.

(C. C.)

2030. Manuel da Silveira Cardoso de Madureira, cavalleiro professo na ordem de Christo, capitão-mór da cidade de S. Paulo: filho legitimo de Antonio de Oliveira Cardoso, e de sua mulher Isabel Cardoso; neto pela parte paterna de Manuel Antonio, e de sua mulher Maria Antonia; e pela materna neto de José Cardoso de Madureira, e de sua mulher Beatriz Dias; os quaes todos seus ascendentes foram pessoas nobres e se tractaram á lei da nobreza.
Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Oliveiras, no segundo as dos Cardosos, no terceiro as dos Madureiras, e no quarto as dos Dias. — Br. p. a 21 de março de 1767. Reg. no Cart. da N., liv. i, fl. 47.

(C. C.)

2031. Manuel Soares de Albergaria e Oliveira (Sargento-mór), filho de Antonio Nunes de Oliveira, e de sua mulher Marianna Soares de Pinho; neto pela parte paterna de Alexandre Francisco, e de sua mulher Isabel de Oliveira; e pela materna de Manuel Soares, e de sua mulher Isabel Tavares; segundo neto pela parte materna de Pedro Soares de Pinho, e de sua mulher Maria Jorge, e de Manuel Tavares, e de sua mulher Maria Henriques; e pela paterna de Antonio Nunes, e de sua mulher Maria de Oliveira; terceiro neto pela parte paterna do doutor João Barbosa de Oliveira, e de sua mulher Maria Vieira; e pela parte materna de Mattheus Luiz, e de sua mulher Francisca Soares de Pinho; quarto neto pela parte paterna de Jorge de Oliveira, moço da camara por alvará de 20 de agosto de 1609, e de sua mulher Monica Barbara; e pela parte materna de Christovão Tavares e de sua mulher Isabel Soares de Albergaria; quinto neto pela parte paterna de Jorge Gonçalves de Oliveira, e pela parte materna de Antonio Soares de Albergaria; sexto neto de Christovão Tavares, e de sua mulher Leonor de Pinho; setimo neto de Pedro Soares, e de sua mulher Filippa de Pinho; oitavo neto de Catharina Vaz de Sampaio, e de André Homem, este filho de Pedro Homem da Costa de Vouzellas, fidalgo da casa real; nono neto de Tristão Vaz, e de sua mulher Filippa de Pinho; decimo neto de Pedro Vaz de Sampaio, e de sua mulher Brites de Pinho, irmã de João de Pinho, fidalgo da casa real no tempo do senhor rei D. João iii.
Um escudo partido em pala; na primeira as armas dos Soares de Albergaria, e na segunda as dos Oliveiras. — Br. p. a 5 de maio de 1794. Reg. no Cart. da N., liv. v, fl. 20.

(C. C.)

2032. Manuel de Sousa Machado de Moraes Falcão Sarmento, natural da villa da Torre de D. Chama, comarca da Torre de Moncorvo, morador n'esta cidade de Lisboa; filho de um filho legitimo de Luiz de Sousa Machado de Moraes Sarmento, capitão de cavallaria ligeira da praça e cidade de Bragança, e de sua mulher D. Maria Hedwiges de Lacerda; neto pela parte paterna de Manuel de Sousa Falcão de Moraes Sarmento, capitão-mór da villa da Torre de D. Chama, e de sua mulher D. Anna de Araujo de Moraes; bisneto de Manuel de Sousa Teixeira, capitão de infanteria do regimento da cidade de Bragança, e de sua mulher D. Maria Machado; e pela parte materna neto do capitão Bento Correa de Mattos, e de sua mulher D. Jósepha de Miranda.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Sousas, no segundo as dos Machados, no terceiro as dos Moraes, e no quarto as dos Sarmentos. — Br. p. a 27 de março de 1784. Reg. no Cart. da N., liv. III, fl. 125.

(C. C.)

2033. Manuel Soeiro de Albergaria, morador na villa de Aviz, filho de Affonso Soeiro de Albergaria, e neto de Pedro Soeiro de Albergaria, e bem assim era filho de Leonor de Andrade, e neto de Manuel Mendes de Tanger.

Carta pela qual el-rei D. João III lhe concede o seguinte brazão de seus antecessores: — Escudo de campo esquartelado; o primeiro de prata com uma cruz vermelha florida vasia, e uma bordadura de prata cheia de escudinhos azues, com cinco besantes de prata em aspa; e o contrario de campo azul, com uma porta de duas torres de prata lavradas de preto e fustadas do mesmo, e um pé vermelho com uma cabeça de moiro toucada de branco cortada em vermelho, e tres lanças em pala e em roquete; elmo de prata aberto guarnecido de oiro, paquife de prata, vermelho e azul, e por timbre a mesma cabeça do escudo; com todas as honras e privilegios de fidalgo por descender das gerações dos Albergarias e dos Mendes de Tanger. — Dada em Lisboa a 28 de agosto de 1548. Reg. no liv. II de Privilegios, fl. 35 v.

2034. Manuel Teixeira Alvares da Cunha (Capitão), filho legitimo de Francisco Teixeira da Cunha, e de Luiza Alvares de Carvalho, moradores que foram na sua quinta de Fundo de Villa, freguezia de S. Romão do Corgo; neto pela parte paterna de Gonçalo Teixeira da Cunha, e de sua mulher Angela Dias, moradores que foram e naturaes da sua quinta das Cerdeirinhas, freguezia de S. Tiago de Ourilhe; e pela materna neto de Miguel Alvares, e de sua mulher Senhorinha de Carvalho Teixeira, naturaes da sua quinta de Fundo de Villa da dita freguezia de S. Romão do Corgo.

Um escudo esquartelado; no primeiro e quarto quarteis as armas dos Teixeiras, no segundo as dos Cunhas, e no terceiro as dos Carvalhos. — Br. p. a 11 de fevereiro de 1768. Reg. no Cart. da N., liv. I, fl. 67 v.

(C. C.)

2035. Manuel Teixeira Duarte, cavalleiro da ordem de Christo, capitão da commenda de Santa Maria de Aguas-santas, da sagrada Religião de Malta; filho de Manuel da Silva, e de Antonia Duarte; neto pela parte paterna de Antonio da Silva, e de sua mulher Jeronyma Teixeira, filha de Antonio Teixeira Coelho Pinto Pereira, senhor que foi da casa de Felgueiras, uma das mais illustres da provincia do Minho.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Teixeiras, no segundo as dos Coelhos, no terceiro as dos Pintos, e no quarto as dos Pereiras. — Br. p. a 17 de dezembro de 1776. Reg. no Cart. da N., liv. II, fl. 120 v.

(C. C.)

2036. Manuel Teixeira de Miranda Mendonça Cerqueira (Bacharel), natural de Santa Maria Magdalena de Godinhos, comarca de Villa-real; filho do capitão José Tei-

xeira de Miranda, e de sua mulher D. Isabel Joanna Teixeira de Mendonça; neto pela parte paterna de Jeronymo Teixeira, e de sua mulher D. Maria Pereira; e pela materna de João Teixeira de Mendonça, e de sua mulher D. Anna de Cerqueira.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Teixeiras, no segundo as dos Mirandas, no terceiro as dos Mendonças, e no quarto as dos Cerqueiras. — Br. p. a 15 de maio de 1791. Reg. no Cart. da N., liv. IV, fl. 212.

(C. C.)

2037. MANUEL TELLES DA SILVA (Duque), cavalleiro do Tosão de Oiro, conselheiro de estado de Sua Magestade imperial, natural d'esta cidade de Lisboa, assistente na corte de Vienna de Austria; filho legitimo de João Gomes da Silva, quarto conde de Tarouca, e de D. Joanna Rosa de Menezes, herdeira da casa de Tarouca; neto pela parte paterna de Manuel Telles da Silva, primeiro marquez de Alegrete, regedor da Casa da Supplicação, gentilhomem da camara dos senhores reis D. Pedro II e D. João V, ministro do seu despacho, conselheiro de estado, vedor de sua real Fazenda, embaixador extraordinario á corte do eleitor palatino Filippe Guilherme, para conduzir a rainha D. Maria Sophia de Neuburg, e de sua mulher a marqueza D. Luiza Coutinho, filha de D. Nuno Mascarenhas, senhor da casa de Palma, e da condessa de Sabugal D. Brites de Menezes Castello-branco, filha de D. Francisco de Castello-branco, segundo conde do Sabugal e meirinho-mór do reino; segundo neto de Fernando Telles da Silva, primeiro conde de Villar-maior, governador da Relação do Porto, regedor das Justiças, governador das armas da provincia da Beira, do Conselho de estado, e que era de el-rei D. João IV, mordomo-mór da rainha D. Luiza, e da condessa D. Marianna de Mendonça, filha de Simão da Cunha, trinchante de el-rei, e de D. Luiza de Almeida; terceiro neto de Luiz da Silva, commendador da ordem de Aviz, do Conselho de estado e vedor da Fazenda real, e de D. Marianna de Lencastre, tia do principe D. Izidoro, filho de D. Francisco de Faro, senhor do Vimioso, e de D. Guiomar de Castro; neto pela parte materna de D. Estevão de Menezes, senhor da casa de Tarouca, deputado da Junta dos tres estados, e de D. Helena de Noronha Bourbon, filha do conde dos Arcos, D. Ramon de Noronha, que foi do Conselho de estado e guerra de el-rei D. Affonso VI, presidente do Conselho ultramarino, gentilhomem da camara do principe D. Izidoro, e de D. Magdalena de Bourbon, dama do Paço, filha de D. Luiz de Lima e Brito, primeiro conde dos Arcos, e de D. Victoria de Carvalhal, dama da rainha D. Isabel de Bourbon, filha de Francisco de Carvalhal, barão de Lachapelle, e da baroneza Magdalena de Bourbon; segundo neto de D. Duarte de Menezes, terceiro conde de Tarouca, e da condessa D. Luiza de Castro, filha de D. Estevão de Faro, primeiro conde de Faro em Alemtejo; terceiro neto de D. Luiz de Menezes, segundo conde de Tarouca, decimo nono capitão e governador de Tanger, commendador de Albufeira, e da condessa D. Lourença Henriques, sua segunda mulher, filha de Vasco Martins Moniz, senhor de Angeja, e de D. Violante de Menezes; quarto neto de D. Duarte de Menezes, senhor da casa de Tarouca de cima, oitavo capitão e governador de Tanger, commendador de Cezimbra, mestre de campo general, vice-rei da India, e de D. Leonor da Silva, filha de Diogo da Silva, senhor de Vagos, regedor das Justiças, embaixador ao Concilio Tridentino, e de sua mulher D. Antonia de Vilhena; quinto neto de D. João de Menezes, senhor da casa de Tarouca, decimo setimo capitão e governador de Tanger, commendador de Albufeira na ordem de Aviz, e de D. Luiza de Castro, filha de D. Pedro de Castro, conde de Monsanto; sexto neto de D. Duarte de Menezes, senhor da casa de Tarouca, quinto governador da India, e decimo sexto da praça de Tanger, que el-rei D. Manuel lhe deu de propriedade para seus successores, e de D. Filippa de Noronha; setimo neto de D. João de Menezes, conde de Tarouca, mordomo-mór de el-rei D. João II, aio do principe D. Affonso, e de D. Joanna de Vilhena, filha de Fernando Telles de Menezes, senhor de Unhão; oitavo neto de D. Duarte de Menezes, primeiro conde de Vianna, alferes-mór de el-rei D. Duarte e de el-rei D. Affonso V, e de sua mulher D. Isabel de

Castro; nono neto de D. João Affonso Telles de Menezes, conde de Barcellos e Ourem, irmão da rainha D. Leonor Telles de Menezes, mulher de el-rei D. Fernando, de quem foi mordomo-mór e alferes-mór, e de D. Guiomar Lopes de Villa-lobos.

Brazão com as armas das familias de Faros, Castellos-brancos, Silvas, Menezes, Mascarenhas, Cunhas, Noronhas, Lobos, Silveiras, Coutinhos, Almeidas, Limas, Costas, Menezes, Cordilhac. — Br. p. a 19 de julho de 1765. Reg. no Cart. da N., liv. I, fl. 12.

(C. C.)

2038. Manuel da Trindade Pereira de Saavedra e Carvalho, sargento-mór de Lamego, filho de Manuel da Trindade Pereira e Carvalho, e de sua mulher D. Anna Josepha de Saavedra de Oliveira; neto pela parte paterna de Antonio da Trindade e Carvalho, e de sua mulher D. Maria Rodrigues; e pela materna de Manuel de Saavedra, e de sua mulher D. Antonia de Oliveira; todos da freguezia de Pena-joia, termo e comarca de Lamego.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Carvalhos, no segundo as dos Pereiras, no terceiro as dos Saavedras, e no quarto as dos Oliveiras. — Br. p. a 6 de novembro de 1789. Reg. no Cart. da N., liv. IV, fl. 133.

(C. C.)

2039. D. Manuel de Uzeda e Luna, morador no seu engenho da Matta, termo da villa de Santo Antonio, arcebispado da Bahia; filho de João Uzeda e Luna, e de sua mulher D. Margarida de Mattos da Fonseca; neto pela parte paterna de D. Antonio de Uzeda e Luna Ayala, e de sua mulher D. Maria Ramos Pereira; bisneto de D. João de Uzeda e Luna, e de sua mulher D. Francisca da Fonseca, filha do capitão Lucas da Fonseca Saraiva, e de sua mulher Catharina de Goes Paes; terceiro neto de D. Rodrigo de Uzeda, depositario geral e regedor da cidade de Cordova.

Um escudo, e n'elle as armas dos Lunas. — Br. p. a 12 de julho de 1795. Reg. no Cart. da N., liv. V, fl. 68 v.

(C. C.)

2040. Manuel Vaz Ribeiro, e seu irmão Joaquim Antonio de Sousa Ribeiro, bachareis formados pela Universidade de Coimbra, o primeiro juiz de fóra da villa de Penella, e o segundo ouvidor da villa de Aguas-bellas; naturaes do logar do Ramalhal, termo da villa de Alvaiazere, comarca de Thomar; filhos do capitão Manuel Vaz Ribeiro, e de sua mulher D. Maria Theodosia; netos pela parte paterna de Pedro Vaz, e de Luiza Ribeiro; e pela materna de Theodosio Vaz da Silveira, e de Marianna de Sousa Vasconcellos.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Sousas, no segundo as dos Ribeiros, no terceiro as dos Silveiras, e no quarto as dos Vasconcellos. — Br. p. a 22 de julho de 1782. Reg. no Cart. da N., liv. III, fl. 58.

(C. C.)

2041. Manuel Velho, cavalleiro fidalgo da casa real.

Carta pela qual el-rei D. João III lhe concede o seguinte brazão de seus antecessores: — Escudo de campo vermelho com cinco vieiras de oiro riscadas de preto, em aspa, e por differença uma merleta de prata; elmo de prata aberto guarnecido de oiro, e por timbre uma aspa de vermelho com uma vieira de oiro no meio; com todas as honras e privilegios de fidalgo por descender da geração e linhagem dos Velhos. — Dada em Lisboa a 10 de setembro de 1530. Reg. na Chanc. de D. João III, liv. LII, fl. 183.

2042. Manuel Velho, cavalleiro fidalgo da casa real.

Carta pela qual el-rei D. João III lhe concede o seguinte brazão de seus antecessores: — Escudo de campo vermelho com cinco vieiras de oiro, em aspa, riscadas de preto, e por differença uma merleta de prata; elmo de prata aberto guarnecido de oiro, paquife

de oiro e vermelho, e por timbre um chapeo preto com uma das vieiras das armas na testa; com todas as honras e privilegios de fidalgo por descender da geração e linhagem dos Velhos. — Dada em Lisboa a 12 de fevereiro de 1532. Reg. na Chanc. de D. João III, liv. XVIII, fl. 10 v.

2043. Manuel Ventura de Araujo e Azevedo, capitão de infanteria que foi no estado da India, natural da villa de Monção da provincia do Minho, existente n'esta côrte; filho do sargento-mór da dita villa Gaspar de Araujo e Azevedo, o qual serviu os senhores reis d'este reino mais de quarenta annos, e de sua mulher D. Joanna Maria Osorio de Souto-maior e Menezes; neto paterno de Tristão de Araujo e Azevedo, e de sua mulher D. Ignacia de Araujo Soares de Castro; bisneto de Gaspar de Araujo e Azevedo Leone, e de sua mulher D. Isabel Pereira da Costa Barreto; neto materno de Bernardo Velho Barreto, e de sua mulher D. Anna Maria Osorio de Souto-maior e Menezes; bisneto de D. Affonso Osorio de Castro Souto-maior, e de sua mulher D. Anna Maria de Abreu e Brito.

As armas dos Araujos, Souto-maiores, Castros, e Azevedos. — Br. p. a 30 de maio de 1759. Reg. no Cart. da N., liv. particular, fl. 121 v.

(C. C.)

2044. Manuel Verissimo Margalho (Doutor), natural da villa de Monforte, comarca de Villa-viçosa, filho de Braz Gonçalves Coelho, e de Beatriz Martins Margalho; neto paterno de Antonio Pires, e de Maria Coelho; neto materno de Domingos Martins Correa, e de Maria Lopes Margalho.

As armas dos Coelhos, Martins, Lopes, Correas, e Margalhos. — Br. p. a 24 de março de 1752. Reg. no Cart. da N., liv. particular, fl. 30.

(C. C.)

2045. Manuel Vicente Teixeira de Carvalho (Bacharel), juiz de fóra que foi da villa dos Arcos de Val de vez, e natural da de Mondim de Basto; filho do bacharel Pedro Antonio Teixeira de Carvalho, sargento-mór das ordenanças da villa de Mondim de Basto, e de sua mulher D. Joaquina Maria de Carvalho; neto pela parte paterna do doutor Manuel Teixeira de Carvalho, e de sua mulher Rosa Maria Pereira de Carvalho, irmã legitima de Manuel Pereira de Carvalho, que teve o posto de sargento-mór de ordenanças, filhos ambos de Pantaleão de Carvalho, tambem com o mesmo posto; bisneto de Gonçalo Teixeira, e de sua mulher Isabel de Carvalho; e pela parte materna se mostrava tambem ser neto de Antonio de Carvalho, e de sua mulher Maria da Costa; e bisneto de Francisco Gaspar, e de sua mulher Paula de Carvalho.

Um escudo partido em pala; na primeira as armas dos Teixeiras, e na segunda as dos Carvalhos. — Br. p. a 9 de novembro de 1786. Reg. no Cart. da N., liv. III, fl. 249 v.

(C. C.)

2046. Manuel Vieira de Sampaio, morador na cidade de Viseu, filho do capitão Antonio Vieira Sampaio, e de sua mulher Joanna Alves da Cunha; neto pela parte paterna de Gervasio Machado de Miranda, e de Francisca Vieira; e pela materna de Antonio Alvares Guimarães, e de Benta Ferreira da Cunha.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Machados, no segundo as dos Mirandas, no terceiro as dos Vieiras, e no quarto as dos Cunhas. — Br. p. a 7 de junho de 1786. — Reg. no Cart. da N., liv. III, fl. 227.

(C. C.)

2047. Manuel Vieira da Silva, natural da villa de Ourem, do real Conselho, commendador das ordens de Christo, e da Torre-Espada, fidalgo cavalleiro da casa real, primeiro medico da imperial e real camara, physico-mór do reino, e primeiro barão de Al-

vaiazere; filho de Manuel Vieira da Silva, e de sua mulher D. Josepha Luiza Borges e Abreu; neto paterno de Pedro Vieira da Silva, e de sua mulher e prima D. Antonia Vieira da Silva; neto materno de Manuel de Abreu Roballo, e de sua mulher D. Isabel Borges.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Vieiras, no segundo as dos Silvas, no terceiro as dos Abreus, e no quarto as dos Borges. — Br. p. a 8 de março de 1826. Reg. no Cart. da N., liv. VIII, fl. 184 v.

(C. C.)

2048. MANUEL DE VILLA-BOA, cavalleiro da casa real, morador em Beja.

Carta pela qual el-rei D. João III o fez cavalleiro de cota de armas e lhe deu e a seus descendentes o seguinte brazão de armas: — Escudo de campo verde com um tiro da sua cor picado de prata, tendo os pés tambem de prata; elmo de prata, paquife de prata e verde, e por timbre metade do mesmo tiro; com todas as honras e privilegios de fidalgo pelos muitos serviços por elle prestados. — Dada em Lisboa a 7 de maio de 1550. (M. N.) Reg. no liv. IV de Privilegios, fl. 268 v.

2049. MANUEL VOGADO, morador na ilha da Madeira, filho de Pedro Vogado, cavalleiro da casa real, e neto de João Vogado, que foi fidalgo muito honrado e do tronco d'esta geração.

Carta pela qual el-rei D. João III lhe concede o seguinte brazão de seus antecessores: — Escudo de campo vermelho com um leão de prata entre quatro vieiras de prata, e por differença uma flor de liz de oiro, e por timbre um meio leão de prata com uma vieira vermelha na espadoa; com todas as honras e privilegios de fidalgo por descender da nobre linhagem dos Vogados. — Dada em Lisboa a 21 de fevereiro de 1538. Reg. na Chanc. de D. João III, liv. XLIV, fl. 23.

2050. MANUEL XAVIER RIBEIRO VAZ DE CARVALHO, do logar de Perzigueda, termo de Villa-real, comarca de Lamego, arcebispado de Braga; filho de Manuel Rodrigues de Carvalho, e de Maria Caetana Ribeiro de Carvalho; neto paterno de Pedro Rodrigues, e de Francisca de Carvalho; neto materno de Lourenço de Carvalho, e de Maria Ribeiro.

As armas dos Carvalhos, e Ribeiros. — Br. p. a 15 de setembro de 1755. Reg. no Cart. da N., liv. particular, fl. 92.

(C. C.)

2051. MARCELLINO ANTONIO BASTOS, professo na ordem de Sant'Iago, coronel de cavallaria auxiliar da ilha de Sant'Iago, capitania das ilhas de Cabo-verde, e natural d'esta cidade; filho de Manuel Gonçalves Bastos, e de sua mulher Violante Maria Rosa; neto pela parte paterna de Antonio Gonçalves, e de sua mulher Domingas Gonçalves; neto pela parte materna de José Carvalho de Lemos, e de sua mulher Theodora Maria Caetana; os quaes seus paes e avós foram pessoas nobres das familias dos appellidos de Gonçalves e Bastos, que n'este reino são fidalgos de linhagem, cota de armas e de solar conhecido, e como taes se tractaram com cavallos, criados e toda a mais ostentação propria da nobreza, servindo no politico e no militar.

Um escudo partido em pala; na primeira as armas dos Gonçalves, e na segunda as dos Bastos. — Br. p. a 10 de novembro de 1795. Reg. no Cart. da N., liv. V, fl. 102 v.

(C. C.)

2052. MARCELLINO JOSÉ COELHO, natural de Lisboa, cavalleiro da ordem de Christo, official da ordem da Rosa no imperio do Brazil, proprietario e capitalista; filho de Joaquim José Coelho, negociante matriculado da praça de Lisboa, e de sua mulher D. Vicencia Maria do Carmo Coelho; neto paterno de José Antonio Coelho, e de sua mulher

D. Anna Joaquina Coelho; e materno de José Antonio Bellas, e de sua mulher D. Vicencia Gertrudes Bellas.

Um escudo com as armas dos Coelhos. — Br. p. a 26 de novembro de 1859. Reg. no Cart. da N., liv. IX, fl. 29.

(C. C.)

1053. MARCELLINO PEREIRA CLETO CORTEZ DA SILVA E VASCONCELLOS, juiz de fora da villa de Santos, natural da quinta do Salgueiro, termo da cidade de Leiria; filho de Silverio Pereira, e de D. Francisca Joaquina do Nascimento e Vasconcellos; neto do capitão João Francisco da Silva, e de D. Joanna de Vasconcellos; bisneto de Diogo Mendes de Vasconcellos, natural do Becco, termo da villa de Dornes, descendente de Filippe Mendes de Vasconcellos, pae de Luiz Cotrim de Sousa e Vasconcellos, juiz dos orphãos da dita villa de Dornes, a quem se passou brazão de suas armas em 1623.

Um escudo esquartelado; no primeiro e quarto quarteis as armas dos Vasconcellos, no segundo as dos Cotrins, e no terceiro as dos Sousas.—Br. p. a 6 de junho 1778. Reg. no Cart. da N., liv. II, fl. 161.

(C. C.)

2054. MARCELLO JOAQUIM MENDES E MENEZES (Tenente coronel), cavalleiro professo na ordem de S. Bento de Aviz, filho do brigadeiro Joaquim Apolinario Mendes, e de sua mulher D. Anna Joaquina de Lima e Vasconcellos; neto paterno de Jorge Mendes de Menezes, e de D. Catharina Thereza; e materno de Francisco Xavier de Lima e Vasconcellos, e de D. Margarida de Vasconcellos.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Mendes, no segundo as dos Menezes, no terceiro as dos Limas, e no quarto as dos Vasconcellos. — Br. p. a 5 de março de 1804. Reg. no Cart. da N., liv. VII, fl. 67 v.

(C. C.)

2055. MARCOS AURELIO RODRIGUES, cavalleiro professo na ordem de Christo, administrador e thesoureiro da Casa litteraria do Arco do Cego, em todas as tres repartições, typographica, chalcographica e typoplastica, natural da cidade de Lisboa; filho de Miguel José Rodrigues, negociante da praça de Lisboa, e de sua mulher D. Luiza Barbosa de Santo Antonio; neto por parte paterna de Miguel Rodrigues, e de sua mulher D. Maria dos Reis Tavares; neto por parte materna de José Rodrigues Bolonha.

Um escudo e n'elle as armas dos Rodrigues. — Br. p. a 3 de novembro de 1801. Reg. no Cart. da N., liv. VI, fl. 180.

(C. C.)

2056. D. MARGARIDA MARIA DE ABREU E LIMA, natural e moradora n'esta cidade de Lisboa, filha legitima de José Bernardino de Lima e Abreu, cavalleiro professo na ordem de Christo, guarda-mór que foi do Consulado n'esta cidade, e de sua mulher D. Josepha Gaetana Gertrudes, filha de Manuel Rodrigues Godinho, e de sua mulher D. Michaela dos Anjos; neta a supplicante do alferes Jacinto da Costa Lima, e de sua mulher D. Maria Josepha da Motta, filha de Miguel Vieira da Fonseca, e de sua mulher Marianna da Motta Rego; bisneta de Luiz da Costa e Silva, e de sua mulher D. Cecilia Josepha Maria de Lima, elle filho de Pedro Lopes Ribeiro, e de sua mulher Maria da Costa; terceira neta do sargento-mór Estevão de Abreu e Lima, a quem se passou brazão com as armas dos Limas e Abreus em 1673, e de sua mulher D. Margarida de Mendonça; quarta neta de João Gomes de Lima; quinta neta de Balthasar Gomes de Lima, e de sua mulher Angela Marques; sexta neta de D. Leonel de Lima, e de sua mulher D. Isabel de Sousa, filha de Leonel de Abreu e Lima, e de sua mulher D. Maria de Sousa, e elle irmão de D. Pedro de Mello, commendatario do mosteiro de Refoios, e primo de D. João de Lima,

commendador de Andufe na ordem de Christo, e de D. Diogo de Anhosa Coutinho, dos fidalgos mais distinctos.

Uma lisonja partida em pala; a primeira em branco para n'ella serem pintadas as armas de seu marido, a segunda tambem partida em pala, na primeira as armas dos Limas, e na segunda as dos Abreus.—Br. p. a 12 de agosto de 1765. Reg. no Cart. da N., liv. I, fl. 14.

(C. C.)

2056. D. Maria Brites Zuzarte Maldonado, irmã legitima de Catharina Maldonado Zuzarte da Silva, naturaes e moradoras no termo da villa de Monforte, comarca de Villa-viçosa; filha de Antonio Rodrigues Zuzarte, e de sua mulher Maria Romacha Maldonado; o qual Antonio Rodrigues Zuzarte era irmão de Maria Zuzarte da Silva, mulher de Pedro Barradas, capitão-mór de Monforte, pae do doutor Diogo Barradas Zuzarte, que tirou brazão em 1753; neta a supplicante pela parte paterna de Miguel Barradas Zuzarte, e de sua mulher Maria Zuzarte; bisneta de Francisco Barradas Montoso, e de sua mulher Brites da Costa Zuzarte, que de seu segundo marido Manuel Rodrigues Allemão teve ao doutor Antonio Rodrigues Zuzarte, juiz de fora que foi de Arronches, que tirou brazão em 1700; a qual Brites da Costa Zuzarte, era filha de Maria Martins Zuzarte, e de seu primeiro marido Antonio Garcia; neta de Salvador Zuzarte de Mello, fidalgo da casa real; bisneta de Isabel Zuzarte, e de seu segundo marido Estevão Luiz da Vide; terceira neta de Nicolau Zuzarte; quarta neta de Gaspar Zuzarte, fidalgo da casa real, alcaide-mór de Aviz e Monforte, commendador de Azeitão, e capitão de uma armada que foi á ilha Graciosa, quando o senhor rei D. João II mandou fazer n'ella uma fortaleza; quinta neta de João Zuzarte, fidalgo da casa real e alcaide-mór de Monforte, e de sua mulher Isabel Fernandes, filha ou neta de Gil Fernandes, o bom, capitão de Elvas; o qual João Zuzarte parece ser filho de Gaspar Lizuarte, irmão de Rodrigo Lizuarte, progenitor dos Zuzartes de Coimbra, e neto do conde Lizuarte, fidalgo inglez que veiu a Portugal com a rainha D. Filippa, e n'este reino fez assento onde foi o progenitor d'esta familia; terceira neta a supplicante pela sua varonia de Isabel Barradas, e de seu marido Manuel Fernandes Montoso; quarta neta de Brites Barradas, e de seu marido Diogo Dias Balthasar; quinta neta de Catharina Barradas, e de seu marido Sebastião Rodrigues; sexta neta de André Barradas, e de sua mulher Isabel Fernandes; neta materna de Miguel Rodrigues, e de sua mulher Maria Tavares da Vide, filha de Manuel Tavares Lide, e de sua mulher Maria Ramacha Maldonado; bisneta de Sebastião Rodrigues Garro, e de sua mulher Isabel Fernandes.

As armas dos Barradas, Zuzartes, Garros, e Maldonados.—Br. p. a 23 de junho de 1757. Reg. no Cart. da N., liv. particular, fl. 107 v.

(C. C.)

2057. D. Maria Cardoso de Menezes Barreto, natural da villa de Guimarães, filha de Pedro Cardoso de Menezes, senhor que foi do morgado do Paço, freguezia da Nespereira, termo da dita villa; neta de Antonio Cardoso de Menezes Barreto, senhor que foi do dito morgado, herdado de seus ascendentes, que eram das principaes familias da dita villa, e trazia a sua origem da cidade de Lamego, e honras de Cardoso.

As armas dos Cardosos, Menezes, e Barretos.—Br. p. a 23 de fevereiro de 1754. Reg. no Cart. da N., liv. particular, fl. 68.

(C. C.)

2058. D. Maria Clara Rosa Coelho de Barros Barbosa, da freguezia de Santa Maria das duas Egrejas, concelho de Aguiar de Sousa, termo da cidade do Porto; filha de Francisco Xavier Coelho de Barros e Barbosa, e de sua mulher e prima Maria de Barros Coelho e Barbosa; neta pela parte paterna de João de Barros Coelho e Barbosa, e de

sua mulher Maria Coelho; e pela materna neta de Vicente de Sousa, e de sua mulher Theresa de Barros Barbosa.

Uma lisonja partida em pala; a primeira de prata lisa, a segunda cortada em faxa, na primeira as armas dos Coelhos, na segunda as dos Barbosas.— Br. p. a 22 de setembro de 1774. Reg. no Cart. da N., liv. II, fl. 35 v.

(C. C.)

2059. D. MARIA EUPHRASIA JOAQUINA DE NORONHA E MENEZES, casada com Thomé Luiz de Araujo Castello-branco; filha de João Cabral de Azevedo Pinto, e de sua mulher D. Jeronyma de Noronha e Menezes; neta pela parte paterna de Antonio Pinto de Affonseca, e de sua mulher Agueda Barbosa; e pela materna de Bernardo Correa de Noronha e Menezes, cavalleiro professo com tença na ordem de Christo, e de sua mulher D. Marianna Magdalena.

Uma lisonja partida em pala; na primeira as armas dos Castellos-brancos, na segunda as dos Menezes.—Br. p. a 10 de junho de 1774. Reg. no Cart. da N., liv. II, fl. 15.

(C. C.)

2060. D. MARIA JOANNA RAMIRES FIGUEIRA NOBRE DE CARVALHO, natural da villa da Lourinhã, filha do capitão José Felix Ferreira de Carvalho, e de sua mulher D. Barbara Theresa Ramires Figueira de Carvalho, irmã de Luiz Figueira Machado Allemão, sargento-mór da mesma villa, a quem já se passou brazão de suas armas em 1767; neta pela parte paterna de Manuel Ferreira Nobre, e de sua mulher D. Francisca Maria da Silva; e pela materna do capitão Bernardo Figueira Allemão, e de sua mulher D. Magdalena do Nascimento.

Uma lisonja partida em pala; na primeira em branco as armas do marido com quem casar, a segunda cortada em faxa, na primeira as armas dos Ferreiras, na segunda as dos Figueiras. — Br. p. a 27 de janeiro de 1779. Reg. no Cart. da N., liv. II, fl. 174 v.

(C. C.)

2061. D. MARIA JOSÉ DA COSTA ZAGALO DA FONSECA, natural da praça de Extremoz da provincia do Alemtejo, filha do doutor Constantino da Silva Zagalo, cavalleiro professo na ordem de Christo, familiar do Santo Officio, e de D. Euphrasia do Fayal Costa e Fonseca; neto pela parte paterna de Rodrigo Zagalo, e de Filippa Zagalo da Silva; bisneta de Antonio Zagalo, e de Beatriz França; e pela materna neta do doutor José da Costa Fonseca, ouvidor que foi de Villa-rica, e de D. Marianna Josepha de Moura Tavares; bisneta de Ignacio da Costa, e de D. Brites Maria.

Um escudo em lisonja partida em pala; a primeira de prata para as armas do marido com quem casar, a segunda cortada em faxa, na primeira as armas dos Zagalos, na segunda as dos Costas.—Br. p. a 2 de junho de 1775. Reg. no Cart. da N., liv. II, fl. 64.

(C. C.)

2062. D. MARIA JOSÉ DOS SANTOS LEAL, casada com o doutor Manuel Dias Delgado, filho de Manuel Migueis Delgado, e de D. Maria José dos Santos Leal; neto paterno de Manuel Migueis da Costa, e de D. Maria Fernão Delgado, e materno de Manuel dos Santos Leal, e de D. Maria José da Fonseca.

Uma lisonja partida em pala; na primeira as armas dos Delgados, e na segunda as dos Leaes. — Br. p. a 25 de setembro de 1807. Reg. no Cart. da N., liv, VII, fl. 207 v.

(C. C.)

2063. D. MARIA JOSEPHA TAVEIRA DE MAGALHÃES, casada com Francisco José Taveira da Fonseca, filha legitima de Antonio Guedes de Magalhães, e de sua mulher Joanna Teixeira Moraes; neta pela parte materna de Domingos Teixeira Moraes, e de Luiza Tei-

xeira de Saa; bisneta de Francisco Teixeira da Rocha, capitão de infanteria que foi na guerra da feliz acclamação, que depois de viuvo se fez clerigo, e de Jacinta Teixeira de Saa; terceira neta de Balthasar Fernandes Pimentel, e de Esperança Taveira; quarta neta de Vasco Pimentel, e de Maria de Andrade; e pela dita sua bisavó Jacinta Teixeira de Saa, que era terceira neta de João Taveira, e de Paulo da Nobrega, quarta neta de Antonio Francisco Taveira, e de Senhorinha da Nobrega, filha de Gaspar da Nobrega, que era filho de Pedro Nobrega, e este filho de Garcia Fernandes, cavalleiro fidalgo da casa do marquez de Villa-real, e de Briolanja Cam, que foi filha de Gonçalo de Cam, alferes da bandeira real do primeiro vice-rei da India, e neta de Diogo de Cam, cavalleiro da casa do infante D. Henrique, descobridor do reino do Congo, a quem el-rei D. Affonso v deu as armas d'este appellido de Cam em 14 de abril de 1474.

Uma lisonja partida em pala; a primeira cortada em faxa, com as armas dos Taveiras e Teixeiras, que lhe pertencem por seu marido; na segunda as que lhe pertencem por seus avós, que é tambem cortada em faxa, na primeira as dos Nobregas, e na segunda as dos de Cam. —Br. p. a 11 de janeiro de 1768. Reg. no Cart. da N., liv. I, fl. 64 v.

(C. C.)

2064. D. Maria Josepha Victoria da Silva e Fonseca, mulher do bacharel Bento Teixeira Alvares, filha de Antonio Teixeira da Silva, e de sua mulher D. Luiza Bernardes da Fonseca e Silva; neta paterna de Dionysio Teixeira da Costa, e de sua mulher Angela Gomes da Silva; neta materna de Francisco da Fonseca Coutinho, e de sua mulher D. Jeronyma Bernardes da Fonseca.

As armas dos Teixeiras, Pinheiros, Silvas, e Fonsecas. —Br. p. a 12 de março de 1753. Reg. no Cart. da N., liv. particular, fl. 50.

(C. C.)

2065. D. Maria Juge, natural da cidade de Segovia, reino de Hespanha, e moradora na villa de Torres-novas, casada com Bartholomeu Juge; filha de José Rossó, e de D. Maria Garcia; neta pela parte paterna de João Rossó, e de D. Sebastiana Cabreira; sendo os ditos seus paes e avós pessoas nobres, legitimos descendentes das familias dos seus appellidos; e por sua avó materna lhe pertencem as armas de Cabreiras, que n'este reino e no de Hespanha são fidalgos de linhagem, cota de armas e de solar conhecido.

Uma lisonja partida em pala; a primeira de prata lisa para n'ella se pôrem as armas de seu marido, e na segunda as armas dos Cabreiras. —Br. p. a 28 de abril de 1795. Reg. no Cart. da N., liv. v, fl. 48.

(C. C.)

2066. D. Maria Maximiana Peregrina Velloso de Sequeira, natural do Peso da Regoa, filha de Gregorio Lopes Basto, e de Maria Engracia Velloso de Sequeira; neta paterna de Francisco Lopes, e de sua mulher Anna Ferreira; e materna de André Rodrigues, e de D. Felicidade Maria Velloso de Sequeira; bisneta de Sebastião Velloso de Sequeira, e de D. Maria Alvares Pereira; terceira neta de José Velloso de Sequeira, e de D. Isabel Francisca; quarta neta de João da Fonseca, cavalleiro fidalgo da casa real, e capitão de mar e guerra da real armada, e de D. Maria da Fonseca.

Uma lisonja partida em pala; a primeira de prata lisa, e a segunda esquartelada; no primeiro quartel as armas dos Rodrigues, no segundo as dos Vellosos, no terceiro as dos Sequeiras, e no quarto as dos Pereiras. —Br. p. a 30 de dezembro de 1814. Reg. no Cart. da N., liv. VII, fl. 303 v.

(C. C.)

2067. D. Maria Rosa de Sousa Vieira, casada com Carlos Antonio Ferreira Monte, sargento-mór de cavallaria aggregado á primeira plana da côrte, cavalleiro professo na or-

dem de Christo, mestre da real picaria, superintendente das Caudelarias do termo de Lisboa; filha de Alexandre Fernandes de Sousa, alferes dos privilegiados da côrte, e de D. Eugenia Maria; neta pela parte paterna de Domingos Affonso, e de D. Marianna Fernandes, elle filho de João Affonso, e de D. Catharina Dias, e ella de Francisco Fernandes, e de D. Angela Fernandes; neta a supplicante pela dita sua mãe de Jeronymo da Cruz, e de D. Maria Rodrigues, filha de Manuel Rodrigues, e de D. Helena Francisca; bisneta de D. Isabel Francisca, e de Antonio Fernandes, filho de Amador Fernandes, e de D. Helena Francisca; terceira neta de D. Maria Francisca, e de João Francisco; quarta neta de Jeronyma Vieira, e de Diogo Lourenço Alvares; quinta neta de D. Anna Vieira, e de Lourenço Alvares; sexta neta de João Rodrigues Vieira, e de D. Marianna Fernandes; todos pessoas nobres e das principaes das terras dos seus domicilios.

Uma lisonja partida em pala; na primeira as armas dos Ferreiras, que lhe pertencem por seu marido, e na segunda as dos Vieiras, da sua familia. — Br. p. a 14 de fevereiro de 1789. Reg. no Cart. da N., liv. IV, fl. 98 v.

(C. C.)

2068. D. Maria Teixeira Guedes, do logar de Celeiros, freguezia de S. Romão, comarca de Villa-real, filha de Francisco Teixeira Guedes, e de sua mulher Filippa Moreira; neta de Gonçalo Guedes; bisneta de Gonçalo Guedes; terceira neta de Gonçalo Vaz o moço, a quem o senhor rei D. João I fez mercê de todas as honras, privilegios e liberdades que usam aquelles que são filhos de alguem, cuja mercê foi confirmada pelos senhores reis D. Affonso e D. Manuel.

Uma lisonja partida em pala; a primeira de prata lisa, e a segunda cortada em faxa, na primeira as armas dos Teixeiras, e na segunda as dos Guedes. — Br. p. 13 de dezembro de 1796. Reg. no Cart. da N., liv. V, fl. 168.

(C. C.)

2069. D. Maria Thereza de Carvalho e Barros, do logar de Gouvinhas, filha de Caetano Pereira de Carvalho e Barros, e de D. Maria Josè Alves; neta por parte paterna de Domingos Pereira de Carvalho, capitão da ordenança do dito logar, e de D. Luiza de Barros; neta pela parte materna de Antonio Lopes, e de D. Anna Alvares; bisneta de José João, alferes de infanteria, e ajudante de auxiliares, e de D. Catharina de Carvalho.

Uma lisonja partida em pala; a primeira de prata lisa, e a segunda cortada em faxa, na primeira as armas dos Carvalhos, e na segunda as dos Barros. — Br. p. a 12 de dezembro de 1796. Reg. no Cart. da N., liv. V, fl. 166 v.

(C. C.)

2070. D. Maria Xavier de Castro, filha de Manuel Gomes Pinheiro, e de sua mulher D. Andreza Luiza da Cunha; neta paterna de Gregorio Gomes, e de sua mulher D. Maria Pinheiro; e materna de Manuel Rodrigues, e de sua mulher D. Luiza Gomes da Cunha.

Uma lisonja partida em pala; a primeira de prata lisa para as armas do marido, e a segunda esquartelada, no primeiro quartel as armas dos Gomes, no segundo as dos Castros, no terceiro as dos Pinheiros, e no quarto as dos Cunhas. — Br. p. a 8 de outubro de 1790. Reg. no Cart. da N., liv. IV, fl. 188 v.

(C. C.)

2071. D. Marianna Emilia Pereira Jordão Ferreira da Silva, natural da cidade do Porto, viuva de João José Ferreira da Silva, proprietario; filha de José Joaquim Pereira Jordão, a quem se passou brazão de armas a 24 de janeiro de 1826; neta paterna de Antonio Rodrigues Jordão, e de sua mulher D. Marianna Marques Pinto; bisneta por parte de seu avô paterno de Manuel Rodrigues Jordão, e de sua mulher D. Engracia Coutinho; bisneta por parte de sua avó paterna de João Marques Pereira.

Uma lisonja partida em pala; na primeira as armas de seu fallecido marido, e na segunda as da familia de seu pae. — Br. p. a 4 de dezembro de 1854. Reg. no Cart. da N., liv. VIII, fl. 385 v.

(C. C.)

2072. Marianno Joaquim de Sousa Feyo, visconde da Boa-vista, fidalgo cavalleiro da casa real, commendador das ordens de Christo, e de Nossa Senhora da Conceição de Villa-viçosa, governador civil que foi do districto de Beja, e antigo deputado da nação portugueza.

Um escudo esquartelado com as armas que lhe foram concedidas por alvará de 30 de junho de 1869. — Br. p. a 22 de setembro de 1869. (M. N.) Reg. no Cart. da N., liv. IX, fl. 124 v. — V. no I. H. *Boa-vista*.

(C. C.)

2073. Martim Esteves Boto, cavalleiro da casa real.

Carta pela qual el-rei D. Affonso V lhe concede e a seus descendentes o seguinte brazão de armas: — (Não o descreve); pelos serviços por elle prestados na tomada de Ceuta, cerco de Tanger, e tomada de Alcacer, na Africa. — Dada em Santarem a 1 de abril de 1462. (M. N.) Reg. na Chanc. de D. Affonso V, liv. I, fl. 14 e liv. II de Mist., fl. 151.

2074. Martim Lopes de Sousa, fidalgo da casa real, filho de Ruy Vaz de Refoios, neto de Luiz Mendes de Refoios, e de D. Beatriz Freira, o qual foi senhor das Sarzedas e Sovereiras-formosas, e alcaide-mór de Monsanto; bisneto de Mem Rodrigues de Refoios, que foi senhor das ditas villas, e de Leonor de Sousa; trineto de D. Lopo Dias de Sousa, que foi mestre de Christus; bem assim foi trineto de Ruy Vasques de Refoios, senhor que foi de Almeida, e do castello de Castello-branco.

Carta pela qual el-rei D. João III lhe concede o seguinte brazão de seus antecessores: — Escudo de campo esquartelado; o primeiro dos Sousas que é esquartelado, o primeiro de Portugal com um filete preto, e o segundo de vermelho e uma cadana de crescentes de prata com as pontas umas para as outras; o segundo dos Refoios de Castello-branco, que são de prata com quatro palas de vermelho; elmo de prata aberto guarnecido de oiro, paquife de oiro, vermelho e prata, e por timbre um dos castellos das armas; com todas as honras e privilegios de fidalgo por descender da geração e linhagem dos Sousas e Refoios. — Dada em Almeirim a 15 de janeiro de 1546. Reg. na Chanc. de D. João III, liv. XLIII, fl. 40.

2075. Martim de Mesquita Borges, morador na cidade de Goa, filho de João Borges de Albernaz, natural de Guimarães, e neto de Fabião Borges Albernaz, os quaes foram fidalgos muito honrados e do tronco d'estas gerações.

Carta pela qual el-rei D. Sebastião lhe concede o seguinte brazão de seus antecessores: — Escudo de campo esquartelado; o primeiro dos Borges, que trazem um leão de oiro armado de preto em campo vermelho, e uma bordadura azul semeada de flores de liz de oiro; o segundo dos Albernazes, esquartelado, o primeiro de prata com um carapeteiro azul de seis ramos em faxa, o segundo de azul e o carapeteiro de prata, e assim os contrarios, e por differença uma merleta de prata; elmo de prata aberto guarnecido de oiro, paquife de oiro, vermelho, prata e azul, e por timbre um meio leão pardo de oiro com uma flor de liz vermelha sobre a cabeça; com todas as honras de nobre fidalgo por descender da nobre geração dos Borges e Albernazes. — Dada em Lisboa a 28 de fevereiro de 1562. Reg. na Chanc. de D. Sebastião, liv. III, fl. 256.

2076. Martinho da Costa Roubam, almoxarife proprietario da Mesa mestral da ordem de Sant'Iago, natural e morador na villa de Alcacer do Sal; filho de Francisco de Carvalho da Costa, almoxarife da mesma Mesa mestral, e de sua mulher D. Joanna do

Espirito Santo, filha de João Marques, e de sua mulher Natalia Gomes Ferreira; neto paterno de Martinho da Costa Roubam, que teve o dito officio de almoxarife, de quem foi tambem filho João Botelho da Costa, irmão do pae do supplicante, que em 1752 justificou a sua nobreza no Juizo da correição do civel da corte; bisneto de Jorge da Costa, que teve o referido officio; terceiro neto de Apparicio da Costa Botelho, moço da camara accrescentado a cavalleiro fidalgo por alvará do anno de 1646, o qual tinha justificado a sua nobreza em 1624; quarto neto de Jeronymo Lourenço, e de sua mulher Maria Botelho, filha de Balthasar da Costa, fidalgo de cota de armas que serviu em Tunes, e em Alemanha ao imperador Carlos v, que o armou cavalleiro e lhe deu armas, que estão esculpidas na sua sepultura na egreja da Misericordia da villa de Thomar; neto do commendador Lopo Botelho, setimo avô do supplicante.

As armas dos Costas, e Botelhos.—Br. p. a 17 de novembro de 1759. Reg. no Cart. da N., liv. particular, fl. 124 v.

(C. C.)

2077. Martinho José de Pernet, segundo tenente da real armada, natural d'esta cidade, filho de José Francisco de Pernet, professo na ordem de S. Bento de Aviz, capitão de mar e guerra da real armada, e intendente do real Arsenal de marinha da cidade da Bahia de todos os Santos, a quem se passou brazão de armas a 2 de março do presente anno, e de sua mulher D. Clemencia Maria de Jesus; neto pela parte paterna de Francisco Nicolau de Pernet, e de sua mulher D. Apollonia Maria; bisneto de Paulo Sauvage, e de sua mulher Benta de Pernet; sendo o dito seu pae neto por parte materna de Francisco Guilherme de Pernet, e de sua mulher Antonia Maria da Natividade, irmão germano de João Pedro de Pernet, e sobrinho legitimo de João Jacques Sauvage de Pernet, que foi consul de França e da republica de Genova na cidade de Faro, e bem assim primo legitimo de Gerardo Pernet, consul que foi da serenissima Republica de Veneza; neto o supplicante por parte materna de Mattheus Soares, e de sua mulher Maria de Jesus.

Um escudo partido em pala; na primeira as armas dos Pernets, e na segunda as dos Sauvages.—Br. p. a 20 de abril de 1797. Reg. no Cart. da N., liv. v, fl. 187.

(C. C.)

2078. Martinho Velho da Rocha Oldembourg, cavalleiro professo na ordem de Christo, e morador na cidade de Lisboa; filho de Feliciano Velho Oldembourg, e de sua mulher D. Francisca Antonia da Rocha; neto paterno de Martinho Oldembourg, que passou da cidade de Oldembourg a este reino, onde viveu todo o decurso da sua vida, o qual era filho de Antonio Goutier, conde de Oldembourg, e de sua mulher Sophia Catharina, filha de Alexandre, duque de Holsacesunderbourg, que morrendo sem successão legitima, porque o dito Martinho Oldembourg não quiz restituir-se á sua patria, se extinguiu a dita casa por se haver unido á corôa de Dinamarca: e pela materna neto de Silvestre Gonçalves Rocha, capitão de mar e guerra que foi da corôa d'este reino, e de sua mulher D. Luiza Dias de Pontes, filha de Antonio Dias Reboredo, e de sua mulher D. Maria de Pontes; bisneto de Domingos Gonçalves Rocha, e de sua mulher D. Francisca Antonia de Sousa; terceiro neto de Sebastião Gonçalves Rocha, e de sua mulher D. Anna Gonçalves Cirne, filha de Pedro Dias Cirne; quarto neto de Belchior Alves, e de sua mulher D. Catharina Soares, ou Leonor Soares, moradores que foram na sua quinta nos arredores da cidade do Porto, na freguezia de S. Mamede de Perafita, para onde vieram da villa de Vianna onde tinham estabelecida a sua casa; o qual Belchior Alvares, era filho de Balthasar Gonçalves, e de sua mulher D. Catharina Alvares; quinto neto de Diogo da Rocha Villarinho, e de sua mulher D. Catharina Soares, paes da dita D. Leonor Soares ou Catharina como se acha em outra noticia; sexto neto de D. Ignez da Rocha, e de seu marido Duarte Alvares Villarinho, a qual D. Ignez da Rocha procedia de D. Affonso da Rocha, abbade commendatario de S. Salvador da Torre, filho de monsieur de la Rocha,

cavalleiro francez que se intitulava conde de Quinzal e outros titulos, o qual veiu a este reino servir em certa guerra do seu tempo, e assentou sua casa na villa de Vianna, d'onde se derivou esta familia em varias partes d'este reino.

As armas dos Oldembourgs, e Rochas. As armas dos Oldembourgs são um escudo esquartelado; no primeiro quartel em campo de oiro duas faxas vermelhas, no segundo em campo azul uma cruz de prata, e assim os contrarios, e por timbre a cruz entre duas bozinas de caça, de oiro, com os bocaes para cima, faxadas de duas faxas como as do escudo. — Br. p. a 25 de agosto de 1750. Reg. no Cart. da N., liv. particular, fl. 1 v.

(C. C.)

2079. Mathias José de Oliveira Leite, cavalleiro professo na ordem de Christo, condecorado com a medalha de oiro da Restauração dos direitos da realeza, moço da real camara, supranumerario, e cavalleiro fidalgo da casa real; filho de Paulo José de Oliveira Leite Portella e Prado, e de D. Rosa Clara de Abreu e Lima; neto paterno de Domingos de Araujo Leite, cavalleiro professo na ordem de Christo, e de D. Francisca de Abreu; neto materno de João da Costa Araujo, negociante matriculado, e de D. Joanna Francisca da Costa de Abreu.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Oliveiras, no segundo as dos Leites, no terceiro as dos Costas, e no quarto as dos Araujos. — Br. p. a 1 de janeiro de 1825. Reg. no Cart. da N., liv. VIII, fl. 130.

(C. C.)

2080. Mathias José Ribeiro, cavalleiro professo na ordem de Christo, desembargador da Relação da cidade da Bahia, e natural da cidade do Porto; filho de Pedro do Rosario Ribeiro, e de D. Antonia Angelica Rosa; neto pela parte paterna de José Ribeiro, e de D. Francisca do Rosario, e pela materna de Antonio Alvares Barbosa, e de D. Antonia dos Reis.

Um escudo com as armas dos Ribeiros. — Br. p. a 9 de maio de 1792. Reg. no Cart. da N., liv. IV, fl. 249.

(C. C.)

2081. Mathias Pinheiro da Silveira Botelho (Desembargador), ouvidor que foi da comarca do Piauhy, natural da cidade de Leiria; filho de Marianna da Silveira, e de seu marido João Gonçalves Dias; neto de Marianna da Silveira, e de seu marido Francisco Coelho; bisneto de Maria da Costa, e de seu marido Braz Pinheiro; terceiro neto de Diogo da Silveira Botelho, e de sua mulher Antonia da Costa; quarto neto de Diogo Botelho da Silveira, moço fidalgo da casa real; quinto neto de Antonio Botelho da Silveira, e de sua mulher D. Antonia de Ataide; sexto neto de D. Violante de Magalhães, e de seu marido Diogo Botelho da Silveira; setimo neto de D. Clara da Silveira, e de seu marido Jorge de Magalhães.

As armas dos Silveiras, Botelhos, Magalhães, Ataides, Coelhos, Costas, e Pinheiros. — Br. p. em 1752. Reg. no Cart. da N., liv. particular, fl. 33 v.

(C. C.)

2082. Mathias Rebello Cerveira, cavalleiro professo na ordem de Christo, filho de Antonio Rebello Cerveira, e de Anna Joaquina Caetana; neto de Mathias Rebello Cerveira, e de Catharina do Nascimento; bisneto de Francisco Rebello Cerveira, e de D. Luiza Thereza de Azevedo; terceiro neto de João Rebello Cerveira, e de Dorothea Nogueira Freire; e quarto neto de Francisco Rebello Cerveira, e de Margarida Nogueira.

Um escudo partido em pala; na primeira as armas dos Rebellos, e na segunda as dos Cerveiras. — Br. p. a 1 de agosto de 1775. Reg. no Cart. da N., liv. II, fl. 71.

(C. C.)

2083. **Mathias Rodrigues Lima** (Capitão), natural e morador no logar de Pitões, freguezia de Nossa Senhora da Junhas, termo de Monte-alegre, comarca de Chaves, arcebispado de Braga; filho do alferes Clemente Pires, e de sua mulher Catharina Rodrigues; neto paterno de Miguel Pires, e de sua mulher Magdalena Rodrigues; neto materno de Francisco Rodrigues Vaz, e de sua mulher Domingas Alvares.

As armas dos Rodrigues, Vazes, Alvares, e Pires.—Br. p. a 8 de fevereiro de 1754. Reg. no Cart. da N., liv. particular, fl. 67 v.

(C. C.)

2084. **Mathias Teixeira da Motta**, casado com D. Rosa Maria da Cunha e Sousa, filho do capitão Gervasio Teixeira, e de sua mulher Maria da Motta de Carvalho; neto paterno de Gonçalo Teixeira, e de sua mulher Anna de Cerqueira; neto materno do capitão José da Motta Brochado, e de sua mulher Margarida João de Carvalho.

As armas dos Teixeiras, Cerqueiras, Mottas, e Carvalhos.—Br. p. a 8 de março de 1757. Reg. no Cart. da N., liv. particular, fl. 105 v.

(C. C.)

2085. **Mathias Victoriano de Basto Pimenta**, cavalleiro professo na ordem de Christo, juiz dos orphãos da villa de Castello de Vide, comarca de Portalegre; filho de Antonio Gonçalves de Basto Perdigão, e de sua mulher Catharina Vicente Tarouca; neto paterno de Antonio Gonçalves, e de Margarida de Basto; e materno do capitão Manuel Dias Collaço, e de Beatriz Dias Pimenta.

As armas dos Bastos, e Pimentas.—Br. p. a 22 de fevereiro de 1751. Reg. no Cart. da N., liv. particular, fl. 12 v.

(C. C.)

2086. **Mattheus Fernandes de Abreu Moreira**, filho de Alvaro Fernandes Moreira, e de Brigida de Bracamonte; neto de Fernandes Eannes Moreira, que descendia do verdadeiro tronco dos Moreiras.

Carta pela qual el-rei D. João III lhe concede o seguinte brazão de seus antecessores: —Escudo de campo vermelho com nove escudinhos de prata, em tres palas, e em cada escudinho uma cruz verde florida, e por differença uma muleta de oiro; elmo de prata aberto guarnecido de oiro, paquife de prata e vermelho, e por timbre uma amoreira verde com um dos escudinhos no tronco; com todas as honras e privilegios de fidalgo por descender da geração dos Moreiras.—Dada em Evora a 2 de agosto de 1531. Reg. na Chanc. de D. João III, liv. XVIII, fl. 50.

2087. **Mattheus Francisco Padrão**, cavalleiro professo na ordem de Christo, capitão de granadeiros do primeiro batalhão do regimento da guarnição da praça de Elvas, onde é morador; filho de Antonio Francisco, e de sua mulher Jeronyma da Encarnação; neto paterno de Affonso Francisco de Sirgo, e de sua mulher Ignez Padrão, filha de Diogo Padrão; neto materno de Alexandre Gonçalves, e de sua mulher e prima Marla Vaz, naturaes da honra de Gralhas, onde elle foi vereador, e juiz ordinario, tudo na comarca de Chaves.

As armas dos Padrões.—Br. p. a 9 de maio de 1760. Reg. no Cart. da N., liv. particular, fl. 126 v.

(C. C.)

2088. **Mattheus Machado Hasse e Faria**, natural da ilha do Faial, filho de Mattheus Pereira Machado Hasse, e de sua mulher D. Marianna Borges Leal; neto paterno de João Pereira da Luz, e de sua mulher D. Josepha Clara Rosa Machado; bisneto de José Pereira da Luz, e de sua mulher D. Maria de Medeiros; neto materno de José Bor-

ges Leal e Faria, e de sua mulher D. Rosa Borges Leal; bisneto de João Borges e Faria, e de sua mulher D. Marianna de Cravos; sobrinho de João Pereira Machado da Luz, provedor dos Residuos e capellas, e guarda-mór e provedor da Saude da dita ilha, a quem se passou brazão de armas a 20 de outubro de 1807.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Pereiras, no segundo as dos Machados, no terceiro as dos Borges, e no quarto as dos Farias. — Br. p. a 22 de agosto de 1825. Reg. no Cart. da N., liv. VIII, fl. 160.

(C. C.)

2089. Mattheus Pereira de Almeida, natural de Lisboa, commendador da ordem de Christo e fidalgo cavalleiro da casa real; filho de José Pereira de Almeida, e de sua mulher D. Anna Joaquina Rodrigues de Almeida; neto paterno de Manuel João Pereira de Almeida, tenente coronel de cavallaria reformado, e de sua mulher D. Isabel Monteiro de Castilho; e neto materno de João Rodrigues, e de sua mulher D. Paula da Cruz de Avellar; sobrinho de Daniel Pereira de Almeida, capitão de artilheria da praça de Almeida, que morreu na defesa da dita praça na guerra de 1764; sendo o supplicante irmão inteiro de João Rodrigues Pereira de Almeida, fidalgo cavalleiro da casa real, commendador da ordem de Christo e barão de Ubá no imperio do Brazil.

Um escudo partido em pala; na primeira as armas dos Pereiras, e na segunda as dos Almeidas. — Br. p. a 10 de março de 1829. Reg. no Cart. da N., liv. VIII, fl. 245.

(C. C.)

2090. Mattheus Pereira de Campos, cavalleiro da ordem de S. Bento de Aviz, cavalleiro fidalgo da casa real e chefe de esquadra da real armada, filho de Duarte Botelho, escrivão da real Fazenda na Colonia, e de sua mulher D. Theresa Maria da Conceição; neto paterno do capitão de milicias Jeronymo José Botelho, e de sua mulher D. Ignacia Theresa de Campos; e materno do sargento-mór Balthasar de Sousa Pereira, e de sua mulher D. Isabel Jacinta Pereira.

Um escudo esquartelado; no primeiro e quarto quarteis as armas dos Botelhos, no segundo as dos Campos, e no terceiro a dos Pereiras.—Br. p. a 6 de agosto de 1804. Reg. no Cart. da N., liv. VII, fl. 92.

(C. C.)

2091. Mattheus Valente do Couto, natural da praça de Macapá, na capitania do Grão-Pará, bacharel em philosophia e formado na faculdade de mathematica pela Universidade de Coimbra, cavalleiro fidalgo da casa real, major do real corpo de engenheiros, lente jubilado da Academia real da marinha, socio effectivo da Academia real das sciencias e director do Observatorio real da marinha; filho de Antonio Diniz do Couto Valente, cavalleiro fidalgo da casa real, cavalleiro professo na ordem de Christo, e capitão de infanteria da praça de Mazagão, onde serviu de ajudante de ordens, e de sua mulher D. Margarida Josepha da Fonseca; neto paterno do sargento-mór Mattheus Valente do Couto, cavalleiro fidalgo da casa real, cavalleiro professo na ordem de Christo, adail da cavallaria da dita praça de Mazagão, e mestre de campo da cidade de Grão-Pará, e de sua mulher D. Catharina Rosa da Assumpção, filha do adail João Valente da Costa, professo na ordem de Christo e cavalleiro fidalgo da casa real; neto materno do sargento-mór de artilheria Luiz da Fonseca Zuzarte, cavalleiro fidalgo da casa real e cavalleiro professo na ordem de Christo, e de sua mulher D. Francisca Cotta, filha de Antonio Gonçalves Cotta.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Valentes, no segundo as dos Coutos, no terceiro as dos Fonsecas, e no quarto as dos Zuzartes. — Br. p. a 18 de abril de 1825. Reg. no Cart. da N., liv. VIII, fl. 140 v.

(C. C.)

2092. MATTHEUS VALENTE DO COUTO, professo na ordem de Christo e cavalleiro fidalgo da casa real, natural da extincta praça de Mazagão; filho de Francisco Rodrigues do Couto Valente, cavalleiro fidalgo da casa real, professo na ordem de Christo e capitão de uma das companhias de infanteria da cidade do Pará, e de sua mulher D. Antonia Veiga da Fonseca; neto por parte paterna de Mattheus Valente do Couto, cavalleiro fidalgo da casa real e professo na ordem de Christo, o qual passou de sargento-mór de infanteria da extincta praça de Mazagão para mestre de campo do terço auxiliar da nova villa de Mazagão, no estado do Grão-Pará, e de sua mulher D. Catharina Rosa e Ascenção, filha do adail João Valente da Costa, cavalleiro fidalgo da casa real e professo na ordem de Christo; e pela materna de Bernardino da Fonseca, e de sua mulher D. Anna Fernandes de Carvalho, filha de João Fernandes de Carvalho, tambem com o mesmo foro, professo na ordem de Christo, vedor geral que foi da dita praça de Mazagão, e de sua mulher D. Antonia Veiga da Fonseca; bisneto por parte paterna de Antonio Diniz do Couto, cavalleiro fidalgo da casa real e professo na ordem de Christo, o qual foi por muitos annos auxiliar da cavallaria e vedor geral da referida praça, e de sua mulher D. Maria Valente, filha do adail Lazaro Valente Marreiros, com o dito foro e professo na ordem de Christo, e de sua mulher D. Catharina Dias; e por parte materna de Ignacio Freire da Fonseca, capitão que foi de engenheiros da mencionada praça, cavalleiro fidalgo da casa real e professo na ordem de Christo, e de sua mulher D. Maria da Fonseca, filha de Luiz da Fonseca Zuzarte, e de sua mulher D. Isabel da Ascenção.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Valentes, no segundo as dos Coutos, no terceiro as dos Fernandes, e no quarto as dos Carvalhos. — Br. p. a 22 de abril de 1799. Reg. no Cart. da N., liv. VI, fl. 74.

(C. C.)

2093. MAURICIO JOSÉ BERNARDO DE LACERDA (Padre), filho do capitão Antonio Pereira de Berredo, e de sua mulher D. Anna Eleutheria de Lemos Coelho, e o mencionado pae do supplicante era filho natural de Bernardo Pereira de Berredo, governador e capitão general dos estados do Pará e Maranhão, e de D. Maria de Mello, filha de Diogo Froes de Brito, e de sua mulher D. Maria de Mello, esta filha de Antonio Teixeira de Mello, fidalgo da casa real, cavalleiro professo na ordem de Christo e segundo commandante general do exercito portuguez empregado na guerra contra os hollandezes na restauração do Maranhão, e de sua mulher D. Catharina da Silva; neto materno de Antonio de Lemos Coelho, e de sua mulher D. Thereza Correa de Jesus; bisneto do capitão Manuel de Lemos e Sousa, e de sua mulher D. Catharina Coelho; sendo a dita D. Thereza Correa de Jesus filha do capitão Paulo Pires Tourinho, e de sua mulher D. Joanna Correa Pestana, esta filha de Bartholomeu Barreiros, e neta paterna de Antonio Moniz Barreiros, governador e primeiro commandante general do referido exercito da restauração do mencionado estado do Maranhão do poder dos hollandezes; e materna de Maria da Costa Correa, filha de Agostinho Correa, governador e capitão general d'aquelle mesmo estado.

Um escudo ovado e esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Pereiras, no segundo as dos Berredos, no terceiro as dos Correas, e no quarto as dos Barreiros. — Br. p. a 12 de dezembro de 1803. Reg. no Cart. da N., liv. VII, fl. 51 v.

(C. C.)

2094. MEM GONÇALVES MACHADO, natural de Beja, filho de Luiz Mendes e de Maria Machado; neto de Arthur Fernandes Machado, que foi fidalgo muito honrado e do tronco d'esta geração, morador em Beja.

Carta pela qual el-rei D. João III lhe concede o seguinte brazão de armas de seus antecessores: — Escudo de campo vermelho com cinco machados de prata e os cabos de oiro, em aspa, e por differença uma brica de oiro com um — M — de preto; elmo de

prata aberto guarnecido de oiro, paquife de oiro e vermelho, e por timbre dois dos machados em aspa; com todas as honras de nobre e fidalgo, por descender da geração dos Machados. — Dada em Lisboa a 22 de maio de 1538. Reg. na Chanc. de D. João III, liv. XLIV, fl. 65.

2095. Miguel Antonio Pereira Tenreiro de Albuquerque, cavalleiro professo na ordem de Christo, capitão-mór do concelho de Senhorim, comarca de Viseu; filho do capitão Manuel Marques de Albuquerque, bacharel formado pela Universidade de Coimbra, e de D. Engracia Maria Angelica Pereira de Figueiredo; neto pela parte paterna de Antonio Marques, e de D. Isabel de Albuquerque, e pela materna neto do capitão João Pereira Tenreiro, e de sua mulher D. Josepha Marques de Figueiredo.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Albuquerques, no segundo as dos Tenreiros, no terceiro as dos Almeidas, e no quarto as do primeiro quartel. — Br. p. a 7 de agosto de 1781. Reg. no Cart. da N., liv. III, fl. 21.

(C. C.)

2096. Miguel Antonio Ponces de Carvalho.

Um escudo esquartelado com as armas que lhe foram concedidas por alvará de 28 de maio de 1866. — Br. p. a 21 de julho de 1866. (M. N.) Reg. no Cart. da N., liv. IX, fl. 102. V. no I. H. *Ponces de Carvalho.*

(C. C.)

2097. Miguel de Araujo de Antas, filho de Miguel de Araujo de Antas, e de sua mulher Maria Carvalho; neto paterno de Belchior de Araujo de Antas, que veiu casar no concelho de Entre-Homem e Cavado, era descendente de Rodrigo Alvares de Antas, senhor que foi da casa e solar dos Antas, e de sua mulher D. Constança Rodrigues de Araujo, filha de Alvaro Rodrigues de Araujo, commendador de Rio-frio, como consta do nobiliario d'este reino, nas familias de Araujos e Antas; neto materno de Antonio Carvalho.

As armas dos Antas, e Araujos. — Br. p. a 13 de abril de 1757. Reg. no Cart. da N., liv. particular, fl. 106 v.

(C. C.)

2098. Miguel de Barros, morador na villa de Canavezes, filho de Rodrigo de Barros, neto de Gonçalo Eannes de Barros, e bisneto de João de Barros.

Carta pela qual el-rei D. Filippe II lhe concede o seguinte brazão de seus antecessores : —Escudo de campo azul com tres bandas de prata acompanhadas de nove estrellas de oiro de seis pontas, e por differença uma linha preta ao revez com a ponta de cima livre; elmo de prata aberto guarnecido de oiro, paquife dos metaes e côres das armas, e por timbre uma aspa azul com cinco estrellas de oiro; com todas as honras e privilegios de fidalgo por descender da geração dos Barros. — Dada em Lisboa a 5 de fevereiro de 1609. Reg. na Chanc. de D. Filippe II, liv. III, fl. 204 v.

2099. Miguel Borges de Castro Tavares de Azevedo, cavalleiro fidalgo da casa real,. administrador dos vinculos de Anceris, e Oliveira do Conde; filho de Luiz Borges de Castro Tavares de Azevedo, provedor da cidade de Viseu, e de sua mulher D. Maria Carlota Eduarda do Valle Lobo da Torre; neto paterno de Miguel Borges Tavares de Azevedo Gouvea e Castro, cavalleiro professo na ordem de Christo, e desembargador da Relação do Porto, e de sua mulher D. Maria Manuela Amalia de Azevedo Rebello Gusmão; bisneto de Luiz Xavier de Azevedo, cavalleiro professo na Ordem de Christo e corregedor da cidade de Lagos, e de sua mulher D. Rosa Luiza Mello Borges e Castro; terceiro neto pelo mesmo lado de Miguel Borges Tavares de Castro, e de sua mulher D. Michaela de Mello; quarto neto de João Borges de Castro, e de sua mulher D. Maria Madeira; quinto neto de Antonio Borges de Castro, e de sua mulher D. Thereza de Mello; sexto

neto de D. Anna Borges, instituidora dos vinculos de Anceris, a quem se passou brazão de armas.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Borges, no segundo as dos Castros, no terceiro as dos Tavares, e no quarto as dos Azevedos. — Br. p. a 7 de março de 1859. Reg. no Cart. da N., liv. IX, fl. 22 v.

(C. C.)

2100. Miguel de Carvalho, natural da ilha da Madeira, filho de Gonçalo Ferreira de Carvalho, e de Branca Affonso de Drumond; bisneto de D. João de Drumond, senhor de Escobal, neto de João Affonso de Carvalho, e bisneto de Affonso de Carvalho, e todos foram fidalgos muito honrados e dos verdadeiros troncos d'estas gerações.

Carta pela qual el-rei D. João III lhe concede o seguinte brazão de seus antecessores: — Escudo de campo esquartelado; o primeiro dos Carvalhos que é azul com uma estrella de oiro entre uma cadea de crescentes de prata, o segundo de oiro e tres faxas de vermelho ondadas, e por differença um trifolio de oiro picado de verde; elmo de prata aberto guarnecido de oiro, paquife de prata, azul, oiro e vermelho, e por timbre meia lebre de vermelho com uma coleira de oiro; com todas as honras e privilegios de nobre fidalgo por descender das gerações dos Carvalhos e dos Drumonds. — Dada em Lisboa a 18 de janeiro de 1544. Reg. na Chanc. de D. João III, liv. XLI, fl. 2.

2101. Miguel Correa Lopes de Freitas e Sousa, natural da freguezia de Santo Ildefonso da cidade do Porto, e n'ella morador; filho de Manuel Correa Lopes, professo na ordem de Christo, e de sua mulher D. Anna Felicia de Sousa Delicado; neto pela parte paterna de Manuel Correa Lopes, e de D. Marianna Moreira Correa da Silva; bisneto de Miguel de Freitas Correa, professo na ordem de Christo, e provedor que foi dos Contos da côrte, e de D. Cecilia Correa; neto pela parte materna de Anacleto de Sousa Delicado, e de D. Rosa de Sousa; bisneto de Antonio Pires Delicado, capitão de mar e guerra, e cidadão da cidade do Porto, e de D. Francisca dos Santos e Sousa.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Sousas, no segundo as dos Correas, no terceiro as dos Lopes, e no quarto as dos Freitas. — Br. p. a 12 de maio de 1796. Reg. no Cart. da N., liv. V, fl. 125 v.

(C. C.)

2102. Miguel Ferrão de Castello-branco, filho de Nuno Ferrão de Castello-branco, morador no Tojal, e neto de João Ferrão de Castello-branco, fidalgo.

Carta pela qual el-rei D. João III lhe concede o seguinte brazão de armas de seus antecessores: — Escudo de campo azul e n'elle um leão de oiro rompente com as unhas e lingua vermelhas, e por differença uma merleta de prata; elmo de prata aberto guarnecido de oiro, paquife de oiro e azul, e por timbre o mesmo leão; com todas as honras e privilegios de nobre fidalgo por descender da geração e linhagem dos Castello-brancos. — Dada em Lisboa a 7 de dezembro de 1528. Reg. na Chanc. de D. João III, liv. II, fl. 164 v.

2103. Miguel Ferreira de Oliveira Bueno (Alferes), natural da villa e praça de Santos, filho do sargento-mór João Ferreira de Oliveira, e de sua mulher D. Maria Bueno da Conceição; neto pela parte paterna de Manuel Ferreira de Oliveira, e de sua mulher D. Maria de Oliveira, e pela materna de Manuel Gomes Palheiros, e de sua mulher D. Rosa Maria Bueno, filha de Manuel Lobo Franco, e de sua mulher D. Maria Bueno, esta filha de Sebastião Preto Moreira, e de sua mulher D. Marianna Bueno, filha de Amador Bueno, capitão-mór e governador que foi da capitania de S. Paulo, e de sua mulher D. Bernarda Luiz, filha de Domingos Luiz, cavalleiro na ordem de Christo, e de sua mulher D. Anna Camacho.

Um escudo, e n'elle as armas dos Lobos.—Br. p. a 22 de julho de 1791. Reg. no Cart. da N., liv. IV, fl. 225.

(C. C.)

2104. Miguel de Freitas e Vasconcellos, natural do concelho de Felgueiras, comarca de Guimarães; filho de Francisco de Freitas Guimarães, e de Anna Mendes de Vasconcellos; neto materno de Bento Francisco de Vasconcellos, e de Anna Francisca; bisneto de Martha Mendes de Vasconcellos.

As armas dos Freitas, e Vasconcellos.—Br. p. a 30 de maio de 1761. Reg. no Cart. da N., liv. particular, fl. 128 v.

(C. C.)

2105. Miguel Garcia Galvão de Haro Farinha, natural da cidade de Santa Maria de Belem do Grão-Pará, filho do capitão José Garcia Galvão de Haro Farinha, a quem se passou brazão de armas aos 17 de julho de 1778, e de sua mulher D. Anna Joaquina do Porto Freire; neto pela parte paterna de Diogo Garcia Galvão, e de D. Francisca Josepha Michaela de Haro Farinha, e por esta bisneto de Rodrigo de Haro Farinha, fidalgo da casa real; terceiro neto de Pedro Sanches Farinha.

Um escudo esquartelado; no primeiro e quarto quarteis as armas dos Sanches, no segundo as dos Haros, e no terceiro as dos Farinhas.—Br. p. a 12 de outubro de 1798. Reg. no Cart. da N., liv. VI, fl. 50.

(C. C.)

2106. Miguel José Rodrigues, escripturario da contadoria do real Contracto do tabaco, filho de José Baptista Rodrigues, e de sua mulher D. Vicencia Maria da Purificação; neto paterno de Miguel José Rodrigues, negociante da praça da cidade de Lisboa, e de sua mulher D. Mauricia Caetana Josepha Xavier : e seu pae é irmão de Marcos Aurelio Rodrigues, cavalleiro professo na ordem de Christo, a quem se passou brazão de armas a 3 de novembro de 1801.

Um escudo com as armas dos Rodrigues.—Br. p. a 14 de março de 1812. Reg. no Cart. da N., liv. VII, fl. 244v .

(C. C.)

2107. Miguel Machado de Abreu Sousa de Mesquita Freitas Bacellar Peixoto, filho de Bernardo Machado de Mesquita Cardoso, e de sua mulher D. Guiomar Maria de Abreu Sousa Bacellar; neto pela parte paterna de Miguel de Mesquita Rebello de Freitas, e de sua primeira mulher D. Marianna Cardoso Machado de Miranda, filha de José Cardoso, e de sua mulher D. Maria de Miranda; bisneto pela sua varonia de Bernardo de Mesquita e Freitas, e de sua mulher D. Luiza Machado de Andrade, filha de Gaspar Francisco de Barros e Andrade, e de sua mulher D. Maria de Andrade Machado; terceiro neto pela mesma varonia do reverendo Miguel de Mesquita e Freitas, abbade de S. Pedro de Bristello, e de D. Maria Francisca Coelho; quarto neto do capitão-mór do concelho de Celorico de Basto Pedro de Freitas Peixoto, senhor da quinta da Quintã, e de sua mulher D. Anna de Mesquita; e pela parte materna se mostrava ser neto de Ignacio Machado de Andrade Barros, cavalleiro da ordem de Christo, e de sua mulher D. Maria de Abreu Bacellar; bisneto de Fernando Machado de Barros e Andrade, e de sua mulher D. Catharina de Gouvea; e por este quarto neto de Fernando Alves de Azevedo, e de sua mulher D. Anna Machado de Gouvea, senhores da quinta da Valenta.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Peixotos, no segundo as dos Freitas, no terceiro as dos Machados, e no quarto as dos Mirandas.—Br. p. a 5 de outubro de 1784. Reg. no Cart. da N., liv. III, fl. 173.

(C. C.)

2108. Miguel de Oliveira de Andrade Borges de Mesquita [1], filho de Mattheus de Oliveira, e de sua mulher Maria Francisca, filha de Antonio Francisco, e de sua mulher Margarida Borges; neto pela sua varonia de Fructuoso de Oliveira Borges, e de sua mulher Seraphina Monteiro; bisneto de Francisco Ferreira, e de sua mulher Margarida de Mesquita Borges, esta filha de Antonio Borges, e de sua mulher Margarida de Mesquita, terceiros avós do supplicante; e por esta parte quarto neto de Antonio Paes do Amaral, capitão-mór da villa de Celorico de Basto, e de sua mulher Marinha Borges; e por esta quinto neto de Balthasar Borges Lousada, e de sua mulher D. Isabel Gomes de Abreu e Brito; sexto neto de Fernando Gonçalves de Faria, ouvidor que foi de Mezão-frio, e de sua mulher D. Isabel Borges de Azevedo, esta filha de Belchior Borges de Sousa, fidalgo da casa real e cavalleiro da ordem de S. Tiago, e de sua mulher D. Felicita de Cerqueira, e neta de Gaspar Borges de Sousa, e de sua mulher e segunda prima D. Thereza Gomes Rebello, filha esta de D. Senhorinha do Rego Borges, e de seu marido João de Lousada de Ledesma; a qual D. Senhorinha do Rego Borges era filha de D. Catharina do Rego Borges e de seu marido D. Affonso de Mansilha, e neta de João Rodrigues Borges, fidalgo da casa real, senhor da terra de Alva e do padroado das tres egrejas : S. Miguel de Mamouras, S. Martinho de Alva e Santa Maria de Pipião; alcaide-mór de Santarem, filho de Ruy Borges, fidalgo tambem da casa real, senhor das terras de Carvalhaes, do couto de Avelãs de cima, de Ferreiras do Reguengo da Quintella e de Arcos, logares de Ilhavo, Verdemilho e casaes de Sá, com o padroado das referidas egrejas, mero e mixto imperio nas terras d'ellas; e finalmente decimo terceiro neto de Diogo Borges, commendador do Torrão e senhor donatario das referidas terras e outras mais.

As armas esquarteladas dos Borges, Oliveiras, Mesquitas, e Monteiros.— Br. p. a 7 de setembro de 1757. Reg. no Cart. da N., liv. particular, fl. 110.

2109. Miguel Pereira de Andrade de Lemos Correa e Costa, natural da freguezia de S. Mattheus de Grimancellos, termo da villa de Barcellos; filho de Fructuoso de Andrade Lemos Correa e Costa, e de D. Anna Pereira de Mello; neto pela parte paterna de Cypriano de Andrade Lemos Correa, e de D. Domingas Francisca da Fonseca; bisneto de Cypriano de Andrade, e de D. Maria de Lemos Correa, e por esta terceiro neto de D. Francisca de Lemos Correa e Costa, e de seu marido Antonio André, ella irmã legitima de João de Lemos da Costa, cavalleiro fidalgo da casa real, e de Manuel da Costa Lemos, moço da camara, avô legitimo de João Correa de Vasconcellos, fidalgo tambem da casa real, que foi pae de D. Maria do Carmo de Vasconcellos Correa, de quem o supplicante herdou um vinculo que possue; quarto neto de Sebastião de Lemos da Costa, e de D. Maria Alvares, filha de Domingos Gonçalves, e de D. Francisca Luz; quinto neto de Domingos Dias de Lemos, e de D. Maria Gonçalves da Costa, irmã de Francisco da Costa, fidalgo da casa real, cavalleiro da ordem de Christo, provedor dos Contos do reino, o qual serviu tambem algum tempo de contador-mór; e de Braz da Costa, conselheiro da Fazenda, filhos todos de Domingos Gonçalves da Costa, cavalleiro da ordem de Christo, e de D. Margarida Correa, prima de Gonçalo Correa da Costa de Penalva, fidalgo da casa real, que foi pae de Salvador Correa de Sá, governador que foi do Rio de Janeiro; e finalmente sexto neto de Bastião Alvares, e de sua mulher Maria de Lemos.

Um escudo esquartelado ; no primeiro e quarto quarteis as armas dos Lemos, no segundo as dos Costas, e no terceiro as dos Correas.—Br. p. a 4 de março de 1765. Reg. no Cart. da N., liv. I, fl. 1.

(C. C.)

[1] Miguel de Oliveira de Andrade Borges de Mesquita, em 1761 tirou carta de familiar do Santo Officio, como se vê dos autos originaes que se guardam no Archivo nacional da torre do Tombo sob maço 17, diligencias n.º 262, e alli se acha provada a mesma filiação, assim como que era elle n'aquella epoca contractador dos tabacos do reino, etc.

2110. Miguel Rebello de Araujo Bastos e Antunes (Doutor), da villa de Guimarães, filho de Antonio Rebello de Araujo, e de D. Maria de Bastos e Antunes; neto paterno de Fernando Rebello de Araujo.

Um escudo partido em pala; na primeira as armas dos Rebellos, e na segunda as dos Araujos.—Br. p. a 26 de novembro de 1807. Reg. no Cart. da N., liv. vii, fl. 219.

(C. C.)

2111. Manuel Ribeiro Maldonado Cabral e Macedo, familiar do Santo Officio, filho de João Cabral Maldonado, e de sua mulher Isabel Rebello; neto paterno de Manuel da Fonseca, e de sua mulher Paula Cabral; bisneto de Miguel Maldonado, e de sua mulher Catharina da Fonseca; terceiro neto de José Cabral, e de Catharina de Macedo.

As armas dos Cabraes, Maldonados, Fonsecas, e Macedos.—Br. p. a 4 de setembro de 1754. Reg. no Cart. da N., liv. particular, fl. 79 v.

(C. C.)

2112. Miguel de Sá Couceiro Portugal, filho de Manuel de Sá Couceiro Portugal, natural da villa de Monte-mór o velho, e de sua mulher D. Henriqueta de Abreu Pessoa de Amorim; neto paterno de Thomé Couceiro Lobo Portugal, e de sua mulher D. Luiza de Sá Pereira de Menezes; e materno de Francisco Antonio de Amorim Pessoa Abreu e Gouvea, e de sua mulher D. Catharina Joaquina Mauricia; bisneto paterno do capitão Agostinho Couceiro Portugal, e de sua mulher D. Luiza Gomes de Almeida; terceiro neto paterno de Agostinho Couceiro Portugal, familiar do Santo Officio, e bacharel formado na Universidade de Coimbra, e de sua mulher D. Maria Leite de Mello e Pina; quarto neto paterno de Lucas Couceiro, e de sua mulher D. Marianna Portugal; quinto neto pelo mesmo lado de Francisco Couceiro; sendo o mencionado Miguel de Sá Couceiro Portugal sobrinho por parte materna de Alberto de Abreu Pessoa de Amorim, a quem já se passou brazão de armas a 21 de julho de 1797.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Couceiros, no segundo as dos Portugaes, no terceiro as dos Sás, e no quarto as dos Gouveas.—Br. p. a 23 de dezembro de 1806. Reg. no Cart. da N., liv. vii, fl. 123 v.

(C. C.)

2113. Miguel Tiberio Pedegache Brandão Ivo, moço da camara do serenissimo senhor infante D. Manuel, natural e morador da cidade de Lisboa; filho de João Baptista Pedegache, cidadão nobre da cidade de Bayona do reino de França, e de sua mulher D. Dorothea Maria Rosa Brandão Ivo; neto paterno de Beltrão Pedegache, cidadão nobre da referida cidade de Bayona, e de sua mulher D. Lourença de Hythe; neto materno de Francisco Lourenço Brandão Ivo, capitão de artilheria e marinha da praça de Lagos no reino do Algarve, e de sua mulher D. Maria Rodrigues Soromenho, filha de Vicente Rodrigues Soromenho, e neta de Domingos Rodrigues Soromenho, cavalleiro andaluz, governador que foi da mesma praça, e de sua mulher Isabel Soromenho Machado; bisneto de Mathias Lourenço Brandão Ivo, e de sua mulher, que era natural da mesma villa; terceiro neto de Mathias Lourenço Brandão Ivo, e de sua mulher D. Isabel da Silveira; quarto neto de monsieur Ivo, e de sua mulher D. Isabel Couto Brandão, filha de Lourenço Vaz Brandão, e neta de Vasco Pires Brandão, quinto e sexto avós do supplicante.

As armas dos Brandões, Soromenhos, Silveiras, e Coutinhos.—Br. p. a 20 de dezembro de 1759. Reg. no Cart. da N., liv. particular, fl. 124 v.

(C. C.)

2114. Miguel Varella de Leão, bacharel formado na faculdade dos sagrados canones pela Universidade de Coimbra, capitão de infanteria auxiliar do terço da comarca de Viseu, e natural da villa do Freixo da mesma comarca; filho do doutor Manuel Varella

de Leão, e de sua mulher D. Josepha Maria Ribeiro; neto pela parte paterna de Manuel Francisco Varella, e de sua mulher D. Brites Alves; e pela materna do capitão João Zuzarte, e de sua mulher D. Garcia Ribeiro, de Santa Combadão.

Um escudo esquartelado; no primeiro e quarto quarteis as armas dos Varellas, no segundo as dos Leões, e no terceiro as dos Zuzartes.—Br. p. a 26 de setembro de 1788. Reg. no Cart. da N., liv. IV, fl. 74.

(C. C.)

N

2115. D. NATALIA LEITE GUEDES, filha de Jacinto Rebello Leite, e de sua mulher Anna Borges, irmã legitima de Antonio Borges de Mesquita, que serviu muitos annos na praça da nova Colonia com grande distincção; neto paterno do capitão Pedro de Mesquita Rebello, e de sua mulher Joanna Leite Pereira; e a dita sua avó filha de Miguel Rebello, e de sua mulher Seraphina Mousinho Guedes; neto materno de Antonio Borges de Mesquita, e de sua mulher Maria Carvalho.

As armas dos Rebellos, Borges, Leites, e Guedes. —Br. p. a 23 de junhoo de 1752. Reg. no Cart. da N., liv. particular, fl. 37.

(C. C.)

2116. NICOLAU DE ABREU.

Carta pela el-rei D. João III lhe concede o seguinte brazão de seus antecessores:—Escudo de campo vermelho com cinco cotos de azas de oiro em aspa com as pontas para baixo, e por differença uma brica de prata e n'ella outra de vermelho; elmo de prata aberto guarnecido de oiro, paquife de oiro e vermelho, e por timbre um dos cotos das armas; com todas as honras e privilegios de fidalgo, por descender da geração e linhagem dos Abreus, por parte de sua mãe e avós. — Dada em Alvito a 29 de dezembro de 1531. Reg. na Chanc. de D. João III, liv. XVIII, fl. 133.

2117. NICOLAU DE BARROS, natural e morador da ilha da Madeira, na cidade do Funchal; filho de Pedro Gonçalves de Barros; neto de Isabel de Barros; bisneto de Vasco Delgado de Barros, os quaes todos foram fidalgos e do tronco d'esta geração.

Carta pela qual el-rei D. Sebastião lhe concede o seguinte brazão de seus antecessores: — Escudo de campo vermelho com tres bandas de prata e sobre o campo nove estrellas de oiro, a saber: uma sobre o primeiro da cabeça, sobre o segundo tres, e sobre o terceiro outras tres, e sobre o quarto duas, e por differença uma merleta preta sobre uma das bandas; elmo de prata aberto guarnecido de oiro, paquife de oiro vermelho e prata, e por timbre uma aspa vermelha, e sobre ella cinco estrellas das armas; com todas as honras de fidalgo, por descender da geração dos Barros. — Dada em Lisboa a 3 de julho de 1563. Reg. na Chanc. de D. Sebastião, liv. III, fl. 173.

2118. NICOLAU GERALDES, morador em Lisboa; filho de Nicolau Geraldes e de D. Margarida, e irmã de Lucas Geraldes.

Carta pela qual el-rei D. Sebastião lhe concede e a seus descendentes o seguinte brazão de seus antecessores: — Escudo de campo branco (segundo parece) com um leão preto e um coronel de oiro, com todas as honras e privilegios de nobre fidalgo, por descender da geração dos Geraldes, que eram nobres em Florença. — Dada em Lisboa a 21 de junho de 1559. Reg. na Chanc. de Sebastião, liv. I, fl. 251.

2119. Nicolau Joaquim Leitão de Carvalho, natural da freguezia de Santo Aleixo, concelho de Ribeira de Pena, comarca de Guimarães; filho de Domingos Leitão Pina, e de sua mulher Maria José Carvalho da Guerra; neto pela parte paterna de Francisco Leitão, e de Isabel Dias; bisneto de Domingos Leitão, e de sua mulher Isabel Dias, e de Domingos Fernandes, e de sua mulher Maria Lourença; e pela materna bisneto de Francisco Gonçalves da Costa, e de sua mulher Domingas Carvalho.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Leitões, no segundo as dos Costas, no terceiro as dos Carvalhos, e no quarto as dos Guerras.—Br. p. a 31 de janeiro de 1777. Reg. no Cart. da N., liv. II, fl. 128.

(C. C.)

2120. Nicolau Joaquim Serpa, d'esta côrte e cidade de Lisboa, filho legitimo de Pedro Rodrigues Barros, e de D. Catharina de Serpa; neto pela parte materna de João de Serpa Ferraz, e de D. Anna Hus; bisneto de Alvaro Mergulhão Pereira, e de D. Ignez de Serpa; e por esta terceiro neto de Simão de Serpa, todos naturaes da villa de Torresvas, ao qual Simão de Serpa, se passou brazão com as armas dos Serpas, em 22 de julho de 1602; os quaes todos foram pessoas nobres e e se tractaram á lei da nobreza.

Um escudo com as armas dos Serpas. — Br. p. a 27 de junho de 1766. Reg. no Cart. da N., liv. I, fl. 33 v.

(C. C.)

2121. Nicolau Joaquim de Sousa Maldonado Bandeira Pinto Cordova (Doutor), moço fidalgo e fidalgo escudeiro da casa real; filho de Christovão de Brito Maldonado Bandeira Pinto, e de sua mulher D. Thereza Placida Josepha de Sousa e Vasconcellos; neto paterno de João Pinto Maldonado Bandeira, e de sua mulher D. Maria Josepha de Almeida e Rezende; e materno de Marcos José de Sousa Figueiredo Rebello e Vasconcellos, e de sua mulher D. Felicia Clara de Sousa.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Maldonados, no segundo as dos Bandeiras, no terceiro as dos Pintos, e no quarto as dos Sousas. — Br. p. a 28 de março de 1807. Reg. no Cart. da N., liv. VII, fl. 170.

(C. C.)

2122. Nicolau Maria Raposo, cavalleiro professo na ordem de Christo, provedor das armas da ilha de S. Miguel, natural e morador na mesma; filho de Nicolau Maria Caneva, e de sua mulher D. Sebastiana Margarida Raposo do Amaral; neto pela parte materna do capitão Manuel Pereira de Mello, e de sua mulher D. Barbara do Amaral: elle filho do capitão Manuel Coelho, e de sua mulher D. Isabel Pereira de Mello; e ella filha do capitão Sebastião Raposo do Amaral, e de sua mulher D. Isabel da Costa.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Pereiras, no segundo as dos Mellos, no terceiro as dos Raposos, e no quarto as dos Amaraes. — Br. p. a 7 de novembro de 1779. Reg. no Cart. da N., liv. II, fl. 208 v.

(C. C.)

2123. Nicolau Mendes de la Penha, morador em Lisboa, filho de Diogo Mendes, e neto de Thomaz de la Penha.

Carta pela qual el-rei D. Filippe I lhe concede o brazão de seus antecessores (não o descreve); com todas as honras e privilegios de fidalgo por descender da geração e linhagem dos de la Penha. — Dada em Lisboa a 30 de agosto de 1600. Reg. na Chanc. de D. Filippe I, liv. III, fl. 254. V. no I. H. *Penha (de la).*

2124. Nicolau Vicente Bouchard, morador na côrte e cidade de Lisboa, filho de Henrique José Bouchard, cavalleiro professo na ordem de Christo, a quem se passou bra-

zão das armas dos Bouchards no anno de 1718, por ser legitimo descendente d'esta familia; neto de Nicolau Bouchard, cavalleiro professo na ordem de Christo, familiar do Santo Officio que foi na cidade de Avinhão, d'onde era natural, e morador em Lisboa, onde foi reconhecido por fidalgo pelo senhor rei D. Pedro II no anno de 1681, cujo reconhecimento lhe foi confirmado pelo senhor rei D. João V no anno de 1713, e de sua mulher D. Francisca Clara; bisneto de Henrique de Bouchard; terceiro neto de Luiz de Bouchard; quarto neto do conde Henrique de Bouchard; quinto neto do conde Luiz de Bouchard, descendente do grande condestavel Bouchard no reino de França, reinando o imperador Carlos Magno : sendo esta familia tão illustre na Europa, que d'ella foi o primeiro barão que houve em França, que se chamou barão de Montmorency.

As armas dos Bouchards. — Br. p. a 6 de setembro de 1751. Reg. no Cart. da N., liv. particular, fl. 21.

(C. C.)

2125. Nuno Alves Cahinho Barradas, familiar do Santo Officio, capitão-mór da villa de Grandola; filho do sargento-mór João Soveral, e de sua mulher D. Joanna Maria de Vilhena; neto paterno de João Soveral Barradas, e de Maria Borges Penella, filha de João Mattheus, e de Ignez Gonçalves; bisneto de Manuel Soveral Barradas, e de Isabel Rodrigues; terceiro neto de João Manuel, e de Isabel Fernandes; neto materno de Nuno Alves Cahinho, e de Catharina de Sena; bisneto de João Valadão, e de Joanna de Vilhena : e a dita Catharina de Sena filha de Antonio Luiz Abelho, e de Violante Rodrigues; neta paterna de Martim Fernandes Abelho, e de Maria Rodrigues de Moraes.

As armas dos Barradas, Vilhenas, e Abelhos. — Br. p. a 24 de julho de 1761. Reg. no Cart. da N., liv. particular, fl. 130 v.

(C. C.)

2126. Nuno Augusto de Brito Homem Ferreira.

Teve brazão por alvará de 28 de abril de 1865. (M. N.)

2127. Nuno Martins Garro, escudeiro do duque de Bragança.

Carta pela qual el-rei D. Affonso V lhe concede e a seus descendentes o seguinte brazão de fidalgo : — Um escudo de campo azul, e no meio uma onça de oiro saltante armada de preto; pelos muitos serviços por elle prestados no reino e em Africa. — Dada em Arevol a 31 de agosto de 1475. (M. N.) Reg. na Chanc. de D. Affonso V, liv. II de Mist., fl. 64.

P

2128. Patricio Teixeira Pinto Malheiro de Mello Cardoso, natural e morador na sua quinta do Prado, concelho de Aregos, comarca de Lamego; filho de Affonso Manuel Teixeira Pinto, e de sua mulher D. Maria Leonel Malheiro de Mello; neto de Francisco Teixeira Cabral, e de sua mulher D. Maria Pinto de Mello; bisneto de Bernardo Cardoso, e de sua mulher D. Maria Malheiro, e terceiro neto de João Malheiro de Mello, e de sua mulher D. Maria Botelho, todos naturaes do dito concelho.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Cardosos, no segundo as dos Pintos, no terceiro as dos Malheiros, e no quarto as dos Mellos. — Br. p. a 4 de dezembro de 1781. Reg. no Cart. da N., liv. III, fl. 35.

(C. C.)

2129. PAULO ANTONIO XAVIER DE OLIVEIRA, ajudante de cavallaria do regimento da praça de Almeida, natural da mesma, filho de José da Silva Madeira, capitão engenheiro da dita praça, e de sua mulher D. Josepha de Oliveira, paes tambem de Manuel Bernardo da Silva, e de Bernardo Alexandre de Oliveira, commissario de mostras; neto pela parte paterna de Antonio da Silva, e de sua mulher D. Antonia Rosa, e pela materna de Domingos Alvares de Oliveira, e de sua mulher D. Maria Rodrigues; bisneto de Antonio Alvares; neto de D. Anna Rodrigues de Oliveira, filha de Pedro de Oliveira, pessoa nobre d'esta familia, de cujas armas teve seu brazão como mostrava por sentença.

Um escudo partido em pala; na primeira as armas dos Silvas, na segunda as dos Oliveiras. — Br. p. a 20 de maio de 1783. Reg. no Cart. N., liv. III, fl. 94.

(C. C.)

2130. PAULO ARRAES DE MENDONÇA, morador na villa de Almada, filho de Diogo Arraes de Mendonça, neto de Martim Arraes de Mendonça, bisneto de Vicente Arraes de Mendonça, os quaes todos foram fidalgos e do tronco d'esta geração.

Carta pela qual el-rei D. Sebastião lhe concede o seguinte brazão de seus antecessores : — Escudo de campo esquartelado; o primeiro de vermelho e nove folhas de golhão de oiro em tres palas, o segundo partido em aspa de verde e oiro, e sobre o verde uma banda vermelha acotisada de oiro, e sobre o oiro um — S — de preto, e assim os contrarios, e por differença uma merleta de prata; elmo de prata aberto guarnecido de oiro, paquife de oiro, vermelho e verde, e por timbre uma meia selvagem com um remo de oiro ás costas; com todas as honras de fidalgo por descender da nobre geração dos Arraes de Mendonça. — Dada em Lisboa a 14 de abril de 1564. Reg. na Chanc. de D. Sebastião, liv. IV, fl. 262.

2131. PAULO DE AZEVEDO LIMA PITTA (Capitão), cavalleiro professo na ordem de Christo, e seu irmão Manuel de Azevedo Lima Pitta, naturaes de villa de Santa Catharina, coutos de Alcobaça, arcediagado de Obidos, filhos do capitão Domingos de Azevedo Lima, a quem se passou brazão com as armas dos Limas a 12 de janeiro de 1728, e de sua mulher D. Perpetua Catharina da Silveira Pitta Corte-real, a quem se passou tambem brazão com as armas dos Pittas em 12 de março do dito anno; netos paternos de Paulo Francisco de Azevedo, e de sua mulher Luiza Rodrigues Lima, filha de João Rodrigues Lima; bisnetos de Antonio Francisco de Azevedo; netos maternos do capitão Simão Luiz Ribeiro Pinto, e de sua mulher D. Joanna da Silveira Pitta, filha do capitão João de Oliveira, e de sua mulher D. Catharina da Silveira Pitta; bisnetos do capitão João Luiz Henriques, e de sua mulher Magdalena da Silva.

As armas dos Limas, e Pittas. — Br. p. a 21 de dezembro de 1751. Reg. no Cart. da N., liv. particular, fl. 21 v.

(C. C.)

2132. PAULO BARACHO SACOTO HENRIQUES ENCERRA-BODES, morgado em Villafranca de Xira, e n'ella morador; filho de Francisco Baracho Sacoto, e de sua mulher D. Michaela Jacinta Barbosa de Andrade; neto pela parte paterna de Wenceslau Baracho Sacoto; neto por parte materna de Luiz Barbosa de Andrade; bisneto por parte paterna de Francisco Baracho Sacoto, mostrando-se pela sua justificação ser o mesmo justificante sexto neto pela parte paterna de Gonçalo Mendes Sacoto, que serviu de alcaide-mór d'este reino por mercê do senhor rei D. Manuel, assim como ser parente do desembargador Manuel Henriques Sacoto, conselheiro qne foi da real Fazenda.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Barachos, no segundo as dos Sacotos, no terceiro as dos Barbosas, e no quarto as dos Andrades. — Br. p. a 27 de janeiro de 1798. Reg. no Cart. da N., liv. VI, fl. 6.

(C. C.)

2133. PAULO BOTELHO SALVADO (Doutor), formado em Canones pela Universidade de Coimbra, commissario do Santo Officio da Inquisição de Lisboa, e sua irmã D. Cecilia Maria Caetana Coelho, mulher de Sebastião da Costa; filhos de Ventura Botelho, e de sua mulher Isabel Salvado, do Fundão, filha do doutor João Salvado, e de sua mulher Maria Antunes; neta de Manuel Salvado; netos os supplicantes de Sebastião Botelho, e de sua mulher Maria Coelho; bisnetos de Antonio Botelho; terceiros netos de Simão Botelho do Amaral, e de sua mulher Custodia Henrique; quartos netos de Pedro Alvares Botelho, commendador de Taveiro na ordem de Christo, e de sua mulher D. Maria do Amaral, filha de Francisco do Amaral, neta de Francisco do Amaral; bisneta de Jacome Fernandes do Amaral, e de sua mulher Ignez Lopes; terceira neta de Tristão Fernandes do Amaral, padroeiro do mosteiro de S. Tiago de Caçurrães, e de sua mulher Maria Martins; quarta neta de Fernão Vaz do Amaral, commendador de Sampaio de Oliveira dos Frades na ordem de Christo, e de sua mulher Branca Affonso, filha de Duarte Affonso de Mangualde; quinta neta de Leonor Vaz, e de seu marido Fernão Vaz; sexta neta de Mecia Vaz do Amaral, e de seu marido Gonçalo Annes, ou João Annes Cardoso; setima neta de Vasco Paes Cardoso, e de sua mulher Brites Annes do Amaral; oitava neta de Brites Annes, e de seu segundo marido Vasco Paes Cardoso; nona neta de João Lourenço do Amaral, e de sua mulher D. Maria Fernandes de Barrantes; quintos netos os supplicantes, segundo parece, de João Pires Botelho, e de sua mulher Catharina Martins; sextos netos de Pedro Botelho, craveiro, e commendador da ordem de Christo, filho natural de outro Pedro Botelho, craveiro, e commendador da dita ordem; neto de Diogo Botelho, e de sua mulher Leonor Affonso; bisneto de Fernão Dias Botelho; terceiro neto de Affonso Botelho, e de sua mulher D. Maria Francisca; quarto neto de Affonso Botelho, que era setimo neto de D. Paio, morgado de Sandim-o-velho, em quem o conde D. Pedro dá principio a esta familia dos Botelhos.

As armas dos Botelhos. — Br. p. a 1 de outubro de 1751. Reg. no Cart. da N., liv. particular, fl. 22.

(C. C.)

2134. PAULO GOMES DE ABREU, bacharel formado nos sagrados canones pela Universidade de Coimbra, natural da freguezia de Santa Christina de Serzedello, termo de Barcellos; filho de Paulo Gomes de Abreu, o qual era legitimo descendente dos verdadeiros Gomes e Abreus da sobredita casa, e por tal tido, havido e reconhecido das pessoas principaes da provincia do Minho, n'este reino e no de Castella, onde os seus antepassados lograram grandes estimações, e foram aparentados com fidalgos de primeira distincção, dos quaes procederam os duques de Souto-maior.

As armas dos Gomes, e Abreus. — Br. p. a 23 de março de 1755. Reg. no Cart. da N., liv. particular, fl. 84 v.

(C. C.)

2135. PAULO JOSÉ FERRÃO DE CASTELLO-BRANCO, natural da villa de Susão de Lobão, termo de Tondella de Resteiro, comarca e bispado de Viseu; filho do bacharel Manuel Rodrigues Ferrão, e de sua mulher D. Maria Rebello de Jesus; neto pela parte paterna do capitão Manuel Ribeiro Ferrão, e de sua mulher D. Maria Correa de Figueiredo; bisneto de Manuel Ferrão, e de sua mulher D. Isabel de Abreu.

Um escudo partido em pala; na primeira as armas dos Ferrões, e na segunda as dos Castello-brancos. — Br. p. a 30 de setembro de 1784. Reg. no Cart. da N., liv. III, fl. 171.

(C. C.)

2136. PAULO JOSÉ DA SILVA GAMA, fidalgo da casa real, cavalleiro professo na ordem de S. Bento de Aviz, chefe de esquadra das reaes armadas, e governador da capita-

nia de S. Pedro no Brazil; filho do tenente coronel Manuel da Silva Alvares, e de sua mulher D. Theodora Joaquina da Gama; neto por parte paterna de Antonio Luiz Alvares, e de sua mulher D. Maria Luiza da Silva; neto por parte materna de Sebastião Antonio da Gama, e de sua mulher D. Luiza da Silva.

Um escudo partido em pala; na primeira as armas dos Silvas, e na segunda as dos Gamas. — Br. p. a 15 de janeiro de 1802. Reg. no Cart. da N., liv. VI, fl. 186.

(C. C.)

2137. Paulo José Pinto Rodrigues, sargento-mór das ordenanças do districto de Cascaes e Oeiras; filho de José Rodrigues Pinto, e de sua mulher D. Luiza Maria da Assumpção; neto paterno de Miguel Rodrigues, e de sua mulher D. Maria Barbara Rodrides; e materno de Joaquim Antonio Pinto, e de sua mulher D. Maria Clara.

Um escudo partido em pala; na primeira as armas dos Rodrigues, e na segunda as dos Pintos. — Br. p. a 16 janeiro de 1813. Reg. no Cart. da N., liv. VII, fl. 267.

(C. C.)

2138. Paulo Lopes da Matta Morgado, professo na ordem de Christo, capitão de infanteria auxiliar, natural do logar do Tojal, termo da villa da Certã, priorado do Crato; filho de Manuel Lopes Morgado, e de sua mulher Ignez da Matta; neto pela parte paterna de Manuel Fernandes, e de sua mulher Maria Lopes, morgada da Ameixieira, filha de Francisco Fernandes, e de sua mulher Francisca Lopes, morgada da Ameixieira; e pela parte materna neto de Domingos Lopes, e de sua mulher Anna da Matta.

Um escudo partido em pala; na primeira as armas dos Lopes, e na segunda as dos Mattas. — Br. p. a 3 de abril de 1786. Reg. no Cart. da N., liv. III, fl. 216 v.

(C. C.)

2139. Paulo de Moraes Leite Velho, doutor na faculdade de medicina pela Universidade de Coimbra, segundo medico do exercito com a graduação de sargento-mór, e assistente aos hospitaes regimentaes da praça de Chaves; filho de Luiz Bernardo de Moraes Rocha, sargento-mór de ordenanças, e de sua mulher D. Antonia Marcellina Leite Velho de Moraes; neto pela parte paterna de Manuel de Moraes, e de sua mulher Maria da Rocha; e pela materna de Antonio Pedro de Amorim, e de sua mulher D. Antonia Vicencia.

Um escudo esquartelado; no primeiro e quarto quarteis as armas dos Moraes, no segundo as dos Leites, e no terceiro as dos Velhos. — Br. p. a 28 de novembro de 1818. Reg. no Cart. da N., liv. VIII, fl. 19 v.

(C. C.)

2140. Paulo da Motta Duque Estrada (Doutor), filho legitimo de Pedro Freire Ribeiro Duque Estrada, filho legitimo de Pedro Ribeiro, e de sua mulher D. Anna Duque Estrada; neto pela parte paterna de Francisco Freire Ribeiro, e de sua mulher D. Catharina de Freitas, filha de João Sardinha, e de sua mulher Luiza Gomes; e pela materna neto de Henrique Duque Estrada, e de sua mulher D. Theodosia da Rosa, filha do capitão-mór Nuno Francisco de Aguiar, provedor da Fazenda real que foi em Angola; bisneto de João Duque Estrada, cavalleiro da cidade de Anvers nos Paizes-baixos, d'onde passou a esta de Lisboa na companhia do cardeal Alberto, archiduque de Austria, quando aquelle principe veiu para governador de Portugal no tempo que este reino e aquelles estados eram dominados pela coroa de Castella: e era de tão distincta qualidade que casou n'esta corte com D. Anna de Paradis, filha de Henrique Pires de Sousa, desembargador do Paço, e de sua mulher D. Maria Rosa Preiras, avós do supplicante; pela parte materna é neto de Paulo da Motta, e bisneto de Antonio Francisco da Motta, da villa de Punhete, todos pessoas nobres, que se tractaram como taes a lei da nobreza e procederam da referida familia de Duques de Estrada, que tem o seu solar assente nas montanhas da

Escocia, d'onde saiu para as mais terras onde existe, como largamente traz D. João de Flores de Escocia, na Escocia.

Um escudo com as armas de Duque Estrada. — Br. p. a 11 de maio de 1766. Reg. no Cart. da N., liv. I, fl. 28 v.

(C. C.)

2141. Paulo Ribeiro do Valle, capitão de granadeiros do terço auxiliar da cidade de S. Salvador da Bahia de todos os Santos, natural da freguezia de Santa Christina de Serzedello, termo da villa de Barcellos, filho de Pedro de Castro, e de sua mulher D. Anna Ribeiro do Valle; neto pela parte parte paterna de Pedro Ribeiro, e de sua mulher D. Catharina de Castro; e pela materna de Paulo Gomes de Abreu, e de sua mulher D. Angela Ribeiro do Valle.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Ribeiros, no segundo as dos Castros, no terceiro as dos Abreus, e no quarto as dos Valles. — Br. p. a 19 de março de 1783. Reg. no Cart. da N., liv. III, fl. 91 v.

(C. C.)

2142. Paulo Vaz de Guimarães, natural de Braga, neto de Martim de Guimarães, que foi do tronco d'esta geração.

Carta pela qual el-rei D. João III lhe concede o seguinte brazão de seus antecessores: — Escudo de campo bandado de prata e purpura, e no meio uma pala de vermelho e sobre ella um leão de prata com a lingua e unhas da mesma, e por differença uma brica de oiro, e n'ella um — L — de preto; elmo de prata aberto guarnecido de oiro, paquife de prata e vermelho, e por timbre o mesmo leão das armas; com todas as honras e privilegios de fidalgo, por descender da geração e linhagem dos Guimarães, por parte de sua mãe e avós. — Dada em Evora a 28 de janeiro de 1535. Reg. na Chanc. de D. João III, liv. XLVII, fl. 30.

2143. Pedro Affonso Cogombreiro da Costa, morador na ilha de S. Miguel, filho de Affonso Eannes Cogombreiro da Costa, e neto de Rodrigo Eannes Cogombreiro da Costa, que foi fidalgo e do tronco d'esta geração.

Carta pela qual el-rei D. João III lhe concede o seguinte brazão de seus antecessores : — Escudo de campo vermelho com seis costas de prata em faxa em duas talas, e por differença um trifolio de oiro; elmo de prata aberto guarnecido de oiro; paquife de prata e vermelho, e por timbre duas costas das armas em aspa; com todas as honras e privilegios de fidalgo por descender da geração e linhagem dos Costas. — Dada em Evora a 2 de dezembro de 1536. Reg. na Chanc. de D. João III, liv. XXII, fl. 129.

2144. Pedro Affonso Galvão, tenente coronel do regimento de cavallaria de Minas-geraes, natural da villa de Campo-maior; filho de Vasco Sardinha Galvão, tenente que foi do regimento de infanteria da dita praça, e de D. Clara Maria de Sá; neto por parte paterna de Pedro Affonso Galvão, e de D. Joanna Mathias Galvão, irmã do capitão Lourenço Lopes Galvão; neto por parte materna do capitão de artilheria Manuel Gonçalves Bento, e de D. Antonia Maria de Sá; bisneto por parte paterna do capitão João Bernardo Pereira, e de D. Francisca de Sequeira Galvão, e por parte de seu avô paterno Vasco Sardinha Galvão, ouvidor que foi da villa de Ouguella, terceiro neto de Pedro Affonso Galvão; quarto neto de Vasco Sardinha Galvão, cavalleiro fidalgo da casa real; quinto neto de Pedro de S. Martinho Galvão, moço da camara da senhora infanta D. Maria, filha do senhor rei D. Manuel.

Um escudo com as armas de Galvão. — Br. p. a 10 de fevereiro de 1797. Reg. no Cart. da N., liv. V, fl. 172 v.

(C. C.)

2145. Pedro de Alcaçova, cavalleiro e escrivão da fazenda da casa real.
Carta pela qual el-rei D. João II lhe concede e a seus descendentes o seguinte brazão de armas : — Um escudo em campo azul, e uma alcaçova de prata no meio com as servantes negras, pelos serviços prestados na tomada da villa de Alcacer-Ceguer que era dos moiros, e bem assim na tomada da cidade de Tangere e villa de Arzilla. — Dada em Evora a 4 de janeiro de 1490. (M. N.) Reg. na Chanc. de D. João II, liv. IX, fl. 104 e liv. II de Mist., fl. 82.

2146. Pedro de Almeida, natural da ilha de S. Miguel, filho de Simão Lopes de Almeida, fidalgo e do tronco d'esta geração dos Almeidas.
Carta pela qual el-rei D. João III lhe concede o seguinte brazão de seus antecessores : — Escudo de campo vermelho com seis arveloas e uma dobre cruz e bordadura, tudo de oiro, e por differença uma meia brica de prata com um — F — de preto; elmo de prata aberto guarnecido de oiro, paquife de oiro e vermelho e por timbre uma aguia de vermelho besantada de oiro; com todas as honras e privilegios de fidalgo por descender da geração dos Almeidas. — Dada em Evora a 28 de agosto de 1533. Reg. na Chanc. de D. João III, liv. XLV, fl. 12 v.

2147. Pedro Alvares de Andrade, cavalleiro professo da ordem de Christo, sargento-mór do regimento de la Lippe, fidalgo cavalleiro da casa real, filho do sargento-mór Sebastião Alvares de Andrade, e de sua mulher D. Maria Luiza Umbelina Alvares de Andrade; neto pela parte paterna de Manuel Alvares de Andrade da Cunha, procurador d'esta cidade, e possuidor de um morgado, o qual anda na mesma linha, e de sua mulher D. Joanna de Azevedo e Vasconcellos; bisneto de Luiz Alvares de Andrade da Cunha, e de sua mulher D. Magdalena Alvares de Andrade; e pela parte materna neto de Bernardino de Andrade Barreto, escrivão da Camara d'esta cidade, e de sua mulher D. Thereza Vasques da Costa; bisneto de Manuel de Andrade Barreto, e de sua mulher D. Paschoa de Menezes Sueiro.
Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Alvares de Andrade, no segundo as dos Cunhas, no terceiro as dos Azevedos, e no quarto as dos Vasconcellos. — Br. a 12 de outubro de 1783. Reg. no Cart. da N., liv. III, fl. 109 v.
(C. C.)

2148. Pedro Alvares da Fonseca, morador na villa da Praia, na ilha Terceira, filho de Alvaro Lopes da Fonseca, e de Luiza de Ornellas; neto de Pedro Alvares da Camara, e de Catharina de Ornellas; bisneto de Alvaro de Ornellas, que foi fidalgo e do tronco da geração dos Ornellas; bem assim o dito Pedro Alvaro da Camara foi filho de Alvaro Gonçalves, irmão de João Gonçalves, primeiro capitão da ilha da Madeira.
Carta pela qual el-rei D. João III lhe concede o seguinte brazão de seus antecessores : — Escudo de campo partido em pala, o primeiro de verde com uma torre de menagem de prata coberta, e em cima do coripheu uma cruz de oiro entre dois lobos da sua cor pegados na torre, o segundo de azul com uma banda de vermelho com tres flores de liz de oiro entre duas sereias da sua cor em pello, e com um espelho na mão direita e um pente na esquerda, e por differença uma brica de prata com um — M — preto; elmo de prata aberto guarnecido de oiro, paquife de oiro, prata, azul e verde, e por timbre uma das sereias; com todas as honras e privilegios de fidalgo por descender da geração e linhagem dos Camaras de Lobos, e Ornellas. — Dada em Evora a 18 de julho de 1533. Reg. na Chanc. de D. João III, liv. XLV, fl. 52 v.

2149. D. Pedro Alvares Sanches, do real Conselho, e desembargador dos Aggravos na cidade de Lisboa; neto de D. Gil Alvares Sanches, e bisneto de D. Pedro Alvares Sanches.

Um escudo com as armas dos Sanches da Estremadura, naturaes de Albuquerque. — Br. p. a 15 de setembro de 1613. Reg. no Real Archivo, fl. 279, liv. XVIII do registo de Mercês.

2150. **Pedro Alvellos Espinola**, capitão de milicias da cidade da Bahia, filho de Francisco Alvellos Espinola, e de sua mulher D. Caetana Maria da Conceição; neto paterno de João Alvellos Espinola, e de sua mulher D. Lourença Maria; bisneto de João Alvellos Espinola, avô paterno de um segundo primo do supplicante, o beneficiado Luiz Alvellos Espinola, cavalleiro professo na ordem de Christo, e cavalleiro fidalgo da casa real, a quem se passou brazão de armas a 6 de janeiro de 1784.

Um escudo partido em pala; na primeira as armas dos Alvellos, e na segunda as dos Espinolas. — Br. p. a 15 de dezembro de 1803. Reg. no Cart. da N., liv. VII, fl. 53 v.

(C. C.)

2151. **Pedro do Amaral Cardoso**, cavalleiro da casa real, filho legitimado de Luiz Pinhel do Amaral, conego da Sé de Viseu; tresneto de Vasco Paes Cardoso, que foi do tronco d'esta geração dos Cardosos, fidalgo muito honrado, alcaide-mór que foi de Trancoso e senhor do Ervilhão e Moreira, e de Beatriz Eannes do Amaral.

Carta pela qual el-rei D. João III lhe concede o seguinte brazão de seus antecessores : — Escudo de campo esquartelado; o primeiro de vermelho com dois cardos verdes um sobre o outro com as raizes e floridos de prata, entre dois leões de oiro com as linguas de prata e com as mãos pegadas no cardo de cima, e cada um com um pé no cardo de baixo; o segundo de oiro e seis luas azues em duas palas, e por differença sobre tudo um filete preto; elmo de prata aberto guarnecido de oiro, paquife de oiro, vermelho e azul, e por timbre uma cabeça de leão de oiro com a boca para cima, e um dos cardos saindo d'ella; com todas as honras e privilegios de fidalgo por descender da geração e linhagem dos Cardosos, e Amaraes. — Dada em Evora a 23 de março de 1537. Reg. na Chanc. de D. João III, liv. XXIII, fl. 48.

2152. **Pedro Annes do Canto**, fidalgo da casa real.

Carta pela qual el-rei D. João III lhe concede o seguinte accrescentamento no brazão de seus antecessores : — Escudo de vermelho com um baluarte de prata lavrado de preto e n'elle quatro bombardas da sua côr ao pé do escudo de prata, com um elmo, paquife e timbre das armas da sua geração (as quaes não descreve); com todas as honras e privilegios de fidalgo por descender da geração dos do Canto, e pelos relevantes serviços que prestou no segundo cerco da villa de Arzilla. — Dada em Lisboa a 28 de janeiro de 1539. Reg. na Chanc. de D. João III, liv. XXVII, fl. 4.

2153. **Pedro Antonio Alvares**, mestre de campo do terço de infanteria auxiliar da provincia de Salsete, estado de Goa, e natural da villa de Margão, da mesma provincia; filho do doutor Manuel Caetano Alvares, e de D. Paulina Ribeiro: neto pela parte paterna de Vicente Alvares, e de D. Joanna Marcellina Correa.

Um escudo esquartelado; no primeiro e quarto quarteis as armas dos Alvares, no segundo as dos Ribeiros, e no terceiro as dos Correas. — Br. p. a 20 de março de 1798. Reg. no Cart. da N., liv. VI, fl. 16 v.

(C. C.)

2154. **Pedro Antonio Cardoso dos Santos Marinho e Castro**, natural da cidade da Bahia de todos os Santos, filho de Antonio Cardoso dos Santos, professo na ordem de Christo, coronel de infanteria auxiliar, thesoureiro-mór da Bulla da santa Cruzada, deputado, e thesoureiro-mór da Junta geral da real Fazenda, e de sua mulher D. Anna Joaquina de S. Miguel Cardoso; neto pela parte paterna de Pedro Domingues, e de sua

mulher D. Antonia Francisca; e pela materna do mestre de campo Francisco Barbosa Marinho e Castro, e de sua mulher D. Anna Quiteria do Nascimento.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Cardosos, no segundo as dos Barbosas, no terceiro as dos Marinhos, e no quarto as dos Castros. — Br. p. a 13 de julho de 1790. Reg. no Cart. da N., liv. IV, fl. 175.

(C. C.)

2155. Pedro Antonio Gallego Soromenho, sargento-mór do regimento de artilheria da praça de Valença do Minho, natural da cidade de Silves, reino do Algarve; filho de Antonio Mendes Correa, capitão que foi em Villa-nova de Portimão, e de sua mulher D. Maria Manuela Gallego Soromenho; neto pela parte paterna de Luiz Mendes Esteves, e de sua mulher Barbara Rodrigues, filha de Filippe Rodrigues, alferes da dita praça, e de Domingos Dias; e pela parte materna neto de João Gallego Soromenho, capitão governador da fortaleza de Pera, de que era proprietario, por ser edificada por seus avós á sua custa, conservando n'ella uma casa de armas para desenfados e assaltos dos mouros, e de sua mulher D. Brites de Andrade, filha de Amaro Vaz, capitão governador da fortaleza de Boliche, e de D. Leonor de Andrade, filha do capitão Manuel Soromenho Dias, filho de Luiz Pimentel, filho de outro Manuel Soromenho Dias, todos governadores proprietarios da dita fortaleza de Boliche, e este filho de Braz Rodrigues de Anhaya, e de Maria do Vabo Pimentel, filha de Pantaleão Fogaça.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Soromenhos, no segundo as dos Pimenteis, no terceiro as dos Andrades, e no quarto as dos Vabos. — Br. p. a 21 de janeiro de 1774. Reg. no Cart. da N., liv. I, fl. 218.

(C. C.)

2156. Pedro Antonio Vieira da Silva de Meirelles, bacharel em leis pela Universidade de Coimbra, e seu irmão Cosme Damião Vieira da Silva e Meirelles, naturaes da freguezia de S. João Baptista, concelho de Vieira; filhos de Domingos da Silva, sargento-mór do dito concelho, e de sua mulher D. Leonarda Vieira de Andrade e Meirelles; netos paternos do capitão Lourenço Martins, e de sua mulher Francisca da Silva Vieira, e por esta bisnetos de Pedro Vieira da Silva, e de sua mulher Magdalena Antunes, filha de Gaspar Vieira da Silva, sargento-mór do concelho de Vieira, e de sua mulher Anna Antunes; netos maternos de André Vieira, e de Luiza de Andrade Meirelles, e por esta bisnetos do capitão Henrique Domingues, e de Luiza de Andrade de Meirelles; e o dito André Vieira filho do capitão-mór do concelho de Roças Gregorio Vieira, e de Anna Henriques, filho e neto de sujeitos que tiveram o mesmo posto; e o dito Henrique Domingues tambem filho e neto de sujeitos que tiveram o seu posto de capitães auxiliares.

As armas dos Vieiras, Silvas, Andrades, e Meirelles. — Br. p. a 27 de março de 1752. Reg. no Cart. da N., liv. particular, fl. 34 v.

(C. C.)

2157. Pedro Baptista de Figueiredo Osorio, natural da villa de Samora-Correa, patriarchado de Lisbôa; filho de Manuel Baptista de Figueiredo, e de sua mulher D. Antonia Caetana Barroso Botelho; neto pela parte paterna de Manuel Baptista de Figueiredo, almoxarife dos reaes paços de Salvaterra, e de sua mulher D. Ignacia Thereza de Mattos, filha do capitão Francisco de Sequeira Mattos, cavalleiro da ordem de Christo; e pela parte materna se mostrava ser neto de Manuel Cardoso Correa Botelho, e de sua mulher D. Magdalena Maria Barroso de Freitas.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Figueiredos, no segundo as dos Botelhos, no terceiro as dos Osorios, e no quarto as dos Correas. — Br. p. a 13 de setembro de 1787. Reg. no Cart. da N., liv. IV, fl. 25 v.

(C. C.)

2158. Pedro de Barcellos Machado, morador na ilha Terceira.

Carta pela qual el-rei D. João III lhe concede o seguinte brazão de seus antecessores: — Escudo de campo vermelho e cinco machados de prata com os cabos de oiro, em aspa, e por differença uma brica de oiro, e n'ella um anel de vermelho; elmo de prata aberto guarnecido de oiro, paquife de oiro, prata e vermelho, e por timbre dois machados das armas em aspa; com todas as honras e privilegios de fidalgo por descender da geração e linhagem dos Machados por parte de sua mãe e avós. — Dada em Evora a 20 de novembro de 1533. Reg. na Chanc. de D. João III, liv. XLVI, fl. 88 v.

2159. Pedro Bringel de Leminhana (Doutor), fidalgo da casa real.

Carta pela qual el-rei D. João III lhe concede o seguinte brazão de seus antecessores: — Escudo de campo vermelho com uma banda de azul perfilada de oiro, e n'ella tres flores de liz de prata; elmo de prata aberto, paquife de prata e vermelho, e por timbre um braço vestido de vermelho com uma das flores de liz na mão; com todas as honras de nobre e fidalgo por descender da geração e linhagem dos Bringeis de Leminhana, que no reino de Valença e Catalunha eram fidalgos. — Dada em Evora a 5 de novembro de 1524. Reg. na Chanc. de D. João III, liv. IV, fl. 82 v.

2160. Pedro Cardoso, cavalleiro da ordem de Christo, contador da casa real; filho de Lopo Affonso de Andrade, escudeiro de linhagem, e de Maria Gonçalves do Amaral, que foi bisneta de Vasco Paes Cardoso, e de Beatriz Eannes do Amaral, que foi do tronco d'esta linhagem dos Amaraes; e assim o dito Vasco Paes Cardoso foi fidalgo muito honrado, alcaide-mór de Trancoso, senhor de Moreira e do Villão, e era o tronco principal da geração dos Cardosos.

Carta pela qual el-rei D. João III lhe concede o seguinte brazão de seus antecessores: — Escudo de campo esquartelado; o primeiro dos Cardosos, que é vermelho com dois cardos verdes com as raizes e floridos de prata, um sobre o outro, entre dois leões de oiro pegados n'elles, e o contrario dos Amaraes, que é de oiro com seis luas de azul em duas palas, e por differença uma brica de prata e n'ella um — P — de preto; elmo de prata aberto guarnecido de oiro, paquife de oiro, vermelho e azul, e por timbre uma cabeça de leão de oiro com um dos cardos saindo-lhe da boca; com todas as honras e privilegios de fidalgo por descender da nobre linhagem dos Cardosos e Amaraes. — Dada em Lisboa a 8 de agosto de 1538. Reg. na Chanc. de D. João III, liv. XLIV, fl. 92.

2161. Pedro de Castilho, filho de João de Castilho, que foi morador na villa de Thomar e natural das montanhas do reino de Biscaia.

Carta pela qual el-rei D. Sebastião lhe concede e a seus descendentes o seguinte brazão de seus antecessores: — Escudo de campo verde com um castello de prata, com as portas e frestas e lavrado de preto, e em cima da torre do meio uma flor de liz de oiro, e á porta do castello duas lebres de prata olhando uma para a outra, com colleiras vermelhas, presas por umas cadeas de oiro que saem das bombardeiras; elmo de prata aberto guarnecido de oiro, paquife de oiro, prata e verde, por timbre uma das lebres das armas, e por differença uma merleta de oiro; com todas as honras e privilegios de nobre fidalgo por descender da geração dos Castilhos do reino de Biscaia. — Dada em Lisboa a 16 de fevereiro de 1561. Reg. na Chanc. de D. Sebastião, liv. II, fl. 44 v.

2162. Pedro de Castro, natural de Torres-novas, filho de Ruy de Castro.

Carta pela qual el-rei D. João III lhe concede o seguinte brazão de seus antecessores: — Escudo de campo de prata com seis arruelas azues em duas palas, e por differença uma flor de liz vermelha; elmo de prata aberto guarnecido de oiro, paquife de prata e azul, e por timbre um leão de prata com as seis arruelas azues; com todas as honras e

privilegios de fidalgo por descender da geração e linhagem dos Castros. — Dada em Evora a 7 de outubro de 1534. Reg. na Chanc. de D. João III, liv. XX, fl. 16 v.

2163. PEDRO COELHO DE SEABRA (Alferes), natural do termo de Villa-rica do Oiro-preto, estado da America; filho do alferes de cavallos Manuel Coelho Rodrigues, e de sua mulher D. Josepha de Avila e Figueiredo, neta do capitão João Seabra de Guimarães; neto paterno do ajudante de infanteria Antonio Coelho, filho de Belchior Coelho, irmão do senhor de Felgueiras e Vieira.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Coelhos, no segundo as dos Seabras, no terceiro as dos Brandões, e no quarto as dos Avilas. — Br. p. a 23 de novembro de 1782. Reg. no Cart. da N., liv. III, fl. 79.

(C. C.)

2164. PEDRO CORREA, cavalleiro, morador em Tavilla, filho de Vicente Correa, e neto de Diogo Affonso Correa, morador que foi tambem em Tavilla, fidalgo muito honrado e do tronco d'esta geração dos Correas.

Carta pela qual el-rei D. João III lhe concede o seguinte brazão de seus antecessores: — Escudo de campo de oiro fretado de vermelho de grossas cotiças, e por differença uma flôr de liz de prata; elmo de prata aberto guarnecido de oiro, paquife de oiro e vermelho, e por timbre dois braços de homem vestidos de oiro, e as mãos atadas com umas correas de vermelho; com todas as honras e privilegios de fidalgo por descender da geração dos Correas. — Dada em Evora a 27 de maio de 1536. Reg. na Chanc. de D. João III, liv. XXII, fl. 144.

2165. PEDRO DA COSTA, cavalleiro fidalgo da casa real, commendador da ordem de Christo, filho de Antão da Costa Homem, e neto de Pedro da Costa Homem, que foi do tronco d'estas gerações.

Carta pela qual el-rei D. João III lhe concede o seguinte brazão de seus antecessores: — Escudo de campo esquartelado; o primeiro e quarto de vermelho com seis costas de prata, postas em faxa e em duas palas, o segundo e terceiro de azul com seis crescentes de oiro, em duas palas, e por differença uma flor de liz de oiro; elmo de prata aberto guarnecido de oiro, paquife de prata e vermelho da parte direita e de oiro e azul da parte esquerda, e por timbre um leão azul com uma faxa de armas nas mãos com o cabo de oiro; com todas as honras e privilegios de fidalgo por descender das gerações dos Costas e Homens. — Dada em Lisboa a 19 de março de 1530. Reg. na Chanc. de D. João III, liv. LII, fl. 60 v.

2166. PEDRO DA COSTA FERNANDES, do logar de Quintella, concelho de Cerva; filho de Antonio da Costa de Oliveira, e de sua mulher Senhorinha Fernandes da Fonseca; neto paterno de Domingos da Costa, e de sua mulher Isabel Jacome; neto materno de Gonçalo Fernandes, e de sua mulher Maria de Affonseca.

As armas dos Costas, Oliveiras, e Affonsecas. — Br. p. a 23 de junho de 1756. Reg. no Cart. da N., liv. particular, fl. 98 v.

(C. C.)

2167. PEDRO DA CUNHA DE BARBOSA E VASCONCELLOS, filho de Sebastião Pereira de Barbosa, cavalleiro professo na ordem de Christo, sargento-mór, depois capitão-mór do concelho de Lanhoso, e de sua mulher D. Maria Thereza da Cunha e Vasconcellos; neto pela parte paterna de Pedro Martins de Barbosa, descendente legitimo de Salvador Alves de Barbosa, morgado de Soengas, da antiga e verdadeira familia dos Barbosas, cujo chefe foi o conde D. Sancho Nunes de Barbosa; e pela materna neto de Gonçalo Barbosa da Cunha e Vasconcellos, sargento-mór de Lanhoso, e vereador mais velho da villa de Guimarães, e de sua mulher D. Angela da Silva Lopes.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Barbosas, no segundo as dos Cunhas, no terceiro as dos Vasconcellos, e no quarto as mesmas do primeiro. — Br. p. a 23 de janeiro de 1790. Reg. no Cart. da N., liv. IV, fl. 146 v.

(C. C.)

2168. Pedro da Cunha Osorio Coutinho Rebello, morador na sua quinta de Sobre-rio, freguezia de Campanhã, termo da cidade do Porto, e cidadão da mesma cidade; filho de Pedro Antonio da Cunha Osorio Coutinho, e de sua mulher D. Michaela Archangela Soares de Noronha Rebello, sendo o mesmo supplicante legitimo descendente de Filippa Rebello, a quem se passou brazão de armas com as do appellido de Rebello em 1629.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Cunhas, no segundo as dos Osorios, no terceiro as dos Coutinhos, e no quarto as dos Rebellos. — Br. p. a 20 de setembro de 1799. Reg. no Cart. da N., liv. VI, fl. 96.

(C. C.)

2169. Pedro Dias Paes Leme, fidalgo da casa real, commendador na ordem de Christo, guarda-mór geral das Minas-geraes; filho de Garcia Rodrigues Paes, capitão-mór da villa de S. Paulo, administrador, e guarda-mór geral de todas as minas, e de sua mulher D. Maria Pinheiro da Fonseca, filha do capitão João Rodrigues da Fonseca, e de sua mulher D. Antonia Pinheiro Raposo; neto de Fernão Dias Paes, capitão-mór tambem das ordenanças da dita villa, descobridor, e primeiro governador das minas, e da gente da guerra, padroeiro do mosteiro de S. Bento da dita villa de S. Paulo, e de sua mulher D. Maria Garcia, filha do capitão Garcia Rodrigues, o velho, e de sua mulher Maria Bitim, filha de Giraldo Bitim Alemão; bisneto de Pedro Dias Leme, capitão da milicia da dita villa, e de sua mulher Maria Leite, filha de João Leite da Silva; terceiro neto de Fernão Dias Paes, que foi um dos conquistadores da capitania de S. Vicente, nas partes da America onde viveu, e de sua mulher D. Lucrecia Leme, filha de Luiz Leme; quarto neto de Pedro Leme que viveu na villa de Abrantes, onde casou com Isabel Paes; quinto neto de Antão Leme; sexto neto Antonio Leme, que viveu na ilha da Madeira, na sua quinta, que hoje se chama dos Lemes, e de sua mulher Catharina de Barros, instituidora de um morgado na villa da Ponta do Sol, na dita ilha, filha de Pedro Gonçalves da Camara, e de Isabel de Barros; setimo neto de Martim Leme chamado o moço, que passou á ilha da Madeira no anno de 1483 com uma carta do duque D. Fernando para a camara do Funchal, a quem o recommenda, que se acha registada no archivo da Camara da mesma ilha, registado no liv. II, fl. 158; oitavo neto de Antonio Leme, cavalleiro da casa de el-rei D. João II, quando principe; nono neto de Martim Leme, cavalleiro flamengo, o qual era tão devoto das coisas de Portugal, que mandou de Flandres, d'onde era natural, seu filho Antonio Leme em uma charrua á sua custa com varios homens de lanças e espingardas, para servirem com elle a el-rei D. Affonso V nas expedições que este senhor fez na Africa, o qual o tomou por fidalgo de sua casa com o fôro de escudeiro; decimo neto de outro Martim Leme, cavalleiro nobre e rico da cidade de Burges no condado de Flandres.

As armas dos Lemes. — Br. p. a .... de dezembro de 1750. Reg. no Cart. da N., liv. I particular, fl. 7 v.

(C. C.)

2170. Pedro Faria, morador em Villa-viçosa, filho de João de Faria, e neto de Pedro Annes de Faria, naturaes de Barcellos.

Carta pela qual el-rei D. Filippe III lhe concede o seguinte brazão de seus antecessores: — Escudo de campo vermelho e uma torre de prata, com portas e frestas de preto entre cinco flores de liz, tres em chefe e duas em faxa, e por differença um crescente de oiro; elmo de prata aberto guarnecido de oiro, paquife de prata e vermelho, e por timbre a mesma torre com uma das flores de liz sobre as ameias; com todas as honras e

privilegios de fidalgo, por descender da geração e linhagem dos Farias. — Dada em Lisboa a 10 de fevereiro de 1624. Reg. na Chanc. de D. Filippe III, liv. II, fl. 44 v.

2171. Pedro Ferreira de Campos Sarmento, tenente de granadeiros de uma das companhias da guarnição da praça de Bragança, natural e morador do bairro da villa de Vinhaes, comarca da cidade de Miranda, da provincia de Traz-os-montes; filho de João Ferreira, e de sua mulher D. Maria Alvares Lopes; neto paterno de Pedro Pires de Moraes, capitão das ordenanças da villa de Vinhaes, e de sua mulher D. Brites Ferreira Sarmento; segundo neto pela mesma via de Pedro Ferreira de Campos Sarmento, que nas guerras da feliz restauração d'este reino foi mestre de campo de um terço de infanteria volante, e de sua mulher D. Magdalena de Moraes; neto materno de João Rodrigues Alvares da Silva, sargento-mór que foi das ordenanças da villa de Passo, e de sua mulher D. Maria Lopes de Moraes; segundo neto pela mesma via de Fagundo Lopes de Moraes, que foi sargento-mór de infanteria auxiliar, e de sua mulher D. Isabel Gonçalves Teixeira.

As armas dos Moraes, Ferreiras, Sarmentos, e Teixeiras. — Br. p. a 11 de março de 1754. Reg. no Cart. da N., liv. particular, fl. 69 v.

(C. C.)

2172. Pedro Frazão, filho de Affonso Nogueira Frazão; neto de Pedro Nogueira, fidalgo, e de Isabel Frazoa; bisneto de Diogo Frazão, que foi fidalgo muito honrado e do tronco d'esta geração.

Carta pela qual el-rei D. João III lhe concede o seguinte brazão de seus antecessores: — Escudo de campo vermelho com um *chavejam* de prata entre tres flores de liz de oiro postas em roquete, e por differença uma brica de oiro; elmo de prata aberto guarnecido de oiro, paquife de oiro e vermelho, e por timbre o *chavejam* de vermelho com uma flor de liz de oiro no meio; com todas as honras e privilegios de fidalgo por descender da geração e linhagem dos Frazões. — Dada em Lisboa a 23 de outubro de 1532. Reg. na Chanc. de D. João III, liv. XVIII, fl. 115 v.

2173. Pedro de Goes, morador em Obidos, filho de Alvaro Gonçalves, criado de el-rei D. Affonso, e de Leonor de Goes; neto de Alvaro Vaz de Goes, o qual era irmão de Nuno de Goes, alcaide-mór que foi de Alemquer, que foram do tronco d'esta linhagem.

Carta pela qual el-rei D. Manuel lhe concede e a seus descendentes o seguinte brazão de seus antecessores: — Escudo de campo azul e seis cadimos de crescentes de prata em duas palas, e por differença uma bellica de oiro e n'ella uma merleta de azul; elmo de prata aberto, e por timbre uma serpe verde, paquife de prata e azul; com todas as honras e privilegios de fidalgo de antiga linhagem por descender da nobre geração dos de Goes. — Dada em 1513. Reg. na Chanc. de D. Manuel, liv. XI, fl. 88, e liv. VI de Mist., fl. 135.

2174. Pedro Homem, morador na ilha Terceira, capitania da Praia, filho de Heitor Alvares Homem.

Carta pela qual el-rei D. João III lhe concede o seguinte brazão de seus antecessores: — Escudo de campo azul com seis crescentes de oiro em duas palas, e por differença uma flor de liz de prata; elmo de prata aberto guarnecido de oiro, paquife de oiro e azul, e por timbre um leão de azul com uma facha de armas nas mãos e o rabo de oiro; com todas as honras e privilegios de fidalgo por descender da geração e linhagem dos Homens. — Dada em Lisboa a 2 de dezembro de 1529. Reg. na Chanc. de D. João III, liv. XVII, fl. 142 v.

2175. Pedro Homem de Carvalho, filho de Antonio Pires de Carvalho, e de Maria Ribeiro; neto de Inigo Pires de Mesquita, e de Isabel de Carvalho; bisneto de Pero Lourenço de Carvalho, e de Lopo Esteves de Mesquita: seu pae, avós e bisavós da parte d'este

foram todos fidalgos e do tronco da geração dos Carvalhos e Mesquitas; egualmente por parte de sua mãe era neto de Affonso Homem, e de Maria Ribeiro, e bisneto de Fernando Homem, que foi fidalgo muito honrado e do tronco da geração dos Homens; e assim a dita Maria Ribeiro era filha de Nuno Ribeiro, que foi fidalgo muito honrado e do tronco da geração dos Ribeiros.

Carta pela qual el-rei D. João III lhe concede o seguinte brazão de seus antecessores: — Escudo de campo esquartelado; o primeiro dos Carvalhos, azul com uma cadena de crescentes de prata e no meio d'ella uma estrella de oiro; o seu contrario dos Mesquitas, de oiro com cinco cintas de vermelho com suas fivelas e biqueiras, e em cada cinta tres taxões, tudo de prata esmaltada de azul, postas em banda com as fivelas para cima, e uma bordadura azul com sete flores de liz de prata; o segundo dos Homens, azul com seis crescentes de oiro em duas palas, e o seu contrario dos Ribeiros, que é esquartelado, o primeiro de oiro com tres palas de vermelho, e assim o seu contrario, o segundo de preto com tres fachas veiradas de prata e vermelho, e assim o seu contrario, e por differença um trifolio de oiro e verde; elmo de prata guarnecido de oiro, paquife de oiro, azul, vermelho e prata, e por timbre um leão azul com uma facha de armas nas mãos e o rabo de oiro; com todas as honras e privilegios de fidalgo por descender da geração e linhagem dos Carvalhos, Mesquitas, Homens e Ribeiros. — Dada em Lisboa a 20 de maio de 1538. Reg. na Chanc. de D. João III, liv. XLIV, fl. 64 v.

2176. Pedro José Correa de Quevedo Homem de Magalhães, cavalleiro fidalgo da casa real, professo na ordem de Christo, cadete do regimento da Junta, hoje de Lippe, d'onde passou para guarda-marinha, tenente de cavallos, e ajudante de ordens do governo de Angola; cidadão e governador da capitania de Benguela com a graduação de sargento-mór de infanteria, natural da cidade de Lisboa; filho de Manuel Correa de Quevedo Homem de Magalhães, moço da camara do numero do fidelissimo rei o senhor D. João V, e porteiro da real camara da fidelissima rainha a senhora D. Marianna de Austria, e de sua mulher D. Francisca Xavier de Andrade, dama da camara da mesma senhora; neto pela parte paterna do capitão Domingos Correa da Fonseca, e de sua mulher D. Theodora Maria de Quevedo, filha de Vital Homem de Magalhães, fidalgo da casa real, e de sua mulher D. Maria Josepha de Quevedo; bisneto de Manuel Correa da Fonseca, capitão de mar e guerra da real armada, e de sua mulher D. Maria Antonia de Araujo; terceiro neto de Domingos Correa, provedor da real fazenda do Rio de Janeiro, e de sua mulher D. Maria da Fonseca; e pela parte materna neto de Felix de Azevedo Carneiro e Cunha, mestre de campo de Minas-geraes com o exercicio das ordens do governo, e de sua mulher D. Magdalena Maria de Andrade, filha de João de Mattos Cardoso, e de sua mulher D. Margarida de Andrade; bisneto de Pedro de Azevedo Carneiro, capitão da praça de Peniche, e de sua mulher D. Isabel da Cunha.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Correas, no segundo as dos Quevedos, no terceiro as dos Homens, e no quarto as dos Magalhães. — Br. p. a 9 de outubro de 1783. Reg. no Cart. da N., liv. III, fl. 107 v.

(C. C.)

2177. Pedro José de Sampaio, professo na ordem de Christo, natural da cidade de Lamego, filho de Pedro Teixeira de Sampaio, que em outro tempo se denominava de Tavora, e de D. Bernarda Luiza Thereza do Amaral Guedes; neto pela parte paterna de Manuel de Tavora Ferreira, e de D. Magdalena Teixeira de Sampaio; e pela materna neto de Antonio de Almeida Coelho, e de D. Isabel Maria da Silva.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Teixeiras, no segundo as dos Sampaios, no terceiro as dos Amaraes, e no quarto as dos Guedes. — Br. p. a 16 de novembro de 1789. Reg. no Cart. da N., liv. IV, fl. 137.

(C. C.)

2178. PEDRO JOSÉ VAZ PEREIRA, sargento-mór das ordenanças de Lamas de Orelhão, comarca de Villa-real; filho do capitão de ordenanças João Vaz de S. Roque, e de sua mulher D. Comba Alvares Dias Pereira; neto paterno de Pedro Vaz, e de sua mulher D. Maria Vaz; e materno de Pedro Alvares, e de sua mulher D. Thereza Dias Pereira.

Um escudo partido em pala; na primeira as armas dos Vazes, e na segunda as dos Pereiras. — Br. p. a 21 de março de 1815. Reg. no Cart. da N., liv. VII, fl. 309 v.

(C. C.)

2179. PEDRO DA LAGEA CORREA, natural de Lisboa, filho de João da Lagea, e de Leonor Fernandes Correa; neto de Antão Fernandes Correa, fidalgo da casa real, e do tronco d'esta geração.

Carta pela qual el-rei D. João III lhe concede o seguinte brazão de seus antecessores: — Escudo de campo de oiro fretado de vermelho de largas cotiças, e por differença uma brica azul e n'ella uma muleta de prata; elmo de prata aberto guarnecido de oiro, paquife de oiro e vermelho, e por timbre dois braços armados atados pelos punhos com uma correa vermelha; com todas as honras e privilegios de fidalgo por descender da geração e linhagem dos Correas. — Dada em Lisboa a 17 de novembro de 1530. Reg. na Chanc. de D. João III, liv. LII, fl. 203 v.

2180. PEDRO LEITÃO PINTO PACHECO SOARES DA FONSECA GODINHO, sargento-mór da comarca de Esgueira, e morador na mesma villa; filho de João Gomes Godinho da Fonseca Soares, e de sua mulher D. Maria Josepha da Silva; neto paterno do capitão Bento Pacheco Soares, que tirou brazão com as armas dos Fonsecas e Soares de Albergaria em 1688, e de sua mulher Maria Gomes Godinho; bisneto de Antonio Pacheco Henriques, e de sua mulher Juliana Soares, e por esta terceiro neto de Diogo Soares, e de sua mulher Maria de Almeida; quarto neto de Diogo Velho Soares, irmão de Antonio da Silva Soares, que tambem teve brazão de armas das referidas familias, e de sua mulher Antonia de Almeida; quinto neto de Miguel da Fonseca, e de sua mulher Maria Soares; sexto neto de João Rodrigues da Fonseca, e de sua mulher Francisca Soares.

As armas dos Fonsecas, e Soares de Albergaria. — Br. p. a 15 de julho de 1757. Reg. no Cart. da N., liv. particular, fl. 108 v.

(C. C.)

2181. PEDRO LOPES DE CALHEIROS, natural de Ponte de Lima.

Carta pela qual el-rei D. João III lhe concede o seguinte brazão de seus antecessores: — Escudo de campo azul com cinco vieiras de prata riscadas de preto, em aspa, e tres estrellas do mesmo em faxa ao pé, e por differença uma brica de oiro com um — P — preto; elmo de prata aberto guarnecido de oiro, paquife de prata e azul, e por timbre dois bordões de Sant'Iago de prata, em aspa, com uma das vieiras no meio; com todas as honras e privilegios de fidalgo por descender da geração e linhagem dos Calheiros. — Dada em Evora a 13 de agosto de 1534. Reg. na Chanc. de D. João III, liv. XX, fl. 194 v.

2182. PEDRO LOPES DA FONSECA (Doutor), filho de Diogo Lopes de Affonseca, neto de Pedro Vaz da Fonseca, que foi fidalgo muito honrado e do tronco d'esta geração.

Carta pela qual el-rei D. João III lhe concede o seguinte brazão de seus antecessores: — Escudo de campo de oiro com cinco estrellas de vermelho em aspa, e por differença uma flor de liz de verde; elmo de prata aberto guarnecido de oiro, paquife de oiro e vermelho, e por timbre um meio touro de vermelho com uma estrella de oiro na fronte; com todas as honras de nobre fidalgo por descender da geração dos Fonsecas. — Dada em Lisboa a 16 de abril de 1538. Reg. na Chanc. de D. João III, liv. XLIV, fl. 49.

2183. PEDRO LOPES DO PAÇO DA BARBUDA, filho de João Lopes do Paço da Barbuda, neto de Pedro Lopes do Paço da Barbuda, os quaes foram fidalgos e do tronco d'esta geração.

Carta pela qual el-rei D. Sebastião lhe concede o seguinte brazão de seus antecessores: — Escudo de campo de oiro e nove lisonjas de veiros, em tres palas, assentadas, e por differença um trifolio vermelho; elmo de prata aberto guarnecido de oiro, paquife de oiro, azul, e prata, e por timbre um meio galgo de preto entre dois penachos de pavão; com todas as honras e privilegios de fidalgo por descender da geração dos Barbudas. — Dada em Lisboa a 15 de maio de 1565. Reg. na Chanc. de D. Sebastião, liv. IV, fl. 290.

2184. PEDRO LOPES DA SILVA, cavalleiro fidalgo da casa real, filho de Lopo Alvares da Silva, neto de João Alvares da Silva, e bisneto de Fernão da Silva, e de Eyria Alvares de Azevedo, o qual Fernão da Silva foi fidalgo muito honrado, estribeiro-mór de el-rei D. Duarte e de el-rei D. Affonso, e foi do tronco d'esta geração; e sobrinho de Jorge da Silva e de João Alvares da Silva, filhos de Fernão da Silva.

Carta pela qual el-rei D. João III lhe concede o seguinte brazão de seus antecessores: — Escudo de campo de prata com um leão de purpura, e uma flor de liz azul por differença; elmo de prata aberto guarnecido de oiro, paquife de prata e purpura, e por timbre o mesmo leão; com todas as honras e privilegios de fidalgo por descender da geração e linhagem dos Silvas. — Dada em Lisboa a 9 de agosto de 1538. Reg. na Chanc. de D. João III, liv. XLIV, fl. 94 v.

2185. PEDRO LUIZ DE OLIVAL, capitão de mar e guerra, cavalleiro da ordem de Christo; filho de Luiz Roque da Silva, e de sua mulher D. Francisca Maria de Olival; neto paterno de outro Luiz Roque da Silva, e de sua mulher D. Domingas Pedroso da Silva; neto materno do capitão de infanteria Manuel Luiz de Olival, e de sua mulher D. Leonor Dias; e por parte de seu avô paterno bisneto de outro Luiz Roque da Silva.

As armas dos Silvas, e Olivaes. — Br. p. a 12 de setembro de 1754. Reg. no Cart. da N., liv. particular, fl. 79 v.

(C. C.)

2186. PEDRO MARQUES DE FIGUEIREDO TAVARES CABRAL, bacharel formado na Universidade de Coimbra, natural da freguezia de S. Pedro de Gouvea, comarca da Guarda; filho de Pedro Marques de Figueiredo, bacharel formado na referida Universidade, e de sua mulher D. Maria Rita Mimoso Tavares Cabral; neto pela parte paterna de Bartholomeu Marques de Figueiredo, e de sua mulher D. Maria de Figueiredo; neto pela parte materna de Pedro Gaspar Cabral de Figueiredo, e de sua mulher D. Julia Basilia Mimoso.

Um escudo esquartelado; no primeiro e quarto quarteis as armas dos Figueiredos, no segundo as dos Tavares, e no terceiro as dos Cabraes. — Br. p. a 28 de julho de 1791. Reg. no Cart. da N., liv. IV, fl. 221.

(C. C.)

2187. PEDRO MENDES VAZ, capitão-mór da villa de Mira, comarca de Aveiro; filho de Pedro Simões Mendes Vaz, e de D. Maria Rodrigues; neto por parte paterna de Manuel Mendes, e de D. Maria Vaz; neto por parte materna de Manuel Jorge Dias, e de D. Margarida Rodrigues, sendo o supplicante da nobre familia de Pedro Rodrigues, que no anno de 1107, reinado de D. Affonso Henriques, ganhou aos mouros a villa de Moura, como todos os seus antepassados legitimo descendente das illustres familias dos appellidos de Mendes, Vaz, Rodrigues, e Dias.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Mendes, no segundo as dos Vazes, no terceiro as dos Rodrigues, e no quarto as dos Dias. — Br. p. a 21 de julho de 1802. Reg. no Cart. da N., liv. VI, fl. 214 v.

(C. C.)

2188. Pedro Monteiro Furtado Ramos Madeira (Desembargador), natural da freguezia de Almoster, termo da villa de Santarem; filho do capitão Manuel Ramos Madeira, e de sua mulher D. Helena da Cruz Monteiro; neto pela parte paterna de Francisco Jorge Madeira, e de sua mulher Maria Madeira Ramos, da freguezia da villa da Azambugeira, e pela materna do capitão Antonio Monteiro Furtado, e de sua mulher D. Magdalena Vicente da dita freguezia de Almoster.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Madeiras, no segundo as dos Ramos, no terceiro as dos Monteiros, e no quarto as dos Furtados.—Br. p. a 28 de janeiro de 1772. Reg. no Cart. da N., liv. I, fl. 170 v.

(C. C.)

2189. Pedro Nolasco Ferreira de Andrade, cavalleiro professo na ordem de Christo, juiz de fóra da capitania de Benguela, natural da cidade da Bahia; filho de Pedro Ferreira de Andrade, e de D. Isabel Maria de Jesus; neto pela parte paterna de Paulo Ferreira de Andrade, e de D. Maria da Annunciação, e pela materna de Domingos Affonso da Silva, e de D. Anna de Benavides, os quaes seus paes e avós foram pessoas nobres das familias dos appellidos Ferreiras, Andrades, Silvas, e Benavides, que n'este reino são fidalgos de linhagem e cota de armas.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Ferreiras, no segundo as dos Andrades, no terceiro as dos Silvas, e no quarto as dos Benavides.—Br. p. a 22 de junho de 1772. Reg. no Cart. da N., liv. I, fl. 175 v.

(C. C.)

2190. Pedro Nolasco de Vilhegas (Capitão), natural e morador na freguezia do Couto de cima, termo da cidade de Viseu; filho do capitão José Caetano de Vilhegas, e e de sua mulher D. Luiza Thomazia de Figueiredo; neto por parte paterna do capitão Domingos Lopes de Vilhegas, e de sua mulher D. Maria Fernandes; bisneto de Pedro Francisco, e de sua mulher Domingas Lopes; neto por parte materna do capitão Pedro de Vilhegas da Costa, e de sua mulher D. Maria de S. Pedro; bisneto de Domingos da Costa, e de sua mulher D. Martha Rodrigues, primo de Antonio Bernardo Cardoso Pessanha e Vilhegas Castel-branco, a quem se passou brazão de armas a 22 de março de 1781.

Um escudo, e n'elle as armas dos Vilhegas.—Br. p. a 12 de julho de 1800. Reg. no Cart. da N., liv. VI, fl. 130 v.

(C. C.)

2191. Pedro de Oliveira da Cunha, natural de Evora, filho de Antonio de Oliveira, neto de Pedro de Oliveira, e de Isabel Falleira de Brito, e bisneto de Luiz de Oliveira, e de Ignez da Cunha, e bem assim de Mecia Rodrigues de Brito; e pela parte de sua mãe Jeronyma de Mariz era neto de Diogo Galvão de Aguiar, e de Maria de Mariz, e bisneto de Diogo Lopes de Mariz, os quaes todos foram fidalgos e do tronco d'estas gerações.

Carta pela qual el-rei D. Sebastião lhe concede o seguinte brazão de seus antecessores: —Escudo de campo esquartelado, o primeiro dos Oliveiras de campo vermelho e uma oliveira verde com azeitonas de oiro e as raizes de prata, o contrario dos Britos de campo vermelho e nove lisonjas de prata em tres palas e em cada uma um leão de purpura; o segundo dos Galvões que são um escudo partido em pala, a primeira de prata e uma aguia de preto estendida tendo no peito um crescente de oiro, a segunda de vermelho e seis costas de prata afirmadas nos cabos postas em tres faxas; e o contrario dos Marizes de campo azul e cinco vieiras de oiro em cruz entre quatro rosas de prata riscadas de preto, e por differença uma flor de liz de oiro; elmo de prata aberto guarnecido de oiro, paquife de oiro, vermelho, prata, purpura, preto, e azul, e por timbre um leão de purpura rompente; com todas as honras e privilegios de fidalgo por descender da ge-

ração dos Oliveiras, Britos, Marizes, e Galvões. — Reg. na Chanc. de D. Sebastião, liv. IV, fl. 197 v.

2192. PEDRO PACHECO, morador na ilha da Madeira, filho de Antão Pacheco e neto de Pero Pacheco, que mataram os mouros em Ceuta, e era fidalgo e do tronco d'esta linhagem.

Carta pela qual el-rei D. João III lhe concede o seguinte brazão de seus antecessores: — Escudo de campo de oiro com duas caldeiras em pala, tambem de oiro, com tres faxas, e as azas veiradas e contraveiradas de vermelho e preto, e quatro cabeças de serpe tambem de oiro nos cabos das azas, duas para fora das caldeiras e duas para dentro, e por differença uma flor de liz de vermelho; elmo de prata aberto guarnecido de oiro, paquife de oiro e vermelho, e por timbre um pescoço de serpe de oiro com duas cabeças uma contra a outra; com todas as honras de nobre e fidalgo por descender da nobre linhagem dos Pachecos. — Dada em Evora a 22 de maio de 1535. Reg. na Chanc. de D. João III, liv. X, fl. 79.

2193. PEDRO PASCALEGO, embaixador de Veneza.

Carta pela qual el-rei D. Manuel lhe concedeu licença para accrescentar o seu brazão com a «nossa divisa da esphera dourada», posta da maneira que melhor lhe agradasse, em attenção ao grande apreço e consideração em que era tido por el-rei. (Não descreve o brazão.) — Dada em Lisboa a 22 de junho de 1502. Reg. na Chanc. de D. Manuel, liv. d'Extras, fl. 28.

2194. PEDRO PEREIRA BARBOSA DE CASTRO, da villa de Ponte de Lima, filho de Manuel Pereira de Castro, e de sua mulher Ventura de Mello Pereira de Sampaio; neto paterno de Pedro Pereira Barbosa, e de sua mulher Maria Barbosa Correa; neto materno de Manuel Pereira, e de sua mulher Anna Pacheco de Sampaio.

As armas dos Barbosas, Pereiras, Castros e Sampaios. — Br. p. a 27 de janeiro de 1757. Reg. no Cart. da N., liv. particular, fl. 104 v.

(C. C.)

2195. PEDRO PEREIRA DOS GUIMARÃES, cavalleiro professo na ordem de Christo, familiar do Santo Officio, um dos infanções e governança da villa de Guimarães, d'onde é natural e morador, sargento-mór da comarca da mesma villa; filho do capitão Verissimo Pereira da Costa dos Guimarães, e de sua mulher D. Catharina Francisca de Oliveira; neto paterno do capitão João da Costa, e de sua mulher Jeronyma Pereira; neto materno de Jeronymo de Novaes, e de Margarida de Oliveira.

As armas dos Pereiras, Costas, Guimarães, e Oliveiras. — Br. p. a 10 de junho de 1752. Reg. no Cart. da N., liv. particular, fl. 38.

(C. C.)

2196. D. PEDRO PIMENTEL ORTIZ DE MELLO BRITO DO RIO, natural da cidade de Lisboa, filho de D. Antonio Pimentel de Mello Ortiz de Lacerda e Camara, e de sua mulher D. Isabel Josepha de Brito do Rio; neto pela parte paterna de D. Pedro Pimentel de Mello Ortiz e Camara, e de sua mulher D. Rosa Maria Sophia de Lacerda; e pela parte materna neto de Luiz de Brito do Rio, governador do castello de S. João Baptista da ilha Terceira, e de sua mulher D. Bernarda Luiza de Bettencourt e Silveira. elle filho de João de Brito do Rio, e de sua mulher D. Joanna da Ponte, e ella filha de Vital de Bettencourt e Vasconcellos, e de sua mulher D. Maria do Canto da Silveira.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Pimenteis, no segundo as dos Ortizes, no terceiro as dos Britos, e no quarto as dos Rios. — Br. p. a 1 de abril de 1780. — Reg. no Cart. da N., liv. II, fl. 235 v.

(C. C.)

2197. PEDRO DA PONTE PORTO-CARREIRO, morador em Vianna da Foz de Lima, filho de Ignez da Rocha, neto de Gonçalo da Rocha Porto-carreiro, que foi fidalgo muito honrado e do tronco d'estas gerações; bisneto de Fernando Alvares Porto-carreiro, fidalgo natural de Castella.

Carta pela qual el-rei D. João III lhe concede o seguinte brazão de seus antecessores: —Escudo de campo esquartelado; o primeiro xaquetado de oiro e de preto de doze pontos, e o segundo de prata com uma aspa de vermelho e n'ella cinco vieiras de oiro, uma no meio e as outras nas pontas da aspa, e por differença uma brica de azul com um —P— de prata; elmo de prata aberto guarnecido de oiro, paquife de oiro, vermelho e preto, e por timbre a aspa de vermelho com uma vieira no meio e duas nas pontas de cima; com todas as honras e privilegios de fidalgo por descender da geração dos Porto-carreiros e dos Rochas.—Dada em Lisboa a 20 de agosto de 1539. Reg. na Chanc. de D. João III, liv. XXVII, fl. 77 v.

2198. PEDRO DO REGO, filho bastardo do doutor João do Rego, e neto de Gonçalo Annes, que foi do tronco da linhagem dos do Rego.

Carta pela qual el-rei D. Manuel lhe concede e a seus descendentes o brazão de seus antepassados: — Escudo de campo verde com uma banda ondada, e n'ella tres vieiras de oiro, por differença um filete negro de bastardia; elmo de prata aberto, e por timbre uma vieira de oiro entre dois pennachos verdes picados de oiro, paquife de oiro e verde; com todas as honras e privilegios de fidalgo por descender da dita linhagem e geração. —Dada em 1513. Reg. na Chanc. de D. Manuel, liv. XV, fl. 51 v., e liv. V de Mist., fl. 114.

2199. PEDRO DO REGO, bacharel, filho de João do Rego e neto de Gonçalo Gil do Rego, que foi do tronco d'esta geração.

Carta pela qual el-rei D. João III lhe concede o seguinte brazão de seus antecessores: — Escudo de campo verde com uma banda ondada de prata e sobre ella tres vieiras de oiro perfiladas de azul, e por differença uma merleta de prata; elmo de prata aberto guarnecido de oiro, paquife de oiro e verde, e por timbre uma vieira de oiro entre dois pennachos verdes; com todas as honras e privilegios de fidalgo por descender da geração e linhagem dos Regos.—Dada em Lisboa a 27 de agosto de 1530. Reg. na Chanc. de D. João III, liv. LII, fl. 172 v.

2200. PEDRO DO REGO DA SILVEIRA CARVALHAES, natural da villa d'Amieira, priorado do Crato, filho de Monica Mousinho da Silveira Carvalhaes, e de seu marido Manuel Vieira Feio; neto pela parte materna de Manuel Mousinho de Mattos, e de sua mulher D. Brites do Rego da Silveira Carvalhaes, irmã legitima do capitão João do Rego da Silveira Carvalhaes, a quem no anno de 1716 se concedeu brazão de armas das familias de seus appellidos, e filhos ambos de Bartholomeu Pires de Carvalhaes, e de sua mulher D. Maria Gomes, netos pela parte paterna de Marcos Fernandes, e de sua mulher D. Maria do Rego da Silveira, irmã de Pedro do Rego a quem tambem se concedeu outro similhante brazão no anno de 1686; os quaes foram filhos de Bartholomeu Pompino de Carvalhaes, e de sua mulher D. Mecia do Rego da Silveira, filha de Gaspar do Rego da Silveira, fidalgo e moço da camara dos senhores reis d'este reino, e quinto avô do supplicante.

Um escudo esquartelado; no primeiro e quarto quarteis as armas dos Carvalhaes, no segundo as dos Regos, e no terceiro as dos Silveiras.—Br. p. a 4 de novembro de 1788. Reg. no Cart. da N., liv. IV, fl. 84.

(C. C.)

2201. PEDRO DE SEIXAS, morador em Faro, filho de Fernão de Seixas, neto de Ignez de Seixas, e bisneto de Fernão de Seixas, moradores em Faro e que foram do

tronco d'esta geração e fidalgos muito honrados; e assim era filho de Isabel Vieira, e neto de Fernão Vieira, de Faro, que foi tambem fidalgo e do tronco da geração dos Vieiras.

Carta pela qual el-rei D. João III lhe concede o seguinte brazão de seus antecessores: — Escudo de campo esquartelado; o primeiro de verde com cinco pombas, seixas, de prata, em aspa, com os pés e bicos vermelhos, duas d'estas voando, a ultima debaixo da direita e a primeira de cima da esquerda, e o contrario de vermelho com seis vieiras de prata riscadas de preto, em duas palas, e por differença uma flor de liz de oiro; elmo de prata aberto guarnecido de oiro, paquife de prata, verde e vermelho, e por timbre uma das seixas voando; com todas as honras e privilegios de fidalgo por descender da geração e linhagem dos Seixas e Vieiras. — Dada em Evora a 20 de maio de 1537. Reg. na Chanc. de D. João III, liv. XXIII, fl. 50.

2202. Pedro de Sequeira Queiroz, mestre de campo de cavallaria auxiliar da villa de S. José de Macapá, cidadão e natural da cidade de Belem, estado do Grão-Pará; filho do coronel Gaspar de Sequeira Queiroz, professo na ordem de Christo, e de sua mulher D. Thereza Luiza Maria de Bittencourt; neto pela parte paterna de Mattheus de Carvalho e Sequeira, capitão-mór que foi da capitania do Grão-Pará, e de sua mulher D. Leonor da França; e pela materna neto de José Ferreira Ribeiro e de sua mulher D. Catharina de Moraes.

Um escudo esquartelado; no primeiro e quarto quarteis as armas dos Carvalhos, no segundo as dos Sequeiras, e no terceiro as dos Queirozes. — Br. p. a 17 de julho de 1773. Reg. no Cart. da N., liv. I, fl. 201.

(C. C.)

2203. Pedro de Sousa Pinto de Barros, natural da villa de Chaves, comarca de Bragança, bacharel formado na faculdade de canones; filho de José Joaquim de Barros, negociante de grosso tracto da villa de Chaves, e de sua mulher D. Thereza Maria de Sousa e Barros; irmão de Agostinho de Sousa Pinto de Barros, a quem já se passou brazão de armas a 24 de março de 1812; neto paterno de Torquato Pinto de Sousa e Barros, e materno do capitão-mór Antonio Pinto de Sousa, a quem se passou brazão de armas a 27 de outubro de 1731; bisneto por este mesmo lado do sargento-mór Antonio Pinto Ribeiro.

Um escudo esquartelado; no primeiro e quarto quarteis as armas do reino, no segundo as dos Pintos, e no terceiro as dos Ribeiros. — Br. p. a 20 de setembro de 1823. Reg. no Cart. da N., liv. VIII, fl. 96.

(C. C.)

2204. Pedro Vanzeller, cavalleiro professo na ordem de Christo, morador na cidade do Porto; filho de Arnaldo João Vanzeller, cavalleiro professo na ordem de Christo, e de sua mulher D. Anna Francisca Vanzeller; neto de Luiz Vanzeller, e de Joanna Harles; bisneto de Arnaldo Vanzeller, e de Emerencia Van der Hecg; terceiro neto de João Vanzeller, e de Joanna de Beijer, o qual seu terceiro avô Rolando Vanzeller, a quem o senhor rei D. Pedro II confirmou as armas d'esta familia de Vanzeller.

Um escudo com as armas dos Vanzelleres. — Br. p. a 9 de outubro de 1786. Reg. Cart. da N., liv. III, fl. 240 v.

(C. C.)

2205. Pedro Vaz Borges, morador na cidade do Funchal, filho de Pedro Vaz Borges, neto de Antão Borges, e bisneto de Fernão Borges.

Carta pela qual el-rei D. João III lhe concede o seguinte brazão de seus antecessores: — Escudo de campo vermelho com um leão de oiro rompente e uma bordadura azul se-

meada de flores de liz de oiro, e por differença um trifolio de prata; elmo de prata aberto guarnecido de oiro, paquife de oiro, vermelho e azul, e por timbre meio leopardo de oiro com uma flor de liz vermelha sobre a cabeça; com todas as honras e privilegios de fidalgo por descender da nobre geração dos Borges. — Dada em Lisboa a 30 de março de 1556.

2206. Pedro Vaz de Carvalho, natural da cidade da Guarda, e escrivão proprietario de um dos officios do publico, judicial e notas da cidade da Guarda: filho do primeiro matrimonio de Raphael Mendes, e de sua mulher D. Perpetua Maria; neto pela parte paterna de Manuel Mendes, e de sua mulher D. Leonor de Carvalho; e pela materna de Manuel Rodrigues Sarzedas, e de sua mulher D. Leonor Mendes.

Um escudo partido em pala; na primeira as armas dos Mendes, na segunda as dos Carvalhos. — Br. p. a 26 de agosto de 1790. Reg. no Cart. da N., liv. iv, fl. 178.

(C. C.)

2207. Pedro Viegas Vaz Rodrigues, doutor na faculdade dos sagrados canones, advogado do numero da Casa da supplicação, natural da villa de Tondella, e morador na cidade de Lisboa; filho de Manuel Viegas, e de sua mulher Anna Jeronyma; neto paterno de João Vaz, e de sua mulher Maria Viegas, esta filha do capitão Pedro Viegas, e de sua mulher Ignez Rodrigues; bisneto de João Vaz, e de sua mulher Isabel da Assumpção, moradores no logar de Pandufe onde foram da irmandade de Santo Antonio, na qual se não recebe pessoa que seja de infecta nação; e finalmente terceiro neto de Henrique Braz, e de sua mulher Maria Antonia.

As armas dos Vazes, e Viegas. — Br. p. a 19 de setembro de 1757. Reg. no Cart. N., liv. particular, fl. 110 v.

(C. C.)

2208. Pedro de Villa-nova, physico e cirurgião da Rainha.

Carta pela qual el-rei D. João iii o fez fidalgo de cota de armas e lhe concedeu o seguinte brazão: — Escudo de campo verde com uma bicha, por nome tiro, com a lingua vermelha e o rabo voltado para cima, e os pés picados de oiro; elmo de prata cerrado guarnecido de oiro, paquife de oiro e verde, e por timbre metade da mesma bicha; com todas as honras e privilegios de fidalgo pelos serviços por elle prestados, taes como vigilias nas doenças da rainha e do principe, etc. — Dada em Lisboa a 3 de fevereiro de 1538. (M. N.) Reg. na Chanc. de D. João iii, liv. xliv, fl. 114 v.

2209. Pero Rodrigues do Amaral, protonotario, conde palatino, administrador perpetuo do mosteiro de S. Pedro das Aguias, e arcipreste da egreja de Santa Maria da villa de Almeida.

Carta pela qual el-rei D. Manuel lhe concede e a seus descendentes e irmãos a mercê de fidalguia e nobreza, e juntamente licença para poder usar do brazão de armas seguinte, que lhe fora dado pelo imperador Andreas Palleologus, e confirmado pelo Santo Padre: — Que faça da parte de cima meio leão coroado, que tenha uma espada na mão; pelos serviços pelo mesmo prestados nas guerras com os infieis, nas quaes gestou muitos dos seus haveres (nada mais explica sobre o brazão). — Dada em Lisboa a 30 de agosto de 1503. (M. N.) Reg. na Chanc. de D. Manuel, liv. iv de Mist., fl. 174 v.

2210. Pero Rodrigues Gante, escudeiro e vassallo da casa real, morador em Elvas, sobrinho de Vasco Pires e filho d'um irmão d'este.

Carta pela qual el-rei D. Affonso v lhe concede e a seus descendentes o seguinte brazão de armas: — Um escudo vermelho e dois gantes de armas de argente, no meio d'elles um arco verde torquijo, com sua corda de prata ao redor; pelos seus serviços pres-

tados nas guerras de Ballastia e Roxia com os turcos. — Dada em Lisboa a 20 de julho de 1454. (M. M.) Reg. na Chanc. de D. Affonso v, liv. x, fl. 79, e liv. II de Mist., fl. 177 v.

2211. Placido José Pamplona, natural da cidade de Angra da ilha Terceira, filho de Antonio Xavier Pamplona, e de sua mulher D. Catharina Felicia; neto de Mathias Pamplona Merens, e de sua mulher D. Josepha Maria de Mello; bisneto de D. Antonio Moniz Alvares Pamplona, filho de Mathias Pamplona, que foi terceiro neto por linha legitima de Gonçalo Alvares Pamplona, natural da cidade do Porto, e um dos primeiros povoadores da dita ilha.

Um escudo com as armas dos Pamplonas — Br. p. a 20 de junho de 1771. Reg. no Cart. da N., liv. I, fl. 153.

(C. C.)

2212. Placido Manuel Alvares da Silva, cavalleiro fidalgo da casa real, natural da freguezia de S. Martinho da villa de Cintra; filho de Lucas Manuel Alvares da Silva, cavalleiro fidalgo da casa real, professo na ordem de Christo, escrivão das cozinhas reaes, e thesoureiro da real ocharia, e de sua mulher D. Agostinha Angelica Umbelina; neto pela parte paterna de Manuel Alvares Antunes, tambem cavalleiro fidalgo e professo na ordem de Christo, e de sua mulher D. Maria Velloso da Costa e Silva, filha do doutor Pedro da Silva Lemos. cavalleiro da ordem de Christo, que serviu nos logares de letras, e de D. Maria Velloso da Costa, neta paterna do capitão de mar e guerra da armada real Francisco.da Silva Torres, e de D. Archangela de Lemos, e pela parte materna de Diogo Pinto de Almeida, cavalleiro da ordem de Christo, capitão em Mazagão, e de D. Isabel Maria da Costa; neto o supplicante pela parte materna do capitão Francisco dos Reis, e de sua mulher D. Paula Maria Eugenia.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Silvas, no segundo as dos Torres, no terceiro as dos Lemos, e no quarto as dos Costas. — Br. p. a 20 de outubro de 1779. Reg. no Cart. da N., liv. II, fl. 205 v.

(C. C.)

2213. Placido Soares Coelho, cavalleiro da ordem de Christo, capitão-mór da villa de Soure, d'onde é natural e morador; filho de Manuel Soares Coelho, e de sua mulher D. Michaela Josepha de Andrade; neto paterno de Sebastião Soares Coelho, e de sua mulher D. Natalia de Mattos; bisneto de Agostinho Soares Coelho, e de sua mulher D. Maria da Fonseca Caldeira; terceiro neto de Manuel Soares Coelho de Albergaria, e de D. Maria Pimenta de Mesquita; e o avô materno foi cavalleiro da ordem de Christo, e sargento-mór da villa de Soure.

Um escudo em pala com as armas dos Soares e Coelhos. — Br. p. a 6 de junho de 1757. Reg. no Cart. da N., liv. particular, fl. 106 v.

(C. C.)

2214. Polycarpo José Soares da Motta, natural da villa de Almeirim, filho de Luiz Soares da Motta, que foi muitos annos juiz das coutadas da villa de Almeirim. e de sua mulher D. Josepha Thereza de Sá; neto pela parte paterna de Paulo Soares da Motta, almoxarife proprietario do paço da Ribeira de Muge, e de sua mulher D. Josepha Maria de Seixas; bisneto de José Soares da Motta, e de sua mulher D. Maria Henriques; terceiro neto de Paulo Rodrigues Soares, e de sua mulher D. Maria da Motta, filha de Miguel Froes, fidalgo da casa real.

Um escudo partido em pala; na primeira as armas dos Soares, e na segunda as dos Mottas. — Br. p. a 5 de novembro de 1790. Reg. no Cart. da N., liv. IV, fl. 193.

(C. C.)

R

2215. Raymundo José Pimentel de Mesquita Sousa de Carvalho Faria da Fonseca, da freguezia de Lobrigos, comarca de Villa-real; filho de José Manuel de Carvalho da Fonseca, e de D. Anna Joaquina de Sousa; neto paterno de Manuel da Fonseca de Carvalho, e de D. Maria Rebello de Carvalho; e materno do doutor Manuel de Mesquita Carrilho de Faria Pimentel, e de D. Maria Theodora de Sousa Coutinho.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Fonsecas, no segundo as dos Carvalhos, no terceiro as dos Farias, e no quarto as dos Sousas. — Br. p. a 11 de maio de 1812. Reg. no Cart. da N., liv. VII, fl. 220.

(C. C.)

2216. Raymundo José Soares Mendes, natural da villa de Abrantes, moço fidalgo com exercicio da casa real, cavalleiro da ordem de Nossa Senhora da Conceição de Villa-viçosa, capitão do batalhão nacional de caçadores de Abrantes; filho de Joaquim Soares Mendes, e de sua mulher D. Anna Petronilla de Moura Pereira; neto paterno de Rodrigo Vicente Mendes, e de sua mulher D. Maria da Piedade; e materno do doutor João de Moura Pereira, e de sua mulher D. Luiza Antonia de Carvalho.

Um escudo partido em pala; na primeira as armas dos Soares, e na segunda as dos Mendes. — Br. p. a 14 de outubro de 1867. Reg. no Cart. da N., liv. IX, fl. 107.

(C. C.)

2217. Raymundo de Magalhães Mexia, natural da villa de Louzã, comarca de Coimbra; filho de José Miguel de Macedo Magalhães Mexia, cavalleiro da ordem de Christo e fidalgo da casa real, e de sua mulher D. Isabel Caetana Xavier da Serra; neto pela parte paterna de Jeronymo de Magalhães Mexia e Freitas, familiar do Santo Officio, a quem se passou brazão com as armas dos Mexias em 1714, e de sua mulher D. Maria Caetana Pimentel de Proença, bisneto de Antonio de Magalhães Mexia, familiar do Santo Officio, e a quem se tinha já dado outro similhante brazão, e de sua mulher D. Maria de Almeida de Gamboa; e pela materna neto de Manuel Lopes, e de sua mulher D. Maria da Serra, moradores que foram na sua quinta do Reguengo: a qual D. Maria da Serra era filha de Luiz Simões da Serra, dos mesmos Serras de que procedeu Manuel da Serra, tenente general que foi n'esta côrte, e José da Serra, governador do Grão-Pará e Maranhão.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Mexias, no segundo as dos Magalhães, no terceiro as dos Macedos, e no quarto as dos Serras. — Br. p. a 28 de novembro de 1772. Reg. no Cart. da N., liv. I, fl. 190.

(C. C.)

2218. Raymundo Verissimo de Sousa Lacerda e Silva, tenente coronel do regimento de milicias de Thomar, filho do desembargador Raymundo Verissimo de Sousa e Silva, e de D. Thereza Dorothea de Sequeira e Silva; neto paterno de Verissimo de Sousa, capitão das ordenanças de Aljubarrota, e de sua mulher D. Maria Henriques de Sousa.

Um escudo com as armas dos Sousas. — Br. p. a 4 de julho de 1813. Reg. no Cart. da N., liv. VII, fl. 280 v.

(C. C.)

2219. Ricardo Raymundo Nogueira (Doutor), do conselho de Sua Magestade, um dos governadores dos reinos de Portugal e Algarves, reitor do real Collegio dos nobres, lente jubilado na faculdade de leis da Universidade de Coimbra, conego doutoral da Sé metropolitana de Evora, e deputado do Santo Officio; filho do doutor Luiz Nogueira, e de sua mulher D. Floriana Theotonia Barreto; neto paterno de Antonio Nogueira, e de sua mulher D. Clemencia de Jesus de Freitas, e materno de Manuel Teixeira Barreto, e de sua mulher D. Josepha Maria Bobolim.

Um escudo ovado com as armas dos Nogueiras. — Br. p. a 25 de fevereiro de 1817. Reg. no Cart. da N., liv. vii, fl. 367.

(C. C.)

2220. Roberto Fernandes de Aguiar, morador na ilha da Palma, nos reinos de Castella, filho de João Fernandes de Aguiar, neto de Fernando Eannes de Aguiar, que foram naturaes do termo da villa de Ponte de Lima.

Carta pela qual el-rei D. Filippe i lhe concede o seguinte brazão de seus antecessores : — Escudo de campo de oiro e n'elle uma aguia vermelha armada de preto, e por differença uma flor de liz azul; elmo de prata aberto guarnecido de oiro, paquife de oiro e vermelho, e por timbre a mesma aguia; com todas as honras e privilegios de fidalgo por descender da geração e linhagem dos Aguiares. — Dada em Lisboa a 18 de janeiro de 1596. Reg. na Chanc. de D. Filippe i, liv. ii, fl. 216 v.

2221. Roberto Sarcide, natural da Irlanda e morador em Lisboa.

Carta pela qual el-rei D. João iii lhe concede e a seu filho a faculdade de poderem usar o brazão de armas que lhes pertencia; com todas as honras e privilegios de fidalgos por ter o dito Roberto Sarcide provado ser fidalgo. (Não descreve a forma do brazão). — Dada em Evora a 22 de junho de 1524. Reg. na Chanc. de D. João iii, liv. iv, fl. 52 v. V. no I. H. *Sarcide.*

2222. Rodrigo Antonio de Abreu e Lima, cavalleiro da ordem de Sant'Iago, natural do couto da Feitoza, arrabaldes da villa de Ponte de Lima; filho de Manuel Rodrigues Pereira, e de sua mulher D. Maria Luiza de Abreu e Lima; neto pela parte paterna de João Rodrigues de Lima, e de sua mulher D. Marianna Gomes; bisneto de Gaspar Rodrigues de Lima, e pela parte materna neto de Tristão Gomes de Abreu e Lima, moço fidalgo da casa real, e de sua mulher D. Catharina de Sena Gomes; bisneto de João Gomes de Abreu e Lima que teve o mesmo fôro, e de sua mulher D. Marianna de Vasconcellos, senhores do paço de Refoios de Lima; terceiro neto de Ruy Gomes de Abreu e Lima, com o mesmo fôro e senhorio, que foi filho de Antonio de Abreu e Lima, tambem com o mesmo fôro, e de sua mulher D. Anna de Magalhães e Menezes, senhores do paço de Anquiam; neto de Diogo Gomes de Abreu e Lima, e de sua mulher D. Ignacia Pereira; bisneto de João Gomes de Abreu, fidalgo da casa real, e de sua mulher D. Joanna de Mello, esta filha de D. Rodrigo de Mello e Lima, neta de D. Leonel de Lima, e de D. Filippa da Cunha e Mello, viscondes de Villa-nova de Cerveira, e o dito João Gomes de Abreu, filho de Pedro Gomes de Abreu.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Pereiras, no segundo as dos Limas, no terceiro as dos Abreus, e no quarto as dos Mellos. — Br. p. a 10 de maio de 1779. Reg. no Cart. da N., liv. ii, fl. 189 v.

(C. C.)

2223. Rodrigo Antonio de Mello (Bacharel), filho de João de Mello e Ataide, proprietario do officio de juiz dos direitos reaes das villas de Obidos e Caldas, e de sua mulher D. Maria Joaquina de Amorim; neto paterno do capitão José da Silva Rego, e de sua mulher D. Maria Luiza de Ataide, e por esta parte bisneto de Luiz de Brito de Ataide,

fidalgo da casa real, com 1$800 réis de moradia por mez, fôro que era já de seu pae e avô, irmão de D. Josepha da Silva e Mello, mãe do secretario do Conselho de guerra Pedro de Mello de Ataide; terceiro neto de Pedro de Brito de Ataide, e de sua mulher D. Maior da Silva e Mello; quarto neto de Luiz de Brito de Ataide; neto materno de José Rodrigues da Silva, e de sua mulher D. Isabel Maria de Amorim, irmã de Antonio de Amorim d'Antas; bisneto de D. Maria de Amorim d'Antas, natural da provincia do Minho, da nobre familia d'este appellido.

As armas dos Ataides, Mellos, Britos, e Amorins.—Br. p. a 26 de fevereiro de 1756. Reg. no Cart. da N., liv. particular, fl. 94.

(C. C.)

2224. Rodrigo Botelho da Fonseca Paganino, cavalleiro professo na ordem de Christo; filho de Bernardo Maximiano Paganino, cavalleiro professo na ordem de Christo, e official maior do Conselho da real Fazenda, e de sua mulher D. Thereza Josepha de Vasconcellos; neto paterno de Pedro José Paganino, cavalleiro professo na ordem de Christo, e official do Conselho da real Fazenda, e de D. Joaquina Caetana da Estrella Carneiro, e materno de Rodrigo Botelho da Fonseca, cavalleiro fidalgo da casa real, e de D. Maria Joaquina Barroso de Almeida.

Um escudo partido em pala; na primeira as armas dos Botelhos, e na segunda as dos Fonsecas.—Br. p. a 16 de abril de 1816. Reg. no Cart. da N., liv. vii, fl. 355.

(C. C.)

2225. Rodrigo da Costa Alvares, natural e morador na villa de Santarem, filho de Thomaz Antonio da Costa Alvares; neto pela parte paterna de Rodrigo da Costa, moço fidalgo da casa real, e bisneto do desembargador do Paço Sebastião da Costa.

Um escudo partido em pala; na primeira as armas dos Costas, e na segunda as dos Alvares.—Br. p. a 5 de junho de 1782. Reg. no Cart. da N., liv. iii, fl. 55 v.

(C. C.)

2226. Rodrigo da Costa Carvalho, natural da cidade do Porto, fidalgo cavalleiro da casa real, commendador da ordem de Christo, proprietario, e negociante matriculado da praça de Lisboa; filho de José da Costa Carvalho, e de sua mulher D. Anna Maxima de Carvalho; neto paterno de Francisco da Costa Carvalho, e de sua mulher D. Michaela Teixeira de Carvalho, e materno de José Antonio Ferreira, e de sua mulher D. Joaquina Thereza Lourença Ferreira.

Um escudo partido em pala; na primeira as armas dos Costas, e na segunda as dos Carvalhos.—Br. p. a 27 de março de 1865. Reg. no Cart. da N., liv. ix, fl. 79.

(C. C.)

2227. Rodrigo Ferreira Lobo (Capitão), natural da cidade do Rio de Janeiro; filho de Antonio Guedes Salgado, e de sua mulher Magdalena Soares de Mello; neto paterno de Manuel Dias Salgado, e de sua mulher D. Maria Guedes da Veiga; neto materno de Antonio Soares de Medeiros, e de sua mulher Apolonia Ferreira Lobo.

As armas dos Salgados, Guedes, Medeiros, e Ferreiras.—Br. p. a 20 de agosto de 1761. Reg. no Cart. da N., liv. particular, fl. 131.

(C. C.)

2228. Rodrigo Homem, cavalleiro fidalgo.

Carta pela qual el-rei D. João iii lhe concede o seguinte brazão de seus antecessores:—Escudo de campo azul e seis crescentes de oiro em duas palas e por differença uma flor de liz de prata; elmo de prata aberto guarnecido de oiro, paquife de oiro e azul e por timbre um leão azul com uma faxa de armas com o cabo de oiro nas mãos; com todas as honras e privilegios de fidalgo por descender da nobre geração e linhagem dos Ho-

mens. — Dada em Lisboa a 8 de março de 1529. Reg. na Chanc. de D. João III, liv. XVII, fl. 34.

2229. Rodrigo José de Mello e Sousa, proprietario e negociante, filho de Carlos José de Mello, proprietario, e de sua mulher D. Maria Josepha de Mello; neto materno de José Patricio de Sousa, proprietario, e de sua mulher D. Joanna Maria de Oliveira e Sousa.

Um escudo partido em pala; na primeira as armas dos Mellos, e na segunda as dos Sousas. — Br. p. a 17 de setembro de 1860. Reg. no Cart. da N., liv. IX, fl. 36 v.

(C. C.)

2230. Roque Landeiro Pereira e Sousa, natural do concelho de Fermedo, e morador n'esta cidade; filho de Lazaro Moreira Landeiro Camisão, capitão de infanteria no concelho de Fermedo, e de sua mulher D. Francisca Xavier de Araujo e Sousa; neto paterno de Roque Landeiro Pereira, que teve no militar os postos de alferes e capitão de infanteria, e ultimamente o de sargento-mór de auxiliares da comarca de Esgueira; bisneto de Lazaro Moreira Landeiro, e de sua mulher D. Maria Martins Camisão, filha de Christovão Gomes Camisão, que teve carta de brazão passada por... de Urbina, rei de armas de Castella em 14 de agosto de 1612, em que se dá noticia d'esta familia de Camisões; neto materno de João de Sá da Fonseca, e de sua mulher D. Joanna Maria de Araujo e Sousa, neta de Gonçalo Rodrigues de Araujo de Barbuda, que tirou brazão de armas em 22 de fevereiro de 1629; terceiro neto de Sebastião Rodrigues de Araujo, e de sua mulher D. Joanna Dias.

As armas dos Camisões e Araujos. — Br. p. a 8 de novembro de 1756. Reg. no Cart. da N., liv. particular, fl. 102.

(C. C.)

2231. Rodrigo Pereira Felicio, negociante de grosso tracto, e proprietario; filho de José Pereira, proprietario, e de sua mulher D. Maria Benta Pereira; neto paterno de Felicio Pereira, proprietario, e de sua mulher D. Anna de Jesus Pereira, e materno de Francisco José de Figueiró, proprietario, e de sua mulher D. Maria de Figueiró, irmã de Joaquim Antonio Ferreira, visconde de Guaratilva no imperio do Brazil.

Um escudo partido em pala; na primeira as armas dos Pereiras, e na segunda as dos Oliveiras. — Br. p. a 7 de janeiro de 1862. Reg. no Cart. da N., liv. IX, fl. 45.

(C. C.)

2232. Rodrigo Reixa da Costa Barrantes Maldonado, da cidade de Portalegre, filho de Francisco Reixa da Costa, professo na ordem de S. Tiago, e de D. Maria Candida Barrantes e Mosqueira; neto pela parte paterna de Rodrigo Reixa da Costa, e de D. Marianna Josepha Pires Pirão; bisneto do doutor Francisco Reixa da Costa, e de D. Magdalena dos Reis; terceiro neto de Pedro Gonçalves Neves, e de D. Maria da Costa Reixa; quarto neto de Pedro Gonçalves Florencio, e de D. Beatriz Dias Neves; quinto neto de Simão Rodrigues Reis, e de D. Antonia Reixa; sexto neto de Francisco Pires Tavares, e de D. Andreza Reixa; pela parte materna neto de Pedro Barrantes Maldonado, e de D. Joanna Juliana do Valle; bisneto de D. João Barrantes Maldonado, e de D. Maria Flores Aldano; terceiro neto de D. Garcia Barrantes Maldonado, e de D. Maria de Coelhar; quarto neto D. João Barrantes Maldonado, e de D. Maria de Coelhar; quinto neto de D. Garcia Barrantes Maldonado, e de D. Aldonça Vellez; sexto neto de D. Pedro Barrantes Maldonado, e de D. Marianna Ordonhes; setimo neto de D. Affonso Barrantes Campo-frio, e de D. Maria Villela, mãe que foi de S. Pedro de Alcantara, havido do seu primeiro matrimonio.

Um escudo partido em pala; na primeira as armas dos Costas, na segunda as dos Maldonados. — Br. p. a 30 de abril de 1790. Reg. no Cart. da N., liv. IV, fl. 155 v.
(C. C.)

2233. Rodrigo Reixa da Costa Barrantes Maldonado, da cidade de Portalegre, filho de Francisco Reixa da Costa, professo na ordem de Sant'Iago, e de D. Maria Candida Barrantes e Mosqueira; neto pela parte paterna de Rodrigo Reixa da Costa, e de D. Marianna Josepha Pires Pirão; bisneto do doutor Francisco Reixa da Costa, e de D. Magdalena dos Reis; terceiro neto de Pedro Gonçalves Neves, e de D. Maria da Costa Reixa; quarto neto de Pedro Gonçalves Florencio, e de D. Beatriz Dias Neves; quinto neto de Simão Rodrigues Reis, e de D. Antonia Reixa; setimo neto de Francisco Pires Tavares, e de D. Andreza Reixa; neto pela parte materna de Pedro Barrantes Maldonado, e de sua mulher D. Joanna Juliana do Valle; bisneto de D. João Barrantes Maldonado, e de D. Maria Flores Aldana; terceiro neto de D. Garcia Barrantes Maldonado, e de D. Maria de Coelhar; quarto neto de D. João Barrantes Maldonado, e de D. Maria de Coelhar; quinto neto de D. Garcia Barrantes Maldonado, e de D. Aldonça Vellez; sexto neto de Pedro Barrantes Maldonado, e de D. Marianna Ordonhes; setimo neto de D. Alfonso Barrantes Campofrio, e de D. Maria Villela, mãe que foi de S. Pedro de Alcantara, havido do seu primeiro matrimonio.

Um escudo partido em pala; na primeira as armas dos Reixas, na segunda as dos Costas. — Br. p. a 11 de dezembro de 1790. Reg. no Cart. N., liv. IV, fl. 201.
(C. C.)

2234. Rodrigo Ribeiro Telles da Silva, estudante academico da Universidade de Coimbra, filho de João da Matta Ribeiro e Silva, bacharel formado na mesma Universidade, e de D. Maxima Joaquina de Figueiredo; neto pela parte paterna de Rodrigo Ribeiro Ferreira, tambem bacharel formado na mesma Universidade, e de D. Maria Rosa da Silva Telles.

Um escudo partido em pala; na primeira as armas dos Ribeiros, e na segunda as dos Telles Silvas. — Br. p. a 23 de junho de 1796. Reg. no Cart. da N., liv. V, fl. 127 v.
(C. C.)

2235. Rodrigo Soromenho Pimentel do Vabo, natural da villa de Alvor no reino do Algarve, filho de Antonio Pimentel do Vabo, capitão-mór da mesma villa, a quem se passou brazão com as armas dos Pimenteis, Vabos, e Varellas, e de sua mulher D. Thereza Joanna Mauricia; neto paterno de Luiz Pimentel do Vabo, que serviu no militar mais de cincoenta annos occupando os postos de capitão de infanteria, sargento-mór e governador da praça de Albufeira, sempre com assignalados serviços, e de sua mulher D. Guiomar Varella do Vabo; bisneto do capitão Manuel Soromenho Dias, que foi pessoa principal, e de sua mulher D. Maria do Vabo Pimentel, e tambem bisneto de Gaspar Martins Simões, e de sua mulher Maria dos Santos; neto materno de José de Oliveira e Brito, e de sua mulher D. Antonia Baptista Lobo.

As armas dos Soromenhos, Vabos, Pimenteis, e Varellas. — Br. p. a 18 de abril de 1759. Reg. no Cart. da N., liv. particular, fl. 122.
(C. C.)

2236. Romão José da Silva Varella Falcão Souto-maior, natural da freguezia de S. João de Ver, comarca da Feira, bispado do Porto; filho de José Antonio Xavier Lisboa, e de sua mulher D. Anna Joaquina Gertrudes da Natividade Lisboa Silva Varella Falcão Souto-maior; neto paterno de Antonio Francisco Xavier, e de sua mulher D. Maria da Costa; e materno de João Lopes Lamas da Silva, e de sua mulher D. Joanna Maria da Costa; bisneto de João Lopes Lamas, e de sua mulher D. Antonia da Silva Varella Falcão Souto-maior.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Silvas, no segundo as dos Varellas, no terceiro as dos Falcões, e no quarto as dos Souto-maiores. — Br. p. a 30 de agosto de 1793. Reg. no Cart. da N., liv. IV, fl. 287.

(C. C.)

2237. Romão Teixeira de Carvalho (Doutor), cavalleiro professo na ordem de Christo, natural da cidade de Lisboa; filho de Manuel Teixeira de Carvalho, e de sua mulher D. Anna Maria do Vencimento; neto pela parte paterna de Bento de Carvalho, e de sua mulher Anna Rodrigues, filha de Manuel Fernandes Teixeira; bisneto pela sua varonia de Manuel Fernandes de Carvalho; e pela materna neto de Diogo Gonçalves Gahia, e de Maria da Fonseca, filha de Francisco Gonçalves, e de Maria da Fonseca, e neta de Manuel Cardoso, e de Paula da Fonseca.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Carvalhos, no segundo as dos Teixeiras, no terceiro as dos Cardosos, e no quarto as dos Fonsecas. — Br. p. a 9 de maio de 1780. Reg. no Cart. da N., liv. II, fl. 241.

(C. C.)

2238. Roque Francisco Furtado de Mello (Desembargador), natural da villa de S. Roque na ilha do Pico, e juiz de fóra na cidade de Ponta-delgada, graduado com predicamento de primeiro banco; filho do sargento-mór José Francisco Furtado, e de sua mulher D. Brigida Ferreira de Mello; neto paterno de Caetano Pereira Furtado Alvares Quadrado, e de sua mulher D. Violante Maria; bisneto de Manuel Pereira Furtado Alvares, e de sua mulher D. Maria Alvares Quadrado; neto materno do capitão Caetano Ferreira de Mello, e de sua mulher D. Luiza Thereza de Simas; bisneto do capitão Manuel Ferreira de Mello Simas, e de sua mulher D. Isabel da Apresentação.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Pereiras, no segundo as dos Furtados, no terceiro as dos Ferreiras, e no quarto as dos Mellos. — Br. p. a 9 de julho de 1817. Reg. no Cart. da N., liv. VII, fl. 382.

(C. C.)

2239. Roque Jacinto Moreira de Barbosa e Sousa, bacharel formado em canones, cidadão da cidade de Penafiel; filho do bacharel Francisco Solano Moreira de Barbosa, e de sua mulher D. Maria Joanna Pinto de Magalhães; neto pela parte paterna de João da Fonseca da Matta, e de sua mulher Josepha Maria Moreira de Sousa, filha herdeira de Roque Diniz Barbosa, e de Maria Moreira de Sousa.

Um escudo esquartelado; no primeiro e quarto quarteis as armas dos Barbosas, no segundo as dos Moreiras, e no terceiro as dos Sousas. — Br. p. a 20 de novembro 1774. Reg. no Cart. da N., liv. II, fl. 40.

(C. C.)

2240. Roque Landeiro Pereira de Sousa, cidadão, e juiz que foi da Alfandega da cidade de Lagos, reino do Algarve; filho do capitão-mór Lazaro Ferreira Landeiro Camisão, e de D. Francisca Xavier de Araujo e Sousa; neto pela parte paterna do sargento-mór Roque Landeiro Pereira, e de D. Maria Martins Camisão, filha de Antonio Martins Camisão, neta de Christovão Gomes Camisão, a quem se passou brazão de armas d'esta familia de Camisão em Madrid em 14 de agosto de 1612; bisneto o supplicante pela sua varonia do capitão de auxiliares Lazaro Moreira Landeiro, cidadão que foi da dita cidade de Lagos; terceiro neto de Rodrigo Landeiro, capitão do baluarte de Santa Barbara, na mesma cidade de Lagos, e das embarcações de guerra de guarda-costas do Algarve, e de sua mulher D. Leonor do Espirito Santo, filha de Jorge Fernandes Pereira, procurador dos Feitos da real fazenda, juiz feitor do Pescado de Lagos, e fidalgo da casa real, e neta de Marcos Dias, cavalleiro fidalgo e criado do senhor rei D. Sebastião, a quem serviu, e

foi ao soccorro de Mazagão no anno de 1572 com dois homem á sua custa; quarto neto de Lazaro Moreira Landeiro, e de D. Maria Landeiro; e pela parte materna neto de João de Sá da Fonseca, e de D. Joanna Maria de Araujo e Sousa; bisneto de Manuel de Sá da Fonseca; e pela dita sua avó D. Joanna Maria de Araujo e Sousa é tambem bisneto do doutor Baptista de Araujo e Sousa, capitão-mór de Fermedo; terceiro neto de D. Helena de Araujo e Sousa, que era bisneta de Rodrigo Alvares de Araujo, fidalgo da casa real, filho de Alvaro Rodrigues de Araujo, commendador do Rio-frio na ordem de Christo e fidalgo tambem da casa real, como largamente constava da sentença que apresentou.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Pereiras, no segundo as dos Camisões, no terceiro as dos Sousas, e no quarto as dos Araujos. — Br. p. a 23 de março de 1778. Reg. no Cart. da N., liv. II, fl. 154.

(C. C.)

2241. D. ROSA ANGELICA BERNARDINA TABORDA DE OLIVEIRA LEITÃO, casada com Antonio José Pereira Pinto de Figueiredo Castello-branco, monteiro-mór da villa do Fundão, ella natural de Val de Prazeres, bispado de Castello-branco, filha do capitão Francisco Salvador Taborda Xavier, e de sua mulher D. Thereza Ricacha Taborda de Oliveira; neta pela parte paterna de Christovão Leitão Taborda, e de sua mulher D. Isabel Taborda Botelho; e pela materna neta do sargento-mór João Rodrigues Taborda de Negreiros, e de sua primeira mulher D. Porcia Ricacha de Oliveira; bisneta do capitão João Rodrigues Taborda de Negreiros, e de sua mulher D. Catharina Vaz Zarafana; terceira neta de Estevão Rodrigues Taborda, filho de Estevão Gonçalves Taborda, fidalgo da casa real, e neto de Bento Taborda de Negreiros; teve segundo brazão a 15 de outubro de 1781.

Uma lisonja partida em pala; na primeira as armas de seu marido, que são as de Castello-brancos e Pintos, e na segunda as que lhe pertencem por seus paes, que é cortada em faxa, na primeira as dos Tabordas, e na segunda as dos Leitões. — Br. p. a 6 de fevereiro de 1781. Reg. no Cart. da N., liv. II, fl. 264.

(C. C.)

2242. D. ROSA ANGELICA BERNARDINA TABORDA DE OLIVEIRA LEITÃO, casada com Antonio José Pereira Pinto de Figueiredo Castello-branco, monteiro-mór da villa do Fundão, pessoa da primeira nobreza e distincção d'aquella comarca, e ella natural de Val de Prazeres, filha do capitão Francisco Salvador Taborda de Oliveira, e de sua mulher D. Thereza Ricacha Taborda de Oliveira; neta pela parte paterna de Christovão Leitão Taborda, sargento-mór de auxiliares da comarca de Viseu, e de sua mulher D. Isabel Taborda Botelho, e pela materna neta do sargento-mór João Rodrigues Taborda de Negreiros, e de sua primeira mulher D. Porcia Ricacha de Oliveira; bisneta do capitão João Rodrigues Taborda de Negreiros, e de sua mulher D. Catharina Vaz Zarafana; terceira neta de Estevão Rodrigues Taborda, filho de Estevão Gonçalves Taborda de Negreiros, fidalgo da casa real, e neto de Bento Taborda de Negreiros, commendador da ordem de Christo, fidalgo tambem da casa real, senhor de Porto de Moz, Nespreira e Povolide, casado com Helena de Aguiar e Sequeira, illustre neta de Francisco Annes, aio da rainha D. Isabel, mulher do senhor rei D. Affonso V, e commendador da ordem de Christo; sexta neta de Ruy Gonçalo Taborda, tambem commendador da ordem de Christo, e senhor de terras, e de sua mulher D. Mecia de Negreiros, de illustre nobreza; setima neta de Garcia Rodrigues Taborda, fidalgo da casa real, alcaide-mór de Obidos, e senhor de terras, e de sua mulher D. Maria Peixoto, filha dos senhores de Penafiel de Sousa; oitava neta de Ruy Taborda, fidalgo da casa real e de solar em Galliza, commendador de S. Tiago, senhor de Porto de Moz, Povolide, Nespreira e mais terras de seus avós, e de sua mulher D. Euphemia de Castro, filha dos Castros de Galliza; nona neta de João Rodrigues Taborda, fidalgo de solar em Galliza, capitão de uma nau em que foi a Ceuta no anno de 1415, e de sua mulher Thereza de Ayalla, filha de Pedro Lopes de Ayalla, rico homem

em Galliza; decima neta de Garcia Rodrigues Taborda, fidalgo de solar em Galliza, senhor de S. Miguel de Taborda e de Piconha, legitimo descendente da illustrissima casa de Taborda d'aquelle reino, o qual com seus primos, o conde Andeiro e Gonçalo Vasques Taborda, veiu para Portugal, onde foi meirinho-mór, e mordomo-mór do senhor rei D. Affonso pelos annos de 1389 [1], alcaide-mór de Leiria e senhor de Porto de Moz, Povolide e Nespreira e das jugadas de Leiria e Ourem, e o primeiro Taborda que veiu para este reino, de quem procedem todos os que n'elle ha d'este appellido, e descendem por linha legitima os Ferreiras Tabordas da villa de Penamacor, que são fidalgos de solar conhecido da sua quinta de Solar e Casa-forte de Antão Alves.

Uma lisonja partida em pala; na primeira as armas do dito seu marido, que são as dos Castello-brancos, e Pintos; na segunda, cortada em faxa, na primeira as dos Tabordas; na segunda as dos Leitões. — Br. p. a 15 de outubro de 1781. Reg. no Cart. da N., liv. III, fl. 28.

(C. C.)

2243. D. ROSA DOROTHEA ANDRETHON FERMEN, filha de João Pedro Loureiro, e de D. Luiza do Sacramento; neta pela parte paterna de Jeronymo de Loureiro, e de D. Dorothea Andrethon, pessoas muito nobres de Inglaterra, das familias de Andrethons, e Fermens d'aquelle reino.

Uma lisonja partida em pala; a primeira em branco para as armas do marido com quem casar, e na segunda as armas dos Loureiros, que lhe pertencem por seus paes. — Br. p. a 23 de fevereiro de 1788. Reg. no Cart. da N., liv. IV, fl. 49 v.

(C. C.)

2244. D. ROSA MARIA DOS SANTOS VAZ RIBEIRO, filha de João Alvares Vaz Fernandes, e de D. Maria Ribeiro dos Santos; neto paterno de Manuel Alvares Vaz Fernandes, e de D. Luiza Vieira, e materno de Santos Ribeiro, e de D. Isabel de Seixas Alvares.

Uma lisonja partida em pala; a primeira de prata lisa, e a segunda esquartelada; no primeiro e quarto quarteis as armas dos Vazes, no segundo as dos Fernandes, e no terceiro as dos Ribeiros.—Br. p. a 14 de outubro de 1807. Reg. no Cart. da N., liv. VII, fl. 217 v.

(C. C.)

2245. D. ROSALIA DIAS DELGADO, filha de Luiz Delgado, e de sua mulher D. Maria Dias de Cazegas; neta paterna de Marcos Fernandes, e de D. Victoria Fernão Delgado do Barco, e materna de Manuel Dias Praça de Cazegas, e de D. Maria Manuel de Covanca.

Uma lisonja partida em pala; a primeira de prata lisa, e a segunda tambem partida em pala; na primeira as armas dos Delgados, e na segunda as dos Dias. — Br. p. a 22 de outubro de 1816. Reg. no Cart. da N., liv. VII, fl. 361.

(C. C.)

2246. RUY DE ALPOEM, morador na ilha de S. Miguel, filho de Estevão Rodrigues de Alpoem, neto de Ruy Fernandes de Alpoem, que foi fidalgo muito honrado; bisneto de João Rodrigues de Alpoem, que foi do tronco d'esta geração.

Carta pela qual el-rei D. João III lhe concede o seguinte brazão de seus antecessores: — Escudo de campo azul com uma lua de prata de pontas para baixo e uma bordadura de vermelho, e por differença uma muleta de ouro; elmo de prata aberto guarnecido de ouro, paquife de prata e azul, e por timbre uma *edem* de sua côr, com os pés vermelhos e o bico de ouro; com todas as honras e privilegios de fidalgo por descender de geração e linhagem dos Alpoens. — Dada em Lisboa, a 12 de setembro de 1539. Reg. na Chanc. de D. João III, liv. XXVII, fl. 85 v.

[1] Assim se lê no extracto; mas ha erro manifesto no anno ou no reinado.

2247. Ruy Lopes Perestrello, filho naturalisado de Bartholomeu Perestrello, fidalgo da casa real, e de Maria Rodrigues, ambos solteiros, neto de João Lopes Perestrello, que foi do tronco d'esta linhagem.

Carta pela qual el-rei D. João III lhe concede o seguinte brazão de seus antecessores: — Escudo de campo meio partido em pala o primeiro de ouro e um leão de purpura com o rabo retornado sobre a cabeça, e a lingua e unhas vermelhas, a segunda de prata com uma banda azul e n'ella tres estrellas de ouro entre seis rosas de vermelho de tres em tres, em pala, e por differença um filete preto em contrabanda; elmo de prata aberto guarnecido de ouro, paquife de ouro, purpura, prata e azul, e por timbre o mesmo leão, com todas as honras e privilegios de fidalgo por descender da geração e linhagem dos Perestrellos. — Dada em Lisboa a 15 de maio de 1539. Reg. na Chanc. de D. João III, liv. XXVII, fl. 63.

2248. Ruy Tavares, morador na ilha de S. Miguel, filho de Fernando Eannes Tavares, e neto de Fernão Tavares, de Portalegre, que foi fidalgo e do tronco d'esta geração dos Tavares.

Carta pela qual El-rei D. João III lhe concede o seguinte brazão de seus antecessores: — Escudo de campo de oiro com cinco estrellas de vermelho, em aspa, e por differença uma flor de liz azul; elmo de prata aberto guarnecido de ouro, paquife de ouro e vermelho, e por timbre um pescoço de cavallo vermelho *com abrida* e guarnecido de ouro com falsas redeas; com todas as honras e privilegios de fidalgo por descender da geração e linhagem dos Tavares. — Dada em Evora, a 2 de dezembro de 1534. Reg. na Chanc. de D. João III, liv. XX, fl. 194 v.

2249. Ruy Vaz, cavalleiro do reverendo D. Fr. Vasco de Ataide, etc.

Carta pela qual el-rei D. Affonso V lhe concede e a seus descendentes o seguinte brazão de armas: — Um escudo de ouro com um tronco de arvore verde, os troços brancos, e um leão de azul sainte do tronco com a lingua, unhas e seu *estormento* vermelhos; pelos serviços pelo dito prestados em mar e terra, e nas tomadas de Arzila e Tanger. — Dada em Touro, a 21 de maio de 1477 (M. N.) Reg. na Chanc. de D. Affonso V, liv. II de Mist., fl. 58 v.

2250. Ruy Vaz da Motta, morador em Vianna de Caminha.

Carta pela qual el-rei D. João III lhe concede o seguinte brazão de seus antecessores: — Escudo de campo verde com cinco flores de liz de oiro em aspa, e por differença uma brica de prata com uma merleta de vermelho dentro; elmo de prata aberto guarnecido de oiro, paquife de oiro e verde, e por timbre uma aspa verde com tres flores de liz das armas, duas nos cabos de cima e uma no centro; com todas as honras e privilegios de fidalgo por descender da geração e linhagem dos Mottas, por parte de sua mãe e avós. — Dada em Lisboa a 24 de dezembro de 1529. Reg. na Chanc. de D. João III, liv. LII, fl. 5.

S

2251. Salvador Caetano Lobo, sargento-mór de milicias, aggregado ao regimento da provincia de Bardez da cidade de Goa; filho de Pio Lobo, capitão de granadeiros do referido regimento, e de sua mulher D. Maria Isabel de Noronha, sendo o supplicante so-

brinho de João Lobo, capitão de granadeiros do terço auxilar, e capitão de infanteria da mesma provincia.

Um escudo com as armas dos Lobos. — Br. p. a 25 de setembro de 1802. Reg. no Cart. da N., liv. VII, fl. S.

(C. C.)

2252. SALVADOR COELHO, cavalleiro da ordem de S. Tiago, morador na ilha Terceira; filho de João Coelho, neto de outro João Coelho, e bisneto de Affonso Coelho, os quaes eram do tronco d'esta geração.

Carta pela qual el-rei D. João III lhe concede o seguinte brazão de seus antecessores: — Escudo de campo de oiro com um leão de purpura rompente, com tres faxas azues enxaquetadas de oiro, e uma bordadura azul cheia de coelhos de prata malhados de preto, e por differença uma muleta de oiro; elmo de prata aberto guarnecido de oiro, paquife de oiro, purpura, prata e azul, e por timbre o mesmo leão das armas com um dos coelhos nas mãos; com todas as honras e privilegios de fidalgo por descender da geração dos Coelhos. — Dada em Lisboa a 10 de julho de 1556. Reg. na Chanc. de D. João III, liv. V de privilegios, fl. 12.

2253. SALVADOR DA CUNHA DE ALBERGARIA VILHENA COUTINHO, senhor da casa do reguengo de Ardegão e Arnoia, no concelho de Basto, e tenente coronel do regimento de milicias do districto do mesmo concelho; filho de Francisco Lopes da Cunha Coutinho, senhor da dita casa, e de D. Margarida Clara Pimenta Ramos, herdeira da antiga casa de Travassinhos; neto paterno de Hypolito Luiz Lopes Picado da Cunha Coutinho, senhor da sobredita casa e cavalleiro da ordem de Christo, e de D. Anna Maria de Magalhães; segundo neto de Manuel Lopes Picado da Cunha Coutinho, senhor da mesma casa, e de D. Maria de Faria, herdeira da casa de Arnoia; terceiro neto de Domingos Lopes Picado, senhor da casa do reguengo de Ardegão, e de D. Maria da Cunha Coutinho, esta filha unica herdeira de Salvador da Cunha Coutinho, e de sua mulher e prima D. Jeronyma de Carvalho; quinto neto pelo mesmo lado de Manuel Pinto da Cunha Coutinho, senhor da casa da Torrinha em Amarante, e de D. Maria de Carvalho, da antiga casa do Paço de Villar; sexto neto de Simão da Cunha Coutinho, senhor da dita casa da Torrinha, por sua mulher D. Isabel Francisca Pinto; setimo neto de Fernão da Cunha Coutinho, senhor do reguengo e alcaidaria-mór de Basto, e de sua mulher e prima D. Maria de Abreu da Cunha; oitavo neto de Fernão Coutinho, do conselho do senhor rei D. Affonso V, e senhor de Penaguião, Armamar e outras terras, e de D. Maria da Cunha, unica senhora de Basto, Monte-longo e Borba; nono neto de Gonçalo Vaz Coutinho, marechal do reino e alcaide-mór de Trancoso, e de sua mulher D. Leonor Gonçalves de Azevedo; nono neto pela referida sua oitava avó D. Maria da Cunha, de Fernão Vaz da Cunha, senhor das ditas terras de Basto, Monte-longo e Borba, e rico-homem, e de sua mulher D. Branca de Vilhena, filha de D. Henrique Manuel de Vilhena, conde de Cea e Cintra; bisneta do infante D. Manuel, filho do glorioso S. Fernando, rei de Castella; decimo neto de Gil Vaz da Cunha, o primeiro senhor de Basto, e alferes-mór do senhor rei D. João I, e de sua mulher D. Isabel Pereira, irmã do condestavel D. Nuno Alvares Pereira; decimo primeiro neto de Vasco Martins da Cunha, senhor de Taboa, alcaide-mór de Castro-laboreiro, senhor da villa do Pinheiro e outras, e de sua mulher D. Beatriz, filha de Estevão Soares o moço, senhor da albergaria de Paio-delgado, e de sua mulher D. Maria Lourença de Soalhães; decimo segundo neto de Martim Vasques da Cunha, senhor de Taboa e alcaide-mór de Lamego, e de sua mulher D. Violante Lopes Pacheco; decimo terceiro neto de Vasco Martins da Cunha, senhor de Taboa e alcaide-mór de Lisboa, e de sua mulher D. Senhorinha Fernandes; decimo quarto neto de Martim Vasques da Cunha, senhor de Taboa e do Pinheiro, Angeja e outras terras, e alcaide-mór de Celorico de Basto, e de sua mulher D. Joanna Rodrigues de Numães; decimo quinto neto de D. Vasco Lourenço da Cunha, senhor de

Taboa, e de sua mulher D. Thereza de Portel; decimo sexto neto de D. Lourenço Fernandes da Cunha, da privança do senhor rei D. Affonso II, e de sua mulher D. Sancha Lourenço Maceira; decimo setimo neto de D. Fernão Paes, primeiro do appellido de Cunha, por ser senhor de Cunha-a-alta, solar d'esta familia; decimo oitavo neto de D. Paio Gutterre, o da Silva, senhor da casa, torre e honra da Silva, rico-homem, alcaide-mór de Santa Olaia, e adiantado-mór d'este reino; decimo nono neto de D. Gutterre, rico-homem; vigesimo neto de D. Pelayo Pelaez, rico-homem; vigesimo primeiro neto de Pelayo Fruella, infante; vigesimo segundo neto de D. Azamar Fruella, infante de Leão; vigesimo terceiro neto de D. Fruella, segundo rei de Leão, Asturias e Galliza.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Cunhas, no segundo as dos Albergarias, no terceiro as dos Vilhenas, e no quarto as dos Coutinhos. — **Br. p. a 30 de janeiro de 1826.** Reg. no Cart. da N., liv. VIII, fl. 179.

(C. C.)

2254. Salvador José de Sousa Refoios Pinto Taborda Ferreira, cavalleiro da ordem de Christo, tenente de cavallaria do regimento do Caes d'esta côrte de Lisboa, natural da villa de Castello-novo, comarca de Castello-branco; filho de Antão Ferreira Taborda, e de sua mulher D. Anna Thereza de Sousa e Refoios, filha de Theodosio de Sousa Refoios, mestre de campo de auxiliares da comarca de Castello-branco; neto pela sua varonia de Antão Ferreira Taborda, e de sua mulher D. Isabel Leitão da Cunha e Aguiar: e dos seus documentos se mostrava mais que Antonio Ferreira Taborda fôra moço fidalgo da casa real, guarda roupa do senhor rei D. Affonso VI, e nono senhor da sua quinta de solar, e casa forte chamada de Antão Alves, e que era o supplicante bisneto pela mesma varonia de Antão Alves Ferreira, fidalgo tambem da casa real, senhor da dita quinta e solar, e de sua mulher D. Maria Taborda, elle filho de Antonio Ferreira, todos com o dito fôro e senhorio da referida quinta e casa forte de solar de Antão Alves, e ella que fôra filha de Salvador Taborda de Negreiros, filho de Estevão Gonçalves Taborda tambem fidalgo da casa real, e neto de Bento Taborda de Negreiros, commendador ou cavalleiro da ordem de Christo, o qual fôra descendente de Garcia Rodrigues Taborda, fidalgo gallego da illustre casa de Taborda do reino de Galliza, d'onde se passara para este reino com seu primo o conde D. João Fernandes Andeiro, e fôra o chefe e tronco commum de todos os Tabordas d'este reino, e tão affecto ao senhor rei D. Fernando, que o fizera seu meirinho-mór, e lhe dera a villa de Porto de Moz, as terras de Nespreira e Povoilide, as jugadas de Ourem e Leiria, e a alcaidaria-mór da mesma cidade.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Ferreiras, no segundo as dos Tabordas, no terceiro as dos Sousas, e no quarto as dos Refoios. — **Br. p. a 22 de maio de 1781.** Reg. no Cart. da N., liv. III, fl. 10 v.

(C. C.)

2255. Salvador Moutinho, fidalgo da casa real, filho de João Moutinho, e neto de Martim Annes Moutinho, ambos fidalgos e do tronco d'esta geração.

Carta pela qual el-rei D. João III lhe concede o seguinte brazão de seus antecessores: — Escudo de campo azul com uma flor de liz entre quatro cabeças de serpe tambem azues, cortadas em vermelho, duas em chefe e duas no pé; elmo de prata aberto guarnecido de oiro, paquife de oiro e azul, e por timbre uma das cabeças do escudo, com todas as honras e privilegios de fidalgo por descender da geração dos Moutinhos. — **Dada em Lisboa a 3 de maio de 1550.** Reg. no liv IV de Privilegios, fl. 211 v.

2256. Sebastião Antonio de Faria Peixoto, natural da villa de Setubal; filho de José Joaquim Peixoto da Silveira, cavalleiro professo na ordem de Christo e capitão das ordenanças da villa de Setubal, e de sua mulher D. Anna Isabel Pereira de Faria; neto por parte paterna de Francisco Xavier Peixoto da Silva; administrador do morgado

que hoje administra o dito seu neto, e de sua mulher D. Thereza da Silveira da Frota; filha de João da Fonseca Cliz, que foi dos exercitos de sua magestade catholica Carlos III, e de sua mulher D. Francisca da Silveira da Frota; segundo neto de Manuel de Arouche Roubão, alferes que foi do regimento de infanteria de linha n.° 7, e de sua mulher D. Francisca Peixoto da Silva; filha de Manuel Peixoto da Silva, e de sua mulher Catharina Diniz, irmã de Pedro Alves da Silva, instituidor do mencionado morgado; terceiro neto de Miguel da Silveira da Frota, capitão das ordenanças de Setubal, e de sua mulher Catharina de Arouche; neto por parte materna de Manuel Pereira de Faria, cavalleiro professo na ordem de Christo e thesoureiro-mór do real Erario, e de sua mulher D. Francisca Antonia Margarida da Silveira Palmeiro, filha de Diogo José Palmeiro, capitão-mór da villa da Alhandra, e de sua mulher D. Maria Caetana da Silveira; segundo neto pelo mesmo lado materno de outro Manuel Pereira de Faria, capitão das ordenanças da villa de Barcellos, e de sua mulher D. Maria de Faria.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Peixotos, no segundo as dos Silveiras, no terceiro as dos Silvas, e no quarto as dos Farias. — Br. p. a 15 de junho de 1818. Reg. no Cart. da N., liv. VIII, fl. 1.

(C. C.)

2257. Sebastião de Carvalho dos Santos, natural e morador na sua quinta de S. Bartholomeu da Ponte de Cavez, concelho de Cabeceiras de Basto, provincia de Entre-Douro e Minho; filho de Antonio Carvalho dos Santos, e de sua mulher Maria Antunes do Valle; neto paterno de Sebastião Carvalho dos Santos, e de sua mulher Domingas Vaz, filha de Manuel Thomaz de Carvalho, capitão de volantes que foi na guerra da acclamação, em que teve tambem patente de sargento-mór de um terço, e de sua mulher Maria Antunes; bisneto pela mesma parte paterna de Domingos Carvalho dos Santos, moço da camara que foi dos reis d'este reino, e de sua mulher Maria Antunes; e pela materna neto de Luiz Antunes do Valle, e de sua mulher Maria Francisca; bisneto de outro Luiz Antunes do Valle, e de sua mulher Isabel Ribeira.

As armas dos Carvalhos e Valles. — Br. p. a 26 de agosto de 1750. Reg. no Cart. da N., liv. particular, fl. 1.

(C. C.)

2258. Sebastião Ciaes Ferraz de Acunha, morador na villa de Arouca, comarca de Lamego; filho de Lourenço de Ciaes, e de sua mulher D. Mencia Maria Ferraz; neto paterno de João Baptista de Ciaes, cidadão florentino, antiquario-mór das genealogias do archivo da dita cidade de Florença.

As armas dos Ciaes. — Br. p. a 27 de agosto de 1762. Reg. no Cart. da N., liv. particular, fl. 132 v.

(C. C.)

2259. Sebastião Coelho, morador na ilha da Madeira, filho de João Coelho, morador que foi em Valença do Minho; neto de Affonso Coelho; bisneto de Bastião Coelho, os quaes foram todos fidalgos muito honrados e do verdadeiro tronco d'esta geração.

Carta pela qual el-rei D. João III lhe concede o seguinte brazão de seus antecessores: — Escudo de campo de oiro com um leão de purpura com tres faxas xaquetadas de oiro e azul, e uma bordadura de azul cheia de coelhos de prata malhados de preto, e por differença uma flor de liz de oiro; elmo de prata aberto guarnecido de oiro, paquife de oiro e purpura, e por timbre um meio leão de purpura com um dos coelhos nas unhas; com todas as honras e privilegios de fidalgo, por descender da geração e linhagem dos Coelhos. — Dada em Lisboa a 22 de maio de 1540. Reg. na Chanc. de D. João III, liv. L, fl. 203.

2260. Sebastião Ferreira da Rocha Barbuda, do logar de Avós, termo da villa de Santa Martha; filho de Sebastião Antonio Ferreira da Rocha Barbuda, capitão de infanteria auxiliar do dito logar e termo, e de sua mulher D. Maria Thomasia Ferreira da Rocha Barbuda; neto de Domingos Pereira Ribeiro, e de D. Isabel Ferreira da Rocha Barbuda.

Um escudo esquartelado; no primeiro e quarto quarteis as armas dos Ferreiras, no segundo as dos Rochas, e no terceiro as dos Barbudas. — Br. p. a 28 de novembro de 1799. Reg. no Cart. da N., liv. vi, fl. 107.

(C. C.)

2261. Sebastião da Fonseca, licenciado e desembargador.

Carta pela qual el-rei D. João iii lhe concede o seguinte brazão de seus antecessores: — Escudo de campo partido em faxa, a primeira partida em pala; e a primeira d'estas esquartelada de castella e leão, e a segunda de vermelho e quatro palas de oiro; e a segunda faxa de vermelho e uma azinheira verde com as raizes de prata e um leão de oiro, e por differença uma brica azul e n'ella uma estrella de prata; elmo de prata aberto, paquife de oiro e vermelho, e por timbre um leão de oiro; com todas as honras e privilegios de fidalgo por descender da geração e linhagem dos Bivares. — Dada em Evora a 20 de janeiro de 1524. Reg. na Chanc. de D. João iii, liv. iv, fl. 15 v.

2262. Sebastião da Fonseca, cavalleiro fidalgo da casa real, filho de Gomes da Fonseca, fidalgo; neto de Fernão da Fonseca, cavalleiro fidalgo da casa real, que foi do verdadeiro tronco d'esta geração.

Carta pela qual el-rei D. João iii lhe concede o seguinte brazão de seus antecessores: — Escudo de campo de oiro com cinco estrellas de vermelho, em aspa, e por differença uma flor de liz azul; elmo de prata aberto guarnecido de oiro, paquife de oiro e vermelho, e por timbre um pescoço de toiro vermelho, com os paus de oiro e uma estrella de oiro na testa; com todas as honras e privilegios de fidalgo, por descender da geração e linhagem dos Fonsecas. — Dada em Lisboa a 13 de outubro de 1539. Reg. na Chanc. de D. João iii, liv. xxvii, fl. 93.

2263. Sebastião Gomes da Silva Belfort, natural da cidade de S. Luiz do Maranhão, filho de Filippe Marques da Silva, cavalleiro fidalgo da casa real, irmão do coronel de milicias José Antonio Gomes de Sousa, a quem se passou brazão de armas a 28 de setembro de 1798, e de sua mulher D. Ignacia Maria Freire Belfort da Silva; neto paterno do sargento-mór Antonio Gomes de Sousa, e de sua mulher D. Marianna das Neves; bisneto de Filippe Marques da Silva, almoxarife da real Fazenda na dita cidade do Maranhão, e de sua mulher D. Rosa Maria de Jesus.

Um escudo partido em pala; na primeira as armas dos Sousas, e na segunda as dos Gomes. — Br. p. a 15 de abril de 1804. Reg. no Cart. da N., liv. vii, fl. 75.

(C. C.)

2264. Sebastião Gonçalves Pitta, cavalleiro fidalgo da casa real e commendador.

Carta pela qual el-rei D. Sebastião lhe concede e a todos seus descendentes o seguinte brazão de armas: — Escudo de campo vermelho e uma onça rompente de sua cor armada de oiro, e uma bordadura de oiro cheia de crescentes de azul; elmo de prata cerrado guarnecido de oiro, paquife de prata, vermelho, oiro e azul, e por timbre meia onça gretada de vermelho com um dos crescentes nas mãos, como quem o despedaça; com todas as honras e privilegios de fidalgo, pelos bons serviços que prestou em Tanger em guerra com os moiros. — Dada em Lisboa a 20 de abril de 1569. (M. N.) Reg. na Chanc. de D. Sebastião, liv. ix, fl. 195.

2265. Sebastião José de Carvalho Teixeira Cunha e Coutinho, natural da freguezia de S. Romão do Cargo, da villa de Freixeira de Basto; filho de Manuel Tei-

xeira da Cunha e Andrade de Carvalho, e de sua mulher D. Luiza Bernarda Teixeira de Carvalho e Sousa; neto pela parte paterna de José Teixeira da Cunha de Carvalho Coutinho, que depois de viuvo se ordenou, e de sua mulher D. Maria de Andrade e Meirelles; pela parte materna neto de Manuel Peres Marvão de Carvalho, e de sua mulher D. Maria Angelica Teixeira Machado de Sousa; segundo neto pela parte paterna de Alexandre da Cunha e Carvalho Coutinho, e de sua mulher D. Senhorinha Teixeira Alvares de Araujo; terceiro neto de Domingos de Carvalho e Cunha Coutinho de Sousa Teixeira, e de sua mulher D. Helena Francisca da Fonseca; quarto neto de Francisco Carvalho da Cunha Teixeira, e de sua mulher D. Catharina Miguel Peres, a quem se passou brazão de armas em 4 de janeiro de 1643, com as armas dos Carvalhos, Cunhas, Teixeiras e Coutinhos, em reforma do de seu bisavô Francisco Carvalho Coutinho, passado tambem em reforma do de seus antecessores, no anno de 1564, no qual se faz expressa menção que seu terceiro avô Fernando Carvalho da Cunha foi capitão das naus da India, e no mesmo estado fez muitos serviços aos senhores reis d'este reino, em varios empregos que teve; assim como tambem que seu avô Martim Dias de Carvalho, serviu na Africa á sua custa, e foi armado cavalleiro pelo capitão general governador de Ceuta D. Diniz Pereira, como tambem Martim Dias de Carvalho, pae do sobredito, foi capitão de infanteria, todos senhores da casa do Valle, que o supplicante conserva; segundo neto pela parte materna de João Teixeira de Sousa Peres de Marvão, e de sua mulher D. Maria Alves de Carvalho; terceiro neto de Pedro Gonçalves Peres de Marvão, e de sua mulher D. Anna Teixeira de Sousa; quarto neto de Salvador Fernandes Peres de Marvão, e de sua mulher D. Margarida Gonçalves.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Carvalhos, no segundo as dos Teixeiras, no terceiro as dos Cunhas, e no quarto as dos Coutinhos. — Br. p. a 4 de setembro de 1790. Reg. no Cart. da N., liv. IV, fl. 179 v.

(C. C.)

2266. Sebastião José de Figueiredo Barros e Vasconcellos, administrador dos Tabacos e saboarias da comarca de Thomar; filho de José Antonio de Figueiredo, escripturario da contadoria do real Contracto do tabaco do reino, e de sua mulher D. Maria Antonia de Barros e Vasconcellos; neto paterno de Pedro Gomes de Figueiredo, commissario de mostras da Vedoria geral de guerra, e de D. Thereza Maria do Espirito Santo Torres; neto materno de Christovão da Silva Machado Barros e Vasconcellos, moço fidalgo da casa real, professo na ordem de Christo, a quem se passou brazão de armas a 13 de agosto de 1746, e de D. Anna Bernarda Salema da Camara Barros e Vasconcellos.

Um escudo partido em pala; na primeira as armas dos Barros, e na segunda as dos Vasconcellos. — Br. p. a 5 de agosto de 1811. Reg. no Cart. da N., liv. VII, fl. 229 v.

(C. C.)

2267. Sebastião José de Gouvea de Almeida e Figueiredo, bacharel formado nos sagrados canones; filho do doutor Francisco José de Almeida Figueiredo e Gouvea, juiz de fóra que foi das villas de Castello-novo e Alpedrinha, familiar do Santo Officio, e de sua mulher D. Maria Josepha de Gouvea; neto pela parte paterna do capitão Gaspar Nunes de Sousa e Almeida, e de sua mulher Luiza de Figueiredo de Almeida e Gouvea, e pela materna neto de João Vaz Martins e de Euphemia de Carvalho Maldonado.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Gouveas, no segundo as dos Almeidas, no terceiro as dos Figueiredos, e no quarto as dos Carvalhos. — Br. p. a 17 de maio de 1771. Reg. no Cart. da N., liv. I, fl. 151.

(C. C.)

2368. Sebastião José dos Reis Carneiro, natural da villa de Zibreira, comarca de Castello-branco; filho do doutor Balthazar Martins dos Reis Carneiro, e de sua mulher

D. Catharina Martins Ovilheira; neto pela parte paterna de Manuel Martins Carneiro, e de D. Beatriz Fernandes, e pela materna do sargento-mór Antonio Marques Nunes, e de D. Maria Martins Ovilheira, sendo tambem primo segundo de José Bernardo Freixo de Miranda Leite, a quem já se passou brazão de armas, todas pessoas muito nobres das familias dos appellidos de Carneiros e Martins.

Um escudo partido em pala; na primeira as armas dos Carneiros, e na segunda as dos Martins.—Br. p. a 20 de agosto de 1789. Reg. no Cart. da N., liv. IV, fl. 120 v.

(C. C.)

2269. Sebastião José Soares Pinto de Carvalho (Capitão), natural da freguezia de Penna-joia, bispado de Lamego; filho de José Soares Pinto de Carvalho, e de D. Maria Clara Guedes; neto paterno de Luiz Pinto de Carvalho, e de sua mulher D. Maria Thereza, e materno de João Luiz Guedes, e de D. Clara Maria da Silva Mello e Faro, sendo o dito justificante descendente da antiga casa de Alagoas, da freguezia de Penna-joia.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Pintos, no segundo as dos Carvalhos, no terceiro as dos Guedes, e no quarto as dos Mellos.—Br. p. a 9 de agosto de 1819. Reg. no Cart. da N., liv. VIII, fl. 44.

(C. C.)

2270. Sebastião Leitão Rodrigues de Abreu e Magalhães Sousa Vasconcellos, filho de Bento Leitão de Almeida, e de sua mulher Mellania Thereza de Mello Villas-boas; neto pela parte paterna de Christovão Leitão de Almeida, e de Margarida Rodrigues, irmã de João Rodrigues de Abreu, pae de João Rodrigues de Abreu Sousa Magalhães e Vasconcellos, a quem se concedeu brazão de armas no anno de 1723; e por esta parte bisneto de Cosme Rodrigues de Abreu, e de Maria Mendes de Azevedo e Magalhães.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Leitões, no segundo as dos Almeidas, no terceiro as dos Magalhães, e no quarto as dos Vasconcellos.—Br. p. a 3 de março de 1772. Reg. no Cart. da N., liv. I, fl. 172.

(C. C.)

2271. Sebastião Machado, natural da villa do Conde.

Carta pela qual el-rei D. João III lhe concede o seguinte brazão de seus antecessores:—Escudo de campo esquartelado, o primeiro de vermelho com cinco machados de prata com os cabos de oiro em aspa, o segundo tambem de vermelho com uma aguia preta estendida e armada de oiro, e por differença uma merleta de oiro; elmo de prata aberto guarnecido de oiro, paquife de oiro e vermelho, e por timbre dois machados em aspa; com todas as honras de nobre fidalgo, por descender da geração e linhagem dos Machados e Maias por parte de seu pae e avós.—Dada em Evora a 2 de dezembro de 1533. Reg. na Chanc. de D. João III, liv. XL, fl. 70.

2272. Sebastião Mendes de Azevedo, V. *Bastião Mendes de Azevedo.*

2273. Sebastião Pinheiro, morador em Alhos-vedros.

Carta pela qual el-rei D. João III lhe concede o seguinte brazão de seus antecessores:—Escudo de campo esquartelado, o primeiro de vermelho com uma torre de prata lavrada de azul, o segundo de prata com cinco pinheiros verdes em aspa; elmo de prata aberto, paquife de prata e vermelho, por timbre a mesma torre, e por differença uma muleta de oiro, com todas as honras e privilegios de fidalgo por descender da geração e linhagem dos Pinas e Pinheiros.—Dada em Evora a 8 de junho de 1524. Reg. na Chanc. de D. João III, liv. IV, fl. 66.

2274. D. Sebastião Pires de Gamaza, natural da cidade de Xerez de la Frontera, reino de Hespanha; filho de Pedro Pires, e de sua mulher D. Marianna de Gamaza Real,

neto pela parte paterna de Francisco Pires Peredano, e de sua mulher D. Beatriz Chacam e Medina; bisneto de outro Francisco Pires Peredano, e de sua mulher D. Anna Alvares; terceiro neto de Francisco Pires, e de sua mulher Anna Pires Ferreira, elle filho de outro Francisco Pires, e ella filha de Domingos Fernandes Portella, e de sua mulher Anna Alvares.

Um escudo esquartelado; no primeiro e quarto quarteis as armas dos Chacans, no segundo as dos Ferreiras, e no terceiro as dos Costas.—Br. p. a 2 de dezembro de 1774. Reg. no Cart. da N., liv. II, fl. 44.

(C. C.)

2275. D. Sebastião Pires de Gamaza, natural e morador na cidade de Xerez de la Frontera, reino de Castella; filho de Pedro Peres, e de sua mulher D. Marianna Peres de Gamaza Real; neto pela sua varonia de Francisco Peres Peredano, e de sua mulher D. Beatriz Chacam e Medina; bisneto de outro Francisco Peres Peredano, e de sua mulher D. Anna Alvares Ferreira; neto pela mesma varonia de Francisco Peres, e de sua mulher D. Peres Ferreira, elle filho de outro Francisco Peres, e ella filha de Domingos Fernandes Portella, e de sua mulher D. Anna Alvares.

Um escudo esquartelado; no primeiro e quarto quarteis as armas dos Peres, no sesegundo as dos Ferreiras, e no terceiro as dos Costas.—Br. p. a 4 de setembro de 1775. Reg. no Cart. da N., liv. II, fl. 81.

(C. C.)

2276. D. Sebastião Pires de Gamaza, natural e morador na cidade de Xerez de la Frontera, reino de Castella; filho de Pedro Peres, e de sua mulher D. Marianna de Gamaza Real; neto pela parte paterna de Peres Peredano, e de sua mulher D. Beatriz Chacam e Medina; bisneto de outro Francisco Peres Peredano, e de sua mulher D. Anna Alvares; terceiro neto de Francisco Peres, e de sua mulher D. Anna Peres Ferreira, elle filho de outro Francisco Peres, e ella filha de Domingos Portella, e de sua mulher D. Anna.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Peres, no segundo as dos Alvares, no terceiro as dos Ferreiras, e no quarto as dos Costas. — Br. p. a 15 de junho de 1776. Reg. no Cart. da N., liv. II, fl. 99.

(C. C.)

2277. Sebastião Rodrigues Sette e Camara, cavalleiro professo na ordem de Christo, e capitão do primeiro regimento de milicias da cidade de Marianna, da capitania de Minas-geraes; filho do capitão Antonio Rodrigues Sette, e de sua mulher D. Maria Joanna Gonçalves: neto paterno de João Rodrigues Sette, e de D. Maria Francisca de Jesus; e materno de Sebastião Gonçalves da Camara, e de D. Patricia Luiza da Cruz.

Um escudo partido em pala; na primeira as armas dos Rodrigues, e na segunda as dos Camaras.—Br. p. a 7 de setembro de 1807. Reg. no Cart. da N., liv. VII, fl. 202 v.

(C. C.)

2278. Silverio Anacleto Villar de Sousa, natural d'esta cidade de Lisboa, filho de João de Sousa Villar, e de sua mulher D. Maria Caetana Osorio: neto pela parte paterna de Manuel Francisco Villar, natural da freguezia de Villarinho dos Cambas, arcebispado de Braga, e de D. Maria de Sousa, d'esta cidade; e pela materna do capitão Domingos Machado de Miranda, natural da villa de Alvito, e de D. Felicia Maria Osorio, natural da cidade da Bahia.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Sousas, no segundo as dos Macedos, no terceiro as dos Mirandas, e no quarto as dos Osorios.—Br. p. a 30 de novembro de 1770. Reg. no Cart. da N., liv. I, fl. 140.

(C. C.)

2279. Silvestre de Cardenas Cabo, filho de João do Cabo Apparicio, e de D. Mecia Antonia Pimenta de Cardenas; neto pela parte paterna de Domingos Esteves Sardinheiro Cabo, e de Isabel Maria da Visitação Barroso; e pela parte materna de Manuel Fialho Pimenta, familiar do Santo Officio, e de D. Maria Thereza de Cardenas; bisneto por parte de seu avô paterno de Gregorio Esteves Sardinheiro, e de Helena da Cruz Penilha e Cabo; e por parte de sua avó paterna de Francisco Esteves Sardinheiro, familiar do Santo Officio, e de Maria Luiza Barroso; e por parte de seu avô materno de Luiz Fialho Ferro, e de Catharina Martins Zarca; e por parte de sua avó materna de Francisco de Cardenas Souto-maior, e de Francisca Thereza Xavier, sendo egualmente o dito Francisco de Cardenas Souto-maior, filho de Antonio Fialho Penilha, familiar do Santo Officio, e de D. Joanna de Cardenas Souto-maior, irmã de Pedro de Cardenas Souto-maior, a quem se passou brazão de armas a 6 de abril de 1695.

Um escudo com as armas dos Cardenas. — Br. p. a 16 de agosto de 1796. Reg. no Cart. da N., liv. v, fl. 134.

(C. C.)

2280. Silvestre de Carvalho Rezende, morador na villa de Santo Amaro das Brotas, capitania da cidade de Sergipe de El-rei, estado do Brazil; filho de Hilario de Carvalho de Rezende, e de sua mulher e prima Ignez Pereira de Rezende, filha de João de Moura de Magalhães, e de sua mulher Maria Brochado, elle filho de Balthasar Velho de Moura, e de sua mulher Ignez Pereira de Rezende, e ella filha de Antonio Brochado, e de sua mulher Maria Coelho, filha de Francisco Rezende de Carvalho, e de sua mulher Joanna Fernandes de Mello; neto o supplicante pela parte paterna de Esperança de Braga, e de seu marido Manuel Madeira, filho de Pedro Vaz Correa, e de sua mulher Clara; bisneto de Hilario de Carvalho de Rezende, e de sua mulher Margarida de Braga; terceiro neto do capitão Manuel de Carvalho, e de sua mulher D. Thaddéa Gonçalves; quarto neto de Pedro Vaz de Mello.

As armas dos Carvalhos, Rezendes, Correas, Pereiras, Mouras, Magalhães, Brochados, Velhos, Coelhos, Mellos, Bragas, e Madeiras. — Br. p. a 21 de janeiro de 1751. Reg. no Cart. da N., liv. particular, fl. 19 v.

(C. C.)

2281. Silvestre Falcão de Sousa Pereira de Berredo, capitão das ordenanças da cidade de Tavira, filho de Silvestre Falcão de Sousa Pereira de Berredo, e de sua mulher D. Anna Joaquina Ignacia de Miranda e Silva; neto por parte paterna de Francisco Falcão de Sousa Pereira de Berredo, e de D. Isabel Correa de Freitas; neto por parte materna de João da Costa Ferreira, e de D. Isabel do Espirito Santo da Silva e Miranda.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Sousas, no segundo as dos Falcões, no terceiro as dos Pereiras, e no quarto as dos Berredos. — Br. p. a 20 de agosto de 1802. Reg. no Cart. da N., liv. vi, fl. 215 v.

(C. C.)

2282. Silvestre José da Silva, natural da cidade de Lisboa, cavalleiro professo na ordem de Christo, capitão de mar e guerra honorario, e deputado da Mesa da Inspecção da cidade da Bahia; filho de José Rodrigues da Silva, e de sua mulher D. Thereza de Jesus; neto paterno de João Rodrigues da Silva, e de sua mulher D. Antonia Rodrigues, e materno de Bernardo Antunes, e de sua mulher D. Dorothea do Ó; bisneto paterno de Francisco Rodrigues da Silva, e de sua mulher D. Luiza da Conceição; terceiro neto de José Rodrigues, e de sua mulher D. Luiza da Silva.

Um escudo partido em pala: na primeira as armas dos Rodrigues, e na segunda as dos Silvas. — Br. p. a 30 de novembro de 1803. Reg. no Cart. da N., liv. vii, fl. 50 v.

(C. C.)

2283. Simão de Abreu Pereira, filho de Bastião Alvares de Abreu, neto de Affonso Alvares Pereira, bisneto de João Alvares Pereira, de Santarem, que todos foram fidalgos e do tronco d'esta geração.

Carta pela qual el-rei D. João iii lhe concede o seguinte brazão de seus antecessores: — Escudo de campo vermelho esquartelado; o primeiro e seu contrario com uma cruz de prata florida e vazia de vermelho, o segundo e terceiro com cinco cotos de azas de oiro, em aspa, e por differença uma flor de liz de prata; elmo de prata aberto guarnecido de oiro, paquife de oiro, prata e vermelho, e por timbre uma cruz de vermelho entre duas azas de oiro; com todas as honras e privilegios de fidalgo por descender da geração e linhagem dos Pereiras e Abreus. — Dada em Lisboa a 25 de maio de 1542. Reg. na Chanc. de D. João iii, liv. xxxii, fl. 49.

2284. Simão Acioli, fidalgo florentino, morador na ilha da Madeira.

Carta pela qual el-rei D. João iii lhe concede o seguinte brazão de seus antecessores: — Escudo de campo de prata com um leão azul com a lingua e unhas vermelhas; elmo de prata aberto guarnecido de oiro, paquife de prata e azul, e por timbre o mesmo leão das armas; com todas as honras e privilegios de fidalgo por descender da geração e linhagem dos Aciolis, que na senhoria de Florença são fidalgos. — Dada em Lisboa a 27 de outubro de 1529. Reg. na Chanc. de D. João iii, liv lii, fl. 81 v.

2285. Simão Alvares de la Penha Deus-dará, filho de Manuel Alvares Deus-dará.

Carta pela qual el-rei D. João iv lhe concede o seguinte brazão de seus antecessores: — Escudo de campo de prata, tendo do lado direito um braço vestido de verde estendido que nasce do centro da mesma parte, e posto em contrabanda, e da parte esquerda outro braço como o primeiro, que nasce do centro da mesma parte, posto em contrabanda, com as mãos de côr natural ambas juntas e abertas e que chegam ao meio do escudo cheias de moedas de prata e oiro, e uma orla verde e n'ella escripta a letra de oiro o appellido de *Deus-dará;* elmo de prata guarnecido de oiro, paquife de oiro, prata e verde, e por timbre um dos braços de oiro tendo as moedas na mão; com todas as honras e privilegios de fidalgo pelos seus serviços, e por descender da geração dos Deus-dará. — Dada em Lisboa a 4 de agosto de 1646. Reg. na Chanc. de D. João iv, liv. xv, fl. 58 v.

2286. Simão Alvares Pimenta Ramos, natural da freguezia de S. João de Arnoia, termo da villa de Basto; filho de Bento Pimenta Ramos, e de Sebastiana Alvares; neto paterno de Domingos Mattheus, e de Catharina Pimenta Ramos; neto materno de Miguel Jorge, e de Margarida Alvares de Lordello de Viade; todos nobres, e como taes se tractavam á lei da nobreza, e o mesmo supplicante primo segundo de Jeronymo Pimenta Ramos, a quem se passou já brazão d'estas mesmas armas.

As armas dos Pimentas, e dos Ramos. — Br. p. a 11 de fevereiro de 1754. Reg. no Cart. da N., liv. particular, fl. 69.

(C. C.)

2287. Simão Antonio de Liz Lemos e Sousa, natural de Viseu, cavalleiro professo na ordem de Christo, e fidalgo da casa real; filho de José de Liz e Sousa, e de sua mulher D. Anna do Carmo de Lemos; neto paterno de João de Liz; bisneto pelo mesmo lado de Francisco de Sousa da Cunha, moço fidalgo da casa real, tendo o supplicante servido diversos logares de magistratura.

Um escudo esquartelado; no primeiro e quarto quarteis as armas dos Lizes, no segundo as dos Lemos, e no terceiro as dos Sousas. — Br. p. a 20 de setembro de 1827. Reg. no Cart. da N., liv. viii, fl. 209.

(C. C.)

2288. Simão da Costa Caldeira Pedroso e Magalhães, cavalleiro professo na ordem de Sant'Iago da Espada, e capitão-mór do baluarte de S. Francisco da praça de Cacheu; filho de José Luiz Cardoso Caldeira, e de D. Maria Pedroso da Costa e Magalhães; neto pela parte paterna de Antonio Vaz Sevado Cardoso, e de sua mulher D. Maria Rodrigues; neto pela parte materna de Agostinho Tavares de Sousa, cavalleiro, e de Helena Pedroso da Costa Magalhães.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Cardosos, no segundo as dos Pedrosos, no terceiro as dos Costas, e no quarto as dos Magalhães. — Br. p. a 8 de agosto de 1797. Reg. no Cart. da N., liv. v, fl. 209.

(C. C.)

2289. Simão da Costa Caldeira Pedroso e Magalhães, cavalleiro professo na ordem de Sant'Iago da Espada, e capitão-mór do baluarte de S. Francisco da praça de Cacheu; filho de José Luiz Cardoso Caldeira, e de D. Maria Pedroso da Costa e Magalhães; neto pela parte paterna de Antonio Vaz Sevado Cardoso, e de sua mulher D. Maria Rodrigues; neto pela parte materna de Agostinho Tavares de Sousa Cavalleiro, cavalleiro fidalgo da casa real, a quem se passou brazão a 14 de abril de 1717, com as armas dos Sousas, Tavares, e Cavalleiros, e de sua mulher D. Helena Pedroso da Costa Magalhães.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Sousas, no segundo as dos Pedrosos, no terceiro as dos Cardosos, e no quarto as dos Cavalleiros. — Br. p. a 16 de junho de 1798. Reg. no Cart. da N., liv. vi, fl. 21 v.

(C. C.)

2290. Simão Estellita Gomes da Fonseca Correa Gonçalves, cavalleiro da ordem de Sant'Iago da Espada, escrivão e futuro provedor da Fazenda real do continente do Rio-grande do Sul, natural da colonia do Sacramento; filho do capitão Francisco Correa Gomes, e de D. Rita Maria de Jesus da Fonseca; neto pela parte paterna de Manuel Correa, e de Maria da Resurreição Gomes; neto pela parte materna de Manuel Gonçalves, e de D. Anna Maria da Fonseca.

Um escudo partido em pala; na primeira as armas dos Correas, e na segunda as dos Gomes. — Br. p. a 20 de agosto de 1798. Reg. no Cart. da N., liv. vi, fl. 35.

(C. C.)

2291. Simão de Figueiredo, cavalleiro da casa real, filho de João de Figueiredo, e neto de Gonçalo de Figueiredo, que foi fidalgo muito honrado e do tronco d'esta geração.

Carta pela qual el-rei D. João iii lhe concede o seguinte brazão de armas de seus antecessores: — Escudo de campo vermelho e cinco folhas verdes de figueira em aspa perfiladas de oiro, e por differença uma flor de liz de prata; elmo de prata aberto guarnecido de oiro, paquife de oiro, vermelho e verde, e por timbre um braço vestido de azul com um ramo de oiro na mão com cinco folhas verdes de figueira; com todas as honras de nobre fidalgo por descender da nobre geração e linhagem dos Figueiredos. — Dada em Evora a 3 de abril de 1535. Reg. na Chanc. de D. João iii, liv. x, fl.

2292. Simão José de Faria Pereira, oppositor ás cadeiras da faculdade de leis na Universidade de Coimbra pela collegial de S. Pedro; filho do doutor José da Motta Pereira, provedor que foi da comarca de Esgueira, natural da villa de Punhete, e de sua mulher D. Anna Maria Pereira de Faria, natural da dita quinta; neto pela parte paterna de Francisco Pinha da Motta, e de sua mulher D. Margarida Vicencia Pereira; e pela materna de Simão Pereira de Faria, e de sua mulher D. Maria Pereira da Silva; bisneto de Gaspar Pereira, e de sua mulher D. Maria Pereira de Faria; terceiro neto de João Pereira de Faria, capitão-mór que foi da villa de Ourem.

Um escudo partido em pala; na primeira as armas dos Pereiras, e na segunda as dos Farias. — Br. p. a 31 de janeiro de 1771. Reg. no Cart. da N., liv. I, fl. 141 v.
(C. C.)

2293. Simão Lopes de Calheiros, fidalgo de cota de armas, morador em Santarem, filho de Gonçalo Lopes de Calheiros e neto de Diogo Lopes de Calheiros, que foram do tronco d'esta geração.

Carta pela qual el-rei D. João III lhe concede o seguinte brazão de seus antecessores: — Escudo de campo azul com cinco vieiras de prata riscadas de preto, em aspa, e tres estrellas de prata de cinco pontas cada uma em faxa, ao pé do escudo, e por differença um anel de oiro; elmo de prata aberto, paquife de prata e azul, e por timbre dois bordões de Sant'Iago de prata, em aspa, e no meio d'elles uma das vieiras das armas; com todas as honras e privilegios de fidalgo por descender da geração e linhagem dos Calheiros. — Dada em Lisboa a 7 de agosto de 1528. Reg. na Chanc. de D. João III, liv. XVII, fl. 116 v.

2294. Simão Neto, fidalgo da casa real, irmão do bispo D. Braz Neto, e filhos do doutor Pedro Gonçalves Neto, ao qual D. Braz tambem anteriormente lhe havia sido concedido o uso de brazão pelo mesmo motivo.

Carta pela qual el-rei D. João III lhe concede o seguinte brazão de seus antecessores: — Escudo de campo partido em pala, de vermelho e azul, e sobre tudo um leão de oiro armado de preto, e uma bordadura de oiro com quatro flores de liz de prata perfiladas de azul, nos quatro cantos, e quatro folhas de figueiras verdes entrecambadas, e por differença um trifolio de oiro; elmo de prata aberto guarnecido de oiro, paquife de oiro e azul, e por timbre o mesmo leão com uma das folhas de figueira na cabeça; com todas as honras e privilegios de fidalgo por descender da geração e linhagem dos Netos de Salamanca. — Dada em Evora a 28 de novembro de 1534. Reg. na Chanc. de D. João III, liv. XX, fl. 80 v.

2295. Simão Pacheco, cavalleiro da casa real, morador na ilha Terceira, filho de João Pacheco e neto de Manuel Pacheco, que foi fidalgo muito honrado e do tronco d'esta geração.

Carta pela qual el-rei D. João III lhe concede o seguinte brazão de seus antecessores: — Escudo de campo de oiro e duas caldeiras, em pala, tambem de oiro, com tres faxas e as azas veiradas e contraveiradas de vermelho e preto, e quatro cabeças de serpe de oiro nos cabos das azas, duas para fora e duas para dentro das caldeiras, e por differença uma merleta de preto; elmo de prata aberto guarnecido de oiro, paquife de oiro e vermelho, e por timbre um pescoço com duas cabeças de serpe, uma contra a outra; com todas as honras e privilegios de fidalgo por descender da geração e linhagem dos Pachecos. — Dada em Evora a 20 de março de 1534. Reg. na Chanc. de D. João III, liv. XX, fl. 76 v.

2296. Simão Pires Sardinha (Doutor), cavalleiro professo na ordem de Christo, natural do arraial de Tejuco, termo da villa do Principe, comarca do Serro do frio, bispado de Marianna, e morador na cidade de Lisboa; filho do doutor Manuel Pires Sardinha, e de Francisca da Silva, filha do capitão Antonio Caetano de Sá, e de Maria da Costa; neto pela sua varonia do capitão de infanteria Dionysio Lopes Sardinha, a quem se passou brazão com as armas das familias de Sardinhas, Lopes, Pintos, e Carvalhos em 1684, e de Paula do Espirito Santo Sardinha; bisneto do alferes de cavallos João Baptista Sardinha; terceiro neto de Manuel Gomes Sardinha, capitão de cavallos, e de D. Maria de Sá, elle descendente de João Lopes, criado da princeza D. Joanna, a quem o senhor rei D. Affonso V fez mercê das armas dos Lopes, e de Julio Fernandes Sardinha, da familia d'este

appellido da cidade de Elvas; e ella descendente de Antonio Teixeira Pinto, senhor do morgado de Calvilhe, e de Christovão Fernandes de Carvalho, capitão-mór da villa de S. Vicente da Beira, como largamente constava do dito brazão.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Lopes, no segundo as dos Sardinhas, no terceiro as dos Pintos, e no quarto as dos Carvalhos. — Br. p. a 15 de janeiro de 1781. Reg. no Cart. da N., liv. II, fl. 267.

(C. C.)

2297. Simão da Rocha Couto Ribeiro (Bacharel), juiz dos orphãos na cidade de Braga, oppositor aos logares de letras, e natural da freguezia de S. José da mesma cidade; filho de Ignacio José Rodrigues da Rocha, e de sua mulher D. Marianna Thereza do Couto Ribeiro; neto pela parte paterna de Lourenço Rodrigues Mendes, e de sua mulher D. Luiza da Rocha; e pela materna de Manuel Ribeiro da Costa, e de sua mulher D. Agueda do Couto.

Um escudo esquartelado; no primeiro e quarto quarteis as armas dos Rochas, no segundo as dos Ribeiros, e no terceiro as dos Coutos.—Br. p. a 9 de setembro de 1786. Reg. no Cart. da N., liv. III, fl. 236.

(C. C.)

2298. Simão Rodrigues Rabello, cavalleiro fidalgo da casa real, morador na ilha de S. Miguel, filho de Luiz Rodrigues, cavalleiro da casa real, e de Beatriz Fernandes Rabello, neto de João Rodrigues Rabello, que foi fidalgo muito honrado e do tronco d'esta geração.

Carta pela qual el-rei D. João III lhe concede o seguinte brazão de seus antecessores: — Escudo de campo azul e tres faxas de oiro, e em cada uma d'ellas uma flor de liz de vermelho, postas em banda, e por differença uma brica de prata; elmo de prata aberto guarnecido de oiro, paquife de oiro e azul, e por timbre duas flores de liz de vermelho; com todas as honras e privilegios de fidalgo por descender da geração e linhagem dos Rabellos. — Dada em Lisboa a 23 de junho de 1533. Reg. na Chanc. de D. João III, liv. XLV, fl. 42 v.

2299. Simão de Seixas, morador em Faro, filho de Fernão de Seixas, neto de Ignez de Seixas, e bisneto de Fernão de Seixas, moradores em Faro, e que foram do tronco d'esta geração e fidalgos muito honrados; e bem assim era filho de Isabel Vieira, neto de Fernão Vieira, de Faro, que foi tambem fidalgo muito honrado e do tronco da geração dos Vieiras.

Carta pela qual el-rei D. João III lhe concede o seguinte brazão de seus antecessores: — Escudo de campo esquartelado; o primeiro de verde com cinco pombas, seixas, de prata, em aspa, com os pés e bicos vermelhos, duas d'estas voando, a ultima debaixo da direita e a primeira de cima da esquerda, e o contrario de vermelho com seis vieiras de prata riscadas de preto, em duas palas, e por differença um anel de oiro; elmo de prata aberto guarnecido de oiro, paquife de prata, verde e vermelho, e por timbre uma das seixas voando; com todas as honras e privilegios de fidalgo por descender da geração e linhagem dos Seixas e Vieiras.— Dada em Evora a 24 de maio de 1537. Reg. na Chanc. de D. João III, liv. XXIII, fl. 50 v.

2300. Simão de Sequeira, filho de Ruy de Sequeira e neto de Diogo de Sequeira, que foi fidalgo muito honrado e do tronco d'esta geração.

Carta pela qual el-rei D. João III lhe concede o seguinte brazão de seus antecessores: — Escudo de campo azul com cinco vieiras de oiro, em aspa, elmo de prata aberto guarnecido de oiro, paquife de oiro e azul, e por timbre quatro pennachos azues, sendo os do meio mais altos, com uma vieira das armas entre elles, e por differença uma flor de

liz de prata; com todas as honras e privilegios de fidalgo por descender da geração dos Sequeiras. — Dada em Lisboa a 7 de outubro de 1550. Reg. no liv. IV de Privilegios, fl. 131 v.

2301. SIMÃO SUEIRO DA SILVA, capitão-mór da villa de Moura, comarca de Aviz, e natural de Campo-maior; filho de Simão Dias da Silva, e de sua mulher Catharina Sueiro; neto paterno de outro Simão Dias da Silva, e de sua mulher Isabel Rodrigues; neto materno de Manuel Rodrigues de Albergaria, e de sua mulher Anna Gonçalves.

As armas dos Silvas e Albergarias. — Br. p. a 30 de julho de 1755. Reg. no Cart. da N., liv. particular, fl. 93.

(C. C.)

2302. SIMPLICIO DIAS DA SILVA, capitão de cavallaria auxiliar da cidade do Maranhão, natural da villa de S. João da Pernayba, comarca da cidade de Oeiras, capitania de S. José de Piauhy; filho por provisão real do capitão Domingos Dias da Silva, e de Claudina Josepha, solteira; neto pela parte paterna de José Dias da Silva, vereador e juiz ordinario no logar de Pedronellos, e de sua mulher D. Maria Gonçalves; bisneto de Manuel da Silva, e de sua mulher Anna de Oliveira.

Um escudo partido em pala; na primeira as armas dos Dias, e na segunda as dos Silvas. — Br. p. a 5 de agosto de 1795. Reg. no Cart. da N., liv. V, fl. 75 v.

(C. C.)

T

2303. THADDEU LUIZ BOTELHO DE SOUSA PINTO LEITÃO, natural de Villarinho de S. Romão, termo e comarca de Villa-real; filho de Antonio Botelho Carneiro, e de sua mulher D. Joanna Luiza; neto pela parte paterna de Manuel Botelho Carneiro, e de sua mulher D. Joanna; e por parte materna de Jeronymo Alvares, e de sua mulher D. Maria de Carvalho; bisneto por parte paterna de João de Araujo, e de sua mulher Antonia Botelho.

Um escudo partido em pala; na primeira as armas dos Botelhos, e na segunda as dos Carneiros. — Br. p. a 29 de junho de 1799. Reg. no Cart. da N., liv. VI, fl. 89 v.

(C. C.)

2304. THADDEU LUIZ DE SOUSA DO AMARAL, capitão-mór da villa de Canavezes, comarca de Guimarães, e natural da dita villa; filho de Luiz Ferraz de Sousa Pinto, e de sua mulher D. Marianna de Sousa do Amaral: neto materno de D. Angela Paes do Amaral, e de Jeronymo de Sousa Homem; bisneto de D. Maria Paes do Amaral, e de seu marido Antonio Borges Nogueira; terceiro neto de Antonio Paes do Amaral, e de sua mulher Helena de Almeida; quarto neto de Alvaro Paes Ferraz, e de sua mulher e parenta D. Mecia Ferraz do Amaral; quinto neto de Antonio de Freitas do Amaral, e de sua mulher D. Victoria Ferraz do Rego; sexto neto de Affonso Rodrigues do Amaral, commendador de Rio-covo na ordem de Christo, e alcaide-mór de Bragança, e de sua primeira mulher Filippa de Freitas; setimo neto de Diogo Paes Cardoso Castello-branco, e de sua mulher Mecia Vaz do Amaral; oitavo neto de Pedro Rodrigues do Amaral, conde palatino, approvado e reconhecido n'este reino pelo senhor rei D. Manuel, administrador perpetuo do mosteiro de S. Pedro das Aguias: e o pae do supplicante foi filho de Francisco Ferraz de Sousa, irmão inteiro e legitimo de Luiz Ferraz de Sousa, alcaide-mór de Redondo.

As armas dos Amaraes, Sousas, Aboins, e Ferrazes. — Br. p. a 23 de abril de 1753. Reg. no Cart. da N., liv. particular, fl. 54.

(C. C.)

2305. Theobaldo da Fonseca e Sousa, natural da cidade de S. Paulo no Brazil, sargento-mór aggregado das ordenanças da villa de Junahy, da mesma capitania; filho de Gabriel Antunes da Fonseca, cidadão da dita cidade, e de D. Maria da Conceição e Silva Fragoso; neto pela parte paterna de Gabriel Antunes, e de Sebastiana Maria da Fonseca, filha de Francisco Rodrigues, e de Maria Fernandes; bisneto de Domingos Antunes, e de Maria Francisca; neto pela parte materna de Francisco de Sousa Murça, e de Isabel da Silva Fragoso, e por esta bisneto de Domingos Fragoso de Abreu, e de Maria Rebello; terceiro neto de Gaspar de Campos Fragoso, e de Isabel Freitas; e pela dita sua bisavó Maria Rebello terceiro neto de Jeronymo Rebello, e de Anna Cabral.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Fonsecas, no segundo as dos Rodrigues, no terceiro as dos Fragosos, e no quarto as dos Abreus.— Br. p. a 12 de novembro de 1796. Reg. no Cart. da N., liv. v, fl. 157.

(C. C.)

2306. Theodoro Correa de Azevedo Coutinho, cidadão da governança da cidade do Maranhão, capitão de cavallaria auxiliar; filho de Constantino Correa de Araujo, cidadão do mesmo estado, e de D. Leonarda Mendes de Amorim; neto de Ignacio Correa Coutinho de Cerveira, cidadão e secretario do estado, e de D. Simeana Furtado de Mendonça; bisneto de Manuel de Araujo Cerveira, que serviu na tropa paga varios postos; foi cidadão e juiz presidente do Senado d'aquelle estado, ouvidor da capitania do Cumá, e de sua mulher D. Margarida Correa de Lucena; terceiro neto de Domingos de Cerveira Baião, natural da villa dos Arcos de Val de Vez, da provincia do Minho; filho de Antonio de Cerveira da Camara, e de sua mulher D. Anna Fernandes de Araujo, que foi primeiro restaurador d'aquelle estado do Maranhão do poder dos hollandezes, e senhor das torres de Tamanacu e Canavieiras d'aquella capitania do Cumá : e sua avó D. Simeana Furtado de Mendonça foi bisneta do valoroso Diogo de Campos Moreno, sargento-mór de todo o estado do Brazil, primeiro conquistador do Maranhão do poder dos francezes, commandante general d'elle em 1614, sendo general do Brazil Gaspar de Sousa, devendo-se-lhe toda a felicidade d'aquelle estado, como escreveu Bernardo Pereira de Berredo liv. ii, pag. 78; e D. Margarida Correa, sua segunda avó, mulher de Manuel de Araujo Cerveira, era filha de Agostinho de Menezes, capitão de infanteria, governador da fortaleza de Santa Cruz da Barra do Rio de Janeiro, e senhor da Ribeira do Measi; neta de Sebastião de Azevedo Lucena, capitão-mór e governador do Grã-Pará em 1645, cavalleiro da ordem de Christo e capitão governador da torre de Cascaes; filho de Mattheus de Freitas de Azevedo, fidalgo da casa real, alcaide mór de Pernambuco; filho de Sebastião de Lucena de Azevedo, commendador da Mata de Lobos, da ordem de Christo e guarda-mór da cidade de Lisboa, e de sua mulher D. Jeronyma de Mesquita, filha de Thomé Borges de Mesquita; neta de D. Pedro Alves de Mesquita, fidalgo castelhano e senhor do morgado de Méses; bisneta de Vasco Gil Moniz. Sebastião Lucena de Azevedo, commendador da Mata de Lobos, foi filho de Vasco Fernandes de Azevedo Lucena, fidalgo da casa real, um dos primeiros descobridores e povoadores de Pernambuco, que pelos grandes serviços que fez n'aquelle estado para fazer estender a sua povoação, que toda se deveu ao seu valor e actividade, como faz memoria o padre frei Agostinho de Santa Maria, *Sanctuario Marianno*, tom ix, pag. 306, se lhe fez mercê da alcaideria mór de Pernambuco. Vasco Fernandes era nobilissimo por ser filho de matrimonio de Sebastião de Lucena, e de sua mulher D. Maria de Vilhena, filho de Diogo de Azevedo; quarto senhor da villa de S. João de Rei, e terras de Bouro, na provincia do Minho, casado com D. Brites Dias Correa; filha de João Correa, o Portuguez, e de sua mulher D. Leonor Annes, filho de João Cor-

rea, senhor da torre de Ladrão-Baião, na comarca de Thomar, todos fidalgos valerosos, e bem conhecidos, de quem faz memoria o *Theatr. Gen.* arv. 123, cuja familia é bem conhecida n'este reino por ser das mais antigas d'elle, e ter o seu principio em D. Arnaldo de Baião, fidalgo francez, que acompanhou o conde D. Henrique, e tem por descendentes os senhores de S. João de Rei, e outras muitas casas de fidalgos, em Castella os condes de Fontes e de Monte-Rei.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Correas, no segundo as dos Azevedos, no terceiro as dos Furtados de Mendonça, e no quarto as dos Correas —Br. p. a 6 de maio de 1790. Reg. no Cart. da N., liv. IV, fl. 161.

(C. C.)

2307. THEODORO PEDEGACHE SOROMENHO BRANDÃO, tenente coronel do regimento de cavallaria da praça de Olivença, natural da cidade de Lisboa; filho de Pedro Baptista Pedegache, nobre cidadão da cidade de Bayona, reino de França, e de D. Dorothea Maria Rosa Brandão Ivo; neto pela parte paterna de Beltrão Pedegache, nobre cidadão da cidade de Bayona, e de D. Lourença de Nite; e pela materna de Francisco Lourenço Brandão Ivo, capitão do regimentn de artilheria e marinha da praça de Lagos, reino dos Algarves, a quem se passou brazão de armas a 27 de março de 1710, e de D. Maria Rodrigues Soromenho; bisneto de Mathias Lourenço Brandão Ivo, a quem se passou brazão de armas a 26 de setembro de 1600, e de D. Isabel da Silveira; quarto neto de Ivo Kermentin, e de D. Isabel Coutinho Brandão.

Um escudo partido em pala; na primeira as armas dos Pedegaches, a segunda esquartelada; no primeiro quartel as armas dos Brandões, no segundo as dos Soromenhos, no terceiro as dos Silveiras, e no quarto as dos Coutinhos. — Br. p. a 15 de julho de 1792. Reg. no Cart. da N., liv. IV, fl. 256.

(C. C.)

2308. THEODORO CONSTANTINO DE CHERMONT, natural da praça de Extremoz n'este reino, sargento-mór de artilheria na cidade do Grão-Pará; filho de João Alexandre de Chermont, fidalgo da casa real de França, engenheiro de el-rei, o qual passando a Portugal, foi n'este reino marechal de campo, e viveu na dita praça de Extremoz, e de sua mulher D. Anna de Saint-Aubin Legros; neto pela sua varonia de Alexandre de Chermont, fidalgo tambem da casa real de França, capitão do regimento de Champagne, cavalleiro da ordem de S. Luiz, e de sua mulher D. Maria Joanna Felier; bisneto de Antonio de Chermont, fidalgo da referida casa real, capitão do castello de Fresne, e de sua mulher D. Isabel Noble; e terceiro neto de Francisco Lemercier, tambem fidalgo da mesma casa real de França, senhor de Chermont e de outras terras, gentil-homem ordinario da camara dos reis de França.

Um escudo com as armas de Chermont. — Br. p. a 22 de junho de 1780. Reg. no Cart. da N., liv. II, fl. 245.

(C. C.)

2309. THEODOSIO GONÇALVES SILVA, cavalleiro professo da ordem de Christo, filho de Manuel Gonçalves, e de sua mulher D. Josepha Luiza do Sacramento Couto; neto pela parte paterna de Domingos Gonçalves, e de sua mulher D. Catharina Francisca Mascarenhas; e pela materna neto de Antonio de Couto, e de sua mulher D. Clara Luiza Mascarenhas; bisneto de Mannel Francisco Gonçalves, e de D. Isabel Collaço Mascarenhas.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Gonçalves, no segundo as dos Silvas, no terceiro as dos Mascarenhas, e no quarto as dos Coutos. — Br. p. a 26 de agosto de 1784. Reg. no Cart. da N., liv. III, fl. 159 v.

(C. C.)

2310. Thedosio da Silva Rebocho, cavalleiro professo da ordem de Christo, commandante e coronel do novo regimento de artilheria da India, natural da cidade de Elvas, filho de Mathias Fernandes Rebocho, ajudante do regimento de infanteria da dita cidade, e de sua mulher D. Maria Xavier da Silva; neto pela parte paterna de Francisco Nunes, e de sua mulher Maria Rebocho; e pela materna de Affonso Rodrigues, e de sua mulher Antonia da Silva.

Um escudo partido em pala; na primeira as armas dos Rodrigues, e na segunda as dos Silvas.—Br. p. a 14 de fevereiro de 1774. Reg. no Cart. da N., liv. ii, fl. 3 v.

(C. C.)

2311. Theotonio Cardoso de Seixas, filho do capitão Lourenço Cardoso, e de sua mulher D. Caetana Maria de Jesus, a qual era parenta de Frei Mendo de Vasconcellos e Sá, de João Antonio de Sá, de Condeixa, e de Antonio Cardoso Seara, que foi do Conselho real e desembargador do Paço.

Um escudo, e n'elle as armas dos Cardosos.—Br. p. a 9 de julho de 1799. Reg. no Cart. da N., liv. vi, fl. 30 v.

(C. C.)

2312. Theotonio José da Silva, filho de Francisco José da Silva, e de sua mulher D. Anna Rosa de Gusmão.

Um escudo com as armas dos Silvas. — Br. p. a 23 de outubro de 1800. Reg. no Cart. da N., liv. vi, fl. 140 v.

(C. C.)

2313. Theotonio José Zuzarte, sargento-mór de dragões da cidade de S. Paulo no Brazil, filho de Miguel Gomes Zuzarte, e de sua mulher D. Magdalena Coutinho; neto pela parte paterna de Manuel João Zuzarte, e de Catharina Gomes; e pela materna de Manuel Coutinho, e de Maria Jacinta.

Um escudo com as armas dos Zuzartes—Br. p. a 20 de setembro de 1774. Reg. no Cart. da N., liv. ii, fl. 34.

(C. C.)

2314. D. Thereza Joaquina de Lima Bravo, natural da villa de Bellas, termo d'esta cidade, filha de Gaspar de Negreiros Bravo, a quem se passou brazão de armas a 8 de março de 1723, e de sua mulher D. Maria Cançado de Lima; neta pela parte paterna do sargento-mór Manuel Bravo de Negreiros, e de sua mulher D. Margarida Ribeiro; e pela materna de Luiz Cançado de Lima, e de sua mulher D. Maria Palma de Vargas.

Uma lisonja partida em pala; a primeira de prata lisa, a segunda partida em pala, na primeira as armas dos Negreiros, na segunda as dos Bravos.—Br. p. a 29 de março de 1791. Reg. no Cart. da N., liv. iv, fl. 204 v.

(C. C.)

2315. D. Thereza Maria de Oliveira Andrade Borges e Mesquita, filha de Miguel de Oliveira e Andrade Borges de Mesquita, a quem se passou brazão de armas das familias de Borges, Oliveiras, Mesquitas e Monteiros, e de sua mulher D. Thereza Maria de Jesus; neta de Mattheus de Oliveira, e de sua mulher Maria Francisca, filha de Antonio Francisco, e de sua mulher Maria Borges; bisneta de Fructuoso de Oliveira Borges, e de sua mulher Seraphina Moutinho; terceira neta de Francisco Ferreira, e de sua mulher Margarida de Mesquita Borges, esta filha de Antonio Borges, e de sua mulher Margarida de Mesquita, da villa de Mondim de Basto, quartos avós da supplicante; quinta neta de Antonio Paes do Amaral, capitão-mór da villa de Celorico de Basto, e de sua mulher Marinha Borges, por esta sexta neta de Balthasar Borges Louzada, e de sua mulher

D. Isabel Gomes de Abreu e Brito; setima neta de Fernando Conçalves de Faria, ouvidor que foi de Mezão-frio, e de sua mulher D. Isabel Borges de Azevedo, filha de Belchior Borges de Sousa, fidalgo da casa real e cavalleiro da ordem de Sant'Iago, e de sua mulher D. Felicitas de Cerqueira, neta de Gaspar Borges de Sousa, e de sua mulher e segunda prima D. Thereza Gomes Rebello, filha esta de D. Senhorinha do Rego Borges, e de seu marido João de Louzada de Ledesma, sendo a dita D. Senhorinha do Rego Borges filha de João Rodrigues Borges, fidalgo da casa real, senhor da terra de Alva e do padroado das tres egrejas : de S. Miguel de Matamouros, S. Martinho de Alva e Santa Maria de Pipião, alcaide-mór de Santarem, filho de Ruy Borges, fidalgo tambem da casa real, senhor das terras de Carvalhaes do Couto, de Avelãs de Cima, de Ferreiros de Reguengo da Quintella e de Arcos; dos logares de Ilhavo, Verdemilho e Casaes de Sá, com os padroados das referidas egrejas, mero e mixto imperio nas terras d'ellas, o qual vinha a ser decimo terceiro avô da supplicante; e finalmente decima quarta neta de Diogo Borges, commendador do Torrão, senhor de Gestaço e senhor e donatario das referidas terras e outras mais; e pela parte materna é a supplicante neta de Manuel João, e de sua mulher Marianna Teixeira.

Uma lisonja partida em pala; a primeira em branco para receber as armas do marido com quem casar, a segunda partida em faxa, na primeira as armas dos Borges, e na segunda as dos Oliveiras.—Br. p. a 30 de setembro de 1776. Reg. no Cart. da N., liv. II, fl. 115 v.

(C. C.)

2316. Thomaz Alexandre Pereira de Azambuja, natural da cidade de Lisboa, filho de José Joaquim Pereira de Azambuja, cavalleiro da ordem de Christo, e de sua mulher D. Luiza Ignacia Caetana; neto pela parte paterna de João Pereira da Costa, e de sua mullher D. Thereza Isabel Archangela de Lara, e pela materna neto de Francisco de Azevedo, e de sua mulher D. Anna Maria do Sacramento.

Um escudo partido em pala; na primeira as armas dos Pereiras, e na segunda as dos Azambujas.—Br. p. a 10 de fevereiro de 1774. Reg. no Cart. da N., liv. II, fl. 2.

(C. C.)

2317. Thomaz Antonio Carneiro, presbytero secular, cavalleiro professo na ordem de Christo, conego de Santa Maria de Alcaçova de Santarem, desembargador da Relação e Curia patriarchal, secretario do actual Cardeal patriarcha; filho de Antonio dos Santos Carneiro, e de sua mulher D. Thereza Isabel; neto pela parte paterna de Domingos Carneiro, e de sua mulher D. Domingas dos Santos; neto pela parte materna de João Manuel, e de sua mulher D. Lourença Jorge.

Um escudo ovado e n'elle as armas do appellido de Carneiros.—Br. p. a 8 de maio de 1798. Reg. no Cart. da N., liv. VI, fl. 19 v.

(C. C.)

2318. Thomaz Antonio da Costa e Mello, natural e morador na villa de Almada, filho do capitão Antonio Elias da Costa e Mello, cavalleiro professo na ordem de Christo, e de sua mulher D. Anna Maria do Bom-successo Almeida e Silva; neto paterno de Marcos da Costa, secretario do estado do Grão-Pará, e Maranhão, e de sua mulher D. Domingas Thereza de Mello; bisneto de Lazaro da Costa, e de sua mulher D. Catharina Rodrigues; bisneto por parte de sua avó D. Domingas Thereza de Mello, do capitão José da Costa, e de sua mulher D. Maria Josepha da Luz e Mello, dos quaes foi filho Gaspar da Costa Posser, cavalleiro professo na ordem de Christo, e official maior da Secretaria de estado dos Negocios do reino, e d'este egualmente o foi Joaquim Guilherme da Costa Posser, cavalleiro professo na ordem de Christo, cavalleiro fidalgo da casa real, e conselheiro da real Fazenda, a quem se passou brazão de armas com as dos Costas e Massuellos, aos

27 de julho de 1795; neto materno do sargento-mór Carlos José Vieira da Silva, cavalleiro professo na ordem de Christo, e de sua mulher D. Thereza Magdalena de Almeida; bisneto do doutor Manuel Vieira da Silva, do real Desembargo, e de sua mulher D. Josepha Maria Eugenia de Silva; bisneto egualmente por parte da referida sua avó D. Thereza Magdalena de Almeida, do capitão tenente da armada real Manuel de Sequeira, e de sua mulher D. Maria Josepha da Encarnação.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Costas, no segundo as dos Mellos, no terceiro as dos Vieiras, e no quarto as dos Silvas. — Br. p. a 24 de fevereiro de 1820. Reg. no Cart. da N., liv. VIII, fl. 55.

(C. C.)

2319. Thomaz Antonio Maciel Monteiro, juiz de fóra da cidade de Parahiba; filho de Antonio Francisco Monteiro, cavalleiro da ordem de Christo, e de D. Joanna Ferreira Maciel; neto paterno de Simão Luiz Monteiro de Paiva, e de sua mulher D. Maria Francisca de Araujo, e materno de Braz Ferreira Maciel, e de sua mulher D. Catharina Bernarda de Oliveira Govim.

Um escudo partido em pala; na primeira as armas dos Monteiros, na segunda as dos Macieis. — Br. p. a 23 de setembro de 1816. Reg. no Cart. da N., liv. VII, fl. 356 v.

(C. C.)

2320. Thomaz Antonio Moreira de Couto Sampaio (Doutor), oppositor legista na Universidade de Coimbra, natural da cidade do Porto; filho do doutor Bartholomeu Moreira do Couto, e de sua mulher D. Antonia Josepha Caetana de Oliveira Pinto; neto paterno de Thomaz Moreira Ribeiro, e de sua mulher D. Maria do Couto e Sampaio, e pela materna de Antonio Rodrigues Pinto, e de sua mulher D. Thereza Josepha de Oliveira.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Moreiras, no segundo as dos Coutos, no terceiro as dos Sampaios, e no quarto as dos Pintos. — Br. p. a 10 de abril de 1771. Reg. no Cart. da N., liv. I, fl. 148.

(C. C.)

2321. Thomaz de Aquino e Almeida, cavalleiro professo na ordem de Sant'Iago da Espada, e estribeiro do actual Cardeal patriarcha; filho de Manuel Dias de Almeida, e de sua mulher D. Joanna Thereza Pereira de Almeida; neto pela parte paterna de Domingos de Almeida, e de sua mulher D. Maria Dias; neto pela parte materna de José Pereira, e de sua mulher D. Joanna Pereira Pinto.

Um escudo, e n'elle as armas do appellido dos Almeidas. — Br. p. a 2 de maio de 1798. Reg. no Cart. da N., liv. VI, fl. 18.

(C. C.)

2322. Thomaz da Costa Correa Rebello e Silva (Brigadeiro), filho de Belchior da Costa Correa Rebello, que foi coronel e governador da praça da cidade de Tavira, e de sua mulher D. Anna Joaquina da Silva; neto paterno de Gregorio Cabrita de Villa-lobos, e materno de Francisco Correa da Silva; segundo neto por este mesmo lado de Henrique Correa da Silva, fidalgo da casa real, e alcaide-mór da cidade de Tavira.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Costas, no segundo as dos Rebellos, no terceiro as dos Correas, e no quarto as dos Silvas. — Br. p. a 6 de julho de 1817. Reg. no Cart. da N., liv. VII, fl. 380 v.

(C. C.)

2323. D. Thomaz Gonçalves Vaca, advogado dos reaes Auditorios de guerra do exercito de Sua Magestade Catholica da provincia, e cidade de Badajoz; filho de Diogo

Gonçalves; neto de Diogo Fernandes, que do logar do Salgueiral, termo da villa de Coja n'este reino, passou para a cidade de Badajoz do reino de Castella, aonde se estabelecera; filho de Jeronymo Jorge, e de sua mulher Maria Lopes do dito logar.

Um escudo partido em pala; na primeira as armas dos Lopes, na segunda as dos Gonçalves. — Br. p. a 6 de junho de 1770. Reg. no Cart. N., liv. I, fl. 131.

(C. C.)

2324. Thomaz José Borges de Brito, cavalleiro professo na ordem de Christo, cadete do regimento de Manuel Beça Dantas, natural e morador n'esta côrte e cidade de Lisboa; filho de Manuel Borges de Brito, tambem cavalleiro professo na ordem de Christo, e de sua mulher D. Senhorinha Maria Thereza Leite de Araujo; neto pela parte paterna de Theophilo Borges de Brito, e de sua mulher D. Maria Thereza; e pela materna do desembargador e doutor João de Araujo Ferreira Rebello, lente que foi na Universidade de Coimbra desembargador da Relação do Porto e da de Lisboa, e de sua mulher D. Benta Luiza Leite.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Borges, no segundo as dos Britos, no terceiro as dos Araujos, e no quarto as dos Leites. — Br. p. a 28 de maio de 1783. Reg. no Cart. da N., liv. III, fl. 96.

(C. C.)

2325. Thomaz José de Carvalho Valladares Vieira, natural da villa de Guimarães, filho de Luiz Antonio de Carvalho Valladares Vieira, e de sua mulher Maria Magdalena; neto paterno de Lucas de Freitas de Carvalho, professo na ordem de Christo, e de sua mulher D. Benta Rosa Vieira de Valladares Cardoso; bisneto de Domingos de Freitas, e de sua mulher D. Maria Fernandes; neto materno de João Francisco Portella, e de sua mulher D. Jeronyma Ribeiro Vaz; bisneto de Antonio Queiroz, e de sua mulher D. Senhorinha de Campos.

Um escudo esquartelado; no primeiro e quarto quarteis as armas dos Carvalhos, no segundo as dos Valladares, e no terceiro as dos Vieiras. — Br. p. a 15 de setembro de 1791. Reg. no Cart. da N., liv. IV, fl. 234.

(C. C.)

2326. Thomaz José Machado, fidalgo cavalleiro da casa real, commendador da ordem de Christo, cavalleiro da antiga e muito nobre ordem da Torre e Espada do valor, lealdade e merito, e da de Nossa Senhora da Conceição de Villa-viçosa, condecorado com a medalha n.º 4 das campanhas da Liberdade, coronel graduado do segundo batalhão movel de atiradores, camarista da Camara municipal de Lisboa e proprietario; filho de José Joaquim Henriques, e de sua mulher D. Maria Ignacia Peres; neto paterno de Manuel Henriques, e de sua mulher D. Maria Rosa Peres; e materno de Estevão Peres, e de sua mulher D. Euphemia Rosa Peres.

Um escudo partido em pala; na primeira as armas dos Machados, e na segunda as dos Peres. — Br. p. a 16 de março de 1868. Reg. no Cart. da N., liv. IX, fl. 109.

(C. C.)

2327. Thomaz Luiz Antonio Leitão Bandeira, cavalleiro da ordem de Christo, graduado em leis pela Universidade de Coimbra, oppositor aos logares de letras, natural e morador na cidade de Bragança; filho de Antonio Gomes Leitão Bandeira, tambem cavalleiro da mesma ordem, juiz proprietario dos orphãos da dita cidade, natural d'esta de Lisboa, e de sua mulher D. Joaquina Eugenia Marianna de Campos; neto pela parte paterna de Ignacio Gomes Leitão Bandeira, e de sua mulher D. Leonarda Maria de Vasconcellos, e pela materna de João Nunes da Fonseca, e de sua mulher D. Margarida Antonia de Campos.

Um escudo partido em pala; na primeira as armas dos Leitões, na segunda às dos Bandeiras.—Br. p. a 16 de novembro de 1770. Reg. no Cart. da N., liv. I, fl. 139.

(C. C.)

2328. Thomaz Pousadas Zagalo, morador em Evora, filho do doutor Manuel Pousadas Pechim e de D. Helena Zagalo; neto paterno de Fernão Dias Pechim; bisneto de Briolanja Vaz Pechim; trineto de Lopo Pechim; neto materno de Affonso de Barros Zagalo; bisneto de Francisco Zagalo; e sobrinho de Diogo Gomes Zagalo.

Carta pela qual el-rei D. João IV lhe concede o seguinte brazão de seus antecessores: — Escudo de campo esquartelado; o primeiro da direita dos Zagalos, de oiro com dois crescentes, duas estrellas e dois *torteaux* tudo de vermelho, postos em duas palas, tendo cada uma d'estas um crescente, uma estrella e *torteau;* o segundo da esquerda dos Pechins, de prata semeada de arminhos pretos, e entre elles tres cotiças sanguineas, em banda; o terceiro da direita dos Seixas, de verde com cinco seixas de prata postas em santor, e as duas dos cabos a mais alta e a mais baixa voando em contrabanda, e todas com os pés e os bicos vermelhos; o quarto da esquerda dos Zagalos, egual ao primeiro da direita; timbre um leopardo com uma das estrellas das armas sanguinea na testa; elmo de prata aberto guarnecido de oiro, paquife dos metaes e côres das armas, e por differença no canto direito do escudo um trifolio de prata dentro de uma brica azul; com todas as honras e privilegios de fidalgo, por descender por parte de seu pae da geração dos Pechins, e por parte de sua mãe das gerações dos Zagalos e dos Seixas.—Dada em Lisboa a 21 de setembro de 1646. Reg. na Chanc. de D. João IV, liv. XV, fl. 57.

2329. Thomaz Soares de Andrade e Oliveira, natural da cidade do Rio de Janeiro; filho de Raymundo Soares de Andrade, senhor de engenhos na referida cidade, e de sua mulher D. Dionysia Maria da Conceição; neto pela parte paterna de Carlos Soares de Andrade, que passou á mencionada cidade no posto de capitão tenente, na esquadra de que era capitão de mar e guerra seu irmão Antonio de Almeida Soares, pae de José Joaquim Soares de Andrade e tio do supplicante, que falleceu tendo a patente de coronel com exercicio de ajudante de ordens do Duque general; bisneto de José Soares de Andrade, sargento-mór de infanteria n'esta côrte, e de sua mulher Catharina Josepha de Almeida; neto pela parte materna de Antonio Rodrigues de Oliveira, e de sua mulher D. Thereza Maria de Jesus, cujo avô era legitimo irmão de Manuel Jorge de Oliveira, todos fidalgos da casa real, o qual falleceu capitão-mór da fortaleza e paço de Norôa, sendo pae de Sebastião Nunes de Oliveira, almirante da esquadra do Canará, cujos relevantes serviços pertencem ao supplicante por escriptura de cessão que lhe fez sua tia D. Violante de Oliveira Falcão.

Um escudo esquartelado; no primeiro e quarto quarteis as armas dos Soares, no segundo as dos Andrades, e no terceiro as dos Oliveiras.—Br. p. a 12 de fevereiro de 1796. Reg. no Cart. da N., liv. V, fl. 113 v.

(C. C.)

2330. Thomé de Almeida de Aguiar e Mendanha, filho de João de Almeida de Aguiar, e de sua mulher Catharina Caldeira de Mendanha e Sande; neto paterno de Antonio de Almeida, e de Catharina Fernandes; neto materno de Mathias Fernandes, e de Maria Caldeira de Mendanha; bisneto de Sebastião Caldeira de Mendanha; filho de Gonçalo de Mendanha, e de sua mulher Maria de Sande, esta filha de Manuel de Sande Pereira, e de Anna Pereira; neta de Nuno Pereira de Sande, e de Maria Bayona; bisneta de Violante Pereira, senhora que foi de Aguas-bellas, e de seu segundo marido Fernão Lopes de Sande; terceira neta de João Pereira; quarta neta de Galliote Pereira alcaide-mór que foi de Lisboa, e senhor tambem de Aguas-bellas; quinta neta de Rodrigo Alvares

Pereira, primeiro senhor que foi da dita casa de Aguas-bellas; irmã do grande D. Nuno Alvares Pereira, nono avô do supplicante, e de seu irmão Sebastião Caldeira de Mendanha.

As armas dos Caldeiras, Mendanhas, Pereiras, e Sandes. — Br. p. a 6 de novembro de 1754. Reg. no Cart. da N., liv. particular, fl. 82 v.

(C. C.)

2331. THOMÉ ALVARES BRAGA DA VEIGA, natural da freguezia de S. Pedro Velho da cidade da Bahia, filho de Luiz Alvares Braga da Veiga, e de sua mulher D. Quiteria Maria de S. José; neto por parte paterna de Custodio Fernandes da Veiga, e de sua mulher D. Maria Francisca; e por parte materna neto de João Coelho Vieira, e de sua mulher D. Anna Maria.

Um escudo esquartelado; no primeiro e quarto quarteis as armas dos Alvares, no segundo as dos Bragas, e no terceiro a dos Veigas.—Br. p. a 21 de maio de 1801. Reg. no Cart. da N., liv. VI, fl. 169.

(C. C.)

2332. THOMÉ JOAQUIM NUNES PEREIRA DE REZENDE, natural da terra da Feira, freguezia de S. João de Madeira, comarca de Esgueira, bispado do Porto; filho de Antonio Nunes Gomes, e de sua mulher Anna Antonia Pereira de Rezende, irmã inteira do reverendo vigario da terra da Feira Thomé Nunes Pereira de Rezende, a quem se passou brazão de armas das familias de Pereiras e Rezendes a 26 de agosto de 1747, do qual consta que é neto pela parte materna de Antonio Nunes, e de sua mulher Isabel Pereira de Rezende, filha do capitão Domingos de Rezende, e de sua mulher Anna Pereira, e neta de Gonçalo André Velho, e de sua mulher Catharina Dias; e o dito Antonio Nunes filho de Manuel Francisco Nunes, e de sua mulher Isabel Antonia, neto de Sebastião Francisco, e de sua mulher Maria Nunes.

As armas dos Pereiras, e Rezendes. — Br. p. a 17 de fevereiro de 1752. Reg. no Cart. da N., liv. particular, fl. 29 v.

(C. C.)

2333. THOMÉ LUIZ DE ARAUJO CASTELLO-BRANCO, natural e morador na sua quinta de Souto, freguezia de Seidães, concelho de Celorico de Basto; filho do capitão Thomé Luiz de Araujo Castello-branco, e de sua mulher D. Marianna Magdalena Pinto de Azevedo; neto pela parte paterna do capitão Luiz de Araujo Castello-branco, e de sua mulher D. Maria Mendes de Affonseca; e pela materna de Agostinho Pinto de Azevedo, e de sua mulher Francisca da Costa de Azevedo.

Um escudo partido em pala; na primeira as armas dos Castellos-brancos, e na segunda as dos Araujos. — Br. p. a 6 de julho de 1774. Reg. no Cart. da N., liv. II, fl. 14.

(C. C.)

2334. THOMÉ MONTEIRO DA FONSECA E MOURA (Capitão), natural do logar da Fonseca, freguezia de Santa Marinha do Zezere, concelho de Baião; filho de Domingos Monteiro de Carvalho, morgado de Lorido, e de sua mulher D. Antonia Josepha; neto pela parte paterna de Francisco Fructuoso, e de sua mulher D. Cecilia Monteiro, esta filha do capitão Luiz Monteiro Teixeira, e elle filho do coudel-mór do dito concelho Antonio Fructuoso; e pela parte materna neto do capitão Manuel da Fonseca Marques, e de sua mulher D. Maria de Moura Coutinho, descendente de Manuel de Moura, da casa de Entre as Aguas.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Carvalhos, no segundo as dos Monteiros, no terceiro as dos Fonsecas, e no quarto as dos Mouras. — Br. p. a 26 de janeiro de 1789. Reg. no Cart. da N., liv. IV, fl. 96.

(C. C.)

2335. Thomé Moreira de Pinho (Coronel), filho do doutor Thomé Moreira de Pinho, e de D. Maria Rosa de Lima; neto pela parte paterna de Thomé Moreira de Pinho, e de D. Joanna da Fonseca; neto pela parte materna de Leonel Ferreira Leite, e de D. Rosa Maria de Lima, filha do sargento-mór Manuel Coelho de Abreu, e de Maria de Lima.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Moreiras, no segundo as dos Pinhos, no terceiro as dos Ferreiras, e no quarto as dos Leites. — Br. p. a 12 de dezembro de 1796. Reg. no Cart. da N., liv. v, fl. 165.

(C. C.)

2336. Tiago Pires Maciel, morador em Vianna de Caminha, filho de João Maciel, fidalgo, alcaide-mór que foi de Villa-nova de Cerveira.

Carta pela qual el-rei D. João III lhe concede o seguinte brazão de seus antecessores: — Escudo de campo meio partido em pala; o primeiro de prata com duas flores de liz de azul, em pala, o segundo de preto com uma meia aguia de vermelho armada de oiro, e por differença uma brica verde; elmo de prata aberto guarnecido de oiro, paquife de prata e azul, e por timbre uma aguia de oiro estendida; com todas as honras e privilegios de nobre e fidalgo por descender da geração e linhagem dos Macieis. — Dada em Monte-mór o novo a 22 de maio de 1531. Reg. na Chanc. de D. João III, liv. L, fl. 94 v.

2337. D. Toribio Lopes, deão da capella da Rainha, bispo de Miranda.

Carta pela qual el-rei D. João III o nomeia nobre e fidalgo, concedendo-lhe egualmente o seguinte brazão de armas: — Escudo de campo azul com uma cruz potencia de prata entre tres estrellas de oiro; com todas as honras e privilegios de nobre e fidalgo pelos muitos serviços por elle prestados, principalmente á rainha, servindo-a em Castella e ainda no reino. — Dada em Evora a 4 de novembro de 1545. (M. N.) Reg. na Chanc. de D. João III, liv. XXXV, fl. 111.

2338. Tristão José Monteiro da Fonseca (Desembargador), natural da villa de Castro-marim, reino do Algarve: filho do sargento-mór da dita villa João Monteiro da Fonseca, e de sua mulher D. Engracia Maria; neto pela parte paterna de Manuel Monteiro da Fonseca, e de D. Ignez Maria; e pela materna de João Paiva, e de D. Maria Rebello.

Um escudo partido em pala; na primeira as armas dos Monteiros, e na segunda as dos Fonsecas. — Br. p. a 11 de março de 1790. Reg. no Cart. da N., liv. IV, fl. 148 v.

(C. C.)

2339. Tristão Rodrigues do Rego, cavalleiro fidalgo da casa real, filho de Gonçalo Rodrigues do Rego, neto de Diogo Vaz do Rego, e bisneto de João Vaz do Rego, que foi pagem do infante D. Pedro, os quaes todos foram fidalgos e do tronco d'esta geração.

Carta pela qual el-rei D. Sebastião lhe concede o seguinte brazão de seus antecessores: — Escudo de campo verde com uma banda de prata ondada de azul, e sobre ella tres vieiras de oiro, e por differença uma estrella de oiro; elmo de prata aberto guarnecido de oiro, paquife de oiro, verde, prata e azul, e por timbre dois pennachos verdes guarnecidos de oiro, e entre elles uma vieira das armas; com todas as honras e privilegios de fidalgo por descender da geração e linhagem dos Regos. — Dada em Lisboa a 19 de dezembro de 1561. Reg. na Chanc. de D. Sebastião, liv. III, fl. 119.

2340. Tristão Viegas, filho de Affonso Viegas, neto de Ruy Viegas, natural de Beja, que foi fidalgo muito honrado e do tronco da geração dos Viegas.

Carta pela qual el-rei D. João III lhe concede o seguinte brazão de seus antecessores: — Escudo de campo azul com quatro bandas de prata, elmo de prata aberto guarnecido de oiro, paquife de prata e azul, e por timbre um leão pardo de azul picado de prata; com todas as honras e privilegios de fidalgo por descender da geração e linhagem dos

Viegas.—Dada em Evora a 30 de dezembro de 1535. Reg. na Chanc. de D. João III, liv. XXII, fl. 143.

2341. Tristão Vieira, natural do Porto, filho de Fernão Vieira, cavalleiro fidalgo das casas de el-rei D. Affonso, e D. João, neto de Gonçalo Affonso Vieira, contador que foi de Entre-Douro e Minho e Traz-os-montes, fidalgo, e do tronco d'esta geração.

Carta pela qual el-rei D. João III lhe concede o seguinte brazão de seus antecessores : —Escudo de campo vermelho com seis vieiras de prata riscadas de preto, em duas palas, e por differença uma merleta de oiro; elmo de prata aberto guarnecido de oiro, paquife de prata e vermelho, e por timbre uma aspa de vermelho com cinco vieiras das armas; com todas as honras e privilegios de fidalgo por descender da geração e linhagem dos Vieiras. — Dada em Lisboa a 14 de novembro de 1530. Reg. na Chanc. de D. João III, liv. LII, fl. 203.

V

2342. Valeiro, V. *Valerio.*

2343. Valentim Albino da Cunha Beça, natural de Covellos, comarca de Penafiel, commendador da ordem de Christo, capitão do extincto batalhão provisorio de Villa-nova de Gaia; filho de Bernardo Joaquim de Beça Vieira, e de sua mulher D. Rita Raymunda Nunes da Cunha; neto paterno de José Felix Vieira da Cunha, e de sua mulher D. Rosa Angelica da Cunha, e materno de Agostinho Domingos Nunes, e de sua mulher D. Anna Maria Soares Nunes.

Um escudo partido em pala; na primeira as armas dos Beças, e na segunda as dos Cunhas.—Br. p. a 26 março de 1865. Reg. no Cart. da N., liv. IX, fl. 86 v.

(C. C.)

2344. Valentim de Freitas Leal, commendador da ordem de Nossa Senhora da Conceição de Villa-viçosa, tenente coronel do extincto regimento de milicias do Funchal, e proprietario abastado; filho de Manuel João de Freitas Leal, capitão-mór do districto do Porto da Cruz, e de sua mulher D. Gertrudes Magna de Menezes Leal; neto paterno de Valentim de Freitas Leal, e de sua mulher D. Josepha Maria Pereira, e materno de Francisco Moniz Tello de Menezes, e de sua mulher D. Antonia Jacinta de Vasconcellos.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Leaes, no segundo as dos Monizes, no terceiro as dos Menezes, e no quarto as dos Vasconcellos.—Br. p. a 16 de novembro de 1852. Reg. no Cart. da N., liv. VIII, fl. 358.

(C. C.)

2345. Valentim Soares de Mello, pagem que foi do bispo de Evora D. Affonso; filho de Fernão Soares, e neto de Diogo Soares de Mello; outro sim filho de Maria Gil Velha, e neto de Gil Velho.

Carta pela qual el-rei D. João III lhe concede o seguinte brazão de seus antecessores : —Escudo de campo esquartelado; o primeiro de vermelho com seis besantes de prata, em duas palas, fechados de uma dobre cruz e bordadura de oiro, o segundo de vermelho com cinco vieiras de oiro, em aspa, e por differença uma flor de liz metade azul e metade de prata; elmo de prata aberto guarnecido de oiro, paquife de oiro, prata e vermelho, e por timbre uma aguia preta besantada de prata; com todas as honras e

privilegios de fidalgo por descender das gerações dos Soares de Mello, e dos Velhos. — Dada em Lisboa a 7 de maio de 1530. Reg. na Chanc. de D. João III, liv. LII, fl. 68 v.

2346. Valerio Correa Botelho de Andrade, cavalleiro professo na ordem de Christo, moço da camara real, capitão ligeiro que foi no estado da India, e de granadeiros no regimento de que é coronel o marquez de Louriçal, e tenente coronel no estado do Grão-Pará, e Oleima, governador do Rio-negro, onde reside, e natural do logar da Apellação, suburbios d'esta cidade de Lisboa; filho legitimo de Luiz Correa de Andrade, moço da real camara, em cujo emprego serviu mais vezes de guarda damas, de estribeiro menor e de prestes, e de sua mulher D. Maria Magdalena de Mattos; neto pela parte paterna de Antonio Cardoso da Silva, e de sua mulher D. Antonia da Cruz; neto pela parte materna do capitão Bernardo Ribeiro de Mattos, cavalleiro professo na ordem de Christo, e de sua mulher D. Magdalena Maria de Almeida e Albuquerque, naturaes do logar de Unhos, e todos os ditos seus paes e avós se tractaram a lei da nobreza.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Correas, no segundo as dos Andrades, no terceiro as dos Mattos, e no quarto as dos Almeidas. — Br. p. a 28 de fevereiro de 1766. Reg. no Cart. da N., liv. I, fl. 23.

(C. C.)

2347. Valerio José de Freitas de Narvaes, cavalleiro professo na ordem de Christo, governador do castello d'esta cidade de Lisboa, com patente de ajudante; filho de Francisco de Mattos de Narvaes, alferes que foi do regimento da armada real em serviço do senhor rei D. Affonso VI, e de sua mulher D. Maria da Encarnação de Sá; neto paterno de Luiz de Mattos, homem nobre da villa de Monte-mór o velho, e de sua mulher e parenta Francisca de Freitas de Narvaes, filha de Francisco Narvaes, e de sua mulher e parenta Cecilia de Alvarenga, elle filho de D. Rodrigo de Narvaes, e de sua mulher Francisca de Freitas, terceiros avós do supplicante; e esta terceira avó, que era filha de Cosme de Alvarenga, e de sua mulher Isabel de Freitas, irmã do doutor Francisco de Freitas, capellão da senhora rainha D. Catharina, mulher do senhor rei D. João III, thesoureiro da capella real, abbade de S. Miguel de Tibães, e do mosteiro de Miranda, e provisor do arcebispado de Braga, e o dito seu terceiro avô era filho de outro D. Rodrigo de Narvaes, cabo de guerra, da mesma praça, e de sua mulher e parenta D. Magdalena de Gusmão, quartos avós do supplicante; e por esta parte quinto neto de Fernando de Narvaes, e de sua mulher D. Francisca de Gusmão; sexto neto de Ruy Dias de Roxes e Narvaes, alcaide-mór de Antequera, commendador de Castelejo de la Cuerta na ordem de Sant'Iago, do conselho de guerra do imperador Carlos V, capitão general de Meralqueber, e depois das provincias de Guipuscoa e Alaba, e primeiro padroeiro do convento de Santo Agostinho de Antequera, e de sua mulher D. Helena de Zayas de la Lama, filha de Affonso de Zayas, alcaide-mór de Cazares, e de sua mulher D. Maria Alves de la Lama; setimo neto de Fernando de Narvaes, senhor dos logares de Benacazens, e Benredoan, que foi capitão na guerra de Granada em serviço dos reis catholicos, e de sua mulher D. Brites da Rocha, filha herdeira de Ruy Dias da Rocha, commendador de los Santos na ordem de Sant'Iago, e de sua mulher D. Mecia de la Puebla; oitavo neto de João Rodrigues de Narvaes, senhor dos mesmos logares, e da repartição de Baeça, e de sua mulher D. Joanna de Padilha, filha de João de Padilha, donzel ou moço fidalgo do rei D. Henrique II de Castella; nono neto de Fernão Rodrigues de Narvaes, adiantado maior da fronteira do reino de Jaen, e de sua mulher D. Mecia de Biedma; decimo neto de João Rodrigues de Narvaes, senhor dos ditos logares, e mais casas de seus paes, e de sua mulher Catharina Fernandes; decimo primeiro neto de Pedro Lopes de Narvaes, que tambem serviu na guerra e conquista de Jaen, senhor dos ditos logares, e mais casas de seus paes, e de sua mulher D. Thereza Rodrigues de Biedma, que era terceira neta do rei D. Fernando II de Leão, filha de D. Rodrigo Inigues de Biedma, senhor de S. Forto lanza

e Estoviel, capitão geral do reino de Jaen; decimo segundo neto de Inigo Rodrigues de Narvaes, alcaide-mór da villa de Cherica do reino de Valença, senhor dos logares acima nomeados, e de sua mulher D. Constança Lopes de S. Faro, familia illustrissima; decimo terceiro neto de João Rodrigues de Narvaes, que serviu ao rei D. Jayme de Aragão na conquista do reino de Valença, o qual em remuneração dos ditos serviços lhe fez mercê dos ditos logares, e de sua mulher D. Thereza de Guevarra; e finalmente decimo quarto neto de Sancho Rodrigo de Narvaes, que lograva o senhorio de Narvaes, solar antigo de seus ascendentes no reino de Guevarra no anno de 1274, em que passou a guerra contra os mouros, e se achou na conquista de Baeça, e foi um dos trezentos cavalleiros infanções pelos quaes se repartiram os bens do paiz, que os mouros possuiam no territorio d'aquella cidade, e de sua mulher D. Joanna.

As armas dos Narvaes, e Freitas. — Br. p. a 11 de setembro de 1756. Reg. no Cart. da N., liv. particular, fl. 99.

(C. C.)

2348. Valerio José Vaz de Magalhães da Costa, natural da villa de Thomar; filho de Antonio de Magalhães da Costa, e de sua mulher D. Monica Gabriela Joaquina; neto pela parte paterna do sargento-mór José de Magalhães da Costa, e de sua mulher D. Joanna Garcia Velha; bisneto de Antonio da Costa de Magalhães, moço da camara que foi dos senhores reis d'este reino, cavalleiro da ordem de Christo e mestre de campo da comarca da dita villa, e de sua mulher D. Maria dos Anjos Palma; terceiro neto de Antonio Florim Ribeiro, que teve o mesmo emprego de moço da camara dos senhores reis d'este reino, e de sua mulher D. Isabel de Magalhães; e pela parte materna neto do capitão Manuel Carvalho de Mattos, e de sua mulher D. Anna Faustina Camilla.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Magalhães, no segundo as dos Costas, no terceiro as dos Carvalhos, e no quarto as dos Mattos. — Br. p. a 30 de maio de 1778. Reg. no Cart. da N., liv. II, fl. 159 v.

(C. C.)

2349. Vasco Annes da Motta, morador em Vianna de Caminha.

Carta pela qual el-rei D. João III lhe concede o seguinte brazão de seus antecessores: — Escudo de campo verde com cinco flores de liz de oiro em aspa, e por differença uma brica de prata com um annel vermelho; elmo de prata aberto guarnecido de oiro, paquife de oiro e verde, e por timbre uma aspa verde com tres flores de liz das armas, duas nos cabos de cima e uma no meio; com todas as honras e privilegios de fidalgo, por descender por parte de sua mãe e avós da geração e linhagem dos Mottas. — Dada em Lisboa a 20 de dezembro de 1529. Reg. na Chanc. de D. João III, liv. LII, fl. 5.

2350. Vasco Correão Salema, fidalgo cavalleiro da casa real, filho de Mem Gonçalves Salema e de avós da geração dos Salemas; bem assim filho de Ignez Correão, e neto de Vasco Correão, da linhagem dos Correas, que foram fidalgos.

Carta pela qual el-rei D. João III lhe concede o seguinte brazão de seus antecessores: — Escudo de campo esquartelado; o primeiro de verde com um castello de oiro de tres torres com as portas e frestas flaneadas de preto, e uma bordadura de azul com seis peixes salemas na mesma bordadura; e o segundo o campo de vermelho e uma aguia preta estendida com o bico e pés de oiro, e sobre ella um escudo de oiro frisado de vermelho que toma todo o corpo da aguia, salvo a cabeça, cotos, pés e rabo, e por differença um trifolio de oiro na boca e uma salema; elmo de prata aberto guarnecido de oiro, paquife de oiro e verde, e por timbre o mesmo castello; com todas as honras de fidalgo de antiga linhagem, por descender da nobre geração dos Salemas e Correas. — Dada em Evora a 7 de maio de 1535. Reg. na Chanc. de D. João III, liv. X, fl. 69 v.

2351. VASCO FERNANDES DE CAMINHA, fidalgo da casa do duque de Bragança.

Carta pela qual el-rei D. João III lhe concede e a seus descendentes o seguinte brazão de armas : — Escudo de campo vermelho com tres bastões de prata dourados nos cabos, postos em banda, e em cada um uma aldrava de oiro fechada; elmo de prata aberto guarnecido de oiro, paquife de prata, vermelho e oiro, e por timbre um braço vestido de azul com uma das aldravas na mão; com todas as honras e privilegios de fidalgo pelos muitos serviços prestados por seus antecessores e pelos que o dito prestou principalmente na tomada da cidade de Azamor aos mouros. — Dada em Lisboa a 4 de junho de 1539. (M. N.) Reg. na Chanc. de D. João III, liv. XXVII, fl. 79 v.

2352. VASCO FERNANDES CESAR, cavalleiro fidalgo da casa real, feitor e guarda-mór da carga e descarga da Casa real da India e de todas as suas armadas.

Carta pela qual el-rei D. João III lhe concede e a seus descendentes o seguinte brazão de seus antecessores, com o accrescentamento de seis fustas que o mesmo desbaratou em guerra aos mouros : — Escudo de campo partido em faxa; a primeira ondada de prata e azul com seis fustas de sua cor com nove remos de oiro, e duas bandeiras de vermelho de signaes de mouros em cada uma das ditas fustas, a segunda de vermelho com seis vieiras de oiro em duas palas; elmo de prata aberto guarnecido de oiro, paquife de oiro, azul e vermelho, e por timbre uma das fustas; com todas as honras e privilegios de fidalgo por ser descendente da geração dos Vieiras e pelos relevantes serviços que prestou. —Dada em Lisboa a 22 de julho de 1539. Reg. na Chanc. de D. João III, liv. XXVII, fl. 82.

2353. VASCO LUIZ DE CARVALHO PESSANHA VILHEGAS DO CASAL (Bacharel), natural da cidade de Viseu, filho de Simão de Chaves de Carvalho e Albuquerque, e de D. Christiana Josepha Pessanha de Carvalho Vilhegas do Casal; neto pela parte paterna de Antonio de Chaves de Carvalho, e de D. Marianna de Albuquerque; bisneto de Manuel de Chaves, e de sua mulher D. Leoneza Dias; terceiro neto de Manuel Lopes de Carvalho Chaves, e de sua mulher D. Joanna de Moraes; e pela parte materna neto de Vicente Pessanha de Vilhegas do Casal, e de sua mulher D. Christina Maria de Almeida de S. Tiago; bisneto de Manuel Coelho de Campos, e de sua mulher D. Josepha Pessanha de Vilhegas; terceiro neto de Manuel Coelho de Campos, e de sua mulher D. Maria de Chaves; e quarto neto de Vasco Fernandes de Carvalho.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Carvalhos, no segundo as dos Vilhegas, no terceiro as dos Pessanhas, e no quarto as dos Casaes. — Br. p. a 13 de dezembro de 1788. Reg. no Cart. da N., liv. IV, fl. 88.

(C. C.)

2354. VASCO NABO ARRAES DE MENDONÇA, cavalleiro fidalgo, filho de Simão Arraes de Mendonça; neto de João Arraes de Mendonça, e bisneto de Gonçalo Arraes de Mendonça, os quaes foram fidalgos e do tronco d'esta geração.

Carta pela qual el-rei D. Sebastião lhe concede o seguinte brazão de seus antecessores : — Escudo de campo esquartelado; o primeiro de vermelho com nove folhas de golfão de oiro, em tres palas, o segundo partido em aspa de verde e oiro, tendo sobre o oiro uma banda de preto e sobre o verde uma banda vermelha acotisada de oiro, e assim os contrarios, e por differença uma muleta de prata; elmo de prata aberto guarnecido de oiro, vermelho e verde, e por timbre um meio selvagem com um remo de oiro ás costas; com todas as honras e privilegios de fidalgo, por descender da geração dos Arraes de Mendonça.—Dada em Lisboa a 27 de julho de 1564. Reg. na Chanc. de D. Sebastião, liv. IV de privilegios, fl. 36.

2355. VASCO PIRES DE BULHÃO, fidalgo, filho de Pedro Affonso de Bulhão, e neto de Affonso Gonçalves de Bulhão, que foram do tronco d'esta geração.

Carta pela qual el-rei D. João III lhe concede o seguinte brazão de seus antecessores: — Escudo de campo de prata com uma cruz vermelha, e em cada cabo da dita cruz tres bolotas de oiro com seus casulos de verde, e por differença uma merleta preta; elmo de prata aberto, paquife de prata e vermelho, e por timbre uma aspa vermelha com seis bolotas nas pontas de cima; com todas as honras e privilegios de fidalgo nobre por descender da geração e linhagem dos Bulhões. — Dada em Lisboa a 12 de dezembro de 1528. Reg. na Chanc. de D. João III, liv. XI, fl. 161 v.

2356. VENTURA DE MEIRELLES E ALMEIDA, natural do logar e freguezia de Santo Aleixo, do concelho de Ribeira; filho de Pedro de Meirelles Leitão, e de sua mulher Marinha de Almeida da Guerra; neto pela parte paterna de Francisco Carvalho, e de sua mulher Francisca de Andrade; bisneto de Domingos Gonçalves, e de sua mulher Senhorinha Gonçalves; e pela materna neto de Antonio Martins, e de sua mulher Marinha de Almeida da Guerra; bisneto de Gonçalo Martins, e de sua mulher Paula Martins.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Carvalhos, no segundo as dos Meirelles, no terceiro as dos Leitões, e no quarto as dos Almeidas. — Br. p. a 24 de abril de 1772. Reg. no Cart. da N., liv. I, fl. 174.

(C. C.)

2357. VERISSIMO DIAS DE CARVALHO, natural de Ribeira de Penna, freguezia de S. Salvador; filho de Francisco Dias, e de sua mulher Luiza Barbosa de Carvalho; neto paterno de Antonio Dias, e de sua mulher Domingas Fernandes; bisneto de Martinho Fernandes, e de sua mulher Catharina Gonçalves; neto materno de João Barbosa, e de sua mulher Marinha de Carvalho; bisneto de Domingos de Carvalho, e de sua mulher Catharina Fernandes.

As armas dos Dias, Barbosas, Carvalhos, e Gonçalves. — Br. p. a 26 de fevereiro de 1757. Reg. no Cart. da N., liv. particular, fl. 105.

(C. C.)

2358. VERISSIMO FELIX DA FONSECA DE LEMOS, natural de Lisboa e morador na cidade da Bahia, no Brazil; filho do doutor Raphael de Lemos da Fonseca, cavalleiro da ordem de Christo e familiar do Santo Officio, e de D. Vicencia Correa da Cunha; neto paterno de Leonardo da Costa Leal, e de D. Archangela de Lemos da Fonseca; bisneto de D. Maria de Lemos de Paiva; trineto de Antonio de Lemos; quarto neto de Diogo de Lemos; quinto neto de Diogo Gomes de Lemos; sexto neto de Gomes Martins de Lemos, e de D. Maria de Azevedo; outro sim por parte de sua avó D. Archangela de Lemos da Fonseca era bisneto de Antonio da Fonseca Guedes e trineto de Christovão Guedes da Fonseca, os quaes todos foram fidalgos.

Carta pela qual el-rei D. Pedro II lhe concede o seguinte brazão de seus antecessores: — Um escudo posto em balão esquartelado; o primeiro e quarto dos Lemos, em campo sanguineo cinco cadernas de crescentes de lua de oiro apontadas, postas em santor, o segundo dos Fonsecas, em campo de oiro cinco estrellas sanguineas de sete pontas cada uma, postas em aspa; o terceiro dos Guedes, em campo azul cinco flores de liz de oiro em santor, e por differença meia brica de prata no campo direito do escudo, e n'ella um trifolio verde; elmo de prata aberto guarnecido de oiro, paquife dos metaes e côres das armas, e por timbre uma aguia sanguinea armada de oiro assentada sobre um ninho da sua côr, com uma das cadernas das armas sobre os peitos; com todas as honras e privilegios de fidalgo por descender das ditas gerações. — Dada em Lisboa a 29 de agosto de 1683. Reg. na Chanc. D. Affonso VI, liv. LII, fl. 241 v.

2359. VERISSIMO JOAQUIM RIBEIRO DA SILVA, professo na ordem de Christo, e seu irmão Felix Raphael Ribeiro da Silva, fidalgo da casa real; filhos de Felix Ribeiro da Silva,

cavalleiro professo na ordem de Christo, e de sua mulher D. Michaela do Espirito Santo Franco; netos paternos de João Ribeiro, capitão que foi de mar e guerra, e de sua mulher D. Antonia dos Reis e Silva; netos maternos de Verissimo França, capitão de infanteria que foi na India, e de sua mulher D. Maria Franco e Silva.

As armas dos Ribeiros, Francos, e Silvas.—Br. p. a 10 de março de 1751. Reg. no Cart. da N., liv. particular, fl. 23 v.

(C. C.)

2360. Verissimo Lobo de Sousa, natural e morador na villa de Torres-novas, filho de Eusebio Lobo de Sousa, e de sua mulher Vicencia da Cruz; neto pela parte paterna de Domingos Rebello, e de sua mulher Anna de Sousa Lobo; bisneto de Pedro Gonçalves, e de sua mulher Isabel Gonçalves Rebello, filha natural e reconhecida de Sebastião Rebello Leite, natural da casa de Santo Antonio e senhor da casa de Boussas, uma das mais distinctas da dita comarca, filho de Miguel Rebello de Andrade, e de sua mulher Maria Leite Pereira, herdeira de João Leite Pereira, senhor da casa de Santo Antonio, e de sua mulher Catharina Garcia de Campos, filha de Francisco de Novaes, senhor da sobredita casa de Boussas; e pela dita sua avó Anna de Sousa Lobo era o supplicante bisneto de Manuel Velho de Sousa, filho de Braz Velho de Araujo, e de sua mulher Anna de Sousa Lobo, senhora da casa da Faia, uma tambem das mais nobres da provincia do Minho.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as cinco quinas do reino, no segundo as armas dos Rebellos, no terceiro as dos Pereiras, e no quarto as dos Lobos.—Br. p. a 9 de julho de 1785. Reg. no Cart. da N., liv. III, fl. 199.

(C. C.)

2361. Verissimo da Silva Lopes Azevedo Pinheiro Pereira de Sá Barros e Almeida, natural do logar de Bertella, termo de Santa Martha de Penaguião, comarca de Villa-real; filho de Marcos Gonçalves da Silva, e de D. Angelica Francisca de Azevedo Lopes; neto paterno de Pedro Gonçalves da Silva, e de D. Maria de Barros e Almeida, filha de Lopo de Barros e Almeida, fidalgo da casa real, e senhor do morgado da real cidade de Braga; neto materno de Leonardo Lopes de Azevedo Pinheiro Pereira e Sá, senhor da casa e couto de Azevedo, de Mazarefes, Paradela e Castro, fidalgo da casa real, e de D. Antonia Francisca de Azevedo.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Silvas, no segundo as dos Barros, no terceiro as dos Azevedos, e no quarto as dos Lopes.—Br. p. a 24 de dezembro de 1802. Reg. no Cart. da N., liv. VII, fl. 24.

(C. C.)

2362. Vicente Antonio da Silva Correa, natural da villa de Extremoz, cavalleiro professo na ordem de Christo, bacharel formado na faculdade de philosophia, doutor na faculdade de mathematica, coronel do real corpo de engenheiros, lente jubilado da Academia real de fortificação, e fidalgo cavalleiro da casa real; filho do capitão Domingos José Fernandes da Silva, e de D. Thereza Joaquina Josepha da Gama; neto paterno de Manuel Fernandes da Silva Correa, fidalgo da casa real, e de D. Maria Francisca de Noronha; neto materno de Domingos Fernandes Correa, cavalleiro professo na ordem de Christo, e de D. Luiza Antonia da Gama.

Um escudo partido em pala; na primeira as armas dos Silvas, e na segunda as dos dos Correas.—Br. p. a 15 de março de 1825. Reg. no Cart. da N., liv. VIII, fl. 137.

(C. C.)

2363. Vicente Coelho da Silva Seabra Telles, natural de Villa-rica, bispado de Marianna, estado da America; filho do alferes de cavallaria Manuel Coelho Rodrigues,

e de sua mulher D. Josepha de Avila e Figueiredo, neta do capitão João de Seabra de Guimarães; neto pela sua varonia do ajudante de infanteria Antonio Coelho, filho de Belchior Coelho, irmão do senhor de Felgueiras e Vieira.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Coelhos, no segundo as dos Seabras, no terceiro as dos Brandões, e no quarto as dos Avilas. — Br. p. a 2 de outubro de 1789. Reg. no Cart. da N., liv. IV, fl. 127.

(C. C.)

2364. VICENTE DELGADO FREIRE, tenente coronel do regimento de infanteria da praça de Almeida, filho de Luiz Delgado Freire, tambem tenente coronel de infanteria; neto de José Delgado Freire, que teve o posto de coronel tambem de infanteria; e bisneto de Antonio Delgado Freire, mestre de campo.

Um escudo partido em pala; na primeira as armas dos Delgados, e na segunda as dos Freires.—Br. p. a 2 de maio de 1786. Reg. no Cart. da N., liv. III, fl. 220.

(C. C.)

2365. VICENTE FERRÃO, natural do Tojal, termo de Lisboa, filho de Diogo Ferrão de Castello-branco, fidalgo, neto de João Ferrão de Castello-branco, morador que foi em Pinhel, e bisneto de Christovão Ferrão de Castello-branco, que foi fidalgo e do verdadeiro tronco d'esta geração.

Carta pela qual el-rei D. João III lhe concede o seguinte brazão de seus antecessores: — Escudo de campo azul com um leão de oiro com a lingua e armado de vermelho, e por differença uma merleta de prata; elmo de prata aberto guarnecido de oiro, paquife de oiro e azul, e por timbre um meio leão de oiro; com todas as honras de fidalgo por descender da geração e linhagem dos Castel-brancos.—Dada em Lisboa a 19 de junho de 1538. Reg. na Chanc. de D. João III, liv. XLIV, fl. 92 v.

2366. VICENTE FERREIRA GUEDES, mestre de campo de infanteria auxiliar da capitania do Maranhão, filho de João Ferreira Guedes, e de D. Luiza Soares Ferreira; neto pela parte paterna de Jeremias Ferreira Guedes Alcaforado, e de D. Anna Guedes Mousinho.

Um escudo partido em pala; na primeira as armas dos Ferreiras, e na segunda as dos Guedes.—Br. p. a 29 de outubro de 1793. Reg. no Cart. da N., liv. V, fl. 4 v.

(C. C.)

2367. VICENTE JOAQUIM DE CASTRO BORGES REBELLO DE MACEDO, morador na quinta de Garfões, da freguezia de Oliveira do Douro, termo da cidade do Porto; filho de Francisco José de Castro, e de sua mulher D. Anna Clara de Macedo; neto por parte paterna de Paulo Fernandes, e de sua mulher D. Custodia de Castro; neto por parte materna de Gabriel de Mattos Rebello, e de sua mulher D. Maria de Jesus; bisneto de Balthasar de Moura, e de sua mulher D. Joanna Borges; e sobrinho em segundo grau de Manuel Borges Rebello, a quem no anno de 1677 se passou brazão de armas.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Castros, no segundo as dos Borges, no terceiro as dos Rebellos, e no quarto as dos Macedos. — Br. p. a 22 de setembro de 1801. Reg. no Cart. da N., liv. VI, fl. 177.

(C. C.)

2368. VICENTE JOSÉ MARINHO MACHADO, filho do capitão Francisco Marinho Machado, e de sua mulher D. Anna Angelica do Desterro; neto paterno de Manuel Moreira, e de sua mulher D. Maria Marinho; e materno de João Duarte do Couto, e de sua mulher D. Maria Ferreira; sendo o supplicante irmão germano do capitão-mór Francisco Marinho Machado, cavalleiro professo na ordem de Christo, a quem se passou brazão de armas a 20 de setembro de 1805.

2369. VICENTE MARTINS CALDEIRA, filho de João Antonio Caldeira Roxo, e de sua mulher D. Luiza Jacinta de Bastos; neto paterno de Vicente Caldeira Roxo, e de sua mulher D. Margarida Sousa Rosa Roxo; e materno do capitão João Lopes e Silva, e de sua mulher D. Francisca Vellez.

Um escudo partido em pala; na primeira as armas dos Caldeiras, e na segunda as dos Bastos. — Br. p. a 12 de outubro de 1853. Reg. no Cart. da N., liv. VIII, fl. 370.

(C. C.)

2370. VICENTE DE PAULA JUSTO RUFINO LOPES DO REGO, natural de Villa-flor, comarca da Torre de Moncorvo; filho de Luiz Antonio Lopes do Rego, e de sua mulher D. Clara Maria; neto paterno de Manuel Lopes do Rego, e de sua mulher D. Maria Thereza; e materno de Luiz Cardoso, e de sua mulher D. Maria Paschoa; bisneto paterno de Bartholomeu Lopes do Rego, e de sua mulher D. Maria Esteves; e materno de Brutil da Silva; e sobrinho por parte paterna de Antonio José do Rego, capitão de dragões da praça de Chaves, a quem se passou brazão de armas a 18 de dezembro de 1787.

Um escudo partido em pala; na primeira as armas dos Lopes, e na segunda as dos Regos. — Br. p. a 14 de novembro de 1803. Reg. no Cart. da N., liv. VII fl. 47.

(C. C.)

2371. VICENTE REBELLO TELLES, bacharel, formado filho de Manuel Telles Rebello, e de sua mulher Maria Cardoso de Mello; neto paterno de Maria Telles de Figueiredo Rebello, e de Domingos Fernandes; bisneto de Manuel Telles Rebello; terceiro neto de Gaspar Telles, da villa de Bertiande, e de Apollonia de Figueiredo Rebello, do Prado; quarto neto de Fernão Rebello; quinto neto de João Rebello; sexto neto de Pedro Rebello; setimo neto de outro Pedro Rebello, escudeiro fidalgo da casa real, por mercê de 4 de janeiro de 1519; oitavo neto de Francisco Rebello; nono neto de Martim Rebello do Prado, de Caria; neto materno de João Francisco, e de Isabel Cardoso de Mello; bisneto de Thomé Martins; e de Isabel Cardoso de Caceres; terceiro neto de Manuel Cardoso de Mello e de Joanna da Fonseca de Caceres; quarto neto de Vasco Cardoso de Menezes, da villa de Tavora, e de Leonor de Mello de Caceres, com quem elle seu quarto avô veiu casar á sua quinta da Alagôa.

As armas dos Telles, Rebellos, Cardosos, e Mellos. — Br. p. a 22 de outubro de 1754. Reg. no Cart. da N., liv. particular, fl. 82.

(C. C.)

2372. VICENTE SIMÕES, escudeiro da casa real.

Carta pela qual el-rei D. Duarte lhe concede e a seus descendentes o seguinte brazão de armas: — Escudo branco com uma pinta verde, e n'elle um leão negro rompente, gretado de oiro, com unhas e lingua vermelhas, pelos importantes serviços e viagem que fez a Tanger com D. Henrique e D. Fernando contra os mouros. — Dada em Aviz a 10 de julho de 1438. (M. N.) Reg. na Chanc. de D. Duarte, liv. I, fl. 236 e liv. IV de Mist. fl. 45.

2373. VICTORINO ALBERTO DA FONSECA, natural da cidade de Lisboa, filho do capitão João Baptista da Fonseca, tambem cavalleiro professo na ordem de Christo, e de sua mulher D. Luiza Maria do Pilar; neto pela parte paterna de Manuel da Fonseca, e de sua mulher Isabel Maria Michaela; e pela materna de Salvador Pereira Borges, e de sua mulher D. Isabel Maria do Pilar.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Fonsecas, no segundo as dos Pereiras, no terceiro as dos Borges, e no quarto as dos Fonsecas. — Br. p. a 29 de dezembro de 1779. Reg. no Cart. da N., liv. II fl. 214.

(C. C.)

2374. VICTORINO JOSÈ BARRETO FEYO E VASCONCELLOS, presbytero secular do ha-

bito de S. Pedro, da freguezia de Oliveira de Azemeis; filho de João Vicente Brandão de Vasconcellos, e de sua mulher D. Joanna Violante Barreto Feio; neto por parte paterna de Manoel de Oliveira, e de sua mulher D. Maria Violante de Vasconcellos, tia de Thomé Bento de Figueiroa, por ser irmã de sua mãe; e por este lado legitimo descendente do capitão de mar e guerra Garcia de Azevedo Coutinho, e de sua mulher D. Marianna de Novaes, assim como por parte dos Oliveiras Valentes, do capitão Bento Alvares de Oliveira, e de sua mulher D. Martha Valente da Silva; neto por parte materna de Francisco Luiz Barreto Feio, e de sua mulher D. Thereza Barreto; bisneto por parte de seu avô materno de Jeronymo Barreto Feio, o qual no seculo passado se offereceu com cavallos, criados e armas a sua custa, e serviu na praça de Mazagão no posto da capitão, onde deu sempre provas da sua honra e valor; e de D. Thomazia de Mello; e por parte de sua avó materna bisneto de Manuel de Oliveira Barreto e de D. Maria de Oliveira.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Barretos, no segundo as dos Feios, no terceiro as dos Valentes, e no quarto as dos Vasconcellos.—Br. p. a 25 de outubro de 1799. Reg. no Cart. da N., liv. VI fl. 103.

(*C. C.*)

2375. Victorino José Cerveira Botelho Pereira do Amaral, da cidade de Penafiel, juiz de fóra que foi da villa da Feira, e actualmente da villa de Almeida; filho do doutor Antonio José Cerveira Botelho Pereira do Amaral, e de sua mulher D. Anna Maria de S. Jose e Sousa; neto pela parte paterna de Verissimo Pereira dos Santos do Amaral, e de sua mulher D. Maria Cerveira Botelho, filha de André Botelho do Amaral, e de sua mulher D. Maria Cerveira; filhos de Filippe da Mouta, e de sua mulher Maria Cerveira; e aquelle de Antonio do Amaral Botelho, e de sua mulher Jeronyma da Mouta; bisneto pelo mesmo lado de Constantino Pereira, e de sua mulher Dorothea do Amaral Botelho, filha de Luiz do Amaral Botelho, e de sua mulher Maria dos Santos; terceiro neto pelo dito lado de Manuel Cardoso Coelho, e de sua mulher Maria dos Santos; terceiro neto pelo dito lado de Manuel Cardoso Coelho, e de sua mulher Helena Cerveira.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Cerveiras, no segundo as dos Botelhos, no terceiro as dos Pereiras, e no quarto as dos Amaraes.—Br. p. a 20 de julho de 1798. Reg. no Cart. da N., liv. VI fl. 33 v. (*C. C.*)

2376. Victorino da Silva Moraes, natural da cidade de Lisboa; cavalleiro das ordens de Christo, e de Nossa Senhora da Conceição de Villa-viçosa, cavalleiro fidalgo da casa real, contador geral do real Erario na contadoria das provincias do reino e ilhas; deputado da Junta da Fazenda da cidade, e inspector da sua contadoria geral; e vogal da commissão para liquidar a divida publica; filho de João da Silva Moraes, e de sua mulher D. Francisca Gertrudes Xavier de Moraes: neto paterno de Victorino da Silva Moraes e de sua mulher D. Josepha Maria de Moraes.

Um escudo partido em pala; na primeira as armas dos Silvas, e na segunda as dos Moraes.—Br. p. a 16 de julho de 1825. Reg. no Cart. da N., liv. VIII fl. 157.

(*C. C.*)

2377. Victorino da Silva Soares, presbytero do habito de S. Pedro, natural e morador na cidade da Bahia, filho de Domingos Ferreira da Silva, e de Agueda Soares, filha de Domingos Gonçalves, e de sua mulher Ignacia de Mattos; neto pela parte paterna de João Ferreira, e de sua mulher Joanna da Silva; bisneto de Manuel Luiz, e de sua mulher Angela Antonia: e pela dita Joanna da Silva, é bisneto de Domingos Pinheiro, e de sua mulher Maria da Silva, filha de Gaspar da Silva, e de sua mulher Catharina Gonçalves, neta de Francisco Affonso, e de sua mulher Ignacia da Silva, que era filha de Aristino Feio da Cunha, e de sua mulher Constança Ferraz, filha de Gaspar da Silva, escudeiro da casa real, e sexto avô do supplicante.

Um escudo ovado e esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Ferreiras, no segundo as dos Silvas, no terceiro as dos Pinheiros, no quarto as dos Feios. — Br. p. a 20 de outubro de 1765. Reg. no Cart. da N., liv. I, fl. 20.

(C. C.)

2378. Volffagango Holez Schuber, allemão nobre.

Carta pela qual el-rei D. Manuel o fez cavalleiro, e lhe concedeu o seguinte brazão de seus antepassados: — Uma cruz de Christo vermelha com uma cabeça de mouro cortada, por servir espontaneamente na tomada de Alcacer aos mouros; com todas as honras, privilegios, isempções e liberdades dos nobres. — Dada em Lisboa a 8 de fevereiro de 1503. Reg. na Chanc. de D. Manuel, liv. de Extras, fl. 104.

X

2379. Xavier Francisco de Sousa e Mello, cavalleiro professo na ordem de Christo, sargento-mór das ordenanças do concelho de Arouca, natural da villa de S. Pedro dó sul, concelho de Lafões, comarca de Viseu; filho do capitão Manuel de Sousa e Mello; neto de outro Manuel de Sousa e Mello; bisneto de João de Mello e Sousa; terceiro neto de Francisco de Mello e Sousa, fidalgo da casa real, capitão-mór que foi no concelho de Lafões; quarto neto de Roque de Mello e Sousa, tambem fidalgo da casa real; e quinto neto de Martim de Mello Soares, que teve o mesmo foro.

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Mellos, no segundo as dos Cunhas, no terceiro as dos Abreus, e no quarto as dos Sousas. — Br. p. a 13 de outubro de 1775. Reg. no Cart. da N., liv. II, fl. 82.

(C. C.)

SUPPLEMENTO

EM QUE VÃO TRASLADADAS NA INTEGRA

AS

CARTAS DE BRAZÕES D'ARMAS

CUJAS COPIAS OU REGISTROS EXISTEM ENTRE OS MANUSCRIPTOS

DA

BIBLIOTHECA EBORENSE

(CODICE $\frac{CXVII}{2-16}$)

I

Brazão de armas concedido a Alberto Leite Pereira

(1744)

DOM JOÃO por graça de Deus rei de Portugal e dos Algarves, d'aquem e d'alem mar em Africa, senhor de Guiné, e da conquista navegação e commercio da Ethiopia Arabia Persia e da India etc. A quantos esta minha carta virem, faço saber que Alberto Leite Pereira, natural da villa de Thomar, me fez petição em como elle descendia e vinha da geração e linhagem dos Pereiras Leites, e suas armas lhe pertenciam de direito, e pedindo-me por mercê que para a memoria de seus antecessores se não perder, e elle usar e gosar das honras que pelos merecimentos de seus serviços ganharam e lhe foram dadas, assim dos previlegios, honras, graças, e merces que por direito e por bem d'ellas lhe pertencem, lhe mandasse dar minha carta das ditas armas, que estavam registadas em os livros dos registos das armas dos nobres e fidalgos de meus reinos, que tem o dito Portugal, meu principal rei de armas: a qual petição vista por mim, mandei sobre ella tirar inquirição de testemunhas pelo doutor Manuel da Costa Mimoso, meu desembargador em esta minha côrte e casa da supplicação, corregedor do civel em ella, e por Manuel Ignacio de Moura e Albuquerque, escrivão do dito juizo, pelos quaes foi certo que elle procede e vem da dita geração e linhagem dos Pereiras Leites: como filho legitimo de João Pereira Leite, natural do concelho de Cabeceiras de Basto, provincia do Minho, e de sua mulher Maria Ferreira Pacheco, dos quaes são tambem filhos e irmãos do supplicante André Pereira Leite, e João Leite Pereira; e do mesmo Alberto Leite Pereira ha tambem dois filhos a saber: Diogo Leite Pereira, ao presente juiz de fóra de Cabeço de Vide, e João Leite Pereira, habilitado para seguir os logares de letras: e a dita Maria Ferreira Pacheco, mãe do supplicante, era filha de Sebastião Ferreira Pacheco, pessoa muito honrada, e de limpo sangue, natural da villa de Alvaiazere.

Neto pela paterna o supplicante de João Leite Pereira, capitão da infanteria, que foi, e secretario da embaixada á côrte de Madrid, irmão de Miguel Leite Pereira, vigario que foi da igreja de Villa-nova dos Infantes, e de sua mulher Isabel Maria da Costa, natural do Arco de Bagulhe: bisneto de Joanna Leite Pereira, que foi senhora da antiga casa do Outeiro, bem conhecida pela sua nobreza, e dos seus habitantes, sita no couto de Refoios, freguezia de S. Pedro de Alvito, e de seu marido Gaspar Moutinho de Carvalho, a quem se passou brazão de armas, descendente de Martim Annes Coutinho, pae de João Mou-

tinho, e avô de Braz Moutinho, e Salvador Moutinho, e Fernando de Mesquita Moutinho, aos quaes se passaram cartas de brazão com as armas dos Moutinhos, no anno de 1548, e todos eram fidalgos de minha casa, e pessoas principaes, de quem descendem por varonia os Mesquitas Moutinhos, com Fernando Xavier de Mesquita Pimentel, senhor de S. Mansos, o general de batalha Luiz de Mesquita, governador que foi da praça de Elvas, pae de Diogo Francisco de Mesquita, todos notoriamente muito fidalgos, e de casas opulentas: e dos mesmos Moutinhos, procedem tambem o capitão-mor de Caria, Antonio Guedes de Carvalho, e seus irmãos Paulo Guedes, e Francisco Guedes, cavalleiros na ordem de Malta, e todos fidalgos de minha casa, e sobrinhos do ballio, que foi do Leça, Belchior Alvaro Pinto.

Terceiro neto de Fernando Leite Pereira, fidalgo de minha casa, cavalleiro na ordem de Christo, senhor da casa do Outeiro, e de sua mulher Briolanja Ferreira Osorio, irmã que foi de Fr. João Osorio, abbade geral da ordem de S. Bento d'este reino, filhos de João Fernandes Vieira, e de sua mulher Isabel Ferreira Osorio, das familias de Vieiras e Ferreiras muito antigas e nobres n'este reino.

Quarto neto de Senhorinha Leite Pereira, e de seu marido Roque Coelho Guedes, filho de Gonçalo Coelho Guedes, pessoas muito nobres das familias dos seus appellidos, a qual Senhorinha Leite era irmão de Fernando Leite Pereira, cavalleiro da ordem de Christo, que morreu servindo nas guerras contra os mouros, e de Pedro Coelho Leite, abbade de Lamegal.

Quinto neto de Catharina Leite Pereira, e de seu marido Affonso Gonçalves de Soutomaior, fidalgo gallego descendente da grande, e antiga casa de Soutomaior, que hoje existe no reino de Galliza, logrando os senhores d'ella os titulos de duques e grandes de Hespanha, e era esta Catharina Leite Pereira irmã inteira de João Leite Pereira, cavalleiro da ordem de Christo, e senhor do couto de Abbadim e da quinta de Santo Antonio.

Sexto neto de Leonor Alvares Leite, e de seu marido Fernão Velho, senhor da quinta do Sobrado, que é uma das mais antigas que ha no concelho de Cabeceiras de Basto, da familia do appellido de Velho, e descendente por uma dilatada serie de nobilissimos avós do illustrissimo D. Arnaldo, senhor do concelho de Baião, que foi um dos maiores senhores de Hespanha, antes que houvesse reis em Portugal, de que será mui rara a casa de senhor grande d'este reino e no de Castella que não tenha sangue seu, sendo elle filho de Guido, duque de Espoleto soberano, que sendo eleito imperador de Italia, perdeu a vida com o imperio no terceiro anno de seu reinado; e era este neto pela parte da duqueza Adelaide, sua mãe, de Pepino, rei de Italia, filho de Carlos Magno, rei de França e imperador dos romanos. Foi esta Leonor Alvares Leite irmã de João Leite Pereira, de quem procede a casa de Villar, e de Ruy Leite Pereira, progenitor da de Cainhos, de sorte que estas duas casas e a do Outeiro tiveram principio n'estes tres irmãos.

Setimo neto de outra Leonor Alvares Leite, e de seu marido Alvaro Gonçalves Pereira, de cujo ascendencia e qualidade se falará depois, irmã de Vasco Leite que foi valido do senhor rei D. Affonso v, e se achou em seu serviço na batalha de Toro, e é o progenitor dos Leites da ilha de Madeira, dos quaes é chefe Luiz Diogo Leite Pereira Botelho de Vasconcellos, fidalgo rico e poderoso da cidade de Angra, irmão de Diogo Alvares Leite, de quem procederam os Leites de Guimarães e Traz-os-Montes, e os senhores das villas deMargão, e de Santo Antonio de Arenilha, e irmão de Alvaro Leite, senhor de Quebrantões, e do morgado da Gaia pequena, cuja casa possue hoje com a quinta de Campo-bello, Diogo Francisco Leite Pereira, fidalgo mui conhecido, e tambem de seu irmão Vasco Leite, procedem por sua neta Francisca Leite, os Leites de Santarem, em que ha as casas de Fernando Leite de Sousa, o sargento-mor da cavallaria, José Leite de Sousa, Francisco Isidoro Sobral Pereira, senhor do morgado das Coberturas, e Jeronymo Leite de Vasconcellos Pacheco Malheiros, todos fidalgos de reconhecida nobreza.

Oitavo neto de Alvaro Annes Leite em quem todos os nobiliarios dão principio á familia dos Leites, o qual no reinado do senhor rei D. João i era senhor da terra de Cavallos

no concelho de Basto, e de sua mulher Filippa Borges, filha de D. Diogo Borges, commendario de S. Miguel de Refoios e senhor das quintas de Joia e do Corgo, e neta de Gonçalo Borges, porteiro-mór do senhor rei D. Affonso, e senhor das villas de Carvalhaes e Ilhavo e Verdemilho, com uma ascendencia mui conhecida.

Seu setimo avô Alvaro Gonçalves Pereira era senhor dos direitos reaes do Arco de Bagulhe, do prestimo de Calvos, das quintas de Villar e da Taipa e do hospital de S. Bartholomeu de Caves, tudo no concelho de Cabeceiras de Basto, e filho de João Gonçalves de Basto, alferes-mór do grande condestavel D. Nuno Alvares Pereira e seu meirinho-mór de todas as terras de que era senhor nas provincias de Traz-os-montes e Minho, a quem o mesmo condestavel em premio dos grandes serviços que em sua companhia tinha feito a este reino na guerra contra os castelhanos, deu estando em Campo-maior as quintas de Villar e da Taipa, o prestimo de Cavallos e o hospital de S. Bartholomeu de Caves, e os direitos reaes do Arco de Bagulhe, e casou com sua meia irmã D. Anna, ou D. Maria Pereira de quem ao diante se fallará.

Nono neto de Gonçalo Rodrigues de Basto, fidalgo muito honrado, que veiu nos reinados dos senhores reis D. Pedro I e D. Fernando, como escreveu o grande investigador de antiguidades Manuel de Sousa da Silva, nas notas que escreveu sobre o Nobiliario do conde D. Pedro de Barcellos.

Decimo neto de Ruy Martins de Basto, que veiu no reindo do senhor rei D. Affonso IV, e de uma neta de D. Gonçalo Pereira, grão-commendador de Hespanha na ordem de Malta, irmão do bisavô do grande condestavel D. Nuno Alvares Pereira.

Decimo primeiro neto de Martim Mendes de Basto, que veiu no reinado do senhor rei D. Diniz, no couto de Carvoeiro, situado na freguezia de S. Paio de Portelado, concelho de Penafiel de Sousa, e D. Thereza Reimão de Porto Carreiro, filha de Estevão Raymundo e neta de D. Reimão Viegas de Porto Carreiro, grande e poderoso em Portugal, e D. Maria Utiges, que era filha de D. Utigo, o velho, senhores da terra da Nobreza e do couto de Aboim.

Decimo segundo neto de D. Mendo Gomes de Basto, que foi contemporaneo dos senhores reis D. Sancho II e D. Affonso III, e de sua mulher D. Maior Pires, filha de Pedro Martins Ervilhão, e de sua mulher D. Elvira Pires, que foi filha de D. Pedro Rodrigues Pereira, chefe de todos os Pereiras d'este reino, e ascendente de quasi todos os reis da Europa e dos maiores senhores de Portugal.

Decimo terceiro neto de D. Gomes Viegas de Basto, o primeiro que teve este appellido por viver em terra de Basto, onde possuia muitas quintas que herdou de seus paes, vivendo os senhores reis D. Sancho I e D. Affonso II, e de sua mulher D. Maior Rodrigues de Grandarei, filha de Ruy Peres de Grandarei, familia illustre de que descenderam por varonia os Machados, senhores das terras de Entre-homem e Cavado.

Decimo quarto neto de D. Egas Gomes de Barroso, e de sua mulher D. Urraca Vasques de Ambia, que era filha de D. Vasco de Guedelha de Ambia, familia muito consideravel de Galiza, e apparentada com os Silvas d'este reino.

Decimo quinto neto de Gomes Mendes Guedão, senhor do concelho de Barroso, e de sua mulher D. Chamoa Mendes de Sousa, de cuja familia se fallará ao diante.

Decimo sexto neto de D. Mendo Guedes, o velho, rico-homem do rei D. Affonso VI de Leão, e de sua mulher D. Sancha.

Decimo setimo neto de D. Gueda, o velho, a quem o senhor conde D. Henrique trouxe de Castella para este reino, e o dotou com o concelho de Barroso onde viveu.

Decimo oitavo neto de D. Gomes Mendes, que vivia em Toledo, quando o imperador D. Fernando tomou aquella cidade aos mouros, e descendente, como seguram varios auctores, de Evancio, copeiro-mor e sobrinho de Xindasvindo, rei dos godos, e irmão de Santo Eugenio arcebispo de Toledo, e de Luiza mãe de Santo Ildefonso, tambem arcebispo da mesma cidade, todos filhos do infante Estevão, e de sua mulher Blicilha, e irmã do mesmo rei Xindasvindo, e netos de Atanagildo rei dos godos, que reinou em Hespanha até o anno de 566 da era christã.

Sua decima quinta avó D. Chamoa Mendes de Sousa, era irmã de D. Gonçalo Mendes de Sousa, senhor do concelho de Vieira, alcaide-mór de Celorico de Basto, e mordomo-mór do senhor rei D. Affonso Henriques, casado com uma neta sua, e pae do conde D. Mendo de Sousa, ascendente da excellentissima casa de Arronches, e por esta parte decimos sextos netos de D. Mendo Viegas de Sousa, senhor do castello e concelho de Santa Cruz de Ribatamega por mercê do senhor conde D. Henrique, decimo setimo neto de D. Egas Gomes de Sousa, o primeiro que teve este illustre appellido, com tão esclarecida descendencia como a todos é patente, pelas muitas casas titulares que tem tido, e elle descende por uma excellentissima serie de avós de Witisa, rei dos godos, e de sua mulher D. Agostinha Gonçalves da Maia, filha do grande D. Gonçalo Mendes da Maia, o batalhador, adiantado ou general do senhor rei D. Affonso o primeiro, e descendente por varonia do rei D. Ramiro II de Leão e Galliza.

Nono neto por sua setima avó D. Anna Pereira de D. Alvaro Gonçalves Pereira, que foi grão-prior do Crato na ordem de Malta, mui privado do senhor rei D. Affonso o quarto e seu testamenteiro, pae do grande condestavel D. Nuno Alvares Pereira, fundador da serenissima casa de Bragança, e de D. Rodrigo Alvares Pereira, que instituiu a de Agoas Bellas, e de dez filhas mais, que todas casaram com fidalgos grandes e mui conhecidos n'este reino.

Decimo neto de D. Gonçalo Pereira, arcebispo de Braga, que com a sua grande auctoridade e respeito ajustou a paz entre o rei D. Affonso IV de Portugal e o rei de Castella, seu genro, e de D. Thereza Pires Villarinho, mulher fidalga, filha de Pedro Gonçalves Villarinho: decimo primeiro neto do conde D. Gonçalo Pereira Liberal, um dos maiores senhores do reino, e de sua primeira mulher D. Urraca Vasques Pimentel, que era filha de D. Vasco Martins Pimentel, meirinho-mór de Portugal e ascendente da esclarecida casa dos condes de Benavente, grandes de Hespanha, dos marquezes de Tavora, dos de Villar, dos de Vianna e dos condes da Feira.

Vigesimo neto de D. Pedro Rodrigues de Pereira, e de sua primeira mulher D. Estefania Hermigues de Teixeira, filha de D. Hermigio Mendes de Teixeira, rico-homem do senhor D. Sancho I, e senhor do concelho de Teixeira, e de sua mulher D. Maria Paes de Novaes, neta de D. Mendo Viegas, que teve o mesmo senhorio, bisneta de D. Egas de Lanhoso, que foi senhor das quintas de Sequeiras, e da de Cavalleiros na freguezia de Sant'Iago de Calvos no julgado de Lanhoso, e de sua mulher D. Maior Mendes de Sousa, da illustre familia d'este appellido, terceira neta de D. Fafes Luz, rico-homem e alferes-mór do senhor conde D. Henrique, com quem veiu de Castella para Portugal.

Decimo terceiro neto de D. Ruy Gonçalves de Pereira, rico-homem, o primeiro que usou do appellido de Pereira por ser senhor da villa d'este nome, e de sua segunda mulher D. Sancha Henriques Porto Carreiro.

Decimo quarto neto de D. Gonçalo Rodrigues, senhor do couto da Palmeira por mercê do senhor rei D. Sancho I de Portugal, que lh'o deu quando elle veiu de Castella para este reino, e de sua mulher D. Frolhe Affonso, que era filha do conde D. Affonso de Cella-nova, posteridade da casa real dos godos.

(Segue-se no dito livro de padrão o escudo das armas.)

Decimo quinto neto de D. Rodrigo Forjaz de Trastamara, e de sua mulher D. Elvira Rodrigues de Castro, que era filha de D. Rodrigo Fernando de Castro, que era filho segundo do infante D. Fernando, e neto de D. Garcia, rei de Portugal e Galiza, e era este D. Rodrigo Forjaz quinto neto por varonia continuada do conde D. Mendo, irmão de Desiderio, rei dos lombardos, filhos de Herminulfo, senhor de Brecia, e netos de Alaxes, rei de Lombardia, o qual D. Mendo, vindo de Italia para Galiza, casou com D. Joanna, filha do conde D. Raymão, que era irmão de D. Affonso, o casto, rei de Leão e Castella, filhos do rei D. Fruella I.

Os quaes todos seus paes e avós eram pessoas muito nobres e legitimos descendentes da familia de Pereiras, e Leites, e outros muitos, e como taes se tractaram sempre a lei da

nobreza com cavallos, armas e criados, como pessoas nobres que eram, sem que nas ditas gerações houvesse nunca alguma raça de judeu, mouro ou mulato, nem de outra infecta nação: e de direito lhe pertencem as suas armas, as quaes lhe mandei dar em esta minha carta com seu brazão, elmo, e timbre, como aqui são divisadas e assim como fiel e verdadeiramente se acharam divisadas e registradas em o livro dos registros das armas dos nobres e fidalgos de meus reinos, que tem o dito Portugal meu rei de armas, a saber: um escudo partido em pala: na primeira as armas dos Pereiras, que são em campo sanguineo uma cruz de prata florida e vasia de campo; na segunda pala as dos Leites, que são esquarteladas, no primeiro quartel em campo verde tres flores de liz de ouro em roquete, no segundo em campo sanguineo uma cruz de prata vasia do campo, e assim os contrarios: elmo de prata aberto guarnecido de ouro, paquife dos metaes e côres das armas, timbre o dos Pereiras, que é uma cruz sanguinea florida entre duas azas de anjo de ouro, e por differença uma brica de ouro com uma banda azul.

O qual escudo de armas e signaes possa trazer e traga o dito Alberto Leite Pereira, assim como as trouxeram e d'ellas usaram os seus antecessores, em todos os logares de honra em que os ditos seus antecessores, e os nobres e antigos fidalgos sempre as costumaram trazer, em tempo dos mui esclarecidos reis meus antecessores; e com ellas possa entrar em batalhas, campos, rectos, escaramuças, e exercitar com ellas todos os outros actos licitos da guerra, e da paz, e assim as possa trazer em seus firmaes, anneis, sinetes e divisas; e as pôr em suas casas e edificios, e deixal-as sobre sua propria sepultura, e finalmente se servir, honrar, gosar e aproveitar d'ellas em todo e por todo como a sua nobreza convem. Com o que quero e me praz que haja elle todas as honras, privilegios, liberdades, graças, mercês, isenções e franquezas que hão e devem haver os fidalgos nobres e de antiga linhagem, e como sempre de todo usaram e gosaram os ditos seus antecessores: o qual brazão e privilegio se poderá renovar a seus descendentes, e sem o qual lhe não será licito usar das armas e privilegio acima dito. Pelo que mando a todos os meus desembargadores, corregedores, juizes, justiças, alcaides e em especial aos meus reis de armas, arautos, passavantes e a quaesquer outros officiaes e pessoas a quem esta minha carta fôr mostrada, e o conhecimento d'ella pertencer, que em tudo lh'o cumpram e guardem, e façam cumprir e guardar como n'ella é conteudo, sem duvida nem embargo algum, que em ella lhe seja posto, porque assim é minha mercê. El-Rei nosso senhor o mandou, por Manuel Pereira da Silva, seu rei de armas Portugal. Fr. Manuel de Santo Antonio, religioso da ordem de S. Paulo, reformador do cartorio da nobreza, a fez em Lisboa aos vinte dias do mez de maio do anno do nascimento de nosso senhor Jesu Christo. de 1744. E vai subscripto por Hilario da Costa Barreiros, proprietario do officio de escrivão da nobreza n'estes reinos, e senhorios de Portugal e suas conquistas. E eu Hilario da Costa Barreiros, escudeiro cavalleiro da casa de Sua Magestade, e proprietario do officio de escrivão da nobreza d'estes reinos e senhorios de Portugal, a subscrevi. — *P. rei de armas principal.*

II

Brazão de armas concedido a Alvaro de Azevedo Coutinho

(1622)

Portugal rei de armas principal n'estes reinos, e senhorios de Portugal pelo muito alto, e muito poderoso rei D. Filippe nosso senhor etc. Faço saber aos que esta minha carta de brazão e certidão de armas de nobreza digna de fé e crença virem, que por parte de Alvaro de Azevedo Coutinho, moço da camara de Sua Magestade, morador n'esta cidade de Lisboa, filho legitimo de Jeronymo de Azevedo Coutinho, fidalgo de geração, e de Joanna Dias de Carvalho, moradores na villa de Soure, e neto de Belchior de Azevedo Coutinho, cavalleiro do habito de Sant'Iago, nado e creado d'antre ambos de legitimo matrimonio,

e o pae do supplicante foi irmão inteiro de Antonio de Azevedo Coutinho, e de Simão de Miranda de Azevedo do habito de S. João, e primo de Luiz de Azevedo da Silveira do habito de Christo, de Gonçalo de Azevedo alcaide-mór da villa de Algoso, do habito de S. João, e de Martim Vaz de Azevedo do habito de Christo, e de Jorge de Azevedo Lucena do mesmo habito de Christo, e de Bento de Azevedo contador dos Contos, e de seu irmão Eugenio de Azevedo, e de Antonio de Azevedo, e elle supplicante e o dito seu pae, e avós, e tios são dos Azevedos verdadeiros d'estes reinos, que sempre na defensão d'elles serviram aos reis passados com suas pessoas, e fazendas, sem terem raça de mouros, nem judeus, e são fidalgos de cota de armas, e solar; e todos uns, e outros se trataram á lei da nobreza, e elle supplicante se trata com creados, escravos, e cavallos, como á nobreza convém; que para a memoria de seus antecessores se não perder me requeria da parte do dito senhor, lhe passasse, e désse um escudo de armas, que as de linhagem pertencem aos Azevedos, como tudo justificava pela carta testemunhavel, em que juraram alguns dos ditos seus parentes, que me apresentou tirada em nome de Sua Magestade, e passada pela Chancellaria; subscripta por Sebastião Gonçalves de Lima, e assignada pelo doutor Julião de Campos Barreto, corregedor dos feitos, e causas civeis n'esta côrte, e casa da supplicação: e um instrumento passado em fórma devida, subscripto por Valentim da Costa Mattos, assignado pelo licenceado Antonio Gomes Ribeiro, juiz do civel com alçada por El-rei nosso senhor, a que me reporto em todo e por todo, os quaes ficam em meu poder, porque consta o sobredito: com o poder, e autoridade de meu nobre, e real officio, que para isso tenho, provi e busquei os livros da nobreza da nobre fidalguia d'estes reinos, e n'elles achei registadas as armas dos Azevedos, que pertencem por linha direita masculina ao dito Alvaro de Azevedo Coutinho, como n'este escudo lhe dou divisadas, e illuminadas, a saber: o escudo esquartelado, ao primeiro de ouro, e uma aguia de preto estendida; e ao segundo de azul, e cinco estrellas de prata em aspa, com uma bordadura de vermelho cheia de aspas de ouro, e assim aos correntes, e por differença uma merleta parda: e por timbre uma aguia das armas com uma estrella das armas no peito: elmo de prata aberto, guarnecido de ouro: paquife dos metaes, e côres das armas. E por assim as dever trazer, requeiro ás justiças de Sua Magestade da parte do dito senhor, e por bem do officio da nobreza cumpram, e guardem-as nos autos, que a nobreza d'ellas lhe dá logar; e em especial mando aos officiaes da nobreza, que ora são, e ao diante forem, como juiz que sou d'ella, o cumpram, e guardem, e façam inteiramente cumprir, e guardar assim, e da maneira que n'ella se contém; e por verdade lhe passei esta carta de brazão por mim assignada. Hoje vinte um de março. Anno do nascimento de nosso senhor Jesus Christo de mil e seiscentos e vinte e dois. E eu Sebastião Lopes, cavalleiro da casa de El-rei nosso senhor, e arauto escrivão da nobreza n'estes reinos, e senhorios de Portugal a subscrevi. — *Portugal rei de armas.*

III

Brazão de armas concedido a Alvaro de Sousa do Rio

(1711)

Portugal rei de armas principal n'estes reinos de Portugal do muito alto, e muito poderoso rei D. João v, nosso senhor, por graça de Deus rei de Portugal e dos Algarves d'áquem e d'além mar em Africa, senhor de Guiné, e da Conquista, Navegação, Commercio de Etiopia, Arabia, Persia e India, etc. Faço saber a quantos esta minha carta, e certidão de brazão de armas, fidalguia, e nobreza, digna fé e crença virem, que por parte de D. Alvaro de Sousa do Rio, natural da villa de Aljubarrota, me foi feita petição, dizendo, que pela sentença junta que offerecia, passada em nome de sua magestade, e pela chancellaria da côrte pelo doutor Gonçalo da Cunha Villas-boas, desembargador da casa da sup-

plicação, e corregedor com alçada do civel da côrte, constava ser o supplicante descendente da nobre e illustre familia de Castro do Rio, que n'este reino são fidalgos antigos de solar, e cotta de armas, por ser filho legitimo de D. João Manuel do Rio, e de sua mulher D. Isabel de Semedo, neto pela parte paterna de Francisco Rodrigues Vergas Coutinho, e de Mariana da Veiga, descendente elle supplicante por linha masculina, e femenina de Diogo de Castro do Rio, fidalgo de solar por mercê do senhor rei D. Sebastião; outro si foram aparentados com os Furtados Mendoças e com outras mais familias das melhores d'este reino; das quaes todas elle supplicante descendia por linha direita sem quebra de bastardia, e se trataram e viveram sempre á lei da nobreza com armas, cavallos, e creados e por tal estava julgado na dita sentença; e por se não perder a memoria de seus antigos progenitores e sua fidalguia, e nobreza, queria para conservação d'ella um brazão de armas pertencente á dita familia dos Castro do Rio; pelo que me pedia lhe mandasse passar carta e certidão de brazão em forma com as ditas armas, assim como elle supplicante as havia de trazer, e d'ellas usar: e vista por mim a dita sentença da qual achei deduzido tudo o conteudo na dita petição em virtude da qual provi o livro da fidalguia, e nobreza do reino, que em meu poder tenho, e n'elle achei registradas as armas que á dita linhagem pertencem, que são as que n'esta lhe dou devisadas e illuminadas, a saber: Um escudo posto ao ballon, em campo de prata, nove bezantes de purpura em tres pallas, e entre elles dois rios de agua, em facha, e por differença um triangulo de vermelho; timbre um cavallo marinho branco nascente de umas ondas; elmo de prata aberto, guarnecido de ouro; paquife dos metaes, e côres das armas. E porque estas são as armas que a dita linhagem pertencem: eu Manuel Leal rei de armas Portugal, e principal, com o poder do meu muito nobre e real officio lhas dou e assigno, assim como vão no dito escudo: as quaes armas poderá usar como acto e perrogativa de sua nobreza e fidalguia, e com ellas gosar de todas as graças, liberdades, mercês, e honras, que pelos senhores reis d'este reino foram concedidas aos fidalgos, e nobres d'elle, e em especial aos da dita geração: e com ellas poderá entrar em batalhas, justas, e torneos, e em todos, e em quaesquer actos assim da paz como da guerra, e em tudo mais, que licito e honesto fôr; e as poderá trazer em suas baixelas, reposteiros, anneis, e sinetes, e pôr nos portaes de suas casas, e quintas, e deixal-as sobre sua propria sepultura, e finalmente servindo-se, e honrando-se d'ellas, como a sua nobreza, e fidalguia convém, e como o fazem os mais fidalgos, e nobres d'este reino. Pelo que requeiro a todos desembargadores, e corregedores, provedores, ouvidores, juizes, e mais justiças de sua magestade, da parte do dito senhor e da minha, por bem do officio que tenho, e em especial mando aos officiaes da nobreza, como juiz que sou d'ella, reis de armas, arautos e passavantes a cumpram, e façam inteiramente cumprir, e guardar assim como por mim é determinado, e julgado, e por firmeza de tudo vai por mim assignada com o signal publico do meu officio. Dada n'esta cidade e côrte de Lisboa em 2 de janeiro de 1711. Francisco de Almeida a fez por José Duarte Salvado, cavalleiro da casa real, e escrivão da nobreza d'estes reinos, e senhorios de Portugal. E eu José Duarte Salvado a fiz escrever, e subscrevi. — *Portugal rei de armas.*

IV

Brazão de armas concedido a Antão Mogo de Mello

(1560)

Portugal rei de armas principal de El-rei nosso senhor. Faço saber a quantos esta minha certidão virem, que Antão Mogo de Mello, escudeiro fidalgo da casa do dito senhor, me pediu, e requereu, que por quanto elle descendia por parte de seus paes, e avós da geração, e linhagem dos Mellos, e Carrilhos, que n'este reino são fidalgos de cotta de armas, que lhe désse um escudo com as armas, que ás ditas linhagens pertencem, e as

elle deve trazer; pelo que eu busquei os livros da nobreza, que em meu poder estão, e acho, que as armas, que ás ditas linhagens pertencem são estas, que n'esta certidão lhe dou illuminadas, convém a saber; o escudo esquartelado, ao primeiro dos Mellos, e ao segundo dos Carrilhos; e assim ao contrario, com mais seu paquife, e elmo, e timbre, e por differença um trifolio verde, que com ellas deve trazer: e por verdade lhe dei este por mim assignado em Lisboa aos 20 de junho anno de 1560. — *Portugal rei de armas.*

V

Brazão de armas concedido a Antonio Cardoso da Fonseca

(1621)

Portugal rei de armas principal n'estes reinos, e senhorios de Portugal pelo muito alto, e muito poderoso rei D. Filippe nosso senhor etc. Faço saber a quantos esta minha certidão de brazão de armas de nobreza digna de fé, e crença virem, que por Antonio Cardoso da Fonseca, moço da camara de sua magestade, morador na villa de Coruche, me foi requerido dizendo, que elle era filho legitimo de legitimo matrimonio de Manuel Monteiro, e de sua legitima mulher Antonia Dias, já defuntos, por linha direita legitima masculina, sem bastardia; e neto por parte do dito seu pae, de Antonio de Paiva, e de Filippa Monteiro sua mulher, moradores que foram na villa de Sevadim, os quaes procedem dos Cardosos, Fonsecas, Monteiros, e Saraivas, que n'este reino são pessoas muito nobres e fidalgos de cotta de armas, sem n'elles haver raça de moiro, nem de judeu, e que sempre viveram, e se trataram á lei da nobreza com armas, cavallos, creados e gente de seu serviço, e assim mesmo vive o supplicante Antonio Cardoso da Fonseca, á lei da nobreza com armas cavallos escravos, creados, e gente de seu serviço como á nobreza convém, como constava de um instrumento publico de testemunhas, que dizia ser feito em publico por autoridade de justiça n'esta cidade de Lisboa, por Antonio da Guerra, tabellião publico diante os juizes do civel d'esta cidade de Lisboa, aos oito dias do mez de março de 1621 annos; pelo que me pedia, que por a memoria dos seus antecessores se não perder, lhe désse, e passasse um escudo com as armas, que ás ditas linhagens pertencem, e as elle de direito, por lhe pertencerem devia de trazer para d'ellas usar, e gosar das honras, e liberdades, e mais preeminencias concedidas ás ditas armas. E visto por mim seu requerimento, e pelo que constava do dito instrumento de testemunhas, com o poder, que tenho de meu real officio, busquei os livros da nobreza e fidalguia do reino, que em meu poder estão, e n'elles achei registadas as armas das ditas gerações serem de cotta de armas, e serem estas, que aqui lhe dou divisadas e illuminadas, Sict um escudo esquartelado, o primeiro dos Fonsecas, que trazem em campo de ouro cinco estrellas de vermelho em aspa: o segundo dos Monteiros, que trazem em campo de prata tres cornetas de preto, e um roquete com bocaes de ouro guarnecidos e cordões vermelhos: o terceiro dos Saraivas, que trazem o escudo vermelho partido em faxa, a primeira de cima de veiros de prata e azul, a segunda debaixo de ondas de mar, e uma bordadura de vermelho *com as cabeças de hua cruz de Aviz* de ouro [1]: o ultimo dos Cardosos, que trazem em campo vermelho dois cardos floridos com raizes de prata, entre dois leões batalhantes armados de preto, e por differença no primeiro dos Fonsecas, um trifolio de verde, que com as ditas armas deve trazer, segundo o regimento da armaria, e côres das armas, e por timbre um meio touro de vermelho com os cornos e unhas de ouro, e na espadua uma estrella de ouro, armado do mesmo. E por assim dever trazer as ditas armas, requeiro ás justiças de El-rei nosso senhor, e aos fidalgos de cotta de armas deixem trazer ao dito Antonio Cardoso da Fonseca Monteiro, as ditas armas nos actos em que a nobreza d'ellas

[1] Em nota marginal ás palavras que vão em italico lê-se: «*Com quatro flôres de lis de ouro*:» talvez para substituir as referidas palavras.

lhe dá logar, e em especial mando aos officiaes da nobreza como juiz que sou d'ella, a cumpram, e guardem, e façam cumprir, e guardar, como n'ella se contém, e por verdade lhe mandei passar a presente por mim assignada. Dada n'esta cidade de Lisboa aos dez dias do mez de março de 1621 annos, e eu Domingos Corrêa, escrivão da nobreza por provisão de sua magestade, a fiz escrever, e sobescrevi. — *Portugal Rei de armas.*

VI

Brazão de armas concedido a Antonio Homem de Magalhães

(1605)

Portugal rei de armas principal n'estes reinos e senhorios de Portugal, pelo muito alto e poderoso rei D. Filippe nosso senhor etc. Faço saber a quantos esta minha carta e brazão de armas, e certidão digna de fé, e crença virem, que por parte de Antonio Homem de Magalhães, juiz dos orfãos na villa de Porto de Moz, me foi requerido, dizendo que elle era filho legitimo de Vidal Homem de Magalhães, e de Maria Cid sua mulher, moradores que foram na villa de Ourem; e da parte do dito seu pae, era neto de Nuno Rõiz de Magalhães, e bisneto de Rodrigo Affonso de Magalhães, e tresneto de João Pires de Magalhães, e de D. Maria de Lima; Por parte da dita sua mãe d'elle supplicante era neto de João Homem, e bisneto de Lopo Homem, e tresneto de Fernão Rõiz Homem, contador que foi da cidade de Coimbra, e assim o dito seu pae, mãe, e avós, bisavós, acima declarados, eram descendentes das nobres linhagens dos Magalhães, e Homens, que n'este reino são fidalgos de cotta das armas, e como taes foram sempre tidos, havidos e conhecidos, e como taes se trataram, e serviam com creados, e cavallos, sem n'elles haver bastardia, nem raça de judeu, nem mouro, e assim mesmo se trata elle supplicante, como tudo constava dos instrumentos que me apresentava: pelo que me requeria da parte do dito senhor, que por a memoria dos seus antecessores se não perder, lhe désse, e passasse um escudo das armas, que ás ditas linhagens pertencem, e a elle de direito por lhe pertencer devia trazer, para d'ellas usar e gozar da fidalguia, honras, e liberdades, que por bem da nobreza d'ellas gosaram seus antecessores. E visto por mim seu requerimento, e instrumentos authenticos passados em fórma devida, que em meu poder ficam, pelos quaes consta o sobredito, com o poder, e auctoridade, que de meu real officio para isso tenho, busquei os livros da nobreza da nobre fidalguia d'este reino, e n'elles achei registradas as armas das nobres linhagens dos Magalhães, e Homens, que n'este reino são fidalgos de cotta de armas, que por parte do pae, e mãe do supplicante Antonio Homem de Magalhães lhe pertence as ditas armas, como n'este escudo lh'as dou divisadas, e illuminadas. Ss. Esquartelado, o primeiro dos Magalhães de prata com tres fachas enxequetadas do mesmo, e vermelho de tres peças em palla. O segundo dos Homens de azul com seis crescentes de ouro cada tres em palla, e assim os contrarios; e por differença uma merleta de prata; por timbre um abutre do primeiro, bico, e pés de ouro, lingoa, e unhas de vermelho. Elmo de prata aberto guarnecido de ouro; paquife dos metaes, e côres das armas; E por lhe assim pertencer, e as dever assim trazer e d'ellas usar, requeiro ás justiças da parte do dito senhor, e por bem do officio da nobreza, guardem ao dito Antonio Homem de Magalhães as honras, e liberdades, e mais preeminencias concedidas ás ditas armas, e lh'as deixem trazer, e possuir nos actos em que a nobreza d'ellas lhe dá logar; e em especial mando aos officiaes da nobreza, como juiz que sou d'ella, o cumpram e façam inteiramente cumprir, e guardar, e por verdade lhe passei esta carta de brazão, e certidão por mim assignada, e sellada de minhas armas. Dada n'esta cidade de Lisboa ao primeiro dia do mez de julho. Antonio Rõiz a fez por Balthazar do Valle Cerqueira, cavalleiro da casa do dito senhor e seu rei de armas India, e escrivão da nobreza d'estes reinos, e senhorios de Portugal. Anno do nascimento de nosso senhor Jesu Christo de mil

e seis centos e cinco annos etc. — Eu Balthazar do Valle Cerqueira a fiz escrever, e sobescrevi. — Pagou ao rei de armas Portugal um marco de prata, e ao escrivão de feitio, pergaminho, cominação, e registo dois mil e quatro centos réis. — *Rei de armas.* — Fica registada no livro do registo dos brazões, a folhas xx6u por mim escrivão, e por verdade assignei aqui hoje 8 de julho de 1605 annos etc. — *Balthazar do Valle e Cerqueira.*

VII

Brazão de armas concedido a Antonio Luiz de Sá Pereira

(1731)

DOM JOÃO por graça de Deus rei de Portugal e dos Algarves d'aquem e d'além mar em Africa, senhor de Guiné, e da conquista, navegação do commercio da Ethiopia, Arabia, Persia e India etc. A quantos esta minha carta virem, faço saber que o doutor Antonio Luiz de Sá Pereira me fez petição em como elle descendia, e vinha da geração e linhagem dos Sás, Pereiras, e Carvalhos, e suas armas lhe pertenciam de direito, e pedindo-me por mercê que para a memoria de seus antecessores se não perder, e elle gosar da honra das armas que pelos merecimentos de seus serviços ganharam, e lhe foram dadas, e assim dos privilegios, honras, graças, e mercês que por direito e por bem d'ellas lhe pertencem, lhe mandasse dar minha carta das ditas armas que estavam registadas em os livros dos registos das armas dos nobres, e fidalgos de meus reinos, que tem Portugal meu principal rei de armas. A qual petição vista por mim, mandei sobre ella tirar inquirição de testemunhas pelo doutor Alexandre Botelho de Moraes, do meu desembargo e meu desembargador em esta minha côrte e casa da supplicação, corregedor do civel em ella, e por Felix Carlos de Sousa, escrivão do dito juizo; pelas quaes fui certo, que elle procede e vem da geração e linhagem dos ditos Sás, Pereiras, e Carvalhos, como filho legitimo de Domingos de Carvalho, e de sua mulher Francisca das Chagas, neto pela parte paterna de Domingos Gonçalves, e de sua mulher D. Natalia de Sá Pereira de Carvalho, por cuja ascendencia lhe tocam os ditos appellidos, por serem de Montemór-o-velho d'onde foram moradores, legitimos descendentes dos que casaram no logar de Condeixa, na casa de Manuel de Sá Pereira e sempre por tal se trataram. Neto pela parte materna de Antonio Luiz de Sá, e de sua mulher Marianna de Sá, os quaes todos foram pessoas nobres e sempre se trataram á lei da nobreza, com estado a ella devido como pessoas nobres que eram, sem que n'elles houvesse raça de judeu, mouro ou mulato, nem de outra infecta nação, e que de direito as suas armas lhe pertencem, as quaes lhe mandei dar em esta minha carta com seu brazão, elmo, e timbre, como aqui são divisadas, e assim como fiel e verdadeiramente se acharam divisadas e registadas em os livros dos registos do dito Portugal meu rei de armas. A saber: um escudo esquartelado, no primeiro e quarto quartel as armas dos Sás, que são escudo jaquetado de prata e azul, seis peças em palla, sete: no segundo as dos Pereiras, em campo vermelho uma cruz de prata floreteada, e vasia do campo, no terceiro as dos Carvalhos, em campo azul uma quaderna de luas de prata apontadas, em o meio d'ellas uma estrella de ouro. Elmo de prata aberto guarnecido de ouro. Paquife dos metaes e côres das armas. Timbre o dos Sás, que é um bufaro negro nascente armado de prata, com uma argola de ouro nas ventas, e por differença uma brica de ouro com um crescente vermelhado. O qual escudo, armas e signaes, possa trazer e traga o dito Antonio Luiz de Sá Pereira, assim como as trouxeram e d'ellas usaram seus antecessores, e os nobres e antigos fidalgos sempre as costumaram trazer, em tempo dos mui esclarecidos reis meus antecessores, e com ellas possa entrar em batalhas, campos, escaramuças, e exercitar com ellas todos os outros actos licitos da guerra e de paz, e assim as possa trazer em seus firmaes, anneis, sinetes e divisas, e as pôr em suas casas e edificios, e deixal-as sobre sua propria sepultura, e finalmente se servir e honrar,

e gosar e aproveitar d'ellas em todo e por todo como a sua nobreza convém. Com o que quero e me praz que haja elle e todos os seus descendentes, todas as honras, privilegios, liberdades, graças e mercês, isenções e franquezas, que hão e devem haver os fidalgos nobres, e de antiga linhagem, e como sempre de todo usaram e gosaram seus antecessores. Pelo que mando todos os meus corregedores, e desembargadores, juizes, justiças, alcaides, e em especial aos reis de armas, arautos e passavantes, e a quaesquer outros officiaes e pessoas a quem esta minha carta fôr mostrada, e o conhecimento d'ella pertencer, que em tudo lh'a cumpram e guardem, e façam cumprir e guardar como n'ella é conteudo, sem duvida nem embargo algum, que em ella lhe seja posto, porque assim é minha mercê. El-rei nosso senhor o mandou por Manuel Pereira da Silva, seu rei de armas Portugal. Fr. José da Cruz, da ordem de S. Paulo, reformador do cartorio da nobreza do reino por especial provisão do dito senhor a fez. Anno do nascimento de nosso senhor Jesus Christo de 1731, aos trinta dias do mez de outubro, e vai sobescripta por Antonio Francisco e Sousa, escrivão da nobreza n'estes reinos e senhorios de Portugal, e suas conquistas. E eu Antonio Francisco e Sousa a sobscrevi. —*Rei de armas Portugal.*

VIII

Brazão de armas concedido ao doutor Antonio de Magalhães Correa

(1754)

DOM JOSÉ por graça de Deus rei de Portugal, e dos Algarves d'aquem e d'além mar em Africa, senhor de Guiné, e da conquista, navegação, commercio da Ethiopia, Arabia, Persia, e da India etc. Faço saber aos que esta minha carta virem, que o bacharel Antonio de Magalhães Corrêa, juiz de fóra de Monforte, natural da villa da Cachoeira, comarca da Bahia, me fez petição, dizendo que elle vinha por legitima descendencia da nobre geração, e linhagem dos Magalhães, Corrêas, Falcões, e Caldas, que n'este reino são fidalgos de linhagem, e cotta de armas, e me pedia por mercê que para a memoria de seus antepassados se não perder, e elle poder usar, e gosar da honra das armas, que pelos merecimentos de seus serviços ganharam, e lhe foram dadas, assim dos privilegios, honras, graças, e mercês, que por direito, e por bem d'ellas lhe pertencem, lhe mandasse dar minha carta das ditas armas, que estavam registadas em os livros dos registos das armas dos nobres, e fidalgos de meus reinos, que tem Portugal meu principal rei de armas; para o que me apresentou uma sentença de sua ascendencia e nobreza, proferida pelo doutor Antonio Martins dos Reis, meu desembargador e corregedor do civel da côrte, e casa da supplicação, escripta por José Antonio da Silva, escrivão do dito juizo, em a qual depois de tirar inquirição das testemunhas julgou o dito meu corregedor, ser o supplicante de antiga nobreza, sangue limpo, e legitimo descendente das ditas familias dos Magalhães, Corrêas, Falcões, e Caldas por provar ser filho legitimo do tenente coronel Lourenço Corrêa Lisboa, natural d'esta cidade, e de sua mulher D. Maria dos Santos Magalhães, natural da villa da Cachoeira, neto pela parte paterna de Luiz Corrêa, natural da villa de Palmella, e de sua mulher Francisca Falcoa, natural d'esta cidade, e pela materna ser neto de Francisco de Magalhães, natural de Santa Senhorinha do concelho de Basto, arcebispado de Braga, e de sua mulher Giralda Corrêa de Caldas, natural da villa da Cachoeira, comarca da Bahia, e que os ditos seus paes, e avós foram pessoas muito nobres, e legitimos descendentes das ditas familias, e como taes se trataram sempre á lei da nobreza, servindo-se com creados, escravos, cavallos, e armas, como pessoas nobres que eram, sem que nas ditas gerações houvesse raça alguma de judeu, mouro, ou mulato, nem de outra infecta nação, e assim lhe pertencem de direito as suas armas, as quaes lhe mando dar em esta minha carta com seu brazão, elmo, e timbre, como aqui são divisadas, e assim como fiel, e verdadeiramente se acharam illuminadas e registadas em os livros dos

registos do dito Portugal meu principal rei de armas. A saber: Um escudo esquartelado, no primeiro quartel as dos Magalhães, que são em campo de prata tres fachas xadrezadas de vermelho, e prata, cada uma de tres peças em palla. No segundo as dos Corrêas, são em campo de ouro fritado de corrêas sanguinhas de seis peças repassadas umas por outras. No terceiro as dos Falcões, que são em campo azul tres bordões de Sant'Iago de prata postos em tres pallas, com os nós vermelhos, e os ferros de ouro. No quarto as dos Caldas, que são em campo de prata cinco cyprestes de sua côr postos em santor. Elmo de prata aberto guarnecido de ouro; paquife dos metaes, e côres das armas, e por differença uma brica de ouro com um trifolio verde. Timbre o dos Corrêas, que são dois braços armados postos em aspa atados com uma corrêa sanguinha das proprias armas. O qual escudo, e armas poderá trazer e traga o dito Antonio de Magalhães Corrêa, assim como as trouxeram, e d'ellas usaram os ditos nobres, e antigos fidalgos seus antecessores, e com ellas possa entrar em batalhas, campos, rectos, escaramuças, e exercitar com ellas todos os outros actos licitos da guerra, e da paz, e assim as possa trazer em seus firmaes, anneis, sinetes, e divisas; pôl-as em suas casas, e edificios, e deixal-as sobre sua propria sepultura; e finalmente se poderá servir, honrar, gosar, e aproveitar d'ellas em todo e por todo como á sua nobreza convém: com o que quero, e me praz, que haja elle todas as honras, privilegios, liberdades, graças, mercês, exempções, e franquezas, que hão e devem haver os fidalgos e nobres de antiga linhagem, e como sempre de todo usaram e gosaram os ditos seus antepassados. Pelo que mando a todos meus desembargadores, corregedores, juizes, justiças, alcaides, e em especial aos meus reis de armas, arautos, e passavantes, e a quaesquer outros officiaes, e pessoas a quem esta minha carta fôr mostrada, e o conhecimento d'ella pertencer, que em tudo lh'a cumpram e guardem, e façam cumprir e guardar como n'ella é conteudo, sem duvida, nem embargo algum que em ella lhe seja posto, porque assim é minha mercê. El-rei nosso senhor o mandou por Manuel Pereira da Silva, cavalleiro professo na ordem de Christo, seu rei de armas Portugal. Dada n'esta côrte, e cidade de Lisboa aos quatro dias do mez de janeiro do anno do nascimento de nosso senhor Jesus Christo de mil setecentos e cincoenta e quatro. E eu Rodrigo Ribeiro da Costa, escrivão da nobreza n'estes reinos, e senhorios de Portugal por sua magestade, que Deus guarde, a fiz escrever, e sobescrevi. — *Portugal Rei d'armas principal.*

IX

Brazão de armas concedido a Antonio da Nobrega Botelho

(1720)

Portugal rei de armas principal n'estes reinos de Portugal, do muito alto e poderoso rei D. João o quinto nosso senhor, por graça de Deus rei de Portugal, e dos Algarves, d'aquem, e d'além, mar em Africa, senhor de Guiné, e da conquista, navegação, do commercio da Ethiopia, Arabia, Persia, e India, etc. Faço saber a quantos esta minha carta, e certidão de brazão de armas, fidalguia, e nobreza, digna de fé, e crença virem, que por parte de Antonio da Nobrega Botelho, natural e morador n'esta cidade de Lisboa, me foi feita petição, dizendo que pela sentença junta, que offerecia, passada em nome de sua magestade, pela chancellaria da corte, pelo doutor Alexandre da Silva Correa, do seu desembargo, e seu desembargador em esta sua côrte, e casa da supplicação, corregedor com alçada dos feitos, e causas civeis em ella, constava ser o supplicante descendente das nobres familias dos Nobregas, Almeidas, Botelhos, e Ferreiras, que n'este reino são fidalgos antigos de cotta de armas, por ser filho legitimo de Francisco da Cruz da Nobrega, e de sua mulher D. Andreza Maria de Sousa Botelho, irmão de Manuel Ferreira Botelho, alcaide mór da ilha Grande dos Reis, a quem el-rei o senhor D. Pedro II mandou passar brazão de armas dos Ferreiras, e Botelhos, no anno de 1683; neto pela parte paterna de Antonio da

Cruz da Nobrega, irmão do capitão Paulo de Almeida Caro, a dos Nobregas, e Almeidas, no anno de 1704, e de Manuel de Almeida Caro, e de sua mulher Isabel da Nobrega, filha de Christovão da Nobrega, que era filho do desembargador Gaspar da Nobrega, a quem el-rei D. João o terceiro mandou passar o brazão de armas dos Nobregas no anno de 1537. Neto pela parte materna do capitão Aleixo Ferreira Botelho, cavalleiro fidalgo da casa real, e de sua mulher D. Marianna de Sousa Chichorra, e assim pela parte paterna, como materna, lhe competem as ditas armas. Dos quaes todos descendia elle supplicante, e que sempre se trataram a lei da nobreza, sem que n'elles houvesse raça de judeu, mouro, ou mulato, ou de outra infecta nação, e por tal lhe estava julgado na dita sentença: e por se não perder a memoria de seus progenitores, e de sua antiga fidalguia, e nobreza, queria elle para conservação d'ella um brazão de armas pertencente ás ditas familias dos Nobregas, Botelhos, Ferreiras, e Almeidas; pelo que me pedia lhe mandasse passar carta de brazão de armas em forma, assim como elle as havia de trazer, e d'ellas usar. E vista a dita sua petição, e sentença e mais documentos, n'ella insertos, que ficam no cartorio da nobreza, e por ella consta estar o supplicante julgado por legitimo descendente das ditas familias, pelo haver assim provado e justificado largamente na dita sentença, da qual achei deduzido todo o conteudo na dita petição. Em virtude da qual provi o livro da fidalguia do reino, que em meu poder tenho, e n'elle achei registadas as armas, que ás ditas linhagens pertencem, que são as que n'esta lhe dou divisadas e illuminadas; a saber: um escudo posto ao balon esquartelado, no primeiro quartel as armas dos Nobregas, que são em campo de ouro quatro bastões vermelhos postos a pala; no segundo quartel, as armas dos Botelhos, que são em campo vermelho quatro bandas de ouro; no terceiro quartel as armas dos Ferreiras que são em campo vermelho, quatro faxas de ouro; no quarto quartel as armas dos Almeidas, que são em campo vermelho seis bezantes de ouro, entre uma cruz dobre com bordaduras de ouro. Elmo de prata aberto guarnecido de ouro; paquife dos metaes, e côres das armas; timbre o dos Nobregas, que é um leão de ouro nascente com um bastão vermelho nas mãos, e por differença uma estrella azul. E porque estas são as armas que ás ditas linhagens pertencem, eu Manuel Leal rei de armas Portugal, e principal, com o poder do meu muito nobre e real officio lh'as dou, e assigno, assim como vão no dito escudo, as quaes armas poderá usar, acto, e prerogativa de sua nobreza e fidalguia, e com ellas gosar de todas as graças, mercês, honras, e privilegios, que pelos senhores reis d'este reino foram concedidos aos fidalgos, e nobres d'elle, e com ellas poderá entrar em batalhas, justas e torneos, e em todos e quaesquer actos assim de paz, como de guerra, e em tudo que licito, e honesto fôr, e as poderá trazer em suas baixellas, reposteiros, anneis, e sinetes, e nos portaes de suas casas, e quintas, e deixal-as sobre sua propria sepultura, e finalmente servindo-se e honrando-se d'ellas como a sua nobreza, e fidalguia convém, e como fazem os mais fidalgos, e nobres d'este reino. Pelo que requeiro a todos os desembargadores, corregedores, ouvidores, juizes, e mais justiças de sua magestade da parte do dito senhor, e da minha por bem do officio que tenho, e em especial mando aos officiaes da nobreza como juiz que sou d'ella, reis de armas, arautos, e passavantes, a cumpram, e façam inteiramente cumprir, e guardar, assim como por mim é determinado, e julgado, e por firmeza de tudo vai por mim assignada com o signal publico do nome do meu officio. Dada n'esta côrte e cidade de Lisboa occidental em 5 de janeiro de 1720. José da Cruz Paulino, a fez por José Duarte Salvado, cavalleiro da casa real, escrivão da nobreza n'estes reinos e senhorios de Portugal; e eu José Duarte Salvado a fiz escrever, e subscrevi.

X

Brazão de armas concedido a Antonio Preto Arraez de Mendoça

(1589)

Portugal principal rei de armas do mui alto, e muito poderoso rei D. Filippe nosso senhor d'estes reinos de Portugal, e cavalleiro professo da ordem de Sant'Iago. Faço saber a quantos esta minha carta de brazão e armas de nobreza digna de fé, e crença virem, que Antonio Preto Arraez de Mendoça, morador e cidadão d'esta cidade de Lisboa, me pediu e requereu, que por quanto elle descendia, por linha direita legitima masculina, e sem bastardia por parte de seu pae Antonio Preto Arraez de Mendoça, e de seu avô Christovão Arraez de Mendoça, cavalleiro da ordem de Sant'Iago, e de seu bisavô Duarte Arraez de Mendoça, e de seu tresavô Vicente Arraez de Mendoça, e de seu quarto avô Gonçalo Arraez de Mendoça, das gerações, e linhagens dos Arraez, e Mendoças, que n'estes reinos são fidalgos de cotta de armas, como constava dos instrumentos autorisados em fórma devida por autoridade de justiça, que apresentava, que lhe désse um escudo com as armas, que ás ditas linhagens pertencem, e as elle de direito por lhe pertencerem devia trazer, para d'ellas usar, e gosar das honras, e liberdades, que por bem da nobreza d'ellas gosaram seus antepassados. Pelo que provendo a seu requerimento por virtude do que constava dos ditos instrumentos, com o poder, e autoridade que de meu officio para isso tenho, busquei os livros da nobreza da nobre fidalguia do reino, que em meu poder estão, e acho n'elles as armas, que ás ditas linhagens pertencem, serem estas que em esta lhe dou illuminadas. O escudo esquartelado, ao primeiro dos Arraez, que trazem o campo vermelho, e nove folhas de golfão de ouro postas em tres palas, e ao segundo dos Mendoças, que trazem o campo franchado, ao primeiro de verde, e uma banda de vermelho acoticada de ouro, e ao segundo de ouro, e um S preto, e assim os contrarios, e o contrario do primeiro. Elmo de prata aberto guarnecido de ouro, paquife de ouro, e vermelho, e ouro e verde, entrecambado, e por timbre, um meio selvagem com um remo de ouro ás costas, e por differença uma estrella de prata; que com ellas pois lhe pertencem pela dita maneira, segundo regimento da armaria deve trazer, e por assim dever d'ellas usar requeiro ás justiças da parte do dito senhor, e por bem do officio da nobreza guardem ao supplicante as honras, e liberdades, e mais preminencias concedidas ás ditas armas, e lhas deixem trazer, e possuir nos autos, em que a nobreza d'ellas lhe dá logar, e por verdade lhe passei esta certidão de brazão em Lisboa por mim assignada aos dezoito dias do mez de fevereiro. Diogo de S. Romão a fez, anno do nascimento de nosso senhor Jesus Christo, de mil e quinhentos e oitenta e nove. — *Portugal principal rei de armas.*

XI

Brazão de armas concedido a Antonio Rodrigues Cotrim

(1572)

Portugal rei de armas principal de El-rei nosso senhor. Faço saber a quantos esta minha carta de certidão de brazão de armas, digna de fé e crença virem, que Antonio Rodrigues Cotrim, fidalgo de cotta de armas, morador na sua quinta do termo da villa de Dornes, e capitão pelo dito senhor, da gente da ordenança da dita villa, me pediu e requereu, que por quanto elle descendia, por linha directa masculina sem bastardia, por parte de seu pae, Ruy Lopes Cotrim, e de seu avô Lopo Martins Canas Cotrim, e de seu bisavô João Martins Canas Cotrim, fidalgo que foi da casa do infante D. Henrique, mestre que foi da ordem de Christo, e de seu tresavô Jaymes Cotrim Canas, monteiro-

mór que foi do dito infante, chefe d'esta geração dos Cotrins, que n'estes reinos são fidalgos de cotta de armas, como constava dos instrumentos, e mais papeis, que apresentava; que por quanto elle era filho mais velho, descendente da dita geração, e chefe d'ella, que lhe désse um escudo com as armas que á dita linhagem pertencem, e elle por lhe pertencerem de direito, como chefe devia trazer, pois era tresneto mais velho do dito Jaymes Cotrim Canas, chefe que foi d'esta geração. Pelo que eu busquei os livros da nobreza, que em meu poder estão, e acho que as armas, que á dita linhagem pertencem serem estas, que estavam illuminadas: sc. O escudo enchaquetado de azul, e ouro de seis peças em faxa, e com mais seu paquife, elmo, e timbre. As quaes lhe dou, como a chefe pertencem pelo ser, pela maneira sobredita. E certifico ser passada carta das ditas armas em forma pelo antecessor do meu antecessor ao dito Lopo Martins Canas Cotrim, a 9 de novembro de 1504, pelo que ao supplicante devem ser guardadas as liberdades concedidas ás ditas armas. E por verdade lhe passei esta por mim assignada. Diogo de S. Romão a fez em Lisboa aos 14 de março de 1572 annos. —*Portugal rei de armas.*

XII

Brazão de armas concedido ao doutor Antonio da Silva de Almeida

(1723)

Portugal rei de armas principal n'estes reinos, e senhorios de Portugal do muito alto, e poderoso rei D. João o quinto, nosso senhor, por graça de Deus rei de Portugal, e dos Algarves d'aquem, e d'além, senhor de Guiné, e da conquista, navegação do commercio da Ethiopia, Arabia, Persia, e India etc. Faço saber a quantos esta minha carta e certidão de brazão de armas, fidalguia, e nobreza, digna de fé e crença virem, que por parte de Antonio da Silva, cavalleiro fidalgo da casa de sua magestade, professo na ordem de Christo, familiar do Santo Officio, me foi feita a petição dizendo: que pela sentença junta, que offerecia passada em nome de sua magestade, pela chancellaria da côrte, pelo doutor Manuel Alvares Pereira do seu desembargo, e seu desembargador em esta sua côrte e casa da supplicação, corregedor com alçada dos feitos, e causas civeis em ella, constava ser o supplicante descendente das nobres, e illustres familias dos Costas, e Silvas, que n'este reino são fidalgos antigos de cotta de armas, por ser filho legitimo de Roque da Costa e Silva, cavalleiro fidalgo da casa de sua magestade, professo na ordem de Christo, familiar do Santo Officio, e de sua mulher D. Isabel da Encarnação de Avellar; neto pela parte paterna de Antonio da Silva, e de sua mulher D. Jeronyma da Costa, neto pela parte materna de Pascoal Gomes de Avellar, e de sua mulher Maria Ferreira, os quaes foram fidalgos de cotta de armas, descendentes das nobres familias de que se appellidavam, cujas armas sempre uzaram, dos quaes todos referidos avós descende elle supplicante, e que sempre se trataram á lei da nobreza com cavallos, e creados, sem que n'elles houvesse raça de judeu, mouro, ou mulato, ou de outra infecta nação, e por tal lhe estava julgado a dita sentença; e por se não perder a memoria de seus progenitores, e da sua antiga fidalguia, e nobreza, queria elle, para conservação d'ella, um brazão de armas pertencente ás ditas fidalguias dos Costas e Silvas, pelo que me pedia lhe mandasse passar carta de brazão de armas em forma, assim como elle as havia de trazer, e d'ellas usar; e vista a sua petição e sentença, que fica no cartorio da nobreza, e por ella consta estar o supplicante julgado por legitimo descendente das ditas familias, pelo haver assim provado e justificado largamente na dita sentença, em virtude da qual provi o livro da fidalguia, e nobreza do reino, que em meu poder tenho, e n'elle achei registadas as armas, que ás ditas linhagens pertencem, que são as que n'esta lhe dou divisadas, e illuminadas a saber: Um escudo direito partido em palla, na primeira palla as armas dos Costas, que são em campo vermelho, seis costas de prata firmadas no escudo, postas em

tres faxas. Na segunda palla as armas dos Silvas, que são em campo de prata um leão rompente de purpura armado de azul, elmo de prata aberto guarnecido de ouro, paquife dos metaes, e côres das armas, timbre dos Costas, que são seis costas de prata postas em palla, e por differença uma brica de ouro, e n'ella um trifolio preto. E porque estas são as armas, que ás ditas armas pertencem, eu Manuel Leal, rei de armas Portugal e principal com o poder do meu muito nobre, e real officio lh'as dou, e asseguro assim como vão no dito escudo, as quaes armas poderá usar como acto, e prerogativa da sua nobreza, e fidalguia, e gosar de todas as graças, mercês, honras, e privilegios, que pelos senhores reis d'este reino foram concedidos aos fidalgos, e nobres d'elle, e em especial aos das ditas gerações, e com ellas poderá entrar em batalhas, justas, e torneios, e em todos, e quaesquer actos, assim de paz, como de guerra, e em tudo que licito, e honesto fôr, e as poderá trazer em suas baixellas, reposteiros, anneis, e sinetes, e nos portaes de suas casas, e quintas, e deixal-as sobre sua propria sepultura, e finalmente servindo-se, e honrando-se d'ellas, como á sua nobreza, e fidalguia convém, e como fazem os mais fidalgos, e nobres d'este reino. Pelo que requeiro a todos os desembargadores, corregedores, ouvidores, juizes, e mais justiças de sua magestade, da parte do dito senhor e da minha, por bem do dito officio, que tenho, e em especial mando aos officiaes da nobreza, como juiz que sou d'ella, reis de armas, arautos e passavantes a cumpram façam integralmente cumprir e guardar, assim como por mim é determinado, e julgado, e por firmeza de tudo vai por mim assignada com o signal publico do nome do meu officio. Dada n'esta côrte, e cidade de Lisboa occidental aos 9 de julho do anno do nascimento de nosso senhor Jesus Christo de 1723. — Fr. José da Cruz, da ordem de S. Paulo, reformador do cartorio da nobreza, a fez por especial provisão de sua magestade, que Deus guarde, e vai subscripta por Simão da Silva Lamberto, escrivão de nobreza n'estes reinos, e senhorios de Portugal, e suas conquistas. — Vai escripta em duas meias folhas de pergaminho excepto esta, e a do titulo, e vai por mim rubricada, e eu Simão da Silva Lamberto a subscrevi. — *Portugal rei de armas principal, Manuel Leal.*

XIII

Brazão de armas concedido a Balthasar Pereira de Azevedo Venegas

(1714)

Portugal rei de armas principal n'estes reinos, e senhorios de Portugal do muito alto e poderoso rei nosso Senhor D. João o quinto, rei de Portugal e dos Algarves d'aquem e d'alem mar em Africa, senhor de Guiné, e da conquista, navegação, commercio da Ethiopia, Arabia, Persia e India, etc. Faço saber a quantos esta minha carta de certidão de brazão de armas, fidalguia illustre e antiga nobreza, digna de inteira fé e crença virem, que por parte de Balthasar Pereira de Azevedo Venegas, natural de Villa-franca de Xira, me foi feita petição por escripto, dizendo-me que pela sentença junta que offerecia, passada em nome de sua magestade, e pela chancellaria da côrte, promulgada pelo doutor desembargador Gonçalo da Cunha Villas-boas, do desembargo do dito senhor, e da casa da supplicação, e corregedor com alçada dos feitos e causas civeis em sua côrte, constava ser elle supplicante fidalgo de illustre e antigo solar, da casa dos senhores de Luque em o reino de Castella, e como tal descendencia das illustres e reaes familias dos Venegas, Alencastros, Pereiras e Sás, por ser filho legitimo de Antonio Pereira de Azevedo Venegas, e de D. Marianna Barreto de Lima, neto pela parte paterna de Fernão Lopes Pereira Venegas Peralta, e de D. Paula de Azevedo Vasconcellos, filha de Manuel de Azevedo, e de D. Maria Ribeiro de Mello, filha de João Dias Ribeiro Soares, desembargador do paço, e de D. Maria Manuel de Mello, filha de D. Gomes de Mello, alcaide mór de Lamego, estribeiro mór do infante D. Duarte, e filho de Diogo de Mello e D. Maria

Manuel, filha de D. Francisco de Faro, que foi filho de D. Affonso conde de Faro, filho de D. Fernando II, duque de Bragança; e bisneto pela mesma parte de legitima varonia de Garcia Venegas, de D. Isabel Pereira de Peralta e Alencastro, filha herdeira de Lopo Pereira de Peralta, fidalgo da casa real e gentilhomem da camara de el-rei D. Filippe III, e IV, commendador da ordem de Christo, e de D. Constança de Alencastro, filha de D. Jeronymo de Alencastro, irmão de D. Alvaro, terceiro duque de Aveiro, filho de D. Affonso de Alencastro, commendador mór da ordem de Sant'Iago, e Aviz, duque de Coimbra, marquez de Torres-novas, senhor de Aveiro, que era filho de el-rei D. João o II de Portugal, filho de el-rei D. Affonso V, filho de el-rei D. Duarte, que era filho de el-rei D. João o primeiro, e da rainha a senhora D. Filippa de Alencastro, filha de João duque de Alencastro, o quarto de Inglaterra, que era filho de Eduardo terceiro rei de Inglaterra: descendente por esta parte dos senhores reis de Portugal, e Inglaterra, que o dito seu terceiro avô Lopo Pereira de Peralta, era filho de Affonso Lopes Pereira de Peralta, fidalgo da casa real, que acompanhou na jornada de Africa ao senhor rei D. Sebastião, o qual era filho de Diogo Lopes Pereira, filho de Alvaro Pereira Coutinho, que foi filho de Miguel Pereira Coutinho, filho de Alvaro Pereira Coutinho, que fôra filho de D. João Pereira, commendador do Pinheiro, filho de Ruy Pereira, o primeiro que se chamou conde da Feira, descendendo por esta parte do conde D. Mendo, irmão de Desiderio, ultimo rei da Lombardia. Terceiro neto de D. Luiz Venegas de Figueiroa, que passou a este reino com a senhora princeza D. Joanna, mãe do senhor rei D. Sebastião, e n'elle embaixador, e em Allemanha por Filippe II, de quem tambem foi aposentador mór e estribeiro mór da rainha, a senhora D. Anna, commendador de Goaldacanalo e Maratilha, e treze na ordem de Sant'Iago, e de D. Guiomar de Sá, dama da imperatriz D. Isabel, mulher de Carlos V, e filha de Antonio Jusarte de Mello, e de D. Guiomar de Sá, dama da mesma imperatriz, sendo infanta de Portugal; e filha de Gaspar de Betancourt, e de outra D. Guiomar de Sá, dama do paço, filha de João Rodrigues de Sá, senhor de Sever, Paiva, Baltar e Mattozinhos, camareiro mór de el-rei D. João o I, alcaide mór de cidade do Porto, que era filho de Rodrigo Annes de Sá, e de Cecilia Colma irmã de Agapito Colma, cardeal da egreja romana, e filho de Diogo Colma, senador de Roma, que era neto por esta parte de Paio de Sá, e dos Augustos imperadores Carlos Magno e Julio Cesar; quarto neto de D. Egas Venegas, e de D. Leonor Carrilho sua sobrinha, filha de seu primo co-irmão Luiz Venegas de Figueiroa, senhor da villa de Moratilha, e de D. Constança Carrilho; quinto neto de outro D. Egas Venegas, quinto senhor de Luque, e do concelho dos reis catholicos, e de D. Isabel de Montemaior, senhora de Albandim, filha de Affonso Fernando de Montemaior, senhor de Albandim, e Monte-alvam, e de D. Elvira de Enostrosa: sexto neto de D. Pedro Venegas, quarto senhor de Luque, do conselho de el-rei, e de D. Ignez de Solier, filha de Martim Fernandes de Cordova, senhor de Chilon e Lucena, e de D. Brites Solier; setimo neto de D. Egas Venegas, terceiro senhor de Luque, e de D. Urraca Mendes de Souto-maior, filha de Garcia Mendes de Souto-maior, senhor Delcarpe, e de D. Joanna Rõiz de Aro: oitavo neto de D. Pedro Venegas, segundo senhor de Luque, e alcaide mór de Cordova, e de D. Maria Garcia de Carrilho, filha de D. Gonçalo Fernandes de Cordova, rico homem e primeiro senhor de Aguilar, e de D. Maria Garcia Carrilho: nono neto de Egas Venegas, primeiro senhor da villa de Luque, alcaide mór de Cordova, e de D. Brites Tolezan: decimo neto de D. Pedro Venegas, alcaide mór de Cordova, e de D. Leonor, filha de Fernando Affonso, senhor de Caneta, e de D. Maria Rodrigues de Biedma: e decimo primeiro neto de D. Lourenço Venegas, vassalo de el-rei D. Affonso X, que morreu pelejando com os mouros na batalha de Martos: decimo segundo neto de D. Pedro Venegas, que se achou na conquista de Cordova: decimo terceiro neto de D. Egas Lourenço, que foi chefe dos d'esta familia illustre antiga em Castella, e de D. Mafalda, descendente por legitima linha de varonia de D. Sueiro Venegas, e de D. Sancha Bermudes, filha de D. Belmudes, conde de Trava, e da infanta D. Thereza Henriques, filha legitima do senhor conde D. Henrique de Portugal: como tudo melhor consta da sentença e

documentos; e como descendente dos sobreditos lhe pertencia o brazão das ditas quatro familias, de Venegas, Alencastros, Pereiras e Sás, e com ellas gosar todos os privilegios de fidalgo, e antigo solar, que pelos senhores reis d'este reino lhe são concedidos: pelo que me pedia lhe mandasse passar carta de certidão de brazão em forma com as ditas armas illuminadas, assim como elle supplicante as havia trazer, e d'ellas usar e receberia mercê. — E vista por mim a sua petição, sentença e mais documentos n'ella insertos, que ficam no cartorio da nobreza em poder do escrivão que esta subscreveu, e como por ella consta estar o supplicante julgado por legitimo descendente das ditas quatro gerações, pelo haver assim justificado na dita sentença, em verdade da qual provi o livro da fidalguia e nobreza d'este reino, que em meu poder tenho, e n'elle achei registadas as armas que ás ditas linhagens pertencem, que são as que n'esta lhe dou divisadas e illuminadas, a saber: O escudo posto ao balon esquartelado, no primeiro as dos Venegas em campo azul, tres barras de prata postas em pala; no segundo as dos Alencastros, que são as do reino com seu filete preto que passa por baixo das quinas; no terceiro as dos Pereiras, em campo vermelho uma cruz de prata floreteada, e vazia do campo; no quarto as dos Sás, de esquaques de azul e preto treze, e de azul quatorze, coberto com coronel; e por timbre meio leão pardo, salpicado de ouro e armado do mesmo, e por diviza uma estrella de ouro. E por que estas são as que pertencem ás ditas linhagens, eu Manuel Leal, rei de armas Portugal e principal, com o poder de meu muito nobre e real officio, lh'as dou para elle supplicante, e seus descendentes, assim como vão no dito escudo, das quaes armas poderão usar como auto e prerogativa de sua nobreza e fidalguia, e com ellas gozar de todas as graças, liberdades, honras, mercês, e privilegios, que pelos senhores reis d'este reino lhes foram concedidos, e aos fidalgos e nobres d'elle, e em especial aos da dita geração: e com ellas poderá entrar em batalhas, justas e torneios, e em todos e quaesquer actos, assim de paz como de guerra, que licitos e honestos forem; e as poderão pôr em suas baixellas, reposteiros, anneis, e sinetes, e nos portaes de suas casas e quintas, e as poderão esculpir e deixar em suas proprias sepulturas: e finalmente servindo-se e honrando-se d'ellas como a sua fidalguia convém. Pelo que requeiro a todos os desembargadores, corregedores, provedores, ouvidores, juizes e mais justiças de sua magestade, da parte do dito senhor e da minha, por bem do officio que tenho; e em especial mando aos officiaes da nobreza, como juiz que sou d'ella, reis de armas, arautos e passavantes, a cumpram e façam inteiramente cumprir e guardar, assim como por mim é determinado, e julgado, e por firmeza de tudo, vai por mim assignado, com o signal publico do nome do meu officio. Dada em esta côrte e cidade de Lisboa, em 20 de junho de 1714. — José da Cruz Paulino a fez, por José Duarte Salvado, cavalleiro da casa real, escrivão da nobreza d'este reino, e senhorios de Portugal. E eu José Duarte Salvado a fiz escrever e subscrevi. — *Portugal rei de armas principal, Manuel Leal.*

XIV

Brazão de armas concedido a Bento Pereira de Azevedo

(1706)

Portugal rei de armas principal n'estes reinos, e senhorios de Portugal do muito alto e poderoso rei e senhor nosso D. Pedro, segundo do nome, por graça de Deus, rei de Portugal e dos Algarves, d'aquem e d'além mar em Africa, senhor de Guiné, e da conquista, navegação, commercio da Ethiopia, Arabia, Persia e da India, etc. Faço saber a quantos esta minha carta de certidão de brazão de armas, fidalguia e nobreza, digna de fé, e crença virem, que por parte de Bento Pereira de Azevedo, natural d'esta cidade de Lisboa, christão velho sem raça alguma de infecta nação, e n'ella casado com D. Theotonia de Sousa de Castro, filha de Manuel Caldeira de Castro, cavalleiro do habito de

Christo, moço que foi da guarda-roupa de el-rei D. João o quarto, me foi feita petição por escripto, dizendo que pela sentença junta que offerecia, passada em nome de sua magestade, e pela chancellaria da côrte, promulgada pelos doutores desembargadores, Belchior do Rego de Andrade e Gonçalo da Cunha Villas-boas, do desembargo do dito senhor e da casa da supplicação, e corregedores com alçada dos feitos, e causas civeis em sua côrte, constava ser o supplicante descendente das nobres e illustres familias de Pereiras, Azevedos, Venegas e Peraltas, por ser filho legitimo de Fernão Lopes Pereira Peralta, e de D. Paula de Azevedo, filha de Manuel de Azevedo, e de D. Maria Ribeiro, filha do desembargador João Dias Ribeiro, descendente por esta parte dos senhores da quinta de Azevedo de entre Douro e Minho. Neto pela parte paterna de Garcia Venegas, e de sua mulher D. Isabel Pereira de Peralta, filha de Lopo Pereira de Peralta, que foi filho de Affonso Lopes Pereira, e de D. Maria de Peralta, filha de D. Gastão de Peralta e Cunha, descendente por esta parte de Ruy Pereira, o primeiro que se chamou conde da Feira, e de Martim... de Peralta, condestavel de Navarra, e do dito seu avô Garcia Venegas, foi filho de D. Luiz Venegas, e neto de D. Egas Venegas, descendente por varonia dos senhores condes de Supra, como tudo melhor consta da sentença e documentos; e como descendente dos sobreditos lhe pertencia o brazão das ditas quatro familias, dos Pereiras, Azevedos, Venegas e Peraltas, pelo que me pedia lhe mandasse passar carta de certidão de brazão, em forma com as ditas armas illuminadas, assim como elle supplicante as havia de trazer, e d'ellas usar, e receberia mercê; e visto por mim sua petição, sentença, e mais documentos em ella insertos, que ficam em poder do escrivão, que este subscreveu, e como por ella consta, como o supplicante foi julgado por legitimo descendente das ditas quatro gerações, por o haver assim provado e justificado em a dita sentença, em virtude da qual provi o livro da fidalguia e nobreza d'este reino, que em meu poder tenho, e n'elle achei registadas as armas que á dita linhagem pertencem, que são as que n'esta lhe dou divisadas, e illuminadas a saber: Um escudo esquartelado posto ao balon. No primeiro quartel as armas dos Pereiras, que são em campo sanguinho uma cruz florida de prata aberta em o meio, e no segundo quartel as armas dos Peraltas, que são em campo sanguinho um grifo de ouro com azas, e por orla oito aspas de ouro. No terceiro quartel, as armas dos Venegas, que são em campo azul tres barras de prata em palla. No quarto as armas dos Azevedos, que são em campo esquartelado o primeiro quartel de ouro, com uma aguia de preto estendida, o segundo de azul, com cinco estrellas de prata em aspa, com bordadura vermelha com oito aspas de ouro, e assim os contrarios. Elmo de prata aberto, e guarnecido de ouro. Paquife dos metaes e côres das armas. Timbre uma cruz florida de vermelho, aberta em o meio, com o vazio de prata, e por differença uma flôr de liz de ouro. E porque estas são as armas, que ás ditas linhagens pertencem, eu Antonio de Aguiar, rei de armas Portugal principal, com o poder de meu muito nobre e real officio, lh'as dou e assigno, assim como vão em o dito escudo, das quaes armas poderá usar como acto e prerogativa da sua nobreza, e fidalguia, e com ellas gosar de todas as graças, liberdades, honras e mercês, que pelos senhores reis d'este reino foram concedidas aos fidalgos e nobres d'elle, e especialmente a estas ditas gerações, e com ellas poderá entrar em batalhas, e em todos e quaesquer actos militares assim de paz, como de guerra, tanto nas cousas graves, e de necessidade, como nas voluntarias, e de passatempo, assim como justas, torneios, e tudo o mais que licito e honesto fôr, e as poderá fazer pintar e bordar em seus reposteiros, bandeiras e estandartes, e abrir e esculpir em as baixellas de sua casa, e em seus anneis e sinetes, e em todas as peças de ouro e prata, e nos portaes de suas casas e quintas, e finalmente as poderá esculpir em sua propria sepultura, servindo-se, honrando-se e aproveitando-se d'ellas como á sua nobreza e fidalguia convém, e como o fazem os demais fidalgos e nobres d'este reino: pelo que requeiro a todos os desembargadores, corregedores, ouvidores, julgadores, juizes, justiças de sua magestade da parte do dito senhor, e da minha por bem do officio que tenho, e em especial mando aos officiaes de nobreza, reis de armas,

arautos e passavantes, como juiz que sou d'ella, a cumpram e façam inteiramente cumprir e guardar como por mim é determinado e julgado, e por firmeza de tudo vai por mim assignado, com o signal publico do nome do meu officio. Dada n'esta côrte e cidade de Lisboa, aos nove dias do mez de dezembro de 1706. Daniel Manlio a fez por José Duarte Salvado, cavalleiro da casa real, e escrivão da nobreza n'estes reinos, e senhorios de Portugal. E eu José Duarte Salvado a fiz escrever e subscrevi. — *Portugal rei de armas P.*

XV

Brazão de armas concedido a Braz Alemão de Sisneiros

(1575)

Principal Portugal rei de armas de El-rei nosso senhor: Faço saber a quantos esta minha carta, e certidão de brazão de armas digna de fé, e crença virem, que Braz Alemão de Sisneiros, moço da camara do dito senhor, alferes de infanteria, ordenada para guarda, e vigia da cidade de Ceuta, e cavalleiro feito pela mão do dito senhor no campo de Tanger, me pediu, e requereu, que por quanto elle descende por linha direita legitima, e sem bastardia por parte de seu pae, Diogo Alemão de Sisneiros, e seu avô Affonso de Sisneiros, e de seu bisavô Francisco Rodrigues de Sisneiros, e seu tresavô, João de Sisneiros da geração, e linhagem de Sisneiros, que n'estes reinos são fidalgos de cotta de armas, e na cidade de Barcelona tem casa, e solar, como constava dos papeis, e instrumento, que apresentava, lhe désse um escudo com as armas que á dita linhagem pertencem, e as elle de direito por lhe pertencerem, devia trazer, para d'ellas usar, e gosar das honras, e liberdades de que por bem, da nobreza d'ellas, gosaram seus antepassados; pelo que eu busquei os livros da nobreza, que em meu poder estão, e acho, as armas, que á dita linhagem pertencem serem estas, que em esta lhe dou, illuminadas, e com mais seu paquife, elmo, e timbre, e por differença uma estrella de ouro, que com ellas pois lhe pertencem pela dita maneira, segundo regimento da armaria, deve trazer, pelo que ao supplicante devem ser guardadas as liberdades concedidas ás ditas armas, e por verdade lhe passei esta em Lisboa, por mim assignada aos cinco de março. Diogo de S. Romão a fez, anno do nascimento de nosso senhor Jesus Christo de 1575. — *Portugal rei de armas.*

XVI

Brazão de armas concedido a Braz Luiz do Couto Aguiar

(1732)

D. JOÃO por graça de Deus rei de Portugal, e dos Algarves d'aquem, e d'além mar em Africa, senhor de Guiné, e da conquista, navegação do commercio da Ethiopia, Arabia, Persia, e da India etc. A quantos esta minha carta virem, faço saber, que Braz Luiz do Couto de Aguiar, cavalleiro professo da ordem de Christo, commissario das habilitações da meza da consciencia e ordens, fidalgo de solar conhecido, morador na villa de Alvorninha, dos coutos de Alcobaça, me fez petição em como elle descendia, e vinha da geração e linhagem dos Coutos, e Aguiares, e suas armas lhe pertenciam de direito, e pedindo-me por mercê, que para a memoria de seus antecessores se não perder, e elle gosar, e usar da honra das armas, que pelos merecimentos de seus serviços ganharam, e lhe foram dadas, e assim dos privilegios, honras, graças e mercês, que por direito e por bem d'ellas lhe pertencem, lhe mandasse dar uma carta das ditas armas, que estavam registadas em os livros dos registos das armas dos nobres, e fidalgos de meus reinos, que tem Portugal meu principal rei de armas: a qual petição vista por mim, mandei sobre ella

tirar inquirição de testimunhas pelo doutor Alexandre Botelho de Moraes, do meu desembargo, e meu desembargador em esta minha côrte e casa da supplicação, corregedor do civel em ella, e por Caetano José de Moura, escrivão do dito juizo; pelos quaes foi certo, que elle procede, e vem da geração, e linhagem dos ditos Coutos, e Aguiares; como filho legitimo de Manuel de Couto e Aguiar, cavalleiro professo da ordem de Christo, e governador da torre de S. Martinho da Pederneira, de sua mulher, e sobrinha D. Brites Marcellina da Silva Pinto da Fonseca. Neto pela parte paterna de Braz de Couto e Aguiar, capitão-mór, e governador que foi da provincia do Espirito Santo no estado do Brazil, e de sua mulher D. Maria de Aguiar; e pela parte materna de João Pinto da Fonseca e Aguiar, que era primo co-irmão do dito Manuel de Couto, seu pae, e de sua mulher D. Filippa da Silva de Azevedo; bisneto pela parte de seu avô paterno de Manuel de Couto de Aguiar, e pela de sua avó paterna de Francisco de Couto da Costa, fidalgo da minha casa, e pelos Costas, fidalgo de solar conhecido (e parece ser o seu solar d'esta familia a villa de Corta na comarca de Esgueira) e pela parte materna de outro Manuel de Couto e Aguiar, e de sua mulher D. Catharina de Tovar Pinto da Fonseca, que era filha de Braz de Couto, fidalgo de minha casa, alcaide mór, e governador da praça de Chaul nos meus estados da India; e o dito seu bisavô Manuel de Couto e Aguiar era filho de Manuel Fernandes Gorizo de Aguiar, e de sua mulher Ignez de Couto. Neto pela parte paterna de Henrique Esteves de Aguiar. Terceiro neto de Diogo de Aguiar, fidalgo de minha casa, e de solar conhecido, morador em Alvorninha, e teve brazão das armas dos Aguiares, passado no anno de 1510, por haver provado ser filho de Estevão de Aguiar, fidalgo de solar conhecido, e de sua mulher D. Brites Ayres, e neto de Ruy Fernandes Gorizo de Aguiar, irmão de D. Estevão de Aguiar, D. Abbade perpetuo do mosteiro de Alcobaça, e do conselho de estado do senhor rei D. Affonso v meu antecessor, os quaes todos eram dos verdadeiros, e legitimo tronco dos Coutos, e Aguiares d'onde vieram, e vem elle supplicante por linha recta masculina, sem nenhuma bastardia, e sempre se trataram á lei da nobreza, com o estado devido a ella, como pessoas nobres, que eram, sem que n'elles houvesse raça de judeu, mouro, ou mulato, nem de outra infecta nação, e que de direito as suas armas lhe pertencem, as quaes lhe mandei dar em esta minha carta, com seu brazão, elmo, e timbre, como aqui são divisadas, e assim como fiel, e verdadeiramente se acharam divisadas, e registadas em o livro dos registos do dito Portugal meu rei de armas, a saber: um escudo partido em palla: na primeira as armas dos Aguiares, em campo de ouro uma aguia rompente vermelha armada de preto, na segunda as armas dos Coutos, em campo vermelho, uma torre de ouro coberta, e lavrada de preto sobre ondas azues e prata, elmo de prata aberto, guarnecido de ouro, paquife dos metaes, e côres das armas. Timbre o dos Aguiares, que é a mesma aguia das armas, e por differença uma brica de prata, com um trifolio preto: o qual escudo, armas, e signaes possa trazer, e traga o dito Braz Luiz de Couto e Aguiar, assim como as trouxeram, e d'ellas usaram seus antecessores em todos os logares de honra, em que os ditos seus antecessores e os nobres, e antigos fidalgos sempre as costumaram trazer, em tempo dos mui esclarecidos reis meus antecessores, e com ellas possa entrar em batalhas, campos, escaramuças, e exercitar com ellas todos os outros actos licitos da guerra, e da paz, e assim as possa trazer em seus firmaes, anneis, sinetes, e divisas, e as pôr em suas casas, e edificios, e deixal-as em sua propria sepultura, e finalmente se servir, honrar, gosar, e aproveitar d'ellas em tudo e por tudo, como á sua nobreza convém. Com o que quero, e me praz que haja elle, e todos seus descendentes todas as honras, privilegios, liberdades, graças, e mercês, isenções e franquezas, que hão, e devem haver os fidalgos, nobres, e de antiga linhagem, e como sempre de todo usaram, e gosaram seus antecessores. Porém mando a todos os meus corregedores, e desembargadores, juizes, justiças, alcaides, e em especial aos meus reis de armas, arautos, passavantes, e a quaesquer outros officiaes e pessoas a quem esta minha carta fôr mostrada, e o conhecimento d'ella pertencer, que em tudo lho cumpram, e guardem, e façam cumprir, e guardar, como n'ella é conteudo,

sem duvida nem embargo algum, que em ella lhe seja posto, porque assim é minha mercê. El-rei nosso senhor o mandou por Manuel Pereira da Silva, seu rei de armas Portugal. Fr. José da Cruz, da ordem de S. Paulo, reformador do cartorio da nobreza do reino, por especial provisão do dito senhor, a fez. Anno do nascimento de nosso senhor Jesus Christo de 1732, aos sete dias do mez de março, e vai subscripta por Antonio Francisco e Sousa, escrivão da nobreza n'estes reinos, e senhorios de Portugal, e suas conquistas. E eu Antonio Francisco e Sousa o subscrevi. — *Rei de armas Portugal.*

XVII

Brazão de armas concedido a Constantino Barreto de Sousa

(1737)

D. JOÃO por graça de Deus rei de Portugal, e dos Algarves d'aquem e d'além mar em Africa, senhor de Guiné, e da conquista, navegação do commercio da Ethiopia, Arabia, Persia e India etc. A quantos esta minha carta virem, faço saber, que Constantino Barreto de Sousa me fez petição em como descendia, e vinha da geração, e linhagem dos Barretos, Sousas, Botelhos, e Tavares, e suas armas lhe pertenciam de direito, e pedindo-me por mercê que para a memoria de seus antecessores se não perder, e elle usar, e gosar da honra das armas, que pelos merecimentos de seus serviços ganharam, e lhe foram dadas, assim dos privilegios, honras, graças, e mercês, que por direito, e por bem d'ellas lhe pertencem, lhe mandasse dar minha carta das ditas armas, que estavam registadas em os livros do registo das armas dos nobres, e fidalgos de meus reinos, que tem Portugal meu principal rei de armas. A qual petição vista por mim, mandei sobre ella tirar inquirição de testimunhas pelo doutor João da Silva Rodarte do meu desembargo, e meu desembargador em esta minha côrte, e casa da supplicação, corregedor do civel em ella, e por Paulo de Almeida Seabra, escrivão do dito juizo, pelos quaes fui certo, que elle procede, e vem da geração, e linhagem dos ditos Barretos, Sousas, Botelhos e Tavares, como filho legitimo de Antonio Barreto de Sousa, e de sua mulher D. Paula Botelho Tavares. Neto pela parte paterna de João Barreto de Sousa, e de Catharina de Andrade. Neto pela parte materna de Francisco Botelho Leitão, e de Domingas Moniz. Os quaes todos seus pais, e avós eram pessoas nobres, e como taes sempre se trataram, sem que n'elles, e nas suas gerações houvesse raça alguma de judeu, mouro, ou mulato, ou de outra infecta nação, e que os ditos seus pais, e avós d'elle supplicante eram das nobres familias dos Barretos, Sousas, Botelhos, e Tavares, Andrades, e Monizes, e como taes sempre se trataram, e appellidaram: e o dito João Barreto de Sousa seu avô paterno d'elle supplicante foi escudeiro e cavalleiro fidalgo da casa de sua magestade, e que elle supplicante sempre se tratou á lei da nobreza, o que é notorio a todos que o conhecem, e conheceram os ditos seus pais, e avós, e que de direito as suas armas lhe pertencem. As quaes lhe mandei dar em esta minha carta com seu brazão, elmo, e timbre, como aqui são divisadas, e registadas em os livros do registo do dito Portugal, meu rei de armas. A saber: Um escudo esquartelado, no primeiro quartel as armas dos Sousas por privilegio, que são esquarteladas, no primeiro e quarto as quinas de Portugal, no segundo e terceiro em campo de prata, um leão vermelho rompente: no segundo as armas dos Barretos em campo de prata cercado de arminhos pretos. No terceiro as armas dos Botelhos, em campo de ouro quatro cotiças vermelhas em banda. No quarto as armas dos Tavares, em campo de ouro cinco estrellas vermelhas em santor. Elmo de prata aberto guarnecido de ouro. Paquife dos metaes, e côres das armas. Timbre uma donzella sem braços, vestido de prata semeada de arminhos, e por differença uma brica vermelha com um trifolio posto de ouro. O qual escudo, armas e signaes, possa trazer e traga o dito Constantino Barreto de Sousa, assim como as trouxeram, e d'ellas usaram seus antecessores,

e os nobres, e antigos fidalgos sempre as costumaram trazer em tempo dos mui esclarecidos reis meus antecessores: e com ellas possa entrar em batalhas, campos, rectos, escaramuças, e exercitar com ellas todos os outros actos licitos da guerra, e da paz, e assim as possa trazer em seus firmaes, anneis, sinetes, e divisas, e as por em suas casas, e edificios, e deixal-as sobre sua propria sepultura, e finalmente se servir, honrar, gosar, e aproveitar d'ellas em todo, e por todo, como á sua nobreza convém. Com o que quero, e me praz, que haja elle, e todos os seus descendentes, todas as honras, privilegios, graças, mercês, isenções, e franquezas, que hão e devem haver os fidalgos nobres, e de antiga linhagem, como sempre de todo usaram, e gosaram seus antecessores. Porém mando a todos meus corregedores, e desembargadores, juizes, justiças, alcaides, e a quaesquer outros officiaes, e pessoas a que esta minha carta fôr mostrada, e o conhecimento d'ella pertencer, que em todo lho cumpram, e façam integralmente cumprir e guardar, como n'ella é conteudo, sem duvida, nem embargo algum, que em ella lhe seja posto, porque assim é minha mercê. El-rei nosso senhor o mandou por Manuel Pereira da Silva, seu rei de armas Portugal. Fr. José da Cruz, da ordem de S. Paulo, reformador do cartorio da nobreza do reino, por especial provisão do dito senhor, a fez em Lisboa occidental aos dez dias do mez de setembro do anno do nascimento de nosso senhor Jesus Christo de mil e setecentos e trinta e sete, e vai subscripta por Antonio Francisco e Sousa, escrivão da nobreza n'estes reinos, e senhorios de Portugal, e suas conquistas. E eu Antonio Francisco e Sousa a subscrevi. — *Portugal rei de armas principal.*

XVII

Brazão de armas concedido a Christovão de Figueiroa de Cerqueira

(1567)

Portugal rei de armas principal de El-rei nosso senhor. Faço saber a quantos esta minha carta de certidão virem, que Christovão de Figueiroa Cerqueira, natural da villa de Amarante, me pediu e requereu, que por quanto elle descendia por linha direita por parte de seu pai Jorge Fernandes de Figueiroa, e de seu avô Gonçalo Fernandes de Figueiroa, e de seus bisavôs das gerações e linhagens dos Figueiroas e Cerqueiras, que n'estes reinos são fidalgos de cotta de armas, como constava dos instrumentos que apresentava, que lhe désse um escudo com as armas que ás ditas linhagens pertencem, e as elle de direito devia trazer, pois das dos Cerqueiras fôra passada carta em fórma a um Francisco Martins Cerqueira, muito parente do pae d'elle supplicante: pelo que eu busquei os livros da nobreza, que em meu poder estão, e acho que as armas que ás ditas linhagens pertencem, serem estas que n'estas lhe dou illuminadas, e com mais seu paquife, elmo, e timbre, e por differença uma merleta preta, que com ellas, pois lhe pertencem, segundo o regimento da armaria deve trazer: e certifico ser passada por meu antecessor ao dito Francisco Martins Cerqueira a dita carta de armas, na era de mil e quinhentos e trinta. E por ser verdade lhe passei esta, em Lisboa por mim assignada, aos 16 de maio de 1567. — *Portugal principal rei de armas.*

XVIII

Brazão de armas concedido a Diogo de Aguiar

(1510)

Rei de armas Portugal, do mui alto e excellente e mui poderoso principe, el-rei D. Manuel, por graça de Deus rei de Portugal e dos Algarves, d'aquem e d'álem mar em

Africa, senhor de Guiné, e da conquista, navegação e commercio da Ethiopia, Arabia, Persia, e da India. Faço saber a quantos esta minha carta de certidão virem, que Diogo de Aguiar, escudeiro fidalgo, me requereu e pediu, que por quanto elle procedia, e vinha do proprio tronco e linha directa masculina, sem nenhuma bastardia da casa dos de Aguiar, convém a saber: que elle era filho herdeiro, e de legitimo matrimonio, de Estevão de Aguiar, e de Branca Ayres, e neto de Ruy Fernandes de Gorizo, o qual foi contador mór de el-rei D. Duarte, e seu pai, avô, e elle neto, eram do tronco e linha direita dos de Aguiar, e que por elle assim vir da linha direita dos de Aguiar, lhe mandasse dar minha carta de certidão com suas verdadeiras armas, como de direito lhe pertencem haver para guarda e conservação de sua nobreza e fidalguia: e visto por mim seu requerimento, lhe mandei que me fizesse certo do contheudo em sua petição, e satisfazendo a meu mandado, me apresentou uma inquirição, a qual foi tirada a requerimento do dito Diogo de Aguiar, na villa de Alvorninha, por Balthasar Dias, escrivão da camara, e perguntadas as testemunhas por Fernandalvares, juiz ordinario em a dita villa, as quaes testemunhas seus nomes são estes: convem a saber: Alvaro Gorizo, escudeiro, morador na dita villa, e João Rodrigues Vigario, e Affonso Vaz, morador nos Vidaes, termo da dita villa, os quaes disseram e declararam em seus testemunhos como o dito Diogo de Aguiar era filho legitimo de Estevão de Aguiar, e de Branca Ayres, e neto de Ruy Fernandes, contador mór, que foi de el-rei D. Duarte, e sobrinho de D. Estevão de Aguiar, dom abbade que foi do mosteiro de Alcobaça, e outros muitos fidalgos, segundo os mais cumpridamente continha a dita inquirição, a qual foi vista por mim, e mandei que approvasse a dita letra da dita inquirição, a qual foi approvada e conhecida, e vista por mim sua prova, fiz firme e valiosa com o poder, que de meu officio tenho para provar a semelhantes meus cidadãos, dei ao supplicante sobredito Diogo de Aguiar as armas contheudas em o meio d'esta minha certidão, e como lhe de direito pertence haver com sua differença, e assim como estão assentadas nos livros da nobreza antiga, e em meu poder, como juiz d'ella, convém a saber: Um escudo de oiro, e uma aguia vermelha no meio do escudo estendida, e os pés e bico preto, e a lingua vermelha, pela qual razão vos requeiro e mando da parte de el-rei nosso senhor, e por poder e auctoridade que de sua alteza tenho, a todos os cavalleiros, fidalgos de cotta de armas, e a todos os corregedores, justiças, e officiaes e pessoas que esta minha carta de certidão fôr mostrada e o conhecimento d'ella pertencer por qualquer via e maneira que seja deixem ao sobredito Diogo de Aguiar supplicante ter e trazer as ditas armas, e o deixem entrar em quaesquer trances de cavalgar, retos e desafios, que elle houver com seus inimigos, assim a elle, como aos que d'elle descenderem por linha direita masculina, como dito é, e o deixem gozar de todos os privilegios e liberdades, franquezas, e honras de que gozaram todos os seus antecessores por razão das ditas armas, e de que gozam todos os cavalleiros fidalgos de cotta de armas e solar conhecido, e melhor com razão o poder fazer, e não seja a dita carta valiosa, e bem guardada, senão ao dito Diogo de Aguiar supplicante, e aos que d'elle descenderem por linha direita masculina, vivendo á lei da nobreza, cumprindo assim uns e outros sem duvida, nem embargo assim lh'o ponham. Feita em a mui nobre e sempre leal cidade de Lisboa, aos 9 do mez de dezembro da era do nascimento de nosso senhor Jesus Christo de 1510. — *Rei de armas Portugal.*

XIX

Brazão de armas concedido a Diogo Carvalhaes

(1576)

Portugal rei de armas principal de El-rei nosso senhor. Faço saber a quantos esta minha carta de certidão de brazão de armas digna de fé e crença virem, que Diogo de

Carvalhaes, moço de camara do dito senhor, me pediu e requereu, que por quanto elle descendia por linha direita legitima e masculina por parte de seu pae Manuel de Carvalhaes, e de seu avô Fernam de Carvalhaes, e de seu bisavô Fernam de Carvalhaes, de geração e linhagem dos Carvalhaes, que n'estes reinos são fidalgos de cotta de armas, como constava do instrumento auctorisado que apresentava, que lhe désse um escudo com as armas que á dita linhagem pertencem, e a elle de direito por lhe pertencerem, devia trazer, para d'ellas usar e gosar das honras e liberdades, que por bem da nobreza d'ellas gozaram seus antepassados: pelo que provendo a seu requerimento com o poder e auctoridade, que de meu officio para isso tenho, busquei os livros da nobreza que em meu poder tenho, e acho que as armas que á dita linhagem pertencem, serem estas que em esta lhe vão illuminadas, e com mais o paquife, elmo e timbre, e por differença uma estrella de oiro, que com ellas, pois lhe pertencem pela dita maneira, segundo o regimento da armaria deve trazer: pelo que ao supplicante devem ser guardadas as liberdades concedidas ás ditas armas, e por ser verdade lhe passei esta em Lisboa por mim assignada aos seis de outubro. Diogo de S. Romão a fez. Anno do nascimento de nosso senhor Jesus Christo de mil e quinhentos e setenta e seis.—*Portugal rei de armas.*

XX

Brazão de armas concedido a Diogo Dias Coimbra Pimentel de Almeida

(1621)

Portugal principal rei de armas do muito alto e poderoso rei D. Filippe, nosso senhor, por graça de Deus rei de Portugal, dos Algarves, d'aquem e d'álem, mar em Africa, senhor de Guiné, da conquista, navegação, da Ethiopia, Arabia, Persia e India, etc. Faço saber a quantos esta minha carta de brazão de armas de nobreza de solar, de linhagem digna de fé e crença virem, que pelo capitão Diogo Dias Coimbra Pimentel de Almeida, natural d'esta cidade, e n'ella morador me pedir e requerer, por quanto elle tinha justificado por documentos e testemunhas ser filho legitimo de João Gomes Coimbra, natural da villa de Esgueira, e de sua mulher D. Maria Jorge de Almeida, natural d'esta cidade, os quaes tambem são paes do veneravel patriarcha da Ethiopia, bispo de Nicea, D. Appolinar de Almeida, e de D. Gregorio dos Anjos, primeiro bispo do Maranhão e Grão-Pará; e neto o supplicante por varonia de Diogo Dias Coimbra, natural da comarca de Esgueira, moço da camara do senhor rei D. João III, e de sua mulher D. Maria Gomes Bravo, natural de Esgueira; bisneto por varonia de João Dias Pimentel; e sua avó D. Maria Gomes Bravo, era filha de Miguel Gomes Bravo, natural de Aveiro, escudeiro fidalgo da casa do senhor rei D. João III, e neta de Fernam Gomes Bravo, e bisneta de Martim Gomes Bravo, fidalgo gallego, e de sua mulher Cecilia Cardosa, criada da infanta D. Joanna, irmã de el-rei D. João II; e o supplicante por sua mãi D. Maria Jorge de Almeida neto de Antonio Jorge de Andrade Boccanegra, fidalgo da casa real, e de sua mulher D. Catharina Fernandes de Almeida, filha de D. Pedro de Almeida, do conselho de el-rei D. João III, alcaide-mór de Torres-novas, e de sua mulher D. Brites da Silva, filha do conde de Borba, e neta de D. Diogo Fernandes de Almeida, alcaide mór da mesma villa, e monteiro-mór de el-rei D. João II, e grão-prior do Crato, progenitor dos condes de Avintes e Assumar, bisneta de Lopo de Almeida, conde de Abrantes, e de sua mulher D. Brites da Silva e Alencastro, dama da rainha D. Leonor, e terceira neta de D. Diogo Fernandes de Almeida, reposteiro-mór, e veador de el-rei D. Duarte, todos da principal linhagem de Almeidas Gomes, e Pimenteis, de quem o supplicante descendia, tratando-se a lei da nobreza e fidalguia, sem que n'elles houvesse raça de moiro ou judeu, ou mulato, como estava julgado na dita sentença, e por não se perder a memoria dos seus progenitores e

da sua antiga nobreza, queria elle supplicante para conservação d'ella um brazão de armas, pertencentes ás ditas familias; pelo que me pedia lhe désse um escudo para conservação de sua nobreza e fidalguia, com as armas que á sua linhagem pertencem, e a elle de direito pertencerem, e d'ellas usar, e gozar das honras, isenções e liberdades que por bem da nobreza d'ellas gozaram seus avós e parentes que d'ellas usam; provendo tudo em virtude do que constara, e com o poder e auctoridade que do meu officio tenho em prover similhantes requerimentos, busquei os livros da nobreza e fidalguia d'este reino, que em meu poder estão, e achei n'elles as armas que lhe pertencem, além de outras por sua varonia mais antigas; e serem n'este reino fidalgos de solar, geração e cota de armas, e são estas que lhe dou, divisadas e illuminadas com as suas proprias côres do escudo posto ao balon, partido em pala, o primeiro esquartelado, no primeiro quartel cinco vieiras de prata em campo verde, e uma bordadura de prata cheia de cruzes que são do appellido de Pimentel; no segundo quartel um pelicano ferindo o peito com o bico, que são dos Gomes, e em a outra do escudo em campo vermelho tres bezantes de oiro entre uma dobre cruz, e bordadura do mesmo appellido de Almeida. Elmo de prata de todo aberto por ser de antiga geração, guarnecido de oiro, timbre meio toiro vermelho com cornos e unhas de prata, e uma vieira das armas na testa: o qual escudo de armas, e signaes possa trazer e traga, e use assim como d'ellas usaram os seus antepassados em todos os logares de honra em que os nobres e antigos fidalgos costumam trazer, segundo o regimento da armaria. Pelo que requeiro ás justiças e aos nobres fidalgos de solar, geração, e cotta de armas da parte do dito senhor, e por bem do officio da nobreza, que tenho como juiz que sou d'ella, deixem gozar e possuir ao capitão Diogo Dias Coimbra Pimentel de Almeida as ditas armas, e gozar das honras, liberdades, e mais preeminencias concedidas aos fidalgos de solar, geração e cotta de armas, como é o supplicante sem contradicção alguma, nos actos em que a nobreza d'elles lhe dá logar, e assim como d'elles e d'ellas usaram nos logares publicos em que são devidas. E por ser verdade lhe passei esta certidão de brazão de armas e declaração de linhagem pelo mostrar com claresa devida em Lisboa aos 20 de março de 1621. E eu Domingos Correa, escrivão da nobreza n'estes reinos, a fiz escrever e sobscrevi. — *Rei de armas.*

XXI

Brazão de armas concedido a Diogo Nunes da Parada

(1599)

Portugal principal rei de armas n'estes reinos e senhorios de Portugal, pelo muito alto e poderoso rei D. Filippe nosso senhor etc. Faço saber aos que esta minha carta de brazão e armas de nobreza, e fidalguia virem, que por parte de Diogo Nunes da Parada e Roboredo, morador n'esta cidade de Lisboa, me foi apresentada uma sentença passada pela chancellaria, dada pelo doutor Manuel Alvares de Torneyo, corregedor do civel da corte, e subscripta por João de Paiva, escrivão do dito juizo, que é a seguinte: Visto a inquirição de testemunhas de fidalgos conhecidos n'este reino, que á instancia do dito Diogo Nunes da Parada de Roboredo tirou por provisão de Sua Magestade, assignada por sua real mão, Francisco de Andrade de Paiva, fidalgo de sua casa, guarda-mór da Torre do Tombo, e chronista mór do reino com o escrivão da dita torre o licenciado Luiz de Alvarenga Figueira, pela qual me constou como o dito Diogo Gomes da Parada de Roboredo é filho legitimo de Affonso de Roboredo da Parada, e neto de Diogo Nunes da Parada, e bisneto de Simão Nunes da Parada, senhor da quinta e torre da Parada, fidalgo de solar, descendente de D. Soeiro Annes da Parada, conde e adiantado em Galliza, que veiu a este reino em ajada de el-rei D. Fernando: E pela outra parte de D. Brites de Robo-

redo, neta de D. João de Roboredo, senhor da villa de Roboredo em Castella, que se passou a este reino. E vista por mim a dita sentença e certidões juradas de homens nobres e fidalgos, e mais papeis, tudo justificado por André Machado, escrivão das justificações, e pelo juiz d'ellas porque me constou do sobredito, que tudo fica em meu poder: Eu Manuel Teixeira, rei de armas principal Portugal, com o poder, e authoridade, que de meu real officio para isso tenho, busquei os livros da nobreza, e fidalguia dos da familia dos senhores da Parada, e de Roboredo nos quaes achei registadas as armas, que pertencem ao dito Diogo Nunes da Parada e Roboredo, como n'este escudo lh'as dou divisadas e illuminadas: Os da Parada, uma torre em campo verde com cinco estrellas de oiro, e por timbre um homem com uma espada na mão. E os de Roboredo, um leão rompente em campo azul, e por timbre o mesmo leão. As quaes armas poderá trazer e possuir, e d'ellas usar em todos os actos de nobreza de guerra e de paz, e em suas casas, quintas e sepulturas, e em todos os mais actos onde lhe fôr necessario. E julgo ao dito Diogo Nunes da Parada e Roboredo por da linhagem, e descendencia dos ditos Simão Nunes da Parada, senhor da dita quinta e solar da Parada, e de D. João de Roboredo, senhor da dita villa de Roboredo, e o hei por fidalgo de solar conhecido, e como este poderá o dito Diogo Nunes da Parada usar de todos os privilegios, franquezas, isenções, e honras, e todos seus filhos e descendentes. E requeiro ás justiças de el-rei nosso senhor o hajam, conheçam por esta, e lhe deixem usar das ditas armas e honras. E cumpram e guardem este brazão, como n'elle se contem, o qual por verdade lhe passei por mim assignado. Dado n'esta cidade de Lisboa a quinze do mez de maio de mil e quinhentos noventa e nove. Alvaro Leal, rei de armas India, o fez por Manuel Teixeira rei de armas Portugal principal. E eu Manoel Teixeira o fiz escrever e subscrevi. — *Portugal rei de armas.*

XXII

Brazão de armas concedido a Domingos Garcia de Gondim

(1646)

Portugal rei de armas principal n'estes reinos, e senhorios de Portugal pelo muito alto e mui poderoso rei D. João o quarto do nome nosso senhor, e por graça de Deus rei de Portugal e dos Algarves d'aquem e d'além mar em Africa, senhor de Guiné e da conquista, navegação, commercio da Ethiopia, Arabia, Persia e da India, etc. Faço saber aos que esta minha certidão de brazão de armas de nobreza, e fidalguia digna de fé e crença virem, que por parte do licenciado Domingos Garcia de Gondim, natural de freguezia de Santa Eulalia do Serdal, termo da villa de Valença do Minho, e ora residente na villa de Santarem, me foi feito uma petição, dizendo n'ella que elle era filho legitimo de Gaspar Esteves, e de sua mulher Maria Rodrigues, e neto por parte do dito seu pae de Manuel da Povoa e de sua mulher Genebra Esteves, e bisneto de Estevão da Povoa e de sua mulher Margarida Rodrigues. Terceiro neto de Jacome da Povoa, e de sua mulher Clara Martins moradores que foram na freguezia de Gandara, termo da dita villa de Valença. E por parte da dita sua mãe era neto de Ruy Garcia, e de sua mulher Maria Annes, e bisneto de Pedro Garcia e de sua mulher Isabel de Gondim, e terceiro neto de Ruy Garcia, e de sua mulher Margarida Rodrigues, moradores que foram na dita freguezia do Serdal, e todos descendentes do verdadeiro tronco, e geração dos Garcias de Gondim, que é casa de solar conhecido e da antiga fidalguia, e se trataram a lei da nobreza, sem n'elles haver raça de mouros, judeus, nem outra má seita, servindo os cargos nobres da republica: o que tudo constava mui largamente de um instrumento de testemunhas passado na dita villa por mandado de Belchior Barbosa, juiz ordinario na dita villa de Valença do Minho, e feito por Antonio Soares, tabellião do publico judicial na mesma villa, e as testemunhas inqueridas pelo dito juiz; e por quanto alguns da dita geração tinham tirado seus bra-

zões das armas, que a ella de direito competem; queria elle supplicante tirar o seu, pelo que me pedia pela memoria de seus antecessores se não perder, e elle poder usar das ditas armas e dos privilegios e fidalguia a ellas concedidos, lhe désse e mandasse passar um escudo com as armas, que á dita linhagem pertencem, e as elle de direito por lhe pertencerem pode trazer, para d'ellas gozar nos actos em que a nobreza lhe der logar. E visto por mim seu dizer, e o que do dito instrumento constava, o qual foi reconhecido n'esta cidade por Francisco Tavares, tabellião publico de notas por Sua Magestade: e outro sim me apresentou uma provisão da Torre do Tombo d'esta cidade, mandada passar na fórma acostumada, e sendo buscados os livros do dito archivo pelo escrivão d'elle, e no livro das inquirições, e devaços da Beira e d'alem Douro, que está na casa da coroa, a fl. 84 se acharam dois capitulos dos quaes um falando no logar de Gondim e Alderete, digo no logar de Gondim, diz: item o logar que chamam Outeiro de Alvão, e Gondim e Alderete de Suzão e Alderete de Suzaam é provado que os viram sempre honrados, que ouviram dizer que o foram de longo tempo etc. A qual dita provisão vinha assignada pelo doutor João Pinto Ribeiro, fidalgo da casa de Sua Magestade e de seu conselho, seu desembargador do paço, e guarda-mór da dita torre, ao qual instrumento e provisão me reporto em todo e por todo, que uma e outra coisa fica em poder do escrivão da nobreza que esta subscreveu: e por parte do supplicante me foi requerido da parte de Sua Magestade que Deus guarde, pois tinha mostrado sua nobreza, e descender da nobre e antiga familia dos Gondins, que n'estes reinos são fidalgos de geração e cotta de armas, e solar conhecido, como taes os dita geração são padroeiros das egrejas de Santa Eulalia de Cerdal, S. Mamede de Ferreira, Linhares, e Formans do concelho de Coura, e para maior augmento e conservação de sua fidalguia lhe désse um escudo das armas, que á dita geração pertenciam: E visto seu requerimento com o que do dito instrumento me constou, com o podor e authoridade que de meu nobre e real officio para isso tenho, e que n'esta parte uso, provi e busquei os livros da nobreza da nobre e antiga fidalguia d'este reino, e n'elles achei registadas as armas que á dita linhagem pertencem, e lhas dou n'este divisadas e illuminadas conforme a regra da armaria a saber: Um escudo de prata, e n'elle tres leões pardos passantes de cor sanguinea, armados de azul: elmo de prata aberto guarnecido de oiro. Paquife dos metaes e cores das armas. E por timbre um dos leões das armas: e por differença uma brica verde, e sobre um trifolio de oiro: e d'esta maneira poderá usar e trazer as ditas armas por lhe pertencerem, como acto e prerogativa de sua nobreza e fidalguia, onde licitamente d'ellas possa usar, podendo-as mandar pôr nos portaes de suas casas, quintas e mais edificios, e em seus anneis, firmaes, sinetes e mais divisas de seu serviço, podendo-as trazer em seus reposteiros, e com ellas entrar em batalhas, campos, duelos, rectos, desafios, justas, torneios, e em todos os demais actos nobres assim de guerra, como de paz, que licitos e honestos forem, servindo-se em todo, e aproveitando-se d'ellas, como á sua nobreza e fidalguia convém; e ultimamente as poderá deixar sobre a sua sepultura. Pelo que requeiro a todos os desembargadores, corregedores, ouvidores, juizes e mais justiças de Sua Magestade da parte do dito senhor, e da minha peço por bem do officio da nobreza que tenho, deixem trazer, lograr e possuir ao sobredito licenciado Domingos Garcia de Gondim as ditas armas, e gosar dos privilegios, liberdades, mercês e mais prerogativas, que por bem d'ellas deve, e pode usar assim, e da maneira que gosam os mais fidalgos de geração e cotta de armas, e em especial mando a todos os officiaes da nobreza, reis de armas, arautos e passavantes, que ora são e ao diante forem, como juiz que sou d'ella, o cumpram e façam cumprir, e guardar assim e da maneira que n'esta é declarado e mandado com todas as liberdades e mercês sobreditas, segundo costume dos nobres fidalgos de cotta de armas d'este reino. E por firmeza de tudo lhe mandei passar a presente certidão de brazão de armas, por mim assignada com o sinete do nome do meu real officio que costumo fazer em os brazões, etc. Dada n'esta corte e muito nobre e sempre leal cidade de Lisboa, aos trinta do mez de junho do anno do nascimento de nosso senhor Jesus Christo de mil seiscentos e qua-

renta e seis. Duarte Rodrigues da Rocha a fez pelo capitão Francisco Luiz Ferreira, escrivão proprietario da nobreza n'estes reinos, e senhorios de Portugal por Sua Magestade. Eu Francisco Luiz Ferreira o subscrevi. — *Portugal rei de armas.*

XXIII

Brazão dos Gaios Temudos concedido a Duarte Dias Seixo Gaio

(1602)

Portugal rei de armas principal n'estes reinos e senhorios de Portugal, pelo muito alto e poderoso rei D. Filippe nosso senhor, etc. Faço saber a quantos esta minha carta de brazão de armas e certidão digna de fé e crença virem, que por Duarte Dias Seixo Gaio, morador n'esta cidade de Lisboa, me foi requerido, dizendo, que elle supplicante descendia por linha direita masculina e feminina, sem bastardia, nem parentesco de judeu, nem mouro, das nobres linhagens dos Gaios, e Temudos, que n'este reino são fidalgos de cota de armas, que por parte de seu pae Lançarote Fernandes Gaio, e de seu avô Miguel Fernandes Gaio, e de sua mãe Margarida Varas Temudo, e de seu avô Diogo Gonçalves Seixo Temudo, todos que foram moradores na villa do Sardoal, os quaes sempre viveram á lei da nobreza, e assim mesmo vive elle supplicante, e que por a memoria de seus antecessores se não perder, e elle supplicante gosar da honra e fidalguia das ditas linhagens, me requeria da parte do dito senhor lhe désse e passasse um escudo das armas, que ás ditas linhagens pertencem, e as elle de direito por lhe pertencerem devia trazer, para d'ellas usar, e gosar das honras e liberdades, que por bem da nobreza d'ellas gosaram seus antecessores; e visto por mim seu requerimento, e instrumento de testemunhas autentico, passado em forma devida, que em meu poder fica, pelo qual consta o sobredito, com o poder, e auctoridade de meu real officio, que para isso tenho, busquei os livros da nobreza da nobre fidalguia d'este reino, e n'elles achei registradas as armas das nobres linhagens dos Gaios e Temudos, que por parte do dito seu pae, mãe e avós, lhe pertencem a elle supplicante Duarte Dias Seixo Gaio, como n'este escudo lh'as dou, divisadas e illuminadas, partido em pala; o primeiro dos Gaios, de prata, com tres arminhos, cabeça de vermelho, um castello de oiro, e quatro bastões do mesmo. O segundo dos Temudos de azul, uma aguia imperial de oiro sobre a cabeça de um mouro sanguentada, e um cordão de S. Francisco de oiro por orla, e um trifolio de verde por differença, e por timbre o castello; elmo de prata aberto, guarnecido de oiro; paquife dos metaes, e côres das armas; e por lhe assim pertencerem, e as dever assim trazer, e d'ellas usar, requeiro ás justiças da parte do dito senhor, e por bem do meu officio, guarde ao dito Duarte Dias Seixo Gaio as honras e liberdades, e mais preeminencias concedidas ás ditas armas, e lh'as deixem trazer, e possuir nos autos em que a nobreza d'ellas lhe dá logar, e em especial mando aos officiaes da nobreza o cumpram, e façam inteiramente cumprir, e guardar, e por verdade lhe passei esta de brazão, e certidão por mim assignada. Dada n'esta cidade de Lisboa, aos quatorze dias do mez de agosto do anno do nascimento de nosso senhor Jesus Christo de 1602. E eu Balthasar do Valle Cerqueira, escrivão da nobreza d'estes reinos e senhorios de Portugal por el-rei nosso senhor, o fiz escrever e subscrevi, etc. — *Portugal rei de armas.*

XXIV

Brazão de armas concedido a Eloy Manuel Villar

(1742)

D. JOÃO, por graça de Deus rei de Portugal e dos Algarves, d'aquem e d'além mar em Africa, senhor de Guiné, e da conquista, navegação e commercio da Ethiopia, Ara-

bia, Persia, e da India, etc. A quantos esta minha carta virem faço saber, que Eloy Manuel Villar e Sousa, natural d'esta cidade de Lisboa, me fez petição em como elle descendia e vinha da geração e linhagem dos Sousas de Arronches, Machados, Mirandas, e Osorios, e suas armas lhe pertenciam de direito, e pedindo-me por mercê que para a memoria de seus antecessores se não perder, e elle usar, e gozar da honra das armas, que pelos merecimentos de seus serviços ganharam, e lhe foram dadas, assim dos privilegios, honras, graças, e mercês, que por direito, e por bem d'ellas lhe pertencem, lhe mandasse dar minha carta das ditas armas, que estavam registradas em o livro dos registros das armas dos nobres, e fidalgos de meus reinos, que tem Portugal meu principal rei de armas. A qual petição vista por mim, mandei sobre ella tirar inquirição de testemunhas pelo doutor Francisco de Santa Barbara e Moura, do meu desembargo, e meu desembargador em esta minha côrte, e casa da supplicação, corregedor do civel em ella, e por Thomaz de Gouvea Barlenda, escrivão do dito juizo, pelos quaes foi certo, que elle procede, e vem da dita geração, e linhagem dos ditos Sousas de Arronches, Machados, Mirandas, e Osorios, como filho legitimo de João de Sousa Villar, e de sua mulher D. Maria Caetana Osorio, naturaes d'esta cidade de Lisboa ; neto pela parte paterna de Manuel Francisco Villar, natural da freguezia de Villarinho das Cambas, arcebispado de Braga, termo de Barcellos, e de D. Maria de Sousa, natural d'esta cidade, e descendente legitima dos Sousas ; e pela parte materna é neto do capitão Domingos Machado de Miranda, natural da villa de Alvito, e de D. Felicia Maria Osorio, natural da cidade da Bahia : os quaes seus paes e avós eram pessoas muito nobres, e legitimos descendentes das familias de Sousas de Arronches, Machados, Mirandas, e Osorios, e como taes se trataram sempre á lei da nobreza, com cavallos, armas, e criados, como pessoas nobres, que eram, servindo sempre os honrosos cargos do governo, tanto no militar, como nos da republica, sem que nas suas gerações houvesse nunca raça alguma de judeu, mouro, ou mulato, nem de outra infecta nação, e que de direito lhe pertencem as suas armas, as quaes lhe mandei dar em esta minha carta com seu brazão, elmo, e timbre, como aqui são divisadas, e assim como fiel e verdadeiramente se acharão divisadas e registradas em os livros dos registros das armas dos nobres, e fidalgos de meus reinos, que tem o dito Portugal meu rei de armas ; a saber : Um escudo esquartelado ; no primeiro quartel as armas dos Sousas de Arronches, que são esquarteladas, no primeiro as quinas de Portugal com sua orla de castellos, no segundo em campo sanguinho uma quaderna de crescentes de prata apontadas, e assim os contrarios ; no segundo quartel as dos Machados, em campo sanguinho cinco machados de prata com cabos de oiro postos em santor ; no terceiro as dos Mirandas, em campo de oiro uma aspa sanguinha, e nos vãos quatro flores de liz verdes ; no quarto as dos Osorios, em campo de oiro dois lobos sanguinhos passantes ; elmo de prata aberto guarnecido de oiro ; paquife dos metaes e côres das armas ; timbre o dos Sousas, que é um castello de oiro lavrado de preto, e por differença uma brica de oiro, com um trifolio azul. Declaro, que nas dos Sousas ha de levar um filete preto em contrabanda, que pásse por baixo do escudinho do meio. O qual escudo, armas, e signaes possa trazer, e traga o dito Eloy Manuel Villar e Sousa, assim como as trouxeram seus antecessores ; em todos os logares de honra em que os ditos seus antecessores e os nobres e antigos fidalgos sempre as costumaram trazer em tempo dos mui esclarecidos reis meus antecessores, e com ellas possa entrar em batalhas, campos, rectos, escaramuças, e exercitar com ellas todos os outros actos licitos da guerra, e da paz, e assim as possa trazer em seus firmaes, aneis, sinetes, e divisas, e as pôr em suas casas, e edificios, e deixal-as em sua propria sepultura, e finalmente se servir, honrar, gozar, e aproveitar d'ellas em todo e por todo, como a sua nobreza convém. Com o que quero, e me praz, que haja elle, e todos seus descendentes, todas as honras, privilegios, graças, mercês, isenções e franquezas, que hão e devem haver os fidalgos nobres, e de antiga linhagem, e como sempre de todo usaram e gozaram os ditos seus antecessores. Pelo que mando a todos meus corregedores, desembargadores, juizes, justiças, alcaides, e em especial aos meus reis de armas, arautos, pas-

savantes, e a quaesquer outros officiaes, e pessoas a quem esta minha carta fôr mostrada e o conhecimento d'ella pertencer, que em tudo lh'o cumpram, e guardem, e façam cumprir, e guardar, como n'ella é conteudo, sem duvida nem embargo algum, que em ella lhe seja posto, porque assim é minha mercê. El-rei nosso senhor o mandou por Manuel Pereira da Silva, seu rei de armas Portugal. Frei Manuel de Santo Antonio, religioso da ordem de S. Paulo a fez em Lisboa aos 28 dias do mez de julho do anno de 1742, e vai subscripta por Antonio Francisco e Sousa, escrivão da nobreza n'estes reinos e senhorios de Portugal, e suas conquistas: e eu Antonio Francisco e Sousa o subscrevi. — *Portugal rei de armas principal.*

XXV

Brazão de armas concedido a Fabricio Bembo

(1545)

Ductiones Civitates Cremonensis : Sæpe numero fit, ut multa quæ in aliqua Orbis terrarum parte nota certaque sunt, alibi ob magnam inter se Regionum distantiam minus sint nota, et proterea aliquam secum dubitationem ferant, quod nunc contigit Fabricio Bembo civi nostro Ulisiponem Regiam Lusitania urbem habitanti, de cujus nobilitate cum proter Patriæ Longinquitatem ambigatur, ut hujus modi dubitatio penitus tulatur, veritas que innotescat, ne su ipsse debito honore defraudetur, fidem faciumus, e attestamur ubique locorum, quo hæ nostræ pervenerint, ipsum Fabricium esse Stephano Bembo viro probo genitum ex Bemborum Familia, quæ nom solum apud nos nobilitate prestat, sed etiam Venetiis potentissima Italiæ urbe clarissima habetur, cui ætate nostra maximum addidit ornamentum Petrus Bembus obi ingenii præstantiam et eximius animi virtutes Cardinalatus dignitate a Paulo III Pont. Maximo inrignitus. Eundemque ipsum Fabricium uti insignibus nobilitatis ejusdem met generis, et formæ, cujus Bemborum gens tam Cremonæ, quam Venetiis utitur et uti soliti estirpe, cujus formæ exemplum est superius depictum, et propterea has Literas scribi et sigillo nostro insigniri jussimus. Datum Cremone *octavo* cal. Decembris MDXLV. 1545.

Os Senadores da cidade de Cremona: Muitas vezes acontece, que muitas cousas, que em alguma parte do mundo são certas, e conhecidas, o sejam menos em outras pela grande distancia, que as regiões tem entre si, e por esta causa padecem alguma duvida: o que agora acontece a Fabricio Bembo, nosso cidadão, que habita em Portugal na côrte de Lisboa. E como se duvida da nobreza d'elle, por causa da distancia da sua patria, para que esta duvida se desfaça, e fique patente a verdade, e para que o mesmo não fique defraudado na honra, que se lhe deve, certificamos, e attestamos em todos os logares d'onde estas nossas letras forem apresentadas, que o mesmo Fabricio é filho de Estevão Bembo, homem bom da familia dos Bembos, a qual familia não só é clara por sua nobreza nos nossos estados de Cremona, mas tambem se reputa clarissima em Veneza, potentissima cidade de Italia, acrescentando-lhe no nosso tempo um ornamento maximo Pedro Bembo, homem de sublime engenho, de grandes virtudes, condecorado com a dignidade de cardeal pelo summo pontifice Paulo III: e tambem certificamos, e attestamos, que o mesmo Fabricio usa das insignias de nobreza da dita familia, da mesma maneira e forma, que d'ellas usam, e costumam usar os Bembos, tanto em Cremona, como em Veneza, da qual forma damos o exemplar abaixo pintado; e por esta razão mandamos passar as presentes letras selladas com o nosso sello. Cremona aos 24 de novembro de 1545. N. B. (Esta carta não descreve o brazão d'armas, mas ha uma outra carta a respeito de Affonso Bembo, que traz a descripção, 1584.)

XXVI

Brazão de armas concedido a Fernão Cerveyra

(1507)

Portugal rei d'armas do mui alto e mui excellente e poderoso principe e senhor Manuel, por graça de Deus rei de Portugal e dos Algarves d'aquem e d'alem mar em senhor de Guiné, e da conquista, navegação, commercio de Ethiopia, Arabia, Persi etc. Faço saber a quantos esta minha carta de certidão virem, que Fernão Cervey deiro fidalgo de cotta d'armas, e solar conhecido, fidalgo da casa dos reis de P me requereu, e me pediu, que porquanto elle procedia dos da linhagem e gera proprios Cerveyras de que antigamente houve, e ha n'estes reinos, de que procede muitos cavalleiros fidalgos de cotta d'armas, e solar conhecido, por onde lhe por vinham, e pertencem as armas da dita linhagem, que pelos reis passados lhe foram e a outros acrescentadas por merecimento de suas pessoas, e serviços; e devia de e gosar de todas as honras e liberdades, franquezas, e graças e preeminencias ditos seus antecessores sempre tiveram e possuiram, e de que usaram pela rasão nobreza, e fidalguia que assim tinham de nome d'armas e solar conhecido, por elle era filho lidimo de legitimo matrimonio de Pedro Cerveyra, e de Isabel Cerve propria mulher recebida, moradores que foram na Azinhaga, termo da nobre villa d tarem, os quaes descendiam da dita linhagem, e que sempre viveram muito honr recatados e á lei de nobres tendo continuadamente o dito seu pae armas, los, mulla, azemula, homens e servidores, sendo moço da camara do infante D rique, e depois do infante D. Fernando, e sempre vivera nobremente, chama sempre, e honrando do nome, e appellido do chefe da dita linhagem; para prova me apresentou uma inquirição, que a requerimento do dito Fernão Cer e de Martim Cerveyra seu irmão fora tirada em a nobre villa de Santarem por aucto e em presença de Fernão Lourenço, juiz com alçada na dita villa. E visto por mi requerimento e o direito que em elle dizia ter, me informei e passei a dita inquiri achei em ella certos testemunhos dignos de fé e crença, a saber: um de Briolanj nandes, dona viuva, mulher que foi de Martim Vaas escudeiro, e almoxarife que infante D. Henrique e Vasco Pires... prior de Santa Maria d'Arronches, e vigario ge dita villa d'Arronches, e Jorge Bode escudeiro fidalgo, e uma Izabel Fernandes m de um Bertolameu Fernandes, e Mem Cerveyra cavalleiro da casa de el-rei nosso s tio do supplicante, e declararam em seus testemunhos todo o conteudo na petiç supplicante, que assim era verdade que o pae, e mãe do supplicante era dos pro Cerveyras escudeiros fidalgos de nome de armas, e solar conhecido, e que por taes havidos, nomeados, honrados e acatados, e que o dito Pero Cerveyra fôra muitas encarregado em coisas de seus serviços tendo tença do dito infante seu senhor, e vivia cavalheirosamente como nobre, e que por assim ser homem bem criado, e de m fazenda pousavam em sua casa os infantes e el-rei, e outros senhores quando n'ess gar acertavam chegar, e que nem havia duvida o supplicante e seu irmão serem f dos sobreditos sem nenhuma bastardia, e nascerem de legitimo matrimonio, porque qu se fizeram os concertos dos casamentos do pae e mãe do supplicante foi lançada nota Fernão Cerveyra, pae da dita Isabel Cerveyra, e seus parentes que elles podiam casar nenhum cargo de consciencia por o parentesco já ser além do quarto grau, então fo casados e recebidos, e viveram honradamente com lei ou casamento d'entre os q veiu nascer Fernão Cerveyra, e Martim Cerveyra seu irmão, e por seus filhos foram ptisados e creados, como mui cumpridamente se contém nos ditos de seus testemunl E vista por mim sua prova ser firme, e valiosa quanto basta, e viverem sempre nol mente á lei de nobres, e se nomearem e honrarem do nome, e appellido dos Cerveyı

e o manterem em muita honra, como devem aquelles que de nobres descendem e nome de armas tem. Dei ao dito Fernão Cerveyra supplicante as armas que da dita sua linhagem são conteudas, e pintadas no meio d'esta minha carta de certidão, que estão assentadas nos livros da nobreza antiga, que em meu poder são, como juiz da nobreza; convém a saber: um escudo partido em quarteirões: o primeiro, campo vermelho, uma cruz florida de ouro, e vasia do mesmo campo, a bordadura de prata acompanhada de escudos azues e dinheiros de prata, assim como nas quinas de Portugal; e o segundo quarteirão de campo de prata, e duas cervas mochas de purpura; e ausi além contra, e com sua differença do chefe que toma de ambos quarteirões: pelo qual vos requeiro e mando da parte de el-rei, e de sua alteza tenho a todos cavalleiros, fidalgos de cota de armas, e a todos juizes, justiças, e officiaes, e pessoas a que esta minha carta fôr mostrada, e o conhecimento d'ella pertencer por qualquer guiza, e maneira que seja, deixem ao dito supplicante ter, e trazer, e possuir as ditas armas, e o deixem entrar em quaesquer trances de batalha, rectos, e desafios, que elle houver com seus inimigos em todos os logares de honra, que os nobres, e antigos fidalgos sempre costumaram, e por direito commum, leis, ordenações, usanças d'estes reinos devem trazer, e trazem, e lh'as deixem lograr, e possuir como coisa sua propria, assim a elle, como aos que d'elle descenderem por linha direita masculina, vivendo á lei da nobreza, e os deixem gosar de todas as honras, preminencias, privilegios, liberdades, graças, franquezas, que hão, e devem haver os nobres, e da antiga linhagem d'estes reinos, e de que gozaram, e gozam todos seus antecessores por razão de sua nobreza, e fidalguia, que assim tem de nome de armas, e solar conhecido, e melhor de com razão se poder fazer; e não será a dita carta valiosa, nem guardada, salvo ao dito Fernão Cerveyra, e aos que d'elle descenderem, por linha direita masculina como dito é: cumprindo-o assim uns, e outros sem duvida, nem embargo, que a elle ponhaes. Feita na mui nobre e sempre leal cidade de Lisboa, treze dias do mez de dezembro da era de mil e quinhentos e sete annos. Affonso Fernandes a fez. — *Rei de armas Portugal.*

XXVII

Brazão de armas concedido a Filippe da Costa Ribeiro

(1618)

Portugal rei d'armas principal n'estes reinos e senhorios de Portugal, pelo muito alto e muito poderoso rei D. Filippe terceiro, nosso senhor, etc. Faço saber aos que esta certidão de brazão d'armas de nobreza digna de fé, e crença virem, que a mim me enviou a dizer por sua petição Filippe da Costa Ribeiro, morador na cidade de Beja, que elle era filho legitimo havido de legitimo matrimonio de Affonso Rodrigues Ribeiro, e de sua mulher Brites da Costa, e neto por parte de seu pae de Domingos Rodrigues Ribeiro, e pela parte de sua mãe neto de Jorge da Costa, moradores que foram na villa da Ega junto a Coimbra, os quaes uns, e outros se trataram limpa, e nobremente com seus cavallos e criados, e escravos, como a sua nobreza convinha, e procediam dos verdadeiros troncos dos Costas e Ribeiros, que n'este reino são fidalgos de Kotta d'armas, e da mesma maneira se trata elle supplicante Filippe da Costa Ribeiro, com suas armas e cavallos, e escravos, e gente de seu serviço, como a sua nobreza convém, sem em toda sua geração paterna, e materna haver casta de mouro, nem judeu, nem outra ruim mistura: o que tudo me constou por um instrumento publico, que me apresentou passado em publica fórma na dita villa da Ega, e justificado no paço dos tabelliães d'esta cidade de Lisboa: pelo que me pedia, que pela memoria de seus antepassados se não perder, e elle uzar, e gozar das honras e liberdades de que gozam os fidalgos de cotta d'armas. O que visto por mim, com o poder e authoridade, que de meu real officio para isso tenho, busquei os livros

da nobreza, que em meu poder estão, e n'elles achei registadas as armas dos Costas e Ribeiros, que n'este reino são fidalgos de cotta d'armas, as quaes lhe aqui dou divisadas, e illuminadas, a saber: Um escudo partido em palla, o primeiro dos Costas, e n'elle seis costas de prata em campo vermelho, e no segundo o dos Ribeiros, tres faxas veiradas, e contraveiradas de prata e vermelho em campo negro, e por timbre duas costas atadas com um troçal vermelho, e por differença um A: e por assim dever de as trazer, e d'ellas usar por lhe pertencerem, requeiro ás justiças d'El-Rei nosso senhor, e aos officiaes da nobreza, como juiz que sou d'ella, deixem usar ao dito Filippe da Costa Ribeiro, cavalleiro fidalgo da casa de Sua Magestade, das ditas armas e gozar de todas as honras, privilegios, graças e mercês, que as ditas armas são concedidas, e d'ellas usar em todos os actos publicos de paz e guerra, e poderá entrar com ellas em desafios e escaramuças, e trazel-as em seus anneis, sinetes, reposteiros e em fim deixal-as sobre sua propria sepultura. Feita n'esta cidade de Lisboa, aos sete dias do mez de junho do anno do nascimento de nosso senhor Jesus Christo de mil e seiscentos e dezoito annos. Duarte Rodrigues o fez por Simão Gonçalves, escrivão da nobreza n'estes reinos e senhorios de Portugal pelo dito senhor; e eu Simão Gonçalves, escrivão da nobreza por Sua Magestade n'esta cidade de Lisboa o fiz escrever e sobescrevi. — *Portugal rei d'Armas P.P.*

XXVIII

Brazão de armas concedido a Francisco Nunes de Pavia Borges

(1589)

Portugal principal rei d'armas do mui alto e muito poderoso rei D. Filippe nosso senhor d'estes reinos de Portugal, e cavalleiro professo da ordem de Santiago. Faço saber a quantos esta minha carta de brazão d'armas de nobreza digna de fé e crença virem, que Francisco Nunes de Pavia Borges, escrivão da camara do dito senhor, me pediu e requereu, que por quanto elle descendia por linha direita legitima, e sem bastardia por parte de seu pae Antonio Nunes Borges de Gouvea, e de sua mãe Guiomar Velha de Macedo e Pavia, e de seus avós Vasco Martins de Pavia, e Joanna Velha de Macedo, e João Nunes Marecos Borges de Gouvea, e de seus bisavós Fernão Velho, que foi moço fidalgo da casa de el-rei D. Affonso v, e Lourenço Martins de Pavia, e Martim Esteves Tavares Borges de Gouvea, e de seus tres-visavós das gerações e linhagens dos Borges, Velhos, Pavias, Gouveas que n'estes reinos são fidalgos de cotta de armas, como constava do estromento authorisado em fórma devida por authoridade de justiça, e mais papeis que apresentava, que lhe désse um escudo com as armas que as ditas linhagens pertencem, e as elle de direito por lhe pertencerem devia trazer, para d'ellas usar, e gozar das honras e liberdades que por bem da nobreza dellas gozaram seus antepassados: pelo que provendo a seu requerimento por virtude do que constava dos ditos papeis e estromento, com o poder e authoridade que de meu officio para isso tenho, busquei os livros da nobreza da nobre fidalguia do reino que em meu poder estão, e acho n'elles as armas que as ditas linhagens pertencem serem estas que em esta lhe dou illuminadas, sc. O escudo esquartelado; ao primeiro dos Borges que trazem o campo vermelho e um leão douro rompente armado de preto, e uma bordadura de azul semeada de flôres de lizes douro, e ao contrario dos Gouveas que trazem o escudo partido em palla, ao primeiro de vermelho e seis aruelas de prata encaseradas entre uma bordadura e dobre cruz douro, e ao segundo de prata e seis torteaus de azul postos em duas palas, e ao segundo do primeiro dos Pavias que trazem o campo esquartelado de prata e preto de tres peças em faxa, e ao contrario dos Velhos que trazem o campo vermelho e cinco vieiras douro riscadas de preto postas em aspa: elmo de prata aberto guarnecido douro, paquife douro e azul, e ouro e vermelho, e prata e preto entrecambado, e por timbre um meio leão douro pardo com uma flôr de liz ver-

melha na testa, que é o timbre dos Borges; e por differença um cardo verde florido de vermelho, que com ellas pois lhe pertencem pela dita maneira segundo regimento de armaria deve trazer. E por assim dever d'ellas usar requeiro ás justiças da parte do dito senhor, e por bem do officio da nobreza guardem ao supplicante Francisco Nunes de Pavia Borges as honras e liberdades e mais preeminencias concedidas as ditas armas, e lh'as deixem trazer, e possuir e d'ellas usar nos autos em que a nobreza d'ellas lhe dá logar, e por verdade lhe passei esta certidão de brazão em Lisboa por mim assignada aos dezesete dias do mez de março. Diogo de S. Romão a fez; anno do nascimento de nosso senhor Jesus Christo, de mil e quinhentos e oitenta e nove. — *Portugal principal rei de armas.*

XXIX

Brazão de armas concedido a Francisco de Sande

(1513)

D. MANUEL, por graça de Deos rei de Portugal, e dos Algarves, d'aquem e d'além mar em Africa, senhor de Guiné, e da conquista, navegação, e do commercio da Ethiopia, Arabia, Persia, e da India. A quantos esta nossa carta virem fazemos saber, que Francisco de Sande, fidalgo, nos fez petição como elle descendia, e vinha da geração e linhagem dos de Sande, que eram fidalgos de cotta de armas, e suas armas lhe pertenciam por direito, pedindo-nos por mercê, que por a memoria de seus antecessores se não perder, e convir e usar da honra das armas, que pelos merecimentos de seus serviços ganharam, e lhe foram dadas, e assim dos privilegios e honras, graças e mercês, que por direito por bem d'ellas lhe pertencem, lhe mandassemos dar nossa carta das ditas armas, que estão registadas nos livros dos registos das armas dos nobres, e fidalgos de nossos reinos, que tem Portugal nosso principal rei de armas. A qual petição vista por nós, mandámos sobre ella tirar inquirição de testemunhas por Henrique Vaz, inquiridor da côrte, e Affonso Fernandes, escrivão, pelos quaes somos certos, que elle procede, e vem da geração e linhagem dos de Sande, e é o chefe e principal da dita linhagem, como filho mais velho que é de Fernão Lopes de Sande, e bisneto de Estevão Lopes de Sande, e tresneto de Lopo Affonso de Sande, que viveu com el-rei D. João primeiro, de gloriosa memoria, os quaes seus avós todos foram nobres e fidalgos, e sempre viveram a lei de fidalgos, e por taes sempre foram havidos e conhecidos, e que de direito as suas armas lhe pertencem, as quaes lhe mandamos dar em esta nossa carta com o seu brazão, elmo e timbre, como aqui são divisadas, e assim como fiel e verdadeiramente se acharam divisadas e registadas nos livros dos registos do dito Portugal, nosso principal rei de armas, as quaes armas são as seguintes, convém a saber: o campo vermelho, e um leão entre quatro flôres de liz de ouro, uma sobre a cabeça, e outra aos pés, e as outras nas ilhargas, elmo de prata aberto, paquife de ouro forrado de vermelho, e por timbre um meio leão vermelho, com uma flôr de liz de ouro na cabeça: o qual escudo e armas, e signaes, possa trazer, e traga o dito Francisco de Sande, assim como as trouxeram, e d'ellas usaram seus antecessores em todos os logares de honra em que os ditos seus antecessores e nobres, e antigos fidalgos sempre costumaram a trazer em tempo dos mui esclarecidos reis nossos antecessores, e com ellas possa entrar em batalhas, campos, duelos, rectos, escaramuças, e desafios, e assim as trazer em seus firmaes, aneis e sinetes, e divisões, e as pôr em suas casas e edificios, e deixal-as sobre sua propria sepultura, e finalmente se servir e convir, e aproveitar d'ellas em todo e por todo, como a sua nobreza convém. Com o que queremos, e nos praz, que haja elle, e todos os seus descendentes todas as honras, privilegios, liberdades, graças e mercês, e isenções, e franquezas, que hão, e devem de haver os fidalgos nobres, e de antiga linhagem, e como sempre de todo usaram, e conviram seus antecessores; e porém mandamos a todos os nossos corregedores, desembar-

gadores, juizes, justiças, alcaides, e em especial aos nossos reis de armas, arautos e passavantes, e quaesquer outros officiaes a que esta nossa carta fôr mostrada, e o conhecimento d'ella pertence, que em todo e por todo a cumpram, e façam cumprir e guardar, como n'ella é conteudo, sem duvida nem embargo algnm que lhe em ella seja posto, porque assim é nossa mercê. El-rei o mandou pelo bacharel Antonio Rodrigues, seu principal rei de armas Portugal, Diogo Fernandes a fez. Anno de mil e quinhentos e treze. A 25 dias de fevereiro. — *Portugal rei de armas.*

XXX

Brazão de armas concedido a Francisco de Sande Villalobos

(1576)

Portugal rei de armas principal d'El-rei nosso senhor. Faço saber a quantos esta minha carta de certidão de brazão de armas digna de fé, e crença virem, que Francisco de Sande de Villalobos, fidalgo, natural da villa de Estremoz, e n'ella morador, me pedíu, e requereu, que porquanto elle descendia por linha directa masculina legitima sem bastardia por parte de seu pai Ruy de Sande, e de seu avô Francisco de Sande, e de seu bisavô Fernão Lopes de Sande, e de seu tresavô Lopo Fernandes de Sande, e de seu quarto avô Estevão Lopes de Sande, e de seu quinto avô Lopo Affonso de Sande, da geração e linhagem dos Sandes, que n'este reino são fidalgos de cotta de armas, como constava do instrumento justificado, e carta patente que apresentava, que lhe désse um escudo de armas que a dita linhagem pertencem, e a elle de direito por lhe pertencerem, como chefe devia trazer para d'ellas usar, e gozar das honras, e liberdades, que por bem da nobreza d'ellas gozaram seus antepassados, pois d'ellas foi passada a dita carta em fórma, e como a chefe ao dito seu avô por mandado d'el-rei D. Manuel, que santa gloria haja: pelo que provendo a seu requerimento com o poder, e auctoridade que de meu officio para isso tenho, busquei os livros da nobreza que em meu poder estão, e acho que as armas, que á dita linhagem pertencem serem estas, que em esta lhe dou illuminadas, convem a saber: o campo vermelho e um leão de oiro rompente entre quatro flores de liz do mesmo, e com mais seu paquife, elmo, e timbre; e certifico, e dou fé passar meu antecessor por mandado do dito senhor a dita carta em fórma com o brazão das ditas armas, e como a chefe d'ellas ao dito avô do snpplicante na era de 1513 por elle assignada; pelo que ao dito Francisco de Saude de Villalobos supplicante devem ser guardadas as honras e liberdades concedidas ás ditas armas conteudas na data carta: e por verdade lhe passei esta em Lisboa por mim assignada aos nove dias do mez de maio. Diogo de S. Romão a fez. Anno do nascimento de nosso senhor Jesus Christo de mil e quinhentos e setenta e seis annos. *Portugal principal rei de armas.*

XXXI

Brazão de armas concedido a Francisco Simões Monteiro de Faria

(1745)

DOM JOÃO por graça de Deus rei de Portugal, e dos Algarves, etc. Faço saber aos que esta minha carta virem, que Francisco Simões Monteiro de Faria, cavalleiro fidalgo de minha casa, e juiz proprietario de minhas reaes coutadas da villa de Salvaterra de Magos, e assistente na mesma villa, me fez petição dizendo-me, que elle vinha por legitima descendencia da nobre geração, e linhagem dos Farias, Monteiros e Soares, os quaes são fidalgos de solar, e cotta de armas, e que as suas lhe pertenciam a elle de direito, e me pedia

por mercê, que para a memoria de seus antecessores se não perder, e elle usar e gozar da honra das armas, que pelos merecimentos de seus serviços ganharam, e lhe foram dadas, assim dos privilegios, honras, graças e mercês, que por direito e por bem d'ellas lhe pertencem, lhe mandasse dar minha carta das ditas armas, que estavam registadas em os livros dos registos das armas dos nobres, e fidalgos dos meus reinos, que tem Portugal meu principal rei de armas; para o que me apresentou uma santença de justificação de sua ascendencia e nobreza, proferida pelo doutor Manuel da Costa Mimoso, meu desembargador, e corregedor do civel da côrte, e casa da supplicação, escripta por Antonio Soares Guerreiro, escrivão do dito juizo, em a qual depois de tirar inquirição de testemunhas, julgou o dito meu corregedor ser o supplicante de sangue puro, e legitimo descendente das ditas familias, Monteiros e Soares. Por provar ser legitimo filho de Manuel Monteiro de Faria, cavalleiro fidalgo de minha casa e professo na ordem de Christo, e almoxarife proprietario dos paços da villa de Almeirim, e de D. Joanna Maria Lobo; neto pela parte paterna de Francisco Simões Monteiro de Faria, cavalleiro fidalgo de minha casa, e professo na ordem de Christo, commendador da mesma ordem, e almoxarife proprietario dos paços da Ribeira d'esta cidade de Lisboa, e de D. Helena Maria de Lima; bisneto do capitão Antonio Monteiro de Faria tambem cavalleiro fidalgo professo na ordem de Christo, e commendador da mesma ordem, e de D. Maria Simões, e que os ditos seus pais e avós eram pessoas muito nobres, e legitimos descendentes das ditas familias dos Farias, Monteiros e Soares, e como tais se trataram sempre a lei da nobreza, com cavallos, armas e criados, como pessoas nobres que eram, servindo sempre cargos do governo, tanto nos postos de militar, como nos da republica, sem que nas ditas gerações houvesse nunca raça alguma de judeu, mouro, ou mulato, nem de outra infecta nação, e assim de direito lhe pertencem as suas armas, as quaes lhe mandei dar em esta minha carta com seu brazão, elmo e timbre, como aqui vão divizadas, e assim como fiel e verdadeiramente se acharam illuminadas, e registradas em os livros dos registros das armas dos nobres, e fidalgos dos meus reinos, que tem o dito Portugal meu rei de armas, a saber: um escudo esquartelado, no primeiro quartel das armas dos Farias, que são em campo sanguinho, uma torre de prata lavrada de negro, entre duas flores de liz de prata, e tres em chefe; no segundo quartel as armas dos Monteiros, que são em campo de prata tres bozinas negras com bocaes de ouro, e cordões vermelhos postas em roquete; no terceiro quartel as dos Soares, que são em campo sanguinho uma banda de ouro, que sáe das bocas de duas cabeças de serpe do mesmo armados de azul, e nos dois vãos do escudo dois vasos de prata de duas azas cada um, cheios de lirios ou açucenas de sua cor, abertas: no quarto outra vez as dos Farias, como no primeiro; elmo de prata aberto, guarnecido de oiro; paquife dos metaes e cores das armas: timbre o dos Farias, que é a mesma torre das armas com uma flor de liz sobre as armas, e por differença uma brica de oiro com um trifolio azul; o qual escudo poderá trazer, e traga o dito Francisco Simões Monteiro de Faria, assim como as trouxeram, e d'ellas usaram os ditos nobres, e antigos fidalgos seus antepassados, em tempo dos mui esclarecidos reis meus antecessores, e com ellas possa entrar em batalhas, campos, rectos, escaramuças, e exercitar com ellas todos os outros actos licitos da guerra e paz, e assim as possa trazer em seus firmaes, aneis, sinetes e divisas, pôl-as em suas casas, edificios, e deixal-as em sua propria sepultura; e finalmente se poderá servir, honrar e gozar, e aproveitar d'ellas em todo, e por todo como a sua nobreza convem; com o que quero, e me praz que haja elle todas as honras, privilegios, liberdades, graças, mercês, isenções e franquezas, que hão e devem haver os fidalgos nobres e de antiga linhagem, e como sempre de todo usaram, e gozaram os ditos seus antecessores. Pelo que mando a todos meus corregedores, desembargadores, juizes, justiças, alcaides e em especial aos meus reis de armas, arautos e passavantes, e a quaesquer outros officiaes, e pessoas a quem esta minha carta for mostrada, e o conhecimento d'ella pertencer, que em tudo lh'a cumpram e guardem como n'ella é contheudo, sem duvida nem embargo algum, que em ella lhe seja posto, porque assim é minha mercê. El-rei nosso senhor o mandou

por Manuel Pereira da Silva, seu rei de armas Portugal. Fr. Manuel de Santo Antonio, da ordem de S. Paulo, e reformador do cartorio da nobreza, por especial provisão do dito senhor, a fez em Lisboa aos dezoito dias do mez de dezembro do anno do nascimento de nosso senhor Jesus Christo de mil setecentos quarenta e cinco, e vai sobescripta por Hilario da Costa Barreiros, proprietario do officio de escrivão da nobreza n'estes reinos e senhorios de Portugal, e suas conquistas. E eu Hilario da Costa Barreiros, cavalleiro da casa de sua magestade, a sobescrevi. *Principal rei de armas Portugal.*

XXXII

Brazão de armas concedido a Gaspar de Andrade Columbreiro

(1709)

Portugal rei de armas principal do muito alto e poderoso rei D. João o quinto, por graça de Deus rei de Portugal e dos Algarves, d'aquem e d'além mar em Africa, senhor de Guiné e da conquista, navegação, commercio da Ethiopia, Arabia e Persia, e da India, etc. Faço saber a quantos esta minha carta de certidão e brazão de armas, fidalguia e nobreza, digna de fe, e crença virem, que por parte de Gaspar de Andrade Columbreiro, natural da ilha de Santa Maria, ilhas dos Açores, me foi feita petição por escripto, que pela sentença junta que offerecia passada em nome de sua magestade, e pela chancellaria da côrte, e promulgada pelo dr. Alexandre da Silva Correa, do desembargo do dito senhor, desembargador da casa da supplicação, e corregedor com alçada dos feitos e causas civeis, constava ser elle supplicante descendente das illustres e nobres familias dos Mellos, Velhos, Cabraes e Travassos, que n'este reino são fidalgos antigos, de solar conhecido e de cota de armas, por ser irmão dos padres José de Andrade e Manuel Martins Columbreiro, filhos de Sebastião de Fontes Velho, e de sua mulher Catharina Furtado Leite, neta por seu pai Gonçalo Martins Leite, de Jorge Furtado de Sousa, que teve o fôro de fidalgo, e de sua mulher Catharina Nunes Velho, filha de Isabel Nunes Velho, que foi filha de Nuno Velho, filho de Diogo Gonçalves de Travassos, e D. Violante Alvares Cabral, neta do senhor de Belmonte; e o dito Sebastião de Fontes Velho com seu irmão Francisco de Andrade e Mello, pai do illustrissimo D. Francisco de S. Jeronymo, bispo do Rio de Janeiro; eram filhos do capitão Sebastião de Fontes Velho, e de sua mulher Maria Velho de Mello, o qual capitão era filho do capitão Sebastião de Fontes Velho e de sua mulher Maria Romeira Velho, o qual segundo avô do supplicante era filho de Adão de Fontes e de sua mulher Beatriz Affonso, fidalga da ilha da Madeira, e o dito Adão de Fontes e Jorge de Fontes, fidalgo cavalleiro do habito de Christo, eram filhos de João da Fonte das Côrtes, e de sua mulher Ignez Affonso, e a dita Ignez Affonso sua quarta avó era filha de Africa Annes e de seu primeiro marido Jorge Velho, fidalgo africano, o qual era filho de Gonçalo Annes e de sua mulher Simôa de Sá, fidalgos d'esta côrte; e Maria Velho de Mello avó do supplicante era filha de Diogo Velho de Mello, e de sua mulher Anna de Andrade, filha de Balthazar Velho de Andrade que teve o fôro de fidalgo, e de sua mulher Marqueza Fernandes de quem era terceiro neto, e Diogo Velho de Mello era filho de Diogo Fernandes e de sua mulher Anna Andrade Velho, filha de Duarte Nunes Velho, fidalgo cavalleiro do habito de S. Tiago: e a dita Marqueza Fernandes era filha de Domingos Fernandes e de sua mulher Margarida Affonso, filha do dito Duarte Nunes Velho, e a dita Maria Romeira Velho segunda avó do supplicante era filha do capitão Manuel Romeiro Velho, neta de Briolanja Nunes, filha de Lourenço Annes, fidalgo da villa de S. Sebastião da ilha Terceira, e de sua mulher Grimaneza Affonso de Mello, irmã do dito Duarte Nunes Velho, filhas da dita Africa Annes, e de seu segundo marido Nunes Velho, irmão de Pedro Velho e de Ruy Velho de Mello, estribeiro-mór de el-rei D. João II, que eram irmãos de D. Catharina Velho Cabral, avó de Manuel da Silveira, senhor de Terena, e da mulher de Nuno de

Cunha vice-rei da India: o qual Nuno Velho quarto avô do supplicante, com os ditos seus irmãos são filhos de Diogo Gonçalves de Travassos, e de sua mulher D. Violante Alvares Cabral, irmã de D. Thereza, mãe de João Soares de Albergaria, donatario das ilhas de S. Miguel e Santa Maria, e de Fr. Gonçalo Velho, commendador do castello de Almourol, senhor das villas das Pias, Bezelga e Cardiga, descobridor das ilhas, seu primeiro donatario, os quaes são filhos do fidalgo Fernão Velho e de sua mulher D. Maria Alvares Cabral, filha do senhor de Belmonte: por cujas razões largamente se mostra por sentenças lhe pertencem as armas das nobres familias referidas das quaes quer usar, que são as dos Mellos por seu quarto avô o sobredito Nuno Velho, irmão de Ruy Velho de Mello, estribeiro-mór de el-rei D. João II, e as armas dos Velhos pela casa dos commendadores de Almourol o dito Fr. Gonçalo Velho, descobridor das ilhas; das armas dos Cabraes pela casa de Belmonte de quem era filha a dita D. Maria Alvares Cabral; e as dos Travassos pelo seu quinto avô Diogo Gonçalves de Travassos, vedor do infante D. Pedro, regente d'este reino, seu escrivão da puridade, com o qual se achou na tomada de Ceuta, e foi aio e padrinho dos filhos do dito infante, e do conselho de el-rei D. Affonso V, e tanto seu privado, que na sua doença foi visitado de el-rei em pessoa; está sepultado no convento da Batalha á porta da capella dos reis com esta letra — D — sobre sua sepultura de mandado do dito rei, dos quaes todos elle supplicante descendia por linha direita sem quebra de bastardia, e serem christãos velhos, limpos de toda a raça de nação infecta, e se tratar elle supplicante á lei da nobreza, como todos seus avós, com armas, cavallos, escravos, e por tal estava julgado na dita sentença, e por se não perder a memoria de seus progenitores da sua antiga fidalguia e nobreza, queria elle supplicante para conservação d'ella um brazão de armas pertencente ás ditas gerações, pelo que me pedia lhe mandasse passar carta e certidão de brazão em fórma com as ditas armas illuminadas, assim como elle supplicante as havia trazer e d'ellas usar, e receberia mercê. E vista por mim a dita sua petição e sentença que fica em poder do escrivão da nobreza, e por ella consta estar o supplicante julgado por legitimo descendente das ditas gerações, que n'este reino são fidalgos de solar, pelo haver assim provado na dita sentença, na qual achei o conteudo na dita petição, em virtude da qual provi os livros da fidalguia e nobreza d'este reino, e n'elles achei registadas as armas, que ás ditas linhagens pertencem, que são as que n'esta lhe dou divisadas, e illuminadas a saber: um escudo posto ao balão esquartelado; no primeiro as armas dos Mellos, em campo vermelho seis besantes de prata entre doble cruz, e bordadura do mesmo; no segundo as dos Velhos, em campo vermelho cinco vieiras de oiro em aspa; no terceiro as dos Cabraes, em campo de prata, duas cabras passantes de purpura; no quarto as dos Travassos, em campo vermelho cinco rosas de trevo de oiro em aspa; timbre o das armas dos Mellos, que é uma aguia preta abesantada de prata; paquife dos metaes e côres das armas, e por differença uma estrella vermelha. E porque estas são as armas que ás ditas quatro linhagens pertencem, eu Manuel Leal, rei de armas Portugal e principal com o poder do meu muito nobre, e real officio, lh'as dou, e assigno assim como vão no dito escudo, as quaes armas poderá usar como acto, e prerogativa da sua nobreza e fidalguia e com ellas gozar todas as graças, isenções, liberdades, honras, e privilegios, que pelos senhores reis d'estes reinos foram concedidos aos fidalgos e nobres d'elles, e em especial aos das ditas gerações, e com ellas poderá entrar em batalhas, e em todas mais emprezas, assim de paz como de guerra, e em tudo que mais licito e honesto fôr; as poderá fazer pintar, e bordar em seus reposteiros, bandeiras, estandartes, e abrir em suas baixelas, anneis, sinetes, e nos portaes das suas casas, e quintas, e finalmente as poderá esculpir, e deixar sobre sua propria sepultura, servindo-se e honrando-se d'ellas como á sua nobreza e fidalguia convem, e como fazem os mais fidalgos d'estes reinos. Pelo que requeiro a todos os desembargadores, corregedores, ouvidores, juizes, e mais justiças de sua magestade, da parte do dito senhor, e da minha por virtude do officio que tenho, e em especial mando aos officiaes da nobreza, como juiz que sou d'ella, reis de armas, arautos, e passavantes a cumpram, e façam cumprir, e inteiramente guardar, assim como por mim é determinado

e julgado, e por firmeza de tudo vai por mim assignada com o signal publico do meu officio. Dada n'esta cidade de Lisboa aos 23 de janeiro de 1709. Francisco de Almeida a fez por José Duarte Salvado, cavalleiro da casa real, e escrivão da nobreza n'estes reinos e senhorios de Portugal. E eu José Duarte Salvado a fiz escrever, e subscrevi. — *Portugal rei de armas principal, Manuel Leal.*

XXXIII

Brazão de armas concedido a Gaspar Rodrigues Torres de Abreu

(1641)

Portugal rei de armas principal n'estes reinos e senhorios de Portugal, pelo muito alto e poderoso rei D. João, quarto d'este nome, por graça de Deus, rei de Portugal e dos Algarves, d'áquem, d'álem mar em Africa, senhor de Guiné e da conquista, navegação, commercio da Ethiopia, Arabia, Persia e da India, etc. Faço saber aos que esta minha carta de certidão e brazão de armas e nobreza digna de fé e crença virem, que por o capitão Gaspar Rodrigues Torres de Abreu me foi apresentado um instrumento de testemunhas, que judicialmente foram perguntadas em a villa de Lanhoso, pelo juiz Gonçalo Gomes, escrivão João Camello, reconhecido n'esta cidade por Francisco Coelho, tabellião de notas, e pelo dito instrumento constava ser elle dito capitão filho legitimo de legitimo matrimonio de Francisco Rodrigues de Abreu, e neto pela mesma linha de Fernão Rodrigues de Abreu, e de sua legitima mulher Ignez Leitoa, moradores que foram na cidade de Braga; e pela mesma linha bisneto de Nuno Rodrigues de Vasconcellos e de sua legitima mulher Cecilia de Araujo de Abreu, os quaes pais, avôs e bisavôs eram fidalgos de sanguinidades e geração, por serem dos verdadeiros Rodrigues, Vasconcellos, Abreus, e Vieiras d'este reino, e n'elle senhores de vassallos, como mais largamente constava de muitas testemunhas fidedignas descender das ditas casas, sem labéo de bastardia por linha recta masculina, sem n'ellas haver raça alguma de infecta nação, tratando-se todos a lei da nobreza com armas, cavallos, escravos, criados e mais gente do seu serviço, como á sua nobreza e fidalguia convinha; e que assim a conservava elle dito capitão Gaspar Rodrigues Torres de Abreu, sendo ao presente capitão de infanteria de uma companhia na villa de Mazagão, como me constou por uma certidão de Marçal da Costa, escrivão das mercês de sua magestade, que outrosim me presentou, que tudo fica em poder do escrivão da nobreza que este sobescreveu, ao qual eu em todo e por todo me reporto: pelo que me pedia e requeria que para elle haver de gozar da nobreza das armas acima ditas, que assim lhe pertencem, e n'estes reinos e senhorios gozam os nobres e antigos fidalgos de cotta de armas, e das prerogativas, honras, mercês, privilegios e liberdades, me pedia da parte de sua magestade que pela memoria de seus antecessores se não perder, lhe désse e passasse um escudo de armas que ás ditas linhagens convém; e visto por mim seu requerimento ser justo e o instrumento authentico, e me constar por elle ser limpo de toda a macula, e filho e neto e bisneto dos sobreditos, e muito aparentado com pessoas muito nobres, e constituidas em dignidade, com o poder e auctoridade que de meu nobre e real officio para isso tenho, busquei e provi os livros da nobreza e antiga fidalguia d'este reino, que em meu poder estão, e n'elles achei registadas as ditas armas, a saber: um escudo posto em balão, como aqui lh'as dou divisadas e illuminadas: o escudo esquartelado, o primeiro dos Rodrigues partido em chefe, campo azul, e n'elle cinco flôres de liz de oiro postas em santor, e chefe sanguino com uma cruz de oiro florida e vazia do campo. Ao segundo dos Vasconcellos, campo negro, e n'elle tres faxas de veiros, de vermelho e prata veiradas, e contraveiradas. Ao terceiro dos Abreus, campo sanguinho e n'elle cinco cotas de aguia de ouro em aspa cotadas em sangue. Ao ultimo dos Vieiras: campo vermelho, e n'elle seis vieiras de ouro nervadas de preto, e por differença um

lyrio de ouro, e por timbre um leão nascente de sua côr com uma flôr de liz na mão direita : elmo de prata aberto guarnecido de ouro, paquife dos metaes e das côres das armas : por assim pertencerem ao sobredito capitão Gaspar Rõiz Torres de Abreu, e de as poder trazer, e d'ellas usar lhe.passei a presente certidão e brazão de armas, para que com ellas possa entrar em batalhas, campos, duelos, rectos e escaramuças, desafios, justas, torneios, e exercitar todos os outros actos licitos de guerra e paz, e as poderá trazer em seus reposteiros, firmaes, anneis, sinetes, e divisas, e pôl-as em suas casas, e edificios, e deixal-as em sua propria sepultura, servindo-se e aproveitando-se d'ellas como á sua nobreza e fidalguia convém. Pelo que requeiro a todos os desembargadores, provedores, corregedores, ouvidores, juizes, e mais justiças de sua magestade, da parte do dito senhor, e por bem do real officio da nobreza, que tenho, e em especial mando aos reis de armas, arautos, e passavantes, que ora são e ao diante forem, como juiz que sou d'ella, o cumpram e façam inteiramente cumprir e guardar, assim e de maneira que n'elle se contém e por mim é julgado, determinado, e mandado com todos os privilegios prerogativas, graças, honras, liberdades, preminencias que devem haver os nobres, e antigos fidalgos de geração e cota de armas da nobre e antiga linha gemd'estes reinos, que sempre costumaram ter e haver as ditas armas. E por verdade, e em fé, e testemunho d'ella passei esta por mim assignada, e dada n'esta côrte e cidade de Lisboa, aos dez dias do mez de outubro do anno de 1641. Duarte Rõiz da Rocha, a fez pelo capitão de infanteria, Francisco Luiz, escrivão da nobreza n'estes reinos, e senhorios de Portugal, por sua magestade. E eu Francisco Luiz a fiz escrever, e subscrevi. —*Portugal rei de armas.*

XXXIV

Brazão de armas concedido a Gonçalo de Almeida

(1621)

Portugal rei de armas principal n'estes reinos e senhorios, pelo muito alto e poderoso rei D. Filippe nosso senhor etc. Faço saber a quantos esta minha certidão de brazão de armas digna de fé e crença virem, que por parte de Gonçalo de Almeida, moço fidalgo da casa de sua magestade, morador nas partes de Malta. me foi requerido dizendo-me que elle era filho legitimo de Francisco de Almeida de Vasconcellos, fidalgo da casa de sua magestade e do seu conselho, e secretario do conselho de sua magestade em sua corte de Madrid, e de sua mulher D. Luiza de Sequeira, sua legitima mulher, nado e creado dentre ambos de legitimo matrimonio; e que era neto pela parte de seu pae de Gabriel de Almeida de Vasconcellos, outro si fidalgo da casa de sua magestade, e de sua mulher Margarida Perestrella, os quaes todos foram fidalgos honrados e abastados e do tronco das gerações dos Almeidas, Vasconcellos e Perestrellos, que n'este reino são fidalgos de cotta de armas e solar, e por taes estão tidos e havidos e se tratavam tendo continuamente cavallos e criados com que se serviam, fazendo muitos serviços aos reis d'este reino na defensão d'elle, com suas pessoas e fazenda, e assim elle supplicante vive limpa e abastadamente como convém á nobreza, sem n'elles haver raça de judeu, mouro, como tudo constava pelo instrumento que me apresentou, e pela memoria de seus antecessores se não perder me requeria da parte do dito senhor lhe passasse e désse um escudo das armas que ás ditas linhagens pertencem, e elle supplicante de direito por lhe pertencer deseja trazer e d'ellas usar, e gozar das honras e fidalguias que ás ditas armas pertencem; e visto por mim seu requerimento authentico, passado em fórma devida, que em meu poder fica, pelo qual consta o sobredito, com o poder de meu nobre e real officio e auctoridade que para isso tenho, procurei e busquei os livros da nobreza da nobre fidalguia d'este reino e n'elles achei registadas as armas das nobres linhagens dos Almeidas, Vasconcellos e Perestrellos, que n'este reino são fidalgos de cotta de armas e solar co-

nhecido, que por parte do dito seu pae Francisco de Almeida Vasconcellos, e de sua mãe Margarida Perestrella e avó pertencem ao dito Gonçalo de Almeida, como n'este escudo lh'as dou divisadas e illuminadas, a saber: um escudo esquartelado; o primeiro dos Almeidas de vermelho com seis besantes em tres pallas de oiro, com a sobre cruz e bordadura do mesmo, e por timbre uma aguia inteira com as azas estendidas besantadas de besantes de oiro; e por differença uma flôr de liz de azul. O segundo dos Vasconcellos, campo de preto e tres faxas viradas e contraviradas, e assim o contrario de prata e vermelho. O ultimo dos Perestrellos; o escudo partido em palla, o primeiro de oiro e um leão de purpura armado de vermelho, e o segundo de prata e uma banda de azul, com tres estrellas de oiro entre seis rosas vermelhas em duas pallas. Elmo de prata aberto guarnecido de oiro: paquife do metal e cores das armas. E por assim lhe pertencer e as dever de raiz trazer e d'ellas usar, requeiro ás justiças, por parte do dito senhor e por bem do officio da nobreza, guardem ao dito Gonçalo de Almeida as honras, liberdades e mais preeminencias concedidas ás ditas armas, e lhas deixem trazer e possuir nos sitios em que a nobreza d'ellas lhe dá logar, e em especial mando aos officiaes da nobreza como juiz que sou d'ella, o cumpram e façam inteiramente cumprir e guardar como fica declarado, e por verdade lhe passei esta certidão de brazão por mim assignada em Lisboa aos 20 de julho do anno do nascimento de nosso senhor Jesus Christo de 1621 annos. Valentim da Costa Mattos a fez escrever por um despacho da mesa do desembargo do paço, hoje 28 de setembro de 621 annos. — *Portugal rei de armas.*

XXXV

Brazão de armas concedido a Gonçalo Mendes de Gouvêa

(1609)

Portugal rei de armas principal n'estes reinos, e senhorios de Portugal pelo muito poderoso rei D. Filippe nosso senhor etc. Faço saber a quantos esta minha carta de brazão e certidão digna de fé e crença virem, que por parte de Gonçalo Mendes de Gouvêa, alcaide-mór de Samora Corrêa, cavalleiro professo da ordem de Sant'Iago, morador n'esta cidade de Lisboa, ás portas de Santa Catharina, e rua da Metade me foi requerido, dizendo que elle era filho legitimo de Antonio Mendes de Gouvêa, tambem cavalleiro do habito de Sant'Iago, e de Maria Neta, sua mulher, moradores que foram na villa de Torres-novas; por parte do dito seu pae, era neto de Antonio Mendes de Oliveira, fidalgo da casa de sua magestade, e de D. Filippa de Gouvêa sua mulher, os quaes paes e avós d'elle supplicante, por linha direita sem bastardia, eram descendentes da noblissima linhagem dos de Gouvêa, que n'este reino são chefes e fidalgos da casa, e como taes se trataram sempre á lei da nobreza, e assim se trata elle supplicante, sem n'elles haver raça de judeu, nem mouro, como tudo elle justificou perante mim, pelo que me requeria da parte do dito senhor, que para a memoria dos seus antecessores se não perder, lhe passasse um escudo de armas que á dita linhagem pertence, e a elle supplicante de direito seus lhe pertencem, devia trazer para d'ellas usar e gosar da honra e fidalguia que a dita linhagem pertencem; e visto por mim seu requerimento e justificação autentica que em meu poder fica, pela qual consta o sobredito, e com o poder e autoridade de meu nobre e real officio, que para isso tenho, provi e busquei os livros da nobreza, da fidalguia d'este reino, e n'elles achei registadas as armas da noblissima e antiga linhagem dos de Gouvêa, que n'este reino são fidalgos chefes da casa de solar, que parte de seu pae, Antonio Mendes de Gouvêa, pertence a elle supplicante Gonçalo Mendes de Gouvêa, as ditas armas como n'este escudo que está nas costas, e assignado por mim n'esta banda é o seguinte, e lh'as dou divisadas e illuminadas; o escudo partido em palla, o primeiro de vermelho com seis arruelas de prata, cada tres em pala com bordadura de ouro,

e uma cruz dobre pelo meio; segundo de prata com seis arruelas de azul, e por timbre uma aguia vermelha, em cada aza tres arruelas de prata, elmo do mesmo aberto guarnecido, paquife de metal das côres das armas: e por assim lhe pertencer, por vir de linha de brazão e casa de chefe e as dever assim trazer e usar d'ellas, requeiro ás justiças da parte do dito senhor, e por bem do officio da nobreza, guardem ao dito Gonçalo Mendes de Gouvêa as honras e liberdades, e mais preminencias concedidas ás ditas armas, e lh'as deixem trazer e possuir nos actos em que a nobreza d'ellas lhe dá logar; e em especial mando aos officiaes da nobreza, como juiz que sou d'ella, a cumpram e façam inteiramente cumprir e guardar. E por verdade lhe passei esta carta de brazão e certidão por mim assignada, e sellada com o sello de minhas armas. Dada na cidade de Lisboa aos dez dias do mez de fevereiro de mil seiscentos e nove annos. Eu Balthasar do Valle Cerqueira, rei de armas Algarve, escrivão da nobreza d'estes reinos, e senhorios de Portugal a fiz escrever, e subscrevi. — *Rei de armas.* Logar do sello, logar do escudo das armas.

N. B. Tem o seu reconhecimento do tabellião Lourenço de Freitas, por copia tambem, e segue :

Este Gonçalo Mendes de Gouvêa foi estribeiro do duque D. Alvaro de Alencastro, consta de um alvará de terra de um moio de trigo, que o duque lhe fez mercê, com poder de o nomear por sua morte. Foi thesoureiro dos defuntos e ausentes do Brazil, consta de uma escriptura de fiança, que lhe fez seu irmão Jayme de Gouvêa Leite, alcaide-mór de Monte-mór-o-velho. Antonio Mendes de Oliveira, avô do dito Gonçalo Mendes, foi veador da casa do duque mestre D. Jorge. D. Filippa de Gouvêa era filha do doutor Ruy Pires de Gouvêa, ouvidor geral das terras do mestre duque, e dos dois mestrados.

XXXVI

Brazão de armas concedido a Henrique de Almeida

(1494)

Rei de armas Portugal, do muito alto e muito poderoso senhor el-rei D. João segundo nosso senhor. Faço saber a quantos esta minha carta de fé, e certidão virem, que Henrique de Almeida, fidalgo da sua casa me diz, que elle era filho de Martim Annes de Almeida, e primo de Duarte de Almeida, alferes-mór de el-rei D. Affonso v, que Deus haja, por cuja parte e a elle pertenciam suas armas com differença devida para as elle ter como seus antecessores, requerendo-me que do meu officio lh'as désse sobre meu signal: e visto seu requerimento ser justo antes de lh'as assim tirar do meu livro, dei o juramento a algumas pessoas se d'isso sabem parte, as quaes affirmaram que o dito Henrique de Almeida vem do tronco das ditas linhagens, e por tanto eu dito rei de armas as tiro do regimento a d'onde as tinha assentadas, e pelo poder do meu officio lh'as dou, assim pela maneira que no meio d'esta carta são assentadas com a differença com que as de direito deve ter, e porém notifico assim a todos por que sobre ello não haja duvida. Feita em Lisboa ao primeiro de março de 1494. — *Portugal rei de armas.*

N. B. Diz uma memoria que este Henrique de Almeida foi camareiro de el-rei D. Affonso v.

XXXVII

Brazão de armas concedido a Henrique da Motta

(1519)

Rei de armas Portugal, do muito alto e mui excellente e poderoso principe el-rei D. Manuel, por graça de Deus rei de Portugal, dos Algarves d'aquem, d'álem mar em Africa, e senhor de Guiné, e da conquista, navegação e commercio da Ethiopia, Arabia Persia, e da India. Faço saber a quantos esta minha carta de certidão virem, que Henrique da Motta, escudeiro, me requereu e pediu, que por quanto elle procedia da linhagem e geração dos da Motta, da parte de seu avô, João da Motta, escudeiro, e de seu pai Gonçalo da Motta, escudeiro de el-rei D. Affonso, que Deus haja, por cuja verdadeira concepção deve gozar de todos os privilegios, liberdades, franquezas que hão, e de que gozaram todos os seus antecessores, por respeito de sua nobreza e fidalguia, que tem de linhagem de cotta de armas e solar conhecido, me requereu que de suas verdadeiras armas, como de direito lhe pertencem, eu lhe désse minha carta de certidão, para quando lhe necessario fosse, e usar d'ella, como os ditos seus antecessores: e visto por mim seu requerimento e obrigação que tenho para com meu officio prover semelhantes necessidades e requerimentos do supplicante, me conformei, e mandei que sobre esse caso fossem perguntadas certas testemunhas, segundo costume e estylo de direito: e satisfazendo o supplicante a meu desembargo, foi tirada a inquirição e acabada, e vista por mim, na qual inquirição testemunhou João de Coimbra, escudeiro, morador no Bombarral, termo da villa de Obidos, e Affonso Annes Boto, morador no dito logar, e Ruy Pires, morador no Carvalhal, termo da dita villa de Obidos, e Maria Annes, dona viuva, moradora no Carvalhal, e Fernam de Annes, morador no dito logar, e Alvaro Henriques, escudeiro, morador no dito logar do Carvalhal, e Alvaro Rodrigues, morador no Carvalhal, declararam em seu testemunho sem duvida como de certa sabedoria o dito Henrique da Motta ser filho legitimo do dito Gonçalo da Motta, e neto do dito João da Motta, que eram e são escudeiros honrados, e viveram e vivem á lei da nobreza, segundo se contém na petição do dito Henrique da Motta: e vista por mim sua prova ser firme e valiosa, dei ao dito Henrique da Motta as armas conteudas e pintadas no meio d'esta minha carta de certidão como estão escriptas em nossos livros antigos, que em meu poder são, como juiz da nobreza. Um escudo de ouro com cinco flôres de liz verdes em aspa. Pelo qual nos requereu, e mando da parte de el-rei nosso senhor, e por o poder e auctoridade que de sua alteza tenho, a todos os cavalleiros e fidalgos de cotta de armas, e a todos os corregedores, juizes e justiças, e officiaes, e pessoas a que esta minha carta de certidão fôr mostrada, e o conhecimento d'ella pertencer por qualquer guiza e maneira que seja, o deixem entrar em quaesquer transes de batalha, reptos e desafios que elle houver com seus inimigos, assim a elle, como aos que d'elle descenderem por linha direita masculina, o deixem gozar de todos os privilegios, honras, liberdades, e franquezas de que goza e gozaram todos os seus antecessores por razão das ditas armas, que tem de solar conhecido, assim como gozam e hão todos os cavalleiros fidalgos de cotta de armas e solar conhecido, e melhor se cumprirão se poder fazer, e não seja a dita carta valiosa, nem guardada, salvo ao dito Henrique da Motta e aos que d'elle descenderem por linha direita masculina, vivendo á lei da nobreza, cumprindo assim uns e outros sem duvida nem embargo que a ello ponhais. Feita em Lisboa, aos oito dias do mez de julho da era do nascimento de nosso senhor Jesu Christo de mil e quinhentos e dezenove annos. — *Rei de armas Portugal.*

XXXVIII

Brazão de armas concedido a Henrique da Silva

(1582)

Portugal rei de armas principal, de el-rei nosso senhor d'estes reinos de Portugal. Faço saber a quantos esta minha carta de brazão de armas de nobreza, digna de fé e crença virem, que Henrique da Silva, morador nos coutos de Alcobaça, me pediu e requereu, que por quanto elle descendia por linha directa legitima, e sem bastardia por parte de seu pae João da Silva de Sousa, e de seus avós Henrique da Silva e Anna de Sousa, e de seus bisavós Ruy de Sousa, e Alvaro de Vivar, e Aldonça da Silva de Azevedo, e de seus tresavós das gerações, e linhagens dos Silvas, Sousas, Azevedos e Vivares, que n'estes reinos são fidalgos de cotta de armas, e d'elles de solar conhecido, como constava do instrumento auctorisado em forma devida por auctoridade de justiça que apresentava, que lhe désse um escudo com as armas, que á dita linhagem pertencem, e as elle de direito por lhe pertencerem, devia trazer para d'ellas usar, e gosar das honras e liberdades, que por bem da nobreza d'ellas gosaram seus antepassados: Pelo que provendo a seu requerimento por virtude do que constava do dito instrumento, com o poder e auctoridade que de meu officio para isso tenho, busquei os livros da nobreza da nobre fidalguia do reino, que em meu poder estão, e acho n'elles as armas, que ás ditas linhagens pertencem serem estas, que em esta lhe dou illuminadas. O escudo esquartelado, ao primeiro dos Silvas, que trazem o campo de prata, e um leão de purpura rompente armado de azul, e ao contrario dos de Vivar, que trazem o campo partido em faxa ao primeiro partido em palla, e ao primeiro o esquartelado de Castella e Leão, e ao segundo de Aragão, e ao terceiro de vermelho, e uma arvore verde, com as raizes de prata, e um leão de oiro; e ao segundo do primeiro dos Sousas, que trazem esquartelado ao primeiro do reino, e ao segundo de vermelho, e quatro crescentes de luas de prata apontados, e assim os contrarios, e ao contrario dos Azevedos que trazem esquartelado, ao primeiro de oiro, e uma aguia preta estendida, ao segundo de azul, e cinco estrellas de prata em aspa, e uma bordadura vermelha cheia de aspas de oiro, e assim os contrarios. Elmo de prata aberto guarnecido de oiro, paquife de prata, e purpura, e oiro, e vermelho, e oiro, e azul, e por timbre um leão de purpura, e por differença um cardo verde florido de azul, que com ellas, pois lhe pertencem pela dita maneira, segundo regimento de armaria deve trazer, e por assim dever d'ellas uzar, requeiro ás justiças da parte do dito senhor, e por bem do officio da nobreza guardem ao supplicante as honras, e liberdades, e mais preeminencias concedidas ás ditas armas, e lh'as deixem trazer e possuir nos autos em que a nobreza d'ellas lhe dá logar. E por verdade lhe passei esta de certidão por mim assignada em Lisboa aos vinte e oito dias de maio. Diogo de S. Romão a fez, anno do nascimento de nosso senhor Jesus Christo de mil e quinhentos e oitenta e dois.

N. B. Este brazão pediu por certidão Francisco Dias do Castello, e lh'o mandou dar por seu despacho o juiz de fora de Santarem Alvaro Pinto de Oliveira, e o passou o tabellião Ruy Velho Cabral a 22 de dezembro de 1594.

XXXIX

Brazão de armas concedido a D. Isabel de Sousa Vitingão

(1746)

DOM JOÃO por graça de Deus rei de Portugal e dos Algarves, senhor de Guiné e da conquista, navegação, commercio da Ethiopia Arabia, Persia, e da India etc. Faço saber

aos que esta minha carta virem, que D. Isabel de Sousa Vitingão Vieira de Lima, mulher do coronel José Machado Pinto, moradores n'esta cidade, me fez petição dizendo que ella vinha por legitima descendencia da nobre geração e linhagem dos Vieiras, Limas, e Barrosos, e por seu marido lhe pertencem tambem as dos Machados e Pintos; e me pedia por mercê, que para memoria dos seus antecessores se não perder; e ella usar e gosar da honra das armas, que pelos merecimentos de seus serviços ganharam, e lhes foram dadas, assim dos privilegios, honras, graças, e mercês, que por direito, e por d'ellas lhes pertencem, lhe mandasse dar e passar sua carta das ditas armas, que estavam registadas no livro dos registos das armas dos nobres e fidalgos de meus reinos, que tem Portugal meu principal rei de armas; para o que me apresentou uma sentença de justificação de sua ascendencia, e nobreza proferida pelo doutor José Cardoso Castello, meu desembargador, e corregedor do civel da côrte e casa da supplicação, escripta por Thomaz de Gouveia Barbuda, escrivão do dito juizo, em a qual depois de tirar inquirição de testemunhas, e ver os documentos que lhe foram apresentados, julgou o dito meu corregedor ser a supplicante de nobreza muito illustre, e sangue limpo, e legitima descendente das ditas familias de Viegas, Limas, e Barrosos, por provar ser filha legitima do capitão Henrique de Vitingão, e de sua mulher D. Maria Couca de Lima, moradores que foram da cidade de S. Paulo do reino de Angola, e neta pela parte materna do capitão Manuel Couca, e de sua mulher D. Isabel de Sousa e Lima, e esta foi filha do sargento-mór Roque Vieira de Lima, morador que foi no mesmo reino, e neta pela parte paterna de Francisco Vieira de Lima, o qual foi fidalgo da minha casa, e cavalleiro da ordem de Christo, e tirou brazão com as armas dos Vieiras e Limas, e Barrosos no anno de 1737, os quaes ditos seus paes, e avós e seus antepassados eram pessoas muito nobres, e legitimos descendentes das ditas familias de Vieiras, Limas e Barrosos, e como taes se trataram sempre á lei da nobreza com cavallos, armas e creados, sem que nas ditas gerações houvesse raça de judeus, mouros, mulatos, nem de outra infecta nação, e assim de direito lhe pertencem as suas armas, as quaes lhe mando dar em esta minha carta, segundo a ordenação da armaria, e assim como fiel, e verdadeiramente se acham illuminadas em o livro do dito Portugal meu rei de armas, a saber: uma lisonja partida em duas palas, a primeira nas armas que segundo a ordenação da armaria lhe pertencem por seu marido, que são a mesma pala partida em faxa, na de cima as dos Machados, que são em campo vermelho cinco machados de prata com cabos de ouro postos em aspa; na segunda pala as dos Pintos, em campo de prata cinco crescentes sanguinhos com as pontas para cima, postos em aspa; a segunda pala repartida com as armas das sobreditas familias de que ella supplicante descende; que são partidas em pala, e a primeira parte da em faxa na de cima as armas dos Vieiras, que são em campo sanguineo seis vieiras de ouro postas em duas palas, na de baixo as dos Barrosos em campo sanguineo cinco leões de prata com duas faxas empaquetadas de prata, em purpura, postos em santor; na outra pala as armas dos Limas, que são em campo de ouro, quatro bastões sanguineos. As quaes armas e signaes possa trazer, e traga a dita D. Isabel de Sousa Vitingão Vieira de Lima, assim como as trouxeram, e d'ellas usaram os ditos nobres, e antigos fidalgos seus antepassados em tempo dos mui esclarecidos reis meus antecessores; e as possa trazer em seus firmaes, anneis, sinetes e divisas, pôl-as em suas casas e edificios, e deixal-as sobre sua propria sepultura. Finalmente se poderá servir, honrar, gosar e aproveitar d'ellas em todo e por todo como á sua nobreza convém; com o que quero, e me praz, que haja ella todas as honras, previlegios, liberdades, graças, mercês, isenções, e franquezas, que hão, e devem haver os fidalgos, nobres e da antiga linhagem; e como sempre de tudo usaram e gosaram os ditos seus antepassados; e seus descendentes não puderão usar d'este brazão sem que novamente lhes seja a cada d'elles confirmado. Porém mando a todos os meus desembargadores, corregedores, juizes, justiças, alcaides, e em especial aos meus reis de armas, arautos, e passavantes, e a quaesquer outros officiaes, e pessoas a quem esta carta fôr mostrada, e o conhecimento d'ella pertencer, que em tudo lh'a cumpram, e guardem

e façam cumprir, e guardar como n'ella é conteudo, sem duvida nem embargo algum que a ella lhe seja posto, porque assim é minha mercê. El-rei nosso senhor o mandou por Manuel Pereira da Silva, seu rei de armas Portugal. Fr. Manuel de Santo Antonio da ordem de S. Paulo, e reformador do cartorio da nobreza, a fez em Lisboa aos vinte e um do mez de agosto do anno de 1746. E eu Hilario da Costa Barreiros Telles, cavalleiro da casa de sua magestade, proprietario do officio de escrivão da nobreza d'este reino, e senhorios de Portugal e suas conquistas o sobscrevi. — *Principal rei de armas Portugal.*

XL

Brazão de armas concedido a Jeronymo Ferreira de Carvalho

(1546)

Portugal rei de armas principal d'El-rei nosso senhor. Faço saber a quantos esta minha certidão virem, que Jeronymo Ferreira de Carvalho, neto de Gil Pires de Carvalho, morador que foi em Arraiolos, me pediu por quanto elle descendia por linha direita e masculina da geração dos Carvalhos por parte de seu avô e bisavô, que lhe désse um escudo com as armas que á dita linhagem pertencem; por o que busquei os livros da nobreza, que em meu poder são, e achei que as armas que á dita linhagem pertencem são estas que n'esta certidão lhe dou illuminadas com seu elmo e timbre, a saber: elmo de prata, e azul e oiro, e por timbre um cisne com um colar de oiro ao pescoço, e por differença uma brica de oiro, e n'ella um I de vermelho por lhe pertencerem; e por verdade assignei esta em Lisboa, aos dez dias do mez de dezembro do anno de mil quinhentos e quarenta e seis. — *Portugal rei de armas.*

XLI

Brazão de armas concedido a Jeronymo de Milão Fragoso

(1628)

Portugal rei de armas principal n'estes reinos e senhorios de Portugal pelo muito alto e poderoso rei D. Filippe terceiro nosso senher, rei de Portugal e dos Algarves, d'aquem e d'alem mar em Africa, senhor de Guiné, e da conquista, navegação, commercio da Ethiopia, Arabia, Persia e da India, etc. Faço saber aos que esta minha carta de certidão de armas e nobreza digna de fé e crença virem, que por parte do doutor Jeronymo de Milão Fragoso, natural e morador n'esta cidade de Lisboa, me foi apresentado um instrumento de testemunhas, autentico, mandadas perguntar pelo corregedor do civel da côrte, o doutor Antão Alvares Sanches, e perguntadas por Sebastião Alvares Lima, escrivão do mesmo juizo: pelo qual constava ser o dito Jeronymo de Milão Fragoso filho legitimo do lecenciado Paulo de Milão Fragoso, neto de Jeronymo Fernandes Fragoso e bisneto de Pedro Alvares Fragoso, morador que foi na villa de Chaves: os quaes todos descendem por linha masculina da nobre e antiga familia e geração dos Fragosos, da cidade de Genova, sem terem raça de mouro ou judeu, nem de outra nação, ou sangue infecto, pessoas nobres tidos e havidos por descendentes da dita familia, e assim de como elles se trataram além da nobreza, com armas, cavallos e creados para o serviço de sua magestade em todas as occasiões que se offerecessem, como largamente consta pelo dito instrumento autentico que elle tirou para gosar da nobreza das armas dos Fragosos, que n'este reino de Portugal usam os fidalgos de cotta de armas e lhe pertencem, pedindo-me lhe passasse seu brazão na forma costumada para effeito de gosar das ditas armas, e nobreza. E visto por mim seu requerimento e justificação, e dois alvarás dos senhores reis D. João o III, e D. Sebastião, pelos quaes consta ser o dito seu avô Jeronymo Fernandes Fragoso escudeiro

fidalgo da sua casa, e cidadão n'esta cidade de Lisboa, a que me reporto, que ficam em meu poder, provi os livros da nobreza e fidalguia d'estes reinos, e n'elles achei registadas as armas dos Fragosos, que lhes pertencem, as quaes são: um escudo azul com tres figuras de sol postas em roquete, com seus raios de ouro, e das de sua côr, e por differença uma flor de liz de ouro, e por timbre dos Fragosos um lobo cerval de sua côr; elmo de prata aberto guarnecido de ouro, paquife sortiado com os metaes e côres das armas, e por assim lhe pertencerem e poder trazer, e usar d'ellas o dito doutor Jeronymo de Milão Fragoso, passei a presente certidão de armas para com ellas poder, como pode, entrar em batalhas, campos, duelos, rectos e escaramuças, festas, desafios, torneios, e exercitar todos os outros actos licitos de guerra e de paz, e assim as poderá trazer em seus resposteiros, firmaes, sinetes e anneis, e pôl-as em suas casas e edificios, e sepulturas, servindo-se e honrando-se, aproveitando-se d'ellas em tudo e por tudo como a sua nobreza convém e fidalguia compete, e por esta certidão de nobreza, e carta de armas lhe competem. Pelo que requeiro a todos os desembargadores, corregedores, provedores, ouvidores, juizes e justiças, e mais officiaes de sua magestade da parte do dito senhor, e por bem do officio da nobreza que tenho, e em especial aos reis de armas, arautos e passavantes, que ora são e ao diante forem, como juiz que sou d'ella, o cumpram e guardem e façam muito inteiramente cumprir e guardar, assim e na maneira que n'esta dita certidão de armas se contém, passada com todos os privilegios, graças, honras, liberdades e mercês, que hão e devem haver os fidalgos de cota de armas da nobreza e antiga linhagem dos Fragosos, como sempre usaram: e por verdade em fé, e testemunho d'ella vai por mim assignada. Dada n'esta cidade de Lisboa, aos tres de janeiro, anno do nascimento de nosso senhor Jesus Christo, de mil e seis centos e vinte e oito. Eu André Fernandes, cavalleiro da casa de el-rei nosso senhor, e passavante escrivão da nobreza n'estes reinos e senhorios de Portugal, o subscrevi. — *Portugal rei de armas.*

XLII

Brazão de armas concedido a João de Cysneiros

(1575)

DOM MANUEL rei de Portugal e dos Algarves, etc.[1] A quantos esta minha carta virem faço saber, que João de Cysneiros morador n'esta cidade de Lisboa me fez petição encostada a um instrumento com o treslado de um brazão de armas feito na cidade de Barcelona, em como elle descendia da geração e linhagem dos Cysneiros, que n'estes reinos de Hespanha são fidalgos de cotta de armas, da antiga linhagem do conde de Cysneiros tronco d'esta geração por linha direita e masculina, e que as suas armas lhe pertencem de direito, pedindo-me por mercê que por a memoria dos seus antecessores se não perder, e a elle vir, usar das honras e armas, que pelo merecimento de seus serviços ganharam, e lhe foram dadas, e dos privilegios, honras, graças, e mercês, que por direito por bem d'ellas lhe pertencem e eram dadas, haver por bem as ditas armas, e mandar registar no livro dos registos das armas dos nobres fidalgos de meus reinos; a qual petição vista por mim mandei fosse tirar inquirição de testemunhas, a qual foi tirada pelo licenciado Affonso Annes do meu conselho, e desembargador das minhas petições do paço, e por Braz Fernandes escrivão em minha côrte, pela qual elle supplicante provou descender por linha direita, e masculina da dita geração dos Cysneiros por ser filho ligitimo de Fernão de Cysneiros, e neto de Affonso Rodrigues de Cysneiros, e bisneto de Diogo Fer-

[1] D. Manuel succedeu a D. João II no throno em 25 de outubro de 1495, e morreu a 13 de dezembro de 1521. São pois inconciliaveis n'este documento a data que se lhe attribue com o retnado. Onde esteja o erro não o sabemos, nem ha agora meio de o averiguar. Confira-se entretanto o *Archivo*, a pag. 324 n.º 1:280.

nandes de Cysneiros, que foi do tronco d'esta geração, e dos vinte e quatro do serviço, vivendo sempre á lei de fidalgo pelo que de direito as suas armas lhe pertencem, as quaes lhe mandei dar em esta minha carta, com seu brazão, elmo e timbre, como aqui são divisadas. As quaes armas são as seguintes : Escudo por meio partido em palla, a primeira parte de vermelho partida em palla, no primeiro tres cysnes de prata, e em roquete uma estrella de oiro no primeiro de cada um, e no segundo cinco flôres de liz de prata em aspa; da segunda parte tambem de prata com tres barras em palla de vermelho: elmo de prata aberto guarnecido de oiro. Paquife de prata e vermelho, e por timbre um dos cysnes: O qual escudo de armas, e sinaes possa trazer, e traga o dito João de Cysneiros, e seus descendentes por linha direita, assim como as trouxeram, e d'ellas usaram seus antecessores em todos os logares de honra, em que os ditos seus antecessores e os nobres, e antigos fidalgos sempre as costumaram trazer em tempo dos mui esclarecidos reis passados, e com ellas possam entrar em batalhas, campos, duellos, rectos e desafios, e exercitar com ellas todos os outros autos licitos de guerra e paz. E assim as possam trazer em seus firmaes, aneis, sinetes e divisas, e as pôr em suas casas, edificios e sepulturas, e finalmente se servir, honrar, gozar, e aproveitar d'ellas em tudo, e por tudo como á sua nobreza convém. E mando a todos meus corregedores, desembargadores, tabelliães e alcaides, e em especial aos meus reis de armas, arautos e passavantes, e a quaesquer outros officiaes e pessoas a quem esta minha carta fôr mostrada, e o conhecimento d'ella pertencer em tudo lh'a cumpram e guardem, e façam inteiramente cumprir e guardar, como em ella é conteudo, sem duvida nem embargo algum, que lhe a isso seja posto, porque assim é minha mercê. Dada em Lisboa a 20 de fevereiro de 1575. A qual foi tirada na verdade, e por mim Christovão de Benavente por provisão de el-rei nosso senhor, que perante mim foi apresentada por Braz Alemão, moço da camara do dito senhor de verbo ad verbum no livro dos registos das fidalguias de Portugal. E não se continha mais em os ditos papeis, e eu escrivão da camara aqui registei por virtude do despacho do doutor ouvidor e provedor d'esta comarca, e aos proprios me reporto em mão e poder do dito Vicente Alemão, morador no Sobral do Perilhão, termo d'esta villa, e por verdade me assignei aqui. Obidos 28 de março de 1772 annos. E eu Manuel Barbosa Neves o escrevi.

XLIII

Brazão de armas concedido a João Juzarte de Santa Maria

(1741)

DOM JOÃO por graça de Deus rei de Portugal e dos Algarves, d'aquem e d'além mar em Africa, senhor de Guiné, e da conquista, navegação, do commercio da Ethiopia, Arabia, Persia, e India etc. A quantos esta minha carta virem, faço saber que o capitão João Juzarte Santa Maria, cavalleiro fidalgo de minha casa, natural da villa de Santarem, e morador n'esta cidade de Lisboa, me fez petição em como elle descendia e vinha da geração e linhagem dos Barrosos e Juzartes, e suas armas lhe pertenciam de direito, e pedindo-me por mercê que para a memoria de seus antecessores se não perder, e elle usar, e gosar da honra das armas que pelo merecimento de seus serviços ganharam e lhe foram dadas, assim dos privilegios, honras, graças e mercês, que por direito e por bem d'ellas lhe pertencem, lhe mandasse dar minha carta das ditas armas, que estavam registadas em os livros dos registos das armas dos nobres fidalgos de meus reinos, que tem Portugal meu principal rei de armas. A qual petação vista por mim, mandei sobre ella tirar inquirição de testemunhas pelo doutor Manuel da Costa Mimoso do meu desembargo, e meu desembargador em esta minha côrte, e casa da supplicação, corregedor do civel em ella, e por Caetano José, escrivão do dito juizo, pelos quaes fui certo que elle procede e vem da geração e linhagem dos ditos Barrosos e Juzartes, como filho legitimo de Antonio Pereira

de Macedo, e de sua mulher D. Josepha Maria de Oliveira, neto pela parte paterna de outro Antonio Freire de Macedo, e de sua mulher D. Anna de Mendonça; bisneto de Antonio Barroso, terceiro neto de Ruy Barroso, e quarto neto de Violante Barrosa e quinto neto de Ruy Barroso, e ser tambem pela parte paterna bisneto de D. Leonarda de Mendonça Aguiar Juzarte Santa Maria, terceiro neto de João Santa Maria, quarto neto de Affonso Lopes Santa Maria, quinto neto de João Santa Maria, e sexto neto de Valentim de Contreiras Aguiar e Santa Maria, os quaes todos seus paes e avós eram pessoas muito nobres, e legitimos descendentes das familias de Barrosos e Juzartes, e como taes se trataram sempre á lei da nobreza, com cavallos, armas e creados, tendo sempre empregos de governo, tanto nos postos militares, como nos honrosos cargos da republica, e não haver n'elles raça alguma de judeu, mouro, ou mulato, nem de outra infecta nação, e lhe pertencem de direito as suas armas. As quaes lhe mandei dar em esta minha carta, com seu brazão, elmo, e timbre, como aqui são divisadas, e assim como fiel, e verdadeiramente se acharam divisadas, e registadas em os livros dos registos das armas dos nobres fidalgos, de meus reinos, que tem o dito Portugal meu rei de armas. A saber: Um escudo partido em pala, na primeira as armas dos Barrosos em campo vermelho, cinco leões de prata, e faxados de duas faxas de purpura cada um, uma pelo pescoço e outra pela barriga empaquetadas de ouro, postos em santor: na segunda pala as armas dos Juzartes, que são partidas em pala, na primeira campo azul com quatro fivelas de ouro, e uma bordadura sanguinha com seis castellos de ouro lavrados de negro, e na segunda de verde sete espadas de sua côr guarnecidas de ouro, em pala gotadas de sangue, e por orla campo sanguineo e seis molhos de troços de lanças de sua côr postos em pala, atados pelo meio com um troçal de ouro. Elmo de prata aberto guarnecido de ouro. Paquife dos metaes e côres das armas, timbre o dos Barrosos, que é um dos leões das armas, e por differença uma brica de ouro com uma banda azul. O qual escudo, armas e signaes, possa trazer, e traga o dito capitão João Juzarte Santa Maria, assim como as trouxeram, e d'ellas usaram seus antecessores em todos os logares de honra em que os ditos antecessores, e os nobres, e antigos fidalgos sempre as costumaram trazer em tempo dos mui esclarecidos reis meus antecessores, e com ellas possa entrar em batalhas, campos, rectos, escaramuças, e exercitar com ellas todos os outros actos licitos da guerra. e da paz, e assim as possa trazer em seus firmaes, anneis, sinetes, e divisas, e as pôr em suas casas e edificios, e deixal-as sobre sua propria sepultura, e finalmente se servir, honrar, gosar e aproveitar d'ellas em todo, e por todo como a sua nobreza convém. Com o que quero e me praz que haja elle e todos seus descendentes, todas as honras, privilegios, graças mercês, isenções, e franquezas, que hão e devem haver os fidalgos nobres e de antiga linhagem, e como sempre de todo usaram e gosaram os ditos seus antecessores. Pelo que mando a todos meus corregedores, desembargadores, juizes, justiças e alcaides, e em especial aos meus reis de armas, arautos e passavantes, e a quaesquer outros officiaes, e pessoas a que esta minha carta fôr mostrada, e o conhecimento d'ella pertencer, que em todo lh'o cumpram, e guardem, e façam cumprir, e guardar como n'ella é conteudo sem duvida nem embargo algum que em ella lhe seja posto, porque assim é minha mercê. El-rei nosso senhor o mandou por Manuel Pereira da Silva, seu rei de armas Portugal. Fr. Manuel de Santo Antonio, religioso da ordem de S. Paulo, e reformador do cartorio da nobreza do reino a fez, em Lisboa aos seis do mez de setembro do anno de nosso senhor Jesus Christo de 1741. E vai subscripta por Antonio Francisco e Sousa, escrivão da nobreza n'estes reinos, e senhorios de Portugal, e suas conquistas: e eu Antonio Francisco e Sousa o subscrevi. —*Portugal rei de armas principal.*

XLIV

Brazão de armas concedido a João Lourenço da Barbuda

(1562)

Portugal, rei de armas principal de El-rei nosso senhor. Faço saber a quantos esta minha certidão virem, que João Lourenço da Barbuda, morador na de Pero Negro, termo de Torres Vedras, me pediu e requereu, que por quanto elle descendia por parte de seu pae e avós da geração e linhagem dos das Barbudas, que n'estes reinos são fidalgos de cotta de armas, que lhe désse um escudo com as armas que á dita linhagem pertencem, e as elle devia trazer: pelo que eu busquei os livros da nobreza que em meu poder estão, e achei que as armas que á dita linhagem pertencem, serem estas que n'esta certidão lhe vão illuminadas. Nove lisonjas de veiros em tres pallas, e com mais seu paquife, elmo e timbre, e por differença uma.... vermelha, que com ellas deve trazer, e por verdade lhe dei esta por mim escripta e assignada em Lisboa, aos dois dias de dezembro de 1562. — *Portugal principal rei de armas.*

N. B. Vimos uma justificação de João Lourenço da Barbuda, que fez em Lisboa perante o licenciado Lourenço Marques, cidadão e juiz do civel da dita cidade, em o 1.º de dezembro de 1562, em que prova que era filho legitimo de Lourenço Annes da Barbuda, e de sua mulher Isabel Rodrigues, neto de João Gonçalves da Barbuda, e bisneto de Lourenço Esteves da Barbuda.

XLV

Brazão de armas concedido a João Machado e Vicente Machado de Brito

(1513 e 1599)

Antonio de Carvalho, rei de armas Algarve, e cavalleiro da casa do muito alto e mui poderoso rei D. Filippe nosso senhor, que Deus guarde, por graça de Deus rei de Portugal e dos Algarves d'áquem e d'álem mar em Africa, senhor de Guiné, e da conquista, navegação e commercio da Ethiopia, Arabia, Persia e da India, etc. Faço saber que sua magestade mandou passar para mim uma commissão que é a que se segue. Christovão de Mello, porteiro-mór de sua magestade, que sirvo de mordomo-mór de sua casa, mando a vós, Antonio Carvalho, que reformeis o brazão velho que foi passado ao doutor João Machado, que pede Vicente Machado de Brito, dizendo que por sua muita antiguidade se vai gastando, e que d'aqui a poucos dias o estará de todo, e lhe é necessario para conservação de sua nobreza, no qual fareis as diligencias necessarias sem accrescentar nem diminuir palavra alguma, o que fareis como rei de armas Portugal, por o proprietario estar suspenso. Cumpri-o assim e al não façais. João Cardoso a fez. Christovão de Mello. Em cumprimento da dita commissão, pelo poder e auctoridade que de meu officio, e sua magestade n'este particular me concede como seu Portugal principal rei de armas, fiz todas as diligencias e justificações necessarias por testemunhas fidedignas sobre o brazão velho que me foi apresentado juntamente com a dita commissão, por parte de Vicente Machado de Brito, fidalgo da casa do dito senhor, e senhor da villa de S. Seris, filho mais velho de João Machado de Brito, neto de Pedro Machado e bisneto do doutor João Machado. desembargador da casa da supplicação, a quem foi passado o dito brazão; e me constou ser passado pelo bacharel Antonio Rodrigues, que foi rei de armas Portugal, e assignado por elle, e de seu signal, que nos ditos brazões costumam fazer, e por ser coisa sem duvida ser passado na verdade, e carecer de todo o vicio e cavilação, o dito Vicente Machado de Brito, seu bisneto do dito doutor João Machado, por linha direita e masculina, como

tal suas armas lhe pertencem de direito, reformei o dito brazão por esta minha carta de fé e certidão, como sua magestade me manda, n'ella encorporei o dito brazão, sem mudança nem accrescentamento de palavra, qual é: Portugal rei de armas principal de el-rei nosso senhor. Faço saber a quantos esta minha carta de brazão e certidão virem, que o doutor João Machado me pediu, por quanto elle descendia da linhagem dos Machados, dos Esteves, dos Caregueiros e dos Coelhos, e que elle e seu pai e avós eram fidalgos nos livros dos reis passados, e que suas armas lhe pertencem, por ser filho do doutor Pedro Machado, desembargador que foi de el-rei D. Affonso, que Deus tem, e de seu conselho, e ouvidor da casa da supplicação, o qual seu pai era filho de João Esteves de Villa-nova Caregeiro, que foi alferes-mór do rei D. João, de boa memoria, e neto de Vasco Affonso Caregeiro, que foi senhor da torre de Moncorvo, e bisneto de Affonso Annes Caregeiro, instituidor dos morgados dos Caregueiros; e de outra parte foi neto de Alvaro Gonçalves Machado, que foi governador da junta n'esta cidade de Lisboa e casa do civel, e assim dos Coelhos por parte de sua mãe que lhe desse um escudo com as armas que ás ditas linhagens pertencem de direito, segundo são registadas nos livros da nobreza que em meu poder estão, os quaes visto, e o seu dizer e pedir, e a prova larga que deu, lh'as mandei dar n'esta minha certidão e são as seguintes, convem a saber: o campo esquartelado, e o primeiro dos Caregueiros que ora tem esquartelado, e o primeiro de verde e uma aguia de oiro estendida do primeiro; e ao contrario de vermelho, e uma flôr de liz de oiro, e assim os contrarios; e ao segundo que é dos Machados, trazem o campo de vermelho, e cinco machados de prata postos em aspa com os cabos de oiro, e ao contrario que é dos Esteves que trazem o campo de prata e uma flôr de liz vermelha; e ao contrario do primeiro é dos Coelhos que trazem o campo de oiro e um leão de purpurá rompente com tres faxas de xadrez, do primeiro é de azul e uma bordadura do mesmo cheia de coelhos de prata malhados de preto; elmo de prata aberto guarnecido de oiro, paquife de oiro verde, e por timbre a aguia do primeiro, que é dos Caregueiros; as quaes armas o dito Vicente Machado de Brito as poderá trazer e seus descendentes, por assim lhe pertencerem estas quatro linhagens tão nobres e antigas, e de nobres e antigos fidalgos, e os que d'ellas procedem se podem chamar fidalgos sem reproche e de solar conhecido e cotta de armas, e antigamente nas chronicas de Portugal os Coelhos se chamavam de dom, e eram fidalgos de grande preço e estado; e porque tudo isto se passa na verdade o certifico assim, e mandei fazer esta. que é treslado de outra que eu passei ao dito doutor, o qual diz mandára á India um seu filho, e concertada por mim na verdade em Lisboa 2 de novembro de 1513 annos. — Portugal rei de armas. — Pelo que requeiro da parte de sua magestade, como seu Portugal principal rei de armas que sou n'este particular, a todas as justiças, officiaes e pessoas a quem esta carta de reformação do dito brazão fôr apresentada, que a cumpram e guardem inteiramente o dito brazão n'ella encorporado como se n'ella contém ao dito Vicente Machado de Brito, e lhe guardem os privilegios, liberdades e franquezas que pela nobreza das ditas armas lhe pertencem, conforme o direito, deixando-lh'as trazer e gozar d'ellas como de coisa sua propria que são sem contradicção alguma, e dou fé e certifico passar tudo assim na verdade, e por firmeza e certidão d'isto lhe passei a presente por mandado de sua magestade por mim assignada em Lisboa. Domingos Pereira a fez. Anno do nascimento de nosso senhor Jesus Christo de 1599. E eu Balthasar do Valle Cerqueira, escrivão da nobreza, o sobreescrevi. *Antonio Carvalho. — Rei de armas Portugal.*

XLVI

Brazão de armas concedido a João de Mattos Mexia

(1728)

DOM JOÃO por graça de Deus rei de Portugal e dos Algarves, d'aquem e d'além mar em Africa, senhor de Guiné, e da conquista, navegação, e commercio da Ethiopia, Arabia, Persia, e da India, etc. A quantos esta nossa carta virem fazemos saber, que João de Mattos Mexia, natural d'esta cidade de Lisboa oriental, nos fez petição de como elle descendia, e vinha da geração e linhagem dos Mattos e Mexias, que são fidalgos de solar, e que suas armas lhe pertencem de direito, pedindo-nos por mercê, que para a memoria de seus antecessores se não perder, e elle poder gosar das honras das armas, que pelos merecimentos de seus serviços ganharam, e lhe foram dadas, e assim dos privilegios, honras, graças e mercês, que por direito e por bem d'ellas lhe pertencem, lhe mandassemos dar nossa carta das ditas armas, que estavam registadas nos livros dos registos das armas dos nobres e fidalgos dos nossos reinos, que tem Portugal nosso principal rei de armas: a qual petição vista por nós, mandamos sobre ella tirar inquirição de testemunhas pelo dr. André Mendes de Barros, do desembargo do dito senhor, e seu corregedor com alçada dos feitos e causas civeis em ella, e por José dos Reis e Silva, escrivão do dito juizo, pelos quaes fomos certos que elle procede e vem da geração e linhagem dos Mattos e Mexias, como filho legitimo de João de Mattos Mexia, cavalleiro professo da ordem de Christo, e de Maria da Cruz de Figueiredo, neto de João Lourenço de Mattos Mexia, familiar do santo officio, e de Catharina Alvares Migueis; bisneto de Manuel de Mattos Mexia, e de Catharina de Mattos Cabeça; e pela materna de Gil Lourenço Migueis, e de Beatriz Alvares, os quaes seus paes, avós e todos seus descendentes foram das principaes familias da villa de Olivença, e n'ella serviram os officios de juiz e vereadores, e elegidores e apuradores da nobreza da dita villa, e elegedor de guarda-mór da peste, por ser pessoa de tanta qualidade, e fidalgo de geração, e que sendo a praça tomada pelas armas de Castella, o dito avô do supplicante pela noticia de sua pessoa que tinha o duque de S. Germão, governador das ditas armas, lhe dera a vara de corregedor da dita villa, e se passára ao reino de Portugal com sua casa e familia, deixando o dito cargo, e que entregando-se a dita praça pelo contrato das pazes, o fizeram em ella vereador mais velho, e juiz pela ordenação, e juiz da alfandega e dos orphãos pelo conhecimento que tinham de sua pessoa e nobreza, e que de direito as suas armas lhe pertencem: as quaes armas lhe mandamos dar n'esta nossa carta com seu brazão, elmo e timbre, como aqui são divisadas, o assim como fiel e verdadeiramente se acharam divisadas e registadas no livro dos registos do nosso Portugal rei de armas, a saber: Um escudo partido em pala, na primeira pala as armas dos Mattos; na segunda a dos Mexias, elmo de prata aberto, guarnecido de oiro; paquife dos metaes, e cores das armas; timbre o dos Mattos, e por differença uma brica de prata, e n'ella um trifolio preto. O qual escudo, armas e signaes possa trazer, e traga o dito João de Mattos Mexia, assim como as trouxeram e d'ellas usaram seus antecessores, e os nobres e antigos fidalgos sempre as costumaram trazer em tempo dos mui esclarecidos reis nossos antecessores, e com ellas possa entrar em batalhas, campos, escaramuças, e exercitar com ellas todos os outros actos licitos de guerra e de paz, e assim as possa trazer em seus firmaes, anneis, sinetes e divisas, e as pôr em suas casas e edificios, e deixal-as sobre sua propria sepultura, e finalmente se servir e honrar, gozar e aproveitar d'ellas em todo, e por todo, como á sua nobreza convem. Com o que queremos, e nos praz, que haja elle e todos seus descendentes todas as honras, privilegios, liberdades, graças, mercês, e isenções e franquezas, que hão e devem haver os fidalgos nobres e de antiga linhagem, e como sempre de todo usaram e gozaram seus antecessores; porém mandamos a todos nossos corregedores, desembargadores,

juizes, justiças, alcaides, e em especial aos nossos reis de armas, arautos e passavantes, e a quaesquer outros officiaes e pessoas a quem esta nossa carta for mostrada, e o conhecimento d'ella pertencer, que em todo lh'a cumpram e guardem, e façam cumprir e guardar como n'ella é conteudo, sem duvida, nem embargo algum que em ella lhe seja posto, porque assim é nossa mercê. El-rei nosso senhor o mandou por Manuel Leal, seu rei de armas Portugal. Fr. José da Cruz, da ordem de S. Paulo, reformador do cartorio da nobreza do reino, por especial provisão do dito senhor, a fez, anno do nascimento de nosso senhor Jesus Christo de mil setecentos vinte e oito, aos trinta de agosto, e vai subescripta por Antonio Francisco, escrivão da nobreza d'estes reinos e senhorios de Portugal, e suas conquistas, e eu Antonio Francisco o subscrevi. — *Portugal rei de armas principal.*

XLVII

Brazão de armas concedido a João da Silva Furtado

(1730)

DOM JOÃO por graça de Deus rei de Portugal e dos Algarves, d'aquem e d'além mar em Africa, senhor de Guiné, e da conquista, navegação e do commercio da Ethiopia, Arabia, Persia, e da India etc. A quantos esta minha carta virem faço saber, que João da Silva Furtado, natural d'esta cidade, moço da camara do numero de minha casa, e cavalleiro fidalgo, me fez petição em como elle descendia, e vinha da geração e linhagem dos Furtados Mendoças, e Silvas, e Pereiras, que n'estes meus reinos são fidalgos de solar, e cotta de armas, e que de direito as suas armas lhe pertencem; pedindo-me por mercê, que por a memoria de seus antecessores se não perder, e elle poder usar da honra das armas, que pelos merecimentos de seus serviços ganharam, e lhe foram dadas; e assim dos privilegios, honras, graças, e mercês, que por direito, e por bem d'ellas lhe pertencem, lhe mandasse dar minha carta das ditas armas, que estavam registadas em os livros dos registos das armas dos nobres e fidalgos de meus reinos, que tem Portugal meu principal rei de armas; a qual petição vista por mim, mandei sobre ella tirar inquirição de testemunhas pelo doutor Manuel Alves Pereira do meu desembargo, e meu desembargador em esta minha côrte, e casa da supplicação, corregedor do civel em ella, e João Velho escrivão do dito juizo, pelos quaes fui certo, que elle procede, e vem da geração, e linhagem dos Furtados Mendoças, Silvas, e Pereiras, como filho legitimo de José da Silva Furtado, cidadão que foi d'esta cidade, e proprietario do officio de escrivão da meza grande da casa da India, e de sua mulher D. Therésa de Escarça de Barros, e neto do capitão João da Silva Furtado, o qual pelo brazão de armas, que teve passado no anno de 1631, mostrou ser o quinto neto de Nuno Furtado de Mendoça, aposentador-mór do senhor D. Affonso v meu antecessor, e de sua mulher D. Leonor da Silva, sobrinha do condestavel D. Nuno Alvares Pereira, filha de Fernão Alvares do Carvalhal, e de sua mulher D. Violante Pereira, os quaes foram fidalgos de solar conhecido, e como taes se trataram á lei da nobreza, com o estado a ella devido, como fidalgos que eram, sem que n'elles houvesse raça de judeu, ou mouro, ou mulato, nem de outra infecta nação, e que de direito as suas armas lhe pertencem, as quaes armas lhe mandei dar em esta minha carta, com seu brazão, elmo, e timbre, como aqui são divisadas e assim como fiel, e verdadeiramente se acharam divisadas, e registadas em os livros dos registos do dito Portugal meu rei de armas, a saber: Um escudo esquartelado, no primeiro e quarto quartel as armas dos Furtados Mendoças, que são escudo partido em faxa na parte alta, e baixa, em campo verde uma banda vermelha acotilada de ouro, e nas duas ilhargas em campo de ouro um S preto. No segundo quartel as armas dos Silvas, em campo de prata um leão rompente vermelho armado do mesmo. No terceiro quartel as armas dos Pereiras, em campo vermelho uma cruz de prata floreteada, e vazia de campo. Elmo de prata aberto

guarnecido de ouro. Paquife dos metaes, e côres das armas. Timbre o dos Furtados Mendoças, que é uma aza de aguia de ouro, com garras, e sobre ella um S preto. E por differença um trifolio. O qual escudo armas, e signaes possa trazer, e traga o dito João da Silva Furtado, assim como as trouxeram, e d'ellas usaram os seus antecessores, e os nobres, e antigos fidalgos sempre as costumaram trazer em tempo dos mui esclarecidos reis meus antecessores, e com ellas possa entrar em batalhas, campos, escaramuças, e exercitar com ellas todos os actos licitos da guerra, e da paz; e assim as possa trazer em seus firmaes, anneis, sinetes, e divisas, e as pôr em suas casas, e edificios, e deixal-as sobre sua propria sepultura; e finalmente se servir, e honrar, gosar, e aproveitar d'ellas em tudo, e por tudo, como á sua nobreza convém. Com o que quero, e me praz que haja elle, e todos seus descendentes, todas as honras, privilegios, liberdades, graças, mercês, isenções, e franquezas, que hão, e devem haver os fidalgos nobres e de antiga linhagem, e como sempre de todo usaram, e gosaram seus antecessores. Porém mando a todos meus corregedores, desembargadores, juizes, justiças, alcaides, e em especial aos meus reis de armas, arautos, e passavantes, e quaesquer outros officiaes, e pessoas a quem esta minha carta fôr mostrada, e o conhecimento d'ella pertencer, que em todo lha cumpram, e guardem, e façam cumprir, e guardar, como n'ella é conteudo, sem duvida, ou embargo algum, que em ella lhe seja posto, porque assim é minha mercê. El-rei nosso senhor o mandou por Manuel Pereira da Silva, seu rei de armas Portugal. Fr. José da Cruz, da ordem de S. Paulo, reformador do cartorio da nobreza do reino, por especial provisão do dito senhor, a fez. Anno do nascimento de nosso senhor Jesus Christo de 1730, aos decesete dias do mez de julho. E vai subscripta por Antonio Francisco e Sousa, escrivão da nobreza n'estes reinos, e senhorios de Portugal, e suas conquistas. E eu Antonio Francisco e Sousa o subscrevi. — *Rei de armas principal.*

XLVIII

Brazão de armas concedido a João de Sousa de Carvalho

(1685)

Portugal rei de armas principal n'estes reinos, e senhorios de Portugal, do muito alto e muito poderoso senhor rei D. Pedro segundo do nome, nosso senhor, por graça de Deus rei de Portugal e dos Algarves, d'aquem e d'além mar em Africa, senhor de Guiné, e da conquista, navegação, commercio da Ethiopia, Arabia, Persia e da India etc. A todos os que esta minha carta de certidão de brazão de armas de nobreza, e fidalguia de geração digna de fé e crença virem, faço saber que a mim me fez petição por escripto João de Sousa de Carvalho, morador na villa de Santarem, dizendo n'ella que pela sentença junta dada sobre a habilitação de sua nobreza, e limpeza de sangue de sua geração, no juizo da côrte do civel, e documentos n'ella insertos, se mostrava largamente ser filho legitimo de Antonio Carvalho, e de sua mulher Maria de Oliveira, e neto pela parte paterna de outro Antonio Carvalho, e de sua mulher Hilaria Teixeira de Mendoça, e pela parte materna, neto de Domingos de Oliveira, e de sua mulher Magdalena de Sousa, moradores que foram na freguezia de S. Pedro de Arrifana, termo da dita villa; e bisneto pela parte de sua avó Hilaria Teixeira, e de Francisco Teixeira de Mendoça, naturaes que foram da freguezia de Santa Maria de Almoster, e moradores na quinta da Granja, e terceiro neto de Simão Francisco, e de sua mulher Leonor Teixeira de Mendoça, moradores que foram no termo da villa do Cadaval, e quinto neto de Francisco Lopes de Sousa, e de sua mulher Maria Teixeira de Mendoça, e quinto neto de Isabel Gonçalves Teixeira, e sexto neto de Manuel Vaz Teixeira; e por esta linha era elle supplicante descendente do tronco, e geração dos Teixeiras, e como tal aparentado com pessoas graves da dita familia, como eram os doutores Marcos Teixeira, inquisidor da meza grande, e seu sobrinho outro Mar-

cos Teixeira, bispo eleito do Brazil, e Francisco Teixeira, capitão e chanceller da dita villa de Santarem; e que os ditos seus avôs eram pessoas nobres e como taes se trataram sempre, servindo nas terras de suas moradas os cargos nobres da governança d'ellas, e eram christãos velhos sem raça alguma de mouro, judeu, mulato, nem de outra infecta nação, e tinham brazão de armas da dita familia, de que usavam; e porque elle supplicante vivia á lei da nobreza, me pedia que, pela memoria de seus progenitores se não perder, lhe mandasse passar seu brazão de armas para usar, e gozar d'ellas, e de seus privilegios, e receberia mercê; a qual petição, sendo-me apresentada, se mostrava de varias justificações de muitas testemunhas e brazão de armas, tudo incluso na dita sentença, o referido na sobredita petição do supplicante, e finalmente estar julgado por filho, e neto das pessoas nomeadas, é por descendente da dita familia dos Teixeiras, e lhe competir suas armas, brazão, honras e privilegios a ella concedidos; e a dita sentença foi promulgada pelo doutor José de Basto Pereira de Torres, corregedor do civel da côrte, e tirada do processo em nome de sua magestade, e passada pela chancellaria, e fica no cartorio da nobreza do escrivão d'ella, que esta subscreveu, e em virtude e cumprimento da qual, visto por ella estar julgado por descendente da dita geração, e lhe competir brazão e armas d'ella, como dito é, provi e busquei os livros do registro da nobreza das armas da nobre e antiga fidalguia d'estes reinos, e n'elles achei assentadas e registradas as armas da muito nobre e antiga familia dos Teixeiras, que n'estes reinos são seus ascendentes, fidalgos de geração e cota de armas, e n'esta lh'as dou divisadas, e illuminadas com o metal e côr que a ellas pertencem, conforme a ordenança de armaria; a saber: Um escudo posto ao balon de campo azul, e sobre elle uma cruz de ouro potencea aberta, e por differença uma brica de prata com uma almofada vermelha; elmo de prata aberto, guarnecido de ouro; paquife do metal e côr das armas, e por timbre meio unicornio de prata com a ponta e unha de ouro. E porque estas são as armas que á dita linhagem pertencem, lh'as dei e ordenei n'esta, com o poder e auctoridade que de meu muito nobre e real officio para isso tenho, para d'ellas usar e gosar como acto e prerogativa de sua nobreza e fidalguia. E com ellas poderá entrar em batalhas, campos, duelos, rectos, desafios, justas e torneios, e exercitar os mais actos de guerra, e paz,que licitos e honestos foram, e trazel-as em seus reposteiros, firmaes, anneis, sinetes e mais cousas de seu serviço, d'onde convenientemente estejam, e pôl-as nos portaes de suas casas e quintas, e deixal-as sobre sua propria sepultura, e finalmente se poderá servir, e honrar e aproveitar d'ellas como suas que são, e á sua nobreza convem. Pelo que requeiro a todos os corregedores, provedores, ouvidores, juizes e mais justiças de sua magestade, da parte do dito senhor, e da minha lhes peço muito por mercê, e por bem do officio da nobreza das armas que tenho, deixem trazer, lograr e possuir ao supplicante João de Carvalho de Sousa as ditas armas e com ellas gozar de todos os privilegios, graças, honras, franquezas, mercês, favores, isenções e mais liberdades concedidas as ditas armas, e de que gozam e devem gozar e uzar os nobres e antigos fidalgos de geração e cota de armas, em especial os da dita geração, assim como pela dita sentença está determinado e julgado. E mando a todos os officiaes da nobreza, como juiz que sou d'ella, reis de armas, arautos e passavantes o cumpram e guardem, sem embargo algum, que a esta lhe seja posto. Em fé do que lhe mandei passar a presente por mim assignada com o signal do nome do meu officio, de que uso nos brazões. Dada n'esta côrte e cidade de Lisboa, aos 20 de junho do anno do nascimento de nosso senhor Jesus Christo de 1685. Francisco Mendes a fez pelo capitão Francisco Luiz Ferreira, escrivão da nobreza n'estes reinos e senhorios de Portugal, por sua magestade, que Deus guarde. E eu, o capitão Francisco Luiz Ferreira, a fiz escrever e subscrevi. — *Portugal rei de armas principal.*

XLIX

Brazão de armas concedido a João Velho

(1703)

Portugal rei de armas n'estes reinos de Portugal, do muito alto e muito poderoso rei D. João quinto, nosso senhor por graça de Deus, rei de Portugal e dos Algarves, d'aquem e d'além, mar em Africa, senhor de Guiné e da conquista, navegação, commercio da Ethiopia, Arabia, Persia e India, etc. Faço saber a quantos esta minha carta, e certidão de brazão de armas, fidalguia, e nobreza digna de fé e crença virem, que por parte de João Velho, morador n'esta cidade, me foi feita petição, dizendo que pela sentença junta que offerecia, passada em nome de sua magestade e pela chanchellaria da côrte, e promulgada pelo doutor Gonçalo da Cunha Villasboas, desembargador da casa da supplicação e corregedor do civel da côrte com alçada, constava ser o supplicante descendente das nobres, e antigas familias dos Vasconcellos, e Velhos, que n'este reino são fidalgos antigos de solar e cotta de armas, por ser filho legitimo de Bento Marques Velho, filho de Manuel Marques Velho, avô d'elle supplicante, moradores que foram n'esta cidade, os quaes tiraram brazão de armas das familias de quem descendem dos Vasconcellos, que procedem de Pedro Martins da Torre, filho de Martim Moniz, o illustre capitão que morreu á entrada da porta de Lisboa, neto do conde D. Osorio, que passou a Portugal em tempo do conde D. Henrique; e foi seu solar a torre de Vasconcellos na provincia de Entre Douro, e Minho, de que tomaram o appellido; e outrosim dos Velhos, que procedem de D. Gaião, alcaide-mór de Santarem; os quaes todos eram pessoas nobres, e como taes se trataram sempre á lei da nobreza, com armas, cavallos, criados e gente de seu serviço, e serem christãos velhos, sem raça alguma de mouro, ou judeu, nem de outra infecta nação, sem n'elles haver quebra de bastardia; dos quaes elle supplicante descende, e por tal estava julgado na dita sentença, e por se não perder a memoria de seus progenitores de sua antiga fidalguia e nobreza, queria para conservação d'ella um brazão de armas pertencentes ás ditas gerações dos Vasconcellos, e Velhos; pelo que me pedia lhe mandasse passar carta e certidão de brazão em forma, com as armas illuminadas, assim como elle supplicante as havia trazer, e d'ellas uzar; e vista por mim a dita sua petição, e sentença, e mais documentos insertos, que ficam no cartorio da nobreza em poder do escrivão d'ella; e por ella consta estar o supplicante julgado por legitimo descendente das ditas gerações, pelo haver assim provado, e justificado largamente na dita sentença, da qual achei deduzido tudo o conteudo na dita petição: em virtude da qual provi o livro da fidalguia, e nobreza do reino, que em meu poder tenho, e n'elle achei registradas as armas que ás ditas linhagens pertencem, que são as que n'esta lhe dou, divisadas e illuminadas, a saber: Um escudo posto ao balon partido em palla, no primeiro as armas dos Vasconcellos, que são em campo preto tres faxas de veiros de prata, e sanguinho veirados e contraveirados; no segundo as dos Velhos, em campo sanguinho cinco vieiras de ouro em aspa, e por differença um triangulo de ouro; elmo de prata aberto guarnecido de ouro, paquife dos metaes, e côres das armas; timbre o dos Vasconcellos, um leão preto rompente faxado com as tres faxas das armas, armado de vermelho. E porque estas são as armas que as ditas linhagens pertencem, eu Manuel Leal, rei de armas Portugal, e principal, com o poder do meu muito nobre e real officio, lh'as dou, e assigno assim como vão no dito escudo, as quaes armas poderá uzar como acto e prerogativa de sua nobreza e fidalguia, e com ellas gozar de todas as graças, honras, mercês e privilegios que pelos senhores reis d'este reino foram concedidos aos fidalgos, e nobres d'elle, e em especial aos das ditas gerações, e com ellas poderá entrar em batalhas, e em todos e quaesquer actos, assim da paz como da guerra, tanto nas cousas graves, e de necessidade, como nas voluntarias, e de recreação, assim como justas, torneios e tudo mais que licito, e honesto fôr, e as po-

derá fazer pintar e bordar em seus reposteiros, bandeiras, e estandartes, e abril-as nas suas baixellas, e em seus anneis e sinetes, e nos portaes de suas casas e quintas, e esculpir sobre sua propria sepultura, servindo-se e honrando-se d'ellas, como a sua nobreza e fidalguia convem, e como o fazem os mais fidalgos e nobres d'este reino: pelo que requeiro a todos os desembargadores, corregedores, ouvidores, juizes e mais justiças de sua magestade, da parte do dito senhor, e da minha, por bem do officio que tenho, e em especial mando aos officiaes da nobreza, como juiz que sou d'ella, reis de armas, arautos e passavantes a cumpram e façam inteiramente cumprir e guardar, assim como por mim é julgado e determinado: e por firmeza de tudo, vai por mim assignada com o signal publico do nome do meu officio. Dada n'esta côrte e cidade de Lisboa em 20 de fevereiro de 1709. Francisco de Almeida a fez por José Duarte Salvado, cavalleiro da casa real, e escrivão da nobreza n'estes reinos e senhorios de Portugal. E eu José Duarte Salvado a fiz escrever, e subscrevi.

L

Brazão de armas concedido a José Anacleto Pereira da Silva

(1738)

DOM JOÃO por graça de Deus rei de Portugal e dos Algarves, d'aquem e além mar em Africa, senhor de Guiné, e da conquista, navegação e commercio da Ethiopia, Arabia, Persia e da India, etc. A quantos esta minha carta virem faço saber, que José Anacleto Pereira da Silva Monteiro, cavalleiro professo na ordem de Christo, e guarda-mór do lastro do rio d'esta cidade de Lisboa, e n'ella morador, me fez petição em como elle descendia, e vinha da geração, e linhagem dos Pereiras e Monteiros, e que suas armas lhe lhe pertenciam de direito, e pedindo-me por mercê, que para a memoria de seus antecessores se não perder, e elle usar, e gozar das honras das armas, que pelos merecimentos de seus serviços ganharam, e lhe foram dadas, assim dos privilegios, honras, graças, e mercês, que por direito, e por bem d'ellas lhe pertencem, lhe mandasse dar minha carta das ditas armas, que estavam registadas em os livros dos registos das armas dos nobres e fidalgos de meus reinos, que tem Portugal meu principal rei de armas: a qual petição vista por mim mandei sobre ella tirar inquirição de testemunhas pelo dr. João Baptista Bavone, do meu desembargo, e meu desembargador em esta minha côrte, e casa da supplicação, corregedor do civel em ella, e por Antonio Soares Guerreiro, escrivão do dito juizo, pelos quaes fui certo, que elle procede, e vem da geração e linhagem dos ditos Pereiras e Monteiros, como filho legitimo de Manuel Vicente Pereira, cavalleiro professo na ordem de Christo, familiar do santo officio dos do numero da villa de Santarem, e de D. Francisca Clara de Oliveira, filha legitima de Antonio Gonçalves de Oliveira, tambem familiar do santo officio, e natural de S. Perofins da Maia, e de Paschoa Cardosa da Silva, natural da villa de Santarem, onde foram moradores. Neto pela parte paterna de Domingos Pereira Monteiro e de Domingas Dias, pessoas nobres, e de limpo sangue, moradores que foram no logar de Fornelos, concelho de Aregos, comarca de Lamego, onde nasceu, e se criou o dito seu filho Manuel Vicente Pereira, bisneto de Gaspar Monteiro Pereira, senhor da quinta do Barró, e capitão-mór do concelho de S. Martinho de Mouros, aonde a sua casa era a principal pela sua qualidade e trato, casado com D. Francisca de Azevedo, que foi senhora da quinta de Couto de Picão, e herdeira de toda a casa de seus paes, que foram Balthazar Vieira Monteiro, senhor do dito couto, e sua mulher D. Joanna de Azevedo e Castro, filha de Estevão Rebello Pinto, e de Maria de Azevedo e Vasconcellos, neta pela parte paterna de Fernando de Canto de Monterroio, senhor da dita casa e couto, padroeiro da igreja de Rofem, e de sua mulher Maria de Aguiar Vieira da Silveira, filha de Pedro Vieira de Lordellos, senhor da quinta de Cidrais, e bisneto de Pedro Annes de Monterroio, senhor da quinta de Picão, que era casa de solar antigo, e

muito nobre, e de sua mulher Maria Gonçalves de Travassos, filha de Nuno Gonçalves de Travassos, senhor da quinta de Amela além do Tamega, que viveu no mesmo concelho de S. Martinho de Mouros na sua quinta de Barró, e de sua mulher Francisca Coelho, filha de Antonio Coelho, e de sua mulher Brites Cardosa. Quarto neto de Manuel Pereira, irmão de Francisco Pereira, commendador de Barró na ordem de Christo, que era da familia dos Pereiras d'este reino; e de sua esposa Clemencia Vieira Monteiro, que era filha de Clemente Vieira Monteiro, irmão de Gaspar Monteiro, que viveu tambem na quinta de Barró, e tirou carta de brazão das armas dos Monteiros, mostrando lhe pertenciam legitimamente no anno de 1543, a qual se acha registada no archivo real da torre do tombo no livro dos privilegios do dito anno a folha 54. Neta de Lopo Monteiro, que foi um fidalgo muito honrado, que viveu na mesma quinta de Barró, reinando o senhor D. Manuel, e de sua mulher Florencia Vieira, filha de Clemente Vieira, senhor da casa do Ribeiro. Bisneta de Gonçalo Monteiro, fidalgo da casa do infante D. Fernando, pae do mesmo rei D. Manuel, morador que foi em Quintella de Tarouca, e de sua mulher Isabel Rõiz de Sequeira filha de Ruy Annes de Vasconcellos. Terceira neta de Lopo Martins Monteiro, fidalgo muito honrado da familia dos Monteiros. Quarta neta de Martim Affonso Monteiro, que foi vereador da cidade do Porto, pelos annos de 1425 reinando o senhor rei D. João I. Quinta neta de Affonso Nunes Monteiro, que tambem foi morador no Porto no reinado do senhor rei D. Fernando. Sexta neta de Nuno Martins Monteiro, que alcançou os reinados dos senhores reis D. Affonso IV, e D. Pedro I. Setima neta de Martim Paes Monteiro, de quem fala o conde D. Pedro, no seu Nobiliario, e viveu reinando em Portugal os senhores reis D. Diniz, e D. Affonso III. Oitava neta de Paio Monteiro, que viveu na freguezia de S. Adrião de Sever no concelho de Penaguião, reinando os senhores reis D. Affonso II, e D. Sancho II, e de sua mulher D. Thereza Annes, filha de D. João Soares o Chico, do couto de Leomil, e de sua mulher D. Thereza Gonçalves Bezerra das principaes familias d'aquelle seculo. Nona neta de Egas Monteiro, que viveu em terra de Penaguião, padroeiro da Santa Olaia de Rendufe, e de sua mulher que era filha de Gonçalo Moniz, e de sua mulher D. Maria Anna, o qual Egas Monteiro era irmão de D. Fernando Rodrigues Monteiro, quarto mestre da ordem de cavallaria de S. Bento de Aviz. E finalmente decima neta de Ruy Monteiro, o primeiro que usou d'este appellido, e descendente da familia dos senhores do couto de Leomil, que foram illustrissimos fidalgos. Havendo na sua ascendencia muitas mais pessoas de grandes honras, assim nos postos militares, como nos honrosos cargos da republica, pelo que se conhece a limpeza de sangue do supplicante, e antiga nobreza, que o illustra, sem que nunca servissem officios mecanicos, mas sempre tratando-se á lei da nobreza tanto elle, como seus antecessores legitimos descendentes das familias dos Pereiras, e Monteiros, que n'estes meus reinos são fidalgos muito antigos de cotta de armas, sem que n'elles houvesse raça de judeu, mouro, ou mulato, nem de outra infecta nação, e que de direito as suas armas lhe pertencem, lh'as mandei passar em esta minha carta com seu brazão, elmo, e timbre, como aqui são divisadas, e assim como fiel e verdadeiramente se acham divisadas, e registadas em os livros dos registos das armas dos nobres, e fidalgos de meus reinos que tem o dito Portugal meu rei de armas, a saber: Um escudo partido em pala, no primeiro as armas dos Pereiras, que são em campo sanguineo uma cruz de prata florida, e vazia do campo. Na segunda pala as armas dos Monteiros, em campo de prata tres cornetas, ou bozinas negras em roquete, e em faxa com bocaes de ouro, e cordões de purpura. Elmo de prata aberto, guarnecido de ouro. Paquife dos metaes, e côres das armas. Timbre o dos Pereiras, uma cruz sauguinea florida entre duas azas de anjo de ouro, e por differença uma brica de ouro com um farpão azul. O qual escudo de armas, e signaes possa trazer, e traga o dito José Anacleto Pereira da Silva Monteiro, assim como as trouxeram, e d'ellas usaram seus antecessores, em todos os logares de honra, como os nobres e antigos fidalgos sempre as costumaram trazer em tempo dos mui esclarecidos reis meus antecessores, e com ellas possa entrar em batalhas, torneios, escaramuças, e exercitar com ellas

todos os mais actos licitos, tanto de guerra como de paz, e d'ellas poderá usar em seus firmaes, anneis, sinetes, e divisas, pôl-as em suas proprias casas, e edificios, e deixal-as sobre sua sepultura, e finalmente se servir, honrar, gosar e aproveitar d'ellas em todo, e por todo, como á sua nobreza convém; com o que quero e me praz que haja elle José Anacleto Pereira da Silva Monteiro, e seus descendentes todas as honras, privilegios, liberdades, graças, e mercês, isenções, e franquezas que hão e devem haver os fidalgos, e nobres e de antiga linhagem, como sempre o usaram, e gosaram os ditos seus antecessores. Pelo que mando a todos os meus corregedores, desembargadores, juizes, e mais justiças, e em especial aos meus reis de armas, arautos e passavantes, e a quaesquer outros officiaes e pessoas a quem esta minha carta fôr mostrada, e o conhecimento d'ella pertencer, que em tudo lha cumpram e guardem e façam cumprir, e guardar como n'ella se contém sem duvida nem embargo algum, que em ella lhe seja posto, porque assim é minha mercê. El-rei nosso senhor o mandou por Manuel Pereira da Silva, seu rei de armas Portugal. Fr. Manuel de Santo Antonio, religioso da ordem de S. Paulo, a fez em Lisboa aos vinte dias do mez de dezembro do anno do nascimento de nosso senhor Jesus Christo de 1738. E eu Antonio Francisco e Sousa subscrevi. — *Portugal rei de armas principal.*

LI

Brazão de armas concedido a José Ferraz de Araujo

(1720)

Portugal rei de armas principal n'estes reinos de Portugal, do muito alto e poderoso rei D. João quinto, nosso senhor, por graça de Deus rei de Portugal e dos Algarves, d'áquem e d'além mar em Africa, senhor de Guiné e da conquista, navegação, do commercio da Ethiopia, Arabia, Persia, e da India, etc. Faço saber a quantos esta minha carta e certidão de armas, fidalguia, e nobreza digna de fé e crença virem, que por parte do doutor José Ferraz de Araujo, conego que foi da santa sé de Coimbra, e prior de S. Pedro de Tamengos, do mesmo bispado, me foi feita petição, dizendo que elle pela sentença junta que offerecia, passada em nome de sua magestade, e pela chancellaria da côrte, pelo doutor Braz Rodrigues Pereira, juiz de fóra com alçada na villa e termo de Melgaço, por sua magestade, que Deus guarde, auditor da gente de guerra da praça de Melgaço, e juiz dos orphãos, tudo pelo dito senhor; constava ser o supplicante descendente das familias dos Ferrazes, Araujos, Castros e Sousas, que n'estes reinos são fidalgos antigos de cotta de armas, por ser filho do capitão Francisco Ferraz de Araujo, morador que foi na cidade de Lisboa, e que o dito seu pae Francisco Ferraz de Araujo era filho de D. Maria de Araujo de Sousa e Castro, a qual foi casada com Francisco Ferraz da Motta, moradores que foram na cidade do Porto; e que a dita D. Maria de Araujo de Sousa e Castro, avó d'elle supplicante, era filha de Antonio de Castro e Sousa, morador que foi na sua quinta do Pezo, termo da villa de Melgaço, e que o dito Antonio de Castro e Sousa, bisavô d'elle supplicante era homem fidalgo de geração, e que sempre se intitulara por ser das mais nobres e principaes familias da provincia de Entre Douro e Minho, com tanta grandeza, que era senhor de vassallos com jurisdicção de pôr e tirar justiças nas freguezias de Arenthe e Pedras Rubias, no reino de Galliza, cuja jurisdicção e senhorio de vassallos possuiu até o presente tempo das guerras seu neto Antonio de Castro de Sousa e Medrano, morador na sua mesma quinta, e que o dito Antonio de Castro e Sousa, bisavô d'elle supplicante, sempre foi tido e havido por descendente da melhor familia das da provincia de Entre Douro e Minho, e que sempre usara das armas e escudos, assim em suas casas como em suas sepulturas, que tem na capella-mór da egreja matriz da villa de Melgaço, que é do padroado, o qual teve brazão das ditas armas. Dos quaes todos descendia elle supplicante, e que sempre se trataram á lei da nobreza, com cavallos

e criados, sem que n'elles houvesse raça de judeu e de mouro, ou de mulato, ou de outra infecta nação, por tal lhe estava julgado na dita sentença; e por se não perder a memoria de seus progenitores, e de sua antiga fidalguia e nobreza, queria elle para conservação d'ella um brazão de armas pertencentes ás ditas familias dos Ferrazes, Araujos, Castros e Sousas, pelo que me pedia lhe mandasse passar carta de brazão de armas assim como elle as havia de trazer e d'ellas usar. E vista a dita sua petição e sentença, e mais documentos n'ella insertos, que ficam no cartorio da nobreza, e por ella consta estar o supplicante julgado por legitimo descendente das ditas familias, pelo haver assim provado e justificado largamente na dita sentença, da qual achei deduzido todo o conteudo na dita petição, em virtude da qual provi o livro de fidalguia e nobreza do reino, que em meu poder tenho, e n'elle achei registadas as armas que ás ditas linhagens pertencem, que são as que n'esta lhe dou divisadas e illuminadas, a saber: um escudo ovado esquartelado, no primeiro quartel as armas dos Ferrazes, que são em campo de prata cinco vazantes vermelhos com tres riscos de ouro postos em santor; no segundo quartel as armas dos Araujos, que são em campo de prata uma aspa azul, e n'ella cinco vazantes de ouro; no terceiro quartel as armas dos Castros, que são em campo de prata seis arruelas azues, no quarto quartel as armas dos Sousas, que são escudo esquartelado; no primeiro e quarto quartel as quinas de Portugal, no segundo e terceiro quartel em campo de prata um leão de purpura, e por differença um trifolio azul. E porque estas são as armas que ás ditas linhagens pertencem, eu Manuel Leal, rei de armas Portugal e principal, com o poder do meu muito nobre e real officio lh'as dou e assigno, assim como vão no dito escudo, as quaes armas poderá usar, como acto e prerogativa de sua nobreza e fidalguia, e com ellas gozar de todas as graças, mercês, honras e privilegios, que pelos senhores reis d'este reino foram concedidas aos fidalgos e nobres d'este reino, e as poderá trazer em suas baixellas, reposteiros, anneis e sinetes, e nos portaes de suas casas e quintas, e deixal-as sobre sua propria sepultura, e finalmente servindo-se e honrando-se d'ellas como á sua nobreza e fidalguia convém, e como fazem os mais fidalgos e nobres d'este reino. Pelo que requeiro a todos os desembargadores, corregedores, ouvidores, juizes e mais justiças de sua magestade da parte do dito senhor, e da minha por bem do officio que tenho, e em especial mando aos officiaes da nobreza, como juiz que sou d'ella, reis de armas, arautos e passavantes, a cumpram e façam inteiramente cumprir e guardar, assim como por mim é determinado e julgado, e por firmeza de tudo vai por mim assignada com o signal publico do nome do meu officio. Dada n'esta côrte e cidade de Lisboa occidental em 11 de abril de 1720. E eu Francisco José da Cruz a fiz e subscrevi por despacho do juiz rei de armas Portugal e principal, em falta de escrivão da nobreza. — *Portugal rei de armas principal.*

LII

Brazão de armas concedido a José Leitão de Almeida

(1629)

Portugal rei de armas n'estes reinos e senhorios de Portugal, pelo muito alto e poderoso rei D. Filippe III, nosso senhor, rei de Portugal e dos Algarves, d'aquem e d'além mar em Africa, senhor de Guiné e da conquista, navegação, commercio da Ethiopia, Arabia, Persia, e da India, etc. Faço saber aos que esta minha carta e certidão de armas de nobreza, digna de fé e crença virem, que por parte de José Leitão de Almeida, morador n'esta cidade de Lisboa, e natural da Ribeira de Pena, do arcebispado de Braga, filho de João Fernandes, e de sua mulher Camilla Leitoa, moradores na dita Ribeira; neto de Christovão Leitão, e bisneto de Damião Leitão, o qual seu bisavô foi fidalgo da casa de El-rei nosso senhor, governador de Cabo Verde, os quaes seu avô e bisavô descendem

por linha masculina, sem bastardia, dos Leitões, que n'estes reinos de Portugal são fidalgos : assim elle, e elles não tem raças de mouros, judeus, nem de outra infecta nação, e serem pessoas nobres e conhecidas n'estes reinos, e por taes foram tidos e havidos; assim elles como elle, sempre se trataram á lei da nobreza e fidalguia, assim uns e outros conforme as suas qualidades, tendo continuamente cavallos, criados, escravos, e outra gente de seu serviço, e fazendo muitos serviços aos reis d'este reino, na defensão d'elles, com suas pessoas e fazenda, como tudo constou por um instrumento publico, que o dito José Leitão de Almeida tirou n'esta cidade de Lisboa, feito por Manuel Guterres, escrivão dos corregedores do civel, e assignado pelo doutor Manuel Salgado Souto-maior, corregedor dos feitos, e causas civeis n'esta dita cidade de Lisboa, e sua correição, o qual fica em meu poder, ao que me reporto, e em tudo, e por tudo, porque constava do sobredito para gozar da dita nobreza da dita geração e armas acima ditas, que n'estes reinos de Portugal são fidalgos de cota de armas, e das mais honras e prerogativas, preeminencias, privilegios, liberdades de seu sangue, e me pediu que para memoria de seus antecessores se não perder, da parte do dito senhor lhe passasse, e désse um escudo das armas que lhe pertencem, e carta de certidão em forma para usar d'ellas. E visto por mim seu requerimento provi, e busquei os livros da nobreza e fidalguia d'estes reinos, e n'elles achei registradas as armas dos Leitões d'estes reinos, que a elle supplicante lhe pertencem, e lh'as dou divisadas e illuminadas, a saber : — Um escudo, o campo de prata, tres faxas de vermelho, e por divisa um trifolio verde, e por timbre um leão de purpura com uma faxa vermelha; elmo de prata aberto, guarnecido de oiro: paquife de oiro, e côres das armas: por assim lhe pertencerem, e as poder trazer e usar d'ellas o dito José Leitão de Almeida lhe passei a presente para com ellas poder, como póde entrar em batalhas, campos, duelos, reptos, escaramuças, desafios, justas, torneios, e exercitar todos os outros actos licitos de guerra e de paz, assim as poderá trazer em seus reposteiros, firmas, anneis, sinetes, divisas, e pol-as em suas casas, e deixal-as abrir em sua sepultura, servindo-se e honrando-se, e aproveitando-se d'ellas em tudo e por tudo, como a sua nobreza e fidalguia compete, e por esta carta de nobreza, e carta de armas, lhe pertencem. Pelo que requeiro a todos os desembargadores, corregedores, provedores, ouvidores, juizes, alcaides, meirinhos, e todas as mais justiças de sua magestade, da parte do dito senhor, provendo o officio da nobreza que tenho, em especial mando aos reis de armas, e passavantes, que ora são, e ao diante forem, como juiz que sou d'ella, a cumpram e guardem, e façam muito inteiramente cumprir e guardar assim, e da maneira que n'esta se contém, passada com todos os privilegios, graças, honras e em elles que hão e devem haver os fidalgos de cotta de armas, e por verdade em fé de testemunho d'ella, vai por mim assignada. Dada n'esta côrte e cidade de Lisboa aos 18 de março do anno do nascimento de nosso senhor Jesus Christo de 1629. E eu André Fernandes, cavalleiro da casa de el-rei nosso senhor, arauto escrivão da nobreza n'estes reinos e senhorios de Portugal o escrevi. — *Portugal rei de armas.*

LIII

Brazão de armas concedido a José Pereira da Silva Negreiros

(1755)

Portugal rei de armas principal n'estes reinos e senhorios, pelo muito alto, muito poderoso e fidelissimo rei D. José, nosso senhor, por graça de Deus rei de Portugal e dos Algarves, d'aquem e d'alem mar em Africa, senhor de Guiné e da conquista navegacão, commercio da Ethiopia, Arabia, Persia e da India, etc. Faço saber a todos os que esta minha certidão de brazão de armas de nobreza e fidalguia de linhagem digna de fé e crença virem, que n'este juizo da nobreza me fez petição por escripto, José Pereira da Silva Negreiros, cavalleiro fidalgo da casa real, professo na ordem de Christo, commissario das

tres ordens militares, e capitão da ordenança dos privilegiados da côrte, dizendo n'ella que elle supplicante é filho legitimo de Theodosio Pereira de Negreiros, escudeiro, cavalleiro fidalgo da casa real, e de sua mulher D. Ignacia Jacinta da Rosa; neto, pela parte paterna de Francisco Pereira Negreiros, e de sua mulher D. Andreza Nunes, e pela materna, que é neto de Manuel da Silva, e de sua mulher D. Marianna da Conceição, todos naturaes d'esta cidade de Lisboa, os quaes todos foram pessoas muito nobres e por taes conhecidos nas terras onde viveram, e descendiam do verdadeiro tronco das nobres e antigas linhagens dos Pereiras e Negreiros, que n'este reino de Portugal são fidalgos de cotta de armas, e lhe pertenciam direitamente as proprias de suas familias, sem que em algum d'elles houvesse labeo de judeu ou mouro, ou de outro sangue infecto que podesse pôr nodoa na sua fidalguia, nem havia fama ou rumor em contrario, que todos foram servidos honradamente e á lei da nobreza, com armas, cavallos, criados e tudo o mais necessario ás suas pessoas, como á qualidade da sua fidalguia convinha; pelo que me pedia lhe désse carta de brazão com as armas, que lhe pertenciam pelas referidas familias de seus avós, na forma do estylo, para poder usar d'ellas em todas as partes onde o costuma fazer a nobreza, e gosar das liberdades concedidas ás linhagens a quem pertencem. E vista por mim a dita sua petição e sentença de justificação a ella junta, proferida pelo desembargador João Caetano Torel da Cunha Manuel, corregedor do civel da côrte, e casa da supplicação, escripta por Paulo de Almeida Seabra, escrivão do dito juizo, por ella me constou haver o supplicante justificado tudo o sobredito com testemunhas e documentos, a qual fica conservada no cartorio da nobreza, em poder do escrivão d'ella, que ante mim serve, e porquem esta vai subscrita: E porque o supplicante tem mostrado a sua ascendencia, nobreza, e fidalguia de seus progenitores, pois não foi dispensado para o habito, de que é professo, por ter os requisitos de nobreza na forma dos definitorios da dita ordem, e requer este brazão para conservação de sua nobreza e memoria de seus antepassados, busquei os livros dos registos das armas da nobreza e fidalguia d'este reino, que em meu poder estão, e n'ellas achei as que pertencem ás nobres e antigas linhagens dos Pereiras e Negreiros, na forma que lh'as dou illuminadas n'esta carta, com as mesmas figuras, côres e metaes, segundo as regras do nobre officio da armaria, a saber: Um escudo partido em pala: na primeira as armas dos Pereiras, que são em campo vermelho uma cruz de prata florida e vazia do campo. Na segunda pala a dos Negreiros, que são esquarteladas. O primeiro quartel palado de seis peças de ouro e azul. O segundo xadrezado dos mesmos esmaltes com seis peças em faxa, e seis em pala; e assim os contrarios. Elmo de prata aberto guarnecido de ouro; paquife dos metaes e côres das armas. Timbre o dos Pereiras, que é uma cruz vermelha, entre duas azas de ouro, e por differença uma brica de ouro com um trifolio verde. O qual escudo eu, Pedro de Sousa, rei de armas Portugal e principal, com o poder do meu muito nobre e real officio, lhe dou para elle uzar nos seus reposteiros, sinetes, casas, portadas de quintas, capellas e mais edificios da sua fundação, e deixal-o sobre a sua sepultura, como costumam os fidalgos d'este reino. E requeiro a todos os desembargadores, corregedores, juizes, e a todas as mais justiças de sua magestade, da parte do mesmo senhor, e da minha, em virtude do officio que tenho, e em especial aos officiaes da nobreza, reis de armas, arautos e passavantes, que agora são e ao diante forem, deixem trazer ao supplicante as ditas armas, e lograr-se d'ellas em todos os actos acima referidos, com todas as liberdades e isenções; e cumpram e façam dar o devido e inteiro cumprimento a esta minha carta e certidão de brazão de armas, que mandei passar, e para firmeza, fé, e testemunho d'ella, vai por mim assignada com o nome do meu real officio. Dada n'esta côrte e sempre leal cidade de Lisboa, aos 30 dias do mez de junho de 1755. Fr. Manuel de Santo Antonio e Silva, da ordem de S. Paulo, a fez por especial provisão de sua magestade, que Deus guarde. E eu, Rodrigo Ribeiro da Costa, escrivão da nobreza n'estes reinos e senhorios de Portugal e suas conquistas, por sua magestade, que Deus guarde, a fiz escrever e subscrevi. — *Portugal rei de armas principal.*

LIV

Brazão de armas concedido a José dos Santos Freire

(1749)

DOM JOÃO por graça de Deus rei de Portugal e dos Algarves, d'aquem e d'além mar em Africa, senhor de Guiné e da conquista, navegação, do commercio da Ethiopia, Arabia, Persia, e da India, etc. Faço saber aos que esta minha carta virem, que José dos Santos Freire, almoxarife do paço real de Salvaterra de Magos, me fez petição, dizendo-me que elle vinha por legitima descendencia da nobre geração e linhagem dos Costas, Coelhos, Tavares, e Freires, as quaes gerações n'este reino são de fidalgos de linhagem e cotta de armas, e me pedia por mercê que para a memoria dos seus antecessores se não perder, e elle usar e gozar das honras das armas, que pelos merecimentos de seus serviços ganharam, e lhe foram dadas, assim dos privilegios, honras, graças e mercês, que por direito, e por bem d'ellas lhe pertencem, lhe mandasse dar minha carta das ditas armas que estavam registradas em o livro dos registros das armas dos nobres e fidalgos de meus reinos, que tem Portugal meu principal rei de armas; para o que me apresentou uma sentença de justificação de sua ascendencia e nobreza, proferida pelo doutor Francisco Xavier Porcile, meu desembargador, e corregedor do civel, que serve em esta minha côrte e casa da supplicação, escripta por Antonio Soares Guerreiro, escrivão do dito juizo, em a qual depois de tirar inquirição de testemunhas, julgou o dito meu corregedor ser o supplicante da antiga nobreza, sangue limpo, e legitimo descendente das ditas familias de Costas, Coelhos, Tavares, e Freires. Por provar ser filho legitimo de Antonio da Costa Coelho, e de sua mulher Dionisia Antunes Caldeira, naturaes da villa de Salvaterra de Magos; neto pela parte paterna de Manuel da Costa Coelho, e de sua mulher Maria Rodrigues Coelho, e pela parte materna ser neto de Duarte Lopes Temudo Tavares, e de sua segunda mulher Maria Antunes Caldeira Freire, e que os ditos seus paes e avós foram pessoas muito nobres e legitimos descendentes das ditas familias de Costas, Coelhos, Tavares e Freires, e como taes se trataram á lei da nobreza, sendo dos principaes da dita villa aonde serviram os cargos e logares honrosos do governo d'ella, servindo-se com criados e cavallos, como pessoas nobres que eram, sem que nas ditas gerações houvesse raça de infecta nação, e assim lhe pertencem de direito as suas armas, as quaes lhe mando dar em esta minha carta com seu brazão, elmo, e timbre, como aqui são divisadas, e assim como fiel e verdadeiramente se acharam illuminadas e registradas em os livros do dito Portugal, meu rei de armas, a saber: — Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Costas, que são em campo sanguinho seis costas de prata firmadas no escudo postas em tres faxas; no segundo quartel as armas dos Coelhos, que são em campo de oiro um leão de purpura faxado de tres faxas em xadrez de oiro e azul, armado de sanguinho, orla azul com sete coelhos de prata; no terceiro as dos Tavares, que são em campo de oiro cinco estrellas sanguinhas de seis pontas, em santor; no quarto quartel as dos Freires, que são em campo verde uma banda sanguinha cotilada de oiro, que saem as pontas das bocas de duas cabeças de serpes de oiro com as linguas sanguinhas; elmo de prata aberto guarnecido de oiro; paquife dos metaes e côres das armas; timbre o dos Costas, que é duas costas de prata postas em aspa, atadas com um troçal sanguinho, e por differença uma brica de oiro com uma flôr de liz azul; o qual escudo d'armas poderá trazer e traga o dito José dos Santos Freire, como as trouxeram e d'ellas usaram os ditos nobres e antigos fidalgos seus antepassados, em tempo dos esclarecidos reis meus antecessores, e com ellas possa entrar em batalhas, campos, rectos, escaramuças, exercitar com ellas todos os outros actos licitos da guerra e da paz; e assim as poderá trazer em seus firmaes, anneis, sinetes, e divisas, pol-as em suas casas, e edificios, e deixal-as sobre sua propria sepultura, e finalmente se poderá servir, honrar, gozar, e aproveitar

d'ellas em tudo e por tudo como a sua nobreza convem. Com o que quero e me praz que haja elle todas as honras, privilegios, liberdades, graças, mercês e isenções e franquezas, que hão e devem haver os fidalgos nobres e de antiga linhagem, e como sempre de tudo usaram e gosaram os ditos seus antepassados; pelo que mando a todos os meus desembargadores, corregedores, juizes e justiças, alcaides, e em especial aos meus reis de armas, arautos e passavantes, e a quaesquer outros officiaes e pessoas a quem esta minha carta fôr mostrada e o conhecimento d'ella pertencer, que em tudo lh'a cumpram e guardem e façam cumprir e guardar como n'ella é conteudo, sem duvida ou embargo algum que em ella lhe seja posto, porque assim é minha mercê. El-rei nosso senhor o mandou por Manuel Pereira da Silva, seu rei de armas Portugal. Fr. Manuel de Santo Antonio, da ordem de S. Paulo, e reformador do cartorio da nobreza, por especial provisão do dito senhor a fez em Lisboa a 15 do mez de setembro 1749; e eu Hilario da Costa Barreiros Telles, proprietario do officio do escrivão da nobreza n'estes reinos e senhorios de Portugal, e suas conquistas a subscrevi. — *Portugal rei de armas principal.*

LV

Brazão de armas concedido a José de Sequeira de Vasconcellos

(1699)

Portugal rei de armas principal do muito alto e poderoso rei D. Pedro segundo, por graça de Deus rei de Portugal e dos Algarves, d'aquem e d'alem mar em Africa, senhor de Guiné, e da conquista, navegação, commercio da Ethiopia, Arabia, Persia, e da India, etc. Faço saber a quantos esta minha carta de certidão e brazão de armas, fidalguia e nobreza digna de fé e crença virem, que por parte de José de Sequeira de Vasconcellos Monterroio, natural e morador do concelho de Paiva, me foi feita petição por escripto dizendo, que pela sentença junta, que offerecia passada em nome de sua magestade, e pela chancellaria da corte, promulgada pelo doutor Affonso Botelho Soutomaior, do desembargo do dito senhor, desembargador da casa da supplicação, e corregedor com alçada dos feitos e causas civeis, constava ser elle supplicante das nobres familias dos Moreiras, Monterroios, Vasconcellos, Silveiras e Sequeiras, que n'este reino são fidalgos antigos, e notorios de solar conhecido e de cotta de armas, por ser filho legitimo de Antonio Sequeira Monterroio sargento-mor que foi do dito concelho, e familiar do santo officio, e de sua mulher D. Anna de Vasconcellos, descendente por varonia de Pedro Annes Moreira, da familia dos Moreiras fundadores do mosteiro de Tarouquela; e por casamentos tambem descendentes das ditas familias, como filho legitimo que é dos sobreditos, e primeiro neto que é pela parte paterna de Ayres de Aguiar Vieira, que foi sargento-mór do mesmo concelho de Paiva; segundo neto de Fernão de Couto Monterroio, senhor da quinta de Picão, e de sua mulher Maria de Aguiar Vieira, filha de Pedro Vieira de Lordelo, senhor da quinta de Cidraes, e de sua mulher Isabel de Aguiar da Silveira, filha de Alvaro de Aguiar da Silveira, e de sua mulher Maria Fernandes de Sequeira, dos quaes o supplicante é quarto neto, e quinto neto de João Affonso d'Aguiar, e de sua mulher D. Isabel de Mello, filha de João de Mello, alcaide-mor de Serpa, e copeiro-mór do senhor rei D. Affonso III, e de sua mulher D. Isabel da Silveira filha de Nuno Martins da Silveira, secretario da puridade do senhor rei D. Duarte; e o dito Nuno Martins da Silveira foi filho de Martim Gil Pestana, alferes-mór de Evora, e de sua mulher Maria Gonçalves da Silveira senhora da herdade d'este nome em Alemtejo, solar d'esta familia; de que procedem as casas titulares, que n'este reino se intitulam Silveira, e pela dita Maria Fernandes de Sequeira, é descendente dos Sequeiras senhores da Torre de Palma, por ser filha de Ruy Fernandes de Sequeira, irmão de Lopo Vaz de Sequeira alcaide-mór do Alandroal, do qual e de sua mulher D. Cecilia de Menezes, filha de D. Fernando de Menezes senhor de Cantanhede,

nasceu Diogo Lopes de Sequeira, alcaide-mór do Alandroal, almotacel-mór do senhor rei D. João III, governador da India; e o dito Ruy Fernandes de Sequeira foi filho de Francisco Annes de Torres, e de sua mulher D. Branca Lopes de Sequeira, filha de Lopo Vaz de Sequeira, alcaide-mór de Coimbra, descendente de D. Reimão Viegas de Sequeira, que se achou na tomada de Sequeira com el-rei D. Fernando o santo, e foi filho de D. Egas Pires Coronel, genro de D. Martinho de Anhaya, da familia dos Goes, e neto de D. Pedro Coronel, que ajudou a conquistar este reino ao senhor conde D. Henrique, e de sua mulher D. Justa Paes, filha de D. Paio Guterres, genro de D. Trastamiro, que o foi do conde de Castella D. Gonçalo Nunes pae do grande Fernão Gonçalves; e o dito D. Trastamiro foi filho de D. Alboazar Ramires, filho de el-rei Ramiro segundo de Leão. E pela via de seu bisavô paterno é terceiro neto de Pedro Annes Monterroio, e quarto neto do dito Pedro Annes Moreira progenitor do dito Antonio de Sequeira Monterroio, pae do supplicante, a quem por via da dita sua mãe D. Anna de Vasconcellos pertence á familia dos Vasconcellos, como neto que é de Manuel de Vasconcellos e de sua mulher D. Maria Barroso Meirelles, segundo neto de Christovão Cerveira de Vasconcellos, e de sua mulher D. Luiza da Costa; terceiro neto de Duarte Mendes de Vasconcellos, senhor da quinta da Varge do Douro, dos quaes todos descendia por linha direita sem bastardia, e se trata á lei da nobreza e fidalguia, como todos seus avós, com armas, cavallos e escravos, e ser christão velho limpo de toda a ruim raça, ou nação infecta, e por tal estava julgado e sentenciado pela dita sentença. E por que se não perdesse a memoria dos ditos seus progenitores, e de sua antiga fidalguia e nobreza, queria elle supplicante tirar para conservação d'ella um brazão das armas pertencentes a quatro das familias das que lhe foram julgadas pertencerem-lhe, que são Sequeiras, Silveiras, Vasconcellos, e Mellos, pelo que me pedia lhe mandasse passar carta de certidão, e brazão em forma, com as ditas armas divisadas e illuminadas, assim como elle supplicante as havia de trazer, e d'ellas usar, e receberia mercê; e vista por mim a dita sua petição, e sentença junta, que fica n'este cartorio, como por ella consta estar julgado por legitimo descendente das ditas quatro gerações, e ser christão velho limpo de toda a ruim raça de infecta nação, pelo haver assim provado, e justificado largamente, como consta pela dita sentença, em cumprimento do qual, provi o livro do registo das armas da fidalguia e nobreza d'este reino, e n'elle achei registadas as armas que ás quatro ditas linhagens pertencem, convém a saber: Um escudo quarteado posto ao balon: no primeiro quartel as armas dos Sequeiras, que são em campo azul cinco vieiras de oiro em santor, no segundo as armas dos Silveiras, que são em campo de prata tres faxas vermelhas. No terceiro as armas dos Vasconcellos, que são em campo preto tres faxas veiradas de prata, e vermelho. No quarto as armas dos Mellos, que são em campo vermelho seis bezantes de prata entre uma cruz dobrada, e os lados de oiro; elmo de prata aberto guarnecido de oiro, paquife dos metaes, e cores das armas, timbre dos Sequeiras, que são cinco penachos de azul, com uma vieira das armas; e por differença uma estrella de prata, das quaes armas poderá usar, como acto, e prerogativa de sua nobreza e fidalguia, e com ellas usar de todas as graças, isenções liberdades, honras, mercês, e franquezas, que pelos senhores reis d'este reino são concedidas aos fidalgos, e nobres d'elle, especialmente ás ditas quatro gerações, e com ellas poderá entrar em batalhas, campos, duelos, rectos, desafios, justas, torneios, e exercitar os mais actos de guerra e paz, que licitos e honestos forem, e trazel-as em seus reposteiros, firmaes, anneis, sinetes, e pol-as nas portadas das suas casas, quintas e edificios, e deixal-as sobre a propria sepultura; e finalmente se poderá servir e honrar nos actos d'ellas em que sua nobreza lhe der logar. Pelo que requeiro da parte de sua magestade e da minha, por bem do officio que tenho, a todos os desembargadores, corregedores, provedores, ouvidores, juizes e mais justiças do dito senhor, deixem trazer ao supplicante as ditas armas, e com ellas gozar de todos os privilegios, liberdades, graças e honras a ellas permittidas de que usam e gozam os nobres e fidalgos da geração de cotta de armas d'este reino de Portugal, e mando a todos os officiaes da nobreza, como juiz que sou d'ella, reis de ar-

mas, arautos e passavantes a cumpram e guardem, como n'ella se contem, e em fé do qual mandei passar a presente por mim assignada com o signal publico, e nome do meu officio de que uso. Dada n'esta corte e cidade de Lisboa aos 30 dias do mez de janeiro de 1699. Francisco Ferreira Simões a fez. E eu José Duarte Salvado, cavalleiro da casa de sua magestade, passavante Tavira, e escrivão da nobreza, por el-rei nosso senhor a subscrevi. E levou o rei de armas Portugal o fôro de um marco de prata, o escrivão mil réis. —*Portugal rei de armas.*

LVI

Brazão de armas concedido a Luiz Botelho Froes de Figueiredo

(1706)

Portugal rei de armas principal n'estes reinos e senhorios de Portugal, do muito alto, e muito poderoso rei e senhor nosso D. Pedro segundo, por graça de Deus rei de Portugal e dos Algarves, d'aquem e d'além mar em Africa, senhor de Guiné, e da conquista, navegação, commercio da Ethiopia, Arabia, Persia, e India etc. Faço saber a quantos esta minha carta de certidão de brazão de armas, fidalguia, e nobreza digna de fé e crença virem, que por parte de Luiz Botelho Froes de Figueiredo me foi feita petição por escrito, dizendo, pela sentença junta que offerecia, passada em nome de sua magestade, e pela chancellaria da côrte, promulgada pelo doutor Alexandre da Silva Corrêa, do desembargo do dito senhor, desembargador da casa de supplicação, e corregedor com alçada dos feitos, e causas civeis em sua côrte, constava ser elle supplicante descendente da nobre, e illustre familia dos Manueis, uma das dos principaes fidalgos d'este reino, por ser filho legitimo de Ignacio de Mattos de Figueiredo Froes, e de D. Helena de Araujo e Sousa, e neto pela parte paterna de Lançarote Froes de Figueiredo, e de D. Antonia Manuela, bisneto de João de Mattos de Aguiar Manuel, terceiro neto de Francisco de Aguiar da Cunha, quarto neto de D. Tristão Manuel, quinto neto de D. João Manuel, e sexto neto de D. Fernando Manuel, dos quaes todos descendia elle supplicante, sem bastardia, nem raça de judeu, mouro, ou mulato, ou alguma infecta nação; e porque a memoria dos ditos seus progenitores, e de sua antiga fidalguia e nobreza se não perdesse, queria elle supplicante para conservação d'ella um brazão das armas pertencentes á dita familia dos Manueis: pelo que me pedia lhe mandasse passar carta de certidão de brazão em forma com as armas illuminadas, e divisadas, assim como elle supplicante as havia trazer, e d'ellas usar, e receberia mercê: e vista por mim a dita sua petição, e sentença, e mais documentos n'ella insertos, que fica no cartorio da nobreza em poder do escrivão que esta subscreveu, e como por ella consta estar o supplicante julgado por legitimo descendente da dita familia, provi o livro da fidalguia e nobreza d'este reino, que em meu poder tenho, e n'elle achei registadas as armas que á dita familia pertencem, que são as que n'esta lhe dou divisadas e illuminadas, a saber: Um escudo esquartelado e posto ao balão, no primeiro quartel em campo sanguinho uma asa de ouro, estendida, e n'ella uma mão com uma espada de guarnições douradas, e a ponta para cima. No segundo em campo de prata um leão de purpura rompente, e assim os contrarios; timbre a mesma mão, e asa e espada das armas, e por differença meia brica de ouro com uma flôr de liz azul; elmo de prata aberto guarnecido de ouro, paquife dos metaes e côres das armas. E porque estas são as armas que á dita linhagem pertencem, eu Antonio de Aguiar, rei de armas Portugal e principal com o poder de meu muito nobre e real officio, lh'as dou, e assigno assim como vão no dito escudo, para as usar como acto e prerogativa de sua nobreza e fidalguia, e com ellas gosar de todas as graças, liberdades, honras, e mercês, que pelos senhores reis d'este reino foram concedidas aos fidalgos, e nobres d'elle, e em especial aos da dita geração, e com ellas poderá entrar em batalhas e em todos, e quaesquer actos militares assim de paz, como de guerra, tanto nas coisas graves, e de necessidade, como nas voluntarias, e de

passatempo assim como justas, torneios, e tudo mais que licito e honrado fôr, e as poderá fazer pintar, e bordar em seus reposteiros, bandeiras, e estandartes, e abrir e esculpir nas baixelas de sua casa, e em seus anneis e sinetes, e em todas as peças de ouro e prata, pedraria, e grumpos, e nos portaes de suas casas, e quintas; e finalmente as poderá esculpir, e deixar sobre sua propria sepultura, servindo-se, honrando-se, e aproveitando-se d'ellas, como á sua nobreza, e fidalguia convém, e como o fazem os mais fidalgos, e nobres d'este reino. Pelo que requeiro a todos os desembargadores, corregedores, ouvidores, juizes, justiças de sua magestade da parte do dito senhor, e da minha por bem do officio que tenho, e em especial mando aos officiaes da nobreza como juiz que sou d'ella, reis de armas, arautos e passavantes, a cumpram, e façam inteiramente cumprir, e guardar, como por mim é determinado e julgado, e por firmeza de tudo vai por mim assignada, com o signal publico do nome do meu officio. Dada em Lisboa aos vinte e tres dias de setembro de 1706. Daniel Manlio a fez, por José Duarte Salvado, cavalleiro da casa real e escrivão da nobreza n'estes reinos, e senhorios de Portugal. E eu José Duarte Salvado, a fiz escrever e subscrevi, — *Portugal rei de armas principal.*

LVII

Brazão de armas concedido a Luiz Carvalho

(1576)

João de Perada Portugal, rei de armas principal, de elrei nosso senhor. Faço saber a quantos esta minha carta de certidão de brazão de armas digna de fé e crença virem, que Luiz de Carvalho, natural da cidade de Tanger, me pediu e requereu, que, porquanto elle descendia por linha direita legitima e sem bastardia, por parte de seu pae Garcia Fernandes de Carvalho, e de sua mãe Anna de Mattos, e de seus avós Nuno Alvares de Carvalho, e Fernão de Mattos, que foi cavalleiro do habito de nosso senhor Jesus Christo, e alcaide-mór, e adail do campo de Arzilla, e bisneto de Garcia Fernandes de Carvalho, que outrosim foi cavalleiro do habito de Christo, e alferes-mór das capitanias de Alcacer Ceguer, os quaes eram das gerações e linhagens dos Carvalhos, e Mattos, que n'estes reinos são fidalgos de cotta de armas, como consta do instrumento auctorisado, que apresentava, que lhe désse um escudo com as armas, que ás ditas linhagens pertencem, e a elle por direito pertencerem dever trazer, para d'ellas uzar, e gozar das honras e liberdades que por bem da nobreza d'ellas gozaram seus antepassados, pois todos serviram na guerra, onde morreram com cavallos encobertados: pelo que busquei os livros da nobreza, que em meu poder estão, e acho que as armas que ás ditas linhagens pertencem serem estas, que em esta lhe dou illuminadas, silicet: O escudo esquartelado ao primeiro dos Carvalhos, e o segundo dos Mattos, e assim os contrarios; e assim mais seu paquife, e elmo, e o timbre dos Carvalhos, e por differença um trifolio de ouro picado de verde, que com ellas, pois lhe pertencem pela dita maneira, segundo o regimento da armaria deve trazer: pelo que ao supplicante devem ser guardadas as liberdades concedidas ás ditas armas, e por verdade lhe passei esta em Almeirim, por mim assignada, aos 5 dias de janeiro. Diogo de S. Romão a fez, anno do nascimento de nosso senhor Jesus Christo de 1576. — *Portugal principal rei de armas.*

LVIII

Brazão de armas concedido a Luiz Cotrim de Sousa

(1623)

Portugal principal rei de armas n'estes reinos e senhorios de Portugal, pelo muito alto **e poderoso D. Filippe, nosso senhor, rei de Portugal e dos Algarves, d'aquem e d'alem**

mar em Africa, senhor de Guiné, e da conquista, navegação, commercio de Ethiopia, Arabia, Persia, e da India, etc. Faço saber aos que esta minha carta e certidão de brazão de armas de nobreza, digna de fé e crença virem, que por parte de Luiz Cotrim de Sousa, juiz dos orphãos na villa de Dornes, me foi requerido que elle era filho de Filippe Mendes de Vasconcellos, e de sua mulher, Anna Dias Cotrim, de legitimo matrimonio, sem bastardia, naturaes do logar do Beco, e que seus antepassados foram todos fidalgos de cotta de armas e solar, e das gerações e troncos aqui nomeados, Cotrins, Sousas, e Canas, e Vasconcellos, e que os ditos seus antepassados foram sempre capitães de gente de guerra na dita villa e logar, e os principaes d'elles tem suas armas e brazão d'ellas, e em seus portaes, e as tem de muito tempo e annos immemoriaes, tendo seus cavallos e creados, com que sempre se serviram, e fazendo muitos e grandes serviços aos reis d'estes reinos, com suas pessoas, e fazendas; e que o tio do supplicante era tio de sua mãe, e foi capitão em Tangere, o qual supplicante é dos troncos das ditas gerações, que n'estes reinos de Portugal são fidalgos, e por taes estão tidos e havidos, e assim elle supplicante se trata outrosim á lei da nobreza, limpa e abastadamente, como a elle convem, e tudo constava do instrumento publico, passado pela chancellaria de sua magestade, d'esta cidade de Lisboa, que me apresentou, e que pela memoria de seus antecessores se não perder, me requeria da parte do dito senhor lhe passasse, e désse as armas de Cotrins e Vasconcellos, as quaes são de fidalgos, e por taes lhe pertencem, e com ellas lhe passasse sua carta em forma: e visto por mim seu requerimento e instrumento, que lhe foi passado em forma pelo doutor Gonçalo Leitão de Vasconcellos, do desembargo de elrei nosso senhor, e seu corregedor com alçada dos feitos e causas civeis, n'esta cidade de Lisboa e sua correição, e Matheus Caldeira o fez, por Rodrigo Esteves Fialho, escrivão da correição do civel d'esta cidade de Lisboa, no officio de que é proprietario Manuel Guterres Rodovalho, o qual fica em meu poder, a que em tudo, e por tudo me reporto: provi, e busquei os livros da nobreza e fidalguia d'estes reinos, e n'elles achei registradas as armas que pertencem ao dito Luiz Cotrim de Sousa, das gerações, como n'este escudo lh'as dou divisadas, a saber: o escudo partido em palla, o primeiro dos Cotrins enchaquetado de azul e ouro de seis peças, em faxa, e ao segundo dos Vasconcellos, de preto, e tres faxas reviradas, e contraregradas de prata e vermelho, e por differença uma brica de azul com cachim de ouro no meio da brica, e por timbre o dos Cotrins tres pennachos com chaparia de ouro em roquete. Elmo de prata aberto, guarnecido de ouro, paquife dos metaes e côres das armas. E por assim lhe pertencer, e as dever trazer, e d'ellas usar o dito Luiz Cotrim de Sousa, e seus antepassados, assim como as trouxeram e d'ellas usaram os nobres, e antigos fidalgos costumaram sempre trazer em o tempo dos reis, meus antecessores, e com ellas possa entrar em batalhas, campos, duelos, rectos, escaramuças, e desafios, e exercitar todos os outros actos licitos de guerra e paz, e assim as possa trazer em seus reposteiros, firmaes, anneis, sinetes e divisas, e as pôr em suas casas e edificios, e deixal-as por sobre sua propria sepultura, e se servir e aproveitar d'ellas em tudo, e por tudo, como a sua nobreza convem: pelo que requeiro a todos os corregedores, provedores, ouvidores, juizes, alcaides, meirinhos, e a todas as mais justiças de sua magestade, da parte do dito senhor, e por bem do officio da nobreza que tenho, e em especial mando aos officiaes da nobreza, reis de armas, arautos, passavantes, que ora são, e ao diante forem, como juiz que sou d'ella, o cumpram e guardem, e façam inteiramente cumprir assim, e da maneira que n'esta certidão de brazão de armas se contem, passado com todos os privilegios, graças, honras, liberdades e mercês que hão e devem haver os fidalgos de cotta de armas, e solar da nobre e antiga linhagem, como todos sempre usaram; e por verdade, e em fé, e testemunho d'ella, vai por mim assignada. Dada em esta cidade de Lisboa, aos 2 de junho do anno do nascimento de nosso senhor Jesus Christo de 1623 annos. Christovão Lopes Galvão, escrivão da nobreza por El-rei nosso senhor, n'estes reinos de Portugal, o fiz escrever. — *Portugal principal rei de armas.*

LIX

Brazão de armas concedido a D. Luiz Manuel de Andrade Moreira

(1734)

DOM JOÃO por graça de Deus rei de Portugal e dos Algarves, d'aquem e d'além m: em Africa, senhor de Guiné, e da conquista, navegação, do commercio da Ethiopia, Ar bia, Persia, e da India, etc. A quantos esta minha carta virem faço saber, que D. Lu Manuel de Andrade Moreira, natural de Gibraltar, oriundo d'este reino, morador em All manha e Vienna de Austria, me fez petição em como elle descendia e vinha da geração linhagem dos Andrades, Moreiras, Cabraes, e Pachecos, e suas armas lhe pertenciam c direito, e pedindo-me por mercê, que para a memoria de seus antecessores se não pe der, e elle usar, e gozar da honra das armas, que pelos merecimentos de seus serviç ganharam e lhe foram dadas, e assim dos privilegios, honras, graças e mercês, que pc direito e por bem d'ellas lhe pertencem, lhe mandasse dar minha carta das ditas arma: que estavam registradas em os livros de registo das armas dos nobres e fidalgo de meus reinos, que tem Portugal meu principal rei de armas; a qual petição vista pc mim, mandei sobre ella tirar inquirição de testemunhas, pelo doutor Manuel da Costa d Amorim, do meu desembargo, e meu desembargador em esta minha côrte e casa da su plicação, corregedor do civel em ella, e por Caetano José de Moura, escrivão do dit juizo, pelos quaes fui certo, que elle procede e vem da geração e linhagem dos ditos Ar drades, Moreiras, Cabraes e Pachecos, como filho legitimo de Belchior de Andrade Moreir: cavalleiro professo na ordem de Christo, fidalgo da casa real de Castella, e de D. Garci Vidal do Couto, o qual era oriundo d'este reino, e morador em Allemanha, e Vienna d Austria; neto de D. Manuel de Andrade Moreira, cavalleiro da ordem de Christo, fidalg da casa real de Castella, por linhagem paterna, e foi adail e veador, contador da real fa zenda em Africa, na praça de Ceuta, e de sua legitima mulher Isabel Cabral, e pela ma terna neto do capitão D. Gonçalo João do Couto, e de D. Margarida Zuzarte Pacheco todos naturaes que foram da dita cidade de Ceuta, todos christãos velhos, e limpos d toda a má raça, e que D. Francisco e D. Alexandre, e D. Antonio de Andrade Moreira foram cavalleiros da ordem de Christo, irmãos inteiros do dito Belchior de Andrade, pa de D. Luiz Manuel, e que D. Manuel de Andrade Moreira, cavalleiro do habito de Ca latrava, governador que foi da villa de Martos, e seu presidio, capitão de cavallos da guardas de Barcelona, era primo e irmão d'elle supplicante, por ser filho do irmão d seu pae, e que D. José Cabral da França, cavalleiro da ordem de Sant'Iago, que mataran os mouros sendo capitão de infanteria da dita praça, era primo segundo d'elle supplicant e que na casa real da santa misericordia haviam sido matriculados todos os ditos seu ascendentes d'elle supplicante com o foro de nobres, e como taes tiveram actos distincto sendo provedores da real casa, e que o dito D. Manuel de Andrade Moreira, avô paterno e o dito capitão D. Gonçalo João, seu avô materno, e haver sido notoria nobreza, e de seus documentos as dos seus descendentes, sendo das principaes familias da dita cidade, e como taes estiveram em a cidade de Gibraltar, e todos serviram a sua magestade com distinctos empregos, e que de direito as suas armas lhe pertencem: as quaes lhe mandei dar em esta minha carta com seu brazão, elmo e timbre, como aqui são divisadas, e assim como fiel e verdadeiramente se acham divisadas e registradas em os livros do registro das armas dos nobres, e fidalgos de meus reinos, que tem Portugal meu principal rei de armas, a saber: — Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Andrades, em campo verde uma banda vermelha acoticada de oiro, que sae de duas cabeças de serpe de oiro; no segundo as dos Moreiras, em campo vermelho nove escudinhos de prata, em cada um sua cruz verde floreteada postos em tres palas; no terceiro as dos Cabraes, em campo de prata duas cabras de purpura andantes em pala; no quarto

as dos Pachecos, em campo de oiro duas caldeiras pretas com tres faxas cada uma de veiros de oiro e vermelho, postas em pala; elmo de prata aberto guarnecido de oiro; paquife dos metaes e côres das armas; timbre o dos Andrades, que são duas cabeças de serpes batalhantes de oiro com trifolio preto; o qual escudo, armas e signaes possa trazer e traga o dito D. Luiz Manuel de Andrade Moreira, assim como as trouxeram e d'ellas usaram seus antecessores, em todos os logares de honra em que os ditos seus antecessores, e os nobres e antigos fidalgos sempre as costumaram trazer em tempo dos mui esclarecidos reis meus antecessores, e com ellas possa entrar em batalhas, campos, rectos, escaramuças, e exercitar com ellas todos os actos licitos de guerra, e de paz, e assim as possa trazer em seus firmaes, anneis, sinetes e divisas, e as pôr em suas casas e edificios, e deixal-as sobre sua propria sepultura, e finalmente se servir, honrar, gozar e aproveitar d'ellas em tudo e por tudo, como a sua nobreza convem, e como fazem os mais fidalgos nobres d'este meu reino; pelo que mando a todos os corregedores, desembargadores, juizes, justiças, alcaides, e em especial aos meus reis de armas, arautos, e passavantes, e a quaesquer outros officiaes a que esta minha carta fôr mostrada, e o conhecimento d'ella pertencer, que em tudo lha cumpram e guardem, e façam cumprir e guardar como n'ella é conteudo, sem duvida nem embargo algum que em ella lhe seja posto, porque assim é minha mercê. El-rei nosso senhor o mandou por Manuel Pereira da Silva, seu rei de armas Portugal. Fr. José da Cruz, da ordem de S. Paulo, reformador do cartorio da nobreza do reino, por especial provisão do dito senhor, a fez em Lisboa occidental aos tres dias de março do anno do nascimento de nosso senhor Jesus Christo de 1734. E vai subscripta por Antonio Francisco e Sousa, escrivão da nobreza n'estes reinos e senhorios de Portugal e suas conquistas. E eu Antonio Francisco e Sousa o subscrevi. — *Do rei de armas Portugal principal.*

LX

Brazão de armas concedido a Manuel Alvares Ferreira

(1589)

Portugal principal rei de armas do mui alto e muito poderoso rei D. Filippe, nosso senhor d'estes reinos de Portugal, e cavalleiro professo da ordem de Sant'Iago. Faço saber a quantos esta minha carta de brazão de armas de nobreza, digna de fé e crença virem, que Manuel Alvares Ferreira, cavalleiro fidalgo da casa do dito senhor, morador n'esta cidade de Lisboa, e natural da villa de Coruche, me pediu, e requereu, que por quanto elle descendia por linha direita legitima masculina, e sem bastardia, por parte de seu pae Pedro Alvares Ferreira, e de seu avô João Alvares Ferreira, e de seu bisavô, e trisavô da geração e linhagem dos Ferreiras, que n'estes reinos são fidalgos de cotta de armas, como constava do instrumento autorisado em forma devida por auctoridade de justiça, que apresentava, lhe désse um escudo com as armas, que á dita linhagem pertencem, e as elle de direito por lhe pertencer devia trazer para d'ellas usar, e gosar das honras, liberdades, que por bem da nobreza d'ellas gosaram seus antepassados. Pelo que provendo o requerimento por virtude do que constava do dito instrumento, com o poder, e auctoridade, pelo meu officio para isso tenho, busquei os livros da nobreza da nobre fidalguia do reino, que em meu poder estão, e acho n'elles as armas, que á dita linhagem pertencem serem estas, que em esta lhe dou illuminadas: O campo vermelho, e sobre elle quatro faxas de ouro, elmo de prata aberto guarnecido de ouro; paquife de ouro, e vermelho, e por timbre uma ema de sua côr, com uma ferradura de ouro no bico, e por differença um cardo de prata florido de azul, que com ellas pois lhe pertencem pela dita maneira, segundo regimento da armaria deve trazer: e por assim dever d'ellas usar, requeiro ás justiças da parte do dito senhor, e por bem do officio da nobreza, guardem ao supplicante Manuel Alvares Ferreira as honras, e liberdades, e mais preeminencias concedi-

das ás ditas armas, e lh'as deixem trazer, e possuir, e d'ellas usar nos actos em que a nobreza d'ellas lhe dá logar; e por verdade lhe passei esta certidão de brazão em Lisboa, por mim assignada aos trinta dias do mez de outubro. Diogo de S. Romão a fez, anno do nascimento de nosso senhor Jesus Christo de mil e quinhentos e oitenta e nove. — *Portugal principal rei de armas.*

LXI

Brazão de armas concedido a Manuel Cabral do Olival

(1620)

Portugal rei de armas principal d'estes reinos e senhorios de Portugal, pelo muito alto e poderoso rei D. Filippe, nosso senhor, etc. Faço saber a quantos esta minha carta certidão de brazão de armas, digna de fé e crença virem, que por Manuel Cabral do Olival me foi requerido, dizendo que elle era filho de legitimo matrimonio de Diogo do Olival, já defuncto, e de Guiomar Cabral, sua mulher, moradores que foram n'esta villa do Sabugal, e neto por parte do dito seu pae, de Roberto do Olival, alferes que foi da bandeira da camara d'esta villa, filho de João Gonçalves Solorico, bisavô d'elle supplicante, que outrosim foi alferes da dita bandeira, e neto por parte da dita mãe de Affonso Cabral, commendador que foi de Aldea Velha, que rende trezentos mil réis, que era fidalgo, pae da dita Guiomar Cabral, mãe do dito Diogo do Olival, os quaes n'este reino foram fidalgos muito honrados, assim da parte do dito seu pae, como da parte da dita sua mãe, das gerações dos Cabraes e Olivaes, que n'estes reinos foram e são fidalgos de cotta de armas, e sempre viveram e se trataram á lei da nobreza, com armas e cavallos, e gente de seu serviço, sem n'elles haver raça de mouro nem judeu, e assim mesmo vive elle supplicante Manuel Cabral do Olival, á lei da nobreza com armas e cavallos, escravos e creados, e gente de seu serviço, sem n'elle haver raça de judeu nem mouro, o qual serviu de capitão da bandeira de infanteria, dos logares do Souto e Vale de Espinho, termo da dita villa: e segundo o foro dos ditos seus avós, que descendem dos principaes appellidos e gerações dos Cabraes e Olivaes, que n'estes reinos são fidalgos de cotta de armas, sem raça alguma de mouro nem judeu, e sempre viveram e se trataram á lei da nobreza com armas e cavallos e escravos e gente de seu serviço, como constava de um instrumento de testemunhas authentico, passado em forma devida, por auctoridade de justiça, feito na villa do Sabugal, por Miguel de Macedo, que fica em poder do escrivão da nobreza, que esta subscreveu, a que me reporto: pelo que me pedia, que para a memoria de seus antecessores se não perder, lhe désse e passasse um escudo de armas, que á dita linhagem pertence, e elle de direito devia trazer, para d'ellas usar, e gosar das honras, liberdades e mais preeminencias concedidas ás ditas armas. E visto por mim seu requerimento, e pelo que constava do dito instrumento de testemunhas, que me apresentava, com poder e auctoridade de meu real officio, que para isso tenho, busquei os livros da nobreza da nobre fidalguia do reino, que em meu poder estão, e n'elles achei registradas as armas dos Cabraes e Olivaes, acho serem dos fidalgos de cotta de armas, e serem estas que aqui lhe dou divisadas e illuminadas, a saber: Um escudo esquartelado, o primeiro de prata com duas cabras passantes de purpura com lã; o segundo dos Olivaes, que trazem em campo vermelho uma oliveira de verde com azeitonas de ouro, e as raizes do tronco de ouro, com seus contrarios, e por differença, no primeiro dos Cabraes uma quadricula de vermelho com um G de prata, que com as ditas armas deve trazer, segundo o regimento da armaria; elmo de prata aberto guarnecido de ouro, paquife dos metaes e côres das armas, por timbre uma das cabras de purpura: e por assim dever d'ellas usar, requeiro ás justiças de elrei nosso senhor, e aos fidalgos de cotta de armas e solar, deixem trazer as ditas armas ao dito Manuel Cabral do Olival, nos autos em que a nobreza d'ellas lhe dá logar, e em especial mando aos officiaes da nobreza, como juiz

que sou d'ella, a cumpram e guardem, e façam cumprir e guardar como n'ella se contêm, sem contradicção alguma. Dada n'esta cidade de Lisboa, aos vinte e tres dias do mez de outubro de 1620 annós. Eu Manuel Cam, rei de armas Algarve de sua magestade, o fiz escrever e subscrevi, por commissão do rei de armas Portugal. — *Portugal rei de armas.*

LXII

Brazão de armas concedido a Manuel de Cerqueira

(1761)

DOM JOSÉ por graça de Deus rei de Portugal e dos Algarves, d'aquem e d'além mar em Africa, senhor de Guiné e da conquista, navegação, commercio da Ethiopia, Arabia, Persia, e da India, etc. Faço saber aos que esta minha carta de brazão de armas virem, que Manuel de Cerqueira, morador n'esta cidade, me faz petição dizendo n'ella, que elle vinha por legitima descendencia das nobres e antigas linhagens dos Caldas, e Cerqueiras, as quaes familias são n'este reino de Portugal de fidalgos de linhagem, solar e cotta de armas, e me pedia por mercê, que para a memoria de seus antepassados se não perder, e elle usar, e gosar da honra das armas, que pelos merecimentos de seus serviços ganharam, e a estes foram dadas, e assim dos privilegios, honras, e mercês que por direito, e bem d'ellas lhe pertencem, lhe mandasse dar minha carta das armas que estavam registadas nos livros dos registos das armas dos nobres fidalgos de meus reinos, que tem Portugal meu principal rei de armas; para o que me apresentou uma sentença de justificação de ascendencia, e nobreza proferida pelo doutor José Pereira de Moura, meu desembargador do civel da côrte, e casa da supplicação, escripta por Manuel Lourenço de Carvalho, escrivão do dito juizo, em a qual depois de tirar inquirição de testemunhas, julgou o dito meu corregedor ser o supplicante de antiga nobreza, sangue limpo, e legitimo descendente das sobreditas familias, por provar ser filho legitimo de Manuel de Cerqueira, e de sua mulher Caetana Maria, moradores que foram n'esta mesma cidade na freguezia de S. José, e neto pela parte paterna de Francisco de Cerqueira, e de sua mulher Eulalia Rõiz, moradores que foram n'esta mesma cidade, bisneto de Francisco Rodrigues, e de sua mulher Catharina de Cerqueira, moradores que foram na freguezia de Santa Maria de Padernelo, concelho de Coura, arcebispado de Braga; terceiro neto de Christovão Gonçalves de Araujo, e de sua mulher D. Francisca de Caldas de Abreu, a qual era filha de Antonio de Caldas de Abreu e Sousa, e de sua segunda mulher D. Maria de Sequeira, natural da Torre de Sigueiros, junto á Ponte de Lima; o dito Antonio de Caldas de Abreu e Sousa, quarto avô do supplicante, era natural da freguezia do Couto, d'onde se conservaram nas suas sepulturas as memorias de seus progenitores, e neto pela parte materna de Domingos Luiz, e de sua mulher Joanna Gomes, moradores que foram n'esta cidade, e que os ditos seus paes e avôs e mais antepassados, foram pessoas muito nobres, e legitimos descendentes das sobreditas familias, e como taes se trataram sempre á lei da nobreza, com armas, e cavallos, e creados, servindo os cargos mais honrados da republica, como tambem no militar, e assim lhe pertencem ao supplicante as suas armas, as quaes lhe mando dar em esta minha carta, com seu brazão, elmo, e timbre como aqui são divisadas, e assim como fiel e verdadeiramente se acham illuminadas e registadas em os livros do dito Portugal rei de armas, a saber: Um escudo esquartelado, no primeiro e quarto quartel as armas dos Caldas, que são em campo de prata, cinco cyprestes verdes postos em santor, no segundo e terceiro os dos Cerqueiras, que são em campo azul cinco vieiras de ouro postas em santor; elmo de prata, aberto e guarnecido de ouro, paquife dos metaes e côres das armas, e por differença uma brica de ouro com um M negro, e o dito Manuel de Cerqueira as poderá usar assim como trouxeram os ditos nobres seus antecessores, e com ellas possa entrar em batalhas, campos, rectos, e escaramuças, e exer-

citar com ellas todos os actos licitos da guerra, e assim as possa trazer em seus firmaes, anneis, sinetes, divisas, pôl-as em suas casas, portas de quinta, capellas e mais edificios, e deixal-as sobre sua propria sepultura, e finalmente se poderá servir, e honrar e gosar, e aproveitar d'ellas em tudo, e por tudo como a sua nobreza convém: com o que quero e me praz que haja elle todas as honras, privilegios, liberdades, graças, mercês, e isenções e franquezas que hão, e devem haver os fidalgos e nobres de antiga linhagem, e como de todas sempre usaram, e gosaram os seus ditos antepassados. Pelo que mando a todos os meus desembargadores, corregedores, provedores, ouvidores, juizes e mais officiaes de justiça de meus reinos, e em especial aos meus reis de armas, arautos e passavantes e a quaesquer outros officiaes, e pessoas a quem esta minha carta fôr mostrada, e o conhecimento d'ella pertencer, que em tudo lh'a cumpram e guardem, e façam cumprir e guardar como n'ella é conteudo, sem duvida nem embargo algum, que em ella lhe seja posto, porque assim é minha mercê. El-rei nosso senhor o mandou por Luiz Rõiz Cardoso, cavalleiro fidalgo da casa de sua magestade, e seu rei de armas Portugal. Fr. Manuel de Santo Antonio e Silva, da ordem de S. Paulo, a fez em Lisboa, por especial provisão do dito senhor, anno de 1761. Eu Rodrigo Ribeiro da Costa, escrivão da nobreza n'estes reinos, e senhorios de Portugal, e todas as suas conquistas, por sua magestade que Deus guarde, a fiz escrever e subscrevi. — *Portugal rei de armas principal.*

LXIII

Brazão de armas concedido a Manuel de Faria Ayrão

(1738)

D. JOÃO por graça de Deos rei de Portugal, e dos Algarves d'aquem e d'além mar em Africa, senhor de Guiné, e da conquista, navegação, commercio da Ethiopia, Arabia, Persia, e da India, etc. A quantos esta minha carta virem faço saber, que Manuel de Faria Ayrão, morador n'esta côrte e cidade de Lisboa occidental, e natural de Santa Maria de Ayrão, termo de Guimarães, arcebispado de Braga, me fez petição em como elle descendia e vinha da geração e linhagem dos Farias, e Salazares, e suas armas lhe pertenciam de direito, e pedindo-me por mercê, que para a memoria de seus antecessores se não perder, e elle usar e gosar da honra das armas que pelos merecimentos de seus serviços ganharam, e lhe foram dadas, assim dos privilegios, honras, graças e mercês, que por direito e por bem d'ellas lhe pertencem, lhe mandasse dar minha carta das ditas armas, que estavam registadas em os livros dos registos das armas dos nobres e fidalgos de meus reinos, que tem Portugal meu principal rei de armas. A qual petição vista por mim mandei sobre ella tirar inquirição de testemunhas pelo doutor João Baptista Bavone, do meu desembargo, e meu desembargador em esta minha côrte, e casa da supplicação, corregedor do civel em ella, e por Caetano José de Moura, escrivão do dito juizo, pelos quaes fui certo, que elle procede e vem da geração e linhagem dos ditos Farias e Salazares, como filho legitimo de legitimo matrimonio de João Antonio, e de Isabel de Faria, neto de João de Faria Salazar; bisneto de Simão de Faria, e de D. Luiza de Salazar; terceiro neto de Salvador Pires de Faria, natural que foi da villa de Guimarães, por cuja causa é o supplicante descendente das antigas e nobres familias de Farias e Salazares d'este reino, e assim é fidalgo de cota de armas, pois tem elle e seus ascendentes vivido sempre á lei da nobreza, com cavallos, armas, e criados, como nobres que eram, e que nunca na sua geração houve raça de judeu, mouro, ou mulato, nem de outra infecta nação, e que de direito as suas armas lhe pertencem : as quaes lhe mandei dar em esta minha carta, com seu brazão, elmo, e timbre, como aqui são divisadas, e assim como fiel e verdadeiramente se acharam registadas e divisadas em os livros dos registos das armas dos nobres e fidalgos de meus reinos, que tem Portugal

meu rei de armas, a saber: Um escudo partido em pala; na primeira as armas dos Farias, que são em campo sanguinho uma torre de prata lavrada de preto entre duas flôres de liz de prata, e tres em chefe; na segunda pala as armas dos Salazares, que são em campo sanguinho treze estrellas de oiro em tres palas, quatro em cada uma das ilhargas, e cinco na do meio, desencontradas; elmo de prata aberto guarnecido de oiro; paquife dos metaes e côres das armas; timbre o dos Farias, que é a mesma torre das armas, com uma flôr de liz sobre as ameias, tambem de prata, e por differença uma brica de oiro com um trifolio azul: o qual escudo, armas e signaes possa trazer, e traga o dito Manuel de Faria Ayrão, assim como as trouxeram, e d'ellas usaram seus antecessores em todos os logares de honra em que os ditos seus antecessores, e os nobres e antigos fidalgos sempre as costumaram trazer em tempo dos mui esclarecidos reis meus antecessores, e com ellas possa entrar em batalhas, campos, rectos, e escaramuças, e exercitar com ellas todos os actos licitos da guerra, e da paz, e assim as possa trazer em seus firmaes, anneis, sinetes e divisas, e as pôr em suas casas e edificios, e deixal-as sobre sua propria sepultura, e finalmente se servir, honrar, e gosar, e aproveitar d'ellas em tudo e por tudo, como á sua nobreza convem. Com o que quero, e me praz, que haja elle e todos seus descendentes todas as honras, privilegios, liberdades, graças, mercês, e isenções e franquezas, que hão e devem haver os fidalgos nobres e de antiga linhagem, e como sempre de todo usaram e gosaram seus antecessores. Pelo que mando a todos meus corregedores e desembargadores, juizes, justiças, alcaides, e em especial aos meus reis de armas, arautos, passavantes, e a quaesquer outros officiaes, e pessoas a quem esta minha carta fôr mostrada, e o conhecimento d'ella pertencer, que em tudo lh'a cumpram e guardem, e façam cumprir e guardar como n'ella é conteudo, sem duvida, nem embargo algum que em ella lhe seja posto, porque assim é minha mercê. El-rei nosso senhor o mandou por Manuel Pereira da Silva, seu rei de armas Portugal. Fr. Manuel de Santo Antonio, religioso da ordem de S. Paulo a fez em Lisboa occidental aos quinze dias do mez de setembro do anno de nosso senhor Jesus Christo de 1738, e vai subscripta por Antonio Francisco e Sousa, escrivão da nobreza n'estes reinos e senhorios de Portugal e suas conquistas: e eu Antonio Francisco e Sousa o subscrevi. — *Portugal rei de armas principal.*

LXIV

Brazão de armas concedido a Manuel Ferreira Botelho

(1680)

DOM PEDRO por graça de Deus principe de Portugal e dos Algarves, d'aquem e d'além mar em Africa, e de Guiné, e da conquista navegação, commercio da Ethiopia, Arabia, Persia e da India, como regente e governador d'estes reinos e senhorios, etc. Faço saber aos que esta minha carta de brazão de armas, e nobreza e fidalguia de linhagem de varonia digna de fé e crença virem, que Manuel Ferreira Botelho, natural e morador n'esta cidade de Lisboa, e n'ella thesoureiro e executor dos novos direitos, me fez petição por escripto dizendo em ella que pelas sentenças, brazões de armas, certidões e mais documentos n'ella insertos se mostrava estar julgado ser descendente por varonia direita sem bastardia, de Pedro Martim Botelho, filho de Martim Vasques Barba e de sua mulher D. Urraca Rodrigues de Severosa, filha de Ruy Pires de Ferreira, primeiras pessoas que deram principio aos appellidos d'elle supplicante, que seu pae Aleixo Ferreira Botelho, e avô Manuel Ferreira Botelho, e bisavô Aleixo Ferreira Botelho e os mais seus antecedentes se appellidaram e usaram de suas armas e tiveram o foro de cavalleiros fidalgos de minha casa, e serviram cargos e postos nobres, e que eram christãos velhos, sem raça alguma de infecta nação; e porque em todo o tempo constasse da antiguidade de sua nobreza queria tirar carta de brazão de armas de sua fidalguia; portanto me pedia lhe fizesse

mercê pela memoria de seus progenitores se não perder, e conservação de sua nobreza e fidalguia, mandasse ao rei de armas Portugal lhe passasse sua carta de armas deduzindo n'ella tudo o que constasse das ditas sentenças e documentos para d'ellas poder usar, e gosar dos privilegios e honras, que por direito e por bem d'ellas lhe pertencem, e receberia mercê. A qual petição sendo-me apresentada na meza do tribunal do desembargo do paço, e vista por mim com os do meu conselho, houve por bem mandar por meu despacho n'ella posto, que o rei de armas Portugal lhe passasse carta; e pelas ditas sentenças dadas no juizo da côrte do civel sobre habilitação da nobreza, e descendencia da varonia do supplicante, pelos desembargadores da relação, os doutores Francisco da Silva e Sousa, e Antonio da Costa Novaes, ambos corregedores do dito juizo, que vistos os brazões de armas, certidões, alvarás de filhamentos e mais documentos se mostrava ser o supplicante filho legitimo do capitão Aleixo Ferreira Botelho, fidalgo cavalleiro de minha casa, thesoureiro e executor que foi dos novos direitos: e de sua mulher D. Marianna de Sousa filha de Antonio Pires de Sousa, que foi filho de Bartholomeu Pires de Sousa, capitão da fortaleza de Chaul; e neto o supplicante por varonia, do dito seu avô Manuel Ferreira Botelho cavalleiro fidalgo, e de sua mulher Catharina de Mattos Camello, e bisneto por esta mesma linha do capitão Aleixo Ferreira Botelho, cavalleiro fidalgo, e de sua mulher D. Branca Vicencia Villalobos, filha de Diogo Rodrigues Villalobos, cavalleiro fidalgo e de sua mulher D. Mecia, que jazem no claustro de S. Francisco de Lisboa, junto á porta da casa do capitulo aonde teem sua sepultura com as armas dos Villalobos; e terceiro neto por varonia do mestre de campo Antonio Ferreira Botelho e de sua mulher, e prima D. Andreza Botelho de Sequeira, que jazem no cruzeiro da Santissima Trindade d'esta cidade, aonde tem sua sepultura com as armas dos Botelhos e Sequeiras, primos de Pedro Botelho, porteiro mór do infante D. Luiz; e quarto neto por varonia de Manuel Ferreira Botelho, cavalleiro do habito de S. Tiago, e de sua mulher D. Feliciana de Heredia Riba-fria, e quinto neto de Aleixo Ferreira de Aves, e Castilho, natural de Castella d'onde era *hijo de algo*, e de sua mulher D. Pelaia de Gusmão, filha de D. Pelaio de Gusmão, alcaide mór de la Côrte; e sexto neto por varonia de Fernão Botelho de Ferreira, natural de Coimbra, e commendador da ordem de Christo, e senhor do morgado de Botelhos e Ferreiras, que casou em Madrid com D. Ignez de Castilho, filha de D. Aleixo de Menezes, e de D. Manuela de Castilho: e outro sim se mostrava pelo brazão de armas passado no anno de 1592, ao dito mestre de campo, ser elle decimo terceiro neto pela dita varonia do dito Pedro Martins Botelho, tronco dos Botelhos, e o primeiro que deu principio a este appellido; o qual foi filho de Martim Vasques Barba, e de sua mulher D. Urraca Rodrigues de Severosa, irmã de Fernam Rodrigues Pacheco, segundo senhor da terra de Ferreira de Aves, ambos filhos do dito Ruy Pires de Ferreira, primeiro senhor da dita terra, e de sua mulher D. Thereza Rodrigues de Cambra; e destes primeiros progenitores trata o Nobiliario do conde D. Pedro, titulo 46 de D. Paio Megudo de Sandim o velho, e titulo 50 de D. Fernão Heremias: o que tudo se corroborava com a certidão do chronista mór do reino, e de outros genealogicos: os quaes todos os sobreditos foram fidalgos muito honrados de quem descendem boas familias d'estes reinos, e foram alguns d'elles alcaides mores e senhores de terras, e tiveram outros postos graves, especialmente os Botelhos de Armil do concelho de Montelongo na comarca de Guimarães, e os Ferreiras de Aves na comarca de Viseu: como tambem se mostra ser o supplicante christão velho sem raça de alguma infecta nação; e o dito seu pae me serviu no dito officio de thesoureiro e executor com muita satisfação e zelo de minha real fazenda e no dito posto de capitão de infanteria do regimento d'esta côrte. O que visto por mim, com os do dito meu conselho, o dito rei de armas Portugal, em cumprimento do dito meu mandado, proveu e buscou os livros da nobreza das armas dos nobres e antigos fidalgos d'estes reinos, e n'elles achou assentadas e registadas as armas das muito nobres e antigas familias dos Ferreiras e Botelhos, que são os descendentes d'ellas fidalgos de geração e cotta de armas, as quaes são as que n'esta vão illuminadas, com

o metal e côr que a ellas toca, com seu elmo e timbre, como são divisadas e demonstradas pela maneira seguinte, a saber: Um escudo posto a balão partido em pala: a primeira dos Ferreiras, que trazem em campo sanguinho quatro faxas de ouro; a segunda dos Botelhos, que teem em campo de ouro quatro bandas vermelhas, e por differença um trifolio de ouro; elmo de prata aberto guarnecido de ouro; paquife composto de metal e côr das armas, e por timbre dos Ferreiras uma ema da sua côr, com uma ferradura de ouro no bico; o qual escudo, armas e signaes, possa trazer e traga o dito Manuel Ferreira Botelho, assim como as trouxeram e d'ellas usaram os ditos seus antecessores em todos os logares de honra, em que seus antepassados e os nobres e antigos fidalgos sempre costumaram trazer em tempo dos mui esclarecidos reis meus antecessores, e com ellas possa entrar em batalhas, campos, rectos, duelos, justas e torneios, e exercitar com ellas todos os mais actos de guerra e paz, que licitos e honestos forem, e assim as poderá trazer em seus reposteiros, firmaes, anneis e sinetes, e pôl-as nos portaes de suas casas, quintas e edificios, e deixal-as sobre sua propria sepultura; e finalmenie se poderá servir e honrar, e aproveitar d'ellas em tudo e por tudo, como suas que são, e á sua nobreza e fidalguia convem; pelo que quero e me praz que elle gose de todas as honras, privilegios e isenções, mercês, favores e mais liberdades, que por bem da nobreza d'ellas lhe pertencem. E mando a todos os desembargadores, corregedores, ouvidores, juizes e mais justiças, e em especial aos officiaes da nobreza, reis de armas, arautos e passavantes, a cumpram e guardem como n'ella é conteudo e declarado, sem duvida que a ella lhe seja posta, porque assim é minha mercê. O principe nosso senhor o mandou por Francisco Gonçalves Carrasco, seu Portugal rei de armas principal. Dada n'esta côrte e cidade de Lisboa, aos quatro dias do mez de janeiro do anno do nascimento de nosso senhor Jesus Christo de 1680. Francisco Mendes a fez, por Francisco Luiz Ferreira, escrivão da nobreza d'estes reinos e senhorios de Portugal; e eu Francisco Luiz Ferreira o fiz escrever e subscrevi. — *Rei de armas.*

LXV

Brazão de armas concedido a Manuel da Fonseca de Caceres

(1535)

DOM JOÃO por graça de Deus rei de Portugal e dos Algarves, d'aquem e d'além mar em Africa, senhor de Guiné e da conquista, navegação, commercio da Ethiopia, Arabia, Persia, e da India. A quantos esta minha carta virem, faço saber que Manuel da Fonseca de Caceres, fidalgo da minha casa, me fez petição como elle descendia por linha direita masculina da geração, e linhagem dos Caceres, por parte de seu pae, e da geração e linhagem dos Fonsecas, por parte de sua mãe e avós, que n'estes reinos são fidalgos de cota de armas, e que de direito as suas armas lhe pertencem, pedindo-me por mercê que por a memoria de seus antecessores se não perder, e elle gosar, e usar da honra das armas que pelos merecimentos de seus serviços ganharam, e lhes foram dadas, e assim dos previlegios, honras, graças e mercês, que por direito por bem d'ellas lhe pertencem, lhe mandasse dar minha carta das ditas armas, que estavam registadas em os livros dos registos das armas dos nobres e fidalgos de meus reinos, que tem Portugal meu principal rei de armas. A qual petição vista por mim mandei sobre ella tirar inquirição de testemunhas, a qual foi tirada pelo doutor Christovão Esteves da Espargosa, do meu conselho, e desembargador das minhas petições do paço, e por Braz Fernandes, escrivão em minha côrte, pela qual provou elle supplicante descender por linha direita masculina da linhagem dos Caceres, como filho legitimo e mais velho, que é de Alvaro de Caceres, neto de Manuel de Caceres; e assim prova descender dos Fonsecas, como filho que é de Joanna Mendes Fonseca, neto de Diogo da Fonseca, fidalgo da casa dos reis meus progenitores,

que foi do tronco d'esta geração dos Fonsecas, e que de direito as suas armas lhe pertencem, as quaes lhe mandei dar em esta minha carta com seu brazão, elmo e timbre, como aqui são divisadas, e assim como fiel e verdadeiramente se acharam divisadas, e registadas em os livros dos registos do dito Portugal meu rei de armas, as quaes armas são as seguintes: O campo esquartelado, ao primeiro de ouro com uma palmeira verde, com seu fructo de vermelho; ao segundo de ouro tambem com cinco estrellas de vermelho, e por timbre a mesma palmeira. O qual escudo, armas, e signaes possa trazer, e traga o dito Manuel da Fonseca, assim como as trouxeram, e d'ellas usaram seus antecessores, em todos os logares de honra, em que os ditos seus antecessores, e os nobres e antigos fidalgos sempre costumaram trazer em tempo dos esclarecidos reis meus antecessores, e com ellas possa entrar em batalhas, campos, duellos, rectos, escaramuças e desafios, e executar com ellas todos os outros actos licitos de guerra, e de paz, e assim as possa trazer em seus firmaes, anneis, sinetes e divisas, e as pôr em suas casas e edificios, e deixal-as sobre sua propria sepultura, e finalmente se servir, e honrar, gosar e aproveitar em tudo e por tudo como a sua nobreza convem: porém mando a todos meus corregedores, desembargadores, juizes, justiças, e alcaides, e em especial aos meus reis de armas, arautos e passavantes, e a quaesquer outros officiaes e pessoas a que esta minha carta fôr mostrada, e o conhecimento d'ella pertencer, que em tudo a cumpram e guardem, e façam cumprir e guardar, como em ella é conteudo, sem duvida nem embargo algum que lhe em ella seja posto, porque assim é minha mercê. Dada em a minha muito nobre e sempre muito leal cidade de Evora, aos vinte e seis dias de julho. El-rei o mandou pelo bacharel Antonio Rõiz, Portugal seu rei de armas principal. Pero de Evora, rei de armas Algarve, e escrivão da nobreza a fez, no anno de nosso senhor Jesus Christo de 1535 annos. — *Portugal rei de armas.*

LXVI

Brazão de armas concedido a Manuel Moreira Soares

(1568)

Portugal rei de armas principal de El-rei nosso senhor. Faço saber a quantos esta minha carta de certidão virem, que Manuel Moreira Soares, fidalgo da casa do senhor D. Antonio, me requereu, que porquanto elle descendia por linha direita por parte de seu pae Alvaro Lopes Moreira, e de sua mãe Guiomar Feia Soares, e de seus avós Nuno Fernandes Moreira e Ruy Soares de Albergaria, e de seus bisavós das gerações e linhagens dos Moreiras e Soares, que n'estes reinos são fidalgos de cota de armas, que lhe désse um escudo com as armas que ás ditas linhagens pertencem, e as elle pois de direito lhe pertencem devia trazer. Pelo que eu busquei os livros da nobreza que em meu poder são, e acho que as armas que ás ditas linhagens pertencem são estas, que em esta lhe dou illuminadas: O escudo esquartelado; ao primeiro dos Moreiras, e ao segundo dos Soares, e assim os contrarios, e com mais seu paquife, elmo e o timbre dos Moreiras, e por differença uma merleta de oiro, que com ellas, pois lhe pertencem, segundo o regimento da armaria deve trazer. E por verdade lhe passei esta em Lisboa, por mim assignada, a 23 de outubro de 1568. — *Portugal principal rei de armas.*

N. B. Este brazão pertence a Cosme de Paiva de Magalhães e Vasconcellos.

LXVII

Brazão de armas concedido a Manuel Pacheco da Costa Côrte-Real

(1675)

Portugal rei de armas principal n'estes reinos e senhorios de Portugal, pelo muito alto, e muito poderoso principe D. Pedro, nosso senhor, principe de Portugal e dos Algarves, d'aquem e d'além-mar em Africa, e de Guiné, e da conquista, navegação, e commercio da Ethiopia, Arabia, Persia e da India, como regente, e governador d'estes ditos reinos e senhorios, etc. Faço saber aos que esta minha carta de certidão, brazão de armas de nobreza, e fidalguia de linhagem digna de fé, e crença, virem, que por parte de Manuel Pacheco da Costa Corte-Real, me foi feita petição por escripto; dizendo que pela sentença junta dada sobre a abonação de sua nobreza se mostrava ser filho legitimo de João Ferreira da Costa e de sua mulher Maria de Mattos, neto de outro João Ferreira, e de sua mulher Leonor Pacheco, bisneto de Antonio Lopes de Carvalho e de sua mulher Maria Pacheco, e terceiro neto de Antonio Rodrigues da Guerra, capitão-mór que foi da villa de Celorico, e de sua mulher Isabel Pacheco, e quarto neto de Antonio Mendes, e de sua mulher Maria Pacheco, e quinto neto de João da Costa Corte-Real, alcaide-mór que foi da villa de Linhares, e de sua mulher Isabel Pacheco, a qual era neta e descendente de Duarte Pacheco da India, bem conhecido por fama de seu valor: a qual Isabel Pacheco descendia tambem de Fernão Rodrigues Pacheco, e de Pantaleão Rodrigues Pacheco, fidalgos d'este reino, da illustre familia dos Pachecos, da qual elle supplicante descendia, como tambem dos Ferreiras e Cortes-Reaes, familias todas conhecidas por sua nobreza; os quaes ditos seus avós, e ascendentes foram pessoas nobres das mais auctorisadas da dita villa, e como taes se trataram, e que elle supplicante era sobrinho de Antonio Ferreira Ferrão Castello-branco, mestre de campo, e governador que foi de Castello-branco, a quem se passou seu brazão de armas. Pelo que me pedia que por a memoria dos ditos seus progenitores se não perder lhe mandasse passar seu brazão de armas para d'ellas usar. E receberia mercê. A qual petição sendo-me apresentada, e vista por mim com a dita sentença, por as testemunhas n'ella insertas se mostrava ser o supplicante filho, neto, bisneto, terceiro, quarto e quinto neto das pessoas declaradas em sua petição, e a dita sua quinta avó Isabel Pacheco era descendente do grande Duarte Pacheco Pereira, tão conhecido por suas illustres façanhas, que na India oriental obrou em favor de el-rei de Cochim, irmão em armas do senhor rei D. Manuel, reportando victorias gloriosas, que testemunham as chronicas do reino, e celebram os nobiliarios d'elle; o que se prova das ditas testemunhas, que foram julgadas por sentença, e pertencer ao supplicante o brazão das ditas gerações que pedia. A qual sentença foi promulgada pelo dr. João Cordeiro Leitão ao tal tempo corregedor da côrte do civel, e foi tirada do processo em nome do dito senhor, e passada pela chancellaria, e a ella me reporto em todo, e por todo, e fica no cartorio da nobreza do escrivão d'ella, que esta subscreveu. Em virtude, e cumprimento da qual, visto por ella estar julgado pertencer-lhe o brazão que pedia, provi, e busquei os livros do registo da nobreza das armas da fidalguia d'este reino, e n'elles achei assentadas e registadas as armas das muito nobres e antigas familias dos Pachecos, Cortes-Reaes e Ferreiras, que n'este reino são fidalgos de geração e cota de armas, e n'esta lh'as dou divisadas e illuminadas com os metaes, e côres, que a ellas pertencem conforme as regras de armaria, a saber: Um escudo posto ao balon esquartelado; ao primeiro e quarto dos Pachecos, que trazem em campo de ouro duas caldeiras de preto em pala, e cada uma com tres faxas de ouro, e vermelho, veiradas e contraveiradas, e tambem as azas, e nas reigadas quatro cabeças de serpes negras, duas da parte de dentro, e duas de fóra com as linguas vermelhas. Ao segundo dos Cortes-Reaes, que teem as armas dos Costas, por procederem d'elles, que são em campo sanguinho seis costas de prata em tres faxas,

com mais um chefe de prata, e com uma cruz vermelha de S. Jorge cham. Ao terceiro quartel dos Ferreiras, que são em campo vermelho quatro faxas de ouro, e por differença uma brica azul, com uma almofada de prata. Elmo de prata aberto, guarnecido de ouro, paquife dos proprios metaes, e côres das armas, e por timbre o dos Pachecos, que é duas cabeças de serpes de ouro batalhantes, armadas de sangue. E porque estas são as armas que ás ditas linhagens pertencem lh'as dei, e ordenei com o poder, e auctoridade que de meu muito nobre, e real officio para isso tenho, para d'ellas usar, e gosar como acto, e prerogativa de sua nobreza, e fidalguia, e com ellas poderá entrar em batalhas, campos, duelos, rectos, desafios, justas e torneios, e com ellas exercitar todos os mais actos de guerra e paz, que licitos e honestos fôrem, e trazel-as em os seus reposteiros, firmaes, anneis, sinetes, e mais coisas de seu serviço, d'onde licitamente estejam, segundo á nobreza d'ellas é devido, e mandal-as pôr nas portadas de suas casas, quintas e edificios, e deixal-as sobre sua propria sepultura, e finalmente se poderá servir, honrar e aproveitar d'ellas em todo, e por todo, como suas que são, e á sua nobreza e fidalguia convem. Pelo que requeiro a todos os desembargadores, corregedores, provedores, ouvidores, julgadores, juizes, e a todas as mais justiças da parte do dito senhor principe, e da minha lhe peço muito por mercê deixem trazer, lograr e possuir ao supplicante Manuel Pacheco da Costa Corte-Real das ditas armas, e com ellas gosar de todos os privilegios, graças, honras, favores, mercês, prerogativas, exempções, e mais liberdades concedidas ás ditas armas pelos senhores reis d'estes reinos, e de que usam e gosam, e devem usar, e gosar n'elles os antigos fidalgos de geração, e cota de armas, e em especial os das ditas gerações, assim como pelos ditos senhores estão.

LXVIII

Brazão de armas concedido a Martim Affonso de Miranda

(1629)

Portugal rei de armas principal n'estes reinos e senhorios de Portugal, pelo muito alto e poderoso rei D. Filippe terceiro nosso senhor, rei de Portugal, e dos Algarves, d'aquem e d'além mar em Africa, senhor de Guiné, e da conquista, navegação, commercio da Ethiopia, Arabia, Persia e da India etc. Faço saber aos que esta minha carta de certidão de armas de nobreza digna de fé, e crença virem, que por parte de Martim Affonso de Miranda, morador na villa de Arnede, filho de Antonio Vidal de Miranda, e neto de Martim Affonso de Miranda, e bisneto de Antonio Vidal de Miranda, o qual foi alcaide-mór da villa de Alhos-vedros, e naturaes d'ella, e como o dito seu pae, avôs, e bisavós eram pessoas da geração dos Mirandas, que n'estes reinos de Portugal são fidalgos de geração, e que as ditas suas armas lhe pertencem por direito, e que o dito seu pae, avôs, e visavós foram pessoas muito nobres, e viveram sempre á lei de nobreza, pedindo-me que pela memoria de seus antecessores se não perder, e elle usar das honras das armas, que pelos merecimentos de seus serviços ganharam, e lhe foram dadas, assim dos privilegios, graças, honras e mercês que por direito lhe pertencem, lhe mandasse dar as ditas armas dos nobres antigos fidalgos d'estes reinos de Portugal. O que visto por mim, e pelo supplicante ter justificado por bem do instrumento publico, feito na villa de Alhos-vedros, pelo escrivão Ruy Venegas, pelo juiz da dita villa Francisco de Oliveira, vereador mais velho, que serve em ausencia do juiz de fóra, e dé Palmella, o licenciado Manuel Pereira de Andrade, com alçada por el-rei nosso senhor, e justificado n'esta cidade de Lisboa por Jorge de Miranda, tabellião de notas por sua magestade, o qual fica em meu poder, a que me reporto em todo, e por todo, porque constava, que o dito seu pae, avós e bisavós viveram sempre á lei da nobreza, rica e abastadamente, sem terem raça de mouro, nem judeu, e por assim proceder o dito Martim Affonso de Miranda das ditas gerações, que

n'estes reinos de Portugal são fidalgos de geração, e visto por mim seu requerimento, provi e busquei os livros da nobreza, e antiga fidalguia d'estes ditos reinos, e n'elles achei as ditas armas dos Mirandas, registadas e luminadas a saber: Um escudo e campo de ouro, e uma aspa de vermelho entre quatro flôres de liz de vermelho, e por differença um trifolio verde, e por timbre uma aspa de ouro, e as quatro flôres de liz das armas sobre ella. Elmo de prata aberto guarnecido de ouro. Paquife dos metaes, e côres das armas. E por assim lhe pertencer, e as poder trazer, e d'ellas usar o dito Martim Affonso de Miranda, e seus descendentes assim as trouxerem, e d'ellas usarem em todos os logares de honra em que os ditos antecessores sempre costumaram trazer, em o tempo dos reis meus antecessores, e com ellas poderá entrar em batalhas, campos, duelos, rectos, escaramuças, e desafios, e exercitar todos os outros actos licitos de guerra, e de paz, e assim as poderá trazer em seus anneis, sinetes, e divisas, e as pôr em suas casas e edificios, e deixal-as pór sobre sua sepultura; e finalmente se servir, honrar, e aproveitar d'ellas, como á sua nobreza convém. Pelo que requeiro a todos os corregedores, desembargadores, provedores, ouvidores, juizes, alcaides, meirinhos e a todas as mais justiças de sua magestade da parte do dito senhor, e por bem do officio da nobreza, que tenho, e assim mando aos officiaes da nobreza, reis de armas, arautos e passavantes, que ora são, e ao diante forem, como juiz que sou d'ella o cumpram, e guardem, e façam inteiramente cumprir, e guardar, assim, e da maneira que n'esta certidão de armas se contém passada com todos os privilegios, graças, honras, liberdades e mercês, que devem haver os nobres fidalgos d'esta geração dos Mirandas. E por verdade, e em fé de testemunho d'ella vai por mim assignada. Dada n'esta cidade de Lisboa aos onze de janeiro, anno do nascimento de nosso senhor Jesus Christo de 1629. E eu André Fernandes, cavalleiro da casa de el-rei nosso senhor, arauto, e escrivão da nobreza n'estes reinos, e senhorios de Portugal o subscrevi. — *Portugal principal rei de armas.*

LXIX

Brazão de armas concedido a Nuno Alves de Carvalho

(1546)

Portugal rei de armas principal por el-rei nosso senhor. Faço saber a quantos esta minha certidão virem, que Nuno Alves de Carvalho me pediu, por quanto elle descende da geração, e linhagem dos de Carvalho, por linha direita, e masculina por parte de seu pae Gil Pires de Carvalho, morador que foi de Arraiolos, o qual eu bem conheci, pelo que eu busquei os livros da nobreza, que em meu poder são, e acho, que as armas que á dita linhagem pertencem são estas, que n'esta certidão lhe dou illuminadas com seu elmo aberto de ouro; paquife de prata azul, e ouro: e por timbre um cisne com um colar de ouro ao pescoço; e por differença uma flôr de liz de ouro, que de direito deve trazer, e por verdade lhe dei esta, assignada de minha mão, em Lisboa aos 9 de dezembro de 1546 annos. — *Portugal rei de armas.*

LXX

Brazão de armas concedido a Nuno Cayado

(1506)

Rei de armas Portugal do mui alto, e mui excellente, e poderoso principe D. Manuel, por graça de Deus rei de Portugal, e dos Algarves, d'aquem e d'além mar em Africa, senhor de Guiné, e da conquista, navegação, commercio de Ethiopia, Arabia, Persia e da India etc. Faço saber que perante mim pareceu Nuno Cayado, cavalleiro da casa do dito

senhor, e me requereu e pediu, que por quanto elle procedia e vinha da linha, e geração sc. Bisneto de Lopo Sanches de Gamboa, senhor da casa de Ulaço, e assim de D. Sancha de Atalaia, os quaes Lopo Sanches, e D. Sancha, eram muito fidalgos, procedentes e descendentes de el-rei D. Sancho de Navarra, fidalgos e de nome de armas, as quaes armas tem o senhor da dita casa, e porque para mais certeza elle tinha a mais prova em Getária, provincia de Guipuscoa, lhe mandasse passar minha carta, em fórma deprecatoria para que por ella lhe fossem perguntadas certas testemunhas, que elle apresentaria, e sabida a verdade, lhe mandasse dar minha carta em forma com as armas, como de direito lhe pertencem, para guarda e conservação de sua nobreza, e fidalguia que tem de nome de armas, e solar conhecido, E visto por mim seu requerimento, lhe passei minha carta deprecatoria em fórma acostumada, e assellada, da qual me foi enviada resposta: serrada e assellada de sello verde, do concelho e villa de Getária, a qual inquirição foi tirada por mandado de João Ortiz de Unceta, e de João Bastião de Ollacaval, alcaides ordinarios na dita villa, e por João Martines de Amelinia, publico tabellião em a dita villa, por mercê dos reis, em a qual inquirição testemunhou um João Martins de Caraos, homem de idade de sessenta annos, e declaron em seu testemunho, que a casa de Olaço, era cabeça dos Gamboinos, em que Lopo Sanches de Gamboa era senhor da casa de Olaço, o qual viera a casar com a dita D. Sancha, que era a principal dona e generosa, que havia na dita villa de Getária, os quaes assim estando casados, veiu a haver discordia entre el-rei D. Pedro seu senhor, e D. Henrique; pelo qual vendo a morte de el-rei seu senhor, e vendo que reinava el-rei D. Henrique, e elles manterem a dita villa certos annos, como bons, e leaes a seu rei e senhor, e não podendo mais, determinaram a se disterrarem da dita terra e provincia, tomando suas riquezas, e filhos, e se passaram a estes reinos de Portugal á cidade de Lisboa, e a Tavilla donde viveram muitos tempos, e que na dita villa havia homens, que vinham a esta cidade, e lhes mostraram as casas onde elles viveram, que era na parroca das Martes, segundo mais compridamente se contém em seu testemunho; e assim o affirmou um testemunho de Anton de Gocostraga, que em Portugal, que chamavam á senhora D. Sancha Cayada, e isto por corrompimento do vocabulo portuguez; outrosim o testemunhou um Miguel Martins da sobredita maneira; e mais testemunhou Ilhoa Eannes de Bedua; outrosim testemunhou uma D. Catharina Sanches, cuja bisavó era a dita D. Sancha, e disse quc o supplicante era da dita casa, e geração, assim como elle em sua petição pedia, e dizia; e um Miguel de Aguirre declarou, que viera a esta cidade de Lisboa, e que da Tanoaria lhe mostraram as casas que foram do dito Lopo Sanches, e D. Sancha, as quaes eram na Parroca das Martes a cabo de S. Francisco; e assim por um instrumento publico de Getária em que affirma, que o dito Lopo Sanches de Gamboa era filho legitimo da dita casa, convém a saber; Filho de Ruy Pires de Gamboa, senhor e dono da dita casa, e como viera a casar com D. Sancha de Atalaia, que era senhora da casa da Atalaia, que era a principal casa de Getária donde descendem os principaes fidalgos d'esta villa, e terra, os quaes fidalgos, e parentes mantiveram a dita villa por parte de el-rei D. Pedro, e que vendo o sobredito Lopo Sanches como reinava D. Henrique, determinou de se ir da terra com filhos, e parentes, os quaes vieram ter á cidade de Lisboa, onde viveram tempos até acabarem seus dias, e outros foram ter ao Algarve, e que assim tinham por muitas pessoas antigas sabido como o senhor Lopo Sanches, e D. Sancha viveram na dita cidade, na freguezia das Martes, e que assim viram a sepultura onde jazia D. Sancha, e que na campa que sobre a cova estava estavam figuradas suas armas, e letreiro: e que segundo voz, e fama o supplicante é descendente da dita casa e geração, e os notificavam por fidalgos, e de linhagem segundo mui compridamente se contém no dito instrumento: e mais me foi apresentada uma carta de Goimbar, que é na provincia de Guipuscoa, onde se tirou inquirição sobre o caso, e auto judicial, na qual carta, e instrumento se affirma por muitas testemunhas parentes do dito Lopo Sanches, e D. Sancha irem, e mandarem homens com dinheiro de suas rendas, que em a terra, e logar tinham, á cidade de Lisboa, onde elles viviam, e pousavam,

e isto não tão sómente por testemunhas, mas por muitas escripturas, e contratos, que na dita villa havia, os quaes Lopo Sanches de Gamboa fôra senhor da casa de Olaço, que é cabeça dos Gamboinos, e a senhora D. Sancha era da casa da Atalaia, sua propria mulher, e era descendente de el-rei D. Sancho de Navarra, e isto por um infante filho do dito rei vir a herdar a dita casa, donde nasceu Ruy Pires de Gamboa, pae do dito Lopo Sanches de Gamboa, donde se prova d'elles serem fidalgos, e esforçados cavalleiros, e segundo mais compridamente se contém no dito instrumento. E mais uma carta do paço e solar de Olaço, que é na provincia de Guipuscoa, jurisdicção da villa de Guimbar, appareceu Diogo Cayado em nome de Nuno Cayado, e pedia ao dito senhor João Lopes de Gamboa, senhor que ora é da dita casa, que vendo, e sabendo elles virem e procederem da dita casa, e linha direita lhe outorgasse as armas, e como lhe de direito pertencem, as quaes lhe approve declarar, e confirmar como a parentes e descendentes, que d'elles era, que elles as trouxessem, e pozessem assim como de justa razão era: e assim lh'o outorgou e lhe mandou d'elle passar um publico instrumento, o qual tambem assignou de sua mão, isso mesmo aprouve assignar a senhora da dita casa, a qual carta e instrumento veiu a mim serrada, e assellada, e visto por mim sua prova firme, e valiosa, s. e com o conhecimento que d'elle tenho, dei ao dito Nuno Cayado as armas como de direito lhe pertencem, assim como vão figuradas, e pintadas no meio d'esta minha carta de certidão, e assim como foram, e estão registadas no livro da nobreza do tempo que el-rei nosso senhor mandou por mim ordenar, as quaes armas são: Um escudo vermelho, e no meio um elmo de prata guarnecido de ouro, e da parte direita um lobo da sua côr com sua lingoa, e dentes e macho: e da outra parte um librel branco com lingoa, e dentes, e macho, e no chefe tres folhas de golfão azues em campo verde, e o librel com seu arganel colar de ouro. Pela qual razão requeiro, e mando da parte de el-rei nosso senhor, e pelo poder, e autoridade que de sua alteza tenho para as similhantes necessidades prover, notifico a todos os cavalleiros, fidalgos de cotta de armas, e solar conhecido, e a todos os corregedores, juizes e justiças, officiaes e pessoas a que esta minha carta fôr mostrada, e o conhecimento d'ella pertencer por qualquer guiza, e maneira que seja, leixem ao supplicante ter, e trazer as ditas armas assim como aqui vão declaradas, e com a differença do chefe, e o deixem entrar em quaesquer lances de batalha, rectos, e desafios que elle houver com seus inimigos, assim elle, como os que d'elle descenderem por linha direita masculina, e como dito é, e deixem gousar de todos previlegios, liberdades, e franquezas de que gosam, e hão os cavalleiros fidalgos de sollar conhecido, e de que gosaram seus antecessores por razão das ditas armas, que tem de sollar conhecido, e melhor se com razão de poder fazer, e não seja a dita carta valiosa, nem guardada, salvo ao sobredito Nuno Cayado supplicante, e os que d'elle descenderem por linha direita masculina, como dito é, vivendo á lei da nobreza. Cumpri-o assim uns, e outros sem duvida, nem embargo, que ella ponhaes sob a pena do dito senhor rei. Dada em Lisbor a dois do mez de julho da era de 1506. Affonso Fernandes a fez, por mando, e auctoridade de Portugal rei de armas. — *Portugal rei de armas.*

Certifico eu Gaspar Velho, Portugal e principal rei de armas d'estes reinos de Portugal esta carta foi passada pelo antecessor de meu antecessor, e está por elle assignada pelo que se lhe póde dar fé, e credito, e por verdade fiz, e assignei esta em Lisboa, no derradeiro de janeiro da era de 1583. — *Portugal rei de armas.*

LXXI

Brazão de armas concedido a Pedro Barba de Mesquita

(1572)

Portugal rei d'armas d'El-rei nosso senhor. Faço saber a quantos esta minha carta de certidão digna de fé, e crença virem, que Pedro Barba de Mesquita, natural da cidade de Leiria, me pediu e requereu que por quanto elle descendia por linha direita legitima por parte de seu pae Gonçalo Correa, e de sua mãe Ignez de Vera Barba, e de seus avós Pedro Barba Correa e Ignez de Mesquita, e Ruy Barba e Mecia Giroa, e de seus bisavós das gerações e linhagens dos Barbas, Corrêas, Mesquitas e Girões, que n'estes reinos são fidalgos de cotta de armas, como constava dos papeis que apresentava, que lhe désse um escudo com as armas que as ditas linhagens pertencem, e elle de direito, por lhe pertencerem, devia trazer; pelo que eu busquei os livros da nobreza, que em meu poder estão, e acho, que as armas que ás ditas linhagens pertencem dos Barbas, e ao contrario dos Corrêas do escudo esquartelado, ao primeiro Mesquitas, e com mais seu paquife, e elmo, e ao segundo dos Girocns, e o timbre dos Barbas; e por differença uma estrella azul, que com ellas, por lhe pertencerem pela dita maneira, segundo o regimento da armaria deve trazer: pelo que lhe devem ser guardadas as liberdades concedidas ás ditas armas. E por verdade lhe passei esta em Lisboa, por mim assignada aos sete dias do mez de março. Diogo de S. Romão a fez. Anno do nascimento de nosso senhor Jesus Christo de 1572. — *Portugal rei de armas.*

N. B. O original d'esta copia estava em poder de Ruy Barba Corrêa Alardo em quatro de agosto de 1703.

LXXII

Brazão de armas concedido a Pedro de Moraes Pimentel

(1682)

Portugal rei de armas principal n'estes reinos e senhorios de Portugal, pelo muito alto e poderoso principe D. Pedro, nosso senhor, por graça de Deus principe de Portugal e dos Algarves, d'aquem e d'alem mar em Africa, e de Guiné, e da conquista, navegação, commercio da Ethiopia, Arabia, Persia, e da India, etc., como regente e governador d'estes reinos e senhorios, etc. Faço saber aos que esta minha carta de certidão de brazão de armas de nobreza, digna de fé, e crença virem, que Pedro de Moraes Pimentel me fez petição, dizendo que pela sentença junta se mostrava ser filho, neto e descendente das pessoas e gerações n'ella conteudas, e como tal lhe competirem as armas, e privilegios d'ellas, me pedia que, pela memoria de seus progenitores se não perder, lhe passasse seu brazão de armas, e receberia mercê. A qual petição, sendo-me apresentada com a dita sentença, que foi dada no juizo da côrte do civel pelo dr. Francisco da Fonseca, por ella se mostrava fazer o supplicante petição ao dito corregedor na forma seguinte: Diz Pedro de Moraes Pimentel, fidalgo de solar, natural da villa da Bemposta, comarca da cidade de Miranda, que pelas justificações, e mais documentos juntos, se mostra ser filho legitimo havido de legitimo matrimonio, de Diogo de Moraes Pimentel, capitão-mór, e juiz da alfandega da dita villa, e de sua mulher Luciana de Moraes, e neto pela parte paterna de Pedro de Moraes Pegas, e de sua mulher Bernarda Pimentel de Lousada, o qual dito seu avô foi filho legitimo de Affonso Supico Pegas, bisavô d'elle supplicante, e a dita sua avó, Bernarda Pimentel, foi filha legitima de Diogo Pimentel, fidalgo de geração e cotta de armas, e solar conhecido, bisavô d'elle supplicante, ao qual o senhor rei D. Manuel

mandou passar brazão de armas dos Pimentas; pelo qual se mostra ser filho de Alvaro Pimentel, e de sua mulher Branca Lopes, terceiros avós d'elle supplicante; o qual era homem fidalgo, e pelos Pimenteis parente do conde de Benavente, o qual fez muitos serviços aos senhores reis d'este reino nos logares de Africa, na tomada de Arzilla, e Alcacer, e nas guerras contra Castella, o qual dito seu terceiro avô era filho legitimo de João de Lousada, homem fidalgo do tronco dos Lousadas, e de sua mulher Thereza Pimentel, quartos avôs d'elle supplicante, e a dita Thereza Pimentel era filha legitima de João Affonso Pimentel, quinto avô d'elle supplicante, e irmão de outro João Affonso Pimentel, primeiro conde de Benavente, os quaes descendiam do tronco e linhagem verdadeira dos Pimenteis, d'onde elle supplicante descende; e por parte do dito seu quarto avô, João de Lousada, descende outrosim da geração dos Lousadas, que vem do reino de Galliza. E por parte da dita sua mãe Luciana de Moraes, irmã de Catharina de Aguirre, senhora do logar de Bricones em Castella, ambas filhas legitimas de Balthazar de Moraes, seu avô, o qual foi filho legitimo de Diogo de Moraes, natural e morador na dita villa da Bemposta, bisavô d'elle supplicante; o qual, por ser homem fidalgo de geração e cotta de armas, se lhe passou brazão de armas de geração dos Moraes, no anno de 1584; pelo qual consta descender por linha direita, legitima, e sem bastardia, da dita geração, por ser filho legitimo de Beatriz de Moraes, terceira avó d'elle supplicante, como filha que era de Gonçalo de Moraes, o velho, seu quarto avô, e neta de Pedro de Riba do Syl de Moraes, quinto avô d'elle supplicante; e outrosim descende por parte do dito seu bisavô Affonso Supico Pegas da geração dos Pegas: os quaes todos seus paes, avós, bisavôs e mais ascendentes foram muito nobres, e fidalgos de geração e cotta de armas, e pelos Pimenteis de solar conhecido, e como taes fidalgos viveram sempre á lei da nobreza, com suas armas, cavallos, creados, e mais gente de seu serviço, sempre prestes ao serviço dos senhores reis de Portugal; eram christãos velhos, sem raça alguma de mouro, judeu, mulato, nem outra infecta nação; e elle supplicante descende por parte dos ditos seus paes, e avós dos verdadeiros troncos, e gerações dos legitimos Pimenteis, Moraes, Lousadas, e Pegas d'este reino, que n'elle são fidalgos de geração e cotta de armas, e os Pimenteis de solar conhecido, como consta do brazão do dito seu bisavô Diogo Pimentel, tirado autentico dos livros da Torre do Tombo; e porque conserva a nobreza, e fidalguia dos ditos antepassados, vivendo á lei da nobreza, e lhe pertencem suas armas, brazões, honras, privilegios a elles concedidos por direito, e ordenação do reino: Pede a vossa magestade mande juntar esta ás ditas justificações, e documentos, e antuados se façam conclusos para o julgar por sua sentença por filho, neto, bisneto, e verdadeiro descendente das pessoas conteudas n'esta; e por descendente legitimo das ditas gerações dos Pimenteis, Moraes, Lousadas e Pegas, e como tal poder tirar os brazões e armas d'ellas, como tiveram seus avós, e gosar das honras, privilegios, e liberdades que por bem d'ellas, e por direito, e ordenação do reino lhe são concedidos, e receberá mercê. A qual petição sendo apresentada ao dito desembargador, e corregedor da côrte, mandou por seu despacho, que se autuasse, e fosse conclusa; ao que se satisfez, e sendo levado concluso, promulgou a sentença do theor seguinte: Vistos estes autos, petição do supplicante, justificações de testemunhas judicialmente perguntadas, e documentos juntos. Mostra-se ser o supplicante filho, neto, bisneto e descendente legitimo das pessoas declaradas em a sua petição, que foram muito nobres, e como taes viveram á lei de nobreza, e christãos velhos sem raça alguma de infecta nação, e descendentes dos troncos verdadeiros dos Pimenteis, Moraes, Lousadas, e Pegas, e tinham seus brazões de que gosaram, e de seus privilegios, por tal julgo ao supplicante por verdadeiro descendente das ditas gerações de que póde tirar seus brazões, e gosar das honras, e privilegios a elles por direito, e ordenação do reino concedidos na forma de sua petição, e pague os autos. Lisboa 21 de março de 1682. Francisco da Fonseca. E sendo assim dada a dita sentença, foi tirada do processo em nome do dito senhor. Em virtude, e cumprimento da qual provi, e busquei os livros da nobreza, da nobre, e antiga fidalguia do reino, e n'elles achei assentadas, e registadas as armas das ditas ge-

rações, e n'esta lh'as dou divisadas, e illuminadas com os metaes, e côres que a ellas pertencem, conforme a armaria, a saber: Um escudo posto ao ballon esquartelado, ao primeiro dos Pegas, que são as de sua varonia, em campo de prata uma cabeça de lobo esfolada, gotada de sangue, entre tres pegas de sua côr em roquete, e por differença um triolio verde. Ao segundo dos Moraes, que tem o campo partido em palla, a primeira de vermelho com uma torre de prata aberta, e frestas lavradas situada sobre um pé de agua com seu corucheo de ouro, e no remate uma bandeirinha de prata, a segunda pala de prata com uma amoreira de sua côr com raizes, e o fructo de ouro. Ao terceiro dos Pimenteis de verde com cinco vieiras de prata em santor. Ao quarto quartel dos Lousadas de prata com dois lagartos de sua côr, que saem de duas lousas de purpura. Elmo de prata aberto guarnecido de ouro, paquife dos metaes, e côres das armas, e por timbre o dos Pegas, uma das pegas. E porque estas são as armas, que ás ditas linhagens pertencem, lh'as dei e ordenei aqui para d'ellas usar, e gosar, e com ellas poderá entrar em batalhas, campos, duelos, rectos, desafios, justas e torneios, e exercitar os mais actos de guerra e paz, que licitos e honestos forem; pôl-as em seus resposteiros, firmaes, sinetes, portaes de suas casas e quintas, e sobre sua propria sepultura, e finalmente servir-se, honrar-se, e aproveitar-se d'ellas como suas que são, e á sua nobreza convém: Pelo que peço aos corregedores, provedores, e mais justiças deixem trazer e possuir ao supplicante as ditas armas, e com ellas gosar todos os privilegios, graças, honras, mercês, e mais liberdades a ellas concedidas pelos senhores reis d'estes reinos, e de que usam, e gosam os nobres fidalgos de geração e cotta de armas: assim como pela dita sentença está julgado, e mando a todos os officiaes da nobreza o cumpram e guardem. Em fé do que lhe passei a presente por mim assignada, em Lisboa aos 15 de abril de 1682. Francisco Mendes a fez por Francisco Luiz Ferreira, escrivão da nobreza. E eu Francisco Luiz a fiz escrever e subscrevi. — *Portugal rei de armas.*

LXXIII

Brazão de armas concedido a Simão Nunes Infante

(1571)

Portugal rei de armas principal de El-rei nosso senhor. Faço saber a quantos esta minha carta de certidão de brazão de armas, digna de fé, e crença virem, que Simão Nunes Infante, cavalleiro fidalgo da casa de el-rei nosso senhor, e morador na villa de Santarem, me pediu, e requereu, que por quanto elle descendia por linha direita, por parte de sua mãe Margarida Mendes Sobrinha, e de seu avô João Sobrinho, morador que foi na cidade da Guarda, e de seu bisavô Fernão Sobrinho, morador que foi em Montemor-o-novo da geração, e linhagem dos Sobrinhos, que n'estes reinos são fidalgos de cotta de armas como constava por papeis, que apresentava, que lhe desse um escudo de armas, que á dita linhagem pertencem, e as elle de direito, por lhe pertencer, devia trazer, pois d'ellas fôra passada carta em forma a André Bugalho Sobrinho, fidalgo da casa do dito senhor, seu primo com-irmão. Pelo que eu busquei os livros da nobreza, que em meu poder estão, e acho, que as armas, que á dita linhagem pertencem serem estas, que em esta lhe dou illuminadas, e com mais seu paquife, elmo, e timbre, e por differença uma brica de ouro, com uma estrella de azul sobre ella, que com ellas, pois lhe pertencem pela dita maneira, segundo regimento de armaria deve trazer, e certifico, e dou fé passar a dita carta em forma ao dito André Bugalho Sobrinho por mandado do dito senhor, na era de 1561: pelo que lhe devem ser guardadas as liberdades concedidas ás ditas armas, e por verdade lhe passei esta em Lisboa por mim assinada aos 8 de julho. Diogo de San Romão a fez. Anno do nascimento de nosso senhor Jesus Christo de 1571. — *Portugal rei de armas.*

A 2 de outubro de 1560 confirmou el-rei D. Sebastião a André Bugalho Sobrinho, neto

de João Sobrinho da cidade da Guarda, e bisneto de Fernão Sobrinho de Montemor-o-novo, todos fidalgos da casa real (cota marginal).

LXXIV

Copia do brazão das armas do capitão Pedro Taques de Almeida, existente no archivo da camara de S. Paulo da provincia do Rio de Janeiro [1]

Portugal rei de armas principal n'estes reinos e senhorios de Portugal, do muito alto e muito poderoso rei e senhor nosso, D. João v, por graça de Deus rei de Portugal e dos Algarves d'aquem e d'além mar em Africa, senhor de Guiné e da conquista, navegação, commercio de Ethiopia, Arabia, Persia e India, etc. Faço saber a quantos esta minha carta de certidão de brazão de armas, fidalguia e nobreza, digna de fé e crença virem, que por parte do capitão Pedro Taques de Almeida, morador na villa de S. Paulo, capitania do Rio de Janeiro, me foi feita petição por escripto, dizendo que pela sentença junta, que offerecia, passada em nome de sua magestade e pela chancellaria da côrte, promulgada pelo doutor Gonçalo da Cunha Villas-boas, do desembargo do dito senhor, desembargador da casa da supplicação e corregedor com alçada dos feitos e causas civeis em sua côrte, constava ser elle supplicante descendente das nobres e illustres familias dos Taques, Proenças, Laras, e Moraes, que n'este reino são fidalgos antigos de cotta de armas, por ser filho legitimo do capitão Lourenço Castanho Taques, e de sua mulher D. Maria de Lara, naturaes e moradores na dita villa de S. Paulo, neto por parte paterna de Pedro Taques, natural da villa de Setubal, e baptisado na freguezia de S. Julião, e de sua mulher D. Anna de Proença, natural da dita villa de S. Paulo; e pela parte materna de Diogo de Lara, e de sua mulher D. Magdalena Fernandes de Moraes, naturaes da dita villa de S. Paulo: e por se não perder a memoria dos ditos seus progenitores e de sua antiga fidalguia e nobreza, queria elle supplicante para conservação d'ella um brazão das armas das ditas quatro gerações, pelo que me pedia lho mandasse passar em forma, assim como elle supplicante devia d'elle usar, e receberia mercê. E vista por mim a dita petição e sentença, que fica no cartorio da nobreza, em poder do escrivão que esta subscreve, e como por ella consta estar o supplicante julgado por legitimo descendente das ditas quatro gerações dos Taques, Proenças, Laras e Moraes, em virtude d'ella provi o livro da fidalguia e nobreza d'este reino, que em meu poder tenho, e n'elle achei registradas as armas que as ditas familias pertencem, que são as que n'esta lhe dou divisadas com os metaes e côres a ellas pertencentes a saber: Um escudo esquartelado posto ao ballon; no primeiro quartel as armas dos Taques, que são o escudo partido em faxa, na primeira em campo de ouro uma aguia imperial de duas cabeças, e sobre ella uma corsa real, a segunda campo de prata e partido outra vez em palla, na primeira sobre um campo verde um porco azul, e na segunda um penhasco azul; no segundo quartel as armas dos Proenças que são escudo partido em palla, a primeira de campo verde com uma aguia preta de duas cabeças armada de ouro, a segunda em campo azul cinco flôres de liz de ouro em santor; no terceiro quartel as armas dos Laras, que são em campo de prata duas caldeiras pretas guarnecidas de ouro nas bocas, casas postas em palla; no quarto quartel as armas dos Moraes, que são o escudo partido em palla, no primeiro em campo sanguinho uma torre de prata picada e lavrada de preto, assentada junto ao rio de agua com o telhado de ouro, e sobre ella uma bandeira de prata, na segunda em campo de prata uma moreira verde com raizes: elmo de prata aberto e guarnecido de ouro, e paquife dos metaes e côres das armas; timbre a aguia das armas dos Taques, e por differença um trifolio de sua côr. E porque estas são as armas que ás ditas familias pertencem, eu Antonio de Aguiar, rei de armas Portugal e principal, com o poder de meu muito nobre e

[1] Veiu-nos ultimamente á mão esta copia, que julgamos dever tambem reproduzir aqui.

real officio lhas dou assim como vão no dito escudo, das quaes poderá usar como acto e prerogativa de sua nobreza e fidalguia, e com ellas poderá gosar de todas as graças, liberdades, honras e mercês, que pelos senhores reis d'este reino foram concedidas aos fidalgos e nobres d'elle, e especialmente aos das ditas gerações: e com ellas poderá entrar em batalhas e em todos e quaesquer actos militares, assim de paz como de guerra, tanto nas coisas graves e de necessidade, como nas voluntarias e de passatempos, assim como justas, torneos e tudo mais que licito fôr; e as poderá fazer pintar e bordar em seus resposteiros, bandeiras e estandartes, abrir e esculpir em suas baixelas e em seus anneis e sinetes e em todas as peças de ouro e prata, pedraria e grimpas, e nos portaes de suas casas e quintas, e finalmente as poderá esculpir e deixar sobre sua propria sepultura, servindo-se, honrando-se e aproveitando-se d'ellas como a sua nobreza e fidalguia convem, como o fazem os mais fidalgos e nobres d'este reino; pelo que requeiro a todos os desembargadores, corregedores, ouvidores, juizes e mais justiças de sua magestade da parte do dito senhor, e da minha por bem do officio que tenho, e em especial mando aos officiaes da nobreza, como juiz que sou d'ella, reis de armas, arautos e passavantes a cumpram e façam inteiramente cumprir como por mim é determinado e julgado, e por firmeza de tudo vai por mim assignada com o signal publico do nome do meu officio. Lisboa cinco de julho de 1707. Daniel Manlio a fez, por José Duarte Salvado, cavalleiro da casa real, escrivão da nobreza n'estes reinos e senhorios de Portugal. Eu José Duarte Salvado o fiz subscrever e subscrevi. — *Portugal rei de armas.*

(Para ser collocado na 1.ª parte, em frente da pag. 684.)

SYNOPSE NUMERICA POR ORDEM CHRONOLOGICA

Anno	Registradas		Quantas por anno		Total	Anno	
	R. A.	C. N.	Successão	M. N.			R
1438	2	—	—	2	2	1549	
1450	1	—	—	1	1	1550	
1454	1	—	—	1	1	1551	
1459	1	—	—	1	1	1552	
1460	1	—	—	1	1	1553	
1462	1	—	—	1	1	1554	
1465	1	—	—	1	1	1556	
1471	3	—	—	3	3	1557	
1475	4	—	—	4	4	1558	
1477	3	—	—	3	3	1559	
1481	1	—	—	1	1	1560	
1483	1	—	—	1	1	1561	
1484	1	—	—	1	1	1562	
1485	2	—	—	2	2	1563	
1490	1	—	—	1	1	1564	
1500	1	—	1	—	1	1565	
1502	2	—	2	—	2	1566	
1503	2	—	1	1	2	1567	
1504	1	—	1	—	1	1568	
1506	1	—	1	—	1	1569	
1508	1	—	1	—	1	1571	
1509	1	—	1	—	1	1572	
1512	2	—	2	—	2	1576	
1513	14	—	14	—	14	1579	
1514	6	—	6	—	6	1582	
1515	4	—	4	—	4	1583	
1516	1	—	1	—	1	1584	
1517	4	—	4	—	4	1585	
1518	1	—	1	—	1	1593	
1520	2	—	1	1	2	1596	
1522	2	—	2	—	2	1599	
1523	2	—	2	—	2	1600	
1524	9	—	8	1	9	1608	
1526	1	—	1	—	1	1609	
1527	2	—	2	—	2	1613	
1528	15	—	14	1	15	1619	
1529	33	—	33	—	33	1624	
1530	31	—	31	—	31	1630	
1531	8	—	8	—	8	1633	
1532	17	—	16	1	17	1637	
1533	23	—	22	1	23	1638	
1534	23	—	23	—	23	1641	
1535	29	—	29	—	29	1643	
1536	25	—	24	1	25	1644	
1537	20	—	19	1	20	1646	
1538	25	—	24	1	25	1649	
1539	20	—	19	1	20	1681	
1540	15	—	15	—	15	1683	
1541	10	—	9	1	10	1749	
1542	15	—	15	—	15	1750	
1543	8	—	8	—	8	1751	
1544	5	—	5	—	5	1752	
1545	4	—	2	2	4	1753	
1546	2	—	2	—	2	1754	
1547	2	—	2	—	2	1755	
1548	9	—	8	1	9	1756	
	422	—	384	38	422		5

ABREVIATURAS: — R. A. — Real Archivo. — C. N. — Cartorio da Nob

INDICE HERALDICO

INDICE HERALDICO

OU

DESCRIPÇÃO COMPLETA

DAS

ARMAS DE TODAS AS FAMILIAS

QUE EM PORTUGAL TIVERAM E REGISTRARAM CARTAS DE BRAZÃO DE ARMAS

ORGANISADO COM REFERENCIA AO

ARCHIVO HERALDICO GENEALOGICO

Á VISTA DOS TRABALHOS INEDITOS QUE SE CONSERVAM NO ARCHIVO NACIONAL DA TORRE DO TOMBO ESCRIPTOS POR FRANCISCO COELHO, REI D'ARMAS, E OUTROS: ADDICIONADOS A ESTES OUTROS TAMBEM MANUSCRIPTOS DE F. X. DA SERRA CRAESBEECK, EXISTENTES NA BIBLIOTHECA NACIONAL DE LISBOA E VARIAS OBRAS IMPRESSAS DE AUCTORES NACIONAES E ESTRANGEIROS, TAES COMO MR. JOUFFROY D'ESCHAVANNES, D. FRANCISCO PIFERRER, ETC., ETC.

PELO

VISCONDE DE SANCHES DE BAENA



LISBOA
TYPOGRAPHIA UNIVERSAL
DE THOMAZ QUINTINO ANTUNES, IMPRESSOR DA CASA REAL
Rua dos Calafates, 110

1872



A

ABARCA. Procede esta familia de D. Pedro de Guevarra, que creou D. Sancho Abarca, rei de Navarra, de quem tomou o appellido. É seu solar no reino de Aragão. Passou a Portugal na pessoa de D. Francisca Abarca, mulher de D. Antonio Lopes Galhardo, que vindo servir el-rei D. João IV na feliz acclamação, foi n'este reino tenente general de cavallaria na provincia da Beira, e prestou assignalados serviços. Seus filhos continuaram na vida militar com honra e acceitação.

Tem por armas, em campo de oiro, uma banda de cadeas de azul, dobrada, e em orla e nos claros do escudo duas alparcas xadrezadas de negro e oiro, e forradas de vermelho.

V. Argote de Molina, *Nobreza d'Andaluzia.*

ABELHO. É familia das Asturias, d'onde passou a Portugal, e procedeu d'ella Nuno Alvares Cahinho Barradas, capitão-mór que foi da villa de Grandola, na provincia do Alemtejo.

São suas armas, em campo verde de campanha, uma arvore de sua côr perfilada de oiro e raizes do mesmo, junto d'ella um cortiço, sobre este uma fouce de prata, e á roda do cortiço muitas abelhas, tudo de oiro.

Acham-se em D. João Flores de Ocaris na sua obra *Asturia illustrada*, pag. 775.

ABOIM. Procedem os d'esta familia de D. João de Aboim, rico-homem, alferes-mór, e mordomo-mór de el-rei D. Affonso III. Foi governador do Algarve, e o rei D. Affonso o Sabio, de Castella, lhe entregou as fortalezas d'aquelle reino e a seu filho D. Pedro Annes Portel, para que as tivessem em fidelidade quando o doou a seu genro D. Affonso de Portugal. Foi mais senhor de muitas terras que repartiu largamente com as ordens militares, e d'elle procede grande parte da fidalguia d'este reino.

São suas armas o escudo esquartelado; o primeiro quartel xadrezado de oiro e azul, o segundo em campo de oiro tres bastões ou palas de azul, e assim os contrarios : timbre dois braços vestidos de azul, pegando com as mãos em um taboleiro de xadrez como o primeiro quartel do escudo.

ABRANCHES. Esta familia tomou o appellido do condado de Abranches, em França, nome de uma cidade da provincia da Normandia inferior, do qual obteve o titulo D. Alvaro Vaz de Almada por heroicos serviços que fez ao rei d'aquella monarchia. São seus representantes hoje os condes de Almada.

As suas armas são as mesmas dos Almadas; em campo de oiro duas cruzes de oiro floridas e vasias sobre uma banda azul, entre duas aguias vermelhas estendidas, armadas de negro; timbre uma das aguias.

V. *Hist. gen. da Casa Real Portugueza*, tom. VI, pag. 670.

ABREU. Uns lhe dão por solar a torre de Abreu, junto a Valença do Minho, e outros o logar de Abreu ou Avreu, junto á freguezia de S. Pedro de Merufe, no termo de Monção, onde estão as ruinas de uma torre chamada Pica de Regalados, que foi d'esta familia; a qual além da casa de Regalados, que em Castella logrou o titulo de conde, teve n'este reino as de Anquião, Arcozello, Bezelga e outras.
São suas armas em campo vermelho cinco azas de oiro com sangue nas cortaduras, postas em santor, timbre uma das azas.

ABUL. Não temos encontrado noticia das origens d'este appellido, que é palavra arabiga, e serviu de nome proprio a muitos principes, como Abul Harum, rei de Marrocos, e seu filho Abul Hacen. Na Sé de Lisboa, junto á sacristia nova está ou esteve uma sepultura, cujo letreiro diz — *Aqui jaz o honrado Lourenço Abul, secretario de el-rei nosso senhor e conego n'esta sé.*
São suas armas partidas em pala; na primeira em campo de oiro meia aguia negra armada de sanguinho, na segunda em campo azul uma faxa vermelha coticada de oiro e tres crescentes de prata, postos em roquete, dois no campo alto e um na faxa; timbre um crescente do escudo entre duas azas pretas.

AÇA. É seu solar a villa de Aça em Castella; e suas armas, em campo de oiro uma cruz vermelha florida e vasia do campo, com duas orlas divididas por coticas pretas, a primeira de prata com dez aspas sanguineas, a segunda de oiro com dez caldeiras pretas.

Não estão no livro da Torre do Tombo, porém tral-as Gonçalo Argote de Molina (*Nobreza de Andaluzia*, pag. 40 e 49) e Villas-boas (*Nobiliarchia portugueza*, pag. 230) : ainda que este ultimo com seus descuidos.

ACHIOLI ou ACCIOLI. É familia illustre de Florença, d'onde passou a Portugal Simão Achioli, no reinado de el-rei D. João III. Povoou a ilha da Madeira, e no anno de 1742 achando-se o marquez Achioli só com uma filha herdeira da sua grande casa em Florença, mandou convidar para casar com ella a D. Jacinto Achioli de Vasconcellos, descendente do dito Simão Achioli, que vivia na dita ilha, para conservar a varonia da sua familia, e com effeito passou a ser senhor d'aquella grande casa.
São suas armas em campo de prata um leão azul armado de sanguinho, com uma flor de liz de oiro na espadoa; timbre o mesmo leão.

V. *Archivo*, n.º 2284.

ADARGA. Esta familia tem por armas no escudo em campo azul cinco flores de liz de oiro em aspa.

V. *Espelho da Nobreza*, por Francisco Xavier da Serra Craesbeeck.

ADORNO. Tem no escudo em campo de oiro uma banda jaquetada de prata e oiro de tres jaqueis. Procedem de Xerez de la Frontera, em Castella.

V. *Espelho da Nobreza*, por Francisco Xavier da Serra Craesbeeck.

AFFONSO. Achamos este nome proprio feito appellido de familia, que tem por armas o escudo partido em pala, a primeira cortada em faxa, na primeira em campo de oiro uma aguia negra de duas cabeças, aberta e armada de sanguinho, na segunda em campo verde um castello de prata; na segunda pala em campo de prata um leão vermelho armado de azul; timbre a aguia do escudo.

Assim se deram a Jorge Affonso, que parece seria o chefe d'esta familia.

AGRA. Escudo esquartelado; no primeiro quartel em campo de oiro um rochedo agreste da sua cor; no segundo em campo verde uma banda de negro fimbrada de oiro;

e assim os contrarios; elmo de prata aberto guarnecido de oiro, com o forro de purpura e o virol de oiro e verde.

M. N. feita a Francisco José Gonçalves Agra em 25 de maio de 1868. V. *Archivo*, n.º 790.

AGUIAR ou AGUILAR. É tudo a mesma familia: assim o segue Fr. Filippe de Lagandara, e Francisco Coelho, rei de armas India, contra o parecer de outros que querem sejam diversas.

São suas armas em campo de oiro uma aguia vermelha, aberta e armada de preto; timbre a mesma aguia.

Assim se acham no livro de Armaria da Torre do Tombo, fl. 16. Os que querem que os Aguilares accrescentem mais um crescente, poderão advertir que esse accrescentamento pertence á familia dos de Guivar.

AGUILERA. Escudo em campo de oiro com uma aguia negra; timbre a mesma aguia.

V. *Espelho da Nobreza*, por Francisco Xavier da Serra Craesbeeck.

ALÃO. Esta familia é tão antiga, que já antes de Portugal ser reino era senhor de Bragança D. Mendo Alam, que é verosimil que fosse descendente dos reis Alanos. D. João Alam, bispo do Algarve, instituiu o morgado de Santo Eutorpio na freguezia de S. Bartholomeu de Lisboa.

São suas armas esquarteladas; o primeiro quartel xadrezado de oiro e vermelho; o segundo de azul com cinco flores de liz de oiro em santor, e assim os contrarios; timbre um cão alão de azul com uma estrella de oiro na espadoa.

ALARCÃO. É familia de Castella; o appellido foi tomado da villa de Alarcon, que Fernão Martins de Zevallos tomou aos moiros.

São suas armas em campo sanguinho uma cruz de oiro florida e vasia, orla azul carregada de oito aspas do mesmo metal; timbre a cruz do escudo; a orla dividida do campo por uma cotica de oiro.

ALARDO. Esta familia veiu de França, onde é nome proprio este appellido, que passou a Portugal na pessoa de D. Alardo, capitão da armada franceza que ia á conquista da Terra-santa, e arribando a Lisboa ajudou D. Affonso Henriques na conquista d'esta cidade, e ficando no reino fundou a povoação de Villa-verde, que seus descendentes possuiram por muitos annos, até que passou por venda que d'ella fizeram aos Gomides.

São suas armas em campo vermelho tres flores de liz de oiro em roquete, com um crescente de prata no centro; timbre um alão de prata nascente, com uma coleira sanguinea guarnecida de oiro, e uma flor de liz na garra direita.

ALBERGARIA. Procedem os Albergarias de Paio Delgado, instituidor ou fundador da albergaria que antigamente houve em Lisboa. Foi fidalgo do tempo de el-rei D. Affonso Henriques.

São suas armas em campo de prata uma cruz sanguinha aberta, com uma orla do mesmo metal dividida por um filete preto carregado de oito escudinhos das quinas do reino; timbre um dragão sanguinho volante, que alguns lhe carregam no peito uma cruz de prata como a do escudo.

ALBERNAZ. Esta familia é antiga, porque já no anno de 1378 instituiu Martim Affonso de Albernaz um morgado, que vinculou á capella de Santo Estacio da Sé de Lisboa.

São suas armas esquarteladas; no primeiro quartel em campo azul um ramo de cara-

peteiro de prata de sete folhas ou pontas; no segundo em campo de prata um ramo de azul como o do primeiro, e assim os contrarios; timbre um carapeteiro azul, florido de prata.

ALBERNOZ. Segundo a opinião de Francisco Coelho Mendes, rei de armas India, é esta familia do reino de Aragão, e tem casa na Mancha.
São suas armas em campo de oiro uma banda verde.

Villas-bôas na *Nobiliarchia* diz ser o mesmo que Albernaz; porém assigna-lhe as referidas armas.

ALBUQUERQUE. Esta familia que tomou o appellido da praça de Albuquerque, de que foram senhores os do seu appellido, é uma das mais illustres de Portugal e Castella. Procede de D. Affonso Telles de Menezes, povoador da mesma praça. Teve casamentos nas casas reaes d'estes reinos, de que procedem muitas casas da primeira nobreza d'elles.
As suas armas antigas eram em campo vermelho cinco flores de liz de oiro em santor; timbre uma aza negra com as cinco flores de liz : depois fizeram o escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas de Portugal inteiras com um filete negro em contrabanda; no segundo as cinco flores de liz de oiro em campo vermelho, e assim os contrarios; no timbre continuaram alguns o referido, e outros puzeram um castello de oiro, com uma flor de liz do mesmo metal sobre a torre do meio.

ALCACER ou ALCASSER. Tem o escudo dividido em pala; na primeira de azul cinco flores de liz de oiro em aspa; na segunda de oiro cinco coticas azues em pala; timbre uma das flores de liz.

V. *Espelho da Nobreza*, por Francisco Xavier da Serra Craesbeeck.

ALCAÇOVAS. Fez-se conhecida esta familia nos reinados de D. Affonso v e D. João ii em Pedro Fernandes de Alcaçova, secretario de estado dos mesmos reis. Tomou o appellido do castello de Alcaçova de Lisboa, onde morava.
São suas armas em campo azul uma fortaleza de prata de cinco torres; timbre a mesma fortaleza.

V. *Archivo*, n.º 2145.

ALCOFORADO. Esta familia é das antigas d'este reino.
São suas armas o escudo xadrezado de prata e azul de sete peças em pala e sete em faxa; timbre uma aguia xadrezada dos mesmos esmaltes.

ALDANA. Procedem os d'esta familia de Pedro Ayres de Aldana, progenitor tambem dos Maldonados.
São suas armas em campo vermelho cinco flores de liz de oiro em santor; timbre uma aspa de oiro, com uma flor de liz vermelha sobre ella.

Acham-se na *Nobreza de Andaluzia*, por Gonçalo Argote de Molina, pag. 227, e em outras obras.

ALEMO. Tem o escudo escaquetado de oiro e azul, de seis peças em pala e cinco em faxa; timbre duas tochas accezas em aspa, atadas com fita azul.

V. *Espelho da Nobreza*, por Francisco Xavier da Serra Craesbeeck.

ALEMO, de DIOGO RODRIGUES. Tem escudo esquartelado; no primeiro e quarto quarteis de oiro quatro barras vermelhas em pala, e orla azul com oito cruzes de prata chãs; no segundo e terceiro de prata um alemo verde; timbre quatro pennachos, os dois do meio azues e os dos lados vermelhos, e no meio d'elles uma cruzinha das armas.

V. *Espelho da Nobreza*, por Francisco Xavier da Serra Craesbeeck.

ALFARO. Procedem os Alfaros do mestre Diogo de Alfaro, chamado o da Cabelleira, medico da camara de el-rei D. Manuel. Tomou o appellido da villa de Alfaro em Castella, d'onde era natural. El-rei D. João III lhe deu armas proprias no anno de 1535.

São suas armas em campo vermelho tres pescoços de serpes de prata com sangue nas cortaduras, postos em pala, atados com um torçal verde; timbre os mesmos pescoços [1].

Villas-boas traz as armas dos Alfaros de Castella, que são : o escudo partido em pala; na primeira em campo de oiro dois bastões verdes em pala; na segunda um crescente de prata em campo azul; assim as menciona Gonçalo Argote de Molina no apontamento que fez das erratas no principio do seu livro da *Nobreza de Andalusia*. V. *Archivo*, n.° 583.

[1] Esta versão differe do conteudo na carta de brasão de armas, que foi dada ao dito Diogo Alfaro por el-rei D. João III, e se acha na Torre do Tombo, liv. XLVII, fl. 26, de 14 de outubro de 1585. — *Pegado*.

ALMA. Este appellido é de uma familia antiga, que não sabemos que exista hoje. D'ella foi o bispo D. Gil Alma, prelado de Coimbra.

São suas armas em campo azul tres faxas de oiro; timbre duas tochas de oiro accezas postas em aspa, atadas com um troçal azul.

No livro antigo dos reis de armas acha-se outro escudo do mesmo appellido, que vem a ser : em campo sanguinho seis tochas de oiro accezas, postas em duas palas; timbre duas tochas em aspa atadas com troçal azul; pode ser que algum ramo d'esta familia as usasse.

ALMADA. O appellido de Almada foi tomado da villa d'este nome : n'ella vivia no reinado de el-rei D. Pedro I *Joanne Annes*, a quem chamaram de Almada por ser alli morador, o qual foi vedor da fazenda do dito rei, e de seu filho D. Fernando; procedem d'elle as casas que ha d'este appellido.

São suas armas em campo de oiro uma banda azul carregada de duas cruzes de oiro abertas e floreteadas, e nos vãos em contrabanda duas aguias sanguinhas armadas de preto; timbre uma das aguias.

São as mesmas dos Abranches.

ALMANÇA. Escudo dividido em pala; na primeira de prata tres barras negras em pala; na segunda de prata cinco arminhos negros em aspa; orla, a parte do chefe de prata carregada de cinco aspas vermelhas, o resto da orla de vermelho carregado de cinco rodas de navalhas de Santa Catharina de oiro, e as navalhas de prata.

V. *Espelho da Nobreza*, por Francisco Xavier da Serra Craesbeeck.

ALMEIDA. A villa de Almeida deu o appellido a esta familia, que tem n'este reino casas illustrissimas, de que sairam egregios prelados e valorosos generaes.

São suas armas em campo vermelho seis besantes de oiro entre uma cruz dobre, e bordadura do mesmo metal; timbre uma aguia vermelha besantada de nove besantes, sendo tres no peito e tres em cada aza.

ALPOEM ou **ALPOIM.** É familia de França, que procede de Godofre du Puy, que veiu a este reino no tempo de D. Affonso Henriques.

São suas armas em campo azul uma lua de prata com as pontas para baixo, e uma orla vermelha lisa; timbre uma ade de sua côr, com o bico de oiro e os pés de vermelho.

Fr. Leão de S. Thomaz na sua *Benedictina* traz este escudo com a lua sanguinha. As armas antigas d'esta familia eram em campo azul cinco flores de liz de oiro, em santor; timbre um braço vestido de azul tendo na mão uma fita com esta letra — *Nostra Dama de Poym*.

ALTAMIRANO. Ainda que suppomos não ha esta familia em Portugal, como achamos suas armas em Gonçalo Argote de Molina, aqui as descrevemos, que são em campo de prata dez *forteaos* de azul em tres palas, a do meio com quatro, e as duas dos lados com tres em cada uma. Villas-boas, que tambem fala n'ellas, traz treze arruelas da mesma côr em campo de oiro, porém deve seguir-se o dito Gonçalo Argote, porque as figuras são as mesmas que aponta Villas-boas, e só differe no numero e no esmalte do campo.

ALTERO. Os Alteros devem a sua ascendencia aos Godinhos; foi o primeiro Ayres Martins de Altero, que tomou o appellido da quinta de Altero no termo da villa de Alemquer, que é o seu solar.

São suas armas o escudo xadrezado de oiro e vermelho de quatro peças em faxa; timbre um leão nascente xadrezado dos mesmos esmaltes.

Acham-se em Villas-boas, *Nobiliarchia*, pag. 232.

ALTE. Este appellido foi dado por el-rei D. João III ao doutor Bernardino Estevens, juiz dos feitos da Fazenda e depois desembargador do Paço, a quem fez fidalgo de solar, dando-lh'o na sua quinta da Salsa de Alte, sita no termo da villa de Serpa, por carta de 21 de fevereiro de 1550.

São suas armas em campo de prata nove flores de liz vermelhas em tres palas; timbre uma das mesmas flores [1].

Possuiam ultimamente esta casa os guardas-móres da Casa da India e armadas.

[1] No liv. IV de Privilegios de el-rei D. João III a fl. 143 se encontra a carta pela qual lhe é feita a mercê de fidalgo e nobre de solar conhecido, etc.; porém não menciona o brazão, nem tampouco este se acha registrado. A mesma carta diz, que lhe havia de ser passada depois outra de brasão, a qual se não encontra. — *Pegado.*

ALVA. Foi d'esta familia o bispo de Portalegre D. Julião de Alva. Ha esta familia na ilha de S. Thomé, onde foi coronel Francisco de Alva Brandão, filho de outro do mesmo nome e com o mesmo posto, e neto de D. Catharina de Alva Brandão, filha de Francisco de Alva Brandão, neta de Pedro de Alva, morador que foi em Castello de Vide, e bisneta de João de Alva, primo do dito bispo de Portalegre. Alva é freguezia no bispado de Viseu.

São suas armas o escudo de veiros de azul e prata, com um chefe de azul carregado com uma estrella de prata, que é allusiva á estrella d'alva; timbre a mesma estrella.

ALVARENGA. É solar d'esta familia o couto de Alvarenga, na provincia de Entre-Douro e Minho, do qual foi senhor Mem Paes Curvo, e seu filho Martim Pires de Alvarenga foi o primeiro que se chamou de Alvarenga, por ser senhor do dito couto e assistir n'elle.

São suas armas em campo de veiros de prata e azul tres faxas sanguinhas; timbre um leão nascente vestido de veiros como os do escudo, e armado de sanguinho.

ALVARES DE ANDRADE. Procedem de Alvaro Pires de Andrade, da casa dos condes de Andrade, em Galliza. Seu filho Fernão Alvares de Andrade foi escrivão da Fazenda de el-rei D. João III de Portugal, e muito seu valido; o qual lhe deu por armas em campo de oiro uma banda sanguinha, saindo das bôcas de duas cabeças de serpes verdes, salpicadas de prata, entre duas caldeiras xadrezadas de vermelho e prata, com duas cabeças de serpes nos encaixes das azas voltadas para fóra em cada caldeira; timbre um pescoço e cabeça de serpe de oiro armado de sanguinho.

D'esta forma estavam na capella-mór do mosteiro da Annunciada de Lisboa, que era sua, e se incendiou pelo terremoto de 1755.

ALVARES RIBEIRO. M. N. de brazão de armas concedida a Joaquim Torquato Alvares Ribeiro por alvará de 17 de fevereiro de 1866: — Um escudo esquartelado; sendo o primeiro quartel escaquetado por quatro parallelas em pala contra seis em faxa, e os quinze escaques de veiros de prata, alternadamente recortados de vermelho e de azul, indicando-se oito d'aquelles e sete d'estes; o segundo quartel interceptado por tres faxas de oiro sobre campo verde; o terceiro interceptado por tres palas, sendo a do centro carregada com um leão estendido de prata, empunhando com a garra direita uma espada do mesmo metal e punho de oiro, sobre campo vermelho, e as duas lateraes frestadas por nove fimbretas negras em banda contra outras tantas da mesma côr em barra sobre campo de prata; e o quarto carregado com um leão rompente de purpura e armado de azul sobre campo de prata; elmo de prata liso, decorado de oiro, com o forro verde, virol de vermelho e oiro; timbre um lirio roxo, interlaçado por cinco flores denominadas botões de oiro.

ALVES. Escudo dividido em faxa; a primeira dividida em pala, na primeira de vermelho uma aguia de prata de duas cabeças coroadas de oiro, na segunda de azul uma cruz de oiro potentea cantonada de quatro rodellas de oiro vasias do campo; na segunda faxa de azul tres ondas de prata em banda; timbre a aguia com uma só cabeça coroada.

V. *Espelho da Nobreza*, por Francisco Xavier da Serra Craesbeeck.

ALVES GUERRA. M. N. de brazão de armas a Manuel Alves Guerra, que lhe foi conferida por alvará de 23 de junho de 1862: — Um escudo partido em pala, sendo a direita cortada em faxa, onde se colloca na parte superior o brazão dos Guerras das Asturias, que vem a ser o seguinte : fundo verde carregado com uma torre de prata sobre chammas, com orla de oiro contendo em letras azues a legenda — *Ave Maria gratia plena* —, e na inferior o brazão dos Pereiras, que é fundo vermelho carregado com uma cruz de prata vasada e florescente; a esquerda é esquartelada e apresenta o brazão dos Ribeiros, que se reduz ao symbolo seguinte : no quartel superior da direita em superficie de oiro quatro verguetas ou bastões de purpura firmados, no superior da esquerda em fundo negro tres faxas de veiros de prata e vermelho, e assim os seus alternos; timbre a fortaleza de prata sobre chammas.

V. *Archivo*, n.º 1820.

ALVIM. Esta familia (cujo solar é a terra de Alvim, de que tomou o appellido, quatro leguas distante de Ponte de Lima) é uma das antigas e illustres d'este reino. Foi d'ella, e herdeira da principal casa dos Alvins, a condessa D. Leonor de Alvim, mulher do condestavel D. Nuno Alvares Pereira, e por esta razão possue hoje os seus bens a serenissima Casa de Bragança.

São suas armas esquarteladas; o primeiro quartel xadrezado de oiro e vermelho de quatro peças em faxa e outras tantas em pala; no segundo em azul cinco flores de liz de oiro, em santor, e assim os contrarios; timbre um leão de oiro nascente com uma flor de liz azul na mão.

ALVO. Procedem os Alvos de Estevão Alvo, portuguez alentado da cidade do Porto, que achando-se em Flandres na cidade de Anvers ao tempo que Martim Van Ros rebellado lhe poz cerco, elle a defendeu animosamente, de sorte que madame Marie, filha do duque de Brabante, que então a governava, querendo mostrar-se agradecida, entre outras mercês lhe deu por armas em campo azul um leão de oiro, atravessando por cima de tudo uma banda sanguinha carregada de tres rosas de prata e coticada de oiro; timbre duas azas vermelhas e entre estas uma rosa como as do escudo.

AMADO. Este appellido começou em nome proprio, como se acha em muitas partes do *Nobiliario* do conde D. Pedro. Foram os Amados senhores de Penella, alcaides-

móres de Penedono, e possuidores dos morgados de Valbom, nos coutos de Alcobaça. El-rei D. Fernando deu a Gonçalo Mendes Amado, senhor de Penella, as seguintes armas:

Um escudo esquartelado; no primeiro quartel em campo azul uma aguia de oiro estendida, armada de negro; no segundo em campo verde uma banda de prata arminhada de seis arminhos, e assim os contrarios; timbre a aguia do escudo carregada de seis arminhos negros no peito.

AMADOR. É familia de Florença, que passou a Portugal no tempo de el-rei D. Manuel. O mesmo senhor confirmou a Benoco Amador as armas de sua familia em 25 de abril de 1514.

São suas armas em campo azul uma cotica de oiro columbreada entre duas de prata direitas, postas todas em banda, e nos vãos em contrabanda duas estrellas de oiro de oito pontas; timbre um pavão de suas côres naturaes, com a cauda aberta e a cotica de oiro no bico, que lhe dá duas voltas no pescoço estando presa por uma ponta a um pé [1].

Acham-se na Torre do Tombo, liv. VI de Misticos, fl. 129. V. *Archivo*, n.º 393.

[1] Differe muito do que se vê descripto na carta de brasão de armas passada ao dito Benoco Amador.

AMARAL. É familia antiga, que tem seu solar na provincia da Beira, na quinta ou villa de Amaral, de que tomou o appellido.

São suas armas em campo de oiro seis luas minguantes azues com as pontas para baixo, postas em duas palas; timbre um leão de oiro com uma clava ou maça de armas nas mãos, com o cabo azul e o ferro de prata.

AMARAL, de PEDRO RODRIGUES. Pedro Rodrigues do Amaral, protonotario e conde palatino, foi d'esta familia dos Amaraes, que fazendo um grande serviço ao imperador de Constantinopla André Paleologo, este monarcha entre outras mercês lhe deu armas. São estas em campo vermelho um leão de oiro nascente, coroado do mesmo metal e armado de prata, com uma espada levantada na mão, tendo a folha de prata e copos de oiro; chefe colorido de azul com uma aguia de oiro coroada do mesmo, e aberta com duas cabeças; timbre o leão do escudo com espada.

Alguns querem que a este Pedro Rodrigues só lhe accrescentassem o escudo dos Amaraes, partindo-o em faxa; na de cima o leão nascente como fica dito, e na de baixo as seis luas em campo de oiro. V. *Archivo*, n.º 2209.

AMBIA. O conde D. Pedro no *Nobiliario* faz descender os Ambias de um dos cinco cavalleiros, que vieram de Roma a Hespanha com o conde D. Mendo.

São suas armas o escudo esquartelado; no primeiro quartel em campo de oiro uma faxa vermelha; o segundo xadrezado de azul e oiro de tres peças em faxa e outras tantas em pala, e assim os contrarios.

Acham-se no livro velho dos reis de armas.

AMORIM. Os Amorins são oriundos do reino de Galliza, onde são fidalgos notorios. O seu solar é no couto de Amorim, no termo da cidade de Tuy; passaram a Portugal por varias vezes, e n'este reino tem casas muito distinctas e morgados opulentos.

São suas armas em campo vermelho cinco cabeças de moiros de sua côr, com trunfas de prata e azul, e com as barbas de oiro, postas em santor; timbre um braço armado de prata com uma cabeça como as do escudo pendurada pela trunfa.

Acham-se no livro dos reis de armas.

ANAILHA. Escudo em campo de prata uma aguia negra; timbre a mesma aguia.

V. *Espelho da Nobreza*, por Francisco Xavier da Serra Craesbeeck.

ANDERZON. Esta familia é de Dublin, no reino de Irlanda : seu ascendente Henrique Anderzon foi creado baronete por Carlos I em 1643. É aparentada no mesmo reino e no de Inglaterra. Passou a Portugal, e existiu na villa de Moura na pessoa do doutor Guilherme Antonio Apolinario Anderzon, o qual foi filho de Antonio Leandro Anderzon, e de sua mulher D. Anna Bercia da Silveira, e neto de Guilherme Anderzon, que foi o primeiro que passou para este reino.

São suas armas em campo de prata um chaveirão de negro, que suba duas partes do escudo, entre tres cruzes pulmeleas coticadas de duas coticas, a de fóra preta e a de dentro de oiro; no chefe um escudo de prata coticado de negro carregado de uma mão aberta de sua côr; timbre uma cabeça e pescoço de veado de sua côr, passado com uma setta de prata.

Francisco Nicolau as traz no seu livro das *Genealogias e casas nobres de Irlanda*, tom. I, fl. 85, estampa CLXXXI, explicada a fl. 581.

ANDRADA. É familia de Galliza, que tomou o appellido da villa de Andrada, onde tiveram o seu solar; passou a Portugal Ruy Freire de Andrada com seus dois filhos D. Nuno Rodrigues Freire de Andrada, que n'este reino foi mestre da ordem de Christo, e Vasco Freire; dos quaes procedem as grandes casas que n'elle ha d'esta familia.

São suas armas em campo verde uma banda vermelha coticada de oiro saindo das bocas de duas cabeças de serpes do mesmo metal, armadas de sanguinho; timbre dois pescoços de serpes tambem de oiro, torcidos um com o outro, voltados em fugida, armados de sanguinho.

Os de Castella accrescentam mais uma orla de prata com estas letras de negro — *Ave Maria.*

ANGULO. D. João Flores nas suas *Genealogias do novo reino de Granada* lhe dá por tronco o infante filho do rei Angulo de Escocia, que por desgostos que teve com seu pae se passou a Hespanha, onde foi camareiro-mór na côrte dos reis de Leão.

São suas armas em campo de oiro cinco angulos, que são arruelas mais compridas do que largas, partidas em pala, a primeira de verde e a segunda de prata, postas em santor.

Assim as traz Gonçalo Argote de Molina, *Nobreza de Andaluzia*, pag. 112.

ANHAYA. É appellido de familia nobre em Castella, d'onde passou a Portugal Pedro de Anhaya, fidalgo de Salamanca, no tempo de el-rei D. Affonso V. Mais tarde passaram os Anhayas á India, onde fizeram grandes serviços.

São suas armas em campo de oiro cinco bandas de azul; timbre um pescoço e cabeça de lobo de sua côr.

Acham-se no livro antigo dos reis de armas.

ANTAS. É o solar d'esta familia o solar de Antas, no concelho de Coura, na provincia de Entre-Douro e Minho. Foram os Antas alcaides-móres e senhores de Lavre, de Mertola, e Landroal, e teve um mestre da ordem de Sant'Iago.

São suas armas em campo vermelho uma cruz formada de seis lisonjas de prata; timbre uma anta animal de sua côr.

Traz estas armas Villas-boas, *Nobiliarchia*, pag. 285, e são as de que usam. O livro de Armaria da Torre do Tombo traz em campo vermelho uma cruz formada de sete lisonjas de azul coticadas de oiro; timbre a mesma anta.

ANTUNES. Este appellido é o patronimico de Antonio, e o teve Simão Antunes, natural de Villa-viçosa, que pelo seu distincto valor chegou a ser mestre de campo dos

reis catholicos em Flandres, e occupou muitos outros postos. Foi commendador da ordem de Christo.

São suas armas em campo vermelho uma cidade de prata murada em roda com uma porta á frente, tudo do mesmo metal; timbre um castello tambem de prata.

Acham-se no livro dos reis de armas.

ARAGÃO. É familia que tomou o appellido do reino de Aragão: passou a Portugal com a rainha Santa Isabel D. Pedro de Aragão, e ficou n'este reino.

São suas armas em campo de oiro quatro palas sanguinhas; timbre um toiro vermelho com uma campainha ao pescoço, presa em uma fita de oiro, e a campainha do mesmo metal.

Acham-se no livro dos reis de armas, e no livro de Armaria da Torre do Tombo.

ARANHA. É familia de França, d'onde passou a Portugal, e parece que com o conde de Bolonha, porque já no tempo de el-rei D. Affonso IV foi seu escrivão da puridade Diogo Ánnes Aranha.

São suas armas em campo azul um chaveirão vermelho coticado de oiro firme no escudo, entre tres flores de liz do mesmo metal, e no alto do chaveirão um escudete de prata carregado de uma banda vermelha com tres aranhas de oiro; timbre uma das flores de liz: porém Villas-boas traz em campo azul uma asna de prata no meio do escudo entre as tres lizes de oiro, e na cabeça da asna um escudete vermelho com uma banda de prata, e n'esta tres aranhas pretas; timbre a flor de liz; d'esta forma é que hoje se usam.

Acham-se no livro de Armaria, fl. 21, e na *Nobiliarchia portugueza*, pag. 231.

ARAUJO. Esta familia é de Galliza, tomou o appellido do castello de Araujo, de que são senhores; passou a Portugal por muitas vezes, e ainda hoje estão passando muitas pessoas a casar n'este reino, pela grande communicação que tem com a provincia do Minho.

As armas que tem n'aquelle reino são: em campo azul uma torre de prata com uma dama no alto da torre, e tres flores de liz de oiro em chefe; timbre um falcão de sua côr; em Portugal trazem em campo de prata uma aspa azul carregada de cinco besantes de oiro; timbre um moiro vestido de azul, sem braços, com um capello de cacis na cabeça.

Acham-se no livro de Armaria, fl. 39.

ARCAS. Está desde muitos annos extincta esta familia, e se existe em alguma parte não temos d'ella noticia. O seu appellido e solar era em um espaçoso territorio que chamam Valle de Arcas, na provincia do Alemtejo, no termo de Monte-mór o novo: teve grandes soldados e capitães, que fizeram distinctos serviços aos reis d'estes reinos.

São suas armas o escudo esquartelado; no primeiro quartel em campo de oiro uma faxa sanguinha, o segundo xadrezado de vermelho e oiro, de tres peças em faxa e quatro em pala, e assim os contrarios; timbre um galgo preto, assentado, com uma coleira xadrezada de oiro e vermelho.

Acham-se no livro de Armaria da Torre do Tombo, fl. 17.

ARCE. A familia dos Arces, é oriunda das Asturias de Santilhana, e tem por armas cinco flores de liz picadas de oiro e azul, assentadas em santor, e uma bordadura composta de duas ordens de escaques de oiro e vermelho. Os Arces de Villerias tem por armas uma ponte sobre ondas, e em cima da qual e ao lado direito um castello, e no opposto um cypreste.

Nobiliario de los reynos y señoríos de España, por D. Francisco Piferrer, tom. II, pag. 27, e tom. V, pag. 96. E o mesmo descrevem outros auctores. V. *Archivo*, n.º 1430.

ARCO. É o progenitor d'esta familia João Fernandes do Arco, cujo appellido lhe foi dado, dizem uns que por ter nas suas casas da ilha da Madeira um arco por que se passava para outras que tinha junto a ellas, e outros que teve este appellido por instituir em morgado umas terras que tinha em sitio onde o mar fazia figura de arco, e eram chamadas as terras do arco; porém fosse um ou outro, que n'isso pouco vai, é certo que foi pessoa de quem o rei D. Affonso v fez grande estimação, e pelos serviços que fez ao rei D. João ii lhe deu este armas novas.

São ellas em campo de oiro a figura de um sagitario, isto é, da cintura para cima a forma de homem, e para baixo do feitio de cavallo, de côr negra, com um arco e setta vermelhos, ferro e corda de prata, em acção de atirar; timbre o mesmo sagitario com arco e seta [1].

V. *Archivo*, n.º 1139.

[1] Differe muito da carta que se acha no livro ii de Misticos, fl. 120. — *Pegado.*

ARELHANO. É familia de Castella.

Suas primeiras armas foram escudo partido em pala; a primeira de vermelho com uma flor de liz de oiro e meia de prata, a segunda de prata com uma flor de liz vermelha e outra meia flor tambem vermelha, postas todas tres em santor; depois lhe accrescentaram uma orla azul carregada de oito flores de liz de oiro.

Assim as traz Gonçalo Lopes de Haro no titulo dos condes de Aguilar, cujo appellido é *Arelhano*, e as primeiras Gonçalo Argote de Molina; Villasboas lhe assigna em campo de prata duas barras vermelhas, e na borda verde seis flores de liz. Devem seguir-se as que acima ficam expostas, por ser a familia castelhana, e os auctores que a trazem do mesmo reino, e não nos consta que a haja em Portugal. — V. Lopes de Haro, liv. vi, fl. 50, e *Nobiliario de Andaluzia*, pag. 215.

ARGOLO. Entre as familias e casas dos reinos de Castella e Leão de que tracta Gonçalo Argote de Molina, diz este auctor que se deu executoria em Granada a 2 de julho de 1725 a Affonso de Argolo, visinho da cidade de Baeça. Acha-se tambem este appellido na cidade da Bahia, onde foi grande personagem Paulo de Argolo, pae de outro do mesmo nome, dos quaes ha numerosa descendencia, e é verosimil que estes procedam d'aquelles, porque com os Filippes de Castella, no tempo que dominaram em Portugal, passaram muitas pessoas distinctas dos seus dominios para a capitania de S. Paulo, e muitas principalmente da nobreza; de lá passaram alguns descendentes para a dita cidade da Bahia.

São suas armas em campo de oiro duas chaves azues, postas em pala, com os anneis para baixo, orla sanguinha com oito aspas de oiro [2]; timbre um leão sanguinho com uma chave do escudo nas garras.

V. *Nobreza de Andalusia*, pag. 66 e 68.

[2] Esta descripção é duvidosa, pois tem letra differente do original. — *Pegado.*

ARGOTE. É uma das familias antigas de Hespanha de quem procedeu o grande Gonçalo Argote de Molina, a quem a nobreza d'aquelle reino deve muita parte das noticias da sua grandeza e ascendencias.

São suas armas em campo vermelho uma cruz formada no escudo, composta de veiros de prata e azul.

Assim as traz estampadas o mesmo Gonçalo Argote de Molina no seu livro da *Nobreza de Andaluzia*, pag. 46, onde diz as ganhara Ruy Martins de Argote, na batalha de Navas de Tolosa.

ARNAU ou ERNAU. Procede esta familia de Guilherme Arnau, cavalleiro inglez, que veiu a Portugal com a rainha D. Filippa, mulher el-rei D. João i, e foi seu mordomo-

mór ou vedor da sua casa, como achamos em outra noticia. A mesma senhora lhe fez mercê do senhorio de Sernache, Almalagues, e Sobreira.

São suas armas em campo de prata seis leões negros armados de sanguinho, em duas palas; timbre um leão como os do escudo.

Acham-se no livro dos reis de armas.

ARRAES. Arraes é palavra arabiga; significa o mestre e capitão de qualquer navio, e dos moiros a tomaram os hespanhoes e portuguezes. É hoje o titulo dos maioraes dos barcos. Em Castella houve uma familia d'este appellido de que passou a Portugal D. Fernando Arraes, que era de Andaluzia e casou no Algarve, onde deixou descendencia.

São suas armas em campo vermelho nove folhas de golfão de oiro, com os pés para baixo, postas em tres palas; timbre um arraes nú e nascente com um remo de oiro ás costas.

Acham-se no livro dos reis de armas. Villas-boas levanta uma patranha sobre a origem d'estas armas ou appellido; porém ou fosse certo o que elle diz ou não, é já muito antigo, e n'isso pouco ou nada vai aos que hoje existem.

ARRAES DE MENDONÇA. Os Arraes de Mendonça trazem o escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Arraes, no segundo as dos Mendonças, que são divididas em aspa, no primeiro campo de cima de verde uma banda sanguinha coticada de oiro, e assim o de baixo; nos das ilhargas de oiro, tendo cada um d'elles um — S — de preto, e assim os contrarios; timbre o dos Arraes.

Acham-se no livro dos reis de armas; tambem as traz Villas-boas, porém em uma noticia de José Freire Monterroyo se diz, que as armas d'esta familia são : escudo partido em aspa, nos quarteis superior e inferior a banda vermelha com filetes de oiro em campo verde, e nos das ilhargas, em memoria de descenderem dos de La Vega, em campo de oiro estas letras de azul — *Ave Maria* — timbre o arraes com o remo ás costas.

ARRISCADO. É appellido que houve algum tempo, e hoje se acha extincto por seguirem outros as pessoas d'esta geração.

São suas armas o escudo xadrezado de nove peças, cinco de oiro e quatro vermelhas.

Acham-se no livro antigo dos reis de armas. Francisco Coelho falla n'ellas, Villas-boas tambem as explica, mas com a mesma imperfeição que se observa em muitos outros.

ARRONCHES. V. *Sousas de Arronches.*

ARVELLO. Esta familia é das mais antigas de Portugal, e de quem os reis fizeram grande estima, mandando-lhe privilegiar as suas casas.

São suas armas em campo vermelho cinco estrellas de oiro de sete pontas; timbre um urso nascente de sua côr com uma estrella das armas no peito.

Villas-boas na *Nobiliarchia*, pag. 231, e Francisco Coelho dizem que o timbre é um leão nascente, e outros lhe assignam um leão inteiro.

ATAIDE. A familia de Ataide é antiga, e das mais illustres d'estes reinos : tomou o appellido da torre de Ataide na freguezia de S. Pedro, concelho de Santa Cruz de Riba-Tamega, que é o seu solar.

São suas armas em campo azul quatro bandas de prata; timbre uma onça azul bandada de prata, em acção de saltar.

ATOUGUIA. Tomou-se este appellido da villa de Atouguia. Os *Nobiliarios* deduzem a sua genealogia de D. Roberto de Horne, fidalgo de Flandres, que veiu na armada

que ajudou a tomar Lisboa; teve varias alcaidarias-móres, e o senhorio de muitas terras.
São suas armas em campo vermelho uma cruz chã firmada e bordadura de oiro, e em cada um dos vãos uma flor de liz do mesmo metal; timbre um leão vermelho nascente armado de oiro.

AUSTRIA. Não nos consta que haja hoje este appellido em Portugal; parece que André Rodrigues de Austria, que registrou as suas armas nos livros da nobreza, não deixaria successão, porque a deixal-a não haviam os descendentes perder tão illustre memoria.
São estas armas o escudo partido em pala; na primeira em campo de oiro meia aguia de negro armada de sanguinho, na segunda em campo vermelho duas faxas de prata; timbre um pescoço e cabeça de aguia com o bico de oiro e a lingua sanguinha.

Acham-se no livro antigo dos reis de armas.

AVALLOS. Esta familia é uma das nobilissimas de Hespanha. Pertenceu a ella o grande D. Ruy Lopes de Avallos, que governou os reinos de Castella, e outros muitos fidalgos de quem descende a maior parte dos titulos d'aquella monarchia. Passou a Portugal D. Gil Peres de Avallos, que foi alferes do condestavel D. Nuno Alvares Pereira.
São suas armas em campo azul um castello de oiro, orla composta de oito peças, quatro de oiro e quatro de prata; timbre o castello das armas.

As armas antigas que traziam os Avallos eram esquarteladas; o primeiro quartel de oiro, o segundo de vermelho, e assim os contrarios. V. Gonçalo Argote de Molina, *Nobiliario de Andaluzia*, pag. 264.

AVELHANEDA. É familia de Castella.
São suas armas em campo de oiro dois lobos negros, possantes e cevados, cada um com seu cordeiro sanguinho, orla vermelha carregada de oito aspas de oiro; timbre um lobo como os do escudo tambem cevado.

V. Gonçalo Argote de Molina, *Nobiliario de Andaluzia*, pag. 52.

AVELLAR. Esta familia tomou o appellido da quinta de Avellar, que está na freguezia de S. Lourenço das Pias, concelho da Louzada.
São suas armas em campo de oiro tres faxas sanguinhas, carregada cada uma de tres estrellas de prata; timbre tres espadas de prata, com as guarnições de oiro e punhos vermelhos, fincadas com as pontas no elmo e postas em roquete.

AVILA. Foi tomado este appellido da cidade de Avila no reino de Castella a velha, onde tiveram os d'esta familia o seu solar; passou a este reino e ás ilhas dos Açores na pessoa de D. Elvira de Avila, filha de Estevam Domingos de Avila, senhor das Navas, e casou com Jorge de Bittencourt, cujos descendentes se appellidam de Avila. Em Olivença tambem os ha.
Tem differentes escudos de armas, porque uns trazem em campo de oiro treze arruelas de azul em tres palas; outros esquarteladas, no primeiro e ultimo quarteis em campo de oiro uma aguia negra, no segundo e terceiro em campo de prata tres faxas de vermelho com sete olhos de sobrancelhas azues; timbre a aguia do escudo.

As primeiras traz Gonçalo Argote de Molina, e as segundas Villas-boas. Acham-se na *Nobiliarchia*, pag. 239, e no *Nobiliario de Andaluzia*, pag. 120.

AVILA E BOLAMA. Escudo partido em pala; tendo a direita esquartelada, e com o superior da direita carregado de uma aguia negra e estendida sobre campo de

oiro, o superior da esquerda interceptado por tres faxas vermelhas, e carregadas de quatro olhos sombreados de azul, e dispostos em banda sobre campo de prata, e assim os seus alternos; a esquerda carregada de seis costellas de prata, collocadas em duas palas de tres cada uma sobre campo vermelho; timbre uma aguia negra estendida sobre o coronel de conselheiro de estado.

M. N. concedida por alvará de 9 de outubro de 1860 a Antonio José de Avila, que hoje é marquez de Avila e Bolama. V. *Archivo*, n.º 215.

AVILEZ e VELLEZ. A villa de Avilez, no principado das Asturias, deu o appellido a esta familia, que é antiquissima em Hespanha; passou a Portugal com Domingos de Avilez no tempo do rei D. Fernando, por seguir as partes do rei D. Pedro de Castella. Alguns de seus descendentes mudaram o appellido no de Vellez, e debaixo d'este vocabulo traz Villas-boas as suas armas.

São ellas em campo verde uma torre de prata com as portas e frestas do mesmo metal, ao pé da porta uma cabeça de moiro, toucada de prata e cortada em sangue, junto d'ella uma maça de azul com o cabo de oiro; timbre um moiro nascente vestido de verde e os braços nús, toucado de prata, e a maça das armas ás costas.

Alguns trazem de vermelho o campo e o vestido do moiro do timbre.

AVINHAL. Procede de D. Egas do Avinhal, fidalgo toledano que passou a Portugal com o conde D. Henrique. É o solar d'esta familia a torre do Avinhal, que está junto a Canavezes na provincia de Entre-Douro e Minho.

São suas armas o escudo composto de seis chaveirões; o primeiro alto xadrezado de prata e negro, o segundo de oiro, e assim os mais entresachados, de fórma que principiando no alto no xadrezado acaba no fundo no de oiro, e d'estes se vê só parte; timbre duas vides de sua côr, cada uma com seu cacho de uvas de oiro.

Villas-boas lhe assigna tambem as dos Azinhaes, talvez por equivocação.

AYALA. O chronista D. Pedro Lopes de Ayala, seguido por Gonçalo Argote de Molina, faz descendente esta familia do infante D. Vella de Aragão; e outros dizem que procede de D. Lopo Dias, decimo senhor de Biscaia. Tomou-se o appellido do senhorio de Ayala. Tem passado a Portugal por diversas vezes: por D. Maria de Ayala, que casou com D. Diogo da Silva, aio do rei D. Manuel, de quem descende muita fidalguia; por Affonso Lopes de Ayala, fidalgo castelhano que casou em Beja; e por D. Pio de Ayala e D. Joanna de Ayala, que vieram com a rainha D. Catharina.

São suas armas em campo de prata dois lobos negros armados de sanguinho, passantes, orla vermelha com oito aspas de oiro; timbre um lobo do escudo, com uma das aspas na espadoa.

AYRES. Tem no escudo em campo verde um braço armado de prata com um punhal na mão, em acção de o querer cravar para baixo; timbre um braço egualmente com o punhal.

Estas mesmas armas são as dos Peixotos Cachos.

AZAMBUJA. Tomou-se este appellido da villa de Azambuja, de que foi senhor Fernão Gonçalves, que largando o de Tavares, que lhe pertencia por seus avós, quiz fazer solar na dita villa, e dar principio a nova familia em razão do senhorio que lhe veiu por sua mãe D. Maria Rolim.

São suas armas em campo de oiro quatro bandas vermelhas; timbre um meio homem selvagem coberto de cabellos de oiro e um pau de zambujo ás costas, em que pega com ambas as mãos.

Acham-se no livro antigo dos reis de armas.

AZAMBUJAS, de DIOGO DE AZAMBUJA. Diogo de Azambuja foi cavalleiro da ordem de Aviz e era d'esta familia; foi o primeiro capitão da fortaleza da Costa da Mina, onde fez grandes serviços, pelos quaes el-rei D. João II lhe deu armas novas por carta de 17 de março de 1485 [1].

São estas o escudo esquartelado e vermelho; no primeiro quartel um castello de oiro, no segundo tres cabeças de negros com arrecadas e collares de oiro, postas em roquete, e assim os contrarios; timbre o dos Azambujas.

Francisco Coelho, rei de armas India, nas advertencias que fez ao auctor da *Nobiliarchia Portugueza*, falando d'esta familia corta o escudo em faxa, a de cima parte-a em pala, na primeira põe as bandas dos Azambujas, na segunda o castello de oiro; e na faxa de baixo as tres cabeças de negros; timbre o já referido. V. *Archivo*, n.º 537.

[1] Admira que concorde na data, e não na descripção do brazão, pois que a carta que se acha registrada com aquella data menciona o brazão descripto por Francisco Coelho, e ainda este com alguma alteração. — *Pegado.*

AZAMBUJAL. Tomou-se este appellido de uma herdade chamada do Azambujal, que está no termo de Evora, de que foi senhor Gaspar Pacheco do Azambujal, o primeiro que se appellidou d'elle, por mercê de el-rei D. João III, em remuneração de grandes serviços que lhe havia feito, e lh'a deu por solar, e por armas em campo de prata um pé de agua de azul, saindo d'elle um zambujeiro de sua côr, de que pende uma adarga de oiro guarnecida de vermelho; timbre um meio homem coberto de cabellos de oiro com um pau de zambujo ás costas. Outros querem que seja o timbre um ramo de zambujo [2].

[2] Differe na descripção das armas com relação á carta que se acha no livro III de Privilegios de D. João III, fl. 29, de 28 de julho de 1554. — *Pegado.*

AZEREDO. Do logar de Azeredo no reino de Galliza tomou esta familia o appellido, que passou a Portugal na pessoa de Vasco Rodrigues de Azeredo, que viveu na villa de Guimarães.

São suas armas em campo azul oito contrabandas de oiro; timbre um leão de azul nascente contrabandado de oiro.

Villas-boas lhe dá em campo de oiro sete barras azues lançadas ao viez.

AZEVEDO. Em D. Arnaldo de Bayão dão todos os genealogistas principio a descrever a antiguidade d'esta familia, que tomou o appellido do couto de Azevedo, de que foi senhor D. Pedro Mendes de Azevedo, descendente do sobredito, e o primeiro que se chamou de Azevedo. Tem ella illustres casas n'este reino, e tão aparentadas, que quasi toda a fidalguia tem sangue de Azevedos.

São suas proprias armas em campo de oiro uma aguia negra estendida; timbre a mesma aguia.

D'esta fórma as usou em todo o tempo a casa dos senhores de Azevedo, que são os chefes d'elles, e se veem ainda hoje no escudo de pedra que ha mais de quatrocentos annos se conserva no alto da torre da casa de Azevedo. Porém no livro de Armaria da Torre do Tombo, porque só consultaram os senhores de S. João de Rei quando se fes, esquartelaram o escudo, pondo no primeiro quartel a aguia preta em campo de oiro, no segundo em azul cinco estrellas de prata, com uma orla sanguinha, e n'ella oito aspas de oiro, e assim os contrarios; timbre a mesma aguia; accrescentamento este que houvera pelas familias a quem se tinha ligado.

AZINHAL. Este appellido é tomado de alguma das herdades que na provincia do Alemtejo teem este nome, que teve nos tempos passados pessoas muito distinctas.

São suas armas em campo de prata uma azinheira verde com fructo de oiro; timbre a mesma azinheira.

Villas-boas lhe assigna estas armas, bem como Francisco Coelho e o livro antigo dos reis de armas. V. *Nobiliarchia portugueza*, pag. 240.

AZINHAL e ZACOTO. Procedem da alliança de casamento que fizeram Mem Gonçalves do Azinhal, cavalleiro da casa do infante D. Fernando, com Guiomar Zacoto, como consta do letreiro da sua sepultura, que está no claustro pequeno do convento de Nossa Senhora da Graça de Lisboa, porque seus filhos esquartelaram o escudo, pondo no primeiro e ultimo quarteis em campo de prata a azinheira verde dos Azinhaes, no segundo e terceiro em campo de oiro cinco estrellas sanguinhas em cruz, armas proprias dos Zacotos, timbre a azinheira.

Acham-se d'esta forma no livro antigo dos reis de armas.

AZORERO ou AZUREIRA. Esta nobre linhagem teve seu antigo solar nas montanhas de Navarra, cerca de S. Juan-Pic'-de-Puerto, d'onde se estenderam em Aragão, Murcia, e membros d'esta familia vieram mais tarde para Portugal.

São suas armas o escudo partido em pala; a primeira de prata com uma aguia estendida, a segunda lisonjada de oiro e vermelho; bordadura de azul com oito estrellas de oiro pontas de oiro.

B

BACELLAR. A torre de Bacellar (sita na freguezia de Santa Eulalia do Cardal, termo da villa de Valença do Minho) deu o appellido a esta familia; chamou-se de Bacellar por ser fundada em terra de bacellada. É familia das primeiras e mais nobres que houve nos principios d'este reino, começando em Martim Affonso, no reinado de D. Affonso III, o qual teve por filho Gil Martins de Bacellar, que serviu el-rei D. Diniz em varias occasiões. Tiveram os Bacellares os senhorios de S. Fins, paço e couto de Lara, torre de Lanhelas e o morgado de Barbeita.

São suas armas em campo de oiro dois bacellos ou vides retorcidas de sua côr, com folhas verdes e quatro cachos de purpura; timbre um leopardo de oiro nascente com uma folha de vinha sobre a cabeça. Outros lhe dão por timbre um dos bacellos das armas.

BADAJOZ. Esta familia é oriunda da cidade de Badajoz, onde teve o seu solar; passou a Portugal, e Jorge Fernandes de Badajoz, sendo morador em Lisboa, obteve de el-rei D. João III que lhe confirmasse suas armas por carta de 15 de outubro de 1530.

São estas em campo de oiro a imagem de S. João Baptista em pé, descalço, vestido de pelles e com capa vermelha, e um castello de prata com frestas de preto na mão direita e mostrando-o com a mão esquerda.

BAENA. Esta familia descende de D. Fernam Rodriguez de Baena Cabrera y Castro, que foi um dos mais esforçados cavalleiros do seu tempo, distinguindo-se principalmente na defeza da villa de Baena, d'onde tomou o appellido. Foi nomeado alguacilmór da dita villa, e fundou na mesma varias casas solarengas. El-rei D. Fernando IV, em recompensa de seus grandes serviços e assignaladas façanhas, o nomeou senhor de Mar-

chena e dos herdamentos e vassallos de Cordova, Baena e Castro do Rio, como consta da carta regia outorgada a seu favor em 22 de agosto de 1335. V. *Archivo heraldico,* por D. Francisco Piferrer, tom. I, pag. 98. Este mesmo auctor, no seu *Nobiliario dos reinos e senhorios de Hespanha,* diz que este D. Fernando Rodrigues de Baena descendia de el-rei D. Rodrigo, filho de Theodofredo, duque de Cordova, etc. Foram estes os progenitores de D. Fernando de Baena, fidalgo da cidade de Sevilha, que vindo para Portugal, foi residir na villa de Odemira, no Algarve, e ahi exerceu varios empregos honorificos, como o de vereador da Camara da mesma villa, etc., e casou com D. Maria Ponce, que descendia do conde D. Vel Ponce. Teve d'este matrimonio D. Francisco de Baena, que casou com D. Leonor de Barbuda, filha de Ruy Filippe de Barbuda, commendador de Pedrouços e senhor do morgado do Paço velho (assim chamado por el-rei D. Manuel haver ahi jantado algumas vezes). Houve o dito D. Francisco, D. Maria de Baena e Barbuda, filha unica e herdeira de sua casa, que casou com Pedro Alvares Sanches, o qual em 1613 tirou brazão de suas armas (como se vê descripto no titulo de Sanches), ficando por similhante modo esta familia representada em Portugal pelos Sanches, e assim foi que João Sanches de Baena, filho d'aquelle matrimonio, mandou em 1613 tirar em Madrid o brazão de armas dos Baenas, como se acha registrado no Real Archivo, a fl. 278 do liv. XVIII, que vem a ser : escudo partido em pala; na primeira em campo de prata doze lisonjas vermelhas, na segunda em azul um leão de oiro, rompente, orla de oiro carregada de oito arruelas de vermelho; timbre um braço armado de prata com uma lança na mão enristada com uma arruela do escudo na ponta.

BAHAMONDE. Esta familia é do reino de Galliza, tem a mesma origem dos Fajardos, Biveiros e Gallegos dos condes de Monterroso.

São suas armas em campo azul um — M — de oiro coroado do mesmo metal, orla vermelha com sete peixes de prata, sendo tres na parte inferior.

Acham-se em Gonçalo Argote de Molina, *Nobreza de Andaluzia*, fl. 270 : e diz este auctor que o — M — coroado allude á infanta D. Melicia, de Inglaterra, que casou com o conde D. Rodrigo, senhor de Monterroso e progenitor d'esta familia.

BAIÃO. Procedem os Baiões de D. Arnaldo, principe de Italia, que passando a este reino foi n'elle senhor do concelho de Baião, solar d'esta familia.

São suas armas em campo de oiro duas cabras negras, passantes, que alguns fazem xadrezadas de oiro e negro; timbre uma das cabras.

Acham-se no livro de Armaria, fl. 42. Villas-boas traz as cabras xadrezadas de oiro, talvez por erro da imprensa.

BAIRROS. Bairros e Barreiros, que muitos confundem com os Barros, são familias differentes.

São suas armas em campo de oiro tres troncos de sua côr com seus esgalhos, postos em banda; timbre os mesmos tres troncos em roquete, atados com uma fita de oiro.

Os que descendem de Francisco de Bairros accrescentam a estas armas um chefe de oiro carregado de um leopardo de azul. Os Barreiros, supposto usem muitos das armas dos Barros como em seu logar se diz, alguns ramos trazem estas dos Bairros sem o accrescentamento do leopardo : assim o vimos em um brazão passado em 1616 a Clemente Pires Farinha Barreiros.

BALDAIA. É familia que existe n'este reino com nobreza.

São suas armas em campo de prata quatro rosas vermelhas acantonadas, cada uma com duas folhas verdes no pé, e no centro uma flor de liz azul; timbre uma das rosas do escudo com uma flor de liz de oiro no meio do olho.

Acham-se no livro dos reis de armas.

BALEATO. Tem esta familia por armas em campo de prata uma torre de azul saindo de um mar de sua côr, em que apparecem tres peixes de prata entre dois venablos de verde com os ferros pretos, postos direitos para o ar.

Acham-se no livro dos reis de armas.

BALEEIRO e BELIAGO. Os Beliagos eram de uma familia nobre da cidade do Porto, onde tinham umas boas casas. Da mesma cidade foi natural D. Belchior Beliago, bispo de Fez.

São suas armas em campo azul uma banda de oiro carregada de tres rosas vermelhas entre dois meios corpos de armadura de prata, e o contra-chefe ondado de agua; timbre meio baleato de sua côr, de cuja boca sae um ramo de oiro com tres rosas vermelhas.

Acham-se no livro dos reis de armas.

BANDEIRA. Foi o primeiro d'este appellido Gonçalo Pires Bandeira, a quem el-rei D. João II o deu por restaurar a bandeira real d'este reino na batalha de Toro, e armas proprias, que são : em campo vermelho uma bandeira de oiro franjada de prata, com um leão azul armado de sanguinho e a bandeira enfiada em uma haste de oiro com os ferros da sua côr; timbre a bandeira do escudo.

Assim constam da carta de mercê d'estas armas, que está registrada na Torre do Tombo [1]. Não se deve seguir a exposição que d'ellas faz Villas-boas.

[1] Esta carta acha-se registrada no livro VI da Chancellaria do D. Manuel e no livro I de Misticos, fl. 284 v., e differe muito do que fica dito. — *Pegado.*

BARACHO. Esta familia é das principaes de Villa-franca de Xira, d'onde se estendeu a outras terras.

São suas armas em campo vermelho um leão de oiro armado de prata, entre quatro pombos de prata, volantes e cantonados; timbre o leão do escudo.

Acham-se no livro dos reis de armas.

BARAHONA. É familia de Castella, d'onde tem passado para a provincia do Alemtejo.

São suas armas em campo de oiro quatro bandas sanguinhas; timbre um braço armado de prata, com uma espada que tem a folha quebrada pelo meio, e é de prata, copos de oiro e o punho sanguinho.

Acham-se no livro dos reis de armas.

BARÃO DE STERN. M. N. de brazão de armas concedida ao barão de Stern, Hermano Stern, por alvará de 4 de março de 1865, a saber:—Escudo de oiro fimbrado do mesmo metal e interceptado por uma banda de purpura, dentada e carregada com tres estrellas de seis raios scintillantes de oiro cada uma; coronel de barão; virol de oiro e purpura; timbre um unicornio nascente de purpura, com as crinas de oiro, armado de vermelho na bôca e na cabeça, e patas de oiro. Supportantes representados por dois unicornios de purpura com as crinas de oiro, armados de vermelho na bôca, e de oiro na cabeça e patas. Legenda : *Vincit perseverantia* sobre uma faxa azul clara, collocada abaixo do escudo em semicirculo.

BARATA. Esta familia tem por armas em campo negro tres mãos direitas de oiro, postas com as palmas para fóra e em roquete; timbre uma das mãos.

Assim apparecem em um manuscripto de José Freire Monterroio Mascarenhas.

BARBAÇA e BARVANÇA. Tem por armas em campo de oiro cinco escudetes de vermelho postos em santor; timbre uma aguia sanguinha nascente, com o bico de oiro e a lingua sanguinha.

Acham-se no livro da Torre do Tombo. Villas-boas traz a meia aguia de oiro com o escudete das armas no peito.

BARBA e BARBA-LONGA. É familia das antigas d'este reino, onde sempre teve nobreza, que se alliou com os Alardos.

São suas armas em campo de prata uma cruz preta florida e vasia, entre dois ramos de hera, que principiando no fundo do escudo se vão estendendo em orla até se juntarem no meio do chefe e são de verde; timbre um moiro nascente vestido de verde, trunfa de prata e vermelho, barba comprida e as mãos sobre o peito, descançada uma sobre a outra.

Acham-se no livro da Torre do Tombo, fl. 26.

BARBATO. Parece estar já extincta a familia d'este appellido, que existia no tempo de el-rei D. Manuel, porque se acham as suas armas no livro que este senhor mandou pôr na Torre do Tombo, fl. 21.

São estas em campo vermelho uma banda de prata entre dois leões de oiro; timbre um leão das armas nascente.

BARBEDO. Não ha noticia se hoje existe a familia d'este appellido, de quem se acham armas no livro da Torre do Tombo, que são : em campo de oiro cinco estrellas vermelhas de oito pontas, em santor, orla azul lisa; timbre duas espadas postas em aspa, de prata, com as pontas para baixo, copos de oiro e punhos de azul.

BARBOSA. Esta familia tomou o appellido da quinta chamada de Barbosa, de que são senhores. A sua ascendencia e qualidade é das melhores de Portugal.

São suas armas em campo de prata uma banda azul carregada de tres crescentes de oiro e entre dois leões batalhantes sanguinhos; timbre um leão do escudo nascente armado de prata.

Acham-se no livro da Torre do Tombo, fl. 21.

BARBUDA. Esta familia é diversa da de Barbudo. Tomou o appellido de uma moeda que se bateu no tempo de el-rei D. Fernando, chamada *barbuda,* ainda que não saibamos os motivos; quando não fosse dos elmos ou celadas chamadas barbudas, que então se usavam.

São suas armas em campo de oiro nove lisonjas veiradas de prata e vermelho; timbre um urso negro nascente entre duas pennas de pavão de verde e oiro; alguns dizem em vez do urso um galgo nascente.

Acham-se no livro da Torre do Tombo, fl. 20.

BARBUDO. É familia mais antiga que o reino de Portugal; tomou o appellido do couto de Barbudo, onde viveram os seus progenitores. Durante muitos seculos occuparam os Barbudos os primeiros empregos do governo e passando tambem a Castella procedem d'elles muitas das primeiras casas d'aquelle reino.

São suas armas em campo de oiro cinco estrellas vermelhas de seis pontas, orla azul lisa; timbre dois braços de leão vermelhos, em aspa, com uma estrella na garra que fica do lado direito e outra entre os dois braços, ambas como as do escudo.

Acham-se no livro da Torre do Tombo, fl. 20.

BARDI ou BARDES. Passou esta familia de Florença a Portugal na pessoa de Giacomo Bardi, que casou na cidade do Porto, e seus filhos militaram na India em armadas.

São suas armas em campo de oiro uma banda formada de fuzellas de vermelho e um unicornio da mesma côr trepando por ellas; timbre o unicornio nascente.

El-rei D. Sebastião as mandou registrar no livro dos reis de armas, onde se acham.

BARRADAS. É familia da cidade de Beja; teve o seu solar na herdade de Barradas, onde se instituiu um morgado que existia ultimamente na casa dos condes de Villa-flor, como descendentes de Diogo Barradas, que fôra administrador do mesmo vinculo.

São suas armas em campo azul uma cruz de prata firmada, e nos vãos cinco vieiras de oiro em santor, em cada um, que vem a ser vinte por todas; timbre dois troncos de oiro, em aspa, com seus esgalhos, e penduradas n'elles quatro vieiras do mesmo metal, e uma entre os troncos.

BARRAGANO, BARREGANO e BARREGOSO. São appellidos de uma mesma familia de Hespanha, que tem por armas: — Escudo em campo de oiro uma arvore frondosa com tronco, raizes e ramos de verde, e junto ao pé do tronco um guerreiro morto, com dois corvos de sua côr, um de cada lado do tronco, que estão picando o cadaver.

BARRETO. Este appellido se começou a usar no reinado de D. Sancho I em Gomes Mendes Barreto, que tinha a alta ascendencia de D. Arnaldo de Baião; o seu appellido querem que se tomàsse por ter muitas fazendas junto á barra de Vianna, e que por este motivo foram chamados os Barretos.

São suas armas: escudo em campo de prata, semeado de arminhos negros; timbre uma dama vestida de prata e arminhos, com as mãos cobertas e os cabellos soltos.

BARRIGA. A familia d'este appellido é oriunda da provincia da Beira, e conta mais de seiscentos annos de antiguidade, porque se acha memoria de Martim Barriga no reinado do primeiro rei d'este reino, e no do rei D. Diniz em Gil Barriga, fidalgo de grande respeito; depois o famoso adail Lopo Barriga tornou ainda mais conhecida esta familia, que, a não ter outra nobreza, este grande heroe bastava para a illustrar.

São suas armas em campo vermelho um castello de prata lavrado de preto, assentado sobre uma rocha de sua côr, que nasce de um rio, e da janella da torre do meio saindo uma bandeira de prata com uma cruz da ordem de Christo, sustentada por uma haste de oiro; timbre o castello.

El-rei D. João III as deu ao dito Lopo Barriga no anno de 1533, como consta do registro da carta que está na Torre do Tombo, no livro do mesmo anno, a fl. 30.

BARROS e BARREIROS. Esta familia começou a ser conhecida em Portugal no tempo de el-rei D. Diniz. Foi seu solar no logar de Barros, do concelho de Regalados; teve n'este reino muitos morgados, e d'ella foi o grande chronista João de Barros.

São suas armas em campo vermelho tres bandas de prata, e sobre o campo nove estrellas de oiro, uma no primeiro alto, tres em cada um dos do meio, e duas no fundo do escudo; timbre uma aspa vermelha e azul, uma perna de cada côr, e carregadas n'ella cinco estrellas das armas.

Estas mesmas armas usam os Barreiros, por haver casado Ruy Barreiros com Maria de Barros, que foi mãe do famoso Gaspar Barreiros, e filha de Lopo de Barros.

BARROSO. Tomou esta familia o appellido da terra do Barroso, onde tiveram uma torre; a sua ascendencia data de tempo immemorial, e hoje tem descendentes em varias comarcas do reino.

São suas armas em campo vermelho cinco leões de prata, cada um com duas faxas xadrezadas de oiro e vermelho, postas em santor; timbre um dos leões do escudo.

Acham-se no livro da Torre do Tombo, fl. 28.

BARTHOLOMEU DOS MARTYRES DIAS E SOUSA. M. N. de brazão de armas feita a Bartholomeu dos Martyres Dias e Sousa, e seus descendentes, por alvará de 2 de julho de 1870 : — Escudo em campo azul tendo no centro uma cruz; sobre ella, em banda, uma ancora, e sobre tudo, em contrabanda, uma palma, sendo de oiro todos estes emblemas; em volta do escudo uma orla em campo de prata, e n'ella a divisa — *Crede — Spera — Vinces* — em letras de côr preta; sobre o elmo por timbre um açôr; circumdando o escudo uma fita com a legenda — *Valor, Lealdade e Merito.*

Significam as ditas armas assim ordenadas o seguinte : a cruz, a que corresponde a letra — *Crede* — na orla do escudo, symbolisa a crença firme do agraciado na justiça da causa que defendeu; a ancora, a que corresponde a letra — *Spera* — denota a esperança perseverante e inalteravel de que essa causa justa e santa seria acceita de Deus e dos homens; e a palma, a que respeita a letra — *Vinces* — significa o premio da victoria, que afinal coroou os esforços dos defensores da legitimidade constitucional; o açôr no timbre é allusivo ao nome do territorio em que se constituiu o primeiro baluarte para a defeza d'aquella mesma causa, o qual foi o archipelago dos Açores, começando na ilha Terceira, sua capital. — V. *Archivo*, n.º 391.

BASTO. Tomou-se este appellido do concelho de Basto, onde os d'esta familia tiveram o seu solar.

São suas armas as mesmas dos Bairros; em campo de oiro tres troncos com seus esgalhos de sua côr, postos em bandas; timbre os mesmos tres troncos em roquete, atados com uma fita de oiro.

Villas-boas lhes dá as armas dos Barrosos, talvez por descenderem do mesmo tronco, D. Egas Gomes Barroso, de quem foram filhos Gonçalo Viegas Barroso, que seguiu este appellido, e Gomes Viegas de Basto, que seguiu o de Basto; nós cingimo-nos ao livro da Torre do Tombo, onde estão estas taes como aqui as descrevemos.

BATALHA. Tem por armas em campo azul tres labaredas de fogo postas em roquete; timbre uma das labaredas do escudo.

Assim as descreve José Freire Monterroio Mascarenhas nos seus escriptos genealogicos.

BEÇAS. Os Beças pretendem descender dos senhores de Biscaia: tomaram o appellido da cidade de Baeça, que se corrompeu em Beça, passando a Portugal em tempo de el-rei D. Fernando, João Affonso de Baeça, a quem se deu Alter do chão e Vimieiro.

São suas armas em campo de oiro tres faxas vermelhas, orla vermelha cheia de crescentes de prata; timbre um lobo vermelho com um crescente de prata na espadoa: o lobo nascente e não andante, como temos visto em estampas.

Acham-se no livro da Torre do Tombo, fl. 34. Villas-boas na *Nobiliarchia* dá estas armas com alguma differença.

BEJA. Os Bejas são antiquissimos no reino; procedem de Mafaldo, fidalgo de França ou de Flandres, que veiu na armada que ajudou a ganhar Silves aos moiros, e ficou n'este reino e se assignalou muito na tomada de Beja; seus descendentes foram senhores de Anciães e Villarinho, e do morgado de S. Christovão de Lisboa.

São suas armas em campo vermelho uma cruz de oiro firmada, e nos vãos quatro flo-

res de liz do mesmo metal; timbre uma aspa de vermelho com duas flores de liz nas pernas superiores.

Acham-se no livro da Torre do Tombo, fl. 20. Os Bejas Sampaios esquartelam o escudo; no primeiro quartel põem as armas referidas; no segundo em campo de prata uma aguia de preto estendida, e assim os contrarios; timbre a aguia.

BELLEZA. É appellido antigo em Portugal, que procede de el-rei D. João de Belles, que veiu a este reino em tempo de el-rei D. Affonso II, e aqui fez seu assento; este senhor o honrou muito, e casou com uma illustre fidalga, chamada D. Elvira : d'elles procedem os que ha d'esta familia.

São suas armas em campo de oiro uma jarra de duas azas, de vermelho, com flores da mesma côr, e folhas verdes, entre dois leões negros batalhantes, como que segurando a jarra; timbre um dos leões do escudo rompente.

BEM. É familia nobre n'este reino, de que tem passado alguns ramos á America; as suas armas achavam-se no Cartorio da Nobreza, e são : em campo de prata tres bosinas de caça de negro, com cordões vermelhos, postas em roquete, com as bôcas guarnecidas de oiro, e uma estrella vermelha de oito raios no fundo do escudo; timbre a mesma estrella.

BEMBO. É familia que veiu de Veneza, na pessoa de Affonso Bembo, no reinado de Filippe I; teve descendentes em Lisboa e existiam ainda ultimamente em Santarem.

São suas armas em campo azul uma asna de oiro firmada entre tres rosas do mesmo metal; timbre meio hippogripho de prata com azas de oiro, que outros dizem meio cavallo, por engano.

O dito rei lh'as confirmou em 16 de abril de 1584 [1].

[1] A carta que se acha registrada no liv. I, fl. 23 v., de D. Filippe I, differe na descripção d'estas armas, e tem a data de 28 de janeiro de 1583. — *Pegado.*

BENAMBAR e COUTO. Este appellido de Benambar mereceu Alvaro do Couto, pelas grandes proezas que fez em Africa no tempo de el-rei D. João III, assistindo ao sitio que D. Nuno Mascarenhas pôz ao castello de Benambar. Seus descendentes o não continuaram, mas só o de Couto, que já lhe vinha de mais antiguidade e com as mesmas armas, que são : em campo vermelho um castello de prata com tres torres, portas e frestas de verde, saindo de um mar em contrachefe; timbre o mesmo castello.

Foram dadas ao dito Alvaro do Couto por carta passada em Evora a 28 de março de 1536.

BENDRIS. Esta familia é franceza, e deve ser corrupção do appellido — Bindrais — que tem por armas : Escudo em campo de oiro com um leão de negro.

BENEVIDES ou BENAVIDES. A villa de Benavides no reino de Castella deu o appellido a esta familia, que deduz a sua descendencia do rei D. Affonso VII, cognominado o *Imperador*. Passou depois a Portugal, e suas armas são : em campo de prata um leão de purpura faxado de tres faxas de oiro; timbre o mesmo leão.

As armas que lhe attribue Villas-boas são as dos marquezes de Flomesta, que são Benavides e Diedmas : só pertencem á dita casa e seus descendentes.

BERINGEL ou BERENGUER. O appellido de Beringel é corrupção de Berenguer, que foi familia das principaes da cidade de Valença no reino de Aragão; passou a Portugal Pedro Berenguer de Leminhano no tempo de el-rei D. João III. Este lhe confir-

mou suas armas por carta de 5 de novembro de 1524. São estas em campo vermelho, uma banda azul coticada de oiro carregada de tres flores de liz de prata; timbre um braço vestido de vermelho com uma das lizes na mão. Passaram ás ilhas, e na da Madeira se estabeleceram.

Acham-se com alguma differença na *Nobiliarchia Portugueza*.

BERMUDES. Procedem de D. Christovão Bermudes, que serviu el-rei D. Affonso V nas guerras contra Castella, e lhe fez grandes serviços, entrando por aquelle reino na companhia de D. Pedro de Mendanha.

São suas armas o escudo partido em pala; na primeira, em campo vermelho, sete redomas de oiro com suas tapadouras, seis postas em duas palas e a ultima no fundo do escudo; a segunda pala xadrezada de quinze peças, sete de verde e oito de oiro, que são tres em faxa e cinco em pala; timbre um leão vermelho nascente com uma das redomas nas mãos.

Acham-se em Villas-boas.

BERREDO. É familia antiga, que tomou o appellido da quinta de Berredo na freguezia de Santo Estevam de Geraz, concelho de Lanhoso, que foi de Martim Paes Ribeiro.

São suas armas em campo azul um baluarte de prata de seis janellas ardendo em fogo, assentado sobre uma rocha de sua côr; timbre o mesmo baluarte.

Acham-se no livro dos reis de armas.

BETANCOURT. É familia de França, d'onde passou ás ilhas Canarias, e ahi foi rei João de Betancourt. Vendendo-as depois, passaram a residir na ilha da Madeira, onde tem casas muito distinctas.

São suas armas : em campo de prata um leão de preto armado de vermelho; timbre o mesmo leão.

Acham-se no livro de armarias na Torre do Tombo, fl. 16.

BEZERRA. Este appellido começou sem duvida em alcunha; achamol-o já no tempo de el-rei D. Sancho II; alguns querem que viesse de Galliza, onde é de familia muito illustre. No *Nobiliario* do conde D. Pedro se faz memoria de Gonçalo Gonçalves Bezerra e de seu irmão Sueiro Gonçalves Bezerra.

São suas armas em campo verde duas bezerras de oiro passantes com as caudas sobre os lombos; timbre uma das bezerras.

Acham-se no livro dos reis de armas. Em Pernambuco fez proezas esta familia na restauração d'aquella capitania, no seculo XVII.

BICUDO. É familia muito nobre da cidade do Porto.

São suas armas, conforme um brazão passado em 1784, em campo verde uma ribeira de agua de prata e azul posta em faxa, e tres passaros bicudos tambem de prata com os pés na agua e os corpos no campo alto, postos em faxa, e no fundo do escudo um carneiro do mesmo metal armado de oiro; timbre um dos passaros do escudo.

Villas-boas as descreve com alguma differença.

BISCAIA. Escudo em campo de prata, uma faia verde, em contrachefe estreito verde, e um lobo azul encostado á faia; timbre o lobo.

V. *Espelho da Nobreza*, por Francisco Xavier da Serra Craesbeeck.

BISCAINHO. Esta familia tem por armas em campo de prata uma arvore verde copada, e ao pé dois lobos negros armados de vermelho; timbre a arvore.

V. *Espelho da Nobreza*, por Francisco Xavier da Serra Craesbeeck.

BIVAR. É o solar d'esta familia na villa de Bivar em Castella a velha, celebre por n'ella ter nascido o Cid Ruy Dias, honra de Hespanha e seu progenitor, e de quem procedeu Luiz Gonçalves Cid, terceiro avô de Diogo Fernandes Cid de Bivar, que no anno de 1575 fez sua justificação, e se lhe passou seu brazão de armas.

São estas o escudo cortado em faxa : a primeira partida em pala, a primeira d'estas esquartelada; no primeiro em campo vermelho um castello de oiro, no segundo em prata um leão sanguinho, assim os contrarios; na segunda pala em campo de oiro quatro palas ou bastões sanguinhos; na segunda faxa em campo vermelho uma azinheira verde perfilada de oiro com raizes de prata, e junto d'ella um leão de oiro; timbre um leão com um ramo de azinheira nas garras.

Acham-se no livro da Torre do Tombo, fl. 18.

BIVEIRO ou VIVEIRO. É familia de Galliza, que uns escrevem com B, e outros com V; nós a pomos com ambas as letras; descende dos condes de Santa Martha de Hortigueira no dito reino.

Teem por armas em campo de oiro tres montes saindo de um mar de que é o contrachefe, e de cada um dos montes, que são de sua côr, nasce um ramo de ortigas de verde de sete folhas cada um.

Acham-se em Gonçalo Argote de Molina na sua *Nobreza de Andalusia*, pag. 270.

BOA-VISTA. Escudo esquartelado, tendo o superior da direita carregado com as cinco quinas de Portugal em campo de prata, e assim o seu alterno, o superior da esquerda carregado com a cruz de Malta de prata sobre campo vermelho, e assim o seu alterno; o primeiro superior da esquerda do escudo, sendo interceptado por tres bandas de purpura sobre campo de prata, e assim o seu alterno, e o inferior da esquerda egual ao superior da direita : coronel de visconde; mas tendo elmo, tambem lhe compete o timbre de um galgo vermelho andante com uma espiga de trigo de oiro na mão direita, e o virol de prata e vermelho.

M. N. ao visconde da Boa-vista, Marianno Joaquim de Sousa Feio, por alvará de 17 de agosto de 1869.

BOCA-NEGRA. É uma das principaes familias de Genova, d'onde passaram fidalgos d'ella a servir os reis de Hespanha, e d'esta se estendeu a Portugal por allianças de casamentos.

São suas armas o escudo cortado em aspa de prata e vermelho, sendo as partes alta e baixa de prata e as das ilhargas vermelhas, com uma cruz chã como a de S. Jorge de preto na parte alta.

Acham-se em Gonçalo Argote de Molina, na sua *Nobreza de Andalusia*, fol. 245 v. Villas-boas na *Nobiliarchia* dá a esta familia umas armas, cuja explicação se não entende.

BOCARRO. A familia de Bocarro é muito antiga n'este reino, e tem uma ascendencia muito illustre, porque procede de D. Mendo Alam, senhor de Bragança e outras muitas terras, por seu descendente Nuno Rodrigues Bocarro. Ultimamente fizeram assento na cidade de Beja, onde foi capitão-mór Diogo Lopes Bocarro, que teve por filho Miguel Leitão Bocarro, e este a João Bocarro Raposo, fidalgo da casa real e sargento-mór da villa de Serpa.

São suas armas, segundo o auctor da *Nobiliarchia Portugueza*, em campo de prata uma cruz e orla tudo de vermelho, com uma cabeça e cara de sua côr no centro, com cabellos de oiro e a boca aberta. Porém segundo outra noticia que nos communicaram da cidade de Beja, são outras, ou ha duas familias d'este mesmo appellido com armas differentes, a saber : Escudo cortado em faxa; na de cima em campo vermelho uma estrella de oiro

com oito raios em chefe entre as cabeças de uma aguia de prata, coroadas as cabeças de uma corôa de oiro. Na de baixo em campo azul cinco cabeças de reis moiros com corôas de oiro e barbas do mesmo metal, cortadas em sangue, postas em tres palas, e na pala do meio em logar da cabeça um crescente de prata com as pontas voltadas para a esquerda do escudo; timbre a estrella do escudo.

BODE. Achamos em uma memoria antiga que foi chefe d'esta familia um Manuel Bode : o appellido foi sem duvida alcunha.

São suas armas em campo de oiro um monte de sua côr, no alto d'elle um carvalho, e subindo pelo monte um bode negro; timbre o mesmo bode.

Outros as descrevem d'esta sorte : em campo de prata um carvalho da sua côr, sobre um monte; e junto do carvalho um bode de negro andante, e em roda do escudo da parte de fóra um listão de purpura com esta letra de prata : *Quem a boa arvore se chega, boa sombra o cobre.*

BON. Escudo de campo vermelho, uma banda de oiro carregada de um urso de negro.

Alguns querem que *Bueno* seja sinonimo d'este mesmo appellido.

BONINE, BONNIN ou BONNINE. A familia com este appellido é oriunda de França, tem por armas escudo de oiro com tres cabeças de urso dilaceradas, açamadas e encorrentadas, de negro.

BORGES. Esta familia segundo a opinião do licenciado Manuel Barbosa no seu *Livro da origem das familias de Portugal, etc., etc.*, procede de Rodrigo Annes (a quem nós por melhor informados chamaremos Gonçalo Annes) que serviu a Filippe II, o Augusto, rei de França; defendendo com valor a cidade de Bourges, estando sitiada pelos inimigos, de que procedeu ser conhecido n'aquelle reino pelo cavalleiro de Bourges, etc. Gonçalo Annes, diremos nós, descendia do tronco da linhagem dos Regos, muito illustre em Portugal; passou effectivamente a França e serviu aquelle monarcha por quem foi mandado a soccorrer a praça de Bourges na provincia de Berri, que então se achava dominada pelas armas inimigas, e tão bem fortificada, que parecia inexpugnavel, na opinião dos generaes d'aquelle tempo.

No entretanto Gonçalo Annes á frente das tropas que foram confiadas ao seu commando, não só tomou a praça como desbaratou o inimigo. Pelos actos de bravura e estrategia que alli praticou foi armado cavalleiro pelo dito rei, e agraciado com um brazão de armas allusivo áquelle feito, com o appellido de Bourges, o qual os seus descendentes ainda hoje conservam : e vem a ser no escudo em campo de sangue, um leão de oiro batalhante armado de preto, e uma bordadura de azul semeada de dez flores de liz de oiro; timbre um meio leopardo com uma flor de liz de sangue na testa.

Voltando a Portugal (como já dissemos) sua patria, depois da morte de Filippe, o Augusto, fez assento na Torre de Moncorvo onde casou com Gracia Mendes, filha herdeira do senhor da dita Torre, de quem teve numerosa successão.

Este appellido de Bourges foi usado por alguns de seus descendentes, mas como em portuguez sôa melhor Borges, foi com o tempo supprimido o — u — e ficou sendo como hoje se diz e escreve.

Diogo Borges, senhor de Gestaço e Penajoia, commendador do Torrão, senhor da terra d'Alva e de Reriz, etc., foi quinto neto do referido; o filho d'este, Ruy Borges, foi alcaide-mór da villa de Santarem por carta de el-rei D. Affonso V de 20 de maio de 1440, do conselho do mesmo rei, senhor das terras de seu pae, e de muitas outras, e de varios padroados, etc., etc., tendo casado com D. Antonia Telles de Menezes, filha do mestre da ordem de Christo, o grande D. Lopo Dias de Sousa, illustre

ascendente dos condes de Miranda, marquezes de Arronches e duques de Lafões; teve successão.

BORRALHO. É familia antiga, e nobre n'este reino desde o tempo do rei D. João I; seus membros serviram na casa real e tiveram o fôro: viveram em Fronteira, Elvas, Castello-branco, Cintra, Traz-os-montes e Lisboa; e em todas estas partes tiveram morgados. A ella pertenceu Heitor Borralho, que no reinado de D. João II entrou em varias expedições. Pertenceu tambem a esta familia Antonio Borralho Murça, a quem se passou brazão de suas armas em 1748.

São estas em campo azul tres estrellas de oiro de oito raios postas em roquete, chefe do mesmo metal dentado pela parte inferior.

Acham-se no livro antigo dos reis de armas.

BORRECO ou BORREGO. Esta familia é a mesma que a dos Cordeiros.

São suas armas em campo verde quatro borregos ou cordeiros de prata acantonados; timbre um dos borregos.

D'esta forma estavam registradas no livro dos brazões, taes como foram concedidas a Francisco de Goes Peixoto, em 1592.

BOTADO. A familla d'este appellido é oriunda da comarca de Torres-vedras, onde já no reinado de el-rei D. João I vivia João Alvares Botado que foi cavalleiro da casa real, e o mesmo rei lhes deu o officio de fieis das Sizas. A seu bisneto Heitor Bernardes Botado deu o imperador Carlos V, pelos serviços que lhe prestou em Africa, armas proprias, que o rei D. João III d'este reino lhe confirmou [1].

São estas o escudo esquartelado; no primeiro quartel em campo de oiro duas aguias negras batalhantes, no segundo em campo azul tres bicas ou canos de prata deitando agua, assim os contrarios; timbre uma aguia das armas estendida e nascente.

Acham-se no livro antigo dos reis de armas. Em uma memoria que nos participaram se diz, que no primeiro quartel e quarto uma só aguia estendida de negro, armada de vermelho em campo de oiro, e o timbre que é uma aguia inteira tambem estendida, todas com duas cabeças cada uma.

[1] Não se acha registrada a carta de confirmação. — *Pegado.*

BOTAFOGO. Esta familia viveu com muita nobreza na cidade de Elvas, e na egreja do mosteiro de S. Domingos da mesma cidade tem sua sepultura em que foi enterrado João Gonçalves Botafogo, fidalgo da casa de el-rei D. Manuel, e sua mulher D. Francisca de Villa-lobos, e seus herdeiros.

São suas armas em campo de prata nove folhas de golfão de verde postas em tres palas; timbre uma torre de prata realçada de negro, ardendo em fogo pelo alto.

Acham-se no livro antigo dos reis de armas.

BOTELHO E CALADO. Esta familia é illustre e antiquissima; tem o seu solar na quinta da Botelha, na freguezia de S. Clemente de Basto; tem casas muito distinctas, sendo a primeira a dos antigos condes de S. Miguel.

São suas armas em campo de oiro quatro bandas vermelhas; timbre um leão do mesmo metal nascente, bandado de vermelho [1].

Acham-se no livro dos reis de armas. As copas de oiro que Villas-boas assigna por armas tambem a esta familia, pertencem aos Botilheres. Os Calados trazem por armas as mesmas dos Botelhos.

[1] Alguns trazem o leão com tres frechas sanguineas, ferros de prata, atadas com um tôrçal de oiro. Mas este timbre só foi usado na casa dos condes de S. Miguel.

BOTETO, Parece não haver hoje pessoas d'este appellido, que existia no tempo de el-rei D. Manuel, porque se lhe acha escudo de armas no livro que o dito senhor mandou fazer para a Torre do Tombo, fl. 33.

São suas armas esquarteladas; o primeiro quartel de oiro e o segundo de prata com seis arminhos de negro, assim os contrarios; timbre meio moiro vestido de oiro forrado de arminhos, toucado de prata, barba longa, meios braços nús, e na mão direita uma pedra em acção de atirar com ella.

BOTTO. É familia antiga do tempo dos primeiros reis d'este reino. O seu appellido foi tirado da palavra *Boto*, como se dizia da espada que de cortar muito estava com o fio *boto* ou *grosso*. Fez-se mais conhecido em Africa na pessoa de Martim Esteves Boto, que em Ceuta, Tanger e Alcacer serviu os reis D. João I, D. Duarte e D. Affonso V; este ultimo lhe deu armas novas por carta do 1.° de abril de 1462.

São estas o escudo franxado; no quartel superior, em campo de oiro, uma cabeça de moiro cortada em sangue, toucada de prata e assim o inferior; nos das ilhargas em campo vermelho, cada um com seu castello de prata com portas e frestas de preto; timbre o castello com uma das cabeças no alto da torre do meio, e outros põem só a cabeça de moiro por timbre.

Acham-se no livro da Torre do Tombo, fl. 19. V. *Archivo*, n.° 2073.

BOUCHARD. Segundo o brazão que se passou a Henrique José Bouchard, cavalleiro da ordem de Christo, em 1718, consta que foi filho legitimo de Nicolau Bouchard, cavalleiro da ordem de Christo, natural da cidade de Avinhão, d'onde passou para a de Lisboa e foi reconhecido por fidalgo em 1681 pelo senhor rei D. Pedro, confirmado por el-rei D. João V em 1713, o que prova ser esta familia oriunda de França.

São suas armas o escudo em faxa; na primeira, em campo azul, um leão de oiro andante; a segunda de prata lisa; timbre o leão rompente.

Acham-se no livro antigo dos reis de armas, e no *Armorial frances* de M. Jouffroy de Eschavannes, impresso em 1844; onde se vêem, nos differentes ramos d'esta familia, as armas que lhes descreve.

BOVADILHA. Esta familia é castelhana; tem o seu solar na villa de Medina del Campo, e era cabeça d'ella o conde de Chinchon.

São suas armas esquarteladas; no primeiro quartel em campo de prata um castello vermelho ardendo em fogo, que lhe sae pelo alto e portas; no segundo em vermelho uma aguia de prata estendida, e assim os contrarios; timbre um castello como os do escudo.

Acham-se no livro antigo dos reis de armas, e tambem as traz Villas-boas na *Nobiliarchia*.

BRAAMCAMP. É familia da cidade de Amsterdam, d'onde passou a Lisboa Hermano José Braamcamp, que n'esta côrte foi ministro do rei da Prussia, cavalleiro da ordem de Christo, e casou com D. Maria Ignacia de Almeida Castello-branco, filha do brigadeiro Manuel de Almeida Castello-branco, e de D. Helena da Cruz : o dito Hermano José Braamcamp foi filho de João Braamcamp, e de Henriqueta Vanheck, e da dita sua mulher teve elle filho a Gerardo Wenceslau Braamcamp de Almeida Castello-branco, commendador da ordem de Christo, fidalgo da casa real.

São suas armas o escudo cortado em faxa, na de cima em campo de oiro duas palmas de verde em aspa entre duas estrellas vermelhas de cinco raios, uma superior e a outra inferior; na de baixo partida em pala, a primeira em campo de prata tres cyprestes de sua côr em tres palas, que nascem de campanha de sua côr; na segunda em campo azul uma arda ou lontra de prata armada de oiro, sentada em uma taboa de vermelho, que está sobre um mar de ondas de prata e azul no contrachefe; timbre uma estrella do escudo.

Assim as communicou o dito Hermano José Braamcamp, e n'essa conformidade se lhe passou brazão.

BRACAMONTE. É familia de França, que procede de Mossem Rubim de Bracamonte, almirante d'aquelle reino, d'onde passou a Hespanha a servir nas guerras contra os mouros.

São suas armas em campo de prata uma esquadria, que é instrumento de medição, e acima d'ella um maço tudo de negro; timbre um braço armado de prata com o maço na mão levantado, em acção de descarregar a pancada.

Acham-se no livro dos reis de armas antigo, e em Gonçalo Argote de Molina

BRAGANÇA. Este appellido foi tomado da cidade de Bragança de que foram senhores varios fidalgos d'este reino até que ultimamente el-rei D. Affonso V a deu a seu tio D. Affonso que foi o primeiro duque d'esta casa hoje reinante.

As armas de que usa este appellido são em campo de prata uma aspa vermelha carregada de cinco escudetes de prata, e em cada um cinco escudinhos de azul em cruz, e n'estes em cada um cinco bezantes de prata em aspa; timbre um cavallo nascente de prata com as redeas de oiro e correias vermelhas, com tres lançadas no pescoço vertendo sangue: d'estas armas usaram os primeiros duques até D. Jayme, que sendo jurado principe herdeiro do reino usou das armas reaes com sua divisa, e assim as ficaram usando os mais duques seus descendentes até que D. João IV pela sua exaltação ao throno tirou a divisa.

BRAGA. Este appellido foi sem duvida tirado da cidade de Braga d'onde procede muita fidalguia d'este reino [1].

São suas armas em campo vermelho uma torre de prata com portas e frestas de negro; timbre um braço vestido de verde, com uma braga com sua cadeia de oiro pendurada na mão em acção de dar com ella.

[1] Conta-se que esta familia tivera principio em um cavalleiro, que sendo captivo em uma acção dada contra os mouros, e mettido por estes em uma torre, e preso com uma braga para melhor o segurarem, aproveitou a occasião em que a sentinella dormia, para matal-a com a propria braga, desfazendo depois a roupa da cama em tiras, e por ella conseguiu descer da torre, indo apresentar-se ao exercito christão, que o acolheu com grande alegria. Este caso é narrado no diploma do brazão de armas, que em 1647 se passou ao doutor Sebastião de Carvalho, fidalgo da casa real e desembargador da Casa da supplicação.

BRANCO. Tem por armas o escudo partido em pala; na primeira de vermelho um castello com ameias e homenagem tambem com ameias; na segunda de sinople com tres barras de oiro; bordadura de azul com oito aspas de oiro. Teve este appellido um dos guerreiros que acompanharam D. Pelayo, e fundou seu solar nas montanhas de Galliza, e de lá se passaram seus descendentes a Portugal.

BRANDÃO. Ha sido vulgarmente julgada esta familia como oriunda de Inglaterra; porém de uns titulos conservados entre papeis que foram do padre fr. José da Cruz, reformador do Cartorio da Nobreza, consta ser a mesma familia originaria da Normandia, d'onde passaram a Portugal com o conde D. Henrique dois irmãos chamados um Charles ou Carlos Brandão, e o segundo Fernão Brandão, que viveram junto ao mosteiro de Grijo, em umas casas que depois foram cognominadas com o nome de paço dos Brandões, e jazem os ditos irmãos sepultados no mesmo mosteiro, tendo na sepultura um letreiro latino, que vertido em portuguez diz : *Aqui jazem os cavalleiros Brandões.* Não consta que o primeiro tivesse descendentes, porém do segundo são tantos, quantos são os que hoje se appellidam Brandões em Lisboa, Porto, Evora, Coimbra, Castello-branco, Vianna, e outras muitas terras onde se estenderam.

As suas armas estão no livro da armaria da Torre do Tombo, e são : em campo azul

cinco brandões accesos de oiro, postos em santor; timbre tres dos referidos brandões atados em roquete, com uma fita azul.

BRANDÕES, de DUARTE BRANDÃO. Estes Brandões têem differente origem, porque Duarte Brandão era de Inglaterra, para onde tinha tambem passado de Normandia outro ramo d'esta familia. De Inglaterra passou a Portugal no tempo de el-rei D. Affonso v, por quem foi naturalisado em 1479, confirmado por D. João II em 1485 e por D. Manuel em 1497.

São suas armas em campo azul dois dragões de oiro batalhantes com os pescoços e rabos repassados armados de sanguinho; timbre os mesmos dragões. Em uma memoria que vimos de José Freire Monterroio, se diz que o timbre é meio cavallo marinho.

D. João II deu o senhorio de Buarcos ao sobredito Duarte Brandão, e o fez administrador das capellas de el-rei D. Affonso IV, e do seu conselho. El-rei Duarte V de Inglaterra lhe assignou as armas acima descriptas (que tambem se acham no livro da Armaria da Torre do Tombo e em Villas-boas) em memoria de um desafio, que este fidalgo teve e venceu perante o mesmo rei, e pelo serviço que lhe fizera na guerra contra França. O mesmo fidalgo foi cavalleiro da Jarreteira, capitão das ilhas de Granache, e de tanta estima, que estando na comitiva do rei de Inglaterra uando este se avistou com o de França, comeu com elles á mesa. Teve tambem a commenda de S. Verissimo de Lagares. Torre do Tombo, livro de Armarias, fl. 18 [1].

[1] Esta nota acha-se com letra differente do original. — *Pegado.*

BRANDÕES, de JOÃO BRANDÃO SANCHES. El-rei D. Manuel se serviu de João Brandão Sanches como seu feitor nos estados de Flandres em varias pretenções que n'elles teve; e em attenção a estes e outros serviços lhe deu a commenda de S. João de Cabanas, na ordem de Christo, e armas novas, que são: em campo de prata uma aguia, metade de preto e metade de vermelho, sendo a parte que fica em frente de preto, que é a esquerda, com um brandão acceso nas unhas.

Acham-se no livro antigo dos reis de armas.

BRANDÕES, de BUARCOS. Procedem de Duarte Brandão, a quem el-rei Duarte V de Inglaterra deu armas em memoria de um desafio, que este fidalgo teve e venceu perante o mesmo rei, e pelo serviço que lhe fez na guerra que este teve contra a França; foi cavalleiro da Jarreteira, capitão das ilhas de Granache, e um dos grandes heroes do seu tempo, e de tanta estimação, que tendo o dito rei vistas com o de França, comeu com elles á mesa; recolheu-se depois a Portugal em tempo de el-rei D. João II, que lhe deu o senhorio de Buarcos e o fez administrador das capellas de el-rei D. Affonso IV, e do seu conselho. Teve a commenda de S. Verissimo de Lagares.

São suas armas em campo azul dois dragões de oiro, armados de vermelho, batalhantes, repassados um com o outro, e voltados em fugida: timbre os mesmos dragões.

Assim se acham no livro de Armaria da Torre do Tombo, e assim as descreve Villas-boas.

BRAVO. Acha-se este appellido no reinado de D. Affonso Henriques em Diogo Bravo, de Riba do Minho: hoje se conserva na cidade de Braga, que governaram algum tempo pessoas d'esta familia.

São suas armas em campo de oiro uma serpe de verde volante, armada de sanguinho; timbre a mesma serpe.

Acham-se no livro antigo dos reis de armas, e tambem as vimos em os registros de muitos brazões antigos, que estavam no Cartorio da Nobreza, antes do incendio do terremoto de 1755, que tractavam d'ellas. Em alguns livros de Armaria lhe tiram a serpe do timbre, e em seu logar tem este nome — Bravo —. No referido livro antigo dos reis de armas acha-

mos tambem as armas dos Bravos de Castella, de que tracta Villas-boas: são estas em campo azul um castello nascente de um pé de agua, xadrezado de oiro e vermelho, com as portas e frestas de negro, e mettendo a porta um leão de oiro, e sobre ella no remate um escudete azul carregado de tres flores de liz em roquete, com duas aguias negras abertas uma em cada torre das ilhargas; timbre o leão do escudo.

BRITO, e BRITEIRO. A familia dos Britos é mais antiga que o nome de Portugal, porque na era de 1033 fez Arthur de Brito uma longa doação ao mosteiro que fundou no julgado de Vermoim. Tem n'este reino varias casas de que existe a varonia na dos viscondes de Villa-nova da Cerveira, depois marquezes de Ponte de Lima. Os Briteiros, supposto que sejam familia differente, não consta que tenham armas proprias, e assim teem usado das dos Britos.

São suas armas em campo vermelho nove lisonjas de prata, em tres palas, cada uma carregada de um leão de purpura; timbre um leão lisonjado de prata e vermelho, que alguns fazem vermelho, com uma lisonja de prata na espadoa.

Acham-se no livro da Torre do Tombo, fl. 13.

BROCHADO. Esta familia é oriunda de França, mas muito antiga em Portugal, e vem do appellido Brochard, que tem por armas: Escudo de prata, pala de vermelho acompanhada de duas de azul.

Ha comtudo ramos d'esta familia que trazem armas differentes.

BROUN, ou BRUN. O primeiro que em Portugal foi conhecido com este appellido foi Guilhelmo de Broun, flamengo, que viveu na ilha da Madeira, e teve muita descendencia.

As suas armas são: escudo de azul com tres flores de liz de oiro; outros trazem escudo de sinople com nove bandeiras de oiro, quatro, tres, duas, chefe de preto burelado de prata.

Ha em França varias familias com este appellido, mas com armas differentes.

BULHÕES. Esta familia, que antigamente se nomeava de Bulhom, é originaria do Paiz-baixo, do ducado de Bulhom, que deu dois reis a Jerusalem, Godefredo e Balduino, ambos irmãos. Passou para Portugal seu parente Martim de Bulhom, onde casou e foi seu bisneto o glorioso Santo Antonio, honra da familia e de Lisboa, e seu irmão Pedro Martins de Bulhom, por quem se continuou a descendencia.

São suas armas em campo de prata uma cruz vermelha, com doze bolotas de oiro e os casculhos de verde, tres em cada ponta da cruz; timbre uma arvore de sua côr com bolotas como as do escudo.

Acham-se no livro da Torre do Tombo, fl. 27. Villas-boas as dá com suas differenças.

BUSTAMANTE. É familia castelhana que tomou o appellido do logar de Bustamante, de que foram senhores. Passaram a Portugal, d'onde se transplantaram para a cidade de S. Sebastião do Rio de Janeiro.

São suas armas em campo de oiro treze arruelas de azul em tres palas.

Acham-se em Gonçalo Argote de Molina, *Nobreza de Andaluzia*, fl. 112.

BUTILHER, e BUTILHUDO. Esta familia é oriunda de França onde se diz Bouteillers. Tiveram o cargo de grandes botelheiros de França, ou copeiros-móres.

Suas armas n'aquelle paiz são em campo vermelho cinco copos de oiro, em cruz; em Portugal trazem no mesmo campo vermelho dois copos de oiro cobertos com suas tampas pyramidaes, chefe de oiro e de azul dentado, sendo da parte superior o azul e da inferior o oiro; timbre um dos copos.

BUZIO, e **BUGIO**. Esta familia foi das principaes da cidade de Elvas: não se sabe se era oriunda d'ella ou se veiu de fóra. Foi poderosa em bens, instituiu morgado, e fez a capella de Nossa Senhora do Rosario, da freguezia do concelho de S. Domingos, da mesma cidade, onde tem sepulturas com letreiros e armas.

São estas em escudo xadrezado de oiro e azul quatro palas vermelhas, que outros dizem ser tres; timbre duas buzinhas de negro, com os bocaes e guarnições de oiro, postas em aspa, atadas com uma fita azul.

Acham-se na Torre do Tombo, fl. 63, por carta passada a Fernando Lourenço dos Buzios, em Evora a 27 de julho de 1537. Reg. na Chanc. de D. João III, liv. XXIII, fl. 82 v.

C

CAÃO, ou como outros escrevem **CAM**. Esta familia é antiga, porque já no reinado de D. Affonso IV era padroeiro do mosteiro de S. Simão da Junqueira Lourenço Caão, e D. Gaspar Caão foi o primeiro bispo de S. Thomé. A Diogo Caão, cavalleiro da casa real, neto de Gonçalo Caão, deu el-rei D. João II em 14 de abril de 1484 (em memoria de dois padrões que levantou na bôca do rio Zaire e no cabo do Padrão, duzentas leguas além do reino do Congo, que então achou, sendo mandado pelo mesmo rei a descobrir a costa de Africa além do cabo de Lopo Gonçalves) as armas seguintes:—Escudo em campo verde duas columnas de prata ou padrões levantados ao alto sobre dois penhascos, e sobre cada columna uma cruz singela de azul; timbre as duas columnas ou padrões em aspa, atadas com um torçal verde.

Usa das mesmas armas a familia do appellido Padrão. V. *Archivo*, n.º 543.

CABEÇA. É familia de Andaluzia, ramo dos Altamiranos. Foi o primeiro que teve o appellido de Cabeça Gonçalo Fernandes Altamirano, por uma acção heroica que obrou no sitio da cidade de Cordova, no tempo de el-rei D. Fernando o Santo.

São suas armas em campo azul treze besantes de prata em tres palas, orla vermelha com tres cabeças de moiros, toucadas de prata e azul, cortadas em sangue, na parte superior, nas das ilhargas duas escadas de oiro, e na parte de baixo dois braços armados de prata com as mãos de sua côr, que estão pegando nas escadas, uma de cada lado; timbre um braço armado de prata, tendo pendurada na mão uma cabeça de moiro pela touca.

Acham-se no livro dos reis de armas.

CABEÇA DE VACCA. É familia de Castella, onde tem casas illustrissimas, de que faz honrada memoria Gonçalo Argote de Molina.

São suas armas o escudo xadrezado de oiro e vermelho, de quatro peças em faxa e outras quatro em pala, principiando por oiro; orla de azul com seis cabeças de vacca de prata.

Acham-se em Gonçalo Argote de Molina, *Nobiliario de Andaluzia*, fl. 28.

CABEDO, ou **QUEVEDO**. O appellido de Cabedo é corrupção de Quevedo, familia illustre e antiquissima em Castella, com casa de solar nas montanhas de Burgos. Passou a Portugal na pessoa de Diogo Dias de Quevedo, que foi da casa do infante D. Pedro, duque de Coimbra, e pae de outro Diogo Dias de Quevedo, que teve por filho a Gon-

çalo Dias de Quevedo, sexto avô de Manuel Correa de Quevedo, cuja linha se conservou sem corrupção no appellido. Porém sendo tambem filho do dito Gonçalo Dias de Quevedo Jorge de Quevedo, e passando seus descendentes para Setubal, n'aquella terra se corrompeu o Quevedo em Cabedo, appellidando-se assim este ramo ha muitos annos.

São suas armas o escudo partido em pala; a primeira cortada em faxa, na de cima em campo azul tres flores de liz de oiro em roquete, na de baixo em campo de prata uma caldeira negra; a segunda pala de azul com uma bandeira de duas pontas, uma sanguinha com um crescente de oiro, a outra de prata com um crescente sanguinho, enfiada em haste de oiro; timbre uma flor de liz de oiro.

Acham-se em D. João Flores, tom. II, arv. XI, fl. 167, § 17, e no livro dos reis de armas.

CABIDE. Escudo esquartelado; o primeiro e quarto quarteis de prata com uma oliveira verde; o segundo e terceiro de prata com um lobo negro; timbre um dos lobos das armas.

V. *Espelho da Nobreza*, por Francisco Xavier da Serra Craesbeeck.

CABRAL. Esta familia já no tempo dos primeiros reis d'este reino occupava distinctos cargos; n'ella permaneceu o senhorio de Belmonte e o de outras terras, sendo a maior prerogativa que teve o não dar homenagem dos castellos que se lhe entregavam.

São suas armas em campo de prata duas cabras vermelhas passantes, armadas de negro; timbre uma das cabras.

Acham-se no livro da Torre do Tombo, fl. 13.

CABRAES, de JORGE DIAS CABRAL. Jorge Dias Cabral foi da familia dos Cabraes e filho de Fernão Velho Cabral, alcaide-mór de Belmonte. Passando a servir o imperador Carlos V nas guerras de Napoles, aquelle monarcha entre outras mercês que lhe fez, deu-lhe armas novas, que el-rei D. João III confirmou [1], e que são : em campo vermelho quatro lanças de oiro com os ferros de prata, postas em pala, acima das lanças um estoque de prata com a guarnição de oiro, em faxa, e acima d'este em chefe uma cruz de oiro como a da ordem de Christo; orla verde com quatro adagas de oiro nos cantos com os ferros de prata, e nos quatro vãos que ficam em cruz cada um com sua armadura de braços de prata, divididas em duas palas, com as mãos de sua côr, postas em aspa; timbre um cavallo russo nascente com freio de oiro, corrêas vermelhas e quatro feridas no pescoço.

[1] Não existe o registro d'esta confirmação. — *Pegado*.

CABREIRA. Procedem dos senhores de Cabreira, em Galliza; passaram a Portugal com o conde D. Henrique, e fizeram assento no concelho de Lanhoso.

São suas armas em campo de prata duas cabras de negro gotadas de oiro, passantes; timbre uma das cabras.

CACENA. É familia de Genova, d'onde passou a Portugal Lucas de Cacena, e indo viver para a ilha Terceira, el-rei D. João III lhe fez mercê de mandar que se lhe registrassem suas armas nos livros da nobreza nos annos de 1530 [1].

São estas em campo de oiro tres faxas de negro e um crescente de vermelho em chefe; porém Gaspar Velho (rei de armas de el-rei D. Sebastião), Villas-boas, e Sebastião Bravo Botto todos lhe dão por armas em campo de prata um leão azul armado de vermelho; timbre o mesmo leão.

V. *Nobiliario*, fl. 250; *Erario Stematico*, fl. 160.

[1] Acha-se registrada no liv. LII, fl. 141, da Chanc. de el-rei D. João III, com a data de 22 de julho de 1530. — *Pegado*.

CACERES. Tem esta familia passado por differentes vezes de Castella, da villa de Caceres, d'onde é oriunda, a Portugal; n'este reino foram senhores de seis villas. El-rei D. Affonso v deu a Alvaro Gonçalves de Caceres, seu leitor de chronicas, as seguintes armas: em campo de oiro uma palmeira verde, que nasce de um monte de sua côr, e em chefe uma estrella vermelha; timbre a palmeira [1].

Acham-se no livro antigo dos reis de armas. V. *Archivo*, n.º 47.

[1] O registro d'esta mercê differe na descripção das armas, e é de 23 de junho de 1459. — *Pegado.*

CACHO. Escudo em campo verde um braço armado, e na mão um punhal de prata com a ponta para baixo.

V. *Espelho da Nobreza*, por Francisco Xavier da Serra Craesbeeck.

CAIADO. Os Caiados de Portugal são tambem Gamboas, porque procedem de Nuno Caiado de Gamboa, fidalgo de Castella, que passou a Portugal em 1526 no tempo de el-rei D. João III.

São as suas armas compostas das figuras d'estas duas familias, porque trazem em campo vermelho um elmo de prata guarnecido de oiro, entre um lobo de sua côr armado de oiro e um libreo de prata com coleira azul, e um chefe de oiro com tres folhas de golfão de azul; timbre o lobo do escudo.

Acham-se no livro antigo dos reis de armas. Villas-boas as dá tambem aos Gamboas, o que não é exacto.

CALAÇA. Esta familia é uma das que primeiro povoaram a ilha de S. Miguel, onde hoje existe.

São suas armas em campo azul um leão de oiro armado de vermelho; timbre o mesmo leão.

Acham-se no livro dos reis de armas.

CALADO. Este appellido procede de alcunha; não se acha até o tempo de el-rei D. Affonso IV, em que viveu Lourenço Calado, vedor das justiças na Beira; é sem duvida que procedem dos Botelhos, e por isso usam das suas armas.

São estas em campo de oiro quatro bandás de vermelho; timbre um leão de oiro nascente com as quatro bandas do escudo.

Acham-se no livro da Torre do Tombo, fl. 33.

CALÇA. É familia antiga n'este reino, que ha na provincia do Alemtejo: no tempo de el-rei D. João II foi bispo de Ceuta D. Alvaro de Calça, e d'este foi filho bastardo D. Nuno Calça, conego em Evora, onde instituiu uma capella.

São suas armas em campo azul nove vieiras de prata em tres palas; timbre um chapeo da mesma côr com uma vieira das armas na aba, no logar do botão.

Acham-se no livro da Torre do Tombo, fl. 29.

CALDAS, ou CALDES. Tomaram o appellido da villa de Caldes, em Galliza; passou esta familia a Portugal na pessoa de Garcia Rodrigues de Caldes, em tempo de el-rei D. Fernando.

São suas armas em campo de prata cinco cyprestes de verde, postos em santor; timbre um dos cyprestes.

Acham-se no livro dos reis de armas.

CALDEIRA. Os Caldeiras são bons fidalgos e antigos. Não se duvida de que tomassem o appellido por alguma acção ou caso honroso em que fizesse figura alguma cal-

deira, mas não a que lhe attribuem da caldeira que se tomou aos castelhanos na batalha de Aljubarrota, porque já antes havia este appellido.

São suas armas em campo azul uma banda de prata carregada de tres caldeiras negras com os bocaes de oiro, entre duas flores de liz tambem de oiro; timbre uma caldeira e sobre o aro d'esta uma flor de liz de oiro, como as do escudo. Alguns trazem por timbre um braço armado de prata com uma caldeira do escudo na mão, pegando-lhe pelo fundo.

Acham-se no livro da Torre do Tombo, fl. 20.

CALDEIRAS, de ANDRÉ CALDEIRA. V. *Archivo*, n.º 72.

CALDEIRÃO. Esta familia é de Castella, d'onde passou a Portugal, e fizeram alguns assento na villa de Portel, na provincia do Alemtejo.

São suas armas em campo de prata cinco caldeiras com seus aros de negro, orla vermelha com oito aspas de oiro; timbre uma caldeira.

Acham-se no livro da Torre do Tombo, fl. 20.

CALHEIROS. Esta familia tomou o appellido da torre e quinta de Calheiros, na freguezia de Santa Euphemia, termo de Ponte de Lima, que é o seu solar. Tiveram alcaidarias-móres e outras mercês.

São suas armas em campo azul cinco vieiras de prata em santor, com tres estrellas de cinco raios do mesmo metal em contrachefe, postas em faxa; timbre dois bordões de Sant'Iago de prata, ferrados e guarnecidos de azul, postos em aspa e atados com uma fita azul.

Acham-se no livro antigo dos reis de armas.

CALVO. Esta familia ou tomou o appellido da quinta dos Calvos, na freguezia de Santa Maria dos Gemeos, na provincia de Entre-Douro e Minho, ou os seus possuidores que seriam descendentes de Laim Calvo, um dos dois juizes de Castella, lh'o dariam porque fosse n'elles mais antigo.

São suas armas o escudo esquartelado; no primeiro quartel em campo vermelho cinco fivelas de prata em santor; no segundo em azul cinco vieiras de prata, tambem em santor, e assim os contrarios, e sobreposto um escudete de oiro com um leão de sua côr.

Acham-se no livro antigo dos reis de armas.

CAMACHO. Esta familia é de Andaluzia, d'onde passou a Portugal. Foi d'ella o bispo eleito de Castello-branco D. Januario Vicente Camacho.

São suas armas em campo vermelho um castello de prata assentado em um mar em contrachefe, entre dois pinheiros verdes, com pinhas de oiro, e acima d'estes duas estrellas de oiro.

Assim as traz Gonçalo Argote de Molina na sua *Nobreza de Andaluzia*, fl. 128 : e Fr. Filippe de la Gandara no seu livro *Armas e triunfos de Galiza*, fl. 198, fallando n'este appellido, diz que, suas armas são em campo de oiro tres arruelas sanguinhas com tres faxas de prata em cada uma, orla sanguinha carregada de oito aspas de oiro.

CAMARA. Supposto seja antigo este appellido nas Asturias, d'onde passou a Portugal, e n'este reino se corrompeu em Cambra, a familia de que tratamos é mais moderna, ainda que descenda por linha feminina d'estes Camaras. Foi o chefe d'esta João Gonçalves da Camara de Lobos, a quem el-rei D. Affonso v deu armas em 4 de julho de 1460, e cujos descendentes são as primeiras casas d'este reino, como é constante.

São suas armas em campo negro um monte de sua côr, sobre elle uma torre de

prata entre dois lobos de oiro, arrimados a ella; timbre um dos lobos; a torre deve ser coberta.

Acham-se na Torre do Tombo, liv. III de Mistic., fl. 56 v. V. *Archivo*, n.º 1164.

CAMBA. Os d'este appellido são fidalgos gallegos descendentes de Vasco Fernandes de Camba, que teve uma filha que casou com Diogo Soares de Eça.

Teem por armas em campo azul seis cambas de carro de prata, de tres em tres.

CAMELLO. Procedem os Camellos dos Cunhas por D. Gonçalo Martins Camello, filho de Martim Lourenço da Cunha.

São suas armas em campo de prata tres vieiras azues realçadas de oiro, em roquete; timbre uma cabeça e pescoço de camello de sua côr, com duas argolas azues nas ventas; outros trazem meio camello por timbre. Ha este appellido tambem em França e Inglaterra, onde tem por armas em campo negro um camello de prata.

Acham-se no livro da Torre do Tombo, fl. 39.

CAMELLOS, de LOPO RODRIGUES CAMELLO. Da referida familia de Camellos era Lopo Rodrigues Camello, escrivão da camara de el-rei D. Sebastião, que em attenção a seus serviços e por lhe fazer mercê lhe deu armas novas.

São estas em campo verde uma ribeira de prata ondada, saindo d'esta um braço vestido de azul do qual pega outro vestido de brocado com letras de negro, que dizem — REI — o qual sae do alto da banda direita do escudo; na esquerda uma estrella de oiro de oito raios, e no canto direito debaixo uma flor de liz do mesmo metal; timbre o braço vestido de azul com a estrella nos dedos [1].

Registrada no liv. IX, fl. 96, e liv. XI, fl. 71 da Chanc. de el-rei D. Sebastião. V. *Archivo*, n.º 1727, e tambem n.º 1960, onde por erro da copia se imprimiu CANELLO em vez de CAMELLO.

1 Esta descripção differe da que se acha no mencionado registro. Foi dada esta carta de mercê em Almeirim a 10 de janeiro de 1576. — *Pegado.*

CAMINHA. Os Caminhas trazem a sua origem de Galliza. Tomaram o appellido da villa de Caminha, na provincia do Minho, de que foram senhores. João Alvares de Caminha foi o instituidor do grande morgado que tem esta familia, e d'elle procede grande parte da fidalguia d'este reino.

São suas armas em campo vermelho tres trancas de prata guarnecidas de oiro, com suas aldrabas do mesmo metal e por ellas se prendem umas ás outras, postas em banda; timbre um braço vestido de azul com uma aldraba do escudo na mão.

Acham-se na *Nobiliarchia portugueza.*

CAMISÃO. Esta familia é de Andaluzia. Passou a Portugal Christovão Gomes Camisão, natural de Xerez de la Frontera, em 1612, e por um brazão que trouxe d'aquelle reino, passado por Diogo de Orbina, rei de armas Castella, com as armas d'esta familia, consta que são : em campo vermelho uma camisa de prata, orla azul carregada de oito estrellas de oiro.

Acha-se a copia authentica do dito brazão no cartorio da Nobreza junto á sentença de Roque Landeiro Pereira e Sousa, seu descendente.

CAMÕES. É familia oriunda de Galliza, onde é sua a illustre casa dos Camanhos, que assim se appellidam n'aquelle reino. Passou a Portugal Vasco Pires de Camanhos ou Camões, e seus descendentes instituiram n'este reino dois grossos morgados no Alemtejo. Luiz de Camões é intitulado o Homero Portuguez por todo o mundo pelas suas elegantissimas obras.

São suas armas em campo verde uma serpe de oiro, que vai saindo de entre dois penhascos de prata, armada de vermelho, de sorte que lhe apparece só a cabeça e pescoço; timbre o pescoço e cabeça da serpe.

Acham-se no livro antigo dos reis de armas.

CAMPOS e CAMPELLO. Este appellido é de Castella; passou a Portugal no tempo de el-rei D. Fernando, porém no de el-rei D. Affonso v é que se fez conhecido em Gonçalo Vaz de Campos, escudeiro de D. Vasco de Ataide, prior do Crato, a quem o dito rei deu por armas em campo azul tres cabeças de leão de oiro, com linguas vermelhas, postas em roquete, e vertendo sangue pelas cortaduras; timbre uma das cabeças.

D'estas mesmas armas usam alguns ramos da familia dos Campellos, e outros das dos Moraes. V. *Archivo*, n.º 971.

CANELLAS e CATELLA. Esta familia tomou o appellido do couto e logar de Canellas, junto á cidade do Porto, de que foi senhor Fernão Canellas no tempo de D. Affonso III, e já seria de seus avós.

São suas armas o escudo franxado nos dois campos, alto e baixo, em prata, tendo cada um uma flor de liz azul, e nos das ilhargas, em campo verde, cada um com seu escudete de prata com cinco palas ou bastões de vermelho; timbre um gripho nascente azul, armado de prata, com um escudete dos das armas no bico pendurado por uma fita verde.

Acham-se no livro antigo dos reis de armas. Os Catellas trazem as mesmas armas.

CANTO. Esta familia veiu de Inglaterra na pessoa de João de Kant, que passando a Galliza com seus filhos ficaram estes n'aquelle reino, e depois seus descendentes passaram a Portugal e ás ilhas dos Açores.

São suas armas em campo vermelho um canto de muralha de prata; timbre o mesmo canto e sobre elle na ponta um pombo do mesmo metal.

Acham-se no livro antigo dos reis de armas.

CANTOS, das ILHAS. Este ramo de Cantos procede de D. Pedro Annes do Canto, que era bisneto de João de Kant, o qual passando á ilha Terceira em serviço de el-rei D. João III fundou n'ella dois morgados para dois filhos que teve do primeiro matrimonio com D. Catharina de Menezes. Estes para se differençarem dos mais accrescentaram nas suas armas sobre o canto uma torre tambem de prata, com suas ameias e quatro bombardas na mesma torre lançando fogo, como que se disparam; timbre o mesmo dos Cantos.

Assim constam do livro dos reis de armas. V. *Archivo*, n.º 2152.

CAPICO. Trazem os Capicos por armas em campo de prata uma lisonja vermelha carregada de um castello de oiro, e nos quatro cantos cada um com seu leão sanguinho; timbre um dos leões.

Acham-se no livro antigo dos reis de armas. Estavam em uma sepultura que esta familia tinha na egreja do convento da Santissima Trindade de Lisboa, no cruzeiro.

CARCAMO. São os Carcamos fidalgos antigos no reino de Leão; tomaram o appellido do senhorio de Carcamo, que foi o seu solar. Passou a Portugal Diogo Carcamo no serviço do infante D. Luiz, quando voltou da jornada de Tunes, e d'elle procedem os que hoje existem.

São suas armas em campo azul um leão xadrezado de prata e vermelho, com a cabeça e pés de prata; timbre o mesmo leão.

Acham-se no livro antigo dos reis de armas. Outra noticia nos diz que o leão seja entre tres castellos de oiro, que vem a ser um no chefe e os outros dois um em cada ilharga do escudo.

CARDAILLAC. Ha em Portugal varias familias d'este appellido, oriundas de França.
São suas armas o escudo de oiro com uma espada de vermelho em pala, punho de prata, acompanhada de duas granadas de negro, inflammadas de vermelho, banda azul carregada de tres estrellas de prata, atravessando tudo.

CARDENAS. Esta familia é das mais antigas e illustres de Hespanha; tomou o appellido da villa de Cardenas, d'onde passaram para as fronteiras a servir contra os moiros. Gonçalo Argote de Molina reparte esta familia em tres ramos, todos com distincção nas armas: 1.° o da cidade de Baeça, cujas armas são em campo de oiro dois lobos de sua côr, passantes; 2.° o da casa dos duques de Maqueda, que accrescentaram a estas armas uma orla sanguinha carregada de oito — SS — de oiro; 3.° os Cardenas da Estremadura, que trazem em logar dos — SS — oito vieiras de oiro, em razão de militarem mais de trezentos annos na ordem de Sant'Iago; e como não sabemos de qual d'estes ramos são os que passaram a Portugal pomos aqui as armas de todos.

As que Villas-boas explica não merecem credito. V. *Nobreza de Andaluzia*, fl. 163 e 224.

CARDI. A familia de Cardi, sem — M — no fim, é de Florença, d'onde passou a Portugal Simeão Cardi, cavalleiro florentino, no tempo de el-rei D. João III, e passando á ilha da Madeira n'ella fundou casa e deixou descendencia.
São suas armas em campo de prata tres faxas de preto com um chefe de oiro e n'elle um crescente sanguinho. O dito rei lh'as confirmou por carta de 7 de outubro de 1530 [1].

Acham-se no livro antigo dos reis de armas.

[1] Esta carta não se acha registrada na Torre do Tombo. — *Pegado*.

CARDIM. É familia ingleza que passou a este reino com a rainha D. Filippa, mulher de el-rei D. João I, na pessoa de Roberto Cardim. Fez assento na villa do Torrão, d'onde se estendeu a outras partes.
São suas armas em campo de oiro uma alcachofra com um cardo, tudo de verde; timbre um leão de oiro com um cardo verde na garra direita.

Acham-se no livro antigo dos reis de armas.

CARDOSO. Os Cardosos são antigos fidalgos e muito illustres; tomaram o appellido do logar e quinta de Cardoso.
São suas armas em campo vermelho dois cardos de verde com alcachofras floridas de prata, com raizes e perfis de oiro, entre dois leões tambem de oiro batalhantes; timbre uma cabeça de leão do escudo com uma alcachofra do escudo na bôca.

Acham-se no livro da Torre do Tombo, fl. 81.

CARI. É familia de Inglaterra, oriunda do condado de Somerced, onde está o castello Cari, de que tomou o appellido. Tem n'aquelle reino as illustres casas de Lancerton, Cokington, Parc-Abby, Cloveli e outras muitas da primeira grandeza. Passou a Portugal na companhia da rainha D. Catharina, filha de el-rei D. João IV, D. João Cari. Foi seu filho D. Antonio Carlos Cari, por quem se continua esta familia.
São suas armas em campo de prata uma banda negra, e n'ella tres rosas de prata, com os olhos de oiro; timbre um cisne de prata.

Assim se acham em um brazão que se passou no dito reino ao dito D. João Cari, que está em poder de seus descendentes.

CARMONA. Tem por armas em campo azul um banda vermelha, que sae pelas bôcas de duas cabeças de serpes, as quaes são de oiro coticadas e armadas de sangui-

nho, e aos lados da dita banda duas flores de liz de oiro, uma em cima e outra em baixo, nos cantos do escudo e sobre o campo azul [1].

[1] O livro de que são tirados estes extractos sómente traz o desenho d'este brazão; esta descripção acima, que combina com o desenho, foi tirada da *Nobiliarchia portugueza*. — *Pegado*.

CARNEIRO. Esta familia é de Portugal; o appellido é talvez alcunha, e tão antiga, que já no tempo do conde D. Henrique era senhor das terras de Valdez Pedro Carneiro. Tiveram os titulos de condes da ilha do Principe e da Idanha.

São suas armas em campo vermelho uma banda azul coticada de oiro, e carregada de tres flores de liz do mesmo metal, entre dois carneiros de prata armados de oiro; timbre um dos carneiros.

Acham-se no livro antigo dos reis de armas.

CARRASCO. Esta familia é de Andaluzia; passou a Portugal e fez assento na villa de Moura. O seu appellido foi alcunha.

São suas armas em campo de prata um carrasco verde, e em chefe um crescente e uma estrella de azul; timbre o carrasco.

Acham-se no livro antigo dos reis de armas.

CARREGUEIRO. Esta familia é oriunda de Portugal. A opinião mais commum é que tomou o appellido de uma herdade chamada a Carregueira, no termo de Lisboa; acabou-se a sua varonia.

São suas armas o escudo esquartelado; no primeiro quartel em campo verde uma aguia de oiro estendida, no segundo em campo vermelho uma flor de liz de oiro, e assim os contrarios; timbre a aguia do escudo.

CARREIRO, CARREIRA e CARRETEIRO. Os Carreiros fazem uns procederem de Italia, outros d'este reino. Os que dizem que são d'este reino assignam-lhe por armas em campo de prata uma banda azul carregada de um leão de oiro, entre dois pinheiros verdes, com pinhas de oiro; timbre o leão com um pinheiro na garra (Assim se acham no livro dos reis de armas). Os que dizem que são de Italia querem que sejam suas armas em campo vermelho um castello de prata, posto sobre uma rocha de sua côr.

Os Carreiras, que tambem alguns fazem familia differente, dizem que são de Castella, d'onde passaram a Portugal, e que suas armas são em campo verde seis faxas ondeadas de prata, e por orla em campo do mesmo metal sete gaviões negros, no peito de cada um uma letra, que juntas dizem — REQUIEM —. Assim as communicou José Freire Monterroio Mascarenhas.

Os Carreteiros usam das primeiras que acima se descrevem, nas quaes alguns trazem azinheiras em logar de pinheiros.

CARRILHO. Este appellido é de Castella, onde tem casas muito illustres da primeira grandeza. Passou a Portugal e em Castello de Vide foi pessoa muito distincta Gonçalo Fernandes Carrilho, no tempo de el-rei D. João III, e na mesma villa deixou descendencia. Dividem-se os Carrilhos em dois ramos, um é do reino de Toledo, que traz por armas em campo azul cinco flores de liz de oiro, em santor; timbre uma raposa do mesmo metal armada de azul.

Assim se acham no livro antigo dos reis de armas.

CARRILHOS, de CORDOVA. É do reino de Cordova o outro ramo d'esta familia, que tem as casas dos condes del Plego, e dos marquezes de la Guardia.

São suas armas em campo azul um castello de oiro, timbre o mesmo castello; outros trazem este castello em campo vermelho.

CARVALHAL. Esta familia é d'este reino; parece ter o seu solar no logar de Carvalhal, junto á villa de Obidos, ainda que alguns dizem fôra no termo da Certã. Procedem de Gonçalo Gil de Carvalhal, que foi pae de Martim Gonçalves de Carvalhal, e de Iria Gonçalves de Carvalhal, mãe do condestavel D. Nuno Alvares Pereira.

São suas armas o escudo partido em pala; na primeira em campo de prata um carvalho verde, na segunda em campo vermelho um castello de prata assentado em um mar de azul e prata; timbre um castello com um ramo de carvalho na torre do meio. Alguns trazem o carvalho em campo vermelho com fructos e perfis de oiro.

Acham-se no livro da Torre do Tombo, fl. 31.

CARVALHAL BEMFEITO. Esta familia é differente da de Carvalhal, porque descende de Diogo Fernandes, a quem el-rei D. João III deu por solar a sua quinta do Carvalhal Bemfeito, nos coutos de Alcobaça, com estas armas: — Em campo vermelho um castello de prata com portas e frestas de negro, timbre meio moiro armado e toucado de prata, que tem no braço esquerdo uma lua do mesmo metal atada com um torçal vermelho, e o dito moiro atravessado com uma lança, que tem a haste de sua côr e o ferro de prata com sangue, que sae da ferida.

Acham-se no livro dos reis de armas. V. *Archivo*, n.º 548.

CARVALHOS. D'esta familia não conheceram os auctores a antiguidade e o lustre. Em uma doação feita ao mosteiro de Lorvão no anno de 1131 se assigna *Pelagius Carvalis* do que se vê que é mais antigo este appellido do que o fazem os que escreveram d'elle. Era elle senhor de toda a serra em que hoje está o morgado de Carvalho, que depois instituiu seu neto D. Bartholomeu Domingues, filho de Domingos Feirol e de D. Bellida, que era filha do dito D. Pelagio Carvalho; d'este morgado foi administrador Sebastião José de Carvalho e Mello, primeiro marquez de Pombal, por eleição do Senado da cidade de Coimbra, conforme a instituição d'elle em que manda chamar não ao filho mais velho do ultimo possuidor ou parente mais chegado, mas sim ao mais idoneo para o serviço do rei e do bem commum.

São suas armas em campo azul uma estrella de oiro de oito raios dentro de um quadernal de crescentes de prata; timbre um cisne de prata com a estrella das armas no peito.

Acham-se no livro da Torre do Tombo, fl. 30.

CARVALHO JUNIOR. V. *Archivo*, n.º 1598.

CARVALHOSA PALHAVÃ. Esta familia é antiga e nobre, oriunda da provincia do Minho; tomou o appellido do seu solar, que foi a quinta de Carvalhosa na comarca de Guimarães.

São suas armas em campo azul nm feixe de trigo com espigas, tudo de oiro atado com uma fita vermelha entre quatro torres de prata acantonadas; timbre dois braços armados de prata com o molho de palhas do escudo nas mãos.

Acham-se no livro antigo dos reis de armas.

CARVOEIRO E CARVÃO. Esta familia é portugueza, e tem o seu solar em terra de Carvoeiros no termo de Barcellos.

São suas armas em campo de prata tres palas de vermelho entre doze sobreiros de sua côr, tres em cada vão; timbre uma aspa vermelha carregada de cinco bolotas de oiro; alguns trazem por timbre um dos sobreiros.

Acham-se no livro antigo dos reis de armas. Os Carvões trazem as mesmas armas.

CASCO. São das Asturias, onde têem casa de solar.

São suas armas em campo de prata um pinheiro verde saindo de um mar que é o contrachefe, e junto ao pinheiro, em acção da o querer arrancar, uma onça de sua côr com malhas de negro.

Assim se acham na *Asturia Ilustrada*, pag. 806.

CASQUEIRO. Escudo esquartelado; no primeiro e quarto de verde uma aguia de oiro; no segundo e terceiro de vermelho uma flôr de liz de oiro: um caibro em forma de asna, tudo de oiro, com uma flôr de liz do mesmo em cima.

V. *Espelho da Nobreza*, por Francisco Xavier da Serra Craesbeeck.

CASTANHEDA. Esta familia é das Asturias, o seu appellido é tomado de serem senhores de Castanheda: passou a Portugal no tempo de el-rei D. Fernando, fugindo á perseguição do rei D. Pedro o Cru de Castella.

São suas armas em campo vermelho tres bandas de prata carregadas de arminhos negros; timbre dois ramos de castanheiro de verde em aspa com os ouriços de oiro.

Acham-se no livro antigo dos reis de armas.

CASTANHO. É familia das Asturias, d'onde passou a Portugal em tempo de el-rei D. João III e fez assento na villa de Abrantes, onde grandemente figurou o valoroso Pedro Castanho de Abrantes, e o dito rei lhe fez muitas mercês.

São suas armas em campo de prata um castanheiro de sua côr, e junto a elle um lobo negro.

Acham-se no livro antigo dos reis de armas.

CASTEL-BRANCO. Esta familia começou a ser conhecida no reinado de D. Diniz, o appellido foi tomado de serem os primeiros naturaes e residentes em Castello-branco; eram sem duvida das principaes pessoas d'aquella cidade; tem n'este reino as casas de Villa-nova, Pombeiro, Sabugal e Redondo.

São suas armas em campo azul um leão de oiro armado de vermelho; timbre o mesmo leão.

Acham-se no livro de armaria na Torre do Tombo, fl. 12. O chefe d'esta familia traz por cima do leão do timbre uma fita côr de rosa com esta letra — *Sternuus non indiget armis*.

CASTELLO. É familia de Castella, d'onde passou a Portugal.

São suas armas em campo vermelho um castello de prata lavrado de negro e assentado sobre um monte de verde; timbre um braço armado de prata com uma bandeira do mesmo metal enfiada em uma aste de sua côr na mão.

Os de Castella accrescentam uma orla de prata carregada de manilhas de negro.

Acham-se no livro antigo dos reis de armas.

CASTILHO. É familia antiga e nobre das Asturias. Passou a Portugal no tempo de el-rei D. João III, e a ella pertencem entre outros homens notaveis o grande D. Pedro de Castilho, que occupou distinctos logares, como referem as memorias. Por fins do seculo XVIII era senhor d'esta casa Jeronymo de Castilho.

São suas armas em campo verde um castello de prata com portas e frestas de negro, nas ilhargas do castello dois libreos de prata com coleira vermelha, levantados e presos por cadeas de oiro que saem das bombardeiras do castello; timbre um dos libreos.

Acham-se no livro dos reis de armas. No escudo tem mais sobre a torre do meio do castello uma flôr de liz de oiro. V. *Archivo*, n.º 1117.

CASTRO. Esta familia é illustrissima em Portugal e Castella, d'onde passou para este reino. A sua varonia é constantemente real; tomou o appellido do senhorio da villa

de Castro Xeres, por haver casado D. Fernando, filho de D. Garcia, rei de Portugal e Galliza, com D. Maria Alvares, senhora d'aquella villa, descendente de Lain Calvo, e de Nuno Rasura. Tem em Castella a casa dos condes de Lemos, grandes de Hespanha; em Portugal a dos antigos condes de Basto, dos condes de Monsanto, de Mesquitella, senhores de Cadaval, a de Boquilobo, e a dos almirantes do reino (condes de Rezende).

São suas armas antigas em campo de oiro treze arruelas de azul em tres palas; timbre um leão de oiro nascente.

D'estas usaram os condes de Basto e usam os condes de Rezende, almirantes do reino. A casa de Monsanto, e as que d'ella procedem, usaram sómente de seis arruelas de azul em duas palas, em campo de prata. A razão d'esta differença provém da disputa que tiveram D. Alvaro Pires de Castro, senhor das Alcaçovas, com seu tio D. Alvaro Pires de Castro, senhor de Arraiolos; não querendo que este por ser bastardo trouxesse as armas dos Castros direitas; e para terminar a questão ordenou o rei que trouxesse o bastardo só seis arruelas, e não treze como os legitimos, e como as trazia a rainha D. Joanna de Castro, sua tia, mulher do rei D. Pedro de Castella : e o conde de Arraiolos usou d'ahi por diante só das seis; e por causa da bastardia as trazem tambem os Castros de Melgaço, como descendentes dos de Fornellos, que tambem pela mesma causa usaram só das seis. O timbre da casa de Monsanto é um caranguejo de prata arruelado de azul : das outras casas é o meio leão de oiro, que alguns carregam com arruelas de azul. Os descendentes de D. Alvaro de Castro, filho do grande D. João de Castro, vice-rei da India, tomaram por timbre a roda de navalhas de Santa Catharina, em memoria de ser o dito D. Alvaro armado cavalleiro á vista do monte Sinai por D. Estevão da Gama. Ambos os dois escudos se acham no livro da Torre do Tombo.

CASTRO DO RIO. Esta familia teve principio no reinado de D. João III, em que vivia com opulencia Antão Vaz de Castro, pae de Diogo de Castro, e de Luiz de Castro, ambos fidalgos da casa real e cavalleiros da ordem de Christo, aos quaes el-rei D. Sebastião, attendendo aos seus serviços, deu por solar a sua quinta do Rio de Sacavem com a denominação de Castro do Rio, e por armas em campo de prata duas faxas de agua ondeada, entre nove arruelas de vermelho; timbre meio cavallo marinho, saindo de uma onda de agua; o cavallo é castanho.

V. *Archivo*, n.º 545.

CAVALCANTI. Esta familia é uma das consulares de Florença, d'onde fugiu para Portugal Antonio Cavalcanti com seu filho Filippe pelos annos de 1558, por se haver descoberto a traição ou conjuração que com outros seus parentes tinham maquinado contra o duque Cosme de Médicis, que havia usurpado a liberdade da republica fazendo-se seu soberano. Passou a Pernambuco o dito Filippe Cavalcanti, onde casou na familia dos Albuquerques d'aquella capitania.

São suas armas o escudo de vermelho e de prata; divididos estes esmaltes por uma asna de azul, a parte de baixo é de prata, e a de cima de vermelho semeada de flores de prata de quatro folhas; timbre um hippogripho de castanho, com azas e levantado sobre os pés entre chammas de fogo.

Acham-se no livro dos reis de armas.

CAVALLEIRO. Esta familia no mesmo appellido inculca a sua nobreza. Na villa de Monte-mór o velho é conhecida desde o anno de 1490; passou d'aqui ao Alemtejo, e d'ella foi o bispo coadjutor de Evora D. Fr. Affonso Cavalleiro.

São suas armas em campo vermelho um leopardo de oiro com um chefe de azul carregado de tres flores de liz de oiro; timbre o leão com uma flor de liz de azul na garra direita.

Acham-se no livro antigo dos reis de armas.

CASADO. Villas-boas diz que este appellido é corrupto do de Quesada, que é uma familia castelhana e muito illustre; assigna-lhe por armas em campo vermelho tres bandas de prata e sobre cada uma tres molhos de trigo com espigas de sua côr; porém Gonçalo Argote de Molina tratando da familia de Quesadas diz, que tem por armas em campo vermelho quatro bastões de prata, cada um com seis arminhos de negro; orla de prata com oito caldeiras de negro, com os fundos para cima e os bocaes e aros para baixo, e como não temos noticia que nos desfaça esta duvida, o tempo mostrará o que se deve seguir.

CASAL. A nobreza d'esta familia é conhecida em Portugal desde os primèiros reis. O seu appellido foi tomado do solar que foi a quinta do Casal, que estava junto a Rates.

São suas armas em campo de oiro cinco flores de liz de vermelho, em santor; timbre uma das ditas flores.

Acham-se no livro da Torre do Tombo, fl. 27.

CERNA. Dizem que veiu de França esta familia no tempo de el-rei D. Fernando, e fez assento na cidade do Porto.

São suas armas em campo de prata um leão de sua côr, que é aleonada, armado de vermelho, orla vermelha com tres flores de liz e tres castellos, tudo de oiro; timbre o leão do escudo nascente.

Acham-se no livro dos reis de armas.

CERNACHE. Este appellido foi tomado do logar de Cernache dos Albos, d'onde foi natural Alvaro Annes Cernache, anadel-mór dos besteiros, e na batalha de Aljubarrota alferes da bandeira dos namorados, o qual no sobredito logar fundou um hospital.

São suas armas em campo vermelho cinco bastões de oiro, em pala, orla azul com oito vieiras de prata; timbre um leão vermelho com uma vieira das armas na espadoa.

Acham-se no livro dos reis de armas.

CERNIGE, SARNIGE ou SARNIZE. Em campo de prata tres rosas de vermelho com os pés na terra, e chefe azul carregado de tres lizes atravessados com uma cotica vermelha; timbre um pescoço de serpe com um coração ensanguentado na boca.

Assim as traz o abbade Vallemont, nos *Elementos de historia*, não obstante estarem de outro modo registradas na Torre do Tombo a Jeronymo Cernige.

CERQUEIRA. Esta familia é conhecida por nobre ha mais de quatrocentos annos. Teve o seu solar no couto de Camposa, termo da villa dos Arcos, de que foram senhores. A primeira pessoa que d'ella se encontra foi Gonçalo Pires de Cerqueira.

São suas armas em campo vermelho um leão de oiro armado de azul, com uma coleira vermelha guarnecida de oiro; timbre o mesmo leão.

Acham-se no livro da Torre do Tombo, fl. 23.

CERVEIRA. É appellido tomado do logar de Cerveira, de que foi senhor João Nunes de Cerveira, em tempo de el-rei D. Sancho II, em cujo sitio está hoje edificada Villa-nova de Cerveira.

São suas armas em campo de prata duas cervas de purpura armadas de negro, passantes; timbre uma das cervas. Alguns ramos accrescentam doze escudinhos das quinas de Portugal por modo de orla, sem divisão, e outros a dividem com filetes pretos.

Acham-se no livro de Armaria da Torre do Tombo, fl. 14.

CESAR. O appellido de Cesar é antiquissimo n'este reino, segundo consta dos cartorios de Arouca e Santa Cruz, e se acha no tempo do conde D. Henrique. Tornou-se mais celebre no tempo de el-rei D. Manuel com a grande acção de Vasco Fernandes Cesar, desbaratando no estreito seis galeotas de moiros com um só navio, de que era capitão, no anno de 1520. Este usava das armas dos Vieiras, que lhe pertenciam por sua mãe Joanna Vieira, que são seis vieiras de oiro em campo vermelho, em duas palas : a estas accrescentou D. João III em campo de agua seis galeotas de sua côr com remos de oiro e dois pendões vermelhos em cada uma, um na pôpa e outro na prôa, postas em duas faxas, ficando o escudo cortado em faxa, na parte superior as galeotas e na inferior as vieiras; timbre uma das galeotas.

Faz menção d'esta mercê Damião de Goes, *Chronica*, part. IV, cap. 58, e acham-se assim no livro dos reis de armas.

CHACÃO. Esta familia que em Navarra, onde tem o seu solar, se nomea Facaon, em Castella se diz Chacon, e em Portugal Chacão; em ambos aquelles reinos tem casas muito illustres de que sairam grandes soldados, que nas guerras contra os moiros obraram proezas. Passaram a Portugal e supposto não tenham n'este reino casas da primeira grandeza, conservaram-se com muita distincção e com nobreza.

São suas armas o escudo esquartelado, no primeiro quartel em campo de prata um lobo negro armado de vermelho, no segundo em campo azul uma flôr de liz de oiro, e assim os contrarios; timbre um dos lobos.

Acham-se em Gonçalo Argote de Molina, *Nobreza de Andalusia*, fl. 284 v. e no livro dos reis de armas.

CHACIM. A familia de Chacim foi illustrissima como descendente por varonia de D. Mendo Alão, senhor de Bragança. Tomou o appellido do logar de Chacim de que foi primeiro senhor Ruy Mendes de Bragança, o Bravo, que foi casado com D. Thereza Affonso, filha do primeiro rei d'este reino, e n'elle fez solar para seus descendentes, que d'elle se appellidaram de Chacim.

São suas armas em campo de arminhos tres bandas de vermelho, que vem a ser o campo semeado de arminhos de negro; timbre um javali de sua côr bandado de arminhos em tres faxas.

Acham-se no livro de armaria da Torre do Tombo, fl. 27.

CHACU. Não sabemos que exista hoje este appellido em Portugal; temos noticia que na villa de obidos viveu Manuel da Silva Chacu, clerigo de grande estimação e honra. O appellido parece corrupto de Chacim, o que provam as armas que são as mesmas d'esta familia.

Em campo de arminhos tres bandas de vermelho, que vem a ser o campo de prata semeado de arminhos negros; timbre um javali de sua côr bandado de arminhos em tres faxas.

Acham-se no livro dos reis de armas.

CHAMAS. Não sabemos se hoje existe este appellido.

São suas armas esquarteladas; no primeiro quartel em campo vermelho um castello de oiro ardendo em fogo, no segundo em campo de oiro um leão vermelho, e assim os contrarios; orla de prata liza; timbre o leão com o castello ardendo em fogo nos braços.

Acham-se no livro dos reis de armas.

CHANOCA. A familia de Chanoca é nobre; estabeleceu-se na cidade de Beja; a maior antiguidade que lhe descubrimos é desde o tempo do rei D. Affonso IV, e já então aparentava com a casa e morgados de Oliveira e Patameira.

São suas armas o escudo partido em pala; a primeira em campo de oiro com um braço de leão vermelho e uma estrella tambem vermelha junto das unhas; a segunda em campo azul com outro braço de leão de oiro com uma estrella tambem de oiro sobre as unhas; timbre os braços de leão de vermelho em aspa atados com um torçal de oiro e uma estrella de oiro entre elles.

Acham-se no livro dos reis de armas.

CHAVES. Esta familia fez-se conhecida desde o anno de 1160 em dois irmãos Garcia Lopes e Ruy Lopes, ambos fidalgos, que ganharam aos moiros a villa de Chaves, chamada assim por ser a chave de Portugal, por aquella parte, e por esta acção tomaram o nome da villa por appellido, e em allusão a elle cinco chaves de oiro em aspa com os aros para baixo em campo vermelho; timbre duas chaves do escudo atadas com um torçal vermelho e em aspa.

Acham-se no livro da Torre do Tombo, fl. 34.

CHAVES, de ALVARO LOPES. Alvaro Lopes de Chaves era d'esta geração. Foi secretario de el-rei D. Affonso v, que em remuneração de seus serviços lhe accrescentou as suas armas.

São estas em campo vermelho cinco chaves de oiro, tendo uma forma de chefe na parte superior do escudo, partida em pala, na primeira em campo azul um castello de oiro, na segunda em campo de prata um leão vermelho; timbre o leão com uma chave do escudo [1].

V. *Archivo*, n.º 48.

[1] Esta mercê foi feita em Toro a 4 de abril de 1477, e acha-se registrada na chancellaria de el-rei D. Affonso v, liv. II de Misticos, fl. 57. Differe um tanto na descripção das ditas armas. — *Pegado.*

CHERMONT. Esta familia é oriunda de França. Passou a Portugal no reinado de D. João v na pessoa de João Alexandre de Chermont e outros parentes, que o vieram servir nas expedições da India. Era elle filho legitimo de Alexandre de Chermont, fidalgo da casa real d'aquelle reino, capitão do regimento de Champagne, cavalleiro da real ordem de S. Luiz, e de sua mulher D. Maria Joanna Tilier, neto de Antonio Chermont que teve o mesmo foro e foi capitão do castello de Freine, e bisneto de Francisco Lemercier tambem fidalgo da casa real, e senhor de Chermont e outras terras. Era o dito João Alexandre de Chermont casado com D. Anna de Saint Aubin Legros, e foi n'este reino marechal de campo e viveu na praça de Estremoz. Foi seu filho Theodosio Constantino de Chermont, sargento-mór de artilheria no Grão Pará, e outros que serviram na India.

São suas armas em campo de prata uma faxa negra entre tres treves no chefe postos em faxa, e tres merletes no contrachefe postos em roquete tudo de negro; timbre um dos merletes [1]. Assim vieram authenticas de França em uma justificação de nobreza de duzentos annos, que fez D. Maria Francisca de Chermont, sobrinha do dito João Alexandre de Chermont, a qual estava no Cartorio da Nobreza junta á justificação do referido Theodosio Constantino de Chermont.

[1] Esta descripção torna-se duvidosa por ser de letra differente do original. — *Pegado.*

CHICHORRO. V. *Sousa Chichorro.*

S. CHRISTOVÃO (Visconde de) José Marcellino da Costa e Sá.

Não podemos ainda por falta dos esclarecimentos necessarios dar aqui a descripção das armas que lhe foram conferidas.

V. *Archivo*, n.º 1591.

CIAES. Esta familia é uma das principaes em nobreza da cidade de Florença, porque pelos annos de 1507 foi presidente do grande Conselho de Florença e generalissimo de toda a milicia de Milão Alexandre de Ciaes; d'este foi filho Polycarpo de Ciaes, governador da cidade e presidio libornense, que foi pae de João de Ciaes, que tambem foi do Supremo Conselho, de quem foi filho ou neto João Baptista de Ciaes, antiquario-mór das genealogias das familias nobres da dita republica, do qual foi filho Lourenço de Ciaes, que passou a Portugal, e casou na villa de Monção com D. Helena Maria Ferraz da Cunha que no anno de 1762 justificou a sua nobreza na Correição do Civel da côrte, para cujo effeito apresentou provas vindas da dita republica, que se acham na sua sentença que poz no Cartorio da Nobreza, e se lhe passou brazão com as armas da dita familia, que são em campo azul uma faxa de oiro carregada de tres montes de sua côr; timbre um dos montes.

CIRNE. Esta familia é nobre e antiga, porque já existia no tempo de el-rei D. Pedro I. Teve os senhorios de Baldigem dos Concellos, de Refoios, Ribad'ave e de Agrella. A primeira pessoa que d'ella sabemos foi Ayres Affonso Cirne, alcaide-mór de Monforte no anno de 1357. O seu appellido é uma corrupção da palavra *cisne*, nome de uma ave bem conhecida.

Estão no livro dos reis de armas.

CISNEIROS. Os Cisneiros procedem de D. Rodrigo Gonçalves, senhor de Cisneiros, rico-homem de Castella, pelos annos de 1271, que era da varonia dos reis de Leão. Passaram de Sevilha a Portugal, e se estabeleceram em Beja, Lisboa e Obidos.

São suas armas o escudo partido em pala; a primeira cortada em faxa, na superior em campo vermelho tres cisnes de prata com colleiras de oiro, e armados do mesmo, em roquete; na inferior em campo vermelho cinco flores de liz de prata, em santor; na segunda pala em campo de prata tres bastões sanguineos, em pala; timbre um dos cisnes.

Acham-se no livro dos reis de armas.

CLAMOUSE. É familia de França, da cidade de Tolosa, onde tem o seu solar e casas illustres; passou a Portugal por consul da nação franceza para a cidade do Porto Bernardo Clamouse, filho segundo. Casou com D. Genoveva Clamouse, e foram seus filhos Bernardo Clamouse, que se passou a Lisboa onde viveu com casa opulenta, e Manuel Clamouse, que ficou na dita cidade do Porto no emprego de seu pae, e mandando vir de França o seu brazão de armas o apresentou ao rei de armas Portugal, e foi por este registrado.

São as armas em campo azul um lirio de tres flores e suas folhas tudo de oiro, e um pato de prata, tudo nascendo do contrachefe, que é campanha verde, com um chefe de oiro, carregado de um casco negro; timbre o pato nascente.

CLOOTS. Esta familia é dos Paizes-baixos Austriacos, onde teem os barões de Cloots mais de quatrocentos annos de antiguidade. D'ella serviram aos imperadores Fernando II e III o barão Gil Cloots e seus filhos Mathias Cloots e Antonio Cloots. Quebrou-se a primogenitura em Paulo Cloots, pelos annos de 1715, em que o imperador Carlos VI fez mercê do dito titulo a seu irmão João Baptista Cloots. Passou a Portugal Paulo Cloots, que era natural da cidade de Amsterdam, e casando em Lisboa foi seu neto João Baptista Corrand Cloots Vanzeller, cavalleiro da ordem de Christo.

São suas armas em campo de oiro uma faxa de negro carregada de tres besantes de oiro, e no chefe uma aguia negra imperial; timbre um besante de oiro do escudo enfiado em um ferrão de oiro, entre duas azas do mesmo metal. Tem por tenentes dois tigres

leopardos de sua côr, cada um com seu pendão de oiro na mão, o da direita com a aguia e o da esquerda com a bandeira negra e os besantes das armas [1].

Consta da sentença do referido João Baptista Corrand, que existia no Cartorio da Nobreza.

[1] Esta descripção é duvidosa, pois tem letra differente do original. — *Pegado.*

COELHO. Os Coelhos são fidalgos antiquissimos, descendem do grande D. Egas Moniz, seu bisneto Soeiro Viegas Coelho foi o primeiro d'este appellido n'esta varonia, porque o tomou de seu avô materno João Vasques Coelho, que era senhor da quinta da Coelha, junto ao Douro, d'onde veiu chamarem-se Coelhos.

São suas armas em campo de oiro um leão de purpura faxado de tres faxas xadrezadas de oiro e azul, orla azul com sete coelhos de prata manchados de preto; timbre o leão do escudo, a que alguns accrescentam um coelho nas garras.

Acham-se no livro da Torre do Tombo, fl. 18.

COELHOS ALBUQUERQUES, de PERNAMBUCO. Este ramo de Coelhos procede de Duarte Coelho, que foi fidalgo d'esta geração, e um dos primeiros capitães que chegaram até á China e deram noticia d'aquelle imperio. El-rei D. João III lhe deu a capitania de Pernambuco para a povoar e pacificar, o que elle fez com grande trabalho e valor, e com tão grande utilidade da coroa, que ficou sendo a mais rendosa do Brazil; em attenção a estes serviços o mesmo rei lhe deu armas novas.

São estas em campo de oiro uma cruz ordinaria firmada em um calvario, tudo da côr de pau preto, assentando tudo sobre um monte verde, e junto da cruz um leão vermelho, chefe de prata com cinco estrellas sanguinhas, orla azul carregada de cinco castellos de prata, cobertos; timbre o leão das armas [1].

V. *Archivo*, n.º 614.

[1] Esta mercê foi feita em Evora a 6 de julho de 1545, e acha-se registrada na Chanc. de el-rei D. João III, liv. XXXV, fl. 75 v. Differe alguma coisa na descripção do referido brazão. — *Pegado.*

COELHOS, de NICOLAU COELHO. Nicolau Coelho, famoso capitão na India, era da familia dos Coelhos e usava das suas armas. El-rei D. Manuel, attendendo a seus serviços, lhe fez mercê de novas armas, que são: — Em campo vermelho um pé de terra verde junto a mar, e n'elle assentam duas columnas de prata, e sobre cada uma d'estas um escudinho das quinas de Portugal, ficando entre ellas o leão de oiro dos Coelhos, sem as faxas; timbre o leão com uma columna das armas nas garras.

Acham-se no livro de armaria da Torre do Tombo, fl. 33.

COGOMINHO. Deixando as diversas opiniões que ha sobre a antiguidade d'esta familia e da etymologia do seu appellido, diremos que ella é antiquissima, e de varonia muito illustre. Foi senhor da villa de Chaves, alcaide-mór de Coimbra, senhor de Chacim e privado do rei D. Affonso III, D. Fernão Fernandes Cogominho; e entendemos que por virtude do senhorio d'aquella praça, tomou por armas em campo vermelho cinco chaves de prata em aspa; timbre duas chaves atadas com um torçal sanguinho.

Acham-se no livro da Torre do Tombo, fl. 35.

COLAÇO. Acha-se este appellido no tempo de el-rei D. Affonso III em Fernão Colaço de Portel, e no de el-rei D. Fernando foi fidalgo honrado Affonso Colaço, avô de João Alvares Colaço, a quem Villas-boas diz que foram dadas as armas de que usa esta familia.

São estas em campo de prata uma banda azul com um leão de oiro entre dois pinheiros de verde; timbre um leão nascente, saindo-lhe da boca um ramo de pinheiro.

Acham se no livro dos reis de armas.

COLUMBEIRO. Não temos noticia se existe actualmente esta familia; o appellido parece tomado do logar da Columbeira, que está uma legua da villa de Obidos, e devia ser o primeiro que se distinguiu em alguma acção natural d'elle. Achamos comtudo memoria que a um Antonio Fernandes Columbeiro se deram armas.

São estas em campo de oiro nove lisonjas de azul.

Acham-se no livro dos reis de armas.

CONESTAGIO. D'esta familia não encontramos outra noticia senão a de que el-rei D. Filippe I concedeu brazão de armas a Jeronymo Franqui Conestagio, no anno de 1584.

São estas em campo vermelho um braço armado de prata, que sae do lado esquerdo do escudo, tendo na mão uma espada de prata com as guarnições de oiro, com a ponta para cima e enfiada n'ella uma corôa ducal do mesmo metal; timbre um estrella de oiro como cometa com a cauda para a parte de baixo, sobre o virol.

Acham-se no livro dos reis de armas.

CONTREIRAS. É familia de Andaluzia, d'onde passou a Portugal. Tomou o appellido do logar de Contreiras, como refere Gonçalo Argote de Molina, fl. 219.

São suas armas em campo de prata tres bastões de azul em pala, orla vermelha com oito aspas de oiro; timbre uma aspa azul.

Acham-se no livro dos reis de armas.

CORDEIRO. São as armas d'esta familia em campo verde quatro cordeiros de prata acantonados; timbre um dos cordeiros.

Acham-se no livro dos reis de armas. Villas-boas diz que são cinco os cordeiros, postos em santor.

CORDEIRO FEYO. V. *Fontainhas.*

CORDES. É familia do reino de França, dos estados de Flandres, onde tem muitos senhorios. Passou a Portugal em tempo de Filippe III João Baptista de Cordes, que era natural da cidade de Anvers, e n'este reino casou, e deixou descendencia de que procediam modernamente os secretarios da Camara dos reis d'este reino.

São suas armas em campo de oiro dois leões de vermelho rompentes dando as costas um ao outro, orla azul ondada de prata; timbre uma cabeça de veado de sua côr, com uma campainha de oiro ao pescoço.

Acham-se no livro dos reis de armas.

CORDOVA. É familia illustre de Hespanha, que tomou o appellido da cidade de Cordova, em razão de ajudar na sua conquista, e tiveram a alcaideria-mór da mesma.

São suas armas em campo de oiro quatro faxas de vermelho; assim as traz Gonçalo Argote de Molina na sua *Nobreza de Andaluzia*, fl. 291, e no mesmo livro, a fl. 330, fallando dos Cordovas de Guiposcoa, diz que procedem de João Rodrigues de Cordova, alcaide de Sexura, e que trazem estes por armas em campo de prata uma figueira de sua côr entre dois lobos negros atravessados, e virados cada um para seu lado do escudo.

CORDOVIL. Este appellido se deu a dois irmãos que da cidade de Cordova se passaram a este reino, e n'elle deixaram descendentes, em os quaes se continuou.

São suas armas em campo vermelho uma oliveira cordovil com azeitonas de oiro; perfis do mesmo e as raizes de prata; a oliveira de sua côr, e junto d'ella um libreu de prata com coleira azul, preso á oliveira por uma cadea de oiro.

Acham-se no livro da Torre do Tombo, fl. 83.

CORELHA e CORELHÃO. Tomou esta familia o appellido do senhorio de Corelha, villa de Navarra, na fronteira de Aragão; passaram ao reino de Valença, e d'aqui a Portugal no tempo do dominio de Castella.

São suas armas em campo vermelho uma torre de prata entre dois libreus do mesmo metal, trepantes, com coleiras de azul guarnecidas de oiro; no alto da torre uma donzella nascente vestida de azul, toucada de oiro, apparecendo só dos peitos para cima; timbre um dos libreus.

Acham-se no livro dos reis de armas.

CORESCADA. M. N. concedida a Francisco Joaquim da Silva Campos de Mello, barão de Corescada, fidalgo cavalleiro da casa real, por alvará de 1 de junho de 1871: — Escudo esquartelado; tendo o superior da direita carregado com um leão de purpura, rompente, armado de azul e sobre campo de prata, e assim o seu contrario; o superior da esquerda carregado por cinco arminhos negros, collocados em aspa sobre campo de prata, e orla de purpura, carregada com oito aspas de oiro; e finalmente o inferior da direita interceptado por uma doble cruz de oiro, firmada com orla do mesmo metal sobre campo vermelho, com os quadrados carregados cada um com seu besante de prata; coronel de visconde, e na sua ausencia elmo de prata lisa, decorado de oiro lavrado, virol de prata e purpura; timbre um leão de purpura rompente armado de azul.

CORESMA ou QUARESMA. Este appellido teve principio no reinado de D. Sancho II, em Ruy Vasques Mogudo, que pela grande devoção com que observava a quaresma foi chamado Ruy Vasques Quaresma, e o appellido se continuou em seus descendentes. Não lhe achamos armas proprias; porém os descendentes de Manuel Quaresma Barreto, commendador da ordem de Aviz, que foi do conselho de estado de el-rei D. Sebastião (com quem acabou na batalha de Alcacer), e foi marido de D. Filippa Pessanha, que eram ultimamente os condes de Villa-flor, usavam das armas dos Pessanhas, que são em campo de prata uma banda vermelha dentada, carregada de tres flores de liz de prata; timbre uma aza vermelha e n'ella as tres flores de liz de prata : os outros ramos usam das armas dos Pereiras e Lacerdas.

Acham-se no livro dos reis de armas.

CORNEJO. Escudo terciado em pala; na primeira de vermelho uma torre de prata lavrada de negro, e sobre ella uma aguia negra voante; na segunda de azul um pilar de prata e sobre elle uma cruz de oiro floreada; a terceira dividida em faxa, na primeira cinco cernejas negras em aspa olhando umas para as outras, com pés e bicos vermelhos, na segunda de vermelho duas bandas de oiro; timbre a aguia.

V. *Espelho da Nobreza*, por Francisco Xavier da Serra Craesbeeck.

CORONEL. Os Coroneis dizem-se descendentes dos antigos Cornelios romanos, estabeleceram-se em Aragão, onde o seu solar é o mais antigo que se sabe de ricos-homens. D. Gastão de Biel foi o primeiro que d'esta familia passou a Portugal com D. Pedro Coronel, em tempo de el-rei D. Sancho I; estabeleceram-se tambem em Segovia, d'onde passou outro ramo a Portugal, e fundou a casa dos correios-móres que foram d'este reino.

São suas armas em campo de oiro cinco gralhas de preto, em santor; porém os de Segovia mudaram as côres, tomando o campo azul e n'elle as cinco gralhas de oiro, em aspa, e a do meio coroada de uma coroa do mesmo metal: timbre uma das gralhas.

Acham-se no livro dos reis de armas.

CORREA. Procedem os Correas de Paio Ramiro, cavalleiro portuguez, rico homem, que passou a Portugal com o conde D. Henrique, e foi seu terceiro neto o grande D. Paio Correa, mestre da ordem de Sant'Iago em toda a Hespanha.

São suas armas: escudo em campo de oiro fretado de correas sanguinhas repassadas umas por outras de seis peças, tres em banda e outras tres em contrabanda; timbre dois braços armados de prata, com as mãos abertas e as palmas para a frente, atados pelos pulsos com uma correa sanguinha.

Acham-se no livro da Torre do Tombo, fl. 30.

CORREA AGUIAR. Os Correas Aguiares, que procedem de Pedro Paes Correa, e de sua mulher D. Dordea Paes, filha de Pedro Mendes de Aguiar, trazem em campo de oiro uma aguia preta estendida, de uma só cabeça, e no peito carregado o escudo dos Correas, que é o campo de oiro com seis correas vermelhas, em banda e contrabanda, repassadas umas por outras; timbre a aguia nascente armada de oiro e uma correa do escudo no bico.

Acham-se no livro dos reis de armas.

CORREA BARAHEM. Este ramo de Correas procede de Antonio Correa Teixeira Baharem, que indo contra o rei da ilha d'este nome, na India, que se tinha levantado contra o de Ormuz, este capitão o venceu e matou, e reduziu tudo á obediencia do de Ormuz; pelo que el-rei D. João III lhe mudou o escudo, ordenando que o fizesse esquartelado; no primeiro quartel em campo vermelho a cabeça do rei moiro que matou, com corôa de oiro; no segundo as dos Correas; no terceiro as mesmas do segundo; e o quarto esquartelado, tendo no primeiro quartel em campo azul a cruz de oiro dos Teixeiras, no segundo as cinco flores de liz de oiro em campo verde, dos Mottas, e assim os contrarios; timbre um braço armado de prata, com a cabeça do rei moiro pendurada da mão pelo turbante.

Acham-se no livro dos reis de armas.

CORREAS DE BELLAS. Os Correas de Bellas por estarem na varonia dos Atouguias trazem em campo vermelho uma cruz de oiro firmada no escudo, e nos quatro vãos cada um com sua flor de liz do mesmo metal, que são as armas dos Atouguias; timbre o dos Correas, que é os dois braços armados de prata, presos pelos pulsos com uma correa vermelha.

Acham-se no livro dos reis de armas.

CORTES. Escudo esquartelado; no primeiro quartel de oiro uma aguia preta, no segundo de azul um leão de oiro rompente, no terceiro de azul tres corôas de oiro em roquete, e e no quarto de prata uma cidade de côres com chão verde e por baixo ondas de mar azulado.

V. *Espelho da Nobreza*, por Francisco Xavier da Serra Craesbeeck.

CORTE-REAL. Procede esta familia de Vasco Annes da Costa Corte-real, alcaidemór de Tavira, que foi fidalgo de grandes prendas e valor: achou-se na tomada de Ceuta; em Inglaterra teve um grande desafio com outro, que trazia por divisa a cruz de S. Jorge; procedem d'elle muitas casas titulares, e de senhores d'este reino.

São suas armas as mesmas dos Costas, seis costas de prata em campo vermelho, firmadas e postas em duas palas, com um chefe de prata e n'elle a cruz de S. Jorge, que é vermelha; timbre um braço armado de prata, com uma lança de ferro com haste de oiro, e n'ella enfiada uma bandeira de prata com a cruz de S. Jorge vermelha, e a lança enristada.

Acham-se no livro da Torre do Tombo, fl. 15.

CORVEIRA ou CURVEIRA. É familia de Aragão, de que se faz distincta memoria nos annaes d'aquelle reino.

São suas armas em campo de oiro cinco corvos de sua côr, postos em santor; timbre um dos corvos.

Acham-se em Gonçalo Argote de Molina, na sua *Nobreza de Andalusia.* Villas-boas se enganou em dizer que tem tres corvos, como os Corvados e Corvos.

CORVINEL. Esta familia não é muito antiga, porém é nobre e muito distincta em Lisboa. A primeira pessoa de que n'ella temos noticia foi Raphael Corvinel da Gama, pae de Silvestre Corvinel da Gama, de quem procederam Christovão de Sousa de Alte, e seu irmão Martinho de Sousa da Silva Cunha e Albuquerque, o primeiro d'estes guarda-mór da casa da India.

São suas armas em campo de prata um castello vermelho, orla do mesmo metal dividida por uma cotica preta, com sete arminhos tambem pretos; timbre um corvo de sua côr.

Acham-se no livro dos reis de armas.

CORVO, CURVO, CORVINO, e CORVACHO. A familia do appellido Corvo é antiga e nobre. Achamos nas historias d'este reino, que foi alcaide-mór do castello de Lanhoso, Mendo Corvo, em tempo dos reis D. Sancho II e D. Affonso III, e d'elle tomou nome a villa de Moncorvo; seus descendentes tiveram muitos logares, principalmente de alcaiderias-móres.

São suas armas em campo de oiro, e que alguns dizem ser de prata, tres corvos negros em roquete; timbre um dos corvos.

Acham-se no livro dos reis de armas. Os Curvos, Corvinos e Corvachos, tem as mesmas armas, como derivados de Corvos.

COSTA. A familia de Costas é muito antiga e nobre. Tem o seu solar na quinta da Costa na comarca de Guimarães, com torre e casa forte, de que foi senhor Gonçalo da Costa, no tempo de el-rei D. Affonso I, e o possuiram seus descendentes até ao anno de 1400 em que o perderam por crimes. É familia muito extensa, que se divide em muitos ramos com casas muito illustres.

São suas armas em campo vermelho seis costas de prata firmadas, e postas em duas palas; timbre duas costas do escudo em aspa, atadas com um torçal vermelho.

Acham-se no livro da Torre do Tombo, fl. 15.

COSTAS, de ALPEDRINHA. Os Costas de Alpedrinha, senhores de Pancas, trazem o escudo partido em pala; na primeira em campo azul uma roda de navalhas de oiro, com as navalhas de prata, e na segunda em campo vermelho as seis costas de prata; timbre as duas costas em aspa atadas com um torçal vermelho.

Estas armas usou o cardeal D. Jorge da Costa, natural de Alpedrinha, e seu irmão D. Martinho da Costa, arcebispo de Lisboa, em attenção á infanta D. Catharina, irmã de el-rei D. Affonso V, a quem deveram as grandes fortunas que tiveram.

COTA. A familia d'este appellido foi illustrissima e antiquissima em Roma; era consular, e no tempo dos imperadores teve muitos generaes, capitães e grandes personagens; estendeu-se a sua descendencia até Milão, d'onde se transportou a Portugal nos seus principios, porque já no tempo de el-rei D. Diniz era vereador de Santarem Joanne Eannes Cota, cuja descendencia ficou estabelecida n'aquella villa.

São suas armas em campo de prata uma cota de armas vermelha, e em orla esta letra de preto — *Sine sanguine non est victoria;* timbre a cota do escudo.

Acham-se no livro dos reis de armas.

COTIMO. Esta familia foi nobre nas villas de Setubal e Alcacer do Sal, onde occupou os primeiros logares do governo, e se aparentou com outras similhantes; não sabemos se existe hoje em alguma parte.

São suas armas em campo vermelho nove memorias de prata, postas em tres palas.

Acham-se no livro dos reis de armas.

COTRIM. Os Cotrins não procedem de Italia nem de França, como alguns dizem; mas sim de Inglaterra, d'onde veiu com a rainha D. Filippa Jayme Coterel, que depois foi monteiro-mór do infante D. Henrique. Converteu-se pelo tempo adiante em Cotrim o Coterel.

São suas armas o escudo xadrezado de oiro e azul de seis peças em faxa, e outras tantas em pala; timbre tres pennachos de azul chapeados de oiro.

Acham-se no livro da Torre do Tombo, fl. 34.

COUCEIRO. Esta familia tem o seu solar no paço do Coucieiro, no julgado da villa de Regalados, que com o lapso do tempo se corrompeu em Couceiro; estendeu-se esta geração por Tentugal, Monte-mór o velho e outras terras; tiveram commendas, e descendem d'ella alguns fidalgos e muitos senhores.

São suas armas em campo vermelho tres couceiras de prata em tres palas, e dois leões de oiro entre ellas; timbre um leão nascente.

Acham-se no livro dos reis de armas.

COUROS. Esta familia é oriunda da provincia do Minho; estabeleceu-se na cidade do Porto, onde deu nome a uma rua que n'ella ha. Ha noticia d'este appellido desde o tempo de el-rei D. João I.

São suas armas o campo do escudo de prata gotada de sangue e n'elle duas grevas, que são botas de ferro com seus copetes ou palas com que cobriam os sapatos, entre ellas involta uma serpe de verde ferida no peito e mordendo uma das botas, que são azuladas; timbre um braço vestido de azul com manopla de ferro, pegando no pescoço de uma serpe ou cabeça de que cae algum sangue.

Acham-se no livro dos reis de armas.

COUTINHO. Os Coutinhos tomaram o appellido do couto de Leomil, de cujo senhorio lhe fez mercê o conde D. Henrique. Esta illustre casa de Coutinhos tem produzido grandes generaes, e muitos fidalgos da primeira qualidade de Portugal.

São suas armas em campo de oiro cinco estrellas sanguinhas de cinco raios cada uma, postas em santor; timbre um leopardo vermelho, passante, armado de oiro, com uma estrella do mesmo metal na espadoa, e uma capella de flores na garra direita.

Acham-se no livro da Torre do Tombo, fl. 9.

COUTO. Tem por armas em campo vermelho um castello de oiro, fundado sobre ondas, a primeira de prata, a segunda de azul, e assim as mais; timbre o castello. Estas ganhou-as Alvaro do Couto (dos de Benambar). Outros trazem em campo de prata uma serpe de verde, picando em uma perna, e d'ella correndo sangue.

V. *Archivo*, n.º 45.

COVA e LACUEVA. Esta familia é de Andaluzia; teve por muito tempo a regencia da cidade de Ubede, e d'ella descende muita fidalguia de Castella. Passou a Portugal no tempo dos Filippes, e foi governador da fortaleza de S. Julião da Barra de Lisboa D. Fernando de Lacueva.

São suas armas em campo de oiro dois bastões sanguinhos com uma lapa ou cova no

contrachefe de sua côr, de que sae uma serpe de verde; orla vermelha carregada de oito aspas de oiro; timbre a serpe do escudo nascente armada de vermelho.

Acham-se no livro dos reis de armas.

CRAESBEECK. Esta familia provém da cidade de Lovaina, no estado de Barbante, no condado de Flandres. O imperador Carlos v deu armas a Cuilherme van Craesbeeck no anno de 1530. Seu neto Pedro Craesbeeck passou a Portugal, e el-rei D. Filippe II lhe concedeu os privilegios de cavalleiro confirmado de sua casa, e que podesse usar de suas armas, por alvará de 1617.

São suas armas em campo azul uma estrella de oiro de seis raios e acima d'ella um crescente de prata; timbre a estrella do escudo.

Acham-se no livro dos reis de armas.

CRIADO. É familia de Castella, d'onde passou a Portugal.

São suas armas em campo azul duas bandas de oiro, orla vermelha com oito aspas tambem de oiro.

Acham-se no livro dos reis de armas, em Villas-boas e em Gonçalo Argote de Molina.

CROS (DU). Em um trabalho heraldico (Manuscripto de 1525) achamos um rei de armas Portugal (que nos parece ser contemporaneo do bacharel Antonio Rodrigues), chamado Jean du Cros, com as armas abaixo descriptas. Pela maneira porque estava escripto o nome e appellido, não offerece duvida que era francez, e é muito de suppôr que viesse de França com o dito bacharel, quando lá foi por mandado de el-rei D. Manuel, estudar a arte do brazão. Ainda mais se nos afigura que assim podesse ser, por ter o dito mr. du Cros tido um dos logares de rei de armas.

São suas armas o escudo de azul com tres faxas de oiro, chefe de vermelho com uma aguia de prata estendida.

CRUZ ALAGOA. Esta familia se elevou á grandeza de fidalguia na pessoa de José Francisco da Cruz Alagoa, e nas de seus irmãos por alvará de el-rei D. José de 17 de janeiro de 1763, sendo-lhe dada por solar da sua casa a sua quinta da Alagoa, e recebendo outras muitas mercês, entre as quaes foi uma a de lhe dar armas por alvará de 15 de março de 1765.

São estas o escudo partido em faxa; na primeira em campo azul cinco estrellas de oiro postas em cruz, e a segunda de agua de azul e prata; orla vermelha com esta letra de oiro — *Nomen honor que meis;* timbre um cão de prata com colleira vermelha e uma chave de oiro na bôca.

V. *Archivo*, n.os 1326 e 1515.

CUBELLOS. Esta familia é originaria de Aragão, e tinha o seu solar junto a Caspe; Leonardo de Cubellos foi conde de Gociano e marquez de Bistan, no reino de Sardenha. Passou um ramo para Catalunha, onde D. Onofre de Cubellos foi senhor de Reiggros, e outros ramos a outros reinos de Hespanha, como tambem a Portugal, onde existe na provincia do Alemtejo.

São suas armas em campo vermelho tres cubellos de prata, com portas e frestas de preto, em roquete; timbre um dos cubellos.

CUNHA. Esta familia é das mais illustres de Hespanha; uns a fazem descender de Gascunha, outros dos reis de Leão, mas é certo que é e foi sempre das primeiras de Portugal, e que tem n'este reino as primeiras casas: dizem tambem que o seu solar é em Cunha a velha, no termo de Guimarães.

São suas armas em campo de oiro nove cunhas de azul em tres palas; timbre um gripho nascente de oiro com cunhas de azul, e as azas de azul com cunhas de oiro.

Acham-se no livro da Torre do Tombo, fl. 10.

D

DACORDA. É familia de Hespanha; tem por armas o escudo partido em pala: a primeira esquartelada, no primeiro e ultimo quartel em campo de prata um leão de purpura, no segundo e terceiro em campo de purpura um castello de oiro; na segunda pala de azul nove flores de liz de oiro; timbre um leão de purpura, com uma flor de liz de oiro nas garras.

Assim as vimos em um manuscripto que foi do P. Fr. José da Cruz, reformador do Cartorio da Nobreza, e tambem no livro dos reis de armas.

DEÇA. Esta familia tomou o appellido da villa Deça em Galliza, de que foram senhores.

São suas armas o escudo partido em pala; na primeira em campo de prata quatro flores de liz de azul acantonadas; na segunda em campo vermelho um castello de oiro.

Acham-se no livro dos reis de armas. Fr. Filippe de Lagandara, *Armas e triunfos de Galiza*, pag. 778, dá-lhe em campo azul um castello de prata, timbre o mesmo castello.

DELCARPIO. Esta familia é de Castella; tem por armas o escudo esquartelado; no primeiro quartel de azul tres estrellas de oiro em roquete, no segundo de oiro uma banda negra entre os braços de duas serpes verdes armadas de prata, no terceiro de prata um terraço verde com um pinheiro da mesma côr, no quarto em campo vermelho um castello de oiro assentado sobre uma rocha de sua côr; timbre uma cabeça de serpe verde armada de sanguinho, entre quatro pennachos de oiro.

Assim as traz o já citado manuscripto de Fr. José da Cruz a fl. 88.

DELGADO. Acha-se este appellido nos principios de Portugal em Paio Delgado, e depois no anno de 1301 vivia na honra de Lasim Domingos Delgado.

São suas armas em campo vermelho um limoeiro verde, com as raizes e limões de oiro, perfilado do mesmo, e preso no seu tronco por uma cadeia do mesmo metal um galgo de prata com coleira azul; timbre o galgo nascente, com um ramo de limoeiro na bôca com limões de oiro, e coleira azul.

Acham-se no livro dos reis de armas.

DEOCAMPO. Escudo xadrezado de prata e vermelho de tres peças em faxa e quatro em pala.

Manuscripto já citado de Fr. José da Cruz, fl. 81, sem mais noticia.

DESCARÇA. Esta familia é originaria da Biscaia, d'onde passou a Milão. Ahi fez uma grande casa, da qual saiu o papa Innocencio XI, e seu sobrinho o principe D. Livio. O primeiro que passou a Portugal foi Martim Descarça, que viveu em uma sua quinta no sitio de Laveiras, antigo termo de Lisboa.

São suas armas em campo de prata tres faxas de vermelho, entre a superior e a do

meio tres calices da mesma côr, entre a segunda e a terceira dois, e um no pé do escudo, com um chefe partido em pala, na primeira uma aguia negra estendida em campo de oiro, na segunda em campo de prata um leão de purpura. Assim as trazia o referido pontifice.

DEUS-DARÁ. Esta familia procede de Manuel Alvares de la Penha Deus-dará. Este appellido lhe foi dado na occasião em que se expulsaram de Pernambuco os hollandezes, por conta das faltas de viveres que experimentava o exercito portuguez, que recorrendo sempre á palavra *Deus-dará*, com ella experimentou milagres, infundiu animo e conseguiu que o não desamparassem os soldados, depois de ter dispendido com elles toda a sua fazenda. Em attenção a este e outros muitos serviços, el-rei D. João IV deu a seu filho Simão Alvares de la Penha Deus-dará armas novas, que são : em campo de prata dois braços vestidos de verde, saindo dos cantos do chefe, inclinados para baixo, largando dinheiro de oiro e orata, orla verde com esta letra de oiro — *Deus dará* —; timbre um braço do escudo com moedas de oiro na mão.

Acha-se o registro d'esta mercê na Chanc. de el-rei D. João IV, liv. XV, fl. 58 v., e tem a data de 4 de agosto de 1646. V. *Archivo*, n.º 2285, onde por lapso se escreveu serem estas armas dos antecessores do agraciado.

DIAS. Não é de admirar que em muitos appellidos se ignore o motivo porque se lhe deram armas, e ainda quem foi o sujeito que as ganhou. Achamos nos manuscriptos dos reis de armas que a um Domingos Dias se deram estas : em campo vermelho um braço armado de prata saindo da parte esquerda do escudo, tendo na mão um elmo do mesmo metal com plumas de varias côres, sobre elle no alto uma aguia negra, e o contrachefe ondado de agua, de azul e prata ; timbre a aguia aberta.

Outra memoria do appellido Dias lhe expõe em armas em campo vermelho uma aspa de oiro, orla d'este metal carregada de oito aspas sanguinhas; inferimos serem estas armas de Castella, porque ordinariamente lhes não apontam timbre os livros que as trazem d'aquelles reinos.

DIAS E FIDALGO. Este appellido de Dias quer Gonçalo Argote de Molina que fosse ganho por Pedro Fidalgo, por matar dez moiros na conquista do castello de Fiscar; e como dez em castelhano é *diés*, esta palavra se converteu em Dias ; e porque foi de noite o caso se lhe deu por armas em campo azul um grande luzeiro ou estrella de oiro de dez raios, mostrando tambem n'este numero o dos moiros que matou.

Assim as traz o dito Gonçalo Argote de Molina, *Nobreza de Andalusia*, fl. 186, e se acham no livro dos reis de armas.

DOCEM. Esta familia é antiga em Portugal ; d'ella se acha memoria na provincia do Minho em uma torre chamada de Pedro Docem, indo do Porto para Matosinhos.

São suas armas em campo vermelho um leão de oiro, orla azul carregada de oito vieiras de prata ; timbre o leão do escudo.

Acham-se no livro dos reis de armas.

DOGALDO. Não temos temos mais noticia d'este appellido do que acharmoslhe o escudo de armas no livro dos reis de armas.

São estas em campo vermelho uma arvore de sua côr, que sae de um mar que é o contrachefe do escudo, junto á arvore uma cegonha de sua côr armada de oiro, com uma cobra tambem de sua côr no bico ; timbre a cegonha com a cobra.

DOLID. Em campo azul um crescente de prata com as pontas para baixo, e em cada ponta uma estrella de oiro.

Assim as traz o já citado manuscripto de Fr. José da Cruz, fl. 82.

DO PAU. Tambem não temos outra noticia d'esta familia mais do que a de acharmos-lhe armas no livro antigo.

São estas o escudo esquartelado com uma cruz de oiro dentada e firme, no primeiro vão em campo vermelho duas palas de prata, no segundo em azul um leão de prata, e assim os contrarios; timbre o leão nascente.

DO PÓO. Legua e meia da villa de Obidos está o logar que chama do Pó, onde ainda se mostram ruinas de grandes edificios. Alli fundou pelos annos de 1419, João Annes do Póo, alcaide-mór da dita villa, o morgado e capella que possuiu no seculo passado Antonio de Brito da Silva. Era o dito João Annes do Póo filho de Affonso do Póo, cavalleiro allemão, que veiu a Portugal em tempo de el-rei D. Fernando, cujo vassallo foi, e alcaide-mór da mesma villa, e d'elle tomou nome o dito logar; foi seu terceiro neto André da Silveira do Póo, que no anno de 1532 tirou brazão de suas armas.

São estas em campo de prata um leão vermelho agachado, como quem está descançando, orla vermelha com oito aspas de prata; timbre o leão da mesma postura e forma da do escudo com uma aspa de prata na espadoa.

Fernão do Póo descobriu a ilha que se ficou chamando do seu nome no anno de 1471.

Acham-se no livro antigo dos reis de armas.

DORIA. Esta familia é a primeira das antigas vinte e oito familias nobres da republica de Genova. O seu merecimento é constante a toda a Europa; d'ella passou á ilha da Madeira um fidalgo de quem se ignora o nome, mas era tão distincto, que sua filha Leonor Doria casou na mesma ilha com Ruy Gonçalves de Velloso, filho de Gonçalo Annes de Velloso, fidalgo escudeiro da casa do infante D. Fernando; e seus descendentes instituiram dois morgados, que no seculo passado administrava seu oitavo neto Antonio Doria Teixeira.

São suas armas o escudo cortado em faxa; a primeira de oiro e a segunda de prata e sobre ambas uma aguia imperial de negro com a lingua e unhas de vermelho e cortada; timbre a aguia nascente [1].

V. *Archivo*, n.º 150.

[1] Esta descripção torna-se duvidosa por ter letra differente do original. — *Pegado.*

DORIA (outros). São suas armas em campo de prata nove arruellas de azul postas em tres faxas, entre tres ramos vermelhos de palmas em faxa; timbre uma aspa sanguinha com tres flôres de liz de oiro em roquete.

Assim as traz Fr. José da Cruz, no livro que copiou da Torre do Tombo, fl. 84.

DORTAS, ORTAS ou HORTAS. De todas estas tres formas escrevem este appellido, que deve ser Horta, e é oriundo do reino de Aragão, onde os seus ascendentes tiveram grandes empregos na casa real, desde o tempo do rei D. Affonso II d'aquelle reino. Passou a Portugal com Pedro de Horta no tempo de el-rei D. Affonso V.

São suas armas em campo de oiro um braço posto em faxa da esquerda para a direita com uma chave azul na mão com o aro para cima, e o contrachefe ondado de agua; timbre um braço com a chave do escudo.

DOUTIS e OUTIS. É appellido de uma familia antiga, tomado do seu solar, que foi a quinta de Outis no julgado de Vermoim, termo de Barcellos, que uns dizem Doutis e outros Outis.

São suas armas em campo de oiro seis arruelas de vermelho em duas palas; timbre uma cabeça de dragão de oiro com uma das arruelas na testa.

Acham-se no livro da Torre do Tombo, fl. 86.

DOUTIS (outros). Em campo de oiro uma estrella sanguinha em chefe, e dois besantes, sanguinhos, postos em duas palas; timbre uma cabeça de drago de oiro com uma estrella sanguinha na testa.

Assim se acham no referido livro de Fr. José da Cruz, fl. 84.

DRAGOS. É familia de Castella, que passou a este reino na pessoa de João Peres Drago no tempo do Rei D. Affonso v. O appellido parece tomado de alcunha.

São suas armas em campo vermelho dois dragões de prata passantes com as cabeças voltadas para traz, armados de sanguinho e postos em fugida; timbre um dos dragões.

Acham-se no livro da Torre do Tombo, fl. 38.

DULVEIRA e ULVEIRA. Achamos escripto d'estas duas formas este appellido, que deve ser Ulveira.

São suas armas em campo azul cinco crescentes de prata em santor; timbre uma onça de sua côr. É seu solar na freguezia de Santa Eulalia de Ulveira.

Acham-se em Villas-boas e no livro dos reis de armas.

DURÃO. Esta familia é do reino de Leão, porém muito antigo o seu transito para Portugal, porque já no tempo do rei D. Affonso III d'este reino, foi bispo de Evora D. Durão Paes, de quem parece que é ou foi nome proprio este appellido, e no termo da villa de Obidos ha uma quinta que se chama de D. Durão.

Achamos varios escudos de armas d'ella, e é o primeiro em campo vermelho com pé de ondas de azul e prata, um bastão d'este metal, orla de oiro com tres castellos de negro : alguns ramos trazem na orla, em logar de castellos, oito cabeças de leão de sua côr, alludindo ao parecer de Fr. Filippe de la Gandara, de que o principio d'esta familia foi de oito irmãos que cada um matou seu moiro, e juntos apresentaram as cabeças ao rei D. Ramiro II de Leão.

O outro escudo é em campo de oiro um leão de sua côr, orla azul carregadá de oito rodas de carretas de oiro.

Acham-se as primeiras e as segundas no dito Fr. Filippe de la Gandara no seu livro *Armas e triunfos de Galiza*, e as terceiras constam de um brazão que vimos passado por Pedro de Salazar e Girão, rei de armas Castella de Filippe IV, em 1651, ao capitão Francisco Vicente Moreira Durão.

DURMOND ou DRUMOND. A casa e appellido de Durmond é no reino de Escocia dos maiores e mais illustres senhores de Escobal; d'ella foi Anna Bella, rainha do mesmo reino, mulher de Roberto III; foi irmão da mesma rainha João de Durmond, e filho d'este João Escocio de Durmond, que passou a Portugal e teve descendencia que se conserva na ilha da Madeira.

São suas armas em campo de oiro tres faxas ondeadas de vermelho; timbre um libreu de vermelho nascente com uma coleira de oiro.

Acham-se no livro dos reis de armas. V. *Archivo*, n.º 1813.

DUTRE, DUTRA e UTRA. Este appellido que se escreve de todas estas tres formas é Utra. Procede de Job de Utra, cavalleiro flamengo, criado da infante D. Beatriz, mãe do rei D. Manuel. Povoou a ilha do Faial, e teve a capitania d'esta e da do Pico.

São suas armas em campo azul tres besantes de oiro, em roquete, carregado cada um de tres pontos pretos em contra roquete; timbre um abutre de sua côr armado de oiro.

Acham-se no livro dos reis de armas.

E

EMAUS. É familia hollandeza da cidade de Saendam occidental, que fica perto da cidade de Amsterdam. Passou a Portugal pelos annos de 1674 Nicolau Emaus, que viveu em Lisboa com uma grande casa, e era filho de Pedro Emaus, e sua mulher Catharinha Berghen, pessoas de muito distincta qualidade, e dos principaes que governavam a republica. Casou o dito Nicolau Emaus com Helena Wanzitar, dos quaes foram filhos o desembargador do Paço José Pedro Emauz, e André Emauz, e d'este foi filho o desembargador José Joaquim Emauz, corregedor do crime da Côrte e Casa. Consta o referido de uma certidão authentica passada pelos senhores do governo da cidade de Saendam, em virtude de uma justificação de testemunhas que para esse effeito inquiriram, a qual foi vista para fazer este assento, e existia em poder do sobredito José Joaquim Emaus.

São suas armas em campo azul um castello de oiro com portas e frestas de negro, e contrachefe ondado de agua de prata; timbre o mesmo castello [1].

[1] Esta descripção torna-se duvidosa por ter letra differente do original. — *Pegado.*

ENCERRABODES. Esta familia é da provincia do Alemtejo; na villa de Olivença teve pessoas muito distinctas, d'onde passou para a de Arruda.

São suas armas em campo de oiro uma aguia negra estendida armada de azul, chefe vermelho com duas columnas de prata postas em aspa; timbre uma aza da aguia.

Acham-se no livro dos reis de armas.

ESCOVAR. Esta familia é de Castella, onde tem casa e solar; passou a Portugal no tempo de el-rei D. Affonso v, e no tempo de el-rei D. Manuel á ilha da Madeira.

São suas armas em campo de prata cinco escovas de azul, em santor, com correas vermelhas; timbre um braço vestido de verde com uma escova na mão. Em Castella trazem em campo de oiro as escovas de verde.

Acham-se no livro dos reis de armas.

ESCUDEIRO. É familia antiga das montanhas de Burgos, onde tem casa e solar conhecido, junto á villa de Espinosa de los Monteros. Passou a Portugal Pedro Escudeiro de Lugo, cujos filhos casaram na cidade do Porto e se aparentaram com os Seixas da mesma.

São suas armas em campo de oiro um leão de sua côr coroado de vermelho, orla azul carregada de oito estrellas de oiro de oito raios; timbre o leão do escudo.

Assim as traz o chronista Barahona no seu *Rosal de Nobleza*, fl. 144.

ESMERALDO. Os Esmeraldos são oriundos de França, na provincia de Artois. Passou a Portugal João Esmeraldo no tempo de el-rei D. Manuel, e no anno de 1508 se lhe passou brazão em Malinas, que apresentou n'este reino, com as armas dos Esmeraldos de Levargua da casa de Firnes, e dos senhores de Norduchel, que são : escudo esquartelado; no primeiro as dos Esmeraldos, em campo de prata uma banda negra; no segundo as de Levargua, em campo azul uma faxa de oiro com ameias; no terceiro as da casa de Norduchel, em azul uma banda de prata tambem com ameias; no quarto as de Firnes, em campo de prata um leão negro, e semeado o escudo de bilhetes da mesma

côr negra em roda do leão, e atravessado com uma cotica vermelha, que passa por cima do leão em contrabanda; timbre o mesmo leão [1].

[1] Esta mercê foi confirmada por el-rei D. Manuel em Evora a 16 de maio de 1520, e acha-se registrada no liv. vi de Misticos, fl. 174 v. Differe na descripção do referido brazão. — *Pegado.*

ESPANHA. É familia do reino de Galliza, e tem por armas em campo de prata um cacho de uvas roxo, ou de sua côr com suas parras.

Acham-se no já citado livro de Fr. José da Cruz, fl. 92.

ESPARRAGOSA. Procedem de D. Christovão Esteves de Esparragosa, desembargador do Paço de el-rei D. João iii, que em attenção aos seus serviços o fez fidalgo de solar da sua quinta de Valle de Pinta de Esparragosa, no termo de Santarem, e lhe deu por armas em campo azul um castello de prata com portas e frestas de verde, e um leão de oiro com as mãos á porta; timbre o castello com um ramo de espargo na torre do meio [1].

Acham-se no livro dos reis de armas. V. *Archivo*, n.º 494.

[1] Esta mercê foi feita por D. João iii em Evora a 3 de novembro de 1533, e acha-se registrada na Chanc. do dito rei, liv. xlvi, fl. 104. — *Pegado.*

ESPINDOLA. V. *Spinola.*

ESPINOLA. A familia Spinola ou Espinola é uma das vinte e oito nobres da republica de Genova. Passou a Hespanha, e d'esta a Portugal Lucano Spinola, que fez registrar o seu appellido e armas nos livros da nobreza.

São estas em campo de oiro uma faxa xadrezada de vermelho e prata de tres peças em pala, sobre o campo de cima pegado á faxa uma especie de ponta de lança flordelizada de vermelho; timbre um ramo de espinheiro de vermelho [1]. Alguns trazem em logar da ponta da lança flordelizada um ramo de espinheiro tambem vermelho.

Acham-se em Gonçalo Argote de Molina.

[1] Esta mercê está registrada no liv. das Ilhas, fl. 185, e tem differença na descripção das armas. — *Pegado.*

ESPINOZA. Tem por armas o escudo cortado em faxa; a primeira partida em pala, na primeira d'estas em campo vermelho um ramo de espinheiro de sua côr florido e perfilado de oiro, com raizes de prata, na segunda no mesmo campo vermelho um leão de oiro; a segunda faxa de prata com uma corneta de caça de negro, com os bocaes de oiro e cordões de vermelho; timbre o leão do escudo com um ramo de espinheiro na garra.

Acham-se no livro dos reis de armas.

ESQUIVEL. Esta familia tem o seu solar em Cantabria, onde é muito conhecida; d'ella foi o santo prelado D. Francisco de Esquivel, arcebispo de Calher, na ilha de Sardenha, e o santo martyr Fr. Jacinto do Rosario, da ordem de S. Domingos.

São suas armas o escudo partido em pala; na primeira em campo de oiro uma aguia de sua côr, com um coelho de sua côr nas unhas, na segunda em campo azul tres faxas de oiro; timbre a aguia com o coelho do escudo.

Assim se encontram em uma memoria de José Freire Monterroio Mascarenhas.

ESSA ou DEÇA. Este appellido escrevem uns com E e outros com D. Deve ser Deça, nome de uma villa no reino de Galliza, de que foi senhor D. Fernando Deça, filho do infante D. João, que era filho do rei D. Pedro i de Portugal, e da rainha D. Ignez de Castro, o qual andou muitos annos fugitivo em Castella; passaram depois seus descen-

dentes a Portugal, e instituiram morgados em 1548 na quinta do Samouco, na ribeira da Canha e Louvre.

São suas armas as antigas de Portugal, em campo de prata os cinco escudetes de azul em cruz, os das ilhargas com os redondos para o centro, carregados cada um de nove besantes de prata em tres palas com um cordão como o de S. Francisco com os nós de oiro, posto em cruz em aspa e em orla que cubra quatro dos besantes em cada escudo excepto no do meio, que passa por baixo d'elle; timbre uma aguia azul estendida armada de oiro com cinco besantes das armas no peito.

Acham-se no livro da Torre do Tombo, fl. 10.

ESSAS, GALLEGOS. Em campo de oiro uma cruz sanguinha aberta e floreteada; escudo com duas orlas, a primeira de prata com oito caldeiras de negro, a segunda tambem de prata com tres aspas de oiro coticadas de negro; timbre uma aguia azul aberta com cinco besantes de oiro.

Acham-se no referido livro de Fr. José da Cruz, fl. 90.

ESTEVENS. O appellido de Estevens é derivado do nome proprio Estevão; d'elle achamos duas familias, uma que procede de Lopo Esteves de Olivença, cavalleiro do rei D. Affonso v, a quem serviu em Alcacer, Arzila, Tanger e Ceuta, e em remuneração d'estes serviços lhe deu o mesmo rei armas, que são em campo vermelho uma aguia de prata estendida armada de preto; timbre a mesma aguia [1].

Os que procedem de Leonardo Esteves trazem em campo de prata nove flôres de liz vermelhas, em tres palas, timbre uma das flôres de liz; assim o diz Villas-boas, trocando o nome de Leonardo em Lourenço; porém nós vimos um brazão passado a Henrique Estevens, em 31 de agosto de 1540, em que mostra ser filho de Henrique Esteves, neto de João Esteves, e bisneto do dito Leonardo Estevens, no qual dá por armas em campo de ouro treze flôres de liz, em tres palas, que vem a ser cinco na do meio e quatro em cada uma das ilhargas, todas vermelhas; timbre uma das ditas flôres. Assim as traz José Freire Monterroio em uma memoria que vimos d'elle.

[1] Esta mercê feita a Lopo Esteves, acha-se registada na chancellaria de D. Affonso v, liv. xxi, fl. 14 v. e liv. iii de Misticos, fl. 12 v., e tem a data de 8 de novembro de 1471. — *Pegado.*

ESTEVENS, de BUDALDE. Procedem de João Lourenço de Budalde Estevens, alferes-mór de D. João i. Seus descendentes se estabeleceram na villa de Veiros, d'onde passou para Lisboa Gaspar Rodrigues Paes Estevens, que em 1666 requereu brazão de suas armas.

São estas em campo de prata uma flôr de liz vermelha com duas espigas da mesma côr saindo d'ella; timbre um leão de prata nascente armado de vermelho, com a flôr de liz do escudo na espadoa. Assim as achamos no dito brazão; alguns põem por timbre só a flôr de liz.

ESTEVES. M. N. feita a Lopo Esteves pelos muitos serviços prestados em Alcacer, Arzilla e Tanger.

Escudo de purpura com uma aguia estendida de prata, armada de preto.

V. *Archivo*, n.º 1723.

ESTRADA e DUQUE. Procedem de Grimaldo, duque de Brabante e de Estralen, que vendo-se perseguido do seu tio Carlos Martel, em França, passou a Hespanha onde serviu na guerra contra os moiros, e seus descendentes conservando o titulo de duques de Estralen, ficou depois em appellido, corrompendo o Estralen em Estrada, chamendo-se ora Duques ora Estradas. Passaram a Portugal a primeira vez na pessoa de Annião da Estrada, companheiro do conde D. Henrique.—V. D. Francisco Pifferrer, no seu

Nobiliario Espanhol, impresso em 1859, tom. III, p. 255. Passaram segunda vez na pessoa de João de Estrada em tempo de el-rei D. Affonso V; e ainda terceira vez na pessoa de João Duque Estrada, com o cardeal Alberto, archiduque d'Austria, no tempo do governo castelhano.

São suas armas o escudo em pala, na primeira em campo de oiro uma aguia de negro aberta e coroada da mesma côr, na segunda em azul tres bandas de oiro carregadas de sete arminhos negros, tres na primeira e dois em cada uma das outras; timbre a aguia.

Acham-se em D. João Flores de Ocaris, no tomo I das suas *Genealogias do novo reino de Granada*, arv. I, p. 303.

ESTURIAS e RIAS. Tem esta familia por armas em campo de oiro duas faxas de azul ondadas de prata, orla de prata carregada de cinco cabeças de serpes de verde cortadas em sangue e com as linguas sanguinhas; timbre uma das cabeças com a boca virada ou aberta para cima [1].

Acham-se no Cartorio da Nobreza, e em Villas-boas.

[1] Esta descripção torna-se duvidosa por ter letra differente do original. — *Pegado.*

EVANGELHOS. Este appellido foi originado ou da verdade que tractava o primeiro sujeito que o tomou, ou da asseveração com que intimava o que dizia ou queria persuadir, dizendo que a *sua palavra era um Evangelho;* do que procederia dar-se-lhe a alcunha de Evangelho, que seus descendentes continuaram em appellido, e tomaram por armas as insignias dos quatro Evangelistas.

São estas em campo azul uma cruz de oiro firmada, e nos vãos cada um com seu besante de prata, no primeiro uma aguia da sua côr, no segundo um anjo vestido de vermelho com azas verdes, no terceiro um boi de sua côr, e no quarto um leão tambem de sua côr; timbre dois braços vestidos de verde, entre elles o livro dos Evangelhos, que seguram com as mãos pela parte de cima.

Acham-se no livro dos reis de armas.

EVELIN. A familia d'este appellido é originaria de França; passou á conquista da Terra-santa com Roberto, duque de Normandia, onde Balduino rei de Jerusalem, lhe deu a cidade de Baruth, que possuiram seus descendentes. Passaram a Chypre e perdendo-se aquella ilha foram para Ruan de França, d'onde foi Carlos Evelin, que vindo por capitão de cavallos a Portugal servir el-rei D. Affonso VI contra Castella, foi depois residente de França, e casou n'este reino, onde deixou descendentes.

São suas armas em campo de oiro um leão de azul; chefe vermelho com uma cruz de Jerusalem de oiro; timbre o leão do escudo. Assim as communicou José Freire Monterroio Mascarenhas.

F

FAFES. O conde D. Pedro dá por tronco a esta familia o conde D. Fafes Luz, cujo nome é uma abreviação de Fafiole, que seus descendentes continuaram em appellido. Passou o dito D. Fafes Luz a Portugal com o conde D. Henrique, e foi seu alferes : não sabemos que hoje exista este appellido, talvez porque seus descendentes seguiriam outros.

São suas armas o escudo partido em pala; a primeira xadrezada de oiro e vermelho,

cinco de oiro e quatro de vermelho, a segunda xadrezada tambem de cinco peças de azul e quatro de oiro; timbre um sol de oiro.

Acham-se no livro da Torre do Tombo, fl. 20.

FAGUNDES. Procedem de Gil Fagundes natural de Merufe no julgado da Feira, de quem falla o conde D. Pedro, *Nobiliario*, fl. 337, o qual procedia dos conquistadores da villa de Chaves, e em commemoração d'isto pozeram por armas em campo de prata cinco chaves de azul, postas em santor; timbre duas chaves em aspa atadas com um torçal de prata.

Acham-se no livro da Torre do Tombo, fl. 40.

FAJARDO. Os Fajardos são originarios do reino de Galliza, tiveram solar na villa de Santa Martha de Ortigueira, de que foram senhores : acharam-se na conquista do reino de Murcia, passaram a Portugal no tempo de el-rei D. Affonso v, e fizeram assento na villa de Penella.

São suas armas em campo de oiro tres pés de ortigas de verde sobre tres montes de sua côr, que saem de um mar, que é o contrachefe; timbre meio urso de oiro, com um ramo de ortigas na mão direita.

Acham-se no livro dos reis de armas.

FALCÃO. Temos achado que esta familia não procede de João Falcão, capitão inglez que veiu ajudar el-rei D. João i, como diz Villas-boas, e o seguem muitos auctores, porque no anno de 1104 da era de Cesar fez Falcão Paes doação ao prior de S. Miguel de Pendorada, chamado Miguel, e a seus monges, de Villa-septa, como consta do cartorio do mesmo convento, allegado pelos antiquarios Fr. Bernardo de Braga e Gaspar Alvares Lousada: de maneira que este appellido não é alcunha e sim patronimico, porque se acha Pedro Falcão, morador em Chaves, no tempo de el-rei D. Diniz, e no de el-rei D. Pedro i vivia em Evora Lourenço Annes Falcão, e o dito rei lhe coutou a sua herdade de Alvarandeus, que el-rei D. Fernando lhe confirmou em 1405 da era de Cesar, muitos annos antes de vir a Portugal o dito João Falcão.

São suas armas em campo azul tres bordões de Sant'Iago de prata, com os nós vermelhos e ferrados de oiro, postos em pala; timbre um falcão de sua côr, com um dos bordões no bico e pé direito.

Acham-se no livro da Torre do Tombo, fl. 14.

FARIA. A familia dos Farias é tão antiga, que se acha desde o tempo dos romanos, e desde os nossos primeiros reis até D. Fernando tiveram grandes empregos. O appellido foi tomado do julgado de Faria, no termo de Barcellos; produziu sujeitos nas letras e nas armas os de maior nome, e pertence o seu sangue a muitas casas das primeiras d'este reino.

São suas armas em campo vermelho um castello de prata, com portas e frestas de negro, entre duas flores de liz do mesmo metal, e tres em chefe; timbre o castello do escudo, com uma flor de liz acima do torre do meio.

Acham-se no livro da Torre do Tombo, fl. 17.

FARINHA. Esta familia deve a sua varonia á dos Goes, e o appellido á quinta de Farinha, de que eram senhores, sita no julgado de Pena-cova, junto ao logar de Paradella.

São suas armas em campo azul nove besantes de prata, em santor, e nos quatro angulos quatro cruzes de oiro floridas e vasias; timbre seis espigas de trigo de oiro atadas com um torçal azul.

Acham-se no livro dos reis de armas.

FARO. Deduzem os Faros a sua varonia da serenissima Casa de Bragança, hoje reinante, porque D. Fernando I de nome e segundo duque, teve entre outros filhos a D. Affonso, a quem el-rei D. Affonso V fez conde de Faro, e por este motivo tomaram os seus descendentes o nome d'esta cidade por appellido, como foram os condes de Odemira, e depois os do Vimieiro.

São suas armas em campo de prata uma aspa vermelha com cinco escudos das quinas de Portugal, sem a orla dos castellos; timbre um cavallo de prata nascente bridado de oiro, com correas vermelhas, e tres lançadas no pescoço, ou feridas de lança deitando sangue.

Acham-se no livro dos reis de armas.

FAROS, de BISCAIA. Tem por armas em campo de prata um carvalho verde.

Acham-se no livro manuscripto de Fr. José da Cruz, fl. 96.

FAROS, de CASTELLA. Escudo partido em pala; na primeira em campo azul um crescente de prata, com as pontas para baixo; na segunda de oiro tres bastões sanguinhos.

Acham-se no já citado manuscripto de Fr. José da Cruz, fl. 97.

FAYA. É familia d'este reino, que existia no anno de 1651, em que se passou brazão de armas a Manuel Gomes Faya.

São estas em campo de prata uma arvore, faya, de sua côr; e junto d'ella um lobo de sua côr, armado de vermelho; timbre o lobo.

Acham-se no livro dos reis de armas. Villas-boas traz outras que n'elle se podem ver.

FAZENDA. Este appellido se deu a João Affonso da Fazenda, por ter emprego no tribunal d'este nome, e outros da fazenda real.

São suas armas em campo vermelho um cardo verde perfilhado de oiro florido e com raizes de prata, e em orla um cordão de S. Francisco, de prata; timbre o mesmo cordão.

Acham-se no livro dos reis de armas.

FEBO MONIZ. V. *Moniz de Luzinhano.*

FEIO. Este appellido, que primeiro foi alcunha, deve a sua ascendencia aos Ataides. Tem n'este reino o morgado de Monte-redondo.

São suas armas em campo de prata tres bandas vermelhas; timbre um leão de prata armado de vermelho com as tres bandas do escudo.

Acham-se no livro dos reis de armas, e tambem no brazão que se passou em 1583 a Paulo Cabral de Castello-branco. Villas-boas lhe dá em campo azul tres bandas vermelhas coticadas de oiro.

FEIJÓ. Os Feijós são do reino de Galliza. Os primeiros que tiveram este appellido foram os filhos do conde D. Thebaldo, descendente da casa dos condes de Cela-nova.

Passaram a Portugal, onde lhe achamos dois escudos de armas: é o primeiro (que dizem ser dos de Galliza) em campo vermelho seis besantes de oiro, em duas palas, entre elles uma espada de prata com os copos de oiro, em pala, com a ponta para cima; timbre a espada com um ramo de feijoeiro florido de sua côr, em aspa. É o segundo em campo azul tres faxas vermelhas coticadas de oiro; timbre um leão de prata bandado e armado de vermelho.

As primeiras acham-se no livro dos reis de armas. Villas-boas traz as primeiras e as segundas.

FEITAL. É appellido tomado do nome da freguezia do Feital, no bispado de Viseu, d'onde saiu o primeiro que o teve.

Não se encontrou até agora a fórma das armas ou brazão d'este appellido.

FERNANDES. V. *Sena Fernandes*.

FERNANDES. Tem por armas em campo azul uma torre de oiro com seis bombardas de sua côr, duas em baixo e quatro em cima. D'esta forma se passaram em um brazão a Jeronymo Martins Fernandes, a 21 de outubro de 1789. Timbre a mesma torre.

FERNANDES, DAS ASTURIAS. Em campo azul cinco flores de liz de oiro postas em santor; orla sanguinha carregada de oito aspas de oiro : tem seu solar nas Asturias.

Acham-se no já referido livro de Fr. José da Cruz, fl. 109.

FERNANDES, de DIOGO FERNANDES CORREA. Este escudo acha-se no livro dos reis de armas, a saber : esquartelado, no primeiro quartel em campo de oiro uma aguia negra de duas cabeças armada de vermelho com um crescente de prata nos peitos; no segundo em vermelho tres escudetes de prata, cada um com sua cruz sanguinha, como as de S. Jorge, postos em roquete; no terceiro em campo vermelho um castello de prata; no quarto em campo vermelho tres vieiras de prata em roquete; timbre uma aguia nascente negra, de uma só cabeça, com um dos escudetes do segundo quartel no bico, pendurado por um torçal vermelho.

Estas foram as armas dadas pelo imperador Maximiliano I, rei dos romanos, a Diogo Fernandes Correa, em 15 de junho de 1509.

V. *Archivo*, n.º 549.

FERNANDES, de JOSÉ GABRIEL FERNANDES. M. N. a José Gabriel Fernandes por alvará de 4 de janeiro de 1871.—Escudo esquartelado, tendo o primeiro superior da direita carregado com uma aguia bifronte de negro, estendida, armada de vermelho, e com um crescente de prata, apontado para cima, no centro do peito, e sobre campo de oiro; o segundo superior da esquerda carregado com uma cruzeta de oiro concentrada por tres crescentes de prata apontados para cima, e collocados em roquete sobre campo vermelho; o inferior da direita contendo uma fortaleza de prata firmada em contrachefe, cosido de verde e pardo, sobre campo vermelho; e finalmente o segundo inferior da esquerda carregado de tres vieiras de prata collocadas em roquete sobre campo azul celeste; timbre uma aguia negra andante, armada de vermelho, e assim o paquife, quando o queiram; elmo de prata liza decorado de oiro lavrado, e forro azul celeste.

V. *Archivo*, n.º 1525.

FERRAZ. Acha-se este appellido desde o tempo dos reis D. Sancho II e D. Affonso III. Teve a apresentação de sete egrejas, de que ainda conservam tres.

O escudo de suas armas se acha em grande confusão. O livro dos reis de armas traz em campo vermelho seis besantes de prata em duas palas, cada um com tres faxas ou gretas de negro; timbre cinco besantes como os do escudo em santor; no brazão que se passou em 1667 a Luiz Ferraz de Sousa, alcaide-mór do Redondo, tem em campo azul seis torteaus de vermelho perfilados e faxados de oiro; outros trazem estes torteaus em campo de prata sem o perfil, e Villas-boas traz em campo vermelho seis besantes de oiro faxados de duas faxas de negro.

FERREIRA. A familia de Ferreiras descende de D. Fernando Alvares Ferreira, rico-homem do rei D. Sancho I de Portugal, em cujo tempo passou de Castella a este reino; viveu no concelho de Aguiar de Sousa em uma casa que de seu appellido se ficou

chamando paço de Ferreira, e era descendente dos condes das Asturias de Santilhana; o appellido foi tomado de uma villa chamada de Ferreira, que está no reino de Leão em terra de Campos a que hoje chamam Herrera, de sorte que os Herreras de Castella e os Ferreiras de Portugal tem a mesma origem.

São suas armas em campo vermelho quatro faxas de oiro; timbre uma ema de sua côr com um ferradura de oiro no bico.

Acham-se no livro da Torre do Tombo, fl. 19.

FERREIRA TABORDA. M. N. a Nuno Augusto de Brito Homem Ferreira Taborda, e Bento Maria de Brito Homem Ferreira Taborda, por alvará de 28 de abril de 1865.—Escudo esquartelado, sendo o primeiro superior da direita carregado de cinco quadernaes compostas cada uma de quatro crescentes de prata apontados para o centro, e collocadas em aspa sobre campo vermelho; o primeiro superior da esquerda interceptado por tres faxas de purpura sobre campo de prata; o primeiro inferior da direita interceptado por cinco braceletes azues sobre campo de oiro orlado de prata mosqueada de arminhos negros, e com uma espada de oiro fimbrada de negro e collocada em faxa sobre o chefe; o segundo inferior da esquerda interceptado por uma banda vermelha encabeçada por duas cabeças de serpente de oiro e fimbrada do mesmo metal sobre campo verde; elmo de prata lisa com a viseira aberta e decorada de oiro lavrado; virol decorado de prata e vermelho, e por timbre uma aza de aguia vermelha carregada com uma das quadernas do escudo.

FERRER. Nos coutos de Alcobaça ha um logar maritimo a que chamam Ferrer, e bem póde ser que o primeiro que assim se appellidou fosse d'aquelle logar. Comtudo, D. Francisco Pifferrer no seu *Nobiliario*, tom. IV, pag. 18, trata largamente d'esta familia.

Tem por armas em campo vermelho um elephante de prata com sua tromba; timbre o mesmo elephante.

Acham-se no livro dos reis de armas.

FERRÃO. Parece ser este o mesmo appellido que Ferraz, porque no livro dos reis de armas lhe achamos o mesmo escudo, que é seis besantes de prata com faxas de preto em campo vermelho; porém Villas-boas diz que é distincta esta familia, e dá-lhe por armas em campo de prata cinco *torteaus* vermelhos com ferrões azues, postos em santor; timbre um leão de oiro.

FIALHO. A familia de Fialhos tinha em Thomar uma capella instituida por Simão Preto para andar no clerigo seu parente mais chegado; como se acabou a linha tomou a Misericordia a si a apresentação. No logar da Fanacha, junto á villa de Obidos, ha gente d'este appellido.

Trazem por armas em campo azul tres mundos de oiro em roquete, cada um com sua cruz do mesmo metal no remate; timbre um dos mundos.

Acham-se no livro dos reis de armas, em Villas-boas, e no livro da Torre do Tombo, fl. 32.

FIGUEIRA e FIGUEROA. É tudo a mesma familia, que passou de Galliza a Portugal na pessoa de Gonçalo de Figueroa, que n'este reino se chamou Gonçalo Figueira.

São suas armas em campo de oiro cinco folhas de figueira de verde, em santor; timbre um braço vestido de vermelho, com um ramo de figueira na mão.

Acham-se no livro da Torre do Tombo, fl. 34.

FIGUEIRA CHAVES. No livro de armaria da Torre do Tombo, e no dos reis de armas se acha este escudo de armas dos Figueiras : em campo de oiro cinco folhas

de figueira verdes e uma orla vermelha com seis chaves de prata; timbre duas chaves do escudo em aspa atadas com um ramo de figueira. Este escudo pertence ao ramo que se liou com os Chaves.

FIGUEIREDO. Os Figueiredos tem a mesma origem dos Figueroas, por descenderem d'estes, e por terem casa em Figueiredo das Donas. Tomaram o appellido de Figueiredo, e as suas armas com pouca differença.

São estas em campo vermelho cinco folhas de figueira de verde, nervadas e perfiladas de oiro, postas em santor; timbre dois braços de leão de vermelho, em aspa, cada um com sua folha de figueira na garra.

Acham-se no livro dos reis de armas.

FIGUEIREDOS, de JOÃO DE FIGUEIREDO. Não podémos descobrir d'este escudo mais do que a sua forma. É elle partido em pala; na primeira em campo azul uma torre de prata, com porta e duas frestas de vermelho, e com ameas; do alto d'estas saem duas bandeiras de prata, cada uma com sua cruz como as da ordem de Christo, de vermelho, uma para cada lado, e das duas frestas saem outras duas bandeiras da mesma forma, uma para cada lado; na segunda pala as dos Figueiredos, em campo vermelho cinco folhas de figueira verdes, nervadas e perfiladas de oiro, postas em santor; timbre dois braços de leão de vermelho, em aspa, cada um com sua folha de figueira na garra. Estas armas foi accrescentamento, porque se fôra alliança não havia de tomar o timbre da segunda pala, mas sim o da primeira. (As hastes das bandeiras são de oiro).

FILGUEIRA. Esta familia começou a apparecer no tempo de el-rei D. Pedro I em Lourenço Filgueira, alcaide-mór do castello de Frojam por mercê do mesmo rei, e depois vassallo de el-rei D. João I. Parece ser o solar d'esta familia o concelho de Filgueira.

São suas armas em campo azul nove lisonjas de prata, em tres palas; timbre um lobo nascente de azul, lisonjado de prata.

Acham-se no livro da Torre do Tombo, fl. 27.

FILIPPE. Trazem por armas em campo de prata seis rosas de sua côr, com folhinhas verdes, em duas palas, orla verde com dez aspas de oiro; timbre uma aspa do escudo com tres rosas das armas.

Acham-se no livro dos reis de armas, e as vimos no registro do brazão que se passou a João Brestrollo Filippe em 1608.

FLORES. Flores é um patronimico derivado de Froilas; a familia d'este appellido descende de D. Fruela Ruy, titular das Asturias, pae do rei D. Bermudo I de Leão.

São suas armas o escudo partido em pala; a primeira de azul semeada de flores de liz de oiro, com um mantel de prata carregado com um leão vermelho; a segunda de vermelho com seis caldeiras de oiro em duas palas, orla azul cheia de cruzes de prata como as de Malta; timbre um porco espinho negro, com espinhos de oiro. Acham-se d'esta forma no livro dos reis de armas.

Villas-boas nas armas que descreve a esta familia troca a primeira pala, pondo-lhe o campo de prata com o leão vermelho, e o mantel azul semeado de flores de liz de oiro, no mais conforma-se com o que fica exposto.

Gonçalo Argote de Molina dá a esta familia por armas em campo azul cinco flores de liz de oiro, em santor.

D. João Flores de Ocaris traz um catalogo de sujeitos distinctos d'esta familia.

V. *Nobreza de Andaluzia*, liv. II, cap. C, e D. João Flores, tom. I, arv. II, fl. 366.

FOGAÇA. Esta familia dos Fogaças é antiquissima em Portugal: já em tempo de el-rei D. Affonso Henriques apparece Pedro Fogaça confirmando no anno de 1133 uma doação que o dito rei, então infante, fez de um seu reguengo ao mosteiro de S. Romão de Neiva no mez de setembro do anno acima. No tempo dos reis D. Pedro, D. Fernando e D. João I apparece Lourenço Annes Fogaça, que foi chanceller-mór de el-rei D. Fernando e seu vassallo, embaixador a França por mandado d'este rei a tractar da liga que queria fazer com Luiz, duque de Anjou, contra o rei de Aragão, etc., e depois o mandou tambem na mesma qualidade a Inglaterra a concluir a vinda do conde de Candbrix a este reino, o que teve effeito como se pretendia. Depois por mandado de D. João I voltou a Inglaterra a tractar negocios do estado em companhia do mestre de Sant'Iago D. Fernando Affonso de Albuquerque. Foi vedor da rainha D. Filippa, alcaide-mór de Lisboa, senhor de Odemira e de um reguengo em Sacavem. Casou com Leonor Rodrigues de Albergaria, filha de Alvaro Vasques de Pedra-alçada, irmão de Gonçalo Vasques de Pedra-alçada, escrivão da puridade de el-rei D. Pedro I.

Ha varias armas da familia dos Fogaças: as primeiras que achamos são: o escudo franxado; no primeiro e ultimo quarteis em campo vermelho cinco palas ou bastões de oiro, que alcançam um e outro quartel, nos dos lados em campo de oiro uma fogaça em cada um de azul, realçada de prata; timbre um feixe de lenha ardendo.

As de Antonio Fogaça são: escudo de oiro com tres rosas de sua côr, com os pés e folhas verdes, postas em roquete; timbre um fogacho ardendo.

FONSECA. Esta familia, a dos Tavares e a dos Coutinhos teem todas as mesmas armas e só differem nos timbres, porque todos procedem do mesmo tronco. D. Mousinho Viegas, o Gasco, tomou o appellido da honra de Fonseca.

São suas armas em campo de oiro cinco estrellas sanguinhas de cinco raios, postas em santor; timbre um toiro vermelho armado de oiro e uma estrella do mesmo na espadoa.

Acham-se no livro da Torre do Tombo, fl. 19. V. *Archivo*, n.º 495.

FONTAINHAS. M. N. ao visconde das Fontainhas, José Cordeiro Feyo, por alvará de 14 de novembro de 1865.—Escudo esquartelado, sendo o primeiro superior da direita carregado com quatro cordeiros de prata andantes e acantonados sobre campo verde; o primeiro superior da esquerda interceptado por tres bandas de prata sobre campo de purpura, e assim o seu alterno; o segundo inferior da esquerda carregado com cinco estrellas de oiro de seis raios cada uma e collocadas em cruz sobre campo azul; coronel de visconde.

V. *Archivo*, n.º 1490.

FONTANA. Parece ser familia de Castella.

São suas armas em campo verde e florido uma fonte de prata redonda com duas bicas de que corre agua, a fonte levantada e duas aguias de oiro bebendo no chafariz da mesma fonte, coroadas; a agua corre por duas bicas, e a côr do alto do escudo é azul celeste.

FONTES. Esta familia é da provincia do Alemtejo.

São suas armas partidas em pala; na primeira em campo de prata tres faxas de azul, cada uma com tres flores de liz de oiro, em faxa, orla vermelha com oito aspas de oiro; na segunda pala em campo verde uma banda de prata lisa.

Acham-se no livro dos reis de armas.

FONTOURA. É familia das Asturias, d'onde passou a Portugal João de Fontoura, fidalgo muito principal, que se estabeleceu na provincia de Traz-os-montes, foi seu filho Manuel de Fontoura, que serviu a Casa de Bragança, e seus descendentes se espalharam por varias terras, e passaram tambem á America.

São suas armas o escudo partido em pala; na primeira em campo verde uma fonte de oiro redonda e alta, de que corre agua na bacia por duas bicas; na segunda em campo de prata uma arvore de sua côr e um estandarte vermelho com haste de oiro mettido na arvore, junto d'esta um libreo preto preso á mesmo arvore por uma cadea de oiro.

FORTES. Teve sempre esta familia homens notaveis por armas; descendem de Fortes Bermudo ou Fortum Bermudo, cujo nome depois se converteu em appellido.

São suas armas em campo vermelho um castello de prata, e á porta d'elle um homem armado de armas brancas, com uma lança de oiro na mão e ferro de negro, orla lisa de azul; timbre um braço armado com uma lança como a do escudo.

Acham-se no referido livro de Fr. José da Cruz, pag. 656. V. tambem *Asturia illustrada*, etc.

FOYOS. Esta familia veiu de Castella, tomou o appellido do logar de Foyos, que foi o seu solar. Gomes Garcia de Foyos foi o primeiro que veiu a Portugal, no tempo de el-rei D. Fernando, e el-rei D. João I lhe fez mercê dos senhorios de varias terras; foi d'ella o secretario de estado Mendo de Foyos Pereira e outras mais pessoas e prelados de grande litteratura.

São suas armas em campo azul uma banda de oiro mettida nas bôcas de duas cabeças de serpes do mesmo, armadas de vermelho, orla de prata com oito arminhos de negro.

Acham-se sobre a porta da magnifica sachristia do convento da Graça, em Lisboa, que fez o dito Mendo de Foyos Pereira.

FRADE. É familia de Portugal, o appellido é o patronimico de Fradique, ou Frade Valdrique como nos primeiros seculos se usava. El-rei D. Affonso V deu armas a Alvaro Affonso Frade por carta passada em 8 de novembro de 1471 [1].

São ellas o escudo esquartelado com uma cruz vermelha; no primeiro quartel em azul um besante de prata; no segundo em prata uma estrella vermelha, e assim os contrarios; o contrachefe ondado de agua; timbre uma aspa vermelha com uma estrella de prata.

V. *Archivo*, n.º 38.

1 Acha-se este registro na Chanc. de D. Affonso V, liv. XXI, fl. 14, e liv. III de Misticos fl. 12. Differe na descripção do brazão. — *Pegado*.

FRAGOA ou FRAGA. Esta familia é oriunda da provincia da Beira, e passou depois para a comarca de Viseu e para a ilha Terceira. Ignora-se a sua antiguidade; mas já no anno de 1481 era juiz das sisas e direitos reaes João de Fraga, por mercê de el-rei D. Affonso V.

O appellido parece derivado das suas armas, que são: em campo de prata um monte de sua côr, ardendo em chammas de fogo; timbre o mesmo monte.

Acham-se no livro dos reis de armas.

FRAGOSO. É familia oriunda de Genova, e tão illustre, que d'ella foi eleito duque e governador da republica Domingos Fulgoso no anno de 1370. Teve muitos cavalleiros e cardeaes, porém fizeram-se tão asperos e soberbos, que lhes mudaram o appellido de Fulgosos em Fragosos, e os perseguiram os Adornos, que era outra familia poderosa de quem fugiu para Portugal Pedro Fragoso, filho de Octaviano Fragoso, duque d'aquella republica, e el-rei D. João III lhe fez algumas mercês. Os de Portalegre são muito mais antigos, porque no tempo de el-rei D. Diniz já os havia.

São suas armas em campo azul tres soes de oiro com seus raios do mesmo, postos em roquete; timbre um lobo cerval de sua côr.

Acham-se no livro dos reis de armas.

FRANÇA ou FRANCA. D'estes appellidos França, Franca, Franqui e Franco achamos varios escudos de armas com tal confusão, que é difficultoso discernir qual d'elles pertence a cada um.

Villas-boas dá aos Franças e Franquas (que escreve com *qu* para melhor se entender de que familias fala) em campo de prata quatro palas de verde, atravessado o escudo com uma banda d'estes esmaltes, o que cae sobre o campo de prata é de verde, e o que cae sobre as palas verdes é de prata; timbre duas azagaias verdes em aspa, atadas com uma cinta de prata e os ferros de sua côr.

José Freire Monterroio, em uma memoria que d'elle vimos, diz que os Franças procedem de João de França, filho bastardo de João de França, segundo do nome, duque de Alençon, que vindo a este reino n'elle casou e deixou filhos com o appellido de Franças; e que suas armas são : em campo azul flores de liz de oiro sem numero com uma banda de prata, orla vermelha com oito besantes de prata; que foram senhores do couto de Serzedello, e que na ilha da Madeira ha descendentes seus.

FRANCO. N'estes appellidos Franco, Franca, Franque e França ha, como se diz acima, grande confusão a respeito das armas que pertencem a cada um d'elles. O rei de armas Portugal, Francisco Gonçalves Carrasco, deu como armas de Francos a Bartholomeu Franco em 1687, em um brazão que lhe passou, de que vimos a copia, as armas seguintes : em campo verde um penhasco de sua côr, e sobre elle um castello de prata lavrado de preto, com portas e frestas da mesma côr preta, e o contrachefe ondado de agua; timbre o mesmo castello.

FRANQUI e FRANÇA. Esta familia veiu de Genova no reinado de el-rei D. João I. Estabeleceu-se no Algarve e serviu em Africa.

São suas armas em campo sanguinho tres corôas de oiro abertas, postas em roquete, chefe de prata com uma cruz vermelha e firmada no escudo; timbre meio cavallo branco com as clinas crespas.

Acham-se no livro dos reis de armas, e em Gonçalo Argote de Molina, fl. 242. Dizem que n'este reino se mudou o Franqui em França. Villas-boas attribue aos Francas as proprias armas que acima puzemos aos Franças.

FRAZÃO. Este appellido foi tomado da honra de Frazão, no concelho de Refoios, que é o solar d'esta familia e de que foram senhores. Foi fundação sua o mosteiro de Grijó, de conegos regrantes, e seus descendentes tiveram n'elle comedoria.

São suas armas em campo vermelho um chaveirão de prata firme entre tres flores de liz de oiro; timbre o chaveirão, e em cima d'elle uma flor de liz do escudo.

Acham-se no livro da Torre do Tombo, fl. 25.

FREITAS. Este appellido foi tomado do julgado de Freitas; a familia é illustrissima, por descender do grande D. Arnaldo de Baião, que quando não tivesse outra honra bastava-lhe a de ter dado o sempre memoravel Martim de Freitas, alcaide-mór de Coimbra, que defendeu a favor de el-rei D. Sancho II, com taes circumstancia que não ha quem com elle emparelhe em fidelidade.

São suas armas em campo vermelho cinco estrellas de oiro em santor; timbre dois braços de leão de oiro em aspa. Alguns lhe põem nas garras uma alabarda de prata com o cabo vermelho.

Acham-se no livro da Torre do Tombo, fl. 30.

FREITAS TEMUDOS. Conforme o manuscripto de Francisco Coelho, rei de armas, que se guarda na Torre do Tombo, o appellido de Temudo é uma palavra antiga que significava *temido* : por tal era respeitado na villa de Abrantes Fernão Rodrigues, que

pelo seu grande valor alcançou este appellido. Seu filho Ruy Fernandes Temudo casou com Isabel Gonçalves de Freitas, filha de Gabriel Gonçalves de Freitas, cavalleiro muito esforçado do tempo dos reis D. João I, D. Duarte e D. Affonso V. Este ultimo em attenção a seus serviços lhe deu por armas em campo azul uma aguia de duas cabeças, de oiro e estendida, com os pés sobre uma cabeça de moiro, com turbante de prata e vermelho; e um cordão de S. Francisco de sua côr, com os nós de oiro, em orla; timbre dois braços de leão, de oiro, em aspa, com uma alabarda de prata com haste vermelha nas garras.

Acha-se a carta de mercê d'estas armas, que foi feita no anno de 1476, no liv. II de Misticos da Torre do Tombo [1].

[1] **Esta mercê foi feita a 21 de maio de 1477 a Ruy Vaz ou Vasques, e acha se no liv. II de Misticos, fl. 58 v. Por este registro se vê que tudo acima dito está transformado, pois não é Ruy Fernandes, nem tampouco a descripção do brazão é a que acima se descreve. — *Pegado.***

FREIXINHO. Não apparece outra noticia d'este appellido mais que a de ter o seu brazão no livro dos reis de armas.

São estas em campo vermelho com o contrachefe de agua de prata e azul, e d'elle sae um freixo de sua côr, perfilhado de oiro, e seis lanças com os ferros de prata e as hastes de oiro arrimadas ao freixo, tres de cada banda; timbre o freixo do escudo.

FRIAS. Esta familia é das Asturias, procede de um de doze irmãos, que parece ganharam aos moiros a cidade de Frias, junto ao rio Ebro; assim o dão a entender as suas armas, que são: em campo de prata uma torre de azul, entre dois leões de sua côr, trepantes, assentada junto de um rio de agua, que é o contrachefe, orla vermelha com oito aspas de oiro; timbre a torre do escudo.

Acham-se no livro dos reis de armas, e em Villas-boas.

FREIRE. Os d'este appellido em Portugal procedem de Nuno Freire de Andrada, referido no appellido de Andradas, de cujas armas usam.

FROES. É appellido patronimico do nome proprio Froile, que teve D. Froile Paes, cavalleiro do tempo de el-rei D. Affonso Henriques e de seu pae o conde D. Henrique. D'elle descendeu esta familia de Froes.

São suas armas em campo azul tres crescentes de oiro apontados, que fazem um triangulo; timbre uma pomba de prata, com o bico e pés vermelhos, e no bico um ramo de oiro florido de azul.

Acham-se no livro dos reis de armas, e no livro da Torre do Tombo, fl. 32.

FROTA. Descendem os Frotas de um cavalleiro dos que vieram em uma frota do Norte pelejar contra os moiros na tomada de Alcacer do Sal, e ficando em Portugal foi chamado o da Frota.

São suas armas o escudo cortado em faxa, a primeira de oiro, e a segunda de vermelho, com um leão entrecambado d'estes esmaltes; timbre um leão de oiro nascente, armado de vermelho.

Acham-se no livro dos reis de armas.

FUNES. São as armas d'este appellido o escudo cortado em faxa; na primeira em campo de prata seis arminhos negros em duas palas, e a segunda lisa de vermelho.

Assim as traz o dito Fr. José da Cruz no seu livro por vezes citado.

FURTADO. Procedem os Furtados de D. Furtado de Mendonça, senhor de Mendibil, Mendonça, Peralta e outros logares, que era filho herdeiro de D. Inigo Lopes de Mendonça, quarto senhor de Lodeo, e de sua mulher D. Leonor Furtado, senhora de Men-

dibil, que era filha de D. Fernão Peres de Lara a quem chamaram o Furtado, que era irmão uterino do imperador D. Affonso VII, e se lhe deu este nome por haver nascido do casamento clandestino da rainha D. Urraca com o conde D. Pedro Gonçalves de Lara. Passou a Portugal com a rainha D. Brites, mulher de el-rei D. Affonso III, D. Fernando Inigues de Mendonça Furtado, de quem descendem todos os Furtados Mendonças que ha n'este reino.

São suas armas o escudo franxado; nos quarteis alto e baixo em campo verde uma banda vermelha coticada de oiro, nos das ilhargas em campo de oiro um — S — ou fuzil de cadea de negro; timbre uma aza de oiro com um — S — de negro. Os de Castella trazem em campo vermelho dez folhas de golphão de prata, em tres palas.

Acham-se no livro da Torre do Tombo, fl. 12.

FUSTE. Escudo esquartelado; no primeiro quartel em campo azul um crescente de prata com as pontas para baixo e por cima tres estrellas de oiro; no segundo em campo verde tres flores de liz de oiro, uma arvore carrasco de sua côr, e um urso tambem de sua côr atado ao tronco por uma cadea de ferro; no quarto em campo vermelho tres bastões de negro coticados de oiro.

Acham-se no referido livro de Fr. José da Cruz, a fl. 106, sem mais noticia.

FUZEIRO. Este appellido é sem duvida tomado de alcunha, mas a familia que d'elle usou, e que parece hoje extincta, foi muito nobre. Vivia em Evora, e acham-se memorias d'ella desde o tempo de el-rei D. Affonso IV em Lourenço Pires Fuzeiro. Tiveram muitas herdades, coutadas; foi d'elles a de Peramanca, que logrou Rodrigo Annes Fuzeiro. Nuno Barreto Fuzeiro foi fundador do convento da Conceição da Luz.

São suas armas em campo azul cinco lisonjas de oiro, vasias e pegadas umas ás outras, postas em cruz; timbre duas azas de aguia de sua côr, carregada cada uma de sua lisonja, como as das armas.

Acham-se no livro da Torre do Tombo, fl. 32.

G

GACHINEIRO. É familia da provincia do Minho, d'onde passou para Lisboa.

São suas armas em campo vermelho dois gatos de prata passantes; timbre um dos gatos do escudo.

Acham-se no livro dos reis de armas.

GAGO. É appellido tomado de alcunha e muito antigo, porque já no tempo de el-rei D. Sancho I vivia Rodrigo Annes Gago, fidalgo de tanta nobreza que casou com uma irmã de D. Gil Pires de Cerveira, bispo de Orense, em cuja contemplação foi viver a Galliza, razão porque o conde D. Pedro diz que elle era de Galliza. Nos registros de el-rei D. Affonso II se faz memoria em Torres-vedras, e no tempo de el-rei D. Affonso III se acha nomeado João Peres Gago.

São suas armas em campo vermelho uma aspa de prata firme entre tres crescentes do mesmo metal, e uma estrella de oiro de oito pontas em chefe; timbre um leopardo de prata, com uma estrella vermelha na testa.

GAIO e GAIÃO. É familia d'este reino, e no tempo de el-rei D. Affonso Henriques se acha D. Nuno Soares Gaio. Foi d'ella o bispo D. João Gaio, a quem a nobreza deve os grandes elogios que nas suas obras lhe fez. Ha esta familia na villa de Abrantes.

São suas armas em campo de prata tres arminhos de negro postos em faxa, chefe partido em pala, na primeira em campo vermelho um castello de oiro, e na segunda em campo de oiro quatro bastões sanguinhos, em pala; timbre um castello de oiro, saindo do alto d'elle um estandarte de prata arminhado, com a haste de oiro. Alguns cortam o escudo em faxa, na de baixo os arminhos e na de cima o castello e os bastões.

GAIOSO. Os Gaios, Gaiões e Gaiosos parece ser tudo a mesma familia, ainda que lhe achemos armas differentes. Não sabemos onde existe este appellido.

Teem estes por armas em campo azul tres faxas de oiro, a do meio entre dois peixes de prata.

Acham-se no livro dos reis de armas.

GALHARDO e GORJÃO. Os Galhardos são antigos; o seu appellido foi tomado de alcunha de Cid Galhardo, que foi herdeiro em Sevilha pelo rei D. Affonso o Sabio. Faz memoria Gonçalo Argote de Molina. Fernão Soares Galhardo foi alcaide-mór da villa de Seda. Pedro Esteves Galhardo se acha nomeado nos livros dos registros de el-rei D. João I. Tem esta familia duas casas, uma na villa de Abrantes e outra na de Veiros, ambas com nobreza. Em 1529 deram-se as seguintes armas a Zuzarte Soares Galhardo:

Em campo vermelho um leopardo de oiro, com uma flor de liz do mesmo metal no chefe, acima da cabeça do leopardo; timbre o leopardo do escudo [1].

[1] Esta mercê foi feita em Lisboa a 6 de abril de 1529, e acha-se o registro na Chanc. de el-rei D. João III, fl. 36 v. do liv. XVII. Não combina na descripção do brazão, o qual lhe foi dado por descendencia. — *Pegado.*

GALLEGO. É familia de Galliza, que procede de el-rei D. Fruella I de Leão. Tem tido fidalgos muito illustres e mestres das ordens militares.

São suas armas, em Portugal, em campo azul uma cruz de oiro firmada entre quatro borregos de prata, e um vermelho carregado na mesma cruz; timbre um dos borregos de de prata.

Os de Castella trazem o escudo partido em pala; na primeira em campo vermelho um castello de oiro, a segunda de prata com um leão sanguinho. Outros trazem as dos Fajardos.

GALVÃO. A familia d'este appellido é oriunda de Portugal, e não de Inglaterra como disseram alguns. O seu estabelecimento foi na provincia do Alemtejo; o appellido foi alcunha, onde ao gavião chamavam galvão. Ha muitos annos que se acabou a sua varonia.

As suas armas são uma alliança de Galvão com Costas: o escudo partido em pala; na primeira em campo de prata um gavião negro aberto armado de azul, com um crescente de oiro no peito; na segunda em campo vermelho seis costas de prata firmadas, e postas em pala; timbre um gavião como o do escudo nascente, com uma costa de prata no bico.

Acham-se no livro dos reis de armas.

GAMA. Esta familia procede de um dos companheiros com quem Giraldo Sempavor ganhou Evora aos moiros, era este da familia dos Ulhoas, por nome Ruy Lopes, filho de D. Lopo Rodrigues de Ulhoa, que vivia em Olivença, rico-homem de el-rei D. Affonso I: o appellido foi alcunha, por ter domesticado uma gama que o acompanhava por toda a parte, e d'elle procedeu o grande D. Vasco da Gama.

São suas armas o escudo xadrezado de oiro e vermelho, de tres peças em faxa e cinco

em pala, oito de oiro e sete vermelhas, estas carregadas de duas faxas de prata; timbre uma gama de oiro, faxada de tres faxas vermelhas.

A casa da Vidigueira, que procede do dito D. Vasco da Gama, traz as mesmas armas com um escudo com as quinas do reino no meio; timbre meio nayre vestido ao modo da India, com uma trunfa e um bolante que lhe cae pelas costas, braços nús, e na mão direita um escudo como o das armas e na esquerda um ramo de canella verde com rosas de oiro.

Umas e outras se acham no livro da Torre do Tombo, fl. 18.

GAMBOA. Procedem os Gamboas de D. Ruy Lopes de Gamboa, senhor do logar de Gamboa em Guipuscoa, de que tomou o appellido. Passou a Portugal Lopo Sanches de Gamboa, que era alcaide-mór de Villa-Quitaria, que defendeu sete annos pelo rei D. Pedro de Castella, e viveu em Lisboa.

São suas armas em campo de oiro tres folhas de golphão de azul, em roquete.

Acham-se no livro da Torre do Tombo, fl. 40. Villas-boas lhe ajunta as armas dos Caiados, e de ambas faz uma só familia.

GANÇO e GANÇOSO. O conde D. Pedro, a fl. 167 do *Nobiliario*, faz memoria de Lourenço Ganço, de quem parece que tomaram o appellido. São conhecidos os Gançosos por cidadãos honrados da cidade de Elvas e da villa do Alandroal.

São suas armas em campo vermelho uma cruz de prata chã, entre quatro caldeiras de oiro, faxadas de duas faxas de negro, e uma outra caldeira da mesma forma no pé ou contrachefe; timbre dois braços vestidos de vermelho, com uma das caldeiras nas mãos.

Acham-se no livro dos reis de armas.

GANDAREI. Tem por armas : escudo em campo de azul um castello de prata sobre ondas de mar, onde estão dois cisnes ao pé do castello, e á porta d'elle uma nympha armada com escudo no braço esquerdo; timbre a mesma nympha armada.

V. *Espelho da Nobreza*, por Francisco Xavier da Serra Craesbeeck.

GARCEZ. O appellido de Garces ou Garcez é derivado do nome Garcia, de que foi patronimico. Uma das tres familias d'este appellido veiu a Portugal no tempo de el-rei D. Diniz, era descendente por varonia de el-rei D. Fruella II de Leão, mas parece que por bastardia.

Tem esta por armas em campo de prata tres faxas sanguinhas, orla sanguinha com oito aspas de oiro.

Assim as traz Gonçalo Argote de Molina a fl. 67, e d'elles descendem os Garcezes da Beira-alta.

GARCEZ, de AFFONSO GARCEZ. Esta familia tem por chefe Affonso Garcez, escrivão da camara de el-rei D. Affonso V e da sua fazenda, o qual foi filho de uma Catharina Garcez, e de Lopo de Azevedo. Este armou o seu escudo de seis differentes, como diz João Rodrigues de Sá :

Seis escudos em um fez
De nobres gerações seis
O douto Affonso Garcez.

A saber : o escudo partido em tres palas e cortado pelo meio em faxa, de sorte que fica dividido em seis partes; na primeira e sexta em campo de oiro seis arruelas vermelhas em duas palas; a segunda cortada em faxa, na de cima em vermelho duas chaves de prata em aspa, e acima d'ellas um mingoante do mesmo metal, a de baixo de prata lisa; na terceira e na quarta, que são as duas que ficam em contrabanda, um castello de

oiro entre sete estrellas do mesmo metal, em campo azul; a quinta esquartelada, no primeiro quartel em vermelho uma cruz de prata chã e um chefe liso do mesmo metal, no segundo tambem em vermelho tres besantes de prata em pala, e assim os contrarios; timbre as duas chaves de prata em aspa, e acima d'ellas o mingoante do mesmo metal.

Acham-se no livro da Torre do Tombo, fl. 23.

GARCEZ, de JOÃO GARCEZ. Esta familia é descendente de João Garcez, natural da cidade do Porto, que viveu no tempo dos reis D. Affonso v e D. João II. Este ultimo o fez fidalgo, e lhe deu armas em 1481. D'estes são os Garcezes Palhas, senhores da quinta da Espissandeira.

São suas armas em campo azul uma ribeira de prata ondada de agua, saindo d'ella uma garça de oiro armada de prata, entre quatro estrellas de oiro, de seis pontas, duas de cada banda em faxa; timbre a garça [1].

V. *Archivo*, n.º 1160.

[1] **Esta mercê foi feita em Evora a 6 de novembro de 1481, e acha-se registrada no liv. II de Misticos, fl. 143. Este registro não combina na descripção do brazão com o que acima fica dito. — *Pegado*.**

GARCIA. Em campo de prata tres leopardos vermelhos, passantes, armados de preto; timbre um dos leopardos.

GARRIDO. É appellido castelhano de que faz memoria Gonçalo Argote de Molina.

São suas armas em campo de oiro uma banda vermelha, que sae das bôcas de duas serpes de verde, entre dois lobos de negro, orla vermelha com oito aspas de oiro; timbre um dos lobos.

Acham-se no dito Gonçalo Argote de Molina, *Nobiliario*, fl. 205, e no livro dos reis de armas.

GARRO. Esta familia é oriunda de Elvas; descende de Pedro Esteves Garro, que serviu el-rei D. João I, e na tomada de Ceuta. O seu appellido foi alcunha, dizem que de tirar a um alferes do inimigo a bandeira das mãos, o que indicam as armas. Ha pessoas d'esta familia em Elvas, onde na capella de Nossa Senhora do Egypto da cathedral se acha a sepultura de André Lopes Garro.

São suas armas em campo vermelho um leão de prata com uma bandeira verde nas garras, de duas pontas, n'ella uma flor de liz de oiro, e mettida em uma haste do mesmo metal; timbre o mesmo leão.

Acham-se no livro dos reis de armas.

GARROS, de CASTELLA. Escudo esquartelado com uma cruz firme de vermelho em campo de prata, entre quatro lobos de negro, armados de vermelho.

Acham-se no referido livro de Fr. José da Cruz.

GARROS, de NUNO MARTINS GARRO. Nuno Martins Garro foi d'esta geração, serviu a el-rei D. Affonso v em Africa e nas guerras de Castella, pelo que o mesmo senhor lhe deu por armas em campo azul uma onça de oiro saltante, armada de preto; timbre a mesma onça. Tem descendentes em Portalegre.

V. *Archivo*, n.º 2127.

GASCO e GASCÃO. Teem por armas o escudo partido em pala; na primeira em campo azul uma aguia de oiro estendida, na segunda em campo vermelho um castello de prata entre sete flores de liz de oiro, das quaes tres são em chefe; timbre a aguia nascente.

Acham-se no livro dos reis de armas.

GATO e GATACHO. O appellido de Gato é antiquissimo. É familia illustrissima, porque procede de D. Affonso Pires Gato, filho de Pedro Nunes Velho, descendente de D. Arnaldo de Baião, ignoramos o motivo d'esta alcunha. Na provincia do Alemtejo ha gente d'este appellido.

São suas armas em campo de oiro dois gatos de azul passantes, orla vermelha com oito crescentes de prata; timbre um dos gatos com um crescente do escudo na espadoa.

Acham-se no livro dos reis de armas.

GATUCHO. Este appellido parece diminuitivo de Gato. Não ha noticia que hoje exista pessoa alguma d'esta familia, nem que tivessem morgados.

São suas armas em campo de oiro duas palas verdes, orla vermelha com oito crescentes de prata.

Acham-se no livro dos reis de armas.

GAVIÃO. Procedem de Gonçalo Martins, cidadão honrado de Beja, que tinha o foro de escudeiro da casa de el-rei D. Affonso IV. Passaram para a cidade de Braga, onde permanece a sua varonia, e procedem d'ella muitas casas illustres.

São suas armas em campo azul cinco gaviões de sua côr armados de oiro, postos em santor; timbre um dos gaviões.

Acham-se no livro da Torre do Tombo, fl. 39.

GAZO. É familia de Genova, onde são senhores do castello Gazo. Em 1704 passou a Portugal na pessoa de João André Gazo, que foi n'este reino capitão de bombardeiros, sargento-mór de artilheria, e occupou outros muitos postos até o de general de batalha. Antonio Francisco Gazo, filho do dito João André, mostrou authenticas e foramlhe confirmadas n'este reino em 1759 as seguintes armas:

Em campo de prata um leão vermelho com uma garça de sua côr na garra direita: timbre o leão nascente com a garça.

GENTIL. Esta familia é uma das vinte e oito nobres da republica de Genova. Passou a Portugal a servir nas guerras d'este reino, e passando depois á America tiveram o governo da cidade do Grã-Pará, e os melhores foros na casa real.

São suas armas o escudo xadrezado de azul e oiro de nove peças, cinco de azul e quatro de oiro.

Acham-se no livro dos reis de armas, e em Gonçalo Argote de Molina.

GIL. Este nome proprio de Gil é tambem appellido de familia, que o tomou de um sujeito que n'este reino se intitulou mestre Gil, que devia ser medico de alguma das rainhas que vieram de outros reinos casar a Portugal. Não temos noticia se existe hoje nem quem foram os seus descendentes.

São suas armas o escudo cortado em faxa; na primeira em campo vermelho um leão de oiro nascente, na segunda em prata tres raios de fogo de sua côr, virados para baixo; timbre o leão do escudo armado de vermelho.

Acham-se no livro dos reis de armas. V. *Monterroio*.

GILVAZ VENISTE. É appellido de Alemanha, que veiu a Portugal nos primeiros seculos. Não consta se hoje o ha, nem que tempo existiu n'este reino.

São suas armas o escudo partido em pala; na primeira em campo vermelho duas alabardas em aspa, com cabos de oiro e os ferros de azul, na segunda em campo de prata uma cruz da ordem de Christo, que é a cruz vermelha com outra dentro de prata; timbre as duas alabardas em aspa, atadas com um torçal vermelho.

Acham-se no livro dos reis de armas.

GIRALDES. O appellido Giraldes foi patronimico do nome Giraldo; a continuação do tempo o transmudou em appellido, e assim pode haver muitas familias do appellido de Giraldes de differentes ascendencias.

Os de Portugal trazem por armas o escudo esquartelado; no primeiro e quarto quarteis em azul tres flores de liz de oiro em roquete, no segundo em campo de prata um cano de trigo com uma espiga de verde, no terceiro no mesmo campo de prata uma cabeça de homem com o cabello de ruivo.

Acham se no livro dos reis de armas.

GIRALDES, de FLORENÇA. Em Florença houve uma familia de Giraldes de que passaram a este reino e para as ilhas algumas pessoas, no tempo dos reis D. Manuel e D. João III. D'elles foi Lucas Giraldes, que em uma grande fome proveu Lisboa de trigos, sem tirar d'elles mais utilidade do que o seu custo, e em attenção a este serviçó el-rei D. Sebastião lhe mandou registrar suas armas nos livros da nobreza e lhe passou carta d'ellas. Foi seu filho Francisco Giraldes, que governou o Brazil.

São suas armas em campo de prata um leão negro armado de azul e coroado do oiro; timbre o mesmo leão [1].

Acham-se no livro dos reis de armas.

[1] **Esta mercê foi feita em Lisboa a 21 de junho de 1559, e acha-se este registro na Chanc. de D. Sebastião, liv. I, fl. 251, e differe um tanto da descripção acima dita. — *Pegado*.**

GIRÃO. Esta familia é de Castella; a sua varonia é real. O seu appellido foi alcunha, por haver D. Rodrigo Gonçalves de Cisneiros livrado na batalha de Alarcos ao rei D. Affonso VI de ficar prisioneiro ou ser morto pelos moiros, dando-lhe o cavallo em que andava, e para signal de que fôra elle que o livrara lhe cortou tres pregas do vestido, que guardou. Passou a Portugal D. Pedro Affonso Girão, a quem el-rei D. Fernando deu tres villas, e deixando em Portugal uma filha casada tornou para Castella.

São suas armas o escudo cortado em faxa; a primeira partida em pala, na primeira d'estas em vermelho um castello de oiro, na segunda em prata um leão vermelho; na segunda faxa em oiro tres girões, que nascem do fundo do escudo, vermelhos; timbre o leão dos armas com um girão de oiro na espadoa.

Acham-se no livro dos reis de armas.

GODINHO. Os Godinhos são fidalgos muito antigos, descendentes de D. Godinho Fafes, senhor de Lanhoso, a quem o infante D. Affonso Henriques no anno de 1132 fez doação do couto do mosteiro de Fonte-arcada. Tiveram muitas terras na provincia de Traz-os-montes e morgados em Setubal, Beja e Fronteira.

São suas armas o escudo partido em pala; a primeira xadrezada de oiro e vermelho, de duas peças em faxa e cinco em pala, a segunda tambem xadrezada do mesmo numero de peças em faxa e em pala, de oiro e azul; timbre uma hydra de sete cabeças de oiro, armada de sanguinho.

Acham-se no livro da Torre do Tombo.

GODIM. Os Godins parece terem a mesma ascendencia dos Godinhos e serem a mesma familia, porque as differenças assim nos appellidos como nas armas é muito pouca.

São sua armas o escudo xadrezado de oiro e vermelho, de quatro peças em faxa e cinco em pala; timbre duas azas abertas xadrezadas dos mesmos esmaltes.

Acham-se no livro da Torre do Tombo.

GODOI. A familia d'este appellido é oriunda de Hespanha.

São suas armas: escudo jaquelado com oito escaques de oiro e sete de azul.

V. *Archivo Heraldico*, de D. Francisco Piferrer, pag. 157.

GODOLPHIM. São suas armas em campo vermelho uma aguia de prata aberta, de duas cabeças, e cinco flores de liz do mesmo metal; duas de cada lado e uma no fundo no escudo.

Acham-se no muitas vezes citado livro de Fr. José da Cruz, a fl. 110.

GOES. O appellido de Goes foi tomado do senhorio da villa d'este nome, que tiveram os primeiros ascendentes d'esta familia.

São suas armas em campo azul seis quadernas de crescentes de prata em duas palas; timbre um dragão azul armado de prata com uma das quadernas do escudo no peito.

Acham-se no livro da Torre do Tombo, fl. 30.

GOES, de DAMIÃO DE GOES. Damião de Goes, chronista-mór d'este reino, foi da familia dos Goes, o qual querendo fazer-se chefe de uma outra familia, fez uma mudança no seu escudo pondo em campo azul cinco quadernas de crescentes, em santor; timbre um leão de prata nascente entre duas azas azues semeadas de quadernas de crescentes de prata como as do escudo. El-rei D. Sebastião lh'as confirmou em 15 de agosto de 1567.

Acham-se no livro dos reis de armas.

GOLDSMID. V. *Archivo* n.º 1031.

GOMES. Este appellido é uma abreviação do nome antigo Gomesius. Villasboas lhe assigna por armas em campo azul um pelicano de oiro ferindo o peito, e tres filhos bebendo o sangue que lhe cae da mesma ferida; timbre o mesmo pelicano do escudo.

Da mesma forma se acham no livro dos reis de armas.

GOMES DE ELVAS. V. *Archivo* n.º 1782.—V. *Matta.*

GOMES DA MINA. Esta familia procede de Fernão Gomes da Mina, cujo appellido se lhe deu por trazer por muitos tempos arrendado o contracto da Costa da Mina. Foi cidadão honrado de Lisboa, e serviu o rei D. Affonso V nas guerras da Africa, e foi armado cavalleiro na praça de Tanger.

São suas armas em campo de prata tres cabeças de negros com colares de oiro pendentes nas orelhas e no nariz, postas em roquete; timbre uma das cabeças. O dito rei lh'as deu em 1474.

Acham-se no livro dos reis de armas.

GOMIDE. Esta familia é illustre em Portugal, procede de Nuno Martins de Gomide, que viveu no tempo do rei D. Pedro I. Teve ella o senhorio de Villa-verde, e aparentou com outras da primeira nobreza.

São suas armas em campo azul cinco gomis com suas azas e tapadoiras tudo de oiro, postos em santor; timbre um dos gomis do escudo.

Acham-se no livro da Torre do Tombo, fl. 27.

GONÇALVES. Este appellido é o patronimico do nome proprio Gonçalo, e assim pode haver muitas familias d'elle sem que tenham parentesco, procedendo de differentes troncos. Os Gonçalves de quem fallamos agora são os que descendem de um Antão Gonçalves, a quem foram dadas as seguintes armas :

Em campo verde uma banda de prata carregada de dois leões vermelhos; timbre um dos leões.

Acham-se em Villas-boas, e no livro dos reis de armas.

GONÇALVES (outros). V. *Archivo* n.º 908.

GONÇALVES (outros). V. *Ribafria.*

GONDIM. Os Gondins são oriundos da Normandia e descendentes de Gunderedo, capitão dos normandos, que no anno de 960 invadiram Galliza e fundaram a torre e paço de Gondim, na freguezia de Cerdal, onde seus descendentes fundaram a egreja parochial de Santa Eulalia, de que foram padroeiros, e possuiram varios coutos que lograram, honrados ainda no tempo do rei D. Diniz, como consta das suas inquirições.

São suas armas em campo de prata tres leões vermelhos armados de azul, passantes; timbre um dos leões.

Acham-se no livro dos reis de armas.

GONGORA. Trazem por armas em campo de prata uma cruz sanguinha, carregada de cinco leões de oiro em santor.

Acham-se no já referido livro de Fr. José da Cruz, fl. 121.

GORISSO. D'esta familia temos só noticia de que existia no tempo de el-rei D. João I, que fez uma doação de certos bens a Affonso Martins Gorisso.

São suas armas em campo de prata cinco aguias vermelhas abertas, e armadas de preto, postas em santor; timbre uma das aguias.

Acham-se no livro da Torre do Tombo, fl. 16.

GORJÃO. Tem esta familia por armas o escudo de campo vermelho, e n'elle um leopardo de oiro com uma flor de liz do mesmo metal no chefe acima da cabeça do leopardo; timbre o leopardo do escudo.

GOSMA. A noticia que podémos alcançar d'esta familia é só, que a um Pero da Gosma se deram estas armas : em campo azul uma torre de prata coberta, com a porta e frestas de preto; timbre a mesma torre.

Acham-se no livro dos reis de armas.

GOUVEA. Gouvea é palavra antiga, substantivo do verbo gouvir, que na lingua antiga significava gozar, e assim Gouvea é o mesmo que Gozo; este nome se deu a uma aldea da Beira-alta, que el-rei D. Sancho I fez villa e lhe deu foral, e el-rei D. Fernando deu a alcaidaria-mór d'ella a Fernão Nunes de Bobadella, neto de Fernão Bareca; e porque seus filhos Nuno Fernandes e Vasco Fernandes viveram n'ella, lhe deu o mundo o appellido de Gouvea, e porque este ultimo casou com Brites de Mello, neta de Vasco Martins de Mello, tomou as armas dos Mellos a que depois por alliança juntaram seus descendentes as dos Castros, e partem o escudo em pala; na primeira seis besantes de prata entre uma cruz dobre e bordadura de oiro em campo vermelho, que são as dos Mellos; na segunda em campo de prata seis arruelas de azul em duas palas, que são as dos Castros; timbre uma aguia preta estendida, armada de prata, com os seis besantes no peito, tendo as azas abertas.

Acham-se no livro dos reis de armas.

GRADE. M. N. concedida a Eugenio Dionysio Mascarenhas Grade, visconde de Lagoa, por alvará de 20 de agosto de 1861 : Escudo esquartelado; no primeiro e quarto quarteis em campo sanguineo uma grade de oiro, no segundo tambem em campo sanguineo tres faxas de oiro, no terceiro em campo azul uma lagoa de prata com duas cegonhas tambem de prata, com as pernas cravadas n'agua; timbre... corôa de visconde.

V. *Archivo*, n.º 636.

GRALHA. Esta familia é da provincia do Alemtejo, o seu morgado passou aos condes das Galveas.

São suas armas em campo de oiro cinco gralhas de negro em santor; timbre uma das gralhas.

Acham-se no livro dos reis de armas. Villas-boas diz ser o campo azul, e as gralhas de prata.

GRAM. Procedem os Grans de D. Vivaldo Vivaldi, cavalleiro genovez da familia Vivaldi, d'aquella republica, que passou a Lisboa no anno de 1257 fugindo de Simão Boca-negra, que com o povo da republica quiz atropellar a nobreza. Casou com uma D. Ignez, que depois de viuva fundou o mosteiro de Santa Clara d'esta cidade; foi seu filho D. João Vivaldi, pae de Estevão Annes, que por descobrir a gram, e o modo de se beneficiar, foi chamado Estevão Annes da Gram, appellido que continuaram seus descendentes largando o de Vivaldi.

São suas armas em campo de oiro uma aguia vermelha estendida; timbre a aguia nascente.

Acham-se no livro da Torre do Tombo, fl. 22.

GRAMACHO. Esta familia é antiga, e oriunda do Alemtejo; existiu em Evora desde o tempo de D. Affonso III, e no de D. João I tinham titulo de vassallos e logravam terras coutadas pelos reis. Tiveram morgado em Alcacer do Sal, onde ainda existem descendentes seus que o possuem.

São suas armas em campo vermelho um leão de oiro armado de prata, entre quatro merletas de oiro acantonadas; timbre o leão do escudo nascente, com uma das merletas nas garras.

Acham-se no livro da Torre do Tombo, fl. 36. Villas boas em logar de merletas diz muletas, que é outra figura de armaria muito diversa.

GRANADAS. Este appellido se tomou da cidade de Granada.

São suas armas em campo azul cinco romãs de oiro rachadas, que lhe apparecem bagos vermelhos, postas em santor, e cinco escudetes de prata, cada um com sua banda negra, postos como em orla.

Acham-se no livro dos reis de armas. Villas-boas traz tres escudos; o primeiro diz que é em campo de prata cinco romãs, e por orla uma banda negra com esta letra — *No ay otro vencedor sino Dios*; o segundo diz que são duas romãs em campo de prata; e o terceiro que era em campo de prata uma romã de oiro aberta com uma ferida, e um ramo.

GRÁS. Em campo de prata uma aguia sanguinha aberta.

Assim as traz Fr. José da Cruz no seu manuscripto, fl. 120.

GUADIANA. Este appellido foi tomado do rio Guadiana, ou por caso de armas que succedesse n'elle, ou por assistencia do sujeito que assim se chamou ser junto ao mesmo rio. Não sabemos que haja em Portugal familia que se appellide de Guadiana.

São suas armas em campo azul uma ponte de prata de tres arcos, debaixo da ponte agua, e acima da dita tres flores de liz de oiro em roquete.

Acham-se no livro dos reis de armas, e em Gonçalo Argote de Molina, na sua *Nobreza de Andaluzia*, fl. 164.

GUANTE. Esta familia foi muito opulenta na cidade de Elvas, d'onde foi natural Vasco Rodrigues Guante, que serviu os reis D. Duarte e D. Affonso V; acompanhou tambem o infante D. Pedro na jornada de Alemanha e Russia. A seu sobrinho Pedro Rodrigues Guante deu o dito rei D. Affonso V armas por carta do anno de 1474.

São estas em campo vermelho duas manoplas de prata postas em pala, entre ellas um arco turquesco de oiro com a corda verde envolta n'elle; timbre um braço vestido de vermelho com uma manopla do escudo calçada, e o arco na mão [1].

Extinguiu-se esta familia em Elvas, e os seus bens ficaram á Misericordia e ao mosteiro de S. Domingos da mesma cidade.

Acham-se no livro dos reis de armas.

[1] **Estas armas foram confirmadas ao dito Pedro Rodrigues Guante em 20 de julho de 1454, e acha-se o registro das mesmas no liv. II de Misticos, fl. 177 v. —** ***Pegado.***

GUARDA. Este appellido é tomado da cidade da Guarda, por ser natural d'ella o primeiro que o usou, que suppomos foi Estevão da Guarda, copeiro-mór de el-rei D. Diniz, e seu plenipotenciario nos ajustes que fez com seu filho o infante D. Affonso, depois rei quarto do nome.

D. João da Guarda seu descendente alcançou os reis D. Affonso V, D. João II, e D. Manuel; foi do seu conselho, deão de Braga e Lamego, conde palatino, etc.

São suas armas em campo azul uma banda de oiro com tres flôres de liz de azul; timbre uma das lizes. Assim estavam pintadas na capella que fez o mesmo Estevão da Guarda na egreja de S. Vicente de Lisboa; segundo o testemunho do celebre Gaspar Alvares Louzada, que as viu antes que se demolissem para se fazer a egreja nova.

GUEDES. É familia de Galiza, descendente de D. Gueda o Velho, um dos antigos ricos-homens de Hespanha. Passou a Portugal Gonçalo Vaz Guedes, e el-rei D. João I lhe deu o fôro de vassallo e escudeiro. Ajudou a tomar cincoenta e quatro cidades e villas, e foi senhor das villas de Murça, D. Chama, e Agua Reves.

São suas armas em campo azul cinco flores de liz de oiro em santor; timbre um leão azul nascente com uma das lizes na testa.

Acham-se no livro da Torre do Tombo, fl. 85.

GUERRAS, de D. PEDRO I. D'este appellido houve em Portugal duas familias differentes. A que descende da casa real de D. Pedro I e da rainha D. Ignez de Castro, cujo appellido tomou do pae da mesma senhora D. Pedro Fernandes de Castro, o da Guerra:

São suas armas as mesmas dos Eças, que são as antigas de Portugal, em campo de prata os cinco escudetes de azul em cruz, os das ilhargas com os redondos para o centro, carregados cada um de nove besantes de prata, em tres palas, com um cordão como o de S. Francisco com os nós de oiro posto em cruz e em aspa e em orla que cubra quatro dos besantes em cada escudo, excepto no do meio, que passa por baixo d'elle; timbre uma aguia azul estendida armada de oiro, e cinco besantes das armas no peito.

GUERRA. Uma das duas familias differentes d'este appellido é das Asturias, onde tem casa e solar, e fidalgos principaes.

São suas armas em campo verde um castello de prata com chammas de fogo, que lhe saem dos alicerces e o rodeiam; orla de oiro com esta letra de azul — *Ave Maria gratia plena;* timbre o mesmo castello.

Acham-se no livro dos reis de armas.

GUERRA. V. *Alves Guerra.*

GUERREIRO. Esta familia é oriunda de Castella; passou a Portugal no tempo de el-rei D. Affonso V, e fizeram assento na villa de Almodovar, onde tiveram o posto de capitães-móres das ordenanças.

São suas armas em campo vermelho um leão de oiro com uma espada na garra direita, com a folha de prata e guarnições de oiro; timbre um braço armado de prata, com a espada do escudo na mão em acção de descarregar o golpe.

Acham-se no livro dos reis de armas.

GUEVARRA. A familia de Guevarras é uma das doze mais illustres do reino de Navarra, das quaes escolheu o rei D. Garcia Ramires doze ricos-homens á imitação dos doze pares de França.

São suas armas o escudo esquartelado; no primeiro quartel em campo de oiro tres bandas de prata com coticas de preto e arminhos da mesma côr; no segundo em campo vermelho cinco corações de prata, em santor, e assim os contrarios.

Acham-se no livro dos reis de armas.

GUIMARÃES. Este appellido foi tomado da naturalidade, por ser João Lourenço o primeiro que assim se chamou, natural da villa de Guimarães, em tempo de el-rei D. Affonso v. Não sabemos a qualidade da sua pessoa; mas inferimos que devia ser muito distincta, porque se lhe deram armas que com o seu nome achamos no livro dos reis de armas.

São estas o escudo partido em tres palas; a primeira e ultima fretadas de coticas pretas em campo de prata; e na do meio em vermelho um leão de prata com uma espada na garra direita, ensanguentada, copos de oiro e a folha de prata, a qual cae na primeira pala, e a cauda do leão na ultima; timbre o mesmo leão com a espada.

GUIMARÃES. M. N. a Luiz Antonio da Silva Guimarães, dada a 25 de fevereiro de 1869: — Escudo esquartelado; tendo o superior da direita carregado com um leão rompente de vermelho e armado de azul, sobre campo de prata, e assim o seu contrario; o superior da esquerda partido em tres palas, sendo a da direita e a da esquerda enfrestadas de dez fimbretas negras em banda, contra outras tantas da mesma côr em barra, e a centrica carregada com a vara de Mercurio, dourada e decorada com duas serpentes batalhantes de prata, e aladas da mesma, sobre campo vermelho, e assim o seu contrario; elmo de prata lisa decorado de oiro lavrado e forrado de azul, virol de oiro e vermelho; timbre um leão rompente de prata com uma faxa negra e armada da mesma côr.

V. *Archivo*, n.º 1758.

GUIVAR. São suas armas em campo de oiro uma aguia vermelha de duas cabeças, aberta, com as pernas e armada de preto, e um crescente de prata no peito; timbre a mesma aguia.

Villas-boas dá estas armas aos Aguilares.

GUNDAR. Este appellido antigo foi tomado do sitio de Gundar, onde viveu D. Mendo Viegas, que por isso se chamou de Gundar. Em Portugal mudaram o Gundar em Motta: porém em Galliza, para onde tambem se estenderam, continuaram a appellidar-se de Gundar, dos quaes passou novamente a Portugal Estevão Mendes de Araujo, que era neto de D. Filippe Mendes de Gundar, senhor da casa de Pombeiro e da torre de Sande, no dito reino, e mostrando authenticadas as armas de que usam os Gundares n'aquelle reino, se lhes confirmaram n'este, que são:

O escudo partido em pala; a primeira de vermelho, lisa, e a segunda em campo de oiro quatro bandas de azul.

GURGEL. Este appellido é o mesmo que o de Gorjão. Teve o officio de procurador da cidade de Lisboa, de que foi proprietario Claudio Gurgel do Amaral, fidalgo da casa real. Passou á America na pessoa de seu irmão o doutor José Correa do Amaral Gurgel, que depois de ser juiz de fóra de Valença do Minho, e juiz dos orphãos do termo da

cidade de Lisboa, foi com o logar de ouvidor da comarca de Sergipe de El-rei, onde casou e deixou successão.

São suas armas em campo vermelho um leão de oiro com uma flor de liz do mesmo metal acima da cabeça; timbre o mesmo leão.

Acham-se no livro dos reis de armas.

GUSMÃO. A familia de Gusmão é dos cinco principaes solares castelhanos; procede por varonia do rei D. Ordonho I de Leão, por seu filho o infante D. Nuno, pae de D. Rodrigo Nunes, o qual casando com a filha do conde Grandemaro Piniolis, senhor da villa de Gusmão, em Asturias, tomaram seus descendentes o nome d'este senhorio por appellido. Toca o seu sangue á nossa casa real, e por outras linhas a muitos cavalleiros portuguezes.

São suas armas em campo azul duas caldeiras com suas azas xadrezadas de oiro e vermelho, e nos encaixes das azas cada uma com tres cabeças de serpe de oiro; orla de prata com oito arminhos de negro; timbre tres pescoços de serpe de oiro retorcidos.

Acham-se no livro dos reis de armas.

GUSMÕES, de BAEÇA. Teem por armas em campo de prata cinco arminhos negros, postos em santor; orla sanguinha com oito aspas de oiro.

Assim as vimos no referido livro manuscripto de Fr. José da Cruz, fl. 117.

GUSMÕES, do CONDE DE NIEBLA. Escudo franxado; no primeiro e ultimo em campo azul duas caldeiras xadrezadas de oiro e vermelho, com tres cabeças de serpe de oiro; nos dos lados que é segundo e terceiro, em campo de prata cinco arminhos negros, postos em santor; orla composta de prata e vermelho de dezeseis peças, oito de prata com leões sanguinhos, e oito de vermelho com castellos de oiro.

Acham-se no referido livro de Fr. José da Cruz, fl. 119.

GUTERRES. Tem seu solar nas Asturias; tem por armas o escudo partido em pala; na primeira em campo azul uma torre de prata sobre ondas de agua de sua côr; na segunda em campo vermelho um loureiro verde perfilhado de oiro, e junto d'elle um urso de sua côr, preso por uma cadea de oiro ao tronco.

Acham-se no livro manuscripto de Fr. José da Cruz, fl 110.

H

HARO. É uma familia illustre de Hespanha; tomou o appellido da villa de Haro. Possuiram os Haros o senhorio de Biscaia, como soberanos, e como seus descendentes o tem hoje a casa real de Hespanha. Deram uma rainha a Portugal, e em Castella teem muitas casas titulares.

São suas armas em campo de oiro dois lobos negros passantes e cevados, cada um com seu cordeiro vermelho na bôca; e duas orlas, a primeira interior de prata com quatro pedaços de caldeira de azul, e a segunda de vermelho com oito aspas de oiro.

Acham-se no livro dos reis de armas.

HASSE. Esta familia é oriunda de Hamburgo, celebre emporio da Alemanha. Passou a Portugal no anno de 1639 em Pedro Hasse, que se estabeleceu em Lisboa, ir-

mão de Jacobo Hasse, secretario de um rei de Dinamarca, filhos de outro Pedro Hasse, netos de Gaspar e bisnetos de Jacobo, que foi um dos quatro burgo-mestres ou senadores de Hamburgo; do primeiro que passou a Portugal foi filho André Hasse, e el-rei D. Pedro II o fez fidalgo de sua casa, foi cavalleiro da ordem de Christo e instituidor de um morgado com a clausula dos seus possuidores usarem do seu appellido e armas.

São estas em campo de prata tres pinheiros verdes juntos, e no pé um silvado de que vai saindo uma cabra de sua côr; timbre a cabra do escudo.

Assim as communicou José Freire Monterroio Mascarenhas.

HAUCURT, ou AUCOURT. Esta familia é de França, tem o seu solar no castello de Haucurt em Brie, na provincia de Champagne, e possue outros muitos senhorios. Temos noticia de João Haucurt, senhor de La Fortelle, quarto avô de Filippe Manuel Gualter de Haucurt, gentil homem servente da rainha D. Maria Thereza, mulher de Luiz XIV de França, commissario geral das galés d'aquelle reino. Passou a Portugal no serviço da rainha D. Maria Francisca Isabel, e foi seu neto Pedro Norberto de Haucurt e Padilha, fidalgo da casa real, cavalleiro da ordem de Christo, e secretario de sua magestade no seu Desembargo do Paço.

José Freire Monterroio Mascarenhas communicou as seguintes armas, que viu authenticas, por lh'as mostrar o dito Pedro Norberto de Haucurt e Padilha: em campo de prata uma banda vermelha dentada de oiro pela parte superior chegando só ao centro da banda, com um chefe de vermelho e n'elle uma muralha de oiro com cinco ameias, que chegam ao meio do chefe.

HENRIQUES. Henriques é um patronimico de Henrique, convertido pelo uso em appellido. Ha duas familias em Portugal que usam d'elle. A dos Henriques do Bombarral, que procedem de Luiz Henriques, monteiro-mór de el-rei D. João I, tem por armas o escudo mantelado; os dois campos superiores de prata, cada um com seu leão vermelho, batalhantes; o de baixo de vermelho com um castello de oiro; timbre o castello com um leão vermelho saindo da torre do meio.

Acham-se no livro da Torre do Tombo, fl. 12.

HENRIQUES, de CASTELLA. Descende esta familia sem duvida de D. Fernando Henriques, filho natural do rei D. Henrique de Castella e de D. Brites Peres de Angulo, que vindo para Portugal foi n'este reino tractado como filho de rei, e d'elle procedem os senhores das Alcaçovas, e por femea todos os Mirandas Henriques, e muitas outras familias; porque todos folgavam de se apparentar com elles.

São suas armas o escudo mantelado; os dois campos altos vermelhos, e em cada um seu castello de oiro, o de baixo de prata com um leão vermelho.

Assim as traz Antonio Soares de Albergaria nos seus *Trophéos lusitanos*, na casa dos condes de Villa-flor d'este reino de Portugal.

HEREDIA. A familia de Heredias é de Aragão, onde os seus ascendentes foram ricos-homens, e hoje tem muitos titulos. Passou a Portugal no tempo de el-rei D. Affonso V, seguindo o partido da *excellente senhora*, um fidalgo de quem procedem os que ha em Pinhel, Barcellos e ilhas d'este reino.

São suas armas em campo vermelho cinco castellos de prata, em santor; timbre um dos castellos.

Acham-se no livro dos reis de armas.

HERRERA. É familia illustre castelhana, que tomou o appellido da villa de Herrera, de que foram senhores em terra de Campos. Descende de Alvaro Rodrigues de Her-

rera, meirinho-mór de Castella, filho da casa de Lara. Teve outros muitos senhorios, e os titulos de condes de Lagomera e marquezes de Lancerote e de Aunhon.

São suas armas em campo vermelho duas caldeiras grandes de oiro com suas azas, em pala, e em orla doze caldeiras da mesma forma mais pequenas.

Acham-se no livro dos reis de armas.

HEVIAS. Tem seu solar nas Asturias. Trazem por armas em campo sanguinho um caldeirão de oiro sobre chammas de fogo; orla azul com oito castellos de oiro.

Vem no manuscripto já citado de Fr. José da Cruz, fl. 124.

HOLBECHE. A familia de Holbeches é de Inglaterra; tomou o appellido do senhorio da villa de Holbeche, no condado de Lincolose. Passou a Portugal Francisco Holbeche em 1645, e se estabeleceu em Lisboa; tornou áquelle reino com a rainha D. Catharina, mulher de Carlos II, a quem serviu alguns annos, e voltando outra vez a Portugal, casou, e deixou descendentes dos quaes foi neto José Victorino Holbeche, escrivão dos filhamentos, fidalgo da casa real, e thesoureiro da mesma. José Freire Monterroio Mascarenhas communicou as seguintes armas, que viu authenticas na casa do mesmo José Victorino Holbeche:

Em campo verde cinco vieiras de prata, em santor; timbre uma banda de verde volante com as cinco vieiras do escudo.

HOLLANDA. Esta familia procede de Jacobo de Hollanda, hollandez de nascimento, o qual em tempo de el-rei D. Manuel foi á India e voltou por terra, sendo o primeiro que intentou esta viagem. Casou n'este reino com uma criada allemã da rainha D. Leonor, terceira mulher do dito rei, dos quaes procedeu Francisco Jacome, a quem el-rei D. Sebastião confirmou em 5 de setembro de 1561 as armas da geração do condado de Hollanda, seus ascendentes.

Escudo partido em pala; a primeira de oiro com as letras —III— negras, postas em roquete, a segunda de prata com quatro asnas vermelhas, e uma brica verde, e n'ella um cisne de prata; elmo de prata aberto guarnecido de oiro, paquife de oiro, prata, preto e vermelho, e por timbre o mesmo cisne. O accrescentamento que lhe dá Villas-boas é differença como foi passado o brazão a filho segundo.

HOLZSCHUHER. Na *Historia diplomatica* do famoso cavalleiro portuguez Martinho Behaim, natural de Nuremberg, faz-se menção a fl. 116 de outro patricio seu, por nome Volfio Holzschuher, o qual por seus valorosos feitos e extraordinarios merecimentos alcançou a 8 de fevereiro de 1503, de el-rei D. Manuel, as armas seguintes:

Escudo em campo de prata com uma cruz de Christo vermelha, e uma cabeça de mouro cortada, e a confirmação das que já tinha de seus antepassados, podendo acrescentar a estas, aquellas que lhe eram dadas. Diz assim o diploma: «Eo quod sub signo, quod in vixillo nostro deferimos, adversus œmulos infideles sua devotione viriliter dimicavit, crucem Christi rubeam cum capite mauri abscisso armis familiæ suæ superaddimus, etc., etc.» Este accrescentamento de armas confirmou depois Carlos V, em 1547.

Nos registros do real Archivo encontramos as armas que acima vão descriptas, com alteração do nome a quem foram dadas, do modo seguinte: *Volfagango Holez Schuber*. Consta que foi casado em Portugal com D. Filippa Cardoso de Almeida, de quem teve descendencia.

HOMEM. A familia dos Homens é um ramo da arvore dos Pereiras, procede de D. Pedro Peres de Pereira, irmão segundo do grande conde D. Gonçalo Pereira, o qual sendo rapaz se houve em uma occasião com tanto valor contra os mouros, defendendo-se com uma faxa de armas, alabarda ou montante nas mãos, que el-rei D. Sancho II, em

cujo tempo o caso succedeu, disse que D. Pedro *não era rapaz, era homem,* de que elle se prezou tanto, que o tomou e deixou a seus descendentes por appellido, e tomando novas armas poz em campo azul seis crescentes de oiro em duas palas, e por timbre um leão azul armado de oiro com uma alabarda nas garras, cabo de oiro e o ferro de sua côr.

Acham-se no livro da Torre do Tombo, fl. 25.

HORTA. V. *Dorta.*

HORTEGA. Escudo esquartelado, tendo no primeiro quartel as armas da familia Cavalleri, no segundo e terceiro quartel as armas que em 1848 foram dadas pela rainha a senhora D. Maria II, em satisfação de serviços prestados por João Diogo Francisco Hortega Solorzano Costa e Cavalleri, que vem a ser : no segundo quartel em campo azul um castello de prata com bandeira portugueza, assente na margem de um rio de prata e azul; no terceiro em campo azul, uma embarcação de guerra de prata com tres mastros e bandeira portugueza, em mar de prata e azul; no quarto quartel as armas da familia Drago.

V. *Archivo*, n.º 1130.

I

IMPERIALI. É uma das vinte e nove familias nobres de Genova, onde no anno de 1617 logrou a dignidade de doge João Imperiali. Teve muitos varões illustres nas armas e lettras, muitos cardeaes, e tem no reino de Napoles a casa dos duques de Santo Angelo. Passou a Portugal no tempo de el-rei D. Manuel, Agostinho Imperiali, filho de Frederico Imperiali, o qual no anno de 1529 apresentou perante o doutor Braz Netto, desembargador do paço, um instrumento authentico em que provou a dita filiação, e descender d'esta familia de Imperiali, e el-rei D. João III lhe mandou registrar as suas armas, e se lhe passou brazão d'ellas em Lisboa a 29 de junho do mesmo anno.

São estas o escudo partido em tres palas; a primeira e a ultima de prata, e a do meio de oiro carregada de uma aguia negra estendida; timbre um anjo nascente vestido de prata, que é escurecida de purpura, com um lyrio florido de verde na mão [1].

[1] **Esta mercê foi feita por el-rei D. João III em Lisboa a 17 de junho de 1529, e acha-se registrada na sua Chancellaria no liv. XVII, fl. 75 v. Tem alguma differença na descripção. — *Pegado.***

INFANTE. Tem as mesmas armas dos Lopes : em campo azul uma palmeira de oiro, e sobre ella um corvo negro; timbre o mesmo corvo com um ramo de palma no bico.

IRANÇO. É familia de Aragão de que faz honrada memoria Zurita em D. Pedro Ximenes de Iranço, a quem el-rei D. Jayme II entregou como em deposito a cidade de Albarracim e o seu castello no anno de 1298.

São suas armas em campo azul tres flores de liz de oiro, em roquete, orla de prata com cinco arminhos de negro; timbre duas plumas de prata e no meio d'ellas uma flor de liz de oiro.

Assim as communicou o rei de armas Portugal Pedro de Sousa.

J

JACOME. Ha duas familias d'este appellido. A mais antiga que se acha já no tempo de D. Diniz, traz a sua origem de Italia, derivando o Jacome de Giacomo, que é o mesmo que Diogo na nossa lingua, cujo chefe foi Rodrigo Jacome Raymundo de Noronha, fidalgo da casa real e mestre de campo dos auxiliares de Thomar, em cuja villa era morador. A outra familia é denominada a dos Jacomes de Hollanda, que vai em titulo de *Hollanda*.

As armas dos Jacomes antigos são : o escudo partido em pala; na primeira em campo azul uma torre de prata coberta, e na segunda em campo de oiro meia aguia de negro, estendida, armada de vermelho; timbre o castello do escudo.

JACQUES. É familia do reino de Aragão, que tem o seu solar nas montanhas de Jaca, nome que se dá áquella parte dos Pyrineos em que está situada a cidade de Jaca. Passou a Portugal na pessoa de Guilherme Jacques, na familia da infanta D. Isabel, mulher do infante D. Pedro, duque de Coimbra; estabeleceu-se no Algarve, onde seus descendentes fundaram o morgado da Bardeira; tem tido valentes generaes, governadores, e o titulo de viscondes de Fonte-arcada.

Não sabemos que tenham armas proprias; mas usam das dos Magalhães, com quem se aparentaram. São estas em campo de prata tres faxas xadrezadas de vermelho e prata; timbre um abutre de prata armado de oiro.

JARVIS ou JERVIS. Esta familia é oriunda do condado de Staford, no reino de Inglaterra, e uma das mais conspicuas d'elle, pois se acha a sua genealogia e armas registradas no Tribunal da nobreza e armaria d'aquelle reino. Passou a Portugal na pessoa de Ricarte Jarvis, que se estabeleceu na cidade do Funchal da ilha da Madeira, e casou na familia dos Farias com Maria de Faria, senhora de muita nobreza. Foi seu filho Ignacio Jarvis de Faria, pae do capitão Antonio Ricarte Correa Jarvis de Faria, de quem foi filho Antonio Fernandes Jervis de Atouguia.

Constam de uma carta authentica passada pelo rei de armas de Londres, que está junta á sentença da nobreza do dito Antonio Fernandes Jervis de Atouguia, as seguintes armas : chaveirão de prata carregado de cinco arminhos negros entre tres merletes de oiro; timbre um dos merletes [1].

[1] Esta descripção torna-se duvidosa por ter letra differente do original. — *Pegado.*

JASO. Em campo de oiro uma arvore de sua côr, e junto d'ella um urso negro; orla vermelha com oito aspas de oiro.

JUSTINIANO. Escudo cortado em faxa; a primeira composta de nove peças, cinco de oiro e quatro de vermelho; a segunda partida em pala, na primeira de oiro meia aguia de negro aberta, e na segunda em campo vermelho um castello de prata.

L

LACERDA. A familia de Lacerdas é uma das principaes e mais illustres de Castella. A sua varonia é real, porque procede de D. Fernando de Lacerda, filho primogenito e herdeiro do rei D. Affonso o Sabio, o qual deixando tambem filho herdeiro por morrer em vida de seu pae, o rei D. Sancho, que era tio d'elles, se levantou com o reino, excluindo-se d'esta forma os herdeiros do dito D. Fernando de Lacerda, a quem o dito reino pertencia; dos descendentes do dito D. Fernando procede muita fidalguia no mesmo reino, em França e em Portugal. As suas armas são compostas das de Castella, de Leão e de França, d'onde procediam por D. Branca, filha de S. Luiz e mulher do dito D. Fernando de Lacerda.

São estas o escudo partido em pala; a primeira cortada em faxa, na primeira em campo vermelho um castello de oiro, e na segunda em campo de prata um leão sanguinho; na segunda pala em campo azul tres flores de liz e seis meias flores todas de oiro, postas em tres palas; timbre o leão do escudo. (Acham-se no livro dos reis de armas.) Alguns esquartelam este escudo, pondo no primeiro que tambem é esquartelado, o castello; no segundo o leão, e assim os contrarios; no segundo quartel em azul tres flores de liz de oiro, em roquete, e assim os contrarios; timbre o leão.

LAFETAT. É familia de Milão, com solar na cidade de Cremona. Passou a Portugal no tempo de el-rei D. Manuel João Francisco de Lafetat, que teve o titulo de conde, o qual era terceiro filho de Agostinho de Lafetat, pessoa principal da dita cidade. Tem hoje esta familia sua casa no termo da villa de Obidos.

São suas armas em campo azul um castello de oiro; timbre o mesmo castello.

Acham-se no livro dos reis de armas, no manuscripto de Fr. José da Cruz a fl. 87; e no de Fr. Manuel de Santo Antonio e Silva, que se guardam na Bibliotheca Nacional. Fr. José da Cruz dá as mesmas armas aos do appellido de Delafeitar.

LAGARTO. Esta familia parece ser da Beira, bispado de Lamego; já existia no tempo de el-rei D. Manuel em que lograva nobreza, porque se acham suas armas no livro que o mesmo rei mandou fazer e pôr na Torre do Tombo, fl. 37. Procedem d'esta familia os filhos de D. Rodrigo de Noronha e os de D. João de Mello e Abreu.

São suas armas em campo de prata tres lagartos de verde picados de oiro, passantes, com as linguas vermelhas; timbre um dos lagartos.

LAGE. É appellido tomado de duas freguezias, uma que está distante da cidade de Braga uma legua, e outra no bispado de Coimbra. Não se acha descripta a forma do brazão d'esta familia [1].

[1] Torna-se duvidosa esta descripção por ter letra differente do original. — *Pegado.*

LAGO. É familia muito antiga e com principios muito illustres. Procede de D. Gonçalo Gonçalves, senhor da honra e quinta do Lago, Entre-homem e Cavado, á qual quinta se lhe deu este nome por ter no meio um grande lago, e dentro d'este uma torre em que o dito D. Gonçalo assistia, o qual era irmão de D. Ruy Gonçalves de Pereira, do tronco dos Pereiras, filhos ambos de D. Gonçalo Rodrigues de Palmeira. O primeiro que

usou do appellido de Lago foi Gomes Gonçalves, rico-homem dos reis D. Affonso II, D. Sancho II e D. Affonso III.

São suas armas em campo vermelho uma torre de prata sobre um lago de azul e de prata em que apparecem tres peixes; sobre a torre do meio uma donzella vestida de azul, com os cabellos soltos, nascente, e tres flores de liz de oiro em chefe; timbre a mesma donzella com uma flôr de liz de oiro na mão direita, tambem nascente.

Acham-se no livro dosreis de armas. Os Pereiras do Lago partem o escudo em pala, na primeira as dos Pereiras, e na segunda estas dos Lagos. Villas-boas lhe dá tambem em campo vermelho cinco flôres de liz de oiro, em santor; timbre uma aspa vermelha com tres lizes.

LAMADEITA. Esta familia é illustre nos reinos de Castella e Galliza, onde tem os senhorios de Deça e outras terras. Passou a Portugal Bartholomeu Lamadeita que era natural de Galliza, filho de Estevão de Lamadeita, e pae de outro Estevão de Lamadeita, que teve a Domingos Gil Lamadeita, pae de João Gil Lamadeita Salgado Louzada, morador em Moimenta, e administrador de um opulento morgado.

São suas armas em campo azul uma torre de prata com uma aguia do mesmo metal no alto da mesma torre aberta; timbre a aguia. Assim se apresentaram authenticas para se lançarem no livro da Nobreza, no anno de 1771, e se passou brazão ao dito João Gil Lamadeita Salgado Louzada.

LANÇA, LANÇOS e LANÇÕES. Esta familia é originaria de Galliza, deve a sua ascendencia á casa dos Andrades tão conhecida em Galliza e Portugal pela sua antiga nobreza. Assim o diz Affonso Lopes de Haro, part. II, liv. VI, cap. VI, fl. 620. Foi o primeiro d'esta familia Fernão Peres de Andrade, que por ter herdado a terra de Lançóes, no mesmo reino de Galliza, tomaram os seus filhos e descendentes o appellido d'este senhorio, e em allusão a elle puzeram por armas em campo verde cinco lanças com ferros de prata e as astes de oiro, postas em banda; timbre tres lanças das armas, postas em roquete, atadas com um torçal verde [1]. Alguns trazem por timbre d'estas armas um braço vestido de verde com uma lança das armas na mão.

Passou a Portugal Antonio Francoso de Lanções, e casando na villa de Monção, nobremente estabeleceu n'este reino a mesma familia. Villas-boas traz tambem estas armas da forma que ficam expostas.

[1] Esta descripção torna-se duvidosa por ter letra differente do original. —*Pegado.*

LANCASTRO. A familia dos Lancastros é tão illustre, como é notorio a todos os genealogicos, porque procede do senhor D. Jorge, filho legitimado de el-rei D. João II, havido de D. Anna de Mendonça. Tomou o appellido de Lancastro em memoria da rainha D. Filippa, mulher de el-rei D. João I, seus terceiros avós. Teve n'este reino as casas de Aveiro, com o titulo de duque de juro e herdade; e procederam tambem do senhor D. Jorge, os marquezes de Gouveia, os condes de Obidos, Villa-nova, Unhão, e outras muitas casas que não tem titulos.

São suas armas as do reino com um filete preto em contrabanda, que passa por baixo do escudinho do meio; timbre um pelicano do oiro ferindo o proprio peito em que bebem tres filhos, todos do mesmo metal [1]. Usaram-n'as os condes de Villa-nova, commendadores-móres de Aviz, e outras casas.

[1] Torna-se duvidosa esta descripção por ter letra differente do original. — *Pegado.*

LANDIM. Esta familia dizem muitos nobiliarios ser oriunda de Inglaterra, que passou a este reino com o duque de Lancastro; porém contra isto temos o acharmos memorias d'ella mais antigas n'este reino, e em tempo em que o couto que agora por corrupção se chama Landim, era então chamado Nandim, e nunca os d'esta familia tive-

ram senhorio. É muito provavel que seja descendente dos Landins de Placencia em Italia, que é uma das quatro mais nobres familias d'aquella cidade, d'onde passaria alguma pessoa em tempos muito antigos a este reino : Isto se infere das côres dos escudos que uma e outra tem, que é de prata e vermelho, e a faxa no meio do escudo, ainda que com alguma differença, que póde proceder da com que se dão tambem as mesmas armas aos filhos segundos e terceiros de qualquer casa.

A Gaspar Dias Landim, contador da fazenda das comarcas de Evora e Portalegre, que era por seu pae da familia dos de Abul, e por sua mãe Landim, se passou brazão de armas dos Landins em 21 de junho de 1539, d'onde consta que são : em campo de prata uma faxa vermelha e em chefe uma cabeça de leão de sua côr; timbre a cabeça de leão do escudo entre duas azas de oiro.

Assim as achamos no Cartorio da Nobreza. Villas-boas traz a cabeça de leão vermelha, e a do escudo tambem entre duas azas de oiro, o que não achamos no registro d'esta mercê, a côr deve ser aleonada [1].

[1] Esta mercê foi feita em Lisboa a 16 de abril de 1539, e acha-se o registro na Chancellaria de el-rei D. João III, liv. XXVII, fl. 40 v. Differe na descripção. — *Pegado.*

LANDO. A familia d'este appellido de Lando é franceza. Passou a Castella João Lando com o rei D. Henrique II, quando veiu contra seu irmão D. Pedro, o Cruel. Não temos noticia que se tenha estendido a Portugal, porém como achamos as suas armas no Cartorio da Nobreza por isso as descrevemos aqui.

São estas em campo sanguinho uma aspa de oiro aleçada; orla de prata carregada de dez leões sanguinhos [1].

Assim as achamos tambem em Gonçalo Argote de Molina.

[1] Esta descripção torna-se duvidosa por ter letra differente do original. — *Pegado.*

LARA. A familia de Laras foi das primeiras e mais illustres de Hespanha, a sua varonia vem dos condes de Castella e dos reis de Leão; tomou o appellido do senhorio da cidade de Lara; foi o primeiro conde D. Gonçalo Nunes de Lara.

São suas armas em campo vermelho duas caldeiras xadrezadas de oiro e negro, com oito cabeças de serpes de oiro em cada uma, quatro em cada encaxe, duas voltadas para fora e duas para dentro; as caldeiras postas em pala. Alguns querem que as cabeças de serpe sejam verdes.

Acham-se no livro dos reis de armas.

LARACIN. Tem por armas em campo vermelho uma faxa de prata em duas caldeiras de oiro; orla vermelha com oito aspas de oiro.

Acham-se nos manuscriptos de Frei José da Cruz, reformador do Cartorio da Nobreza. É familia de Castella.

LARZEDO, LOUREDO, e LAUREDO. É tudo a mesma familia, que deve ser Louredo, segundo se vê do conde D. Pedro, *Nobiliario*, pag. 376; e é o seu solar na freguezia de S. Vicente de Louredo na terra de Santa Maria.

São suas armas em campo verde um castello de oiro com portas e frestas de azul entre dois leões de prata, trepantes; timbre um dos leões armado de vermelho.

Acham-se no livro da Torre do Tombo, fl. 20.

LARRE. Este appellido foi tomado da villa de Loare, em Hespanha, que está a quatro leguas de Huesca. Passou a Portugal e n'este reino teve o emprego de provedor dos armazens.

Não se encontra a descripção do brazão d'esta familia [1].

[1] Torna-se duvidosa esta noticia por ser de letra diversa do original. — *Pegado.*

LEAL. Este appellido foi originado de alguma acção de fidelidade, o que se infere tambem das armas serem dois cães, cujo animal é symbolo da lealdade.
São suas armas em campo de prata dois cães negros passantes, armados, de lingua e unhas de vermelho, e postas como em orla sete estrellas vermelhas; timbre um cão como os do escudo, com uma estrella de prata na espadoa.
Acham-se no livro dos reis de armas.

LEÃO. Esta familia é originaria de Castella, e teve o seu solar na cidade de Leão, de que tomou o appellido. Passou a Burgos, em cuja sé tinha jazigo; depois da conquista de Andaluzia fez assento em Baeça, onde teve o posto de alcaide-mór. Passou a Portugal Pedro Soares de Leão no tempo de el-rei D. Fernando, que o fez senhor de Villas-boas e da Torre de D. Chama.
São suas armas em campo de prata um leão vermelho, orla vermelha com oito aspas de oiro; timbre um leão de oiro.
Acham-se no livro dos reis de armas.

LEÃO, de JOÃO LOPES DE LEÃO. Esta familia procede de João Lopes de Leão, o qual descendia de D. Gil de Leão, cavalleiro de Burgos em Castella.
Estes trazem por armas em campo de prata uma cruz de azul, vazia do campo, com tres bolotas verdes e os casulos de oiro em cada ponta; timbre uma aspa azul com as mesmas tres bolotas em cada ponta das pernas.
Acham-se no livro dos reis de armas.

LEÃO GOLDRMID. M. N. dada a Isaac Lyon Goldrmid, baronete do reino unido da Grã-Bretanha e Irlanda, barão de Goldrmid e da Palmeira, por alvará de 3 de abril de de 1846 : escudo esquartelado em aspa; o primeiro quartel de cima em campo de prata, o segundo em campo de oiro, e assim os contrarios, todos semeados de arminhos negros, e sobreposto um escudete sanguineo carregado com uma torre de oiro; corôa de barão; chefe em campo sanguineo uma ave de prata com as azas amarellas e pontas verdes, entre duas rosas de oiro; brica de prata com uma mão vermelha sobre o escudo, a corôa de barão, e por timbre um dragão de oiro com as azas levantadas, segurando em uma rosa vermelha, com pedinculo e folhagem de côr propria, e a par d'ella o timbre das armas de Goldrmid, que é um leão de prata rompente, segurando nas garras um rolo de oiro interlaçado de fita azul clara, e por supportes do lado direito um leão de prata rompente, ducalmente coroado e carregado na espadoa com uma rosa vermelha, e do lado esquerdo um dragão de oiro com as azas levantadas, tambem carregado na espadoa com uma rosa vermelha, e por baixo do escudo uma fita com a legenda seguinte : *Concordia et Selitate.*

LEBRÃO. O solar dos Lebrões é a quinta chamada do Outeiro, sita na freguezia do Salvador, do concelho de Roças, comarca de Guimarães.
São suas armas o escudo de vermelho e n'elle cinco lebres *infantorum* de sua côr; timbre uma das lebres.

LEÇA. Esta familia traz a sua origem dos imperadores de Constantinopla, d'onde passou para a ilha de Corsega c n'ella tem senhorios. Passou depois a Hespanha onde foi pessoa muito distincta D. Matheus Vasques de Leça, conego da santa egreja de Sevilha.
São suas armas o escudo esquartelado; o primeiro quartel de vermelho, e o segundo de verde, e assim os contrartos, e sobre todos elles um castello de prata com uma aguia negra de duas cabeças sobre a torre do meio, que só lhe apparece metade, coroada de oiro, e junto á porta do castello um leão de oiro; orla de oiro com cinco escudetes vermelhos, tendo cada um uma columna de prata coroada de oiro; timbre um anjo vestido

de prata com um labaro de oiro na mão esquerda e n'elle uma fita com esta letra : *In hoc signo victor eris.*

Acham-se em Gonçalo Argote de Molina.

LEDESMA. Este appellido foi tomado da cidade de Ledesma.
São suas armas em campo azul uma aspa de oiro entre quatro flôres de liz de prata, e oito crescentes tambem de prata em orla.

Acham-se em Gonçalo Argote de Molina, *Nobreza de Andaluzia*, fl. 67.

LEDO. Escudo partido em pala; na primeira as quinas das armas reaes, sem a orla dos castellos, na segunda em campo vermelho, um castello de oiro; timbre o mesmo castello.

LEIRA e LIRA. A familia de Leira é originaria de Galliza, e o seu solar na cidade de Tui, onde se converteu em Lira a palavra Leira, que significa terra de pão. Passou a Portugal no reinado de el-rei D. Fernando, Affonso Gomes de Lira, a quem o mesmo rei deu a terra de Frazão e outros bens; e no de el-rei D. João v passou tambem Pedro Marinho Francoso de Lira, que era da casa da Piconha no dito reino; este casou na villa de Barca, e d'elle procedem os que ha em Obidos.
São suas armas em campo de oiro cinco bandas de azul; timbre um leão de oiro com cinco bandas, e armado de azul.

Acham-se no livro dos reis de armas.

LEITE. Deixando as fabulas que se tem inventado sobre a origem d'esta familia, teve ella principio na villa de Chaves em Alvaro Pires, a quem chamaram de alcunha o Leite Coito, que na lingua moderna é o mesmo que leite cozido, talvez por ser amigo d'elle. Viveu no tempo de el-rei D. Affonso IV, e foi senhor do morgado de Santa Catharina, que instituiu seu pae Pedro Esteves.
São suas armas em campo verde tres flôres de liz de oiro em roquete; timbre uma das flôres de liz.

Acham-se no livro dos reis de armas.

LEITE PEREIRA. Da familia dos Leites passou um ramo para a cidade do Porto, que se aparentou com os Pereiras, e d'esta alliança procedem os Leites Pereiras, que trazem por armas o escudo esquartelado, no primeiro quartel as dos Leites que são em campo verde tres flôres de liz de oiro, no segundo as dos Pereiras, em campo vermelho uma cruz de prata florida e vazia do campo, assim os contrarios; timbre a cruz dos Pereiras de prata, entre duas flores de liz de verde.

Acham-se no livro dos reis de armas.

LEITÃO. Procedem os Leitões de D. Gueda, o velho, que veio para Portugal com o conde D. Henrique; a seus descendentes por viverem em Lodares foi dado a alcunha de Leitões. Occuparam estes as maiores dignidades de Portugal, os mestrados das ordens, alcaiderias-móres, e tiveram o senhorio de muitas terras; porém como multiplicaram muito, se dividiram por muitas terras, e alguns caíram em pobreza; d'elles procedem os Mascarenhas e os Silveiras.
São suas armas em campo de prata tres faxas vermelhas; timbre um leitão de prata com uma faxa do escudo.

Acham-se no livro da Torre do Tombo, fl. 26.

LEITÕES, de CHRISTOVÃO LEITÃO. D'esta familia foi Christovão Leitão, natural da villa da Certã, ao qual pelos grandes serviços que fez em Africa a el-rei D. João III,

este o fez fidalgo de sua casa, e coronel de Lisboa, que foi o primeiro que houve no reino, e lhe deu por armas o escudo esquartelado, no primeiro quartel em campo vermelho uma torre de prata cravada de setas de oiro, duas bandeiras de prata com astes de oiro, no alto, uma para cada banda, um sino azul com seu campanario ou sineira tambem de prata no remate, e duas peças de artilheria montadas em carretas de oiro apontadas contra a torre, uma de cada ilharga; no segundo quartel as tres faxas vermelhas dos Leitões em campo de prata, e assim os contrarios; timbre a torre.

Acham-se no livro da Torre do Tombo, fl. 41. V. *Archivo*, n.º 497.

LEME. Esta familia, oriunda de Flandres, teve o seu solar na cidade de Bruges. Passou a Portugal Martim Leme, no tempo de el-rei D. Affonso v, a quem serviu em Africa. Foi fidalgo da casa do dito rei e lhe confirmou as suas armas a seu filho Antonio Leme em 12 de novembro de 1471. Na ilha da Madeira tem bons morgados, e na America a casa de guarda-mór das minas Pedro Dias Paes Leme.

São suas armas em campo de oiro cinco melros negros sem pés nem bicos, postos em santor; timbre uma aspa do mesmo metal e no meio um melro do escudo [1].

Acham-se no livro da Torre do Tombo, fl. 24. V. *Archivo*, n.º 257.

[1] Acha-se esta mercê registada no liv. III de Misticos, fl. 18 v., e na Chancellaria de el-rei D. Affonso v, fl. 90 do liv. XXI. Tem differença na descripção. — *Pegado.*

LEMES, de MANUEL LEME. Este ramo procede de Manuel Leme, que vindo a cair em femea quizeram seus descendentes variar de escudo, e puzeram em campo de prata tres melros só, em roquete, sem pés nem bicos; timbre uma aspa de prata carregada no meio de um dos melros.

Acham-se no livro dos reis de armas.

LEMOS. Esta familia é de Galliza; tomou o appellido do valle de Lemos: foi tão poderosa que logrou mais de vinte castellos e casas fortes. Passaram a Portugal no anno de 1350 na pessoa de Lopo Lopes de Lemos, filho de outro do mesmo nome, e seus successores tiveram o senhorio da Trofa, que logram ainda hoje por femea, e são tambem muito fidalgos n'este reino.

São suas armas em campo vermelho cinco quadernas de crescentes de oiro, em santor; timbre uma aguia vermelha armada de oiro com uma quaderna dos crescentes no peito, e assentada sobre um ninho de silvas de verde.

Acham-se no livro da Torre do Tombo, fl. 31.

LEOTE. Esta familia era de Tanger; tomou o appellido de uma façanha que obrou Francisco Leote Tavares em Africa, junto áquella praça, matando um leão que o investiu, como se vê n'um alvará pelo qual el-rei D. Filippe III o fez fidalgo, e pelos grandes serviços que prestara n'aquella praça lhe deu por armas em campo verde um braço armado de prata, tendo na mão uma cabeça de leão de oiro ensanguentada, timbre o braço com a cabeça do leão.

Assim constava do dito alvará que existia em poder de Manuel José de Sousa Leote, chefe d'esta familia, e morador no reino do Algarve.

LEXANO. Escudo partido em tres palas; na primeira em campo azul uma contrabanda de oiro entre as bôcas de duas cabeças de serpe do mesmo metal, um crescente de prata e uma estrella de oiro; na segunda em campo de oiro cinco corações de verde, postos em santor; na terceira em campo de prata duas caldeiras de negro, em pala.

Assim se encontram em um manuscripto antigo.

LIMA. Os Limas são originarios de Galliza; descendem dos reis godos e dos suevos. Tomaram o appellido do rio Lima, em cuja ribeira viveram, e foram sempre illustres senhores, servindo em Portugal e em Castella. Os de Portugal descendem de D. Fernando Annes de Lima, que passou a este reino no tempo de el-rei D. João I, que lhe deu muitas terras.

São suas armas em campo de oiro quatro palas vermelhas, cujas armas deu el-rei D. Pedro II de Aragão no anno de 1212 a D. João Fernandes de Lima o Bom, que se achou em seu favor na batalha das Navas de Tolosa, pelas grandes acções que obrou n'aquelle conflicto.

LIMAS, do VISCONDE. Esta casa do visconde (depois marquez) teve principio em Leonel de Lima, filho e herdeiro de D. Fernando Annes de Lima, e de sua mulher D. Thereza de Sousa, e foi o primeiro visconde de Villa-nova da Cerveira; este ordenou o seu escudo partindo-o em tres palas; na primeira as quatro palas vermelhas em campo de oiro; as outras duas palas esquarteladas; no primeiro quartel em campo de prata um leão de purpura armado de azul, que é dos Silvas por sua mãe; no segundo no mesmo campo de prata tres faxas xadrezadas de oiro e vermelho, que é dos Soutos-maiores por sua avó materna D. Ignez de Souto-maior; timbre o leão dos Silvas. Depois lhe accrescentaram mais as dos Britos e as dos Nogueiras.

Acham-se no livro da Torre do Tombo, fl. 11.

LIMPO. Esta familia é oriunda da villa de Monção, na provincia do Alemtejo; o appellido foi tomado de alcunha; a sua antiguidade não excede o reinado de D. Affonso V. Achava-se já estabelecida na villa de Moura, onde no anno de 1467 vivia Alvaro Limpo, avó de D. Fr. Balthasar Limpo, bispo do Porto e arcebispo de Braga, que no anno de 1557 instituiu uma capella na aldeia de Santo Aleixo com quatro missas cada semana, que hoje logram seus descendentes com reconhecida nobreza.

São suas armas em campo de oiro tres bandas vermelhas carregadas de sete rosas de prata vasias no meio, a de dentro com tres e as de fóra com dnas; timbre uma cabeça e pescoço de libreo de prata, com uma coleira vermelha guarnecida de oiro, tendo a bôca aberta.

Acham-se no livro dos reis de armas.

LIZ. Este appellido é antigo em Portugal, e d'elle ha familias muito nobres.

Villas-boas, a fl. 296, lhe assigna por armas sete bandas verdes em campo de oiro; timbre meio leão de oiro armado e bandado de verde; alguns trazem as bandas de azul, assim no escudo como no timbre. Em uma memoria, que se achava em um livro que serviu ao P.e Fr. José da Cruz, vê-se que esta familia tem tambem por armas em campo azul tres flores de liz de oiro em roquete; poderá ser que algum ramo as tenha assim [1].

[1] Esta descripção torna-se suspeita por ter letra diversa do origiual. — *Pegado.*

LOBÃO. Em uma certidão authentica passada pelo principal rei de armas, em referencia, segundo elle dizia, ás que se achavam registradas no livro VII do Cartorio da Nobreza, fl. 387, do anno de 1725, vem as seguintes armas : em campo de oiro cinco flores de liz azues postas em aspas, com uma orla verde, e n'ella cinco lobos de oiro postos a seu direito; elmo de prata aberto; timbre um lobo de oiro, com uma flor de liz do escudo na espadoa.

V. *Lobeira.*

LOBATO. É familia de Galliza; o appellido é diminutivo de Lobo, que principiou em alcunha. Passou a Portugal homisiado D. Vasco Lobato, senhor do couto de Medon, e d'este se disse serem descendentes todos os que ha n'este reino, de que se con-

serva a varonia na quinta de Cheira-ventos, termo de Almada, e nas villas de Valladares e Monção, e em S. Mamede de Lisboa [1] tem sepultura e uma missa cantada cada anno Pedro Annes Lobato, a quem el-rei D. João I fez fidalgo.

São suas armas em campo vermelho tres castellos de prata em roquete, orla de oiro com oito lobos de negro; timbre um castello, e saindo do alto da torre do meio um dos lobos.

Acham-se no livro da Torre do Tombo, fl. 19.

[1] Refere-se á antiga egreja, que ardeu em 1755.

LOBEIRA e LOBÃO. São gallegos antiquissimos, e com principios muito illustres; tem o seu solar na quinta da Lobeira, na comarca de Ponte-vedra; procedem de Rodrigo Sanches de Lobeira, primeiro bispo de Compostella. Passaram a Portugal no tempo dos seus primeiros reis, e no de D. Affonso III se acham com o titulo de *miles*, que então significava o mesmo que fidalgo.

São suas armas em campo de oiro cinco flores de liz azues em santor, orla verde com cinco lobos de oiro; timbre um dos lobos com uma das lizes na espadoa.

Acham-se no livro da Torre do Tombo, fl. 32.

LOBO. Deixando as diversas origens que dão a esta familia, os Lobos de Portugal procedem de D. Pedro Paes Lobo, que veiu conduzir a rainha D. Mexia Lopes de Haro, sua prima segunda, filha do seu soberano e parente o conde D. Lopo Dias de Haro, senhor de Biscaia; d'este procedem por varonia os Lobos da rua de Alconchel de Evora, Martim Lopes Lobo de Estremoz, Manuel do Quental Lobo em Elvas, Luiz Lobo da Silva em Lisboa, e por femea os condes de Oriola e outros, barões de Alvito, etc.

São suas armas em campo de prata cinco lobos de negro, em santor, armados de vermelho; timbre um dos lobos.

Acham-se no livro da Torre do Tombo, fl. 13.

LOBOS, do BARÃO DE ALVITO. Este ramo de Lobos teve principio em D. Maria de Sousa Lobo, filha e herdeira de Diogo Lopes Lobo, senhor de Alvito, Villa-nova e outras terras, a qual sendo segunda mulher de D. João Fernandes da Silveira, regedor das justiças, chanceller-mór de el-rei D. Affonso V e seu escrivão da puridade, foi por este casamento senhor de Alvito, de que o mesmo rei o creou primeiro barão em 1475; e em razão d'este senhorio tomou esta casa as armas dos Lobos accrescentando-lhes uma orla azul carregada de oito aspas de oiro, e o lobo do timbre com uma aspa na espadoa.

Assim as traz estampadas o padre D. Antonio Caetano de Sousa no seu livro dos *Grandes de Portugal*, a pag. 357.

LOBRA. Em campo de prata uma cruz vermelha, carregada de um lobo do mesmo metal.

Assim as traz o muitas vezes citado livro de Fr. José da Cruz.

LOMBARDO. No livro dos reis de armas achamos registradas as armas seguintes, mas fazem alguma differença das que foram confirmadas a João Lombardo em 1513 por el-rei D. Manuel: Escudo dividido em aspa por uma cotica vermelha; no primeiro de prata uma aguia negra coroada do mesmo; o segundo e terceiro de prata lisa; o quarto de prata com uma estrella negra; timbre duas azas de aguia, negras.

V. *Archivo*, n.º 1189.

LOMELINO. Esta familia é uma das vinte e oito, que em Genova eram antigamente contadas como as principaes, e da primeira nobreza d'aquella republica, a que depois se foram egualando outras. Passou a Portugal no descobrimento das ilhas dos Aço-

res, e achamos que Jorge Lomelino fundou ou foi senhor do morgado do Seixo na ilha do Porto-santo, onde casou sua filha Anna Lomelina com Estevão Calaça, criado do infante D. Henrique.

São suas armas o escudo cortado em faxa e arqueado, a parte superior de vermelho e a inferior de oiro.

Acham-se em Gonçalo Argote de Molina, na sua *Nobreza de Andalusia*, fl. 24.

LOPES. Lopes é patronimico de Lopo; por este principio o tem usado em Portugal os Sousas, os Azevedos e os Lobos, e em Hespanha os Haros, todos com armas differentes. Os de que aqui tractamos são descendentes de João Lopes, cavalleiro da casa da infanta D. Joanna, filha de el-rei D. Affonso v, ao qual por servir em Arzilla e nas guerras que o dito rei teve em Castella, lhe foram dadas por armas em cmpo azul uma palmeira de oiro, e um corvo negro pousado sobre ella; timbre o corvo do escudo, com um ramo de palma no bico.

V. *Archivo*, n.º 1190.

LOPES, de CIDADE-RODRIGO. Os Lopes de Cidade-Rodrigo trazem o escudo esquartelado; no primeiro quartel em campo azul uma estrella de oiro de seis raios; no segundo em vermelho uma flor de liz de prata, e assim os contrarios; orla vermelha com oito aspas de oiro; timbre uma das aspas.

Acham-se no livro dos reis de armas.

LOPES, de D. TORIBIO LOPES. Ao bispo de Miranda D. Toribio Lopes deu el-rei D. João III por armas o escudo esquartelado; no primerio quartel em campo azul tres estrellas de oiro, em roquete; no segundo em campo de prata uma palmeira verde com fructos de oiro, e assim os contrarios; orla vermelha com esta letra de oiro—*Unam petii a Domino hanc requiram ut habitem in Domo Domini* [1]. Não nos consta que hoje use d'estas armas familia alguma n'este reino.

[1] Esta mercê foi feita em Evora a 4 de novembro de 1545, e está registrada na Chanc. de el-rei D. João III, liv. XXXV, fl. 111. Differe muito da descripção acima dita. — *Pegado.*

LOPES BRANCO. M. N. conferida a Antonio Roberto de Oliveira Lopes Branco, por alvará de 9 de janeiro de 1862: — Escudo esquartelado; tendo o quartel superior da direita carregado com uma palmeira de oiro, com duas estrellas de prata de cinco raios cada uma, e acantonadas em chefe sobre campo azul; o superior da esquerda carregado com tres corvos negros voantes, e collocados em roquete, e assim o seu alterno sobre campos de prata; e o inferior da esquerda carregado com uma oliveira de sua côr sobre campo de oiro; coronel de oiro decorado com pedras preciosas, e na parte superior recortado com oito angulos agudos, dos quaes só apparecem, em pintura, apenas cinco, que rematam cada um em uma perola, ficando o virol sobre o do centro, onde se firma o timbre, representado por um leão rompente de purpura e com a lingua de prata.

V. *Archivo*, n.º 325.

LORDELLO. É familia portugueza; o appellido é tomado do logar de Lordello, freguezia de S. João, no julgado de Neiva, que é o seu solar, e já no tempo de el-rei D. Diniz era honrado o mesmo logar e uma quinta que alli havia dos Lordellos.

São suas armas em campo verde uma banda de prata carregada de tres rosas vermelhas, entre seis borregos do mesmo metal; timbre um dos borregos, com uma rosa vermelha na bôca.

Acham-se no livro da Torre do Tombo, fl. 28.

LORME (DE). É familia de França, que passou a Portugal.

São suas armas o escudo de campo negro com tres bandas de prata; timbre um leão de sua côr, empunhando uma espada na garra direita, com copos de oiro e o ferro de prata.

LORONHA. Os Loronhas são fidalgos antigos, passaram a Inglaterra; e n'aquelle reino viveu Martim Affonso de Loronha até o anno de 1440, em que se restituiu a Portugal. O rei de Inglaterra lhe deu por armas o escudo partido em pala; a primeira de prata e a segunda verde, no canto esquerdo d'esta uma pomba de prata, e no meio entre uma e outra pala duas meias rosas vermelhas e duas meias flores de liz de oiro, em pala; timbre a pomba em acção de querer voar.

Fernão de Loronha descobriu a ilha do seu nome; era chefe d'esta familia no seculo passado Antonio Sanches de Noronha e Loronha, que vivia na sua quinta da Ameixoeira, termo de Lisboa.

V. *Archivo*, n.º 658.

LOUREDO, LAUREDO e LOREDO. É tudo a mesma familia, que deve ser Loredo ou Louredo, segundo se vê do conde D. Pedro, fl. 376, e tem o seu solar na freguezia de S. Vicente de Louredo, na terra de Santa Maria.

São suas armas em campo verde um castello de oiro com portas e frestas de azul, entre dois leões de prata trepantes; timbre um dos leões armado de vermelho, como os do escudo.

Acham-se no livro da Torre do Tombo, fl. 20.

LOUREIRO. Os Loureiros são antigos e naturaes d'este reino; tomaram o appellido do senhorio do lugar de Loureiro; usaram das armas dos Figueiredos depois que Joanne Eannes de Loureiro casou com Catharina de Figueiredo; porém depois el-rei D. João III deu a Luiz de Loureiro seu bisneto, adail-mór que foi d'este reino, pelos seus muitos serviços, armas novas que são:

O escudo esquartelado; no primeiro quartel em vermelho, um castello de prata e arrumada a elle uma escada de oiro; no segundo e no terceiro em campo de vermelho cinco folhas de figueira verdes perfiladas de oiro; o quarto partido em pala, na primeira em campo de oiro uma bandeira vermelha de duas pontas, a segunda de vermelho com uma bandeira de prata tambem de duas pontas, e ambas com os ferros de sua côr; timbre dois braços de leão de vermelho, em aspa, cada um com sua folha de figueira na garra, e entre elles o alcaide de Azamor nascente com as mãos atadas com um cordão de oiro. Alguns não trazem o alcaide [1].

V. *Archivo*, n.º 1791.

[1] Esta mercê foi feita em Almeirim a 26 de julho de 1551 e acha-se registrada no liv. IV de Privilegios de D. João III, fl. 80. Tem differença na descripção.

LOURENÇO. V. *Archivo*, n. 1192.

LOUZADA. É familia de Galliza, que tomou o appellido do palacio de Louzada no valle de Queiroga, que era seu. Foram senhores da villa de la Puebla de Senabria. Passou a Portugal João de Louzada, e seus irmãos Henrique e Gonçalo de Louzada, no tempo do rei D. Affonso V, e d'elles procedem os que ha n'este reino, e foi tambem descendente o celebre Gaspar Alvares Louzada, escrivão e reformador do Real Archivo da Torre do Tombo, tido no seu tempo por grande genealogista, e hoje na opinião de muitos por um insigne falsario.

São suas armas em campo de prata uma lagem de côr de piçarra, saindo d'ella dois lagartos verdes com as linguas vermelhas.

Acham-se no livro da Torre do Tombo, fl. 14.

LOUZADAS (outros). Tem os d'esta familia tambem o seguinte escudo:
O escudo cortado em faxa, na primeira em campo vermelho um leão de oiro com uma espada de prata na garra direita em acção de descarregar o golpe; na segunda em campo vermelho cinco crescentes de prata com as pontas para a parte direita do escudo, postos em santor; timbre o leão com a espada.

Acham-se no livro dos reis de armas.

LOUZADAS, de GALLIZA. Os Louzadas de Galliza trazem as seguintes armas:
Escudo de campo de oiro com uma louza ou uma lage de côr piçarra, apparecendo por debaixo d'esta as cabeças e mãos de seis lagartos de verde com escamas de oiro; orla vermelha carregada de seis aspas de oiro; timbre quatro pennachos de côres distinctas.

LUCAS. Converteu esta familia em appellido o nome de Lucas, que passou de Castella a Portugal. É o seu solar na villa de Belmonte onde são fidalgos notorios. Entre as pessoas d'esta familia se fez mais notavel Ruy Correa Lucas, que foi do conselho dos reis D. João IV e D. Affonso VI, teve varias commendas na ordem de Christo, foi deputado da Junta dos tres Estados, fundador do convento das religiosas inglezas de Santa Brizida de Lisboa, e do hospital dos Clerigos pobres. No seculo passado era o chefe d'esta familia Sebastião Zalema Correa de Reboredo Lucas, moço fidalgo e capitão de cavallos.
São suas armas o escudo cortado em faxa, na primeira cinco peras de sua côr com seus pés e folhas de verde em campo de prata; na segunda em campo azul tres faxas de oiro; timbre uma das peras do escudo.

Assim as communicou José Freire Monterroio Mascarenhas.

LUCENA. É familia de Andaluzia; passou a Portugal no tempo de el-rei D. João III em tres irmãos que tomaram por appellido o nome da cidade de Lucena, d'onde eram naturaes.
São suas armas em campo azul um sol de oiro, orla de prata com oito cruzes de verde, como as de Aviz; timbre uma aspa de oiro com cinco cruzes como as do escudo.

Acham-se no livro dos reis de armas.

LUCIOS. Procedem de Adrião Lucio, fidalgo flamengo, que passou a Portugal em tempo de D. João III, e este senhor lhe mandou registrar as suas armas nos livros da nobreza.
São estas em campo azul uma ribeira de prata, em banda, pela qual sobe um peixe lucio de sua côr, entre dois leões de oiro armados de vermelho em contrabanda; timbre um dos leões com o peixe na garra direita.

Acham-se no livro dos reis de armas.

LUGO. A familia d'este appellido é das mais antigas e illustres de Galliza. Tomou o appellido da cidade de Lugo; teve grandes e exemplares prelados e famosos capitães. Passaram a Portugal os parentes de Alvaro Annes de Lugo resentidos dos reis catholicos os mandarem matar, dos quaes foi Fernando de Lugo, que n'este reino foi governador de Cabo-verde; instituiu morgado com obrigação do appellido e armas, e d'elle descende muita fidalguia.
São suas armas em campo vermelho uma cruz de oiro floreteada com o centro de verde, que é o vazio, e d'elle saem quatro espigas de trigo do mesmo metal que formam outra cruz nos angulos.

Acham-se no livro dos reis de armas, e em Gonçalo Argote de Molina.

LUIZ. M. N. dada em Samora a 13 de novembro de 1475 por el-rei D. Affonso V, pelos serviços nas armas na tomada de Arzila, a Fernando Luiz: — Escudo em

campo azul com uma torre de prata com portas, janellas e um canario verde dentro n'ella, e um leão rompente armado de oiro subindo a torre.

V. *Archivo*, n.º 667.

LUNA. Esta familia é oriunda de Aragão; foi d'ella D. Alvaro de Luna, grande valido do rei D. João II de Castella; governou trinta e tres annos aquella monarchia, até que a inveja e a emulação o fizeram acabar em um cadafalso. Passaram alguns de seus descendentes a Portugal, de quem procedem muitos fidalgos da provincia de Entre Douro e Minho.

São suas armas em campo vermelho uma lua de prata minguante, que é com as pontas para baixo, e o contrachefe de prata lizo; timbre uma aspa vermelha com um minguante de prata no meio.

Acham-se no livro dos reis de armas.

LUZIA. Em campo azul um sol de oiro.

Assim estão no referido manuscripto de Fr. José da Cruz.

LYON GOLDRMID. V. *Leão*, e no *Archivo*, n.º 1031.

M

MAÇAS. É familia de Aragão, que procede de D. Fortum Maça, rico-homem do rei D. Pedro I d'aquelle reino, ao qual por se achar na batalha de Alcoras com trezentos homens armados de maças, se lhe deu este appellido. Depois D. Pedro Maça em razão de se achar na batalha das Navas de Tolosa, em memoria d'estas duas batalhas puzeram elle ou seus descendentes por armas em campo azul uma maça de oiro em pala e entre duas cadeas do mesmo metal postas tambem em pala. Passaram a Portugal e a Italia.

Acham-se em Gonçalo Argote de Molina, na sua *Nobreza de Andalusia*, fl. 87.

MACEDO. É familia de Portugal, que teve o seu solar em Macedo dos Cavalleiros, no termo de Bragança, e procede de Ruy Martins de Macedo, senhor de Sanceris, que viveu no tempo de el-rei D. Diniz. Foi seu filho Gonçalo Rodrigues de Macedo, que teve o dito senhorio e foi alcaide-mór do castello da Feira, e d'este o foi Martim Gonçalves de Macedo, que na batalha de Aljubarrota soccorreu el-rei D. João I matando a Alvaro Gonçalves de Sandoval, cavalleiro castelhano, que lhe tinha pegado na maça, e por premio d'este feito lhe fez o mesmo senhor mercê da alcaideria do castello do Outeiro, dos direitos reaes de Bragança e outros muitos.

São suas armas em campo azul cinco estrellas de oiro de seis pontas postas em santor; timbre um braço vestido de azul, com uma maça de oiro cravejada de pontas de ferro, como a clava de Hercules, em acção de descarregar a pancada.

Acham-se no livro da Torre do Tombo, fl. 41.

MACHADO. Este appellido principiou com o reino em D. Mendo Moniz, pela acção de romper com machados as portas de Santarem; era elle rico-homem e senhor de Gandarei, primo terceiro do grande Egas Moniz. Era o solar d'esta familia o mosteiro de Santo André de Rendufe de frades bentos, junto do qual estava a honra de Penagate,

Eram as suas armas antigas em campo vermelho tres machados postos em roquete e nove torres por orla, com dois machados em aspa por timbre; mas na reforma que el-rei D. Manuel mandou fazer dos brazões se formou este escudo de cinco machados de prata com os cabos de oiro em campo vermelho, postos em santor; timbre dois machados do escudo em aspa, atados com um torçal vermelho.

Acham-se no livro da Torre do Tombo, que mandou fazer o dito rei.

MACHADOS. Da copia de uma carta que tinha em seu poder José Freire Monterroio Mascarenhas se vê que no anno de 1636 foi feita a seguinte mercê: A Alvaro Machado Pinto e a seu primo irmão João Machado Moniz e a seu filho Francisco Rodrigues Machado deu o imperador Fernando II por armas o escudo esquartelado; no primeiro quartel em campo verde tres machados de prata, com os cabos de oiro em roquete; no segundo em campo negro uma espada de prata e um bastão de oiro, postos em aspa, entre estes quatro letras de prata — F I L E — cuja interpretação quer dizer — *Ferdinandus Imperator libenter fecit;* no terceiro em campo azul um coração sanguinho perfilado e cercado de letras de oiro, que dizem — *Spes mea in Deo est;* e no quarto em campo de oiro um galo de côr cinzenta, com algumas pennas negras.

MACHADO DA ROCHA. M. N. feita a Julio Gomes da Silva Sanches Machado da Rocha, por alvará de 28 de abril de 1865: — Escudo esquartelado; tendo o superior da direita carregado com um leão rompente de purpura, e armado de azul sobre campo de prata, e assim o alterno; o superior da esquerda em campo de prata com uma estrella vermelha de seis raios acantonada no angulo superior á direita, e uma torre negra com um braço nú armado de sabre azul em acção de ferir, e a torre firmada em contrachefe de terreno de sua côr com uma escada de mão encostada á esquerda; o superior da direita carregado com um pelicano de oiro ferindo-se no peito e com tres filhos collocados em um ninho, sobre campo azul; coronel de conde.

V. *Archivo*, n.º 1704.

MACIEL, MAÇOULA, MACEIRA. Os Macieis, Maçoulas e Maceiras são todos a mesma familia, cujo solar é a quinta de Maceira, na freguezia de Santo Adrião de Faria, no termo de Barcellos, de que tomaram o appellido, que se corrompeu em Macieis e Maçoulas.

São suas armas o escudo partido em pala; na primeira em campo de prata duas flores de liz azues em pala; na segunda no mesmo campo de prata meia aguia de vermelho estendida, armada de negro; timbre uma flor de liz de oiro entre dois ramos de maceira de verde com fructos de prata.

Acham-se no livro dos reis de armas.

MADEIRA e MEDEIROS. A familia de Madeiras tomou o appellido de S. João de Madeira, no julgado da Feira, e a de Medeiros ou é corrupção de Madeira, ou tomou tambem o appellido do logar de Medeiros, que está na provincia de Traz-os-montes. Segundo diz o padre Cordeiro na sua *Historia Insulana* tem os Medeiros na ilha de S. Miguel a principal e rica casa que ha n'ella.

São suas armas em campo vermelho cinco cabeças e pescoços de aguia de oiro, cortadas em sangue e postas em santor; timbre meia aguia de oiro armada de vermelho, que alguns fazem vermelha armada de oiro.

Acham-se no livro dos reis de armas.

MADUREIRA. Esta familia foi de grande distincção no tempo de el-rei D. Affonso V, em que viveu Alvaro Annes de Madureira, primo irmão do arcebispo primaz de Braga, D. Lourenço da Cunha, que lhe fez muitas e crescidas mercês, que todas foram confirmadas pelo papa Urbano VI, e o dito rei lhe fez tambem outras.

São suas armas o escudo todo vermelho, esquartelado; no primeiro quartel um leão de oiro, no segundo uma flor de liz do mesmo metal, e assim os contrarios; timbre o leão.

Acham-se no livro dos reis de armas.

MAGALHÃES. O appellido de Magalhães appareceu no reinado de D. Diniz em Affonso Rodrigues de Magalhães, senhor da torre e quinta de Magalhães, da qual tomou o appellido.

São suas armas em campo de prata tres faxas xadrezadas de vermelho e prata; timbre um abutre de prata armado de oiro.

Acham-se no livro da Torre do Tombo, fl. 19.

MAGALHÃES (outros). Tem esta familia por armas o escudo esquartelado; no primeiro quartel em campo de prata um pinheiro verde, no segundo em campo azul uma cruz de oiro florida e vazia, e assim os contrarios; timbre um dos pinheiros.

Acham-se no livro dos reis de armas, fl. 81, e em Villas-boas.

MAGRIÇO. Não sabemos se esta familia deve a sua origem á dos Coutinhos, e procede do grande Alvaro Gonçalves Coutinho, de alcunha o Magriço, filho do marechal Gonçalo Vaz Coutinho, o qual foi um dos cavalleiros portuguezes, que d'este reino passaram a Inglaterra a defender as damas d'aquelle reino, e depois em singular batalha ou desafio livrou a Flandres da sujeição de França por fazer serviço á infanta D. Isabel, filha de el-rei D. João I, mulher de Filippe, duque de Borgonha e conde de Flandres.

São suas armas em campo de oiro tres bancos vermelhos com seus pés, postos em tres faxas; timbre um leão de oiro, com uma estrella vermelha na testa.

Acham-se no livro dos reis de armas.

MAGRO. Este appellido foi tomado da alcunha que teve D. Gonçalo Viegas, que por ser de constituição secca foi assim chamado; era elle bisneto do grande D. Egas Moniz, aio de el-rei D. Affonso Henriques.

São suas armas em campo azul quatro estrellas de oiro de seis raios acantonadas, e uma cruz de prata chã no meio d'ellas; timbre um leão azul com uma estrella na testa.

Acham-se no livro dos reis de armas. Villas-boas diz cinco estrellas, e a do meio carregada com uma cruz de prata, o que é contra as regras da armaria.

MAIA. Os Maias procedem de D. Ramiro II, rei de Leão, por seu bisneto D. Gonçalo Trastamires da Maia, cujo appellido tomou por ser senhor da terra d'este nome.

São suas armas em campo vermelho uma aguia de oiro armada e gotada de negro; timbre a aguia nascente. Alguns trazem a aguia preta gotada de oiro em campo vermelho; timbre a aguia nascente.

Acham-se no livro da Torre do Tombo, fl. 22.

MALACA. Procedem de um dos conquistadores da cidade de Malaca na India, como diz Villas-boas, que lhe assigna por armas um castello de prata em campo vermelho, por serem ganhas em guerra contra infleis.

MALAFAIA. Começou a conhecer-se este appellido desde o tempo de el-rei D. João I em Gonçalo Pires Malafaia, que foi do seu conselho, senhor de Bellas e regedor das justiças; tomou o appellido da honra de Malafaia, que tinha por herança de seus avós.

São suas armas em campo vermelho uma torre de prata e sobre ella um corvo de sua côr; timbre o corvo.

Acham-se no livro da Torre do Tombo, fl. 15.

MALDONADO. Esta familia é de Hespanha, deve a sua origem á dos Aldanas, que procedia dos condes do Minho, descendentes dos reis godos. Teve homens muito distinctos. Passou a Portugal e foi o chefe d'ella n'este reino D. Alvaro Maldonado, filho de D. João Ayres Maldonado, senhor da villa de Madeiral e outras. Conservou-se por seculos a sua varonia.

São suas armas em campo vermelho cinco flores de liz de prata, em santor; timbre um leão de oiro nascente com uma flor de liz vermelha na espadoa, e armado de vermelho. Alguns trazem a flor de liz de oiro, como os Aldanas.

Acham-se no livro dos reis de armas.

MALHEIRO. Esta familia é muito nobre, pretende descender de Estevão Malho, senhor da quinta da Lavandeira, na terra de Santa Maria.

São suas armas em campo vermelho uma ponte de tres arcos, que toma a largura de todo o escudo, divisando-se a agua por baixo dos arcos da dita ponte, em cima da ponte e no meio d'esta uma palmeira verde entre duas torres de prata; timbre a palmeira.

Acham-se no livro dos reis de armas.

MANSILHA. Esta familia traz a sua origem da de Rios, que é muito nobre em Hespanha, e na cidade de Guadalaxara tem grandes casas. Passou a Portugal onde tambem logra nobreza. Tem dois escudos de armas, no que se mostra que ha dois ramos. O primeiro é cortado em faxa, na primeira em campo de oiro duas faxas ondadas de azul com uma orla vermelha carregada de cinco cabeças de serpe de verde picadas de oiro, com sangue nas cortaduras; na segunda em campo verde uma torre de prata sobre uma penha de sua côr, de que sae uma levada de agua, e junto d'ella um freixo de sua côr, e dois libreos de prata atados ao freixo. O outro escudo é partido em pala; na primeira em campo vermelho um estoque de prata com guarnições de oiro; na segunda tambem em campo vermelho uma cabeça de mouro cortada e toucada ao mourisco; orla azul com cinco aspas de oiro.

Acham-se ambos em D. João Flores de Ocaris.

MANIQUE. A familia Pina Manique é uma das mais qualificadas n'este reino.

São suas armas o escudo de azul com tres azas de prata estendidas, duas e uma.

MANUEL. Este appellido foi tomado do nome do infante D. Manuel, filho de el-rei D. Fernando VI de Castella e da rainha D. Beatriz, que era neta de Isaac Angelo, imperador de Constantinopla, e em contemplação d'este imperador tomou o dito infante por armas o escudo esquartelado; no primeiro quartel em campo vermelho uma mão de sua côr com uma espada empunhada de prata com as guarnições de oiro, e em logar de braço uma aza aberta, tambem de oiro; no segundo em campo de prata um leão vermelho armado de azul, e assim os contrarios; timbre a mão, aza e espada do escudo. Alguns voltam este escudo, o leão para o primeiro quartel, a aza com a mão e espada para o segundo, e assim os contrarios.

Acham-se no livro da Torre do Tombo, fl. 11.

MANRIQUE. A familia de Manriques é uma das mais illustres e antigas de Hespanha, deveu a sua origem á de Lara, que procedia dos antigos condes soberanos de Castella e Burgos. Tomou o appellido do nome proprio Manrique, em memoria do seu illustre ascendente D. Manrique de Lara, senhor de Lara, que era filho do conde D. Pedro Gonçalves de Lara, o qual porque casou com D. Hermezenda, herdeira do viscondado de Narbona, e filha de Amario, terceiro do nome dos viscondes de Narbona, teve elle o viscondado: d'estes, como de tronco commum de todos os Manriques, procederam os senhores de Amusco de Santa Gadea, duques de Naxera, os marquezes de Aguilar, os condes de Cas-

tanheda, de Ozorno, de Morata, de Paredes, de Buendia, e outras muitas casas illustres de Hespanha, e por casamentos muitas em Portugal.

Tem differentes armas, porque as primeiras foram duas caldeiras de oiro em campo vermelho, que D. Luiz Salazar de Castro diz serem xadrezadas de oiro e negro, com sete cabeças de serpe em cada encaixe das armas verdes; e as traz tambem nas armas dos duques de Naxera. As segundas são o escudo xadrezado de nove peças, tres em faxa e tres em pala, quatro de purpura tendo cada uma seu castello de oiro, e cinco de oiro, e em cada uma um leão sanguinho, as quaes pertencem aos marquezes de Aguilar, condes de Castanheda, por este appellido de Manriques.

Acham-se em Gonçalo Argote de Molina, *Nobreza de Andalusia*, fl. 57.

MANRIQUES, de LARA. Trazem o escudo partido em pala; a primeira franxada, o campo alto sanguinho com um castello de oiro, o seu contrario de prata com uma aguia negra estendida, e nos das ilhargas em cada um seu leão sanguinho em campo de prata; a segunda pala sanguinha com as duas caldeiras dos Laras xadrezadas de oiro e negro, e as sete cabeças de serpe de verde nos encaixes das azas.

Acham-se no livro de Gonçalo Argote de Molina.

MANRIQUES, de OSORNO. Os condes de Osorno, ramo d'esta familia dos Manriques, trazem o escudo esquartelado; o primeiro quartel de prata com uma aguia negra estendida, o segundo de vermelho com um castello de oiro, e assim os contrarios.

Acham-se em Gonçalo Argote de Molina.

MANSO. Procedem os d'este appellido de D. Lopo, senhor soberano de Biscaia, por seu filho D. Nuno Lopes Manso, pae de D. Lopo Lopes Manso, fundador da casa dos Mansos; passou a Portugal no serviço da *Excellente Senhora*, Diogo Annes Manso, e d'elle procedem os que ha n'este reino d'este appellido.

São suas armas em Castella em campo de oiro dois freixos de verde, e entre elles um lobo de sua côr, arrimado ao freixo da parte direita, e em chefe sobre o lobo uma estrella vermelha de seis raios; timbre o lobo nascente, com uma estrella de oiro na espadoa. Em Portugal trazem em campo de prata uma aguia azul armada de vermelho, rompente; timbre a aguia rompente.

As primeiras constam das memorias de José Freire Monterroio, e as segundas acham-se no livro dos reis de armas.

MARACOTE. Este appellido, que na cidade de Bolonha, d'onde é oriundo, se diz Mariscote, passou a Portugal em algum lente para n'este reino ler alguma faculdade, e n'elle se corrompeu em Maracote, e tem tido pessoas muito distinctas.

São suas armas o escudo esquartelado; no primeiro em campo de prata um toiro vermelho armado de oiro, o segundo xadrezado de prata e vermelho, de quatro peças em faxa e outras tantas em pala, e assim os contrarios; timbre o toiro do escudo.

Acham-se no livro da Torre do Tombo, fl. 32.

MARCHÃO. Ha este appellido na cidade de Aix, cabeça de Provença, e no reino de Aragão ha tambem familia d'elle, que o tomou da villa de Marchão, no mesmo reino.

A primeira tem por armas o escudo cortado em tres faxas; a primeira vermelha com uma cruz de oiro firmada, a segunda de azul, e a terceira de verde com uma faxa ou onda de agua de prata de que sae uma arvore verde, que sobe até ao cimo da faxa do meio; timbre a mesma arvore. Assim as communicou José Freire Monterroio.

A segunda, ou os de Aragão tem o escudo esquartelado; no primeiro em azul cinco estrellas de oiro em santor; no segundo em vermelho um castello de oiro com uma bandeira de prata quadrada no alto, e n'esta uma cruz de Sant'Iago; o terceiro cortado em

povo, tirando só o custo da despeza feita, e em attenção a este serviço e outros muitos a rainha D. Catharina, na menoridade de el-rei D. Sebastião, seu neto, lhe confirmou as armas da familia de que descendia por alvará de 8 de maio de 1560.

São estas o escudo cortado em faxa; na de cima em campo negro duas palas de oiro; na de baixo em oiro tres flores de liz de vermelho, em roquete; timbre uma das lizes [1].

V. *Archivo*, n.º 567.

[1] Esta mercê acha-se registrada na Chanc. de D. Sebastião, liv. II, fl. 275 v., e tem a data de 1 de abril de 1560. — *Pegado.*

MARTINS DE DEUS. Procedem estes de João Martins de Deus, fidalgo das Asturias, que passou a Portugal, onde ha descendentes seus em Setubal e Cezimbra.

Tem por armas o escudo partido em pala; na primeira em campo azul um castello de oiro, com um corvo de sua côr á porta; na segunda em campo de oiro uma aguia de azul rompente; timbre cinco plumas, duas de oiro e tres de azul.

Acham-se no livro dos reis de armas.

MASCARENHAS. Fr. Filippe de Lagandara nas *Armas e triunfos de Galiza*, fl. 145, os faz descendentes de Sancho Pires Mascarenhas, fidalgo gallego, que casou em Portugal no tempo de el-rei D. Affonso de Castella : porém os genealogicos só a deduzem de Estevão Rodrigues Mascarenhas, primeiro senhor e povoador da villa de Mascarenhas, na provincia da Beira, por mercê de el-rei D. Sancho I de Portugal, e d'elle procedem as grandes e illustres casas que ha n'este reino d'esta familia.

Sãs suas armas em campo vermelho tres faxas de oiro; timbre um leão vermelho armado de oiro (Acham-se no livro da Torre do Tombo, fl. 14).

Os condes de Obidos accrescentam a estas armas uma orla azul com oito memorias de oiro repassadas de duas em duas. em memoria de D. Pedro Mascarenhas, vice-rei da India, a quem el-rei D. João III fez mercê d'este accrescentamento no anno de 1554, e o leão do timbre, com um ramo de palma com tamaras, tudo de sua côr [1].

[1] Não existe o registro d'esta mercê, só se encontra a carta pela qual el-rei D. Manuel concedeu a D. João Mascarenhas um accrescentamento ao seu escudo de armas, muito differente do que fica exposto. — *Pegado.*

MATTA. Este appellido é antigo em Portugal e o conde D. Pedro faz memoria de Gomes Fernandes da Matta, e no tempo de el-rei D. Fernando foi alcaide-mór do castello de Celorico de Basto, Gonçalo Gomes da Matta, de quem procedem os Mattas da Certã, e outros.

São suas armas em campo verde cinco flores de liz de oiro, em santor; timbre uma das flores de liz.

MATTAS, do CORREIO-MÓR. Esta familia descende de Fernão Peres Coronel, regedor da cidade de Segovia, de quem foi filho Inigo Peres Coronel, secretario de estado dos reis catholicos, e d'este Tristão Reimão Coronel, que veiu para Portugal em tempo de el-rei D. João III, do qual foi bisneto Luiz Gomes de Elvas, que em 18 de fevereiro de 1600 teve mercê da carta de brazão de armas, com o appellido de Matta, e foi o primeiro correio-mór n'este reino.

As referidas armas são : em campo de oiro tres mattas verdes floridas, postas em roquete; timbre uma das mattas.

Villas-boas tral-as erradas. V. *Archivo*, n.º 1782.

MATTOS. Tomou-se este appellido da quinta do Matto, na freguezia de S. Cibram, da comarca de Lamego, fundação de D. Paio Viegas, cujo filho D. Hermigio Paes de Mattos foi o primeiro que assim se appellidou.

São suas armas em campo vermelho um pinheiro verde perfilhado de oiro com raizes de prata, entre dois leões tambem de oiro, armados de azul; timbre um leão do escudo nascente, com um ramo de pinheiro na garra direita.

Acham-se no livro da Torre do Tombo, fl. 23.

MAZARENGO. Tem por armas em campo de oiro uma cruz de vermelho, massiça floreteada; orla vermelha, e n'ella oito cravos de oiro com duas folhas.

Assim as traz o referido Fr. José da Cruz.

MEDRANO. É familia de Castella.

São suas armas em campo vermelho uma cruz de prata florida e vazia do campo.

Acham-se em Gonçalo Argote de Molina, *Nobreza de Andalusia*, fl. 40 v., em Villas-boas, e no livro dos reis de armas.

MEGA. É familia de Castella.

São suas armas em campo verde uma torre de prata, saindo do alto d'esta um guião sanguinho com uma cruz de prata, com uma escada de oiro arrimada á torre; timbre a mesma torre com o guião ou bandeira.

Acham-se no livro dos reis de armas.

MEIRA. Procedem os Meiras de Rodrigo Affonso de Meira, segundo uns, e outros os fazem descender de Galliza, e que tem o seu solar no castello da Meira na visinhanga de Bayona, e o possuem hoje os marquezes de Valladares com o titulo de viscondes de Meira. Passou a Portugal Paio de Meira no tempo de el-rei D. Diniz, e seus descendentes tiveram varios senhorios.

São suas armas em campo vermelho uma cruz de oiro florida e vazia; timbre um libreu negro com coleira e lingua vermelhas.

Acham-se no livro da Torre do Tombo, fl. 15.

MEIRELLES. Os Meirelles tem o seu solar na quinta de Meirelles, que ainda hoje é possuida de um de seus ramos. O primeiro que teve este appellido foi Nuno Annes de Meirelles, filho de D. João de Chacim, que viveu no tempo de el-rei D. Fernando.

São suas armas em campo vermelho uma cruz de oiro florida e vazia; timbre um libreu negro com coleira e lingua vermelhas.

Acham-se no livro da Torre do Tombo. Alguns lhe assignam as armas dos Homens, pondo as luas com as pontas para baixo.

MELLO. Esta familia é das mais antigas e illustres de Portugal, e das mais conhecidas da Europa, por não haver em toda ella principe, rei, imperador ou senhor grande que d'ella não tenha tambem sua elevação; tomou o appellido da villa de Mello, que é o seu solar, de que foi senhor Mem Soares de Mello; foi seu terceiro neto Vasco Martins de Mello, senhor da Castanheira e outras terras, em cujo poder esteve preso o mestre de Aviz depois rei D. João I, por industria da rainha D. Leonor Telles e do conde D. João Fernandes Andeiro, e fez o bom feito de não o matar quando para isso lhe foram apresentadas as provisões falsas do rei D. Fernando. Procedem d'este fidalgo todas as casas que n'este reino ha de tão illustre appellido.

São suas armas em campo vermelho seis besantes de prata entre uma cruz dobre e bordadura de oiro; timbre uma aguia negra estendida, armada e besantada de prata.

Acham-se no livro da Torre do Tombo, fl. 10.

MENAGEM. Procede esta familia de Manuel Fernandes, que tomou o appellido de Menagem por fazer no reino de Sofala uma fortaleza e matar o rei do mesmo reino

chamado Zufen, que era mouro; em attenção a este serviço el-rei D. Manuel lhe deu por armas em campo azul uma torre de oiro com as portas e frestas de negro, e n'ella seis bombardeiras com seis peças de sua côr; timbre a mesma torre. Passou-se o brazão d'estas armas em 1512 [1].

Acham-se no livro dos reis de armas.

[1] Não existe o registro d'esta mercê na Torre do Tombo. — *Pegado.*

MENA. É uma das principaes familias da cidade de Toledo. É seu solar no valle de Mena em Castella a velha.

São suas armas em campo azul cinco estrellas de oiro de oito raios, postas em santor.

O arcebispo de Sevilha D. Gonçalo de Mena, fundador do mosteiro da Cartuxa da mesma cidade, acrescentou as ditas armas com uma orla sanguinha com oito besantes de prata carregados de tres faxas de azul, por descender por sua mãe da familia dos Roelas. Outros Menas trazem o escudo cortado em faxa, na primeira em campo de prata dois lobos negros passantes, na segunda em campo vermelho duas caldeiras de oiro; orla sanguinha com oito aspas de oiro.

As primeiras e as segundas acham-se no livro dos reis de armas, e estas ultimas acham-se em D. João Flores, tom. II, arv. XIV, fl. 254, § 2.º

MENDANHA. É familia de Castella, que passou a Portugal depois da batalha de Toro em Pedro de Mendanha, alcaide-mór de Castro-Nuno, que seguiu as partes de el-rei D. Affonso V d'este reino, e seus descendentes se aparentaram logo com a maior fidalguia d'elle.

São suas armas em campo azul um corpo de armas brancas de prata trespassado de tres setas vermelhas com as pennas de oiro; timbre as tres setas em roquete atadas com um torçal de prata. (Acham-se no livro dos reis de armas.)

Villas-boas lhe dá em campo de prata um leão negro armado de vermelho com duas orlas, a primeira interior azul e a segunda vermelha, divididas por um filete de oiro; timbre o leão do escudo. O mesmo Villas-boas traz segundas armas, que não seguimos.

MENDES. É patronimico do nome proprio Mendo tão usado nos seculos antigos. A Manuel Mendes, soldado valoroso em Tanger, pelos grandes serviços que fez n'aquella praça, deu el-rei D. Manuel por armas o escudo cortado em faxa, na primeira em azul um muro de prata com suas ameias com duas torres uma em cada canto, e uma porta de negro no meio do muro; a segunda partida em pala, a primeira em vermelho uma cabeça de mouro toucada de prata e azul e cortada em sangue, a segunda tambem vermelha com tres lanças de prata e hastes de oiro, em roquetes; timbre a cabeça de mouro; por carta do anno de 1520. Foram confirmadas a seu filho Bastião Mendes com o appellido de Tanger.

Acham-se no livro dos reis de armas, como ficam acima descriptas, mas fazem differença das dadas tanto ao pae como ao filho. V. *Archivo*, n.º 1974.

MENDES, de GALLIZA. Este patronimico é appellido de uma familia nobre de Galliza onde tem as casas de Pombeiro e outras com o senhorio da Torre de Sande. D'ella passou a Portugal D. Estevão Mendes de Araujo, pae de D. Felix Duarte, ajudante de infanteria com exercicio de engenheiro na praça de Valença do Minho. Em uma executoria de Nobreza, passada em Galliza ao dito Felix Duarte, que estava junta á justificação que o mesmo fez n'este reino para se lhe passar brazão de armas, se achavam as seguintes armas:

Escudo partido em pala; na primeira em campo vermelho um braço armado de prata, tendo na mão uma espada com a ponta para baixo enfiada por um broquel de oiro, a

espada de prata com guarnições de oiro; a segunda pala de oiro liza; timbre o braço com a espada.

MENDONÇA. Esta familia é uma das mais antigas e esclarecidas de Hespanha. Tomou o appellido da villa de Mendonça em Biscaia, e procede dos senhores soberanos d'aquelle senhorio : foi o primeiro D. Gonçalo Lopes de Mendonça. Passou a Portugal no tempo de el-rei D. Diniz, D. Fernando Furtado Inigues de Mendonça, filho terceiro de D. João Furtado de Mendonça, senhor de Mendibil, e d'elle procedem as casas de Valle de Reis, do Rio, alcaides-móres de Mourão, e os Mendonças do Campo de Santa Clara.

São suas armas o escudo franxado; nos campos alto e baixo em verde uma banda vermelha coticada de oiro, nos das ilhargas em campo de oiro um — S — de negro; timbre uma aza de oiro carregada de um — S — do escudo. Os Mendonças Laços trazem em logar dos — SS — esta letra — *Ave Maria* —; mas não os ha em Portugal.

MENDONÇAS ARRAES. Em Ruy Arraes de Mendonça se uniram estas duas familias, o qual era por seus paes Arraes, e por sua mãe Mendonça, de quem descenderam n'este reino dois insignes secretarios e ministros de estado, e todos os verdadeiros Mendonças Arraes.

São suas armas o escudo esquartelado; no primeiro quartel em campo vermelho nove folhas de golfão de oiro, em tres palas; no segundo as dos Mendonças, e assim os contrarios; timbre um arraes de barco nascente, nú, cheio de cabellos, tudo de sua côr, com um remo de oiro ás costas.

Acham-se no livro da Torre do Tombo, fl. 12.

MENELAU. É familia da Grecia da cidade de Athenas, d'onde veiu João de Menelau, nobre grego, para ensinar a lingua grega ao principe D. João, filho de el-rei D. Manuel : este mesmo, ou seu filho do mesmo nome, foi n'este reino rei de armas Portugal de el-rei D. João III, porque ao filho d'este rei de armas, chamado tambem João de Menelau, confirmou el-rei D. Filippe II em 10 de dezembro de 1582 as suas armas; o qual era fidalgo da casa real e seus filhos e netos continuaram no mesmo foro e viveram no Seixal em uma sua quinta.

São suas armas em campo vermelho uma serpente de prata picada de verde e amedrontada de uma aguia de oiro, armada de azul, que está sobre ella; timbre meia aguia de oiro, estendida.

Acham-se no livro dos reis de armas.

MENEZES. Esta familia é uma das mais antigas e illustres de Hespanha, porque tem varonia real e procede de el-rei D. Fruella II de Leão por D. Pedro Bernardo de S. Fagundo, seu quinto neto : d'este foi filho D. Tello Pires de Menezes, primeiro senhor de Menezes, de que tomou o appellido, o qual foi pae de D. Affonso Telles de Menezes, que de duas mulheres com quem casou (a primeira D. Tareja Rodrigues, filha de Ruy Gonçalves Girão, e a segunda D. Tareja Sanches, filha de el-rei D. Sancho I de Portugal) teve numerosa descendencia, que se dividiu em differentes ramos, de que procedem as illustres casas que hoje tem, e procederam outras que já se extinguiram.

As suas primeiras armas são : em campo de oiro um anel do mesmo metal perfilhado de vermelho, com um rubim n'elle; timbre uma donzella nascente vestida de brocado, com um escudo como o das armas na mão direita, e os cabellos soltos.

Acham-se no livro dos reis de armas.

MENEZES, de CANTANHEDE. Este ramo de Menezes procede de D. Affonso Telles de Menezes e de sua segunda mulher D. Tareja Sanches, dos quaes foi quarto neto D. Gonçalo Telles de Menezes, conde de Neiva e Faria, alcaide-mór de Coimbra e primeiro

senhor de Cantanhede, oitavo avô de D. Pedro de Menezes, primeiro conde de Cantanhede, pae de D. Antonio Luiz de Menezes, primeiro marquez de Marialva, cujos descendentes lograram os mesmos titulos até nossos dias. D'esta mesma casa é ramo a da Ericeira, que se apartou em D. Fernando de Menezes o Roxo, filho de outro D. Fernando de Menezes, senhor de Cantanhede, e foi seu terceiro neto D. Henrique de Menezes, quarto senhor da casa do Louriçal, pae de D. Luiz de Menezes, terceiro conde da Ericeira.

São suas armas o escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas do reino com um filete negro em contrabanda; no segundo em azul tres flores de liz em roquete, e assim os contrarios; sobreposto um escudete de oiro com um anel do mesmo metal, perfilado de vermelho e um rubim engastado no anel; timbre uma donzella nascente vestida de brocado com um escudo como o das armas na mão direita, e os cabellos soltos.

Acham-se no livro dos reis de armas.

MENEZES, de TAROUCA. A casa de Tarouca, hoje marquezes de Penalva, é um outro ramo dos Menezes, que se apartou em D. João Affonso Tello de Menezes, conde de Ourem, foi seu filho D. João Affonso Telles de Menezes, primeiro conde de Vianna, e d'este foi bisneto D. João de Menezes, de alcunha Trigo, primeiro conde de Tarouca e prior do Crato, cuja varonia se acabou em sua sexta neta D. Joanna Rosa de Menezes, e entrou n'esta casa a varonia dos Silvas.

São suas armas o escudo partido em tres palas e cortado em faxa; na primeira em campo de oiro dois lobos sanguinhos passantes, e assim a terceira e quinta; na segunda em campo de oiro quatro bastões sanguinhos, e assim a quarta e sexta; sobreposto um escudete de oiro com um anel do mesmo metal perfilado de vermelho, e um rnbim engastado n'elle; timbre um dos lobos do escudo.

Acham-se no livro dos reis de armas.

MERCADO. Gonçalo Argote de Molina, *Nobreza de Andaluzia*, fl. 285, dá noticia d'esta familia na cidade de Ubeda, onde teve o emprego de regedor João Affonso de Mercado; passou para Ledesma e para Jaen, onde teve grandes estimações.

Sãs suas armas em campo de oiro um leão vermelho entre quatro flores de liz azues acantonadas, orla vermelha com oito aspas de oiro; timbre o leão com uma das lizes na garra direita.

Acham-se no dito Gonçalo Argote de Molina, e no livro dos reis de armas.

MERGULHÃO. Acha-se este appellido na villa de Obidos.

São suas armas : em campo de prata uma faxa ondada de azul e prata, saindo d'agua um leão de azul, de sorte que fique o leão nascente com a cabeça e uma das mãos no chefe do escudo, e no contrachefe uma rosa vermelha aberta; timbre o leão tambem nascente, com uma alabarda de oiro na mão com o ferro de prata.

Acham-se em Villas-boas, e no livro dos reis de armas.

MESQUITA. Procedem de cinco irmãos da familia dos Pimenteis, naturaes de Villa-real, que acompanharam el-rei D. Affonso v na tomada de Arzila, onde recolhendo-se os mouros a uma mesquita, na qual se não podia entrar, elles tirando os cintos e atando-os uns nos outros lançaram-n'os a uma ameia e subiram por elles, e dando entrada aos christãos foi tomada a mesquita com morte dos mouros; pelo que o dito rei lhes deu por armas em campo de oiro cinco cintas vermelhas com fivelas e passadores de prata, postas em banda; orla azul com sete flores de liz de oiro; timbre meio mouro vestido de azul com turbante de prata e uma lança de sua côr com a haste de oiro, e n'ella enfiada uma bandeirinha de prata.

Acham-se no livro dos reis de armas, e no livro da Torre do Tombo, fl. 41.

MESTRA e **MESTRE**. Seguindo a Gonçalo Argote de Molina na relação dos trinta e tres cavalleiros, que povoaram a cidade de Baeça quando foi tomada aos moiros, e dos seus escudos de armas, refere este auctor que um cavalleiro da familia de Galeote casara com uma filha de um mestre da ordem de Calatrava, chamada de alcunha a Mestra, e seus filhos continuaram a usar d'este appellido, e que esta fôra a origem d'elle.

São suas armas em campo de oiro uma aguia negra estendida, de uma só cabeça, entre dois carvalhos verdes, e duas flores de liz azues, acantonadas, sendo no canto alto direito e no baixo esquerdo as lizes, e no canto alto esquerdo e no baixo direito os carvalhos.

Acham-se em Gonçalo Argote de Molina.

MESTRES (outros). Estevão Martins Mestre teve por armas o escudo partido em pala; na primeira em campo de oiro meia aguia de negro, coroada; na segunda em campo vermelho uma almarraxa de prata, gotada de azul; timbre a almarraxa.

Acham-se no Cartorio da Nobreza.

METELLA, ou **METELLO**. É tudo o mesmo; querem uns que se tomasse este appellido de algum dos Metellos romanos, e outros que da quinta de Metella, situada no concelho de Penalva. Tem o morgado de Vallongo, e nobreza muito antiga.

São suas armas em campo de prata uma faxa vermelha com um chefe formado de tres meias lisonjas da mesma côr, carregada cada uma de sua muleta de oiro; timbre um braço armado de prata, com duas esporas de oiro penduradas da mão por correas vermelhas.

Acham-se no livro da Torre do Tombo, fl. 20.

MEXIA. A familia d'este appellido é antiga e illustre. Deduz a sua origem dos godos. Tem o seu solar em Galliza junto á cidade de Corunha, em uma torre. O primeiro que teve este appellido foi Gonçalo Dias Mexia, que viveu pelos annos de 1140, e era filho de D. Gonçalo Oureques, rico-homem de el-rei. D. Fernando Rodrigues Mexia por seguir as partes de el-rei D. Pedro o Crú, de Castella, se passou a Portugal, e d'elle descenderam D. João de Aguilar Mexia, commendador da ordem de Christo, morador em Elvas, e outros fidalgos.

São suas armas em campo de oiro tres faxas de azul: no timbre ha muita variedade de opiniões. O padre Peixoto, da Companhia, diz que é uma aguia de sua côr, estendida e armada de vermelho, assim o diz em uma certidão que vimos allegada. No livro dos reis de armas se diz que é meio leão de oiro, com as tres faxas do escudo. Monterroio diz que é uma onça nascente de oiro, com as tres faxas de azul.

MIGUEIS. Este appellido foi tomado por devoção do archanjo S. Miguel. É antigo no reino de Galliza, porque no anno de 1146 era alferes-mór da gente do conde D. Fernão Peres de Trava, Lopo Migueis, quando foram com o imperador das Hespanhas conquistar a cidade de Almeria. Foi seu filho Fernão Migueis, pae de outro Lopo Migueis e de D. Paula Migueis, de quem procedem os duques de Pastrana e outras casas illustres. Estabeleceu-se esta familia por outras terras, e passou a França para a cidade de Marselha, onde viveu André Michel, pae de Pedro Miguel, que vindo para Portugal, fez assento em Lisboa e foi cavalleiro da ordem de Christo. Foram seus filhos José Miguel Ayres, capitão-mór da cidade do Grão-Pará; Francisco Miguel Ayres, capitão de mar e guerra da corôa; e André Miguel Ayres. O dito Lopo Migueis acima dito trouxe por armas em campo azul uma espada de prata, enfiada por uma quaderna de crescentes do mesmo metal, entre cinco flores de liz de oiro. Seu filho, o dito Fernão Migueis, accrescentou-lhe uma orla sanguinha carregada de oito aspas de oiro, em memoria de se achar na batalha de Baeça, e porque se achou tambem na das Navas de Tolosa pôz por timbre uma cruz de prata cruzada. D'estas ficaram usando os descendentes da dita D. Paula Migueis, sua filha.

Acham-se em Fr. Filippe de Lagandara, nas *Armas e triunfos de Galiza*.

MIGUEIS (outros). Os Migueis, que procedem de Lopo Migueis, irmão de Paula Migueis, tem por armas em campo sanguinho uma cruz de prata cruzada com esta letra, tambem de prata, em roda em forma de orla — *Crucem sectamur catera ut lutum putemus.* D'estas armas tem usado muitos dos seus descendentes e em especial D. Diogo Migueis de Muros, seu terceiro neto, bispo de Oviedo, e as usam tambem os senhores de Rubianes, marquezes de Villa-Garcia.

Acham-se em Fr. Filippe de Lagandara.

MIGUEL. Escudo esquartelado; no primeiro e quarto de oiro quatro coticas vermelhas, em pala; o segundo e terceiro xadrezado de oiro e vermelho, de cinco peças em faxa e cinco em pala.

MILHAÇO. É appellido de Portugal, e uma expressão de milho maior que o miudo, e menor que o milhão; nome proprio do pão que se come em algumas provincias d'este reino.

São suas armas esquarteladas, todo o campo de prata; no primeiro uma cana de milho, com tres folhas caidas de sua côr; no segundo tres rosas de sua côr, com suas folhinhas verdes, em banda; assim o terceiro; e no quatro um cobra de sua côr.

Acham-se na egreja de Nossa Senhora a Velha, em Villa-boa do Bispo, que tem mais de quatrocentos annos de antiguidade; no livro dos reis de armas, e em Villas-boas.

MINA. Esta familia começou no reinado de el-rei D. Affonso v, e acabou a sua varonia no de el-rei D. João iv, porém o seu sangue existe em muitos fidalgos. O primeiro que teve este appellido foi Fernão Gomes, cidadão honrado de Lisboa, que adiantando a navegação da costa de Africa chegou a Mina, onde se fundou o castello de S. Jorge. Elrèi D. Affonso v, que já o tinha armado cavalleiro em Africa, onde o tinha servido na conquista de Alcacer, Arzilla e Tanger, no anno de 1474, lhe deu armas novas, a saber: em campo de prata tres cabeças de negro, em roquete, cada uma com um colar de oiro e argolas do mesmo nas orelhas e nas ventas do nariz; timbre uma das cabeças [1].

Acham-se no livro da Torre do Tombo, fl. 26.

[1] Não existe o registro d'esta mercê. — *Pegado.*

MIRANDA. Procedem os Mirandas de D. Martim Affonso, arcebispo de Braga, e de Emilia Gonçalves de Miranda, filha de Gonçalo Paes de Miranda, homem fidalgo. Foi o dito arcebispo filho de Affonso Pires, grande senhor na Beira, e de sua mulher Constança Esteves, senhora muito rica, e moradores que foram na Charneca; por cuja causa foi elle chamado Affonso Pires da Charneca, e era terceiro neto de Domingos Joannes, que viveu na villa de Oliveira do Hospital, no tempo de el-rei D. Sancho ii, e instituiu a capella e morgado de Touris no anno de 1241.

São suas armas em campo de oiro uma aspa vermelha entre quatro flores de liz de verde; timbre seis plumas de oiro e entre ellas uma das lizes do escudo. Villas-boas lhe assigna por timbre a aspa de oiro carregada de quatro lizes do escudo.

Acham-se no livro da Torre do Tombo, fl. 14.

MIREZ. Escudo de azul com uma torre de prata, e uma flor de liz em cada um dos quatro cantos do escudo; bordadura de vermelho, com quatro aspas de oiro.

MOLINA. Esta familia é uma das quatro primeiras e principaes de Hespanha; teve por ascendentes os antigos reis de Leão; tomou o appellido da cidade de Molina, de

que foi primeiro senhor o conde D. Manrique de Lara, pae da rainha de Portugal D. Mafalda, mulher de el-rei D. Affonso Henriques.

São suas armas em campo azul uma torre de prata, mostrando por baixo uma mó de moinho do mesmo metal, entre tres lizes de oiro; orla vermelha com oito aspas de oiro.

Acham-se no livro dos reis de armas, e em Gonçalo Argote de Molina, na sua *Nobreza de Andaluzia*, fl. 159.

MONIZ. Ordinariamente se diz que procedem de D. Egas Moniz, aio de el-rei D. Affonso Henriques; porém nenhum de seus filhos e netos tiveram este patronimico, nem se acha nas inquirições dos reis D. Affonso III e D. Diniz. A mais antiga que temos é do tempo de el-rei D. João I, em que viviam Vasco Martins Moniz, e Garcia Moniz no Algarve, e eram filhos de Martim Fagundes e de Leonor Lourenço, como consta do livro velho da chancellaria do dito rei. Do primeiro descenderam os alcaides-móres de Silves e os senhores de Angeja.

São suas armas em campo azul cinco estrellas de oiro, de oito raios, em santor; timbre um leopardo de azul, com uma estrella do escudo na testa.

Acham-se no livro da Torre do Tombo, fl. 11.

MONIZ de LUZINHANO. Tem a mesma origem dos Monizes, porque D. Leonor Moniz, mulher de Gil Ayres, escrivão da puridade do condestavel D. Nuno Alvares Pereira a quem dão por tronco d'estes Monizes, era irmã do referido Vasco Martins Moniz. Foi seu filho Vasco Gil Moniz, que casando com D. Leonor de Luzinhano, filha de Phebo de Luzinhano, parente dos reis de Chipre, a qual tinha vindo de Aragão por dama da infanta D. Isabel, mulher do infante D. Pedro, duque de Coimbra, por esta illustre alliança se ficaram chamando Monizes de Luzinhano, e esquartelaram as suas armas, pondo no primeiro e quarto quartel as armas dos Monizes; o segundo tambem esquartelado, tendo no primeiro quartel em campo de prata uma cruz de oiro cruzada, entre quatro cruzetas tambem de oiro acantonadas; no segundo em campo faxado de prata e azul de seis peças um leão de oiro, coroado do mesmo; o terceiro egual ao segundo, e no quarto em campo de prata um leão de purpura, coroado de oiro; no terceiro quartel do escudo em campo vermelho um leão de oiro, coroado do mesmo; e sobre tudo um escudete de prata com um leão negro; timbre o leão vermelho, coroado de oiro.

Acham-se no livro da Torre do Tombo, fl. 13.

MONROY. D'esta familia trata largamente Jeronymo d'Aponte. É uma das illustres de Hespanha. Fernão Peres de Monroy, copeiro-mór de el-rei D. Sancho IV, povoou a villa de Monroy, que é na Estremadura, e lhe pôz por nome o seu appellido. D. Filippe IV a fez marquezado, e foi o primeiro marquez D. Fernando de Monroy. Passou esta familia a Portugal, e na India foi capitão da cidade de Goa D. Guterre de Monroy, e seus irmãos D. Francisco e D. João de Monroy serviram no mesmo estado com distincto valor.

São suas armas esquarteladas; o primeiro quartel de vermelho com um castello de oiro, o segundo xadrezado de azul e prata de tres peças em faxa e cinco em pala, e assim os contrarios.

Acham se no livro dos reis de armas.

MONTALVO. Esta familia tem por armas em campo azul uma aguia de prata estendida, com uma só cabeça; timbre a mesma aguia.

Acham-se no livro dos reis de armas.

MONTEIRO. Esta familia diz José Freire Monterroio, contra a opinião dos mais nobiliaristas, que procede de um fidalgo por nome D. Monteiro, o qual vivera na villa de Trovões no tempo de el-rei D. Sancho I, a quem as escripturas antigas, que se escreviam

em latim, chamavam *Dominus Montairus*, que d'elle tomaram seus filhos e descendentes o patronimico por appellido, e em allusão a elle puzeram por armas em campo de prata tres buzinas de preto com bocaes de oiro e cordões vermelhos, em roquete; timbre duas buzinas postas em aspa, atadas com um torçal de prata.

Acham-se no livro da Torre do Tombo, fl. 39.

MONTEIRO DE PALLE. V. *Palle*.

MONTENEGRO. É familia de Galliza, que procede de el-rei D. Fruela I pela linha dos senhores de Monterroso, de quem procedem tambem os Fajardos Bahamondes e Lugos.

São suas armas em campo de prata tres montes de negro ou escuros, juntos, sendo o do meio mais alto; timbre um dos montes. Em Galliza trazem uns as armas dos Bahamondes, e outros em campo de oiro uma arvore de sua côr, e arrimados a ella dois lobos vermelhos; orla vermelha com oito aspas de oiro.

Acham-se as primeiras no livro dos reis de armas e em Villas-boas, e as segundas em Gonçalo Argote de Molina, *Nobreza de Andaluzia*, fl. 72.

MONTENEGROS (outros). Procedem de uma donzella parenta de um rei de Galliza, que foi accusada e presa por um aleive, até achar quem a livrasse; um fidalgo movido de compaixão, tomou a defeza d'ella á sua conta, teve batalha com os traidores e cortou a cabeça ao capitão da traição; pelo que o rei a casou com este cavalleiro, e por ella se chamar Maria lhe deu por armas em campo verde um — M — de oiro.

Acham-se no livro que foi de Fr. José da Cruz, reformador do cartorio da nobreza.

MONTERROIO. Esta familia em Portugal descende de Fernão Gil, ao qual por carta de 21 de outubro de 1450 el-rei D. Affonso V, com o dito appellido lhe deu as armas seguintes: — Escudo de oiro com um crescente branco, e sobre as pontas d'elle uma aguia vermelha de cabeça partida, e de bicos e pés brancos com senhas, chapelletas de hera nas cabeças [1].

Estas armas, não obstante terem metal sobre metal, são tão verdadeiras como as que se deram em França a Godofredo de Buillon.

Não sabemos com que direito ou fundamento Villas-boas, Vallemont, Fr. Leão de S. Thomaz, Francisco Coelho e outros escriptores as emendaram, substituindo o metal do crescente por côr verde, etc.

José Freire Monterroio Mascarenhas, que dizia descender d'esta familia e fez tantas investigações a respeito d'ella, não quiz corregir os erros, que não só n'esta parte como em outras deixou passar sem o menor reparo.

Mal sabia el-rei D. Affonso V que para premiar um benemerito da patria seria necessario consultar todos estes senhores!

[1] V. *Archivo*, n.º 656. A carta citada vai na introducção ao mesmo *Archivo*, entre os documentos comprobativos, a pag. XXXIII e XXXIV, sob n.º 10.

MONTE. É appellido antigo em Portugal. O conde D. Pedro, *Nobiliario*, tit. XLV, faz memoria de Pedro Annes de Monte, pae de Martim de Monte, e de Paio de Monte. Tambem ha o mesmo appellido em Galliza, que traz a sua origem dos senhores da casa de Ayala.

São suas armas em campo de prata dois lobos de negro, passantes; orla vermelha com oito aspas de oiro.

Acham-se em Gonçalo Argote de Molina, em Villas-boas, e no livro dos reis de armas.

MONTOYA. É appellido castelhano, que passou a Portugal, e seus descendentes fizeram assento na villa de Alhandra, junto a Lisboa; foi d'ella o padre mestre Fr. Agostinho de S. Boaventura Montoya, religioso da ordem de S. Paulo, em quem resplândeceu em grau superior a virtude da mansidão.

São suas armas em campo de oiro seis *torteaux* vermelhos em duas palas, orla verde com um cordão de prata do feitio do de S. Francisco; timbre um leão de oiro nascente, armado de vermelho com os *torteaux* do escudo.

Outros trazem nove folhas de golfão de prata em campo azul, em tres palas, com a orla exposta, e outros trazem nove arruelas vermelhas em tres palas em campo de oiro, com a referida orla; todos com o referido timbre.

As primeiras e ultimas são da alliança dos Montoyas e Taveiras; e a esta ultima familia dão uns seis e outros nove arruelas; e as segundas da alliança que fez com a familia de Zarate em Castella.

Acham-se todas no livro dos reis de armas.

MORAES. Os Moraes não descendem dos Morales de Castella, como quizeram Alvaro Ferreira de Vera e outros. São portuguezes da provincia de Traz-os-montes, onde esta familia é muito estendida e a principal. Tomou appellido do seu solar, que é o logar de Moraes no termo da cidade de Bragança, onde ainda hoje se conservam vestigios da torre em que viviam os fidalgos d'este appellido. O primeiro que achamos d'elle foi Gonçalo Rodrigues de Moraes, que vivia no anno de 1217, o qual deu a sua ermida de Santa Catharina a S. Francisco, quando foi a Bragança fundar o convento que n'ella tem, segundo resam as chronicas. Era senhor de muitos logares, e descendente dos senhores da dita cidade.

São suas armas o escudo partido em pala; na primeira em campo vermelho uma torre saindo de um rio de agua, sendo a torre de prata coberta de oiro, tendo uma bandeira de prata no remate; na segunda em campo de prata uma moreira verde; timbre a torre do escudo.

Acham-se no livro da Torre do Tombo, fl. 32.

MORATO. Os Moratos são fidalgos illustres do reino de Leão, d'onde passou a Portugal Gonçalo Morato, meirinho-mór d'aquelle reino, no tempo de el-rei D. Affonso v. Foi seu filho Miguel Morato, pae de outro Gonçalo Morato, que teve o fôro de escudeiro da casa real. Ha esta familia em Portugal, d'onde se estendeu a outras terras da provincia do Alemtejo e a Lisboa.

São suas armas em campo de prata uma faxa vermelha entre duas serpes verdes armadas de vermelho, uma no chefe e outra no fundo do escudo; timbre uma das serpes nascente.

Acham-se no livro dos reis de armas.

MOREIRA. Os Moreiras são oriundos de Portugal. Tomaram o appellido de Santa Maria de Moreira no julgado de Celorico de Basto, onde foram herdados, que é o seu solar. Acham-se nos reinados de D. Affonso III e D. Diniz, porque Gonçalo Rodrigues Moreira, de quem fala o conde D. Pedro, foi n'aquelle tempo juiz em certas duvidas que havia com fidalgos que possuiam terras da corôa; seu neto João Fernandes Moreira serviu os reis D. Fernando e D. João I, este ultimo lhe deu uma commenda na ordem de Aviz, e a seu filho Diogo Fernandes Moreira deu o senhorio da villa de Gestaço e outros bens, e a outro Diogo Fernandes Moreira, neto d'este, deu el-rei D. Affonso v a alcaidaria-mór de Castello-branco e as armas d'esta familia, que são : em campo vermelho nove escudinhos de prata, cada um com sua cruz verde florida, em tres palas; timbre um lobo vermelho nascente, com um escudinho das armas no peito [1].

Acham-se no livro dos reis de armas, e no livro da Torre do Tombo, fl. 38.

[1] Não existe o registro da mercê feita ao dito Diogo Fernandes Moreira. — *Pegado.*

MOREIRA PERANGUAL. Fernão Moreira Perangual descendente da familia Moreiras foi servir na India; e porque em singular batalha matou um valente mouro na costa de Malabar á vista dos inimigos, el-rei D. Filippe II lhe deu armas novas que são: em campo azul uma faxa de prata dentada entre uma estrella de oiro de oito raios na parte superior, e uma cabeça de mouro com turbante de prata, ensanguentada, na inferior; timbre um leão azul nascente, com uma estrella do escudo na espadoa.

Acham-se no livro dos reis de armas.

MORELLI. Esta familia é oriunda de Florença, e uma das quarenta e oito que o grã-duque Alexandre de Medicis escolheu para senatorias, e o foi Ludovico Morelli pelos annos de 1532; passou a Portugal na pessoa de João Morelli, que em 1542 mostrou a nobreza da sua pessoa e dos seus ascendentes; el-rei D. João III lhe confirmou as suas armas que são: em campo vermelho dois braços de leão de oiro postos em aspa, e entre elles no chefe uma flôr de liz do mesmo metal, sem a folha do meio; timbre os dois braços na mesma postura atados com um listão vermelho [1].

Acham-se na sepultura de Bento Morelli, seu descendente que está na egreja de Santo Antão o velho, da cidade de Lisboa, hoje chamada o Collegínho, e no livro dos reis de armas.

[1] Não existe o registro d'esta confirmação. *Pegado.*

MORELLIS (outros). Ha esta familia tambem em França, e pode ser que d'aquelle reino passassem alguns a Portugal, e que seja d'esta familia o seguinte escudo que temos visto nas memorias dos reis de armas.

Em campo de oiro um leão de sua côr com um rodizio de moinho na mão, por modo de broquel e preto; timbre o leão nascente com o rodizio como o do escudo.

MORENO. A familia d'este appellido procede de um dos trinta e tres cavalleiros que el-rei D. Affonso, o sabio, de Castella, herdou na torre de Gil de Olid, e poz de guarnição na cidade de Baeça. Acha-se memoria d'ella nas confederações do tempo do rei D. Henrique IV. Tem morgado na dita cidade, de que foi administrador Antonio Moreno, mestre de campo e commendador da ordem de Calatrava, e seu pae outro do mesmo nome e posto; ambos famosos cavalleiros. Passou a Portugal, e na provincia do Alemtejo ha pessoas d'este appellido de distincta nobreza.

São suas armas em campo de oiro um castello vermelho com duas aguias negras, abertas, sobre as torres das ilhargas.

Acham-se em Gonçalo Argote de Molina, *Nobreza de Andaluzia*, fl. 146 v., e no livro dos reis de armas.

MORGUES. Esta familia veiu de França durante o reinado de D. José I, sendo seu ministro o marquez de Pombal.

Tem por armas o escudo em campo vermelho, aspa de oiro; chefe cosido de azul, carregado de tres estrellas de oiro.

MORIM. É familia diversa da de Amorim; foi d'ella Gomes de Morim, moço da camara do infante D. Henrique, a quem el-rei D. João III confirmou as armas em 28 de outubro de 1536 como consta da memoria que achamos no livro dos reis de armas; e como foi confirmação devia vir de fóra este appellido [1].

São suas armas em campo azul cinco vieiras de prata, em santor, com tres estrellas

tambem de prata no fundo do escudo; timbre dois bordões de romeiro de prata em aspa, e entre elles uma das vieiras.

Acham-se no livro dos reis de armas.

[1] Esta mercê feita a Gomes de Amorim (*sic*) acha-se registada no livro L, fl. 43 da Chancellaria de el-rei D. João III, e foi dada em Evora era ut supra, por descender da geração dos Calheiros.—*Pegado.*

MOSCOSO. Esta familia é uma das mais illustres e antigas de Hespanha, pois se descobre pelos annos de 690 em dois bispos, um de Orense e outro de Lugo, ambos irmãos, o primeiro chamado Fructuoso de Moscoso, e o segundo Potencio de Moscoso, filhos de Ataulfo de Moscoso, que assistiram nos concilios XV e XVI de Toledo. Tem grandes casas em Castella e Andaluzia; e tem tambem passado a Portugal por casamentos, e d'ella procedem muitos fidalgos da primeira grandeza.

São suas armas em campo de prata tres cabeças de lobos da sua côr cortadas em sangue, postas em pala: alguns trazem tres cabeças de leões vermelhos, e em roda do escudo aquelles versos que dizem:

Non nos a sanguine Regum
Venimus ad nostro veniunt a sanguine Reges.

MOSQUEIRA. Em campo de prata cinco cabeças de lobo de negro postas em santor; timbre uma das cabeças.

Acham-se no livro que serviu a Fr. José da Cruz, reformador do Cartorio da Nobreza.

MOTTA. Esta familia teve principio no reinado de D. Affonso II, em Ruy Gomes de Gundar, da familia d'este appellido, a quem se deu o de Motta por viver na sua quinta da Motta, na freguezia de Santo Estevão de Villa-chã no concelho de Gestaço, visinha a Gundar, onde tinha uma torre que foi o solar de seus descendentes e se desfez ha poucos annos. Estabeleceu-se por varias partes do reino, teve varias pessoas de distincção, e entre estas o cardeal da Motta e seu irmão Pedro da Motta, secretario de estado de el-rei D. João V: passou tambem a Castella, e n'aquelle reino teve muitas pessoas de reconhecida grandeza.

São suas armas em campo verde cinco flores de liz de oiro, postas em santor; timbre duas plumas de verde, e entre ellas uma das lizes do escudo.

Acham-se no livro da Torre do Tombo, fl. 16.

MOTTAS (outros). Foi d'esta familia o dr. Jeronymo da Motta, filho de Henrique da Motta, escrivão da camara de el-rei D. João III, que sendo graduado na Universidade de Senna em Italia, e sendo occupado pela republica em varios negocios de embaixadas de que deu boa conta, e defendendo a porta Camilla da mesma cidade no tempo em que estava sitiada por um grande exercito de inimigos; em attenção a este e outros muitos serviços lhe fez aquella Senhoria mercê de dar-lhe as suas armas para accrescentar ás dos Mottas, e assim esquartelou o seu escudo, pondo no primeiro quartel um leão de prata coroado de oiro em campo vermelho, no segundo as dos Mottas, e assim os contrarios; timbre o leão do escudo nascente [1].

Acham-se no livro dos reis de armas, e em Villas-boas.

[1] Esta mercê feita ao desembargador Jeronymo da Motta em 2 de janeiro de 1552, acha-se registada no livro 3 de privilegios de D. João III a fl. 119. Differe na descripção.—*Pegado.*

MOURA. Procedem de Pedro Rodrigues, que no anno de 1107, no reinado de el-rei D. Affonso Henriques, com seu irmão D. Alvaro Rodrigues ganharam aos Mouros a

villa de Moura, da qual fez mercê a rainha D. Beatriz, mulher de el-rei D. Affonso III, a seu neto (do dito Pedro Rodrigues) Vasco Martins Serrão de Moura, parente da mesma senhora, e foi o solar da sua familia. Teve n'este reino os marquezes de Castello Rodrigo, os senhores da casa de Azambuja, e outras muitas casas illustres.

São suas armas em campo vermelho sete castellos de prata em tres palas, sendo tres na do meio, e duas em cada uma das dos lados; timbre um castello do escudo.

Acham-se no livro da Torre do Tombo, fl. 12.

MOURÃO. E familia antiga, que procede de D. Arnaldo de Baião por seu sexto neto D. Mourão Pires, pae de D. Gonçalo Mourão, de quem falla o conde D. Pedro. D'este por varonia legitima foi descendente Affonso Mourão, que viveu na villa de Mezão-frio, bisavô do dr. Lourenço Mourão Homem, desembargador do Paço em 1608. Tem n'este reino o morgado da Comieira, instituido por Diogo Alvares Mourão e por seu filho o dr. Balthazar Alvares Mourão, irmão tambem de D. Antonio Alvares Mourão, bispo de Coimbra. Ornou tambem esta familia Fernão Pires Mourão, desembargador do Paço, sujeito de grande virtude e letras.

São suas armas em campo verde duas faxas de oiro, e no meio d'ellas um castello de prata; timbre o castello.

Acham-se no livro dos reis de armas.

MOUSINHO ou MAUSINHO. O appellido de Mousinho parece alcunha: ha quem diga que parece palavra arabiga corrupta de *Mousim*, que na mesma lingua significa sancristão. É certo que é muito antigo, porque se acha memoria de Gouçalo Mousinho que vivia em 13 de junho de 1145 em que reinava el-rei D. Affonso Henriques, e no anno de 1269 vivia na Beira João Mousinho, que tinha fazendas misticas com João Lourenço da Cunha, instituidor do morgado de Taboa. No seculo XVIII foi chefe d'esta familia Antonio Rodrigues Mousinho, fidalgo da casa real, cavalleiro da ordem de Christo, morador em Castello de Vide.

São suas armas em campo azul uma banda de prata carregada de tres muletas sanguinhas, entre seis estrellas de oiro, tres no canto alto e outras tres no de baixo; timbre uma aspa de prata, e n'ella carregada uma muleta do escudo.

Acham-se no livro dos reis de armas e em Villas-boas.

MOUTA. Este appellido foi procedido da naturalidade do primeiro, que o teve, ser de algum dos logares que n'este reino tem o nome de Moita.

Villas-boas lhe assigna por armas em campo vermelho cinco castellos de prata, postos em santor; timbre um dos castellos.

O mesmo se acha no livro dos reis de armas.

MOUTINHO. Este appellido parece uma derivação diminutiva de Mouta pequena; acha-se estabelecido n'este reino, e se tem passado muitos brazões de suas armas.

São estas em campo azul quatro cabeças de serpe de oiro com as linguas vermelhas, e as cortaduras em sangue, acantonadas, e no meio uma flor de liz tambem de oiro; timbre uma das cabeças de serpe.

Acham-se no livro dos reis de armas e em Villas-boas.

MUNHOZ. É familia das antigas e illustres de Castella. Gonçalo Argote de Molina lhe dá principio no conde D. Munhon Rodrigues, casado com D. Ximena Ordonhes filha do infante D. Ordonho, que era filho illegitimo de el-rei D. Bermudo II de Leão. Foi seu filho o conde D. Rodrigo Munhoz, cujo appellido tomou do nome do pae, e d'este procedeu D. Diogo Munhoz, rico-homem e mordomo-mór do imperador das Hespanhas D. Affonso, pae de D. Martim Munhoz, mordomo-mór de el-rei D. Sancho, o Desejado: pas-

sou esta familia a Portugal, e n'este reino tem tido pessoas muito distinctas e de conhecida nobreza.

São suas armas um escudo esquartelado, no primeiro quartel em campo de oiro uma cruz sanguinha, florida, no segundo no mesmo campo de oiro tres faxas sanguinhas, e assim os contrarios; orla de vermelho com uma cadea de prata.

Assim as traz Gonçalo Argote de Molina.

MURILLA. A familia Murillas ou Murilhas é oriunda da villa de Cubigana de Murilhas em terra de Ayalla. D. João Flores de Ocaris, *Genealogia de Granada*, liv. I fl. 410. arv. II, §§ 155, 161 tracta de alguns ramos, e a deduz de um João Sois de Murilhas, e Salazar de Castro, falando da casa de Solis em Madrid traz outro ramo, que deduz de D. Pedro de Murilhas Osorio, gentil-homem de Filippe II. Passou a Portugal e a mais antiga pessoa que n'este reino nos consta haver d'ella foi Gaspar Gonçalves de Murilhas, pae de Pedro Gonçalves Seixas de Murilhas, avô do dr. Antonio Vaz Murillas, ouvidor e provedor geral das minas de Cuyaba em 1755, e natural da villa de Agueda.

São suas armas em campo de oiro uma torre de negro, e do alto d'ella saindo um braço armado de prata, tendo na mão, que é de sua côr, um alfange como que cortando uma cabeça de mouro com turbante de azul e prata, e no contrachefe duas faxas vermelhas; timbre o braço com o alfange e cabeça de mouro, como no escudo.

N

NAPOLES. Este appellido trouxe a Portugal no tempo de el-rei D. Affonso IV, Estevão de Napoles, que era filho do infante D. João de Napoles, principe da Morea, neto de el-rei Carlos II e de madama Maria sua mulher, filha unica de Santo Estevão rei da Hungria, e bisneto de Carlos I rei de Napoles e Sicilia, duque d'Anjou, conde de Provença, infante de França e irmão de S. Luiz, filhos ambos de Luiz VIII rei de França. Passou o dito Estevão de Napoles a Portugal, e se achou na batalha do Salado; foi seu filho Leonardo Esteves de Napoles, que dando-lhe o dito rei de Portugal o foro de seu vassallo, que era n'aquelle tempo de grande estimação, ficou n'este reino, e o casou com D. Margarida Annes, filha do conde D. João Affonso Tello de Menezes e de D. Thereza Sanches sua mulher, filha bastarda do rei D. Sancho de Castella; foi n'este reino senhor das villas de Cea, Penella, e toda a veiga de Santa Maria, por cujo motivo tomaram muitos dos seus descendentes o appellido de Veigas.

São suas armas um escudo esquartelado, no primeiro em campo sanguinho uma aguia de oiro estendida, no segundo em campo azul tres flores de liz de oiro, e assim os contrarios; timbre a aguia do escudo.

Acham-se no livro dos reis de armas.

NARVAES. Tomou-se este appellido da villa de Narvaes, no reino de Guevarra (?) de que foi senhor pelos annos de 1264 Sancho Rodrigues de Narvaes, que se achou na conquista de Baeça onde ficou herdado; d'este procedeu Inigo Rodrigues de Narvaes, pae de Pero Lopes de Narvaes, que teve João Rodrigues de Narvaes, e d'este foi filho Fernão Rodrigues de Narvaes, pae de Rodrigo de Narvaes, a quem o infante D. Fernando entregou a cidade de Antequera quando a ganhou aos mouros de Granada; cuja alcaidaria continuou em seus descendentes. Passaram a Gibraltar, e n'esta praça foi grande capitão

D. Rodrigo de Narvaes, pae de outro do mesmo nome, que passou a Portugal, e casou n'este reino, e foi seu filho Francisco de Narvaes, bisavô de Valerio José de Freitas de Narvaes, cavalleiro da ordem de Christo, governador do castello da cidade de Lisboa, com patente de ajudante em 1793.

São suas armas em campo vermelho cinco lizes de prata, postas em santor; timbre uma das lizes.

Acham-se em Gonçalo Argote de Molina, a fl. 236.

NAVARRETE. É familia de Hespanha, que tomou o appellido da villa de Navarrete situada entre Logronho e Naxera junto do reino de Navarra, d'onde veiu á conquista de Baeça Pedro Rodrigues, um dos trinta e tres cavalleiros a quem se entregou a guarda d'esta praça, do qual procederam Pedro Dias de Navarrete, João Dias de Navarrete e Ruy Peres de Navarrete, que viveram na dita cidade, e os mais d'este appellido de que tracta Gonçalo Argote de Molina.

São suas armas em campo vermelho uma cruz formada de veiros de prata e azul; orla tambem vermelha com oito aspas de oiro.

Acham-se em Gonçalo Argote de Molina, na sua *Nobreza de Andaluzia*, fl. 277 v. e 308, e tambem a fl. 145.

NAVARRO. Este appellido é do reino de Navarra, onde entre os palacios da sua fidalguia, de que trata Gonçalo Argote de Molina, traz o de Navarro, que tem por armas em campo azul dois lobos de oiro passantes; orla vermelha com oito aspas de oiro. Parece proceder dos reis d'aquella monarquia, porque D. Antonio Agostinho, arcebispo de Tarragona, faz memoria de alguns fidalgos e casas procedidas d'aquelle reino, entre elles alguns com appellido de Navarro, e Fr. Filippe de Lagandara a faz de D. Marqueza de Navarra, que teve este appellido por ser filha bastarda de el-rei Theobaldo d'aquelle reino, e casou com D. Jayme II de Aragão: e a mesma memoria faz do capitão Pedro Navarro que se achou nas guerras de Italia. Ha esta familia em Portugal.

V. *Nobreza de Andaluzia*, fl. 73 v. D. Antonio Agostinho, *Dialogo* 3.º, fl. 36 n.º 10, *Armas e triunfos de Galiza*, fl. 532 e 435.

NAVAS. Tem esta familia por armas em campo vermelho um castello de oiro entre quatro barras do mesmo metal, que formam uma lisonja; orla vermelha com oito aspas de oiro.

Assim se passaram em um brazão a Bernardino José do Amaral Sousa e Navas de Figueiredo, do logar de Mizarella, termo e comarca da villa de Linhares, aos 22 do mez de abril de 1784.

NEGRÃO. O appellido Negrão em Portugal é o mesmo que Negron em Castella e Negrona em Genova, é uma das vinte e oito familias senatorias d'aquella republica; d'esta passaram a Hespanha em tempo de Filippe I Bartholomeu de Negron e Paulo Baptista Negron dos quaes ficou numerosa descendencia, que se estendeu por Sevilha, Valhadolid, Xerez de la frontera, Cadiz e outras terras, d'onde suppomos que tambem passou a Portugal e d'ella descenderam o desembargador Dionysio Esteves Negrão e seu filho o desembargador Manuel Nicolau Esteves Negrão, que foi chanceller-mór do reino, etc.

São suas armas em campo de oiro tres bastões negros firmes.

Acham-se em Gonçalo Argote de Molina, na sua *Nobreza de Andaluzia*, fl. 241.

NEGREIROS. É o seu solar no couto de Negrellos, no termo da cidade do Porto. É appelido corrupto de Negrellos.

São suas armas um escudo esquartelado, o primeiro quartel composto de seis palas de oiro e azul, o segundo xadrezado de oiro e azul de seis peças em faxa e outras seis

em pala, e assim os contrarios; timbre um leão de azul nascente com tres palas de oiro.

Acham-se no livro da Torre do Tombo, fl. 19.

NEGRILHOS. Nada podemos apurar d'esta familia, cujas armas são: em campo azul uma banda vermelha, coticada de oiro, carregada de seis cruzes de oiro entre quatro flores de liz do mesmo metal.

Assim as traz Fr. José da Cruz no seu livro muitas vezes mencionado.

NEGRO. Esta familia é a mesma que a dos Pretos.

Tem por armas as dos Negreiros, isto é : um escudo esquartelado, o primeiro quartel composto de seis palas de oiro e azul, o segundo xadrezado de oiro e azul de seis peças em faxa e outras seis em pala, e assim os contrarios; differe só no timbre, que é um braço de negro com um bastão de oiro na mão.

Acham-se no livro dos reis de armas e em Villas-boas.

NEIVA. M. N. ao dr. Antonio da Cunha Pereira Bandeira de Neiva, por alvará de 26 de novembro de 1864.

Escudo esquartelado, tendo o superior da direita em campo de prata carregado com cinco crescentes carmezins apontados para cima e collocados em aspa, e e assim repetido o seu alterno; o superior da esquerda em campo azul interceptado por tres faxas de oiro carregadas cada uma por uma flor de liz vermelha e collocadas em banda; e o inferior da direita em campo carmezim carregado com um estandarte de oiro fimbrado de franja de prata, e tambem carregado com um leão azul rompente, armado de carmezim, e tudo hasteado em oiro com a lança e ferro de prata; elmo de prata com a vizeira aberta, guarnecida de oiro e forrada de vermelho com o virol de prata e azul; timbre um leopardo de prata, rompente, armado de carmezim e com um dos crescentes carmezins sobre a espadoa esquerda.

V. *Archivo*, n.º 146.

NETO. O appellido de Neto já o havia em Portugal em Pedro Neto que foi testemunha em uma escriptura do mosteiro de Lorvão em 1168, como escreve Fr. Antonio Brandão. Passou a Cidade Rodrigo d'onde se estendeu até Salamanca, e em ambas teve casas muito distinctas e fidalgos conhecidos. No reinado de D. Manuel veiu de Salamanca a este reino Pedro Gonçalves Neto, que foi pae de D. Braz Neto, enviado de Portugal em Roma e bispo de Cabo-verde; este e seu irmão provaram serem dos Netos de Salamanca e pertencerem-lhe suas armas, e se lhes mandaram registar.

São estas um escudo partido em pala, a primeira vermelha e a segunda de azul: sobre ambas um leão de oiro armado de prata; orla de oiro com quatro folhas de figueira acantonadas, de verde, e quatro lizes de azul em cruz; timbre o leão do escudo com uma folha de figueira sobre a testa [1].

Acham-se no livro da Torre do Tombo, fl. 40.

1 Esta mercê feita a Braz Neto em 12 de setembro de 1515, acha-se registrada na chancellaria de D. Manuel, liv. 11 fl. 124, e liv. 6 de Misticos fl. 142. — *Pegado.* — A mercê feita a Simão Neto, irmão do dito Braz Neto, dada em 28 de novembro de 1534, acha-se registrada na chancellaria de el-rei D. João III liv. 20 fl. 80 v.

NEVIA. Escudo esquartelado; no primeiro e ultimo quartel em campo vermelho, cinco chaves de oiro postas em santor; no segundo em campo de oiro tres faxas de vermelho; no terceiro em campo vermelho uma torre de prata com tres flores de liz em chefe, e uma de cada lado.

Acham-se no livro de Fr. José da Cruz, a fl. 180.

NICOTE. El-rei D. Filippe II deu a Filippe de Brito Nicote, capitão de um castello que defendeu no reino de Pegú na India, as seguintes armas: um escudo cortado em faxa, na primeira em campo vermelho um castello de oiro com portas e frestas de azul, acompanhado de seis bezantes de prata em duas palas; a segunda ondada de prata e azul; timbre o castello do escudo com um dos bezantes no alto do mesmo sobre a torre do meio.

Acham-se no livro dos reis de armas. V. *Archivo* n.º 680.

NINHO. Esta familia passou de França a Hespanha na pessoa de João Ninho, cavalleiro da casa real de França; d'este foi descendente D. Pedro Ninho, conde de Buelna e senhor de Cigales em Castella, com numerosa descendencia, dos quaes procedeu D. Gabriel Ninho e Zuniga, que no tempo dos Filippes passou a Portugal e foi governador da torre de S. Julião da Barra de Lisboa, onde casou com D. Anna de Vilhena, viuva de Manuel de Sousa da Silva e filha de Luiz Alvares de Tavora, senhor do Mogadouro.

São suas armas em campo de oiro sete flores de liz de azul postas em tres palas, a do meio com tres, e as dos lados com duas em cada uma.

Acham-se em Gonçalo Argote de Molina, na sua *Nobreza de Andaluzia*, fl. 211, e no livro dos reis de armas.

NOAYN. Tem por armas em campo de prata dois lobos de azul; orla vermelha com oito aspas de oiro.

Assim se acham no livro de Fr. José da Cruz.

NOBEL. Este appellido é oriundo da cidade de Haya, em Hollanda, d'onde passou a Portugal Simão Nobel no tempo de el-rei D. Pedro II: casou em Lisboa com D. Anna Letre natural d'esta mesma cidade; foi seu filho Jaques Nobel, que casou com D. Catharina de Barros, filha de Sebastião Ferreira de Barros e de D. Maria Magdalena, e foram seus filhos João Guilherme Nobel de Barros, cavalleiro da ordem de Christo, Carlos Dionysio Nobel de Barros, e Jaques Nobel de Barros, cavalleiro tambem da mesma ordem, e este ultimo pae de Antonio Joaquim Nobel de Barros.

São suas armas em campo vermelho um leão de oiro; timbre o leão do escudo, nascente.

Acham-se no livro dos reis de armas.

NOBOA ou NOVOA. São do reino de Galliza, descendentes dos reis Suevos: o appellido foi tomado do castello de Noboa junto a Ribadavia. Procedem d'esta familia muitas casas da primeira grandeza do mesmo reino de Castella. Passou a Portugal João de Noboa, que era da casa dos condes de Maceda; serviu os reis D. João II e D. Manuel e este ultimo o mandou no anno de 1501 á India por general de quatro navios, e com elles venceu outros do Samorim e obrou grandes proezas, e d'elle faz honrada memoria João de Barros.

São suas armas um escudo mantelado ou a trina, no primeiro em campo vermelho uma aguia de oiro aberta, no de baixo em prata um leão vermelho, e no terceiro em campo de oiro um castello vermelho; timbre a aguia do escudo.

Acham-se em Gonçalo Argote de Molina, na sua *Nobreza de Andaluzia*, e no livro dos reis de Armas.

NOBRE. É familia do Algarve, tem seus ascendentes na cidade de Tavira. O appellido lhe proveiu de um feito assignalado, que o primeiro obrou na conquista de uma praça, segundo a tradição, e é que levando-se a noticia ao rei, este dissera: — *Nobre foi o feito*.

São suas armas em campo vermelho uma torre de prata lavrada de negro sobre um

rio de prata e azul, e junto da torre uma cabeça de mouro toucada de prata, e cortada em sangue; timbre um braço armado de prata, com a cabeça do mouro pendurada pelos cabellos. Ha tambem esta familia na cidade de Elvas e em Lisboa.

NOBREGA. Tomaram os Nobregas o appellido do castello de Nobrega junto do reino de Galliza, que é o seu solar. É familia antiga, que teve o desembargador Gaspar de Nobrega, que em 1537 justificou a sua nobreza, e se lhe passou brazão de armas d'esta familia por mostrar descender d'ella.

São estas armas em campo de oiro quatro bastões sanguinhos, em pala.

A Manuel de Nobrega se passaram estas mesmas armas com um açor negro armado de oiro no meio do escudo; timbre de ambos um leão de oiro nascente com um bastão do escudo nas mãos [1].

[1] A mercê feita a Gaspar de Nobrega em 14 de fevereiro de 1537, acha-se registrada no livro 23 da chancellaria de el-rei D. João III a fl. 44 v. — A mercê feita a Manuel de Nobrega não se acha registrada. — *Pegado.*

NOGUEIRA. Descendem os Nogueiras de D. Mendo Paes Nogueira, sobrinho de D. Mendo Nogueira, cavalleiro da ordem dos Templarios logo no principio da sua instituição, e vivia no anno de 1089, governando em Portugal o conde D. Henrique. Teve o seu solar na torre de Nogueira junto ao rio Minho. Foram os Nogueiras alcaides-móres de Lisboa, occuparam muitos empregos, e foram revestidos de muitas dignidades. Fundaram o morgado de S. Lourenço de Lisboa no anno de 1299, possuido ultimamente por seus descendentes os viscondes de Villa-nova da Cerveira, depois marquezes de Ponte de Lima.

São suas armas em campo de oiro uma banda xadrezada de prata e verde de cinco peças em faxa com a ordem do meio coberta toda de uma cotica vermelha; timbre uma cabeça de serpe de oiro xadrezada de verde e prata, com um ramo de nogueira na boca, com fructos de sua côr.

Acham-se no livro da Torre do Tombo, fl. 17.

NORONHA. Esta familia é uma das mais illustres de Portugal: descende dos reis d'este reino, dos de Castella, e dos de Leão por D. Affonso, conde de Noronha e Gijon filho illegitimo do rei D. Henrique II de Castella, e por sua mulher D. Isabel filha illegitima de el-rei D. Fernando de Portugal; o appellido da villa de Noronha nas Asturias de que foram senhores, e d'este illustre consorcio tiveram por filho a D. Pedro de Noronha que foi arcebispo de Lisboa, o qual em Branca Dias Perestrella, mulher nobre, teve entre outros filhos a D. Pedro de Noronha que foi o mais velho; e d'elle foi quarto neto por legitima varonia D. Thomaz de Noronha, terceiro conde dos Arcos, titulo que alcançou por casar com D. Magdalena de Bourbon herdeira d'este condado, e filha de D. Luiz de Lima primeiro conde, em cujos descendentes permanece esta casa. Foi filho segundo do dito arcebispo e da dita Branca Dias Perestrello, D. Martinho de Noronha que casando com D. Guiomar de Albuquerque filha herdeira de Fernão de Albuquerque, senhor de Villa-verde, foi elle por este casamento senhor da dita villa, que logrou depois o titulo de condado em seu quarto neto D. Antonio de Noronha, por mercê de el-rei D. João IV: e d'este foi filho D. Pedro Antonio de Noronha, primeiro marquez de Angeja, de cuja casa passou o sangue dos Noronhas á de Marialva por seu filho terceiro D. Diogo de Noronha, terceiro marquez, por casar com D. Joaquina de Menezes herdeira d'esta illustre casa, e ultimamente passou d'esta por seu filho segundo D. Rodrigo Antonio de Noronha e Menezes á casa dos Soares da Cotovia.

As armas pertencentes a esta familia, que usam as ditas duas casas de Arcos e Angeja, são um escudo esquartelado, no primeiro quartel as armas de Portugal com um filete negro em contrabanda; o segundo mantelado com o primeiro e segundo de prata, em cada um seu leão de purpura batalhantes, o terceiro sanguinho com um castello de oiro e uma

orla composta de dezoito peças, nove de oiro e outras nove de veiros de prata e azul; e assim os contrarios; timbre um leão do escudo nascente.

Acham-se no livro da Torre do Tombo, fl. 9.

NORONHAS (outros). Dos condes de Noronha e Gijon D. Affonso e D. Isabel foi segundo filho D. Fernando de Noronha, que casando com D. Beatriz de Menezes, filha de D. Pedro de Menezes, segundo conde de Vianna, primeiro capitão general e governador da praça e cidade de Ceuta, alferes-mór de el-rei D. Duarte, foi por este casamento capitão e governador da dita praça, que herdou do dito conde com outra muita fazenda, com a clausula de que os successores da sua casa usariam do appellido e armas de Menezes do dito seu sogro; e por esta causa usaram dó escudo dos Noronhas, tendo sobre elle ao centro o escudo dos Menezes do dito seu sogro, que é o de Tarouca, com a differença de trazer no primeiro sextavo em logar dos dois lobos um estoque de vermelho em campo de oiro entre quatro arruelas de azul, no segundo as quatro palas vermelhas de Aragão, em campo de oiro, no terceiro em campo de oiro dois lobos sanguinhos passantes, o quarto e sexto como o segundo, e o quinto como o terceiro; e sobre este segundo escudo outro de oiro com um anel, que é o proprio dos Menezes; timbre o leão do escudo nascente. Assim as trouxeram os senhores d'esta casa, os marquezes de Villa-real e duques de Caminha, até que se acabou, e hoje as continuam da mesma forma os condes de Valladares, descendentes tambem da dita casa pela acção que a ella tem, supposto que já lhe foi recompensada pelo concerto que el-rei D. Pedro II fez com D. Miguel Luiz de Menezes, fazendo-o por ella conde de Valladares.

Acham-se no livro da Torre do Tombo, fl. 9.

NORONHAS, de LINHARES. Escudo esquartelado; no primeiro e ultimo quartel as armas reaes com o filete em contrabanda; no segundo e terceiro em campo de prata um mantel sanguinho com um castello de oiro entre dois leões batalhantes da mesma côr; timbre um dos leões nascente.

Assim estão no referido manuscripto de Fr. José da Cruz.

NORONHAS, de ODEMIRA. Tem por armas em campo de prata uma aspa vermelha com cinco escudetes das armas reaes; timbre um cavallo de prata nascente, com redeas vermelhas e tres feridas no pescoço.

Acham-se no referido livro de Fr. José da Cruz.

NORONHA. V. *Loronha*.

NOVAES e NAVAES. O conde D. Pedro dá principio a esta familia em D. Pedro de Novaes, o velho, com geração continuada; e tractando dos Pimenteis traz outros Novaes, do que Fr. Filippe de Lagandara tem para si que houve em Galliza duas casa de Novaes distincta uma da outra no mesmo tempo : o seu solar n'aquelle reino era o castello de Novaes, porém passando a Portugal com o conde D. Henrique, Affonso Fernandes de Novaes pelos annos de 1090, fundaram n'este reino outro solar com o mesmo nome no districto de Guimarães. Foi neto do referido Affonso Fernandes de Novaes, Vasco Fernandes de Novaes, que se achou na tomada de Lisboa, e viveu no referido solar, o qual foi pae de Fernão Vasques de Novaes, por quem se continuou este appellido.

São suas armas em campo azul cinco novellos de prata postos em santor; timbre uma aspa azul entre dois novellos como os do escudo.

Assim as traz Villas-boas, *Nobiliarchia*, pag. 311.

NUNES. Escudo dividido em pala; na primeira de prata uma pala azul; na segunda de vermelho um leão de oiro entre quatro merletas de oiro; timbre o leão do escudo.

NUNES (outros). Tem por armas em campo de oiro uma palma de verde; timbre um leão de sua côr, com um ramo de palma nas garras.

Assim se acham em um manuscripto antigo de um rei de armas.

NUNES, de MARTINS GARRO. El-rei D. Affonso v deu a Nuno Martins Garro em Arrayolos no anno de 1466 as seguintes armas: — Em campo azul uma onça de oiro armada de negro.

NUNES, de LARA. São as armas d'esta familia em campo vermelho duas caldeiras de oiro faxadas de negro, com sete cabeças de serpes em cada encaixe das azas.

Assim as traz no seu livro o referido Fr. José da Cruz.



O

OCHOA ou UCHOA. É familia de Navarra, d'onde passou com o conde D. Henrique á conquista de Portugal, Martim Henriques Ochoa, fidalgo d'aquelle reino da casa d'este appellido. D'elle foi quarto neto Pedro Affonso Ochoa, rico-homem de el-rei D. Diniz, e d'este foi tambem quarto neto Affonso Vaz Ochoa, moço fidalgo da casa de el-rei D. Affonso v, e bisavô de Francisco Ochoa, de quem descendeu por varonia o bacharel Francisco André Ochoa, natural de Irada, jurisdicção de Bragança.

São suas armas em campo de prata dois lobos de azul passantes; timbre um dos lobos.

Acham-se em Gonçalo Argote de Molina, fl. 73 v.

OKELLIS ou OQUELLIS. Este appellido, que no reino de Irlanda d'onde é oriundo se escreve Okellis, e n'este de Portugal se diz tambem Oquellis, é de uma familia muito nobre d'aquelle reino. D'elle passou a França Bernardo Oquellis, que depois de servir nos exercitos d'aquella monarchia com tanta distincção que chegou a ser governador de praças com patente de coronel, veiu militar a Portugal, onde casou e foi pae de Guilherme Oquellis, que foi tenente de cavallaria do regimento de Moura, pae de Diogo Oquellis, capitão de cavallos do mesmo regimento, parentes todos de Guilherme Oquellis, coronel do dito regimento, de Hugo Oquellis, brigadeiro de infanteria, e do conde Okellis, tenente general de infanteria nos exercitos do imperador, e aparentados com os Porcilles.

São suas armas um escudo partido em pala; na primeira em campo azul um castello de prata sobre um monte de sua côr, entre dois leões de oiro rompentes contra o castello, presos por cadeas de ferro pela cintura; na segunda em campo de prata seis cruzes com haste de ponta de espada, postas em duas faxas, chefe vermelho com tres mosquetas de prata em faxa; timbre um galgo de prata malhado de preto, em acção de correr, e abaixo do escudo em um listão de prata esta letra de preto — *Turris fortis mihi Deus* [1].

Assim se communicaram da casa dos Porcilles.

[1] **Esta descripção torna-se duvidosa por ter letra differente do original. — *Pegado.***

OLDEMBOURG ou OLDEMBERG. É familia do reino de Dinamarca, da cidade de Oldembourg. Passou a Portugal Martinho Oldembourg, que era filho de Antonio Goutier, conde de Oldembourg, e de Sophia Catharina, filha de Alexandre, duque de Holsacesunderburg; dos ditos foi filho Feliciano Velho Oldembourg, pae de Martinho Velho da

Rocha Oldembourg, que em 1750 justificou na Correição do civel da côrte o referido.
São suas armas o escudo esquartelado; no primeiro quartel em campo de oiro duas faxas vermelhas, no segundo em azul uma cruz de prata, e assim os contrarios; timbre duas buzinas de caça de oiro com as bôcas para cima, cada uma com duas faxas vermelhas.

Assim se mostraram autenticas, e se passou brazão ao dito Martinho Velho Oldembourg [1].

[1] Não existe o registro d'esta mercê feita a Martinho Velho Oldembourg.

OLIVA. É familia de Navarra, d'onde passou a Portugal e se estabeleceu na cidade de Tavira; d'esta passaram a Tanger, onde Lourenço d'Oliva fez a proeza de matar um leão atravessando-o com uma lança dos peitos ao costado, com grande risco de sua vida e admiração assim dos christãos como dos mouros; pelo que o rei D. Sebastião, em cujo tempo succedeu este caso, lhe deu por armas em campo verde um leão de oiro armado de negro, saindo de uma ribeira de prata e azul no contrachefe, e atravessado pelo peito e costado com uma lança de sua côr quebrada, com o ferro ensanguentado e saindo-lhe o sangue das feridas; timbre um homem nascente vestido de encarnado com o pedaço da parte da lança na mão.

Foi esta mercê feita em 12 de novembro de 1564. V. *Archivo*, n.° 1789.

OLIVAL. A familia d'este appellido é antiga e nobre na provincia da Beira. A primeira pessoa de que se deduz é D. Alvaro d'Olival, que vivia nos reinados de D. Pedro I, D. Fernando, e D. João I; e era senhor de um grande olival no termo da villa do Sabugal onde viveu, e tem descendentes.
São suas armas em campo de prata duas oliveiras verdes com azeitonas de oiro, postas em faxa; timbre uma das oliveiras.

Assim se acham em um manuscripto de José Freire Monterroio Mascarenhas.

OLIVEIRA. É familia muito antiga e illustre, porque já no reinado de D. Diniz era honrada, como consta dos livros das suas inquirições; e no dos reis D. Affonso II, D. Sancho II e D. Affonso III, viveu João Peres de Oliveira. Foi o seu solar no concelho de Lanhozo na freguezia de S. Tiago de Oliveira, de que tomaram o appellido. Foram instituidores dos morgados de Oliveira e do de Val de Sobrados, que depois se uniram ao da Patameira instituido na familia dos Mirandas.
São suas armas em campo vermelho uma oliveira verde com raizes, perfis e fructos de oiro; timbre a oliveira. Alguns trazem as raizes da oliveira do escudo de prata.

Acham-se no livro da Torre do Tombo, fl. 35.

OLIVEIRA DO HOSPITAL. Os descendentes de Domingos Joannes de Oliveira do Hospital, que se chamou assim por ser cavalleiro e commendador de Malta, chamada a ordem do Hospital, trazem por armas em campo azul uma aspa de prata firme entre quatro flores de liz de oiro; timbre a aspa do escudo com uma flor de liz de oiro em cima.

Acham-se no livro dos reis de armas, e assim se passaram em 1515 a Fr. André do Amaral, do conselho d'el-rei, chanceller-mór, embaixador em Roma e commendador de Vera-Cruz.

OLIVEIRA. Escudo em campo verde, um leão de oiro rompente atravessado com uma metade de lança de sua côr por entre as espadoas, saindo-lhe o ferro pela barriga, armado de preto e ensanguentado, junto de uma ribeira que vai pelo pé do escudo; elmo de prata cerrado guarnecido de oiro; timbre um meio homem vestido de vermelho

com a outra metade da lança enristada na mão. M. N. dada a Lourenço de Oliveira em 1564 em allusão a uma luta, que teve em Tanger com um leão deixando-o morto.

Parece haver aqui tal ou qual equivocação, confrontado com o que se diz acima v. *Oliva*.

ORDONHA. São suas armas em campo de prata dez arruellas sanguinhas: orla azul com quatro flores de liz de oiro em cruz, e quatro corações do mesmo metal.

Assim as traz o referido livro de Fr. José da Cruz.

ORNELLAS ou DORNELLAS. É familia antiga, que tomou o appellido da freguezia de Ornellas junto a Braga. O conde D. Pedro faz memoria de Pedro Fernandes d'Ornellas; passaram ás ilhas da Madeira e Terceira, e ahi foi grande pessoa João d'Ornellas que soccorreu a cidade de Çafim em Africa estando sitiada pelos mouros, e era natural da ilha da Madeira: na villa de Praga fez D. Catharina de Ornellas um mosteiro de freiras franciscanas á sua custa, com o titulo de Nossa Senhora da Luz onde se recolheu e morreu com opinião de virtude.

São suas armas em campo azul uma banda de oiro com tres flores de liz vermelhas entre duas serêas de sua côr, tendo cada uma um espelho na mão direita e na esquerda um pente de oiro; timbre uma das serêas.

Acham-se no livro dos reis de armas e em Villas-boas.

ORTIGOSA. São gallegos, tem a mesma origem dos Fajardos.

Tem por armas em campo de oiro tres matas de ortigas de sua côr, cada uma sobre seu monte de rocha de sua côr, que sáem de um mar de azul e prata.

ORTIZ. Ortiz é o patronimico do nome proprio Ortun que tiveram muitos dos senhores de Biscaia; passaram a Aragão e se acharam na conquista da cidade de Valença onde se estabeleceram em terra de Campos. Veiu a Portugal no tempo do rei D. Manuel, João Ortiz, e seus filhos foram n'este reino muito estimados, e pelas suas letras tiveram grandes dignidades, e já no tempo do rei D. Fernando teve o castello de Leiria Gil Martins d'Ortiz, se não era Moutis como parece mais certo. Ha esta familia na cidade de Viseu, que descende de Fernando Ortiz de Vilhegas, irmão de D. Diogo Ortiz de Vilhegas, que foi bispo da mesma cidade.

São suas armas em campo azul um sol de oiro, com duas orlas, a primeira de prata com oito rosas de sua côr, a segunda composta de peças de prata e vermelho; timbre um urso azul nascente armado de prata, com uma rosa de oiro na espadoa.

Acham-se no livro dos reis de armas, e em Villas-boas, fl. 312.

OSCARIS. É familia de Castella: são suas armas em campo de oiro tres faxas de negro: orla sanguinha com oito aspas de oiro.

Assim se acham no manuscripto de Fr. José da Cruz.

OSMA. Este appellido parece ser tomado da cidade d'Osma.

São suas armas o escudo partido em pala; na primeira em campo azul duas espadas de prata com os copos de oiro e as pontas para cima, cruzadas ou postas em aspa, e entre as pontas das mesmas uma flor de liz de oiro; na segunda em campo de prata um leão vermelho; timbre o leão.

Acham-se no livro dos reis de armas.

OSORES. O appellido de Osores parece ser corrupção do de Osorios. Descende da casa dos Ulhoas: trazem as suas armas, que são o escudo xadrezado de prata e vermelho, tres peças em faxa e cinco em pala.

Acham-se em Gonçalo Argote de Molina, e no livro dos reis d'armas.

OSORIO. A familia de Osorios é uma das mais antigas e illustres de Hespanha. Traz a sua origem do conde D. Guterre Osorio do tempo de Mauregato, cujo filho o conde D. Osorio veiu povoar a Portugal, e supposto seus descendentes largaram o appellido por outros que tomaram, como se observa no conde D. Pedro, os de seu irmão outro D. Guterre Osorio, que ficou em Castella, o continuaram; e d'ella procedem n'aquelles reinos as maiores casas que n'elles ha. Passou segunda vez a Portugal no tempo do rei D. João I, na pessoa de Martim Osorio filho de Osorio Martins, que era da casa dos marquezes de Astorga, cavalheiro de grande nome, e fazendo assento na villa de Trancoso, ficou d'elle nobre descendencia. Passou tambem á India Bernardo Osorio da Fonseca, capitão de Ceilão, cuja fortaleza defendeu valorosamente: este teve por filhos a João Osorio da Fonseca commendador de Minhotaes na Ordem de Christo, e o dr. Jeronymo Osorio, arcediago de Lagos, e depois conego magistral d'Evora, os quaes foram sobrinhos de D. Jeronymo Osorio, bispo do Algarve em tempo dos reis D. João III e D. Sebastião, tão caritativo e douto prelado, que pelas muitas esmolas que fazia era chamado pae dos pobres; e pelos admiraveis livros que compoz foi respeitado e buscado até das nações estranhas.

São suas armas em campo de oiro dois lobos sanguinhos passantes; timbre um dos lobos.

Acham-se em Gonçalo Argote de Molina, no livro dos reis de armas e em Villas-boas.

OSOURO. Tambem este appellido parece ser corrupção de Osorios.

São suas armas em campo de oiro dois toiros vermelhos passantes; timbre um dos toiros.

Acham-se em Gonçalo Argote de Molina, e no livro dos reis de armas.

OUREM. É appellido tomado da villa d'este nome.

São suas armas em campo de prata uma aguia de negro aberta, armada de vermelho; timbre a mesma aguia.

Acham-se no livro dos reis de armas, e em Villas-boas.

OVANDO. Tem por armas em campo de prata uma cruz sanguinha floreteada, entre quatro vieiras sanguinhas, orla da mesma côr carregada de oito aspas de oiro.

Tral-as o referido livro de Fr. José da Cruz.

P

PACHECO. Deixando as opiniões que dizem proceder esta familia de Lucio Junio Pacieco, contemporaneo de Julio Cesar; é certo que ella é das mais antigas d'este reino. O conde D. Pedro, a deduz de D. Fernão Jeremias, que veiu a Portugal com o conde D. Henrique a quem serviu valerosamente; d'este foi terceiro neto Fernão Rodrigues Pacheco, o primeiro que usou d'este appellido, e aquelle valoroso alcaide do castello de Celorico, que defendeu pelo rei D. Sancho II, contra o conde de Bolonha. Foi seu filho João Fernandes Pacheco, pae de Lopo Fernandes Pacheco, grande privado do rei D. Affonso IV a quem acompanhou na batalha do Salado, e o mesmo rei o fez seu rico homem de pendão e caldeira, em cuja memoria puzeram seus descendentes por armas em campo de oiro duas caldeiras de negro com tres faxas cada uma de veiros de oiro e vermelho, e as azas da mesma forma, com quatro cabeças de serpes negras nos encaxes das mesmas azas,

duas voltadas para dentro e duas para fóra, vindo a ter cada caldeira oito cabeças de serpe; timbre dois pescoços de serpe de oiro batalhantes, armados de sanguinho.

Acham-se no livro de armarias a fl. 17.

PACHECOS, de GASPAR PACHECO. *V. Archivo n.º* 933.

PACHECOS, de DUARTE PACHECO. De João Rodrigues Pacheco foi filho Diogo Lopes Pacheco, senhor de Ferreira d'Aves, que fugindo para Castella e d'aquelle reino para o de Aragão por ter sido cumplice na morte de D. Ignez de Castro, passados annos tornou para Portugal e teve a João Fernandes Pacheco, que serviu o rei D. João I, sendo um dos tres capitães da batalha de Trancoso, em que foram vencidos os castelhanos, porém retirando-se com seus filhos para Castella por desgostos que teve com o rei D. João I, d'elles procedem n'aquelle reino illustrissimas casas. Em Portugal ficou seu filho bastardo Gonçalo Lopes Pacheco por quem se continuou esta familia, que teve o grande Duarte Pacheco Pereira, Achilles Lusitano, como lhe chama o principe dos poetas. A este grande capitão deu o rei de Cochim por armas em campo vermelho cinco coroas reaes de oiro em santor, orla ondada de prata e azul com oito castellos de oiro; timbre um dos castellos, cercado este escudo com sete estandartes mouriscos, tres vermelhos, dois brancos e dois de azul: as coroas pelos cinco reis que desbaratou, os castellos pelos oito que desfez, e as bandeiras de sete batalhas que em defensa do dito rei venceu.

Acham-se em Villas-boas, fl. 310.

PAÇOS de PROBEM. É familia do reino de Galliza, que tomou o appellido do castello e paço de Probem, que é o seu solar. Passou a Portugal na pessoa de Vasco de Paços que era senhor do dito castello, e casou em Caminha, onde teve descendentes que se estenderam por outras terras.

São suas armas em campo de oiro um braço de sua côr com uma espada de azul, mettendo-a pela boca de uma serpente verde; timbre uma estrella de oiro entre duas azas de aguia de sua côr.

Acham-se no livro dos reis de armas.

PADILHA. Esta familia é uma das mais antigas e illustres de Hespanha. A mais seguida opinião é que tomou o appellido do logar de Padilha, visinho de Miranda de Castro-xerez, junto a Burgos, porque foram senhores e povoadores d'elle: porém a maior honra que esta familia recebeu foi entrar na casa real de Hespanha, e d'esta em todas as mais da Europa pelo casamento de D. Pedro o Crú com D. Maria de Padilha, como elle depoz com juramento e depois se verificou em sua neta D. Catharina, mulher de el-rei D. Henrique III. Teve quatro mestres na ordem de Calatrava, um na de Sant'Iago, e muitos annos andou n'ella o emprego de adiantado-mór de Castella. Passou a Portugal, onde procedeu d'ella Pedro Norberto de Arcourt e Padilha, secretario do Desembargo do Paço na repartição do Minho.

São suas armas em campo azul tres pás de prata entre nove crescentes do mesmo metal, tres em chefe com as pontas para baixo, tres no contrachefe com as pontas para cima, e os outros tres em faxa, dois com as pontas para a parte esquerda e o terceiro com as pontas para a direita; timbre uma aguia negra volante.

Acham-se no livro dos reis de armas.

PADRÃO. Esta familia tem as mesmas armas que as dos Caãos, pelo que se presume que descendem de Diogo Caão, a quem ellas foram dadas. V. *Caão.*

PAES. Este appellido é o patronimico do nome proprio Paio, muito antigo n'este reino, porque já D. Paio Paes foi alferes-mór de D. Affonso Henriques na batalha do campo

de Ourique : o mesmo appellido teve D. Gualdim Paes, mestre dos templarios em Portugal, e outros muitos fidalgos, que traz o conde D. Pedro. Porém onde se fez mais famoso foi em Alvaro Paes, chanceller-mór d'este reino, cujos descendentes tiveram grandes empregos na casa real.

São suas armas em campo azul nove lisonjas veiradas de oiro e vermelho, postas em tres palas; timbre um pavão de sua côr.

Acham-se no livro dos reis de armas, e consta se passou d'ellas brazão a Gaspar Rodrigues Paes Esteves em 1666.

PAIM. Esta familia é de Inglaterra; procede de Thomaz ou Thomasim Paim, que veiu com a rainha D. Filippa, mulher de el-rei D. João I, e foi seu secretario. Seu filho Duarte Paim foi capitão da ilha Terceira, e d'este o foi Diogo Paim, pae de Jeronymo Paim da Camara, de quem foi filho Francisco da Camara Paim, que teve a Francisco de Ornellas da Camara, commendador de Pena-firme e governador do castello da dita ilha, pae de Braz de Ornellas da Camara, que vindo viver em Lisboa tratou-se n'esta cidade no tempo de el-rei D. Pedro II com muita grandeza, e grande estado de carruagens.

São suas armas o escudo franxado de prata e negro, sendo os campos alto e baixo de prata e os das ilhargas de negro, e sobre elle um leão entrecambado dos mesmos esmaltes, armado de vermelho; timbre o leão do escudo.

Acham-se no livro dos reis de armas.

PAIVA. Esta familia é antiquissima e illustrissimo o seu principio, porque descende de D. Arnaldo de Baião. Tomou o appellido do concelho de Paiva, e foi a primeira pessoa d'elle João Soares de Paiva, quinto neto do dito D. Arnaldo, por lhe cair em partilha o dito concelho ou o senhorio d'elle.

São suas armas em campo azul tres flores de liz de oiro, postas em banda; timbre uma aspa azul carregada de uma flor de liz do escudo.

Acham-se no livro da Torre do Tombo, fl. 27.

PALHARES. Os Palhares tomaram o appellido do seu solar, que é a aldea de Palhares, na freguezia de S. Pedro de Merufe, na provincia do Minho. A primeira pessoa de que ha noticia foi Pedro Annes de Palhares, que vivia no anno de 1222, no tempo de el-rei D. Affonso III.

São suas armas em campo vermelho seis besantes de oiro em duas palas, entre ellas um braço com uma espada na mão, copos de oiro e folha de prata, com a ponta para cima; timbre o braço com a espada.

Assim se acham em um manuscripto de José Freire Monterroio Mascarenhas.

PALHA. Os Palhas são originarios de Galliza e antiquissimos em Portugal, porque Vicente Palha, morador em Lisboa, viveu nos reinados de D. Affonso III e D. Diniz, e era já morto no anno de 1288 em que falleceu Maria Fernandes, sua mulher, que deixou á Sé de Lisboa um legado, como consta do livro dos obitos da mesma Sé, e vimos em um manuscripto de José Freire Monterroio, e assim não pode esta familia ter a origem que lhe dá Villas-boas; e o mesmo se colhe do que diz o conde D. Pedro, tit. 76, fl. 398. Os Palhas liaram-se com os Almeidas, e como os primeiros não tinham armas proprias ficaram usando das dos Almeidas, assim como o ramo que se liou com os Garcezes, que intitulando-se Garcezes Palhas ficaram usando das dos Garcezes, e assim tem estes por armas em campo vermelho seis besantes de oiro entre uma cruz dobre e bordadura do mesmo metal; timbre uma aguia vermelha besantada de oiro.

Acham-se no livro dos reis de armas.

PALHAVÃ. Junto da cidade de Lisboa está o sitio de Palhavã, que deu appellido a esta familia, e tem morgado instituido por Joanne Annes Palhavã, com capella em S. Domingos da dita cidade, onde se acha enterrado o seu filho e suas mulheres; foi senhor do dito morgado Jorge Gomes de Carvalhosa Palhavã, que em 1540 requereu brazão de suas armas, e são as d'esta familia em campo azul um molho de palhas e espigas de trigo de oiro atados com uma fita vermelha, entre quatro torres de prata acantonadas; timbre dois braços armados de prata, tendo nas mãos um feixe de trigo do escudo atado com fita vermelha [1].

Acham-se no livro dos reis de armas.

[1] **Esta mercê feita ao dito Jorge Gomes de Carvalhosa Palhavã acha-se registrada na chancellaria de el-rei D. João III, liv. L, fl. 201 v., e tem a data de 31 de julho de 1540.** — *Pegado.*

PALLE. Este appellido de Palle foi tomado da fortaleza de Palle na India, onde Francisco Monteiro, soldado portuguez, da familia dos Monteiros, valoroso nas guerras d'aquelle estado, fez muitas proezas, a ponto de que mereceu ser chefe de familia nova, e el-rei D. João III entre outras mercês lhe deu por armas em campo vermelho uma serra de sua côr, com penhascos realçados de prata, no alto d'ella dois baluartes com um muro de um ao outro, caido por terra por duas peças de artilheria, que atiram a elle, as peças de sua côr, montadas em carretas de oiro, no alto do muro um braço armado de prata com uma adaga do mesmo metal na mão, com os copos de oiro; timbre o braço com a adaga na mão [1].

Acham-se no livro dos reis de armas. V. *Archivo*, n.º 829.

[1] **Esta mercê foi feita por el-rei D. João III ao dito Francisco Monteiro de Palle em 12 de março de 1548, e acha-se registrada no liv. II de Privilegios. fl. 176.** — *Pegado.*

PALMA. Esta familia teve a sua origem em um dos logares que ha em Portugal d'este nome; foi d'ella José Carlos da Palma, natural da villa de Obidos, das principaes familias d'aquella terra, governador da praça de Castello de Vide e um dos bons soldados que teve este reino. Na dita villa de Obidos instituiu um morgado, cuja administração ficou a sua filha D. Antonia Luiza de Menezes da Palma. Em Ceuta tambem houve esta familia, onde governaram muitas vezes aquella praça na ausencia dos marquezes de Villa-real, capitães-móres e governadores d'ella : dos ditos procede Luiz de Mesquita Alcoforado e Mello,

São suas armas em campo de oiro uma palmeira verde sobre um monte de sua côr; timbre a palmeira.

Acham-se no livro dos reis de armas.

PALMEIRIM. M. N. feita a Luiz Ignacio Xavier Palmeirim em 1824 : — Escudo mantelado, tendo no primeiro em campo azul uma peça de artilheria de oiro e uma espingarda de prata, postas em aspa; no segundo tambem em campo azul uma peça de artilheria de prata e uma ancora de oiro, postas egualmente em aspa; no terceiro em campo vermelho um leão de oiro rompente, com uma chave de prata na garra direita; chefe de prata carregado de uma palmeira; orla de oiro com a legenda em letras vermelhas — *Valor, Fidelidade, Honra;* elmo de prata aberto guarnecido de oiro, e forrado de verde, tendo o paquife dos metaes e côres do escudo; timbre tres ramos de palmeira atados com um torçal de prata.

V. *Archivo*, n.º 1784.

PALOMINO. Em campo de oiro duas caldeiras de negro. entre ellas um bastão verde, orla sanguinha com oito aspas de oiro.

Assim se acham em um manuscripto já por vezes citado.

PAMPLONA. Os Pamplonas são oriundos de Navarra, e tomaram o appellido da cidade de Pamplona, corte do mesmo reino. Passou a Portugal Pedro Vaz Pamplona, homem fidalgo, de quem foi filha Maria Vaz Pamplona, mulher de Alvaro Affonso Ramos, senhor do morgado de Beyre, no reinado de el-rei D. Manuel. Seus descendentes uns ficaram no reino, e Gonçalo Alvares Pamplona passou á ilha Terceira, onde estabeleceu casa e morgado, que hoje anda em seus descendentes.

São suas armas em campo vermelho seis faxas de oiro; timbre um leão de oiro nascente faxado de duas faxas vermelhas, e armado tambem de vermelho.

PANTOJA. Os Pantojas tiveram o seu principio e primitivo solar na provincia de Entre-Douro e Minho, donde foram á expugnação de Toleto em serviço de el-rei D. Affonso VI de Leão, como escreve Gandara. Pedro Pantoja entregou a el-rei D. Affonso V, cujas partes seguiu, as villas de Zagalla e Pedra-boa e passou a Portugal em 1477, onde o mesmo rei lhe deu Sant'Iago de Cassem com a sua commenda e as de Tavira e Loulé: da casa d'estes Pantojas era chefe no seculo passado Luiz Lobo, da cidade de Beja.

São suas armas em campo de oiro cinco flores de liz de azul em cruz, com tres faxas de negro no contrachefe; timbre uma das lizes [1].

Acham-se no livro dos reis de armas.

[1] Os de Castella trazem em campo azul uma cruz vermelha florida perfilada de oiro; orla composta de prata e vermelho.

PARANGUAL. M. N. concedida em 23 de março de 1585 a Francisco Moreira Parangual, pelos serviços por elle prestados na guerra contra os mouros em Africa, por D. Filippe I: — Escudo de campo azul, e uma faxa de prata endentada entre uma estrella de oiro e a cabeça do mouro que matou cortada em sangue e fretada de prata; elmo de prata cerrado guarnecido de oiro; paquife de vermelho, azul e prata, e por timbre meio leão azul rompente armado de vermelho, com a estrella das armas na espadoa.

V. *Archivo*, n.º 673.

PARENTE. Este appellido deu el-rei D. Filippe IV a Bento Maciel Parente em attenção aos muitos serviços que lhe fez, e a este reino por espaço de quarenta annos nas partes da America, em conquistas e guerras, edificando fortalezas e destruindo outras, batalhas navaes e terrestres, e outros muitos e grandes serviços em que poz em perigo a sua vida; deu-lhe o foro de moço fidalgo, terras e jurisdicções de juro e herdade, e por armas um escudo esquartelado: no primeiro quartel em vermelho uma onça ou tigre de oiro malhado de azul; no segundo em um mar de prata uma canoa de sua côr, e dentro d'esta apparecendo as cabeças de seis homens que vão remando; no terceiro em campo azul uma fortaleza de prata sobre um monte de sua côr, que sae de um rio de prata e azul; no quarto em verde uma penha de sua côr picada de oiro com uma cova na falda e n'esta tres barras de oiro, e o contrachefe de todo o escudo ondado de azul e prata; timbre o tigre.

Assim as vimos no registro do brazão do capitão Vital Maciel Parente, filho do dito Bento Maciel, passado em 1652 [1].

[1] Não existe este registro na Torre do Tombo. — *Pegado.*

PATALIM. Esta familia é antiga, porque já no anno de 1319 Lopo Rodrigues Patalim e sua mulher Mór Pires instituiram um morgado na parochia de S. Pedro da cidade de Evora, que depois passou aos Carvalhos, cujo ramo se intitula Carvalhos Patalins.

São suas armas um escudo esquartelado; no primeiro quartel em campo de oiro quatro faxas de azul; no segundo em vermelho um castello de oiro, e assim os contrarios; timbre um dos castellos. Acham-se no livro dos reis de armas.

Villas-boas faz este escudo franxado pondo nos quarteis alto e baixo em logar das qua-

tro faxas cinco, e nos das ilhargas os castellos; e outra memoria que vimos traz por timbre um braço armado com uma espada na mão.

PATO. Esta familia é antiga, o seu appellido foi alcunha. A pessoa mais antiga de que temos noticia foi D. Egas Pato, fidalgo honrado no tempo de el-rei D. Affonso III como consta do livro das suas inquirições. Conserva-se esta familia nobre na comarca de Torres-Vedras, em Alcochete, no Torrão e em outras terras.

São suas armas em campo de prata nove lisonjas em tres palas veiradas e contraveiradas de azul e vermelho, sendo a côr superior azul e a inferior vermelha; timbre um pato de prata armado de vermelho.

Acham-se no livro dos reis de armas.

PAU ou do PAU. Esta familia é oriunda da cidade de Pau, no principado de Bearne em França; passou a Portugal e já no anno de 1376 encontramos este appellido em Diogo Affonso do Pau, juiz dos feitos da fazenda de el-rei D. Fernando; foi seu filho Rui Dias do Pau, pae de João Rodrigues do Pau, que instituiu morgado em 1455.

São suas armas um escudo esquartelado com uma cruz de oiro dentada, o primeiro quartel de vermelho com duas palas de prata, o segundo de azul com um leão de prata armado de vermelho, e assim os contrarios; timbre o leão do escudo nascente, com uma pala vermelha na espadoa.

Acham-se no livro da Torre do Tombo, fl. 24.

PAVIA. Procedem de Roberto de Pavia, cavalleiro da cidade d'este nome no ducado de Milão, que vindo a Portugal povoou e deu nome á villa de Pavia no Alemtejo, de que foi senhor, e Martim Affonso de Pavia seu descendente, a qual trocaram depois seus descendentes pela aldea de S. Manços, onde Vasco Martins de Pavia fundou um rico morgado.

São suas armas um escudo xadrezado de prata e negro, de tres peças em faxa e cinco em pala; timbre um leão nascente xadrezado dos mesmos esmaltes.

Acham-se no livro dos reis de armas.

PAZ. Esta familia tem por tronco o infante D. Pedro, filho de D. Affonso XI, rei de Castella e Leão, chamado o Sabio. Casou D. Pedro no anno de 1281 com D. Margarita, filha do senhor de Narbona, de cujo illustre matrimonio nasceu D. Sancho de Paz, assim chamado por ter acompanhado seu pae na guerra contra os reis mouros de Granada, Fez e Marrocos, pelejando com tanta bizarria, e alcançando tão brilhantes victorias que contribuiu poderosamente a dar aos hespanhoes a paz de que tanto careciam. D. Sancho de Paz acima foi senhor de Ledesma, e teve muita descendencia que se estendeu por Castella, Leão, Salamanca e cidade Rodrigo. Passou a Portugal com Luiz Alvares da Paz, commendador de Paradimas na ordem de Malta, furtar por D. Branca Maldonado e matar outro fidalgo que pretendia casar com ella; foi sua neta Branca da Paz mulher de Rui da Silva Telles, de quem descendeu Luiz Correa da Paz, fidalgo cavalleiro em 1705, deputado da Junta do commercio e rico negociante na praça de Lisboa; instituiu varios morgados e casou com D. Josepha Thereza de Mello da Silva, filha de Pedro de Brito de Mello, de quem procede por varonia e vive actualmente Luiz Patricio Telles de Mello d'Almeida Malheiro Sanches de Baena de Brito Freire e Albuquerque, nascido em 8 de outubro de 1824, e primo do auctor da presente obra.

São suas armas um escudo partido em pala; na primeira em campo azul dez besantes de oiro em tres palas, tendo quatro besantes a pala do meio e tres cada uma dos lados; na segunda em campo de oiro um leão de vermelho.

PECHIM. O appellido de Pechim parece o mesmo que o de Pechi, da cidade de Senna em Italia, d'esta passou a Hespanha onde se corrompeu em Pecha, que tem por ar-

mas, assim na Hespanha como em Senna, uma abelha de azul; em alguns brazões temos visto que os reis de armas assignaram a esta familia por armas em campo de arminho, que é de prata com umas pontas negras, sobre elle tres bandas de vermelho; timbre um javali negro com uma faxa de arminhos, que são as proprias dos Chacins.

PEDRA ALÇADA. É familia antiquissima em Portugal; veja-se o appellido *Fogaça*. Segundo a opinião de varios auctores são oriundos, e tiveram assento principalmente em Pamplona, cidade de Navarra, nos principios do seculo IX. Estenderam-se por todas as cidades de Hespanha passando mesmo a outros paizes. Em França é mui conhecido o appellido de Pièrre-levée. No reinado de D. Pedro I em Portugal foi escrivão da puridade Gonçalo Vasques de Pedra Alçada.

São suas armas um escudo esquartelado, no primeiro de azul cinco pedras; no segundo de oiro um braço armado sustendo uma cabeça de mouro; no terceiro de sinople com uma pala de oiro no centro, acompanhado de uma bandeira vermelha á direita, e á esquerda uma pedra de prata suspensa no centro; no quarto de sinople um castello de prata.

PEDROSA. É opinião descenderem de Garcia Alvares de Pedrosa, fidalgo gallego que passou a Portugal no tempo de el-rei D. Affonso V, pae de Diogo Pedrosa, marido de Ignez Gomes de Azevedo, creada da infante D. Leonor imperatriz da Allemanha. Foi seu descendente o grande genealogico Manuel Alvares Pedrosa, a quem a fidalguia d'este reino deve a maior obrigação pelo incançavel trabalho que teve em lhes descrever as suas genealogias. Ha esta familia na villa de Murça.

São suas armas em campo de oiro cinco pedras azuladas e de sua côr, em santor, sobre a do meio uma aguia negra estendida armada de prata; timbre a aguia sobre uma pedra, como no escudo.

PEDROSO. Os Pedrosos tem a sua origem n'este reino, e o seu solar no concelho de Pedroso: ha memorias d'esta familia no reinado de el-rei D. João I, em que era senhor do mesmo concelho Rui Gonçalves de Pedroso, filho de Pedro Annes de Araujo que devia ter o senhorio e appellido por sua mãe.

São suas armas em campo de oiro duas faxas vermelhas entre sete lobos de purpura, tres no chefe, tres no meio e um no fundo do escudo; timbre um dos lobos faxado de uma faxa de oiro.

Acham-se no livro dos reis de armas.

PEGADO. A familia d'este appellido é muito antiga na cidade de Elvas, onde o mais antigo morgado foi instituido por Fernando Esteves Pegado, filho de Estevão Martins Pegado, vassallo de el-rei D. Affonso IV. O seu appellido é procedido de alcunha. Estendeu-se esta familia a muitas terras d'este reino e das suas conquistas, e em todas logra nobreza. O capitão-mór da villa de Obidos João Felix de Brito Pegado, cavalleiro da ordem de Christo, e fidalgo da casa real, foi d'esta familia no seculo passado.

São suas armas em campo de oiro quatro bandas vermelhas; timbre tres settas com as hastes de oiro, ferros de prata e guias vermelhas, atadas com uma fita vermelha [1].

[1] A Gaspar Pegado, alcaide-mór d'entre Tejo e Odiana, foi feita mercê d'estas armas por el-rei D. João III em 3 de julho de 1528, e acha-se registrada na sua chancellaria, livro 11 fl. 65. — *Pegado.*

PEGAS. A familia de Pegas tem a mesma ascendencia que a dos Bejas, por virem ambas de João Domingues de Beja, escrivão da puridade de el-rei D. Diniz. Foi seu chefe no seculo passado Gaspar Lopes Lança Pegas e Beja, administrador dos grandes morgados da sua casa.

São suas armas em campo de prata tres pegas de sua côr, em roquete, e entre ellas uma cabeça de lobo vermelha cortada em sangue; timbre uma das pegas.

Acham-se no livro dos reis de armas.

PEIXOTO. Começou este appellido no tempo de el-rei D. Affonso II em Gomes Peixoto o Velho, filho de D. Egas Henriques de Portocarrero, o appellido tomou-o da quinta de Pardelhas no concelho de Monte-longo, que é o seu solar e de que foi senhor. Tem os Peixotos um morgado em Pombeiro instituido por Vasco Gonçalves Peixoto, outro chamado da Pouzada instituido por Gonçalo Gonçalves Peixoto, abbade de Pelões de Villa-cova e conego de Braga, e por seu irmão Gomes Gonçalves Peixoto. Passou tambem ás ilhas na pessoa de Jorge Peixoto de Carvalho, e na da Madeira instituiram os Peixotos um bom morgado.

São suas armas um escudo xadrezado de oiro e azul, de seis peças em faxa; timbre um corvo marinho com um peixe de prata no bico. Alguns trazem por timbre um delfim com um peixe pequeno na boca, tudo de prata.

PEIXOTOS CACHOS. Os Peixotos Cachos procedem de Pedro Ayres Peixoto Cacho.

Trazem por armas em campo verde um braço armado de prata, tendo na mão um punhal com a ponta para baixo, com o ferro de prata e a guarnição de oiro.

Acham-se no livro da Torre do Tombo, fl. 28.

PEIXOTOS (outros). Escudo em campo sanguinho, dois peixes passantes de prata. Assim estavam em um escudo, em Nossa Senhora a velha de Villa-boa, na egreja que foi dos padres Cruzios.

PENAGUA. Escudo xadrezado de prata e sanguinho, de tres peças em faxa e cinco em pala.

Assim estão no referido livro de Fr. José da Cruz.

PENHA (de la). A familia d'este appellido é castelhana, e seu solar é na abbadia de S. João de la Penha junto a Salamanca. O primeiro d'este appellido foi Thomaz de la Penha, que fez tão assignalados serviços a el-rei D. Fernando o Catholico, que o fez fidalgo e outras muitas mercês para elle e seus descendentes; passou a Portugal Diogo Mendes de la Penha que foi fidalgo da casa do infante D. Luiz; e el-rei D. João III a suas instancias lhe confirmou o seu brazão em Almeirim a 27 de maio de 1527.

São suas armas um escudo em campo de prata, um penhasco verde de cinco pontas, sendo a do meio maior que as outras, e sobre ella uma aguia negra estendida, picada e armada de oiro, com um besante de oiro no peito carregado de uma cruz vermelha e florida; timbre a aguia nascente.

V. *Archivo*, n.º 568 e 2123.

PERALTA. Esta familia é do reino de Navarra, e foi o primeiro d'ella D. Ramon de Peralta, que se achou na batalha das Navas com el-rei D. Sancho d'aquelle reino; e no mesmo tiveram o emprego de condestavel. Passaram a Portugal, e na India foi grande capitão Gonçalo Pereira de Peralta.

São suas armas em campo vermelho um gripho de oiro; orla vermelha com oito aspas tambem de oiro.

Acham-se no livro dos reis de armas.

PERDIGÃO. Acha-se este appellido no tempo de el-rei D. João I, em Lourenço Annes Perdigão seu escudeiro; na provincia do Alemtejo tem um bom morgado.

São suas armas em campo de oiro cinco perdigões de sua côr postos em santor; timbre um dos perdigões.

Acham-se no livro dos reis de armas, e no da Torre do Tombo, fl. 81.

PEREA. Esta familia é antiga e mui nobre em Hespanha. Passou a Portugal, não sabemos em que anno. Fr. José da Cruz, reformador (como já dissemos) do cartorio da nobreza, traz no seu livro manuscripto as verdadeiras armas d'esta familia, que são: escudo de oiro com cinco corações de verde em santor; orla de vermelho com oito corôas reaes de oiro.

PEREIRA. Entre os appellidos das familias d'este reino tem este o primeiro logar, por descenderem d'elle os nossos fidelissimos monarchas pela augustissima casa de Bragança.

São suas armas em campo vermelho uma cruz de prata florida e vazia do campo; timbre uma cruz vermelha florida, entre duas azas de oiro abertas.

Acham-se no livro da Torre do Tombo.

PEREIRA DOS SANTOS. M. N. concedida por alvará de 6 de junho de 1863 a Fernando Maria Pereira dos Santos: — Escudo esquartelado tendo o superior da direita carregado com uma cruz de prata florida e vazia em campo carmezim; e o superior da esquerda carregado com um leão carmezim, armado de azul e rompente sobre campo de prata, e assim os seus alternos. Coronel de barão, tendo por timbre uma cruz carmezim florida e vazia, entre duas azas de aguia doiradas.

V. *Archivo*, n.º 670.

PERES e PIRES. É familia de Hespanha.

São suas armas em campo vermelho uma cruz de oiro firme entre quatro flores de liz do mesmo metal, com um chefe de agua tocado de prata; orla de oiro carregada de oito aspas de vermelho; timbre uma aspa de oiro, e sobre ella uma flor de liz de vermelho.

Assim se passaram n'um brazão, que está registrado no cartorio da nobreza por armas de Pires.

PERESTRELLO. Procedem de Filippe Perestrello, cavalleiro lombardo da cidade de Placencia, que veiu a Portugal com a rainha D. Leonor, mulher de el-rei D. Duarte. Seu filho Bartholomeu Perestrello, descobriu a ilha de Porto-santo, e foi o primeiro capitão donatario d'ella. El-rei D. João I mandou registrar as seguintes armas nos livros da nobreza, e passar carta de brazão ao dito Filippe Perestrello:

Escudo partido em pala, na primeira em campo de oiro um leão de purpura; na segunda em campo de prata uma banda azul carregada de tres estrellas de oiro de oito pontas entre seis rosas de sua côr; timbre o leão do escudo com uma estrella na espadoa [1].

Acham-se no livro dos reis de armas.

[1] A mercê feita a Filippe Perestrello não se acha registrada na Torre do Tombo. — *Pegado.*

PERNETY. É familia que veiu de França para Portugal. Escudo esquartelado; no primeiro quartel de azul uma tartaruga de oiro; no segundo de vermelho uma espada ao alto em pala de prata; no terceiro de vermelho uma peça de artilheria movente a meio flanco direito, e tendo á sua esquerda uma pilha de ballas de prata (alias e em chefe tres estrellas do mesmo metal, 2 e 1;) no quarto de azul, uma torre com ameias de quatro peças de prata, aberta, com maçonaria de preto, e no cimo á direita uma bandeira de prata.

PESSANHA. É familia de Genova, e uma das vinte e oito nobres d'aquella republica: tomou o nome do Castello Piçano de que foram senhores. Passou a Portugal na pessoa de Misser Manoel Pessanha, que foi pedido á dita republica por el-rei D. Diniz para ser almirante do mar d'este reino, emprego que continuou em seus descendentes.

São suas armas em campo de prata uma banda sanguinha dentada, sobre esta tres flores de liz de prata; timbre uma aza vermelha e sobre ella uma flor de liz do escudo.

Acham-se no livro dos reis de armas, e no da Torre do Tombo, fl. 42.

PESSOA. Este appellido proveiu de alcunha.

São as armas dos Pessoas em campo azul seis crescentes de oiro com as pontas para cima, orla preta dividida por uma cotica de oiro, carregada de sete estrellas de prata de cinco pontas, sendo tres no chefe; timbre um cometa com cinco raios, e o que fica sobre o elmo mais comprido.

Acham-se no livro dos reis de armas.

PESTANA. Acha-se este appellido no tempo dos primeiros reis d'este reino em Pedro Nunes Pestana de Cão, o qual era dos Ribeiros: e em tempo de el-rei D. João I se fez mais conhecido em Gil Vaz Pestana, alferes-mór da cidade de Evora.

São suas armas em campo de prata tres faxas vermelhas; timbre um leão de prata armado de vermelho.

Acham se no livro dos reis de armas.

PICANÇO. Esta familia é tanto ou mais antiga, que o titulo de reino em Portugal. D. Ouroanna Picanço é a mais antiga pessoa que achamos d'este appellido, e foi mãe de Abril Domingues Picanço, que parece foi avó de Vasco Martins Picanço de quem fala o conde D. Pedro, dizendo casara com D. Brites, filha de Gonçalo Mendes de Gundar, o Sandeu.

São suas armas em campo de prata uma azinheira de sua côr; timbre a azinheira tendo sobre ella um passaro picanço de sua côr.

Acham-se no livro dos reis de armas: mas são differentes estas das que se deram.

PIMENTA. A familia dos Pimentas traz a sua origem de Affonso Pimenta Telles, filho de D. Ayres Pimenta, e neto de D. Affonso Paes Telles, ambos priores do Crato. Estendeu-se a muitas terras d'este reino em que logram nobreza.

São suas armas um escudo esquartelado; o primeiro quartel faxado e contrafaxado de prata e vermelho de cinco peças; no segundo em campo azul tres vieiras de oiro em roquete, e assim os contrarios; timbre um homem nascente vestido de azul com um bastão de oiro na mão.

Acham-se no livro dos reis de armas.

PIMENTEL. O appellido de Pimentel é alcunha imposta por el-rei D. Affonso III a Vasco Martins de Novaes, sendo seu moço fidalgo, pela sua esperteza e alacridade de animo, e depois o fez seu meirinho-mór. Este é o chefe de todos os Pimenteis de Portugal e Castella, onde tem a grande casa dos condes de Benavente.

As armas proprias d'esta familia são em campo verde cinco vieiras de prata postas em santor; timbre um toiro vermelho nascente armado de prata, com uma vieira do escudo na testa.

Assim estão no livro da Torre do Tombo; porém hoje em Portugal trazem estas armas com uma orla de prata carregada de oito cruzes pateas de vermelho, com o dito timbre.

PINA. Os Pinas teem a mesma origem dos Pinheiros; procedem dos Pinarios romanos, que se estabeleceram em Aragão onde fundaram a villa de Pina de que foram senhores. Passaram a este reino com D. Fernando Fernandes de Pina, embaixador do rei de Aragão, D. Pedro II, acompanhando a rainha Santa Isabel no anno de 1282. Tiveram muitos empregos, alcaidarias-móres, e serviram muito os reis d'este reino, assim nas letras como nas armas.

São suas armas em campo vermelho uma torre de prata sobre um monte de sua côr; timbre a torre. São estas as que trouxeram de Aragão, e as usavam os Pinas de Evora e de Estremoz, como se vê em registros de brazões.

PINAS (outros). Tem esta familia por armas em campo vermelho uma banda de oiro carregada de um leão de azul armado de negro, entre dois pinheiros de verde com raizes de prata e pinhas de oiro; timbre uma cabeça de leão de oiro, saindo-lhe da bôca um ramo de pinheiro do escudo.

Acham-se no livro da Torre do Tombo, fl. 28.

PINELLA ou PENILLA. Tral-os o manuscripto de Fr. José da Cruz, e diz que tem por armas em campo vermelho seis pinhas de oiro em duas palas.

PINHATELLI. É familia de Italia, e houve um pontifice d'esta familia. Tem por armas em campo de oiro tres pucaros com suas azas de negro, com os bocaes de vermelho.

PINHEIRO. Os Pinheiros fazem uns descender da familia de Doute, e dos senhores da quinta de Doute, e outros dizem que procedem dos Pinarios romanos, que era uma das linhagens mais illustres e já conhecida por nobre no tempo de Evandro, que começou a reinar na Italia 1241 annos antes do nascimento de Christo. Dividiu-se esta familia em três ramos, que são : Pinheiros Cogominhos, que foram alcaides-móres de Barcellos; Pinheiros de Aragão, que são os do bispo de Leiria D. Antonio Pinheiro, de que era chefe no seculo passado Gaspar Pinheiro de Aragão; e Pinheiros de Andrade.

Tem os Pinheiros Cogominhos por armas em campo vermelho um pinheiro de sua côr, com pinhas de oiro e raizes de prata, junto d'elle um leão de oiro rompente; timbre o leão com um ramo de pinheiro nas mãos. Alguns teem accrescentado este escudo com uma orla com esta lettra — *Herculea quondam ducta fuere manu.*

Assim se acham na sepultura dos Pinheiros em Guimarães, e na do bispo do Funchal, D. Diogo Pinheiro.

PINHEIROS DE ANDRADE. Os Pinheiros de Andrade tem por armas em campo de prata cinco pinheiros verdes ou de sua côr em santor, com um chefe de verde e n'elle uma banda vermelha coticada de oiro, saindo da bôca de duas cabeças de serpe do mesmo metal, armadas de sanguinho; timbre uma cabeça de serpe, com um ramo de pinheiro na boca que sae d'ella, tudo dos esmaltes das cabeças e pinheiros do escudo.

Acham-se no livro da Torre do Tombo, fl. 30.

PINHEIROS DE ARAGÃO. Os Pinheiros de Aragão tem por armas em campo de prata cinco pinheiros de sua côr, postos em santor; timbre um dos pinheiros.

Acham-se no livro da Torre do Tombo.

PINHO. O conde D. Pedro, *Nobiliario,* tit. XLIV, faz menção d'este appellido em João Lourenço de Pinho, e o ha na terra da Feira.

São suas armas em campo de prata cinco pinheiros verdes com pinhas de oiro em santor; timbre um dos pinheiros.

Acham-se no livro dos reis de armas.

PINTO. Esta familia não é ramo da dos Sousas, como escrevem alguns; é sim alliada com elles, com os Pereiras e com outras. Procede de Paio Soares Pinto, cavalleiro illustre que vivia no governo do conde D. Henrique na quinta do Paço na terra de Santa Maria, que occupava o logar que é hoje villa da Feira, o qual falleceu antes do anno de 1126, em que sua mulher Maior Mendes vendeu a mesma quinta ao mosteiro de Grijó.

Casou sua filha herdeira D. Maior Paes Pinto com D. Egas Mendes de Gundar, filho terceiro de D. Mendo de Gundar. Dividiu-se em varios ramos de que procederam os senhores de Ferreira e de Tendaes, a de Balsemão, a de Real, a de Paramos, a da Lagariça e outras muitas illustres.

São suas armas em campo de prata cinco crescentes de lua vermelhos com as pontas para cima em santor; timbre um leopardo de prata armado de vermelho, com um dos crescentes na espadoa.

Acham-se no livro da Torre do Tombo, fl. 18.

PIRES. Escudo em campo de prata seis barras negras. Estão assim na sepultura de D. Lourenço Pires na Sé de Angra.

V. *Espelho da Nobreza*, por Francisco Xavier da Serra Craesbeeck, e *Archivo*, n.º 967.

PIRES (ANTONIO BARTHOLOMEU). V. *Archivo* n.º 110.

PISSARRO ou PIZARRO. É familia antiquissima em Hespanha, que alguns querem remontar ao tempo dos godos, e que ajudaram a conquistar Toledo e outras muitas terras. Teve o grande Francisco Pissarro, conquistador do Perú, de quem procedem muitas casas illustres. Passou a Portugal Pedro Gonçalves Pisarro, que se estabeleceu na villa de Moura. D. Diogo Pissarro viveu em Angra em 1615, onde deixou descendentes, e no Brazil.

São suas armas em campo de prata duas pisarras de sua côr entre as quaes nasce um pinheiro verde com pinhas de oiro, entre dois ursos de sua côr, que subidos um por cada lado sobre as pissarras estão colhendo o fructo dos pinheiros.

Assim o escreve Haro no seu *Nobiliario dos titulos de Hespanha*, livro 10, cap. 45.

PITTA. Esta familia é oriunda da Grã-Bretanha; entendem proceder dos povos pictos, que habitaram a Escocia. Passou a Portugal no tempo de el-rei D. Affonso V, João Pitta e seu irmão Gonçalo Pitta, por haverem morto dois fidalgos das familias dos Pardos e Fajardos, e na praça de Caminha estabeleceram casa e fundaram morgado.

São suas armas um escudo esquartelado; no primeiro em campo azul uma torre de oiro; no segundo em vermelho uma banda de oiro saindo das bocas de duas cabeças de serpes de verde, picadas do mesmo metal e armadas de sanguinho, e assim os contrarios; timbre a torre.

A Sebastião Gonçalves Pitta, commendador da ordem de Christo, pelos muitos serviços que fez a este reino deu el-rei D. Sebastião outro escudo, que é em campo vermelho uma onça de sua côr gotada e armada de oiro rompente, orla de oiro cheia de crescentes de azul; timbre a onça com um crescente nas garras em acção de o querer despedaçar [1].

Umas e outras acham-se no livro dos reis de armas. V. *Archivo* n.º 2264.

[1] Esta mercê feita a Sebastião Gonçalves Pitta acha-se registrada na chancellaria de D. Sebastião livro 9 fl. 195, e foi feita em 21 de abril de 1569. — *Pegado.*

PLOESQUELLEC. Esta familia veiu de França ha muitos annos para Portugal, e consta que varios membros d'ella tiraram carta de brazão de armas.

São estas: um escudo mantelado de prata e de vermelho, de seis peças; lambel de tres pendentes de azul em chefe.

PÓO ou PÓ. Esta familia é portugueza; tem o seu solar no logar ou aldea do Pó, termo da villa de Obidos na Estremadura, de que tomou o appellido. O primeiro que

achamos com elle foi João Affonso do Pó, vassallo de el-rei D. Fernando, e alcaide-mór de Obidos, como tambem o foi seu filho Joanne Eannes do Pó.

São suas armas em campo de prata um leão de purpura agachado, como querendo saltar; orla vermelha com oito aspas de prata; timbre o leão com uma aspa na espadoa.

Acham-se no livro dos reis de armas, e temos noticia que se passaram assim a 12 de abril de 1532 a André da Silveira do Pó, cavalleiro fidalgo, filho de Fernão Alvares do Pó, que foi neto de Joanne Annes do Pó, fidalgo e alcaide-mór de Obidos, que suppomos ser o acima dito.

PONCE DE LEON. Segundo Ocaríz, esta linhagem procede dos Ponces, familia patricia de Roma. V. *Nobiliario* de D. Francisco Piferrer, tomo I, paginas 18.

Tem por armas: escudo partido em pala, na primeira em campo de prata um leão rompente de vermelho; na segunda em campo de oiro quatro palas de vermelho; cercadura de azul com oito DD de oiro. Outros trazem a segunda pala com quatro coticas vermelhas em pala; orla vermelha carregada de oito escudinhos de oiro, e em cada um d'elles uma faxa de azul.

PONCES DE CARVALHO. M. N. a Miguel Antonio Ponces de Carvalho por alvará de 28 de maio de 1866: — Escudo esquartelado; tendo a direita superior carregada com um carvalho de sua côr fimbrado de oiro, e um castello de prata, aquelle á direita e este á esquerda, sobre campo de purpura com contrachefe de prata ondeado de azul; o superior da esquerda interceptado por quatro verguetas de purpura sobre campo de oiro com orla vermelha, carregada de oito escudetes de oiro, interceptados cada um por uma faxa azul, e assim o seu alterno; o inferior da esquerda interceptado por quatro verguetas de purpura sobre campo de oiro, com orla azul carregada com oito cruzes pulmellas de prata; elmo de prata lisa decorado de oiro lavrado; virol de oiro e purpura; forro azul; timbre um carvalho de sua côr, mas não fimbrado.

V. *Archivo*, n.º 2096.

PONTE. Esta familia é de Hespanha; teve o seu solar no valle de Salsedo, na villa de Val de Maceda. Dizem proceder de Sancho Peres, que defendeu a ponte do rio Orbito, que pretendia passar um famoso capitão mouro, ao qual cortou a cabeça. Passou a Portugal no tempo de el-rei D. Fernando, Pedro da Ponte, filho de Diogo Annes da Ponte, e se estabeleceu no Minho. Seus netos viveram em Elvas, e se aparentaram com a principal nobreza d'aquella cidade.

São suas armas em campo vermelho uma ponte de prata de cinco arcos sobre um rio de sua côr, sobre a ponte uma cabeça de serpe de oiro; timbre a cabeça de serpe. Os de Castella trazem em logar de cabeça de serpe uma de mouro; os de Galliza uma de lobo.

Acham-se no livro dos reis de armas.

PORCEL. É familia da Vasconia, em cuja lingua se dá este nome ao javali pequeno. Passou a Portugal e se estabeleceu na villa de Monte-mór o novo, onde se aparentou com as primeiras familias.

São suas armas em campo de oiro uma arvore verde em pala, junto a ella um javali negro em faxa, e no alto do escudo em chefe uma cruz vermelha da ordem de Calatrava. Antigamente usavam só de uma cabeça de javali negro em campo de oiro.

Gonçalo Argote de Molina fala n'ellas no liv. II, cap. 196, e se acham no livro dos reis de armas.

PORRES. É familia do reino de Leão, que existia na cidade de Zamora, a qual entregaram ao rei D. Affonso V d'este reino, por seguirem as partes da *Excellente Senhora* no anno de 1475. Estabeleceram-se em Setubal.

São suas armas em campo de oiro cinco massas ou clavas, como a de Hercules, de azul com os cabos do mesmo em santor, orla vermelha com oito flores de liz de prata; timbre duas clavas do escudo em aspa, atadas com um torçal de oiro.

Acham-se no livro da Torre do Tombo, fl. 25.

PORTO-CARREIRO. É familia de Portugal, e mais antiga que o reino. Tomou o appellido do senhorio da terra, chamada o Porto-carreiro, na comarca do Porto. É esta uma das familias illustres que passaram de Portugal para Castella, onde cresceu muito, e tem muitas casas titulares. Foi o seu solar a quinta da torre e paço de Porto-carreiro, que no seculo passado lograva João da Cunha Coutinho Osorio de Porto-carreiro, descendente de Martim Gonçalves de Porto-carreiro, de que fala o conde D. Pedro.

São suas armas o escudo xadrezado de oiro e azul, de quatro peças em faxa e quatro em pala; timbre um cavallo de oiro nascente, com cabeçada de azul.

Acham-se no livro da Torre do Tombo, fl. 29.

PORTUGAL E TORRES. Esta familia, a mais antiga d'este appellido, saiu immediatamente da casa real d'este reino pelo infante D. Diniz, filho de el-rei D. Pedro I e da rainha D. Ignez de Castro, o qual passando a Castella e casando n'aquelle reino com D. Joanna, filha bastarda de el-rei D. Henrique II, teve entre outros filhos a D. Fernando de Portugal, que casou no mesmo reino com D. Maria de Torres, filha de Fernando Rodrigues de Torres e de D. Ignez Solier, e foi seu filho D. Diniz de Portugal, cujos descendentes foram senhores da casa e condado del Vilar.

São suas armas o escudo franxado; no primeiro, que é o alto, as quinas de Portugal; no segundo em campo sanguinho cinco torres de oiro postas em santor, e assim os contrarios; orla vermelha com sete castellos de oiro, que é a mesma orla das armas d'este reino.

Acham-se em Gonçalo Argote de Molina.

PORTUGAL. A familia mais moderna d'este appellido tem tambem a sua origem na casa real d'este reino; procedeu immediatamente da serenissima casa de Bragança, e são d'ella os marquezes de Valença, os condes de Tentugal n'este reino, e no de Castella os marquezes de Gelves.

São suas armas em campo de prata uma aspa vermelha carregada de cinco escudetes das quinas de Portugal, sem a orla dos castellos, e de quatro cruzes de prata floridas e vazias, que são dos Pereiras; timbre um cavallo de prata nascente bridado de oiro, com redeas sanguinhas e tres lançadas em sangue no pescoço.

Acham-se no livro dos reis de armas.

POVOAS. Povoa se chama uma pequena povoação da qual se originou o appellido da familia que n'este reino o tem, de que sairam valerosos soldados e letrados de grande reputação. Dois escudos de armas lhe achámos e nenhum é o proprio.

O primeiro é partido em pala; na primeira em campo vermelho (que outros dizem verde) uma aguia negra gotada e armada de oiro, de duas cabeças; na segunda em azul cinco flores de liz de oiro, em santor; timbre a aguia nascente de uma só cabeça. Assim as traz Pedro de Sousa Castello-branco no seu livro *Elementos da Historia*, pag. 205, porém estas armas são proprias dos Proenças.

O segundo é o dos Privados, em campo de oiro quadro bandas de vermelho; timbre um gripho vermelho, com azas de oiro. Assim estão no livro da Torre do Tombo por armas dos Privados.

PRADO. D. Nuno Fruela, filho de el-rei D. Fruela II, e neto de el-rei D. Affonso III, se considera como tronco e principal ascendente da mui illustre e qualificada linhagem

de Prado. O marquez de Mondejar tractando d'esta familia diz, que este D. Nuno era filho de D. Branca Gutierres da Silva, senhora da villa do Prado, e que os seus descendentes adoptaram as armas d'esta senhora, que eram as dos Silvas, mudando tão sómente os esmaltes. Para mais detalhados esclarecimentos recommendamos o *Nobiliario* de D. Francisco Piferrer, 1858, vol. II, pag. 80.

As verdadeiras armas dos Prados são: — Escudo de sinople, leão de preto rompente coroado de oiro. Villas-boas, Francisco Coelho e outros, aferrados ás regras de armaria, querem que as armas d'esta familia sejam: — Escudo de oiro com um pinheiro verde e junto d'elle um leão negro andante.

PRAET ou VAN-PRAET. Este appellido Praet é o que se costuma dizer Vanprat, procede de Antonio Van-Praet, natural da cidade de Anvers, nos Paizes-baixos, d'onde passou para Lisboa, e n'esta cidade tem descendentes com distincto tractamento e com nobreza.

São suas armas em campo de prata tres folhas de golfão de verde, postas em roquete; timbre uma das folhas de golfão.

Acham-se no livro dos reis de armas, e estavam tambem no livro que se incendiou, que vimos e tivemos em nosso poder muitas vezes.

PRAT. V. *Praet*.

PRAGA. Escudo em campo azul tres coticas de oiro em pala.

V. *Espelho da Nobreza*, por Francisco Xavier da Serra Craesbeeck.

PREGO. É familia de Galliza, d'onde passou a Portugal.

São suas armas em campo verde uma ponte de tres arcos de prata, sobre ella tres torres do mesmo metal, e por baixo da ponte agua da sua côr; orla tambem verde com oito ameias de prata.

Acham-se no livro dos reis de armas e em Villas-boas.

PRESNO. Esta familia é das antigas de Portugal; e seus descendentes deviam largar o appellido por outros, ou se extinguiu de todo, porque não temos encontrado hoje pessoa alguma d'este appellido. Dizemos que é antiga, e que a houve porque tem armas no livro da Torre do Tombo, fl. 40.

São estas o escudo faxado de seis peças de oiro e azul; timbre um abutre volante de sua côr armado de oiro.

Villas-boas tambem faz memoria d'ellas.

PRETO. Este appellido é certamente procedido de alcunha. A pessoa mais antiga de que temos noticia que o teve em Portugal, foi Gonçalo Pires Preto, vassallo de elrei D. João I, e no mesmo reinado consta haver em Castella, Diogo Preto, que defendia a praça de Melgaço que estava por aquelle reino, e assim não sabemos se esta familia é de Castella, se de Portugal.

N'este reino usa das armas dos Negros, que são: o escudo esquartelado; no primeiro quartel o escudo palado de seis peças de oiro e azul; o segundo xadrezado tambem de oiro e azul de seis peças em faxa e seis em pala, e assim os contrarios; timbre um braço de negro nú, com um bastão de oiro na mão.

Os de Castella trazem em campo de oiro dois lobos de sua côr, passantes; orla sanguinha com sete aspas de oiro, e um castello de oiro no meio d'ellas.

Assim as expõem Gonçalo Argote de Molina e D. João Flores de Ocaris.

PROENÇA. Um escudo partido em pala; a primeira de verde com uma aguia de preto de duas cabeças, armada de oiro; na segunda de azul cinco flores de liz de oiro,

em aspa; timbre meia aguia das armas, dos peitos para cima (de uma cabeça), com bico de oiro.

PRIVADO. Esta familia é ramo dos Azambujas, que teve principio em João Esteves de Azambuja Privado, vedor da Chancellaria, alcaide-mór de Lisboa, e reposteiro-mór de el-rei D. Fernando, e tanto seu privado que lhe deu occasião a ficar com este appellido. Seu filho D. João Estevens Privado fundou o mosteiro do Salvador de Lisboa; serviu el-rei D. João I nas guerras de Castella, e fazendo-se clerigo foi bispo de Coimbra e do Porto, d'onde passou para arcebispo de Lisboa, e ultimamente foi cardeal da santa Egreja romana. Achou-se no concilio de Piza, foi a Jerusalem e na volta falleceu em Bruges do condado de Flandres em 1413. Seus ossos vieram para o dito mosteiro.

São suas armas em campo de oiro quatro bandas de vermelho; timbre um gripho vermelho com azas de oiro.

Acham-se no livro da Torre do Tombo, fl. 27.

PUGA. É familia do reino de Galliza; o seu appellido foi alcunha. Passou a Portugal no tempo de el-rei D. João III Gonçalo Annes de Puga, filho de João Correa de Puga, e neto de Fernão Pires de Puga, senhor de Alguens no dito reino de Galliza, e se estabeleceu em Ponte de Lima.

São suas armas em campo vermelho duas esporas de oiro de gineta, nos logares do primeiro e do ultimo quartel, e nos outros dois duas caldeiras de prata; timbre um braço vestido de vermelho, com as duas esporas de oiro na mão. Alguns dizem que o braço armado deve ser de prata.

Q

QUADROS. É familia antiga de Castella, onde tiveram a alcaidaria-mór da cidade de Sevilha, que occupou D. Fernando Dias de Quadros, que procedia dos conquistadores da mesma cidade: dos mesmos passou a Portugal por occasião de certa morte Alvaro de Quadros, de quem foi filho Ayres Gomes de Quadros, sujeito muito amado do infante regente do reino, e vedor de el-rei D. Affonso V. Honrou muito esta familia pela sua grande litteratura D. André de Quadros, bispo da Guarda, reformador e visitador da Universidade de Coimbra; na India fizeram grandes proezas.

São suas armas o escudo xadrezado de prata e azul, de tres peças em faxa e tres em pala; timbre um leopardo de azul armado de prata nascente posto em frente, com um taboleiro de xadrez como no escudo nas mãos.

Acham-se no livro dos reis de armas.

QUARESMA. O appellido de Quaresma procede de Ruy Vasques Mogudo, que foi tambem chamado Ruy Vasques Quaresma pela devoção com que passava o tempo d'ella; e seus descendentes continuaram este nome por appellido; um d'elles chamado Pedro Quaresma passou para a villa de Serpa onde viveu, e foi seu neto Manuel Quaresma, valido de el-rei D. Sebastião, vedor de sua fazenda e seu conselheiro de estado; conservava a sua varonia no seculo passado Antonio Verissimo Pereira de Lacerda.

Não tem este appellido armas proprias, o ramo que se aparentou com os Pessanhas usa do escudo d'aquella familia; os que se aparentaram com os Pereiras Lacerdas trazem o escudo partido em pala; na primeira em campo vermelho a cruz de prata, vazia, dos Pereiras; a segunda tambem partida em pala, a primeira d'estas cortada em faxa, tendo no

campo alto em vermelho um castello de oiro, e no de baixo em prata um leão sanguinho, a segunda de azul com tres flores de liz inteiras, e seis meias flores de liz de oiro em tres palas.

Acham-se no livro dos reis de armas.

QUARESMA. V. *Coresma.*

QUEIROGA. É familia illustre de Galliza, de que procedeu D. Gaspar de Queiroga, arcebispo de Toledo e cardeal da santa Egreja romana, e outras muitas personagens. Passou esta familia a Portugal, e n'este reino se tem tractado com nobreza.

São suas armas em campo verde cinco estacas de prata, postas em pala.

Acham-se em D, João Flores de Ocaris, tom. I, fl. 328, § 15. As armas que Villas-boas aponta a esta familia são as dos Queirozes de Castella, que é familia muito diversa da de Queirogas.

QUEIROZ. Procedem de Bernardo del Carpio, e é uma das familias mais illustres e antigas de Hespanha; em Galliza tem a casa dos senhores de Mós. Passou a Portugal Fernão Alvaro de Queiroz, que era senhor da dita casa, que perdeu por seguir as partes de el-rei D. Fernando, que lhe deu n'este reino Balhelhas. Sua filha unica D. Leonor Alvares de Queiroz casou com Vasco Fernandes de Gouvea, alcaide-mór de Castello-Rodrigo, dos quaes procedem todos os que ha d'este appellido.

São suas armas o escudo esquartelado; no primeiro quartel em campo de oiro seis crescentes vermelhos em duas palas; no terceiro em campo de prata um leão sanguinho, e assim os contrarios; timbre um leão do escudo, com um crescente de oiro na espadoa. Alguns trazem todo o campo dos quarteis do escudo de prata, e o leão do timbre sem crescente.

Acham-se no livro da Torre do Tombo, fl. 18.

QUELUZ. M. N. dada em 8 de novembro de 1828 ao barão de Queluz, Antonio Bartholomeu Pires, a saber: — Escudo esquartelado; no primeiro em campo de prata o escudo das armas reaes, com a differença pertencente aos primeiros infantes; no segundo em campo vermelho uma espada de prata, com as guarnições de oiro, posta em pala, com a ponta para cima; no terceiro em campo azul um cão de prata sentado, tendo na boca uma chave de oiro; no quarto quartel em campo de prata uma corôa de louro verde, e orla azul com o moto seguinte em letras de oiro — *In perpetuam memoriam honoris, fidelitatis et constantiæ.* Sobre o escudo uma corôa de oiro de cinco perolas, e por timbre um braço armado de prata, tendo na mão a espada das armas em acção de descarregar o golpe, e n'ella enrolada uma fita vermelha, com o moto seguinte em letras de oiro — *Pro defentione Regis.*

V. *Archivo*, n.º 110.

QUENTAL. É familia d'este reino, que tem por solar o logar do Quental no concelho de Besteiros, onde ainda existem as ruinas da torre em que viviam. A primeira pessoa de que temos noticia foi Affonso Annes do Quental; foram seus filhos Lopo Affonso do Quental, que serviu na guerra a el-rei D. João I, pae de Pedro Lopes do Quental, alcaide-mór de Mourão, e João Affonso do Quental, de quem descenderam os que houve em Leiria e Obidos.

São suas armas em campo de prata uma banda xadrezada de vermelho e prata de tres peças em faxa, e a ordem do meio coberta com uma cotica preta; timbre um pescoço e cabeça de lobo xadrezada de vermelho e prata.

Acham se no livro da Torre do Tombo, fl. 37.

QUESSADA. Procedem de Pedro Dias Carrilho, de Toledo, que depois se chamou Pedro Dias de Quessada, primo adiantado de Cassorla, que sendo alcaide da villa

de Quessada, por uma insigne victoria que alcançou dos mouros foi chamado o de Quessada; era irmão de D. Gonçalo Palomeque, arcebispo de Toledo, da familia dos Palomeques, que procedia de uma das familias mosarabes, que se conservaram catholicas na mesma cidade no dominio dos mouros. Passou esta familia a Portugal, onde o appellido se corrompeu em Casados, e usa das armas seguintes:

Em campo vermelho quatro bastões de prata em pala, carregado cada um de seis arminhos negros; orla de prata com oito caldeiras negras, com as bôcas para baixo; esta orla lhe accrescentou o alcaide Affonso de Quessada por mercê de el-rei D. João I de Castella no anno de 1385.

Assim o explica Gonçalo Argote de Molina, fl. 179 e 268 v.

QUEVEDO. Esta familia é illustre e antiga em Castella, com casa de solar nas montanhas de Burgos, que apresenta muitas egrejas. Passou a Portugal na pessoa de Diogo Dias de Quevedo, que foi da familia do infante D. Pedro, duque de Coimbra; d'elle foi filho outro do mesmo nome, vassallo de el-rei D. Affonso V, d'este o foi Gonçalo Dias de Quevedo, sexto avô de Manuel Correa de Quevedo, morador em Lisboa, moço da camara e porteiro da mesma da rainha, e seu escrivão da Cozinha, em cuja linha se conserva o appellido sem corrupção. Porém sendo tambem filho do referido Gonçalo Dias de Quevedo, Jorge de Quevedo, e passando seus descendentes para a villa de Setubal, n'aquella terra se corrompeu o Quevedo em Cabedo, appellidando-se assim ha muitos annos.

São suas armas o escudo partido em pala; a primeira cortada em faxa, na de cima em campo azul tres flores de liz de oiro em roquete, e na de baixo em prata uma caldeira negra; a segunda pala de azul com uma bandeira de duas pontas, uma sanguinha com um crescente de oiro, a outra de prata com um crescente sanguinho, enfiada em uma haste de oiro; timbre uma das flores de liz do escudo [1].

Acham-se no livro dos reis de armas. V. *Cabedo*.

[1] **Esta descripção torna-se duvidosa por ter letra differente do original. — *Pegado*.**

QUINHONES. É appellido castelhano, o primeiro que achamos com elle foi Alvaro Peres de Quinhones, que viveu pelos annos de 1240 no reinado de el-rei D. Fernando. É seu solar nas Asturias. D. Nuno Peres de Quinhones foi quarto mestre da ordem de Calatrava, e na cidade de Toledo tem os Quinhones o logar de regedores. Passou a Portugal João de Quinhones, que viveu na villa da Vidigueira, onde casou, e foram seus filhos Vasco de Quinhones, o dr. Francisco de Quinhones e outros, e elle era filho de D. Francisco de Quinhones, e neto de outro D. João de Quinhones, os quaes ambos viveram na dita cidade, e tiveram o referido logar. Procedem d'esta familia os selladores-móres da Alfandega de Lisboa.

São suas armas um escudo xadrezado de vermelho e prata de tres peças em faxa e cinco em pala, sendo oito vermelhas e sete de prata, e estas sete faxadas de duas faxas de veiros de azul e prata.

QUINTANILHA. É appellido castelhano, e o mesmo que Quintinha em portuguez; porém é tão antigo que já na conquista de Sevilha se acharam Fernão Rodrigues de Quintanilha e Gonçalo Martins de Quintanilha, que foram herdados na mesma cidade. Em Medina del Campo ha casa grande de Quintanilhas. Ha tambem esta familia em Portugal.

São suas armas em campo vermelho uma cruz formada de veiros de prata e azul; orla da mesma côr vermelha com oito aspas de oiro.

Acham-se em D. João Flores de Ocaris, tomo II, fl. 302, § 4.

R

RABASQUIERO ou RAVASQUEIRO, é familia procedente da Italia.

Tem por armas: escudo de prata com tres bandas de vermelho, a do meio carregada de um leão de oiro coroado.

RAMALHO. Parece ser esta familia ramo dos Queirozes, porque uzam as suas armas. Ha esta familia com nobreza em Condeixa, termo de Coimbra, onde tem uma grande casa, e nas Ilhas.

São suas armas esquarteladas, no primeiro e ultimo quartel em campo de prata (?) seis crescentes de vermelho em duas palas, no segundo e terceiro no mesmo campo de prata um leão de purpura rompente; timbre o leão do escudo [1].

[1] Esta descripção é duvidosa, por estar em letra differente do original. — *Pegado.*

RAMIRES. É appellido derivado de Ramiro, nome proprio de muitos reis, e de fidalgos antigos, da primeira grandeza dos reinos de Hespanha.

São suas armas um escudo todo de azul esquartelado, no primeiro e ultimo uma cruz de oiro, no segundo tres flores de liz de oiro, no terceiro uma torre de prata, e uma orla de oiro.

Em Portugal tomaram este appellido os descendentes de Ramiro Alvares, que viveu na villa de Alvito, da provincia do Alemtejo, onde fundou casa da Misericordia que ha n'ella, e fez na mesma jazigo para sua familia.

São suas armas em campo vermelho um leão de oiro desfolhando um ramo verde picado de oiro, e o contrachefe de prata; orla carregada de quatro aspas e quatro vieiras de oiro; assim as passou Antonio Nunes Pereira, rei de armas Portugal em 1639, a João Ramires de Carvalho [1]. Alguns põem por timbre uma aspa do escudo entre cinco vieiras tudo de oiro [2].

As primeiras acham-se em D. João Flores de Ocaris.

[1] Não existe o registre d'esta mercê feita a João Ramires de Carvalho. — *Pegado.*
[2] Esta descripção é duvidosa pela letra ser differente da do original. — *Pegado.*

RAMOS. Este appellido tomaram algumas pessoas por nascerem no dia em que a Egreja celebra o triumpho com que Christo senhor nosso entrou em Jerusalem antes da sua dolorosa paixão, e assim pode haver muitas familias d'elle, sem que tenham parentesco.

São suas armas esquarteladas, no primeiro e ultimo quartel em campo de oiro um leão de purpura, no segundo e terceiro em campo vermelho um castello de prata ardendo em fogo que lhe sae do alto, das portas, e das janellas; orla composta de oito peças, quatro de prata com leões sanguinhos, e outras quatro vermelhas com leões de prata; timbre um leão sanguinho [1].

Acham-se em Villas-boas.

[1] Esta descripção é suspeita, por estar com letra differente da do original. — *Pegado.*

RANGEL. Temos em Portugal duas familias d'este appellido. A primeira tem nas armas em campo azul uma flor de liz de prata; orla de oiro com sete romãs de sua côr

abertas; timbre um ramo de romeira verde com tres romãs como as do escudo. D'estas usam os Rangeis de Lisboa.

Os do morgado de Beire, os do Rio de Janeiro, que descendem de Balthasar Rangel de Sousa, e os do couto e baliado de Leça, todos usam d'aquellas armas.

A outra familia é a dos senhores do morgado d'este appellido na villa (hoje cidade) de Aveiro, que trazem em campo de oiro seis cabeças de corvos de negro, tendo cada um no bico um pão de sua côr, postas em duas palas; timbre o ramo da romeira com as quatro romãs como as do escudo acima [1].

[1] Esta descripção torna-se suspeita, por ser de letra differente da do original. — *Pegado.*

RAPOSO. Os Raposos tem a mesma varonia que os Menezes: foi d'esta familia Egas Loureiro Raposo, de quem descendeu Gil Vaz Raposo, que por uma filha sua é ascendente dos Lobos da cidade de Beja.

Esta familia tem por armas um escudo franchado, o primeiro, que é o de cima, enxequetado de prata e azul, de peças miudas, e o de baixo da mesma fórma; os dos lados de prata com um crescente vermelho apontado em cada um; timbre um rapozo de oiro [1].

[1] O livro dos reis de armas só traz o desenho do brazão; esta descripção porém é tirada da *Nobiliarchia portugueza* a fl. 323. — *Pegado.*

RATTON. Fsta familia é do reino de França, da cidade de Briançon no Delphinado. Passou a Portugal na pessoa de Jaques Ratton, que era escudeiro e senhor de um officio de conselheiro e secretario do rei d'aquelle reino, e se estabeleceu em Lisboa. D'este e de sua mulher Francisca Bellon foi filho Jaques Ratton, o qual casando com D. Anna de Clamousse, filha de Bernardo Clamousse, consul que foi da nação franceza na cidade do Porto, teve por filho Diogo Ratton de Clamousse, e outros.

São suas armas: o campo do escudo dividido em quatro partes eguaes, em faxa, na primeira em campo de prata um rato negro andante, as duas do meio de azul sem divisão entre ellas, e a quarta de agua ondada, com um atum de negro nadando; timbre o rato do escudo nascente [1].

[1] Esta descripção torna-se duvidosa por estar em letra differente do original. — *Pegado.*

REBELLO. É o solar d'esta familia no couto de Rebello, concelho de Roriz, no bispado de Viseu.

Tem por armas em campo azul tres faxas de oiro, e sobre cada uma d'estas uma flor de liz vermelha (que formam uma banda); timbre um leopardo de oiro com uma flor de liz vermelha sobre a cabeça [1].

[1] Esta descripção é feita em vista do brazão que se acha pintado no respectivo livro, pois que este não traz descripção alguma. — *Pegado.*

REBOLEDO e REBOREDO. É familia de Aragão, que passou a Portugal; e em Setubal viveu no tempo de D. João II Diogo de Reboredo, progenitor dos que ha d'este appellido em em Alcacer do Sal, Alter do Chão e Torres-novas.

Tem por armas um escudo de campo de oiro, e n'elle tres ramos verdes de carvalho; timbre um braço armado de prata, com um ramo do escudo na mão [1].

[1] Esta descripção é transcripta da *Nobreza de Andaluzia*, fl. 328; pois que o livro de que são extrahidas estas noticias traz apenas o desenho do brazão. — *Pegado.*

REBOREDOS (outros). Escudo em campo azul um gripho de prata; timbre o gripho das armas com as azas abertas.

V. *Espelho da Nobreza*, por Francisco Xavier da Serra Craesbeeck.

REBOLLO. Este appellido parece tomado de algum sitio assim chamado, se não foi alcunha, que se poz ao primeiro que o usou em razão de ser grosso do corpo e baixo.
São suas armas em campo vermelho tres rebollos de oiro postos em roquete, furados no meio.

Acham-se no livro dos reis de armas.

REFOIOS. Procede esta familia de D. Mendo Affonso de Refoios, cujo appellido tomou por ser senhor da torre d'este nome que é o seu solar, e d'elle procedem muitos fidalgos d'este reino.
São suas armas em campo de prata quatro bastões vermelhos, firmes; timbre duas pernas de aguia de oiro com um bastão de prata nas garras entre quatro plumas vermelhas.

Acham-se no livro dos reis de armas.

REGO. Este nome, que significa uma abertura que se faz na terra para se levar agua onde se quer, é appellido de uma familia que nos primeiros seculos foi de grandes senhores, e ainda hoje tem pessoas muito distinctas. Ha noticia de um Gonçalo Vaz do Rego, que serviu em Africa com grande valor contra os mouros, em 1415.
São suas armas em campo verde uma ribeira de prata e azul, em banda, e n'ella tres vieiras de oiro; timbre uma das vieiras entre duas plumas de verde realçadas de oiro.

Acham-se no livro da Torre do Tombo, fl. 37.

REGRAS. Este appellido, que teve um dos varões mais notaveis do nosso reino como foi o dr. João das Regras, não é hoje usado em seus descendentes, e supposto se vá pondo em esquecimento queremos ao menos deixar memoria das suas armas.
São estas o escudo franxado nos campos alto e baixo; em vermelho uma cruz de oiro florida e aberta, nos quarteis dos lados em campo de oiro uma serpente vermelha batalhante com as azas abertas, e a lingua saida; timbre as duas serpentes do escudo.

Assim se esculpiram na sepultura do mesmo João das Regras, no tumulo que tem na egreja que foi dos religiosos de S. Domingos em Bemfica.

REIMÁO ou REIMONDES. Do nome proprio Reimão nasceu o patronimico Reimondes. O conde D. Pedro traz muitos fidalgos d'este nome Reimão, e de algum procederia esta familia.
São suas armas um escudo esquartelado, no primeiro quartel em campo azul uma flor de liz de prata, no segundo em campo de prata uma arvore verde, e assim os contrarios; timbre um peixe reimão de prata com um ramo da arvore do escudo na boca. Em uma memoria de José Freire Monterroio lhe dá o reimão de oiro por timbre.

REINALDO e REVALDO. Reinaldos ou Revaldos suppomos ser tudo a mesma familia, como se acha no livro de armarias da Torre do Tombo, fl. 36. É appellido estrangeiro, mas ignora-se d'onde e como passou a Portugal, onde já existia no tempo de el-rei D. Manuel.
São suas armas em campo azul um gripho de oiro armado de vermelho; timbre o mesmo gripho.

REINOSO ou REINEL. E tudo a mesma familia, que procede de um cavalleiro, da geração dos Cisneiros, alferes-mór de el-rei D. Affonso, que ganhou a batalha das Navas, e em memoria d'ella tomaram por armas uma cruz vermelha florida e vazia do campo, orla composta de dezeseis peças de oiro e vermelho; timbre a cruz do escudo.

Acham-se em Gonçalo Argote de Molina, na sua *Nobreza de Andaluzia*, parte 1.ª, cap. 48, fl. 40.

REIXA. Tem esta familia por armas em campo vermelho seis reixas de prata, postas em duas palas; timbre uma das reixas [1].

[1] Esta descripção torna-se suspeita, por ter letra differente da do original. — *Pegado.*

RENDON. Procede esta familia de Garcia Peres Rendon de Burgos, que era dos Sarmentos, e achando-se no exercito de el-rei D. Sancho de Castella proximo á villa de Tarifa, vendo um grande tropel de mouros disse, falando com os seus: *A elles de rendon,* e accommettendo-os valerosamente foram os mouros desbaratados, e em memoria da voz com que investiu os mouros lhe deu o dito rei a mesma palavra por appellido, e por armas uma banda de oiro saindo das bôcas de duas cabeças de serpe de verde, sendo o campo alto vermelho e o debaixo verde; orla vermelha com treze besantes de oiro; timbre um braço e mão de sua côr pegando em sete hastes de lanças, sendo tres com os ferros e quatro sem elles, e uma fita volante de vermelho, com esta letra : *Vencer e nunca vencido.* Passaram a Portugal, e na cidade de S. Paulo do Rio de Janeiro tem casas nobres, de uma das quaes descendeu o desembargador João Pereira Ramos, que foi procurador da Corôa, e sujeito digno de maiores empregos.

REZENDE. É das mais antigas familias do reino, porque procede de Martim Affonso de Baião, que deixou este appellido da sua varonia por haver herdado o senhorio de Rezende por sua mãe D. Urraca Affonso, e elle descendia de D. Arnaldo de Baião e do rei D. Ramiro II de Leão, pelo infante D. Ardonio Ramires Alboazar.

São suas armas em campo de oiro duas cabras de preto gotadas de oiro, passantes; timbre uma das cabras.

Acham-se no livro da Torre do Tombo, fl. 12.

RIBADENEIRA. É familia do reino de Galliza, tomou o appellido do rio chamado Neira, por acima d'elle ser o seu solar. É antiga, porque se acharam sujeitos d'ella na batalha das Navas, onde tomaram por armas em campo de oiro uma cruz vermelha florida, carregada de cinco vieiras de prata, e o contrachefe ondado de agua.

Assim se acham em Gonçalo Argote de Molina, o qual accrescenta, que alguns trazem o campo verde e a cruz perfilada de oiro, e no contrachefe ondado tres peixes de sua côr.

Villas-boas traz em campo de prata uma cruz vermelha como a de Christo, e n'ella cinco conchas, sem explicar o esmalte d'ellas, e tres peixes em agua no fundo.

RIBAFRIA. Procedem de Gaspar Gonçalves Ribafria, natural do sitio de Ribafria, no termo de Cintra, que agradando-se d'elle el-rei D. Manuel o trouxe para a côrte e o tomou em seu serviço, e pelos muitos que lhe fez e a el-rei D. João III foi cavalleiro da ordem de Christo, fidalgo da casa real, e se lhe confirmou o morgado que instituira, obtendo tambem carta de brazão.

São suas armas em campo verde uma torre de prata formada sobre ondas de agua, coberta de azulejos de azul e oiro, entre duas estrellas de oiro de oito pontas no alto do escudo; timbre um leopardo de azul armado de oiro, com uma das estrellas na espadoa.

V. *Archivo*, n.º 925.

RIBAS. É appellido castelhano tomado da villa de Ribas, junto a Ledesma. É antigo, porque já na batalha das Navas se achou Salvador Garcia de Ribas, a quem el-rei D. Affonso armou cavalleiro. Passaram a Portugal e fizeram morada no Alemtejo.

São suas armas em campo de oiro uma cruz azul florida, orla azul carregada de sete flores de liz de oiro.

Acham-se em Gonçalo Argote de Molina, na sua *Nobreza de Andalusia*, liv. I, cap. 49.

RIBEIRA. Esta familia é de Castella, onde tem nobilissimas casas e muitos titulos. Passou a Portugal, e no reinado de D. Manuel foi alcaide mór da villa da Amieira, Ruy Dias da Ribeira, pae de Damião Dias da Ribeira, escrivão da Fazenda de el-rei D. João III e fidalgo da sua casa. Possuia esta casa no seculo XVIII Antonio Dias de Menezes, senhor da quinta da Meca junto a Alemquer, e é seu solar a ribeira de Lima.

São suas armas em campo azul um leopardo de prata armado de oiro, chefe de oiro com tres estrellas vermelhas de cinco pontas; timbre o leopardo do escudo, com uma estrella na espadoa.

Acham-se no livro dos reis de armas.

RIBEIRO. Esta familia é das mais antigas e nobres d'este reino, e já o conde D. Pedro no tit. LIII a tracta de fidalgos e de alto sangue, e a deduz do conde D. Osorio, natural de Cabreira, progenitor dos Vasconcellos; tambem teve n'este reino alcaidarias-móres e muitos morgados, e ainda hoje a grande casa de Castello-melhor e outras.

São suas armas em campo verde tres faxas de oiro, em memoria dos condes de Ribeira de que mais se presaram; timbre um lirio verde com cinco flores de oiro.

Porém Villas-boas, ou por mais bem informado ou menos, lhe descreveu o escudo esquartelado; no primeiro em oiro quatro bastões sanguinhos firmes, no segundo em preto tres faxas veiradas de prata e sanguinho, e assim os contrarios; timbre o lirio verde com cinco flores de oiro; cuja opinião se tem seguido, supposto que as primeiras se acham no livro da Torre do Tombo, fl. 13, e as segundas no mesmo livro, fl. 20, com o titulo Ribeiros Vasconcellos; outros trazem em campo de oiro uma banda azul, e o contrachefe ondado de agua; timbre o referido.

RICALDES. É familia da provincia de Guipuzcoa no senhorio de Biscaia, onde tem casa e sepultura na capella-mór da parochial da villa de Ascoria. João Martins de Ricaldes foi general em quatorze naus no serviço de el-rei D. Filippe II contra Inglaterra; este ou outro do mesmo nome passou a Portugal, e fez casa em Vianna do Minho, onde seus descendentes são da primeira nobreza d'ella.

São suas armas um campo vermelho com o contrachefe de agua, de que sae uma penha de sua côr, e sobre esta uma aguia de sua cor coroada de oiro, picando em uma truta de prata; orla de prata com quatro lobos de sua côr acantonados.

Acham-se em D. João Flores de Ocaris, tom. II, arv. 29, fl. 415.

RICHART. Escudo de campo azul semeado de flores de liz de oiro.

Estas armas foram dadas a Bartholomeu Ferraz em 10 de dezembro de 1516, por descender do infante Richart, filho de el-rei de França.

V. *Archivo*, n.º 388.

RILVAS. M. N. por alvará de 7 de dezembro de 1864 a João Gomes de Oliveira Silva Bandeira de Mello, visconde de Rilvas, pela qual lhe foi dado por accrescentamento ás armas, a que já tinha direito por successão, o seguinte: — Elmo de prata aberto, sobre uma cruz de Malta por detraz do escudo tendo por orla enlaçada a divisa — *Mitte non permitte;* timbre a bandeira das armas dos Bandeiras, sustentada por um leão rompente de purpura armado de azul, e com a divisa — *Mitte non promitte;* tenente ou apoio do escudo o leão do timbre do lado esquerdo, e do direito uma aguia preta com seis besantes de prata sustentando outra bandeira.

V. *Archivo*, n.º 1163.

RIO. El-rei D. Sebastião deu a Diogo de Castro do Rio, pelos seus serviços, as seguintes armas: — Em campo de prata nove tortaos de purpura, cada tres em faxa,

e por entre elles dois rios de azul ondados do primeiro; timbre um cavallo branco marinho, nascendo de uma onda.

RIOS DAS ASTURIAS. Esta familia é de Galliza. Passou a Portugal seguindo a *Excellente Senhora*, Fernando Ayres do Rio e seus filhos, no tempo de el-rei D. Affonso v; seu neto Lopo Mendes do Rio foi senhor de Unhos e Friellas e instituiu um morgado de que fez cabeça uma capella no claustro do mosteiro de Bemfica, tão magestosa que n'ella faziam os padres o seu capitulo.

São suas armas em campo verde um castello de prata sobre um rio, e em chefe tres flores de liz de oiro; timbre uma aspa verde carregada das tres lizes do escudo. Assim se acham na sepultura de Lopo Mendes do Rio, em Bemfica, e em Elvas em varios monumentos d'esta familia.

Os Rios das Asturias trazem em campo de oiro duas faxas de agua; orla de prata carregada de cinco cabeças de serpe de verde armadas de vermelho com sangue nas cortaduras; timbre uma das cabeças. Passaram a Portugal no tempo de el-rei D. João III, que confirmou estas armas a Christovão do Rio no anno de 1530 [1].

[1] Posto que o livro de que é tirado este summario diz que esta mercê feita a Christovão do Rio se acha na Torre do Tombo no respectivo livro de Privilegios de D. João III, creio ser engano: pois não só não achei tal registro, mas até os indices respectivos não fazem menção d'elle. — *Pegado.*

RIVALDO ou REVALDO. São suas armas em campo azul um gripho de prata armado de preto; timbre o mesmo gripho [1].

[1] Esta descripção é feita em vista do desenho do brazão, que se acha no respectivo livro, pois que não traz descripção alguma. — *Pegado.*

ROBALLO. Villas-boas lhe assigna as armas dos Revaldos, dizendo ser corrupção d'aquelle appellido; comtudo acha-se em um manuscripto de um rei de armas antigo, que os Roballos sejam o mesmo que Revaldos opinião é; porém é certo que na repartição que se fez das terras, quando se ganhou Penamacor aos mouros, se deu a estes Roballos sua parte como quem foi tanto n'aquella conquista, e assim de tempo immemorial ha n'ella muitos d'esta familia, que como nobres foram sempre do seu governo, porém differentes em armas, porque os Roballos trazem por allusão do nome um pescado assim chamado *peixe roballo* de prata, em campo azul posto em banda entre duas estrellas de oiro.

O bacharel Francisco Xavier da Serra Craesbeeck, no seu *Espelho da Nobreza*, dá aos Roballos: escudo em campo azul, um gripho de oiro; timbre o mesmo gripho.

ROCHA. Nos reinos de França, Castella, Aragão, Galliza, Napoles e na Hibernia tem sido este appellido de grandes senhores e illustres casas. Da mesma forma o achamos em Portugal, sem que se saiba se é oriundo d'este reino ou se veiu de algum d'aquelles. José Freire Monterroio diz, que as memorias d'este appellido só se acham do tempo de el-rei D. João I para cá.

São suas armas em campo de prata uma aspa vermelha, carregada de cinco vieiras de oiro; timbre a aspa do escudo, com uma vieira no meio.

Acham-se no livro da Torre do Tombo, fl. 68.

RODOVALHO. É familia de França, descendente da casa Redoval, uma das familias illustres da Normandia. Passou a este reino um fidalgo d'ella, que foi viver em Alcacer do Sal, onde casou e teve filho a Diogo Vaz Redoval, que foi casar a Vianna da comarca de Evora, onde aportuguezando-se a palavra Redoval em Rodovalho tem continuado seus descendentes a chamar-se assim.

São suas armas em campo vermelho tres ferros de lança de prata em roquete; timbre

uma flor de liz vermelha. Outros trazem em campo de oiro um delphim, animal aquatico, de sua côr, sobre um pé de mar ondeado, ficando a figura sobre o oiro, mas chegada ao mar; timbre o mesmo delphim.

Acham-se no livro dos reis de armas.

RODRIGUES. Este appellido é o patronimico do nome proprio Rodrigo. A um Martim Rodrigues, que não sabemos quem foi, nem porque motivo, se deram armas proprias, que são: — Em campo de oiro cinco flores de liz de vermelho, chefe vermelho com uma cruz de oiro florida e vazia do campo; timbre um leão de oiro nascente, com uma das lizes na espadoa.

Acham-se no livro dos reis de armas, e em Villas-boas.

RODRIGUES CAMELLO. V. *Archivo*, n.º 1727.

RODRIGUES, de ANTONIO RODRIGUES. Escudo partido em pala, na primeira de preto uma meia aguia de oiro estendida, e na segunda de prata, uma faxa de vermelho entre duas pombas de purpura voando. São estas as armas de que usava o bacharel Antonio Rodrigues, principal rei de armas Portugal no tempo de el-rei D. Manuel.

RODRIGUES de SALAMANCA. Procedem do conde D. Vela, filho de el-rei Ramiro I de Aragão, o qual povoou Salamanca; foi seu filho entre outros D. Rodrigo Gomes, que ficou vivendo na mesma terra, e seus descendentes se appellidaram Rodrigues, e porque as suas armas eram as barras de Aragão, se disseram Rodrigues de las Varilhas. D'estes passou a Portugal em tempo de D. Filippe II, Diogo Rodrigues de las Varilhas que, casando n'este reino, foi seu neto Diogo Rodrigues, que em 1629 alcançou licença para usar das armas dos Rodrigues de Salamanca. Foi d'esta familia Duarte Salter de Mendonça, fidalgo da casa real e conselheiro da real Fazenda.

São suas armas em campo de oiro quatro palas de vermelho; orla azul com oito cruzes de Jerusalem de prata, as palas como descendentes dos reis de Aragão, e as cruzes em memoria de haverem os seus ascendentes servido nas guerras da Terra-santa.

ROL. Escudo em campo de oiro cinco pombas azues em aspa, bicadas de prata e picadas do mesmo; timbre uma das pombas.

V. *Espelho da Nobreza* por Francisco Xavier da Serra Craesbeeck.

ROLÃO. Esta familia querem alguns que seja dos estados de Flandres, d'onde veiu a Portugal um Jacome Rolão de Auges, pae de Pedro Jacome, que teve por filho a Diogo Velho.

São suas armas em campo vermelho um leão de oiro armado de prata; timbre o mesmo leão.

Acham-se no livro dos reis de armas.

ROLIN. É familia ingleza que veiu a este reino na pessoa de Rogerio Child Rolin, na armada que ajudou a tomar Lisboa aos mouros; era filho de D. Rolan, abreviação de Rolando, conde de Chester, e de uma irmã de Guilherme de Longa-espada, filho natural de Henrique, rei de Inglaterra: d'este foi irmã D. Maria Rolan, mulher de Gonçalo Fernandes Tavares, em cuja varonia andou o senhorio da villa de Azambuja até se metter na dos Palhas, e d'esta na dos Mouras, d'onde passou á dos condes de Val de Reis, depois marquezes de Loulé.

Sobre as suas armas ha duvidas. Villas-boas lhe assigna as dos Mouras; porém nós lhe achamos nos já referidos manuscriptos dos reis de armas antigos, que são suas armas em campo vermelho cinco espadas com as pontas para baixo, em santor, tendo as laminas de prata e os copos de oiro.

ROMANO. Escudo em campo de oiro cruz vermelha florcada, cantonada de uma flor de liz azul, orla vermelha carregada de oito aspas de oiro; timbre a dita cruz.

V. *Espelho da Nobreza*, por Francisco Xavier da Serra Craesbeeck.

ROMBO ou ROMO. É familia de Castella, que passou a Portugal na pessoa de Gonçalo Romo, no tempo de el-rei D. Fernando. Seu filho Diogo Gonçalves Rombo teve o fôro de fidalgo da casa de el-rei D. João I: ha tres casas d'esta familia, a de Pedro Rombo Tavares, senhor do morgado do Carregal em Portalegre, a de José Alexandre Garcez de Brito, provedor das Vallas e Lezirias, e a de Francisco de Moraes e Brito da Serra, em Coimbra.

Eram as suas armas antigas em campo de oiro cinco vieiras de vermelho, em aspa: mas achando-se na batalha das Navas um seu ascendente tomou no mesmo campo de oiro uma cruz de verde florida como a de Alcantara, que toma todo o escudo, em cada um dos quatro angulos uma vieira vermelha, e sobre o meio da cruz outra de oiro.

Assim as traz Gonçalo Argote de Molina.

ROMEIRO. É familia que teve o seu assento em Mazagão, onde viveu Antonio Gonçalves Romeiro, a quem se passou brazão de suas armas em 1688.

São estas em campo verde cinco bordões de romeiro de Sant'Iago vermelhos, ferrados de oiro, entre elles quatro vieiras de prata, os bordões em santor; timbre dois bordões em aspa atados com uma fita verde [1].

[1] Esta mercê não se acha registrada na Torre do Tombo, nem na chancellaria respectiva, nem nos livros dos registros de mercês do mesmo reinado (D. Pedro II). — *Pegado.*

RUA. Esta familia é das Asturias, donde passou para o Algarve, e d'aqui para a provincia do Minho. Apparentou-se com a dos Atouguias por D. Ignez Alvares da Rua, mulher de Luiz de Atouguia, thesoureiro-mór de el-rei D. Manuel, e filha de Alvaro Annes da Rua, escudeiro do infante D. Fernando, pae do dito senhor.

A Francisco da Rua, natural da cidade do Porto, deu o imperador Carlos V por armas em campo de oiro seis rosas de vermelho em duas palas, com uma flor de liz de azul no meio do chefe, as quaes lhe confirmou el-rei D. João III [1].

As suas armas antigas eram cinco flores de oiro raiadas de vermelho como tulipas.

[1] Não existe o registro d'esta confirmação. *Pegado.*

S

SÁ. Procedem os Sás de Paio Rodrigues de Sá, que viveu pelos annos de 1300, no reinado de el-rei D. Diniz no concelho de Lafões, pae de João Affonso de Sá, vassallo de el-rei D. Affonso IV e D. Pedro I. Era senhor da quinta de Sá, no termo de Guimarães, solar d'esta familia, de quem foi neto João Rodrigues de Sá, que se fez mais conhecido pelo grande esforço com que na barra de Lisboa com uma lança na mão libertou uma galé, que os castelhanos tinham ganho no tempo de el-rei D. João I, foi alcaide-mór e capitão-mór da cidade do Porto, e camareiro-mór do dito rei. Casou com D. Isabel Pacheco, filha do grande Diogo Lopes Pacheco, e d'elle procede a grande casa dos condes de Penaguião, camareiros-móres de Portugal, e os Sás de Coimbra, Amoreira e as mais casas que ha d'este appellido.

São suas armas um escudo xadrezado de prata e azul de seis peças em faxa e sete em pala; timbre um bufalo xadrezado de negro e prata, armado de prata, e com uma argola de oiro nas ventas.

Acham-se no livro da Torre do Tombo, fl. 13.

SAAVEDRA. É uma das familias mais antigas de Hespanha. Em uma memoria que vimos de José Freire Monterroio a deduz de Fernando, rei de uma grande parte de Galliza, feudataria dos romanos, cuja estirpe continuou nos condes dos patrimonios de Galliza, em tempo dos godos, e d'elles procedeu el-rei D. Pelayo. Tomaram o appellido do couto de Saavedra no mesmo reino, e tem em Hespanha muitas casas titulares. Passou a Portugal, e existe com nobreza no concelho de Lumiares.

São suas armas em campo de prata tres faxas xadrezadas de vermelho e oiro, de tres peças, e a do meio coberta com uma cotica de oiro; timbre um leão de prata com as tres faxas do escudo.

Assim as traz Gonçalo Argote de Molina, fl. 237 v. Villas-boas não lhe dá a cotica de oiro.

SACOTO. Os Sacotos são fidalgos honrados. As suas primeiras armas são: em campo de oiro cinco estrellas vermelhas de oito pontas, postas em cruz; timbre uma onça de sua côr nascente, com uma estrella do escudo na espadoa. Depois se liaram com os Azinhaes e esquartelaram o escudo pondo no primeiro quartel as armas d'esta familia, que é uma azinheira de sua côr em campo de prata; no segundo as ditas cinco estrellas, e assim os contrarios. Porém nos reinados dos reis D. João II, D. Manuel, e D. João III se fez mais conhecida esta familia na pessoa de Gonçalo Mendes Sacoto, adail-mór d'este reino, que se achou em quasi todos os feitos de guerra, que no tempo d'aquelles reis succederam em Africa, onde foi capitão de Safim, Tangere e Azamor, alcançando em todas estas praças gloriosas victorias dos mouros, principalmente do alcaide Aly, mouro principal da enxovia, que era tão poderoso que só de sua casa tinha mil de cavallo, e dos seus alliados juntava mais de cinco mil, ao qual desbaratou captivando-lhe suas mulheres e muitos xeques seus alliados, não tendo a nossa gente mais que duzentos de cavallo e poucos infantes. E sendo em outra occasião investido de cinco alcaides mouros do rei de Fez, elle os desbaratou e lhe ganhou as bandeiras, matando pela sua mão o alcaide Alatar que era capitão de todos, e em attenção a estes serviços entre outras mercês que lhe fez el-rei D. João III, lhe accrescentou as ditas armas com um chefe de oiro carregado de quatro cabeças de mouros toucadas de azul e prata, e cortadas em sangue; timbre um braço armado de oiro com uma das cabeças do escudo pendurada da mão pelo turbante. Assim as achamos em uma copia da carta d'esta mercê, que nos participou José Freire Monterroio Mascarenhas, que diz ser passada a 19 de julho de 1538 [1]. Villas-boas lhe dá em campo vermelho cinco pendões de azul com hastes de oiro, e em cada um uma lua do mesmo metal.

[1] A carta do brazão que foi dado ao dito Gonçalo Mendes Sacoto, acha-se registrada na chancellaria de el-rei D. João III, livro 27, fl. 17, e traz o dito accrescentamento; em 19 de julho de 1538. — *Pegado.*

SALAZAR. A casa de Salazar foi tão grande na Hespanha, que chegou a pôr exercitos e dar batalhas só com os seus parentes e vassallos. Tomou o appellido do valle de Salazar em Castella a velha. Passou a Portugal no tempo de el-rei D. João III Ventura de Frias Salazar, pae de D. Christovão de Frias Salazar e D. João de Frias Salazar, desembargador do Paço.

São suas armas em campo vermelho treze estrellas de oiro em tres palas; timbre um braço de gigante nu, passado com um punhal de prata, com os copos de oiro.

Acham-se no livro dos reis de armas.

SALDANHA. Querem proceder do conde San Dias, ou Sancho Dias de Saldanha, e da infante D. Ximena, irmã de el-rei D. Affonso, o Casto, por seu filho Bernardo del Carpio: d'elles fazem honrada memoria as chronicas de Hespanha. Tomaram o appellido da villa de Saldanha, que é entre as ribeiras de Carrião e Pisuerga, que possuem com titulo de condado os primogenitos dos duques do Infantado. Passou a Portugal no tempo de el-rei D. Affonso v com o emprego de secretario da *Excellente Senhora*, Diogo de Saldanha, fidalgo muito distincto, que era casado com D. Maria de Bovadilha, e d'elles procedem as illustres casas que tem n'este reino, que ultimamente se achou purpurada com a pessoa do eminentissimo cardeal Saldanha, terceiro patriarcha de Lisboa.

As suas proprias armas são : em campo vermelho uma torre de prata coberta de azul com uma cruz de oiro no remate; timbre a mesma torre. Algumas casas lhe juntam as dos Bovadilhas, partindo o escudo em pala, na primeira as referidas, na segunda que é esquartelada, no primeiro quartel em campo de prata um castello de vermelho ardendo em chammas de fogo, no segundo em campo vermelho uma ave de prata aberta armada de oiro, e assim os contrarios; timbre a torre dos Saldanhas. Em Castella trazem uma torre de prata em campo verde, e no remate uma bésta de oiro.

SALEMA. É familia nobre d'este reino, que se acha em Pero Salema pelos annos de 1193. É o seu solar na herdade chamada Salema, na provincia do Alemtejo. Seus descendentes fundaram o mosteiro de freiras de Alcacer do Sal, e uma capella no cruzeiro de S. Francisco de Lisboa. Tem tambem um morgado, cujos administradores tem vivido na villa de Alverca.

São suas armas em campo verde um castello de oiro coberto, com portas de preto; orla azul com sete peixes salemas de prata; timbre o castello do escudo.

Assim as traz Villas-boas, e da mesma forma estão no livro dos reis de armas.

SALGADO. É uma das primeiras familias do reino de Galliza, de quem diz Gonçalo Argote de Molina que lhe perde a conta dos cavalleiros que tem tido; ainda que com a morte de el-rei D. Pedro, o Cru, de Castella, tiveram uma grande decadencia, porém accommodando-se com os tempos recuperaram em parte a sua grandeza. Passaram a Portugal, e liando-se com os Araujos procedem d'elles muitos cavalleiros e casas nobres.

São suas armas em campo verde uma fortaleza de duas torres com uma muralha no centro, tudo de prata, e uma cadea de oiro lançada de uma á outra torre, e sobre a cadea uma aguia de sua côr, e abaixo da aguia sobre a muralha um saleiro de oiro; timbre a aguia com o saleiro no bico. Alguns ramos trazem só por armas a aguia, com o saleiro no bico em campo verde, e o mesmo timbre.

Acham-se ambas em D. João Flores de Ocaris, tomo 2, arv. 18; § 8, fl. 310.

SALINAS. É appellido castelhano tomado da villa de Salinas, na provincia de Guipuzcoa.

São suas armas em campo de prata uma asna vermelha firmada entre tres flores de liz da mesma côr; timbre uma cabeça de unicornio de sua côr com a ponta de prata.

Acham-se no livro dos reis de armas.

SALTER. É familia de Inglaterra, donde passou a Portugal Duarte Salter, que era coquer, titulo que corresponde ao de fidalgo em Portugal; era elle filho de João Salter, neto de Nicolau Salter, bisneto de Diogo Salter, terceiro neto de Thomaz Salter, todos fidalgos. Tem n'este reino o officio de escrivão da carga e descarga das naus da India, e armadas.

São suas armas em campo de prata uma cruz preta florida entre quatro muletas da mesma côr tambem em cruz; timbre um mocho de sua côr armado de oiro.

Assim as vimos em um brazão que mandou vir de Inglaterra Antonio Salter de Macedo, filho do dito Duarte Salter, e se lhe confirmaram n'este reino [1].

[1] Não existe o registro d'esta confirmação na Torre do Tombo. — *Pegado.*

SALUCIO. Acha-se este appellido de Salucio Adorno em um dos manuscriptos já citados. Traz por armas d'esta familia em campo azul cinco flores de liz de oiro em santor, e por baixo tres faxas ondadas de prata e azul.

SALVADOR. A devoção e christandade pia dos antigos catholicos introduziu que alguns tomassem o santo nome de Salvador, que só é proprio de Christo senhor nosso, como se vê em muitas partes do conde D. Pedro; e passando a patronimico se continuou em familia por appellido, que é uma das doze nobres da cidade de Soria.

São suas armas em campo de oiro uma aguia negra aberta.

Acham-se em Gonçalo Argote de Molina, livro 2, cap. 113, fl. 218.

SALVADO. Tem esta familia por armas em campo de oiro um *torteau* de negro, carregado de um leão de prata armado de sanguinho; timbre o leão do escudo com um *torteau* negro na espadoa.

Acham-se em Gonçalo Argote de Molina.

SALVAGO. É esta familia uma das vinte e oito da nobreza antiga de Genova. Passou a Portugal, e já no anno de 1502 era conego da Sé de Coimbra Nicolau Salvago, e n'elle legitimou dois filhos bastardos, Jeronymo e Antonio. Passou tambem á ilha da Madeira onde tem casa grande.

São suas armas em campo de oiro um torteau de negro carregado de um leão de prata armado de sanguinho; timbre o leão do escudo com um torteau negro na espadoa.

Acham-se em Gonçalo Argote de Molina, livro 2, cap. 121, fl. 241.

SALZEDO. Procedem os Salzedos dos antigos reis de Leão, e ha em Hespanha muitas casas que procedem d'este appellido e familia. Gonçalo Argote traz a sua origem, no livro 1, cap. 80.

São suas armas em campo de prata uma arvore salgueirô verde, com raizes da mesma côr, e n'ella pendurado um escudo de oiro com cinco folhas de golphão verdes.

Assim as traz o dito Gonçalo Argote. Villas-boas lhe accrescenta uma orla de vermelho com oito aspas de oiro.

SAMPAIO. Esta familia é oriunda d'este reino, tomou o appellido do logar de Sampaio na comarca da Torre de Moncorvo, e já no tempo de el-rei D. Affonso IV era pessoa grande Pedro do Souto, pae de Vasco Pires de Sampaio, o primeiro d'este appellido, a quem os reis D. Fernando e D. João I deram outras muitas terras. Está hoje elevada ás dignidades de condes e marquezes.

São suas armas um escudo esquartelado, no primeiro em campo de oiro uma aguia vermelha armada de negro, o segundo xadrezado de oiro e azul de quatro peças em faxa e quatro em pala, com uma orla vermelha carregada de oito SS de prata, e assim os contrarios; timbre uma aguia como a do escudo com um dos SS no peito.

Acham-se no livro da Torre do Tombo, fl. 14.

SAMUEL. M. N. concedida por alv. de 22 de agosto de 1856 ao barão Diniz de Samuel: — Escudo esquartelado, no primeiro quartel em campo azul tres coroas de oiro de tres flores, postas em roquete, e no centro um leão de oiro, brica de prata com a condecoração da imperial ordem da Rosa; no segundo quartel em campo vermelho uma cruz de prata, no primeiro vão um leão de prata, no segundo uma aguia de prata, no

terceiro a mesma aguia, e no quarto o mesmo leão, e no centro da cruz uma rosa vermelha; e assim os contrarios. Sobre o escudo a corôa de barão com dois timbres, o primeiro um leão de oiro saindo de uma coroa mural azul, coroado de oiro segurando em uma maça de oiro; o segundo uma aguia de prata assente sobre um rolo de prata e vermelho, coroada de oiro: o escudo entre dois supportes, sendo o do lado direito um leão de oiro coroado do mesmo, e o esquerdo uma aguia de prata coroada de oiro; passando por baixo do escudo uma fita com a legenda seguinte: *Habent sua sidera reges.*

V. *Archivo*, n.º 531.

SANCHES, da CIDADE-RODRIGO. Este appellido é o patronimico do nome proprio Sancho. Nos cadernos dos reis de armas lhe achamos varios escudos.

Esta familia tem por armas em campo de prata uma torre de preto, saindo do alto d'ella um braço de sua côr nu com uma espada de azul em acção de descarregar o golpe, e arrimada á torre uma escada de sua côr; timbre o braço com a espada.

Villas-boas lhe accrescenta uma estrella vermelha no canto direito, que entendemos ser differença dada pelo rei de armas.

SANCHES, da VILLA DE ALBUQUERQUE. Gil Alvares Sanches, cavalleiro da ordem de Sant'Iago, passou a Villa-viçosa, a amparar-se do duque de Bragança D. Jayme, por ter commettido um homicidio de consideração em Castella, em consequencia de um caso de honra que lhe aconteceu. Acompanhou o mesmo duque, e com elle se achou na tomada de Azamor, em 1513, com armas, cavallos e homens á sua custa. Seu neto Pedro Alvares Sanches, mandou tirar o seu brazão de armas, que se acha registrado na Torre do Tombo, como se vê n'esta obra no logar competente, e n'elle se declara que os d'este appellido e linhagem de Sanches são da Extremadura, accrescentando as seguintes palavras: «Muy buenos y muy antigos hijos de algo y naturales de Albuquerque, donde «ha havido del linage de Sanches muy principales hijos de algo y de ali han salido a di«versas partes d'estes reynos.» As quaes armas são as seguintes: Em campo azul um castello de oiro, e n'elle em homenagem uma bandeira branca, e aos lados do castello duas caldeiras de oiro, uma de cada lado. D. Francisco Piferrer no seu *Nobiliario de los reinos e señorios de España*, Madrid 1859, tomo v a pag. 105, tambem assim as descreve. Este mesmo auctor no seu *Armorial Español* a pag. 43 diz o seguinte: «La linea de Al«varez, enlazada desde muy antiguo con el ilustre linage de Sanchez, reconoce por uno «de sus principales ascendientes á D. Gil Alvarez Sanchez, hijo de D. Pedro Alvarez Sanchez, natural de Albuquerque, procedentes por ambos appellidos de la casa real de Na«varra, y fué D. Gil caballero del órden de Santiago». João Sanches de Baena, filho do mencionado Pedro Alvares Sanches, conservou sempre a affeição que seus avós tinham á casa de Bragança, e dos senhores d'ella foi tratado com particular amizade, a que correspondeu expondo a vida, e uma brilhante posição ao empenho de lhe restituir a coroa portugueza, sendo um dos primeiros que em 1640 com João Pinto Ribeiro, tractaram de levar a cabo empreza tão gloriosa como arriscada. Na pessoa que na actualidade representa aquelle benemerito da patria, quiz el-rei o senhor D. Luiz I commemorar tão relevantes serviços, conferindo-lhe o titulo de visconde de Sanches de Baena, em duas vidas. O brazão antigo d'esta familia é o que descrevemos ha pouco; mas aquelle de que usaram e usam em Portugal os membros d'ella é o seguinte: Escudo partido em pala com uma linha de oiro; na primeira em campo vermelho uma torre de prata com portas e frestas de azul, na segunda tambem em campo vermelho um pendão com haste e lança, tudo de oiro, e abaixo do pendão em contrachefe uma caldeira com azas, tudo do mesmo metal; timbre um braço armado de prata com um pendão na mão, feito de bandas de oiro e vermelho.

V. *Archivo*, n.º 2149 e 273.

SANCHES (outros). O rei de armas Francisco Gonçalves Carrasco passou o seguinte brazão de armas a Bernardo Sanches Pereira em 15 de junho de 1683: Escudo partido em pala; na primeira em campo azul sete estrellas de oiro, em tres palas; na segunda tambem em campo azul uma banda vermelha coticada de oiro entre duas flores de liz tambem de oiro; timbre uma estrella do escudo: accrescentando-lhe uma orla vermelha com oito aspas de oiro, e por timbre uma aspa do escudo carregada de uma estrella de azul. Porém o rei de armas Pedro de Sousa sempre o passou como fica exposto, mas sem orla. Villas-boas o traz tambem, e aponta outro que diz ser: em campo de azul um gallo picando em uma espiga, de negro.

SANDE. A esta familia dão os genealogicos varias origens. Seguimos a opinião de José Freire Monterroio em um papel que vimos d'elle, que a faz portugueza com o solar na quinta de Sande, na freguezia de S. Clemente da comarca de Guimarães, e que procede de Fernão de Sande, que vivia no reinado de el-rei D. Diniz, e foi considerado como fidalgo na honra que lograva a dita sua quinta, e em outras fazendas que foram de Ramiro Paes seu ascendente.

São suas armas em campo vermelho um leão de oiro armado de prata, entre quatro flores de liz de oiro postas em cruz; timbre um leão vermelho nascente, com uma das lizes na cabeça. Os de Galliza tazem em campo de prata uma aguia negra volante, coroada de oiro, com um ramo de oliveira no bico.

Acham-se no livro da Torre do Tombo, fl. 41.

SANDOVAL. É familia antiga e illustre de Hespanha, e tão rica, que só no bispado de Palencia teve sessenta logares. Tem no mesmo reino muitas casas de grandes de primeira classe. São suas armas em campo de oiro uma banda negra.

Acham-se no livro dos reis de armas.

SANHUDO. Em um livro que serviu a um rei de armas antigo, achamos que os d'este appellido teem por armas: escudo partido em pala: a primeira de oiro e a segunda de verde, n'estes dois campos entrecambado um leão da mesma côr e esmalte; timbre um leão de oiro.

SANTA MARIA. É famllia de Andaluzia, que procede de Micer Benedicto Zacharias, almirante-mór de Castella no tempo do rei D. Sancho, o Bravo, que lhe fez mercê do porto de Santa Maria, de que seus descendentes tomaram o appellido, era elle natural de Genova, de uma das vinte e oito familias nobres d'aquella republica. Passou a Portugal no tempo de el-rei D. João III, João de Santa Maria, quinto avô de João Zuzarte de Santa Maria, que em 1751 governava as ilhas de Cabo-verde, com patente de capitão general.

São suas armas o escudo esquartelado; o primeiro quartel de oiro, e o segundo de vermelho, e assim os contrarios, sem alguma outra divisa.

Acham se em Gonçalo Argote de Molina, liv. II, cap. CXXI, fl. 245 v.

SANTAREM. Procede de João Guilherme de Santarem, que tomou este appellido por ser natural da villa (hoje cidade) d'este nome, em tempo de el-rei D. Diniz. Foram seus terceiros netos João Affonso de Santarem e Fernando Affonso de Santarem, fidalgos de grande estima; o primeiro foi do conselho de el-rei D. João I, vedor de sua Fazenda e alcaide-mór de Santarem, onde fundou o hospital de Jesus Christo.

São suas armas esquarteladas; no primeiro em campo negro um leão de prata armado de vermelho, no segundo em campo vermelho tres palas de oiro; timbre o leão; e assim os quarteis contrarios [1].

Acham-se no livro dos reis de armas, e em Villas-boas.

[1] O dito João Affonso trazia estas armas em pala; na primeira o leão, na segunda as palas; timbre o leão com uma pala vermelha na espadoa.

SANT'IAGO. É familia de Castella, que passou a Portugal em tempo de el-rei D. João III, na pessoa de Francisco de Sant'Iago, e foi n'este reino cavalleiro da ordem de Aviz, armado em Lisboa a 2 de junho de 1550 por D. João de Menezes, como vimos em uma memoria.

São suas armas em campo de prata um pendão, feito de listas de azul e vermelho, em uma haste vermelha, seguro por duas mãos de sua côr, cortadas e destilando sangue.

Acham-se em D. João Flores de Ocaris, tom. II, arv. 27, fl. 381, § 88.

SARAIVA. São os Saraivas fidalgos antigos, oriundos de Biscaia, onde é seu solar a villa de Saraiva : o conde D. Pedro falla n'esta familia no titulo dos Marinhos; passou a Portugal no tempo de el-rei D. João I, nas pessoas de Vicente Fernandes Saraiva e Antonio Saraiva, que vieram acompanhar sua irmã dama da rainha D. Leonor, mulher de el-rei D. Duarte, e se estabeleceram na villa de Trancoso e visinhanças, d'onde passaram alguns de seus descendentes para a cidade da Guarda e outras partes do reino. Foi d'esta familia João Theodoro Saraiva Fragoso de Vasconcellos Cardoso, capitão-mór da villa de Manteigas, e provedor da comarca de Coimbra, filho de Fernando José Saraiva, capitão-mór da mesma villa, e commandante das guarnições e entrincheiramentos que se puzeram na serra da Estrella, immediações do inimigo, na guerra de 1762, e de sua mulher D. Anna Maria Soares de Oliveira e Vasconcellos : neto de João Saraiva, capitão-mór da mesma villa, segundo neto de Fernando Saraiva, senhor da quinta de Siqueiras, que militou nas guerras da acclamação, terceiro neto de Domingos Saraiva, cavalleiro da ordem de Christo e senhor da quinta da Pizaria, em Santa Marinha; quarto neto de João Saraiva, natural da Povoa, termo de Trancoso, e morador em Santa Marinha, onde casou com D. Isabel do Couto, filha de Gregorio Pessoa; quinto neto de Affonso Saraiva de Lucena, escudeiro fidalgo, e senhor da casa da Povoa : sexto neto de Alvaro Saraiva Lopes de Aguiar, escudeiro fidalgo e contador da real Fazenda, na comarca de Lamego e Viseu : setimo neto de Francisco Lopes de Aguiar, irmão de D. Francisco Bispo, que morreu em Roma: oitavo neto de Alvaro Lopes de Aguiar, o qual casou com Antonia de Lucena, filha de Affonso de Lucena, fidalgo de Cordova (segundo o que escreve Leite) e de Catharina Saraiva : e o mesmo Alvaro Lopes de Aguilar era filho de Tello e Froilo de Aguilar, naturaes de Ecia, em Castella, d'onde veiu para Portugal : neto de Fernando de Goios, commendador do Barreiro; segundo neto de Nuno, prior do Crato; terceiro neto de Estevão Vasques de Goios, nono senhor de Goes; quarto neto de Martinho Vasques de Goes, oitavo senhor de Goes ; e quinto neto de Vasco Roiz Viegas, de quem trata o conde D. Pedro, tit. 59, pag. 337.

São suas armas um escudo cortado em faxa, a primeira composta de veiros de prata e azul, a segunda ondada de agua de sua côr; orla vermelha em que appareça por detraz as pontas de uma cruz de oiro florida; timbre uma cabeça de peixe serra de prata.

Acham-se no livro dos reis de armas.

SARCIDE ou SARZILDE. É familia de Inglaterra, que passou a Portugal na pessoa de Roberto Sarcide.

São suas armas em campo de prata uma cruz vermelha, chã, firmada no escudo, e dez arminhos pretos, quatro nos dois campos altos, sendo dois em cada um, e seis nos de baixo, tres em cada um; timbre uma aspa de prata com cinco arminhos e gotada de sangue; os arminhos são pretos.

V. *Archivo*, n.º 2221.

SARDINHA. Acha-se memoria d'esta familia no tempo dos primeiros reis, em Pedro Sardinha, pae de Pedro Pires Sardinha, prior do mosteiro de S. Vicente de Lisboa, em 1209. No julgado de Neiva viveu Martim Sardinha, honrando a quinta de Riba-fria, e em 1316 vivia Martim Martins Sardinha. Em Setubal houve esta familia, que instituiu

o morgado que hoje possue Jorge Bruno de Cabedo: em Elvas tambem lograram nobreza, e permanecem ahi varias sepulturas de pessoas d'esta familia.

São suas armas em campo verde uma banda ondada de prata e azul com cinco sardinhas de sua côr; timbre uma cabeça de balea de sua côr com a boca aberta, e dentro d'ella algumas sardinhas.

Acham-se no livro dos reis de armas.

SARMENTO. D. Antonio de Alarcão, allegado por Fr. Filippe de la Gandara, diz que esta familia procede do conde Fernão Gonçalves, de Castella. Foi o primeiro do appellido D. Rodrigo Gomes Sarmento. Liou-se esta familia com os condes de Boaneva, e descende d'esta união grande parte da fidalguia de Hespanha. Seguiu ella as partes de el-rei D. Henrique contra D. Pedro, o Crú, e logrou grandes adiantamentos em remuneração das grandes perdas que lhe fez nas suas terras o dito D. Pedro, o Crú.

São suas armas em campo vermelho treze besantes de oiro em tres palas.

Acham-se no livro dos reis de armas.

SARNACHE ou SERNACHE. V. *Cernache.*

SAUVAGE. É familia franceza, da qual tem havido varios individuos com este appellido, mas já traduzido em portuguez. Nos livros dos registros dos reis de armas lá vemos alguns que tiraram armas do mencionado appellido, *Selvagem.*

São estas armas em campo vermelho uma aguia de prata estendida, armada de azul.

SEABRA. Tomaram este appellido da villa de la Puebla de Senabria de que foram senhores, e de toda a serra onde é fundada. Passou a Portugal Mem Rodrigues de Seabra e seus filhos, no tempo de el-rei D. Fernando, que lhes fez mercê das villas da Feira, de Montalegre e de outras rendas e regalias, e de um d'elles procedeu o desembargador Lucas de Seabra e Silva, pae de José de Seabra e Silva, secretario de estado de el-rei D. José I e da rainha D. Maria I.

São suas armas em campo vermelho dois leões de oiro batalhantes, entre elles um S tambem de oiro, coroado com uma corôa real egualmente de oiro; orla de prata com uma cadea preta fechada em baixo com um cadeado da mesma côr; timbre um leão do escudo.

Alguns trazem todo o campo vermelho, a cadea e o cadeado de oiro.

Acham-se no livro dos reis de armas.

SECCO e SICO. Esta familia é do ducado de Milão, onde se diz — Sico. — Passou a Portugal, e foi d'ella Jorge Secco, que pretendendo n'este reino mostral-o, fez no dito ducado uma justificação de sua ascendencia e nobreza, no anno de 1584; e Pedro Alvares Secco, que escreveu quatro volumes sobre a ordem de Christo, que estavam no mosteiro de Alcobaça.

São suas armas em campo de prata um leão vermelho com uma espada na mão direita de azul com copos de oiro, atravessado o escudo com uma contrabanda que passa por cima do leão, sendo esta de azul com tres rosas de prata.

Acham-se no livro dos reis de armas.

SEGUARRA. É familia de Hespanha, que passou a Portugal, e tem casa em Sevilha. São suas armas em campo de oiro tres bandas de azul; orla sanguinha liza.

SEGURA. D'esta familia tracta Gonçalo Argote de Molina na sua *Nobreza de Andaluzia* falando em D. Bartholomeu de Segura, que viveu na cidade de Ubeda, onde seus descendentes são fidalgos principaes.

São suas armas em campo de oiro uma cruz de vermelho florida, entre quatro trevedas de azul, e oito aspas sanguineas em orla, tambem de oiro.

Acham-se no dito Gonçalo Argote de Molina.

SEGURADO. Parece que este appellido teve principio no tempo de D. João I. Ha um morgado d'esta familia instituido por Nuno Martins Segurado, filho de Fernando Rodrigues Segurado, que foi chanceller-mór n'este reino pelos annos de 1522, de que foi administrador Luiz Segurado de Barbuda seu descendente, de quem procedeu outro do mesmo nome, capitão-mór da villa da Arruda, administrador do mesmo morgado.

São suas armas em campo azul cinco seguros de prata com cabos de oiro, postos em santor; timbre dois seguros em aspa, atados com um torçal azul.

Acham-se no livro dos reis de armas.

SEIXAS. É familia de Galliza, e seu solar a casa de Narla, junto á cidade de Lugo. Achou-se na conquista de Sevilha Fernão Peres de Seixas. Passou a Portugal Vasco Gomes de Seixas em tempo de el-rei D. João I com trinta lanças e alguns besteiros. Ligaram-se com os Lugos e Vasconcellos de quem procedem os que ha n'este reino.

São suas armas em campo verde cinco pombos de prata, com os pés e bicos vermelhos, em aspa; timbre um dos pombos. A estes pombos chamam tambem *seixas* em alguns livros de armaria.

Acham-se no livro dos reis de armas.

SENABRIA. É familia de Castella. Tem por armas em campo azul uma aspa de oiro entre quatro lirios de prata; orla azul carregada de oito mingoantes de lua de prata.

Tral-as o manuscripto que serviu ao reformador da nobreza Fr. José da Cruz.

SENNA FERNANDES. M. N. por alvará de 11 de maio de 1871 a Bernardino de Senna Fernandes: — Escudo de oiro carregado com uma aguia bifronte de negro estendida, armada de vermelho, e com um crescente de prata apontado para cima, sobre o peito; orla de vermelho carregada com quatro cruzetas de oiro entre quatro crescentes de prata apontados para cima, sendo estes acantonados e aquellas nos centros do chefe, contra-chefe e lateraes; timbre uma aguia de negro andante e armada de vermelho; virol de oiro e vermelho, e assim o paquife; elmo de prata lisa, decorado de oiro lavrado, e o forro azul celeste.

V. *Archivo*, n.º 483.

SEPULVEDA. É appellido castelhano, tomado da villa de Sepulveda. Passou a Portugal na pessoa de Martim de Sepulveda, um dos vinte e quatro regedores de Sevilha, que tendo o castello de Noudar em serviço de el-rei D. Fernando o Catholico, elle o entregou ao principe D. João, que depois foi segundo do nome de Portugal, e em remuneração lhe deu a villa de Buarcos e outras rendas.

São suas armas em campo vermelho uma oliveira de verde com raizes de prata e perfis de oiro, entre dois lobos de oiro e duas estrellas de prata de oito pontas em chefe; timbre um leão do escudo nascente.

Acham-se no livro dos reis de armas.

SEQUEIRA. Esta familia é por todos os seus principios das mais illustres do reino. Descende de D. Arnaldo de Baião, cujo setimo neto Gonçalo Annes Redondo casou segunda vez com D. Urraca Fernandes, que levou em dote a quinta de Seqüeira, situada na freguezia de Santa Maria de Sequeira no termo de Barcellos, d'onde seus descendentes tomaram o appellido e a fizeram solar.

São suas armas em campo azul cinco vieiras de oiro, postas em santor; timbre quatro plumas de azul guarnecidas de oiro, com uma das vieiras no meio.

Acham-se no livro da Torre do Tombo, fl. 15.

SEREJO. Esta familia é da villa de Serpa, onde tem morgado de que foi senhor Manuel Serejo, pae de Lopo Serejo, de quem foi filho Ruy Raposo Serejo, que foi pae de outro Manuel Serejo, ascendente de Luiz da Costa Serejo de Vasconcellos, cavalleiro da ordem de Christo, morador em Lisboa, que no anno de 1736 justificou esta ascendencia e se lhe passou brazão de armas dos Serejos em 3 de junho do mesmo anno [1].

São estas em campo de oiro uma arvore cerejeira de verde, com fructos vermelhos; orla de prata com quatro leões vermelhos em cruz; timbre um dos leões.

Acham-se no livro dos reis de armas.

[1] Não existe o registro d'esta mercê. — *Pegado.*

SERPA. Ha tradição que procedem do infante D. Fernando, filho terceiro de el-rei D. Affonso II d'este reino, que foi chamado D. Fernando de Serpa por ser senhor da villa d'este nome, o qual casando em Castella dizem que deixou n'este reino um filho natural.

São suas armas em campo verde um leão de oiro entre duas torres de prata, e abaixo do leão uma serpe tambem de oiro volante; timbre uma das torres com a serpe nascente no alto.

Acham-se no livro dos reis de armas.

SERRA. Este appellido foi dado sem duvida a sujeito que tinha as casas da sua habitação em alguma serra, e é tão geral que o ha em Catalunha, nas Asturias, em Genova, na Sardenha e em França. Em Portugal descendem dos Serras casas muito distinctas, como Duarte Gorjão da Serra, fidalgo da casa real, e outras muitas pessoas.

São suas armas em campo vermelho um castello de prata sobre um monte de sua côr, entre duas cabeças de serpe verdes salpicadas de oiro; timbre um braço vestido de vermelho, com uma espiga de trigo de oiro na mão.

Acham-se no livro dos reis de armas.

SERRÃO. Esta familia tem a mesma origem dos Mouras em Vasco Martins Serrão de Moura, a quem a rainha D. Beatriz, mulher de el-rei D. Affonso III, deu a villa d'este nome. Foram d'ella Manuel Serrão, capitão-menor na India, e Francisco Serrão, capitão esforçado no cerco de Dio. Em Villa-verde junto a Alemquer ha familia d'este appellido, e no logar de Friellas junto de Lisboa teve uma nobre quinta Manuel Serrão Diniz, chanceller da Relação da Bahia, e desembargador que foi do Senado da camara d'esta côrte.

São suas armas em campo de prata um leão sanguinho armado de negro, sobre um monte de sua côr; timbre o leão nascente.

Acham-se no livro da Torre do Tombo, fl. 22.

SEVERIM. Os Severins se prezam de descender dos Severinos romanos, que foi uma familia consular, d'onde passaram aos mais reinos da Europa como provincias do imperio, e em França tiveram illustrissimas casas. D'este reino passou a Portugal Pedro Severim em tempo de el-rei D. João I, e se achou na tomada de Ceuta, e assim nas lettras como nas armas tem esta familia dado individuos mui notaveis.

São suas armas partidas em pala; na primeira o campo de prata lisa com uma orla composta de vermelho e prata, na segunda em campo vermelho duas barras de prata em

pala; timbre um leão de prata armado de vermelho com tres faxas tambem vermelhas. (Assim se acham no livro da Torre do Tombo, fl. 40.)

José Freire Monterroio expõe estas armas de outro modo, e põe a primeira pala xadrezada de prata e vermelho, na segunda em prata as duas barras vermelhas; timbre o acima dito.

Nos manuscriptos dos reis de armas achamos outra fórma, que é: — Escudo esquartelado; o primeiro e o ultimo quartel de prata, o segundo e o terceiro de vermelho, cada um d'estes com as duas barras de prata em pala; orla de quatro peças, a primeira e a ultima sanguinha, a segunda e a terceira de prata; timbre um cavallo de prata nascente: este timbre lhe dá o Tombo.

SILVA. É tão constante a grandeza, antiguidade e lustre d'esta familia, que todas as expressões seriam diminutas nos seus louvores. Procede ella por uma parte dos antigos reis de Leão, e por outra dos Silvios romanos, que vieram viver em Hespanha no tempo que os romanos a conquistaram, como extensamente se mostra em um manuscripto de José Freire Monterroio Mascarenhas.

São suas armas em campo de prata um leão de purpura armado de azul; timbre o mesmo leão.

Acham-se no livro da Torre do Tombo, fl. 11.

SILVA E OLIVEIRA. Apezar de varias diligencias, não foi ainda possivel obter a descripção do escudo de armas, dado em mercê nova a Francisco da Silva e Oliveira, descripção que se acha omittida no respectivo registro.

V. *Archivo*, n.º 866.

SILVEIRA. Esta familia é das illustres d'este reino; descende dos Pestanas, e tomou o appellido da herdade e torre da Silveira, junto á villa de Assumar. Tem n'este reino varias casas titulares.

São suas armas em campo de prata tres faxas vermelhas; timbre um urso de prata nascente armado de sanguinho, saindo de uma capella de silvas da sua côr. Alguns trazem o urso de sua côr; e João Rodrigues de Sá lhe accrescenta uma silva de sua côr em orla de prata.

Acham-se no livro da Torre do Tombo, fl. 14.

SIMÕES. Este appellido é tirado do nome proprio Simão. O conde D. Pedro faz memoria de Martim Simões, que podia ser ascendente de Gil Simões Villarinho e de seu irmão Vicente Simões, o primeiro cavalleiro e o segundo escudeiro da casa do rei D. Duarte, os quaes eram filhos de outro Gil Simões e de sua mulher D. Ignez de Vilhena, filha bastarda de D. Henrigue Manuel de Vilhena, conde de Cea. Foi familia nobre no Algarve, onde ainda tem descendentes, e d'estes foi a ermida da Ascenção, da calçada do Combro, em Lisboa, junto á egreja do extincto convento dos Paulistas, onde teem sepultura na capella-mór com suas armas.

São estas em campo de prata um leão de negro armado de vermelho e gotado de oiro, sobre um monte de sua côr; timbre o mesmo leão [1].

[1] Estas duas mercês feitas a Gil Simões e Vicente Simões, são as mais antigas de que ha registros, os quaes existem na Chanc. de D. Duarte, liv. I, fl. 236 e liv. IV de Misticos, fl. 45, em 1438. — *Pegado*. — A carta passada a Gil Simões vai transcripta na integra, entre os documentos da *Introducção* que precede este nosso *Archivo*, a pag. XXIII.

SOARES, de TANGIL. O appellido de Soares é patronimico do nome Soeiro. Os Soares de Tangil teem dois solares; o primeiro na parochia de Tangil no condado de Val-

ladares, em duas torres distantes uma da outra um tiro de arcabuz, junto ao rio Minho; o segundo é o castello de Tangil, no arcebispado de Braga.

São suas armas: em campo azul uma ponte de prata de tres arcos com suas guardas de ameia sobre um rio de agua, no meio da ponte um leão de oiro com os pés nas ameias e uma espada na mão direita, ferro de prata e as guarnições de oiro, entre duas torres tambem de prata assentadas sobre a ponte, que se unam ás ilhargas do escudo, e sobre cada uma d'estas uma aguia preta aberta e coroada, olhando uma para a outra; timbre o leão do escudo.

SOARES, de ALBERGARIA. Esta familia procede de Paio Delgado, fundador da albergaria de S. Bartholomeu de Lisboa; e em memoria de seu bisneto Soeiro Fernandes tomaram seus descendentes por appellido este patronimico. Os Soares Alvarengas, e Soares Galbardos usam d'este patronimico por descenderem dos Soares Albergarias.

São suas armas em campo de prata uma cruz vermelha florida, orla de prata com oito escudetes das armas do reino; timbre uma serpe volante, com uma cruz de prata florida no peito.

Acham-se no livro da Torre do Tombo, fl. 14.

SOARES, de TOLEDO. Esta familia traz a sua origem da cidade de Toledo, e por isso são assim chamados.

Tem por armas em campo vermelho uma banda de oiro saindo das bôcas de duas cabeças de serpe, tambem de oiro, armadas de azul entre duas jarras tambem de oiro, cheias de flores ou açucenas de prata, sendo as jarras de duas azas; timbre uma jarra como as do escudo.

Assim as confirmou el-rei D. João III a Diogo Soares, morador na cidade de Goa, em 1556.

V. *Archivo*, n.º 579.

SOARES, de TOLEDO (outros). Esta familia tem por armas em campo vermelho uma torre de prata; timbre a mesma torre.

Acham-se em Villas-boas.

SOBRAL. Este appellido deu el-rei D. José I a Joaquim Ignacio da Cruz Sobral com o senhorio da villa do Sobral do Monte-agraço, e o fez fidalgo pelos grandes serviços que lhe fez nos logares de conselheiro da sua Fazenda e thesoureiro do real Erario: e por alvará de 3 de outubro de 1776, registrado no livro dos alvarás da Secretaria de estado, foram-lhe dadas por armas as mesmas que já tinha seu irmão José Francisco da Cruz Alagoa, as quaes ficam descriptas no logar competente.

V. *Cruz Alagoa*.

SOBRINHO e SOBRINO. Esta familia é antiga no reino, natural da provincia do Minho, onde já no anno de 1285, no tempo de el-rei D. Diniz, vivia Martim Sobrinho, o qual era sobrinho de Pedro Sobrinho, conego de Orense. Passaram ao Alemtejo, onde no anno de 1490 vivia Fernão Sobrinho, de quem procedem muitas pessoas distinctas d'aquella familia.

São suas armas o escudo esquartelado; no primeiro em campo vermelho uma torre de prata, no segundo em verde um casco de prata, e acima d'elle uma flor de liz de oiro, e assim os contrarios; timbre um leão vermelho com o casco do escudo na cabeça, e a flor de liz na espadoa [1].

O rei de armas Manuel Leal da Silva passou por armas de Sobrinhos a Miguel Alvares

[1] Estas duas mercês feitas a André Bugalho Sobrinho e a Antonio Sobrinho acham-se registradas na Chanc. de D. Sebastião, a primeira no liv. II a fl. 228 v. e tem a data de 12 de setembro de 1561, a segunda que foi feita em 20 de março de 1567, acha-se no liv. VIII a fl. 58 v. — *Pegado*.

Ferreira, natural do logar do Outeiro-secco em 1724, o escudo partido em pala; na primeira em campo verde dois cintos com suas fivellas e passadores, tudo de prata, na segunda em campo de prata tres flores de liz de azul em banda, e os cintos tambem em banda.
As primeiras são as verdadeiras.

SODRÉ. É familia de Inglaterra, onde foram condes de Betaford; d'aquelle reino passou a Portugal Fradique Sodré; foi seu filho Duarte Sodré, veador da casa de el-rei D. Manuel, alcaide-mór de Thomar e Cea, commendador de Cardiga, pae de Francisco Sodré, que casou com D. Violante Pereira, filha de João Pereira, senhor da villa de Aguasbellas : por este casamento entrou na familia dos Sodrés o senhorio da dita villa.
São suas armas em campo azul um chaveirão de prata firmado no escudo, carregado de tres estrellas sanguinhas, entre tres jarras do mesmo metal, com duas azas; timbre o chaveirão do escudo.

Acham-se no livro dos reis de armas e em Villas-boas.

SOLIS. É familia de Castella.
São suas armas em campo de prata um sol sanguinho, e uma orla composta de oiro e veiros de prata e azul.

SOROMENHO. É appellido portuguez procedido de alcunha.
São suas armas em campo vermelho uma arvore soromenheiro de sua côr perfilada de oiro, com fructos e raizes de prata, entre uma flor de liz e um crescente de oiro no chefe; timbre o mesmo soromenheiro.

Acham-se no livro dos reis de armas.

SOTELLO. É familia de Galliza, que passou a Portugal, e fez assento na comarca de Miranda do Douro, d'onde se estendeu a outras terras.
São suas armas em campo azul uma cruz de oiro florida e aberta, entre quatro abrolhos do mesmo metal; orla de oiro com oito escudetes de azul, cada um com sua banda de prata. (Acham-se em Gonçalo Argote de Molina, na sua *Nobreza de Andaluzia,* liv. I, fl. 4.)
Em Castella ha outra familia de Sotellos, que traz em campo de prata uma azinheira entre duas cabras negras. (Assim o diz D. João Flores de Ocaris, P. 1, pre. 1, fl. 174.)

SOUTO. Na comarca de Villa-real está a villa de Souto, e nas provincias de Traz-os-montes, Beira e Minho costumam chamar soutos aos arvoredos em que se dão as castanhas; de algum d'estes principios se originou o appellido de Souto, se não veiu de Castella, Leão ou Galliza onde tambem o ha.
São suas armas em campo azul uma aguia de oiro estendida com um escudete no peito vermelho com tres palas do mesmo oiro, orla de oiro com oito cadeados negros abertos; timbre a aguia nascente.
Assim as descreve D. João Flores de Ocaris, P. 1, fl. 263. Os Soutos do reino de Leão trazem em campo de oiro um toiro vermelho.

SOUTO-MAIOR. Esta familia é de Galliza, onde tem as casas dos duques de Souto-maior, grandes de Hespanha de primeira classe, e outras muitas. Passou a Portugal Pedro Alvares de Souto-maior no tempo de el-rei D. Affonso V, que era senhor da casa do seu appellido, e foi n'este reino conde de Caminha. D'elle ficaram n'este reino filhos de quem procedem os que ha em Portugal d'este appellido.
São suas armas em campo de prata tres faxas xadrezadas de oiro e vermelho de tres peças em pala; timbre um leão de prata com as tres faxas do escudo. Alguns trazem a

ordem de xadrez do meio coberta com uma cotica preta em memoria de um d'aquella familia ter morto por desastre um infante do duque soberano de Cantabria.

Acham-se no livro dos reis de armas.

SOUSA, de ARRONCHES. Esta familia não cede a nenhuma das illustres de Hespanha, nem em antiguidade nem em grandeza, e deixando as antiguidades para os titulos genealogicos, o primeiro que se chamou Sousa foi D. Egas Gomes de Sousa no tempo de el-rei D. Affonso III; fez esta familia allianças na casa real, de que procederam tres ramos. Foi a primeira casar D. Gonçalo de Sousa, alferes-mór d'este reino, com D. Leonor Affonso de Portugal, filha não legitima do dito rei D. Affonso, e d'este matrimonio procedem os condes de Miranda, de Arronches, duques de Lafões, e os mais ramos que sairam d'esta grande casa.

São suas armas o escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas do reino com um filete preto em contrabanda, que não chegue á orla e passe por baixo do escudinho do meio; no segundo em campo sanguinho quatro crescentes de lua de prata apontados, e assim os contrarios; timbre um castello do escudo.

Acham-se no livro da Torre do Tombo.

SOUSAS do PRADO, e SOUSAS CHICHORROS. O casamento de D. Maria Pires Ribeira de Sousa com D. Affonso Diniz, filho illegitimo de el-rei D. Affonso V, de quem procedem os condes do Prado, marquezes das Minas e outras muitas casas, foi a segunda alliança d'esta familia com a casa real. Foi a terceira alliança com a casa real o casamento de D. Ignez Lourenço Soares de Valladares, filha de D. Maria Mendes de Sousa, com D. Martim Affonso Chichorro, filho tambem illegitimo do mesmo rei, de quem procedem os Sousas Cansellos, senhores de Baião, Sousas de Alcube, e outras muitas casas de não menor qualidade.

São as armas d'estas duas allianças o escudo esquartelado; no primeiro quartel as quinas do reino sem a orla dos castellos, no segundo em campo de prata um leão sanguinho, que alguns trazem de prata com uma grinalda de flores na cabeça.

Acham-se no livro dos reis de armas.

SOVERAL. É familia nobre e antiga d'este reino, que descende de Pedro Martins do Soveral, que foi meirinho-mór da provincia de Traz-os-montes no anno de 1287, no reinado de D. Diniz. Tomou o appellido de Soveral por ser senhor de uma grande herdade cheia de sovereiros. Lograva esta varonia no seculo passado Rodrigo Homem do Soveral de Carvalho e Vasconcellos, fidalgo da casa real, senhor dos coutos de Vieira e do reguengo da Lagoa, morador em Sernancelhe, na provincia da Beira.

São suas armas em campo de oiro tres faxas de vermelho carregada cada uma de tres estrellas de prata de seis raios, em faxa; timbre tres espadas nuas em roquete com as pontas fincadas no virol, com os copos de oiro e punhos sanguinhos.

Assim o vimos em um manuscripto de José Freire Monterroio Mascarenhas.

SPINOLA. É familia das vinte e oito primitivamente nobres de Genova. Passou a Hespanha, onde tem produzido varões grandes e tem as casas dos marquezes dos Balbazes, duques de S. Severino e outras de grandeza egual. Passou a Portugal Luciano Spinola (chamado em outros documentos Lucano Espindola), que fez registrar por auctoridade regia as suas armas nos livros da nobreza. Estabeleceram-se na ilha da Madeira.

São estas em campo de oiro uma faxa xadrezada de prata e vermelho, de tres peças em pala, sobre ella uma especie de ponta de lança flordelizada de vermelho, ou como escreve Argote de Molina, um lirio vermelho posto sobre a fimbria da faxa; timbre um ramo de espinhos de vermelho.

V. *Archivo*, n.os 154 e 155.

T

TABOADA. É familia que veiu de Hespanha, e procedem d'ella varões mui distinctos. Seu antigo solar é na cidade de Orense em uma terra que tem o nome de Taboada. V. *Archivo Heraldico* de D. Francisco Piferrer, pag. 183 [1].

São suas armas o escudo de vermelho com seis tablas de oiro, e em chefe uma bandeira de prata tendida, em cujas pontas se veem duas caldeiras de preto; bordadura de oiro carregada de oito caldeiras de preto.

[1] Os genealogicos reconhecem como variantes do mesmo appellido os de *Tablada*, *Tablares*, *Tabuada*, *Tabuade* e outros analogos.

TABORDA. É familia de Galliza com solar junto da cidade de Tuy, no logar de S. Miguel de Taborda, que corruptamente se chama de Taboada. Passou a Portugal Garcia Rodrigues de Taborda, primo do conde de Ourem D. João Fernandes Andeiro. El-rei D. Fernando lhe deu a villa de Porto de Moz, e outras terras de juro e herdade, alcaide-mór de Leiria e seu meirinho-mór. De Gonçalo Vaz Taborda seu parente procedem todos os que ha em Portugal, e descendeu o famoso Salvador Taborda, enviado d'este reino em França.

São suas armas em campo vermelho cinco quadernas de crescentes de oiro, em santor; timbre uma aza vermelha carregada de uma quaderna do escudo.

Acham-se no livro dos reis de armas, e no da Torre do Tombo, fl. 27.

TABORDA. V. *Ferreira Taborda.*

TAHUSTE. Tem por armas em campo de oiro tres bandas de azul.

Assim estão em uma sepultura em S. João de Baeça, de Fernão Rodrigues de Tahuste, commendador, e tambem as traz o muitas vezes citado manuscripto de Fr. José da Cruz.

TANGER. V. *Mendes.*

TAPIA. É familia de Hespanha. São suas armas em campo de oiro seis cabeças de corvos de sua côr, postas em duas palas, cada uma com seu pau no bico.

Assim estão no referido manuscripto de Fr. José da Cruz.

TARNATE. V. *Ternate.*

TAQUES. É familia de muitos annos estabelecida na cidade e provincia de S. Paulo do Brazil, para onde passou no seculo XVII Pedro Taques, natural de Setubal. Eram suas armas primitivas: — Escudo partido em faxa; na primeira em campo de oiro uma aguia imperial de duas cabeças e sobre ella uma corôa real; a segunda em campo de prata e partida outra vez em pala, na primeira em campo verde um porco azul, e na segunda um penhasco azul. A estas se ajuntaram depois por alliança as dos Proenças, Laras e Moraes, formando reunidas o escudo esquartelado, que tem por timbre a aguia dos Taques, e por differença um trifolio de sua côr.

Consta da carta de brazão passada ao capitão Pedro Taques de Almeida em 5 de julho de 1707, que existe registrada no archivo da Camara de S. Paulo.

TAVARES. Tem a mesma ascendencia dos Coutinhos e Fonsecas. Tomaram o appellido do logar de Tavares, na comarca de Lamego, e é familia tão illustre que descende d'ella a casa dos duques de Lafões.

São suas armas em campo de oiro cinco estrellas de vermelho de seis pontas, em santor; timbre um cavallo nascente de vermelho, sellado com peitoral, cascaveis e freio de oiro.

Acham-se no livro da Torre do Tombo, fl. 15.

TAVEIRA. Esta familia floreceu em grandes senhorios até ao tempo de el-rei D. Affonso IV. Procede de Paio Soares Romeu, fidalgo de alta nobreza, pae de D. Thereza Paes Taveira, mulher de Martim de Bulhão, de cujo matrimonio nasceu a honra de Portugal, o glorioso Santo Antonio de Lisboa.

São suas armas em campo de oiro nove *torteaus* de vermelho em tres palas; timbre um leão de oiro nascente, armado de vermelho e cheio de *torteaus* do escudo.

Acham-se no livro da Torre do Tombo, fl. 24.

TAVORA. Ácerca d'esta familia v. as *Memorias historico-genealogicas* de D. Antonio Caetano de Sousa, pag. 193 e seg. da edição de 1755.

São suas armas em campo de oiro cinco faxas de azul ondadas de agua; timbre um delphim de sua côr sobre uma panella de ramos vermelhos, floridos de lizes de oiro. O marquez Luiz Alvares de Tavora, no escudo que pôz sobre a porta de sua quinta de Mirandella assentou o delphim entre as ondas, pondo-lhe por orla uma legenda que dizia : *Quascunque findit*.

TEIVE. É familia de Portugal e seu solar junto ao Porto, na quinta de Teive. A pessoa mais antiga de que ha noticia foi Vasco Pires de Teive; passaram tambem ás ilhas, onde tem morgado na da Madeira.

São suas armas o escudo esquartelado; no primeiro em campo de oiro seis *torteaus* vermelhos, em duas palas, no segundo em campo de prata tres arminhos pretos, em roquete, e assim os contrarios; timbre um leopardo de oiro com arminhos negros, e um *torteau* do escudo na mão.

Acham-se no livro da Torre do Tombo, fl. 25.

TEIXEIRA. A familia dos Teixeiras é uma das antiquissimas de Hespanha, e nenhuma tem principios mais illustres. O conde D. Pedro lh'o dá em D. Fafes Sarracim, que foi conde e rico-homem, e senhor de Lanhoso. As investigações modernas o fazem neto ou descendente de D. Favila, rei das Asturias, morto no anno de 739, cujos filhos não succederam no throno por serem meninos, e foi tão devoto da Cruz, que lhe edificou não longe de Cangas uma egreja, onde está sepultado. O primeiro que usou do appellido de Teixeira foi D. Hermigio Mendes, por ser senhor do concelho de Teixeira.

São suas armas em campo azul uma cruz de oiro potentea e vazia; timbre um unicornio de prata armado de oiro, nascente.

Acham-se no livro da Torre do Tombo, fl. 16.

TELLES. Tello e Telles não são appellidos; o primeiro é nome proprio, e o segundo é o seu patronimico, que foi muito usado nos Menezes em memoria de Tello Peres, rico-homem e senhor de Menezes, de quem descendem todos os d'este appellido, e dos Girões, e d'alguns Silvas, depois que se aparentaram com os Menezes.

Não tem armas proprias, e usam as que trazem os condes de Unhão, marquezes de Alegrete e condes de Villa-pouca, é o leão dos Silvas esquartelado com o campo de oiro dos Menezes, por descenderem de Fernão Telles, filho segundo de Ayres Gomes da Silva, senhor de Vagos, e de sua mulher D. Brites de Menezes; timbre o leão dos Silvas.

TEMUDO. A palavra Temudo era no portuguez antigo o mesmo que temido, epitheto que se deu a Ruy Fernandes, natural da villa de Abrantes, por ser muito valoroso e destemido; o qual casou com Isabel Gonçalves de Freitas, filha de Gabriel Gonçalves de Freitas, a quem el-rei D. Affonso v tinha feito mercê de armas novas pelos serviços que lhe fizera em Africa. Os filhos d'este matrimonio se appellidaram Temudos, e usaram das ditas armas de seu avô materno.

São estas em campo azul uma aguia de oiro de duas cabeças, com as azas abertas e os pés fincados em uma cabeça de moiro ensanguentada e toucada de prata, com um cordão de S. Francisco de oiro em orla; timbre a aguia nascente [1].

Acham-se no livro dos reis de armas.

[1] A mercê d'estas armas, feita a Gabriel Gonçalves de Freitas, acha-se registrada na chancellaria de D. Affonso v, livro xxx fl. 20 v. e liv. II de Misticos, fl. 63, e tem a data de 11 de outubro de 1475. — *Pegado.*

TENORIO. É famililia de Castella. São suas armas em campo vermelho uma torre de prata, saindo de uma fresta um braço nú com uma palma de sua côr na mão; timbre o braço com a palma.

Assim estão no muitas vezes referido livro de Fr. José da Cruz.

TENREIRO. Ainda que o conde D. Pedro tracte d'este appellido em João Pires Tenreiro, não se deduz d'elle esta familia que traz a sua origem de Galliza, de Garcia Tenreiro, que passou a Portugal, seguindo el-rei D. Fernando na pretenção ou direito que este rei tinha á corôa de Castella, por morte de el-rei D. Pedro, o Cruel, e trouxe comsigo seus filhos e irmão, dos quaes procedem os que hoje ha d'este appellido.

São suas armas em campo azul um pinheiro verde perfilado de oiro, e enroscada n'elle uma serpente de prata com as azas estendidas; timbre a serpente nascente.

Acham-se no livro dos reis de armas.

TERNATE ou TARNATE. Escudo em campo vermelho com um baluarte de prata, sem portas, lavrado de preto, apparecendo dentro d'elle um braço vestido de malha com uma espada nua na mão com o cabo de oiro, e ao pé do baluarte uma cabeça de mouro foteada de prata; elmo de prata cerrado guarnecido de oiro, paquife de prata e vermelho, e por timbre o dito braço com a cabeça pela fóta.

Foram dadas estas armas em mercê nova a Belchior Vieira, pelos serviços por elle prestados na guerra contra os mouros.

V. *Archivo*, n.º 397.

TIBAO. É familia muito antiga, já dos tempos dos primeiros reis d'este reino. O seu appellido é o nome proprio Theobaldo corrompido. D'ella tomou nome um beco que havia anteriormente ao terremoto de 1755 entre o Corpo-santo e os Romulares, cheio de ambos os lados de propriedades de casas pertencentes ao morgado que instituiu Gaspar Thibao no anno de 1563, que passou aos senhores de Aguas-bellas.

São suas armas em campo vermelho uma arvore verde com raizes de prata, perfilada de oiro, entre dois leões tambem de oiro batalhantes; timbre um dos leões com um ramo de arvore na garra.

Acham-se no livro dos reis de armas.

TIÇÃO. O conde D. Pedro no tit. XXI trata de D. Affonso Telles Tição, e de seu filho D. Martim Affonso Tição, porém não temos noticia da sua descendencia, nem se a familia d'este appellido procede d'elles.

São suas armas em campo verde uma torre de prata com dois tições de lume á porta que estão ardendo em fogo; timbre a torre tambem ardendo em fogo que lhe sae pelo alto.

Assim constam no livro dos reis de armas, e se passaram a Bento da Costa Tição em 1553; segundo uma copia que vimos do respectivo brazão.

TILMAM. É familia do principado de Liege, e das primeiras em nobreza. Passou a Portugal na pessoa de Eduardo José Tilmam, que em 30 de junho de 1734 tirou em Bruxellas brazão de suas armas, para o que mostrou ser filho de Balthazar Tilmam e de Catharina de Beir, neto de Pedro Tilmam e de Anna de Givel.

São as ditas armas em campo vermelho um chaveirão de prata, que não toque a extremidade alta do escudo, entre tres besantes de oiro; timbre um dos besantes.

Assim consta do dito brazão.

TINOCO. E familia antiga, porque ja no tempo de el-rei D. Sancho I viveu em Thomar Martim Tinoco, como consta das inquirições das Ordens militares, tom. I, fl. 94. Estendeu-se a varias terras em que tem logrado nobreza.

São suas armas em campo de oiro tres aguias vermelhas, postas em roquete; orla xadrezada de oiro e negro de duas palas; timbre uma das aguias do escudo.

Acham-se no livro da Torre do Tombo, fl. 20.

TOLEDO. Esta familia tomou o appellido da cidade de Toledo onde fez a sua primeira residencia. Procede dos Commenos, imperadores de Constantinopla, e um d'esta familia veiu a Hespanha e se achou na conquista da dita cidade. Tem em Castella varias casas, sendo a primeira a dos duques d'Alba; passou a Portugal, onde procedem d'ella muitas das casas titulares d'este reino.

São suas armas um escudo xadrezado de quinze peças de prata e azul, tres em faxa e cinco em pala; timbre um anjo com a tunica xadrezada dos mesmos esmaltes.

Acham se no livro dos reis de armas.

TOLEDOS (outros). É familia de Castella, d'onde passon para Portugal.

Tem por armas em campo sanguinho um castello de prata.

Assim as traz o já citado manuscripto de Fr. José da Cruz.

TOLOSA. Este appellido é sem duvida tomado da cidade de Tolosa, e em memoria da batalha d'este nome tomaram seus descendentes por armas em campo de oiro uma cruz vermelha florida, e vazia do campo.

Acham-se no livro dos reis de armas.

TOPETE. D'este appellido faz memoria o conde D. Pedro em Martim Topete, tit. LXXV. São suas armas tres faxas xadrezadas de oiro e vermelho, em campo composto de prata e negro, que vem a ser o primeiro e o terceiro vão de prata, o segundo e o quarto de negro.

Acham-se no livro dos reis de armas.

TOREL. Esta familia é oriunda da Flandres Hollandeza, d'onde passou a Portugal Marco Antonio Torel, que vivia junto ao Carmo de Lisboa em umas nobres casas; e n'esta cidade casou com D. Joanna..., e foram seus filhos João Caetano Torel, desembargador n'esta côrte, Nicolau Torel, bispo de Lamego, e outros. Nos escudos que serviram na sagração do dito D. Nicolau Torel estavam as seguintes armas:

Em campo azul um castello de oiro, e sobre este outro mais pequeno, saindo da janella do superior uma lua de prata, que vem finalisar no castello de baixo; timbre o castello do escudo.

TORNEIO. É familia da provincia do Alemtejo, da cidade de Beja. A sua maior antiguidade é do tempo de el-rei D. Affonso V; e no de el-rei D. Manuel viveram Diogo e

Duarte Lopes de Torneio, ambos irmãos, o primeiro almocadem de Safim. A sua varonia achava-se no seculo passado em Manuel Jacques Lobo de Torneio, morador na villa de Merceana. Estavam na egreja de Santo Eloy, na sepultura do desembargador Antonio Lobo de Torneio, e foram communicadas por José Freire Monterroio Mascarenhas as seguintes armas: — Em campo vermelho cinco espadas de prata com as pontas para baixo, postas em aspa; timbre um braço armado de prata com um punhal na mão levantado, e de prata.

TORQUEMADA. Este appellido foi tomado da villa d'este nome, a tres leguas da cidade de Placencia, e d'elle ha familias nobres em Castella.

São suas armas em campo verde um castello de prata ardendo em fogo, que são as mesmas da villa de Torquemada.

Acham-se no livro dos reis de armas.

TORRE (DA). É familia distincta da de Torres, porque se denomina de la Torre.

São suas armas em campo vermelho uma torre de prata entre duas cabeças de leão de oiro, e o contrachefe ondado de agua, de azul e prata; timbre a torre do escudo.

Acham-se no livro dos reis de armas e em Villas-boas.

TORRIANO. É familia muito illustre e antiga em Italia e Alemanha. Descende de Herberto da Torre, que casou com a filha herdeira de Tasso, conde de Valassina, no ducado de Milão, pelos annos de 1100. Dividiu-se em varios ramos, um dos quaes logra a dignidade de principe do imperio, outros teem varios titulos, e um tem o emprego de correio-mór do imperio. No tempo dos Filippes veiu a Portugal Leonardo Torriano, que foi fidalgo da casa real e engenheiro-mór do reino, o qual casou em 1602 com D. Maria Manuel Cubea de Faria, herdeira de um morgado em Oeiras, que passou a seus descendentes. O uso corrompeu este appellido em Troiano, e d'elle foi o padre José Troiano, da congregação do Oratorio.

São suas armas em campo azul um castello de prata, com uma flor de liz de oiro em chefe: timbre o castello.

Acham-se no livro dos reis de armas.

TORRES. Trazem a sua origem do reino de Navarra, de D. Sancho Fortum de Torres, neto de um rei d'aquelle reino. Passaram a Castella, onde se liaram por casamento com D. Fernando de Portugal, neto de el-rei D. Pedro d'este reino, de quem procedeu a casa de Villar Dompardo, e um ramo passou a Jaen, d'onde veiu para Portugal em tempo de el-rei D. João III em dois filhos de Fernando de Torres, naturaes de Malaga, que viviam em Lisboa em 1550: no qual anno casou Affonso de Torres, que era o primeiro, com D. Violante de Mello, e d'elles procede n'este reino muita fidalguia. El-rei D. Sebastião mandou registrar no livro da Nobreza no anno de 1569 as seguintes armas:

Em campo vermelho cinco castellos de oiro, postos em santor; timbre um dos castellos, e acima d'elle uma estrella vermelha.

V. *Archivo*, n.os 11 e 12.

TORREZÃO. A opinião tida por mais provavel é, que descendem dos antigos Torrichões, que foram senhores illustres em Galliza, dos quaes passou a Portugal Fernão Peres Torrichão, e n'este reino foi senhor das villas de Pereira, Villa-nova de Anços e outras em tempo de el-rei D. Fernando; e foi pae de Alvaro Fernandes Torrichão, e seus descendentes uns se chamaram Torrichões, e outros Torrezões, cuja mudança procederia de passagem para outras terras.

São suas armas em campo verde uma torre de prata, de cujas janellas saem duas hastes de lança vermelhas, cada uma com sua flor de liz de oiro na ponta.

Acham-se no livro dos reis de armas.

TOSCANO. O ducado de Toscana deu o appellido a esta familia, por um cavalleiro que d'elle passou a este reino no tempo de el-rei D. Affonso III, e que foi chamado o *Toscano*. Estabeleceu-se em Evora, e d'esta cidade se espalharam a outras terras.

São suas armas em campo vermelho um leão de prata armado de azul; timbre o leão nascente.

Acham-se no livro dos reis de armas.

TOURINHO. É familia d'este reino na provincia do Alemtejo; acha-se no reinado de D. Affonso IV em Martim Tourinho, e no anno de 1510 em Luiz Pires Tourinho, que era natural da villa de Vianna na dita provincia, o qual era bisneto de Martim Tourinho, que deve ser o supra dito. Foi d'esta familia Pedro do Campo Tourinho, senhor da capitania de Porto-seguro de juro e herdade por mercê de el-rei D. João III, com jurisdicção civel e crime em cincoenta leguas de costa e dez de fundo, e das ilhas visinhas.

São suas armas em campo verde um touro sanguinho, com pontas de prata e unhas de oiro; timbre o touro nascente.

Acham-se no livro dos reis de armas.

TOURREGÃO. No livro dos reis de armas se acha este appellido, e existia tambem no registro do brazão, que no anno de 1640 se passou a Manuel Fernandes Tourregão, alcaide-mór de Villa-ruiva, antes de se incendiar o cartorio no fogo que sobreveiu ao terramoto de 1755.

São suas armas em campo azul cinco crescentes de oiro, postos em santor; timbre um leão de sua côr nascente, com um estandarte vermelho nas mãos, com o ferro e haste de oiro.

TOVAR. É familia de Castella, que tomou o appellido da villa de Tovar, e no mesmo reino tem casas illustrissimas. Passou a Portugal Sancho de Tovar, filho de Martim Fernandes de Tovar, que seguiu o partido de el-rei D. Affonso V, e d'elle procedem os condes das Galveas e outras muitas casas grandes.

São suas armas em campo azul uma banda de oiro saindo das bôcas de duas cabeças de leão do mesmo metal; timbre um leão de azul, armado de oiro nascente. Algnns dizem que as cabeças são de serpe.

Acham-se no livro dos reis de armas, e em Gonçalo Argote de Molina.

TRAVASSOS. Tomaram o appellido do logar de Travassos de que foram senhores, e é familia que teve principio com os primeiros reis d'este reino. O primeiro de que temos noticia foi D. Pedro de Travassos, que viveu no tempo dos reis D. Sancho I e D. Affonso II. Tem tido grandes fidalgos.

São suas armas em campo vermelho cinco flores de trevo de oiro, postas em santoar timbre dois troncos de vermelho, cada um com sua flor do escudo na ponta, postos em asp.;

Acham-se no livro dos reis de armas. José Freire Monterroio Mascarenhas, seguindo ao conego Mattheus Peixoto, quer que em logar de flores de trevo sejam folhas de trevo; assim as do escudo como as do timbre.

TRIGUEIROS. Tomaram o appellido da villa de Trigueiros, no condado de Niebla. D'esta familia passou a Portugal com o emprego de trinchante da rainha D. Maria, segunda mulher de el-rei D. Manuel, Antonio Trigueiros, a quem o mesmo rei fez fidalgo de sua casa e a seus filhos, cuja varonia existia no seculo passado em Manuel Trigueiros de Castello-branco, senhor do morgado da Canoeira, no termo de Leiria.

São suas armas em campo verde cinco espigas de trigo de oiro, em santor; timbre um passaro chamado trigueiro, de sua côr, com uma espiga de oiro no bico; estas esquarte-

laram com as de outra familia que tinha uma faxa de prata em campo vermelho, como as da casa de Austria.

Acham-se no livro da Torre do Tombo, fl. 36.

TRONCOSO. Esta familia é do reino de Galliza, d'onde tem passado a Portugal por varias vezes. No dito reino foram senhores do couto de Rio-frio e Alda. Hoje se acha o seu sangue e appellido nas casas dos condes de S. Romão, e dos senhores dos coutos de Piconha e Lira. D'estes passou a Portugal Pedro Marinho Troncoso, que era filho de D. Luiz de Lira Souto-maior, irmão do senhor dos ditos coutos, o qual casando na villa da Barca na familia dos Araujos, seu filho passou a viver na villa de Obidos, por nome João Mauricio Troncoso de Lira Souto-maior, onde tem descendentes; e já no tempo de el-rei D. Fernando tinha passado Pedro Troncoso, cujo filho Ruy Pires Troncoso foi alcaide-mór de Marialva.

São suas armas em campo azul dois troncos de oiro, em aspa; timbre um braço armado de prata com um tronco do escudo na mão.

Acham-se no livro dos reis de armas.

TRUQUILHO. São suas armas em campo de oiro treze arruelas de azul, postas em tres palas; orla vermelha carregada de oito aspas de oiro.

Assim as traz no seu livro o referido Fr. José da Cruz.

TUDELLA. É familia nobre de Navarra, que tomou o appellido da cidade de Tudella. Passou a Portugal no tempo dos Filippes um Fernão Tudella, que casou nobremente em Castello-branco. Seu neto Fernão Tudella de Castilho foi fidalgo da casa real e desembargador do Paço, e cavalleiro da ordem de Christo. D'este foi descendente Diogo Tudella de Castilho, fidalgo da casa real, juiz proprietario da alfandega de Castello-branco e tenente de infanteria no regimento de Campo-maior.

São suas armas o escudo partido em pala; na primeira em campo azul tres bandas de oiro, na segunda em campo de oiro dez arruelas de azul em tres palas, a do meio com quatro, e tres em cada uma das outras duas; orla de prata cheia de um ramo de verde.

Acham-se no livro dos reis de armas e em Villas-boas.

U

ULVEIRA. V. *Dulveira.*

ULRICH. M. N. concedida por alvará de 12 de fevereiro de 1867 a João Henrique Ulrich: — Escudo partido em pala, na primeira em campo vermelho um caduceu de oiro; orla de oiro com seis flores de liz de azul; na segunda em campo azul a figura da beneficencia, tendo na mão esquerda tres botões de dormideiras e no chefe o sol, tudo de oiro; elmo de prata aberto guarnecido de oiro, paquife dos metaes e côres das armas; timbre um caduceu de oiro.

V. *Archivo* n.º 1166.

UNHA. É appellido antigo. São suas armas um escudo xadrezado de prata e negro com um leão entrecambado dos mesmos esmaltes; timbre o leão negro.

Sebastião Bravo Botelho traz estampadas nove unhas de leão em tres palas.

Acham-se no livro da Torre do Tombo.

V

VABO. É familia da provincia do Alemtejo ainda que pouco extensa, porque ha d'ella pouca noticia, e só nos consta que D. Maria de Vabo, mulher de Braz Rodrigues da Anaia, era filha de Antonio Fogaça, que foi residente em Inglaterra, no tempo de Henrique VIII, onde foi morto e confiscado por defender o partido da rainha D. Catharina. Dos referidos foi filha outra D. Maria do Vabo Pimentel, mulher do capitão Manuel Soromenho Dias. paes de Luiz Pimentel do Vabo, governador da praça de Albufeira, de quem foi filho Antonio Pimentel do Vabo, capitão-mór da villa de Alvor em 1750.

São suas armas em campo vermelho um leão xadrezado de prata e negro, sobre um pé de agua de prata e azul; timbre o leão do escudo.

Acham-se no livro dos reis de armas.

VADRE. V. *Vedra.*

VALLADARES. Esta familia tomou o appellido da villa de Valladares de que foram senhores seus descendentes; e o conde D. Pedro faz d'ella memoria. De D. Lourenço Soares de Valladares procedem quasi todos os reis da Europa, por sua neta a rainha D. Ignez de Castro.

São suas armas um escudo esquartelado, no primeiro quartel em campo azul um leão de prata armado de vermelho, o segundo xadrezado de prata e vermelho, de seis peças em faxa e outras tantas em pala, e assim os contrarios; timbre um leão de prata com a cabeça xadrezada de vermelho e prata.

Acham-se no livro da Torre do Tombo, fl. 20.

VALDEZ. É familia de Hespanha, que tomou o appellido do senhorio de Valdez, e já no anno de 1253 foi herdado em Sevilha Pedro Melendes de Valdez; passou a Portugal na pessoa de Gonçalo Mendes de Valdez, filho segundo dos senhores de Valdez, e indo seus descendentes servir á India alli ganharam as armas de que hoje usam.

São estas em campo vermelho um elephante de sua côr armado de prata; sobre este um castello de madeira de sua côr ligada com cintas de prata; timbre dois dentes de elephante de prata em aspa atados com um torçal verde. (Acham-se no livro dos reis de armas.)

Os de Castella trazem em campo de prata tres faxas de azul, e dez arruelas xadrezadas de oiro e azul, tres no campo superior, tres no inferior e duas em cada uma das do meio. (Acham-se estas em Gonçalo Argote de Molina, liv. 2, cap. 132, fl. 255.)

VALDEZ. Em campo de prata tres barras azues; orla branca com um cordão por ella.

VALDEVESSO. É familia de Castella. Passou á ilha da Madeira, onde viveu Pedro de Valdevesso, pessoa nobre que tirou executoria de suas armas, como diz Gonçalo Argote de Molina.

São estas armas em campo azul um castello de oiro, saindo-lhe ondas de fogo dos alicerces, e uma estrella de prata em chefe; orla de prata com oito aspas vermelhas.

Acham-se em Gonçalo Argote de Molina.

VAHIA. Escudo tendo em campo azul um — M — de ouro, coroado do mesmo; orla vermelha, carregada de tres peixes de prata no chefe e dois de cada lado, estes com as cabeças para baixo.

V. *Espelho da Nobreza*, por Francisco Xavier da Serra Craesbeeck.

VALENÇA. Este appellido foi sem duvida tomado ou da villa e praça de Valença n'este reino, ou da cidade de Valencia em Castella.

Tem por armas em campo azul uma torre de ouro assentada sobre ondas de prata e azul; timbre um libreo negro faxado de ouro.

Acham-se no livro dos reis de armas.

VALENTE. É appellido derivado de alcunha, mas de tanta honra como valor. A familia tem a mesma origem dos Freitas. Affonso Peres Valente foi o primeiro que se chamou assim. Tem n'este reino casas da maior grandeza.

São suas armas em campo vermelho um leão de ouro faxado de tres faxas de azul; timbre o mesmo leão.

Acham-se no livro da Torre do Tombo, fl. 19.

VALLEJO. É familia antiga em Hespanha, de que se acharam pessoas na conquista da cidade de Baeça, e tem solar no valle de Mena.

São suas armas em campo de ouro cinco faxas de azul; orla de prata carregada de sete arminhos negros, e na parte superior uma aspa de ouro com perfis de negro.

Assim as traz Gonçalo Argote de Molina, fl. 66.

VALLE. É appellido antiquissimo n'este reino.

São suas armas em campo vermelho tres espadas de prata, com os copos de ouro, postas em tres palas, com as pontas para baixo; timbre as tres espadas em roquete, atadas com um torçal vermelho, e as pontas fincadas no virol do elmo.

Acham-se no livro dos reis de armas.

VAN-ROSSEM. É dos Paizes-baixos. Tomou o appellido do logar de Rossem, de que teve o senhorio, e se acha já no anno de 1280 memoria de João Van-Rossem com o titulo de Cavalleiro. Seus descendentes foram senhores principaes no ducado de Gueldres, e lograram os senhorios de muitas terras. Martinho Van-Rossem foi marechal ou general supremo do imperador Carlos v em Flandres. Passou esta familia a Portugal no tempo de el-rei D. Affonso vi, e procedeu d'ella o desembargador Francisco Xavier Porcili Van-Rossem.

São suas armas em campo de prata tres papagaios vermelhos, postos em roquete; timbre um homem sem braços vestido de prata, com tres bandas de vermelho e com umas orelhas negras muito grandes como as dos jumentos.

Assim se acham em um manuscripto de José Freire Monterroio Mascaranhas.

VANZELLER ou WANZELLER. É familia da provincia de Gueldria, onde occupou os primeiros logares da cidade de Nimegue, e na mesma estão cheias as egrejas de escudos de suas armas em sepulturas nobres. Passou a Portugal no reinado de D. Pedro ii na pessoa de Rolando Vanzeller, e de um irmão seu; o primeiro foi n'esta côrte ministro residente do rei da Prussia, e seu neto Lourenço Vanzeller teve o grande emprego de contador mór do reino, pelo haver comprado no reinado de el-rei D. João v.

São suas armas em campo de prata tres melros de negro armados de ouro em roquete, e entre elles uma estrella de ouro de seis pontas; timbre um dos melros do escudo com a estrella no peito.

12

VAREJÃO. É familia que existe n'este reino com nobreza.
São suas armas em campo vermelho um castello de prata sobre ondas de agua de sua côr, e na ilharga direita do castello saindo da fresta um braço nú, com uma vara de sua côr na mão; o castello com uma bandeira de prata entre duas estrellas de ouro de seis raios; timbre a braço com a vara.

Acham se no livro dos reis de armas.

VAREJOLA. Villas-boas tracta d'esta familia, e lhe assigna por armas em campo verde quatro lisonjas de ouro postas em pala acompanhadas de seis flores de liz do mesmo metal, tres de cada banda: timbre uma flôr de liz do escudo e quatro lisonjas, tudo posto em aspa, porém o mais commodo é pôr só por timbre a flôr de liz.

VARELLA. Os Varellas e os Varilhas são a mesma familia. Os genealogicos a deduzem de D. Ramiro primeiro, rei de Aragão. Existiram illustremente em Galiza, d'onde passaram a Portugal Fernão Dias Varella no tempo do rei D. Fernando, e seus descendentes se estabeleceram em varias terras d'este reino, com nobreza.
São suas armas em campo de prata cinco bastões verdes em banda alçados; timbre um leão de prata nascente, com um bastão do escudo nas mãos.

Acham-se no livro dos reis de armas.

VARELLAS, de JORGE VARELLA. Escudo esquartelado; no primeiro e quarto de sinople, cinco flores de liz de ouro em aspa; no segundo e terceiro de azul, um leão de ouro.
Estas armas foram dadas em 30 de abril de 1622, em Madrid, a José Varella, filho de Jorge Varella.

VARGAS. Esta familia tem o seu solar na villa de Madrid onde o seu appellido é conhecido desde o anno de 1083, em que vivia Iban de Vargas, o primeiro que nos dão a conhecer as historias. Tem casas da primeira nobreza em Castella, d'onde tem passado a Portugal por varias vezes alguns fidalgos; foi o ultimo Tristão Fernandes de Vargas, a quem el-rei D. Manuel, em 1512, pelos serviços que elle lhe fez mandou registrar as suas armas nos livros da nobreza [1].
São estas em campo de prata cinco ondas de azul em faxa, orla composta de vermelho e prata, tendo sobre o vermelho castellos de oiro, e sobre a prata leões de purpura; timbre um leão azul com as cinco ondas de prata.

Acham-se no livro dos reis de armas.

[1] Não existe o registro d'esta mercê. — *Pegado.*

VASCONCELLOS. Esta familia é uma das primeiras de Portugal, assim em antiguidade como em nobreza, como sabem todos os genealogicos, e as illustres casas e morgados que tem n'este reino.
São suas armas em campo negro tres faxas veiradas de prata e vermelho, sendo a prata da parte de cima e a vermelha de baixo; timbre um leão de preto faxado das tres faxas do escudo.

Acham-se no livro da Torre do Tombo, fl. 20.

VAZ. Este appellido é patronimico do nome proprio Vasco, que é livre a todos, e assim ha muitas pessoas d'este appellido sem parentesco umas com as outras. Na villa da Certã ha uma familia nobre que o tem, e possuia em 1584 uma capella, que muitos annos antes havia sido instituida por um Fernão Alvares, e no referido a tinha Jorge Vaz, filho de João Vaz, e na mesma villa aparentou com outras familias principaes d'ella.

Tem por armas em campo vermelho um castello de prata assentado sobre ondas de azul e prata. Assim as vimos em um registro do brazão que se passou a Pedro Rebello, que era tambem Vaz, em 26 de fevereiro de 1645 [1].

Acham-se no livro dos reis de armas.

[1] Não apparece registrado este brazão passado a Pedro Rebello, em tempo de el-rei D. João IV, pondo em duvida o que acima fica exposto. — *Pegado.*

VAZ, de MARTIM VAZ. Martim Vaz, arauto de el-rei D. Manuel, foi por seu mandado com o rei de armas Portugal, Antonio Rodrigues, ás côrtes da Europa para se instruirem nas obrigações dos seus officios de armaria, em que estavam empregados. Chegando á côrte do imperador Maximiliano, este monarcha deu a este Martim Vaz por armas o escudo partido em pala, na primeira em campo de oiro meia aguia vermelha estendida; na segunda em campo azul tres pombos de prata com os pés e bicos de vermelho, em pala; timbre uma cabeça de leão de vermelho entre duas pennas de pavão de oiro de forma que a cercam [1]. Assim se acham no livro dos reis de armas.

De Martim Vaz foi filho Pedro de Evora, rei de armas Algarve, e escrivão da nobreza, e d'este o foi Jorge Pedroso, e uma filha que casou com Jeronymo de Mattos, dos quaes foi filho Jorge Pedroso de Mattos.

[1] Não existe registro d'esta mercê feita a Martim Vaz, pelo imperador Maximiliano. — *Pegado.*

VAZ, de RUY VAZ. Foi Ruy Vaz cavalleiro da casa de D. Vasco ou D. Fr. Vasco de Ataide. A este deu el-rei D. Affonso V por armas em campo de oiro um tronco de arvore com seus esgalhos de sua côr, o qual é furado, e d'elle sae um leão de azul armado de vermelho; timbre o leão [1].

V. *Archivo*, n.º 2249.

[1] Esta mercê feita a Ruy Vaz em 21 de maio de 1477 acha-se registrada no liv. II de Misticos, fl. 58 v., mas differe um pouco do que fica dito. — *Pegado.*

VEDRA. Da familia de Vedras não temos noticia, e nos inclinamos a que deverá ser Vadre.

O escudo que achamos nos manuscriptos de um rei de armas do appellido de Vedra é o seguinte : — Em campo de oiro um tronco de sua côr realçado os esgalhos de prata, entre oito sestos tambem de sua côr realçados de prata, e o tronco deve ser tambem ensanguentado.

VEGA (LASO DE LA) ou GARCILASO DE LA VEGA. Quem quizer lêr uma noticia circumstanciada d'esta familia veja o que diz D. Francisco Piferrer no seu *Nobiliario* a pag. 242 do vol. II.

São suas armas: escudo flanqueado, em chefe, e na ponta de sinople, com uma faxa de vermelho fileteada de oiro; os flancos de oiro, e em letras de azul a saudação angelical *Ave Maria*, do lado direito, e do esquerdo *Gratia plena*.

Fr. José da Cruz nos seus manuscriptos tral-as do seguinte modo : — Escudo de oiro liso com uma orla de prata, e n'ella a legenda acima em letras de preto. Póde mui bem que estas fossem dadas em Portugal a algum descendente d'esta familia, mas as de Laso de la Vega são as que acima descrevemos.

VEIGA. É appellido antigo de que ha differentes familias em toda a Hespanha. Os de Portugal (que tambem se dividem em varios ramos) procedem de D. Arnaldo de Baião por seu setimo neto D. João Pires da Veiga, cujo appellido teve por que foi herdado em uma veiga que está uma legua distante de Braga.

São suas armas em campo vermelho uma aguia de oiro estendida armada de prata;

timbre a mesma aguia; cujas armas são as do dito D. Arnaldo, e de que usam os Azevedos seus descendentes, só com a differença de variarem de esmaltes.

Acham-se no livro dos rois de armas.

VEIGAS, do ARCEBISPO DE BRAGA. Esta familia procede do arcebispo de Braga D. Lourenço, que era natural da Lourinhã. Estes trazem o escudo esquartelado; no primeiro quartel em campo vermelho a aguia de oiro aberta armada de prata dos Veigas, no segundo em campo de prata tres flores de liz de azul, em roquete, e assim os contrarios; timbre a aguia do escudo.

Acham-se no livro dos reis de armas.

VEIGAS NAPOLES. Este ramo de Veigas, que se ligou com os Napoles, tem por armas em campo de prata nove flores de liz [1].

Assim se acham no livro dos reis de armas.

[1] Estas armas são dos Altes. Entendemos que haveria algum casamento dos Napoles com os Altes, ou d'estes com os Veigas, de que procedeu usar este ramo das armas dos Altes, porque os Napoles tem outras armas.

VELLASCOS. É familia illustrissima das Asturias onde tem o seu solar. Tem em Castella as casas da maior grandeza, d'onde veiu para Portugal a serenissima senhora D. Anna de Vellasco, mãe de el-rei o senhor D. João IV. Tem passado a este reino por outras pessoas, e existe em varias terras d'elle, e na America.

São suas armas o escudo xadrezado de quinze peças, tres em faxa e cinco em pala, de oiro e veiros de azul e prata, sendo a primeira de oiro e a segunda de veiros; timbre um leão vestido de veiros de azul e prata, e armado de vermelho. (Acham-se no livro dos reis de armas.)

Villas-boas lhe assigna outras, que não sabemos onde as foi buscar.

VELLASQUES. É esta familia de fidalgos muito honrados em Hespanha. Gonçalo Argote de Molina trata d'ella, e lhe assigna por armas em campo de prata treze arruelas de azul em tres pallas; orla vermelha carregada de oito aspas de ouro.

Villas-boas lhe assigna as dos Vellascos muito mal explicadas, o que não seguimos porque achamos que os reis de armas passavam estas que aqui descrevemos. D'esta familia passou a Portugal no tempo de elrei D. Sebastião, D. João Vellasques de Alarcão. Foram seus descendentes D. Manuel Caetano Vellasques Sarmento de Vasconcellos, morador no Espinhal termo de Coimbra, e D. José de Alarcão de Castro Sarmento, morador em Penalva de Alva.

VELHO. Procedem de D. Arnaldo de Baião, por seu bisneto D. Nuno Soares, ou D. Nuno Velho, e porque descendiam por femea de Caio Carpo, regulo de Maia que existia no tempo que veio aportar a Galiza o corpo do apostolo Sant'Iago, de quem os auctores contam aquelle grande caso em que appareceu coberto de conchas ou vieiras:

Tomaram os d'esta familia por armas em campo vermelho cinco vieiras de ouro em santor; timbre um chapeo pardo de romeiro, com uma vieira na aba.

Acham-se no livro da Torre do Tombo.

VELLOSO. Querem os amantes de fabulas que esta familia proceda de um infante filho do rei D. Ramiro I, e de sua irmã a infanta D. Ermezenda, quando ella descende do conde D. Rodrigo Velloso, senhor de Ribeira e Cabreira em Galliza, não filho do fingido infante, mas sim do conde D. Vella Osorio, como se vê no conde D. Pedro.

São suas armas em campo vermelho um castello de prata com tres torres, e acima de cada uma d'estas uma flôr de liz de oiro, em chefe; o castello sobre um monte de sua

côr, com portas e frestas de negro, e junto a este um açor com uma perdiz nas unhas, tudo de suas côres: timbre o açor com a perdiz, sendo o açor armado de ouro.

Procedem n'este reino de Antonio Velloso, fidalgo gallego, que passou a Portugal em tempo de el-rei D. Fernando.

Acham-se no livro dos reis de armas.— Velloso da Cruz. V. *Archivo*, n.º 1689.

VELLOSO DA CRUZ. V. *Archivo*, n.º 1689.

VELOUVY. É familia de Inglaterra muito illustre, com mais de setecentos annos de antiguidade; tem os duques de Aoscaster, e os barões de Velouvy e de Parlan. Passou á ilha da Madeira pouco depois do anno de 1600, e se estabeleceu na cidade do Funchal Roberto Velouvy, neto de outro Roberto que era irmão de Guilherme progenitor dos duques de Ancater. Da ilha passou tambem para este reino e existe na villa de Almada. D'ella foi Jorge Velouvy de Araujo, fidalgo da casa real por alvará de 15 de abril de 1735.

São suas armas o escudo esquartelado: no primeiro que é tambem esquartelado, no primeiro em campo negro uma cruz de oiro dentada e firme, no segundo em vermelho uma cruz de prata florida, que é a divisa propria de Velouvy, e assim os contrarios; no segundo quartel em campo vermelho a mesma cruz de prata florida, que lhe pertence por segnnda alliança de Velouvy; no terceiro em campo vermelho quatro lisonjas de prata em faxa, carregada cada uma de sua vieira vermelha com a parte redonda para baixo; no quarto em campo de ouro uma faxa de prata arqueada e perfilada de preto, e todo este quartel com uma bordadura tambem de preto, dentada; timbre uma cabeça de um rei mouro coroada, com cabellos e barbas compridas.

Assim as vimos em uma memoria de José Freire Monterroio Mascaranhas.

VENEGAS. Este appellido fazem uns ser patronimico do nome proprio Egas, e lhe dão por tronco o grande Egas Moniz; outros o derivam de Viegas, dando-lhe por ascendente a D. Mozinho Viegas, e outros o fazem proceder de uma das trinta e duas linhagens mouras que se fizeram christãs de Granada, das quaes foi Roduam Venegas, governador da cidade de Granada, pelos annos de 1407, e D. Pedro de Granada Venegas, visconde da villa de Mirales, pelos annos de 1632. Passou esta familia a Portugal onde existe.

São suas armas em campo azul, tres palas de prata, que alguns trazem em faxa, e outros em banda; timbre um leão de sua côr armado de ouro.

Acham-se em D. João Flores de Ocaris.

VERA. Este appellido temos encontrado em nome proprio feminino em D. Vera Gentil, da familia dos Gentis, porém não temos genealogia d'elle, nem Alvaro Ferreira de Vera falla d'ella. O que podemos inferir é que foi tomado em memoria de alguma grande senhora, pois lhe achamos armas no livro mestre dos reis de armas.

São estas em campo vermelho um castello de ouro, tendo sobre a torre do meio uma bandeirinha de prata, e o contrachefe ondado de agua, de azul e prata; timbre o castello com a bandeirinha.

VHITON E GOLARTE. Esta familia, que hoje se acha estabelecida na cidade de Horta da ilha do do Fayal, é oriunda de Inglaterra d'onde passou para ella, fugido por ser catholico romano, João Vhiton com sua mulher Apollonia Sabat; era filho de Nicolau Blount Vhiton gentil-homem do dito reino, neto de João Vhiton do condado de Uxonia, e bisneto de Jorge Vhiton, de Hensington, do dito condado. Aparentou na dita ilha com os Golartes, e procede d'esta união José Rodrigues Golarte Vhiton, morador na mesma, que em 1753 justificou o referido, e se lhe passou brazão de armas.

São estas o escudo partido em pala, na primeira em campo de prata um chaveirão de

preto, que principiando no fundo do escudo chega só até ao meio, e é carregado de cinco besantes de prata; na segunda, tambem em campo de prata, tres cabeças de touros negros armadas de azul, deitando fogo pelas bocas e ventas, postas em roquete; timbre uma das cabeças com um dos besantes na testa.

Assim estavam na authentica que apresentou o dito José Rodrigues Golarte Vhiton.

VIANNA. Diz Villas-boas, que é apellido tomado da villa de Vianna do Lima, e lhe assigna por armas o seguinte:

Em campo de ouro uma aguia, sem dizer de que côr; por isso se vê que deve ser da côr natural d'estas aves.

VIDAL. Esta familia de Vidaes, segundo um brazão que vimos passado na corte de Madrid por D. Ramon Zaro e Ortega, rei de armas universal, em 11 de janeiro de 1770, ao desembargador José Roberto Vidal da Gama, consta que procede d'aquelle illustre cavalleiro, que nas côrtes de Jaca celebradas em 912 fez jurar rei de Aragão um infante, filho dos reis D. Garcia Inigues e D. Urraca; o qual cavalleiro foi ascendente de Bernardo Vidal de Besala, fidalgo d'aquelle reino, que se achou na conquista de Valença onde ficou, e seus descendentes se estabeleceram com grande casa, e d'elle procedeu D. Jeronymo Vidal, pae de D. Francisco José Simão Vidal, que teve a D. Francisco Vidal, de quem foram filhos D. Marcos Jorge Vidal e outros, e este foi pae de D. José Jorge Vidal e de D. Pedro Vicente Vidal, ambos cavalleiros da ordem de Christo n'este reino, para onde passaram do de Castella, e serviram nos maiores postos militares com valor inimitavel, o primeiro n'este reino, e o segundo no estado da India; de ambos ha descendentes, sendo filho do primeiro o dito José Roberto Vidal da Gama e outros.

São suas armas o escudo partido em pala; na primeira em campo azul uma aza de prata voltada para baixo, com oito ameias do mesmo metal em orla sem divisão; a segunda pala esquartelada, no primeiro quartel em campo vermelho um leão de prata, no segundo em ouro uma rosa com seu pé e duas folhas tudo vermelho, e assim os contrarios; timbre quatro plumas de ouro, verde, azul e vermelho, cada uma de sua côr.

Assim as vimos no referido brazão que tem o dito José Roberto Vidal da Gama.

VIDAL e VIDE. Ha n'este reino duas familias de Vidal; a mais antiga achava-se na villa de Castello de Vide pelos annos de 1400, em que viveu Lourenço Vidal, pae de Vasco Pires Vidal, que teve a Fernão Vaz Vidal, pae de outro Vasco Pires Vidal, todos pessoas nobres da dita villa onde se conservam seus descendentes, que parece alguns se appellidam Vide. porque uma e outra familia tem as mesmas armas.

São estas em campo de prata cinco folhas de videira de sua côr, em santor; timbre uma das folhas.

Acham-se no livro dos reis de armas.

VIEGAS. A familia Viegas procede dos Ataides, que assim o prova o dr. Christovão Alam de Moraes, e José Freire Monterroio o segue; ainda que o conde D. Pedro diga que Gonçalo Viegas filho de Nuno Gonçalves de Ataide morrera sem geração, que é de quem a deduzem, e as suas armas o provam tambem.

São estas em campo azul quatro bandas de prata; timbre um leopardo de sua côr picado de prata.

Acham-se no livro dos reis de armas.

VIEIRA. Esta familia fazem alguns descendente de D. Arnaldo de Baião, e outros de Caio Carpo, regulo da Maia no tempo dos romanos. É o seu solar o concelho de Vieira.

São suas armas em campo vermelho seis vieiras de ouro em duas palas; timbre uma vieira do escudo entre dois bordões de Sant'Iago vermelhos forrados de ouro, postos em aspa, e atados com um torçal de prata.

Acham-se no livro dos reis de armas.

VIEIRA. V. *Tarnate.*

VILHEGAS. A familia de Vilhegas é de Castella, e tem a mesma origem dos Gusmãos. Tomou o appellido do senhorio de Vilhegas, que é uma povoação de Castella-a-velha, de que foi senhor o conde D. Nuno Peres de Gusmão, e seu filho Diogo Nunes foi o primeiro que se chamou de Vilhegas. Passou a Portugal esta familia em diversos tempos, no de el-rei D. Fernando e de el-rei D. Manuel, e d'ella descendem muitos fidalgos n'este reino.

São suas armas em campo de prata uma cruz negra florida, e vazia do campo entre oito caldeiras tambem negras com as azas formadas de serpes verdes, duas em cada uma das caldeiras, e estas postas em orla; timbre dois braços armados de prata com uma caldeira do escudo nas mãos, ficando a caldeira direita.

Acham-se no livro dos reis de armas.

VILHENA. É appellido tomado do senhorio da villa de Vilhena no reino de Castella, que foi do infante D. Manuel, filho de el-rei D. Fernando o Santo: seu neto D. Henrique se appellidou de Vilhena, o qual passando a Portugal acompanhando sua irmã a infanta D. Constança, mulher de el-rei D. Pedro I, foi n'este reino conde de Cintra e senhor das villas de Cascaes e Cea, e teve varios filhos, de quem procedem varias casas assim em Portugal como em Castella.

São suas armas o escudo esquartelado, no primeiro quartel em campo de prata um leão sanguinho armado de azul; no segundo em vermelho uma aza de ouro de que sae uma mão de sua côr tendo n'ella uma espada de prata com guarnições de ouro e a ponta para cima, e assim os contrarios; timbre a aza, mão, e espada.

Acham-se no livro dos reis de armas.

VILLA-BOA. Ao mestre Manuel de Villa-boa fez el-rei D. João III a mercê de fidalgo de solar da aldea de Villa-boa, no termo de Beja, e que usasse d'este appellido, tendo tambem as armas dos Villa-novas, as quaes seus descendentes esquartelaram, em razão do casamento d'este com D. Francisca Soares de Toledo, accrescentando-lhe as armas dos Soares de Toledo. Ainda que Villas-boas assigna a esta familia de Villa-boa o escudo esquartelado; no primeiro em vermelho tres flores de liz de oiro, em roquete, no segundo em verde uma aguia de oiro estendida com um rotulo de oiro no bico, e assim os contrarios; timbre a aguia.

V. *Archivo*, n.º 2048.

VILLAÇA. É familia castelhana, que já se achou na conquista de Baeça. Passou a Portugal onde existe.

São suas armas o escudo xadrezado de ouro e azul, de tres peças em faxa e cinco em pala; orla vermelha com oito aspas de ouro.

Acham-se em Gonçalo Argote de Molina, na sua *Nobreza de Andaluzia*.

VILLA-LOBOS. Procedem dos Osorios. É uma das mais illustres familias de Hespanha. O appellido foi tomado do senhorio de Villa-lobos, situada no reino de Leão, fundada por D. Pedro Osorio.

São suas armas as mesmas dos Osorios: em campo de oiro dois lobos esfolados, ou vermelhos passantes; timbre um dos lobos.

Acham-se no livro da Torre do Tombo, fl. 22.

VILLA-NOVA. Esta familia procede do mestre Pedro de Villa-nova, que veiu de Castella a este reino por physico da rainha D. Catharina, mulher de el-rei D. João III, e foi physico-mór do reino. O dito rei lhe deu as seguintes armas: Em campo verde um bicho negro picado de ouro e armado de sanguinho; o bicho é chamado tiro; timbre o mesmo bicho nascente [1].

V. *Archivo*, n.º 2208.

[1] Esta mercê acha-se registrada na chancellaria de D. João III, livro XLIV, fl. 114 v., e tem a data de 8 de fevereiro de 1538. — *Pegado.*

VILLARINHO. Esta familia póde vangloriar-se de proceder d'ella a casa real d'este reino por D. Thereza Pires Villarinho, avó do condestavel D. Nuno Alvares Pereira. Teve os senhorios da Torre de Villa-Martins e outras, e o padroado da egreja de S. Paio de Seguede, onde jaz sepultado Rodrigo Alvares Villarinho, e outros seus descenhentes.

São suas armas em campo azul quatro flores de liz de ouro acantonadas, e uma lua de prata mingoante no centro, e tres faxas de prata no contrachefe. Os descendentes de Gil Simões Villarinho, cavalleiro da casa de el-rei D. Duarte, trazem as armas que o mesmo rei lhes deu.

VILLAS-BOAS. É familia oriunda d'este reino com o seu solar na quinta do paço de Villas-boas, no termo de Barcellos. A primeira pessoa que d'ella se descobre foi Joanne Annes de Villas-boas, que viveu no tempo de el-rei D. Diniz.

As suas armas antigas eram em campo vermelho um castello de prata de tres torres, em memoria de haverem ganhado o castello de Penafiel aos mouros. Depois servindo Diogo Fernandes de Villas-boas ao rei D. Pedro de Castella na fronteira de Granada, e ganhando outro castello aos mouros, subindo primeiro a elle e pondo entre as suas ameias um ramo de palma, aquelle principe lhe esquartelou o escudo pondo as suas armas antigas no primeiro quartel, com um ramo de palma verde na torre do meio, e no segundo em campo azul um dragão de prata volante armado de vermelho, e assim os contrarios; timbre o dragão do escudo nascente.

Acham-se no livro dos reis de armas.

VISEU. Escudo esquartelado; no primeiro e quarto de oiro dois montes verdes: no segundo e terceiro as armas dos Guimarães.

V. *Espelho da Nobreza*, por Francisco Xavier da Serra Craesbeeck.

VISTER ou WISTER. É familia que parece ser ingleza: algum individuo d'ella passaria a Portugal, onde em attenção a sua qualidade e merecimentos se lhe faria a mercê de cavalleiro da ordem de Christo, como indicam as suas armas.

São estas o escudo esquartelado; no primeiro em oiro uma alparca de negro forrada de vermelho, no segundo em azul uma cabeça de mouro toucada ou com turbante de prata, e assim os contrarios; sobre tudo uma cruz da ordem de Christo; timbre meio mouro sem braços com roupão e turbante de oiro, com barrete encarnado.

Acham-se no livro da Torre do Tombo.

VOGADO. Esta familia é antiga. O seu appellido é alcunha procedida do officio de advogado ou procurador da corôa, que se chamavam *Vogados de El-rei*. Affonso Annes Vogado viveu em Lisboa no anno 1331; seu neto João Vogado foi cavalleiro da casa de el-rei D. Affonso V, e escrivão da Fazenda real; o mesmo rei lhe deu duas ilhas.

São suas armas: em campo vermelho um leão de oiro armado de preto, entre quatro vieiras de prata acantonadas; timbre o leão do escudo.

Acham-se no livro da Torre do Tombo.

X

XACAVA. Descende esta familia de D. Affonso I, rei de Aragão, o qual em razão de um milagre que Nossa Senhora de Xacava lhe fez em lhe dar filhos, deu a um d'elles este appellido de Xacava; e por armas em campo de oiro quatro faxas de vermelho.

XARA. É familia antiga na Extremadura. Tem o seu solar na villa de Freixinal com casa e morgados. A pessoa mais antiga que d'ella sabemos foi D. João Garcia Xara, commendador da ordem de S. Tiago em 1520, casado com D. Isabel de Torquemada, irmã de Fr. Thomaz de Torquemada primeiro inquisidor geral de Hespanha. O seu appellido foi tomado de alcunha de um arbusto, ou planta de que antigamente se faziam as hastes para as setas; do que nasceu o proverbio — *Partiu como uma xara.*

Foi d'esta familia o padre mestre doutor Fr. José de Santo Antonio Xara, religioso da ordem de S. Paulo, e famoso prégador no seu tempo.

São suas armas: em campo azul uma contrabanda de oiro saindo das bocas de duas cabeças de serpes verdes salpicadas de oiro, e sobre a contrabanda dois lobos de sua côr armados e coroados de vermelho; no campo alto do escudo uma planta de xara verde perfilada de oiro, no inferior em vermelho um castello de oiro com portas e frestas de negro; timbre um pennacho de tres plumas, uma vermelha entre duas de oiro.

Assim as communicou José Freire Monterroio Mascarenhas.

XARMONTO ou CHERMONT? Esta familia não sabemos d'onde veiu para Portugal: só lhe achamos armas no livro que serviu ao padre Fr. José da Cruz, reformador do cartorio da nobreza, as quaes são: escudo partido em pala; na primeira em campo vermelho treze besantes de ouro, postos em tres palas, no segundo em campo de prata um pé de terra de sua côr com tres pinheiros verdes em faxa.

XERCE. Tem por armas o escudo composto de nove peças de oiro e vermelho; as de oiro carregadas de uma flor de liz de azul, e as vermelhas lisas; timbre um leão de oiro rompente.

Acham-se no livro de Fr. José da Cruz.

XEREZ. Esta familia tomou o appellido da cidade de Xerez de la frontera na Andaluzia; Passaram a Portugal individuos d'ella em differentes tempos; no de el-rei D. Manuel veio Pedro Xerez, pae de Antonio Xerez, que no anno do 1516 servia na praça de Alcacer, e d'estes procedeu o almirante Victorio Zagalo Preto. De outra linha passaram a Lisboa dois irmãos da cidade de Cordova, de um dos quaes procedeu o desembargador João Baptista Bavone.

São suas armas em campo verde um castello de prata sobre ondas de azul e prata, e arrimado a este um bote com seus remos, tudo de oiro; orla vermelha com oito aspas de oiro.

Acham-se em Gonçalo, de Molina.

XIMENES. É familia antiga e illustre, descendente de Garcia Ximenes, cavalleiro navarro. O appellido é patronimico do nome proprio Ximeno. Tiveram o logar de corregedores da villa de Ledesma, um dos quaes foi Fernando Ximenes, que ficando prisioneiro na

batalha de Toro, que venceu el-rei D. João II de Portugal, sendo ainda principe, ficou n'este reino onde, seus descendentes estabeleceram casa grossa, que tem despendido em fundações de egrejas, capellas, seminarios, e em esmolas mais de trezentos mil cruzados.

São suas armas em campo vermelho duas columnas de oiro, postas em pala, sobre cada uma d'ellas uma flor de liz tambem de oiro; entre as columnas duas espadas de prata com as guarnições de oiro, postas em aspa, com as pontas para cima; timbre um braço armado de prata com uma espada do escudo na mão em acção de descarregar o golpe.

Acham-se no livro dos reis de armas.

XIRA. É familia ingleza, do qual passou a Portugal na armada que ajudou a tomar Lisboa, Guilhelmo Schire; e na repartição que el-rei D. Affonso Henriques fez de algumas terras, lhe coube a elle Villa-franca de Xira que fundou, e se lhe deu este nome, que é uma corrupção de Schire. Viveu elle em uma torre fóra da povoação que ainda hoje se chama a torre de Xira, e era pessoa de tão distincta qualidade que casou n'este reino seu filho com D. Maria Paes, senhora da Albergaria de Paio Delgado, que seus descendentes lograram com o senhorio da dita villa. Hoje parece que está extincta, e só na villa de Torres-vedras parece que ha descendencia por femea.

Foi d'esta familia João Xira, plenipotenciario do conde de Arondel em Lisboa, e Fr. João Xira, confessor de el-rei D. João I e que o acompanhou na jornada de Ceuta.

São suas armas em campo vermelho um chaveirão de prata firme, carregado de cinco cruzes de S. Jorge vermelhas; timbre uma cabeça de unicornio de prata armada de vermelho.

Acham-se ne livro dos reis de armas.

XODAR. São as armas d'este appellido em campo de oiro um pé de terra de sua côr, de que sae uma amoreira verde entre dois corvos de negro. Orla vermelha carregada de oito aspas de oiro; timbre a mesma amoreira do escudo.

Tral-as o referido livro de Fr. José da Cruz.

XODAR ALFERES. Teem as mesmas armas dos Xodares, só com a differença do timbre que é um cavalleiro armado de prata, com um pendão entre os braços, e as mãos cortadas em sangue. Estão na sua egreja da capella de Baeça. O mesmo caso aconteceu a outro alferes na batalha da Espina a 12 de abril de 1122. D'este vem a casa de Olea.

Acham-se no referido livro de Fr. José da Cruz.

Z

ZACHARIAS. Esta familia tem casa em a cidade de Xerez de la Frontera.

São suas armas escudo esquartelado: o primeiro e ultimo de oiro liso sem mais nada: o segundo e terceiro de vermelho da mesma fórma.

ZAGALO. Zagalo é o mesmo que Zagal, palavra antiga que significa rapaz. A pessoa mais antiga que se acha d'este appellido é Martim Annes Zagalo, que vivia na villa de Monsaraz na provincia do Alemtejo no tempo de el-rei D. Affonso III, e era dos principaes da mesma villa; foi seu neto Martim Pires Zagalo, e procederam d'elles os senhores

de Villa Fernando, e o seu morgado possuem hoje por femea seus descendentes em Villa nova de Portimão.

São suas armas em campo de oiro dois crescentes de lua, duas estrellas e dois *torteaux* tudo de vermelho, postos em duas palas desencontradas; timbre um leopardo de oiro com uma das estrellas na testa, e um *torteau* na garra direita.

Acham-se no livro dos reis de armas.

ZAMBRANO. É familia de Andaluzia. A primeira pessoa que d'ella sabemos foi Pedro Rodrigues de Zambra, natural da cidade de Ubeda. Tiveram a alcaidaria mór de Segura, commendadores na ordem de Calatrava, e o senhorio de la Puebla e de Fornalva. Passou a Portugal Martim Fernandes Zambrano no tempo de el-rei D. Affonso v, seguindo o partido da *Excellente Senhora*, e o mesmo rei lhe concedeu o fôro de seu vassallo. Fez seu assento em Elvas e por cazamentos mudaram o appellido da sua varonia em Ataides. D'elles procedia Sebastião de Ataide Coutinho e Castro, morador no seculo passado na villa de Abrantes.

São suas armas em campo vermelho um castello de prata de tres torres, e duas estrellas do mesmo metal em chefe com oito raios cada uma; orla azul carrregada de oito aspas de oiro.

Acham-se em Gonçalo Argote de Molina.

ZAMUDIO. É familia antiga e illustre de Hespanha. Teve principio em D. Ordonho, conde de Gaviria, filho natural de um rei de Navarra; o qual teve por filho a Galindo Ordonhes, que povoou o logar de Zamudio, onde fundou casa que deu appellido a seus descendentes, que tiveram o titulo de marquezes de Belvir. Passaram a Portugal e na cidade de Castello-branco se aparentaram com muitas familias, e na Beira baixa.

São suas armas o escudo partido em pala; na primeira em campo vermelho as cadeas de oiro dos reis de Navarra; na segunda em campo de prata cinco folhas de golfão de verde em santor; o contrachefe de ondas de azul e prata, que formem agua.

Assim as expõem o padre Fr. Thomaz de Ramo, no seu *Nobiliario de casas e linhagens de Hespanha*, tit. XIII, fl. 38.

ZAPATA. É familia de Castella. Tem por armas em campo vermelho cinco sapatas jaquetadas de prata e negro, postas em santor: orla vermelha carregada de oito escudinhos de oiro, cada um com sua banda negra.

Tral-as o referido livro de Fr. José da Cruz.

ZARATE. São de Biscaia. Tem por armas o escudo cortado em faxa: na primeira de oiro uma aguia negra coroada entre duas corôas, da parte direita corôa imperial, e da esquerda, corôa real: na segunda faxa tambem de oiro cinco corações sanguinhos postos em santor; timbre uma aguia nascente de oiro sobre chammas de fogo.

Acham-se no livro de Fr. José da Cruz.

ZUNIGAS. É familia de Navarra, que procede dos reis d'aquelle reino, e seus descendentes tiveram o senhorio da villa de Estuniga, cujo nome se corrompeu em Zuniga, e em Castella tem muitas casas da primeira grandeza. Passou a Portugal D. Affonso de Zuniga com a rainha D. Catharina, e foi seu estribeiro-mór, que teve filhos que casaram n'este reino, de que descende muita fidalguia d'elle, e os Mendonças Zunigas de Camarate; e já depois passou tambem a este reino Pedro Gonçalves Zuniga a casar na casa dos Abreus, senhores da Grade, alcaides móres de la Pella, de que ha geração que existe.

São suas armas em campo de prata uma banda negra, e uma cadea de oiro de oito fuzis em orla, que passe por cima da banda.

Acham-se em Gonçalo Argote de Molina, e tambem as traz Haro, no seu *Nobiliario*.

ZUNIGA-AVILA. São do marquez de Mirabel as seguintes armas: Escudo partido em pala: na primeira em campo de prata as armas dos Zunigas, em campo de prata a banda negra e a cadea de oiro como fica dito: na segunda pala as dos Avilas, que são em campo de oiro treze arruellas de azul em tres palas.

Assim as traz o já referido Fr. José da Cruz.

ZUZARTE. É tradição que esta familia é oriunda de Inglaterra, e provém de um conde chamado Lizuarte, que veio a Portugal no tempo de el-rei D. Fernando, em cujo serviço entrou. O seu nome se corrompeu em Zuzarte, foi seu filho Pedro Zuzarte, estribeiro mór do infante D. Pedro duque de Coimbra, de quem procederam todos os Zuzartes, alcaides móres de Monforte, de Setubal e de Aviz.

São suas armas o escudo partido em palla, na primeira em campo azul quatro fivellas de oiro postas em duas faxas, na segunda em campo verde sete espadas de prata com as guarnições de oiro, gotadas de sangue com as pontas para cima, postas em tres palas, tendo a do meio tres e as outras duas; orla vermelha carregada de seis castellos de oiro da parte das fivellas, e seis molhos de troços de lanças de sua côr, atados com torçal de oiro da parte das espadas; timbre duas espadas do escudo em aspa fincadas com as pontas no virol, e atadas com um torçal verde, com uma fivella do escudo em uma das pontas.

Acham-se no livro dos reis de armas.

FIM DO INDICE

APPENDICE

AO

ARCHIVO HERALDICO GENEALOGICO

CONTENDO

OS EXTRACTOS DAS CARTAS DE BRAZÃO D'ARMAS

PASSADAS NO BRAZIL ANTES E DEPOIS DA INDEPENDENCIA DO IMPERIO

SEGUNDO OS RESPECTIVOS REGISTROS
ACTUALMENTE EXISTENTES

Já ia muito adiantada a impressão d'esta obra (que circumstancias alheias da nossa vontade demoram ha mais de um anno no prelo) quando se nos deparou a possibilidade de addicionar-lhe varias noticias que julgamos interessantes, e algumas especies novas, que servirão de proveitoso auxilio aos genealogistas, tanto de Portugal como do Brazil. Com ellas organisámos pois o presente appendice.

Pouco tempo depois da chegada do senhor D. João VI, então principe regente, ao Rio de Janeiro, foi instituido na nova côrte o Cartorio da Nobreza. Isto se comprova pela carta passada em 17 de setembro de 1816 a Balthasar Rangel de Sousa Coutinho (a qual damos na integra em logar competente.) D'ella consta haver sido registrada em 28 do dito mez a fl. 66 do livro respectivo; e como os livros usados para tal mister foram sempre de folio grande, segue-se que n'aquelle deviam já existir á data referida bastantes cartas registradas.

Não é possivel avaliar ao certo o numero de brazões de armas mandados conferir por aquelle monarcha durante a sua permanencia no Brazil; mas deve ser avultado. Á volta da côrte para Lisboa ficaram esses livros no Rio de Janeiro, e n'elles tomou principio a numeração dos que se lhe seguiram até o quinto, que servia em 1848, epoca em que se perderam, com tudo o mais que fazia parte do cartorio, por morte de Possidonio Carneiro da Fonseca Costa, escrivão da Nobreza e Fidalguia do Imperio.

Até hoje tem sido inuteis todas as investigações empregadas para saber ao certo o modo de descaminho que taes livros levaram, posto que a essas diligencias se prestasse com zeloso empenho o ex.^{mo} barão de Gavia, proximo parente do referido finado. Consta apenas que tendo este sido atacado de enfermidade mental, d'ella

viera a fallecer em casa de uma sua irmã; e que esta senhora entregara então, sem depois saber dizer a quem, todos os livros e documentos do cartorio que existia em sua casa. É o que tambem confirmam as cartas do ex.^{mo} barão, que temos em nosso poder.

O sr. Luiz Aleixo Boulanger, que actualmente desempenha o cargo de escrivão da Nobreza, tem sido por sua parte incansavel em procurar saber onde param cartas originaes de brazões concedidos antes e depois da independencia do imperio, para obtendo-se de novo serem registrados: e é para sentir que não haja colhido mais amplo resultado de suas investigações. No entretanto, o unico livro de registro que hoje existe é coordenado por elle, e muito lhe devemos pelas maneiras cortezes e obsequiosas com que francamente se prestou a dar os extractos dos seus registros por elle authenticados, e taes como se haviam mister para o fim que pretendiamos.

A

1. Ananias de Oliveira e Sousa, barão de S. João do Principe com grandeza, commendador da ordem de Christo, e da ordem imperial da Rosa.

Escudo esquartelado; no primeiro e quarto em campo de vermelho uma oliveira verde com azeitonas de oiro e raizes de prata, no segundo e terceiro as quinas de Portugal esquarteladas com as armas de Leão; timbre a oliveira das armas. — Br. p. em ... de agosto de 1854. (M. N.) Reg. no Cart. da N., liv. vi, fl. 13.

(Conf.—L. A. Boulanger.)

2. Antonio Candido Antunes de Oliveira, barão de Mecejana, official da ordem da Rosa, major da guarda nacional, negociante matriculado na cidade de Aracaty, da provincia do Ceará, proprietario e fazendeiro na mesma provincia.

Em campo azul, uma banda de prata com tres arruelas de goles, acompanhada á sextra de um caduceo de ouro, e á dextra de um encontro de boi, do mesmo.—Br. p. em 28 de novembro de 1867. (M. N.) Reg. no Cart. da N., liv. vi, fl. 94.

(Conf.—L. A. Boulanger.)

3. Antonio de Cerqueira Caldas, primeiro barão de Diamantino, segundo vice-presidente da provincia de Matto-Grosso, coronel commandante superior da guarda nacional de Cuyabá, cavalleiro da ordem da Rosa, proprietario e negociante matriculado na dita cidade.

Em campo de ouro um leão de goles rompente, tendo nas garras um caduceo de azul; bordadura de sinople; carregada de quatro abelhas de ouro e quatro besantes de prata; as abelhas nos cantos do escudo e os besantes entre ellas. Corôa de barão. Paquife das côres e metaes do escudo.—Br. p. em 29 de junho 1871. (M. N.) Reg. no Cart. da N., liv. vi, fl. 115.

(Conf.—L. A. Boulanger.)

4. Antonio Clemente Pinto, primeiro barão de S. Clemente, fidalgo cavalleiro da casa imperial, filho legitimo de Antonio Clemente Pinto, barão de Nova-Friburgo, fidalgo cavalleiro da casa imperial, commendador das ordens de Christo e da Rosa, e de sua mulher D. Laura Clementina da Silva Pinto.

Escudo esquartelado: nos primeiro e quarto, em campo de ouro cinco crescentes de luas de azul postos em aspa; no segundo e terceiro, em campo preto tres faxas veiradas e contraveiradas de prata e goles. Corôa de barão. Timbre uma aguia preta estendida. Paquife das côres e metaes das armas. — Br. p. em 20 de julho de 1863. (M. N.) Reg. no Cart. da N., liv. vi, fl. 58.

(Conf.—L. A. Boulanger.)

5. Antonio Clemente Pinto, primeiro barão de Nova-Friburgo, fidalgo cavalleiro da casa imperial, commendador da ordem de Christo e da ordem da Rosa.

Escudo partido em palla; no primeiro, em campo de ouro, cinco crescentes de lua de azul, postos em aspa; no segundo, em campo preto, tres faxas veiradas e contraveiradas de prata e goles. Timbre uma aguia preta estendida. — Br. p. em 8 de dezembro de 1857. (M. N.) Reg. no Cart. da N., liv. vi, fl. 37.

(Conf.—L. A. Boulanger.)

6. Antonio Dias Coelho Netto dos Reis, bacharel formado em direito pela Universidade de Coimbra, moço da camara da imperial guarda-roupa, cavalleiro da ordem de Malta; natural e baptizado na cidade de Campos dos Goytacazes; filho legitimo de Joaquim Pinto Netto dos Reis, primeiro barão de Carapebùs, commendador da ordem de Christo e da ordem da Rosa, moço da camara da imperial guarda-roupa honorario, tenente coronel commandante do 13.º batalhão da guarda nacional da provincia do Rio de Janeiro, e de sua mulher D. Antonia Joaquina Netto dos Reis, baroneza de Carapebùs, ambos naturaes de Campos dos Goytacazes; neto por parte paterna do guarda-mór Bernardo Pinto Netto da Silva, natural de Portugal, e de sua mu- D. Anna Maria Pereira, natural de Campos dos Goytacazes, e pela materna do capitão Antonio Dias Coelho Netto, filho, e de D. Maria Pinto da Cruz Netto, dama de palacio honoraria; bisneto por parte paterna de Manuel Pinto dos Reis, e de sua mulher D. Josepha da Costa, ambos naturaes do reino de Portugal.

Escudo esquartelado; (V. *Joaquim Pinto Netto dos Reis*) elmo de prata, guarnecido de oiro; timbre o leão das armas com uma folha de figueira na testa. — Br. p. em 25 de junho de 1855. Reg. no Cart. da N., liv. vi, fl. 22.

(Conf.—L. A. Boulanger.)

7. Antonio Joaquim da Silva Pinto, barão de S. Fidelis, fazendeiro do municipio de Campos na provincia do Rio de Janeiro.

Escudo esquartelado; no primeiro quartel, em campo de goles cinco crescentes de lua de oiro postos em aspa, no segundo de goles duas cannas de assucar de oiro postas em santor, no terceiro de prata um leão rompente de goles armado de azul; no quarto faxado de seis peças de oiro e azul. Corôa de barão; timbre um leão de prata com um crescente de lua na espadoa esquerda. — Br. p. em 25 de maio de 1868. (M. N.) Reg. no Cart. da N., liv, vi, fl. 99.

(Conf.—L. A. Boulanger.)

8. Antonio José de Castro, barão de Bemfica, official da ordem da Rosa, capitão da guarda nacional, negociante matriculado na cidade do Recife, na provincia de Pernambuco, proprietario e fazendeiro na mesma provincia.

Escudo esquartelado; no primeiro e quarto em campo de azul seis besantes de oiro em duas palas; no segundo e terceiro, em campo de prata cinco quadrilongos de goles postos em aspa. — Br. p. em 5 de junho de 1867. (M. N.) Reg. no Cart. da N., liv. vi, fl. 78.

(Conf.—L. A. Boulanger.)

9. Antonio Martins da Cruz Jobim, barão de Cambahy, proprietario na provincia de S. Pedro do Sul.

Em campo azul um cavalleiro armado de prata, e um chefe de oiro com uma cruz florida de goles. — Br. p. em 2 de abril de 1862. (M. N.) Reg. no Cart. da N., liv. vi, fl. 50.

(Conf.—L. A. Boulanger.)

10. ANTONIO PAULINO LIMPO DE ABREU, visconde de Abaeté, conselheiro de estado, senador e grande do imperio, presidente da camara dos srs. senadores, grã-cruz da ordem de Christo, dignitario da imperial do Cruzeiro, grã-cruz da real ordem portugueza de Nossa Senhora da Conceição de Villa-viçosa; filho legitimo do tenente coronel do corpo de engenheiros Manuel do Espirito-Santo Limpo de Abreu, e de D. Maria da Maternidade de Abreu e Oliveira.

Em campo azul uma asna de prata acompanhada em chefe de duas estrellas de oiro, e em ponta de uma palmeira do mesmo. Divisa — *Consilium in providendo, celeritas in conficiendo.* — Br. p. em 22 de julho de 1864. (M. N.) Reg. no Cart. da N., liv. VI, fl. 63.

(Conf.— L. A. Boulanger.)

11. ANTONIO PEDROZO D'ALBUQUERQUE JUNIOR, bacharel, fidalgo cavalleiro da casa imperial, natural da provincia da Bahia, filho legitimo de Antonio Pedrozo de Albuquerque, fidalgo cavalleiro da casa imperial, coronel da guarda nacional da provincia da Bahia, commendador da ordem de Christo.

Escudo esquartelado: no primeiro quartel, em campo de ouro um leão sanguinho rompente; no segundo em campo azul cinco perolas em aspa; no terceiro, em campo de prata cinco chagas de goles 1, 3 e 1; e no quarto, em campo vermelho uma cruz de ouro posta em banda.—Br. p. em 9 de julho de 1864. (M. N.) Reg. no Cart. da N., liv. VI, fl. 62.

(Conf.—L. A. Boulanger.)

12. ANTONIO DE SOUSA LEÃO, barão de Morenos, dignitario da ordem da Rosa, commendador da ordem de Christo, fazendeiro, natural e residente na provincia de Pernambuco.

Escudo esqnartelado: no primeire e quarto quartel em campo de prata as quinas de Portugal postas em aspa; no segundo e terceiro em campo de ouro um leão de goles rompente. Corôa de barão. Timhre o leão das armas com uma grinalda de prata florida sobre a cabeça, e por differença uma brica de sinople com a inicial A de ouro. — Br. p. em 18 de março de 1871. (M, N.) Reg. no Cart. da N., liv. VI, fl. 112.

(Conf.—L. A. Boulanger.)

13. ANTONIO TERTULIANO DOS SANTOS, barão de Silveiras, fazendeiro no municipio de Rio-Claro, na provincia de S. Paulo, proprietario e negociante matriculado n'esta côrte.

Em campo de prata uma banda de azul com cinco besantes de ouro, acompanhada em chefe de um caduceo de goles, e em ponta de um ramo de cafeeiro de sinople, com fructas de goles. — B. p. em 22 de maio de 1868. (M. N.) Reg. no Cart. da N., liv, VI, fl. 98.

(Conf.—L. A. Boulanger.)

14. ANTONIO TORQUATO LEITE BRANDÃO, filho legitimo de Bernardo Xavier da Silva Ferrão Brandão, e de D. Francisca Eulina Lobo Leite. Neto por parte paterna do sargento-mór Manuel da Rocha Brandão, e de D. Joanna Rosa Marcellina de Seixas. Bisneto pelo lado paterno de Francisco da Rocha Brandão, e de D. Maria da Silva Figueiredo, e tambem bisneto do tenente mestre de campo general Bernardo da Silva Ferrão e D. Francisca de Seixas da Fonseca. Terceiro neto por parte paterna do capitão-mór Francisco Sanches Brandão, e de D. Maria da Rocha Vieira, e tambem terceiro neto de Antonio José da Silva e D. Maria d'Avila da Silva Figueiredo, filha de outra do mesmo nome, prima do coronel Garcia d'Avila de Figueiredo, senhor da illustre casa da Torre, da cidade da Bahia; e o dito Antonio José da Silva, que era filho de D. Francisco Antonio e de D. Maria da Silva, que era filha do conde de Aveiras, Luiz da Silva Tello de Menezes.

Escudo esquartelado: no primeiro e quarto quarteis as armas dos Brandões, que são

as de varonia, em campo azul cinco brandões de oiro acezos e postos em santor; no segundo as dos Silvas, em campo de prata um leão de purpura, armado de azul; no terceiro as dos Avilas, em campo de ouro treze tortões de azul em tres pallas. Elmo de prata, guarnecido de oiro. Paquife dos metaes e côres das armas.— Br. p. em 4 de outubro de 1867. Reg. no Cart. da N. liv. VI, fl. 92.

(Conf.—L. A. Boulanger.)

15. AUGUSTO LEVERGER, barão de Melgaço com grandeza, presidente da provincia de Matto-Grosso, chefe de esquadra graduado e reformado, commendador da ordem de S. Bento de Aviz, official da ordem da Rosa, cavalleiro da ordem imperial do Cruzeiro, membro do Instituto Historico e Geographico do Brazil.

Em campo de goles um castello de oiro, sahindo pela porta uma dextra ao natural armada de uma espada de azul, posta em banda; acompanhado em chefe de uma estrella de prata entre as lettras iniciaes M. G. de oiro; e em ponta de um rio de prata, carregado de uma ancora de sable. Divisa: *Semprc prompto.*—Br. p. em 4 de dezembro de 1865. (M. N.) Reg. no Cart. da N. liv. VI, fl. 69.

(Conf.—L. A. Boulanger.)

B

16. BALTHAZAR RANGEL DE SOUSA COUTINHO. Foi-lhe passada a carta seguinte [1]:

D. João, por graça de Deus rei do reino unido de Portugal, e do Brazil e Algarves, d'aquem e d'alem mar em Africa, senhor de Guiné, e da conquista, navegação, e commercio da Ethiopia, Arabia, Persia, e da India, etc. Faço saber aos que esta minha carta de brazão de armas de nobreza e fidalguia virem, que o capitão Balthazar Rangel de Sousa Coutinho, cavalleiro professo na ordem de Christo, natural da freguezia de S. Salvador do Mundo da Guaratiba, bispado do Rio de Janeiro, me fez petição dizendo: que pela sentença de justificação de sua nobreza, a ella junta, proferida pelo meu desembargador corregedor do civel da côrte, e casa da supplicação, o doutor Claudio José Pereira da Costa, cavalleiro professo na ordem de Christo, subscripta por Antonio Joaquim da Silva Maia, escrivão do mesmo juizo, e pelos documentos a ella tambem juntos, se mostrava que elle é filho legitimo do doutor Miguel Rangel de Sousa Coutinho, natural da dita freguezia, ao qual se passou brazão de armas das mesmas familias em 3 de março de 1727, e de sua mulher D. Helena da Cruz Freire; neto paterno de Julião Rangel de Sousa, e de sua mulher D. Maria Josepha Pereira de Mariz, e pela parte materna do capitão Bento Figueiroa Bravo, e de sua mulher D. Josepha Freire; bisneto do capitão Balthazar Rangel de Sousa, e de sua mulher D. Angela de Mendonça; terceiro neto de Vasco Fernandes Coutinho, senhor e donatario da villa e capitania do Espirito Santo; cujos netos na côrte de Lisboa lograram os titulos de almotaceis-móres do reino, e a dita D. Angela de Mendonça era filha legitima de Francisco de Sousa Coutinho, o qual era segundo neto de D. Jorge de Sousa, irmão de D. Antonio de Sousa, conde do Prado, e elle supplicante pela materna é terceiro neto do capitão Constantino Machado Sampaio, e de sua mulher D. Josepha da Silva e Mariz Pereira, filha legitima de Duarte

[1] Copiada da original que existe em mão de seu neto, o doutor em medicina José Aldrete de Mendonça Rangel de Queiroz Carreira.

Sodré Pereira, senhor de Aguas-bellas; os quaes seus paes e avós, e mais ascendentes foram pessoas da primeira qualidade e grandeza do reino de Portugal, aonde são fidalgos de linhagem, cotta de armas, e de solar, conhecidos por taes tidos e reputados, e se trataram com armas, criados, cavallos, e toda a mais ostentação pertencente a sua nobreza e fidalguia, servindo no politico, e no militar os logares e postos mais distinctos do governo, sem que em tempo algum commettessem crime de lesa magestade divina ou humana. Pelo que me pedia elle supplicante, por mercê, que para a memoria de seus progenitores se não perder, e clareza de sua antiga nobreza, e fidalguia, lhe mandasse dar minha carta de brazão de armas das ditas familias, para d'ellas tambem usar na forma que as trouxeram, e foram concedidas aos ditos seus progenitores. E vista por mim a dita sua petição, sentença, e mais documentos, e constar de tudo o referido, e que a elle como descendente das mencionadas familias lhe pertence usar e gosar de suas armas, segundo o meu regimento, e ordenação de armaria, lhe mandei passar esta minha carta de brazão d'ellas, na forma que aqui vão brazonadas, divisadas, e illuminadas, com côres, e metaes, segundo se acham registadas no livro do registo das armas da nobreza e fidalguia de meus reinos, que tem Portugal, meu principal rei de armas. A saber: um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Sousas do Prado, que são: escudo esquartelado, no primeiro e quarto quartel em campo de prata as cinco quinas de Portugal; no segundo e terceiro quartel em campo de prata um leão rompente de vermelho. No segundo quartel as armas dos Coutinhos, que são em campo de oiro cinco estrellas vermelhas postas em santor. No terceiro as armas dos Pereiras, que são em campo vermelho uma cruz de prata florida, e vazia do campo. No quarto as armas dos Rangeis, que são em campo azul uma flôr de liz de prata, com uma orla de oiro, e n'ella sete romans verdes abertas com bagos vermelhos. Elmo de prata aberto guarnecido de oiro. Paquife dos metaes, e côres das armas. Timbre dos Sousas, que é um leão rompente vermelho, com uma grinalda florida de verde, e por differença uma brica vermelha com um farpão de oiro. O qual escudo e armas poderá trazer, e usar, tão sómente o dito Balthazar Rangel de Sousa Coutinho, assim como as trouxeram, e usaram os ditos nobres, e antigos fidalgos seus antepassados, em tempo dos senhores reis meus antecessores, e com ellas poderá entrar em batalhas, campos, reptos, escaramuças, e exercitar todos os mais actos licitos da guerra, e da paz. E assim mesmo os poderá trazer em seus firmaes, aneis, sinetes, e divisas, pol-as em suas casas, capellas, e mais edificios, e deixal-as sobre sua propria sepultura: e finalmente se poderá servir, honrar, gosar, aproveitar d'ellas, em todo e por todo, como a sua nobreza convem.

Com o que, quero, e me praz, que haja elle, e todos os seus descendentes todas as honras, privilegios, liberdades, graças, mercês, isenções, e franquezas, que hão, e devem haver os fidalgos e nobres de antiga linhagem, e como sempre de todo usaram e gosaram, os ditos seus antepassados; e seus successores, não poderão usar d'este brazão, e privilegios, sem que novamente lhe seja a cada um d'elles confirmado. Pelo que mando aos meus desembargadores, corregedores, juizes, e mais justiças dos meus reinos, e senhorios, e em especial aos meus reis de armas, arautos, e passavantes, e a quaesquer outros officiaes, e pessoas a quem esta minha carta for mostrada, e o conhecimento d'ella pertencer, que em tudo lha cumpram, e guardem como n'ella se contem, sem duvida nem embargo algum, que em ella lhe seja posto; porque assim é minha mercê. Pagou de novos direitos cinco mil réis que se carregaram ao thesoureiro d'elles a folha 14 do livro 5.º de sua receita, como consta do conhecimento em forma registado a folha 83 v. do livro 10.º do registo geral dos mesmos. El-rei nosso senhor o mandou por Izidoro da Costa e Oliveira, cavalleiro professo na ordem de Christo, e da Torre e espada, cavalleiro fidalgo de sua casa real, seu criado particular, e seu rei d'armas Portugal. Antonio Bernardo Cardoso Pessanha de Castel-branco, cavalleiro professo na ordem militar de Sant'Iago da espada, fidalgo de linhagem, e cotta de armas, escrivão da fidalguia e nobreza do reino unido, e suas conquistas, a fez em a côrte e cidade de S. Sebastião do Rio de

Janeiro, aos dezesete dias do mez de setembro do anno do nascimento de nosso senhor Jesus Christo de mil oitocentos e dezeseis. Eu Antonio Bernardo Cardoso Pessanha de Castel-branco a fiz e subscrevi. *Portugal rei de armas principal Isidoro da Costa e Oliveira.*

Registada no livro primeiro do registo dos brazões e armas da nobreza e fidalguia do reino unido e suas conquistas, a folhas 66. Rio de Janeiro 28 de setembro de 1816. *Antonio Bernardo Cardoso Pessanha de Castel-branco.*

N'esta secretaria do registro geral das mercês fica registrada esta carta de brazão de armas n.º 191. Rio de Janeiro 10 de fevereiro de 1817. Pg. 25$000. *Luiz Antonio de Faria Sousa Lobatto.*

Pg. tres mil e duzentos réis de sêllo. Rio de Janeiro 21 de novembro de 1816. — *Drumond.*

17. Belarmino Ricardo de Siqueira, barão de S. Gonçalo com grandeza, deputado á assembléa provincial do Rio de Janeiro, coronel commandante superior da guarda nacional do municipio de Nictheroy, presidente do banco rural e hypothecario na côrte.

Escudo esquartelado: no primeiro em campo de ouro sete barras de azul, lançadas ao viez; no segundo, tambem em campo de ouro, cinco estrellas de goles em aspa; bordadura de goles; e no centro um escudete azul, com uma colmêa e seis abelhas de prata. Corôa de conde, sendo grande do imperio. — Br. p. em 31 de dezembro de 1855. (M. N.) Reg. no Cart. da N.. liv. VI, fl. 28.

(Conf.—L. A. Boulanger.)

18. Benjamim Francklin Torreão de Barros, bacharel em sciencias sociaes e juridicas pela faculdade de direito da cidade do Recife, addido de primeira classe á legação brazileira na republica oriental do Uruguay, filho legitimo de Bento José Fernandes de Barros, commendador da ordem de Christo e da ordem da Rosa, e de D. Joaquina Brazileira Torreão de Barros; neto pela parte paterna do capitão Bento José Fernandes de Barros, e de sua mulher D. Anna Rita Freire de Azevedo; e pela parte materna de Bazilio Quaresma, ex-presidente da provincia do Rio-grande do Norte e da Parahyba, ex-deputado á assembléa geral legislativa pela dita provincia do Rio-grande do Norte, e de sua mulher D. Anna Catharina de Barros Torreão; bisneto por parte paterna de Manuel José Fernandes, e de sua mulher D. Maria Josepha de Barros, da cidade de Lisboa: tambem bisneto do capitão-mór Bento Freire de Revoredo, e de sua mulher D. Monica da Rocha Bezerra, ambos naturaes da provincia do Rio-grande do Norte; terceiro neto do capitão Diogo Marques de Revoredo, e de sua mulher D. Timothea Freire: tambem terceiro neto do capitão Leonardo Pinheiro Teixeira, e de sua mulher D. Maria Borges da Rocha Bezerra, naturaes do Rio-grande do Norte.

Escudo esquartelado: no primeiro e quarto quartel as armas dos Bezerras; em campo verde dois bezerros de ouro andantes com os rabos sobre a anca; no segundo e terceiro as armas dos Revoredos, que são partidas em palla, na primeira em campo de ouro, fretada de vermelho; na segunda em campo verde. um castello de ouro coberto e lavrado, com bordadura azul, carregada de sete peixes salemas de prata. Timbre um bezerro sem chiffres. — Br. p. em 30 de agosto de 1864. Reg. no Cart. da N., liv. VI, fl. 65.

(Conf.—L. A. Boulanger.)

C

19. Caetano Maria Lopes Gama, fidalgo cavalleiro da casa imperial, membro ordinario do conselho de estado, senador do imperio, ministro aposentado no supremo tribunal de justiça, grande dignitario da ordem da Rosa, official da imperial do Cruzeiro, commendador da de Christo, o qual tem occupado por differentes vezes o cargo de ministro e secretario de estado em diversos ramos da administração publica, além do de presidente de provincia, natural e baptisado na freguezia do Santissimo Sacramento da cidade do Recife, na provincia de Pernambuco, filho legitimo do doutor João Lopes Cardoso Machado, natural da cidade de Lisboa, e de D. Anna Bernarda do nascimento Gama, natural e baptisada n'aquella provincia; neto por parte paterna do capitão-mór José Lopes Cardoso, natural de Guimarães, e de D. Agueda Maria de Sousa Machado, natural da villa de Soure, ambos do reino de Portugal; e pela materna do sargento-mór Pedro Fernandes Gama, e D. Thereza Maria de Jesus, ambos naturaes d'aquella mesma provincia; bisneto materno do fidalgo cavalleiro Pedro Fernandes Gama, e de sua mulher D. Maria dos Prazeres Neves; terceiro neto pelo dito lado do fidalgo cavalleiro Manuel Fernandes Gama, e de D. Francisca Gomes, filha legitima do coronel do regimento de linha da cidade do Porto, Bento Gomes; quarto neto por esta mesma parte do fidalgo Ayres da Silva Coutinho, morgado de Azurara, e de D. Margarida da Gama, filha de D. Vasco da Gama, terceiro marquez de Niza.

Escudo esquartelado: no primeiro quartel as armas dos Gamas, a saber: quinze escaques de ouro e vermelho de tres peças em faxa e cinco em palla, sendo as vermelhas acoticadas com suas faxas de prata, e no meio um escudo com as quinas do reino de Portugal; no segundo quartel as dos Lopes, em campo azul uma palmeira de ouro, um corvo pousante n'ella com azas estendidas; no terceiro quartel as dos Cardosos, em campo vermelho dois cardos de verde floridos com flôr e raizes de prata entre dois leões de ouro batalhantes armados de vermelho; no quarto quartel as dos Machados, em campo vermelho cinco machados de prata, manicados de ouro postos em aspa. Elmo de prata, guarnecido de ouro em relevos. Timbre o dos Gamas, um naire da cintura para cima vestido ao modo da India, com o escudo das armas na mão. — Br. p. em 26 de fevereiro de 1849. Reg. no Cart. da N., liv. vi, fl. 8.

(Conf.—L. A. Boulanger.)

20. Caetano Maria de Paiva Lopes Gama, moço fidalgo da casa imperial, natural e baptisado na cidade do Rio de Janeiro, filho legitimo do visconde de Maranguape, grande do imperio, membro ordinario do conselho de estado, senador do imperio, ministro aposentado do tribunal de justiça, grande dignitario da ordem da Rosa, official da ordem imperial do Cruzeiro, commendador da ordem de Christo, ministro e secretario de estado dos negocios estrangeiros, natural e baptisado na cidade do Recife, na provincia de Pernambuco, e da viscondessa de Maranguape; neto paterno do doutor João Lopes Cardoso Machado, natural da cidade de Lisboa, e de D. Anna Bernarda do Nascimento Gama, natural e baptisada n'aquella provincia; bisneto por parte paterna do capitão-mór José Lopes Cardoso, natural de Guimarães, e de D. Agueda Maria de Sousa Machado, natural da villa de Soure, ambos do reino de Portugal; e pela materna do sargento-mór Pedro Fernandes Gama, e de D. Thereza Maria de Jesus, ambos naturaes d'aquella mesma provincia; terceiro neto materno do fidalgo cavalleiro Pedro Fernandes Gama, e de sua

mulher D. Maria dos Prazeres Neves: quarto neto pelo dito lado do fidalgo cavalleiro Manuel Fernandes Gama, e de D. Francisca Gomes, filha legitima do coronel do regimento de linha da cidade do Porto, Bento Gomes: quinto neto por esta mesma parte do fidalgo Ayres da Silva Coutinho, morgado de Azurára, e de D. Margarida da Gama, filha de D. Vasco da Gama, terceiro marquez de Niza.

Escudo esquartelado *(ver o de Caetano Maria Lopes Gama)*. — Br. p. em ... novembro de 1857. Reg. no Cart. da N., liv. VI, fl. 36.

(Conf.—L. A. Boulanger.)

21. Candido José de Campos Ferraz, barão de Porto-Feliz, fazendeiro e proprietario no municipio da Limeira, na provincia de S. Paulo.

Escudo esquartelado: no primeiro e quarto em campo de prata, quatro pallas de sinople; no segundo e terceiro em campo de goles, cinco besantes de ouro postos em aspa, cada um com tres faxas de sable. — Br. p. em 5 de fevereiro de 1868. (M. N.) Reg. no Cart. da N., liv. VI, fl. 96.

(Conf.—L. A. Boulanger.)

22. Candido José Cardoso, doutor em medicina pela faculdade do Rio de Janeiro, proprietario n'esta côrte, negociante matriculado e director do banco rural e hypothecario.

(O resto como a carta de Manuel José Cardoso.) — Br. p. em 20 de setembro de 1860. Reg. no Cart. da N., liv. VI, fl. 47.

(Conf.—L. A. Boulanger.)

23. Candido José Pereira Codeço, filho legitimo de Alexandre José Pereira Codeço, e de D. Maria de Sousa Rodrigues, natural de Campos dos Goytacazes.

Escudo orlado de ouro, em campo azul cinco estrellas de prata, postas em aspa. Timbre um leão de purpura rompente com uma espada de ouro na garra dextra, e uma estrella de prata na esquerda sobre um elmo de prata. Paquife das côres e metaes do brazão. — Br. p. em 20 de setembro de 1858. (M. N.) Reg. no Cart. da N., liv. VI, fl. 38.

(Conf.—L. A. Boulanger.)

D

24. Delphim Carlos de Carvalho, barão da Passagem com grandeza, chefe de divisão do corpo da armada, dignitario da ordem de Rosa, commendador da de Christo, e cavalleiro da de S. Bento de Aviz.

Em campo de ouro um vapor encouraçado de sable, andando em um rio de azul ondeado de prata, carregado á dextra de uma corrente posta em barra e á sestra de um torpedo do mesmo; um chefe de azul com um delphim, um carolus e uma bolota de carvalho de ouro. Divisa: *Avante.* — Br. p. em 9 de abril de 1869. (M. N.) Reg. no Cart. da N., liv. VI, fl. 104.

(Conf.—L. A. Boulanger.)

25. Domingos Francisco de Sousa Leão, barão de Tabalinga, natural e residente na provincia de Pernambuco, official da ordem da Rosa.

Escudo esquartelado: no primeiro e quarto em campo de prata, as quinas de Portugal

postas em aspa; no segundo e terceiro em campo de ouro, um leão de goles rompente. Corôa de barão. Timbre o leão das armas. — Br. p. em 30 de agosto de 1867. (M. N.) Reg. no Cart. da N., liv. vi, fl. 68.

(Conf.—L. A. Boulanger.)

E

26. Estevão Ribeiro de Rezende, barão de Lorena com grandeza, desembargador honorario, commendador da ordem da Rosa, cavalleiro da de Christo, socio correspondente do instituto historico e geographico do Brazil, ex-presidente da provincia de Matto-Grosso, proprietario n'esta côrte, e fazendeiro no municipio de Pirahy.

Em campo azul um leão de ouro rompente, tendo na garra sestra uma balança de prata, e na dextra uma espada do mesmo, acompanhado á direita de um ramo de cafeseiro de ouro com fructas de goles, e á esquerda de tres besantes de prata em roquete, entre cinco estrellas do mesmo postas em aspa. — Br. p. em 22 de maio de 1867. (M. N.) Reg. no Cart. da N., liv. vi, fl. 76.

(Conf.—L. A. Boulanger.)

27. Estevão Ribeiro de Rezende, conde de Valença, natural da provincia de Minas-Geraes, filho legitimo do coronel Severino Ribeiro, e de sua mulher D. Josepha Maria de Rezende, seu pae natural de Lisboa, e sua mãe da freguezia dos Prados, bispado de . arianna; neto paterno de Estevão Ribeiro, e de D. Leonarda Maria, naturaes de Lisboa, e materno de João de Rezende Costa, natural da ilha de Santa Maria, e de D. Helena Maria de Rezende, natural da ilha do Fayal.

Escudo partido de azul e ouro: no primeiro as armas de Damião Dias Ribeiro, que são um leopardo de prata passante, e um chefe de ouro com tres estrellas de vermelho; no segundo as dos Rezendes, duas cabras em palla de preto, gotadas de ouro. Timbre o leopardo das armas com uma estrella na espadoa. Elmo de prata aberto guarnecido de ouro. Corôa de conde, e por differença uma brica azul com uma flôr. — Br. p. em 29 de novembro de 1829. Reg. no Cart. da N., liv. vi, fl. 1.

(Conf.— L. A. Boulanger.)

F

28. Felisberto Ignacio de Oliveira, barão de Cruangy, negociante matriculado, natural da provincia de Pernambuco.

(Ver as armas de Manuel Ignacio de Oliveira, barão de Ouricury.) — Br. p. em 30 de agosto de 1867. (M. N.) Reg. no Cart. da N., liv. vi, fl. 87.

(Conf.—L. A. Boulanger.)

29. Flavio Clementino da Silva Freire, barão de Mamanguape, official da ordem da Rosa, deputado á assembléa geral legislativa pela provincia da Parahyba, proprietario com fazenda de assucar na dita provincia.

Em campo de ouro uma banda de azul, carregada de tres flôres de canna de assucar, de ouro. Corôa de barão. — Br. p. em 23 de junho de 1860. (M. N.) Reg. no Cart. da N., liv. VI, fl. 42.

(Conf.—L. A. Boulanger.)

30. Francisco Balthazar da Silveira (D.), fidalgo cavalleiro da casa imperial, commendador da ordem de Christo, desembargador da relação do Maranhão, deputado á assembléa geral legislativa, filho legitimo de D. Luiz Balthazar da Silveira, coronel reformado da primeira linha do exercito, cavalleiro da ordem de S. Bento de Aviz, e de D. Joanna Maria de Araujo; neto de D. Carlos Balthazar da Silveira, brigadeiro dos reaes exercitos, commandante do regimento da Bahia, e de D. Anna Michaela Joaquina da Silveira; bisneto de D. Luiz Thomé da Silveira; terceiro neto de D. Braz Balthazar da Silveira, senhor de S. Cosmade, na comarca de Lamego, commendador de Ranhados, e das mais commendas que teve seu pae; mestre de campo general, conselheiro de guerra, governador e capitão general de S. Paulo, governador das armas da Beira; e de D. Joanna Ignez Vicencia de Menezes, filha de Aleixo de Sousa da Silva, segundo conde de Sant'Iago; quarto neto de D. Luiz Balthazar da Silveira, veador da rainha D. Maria Anna de Austria, commendador de S. Thomé de Corrilhão, S. Cosme e Damião de Garfe, Santo Estevão de Oldroens, S. Thomé de Penalva, S. Vicente de Figueira, da ordem de Christo; e de D. Luiza Bernarda de Lima.

Escudo esquartelado: no primeiro e quarto quarteis as quinas de Portugal; e no segundo e terceiro as armas de Leão; timbre um leão das armas. [1] — Br. p. em 5 de agosto de 1854. Reg. no Cart. da N., liv. VI, fl. 14.

(Conf.—L. A. Boulanger.)

[1] Estas são em Portugal as armas dos Sousas do Prado.

31. Francisco de Barros Falcão Cavalcanti Albuquerque, ex-primeiro tenente de artilheria, cavalleiro da ordem de Christo, condecorado com a medalha de distincção pela campanha da independencia na Bahia, fidalgo cavalleiro da casa imperial, natural da cidade de Santo Antonio do Recife, provincia de Pernambuco. (Ver a carta de *Pedro Alexandrino de Barros Cavalcanti de Lacerda Albuquerque).*

Br. p. em 20 de agosto de 1865. Reg. no Cart. da N., liv. VI, fl. 68.

(Conf.—L. A. Boulanger.)

32. Francisco Joaquim Pereira Lobo, coronel e chefe da segunda legião de guardas nacionaes da cidade do Recife da provincia de Pernambuco, natural e morador na mesma cidade, filho legitimo de João Baptista Pereira Lobo, e da sua mulher D. Maria Francisca de Gusmão, ambos naturaes da mesma cidade de Recife. (Ver a ascendencia de *João Baptista Pereira Lobo).*

Escudo esquartelado: no primeiro quartel as armas dos Campellos, que são as mesmas dos Moraes, partidas em palla; na primeira em campo vermelho, e sobre um rio uma torre de prata lavrada de preto, com telhado de ouro, e bandeira de prata; no segundo quartel as armas dos Barros, que são em campo sanguinho tres bandas de prata, entre nove estrellas de ouro; no terceiro quartel as armas dos Pregos, em campo verde uma larga banda perfilada de prata, e ondeada de agua azul, e sobre ella tres vieiras de ouro: no quarto quartel as dos Lobos, que são em campo de prata cinco lobos pretos postos em aspa, e armados de vermelho. Elmo de prata aberto, e guarnecido de ouro. Timbre dos Campellos, que é a amoreira verde de suas armas, e por differença uma brica de prata com trifolio de azul. — Br. p. em 26 de novembro de 1846. Reg. no Cart. da N., liv. VI, fl. 5.

(Conf.— L. A. Boulanger.)

33. Francisco José Cardoso, commendador da ordem de Christo, commandante superior da 12.ª legião da guarda nacional, negociante matriculado, proprietario n'esta côrte, e na villa de Itaguahy, dono do canal de S. Pedro de Alcantara, presidente da companhia seropedica fluminense, filho legitimo do brigadeiro Manuel José Cardoso, fidalgo cavalleiro da casa real de Portugal, commendador da ordem de Christo, e de sua mulher D. Maria Francisca de Portugal e Castro; neto por parte paterna do coronel Manuel José Cardoso, fidalgo cavalleiro da casa real, commendador da ordem de Christo, senhor do morgado da Vaccaria, com assento no solar desde D. Affonso I, cujo solar é a quinta dos Cardosos em Lamego, e de sua mulher D. Anna Monteiro de Barros; e por parte materna de Christovão de Portugal e Castro, fidalgo cavalleiro da casa real, commendador da ordem de Christo, e de sua mulher D. Francisca de Assis da Nobrega Botelho.

Escudo partido em tres pallas, as quaes são partidas em faxa; na primeira, tendo por cima as armas de Portugal (as antigas da casa de Bragança) e por baixo as dos Castros, que trazem em campo de ouro treze arruelas de azul em tres pallas; na segunda as armas dos Monteiros, em campo de prata tres cornetas de preto em roquete, com bocaes de ouro e cordões vermelhos, e as dos Barros, que são em campo vermelho tres bandas de prata, e no campo nove estrellas de ouro, postas 1, 3, 3 e 2; na terceira palla as armas dos Nobregas, em campo de ouro quatro pallas de goles, e as dos Botelhos, em campo de ouro quatro bandas de goles; e no meio um escudete com as armas dos Cardosos, em campo vermelho dois cardos floridos com flôres e raizes de prata, entre dois leões de ouro batalhantes, armados de goles. Timbre o dos Cardosos, que é uma cabeça de leão de ouro, saindo-lhe da boca um cardo de verde florido de prata. Elmo de prata, guarnecido de ouro. Paquife dos metaes e côres das armas. — Br. p. em 16 de agosto de 1860. Reg. no Cart. da N., liv. VI, fl. 44.

(Conf.—L. A. Boulanger.)

34. Francisco José Cardoso Junior, bacharel formado em mathematicas, capitão do estado maior de primeira classe, deputado á assembléa provincial do Rio de Janeiro, proprietario n'esta côrte.

(O resto como a carta de Manuel José Cardoso.) — Br. p. em 20 de setembro de 1860. Reg. no Cart. da N., liv. VI, fl. 47.

(Conf.—L. A. Boulanger.)

35. Francisco Leopoldino de Gusmão Lobo, bacharel em direito pela faculdade do Recife, promotor publico da capital de Pernambuco, filho legitimo de Francisco Joaquim Pereira Lobo, coronel chefe do estado maior da guarda nacional de Olinda e Iguarassú, commendador da ordem da Rosa, e da real ordem militar de Portugal de nosso senhor Jesus Christo, condecorado com a medalha do exercito cooperador da boa ordem; e de sua mulher D. Leandra Joaquina de Sá Lobo, filha legitima do negociante Alexandre José de Sá, e de sua mulher D. Vicencia Clara de Sá Pegado; neto por parte paterna de João Baptista Pereira Lobo, e de sua mulher D. Maria Francisca de Gusmão, ambos da mesma cidade do Recife; bisneto pela parte paterna do capitão Manuel Pereira Lobo, rico-homem, natural da cidade de Lamego em Portugal, freguezia da Sé, e de sua mulher D. Maria Josepha do Espirito Santo, natural e moradora na mesma cidade do Recife: e pela parte materna bisneto do sargento-mór Filippe Rodrigues Campello, fidalgo da casa real com accrescentamento de fôro e moradia, e de D. Ignez Francisca de Gusmão, filha legitima do capitão Belchior Mendes de Carvalho, e de sua mulher D. Maria Tavares de Lira Gusmão. Terceiro neto por parte paterna do capitão Manuel Pacheco da Silva, e de sua mulher D. Thereza de Jesus Correa de Brito, ambos da mesma cidade do Recife; e por parte materna terceiro neto do sargento-mór Manuel Rodrigues Campello, cavalleiro professo na ordem de Christo, fidalgo da casa real, tambem com fôro e moradia paga, filho legitimo de outro sargento-mór Antonio Rodrigues Campello, natural da villa de

Vianna de Lima, e de sua mulher e prima D. Ignacia de Barros Rego, natural da mesma cidade do Recife, sendo a mulher do referido terceiro avô Manuel Rodrigues Campello, D. Innocencia de Brito Falcão, filha legitima do capitão Luiz Braz Bezerra, e de sua mulher D. Francisca Sanches del Poço. Quarto neto do capitão Floriano Correa de Brito, e de sua mulher D. Luiza Carneiro da Silva, e tambem quarto neto do doutor Domingos Filippe de Gusmão, de estirpe illustre na cidade de Tavira, d'onde era natural, e de sua mulher D. Maria Tavares de Lira, natural da sobredita cidade do Recife. Quinto neto do capitão-mór Francisco Ribeiro da Silva, e de sua mulher D. Filippa Nunes Tavares, natural do Recife, sendo elle da cidade de Braga em Portugal; tambem quinto neto do fidalgo Manuel Rodrigues, natural de Refoios de Lima, casado com D. Natalia Domingues Campello, natural de Vianna de Lima do dito reino de Portugal, e do capitão Francisco Rebello de Barros, natural de Caminha, e de sua mulher e prima D. Maria da Rocha de Ramos Rego, natural da dita villa de Vianna de Lima. Sexto neto do capitão-mór Pedro Ribeiro da Silva, natural da cidade de Braga, e bem assim sexto neto de Domingos Gonçalves Campello, natural do Prado, casado com D. Justa Gonçalves Campello, e de sua mulher e prima D. Paschoa de Faria Lobo, filha de João Lobo Pinheiro de Faria, e de sua mulher D. Jeronyma de Antas da Silveira, da familia dos Pinheiros, alcaides-móres de Barcellos, fidalgos aparentados com a maior parte dos grandes e senhores do reino, e descendentes da nobilissima familia dos Villas-boas, senhores da casa de Ayró, dos Ayres de Moraes do conselho de Baião, e quinta do Quelhas em S. Bartholomeu de Campello, e senhores da casa Camposa, marquezes d'este titulo, enlaçados com as illustres varonias dos Lobos, dos Silveiras, dos barões de Alvito, condes de Oriola e de Sarzedas.

Escudo *(ver Francisco Joaquim Pereira Lobo.)* — Br. p. em 16 de julho de 1863. Reg. no Cart. da N., liv. VI, fl. 57.

(Conf.—L. A. Boulanger.)

36. Francisco Maria dos Guimarães Peixoto, fidalgo cavalleiro da casa imperial, capitão da 7.ª companhia de fusileiros, filho legitimo do doutor Domingos Ribeiro dos Guimarães Peixoto, barão de Iguarassú.

(O resto ver Pedro Leopoldo dos Guimarães Peixoto.) — Br. p. em 18 de agosto de 1862. Reg. no Cart. da N., liv. VI, fl. 54.

(Conf.—L. A. Boulanger.)

37. Francisco Mariano de Viveiros Sobrinho, barão de S. Bento, fidalgo cavalleiro da casa imperial, deputado á assembléa geral legislativa pela provincia do Maranhão.

Escudo esquartelado: no primeiro, em campo de ouro tres viveiros cheios de agua azulada, com orla de verde; no segundo em campo azul, um muro com porta, entre duas torres, tudo de prata, e lavrado de preto; no terceiro em campo de prata, duas cervas de purpura passantes, e uma bordadura vermelha cheia de escudinhos das armas de Portugal; e no quarto tambem em campo de prata, uma aspa azul com cinco besantes de ouro n'ella. Corôa de barão. Paquife dos metaes e côres das armas. — Br. p. em 6 de junho de 1857. (M. N.) Reg. no Cart. da N., liv. VI, fl. 35.

(Conf.—L. A. Boulanger.)

38. Francisco Martins de Almeida, sargento-mór de guardas nacionaes, na provincia de S. Paulo, filho do arcediago José Gomes de Almeida, que o legitimou; neto do coronel Jeronymo Martins Fernandes, cavalleiro professo na ordem de Christo, e de sua mulher D. Josepha Caetana Leonor Mendes de Almeida; bisneto de João Gomes, e de sua mulher D. Maria Fernandes; tataraneto de Francisco Gomes, e de sua mulher D. Maria Martins de Macedo.

Escudo esquartelado: no primeiro quartel as armas dos Gomes, que são em campo de prata tres cabeças de negro, com pendentes nas orelhas e narizes e colares, tudo de ouro, postas em roquete; no segundo as dos Martins, que são cortadas em faxa, na de cima de negro com duas pallas de ouro, na de baixo em campo de ouro tres flôres de liz vermelho postas em contra roquete; no terceiro quartel as dos Macedos, em campo azul cinco estrellas de ouro de seis raios em santor; no quarto as dos Fernandes, em campo azul uma torre de ouro, com seis bombardas de sua côr, quatro em cima e duas em baixo. Elmo de prata guarnecido de ouro. Paquife dos metaes e côres das armas. Timbre dos Gomes, que é uma das cabeças do escudo e por differença uma brica vermelha com um F da prata. — Br. p. em 25 de outubro de 1855. Reg. no Cart. da N., liv. VI, fl. 25.

(Conf.—L. A. Boulanger.)

39 Francisco Peixoto de Lacerda Werneck, barão de Paty do Alferes com grandeza, commendador da ordem da Rosa, cavalleiro da de Christo, natural e baptisado na freguezia de Nossa Senhora da Conceição do Paty do Alferes, filho legitimo de Francisco Peixoto de Lacerda, capitão de cavallaria da segunda linha em 1811, reformado major da mesma arma em 1818, condecorado com o habito de Christo em 1824 em renumeração de serviços, e de D. Amelia de Werneck; neto pela parte paterna do capitão André Peixoto de Lacerda, e de D. Gertrudes da Silveira Bittencourt, e pela materna do sargento-mór Ignacio de Sousa Werneck, e de D. Francisca das Chagas.

Escudo esquartelado: no primeiro as armas dos Peixotos, que são enxequetado de ouro e azul de seis peças em faxa, e no segundo as armas dos Lacerdas, que são de Castella e Leão, em campo partido com as armas antigas de França, e assim dos contrarios. — Br. p. em 26 de fevereiro de 1855. Reg. no Cart. da N., liv. VI, fl. 18.

(Conf.—L. A. Boulanger.)

40. Francisco Telles Cosme dos Reis, juiz de paz com exercicio na freguezia de Jacarepaguá, cavalleiro da ordem da Rosa, condecorado com o habito da ordem de S. Gregorio Magno, fazendeiro e proprietario na freguezia de Jacarepaguá no municipio neutro.

(Ascendencia e brazão ver *Pascoal Telles Cosme dos Reis)* e por differença no escudo uma brica com a letra F. — Br. p. em 2 de setembro de 1868. Reg, no Cart. da N., liv. VI, fl. 101.

(Conf. — L. A. Boulanger.)

41. Francisco Xavier de Oliveira, barão de Campo-verde, proprietario e negociante na cidade do Recife, provincia de Pernambuco.

Escudo esquartelado: no primeiro e quarto em campo verde uma oliveira de ouro com fructas de sinople e raizes de prata; no segundo e terceiro, em campo de prata um caduceo de azul posto em palla entre duas estrellas de goles. Corôa de barão. Paquife das côres e metaes do escudo. — Br. p. em 31 de julho de 1867. (M. N.) Reg. no Cart. da N., liv. VI, fl. 84.

(Conf.—L. A. Boulanger.)

42. Fructuoso Pinto da Costa, barão de Catú, cavalleiro da ordem de Christo, commandante superior da guarda nacional da villa Jaguaipe, natural da provincia da Bahia.

Escudo partido em duas faxas: na primeira em campo azul, dois colheireiros de prata, affrontados; na segunda, em campo verde, uma sussurana de ouro deitada. — Br. p. em 31 de agosto de 1864. (M. N.) Reg. no Cart. da N., liv. VI, fl. 66.

(Conf.—L. A. Boulanger)

G

43. Geraldo Ribeiro de Sousa Rezende, moço fidalgo com exercicio na casa imperial, proprietario e fazendeiro em Campinas, provincia de S. Paulo, filho legitimo de Estevão Ribeiro de Rezende, natural da provincia de Minas-Geraes, grande do imperio, marquez de Valença, senador pela provincia de Minas-Geraes, membro honorario do antigo conselho de estado, grã-cruz da ordem de Christo, e dignitario da imperial do Cruzeiro, e de sua mulher D. Ilidia Mafalda de Sousa Queiroz; neto pela parte paterna do coronel Severino Ribeiro, natural de Lisboa, e de D. Josepha Maria de Rezende, natural da freguezia de Prados, bispado de Marianna, e pela materna do brigadeiro Luiz Antonio de Sousa, e D. Genebra de Barros Leitão; bisneto pela parte paterna de Estevão Ribeiro, e de D. Leonarda Maria, naturaes de Lisboa, e bem assim de João de Rezende Costa, natural da ilha de Santa Maria, e D. Helena Maria de Rezende, natural da ilha do Fayal.

Escudo esquartelado: no primeiro e quarto as armas de Damião Dias Ribeiro, que são em campo azul um leopardo de prata passante, com um chefe de ouro carregado de estrellas de goles; no segundo as armas dos Sousas, que são esquarteladas com as quinas de Portugal, e as armas de Leão; e no terceiro quartel as armas dos Rezendes, em campo de ouro duas cobras de sable gotadas do primeiro, passantes e postas em palla; e por differença uma brica azul com uma flôr de ouro. Paquife dos metaes e das côres do brazão. Elmo de prata guarnecido de ouro. Timbre o dos Ribeiros, o leopardo das armas, com uma estrella de goles na espada. — Br. p. em 27 de junho de 1870. Reg. no Cart. da N. liv. vi, fl. 108.

(Conf.—L. A. Bonlanger.)

H

44. Henrique José da Silva, barão de Ariró, proprietario e fazendeiro do municipio do Bananal, na provincia de S. Paulo, e major da guarda nacional da mesma provincia.

Escudo esquartelado: no primeiro e quarto em campo de ouro, um leão de purpura rompente, tendo na garra dextra um cafeeiro ao natural; no segundo e terceiro em campo de sinople um rio de prata ondeado de azul, entre seis besantes de ouro, com um chefe de prata, carregado de duas cabeças de indio affrontadas. Corôa de barão. Paquife das côres e metaes do escudo. — Br. p. em 17 de setembro de 1869. (M. N.) Reg. no Cart. da N. liv. vi, fl. 105.

(Conf.—L. A. Boulanger.)

45. Honorio Hermeto Carneiro Leão, marquez de Paraná, conselheiro de estado, senador do imperio, presidente do conselho de ministros, ministro e secretario de estado dos negocios da fazenda, e presidente do tribunal do thesouro nacional, provedor da santa casa da misericordia, grão-cruz da ordem de Christo, e official da ordem imperial do Cruzeiro.

Escudo esquartelado: ao primeiro e segundo com uma bordadura de ouro, com quatro flôres de liz de azul e quatro folhas de figueira ao natural, sendo o primeiro de goles e o esquerdo de azul, e sobre elles um leão de ouro rompente, armado de prata; terceiro e quarto, em campo de goles, uma banda de azul acoticada de ouro, com tres flôres de liz do mesmo metal, entre dois carneiros de prata, passantes, armados de ouro. Corôa de marquez. Timbre o leão do escudo com uma folha de figueira na testa; divisa — *Cor unum via una*. — Br. p. em 28 de novembro de 1855. (M. N.) Reg. no Cart. da N. VI, liv. 26.

(Conf.—L. A. Boulanger.)

I

46. IGNACIO BARBOSA DOS SANTOS WERNECK, barão de Bemposta, proprietario e fazendeiro na freguezia de S. José do Rio-Preto na Parahyba do Sul.

Em campo de prata um cafeeiro de sinople com fructas de goles, acompanhado em chefe de duas estrellas do mesmo; e uma bordadura de azul, carregada de oito besantes de ouro. — Br. p. em 1 de dezembro de 1868. (M. N.) Reg. no Cart. da N. liv. VI, fl. 103.

(Conf.—L. A. Boulanger.)

47. IRENÊO EVANGELISTA DE SOUSA, barão de Mauá, commendador da ordem da Rosa.

Escudo partido em faxa; no primeiro de ouro, uma locomotiva e trilhos de sable; no segundo de azul, um navio a vapor de prata em um mar do mesmo; bordadura de goles, carregada de quatro lampeões de gaz, de ouro, com chamma de vermelho, dois em chefe e dois em ponta. Corôa de barão. Tenans dois mercurios de carnação com manto de azul, azas, caducêo e bolsa de ouro. Divisa: *Labor improbus omnia vincit*. — Br. p. em 28 de dezembro de 1855. (M. N.) Reg. no Cart. da N. liv. VI, fl. 27.

(Conf.—L. A. Boulanger.)

J

48. JACINTO ALVES BARBOSA, barão de Santa Justa com grandeza, proprietario e fazendeiro no municipio da Parahyba do Sul, e na provincia de Minas-Geraes.

Em campo de ouro um leão de sinople rompente armado de goles, tendo na garra dextra um ramo de cafeeiro ao natural; bordadura de goles, com oito besantes de prata. Paquife das côres e metaes das armas. — Br. p. em 25 de maio de 1867. (M. N.) Reg. no Cart. da N. liv. VI, fl. 77.

(Conf.—L. A. Boulanger.)

49. JACINTO PAES DE MENDONÇA, fidalgo da casa imperial, bacharel em leis pela faculdade do Recife, commendador da ordem de Christo, e da ordem da Rosa, commandante

superior da guarda nacional do Porto-Calvo, deputado á assembléa geral legislativa pela provincia das Alagoas, segundo vice-presidente da dita provincia, natural e baptisado na freguezia de Nossa Senhora da Apresentação, da villa do Porto-Calvo, provincia das Alagôas, filho legitimo do tenente coronel Bernardo Antonio de Mendonça, e de sua mulher D. Anna Barbara de Mattos Castello-branco; neto pela parte paterna do desembargador José de Mendonça de Mattos Moreira, juiz de fóra da villa de Odemira, natural de Albufeira, reino do Algarve, e pela parte materna do desembargador Joaquim Pereira de Mattos Castello-branco; bisneto do sargento-mór José de Mendonça Vieira, e de sua mulher D. Barbara Francisca Xavier de Mattos Moreira; terceiro neto de Francisco Dias Vieira e Sousa.

Escudo esquartelado: (ver o de *Manuel Joaquim de Mendonça Castello-branco.)* — Br. p. em 13 de setembro de 1861. Reg. no Cart. da N. liv. VI, fl. 49.

(Conf.—L. A. Boulanger.)

50. Jesuino Lamego Costa, segundo barão da Laguna, chefe de esquadra, conselheiro de guerra, inspector do arsenal de marinha da côrte, dignitario da ordem da Rosa, commendador da de S. Bento de Aviz, de Nossa Senhora da Conceição da Villa-Viçosa de Portugal, da real ordem hespanhola de Carlos III, e da ordem hollandeza do Leão Neerlandez, official da imperial ordem do Cruzeiro e da Legião de honra de França, condecorado com a medalha de ouro da passagem do Tonelero, deputado á assembléa geral legislativa pela provincia de Santa Catharina.

Em campo de ouro um chaveirão de goles, acompanhado á dextra de um esquadro de azul, movente de norte de uma bussola do mesmo; á sestra de um gallo de azul cantante cristado e barbado de goles, e na ponta de uma ancora de sable. Chefe de azul com quatro estrellas de prata. Corôa de barão. Paquife das côres e metaes do escudo. — Br. p. em 25 de julho de 1871. (M. N.) Reg. no Cart. da N. liv. VI, fl. 116.

(Conf.—L. A. Boulanger.)

51. João Antonio de Araujo Freitas Henriques, bacharel, cavalleiro da ordem de Christo, juiz de direito da comarca de Goyana, na provincia de Pernambuco, filho legitimo do coronel João Joaquim de Freitas Henriques.

Escudo partido em palla: a primeira partida em faxa, tendo em cima as armas dos Freitas, em campo vermelho cinco estrellas de ouro de seis pontas cada uma postas em aspa; e por baixo as dos Henriques, em campo de prata dois leões de purpura batalhantes, e um manteler de vermelho, carregado de um castello de ouro, lavrado de preto; na segunda palla, esquartelada, as armas dos Esmeraldos, que são: no primeiro quartel de prata uma banda de preto; e no contrario do mesmo, um leão do mesmo, e sobre elle um filete em banda; no segundo de azul, uma faxa de ouro, e no contrario do mesmo, uma banda de prata fimbrada de goles. Elmo de prata guarnecido de ouro. Paquife dos metaes e côres das armas. Timbre o dos Freitas, dois braços de leão de ouro em aspa. — Br. p. em 23 de agosto de 1860. Reg. no Cart. da N. liv. VI, fl. 45.

(Conf.—L. A. Boulanger.)

52. João Baptista Pereira Lobo, inspector da thesouraria provincial de rendas publicas da provincia de Pernambuco, official da ordem da Rosa, cavalleiro da ordem de Christo, natural e morador na cidade do Recife da mesma provincia; filho legitimo de João Baptista Pereira Lobo, e de sua mulher D. Maria Francisca de Gusmão ambos da mesma cidade do Recife; neto pela parte paterna do capitão Manuel Pereira Lobo, rico homem, natural da cidade de Lamego em Portugal, freguezia da Sé, e de D. Maria do Espirito Santo, natural da mesma cidade do Recife; pela materna neto do sargento-mór Filippe Rodrigues Campello, fidalgo da casa real, e de D. Ignez Francisca de Gusmão, filho legitimo do capitão Belchior Mendes de Carvalho, e sua mulher D. Maria Tavares de Lira

Gusmão; bisneto por parte paterna do capitão Manuel Pacheco da Silva, e de sua mulher D. Thereza de Jesus Correa de Brito, ambos da mesma cidade do Recife; por parte materna bisneto do sargento-mór Manuel Rodrigues Campello, cavalleiro professo na ordem de Christo, e fidalgo da casa real, filho legitimo de outro sargento-mór Antonio Rodrigues Campello, natural da villa de Vianna de Lima, e D. Ignacia dos Ramos Reis, natural da mesma cidade do Recife; sendo a mulher do referido Manuel Rodrigues Campello, D. Innocencia de Brito Falcão, filha do capitão Luiz Braz Bezerra, e de sua mulher D. Francisca Sanches del Poço. Terceiro neto do capitão Floriano Correa de Brito, e de sua mulher D. Luiza Carneiro da Silva, e tambem terceiro neto do doutor Domingos Filippe de Gusmão, natural da cidade de Tavira (Portugal) e de sua mulher D. Maria Tavares de Lira, natural da sobredita cidade do Recife; quarto neto do capitão-mór Francisco Ribeiro da Silva, natural da cidade de Braga, e bem assim quarto neto do fidalgo Manuel Rodrigues, natural de Refoios de Lima, casado com D. Natalia Domingues Campello, natural de Vianna de Lima, em Portugal, e do capitão Francisco Rebello de Barros, natural de Caminha, e de sua mulher D. Maria da Rocha de Barros Reis, natural d'aquella mencionada villa; quinto neto do capitão-mór Pedro Ribeiro da Silva, natural da cidade de Braga, e bem assim quinto neto de Domingos Gonçalves Campello, natural do Prado, casado com D. Justa Gonçalves Campello; e de sua mulher e prima D. Paschoa de Faria Lobo, filha de João Lobo Pinheiro de Faria, e de sua mulher D. Jeronyma de Antas da Silveira, da familia dos Pinheiros, alcaides-móres de Barcellos, fidalgos aparentados com a maior parte dos grandes do reino, descendentes da noblissima familia dos Villas-boas, senhores da casa de Ayró, dos Annes de Moraes do conselho de Baião, e quinta do Quelhas em S. Bartholomeu de Campello, e senhores da casa de Camprosa, marquezes d'este titulo, enlaçados com as illustres varonias dos Lobos, Silvéiras, barões de Alvito, e condes de Oriola e de Sarzedas.

Um escudo esquartelado: no primeiro quartel as armas dos Campellos, que são as mesmas dos Moraes, partidas em palla; na primeira em campo vermelho e sobre um rio uma torre de prata; e na segunda palla, em campo de prata, uma amoreira verde; no segundo quartel as armas dos Gamas, que são quinze escaques de ouro e vermelho, tres peças em palla, e cinco em faxa, e as peças vermelhas acoticadas com duas faxas de prata e um escudo das armas de Portugal no meio; no terceiro quartel as armas dos Regos, em campo verde uma larga banda perfilada de prata e ondeada de agua azul, e sobre ella tres vieiras de ouro; no quarto quartel as dos Lobos, que são em campo de prata cinco lobos pretos postos em aspa, e armados de vermelho. Elmo de prata e guarnecido de ouro. Timbre dos Campellos, que é a amoreira verde de suas armas, e por differença uma brica de prata com trifolio azul.—Br. p. em 24 de novembro de 1846. Reg. no Cart. da N., liv., VI fl. 4.

(Conf.—L. A. Boulanger.)

53. JOÃO CALDAS VIANNA FILHO, proprietario e fazendeiro no municipio de Campos, provincia do Rio de Janeiro, filho legitimo do doutor João Caldas Vianna, advogado n'esta côrte, e de sua mulher D. Margarida Perpetua Pessanha Vianna; neto por parte paterna do capitão Paulo Francisco da Costa Vianna, e de sua mulher D. Maria Joaquina do Nascimento Reis, filha do coronel Joaquim Vicente dos Reis Barroso, riquissimo homem da villa de Campos; e por parte materna do conselheiro Dionysio de Azevedo Pessanha e Vilhegas Castello-branco, ao qual se passou brazão de armas em 2 de agosto de 1814, onde está justificada sua descendencia das nobres familias dos Pessanhas, Azevedos, Vilhegas, Castello-brancos e Telles de Tavora, que foram pessoas de qualificada, antiquissima e conhecida nobreza: João Telles de Tavora, seu decimo terceiro avô, era descendente, conforme a *Historia genealogica da Casa real portugueza*, de el-rei D. Affonso Henriques.

Escudo esquartelado: no primeiro quartel as armas dos Vilhegas, que são em campo de prata uma cruz de negro florida e aberta, entre oito caldeiras da mesma côr, com

azas formadas de serpes tambem negras; no segundo as dos Castello-brancos, que são em campo azul um leão de ouro armado de sanguinho; no terceiro quartel as dos Azevedos, que é esquartelado, o primeiro de ouro, com uma aguia preta estendida, o segundo de azul com cinco estrellas de prata em aspa, e uma bordadura vermelha. cheia de aspas de ouro, e assim dos contrarios; no quarto as dos Pessanhas, que são em campo de prata uma banda de vermelho dentada, carregada de tres flôres de liz de prata. Elmo de prata aberto, guarnecido de ouro. Paquife dos metaes e côres das armas. Timbre dos Vilhegas, que é dois braços armados de prata, com uma caldeira das armas nas mãos; e por differença uma brica vermelha com uma estrella de ouro. — Br. p. em 18 de junho de 1863. Reg. no Cart. da N., liv. VI, fl. 56.

(Conf.—L. A. Boulanger.)

54. João de Figueiredo Pereira de Barros, barão de Fonseca, official da ordem da Rosa, e proprietario na côrte e provincia do Rio de Janeiro.

Escudo partido de azul e prata; no primeiro um castello de ouro, acompanhado em chefe de uma aguia de prata estendida; no segundo um leão de goles rompente, armado de sable, tendo na boca uma espada de azul com punho de ouro. Corôa de barão. Divisa: *Libenter.* — Br. p. em 11 de dezembro de 1867. (M. N.) Reg. no Cart. da N., liv. VI, fl. 95.

(Conf.—L. A. Boulanger.)

55. João Gomes de Carvalho, barão de Barra-Mansa com grandeza, commendador da ordem de Christo e da de Nossa Senhora da Conceição de Villa-Viçosa de Portugal, proprietario e fazendeiro no municipio de Barra-Mansa da provincia do Rio de Janeiro.

Escudo esquartelado: no primeiro e quarto em campo de ouro tres cabeças de indios araris com um turbante de pennas de côres, postas em roquete; no segundo e terceiro em campo de goles um pelicano de ouro, em um ninho mordendo as entranhas para com seu sangue nutrir os filhos, tendo um chefe de azul com tres bolotas de prata. Paquife dos metaes e côres do brazão. Corôa de conde. Timbre uma das cabeças dos indios do escudo. Divisa: *Ambitio et invidia sit procul.* Differença uma brica de prata com um ramo de cafeeiro de sinople, e bordadura de azul. — Br. p. em 18 de julho de 1867. (M. N.) Reg. no Cart. da N., liv. VI, fl. 82.

(Conf.— L. A. Boulanger.)

56. João Gomes Ferreira Vellozo, primeiro barão da villa do Conde, doutor em direito, cavalleiro da ordem da Rosa, natural da Bahia, proprietario e fazendeiro da mesma provincia.

Escudo esquartelado de sinople e ouro: no primeiro duas pennas de ouro postas em aspa; no segundo um barrete de magistrado de sable com arminhos; no terceiro duas cannas de assucar ao natural em aspa; no quarto um annel de ouro coberto de um rubim. Corôa de barão. — Br. p. em 24 de janeiro de 1872. (M. N.) Reg. no Cart. da N., liv. VI, fl. 119.

(Conf.—L. A. Boulanger.)

57. João Gomes de Mello, barão de Marvim com grandeza, senador do imperio, commandante superior reformado da guarda nacional da cidade de Marvim da provincia de Sergipe, commendador da ordem de Christo, cavalleiro da imperial ordem do Cruzeiro, commendador da ordem de S. Gregorio Magno de Roma, natural da provincia de Sergipe.

Escudo partido em palla de prata e goles: no primeiro um leão de sable rompente, e no segundo seis besantes de prata entre uma dobre cruz de ouro. Corôa de conde. Tim-

bre uma aguia de sable abesantada de prata. — Br. p. em 11 de julho de 1867. (M. N.) Reg. no Cart. da N., liv. VI, fl. 81.

(Conf.—L. A. Boulanger.)

58. João Gomes Ribeiro de Avellar, primeiro barão da Parahyba com grandeza, commendador da ordem de Christo, e da ordem da Rosa.

Um escudo esquartelado: no primeiro e quarto quarteis, em campo verde, um leopardo de ouro passante, e um chefe de ouro, com tres estrellas de goles; ao segundo e terceiro, em campo de ouro tres faxas de azul, com tres besantes de prata cada uma; e no centro um escudete, tendo em campo de prata um ramo de cafeeiro e uma canna de assucar ao natural postos em aspa. Corôa de conde, como grande do imperio. — Br. p. em 31 de dezembro de 1858. (M. N.) Reg. no Cart. da N., liv. VI, fl. 39.

(Conf.—L. A. Boulanger.)

59. João Huet Bacellar Pinto Guedes Souto-Maior, fidalgo cavalleiro da casa imperial, coronel graduado e reformado do extincto corpo da brigada, official da imperial ordem do Cruzeiro, cavalleiro da militar de S. Bento de Aviz, e da da Rosa, natural e baptisado na freguezia de S. Martinho de Recezinhos da cidade do Porto, filho legitimo do fidalgo cavalleiro da casa real de Portugal, Duarte Claudio Huet de Bacellar Souto-Maior, senhor do morgado de Pavoiso d'aquella mesma cidade, e de D. Anna Joaquina Guedes de Carvalho Vasconcellos e Menezes, senhora do morgado de Canavezes, ambos moradores na quinta do Fôfo; neto por parte paterna de Lourenço Huet de Bacellar Souto-Maior, e de D. Victoria de Lacerda de Pinho Pereira, e pela materna de Victoriano José Mendes de Carvalho, e de D. Angelica Maria Guedes, ambos naturaes da cidade do Porto; bisneto paterno do fidalgo cavalleiro Duarte Claudio Huet Souto-Maior, e de D. Maria Josepha de Freitas, e materno de Diogo Moreira Cardoso de Vasconcellos, e de D. Josepha Violante de Vasconcellos, naturaes da villa da Feira, da cidade do Porto; e bem assim bisneto de Bernardo Mendes de Carvalho, e de D. Maria Camello de Sousa, senhores e moradores na quinta de Fôfo, e mais de Luiz Pinto da Fonseca, e de D. Luiza da Fonseca Pinto, naturaes do logar de Grades, bispado de Viseu; terceiro neto paterno do fidalgo cavalleiro da casa real Vicente Huet de Souto-Maior, commendador e alcaide-mór de Villa-nova de Mil-Fontes, brigadeiro e governador de Valença do Minho, e sua mulher D. Thereza Isabel de Almeida Machado Porto-Carreiro, herdeira do morgado dos Pintos em Braga e do padroado da Conceição, descendentes das principaes familias do Minho; quarto neto paterno do fidalgo cavalleiro Duarte Claudio Huet, cavalleiro allemão que se alistara ao serviço do senhor infante D. Duarte de Portugal, a quem servira como seu camareiro na prisão do castello de Milão, com tanto amor e lealdade que por morte do dito infante fôra este cavalleiro nomeado por elle seu testamenteiro; e como viesse a Portugal prestar contas d'esta testamentaria, em renumeração d'estes e outros serviços relevantes fôra nomeado cavalleiro da ordem de Christo, e commendador de S. Gil de Portugal, onde casára com D. Constança Malheiro Souto-Maior, filha de Marcos Malheiro Pereira de Bacellar, alcaide-mór de Villa-nova de Mil-Fontes, commendador de Nossa Senhora da Graça, senhor da casa, torre e honras de Mira da casa de Bacellar, além de senhor do solar e paço de Antas, e da honra e solar de Coroneis.

Escudo esquartelado: no primeiro quartel as armas dos Huets, em campo azul tres flôres de liz de ouro, postas em roquete; no segundo quartel as dos Bacellares, em campo de ouro um bacello verde de duas verguntas retorcidas postas em pala, com quatro cachos de purpura; no terceiro quartel as dos Pintos, em campo de prata cinco crescentes de luas vermelhas em aspa; no quarto quartel as de Souto-Maior, em campo de prata tres faxas enxequetadas de ouro e vermelho de tres peças em pala. Corôa a dos duques de Souto-Maior, por assim ter sido concedida á sua descendencia. Paquife dos metaes e côres das armas. Timbre o dos Huets; uma flôr de liz de ouro col-

locada sobre a corôa. — Br. p. em 25 de março de 1849. Reg. no Cart. da N., liv. VI, fl. 9.

(Conf.—L. A. Boulanger.)

60. João Joaquim da Cunha Rego Barros, segundo barão de Goyana, dignitario da ordem da Rosa, commendador da de Christo, coronel commandante superior da guarda nacional de Goyana, na provincia de Pernambuco.

Escudo partido de sinople e de goles; no primeiro as armas dos Regos, uma banda de prata, ondeada de azul, e sobre ella tres vieiras de ouro; no segundo as armas dos Barros, tres bandas de prata e no meio nove estrellas de ouro 1, 3, e 2. Campanha de ouro com uma canna de assucar e um ramo de cafeeiro ao natural, postos em santor, este em barra, aquella em banda. Corôa de barão. Paquife das côres e metaes do escudo. — Br. p. em 30 de agosto de 1870. (M. N.) Reg. no Cart. da N., fl. 110.

(Conf.—L. A. Boulanger.)

61. João Pereira Darrigue Faro, moço fidalgo com exercicio na casa imperial, natural e baptisado na cidade do Rio de Janeiro, filho legitimo de João Pereira Darrigue Faro, coronel chefe da quinta legião da guarda nacional, commendador da ordem de Christo, cavalleiro da ordem imperial do Cruzeiro, official da ordem da Rosa, visconde do Rio-Bonito, com grandeza, que foi vice-presidente da provincia do Rio de Janeiro, director e vice-presidente do banco do Brazil, moço da camara da imperial guarda-roupa, veador de sua magestade a imperatriz; e de sua mulher D. Marianna Joaquina da Fonseca; neto paterno de Joaquim José Pereira de Faro, natural da cidade de Braga no reino de Portugal, commendador da ordem de Christo, cavalleiro da imperial ordem do Cruzeiro, coronel reformado do extincto primeiro regimento de infanteria da segunda linha do exercito, e primeiro barão do Rio-Bonito, e de sua mulher D. Anna Rita de Faro; bisneto de José Pereira de Faro, natural do reino de Galliza, e de sua mulher D. Francisca Thereza Pereira Fernandes de Sá; terceiro neto de Jacob de Bugarim Sá e Sarmento, natural de Galliza; quarto neto de D. Gregorio de Sá, natural da villa de Ponte de Lima, do reino de Portugal.

Escudo esquartelado: (Ver o de *José Pereira de Faro.)* — Br. p. em 20 de maio de 1857. Reg. no Cart. da N., liv. VI, fl. 34.

(Conf.—L. A. Boulanger.)

62. João Rodrigues de Araujo, fidalgo cavalleiro da casa imperial, conego, juiz de casamentos e dispensas matrimoniaes, commendador da ordem de Christo.

Em campo de prata, uma aspa azul, com cinco besantes de ouro em ella. Chapéo preto, com cordões da mesma côr. — Br. p. em 12 de novembro de 1856. (M. N.) Reg. no Cart. da N., liv. VI, fl. 32.

(Conf.—L. A. Boulanger.)

63. João da Silva Machado, primeiro barão de Antonina, senador do imperio, fidalgo cavalleiro e veador honorario da casa imperial, grande dignitario da ordem da Rosa, official da imperial do Cruzeiro.

Em campo de prata um leão de purpura armado de goles, tendo na garra dextra um catechismo e um rosario de ouro, e na espadoa um machado do mesmo, acompanhado á direita de um indio ao natural, virado para a esquerda depondo as armas, que são de ouro. — Br. p. em 17 de setembro de 1859. (M. N.) Reg. no Cart. da N., liv. VI, fl. 40.

(Conf.—L. A. Boulanger.)

64. Joaquim Candido Soares de Meirelles, chefe de divisão graduado, cirurgião-mór da armada, cavalleiro da ordem de S. Bento de Aviz, official da imperial ordem do Cruzeiro, e commendador da ordem da Rosa.

Escudo esquartelado: no primeiro e quarto as armas dos Meirelles, em campo de goles uma cruz florida de ouro, vazia do campo; no segundo e terceiro, as dos Soares, tambem em campo de goles uma torre de prata; e no meio um escudete, tendo em campo de ouro uma ancora de sable, carregada de uma cobra de sinople, enroscando uma verga de prata. Elmo de prata guarnecido de ouro. Timbre um lebreo de sable com a boca aberta. Paquife das côres e metaes das armas. — Br. p. em 1 de maio de 1862. (M. N.) Reg. no Cart. da N., liv. VI, fl. 52.

(Conf.—L. A. Boulanger.)

65. Joaqim José Gomes da Silva, barão de Villa-Maria, fazendeiro e lavrador em Albuquerque, provincia de Matto-grosso.

Em campo de ouro, um indio ao natural cortando a canna de assucar com um podão de azul, em um canavial de verde. Campanha de azul, carregada de um pira-pitanga (peixe) de prata, com barbatanas e rabo de goles. Divisa: *Famam extendere factis hoc virtutis opus.* — Br. p. em 28 de fevereiro de 1863. (M. N.) Reg. no Cart. da N., liv. VI, fl. 55.

(Conf.—L. A. Boulanger.)

66. Joaquim José Pereira de Faro, fidalgo cavalleiro da casa imperial, cavalleiro professo da ordem de Christo, e cavalleiro da imperial ordem do Cruzeiro, coronel reformado do extincto regimento de infanteria de segunda linha do exercito, membro da junta administrativa da caixa de amortisação da divida publica, negociante matriculado pela junta do commercio, natural da cidade de Braga no reino de Portugal; filho legitimo do mercador José Pereira de Faro, natural do reino de Galliza, e de sua mulher D. Francisca Thereza Pereira Fernandes de Sá, natural da cidade de Braga no reino de Portugal; neto paterno de Jacob de Bugarim Sá e Sarmento, natural de Galliza; e pela materna de Antonio Pereira, natural da cidade de Braga, bisneto paterno de D. Gregorio de Sá, natural da villa de Ponte de Lima, do reino de Portugal, e pela materna de Manuel Pereira, natural da cidade de Braga.

Escudo partido em pala: na primeira pala as armas dos Pereiras, que são em campo vermelho uma cruz de prata florida, vazia de campo; na segunda pala as armas dos Faros, que são em campo de prata, uma aspa vermelha, e sobre a aspa cinco escudos das quinas do reino, sem a orladura dos castellos. Elmo de prata aberto guarnecido de ouro. Paquife dos metaes e côres das armas. Timbre o dos Faros, que é meio cavallo branco com tres lançadas no pescoço em sangue, bridado de ouro com cabeçadas e redeas de vermelho. E por differença uma brica azul com uma estrella de ouro. — Br. p. em 24 de março de 1841. Reg. no Cart. da N., liv. VI, fl. 3.

(Conf.—L. A. Boulanger.)

67. Joaquim Miguel Ribeiro Lisboa, baptisado na freguezia de S. João Baptista de Nitheroy, capital da provincia do Rio de Janeiro, filho legitimo de Miguel Maria Lisboa, natural da cidade do Rio de Janeiro, do conselho de sua magestade o imperador, grande dignitario da ordem da Rosa, commendador da ordem de Christo, enviado extraordinario e ministro plenipotenciario do Brazil nos Estados-Unidos, e de D. Maria Isabel de Andrade Lisboa, natural d'esta cidade; neto por parte paterna de José Antonio Lisboa, natural d'esta cidade, do conselho de sua magestade o imperador, commendador da ordem de Christo, deputado da junta do commercio, agricultura, fabricas e navegação; o qual foi no reinado do senhor D. João VI chamado a dar conselho no conselho de estado d'aquelle augusto senhor, e no reinado do senhor D. Pedro I ministro e secretario de estado dos negocios da fazenda; e de sua legitima mulher D. Maria Euphrasia de Lima Lisboa natural da provincia do Rio-Grande do Sul; neto pela parte materna de João José de Andrade Pinto, natural da cidade de Lisboa, fidalgo cavalleiro da casa real de Portugal, gen-

til-homem da imperial camara, commendador da ordem de Christo, official da da Rosa, e de sua legitima mulher D. Maria José de Paiva e Andrade, natural da cidade da Bahia, dama honoraria de sua magestade a imperatriz; bisneto pela parte paterna do capitão José Antonio Ribeiro, natural da villa de Famelicão, no reino de Portugal, cavalleiro professo na ordem de Christo, e de sua legitima mulher D. Barbara da Conceição de Jesus, natural da ilha do Pico; tambem bisneto pela parte paterna do capitão Francisco Marques Lisboa, natural do reino de Portugal, cavalleiro professo na ordem de Christo, e de sua legitima mulher D. Euphrasia de Azevedo Lima, natural da provincia do Rio-Grande do Sul; bisneto pela parte materna de Caetano José de Campos e Andrade, natural de Lisboa, fidalgo cavalleiro da casa real de Portugal, guarda-roupa de sua magestade fidelissima, e de sua legitima mulher D. Isabel Germana Jorge, natural de Lisboa; tambem bisneto pela parte materna de Antonio Soares de Paiva, natural da villa da Colonia, na provincia de Montevideo, e de sua legitima mulher D. Bernardina de Azevedo Lima, natural da provincia do Rio-Grande do Sul; terceiro neto pela parte paterna de Manuel Luiz Seraphim Ribeiro, natural da villa de Famelicão no reino de Portugal, e de sua legitima mulher D. Maria Ribeiro Fidalgo, natural da mesma villa, terceiro neto pela parte paterna de Luiz Marques de Oliveira, natural de Portugal, e capitão-mór da villa de Famelicão n'aquelle reino, e de sua legitima mulher D. Thereza Ribeiro Fidalgo, natural do mesmo reino, e tambem terceiro neto, tanto pela parte paterna como pela materna, de Domingos de Lima e Veiga natural de Portugal, e escrivão da junta da fazenda da provincia de S. Paulo, e de sua legitima mulher D. Gertrudes de Araujo Paes Leme, natural de Sorocaba na provincia de S. Paulo; e tambem terceiro neto pela parte materna de José Caetano Sergio de Andrade, natural da cidade de Lisboa, fidalgo cavalleiro da casa real de Portugal, e guarda-roupa de sua magestade fidelissima, e de sua legitima mulher D. Helena Rita Seixas de Andrade; quarto neto pela parte paterna de Manuel Luiz Ribeiro, natural de Portugal, e de sua mulher D. Seraphina da Conceição, natural do mesmo reino; e tambem quarto neto pela parte paterna de Manuel Francisco Arrojado, natural de Portugal, e filho segundo do morgado da quinta dos Arrojados; e de sua legitima mulher D. Isabel Ribeiro Fidalgo, natural do mesmo reino; e tambem quarto neto pela parte paterna, como pela materna, de Marçal de Lima, natural de Portugal e descendente dos senhores de Ponte de Lima em Portugal; e tambem quarto neto, tanto pela parte paterna como pela materna, de Pedro de Araujo Paes, natural da provincia de S. Paulo, e de sua legitima mulher D. Marianna Leme Garcia, natural da mesma provincia; e tambem quarto neto pela parte materna de Caetano de Andrade Pinto, natural de Portugal, fidalgo cavalleiro da casa real de Portugal, guarda-roupa de sua magestade fidelissima, e aio do senhor rei D. José, e de sua legitima mulher D. Maria Thereza Leonor da Veiga e Cidade; quinto neto pela parte materna de Manuel Campos e Andrade,natural de Lisboa, fidalgo cavalleiro da casa real de Portugal e guarda roupa de sua magestade fidelissima; sexto neto pela parte materna de João Campos e Andrade, natural de Portugal, fidalgo cavalleiro da casa real de Portugal e contador do reino.

Escudo esquartelado: no primeiro quartel as armas dos Ribeiros, que são em campo de oiro tres faxas verdes; no segundo as armas dos Limas, que são partidas em tres palas; a primeira de Aragão, quatro faxas vermelhas; e nas outras duas palas, o escudo esquartelado dos Silvas, isto é em campo de prata um leão de purpura, armado de azul, no terceiro quartel as armas dos Andrades, em campo verde uma banda de goles acoticada de ouro, com duas cabeças de serpes; no quarto quartel as armas dos Pintos, em campo de prata cinco crescentes de lua de goles, postos em aspa. Timbre dos Oliveiras, que é uma aspa de prata com uma flôr de liz de ouro. — Br. p. em 20 de agosto de 1864. Reg. no Cart. da N., liv. VI, fl. 64.

(Conf.—L. A. Boulanger.)

68. JOAQUIM PINTO NETTO DOS REIS, primeiro barão de Carapebús, commendador das ordens de Christo e da Rosa, moço da camara da imperial guarda roupa, bacharel



formado em direito pela universidade de Coimbra, tenente coronel commandante do 13.º batalhão da guarda nacional da provincia do Rio de Janeiro, natural e baptisado na freguezia de S. Salvador dos Campos dos Goytacazes; filho legitimo do guarda-mór Bernardo Pinto Netto da Silva, natural do reino de Portugal, e irmão-germano do capitão Jeronymo Pinto Netto, pae de Manuel Pinto Netto Cruz, primeiro barão de Muriahé com grandeza, fidalgo cavalleiro da casa imperial, commendador da ordem de Christo, e de sua mulher D. Anna Maria Pereira, natural dos Campos dos Goytacazes; neto por parte paterna de Manuel Pinto dos Reis, e de sua mulher D. Josepha da Costa, ambos naturaes do reino de Portugal; neto por parte materna de Gervasio Caetano Peixoto, e de sua mulher D. Leonor Pereira de Sampaio, ambos naturaes dos Campos dos Goytacazes.

Escudo esquartelado: no primeiro e quarto as armas dos Pintos, em campo de prata cinco crescentes de lua vermelhos postos em aspa; no segundo e terceiro as dos Nettos, campo partido em pala vermelho e azul, e sobre tudo um leão de ouro rompente armado de prata, e uma bordadura de ouro com quatro flôres de liz de azul, e quatro folhas de figueira ao natural. Corôa de barão. Timbre o leão das armas com uma folha de figueira na testa. Paquife das côres e metaes do escudo. — Br. p. em 10 de maio de 1855. Reg. no Cart. da N., liv. VI, fl. 20.

(Conf.—L. A. Boulanger.)

69. Joaquim de Sousa Leão, barão de Campo-Alegre, natural e residente na provincia de Pernambuco, official da ordem da Rosa, major commandante de uma secção da reserva da guarda nacional. (Ver as armas de *Domingos Francisco de Sousa Leão, barão de Tabatinga*). — Br. p. em 30 de agosto de 1867. (M. N.) Reg. no Cart. da N., liv. VI, fl. 89.

(Conf.—L. A. Boulanger.)

70. José de Aguiar Toledo, primeiro barão de Bella-Vista, commendador da ordem de Christo, cavalleiro da ordem da Rosa, tenente coronel commandante do batalhão de infanteria da guarda nacional da cidade do Bananal, proprietario com fazendas de café na provincia de S. Paulo.

Escudo esquartelado: no primeiro em campo de ouro uma aguia de vermelho, armada de preto estendida; no segundo enxequetado oito peças de prata e sete de azul. No meio um escudete tendo em campo de ouro um cafeeiro ao natural. Corôa de barão. Timbre a aguia das armas. — Br. p. em 30 de junho de 1855. (M. N.) Reg. no Cart. da N., liv. VI, fl. 23.

(Conf.—L. A. Boulanger.)

71. Josè Alexandre Pereira Codeço, natural da cidade de Campos dos Goytacazes, filho legitimo de Candido José Pereira Codeço, cavalleiro da ordem de Christo, e de sua mulher D. Anna Francisca Candida Torres; neto por parte paterna de Alexandre José Pereira Codeço, e de sua mulher D. Maria de Sousa Rodrigues; e pela materna do guarda-mór Vicente Torres Homem, e de sua mulher D. Joaquina Gomes de Sousa; bisneto paterno do capitão Estevão Ribeiro de Alvarenga, a quem o rei de Portugal D. Pedro II concedeu brazão de armas de nobreza e fidalguia.

Escudo orlado de ouro; em campo azul cinco estrellas de prata postas em aspa. Timbre um leão de purpura rompente com uma espada de ouro na mão direita, e uma estrella de prata na esquerda sobre um elmo de prata. — Br. p. em 29 de dezembro de 1866. Reg. no Cart. da N., liv. VI, fl. 72.

(Conf.—L. A. Boulanger.)

72. José Alves Rangel, barão de S. João da Barra com grandeza, cavalleiro da ordem de Christo, official da ordem da Rosa.

Escudo partido em pala; na primeira de vermelho um gallo de prata andando, cristado e armado de ouro; na segunda de ouro uma dextra ao natural, tendo uma canna de assucar de sinople, posta em pala. Uma bordadura de azul carregada em chefe da insignia da ordem de Christo, e em ponta da medalha de official da ordem da Rosa; e em baixo do escudo por divisa: *Vele n'essa gloria*, que é o anagramma do appellido José Alves Rangel. — Br. p. em 24 de março de 1855. (M. N.) Reg. no Cart. da N., liv. VI, fl. 19.

(Conf.—L. A. Boulanger.)

73. José Antonio Correa da Camara, segundo visconde de Pelotas com grandeza, marechal de campo, dignitario da ordem imperial do Cruzeiro, commendador da ordem de S. Bento de Aviz, official da da Rosa; condecorado com as medalhas, de prata do exercito no estado oriental do Uruguay em 1852, do merito, e de ouro do exercito no Paraguay.

Escudo esquartelado: no primeiro quartel um campo de ouro fretado de correas de goles, repassadas umas por outras; no segundo quartel esquartelado em aspa, sendo o chefe e a ponta enxequetados de ouro e azul, á dextra, e a sestra de azul com dois crescentes de prata apontados; no terceiro quartel em campo azul uma faxa de ouro com tres vieiras de goles, e em chefe tres merletas de prata; no quarto quartel em campo de ouro um leão de goles rompente, e por divisa: *Aquidaban*. — Br. p. em 18 de maio de 1871. (M. N.) Reg. no Cart. da N., liv. VI, fl. 113.

(Conf.—L. A. Boulanger.)

74. José Antonio de Mendonça, barão de Jaraguá, commendador da ordem de Christo, commandante superior reformado das guardas nacionaes da comarca de Maceió, capital da provincia das Alagoas.

Escudo esquartelado: no primeiro quartel as armas dos Mendonças, que são o escudo franxado, no primeiro verde, uma banda vermelha coticada de ouro; no segundo um S preto, em campo de ouro, e assim os contrarios: no segundo as armas dos Vieiras, em campo vermelho seis vieiras de ouro em duas palas; no terceiro as dos Mattos, em campo vermelho um pinheiro verde, com fructos, perfis e raizes de ouro, entre dois leões do mesmo metal, armados de azul; no quarto as dos Moreiras, em campo vermelho nove escudetes de prata, sobre cada um sua cruz verde florida, como as de Aviz, em tres palas. Corôa de barão. Timbre o dos Mendonças, que é uma aza de ouro, sobre ella um S como os do escudo, e por differença uma brica de prata com um S preto. — Br. p. em 22 de agosto de 1861. (M. N.) Reg. no Cart. da N., liv. VI, fl. 48.

(Conf.—L. A. Boulanger.)

75. José da Costa Carvalho, marquez de Mont'alegre, conselheiro de estado, senador do imperio, grão-cruz da ordem imperial do Cruzeiro, e da legião de honra de França, ex-membro da regencia permanente eleita em 1831, ministro e secretario de estado, presidente do conselho de ministros.

Escudo partido em pala: no primeiro de azul, seis costas de prata, em tres faxas; no segundo de ouro, tres bolotas de verde postas em roquete. Corôa de marquez. — Br. p. em 31 de dezembro de 1855. (M. N.) Reg. no Cart. da N., liv. VI, fl. 29.

(Conf.—L. A. Boulanger.)

76. José Francisco Cardoso, presidente da provincia do Paraná, bacharel em leis pela faculdade de S. Paulo, cavalleiro da ordem de Christo. (O resto como a carta de *Manuel José Cardoso.)* — Br. p. em 20 de setembro de 1860. Reg. no Cart. da N., liv. VI, fl. 47.

(Conf.—L. A. Boulanger.)

77. José Gomes de Oliveira Lima, barão de S. José, natural da provincia de Minas-Geraes, tenente-coronel commandante do batalhão de infanteria n.º 69, fazendeiro e proprietario na referida provincia.

Escudo esquartelado: no primeiro em campo de prata tres faxas enxequetadas de ouro e goles; no segundo quatro barras de goles em campo de ouro; no terceiro de prata um leão de purpura rompente armado de azul, e no quarto de prata uma oliveira verde com fructos de ouro. Corôa de barão. — Br. p. em 27 de outubro de 1867. (M. N.) Reg. no Cart. da N., liv. vi, fl. 93.

(Conf.—L. A. Boulanger.)

78. José Joaquim de Andrade Neves, barão do Triumpho com grandeza, brigadeiro, natural e residente na provincia de S. Pedro do Rio-Grande do Sul.

Escudo esquartelado: no primeiro em campo azul um castello de ouro derrubado; no segundo em campo de goles um monte de sinople orlado de neve de prata; no terceiro em campo de goles um pilar de prata, tendo em chefe doze estrellas do mesmo; no quarto em campo de azul duas espadas de ouro postas em aspa. Corôa de conde. — Br. p. em 24 de outubro de 1868. (M. N.) Reg. no Archivo da N., liv. vi, fl. 102.

(Conf.—L. A. Boulanger.)

79. José Lopes Pereira Bahia, fidalgo cavalleiro da casa imperial, commendador da ordem de Christo, official da ordem da Rosa, vereador da illustrissima camara municipal da côrte e cidade do Rio de Janeiro, filho legitimo de Manuel Lopes Pereira Bahia, visconde de Merity, com grandeza.

Em campo de prata: um escudete de azul, carregado de uma abelha de ouro. — Br. p. em 31 de dezembro de 1863. Reg. no Cart. da N., liv. vi, fl. 61.

(Conf.—L. A. Boulanger.)

80. José Luiz Campos do Amaral, fidalgo cavalleiro da casa imperial, coronel commandante superior da guarda nacional do municipio de Paraty e Angra dos Reis, commendador da ordem de Christo, official da ordem da Rosa.

Em campo azul um leão de ouro rompente, armado de goles e tendo nas mãos um caduceo de prata. Elmo de prata aberto, e guarnecido de ouro. Paquife dos metaes e côres das armas. — Br. p. em 27 de setembro de 1856. (M. N.) Reg. no Cart. da N., liv. vi, fl. 31.

(Conf.—L. A. Boulanger.)

81. José Maria da Silva Paranhos, primeiro visconde do Rio-Branco com grandeza, conselheiro de estado, senador do imperio, presidente do conselho de ministros, ministro e secretario de estado dos negocios da fazenda, presidente do tribunal do thesouro nacional, dignitario da ordem imperial do Cruzeiro, commendador da ordem da Rosa, grão-cruz da ordem de Nossa Senhora da Conceição de Villa-Viçosa de Portugal, e da imperial ordem russiana de Sant'Anna de primeira classe.

Em campo azul uma esphera armilar de ouro, acompanhada á dextra de uma penna de prata; á sextra de um compasso de ouro, e na ponta, de um rio de prata. Corôa de conde. Paquife das côres e metaes do escudo e por divisa: *Deus et labor.* — Br. p. em 28 de junho de 1871. (M. N.) Reg. no Cart. da N., liv. vi, fl. 114.

(Conf.—L. A. Boulanger.)

82. José Marques Lisboa, do conselho de sua magestade o imperador, grande dignitario da ordem da Rosa, commendador das ordens de Christo, e de Leopoldo da Belgica, enviado extraordinario e ministro plenipotenciario junto a sua magestade britanica: filho legitimo de Francisco Marques Lisboa, cavalleiro da ordem de Christo, patrão-mór

do Rio-Grande do Sul, e coronel de milicias, e de sua mulher D. Euphrazia Joaquina de Azevedo Lima e Alarcão; neto paterno de Luiz Marques Lisboa de Oliveira, capitão-mór da villa de Famelicão, e de sua mulher D. Thereza Maria de Jesus Bueno da Ribeira; neto paterno de Domingos de Lima Veiga, escrivão da provedoria da cidade de Porto-alegre, e guarda-mór das terras mineraes d'aquella provincia, e de sua mulher D. Gertrudes Paes Leme de Araujo Gusmão.

Escudo esquartelado: no primeiro quartel as armas dos Limas, que são o escudo terceado em tres pallas: a primeira de Aragão, e as duas outras esquarteladas de prata, ao primeiro um leão de purpura armado de azul; ao segundo tres faxas enxequetadas de ouro e vermelho de tres peças em palla, e assim os contrarios; no segundo quartel as armas dos Azevedos, que são um escudo esquartelado, no primeiro e quarto de ouro, uma aguia preta estendida; no segundo e terceiro, de azul, cinco estrellas de prata postas em aspa, com bordadura vermelha carregada de aspas de ouro; no terceiro quartel as armas dos Oliveiras, que são em campo vermelho uma oliveira verde com azeitonas de ouro e raizes de prata; no quarto quartel as armas dos Souto-Maior, que são em campo de prata tres faxas enxequetadas de ouro e vermelho de tres peças em palla com uma cinta de preto cada uma. Elmo de prata aberto e guarnecido de ouro. Paquife dos metaes e côres das armas. Timbre o dos Limas, que é o leão das armas. — Br. p. em 15 de janeiro de 1847. Reg. no Cart. da N., liv. VI, fl. 6.

(Conf.—L. A. Boulanger.)

83. José Pereira de Faro, fidalgo cavalleiro da casa imperial, natural d'esta cidade do Rio de Janeiro, filho legitimo de Joaquim José Pereira de Faro, fidalgo cavalleiro da casa imperial, coronel chefe da primeira legião da guarda nacional da côrte, moço da camara da imperial guarda-roupa, commendador da ordem de Christo, e de sua mulher D. Angelica Joaquina Vergueiro; neto, pela parte paterna, de Joaquim José Pereira de Faro, commendador da ordem de Christo, cavalleiro da imperial ordem do Cruzeiro, coronel reformado do extincto primeiro regimento de infanteria da segunda linha do exercito e primeiro barão do Rio-Bonito, e de sua mulher D. Anna Rita de Faro; e pela materna de Nicoláo Pereira de Campos Vergueiro, decano do senado brazileiro, que foi um dos tres membros da regencia provisoria, na menoridade, e ministro e secretario de estado dos negocios do imperio, da fazenda, e da justiça; bisneto paterno de José Pereira de Faro, natural do reino de Galliza, e de sua mulher D. Francisca Pereira Fernandes de Sá; terceiro neto de D. Jacob de Bugarim Sá e Sarmento, natural de Galliza; quarto neto de D. Gregorio de Sá, natural da villa de Ponte de Lima, do reino de Portugal.

Escudo esquartelado: no primeiro quartel as armas dos Faros, que são em campo de prata uma aspa de vermelho, e sobre a aspa cinco escudos das quinas de Portugal, sem a orladura dos castellos; no segundo, em campo vermelho quatro faxas de ouro; no terceiro, em campo vermelho uma cruz de prata florida, vazia de campo; e no quarto, burelado de prata e azul, com tres asnas de vermelho por cima. Elmo de prata aberto, guarnecido de ouro. Paquife dos metaes e côres das armas. Timbre, o dos Faros, que é um meio cavallo branco, com tres lançadas no pescoço, em sangue, bridado de ouro, com cabeçadas e redeas vermelhas; e por differença uma brica azul com uma estrella de ouro. — Br. p. em 20 de maio de 1857. Reg. no Cart. da N., liv. VI, fl. 33.

(Conf.—L. A. Boulanger.)

84. José Pereira dos Santos, barão de Saquarema com grandeza, natural da provincia do Rio de Janeiro, fazendeiro abastado do municipio de Saquarema, official da ordem da Rosa, delegado de policia e primeiro substituto do juiz municipal e orphãos do mesmo municipio.

Escudo partido de prata e goles: no primeiro uma faxa de sinople, e um chefe de azul carregado de uma estrella de ouro; no segundo uma cruz de prata florida e vazia

de campo. Corôa de conde. Timbre; uma cruz vermelha guarnecida e florida de prata entre duas azas de anjos.—Br. p. em 24 de agosto de 1867. (M. N.) Reg. no Cart. da N., liv. VI, fl. 85.

(Conf.—L. A. Boulanger.)

85. JOSÉ PEREIRA VIANNA, barão da Soledade, negociante matriculado, natural e residente na provincia de Pernambuco.

Um escudo partido em palla de góles e de ouro: ao primeiro uma cruz de prata florida e vazia de campo; o segundo, de ouro, com uma aguia de sable. Corôa de barão. Timbre, uma cruz vermelha, florida e vazia, entre dois cotos de azas de anjos.—Br. p. em 18 de junho de 1867. (M. N.) Reg. no Cart. da N., liv. VI, fl. 79.

(Conf.—L. A. Boulanger.)

86. JOSÉ RIBEIRO DE SOUZA LEÃO, coronel reformado da guarda nacional, official da ordem da Rosa, cavalleiro da de Christo, negociante matriculado e proprietario, filho legitimo do capitão Manuel José Ribeiro da Silva, negociante de grosso trato e proprietario, e de D. Senhorinha Rosa da Conceição e Silva; neto, por parte paterna, do negociante e proprietario João Ribeiro da Silva, e de D. Catharina Ribeiro e Silva, e materna do capitão cavalleiro da ordem de Santiago, Jacinto Gomes Leão, e de D. Joaquina do Amaral Leão.

Escudo esquartelado: no primeiro quartel, em campo vermelho tres estrellas de ouro, 2 e 1; no segundo e terceiro, em campo de prata, um leão sanguineo armado de azul; no quarto, faxado de azul e de ouro, de quatro peças.—Br. p. em 2 de setembro de 1863. (M. N.) Reg. no Cart. da N., liv. VI, fl. 60.

(Conf.—L. A. Boulanger.)

87. JOSÉ TEIXEIRA DE VASCONCELLOS, barão de Maraú, official da ordem da Rosa, proprietario com fazenda de assucar na provincia da Parahyba, ex-coronel na antiga guarda nacional da dita provincia.

Em campo de góles tres faxas de veiro; e no meio um escudete com uma cruz de ouro, potentea, vazia de campo. Corôa de barão.—Br. p. em 28 de junho de 1860. (M. N.) Reg. no Cart. da N., liv. VI, fl. 43.

(Conf.—L. A. Boulanger.)

88. JOSÉ THOMAZ DA SILVA QUINTANILHA, bacharel formado em mathematicas pela universidade de Coimbra, official da ordem imperial do Cruzeiro, cavalleiro da ordem de Christo, presidente da directoria da companhia brazileira dos paquetes a vapor, e primeiro barão de Paquetá com grandeza.

Escudo esquartelado: no primeiro e quarto, em campo de ouro um leão de purpura rompente, armado de azul, tendo na garra dextra um compasso de góles, na espadoa uma folha de independencia de sinople nervada e orlada de ouro, e por cima da cabeça uma estrella de góles; no segundo e terceiro, em campo de sinople cinco seixas de prata voando e postas em aspa. Corôa de grande do imperio. Paquife das côres e metaes do escudo.—Br. p. em 29 de janeiro de 1872. (M. N.) Reg. no Cart. da N., liv. VI, fl. 120.

(Conf.—L. A. Boulanger.)

L

89. Lopo Diniz Cordeiro, filho legitimo de Antonio Cordeiro da Silva Guerra, e de D. Henriqueta de Albuquerque Diniz Cordeiro, neto do coronel Joaquim da Silva Diniz e de D. Maria José de Albuquerque Diniz; bisneto por parte materna do capitão João Baptista Santiago Roballo Pacheco da Silva, e de sua mulher D. Clara Magdalena de Albuquerque.

Escudo esquartelado: no primeiro quartel as armas dos Pachecos, que são em campo de ouro duas caldeiras de negro, com tres faxas cada uma, veiradas de ouro e contraveiradas de vermelho, e assim as azas; e nos encaixes quatro cabeças de serpes, negras, duas para dentro e duas para fóra; no segundo quartel as de Santiago, que são em campo de prata um pendão, que é metade azul e outra metade sanguinha, haste vermelha segura por duas mãos de sua côr cortadas e distillando sangue; no terceiro quartel as dos Roballos, que são em campo azul um roballo de prata entre duas estrellas de ouro; no quarto quartel as dos Silvas, que são em campo de prata um leão de purpura armado de azul; e no meio um escudete com as armas dos Albuquerques, que são esquarteladas: nos primeiro e quarto as armas de Portugal com seu filete e contrabanda acostumada; segundo e terceiro vermelhos, e cinco flôres de liz de ouro em aspa. Elmo de prata aberto, guarnecido de ouro. Timbre uma aza de aguia estendida, e sobre ella as cinco flôres de liz das armas, e por differença uma brica azul com um farpão de prata. Paquife dos metaes e côres das armas. — Br. p. em 15 de fevereiro de 1866. Reg. no Cart. da N., liv. VI, fl. 70.

(Conf.—L. A. Boulanger.)

90. Luiz Antonio de Sequeira, barão de Itabapoana, fidalgo cavalleiro da casa imperial, commendador da ordem de Christo, cavalleiro da ordem da Rosa, proprietario com fazendas de assucar em Campos, coronel commandante superior da guarda nacional.

Escudo esquartelado: no primeiro, em campo azul cinco vieiras de ouro estendidas de preto, postas em aspa; no segundo, em campo de prata, um leão de purpura armado de azul. — Br. p. em 4 de junho de 1855. (M. N.) Reg. no Cart. da Nobreza, liv. VI, fl. 21.

(Conf.—L. A. Boulanger.)

91. Luiz Filippe de Sousa Leão, natural da provincia de Pernambuco, bacharel formado em sciencias sociaes e juridicas, pela faculdade de direito do Recife, deputado á assembléa geral legislativa, agricultor e proprietario na referida provincia. — (Vêr as armas de *Domingos Francisco de Sousa Leão, barão de Tabatinga).* — Br. p. em 30 de agosto de 1867. (M. N.) Reg. no Cart. da N., liv. VI, fl. 90.

(Conf.—L. A. Boulanger.)

92. Luiz Francisco Gonçalves Junqueira, barão de Jacuipe, fidalgo cavalleiro da casa imperial, proprietario com fazenda de assucar na provincia da Bahia.

Em campo azul, cinco flôres de canna de assucar de ouro, abertas e postas em aspa. Corôa de barão. Divisa: *Experto credite.* — Br. p. em 16 de junho de 1860. (M. N.) Reg. no Cart. da N., liv. VI, fl. 41.

(Conf.—L. A. Boulanger.)

93. Luiz Martinho de Azevedo Couto, natural e residente na provincia do Pará, cavalleiro fidalgo da casa imperial, conego da sé da mesma provincia, vigario collado da freguezia da Sé, filho legitimo de Antonio Bernal do Couto, cavalleiro da ordem imperial do Cruzeiro, e de D. Anna Joaquina de Carvalho.

Escudo esquartelado: no primeiro quartel em campo vermelho um leão de ouro faxado com tres faxas de azul; no segundo quartel em campo vermelho, um castello de prata lavrado de negro com as portas e frestas de verde, assentado sobre ondas de prata, e azul em contra chefe; no terceiro quartel esquartelado; no primeiro quartel em campo de ouro uma aguia negra de duas cabeças armada de vermelho com um crescente de prata nos peitos; no segundo quartel em campo sanguinho tres escudetes de prata, carregado cada um de sua cruz sanguinha chã postas em roquete; no terceiro quartel tambem em campo sanguinho um castello de prata; e no quarto quartel no mesmo campo vermelho tres vieiras de prata em roquete; no quarto quartel em campo azul, uma estrella de ouro de oito raios, no centro de quatro crescentes de prata apontados. Chapéo de conego, e por differença uma brica de prata com um L de preto. — Br. p. em 12 de fevereiro de 1870. (M. N.) Reg. no Cart. da N., liv. vi, fl. 107.

(Conf.—L. A. Boulanger.)

94. Luiz Peixoto de Lacerda Werneck, fidalgo cavalleiro da casa imperial, commendador da ordem de Christo, consul geral do Brazil junto á confederação Helvetica, Baviera e outros estados da confederação Germanica, doutor em direito civil e canonico pela universidade de Roma, bacharel em direito pela academia de Paris, membro do conselho fiscal do imperial instituto fluminense de agricultura, ex-director da companhia da estrada de ferro de D. Pedro ii, filho legitimo de Francisco Peixoto de Lacerda Werneck, barão de Paty do Alferes, com as honras de grandeza, commendador da ordem da Rosa, cavalleiro da ordem de Christo, e de sua mulher D. Maria Isabel de Lacerda; neto pela parte paterna de Francisco Peixoto de Lacerda, capitão de cavallaria da segunda linha em 1811, reformado major da mesma arma em 1818, cavalleiro da ordem de Christo em 1824, e de D. Amatilde Verneck; bisneto do capitão André Peixoto de Lacerda, e de sua mulher D. Gertrudes Marianna da Silveira Bittencourt; tambem bisneto do sargento-mór Ignacio de Sousa Verneck e de D. Francisca das Chagas.

Escudo (ver o de *Francisco Peixoto de Lacerda Werneck, barão de Paty do Alferes.)* — Br. p. em 24 de agosto de 1865. Reg. no Cart. da N., liv. vi, fl. 59.

(Conf.—L. A. Boulanger.)

95. Luiz Quirino da Rocha Werneck, fidalgo cavalleiro da casa imperial, proprietario e fazendeiro no municipio de Vassouras, filho legitimo do tenente-coronel Luiz Quirino da Rocha, fidalgo cavalleiro da casa imperial, cavalleiro da ordem de Christo, e de D. Francisca das Chagas Verneck; neto por parte paterna de Francisco Quirino da Rocha, barão de Palmeiras com grandeza, e commendador da ordem de Christo, e por parte materna do sargento-mór Francisco das Chagas Werneck, commendador da ordem de Christo.

As armas dos Rochas, que são em campo de prata uma aspa de vermelho, e sobre ella cinco vieiras de ouro bordadas de azul; elmo de prata, guarnecido de ouro; timbre a aspa das armas, com uma vieira por cima. — Br. p. em 27 de fevereiro de 1866. Reg. no Cart. da N., liv. vi, fl. 71.

(Conf.—L. A. Boulanger.)

96. Luiz Ribeiro de Sousa Rezende, moço fidalgo com exercicio na casa imperial, cavalleiro da ordem da Rosa, fazendeiro na provincia de Minas-Geraes, filho legitimo de Estevão Ribeiro de Rezende, natural da provincia de Minas-Geraes, grande do imperio, marquez de Valença, senador pela provincia de Minas-Geraes, membro honorario do an-

tigo conselho de estado, grão-cruz da ordem de Christo, e dignitario da imperial do Cruzeiro; neto por parte paterna de Severino Ribeiro, natural de Lisboa, e de D. Josepha Maria de Rezende, natural da freguezia dos Prados, bispado de Marianna; bisneto pela mesma parte de Estevão Ribeiro, e de D. Leonarda Maria, naturaes de Lisboa, e bem assim de João de Rezende Costa, natural da ilha de Santa Maria, e de D. Helena Maria de Rezende, natural da ilha do Faial.

Escudo (ver o de *Estevão Ribeiro de Rezende.)* — Br. p. em 22 de abril de 1852. Reg. no Cart. da N., liv. VI, fl. 10.

(Conf.—L. A. Boulanger.)

M

97. Manuel de Azeredo Coutinho Messeder, cavalleiro da ordem de Christo, natural e baptisado na sé do Rio de Janeiro, filho legitimo de Nicolau Coelho Messeder, negociante de grosso trato na dita cidade, e de D. Francisca de Paula Rangel de Azevedo Coutinho; neto por parte paterna de Zacharias Messeder, depositario e recebedor das rendas de sua magestade britanica em Londres, e do coronel Antonio Coelho da cidade do Porto; por parte materna do tenente-coronel do extincto regimento de Tapocorá, Francisco Martins da Cunha Tenreiro, fidalgo da casa real, e do capitão-mór Antonio da Cunha Falcão, cavalleiro da ordem de Christo. Além d'estes quatro avós nobres, é sobrinho em terceiro grau do desembargador do paço, e procurador da corôa João Pereira Ramos, e do excellentissimo e reverendissimo bispo-conde de Arganil, e sobrinho em segundo grau do brigadeiro Domingos de Azeredo Coutinho Sousa Chichorro, monsenhor Miguel José Correa de Lima de Azeredo, e do gentil-homem da imperial camara Marianno de Azeredo Coutinho.

Escudo esquartelado: no primeiro as armas dos Azeredos, que são em campo de ouro sete barras azues lançadas ao viez; no segundo as dos Coutinhos, tambem em campo de ouro cinco estrellas de vermelho de cinco pontas cada uma, postas em aspa; e assim dos contrarios. Elmo de prata. Timbre meio leão rompente de azul, coticado de ouro. — Br. p. em 19 de outubro de 1855. Reg, no Cart. da N., liv. VI, fl. 24.

(Conf.—L. A. Boulanger.)

98. Manuel Gomes de Carvalho, primeiro barão do Amparo, fazendeiro proprietario da provincia do Rio de Janeiro, residente na freguezia de Nossa Senhora do Amparo, municipio da Barra-Mansa, tenente-coronel do corpo de cavallaria das extinctas milicias, e commendador da ordem de Christo.

Escudo esquartelado: no primeiro e quarto quartel em campo de ouro tres cabeças de indios araris, tendo na cabeça um turbante de pennas de côres, postas em roquete, duas e uma; no segundo e terceiro quartel em campo vermelho, um pelicano de ouro em um ninho mordendo as entranhas para com seu sangue nutrir os filhos; tendo em chefe uma banda azul com tres bolotas. Paquife dos metaes e côres do brazão. Corôa de barão. Timbre uma das cabeças dos indios do mesmo brazão, e por baixo do escudo a legenda: *Ambitio et invidia sit procul.* — Br. p. em 21 de agosto de 1853. (M. N.) Reg. no Cart. da N., liv. VI, fl.

(Conf.—L. A. Boulanger.)

99. MANUEL GOMES DE CARVALHO, barão do Rio-Negro, proprietario e capitalista n'esta côrte.

Escudo (ver o de *Manuel Gomes de Carvalho, barão do Amparo.)* — Br. p. em 18 de julho de 1867. (M. N.) Reg. no Cart. da N., liv. VI, fl. 63.

(Conf.—L. A. Boulanger.)

100. MANUEL IGNACIO DE OLIVEIRA, barão de Ouricury, natural e residente na provincia de Pernambuco, negociante matriculado, commendador da ordem de Christo.

Um campo de prata partido: ao primeiro uma oliveira de sinople com fructa de ouro; ao segundo tres faxas de azul, com uma abelha de ouro em cada uma. Corôa de barão. Timbre uma cruz de goles florida e aberta. — Br. p. em 30 de agosto de 1867. (M. N.) Reg. no Cart. da N., liv. VI, fl. 86.

(Conf.—L. A. Boulanger.)

101. MANUEL JOAQUIM DE MENDONÇA CASTELLO-BRANCO, fidalgo cavalleiro da casa imperial, deputado á assembléa geral legislativa pela provincia das Alagôas, natural e baptisado na freguezia de Nossa Senhora da Apresentação da villa de Porto-Calvo, provincia das Alagôas, filho legitimo do tenente-coronel Bernardo Antonio de Mendonça, e de sua mulher D. Anna Barbara de Mattos Castello-Branco; neto, pela parte paterna, do desembargador José de Mendonça de Mattos Moreira, juiz de fóra da villa de Odemira, natural de Albufeira, reino do Algarve, e pela parte materna, do desembargador Manuel Joaquim Pereira de Mattos Castello-Branco; bisneto do sargento-mór José de Mendonça Vieira e de sua mulher D. Barbara Francisca Xavier de Mattos Moreira, terceiro neto de Francisco Dias Vieira e Sousa.

Escudo esquartelado: no primeiro quartel as armas dos Mendonças, que são o escudo franxado, ao primeiro de verde, uma banda vermelha coticada de ouro; no segundo um S preto, em campo de ouro; e assim dos contrarios. No segundo quartel, as armas dos Vieiras, em campo vermelho seis vieiras de ouro em duas pallas: no terceiro as dos Mattos, em campo vermelho um pinheiro de verde, com fructos, perfis e raizes de ouro entre dois leões do mesmo, armados de azul; no quarto as dos Moreiras, em campo vermelho nove escudetes de prata, e sobre cada um, uma cruz florida verde, como as de Aviz, em tres pallas; e no meio um escudete com as armas dos Castellos-Brancos, que são, em campo azul um leão de ouro rompente, armado de góles. Elmo de prata aberto, guarnecido de ouro. Paquife dos metaes e côres das armas. Timbre, o leão dos Castellos Brancos. — Br. p. em 12 de setembro de 1856. Reg. no Cart. da N., liv. VI, fl. 30.

(Conf.—L. A. Boulanger.)

102. MANUEL JOSÉ CARDOSO, commendador da ordem de Christo, official da ordem da Rosa, presidente da camara municipal de Itaguahy, negociante matriculado, proprietario n'esta côrte e em Itaguahy, filho legitimo de Francisco José Cardoso, commendador da ordem de Christo, commandante superior da guarda nacional de Itaguahy e Mangaratiba, dono do canal de S. Pedro de Alcantara, presidente da imperial companhia seropedica fluminense e de sua mulher D. Propicia Francisca Carneiro da Fontoura Barreto; neto, por parte paterna, do brigadeiro Manuel José Cardoso, fidalgo cavalleiro da casa real de Portugal, commendador da ordem de Christo, e de sua mulher D. Maria Francisca de Portugal e Castro; e por parte materna, de Antonio Joaquim Pinto Carneiro da Fontoura Barreto, e de D. Anna Josepha de Macedo e Sampaio: bisneto do coronel Manuel José Cardoso, fidalgo cavalleiro da casa real, commendador da ordem de Christo, senhor do morgado da Vaccaria, com assento no solar desde D. Affonso I, cujo solar é a quinta dos Cardosos em Lamego, e de sua mulher D. Anna Monteiro de Barros; e por parte materna, de Christovão de Portugal e Castro, fidalgo cavalleiro da casa real, commendador da ordem de Christo, e de sua mulher D. Francisca de Assis de Nobrega Botelho.

Escudo (vêr o de *Francisco José Cardoso).* — Br. p. em 20 de setembro de 1860. Reg. no Cart. da N., liv. VI, fl. 46.

(Conf.—L. A. Boulanger.)

103. MANUEL LOPES PEREIRA BAHIA, barão de Merity com grandeza.

Em campo de prata um escudete de azul, carregado de uma abelha de ouro. Corôa de grande do imperio. Paquife das côres e metaes do escudo. — Br. p. em 8 de janeiro de 1855. (M. N.) Reg. no Cart. da N., liv. VI, fl. 17.

(Conf.—L. A. Boulanger.)

104. MANUEL LUIZ OSORIO, marquez do Herval, tenente-general commandante do primeiro corpo de exercito em operações, na campanha do Paraguay, grão-cruz da ordem de Christo e da imperial do Cruzeiro, commendador da ordem de S. Bento de Aviz e da ordem da Rosa, condecorado com a medalha de ouro de Paysandú, e a do Merito.

Em campo de goles um leopardo de prata arremessando-se, tendo na garra dextra uma espada de ouro; chefe de azul com tres estrellas de ouro. — Br. p. em 15 de outubro de 1870. (M. N.) Reg. no Cart. da N.. liv. VI, fl. 111.

(Conf.— L. A. Boulanger.)

105. MANUEL NUNES DA CUNHA, barão de Poconé, proprietario na provincia de Matto-Grosso.

Em campo azul uma asna de ouro, acompanhada de tres estrellas do mesmo; com um chefe de prata carregado de três...... de goles. — Br. p. em 12 de abril de 1862. (M. N.) Reg. no Cart. da N., liv. VI, fl. 51.

(Conf.—L. A. Boulanger.)

106. MANUEL PINTO NETTO CRUZ, grande do imperio, primeiro barão de Muriahé, fidalgo cavalleiro da casa imperial, cavalleiro professo na ordem de Christo, fazendeiro abastado da freguezia de Santo Antonio de Guarulhos, e residente na cidade de Campos dos Goytacazes, municipio de Campos, provincia do Rio de Janeiro.

Escudo esquartelado: no primeiro e quarto quarteis, em campo de prata uma cruz de azul, com uma cruzeta de prata collocada no centro; no segundo e terceiro quartel, em campo azul cinco meias luas da mesma prata em aspa; por sustentaculos do escudo dois indios ornados de pennas coloridas, tendo nas mãos um ramo de canna e café, apoiados sobre uma legenda vermelha com letras de prata: *Spes Crux mea est.* Corôa de grande do imperio. Timbre, uma cruz azul egual á das armas. — Br. p. em 17 de maio de 1852. (M. N.) Reg. no Cart. da N., liv, VI,fl . 11.

(Conf.—L. A. Boulanger.)

107. MARIA DAS DORES DE CARVALHO GUIMARÃES (D.), viuva de Domingos Custodio Guimarães, visconde do Rio-Preto com grandeza, commendador da ordem da Rosa, e da de Christo, provedor da santa casa da misericordia da cidade de Valença.

Escudo partido em tres pallas: a primeira e terceira de prata, cobertas com uma rede de sable; a segunda de goles, com um leão de prata rompente armado de preto, com uma espada na garra dextra, e um chefe de azul, carregado com um coração inflammado, de ouro, entre duas estrellas de prata. Corôa de conde. Paquife das côres e metaes do escudo. — Br. p. em 28 de outubro de 1869. (M. N.) Reg. no Cart. da N., liv. VI, fl. 106.

(Conf.—L. A. Boulanger.)

108. MARIA EMILIA DA SILVA PEREIRA (D.), viuva de João Baptista da Silva Pereira, barão de Gravatahy.

Escudo esquartelado: no primeiro, em campo de prata, uma gravatá de verde, saindo de uma campina do mesmo, tendo ao pé do tronco uma cadella ao natural, deitada e olhando para o lado esquerdo; no segundo, em campo vermelho, uma banda de ouro orlada de azul; no terceiro, em campo azul, uma balança de ouro; e no quarto, em campo de ouro, uma torre de vermelho. Corôa de barão. Timbre a gravatá das armas.—Br. p. em 3 de outubro de 1854. (M. N.) Reg. no Cart. da N., liv. vi, fl. 15.

(Conf.—L. A. Boulanger.)

109. Mathias Gonçalves de Oliveira Roxo, barão da Vargem-Alegre, com grandeza, commendador da ordem de Christo, cavalleiro da da Rosa, proprietario e fazendeiro no municipio de Pirahy, na provincia do Rio de Janeiro.

Em campo de purpura uma contracotica de prata, carregada de tres arruelas de goles, acompanhada em chefe de uma oliveira de ouro, com fructas de sinople, e em ponta de uma abelha de ouro. Divisa: *Virtute et labore.* — Br. p. em 4 de março de 1867. (M. N.) Reg. no Cart. da N., liv. vi, fl. 74.

(Conf.—L. A. Boulanger.)

110. Miguel Maria Lisboa, commendador da ordem de Christo, empregado diplomatico do imperio, havendo servido os logares de representante do Brazil, como encarregado de negocios em Londres, em Santiago de Chile e em Caracas, natural e morador na côrte do Rio de Janeiro, filho legitimo de José Antonio Lisboa, do conselho de sua magestade o imperador, commendador da ordem de Christo, deputado presidente da junta do commercio, agricultura, fabricas e navegação, que foi no reinado do senhor D. João vi chamado a dar conselho no conselho de estado d'aquelle augusto senhor, e no reinado do senhor D. Pedro i, ministro e secretario de estado dos negocios da fazenda, e de D. Maria Euphrasia de Lima; elle d'esta côrte e cidade do Rio do Janeiro, ella da cidade de Porto-Alegre, da provincia do Rio-Grande do Sul; neto, por parte paterna, do capitão José Antonio Lisboa, cavalleiro da ordem de Christo, rico-homem, natural da freguezia de Nossa Senhora da Victoria, de Famelicão, patriarchado de Lisboa, e de sua mulher D. Barbara da Conceição de Jesus; neto, pela parte materna, do capitão Francisco Marques Lisboa, cavalleiro da ordem de Christo, e de sua mulher D. Euphrasia de Azevedo Lima; bisneto, pela parte paterna, de Manuel Luiz Seraphim Ribeiro, e de sua mulher D. Maria Ribeiro Fidalgo, ambos da provincia da Extremadura, reino de Portugal; bisneto, por parte materna, de Luiz Marques de Oliveira, varão illustre da provincia da Extremadura, em Portugal, descendente de uma familia nobre do appellido de Oliveira, e de sua mulher D. Thereza Ribeiro Fidalgo; e tambem bisneto, pela parte materna, de Domingos de Lima e Veiga, e de sua mulher D. Gertrudes de Araujo Paes Leme; terceiro neto, pela parte paterna, de Manuel Luiz Serrador, e de sua mulher D. Seraphina da Conceição, e tambem terceiro neto, pela parte paterna, de Manuel Francisco Arrojado, e de sua mulher D. Isabel Ribeiro Fidalgo, da provincia de Extremadura, em Portugal, sendo todos estes Ribeiros de estirpe illustre, no dito reino de Portugal, pertencente á casa dos morgados da quinta dos Arrojados; terceiro neto, pela parte materna, de Marçal de Lima e Abreu, rico-homem e senhor na provincia do Rio-Grande do Sul, da ilha de Marçal de Lima, da estirpe dos senhores de Ponte de Lima, em Portugal; e tambem terceiro neto, por parte materna, de Pedro Dias e de D. Marianna Leme Garcia, ambos oriundos da provincia de S. Paulo.

Escudo esquartelado: no primeiro quartel as armas dos Ribeiros, em campo de ouro tres faxas verdes; no segundo quartel as armas dos Soares de Oliveira, que são, em campo azul uma aspa de prata entre quatro flôres de liz de ouro; no terceiro quartel as armas dos Limas, que são um escudo dividido em tres pallas: na primeira palla as armas de Aragão, isto é, em campo de ouro quatro barras vermelhas, e nas duas outras pallas o escudo esquartelado dos Silvas, isto é, em campo de prata um leão de purpura

armado de azul, com o de Souto-Maior, que são em campo de prata enxequetado de ouro e vermelho, de tres peças em palla; no quarto quartel as armas dos Paes, que são em campo de prata nove lisonjas em tres pallas enxequetadas de azul e vermelho. Elmo de prata, guarnecido de ouro. Timbre dos Oliveiras, que é a aspa de prata e flôr de liz de ouro das armas, e por differença um castello de prata em campo azul. — Br. p. em 20 de agosto de 1848. Reg. no Cart. da N., liv. VI, fl. 7.

(Conf.—L. A. Boulanger.)

P

111. Paschoal Telles Cosme dos Reis, fazendeiro na freguezia de Jacarépagná, no municipio neutro, em cuja fazenda tem na respectiva capella a permanencia do Santissimo Sacramento por breve de sua santidade Pio IX, de 14 de outubro de 1861; proprietario n'esta côrte, condecorado por sua santidade Pio IX, com o habito da ordem de S. Gregorio Magno, filho legitimo de Nicolau Antonio Cosme dos Reis, e de D. Thereza Telles Cosme dos Reis; neto por parte paterna do sargento-mór Nicolau Cosme dos Reis, e de D. Leonidia Angelica do Espirito Santo, e por parte materna do commendador Paschoal Cosme dos Reis, e de D. Catharina Josepha de Andrade Telles; bisneto pela parte paterna de Carlos Cosme, e de D. Thereza das Dores; e pela materna do doutor Francisco Telles Barreto de Menezes, e de D. Francisca Joaquina de Oliveira Brito; terceiro neto por parte materna do doutor Antonio Telles Barreto de Menezes; padroeiro do convento da ilha do Senhor Bom Jesus, em cuja egreja existe a carneira para elle e sua descendencia, mandada fazer por seu filho o doutor Francisco Telles Barreto de Menezes, e de D. Catharina Josepha de Andrade; quarto neto do doutor Luiz Telles Barreto de Menezes; quinto neto de Francisco Tellos Barreto de Menezes, e de D. Maria da Silveira, filha de André de Villa-lobos, e de D. Isabel do Souto; sexto neto de Diogo Lobo Telles de Menezes.

Escudo esquartelado: no primeiro quartel em campo de prata, um leão de purpura rompente; no segundo em campo verde uma banda de goles acoticada de ouro, saindo das bocas de duas cabeças de serpes; no terceiro em campo azul, cinco estrellas de ouro de seis pontas postas em aspa; no quarto de ouro com seis lobos de goles postos em duas palas; e no meio um escudete, tendo em campo de ouro um annel encoberto. Elmo de prata guarnecido de ouro. Timbre uma meia donzella vestida de ouro, com um escudo nas mãos, e por differença uma brica de azul com a letra P de ouro. — Br. p. em 29 de agosto de 1868. (M. N.) Reg. no Cart. da N., liv. VI, fl. 100.

N. B. As armas são copiadas da esculptura da pedra tumular do doutor Antonio Telles Barreto de Menezes, no seu jazigo na capella do convento da ilha do senhor Bom Jesus.

(Conf.—L. A. Boulanger.)

112. Paulo de Amorim Salgado, fidalgo cavalleiro da casa imperial, major do commando superior da guarda nacional da comarca do Rio-Formoso, onde é um dos principaes proprietarios; natural e baptisado na freguezia de Una, provincia de Pernambuco; filho legitimo de Paulo de Amorim Salgado, coronel commandante superior da guarda nacional dos municipios do Rio-Formoso e Palmares, commendador da ordem de Christo, official da da Rosa, proprietario abastado na comarca do Rio-Formoso, e de sua mulher D. Francisca de Paula Wanderley; neto paterno do capitão José de Barros Pimentel, e de

sua mulher D. Margarida Francisca Paes de Mello; bisneto paterno de Fernando Pereira do Rego, e de sua mulher D. Euphrasia Rita Maria da Conceição; terceiro neto do capitão-mór Cosme Damião de Barros; e pelo lado materno do coronel Francisco Paes de Mello, fidalgo cavalleiro, e de sua mulher D. Maria Rita Wanderley; bisneto do mestre de campo José Luiz Paes de Mello, fidalgo cavalleiro, e de sua mulher D. Anna Florencia Wanderley; terceiro neto do tenente-general Francisco Xavier Paes de Mello, e de sua mulher D. Anna Mauricia Wanderley; quarto neto do fidalgo cavalleiro José Luiz Paes de Mello; quinto neto de João Paes Barreto de Mello, fidalgo cavalleiro; sexto neto do fidalgo cavalleiro Christovão Paes Barreto.

Escudo esquartelado: no primeiro quartel as armas dos Amorins, em campo vermelho cinco cabeças de mouros em aspa; com toucas de prata, barbas de ouro, rostos encarnados; no segundo as armas dos Salgados, que são em campo verde, duas torres de prata com janellas pretas e uma cadêa. tendo no meio um saleiro de ouro e sobre elle uma aguia de sua côr com os pés nas torres; no terceiro as armas dos Mellos, em campo de goles seis besantes de prata em uma dobre cruz e uma bordadura de ouro; no quarto as armas dos Barretos em campo de arminho. Timbre a aguia das armas dos Salgados. Paquife das côres e metaes das armas. — Br. p. em 28 de janeiro de 1867. Reg. no Cart. da N., liv. VI, fl. 73.

(Conf.—L. A. Boulanger.)

113. PEDRO ALEXANDRINO DE BARROS CAVALCANTI DE LACERDA ALBUQUERQUE, tenente reformado do exercito, official da ordem da Rosa, cavalleiro da de Christo, condecorado com a medalha de distincção pela campanha da Bahia, fidalgo cavalleiro da casa imperial, natural da provincia de Pernambuco, filho legitimo do coronel do exercito José de Barros Falcão de Lacerda Cavalcanti, official da ordem imperial do Cruzeiro, governador das armas da mesma provincia, tambem condecorado com a medalha da campanha da independencia na Bahia, e D. Bernarda Francisca da Conceição Vieira Cavalcanti de Lacerda; neto por parte paterna do tenente José de Barros Falcão de Lacerda Cavalcanti de Albuquerque, natural de Goyanna, proprietario e juiz almotacel n'esta cidade, e de sua mulher D. Ursula Maria de Abreu e Lima; e por parte materna do capitão-commandante de Jabesatão Nicolau Coelho de Lacerda, e de sua mulher D. Maria Francisca Marianna Vieira Cavalcanti de Lacerda.

Escudo esquartelado: no primeiro as armas dos Albuquerques, que são tambem esquarteladas: no primeiro as quinas de Portugal com seu filete em contrabanda; o segundo de vermelho com cinco flôres de liz de ouro em aspa, e assim dos contrarios; no segundo quartel as armas dos Camellos, que são em campo de prata tres vieiras de azul em roquete; no terceiro as dos Cavalcantis, uma ansa azul coticada de negro, sendo o campo do fundo de prata, e o de cima de vermelho semeado de flôres de prata de quatro folhas; e no quarto as dos Pereiras, que são em campo vermelho uma cruz de prata florida e vazia do campo. Elmo de prata aberto, guarnecido de ouro. Paquife dos metaes e côres das armas. Timbre um castello de ouro. Brica de prata, trifolio verde. — Br. p. em 20 de abril de 1865. Reg. no Cart. da N. liv. VI, fl. 67.

(Conf.—L. A. Boulanger.)

114. PEDRO ANTONIO TELLES BARRETO DE MENEZES, cavalleiro da ordem de Christo, sub-delegado e juiz de paz da freguezia de S. João de Merity, proprietario n'esta côrte, e fazendeiro no municipio de Iguassú, filho legitimo de Luiz Telles Barreto de Menezes, juiz de orphãos, e de D. Maria Rita Felicidade da Gama e Freitas; neto pela parte paterna do doutor Francisco Telles Barreto de Menezes, juiz de orphãos, e de D. Francisca Joaquina de Oliveira Brito; e pela materna de Pedro Antonio da Gama e Freitas, e de D. Anna Maria Gurgel do Amaral.

Escudo esquartelado: no primeiro quartel em campo de prata um leão de purpura

rompente; no segundo em campo verde uma banda de goles acoticada de ouro, saindo das bocas de duas cabeças de serpes; no terceiro em campo azul cinco estrelas de ouro de seis pontas em aspa; no quarto de ouro, com seis lobos de goles postos em duas palas, e no meio um escudete, tendo em campo de ouro um annel encoberto. Elmo de prata. Timbre uma meia donzella vestida de ouro, com um escudo nas mãos; e uma brica no escudo. — Br. p. em 27 de abril de 1868. (M. N.) Reg. no Cart. da N., liv. VI, fl. 97.

N. B. As armas são copiadas da esculptura da pedra tumular do doutor Antonio Telles Barreto de Menezes, no seu jazigo na capella do convento da ilha do senhor Bom Jesus.

(Conf.—L. A. Boulanger.)

115. PEDRO DE ARAUJO LIMA, do conselho de sua magestade o imperador, natural da provincia de Pernambuco, filho legitimo de Manuel de Araujo Lima, e de D. Anna Teixeira Cavalcanti, naturaes da mesma provincia; neto paterno de Antonio Casado Lima, e neto materno de Pedro Teixeira Lima Cavalcanti, ambos naturaes da mesma provincia.

Escudo esquartelado: no primeiro quartel as armas dos Casados, que são em campo vermelho tres bandas de prata, e sobre cada quai tres molhos de trigo de sua côr, com espigas; no segundo quartel as armas dos Limas, que são escudo partido em pala, o primeiro de Aragão, em campo de ouro quatra barras vermelhas, e a segunda pala esquartelada de Silva e Souto-Maior, que são Silva, em campo de prata um leão de purpura armado de azul, e Souto-Maior, em campo de prata tres faxas enxequetadas de ouro e vermelho, de tres peças em pala; no terceiro quartel as armas dos Cavalcantis, que são em campo de prata com uma asna azul, coticada de negro, e o campo de cima vermelho semeado de flôres de prata de quatro folhas; no quarto quartel as armas dos Araujos, que são em campo de prata uma aspa azul com cinco besantes de ouro em ella. Timbre dos Casados, que é tres molhos de trigo de sua côr com espigas. Elmo de prata aberto, guarnecido de ouro. Paquife dos metaes e côres das armas, e por differença uma brica azul com uma estrella de ouro. — Br. p. em 30 de outubro de 1828. Reg. no Cart. da N., liv. VI, fl. 2.

(Conf.—L. A. Boulanger.)

116. PEDRO LEOPOLDO DE GUIMARÃES PEIXOTO, fidalgo cavalleiro da casa imperial, negociante matriculado, e banqueiro na praça do Rio de Janeiro, filho legitimo do doutor Domingos Ribeiro de Guimarães Peixoto, barão de Iguarassú.

Escudo esquartelado: no primeiro enxequetado de ouro e azul, de cinco peças em faxa; no segundo e terceiro, em campo de goles um leão de ouro rompente; e no quarto de prata, fretado de negro, com uma palla de goles, carregada de um leão de prata com uma espada ensanguentada nas mãos. Elmo de prata, guarnecido de ouro. Timbre, o mesmo leão, com uma maça de ouro em ambas as mãos. Divisa: *Quascunque findit.* — Br. p. em 14 de agosto de 1862. (M. N.) Reg. no Cart. da N. liv. VI, fl. 53.

(Conf.—L. A. Boulanger.)

117. PEREGRINO JOSÉ DE AMERICO PINHEIRO, barão de Ipiaba com grandeza, commendador da ordem da Rosa, cavalleiro da de Christo, coronel reformado da guarda nacional de Valença, em cujo municipio é fazendeiro de café muito importante.

Em campo azul um pinheiro de ouro, com raizes de prata entre dez besantes de ouro em duas palas, e uma orla de prata. Coroa de conde. Paquife das cores e metaes das armas. — Br. p. em 14 de setembro de 1867. (M. N.) Reg. no Cart. da N., liv. VI, fl. 91.

(Conf.—L. A. Boulanger.)

S

118. Silvino Guilherme de Barros, primeiro barão de Nazareth, commendador da ordem da Rosa, e tenente-coronel da guarda nacional do municipio da cidade do Recife, na provincia de Pernambuco, capitalista.

Escudo partido de goles e de prata: no primeiro uma torre de ouro, e no segundo um caducêo de azul, entre seis arruellas de goles postas em pallas. Corôa de barão. Paquife das côres e metaes do escudo. — Br. p. em 25 de julho de 1870. (M. N.) Reg. no Cart. da N., liv. vi, fl. 109.

(Conf.—L. A. Boulanger.)

T

119. Thomaz José da Silva, fidalgo cavalleiro da casa imperial, commendador da ordem de S. Bento de Aviz, official da imperial ordem do Cruzeiro, cavalleiro da ordem da Rosa, condecorado com as medalhas das campanhas do Uruguay e Cisplatina, marechal de campo do exercito imperial.

Escudo esquartelado: no primeiro, partido em faxa, tendo por cima em campo azul quatro estrellas de ouro (a constellação do Cruzeiro) e por baixo em campo vermelho duas espadas de ouro em aspa; no segundo em campo de prata, uma oliveira ao natural, junta a um serro de verde, tendo ao pé um rio de prata, ondado de azul; no terceiro, em campo de ouro uma fortaleza de vermelho: e no quarto em campo azul uma fortaleza de prata. Elmo de prata aberto, e guarnecido de ouro. Timbre a fortaleza de vermelho — Br. p. em 7 de novembro de 1854. (M. N.) Reg. no Cart. da N., liv. vi, fl. 16.

(Conf.—L. A. Boulanger.)

U

120. Ursula Maria de Almeida Carvalho (D.), natural do Rio de Janeiro, casada com Joaquim Caetano da Silva, proprietario e escrivão do tribunal do jury de Nitheroy, filha legitima de Eloy Francisco da Silva, e de D. Maria de Almeida Carvalho, tambem naturaes do Rio de Janeiro; neta por parte materna de João de Almeida Carvalho, natural da freguezia de Santa Eulalia de Chaves, bispado de Lamego, no reino de Portugal, e de

sua mulher D. Domingas Maria da Conceição, natural do Rio de Janeiro; bisneta de Antonio de Almeida Carvalho, e de D. Maria Mendes; terceira neta de Manuel de Carvalho, e de D. Domingas de Almeida; quarta neta de D. Luiza de Carvalho; quinta neta de D. Maria de Carvalho; sexta neta de D. Isabel Carvalho da Assumpção; setima neta de Antonio Fernandes. e de D. Isabel Carvalho; oitava neta de João Carvalho, e de D. Anna Mendes Vasconcellos, e tambem de Manuel Gomes Leite do Pascal, e de D. Maria Mendes Solteira; nona neta de Alvaro de Carvalho; decima neta de Ruy Carvalho, que foi fidalgo muito honrado d'esta geração dos Carvalhos.

Lisonja com as armas dos Carvalhos, em campo azul. uma estrella de ouro, entre uma quaderna de crescentes de prata. Elmo de ferro aberto guarnecido de ouro. Paquife das côres e metaes das armas. Timbre um cysne de prata com uma estrella de ouro no peito. — Br. p. em 6 de julho de 1867. Reg. no Cart. da N., liv. VI, fl. 80.

(Conf.—L. A. Boulanger.)

Z

121. Zozimo Barroso, bacharel em sciencias physicas e mathematicas pela escola central do Rio de Janeiro, fidalgo cavalleiro da casa imperial, engenheiro civil, filho legitimo de Francisco Fidelis Barroso, coronel reformado da guarda nacional da capital da provincia do Ceará, e de D. Anna Candida Ribeiro Barroso; neto, pela parte paterna, de José Fidelis Barroso de Mello, tenente-coronel e cavalleiro professo da ordem de Christo; bisneto de Antonio Gonçalves Barroso e de D. Maria de Albuquerque; terceiro neto de Manuel de Mello e Albuquerque e de sua mulher D. Anna Clara Cavalcanti; quarto neto de Sebastião Pereira de Mello, e de D. Maria Tavares; tambem quarto neto do capitão-mór Antonio Feijó de Mello, cavalleiro da ordem de Christo, que serviu na guerra contra os hollandezes, e de D. Laura Cavalcanti; quinto neto de Sebastião Guimarães, e de D. Luiza de Mello Albuquerque, e tambem quinto neto de João Soares Cavalcanti, cavalleiro da ordem de Christo, e de D. Catharina de Albuquerque; sexto neto de Baptista Guimarães, e tambem de Antonio Pereira da Cunha e D. Isabel.

Escudo esquartelado: no primeiro quartel as armas dos Barrosos, que são em campo vermelho cinco leões de prata rompentes, postos em aspa, cada um carregado de duas faxas enxadrezadas de purpura e ouro, uma pelo pescoço e outra pela barriga; no segundo quartel as armas dos Mellos, que são em campo vermelho seis besantes de prata entre uma dobre cruz e uma bordadura de ouro; no terceiro quartel as armas dos Albuquerques, que são esquarteladas; no primeiro as armas de Portugal, com seu filete em contrabanda; no segundo, em campo sanguinho cinco flôres de liz de ouro em aspa, e assim os contrarios. Elmo de prata aberto, guarnecido de ouro. Paquife dos metaes e côres das armas. Timbre, um dos leões das armas dos Barrosos; e por differença uma brica de ouro com um Z de sable. — Br. p. em 18 de março de 1867. Reg. no Cart. da N., liv. VI, fl. 75.

(Conf.—L. A. Boulanger.)



